hydropesia. Tres destes curaram completamente.—A tosse produzida por uma constipação desappareceu instantaneamente, e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina e das molestias de estomago, afastando de qualquer individuo a hypocondria.—PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada**; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pau e em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª—Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos, pharm.; pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm., Carvalho e Castro, pharm., José Duarte, mercearia, praça de S. Bartholomeu, José Monteiro Cortez da Gama, Rua do Visconde da Luz, 31.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.—BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm.—FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahir, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

Resumo do activo e passivo em 31 de Outubro de 1874.

ACTIVO

Acções para emittir	1.700:000$000
Accionistas	268:947$000
Emprestimos a diversos	13:358$700
Despezas de installação	2:332$149
Caixa	12:185$705
Letras a receber	38:947$861
Contas internas	4:314$055
Devedores e credores geraes	6:870$376
Operações de cambio	4:465$511
Despezas de escriptorio	7:739$994
Reis	2.041:262$351

PASSIVO

Capital	2.000:000$000
Transferencias	7:787$690
Ganhos e perdas	1:323$698
Depositos á ordem	22:035$858
Letras a pagar	20:115$105
Reis	2.041:262$351

Coimbra, 4 de Novembro de 1874.

Os gerentes,

Manoel dos Santos Junior.

José Barbosa Lima.

J. Melchiades Ferreira Santos.

ANNUNCIOS

BAZAR

1 O BAZAR annunciado para o dia 15 deste mez, não pode ter logar; e fica transferido para 6 de Dezembro.

CRIADA

2 PRECISA-SE de uma, de afiançada conducta, que saiba cozinhar e engommar. Dá-se bom ordenado. Trata-se na rua da Sophia, 59-61, loja.

3 VINHO BRANCO VELHO, muito bom, a 40 rs. o quartilho, no bairro alto, rua de Rego d'Agua, n.º 14.

4 EM COIMBRA, na rua do Visconde da Luz, n.º 38, se diz quem precisa d'um rapaz com pratica de negocio de quinquilherias, para ganhar ordenado.

J. P. G. PAIVA

CIRURGIÃO DENTISTA, offerece o seu gabinete dental, rua da Calçada, n.º 82, 1.º andar, esquina ao Arco d'Almedina, a todas as pessoas que necessitem utilisar-se dos seus conhecimentos sobre a protesis dentaria; pondo em conhecimento do illustrado publico os preços seguintes:

PREÇOS DOS DENTES ARTIFICIAES

Desde 3$000 a 6$000 reis cada dente. —Elixir odontalgico para dôr de dentes 500 reis, frasco.—Pós mineraes para branquear os dentes 200 rs., caixa.—Extracção de um dente desde 240 a 1$000 rs.—Limpeza de dentes desde 500 a 2$000 rs.—Empaste desde 500 a 2$000 rs.

DENTISTA

CEREGHETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista suisso

6 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, pôr dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados; com pasta não conhecida até hoje, e tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca tivera tido callos.

Praça 8 de Maio, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

Substitutos a militares

7 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

ALUGA-SE

8 NA COURAÇA DE LISBOA, n.º 33, casa para 2 ou 3 estudantes.

AGRADECIMENTO

9 ANTONIO AUGUSTO RODIL, acha-se em via de restabelecimento da grave doença que o accommetteu, e obrigou a ir para Coimbra tratar-se, o que fez por conselho do sr. José Joaquim de Paula, cavalheiro para quem não tem expressões possiveis para lhe agradecer tantos favores, mais que o seu vivo reconhecimento, e sua eterna gratidão.

Consultou em Coimbra o distincto medico cirurgião, o exm.º sr. Antonio Augusto da Silva Ferreira, que tomando logo a seu cuidado e tratal-o da dita doença, teve de lhe fazer a delicada operação da «phimose», a qual executou com toda a pericia. Devo as minhas melhoras á sua muito boa vontade, assiduo cuidado e carinho, em suas extensas visitas para me tratar, não faltando um só momento quando a sua presença era necessaria. São serviços, que jámais poderá esquecer, quem como eu se viu atrozmente incommodado. Acceite pois o exm.º sr. Ferreira um solemne protesto da minha eterna gratidão.

Aproveito tambem esta occasião, para agradecer ao exm.º sr. commendador Manoel dos Santos Junior, digno director do Banco Commercial de Coimbra, a promptidão, e boa vontade, com que me entregava as quantias que d'elle exigi por ordem do sr. Paula, bem como as maneiras delicadas com que me acolhia sempre. Desculpe, pois, sua ex.ª este pequeno signal do meu profundo reconhecimento.

Serpins 1 de Novembro de 1874.

Antonio Augusto Rodil.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

10 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu—**633:462 machinas**—(mais de meio milhão!)

ANTONIO MARIA CARDOSO

CALÇADA—COIMBRA

11 ACABA de receber um lindo e variado sortimento de lãs, para vestidos, capas para senhoras, chales e outras fazendas. Tem pannos abretanhados, com grandes abatimentos, principiando de 90, 100, 110, 120 rs. o metro; chitas largas de 140, 150, 180 rs. o metro; meias de algodão, finas, a 100 e 110 rs., e outras fazendas proprias para a estação.

Muita attenção

12 NA RUA DA ESPERANÇA, n.º 31, ha uma senhora que recebe estudantes, dando-lhes bom tratamento e as melhores commodidades de casa, por preços muito commodos.

AGRADECIMENTO

13 HA DIVIDAS que se não pagam! Ai d'aquelles que no meio de todos os infortunios, as contrahem! São as da gratidão.

E' profundamente gratos, reconhecidos que lançamos aqui um protesto de amisade sincera, virgem, a todos os amigos, que na nossa profunda dor, pela saudade da nossa infeliz mãe, nos mitigaram com a sua presença o pungente infortunio que o destino nos trouxe, arrebatando-nos para sempre nossa chorada e prezada mãe.

Sinceramente gratos a todos quantos no dia 9 do corrente suffragaram a sua morte, protestamos vivo reconhecimento, especialisando a excellente e benemerita philarmonica *Boa-União*, bem como todos os collegas e amigos da imprensa da Universidade, e de mais amigos.

Não podemos todavia deixar de especialisar o sr. Antonio da Arregaça, pelas provas de amisade e consideração que nos dispensou.

Coimbra, 10 de Novembro de 1874.

Annibal Augusto Pereira.

Adriano Augusto Pereira.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o Rio de Janeiro

Barca=JOSEPHINA em 12 de Novembro.

Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**

Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

LECCIONAÇÃO

15 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar, na rua da Trindade, n.º 17, instrucção primaria, francez, e desenho; assim como habilita para o magisterio de instrucção primaria.

16 VENDE-SE vinho de mesa na rua das Solas, n.º 26, na tinturaria Portuense. Preço o almude 2$000, e por quartão 500 rs. E' optimo, da colheita de 1872.

17 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa d'um official de barbeiro.

DOCTOR IN ABSENTIA

18 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

19 A COMMISSÃO edificadora da nova egreja desta villa da Louzã, carecendo de pessoa habilitada para dirigir e vigiar as obras da mesma egreja, convida aos que se julgarem nestas circumstancias, a dirigirem-se a esta commissão, pessoalmente ou por escripto, dentro do prazo de 30 dias, a contar da data do presente annuncio.

Louzã 1 de Novembro de 1874.

O presidente da commissão,

José Francisco Pinto.

NUMERO 2849 — SABBADO 14 DE NOVEMBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	940
Avulso	40

COIMBRA

O JOGO EM COIMBRA

Um dos vicios que mais inveterados se acham nesta cidade, e que mais prejuizos está causando, é sem duvida o do jogo. Todas as classes tem sido mais ou menos invadidas por elle, fazendo-se os seus tristes effeitos sentir por muitos e differentes modos.

E' este um symptoma bem claro da corrupção dos costumes e da degradação moral a que temos chegado!

Com perfeita magoa o dizemos: especula-se e agiota-se torpe e infamemente com a inexperiencia de mancebos, que pela primeira vez saem do carinhoso seio das suas familias para o centro de uma sociedade, onde tudo que é brilhante os deslumbra, e onde as suas paixões e os seus instinctos, ainda não pronunciados, seguem inconsideradamente a direcção do que primeiro se lhes offerece por guia.

Mancebos de excellente morigeração, moços briosos, deixam-se arrastar muitas vezes pelos exemplos de uns, pelas instancias e seducções de outros; e a pretexto de uma simples e innocente distracção, começa nelles a desinvolver-se pelos jogos o gosto, que em pouco tempo se traduz n'uma paixão violenta, n'um vicio consummado.

Cegos pela ambição, se a fortuna os favorece; desesperados pelas perdas, se a adversidade os persegue; abandonam o estudo, esquecem-se das suas obrigações; e uma vez entrados neste caminho de perdição, nada é capaz de contel-os.

Rixas entre os parceiros, desordens, turbulencias, uma completa desmoralisação em fim, taes são as funestas e tristissimas consequencias de tão abominavel vicio no meio da mocidade academica.

E esta desgraçada escola de depravação, primeira e principal causa do pouco aproveitamento litterario de uma parte dos alumnos, e da ignorancia, que acobertada com um titulo scientifico, mal e indevidamente conferido, aspira depois a todos os empregos do estado, tem a mais funesta influencia nos futuros destinos da patria, de que essa mocidade estudiosa devia ser a esperança e a gloria!

Se o jogo é a origem de tão funestos resultados para a classe academica, não o é menos para os filhos do povo, que vivem exclusivamente do seu trabalho manual.

Depois de terem agenciado durante o dia o indispensavel para se alimentarem e ás suas familias; em logar de se recolherem pela noute á sua habitação, e gozarem alli os doces encantos do lar domestico, vão para essas casas ahi estabelecidas para ruina da sociedade, e nellas perdem em um instante o que tanto lhes custara a ganhar, e que devia ter tão diversa applicação! No entanto as familias estão soffrendo as amarguras provenientes da ausencia dos seus chefes; e lamentando-se por verem que são desbaratados no jogo os meios com que esperavam remediar as suas necessidades.

Passadas noutes successivas no jogo, o industrial vae perdendo cada vez mais o gosto ao trabalho; e porfim adquire todos os defeitos, e perde a dignidade de homem, para só merecer o desprezo dos seus concidadãos.

Nas classes mais elevadas, vêem-se homens, aliás bem educados, e que viveram na melhor sociedade, sujeitar-se nas casas do jogo a tractar com os maiores devassos, dos quaes recebem impunemente as mais pungentes affrontas. E dos alcances provenientes das perdas ao jogo, resulta o não poderem satisfazer os compromissos no seu tracto publico; soffrendo como consequencia o desaire de verem gradualmente afastar-se de si as pessoas briosas e honradas.

Isto em quanto ao jogo prohibido; mas não deixa tambem de suscitar graves reflexões ao homem pensador, o grau a que está levado o jogo chamado licito.

Aquillo que podia ser admissivel como passatempo, para allivio das fadigas da vida, se fosse adoptado com moderação; torna-se um vicio, logo que é levado ao excesso em que se presenceia pelos bilhares e outras casas publicas desta cidade. Passam-se noutes inteiras no jogo; e alem da despeza que d'ahi provem, e que muitas vezes é sensivel, perde-se o tempo, que é precioso para todas as classes.

Sobretudo o jogo prohibido é tão prejudicial, está tão generalisado em Coimbra, que não sabemos já para quem appellar a fim de lhe pôr termo. Para as auctoridades é tempo completamente perdido, por muitas e diversas causas, de todos bem sabidas; e para o bom senso dos jogadores, muito menos, porque quem tem este vicio não o perde, senão depois das mais duras e severas provações; e ás vezes nem desse modo.

Ainda assim, neste quasi isolamento em que nos achamos, não deixaremos de ir lavrando estes protestos; porque, quando mais não alcancemos, ganhamos a certeza de haver cumprido com o nosso dever.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A EGREJA DE SANTA CRUZ

Em o n.º 2837 deste jornal, de 3 de Outubro ultimo, chamámos a attenção do governo para o estado em que se acha o magestoso templo de Santa Cruz desta cidade, e da urgencia que ha de o restaurar, a fim de que não vão augmentando cada vez mais os estragos, que o tempo alli tem produzido.

Fizemos notar a circumstancia de ter sido votada pelas côrtes a verba de reis 600$000 annuaes, com esta applicação —verba de que se não tem gasto até hoje senão uma pequena parte.

E' claro que a estas reclamações raramente attendem os governos, e portanto, pouco, ou nenhum resultado esperá-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXI

RODRIGO PINTO PISARRO

XIX

Ao mesmo tempo que o governo tinha no segredo da torre de S. Julião da Barra a Rodrigo Pinto Pisarro, succedia no Porto um facto que vinha sobremodo contrarial-o.

Reunido naquella cidade o collegio eleitoral da provincia do Douro, os eleitores independentes, apesar de todas as diligencias em contrario dos agentes ministeriaes, votaram para deputado a Pinto Pisarro!

O governo, já receando este resultado, havia promovido uma pronuncia contra elle, para assim ver se invalidava a eleição.

Reunidas as côrtes, apresenta a commissão de poderes o seu parecer ácerca da eleição de Pinto Pisarro, o qual terminava pelo modo seguinte:

«A commissão escrupulosa em respeitar a independencia do poder judicial; tão justa, e sabiamente determinada no § 11 do art. 145 da Carta Constitucional, como uma das mais efficazes dos direitos civis e politicos dos cidadãos portuguezes, julgou dever abster-se em seu parecer de emittir juizo algum sobre o merecimento dos autos, e limitar-se unicamente a verificar se existia algum facto que impedisse o sr. Rodrigo Pinto Pisarro de tomar assento nesta camara.

É expresso no art. 68 da Carta Constitucional com referencia ao § 3.º do art. 67, que são exceptuados de poderem ser eleitores, e deputados—«*Os criminosos pronunciados em querella ou devassa.*»

É egualmente expresso no decreto de 10 de Maio de 1832, n.º 24—«*Que o juiz va lançando a pronuncia á medida que for achando indiciados.*»

O decreto de 22 d'Abril do corrente anno dispõe claramente nos artigos 1.º e 2.º—«*Que aos magistrados de policia correccional das cidades de Lisboa e Porto pertence a formação de todos os processos criminaes, até á pronuncia exclusiva*—» e que nesta disposição ficam comprehendidos tanto os summarios a que a lei manda proceder ex-officio, como os que forem requisitados por partes queixosas, e que os mesmos magistrados mandarão proceder á prisão, na conformidade da lei, não só em flagrante delicto, mas tambem em virtude do summario de que remette pronuncia aos reus.

Em vista pois destes artigos de legislação; vistos os autos do summario, e o despacho nelles lançado em 18 de Julho de 1834 pelo magistrado de policia correccional do 3.º districto de Lisboa: a commissão é de parecer, que o sr. Rodrigo Pinto Pisarro se achava effectivamente pronunciado ao tempo em que foi eleito deputado pela assemblea eleitoral da provincia do Douro, e por tanto comprehendido na disposição do art. 68, com referencia ao § 3.º do art. 67 da Carta Constitucional, que obsta a elle ser proclamado deputado da nação portugueza.

Sala da commissão de poderes, 6 de Setembro de 1834.—Barão de Renduffe—Bernardo José Vieira da Motta—Joaquim Larcher—José Joaquim da Silva Pereira: vencido.»

É facil de conjecturar, que tal seria a tempestade levantada na camara dos deputados por causa deste parecer.

Grande numero de deputados, ministeriaes e da opposição, usaram da palavra no meio da agitação mais pronunciada, em que algumas vezes intervinham os proprios espectadores das galerias.

O deputado Antonio Dias de Oliveira, como questão previa, propoz que fosse admittido á barra Pinto Pisarro, para defender alli perante a camara dos deputados a sua causa. Era, porem, isso o que por forma nenhuma admittiam o governo e os seus partidarios, porque queriam a todo o custo evitar ouvir as terriveis accusações que elle viria fazer-lhes na propria presença. Foi, portanto, renhidissima a discussão.

Por exemplo, por parte da opposição dizia o deputado Augusto Frederico de Castilho:

«Tendo de se discutir o parecer da commissão da verificação dos poderes que annulla a eleição do sr. Pisarro, deve elle assistir a esta discussão, e tomar parte nella, sendo para este fim chamado á barra?! Não vejo que o objecto possa ser duvidoso. Está decidido pelo regimento, e pela Carta. Que diz o regimento no § 5.º? (Leu) É claro pois que esta determinação é inteiramente applicavel ao nosso caso, porque a commissão exclue-o de deputado com o pretexto de inhabilidade, porque

mos do nosso pedido. Ainda assim bom é insistir.

E' por isso que muito folgamos de que a secção de archeologia do *Instituto de Coimbra*, na sua sessão de 5 do corrente mez, resolvesse representar ao governo, pedindo para que faça applicar ao templo de Santa Cruz a verba que está approvada, no que cumprirá o seu rigoroso dever e praticará um acto de manifesta justiça.

Ainda bem que nesta epocha de descrença e de exclusivo predominio das ideias utilitarias, apparece quem se occupa da conservação dos nossos grandes monumentos nacionaes.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

DESMORALISAÇÃO

É medonha a torrente de immoralidade, que ahi arrasta alguns entes na primavera da vida, e campea desassombradamente em muitos pontos da cidade.

Grupos de individuos inexperientes, desses que pela primeira vez abandonam o lar domestico para virem aqui nobilitar-se nas lides do estudo, e aperfeiçoar-se na pratica da verdade e do bem, esquecem os seus deveres, as tradições salutares da familia, para se entregarem á toda a sorte de libertinagem, promovendo escandalos, entrando a toda a hora do dia nessas espeluncas do vicio e da devassidão, que ahi existem para eterna vergonha nossa.

Causa pena ver arruinar, physica e moralmente, tantas existencias queridas, destinadas como deviam ser, á pratica da virtude.

E depois as torpezas não se limitam ao interior do lupanar, mas transbordam por todas as suas immundas e carunchosas janellas, incommodando dolorosamente os passeantes incautos, que não souberam ou poderam evitar esses quadrivios da prostituição.

Quem hontem passasse, na maior força do dia, ao arco do Collegio Novo, ouviria as maiores torpezas, as mais obscenas palavras; e passa alli muita gente, cujos ouvidos não podem, não devem ser affectados tão immoralmente. O esposo que em tal occasião por alli transitasse com sua esposa, o pae com suas filhas, sentiriam queimar-se-lhes as faces, ouvindo aquellas desgraçadas, perdidas na immunda vasa do vicio.

Mas o que é sobremodo revoltante, é que se consintam esses prostibulos, paredes meias com uma importante casa de educação, onde se asylam algumas dezenas d'innocentes creanças! Com certeza as blasphemias torpissimas que as infelizes soltam da sua habitação para a rua, hão de ouvir-se nas janellas e corredores do edificio do Collegio Novo, o que deve affectar horrivelmente as almas candidas dos seus alumnos de ambos os sexos.

Isto não póde continuar assim. Em nome dos bons costumes, da innocencia d'aquellas creanças, lembramos ao digno provedor da Misericordia a necessidade de expropriar aquelle casebre de triste memoria; e em quanto o não faz, requeira o despejo delle, como fez o governo da mesma Santa Casa ha dois ou tres annos.

O MAU TRACTO DOS ANIMAES

O muito acreditado livreiro de Lisboa o sr. Antonio Maria Pereira tem publicado, sob a fórma de *Bibliotheca de livros uteis*, dois interessantissimos livros.

O primeiro, com o titulo de *Hygiene da alma*, teve tal acolhimento do publico, que promptamente se esgotou a primeira edição, tendo por isso o seu editor de fazer segunda.

Agora publicou o sr. Antonio Maria Pereira o segundo destes livros, com o seguinte titulo:

Moral para todos, por Ad. Franck, versão portugueza de Candido de Figueiredo—Lisboa, livraria de A. M. Pereira, editor, rua Augusta, 50 a 52—1874.

Recebemos na terça feira ultima um exemplar deste livro, com que nos obsequiou o seu editor, e não quizemos logo dar noticia delle sem primeiro o havermos lido.

Com effeito, lemol-o todo, e damo-nos por bem pago do tempo que gastamos. O livro é muito util, e digno de ser vulgarisado por todas as classes da sociedade.

E como por ahi são frequentes os maus tractos nos animaes, prova da má indole de quem com elles lida, aproveitamos a occasião de transcrever os seguintes periodos do livro —*Moral para todos:*

«Tem-se repetido, e com razão, que o homem é o rei da natureza: esta exhibe-lhe vassallos, e não concidadãos, isto é, seres que se aproximem da cathegoria d'elle. Quando lhe seja impossivel acreditar que tudo é feito para elle, tem ao menos o direito de se servir de tudo, dentro dos limites do seu poder. Só para comsigo tem obrigações, queremos dizer, para com a natureza humana, tomada na sua unidade, e para com o auctor da sua existencia.

Portanto, em a natureza dos seres inferiores ao homem, nada existe, d'onde se possa concluir que elles têem direitos, e que temos deveres para com elles, da mesma fórma que os temos uns para com os outros.

Na occasião porém dos actos que podemos realisar nestes seres, no poder que sobre elles exercemos, e nos differentes usos a que os sujeitamos, temos deveres a cumprir para comnosco e para com a sociedade.

Effectivamente, em todo o tempo, sejam quaes forem os objectos em presença dos quaes nos achamos, somos obrigados a respeitar a nossa razão e a nossa liberdade, a não fazer nada que possa aviltar-nos, a rebaixar-nos até ao nivel d'estas creaturas subalternas, em relação ás quaes, nós assumimos com justiça um poder sem limites.

Pelo que, ¿ ser-nos-ia permittido destruil-as desvairadamente, fazel-as soffrer, quando são seres animados, para nos deliciarmos em seus soffrimentos ou para saciarmos a nossa colera? Irritarmo-nos sem razão contra um animal, que não póde comprehender ou satisfazer nossas exigencias, ¿ não será collocarmo-nos ao nivel d'elle, e procedermos como um ser completamente tresloucado? Dar maus tractos a uma pobre creatura que se não defende, é revelarmos, a um tempo, crueldade e covardia, é contrariarmos por duas fórmas a nossa natureza, é incorrermos n'uma falta dupla.

Os actos de crueldade para com os animaes não são menos nocivos áquelles que os presenceam e a sociedade que em seu seio os tolera, do que aos que os praticam. Ou offendem o sentimento da piedade ou têem como consequencia o afroixal-o, e até extinguil-o, habituando os homens a contemplar o soffrimento. Em qualquer dos casos, são prejudiciaes, e a sociedade tem o direito de os reprimir. E bem procede a sociedade, não consentindo que a seus olhos se exponham factos que sem necessidade a molestam e que pódem corrompel-a, exemplos de brutalidade e violencia, que, começando nos animaes, poderão terminar nos homens.

E' com este principio que se justifica a lei franceza de 9 de Julho de 1850, tambem chamada *lei Grammont*, a qual commina a pena de prisão e multa contra aquelles que, (segundo os termos da lei), «exercerem publicamente e com abuso maus tractos nos animaes domesticos.»

Effectivamente são precisas nada menos que as tres circumstancias enumeradas no texto, para que a sociedade tenha o direito de intervir: é preciso que haja abuso, isto é, maus tratamentos, inuteis e excessivos; é preciso que haja publicidade; aliás, o interesse social fica fóra da questão; é finalmente preciso que não entrem em linha de conta os animaes prejudiciaes ao homem, mas aquelles que o alimentam e o auxiliam nos seus trabalhos.

E não é a primeira vez que a lei, e até a religião, tem protegido os animaes uteis ou inoffensivos. Não fallaremos aqui da lei indiana, da legislação de Manú, que prohibe a destruição de qualquer ser vivo, porque em todo o ser vivo descobre ella uma alma que em outro tempo pertenceria talvez a uma creatura humana. Levada a este ponto, a piedade para com os animaes é o esquecimento dos direitos e da dignidade do homem. Mas o *Pentateuco* trata por vezes este assumpto com uma solicitude que ainda não foi egualada por legislação alguma dos tempos modernos.

O *Pentateuco* prohibe o mutilar animaes, fazel-os soffrer, degolar no mesmo dia mãe e filho, açaimar o boi com um jumento, de certo com o fim de que o mais fraco dos dois não fosse arrastado, ficando atraz do mais forte. Se em nosso caminho encontrarmos o jumento ou o boi do nosso inimigo prostrado pela carga, quer o *Pentateuco* que os ajudemos a erguer-se, e assim, n'um só preceito, nos ensina o perdão das injurias dos homens e a piedade para com os animaes.

Se melhor conhecessemos a sabedoria que presidiu ás obras da natureza, se bem soubessemos quantas maravilhas encerra a estructura do mais humilde insecto, não nos limitariamos a conservar os animaes que nos podem servir, mas, sempre que não antevissemos damno para nós, poupariamos todos os viventes, em respeito pela arte e, digamol-o sem receio, em respeito pelo artista inimitavel que os produziu.

A propria flor, que não nos incommoda, e, para cubiçar a qual, não ha motivo algum, seria sagrada para nós.

Comprehendida assim, a piedade de que damos testemunho para com as creaturas, é uma homenagem que se tributa ao Creador.

As regras que a san moral nos prescreve no procedimento para com os animaes, indicam-nos a que nos convem observar em relação ás coisas inanimadas.

Neste caso, assim como naquelle, somos obrigados a ter em vista o que a nós proprios devemos, e o que devemos a nossos similhantes.

A nós mesmos devemos o não usar das coisas, senão de uma fórma rasoavel. E não usa dellas assim o avaro, o prodigo, o homem iracundo, que se irrita contra a materia, á maneira do cão que morde a pedra com que o ferem; que se deixa vencer por caprichos ou cegas coleras, a ponto de se tornar uma força inintelligente, um agente de destruição. Passageiros embora, nem por isso estes arrebatamentos deixam de ser uma infracção da lei que manda que nos respeitemos, que velemos pela nossa conservação moral com tanta solicitude como pela nossa conservação physica.

Com referencia aos nossos similhantes, devemos poupar tudo o que possa servir para seu uso, não profanar com uma applicação indigna as obras da natureza, ou da industria, destinadas a fim mais nobre, não lesar nos animaes o que póde ser util ou agradavel aos homens.

Mas os objectos materiaes que mais cuidadosamente devemos poupar, são aquelles que o genio affeiçoou á sua imagem e tornou depositarios da sua ideia, aquelles que os seculos recommendam á nossa veneração, monumentos mudos da vida dos nossos maiores; são n'uma palavra, as obras da arte e os monumentos da historia.

Se as ideias que elles representam não são as nossas, não é isto razão, nem isto nos dá direito, para os aniquilar: são precisos anneis da cadeia mysteriosa que liga, umas a outras, as gerações humanas.»

Paramos aqui, por que seria necessario transcrever o livro para se conhecer todas as suas bellezas.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

---

o facto de se achar pronunciado, é uma inhabilidade segundo a letra mesmo da Carta no art. 68, aproximado ao art. 67 § 7.°.

Mas acaso se infringe a Carta com o facto de o chamar? É notavel que se invoque a Carta para sanccionar a mais terrivel das injustiças, qual é a de condemnar um homem sem o ouvir: essa doutrina daria um bello artigo para o codigo da escravidão, ou da prepotencia, mas tornaria illusorias todas as garantias inscriptas na constituição politica de um paiz.

Mas não fiquemos em generalidades, vejamos expressamente o que a Carta determina a este respeito. Os senhores que a tem citado invocam a divisão dos poderes nella estabelecida, e em consequencia a não ingerencia do poder legislativo no poder judiciario. Vejamos porem como ella se exprime a este respeito no art. 145, § 10:—«Será mantida a independencia do poder judicial. Nenhuma auctoridade poderá avocar as causas pendentes, sustal-as, ou fazer reviver processos findos»—Mas pergunto eu agora, chamar aqui o sr. Pisarro será avocar a sua causa, ou elle é o seu processo? (Apoiado) Pelo facto de aqui o chamarmos a sua causa fica sustada? E ainda que o seu processo estivesse findo, que nem começado está; porque tudo é illegal quanto até hoje se tem feito, pelo facto de aqui o chamar, o seu processo findo revivia? (Apoiado, apoiado) Venha, ouça-se, e volte para a sua cadeia.

Sr. presidente, falla-se da independencia dos poderes politicos! pois os collegios eleitoraes não são menos independentes que os poderes? Os poderes são emanações remotas da auctoridade da nação, mas os collegios eleitoraes representam immediatamente a propria nação. Trata-se de um cidadão ao mesmo tempo deputado e pronunciado: como pronunciado defende-se perante o poder judicial, mas como deputado ouça-se na camara dos deputados. A verdade é uma só; o poder judicial porque receiaria que um reu que lhe pertence, allegasse o seu direito e justiça á face do mundo inteiro?

Quando ha poucos dias nesta camara um deputado, que tinha sido nomeado para a commissão da fazenda, pediu a sua demissão deste honroso emprego, ponderando que elle não queria concorrer na mesma commissão com o ministro respectivo, que tambem para ella fora nomeado, e isto com o fundamento de que não podia pertencer a uma commissão, aonde o sr. ministro da fazenda ia ser juiz, e reu, devendo a sua presença ser nociva á liberdade e independencia, com que alli se deviam julgar os passados actos ministeriaes; disseram por essa occasião varios senhores do lado direito, que não devia suppor-se que a presença do sr. ministro impozesse, ou cohibisse a nenhum dos que deviam julgar alli as suas operações.

Como? Pois a influencia de um ministro da corôa reputa-se nenhuma, e teme-se tanto a presença de um reu exauthorado, de um reu desvalido, de um reu de quem se contam tantos horrores? *Certant illudere capto.*—Voto que seja chamado á barra.»

Fallava por exemplo por parte do governo o deputado José Alexandre de Campos, e do resumido extracto official do seu discurso se pode avaliar que tal era a agitação da camara:

«O sr. J. A. de Campos fallou sobre o assumpto, ponderando que a questão reduzida aos seus verdadeiros principios vem a ser—se esta camara pode exigir a responsabilidade do prefeito, porque fez mais do que o ministro lhe ordenara; e que para a tratar se tem exposto muitas cousas que nada vem ao caso, pretendendo-se lançar um odioso terror sobre o ministerio, porque o sr. R. P. Pisarro está em ferros ha tantos dias... porque é uma victima... porque ninguem é responsavel—*(ordem)*—*(ordem.)*

Eu não duvido que esteja fóra da ordem; mas todos os srs. deputados que tem fallado e tem estado... mas em fim eu vou limitar-me á ordem—e fallando largo tempo no sentido em que começara, disse: estou eu na camara dos deputados da nação portugueza, ou entre os membros da assemblea da convenção nacional?... Eu quero estar na assemblea portugueza, e de sorte alguma na da convenção nacional, que pretendia ser livre, e não soube ser justa.

Sustentou, que a camara só podia tomar conhecimento do negocio do sr. Rodrigo Pinto, convertendo-se em tribunal, com juizes de facto—*(apoiado)*—*(apoiado)*; mas que isto era impossivel, e inteiramente opposto á Carta, que determina a independencia deste poder; e sendo esta a melhor das garantias da liberdade dos portuguezes, seguindo-se do contrario a desordem, a anarchia, e a revolução...... Foi interrompido com vivos brados de—*(ordem)*—*(ordem)*.

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Resumo do activo e passivo do banco Commercial de Vianna em 31 de Outubro de 1874.

ACTIVO

Caixa	93:222$585
Acções	5:185$000
Letras em carteira	839:892$711
Contas correntes com garantias	277:438$682
Emprestimos sobre penhores	237:438$093
Papeis de credito	237:557$280
Devedores no paiz	298:007$490
Ditos no estrangeiro	241:731$888
Ditos nas ilhas	47:872$248
Contas de credito	7:238$400
Despezas d'instalação, moveis e utensilios	5:354$406
Reis	2.090:954$681

PASSIVO

Capital	600:000$000
Depositantes	262:942$248
Obrigações	750:648$167
Letras a pagar	106:260$488
Credores no paiz	155:902$264
Ditos no estrangeiro	187:585$101
Dividendos	632$000
Fundo de reserva	3:000$000
Ganhos e perdas	23:984$413
Reis	2.090:954$681

Banco Commercial de Vianna, em Vianna do Castello 9 de Novembro de 1874.

Pelo banco Commercial de Vianna
Os directores,
A. Alberto da Rocha Paris.
José Antonio Loureiro.

NOTICIARIO

Instituto de Coimbra.—Em sessão da secção de archeologia, de 5 do corrente, resolveu-se a publicação no jornal o *Instituto* de alguns curiosos artigos de archeologia, entre outros uma Memoria da villa de Soure, escripta pelo reverendo sr. José Sebastião Martins Pereira, e varios trabalhos do sr. padre Manoel da Cruz Pereira Coutinho já impressos no hoje rarissimo *Antiquario Conimbricense.*

O sr. Dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, accedendo a um pedido que lhe fez a secção, consentiu em que se publiquem algumas noticias relativas a artistas portuguezes, que não vem mencionadas na *Lista do Bispo Conde D. Francisco* (D. Fr. Francisco de S. Luiz, posteriormente Cardeal Patriarcha), as quaes o sr. Dr. Fonseca tem compilado de suas leituras para seu uso particular, e se podem considerar additamento interessantissimo áquella curiosa obra.

Banco Commercial de Coimbra.— Vão augmentando todos os dias as transacções deste estabelecimento bancario de Coimbra. Os capitaes affluem ao seu cofre, e os emprestimos e desconto de letras já representam importantes valores. Ainda na infancia, o Banco Commercial de Coimbra já tem o seu credito consolidado, e promette longa vida economica e financeira.

Banco Commercial de Vianna—Publicamos hoje o balancete do banco Commercial de Vianna, relativo ao mez de Outubro ultimo. Pela importancia das transacções effectuadas se vê, que este estabelecimento continua a gosar de merecidos creditos.

Verão de S. Martinho.— Depois das chuvas beneficas do principio do mez, tem havido dias lindissimos e de sol explendido. Corre o tempo de feição para os trabalhos agricolas, para o exercicio da caça e industria da pesca. Esta bella quadra do outono até convida para viagens, notando-se grande movimento de passageiros no caminho de ferro, nas diligencias e outros trens.

Posse.—Tomou hontem posse de lente cathedratico da Faculdade de Theologia o sr. Dr. Antonio João de França Bettencourt.

Damos os parabens ao nosso excellente amigo, que estamos certos, na propriedade da sua nova cadeira, hade continuar a manter os elevados creditos, que alcançou como distinctissimo professor do lyceu desta cidade.

Suffragios.—Na terça feira, 17 do corrente, ás 10 horas da manhã, haverá na egreja de Santa Cruz, officio, missa, e *libera me*, por alma de todos os parochianos fallecidos durante o tempo em que tem parochiado a freguezia o actual reverendo prior.

Feira da Gollegã. — Tem corrido optimo tempo para a feira e exposição de gados da Gollegã. De Coimbra foram algumas pessoas assistir a este grande mercado, onde concorre gente de toda a parte do paiz, especialmente das provincias do sul e de Lisboa.

Commissão.— O nosso patricio o sr. conselheiro Antonio José Duarte Nazareth, director da alfandega de Lisboa, foi nomeado para dirigir a alfandega do Porto.

Tabaco.—Affirmam-nos, que ha em Coimbra mais de 100 lojas em que se vende tabaco. Por aqui se póde avaliar, como tem progredido o numero de consumidores deste genero.

Passagem.—O sr. arcebispo de Evora passou um destes dias no caminho de ferro, vindo de Ilhavo para a sua diocese. Alguns amigos e admiradores do virtuoso prelado, residentes nesta cidade, foram á estação do caminho de ferro fazer-lhe os seus cumprimentos.

Abundancia.—Depois que o Mondego permitte facil navegação, tem affluido ao mercado desta cidade grande quantidade de generos agricolas da provincia da Beira, notando-se abundancia de castanhas, maçãs, nozes, etc. Os cereaes, vinhos, cortiças, madeiras, e outros productos, tambem vão chegando com frequencia.

Theatro.—Abre-se hoje o theatro academico com um escolhido espectaculo de musica, em que tomam parte o insigne rebequista o sr. Noronha e uma distincta cantora extrangeira, Madame Fanny, coadjuvados por alguns academicos.

Novas lojas.— Abriu-se uma loja de pannos na rua da Sophia, e está proximo a abrir-se na mesma rua outra de fazendas brancas. Na Calçada tambem está quasi prompto um novo estabelecimento commercial, destinado á venda de papel, louças, vidros, etc. São vistosas e de lindo effeito a armação e pintura das duas ultimas lojas.

Companhia Edificadora Figueirense.—Teve ultimamente logar na villa da Figueira a praça para a arrematação das tres casas, que a direcção daquella companhia resolveu construir este anno, de conta propria, na *rua da Inauguração*, no bairro novo de Santa Catharina.

Foram arrematadas todas tres pela quantia de 2:701$500 rs.; ficando a primeira, que é situada mais ao norte, por 844$000 rs., a do centro por 899$500 rs., e a do sul por 958$000 rs.

Todas ellas devem estar promptas até ao fim de Julho futuro, para poderem ser arrendadas já na proxima epocha de banhos.

Vae tornar-se regular o nivelamento da referida *rua da Inauguração*, para o que, a direcção tem feito acquisição gratuita de grande porção de aterro.

Tambem a direcção vae proceder á construcção de um edificio destinado exclusivamente para cocheiras; porque o antigo barracão não é já sufficiente para esse fim.

Todos estes melhoramentos devem achar-se concluidos antes do principio da proxima quadra dos banhos.

Consta-nos, alem disso, que a companhia construirá este anno uma casa, por encommenda de um accionista, que ficará proxima á da familia do sr. conselheiro Forjaz: e que o sr. D. João de Almeida deixou comprado um terreno para edificação de um predio na continuação da *travessa de S. Braz*, que ficará com uma frente para a mesma travessa, e com outra para a rua do escriptorio da companhia.

Aggressão.—Na quinta feira, pelas 10 horas e meia da noute, foi aggredido um nosso amigo, que passava na rua do Correio, por dois individuos que alli se achavam. Prova isto a falta de segurança que ha nesta cidade.

Nomeação interina.— O sr. commissario dos estudos deste districto nomeou professora interina da cadeira de ensino primario do sexo feminino, de Miranda do Corvo, a sr.ª D. Amelia Augusta Arnaut de Menezes.

Relatorio. — Recebemos de Pernambuco o *Relatorio da directoria da Associação Portugueza de Beneficencia dos empregados no commercio e industria em Pernambuco, apresentado por seu director Antonio da Maia Pessoa.—Abril e Outubro de* 1874.

Damos muito apreço a esta publicação, por vermos por ella os bons serviços que á referida Associação tem feito o nosso estimavel amigo e patricio o sr. Antonio da Maia Pessoa.

Não podemos, por isso, resistir a transcrever o seguinte periodo do parecer da commissão de exame de contas:

«A directoria actual por todos os motivos torna-se digna de louvor, e muito particularmente o incançavel director Antonio da Maia Pessoa, pelo muito que se esforçou a bem da associação, estabelecendo aulas nocturnas, com o que muito tem lucrado e lucrarão os nossos associados.»

E' sempre para nós motivo de muito prazer, quando vemos que os nossos patricios, pelo seu exemplar procedimento, honram a terra que lhes deu o ser, em qualquer parte do mundo que se achem.

Descripção topographica da villa da Sertã.— Com este titulo foi-nos offerecida uma interessante memoria, em que se dão curiosas noticias da villa da Sertã e do respectivo concelho.

O seu illustrado auctor trata ahi de demonstrar, que o nome da referida villa se deve escrever *Sertã* e não *Certã*, como geralmente se usa.

Cumpre-nos agradecer o exemplar com que fomos obsequiados.

Homens illustres.— São eloquentes os seguintes factos, e um verdadeiro brazão de gloria para as classes populares.

O celebre astronomo Kepler era filho de um taberneiro allemão. O immortal Copernico nasceu de um pobre e miseravel padeiro. D'Alembert foi uma creança exposta quasi moribunda, nas escadas de um templo, e educada pela mulher d'um vidraceiro. O distincto mineralogista Hauy foi filho de um tecelão. Herschell principiou por ser um pobre organista. Diderot era filho de um cuteleiro de Langres. Gassendi foi um pobre camponez dos Alpes. Vauquelin, chimico notavel, principiou por simples criado d'um laboratorio. Franklin principiou por simples aprendiz de uma officina typographica. Laplace, Lagrange, e outros grandes genios luctaram com grande pobreza e miseria no principio da sua carreira scientifica.

Almanach.— Recebemos o *Almanach illustrado da Empreza Horas Romanticas, segundo anno da sua publicação.*

Contem muitas gravuras, artigos amenos e humoristicos, tabellas de utilidade geral, anedoctas, enygmas, charadas, annuncios, etc.

Agradecemos muito o exemplar com que nos obsequiou a acreditada empreza.

Regulamento—Recebemos e devidamente agradecemos um exemplar do *Regulamento da secção de Archeologia do Instituto de Coimbra.*

O marechal Bazaine.— Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Chegou hontem á tarde a Lisboa o general francez, Francisco Achilles Bazaine, em companhia de sua esposa, esvelta dama de 35 annos de edade, cujo caracter viril e dedicação conjugal tão celebrados têem sido na imprensa da Europa e da America, depois do romantico episodio que arrancou seu marido ao desterro da ilha de Santa Margarida. Egualmente o acompanham seus dois filhos, um de sete e outro de cinco annos de edade.

O marechal veio com sua familia no vapor *Neva*, procedente de Southampton, e com destino a Madrid, para onde deve partir em breve. Em Lisboa hospedou-se no hotel Bragança, aonde occupa os quartos n.os 31 e 32 do terceiro andar. Tem o sr. Bazaine cerca de 64 annos, pois nasceu em Fevereiro de 1811. E' robusto, de estatura mediana e presença agradavel. Usa bigode.

A sua historia militar é bem conhecida para que escusemos recordal-a aos nossos leitores, a quem tantas vezes a mencionámos, não só nos dias das grandes lutas dos ultimos annos do imperio francez, encerradas para o imperio e para elle em Metz e Sedan, como por occasião do sombrio processo que envolveu nos mantos da justiça e cercou de vilipendiosas accusações os virentes laureis militares do bravo soldado das campanhas da Africa, da Russia e do Mexico.

Depois da sua evasão do forte da ilha de Santa Margarida, o marechal tem viajado pela Italia, Belgica e Inglaterra, e a sua ida para Hespanha faz naturalmente lembrar que em 1837 e 1838 elle fez alli duas laboriosas campanhas contra os carlistas.»

Noticias estrangeiras. —As ultimas noticias são as seguinte:

Madrid, 11.—Os carlistas atiraram na terça feira 127 bombas para Irun. Laserna avançou pelo monte Garcis e por Chesqueta, desalojando os carlistas de Oyarzun, San Marcial de Renteria e San Marcos. A guarnição de Irun atacou os carlistas fugitivos.

Paris, 11.—Vega Armijo, ministro de Hespanha, preveniu na segunda feira o governo de que D. Carlos estava em Hendaya, chegando mesmo a designar a casa. O governo ordenou immediatamente uma busca que se fez debalde. Armijo foi avisado do resultado negativo da busca.

Madrid, 11.—As tropas liberaes alcançaram completa victoria sobre os carlistas, que sendo atacados pela vanguarda e rectaguarda, abandonaram as posições de Irun e fugiram em debandada para a Navarra. Fizeram-se-lhes muitos prisioneiros. Laserna está em Irun.

Madrid, 11.—Depois de uma pertinaz resistencia os carlistas abandonaram as formidaveis posições de S. Marcos, assim como o forte de S. Marcial, levando deste algumas peças. O presidente destituiu Ceballos do commando das facções. O delegado do governo telegraphou de Irun hoje ás 4 horas da tarde, dizendo que acabava de entrar na cidade, e que as tropas victoriosas coroavam as cercanias de Irun.

Madrid, 12.— Teve hoje logar o conselho de ministros presidido por Serrano; faltou o ministro da guerra por esperar noticias de Irun. Tratou-se dos assumptos da guerra. Os carlistas embargaram todas as carretas das minas de Oriuella. Consta aqui que o consul prussiano em Bayona foi para a fronteira assistir ao desenvolvimento das operações de Irun.

Diz a *Correspondencia* que alguns carlistas, comprehendidos no sequestro dos bens, pedem para conservar as suas propriedades, submettendo-se ao governo, o qual parece decidido a fazer essa concessão, tornando-a extensiva aos que abandonarem a causa carlista.

Madrid, 12.—A *Gaceta* confirma o triumpho completo de Loma, Portilla e Blanco.

ANNUNCIOS

Substitutos a militares

1 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.° 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

ALUGA-SE

2 NA COURAÇA DE LISBOA, n.° 33 casa para 2 ou 3 estudantes.

EDITAL

3 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA faz publico, que se acha patente na respectiva secretaria, por espaço de 10 dias, a contar da data do presente edital, o rol do lançamento da contribuição de serviço deste concelho, relativo ao anno economico de 1874-1875; pelo que convida todos os interessados a virem alli ver e examinar o dito rol, e a apresentarem dentro do referido prazo qualquer reclamação que julgarem conveniente fazer.

E para constar se passou este e outros de egual theor.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 14 de Novembro de 1874.

O presidente,
Fernando A. de Mello.

Leccionista de Desenho

4 A. A. GONÇALVES, rua do Correio, n.º 77.

Grande sortimento em livros de missa

Arco d'Almedina

SEVERO & IRMÃO

Tinta de copiar sem rival

SEVERO & IRMÃO

7 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa d'um official de barbeiro.

Attenção

8 NA RUA DO CORPO DE DEUS, n.º 53, recebem-se meninas para ensinar externas, e internas de cama e mesa. Preços commodos.

DOCTOR IN ABSENTIA

9 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA

Balancete em 31 d'Outubro

Saldo do mez anterior.........	4:445$721
Recebido neste mez, proveniente de juros, quotas semanaes, prestações de joias e multas......	185$975
	4:631$696
Despendido nas diversas addições de despeza como consta das respectivas ordens.........	117$320
Saldo que passa para Novembro.	4:514$376

Coimbra, 31 de Outubro de 1874.

O secretario da direcção,
José Maria Duarte.

Attenção

11 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

Venda de livraria e moveis

12 NA QUINTA FEIRA, 19 de Novembro, pelas 11 horas da manhã, na casa do fallecido Dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito, na rua das Fangas, se hãode vender, convindo o preço, os livros e moveis, do mesmo fallecido Dr. Brito.

Na mobilia ha differentes objectos antigos de pau preto, uma papeleira, um guarda louça, e um meio serviço de boa louça ingleza.

13 VENDE-SE vinho de mesa na rua das Solas, n.º 26, na tinturaria Portuense. Preço o almude 2$000, e por quartão 500 rs. E' optimo, da colheita de 1872.

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE COIMBRA

14 POR ORDEM do exm.º sr. presidente da assembleia geral, é convocada a mesma a reunir-se na sala das suas sessões, na proxima segunda feira, 16 do corrente, pelas 6 horas da tarde.

Ordem do dia

Discussão do projecto de reforma dos estatutos.

1.º secretario,
J. Vieira da Fonseca.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o Rio de Janeiro
Barca—GUADIANA em 26 de Novembro.

Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**
Patacho—VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

16 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu — **633:462 machinas** — (mais de meio milhão!)

Attenção

17 NO ESTABELECIMENTO DOS OCULISTAS—**Bolsson & Pombar,**— rua da Calçada, n.º 86 a 90, se acaba de receber um sortimento de—*Tinteiros magicos inexgotaveis.* Cada um destes tinteiros tem um preparado chimico, que introduzindo-lhe agua pura, se transforma rapidamente em tinta administrativa, a melhor até hoje conhecida, e que dá para o consumo diario durante o espaço de 100 annos. A escolher tinta preta, vermelha e azul.

Ao mesmo estabelecimento acaba de chegar, directamente de Paris, um grande e variado sortimento de pelles para senhoras, da ultima novidade; assim como grande sortimento de oculos, lunetas de ouro, prata, aço, tartaruga, e bufalo; binoculos e oculos de alcance para campo, mar e theatro, barometros metalicos, thermometros, bussolas, areometros para vinho, aguardente, alcool e saes, vistas transparentes, etc. Faz-se toda a classe de concertos pertencentes ao ramo d'optica.

Bolsson & Pombar.

DENTISTA

CEREGHETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista suisso

18 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, pôr dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados; com pasta não conhecida até hoje, e tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca tivera tido callos.

Praça 8 de Maio, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

AGRADECIMENTO E DESCULPA

19 ANTONIO RODRIGUES LUCAS, sua irmã Theresa de Jesus Lucas e sua filha Maria Candida da Conceição Lucas; penhorados extremamente para com todas as pessoas que se dignaram visital-os pela occasião da infausta morte de seu irmão e tio, Francisco José Lucas; agradecem por este meio (por isso que o não podem fazer pessoalmente), os obsequios recebidos e provas de immerecida confiança, testemunhando seu eterno reconhecimento.

Machinas de Costura

20 EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO, na Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas do systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

VENDA DE PROPRIEDADE

21 JOAQUIM DOS SANTOS PATO, do logar da Mamarrosa, quer vender uma propriedade, sita no logar das Canas, defronte de S. Fructuoso. Compõe-se de arvores de todas as qualidades, muita terra lavradia, muito mimosa, com abundancia de agua de rega, e casas de habitação e abegoaria. Rende por anno reis 38$400.

Quem quizer comprar dirija-se ao illm.º sr. João Pedro Ferreira, em Marrocos, suburbios desta cidade, ou ao sr. Manoel Joaquim, das Canas.

ANTONIO MARIA CARDOSO

CALÇADA—COIMBRA

22 ACABA de receber um lindo e variado sortimento de lãs, para vestidos, capas para senhoras, chales e outras fazendas. Tem pannos abretanhados, com grandes abatimentos, principiando de 90, 100, 110, 120 rs. o metro; chitas largas de 140, 150, 180 rs. o metro; meias de algodão finas a 100 e 110 rs., outras fazendas proprias para a estação.

J. P. G. PAIVA

CIRURGIÃO DENTISTA, offerece o seu gabinete dental, rua da Calçada, n.º 82, 1.º andar, esquina ao Arco d'Almedina, a todas as pessoas que necessitem utilisar-se dos seus conhecimentos sobre a protesis dentaria; pondo em conhecimento do illustrado publico os preços seguintes:

PREÇOS DOS DENTES ARTIFICIAES

Desde 3$000 a 6$000 reis cada dente. —Elixir odontalgico para dôr de dentes 500 reis, frasco.—Pos mineraes para branquear os dentes 200 rs., caixa.—Extracção de um dente desde 240 a 1$000 rs.—Limpeza de dentes desde 500 a 2$000 rs.—Empaste desde 500 a 2$000 rs.

24 VENDE-SE uma propriedade sita em Vil de Mattos, que antigamente foi vinha, e que póde produzir 30 ou 40 pipas de vinho. A venda será feita no dia 29 de Novembro ao meio dia, em praça particular, na rua do Corpo de Deus, 7, em casa do sr. Amadeu Fructuoso da Silva Rocha.

O predio será vendido junto ou separado em 4 partes, em que se acha naturalmente dividido, e o comprador ficará, querendo, com o preço da compra em seu poder, pagando juro de 5 0/0 ao anno.

O sr. Joaquim Pedro Martins, regedor em Vil de Mattos, está encarregado de mostrar a propriedade.

PARA 1875

25 ALMANACH DOS COMPADRES. Preço 60 reis.

A' venda nas livrarias Mesquita, rua das Covas, e livraria Academica, rua da Calçada.

AONDE HA MAIS BARATO?



Lunetas, oculos, binoculos, etc.

FONSECA

72—Rua da Calçada—76

26 ACABA de fazer uma GRANDE reducção em preços nestes artigos, e por certo em nenhuma outra casa se vendem por eguaes.

Para o publico conhecer a verdade deste annuncio, convida os srs. consumidores a proverem-se do seu estabelecimento.

Acerta vidros nas lunetas, e colloca molas nas ditas.

NUMERO 2850 — TERÇA FEIRA 17 DE NOVEMBRO DE 1874 — ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno....................	3$200
Por semestre................	1$600
Por trimestre...............	800
Correspondencia por linha........	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno....................	3$720
Por semestre................	1$860
Por trimestre...............	980
Avulso......................	40

COIMBRA

O CONIMBRICENSE

I

Entra hoje este jornal no 28.º anno da sua publicação: dilatada vida, sem duvida, na imprensa periodica portugueza.

Desde o seu primeiro numero temos visto principiar e acabar centenares de jornaes; e felizmente ainda aqui nos achamos neste posto, depois de tanto tempo, e apezar de todas as vicissitudes!

Acabara a guerra civil em 1847, com o protocollo de Londres e a convenção de Gramido; e haviam-se recolhido em seguida a suas casas os presos politicos, e os voluntarios que tinham servido ás ordens da junta do Porto. Achavam-se, porem, os animos ainda muito exaltados, e os membros do partido popular viam-se expostos a toda a qualidade de violencias nas differentes terras do reino.

Em Coimbra era onde mais se soffria; e por isso entendeu-se indispensavel o publicar um jornal, que advogasse os interesses do povo, e repellisse as aggressões de que era constantemente victima o partido, vencido por tres nações estrangeiras.

E' essa a origem deste jornal, de que saiu á luz o primeiro numero no dia 16 de Novembro de 1847, com o titulo de *Observador*.

A lucta energica que tivemos de sustentar, ahi está largamente escripta. Esse tempo era aquelle em que os compositores tinham de trabalhar com o bacamarte carregado ao pé de si; os distribuidores se viam obrigados a andar sempre armados de pistolas; e os redactores tinham de resistir aos desafios e ameaças dos officiaes, officiaes inferiores e soldados dos batalhões aqui estacionados, os quaes em logar de manterem a segurança publica, só promoviam a desordem, e espalhavam o terror em toda a cidade.

Passados 3 annos e meio de estado tão violento, apparece em Abril de 1851 a nova situação politica, creada pelo partido da regeneração; e o *Observador*, que via ahi um meio de conciliar todos os partidos, e esquecer o passado, abraçou do coração essa causa, e foi um dos seus mais decididos e dedicados defensores.

Em Janeiro de 1854 passou este jornal por uma crise, que esteve a ponto de lhe fazer terminar a existencia.

O concelho de Lavos era um daquelles em que mais assassinatos tinha havido nesta provincia; e um dos principaes protectores dos assassinos, era o celebre Joaquim da Marinha, que alli havia sido administrador do concelho e era o terror daquelles povos.

A uma serie numerosissima de assassinatos e roubos, effectuados naquelle concelho, veiu acrescentar-se a barbara morte do escrivão de fazenda Manoel de Almeida Ramalho e Fonseca, effectuada no dia 24 de Novembro de 1853, pelas 7 horas da noute, na sua casa do Paião, onde se achava gravemente doente, e na presença de sua propria mãe e de dois amigos, que o estavam visitando!

Este espantoso crime era geralmente attribuido a Joaquim da Marinha e aos seus dependentes, e por isso levantou logo o *Observador* altos brados, pedindo o castigo dos criminosos. Um dos artigos mais energicos foi o publicado em o n.º 677 de 7 de Janeiro de 1854, com o titulo de— *O concelho de Lavos no districto de Coimbra*—onde era largamente narrada a serie de atrocidades que desde 1834 se haviam praticado naquelle concelho.

Joaquim da Marinha tinha alcançado, não obstante, altos protectores em Coimbra; e estes, vendo o mal que podiam fazer ao seu protegido os artigos do *Observador*, tractaram de o fazer calar. Primeiro vieram os pedidos; e reconhecendo que nada conseguiam, passaram ás formaes ameaças de fazerem suspender a publicação do jornal, no caso de elle dizer mais alguma cousa contra Joaquim da Marinha.

Esses individuos conheciam pouco com quem lidavam. Não eramos da tempera de nos calar perante assassinos, por mais poderosos que fossem os seus protectores.

E por isso, para fazer cessar toda a pressão, mudamos desde logo o titulo e a habilitação ao jornal, o qual sem nenhuma interrupção saiu no dia 24 de Janeiro de 1854 com o titulo de *Conimbricense*.

Se temos durante tantos annos prestado alguns serviços á segurança publica da provincia; se temos advogado os seus interesses; se nas paginas deste jornal temos feito publicações numerosissimas, filhas do mais assiduo trabalho, e de assumptos em grande parte completamente desconhecidos; não nos pertence o dizel-o. Fallarão por nós os leitores do *Conimbricense*.

II

Temo-nos referido ao passado: diremos agora alguma cousa do futuro.

O *Conimbricense* não será ministerial, nem opposição, no sentido em que geralmente são tidas estas palavras.

Applaudirá os actos da actual situação que o merecerem; mas não deixará de fazer os devidos reparos áquelles que porventura forem de encontro ao interesse publico.

Será eclectico, o que póde fazer desassombradamente, por se achar da maneira a mais absoluta desligado de governos e de opposições.

Terá por divisa o amor do bem e da justiça. Liberal de profundas convicções, será não obstante moderado e ao mesmo tempo imparcial, não deixando de reprovar tudo o que contrariar os principios da sua escola.

Advogará tanto quanto chegarem as suas forças o que fôr em beneficio da nação, e em especial da provincia da Beira; e proseguirá na publicação de investigações historicas e de quanto possa tornar interessante o jornal.

Se não podermos satisfazer a tudo o que promettemos, não será por falta de vontade. Os nossos leitores sabem por larga experiencia que nunca fugimos ao trabalho.

III

Resta-nos agora agradecer a todos os nossos bons assignantes a protecção que nos tem dispensado. Sem o seu efficaz

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXII

RODRIGO PINTO PISARRO

XX

Proseguia a discussão da questão previa, se devia ou não ser admittido Pinto Pisarro a ir á barra da camara dos deputados.

Preferimos publicar a falla do deputado Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, pae do grande orador José Estevão Coelho de Magalhães, não por ser a mais inergica, mas por a circumstancia de elle ter sido presidente do collegio eleitoral do Porto. Disse Luiz Cypriano:

«Eu não sou jurisconsulto, que me levante para illustrar a questão de direito relativa á habilidade do sr. Rodrigo Pinto Pisarro, deputado de côrtes eleito pela provincia do Douro, que se pretende infirmar no parecer da commissão dos poderes, contra o voto de dois dos seus membros, com o fundamento de se achar pronunciado criminoso antes da sua eleição, e como tal inhabil para ser deputado. Esta parte da questão ja se acha profusamente discutida, e levada a tal ponto de evidencia pelos oradores que tem fallado contra esse parecer, que nenhuma duvida pode restar de que tal pronuncia não pode induzir inhabilidade no sr. Pinto Pisarro para ser admittido ao exercicio de deputado para que foi eleito.

Levanto-me porque fui presidente da eleição, em que elle sahiu eleito deputado pelo circulo eleitoral da provincia do Douro, para informar do que se passou nesta eleição, e particularmente a respeito do sr. Pinto Pisarro, porque a minha informação pode fornecer aos homens de boa fé dados para firmarem a sua opinião ácerca desta questão de tanta importancia, como a em que se trata de privar um cidadão dos seus direitos politicos.

Nesta eleição, de que fui presidente, appareceu um partido ministerial inculcando as pessoas que queria fossem votadas, e desviando as que não lhe faziam conta: neste numero entrava com especialidade o sr. Pinto Pisarro. Este partido antecipadamente conhecido pelas suas relações ministeriaes, tinha dispertado os amigos da rainha e da Carta para não sucumbirem ás suggestões ministeriaes, e dictou a estes a conducta que deviam seguir nas eleições, a fim de obterem deputados que pela sua independencia e firmesa de caracter obstassem aos abusos frequentemente praticados contra a Carta.

A theoria da systema representativo exige nas camaras uma opposição anti-ministerial; e os factos cada vez mostram mais a sua necessidade. Guiados por estes principios os eleitores votaram no sr. Pinto Pisarro. Ao ouvir extrair da urna o seu nome, um empregado do governo, que era eleitor, quiz que se riscasse o seu nome, dizendo que o sr. Pinto Pisarro se achava preso, sem declarar o crime, e suas circumstancias. Como não trouxesse documentada a sua accusação para ser attendida pela assemblea eleitoral, esta decidiu que não era procedente: proseguiu o escrutinio e a final saiu eleito o sr. Pinto Pisarro, como consta da sua procuração, que já foi legalisada por esta camara, ficando para decidir a duvida sobre a sua habilidade proveniente da pronuncia, com que agora se lhe pretende obstar.

Bem se vê do que fica exposto a premeditação que havia da parte dos ministeriaes, de evitar a eleição do sr. Pisarro, isto é de um homem capaz pelos seus talentos, e firmesa politica de chamar á censura os actos do governo. E como podiam falhar os seus esforços contra elle na eleição, como aconteceu, foram-lhe forjando em Lisboa a pronuncia, que agora apparece, para o inhabilitar a ter entrada nesta camara, pronuncia tão monstruosa como o processo em que ella recahe. E que outra podia ella ser, tendo por origem a arbitrariedade, e a premeditação de fazer criminoso quem o não era para o caso presente?

auxilio nada poderiamos fazer; e seriamos ingratos se aqui lhes não dessemos este publico testemunho do nosso sincero agradecimento.

Egualmente nos confessamos muito reconhecidos a todos os cavalheiros que nos tem coadjuvado na parte litteraria e politica do jornal.

E finalmente seriamos manifestamente injustos para com os nossos estimaveis collegas da imprensa periodica, se não lhes significassemos nesta occasião solemne, o quanto nos penhora a maneira delicada como nos tem sempre tratado.

Se nestas agruras da vida algumas vezes estivessemos a ponto de sossobrar, seria um forte incentivo para não desanimarmos, o ver o alento que nos inspiravam os nossos esclarecidos collegas.

IV

Tendo feito esta recordação e prospecto da nossa vida jornalista, vamos proseguir na já longa carreira. E com o favor da Providencia divina—ávante!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

AS BIBLIOTHECAS POPULARES EM COIMBRA

O esclarecido correspondente desta cidade para o *Campeão das Provincias* diz em o ultimo numero desse jornal o seguinte:

«O *Conimbricense* de hontem dá-nos a *aprasivel* noticia de que desde o dia 8 de Maio do corrente anno até agora, ainda não foi aberto pelos socios, nenhum dos muitos livros que avolumam nas estantes da bibliotheca estabelecida no vasto salão da Associação dos Artistas.

«Não creio, porém, que tamanha falta seja motivada pela negação á leitura e inclino-me a que isso será talvez devido a difficuldades que haja em que os livros saiam dos logares em que estão. D'outra fórma não sei explicar o *mysterio*.

«Haja toda a liberdade em franquear os livros, não se façam objecções a quem os deseje consultar, e verão que a bibliotheca será concorrida; além d'isso, como pretendem que se possa prestar attenção á leitura, estando a aula de ensino primario tão proxima, e fazendo os alumnos um alarido constante e insupportavel?»

Tem muita razão o correspondente na maior parte do que diz: porém, em uma parte não acontece o mesmo.

Que a generalidade dos artistas tem negação á leitura, isto desgraçadamente é um facto de que ha numerosissimas provas para o demonstrar.

Agora o que é tambem certo, é que as direcções das sociedades *Terpsichore Conimbricense*, e *Associação dos Artistas de Coimbra*, em logar de empregarem todos os meios ao seu alcance para tornarem facil a leitura aos artistas; parece que fazem gosto em que ninguem pegue em um livro, e se instrua!

Em especial, com relação á *Associação dos Artistas*, não achamos palavras sufficientemente severas para stygmatisar o que alli se tem passado.

O sr. D. Antonio da Costa, quando em 1870 foi ministro da instrucção publica, tendo a *Associação dos Artistas de Coimbra* na conta de uma das primeiras do reino, determinou que lhe fossem enviados uma grande porção de livros do deposito dos conventos de Lisboa, para a creação de uma bibliotheca.

Este acto do illustrado ministro, que summamente devia lisonjear a Associação, foi por ella tomado como um encargo, e olhado com desdem. Vieram os livros, e o cuidado que com elles se teve foi o de os lançar para uma casa escura, onde estiveram perto de tres annos amontoados!

A Associação para promover um beneficio no theatro Academico, solicitou-o alli, com o pretexto de ser o seu producto applicado á factura das estantes da bibliotheca.

Recebido, porém, o dinheiro, foi gasto nas despezas geraes da sociedade, faltando-se assim a um dever de honra. E foi necessaria uma lucta tenaz da nossa parte, para conseguirmos que a *Associação dos Artistas* mandasse fazer as estantes; para o que tinha o producto da recita no theatro Academico; e um donativo valioso, feito á Associação pelo sr. commendador Francisco Augusto Mendes Monteiro, com a expressa applicação ás estantes.

Finalmente depois de muito tempo, e grandes questões, foram feitas as estantes. E em quanto a livros havia não só o importante donativo mandado pelo sr. D. Antonio da Costa, mas muitos outros livros, offerecidos por occasião de bazares, e por muitos individuos que em differentes epochas os haviam dado á Associação, na esperança de que ella viria a fundar uma bibliotheca, como lhe determinam os seus estatutos.

Chegou o dia 8 de Maio deste anno, em que houve grandes festejos nesta cidade, e para que o sarau desse dia fosse dado na grande sala da Associação e não no theatro de D. Luiz, como havia muito quem pretendesse, pretextou-se a abertura da bibliotheca da sociedade nessa mesma occasião.

O que, porém, havia de real a este respeito era tanto, que na vespera á noute ainda os livros se conservavam amontoados, correndo-se o risco de se abrir o sarau no dia seguinte com as estantes vasias! Assim se manifestava o enthusiasmo da direcção da sociedade pela bibliotheca, e o que era sincero todo este negocio!

Houve não obstante quem *(estranho á sociedade)*, para livrar a *Associação dos Artistas* desta grande vergonha, collocasse nessa noute os livros nas estantes; mas sem nenhuma classificação, pois que não havia tempo nenhum para isso.

E a forma porque os livros alli foram postos naquella noute, é exactamente a mesma em que hoje se acham. Nem classificação, nem catalogo, nem cousa nenhuma!

Não ha duvida que muitos artistas allegam a difficuldade que tem de irem á sala da Associação; já pelo tempo que nisso perdem; já pelo incommodo que á leitura causa a aula nocturna de instrucção primaria que existe na mesma sala. Se porem da parte da direcção da sociedade, houvesse o mais leve desejo de se diffundirem os conhecimentos pela classe artistica, não tinham faltado meios para remediar esses inconvenientes.

No decreto de 20 de Agosto de 1870, referendado pelo sr. D. Antonio da Costa, e pelo qual se mandaram crear bibliothecas populares no reino, se determina o seguinte:

«Artigo 3.º As bibliothecas populares ministram a leitura no estabelecimento *e nos domicilios*.»

Que cumprimento tem dado a direcção da *Associação dos Artistas de Coimbra* a este artigo do decreto, a que tacitamente se obrigou pelo facto de aceitar os livros do ministerio da instrucção publica?

A affluencia de creanças á aula nocturna de instrucção primaria da Associação é muito facil, porque entre outras causas, ha a vontade de que as familias tem de se livrarem da turbulencia dos filhos em casa, e para isso os mandam á escola.

Para se conseguir, porem, que os adultos vão aprender a ler; e que aquelles que já sabem se appliquem á leitura, a fim de desenvolver os seus conhecimentos, é mister empregar todas as diligencias. E se a direcção da *Associação dos Artistas* cruza os braços a esse respeito, que ha a esperar?

Se um socio qualquer; se um visitante estranho á *Associação das Artistas*, entrar na sala da sociedade, e quizer pedir um livro, como hade saber se elle existe nas estantes, e no caso de existir, onde deve ser procurado —se não ha ordem nos livros, nem catalogo?

Se egualmente um socio, usando do disposto no decreto que fundou as bibliothecas populares, pretender levar para sua casa um livro para ler, como lhe hade ser entregue, visto não haver classificação nenhuma na bibliotheca, nem o mais insignificante regulamento?

E finalmente, que ganhou a sociedade com a factura das estantes? Até agora cousa nenhuma!

Antes do dia 8 de Maio, estavam os livros amontoados em uma casa; e agora estão, para assim dizermos, amontoados nas estantes. Não conhecemos outra differença.

Bem sabemos que esta nossa linguagem severa não hade agradar a muita gente; mas tenham paciencia. Se não querem ouvir censuras, não dêem motivos a ellas.

Podiamos, é certo, seguir outro caminho, e estar aqui a lisonjear a tudo e a todos. Não estamos, porem, resolvidos a falsear a nossa missão na imprensa. Preferiremos antes quebrar a penna de escriptor publico!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Sr. Martins de Carvalho—Acabo de ler o *Conimbricense* de hontem; e permitta o meu amigo que lhe diga sem offensa, que do principio ao fim não achei que ler; e devo tambem dizer-lhe que tem de mudar de rumo na direcção do seu jornal.

O jogo—A egreja de Santa Cruz—Desmoralisação—Mau tracto dos animaes—Instituto de Coimbra—Bancos—Aggressão, etc. —São as epigraphes das principaes materias contidas naquelle numero! E nem um logogripho! e nem ao menos uma charada!? E a insipidez levada ao maior auge, e que faz descrer da experiencia, que o meu amigo diz ter das cousas do mundo,—que aliás parece querer emendar...

Que lhe importa ao meu amigo com o jogo? Este mister é o principal da vida dos mais illustres cidadãos de todas as monarchias e republicas; os de mais misteres são accessorios do principal. Joga-se na tarimba do soldado e no quartel do general; jogam os sacristães, os curas, os parochos e os bispos; jogam os empregados e magistrados administrativos; jogam os estudantes e os professores; jogam os officiaes de diligencias dos juizes eleitos, os juizes de direito, os desembargadores, e até jogarão os conselheiros do supremo tribunal; joga-se de porta nas aulas; joga-se nos collegios o dominó; e até as freiras jogam a *paciencia*! Joga-se politicamente nos gabinetes dos ministros; joga-se no parlamento; joga-se em toda a parte, porque tudo isto é um jogo, em que apparecem mais ou menos *biscas*. Deixe, pois, jogar quem joga, que nem todos perdem.

—Forte insistencia a sua com a egreja de Santa Cruz! A proposito do que o meu amigo escreveu ha dias a respeito d'aquelle templo, veiu logo um seu collaborador a quebrar lanças por que o concertem e venerem, e até chegou a condemnar que se consentisse em frente da egreja uma fileira de castanheiras! Pois o seu collaborador e o meu amigo apanharam para o seu tabaco; porque, até então, havia uma fileira de fogareiros; hoje ha um pelotão d'elles! Foi bem feita, para se não metterem a contrariar os interesses *economicos* d'esta terra...

O meu amigo e o tal seu collaborador julgam aquillo uma indecencia; e o publico não o entende assim; havendo até quem censure a junta de parochia de não aproveitar a opportunidade, deixando de crear uma fonte de receita, qual era—a de arrendar o adro, para se lhe collocarem uns ramos de louro, e vender-se alli *do novo*.

E não são só os nacionaes que desculpam as castanheiras; ha dias visitou um estrangeiro esta cidade; foi ver o sanctuario e o templo de Santa Cruz, e á saida accendeu num dos fogareiros o seu charuto; e, achando mui confortavel aquella atmosphera de fumo de sal de sardinhas, o que não tinha ainda gosado em qualquer dos outros paizes em que tem viajado, perguntou:—quanto pagava a camara a cada uma das mulheres? Responderam-lhe que nada pagava, e só fazia a concessão....

No dia de S. Martinho, em que um rancho de ébrios percorreu as ruas principaes d'esta cidade e as suas praças, com uma vozeria infrene, com chocalhos e gaitas, dando vivas aos bebados de Coimbra (!), foram elles acampar á noite á praça 8 de Maio, e alli antes de comprar com que fazer bocca, deram a mais esplendida serenata, que não consentiria o cabo de secção de uma povoação rural, e que se consentiu na capital d'um importante districto. (Fallando serio, não incrimino de todo as auctoridades, porque estas não podem fazer boa policia sem agentes.)

Já foi apresentada uma proposta á junta geral do districto para a creação d'um corpo de policia; mas os illustres membros d'aquelle parlamento districtal não a apreciaram, julgando que fallar em policia é o mesmo que tirar regalias ao povo, que os seus procuradores querem que se divirta por todos os modos.

Fizeram bem: corpo de policia é uma offensa permanente á dignidade dos cidadãos, e que não deve passar de Leiria e de outras terras menos importantes que Coimbra!

Depois d'aquellas duas massadas, vem o meu amigo com o seu artigo—*Desmoralisação*—e diz cousas de arripiar: assim o quer assim o tenha, continue; mas olhe que é pregar aos herejes.

O meu amigo não sabe que em Coimbra as prostitutas estão arruadas em quasi todas as ruas? Que se admira, pois, que ellas residam defronte do collegio da Misericordia! Assim ficam as creanças de ambos os sexos com instrucção mui variada, e conservam-se entretidas durante as horas em que podem espreitar o espectaculo que tanto horrorisou o meu amigo.

Ha annos foi mesario da Santa Casa um dos maiores utopistas, que eu conheço, o qual lembrou á mesa que se comprassem aquelles casebres, e que se dessem ás merceeiras para sua morada, ás que assim lhes conviesse, em compensação da esmola mensal que recebem da Santa Casa; mas, como era de suppor, o homem teve de voltar com a falla ao buxo. Não espere, por tanto, que se dê remedio ao grande mal, que n'aquelle artigo aponta: deixe-se de modernismos, e de querer figurar....

—Lá vem agora o—*Mau tracto dos animaes*—Que bella impressão, que lhe fez a leitura do livro—*Moral para todos!*—é traduzido de Ad. Franck, pelo nosso illustrado amigo o sr. Candido de Figueiredo, e dado ao prelo por outro tambem illustrado amigo (seu, recente—meu, muito antigo), o sr. Antonio Maria Pereira. A sua recommendação incitanos á leitura d'aquelle livro, de que me não dispenso; mas olhe, sr. Martins, que corre risco a pessoa que se compenetrar das boas doutrinas, que o livro de certo contem, visto que dois homens esclarecidos resolveram a sua publicação; porque, sendo aqui frequente o mau tracto de todos os animaes, ou elles vão carregados, ou não, se chegarmos ao pé dos barbaros que impunemente os maltractam, não só seremos enxovalhados de palavras, mas poderemos ver viradas contra nós o aguilhão, o fueiro, ou outro qualquer instrumento contundente, mas de bom peso.

—Vi o balancete d'um banco e li tambem o que o meu amigo diplomaticamente diz a respeito de dois bancos. Vamos vendo se assim se desfazem alguns despeitos, que não têem razão de ser, e que só se derivam do dictado—quem nos faz mal é o official do nosso officio. Todos podem viver em boa camaradagem: exige-o a qualidade das pessoas que vemos collocadas á testa das duas instituições bancarias. Não ha precisão de descer ao uso do rifão—a gallinha da minha visinha não é melhor que a minha...

A um dos bancos faz-se crua guerra por ser filho segundo; de certo não a fariam ao morgado, se a morte o não tivesse ferido á nascença....

Não podem ser mais carinhosos os paes, que com tanto esmero o tractaram na infancia e o educam na puericia; mas tem de luctar com as velleidades d'um tio, qual communista da gemma, que despedaçando os laços da familia, pretende expulsal-o da casa que lhe foi berço e lhe ouviu os primeiros vagidos! Deixem-no viver, deixem que desenvolva todas as suas faculdades, e não obriguem os paes a dizer, como qualquer beata.—Deus nos livre de maus visinhos do pé da porta.

(*Concluir-se-ha*).

O.

Eu não entro na minuciosa discussão de direito relativo a esta pronuncia, em que se funda o parecer da commissão, com dois votos contrarios de seus membros, para julgar inhabil o sr. Pinto Pisarro, porque já disse não sou jurisconsulto: mas como tenho de votar com esta camara, observarei resumindo o que colhi dos sabios discursos, que tenho ouvido pró e contra o parecer da commissão.

Até o dia em que sabia eleito pelo circulo eleitoral da provincia do Douro o sr. Pinto Pisarro, para ser deputado ás côrtes extraordinarias, que hoje se acham reunidas, não se sabia que elle estava pronunciado criminoso em Lisboa. E como se poderia isso saber se tal pronuncia, como consta do processo, não foi intimada ao supposto criminoso senão em 31 de Julho passado, quando elle já estava eleito no mesmo dia, e no mesmo dia não era possivel chegar a noticia de Lisboa ao Porto, aonde estava o collegio eleitoral? Diz-se que a pronuncia é do dia 18 do dito mez, mas ella não foi intimada senão em 31, e só depois de intimada é que pode ser sabida; porque antes disso existe no segredo do cartorio, ou na mente do pronunciante. Fica por tanto salva a eleição do sr. Pinto Pisarro do defeito que lhe podia provir de tal pronuncia, que se ignorava no tempo em que ella teve logar, e deve subsistir porque foi feita em boa fé.

Mas quando mesmo se soubesse, que caracter tem esta chamada pronuncia, para produzir convicção criminal contra o supposto reu? A pronuncia que apresenta o processo, é do juiz instructor delle; neste grau ella significa sómente indicio de crime: falta-lhe o complemento que é a ratificação do jury, exigida pelas leis novissimas, que em virtude da Carta Constitucional ja estavam regulando no Porto, e nesta capital, á vista das quaes caducou a jurisprudencia antiga, a que recorrem os fautores do parecer para corroborarem os seus sofismas. E porque não foi chamado o sr. Pisarro, indiciado criminoso, á audiencia do juiz instructor do processo? E porque o jury podia declarar: *não ha motivo para a accusação*; e então lá se perdia o premeditado effeito da pronuncia, porque o sr. Pisarro devia logo ser solto, e restituido á sua liberdade civil. Convinha ser processado pela antiga jurisprudencia criminal, em que não ha juizes de facto separados dos de direito, creados pela Carta Constitucional para acautelar os abusos do poder judiciario, que ainda hoje se querem repetir na pessoa do sr. Pinto Pisarro.

Não fallo no monstruoso do processo, e sua legalidade, porque já está sobejamente demonstrado pelos srs. deputados que tão profundamente tem advogado a causa do sr. Pisarro: basta-me a convicção de que tal pronuncia não é pronuncia legal para vedar o sr. deputado Pinto Pisarro de entrar nesta camara no exercicio de suas funcções. Para onde pende a justiça e a razão? Para o lado de seus accusadores, que com uma ficção criminosa pretendem excluir da deputação o sr. Pinto Pisarro, ou dos seus defensores, que o acham eleito em boa fé, e sem crime legalisado para o inhabilitar a tomar assento entre nós como deputado? A historia fará justiça á decisão que se tomar.

O que digo é que se passa tal premeditação contra o sr. Pinto Pisarro, nos escandamos nas futuras eleições, que se por ventura formos assignalados de anti-ministeriaes, seremos victimas de nossos patrioticos sentimentos; e lá vão as prerogativas eleitoraes dos povos sanccionadas na Carta Constitucional, que acabamos de defender á custa de tanto sangue, e de tantos sacrificios, que tarde serão esquecidos. Voto por tanto contra o parecer da commissão.»

Fallou depois o deputado ministerial, Rodrigo da Fonseca Magalhães, que combateu a admissão á barra de Pinto Pisarro.

Por fim, foi posta á votação a questão previa, sendo rejeitada por 53 votos contra 46: maioria a favor do governo 7 votos.

Seguiu-se, por tanto, entrar na discussão do parecer da commissão de poderes, na ausencia de Pinto Pisarro.

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Operação cirurgica.—Manoel Braz, jornaleiro, e natural do concelho de Figueiró dos Vinhos, havendo-se despenhado do alto de uma oliveira, fracturou a perna esquerda na sua parte inferior no dia 14 de Outubro.

Deu entrada no hospital desta cidade no dia 31 com os ossos em necrose, as partes molles profundamente inflammadas, e suppuração intensa.

Frustradas as esperanças de que, circumscripta a inflammação, fosse feita a amputação pelo terço superior da perna, foi resolvida a operação pelo terço inferior da coxa.

Em presença dos estudantes de toda a faculdade e de alguns lentes, foi ella levada a effeito no dia 12 do corrente, pelos estudantes do 4.º anno de Medicina, e sob a direcção do sr. Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo. Foi operador o sr. Domingos Botelho de Queiroz, e coadjuvaram-no os srs. Antonio Frederico Gomes, Joaquim Sanches Rolão Preto, José Antonio de Sousa Nazareth, Joaquim Malheiro da Silva, Matheus Pereira Pinto e Abilio Torres.

A operação correu optimamente, revelando todos summa pericia.

Legados pios.—Brevemente vão realisar-se os leilões das propriedades do sr. conselheiro José Maria de Abreu, e o seu producto ser repartido pelos estabelecimentos de caridade, como determina o testamento daquelle benemerito filho de Coimbra. Já em Agosto devia ter logar a venda destes bens, que então não se poude verificar.

Despedida.— O nosso prezado amigo o sr. padre Manoel Cardoso de Figueiredo Nogueira, despediu-se no domingo dos seus parochianos da freguezia de Santa Cruz, por occasião da missa conventual.

O reverendo prior estava summamente commovido, e egualmente todos os fieis presentes se mostraram muito sentidos pela falta do seu digno parocho, que se ausenta para a capital.

Hoje celebraram-se na egreja de Santa Cruz, exequias solemnes a instrumental, mandadas fazer pelo reverendo parocho da freguezia, por alma dos seus parochianos, fallecidos durante o tempo que administrou aquella freguezia. O sr. padre Nogueira celebrou a missa.

Sentimos a ausencia do reverendo prior, e esperamos que na parochia da Magdalena de Lisboa obtenha a mesma estima que alcançou em Coimbra.

Falta d'agua. — Nas fontes e chafarizes desta cidade continua a correr pouca agua, principalmente no bairro alto. Os criados e serventes vêem-se na necessidade de aproveitar a noite para encher as vasilhas, porque de dia é difficil encontrar vez, tal é a affluencia de consumidores. As chuvas por ora foram poucas, e as terras e culturas carecem de mais abundante rega.

Theatro.— O concerto vocal e instrumental, que devia ter logar no theatro Academico no dia 14, ficou addiado para amanhã. Espera-se grande concorrencia.

Caminho americano — Continua muito regular o serviço dos carros americanos. No domingo houve grande concorrencia de passageiros nas corridas extraordinarias. Maior será, quando toda a linha fôr aberta á circulação. A camara e auctoridades devem prestar toda a codjuvação legal á companhia, para vencer os obstaculos que até agora tem difficultado a abertura de toda a linha. Já não vivemos em epocha, em que os interesses particulares prevaleciam sobre os interesses publicos, e zombavam da opinião das maiorias.

Vinho novo.—O vinho da ultima colheita que já se consome em grande quantidade, é em geral de boa natureza, encorpado, saboroso, aromatico, saccarino e alcoolico. O de melhor qualidade tem boa venda, e é muito procurado nas adegas.

Inspecção — O sr. Ernesto de Faria, administrador geral das mattas do reino, vem inspeccionar os estabelecimentos florestaes a cargo da direcção das obras do Mondego. Estamos certos, que s. ex.ª ficará satisfeito com o estado prospero em que encontra os arvoredos e viveiros do choupal e de Valle de Cannas.

Philarmonicas.—Neste dias lindissimos que vão correndo, era muito agradavel ouvir no jardim botanico, na estrada da Beira, ou no caes, alguma das philarmonicas de Coimbra, ao menos aos domingos e quintas feiras. Podem dizer-nos, que estas associações têem mais de que tractar, e não lhes assiste a obrigação de tal serviço. Era pelo menos um acto de deferencia para com o publico, e um incentivo para se aperfeiçoarem na arte musical. Era um procedimento honroso e digno de louvores.

Providencia util.— Affirmam-nos, que o governo vai mandar proceder á plantação de pinhaes na beira-mar, ao sul da barra do Mondego. Oxalá que esta noticia se realise, porque é de grande importancia conter o movimento das dunas, e augmentar a area florestal do paiz.

Naufragio. — Foi a pique um hyate nas alturas da costa de Buarcos. O navio vinha carregado de sal, e tinha saido de Aveiro com destino ao Porto. A tripulação salvou-se toda.

Premio.—Na feira da Gollegã foi conferido este anno o primeiro premio ao sr. Carlos Relvas, por apresentar um grupo de quatro formosos cavallos portuguezes. Consiste o premio em um rico faqueiro de prata.

Exportação.—A provincia do Algarve exportou productos no mez de Outubro no valor de mais de 200 contos de reis. Os generos principaes foram figo e alfarroba.

Festividade. — No proximo domingo, 22 do corrente, haverá na egreja de Santa Justa a festa do Senhor Jesus dos Oleiros. Prega de tarde o sr. Ricardo da Silva. Haverá tambem arrematação de bolos.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Recemnascido, filho de José Maria Duarte e Maria Adelaide dos Santos Oliveira, natural de Coimbra, fallecido no dia 8 de Novembro.

Theresa de Jesus Caça, filha de Joaquina de Jesus, natural de Coimbra, de 70 annos, fallecida no dia 9.

José, filho d'Antonio Ignacio Gouveia e Emilia da Piedade, natural de Coimbra, de 11 mezes, fallecido no dia 11.

Duas recemnascidas, naturaes de Coimbra, fallecidas no dia 13.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5719.

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

«Continuam as folhas de Madrid concentrando a sua attenção na ultima victoria alcançada pelos liberaes sobre os carlistas e calculando os resultados que d'ella podem advir.

Faz a este respeito a *Politica* algumas observações sensatas, procurando demonstrar o erro em que estão os que imaginam a guerra concluida ou pouco menos.

Segundo aquelle periodico, só a falta de um conhecimento exacto do que é o terreno de Guipuzcôa é causa d'essas exaggerações e enthusiasmos irreflectidos. O carlismo recebeu um golpe terrivel, mas d'ahi a julgar-se decisiva a victoria obtida nos arredores de Irun vae uma distancia immensa.

Para se obterem esses importantes resultados, que se imaginam, seria necessario que o exercito fosse muito mais numeroso e que, depois de arrojar para a Navarra os batalhões carlistas, tivesse podido emprehender uma offensiva vigorosa, avançando para o coração de Guipuzcôa, que será sempre o verdadeiro centro das suas operações militares, sendo alli que têem as suas principaes fabricas de armas e munições. A topographia daquellas provincias exige um exercito muito superior em numero ao que possa apresentar o inimigo; pois de outro modo é uma temeridade pensar sequer em um movimento para a frente, tendo de combater em todas as horas e dentro de um circulo de fogo, com as tropas fatigadas pelo continuo subir e descer montanhas e penedias sem se poder contar com um momento de repouso.

E esta a opinião d'aquella folha e com ella se conformam ao que parece os generaes que dirigiram as operações; pela noticia de terem voltado para S. Sebastião e de se estar tratando de reembarcar as tropas, que alli haviam regressado tambem.

Infelizmente já a mudança da estação começou a fazer-se sentir no Norte; as communicações telegraphicas estão interrompidas e o estado do mar Cantabrico, não permitte que se verifique o embarque.

Os carlistas volveram para a Navarra sem serem perseguidos e levando inclusivamente a sua artilheria. Repetimos o que ha poucos dias dissémos: fracos elementos têem os carlistas se não tentam algum ataque a linha do Ebro e obter alguma vantagem sobre Moriones, em quanto as tropas de Laserna se encontram afastadas.

Os ultimos telegrammas do general Jovellar, dão por completamente limpo de carlistas o Maestrazgo.

As facções accossadas pelas forças liberaes atravessam o Ebro com direcção ás fronteiras da Catalunha, onde á sua entrada são perseguidas pelas columnas que operam n'aquelle principado, e cujo espirito tem melhorado muito.

Não ha outras novidades nas folhas do correio de hoje que alcançam a 14.

Madrid, 14—A alliança radical republicana manterá a ordem e disciplina, procurando pacificamente mas com firmeza, o estabelecimento de reformas que contribuam para a consolidação da republica democratica como baluarte contra todas as reacções.

Por se achar indisposto o ministro da guerra, foi o secretario daquelle ministerio que deu conta das noticias militares ao presidente do poder executivo.

Falla-se de um projecto para diminuir a divida publica.

Segundo os officios do general em chefe parece que tem tenção de fortificar S. Marcial, augmentar a guarnição de Irun, e continuar as operações com todo o vigor.

O jornal a *Politica* pede que se tomem duas bases de operações, uma no Ebro, e outra mais importante na fronteira, emprehendendo-as ao mesmo tempo por Navarra e Guipuzcôa, tendo uma divisão em Irun que possa occupar Vera, fechando a entrada aos recursos dos carlistas e que corte os que fogem em direcção d'Estella.

O *Diario Español* annuncia uma manifestação dos generaes radicaes militares, Cordova, Ripoll, Hidalgo, Lagunero, Carmona e outros, protestando contra o affonsismo que crêem ameaça a liberdade.

SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de *Saude*,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Depois das adhesões de muitos medicos e de varios hospitaes, ninguem poderá duvidar da efficacia desta deliciosa farinha de saude, que cura as indigestões (despepsias), gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro, e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do SS.o Papa, do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Cura 72:448. Cadiz 3 de Junho de 1868

Não posso fazer menos de manifestar a v. s.ªs os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revalesciere* a minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinaes, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual se distingue o seu attento venerador— Vicente Moyano.

Cura 69:718. Ticheville (Orne) 20 de Março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalesciére*, tenho-a administrado a varias pessoas, ás quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo n'aquelles que padeciam de hydropesia. Tres d'estes curaram completamente.— A tosse produzida por uma constipação desappareceu instantaneamente e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina e da molestias de estomago, afastando de qualquer individuo a hypocondria. PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pau e em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa,** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos, pharm.; pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm., Carvalho e Castro, pharm., José Duarte, mercearia, praça de S. Bartholomeu, José Monteiro Cortez da Gama, Rua do Visconde da Luz, 31.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm.— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A.J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

1 FRANCISCO ANTONIO MARQUES e sua filha, não lhes sendo, talvez, possivel agradecer pessoalmente não só a todas as pessoas, que durante a doença de seu prezado irmão e tio Manoel Antonio Marques, se dignaram visital-o, mas tambem ás que acompanharam seus restos mortaes, e ás que assistiram á entrada da sua ultima morada; e bem assim ás que posteriormente se dignaram comprimental-os; agradecem por este meio a todos, e lhes protestam sua eterna gratidão, pedindo ao mesmo tempo desculpa de alguma omissão involuntaria.

2 A MESA DO GOVERNO DA SANTA CASA DA MISERICORDIA desta cidade, convida a todas as pessoas que quizerem fornecer 40 duzias de solho de 12 palmos, 15 ditas de forro de 12 ditos, 18 ditas de barrotes de 17 ditos, e 12 ditas de barrotes de 12 ditos, que se apresentem no edificio da mesma Santa Casa no domingo, 22 do corrente, pelas 11 horas da manhã, cujo fornecimento será dado áquelle que em praça se obrigar fazel-o por menor preço, e nas condições que se apresentarem no acto da praça.

Substitutos a militares

3 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

ALUGA-SE

4 NA COURAÇA DE LISBOA, n.º 33, casa para 2 ou 3 estudantes.

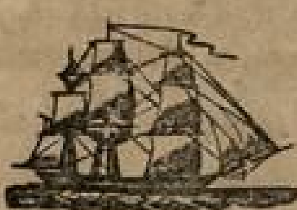
Attenção

5 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o Rio de Janeiro
Barca—GUADIANA em 26 de Novembro.

Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**
Patacho—VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

OURIVESARIA EM COIMBRA

Francisco Maria dos Santos

87—Rua do Visconde da Luz—89

7 VENDE, compra e troca ouro e prata, recebendo-se objectos pelo peso, estando em bom estado, logo que tenha a marca do Porto.

8 VENDE-SE uma propriedade sita em Vil de Mattos, que antigamente foi vinha, e que póde produzir 30 ou 40 pipas de vinho. A venda será feita no dia 29 de Novembro ao meio dia, em praça particular, na rua do Corpo de Deus, 7, em casa do sr. Amadeu Fructuoso da Silva Rocha.

O predio sera vendido junto ou separado em 4 partes, em que se acha naturalmente dividido, e o comprador ficará, querendo, com o preço da compra em seu poder, pagando juro de 5 0|0 ao anno.

O sr. Joaquim Pedro Martins, regedor em Vil de Mattos, está encarregado de mostrar a propriedade.

BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

AGENCIA NO ESPINHAL

9 AYRES AUGUSTO QUARESMA D'ALMEIDA, agente deste Banco, paga suas lettras e sacca para todas os terras onde o banco tem agencias.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

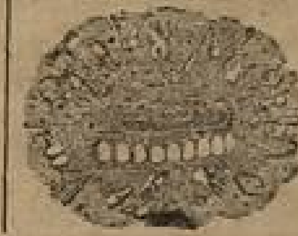
COIMBRA

10 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu — **633:462 machinas**—(mais de meio milhão!)

J. P. G. PAIVA



CIRURGIÃO DENTISTA, offerece o seu gabinete dental, rua da Calçada, n.º 82, 1.º andar, esquina ao Arco d'Almedina, a todas as pessoas que necessitem utilisar-se dos seus conhecimentos sobre a protesis dentaria; pondo em conhecimento do illustrado publico os preços seguintes:

PREÇOS DOS DENTES ARTIFICIAES

Desde 3$000 a 6$000 reis cada dente. —Elixir odontalgico para dôr de dentes 500 reis, frasco.—Pós mineraes para branquear os dentes 200 rs., caixa.—Extracção de um dente desde 240 a 1$000 rs.—Limpeza de dentes desde 500 a 2$000 rs.—Empaste desde 500 a 2$000 rs.

Attenção

12 NO ESTABELECIMENTO DOS OCULISTAS—**Bolsson & Pombar,**— rua da Calçada, n.º 86 a 90, se acaba de receber um sortimento de—*Tinteiros magicos inexgotaveis*. Cada um destes tinteiros tem um preparado chimico, que introduzindo-lhe agua pura, se transforma rapidamente em tinta administrativa, a melhor até hoje conhecida, e que dá para o consumo diario durante o espaço de 100 annos. A escolher tinta preta, vermelha e azul.

Ao mesmo estabelecimento acaba de chegar, directamente de Paris, um grande e variado sortimento de pelles para senhoras, da ultima novidade; assim como grande sortimento de oculos, lunetas de ouro, prata, aço, tartaruga, e bufalo; binoculos e oculos de alcance para campo, mar e theatro, barometros metalicos, thermometros, bussolas, areometros para vinho, aguardente, alcool e saes, vistas transparentes, etc. Faz-se toda a classe de concertos pertencentes ao ramo d'optica.

Bolsson & Pombar.

13 VENDEM-SE em conta 2 pias de lata com caixas, da capacidade de 26 a 30 alqueires d'azeite. Rua das Figueirinhas, n.º 2.

14 EM COIMBRA, na rua do Visconde da Luz, n.º 38, se diz quem precisa d'um rapaz com pratica de negocio de quinquilherias, para ganhar ordenado.

15 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa d'um official de barbeiro.

Machinas de Costura

16 EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO, na Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas do systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

DENTISTA

CEREGHETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista suisso

17 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, pôr dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados; com pasta não conhecida até hoje, e tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca tivera tido callos.

Praça 8 de Maio, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

Leccionista de Desenho

18 A. A. GONÇALVES, rua do Correio, n.º 77.

Grande sortimento em livros de missa

Arco d'Almedina.

SEVERO & IRMÃO

Tinta de copiar sem rival

SEVERO & IRMÃO

ANTONIO MARIA CARDOSO

CALÇADA—COIMBRA

21 ACABA de receber um lindo e variado sortimento de lãs, para vestidos, capas para senhoras, chales e outras fazendas. Tem pannos abretanhados, com grandes abatimentos, principiando de 90, 100, 110, 120 rs. o metro; chitas largas de 140, 150, 180 rs. o metro; meias de algodão, finas, a 100 e 110 rs., outras fazendas proprias para a estação.

NUMERO 2851 — SABBADO 21 DE NOVEMBRO DE 1874 — ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O MOVIMENTO BANCARIO EM COIMBRA

Quem comparar as transacções que se estão presentemente effectuando nesta cidade, com aquellas que tinham logar ha apenas 10 annos, achará uma differença extraordinaria, prova do grande movimento commercial, industrial e agricola que se tem desenvolvido entre nós.

Coimbra achava-se quasi isolada, sendo poucas e difficeis as suas relações com as praças de Lisboa e Porto, e com as outras terras do reino.

Actualmente nota-se um grande desenvolvimento e facilidade nas transacções, para o que concorrem diversas causas.

A primeira é sem duvida a abertura do caminho de ferro, e o melhoramento geral de todas as communicações. A segunda é o estabelecimento de agencias dos differentes bancos do paiz, e da caixa filial do *banco de Vianna*; e por ultimo a creação do *banco commercial de Coimbra*.

A agiotagem que dominava nesta cidade, e trazia subjugadas todas as classes, tem ultimamente sido annullada com a concorrencia dos bancos. Já não são tão faceis as exigencias de juros a 12, 15, 18 e mais por cento, que faziam arruinar todas as pessoas que se viam precisadas a sujeitar-se a essas usuras. Agora com uma sufficiente garantia obtem-se o que se precisa a 6, 6 ½ e 7 por cento.

E' verdade que ha em Coimbra a Misericordia, onde se dava o dinheiro a 5 por cento; porem todos sabem o que isto tinha de illusorio. Em primeiro logar, os capitaes deste estabelecimento são muito limitados, e por isso não podiam chegar para os numerosos pretendentes a elles; e em segundo, eram tão extraordinarias as difficuldades para se obter d'alli o dinheiro, e tornava-se tão moroso o processo, que só quem não podia por outra forma contrair o emprestimo é que alli se dirigia.

Hoje, com a maior promptidão se recebe a quantia de que se carece em qualquer dos bancos, logo que se dê a indispensavel abonação; e com a mesma facilidade se entrega o dinheiro, e se salda a divida. E tudo é de uma vantagem incalculavel para o commercio e para todos os ramos de industria.

Ainda os bancos trouxeram para Coimbra outra vantagem, que é o de serem uma especie de caixas economicas, onde qualquer individuo vae depositar o producto das suas economias, recebendo um juro, embora modico, mas em todo o caso util.

A abundancia de capitaes que geralmente ha, tornou indispensaveis os bancos nas principaes terras do reino, porque a não serem elles, existiriam avultadas quantias sem nenhum rendimento, em razão de se não acharem sempre para ellas prompta applicação.

O augmento de numerario é tal, que só nos bancos de Lisboa e Porto, augmentaram os *depositos á ordem* no mez de Setembro ultimo, comparados com o mez de Agosto anterior, na avultada quantia de 892:505$096 rs.; e os *depositos a prazo* augmentaram em reis 28:427$286.

Que applicação immediata podiam ter 10.620:609$727 rs. de *depositos á ordem*; e 6.169:981$220 rs. de *depositos a prazo*; sommas enormes a que ficaram elevadas estas verbas no mez de Setembro, só nos bancos de Lisboa e Porto?

Daqui se deduz a necessidade e vantagem que ha destes estabelecimentos de credito, não só naquellas terras, mas em muitas outras do paiz, com quanto não tenham a mesma importancia.

E', por isso, para lamentar, que com a creação do *banco commercial de Coimbra* tenha havido tantas desintelligencias; e que ainda depois da sua fundação se haja mostrado uma certa má vontade contra elle.

Coimbra utilisa com este e os mais estabelecimentos bancarios, e por tanto todos devem fazer votos pela sua conservação e prosperidade.

Esta terra é muito sujeita a semelhantes contrariedades na creação das suas emprezas e institutos de diversas especies; pelo que não nos admira o que agora tem acontecido com o *banco commercial de Coimbra*.

No dia 28 de Dezembro de 1849 distribuiu-se nesta cidade um *aviso e convite de interesse publico*, assignado pelos srs. Francisco da Silva Oliveira, Dr. José Manoel Ruas, Antonio Manoel Pereira e Fructuoso José da Silva, de Coimbra; e Joaquim da Silva Soares e Manoel José de Sousa, da Figueira.

Era para se realisar a creação de uma companhia, que tivesse por fim o melhoramento da nossa agricultura e commercio, facilitando a exportação de todos os productos, não só para os paizes estrangeiros, mas para os nossos portos, empregando para isso algumas embarcações de vela, e movidas a vapor; e estabelecendo o seguro maritimo e terrestre.

A manifesta utilidade desta empreza fez com que corressem a inscrever-se para ella os mais abastados proprietarios, os principaes negociantes, capitalistas, artistas, professores, e em geral quasi todas as pessoas que nella podiam tomar parte.

Instalou-se a sociedade, e nomeou-se a commissão para organisar os estatutos, os quaes chegaram a ser elaborados; mas nenhuma outra convocação houve da assemblea geral!

As companhias e bancos de Lisboa e Porto, a quem não convinha a creação de tal sociedade em Coimbra, empregaram occultamente toda a sua influencia, e conseguiram que ella se não levasse a effeito.

Tudo isto succedia no fim de 1849 e principio de 1850. Decorrido um anno,

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXIII

RODRIGO PINTO PISARRO

XXI

Começou em seguida a discutir-se o parecer da commissão de poderes, que annullava a eleição de Pinto Pisarro.

Para se verem as razões pró e contra, publicamos hoje o discurso do ministro do reino, Bento Pereira do Carmo, a favor do parecer da commissão. Havemos depois começar a publicar o notavel discurso do deputado Manoel da Silva Passos, contra o mesmo parecer; mas antes disso, publicaremos em o numero seguinte uma celebre representação do já mencionado ministro de reino, Bento Pereira do Carmo, quando era juiz de fora da villa de Ançã, em que elle, e a camara da mesma villa, em data de 29 de Maio de 1808, pediram ao imperador Napoleão para Portugal, um rei da sua familia, e uma constituição como elle havia dado ao ducado de Varsovia!!!

Eis o discurso de Bento Pereira do Carmo:

«O sr. ministro dos negocios do reino:— É necessario que appareça a verdade, disse ha pouco um illustre membro d'esta assemblea: convenho e para que ella appareça com toda a sua luz, vou cumprir a palavra que dei á camara, de relatar bem, e fielmente todo o negocio do sr. Pinto Pisarro, aproveitando do odioso delle só quanto basta para justificar o procedimento do governo.

Começo por declarar, que não conheço o sr. Pisarro, nem por beneficio, nem por injuria; e ainda que me tivesse pessoalmente injuriado, julgar-me-ia o mais indigno dos homens, se cahisse na tentação de empregar a auctoridade publica que me foi confiada, para fartar a minha vingança particular. Não tive a felicidade de emigrar, coube-me sorte mais pesada, nem fui parte nas desavenças da emigração, que provam sem sombra de duvida a verdade do que disse no seculo passado o nosso D. Luiz da Cunha—que os portuguezes eram poucos, e mal avindos.

A primeira producção do sr. Pisarro que veio ao meu conhecimento, foi a celebre proclamação de 31 de Maio de 1823, em que elle poz na bocca do sr. D. João VI de saudosa memoria, as seguintes palavras—A salvação dos povos é sempre uma lei suprema, e para mim uma lei sagrada—Não affirmo que o redactor escrevesse estas palavras de má fé: em quanto ao seu resultado, que o diga o resto do anno de 1823, todo o anno de 24, principalmente a noute de 30 d'Abril, todo o anno de 25, e parte de 26 até 31 de Julho, em que se jurou a Carta Constitucional da monarchia.

Correram os tempos, e o sr. Pisarro emigrou para paizes estrangeiros, aonde sustentou a opinião de que a regencia não pertencia a sua magestade imperial o DUQUE DE BRAGANÇA. Estou bem longe de qualificar de crime esta opinião: tolerante por caracter, e principios, considero o maior, e mais escandaloso de todos os despotismos, obrigar todos os homens a pensar como eu penso. Mas sr. presidente, quando as opiniões, e theorias são desmentidas pelos factos, insistir ainda nessas opiniões, e nessas theorias, é a meu juizo, cega obstinação, para lhe não dar o nome de maldade.

Todavia, o sr. Pisarro não parou aqui, foi mais avante, e convidou á rebelião esse punhado de bravos, reunidos sobre o pico de um rochedo, no meio do oceano, para virem fazer em pedaços os grilhões que nos amarravam; espalhando profusamente folhetos, que encerravam tão venenosas doutrinas. E agora, pergunto eu, se ellas vingassem, que seria feito de nós todos? Eu o digo: Os cadafalsos continuariam a ensopar-se do sangue da fidelidade; as costas d'Africa, a povoar-se das victimas da honra, as masmorras, serviriam de sepulchro aos martyres da lealdade, que ahi deveriam apodrecer, segundo a frase do conde de Basto, e a patria arrostaria por muito tempo ainda bem longos, e bem pesados ferros.

Escoltado por taes principios, e opiniões, appareceu em nossas praias o sr. Rodrigo Pinto Pisarro: e quando? Quando os desgraçados restos escapados ao naufragio da usurpação começavam de se espalhar por todas as provincias; quando o odio que sempre costuma sobreviver á morte da guerra civil, é mais vivo, e mais acceso; quando, em fim, todo o reino estava como atulhado de materias inflammaveis. E então seria prudente deixar cair sobre elle uma lava incendiada? Todo o governo que tal consentisse, seria altamente responsavel para com os seus concidadãos, e não merecia ser governo um quarto de hora.

Nestes termos os ministros do augusto regente assentaram que o sr. Rodrigo Pinto Pisarro fosse immediatamente posto fóra do rei-

e vendo-se que nada se tinha realisado do muito que se esperava, publicou em o dia 11 de Janeiro de 1851 a redacção deste jornal um artigo em que se lamentava e severamente se censurava este facto.

Sentimos que as dimensões do referido artigo nos impessam de aqui o reproduzir todo; mas ahi vae o final d'elle, e digam os nossos leitores se já viram nada mais de molde para o que tem acontecido em Coimbra, no anno de 1874:

«O estabelecimento de uma tal sociedade, quando não fora um objecto de immediato interesse; seria sempre pelo menos um pensamento eminentemente patriotico, que honraria os seus auctores; e que não podia ser abandonado senão por graves e ponderosos motivos.

Quaes elles fossem, não é dado dizel-o com certeza. Mas não será estranha conjectura ver nesse facto a fatal influencia de interesses rivaes e oppostos......

Coimbra é um feudo da capital.

A Companhia Fidelidade recebe daqui avultadas sommas dos predios dos seus seguros.

O Banco tem interesses que podem prejudicar-se com a concorrencia; tem dependencias—tem agencias.....que tudo podia resentir-se com o estabelecimento de uma sociedade, que tinha por primeiro fim emancipar-nos da tutela em que vivemos d'essas grandes potencias monetarias.

As sociedades de Lisboa não podem ver de bom grado, que haja nas provincias outras, que possam competir com ellas nesses contractos de enormissima lesão, de que as obras da barra da Figueira, serão sempre um padrão de indelevel vergonha.

A agiotagem tambem já guerreou aqui a caixa commercial, porque lhe tirava os lucros das suas usuras.

Não é por tanto para admirar, que nesta conjunctura, e na presença de uma empreza, que offerecia tantas probabilidades de um vantajoso resultado, e auctorisada pelos nomes respeitaveis dos seus membros, se pozessem em jogo todos os manejos,que facilmente póde empregar, quem dispõe de avultados cabedaes—quem pode dar commissões—demorar o pagamento de letras—adiantar dinheiros—em fim despender para assegurar a continuação de um monopolio, que sobejamente indemnisará essas generosidades momentaneas.

E de feito a nova sociedade Conimbricense não chegou sequer a discutir os seus estatutos!

Esqueceram-se tantos interesses—despresaram-se tantas vantagens, e tudo ficou no mesmo marasmo e apathia!

A agiotagem de *fóra* poderá livremente continuar as suas especulações, colhendo os lucros, que deviam reverter em beneficio commum desta malfadada cidade e de toda a provincia.

As companhias de *fóra* virão encarregar-se, não das emprezas que forem de maior utilidade publica; mas das que mais convierem aos seus particulares interesses, sem que haja quem as affronte.

Teremos obras como as da barra da Figueira—explorações de minas como as de Buarcos. E tudo isto por obra e graça de emprezas de fóra, e á custa de enormes lesões, que absorverão os poucos recursos que nos restam.

Não haja receio que se procure o melhoramento dos campos do Mondego, o esgoto dos pantanos, a salubridade de tantas povoações, hoje victimas do flagello de terriveis epidemias.

Não haja medo que se promova a canalisação do Mondego, ou que se emprehendam obras donde possa provir algum melhoramento para a agricultura deste districto, ou para a sua industria.

Não: que esses melhoramentos podem dar-nos vida e força—podem despertar-nos deste somno da indolencia, em que vivemos, e tornar-nos tambem industriosos e especuladores, e então lá se irão os lucros—as agencias—e as dependencias dessas colossaes fortunas, que avassallam o paiz no meio da miseria geral de todas as classes......

Todos esses manejos—todos esses calculos mesquinhos e egoistas, podem desapparecer no momento em que a maioria dos individuos de todas as classes abastadas desta cidade, e do districto,se unirem sinceramente,com o patriotico e louvavel empenho de pôrem um termo a essa agiotagem, que se traduz debaixo de todas as formas; e que desgraçadamente contraria todos os melhoramentos e todo o progresso industrial desta bella cidade, e de tantas outras povoações da provincia, fazendo mallograr quantas emprezas o generoso espirito d'associação tem feito brotar entre nós!

O exemplo dessa ultima sociedade, a que temos alludido, é bem significativo...

As consequencias são visiveis; e o remedio não é difficil.»

Felizmente, apezar de todas as contrariedades, o *banco commercial de Coimbra* conseguiu fundar-se e está funccionando; ao contrario da companhia projectada nesta cidade em 1849 e 1850, que por occultos manejos não poude organisar-se.

E já que o *banco commercial* se acha prestando bons serviços a Coimbra, todos devem estimar que elle se conserve e prospere, porque com isso ganham as differentes classes da sociedade.

O sol quando nasce é para todos; e por tanto todos os estabelecimentos têem direito a viver, e com a sua existencia muito lucra o publico.

Bom é que acabe Coimbra de ser, como tem sido a muitos respeitos, peor do que uma aldeia.

Que progrida esta cidade em todos os ramos das sciencias, da agricultura, do commercio e da industria, e que acabe a fatal inercia que aqui tem reinado, é o que do coração desejamos, e com o que todos os habitantes de Coimbra muito devem folgar.

Joaquim Martins de Carvalho.

(conclusão)

—Estimei saber que o *Instituto* vae vivendo, e que a secção de archeologia decidiu a publicação de alguns curiosos artigos de archeologia, entre outros algumas noticias relativas a *artistas portuguezes*, as quaes um respeitavel e auctorisado ancião, o sr. conego Fonseca, tem compilado de suas leituras para seu uso particular, e se pódem considerar como additamento á *Lista do Bispo Conde, D. Francisco*.

Se o meu amigo fosse socio do *Instituto*, pedia-lhe para fazer alli uma proposta; mas, como não tem o *fóro*, peço-lhe que do seu jornal faça sentir a quem compete superintender na publicação, a conveniencia de mudar as palavras *artistas portuguezes* para *homens illustres*, porque com aquelle titulo não obstante a respeitabilidade do eximio compilador, as noticias de pessoas assim prosaicamente denominadas, não serão lidas nem pelos socialistas.

—Em poucas linhas faz o meu amigo uma grande bulha com a — *Aggressão*, — e diz: «prova isto a falta de segurança que ha em Coimbra». Pois eu, com o devido respeito, digo que prova o contrario.

Em que terra, que não fosse esta, iria um troço de homens, de certo armados de alviões, alavancas e outros instrumentos destruir um caminho de ferro, derrocando a muralha que nivelava o terreno em que assentavam os carris, levantando-os e as respectivas travessas, no largo da Portagem, e ao lado das barracas dos vigias da fiscalisação dos impostos do estado e municipaes? Andariam os guardas em perseguição dos contrabandistas, que são mais do que os commerciantes matriculados, ou estariam reposando em suas tendas?

Por honra de todas as auctoridades e funccionarios, a quem compete inquirir sobre o facto, tracte-se de pôr em toda a luz este negocio; e, como precedente que faça fé a outras, garanta-se a uma empreza ou contractor por ella feitos com as estações publicas, a expectativa de que virão empregar os seus capitaes n'uma terra civilisada.

Depois de tantas contrariedades, como as que tem atravessado e superado, faltava mais esta iniquidade revoltante, e aviltante, não só para quem a praticou, seja quem quer que fosse, ou por quem mandado, como para os que tem a seu cargo o regimen administrativo e municipal de Coimbra, que foram n'isto mais offendidos que os generosos emprezarios do caminho de ferro americano.

Não ha fórma de desforço mais summaria, mais bem executada, e menos despendiosa. Aquelles Napoleões de charneca—chegaram, viram e venceram! — Digam agora os ingenuos que talvez fossem estudantes... Com operarios taes não teriam os desforços de Antuzede inquietado tanto dous illustres litigantes, — ambos os quaes venero, não obstante um ponto de admiração entre parenthesis, que sobresáe n'uma carta de um d'elles por modo injusto e nada chistoso.

Naquellas desagradaveis questões, apparece a notavel coincidencia de figurar n'ellas um Abel: faço sinceros votos por que a sua continuação não venha ainda a dar logar a que appareça designadamente um Caim.

Com estes presagios, e sem um parque de artilheria de Krupp, assestada no terraço da Estrella, veja-se como poderá ir avante o exotico jardim municipal, que com tanta excentricidade, se diz projectar-se no logar do desacato!

—Já vae longa esta carta; e o meu amigo podia bem redarguir-me— que, em quanto a massadas, vejo o argueiro no seu olho, e não sinto a tranca no meu; — mas tenho ainda duas coisitas a dizer-lhe, visto que estou com as mãos na massa... Consta, mas talvez não passe de boato falso, que está prestes a ser decretada a demolição completa d'um dos lados da rua da Calçada, para assim se evitarem despeitos de supremacias entre os membros de uma corporação,—sendo que um d'elles já está desaffrontado; outro vae sêl-o; e terceiro pleiteará seus direitos a usufruir egual regalia á do visinho; e o quarto, o da extrema da Calçada, por mais bondoso que seja, não quererá ficar atraz. Vá tudo abaixo!—era este o mote de um antigo vereador de Lisboa, e que por isso se lhe ficou chamando o—*Bota abaixo*.

—Finalmente, notei-lhe a falta do logogripho, ou da charada; e como não sou poeta, envio-lhe essas advinhações:

—Onde é a praça do Commercio?

—Onde é a rua do Aguiar?

—Para que se construem as capellas dos cemiterios?

Não posso offerecer premio aos charadistas, porque terão o da vida eterna os que lerem este aranzel; não mando mais advinhações, porque, sendo mui difficeis as que lhe envio, têem que fazer os leitores do *Conimbricense*, a quem e ao meu amigo, seu illustrado redactor, peço me concedam benigna desculpa.

O.

---

no, e eu expedi a ordem ao prefeito desta provincia.

Disse-se, porém, que o prefeito a excedera prendendo o sr. Pisarro em vez de o deportar, e que por isso era responsavel. Eu seria o mais vil, e o mais cobarde dos homens, se tirasse de mim a culpa para impotal-a ao prefeito. Eu sou o responsavel porque approvei o seu procedimento. A verdade é que o prefeito viu que para pôr em execução as ordens do governo era necessario prender o sr. Pisarro, e viu bem, como se prova da seguinte anedocta, que eu participo confidencialmente á camara.

No dia immediato á prisão do sr. Pisarro appareceu no meu gabinete um illustre deputado que me escuta, e intercedeu a favor da liberdade do preso. Disse-lhe que o governo o não queria conservar na prisão, mas tão sómente pol-o fóra do reino; e que se o padrinho dava a sua palavra de honra de que o afilhado, depois de embarcado a bordo do paquete, não saltava outra vez em terra, ia immediatamente expedir ordem para sua soltura. Respondeu-me que o consultaria, e que se elle désse a sua palavra de honra, eu podia-me fiar nella. Foi-se, e não voltou até hoje.

Se pois o sr. Pisarro depois de preso, não quiz a liberdade debaixo da condição que se lhe impunha, quem acreditará que elle solto partiria de bom grado para fóra do reino por uma simples intimação do prefeito? Mas disse-se—o governo violou a Carta, prostergou todas as formulas constitucionaes neste procedimento.—A isto dou eu a mesma resposta que deu aquelle grande homem da antiguidade a um tribuno faccioso, que lhe fazia a mesma accusação.—Eu juro, exclamou aquelle romano illustre, eu juro que salvei a patria.—Eu, sr. presidente, eu juro que o governo actual tem salvado o throno legitimo, a Carta Constitucional, e a patria: os factos fallam mais alto que as paixões.

Basta do sr. Pisarro: agora fallarei de mim. Sei que fallar de si proprio é empresa difficultosa, e arriscada: mas nesta discussão, e nas passadas alguns srs. deputados usaram a meu respeito de expressões pouco meditadas (não lhe quero dar outro nome), e então cumpre que eu me defenda. Sr. presidente, os meus meios de governo são a franqueza, a boa fé, a publicidade, a moderação firme, e não relaxada, e a justiça. Sempre tive em pouco as intrigas, os movimentos subterraneos, e todas as manhas, e ardiz de que lança mão a chamada politica, que é a arte de enganar os homens. Mas não basta dizel-o eu, é necessario proval-o: vivemos n'um seculo de tão boas palavras, e tão más obras.

Neste particular é mui parecido com o reinado de Carlos II de Inglaterra, depois da restauração dos Stuards. E como o provarei eu? Offerecendo á censura publica a minha vida publica toda inteira Adiante mais, consinto que se desça ao miudo exame da minha vida privada, pois quem não tem virtudes privadas, não tem virtudes publicas.

Agora duas palavras ácerca de partidos, pois que tantas vezes se tem aqui fallado nelles. Sou de opinião, que são necessarios nos governos representativos para servirem de barreira contra o poder quando elle quer sair do seu leito. São necessarios para se discutirem, e approvarem as melhores medidas legislativas, porque qual é o governo de boa fé que pretenda ser infallivel nos seus actos, mormente numa epocha em que se vive muito em pouco tempo; em que os successos se precipitam uns sobre os outros com uma rapidez espantosa, levando diante de si os homens, e as cousas? Não duvido pois transigir com os partidos, porque elles querem o mesmo que eu quero, isto é, a conservação; a differença existe pelo que toca aos meios de alcançar o fim.

Em quanto a estes lembro-me da sentença do celebre Fox, sentença que desejaria ver gravada profundamente na memoria, e no coração de todos os que me ouvem. Dizia este grande homem—Prefiro antes ceder alguma cousa aos meus amigos politicos, do que porme em risco de perder tudo em proveito de meus inimigos.

Se porem, sou indulgente com os partidos, sou intractavel com as facções, porque pretendem destruir: e nem como particular, nem como ministro da corôa, nem como representante da nação, jamais transigirei com elles, sejam quaes forem as cores com que se apresentem.

É tempo de virmos á questão principal. Tudo que se tem dito, e poderá dizer ainda sobre ella, reduzo eu a uma formula simplicissima, porque o meu desejo é metter, se fosse possivel, cem pensamentos numa palavra, em vez de afogar um pensamento em cem palavras. A formula é a seguinte:

Os criminosos pronunciados em querella, ou devassa, não podem ser eleitos deputados. Mas o sr. Rodrigo Pinto Pisarro, foi pronunciado em querella ou devassa, antes de ser eleito deputado: logo o sr. Rodrigo Pinto Pisarro não pode ser eleito deputado.

Como se prova a maior parte do sillogismo? Com o artigo 67 § 3.º, e artigo 68 da Carta Constitucional. Como se prova a menor? Pela certidão da pronuncia, junto ao parecer da commissão. Logo a conclusão é legitimamente deduzida.

Disse-se porem, que a pronuncia não merece este nome, porque não está completa; que as testemunhas não depozeram a verdade; que o juiz apressou uns termos do processo, e espaçou outros, etc. etc. Concedo tudo quanto quizerem, não ha um adversario mais generoso; mas o certo é que a camara não se converteu em tribunal de justiça para onde se aggrave da injusta pronuncia; e consequentemente não deve tomar conhecimento de taes allegações. Voto pelo parecer da commissão.»

(*Continuar-se-ha.*)

Joaquim Martins de Carvalho.

NOTICIARIO

Fallecimento—Falleceu em Lisboa o sr. Dr. Joaquim Freire de Macedo, natural de Coimbra, e doutorado na Faculdade de Philosophia a 17 de Junho de 1838. Desde 1853 que exercia o magisterio no lyceu da capital, como professor da cadeira de geographia, leccionando tambem em muitos collegios de educação.

Foi sempre um homem respeitavel por suas virtudes e por seu caracter affavel e extremamente bondoso. Os seus discipulos e seus collegas tributavam-lhe verdadeira affeição e intima amisade, e sua morte foi profundamente sentida pelos seus amigos e por todos os que sabiam avaliar as suas excellentes qualidades.

Pela nossa parte associamo-nos com verdadeira magua ao luto e saudade de sua carinhosa familia.

A falta absoluta de espaço impede-nos de publicar já hoje uma noticia biographica deste illustrado filho de Coimbra. Irá em o numero seguinte.

Divertimentos—São esperadas nesta cidade uma companhia de zarzuela hespanhola para o theatro de D. Luiz, e uma companhia equestre, gymnastica e acrobatica para trabalhar na praça de touros. Se esta noticia se realisar, não faltam distracções em Coimbra.

Expropriação—Brevemente vae proceder-se á demolição do resto das casas do largo da Portagem. Dizem-nos, que tambem serão expropriadas algumas moradas da rua da Calçada, do lado do poente.

Estrellas cadentes—Sendo os mezes de Novembro e Agosto as epochas em que mais apparecem estes brilhantes meteoros, não se tem observado no corrente mez grande numero delles no horisonte de Coimbra.

Olivaes—Nos arredores desta cidade são os olivaes da Arregaça os que offerecem maior colheita. Observa-se geralmente, que as oliveiras mais novas, e as mais limpas e bem podadas são as que apresentam mais fructo. Desenganem-se os lavradores, que é de rigorosa necessidade a póda bem dirigida e bem executada. Os exemplos fallam bem alto.

Feira—O mercado quinzenal de Monte Mór o Velho na quarta feira desta semana esteve muito concorrido. Houve grande abundancia de generos e fizeram-se muitas transacções.

Anniversario—Dizem-nos que se projectam alguns festejos nesta cidade, para celebrar no dia 1.º de Dezembro o famoso anniversario da nossa independencia em 1640.

Caçadas—Projectam-se varias caçadas de perdizes, coelhos e lebres, sendo as primeiras nas serras de Agrello, do Bussaco, de Pombal, etc. As segundas são mais proximas em algumas quintas dos suburbios de Coimbra; e as terceiras devem ter logar na gandra da Andorinha, onde abundam as lebres, e cujo local se presta á corrida dos galgos e dos cavallos.

Macrobia—Informam-nos, que uma senhora pertencente a uma familia desta cidade, fez ha poucos dias 97 annos, conservando ainda o pleno goso de suas faculdades intellectuaes, não succedendo porem o mesmo com as suas forças physicas, que estão em grande deterioração.

Obras publicas.—Continuam com grande actividade os trabalhos na estrada do Padrão á ponte Cidreira, e a construcção do caes do Mondego, do porto dos Lazaros para baixo. O tempo vae permittindo estas obras de grande utilidade publica, e bom é que prosigam, se o inverno consentir.

Festividade—A'manhã, domingo, na egreja de S. João d'Almedina, a irmandade dos Clerigos festeja com toda a solemnidade a Apresentação de Nossa Senhora. São oradores de manhã o reverendo sr. Augusto Eduardo Nunes, de tarde o reverendo sr. Domingos de Sousa Moreira Freire.

Despacho.—O sr. bispo conde, em attenção aos muitos e bons serviços que o sr. padre Joaquim Antonio d'Oliveira tem prestado á freguezia de Santa Cruz desta cidade,na qualidade de coadjutor, e tendo em consideração a provada intelligencia e qualidades moraes de tão exemplar sacerdote,houve por bem nomeal-o prior encommendado da mesma freguezia.

Dando os parabens ao sr. padre Oliveira pela graça que acaba de receber, felicitamos tambem os moradores da freguezia de Santa Cruz, que vão ter no seu novo pastor um digno successor do seu antigo parocho.

Doença—Pelo nosso estimavel collega do *Jornal de Coimbra* soubemos, que tem estado incommodado de saude o nosso amigo e collaborador daquelle jornal, o sr. Arnaldo Doria. Muito folgaremos que obtenha promptas melhoras.

Caminho de ferro—Organisou-se uma empresa, que se propõe construir um ramal de caminho de ferro do norte, partindo da estação de Soure e indo terminar junto de Lavos, defronte da Figueira da Foz. Os emprezarios já solicitaram do governo a respectiva licença.

Subsidio.—Foi concedido á camara municipal de Goes o subsidio de 1:061$362 reis para a construcção do lanço da estrada municipal de Goes a Alveite Pequeno, entre Goes e Carvão.

Approvação.—Pelo ministerio do reino foi approvado o orçamento supplementar da camara de Coimbra.

Mercado de Coimbra no dia 20—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 560—Dito branco 520—Dito Celorico meudo 620—Dito graudo 530—Milho branco 370—Dito amarello 360—Feijão vermelho graudo 520—Dito branco da marinha 500—Dito da terra 440—Dito frade 360—Centeio 400—Cevada 270—Tremoços 280—Chicharos 300—Grão de bico 520—Batatas 200—Vinho da Beira 650—Dito da Bairrada 850—Aguardente de 18 graus 1$500—Dita de 19 graus 1$550—Azeite velho 1$200.

Despacho—O presbytero Henrique Mendes da Costa foi apresentado, precedendo concurso documental, na egreja parochial de Nossa Senhora da Assumpção de Pedrogão Grande, bispado de Coimbra.

A' camara municipal.—Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Um justo e legal pedido fazemos á exm.ª camara, a bem de todo o municipio, e esperamos ser attendidos.

Pedimos que recommende aos seus zeladores, fiscaes, e officiaes de policia, que cumpram com rigor as disposições dos n.os 5 e 6 do artigo 30 do novo regimento de policia, que se referem ao pão mal cozido e sem o peso legal, pois que no geral,não tem o peso estipulado, e para o ter, vendem-no mal cozido, como temos observado por vezes.

Que tambem cumpram as disposições dos artigos 16, n.º 3—18, n.os 6, 7, 10, 18,22, e 23—artigo 23, n.os 3 e 4= e artigo 30, n.os 2, 3 e 4; e especialmente aquelles que prohibem a passagem de pessoas com volumes de qualquer especie pelos passeios das ruas.

Que façam tirar dos passeios das ruas, qualquer das madeiras e mais objectos que n'elles se estão vendo, porque incommodam e difficultam a passagem das pessoas, e especialmente na rua da Sophia

Tambem pedimos á exm.ª camara, que mande concertar os passeios das ruas, e com especialidade, os da Sophia, que quando chove se transformam em poços d'agua, obstando assim á passagem das pessoas.

Egualmente era muito conveniente que se empregassem os meios necessarios para impedir as chamadas=*regateiras*, ou *atravessadores*=de irem as entradas da cidade, e dentro d'ella, atravessar os objectos destinados ao consumo do publico,e que vem para a praça, porque deste trafico resulta proveito a meia duzia de pessoas, e prejuiso ao povo consumidor, que é sempre quem paga as differenças, pagando por maior preço, o que podia pagar por menos.

Tambem pedimos providencias contra o abuso commettido pelos conductores dos carros de bois, pois que devendo ir adiante delles, vão sempre dos lados, ou detraz, e isto contra o regulamento de policia.

Oxalá que sejamos attendidos em tão justo e louvavel pedido=*R. C.*»

Nova publicação.—Fomos obsequiados com um exemplar do seguinte muito interessante livro:

Viagens. Hespanha e França. Por Luciano Cordeiro.=Lisboa=deposito, livraria Pacheco & Carmo, rua do Ouro,136 a 138=1874.

Contem:=No caminho. Por Madrid. Um Philippe e varios Bourbons. *De como Velasquez tinha uma costella portuense.* O Prado. O rei Amadeu. Hospital general. Pintura hespanhola. O Museu. Os quintos. *A legitimidade de D. Carlos.* Até Santander. D. João e D. Joãosinho. S. Sebastião. As Vascongadas. *A politica hespanhola.* S. João da Luz. Entre salteadores. Bayona. *O Santa Cruz.* A Pintura em vidro. Até Paris. O Sena. Os caes. A Saint Barthelemy. Cocheiros e policias. O annuncio. Campos Elysios. O Panorama. *Vestigios da Communa.* O absyntho. As Tulherias. Dramas e theatros. A pintura franceza. O Louvre. Boulevardes. *A Fille de Madame Angot.* Renan. Fauvel. Mendes Leal. A Notre Dame, etc.

Muito agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

Flores romanticas.—Recebemos o 2.º volume das *Obras de misericordia*, por D. Enrique Perez Escrich, e versão do sr. J. B. Mattos Moreira. Contém muitas illustrações pelo sr. Raphael Bordallo Pinheiro.

Agradecemos aos editores os srs. Mattos Moreira & C.ª o exemplar com que nos obsequiaram.

Festividade—Communicam-nos o seguinte:

«Sr. redactor—Em quanto houver oradores sagrados, e povo como o da freguezia de Trouxemil, deste concelho, ainda a religião do filho de Jehova, feito homem, tem vida.

No domingo, 15 deste mez, os parochianos de Trouxemil, com os seus obolos fizeram uma festa ao martyr S. Sebastião.

O enthusiasmo e respeito que mostram no templo dava bem a conhecer, que não tinham sido contaminados desse indifferentismo religioso, que desgraçadamente abunda em nossos dias.

Foi pregador daquella funcção o muito reverendo prior da freguezia, Luciano Mendes de Figueiredo, que mais uma vez veiu á tribuna sagrada attrahir as attenções dos que o escutavam.

Bem como á semelhança da flor que no meio das outras attrae a attenção dos que as contemplam, assim foi o discurso do sr. Mendes de Figueiredo.

Nelle mostrou o valor e constancia do grande martyr S. Sebastião, que antes quiz obedecer mais a Deus, que aos homens.

Pois assim devemos nos hoje mostrar valor e constancia para nos oppormos a essa corrente de impiedade com que somos acommettidos por esses, que á sorrelfa vem introduzir na sociedade a descrença religiosa.

Espero pois, sr. redactor, dever mais este obsequio de apresentar no seu jornal esta minha expressão, com que muito me obsequeia.—S. Facundo, 17 de Novembro de 1864.—A. S. Corrêa.»

O sr. ministro das obras publicas—Diz o *Commercio do Porto* que o sr. Cardoso Avelino, ministro das obras publicas, acompanhado dos directores das obras publicas do Porto, de Braga e Vianna, director do caminho de ferro do Minho, inspector geral dos correios, e direcção da Companhia Carris de Ferro do Porto, visitou na quinta feira a estação desta companhia, em Cadouços, e percorreu a linha até á Porta do Olival, numa luxuosa carruagem, tirada por duas excellentes parelhas.

O sr. Avelino ficou agradavelmente impressionado com o que viu, e elogiou os esforços bem succedidos de iniciativa individual, tão potente naquella cidade.

Inauguração—Diz o mesmo jornal, que deve ter logar na proxima terça feira ao meio dia, em Santo Thyrso, a inauguração das obras do caminho de ferro de Bougado a Guimarães.

Para este fim já chegaram ao Porto os srs. Wilford Brett, Walker e Charles Balfour, presidente e directores da Minho District Railway Company.

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 18.—Diz-se que Moriones fez ante-hontem alguns movimentos em direcção a Andorilla.

Deram-se ordens para a captura do navio suspeito procedente de Plymouth.

Parece que Chaudordy assistirá á reabertura da assembleia.

Em consequencia das detenções dos directores de jornaes, a imprensa pede unanimemente um criterio uniforme a que ater-se e que não permitta empregar juntamente os processos governativos, judiciaes e do conselho de guerra.

O *Imparcial* julga que o conselho hontem teve importancia por ser destinado a discutir os precedentes, motivos e consequencias da prisão dos directores dos jornaes.

Suppõe-se que Sagasta exprimirá cathegoricamente a sua maneira de apreciar os factos, não aceitando os processos e emprego da auctoridade militar, prolongando-se o debate até se convir que era impossivel sustentar a medida do conselho de guerra.

Um dos ministros indicou que primeiro era preciso conhecer-se se a resolução do capitão general a apoiava.

Foram inuteis todas as razões adduzidas para inclinar o gabinete em sentido militar.

O conselho de ministros resolveu dirigir uma communicação ao conselho de guerra para suspender a causa contra os directores de periodicos, pondo-os acto continuo em liberdade.

Esta ordem recebeu algumas modificações deixando de pé os desejos do gabinete, terminando o conselho ás 8 horas e 45 minutos da noite.

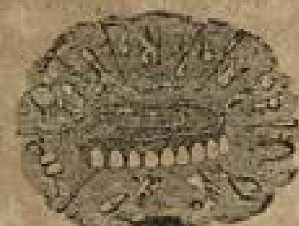
Diz-se que os ministros da guerra e fomento ficaram conferenciando com Sagasta, por Serrano e Bedoya precisarem de manifestar ao presidente o juizo que lhes merecia o accordo do conselho, que segundo a sua explicita declaração, devia ser meditado pela sua parte.

Esta manhã ainda não estavam soltos Banero, nem Roja Arias.

Espera-se que no conselho de hoje presidido por Serrano, sejam debatidas estas rasões entre Serrano, Bedoya e o presidente do conselho.

ANNUNCIOS

J. P. G. PAIVA



CIRURGIÃO DENTISTA, offerece o seu gabinete dental, rua da Calçada, n.º 82, 1.º andar, esquina ao Arco d'Almedina, a todas as pessoas que necessitem utilisar-se dos seus conhecimentos sobre a protesis dentaria; pondo em conhecimento do illustrado publico os preços seguintes:

PREÇOS DOS DENTES ARTIFICIAES

Desde 3$000 a 6$000 reis cada dente.—Elixir odontalgico para dôr de dentes 500 reis, frasco.—Pos mineraes para branquear os dentes 200 rs., caixa.—Extracção de um dente desde 240 a 1$000 rs.—Limpeza de dentes desde 500 a 2$000 rs.—Empaste desde 500 a 2$000 rs.

... Maximo de Oliveira Pimentel, visconde de Villa Maior, par do reino, lente da escola polytechnica de Lisboa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, official da de Torre e Espada do valor, lealdade e merito, da Legião de Honra, e reitor da Universidade de Coimbra.

Faço saber que, o jury do concurso para o provimento de uma substituição que se acha vaga na faculdade de Mathematica, constituido na conformidade do artigo 3.° do decreto de 22 de Agosto de 1865, composto dos lentes proprietarios e substitutos da mesma faculdade os drs. Raymundo Venancio Rodrigues, Florencio Mago Barreto Feio, Francisco Pereira de Torres Coelho, Luiz da Costa e Almeida, José Joaquim Pereira Falcão, João José d'Antas do Souto Rodrigues, e Gonçalo Xavier de Almeida Garrett, resolveu:

1.° Que o lente de prima jubilado da mesma faculdade, o dr Abilio Affonso da Silva Monteiro, faça parte do jury, na qualidade de supplente, para cumprimento do disposto no § 2.° do artigo 3.° do decreto de 22 de Agosto de 1865;

2.° Que as lições prescriptas no artigo 11, a que devem satisfazer os dois candidatos, unicos que apresentaram os seus requerimentos na qualidade de oppositores, os Drs. João Ignacio do Patrocinio da Costa e Silva Ferreira e Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto, comecem pela defeza á dissertação, tendo logar no dia 11 do proximo futuro mez de Janeiro; que as lições sejam nos dias 19 e 27 do mesmo mez, observando-se o que se acha consignado no § 2.° do artigo 15, do citado decreto, e as provas praticas no dia 30 do dito mez;

3.° Que os pontos sejam tirados ás dez horas, e que as lições comecem á mesma hora.

E para constar mandei passar o presente. —Paço das escolas em 9 de Novembro de 1874.—E eu Manoel Joaquim Fernandes Thomaz, secretario, o subscrevi = *Visconde de Villa Maior*, reitor.

Está conforme. = *Manoel Joaquim Fernandes Thomaz.*

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE COIMBRA

3 É NOVAMENTE CONVOCADA a assembleia geral, na proxima segunda feira, 23 do corrente, pelas 6 horas da tarde, para a continuação da discussão do projecto de reforma dos estatutos.

O 1.° secretario,
J. A. Vieira da Fonseca.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

4 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu — **633:462 machinas** —(mais de meio milhão!)

NOVA MERCEARIA

DE

Victorino H. Lebre

RUA DA CALÇADA, N.os 157 E 159.

5 RECEBEU um bom sortimento de figos em ceiras de 15 e 4 kilos, caixas de 4 e 2 kilos, nova passa de Torres Novas, e de Alicante; queijo flamengo; genebra Folkink e hollandeza a 440, 500 e 600 reis a botija, e no mais faz preços sem rival

Chá de 1$200, 1$400, e 1$600 reis, (muito especial).

Grande sortimento de vinhos do Porto e licores.

AGRADECIMENTO

6 ANTONIO MARIA DA GAMA e José Maria Duarte, sendo-lhes, talvez, impossivel agradecer pessoalmente a todas as pessoas que durante a doença de sua prezada mulher e tia Rita de Jesus, lhes testemunharam as mais acrisoladas provas de amisade, visitando-a; e a todas as que tiveram o incommodo de a acompanhar á sua ultima morada; e bem assim a todas as que depois lhes vieram testemunhar o seu sentimento; vem deste modo agradecer-lhes todas as attenções que se dignaram prodigalisar-lhes, protestando a todas seu eterno reconhecimento.



ESTABELECIMENTO DE ALFAIATE

8 Rua do Infante D. Augusto 10

7 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO, premiado com a medalha de prata na Exposição Districtal de Coimbra, e na Exposição de Vienna d'Austria, participa aos seus freguezes e amigos, que, alem do grande e variado sortimento que sempre tem, de fazendas nacionaes e extrangeiras, acaba de receber nova remessa propria para a presente estação.

O bom sortimento, a modicidade dos preços e a promptidão com que costuma servir os seus freguezes, continuará a ser fielmente executado.



Machinas de Costura

8 EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO, na Praça de S. Bartholomeu, n.° 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas do systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

PIANO

9 VENDE-SE um na Couraça de Lisboa, n.° 17, onde se póde ver desde as 4 até as 6 horas da tarde.

AGRADECIMENTO

10 JOSÉ MARQUES MANSO, penhoradissimo pela bondade de todos os seus amigos, que na sua afflicção e dor, pela perda do seu filhinho, o honraram com a sua presença, e que acompanharam aquelle anjo até á sua ultima morada, agradece do fundo do coração, e a todos protesta o mais profundo reconhecimento.

DENTISTA

CEREGHETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista suisso

11 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, pôr dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados; com pasta não conhecida até hoje, e tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca tivera tido callos.

Praça 8 de Maio, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.° 52.

Liquidação de fazendas com 50, 60 e 70 por cento de abatimento !!!

ANTONIO DINIZ CARVALHO

32—Rua do Corvo—38

12 CONSTA A LIQUIDAÇÃO de grande numero de objectos de malha, bordados, lenços de seda, chales, flores francezas, lãs, e lindos cortes das mesmas para vestidos, chapeus para senhoras e outros muitos artigos que estarão patentes.

Alem das fazendas de preços reduzidos, continua a haver grande e esmerado sortimento de todos os artigos adequados ao estabelecimento, proprios da estação e no gosto da epoca, que se vendem por preços muito commodos.

Attenção

13 NO ESTABELECIMENTO DOS OCULISTAS—**Bolsson & Pombar**,— rua da Calçada, n.° 86 a 90, se acaba de receber um sortimento de—*Tinteiros magicos inexgotaveis*. Cada um destes tinteiros tem um preparado chimico, que introduzindo-lhe agua pura, se transforma rapidamente em tinta administrativa, a melhor até hoje conhecida, e que dá para o consumo diario durante o espaço de 100 annos. A escolher tinta preta, vermelha e azul.

Ao mesmo estabelecimento acaba de chegar, directamente de Paris, um grande e variado sortimento de pelles para senhoras, da ultima novidade; assim como grande sortimento de oculos, lunetas de ouro, prata, aço, tartaruga, e bufalo; binoculos e oculos de alcance para campo, mar e theatro, barometros metalicos, thermometros, bussolas, areometros para vinho, aguardente, alcool e saes, vistas transparentes, etc. Faz-se toda a classe de concertos pertencentes ao ramo d'optica.

Bolsson & Pombar.

14 NO JUIZO ORDINARIO de Miranda do Corvo, comarca da Louzã, escrivão Faroia, correm editos de 30 dias, a contar desta data, a requerimento de Maria da Piedade, viuva de João Marques Flor, para por si e como tutora de seus 3 filhos, menores de 12 annos, se habilitarem como unicos herdeiros d'aquelle seu fallecido marido e pae, á herança que o mesmo deixou em Lavras de Caçapaba, provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul, imperio do Brasil, onde o mesmo falleceu; e por isso se chamam todas as pessoas incertas que tenham direito á referida herança a que o venham deduzir, pena de lançamento.

O escrivão do processo—*Antonio Augusto de Andrade Faroia.*

DOCTOR IN ABSENTIA

15 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o Rio de Janeiro
Barca—GUADIANA em 26 de Novembro.
Galera=INDIA.

Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**
Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.° 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

Attenção

17 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

Substitutos a militares

18 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.° 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

ALUGA-SE

19 NA COURAÇA DE LISBOA, n.° 33, casa para 2 ou 3 estudantes.

20 EM COIMBRA, na rua do Visconde da Luz, n.° 38, se diz quem precisa d'um rapaz com pratica de negocio de quinquilherias, para ganhar ordenado.

21 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa d'um official de barbeiro.

Grande abatimento em livros de missa

Arco d'Almedina

SEVERO & IRMÃO

Tinta de copiar sem rival

SEVERO & IRMÃO

NUMERO 2852 — TERÇA FEIRA 24 DE NOVEMBRO DE 1874 — ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A UNIÃO IBERICA

Depois de tantas vezes agitada a questão iberica, volta de novo a imprensa de Madrid a tratar desta velha pretensão hespanhola, já triumphantemente refutada com a espada e com a penna.

Ultimamente o jornal que mais se tem occupado deste assumpto é o *Imparcial* de Madrid; vindo mais uma vez provar, que no paiz visinho se sabe tanto, ou ainda menos das opiniões e das cousas de Portugal, do que na China ou no Japão.

Com effeito, a nação portugueza é muito ingrata para com os hespanhoes! Querem estes a todo o custo felicitar-nos, e nós em logar de nos mostrarmos reconhecidos a tantos favores, repellimol-os! Já é cegueira da nossa parte.

E' verdade, que Filippe II quando se apoderou de Portugal, faltou escandalosamente a tudo quanto promettera nas côrtes de Thomar; é tambem certo que Junot, cumpriu a *protecção* que promettera aos habitantes de Lisboa, roubando-os e a toda a nação;— mas emfim, esses exemplos da *benevolencia* das nações extrangeiras para comnosco, já são antiquados, e não devem impedir-nos de desejar a *união iberica*. Os hespanhoes promettem agora ser para com os portuguezes umas pombas sem fel, uns perfeitos anjos de bondade; e ninguem deve duvidar das suas promessas!

Ao *Imparcial* de Madrid serviram ha pouco de excellente mina a explorar, tres cartas que publicou, e que diz serem de um general, um professor, e um jornalista portuguezes, nas quaes elles se mostram partidarios da união dos dois paizes, e tratam de indicar as vantagens dessa ligação.

Não temos muita duvida em suppor, que taes cartas fossem forjadas na propria redacção do jornal de Madrid; mas admittindo mesmo que ellas não sejam apocryphas, que se conclue d'ahi? E' que em Portugal ha tres traidores á patria, facto que não seria novo, pois que:

.....tambem dos portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

Quando os francezes invadiram em 1807 e 1808 a Hespanha, e os filhos desse paiz, desde os Pyrineus até ao estreito de Gibraltar, desde Valencia até Cidade Rodrigo, se levantaram como um só homem para expulsar os extrangeiros, houve, não obstante, um D. Gonçalo O'Farril, que se prestou a ser ministro da guerra do rei José Bonaparte, e um D. Marianno Luiz de Urquijo, que não teve duvida em ser seu ministro do reino;— e porventura o procedimento destes traidores á patria, escureceu os feitos heroicos de Madrid, de Baylen, de Saragoça, de Figueras, de Tarragona, de Cadix, de Talavera, de Albuera, dos Arapiles, de Victoria, e tantos outros? Os nomes daquelles indignos hespanhoes empanaram o brilho de um Castanos, de um Palafox, de um marquez de la Romana, de um Balesteros, de um Mina, e de tantos?

Tambem em Portugal, alguns fidalgos, invejosos do Mestre de Aviz, se bandearam com o rei de Hespanha; e obstou isso, a que os portuguezes derrotassem os estrangeiros em Aljubarrota, e fundassem a nova dynastia?

Da mesma forma, depois de 1640, um duque de Caminha, um marquez de Villa Real e outros fidalgos, tentaram atraiçoar a patria, preferindo os inimigos della, a ajudarem a collocar no throno ao duque de Bragança;—e evitou esse punhado de traidores, que a nação portugueza, depois de uma luta heroica de 28 annos, firmasse a sua independencia?

Ainda hoje, no folhetim deste mesmo numero, publicamos uma notavel representação, feita em 29 de Maio de 1808, pelo juiz de fóra de Ançã, Bento Pereira do Carmo, e pela camara da mesma villa, em que pediam a Napoleão um rei da sua familia e uma constituição para Portugal.

Quando tal representação chegasse ao poder de Napoleão e dos seus ministros em Paris, de certo, a julgar pelo conteudo della, haviam de acreditar que toda a nação portugueza aborrecia a dynastia de Bragança, e preferia a influencia e dominio de Napoleão no solo Lusitano; e comtudo, ainda não tinha decorrido um mez, depois que a referida representação havia sido assignada em Ançã, e já todo o reino de Portugal se tinha sublevado, conseguindo com a ajuda dos inglezes expulsar os francezes do nosso territorio.

Aqui tem, portanto, o *Imparcial* de Madrid, o valor que deve dar ás cartas com que tem feito tanto barulho.

Desenganem-se os hespanhoes de uma vez para sempre, que a nossa indole e os nossos habitos são diametralmente oppostos aos seus. Podemos viver em boa paz como visinhos, mas unidos como nação—nunca!

Os homens politicos dos differentes paizes da Europa, limitavam-se a julgar topographicamente a questão de peninsula; e quando olhavam para o mappa, e não viam raias que desde os Pyrineus até ao Oceano separassem os dois paizes, achavam que não se justificava a independencia de Portugal.

Hoje, porem, essas opiniões superficiaes tem-se geralmente modificado perante a razão e os factos.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXIV

RODRIGO PINTO PISARRO

XXII

Tendo publicado em o numero passado o discurso do ministro do reino Bento Pereira do Carmo, parece-nos que não desagradará o publicar hoje, por incidente, um curiosissimo documento, relativo ao mesmo Bento Pereira do Carmo, quando elle era em 1808 juiz de fora de Ançã. Este documento, geralmente desconhecido, parece-nos que sae agora pela primeira vez á luz.

A representação de Bento Pereira do Carmo e da camara de Ançã, prestava-se a uma larga e severa analyse.

Para todos os signatarios do celebre documento, já de nada servia a dynastia de Bragança! Desejavam antes um rei da familia de Napoleão!

Em quanto á constituição, preferiam, pelo que se vê, uma dada por aquelle imperador, á imitação da de Varsovia, em logar dos tres estados do reino, ou de qualquer outra constituição feita por umas côrtes portuguezas.

O que tem graça é entender Bento Pereira do Carmo e a camara de Ançã, que todos nós os portuguezes somos de origem franceza; e que á nação franceza é que devemos a nossa liberdade na epocha memoravel de 1640. Só esqueceu a Bento Pereira do Carmo e á camara de Ançã a paz dos Pyrineus, feita por interesses dynasticos, em que a França nos sacrificou á Hespanha!

E que diremos á classificação de *digno do amor dos portuguezes*, que os mesmos signatarios fazem de Junot, *o illm.° e exm.° sr. duque de Abrantes?!*

Pondo de parte a ignominia de pedir a Napoleão um rei estrangeiro e uma constituição para Portugal, não extranhamos que Bento Pereira do Carmo já em 1808 desejasse uma constituição, porque nisso foi depois coherente, na occasião de ser deputado das côrtes de 1821; mas o que causará uma geral surpreza, é o ver que do extincto concelho de Ançã saisse um dos mais antigos pedidos de uma constituição para este reino!

Em fim, seja como fôr, ahi vae o famoso documento:

—

«Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1808, aos 29 dias do mez de Maio do dito anno, nesta villa d'Ançã, e casas da camara d'ella, aonde eu escrivão vim com o Dr. Bento Pereira do Carmo, como tambem os mais officiaes da camara adiante assignados, e bem assim com as pessoas mais distinctas dentre a nobreza e povo desta villa e seu termo, e ali perante todos, depois d'elle ministro ter lido a carta que de Bayona em data de 27 d'Abril, os deputados portuguezes dirigiram aos seus concidadãos, recitou o seguinte discurso:

«Senhores. Haveis acabado de ouvir na carta dos deputados deste reino as promessas da vossa felicidade, feitas e afiançadas em nome do augusto imperador que nos governa: seremos uma nação independente, conservaremos o nosso caracter nacional, avivado pelo vigor e sabedoria de Napoleão o grande. Tal é a dita que o venturoso futuro offerece aos portuguezes; mas para virem a effeito tão solemnes promessas, é mister todavia que os nossos concidadãos se tornem dignos della.

É mister depor todos os prejuisos, ou filhos da educação, ou do antigo systema de governo; é mister que animados do mesmo espirito nos unamos todos a nossos irmãos, á grande familia europea.

Já não ha Pyrineus, dizia um rei de França no começo do seculo passado, quando seu neto vinha occupar o throno de Hespanha. Nós com maior razão diremos agora, já não ha barreiras, que separem um povo de outro povo. Cessaram já d'uma vez os odios e antipathias nacionaes, pois que o genio immortal do grande Napoleão tem alhanado todos os tropeços, ou levantados pela nobreza, ou nascidos de preoccupações vulgares.

Os francezes, italianos, portuguezes, hespanhoes, e napolitanos não formam d'aqui em diante mais do que uma grande familia de irmãos, regida por um systema uniforme, e luminoso.

Este systema organisado por sua magestade imperial e real, posto em effeito por elle, e sua augusta dynastia, tem por fim a felicidade geral do continente, que é o resultado da felicidade individual das familias.

Não tardarão a luzir na Europa os dias d'oiro, apenas sonhados por nossos avós, em que á sombra d'uma paz permanente possam as nações entregar-se com porfia aos trabalhos da agricultura, da industria e do commercio; dias em que todo o individuo sentirá em cada momento de sua existencia a felicidade de viver debaixo do poderio de Napoleão o grande.

Eu vos convido, senhores, a que deis as devidas demonstrações de jubilo por tão lisonjeiras esperanças; mas devemol-o fazer de uma maneira digna do soberano, e da nação. O imperador é um pae, que no meio das mais ternas effusões de coração escuta com bondade os brados de seus filhos; na qualidade de pae receberá com benevolencia os nossos sinceros agradecimentos, e tambem as nossas supplicas;

Depois de 7 seculos e meio, mantem Portugal a sua independencia; vivem os seus habitantes em perfeita harmonia; e as suas finanças, se não são administradas tão perfeitamente como seria para desejar, em todo o caso paga-se em dia aos empregados do estado, satisfazem-se pontualmente os juros da divida nacional, e desenvolvem-se progressivamente os melhoramentos publicos.

Em quanto isto succede em Portugal, vê-se a Hespanha permanentemente a braços com a guerra civil, que se tornou naquelle paiz um estado chronico; e guerra tão barbara e assoladora, que parece mais propria de selvagens do que de um povo civilisado;—ao mesmo tempo que as suas finanças estão peores do que as da Turquia!

Ora se os hespanhoes folgam de se tornar pelo seu procedimento o escandalo da Europa no seculo XIX, vivam assim, mas não queiram estender até nós os seus costumes, a sua indole e o seu governo.

Pela nossa parte dispensamos-lhes completamente a sua *protecção á franceza.*

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

CONFLICTO COM O CABIDO DE BRAGANÇA

Consta que se estabelecera ultimamente um conflicto entre o sr. ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, e o cabido de Bragança.

Pelo fallecimento do bispo o sr. Alves Feijó, insinuou o sr. Barjona ao cabido para que *elegesse* vigario capitular o sr. bacharel José Maria da Cunha, abbade de Santa Valha. O cabido respondeu que tambem tinha nos [illegible] nos dignos de serem vigarios capitulares; e em seguida elegeu para esse cargo ao seu mestre escola. E finalmente em desforço, o sr. Barjona ordenou ao governador civil de Bragança, que interrompesse todas as relações officiaes com o cabido e o novo vigario capitular.

Não ha duvida que o facto dos governos insinuarem aos cabidos, os individuos que desejam ver eleitos vigarios capitulares, tem sido não só praticado durante o systema liberal, mas já no governo absoluto.

Por exemplo, depois da prisão do bispo de Coimbra, D. Miguel da Annunciação, foi insinuado ao cabido, em decreto de 9 de Dezembro de 1768, que seria muito do agrado de el-rei, que fizesse a eleição de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, para o emprego de vigario capitular, por confiar d'elle que havia de cumprir como devia a sua obrigação.

E' certo, portanto, que tem sido praticada a insinuação por parte dos governos portuguezes; mas será justificado o castigo imposto ao cabido, que não concorda com essa insinuação?

O concilio de Trento incumbiu exclusivamente ao cabido o *eleger* o vigario *capitular.* Ora *eleger,* é *escolher;* e por ventura ha *liberdade na escolha,* logo que se *coage* os cabidos a *elegerem* um *unico* individuo que se lhes propõe?

O sr. Dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro dizia na primeira edição dos seus *Elementos de direito ecclesiastico portuguez:*

«Os padres de Trento, dando ao cabido «*sede vacante*, a nomeação do seu vigario, não «o sujeitam neste acto á influencia de ninguem; mas o nosso governo, vencendo mais «ou menos repugnancias, tem constantemente «posto entre as regalias da corôa a dos cabi«dos não elegerem sem insinuação regia.»

A Congregação do *Index* em Roma, condemnou este paragrapho, juntamente com outros do referido livro.

Na segunda edição, tratando de se defender, disse o sr. Dr. Carneiro a este respeito o seguinte:

«O texto, sem occultar a repugnancia dos «cabidos, affirma, porque é verdade, que sem«pre o governo contou e conta esse acto en«tre as regalias da corôa. Não podia o auctor «fazer mais.»

A Congregação do *Index* condemna o simples facto da insinuação aos cabidos; mas pondo de parte essa questão, encararemos agora só a coacção feita ao cabido de Bragança. Diz-se-lhe peremptoriamente:—ou *elege* quem te mandamos, ou morrerás de fome.

Pela nossa parte, amantes como somos dos principios liberaes, e querendo que a todos se mantenham os seus direitos; diremos, que é uma revoltante violencia forçar os cabidos a exclusivamente *eleger* quem a auctoridade civil lhes manda.

N'esse caso, que façam os governos as nomeações, embora nullas, e não pretendam que os cabidos pratiquem um acto *irrisorio,* e indigno de toda a corporação que se preza.

E' possivel que o procedimento que tem tido alguns ministros, e agora está tendo o sr. Barjona, seja applaudido por muitos;—para nós, porém, não passa de um manifesto abuso do poder, e uma injusta invasão de attribuições alheias, a pretexto de manter as chamadas regalias da corôa.

E' com razão que já disse na assembleia franceza o celebre abbade Siéyes—*Quereis ser lieres, mas não sabeis ser justos!*

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

PEDIDO SATISFEITO

Consta ao nosso collega da *Correspondencia de Coimbra,* que a mesa da Santa Casa da Misericordia desta cidade vae pedir auctorisação ao governo para comprar a casa contigua ao arco do Collegio Novo.

Muito folgamos que a mesa da Santa Casa assim attenda ao pedido que ha dias lhe fizemos, no artigo com o titulo—*Desmoralisação.*

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

JUSTOS PEDIDOS

Temos instado neste jornal para que o governo faça cumprir a lei de 30 de Março de 1861, que manda applicar 600$000 rs. annuaes para a conservação e reforma do grandioso templo de Santa Cruz.

Infelizmente, até hoje ainda não podemos, nem merecemos ser attendidos do governo; o que tanto mais sentimos, quanto não havemos feito senão pedir a execução de uma lei, em beneficio de um dos mais notaveis monumentos de Coimbra.

Temos, porem, a satisfação de dizer, que a junta de parochia de Santa Cruz, resolveu em sessão de hontem, representar ao governo, para que se dê cumprimento á mencionada carta de lei; e resolveu mais ir pessoalmente á camara municipal, pedir-lhe para representar no mesmo sentido.

E' de esperar que estas duas corporações consigam o que não temos podido obter.

Tambem a mesma junta de parochia, achando fundadas as queixas que temos feito neste jornal, contra o facto de se consentir, junto ao templo de Santa Cruz, mulheres assando castanhas; deliberou pedir á camara que mande cessar este abuso.

E' digna de louvor a junta de parochia de Santa Cruz, pelas resoluções que acaba de tomar; e bom é que as corporações municipaes e parochiaes se vão interessando pelos melhoramentos publicos, a ver se Coimbra justifica a cathegoria que pretende de terceira cidade do reino.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

AGRADECIMENTO

Cordealmente agradecemos aos nossos esclarecidos collegas—*Jornal de Coimbra—Revolução de Setembro—Diario de Noticias—Diario Popular—Jornal de Lisboa—Primeiro de Janeiro—Jornal da Tarde—Commercio do Minho—Correspondencia de Leiria*—e *Gazeta Setubalense*—as palavras obsequiosas que nos dirigiram, pelo motivo de haver este jornal encetado o 28.° anno da sua publicação.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Faculdade de Direito. — Terminou hontem o concurso a duas substituições vagas na Faculdade de Direito. Foram approvados, pela ordem da antiguidade, os srs. Drs. Avelino Augusto Cesar Maria Calisto e José Pereira de Paiva Pita.

Guarnição.—Saiu no domingo o destacamento de cavallaria 8, que estava de guarnição nesta cidade. Foi reunir-se ao corpo, que marcha para Tancos, para a escola de instrucção militar alli estabelecida. E' digno de elogio a disciplina desta força no quartel de Coimbra. Entrou no mesmo dia um destacamento de cavallaria 3, que veio render o que saiu.

Companhia gymnastica. — Deu o primeiro espectaculo na tarde de domingo na praça dos touros. Teve pequena concorrencia.

Theatro.—Houve espectaculo no dia 21 no theatro de D. Luiz, dado pela companhia de curiosos e amadores da arte dramatica. A casa encheu-se completamente, e os actores foram applaudidos.

Curiosidade —O nosso patricio e amigo, o sr. Domingos Pinheiro Augusto Brandão, residente em Alcoentre, é um collecionador infatigavel de photographias, gravuras, desenhos e lithographias.

Quando este cavalheiro, ha pouco esteve em Coimbra de visita á sua familia e aos seus numerosos amigos, tivemos occasião de ver dois excellentes albuns, um contendo uma curiosa e escolhida collecção de costumes nacionaes, e outro uma serie de brasões das principaes cidades e villas de Portugal e até algumas do Brasil, com a explicação succinta de cada emblema.

São dois albuns de grande merecimento. Possue ainda o nosso amigo curiosas collecções de estampilhas de todos os paizes, e milhares de photographias de monumentos, de

---

e na qualidade do maior monarcha, do mais poderoso imperador do universo, fará sem duvida tudo quanto fôr a bem da nossa prosperidade.»

E logo, findo que foi este discurso, assentaram elle ministro, e mais officiaes da camara, e pessoas distinctas que assistiram á sessão, abaixo assignadas, que se dirigisse ao nosso augusto soberano, por via do illm.° e exm.° sr. duque d'Abrantes, que tão digno se tem feito do amor dos portuguezes, a seguinte:

REPRESENTAÇÃO

«Senhor. A camara da villa d'Ançã, comarca de Coimbra, como representante de oito mil de seus concidadãos, vae aos pés do elevado throno de vossa magestade imperial e real agradecer-lhe com expressões, filhas do amor e admiração, os altos beneficios, com que a bondade de vossa magestade imperial e real, quer beneficiar os portuguezes.

A camara, senhor, conhece que todos nós somos de origem franceza: que a um principe francez é que devemos a nossa organisação politica, que tem durado por espaço de 700 annos: que á nação franceza é que somos devedores ainda do recobramento da nossa liberdade na memoravel epocha de 1640: finalmente conhece a camara que vossa magestade imperial e real acaba de sacudir o vergonhoso jugo, que ha muitos annos fazia gemer em segredo os amigos da patria, sendo reduzida a colonia dos eternos inimigos do continente; uma nação que nos dias brilhantes de sua prosperidade foi reconhecida por mestra do commercio e marinha dos europeus.

Nós pretendemos ser mais do que então fomos, senhor, e é por isso que imploramos a vossa magestade imperial e real a mui distincta mercê de nos conceder um soberano da sua imperial familia, e uma constituição que seja em tudo semelhante á que vossa magestade imperial e real houve por bem dar ao ducado de Varsovia, alterando-se unicamente o modo de eleger os representantes nacionaes, que entre nós parece que deve ser pelas camaras, para melhor se conformar com os nossos antigos costumes.

Queremos uma constituição em que, bem como na de Varsovia, a religião do estado seja a catholica apostolica romana, protestando pela admissão de todos os principios da ultima concordata do imperio francez com a sé romana, sendo porem tolerados todos os cultos.

Uma constituição, senhor, em que todos os cidadãos sejam eguaes ante a lei, e em que o nosso territorio europeu seja dividido em oito ou mais departamentos, regulando-se por esta divisão civil a ecclesiastica.

Uma constituição em que haja no ministerio um ministro encarregado da instrucção publica, e em que se estabeleça a liberdade de imprensa como no imperio francez, porque a ignorancia e o erro causaram a nosso decadencia.

Uma constituição em que o poder executivo deva instruir-se por um conselho de estado, e sejam seus decretos cumpridos por ministros que fiquem responsaveis pela sua execução, e em que a ordem judiciaria, fique independente, e julgue pelo codigo de Napoleão.

Uma constituição em que os funccionarios publicos sejam os mais benemeritos d'entre os nacionaes, como se determina no titulo 11 da dita constituição polaca, e que chegando-se a organisar, e reduzir os corpos d'administração civil, economica, e judiciaria, como é de interesse publico, fiquem os demittidos conservando vitaliciamente os seus ordenados, relativos aos cargos, officios, ou beneficios de que foram destituidos, e que vagando qualquer emprego, lhes seja dado com preferencia, se tiverem merecimentos e costumes.

Uma constituição, finalmente, em que os bens dos corpos de mão morta, adquiridos contra o interesse nacional, e lei deste reino, desde a lei do sr. D. Diniz de 21 de Março de 1291, voltem todos á circulação; em que a distribuição dos impostos seja proporcionada aos haveres de cada individuo, sem que algum fique isento de pagal-os procurando-se que a sua arrecadação seja mais facil e suave, e em que a divida anterior do estado seja consolidada e garantida.

Senhor, estes são os nossos desejos. Vossa magestade imperial e real não verá na declaração sincera de nossos sentimentos senão a confiança illimitada que temos, bem como toda a nação, na magnanimidade do arbitro da Europa. O seu nome, senhor, viverá nos nossos corações, e nos corações de nossos filhos até á derradeira posteridade, e nós não cessaremos de clamar no seio de nossas familias—Viva Napoleão o grande, viva a sua augusta dynastia.»

E desta sorte houveram este auto por feito e acabado, que elle ministro, officiaes da camara, e nobreza aqui assignaram: e eu Manoel Pedro d'Almeida, escrivão da camara o escrevi e assignei—Manoel Pedro d'Almeida—O juiz de fora Bento Pereira do Carmo—O vereador mais velho Antonio dos Reis Camello—O vereador Francisco da Silva Lobato Cortesão—O terceiro vereador Francisco Bernardo da Costa Freire—O procurador da camara José Rodrigues—Francisco d'Abreu Pereira Coutinho, prior—José de Gouvea d'Almeida Beltrão—Luiz Beltrão de Gouvea e Lucena—Antonio José Valerio—José Angelo Saraiva de Carvalho—Francisco de Paula e Oliveira—Joaquim José Colaço Brandão—Christovão Lopes Cerveira.»

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

paisagens, e de retratos. Alem deste culto, o sr. Brandão tambem é amador apaixonado de livros e de flores.

Fallecimento.—Falleceu o photographo mais antigo que existia em Coimbra, o sr. Arsene Hayes, estabelecido na rua da Sophia. Em francez e professava ideas pronunciadamente republicanas.

Pantanos.— Tem diminuido muito os pantanos nos campos de Coimbra, depois que a direcção das obras do Mondego tem aberto e limpado as vallas principaes. Não só tem augmentado a area dos terrenos cultivados, mas tem melhorado consideravelmente a saude publica. Em muitos locaes, em que as febres intermittentes eram endemicas, e faziam grandes estragos, desappareceu completamente esta molestia.

Trabalhadores.— Tem passado por esta cidade muitos grupos de trabalhadores da Beira, que vão contractados para varias obras em outras provincias.

Molestia das gallinhas.— Tem grassado nos arredores de Coimbra uma epidemia nas gallinhas, causando grandes prejuisos aos lavradores.

Annuario.—Está no prélo o annuario da Universidade para 1875. Deve trazer a gravura da magnifica bibliotheca, que excita tantos gabos a todos os viajantes.

Ponte de Coimbra—Tem custado a quantia de 33:400$000 reis o ferro empregado na ponte desta cidade.

Expropriação—A companhia mineira e industrial do Cabo Mondego requereu a expropriação por utilidade publica, de terrenos pertencentes á demarcação da mina de Carvão da Buarcos, e que haviam sido concedidos ao conde de Farrobo, antigo concessionario da mesma mina.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Rita de Jesus, filha de José Moura e de Ignacia de Jesus, natural de Coja, de 64 annos, fallecida no dia 15 de Novembro.

Maria d'Assumpção, filha de Manoel Flora e de Thereza de Jesus, natural da Pedrulha, de 1 anno e 9 mezes, fallecida no dia 16.

Antonio Francisco dos Santos, filho de Francisco Antonio dos Santos e de Josepha Bernardina, natural de Torre Deita, bispado de Vizeu, de 46 annos, fallecido no dia 19.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:726.

Herança. —Morreu no Chili um homem filho de pae portuguez, que legou uma fortuna superior a 1:000 contos de reis.

Boia de salvação.—Inventou-se um novo apparelho para salvar as desgraçadas victimas dos naufragios, que consiste em uma esphera metalica, oca, contendo um composto de phosphoro e calcio. Lançada a boia ao mar, a agua penetra na esphera, decompõe o phosphureto de calcio, formando-se um jacto abundante de hydrogenio phosphurado O gaz, inflamando-se espontaneamente em contacto com o ar, produz uma chamma luminosa brilhante, que sae por um tubo collocado na parte central e superior da boia. A agua não apaga a luz.

Este ingenhoso apparelho, systema *Silas,* é lançado ao mar na occasião dos naufragios; e no meio das noites mais tenebrosas e das tempestades mais horriveis, constitue um verdadeiro pharol de salvação, que com a sua chamma brilhante attrae os infelizes naufragos, arrancando-os á furia das ondas.

Educação popular—A acreditada empreza da *Bibliotheca Universal* acaba de publicar o n.° 9 da sua *Educação popular.* É uma encyclopedia instructiva e amena, dedicada á mocidade estudiosa de Portugal e Brasil, com a collaboração dos principaes homens de lettras, e de que é director litterario o sr. Pinheiro Chagas.

Este 9.° opusculo contem a *Historia do corpo humano,* pelo sr. A. M. da Cunha Bellem.

A collecção destes volumes está sendo tão acreditada, que ácerca de um delles se lê no *Diario do Governo* de sabbado ultimo o seguinte:

«Na conformidade do parecer da junta consultiva de instrucção publica, foi approvada, para servir de livro auxiliar no ensino da historia de Portugal nos lyceus nacionaes, a obra de que é auctor Manoel Pinheiro Chagas, intitulada *A Guerra Peninsular,* publicada pela empreza Bibliotheca universal, de Lucas & Filho.»

A referida empreza tem já no prelo o n.° 10, com o titulo de—*Os dramas celebres do amor.*

Publica-se todos os mezes um volume de 128 paginas, pelo modico preço de 160 reis em todo o reino e ilhas. Comprados avulso custam 200 rs.

Pela nossa parte agradecemos mais uma vez aos srs. Lucas & Filho as distincções que lhes temos merecido.

Almanach —Recebemos o *Almanach do Sul para* 1875, impresso na imprensa Litteraria desta cidade.

É um Almanach muito curioso e instructivo. Custa 200 reis. Toda a correspondencia deve ser dirigida para Evora, a S. de Brito Vaz Coelho.

Muito agradecemos os exemplares com que fomos brindados.

A questão da pena de morte

Fomos obsequiados com um opusculo contendo—*Algumas reflexões ácerca da pena de morte e da indisciplina militar, pelo primeiro tenente de artilheria n.° 1, Antonio G. F. de Castro.*

Cumpre-nos agradecer o exemplar que nos foi offerecido, e no logar competente se achará o respectivo annuncio.

Visita e partida—Communicam-nos o seguinte:

«Esteve nesta cidade, e retirou-se hontem para Lisboa o exm.° delegado do procurador regio em Quilimane, o sr. Vicente Gregorio Godinho.

«S. ex.ª veiu despedir-se de seus numerosos amigos, com quem vivera de perto, durante a sua vida academica.

«Os seus condiscipulos, Assis Teixeira, padre Athayde Oliveira, Lopes Tavares, Manoel Barata e Antonio Carvalho, que ainda estão nesta cidade, sabendo isto, reuniram-se em commissão, e foram no sabbado de manhã cumprimentar o, dentre os seus condiscipulos, primeiro despachado para a magistratura judicial.

«S. ex.ª gosou sempre de muita estima e sympathia nesta terra, onde deixa muitas saudades pela sua retirada para tão inhospitas terras.

«O sr. Dr. Godinho foi acompanhado á estação do caminho de ferro pelos seus patricios e amigos residentes nesta cidade.

«Desejamos-lhe boa viagem e muitas felicidades na carreira que acaba de encetar.»

Festividade. — Communicam-nos o seguinte:

«No domingo, 22 do corrente Novembro, teve logar na egreja de Santa Justa a festividade dedicada ao Senhor Jesus dos Oleiros, que se venera na dita egreja. De manhã houve missa cantada, á musica vocal e instrumental, e de tarde as vesperas do costume, e sermão, pregado pelo revd.° sr. padre Ricardo da Silva, que andou muito bem, tratando da virtude da caridade, e fazendo vêr quanto é necessario o exercicio da mesma.

A egreja estava ornada com singeleza, porém, com elegancia e gosto, e a festividade correu com a devida regularidade, tudo proprio e devido a tão solemne e religioso acto.

Foi alli que pela primeira vez vimos exercer as funcções de prior encommendado ao sr. padre Joaquim Antonio de Oliveira, que era o coadjutor da freguezia de Santa Cruz desta cidade.

Torna-se digno dos maiores elogios o exm.° e revdm.° sr. Bispo Conde pela acertada escolha e nomeação que fez do sr. padre Oliveira para prior encommendado da freguezia de Santa Cruz, pois que elle é um ecclesiastico de provada intelligencia, e qualidades moraes, muito digno, e de um exemplar comportamento, delicado, affavel para com todos.

D'aqui agradecemos ao exm.° sr. Bispo Conde tão acertada nomeação, e felicitamos o sr. padre Oliveira, a quem damos os parabens, assim como aos moradores da freguezia por possuirem um novo pastor de tão dignas qualidades, e que tem sabido ganhar a estima publica, e com especialidade das pessoas que com elle tratam.—*R. C.*»

Despedida.—Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Sr. Redactor. —Ha individuos, que jámais deviam existir na sociedade; porque muitas vezes em logar de moralisarem com o exemplo, a desmoralisam. Pois quando aquelles sujeitos, são empregados publicos, que flagelo para um povo, mormente, se este ainda vive aquartelado debaixo das bandeiras de Jesus Christo! Todos os abominam.

Pelo contrario, se é um homem honesto e exemplar, todos o amam e veneram como tal.

Se isto, porem, se dá em quem exerce algum elevado officio, quanto prospera o organismo social? Que o digam aquelles povos, que tem a dita d'assim o experimentarem.

O reverendo sr. Abilio Maria de Brito Amado, que pelo espaço de tres annos e meio tem pastoreado espiritualmente a freguezia da Cioga do Campo, deste concelho, deixa grandes saudades, não só áquelles seus freguezes, mas, egualmente aos seus collegas, porque encontravam nelle um verdadeiro amigo, e um bom parocho, que não obstante estar ainda no verdor de seus annos, nunca alli teve o menor desmancho no exercicio da sua nobre missão, antes pelo contrario foi uma verdadeira columna da egreja.

E por isso hoje, domingo, 22, despedindo-se de seus parochianos, fez de lisar pelas faces destes, muitas lagrimas, por verem que ia desapparecer d'entre si um pastor exemplar, que a todos tractava com aquella urbanidade que é propria do caracter de que se achava revestido.

A' vista do que presenceou, e mesmo lembrando-se da estima e respeito com que sempre foi tractado por aquelles que iam deixar de ser seus freguezes; não poude passar sem se commover, a ponto de não poder dizer mais nada.

Peço pois, sr. redactor, de publicar no seu jornal, este meu esboço, que é uma fiel narração do que foi o sr. padre Amado; e mesmo para os da freguezia de Podentes verem por quem vão ser pastoreados.—S Facundo, 22 de Novembro de 1874.—*A.S. Correa.*»

Noticias do Pará—Os jornaes de Lisboa publicam o seguinte telegramma:

«Pernambuco 22, ás 10 horas e 30 minutos da manhã.

Telegrammas chegados neste momento do Pará dizem ter o jornal *A Tribuna* offendido nos seus artigos os officiaes da corveta portugueza *Sagres.*

Diz-se que um dos officiaes da corveta pediu satisfação á redacção da *Tribuna.* Esta publicou um supplemento onde continua a aggredir fortemente os portuguezes, incitando a população á revolta.»

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 21—Acha-se confirmada a destituição de Ceballos, que foi substituido pelo intitulado brigadeiro Egaña.

Hontem o representante d'Inglaterra visitou Topete.

Ulloa conferenciou com o ministro plenipotenciario do Brasil.

Experimentou-se uma machina que arroja mil granadas por hora a distancia de dois mil metros.

O *Imparcial* diz que chegou a Madrid o secretario da embaixada allemã.

Os brigadeiros Despujols e Salamanca foram promovidos á marechaes de campo.

Foram auctorisadas as obras para a reparação do mosteiro do Escurial.

Hontem foi visitado Topete pelos generaes Cotoner, Pavia e Echague.

Hontem á noite conferenciou Serrano com Sagasta.

Telegrammas de Valencia dizem que o brigadeiro Daban com a guarnição de Castellon bateu hontem 1:500 homens das facções de Cucala, Corredor, Arbolero e Vizcarro em Borriol, arrojando-os das suas posições, causando-lhes 22 mortos e muitos feridos; as perdas do governo consistem em 3 mortos e 6 feridos.

Madrid, 22—Conferenciaram hoje separadamente com Ulloa o encarregado de negocios de Venezuella, o da Russia, ministro de Hespanha na China, e o consul da Grecia.

Reuniu-se hoje a junta do thesouro. Deve-se ter occupado da reclamação Elboghen.

Diz a *Correspondencia* que Bazaine deixou bilhete de visita no palacio da presidencia.

A *Bandeira Hespanhola* publica uma carta de Roja Arias, recusando cortezmente assistir á conferencia para que foram convidados os directores dos periodicos pelo capitão general.

El Pueblo increpa duramente Girardin por pedir a duração do septenado da assembleia franceza. A'cerca dos boatos que correm sobre o triumpho da conciliação, crê agora facil a mudança de pessoas, continuando o ministerio homogeneo.

SAUDE A TODOS restituida sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Saude,*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Qualquer doente acha por meio da deliciosa *Revalesciére,* saude, energia, appetite, boa digestão e bom somno. Cura as indigestões (despepsias), gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro, e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Adra, provincia de Almeria, (Hespanha), 10 de Outubro de 1867.

Meus senhores:—Tenho a satisfação em fazer-lhes sciente que minha filha com o uso desta deliciosa farinha chamada **Revalesciére chocolatada,** curou radicalmente de uma erupção cutanea, que lhe impedia dormir por causa da comixão insupportavel que padecia.—De v. s.ª attento venerador, PERRIN DE LA HITTOLES, ao *Visconsulado de França.*

Cura 78:421. (Hespes).— Valença 14 de Setembro de 1373.

Uma minha amiga que padecia havia muitos annos de herpes, foi curada completamente com a *Revalesciére.*— J. BATLLORI, fabrica de massa, Praça de S. Catharina, 9.

Cura 56:936. Barr (Baixo Rheno) 4 de Junho de 1862.

Senhor.—A *Revalesciére* tem feito na minha pessoa uma mudança maravilhosa, tendo readquirido não sómente as minhas forças, mas tambem parecendo-me que estou completamente remoçado, tornou-me o appetite, que desde muito tempo tinha perdido, e a oppressão e o peso que padecia haviam já 40 annos, já me não atormentam.—DAVID RUFF.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalesciére* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalesciére chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus e em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serze-**

dello & C.ª, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Bainharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rabir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos, pharm.; pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm., Carvalho e Castro, pharm., José Duarte, mercearia, praça de S. Bartholomeu, José Monteiro Cortez da Gama, Rua do Visconde da Luz, 31.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm.—FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rabia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

Justiça devida.— O sr. deputado Francisco Wanzeller, não se esquece de promover tudo que seja em beneficio do circulo, que dignamente representa.

Ainda ultimamente solicitou e conseguiu que fossem ordenados ao sr. director das obras publicas deste districto, alguns estudos de estradas no circulo de Arganil.

Folgamos de aqui registar esta solicitude do sr. Wanzeller.

ANNUNCIOS

1 SUPERIOR VINHO VELHO para mesa, almude 1$400—Calçada, n.º 85 a 91.

BILHAR

2 VENDE-SE um bilhar muito em conta, com todos os seus utensilios. Quem o pretender dirija-se a João Joaquim de Freitas, largo de S. João, n.º 6.

Substitutos a militares

3 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

4 NO JUIZO ORDINARIO de Miranda do Corvo, comarca da Louzã, escrivão Faroia, correm editos de 30 dias, a contar desta data, a requerimento de Maria da Piedade, viuva de João Marques Flor, para por si e como tutora de seus 3 filhos, menores de 12 annos, se habilitarem como unicos herdeiros d'aquelle seu fallecido marido e pae, á herança que o mesmo deixou em Lavras de Caçapaba, provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul, imperio do Brasil, onde o mesmo falleceu; e por isso se chamam todas as pessoas incertas que tenham direito á referida herança a que o venham deduzir, pena de lançamento.

O escrivão do processo—*Antonio Augusto de Andrade Faroia.*

Attenção

5 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

O Dr. Francisco Antonio Diniz, commendador da ordem de Christo, commissario dos estudos do districto de Coimbra.

Faço saber que o jury dos exames dos candidatos ás cadeiras de ensino primario, neste districto, na segunda epocha do corrente anno, reunido em sessão de hoje, tendo examinado os requerimentos dos mesmos candidatos, e os documentos que os acompanharam, resolveu dar como habilitados os que constam da primeira lista abaixo publicada, por se acharem aquelles requerimentos e documentos nos termos legaes: não considerando habilitados os que constam da segunda lista, ou porque não appareceu reconhecida a assignatura dos seus requerimentos, ou porque estes não vinham instruidos com todos os documentos que exige o artigo 4.º do Decreto de 30 de Outubro de 1869, ou finalmente porque alguns d'esses documentos, não tinham os sellos legaes.

Os candidatos inscriptos na segunda lista, são convidados a reparar as alludidas faltas dentro do prazo de 10 dias; entendendo-se, não o fazendo, que desistem do concurso.

1.ª LISTA

Maria Emilia da Fonseca Ramalho
Abilio Lopes Ferreira Neto
Ricardo Diniz de Carvalho.

2.ª LISTA

Amelia Augusta de Parada Leitão
Maria Adelaide Henriques da Fonseca e Almeida
Maria dos Prazeres Abranches
Antonio Antunes Leitão
Antonio da Fonseca
Antonio da Silva Mello Camarinha
Jacintho Joaquim Claro
José Bello da Silva Brazão.
José da Costa Ribeiro
José Luiz
José Madeira da Fonseca Machado
José Maria Alves Junior
José Tavares de Moura
Luiz Mendes Ferrão
Manoel Duarte da Fonseca
Maximiano Augusto Cunha.

E para que chegue á noticia de todos mandei publicar este edital.

Coimbra 23 de Novembro de 1874.

O presidente do jury,
Francisco Antonio Diniz.

Attenção

7 NO ESTABELECIMENTO DOS OCULISTAS—**Bolsson & Pombar**,— rua da Calçada, n.º 86 a 90, se acaba de receber um sortimento de—*Tinteiros magicos inexgotaveis.* Cada um destes tinteiros tem um preparado chimico, que introduzindo-lhe agua pura, se transforma rapidamente em tinta administrativa, a melhor até hoje conhecida, e que dá para o consumo diario durante o espaço de 100 annos. A escolher tinta preta, vermelha e azul.

Ao mesmo estabelecimento acaba de chegar, directamente de Paris, um grande e variado sortimento de pelles para senhoras, da ultima novidade; assim como grande sortimento de oculos, lunetas de ouro, prata, aço, tartaruga, e bufalo; binoculos e oculos de alcance para campo, mar e theatro, barometros metalicos, thermometros, bussolas, areometros para vinho, aguardente, alcool e saes, vistas transparentes, etc. Faz-se toda a classe de concertos pertencentes ao ramo d'optica.

Bolsson & Pombar.

8 O DIA 1.º DE DEZEMBRO DE 1640, ou memoria historica dos successos em Portugal desde a morte de el-rei D. Sebastião até á feliz acclamação de D. João IV, por Antonio F. Moreira de Sá. — Preço 100 reis — **Livraria Academica** — 183, rua da Calçada, 185.

9 EM COIMBRA, na rua do Visconde da Luz, n.º 38, se diz quem precisa d'um rapaz com pratica de negocio de quinquilherias, para ganhar ordenado.

10 ALGUMAS REFLEXÕES ácerca da pena de morte e da indisciplina militar.

Serie de artigos publicados em 1872 no *Jornal do Commercio*, e em 1874 no *Jornal da Noite*, pelo primeiro tenente de artilheria n.º 1, Antonio G. F. de Castro, colleccionados e editados por uma commissão de officiaes do exercito.

Com applicação a minorar as precarias circumstancias da abandonada familia do infeliz alferes Chrysostomo da Silva, e dos parentes necessitados das outras desgraçadas victimas, que precederam no tumulo o mallogrado desditoso official José Augusto da Palma e Brito.

Vende-se em Lisboa, na livraria Bordallo, rua Augusta; livraria Ferreira, rua do Moinho de Vento; loja do sr. Bello, ao Rocio; na Tabacaria Central, largo de Camões. No Porto, na livraria do sr. Novaes Junior. Em Coimbra, em casa do sr. José de Mesquita Preço 200 reis.

Remette-se pelo correio, franco de porte, a quem enviar 200 reis em estampilhas á livraria do sr. Bordallo, Lisboa.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

11 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu— **633:462 machinas**—(mais de meio milhão!)

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o Rio de Janeiro

Barca—GUADIANA em 26 de Novembro.
Galera=INDIA.

Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**
Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

DOCTOR IN ABSENTIA

13 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

EDITOS DE 30 DIAS

14 PELO JUIZO DE DIREITO desta comarca de Coimbra, e cartorio do escrivão Adelino, abaixo assignado, correm editos de 30 dias, a contar do dia de hoje, chamando os herdeiros, os credores, e os legatarios desconhecidos, ou domiciliados fóra da comarca da fallecida Maria Theresa Perpetua, casada que era com Manoel Diniz Pistola, e moradora que foi no logar de Lavarrabos, freguezia da Cioga, para assistirem, querendo, a todos os termos do processo do inventario da mesma; em conformidade com o artigo 2048 do Codigo Civil.

Coimbra 19 de Novembro de 1874.

O escrivão,
Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

NOVO SECRETARIO PORTUGUEZ

15 SAHIU a 13.ª edição de 1874, do NOVO SECRETARIO UNIVERSAL E COMMERCIAL PORTUGUEZ, ou methodo facil de escrever toda a especie de cartas, tanto commerciaes como particulares, a parentes, amigos, de agradecimento, de empenho, de supplica, de felicitações de annos, de participação de casamento, e cartões para o mesmo fim, formulas de requerimentos e memoriaes para todas as pretensões, etc.

A parte commercial, egualmente desenvolvida, offerece grande numero de modelos de cartas commerciaes para todas as transacções commerciaes, contendo mais um tratado de civilidade e uma tabella da duração dos lutos, etc., etc., 1 vol., preço 600 reis, na livraria editora de J. J. Bordallo, rua Augusta, 24 e 26, e em Coimbra nas livrarias de José de Mesquita e Melchiades, no Porto na de Novaes Junior, Chardron, e Viuva Moré.

J. P. G. PAIVA

CIRURGIÃO DENTISTA, offerece o seu gabinete dental, rua da Calçada, n.º 82, 1.º andar, esquina ao Arco d'Almedina, a todas as pessoas que necessitem utilisar-se dos seus conhecimentos sobre a protesis dentaria; pondo em conhecimento do illustrado publico os preços seguintes:

PREÇOS DOS DENTES ARTIFICIAES

Desde 3$000 a 6$000 reis cada dente. —Elixir odontalgico para dôr de dentes 300 reis, frasco.—Pós mineraes para branquear os dentes 200 rs., caixa.—Extracção de um dente desde 240 a 1$000 rs.—Limpeza de dentes desde 500 a 2$000 rs.—Empaste desde 500 a 2$000 rs.

Machinas de Costura

17 EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO, na Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas do systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

18 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa d'um official de barbeiro.

ALUGA-SE

19 NA COURAÇA DE LISBOA, n.º 33, casa para 2 ou 3 estudantes.

NUMERO 2853 — SABBADO 28 DE NOVEMBRO DE 1874 — ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

OS PORTUGUEZES NO PARÁ

As noticias do Pará, que publicámos em o numero passado, tem causado profunda sensação em todo o paiz, e a imprensa periodica tem uniformemente levantado altos clamores, pedindo segurança para os nossos concidadãos, residentes naquella parte do imperio do Brasil.

Estamos persuadidos que o nosso governo terá reclamado do governo brasileiro as providencias indispensaveis para que se garantam as vidas dos nossos compatriotas e se castiguem os auctores dos crimes commettidos no Pará; mas infelizmente vê-se que de nada tem valido essas reclamações, porque ou por indolencia do ministerio do Brasil, ou por impotencia, os factos criminosos repetem-se successivamente, e cada vez mais se aggravam.

E tanto isto parece mais incomprehensivel, quanto aquelle governo se está prejudicando a si mesmo, deixando intimidar os portuguezes que estão no Brasil, ou para alli pretendem ir.

O ministro da agricultura do imperio, em um relatorio de 1871, relativo á colonisação do Brasil, tratando de provar que só a emigração portugueza é que deita raizes no solo brasileiro, dizia:—*Infelizmente a pequena população daquelle reino* (Portugal) *não póde fornecer-nos maior numero de braços.*

Então se o ministro do imperio se lamenta de que seja pequena a emigração de portuguezes para o Brasil, por serem estes os melhores colonos que para alli vão; porque é que não desenvolve a energia indispensavel para conter e castigar os assassinos, que estão sendo superiores á lei, e matando e afugentando daquelle paiz os nossos compatriotas ?!

Em quanto aos primeiros factos criminosos ainda aquelle governo podia allegar que fôra por elles surprehendido; mas agora já não ha esse motivo de desculpa, visto saber do estado em que se acha o Pará, onde os sicarios estão dominando a provincia.

Queremos ser justos, e por isso não lançamos á conta da grande maioria dos brasileiros, semelhantes factos indignos. Uma nação não é, nem pode ser responsavel pelos crimes de um bando de perversos. Não obstante, porem, a não haver prompta e forte acção do governo do Brasil, é certo que uma insignificante minoria de malvados, pode continuar aterrando uma povoação honesta e pacifica.

Alem da corveta *Sagres*, que já se acha no Brasil, está-se apromptando apressadamente a corveta *Duque da Terceira*, a fim de ir para aquelle imperio.

No meio de tudo isto tem sido feita uma grave accusação ao nosso governo, por não ter attendido uma representação que em tempo lhe fizeram muitos portuguezes residentes no Pará, pedindo transporte para qualquer das nossas possessões ultramarinas.

Se se tivesse satisfeito a esta solicitação, já hoje seria muito menor o numero dos nossos compatriotas sujeitos aos insultos e ás vinganças de uma sucia de sicarios, que a todo o custo querem expulsar os portuguezes daquella provincia.

Em fim, esperamos que o governo tome em toda a consideração o estado melindroso em que se acham os nossos concidadãos no Pará, sendo *prudente*, sim, mas tambem *energico*.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS

Não largaremos de mão a organisação da bibliotheca da Associação dos Artistas. Custe o que custar, esperamos conseguir que se torne uma realidade esta instituição, que tão util póde ser a todos.

O correspondente do *Campeão das Provincias* occupa-se largamente na sua ultima correspondencia deste objecto.

Como até hoje ainda se não tratou do catalogo dos livros, faz o referido correspondente o generoso offerecimento de o organisar, se nenhum dos membros do conselho da Associação se quizer prestar a esse trabalho.

Agora já não se poderá apresentar a desculpa de que não ha quem faça o catalogo.

Uma das cousas em que mais insistimos, e que é a principal para que a bibliotheca possa aproveitar aos socios, é na faculdade de serem levados os livros para os domicilios. Essa leitura é que se torna proficua.

A' sala da sociedade poucos socios irão, e quando forem, é apenas por instantes a fazer alguma consulta. Em casa de cada um já não acontece o mesmo. Ahi póde o artista aproveitar á noute o tempo que lhe sobeja do seu trabalho e escolher para a leitura a occasião que mais lhe convenha.

Não desejamos a bibliotheca para ostentação, mas para que utilise ao publico. Que importa o grande numero de livros que estão nas estantes, se os artistas os não poderem ler com commodidade?

Repetimos, e repetiremos muitas vezes: é mister um catalogo dos livros, e um regulamento, que tenha como disposição capital, a permissão dos socios levarem os livros para a sua habitação, com a regularidade que for conveniente.

E' uma vergonha ver que a *Associação de instrucção popular* de Lamego, não só tem catalogo dos seus muitos livros, mas até já o imprimiu; e que na bibliotheca da Associação dos Artistas nem uma, nem outra cousa haja até agora.

E' tempo de acordarem deste lethargo, e provar a Associação pelos seus actos, que tem direito a ser considerada como uma das primeiras do paiz.

E já que fallamos da Associação dos Artistas, aproveitaremos a occasião para dizer, que as suas aulas nocturnas estão

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXV

RODRIGO PINTO PISARRO

XXIII

Começamos hoje a publicar o discurso do deputado Manoel da Silva Passos, contra o parecer da commissão de poderes, que declarou nulla a eleição de Rodrigo Pinto Pisarro.

«O sr. Passos (Manoel):—Sr. presidente. Fallarei tão somente da questão juridica. Outros deputados deste lado da camara rectificarão alguns factos, sem que por isso eu me dispense de dar algumas breves explicações

Sr. presidente, eu estou numa posição desgraçada; porque um orador do lado direito disse, que as opiniões do sr. Rodrigo Pisarro sobre a questão da regencia, constituiam uma inhabilidade legal para poder elle sentar-se nesta camara. Eu intendo que opiniões não são crimes, sr. presidente.

Tambem eu tive a desventura de não poder concordar nesta parte com a pronunciada opinião da nação, nem convencer-me com a discussão, que teve logar nesta camara. Eu não só escrevi contra a regencia do imperador, mas tive a honra de votar contra ella. Votei com uma debil *minoria*, e com a minha consciencia. Cuido que fiz o meu dever, e não sei tambem que ninguem até hoje censurasse o virtuoso *Carnot*, porque no tribunato unico votou contra o imperio.

Se o absurdo principio do sr. deputado do Alemtejo merecesse approvação, então eu occupava nesta camara uma cadeira indevidamente; porque eu não declino a responsabilidade de opiniões, que a mim me são communs com o sr. deputado Pisarro. Então eu quero merecer a esta camara a justiça, e a distincção de me comprehender na mesma exclusão, e inhabilidade; porque estabelecido o principio nem posso, nem devo, nem quero sentar-me aqui (O sr. Galvão Palma: apoiado, apoiado!)

O sr. Passos (Manoel) apoiado!... Se esta camara adoptasse similhantes principios, eu me daria por muito feliz se lhe merecesse a honra, que uma camara de França já fez ao deputado *Manoel*.

Mas para despopularisar-se a causa do sr. deputado R. P. Pisarro diz-se:—*Elle escreveu contra a regencia do imperador; não a jurou, e não a reconheceu!*—E quando foi que em Portugal os regentes, subditos como nós somos, receberam juramentos de fidelidade, que como nós tambem são obrigados a prestar? Qual é o deputado daquelle lado da camara que prestasse juramento de fidelidade ao imperador, a outro regente, ou regencia?

Embora não jurasse a regencia, mas ao menos devia reconhecel-a!—Olhem o grande crime!... Mr. de *Chateaubriand* e Mr. *Hyde de Neuville*, offendidos dos *Bourbons* do ramo mais velho, e grandes admiradores do duque de *Orleans*, tambem não reconheceram o rei cidadão, que a França toda acclamou com tão grande enthusiasmo. Esse facto nunca lhes foi tomado como desaire, antes lhes augmentou a consideração e a estimação publica.

Muita honra faz ao coronel Pisarro não reconhecer a regencia provisoria, que elle tinha por inconstitucional. Ha nesse proceder muito escrupulo, muito brio, e muita delicadeza. As côrtes haviam de decidir essa questão, e decidiram-na contra as opiniões do coronel, e contra as minhas: por ventura queremos nós annullar, ou disputar a competencia, e a resolução das camaras? Quando a regencia era uma questão, nós tinhamos uma opinião; quando essa questão foi resolvida por o tribunal competente, nós ficámos com a nossa convicção, porem nenhum de nós se recusou a reconhecer o imperador como regente; porque assim fôra declarado por vontade da nação.

Mas o coronel Pisarro desacatou a sua pessoa!...—Mostrem os escriptos por elle assignados para servirem de fundamento a tão vil accusação! Eu não conheço homem mais fino, mais delicado, e que melhor guarde as conveniencias, do que esse escriptor, que seus inimigos querem mostrar insolente e desbocado.

Um sr. deputado disse, que o coronel Pisarro chamara ao imperador, não sei quê! E falso. Esse escripto é talvez o *Popular*, papel redigido em 1824, em Londres, por alguns emigrados; e é grande injustiça, e grande má fé imputar essas grosserias á penna delicada do coronel Pisarro.

Esta breve explicação era necessaria para destruir preconceitos, e o mau effeito das baixas calumnias, que acintemente se espalham

sendo muito frequentadas, e com bom resultado.

Pela ausencia temporaria do professor o sr. José Maria da Silva Torres, prestou-se a reger a aula interinamente, o socio e distinctissimo professor de instrucção primaria desta cidade, o sr. Antonio José Gonçalves da Cunha.

Os alumnos affluem cada vez mais á aula, sendo já a concorrencia muito numerosa.

E visto que em Coimbra não ha senão uma escola official no bairro alto, bom é que a Associação dos Artistas preste este importante serviço aos seus concidadãos.

Consta-nos que o sr. Cunha se acha desgostoso por não haver na aula da Associação a policia indispensavel. A facilidade com que entra quem quer na grande casa da aula, faz interromper constantemente e prejudicar o ensino.

Convem que a direcção da sociedade attenda por esta e outras reclamações, todas em beneficio da instrucção popular.

Sem querermos dar primazia a ninguem, diremos com toda a franqueza e convicção, que professores com a illustração e zelo do sr. Cunha não se substituem facilmente.

Promova a Associação dos Artistas a instrucção do povo, que nisso prestará um relevantissimo serviço.

A educação e a instrucção são duas das maiores necessidades que ha a satisfazer, e que formam a base das sociedades cultas.

Educação! Instrucção! Nunca será de mais tudo o que se fizer para as diffundir!

Joaquim Martins de Carvalho.

NOTICIARIO

Julgamento.— Attentado do reu contra a pessoa do agente do ministerio publico. — Na terça feira, 24 do corrente, na comarca de Cantanhede, teve novamente logar o julgamento de Manoel Cordeiro, casado na povoação da Gandara de Ançã, e natural de Murtede, accusado de haver em a noite de 22 para 23 de Junho de 1873, assassinado a Innocencio Pereira de Sá, solteiro, criado do sr. Alberto Ferreira Pinto Bastos, da quinta do Rol.

O jury leu o seu *veredictum*, dando por plenamente provados os quesitos do crime, e os maus precedentes do reu.

O tribunal estava apinhado de espectadores.

Passou-se então uma scena altamente commovedora.

No momento em que o meritissimo juiz começou a lavrar a sentença condemnatoria, os circumstantes viram o reu ajoelhar, e, de mãos postas e debulhando-se em lagrimas, implorar do juiz clemencia, lembrando que era um pae de familia, que tinha mulher e filhos, que ficavam ao desamparo.

O integerrimo juiz ordenou ao reu que se levantasse, e leu-lhe a sentença (sem duvida lavrada segundo a lei e a consciencia lhe dictou) condemnando-o a degredo perpetuo, com 4 annos de trabalhos publicos para Africa.

Manoel Cordeiro depois de ter ouvido a sentença, perguntou ainda: — «O sr. juiz que sentença me dá?»

Degredo pepetuo para Africa, lhe respondeu o magistrado, dirigindo-lhe em seguida algumas palavras de conforto.

O reu continuava lamentando-se. O dignissimo agente do ministerio publico, o sr. Francisco Augusto de Gouvea Osorio tentou aconselhar-lhe resignação; que podia ainda appellar e talvez obter commutação da pena, etc.

Foi então que Cordeiro (que de *cordeiro* só tem o nome) deixou cahir a mascara e se mostrou tal qual era — á altura de toda a sua malvadez! D'envolta com estas palavras, que pronunciou com ironia satanica=«Muito obrigado, sr. delegado»=tirou do bolço uma volumosa pedra, com a qual d'antemão ia munido, e premeditada, e nervosamente a arremeçou ao agente do ministerio publico, assim que o viu pelas costas! Este, por um feliz acaso não foi ferido, porque a pedra não o acertou, indo bater na porta que s. ex.ª áquelle tempo já transpunha.

O pasmo, e a indignação tornou-se geral! Os olhos, que ha pouco marejavam de lagrimas, pela sorte do infeliz, a quem muitos talvez julgavam innocente (por que as provas do crime só se baseavam em meros indicios e ameaças, que o reu tinha feito antes de commetter o assassinato de 22 de Junho de 1873), viram-se agora enchutos e indignados contra a féra, que debalde aparentou humilhação para logo cahir de novo no tremedal do crime.

O dignissimo agente do ministerio publico apenas viu sua vida ameaçada, desembaraçou-se da toga e teve a coragem de segurar o *Cordeiro*, entregando-o immediatamente aos officiaes, para que ó conduzissem á cadeia.

Louvores ao sr. juiz de direito! Louvores ao sr. delegado do procurador regio! Louvores ao jury da comarca de Cantanhede!

Audiencias geraes.—Principiaram na segunda feira, 23, em Cantanhede, e devem concluir hoje, sabbado.

No presente quartel apenas houve alli cinco, mas quasi todas de maior gravidade: 1.º por envenenamento em Cordinhã; 2.º por assassinato na Gandara de Ançã; 3.º por incendio em Cordinhã; 4.º por um roubo em Cantanhede; e 5.º por ferimentos corporaes em Ançã.

As auctoridades e o jury tem cumprido com os seus deveres.

Theatro de D. Luiz—Estamos em epocha de theatro. A empreza que hoje dirige o theatro de D. Luiz, não se poupa a esforços e a trabalho para nos dar novos espectaculos, variados, que entretenham estas longas e frias noites de inverno que vão passando.

Primeiramente tivemos companhia dramatica hespanhola, se não boa, pelo menos supportavel, e em seguida a companhia de curiosos d'esta cidade, que em bem escolhidos dramas e comedias, tem merecido geral e merecido applauso do publico.

No dia 1.º de Dezembro, anniversario da restauração de Portugal, subirá á scena o excellente e conhecido drama de Garrett, *D. Filippa de Vilhena*, e a comedia *Espadelladas*.

Está tambem contractada, para dar 3 recitas, a companhia do theatro da Trindade, do Porto, levando á scena os dramas *Infernos de Paris*, o *Martyr da Victoria* e o *Enforcado*, todos em cinco actos e de grande espectaculo.

Estes dramas em Lisboa e Porto, tem chamado grande concorrencia, pela notabilidade do seu enredo e do novo scenario que apresentam.

E' de esperar que o publico saiba recompensar os esforços e despezas da empreza para satisfazer aos seus compromissos.

Desde já está aberta assignatura para camarotes, e venda de bilhetes, na livraria *Popular*, rua do Visconde da Luz, n.º 104 e 106.

Doença—Tem nestes ultimos dias estado muito doente o nosso intimo amigo o sr. Dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, conego thesoureiro mór da sé cathedral desta cidade.

Ainda em a noute de segunda feira esteve muito tempo em nossa casa este respeitabilissimo ecclesiastico e um dos ornamentos do clero portuguez; e pelo animado e alegre da conversação parecia indicar que se achava completamente restabelecido do incommodo que ha tempo soffrera.

Logo, porem, na terça feira immediata de manhã, sentiu-se muito doente na sé cathedral. Indo para sua casa, ahi tem estado entregue aos cuidados do seu medico e amigo o sr. Dr. Costa Simões.

Escusado será dizer quaes os votos que fazemos pelo restabelecimento deste venerando ancião, e no que somos acompanhados pelos seus muitos e sinceros amigos.

Operação cirurgica.—Ha dias foi feito pelo sr. Abilio da Costa Torres, estudante do 4.º anno de Medicina, a operação da paracentése em uma mulher, cujo abdomen se achava extremamente dilatado e volumoso em virtude da accumulação de serosidade, devida a uma ascite. Esta operação, muito bem executada, correu bem, achando-se a doente bastante alliviada do incommodo que a torturava.

Festividade. — Principia ámanhã a novena de Nossa Senhora da Conceição na egreja de Santa Cruz, e no dia 8 de Dezembro terá logar a festividade annual com o explendor do costume.

Feira.—Esteve muito concorrida a feira de 23. Houve muitas transacções especialmente em gado bovino. Tiveram grande procura os bezerros para creação.

Chuva.—Principiou a chover na tarde e principio da noite de 25. Por ora é pouca, mas assim mesmo faz grandes beneficios. O verão de S. Martinho tem sido explendido este anno, mas ia prolongando demasiado a sua duração, com manifesto prejuizo da agricultura. Os campos carecem de abundante rega, e os rios e as fontes continuam quasi no mesmo estado que no estio. A navegação do Mondego apenas permitte o movimento de barcos levemente carregados. Seria uma calamidade, que o novo inverno fosse tão secco, como o do anno passado.

Estrada. — Lembramos á camara municipal a urgente necessidade de mandar concertar a ladeira, que dá serventia do convento de S. Francisco para o de Santa Clara, Bordallo e outros pontos. E' grande o estado de ruina desta estrada; e quanto mais se demorar a reparação, mais difficil e dispendiosa será a obra.

Ponte da Portella —Como o Mondego tem levado pouca agua, muita gente, gados e carros de bois passavam o rio a vau, esquivando-se assim ao pagamento do respectivo imposto na ponte.

Poço inexgotavel. — O sr. Francisco Pedro da Silva mandou construir um grande poço na sua quinta de S. Martinho do Bispo. Foi tal a abundancia de agua que encontrou, que póde regar todo o predio. Empregou o estanca-rios para esgotar o poço; chegaram a trabalhar 30 homens neste serviço, e não foi possivel ver o fundo. Esta mina de agua é um verdadeiro thesouro para o seu proprietario.

Preço de generos. — Conserva-se por ora em apathia o preço do azeite, vinho e cereaes. Ha ainda grandes depositos do primeiro e segundo genero; mas a reserva dos cereaes não é abundante, e o seu preço deve subir.

contra o sr. deputado do Douro. Eu entro na questão.

Os argumentos do sr. marquez de Saldanha estão victoriosos. Dizem os que sustentam o parecer da commissão: Não póde ser deputado quem não póde ser eleitor (Carta, art. 68). Não póde ser eleito o criminoso pronunciado em querela, ou devassa (Carta, art. 67, § 3.º). O coronel Pisarro foi pronunciado. Logo não póde ser eleitor, e menos deputado.

Eu quero já conceder que o coronel Pisarro estivesse pronunciado; mas isso só não é bastante para estabelecer a sua inhabilidade legal nos termos da Carta; cumpre que elle estivesse pronunciado em *querela, ou devassa*. As devassas foram extinctas por o decreto de 16 de Maio de 1832, art. 167. A lei excluiu o meio de investigação dos crimes; e o juiz não o podia admittir. E necessario pois a querela; devassa não houve, e querela não ha effectivamente. Se não mostrem-na; eu folhei os autos, e não a encontrei. Este argumento capital do sr. marquez de Saldanha ficou sem resposta.

A Carta diz—*criminosos pronunciados em querela, ou devassa*.—A commissão cortou o artigo da Carta á tesoura; applicou só as palavras—*criminosos pronunciados*—, que eram favoraveis ao poder, e ás pretensões do ministerio, e rejeitou as palavras—*em querela, ou devassa*—, que eram justamente favoraveis ao deputado Pisarro, á provincia do Douro, e á liberdade do povo. (O sr. barão de Renduffe —A commissão não cortou essas palavras á tesoura; ellas estão no parecer.)

O sr. Passos (Manoel):—Estão no parecer. A commissão escreveu-as, mas não as applicou. Eu continuo. Por a moderna legislação o querelante é sómente a parte offendida, e está sujeito a uma grave responsabilidade. Essa responsabilidade é uma garantia de innocencia. O coronel Pisarro, quando livre, quando solto, não tem querelante a quem se possa pedir a reparação dos damnos causados por tão injusta, tão feroz, e tão barbara perseguição. Eu offereço esta consideração á camara para a fortificar na luminosa idéa de que as disposições restrictas e penaes não devem ter uma interpretação extensiva.

Supponhamos que as palavras—em querela, ou devassa—não estavam na Carta, mas tão sómente as palavras—criminosos pronunciados. Estava o coronel Pisarro pronunciado no tempo da eleição? Ou é verdadeira *pronuncia* o despacho de um juiz, que *indicia* algum cidadão de um crime, e que o obriga a *custodia*? Digo que o coronel não estava pronunciado, e que esse despacho do juiz não é a pronuncia, que exclue a elegibilidade.

No decreto de 16 de Maio acha-se a palavra—pronuncia—applicada indifferentemente ao despacho do juiz, e ao *verdict* do *jury*, que o ratifica. Os srs. deputados, que sustentaram o parecer da commissão, tiveram o cuidado de citar os artigos do decreto, nos quaes o vocabulo *pronuncia* tinha a primeira significação; e eu tenho muita satisfação em citar os artigos, que mostram que o vocabulo *pronuncia* se acha empregado na segunda (são os artigos 168, § 1.º, 169, 197, 199, 200, e 206). Ahi se encontram a cada passo as frases—*Jury de pronuncia*,—*pauta do jury de pronuncia*,—*audiencia de pronuncia*,—*grão de pronuncia*.—Vê-se em consequencia que o vocabulo—*pronuncia*—é um homonymo juridico. Tem dois sentidos: lato, stricto. Agora escolha esta camara ou a significação mais lata, e que abrange os dois actos—o despacho do juiz, e o *verdict do jury*.

Eu fallo aos representantes de uma nação illustrada e culta, todos versados na leitura dos melhores e mais philantropicos criminalistas; e por isso peço—que o meu amigo o sr. marquez de *Saldanha*, que esta camara para se mostrar digna de si propria, e das luzes do seculo, em que vivemos, ha de seguir o juiso de Minerva, e adoptar a decisão, que na duvida exclue a criminalidade, e suppõe a innocencia, e que juntamente protege a liberdade do escrutinio, e o respeito do direito eleitoral.

Mas insistem os defensores do parecer: o decreto de 22 de Abril de 1834 diz, que o juiz de policia correccional é competente até á *pronuncia inclusivé*. Esse decreto deixa as cousas no estado em que se achavam por o decreto de 16 de Maio. Fallou da pronuncia no sentido stricto, e deixou no vago do primeiro decreto o seu sentido lato. Feliz uma vez que esta camara podesse honrar-se, e estabelecer um precedente de justiça, e de liberdade.

Agora direi que os decretos de 22 de Abril, e de 16 de Maio podiam regular como entendessem a administração da justiça, mas não violar os artigos constitucionaes, nem alterar, e profanar a linguagem sacramental consagrada na Carta.

Diz esta nos artigos 118, e 119 (leu). E evidente que os codigos não ha de marcar os casos, e o modo por que o jury ha de intervir. Eu sinto que o ministerio creando o detestavel juiz de policia correccional, désse a um juiz letrado o direito de impor tão graves penas a um cidadão portuguez; e isto é, désse juntamente o direito de punir, e o direito de absolver. Se porém désse a abalisada felicidade de sem a intervenção, e sem o juizo de seus pares!

(*Continuar-se-ha.*)

Joaquim Martins de Carvalho.

Rocio de Santa Clara. — Tem morrido muitas arvores que aformoseavam este local. Parece-nos conveniente proceder a novas plantações, a fim de que se conserve tão espaçoso largo devidamente povoado de arvoredo, que além de ser uma belleza, é um meio de purificar o ar. O terreno é excellente para ser arborisado, como attestam alguns corpulentos exemplares que alli vivem, e que ainda não têem 40 annos de edade. Se não nos enganamos, o rocio de Santa Clara foi pela primeira vez arborisado pela camara municipal de 1836-1837.

Esculptura.— O habil artista o sr. Possidonio da Silva Alves Brandão tem proseguido na factura da capella, mandada fazer pelo sr. José Agostinho Ribeiro Guimarães, para o cemiterio da Conchada.

Tivemos ultimamente occasião de ver um anjo em adoração, que hade ficar por cima da porta, e que está um trabalho que acredita o distincto artista, que o fez. E' de marmore duro de Italia.

Fallecimento.—Falleceu em Lisboa, victima de um ataque apopletico, o sr. Ayres Guedes Coutinho Garrido. Foi fulminado no theatro de D. Maria, onde assistia a um espectaculo. O sr. Garrido exerceu por vezes o cargo de governador civil e era um cavalheiro estimavel pelo seu fino tracto. Damos sentidos pezames á sua extremosa familia.

Outro.—Falleceu em Mortagua a viuva do sr. João Cardoso Guimarães, a exm.ª sr.ª D. Maria José de Moraes Cardoso, desta cidade, e filha do antigo e respeitavel lente de Medicina o sr. Dr. João Lopes de Moraes. Pouco tempo sobreviveu a seu marido. Dizem-nos, que legou toda a sua fortuna ao medico o sr. Dr. Tenreiro.

Premios agricolas—A agricultura franceza recebe todos os annos perto de 30:000 premios e recompensas. As exposições e concursos regionaes distribuem mais de 3:000 premios. Alem destes ha ainda concursos especiaes para o gado gordo destinado ao talho, das tres especies bovina, ovina e suina, em que se adjudicam mais de 200 premios.

Contam-se em França perto de 800 sociedades e comicios agricolas, que dispõem pelo menos todos os annos de 25:000 premios. O valor das recompensas concedidas pelo governo é superior a 130 contos de reis, e o das sociedades particulares sobe a somma muito maior. Alem das recompensas pecuniarias ha ainda grande numero de medalhas de ouro, de prata e de bronze.

Não é só aos creadores de gado que se conferem os premios; concedem-se tambem aos lavradores que mais se distinguem nos processos de cultura e aos melhores criados de lavoura. Ha os chamados premios de honra, que tem contribuido muito para o progresso agricola, e que são muito ambicionados pelos pretendentes. Finalmente, a todos estes incentivos que nobilitam a profissão rural, convem acrescentar os titulos da nobreza e condecorações, que se concedem aos mais dignos filhos do campo, honrando com estes diplomas da aristocracia a classe mais util á sociedade e á civilisação.

Que se faz em Portugal, que se pareça com isto? É vergonha dizel-o.

Agradecimento.—Vimos ainda hoje agradecer aos nossos esclarecidos collegas da *Aurora do Minho* e *Gazeta da Beira*, as palavras agradaveis que nos dirigiram pelo motivo de entrar o *Conimbricense* no 28.º anno da sua publicação.

O mesmo agradecimento dirigimos ao illustrado correspondente desta cidade para o *Campeão das Provincias*.

A questão da pena de morte. —O sr. Antonio Falcão Rodrigues obsequiou-nos com a sua recente publicação— *Qual é o principio juridico que fundamenta a pena de morte? Carta a Santos Nazareth.*

Foi impresso nesta cidade, na imprensa Commercial e Industrial.

A opinião que o seu auctor sustenta neste opusculo, póde deprehender-se dos seguintes paragraphos:

«*A pena de morte* é uma affronta ao progresso, á civilisação e ao direito.

«*A pena de morte* é um ultrage á humanidade.»

Resta-nos agradecer os exemplares com que fomos brindados.

Bibliotheca Contemporanea. —Recebemos e muito agradecemos o 3.º volume do *Conde Duque de Olivares (memorias do tempo de Filippe IV) por D. M. Fernandez y Gonzalez, traducção de Candido de Magalhães, e illustrado por Manoel de Macedo.*

Nada mais temos a acrescentar ao merecimento e interesse deste romance, do que já dissemos em relação aos dois primeiros volumes.

Só diremos que a empreza *Bibliotheca Contemporanea* propô-se á publicação, no idioma portuguez, dos melhores livros estrangeiros, tanto de litteratura amena— *Romances. Viagens pittorescas, Biographias, etc.* — como de *Historia, Sciencias e Artes e todos os conhecimentos uteis.*

Esta empreza, dispondo de importantes elementos, possuindo um consideravel fundo de obras utilissimas e de justa nomeada, tanto francezas, como allemãs e inglezas, e contando com collaboradores abalisados, dará á estampa uma importante collecção de livros de *Historia Universal, Sciencias e Artes*, de todos os ramos dos conhecimentos humanos, em linguagem amena e adequada a todas as intelligencias, ás mais esclarecidas, como ás menos cultas, collecção que virá a formar uma formosa *Encyclopedia*, adquirida mui economica e quasi despercebidamente.

Os seus romances, ou serão originaes, para o que tem já tratado com alguns dos mais estimados romancistas portuguezes, ou escolhidos com o maximo escrupulo d'entre os mais afamados dos escriptores estrangeiros de melhor nota.

As edições da *Bibliotheca Contemporanea* serão sempre nitidas.

A correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da empreza, rua Formosa, n.º 17, 1.º andar, Lisboa.

Subsidio —A camara municipal desta cidade pediu um subsidio ao governo para a construcção de dois lanços da estrada municipal de Fornos ao Botão, comprehendidos entre Fornos e Souzellas, e entre Souzellas e Botão.

Mercado de Coimbra no dia 27—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 560—Dito branco 520—Dito Celorico meudo 620—Dito graudo 530—Milho branco 370—Dito amarello 360—Feijão vermelho graudo 520—Dito branco da marinha 500—Dito da terra 440—Dito frade 360—Centeio 400—Cevada 270—Tremoços 280 Chicharos 300—Grão de bico 520—Batatas 200—Vinho da Beira 650—Dito da Bairrada 850—Aguardente de 18 graus 1$500—Dita de 19 graus 1$550—Azeite velho 1$200.

Desde a semana passada não tiveram alteração nenhuma os preços dos generos.

Epidemia—Nas cavalhariças reaes, em Belem, graça uma epidemia que já matou 22 cavallos, achando-se outros bastante doentes. Dizem que a doença foi classificada de congestão cerebral; e ha quem affirme ter o caracter de espasmos.

Para as cavalhariças do paço das Necessidades foram já removidos todos os cavallos.

Fallecimento—Dizem de Lisboa que se sepultou no cemiterio da Ajuda o decano dos pilotos da barra, sr. Matheus Ribeiro.

Contava 91 annos e era o primeiro piloto-mór da barra de Lisboa, por nomeação de el-rei D. João VI, desde 1824.

A morte deste honrado velho causou sincero sentimento nos sitios de Pedrouços, onde elle residia ha 60 annos. Deixa 4 filhos, 22 netos e 12 bisnetos.

Industria da seda.—Diz o *Diario de Noticias*, que segundo as informações officiaes com relação ao estado de sericultura no districto de Castello Branco, a cultura do *bicho de seda* está pouco desenvolvida. Ha apenas 8 concelhos que d'ella se occupam, e d'esses só pódem considerar-se sericultores os de Castello Branco, Covilhã e Fundão. A producção total do cazulo, no anno economico, proximo findo, foi de 1.520,075 kilogrammas, isto é, mais 311,575 do que no anno anterior, e a producção da seda em fio de 124,860 kilogrammas.

Aquella differença é devida á melhor regularidade na creação respectiva, e á menor procura do cazulo em especie. A transformação do cazulo em fio é limitada, em consequencia da imperfeição dos apparelhos e machinas de fiação.

Uma larga plantação de amoreiras, escolha de boa semente de sirgo, hygiene na creação, e acquisição de apparelhos adequados á perfeita fiação e tecedura, são medidas que devem dar um grande incremento áquella excellente industria.

O dia 1.º de Dezembro—Diz o mesmo jornal que o sr. patriarcha de Lisboa tenciona assistir ao *Te-Deum*, que no dia 1.º de Dezembro se celebra na sé patriarchal em acção de graças pelo glorioso facto da restauração de Portugal.

Sua eminencia vae expedir uma provisão aos parochos da diocese e aos conventos para que nestes e nas egrejas se façam algumas demonstrações de regosijo, celebrando acções de graças ao Altissimo e repicando os sinos. É uma demonstração que muito honra o patriotismo do venerando prelado.

A variola em Lamego—Lê-se em uma correspondencia de Lamego o seguinte:

«A molestia das bexigas continua a fazer estragos. O mal tem chegado a todas as classes. Ricos e pobres todos têem soffrido as consequencias do flagello. O mal tem sido tão grande, que despertou em todos a vontade de implorar, para a sua terminação, a clemencia do Todo-Poderoso. No dia 22 ha de verificar-se aqui uma procissão, em que serão levadas as imagens de Nossa Senhora dos Remedios, S. Sebastião e S. Lazaro, recolhendo todas á sé antecipadamente, por ser d'alli que ha de sahir a procissão.

Na sé estão-se fazendo preces; em Almacave, nas Chagas, nas recolhidas e no convento de Nossa Senhora do Carmo havel-as-ha tambem.

Antes e depois da procissão haverá sermões de que se acham encarregados pregadores distinctos, como o sr. Santos Monteiro; chegando a dizer-se que o proprio sr. bispo, que é o juiz da devoção, pregará tambem—tão grande é o mal aqui.

A Senhora dos Remedios foi hontem visitada por mais de 5:000 pessoas de todas as classes, e quando a imagem saiu da sua capella para a sé, o prestito cresceu muito, com gente que apparecia de toda a parte, deixando os seus trabalhos e correndo todos á oração e á piedade. Era um espectaculo imponente, o que todos presenciamos aqui.

Deus se amercie de nós.»

A questão religiosa na Allemanha—Diz o *Commercio do Porto* que ao mesmo tempo que o governo de Berlim continua na sua perseguição contra o episcopado catholico indigena, parece que o seu ardor o leva a luctar tambem com prelados estrangeiros, com quanto os não julgue muito no caso de fazer-lhes sentir a sua auctoridade.

O principe arcebispo de Olmutz, na Austria, tem parte da sua diocese encravada no territorio prussiano, e, sem attender ás leis chamadas ecclesiasticas, votadas pelo parlamento de Berlim, tem continuado a nomear presbyteros para os beneficios vagos onde o chanceller não consente que se prescinda da sua auctoridade.

Accusado o principe arcebispo perante o tribunal de Ratisbona, negou-se a comparecer, como era de esperar, porem o tribunal condemnou-o por contumacia em uma multa respeitavel, e, não considerando sufficiente este correctivo, resolveu pedir a sua extradicção ao governo austriaco. Este não a consentiu, e, como era necessario levar as cousas o mais longe possivel, o de Berlim, em vista da negativa do da Austria, mandou que se proceda ao embargo das propriedades do prelado de Olmutz.

Um outro successo, que tem o seu tanto engraçado:

Em Buhl (gran-ducado de Bade) o balio de Obren mandou abrir por seis gendarmes e um serralheiro as portas da egreja d'aquella localidade, que o cura catholico Reller tinha entrincheirado para impedir que se tocassem os sinos por occasião do enterro do filho de um velho catholico. Arrombadas as portas, os soldados subiram á torre, e, como o cura tivesse tirado os badalos aos sinos, aquelles principiaram a tocal-os com a ajuda de martellos, satisfazendo assim os seus desejos.

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Paris, 25.— Clemente Duvernois foi condemnado, hoje 25 de Novembro, a 10 annos de prisão, por abuso de confiança e furto industrioso na questão do banco territorial de Hespanha. Foram egualmente condemnados 3 dos seus cumplices.

Londres, 25.—Segundo affirmam de Paris á «Pall-Mall Gazette», o duque Decazes deve ter expedido hoje a sua resposta ao *memorandum* hespanhol.

Madrid, 25.—Dizem noticias officiaes chegadas de Irun, que hoje ás seis horas da manhã os carlistas atacaram as alturas de San Marcial, mas foram repellidos soffrendo grandes perdas.

Madrid, 25.—Um edital do governador civil exhorta os estudantes a entrar na ordem, e lembra-lhes que o districto está em estado de sitio. Hontem teve logar o enterro do general inglez Bristow. A este acto presidiu Layard, representante de Inglaterra. O acompanhamento era grande. O capitão general ordenou que lhe prestasse as honras funebres um batalhão. A «Iberia» diz: A tenaz opposição contra o presidente do conselho é o seu maior elogio.

Irun, 26.—Os carlistas atacaram hontem pela manhã as posições na altura de S. Marcial sendo repellidos, e soffrendo bastantes perdas.

A'cerca da proposta do ministro da guerra de Portugal para no proximo parlamento se votar o augmento do exercito para defeza da nação, pergunta a «Bandera» quaes são os perigos que ameaçam a nação visinha.

Paris, 26.— Vega Armijo jantou hontem em casa de Montpensier. Buckland, correspondente do «New York Times», e correspondente do «New York Herald» foram presos em Fuenterrabia; o primeiro já foi posto em liberdade; porem o segundo continua preso.

Londres, 25.—Telegrammas de Bekenhead avisam ter vencido o candidato conservador com 3:421 votos contra o candidato liberal que obteve só 2:474 votos. Os jornaes conservadores celebram a victoria com grande regosijo.

Londres, 26.— O «Morning-Post» publica o seguinte telegramma:

«Berlim, 25.— Gortschakoff encarregou Kondriaffski de fazer immediatamente um relatorio do progresso e consolidação dos negocios hespanhoes durante o actual governo. Este pedido será o preliminar do reconhecimento do governo de Serrano pela Russia.»

COMMUNICADO

«A vida é o dia de hoje;
«A vida é ai que mal soa;
«A vida é sombra que foge;
«A vida é nuvem que vôa!
«A vida é sonho tão leve
«Que se desfaz como a neve
«E como o fumo se esvae:
«A vida dura um momento!
«Mais leve que o pensamento,
«A vida leva-a o vento
«A vida é folha que cae!

«A vida é flor na corrente;
«A vida é sopro suave;
«A vida é estrella cadente,
«Voa mais leve que a ave!
«Nuvem que o vento nos ares,
«Onda que o vento nos mares,
«Uma apoz outra lançou;
«A vida—penna cahida
«Da aza da ave ferida,
«De valle em valle impellida—
«A vida o vento levou.....».

No dia 24 do corrente falleceu na cidade de Lisboa, victima d'um ataque apopletico, o exm.º sr. conselheiro Ayres Guedes Coutinho Garrido, da quinta da Boiça, julgado da villa de Penella.

Sentimos o mais possivel tão infausto acontecimento, não só pelos deveres da humanidade, mas tambem pela perda irremediavel do illustre finado.

Durante a sua vida publica, s. ex.ª deu sobejas provas do seu honradissimo caracter, administrando com egualdade justiça aos povos a seu cargo, tractando a todos com urbanidade, e mostrando sempre os maiores desejos de valer áquelles que se abrigavam á sua elevada protecção.

Dotado de sentimentos profundamente religiosos, era extremosissimo para com sua exm.ª

familia, esmerando-se na educação de seus exm.^os filhos, e tendo a felicidade de ver que os seus exemplos e conselhos davam o resultado que tanto ambicionava, pois que seus ditos exm.^os filhos são dignos de toda a consideração e respeito.

Pagando este tributo á memoria do exm.^o sr. conselheiro Ayres Guedes Coutinho Garrido, e a quem devemos bastantes obsequios, concluimos, dando os sentimentos a sua exm.^a familia, e designadamente a seus exm.^os filhos, fazendo aqui especial menção de seus primos os exm.^os srs. João Eduardo de Almeida e Albuquerque, e sua virtuosa esposa D. Francisca Antonia Tudella de Macedo, da quinta das Pontes, aos quaes o exm.^o finado consagrava a maior amisade, e profunda estima...

A terra lhe seja leve, e sobre o tumulo digamos: *Requiescat in pace.*

Penella, 26 de Novembro de 1874.

José Maria Eugenio.

ANNUNCIOS

1 NA SECRETARIA do Governo Civil do districto de Coimbra, e até o dia 21 do proximo mez de Dezembro, recebem-se propostas para um emprestimo de dez contos de reis, auctorisado pela junta geral do mesmo districto, e destinado á construcção de uma cadeia districtal nesta cidade.

As propostas devem ser dirigidas em carta fechada, com a indicação externa «Proposta para o emprestimo de dez contos de reis»; e pela mesma secretaria serão fornecidos quaesquer esclarecimentos que a tal respeito sejam pedidos.

Governo civil de Coimbra, 28 de Novembro de 1874.— O governador civil, Visconde de Villa Mendo.

Machinas de Costura

2 EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO, na Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas do systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

3 EM COIMBRA, e Montarroio, n.º 22, o procurador judicial habilitado, encarrega-se de substituições militares.

4 NO JUIZO ORDINARIO de Miranda do Corvo, comarca da Louzã, escrivão Faroia, correm editos de 30 dias, a contar desta data, a requerimento de Maria da Piedade, viuva de João Marques Flor, para por si e como tutora de seus 3 filhos, menores de 12 annos, se habilitarem como unicos herdeiros d'aquelle seu fallecido marido e pae, á herança que o mesmo deixou em Lavras de Caçapaba, provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul, imperio do Brasil, onde o mesmo falleceu; e por isso se chamam todas as pessoas incertas que tenham direito á referida herança a que o venham deduzir, pena de lançamento.

O escrivão do processo—*Antonio Augusto de Andrade Faroia.*

5 NO DIA 3 do proximo mez de Dezembro, pelas 12 horas da manhã, nos paços deste concelho, hade arrendar-se, pelo tempo que decorre até 30 de Outubro de 1875, a barca de passagem do porto de S. Martinho do Bispo, com as condições presentes neste acto.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 27 de Novembro de 1874.

O escrivão da Camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

AGRADECIMENTO

6 JOAQUIM ANTONIO DA SILVA TENREIRO, penhorado e agradecido a todas as pessoas, que se dignaram prestar serviços, e tomar parte no seu desgosto, por occasião da morte da sua muito prezada parenta a exm.^a sr.^a D. Maria José de Moraes, da villa de Mortagua, acompanhando-a até ao seu ultimo jazigo, desde já agradece a todos em quanto pessoalmente o não póde fazer, confessando-se summamente grato.

Mortagua, 25 de Novembro de 1874.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA — EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA — AO MERITO — 1869

ESTABELECIMENTO DE ALFAIATE

8 Rua do Infante D. Augusto 10

7 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO, premiado com a medalha de prata na Exposição Districtal de Coimbra, e na Exposição de Vienna d'Austria, participa aos seus freguezes e amigos, que, alem do grande e variado sortimento que sempre tem, de fazendas nacionaes e extrangeiras, acaba de receber nova remessa propria para a presente estação.

O bom sortimento, a modicidade dos preços e a promptidão com que costuma servir os seus freguezes, continuará a ser fielmente executado.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o Rio de Janeiro

Galera=INDIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

Attenção

9 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

10 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa d'um official de barbeiro.

ALUGA-SE

11 NA COURAÇA DE LISBOA, n.º 33, casa para 2 ou 3 estudantes.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes as



32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

12 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA, por auctorisação da companhia, continua a vender a dinheiro, ou a prestações de 2$000 reis, as machinas **Singer** para alfaiate, sapateiro, corrieiro, modistas, costureiras, e para uso de familia, as quaes reunem os aperfeiçoamentos mais recentes, para coserem toda a classe de trabalho, que diz respeito a modas, camisas, capas, botas para senhora, confeições de linho e seda, cambraias, chapeus para chuva, etc.

As machinas **Singer** são as mais aperfeiçoadas; a sua bella construcção, a facilidade de aprender a trabalhar, a belleza do ponto, tudo concorre para o aperfeiçoamento destas machinas; e para avaliar a confiança que o publico já nellas deposita, bastará dizer que em 1873 a companhia vendeu a maior 113:254 machinas sobre a dos fabricantes Wheler & Wilson, Grover & Baker, Weed, Willcox & Gibbs, Howe B. P.

Ensino gratis, ou na cidade em casa do comprador.

Tambem ha troçaes pretos e de côr, algodões brancos e de côres, agulhas, e tudo o que é pertencente a machinas.

J. P. G. PAIVA

CIRURGIÃO DENTISTA, offerece o seu gabinete dental, rua da Calçada, n.º 82, 1.º andar, esquina ao Arco d'Almedina, a todas as pessoas que necessitem utilisar-se dos seus conhecimentos sobre a protesis dentaria; pondo em conhecimento do illustrado publico os preços seguintes:

PREÇOS DOS DENTES ARTIFICIAES

Desde 3$000 a 6$000 reis cada dente. —Elixir odontalgico para dôr de dentes 500 reis, frasco.—Pós mineraes para branquear os dentes 200 rs., caixa.—Extracção de um dente desde 240 a 1$000 rs.—Limpeza de dentes desde 500 a 2$000 rs.—Empaste desde 500 a 2$000 rs.

Substitutos a militares

14 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

15 JA' ESTÃO á venda na Praça 8 de Maio, n.º 14 a 17, os Almanaks Ecclesiasticos e as novas resas de S. Bonifacio, para o anno de 1875. Preço 160 rs.

Ultima novidade

16 NO ESTABELECIMENTO DOS OCULISTAS—**Boisson & Pombar,**— rua da Calçada, n.º 86 a 90, acaba de se receber directamente de Paris, um grande e variado sortimento de pelles para senhoras, dos ultimos figurinos deste anno; como são: regalos, mantas, punhos para senhoras e homens, e rolos de todos os comprimentos.

Ha pelles para guarnecer casacos de todas as côres e de varias medidas, que se vendem aos metros; egualmente ha cintos para senhoras, de chagrin Tirolezes, da ultima novidade; ha-os dourados, prateados e bronzeados.

Encarregam-se de toda e qualquer encommenda que lhes seja feita.

Boisson & Pombar.

NOVA MERCEARIA

DE

Victorino H. Lebre

RUA DA CALÇADA, N.^os 157 E 159.

17 RECEBEU um bom sortimento de figos em ceiras de 15 e 4 kilos, caixas de 4 e 2 kilos, nova passa de Torres Novas, e de Alicante; queijo flamengo; genebra Folkink e hollandeza a 440, 500 e 600 reis a botija, e no mais faz preços sem rival

Chá de 1$200, 1$400, e 1$600 reis, (muito especial).

Grande sortimento de vinhos do Porto e licores.

ARREMATAÇÃO

18 NO DIA 13 de Dezembro proximo, á porta da sala do tribunal judicial desta comarca, pelas 10 horas da manhã, e perante o exm.º sr. dr. juiz de direito, se ha de arrematar e vender pelo maior preço que fôr offerecido, uma terra em —Ruge agua— que parte pelo nascente, com estrada que vae para o Pisão; do poente, com Ribeira que vae do Pisão a Souzellas; do norte, com Maria do Pateo, de Brasfemes; e do sul, com uma estrada que atravessa a Ribeira que vae do Pisão a Souzellas, no limite da freguezia de Brasfemes, a qual foi avaliada em 140$000 reis; cuja terra está descripta no inventario da fallecida D. Antonia Benedicta da Silva Pereira, viuva, da quinta do Remungão, e vae á praça a requerimento de dois interessados, a quem por sorte, e no dito inventario, pertenceu a referida terra. Do inventario alludido é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

DOCTOR IN ABSENTIA

19 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

BILHAR

20 VENDE-SE um bilhar muito em conta, com todos os seus utensilios. Quem o pretender dirija-se a João Joaquim de Freitas, largo de S. João, n.º 6.

21 O DIA 1.º DE DEZEMBRO DE 1640, ou memoria historica dos successos em Portugal desde a morte de el-rei D. Sebastião até á feliz acclamação de D. João IV, por Antonio F. Moreira de Sá. — Preço 100 reis — **Livraria Academica** — 183, rua da Calçada, 185.

22 EM COIMBRA, na rua do Visconde da Luz, n.º 38, se diz quem precisa d'um rapaz com pratica de negocio de quinquilherias, para ganhar ordenado.

NUMERO 2854 — TERÇA FEIRA 1 DE DEZEMBRO DE 1874 — ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

1 DE DEZEMBRO DE 1640

Dormes, guerreiro Monarcha
Na tua ferrea mortalha?...
Dorme em dia de batalha
Quem tantas batalhas deu!..

Ouves? E' de um povo ancioso
A longa supplica incerta...
Desperta, Affonso, desperta:
Vem nossos direitos vingar!

Da redempção bate a hora!...
Chega o instante do resgate!...
Vem...que mais se não dilate
O opprobrio de estranha lei!

MENDES LEAL.

I

Commemora hoje a nação portugueza um dos seus dias mais gloriosos! Recorda um dos actos mais heroicos praticados pelos seus filhos!

Salve! Mil vezes salve, fausto dia— 1 DE DEZEMBRO DE 1640!

II

Haviam decahido no seculo XVI os brios da epocha de um D. João I;— a Asia e o Brasil estavam attrahindo numerosos aventureiros, mais avidos de riquesas do que de gloria; e assim se ia enfraquecendo o amor nacional, e esquecendo as brilhantes tradicções dos primeiros seculos da monarchia. D. Sebastião ainda quiz ver se imitava os valentes cavalleiros, que tinham conquistado Ceuta na primeira quadra do seculo XV; mas illudira-se. A população achava-se exhausta; o valor marcial amortecido; e não era com o auxilio de um bando de castelhanos, italianos e tudescos que elle havia de conseguir a almejada victoria no solo africano.

Alcacer-Quibir presenceou um dos maiores desastres que referem as historias; e teve Portugal de chorar amargamente a morte do seu rei, o desbarate da sua nobreza, e a destruição do seu exercito. Cubriu-se de pesado luto a nação, que aos males presentes previa logo os futuros, em vista da desmedida ambição dos numerosos pretendentes á corôa portugueza.

A's intrigas do desnaturado Christovão de Moura a favor de Filippe II, segue-se a divisão dos partidos, a corrupção dos fidalgos, e a desconfiança do povo.

De nada serve a dedicação e fidelidade de um Phebo Moniz nas côrtes de Almeirim. Os proprios governadores do reino mostram-se tibios na defeza da patria....ainda mais, atraiçoam-na, indo proclamar em Ayamonte os direitos do ambicioso Filippe de Castella! Nestas circumstancias não era já o prior do Crato que podia com os seus populares salvar a nação....

III

Os terços do duque d'Alba invadem Portugal; e para exemplo do que havia a esperar dos castelhanos, é ignominiosamente enforcado na praça de Cascaes o seu bravo e leal governador, victima da sua dedicação á patria!

Pisavam os estrangeiros o solo portuguez; triumphava pelas suas hostes o *Demonio do Meio Dia!*

Fizeram-se as capitulações de Thomar, para serem todas rasgadas; prometteram-se perfidamente a Portugal as mais amplas garantias, para se faltar a todas ellas com inaudito desassombro! E' que já não governavam este reino os monarchas portuguezes, que consideravam os povos mais como filhos do que como subditos; mas sim um deshumano conquistador, a quem não podiam doer as desgraças de uma patria, que não era a sua!

IV

A nossa marinha aniquilada de envolta com a *armada invencivel;* os nossos foros desprezados, como se nunca existissem; os nossos bens delapidados em beneficio dos usurpadores; as nossas colonias invadidas pelos inimigos de Castella; os nossos soldados, longe do seu paiz natal servindo alheios interesses; eis a sorte que estava reservada a Portugal!

A terra de reis como D. Affonso Henriques e D. João I; de bravos como Nuno Alvares Pereira, Affonso de Albuquerque e D. João de Castro; em fim, a patria de Vasco da Gama e Luiz de Camões estava á mercê de um conde-duque de Olivares e de um Miguel de Vasconcellos de Brito e Barbosa!

V

Sessenta annos durou o captiveiro! Sessenta annos, que pareceram seculos a esta nação tão ciosa da sua independencia!....

Chega, finalmente, o dia da libertação! Sôa a hora aprazada por um João Pinto Ribeiro e seus companheiros na patriotica e audaciosa empreza; e Portugal despedaça em um instante as pesadas algemas, desfralda a bandeira das quinas, e acha-se como outrora—independente e livre!

Salve! Mil vezes salve, fausto dia— 1 DE DEZEMBRO DE 1640!

VI

E não era um arrojo ephemero; não era uma indignação momentanea. Nada disso! A' gloriosa restauração de Lisboa, correspondem logo todas as grandes e pequenas povoações do continente portuguez; assim como todas as nossas colonias em ambos os hemispherios!

Montijo, Forte de S. Miguel, Linhas de Elvas, Ameixial, Castello Rodrigo, Montes Claros, que recordações de heroismo!

Mathias de Albuquerque, João Mendes de Vasconcellos, D. Sancho Manoel, Pedro Jacques de Magalhães, D. Antonio Luiz de Menezes, que nomes de memoria eterna!

VII

E ainda ha quem em Hespanha sonhe em nos tornar a lançar o jugo!

Quê! Pois acaso já esqueceram esses sessenta annos de flagicios; essa epocha para sempre nefanda?!

Não! Primeiro do que isso; de preferencia a tudo:

Antes mortos do que servos
No torrão de nossos paes....

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXVI

RODRIGO PINTO PISARRO

XXIV

(CONTINUAÇÃO DO DISCURSO DO DEPUTADO MANOEL DA SILVA PASSOS)

Esse decreto é absurdo, e ominoso; e eu desejo vêl-o quanto antes revogado. Mas não ouso affirmar que seja inconstitucional, porque o legislador provisorio, ou constitucional podia admittir, ou expulsar o jury. Mas uma vez admittido como no caso presente (em virtude do decreto de 16 de Maio) nem o poder provisorio, nem os tres ramos do poder legislativo tinham direito de lhe retirar as attribuições que a Carta Constitucional só dos jurados confiou, e que constituem a essencia desta bella instituição, segundo o systema do decreto de 16 de Maio. Nas causas crimes o jurado duas vezes intervem, a saber: na *pronuncia*, e na *sentença*, ou para melhor dizer, o jurado intervem para declarar, que tem logar a *accusação*, e que tem logar a *condemnação.*

Para ter logar a accusação e a condemnação não basta saber a lei criminal; é necessario applical-a junctamente aos factos declarados criminosos, e a um, ou mais cidadãos declarados auctores desses mesmos factos. Esta declaração é da exclusiva competencia do jury; porque a constituição diz—que os jurados *pronunciam* sobre o facto, e que os juizes applicam a lei.

Nas causas crimes quando intervem o jury, quando dá o seu *verdit*, em frase constitucional diz-se, que o jury *pronuncia*. E esta frase não pode de nenhum modo estender-se ao juiz que não tem nada com o facto, e só lhe applica a lei; por isso quando aquelles decretos dessem ao juiz de direito a faculdade de *pronunciar*, não podiam, nem deviam nesta parte ser cumpridos, porque violavam a constituição, que é a lei primordial, que nenhum poder constitucional pode alterar, ou revogar.

Por tudo isto é manifesto que, segundo a nova jurisprudencia, a *pronuncia* não existe se não depois do *verdict* do jury, porque só elle é que pode *pronunciar*.

O sr. relator da commissão explicou de outro modo a theoria da *ratificação de pronuncia*, declarando que ella não era senão uma garantia de mais pela Carta concedida ao cidadão, e que não podia ser da mente do legislador fazer dependente a *pronuncia* da decisão do jury; por quanto muitas vezes o jurado não se ligava ás provas do processo, e decidia-se menos por ellas do que por a compaixão que inspira o accusado, ou a sua familia, por a sua vida anterior, ou por outras causas estranhas!

Perdão, sr. presidente. O facto é verdadeiro, mas a theoria é nova. E o illustre relator da commissão confundiu o uso com o abuso. É verdade que o jurado muitas vezes absolve o culpado, e o absolve tendo a consciencia de que elle commetteu o facto criminoso de que é com justiça arguido. Assim era em França durante a restauração.

Barbara, mui barbara foi a lei de sacrilegio. O jury costumava então absolver todos os reus accusados deste crime, por mais provado que fosse. Era este o unico antidoto que se achou contra o *virus* da tyrannia que se tinha inoculado no sangue das leis. Esses *verdicts* constituiam o que se chamava a opposição do jury, e serviam para mover o legislador a ser mais temperante, e mais humano; e o obrigavam a emendar-se o luxo, e profusão das penas, e criminalidade. Porém este facto não é direito, é abuso.

Tambem cruelissimas são as leis penaes de Inglaterra. E sem embargo lord *Mansfield* não cessava de clamar aos jurados—Senhores, considerae a causa em si; attentae sobre os factos, despi-vos de toda a paixão, de toda a consideração estranha; não laneeis a vista para a lei demasiado severa; não vos leveis da piedade, e da compaixão, que vos arrastaria ao perjurio, e á quebra de vossos deveres. Condemnae sem temor. Se a pena é dura, recommendae o condemnado á piedade real. No cora-

O CAMINHO DE FERRO DA BEIRA

Cumprindo-nos informar os nossos leitores de tudo o que fôr occorrendo ácerca do projectado caminho de ferro da Beira, transcrevemos da correspondencia do *Commercio do Porto* o seguinte:

«O distincto engenheiro, o sr. Boaventura José Vieira, apresentou hoje no ministerio das obras publicas, a primeira parte do trabalho de que foi incumbido, com respeito á directriz do caminho de ferro da Beira.

A'cerca deste objecto me tenho occupado por vezes, e estão confirmadas, segundo os estudos feitos, as informações que dei aos leitores relativamente a tão interessante assumpto.

O sr. Vieira apresentou: reconhecimento, a partir da estação da Mealhada até á passagem do Bussaco, na extensão de 16 kilometros; traçado, a partir da estação de Coimbra pelo valle do Mondego até Santa Combadão, na extensão de 45 kilometros; variante entre Celorico e Villa Franca das Naves, na extensão de 15 kilometros, pela qual se encurta o traçado do engenheiro Cambelles, em 6:300 metros.

O sr. Vieira limitou a um reconhecimento o estudo relativo á Mealhada, por isso que entendeu não valer a pena entrar em maiores desenvolvimentos, visto esse traçado ser muito inferior ao de Mogofores, estudado pelo sr. Cambelles. A distancia a percorrer, segundo os dois traçados, é a mesma, porem pelo de Mogofores ha 10 kilometros em condições excellentes para a construcção.

Discutindo os diversos traçados, mostra o esclarecido engenheiro que o que parte de Coimbra, chamado o traçado de Coimbra pelo sul do Mondego, entende que elle é impraticavel. Por este traçado o caminho atravessando o Mondego, na Portella, ia a Arganil, etc.

Este traçado é impraticavel, por quanto as condições do terreno não se recommendam ás obras que se exigem para um caminho de ferro internacional. As rampas seriam muito fortes, superiores ao que está estatuido para construcções d'aquella natureza.

Com respeito ao traçado, partindo da Pampilhosa e que vai á serra do Bussaco, entende o sr. Vieira que sujeitando-se ás mesmas condições é comtudo peior e muito mais dispendioso do que o de Mogofores.

Excluidos os tres traçados referidos, ficam o de Mogofores e o de Coimbra, pelo norte do Mondego a comparar um com o outro.

Como já tive por mais de uma vez occasião de dizer, por este traçado de Coimbra pelo norte do Mondego, o caminho deve ir tomar o valle de Coselhas, passando entre Santo Antonio dos Olivaes e Tovim e valle da Arregassa.

Por este traçado, é esta a valiosa circumstancia que o torna preferivel a todos os outros; a distancia de Lisboa á fronteira ficará mais curta em 21 kilometros, do que partindo o caminho de Mogofores

Pelo traçado de Coimbra, haverá a construir 10 tunneis na extensão total de 2:300 metros, sendo o maior na extensão de 600 metros, e terá 22 viaductos na extensão total de 1:630 metros. Até Santa Combadão haverá uma estação em Penacova, outra em Mortagua, em Almassa, na foz do ribeiro que vem de Mortagua e outra em Santa Combadão, ao lado do Vimieiro.

Está calculado o custo de cada kilometro em 57 contos de reis até Santa Combadão.

Pelo traçado de Mogofores, o custo do kilometro seria de 49 contos, devendo-se abrir o grande tunnel de 1:840 metros na serra do Bussaco. Por este traçado haveria estações em Villa Nova de Monsarros, Mortagua e Santa Combadão.

Não obstante a differença do preço, o traçado de Coimbra, pelo norte do Mondego, como já disse, é na opinião do sr. Vieira preferivel ao de Mogofores.

Em quanto ao estudo para o encurtamento do caminho de ferro, em Villa Franca das Naves, pouco tenho a acrescentar ao que por vezes noticiei.

Segundo o traçado do sr. Vieira, da estação de Celorico, o caminho terá outra estação em Massal do Chão e outra em Villa Franca das Naves. Pelo traçado do sr. Cambelles haveria uma estação em Trancoso.

Mais poderia dizer sobre os trabalhos do sr. Boaventura José Vieira, muito encarecidos e elogiados pelas pessoas competentes, porem o mais interessante ahi fica, porque de resto teria de me referir á parte propriamente technica, que pertence aos homens da sciencia.

A proposito vem dizer, que o projecto do caminho de ferro da Beira Baixa está na junta consultiva de obras publicas, que ainda o estuda, e não admira qualquer demora que haja, por isso que o assumpto é de summa importancia e não pode ser resolvido precipitadamente.»

NOTICIARIO

Sacrilegio.—Em a noute de 15 para 16 de Novembro findo, foi assaltada a egreja matriz da villa de Arganil. Os ladrões fizeram n'uma das portas lateraes um rombo, por onde levantaram as trancas, e invadiram o templo. Egualmente á força de golpes de uma pùa, abriram a porta, que da capella mor dá entrada para a sachristia, onde arrombaram alguns gavetões, revolvendo os paramentos; porém nada lhes agradou para saciar a sua cobiça.

Abriram o sacrario, e levaram o sagrado deposito, que era uma caixinha de madeira com tampa pyramidal, forrada de seda, e por fóra de veludo carmezim, marchetada de prata em todos os angulos, com fechadura de prata, e uma pequena cruz no alto, tambem de prata. Era de merecimento artistico, e inculcava antiguidade. N'este deposito estavam sempre tres particulas consagradas.

E notavel coincidencia! No dia 8 de Novembro de 1848, das 2 para as 3 horas da madrugada, foi esta mesma egreja assaltada; e agora, em Novembro de 1874, soffre a casa do Senhor egual desacato!

No primeiro assalto forçaram os ladrões a porta do sacrario, mas ficaram logrados, vendo que a pixide era de vidro.

Por esse desacato ordenou o prelado da diocese que, em desaggravo á magestade divina, se fizesse uma procissão de penitencia, convidando-se as irmandades e auctoridades publicas, terminando o acto religioso com uma pratica, incitando os fieis a desaggravar o Santissimo Sacramento.

Teve effectivamente logar a procissão de penitencia no domingo, 26 de Novembro de 1848, pelas 3 horas da tarde, pregando n'esse acto o reverendo padre Manoel da Costa Vasconcellos e Cunha, hoje prior em Pombeiro.

O acontecimento que agora houve, veiu sobremaneira penalisar os habitantes de Arganil, e decerto o exm.º sr. bispo conde, pelos sentimentos religiosos, que tanto o caracterisam, não deixará passar tão grave attentado, sem ordenar um desaggravo publico ao Todo Poderoso.

Tempo.—Estão contentes os lavradores, porque os seus gados já têem subsistencia farta, e as suas searas estão verdes e viçosas. São effeitos das ultimas chuvas. O Mondego já leva muita agua, de que muito precisava para a navegação.

Azeitona.—Está ainda muito atrazada a colheita deste fructo. A producção é desegual; mas assim mesmo é frequente encontrar oliveiras carregadas ao longo das estradas da Beira e da Figueira.

Gado suino.—Tem havido grande matança deste gado para consumo da cidade, mas a carne conserva-se cara.

Calçadas.—E' pessimo o estado das calçadas em muitas ruas. Na Sophia, onde ha maior transito de carros, torna-se mais urgente a reparação Quando serão concertados os passeios da melhor rua de Coimbra? A imprensa já tem bradado tantas vezes por esta obra!

Melhoramentos.—O sr. Antonio Rodrigues Pinto tem procedido a obras dispendiosas, para altear a sua grande insua da Ponte de Agua de Maias, collocando esta excellente propriedade em boas condições de cultura, e ao abrigo das innundações e dos pantanos. As duas formosas insuas do sr. Francisco da Silva Oliveira tambem melhoraram muito com a abertura da valla, que communica a antiga valla dos Lazaros com o alveo velho do Mondego.

Illuminação.—Continua a ser excellente a illuminação das ruas de Coimbra. Temos ouvido a muitas pessoas, que a nossa cidade é melhor servida neste ponto, que Lisboa, Porto e Braga. E' digna de louvores a respectiva empreza.

Edificações.—Tem continuado a construcção de casas, ao longo da estrada da Beira, na Arregassa, ladeira do Seminario, e em Mont'Arroio. Neste ultimo local, já está prompto o predio do sr. Dr. João Antonio de Sousa Doria, com um espaçoso quintal.

Chegada.—O sr. conselheiro Antonio José Duarte Nazareth chegou no domingo a esta cidade vindo do Porto. Veiu buscar sua familia e regressou ao seu posto na segunda feira.

ção dos monarchas existe a clemencia; não sois vós, é elle quem pode perdoar!

Sr. presidente, dem-nos uma lei justa, e o jurado será talvez demasiado severo. Eu tenho mais medo do rigor, que da humanidade das sentenças.

Outro sr. deputado da direita pretendeu deduzir alguns argumentos da comparação dos effeitos do despacho do juiz, segundo o antigo e novo systema judiciario, ou do que elle chamou a nova, e antiga *pronuncia*.

Pelo decreto de 16 de Maio, o despacho do juiz indicia um cidadão de um crime, e obriga a custodia. Pelo antigo systema, segundo eu creio, o despacho do juiz nem sempre obrigava á prisão, mas obrigava sempre a livramento, consequencia da accusação; que não tem agora logar senão depois do *verdict* da culpabilidade. Assim o effeito da antiga *pronuncia* não se acha já senão depois da ratificação. O despacho do antigo juiz não podia ser revogado senão por o *aggravo* chamado *de injusta pronuncia*. O despacho do novo juiz necessita ser ratificado.

Aggravo de injusta pronuncia, e ratificação da pronuncia, são duas frases que explicam duas ideas mui diversas. No novo systema judiciario ficou a ratificação, e o recurso foi abolido por o decreto citado, artigo 175. É necessario não confundir esta idea

Comtudo, como da antiga pronuncia se podia aggravar, quando um cidadão pronunciado tivesse interposto seu recurso, não vejo eu motivo para crer, que em quanto pendesse a decisão do seu aggravo, devesse esse cidadão ser considerado como criminoso, e effectivamente pronunciado; e que sendo eleito deputado, fosse por isso declarado inhabil, e excluido da camara electiva. Não ha em contrario precedente nas outras assembleas portuguezas, nem eu creio, que viesse nunca a estabelecer-se; porque esta grande desaventura estava reservada para nós.

Agora responderei ao grande, ao pavoroso argumento tirado do artigo 126 da Carta (leu). Eis aqui o *inconcusso fundamento* dos defensores do parecer.

Esse artigo é transitorio; nem tem nenhuma relação com o processo do jury. Era uma disposição provisoria, indispensavel, urgente para atalhar a prevaricação, e a corrupção publica e vergonhosa da magistratura portugueza. Por isso a camara de 1828 decidiu que para a sua prompta execução não necessitava de lei, decreto, ou regulamento. O legislador quiz abrir ao olho penetrante do povo os tribunaes de justiça; quiz mandar um raio de luz a esses antros de *Caco*, ás cavernas do crime, aos templos da iniquidade; porque só assim se podiam limpar essas cavalhariças de Augias.

Desse artigo, (quando ao novo processo se referisse) nada mais se podia deduzir em boa logica senão que—os actos do processo fossem publicos depois da pronuncia; mas não que antes della fossem secretos;—e quando devessem ser secretos, intervindo o jury, não se tirava a este o direito de *pronunciar sobre os factos*; mas só o de ouvir em publico as testemunhas, o accusado, e o accusador; e tambem o de em publico dar o seu *verdict*.

Tão maus principios não podiam entrar na cabeça de um legislador philosophico, que conhecia a baixeza dos magistrados portuguezes, os quaes ainda ha poucos annos tinham accendido as fogueiras do Campo de Santa Anna.

Mas haverá por ventura despacho do juiz que pronuncie o nobre deputado eleito?! Vejamos esse despacho:

«Obrigam as testemunhas deste summario «á *prisão* em que se acha *Rodrigo Pinto Pizarro*. Passe o seu nome ao rol dos culpados, «e remetta-se o processo ao juiz competente, «fazendo-se a devida intimação ao reu, e de«claração no assento de prisão... 18 de Julho «de 1834.»

Nós temos o direito de examinar se este despacho é uma pronuncia, e de ver se se guardaram as formulas da justiça; se se observou a lei, e se o juiz é competente.

Senhores, eu tive a honra de ser juiz de paz na minha pobre freguezia. Nesta qualidade eu pronuncio desde já a nação toda. Não ha mais cidadãos elegiveis, porque todos estão pronunciados. O systema representativo expirou.

Vós dizeis—o juiz de paz excedeu a sua auctoridade; sua pronuncia é illegal, e inconstitucional, e sua auctoridade incompetente. É assim. Mas vós que admittistes o principio, não podeis fugir ás consequencias.

Eu sou juiz, o poder judiciario é independente; se eu offendi a lei, accusae-me. Mas vós estaes pronunciados. Defendei-vos nos tribunaes. Eu fallei como juiz, e a machina constitucional parou! Eis ahi os absurdos da vossa exaggerada theoria das independencias do poder judiciario. A palavra *pronuncia* parece que tem um poder magico, porque a camara fica petrificada diante della como se fosse a cabeça de *Medusa*.

«*Obrigam as testemunhas deste sumario á prisão*»—A prisão! *Obrigam* a custodia, diria um juiz que entendesse seus deveres, e que os quizesse cumprir. O sr. deputado da Beira Baixa já confundiu a prisão e a custodia, que são duas cousas distinctas. O decreto de 16 de Maio no artigo 204 diz, que depois da ratificada a pronuncia—*o reu será mudado para a cadeia.*—Então aonde estava elle antes da pronuncia?

O decreto propoz que o existente systema de prisões seria substituido por outro mais rasoavel, mais philosophico, e mais humano; e quiz que o homem que um só juiz indiciara ou suspeitava de crime, não se confundisse com aquelle que já tinha sido declarado tal por o juizo de seus pares.

É por isso que os cidadãos *detidos em custodia* se chamam simplesmente *indiciados* (Decreto citado, artigos 185, 192, 194, 198, 203.)

«*Passe o seu nome ao rol dos culpados!*»—Ao rol dos culpados, sr. presidente! Um só juiz terá o direito de me declarar culpado a mim cidadão livre! Elle crê na minha criminalidade, eu creio na minha innocencia; quem ha de decidir entre nós ambos? Se não intervem o juizo de meus pares, na duvida, pode por ventura pender a balança para o lado da culpa! Já é culpado um cidadão que ainda não pode ser accusado?

O juiz faltou á sua obrigação, estendeu a sua auctoridade; e eu como deputado, cidadão, e como homem protesto contra a sua arrogancia. Se vós daes essa auctoridade a um juiz, que ás vezes é um miseravel, não ha mais que esperar. Hoje é o coronel *Pisarro* a unica victima da arbitrariedade; ámanhã serei eu; depois seremos todos. Nem se creia isto exaggeração; que já nos aconteceu a todos os liberaes, o sermos perseguidos em massa, em 1827, depois da deploravel demissão do nosso illustre collega o sr. marquez de Saldanha.

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maria Ribeira, filha de Antonio Ribeiro e de Rosaria Maria, natural de Alcarraques, fallecida no dia 23 de Novembro.

Abilio Ferreira, filho de Antonio Ferreira e de Rosa Maria, natural de Coimbra, de 20 mezes e 3 dias, fallecido no dia 23.

Maria Carolina, filha de José dos Santos Bredas e de Angelica do Carmo, natural do logar da Monteira, de 58 annos, fallecida no dia 24.

Joanna Rita Espingarda, filha de José dos Reis e de Rita de Jesus, natural da Ponte da Mucella, de 64 annos, fallecida no dia 24.

Maria da Assumpção, filha de Manoel Marques e de Helena Maria de Jesus, natural de Lourosa, freguezia de Besteiros, fallecida no dia 25.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—3:737.

Fallecimento.—Falleceu em Lisboa, na edade de 69 annos, o reverendo padre Antonio José Affonso, prior da freguezia de Nossa Senhora da Encarnação. Serviu de coadjutor e thesoureiro da mesma egreja e foi nomeado prior encommendado em Abril de 1856 e collado em Agosto daquelle anno. Era natural do Carvalho, bispado de Coimbra.

O reverendo padre Antonio Simões Leite, que era o coadjutor da parochia, foi provido como prior encommendado por sua eminencia, emquanto se não põe a concurso o cargo, conforme a lei.

Caminhos de ferro.—Inauguraram-se na semana passada na provincia do Minho os trabalhos da construcção de dois caminhos de ferro; um de Santo Thyrso para Guimarães, e outro de Vianna para Braga. A' inauguração do ultimo assistiu o sr. ministro das obras publicas.

Herança.—Já estão procedendo judicialmente á habilitação de herdeiros, na comarca de Vianna do Minho, os parentes de Salvador Alvares, fallecido no Chili, e que legou uma fortuna de 1:000 contos de reis.

Barateza.—Os jornaes de Lisboa annunciam á venda calçado para senhoras e homens, desde 400 rs. a 1$500 rs. E' realmente para tentar.

Carvão de pedra.—Um sabio allemão calcula, que a superficie de terreno carbonifero actualmente em exploração, póde ser avaliado em 20:711 kilometros quadrados, e a profundidade media das camadas aproximadamente em 9ᵐ e 45. O calculo desta profundidade é ainda muito baixo, porque em algumas minas as camadas de carvão chegam a 20 e 40 metros. Em Liege é superior a 16 metros; na bacia carbonifera de Buhr é de 40, e em Staffordshire é de 46.

Comparando a immensa quantidade de carvão que existe nas entranhas da terra, com o que se consome annualmente, póde assegurar-se, que ha ainda carvão para 36:000 annos. Em 1867 extrahiu-se carvão de pedra com um valor muito superior ao dos metaes preciosos extrahidos no mesmo anno.

Só as minas de Inglaterra produzem mais de 60 milhões de tonelladas por anno, e calcula-se que este paiz póde produzir combustivel sufficiente para alimentar o consumo de toda a Europa durante 4:000 annos.

Em Manchester emprega-se constantemente uma força matriz de 1.200:000 *cavallos-vapor*, que não exige menos de 30:000 tonelladas de carvão por dia. Os vapores transatlanticos que partem dos portos de Inglaterra consomem annualmente enorme quantidade de carvão, e só a illuminação a gaz em toda a Grã-Bretanha consome mais de 10 milhões de tonelladas annuaes.

Fecundidade.—Uma senhora deu á luz no Brasil 3 creanças do sexo feminino, em perfeito estado de saude e robustez. A primeira nasceu em 29 de Setembro e as outras duas 24 horas depois. A' data das ultimas noticias todas viviam bem.

Coragem de mulher.—Em uma aldeia de França trabalhavam no campo a colher batatas uma rapariga e uma velha. De repente apparece um grande lobo em attitude ameaçadora. A rapariga enche-se de coragem e accommette a fera com o sacho, e com tanta felicidade, que a lança por terra morta. Este acto de heroismo foi celebrado na aldea em descantes e festejos publicos, sendo a heroina recebida em triumpho por toda a população.

Meios de communicação.—O relatorio do governo austriaco acerca da exposição universal de Vienna, offerece as seguintes curiosas noticias sobre o progresso dos meios de communicação nos ultimos seis annos:

As linhas telegraphicas subiram de 56:166 milhas geographicas a 77:000. Uma linha completa parte de S. Francisco, atravessa o continente americano e o atlantico, percorre a Europa e a Siberia até aos confins orientaes da Asia. Esta linha communica por diversas ramificações com a India, Japão e Australia.

Os caminhos de ferro, durante o mesmo periodo de seis annos, cresceram de 24:500 milhas a 37:300. O numero de passageiros, que transita em cada dia por este systema de viação, anda por quatro milhões. O serviço postal não transporta menos de 3:300 milhões de cartas annualmente, ou 9 milhões e um quarto por dia, ou 100 por segundo.

Em 1860, o valor das exportações e importações em todos os paizes não era inferior a 15:000 milhões de *florins*, ou 1:500 milhões de *libras sterlinas*. Em 1870 este ramo de commercio subiu á somma de 23:170 milhões de *florins*, o que representa um augmento de 54 por 100.

Annuncio curioso.—Um jornal hespanhol insere o seguinte annuncio:

Noivas e noivos da sociedade mais escolhida, desde 30 a 50 mil duros de dote, e desde 15 a 60 annos de edade, proporcionam-se na rua Mendizabal, n.º 1, 1.º, Barcelona.

Desastre.—Communicam-nos da Mealhada, em data de 30 de Novembro, o seguinte:

«Hontem, depois do comboyo que vem do Porto, e que a esta villa chega ás 8 e meia da noite, occorreu um triste successo, que comoveu quantos o presencearam, causando ao mesmo tempo geral indignação.

Para transporte das malas do correio da estação do caminho de ferro para a do correio, tem aqui a companhia de viação da Beira uma carroça impropria e indecente, tirada por uma mula.

Acontece, que, sendo dirigida por um rapaz, empregado da companhia, quando mal o esperava, quebra-se uma das rodas, a mula espanta-se, arrasta precipitada a carroça, e o rapaz caindo-lhe debaixo com a maior infelicidade quebrou uma perna.

Parece que outro era o carro para tal serviço, que, tendo sido julgado incapaz, ha já mezes, fora remettido para Vizeu, afim de ser concertado ou substituido;—a direcção, porem, pouco solicita, jámais fez caso algum, e ao seu desleixo se attribue a triste occorrencia.

Foi isto que provocou a indignação dos habitantes.

O desgraçado rapaz é filho de uma pobre viuva, desta villa.»

Doença no bicho da seda.—Diz o *Diario de Noticias* que as noticias recebidas da Guarda, com relação á industria sericola, são pouco lisonjeiras. Manifestou-se no bicho da seda uma epizootia, que ultimamente tem tomado um grande desenvolvimento, a ponto de se temer que haja uma crise imminente.

Os creadores lamentam o seu estado, pois receiam que, se não se empregarem medidas energicas, se vejam em pouco tempo reduzidos á miseria.

A doença apresenta symptomas que levam a crer que seja aquella a que os italianos chamam *necrosi*, e que muitas desgraças têem causado. Apesar disso ainda a producção do casulo, neste anno, foi de 38.537,078 kilos, os quaes, na rasão de 467 reis, preço medio, dão um resultado de 18:019$438 rs.

As perdas occasionadas por aquelle flagello estão calculadas em 6:000$000 reis para cada concelho do districto, o que dá um prejuizo de 84:000$000 reis. Nesta verba figuram como factores a mortandade do sirgo, a depreciação das amoreiras, e o trabalho improductivo.

Vê-se pois, a importancia da exploração de uma industria que começou a ter incremento em 1866, e que presentemente se achava debaixo dos melhores auspicios.

Grande desastre—O *Jornal da Noute* publica o seguinte:

«Porto 30, á 1 hora e 40 minutos da tarde—Deu-se hoje um lamentavel successo nesta cidade. Pelas 11 horas da manhã desabou a estação provisoria da companhia dos carris de ferro do Porto, situada na rua da Boa Vista, onde estavam gado e algumas pessoas.

Ignora-se ainda quantas foram as victimas; ha comtudo bastantes pessoas gravemente feridas que têem dado entrada nos hospitaes.

Calcula-se que será importante o prejuizo de gado, não só por aquelle que morreu, como por aquelle que ficou ferido, e impossibilitado de trabalhar.

Está-se empregando toda a actividade possivel em levantar o entulho.

Tem chovido aqui constantemente.»

Noticias de Lisboa.—Lê-se na correspondencia do *Commercio do Porto* o seguinte:

«Hoje reuniu-se a commissão nomeada pelo sr. ministro da marinha, a pedido do sr. conde de Linhares, para examinar os antigos planos relativos á construcção da canhoneira *Quanza*, pelo systema composite.

O sr. ministro da marinha, acompanhado pelo sr. visconde da Praia Grande de Macau, esteve hoje vendo os modelos e plantas de navios couraçados, chegados ultimamente de Inglaterra, e dos quaes já dei noticia.

Os operarios que trabalhavam em deitar a baixo uma parede antiga, encontraram na terra algumas moedas de cobre, que se suppõe do tempo de D. Affonso V e D. Manoel.

Estiveram hoje em exposição no Banco Nacional Ultramarino os bustos do imperador do Brasil, duque de Caxias, visconde do Amazonas e barão do Triumpho, mandados fazer pela commissão que promoveu festejos em Lisboa, na occasião em que o sr. D. Pedro 2.º por aqui passou na sua viagem á Europa.

Foi absolvido o sr. Agostinho dos Santos, pronunciado pelo crime de ter tomado parte na temerosa conspiração, que poz em perigo, na linguagem das auctoridades, as instituições, a dynastia e a independencia nacional. O sr. Santos esteve muito tempo fugido em Hespanha.

Grande numero de amigos ao ouvirem ler o «veredictum» do jury o abraçaram com enthusiasmo.

Pouca ou nenhuma curiosidade despertou este julgamento.»

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Londres, 27 de Novembro, á tarde—Segundo consta a *Pall-Mall-Gazette*, parece que o papa prohibiu aos funccionarios catholicos prussianos que dêem cumprimento ás leis relativas ao casamento.

Madrid 27, á noute—Dizem noticias officiaes, na madrugada de hontem surprehenderam os carlistas as avançadas de San Marcial, mas foram repellidos e perseguidos até Lastaola, perdendo mais de cem mortos. Duzentos estudantes pediram tranquillamente em Valencia a liberdade de ensino. Os ministros occuparam-se hoje do processo de Lozano. Os carlistas prohibem com pena de morte que se falle do ataque d'Irun e das noticias da guerra publicadas pelos jornaes liberaes. Diz-se que o governo francez resolveu substituir Nadaillac. Confirma-se officialmente a estada de D. Afonso em Londres.

Paris 27—Entraram na ordem os estudantes da eschola de medicina.

Petersburgo 27—O orçamento da receita apresenta um saldo consideravel para 1875. São completamente falsas as noticias dos jornaes estrangeiros a respeito da conspiração na Russia.

Rio de Janeiro 27, á tarde—Rebentaram desordens religiosas nas provincias da Parahyba, e Pernambuco. Os amotinados gritam: «Abaixo os pedreiros livres!» O pretexto do levantamento é a condemnação dos bispos do Pará e Pernambuco. O governo tem enviado tropas e navios de guerra de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Graças ás medidas tomadas pelo governo, espera-se que a ordem seja brevemente restabelecida.

Madrid 27—A *Gazeta* diz que os carlistas foram batidos nas alturas de Tomargarel, morrendo o commandante.

Paris —Decases enviará ámanhã a resposta a Armijo. O *Memorial Diplomatique* menciona o boato de que Hatzfeld será chamado a Madrid, sendo substituido por Bergen Bavaro. Oito secretarios da camara italiana deram a sua demissão.

Madrid, 28—No conselho de hontem parece que se tractou do indulto de Lozano. Partiu hontem á noite o ministro plenipotenciario do Mexico. Foi multado o jornal «Tiempo» por ter dado a inexacta noticia do projectado emprestimo. Embarcaram hoje em Cadiz 1:000 homens com destino á ilha de Cuba.

De Valencia noticia o general em chefe que o cabecilha Velasco retrocedeu de Chelva no dia 24 com 9 batalhões; o exercito encontrou 3 batalhões carlistas, guarnecendo as alturas de Tamargal, que foram tomadas rapida e corajosamente, pernoitando as tropas em Chelva; e continuando a sua marcha no dia seguinte, surprehenderam os commandantes de Alcuidas e Manzanera, matando aquelle, e fazendo este prisioneiro, assim como outros varios individuos.

O jornal a «Discusion» pede ao partido republicano que mostre mais cohesão perante a nova face que a politica vae tomando em consequencia do resultado das operações militares.

Pernambuco, 28.—Em resposta ao seu telegramma pedindo para que confirme o despacho que lhe enviei relativamente as offensas da *Tribuna* para com os officiaes da corveta *Sagres*, tenho a informal-o, que o official mais insultado pediu satisfação, mas que a resposta do jornal foi publicar um supplemento incitando o povo contra a officialidade.

No dia 26 sahiu o *Sorata* e hoje o vapor *Douro* com destino para o norte.

SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despêzas, com o uso da deliciosa farinha *de Saude*,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Toda a molestia acaba com o uso da deliciosa *Revalesciére*, du Barry que torna a dar a saude, a energia, a boa digestão e o somno. Cura as indigestões (despepsias), gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do ligado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro, e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Cura 72:448 Cadiz 3 de Junho de 1866.

Não posso fazer menos de manifestar a vv. ss.ª os bellos resultados que obtive, administrando o seu *Chocolate de Revalesciére* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinaes, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual o distingue o seu attento venerador—VICENTE MOYANO.

Cura 69:718 Ticheville (Orne) 20 de Março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalesciére*, tenho-a administrado a varias pessoas, ás quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo n'aquelles que padeciam de hydropesia. Tres destes curaram completamente.—A tosse produzida por uma constipação, desappareceu instantaneamente, e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina, e das molestias de estomago, affastando de qualquer individuo a hypocondria—PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil. 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de

3 kil. 4$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada**; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus e em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$300 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª—Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira, J. Pinto; Desiré Rabir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos, pharm.; pharmacia da rua do Visconde da Luz, S. Magalhães Ferraz, pharm., Carvalho e Castro, pharm., José Duarte, merciaria, praça de S. Bartholomeu, José Monteiro Cortez da Gama, Rua do Visconde da Luz, 31.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.—BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto, L. Maia, pharm.—FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm. largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rabis, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

ANNUNCIOS

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE COIMBRA

1 Por ordem do exm.º sr. presidente da assembléa geral, é esta convocada para a proxima quinta feira, 3 do corrente, pelas 7 horas da tarde, para a continuação da discussão do projecto de reforma dos estatutos.

O 1.º secretario,

J. A. Vieira da Fonseca.

Ultima novidade

2 No estabelecimento dos oculistas—**Bolsson & Pombar**,— rua da Calçada, n.º 86 a 90, acaba de se receber directamente de Paris, um grande e variado sortimento de pelles para senhoras, dos ultimos figurinos deste anno; como são: regalos, mantas, punhos para senhoras e homens, e rolos de todos os comprimentos.

Ha pelles para guarnecer casacos de todas as côres e de varias medidas, que se vendem aos metros; egualmente ha cintos para senhoras, de chagrin Tirolezes, da ultima novidade; ha-os dourados, prateados e bronzeados.

Encarregam-se de toda e qualquer encommenda que lhes seja feita.

Bolsson & Pombar.

3 O bacharel A. Augusto d'Oliveira Valle, participa ás pessoas de sua amisade e relações, que mudou a sua residencia para a Couraça de Lisboa, n.º 22, onde offerece o seu limitado prestimo.

Desenho

4 A. A. Gonçalves, abre brevemente um curso de desenho, exclusivamente destinado ás artes. As horas d'aula serão estabelecidas em harmonia com o tempo que o artista diariamente dedica ao seu trabalho.

Rua do Correio, n.º 77.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes as

MACHINAS de COSTURA da Companhia "SINGER" de Nova York PARA FAMILIAS e INDUSTRIAES

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

5 José Teixeira da Cunha, por auctorisação da companhia, continua a vender a dinheiro, ou a prestações de 2$000 reis e a 2$250, as machinas **Singer** para alfaiate, sapateiro, correiro, e para uso de familia, as quaes reunem os aperfeiçoamentos mais recentes, para poderem todas a classe de trabalho.

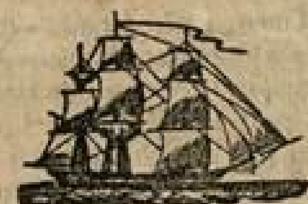
As machinas **Singer** são as mais aperfeiçoadas; a sua bella construcção, a facilidade de aprender a trabalhar, a belleza do ponto, tudo concorre para se dizer, que são de todas as melhores, e para avaliar a confiança que o publico já nellas deposita, bastará dizer que em 1873 a companhia vendeu a maior sobre a dos fabricantes Wheler & Wilson. Grover & Baker. Weed, Willcox & Gibbs, Howe B. P. 113:254 machinas.

No deposito dão-se todas as lições precisas, para trabalhar com perfeição, e tambem se manda ensinar em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Tambem ha troçaes pretos e de côr, algodões brancos e de côres, agulhas, e tudo o que é pertencente a machinas.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o Rio de Janeiro

Galera—INDIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

7 Já estão á venda na Praça 8 de Maio, n.º 14 a 17, os Almanaks Ecclesiasticos e as novas resas de S. Bonifacio, para o anno de 1875. Preço 160 rs.

VENDA DE CASAS

8 Em Monte Mór o Velho, vendem-se á ponte d'Alagoa umas casas com muito bons commodos, e optimas cavalhariças; são muito boas, e em sitio aprasivel. Para mostrar e tractar João Lopes Pessoa.

Machinas de Costura

9 Emilia Ferreira de Sousa Porto, na Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas do systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

DECLARAÇÃO

10 O abaixo assignado declara, que o sr. José da Cruz Assumpção, deixou de ser seu empregado desde hoje.

Porto, 28 de Novembro de 1874.

Joaquim Augusto da Cruz.



ESTABELECIMENTO DE ALFAIATE

8 Rua do Infante D. Augusto 10

11 Antonio Augusto da Paixão, premiado com a medalha de prata na Exposição Districtal de Coimbra, e na Exposição de Vienna d'Austria, participa aos seus freguezes e amigos, que, alem do grande e variado sortimento que sempre tem, de fazendas nacionaes e extrangeiras, acaba de receber nova remessa propria para a presente estação.

O bom sortimento, a modicidade dos preços e a promptidão com que costuma servir os seus freguezes, continuará a ser fielmente executado.



12 José Maria dos Santos, extremamente sensibilisado pelo fallecimento de sua mestra a sr.ª Joanna Maria Espingarda, a cuja alma deve o mais profundo reconhecimento de gratidão e saudade pelos beneficios que sempre lhe prodigalisou, como mãe carinhosa e desvelada; desejando suffragar a alma da que neste mundo foi sua segunda mãe, manda rezar, no dia 2 do corrente mez, pelas 9 horas da manhã, uma missa na capella do Senhor do Arnado: e por isso convida as pessoas de sua amisade para assistirem aquelle acto religioso.

AGRADECIMENTO

13 Francisco Antonio Paradella, da villa da Figueira da Foz, tendo sido executado pelo illm.º sr. João José da Costa, da mesma villa, vem por este meio fazer publico o seu reconhecimento para com o dito sr. pelo beneficio que lhe fez, desistindo da execução que lhe movia, com o perdão da quantia que lhe restava, no que o mesmo sr. praticou um acto de generosidade que mais o ennobrece, pelo que lhe protesta eterna gratidão, e egualmente se confessa reconhecido ao exm.º sr. João Mendes, de Vizeu, que pela sua intervenção muito concorreu para o dito seu credor lhe fazer aquelle beneficio, e lhe protesta tambem a sua gratidão, pela parte que tomou no favor que recebeu.

J. P. G. PAIVA



Cirurgião dentista, offerece o seu gabinete dental, rua da Calçada, n.º 82, 1.º andar, esquina ao Arco d'Almedina, a todas as pessoas que necessitem utilisar-se dos seus conhecimentos sobre a protesis dentaria; pondo em conhecimento do illustrado publico os preços seguintes:

PREÇOS DOS DENTES ARTIFICIAES

Desde 3$000 a 6$000 reis cada dente. —Elixir odontalgico para dôr de dentes 500 reis, frasco.—Pós mineraes para branquear os dentes 200 rs., caixa.—Extracção de um dente desde 240 a 1$000 rs.—Limpeza de dentes desde 500 a 2$000 rs.—Empaste desde 500 a 2$000 rs.

BILHAR

15 Vende-se um bilhar muito em conta, com todos os seus utensilios. Quem o pretender dirija-se a João Joaquim de Freitas, largo de S. João, n.º 6.

SUBSTITUIÇÕES MILITARES

16 F. M. Alvim encarrega-se de fazer substituir qualquer praça nos corpos das guarnições de Lisboa e Elvas. Escriptorio, rua de Santo Antão, n.º 15, 2.º

Substitutos a militares

17 João de Pinho, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

18 Em Coimbra, na rua do Visconde da Luz, n.º 38, se diz quem precisa d'um rapaz com pratica de negocio de quinquilherias, para ganhar ordenado.

DOCTOR IN ABSENTIA

19 O professor em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

Attenção

20 João do Conego, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

NUMERO 2855 — SABBADO 5 DE DEZEMBRO DE 1874 — ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 10 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Segundo uma estatistica ha poucos dias publicada, desde 13 de Dezembro de 1871 até 31 de Outubro ultimo, tem sido creadas neste reino 224 cadeiras de ensino primario, sendo 87 para o sexo masculino e 137 para o feminino. Destas 224 cadeiras, pertencem 210 ao continente. Só no districto do Funchal é que se não creou nenhuma nova cadeira.

Pertencem ao districto de Vizeu 33; os districtos de Lisboa e Guarda tiveram 18 cada um, Porto 16, Beja 15, Bragança e Villa Real a 14, Santarem 13, Aveiro e Faro a 12, Coimbra 11, Vianna do Castello 9, Braga, Leiria e Ponta Delgada a 8, Castello Branco 5, Angra e Horta a 3, Evora e Portalegre a 2.

Por este augmento de cadeiras parece que a instrucção primaria tem tido entre nós um extraordinario desenvolvimento. Não é, porem, por simples apparencias que havemos de julgar os factos.

A creação de cadeiras é muito; mas não é só por si o bastante para o progresso do ensino.

Em todas as localidades onde se crearam essas cadeiras, tem sido construidas, ou apropriadas casas para as escolas, com a conveniente capacidade, e nas indispensaveis condições hygienicas, para a regularidade do ensino, e para a conservação da saude dos alumnos?

Os methodos do ensino são uniformes em todo o reino, e adaptados ao que a actual civilisação exige; ou continua a rotina a imperar na maior parte das escolas?

Tem-se vulgarisado livros elementares, onde os alumnos vão aprendendo o que é conveniente á sua edade, preparando-se para virem a ser bons cidadãos, uteis a si e ao seu paiz?

Promove-se que as escolas sejam frequentadas pelo maior numero possivel de alumnos, quer por meio da persuasão, quer tornando effectiva a obrigação da frequencia?

São devidamente inspeccionadas as escolas, verificando-se se os professores cumprem com a sua missão, e se ha necessidades a attender e providencias a reclamar das auctoridades locaes, ou do poder central?

Dá-se aos professores ao menos o indispensavel para a sua subsistencia e para viverem com a decencia propria do seu cargo?

Nada disto se vê, e em quanto se não attenderem a todas estas e outras justas exigencias, não passará entre nós a instrucção primaria de uma phantasmagoria.

Já nos não deixamos illudir com pomposas estatisticas, que só servem para armar ao effeito. Pelo resultado é que havemos de avaliar a utilidade da creação dessas escolas.

Augmenta-se o numero dos alumnos? Melhora o ensino? Inspeccionam-se regularmente as escolas? Desenvolvem-se os conhecimentos nas classes populares? Progride a boa educação? Reformam-se os costumes? Preparam-se boas casas de escola? Torna-se mais toleravel a precaria situação dos professores? E dada essa circumstancia, exige-se-lhes mais habilitações do que geralmente têem?

Em quanto não houver tudo isto, pouco ou nada teremos andado no caminho do progresso.

No relatorio que precede o decreto de 16 de Agosto de 1870, se indicam como causas do atrazo em que se acha a nossa instrucção primaria, a organisação *centralisadora*, a carencia completa de inspecção, a situação do professorado, sem habilitações, accesso, consideração, nem estimulo, e quasi sem remuneração, o desamparo da instrucção do sexo feminino, a falta de frequencia escolar, a desorganisação interna da escola, que não abrange a educação physica, a educação politica e civil, nem a instrucção profissional. Alem destas causas, e aggravando-as, a desharmonia entre os tres elementos, official, local, e beneficiente, e uma certa friesa geral para com a escola.

Ainda nos não compenetrámos de que a educação nacional é a melhor base da organisação de um povo, e a mãe da verdadeira liberdade.

Vae brevemente abrir-se o parlamento. Estamos para ver se ainda passa mais uma sessão sem se attender ás necessidades geraes do ensino, e em especial á lamentavel situação dos professores.

Tinhamos acabado de escrever este artigo, quando recebemos a folha official, onde lemos uma portaria do sr. ministro do reino, com a data de 2 do corrente, pela qual manda que se proceda successivamente nos districtos administrativos do continente do reino e ilhas a uma inspecção extraordinaria a todas as escolas de instrucção primaria publicas e livres.

Nessa portaria reconhece o sr. ministro do reino, que desde 1867 até hoje não se procedeu nem a uma unica inspecção extraordinaria no reino e ilhas adjacentes!!! Eis ahi está o que é o ensino primario entre nós! Eis ahi a confirmação do que acima dizemos ácerca do abandono em que elle se acha!

Com toda a razão se diz no luminoso relatorio do decreto de 16 de Agosto de 1870, que—«sem inspecção não ha ensino, não ha escola, não ha descentralição realisada.»

Nos paizes em que se toma a serio o ensino primario, ha a inspecção regular e permanente; e em Portugal nem ao menos ha a inspecção extraordinaria ha 7 annos!!!

Ainda assim venha ao menos a inspecção extraordinaria; e se os inspectores forem intelligentes e cumprirem com a sua obrigação, verá o sr. ministro do reino que tal é em geral o estado deploravel do ensino; as necessidades que ha a attender, e a barbaridade que se pratica com os professores, a quem se nega a recompensa do seu insano trabalho!

Querem ensino? Pois paguem, como devem, aos professores. Toda a reforma que não tomar por base o melhorar a situação desta classe, tão util quão infeliz, não passa de uma burla!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXVII

RODRIGO PINTO PISARRO

XXV

(CONTINUAÇÃO DO DISCURSO DO DEPUTADO MANOEL DA SILVA PASSOS)

Remetta-se o processo ao juiz competente!—O despacho é de 18 de Julho, e o processo foi remettido em 4 de Agosto.....

Fazendo-se a intimação devida ao reu!—E quando se fez esta intimação? No proprio dia 31 em que o nobre deputado foi eleito! Qual foi a causa de tão extraordinaria, tão illegal, e tão impia demora, na intimação e na tremessa? Não é que o juiz não seja activo, e prompto na administração da justiça, ou antes da injustiça, e no serviço da tyrannia.

Senhores, vêde o que num só dia fez este homem, e como elle era solicito, vivo, e lerto no serviço de seus amos, no desempenho da sua odiosa commissão.

A ultima assentada teve logar no dia 18 de Julho. O juiz deu vista ao delegado do procurador regio para dizer sobre a organisação do processo no dia 18 de Julho, e tambem os autos foram entregues no dia 18 de Julho. Foram com vista ao delegado do procurador regio no dia 18 de Julho. O delegado do procurador regio fez a sua resposta no dia 18 de Julho. Data dos autos com a resposta do mesmo delegado no dia 18 de Julho. Despacho de pronuncia do illustre deputado no dia 18 de Julho!!!—18 de Julho! Quem foi o *Josué* da tyrannia que fez de novo parar o sol para se commetter tão grande iniquidade? O tempo que vae de 18 a 31 foi o sabbado em que o juiz se repousou sobre a sua obra. A tanta azafama succedeu um longo e profundo silencio. Juiz, que fizestes tu neste cançado espaço? Veja alguem se se atreve a entender e explicar o mysterio!

Sr. presidente, este silencio é eloquente, e este mysterio a salvação do coronel Pisarro.

O juiz indiciou no dia 18: no dia 28 devia impreterivelmente ter logar a ratificação de pronuncia. Attentae, senhores, que eu fallo do jury do dia 28 de Julho. O coronel Pisarro não pode por enfermo comparecer no jury convocado depois do dia 31. Mas no dia 23 se não compareceu, não foi causa a doença do coronel, mas a prevaricação do juiz. A pronuncia que não foi ratificada no dia 28 ficou nulla, porque expirou o *termo fatal;* e este termo não expira a favor do crime, mas da innocencia. Esta é a theoria admittida na *Inglaterra* por a lei do—*habeas corpus.*—A prisão arbitraria que dura mais um instante é uma pura detenção, e como carcere privado. As leis da Inglaterra, quanto a liberdade individual, são subsidiarias.

Um sr. deputado pelo Alemtejo, disse, que a lei de 18 d'Agosto era absurda, e que estava abolida por a Carta. Absurda pode ser, abolida não está. O decreto n.º 23, que levantou o abominavel systema das perfeituras, manda nos casos omissos recorrer á legislação franceza. Seremos nós pois obrigados a consultar as leis de Napoleão, grande homem, mas grande despota: para continuarmos debaixo do açoute da centralisação, e não poderemos compulsar os actos do parlamento, e as leis da Inglaterra livre para amparar o cidadão opprimido, e castigar a arbitrariedade insolente?!

Mas eu deixo as leis da Inglaterra porque este principio está decidido por o decreto de 16 de Maio de 1832, artigo , e por a ordenação livro 1.º titulo 65, § 37. O coronel está em carcere privado. Já nenhum jury pode tomar conhecimento de sua causa, nem ha juiz que seja competente senão para o pôr em liberdade.

Outro argumento deduziu o sr. marquez de Saldanha do artigo 145, § 34 da Carta. Estando em vigor as garantias individuaes (disse elle) todo o cidadão tinha direito de resistir a uma prisão arbitraria, e combater por todos os modos a auctoridade ou seus agentes, que estavam em aberta rebellião contra as leis, e em flagrante delicto contra a liberdade dos cidadãos, e contra a constituição do estado. Este argumento tambem ficou sem resposta.

O sr. ministro da guerra disse aqui noutra sessão—houve uma resistencia—e parece que ficou assombrado. Eu vou mostrar que o coronel Pisarro não resistiu, mas quando o fizesse, que usava de seu direito, e cumpria sua obrigação.

A INTRODUCÇÃO DA IMPRENSA NO BRASIL

Em os dois numeros do *Diario Illustrado* de Lisboa, de 1 e 2 do corrente, vem publicadas duas interessantes cartas ácerca da introducção da imprensa no Brasil, escriptas pelos distinctissimos escriptores os srs. conselheiros Jorge Cesar de Figaniere e José Silvestre Ribeiro.

E' sem duvida temeridade da nossa parte, depois de opiniões tão auctorisadas, tentar acrescentar mais alguma cousa a tal respeito; mas esperamos que a benevolencia dos illustres escriptores nos desculpará.

Tanto o sr. Figaniere, como o sr. José Silvestre Ribeiro, mostram-se indecisos na resolução do ponto—se o ministro da guerra e dos estrangeiros, Antonio de Araujo de Azevedo, quando no dia 29 de Novembro de 1807 sahiu de Lisboa com a familia real para o Brasil, levou comsigo o prelo, ou prelos, que por decreto datado de Mafra em 13 de Maio do mesmo anno, haviam sido mandados comprar para a officina typographica, que na secretaria da guerra e estrangeiros em Lisboa, deveria ficar directamente a cargo do referido ministro;—ou, se esses prelos, encommendados para Londres, não tendo ainda chegado a Lisboa até Novembro de 1807, foram depois em 1808 directamente de Inglaterra para o Brasil.

O sr. Figaniere diz a esse respeito na sua carta:

«Se Antonio de Araujo, quando sahiu a barra de Lisboa no memoravel dia 29 de Novembro de 1807, levou comsigo os prelos de que se trata, como dá a entender Mendo Trigoso no seu *Elogio Historico*, se foram directamente remettidos de Londres para a capital do Brasil em 1808, como parece deduzir-se do que se lê no *Correio Braziliense*, não o saberei eu dizer.»

O sr. José Silvestre Ribeiro diz tambem na sua carta:

«E' possivel que Antonio de Araujo de Azevedo (depois conde da Barca), em virtude daquelle decreto, recebesse de Londres os prelos, e que fossem estes os que levou para o Brasil. N'este caso é admissivel o que diz Mendo Trigoso no *Elogio Historico*.

«Não pode, porem, ser contestada a noticia que se dá no *Correio Braziliense* da compra de prelos em Londres—*no anno de 1808*—por conta do governo portuguez no Brasil; e assim, parece plausivel a conjectura de que os prelos comprados em Londres fossem directamente remettidos para o Rio de Janeiro. Mas n'este caso não tem cabimento a asserção de Mendo Trigoso.»

Pelo que se vê, o sr. Figaniere hesita na opinião, se os prelos foram de Lisboa, ou de Inglaterra; e o sr. José Silvestre Ribeiro parece inclinar-se a que foram de Inglaterra.

Em quanto a nós não offerece a mais leve duvida de que foram de Lisboa. E dizemos isto em abono da illustração do ministro Antonio de Araujo de Azevedo, que em um momento tão afflictivo, e na precipitação do embarque da familia real para o Rio de Janeiro, não se esqueceu de levar comsigo os prelos typographicos, que haviam sido entregues ao seu cuidado.

No *Correio Braziliense*, jornal que se começou a publicar em Londres, em Junho de 1808, e de que possuimos a collecção, lê-se em o numero correspondente ao mez de Outubro d'esse anno, em um artigo com o titulo de — *Estabelecimento da Imprensa no Brazil* —o seguinte periodo, que para aqui transcrevemos exactamente com a mesma orthographia e fórma typographica:

«Saiba pois o Mundo, e a posteridade, que no anno de 1808, da era Christã, mandou o Governo Portuguez, no Brazil, buscar a Inglaterra uma Impressaõ, com os seus appendiculos necessarios; e a remessa que d'aqui se lhe fez importou em CEM LIBRAS ESTERLINAS !!!»

Basta reparar no preço de 100 libras, para se reconhecer, que se não trata da compra de *prelos*, mas tão sómente de typo; e quando muito de mais alguns objectos accessorios para uma typographia. As 100 libras, pelo valor que ellas tinham em 1808, eram menos de 400$000 reis, e essa quantia mal chegava para o typo, quanto mais para *prelos*.

O sr. José Silvestre Ribeiro, referindo-se ao *Correio Braziliense*, diz que este jornal dera a noticia da compra de *prelos em Londres no anno de 1808*, e acrescenta, que essa noticia *não pode ser contestada*. Ora nós entendemos que *pode ser contestada*, não só pelo motivo que acabamos de expôr, mas porque o *Correio Braziliense* não falla expressamente de *prelos*, mas serve-se de um termo mais vago—diz *uma impressão*.

Ainda temos mais provas a favor do nosso parecer. O decreto de 13 de Maio de 1808, datado do Rio de Janeiro, pelo qual se mandou crear n'aquella cidade uma impressão regia, é do teor seguinte:

«*Tendo-me constado, que os Prelos, que se achão nesta Capital, erão os destinados para a Secretaria de Estado dos negocios Estrangeiros, e da Guerra*; e Attendendo á necessidade, que ha da officina de impressaõ nestes meus estados: Sou servido, que a caza, *onde elles se estabelecêraõ*, sirva interinamente de Impressaõ Regia, onde se imprimaõ exclusivamente toda a Legislaçaõ, e papeis diplomaticos, que emanarem de qualquer repartiçaõ do meu Real Serviço; e se possaõ imprimir todas, e quaesquer outras obras; ficando interinamente pertencendo o seu governo, e administraçaõ á mesma Secretaria. Dom Rodrigo de Souza Coutinho, Do Meu Conselho de Estado, Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, e da guerra o tenha assim entendido; *e procurará dar ao emprego da officina a maior extensaõ*, e lhe dará todas as instrucçoens, e ordens necessarias, e participará a este respeito a todas as Estaçoens o que mais convier ao meu Real serviço. Palacio do Rio de Janeiro, em treze de Maio de mil oito centos, e oito.—Com a Rubrica Do PRINCIPE REGENTE, N. S.»

Vê-se, portanto, que já em 13 de Maio de 1808 *se achavam estabelecidos* no Rio de Janeiro os prelos, que pelo outro decreto de 13 de Maio de 1808, datado de Mafra, tinham sido destinados para a secretaria de estado dos negocios da guerra e dos estrangeiros em Lisboa.

Mandava o principe regente, pelo decreto de 13 de Maio de 1808, que D. Rodrigo de Sousa Coutinho procurasse dar a *maior extensão* á officina; e é manifesto, que a remessa que foi de Londres, annunciada posteriormente no mez de Outubro desse anno, pelo *Correio Braziliense*, é o cumprimento dessa ordem do principe regente; isto é, remessa de typo para mais *extensão* da typographia, e não de prelos; porque esses já se achavam no Rio de Janeiro.

Antonio de Araujo de Azevedo, que em Portugal, e ainda na viagem da familia real para o Brasil, era ministro da guerra e dos estrangeiros, logo que o principe regente chegou ao Rio de Janeiro, foi no dia 8 de Março de 1808, exonerado desse cargo, sendo substituido por D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

E' a este ultimo ministro, que o *Correio Braziliense*, em o seu numero de Novembro de 1808, por occasião de publicar o mencionado decreto de 13 de Maio desse anno, que creou a impressão regia no Rio de Janeiro, tece por isso os maiores elogios.

E que já nesse tempo estava funccionando esta typographia não só para os actos officiaes, mas para o publico, se verifica da seguinte noticia, que o *Correio Braziliense* inseriu em Novembro, logo em seguida áquelle decreto.

NOTICIA

«Pela officina, que interinamente serve de Impressaõ Regia no Rio de Janeiro, se faz publico, que ella ha faculdade para se imprimir toda e qualquer obra; assim como, que se admittem aprendizes de compozitor, impressor, batedor, abridor, etc. e officiaes dos mesmos officios, e quaesquer outros, que lhe sejaõ pertencentes, como fundidores, e estampadores, etc.»

Esta offerta de trabalho para o publico vê-se que foi o resultado da remessa de material para o accrescentamento da impressão regia.

Parece-nos, por tanto, que deixamos sufficientemente demonstrado, que os prelos foram de Lisboa com Antonio de Araujo de Azevedo em 29 de Novembro de 1807; e que a *impressão* a que se refere o *Correio Braziliense* de Outubro de 1808, não é senão o typo, e mais objectos accessorios, para o desenvolvimento da typographia já existente no Rio de Janeiro.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

TRABALHOS IMPORTANTES

Estão preparados para brevemente entrarem no prelo dois trabalhos do mais alto merecimento, devidos ao incançavel investigador e apreciador das nossas antiguidades, o sr. bacharel João Correia Ayres de Campos.

São bem sabidas dos eruditos as infatigaveis diligencias a que se tem entregado o sr. Ayres de Campos para organisar os *Indices e summarios dos livros e documentos mais antigos e importantes do archivo da camara municipal de Coimbra*.

Antes destes indices, começou o sr. Ayres de Campos por publicar o *Indice chronologico dos pergaminhos e foraes*, existentes no referido archivo; mas no progresso do seu trabalho sentiu o distincto escriptor não ter dado a esta primeira parte maior desenvolvimento.

Vae, por isso, agora reimprimir este *Indice chronologico dos pergaminhos e foraes*, acrescentado com um extraordinario numero de notas e esclarecimentos curiosissimos, que fazem inteiramente nova semelhante publicação, e de um valor incalculavel.

Não achamos expressões sufficientes para devidamente elogiar quem, espontanea e gratuitamente, assim dedica o seu tempo a um serviço tão util ao publico.

Outro trabalho do sr. Ayres de Campos, tambem do maior interesse, é o catalogo dos objectos que já se acham no gabinete de archeologia do *Instituto de Coimbra*, e que dentro em pouco tempo vae ser impresso.

O simples titulo do catalogo não indica nem de leve qual é o trabalho do sr. Ayres de Campos. E' mister ver as noticias variadissimas, com relação a cada um dos objectos n'elle indicados, para se avaliar o merecimento deste catalogo.

Quando sahirem á luz ambas as publicações, terão occasião os nossos leitores de ver se somos exaggerados no que dizemos.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Resistiu! Esta palavra—resistencia—faz um grande effeito sobre as almas pequenas, e aterra a multidão! Vejamos a lei. É de 25 de Outubro de 1764. Esta lei declara a Ordenação, livro 5.º titulo 6.º e titulo 49, § 7.º Considera a resistencia como um crime de lesa magestade de segunda cabeça, e por consequencia impõe-lhe a maxima de todas as penas. No § 1.º declara que a resistencia (crime de lesa magestade de segunda cabeça) tem logar em dois casos:

1.º Se com as armas se fizerem feridas por mais leves que sejam, ainda que depois dellas se siga o effeito da diligencia que se houver procurado impedir;

2.º Se ainda sem ferimento se impedirem as diligencias, que os ministros ou officiaes houverem intentado fazer de sorte, que não tenham o seu devido effeito.

Em nenhum destes casos está o coronel *Pisarro*. A diligencia teve o seu devido effeito e não houve ferimento nem grave, nem leve.

No § 3.º diz a lei que, se alguem *resistir* aos ministros ou officiaes de justiça com *palavras*, e lhes disser injurias, será punido com a pena de um mez de prisão, ou mais, *segundo a graduação dos ministros ou officiaes*, na conformidade das leis. Estas leis são a Ordenação, livro 5.º, titulo 50, in pr. e § 4.º. É singularmente o § 4.º que falla d'injuria dita—a algum outro official sobre seu officio, assim como alcaide, meirinho, ou seu homem, tabellião, porteiro, ou outro simillante que não tenha poder para julgar. Este official que não tem poder para julgar é o *procedor do concelho*, até porque para elles por a moderna legislação passaram muitas das attribuições dos antigos meirinhos, alcaides, e porteiros.

Mas neste caso, o auto deve ser feito na presença do resistente, e com citação (*citando-se porem a parte contraria para ver jurar as testemunhas*, diz a lei). Esta citação não teve logar. O processo está nullo desde a sua origem, porque a citação é um acto substancial, e a sua falta annulla todo o processado. Sobre a violação das leis é que se levantou todo esse edificio d'iniquidade. Trabalharam nas trevas. Deus queira que elles não colham o fructo de suas torpezas! Todo o crime de resistencia e a injuria feita a um alcaide ou cousa simillante; para processar essa injuria calcam-se os actos substanciaes do processo.

Mas eu quero conceder que o coronel Pisarro resistiu, e que feriu, e que matou! Então era elle digno d'uma corôa civica. Em que tempo estamos nós, sr. presidente, se ainda se duvida que o bom cidadão tem o direito de resistir á arbitrariedade, direito que um grande homem julgava que tambem era o mais santo dos deveres?

Eu poderia para abonar a minha verdade, ler aqui alguns aforismos de doutrina social de *Bonin*. Mas este escriptor tão livre será por isso talvez suspeitoso aos defensores do parecer. Mas se mo elles permittem, citarei os *Delolmes*, e os *Blackstones*.

Meu illustre amigo, o sr. Mimoso Guerra, já trouxe á lembrança da camara o caso de *Anna Dekins*, cuja prisão arbitraria no tempo da rainha Anna, deu occasião ao assassinio d'um ajudante do *Constable*.

O chamado *Tooly*, declarado auctor do homicidio por o jury, foi por os 12 juizes de Inglaterra admittido ao beneficio do clero. A tenção do juiz *Holt* é admiravel. Esse magistrado esclarecido entendia que uma prisão arbitraria era uma provocação directa feita á compaixão dos cidadãos britannicos, e uma violação da grande Carta! Isto dizia *Holt*. Mas era um juiz inglez!...

Citarei o caso de Sir *Henry Ferrers*. O Constable que o queria prender, foi morto por Nightingale, escudeiro do Baronete. E entrando em processo foi absolvido só porque o mandato da prisão em logar de dar a Sir H. Ferrers o titulo de Baronete, lhe dava o de cavalheiro. Esta veneração das formulas é como uma religião do povo inglez, e o melhor fiador da sua liberdade.

Não ha muito que a França nos deu um exemplo de resistencia d'um outro genero, e talvez mais brilhante. O ministerio Francez adoptou algumas medidas arbitrarias contra a imprensa, e eram ellas de tal natureza que acabavam para sempre com os papeis periodicos, que são o mais poderoso meio de promover a civilisação. A nação estava aterrada. Mas no meio della se levantou Mr. *Armand Carrel*, redactor em chefe do *National*, escriptor intrepido, cujos extraordinarios talentos só podem ser egualados por sua indomita coragem.

Na sua folha escreveu elle—As leis acabaram, os tribunaes não nos protegem, muitos se tem immolado por o amor da gloria; é necessario que um se sacrifique por amor das leis. Venham os aguasis do poder que eu estou prompto para os receber com duas pistolas! A França applaudiu, e o ministerio retrocedeu. Honra lhe seja em não persistir na sua obstinação.

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Reunião academica—Reuniu-se a academia no dia 30 de Novembro no seu theatro, para pedir um feriado para o dia 1.º de Dezembro, commemorativo de um facto notavelmente grande e verdadeiramente illustre—a independencia da patria.

Fallou em primeiro logar o sr. Adolpho Pimentel, dizendo que se devia fazer mais alguma cousa do que pedir um feriado, mas tambem festejar condignamente aquelle dia, protestando assim contra as asserções malevolas e infundadas de quem tinha dito que nos corações dos academicos não tem guarida o amor da patria.

Fallaram depois no mesmo sentido os academicos os srs. Moreira Feio, Sotto-Maior e Bandeira.

Decidiu-se que a mesa, composta dos srs. Antonio Augusto Pacheco, Adolpho Pimentel e Moniz Arriscado, fosse pedir um feriado ao sr. reitor, o qual, depois de consultar o sr. ministro do reino, o concedeu.

Terminou a reunião por se nomear uma commissão encarregada de arranjar por todos os cursos da Universidade uma subscripção, e com o seu producto soccorrer a sociedade Philantropico-Academica, em logar de comprar foguetes e mandar tocar musicas.

A commissão ficou composta dos srs. Luiz Fischer Berquó Poças Falcão, do 5.º anno de Direito—do sr. Adolpho da Cunha Pimentel Homem de Vasconcellos, do 4.º anno—do sr. Visconde de S. Sebastião, do 3.º anno—do sr. Vicente Pinheiro Machado de Mello, do 2.º anno—do sr. Felix Sotto-Maior, do 1.º anno—do sr. José Rodrigues Leal de Faria, de Medicina—do sr. João Cysneiros d'Ornellas, de Philosophia—do sr. Luiz Pereira da Costa, de Mathematica—e do sr. José Julio Teixeira, de Theologia.

Esta deliberação é muito honrosa para a mocidade academica; e folgamos ter esta occasião de lhe tecer por isso os mais expressivos louvores.

Theatro—A sociedade *Serões dramaticos* festejou dignamente o dia 1.º de Dezembro no theatro de D. Luiz, levando á scena o drama patriotico de Almeida Garrett, *D. Filippa de Vilhena*. O desempenho foi regular, e mereceu muitos applausos. A concorrencia foi extraordinaria, reinando sempre muita ordem. A orchestra executou por duas vezes o hymno da restauração, e todos os espectadores, senhoras e homens se levantaram para o ouvir. Nestes momentos de enthusiasmo, o theatro offerecia um aspecto brilhante e magestoso. No fim do espectaculo, o actor Veiga recitou uma poesia allusiva ao anniversario glorioso da nossa independencia, que foi muito applaudido. O auctor, o sr. Lopo Cesar, foi chamado e victoriado pelo publico.

Epizootia—Dizem-nos, que tem grassado nas freguezias ruraes uma molestia mortifera do gado suino. A proposito disto, perguntamos:—Funcciona actualmente em Coimbra o veterinario do districto? Haverá rigorosa fiscalisação no matadouro? Que providencias tomam as auctoridades?

Expropriação—Affirmam-nos, que á camara municipal tem encontrado difficuldades na expropriação de alguns predios do largo da Portagem, por exigencias mal entendidas dos proprietarios. A camara tem na lei das expropriações por utilidade publica garantias sufficientes, para proceder com energia e rapidez. O systema das contemplações tem certos limites, e deve acabar, quando apparecem especuladores, que só miram aos seus interesses particulares com sacrificio e desprezo dos interesses publicos.

Canos das ruas—Ha muitos annos, que não foram limpos os principaes canos das ruas da cidade baixa. Alguns dos principaes estão obstruidos, e não dão expedição ás aguas e immundicies. Os inconvenientes que resultam deste estado são bem obvios. Parece-nos de urgente necessidade proceder ás obras necessarias. O inverno é a melhor epocha para estes trabalhos, porque os incommodos dos trabalhadores e habitantes, e os perigos da saude publica são menores durante o frio.

Instrucção primaria—No artigo de fundo deste jornal, fallamos do estado deploravel em que se acha o ensino primario neste reino. Devemos, porem, dizer, que alem do muito que deve e pode fazer o governo para atenuar esse mal, muito podem tambem as camaras municipaes.

Temos o exemplo em Coimbra, na camara presidida pelo sr. visconde de Monte-São, nos annos de 1866 e 1867, a qual deu casas a algumas escolas do concelho, e mobilia a todas; augmentou a gratificação aos professores, de 20 a 40$000 rs., o que propoz em orçamento e foi approvado pelo governo; fundou escolas nocturnas para adultos; e reunia cada mez em uma quinta feira, todos os professores de instrucção primaria do concelho, a que presidia o governador civil, assistindo tambem o sr. commissario dos estudos, a fim de que os professores dissessem qual o numero dos alumnos que frequentavam as suas escolas, o estado do aproveitamento em que iam, e os soccorros de que precisavam; ao que tudo a camara attendia promptamente.

Eis ahi o que se pode fazer quando ha intelligencia e boa vontade.

Doença—Tem-se aggravado a doença do sr. Dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, conego thesoureiro mór. É com a maior magua que dizemos, que poucas esperanças restam de escapar. Neste momento em que escrevemos esta noticia, acaba de ser sacramentado o nosso bom e respeitavel amigo.

Chegada—Chegaram na quarta feira a esta cidade, no comboio da tarde, o sr. Joaquim d'Almeida Moura Coutinho e sua esposa a exm.ª sr.ª D. Maria da Cunha e Silva. Acompanha-os sua sympathica e interessante cunhada a exm.ª sr.ª D. Maria Candida da Cunha e Silva.

S. ex.as visitaram hontem os principaes estabelecimentos desta cidade, indo depois ao penedo da Saudade e Portella. A'manhã partem no comboio da tarde para a sua casa do Porto. Desejamos-lhes feliz viagem.

Estado sanitario—Felizmente com a mudança da estação não se tem aggravado o estado sanitario da cidade. As doenças reinantes são as que dominam nesta quadra do anno, mas sem caracter de gravidade.

Vinhos da Beira—Os vinhos de algumas regiões mais escolhidas da Beira vão adquirindo todos os dias novos creditos. Já se vendem com muita acceitação em Lisboa, Porto, e outras cidades, sustentando a concorrencia com outros vinhos de mesa, conhecidos e acreditados ha muito tempo.

Arsène Hayes—Organisou-se em Lisboa uma commissão, composta de alguns generosos mancebos, os quaes magoados por se não ter permittido enterrar no cemiterio da Conchada o nosso amigo o sr. Arsène Hayes, promovem uma subscripção, applicada parte para uma singela lapide que deve ser collocada sobre a sepultura do infeliz emigrado, e o restante para a educação de sua innocente filha.

Os jornaes de Lisboa trazem o nome errado do emigrado fallecido, e para que não aconteça sair tambem errado na lapide que se projecta, repetimos que se chamava *Arsène Hayes*.

Preço do trigo—Tem havido grande baixa no preço deste cereal nos mercados de Inglaterra e França. Attribue-se este facto, não tanto ás boas colheitas deste anno, como á exportação dos trigos e farinhas da California para a Europa, a qual vae sempre crescendo de anno para anno. Apesar disto, o preço do pão subiu em Coimbra. É porem de esperar que desça.

Gado cavallar—Tem sahido de Portugal para Hespanha muitos cavallos, mandados comprar pelo governo da republica para a remonta da respectiva arma. São vendidos por bom preço, regulando cada um, termo medio, por 40 libras. Esta exportação difficulta a remonta da nossa cavallaria, que é muito precisa, e em que o governo está deveras empenhado.

Mercado de Coimbra no dia 4—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 580—Dito mourisco 510—Dito Celorico meudo 620—Dito graudo 540—Milho branco 380—Dito amarello 370—Feijão vermelho 520—Dito branco da marinha 480—Dito branco da terra 440—Dito rajado 360—Dito frade 370—Centeio 400—Cevada 300—Favas 400—Grão de bico 530—Chicharo 280—Tremoços 270—Batatas 180—Azeite velho 1$300—Dito novo 1$100—Vinho da Bairrada 900—Dito da Beira 750—Aguardente de 18 graus 1$400—Dito de 19 graus 1$500—Dito de 20 graus 1$550.

Novas publicações—Recebemos nestes ultimos dias as seguintes publicações, que muito agradecemos:

Romances nacionaes—Rosto e coração, romance original de J. B. Mattos Moreira—Lisboa, livraria editora de Mattos Moreira & C.ª, praça de D. Pedro, 68—1874.

Noites de insomnia, por Camillo Castello Branco—N.º 11—*Novembro*.—Livraria internacional de Ernesto Chardron, largo dos Clerigos, n.º 96 a 98, Porto.

Contem:—O ultimo carrasco, pelo exm.º sr. visconde de Ouguella—O desastroso fim de Damião de Goes—A menina perdida—O heroe da ilha Terceira—O nariz—João Baptista Gomes—Auto de fé....a rir.

Collecção de sermões ineditos pelo reverendo beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão—N.º 11 *Sermão do Senhor Jesus da Pedra*—N.º 12 *Sermão da Assumpção de Nossa Senhora*—Lisboa, livraria editora de Mattos Moreira & C.ª, praça de D. Pedro n.º 68—1874.

Sergio de Castro—A disciplina e o exercito, a proposito do assassinato do alferes Brito—Coimbra, imprensa Commercial e Industrial.—1874.

O Mosaico—E' o n.º 1 de uma interessante folha quinzenal, que começou a publicar-se nesta cidade, e á qual damos as boas vindas.

O Instituto—O n.º 11, correspondente ao mez de Março.

Bibliotheca da Actualidade.—Obras completas de Luiz de Camões—Edição critica com as mais notaveis variantes—Tomo III—Volume 8.º—Os Lusiadas (Continuação)—Porto, imprensa Portugueza, editora, 1874.

Agricultura indiana—Manual pratico, por Bernardo Francisco da Costa, illustrado com 179 gravuras—Volume II—Lisboa, typographia de Castro Irmão, rua da Cruz de Pau, n.º 31—1874.

Vende-se em Lisboa na livraria do sr. Antonio Maria Pereira, na rua Augusta, 50, e nas outras principaes.

Carta ao meu amigo Borges, na qual lhe demonstra que as lettras e as sciencias variam como as modas, e que segundo o ultimo figurino, elle, eu, e tu leitor, descendemos dos macacos, terminando tudo por um soneto de Manoel Mathias—Tentativa humoristica por João Gorilha, natural do Porto—Porto, typographia Central, rua das Flores, 294 a 296—1874.

D. R. Annes Baganha—Sempre livres! Poesia expressamente escripta para ser recitada pelo auctor na noite do 1.º de Dezembro de 1874, pela inauguração do theatro 1.º de Dezembro na cidade de Faro—Lisboa, typographia Central, rua dos Cannos, 8—1874.

Relatorio e contas da direcção da Sociedade dos Banhos de Luso, dos seis annos de 1868 a 1873.—Coimbra, imprensa Litteraria—1874.

Caminho de ferro.—Diz a correspondencia do *Commercio do Porto* que os srs. Francisco Ferreira de Andrade Salazar d'Eça, Luiz Freire de Andrade Salazar de Eça Junior e Joaquim Bernardes Branco requereram ao governo licença para estabelecerem um caminho de ferro de via reduzida que, ligando ao caminho de ferro do norte na estação de Souré, se dirija a Vinha da Rainha e d'ahi proximo a Lavos para acabar em frente da barra do Mondego. Como garantia offerecem estes requerentes fazer um deposito de 100$ reis no Banco de Portugal por cada kilometro, levantando elles o mesmo deposito á medida que se fôr construindo o caminho.

O caminho é em leito proprio e os pretendentes pedem que lhes seja concedida a faculdade das expropriações por utilidade publica, já garantida em uma lei de côrtes.

Outro caminho de ferro.—Diz o mesmo correspondente que ainda não foi á assignatura o contracto do caminho de ferro de Loanda a Ambaca. E' de esperar que o seja na proxima quinta feira.

O caminho, é de Loanda a Ambaca, dividido em duas grandes secções (e não em tres como no principio foi proposto), uma de Loanda ao concelho de Cazembo, e outra de Cazembo a Ambaca.

Esta segunda secção ou dará um ramal para o Gollungo Alto, ou então passará pelo Gollungo Alto e dará um ramal para o rio Quanza.

O governo cederá á empreza 500 metros de terreno de cada um dos lados da via, ou mil metros na extensão da linha, e bem assim todas as minas que forem descobertas na faxa do terreno. A companhia ficará obrigada a estabelecer uma linha telegraphica em toda a extensão da linha, estabelecendo-se as mesmas condições que se consignaram no contracto do caminho de ferro de Lourenço Marques.

O governo tambem cede á empreza as madeiras das mattas nacionaes, de que ella carecer para as obras de construcção e exploração.

O caminho deverá ter uma extensão de 280 kilometros, e calcula-se de 10 a 15 contos o custo de cada kilometro.

E' provavel que a companhia para a construcção e exploração deste caminho se organise em Inglaterra.

Os concessionarios do exclusivo para o abastecimento das aguas de Loanda, tem promptos todos os trabalhos preparatorios para a constituição da companhia.

Os estatutos já estão concluidos e parece que ha propostas feitas por capitalistas nacionaes e estrangeiros. O fundo social não deve ser inferior a 1:200 contos de reis.

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Roma 1.—Foi lida na camara uma proposta de varios deputados para se conceder um subsidio a Garibaldi. Minghetti disse que o governo apresentará uma proposta com o mesmo fim. O papa, recebendo Manning, felicitou-o pelos progressos do catholicismo na Inglaterra, os quaes espera que continuem.

Madrid, 2, á tarde—A «Gazeta» nada diz de interesse. O cabecilha Saballs vae para a Suissa. As facções estão encurraladas no Maestrazgo. Faltam quatro correios do estrangeiro. Pavia foi absolvido. Desmente-se que o general Lopez Dominguez pedisse para vir a Madrid. D. Carlos chegou a Estella. Os carlistas estão completamente desmoralisados.

Madrid 3, de manhã—A «Gazeta» na parte não official, diz que hontem á noite, saindo do quartel de Santa Isabel o batalhão provisorio de Badajoz para entrar no caminho de ferro, muitas mulheres e homens excitaram a tropa para que não fosse para o exercito, a que o batalhão estava destinado. Antecipadamente haviam conseguido embriagar alguns soldados, e estes, accedendo ás suggestões da gente que os rodeava, estabeleceram a confusão nas fileiras d'algumas companhias, as quaes romperam a formatura e debandaram por momentos, sustentando-se firmes as outras, que se pozeram á disposição das auctoridades.

A officialidade, algum general em inactividade, e outros officiaes e paisanos exhortaram os soldados, que entraram facilmente na ordem, e completa obediencia em presença das auctoridades, que acudiram diligentes ao saberem a primeira noticia.

Duas horas depois marchava o batalhão ao seu destino, conduzido pelo capitão general do districto e entrando no comboio que anteriormente fôra preparado, sem que este successo produzisse outro resultado que alvoroço no bairro, e permanecendo tranquillo o resto da povoação.

Lozano foi fuzilado hoje em Albacete. Aos seus tres cumplices foi commutada a pena. Ha completa tranquillidade em Madrid.

Versailles 3—A mensagem do presidente acaba de ser lida.

O general Cissey declara que durante as ferias se esforçou de manter a ordem e que não ha complicação alguma exterior a temer.

Quanto ás relações com as nações estrangeiras nada ha que cause receio.

Quanto ao interior existe actividade industrial, em consequencia da colheita excepcional.

A cobrança dos impostos está certa; e que proporá meios de assegurar o equilibrio do orçamento no caso que passem as questões constitucionaes.

Affirma que a opinião publica pede a consolidação dos poderes publicos e roga a todos os partidos para que se esforcem a realisar esse pensamento.

Declara que apesar de tudo que possa occorrer elle permanecerá no seu posto até ao ultimo dia do septenado.

Madrid 3—Foi hoje fusilado Lozano.

Aos seus companheiros foi-lhes commutada a pena.

Levantada a ordem de desterro dos affonsinos Elola, Bresen e Montenegro.

Demittido e preso o tenente coronel do batalhão de Badajoz.

O cura Santa Cruz tomou o segundo commando das facções guipuzcoanas.

Effectuou-se uma reunião de estudantes em boa ordem e dirigiram uma exposição ao governo.

O combaio do correio de Murcia, foi detido na estação de Tabaña, pelos insurgentes.

Serrano convidou Chandordy para um jantar.

Policia academica.—O sr. reitor da Universidade mandou hoje recolher á cadeia academica, por 8 dias, os estudantes do 1.º anno Mathematico, Arthur Eugenio de Almeida e Silva e José Gonçalves Serodio, por terem ido ao Seminario maltratar os alumnos que alli frequentam as aulas.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

Em razão de ser dia santificado na terça feira, publicar-se-ha este jornal na *quarta feira* immediata.

1 NO DIA 8 do corrente mez de Dezembro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta cidade, se hão de arrematar os bens que não tiveram lançador, descriptos no inventario de Bernardo Ferreira, dos Carvalhaes de Cima, indo á praça com o abatimento da 5.ª parte. Escrivão Almeida.

2 PELA ADMINISTRAÇÃO do concelho de Coimbra, correm editaes de 10 dias, a chamar todas as pessoas interessadas na expropriação para utilidade publica de uma morada de casas que se acha situada á entrada do Caes novo desta cidade, freguezia de S. Bartholomeu, pertencente ao bacharel Francisco Henriques Sousa Secco, residente em Thomar, para que dentro dos mesmos 10 dias compareçam na secretaria desta administração para examinarem todos os documentos e planta que dizem respeito á mencionada casa a expropriar, e fazerem todas e quaesquer reclamações e observações que julgarem convenientes com a pena de que não o fazendo, não poderem ser mais ouvidos sobre tal expropriação.

Coimbra, 2 de Dezembro de 1874.

O administrador do concelho,
Manoel Maria da Cunha.

3 JA' ESTÃO a venda na Praça 8 de Maio, n.º 14 a 17, os Almanaks Ecclesiasticos e as novas rosas de S. Bonifacio, para o anno de 1875. Preço 160 rs.

Attenção

4 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

Attenção

5 ANTONIO AGOSTINHO, dos Casaes do Campo, freguezia de S. Martinho do Bispo, concelho de Coimbra, faz publico, que lhe falta um boi que havia comprado para o talho do illm.º sr. José Antonio da Costa Braga Junior. A falta é desde o dia 20 de Novembro proximo passado.

Quem o achasse e o entregar ao annunciante, receberá alviçaras.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes as



32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

6 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA, por auctorisação da companhia, continua a vender a dinheiro, ou a prestações de 2$000 reis e a 2$250, as machinas **Singer** para alfaiate, sapateiro, corrieiro, e para uso de familia, as quaes reunem os aperfeiçoamentos mais recentes, para coserem toda a classe de trabalho.

As machinas **Singer** são as mais aperfeiçoadas; a sua bella construcção a facilidade de aprender a trabalhar, a belleza do ponto, tudo concorre para se dizer, que são de todas as melhores, e para avaliar a confiança que o publico já nellas deposita, bastará dizer que em 1873 a companhia vendeu a maior sobre a dos fabricantes Wheler & Wilson, Grover & Baker, Weed, Willcox & Gibbs, Howe B. P. 113:254 machinas.

No deposito dão-se todas as lições precisas, para trabalhar com perfeição, e tambem se manda ensinar em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Tambem ha troçaes pretos e de côr, algodões brancos e de côres, agulhas, e tudo o que é pertencente a machinas.

7 AMADEU FRUCTUOSO DA SILVA ROCHA, está auctorisado a fazer venda d'uns pardieiros, sitos no largo da Sé Velha, a confinar com a rua dos Coutinhos; recebe lanços até ao dia 26 de Dezembro do corrente anno de 1874, e n'aquelle dia, ás 11 horas da manhã, faz effectiva a venda pelo maior lanço. Coimbra, rua do Corpo de Deus, n.º 7.

8 EM COIMBRA, Montarroio, n.º 22, o procurador judicial Abel da Silva Linhaça, encerrega-se de substituições de recrutas.

DECLARAÇÃO

9 O ABAIXO ASSIGNADO declara que o sr. José da Cruz Assumpção, deixou de ser seu empregado desde hoje.

Porto, 28 de Novembro de 1874.

Joaquim Augusto da Cruz.

LEILÃO D'UMA GRANDE CASA

10 NO DOMINGO, 13 de Dezembro, ao meio dia, á porta da morada do illm.º sr. Francisco Pedro da Silva, á Sé Velha, se venderá em leilão, chegando a preço conveniente, uma morada de casas, grande, situada ao Marco da Feira, com os n.ºs de policia 18 a 26.

Consta de loja e tres andares; actualmente rende 108$000 rs. e é susceptivel a muito maior rendimento.

A pessoa a quem convier dará de signal no acto da compra 10 por cento do preço, e o resto pode ser pago 30 dias depois.

A casa é livre de foro.

Ultima novidade

11 NO ESTABELECIMENTO DOS OCULISTAS—**Bolsson & Pombar,**— rua da Calçada, n.º 86 a 90, acaba de se receber directamente de Paris, um grande e variado sortimento de pelles para senhoras, dos ultimos figurinos deste anno; como são: regalos, mantas, punhos para senhoras e homens, e rolos de todos os comprimentos.

Ha pelles para guarnecer casacos de todas as côres e de varias medidas, que se vendem aos metros; egualmente ha cintos para senhoras, de chagrin Tirolezes, da ultima novidade; ha-os dourados, prateados e bronzeados.

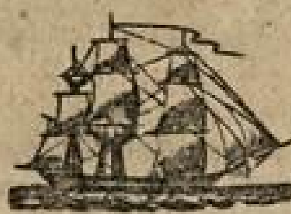
Encarregam-se de toda e qualquer encommenda que lhes seja feita.

Bosson & Pombar.

12 ANTONIO PIRES DO RIO, e filha viuva Simões, tendo annunciado a sua diligencia de Coimbra á ponte do Espinhal, um dia sim, outro não, vão continuar com ella diaria. Os bilhetes vendem-se em Coimbra, na Calçada, em casa do sr. Francisco Borges Gonçalves; em Penella, em casa do sr. Joaquim Urbano Peres; e na ponte do Espinhal, d'onde sae ás 4 horas da manhã, em casa do sr. Manoel Julio, onde os passageiros encontrarão hospedaria com bellos commodos, e indo para o Espinhal, levam-se lá.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o Rio de Janeiro

Galera—INDIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

14 PELA ADMINISTRAÇÃO d'este concelho de Coimbra correm editaes de 10 dias, a chamar todas as pessoas interessadas na expropriação para utilidade publica de uma morada de casas sitas ao poente da rua da Calçada, freguezia de S. Bartholomeu, pertencente ao bacharel Joaquim Augusto das Neves Barateiro e irmã, desta cidade, para que dentro dos mesmos 10 dias compareçam na secretaria d'esta administração para examinarem todos os documentos e planta, que dizem respeito á mencionada casa a expropriar, e fazerem todas e quaesquer reclamações e observações que julgarem convenientes, com a pena de que não o fazendo não poderem ser mais ouvidos sobre tal expropriação.

Coimbra, 2 de Dezembro de 1874.

O administrador do concelho,
Manoel Maria da Cunha.

15 PELA ADMINISTRAÇÃO deste concelho de Coimbra, correm editaes de dez dias, a chamar todas as pessoas interessadas na expropriação, para utilidade publica, de uns pardieiros e um pequeno quintal junto ao largo da Portagem desta cidade, freguezia de S. Bartholomeu, pertencentes a José Fortunato Goes Mendanha Raposo, da villa de Montemór o Velho, para que dentro dos mesmos dez dias compareçam na secretaria desta administração, para examinarem todos os documentos e planta que dizem respeito aos mencionados pardieiros e pequeno quintal a expropriar, e fazerem todas e quaesquer reclamações e observações que julgarem convenientes, com a pena de que não o fazendo não poderem ser mais ouvidos sobre tal expropriação.

Coimbra 2 de Dezembro de 1874.

O administrador do concelho,
Manoel Maria da Cunha.

LEILÃO
DE
VIDROS E LOUÇAS

100—Rua da Calçada—104

16 PRINCIPIA no domingo 6 de Dezembro, e continua nos dias seguintes, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

100—Rua da Calçada—104

Machinas de Costura

17 EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO, na Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas do systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

18 JOSÉ JOAQUIM DE PAULA, com fabrica de papel continuo em Serpins, participa aos seus amigos, que está fabricando papel pardo, para que façam os seus pedidos desta qualidade pelos seus numeros, assim como que principia breve a fazer dos de escrever do tamanho de almasso, e papeis de peso, que tambem pede lhe gastem; posto que d'este por em quanto não seja tão especial como o estrangeiro, n'elle se escreve perfeitamente.

Substitutos a militares

19 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

DOCTOR IN ABSENTIA

20 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

SUBSTITUIÇÕES MILITARES

21 F. M. ALVIM encarrega-se de fazer substituir qualquer praça nos corpos das guarnições de Lisboa e Elvas. Escriptorio, rua de Santo Antão, n.º 15, 2.º

NUMERO 2856 — QUARTA FEIRA 9 DE DEZEMBRO DE 1874 — ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

QUE CONTRASTE!

Acabamos de receber da ilha Terceira a seguinte publicação:

«*Almanach insulano para Açores e Madeira, estatistico, historico e litterario para o anno de 1875, por A. Gil e Augusto Ribeiro — 2.º anno— Tiragem 2:000 exemplares*—Angra do Heroismo typ. da *Terceira*—1874.»

E' um almanach abundantissimo de noticias ácerca do archipelago dos Açores e da ilha da Madeira. Neste segundo anno da sua publicação fazem-se varias referencias ao almanach do primeiro anno, o qual por isso sentimos não possuir.

Tratando da cidade de Angra do Heroismo lê-se no referido almanach o seguinte:

Bibliotheca Popular Angrense

Continua a exercer a sua missão civilisadora tão util instituição, creada e sustentada pela benemerita sociedade insulana *Club Popular Angrense*. No anno civil de 1873, segundo da sua existencia, foi o seu movimento o seguinte: 975 leitores no gabinete da associação, que se entregaram á leitura de jornaes politicos e litterarios, 1:668 obras, em 1:961 volumes, emprestados para leitura no domicilio e 97 volumes offerecidos por varios cavalheiros. Tem, pois, até 31 de Dezembro de 1873, dado leitura a 2:289 leitores no gabinete d'associação, e emprestado 4:235 obras em 5:150 volumes para leitura no domicilio e tem augmentado a bibliotheca com 573 volumes offerecidos.»

Dá o mesmo almanach egualmente noticias da *bibliotheca do Lyceu nacional de Angra*—da *bibliotheca da camara municipal* da mesma cidade—da *bibliotheca do Gremio Litterario*—da *bibliotheca do seminario*—e do *Gabinete de leitura terceirense*. Para o nosso intento, porem, basta-nos por agora o que acima se lê, relativo á *bibliotheca Popular Angrense*, fundada pelo *Club* do mesmo titulo.

Esta bibliotheca popular da cidade de Angra foi, como se vê, frequentada nos primeiros dois annos da sua existencia por 2:289 leitores; e sairam da mesma bibliotheca, para leitura no domicilio, 4:235 obras em 5:150 volumes.

Em quanto isto tem logar na capital da ilha Terceira, a bibliotheca da Associação dos Artistas de Coimbra, tem sido frequentada por 0 leitores; e tem saido della para leitura nos domicilios, 0 obras, em 0 volumes!!!

Ora tratando este objecto a serio, como merece, diremos com a severidade que o caso pede, que a Associação dos Artistas de Coimbra está sendo *depositaria infiel* dos livros que lhe foram confiados pelo illustrado ministro de instrucção publica em 1870, o sr. D. Antonio da Costa, e por muitos cavalheiros que suppozeram que naquella sociedade haveria quem quizesse instruir-se. E dizemos, *depositaria infiel*, porque esses livros foram entregues para derramar a instrucção pelos socios, e não para estarem mais de 3 annos sepultados em uma casa tão escura, *como qualquer dos mais tenebrosos carceres da inquisição*; e por fim depois de ser *forçada moralmente* a mesma associação a collocal-os em umas estantes, tel-os ahi fechados a sete chaves, sem que ninguem saiba que livros ha para ler!

Temos ouvido dizer que os corpos gerentes da Associação dos Artistas se desculpam allegando, que é inutil fazer um catalogo, ou regulamento; porque seria trabalho perdido, visto que até hoje ainda nem um unico socio tem pedido livro algum! Vejam que desculpa esta!

Assim, os corpos gerentes da sociedade, em logar de facilitarem a leitura dos livros, sobretudo nos domicilios, que é a mais proveitosa, estimulando os socios a ler, para o que não lhes faltavam meios se tivessem vontade disso, deitam-se a dormir, e desculpam-se com a indifferença dos mesmos socios!

E já que nos obrigam a fallar claro, diremos que o grande numero de livros que foram em 1870 offerecidos á Associação dos Artistas pelo sr. D. Antonio da Costa, tem todos uma marca para designar que são livros do estado, e que a mesma associação não é mais do que mera depositaria e portanto, se não querem lel-os, ou deixal-os ler, larguem-nos, a fim de poderem ir para onde haja quem deseje servir-se delles.

Vamos agora a fazer uma bem deploravel confrontação.

O sr. D. Antonio da Costa, quando foi ministro da instrucção publica, protegeu o *Club Popular Angrense* com um donativo de livros dos depositos dos conventos, e animou esta sociedade a fundar uma bibliotheca. Foi com effeito inaugurada a bibliotheca em Angra do Heroismo no dia 1 de Dezembro de 1871; e aqui temos presente, impresso em 1872 na typographia Lallemant em Lisboa, um brilhante discurso recitado nessa occasião pelo presidente da assemblea geral, o sr. João Carlos Rodrigues da Costa, 1.º tenente de artilheria.

A sociedade mostrou-se tão grata ao sr. D. Antonio da Costa, que por acclamação foi este illustrado cavalheiro nomeado socio honorario do Club, na reunião da assemblea geral.

Esta semente foi felizmente lançada em boa terra, porque tem dado sasonados fructos.

Nos dois annos de 1872 e 1873 foi, como já dissemos, frequentada a referida bibliotheca, por 2:289 leitores, e foram levados para leitura em domicilio, 5:150 volumes. Se no corrente anno de 1874 tiver havido, como é provavel, na mesma proporção, egual frequencia e leitura, sobirão nos 3 annos os leitores no gabinete a 3:433; e os volumes lidos em domicilio a 7:725.

Ao mesmo tempo que isto acontece na ilha Terceira, a semente que o sr. D. Antonio da Costa lançou em Coimbra, caiu em terreno safaro, que nada tem produzido! Aqui, ou a ignorancia é tão grande, que não se comprehende a necessidade e vantagens da leitura; ou a sciencia é tanta, que já se não precisa de mais. Escolham!

Bem sabemos que tudo isto que dizemos é de todo inutil, porque não ha ahi nem o mais leve estimulo; mas em fim, ao menos hade saber o paiz o que vae por esta cidade.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

COMMUNICADO

Figueira da Foz, 5 de Dezembro de 1874

Sr. redactor — Em 22 de Junho ultimo atirou um individuo desta villa a sua mulher um peso, que a feriu na fronte. Quarenta dias de-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXVIII

RODRIGO PINTO PISARRO

XXVI

(CONCLUSÃO DO DISCURSO DO DEPUTADO MANOEL DA SILVA PASSOS)

Não é só na França e na Inglaterra que se conhece, e respeita o direito de resistencia. É doutrina comezinha nos praxistas, e reynicolas. Apontarei só *Ferreira* na *pratica criminal*, tomo 1.º tratado 2.º cap. 1.º n.º 12, cap. 2.º n.º 5, 10, 13, 16, 17, e 19. E eu creio que o praxista não estaria muito eivado destas ideas de liberdade e patriotismo do seculo em que vivemos, e que tantos tropeços encontram em sua marcha.

No cap. 1.º n.º 12 diz elle—A captura ha de ser justa, porque se for injusta, pode o que ha de ser preso resistir aos officiaes de justiça que assim executam iniquamente a dita prisão.—Esta é tambem a opinião de um jurisconsulto, cujo nome não será desconhecido nem desagradavel aos srs. deputados daquelle lado da camara: fallo de *Farinacco*, o barbaro!

Sr. presidente, depois da concessão de *Evora Monte* terminou a rebellião, e a guerra civil; e as garantias que protegem a liberdade individual ficaram em seu pleno vigor. A prisão do coronel Pisarro foi em consequencia arbitraria e injusta, e segundo a opinião de *Ferreira* aquelle cidadão tinha direito de resistir.

Do mesmo modo que um viandante resiste ao salteador que attenta contra a sua propriedade, devemos todos, e cada um de nós resistir a um governo arbitrario que attenta contra a nossa liberdade, e sendo necessario com as pistolas na mão fazer entrar nos seus deveres os alcaides do ministerio.

Eu ouvi com pasmo o nobre ministro dos negocios do reino dizer, que tinha violado as formas, mas que tinha salvado o estado. Bem perdida está a nação que soffre taes salvadores! Foi assim que Scipião Africano respondeu um dia ao virtuoso Catão que lhe pedia contas dos dinheiros publicos:—Neste dia salvei a patria; vamos ao capitolio dar graças aos deuses!

Sr. presidente, eu queria que tão grande homem désse graças a Deus das victorias que alcançara contra os inimigos da patria, mas tambem que désse conta dos dinheiros publicos perante aquella assemblea romana. A limpeza de mãos é a primeira virtude de um bom cidadão que exerce os magistrados da republica. A violação das formas é o maior de todos os crimes n'um governo representativo, porque são ellas o unico baluarte da liberdade.

Eu sinto muito que o sr. ministro do reino désse um passo tão irreflectido, e que não pode conciliar-se com os precedentes da sua vida publica. Mas é necessario um grande exemplo que reprima a arbitrariedade insolente. A piedade deve dar logar a justiça.

No capitulo 2.º n.º 5 diz o mesmo praxista (leu.) Esta é tambem a opinião de Farinacco, (o philosopho!) Continua o mesmo praxista no n.º 10: Pode resistir-se quando da injusta prisão se segue algum perigo, ou escandalo grande á republica. A palavra republica na lingua portugueza significa estado. Faço esta declaração por piedade com o pobre praxista *Ferreira*; que o não vão pôr ahi metter em algum processo como republicano.

Ora, sr. presidente, que mór perigo pode vir á republica, e que mór escandalo do que este, de ver assim violadas as leis, a constituição, a justiça, a humanidade, e o decoro?

Delolme intende que se um governo prende um cidadão sem guardar as formulas da justiça, a nação, que souber entender, e prezar a liberdade, deve (como eu ja aqui o repeti),

pois a mulher recolhe-se por seu pé ao hospital, onde fallece ao cabo de 30 horas de symptomas graves, que sobrevieram apoz a entrada.

Ao findar da autopsia judicial disseram os peritos que a morte estava mais que explicada pelas lesões encontradas (inflammação das meninges e cerebro, com desorganisação deste). No relatorio declararam que, em vista das considerações que faziam, julgavam que a morte não fôra consequencia necessaria e inevitavel do ferimento primitivo, e que ella se devia antes attribuir a circumstancia que apontavam.

Em conversação particular perguntou pouco depois a um dos peritos o representante do ministerio publico, sr. Dr. Neves Barateiro, como se explicava a contradicção entre o dito immediato á autopsia e a conclusão do relatorio. Foi-lhe respondido que a contradicção era só apparente, pois que realmente não havia organismo vivo que resistisse ás lesões encontradas, as quaes eram necessariamente mortaes; mas que no relatorio o que se contestava é que essas lesões fossem consequencia inevitavel do ferimento feito mais de 40 dias antes, e que, visto ser este um caso melindroso, e s. s.ª desejar elucidar-se perfeitamente sobre o facto, consultasse officialmente individuos de reconhecido saber, como a lei lhe facultava, não se prendendo no vão e falso receio d'offender os peritos que, acima de tudo, desejariam que justiça fosse feita.

Effectuou-se hontem o julgamento desta causa, e consta-me o sr. delegado durante a accusação alludira ao que levo dito, relatando a estranhesa que lhe causara a tal contradicção (!); como, querendo sair da duvida em que se achava, se lembrou de consultar uma corporação scientifica; que a tal respeito fôra ouvir o dignissimo juiz, o qual, com a sua conhecida bondade, respondera que achava tal passo inutil, visto como lhe mereciam bom conceito os peritos—conceito que elle partilhava tambem, acrescentou o sr. delegado um pouco serodiamente, etc.

Fui um dos peritos, aquelle que explicou ao sr. delegado a supposta contradicção, e que, antes de s. s.ª se lembrar de recorrer á sciencia de mais alguem, lhe disse desde todo o principio que lançasse mão desse expediente que a lei lhe indicava, e de que tão limitado uso se faz no foro.

Por isso, não tendo á minha disposição o tribunal judicial desta villa, onde perante o mesmo publico vá responder ás insinuações injuriosas que alli me foram feitas pouco lealmente, n'um campo a que não tenho accesso, nem onde se me concederia a palavra, venho a este tribunal da imprensa declarar que:

se não mereço a confiança do sr. delegado, requeira s. s.ª ao dignissimo juiz (a quem agradeço o conceito em que me tem) que me dispense do serviço judicial, pelo que lhes ficarei duplamente grato:

se ao sr. delegado pareceu que alguma das conclusões do relatorio não derivava logicamente da exposição que as precedia, devia s. s.ª consultar quem julgasse competente, sem se inspirar para isso senão na sua propria consciencia; e que

se aquilatou por tal forma a probidade dos peritos que os considerou capazes de dizerem n'um dia uma cousa differente do que haviam dito antes, com o intuito de offuscarem a verdade, e de subtrairem um reu á acção da justiça, a lei faculta-lhe meios e impõe-lhe a obrigação de proceder contra esses que faltam ao juramento que prestam na occasião e ao que prestaram quando se graduaram, faltando tambem ao que delles exige a honra e dignidade proprias e a da classe a que pertencem.

O que eu não reconheço no sr. delegado é o direito d'injuriar qualquer, expondo duvidas e lançando insinuações, que se não desculpam sequer supposdo-as filhas d'um zelo excessivo ou da falta de conhecimentos especiaes; tendo eu aliás o direito de esperar de quem se preze de cavalheiro, que formule accusações sufficientemente claras para que por ellas se possa exigir a competente responsabilidade nos termos da lei.

Isto se refere muito em particular a quem occupa na sociedade cargos de tanta consideração e auctoridade como s. s.ª, cujas palavras devem ser escrupulosamente pesadas para que não lancem a minima suspeita sobre a honra e veridicidade de quem está sendo todos os dias chamado para auxiliar a justiça no descobrimento dos crimes e avaluação de sua gravidade, e que se preza de até hoje o haver feito conscienciosamente.

Pela inserção destas linhas se confessa desde já agradecido, sr. redactor, o que é

De v. mt.º att.º venerador e patricio
Francisco Maria de L. Nunes.

Banco Commercial de Coimbra

ACTIVO	
Acções para emittir......	1.700:000$000
Accionistas..............	242:514$500
Devedores e credores geraes	24:077$649
Despezas de installação...	2:502$744
Caixa....................	13:785$495
Letras a receber..........	50.132$392
Emprestimos a diversos...	13:641$300
Contas interinas.........	425$055
Operações de cambio.....	703$322
Despezas de escriptorio....	969$992
Reis.........	2.048:750$449
PASSIVO	
Capital..................	2.000:000$000
Transferencias...........	318$980
Ganhos e perdas.........	1:805$912
Depositos á ordem.......	18:292$352
Letras a pagar...........	28:333$205
Reis.........	2.048:750$449

Banco Commercial de Coimbra, 4 de Dezembro de 1874.

Os gerentes,
Manoel dos Santos Junior.
José Barbosa Lima.
J. Melchiades Ferreira Santos.

NOTICIARIO

Arsene Hayes.—Dissemos em o ultimo numero deste jornal que uma commissão de mancebos generosos de Lisboa, estavam promovendo uma subscripção, para se collocar uma singela lapide sobre a sepultura do infeliz emigrado Arsène Hayes, e para prover á educação de sua innocente filha.

Já depois disso soubemos, que o nosso esclarecido collega do *Jornal de Coimbra* abrira tambem uma subscripção, recebendo-se o producto della em casa do sr. Antonio Duarte Ariosa. Tomámos a liberdade de lembrar ao collega a conveniencia de se reformar o annuncio que vem na sua folha. O producto da subscripção não deve ser só para a lapide; mas é de justiça que tambem seja para a educação da desvalida filha do fallecido emigrado.

E a proposito diremos que temos nas collecções das nossas miscellaneas politicas, guardado com a devida estimação, o numero do *L'Homme, journal de la democratie universelle*, publicado no dia 24 de Outubro de 1855, na ilha ingleza de Jersey, em que se lê um famoso documento, assignado por Victor Hugo, *Arsène Hayes*, e outros emigrados republicanos.

Em um dos numeros anteriores do referido jornal havia-se publicado um violento artigo contra o imperador Napoleão, e ahi se criticava tambem a rainha Victoria por ter ido a França visitar o imperador.

O governo inglez fez em consequencia disso expulsar da ilha de Jersey a tres dos redactores do jornal.

Contra esse acto protestaram logo os emigrados em uma famosa declaração, que fizeram afixar pelas ruas de Jersey, e reproduzir no mencionado numero do *L'Homme* de 24 de Outubro de 1855.

Eis ahi esse notavel documento:

DECLARAÇÃO

Tres proscriptos, RIBEYROLLES, o intrepido e eloquente escriptor; PIANCIANI, o generoso representante do povo romano; THOMAZ, o corajoso prisioneiro do Monte de S. Miguel, acabam de ser expulsos de Jersey.

O acto é serio. Que ha na sua superficie? O governo inglez. Que ha no fundo? A policia franceza. A mão de Fouché póde calçar a luva de Castlereagh. Isto o prova.

O golpe de estado acaba de fazer a sua entrada nas liberdades inglezas. A Inglaterra chegou a este ponto: proscrever proscriptos. Ainda um passo, e a Inglaterra será um annexo do imperio francez, e Jersey será um cantão do *arrondissement* de Coutances.

A esta hora tem partido os nossos amigos; a expulsão está consummada.

O futuro qualificará o facto; nós limitamonos a indical-o. Tomámos nota delle; nada mais. Ponde de parte o direito ultrajado, as violencias de que as nossas pessoas são o objecto nos fazem sorrir.

A revolução franceza está em permanencia, a republica franceza é o direito, o futuro é inevitavel; que importa o resto? Alem disso, que é esta expulsão? Um ornato de mais ao exilio; um rasgão de mais na bandeira.

Sómente, nada de equivoco.

Eis o que vos dizemos, nós, proscriptos da França, a vós, governo inglez.

Mr. Bonaparte, o vosso *alliado poderoso e cordial*, não tem outra existencia legal senão esta: accusado do crime de alta traição.

Mr. Bonaparte, ha quatro annos, está sujeito a um mandado de prisão, assignado: HARDOUIN, presidente da Alta Côrte de justiça, DELAPALME, PATAILLE, MOREAU (do Senna), CAUCHY, juizes, e contrassignado RENOUARD, procurador geral. *(a)*

Mr. Bonaparte prestou juramento, como funccionario, á republica, e perjurou.

Mr. Bonaparte jurou fidelidade á Constituição, e destruiu a Constituição.

Mr. Bonaparte, depositario de todas as leis, violou todas as leis.

Mr. Bonaparte prendeu os representantes do povo inviolaveis, expulsou os juizes.

Mr. Bonaparte, para escapar ao mandado de prisão da Alta Côrte fez o que pratica o malfeitor para se subtrahir aos gendarmes, matou.

Mr. Bonaparte acutilou, metralhou, exterminou; matou de dia, fuzilou de noute.

Mr. Bonaparte guilhotinou CUISINIER, CIRASSE, CHARLET, culpados de terem resistido ao mandado de prisão.

Mr. Bonaparte subornou os soldados, subornou os funccionarios, subornou os magistrados.

Mr. Bonaparte roubou os bens de Luiz Filippe a quem devia a vida.

Mr. Bonaparte sequestrou, roubou, confiscou; aterrou as consciencias, arruinou as familias.

Mr. Bonaparte proscreveu, baniu, expulsou, deportou para Africa, deportou para a Cayena, deportou para o exilio quarenta mil cidadãos, em o numero das quaes estão os signatarios desta declaração.

Alta traição, juramento falso, perjurio, suborno dos funccionarios, sequestro dos cidadãos, expoliação, roubo, morte, são crimes previstos por todos os codigos em todos os povos, punidos na Inglaterra com o cadafalso, punidos em França, onde a republica aboliu a pena de morte, com as galés. A Côrte de Assises espera Mr. Bonaparte.

Desde agora, a historia lhe diz: Accusado, levanta-te.

O povo francez tem por carrasco, e o governo inglez tem por alliado, o crime imperador.

Eis o que dizemos.

Eis o que diziamos hontem, e a imprensa ingleza em massa o dizia comnosco; eis o que diremos amanhã, e a posteridade unanime o dirá comnosco.

Eis o que diremos sempre, nós que não temos senão uma alma, a verdade, e senão uma palavra, a justiça.

E agora expulsae-nos.

Jersey, 17 de Outubro de 1855.

VICTOR HUGO—J. CAHAIGNE—FULBERT MARTIN, advogado—Coronel SANDOR-TELEKI—E. BEAUVAIS—BONNET-DUVERDIER—KESLER—ARSENE HAYES—ALBERT BARBIEUX—ROUMILHAC, advogado—A. C. WIESENER, antigo official austriaco—CARLOS HUGO—J. B. ANNIEL (de Ariège)—FRANCISCO VICTOR HUGO—F. TAFÉRY—THEOPHILE GUERIN—FRANCISCO ZYCHOU—B. COLIN—EDUARDO COLLET—KOZIELL—V. VINCENT—A. PIASECKI—GIUSEPPE RANCAN—LEFEBVRE—BARBIER, doutor em medicina—DR. FRANCK—EDUARDO BIFFI—BOUILLARD—DEVILLE, doutor em medicina da faculdade de Paris, membro do collegio real dos cirurgiões de Inglaterra—FOMBERTAUX, pae—FOMBERTAUX, filho—C. A. CHARDENAL—PAPOUSKI—H. PRÉVERAND, condemnado á morte em 2 de Dezembro (Allier).

(a) DECRETO—Em virtude do artigo 68 da Constituição, a Alta Côrte da Justiça declara:

Luiz Napoleão Bonaparte indiciado do crime de alta traição.

Convoca o jury nacional para proceder sem demora ao julgamento, e encarrega o conselheiro RENOUARD das funcções do ministerio publico junto da Alta Côrte.

Feito em Paris, em 2 de Dezembro de 1851—Assignado: HARDOUIN, presidente; DELAPALME, PATAILLE, MOREAU (do Senna), CAUCHY, juizes.

Instituto de Coimbra.—Na classe de sciencias physico-mathematicas do Instituto desta cidade teve logar uma sessão na noite de 2 do corrente, na qual o sr. Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte apresentou dois doentes; um de 20 annos de edade, que tinha sido operado no hospital da Universidade, e soffrera a resecção de dois terços do humero direito na sua parte media, mostrando-o actualmente com o osso regenerado, curado da lesão que soffria, ha perto de tres annos, (caria do osso e ulceração das partes molles), podendo servir-se do braço como de antes, e sem deformidade.

O outro está para soffrer a resecção da tibia esquerda, por caria que tambem tem naquelle osso.

O sr. Dr. Ignacio mostrou, além do humero que tinha resecado ao primeiro doente, uma tibia e um peroneu resecados a dois outros individuos, assim como mencionou mais operações deste genero que tem feito naquelle hospital, com resultados surprehendentes; e demonstrou a vantagem de preferir a resecção ás amputações nos casos apropriados.

Em seguida o sr. Dr. Augusto Filippe Simões, offereceu ao Instituto a segunda edição da sua dissertação de concurso, e o sr. Dr. José Epiphanio Marques, propoz á classe, para ser discutido na sessão proxima, o ponto seguinte—Se a erysipela é ou não contagiosa.

Felicitamos aquella associação pelos esforços que emprega para mostrar-se á altura que lhe compete; pois além das conferencias e palestras que tem feito, vae dar maior desenvolvimento ao estudo com sessões de demonstração pratica.

Festividade.—Hontem houve na egreja de Santa Cruz, com o maior explendor, a festa de Nossa Senhora da Conceição.

O templo estava primorosamente ornado, e a concorrencia de fieis foi extraordinaria.

Pregou de manhã o sr. padre Manoel Joaquim dos Santos Neves e de tarde o sr. padre Manoel de Albuquerque, estudante do 3.º anno de Theologia. O sr. Neves já é muito conhecido do publico; resta nos só dizer que o sr. Albuquerque fez uma oração brilhantissima.

Fallecimento.—No sabbado falleceu nesta cidade o sr. Antonio José Ferreira Leitão, respeitavel negociante e proprietario.

Era natural de Coimbra, e indo na sua mocidade para Lisboa, a fim de seguir a vida do commercio, ahi se estabeleceu. Ha annos voltou para Coimbra, viver em companhia de seu irmão e nosso amigo o sr. Manoel José Ferreira Leitão.

Veiu egualmente de Lisboa outro seu irmão, o sr. José Antonio Ferreira Manso, honrado negociante e proprietario, que é agora quem fica possuidor de toda a casa.

A este nosso amigo damos os maiores sentimentos por mais esta dôr que acaba de soffrer.

Café.—Tivemos occasião de ver ha dias uma porção de excellente café, produzido nas propriedades do nosso amigo o sr. commendador Monte-Negro, sitas na Nova Louzã, provincia de S. Paulo no Brasil.

O sr. Monte-Negro tem-se nos ultimos annos entregado com muita dedicação á agricultura, em que se mostra muito entendido.

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Elysia da Piedade Ramos, filha de Mariano Ramos de Vasconcellos e de Rosa da Conceição Gallinha, de Coimbra, de 20 annos, fallecida no dia 27 de Novembro.

Antonio Luiz, filho de José Luiz e de Barbara Maria, da Cruz dos Morouços, de 64 annos, fallecido no dia 28.

Recemnascido, filho de João Correa d'Almeida e de Pulcheria Camilla, de Coimbra, de 1 hora, fallecido no dia 3 de Dezembro.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5741.

Audiencias geraes.—O resultado das audiencias geraes em Cantanhede, no segundo quartel do corrente anno, foi o seguinte:

Dia 23 de Novembro, Antonio da Costa, de Cordinhã, por crime de envenenamento. Degredo por toda a vida para a Africa.

Dia 24, Manoel Cordeiro, de Murtede, casado na Gandra d'Ançã, por crime de homicidio. Degredo perpetuo com 4 annos de trabalhos publicos para a Africa.

Dia 25, José Fernandes Calhabeu, de Cordinhã, por crime de fogo. Absolvido.

Dia 27, Caetano Fernandes, da Varziella, por furto, 8 annos de degredo para a Africa, ou 4 annos de prisão cellular.

No mesmo dia, Joaquina Pessoa, de Cantanhede, por crime de receptadora. Absolvida.

Dia 28, Francisco dos Santos Zanaga e outros, de Ançã, por offensas corporaes. Absolvidos.

No mesmo dia, Sebastião Braz, de Balças, por exercicio de clinica sem titulo. Absolvido.

No mesmo dia, José Maria Rodrigues de Paula, de Lemede, por exercicio de clinica sem titulo. Absolvido.

Vê-se, por tanto, que houve alli oito audiencias geraes, e não cinco, como por equivoco do nosso informador dissemos em o penultimo numero deste jornal.

Agradecimento.—Cumpre-nos agradecer ao nosso illustrado collega de Braga, o *Brado liberal*, as palavras muito animadoras que nos dirigiu, por occasião de nos felicitar pelo anniversario deste jornal.

Bibliotheca Universal.—Recebemos desta acreditada empreza a seguinte recente publicação:

Bibliotheca Universal—N.º 13—*A familia Albergaria, entre 1824 e 1834, romance historico original, por Guiomar Torrezão.*—Lisboa, Lucas & Filho, editores, rua dos Calafates—1874.

Os creditos da distincta escriptora são segura garantia do merecimento deste romance. Ao mimo da narração, junta-se o interesse da historia do estabelecimento do systema liberal entre nós, em que se mostra muito versada a sr.ª Torrezão.

A *Bibliotheca Universal* tem já no prelo os volumes n.os 14 e 15, que constarão da *Lição ao Mestre*, interessantissimo romance original, pelo sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos. Serão dois grossos volumes, por assignatura 1$100, e avulso 1$200.

Resta-nos agradecer aos srs. Lucas & Filho, o exemplar da *Familia Albergaria* com que nos obsequiaram.

Almanach.—Recebemos de Lisboa o acreditadissimo *Almanach da agencia primitiva de annuncios de Luiz Maria Pereira Braun Peixoto, para 1875.* E' já o 5.º anno da publicação deste almanach, o qual é tão conhecido, que nada precisamos de dizer em seu louvor. Basta dizer que a tiragem é de 8:000 exemplares.

No logar competente vae o respectivo annuncio.

Agenda do engenheiro—Recebemos a seguinte publicação:

Agenda do engenheiro para o anno de 1875, util para os viajantes, camaras municipaes, repartições publicas, escriptorios, conductores de trabalhos, architectos, mechanicos, e industriaes, etc. etc. Por Estevão Parada, conductor districtal em Coimbra—1.º anno de publicação.—Coimbra, imprensa Commercial e Industrial—1874.

A simples indicação do titulo mostra as numerosas pessoas a quem interessa tão util publicação. E, por isso, de esperar que tenha o acolhimento que merece.

Resta-nos agradecer ao nosso amigo o sr. Parada a sua offerta.

Relatorio.—O sr. governador civil do districto de Angra do Heroismo obsequiounos com a seguinte publicação que muito agradecemos:

Relatorio apresentado á junta geral do districto de Angra do Heroismo na sessão ordinaria de 1874, pelo governador civil Francisco de Albuquerque Mesquita e Castro.

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Buenos Ayres, 3.—Mitre rendeu-se á discripção hontem 2 de Dezembro ao coronel Arias. A republica está completamente pacificada. Não se confirmam os boatos de haver revolução no Uruguay.

Londres 8 á tarde.—Disraeli está enfermo com um ataque de gotta; vai fazer uso das aguas de Bournemouth.

Madrid, 5 á noite.—Espartero está enfermo, algum tanto gravemente. Insiste-se em affirmar que Savalls entrou em França. Falta o correio estrangeiro. Sahiram 100 homens para Cuba. Brevemente serão enviados mais reforços. Ha grande falta de noticias. Cotação de bolsin 12, 55.

Paris 6 de Dezembro, á tarde—Nas cinco eleições complementares para o conselho municipal de Paris foram eleitos cinco republicanos radicaes. A assemblea elegeu para as suas commissões nove presidentes da direita e seis da esquerda.

Madrid 7—A *Gazeta* não publica nenhuma disposição interessante em geral nem sobre os carlistas.

---

ser um todo *irritavel* que sinta o golpe, que estremeça, e reaja contra a amputação.

Mas quem é este cidadão, que o governo assim prendeu arbitrariamente? Um soldado da liberdade aviltado, e proscripto?

Todos sabem que o sr. *deputado* Pisarro foi condemnado pelos tribunaes do usurpador a ser enforcado n'um cadafalso publico; a sua cabeça separada do corpo; o seu corpo esquartejado, reduzido a cinzas lançadas ao mar: e a sua cabeça finalmente espetada nas praias de *Bouças*, aonde a aterrada imaginação dos escravos vê já renascer o capitulo da *liberdade*.

Não bastou aos conselheiros do imperador ensurdecerem ás accusações que aquelle soldado tambem escriptor, lhes fez com tanto comedimento, e com tanta justiça. Decretaram que seria preso em qualquer parte dos dominios portuguezes aonde aportasse, e lhe defenderam arriscar sua vida, e derramar seu sangue em defeza da patria em que nascera.

O coronel Pisarro foi como interdicto da agua, e do fogo, e, cousa inaudita! simultaneamente desterrado em nome da tyrannia, e da liberdade! Nunca se viu baixeza como esta, condemnar o talento ao *Ostracismo*.

Não parou aqui a vingança dos ministros. Senhores, até lhe tiraram o posto que elle tinha no exercito, e isto no mesmo tempo em que eram nelles conservados os Pretorianos que seguiram as fortunas do usurpador, e que foram instrumentos de suas tyrannias, e crueldades.

Não bastavam quatro annos de voluntario desterro; prorogaram-lhe esse prazo, e deixaram aquelle infeliz cidadão por mais dois annos sem lhe pagarem seus soldos, e sem se lhe dar um bocado de pão para alimentar a sua vida. E como se isso fosse pouco, traidoramente se lhe diz que poderá voltar ao reino, depois de expulso o tyranno, e que então se apresente ao embaixador que lhe dará seus passaportes.

Assim o fez: desembarcou em Lisboa, cuidou que acharia uma patria, e liberdade; enganou-se, senhores! Essa patria, e essa liberdade não era senão uma estreita masmorra, sepultura em que os ministros o enterraram vivo por quarenta e nove dias. Nem por cortezia lhe deram um só dia de liberdade para respirar este ar tão puro da terra em que nasceu. Barbaros! nem deixaram a um filho amante, que depois de tão longa, e tão cruel separação, fosse sequer ver, e abraçar a sua velha mãe...!!

Sr. presidente, o ministro do reino quiz minorar a graveza, e a faculdade da sua culpa, dizendo que não tinha mandado prender, mas só deportar para fóra do reino o nosso collega, *deputado* pelo *Douro*. Sr. presidente, o acto do *Habeas Corpus*—que regula este caso, e que a lei pela qual no meu entender ha de ser julgado o ministro, tem por crime mais grave a *deportação* do que a prisão arbitraria: e por isso s. ex.ª foi egualmente infeliz no crime, e na defeza.

Diz este acto famoso, que nenhum habitante de Inglaterra, não sendo condemnado por sentença legal, poderá ser degradado para *Escocia, Irlanda, Jersey, Guernesey* ou qualquer outra possessão ultramarina, dentro ou fóra dos dominios de sua magestade britannica; e que todos os que ordenarem, ajudarem e executarem similhante degredo arbitrario, pagarão uma multa que nunca será menos de 500 libras esterlinas para a parte lesada, a qual terá o direito ás perdas, e damnos em tresdobro:—os reus de taes attentados ficarão alem disso inhabeis para qualquer emprego, ou officio da republica, e a todas as penas do *præmunire*.

Sr. presidente, nesta pena se comprehendem a confiscação de bens, felizmente abolida pela Carta Constitucional, e a prisão perpetua.

Este caso é tal, que a constituição ingleza não consente ao rei que nesse crime possa perdoar.

Sr. presidente, eu vejo que nesta parte prevalece entre nós intacta a prerogativa da corôa. Se s. ex.ª for accusado por esta camara, e sobre isso tiver a desventura de ser condemnado por a outra, como eu espero que o seja; a justiça fica satisfeita; e então eu serei o primeiro a propor aos srs. deputados, que mandemos uma respeitosa mensagem á corôa pedindo a sua magestade imperial, como chefe do poder moderador, que se digne usar d'aquella alta prerogativa a favor do ministro, e que lhe perdoe.

Por todos estes motivos voto contra o parecer.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de *Saude*,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Nenhuma enfermidade resiste á deliciosa *Revalescière*, que cura as indigestões (despepsias), gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nevos, diabethe, debilidades, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro, e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Mr. Levingstone, celebre explorador da Africa central, no seu relatorio que fez á Sociedade Real Geographica de Londres sobre a sua viagem diz:

«Os habitantes da provincia d'Angola parecem gozar uma grande felicidade, elles não precisam nem medicos nem purgantes, o seu principal alimento sendo a *Revalescière* que Du Barry trouxe em Europa, vêem-se isentos das molestias, e a tysica pulmonar, escrophulas, empingens, cancer, febres, difficuldade de evacuar, earrhea, etc., etc., são molestias completamente desconhecidas, como tambem desconhecem as bexigas, o sarampo etc.»

Certificado do Dr. Manoel Saens de Tejada, doutor da faculdade Medica e Cirurgica, lente da Universidade livre de Cordova, medico em proprio e do caminho de ferro de Merida a Sevilha, etc.

Certifico: Que com o uso da *Revalescière*, obtive na minha clinica varias curas em molestias gravissimas em alguns clientes residentes nesta cidade, lembrando-me o de D. Filippe Zappina empregado publico, hoje administrador da alfandega de Manilla nas ilhas Filippinas, a de D. Amelia Gomes, casada com um chefe do exercito, a qual continua a melhorar com o seu uso; de D. Ramon Alonzo, rapaz de vinte annos que soffria havia alguns mezes uma molestia de peito de muita gravidade. E para fazer constar em toda a parte, a assigno em Cordova em 13 de Outubro de 1873.

DR. MANOEL SAENS DE TEJADA.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$100 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada**; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus e em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª—Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos, pharm.; pharmacia da rua do Visconde da Luz, S. Magalhães Ferraz, pharm., Carvalho e Castro, pharm., José Duarte, mercearia, praça de S. Bartholomeu, José Monteiro Cortez da Gama, Rua do Visconde de Luz, 31.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm.—BARCELLOS, Ramos, pharm.—BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm.—FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas.—GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm.—PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahia, rua de Cedofeita, 92.—PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

ANNUNCIOS

LEILÃO

1 DOMINGO, 13 do corrente, na rua da Sophia, Coimbra, n.º 18, pelas 10 horas da manhã, se fará leilão do restante das fazendas de solas e cabedaes sortidos, pertencentes á firma Carvalho & C.ª, dissolvida. As fazendas estão já patentes ás pessoas que quizerem examinal-as.

2 JA' ESTÃO á venda na Praça 8 de Maio, n.º 14 a 17, os Almanaks Ecclesiasticos e as novas resas de S. Bonifacio, para o anno de 1875. Preço 160 rs.

ULTIMA MODA
GRANDE BARATEZA

Pannos velludos a 1$300 e 1$500 o metro!

Lindos cortes de fazendas modernas, collete e calça, 2$000 rs.

Cache-nez de seda e lã, variado sortimento.

Capas, regalos e mantas para cabeça de senhora.

Chitas largas, padrões escolhidos, a 130 o metro.

Meias para senhora, a 100 rs.

LOJA CARDOSO

Calçada, n.os 43 a 44

Desenho

4 A. A. GONÇALVES, abre brevemente um curso de desenho, exclusivamente destinado ás artes. As horas d'aula serão estabelecidas em harmonia com o tempo que o artista diariamente dedica ao seu trabalho.

Rua do Correio, n.º 77.

---

5 ALMANACH DA AGENCIA PRIMITIVA DE ANNUNCIOS, de Luiz Maria Pereira de Braun Peixoto, para 1875, escriptorio da agencia, rua Augusta, 270, 1.º andar, Lisboa.—5.º anno de publicação.

Contém:—Todas as tabellas necessarias a um bom almanach; calendario para 1875; calendario commercial para o 1.º semestre de 1876; tabella dos pesos das moedas portuguezas; tabella de sellos; telegraphos; portes do correio; praça de Lisboa; relação nominal dos juizes, curadores, delegados, contadores e escrivães das varas civeis e criminaes da comarca de Lisboa; estabelecimentos bancarios, banqueiros e corretores do numero; negociantes matriculados, não matriculados e estrangeiros; nomes e moradas dos funccionarios publicos de Lisboa; tabelliães e advogados; facultativos; camara municipal; administrações dos bairros; negociantes do archipelago de Cabo Verde, da Guiné portugueza e da ilha da Madeira; ALMANACH DO PORTO, de muito interesse para o commercio, e uma secção de annuncios dos principaes estabelecimentos de Lisboa, e alguns das provincias. Um volume de 608 paginas. Preço 200 reis.

A' venda em todo o reino. Em Lisboa, na rua Augusta, 270, 1.º; e em Coimbra, na rua da Calçada, 72, loja do sr. Fonseca.

LEILÃO D'UMA GRANDE CASA

6 NO DOMINGO, 13 de Dezembro, ao meio dia, á porta da morada do ill.mo sr. Francisco Pedro da Silva, á Sé Velha, se venderá em leilão, chegando a preço conveniente, uma morada de casas, grande, situada ao Marco da Feira, com os n.os de policia 18 a 26.

Consta de loja e tres andares; actualmente rende 108$000 rs. e é susceptivel a muito maior rendimento.

A pessoa a quem convier dará de signal no acto da compra 10 por cento do preço, e o resto pode ser pago 30 dias depois.

A casa é livre de foro.

Attenção

7 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

O Dr. Francisco Antonio Diniz, commendador da Ordem de Christo, commissario dos estudos do districto de Coimbra, etc.

FAÇO saber que o jury dos exames dos concorrentes ás cadeiras de ensino primario neste districto, na segunda epocha do mesmo anno, reunido em sessão de hoje, resolveu que as provas escriptas dos concorrentes sejam dadas no dia 10 do corrente mez; seguindo-se nos dias 14, 15 e 16 as provas oraes dos que forem habilitados naquellas, pela ordem da lista que se publicará depois da respectiva votação.

Outrosim resolveu que as provas escriptas das concorrentes sejam no dia 17; seguindo-se nos dias immediatos as oraes pela forma acima dita.

E para que chegue á noticia dos interessados mandei publicar este edital.

Coimbra, 7 de Dezembro de 1874.

O presidente do jury,

Francisco Antonio Diniz.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes as



32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

9 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA, por auctorisação da companhia, continua a vender a dinheiro, ou a prestações de 2$000 reis e a 2$250, as machinas **Singer** para alfaiate, sapateiro, corrieiro, e para uso de familia, as quaes reunem os aperfeiçoamentos mais recentes, para coserem toda a classe de trabalho.

As machinas **Singer** são as mais aperfeiçoadas; a sua bella construcção, a facilidade de aprender a trabalhar, a belleza do ponto, tudo concorre para se dizer, que são de todas as melhores, e para avaliar a confiança que o publico já nellas deposita, bastará dizer que em 1873 a companhia vendeu a maior sobre a dos fabricantes Wheler & Wilson, Grover & Baker, Weed, Willcox & Gibbs, Howe B. P. 113:254 machinas.

No deposito dão-se todas as lições precisas, para trabalhar com perfeição, e tambem se manda ensinar em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Tambem ha troçaes pretos e de côr, algodões brancos e de côres, agulhas, e tudo o que é pertencente a machinas.

SUBSTITUIÇÕES MILITARES

10 F. M. ALVIM encarrega-se de fazer substituir qualquer praça nos corpos das guarnições de Lisboa e Elvas. Escriptorio, Lisboa, rua de Santo Antão, n.º 15, 2.º.

---

11 EM COIMBRA, Montarroio, n.º 22, o procurador judicial Abel da Silva Linhaça, encarrega-se de substituições de recrutas.

THE LIVERPOOL AND AMAZON

Rayl Mayl Steam Ship Company Limited

Tabella de passageiros da navegação directa entre Lisboa e Manaos.

	1.ª classe	2.ª classe
Pará	100$000	40$000
Santarem	120$000	48$000
Obidos	124$000	50$000
Serpa	136$000	54$000
Manaos	140$000	56$000

Espera-se de Liverpool o vapor=**Amazonas**=de 17 a 18 do corrente, e depois da indispensavel demora seguirá para os portos acima. Tracta-se na Figueira com o sr. Antonio Vieira; e em Lisboa, com os srs. José Joaquim das Neves & F.os

---

PARÁ

13 SEGUIRÁ de 18 a 20 do corrente o brigue portuguez=**Ligeiro**= Para carga e passagem tracta-se na Figueira, com o agente o sr. Antonio Vieira, e em Lisboa, com o seu proprietario, José Joaquim das Neves & F.os

---

Machinas de Costura

14 EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO, na Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas do systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

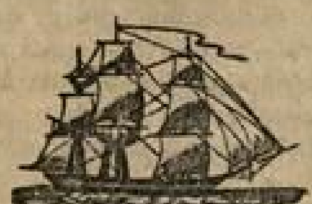
Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

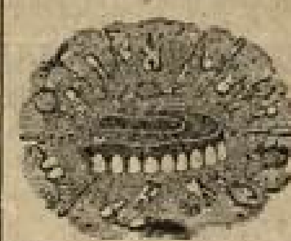


Para o Rio de Janeiro

Galera=INDIA=21 de Dezembro.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

J. P. G. PAIVA



CIRURGIÃO DENTISTA, offerece o seu gabinete dental, rua da Calçada, n.º 82, 1.º andar, esquina ao Arco d'Almedina, a todas as pessoas que necessitem utilisar-se dos seus conhecimentos sobre a protesis dentaria; pondo em conhecimento do illustrado publico os preços seguintes:

PREÇOS DOS DENTES ARTIFICIAES

Desde 3$000 a 6$000 reis cada dente.—Elixir odontalgico para dôr de dentes 500 reis, frasco.—Pós mineraes para branquear os dentes 200 rs., caixa.—Extracção de um dente desde 240 a 1$000 rs.—Limpeza de dentes desde 500 a 2$000 rs.—Empaste desde 500 a 2$000 rs.

---

17 QUEM ACHASSE na estação do caminho de ferro, na noite de 20 para 21 de Novembro, um sacco de mão, pequeno, de oleado e liga azul, contendo um crucifixo de pau e metal, e mais varios objectos, e o entregar na Couraça de Lisboa, n.º 12, receberá alviçaras.

PREVENÇÃO

18 D. MARIA SEVERINA DA CONCEIÇÃO ARAUJO, viuva, e seus filhos, da cidade de Lisboa, moveram execução por foros a D. Emilia Alves Ribeiro de Noronha, de Santo Varão, cuja execução estando em liquidação, e sendo esta julgada por sentença, ella da mesma appellou para o tribunal da Relação do Porto, e como ella falleceu, consta agora aos annunciantes, que seus herdeiros tractam de vender os bens de sua herança, sendo por isso que os annunciantes previnem para que ninguem contracte com os ditos herdeiros sobre as propriedades seguintes—12 aguilhadas de terra no sitio da Setella, campo de Ourique; 6 ditas na Vagem de Cagida; 10 ditas na Mendiguinha; 7 ditas no Batafol; 6 ditas no Porto de Cães; 2 ditas no Porto de Santo Varão; 3 em Salotes, e 3 no Avial; porque sendo os annunciantes senhorios directos destas propriedades, estão ellas oneradas com o foro annual de 60 alqueires de milho, um de feijão branco, 3 gallinhas e 250 rs. em dinheiro, com o laudemio de 6.º, e que a mesma D. Emilia foi condemnada a pagar aos annunciantes por sentença do juizo de direito desta comarca, e mesmo porque sendo os annunciantes senhorios directos de taes predios, não consentem que se vendam, sem para isso prestarem o seu consentimento, conforme o disposto no artigo 1678 do Cod. Civil.

Livraria Academica

19 PARA 1875=Almanachs portuguezes.
Para 1875=Calendarios aperfeiçoados.
Para 1875=Almanachs francezes.
Para 1875=*The Illustrated London.*

Almanach contendo muitas gravuras e seis aguarellas, das quaes uma por R. Bordalo Pinheiro.

Tinteiros de crystal, de marmore, de madeira e porcelana=Colla liquida perfumada=Pó d'arroz, da acreditada casa de Violet, em Paris=Tinta para marcar roupa=Cartas de jogar, inglezas=Carteiras=Livros em branco=Albuns para retratos=Albuns de desenho=Sabonetes=Estereoscopos e vistas photographicas.

183=Rua da Calçada=185

Ultima novidade

20 NO ESTABELECIMENTO DOS OCULISTAS—**Bolsson & Pombar,**—rua da Calçada, n.º 86 a 90, acaba de se receber directamente [illegible] Paris, um grande e variado sortimento [illegible] pelles para senhoras, dos ultimos [illegible] deste anno; como são: regalos, [illegible], punhos para senhoras e homens, e [illegible] de todos os comprimentos.

Ha pelles para guarnecer casacos de todas as côres e de varias medidas, que se vendem aos metros; egualmente ha cintos para senhoras, de chagrin Tirolezes, da ultima novidade; ha-os dourados, prateados e bronzeados.

Encarregam-se de toda e qualquer encommenda que lhes seja feita.

Bolsson & Pombar.

Substitutos a militares

21 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

NUMERO 2857 — SABBADO 12 DE DEZEMBRO DE 1874 — ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

Fallâmos ha dias ácerca do estado deploravel em que se acha entre nós a instrucção primaria; diremos hoje alguma cousa a respeito da instrucção secundaria.

Já o esclarecido collega do *Districto de Aveiro*, tratando deste momentoso assumpto, disse com referencia aos nossos estabelecimentos de instrucção o seguinte:

«Em todos elles tem diminuido consideravelmente a frequencia. D'anno para anno vão fugindo os estudantes das aulas publicas e mantidas pelo estado, para os cursos particulares, onde se não observam as reformas governativas.

«Actualmente os lyceus estão quasi desertos. O d'Aveiro tem um pequenissimo numero de estudantes, em quanto que se montaram dois collegios particulares onde a frequencia augmenta todos os dias. Em Coimbra o caso é mais grave. As aulas particulares regorgitam de estudantes, em quanto que o lyceu está deserto.

«E' que chegou a todos a convicção de que é impossivel apromptar um mancebo com os estudos proprios para seguir cursos superiores, pelo methodo adoptado nos lyceus, e os paes preferem despender algum dinheiro, para que seus filhos colham resultado do ensino, a trazel-os annos sem conta nos lyceus. Deste modo, a providencia mais util era fechal-os todos. Como estabelecimentos de apparato e de ostentação, ficam caros e não devem existir.»

Na verdade, se um viajante europeu, visitando a China, alli dissesse que havia um paiz na Europa, onde os governos mantinham estabelecimentos de instrucção, fazendo o estado com elles avultadas despezas; mas que ao mesmo tempo se tinham decretado regulamentos, que em quasi todas as suas disposições tendiam a altamente difficultar, e até quasi a impedir a frequencia de alumnos nos mesmos estabelecimentos; sem duvida, qualquer chinez responderia, que apezar de serem na China considerados os europeus como *barbaros*, não acreditavam semelhante facto, porque excedia tudo quanto se podia imaginar de mais absurdo!

E comtudo acontece isso em Portugal!

Que parece haver um proposito deliberado de fechar os lyceus, e entregar o ensino exclusivamente aos particulares, é o que se deprehende do que se vê praticar; mas então haja a coragem de o dizer e executar, e não estejam a matar lentamente estes estabelecimentos de instrucção!

Conhecem por longa experiencia os poderes publicos, que os regulamentos existentes são inexequiveis; que os alumnos vendo que nada, ou quasi nada podem aprender nos lyceus, a não ser no decurso de longos annos, fogem por isso desses estabelecimentos; que como consequencia, estão desertas as suas aulas, havendo professores que não tem discipulo algum, em quanto as aulas dos professores particulares estão cheias delles; —e vêem isto com uma impassibilidade revoltante, e só propria do mais pronunciado obscurantismo!

Em logar de se facilitar o ensino, tornam-no oneroso aos paes de familia, obrigando-os a fazer avultadas despezas com os professores particulares; e se impõe assim aos cidadãos mais uma contribuição pesadissima, alem das muitas que já pagam!

Isto só em Portugal se vê!

Se querem o ensino completamente livre, fechem todos os estabelecimentos de instrucção publica, e deixem a todo o cidadão ampla liberdade do ensino, apesar de ser isso por emquanto difficil de executar entre nós. Isto comprehendia-se. Ficava o estado alliviado do pesado onus da despeza com o ensino. Porem fazer essas despezas, e serem totalmente inuteis, não se acreditaria, se o não estivessemos vendo.

Bradam todos contra este lamentavel estado; são geraes as queixas; mas não se trata de atalhar o mal, antes se deixa aggravar cada vez mais.

Os clamores do publico são como as vozes que clamam no deserto. Ainda assim, iremos clamando!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

BIBLIOGRAPHIA

Educação Physica

PELO DOUTOR AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

SEGUNDA EDIÇÃO MUITO AUGMENTADA

Uma das mais graves accusações, que os inimigos da Universidade formulavam contra esta respeitavel corporação, era a falta de livros scientificos publicados pelos seus professores. Felizmente que estes clamores vão esmorecendo desde 1845.

Data desta epocha a publicação das dissertações inauguraes, como um dos titulos legaes e authenticos para conseguir o grau de doutor. Foi uma providencia muito acertada, exigir esta prova de merecimento aos candidatos ao magisterio, porque todos se esmeraram em redigir este trabalho scientifico por fórma digna do seu nome e dos creditos da Universidade.

As dissertações inauguraes já constituem uma interessante collecção de livros sobre os principaes ramos de sciencias ensinadas em Coimbra, livros geralmente muito apreciados, e cujas edições se exhaurem rapidamente. Os assumptos escolhidos pelos auctores para estes trabalhos academicos versam sempre sobre doutrinas importantes, e são geralmente tratados com grande extensão e muito esmero, porque são entregues á publicidade da imprensa, e são discutidos com largueza no acto solemne e difficil das *conclusões magnas.*

O sr. Doutor Augusto Filippe Simões, quando em 1872 se resolveu a entrar no gremio da Faculdade de Medicina, escolheu para assumpto da sua dissertação inaugural um dos pontos mais interessantes da Hygiene, e publicou a primeira edição do seu livro com o titulo de—*Erros e preconceitos da Educação Physica*—. Em o n.º 2644 do nosso jornal, de 26 de Novembro de 1872, démos noticia minuciosa deste livro, prestando a devida homenagem ao relevante merito do seu auctor.

Decorreram apenas dous annos, e em tão curto prazo de tempo a edição esgotou-se. Este facto é eloquente, e por si só constitue o maior elogio desta obra scientifica. Infelizmente em Portugal não succedem com frequencia acontecimentos desta ordem. Os romances e os livros de litteratura facil e amena ainda têem consumo, mas os livros de sciencia são em regra geral trabalhos inglorios, que só merecem a mais negra ingratidão dos governos, a mais glacial indifferença dos leitores, e ainda para maior premio e incentivo de seus auctores, uma critica verdadeiramente mordaz e implacavel.

Só um espirito varonil e ousado, só uma dedicação inabalavel pelo estudo, só um culto enthusiastico pelas sciencias podem animar os auctores em lucta tão desegual, em que muitas vezes sossobram intelligencias robustas e talentos privilegiados. Que remuneração têem hoje em Portugal os escriptores publicos pela impressão dos seus trabalhos scientificos? Que recompensas se concedem a tantas vigilias e fadigas, a tantas despezas e sacrificios? Nos paizes cultos, repetem-se com frequencia as edições de livros scientificos, e um commercio litterario sempre activo e remunerador convida com vantagem á nobre profissão de escriptor publico. O que n'esses paizes é uma gloria, entre nós é um sacrificio oneroso e inutil, que nem os proprios compatriotas reconhecem.

Felizmente o sr. Filippe Simões é uma excepção á regra geral. O seu livro de Hygiene teve prompto consumo em dous annos; assistia por tanto ao auctor rigoroso dever de publicar segunda edição. Mil louvores merece o digno professor da Faculdade de Medicina

---

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXIX

RODRIGO PINTO PISARRO

XXVII

O sr. Antonio Luiz de Seabra, hoje visconde de Seabra, tambem fallou largamente contra o parecer da commissão de poderes, que annullava a eleição de Rodrigo Pinto Pisarro.

Limitamo-nos a publicar a primeira parte do seu discurso. Na segunda parte tratou da questão juridica, que os nossos leitores já viram desenvolvida no discurso do deputado Manoel da Silva Passos.

O sr. Seabra:—Estava o sr. R. P. Pisarro pronunciado criminoso, quando foi eleito deputado? Eis o objecto controverso.

Os meus honrados amigos tem pulverisado de maneira, os argumentos de seus adversarios, que pouco me resta que dizer; e se eu não visse nesta questão, mais que uma pendencia puramente individual, limitar-me-hia a ponderar, em meu juizo, as razões produzidas, pró e contra, e a dar silenciosamente o meu voto. Mas eu descubro nesta questão correlações, e dependencias de tamanha transcendencia, que eu faltaria ao meu dever de deputado da nação, se não ajuntasse o meu fraco brado, ás vozes da razão e da justiça.

Sim, senhor presidente; não é a elegibilidade de R. Pinto Pisarro, que nós temos hoje de sentencear: são os futuros destinos da liberdade individual, e de nossa representação nacional. Arrojado por uma carta de *Cachet* no fundo de uma bastilha, representa R. Pinto a liberdade individual aniquilada: e arrojada do logar, que a nação lhe designou, neste recinto, arrastará na sua queda, a independencia deste ramo do poder legislativo.

É preciso, senhor presidente, que a verdade saia desassombradamente deste recinto: quando o poder executivo, levantando-se acima de todas as leis, invade as attribuições do poder judiciario, calca, atropella as garantias individuaes, transforma o pensamento em acção; a imprudencia em delicto; o innocente em culpado; poderá dizer-se, que somos livres, que temos uma Carta Constitucional? Quando o poder executivo se arroga direitos, que lhe não competem, quebra a urna eleitoral, e arrebata a candidatura, a esta camara, o cidadão, que pode fazer-lhe sombra, e isto em virtude de um acto lavrado por um juiz isolado, sem citação, sem audiencia do interessado, sobre os ditos de testemunhas inquiridas nas trevas, e que podem ser falsas assim como podem ser verdadeiras: poderemos nós lisonjear-nos de ter uma representação nacional, livre e independente?

Mas eu entro na questão; vejamos primeiramente o facto, e logo veremos o direito.

Compromettido em defeza da RAINHA, da Carta, e da liberdade nacional, emigrou R. P. Pisarro em 1828. Foi processado, sequestrado, e condemnado á pena ultima pelos satelites do usurpador. Exilado, partilhou na Terceira as balas britannicas, e o amargo pão do infortunio, com os de mais subditos da RAINHA. Mas teve a nobre coragem de emittir francamente a sua opinião sobre as occurrencias do tempo,

pelo seu novo trabalho. A *Educação Physica*, que hoje annunciamos, não é só a segunda edição correcta e augmentada da obra publicada em 1872. E' um livro novo, em que os assumptos são tratados com grande desenvolvimento e por fórma muito diversa. O auctor emprega sempre um estylo claro e ameno, que não só convence os leitores da verdade e sã razão dos principios e preceitos da Hygiene, mas até inspira um verdadeiro amor pelo estudo desta sciencia.

A *Educação Physica* é uma obra interessantissima, que deve servir de guia aos paes, aos mestres e aos directores dos collegios de instrucção. A missão deste livro é ensinar os preceitos racionaes que devem dirigir a educação da infancia; é mostrar os erros e abusos geralmente commettidos e as praticas perniciosas que a rotina por tanto tempo tem perpetuado.

O auctor cita no prefacio os poucos livros publicados em Portugal sobre este ramo de Hygiene, e demonstra a necessidade impreterivel de um novo formulario para dirigir a educação da infancia. São dignas de citar-se as seguintes palavras:

«A educação physica torna-se de dia para dia mais merecedora de consideração, porque de dia para dia se nos mostra mais temeroso e ameaçador o mal da degeneração physica. Nas grandes cidades, particularmente, a estatura diminue a olhos vistos, os musculos atrophiam-se, e alteram-se as boas proporções do corpo em muitos individuos da especie humana. Só a hygiene tem o poder de atalhar tamanho mal.»

No artigo que publicámos ha dous annos neste jornal fizemos uma resenha minuciosa dos principaes capitulos da obra, e terminámos a noticia bibliographica com o seguinte periodo:

«Estamos convencidos, que todos os paes e mestres o hão de ler com interesse e proveito. Ao auctor dirigimos as nossas felicitações, por este novo documento de sua elevada intelligencia e de seu infatigavel estudo. O escriptor que já possuia fóros de nobreza pelos seus importantes trabalhos scientificos e litterarios, juntou agora novo e honroso titulo ao seu brazão de gloria. Quem escreveu as *Cartas da Beira-mar*, as *Reliquias da architectura romano-bizantina em Portugal*, a *Sempre noiva*, e tantos artigos interessantes na *Litteratura illustrada*, no *Archivo Pittoresco*, no *Instituto*, na *Folha do Sul*, e em muitos outros jornaes dos mais lidos e acreditados, não podia vir novamente á imprensa senão com obra de mais vulto e de mais fino quilate. *Os erros e preconceitos da educação physica* revelam um primoroso talento, e dão subida honra á Universidade e aos filhos de Coimbra.»

Repetimos hoje os nossos parabens ao auctor e á eschola que o educou. Não queremos porém terminar, sem dizer em que differe a nova edição da primeira, para demonstrar, como o auctor ampliou a maior parte dos capitulos e acrescentou outros inteiramente novos. O trabalho que agora teve o sr. Filippe Simões foi ainda maior, que na primeira edição.

As 400 paginas do livro em 8.º francez tratam dos seguintes assumptos, além do prefacio e introducção: —Os progenitores—Regimento da gravidez — Primeiros soccorros ao recemnascido—O leite—Amamentação materna—As amas—Lactação artificial — Hygiene da infancia—Endurecimento do corpo— Creação da infancia desvalida—Hygiene de puericia—Educação publica da puericia—Notas.

O livro foi impresso na typographia da Universidade com a maior nitidez, e a edição é dos srs. Ferreira Lisboa e C.ª

Agradecemos ao sr. Doutor Filippe Simões o exemplar com que brindou esta redacção.



Eu tenho para mim, que as penalidades da presente vida, não tem proporção alguma com a gloria vindoura que se manifestará em nós.

S. Paulo aos Romanos, c. VIII, v. 18.

I

Acabamos de soffrer uma perda irreparavel! Entregou hontem de madrugada a alma ao Creador um dos nossos melhores amigos, o sr. Dr. Francisco da Fonseca Correa Torres, conego thesoureiro mór da sé cathedral desta cidade!

Já não existe aquelle varão religioso e virtuosissimo;—está riscado do numero dos vivos aquelle exemplarissimo ecclesiastico, um dos ornamentos da sua classe!

Assim vamos perdendo gradualmente os nossos bons amigos, a quem tanto devemos, e que nos auxiliavam sempre com os seus valiosos conselhos e esclarecimentos.

Vae-se diminuindo cada vez mais o numero daquelles illustrados cavalheiros, que honrando-nos com a sua particular amizade, nos tem sempre auxiliado nos nossos trabalhos litterarios e historicos, animando-nos a proseguir na carreira por nós encetada!

Temos hoje de deplorar mais esta grande falta! Já não tornaremos a ver;—não conversaremos mais com o nosso bondoso amigo, que tanto nos estimava!

E é com as lagrimas nos olhos, e apezar da amargura que nos dilacera o coração, que temos de vir cumprir o triste dever de pagar este tributo á sua saudosissima memoria!

II

Nasceu o sr. Dr. Francisco da Fonseca Correa Torres na freguezia de S. Pedro desta cidade, no dia 4 de Setembro de 1795, sendo seus paes os srs. Bernardo da Fonseca Correa e D. Maria Joaquina.

Apezar de ser filho de paes destituidos de fortuna, o seu amor pelo estudo o fez frequentar o real Collegio das Artes. Tendo concluido os preparatorios, matriculou-se na Faculdade Juridica no anno de 1812; e depois proseguindo os seus estudos na Faculdade de Canones, nella se doutorou no dia 14 de Junho de 1818.

Para poder continuar a sua carreira, obteve o ser admittido collegial do Collegio de S. Paulo, onde eram recebidos certo numero de alumnos sem fortuna, mas de reconhecido merito litterario, que desejavam seguir a vida academica; e donde por fim se doutoravam á custa do mesmo collegio.

Em 1830, já depois de oppositor na sua Faculdade, obteve o despacho de conego da sé de Faro, para onde foi tomar conta desse cargo.

O sr. Dr. Fonseca era dotado dos sentimentos mais benevolos, sendo tolerantissimo para com todas as pessoas que divergiam das suas opiniões politicas. Isso, porem, não obstava a que tivesse uma viva crença na legitimidade de D. Miguel.

Nestas circumstancias, desembarcando no Algarve a expedição liberal no dia 23 de Junho de 1833, e entrando seguidamente em Faro, entendeu o nosso amigo que não devia ahi conservar-se; pelo que se dirigiu para Coimbra, tendo de atravessar o paiz já bem excitado com a guerra civil.

Terminada a contenda pela convenção de Evora Monte, e havendo-se ausentado de Coimbra o bispo conde D. Joaquim de Nazareth, dirigiu o ministro das justiças ao cabido a insinuação regia, para que elegesse vigario capitular ao bacharel Antonio Bernardo da Fonseca Moniz; ao que o mesmo cabido accedeu.

O sr. Dr. Fonseca entendeu, porem, que este acto do cabido era illegalissimo, e o vigario capitular intruso; visto existir em Lisboa o bispo conde, e por tanto em parte certa, e ter deixado para governar o bispado na sua ausencia o provisor Miguel Ribeiro de Vasconcellos.

Era o nosso saudoso amigo da tempera dos antigos portuguezes, de antes quebrar que torcer; e sobretudo em assumptos religiosos não transigia contra o seu dever, quaesquer que fossem os prejuizos que d'ahi lhe resultassem.

Podia facilmente obter uma collocação vantajosa, se se accommodasse com a situação daquella epocha; mas preferiu antes soffrer privações, do que faltar á sua consciencia.

Só em 1847, quando já havia em Coimbra governador do bispado, em resultado da concordata com a côrte de Roma, e era ministro das justiças, o seu antigo amigo e patricio o sr. conselheiro Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão; só então, dizemos, é que o sr. Dr. Fonseca aceitou o ser transferido para conego da sé cathedral desta cidade, sendo collocado no logar de thesoureiro mór, que se achava vago.

III

Do seu amor pelas lettras e bellas artes, quem ha ahi que o não saiba!

Era para ver este venerando ancião, applicado sempre a uma assidua leitura no seu gabinete de estudo, todo litteralmente forrado de bons livros, e ligado com o seu querido jardimzinho!

Quando vemos a indifferença que a maior parte da actual mocidade tem pela instrucção, e comparamos este procedimento com o do nosso amigo, a ler e a estudar até á vespera do ultimo ataque que o levou á sepultura, enchemo-nos de tristeza, e descremos de um certo progresso que por ahi se alardeia!

não era superficial a sua leitura. Na sua selecta livraria deverão existir immensos apontamentos por elle tirados, á proporção que ia proseguindo nas suas investigações.

O sr. Innocencio Francisco da Silva pôde testemunhar a boa vontade que sempre achou no sr. Dr. Fonseca, em lhe prestar as numerosas informações que de Coimbra lhe mandou para o seu excellente *Diccionario*.

Nesta cidade, em regra poucos se abalançavam a encetar certa ordem de trabalhos litterarios, sem primeiro consultar o nosso amigo. Os seus conhecimentos litterarios e historicos, o seu amor pela pintura e outros ramos das bellas artes, a vasta noticia que tinha dos homens e das cousas, já alcançada pela sua perserverante leitura, já pela pratica da vida, tornavam preciosas as suas informações.

E não se recusava a ninguem. O seu gosto era ser util a todos.

Quando em 1869 se abriu a exposição districtal desta cidade, foi o sr. Dr. Fonseca um dos cavalheiros a quem mais particularmente se deve a parte archeologica da exposição, e que tão apreciada foi do publico. Para ella contribuiu da maneira a mais efficaz.

Sendo nomeado socio do Instituto de Coimbra, e havendo-se creado modernamente a secção de archeologia, mostrou sempre o nosso amigo interessar-se vivamente nos seus progressos, prestando-se a tudo o que estava ao alcance.

Apreciador da boa litteratura, e possuindo uma collecção de ineditos do nosso estimado poeta, Nicolau Tolentino, diligenciou a sua impressão, que se effectuou na imprensa da Universidade no anno de 1858, com o titulo de—*Poesias de Nicolau Tolentino de Almeida, obras posthumas e até hoje ineditas.*

Essa publicação é anonyma, mas sabemos que a seguinte nota, que a precede, é do nosso amigo:

«Desde alguns annos que possuimos estas poesias, até hoje ineditas, do nosso insigne e conhecido poeta Nicolau Tolentino d'Almeida; manuscripto que devemos á obsequiosa amizade d'uma senhora respeitavel, que as tem, como todas as do mesmo poeta, em grande conta. Entendemos que publicando-as fariamos algum serviço á litteratura portugueza, tirando-as do esquecimento, e salvando-as porventura da triste sorte que outras muitas mais têem soffrido, e cuja perda ainda hoje lamentamos.

«Tivemos á vista um manuscripto da propria letra do ex.mo sr. Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato, lente que foi da Faculdade de Canones nesta Universidade, ex-ministro das justiças na regencia da serenissima senhora infanta D. Isabel Maria, e presidente da camara dos dignos pares. O nome deste sabio, tão conhecido pelos seus escriptos, e apurado gosto pelas lettras patrias, e particularmente pelos poetas portuguezes, alguns dos quaes illustrou com eruditas notas historicas e criticas, é para nós seguro penhor da authenticidade das poesias que publicamos.

«Escolhemos este pequeno formato, para que possam servir de continuação, e complemento á edição, que o sr. Rolland publicou em Lisboa, em 3 vol. (1828), e que é a mais completa de que temos noticia.»

No tomo 6.º, parte 1.ª das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, tinha sido impressa no anno de 1819, a *Descripção historica e economica da villa e termo de Torres-Vedras*, por Manoel Agostinho Madeira Torres.

Um amigo do sr. Dr. Fonseca, desejando reimprimir esta memoria, pediu-lhe para em Coimbra se incumbir de dirigir essa publicação, a qual saiu á luz na imprensa da Universidade no anno de 1861. Não é, porém, simplesmente a publicação feita nas Memorias da Academia; mas sim addicionada com extensas e abundantissimas notas, a maior parte devidas ás investigações do sr. Dr. Fonseca, e que tornaram esta segunda edição de grande merecimento.

O nosso amigo, dotado de verdadeira caridade, foi sempre muito zeloso pelo bem estar do Asylo da infancia desvalida; não só como subscriptor, mas como membro da direcção.

Ha já tempo que o sr. Dr. Fonseca sentia diminuir as suas forças. Ultimamente a doença tomou aspecto muito grave, e por isso nem os maiores esforços da medicina, nem os cuidados assiduos da familia poderam evitar a chegada da hora fatal!

Vendo aproximar-se o ultimo momento, preparou-se para a longa viagem com os sacramentos da egreja, que recebeu com o fervor de verdadeiro catholico.

E assim o que foi na vida, assim foi na morte este religioso varão, que a todos deixou edificados!

IV

Paramos aqui, porque o breve tempo que temos para escrever esta singella commemoração, não nos deixa ser mais extensos.

O que ahi fica é sufficiente para que quem não conhecesse o nosso chorado amigo, fique avaliando as suas excellentes qualidades.

A' sua memoria saudosa aqui deixamos estas singellas palavras, fraco tributo, mas sincero, do muito que lhe devemos.

Joaquim Martins de Carvalho.

---

e esta franqueza, é crime imperdoavel aos olhos do poder discricionario. Daqui as iras, os odios, as perseguições, as vinganças de que tem sido victima; daqui a sua iniqua destituição; daqui essa portaria, ou quer que seja, do ministro da guerra, que lhe prohibia o voltar á patria, em quanto, em toda ella, não estivesse reconhecida a auctoridade da Rainha. Tres annos mais de degredo! Que importa. O poder discricionario é um tribunal, sem appello. Tremulou em fim o estandarte nacional, em todos os angulos do territorio portuguez; e então fiado naquella garantia, ratificada com um passaporte conferido pela auctoridade competente, voltou ao paiz natal, ignorante das novas perseguições, que o esperavam.

Dir-se-ia, sr. presidente, que a sombra de Nino tinha aportado ás margens do Tejo: as leis existentes: as formulas judiciarias estabelecidas foram julgadas insufficientes, para enlaçar este espirito terrivel que tinha vindo por cima das aguas: evocam-se as razões d'estado, os Sejanos, os Tigelinos, os Gesseries, as cartas de *Cachet*, e as bostilhas, e é sepultado incommunicavel por 49 dias, na torre de S. Julião.

Divulga-se o successo: sabe-se nas provincias que R. P. Pisarro era victima d'uma inaudita arbitrariedade; estranha-se altamente que a amnistia concedida aos crimes mais atrozes não abranja as opiniões.

A arbitrariedade, sr. presidente, tem comsigo uma singular virtude... sim, a singular virtude de conter o germe da sua propria destruição; de fazer palpitar de indignação os corações generosos; de reconciliar com suas victimas os animos menos dispostos para isso. Desde então foi R. P. Pisarro elevado á candidatura em differentes circulos eleitoraes do reino. Aquelles, sr. presidente, que conquistaram a liberdade no campo da batalha, de certo a não desampararão no regaço da paz: elles sabem que tem mais que recear de seus inimigos mascarados, do que daquelles que combateram peito a peito... Coube á provincia do Douro a heroica eleição deste deputado: eleição, que envolve um severo voto de censura contra as arbitrariedades do ministerio; eleição, que a historia consignará, como um dos feitos mais brilhantes, que illustram o berço da liberdade portugueza.

Nestas circumstancias será procedente esta eleição? Diz a commissão que—Não.—Mas como o sr. ministro dos negocios do reino, achou um meio summamente luminoso de apresentar esta questão, eu me comprazo de repetir a sua argumentação.

Maior—Não pode ser eleito deputado o cidadão pronunciado criminoso em querela ou devassa.—Carta Constitucional.

Menor—Ora o sr. R. P. Pisarro estava pronunciado em querela ou devassa, quando foi eleito.

Conclusão—Logo o sr. R. P. Pisarro não pode ser considerado como deputado.

Agora argumentarei eu na mesma especie de raciocinio.

Maior—Não pode ser eleito deputado o cidadão pronunciado criminoso em querela ou devassa.

Menor—Ora o sr. R. Pinto Pisarro não estava pronunciado criminoso—nem em querela, nem em devassa, quando foi eleito.

Conclusão—Logo o sr. R. Pinto Pisarro está legalmente eleito deputado.»

(*Continuar-se-ha.*)

Joaquim Martins de Carvalho.

NOTICIARIO

Thomaz Ribeiro—Na quarta feira teve a bondade de nos vir offerecer o nosso estimavel amigo o sr. José Diogo Pires, acreditado livreiro desta cidade, o seguinte livro:

Thomaz Ribeiro.—Jornadas.—Segunda parte.—Entre palmeiras (De Pangim a Salsete e Pondá).—1875—Coimbra, livraria Central de José Diogo Pires, editor, largo da Sé Velha, n.º 9 e 10.

É facil de avaliar o alvoroço com que receberiamos o segundo volume de uma obra tão mimosa do distincto escriptor o sr. Thomaz Ribeiro.

Principiada desde logo a leitura, não podemos deixar de a levar quasi sem interrupção até ao fim! Que amenidade, que soberbas descripções, que belleza! Lê-se uma vez, e dá vontade de repetir a leitura!

Por este interessante livro se ficam conhecendo os costumes dos povos das nossas possessões na India, e os factos mais notaveis da sua conquista; e tudo em um estylo tão attrahente, que enleva o espirito.

Quanto é internecedor o episodio da *Mogarem*! Não se pode ler a olhos enxutos!

Na impossibilidade de dar larga noticia deste livro, não deixaremos de para aqui transcrever o que o sr. Thomaz Ribeiro diz de S. Francisco Xavier, o apostolo da India:

«Nas poucas horas que nos podiamos demorar em Goa, visitamos a egreja e convento do Bom-Jesus, e nelle o famoso tumulo de S. Francisco Xavier, que todos os povos da India visitam com a mais acrisolada devoção. Quando, por vezes, o corpo mumificado do apostolo tem sido exposto á veneração dos fieis, milhares e milhares de romeiros percorrem o grande recinto da cidade, habitam as ruinas e os palmares, e enchem de animação e de vida aquelle saudoso cemiterio. Dir-se-hia a galvanisação da necropole.

«Sabido é já que não faltam moiros e parses, e especialmente gentios, a visitar o santo portuguez, e que são destes as maiores oblatas.

«Alli dorme, apesar do marquez de Pombal, no seu leito de prata, e na terra que tanto amou, o maior conquistador do oriente.

«O grande amor de Deus e da humanidade, a fé viva numa existencia eterna e melhor, a caridade para com os fracos e os ignorantes, aquelle fogo do pentecostes, que symbolisa a inspiração do sentimento, ensinara-lhe todas as linguas e abrira-lhe o caminho de todos os povos do levante. Sosinho, encostado ao seu bordão de peregrino, ora a pé atravez das invias florestas, impondo respeito ás feras, ora no mar, acalmando as tormentas e imprimindo ás vagas a amenidade do seu sorriso, enfermo cheio de força, humilde cheio de auctoridade, extranho que a todos conhecia e amava, pobre que remediava todas as indigencias, paciente que amentsava todos os padecimentos, triste que sabia sorrir, resignado que ensinava a chorar, elle era a pomba e o fogo do Espirito Santo, a inspiração do verbo e a mansidão do cordeiro de Deus.

«Aqui, de joelhos ante o venerando tumulo que te encerra, te admiro, te bemdigo, te adoro, ó benemerito de Deus e dos homens!

«Feliz de mim, por me ser dado visitar-te na solidão do teu ermo, e beijar-te os pés que tanto souberam caminhar para acudir aos afflictos e desalumiados, ó soldado de Deus e da patria! ó flor da humanidade! Nos meus sonhos de poeta e nos meus orgulhos de portuguez, eu via sempre a tua imagem erguida entre o grupo dos grandes navegadores e soldados, com a cruz sobre o coração, com a fronte, sobranceira á humanidade e ás palmas, aureolada pelo sol nascente, que doirava, como nas telas bysantinas, o fundo immenso do quadro. Vim, descancei um momento á protectora sombra da tua memoria, arvore de vida e de alentos, de cujos ramos colhi fructos de esperança.

«Bemdito! mil vezes bemdito.

«D'alli fomos visitar as ruinas de S. Paulo dos Jesuitas, ou S. Paulo dos Arcos, habitação principal do apostolo da India. Foi alli que elle instruiu na religião do crucificado os tres primeiros japonezes que abraçaram a fé christã; era alli, na capella, chamada ainda de S. Francisco Xavier, que elle sentia aquelles extasis de amor divino, que o tornavam um verdadeiro inspirado e um verdadeiro santo; transportes de tanto amor que, segundo a tradicção, referida pelo abbade Cottineau de Kloguen, o levavam a exclamar, abrindo no peito o seu habito e passeiando pelos jardins: «Não mais, senhor! não mais!» Foi alli, naquella egreja, agora ruinas, que o seu precioso cadaver, ainda hoje inteiro, foi depositado quando veiu da China.

«Nada resta já do antigo seminario, o primeiro da India, senão, quasi derruida, a frontaria da egreja, e, no meio do arvoredo e matagal, a capella de S. Francisco Xavier, mandada reparar pelo conde de Torres Novas, em 1859, e já novamente deteriorada. Alli vinha fortificar-se e levantar os vôos prodigiosos a aguia do Senhor, tão forte na vida e tão forte ainda na morte, que, segundo refere a tradicção, o conde d'Alvor lhe entregou o seu bastão de viso-rei e a sua patente de general, confiando á protectora sombra do apostolo a defeza da grande cidade, que elle desesperava de salvar. Ainda hoje, no acto da posse, cada governador recebe o bastão das mãos de S. Francisco Xavier e lh'o restitue.»

Esta segunda parte das *Jornadas* do sr. Thomaz Ribeiro, apparecerá hoje a venda; e de certo será recebida do publico com o mesmo applauso que obteve a primeira parte.

José Silvestre Ribeiro.— Traziamos ultimamente entre mãos a leitura, pela segunda vez, das *Resoluções do Conselho de Estado no contencioso administrativo*, pelo sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro. Iamos no fim do terceiro tomo, e á proporção que repetiamos a leitura, mais nos enchiamos de admiração ao ver o trabalho enorme que representa esta collecção, e os subsidios immensos que subministra a quem quizer estudar as variadissimas questões alli ventiladas!

Lamentavamos, porem, que a collecção ficasse no XVII tomo, publicado no anno de 1868; o que comtudo não extranhavamos, visto as insanas fadigas a que se tem entregado o nosso prezado amigo, para organisar a sua *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal nos differentes reinados da monarchia*, de que estão publicados 4 grossos volumes, sendo o primeiro em 1871 e o ultimo já este anno, e de que ainda se esperam talvez dois volumes.

Faziamos esta reflexão no domingo passado; quando hontem, ao chegar-nos o correio de Lisboa, recebemos com agradavel surpreza, o XVIII tomo das *Resoluções do Conselho de Estado*, recentemente impresso!

Sempre tivemos na maior conta o trabalho e estudo do sr. conselheiro Jose Silvestre Ribeiro; mas esta publicação, excedeu para nós tudo o que esperavamos!

Ainda não podémos fazer mais do que lançar uma rapida vista pelas 350 paginas de que consta este tomo; mas vamos desde já lel-o todo, com o interesse que nos inspiram sempre os escriptos do sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro.

Resta-nos agradecer ao nosso bom amigo a offerta que acaba de nos fazer do seu ultimo livro; e ao mesmo tempo felicitar todas as pessoas que podem obter valiosos esclarecimentos de uma obra tão importante, por verem com a publicação deste tomo XVIII, que ella vae continuar, cessando assim o receio de que houvesse ficado de todo interrompida.

A Empreza das Horas Romanticas. —Esta esclarecida empreza obsequiou-nos com um exemplar das—*Viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos por Julio Verne*—*Aventuras do capitão Hatteras.—Os inglezes no polo do norte.—Traducção de Henrique de Macedo, lente de mathematica na escola polytechnica e astronomo do observatorio da marinha.*—Lisboa, typographia das Horas Romanticas, travessa da Parreirinha (a S. Carlos), 5.

E' um primoroso volume de 328 paginas, nitidamente impresso em magnifico papel, e contendo 135 gravuras illustrativas do texto.

Esta é a 1.ª parte das *Aventuras do capitão Hatteras*. A segunda já se acha no prelo, e terá por titulo—*O deserto de gelo*.

Por esta forma vae a empreza das *Horas Romanticas* publicando pontualmente as tão afamadas *Viagens maravilhosas* de Julio Verne.

Ha quem goste só de ler romances; outras pessoas só se entregam a leituras de estudo. Esta publicação, porem, tem a vantagem de conciliar ambas as vontades. Vae o leitor instruindo-se e ao mesmo tempo recreando-se.

E' por isso com justiça que foi premiada pela Academia das Sciencias de França.

A' empreza das *Horas Romanticas* agradecemos o exemplar com que nos brindou.

Serões Romanticos. — Creou-se modernamente em Lisboa a empreza *Serões Romanticos— bibliotheca de instrucção e recreio.*

Esta empreza tenciona publicar romances traduzidos dos melhores auctores estrangeiros.

Vae encetar essa publicação com o *Processo Lerouge*, por Emilio Gaboriau, traducção de Alfredo Sarmento. Será publicado ás folhas de 16 paginas, duas por semana, em bom papel e excellente typo novo, pela modica quantia de 20 rs. a folha.

O *Processo Lerouge* fez grande sensação em Paris, onde conta já quatorze edições, e o nome de Emilio Gaboriau, seu auctor, é uma garantia segura do seu merecimento litterario, e do seu interesse romantico.

Representação.— Consta-nos que a camara municipal desta cidade representara ao governo, para que se dê cumprimento á carta de lei de 30 de Março de 1861, que manda applicar 600$000 rs. annuaes para a conservação e reforma da egreja de Santa Cruz.

Egualmente a junta de parochia representou no mesmo sentido, enviando a representação ao deputado por este circulo o sr. conselheiro Joaquim Gonçalves Mamede, pedindo-lhe para que empregue os seus esforços, a fim de obter o bom resultado desta pretensão.

E finalmente a mesma junta, pessoalmente pediu a camara municipal, para que fossem retiradas da frente da referida egreja, as mulheres que alli se acham assando castanhas. Os membros da vereação annuiram da melhor vontade a esse pedido; o que ainda não se effectuou, talvez por esquecimento. E', porem, de esperar, que se attenda a esta justa reclamação.

Coimbra feita aldeia.— Nestes ultimos dias tem sido procuradas nesta cidade lettras de cambio de sello de 100 rs., nas localidades em que deviam estar á venda, mas em parte nenhuma se encontram!

Ha cousas, e esta é uma dellas, em que Coimbra se acha reduzida ás condições de uma aldeia!

Fallecimento.—O sr. José Maria Mendes Fragoso, escrivão contador da imprensa da Universidade, acaba de receber a triste noticia do fallecimento de seu filho Eduardo, que estava no Brasil, empregado no commercio.

E' já sorte amarga, em tão pequeno espaço, ter visto fugir-lhe a esposa que idolatrava, e dois filhos que muito estimava!

Os nossos sentidissimos pezames ao desditoso pae, e a toda a sua familia.

Mercado de Coimbra no dia 11.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 570— Dito branco 540— Dito Celorico meudo 620— Dito graudo 530 Milho branco 380—Dito amarello 380— Feijão vermelho 520—Dito branco da marinha 480—Dito da terra 420—Dito rajado 350— Dito frade 380—Centeio 400— Cevada 300 —Favas 400—Grão de bico 540—Chicharos 280—Tremoços 270— Batatas 190— Azeite velho 1$320—Dito novo 1$100— Vinho da Beira 750— Dito da Bairrada 900— Aguardente de 18 graus 1$500—Dito de 19 graus 1$600.

A bibliotheca da Associação dos Artistas de Coimbra.— Um socio desta Associação nos escreve o seguinte:

«Amigo e sr. Martins—No seu bem justificado artigo, publicado no ultimo numero do *Conimbricense*, com o titulo—*Que contraste!*—diz o meu amigo que os corpos gerentes da sociedade se desculpam em não fazer o catalogo e o respectivo regulamento da bibliotheca, com o fundamento de que é trabalho inutil, pois que até hoje nenhum socio tem pedido livro algum da bibliotheca.

«Pela minha parte desde já o auctoriso a desmentir essa asserção dos corpos gerentes; porque já são 5 vezes que me dirijo á bibliotheca a ver se obtenho algum livro para ler, e até agora o não pude conseguir!

«Se for preciso não duvido firmar com o meu nome esta declaração.

«Desculpem como quizerem os corpos gerentes o seu inaudito desleixo; mas não seja á custa dos membros da Associação.»

De outro socio recebemos o seguinte:

«Sr. redactor do *Conimbricense*—Lamento como v., que apesar de todas as diligencias e reclamações, se não tenha aberto ao uso dos socios da Associação dos Artistas, a que pertenço, a sua bibliotheca.

«Consta-me que o sr. Dr. Augusto Filippe Simões publicara ha dias um interessante livro ácerca da educação physica, que tanto eu, como meu filho tinhamos muito desejo de ler.

«As minhas circumstancias não me permittem compral-o; mas se a bibliotheca já estivesse, como devia, aberta ha muito tempo ao uso dos socios, era muito provavel que o sr. Dr. Filippe Simões e outros escriptores para alli fossem mandando as suas obras; e assim teria eu e os mais socios ensejo de os ler, o que por outra fórma não podemos conseguir.

«De tudo, porém, são responsaveis os corpos gerentes, que não querem absolutamente saber de nada que respeite á bibliotheca.

«Bem faz, por isso, v. em stygmatisar este procedimento, a vêr se elles acordam da sua indifferença.—*Um queixoso.*»

ANNUNCIOS

1 Em COIMBRA, Montarroio, n.º 22, o procurador judicial Abel da Silva Linhaça, encarrega-se de substituições de recrutas.

Á VENDA HOJE

JORNADAS

POR

Thomaz Ribeiro

(2.ª PARTE)

ENTRE PALMEIRAS

Um lindo volume de 350 paginas.—Preço 600 rs.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 rs. em sellos.

Livraria Central de José Diogo Pires—9, Largo da Sé Velha, 10.

---

3 AMADEU FRUCTUOSO DA SILVA ROCHA, está auctorisado a fazer venda d'uns pardieiros, sitos no largo da Sé Velha, a confinar com a rua dos Coutinhos; recebe lanços até ao dia 26 de Dezembro do corrente anno de 1874, e n'aquelle dia, ás 11 horas da manhã, faz effectiva a venda pelo maior lanço. Coimbra, rua do Corpo de Deus, n.º 7.

Resposta ao annuncio—*Prevenção*—publicado no n.º 2856 deste jornal, em nome de D. Maria Severina da Conceição Araujo e seus filhos.

4 OS HERDEIROS de D. Emilia Alves Ribeiro de Noronha, viscondessa de Santo Varão, em resposta ao annuncio acima indicado, declaram:

1.º—Que não possuem, nem a fallecida viscondessa jámais possuiu terras em alguma das localidades mencionadas no annuncio.

2.º—Que algumas propriedades, se bem que mui poucas, possuidas em alguns dos locaes indicados, são de proveniencia conhecida, e por documentos constantes, que jámais foram foreiras á annunciante, como se verá em tempo competente.

3.º—Que estão promptos a pagar o foro de que a annunciante se diz senhoria, e a dar umas boas luvas ao seu incognito procurador, auctor do annuncio, se este descobrir onde existem as terras, de que o tal prazo da annunciante se diz composto, a fim de entrar na sua posse.

José Adolpho Trony.

Machinas de Costura

5 EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO, na Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas do systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

AVISO AOS SOCIOS E ACCIONISTAS DA ACADEMIA DRAMATICA

QUARTA FEIRA 16 DE DEZEMBRO

Debute da companhia dramatica em que toma parte a distincta actriz do theatro Baquet, Emilia Eduarda.

O drama em 3 actos do sr. Mendes Leal—*Escala Social*—e a comedia em 1 acto do sr. Rangel de Lima—*Esperteza de Rato.*

EDITOS DE 30 DIAS

7 PELO JUIZO DE DIREITO desta comarca da cidade de Coimbra, e cartorio do escrivão Adelino, abaixo assignado, correm editos de 30 dias, a contar do dia de hoje, chamando os herdeiros, os credores, e os legatarios desconhecidos, ou domiciliados fóra da comarca, da fallecida D. Maria José de Moraes, viuva de João Cardoso Guimarães, moradora que foi na freguezia de S. Bartholomeu, desta cidade, para assistirem, querendo, a todos os termos do processo do inventario da mesma, em conformidade do artigo 2048 do Codigo Civil.

Coimbra, 9 de Dezembro de 1874.

O escrivão,

Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

THE LIVERPOOL AND AMAZON

Rayl Mayl Steam Ship Company Limited

Tabella de passageiros da navegação directa entre Lisboa e Manaos.

	1.ª classe	2.ª classe
Pará	100$000	40$000
Santarem	120$000	48$000
Obidos	124$000	50$000
Serpa	136$000	54$000
Manaos	140$000	56$000

Espera-se de Liverpool o vapor=**Amazonas**=de 17 a 18 do corrente, e depois da indispensavel demora seguirá para os portos acima. Tracta-se na Figueira com o sr. Antonio Vieira; e em Lisboa, com os srs. José Joaquim das Neves & F.os

PARÁ

9 SEGUIRÁ de 18 a 20 do corrente o brigue portuguez=**Ligeiro**= Para carga e passagem tracta-se na Figueira, com o agente o sr. Antonio Vieira, e em Lisboa, com o seu proprietario, José Joaquim das Neves & F.os

AGRADECIMENTO

10 O CONSELHEIRO JOSÉ ERNESTO DE CARVALHO E REGO, não lhe sendo possivel agradecer pessoalmente a todas as pessoas, que fizeram a honra de irem, ou mandarem saber da sua saude durante a prolongada molestia, que tem soffrido, vem por este modo agradecer tão distinctos obsequios, protestando a todos eterno reconhecimento. Agradece com especialidade ao seu intelligente, e incançavel medico o exm.º sr. Dr. Raymundo Francisco da Gama, o zelo, e interesse com que o tem tratado na sua doença.

Coimbra 12 de Dezembro de 1874.

José Ernesto de Carvalho e Rego.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o Rio de Janeiro

Galera=INDIA=21 de Dezembro.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

EDITAL

O Dr. Francisco Antonio Diniz, commendador da Ordem de Christo, commissario dos estudos do districto de Coimbra, etc.

FAÇO saber que o jury dos exames dos candidatos ás cadeiras de ensino primario, neste districto, na segunda epocha do corrente anno, tendo procedido ao julgamento das provas escriptas dos mesmos candidatos, deixou de habilitar tres para as provas oraes, e habilitou para ellas os seguintes:

Abilio Ferreira Netto.
Antonio Antunes Leitão.
Antonio da Fonseca e Sousa.
José Bello da Silva Brasão.
José da Costa Ribeiro.
José Luiz Junior.
José Madeira da Fonseca Machado.
José Maria Alves Junior.
Luiz Mendes Ferrão.
Manoel Duarte da Fonseca.

As provas oraes começarão no dia 14 do corrente mez, ás 10 horas da manhã, e continuarão nos dias seguintes; sendo examinados quatro candidatos no primeiro dia, e tres em cada um dos outros. A chamada será feita pela ordem da lista supra.

E para que chegue á noticia dos interessados mandei publicar este edital.

Lyceu nacional de Coimbra, 11 de Dezembro de 1874.

O presidente do jury,

Francisco Antonio Diniz.

Substitutos a militares

13 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

LEILÃO
DE
VIDROS, LOUÇAS E ESPELHOS

100=Rua da Calçada=104

Tendo-se interrompido este leilão por motivos especiaes, faz-se publico que continuará hoje, sabbado, das 5 horas da tarde em diante, e ámanhã domingo das 11 horas ás 3 da tarde, e das 5 em diante.

100=Rua da Calçada=104

DOCTOR IN ABSENTIA

15 O PROFESSOR em ártes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

LEILÃO

16 DOMINGO, 13 do corrente, na rua da Sophia, Coimbra, n.º 18, pelas 10 horas da manhã, se fará leilão do restante das fazendas de solas e cabedaes sortidos, pertencentes á firma Carvalho & C.ª, dissolvida. As fazendas estão já patentes ás pessoas que quizerem examinal-as.

---

17 JOÃO AUGUSTO CARDOSO, desta villa, estará patente na estação de Formozelha, no dia 20 do corrente, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde, para vender os 3 predios que alli possue nos limites de Santo Varão, que se compõem todos elles de terra lavradia e com 99 pés d'oliveira.

Monte Mór, 9 de Dezembro de 1874.

EDITOS DE 30 DIAS

18 PELO JUIZO DE DIREITO desta comarca da cidade de Coimbra, e cartorio do escrivão Adelino, abaixo assignado, correm editos de 30 dias, a contar do dia de hoje, chamando os herdeiros, os credores, e os legatarios desconhecidos ou domiciliados fora da comarca, do fallecido Francisco Lopes Guimarães, casado que era com D. Constança Amelia Pitta Guimarães Negrão, morador que foi na freguezia de S. Bartholomeu, desta cidade, para assistirem, querendo, a todos os termos do processo do inventario do mesmo, em conformidade do artigo 2048 do Codigo Civil.

Coimbra, 9 de Dezembro de 1874.

O escrivão,

Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

ULTIMA MODA
GRANDE BARATEZA

Pannos velludos a 1$300 e 1$500 o metro!

Lindos cortes de fazendas modernas, collete e calça, 2$000 rs.

Cache-nez de seda e lã, variado sortimento.

Capas, regalos e mantas para cabeçá de senhora.

Chitas largas, padrões escolhidos, a 130 o metro.

Meias para senhora, a 100 rs.

LOJA CARDOSO

Calçada, n.os 42 a 44

BOA COMPRA

20 SETE CASCOS para azeite, e 2 para vinho. Para tratar com Antonio José Lopes Guimarães, rua do Visconde da Luz, ou com Manoel Contente Pinto, rua das Solas, 51-53.

Attenção

21 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

---

22 HONORIO & FILHO, participam a todos os seus freguezes e amigos, que lhes chegou de Lisboa um bom sortimento de cabedaes, e juntamente lhes vieram palmilhas forradas, de aquecer, tanto para homem, como para senhora, e biqueiras de metal, que vendem tudo o mais em conta possivel.

SUBSTITUIÇÕES MILITARES

23 F. M. ALVIM encarrega-se de fazer substituir qualquer praça nos corpos das guarnições de Lisboa e Elvas. Escriptorio, Lisboa, rua de Santo Antão, n.º 15, 2.º.

---

24 ARRENDA-SE a casa denominada collegio dos Grillos, na rua da Ilha, a qual estará patente todos os dias das 10 ás 3 horas da tarde, e aonde se encontrarão todas as indicações precisas.

NUMERO 2858 — TERÇA FEIRA 15 DE DEZEMBRO DE 1874 — ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

OUTRA VEZ A BIBLIOTHECA DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS

Na reunião da assemblea geral dos Artistas de Coimbra, que teve logar no domingo ultimo, foi publicamente negado o que temos dito, de não haver catalogo da bibliotheca daquella sociedade; e para se provar essa negativa, foram apresentados sobre a mesa da presidencia dois livros.

Precisamos, por isso, de mostrar ao publico, o que na Associação dos Artistas se entende por catalogo de uma bibliotheca.

Os livros existentes naquella sociedade tem duas origens differentes. Uma parte importante delles, pertencem ao estado, e foram enviados para a Associação dos Artistas em Agosto de 1870, pelo ministro da instrucção publica o sr. D. Antonio da Costa. A outra parte, e tambem muito numerosa, consta de grande quantidade de livros offerecidos á Associação, já por occasião de bazares, já desde a fundação da sociedade por muitos individuos, que tinham a esperança de se vir a fundar a bibliotheca mandada crear pelos estatutos.

Os livros do deposito dos conventos de Lisboa, vieram acompanhados por uma relação, formulada em dois volumes, em que eram todos mencionados; e alem disso, consta-nos, que ha tres annos, um secretario da direcção, por impulso seu expontaneo, fizera um inventario de todos os objectos possuidos pela Associação dos Artistas, no qual, portanto, entrou a lista geral dos livros que estavam a cargo da sociedade.

Depois de uma luta que tivemos por mais de 3 annos, e vencendo a mais tenaz resistencia, podemos conseguir que se fizessem as estantes para a bibliotheca. Assim estavam as cousas, quando se desenvolveu em Coimbra grande enthusiasmo pelos festejos do dia 8 de Maio do corrente anno.

Havia na commissão promotora desses festejos quem quizesse que o sarau fosse dado no theatro de D. Luiz; mas havia tambem quem pugnasse para que tivesse logar na grande sala da Associação dos Artistas. Como, porem, os estatutos da sociedade se oppõe terminantemente a que ella seja envolvida em actos politicos; pretextou-se o fazer-se nessa occasião a inauguração da bibliotheca.

Por esta forma se obteve que o sarau fosse no salão da Associação dos Artistas.

Estavam, porem, ainda na vespera da inauguração os livros todos amontoados em uma casa escura; e por isso foi pedido a um individuo, que não é *socio effectivo*, mas sim *honorario*, para se incumbir de fazer a rapida collocação dos livros nas estantes.

Era á noute, e não havia senão algumas horas de que dispor; mas assim mesmo, com a ajuda do guarda da casa, e com a de dois socios, que quasi no fim do trabalho appareceram, foram os mesmos livros collocados nas estantes, não sem alguma difficuldade, por ser necessario repetidas vezes, subir e descer as escadas.

Facilmente se vê que os livros, em tal precipitação, não podiam ser collocados com ordem alguma; havendo até muitas obras, que ficaram confundidas e baralhadas, pois que pouco mais se poude fazer do que gradual-os por alturas!

E advirta-se que a desordem em que os livros ficaram nessa noute, é exactamente aquella em que hoje se acham, pois que as estantes desde 8 de Maio até hoje nunca mais tornaram a ser abertas.

Diga-se agora, se são catalogos da bibliotheca, os dois volumes que vieram de Lisboa, e que se apresentaram sobre a mesa da presidencia!

Aonde está a classificação dos livros por materias? Aonde a indicação da estante e tabella onde se acham, para promptamente ahi poderem ser procurados?

Isto em quanto ao catalogo. Mas ainda que o houvesse, que não ha, faltava o indispensavel regulamento para dirigir este serviço.

Os livros tem unicamente de ser lidos na bibliotheca? E' permittido levarem-nos os socios para os seus domicilios? E neste caso, podem ser levados todos, ou só parte delles? E havendo obras que não devam sair da bibliotheca, quaes são ellas? Que prazo tem o socio para conservar os livros em seu poder?

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXX

RODRIGO PINTO PISARRO

XXVIII

O sr. marquez, hoje duque de Saldanha, oppoz-se tambem ao parecer da commissão. Fallou por duas vezes, sendo o ultimo discurso o seguinte:

O sr. marquez de Saldanha:—O sr. ministro do reino declarou hontem haver dito, que se o sr. Rodrigo Pinto désse a sua palavra de honra de não voltar para terra de bordo do paquete, que o governo o deixaria sair para Inglaterra; mas que ainda agora estava esperando pela resposta. Duas vezes fallei ao sr. ministro do reino neste deploravel assumpto.

Disse-me na primeira, que o governo não estava decidido sobre a marcha que se queria naquelle negocio, isto é, não tinha determinado ainda se o faria entrar em processo, ou se o faria sair para Inglaterra, e que neste ultimo caso lhe pagaria todas as despezas desde a saida de Londres, por isso que tinha vindo legalmente auctorisado com o passaporte em regra, e que era desnecessario, que eu me dirigisse a uma mui alta personagem neste negocio, porque era puramente ministerial.

Disse-me na segunda, que ainda o governo não tinha decidido; mas prometteu-me, que se a resolução fosse de o fazer sair para Inglaterra, o preso iria para bordo, da hospedaria aonde estava; que se entrasse em processo seria mettido em uma cadeia da cidade aonde estivesse com toda a commodidade; e concluiu affirmando, que se Rodrigo Pinto désse a sua palavra de honra, de não voltar do paquete para terra, a resolução do governo, seria a de o mandar sair; e está o sr. ministro admirado de eu lhe não ter dado resposta.

Fui de casa do ministro para a hospedaria aonde tinha visto o preso; não tardei muito porque fui de sege; mas em logar do preso só achei a dona da casa, que me informou, que havia mais de duas horas, que o preso tinha sido conduzido para a Torre de S. Julião; mandei áquella torre, e que achei! Que o preso estava incommunicavel, e assim se conservou por 49 dias. Ora s. ex.ª, que devia de estar ao facto destes acontecimentos, parece-me, que não devia admirar-se da falta de resposta.

Um illustre deputado a quem respeito, o sr. Marcianno de Azevedo, não me fez justiça; eu não faço allusões, respeito muito a classe dos advogados, honro-me com a amisade de alguns, e em um governo representativo, bem constituido, acho tão brilhante a situação de um advogado, que muito estimaria, que um dos meus filhos siga aquella profissão. Mas por isso não posso deixar de reconhecer com a nação inteira, que o sofisma, e a chicana tem sido a deshonra desta classe em Portugal, tem sido a peste da sociedade.

O mesmo illustre deputado foi o unico, que respondeu ao meu argumento de não ser a pronuncia (quando existisse) um caso de devassa, ou querella; mas não me envergonho de o dizer, os seus argumentos foram tão subtis, que escaparam á minha penetração, e ainda estou na mesma opinião, isto é, que não havendo devassa, porque o decreto n.º 24, a não permitte, não ha querella, porque não apparece no processo, e a camara dará ao mundo um exemplo unico ampliando a lei, para no mesmo acto a impor a pessoa de cuja habilidade esta julgando.

Resta-me agradecer ao sr. deputado Sá, o honroso epitheto d'alta personagem com que me quiz apresentar a esta camara. Eu não me dou por offendido, que o sr. Sá me supponha capaz de subornar as testemunhas de um processo, porque estou convencido, que me julga por si mesmo.

A' camara, que respeito, á camara, que respeitarei sempre, á camara cuja boa opinião desejo continuar a merecer, direi, que em uma reunião de alguns dos membros da opposição para tratar deste deploravel acontecimento, se leu uma carta na qual se dizia, que as testemunhas, que tinham deposto no processo, tinham desapparecido, que tinham sido obrigadas a desertar; lembrei, pedi, que não avançassemos um só facto, que não fosse provado; encarreguei-me de verificar este facto, e o meu ajudante de ordens, o major Sola, o foi verificar. Mas asseguro á camara pela minha honra, que não só lhes não fallei; mas que nem os vi, ou conheço.

A minha natureza, e os meus principios fazem-me horrorisar com a idea de subornar uma testemunha.

Sr. presidente, aos 16 annos já era capitão, já commandava uma companhia, e desde então até ao momento em que estou fallando, a minha consciencia não me accusa de ter commettido com conhecimento de causa uma só injustiça, ou de ter concorrido para que outrem a commettesse.

O mesmo sr. deputado escandalisou-se de eu ter usado da palavra—aversão.—Desgraçadamente a discussão de hontem prova, que ella não era infundada, porque até um illustre deputado cuja edade, e cujo ministerio o deviam levar a proferir só palavras de conciliação em uma questão puramente de principios, apresentou um facto acontecido no Campo de Santa Anna em 1827, sem relação nenhuma á questão, só porque julga, que elle podia influir na opinião da camara contra o homem preso. Mas o sr. Galvão Palma fallou depois de eu ter feito uso daquella expressão, e não podia referir-se a elle de modo algum. Sr. presidente, ella referiu-se a um sr. deputado, que está no recinto desta camara, e que me disse ha poucos dias, que era tal a raiva que tinha a Rodrigo Pinto, que se podesse elle mesmo o fusilaria.

No meu discurso de hontem abstive-me de tudo quanto era pessoal; mas tendo visto, que até querem inculcar Rodrigo Pinto Pisarro como um cobarde, a minha consciencia repugna a que eu deixe passar uma imputação, que é absolutamente falsa.

Sr. presidente, quem deixa o general, a cujo estado maior pertence, e vem, talvez faltando ao seu dever, unir-se comigo, e fazer na mesma manhã cinco cargas de cavallaria, taes que de 90 homens perdemos 47 de cutiladas do inimigo, não é fraco.

Eu posso ser juiz nesta materia, e asseguro á camara, que no sem numero de escaramuças, combates, assaltos, e batalhas em que tenho entrado no decurso de 14 annos de guerra, nunca encontrei soldado mais valente do que Rodrigo Pinto Pisarro.»

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Que caução hade dar, ou que recibo deve assignar? E finalmente, só podem usar dos livros os socios *effectivos*, ou tambem os *honorarios*?

Nada,absolutamente nada disto está regulado!

Comoòjá dissemos, passou de 3 annos a contenda que tivemos para conseguir que se fizessem as estantes; e pelo que vamos vendo, teremos de gastar outros 3 annos, para obtermos que se franqueem os livros, com a devida facilidade e regularidade ao uso dos socios.

Oxalá, porem, que nos enganemos; pois que o nosso mais vivo desejo é que a bibliotheca sirva para o fim da sua instituição,que é propagar a instrucção entre os artistas.

—Já depois de composto este artigo, soubemos que se começara hoje a catalogação dos livros.Folgamos immenso com isso.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Abilio Augusto da Fonseca Pinto. — Um dos mais distinctos escriptores de Coimbra na actualidade, é sem duvida o nosso prezado amigo e patricio o sr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto.

No ultimo numero do *Panorama Photographico* vem dois seus mimosos artigos, um com o titulo—*O Douro*—e o outro—*Agonia de Thierry*.

Na impossibilidade de para aqui os transcrever na integra, copiaremos alguns periodos de cada um delles.

No artigo—*O Douro* diz o nosso amigo:

«Em Portugal os rios constituem parte notavel da sua historia. E tres sobre tudo, o Mondego, o Tejo e o Douro, são os marcos milliarios que indicam as epochas distinctas da sua origem, grandeza e renascimento.

«Este corpo moral, denominado nação portugueza, teve a sua primeira séde em Coimbra nas margens do Mondego. Ainda na infancia, embora infancia robusta, alimentada com o estrepito das batalhas, convinha-lhe bem um berço de verduras, um clima sereno, um rio doce e socegado. Foi Coimbra a patria dos primeiros reis, seus campos a primeira eschola de cavallaria, seus paços o primeiro abrigo das letras. Nas suas collinas floresceu o louro de Marte e fructificou a arvore de Minerva; a espada d'um e a lança da outra formaram a educação varonil do reino, preparando-o para os seus altos destinos.

«A cidade de Ataces cedeu depois o sceptro á cidade de Ulysses, e as nymphas do Mondego ouviram, não sem despeito, a sublime invocação das Tagides. O Tejo foi o rio dos nossos triumphos navaes; debaixo do peso de nossos galeões gemiam avergadas as suas aguas, e a brisa que as encrespava era refrigerio do nauta, que volvia de longe abrazado em saudades da patria. O seu halito afagava brandamente o pendão das Quinas, que tremulára glorioso em longinquas regiões com temor grande do nosso nome e honra illustre da nossa fama.

«Do Capitolio á Rocha Tarpeia só dista um passo, foi exclamação de Mirabeau. Da elevação de Portugal á sua queda mediou apenas um reinado, e o Tejo depoz a sua corôa nas margens humildes do Manzanares. A desgraça amortalhara nas pregas do seu sudario a nobilissima nação, que nos areaes da Africa viu sepultado o sceptro, e por ventura o cadaver do seu rei cavalleiro.

«Espedaçaram-se é verdade, os grilhões do castelhano que nos algemavam os pulsos; mas a restauração, que nascera heroica, realisou-se com indolencia. Ao aço das espadas succedera o aço acerado da diplomacia, mais frio ainda e não menos mortifero. Esta manteve-nos a independencia, mas independencia opiata, que nos entorpeceu as forças e adormeceu os brios.

«No primeiro quartel deste seculo inundaram estrangeiros o nosso territorio, inimigos uns, outros alliados, incommodos todos. A nacionalidade parecia que estrebuxava mais uma vez asphyxiada e moribunda; mas um supremo esforço ainda a levantou e reanimou, e em 24 de Agosto de 1820 o grito da liberdade resoou no Douro, d'onde se repercutiu por todo o reino.

«E' pois o Douro o rio do presente. Pelejaram-se nas suas bordas as rijas batalhas do absolutismo, e no cerco memoravel do Porto a sua corrente reflectia os incendios e estragos da guerra, e arrastava, como o Simoenta de Troia, armas e corpos dos martyres da patria.

..................correpta sub undis
Scuta virûm..... et fortia corpora volvit

«Passada a luta, que fôra uma epopêa, o Douro tem acompanhado o paiz nos progressos incruentos da paz,contribuindo como a cidade invicta e com outras povoações das suas margens para todos os ramos da nossa florescencia. Coimbra é ainda assento das letras, que se espreguiçam indolentes com o curso do seu Mondego; Lisboa é a capital, vasta como a bahia do seu Tejo, inerte como o ocio da sua côrte; o Porto, activo e energico como a corrente caudalosa do seu rio, é uma officina de trabalho, a arteria mais valente do nosso corpo.»

Do artigo—*Agonia de Thierry*, transcrevemos o que se segue:

«Volvamos os olhos a 26 de Março de 1873. Neste dia falleceu em Paris um velho de 74 annos, que honrou a França com as suas obras litterarias. Nem todos o viram, mas todos o conhecem, porque a litteratura é como o sol, que tudo illumina.

«Amadeu Thierry era irmão de Agostinho, e ambos grandes historiadores, *fréres de saug et d'âme*, como diria Lamartine, irmãos no sangue e no espirito. Foram assumptos das suas obras primas as *Gallias*, *Roma* e *Attila*, grandes assumptos e tractados com grande mestria. Pertenceu ás academias, teve postos subidos e matisava-lhe o peito a gran-cruz da Legião d'honra. Nada lhe faltava para a reputação, que era justa, nem para a vaidade, se acaso a tinha.

«A's honras publicas junctava a felicidade domestica; dos nobilissimos suores do estudo e das honrosas fadigas de seus cargos tinha allivio e descanço no regaço da esposa. Fructificou-lhe o thalamo, e a casa encheu-se-lhe de ruidosa alegria infantil e o coração da serena mas profunda affeição paterna. Mais tarde alargou-se-lhe o ambito dos affectos, e chegou a ver os filhos de seus filhos, os netos estremecidos, de quem foi primeiro mestre. Na hora tremenda do passamento rodeiava-lhe o leito familia numerosa, e adormecia em paz cercado de bençãos, de lagrimas e de amores...

«Percorreu a França como um fremito doloroso a noticia da sua morte, e referiram-se até com afflictiva curiosidade as minudencias de tão triste successo.

«Do quarto do moribundo fugira a esperança da vida, e só o acompanhavam nos seus ultimos alentos o amor e a fé. A' cabeceira do leito estavam seus filhos, Gilberto e Diogo, o primeiro auditor e o segundo capitão; a familia toda orava. Thierry abriu de subito os olhos, volveu-os em torno, e com voz enfraquecida uniu as suas orações com as orações dos que lhe eram queridos. A religião era á beira da sepultura o laço que o prendia entre os dois abysmos insondaveis da vida e da morte, enigmas fataes, cuja solução só ella explica.

«Mas aproximava-se a agonia, e conjunctamente o delirio. Neste angustioso instante, occaso da intelligencia, o venerando ancião murmurava com doçura: Bébé, Bebé! Era Bébé, como elle lhe chamava, seu neto, uma loira criancinha de quatro annos apenas; e como se ainda lhe estivesse ensinando a ler, a voz foi-se-lhe lentamente extinguindo com o derradeiro sopro, ciciando a custo: b-a,bá; f-a, fá....

«Suffocado em choro e com o coração despedaçado Gilberto tomou seu filho nos braços, ajoelhou-o juncto do cadaver, e erguendo-lhe as mãosinhas, quiz que a primeira oração recitada por alma do avô sahisse da bocca innocente do neto....

«Padre nosso, que estaes no ceu, recebei a alma de meu avô que morreu....»

E por alguns momentos, momentos solemnes, só se ouvia no quarto, dominando os soluços abafados, a voz argentina da gentil criança, elegia eloquente do homem justo.»

Os nossos leitores de certo concordarão comnosco, que não ha nada mais commovente e internecedor.

O matrimonio.—Recebemos de Guimarães a seguinte publicação:

O matrimonio, sua lei natural e historia, sua importancia social, por D. Joaquim Sanches de Toca, traducção do bacharel Luiz Beltrão da Fonseca Pinto de Freitas. = Tomo I—Guimarães, livraria Internacional de Teixeira de Freitas, editor, rua de S.Damaso, 89 a 91—1874.

Lemos com toda a attenção este primeiro tomo, que pela sua doutrina é muito digno de ser vulgarisado.

Da introducção transcrevemos o seguinte periodo, que serve como de programma da obra:

«Quiz aproveitar estes momentos de crise suprema, para inculcar sobre o matrimonio os dogmas que se me antolharam ser o fundamento verdadeiro da felicidade do homem no lar domestico e o elemento mais poderoso da ordem e bem estar das sociedades. E já que na epocha presente o entendimento humano tem uma facilidade pasmosa para crer tudo, quiz pôr ante seus olhos a verdade que outros pretendem occultar-lhe á força de sophismas e de incriveis desvarios; confiando em que um dia tomará por norma seus vivos fulgores, e chegará ao porto desejado.

«E assim, emquanto outros dão por base ao matrimonio a inconstancia da paixão, eu dou á união conjugal a perpetuidade do amor eterno; em quanto outros proclamam que,para serem felizes, os esposos não carecem das solemnidades religiosas, eu digo que se os vinculos do matrimonio hão-de ser eternos,se hão-de contrahir na presença do Eterno; e que a querer-se dar realço á nossa companheira,respeitando-a no seu pudor,é preciso que no acto solemne de entregar seu corpo e alma a outro ser, a cubram os puros sendaes celestes da religião; em quanto outros, em fim, declaram legitimos o divorcio e o adulterio, eu declaro que são a ruina da familia e a negação completa de todos os laços de carinho entre esposos e entre paes e filhos; declaro que enthronisam a infamia do deleite, em logar do ineffavel consolo do amor verdadeiro; e que convertem a mulher em triste joguete das paixões do homem, ou antes n'um ser envilicido e degradado, condemnado a eterno opprobrio.»

No capitulo V, tratando-se da auctoridade marital e patrio poder, se lê o seguinte:

«Cumpram os paes com religiosidade os seus deveres, e os filhos venerem e respeitem aquelles de quem receberam o ser; e o amor,esteiando-se no dever, dará aos corações a virtude, e aos povos a felicidade. Estabeleça-se nas sociedades o verdadeiro patrio poder, aquelle que é titulo sagrado e dignidade augusta para a mãe, e poderoso e sem egual incentivo de heroicas virtudes para o pae; e o homem tornado de fero e cruel tyranno em amoroso pae de familia, espraiará para logo as suas vistas pela terra, e com ardente e insaciavel afan buscará por todas as partes o sustento de sua mulher e o de seus filhos; e a mãe, rainha do lar,recebendo em suas mãos o fructo bemdito dos trabalhos e suores de seu esposo, o distribuirá carinhosa a cada um dos membros da familia.

«E então, assim como nos dias calorosos do estio o lavrador abandona ao cair da tarde os campos e suas penosas fainas, e sentando-se tranquillo aos umbraes da sua humilde morada, dirige a frente ás estrellas, e ao contemplar arroubado os mysterios e as bellezas do firmamento, esquece os duros trabalhos do dia e a triste solidão da noite; assim tambem quando a noite do infortunio desdobrar sobre nós as suas negras e aziagas sombras, se somos verdadeiros paes de familia, se somos filhos carinhosos e submissos, entraremos a repousar tranquillos no templo domestico.

«Alli, sentados em torno do lar, contemplando os doces olhares da mãe, e os maternaes desvélos, recebendo alegres os ternos cuidados da mulher incomparavel, verdadeira providencia domestica que quiz cifrar,em nosso amor o seu destino, olvidaremos, submersos nos sonhos ideaes do puro e verdadeiro affecto e do perfeito carinho, os pezares e as desditas terrenas, e serão ditosos os povos, felizes as sociedades, porque haverá paz e amor, virtude e moralidade nas familias.»

E finalmente do epilogo deste tomo transcrevemos estes pensamentos:

«Singelos, claros, sublimes são estes principios da lei natural do matrimonio. Se os cumprirmos com veneração no santuario domestico,os ternos olhares de nossa companheira enxugarão as lagrimas que nos momentos de afflicção deslisam por nossas faces, do mesmo modo que os raios do sol evaporam nas manhãs do outomno as gotas de orvalho que a fria noite semeou pelos campos. Se os cumprirmos com veneração, o amor de nossos filhos converterá em alegria todos os pezares terrenos e nos encherá de esperanças até ao fundo da sepultura. Se os cumprirmos, com veneração, conheceremos na terra felicidade e gosos verdadeiros, os gosos e as felicidades que só se encontram no seio d'uma familia unida no amor e no dever.

«A virtude no lar é a primeira fonte do estado commodo e feliz das sociedades; e quando se cumpram com respeito sagrado as leis naturaes que presidem á união admiravel do homem e da mulher, as virtudes do lar e praticarão sem constrangimento,serão um consolo do coração, uma necessidade da alma, e viverão ditosos os povos, porque haverá paz e amor, virtude e felicidade nas familias. N'aquelle dia haverá a humanidade comprehendido que a fortuna terreal não consiste em exhaurir noite e dia a taça do veneno que os homens chamaram prazer, senão no mutuo amor que mitiga e allivia as dores que circundam sempre a nossa desditada existencia.

«Pelo contrario, se obsecados e insensatos nos deixamos arrastar pelos appetites das paixões desenfreadas, perderemos para sempre a paz, a inefavel serenidade e a alegria permanente, companheiras inseparaveis d'uma consciencia pura; apoz da embriaguez de impuras desordens virão os amargos sentimentos, os crueis pezares; ver-nos-hemos contristados pela dor que se occulta sempre no fundo de todo o prazer reprovado, e chegados que sejam os dias em que a vida se apaga, em que o corpo moribundo perde o seu vigor e suas forças, atediados da existencia sem termos conhecido o viver, veremos antes de tempo encurvada a fronte pelo peso da tristeza e do arrependimento, pela vergonha de nossos proprios crimes, e ao abrir-se a lousa do sepulchro sentiremos com horror que se desvaneceu para nós toda a esperança na obscuridade profunda de uma noite eterna.»

Ao mesmo tempo que agradecemos ao editor desta publicação a sua offerta, fazemos votos para que realise com a possivel brevidade a impressão do segundo tomo.

Asylo da infancia desvalida—Na ligeira commemoração que fizemos em o numero passado, do sr. Dr. Francisco da Fonseca Correa Torres, dissemos que—«o nosso amigo, dotado de verdadeira caridade, foi sempre muito zeloso pelo bem estar do Asylo da infancia desvalida; não só como subscriptor, mas como membro da direcção.»

Acrescentaremos hoje, que o amor que o sr. Dr. Fonseca tinha a este estabelecimento de caridade, manifestou-se tanto em vida, como nas suas disposições para alem da morte.

No seu testamento deixou-lhe o importante legado de 7 acções do Banco União do Porto, 7 acções do Banco Utilidade Publica, da mesma cidade, e 40 acções do Banco Commercial de Coimbra.

Nisto, como em tudo o mais se revelou sempre a grande alma, e os sentimentos religiosos do nosso saudoso amigo.

Operação.—Foi feita no dia 14 do corrente, nos hospitaes da Universidade com summa destreza, a operação da paracentése, pelo estudante do 4.º anno de Medicina o sr. Alexandre Vieira de Lima.

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Antonio José Ferreira Leitão, filho de Antonio José Ferreira Leitão e de D. Theresa Rosa de S. José, de Coimbra, de 82 annos, fallecido no dia 5 de Dezembro.

Mariana Delfina d'Oliveira, filha de Manoel d'Oliveira e de Maria das Preces Oliveira, de Coimbra, de 80 annos, fallecido no dia 6.

Recemnascida, filha de Izaac Torres Veiga e de Januaria da Conceição, de Coimbra, de 2 dias, fallecida no dia 5.

Maria da Conceição, filha de Antonio Correia e de Bernarda de Jesus, de Coimbra, de 31 annos, fallecido no dia 6.

Maria da Conceição Abreu, filha de José dos Santos Pereira Jardim, de Coimbra, de 38 annos, fallecida no dia 7.

Rosa da Conceição Ferreira, filha de João Francisco Ferreira e de Isabel Theresa, de Torre de Bera, de 70 annos, fallecida no dia 8.

D. Maria Eufrasia Soeiro d'Almeida, filha de João Soeiro d'Almeida e de D. Theresa Ignacia de Jesus, de Lalim de Tarouca, de 90 annos, fallecida no dia 10.

Dr. Francisco da Fonseca Correa Torres, filho de Bernardo da Fonseca Correa Torres, e de Maria Joaquina Torres, de Coimbra, de 79 annos, fallecido no dia 11.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5754.

A cidade de Paris—Em 1815 não se contavam mais de 10:000 negociantes na capital de França. Actualmente existem mais de 100:000. Naquella epocha o numero de operarios não era superior a 40:000, hoje anda por 500:000. A receita ordinaria do orçamento municipal, que em 1815 não subia de 25 milhões, é hoje de 150 milhões.

As ruas de Paris são illuminadas por 130:000 candieiros, que consomem mensalmente 800:000 metros cubicos de gaz. Os theatros consomem em cada mez 150:000 metros cubicos de gaz.

Contam-se nesta cidade 1:316 edificios municipaes. Os seus jardins e passeios publicos occupam uma extensão de 570:000 metros. Mais de 100:000 arvores estão plantadas nas ruas e praças publicas, importando as despezas da sua cultura e conservação em perto de 190:000 *francos* annuaes.

A cidade de Londres—A capital da Gran-Bretanha mede 25 kilometros de comprimento e 13 de largura. Sua superficie é 34:000 hectares, 6 a 7 vezes maior que a de Paris. A sua população é de 4 milhões e 25 mil habitantes. As suas 23:000 ruas, dispostas em linha recta e continua tem uma extensão de 10:000 kilometros, isto é um comprimento egual á distancia que vae de Londres á ilha de Ceylão.

A illuminação publica conta perto de 500:000 candieiros, que consomem em 24 horas 13 milhões de pés cubicos de gaz. O numero de tabernas é superior a 4:500. Os casos de mortes violentas e tragicas regulam annualmente por 2:600. Mais de 115:000 pessoas exercem profissões suspeitas e fraudolentas. Em 1868 foram encontradas nas ruas perto de 10:000 pessoas ebrias, sendo mais de 4:000 mulheres. No mesmo anno foram presos em flagrante delicto mais de 23:000 ladrões de profissão.

Festa inaugural.—No dia 1 de Dezembro realisou-se a inauguração da estrada districtal de Agueda á estação do caminho de ferro de Oliveira do Bairro.

Esse acto foi festejado com todo o enthusiasmo pelos povos daquellas localidades. Houve musicas, girandolas e todas as demonstrações usadas nestas festas do progresso.

Fallaram varios oradores, entre os quaes mencionaremos o sr. visconde d'Aguieira, digno presidente da camara d'Agueda, que n'um bem elaborado discurso mostrou as vantagens da viação publica, e especialmente d'aquella estrada, que mais tarde deve ligar a Beira-alta com o caminho de ferro, na estação d'Oliveira do Bairro.

Depois da ceremonia da inauguração foi offerecido ás auctoridades e convidados um magnifico *lunch*, em casa do sr.Dr. Albino Coelho, onde se fizeram muitos brindes ao digno deputado do circulo, o sr.conselheiro José Dias Ferreira, e ao sr. ministro das obras publicas.

Esta festa durou até alta noute, e correu sempre na melhor ordem, retirando-se todos com a maior satisfação.

Estabelecimento de vidros—Na secção competente deste jornal, publicâmos hoje um annuncio de vidros do sr. Thomaz José de Oliveira, na rua das Gaivotas, n.º 18, em Lisboa.

Dão-nos as melhores informações deste estabelecimento, pela perfeição dos vidros, que rivalisam com os melhores nacionaes, senão mesmo dos estrangeiros.

A nossa industria dos vidros é mais desconhecida do que bem julgada; mas apesar disso e dos grandes encargos que sobre ella pesam, vae progredindo muito.

Habilitação—Diz a *Correspondencia de Portugal*, que já são tres ou quatro as habilitações apresentadas em juizo para haver a grande herança do fallecido Salvador Alvares, abastado capitalista do Chili. Ha de porem ser muito difficil apresentar uma habilitação que satisfaça plenamente.

O pae de Salvador Alvares dizia unicamente a seu filho, que era de Vianna, sem lhe dar noticia alguma da familia a que pertencia. Quando o fallecido Salvador Alvares esteve ha pouco tempo em Lisboa, desejou ir a Vianna em procura de parentes, se porventura ainda os tivesse, mas nem sequer sabia a freguezia de seu pae! Tinha este sido marinheiro e nesta qualidade saira de Portugal ha bons 60 ou 70 annos.

A principal coisa a provar em uma habilitação séria e digna de fé é a identidade da pessoa do pae de Salvador Alvares. Mas como se ha disto provar hoje? Temol-o por absolutamente impossivel. Seria bom que tão avultada herança viesse para Portugal, mas ninguem pode esperar que venha.

Com esta grande herança está acontecendo o mesmo que aconteceu com outra grande herança de um portuguez fallecido em Londres haverá quarenta ou cincoenta annos. Chamava-se o fallecido Manoel Vieira e deixou coisa de meio milhão de cruzados. Dizia-se que era de Braga. Os parentes não eram conhecidos. De Braga e das suas proximidades habilitaram-se duzias e duzias de herdeiros! Pegaram pleitos que nunca ninguem chegou a vencer, mas por meio de uma esperteza ou ligeireza houve quem lançasse mão de certa somma avultada que estava num deposito publico no Porto. Parte desta herança ainda existe em Inglaterra, onde a não entregam senão a quem legitimamento pertence.

Exportação—A producção da laranja não foi este anno tão abundante como o anno passado, em todo o archipelago. Das differentes ilhas tinham já partido importantes carregações para Inglaterra. O preço por em quanto pouco excede a 1$200 rs. a caixa. A venda dos ananazes não tem sido muito feliz; todavia, segundo diz o *Cultivador*, subiu a 9:130 o numero de ananazes exportados este anno, até Setembro, só de S. Miguel.

Noticias de Hespanha.—Lê-se no *Jornal da Noite*:

As folhas recebidas hoje e hontem, e que alcançam a 11, não registam nenhum acontecimento notavel.

O duque de la Torre já está em Logrono, hospedado no palacio da municipalidade.

Em S. Sebastião estão já os generaes Blanco e Loma e brigadeiro Oviedo com 1200 homens e 10 peças Placencia

No dia 7 fizeram um reconhecimento em direcção de Hernani. Quizeram ir até Orieta, mas os carlistas atacaram as pequenas forças que acompanhavam os generaes e que voltaram para Hernani.

No dia 8 deviam sair a operações todas as forças, dizia-se que em direcção de Andoain.

Em Bilbau desembarcou o brigadeiro Salamanca com alguns dos batalhões das reservas.

Não se confirma o boato de terem os carlistas evacuado Estella.

Noticias de origem fidedigna, dizem os periodicos, põem em relevo o profundo desgosto que produziu entre os carlistas a nomeação de Tristany para chefe de estado maior das forças carlistas do norte.

Dizem os partidarios de D.Carlos que este tem em Estella 23 batalhões de 700 praças. Os batalhões navarros que operavam na Biscaia passaram á sua provincia.

No norte tem reinado um forte temporal de chuvas.

Não ha outras novidades.

Madrid, 12—O ministro da guerra carece de noticias officiaes com referencia ao combate de Urnieta.

Houve hoje uma larga conferencia entre Ulloa e o ministro dos Estados-Unidos.

Corre a noticia de que os carlistas se retiraram da estrada de Victoria para Miranda deixando importantes estragos.

Diz-se que em conselho de ministros vão ser adoptadas energicas medidas contra os jornaes.

O jornal *El Tiempo* foi suspenso.

A *Epoca* publica artigos lamentando a triste situação jornalistica, e pede uma lei que a melhore. Tambem dirige uma felicitação ao presidente de ministros em Portugal por ter sido agraciado com a grã-cruz do merito militar.

Madrid 13—A *Gaceta* publica decretos provendo a diversas vagaturas militares.

Hontem a esposa de Loma foi visitada por muitos homens politicos e entre elles Zorrilla.

Desmente-se o boato que o embaixador de Inglaterra se ausente. Partiu um empregado da legação.

Madrid, 12.—A «Gazeta» publica um decreto concedendo a grã-cruz do merito militar ao actual presidente do conselho de ministros e ministro da guerra em Portugal, o exm.º sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

Madrid, 12.—Serrano esteve hontem em Calahorra, e regressou depois a Logroño,d'onde participa ter sido ferido gravemente o exbrigadeiro Megrovejo da acção de Andoain.

Diz-se que Jovellar marcha em direcção de Vinnaroz.

Parece não inspirar cuidado o ferimento do general Loma.

Hontem á noite Topete foi visitado pelo capitão general e pelo governador civil.

«Iberia» censura em termos energicos a mensagem de Grant.

Naufragio.—Lê-se no mesmo jornal o seguinte:

«Um grande vapor americano que fazia viagens regulares da costa, entre Philadelphia e Nova Orleans e chamado *Imperio*, foi a pique na propria bahia daquelle ultimo porto. Chegara alli á meia noite carregado de assucar, melaço, arroz, etc.

Muitos passageiros tinham desembarcado logo, para irem para terra,porem infelizmente, 11 dentre elles, ficaram ainda a bordo, bem como toda a tripulação e officiaes em numero de 33 pessoas; quasi todos morreram afogados.

Das 27 victimas apenas tinham sido encontrados no primeiro momento 3 cadaveres, entre elles o da filha mais velha do capitão, que tinha 17 annos. O capitão poude salvar-se bem como sua esposa e um filho de pouca edade, porem morreram-lhe mais quatro.

Dos passageiros só escapou um.

Attribue-se a catastrophe a estar o navio muito carregado e ter aberto por baixo da linha de fluctuação, deixando penetrar a agua em grande abundancia. O capitão dormia quando se deu a catastrophe, podendo salvar-se a nado com um seu filho que tomou nos braços; sua esposa fizera o mesmo, pegando tambem n'outro filho, que teve de largar por ter recebido uma pancada da roda de um outro vapor que ia em soccorro do naufragado.»

SAUDE A TODOS restabelecida sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de Saude,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Saude a todos pela deliciosa *Revalescière* Du Barry que cura as indigestões (dyspepsias), gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal,diarrhea, disenteria,colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões,mal aos nervos,diabethe,debilidades todas as desordens no peito, na garganta, do alito,das bronchites, da bexiga,do figado, dos rins,dos intestinos,da mucosa,do cerebro, e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Cura 72.448 Cadiz 3 de Junho de 1868

Não posso fazer menos de manifestar a vv. ss.as os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revalescière* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinaes, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual o distingue o seu attento venerador— VICENTE MOYANO.

Cura 00.718 Ticheville (Orne) 28 de Março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso do tempo da *Revalescière*, tenho-a administrado a varias pessoas, ás quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo n'aquelles que padeciam de hydropesia.Tres destes curaram completamente.—A tosse produzida por uma constipação desappareceu instantaneamente e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina e das molestias de estomago, afastando de qualquer individuo a hypocondria.—PADRE LONGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus e em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.;de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas,merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos,rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos, pharm.;pharmacia da rua do Visconde da Luz,5.Magalhães Ferraz,pharm., Carvalho e Castro, pharm., José Duarte,mercearia, praça de S. Bartholomeu, José Monteiro Cortez da Gama, Rua do Visconde da Luz, 31.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão,rua do Souto.L Maia, pharm.— FIGUEIRA, Antonio Vieira,pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. =GUIMARÃES, A.J. Pereira Martins,pharm. =PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto,pharm,largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Bahia, rua de Cedofeita,92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

Rogamos aos srs. assignantes do *Conimbricense*, que estão em debito das suas assignaturas, o favor de mandarem satisfazer a sua importancia,o que desde já muito lhes agradecemos.

AGRADECIMENTO

1 D. MARIA DO CARMO DA FONSECA CORREA TORRES, summamente grata pelas provas de estima que recebeu de todas as pessoas que durante a doença e pelo fallecimento de seu chorado irmão, o Dr. Francisco da Fonseca Correa Torres, a obsequiaram; vem por este meio testemunhar-lhes o seu profundo reconhecimento, em quanto o seu estado de consternação lhe não permitte que pessoalmente o faça; e pede desculpa de não terem havido convites para o funeral, porque assim o dispozera seu chorado irmão.

Coimbra 15 de Dezembro de 1874.

2 A DIRECÇÃO DO ASYLO DA INFANCIA desta cidade, em testemunho de profundo reconhecimento, resolveu suffragar as almas dos bemfeitores deste estabelecimento, o exm.º sr. conego Francisco da Fonseca Correia Torres, e o sr. João Cardoso Guimarães, mandando dizer duas missas, no dia 17 do corrente; assistindo a mesma direcção com os meninos asylados: a primeira será na Sé Cathedral, a segunda em S. Bartholomeu.

JORNADAS
POR
Thomaz Ribeiro
(2.ª PARTE)

ENTRE PALMEIRAS

Um lindo volume de 350 paginas.—Preço 600 rs.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 rs. em sellos.

Livraria Central de José Diogo Pires—9, Largo da Sé Velha, 10.

Machinas de Costura

4 EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO, na Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas do systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

5 ARRENDA-SE a casa denominada collegio dos Grillos, na rua da Ilha, a qual estará patente todos os dias das 10 ás 3 horas da tarde, e aonde se encontrarão todas as indicações precisas.

FABRICA DE VIDROS
DE
Thomaz José d'Oliveira
18—Rua das Gaivotas—18
LISBOA
FUNDADA EM 1811

6 ESTE ANTIGO ESTABELECIMENTO fornece para as provincias, por preços commodos,todos os artigos usuaes de vidro, liso, floretado, moldado e lapidado, branco ou de côres, fazendo descontos vantajosos para a venda. Vende vidraça em chapa e cortada por medida.

Garante-se a perfeição. Encaixotamento barato.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes as



12—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36
COIMBRA

7 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA, por auctorisação da companhia, continua a vender a dinheiro, ou a prestações de 2$000 reis e a 2$250, as machinas **Singer** para alfaiate, sapateiro, correeiro, e para uso de familia, as quaes reunem os aperfeiçoamentos mais recentes, para coserem toda a classe de trabalho.

As machinas **Singer** são as mais aperfeiçoadas; a sua bella construcção, a facilidade de aprender a trabalhar, a belleza do ponto, tudo concorre para se dizer, que são de todas as melhores, e para avaliar a confiança que o publico já nellas deposita, bastará dizer que em 1873 a companhia vendeu a maior sobre a dos fabricantes Wheler & Wilson, Grover & Baker, Weed, Willcox & Gibbs, Howe B. P. 113:251 machinas.

No deposito dão-se todas as lições precisas, para trabalhar com perfeição, e tambem se manda ensinar em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Tambem,ha troques pretos e de côr, algodões brancos e de côres, agulhas, e tudo o que é pertencente a machinas.

8 NO ATELIER DE COSTURA, de Margarida de Jesus Cardoso, do largo das Tanoarias, n.º 2, proximo das Ameias,nesta cidade, fazem-se chapeus, capas, vestidos e mais adornos para senhoras, tudo conforme os ultimos figurinos que chegaram.

Tambem se vendem anjos para as procissões, havendo para isso novo e elegante vestuario, que egualmente se aluga para fóra.

No mesmo *atelier* fazem-se banquetas de ramos e flores soltas, assim como grinaldas, pulseiras, collares e mais enfeites para as pessoas do sexo feminino fallecidas.

9 O ABAIXO ASSIGNADO declara que na audiencia do jury commercial de sexta feira, 11 do corrente, na qual se tractava da questão commercial em que era appellante o illm.º sr. Antonio José Alves Borges, desta cidade, e appellado o illm.º sr. José Joaquim Pereira Pinheiro, da cidade do Porto, foi rejeitado para membro do jury, pelo dignissimo advogado do appellante, sem que tal lhe pedisse, o que talvez fosse recommendação do mesmo appellante

Faço esta declaração por me constar que alguns dos srs. jurados e mais alguem, estão convencidos de que eu sollicitára aquella rejeição.

Coimbra 14 de Dezembro de 1874.
Francisco Pedro da Silva.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o Rio de Janeiro
Galera=INDIA=21 de Dezembro.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

J. P. G. PAIVA



CIRURGIÃO DENTISTA, offerece o seu gabinete dental, rua da Calçada, n.º 82, 1.º andar, esquina ao Arco d'Almedina, a todas as pessoas que necessitem utilisar-se dos seus conhecimentos sobre a protesis dentaria; pondo em conhecimento do illustrado publico os preços seguintes:

PREÇOS DOS DENTES ARTIFICIAES

Desde 3$000 a 6$000 reis cada dente.—Elixir odontalgico para dôr de dentes 300 reis, frasco.—Pós mineraes para branquear os dentes 200 rs., caixa.—Extracção de um dente desde 240 a 1$000 rs.—Limpeza de dentes desde 500 a 2$000 rs.—Empaste desde 500 a 2$000 rs.

THE LIVERPOOL AND AMAZON
Rayl Mayl Steam Ship Company Limited

Tabella de passageiros da navegação directa entre Lisboa e Manaos.

	1.ª classe	2.ª classe
Pará	100$000	40$000
Santarem	120$000	48$000
Obidos	124$000	50$000
Serpa	136$000	54$000
Manaos	140$000	56$000

Espera-se de Liverpool o vapor=**Amazonas**=de 17 a 18 do corrente, e depois da indispensavel demora seguirá para os portos acima. Tracta-se na Figueira com o sr. Antonio Vieira; e em Lisboa, com os srs. José Joaquim das Neves & F.ºs

PARÁ

13 SEGUIRÁ de 18 a 20 do corrente o brigue portuguez=**Ligeiro**= Para carga e passagem tracta-se na Figueira, com o agente o sr. Antonio Vieira, e em Lisboa, com o seu proprietario, José Joaquim das Neves & F.ºs

ATTENÇAO

14 THOMAZ RASTEIRO, morador na rua Direita, desta cidade, tem 3 cavallos de aluguer, para passeio ou jornada,por preços commodos.

15 O MATRIMONIO — Sua lei natural e historia, sua importancia social. Traducção do bacharel Luiz Beltrão da Fonseca Pinto de Freitas.

Vende-se em Coimbra, na Livraria Portugueza e Estrangeira.—Preço 500 reis.

Substitutos a militares

16 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

BOA COMPRA

17 SETE CASCOS para azeite, e 2 para vinho.Para tratar com Antonio José Lopes Guimarães, rua do Visconde da Luz, ou com Manoel Contente Pinto, rua das Solas, 51-53.

Attenção

18 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

SUBSTITUIÇÕES MILITARES

19 F. M.ALVIM encarrega-se de fazer substituir qualquer praça nos corpos das guarnições de Lisboa e Elvas. Escriptorio, Lisboa, rua de Santo Antão, n.º 15, 2.º.

DOCTOR IN ABSENTIA

20 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

ULTIMA MODA
GRANDE BARATEZA

Pannos velludos a 1$300 e 1$500 o metro!

Lindos cortes de fazendas modernas, collete e calça, 2$000 rs.

Cache-nez de seda e lã, variado sortimento.

Capas, regalos e mantas para cabeça de senhora.

Chitas largas, padrões escolhidos, a 130 o metro.

Meias para senhora, a 100 rs.

LOJA CARDOSO
Calçada, n.ºs 42 a 44

22 HONORIO & FILHO, participam a todos os seus freguezes e amigos, que lhes chegou de Lisboa um bom sortimento de cabedaes, e juntamente lhes vieram palmilhas forradas, de aquecer, tanto para homem, como para senhora, e biqueiras de metal,que vendem tudo o mais em conta possivel.

NUMERO 2869 — SABBADO 19 DE DEZEMBRO DE 1874 — ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O JOGO EM COIMBRA

Continua desassombradamente e com a maior publicidade o jogo prohibido em Coimbra! Já não falta senão que se colloquem grandes lettreiros em frente dessas casas malditas, que digam— JOGO DE PARAR!

As consequencias desgraçadas desse vicio ahi se estão já sentindo nesta cidade! Apparecem os desastres provenientes do jogo; arruinam-se as familias, e acham-se soffrendo graves prejuizos os que podiam viver honradamente, se não fossem entregar nessas horriveis espeluncas, o seu e o alheio!

O que se está presenceando nesta cidade forma uma das mais negras paginas da nossa historia. Largam-se as profissões, abandona-se o trabalho, e tudo se põe de parte só para se ir passar as noutes a jogar e a perder aquillo que tão preciso é para a subsistencia das familias, e para manter o credito indispensavel ao artista, ao negociante, ao proprietario, ao estudante, ao professor, em fim aos individuos de todas as classes.

O nosso estado social é deploravel. Jogo, só jogo, é o que domina tudo!

Ainda no mez passado, queixando-nos deste vicio, que tantos damnos causa nesta terra, diziamos que não sabiamos para quem appellar,a fim de lhe por termo. «Para as auctoridades—acrescentavamos nós— é tempo completamente perdido, por muitas e diversas causas,de todos bem sabidas; e para o bom senso dos jogadores,muito menos, porque quem tem este vicio não o perde, senão depois das mais duras provações; e ás vezes nem desse modo.»

Quem souber o que se tem passado em Coimbra nestes ultimos dias, poderá dizer quanto foram verdadeiras e bem fundadas aquellas nossas reflexões e queixas!

Pedir providencias! A quem, se este cancro está corroendo todas as camadas da sociedade?

Os commentarios que ahi se ouvem ácerca desta situação deploravel, fazem corar de vergonha.

Arruinem-se embora os negociantes, degradem-se os artistas, abandonem os estudos os filhos de familia que seus paes para aqui mandaram; comtanto que se não incommodem aquelles a quem rigorosamente cumpria pôr um termo aos roubos, e ás infamias que ahi se praticam!

Diz-se que se não póde extinguir o jogo.De certo; este vicio tão funesto ha-de sempre mais ou menos permanecer. Mas se houvesse verdadeira vontade nas auctoridades, podia atalhar-se a maior parte desse mal.

Se as auctoridades quizessem!....

Já *quizeram* em 1857, e as casas de jogo tiveram de se fechar, e algumas nunca mais se tornaram a abrir até hoje!

Se o governo estivesse verdadeiramente empenhado em fazer triumphar algum candidato neste circulo eleitoral, que diligencias se não empregariam para esse triumpho, desde o governador civil até ao ultimo cabo de policia?

Todos os attritos se afastavam, todas as difficuldades se venciam, e por fim obtinha a victoria o candidato do governo.

Imagine-se, por hypothese, que para vencer a eleição ministerial, era necessario perseguir os jogadores, e em especial os donos das casas onde se exploram os inexperientes,que alli vão attrahidos pela esperança de uma sorte ephemera; e veriam como se desenvolvia uma actividade extraordinaria, e como dentro em pouco acabava este escandalo em Coimbra!

Mas que ha-de ser, se nesta cidade domina a este respeito a mais culpavel indolencia!

Ora, pois, deixem continuar as cousas como vão,e terão de ouvir mais maldições do que já nestes ultimos dias ahi se tem lançado!

Que tremenda responsabilidade!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

O nosso esclarecido collega do *Jornal da Noite* é de parecer, que se podia já hoje dar differente applicação á verba destinada no orçamento do ministerio do reino á publicação de livros; em razão de não faltarem editores em Lisboa, no Porto, e talvez em Coimbra, sendo a quantidade de livros publicados por elles consideravel.

Salvo o respeito que temos sempre pela opinião do nosso estimavel collega, com esta não podemos concordar.

As obras que em geral esses editores se animam a publicar, são pela maior parte romances, e até para chamar compradores se vêem obrigados a fazer uma especie de loteria, dando premios áquelles a quem sair um certo numero.

Se não fosse o auxilio do estado, teriamos hoje a monumental obra do sr. Innocencio Francisco da Silva, o *Diccionario Bibliographico*? Qual era o particular que a tal se abalançaria?

Pois se o escrevel-o é já por si uma empreza que parece exceder as forças humanas, que seria se o sr. Innocencio tivesse de se aventurar a todas as despezas?

E como esta obra, tem sido publicadas muitas outras que podiamos indicar, com a protecção do estado, e que não só honram os seus auctores, mas a nação portugueza. Não é só do pão que vive o homem.

Na França, na Inglaterra, na America do Norte, e n'outros paizes em que as publicações tem um immenso circulo de leitores,mais facilmente se póde prescindir de subsidio para as suas grandes obras. A extraordinaria extracção dellas cobre bem todas as despezas. Mas em Portugal, seria annullar todas as tentativas grandiosas.

A magnifica obra de numismatica do sr. Teixeira de Aragão,que se está a im-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXXI

RODRIGO PINTO PISARRO

XXIX

(CONCLUSÃO)

Na discussão do parecer da commissão de poderes, que propunha a annullação da eleição de Pinto Pisarro, tomaram parte os principaes oradores da camara dos deputados.

Um dos discursos mais notaveis que se pronunciaram a favor do parecer foi o do deputado Rodrigo da Fonseca Magalhães. Como pela sua grande extensão o não podemos publicar todo, transcreveremos alguns periodos delle.

Dizia Fonseca Magalhães:

«O que tenho dito, cumpre-me repetil-o, nenhuma referencia individual tem á pessoa interessada na questão de que tratamos: nenhum despeito me move a oppor-me á sua pretensão, nenhum desejo de vingança de quaesquer offensas não provocadas, que delle tenha recebido.

Na verdade escrevi combatendo o opusculo do sr. Pisarro intitulado—*Norma das regencias*;—mas escrevi tratando decentemente o seu auctor. Vi depois, e já vira antes escriptos anonymos, que geralmente constava serem obra do mesmo senhor, em que eu era cruelmente injuriado,—calumniado com uma virolencia de que poucas vezes ha exemplos; mas não posso jurar que elle fosse o escriptor de taes papeis: e, a dizer a verdade, nunca fiz caso de injurias anonymas: não me queixei da pessoa a quem eram attribuidos; nem uma só palavra proferi jámais a tal respeito: ninguem dirá que me ouvisse a minima expressão, nem sobre os escriptos, nem sobre o auctor delles.»

Ao descrever o estado em que se achava o paiz depois de terminada a guerra civil, continuou Fonseca Magalhães dizendo:

«Tal era o estado do reino quando chegou a Lisboa o sr. Rodrigo Pinto Pisarro. (Rumor nas galerias.) Sr. presidente: o ruido que ouço nem me assusta, nem me importa—repito; neste estado já se achava o reino ao tempo do desembarque do sr. Pisarro. O ministro teve motivos para o mandar sair pela barra: quaes esses motivos fossem, elle o dirá a seu tempo; mas o que desde já se pode dizer é que a ordem arbitraria (e seguramente foi arbitraria) não pode, não deve considerar-se uma excepção feita contra a pessoa de que trato.

Antes da sua chegada já a necessidade obrigara o governo e as auctoridades a procedimentos egualmente arbitrarios (apoiado, apoiado), e esta circumstancia invalida a meu ver as repetidas declarações sobre o supposto odio pessoal do ministerio a essa pessoa.

Eis aqui pelo que respeita ao facto anterior ao acto da prisão, facto que fez acarretar muita erudição, muito fogo, em um prolixo, mas eloquente discurso de um sr. deputado, que em seus vôos ameaçou o governo da detestação de toda a Europa: por quanto a nossa Carta, pelo ministerio menosprezada, e calcada, estava nos corações dos estrangeiros não menos que dos nacionaes, disse elle.

Sr. presidente: eu desprezo todas essas declamações: as garantias que foram suspensas ainda não estão em exercicio: não o podem estar, não o devem estar ainda. (Novo rumor nas galerias).

Senhor, estes ruidos não podem impedir-me de continuar; não temo a gente que os faz, mande-a quem a mandar: debalde crê poder-me impor silencio.

As armas protectoras da liberdade da patria ainda não estão distribuidas (fallo das guardas nacionaes); e sem uma força que defenda o imperio da lei contra as tentativas de seus inimigos, seria grande imprudencia dar garantias a esses mesmos inimigos, que sempre tem usado dellas para destruir a liberdade, e enthronisar o despotismo. Isto não são fabulas sonhadas, nem declamações vagas: agora mesmo estão occorrendo factos que demonstram a verdade do que affirmo: hoje—no dia de hoje—recebi eu, e receberam amigos meus, que se acham nesta camara, cartas do Alemtejo, Beira Baixa e Traz dos Montes, dando noticia de ajuntamentos tumultuarios em varias povoações, dos quaes sairam morras a D. PEDRO e vivas a D. Miguel!

Haverá aqui alguem que ouse negar estes factos? Appareça quem o queira fazer, que eu lhe protesto que hei-de provar o que affirmo. E é em taes circumstancias que ouço clamar

primir na imprensa nacional, appareceria nunca a publico, sem subsidio da nação?

Entenda-se, porem, que fallamos do bom uso, e não dos abusos escandalosos que ahi se tem tolerado, e estão consentindo, dando subsidios a quem pouco ou nada faz. Para estes abusos é que se precisava todo o rigor do ministerio do reino, a fim de os fazer cessar.

As contemplações, porem, tudo consentem e toleram.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

HOSPITAL EM ARGANIL

Temos de dar hoje uma agradavel noticia. Acaba de ser aberto o novo hospital de Arganil.

E' com verdadeira satisfação que communicamos este acontecimento aos nossos leitores.

A caridade é em todos os casos uma grande virtude; mas quando se applica a acudir aos doentes e desamparados, torna-se uma verdadeira Providencia na terra.

Bem hajam os benemeritos fundadores desta casa de caridade, e todas as pessoas que para ella já tem concorrido!

Alem da satisfação da sua propria consciencia, terão a recompensa nas benções dos desvalidos, que lhes deverem o tratamento e a saude.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Arganil 15 de Dezembro

No dia 6 do corrente, pela 1 hora da tarde, verificou-se com o maximo regosijo publico a abertura do hospital de Caridade desta villa.

Grande numero de senhoras e cavalheiros honraram com a sua presença aquelle acto solemne, e, em quanto que com a direcção da dicta sociedade assignavam a acta commemorativa, e percorriam em visita a casa do hospital, a philarmonica Philantropica Arganilense executava numerosas musicas do seu excellente reportorio, no largo do mesmo hospital.

Este, acha-se estabelecido provisoriamente, em quanto os fundos da sociedade não permittem que se construa uma casa com todas as condições precisas para o bom estar dos doentes, em um edificio, pertencente á junta de parochia desta villa, junto da elegante capella do Senhor da Agonia—onde já hoje, felizmente, o pobre que não tenha um leito em que repouse, e a fortuna de possuir familia que lhe liberalise carinhos em suas enfermidades, encontra o agasalho, soccorros, e curativo—de que careça.

Deste caritativo e pio estabelecimento já uma desgraçada desta villa, chamada Joaquina Marques, vulgo a Maneta, está gosando:—infeliz, que sem familia e meios alguns de subsistencia, vivia por caridade em uma pequena casa, onde grave enfermidade a accommetteu, sem ao menos possuir uma enxerga em que repousasse, ou uma coberta que lhe servisse de agasalho, encontrou alli os soccorros de que tanto carecia, e que nos parece foram prestados tão opportunamente, que faltando elles, talvez sua vida se extinguisse.

Eis o primeiro beneficio feito á humanidade por aquelle tão caridoso e philantropico estabelecimento, e como este quantos outros beneficios não fará elle, se fôr auxiliado como é de esperar, pela protecção dos genios philantropicos e caritativos, dos quaes alguns já se deram a conhecer pelos donativos que se dignaram offerecer-lhes, e outros prometteram fazel-o para depois da sua inauguração e abertura!

Terminamos, fazendo votos de que os promoteres de tão sublime estabelecimento, vejam coroados os seus esforços com o progresso constante d'elle, podendo deste modo prestar soccorros ao maior numero de doentes, que do coração deseja—*R. C.*»

NECROLOCIO

Alou-se aos pés do Eterno, entregando o corpo á terra, um dos mais exemplares varões que entre si apontava o clero portuguez.

Chamava-se Francisco da Fonseca Correa Torres.

Este nome venerando trará á memoria de quantos o conheceram o prototypo da honradez, a imagem serena da virtude.

Era o cidadão exemplar e o sacerdote modelo. A caridade manava-lhe do respeito que consagrava a Deus; e a sua palavra amena traduzia em bons conselhos os dotes do seu nobilissimo coração.

Comprehendera como poucos a grave missão que lhe coubera; e nenhum obreiro cumprira melhor nem mais resignadamente a sua tarefa por inteiro.

Nasceu pobre e humilde, mas lidou no estudo e elevou-se. Depois caminhou desassombrado á grandeza:—á grandeza da virtude, que não á das vaidades humanas.

Doutorou-se em canones, e nessa faculdade foi oppositor. Desviado porem para o serviço da egreja, conferiram-lhe a dignidade de conego, e confiaram-lhe o encargo de thesoureiro na cathedral de Coimbra.

Prestou ahi serviços relevantes, que ninguem desconhece; e as horas que lhe sobraram deu-as inteiras á cultura das lettras que não alardeava, mas em que era profundo.

Para o serviço do bem é que não separou tempo; em toda a parte e a toda a hora era o homem temente a Deus e o amigo do proximo, em todos os actos da vida o cidadão respeitoso e o conselheiro benevolente.

Assim não trepou a mais altas eminencias sociaes, como poderia fazer se a ambição lhe fosse bussola, mas conquistou memoria honrada, que por longo tempo durará nos annaes da diocese conimbricense.

A virtude não a corroem vermes; fica intacta, assignalando a passagem dos que mais a fizeram resplandecer. Cumpre porem divulgal-a e render-lhe preito, porque nos sirva de exemplo, porque nos encha de nobreza; e é isso o que fazemos nestas linhas á hora em que tantos choram o traço fatal que o riscou do rol dos vivos.

Coimbra, 13-12-74. *H.*

(Jornal do Porto).

NOTICIARIO

Um familiar do Santo Officio—Tambem no logar de Portunhos, concelho de Cantanhede, houve um familiar da *Santa Inquisição*. Ahi vae copia do documento comprovativo, que reza assim:

«O BISPO D. FR. JOSEPH DE LENCASTRO, INQUISIDOR GERAL NESTES REINOS E SENHORIOS DE PORTUGAL, DO CONSELHO DE S. MAGESTADE, E SEU CAPELLÃO-MÓR, ETC. Fazemos saber a quantos a presente virem, que pela boa informação, que temos da geração, vida e costumes de Braz Rodrigues Veloso, viuvo de Maria de Campos, natural e morador no logar de Portunhos, termo da villa de Ançã, bispado de Coimbra, e confiando d'elle que fará com toda a diligencia, consideração, verdade e segredo, tudo o que por nós lhe fôr mandado, e pelos inquisidores commettido; havemos por bem de o crear, e fazer familiar do Santo Officio da Inquisição da cidade de Coimbra, para que d'aqui em diante sirva o tal cargo assim como o servem os mais familiares da dita Inquisição, e com elles goze de todos os privilegios, exempções e liberdades, que por direito, provisões e alvarás dos reis d'estes reinos são concedidos aos familiares do Santo Officio.

Notificamol-o assim aos inquisidores para que o admittam ao dito cargo, e lhe deixem servir conforme o seu regimento; dando-lhe primeiro juramento; de que se fará assento por elle assignado no livro da creação dos familiares, e officiaes da mesma Inquisição, na forma do estylo d'ella.

Et authoritate apostolica mandamos a todas as justiças, assim ecclesiasticas, como seculares destes reinos, e mais pessoas que o conhecimento d'isso pertencer, hajam, e tenham ao dito Braz Rodrigues Veloso por familiar do Santo Officio, e lhe guardem, cumpram, e façam guardar e cumprir inteiramente esta nossa Provisão, e todos os ditos privilegios como n'elles se contém, sob as penas, e censuras em direito, e nos mesmos privilegios declaradas; e de se proceder contra os culpados, como pessoas, que offendem os ministros do Santo Officio da Inquisição.

Dada em Lisboa sob o nosso signal, e sello do Santo Officio, aos dezeseis dias do mez de Outubro de mil setecentos e tres annos. *Joseph Coelho*, secretario do conselho geral a fiz escrever e subscrevi.—*O bispo inquisidor geral e capellão mór.*

«Provê Vossa Illustrissima no cargo de familiar do Santo Officio da Inquisição da cidade de Coimbra a Braz Rodrigues Veloso, pela boa informação que delle teve.»

No verso do diploma, que é de pergaminho, lê-se a nota de registo pela forma seguinte:

«Registado no L.° 8.° das Creações dos familiares e folhas 253, em os 5 de Novembro de 1703 annos.—Miguel Pinheiro de...» O ultimo sobrenome já está illegivel.

Este manuscripto orginal foi, ha poucos dias, encontrado entre papeis velhos, na propria casa, em que foi habitador e de que era possuidor o mesmo Braz Rodrigues Veloso, no logar de Portunhos, do extincto concelho de Ançã.

Ainda existem alguns parentes do dito familiar da Inquisição.

Marquez de Sá da Bandeira—A Associação dos Artistas de Coimbra recebeu ha dias uma prenda, que tem em muita conta.

O sr. marquez de Sá da Bandeira dignou-se offerecer a esta sociedade o seu busto, ornado com um ramo de louro.

Na sessão de Assemblea geral de domingo ultimo, o digno presidente da Associação o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, deu conhecimento á assemblea desta offerta; e sob sua proposta, foi por unanimidade decidido, que na acta ficasse consignado um voto de agradecimento ao sr. marquez de Sá da Bandeira.

José Silvestre Ribeiro—Na mesma sessão, e sob proposta do sr. Olympio, foi approvado por unanimidade um voto de agradecimento ao sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, pela offerta que ultimamente fez á mesma sociedade, da sua interessantissima

---

contra a suspensão das garantias, e produzir razões que são *ægri somnia vana* contra o despotismo do governo, que não guardou as formas protectoras da liberdade, com homens a quem ellas servem de formas protectoras do crime, da rebellião, e da destruição do estado?

Mais direi ainda: não só nas provincias, —aqui na capital ha ajuntamentos, e concilhabulos aonde se trata da destruição do systema Constitucional:—por essas ruas se tem ouvido vozes de rebellião; e ha gente apalavrada para apparecer no momento opportuno— estes planos vão por diante—os ministros que me escutam bem o sabem; e se agora fosse a proposito perguntar-lhes alguma cousa sobre este objecto, eu lhes perguntaria—«que medidas tendes tomado para frustrar os planos e tentativas dos inimigos das instituições?» Se estes chegassem a superar-nos qual seria a nossa sorte?

Muitos de nós voltariamos, se podessemos, a nosso exilio, outros e por ventura dos que mais se empenham na observancia das formas, tornariam a guardar silencio sob o regime do tyranno; e todos, ou ficariam sem patria, ou seriam seus escravos e suas victimas.

Se ainda na presença destas circumstancias os ministros hão de continuar a ser frouxos ou irresolutos, então é melhor que deixem os seus logares; e outros os occuparão que tenham valor bastante para salvar a nação dos projectos de seus inimigos.»

Depois de concluida a discussão, foi posto a votos o parecer da commissão, que annullava a eleição de Pinto Pisarro; e por maioria foi approvado.

Viram até aqui os nossos leitores, que Rodrigo Pinto Pisarro, tendo emigrado, fora em Portugal, pelo governo de D. Miguel, condemnado á morte; e que ao mesmo tempo, por ter em Paris publicado a *Norma das regencias*, fora por D. Pedro não só prohibido de acompanhar a expedição e vir a Portugal, em quanto não tivesse acabado a guerra; mas que fora até demittido do seu posto de coronel.

Viram mais, que tendo chegado a Lisboa Pinto Pisarro, em Junho de 1834, com passaporte do nosso ministro em Londres, fora preso por ordem do governo, logo que desembarcara; sendo mettido na torre de S. Julião, onde estivera incommunicavel 49 dias; que ao mesmo tempo, como desaffronta popular, fora no collegio eleitoral do Porto eleito deputado; e que finalmente por diligencias do governo fora a sua eleição annullada.

Tudo isto succedia até Setembro de 1834.

Apenas, porem, passado um anno, tudo muda. E Rodrigo Pinto Pisarro restituido ao seu posto de coronel, e em seguida nomeado barão da Ribeira de Sabrosa, pelo seguinte decreto, referendado pelo ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães:

«Attendendo ao que me representou o coronel do exercito, Rodrigo Pinto Pisarro, mencionando os serviços por elle prestados á nação, na Europa e na America, e mui especialmente os que fez á causa constitucional desde que a Carta foi proclamada nestes reinos até ser consummada a usurpação da minha corôa, e violados os direitos dos cidadãos portuguezes, consagrados naquella lei fundamental da monarchia; e fazendo constar na minha real presença, que elle descende de mui nobre linhagem, contando entre seus avós paternos e maternos, varões que illustraram seus nomes por distinctos serviços e cargos eminentes do estado: hei por bem fazer mercê ao mesmo coronel Pinto Pissarro do titulo de barão da Ribeira de Sabrosa. O ministro e secretario de estado dos negocios do reino o tenha assim entendido e faça executar. Palacio das Necessidades em 22 de Setembro de 1835—RAINHA— *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*»

Pela revolução de 9 Setembro de 1836 sobe ao poder o amigo de Pinto Pisarro, Manoel da Silva Passos, o qual em data de 9 de Novembro immediato o nomea administrador geral interino do districto de Bragança.

Foi Pinto Pisarro eleito deputado ás côrtes constituintes pela divisão eleitoral de Villa Real, e nessa qualidade assignou no dia 20 de Março de 1838 a *Constituição politica da monarchia portugueza*; e foi seguidamente eleito senador para as côrtes ordinarias.

Tendo no dia 18 de Abril de 1839 caido o ministerio, presidido pelo sr. visconde de Sá da Bandeira, foi no mesmo dia nomeado o barão da Ribeira de Sabrosa, presidente do conselho, ministro da guerra, e ministro interino da marinha e dos estrangeiros.

E' agora chegada a occasião de recordar aos nossos leitores, as palavras de Pinto Pisarro, que publicamos no *Conimbricense* de 17 de Outubro ultimo:

«Eu hei de ser reintegrado, se me convier servir, pela rainha de Portugal; e os meus detractores hão de ser expulsos do palacio, e do poder, carregados da execração publica, e marcados talvez no rosto com duas letras emblematicas.»

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

obra da *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal.*

Exposição de Vienna.—Recebemos e agradecemos a seguinte publicação:

«*Relatorio do serviço do commissario portuguez em Vienna de Austria na exposição universal de* 1873, *dirigido a sua magestade el-rei sr. D. Luiz I, pelo conselheiro Fradesso da Silveira, commissario regio* — Lisboa, imprensa Nacional—1874.»

Este relatorio e os documentos que se lhe seguem dão muita honra ao sr. conselheiro Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, e manifestam os relevantes serviços prestados por s. ex.ª em Vienna de Austria, a fim de que a nação portugueza alli fosse dignamente representada.

A carta honrosissima, que o director geral da exposição, barão de Schwarz-Senborn, dirigiu ao sr. Fradesso da Silveira; a grã cruz da ordem de Francisco José, que lhe conferiu o imperador de Austria; e as felicitações e agradecimentos de grande numero dos mais respeitaveis negociantes de Lisboa, Covilhã e Porto, são documentos do mais alto valor para o sr. Fradesso da Silveira.

Na falta de espaço, limitamo-nos a publicar o ultimo dos documentos que acompanham o relatorio.

«Exm.° sr. conselheiro Joaquim Henriques Fradesso da Silveira.—Como presidente da direcção da associação promotora da industria fabril, e no impedimento do presidente perpetuo, o exm.° sr. marquez d'Avila e de Bolama, tenho a honra de me apresentar a v. ex.ª com os secretarios e mais socios aqui presentes, para, em cumprimento de deliberação unanime da assemblea geral, e em seu nome, felicitarmos a v. ex.ª pelas progressivas melhoras que experimenta no seu padecer, e pelos importantes serviços prestados por v. ex.ª a industria portugueza na qualidade de commissario regio de Portugal na exposição de Vienna de Austria, commissão desempenhada com o acerto, efficacia e patriotico zelo que tanto distingue v. ex.ª

A associação promotora da industria fabril agradece a v. ex.ª tão valiosos serviços.

Lisboa, 11 de Setembro de 1874.—*Antonio Maria Conceiro.*»

Mercado de Coimbra no dia 18—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 550—Dito branco 520—Dito Celorico meudo 620—Dito graudo 530—Milho branco 380—Dito amarello 380—Feijão vermelho 520—Dito branco da marinha 500—Dito da terra 440—Dito rajado 360—Dito frade 380—Centeio 400—Cevada 280—Favas 400—Tremoços 280—Chicharos 270—Grão de bico 540—Batatas 200—Azeite novo 1$150—Dito velho 1$350—Vinho da Beira 800—Dito da Bairrada 900—Aguardente de 18 graus 1$450—Dita de 19 graus 1$550.

Concurso—Estão a concurso pelo espaço de 30 dias, a contar de 17 do corrente, as egrejas de S. João Baptista e Santa Justa de Santa Cruz, desta cidade; e S. Sebastião do Espinhal—ambas no bispado de Coimbra.

A Aurora do Lima—Este interessante jornal de Vianna de Castello acaba de completar 19 annos da sua existencia. É facto esse não vulgar neste reino; e por isso felicitamos cordealmente ao collega, desejando-lhe todas as prosperidades.

Beneficencia.—Foi distribuido aos pobres da freguezia de Sandomil a esmola de 40$400 reis, mandada dar por um anonymo residente em Lisboa, pela alma de seu pae. A distribuição foi feita pelo reverendo parocho, nos dias 12 de Abril e 10 de Maio do corrente anno; effectuando-se a distribuição na presença do regedor de parochia e de grande numero de parochianos.

A pedido publicamos a relação dos pobres e quantias por elles distribuidas.

1$500—a Antonio Gavinhos

A 1$200—a Manoel Grillo e Aniceto de Sousa.

A 1$000—a Adriana de Unhão, Francisca Clara, viuva, e Antonio de Gouveia Paes.

A 700—a José do Contio e José Alves Mendes.

A 600—a Candido Rodrigues.

A 500—a Josepha Perabos, Maria Gramassos, Maria Gavinhos, viuva, Joaquim de Abrantes Torrozello, Custodia Rita da Cunha, Eufemia Campina, Pulcheria Rita, Maria Cantanhede, viuva, Albino Paes, Rita Ministra, João Fernandes Feijão, e Maria Cataticia.

A 400—a Maria de Jesus Caruma, Marianna da Rosa, José Gavinhos, Maria do Carmo Barrocas, Casemira Rita Pinto, José Cupertino, Theotonio da Silva, Rita Joaquina Machado, Antonio Duarte Romão Antonio Martins Parente, Luiz Pedro, Carolina d'Oliveira, Joaquim Fernandes Pedreiro, e José Chrysostomo da Cunha.

A 300—a Perpetua dos Santos, Casemira Pedra, Anna Barrocas, Manoel Tapadas, Maria da Conceição da Cabeça, Antonio Magalhães, José Pinto, Albino Romão, João Alves Mendes, João Chrysostomo, Antonio Roque, José Maria Paes, José Pedro, Manoel da Rosa, Adriano d'Unhão, Maria Carolina de Oliveira, viuva, Rita Thomazia, João d'Abreu, Rita Pereira, e Pedro da Costa.

240—a Adelaide.

A 200—a Anna Vogueira, Rita Ludovina Ministra, Manoel da Cunha Raposo, Adelaide do Firmino, Maria Pinto, João Amaro Ceguetra, Joaquina da Cunha, Maria Duarte, viuva, Manoel de Jesus, José Maia, Desiderio dos Santos, João Dias Ribeiro, Antonio Dias Ribeiro, Manoel Alves Leal, Antonio Pereira de Figueiredo, José Matheus, Maria de Jesus Garcia, Maria Angela, Maria Genoveva, Antonio de Gouveia Ministro, João Mendes Duarte Cassaca, Maria Duarte Beiró, Maria Martins, viuva, Luiz Lopes Cardoso, Maria de Figueiredo, viuva, Joaquina de Brito, viuva, José Mendes, Rita Mendes Sernadas, Maria Mendes Sernadas, Eufemia Rita, viuva, Maria Carlota, Maria Francisca, viuva, João Fernandes, Domingos Fernandes do André, João Rodrigues, Eufemia Marques, Josepha Maria, Josepha Maria Junior, Maria Rita, viuva, Custodio Mendes, Anna da Costa, viuva, e José Marques Mauricio.

A 160—a Antonio Gomes de Carvalho, José Marques Dias, Francisco Marques, Custodia Exposta, Manoel José, Joaquim Garcia Hespanhol, Josepha da Coxa, Joaquina Francisca, José Martins Coxo, José Mendes da Silva, João Mendes Duarte, Antonio Nunes, Manoel Martins, Manoel de Figueiredo, Manoel Vicente, e Maria Nunes.

A 100—a Maria Antunes, Carolina Alves Campina, Antonio Casenuro Alves, Rita Marques, Maria de Jesus Engeitada, Manoel Bento, Maria Josquina, viuva, Antonio Ribeiro Morto, Rita Garcia, viuva, Antonio d'Almeida, Francisca Rita, viuva, João Gavinhos, João Marques Cide, Antonio Raphael, Antonio Duarte Pinto, José Marques Senior, José Marques Junior, Eufemia Mendes, José Mendes Rodrigues, Antonio Mendes Duarte, José d'Abrantes Campino, Antonio Borges de Jesus, Ermelinda Maia, Maria Campina, Manoel Francisco Marques, Anna Rodrigues Corgas, e Joaquim Alves Careta.

Noticias de Eiras.—Communicam-nos de Eiras o seguinte:

«Correu ha dias aqui o boato de que a camara ia dar providencias energicas a respeito do gado caprino, bem como foi dito por alguns cabreiros que a camara só passava as licenças de apascentamento a quem a junta de parochia indicasse que estava no caso pelos terrenos em que tem de apascentar seus gados.

Os proprietarios e arrendatarios, confiados na justiça da junta de parochia, folgavam de contentamento, por verem que ia acabar o flagello e exterminio das searas, das vinhas, das arvores, dos tapumes etc., e que se tornavam a cultivar as immensas propriedades sem cultura desde que este gado damnificador as assola, e em que seus donos não tem mais que o nome, sendo aquelles os desfructadores.

Não sabemos com que fundamento se espalhou tal noticia; porque só consta que a camara devolveu á junta para o dito fim, as petições de tres individuos por alcunha os Galhardos.

Tambem se não sabe que deliberação a junta tomará, por quanto, se estes não estão no caso de poder ter tal especie de gado, tambem o não estão outros em identicas circumstancias, cujas licenças não dependem da informação da junta.

Deste modo continuará a anarchia caprina, e os proprietarios que dão aos cabreiros licenças fantasticas para que o gado destes coma o pasto de suas propriedades, só com o fim d'ellas obterem a licença da camara, e depois lhas não assombrem, e bem que soffram as consequencias do seu procedimento.

Vae ter brevemente esta freguezia uma noute aprasivel: é a do Natal. Depois que o exm.° prelado ordenou que só se celebraria a missa do gallo, sendo solemne, o parocho desta freguezia incitou os mesarios da confraria do Santissimo a que submettessem á approvação no orçamento da mesma uma pequena verba para ajuda da festa.

Louvamos-lhe a iniciativa e o não querer que os seus parochianos passem em silencio uma noute de tão mysteriosas recordações, e aos mesarios da confraria o prestarem-se expontaneamente ás despezas particulares que vão ter com os padres e musicos.

A festa será feita com as solemnidades proprias, e espera-se grande concorrencia, porque a não ha nas freguezias circumvisinhas. Oxalá a noute se preste.»

O tufão em Macau.—O correspondente do *Jornal da Manhã* diz o seguinte:

«O numero das victimas do tufão que devastou Macau e que foram sepultadas ou consummidas pelo fogo, sob a inspecção das auctoridades, excedeu a tres mil.

Este horrivel trabalho durou 4 dias.

Para evitar o pernicioso effeito das exhalações putridas, fizeram-se fumigações de alcatrão nas praças e nas ruas.

Na rada perderam-se cerca de 1:000 embarcações calculando-se o valor das cargas em 400:000 patacas, ou 340 contos, e na Taipa e Colowane perderam-se 300 barcos de pesca, morrendo 617 pessoas, que foram enterradas e queimadas.

Foram apenas 20 os christãos que succumbiram nesta catastrophe, sendo 14 homens, 4 mulheres e 2 creanças.

No amanhecer do dia immediato á horrivel noite de 23 de Setembro, que ficará sempre de triste memoria para Macau, deram-se lances lamentavelmente dramaticos e patheticos.

Os habitantes procuravam uns anciosamente pelos parentes, pelos amigos, e quantas vezes os encontravam esmagados sob as ruinas ou estirados pela praia!

Outros, sentados sobre os informes montões das suas habitações, choravam a perda de todos os seus bens, laboriosamente adquiridos durante tantos annos!

Era a cidade a imagem da desolação, cheia de lamentos e infortunios.

Os prejuizos que teve a população christã, que é muito inferior em numero á chineza, foram calculadas em 330:000 patacas, 300 contos, sendo os proprietarios mais prejudicados os srs. F. de Paula Noronha, Lourenço Marques, Bernardino de Sena Fernandes e Antonio Tigno.

Organisou-se um serviço de distribuição de rações de viveres para os famintos, com o auxilio e direcção dos parochos, a expensas da fazenda publica, e levantaram-se barracas nos bairros pobres para abrigo dos que tinham ficado expostos aos rigores das intemperies.

N'um documento do conselho do governo daquella provincia, diz-se que tendo apenas decorrido um mez depois que o devastador tufão levou a desolação e o luto áquella cidade e já o aspecto d'ella é mais animador e lisonjeiro.

Milhares de operarios reconstruem e reparam em incessante trabalho as fortificações, os quarteis e mais edificios publicos, as estradas e os caes, e para taes despezas, posto que mui largas, estão devidamente habilitados os cofres publicos da provincia.

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 16—A *Gaceta* publica detalhes do ataque feito no dia 8 pelas forças do governo contra Urrieta, occupada pelos carlistas.

Loma avançou contra a povoação com 2 brigadas e 10 peças Plasencia. Tendo sido ferido foi substituido no commando pelo general Blanc.

Depois de um bem nutrido fogo, conseguiram tomar as alturas, obrigando a recuar até Andoain os carlistas, cujas perdas montaram a uma 600 baixas.

As tropas do governo tiveram fora do combate uns 200 homens entre mortos e feridos.

O cabo ajudante do general Blanc caiu morto durante o combate.

Foram feridos 2 chefes do batalhão de Huerca.

Tendo sobrevindo um grande temporal, que impossibilitou a continuação das operações naquelle ponto, o general Blanc viu-se obrigado a regressar a Hernani, por onde passou no dia 9, chegando no dia 10 a S. Sebastião, de onde as forças foram convenientemente distribuidas.

Tortosa 15—A guarnição saiu hontem da praça, e apoderou-se do forte blindado que impedia a navegação do Ebro, fazendo 25 prisioneiros.

Jovellar está tratando de destruir o forte da margem direita do Ebro.

Madrid 17—Hoje ha conselho de ministros. Diz-se que se occupará da resposta ao memorandun recebido por Armijo.

Madrid 16—Faltou hoje o correio do estrangeiro. Ha grandes temporaes por toda a parte. Foram destruidas as fortificações carlistas do Ebro. Partiu de Madrid para Inglaterra um commissario encarregado de propor as bases de um accordo sobre o *coupon* externo aos possuidores de titulos hespanhoes em Londres. Serrano continua em Logroño. Foi approvado o orçamento para a construcção de uma linha telegraphica entre Barcelona e Villafranca. Sairam de Madrid com destino a Cuba 127 voluntarios.

Madrid 17—Despujols entrou em Cantavieja, destruindo as portas da povoação, diversos lanços de muralha e as barricadas com que os carlistas pretendiam oppor-se á sua entrada. Despujols libertou 140 mulheres e 250 homens aprisionados por Gamundi nas povoações do baixo Aragão, os quaes são parentes de officiaes e soldados do exercito liberal. Os carlistas tiveram bastantes perdas.

Madrid 17—Telegrammas da Catalunha dizem ter sido atacada Berga pelas forças carlistas, sendo porém repellidas e obrigadas a retirar para Saisona.

Valencia 17—Despujols entrou em Cantavieja na noite de terça feira, fazer fugir Lizarraga com os batalhões de Santes, depois de haver destruido as barricadas e portas da muralha que defendiam a entrada da povoação. Foram libertadas 140 mulheres e 250 homens que tinham sido aprisionados por Gamundi no baixo Aragão.

Paris 16—A resposta do duque Decazes á embaixada hespanhola produziu excellente impressão.

E' ella um documento que demonstra os desejos de boas relações que existem entre a Hespanha e a França.

O ministro confia que a Hespanha acabada a difficil crise em que hoje se acha, reconhecerá a lealdade e os incessantes esforços empregados pela França para auxiliar o governo actual a restabelecer a paz.

Madrid 17—Houve uma conferencia entre Ulloa e Layard..

As facções de Toledo, Guadalajara, Cuenca e Albacete reuniram-se em Cucala e Aragão.

O mau estado das vias ferreas, devido aos estragos, que um constante temporal tem occasionado, interrompeu a viagem de Hatzfeld e Larochefoucauld.

Diz-se que os carlistas estão occupando as posições em Biscaya, desde Carrascal até Pueyo, compondo-se as suas forças de 5 batalhões e 15 peças d'artilheria.

Alem disto conservam em muitos outros pontos um batalhão e as respectivas munições.

O marechal Serrano aguarda que a tempestade desappareça para dar começo ás operações.

Paris 17—O presidente da republica recebeu a notificação da morte do archiduque Carlos Fernando.

O *Jornal Official* contem um movimento ácerca de diversas prefeituras assás importante. Um prefeito foi demittido e 3 passados á disponibilidade.

Roma 17—O projecto de lei concedendo um donativo nacional a Garibaldi, é redigido de commum accordo entre a commissão e o ministro. Concede a faculdade de recebimento de metade do capital aos herdeiros.

A commissão de verificação de poderes propõe a validade da eleição de Garibaldi.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

Rogamos aos srs. assignantes do *Conimbricense*, que estão em debito das suas assignaturas, o favor de mandarem satisfazer a sua importancia, o que desde já muito lhes agradecemos.

1 BERNARDO DA SILVA, de Antanhol, faz constar, que faz venda de uma quinta, junto ao mesmo logar, o que realisará na Calçada de Coimbra, á porta do sr. Jeronymo Joaquim dos Santos, no dia 20 do corrente, das 11 para o meio dia; e vende mais 2 pinhaes.

ATTENÇAO

2 THOMAZ RASTEIRO, morador na rua Direita, desta cidade, tem 3 cavallos de aluguer, para passeio ou jornada, por preços commodos.

Machinas de Costura

3 EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO, na Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas do systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

4 PERDEU-SE um porte-monnaie, desde a casa do sr. Dr. Simão, até á rua do Cego, contendo 2$000 rs., e uma pequena chave. Pede-se mande pelo correio a chave dirigida a José Marques Manso, cedendo-se o resto em favor de quem o achou.

5 ARRENDA-SE a casa denominada collegio dos Grillos, na rua da Ilha, a qual estará patente todos os dias das 10 ás 3 horas da tarde, e aonde se encontrarão todas as indicações precisas.

Substitutos a militares

6 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

7 NO DIA 7 do proximo mez de Janeiro, nos paços do concelho, pelo meio dia, se porá em hasta publica a demolição das casas expropriadas para as obras do alargamento e alteamento do largo da Portagem; a saber= as do Dr. Bento Leão da Cunha Carvalhaes, e Joaquim Antonio Teixeira Barbosa, na rua da Calçada; de José Alves de Carvalho e de Maria Joanna, viuva, na rua dos Gatos; e de Agostinho Ferreira Camões e José Feliciano Dias, na rua da Saboaria; devendo os materiaes das mesmas extraidos, ficar pertencendo aos arrematantes.

As demais condições estarão patentes nesta secretaria desde o primeiro do proximo Janeiro.

Coimbra, Secretaria da Camara, 19 de Dezembro de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

Venda de laranja

8 NO DIA terça feira, 22 do corrente mez de Dezembro, pelas 11 horas e meia da manhã, na alameda do Jardim Botanico, se hade arrematar, se o preço convier, a laranja da cerca de S. Bento.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes as



32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

9 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA, por auctorisação da companhia, continua a vender a dinheiro, ou a prestações de 2$000 reis e a 2$250, as machinas **Singer** para alfaiate, sapateiro, corrieiro, e para uso de familia, as quaes reunem os aperfeiçoamentos mais recentes, para coserem toda a classe de trabalho.

As machinas **Singer** são as mais aperfeiçoadas; a sua bella construcção, a facilidade de aprender a trabalhar, a belleza do ponto, tudo concorre para se dizer, que são de todas as melhores, e para avaliar a confiança que o publico já nellas deposita, bastará dizer que em 1873 a companhia vendeu a maior sobre a dos fabricantes Wheler & Wilson, Grover & Baker, Weed, Wilcox & Gibbs, Howe B. P. 113:254 machinas.

No deposito dão-se todas as lições precisas, para trabalhar com perfeição, e tambem se manda ensinar em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Tambem ha troçaes pretos e de côr, algodões brancos e de côres, agulhas, e tudo o que é pertencente a machinas.

Arrematação

10 NO DIA 12 de Janeiro de 1875 proximo futuro, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta comarca, perante o exm.º sr. Dr. juiz de direito da mesma, se hade arrematar e vender em hasta publica a propriedade de raiz, pertencente ao casal inventariado, da fallecida Anna Catharina, casada que era com Joaquim de Jesus, freguezia de Ceira, para pagamento de dividas passivas, approvadas no inventario a que se procede por obito da mesma; cuja propriedade e a seguinte:=Uma sorte de terra de semeadura, com arvores de fructo, figueiras, videiras, e agua de rega, no sitio do Cuncão, que parte com Daniel Simões, José Leal, estrada publica e Antonio do Rosario, avaliada como livre e allodial, na quantia de 16$000 reis; a qual propriedade assim declarada, se hade arrematar, vender e entregar a quem por ella maior lanço offerecer sobre o valor mencionado. Do inventario é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

Coimbra, 17 de Dezembro de 1874.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA

11 DOMINGO, 20 do corrente, pelas 10 horas prefixas da manhã, reune a assemblea geral para discutir a reforma dos estatutos.

Coimbra, 16 de Dezembro de 1874.

O presidente,
Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

FABRICA DE VIDROS

DE

Thomaz José d'Oliveira

18—Rua das Gaivotas—18

LISBOA

FUNDADA EM 1811

12 ESTE ANTIGO ESTABELECIMENTO fornece para as provincias, por preços commodos, todos os artigos usuaes de vidro, liso, floretado, moldado e lapidado, branco ou de côres, fazendo descontos vantajosos para a venda. Vende vidraça em chapa e cortada por medida.

Garante-se a perfeição. Encaixotamento barato.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o Rio de Janeiro

Galera=INDIA=21 de Dezembro.
Galera=ADAMASTOR=em 9 de Janeiro de 1875.

Para o Maranhão com escala pelo Ceará

Barca=MARIA CAROLINA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

AGRADECIMENTO

14 OS ABAIXO assignados, extremamente penhorados para com todas as pessoas que se dignaram visital-os por occasião do fallecimento de sua esposa, mãe e sogra, bem como para com todas que a acompanharam á sua ultima morada, protestam por este meio sua eterna gratidão, pedindo desculpa de qualquer acto involuntario, em quanto o não fazem pessoalmente.

Coimbra, 15 de Dezembro de 1874.

Guilherme da Silva Rocha.
Manoel da Silva Rocha Ferreira.
Ermelinda Augusta d'Abreu Rocha.

15 NO ATELIER DE COSTURA, de Margarida de Jesus Cardoso, do largo das Tanoarias, n.º 2, proximo das Ameias, nesta cidade, fazem-se chapeus, capas, vestidos e mais adornos para senhoras, tudo conforme os ultimos figurinos que chegaram.

Tambem se vestem anjos para as procissões, havendo para isso novo e elegante vestuario, que egualmente se aluga para fóra.

No mesmo *atelier* fazem-se banquetas, ramos e flores soltas, assim como grinaldas, pulseiras, collares e mais enfeites para as pessoas do sexo feminino fallecidas.

O Dr. Francisco Antonio Diniz, Commissario dos Estudos do districto de Coimbra

FAÇO SABER que o jury dos exames das concorrentes a cadeiras do ensino primario, neste districto, na presente epocha, reunido hoje para o fim de assistir ás provas escriptas das concorrentes, que se haviam habilitado para exame, resolveu addiar estas provas por 8 dias, na forma do art. 14 § 2.º do decreto de 30 de Outubro de 1863, por ter adoecido uma das alludidas concorrentes, como provou por certidão do facultativo.

Este prazo é improrogavel, segundo o citado decreto.

E para que chegue á noticia das interessadas mandei publicar este edital

Coimbra 17 de Dezembro de 1874.

Francisco Antonio Diniz.

17 AMADEU FRUCTUOSO DA SILVA ROCHA, está auctorisado a fazer venda d'uns pardieiros, sitos no largo da Sé Velha, a confinar com a rua dos Coutinhos; recebe lanços até ao dia 26 de Dezembro do corrente anno de 1874, e n'aquelle dia, ás 11 horas da manhã, faz effectiva a venda pelo maior lanço. Coimbra, rua do Corpo de Deus, n.º 7.

18 JULIANA PARA SOPA, 125 grammas 80 reis—*Pó anti-asthmatico*, a 1$200 a caixa—*Pós dentifricos de coral* a 80 rs. a caixa—*Iniciaes em relevo* para marcar papel de cartas e enveloppes, a 160 rs. a caixa—*Pastas de oleado* a 320 rs.—*Estereoscopos* a 1$100 rs.—*Photographias* de Coimbra, para estereoscopo, a 200 rs.—*Tinta* para marcar roupa a 180 e 500 rs.—*Carteiras* com *porte monnaie* e estojo, a 1$600 rs.—*Relogios* suissos (de parede) a 1$600 rs.—Ditos com despertador a 2$500 rs.—*Badines* a 500 e 600 reis—*Relogios* de algibeira, de ouro, prata e bronze d'aluminium—*Cadeias* de metal branco a 600 rs.—*Medalhas* de metal branco a 720 reis—Ditas com pedra a 1$000 rs.—*Pennas* inglezas—*Papel* para cartas—*Tinta* para escrever—*Papel* para facturas—*Lapis* de escriptorio a 10 e 20 rs—Ditos de desenho a 40 rs.—*Papel de Desenho*—*Reguas*—*Esquadros*—*Nankin*—*Carvão Faber*—*Esfuminhos.*

Livraria Academica

183=Rua da Calçada=185

JORNADAS

POR

Thomaz Ribeiro

(2.ª PARTE

ENTRE PALMEIRAS

Um lindo volume de 350 paginas.—Preço 600 rs.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 rs. em sellos.

Livraria Central de José Diogo Pires—9, Largo da Sé Velha, 10.

Attenção

20 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

SUBSTITUIÇÕES MILITARES

21 F. M. ALVIM encarrega-se de fazer substituir qualquer praça nos corpos das guarnições de Lisboa e Elvas. Escriptorio, Lisboa, rua de Santo Antão, n.º 15, 2.º.

NUMERO 2860 — TERÇA FEIRA 22 DE DEZEMBRO DE 1874 — ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Nestes ultimos dias tem sido o thema especial das folhas de Lisboa, um facto altamente criminoso que alli teve logar.

Um artista da companhia de Mr. Price, tratando de ensinar um pequeno hespanhol, por nome Juanito Banero, fôra com elle tão cruel, que o poz em miseravel estado, de forma que sendo levado para o hospital, alli falleceu.

Este procedimento indignou com toda a razão o publico; e não só pela imprensa periodica, mas pessoalmente no circo Price, foram dadas as mais severas demonstrações ao artista, que apezar de habil na sua profissão, mostrava ser deshumano, e não ter para uma creança a contemplação a que lhe dava direito a sua tenra edade.

O referido artista está entregue aos tribunaes, que de certo saberão cumprir o seu dever, em conformidade da lei.

Temos agora a fazer as reflexões, que este facto naturalmente nos está suggerindo.

O publico costuma affluir aos circos, e ahi tanto mais applaude qualquer creança, ou outro artista, quanto no seu trabalho mais se desconjunta e força a natureza. Sanccionam, portanto, tacitamente, os espectadores, as diligencias e esforços que se hajam feito com estes artistas desde a sua primeira edade, para elles se habilitarem a praticar aquellas sortes, que quanto mais difficeis e perigosas, mais agradam.

Se ultimamente houve um artista que martyrisou uma pobre creança, para a forçar a fazer as deslocações que se costumam executar nos circos, não foi elle o unico, nem talvez seja o maior culpado. Concorre para este e identicos crimes o publico, quando vae applaudir taes deslocações.

Estas reflexões são egualmente applicaveis ás corridas de touros.

Annuncia-se uma tourada; e corre quasi uma povoação inteira a presencear o popular espectaculo.

Alli, para agradar ao publico, arrisca o homem a sua vida, lutando com o bravo animal; alli, são cruelmente garrochados os touros; não poucas vezes são feridos os capinhas, e espesinhados os homens de forcado;—e no entanto, á proporção que augmentam os desastres, redobram os applausos, chegando o enthusiasmo dos espectadores até ao delirio!

Se o espectaculo não causa *sensação*; isto é, se não fica alguem ferido, ou por qualquer forma maltratado, diz-se que os touros *não prestam!*

As damas que em sua casa desmaiam por ver o mais leve ferimento em alguma pessoa da sua familia, vão á praça dos touros dar palmas e incitar os artistas ao imminente risco de vida que alli correm!

E quem é o culpado de todas as desgraças que acontecem durante aquelle *divertimento*, senão o publico que o auctorisa com a sua presença, e o anima por todos os modos imaginaveis?

Bem sabemos que estes espectaculos, recordação dos circos romanos, são do geral agrado do publico; mas isso não nos embaraça de aqui expender a nossa opinião com toda a independencia e desassombro.

Já em 1619 dizia Fr. Luiz de Sousa na vida do arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, lamentando-se da popularidade das corridas de touros:

«Assi como vemos e sabemos que ha certos generos de comidas e bebidas que são peculiares a algumas provincias, e tão amadas dos naturaes dellas que as tem por mimo e delicia, as quaes em outras de nenhuma maneira são recebidas nem gostadas, antes ás vezes causam asco: nem mais nem menos acontece em jogos e passa tempos: porque este de touros tão usado em toda a Hespanha, que sem elles não ha festa de gosto pera todo estado de gente, é mal recebido de todas as outras nações: *e nem os barbaros que folgam de ter em suas casas tigres e leões e outros animaes ferozes e sempre temerosos, o admittem.*

«E na verdade é um passatempo de cujo exercicio nenhum proveito resulta, e o risco é muito grande e sem nenhuma desculpa. O jogo da pella faz o corpo agil, a lucta endurece os membros, a justa que para briga tem pouco risco, e para festa demasiado, comtudo o ser exercicio militar a defende. Só nos touros nenhuma cousa boa ha: se são mansos é cousa fria, aborrecem: se são bravos, poucos se correm que não façam voar corpos ao ceu, e almas ao inferno. E que então alegrem, então sejam materia de gosto, e lhe chamem bons touros, como na verdade assi passa, é cousa indigna do que devemos ao ser humano, quanto mais de christãos: é um renovarmos as effusões de sangue dos amphitheatros gentilicos.

«Não ignoro que perdemos tempo neste aviso, como perderam muitas pessoas gravissimas que por vezes o deram. Mas obriga-nos o zelo do bem commum, e o officio de historiador, que é dar parecer nas materias, e sobretudo sabermos que um tão grande santo como foi o Papa Pio V, religioso da nossa sagrada Ordem, trabalhou muito polo tirar do mundo: e fiquem advirtidos os auctores de tal espectaculo, se algum houver que passe os olhos por estes escriptos, que em boa Theologia levam sobre si grande parte do sangue humano que estes touros derramam.»

Na escola liberal são sempre exaltados os actos de Manoel da Silva Passos, praticados no seu ministerio, depois da revolução de 9 de Setembro de 1836. Todos admiram a audacia das suas reformas, e o progresso que ellas revelavam. O que, porém, extranhamos, é que muitos individuos da mesma escola liberal, não tenham em egual conta o seguinte decreto por elle referendado:

«Considerando que as corridas de touros *são um divertimento barbaro, e improprio de nações civilisadas*, e bem assim que semilhantes espectaculos *servem unicamente para habituar os homens ao crime e á ferocidade;* e desejando eu remover todas as causas que podem impedir, ou retardar o aperfeiçoamento moral da nação portugueza: hei por bem decretar que d'ora em deante, *fiquem prohibidas em todo o reino as corridas de touros.* O secretario de estado dos negocios do reino

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXXII

AS GUARDAS CIVICAS EM COIMBRA

Tendo o conde de Amarante proclamado o absolutismo em Villa Real, no dia 23 de Fevereiro de 1823, tratou logo o governo de fazer suffocar a revolução; e entre outras medidas, foram pela lei de 22 de Março immediato, mandadas crear guardas civicas em todo o reino.

Para cumprimento dessa lei, publicou no dia 29 do mesmo mez de Março a camara de Coimbra a seguinte inergica proclamação:

A CAMARA CONSTITUCIONAL DE COIMBRA AOS HONRADOS CIDADÃOS DO SEU DISTRICTO

Ás armas, CIDADÃOS! A lei vos chama, e assim o exige o bem ser da patria! Nos desgraçados paizes em que domina com o seu sceptro de ferro o despotismo, e os povos gemem acurvados ao jugo da vassallagem e da escravidão, os timidos e cautelosos tyrannos jámais confiam a segurança dos sanguinosos thronos se não de comprados e vis satellites. Naquellas regiões porém afortunadas, onde uma vez se chega a impor silencio ao capricho dos despotas, e á insaciavel cobiça dos validos, attendida finalmente a incessante voz da razão, e conhecidos os sagrados e imprescriptiveis direitos do homem social, uma lei egual impera a todos; e a todos cumpre defender a lei.

CIDADÃOS! Sem lei não ha patria; quando ha lei porém, e quando ha patria, todo o CIDADÃO deve ser soldado. Eis o motivo porque as côrtes constitucionaes da nação, ao lançar os fundamentos do social edificio (que para sempre regerá os portuguezes), sabiamente sanccionaram, que alem das forças de mar e terra, e das milicias, houvessem guardas nacionaes, compostas dos CIDADÃOS honrados, a quem a lei designasse (Constituição artigo 174): e o soberano congresso das côrtes ordinarias perpendendo, agora, nas criticas e apuradas circumstancias de uma invasão inimiga, e n'horroroso flagello d'anarchia e guerra civil, a que nos arremeça a barbaridade e o fanatismo de um arrojado e illudido bando, nenhum outro recurso tão potente considerou para oppor aos nossos inimigos internos e externos, como a instituição das guardas civicas! Bem depressa, por tão acertada medida, se verá Portugal cuberto de inumeraveis cohortes de CIDADÃOS bellicosos, que sabendo apreciar a conquistada liberdade, formarão briosos em redor do throno do melhor dos reis uma rampa invencivel ás constrangidas e aviltadas phalanges dos tyrannos da Europa, que bramirão de raiva ao ver baldados seus derradeiros esforços contra o genero humano, de que pretendem fazer um vil rebanho.

CIDADÃOS de Coimbra, a quem chama a lei de 22 de Março de 1823, vinde, correi apresurados, vinde alistar-vos, a patria o manda, e a vossa camara vos convida, e anciosa vos espera... Ás armas CIDADÃOS, ás armas!

Coimbra em camara extraordinaria de 29 de Março de 1823.

João Pedro Figueiredo da Guerra Carneiro e Mello.
Luiz Antonio Freire de Carvalho.
Paulino de Nola Dias Carrero.
Simão da Cunha d'Essa e Costa.
Felix Caldeira Varejão.
Sebastião d'Almeida e Silva.
João Gomes Vianna.
João Marques d'Oliveira, procurador geral.

N. B. Quarta feira, que se hão de contar 2 de Abril, se começará o alistamento das guardas nacionaes nas casas da camara, pelas 10 horas da manhã.»

Não triumphou, com effeito, em Traz os Montes a revolução absolutista do conde de Amarante; mas conseguiu D. Miguel, com as forças que se lhe uniram em Villa Franca, fazer cair o systema liberal no fim de Maio de 1823.

Com a mudança de situação politica, o que até ahi era virtude, foi considerado um crime. Por isso mandou o novo governo absoluto proceder contra os que se tinham alistado nas guardas civicas; e muito especialmente contra os padres que tivessem feito parte dessa milicia nacional.

Para ver se evitava esse procedimento contra os padres deste bispado, dirigiu em 5 de Janeiro de 1824, o vigario geral Manoel Domingues de Gouvea, ao ministro da justiça, Manoel Marinho Falcão de Castro, o seguinte:

OFFICIO, QUE FEZ O VIGARIO GERAL DE COIMBRA A FAVOR DO CLERO DO BISPADO

Illm.º e exm.º sr.—Em cumprimento do real aviso, de 12 de Setembro passado, foram

tenha assim entendido e faça executar.—Paço das Necessidades, em 19 de Setembro de 1836—RAINHA— *Manoel da Silva Passos.*»

Decorrido pouco tempo, os *marialvas*, e todos os mais apaixonados pelas *civilisadoras* touradas, fizeram revogar este decreto em côrtes; e assim ficou de nenhum effeito a decisão tão digna de um povo culto, que tinha tomado Manoel da Silva Passos.

O argumento favorito dos defensores das touradas, é que se na Inglaterra não ha esses espectaculos, ha em compensação o combate dos gallos, o jogo do socco, e outros intertenimentos do gosto do publico, não menos crueis.

De modo que, como naquelle paiz ha espectaculos repugnantes, ficam sendo desculpaveis os que nós temos.

Não se trata em Portugal de imitar o que ha de bom nos paizes estrangeiros; só nos servem os seus maus costumes para com elles nos auctorisarmos!

Voltando, porem, ao ponto donde partimos, diremos, que não se queixe o publico de certos actos deshumanos; queixe-se de si, que pelo seu procedimento leva os auctores delles a pratical-os.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Tinhamos não só escripto, mas estava já composto o artigo antecedente, quando recebemos de Lisboa a *Nação*, a qual, depois de se referir á autopsia do infeliz Juanito, acrescenta o seguinte:

«A apreciação de todas estas indicações fornecidas pelo exame dos peritos pertence á instrucção do processo, que corre em juizo, não nos cabe a nós fazel-a.

A nós só nos cumpre, profundamente impressionados por esta tremenda catastrophe, clamar mais uma vez contra esses espectaculos immoraes, onde se vae applaudir a pobre creança, cujos membros lograram dobrar e amoldar a todos os exercicios do palhaço e do saltimbanco, mestres implacaveis, que só têem a mira no lucro, ainda que já á custa de uma vida.

Prohiba-se isto. Dizem que as leis que se têem feito são altamente humanitarias, que têem providenciado para todos os casos d'offensa dos direitos individuaes, preencham esta lacuna, prohibam terminantemente a exhibição de creanças nos circos. Salvem a humanidade do ultraje que lhe faz a vil especulação.

Quantas victimas não faz a horrivel aprendisagem do palhaço?

Attente-se nisto, e tire-se da impressão dolorosa que tem feito a historia de Juanito a lição que se deve tirar.»

Tambem recebemos a *Republica*, na qual lemos o que se segue:

«Seria um protesto esta manifestação? E de que ordem? Se o é, para serem logicos todos esses conservadores, agora atacados pela mania do espalhafato, devem ámanhã ir ao Price e, quando se apresente na arena, uma creancinha, deslocada, torta, rachitica, fazendo rir e entretendo com as suas contorsões um publico, indifferente a tão triste sorte, deve patear esse attentado contra a vida e existencia de um ser humano, condemnado a bobo permanente de um circulo de espectadores. Patêem-na que o devem fazer, se é sincera a demonstração que fizeram junto ao esquife do pobre Juanito.

Em quanto houver um publico, que anime com as suas palmas tão repugnante divertimentos, não hão de certo acabar os *compra-chicos*, condemnados em Tournier, mas largamente recompensados na maioria de todos os artistas, que não passam de outros tantos *compra-chicos* mais felizes, mas não menos censuraveis.»

Muito folgamos de achar de accordo com as nossas opiniões os dois collegas da capital.

Estimariamos, porem, que tambem se associassem comnosco a censurar as barbaras e anti-civilisadoras corridas de touros, e em geral todo o espectaculo cruel, em que o homem se sujeita aos maiores perigos, para agradar ao publico.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Associação dos Artistas de Coimbra

BALANCETE EM 30 DE NOVEMBRO DE 1874

Saldo do mez anterior.......	4:524$376
Recebido neste mez, proveniente de juros, quotas semanaes, prestações de joias, multas e venda de exemplares de estatutos....................	141$030
Reis........	4:665$406
Despendido nas diversas addições de despeza como consta das ordens..............	116$704
Reis........	4:548$702

Coimbra, 1 de Dezembro de 1874.
O secretario da direcção,
José Maria Duarte.

Antonio José Teixeira agradece a todas as pessoas da sua amisade e relações, que o comprimentaram durante o tempo que se demorou nesta cidade; e a todos offerece o seu prestimo na capital.

NOTICIARIO

Fallecimento.—Em a noite de sabbado para domingo ultimo falleceu nesta cidade a exm.ª sr.ª D. Julia de Lemos Torres Coelho, filha do sr. Francisco José Gonçalves de Lemos, e esposa do sr. Dr. Francisco Pereira Torres Coelho.

A ambos estes nossos amigos damos os sentimentos pela dolorosa perda que acabam de soffrer.

Clinico.—Consta-nos que o nosso amigo o sr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, em razão da laboriosa administração dos hospitaes, se despedira de todas as casas onde fazia serviço clinico.

Despachos.—A sr.ª Amelia da Piedade Chambel Quaresma foi promovida á propriedade da escola de meninas de Goes.

A sr.ª Rufina Amalia Correia da Costa, foi promovida á propriedade da escola de meninas da Louzã.

Promoção.—O sr. bacharel Antonio José de Carvalho Montenegro, juiz de direito da comarca de Cea, de 2.ª classe, foi promovido á de 3.ª classe, e nomeado para a comarca de Gouvea.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Luiza, filha de Agostinho Ferreira e de Luiza Margalha, de S. Francisco, de 13 mezes, fallecida no dia 12 de Dezembro.

Guilhermina Paixão, filha de Fernando José Paixão e de Maria da Conceição, de Coimbra, de 28 mezes, fallecida no dia 12.

Maria da Conceição, filha de Antonio da Costa e de Maria de Jesus, de Coimbra, de 13 mezes, fallecida no dia 13.

D. Maria José Benedicta Zuzarte, filha de José Ignacio Bentes e da Catharina Bentes, de Serpa, de 87 annos e meio, fallecida no dia 14.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5763.

Governador geral da India.—Foi nomeado governador geral do estado da India o general de brigada João Tavares de Almeida, em substituição do sr. Joaquim José de Macedo Couto.

Bispo de Bragança.—Foi nomeado bispo de Bragança o sr. José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Martens, actualmente vigario geral e governador do bispado de Portalegre.

Progresso em Braga.—A camara municipal de Braga vae pedir ao governo para que o emprestimo de 93 contos de reis, que está auctorisada a contrahir, seja elevado a 160, com applicação a novos melhoramentos de que carece aquella cidade.

O cozinheiro completo.—Recebemos e devidamente agradecemos o *Cozinheiro completo*, de que já esta é a 9.ª edição. No logar competente vae o respectivo annuncio.

A intemperança.—Um escriptor francez aponta as seguintes causas deste vicio, que tanto se tem generalisado nos ultimos tempos:

Falta de instrucção, que não permitte os gosos intellectuaes. O pernicioso contagio do exemplo. O feriado da segunda feira, tão usado pelas classes operarias. A frequencia das feiras. Alimentação insufficiente. Insalubridade e falta de commodidades nas habitações, que obriga os habitantes a viver muito tempo fóra de casa. O pagamento semanal das ferias nos sabbados. A subida exaggerada dos salarios.

A todas estas causas devemos acrescentar a corrupção de costumes, a falta de crenças religiosas, e a frouxidão cada vez maior de sentimentos moraes e nobres, de brios e dignidade pessoal, de amor de familia, e de respeito pelas instituições e pela ordem social.

Costumes da China.—Se é verdade o que affirmam muitos viajantes e missionarios, a China é uma das nações mais laboriosas que se conhecem. A terra é cultivada com um esmero e perfeição extraordinaria. O emprego dos estrumes é geral, e quando faltam, suppre-se este inconveniente por lavouras profundas, que trazem á superficie camadas araveis folgadas e substanciaes. A rega dos campos é operada em grande escala, e a agua dos rios é levada com uma industria e trabalho admiraveis até ás vertentes das montanhas.

Os principios fundamentaes da agronomia são conhecidos e praticados desde eras remotissimas. A utilidade de variar as culturas, ou o systema dos afolhamentos é uma das regras da sua arte agricola. A classe dos lavradores é menos rude e ignorante, que em muitos paizes da Europa. A operação fundamental da lavoura é celebrada todos os annos com grande solemnidade pela côrte, indo o proprio imperador abrir os primeiros sulcos com a charrua. E' tambem conhecida a pericia dos chinezes no fabrico de muitos artefactos, como sedas, lenços, vidros, vernizes, etc. Em summa, para se avaliar o genio laborioso da nação chineza, basta dizer, que todos os dias do anno são dias de trabalho, excepto o primeiro consagrado a visitas de boas festas, e o ultimo destinado a honrar e commemorar o respeito e reconhecimento tributados aos antepassados.

A Russia.—A extensão deste vasto imperio anda por 20 milhões de kilometros quadrados. Só a Russia européa é 11 vezes maior que a França e 16 vezes mais que a

---

suspensos do officio parochial, todos os parochos, não collados, que constou, se tinham alistado nas guardas civicas, e estes, e os collados, e mais clerigos se andam livrando por esta culpa.

Estão alguns processos a final, e sendo o dever de qualquer juiz, o julgar segundo o entender de sua consciencia, vejo-me na necessidade de os absolver, pelas razões, que vou a ponderar:

Sua magestade manda, que sejam julgados segundo os Canones, e segundo elles, não vejo pena, que lhes imponha. Não ignoro, que no decreto de Graciano, *Causa* 23, *questão* 8.ª, *Can.* 4, 5 e 6, se impõem a privação de sepultura ecclesiastica, e a deposição aos clerigos, que morrerem, e pelejarem em sedições, e guerras: mas não tendo esta collecção auctoridade publica, e sendo estes Canones de Concilios particulares, e da antiga disciplina, parece não são applicaveis. E muito mais porque nas Decretaes não acho *Titulo*, que sirva para tal culpa, antes vejo o cap. 2.º *De Immunitate Ecclesiarum*, em que S. Gregorio o Grande declara, que os ecclesiasticos não gosam de immunidade, para deixarem de metter vigias em guarda da cidade: Dizendo

Fraternitas tua nullum per nostrae, vel Ecclesiae suae nomen excusari a murorum vigiliis patiatur, sed omnes ad hoc generaliter compellantur.

Por isso Themudo, vigario geral de Lisboa, na decisão 93, faz differença de guerra defensiva, ou offensiva, e sustenta que naquella podem os clerigos pelejar, sem temor de irregularidade.

A historia de Portugal nos ensina, que para sustentar no throno a serenissima casa de Bragança em 1640, e seguintes, se armaram os clerigos: e o mesmo succedeu em nossos dias para lançar fóra de Portugal os francezes, que tinham invadido o reino.

Por estes exemplos, e por este direito podemos concluir com Themudo, que não é prohibido aos clerigos pelejar em defeza, e só sim em offensa. A lei porem da creação das guardas civicas, sanccionada por sua magestade em 22 de Março de 1823, declarou, que seu principal objecto era, defender a Constituição (idea desse tempo) e manter a segurança e tranquillidade publica: objecto, que parece nada tem de offensivo.

A isto accresce, que os ecclesiasticos deste bispado, que se alistaram, nem pegaram em armas, nem se vestiram de farda.

E ainda mais, foram a isso obrigados, pelo temor de serem chamados Corcundas (palavra então em voga para insultar) ou degredados pelo governo, como muitos tinham sido por vãs suspeitas, e falsas denuncias.

Nem se diga, que a lei não obrigava aos clerigos! A lei fallou em clerigos, e lhes permittiu o servirem este encargo publico: e supposto o odio, que o partido dominante nas côrtes tinha mostrado ao clero, o permittir, era o mesmo, que obrigar.

Se eu pois hei de absolver aos ecclesiasticos, não tendo outro crime, parecia mais proprio da grande clemencia, e mesmo da piedade, com que sua magestade honra ao estado ecclesiatico, que o mesmo augusto senhor concedesse perdão geral, e mandasse suspender todo o procedimento, quanto ao clero deste bispado. É este um meio proprio de sua magestade adquirir mais estima, e amor do mesmo clero: e elle se faz digno desta graça, porque, ordinariamente fallando, é pobre e venera, e respeita muito ao mesmo senhor, como eu posso attestar. E tal meio sempre foi proprio das almas grandes em crises tenebrosas, qual a passada, e todos reconhecem a grandeza da alma de sua magestade. Podia fazer-se excepção d'aquelles, que se tivessem externado em demasia: e mesmo obrigar a todos, a que assignem termo, de para o futuro promoverem a obediencia a sua magestade, e a conservação de seus reaes direitos pelos modos possiveis.

Se eu estou em erro, apesar do grande desejo, que tenho de acertar, e trabalho, que para isso tenho posto, sua magestade, principalmente ouvindo o seu ministerio, composto de sujeitos, notoriamente reconhecidos por eminentes na sciencia de direito, e politica, se dignarará mandar-me instruir para minha direcção.

Digne-se pois v. ex.ª levar ao conhecimento de sua magestade estas reflexões, com o meu mais profundo respeito, e participar-me a sua real determinação.

Deus guarde a v. ex.ª por muitos annos. Coimbra 5 de Janeiro de 1824.

Illm.º e exm.º sr. *Manoel Marinho Falcão de Castro*, conselheiro, ministro, e secretario de estado dos negocios da justiça.

O vigario geral,
Manoel Domingues de Gouvea.

Italia e a Grã-Bretanha. Tão colossaes dimensões inspiraram a Humboldt a seguinte comparação—A parte do globo sujeita ao sceptro da Russia é maior que a superficie da lua que observamos—. Este paiz possue as mais vastas planicies e as mais elevadas montanhas que se conhecem, os maiores lagos do antigo continente e os maiores rios da Europa. Só o Volga tem um leito sinuoso de perto de mil leguas de comprimento. A sua população já é superior a 80 milhões, o duplo das nações mais populosas, e assim mesmo nove decimos do seu territorio estão quasi ermos de habitantes.

Ha um contraste perfeito entre a Russia e o resto da Europa, na estructura do solo, nas condições geographicas, no clima, em summa em toda a natureza physica. Os maiores obstaculos, que o homem tem a vencer neste paiz, são o frio e o espaço. O primeiro elemento cede mais facilmente ás forças do homem do que o calor, e o segundo todos os dias é conquistado pelos progressos da viação e da população.

A sua agricultura e industria, o seu commercio e instrucção publica vão prosperando todos os dias; e desde a guerra da Criméa a Russia tem organisado as suas forças e concentrado os seus elementos de riqueza, a ponto de constituir um imperio respeitavel, cuja alliança é sollicitada pelas mais poderosas nações do mundo. Até os Estados Unidos da America em suas instituições democraticas vivem em intima alliança com o governo despotico de S. Petersburgo. Se a população moscovita crescesse segundo a mesma lei de outros estados europeus, só na Russia europea podiam viver 600 milhões de habitantes! Facto pasmoso, que revela os grandiosos destinos que estão reservados a este immenso paiz.

Minas da antiguidade.—Os paizes de maior fama na antiguidade, pelo que diz respeito á exploração das minas, foram o Egypto, a Assyria, a Persia, a Asia menor, as ilhas do Mediterraneo, a Styria, a Hespanha e Portugal.

Os egypcios, como dizia Diodoro da Sicilia, destruiam montanhas na pesquisa do ouro. Na Asia menor as areias dos rios continham muito ouro. Virgilio cantou estas riquezas. A Lydia foi a origem de grandes thesouros para Cresus. A Styria tornou-se celebre pelas minas de ferro. A ilha de Elba ainda hoje attesta as suas riquezas metallurgicas. A Hespanha pelas suas minas de prata foi ha 3:000 annos um verdadeiro thesouro para os Phenicios. Os romanos, principalmente no seculo de Augusto, obtinham riquezas fabulosas do Egypto, da Transylvania, da Asia menor, das Indias, da Hespanha e da antiga Lusitania.

Em todas as provincias de Portugal existem vestigios de antiquissimas e vastas explorações de minas. As areias de muitos rios eram assiduamente exploradas para a pesquisa do ouro. O Mondego e seus principaes affluentes eram celebres nesta especialidade. A provincia da Beira encerra muitos thesouros subterraneos, que em epochas remotissimas foram muito explorados.

Novo invento.—Diz o *Jornal do Commercio*, que acaba de se inventar um apparelho por meio do qual, e sob a influencia dos raios do sol, se póde converter a agua do mar em potavel, e de um agradavel gosto.

O apparelho empregado é summamente simples; compõe-se principalmente de uma especie de caixa coberta por um espelho. A caixa tem quatorze pés inglezes de comprimento, dois de largura e seis pollegadas de altura; os lados têem uma pollegada de espessura. A parte inferior está fechada por um vidro ordinario que tem pollegada e meia de inclinação. Na parte interior do espelho fixa-se uma especie de canal semi-circular, destinado a receber a agua potavel que se condensa na superficie interna do espelho.

Introduz-se na caixa a agua do mar até á altura de uma pollegada, pouco mais ou menos, e expõe-se immediatamente aos raios do sol, os quaes são o sufficiente para a elevar á temperatura de 67 a 70 graus. Então começa uma evaporação muito activa.

Um espelho de um metro quadrado produz diariamente uma quantidade consideravel de agua potavel e pura.

As erupções do Etna.—Diz o mesmo jornal que o lente Silvestri observou na ultima erupção do Etna, que os ruidos subterraneos parecidos a descargas de formidavel artilheria, se succediam de dois em dois minutos, precedidos de resplendores e chammas na superficie da cratera. Estes ruidos e estas chammas são acompanhados sempre de movimentos do solo.

As détonações seguem n'um certo crescimento, que conclue por uma erupção de lavas repassada de fumos espessos e de vapores, que têem sufficiente tensão para produzir explosões de materias inflammadas, com a fórma de cinzas, que o vento arroja a longas distancias.

O intervallo do som até ás chammas faz crer que a materia em fusão se póde encontrar a uma profundidade de seiscentos metros.

A cada uma das explosões se experimenta uma perturbação da pressão atmospherica. Tudo faz suppor que na actualidade o volcão está n'uma grande actividade interna.

Um conto de Grimm.—Lê-se na *Nação* o seguinte:

«Grimm foi um celebre contador de historias para creanças e até para gente grande. Quando elle falleceu houve quem dissesse: «Foi contar historias aos anjos.»

A seguinte, ainda que não original no pensamento, é bella, e sobretudo moral.

O AVÔ E O NETO

Em certa aldeia vivia um pobresinho muito velho, que via pouco, ouvia mal, e cujo corpo lhe tremia. Á mesa, mal podia segurar a colher, deixava cair o copo na toalha, e até algumas vezes a baba.

Estas cousas haviam desgostado tanto sua nora e seu proprio filho, que um dia, perdendo de todo a paciencia, metteram-o em um quarto, e alli lhe serviam a parca refeição em um prato velho de barro. O ancião chorava a bom chorar, e olhava com magoa para a mesa. Un dia, coitado, caiu no chão, e partiu a tigella, que mal segurava em suas tremulas mãos. Sua nora cobriu-o de improperios, ao que o pobre velho nada respondeu; antes abaixou submisso a cabeça, suspirando.

Compraram-lhe então uma escudella, em que lhe deram a comida d'alli em diante. Alguns dias depois, a nora e o filho do velho viram o seu menino, que já contava alguns annos, muito cuidadoso em apanhar alguns bocadinhos de madeira que estavam espalhados no chão.

—Que estás fazendo? perguntou-lhe o pae.

—Uma escudella para dar de comer ao papá e á mamã quando forem velhos.

O marido e a mulher olharam-se por momentos sem proferir uma palavra. Depois desataram a chorar. Foram buscar o velhinho e pozeram-o á mesa; e nunca mais deixaram de comer na companhia d'elle, tratando-o com todo o amor e carinho.»

Morta viva.—Lê-se no *Primeiro de Janeiro* o seguinte:

Occorreu um caso horroroso de enterrar em vida uma pessoa no cemiterio israelita de Brody, na provincia de Gallitzia.

E' sabido que é vedado aos hebreus conservarem insepulto um cadaver por mais de um dia, e em consequencia deste preceito costumam os cadaveres ser enterrados vinte e quatro horas depois do fallecimento.

Uma senhora hebrea, esposa de um opulento negociante residente em Brody, falleceu após uma dolorosa enfermidade. Transcorrida a semana de luto que ordena a lei hebraica, passou o afflicto esposo a abrir a sepultura da sua esposa, com auctorisação do rabbino, para contemplar pela ultima vez aquellas feições idolatradas.

Ao abrir o ataude viu com assombro que a mortalha estava empapada em sangue, e todos os signaes indicavam a lucta que a sepultada havia sustentado para voltar ao mundo.

Noticias de Lisboa.—Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte.

—Está em Lisboa o sr. D. Manoel Bernardo de Sousa Ennes, bispo eleito de Macau. A sua sagração verifica-se no dia 27 do corrente na sé patriarchal, com assistencia dos srs. patriarcha, arcebispo de Mitylene e bispo resignatario de Angola.

—Foi ratificada por parte de Portugal a convenção postal com a Hespanha.

Agora falta unicamente a ratificação por parte de Hespanha, que não se demorará de certo muito.

Pela nova convenção serão em Portugal estações de troca de malas Lisboa, Porto, Elvas, Valença do Minho, Chaves, Villa Real de Santo Antonio, Bragança e caminho de ferro de Lisboa a Badajoz.

Os portes das correspondencias serão modificados.

Para as cartas a escala do peso, em logar de 10 grammas passará a ser de 15, com o actual porte de 25 reis.

Para os jornaes, gazetas, obras periodicas, livros brochados ou encadernados, papeis de musica, catalogos, prospectos, annuncios e avisos diversos, impressos, gravados, lithographados, gravuras, lithographias e photographias, o porte é de 5 reis por cada 50 grammas.

Para as amostras, papeis de commercio ou de negocios, provas de imprensa, com correcções manuscriptas e os manuscriptos, regulará o porte de 20 reis por cada 50 grammas.

—A companhia *Trastagana*, concessionaria do caminho de ferro americano da Regoa a Villa Real, apresentou no ministerio das obras publicas o projecto e planta da linha.

Esta não se afasta em todo o seu comprimento da estrada real que liga aquellas duas villas, a não ser nos pontos extremos em que entra nas estações.

O traçado vae sem difficuldade até á ponte da Benduja, mas na ponte do Sordo encontra embaraços em consequencia do mau estado em que se encontra a mesma ponte.

O percurso da via, da estação da Regoa até á estação *terminus* em Villa Real, é de 26,418ᵐ, não entrando neste calculo as vias dobradas e de resguardo.

Em toda a linha haverá 5 estações. Uma provisoria na Regoa, ao kilometro 0,250, e mais tarde a definitiva será o mais perto possivel da estação do caminho de ferro do Douro; 2.ª estação, em Santa Martha de Penaguião; 3.ª a de Benduja; 4.ª a da Comieira; 5.ª e ultima em Villa Real.

Esta ultima será estabelecida no largo do Tabolado, no sitio onde existe uma praça de touros em ruinas.

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 18.—Foram auctorisados os desterrados para as Canarias a regressarem de Cadix.

Hoje no conselho de ministros tratou-se da acquisição de artilheria Placencia para os navios da esquadra.

Logroño, 18—Serrano continua aqui, recebendo diariamente participações do facultativo assistente de Espartero, que vae melhorando.

Berlin 18—Corre que Bismark apresentou ao imperador a sua demissão, em consequencia da adopção da proposta Warcbeck ter tido bastantes votos, o que quereria demonstrar que a prisão do redactor do jornal catholico «Germania» seria seguida por um grande numero de pessoas. Nesse caso Bismark deixaria o imperador escolher entre a sua demissão ou a dissolução da camara.

Paris 18—O embaixador da Russia remetteu ao presidente da republica uma carta autographa do Czar, indicando que as relações entre os dois paizes são cordiaes.

Berlin 18—O conselho federal decidiu que o capital do banco nacional seja elevado a 40 milhões de thalers.

Roma 18—Os jornaes mais moderados demonstram a necessidade do governo tomar medidas excepcionaes para conservação da segurança publica.

Os jornaes da opposição publicam artigos combatendo essa ideia.

Versailles 18—N'uma reunião do centro esquerdo, á qual assistiram Dufaure, Casimir Perier e outros chefes moderados, foi decidido por unanimidade que seria recusado o seu voto á lei sobre o senado.

Na sessão da assembleia está tratando-se da situação de Alger relativamente á suppressão das capitulações no Egypto. O duque Decazes declara á assembléa que apresentará na proxima semana a convenção conhecida entre o Khedive e o consul francez, para a assembleia a ratificar.

Berlin 18—Corre que o imperador recusou aceitar a demissão do principe de Bismark.

Londres 18—Noticias recebidas da Havana certificam que se não crê alli que os Estados Unidos venham intervir nos negocios de Hespanha; os jornaes todavia aconselham o governo a tomar em todo o caso as providencias que se consideram indispensaveis.

Londres 18—Tem preocupado bastante a opinião publica a organisação da esquadra allemã couraçada.

Um dos membros do parlamento bravemente proporá o augmento da marinha ingleza.

Romania 18—O ministro das finanças apresentou á camara uma proposta para que os dominios do estado sejam vendidos, logo que, pelo producto da sua venda, se possa realisar a somma de dez mil florins.

A proposta foi enviada á commissão encarregada do orçamento.

Londres 19—O vapor «Japão» de Yokohama, queimou-se proximo a Hong-Kong no dia 17 do corrente. Houve muitas victimas.

Paris 20—Na commissão especial encarregada de examinar o projecto do ensino livre relativamente á faculdade de se conferirem os graus universitarios, ha 7 votos pró e 7 contra. As esquerdas são de parecer que se deve reservar este direito ao estado.

S. Petersburgo 18—O theatro Kazan foi completamente destruido por um grande incendio. Activam-se os preparativos para desenvolver em grande escala as operações contra os turcomanos.

Roma, 19—Minghetti declarou que as suas intenções têem sido procurar estabelecer o equilibrio do orçamento, para depois inaugurar importantes reformas. O parlamento approvou o orçamento por 188 votos contra 62. Varias commissões adoptaram as providencias que haviam sido apresentadas para manter a segurança publica. O rei deve partir para Napoles no principio de Janeiro.

Constantinopla 19—Tem sido muito repetidas as alterações ministeriaes.

Madrid 19—Tem-se manifestado grande terror nas povoações do baixo Aragão. Os facciosos têem aprisionado muitas familias liberaes, das quaes algumas pertencem á officialidade do exercito. D'aquellas povoações repetem-se os pedidos dirigidos ao governo, para que multiplique os seus esforços. O general Loma já se levanta.

Madrid 20—Annuncia-se para breve a chegada do representante de Portugal nesta côrte. Diz-se que parte ámanhã o secretario da legação. Chegou a Madrid o official enviado pelo governo francez para assistir ás operações do norte. Sairão ámanhã para Cuba 1000 homens.

Madrid 20—A rectaguarda commandada por Weyler foi atacada quando tentava passar a ponte do rio Cardona. Os carlistas tiveram 136 mortos e 100 desertores, e as tropas do governo 2 mortos e 29 feridos.

Madrid 19—Continuam grandes nevadas no norte. Moriones continua em Olite. Diz a «Correspondencia» que a brigada Buban teve um recontro com os carlistas, causando-lhes grandes perdas. Faltam promenores.

Berlim 19—O tribunal condemnou Arnim a tres mezes de prisão.

SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha da *Saude*,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Saude a todos pela deliciosa *Revalescière* Du Barry que cura as indigestões (dyspepsias), gastrica, gastralgia, fleugmas, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal nos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro, e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow e da exm.ª sr.ª marqueza de Brehan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Cura 72.448 Cadiz 3 de Junho de 1868

Não posso fazer menos de ministrar a vv. s.as os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revalescière* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinaes, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual o distingue o seu attento venerador—VICENTE MOYANO;

Cura 69:718 Ticheville (Orne) 20 Março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalescière*; tenho-a administrado a varias pessoas, as quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo naquelles que padeciam de hydropesia. Tres destes curaram completamente.—A tosse produzida por uma constipação desappareceu instantaneamente e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina e das molestias de estomago, afastando de qualquer individuo a hypocondria. PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutitiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalesclère chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus e em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.a— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.a**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa,** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos, pharm.; pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm., Carvalho e Castro, pharm., José Duarte, mercearia, praça de S. Bartholomeu, José Monteiro Cortez da Gama, Rua do Visconde da Luz, 31.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm.— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. =GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. =PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

Rogamos aos srs. assignantes do *Conimbricense*, que estão em debito das suas assignaturas, o favor de mandarem satisfazer a sua importancia, o que desde já muito lhes agradecemos.

Dantas Guimarães

24—Rua do Visconde da Luz—30

1 NESTE ESTABELECIMENTO se encontram bons chales-mantas, para homem, a 5$000 rs., bons cobertores de lã e de algodão de 1$300 rs. para cima; bons velludos cor de castanho e pretos de 1$050 a 1$400 rs. o metro; boas camisolas para homem a 300 e 360 rs.; meias e piugas para senhora a 100 rs. o par; mantas de seda, largas a 180 rs.; boas lãs para vestido a 200 rs. o metro.

Machinas de Costura

2 EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO, na Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas do systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA

3 DOMINGO, 27 do corrente, pelas nove horas prefixas da manhã, continua a discussão da reforma dos estatutos; funccionando a assemblea com qualquer numero de socios presentes áquella hora.

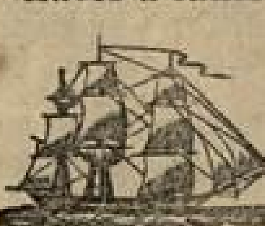
Coimbra, 20 de Dezembro de 1874.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o Rio de Janeiro

Galera=ADAMASTOR=em 9 de Janeiro de 1875.

Para o Maranhão com escala pelo Ceará

Barca=MARIA CAROLINA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

Desenho

5 A. A. GONÇALVES, abre brevemente um curso de desenho, exclusivamente destinado ás artes. As horas d'aula serão estabelecidas em harmonia com o tempo que o artista diariamente dedica ao seu trabalho.

Rua do Correio, n.º 77.

6 A 80 REIS !!—Uma elegante caixa de folha de metal, propria para bolço, com 150 fosforos de cera.

Fonseca

72—Rua da Calçada—76

Aos srs. barbeiros

7 EXCELLENTES pedras para afiar navalhas para barba.

NAVALHAS de qualidade garantida, para barbear, que pela sua tempera dispensam a pedra de amollar. A' venda na loja

Fonseca

72—Rua de Calçada—76

J. P. G. PAIVA



CIRURGIÃO DENTISTA, offerece o seu gabinete dental, rua da Calçada, n.º 82, 1.º andar, esquina ao Arco d'Almedina, a todas as pessoas que necessitem utilisar-se dos seus conhecimentos sobre a protesis dentaria; pondo em conhecimento do illustrado publico os preços seguintes:

PREÇOS DOS DENTES ARTIFICIAES

Desde 3$000 a 6$000 reis cada dente. —Elixir odontalgico para dôr de dentes 500 reis, frasco.—Pos mineraes para branquear os dentes 200 rs., caixa.—Extracção de um dente desde 240 a 1$000 rs.—Limpeza de dentes desde 500 a 2$000 rs.—Empaste desde 500 a 2$000 rs.

JORNADAS

POR

Thomaz Ribeiro

(2.ª PARTE

ENTRE PALMEIRAS

Um lindo volume de 350 paginas.—Preço 600 rs.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 rs. em sellos.

Livraria Central de José Diogo Pires—9, Largo da Sé Velha, 10.

10 PASTILHAS BRILHANTES para dar lustro nas camisas e collarinhos.

Vendem-se na loja

Fonseca

72—Rua da Calçada—76

Substitutos a militares

11 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

12 O COZINHEIRO COMPLETO, ou nova arte de cozinheiro, copeiro, confeiteiro e licorista em todos os seus generos, precedido do methodo para trinchar e servir bem á mesa, contendo as mais modernas e exquisitas receitas para com perfeição se prepararem differentes sopas e variadissimos manjares, e o modo de fazer massas, doces e compotas, ornado com gravuras explicativas. Nóna edição, correcta e consideravelmente augmentada com muitas receitas uteis á cozinha, e a maneira de fazer varios licores e vinhos generosos, muitas receitas pertencentes á arte de confeiteiro, e um curioso e util additamento.

Vende-se em Lisboa na loja do editor J. J. Bordallo, rua Augusta, n.º 24 a 26.—Preço 600 reis.

THE LIVERPOOL AND AMAZON

Rayl Mayl Steam Ship Company Limited

Tabella de passageiros da navegação directa entre Lisboa e Manaos.

	1.ª classe	2.ª classe
Pará	90$000	36$000
Manaos	126$000	45$000

Espera-se de Liverpool o vapor=**Amazonas**=e depois da indispensavel demora seguira para os portos acima. Tambem se espera o vapor= **Orthugraphado.** Tracta-se na Figueira com o sr. Antonio Vieira; e em Lisboa, com os srs. José Joaquim das Neves & F.os.

Attenção

14 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

SUBSTITUIÇÕES MILITARES

15 F. M. ALVIM encarrega-se de fazer substituir qualquer praça nos corpos das guarnições de Lisboa e Elvas. Escriptorio, Lisboa, rua de Santo Antão, n.º 15, 2.º.

DOCTOR IN ABSENTIA

16 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

17 JULIANA PARA SOPA, 125 grammas 80 reis—*Pó anti-asthmatico*, a 1$200 a caixa—*Pós dentifricos de coral* a 80 rs. a caixa—*Iniciaes em relevo* para marcar papel de cartas e enveloppes, a 160 rs. a caixa—*Pastas de oleado* a 320 rs.—*Estereoscopos* a 1$100 rs.—*Photographias* de Coimbra, para estereoscopo, a 200 rs.—*Tinta* para marcar roupa a 180 e 500 rs.—*Carteiras* com *porte monnaie* e estojo, a 1$600 rs.—*Relogios* suissos (de parede) a 1$600 rs.—Ditos com despertador a 2$500 rs.—*Badines* a 500 e 600 reis—*Relogios* de algibeira, de ouro, prata e bronze d'aluminium—*Cadeias* de metal branco a 600 rs.—*Medalhas* de metal branco a 720 reis—Ditas com pedra a 1$000 rs.—*Pennas* inglezas—*Papel* para cartas—*Tinta* para escrever—*Papel* para facturas—*Lapis* de escriptorio a 10 e 20 rs.—Ditos de desenho a 40 rs. —*Papel de Desenho*—*Reguas*—*Esquadros*—*Nankin*—*Carvão Faber*—*Esfuminhos.*

Livraria Academica

183—Rua da Calçada—185

18 NO ATELIER DE COSTURA, de Margarida de Jesus Cardoso, do largo das Tanoarias, n.º 2, proximo das Ameias, nesta cidade, fazem-se chapeus, capas, vestidos e mais adornos para senhoras, tudo conforme os ultimos figurinos que chegáram.

Tambem se vestem anjos para as procissões, havendo para isso novo e elegante vestuario, que egualmente se aluga para fóra.

No mesmo *atelier* fazem-se banquetas de ramos e flores soltas, assim como grinaldas, pulseiras, collares e mais enfeites para as pessoas do sexo feminino fallecidas.

NUMERO 2861 SABBADO 26 DE DEZEMBRO DE 1874 ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

OS PAROCHOS

Uma das classes mais respeitaveis da sociedade, é sem duvida a dos curas de almas. Desde o nascimento; nas differentes phases da vida; e até ao terminar a existencia, encontra sempre o christão ao seu lado, esse homem evangelico—o parocho. D'elle recebe os sacramentos da egreja; a elle se soccorre nas suas afflicções; e aos seus conselhos e direcção esclarecida deve muitas vezes o seu bem estar.

Tanto de dia, como nas horas da noute em que todos repousam, está sempre prompto o parocho para acudir ao enfermo e praticar todos os actos a que o chamam os seus deveres.

Um bom parocho é uma grande ventura para os habitantes da freguezia, entregue aos seus cuidados e desvelos. E é tal a sua influencia, que em regra, principalmente nas freguezias ruraes, pelo regular, ou irregular comportamento dos parochianos, se póde ajuizar dos costumes e procedimento do seu pastor.

Quem, portanto, bem avaliar os serviços destes ecclesiasticos, é que poderá conhecer qual a injustiça com que elles são tratados, e a insignificancia da congrua que recebem.

E' certo, que a alguns parochos está arbitrada uma congrua que lhes chega para a sua decente subsistencia; mas a grande maioria tem uma dotação tão exigua, que com a maior difficuldade podem satisfazer ao indispensavel alimento, ao seu vestuario, e a todas as mais despezas a que estão naturalmente sujeitos.

O artigo 4.º da carta de lei de 8 de Novembro de 1841, determinou que ficariam durando os ultimos arbitramentos feitos pelas respectivas juntas, em quanto por lei geral não fosse regulada a dotação do clero.

Foram esses arbitramentos feitos ha mais de 33 annos, em uma epocha em que as subsistencias estavam por menos de metade do que o preço actual; e comtudo a congrua é ainda hoje a mesma!

Muitas vezes se tem fallado na dotação do clero. Quando se trata de uma luta eleitoral, não falta quem por especulação politica prometta attender em côrtes a esta classe tão digna de toda a contemplação; mas chegados ao parlamento, ou ás cadeiras do ministerio, esquecem-se logo de todas as suas promessas, e assim vae continuando este deploravel estado de cousas.

Diz-se agora que no proximo parlamento se apresentará uma lei de dotação do clero. Veremos que tal ella é, e estimaremos que não aconteça com esta, o que tem acontecido com outras reformas, que tem sido mais prejudiciaes do que vantajosas.

Variam as opiniões, se é mais conveniente que a congrua dos parochos seja satisfeita pelo thesouro publico, ou pelos parochianos directamente.

A paga pelo estado é combatida por dois partidos, totalmente oppostos em ideias politicas e religiosas. Uns reprovam o pagamento pelo thesouro, por não quererem que os parochos sejam considerados como empregados publicos, resultando assim, que, perdendo a sua independencia, venham a ficar á mercê das exigencias dos differentes governos. Outros combatem egualmente essa forma de pagamento, porque pugnando pela liberdade de cultos, entendem que não é o estado que deve pagar aos parochos, mas sim os individuos da religião a que elles pertençam.

Entre estes dois extremos ha quem prefira a paga pelo thesouro, para livrar os parochos da dependencia em que se vêem constantemente dos seus parochianos para o recebimento da congrua; porque, ou por contemplação e desejarem evitar desintelligencias, hão de prescindir de exigir o integral pagamento das quotas arbitradas; ou no caso contrario, para receberem aquillo a que têem incontestavel direito, terão de ficar sujeitos a malquerenças, sempre lamentaveis.

Seja, porem, como fôr; quer o pagamento seja pelo estado, quer pelos parochianos; o que é manifesto, é que as congruas na sua grande maioria não podem continuar como estão.

Se queremos, como de certo a nação portugueza quer, o culto catholico; é mister sustentar condignamente os ministros desse culto

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Consta-nos que pelo ministerio das obras publicas, em execução da carta de lei de 30 de Março de 1861, se mandara applicar no actual anno economico, a quantia de 600$000 reis, á restauração e reparos da egreja de Santa Cruz desta cidade.

Tendo numerosas vezes instado no *Conimbricense* pelo cumprimento deste rigoroso dever do ministerio das obras publicas; folgamos, porisso, que a lei deixasse emfim de ser letra morta.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXXIII

O intendente Pina Manique e os lentes Navarros

Publicamos hoje dois famosos documentos. O primeiro é um aviso do ministro do reino, José de Seabra da Silva, dirigido em 29 de Janeiro de 1798 ao reitor reformador da Universidade, o principal Francisco Rafael de Castro; e o segundo é um officio do intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique, dirigido em 14 de Fevereiro immediato, ao referido ministro do reino.

A policia municipal em Coimbra era feita por tal modo naquella epocha, que se consentia que andassem correndo pelas ruas um numero immenso de porcos, os quaes eram recolhidos á noute nas habitações de seus donos; e d'ahi resultava o ser tanta a immundicie, que se chegou a recear o desenvolvimento de uma grande epidemia.

Em consequencia de uma representação feita por muitos habitantes da cidade, ordenou o intendente Pina Manique ao provedor da comarca de Coimbra, que convocasse na casa da camara doze cidadãos que tivessem servido nella, e cinco medicos dos mais habeis, para darem o seu parecer a este respeito.

Entre outros medicos, foram pelo provedor convocados os dois lentes de Medicina, João de Campos Navarro e Joaquim Navarro de Andrade. Estes, porém, fundando-se nos privilegios da Universidade, recusaram-se a cumprir a ordem recebida.

O provedor não queria reconhecer esses privilegios, em razão dos Navarros exercerem publicamente a clinica; e chegou a ameaçal-os com a prisão.

Os lentes Navarros trataram de se desafrontar, e em seu nome e no da Universidade, dirigiu o principal Castro uma queixa ao ministro do reino. Deu José de Seabra plena satisfação ao reitor da Universidade, no aviso que abaixo publicamos; mas julgando-se com isso gravemente offendido o intendente geral da policia, Pina Manique, dirigiu ao ministro do reino o curiosissimo officio que tambem hoje inserimos neste folhetim.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Exm.º e revm.º sr.—Para mais completa satisfação de v. ex.ª fiz presente a sua magestade a representação verbal, que v. ex.ª me fez hontem, provada com as tres copias das contas dos lentes Navarros, e do vice-reitor da Universidade, a respeito do procedimento insolito, estranho, e punivel do provedor da comarca de Coimbra, que se adiantou a insinuar mysteriosos, e duros procedimentos, e até o de prisão na cadeia publica, contra dois lentes da mesma Universidade, sem consideração ao corpo academico, de que são membros, nem ao reformador reitor, a quem unicamente são subordinados.

A ordem publica decidia sem necessidade de o fazer presente a sua magestade, que eu mesmo de officio informasse e insinuasse a v. ex.ª o seguinte:

1.º Que a intenção do intendente da policia, affectada nesta pendencia, não pode deixar de ser introduzida por surpreza: porque o intendente da policia, grande magistrado, exacto, e respeitavel, sabe muito bem que não tem nem faculdades, nem auctoridade para se intrometter na policia civil, e economico-municipal, que pertence ás camaras, e por recurso dellas á mesa do desembargado do paço; quando essa policia é de outra importancia, que não é a da presente questão, que passa a ser insipida, e fastidiosa.

2.º Que quando houvesse faculdade, e competencia, ou no magistrado da policia, ou de qualquer tribunal supremo, ou auctoridade constituida; nunca se entende, que pode chegar-se á execução sem precederem as normas usuaes, estabelecidas, e proprias, como são, e deviam ser neste caso participar antes aos chefes do corpo academico pelos meios legitimos, o que se pretende de algum, ou alguns dos membros do corpo academico, sendo aliás publico e notorio que o modo de isto se praticar, é ou precedendo uma carta regia assignada por sua magestade ao reitor, ou ao corpo academico, ou um aviso expedido em nome da mesma senhora pela secretaria d'estado conforme as circumstancias.

3.º E em taes circumstancias, depois de sua magestade mandar prevenir o intendente da policia, que se achou gravemente molesto: é servida ordenar, que v. ex.ª communicando este á Universidade, insinue que a mesma senhora approva tudo o que os lentes Navarros tem obrado; que estranha, e reprova os incompetentes, e adiantados passos do provedor; que assim se lhe participe a elle provedor para sua intelligencia; e no caso inesperado que elle confiado nas ordens, que diz ter, se propozer em cumprimento dellas a prender qualquer official da Universidade, pode dizer-se, que se exporá a si mesmo a ser conduzido pelo conservador da Universidade á prisão academica.

Palacio de Queluz, em 29 de Janeiro de 1798—Exm.º e revm.º sr. principal Castro, reformador reitor da Universidade.— *José de Seabra da Silva.*

Illm.º e exm.º sr.— A' minha presença chega uma copia das muitas que se tem espalhado em Lisboa, de um aviso, que v. ex.ª expediu ao principal Castro, reformador reitor da Universidade de Coimbra, em o qual vejo arguido o provedor da mesma cidade, por eu o ter encarregado de averiguar os factos expostos em uma representação, que me fizeram alguns habitantes da Praça e ruas do bairro baixo da referida cidade de Coimbra, de verem as suas casas atacadas de malignas e febres podres, por causa de grande quantidade de porcos, que andam vagos pela ru-

Achamo-nos agora de accordo com o nosso illustrado collega do *Jornal da Noite*.

Respondendo em o seu numero de quinta feira, aos reparos que ha dias fizemos, ácerca da sua opinião—de se dever eliminar do orçamento do ministerio do reino a verba destinada á impressão de livros—termina o seu artigo dizendo o seguinte:

«Assim mesmo é bom que no ministerio do reino haja a verba para auxiliar as publicações uteis; mas seria conveniente que, não havendo obras com esse requisito, fosse auctorisado o governo a tirar d'essa quantia mesadas para estudantes pobres pelo modo que indicamos.»

De certo: não havendo livros uteis a proteger, nada mais justo do que applicar essa verba a estudantes pobres; mas havendo-os, não se deve riscar do orçamento a verba respectiva—e era essa a nossa opinião, em discordancia com o esclarecido collega.

Agora, porem, estamos de accordo.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Em o numero do *Conimbricense* de 19 do corrente, noticiamos que na reunião da assemblea geral da Associação dos Artistas de Coimbra, que tivera logar no dia 13, o digno presidente da sociedade o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, havia communicado á mesma assemblea, que o sr. marquez de Sá da Bandeira se dignara honrar a Associação dos Artistas com a offerta do seu busto; e que sob proposta do mesmo presidente, fôra approvado por unanimidade, que se lançasse na acta um voto de agradecimento ao sr. marquez de Sá, por esta distincção.

A noticia que publicámos foi transcripta pelo *Jornal da Noite*, o qual no dia immediato áquelle em que fez essa transcripção, disse o seguinte:

«Transcrevemos hontem do *Conimbricense* a noticia de que o sr. marquez de Sá da Bandeira offerecera á associação dos artistas de Coimbra o seu busto ornado com uma corôa de louro, mas soubemos hoje que não é exacta.

«O sr. marquez de Sá não offereceu nenhum busto, nem podia realisar-se a supposta offerta, porque ao proprio illustre general não consta que exista busto algum, laureado ou não laureado, que o represente.»

Extranhos completamente como somos, tanto á affirmativa da offerta, como á negativa do *Jornal da Noite*; cumpre-nos comtudo declarar, que confirmámos da maneira a mais positiva, a narração que fizemos do occorrido na assemblea geral da Associação dos Artistas de Coimbra.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

COMMUNICADO.

Sr. Redactor.—Rogamos a v. o especial obsequio de dar publicidade no seu jornal á inclusa acta, pelo que lhes ficam extremamente agradecidos os

De v., etc.

Coimbra, 22 de Dezembro de 1874.

Antonio Luiz de Teixeira Machado
José da Costa Bonança
Mathias Cypriano Pereira Heitor de Macedo
José Joaquim Fernandes Vaz.

Os abaixo assignados, encarregados de apreciar uma pendencia de honra entre os exm.os srs. Raul Mesnier de Ponsard e o dr. Antonio Ferreira d'Abreu Pinto, motivada pelos deploraveis acontecimentos involuntariamente occorridos na estrada da Beira na tarde do dia 20 do corrente, reconhecendo que taes acontecimentos provieram da natural excitação e sobresalto que fatalmente produz o espectaculo de um desastre imminente, e convencidos por isso de que qualquer grito espontaneo e irreflectido de indignação, e ainda de reparo, por impericia, bem como o modo menos adequado por que fôra pedida satisfação pelas expressões reputadas insultuosas, foram actos inteiramente involuntarios, instinctivos, e sem animo ou proposito algum de offensa de parte a parte; e, quanto ao ulterior procedimento do exm.º sr. dr. Antonio Ferreira de Abreu Pinto, sendo certo que, se elle tem desculpa na ameaça que lhe pareceu involverem as expressões com que o exm.º sr. Raul Mesnier de Ponsard tivera intenção de significar apenas uma simples exigencia de satisfação honrosa, e sobre tudo na continuação do mesmo estado de excitação de espirito, não póde todavia deixar de considerar-se como um excesso involuntario da parte do mesmo exm.º sr. dr. Pinto, que este logo depois da occorrencia confessou, e de que pediu desculpa aos seus companheiros de passeio, dando-lhes todas as satisfações, excesso involuntario que ainda agora, como cavalheiro que é, reconhece, e de que não duvida dar todas as satisfações devidas ao brio do cavalheiro involuntariamente offendido, o qual não conhecia, com quem não tinha precedentes alguns, e a quem não offenderia sem o estado anormal em que estava, e quando melhor podesse avaliar o que tomára por provocação e ameaça, entendemos que, sendo esta a verdade dos factos, dadas estas explicações e satisfações, e considerada a involuntariedade e não intencionalidade em todos os acontecimentos, se deve considerar definitivamente resolvida por este modo a pendencia, sem quebra de dignidade para nenhum dos cavalheiros involvidos n'ella. E para constar se lavrou a presente acta, que vae ser por nós todos assignada.

Coimbra, 22 de Dezembro de 1874.

Antonio Luiz de Teixeira Machado
José da Costa Bonança
Mathias Cypriano Pereira Heitor de Macedo
José Joaquim Fernandes Vaz.

NECROLOGIO

Mais uma morte !!... Mais uma lousa tumular escondendo um cidadão virtuoso e caritativo !!... Mais uma familia envolta em negros crepes, soltando abafados gritos de profunda dôr !!....

Aprouve á Divindade que o anjo de exterminio, adejando sobre a cabeça de uma preciosa existencia, a roubasse aos que tanto a amavam e estremeciam !!....

Estava decretado pelo Eterno que a ampulheta da vida coasse, no fatal dia 19 do corrente, o ultimo instante do antigo capitão de milicias, o illm.º sr. Manoel Pessoa da Fonseca, da Porcariça !!....

Meu Deus !! A que terrivel condição sujeitaste a humanidade inteira !!... Como são insondaveis os teus decretos !!.......

Quem diria que, vendo-o ha poucos dias, apesar dos seus 79 annos, cheio de vigor e robustez, que em tão curto espaço, o tufão destruidor, zombando dos recursos da medicina, habilmente ministrados, e dos desvelos de uma familia carinhosa, o arremeçaria ao seio da eternidade !!... E' assim o mundo !!.....

O elogio de suas virtudes lia-se nos olhos d'esse numeroso concurso de pobres, que o acompanhou á sua ultima morada, soltando agudos lamentos, por ver fugir para traz do tumulo aquelle que lhes servia de abrigo nas maiores necessidades !!....

Porém hoje que nos resta ?!.... Enviar ao Todo Poderoso uma ferverosa prece, para que dê ao illustre finado um logar na mansão dos justos, e a seus extremosos filhos, a quem tanto devemos, a necessaria resignação para supportar tão duro golpe.

21 de Dezembro de 1874.

João Ferreira Pinto de Figueiredo.

NOTICIARIO

Mais familiares da Inquisição de Coimbra.—Um nosso amigo nos escreveu em data de 22 do corrente o seguinte:

«Amigo e sr. Martins de Carvalho—A diversa publicada no *Conimbricense* de sabbado ácerca da nomeação de um familiar da Inquisição, obriga-me a remetter-lhe mais breve do que tencionava, os dous inclusos pergaminhos sobre o mesmo objecto, os quaes ha muito tenho destinados para serem reunidos ás suas collecções de antiguidades.

«Queria todavia enviar-lhos com duas provisões de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, sendo uma toda escripta pelo bom do arcebispo, e que tenho envolvidas com outros muitos papeis velhos, donde as hei de desenterrar, e remetter-lh'as.»

As duas cartas de familiar da Inquisição que recebemos, são de bom pergaminho, e estão bem conservadas, principalmente uma d'ellas. Tem ambas as competentes caixinhas de madeira preta, presas ao pergaminho por fitas verdes, e contendo dentro o sello da Inquisição em lacre encarnado. No lacre está em relevo uma cruz, e em volta as palavras—IN HOC SIGNO VINCES.

Agradecemos ao nosso amigo esta offerta, que temos em muito apreço; e antecipamo-nos desde já a agradecer-lhe as provisões de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, e sobretudo o original do illustre arcebispo de Braga.

A primeira das cartas de familiar da Inquisição de Coimbra, é passada por — *Os do conselho geral do Santo Officio contra a heretica pravidade e apostasia nestes reinos e senhorios de Portugal*—a favor de Luiz Teixeira, casado com Maria de Sousa, natural da villa de Ancião, e morador na cidade de Coimbra.

E' dada em Lisboa aos 12 dias do mez de Julho de 1707; sobrescripta por Joseph Coelho, secretario do conselho geral; e assignada pelos membros do conselho, João Carneiro de Moraes, João Moniz da Silva, Pedro Hasse de Belem, Antonio Monteiro Paim, João Duarte Ribeiro, Luiz Alvares da Rocha, e Fr. Domingos da Encarnação.

A segunda carta de familiar da Inquisição de Coimbra, é passada por *Nuno da Cunha, presbytero cardeal da Igreja de Roma, do titulo de Santa Anastasia, inquisidor geral nestes reinos e senhorios de Portugal, do conselho de estado de el rey meu senhor*—a favor do Dr. Antonio de Andrade do Amaral, oppositor ás cadeiras de Leis na Universidade de Coimbra, solteiro, filho de João de Lima, natural e morador na cidade de Vizeu.

E' dada em Lisboa occidental, aos 25 dias do mez de Maio de 1728. Está sobrescripta por Jacome Esteves Nogueira, secretario do conselho geral, e assignada por— *N. cardeal da Cunha.*

Despacho.— O sr. Antonio Nunes de Oliveira foi promovido á propriedade da cadeira de ensino primario da Cerdeira, concelho de Arganil.

Missa do gallo.—Neste anno, assim como já nos anteriores, foi magnifica a funcção da noute de Natal, na sé cathedral desta cidade.

Aquelle magestoso templo estava muito bem ornado, sendo brilhante a illuminação.

Houve matinas, e em seguida missa de pontifical.

A musica, a grande instrumental, era do sr. conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro, já bem conhecido pelas suas excellentes producções.

Houve muito grande concorrencia de fieis, reinando sempre a melhor ordem.

O exm.º sr. bispo conde não se poupa a diligencias para que esta festa seja feita com todo o explendor.

Fallecimento.—O digno par do reino o sr. Miguel Osorio Cabral acaba de passar por uma dura provação. Depois de dolorosa e prolongada doença, falleceu sua sobrinha a exm.ª sr.ª D. Maria do O' de Alarcão Vellasques Sarmento.

Sabendo quanto o sr. Miguel Osorio estremecia a illustre fallecida, damos-lhe por isso os mais sentidos pezames.

98 annos.— Na terça feira recebeu o sagrado Viatico a sr.ª Theresa Perpetua, moradora na Couraça dos Apostolos, desta cidade, mãe do sr. Albino da Conceição Alves, e avó do sr. José Albino da Conceição, empregado na secretaria da Universidade.

A sr.ª Theresa Perpetua nasceu na freguezia de Santa Cruz desta cidade, no dia 5 de Novembro de 1776. Portanto, hoje, que ainda vive, tem 98 annos e 51 dias de existencia !

Quando falleceu el-rei D. José, já tinha 3 mezes e 19 dias; e quando Massena invadiu Portugal em 1810, tinha perto de 34 annos !

Ainda ha meio anno ia todos os dias ouvir missa á sé cathedral; e mesmo agora no estado em que se acha, ouve perfeitamente.

Beneficencia—Consta-nos que o Grande Oriente Lusitano mandara a quantia de 20$000 rs. para ajuda da educação da filha do fallecido Arsene Hayes.

Despachos.— Consta-nos que na quinta feira foram assignados os decretos, que nomeam substitutos ordinarios da Faculdade de Direito, os srs. Drs. Avelino Augusto Cesar Maria Calisto e José Pereira de Paiva Pitta.

Poesia.— Recebemos e muito agradecem=*A cruz no monte, por Annibal Augusto Pereira. Offerecida ao seu amigo M. J. C. Martha, e por este recitada no theatro Recreio Juvenil de Ançã, em a noute de 17 de Dezembro de 1874.*

Apprehensão de armas para os carlistas.—O *Diario de Noticias* do correio de hontem diz o seguinte:

«Acerca das diligencias empregadas para a apprehensão do armamento com destino aos carlistas, temos os seguintes promenores.

O governo tivera noticia que nas proximidades de Penamacor se achava escondida certa porção de armamentos, correame, etc., consignada á ordem de tres hespanhoes residentes em Lisboa e tidos como agentes carlistas. Vigiados esses individuos, soube-se que elles tomaram a 21 do proximo passado mez bilhetes no caminho de ferro de leste.

A policia seguiu-os até Penamacor. D'ahi voltaram dois dos hespanhoes com destino á Covilhã, e um que se dizia coronel, tornou acompanhado por um portuguez de Casegas, para aldeia da Dona, a uma legua da Aldeia da Ponte.

Ahi o agente de policia soube logo da existencia de mais um deposito de armas que, por denuncia dada pelo proprio depositario á auctoridade superior do districto, seria entregue, para o que muito contribuiu o sr. alferes do 9, Martins de Carvalho; mas na vespera do dia designado para a entrega, appareceu o director da alfandega da Aldeia da Ponte, á frente de uma força de guardas da fiscalisação e de infanteria que está destacada no Sabugal, fez desenterrar as armas, o que parece ao nosso informador, foi o sufficiente para dar signal de alarme aos implicados, desapparecendo dois dos principes.

Avisado disto o coronel Salgado, que andava no auxilio á diligencia, com 40 cavallos do 8, dirigiu-se rapidamente para aquelle logar; formou conselho com o tenente coronel do 12 e commandante da força, que guarnece a fronteira, e inquiriu testemunhas.

Estas, segundo ainda nos informa o nosso correspondente, divagaram nas suas informações e até algumas se accusaram, de sorte que estão presos os srs. Francisco de Pina, Rosa Cunha, um irmão do sr. padre João da Madre de Deus, um outro desta e um outro individuo. As auctoridades proseguem para apprehenderem o padre João Porfirio e os seus companheiros.»

Noticias estrangeiras.— As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 22—A noite passada, pelas 11 horas, as facções carlistas atacaram as tropas do brigadeiro La Guardia.

Depois de aturado fogo, as facções dispersaram-se, fugindo ante os reforços do exercito que chegara, e deixando no campo 15 soldados mortos e muitos feridos.

Da brigada morreram 4 soldados e ficaram feridos 28.

Paris, 22—Espera-se ámanhã o marechal Mac-Mahon, que vem passar em Paris durante o tempo das ferias parlamentares.

Madrid, 22—Castellar visitou Topete.

Chegou a La Guardia o comboio, que conduzia as forças destinadas a render a guarnição daquella praça.

New-York 22—A circulação fiduciaria começará em 1879, substituindo a moeda em prata o papel moeda actualmente em circulação.

Cataró, 22—Caiu hontem um raio n'um deposito de polvora, causando uma explosão espantosa.

Calcula-se em duzentas o numero das pessoas que foram victimas, ficando umas mortas e outras feridas.

Kiel, 22—O canal do Sleswig-Holstein acha-se completamente obstruido pelos gelos.

S. Petersburgo, 22—O governo acaba de enviar uma circular a todos os governos das outras nações, fixando a data da conferencia internacional.

Paris, 22—A'manhã os centros da esquerda deverão interpellar o ministro dos negocios da justiça, sobre o processo da junta do «Appello ao povo.»

Continua a ser energicamente discutido o projecto tendente a melhorar a instrucção publica.

Madrid 28—O commandante Campruhi abriu caminho por entre as facções carlistas de Huguet, dando-lhes uma carga de bayoneta; retirou-se depois em boa ordem, soffrendo a perda de tres soldados que foram mortos, e seis que ficaram feridos.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

Rogamos aos srs. assignantes do *Conimbricense*, que estão em debito das suas assignaturas, o favor de mandarem satisfazer a sua importancia, o que desde já muito lhes agradecemos.

ma cidade, e os recolhiam de noute em casas, cujos visinhos vinham a pôr-se nas tristes circumstancias de soffrerem as sobreditas molestias, procedidas do mau cheiro, que exhalavam as mesmas casas; e que tendo requerido ao juiz de fóra da dita cidade, este lhes não dava providencia á consternação, e triste situação em que se achavam, continuando cada vez mais a grassar em maior tropel estes animaes pela cidade, e por consequencia a augmentar o mal.

Lembrando-me que no § 1.º da lei da creação deste logar, que tenho a honra de reger, de 25 de Junho de 1760, me confere Sua Magestade uma jurisdicção illimitada na materia da policia sobre os ministros criminaes, e civis; quem diria que a saude publica, e a conservação das calçadas não são objecto da policia ?!

E' certo que Sua Magestade tem confiado alguns, que pertencem á policia, a diversos corpos, como são ás camaras, á real junta do commercio, ao senado da camara, ao proto medicato, á mesa do desembargo do paço, e ao santo officio. Mas pela creação deste logar do intendente da policia, se lhe não coarctou o desempenho das obrigações a que está adstricta a policia em geral, em que se comprehende a conservação da saude publica, e em não consentir, que se façam violencias aos fieis vassallos de Sua Magestade.

No decurso de 18 annos, que tenho a distincta honra de reger este logar, jámais duvidou alguem da illimitada jurisdicção delle nos objectos de policia, e em uma occasião na casa de v. ex.ª a S. Sebastião, dizendo-me v. ex.ª incidentemente, que havia minutado a lei da policia, e que isto se limitava sómente ao crime, eu lhe respondi que então a lei não tinha o seu proprio nome, porque logo que se limitasse sómente ao crime, não era intendente da policia, mas sim intendente criminal, adiantando-me tambem a dizer a v. ex.ª que mostraria, se devia eu entender que me competiam os objectos da policia, sem que offendesse aos corpos, a que estava confiada a sua execução.

Para assim o cumprir devo dizer a v. ex.ª =fiz prender por um dos meus commissarios um escrivão dos auditorios de Chaves, que andava com o habito de frade franciscano, dizendo missa, sem ter ordens, pelos auditorios desta côrte, sendo o mais frequente delles o de um inquisidor da mesa grande do santo officio; mandei auctoal-o, formei-lhe a culpa, e depois o remetti com ella ao tribunal santo da inquisição.

Constando-me de outras pessoas, que tinham espalhado papeis impios, sediciosos, e sacrilegos, os mandei prender, formar-lhes egualmente a culpa, e os remetti egualmente com ella ao sobredicto tribunal.

A um clerigo, que dizia duas missas em um só dia, mandei prender, auctoar, e remetti ao dito tribunal.

Tendo achado que alguns guardas móres da saude dos portos do mar deste reino, vendiam cartas de saude ás embarcações, que dos portos de Africa vinham para Lisboa, por estás se livrarem da quarentena que faziam, pelo receio da peste, ganhando por dinheiro estes guardas móres para declararem, que vinham deste ou daquelle porto, e occultarem que vinham da Africa; fiz prender os ditos pelos meus commissarios, auctoa-los, e os remetti ao provedor mór da saude.

Queixando-se-me uns fabricantes da villa de Moura, credores de um mercador, que se havia apresentado na real junta do commercio, de se haver este levantado com a fazenda alheia; mandei-o prender, auctoar, formei-lhe a culpa, e depois o remetti á mesma real junta, onde foi sentenciado.

Mandei egualmente prender os donos de algumas lojas de mercadoria, que tinham falsificado as medidas e pesos, auctoal-os, formar-lhes culpa, e os remetti ao senado da camara.

Mandei praticar o mesmo com uns curandeiros e boticarios que falsificavam os remedios com drogas estranhas, e outras podres, e os remetti ao proto medicato.

Agora dirá v. ex.ª se estes objectos são ou não proprios da policia, e se aquelles procedimentos offendem os corpos, a quem estão confiados estes ramos da policia, que eu exercito pela auctoridade, que me foi confiada pela lei da creação deste logar; remettendo-se-lhes os processos, assim como do mesmo modo o faço á relação, a quem remetto os reus, que perpetram delictos com seus processos.

Não sei, exm.º sr., que razão teve o principal Castro, de se queixar de mim, dizendo que eu havia transgredido na falta de observancia dos privilegios aos lentes da Universidade ! É certo, que eu ordenei ao provedor da comarca, que me informasse sobre a proposta, que me fez a camara daquella cidade, e que remetti ao dito provedor um officio, que é o da copia inclusa, sobre o objecto da saude publica ser atacada por causa da grande quantidade de porcos, que andavam vagos pelas ruas da dita cidade, e que para aquelle fim chamasse á camara doze pessoas, que tivessem servido nella, e cinco medicos dos mais habeis que tivesse a mesma cidade (sem os nomear), ordenando a estes que declarassem se era, ou não nocivo á saude publica andarem pelas ruas os ditos animaes, e recolherem-se de noute ás casas, que estavam contiguas aos ditos habitantes da referida cidade, e aquelles se prejudicavam as calçadas por onde andavam á solta.

Nomeou o dito provedor entre os cinco medicos dois, que sendo lentes curam por dinheiro, e servem o publico. É bem sabido, e constante pelas leis, e regimentos do senado da camara, que todo aquelle privilegiado, que serve o publico por dinheiro, renuncia a todos os seus privilegios, e assim o declarou sua magestade por aviso de v. ex.ª, expedido ao Santo Officio, ordenando que qualquer privilegio, que houvesse, não podesse aproveitar ao privilegiado logo que se expozesse a servir ao publico, pelo motivo, de que tendo debaixo do seu palacio uma loja de venda publica um official subalterno da inquisição, quiz este que os almotacés não fossem fazer á dita loja as suas correições, nem tivessem procedimento algum contra o seu official, dono da referida loja, chegando á mesma inquisição a querer proceder contra os almotacés, por terem quebrado os seus privilegios; e que maior razão não ha para um medico, que serve o publico por dinheiro, dever ser obrigado a executar o que ordena um magistrado superior em um objecto, em que interessa a conservação da saude publica ?!

Dando-me depois conta o referido provedor de Coimbra de que tendo nomeado, entre os cinco medicos, dois chamados Navarros, que curam por dinheiro, não quizeram ir estes assistir ao exame, que lhes tinha ordenado, protestando-se de serem lentes, e como taes não podiam ser obrigados a comparecer em acto algum judicial. Respondi ao dito ministro o que v. ex.ª verá da copia inclusa, que não os obrigava como lentes, mas sim como medicos, que serviam ao publico por dinheiro, porque logo que assim o praticam, renunciam a todos os seus privilegios, e que no caso de o não executarem, os prendesse á minha ordem, não como lentes, mas como medicos, que servem ao publico, como transgressores das ordens, que em nome de sua magestade lhes foram intimadas; que antes de executar esta ordem, procurasse civilmente ao vice-reitor da Universidade e lhe expozesse o motivo, que obrigava a ter aquelle procedimento contra aquelles dois medicos.

O vice-reitor respondeu ao provedor, que se fosse admissivel responderem elles por escripto em suas casas, lhe parecia era o mesmo, e se evitavam questões; e dando-me disto conta o dito provedor, eu lhe dei em resposta o que v. ex.ª verá no officio que lhe dirigi da copia, conformando-me com o parecer do vice-reitor.

Não foi bastante isto, que tenho referido a v. ex.ª, a fim de poupar-me ás questões desagradaveis, para me ver na triste situação, em que estou comprehendido de uma deliberação, e julgado por v. ex.ª sem me ouvir.

Não sei a razão do desmerecimento que tenho para com v. ex.ª! Deste modo, qual ha de ser o ministro, que execute as minhas ordens, vendo, que em vez de contemplados, são reus pelo fazerem ?!

Devo dizer mais a v. ex.ª, que tendo havido algumas molestias contagiosas em diversas povoações, como na villa de Ericeira, em Monte Lavar, termo de Cintra, em Vallejas, termo de Oeiras, em Carnide, Olivaes, Pedreira de Alcantara, Ponte de Rol, junto a Torres Vedras, Peniche, e outras diversas terras, nomeei medicos desta côrte, e entre estes alguns da camara de sua magestade, e da familia real, pela mesma razão de servirem ao publico por dinheiro, tendo primeiro attenção com o exm.º marquez mordomo mór, de lho participar, como fiz no caso presente ao vice-reitor da Universidade, como presidente que então era della.

Sendo outrosim obrigado a mandar fazer anatomia do cadaver de um homem, que indo pela rua dos Ourives da Prata caiu repentinamente morto, e por terem acontecido naquelle mez outras mortes semilhantes, sendo uma dellas a do principal Mascarenhas, nomeei para executar esta diligencia a maior parte dos medicos da melhor nota de Lisboa, e outros mesmo da camara de sua magestade, e da familia real, para irem assistir á dita anatomia e finalmente o anatomico Antonio de Almeida, e os mestres do hospital real de S. José: assistiram os professores ditos áquelle acto, sem se lembrarem dos seus privilegios.

E se estes, que servem a casa real immediatamente, não recorreram a elles, nem o chefe o exm.º sr. marquez mordomo mór, para se livrarem de obedecer ao que em virtude da ordem, que para este fim lhes dirigi, lhe ordenou o juiz do crime do bairro do Limoeiro hoje corregedor do bairro de Belem, foi porque conheciam por uma parte, que a causa publica o exigia, e por outra o servirem ao publico por dinheiro, os obrigou a executarem o que a policia lhes mandava, competindo só a esta ter a devida civilidade com os chefes a que respeitam, como o fiz com o vice-reitor da Universidade, o que v. ex.ª verá no sobredito officio, que dirigi ao provedor.

Pelo alvará de lei de 15 de Junho de 1780, por onde me mandou sua magestade dar em segredo umas instrucções, que não seria jámais obrigado a mostrar, ordenou aos magistrados, que cumprissem o que eu lhes ordenasse, logo que lhes diga, é das mesmas instrucções, determinando-me tambem ter espiões, que a mesma senhora entretem á custa da real fazenda, para ser informada por mim immediatamente de tudo o que for violencia, que qualquer magistrado pratique contra os seus fieis vassallos.

E que maior violencia haverá, do que não attender á representação de uns povos, que se vêem consternados com molestias epidemicas, e obrigados a soffrer a causa, que entendem ser a origem destas molestias? E não podem estes por acto repentino, e desesperado, romper no excesso desagradavel, de serem os executores de matarem pelas suas mãos os sobreditos animaes, e ainda aquellas pessoas, que pretendam embaraçar-lhes os seus designios?

Não é um dos principaes objectos da policia evitar os delictos, e informar ao principe nosso senhor immediatamente, para poder mandar advertir, e castigar aquelles magistrados, em cumprir com suas obrigações, ou para informar-se com mais exacção quando não confiar só na informação, que lhe dá o intendente geral da policia, para fazer ver aos seus vassallos, que só quer que se administre justiça, e não que se façam violencias?

Esta é a razão porque Mr. de la Marre, e o codigo de policia de João Pedro Wilbrand, e o diccionario da policia em geral declaram a extensissima jurisdicção do intendente geral da policia, não para que este seja obrigado a julgar, mas sim a fazer executar as suas commissões a corpos, a quem está confiada a execução destes objectos da policia, e dar parte á sua magestade, quando assim o não praticam.

Concluo ultimamente, que depois de ter representado a v. ex.ª com todo o acatamento, e cheio de respeito, o que tenho referido sobre a razão, que me obrigou a tomar aquella deliberação, e conhecimento, me resta pedir ao principe nosso senhor uma justa demonstração, que me auctorise, e faça ver ao publico, que v. ex.ª foi enganado, que me restitua a minha honra, que prezo mais que tudo, e a auctoridade do logar, que tenho a honra de reger, e que o provedor de Coimbra seja despachado, pois que todos os mais magistrados, e gentes hão de suppor que a este ministro lhe foi nomeado successor na presente conjunctura, por executar as minhas ordens, vindo em necessaria consequencia a resultar deste successo, nenhum magistrado executar ordem alguma minha, para não soffrer a mesma sorte, e pelo mesmo motivo a padecer do serviço de sua magestade, quando este ministro não tem outra alguma culpa, mais do que ser exacto em pôr em execução as minhas ordens, nas quaes se ha culpa, eu devo soffrer a pena; pedindo por tanto a minha honra até que chegue a empenhar os meus serviços (se é que os tenho) pelo despacho deste ministro, pois o julgo até necessario, alem do real serviço, para mostrar aos mais ministros, que devem ser exactos na execução das ordens do intendente geral da policia, pela qual não ficam responsaveis, pois que respondem com as mesmas ordens, que tem por escripto.

Queira v. ex.ª expor o referido ao principe nosso senhor, a fim de resolver o que lhe parecer mais justo, e acertado.

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1798.—Illm.º e exm.º sr. José de Seabra e Silva.—O intendente geral da policia da côrte e reino, *Diogo Ignacio de Pina Manique.*

CIRCO GYMNASTICO

NA PRAÇA DOS TOUROS

O espectaculo que estava destinado para ámanhã, 27 de Dezembro, fica transferido para o dia 1 de Janeiro proximo.

Machinas de Costura

2 EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO, na Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas de systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

Attenção

3 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

VENDA DE CASAS

4 NO DIA 5 DE JANEIRO do anno proximo futuro, pelas 10 horas da manhã, ha de proceder-se, em hasta publica, e por deliberação do conselho de familia, á porta do tribunal deste juizo, á venda de uma morada de casas, sitas na rua do Norte desta cidade, pertencente aos herdeiros do Dr. José Gomes Ribeiro. Está avaliada em 800$000 reis, e rende 14 moedas por anno.

Dantas Guimarães

24—Rua do Visconde da Luz—30

5 NESTE ESTABELECIMENTO se encontram bons chales-mantas, para homem, a 5$000 rs., bons cobertores de lã e de algodão de 1$300 rs. para cima; bons velludos cor de castanho e pretos de 1$050 a 1$400 rs. o metro; boas camisolas para homem a 300 e 360 rs.; meias e piugas para senhora a 100 rs. o par; mantas de seda, largas a 180 rs.; boas lãs para vestido a 200 rs. o metro.

THE LIVERPOOL AND AMAZON

Rayl May! Steam[Ship Company Limited

Tabella de passageiros da navegação directa entre Lisboa e Manaos.

	1.ª classe	2.ª classe
Pará	90$000	36$000
Manaos	126$000	45$000

Espera-se de Liverpool o vapor=**Amazonas**=e depois da indispensavel demora seguirá para os portos acima. Tambem se espera o vapor=**Orthugraphado.** Tracta-se na Figueira com o sr. Antonio Vieira; e em Lisboa, com os srs. José Joaquim das Neves & F.os

7 NO DIA 7 do proximo mez de Janeiro, nos paços do concelho, pelo meio dia, se porá em hasta publica a demolição das casas expropriadas para as obras do alargamento e alteamento do largo da Portagem; a saber —as do Dr. Bento Leão da Cunha Carvalhaes, e Joaquim Antonio Teixeira Barbosa, na rua da Calçada; de José Alves de Carvalho e de Maria Joanna, viuva, na rua dos Gatos; e de Agostinho Ferreira Camões e José Feliciano Dias, na rua da Saboaria; devendo os materiaes das mesmas extraidos, ficar pertencendo aos arrematantes.

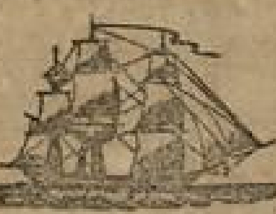
As demais condições estarão patentes nesta secretaria desde o primeiro do proximo Janeiro.

Coimbra, secretaria da camara, 19 de Dezembro de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o Rio de Janeiro

Galera=ADAMASTOR=em 9 de Janeiro de 1875.

Para o Maranhão com escala pelo Ceará

Barca=MARIA CAROLINA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

SUBSTITUIÇÕES MILITARES

9 F. M. ALVIM encarrega-se de fazer substituir qualquer praça nos corpos das guarnições de Lisboa e Elvas. Escriptorio, Lisboa, rua de Santo Antão, n.º 15, 2.º.

AGRADECIMENTO

10 D. ANNA EMILIA DA CUNHA MAGALHÃES, agradece em geral a todas as pessoas, que lhe fizeram a honra de acompanhar á sua ultima morada sua presada prima D. Mathilde Henriqueta da Cunha Magalhães, e em especial ás pessoas, que lhe assistiram, e a auxiliaram com os seus serviços, por occasião da sua ultima molestia, e obsequiosamente se encarregaram, na sua ausencia, de cuidarem do seu funeral, protestando a todos o seu reconhecimento.

Desenho

11 A. A. GONÇALVES, abre brevemente um curso de desenho, exclusivamente destinado ás artes. As horas d'aula serão estabelecidas em harmonia com o tempo que o artista diariamente dedica ao seu trabalho.

Rua do Correio, n.º 77.

12 A 80 REIS !!—Uma elegante caixa de folha de metal, propria para bolço, com 150 fosforos de cera.

Fonseca

72—Rua da Calçada—76.

COMPANHIA GERAL DE CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

Tendo-se procedido no dia 21 do corrente mez no sorteio para o reembolso dos titulos ou obrigações prediaes e municipaes em circulação, pela forma designada no art. 33 dos estatutos desta companhia, sairam sorteados os seguintes:

Em obrigações prediaes de 6 0|0 os n.os

391	a	400
611	a	650
703	a	710
1:191	a	1:200
1:491	a	1:500
2:701	a	2:710
2:841	a	2:848
2:851	a	2:860
3:421	a	3:430
3:751	a	3:760
3:821	a	3:830
4:281	a	4:290
4:351	a	4:360
4:921	a	4:930
5:881	a	5:890
6:212	a	6:220
6:241	a	6:250
6:631	a	6:640
6:681	a	6:683
6:686	a	6:690
7:361	a	7:370
8:691	a	8:700
8:701	a	8:710
9:091	a	9:100
9:331	a	9:340
9:621	a	9:630
9:791	a	9:800
10:351	a	10:360
11:281	a	11:290
11:611	a	11:620
11:691	a	11:700
12:051	a	12:060
12:331	a	12:340
12:451	a	12:460
12:611	a	12:620
12:751	a	12:760
13:581	a	13:590
13:591	a	13:600
13:611	a	13:620
14:091	a	14:100
14:251	a	14:260
14:291	a	14:300
15:071	e	15:072
15:074	a	15:080
15:343	a	15:350
15:321	a	15:330
15:541	a	15:550
15:821	a	15:830
16:171	a	16:180
18:741	a	18:750
18:931	a	18:940
18:951	a	18:960
18:071	a	19:080
19:171	a	19:180
19:291	a	19:296
19:298	a	19:300
19:981	a	19:990
20:211	a	20:220
20:691	a	20:700
21:051	a	21:060
21:371	a	21:380
21:481	a	21:490
24:341	a	24:350
24:601	a	24:610
24:801	a	24:810
25:171	a	25:180
25:331	a	25:340
25:901	a	25:910
25:941	a	25:950
26:181	a	26:190
26:981	a	26:990
27:041	a	27:050
27:501	a	27:510
28:111	a	28:120
28:491	a	28:500
28:821	a	28:830
28:861	a	28:870
29:021	a	29:030
29:121	a	29:130
29:301	a	29:310
29:661	a	29:670
29:721	a	29:730
30:481	a	30:490

32:401	a	32:410
32:651	a	32:660
32:771	a	32:780
32:961	a	32:970
33:061	a	33:070
33:161	a	33:170
33:191	a	33:195
33:401	a	33:410
34:311	a	34:320
34:421	a	34:430
34:511	a	34:520
34:871	a	34:880
35:241	a	35:250
35:571	a	35:580
35:601	a	35:610
35:801	a	35:810
35:861	a	35:870
36:471	a	36:480
37:711	a	37:720
38:831	a	38:840
39:511	a	39:520
39:661	a	39:670
40:001	a	40:010
41:251	a	41:260
41:481	a	41:490
41:691	a	41:700
42:311	a	42:320
42:721	a	42:730
43:131	a	43:140
43:761	a	43:762
43:766	a	43:760
44:801	a	44:810
45:231	a	45:240
45:536	a	45:540
46:191	a	46:200
46:801	a	46:810
46:851	a	46:860
48:241	a	48:250
49:301	a	49:310
49:321	a	49:330
49:681		
49:687	e	49:688
50:456	a	50:460
50:711	e	59:712
50:714	e	50:715
50:718	a	50:720
51:061	a	51:070
51:411	a	51:414
51:924	a	51:930
53:031	a	53:040
53:731	a	53:740
53:911	a	53:915
54:041	a	54:050
54:251	a	54:260
54:341	a	54:350
56:151	a	56:160
56:301	a	56:310
56:561	a	56:570
56:681	a	56:690
56:911	a	56:920
57:011	a	57:020
57:441	e	57:443
57:445	e	57:447
57:449	e	57:450
58:121	a	58:130
58:821	a	58:830
58:941	a	58:950
59:151	a	59:160
59:341	a	59:350
59:361	a	59:370
60:291	a	60:300
60:511	a	60:520
60:973	a	60:980
61:171	a	61:180
61:891	a	61:900
61:961	a	61:970
63:041	a	63:059
64:181	a	64:190
64:191	a	64:200
64:321	a	64:330
64:831	a	64:840
66:031	a	66:040
66:361	a	66:370

66.631	a	66.640
67.481	a	67.490
67.701	a	67.710
67.841	a	67.850
68.411	a	68.420
68.581	a	68.590
68.921	a	68.930
69.471	a	69.480
69.801	a	69.810
70.321	a	70.330
70.421	a	70.430
70.521	a	70.530
71.451	a	71.460
72.191	a	72.200
72.884	a	72.890
73.641	a	73.650
73.921	a	
73.924	a	73.927
74.011	a	71.017
74.019		
74.241	a	74.250
74.851	a	74.860
75.071	a	75.080
75.361	a	75.365
75.721	a	75.730
75.901	a	75.910

76.351	a	76.360
76.411	a	76.420
77.631	a	77.640
79.031	a	79.040
79.121	a	79.130
79.871	a	79.880
79.931	a	79.940
80.221	a	80.230
81.081	a	81.090
81.701	a	81.710
82.031	a	82.040
82.491	a	82.500
82.561	a	82.570
83.751	a	83.760
84.151	a	84.160
84.191	a	84.200
85.191	a	85.200
88.681	a	88.690
88.751	a	88.760
89.221	a	89.230
89.651	a	89.660
90.501	a	90.510
90.611	a	90.620
90.671	a	90.680
90.991	a	91.000

Em obrigações municipaes de 6 0|0 os n.os

8—13—20—40—69—115—121—128—137—161—163—223—232—362—377—497—502—503—505—657—680—688—697—720—755—798—800—847—867—872—944—981—992—995—1:014.

O pagamento destas obrigações e seus juros, do 2.º semestre do corrente anno, deverá ter logar em Lisboa no largo de Santo Antonio da Sé, n.º 23, e em todas as capitaes de districtos, quando assim convenha aos interessados, e estes o reclamem com a devida antecipação.

O pagamento das obrigações terá logar desde o dia 31 do corrente mez em diante.

Desde o dia 1.º de Janeiro proximo futuro, inclusivè, em diante, cessa de pleno direito o vencimento de juro para os referidos titulos.

O que assim se annuncia para conhecimento dos interessados.

Lisboa, 22 de Dezembro de 1874.

O governador
Marquez d'Avila e de Bolama.

14 PRECISA-SE de um criado que saiba de agricultura, e especialmente de horta. Quem estiver nestas circumstancias, dirija-se a esta redacção, que se lhe indicará quem é o pretendente.

15 NAS MINAS DE CARVÃO DE BUARCOS, precisa-se de mineiros e trabalhadores para o serviço interior das mesmas.

DOCTOR IN ABSENTIA

16 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

Substitutos a militares

17 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

18 PASTILHAS BRILHANTES para dar lustro nas camisas e collarinhos.

Vendem-se na loja

Fonseca

72—Rua da Calçada—76

NUMERO 2662 — TERÇA FEIRA 29 DE DEZEMBRO DE 1874 — ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL.—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA

Esta sociedade está passando por uma crise, que póde decidir do seu futuro.

Na sua organisação não houve senão em vista attrahir socios, com a promessa de numerosas garantias, e o pedido de pequenas quotas.

Apenas com a joia de 3$000 reis na entrada dos socios até 50 annos, e reis 5$000 até 55 annos; e egualmente só com a quota de 60 rs. semanaes, tem cada socio direito ao seguinte:

200 rs. diarios, medico, cirurgião, e botica, seja qual fôr o grau da molestia; —120 reis diarios, estando impossibilitados absolutamente de trabalhar;—160 reis diarios, até 20 dias em cada anno, sendo-lhes receitados banhos de mar, ou de caldas, e ares de campo;— 160 reis diarios durante o tempo de prisão, se esta não exceder a 6 mezes, e se exceder este tempo, fica tendo o subsidio de 100 rs. até final julgamento; e a carceragem, não sendo em quarto separado, tambem é paga pela associação;— e 6$000 rs. para as despezas do funeral, se a familia não quizer fazer o enterro, porque fazendo-o por sua conta, só recebe esta 4$000 rs. Alem disso as viuvas têem direito a 800 rs. mensaes. E finalmente esta associação dá mais aos socios a vantagem de serem soccorridos em qualquer parte do reino em que se achem, da mesma forma que se residissem em Coimbra.

Esta simples exposição é sufficiente para se ver a absoluta impossibilidade de se satisfazer a taes garantias com tão pequena quota.

O desequilibrio entre a receita e a despeza ahi se está agora fazendo sentir de um modo assustador; e o que é peor do que tudo, os proprios socios se mostram resolvidos, pelos seus actos inqualificaveis, a fazer terminar a Associação dos Artistas! E' facil o demonstral-o.

Não póde haver maior erro do que firmar a existencia de uma sociedade, não nos seus proprios recursos; mas em receitas exraordinarias.

O Monte Pio Conimbricense, sem ter obtido nunca, nem um real de receita extraordinaria, possue já um capital de mais de 9 contos de reis; e a Associação dos Artistas de Coimbra, tem apenas rs. 4:548$702, e esses mesmos adquiridos pelo modo que se vae ver.

Temos presente a collecção completa dos relatorios desta sociedade. Os donativos, cedencias, bazares e recitas em theatros, nos 10 annos decorridos, de 1863 em que principiou, até 1873, importaram nas seguintes quantias:

1863	$020
1864	541$130
1865	228$875
1866	647$655
1867	431$410
1868	809$593
1869	556$735
1870	688$173
1871	901$705
1872	772$740
1873	494$361
	6:072$397

Ora sendo os fundos actuaes da sociedade, 4:548$702 rs.; segue-se que sem esta receita extraordinaria, já se achava a Associação dos Artistas alcançada em 1:523$695 rs.

E note-se que não incluimos na mencionada receita extraordinaria, em razão de terem tido directa applicação, as verbas de—544$131 rs., producto da quotisação feita pelos socios para as obras da casa da sociedade—722$000 rs. de subsidio da camara municipal para as aulas— 845$850 rs. das entradas na exposição districtal em 1869—200$000 reis de subsidio da junta geral para a mesma exposição—78$360 rs. de subscripção para os festejos da inauguração da estatua do sr. D. Fernando em 1866 —e 36$430 rs., de subscripção para a compra de um relogio em 1871—o que tudo importa em 2:426$771 rs.

Agora advirta-se, que a receita extraordinaria vae d'aqui em deante diminuir progressivamente, para o que concorrem muitas causas; e assim, cada vez mais se hade aggravar o estado da Associação.

Mas não é só isto. Alem destes motivos extraordinarios, ha outros ordinarios e inevitaveis, que arrastam fatalmente a sociedade a uma ruina immediata, se os socios lhe não quizerem de prompto acudir.

As joias das entradas dos socios produziram nos 10 annos de 1863 a 1873, a quantia de 1:797$990 rs.; mas esta fonte de receita tende rapidamente a extinguir-se, porque a admissão dos socios, que nos primeiros annos da sociedade foi numerosa, agora, pela ordem natural, é limitadissima; e por essa forma esta receita vae acabar, ou pelo menos reduzir-se a uma insignificancia.

Daremos um exemplo para o mostrar. As joias no anno de 1863 produziram 370$670 rs., e 10 annos depois, em 1873, já não renderam senão a quantia de 34$750 rs.!

Isto em quanto á receita. A despeza, essa segue a ordem inversa. Augmenta todos os annos.

Em quanto que no anno de 1869, 7.º da existencia da sociedade, importaram em 244$880 rs. os subsidios ás viuvas e impossibilitados; 4 annos de-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLXXIV

José de Seabra da Silva e D. Fr. Caetano Brandão

Nesta epocha em que tanto se discutem os direitos da egreja e do estado, sem duvida serão lidos com interesse, não só o aviso do ministro do reino, José de Seabra da Silva, que abaixo publicamos, como a resposta que lhe deu o illustre arcebispo de Braga, D. Fr. Caetano Brandão.

Suppomos com todo o fundamento, que estes documentos saem hoje pela primeira vez a luz publica.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

—

Exm.º e revm.º sr.—Subindo á real presença a conta de v. ex.ª sobre o provimento da egreja de S. Pedro de Finis de Tunel, feito pelo santo padre a Joaquim Gomes de Sequeira, confessor approvado neste patriarchado; ordena sua magestade que eu informe a v. ex.ª, que este ecclesiastico obteve a dita egreja com licença expressa da mesma senhora. Esta informação pode tranquilisar a v. ex.ª no seu zelo e ardor apostolico contra este provimento, com a certeza, que nem Joaquim Gomes de Sequeira attentou contra os direitos da egreja, nem sua magestade, e sua santidade poderão bem comprehender como em taes termos podia v. ex.ª inflamar-se ao ponto, que se inflamaram com termos totalmente differentes os Chrysostomos e os Ambrosios.

Ao mesmo tempo informo a v. ex.ª, que não se conhece neste provimento offendido direito de terceiro; porque nenhum direito tem um concorrente proposto por v. ex.ª em concurso, e que ainda depois de v. ex.ª se deliberar a propor tres em qualquer concurso, nenhum desses propostos antes de nomeado por sua magestade se considera com direito.

No padroado, e direito de apresentar beneficios, depois que ha tantos seculos se separou a ordem do beneficio, nada ha, e nada pode obrar-se, que assuste um prelado, e menos o pode haver se a acção do provimento for feita pelo summo sacerdote com permissão do soberano, porque nenhum prelado obsta, ou pode obstar ás acções de provimentos dos padroeiros, ainda de muito inferior jerarchia. A parte, que nisto tem os prelados, bispos, ou arcebispos, é sobre a idoneidade dos providos, sem impugnarem o direito de quem os promoveu; mas no exame desta idoneidade, pode haver da parte do bispo, ou arcebispo, excessiva, ou demasiada especulação, como seria duvidar muito da idoneidade de um provido, que outro prelado egual, ou superior tem, e ha por idoneo.

O pontifice não é—*Rex regum*, nem *Dominus dominantium* no orbe catholico, nem o é o bispo na sua diocese, nem é o pontifice (restringindo o proloquio) *Dominus dispensator beneficiorum*, nem é o bispo na sua diocese.

O pontifice, e o bispo provem beneficios em concurso, e sem elle: o mesmo fazem os soberanos, e os particulares nos seus padroados, e desta variedade é consequente, que as chamadas regras de provimentos de beneficios, são regras geraes de prudencia canonica mudaveis, e alteraveis, sem que da alteração se sigam consequencias terriveis, ou temiveis á religião, ou á moral, que é o que assustava, e fazia clamar os santos padres.

Parece, que seria muito proprio da prudencia de v. ex.ª, não se empenhar nestas questões, que alias nem são novas, nem extraordinarias.—Deus guarde a v. ex.ª. Palacio de Queluz em 30 de Agosto de 1793—Sr. arcebispo primaz—*José de Seabra da Silva.*

RESPOSTA

Illm.º e exm.º sr.—Bem quizera eu, seguindo o amigavel conselho de v. ex.ª, tranquilisar o meu zelo na presente conjunctura. E que desgostos, inquietações, ou talvez riscos me não pouparia com um tão facil expediente? Mas eu não sei se obrando deste modo poderia lisonjear-me de ser discipulo da sabedoria do evangelho, assim como o era certamente da prudencia humana, desta prudencia, que a tudo costuma preferir a precisão da paz, como se o conserval-a sempre com o mundo não fosse um segredo desconhecido dos apostolos, e a todos que tem trilhado os seus vestigios. Quanto mais, que não sendo aqui um zelo, que obra por provimentos cegos de piedade, mas por principios a meu ver assaz favorecidos de luz, e de rectidão, debalde pretenderia eu soffocal-a, sem me fazer cargo do crime de prevaricador contra um dos mais indispensaveis deveres do meu ministerio.

É verdade que a causa merece outro conceito mui differente a v. ex.ª, pois a reputa indigna do zelo das Ambrosios, e Chrysostomos; mas acaso pensariam assim estes grandes homens? Estes intrepidos defensores da egreja, que souberam metter debaixo dos pés todos os interesses, e respeitos humanos só para seguirem as leis da obrigação? Estes varões apostolicos, que animados de um valor extraordinario, estimaram mais expor-se a perder tudo, do que verem espesinhados os sagrados direitos, de que eram fieis depositarios; acaso, torno a dizer, pensariam assim? Julguemol-o, senhor, pelos encontros, em que mais se assignalou a sua generosidade. E seu fallar [illegible]

pois, em 1873, subiram já os mésmos subsidios a 478$560 rs.!

Tudo isto era facil de prever, a quem se não quizesse,ou deixasse illudir.

Em o n.° 2298 do *Conimbricense*, de 3 de Agosto de 1869; isto é, ha mais de 5 annos, occupando-nos da Associação dos Artistas, diziamos já então o seguinte:

«Parecem-nos demasiadas as garantias que se concedem aos socios da *Associação dos Artistas*. E' negocio em que se deve pensar maduramente. *Ou diminuição de garantias, ou augmento de quota semanal*, algum destes expedientes se deve tomar.

«Até aqui tem sido prospero o estado da sociedade; *mas com o augmento das viuvas e impossibilitados, e outros encargos, e a possivel diminuição da receita extraordinaria, póde esse estado favoravel declinar.*»

O tempo veiu sobejamente confirmar as nossas previsões; e ainda hade ser o tempo, passados mais alguns annos, quando as portas da Associação dos Artistas se fecharem por falta absoluta de meios, que fará desenganar os teimosos, e os egoistas.

Apezar da indifferença da maior parte dos socios pelas cousas da sociedade, e do espirito de intriga que alli invade quasi tudo, não tiveram remedio senão nomear uma commissão para propor a reforma dos estatutos.

Havia a seguir tres expedientes para salvar a Associação. Ou diminuir as garantias até ficar nivelada a receita com a despeza. Ou conserval-as, augmentando as quotas semanaes quanto fosse necessario. Ou em fim combinar ambos os alvitres.

A commissão adoptou o expediente de diminuir algumas das garantias; mas faltando-lhe a sufficiente coragem para affrontar a má vontade dos socios, não propoz o augmento directo das quotas, o que era indispensavel, porque as suas economias apenas conseguiriam reduzir a metade o alcance annual.

Tem já havido tres reuniões da assemblea geral da sociedade, e ainda terá de haver outra no dia 1 de Janeiro proximo, para se discutir a reforma dos estatutos.

Que imaginam os nossos leitores, qual terá sido o procedimento da Associação dos Artistas? Suppõem que approvam as propostas da commissão; ou que rejeitando-as, as substituem por outras?

Nada disso! Reprovam toda a diminuição nas garantias; e ao mesmo tempo recusam-se a augmentar as quotas até ao ponto necessario para fazer face ás despezas!

Provavelmente esperam os socios,que na Associação dos Artistas se reproduza o milagre dos cinco pães e dois peixes, feito por Jesus Christo! Sem duvida, só com um milagre semelhante, é que poderia continuar a existir a sociedade, dando pouco, e recebendo muito!

Não ha peores cegos do que aquelles que não querem ver!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Duelo evitado.—Publicamos em seguida o parecer e resolução do conde de Oeiras e Martinho de Mello e Castro, ministros de estado de el-rei D. José, sobre a desconfiança que houve entre o duque de Cadaval, e o marechal de campo Duarte Smith:

«Luiz José de Mello veiu denunciar para ser presente a S. Magestade, que entre o exm.° sr. duque e o sr. marechal de campo Duarte Smith, havia uma declarada desconfiança, a qual poderia ter consequencias, que se deviam evitar: encarregando o dito senhor logo por uma parte ao conde de Oeiras, saber pelos meios que para isso lhe facilitava a amisade, que tem com o sr. duque, o que na verdade passou ao dito respeito, pelo que lhe tocava; e pela outra parte, encarregou ao secretario de estado Martinho de Mello de saber com dexteridade o que havia ao dito respeito das sobreditas desconfianças, pelo que pertencia ao dito marechal, de sorte que S. Magestade podesse ter sua completa noção da verdade dos factos e dos sentimentos de cada um dos ditos senhores, que o dito Luiz José suppoz desconfiados.

Da diligencia do conde de Oeiras resultou saber S. Magestade com certeza,que ao exm.° sr. duque não passou nem pelo pensamento fazer o menor reparo no logar em que o dito sr. marechal se achava; porque via, que por elle passava todo o mundo: que tambem lhe não causou a menor desconfiança e displicencia, que o dito sr. marechal estivesse na pratica em que estava na occasião de um beneficio; e em uma passagem que dava serventia necessaria a todos os que saiam das scenas da casa do theatro: que muito menos lhe veiu á imaginação conceber, ou proferir palavras algumas, que fossem dirigidas á indecencia do dito sr. marechal, antes pelo contrario o estima muito e o reconhece por um general da mais distincta honra, e de illibada reputação; que com elle não tivera a menor desconfiança; que sahira do theatro sem ideia de ter alli havido historia; que só soubera depois com grande admiração, que o dito sr. marechal de campo se achava d'elle queixoso.

Da outra diligencia do secretario de estado Martinho de Mello e Castro, servindo-se este para ella da amisade que ha annos cultiva com o dito sr. marechal de campo, resultou saber, que o dito Luiz José de Mello tinha dito em casa do guarda mór do lastro, na presença de muitas pessoas, que o exm.° sr. duque lhe tinha pegado por um braço a elle sr. marechal, e assim carregado com uma tão delicada materia, escrevera ao dito Luiz José, perguntando-lhe se o referido passára na verdade? Que o dito Luiz José lhe fizera uma resposta com amphibologia e tergiversação; e que não podendo elle sr. marechal de campo admittir equivocos em um ponto, que tocava tanto na sua honra, replicara ao mesmo Luiz José, pedindo-lhe como devia uma resposta decisiva: e vendo-se o dito Luiz José n'este aperto, lhe escrevera ultimamente,que o exm.° duque lhe havia feito e dito o que elle Luiz José havia publicado, na dita casa de conversação do dito guarda mór do lastro.

E vendo-se, e combinando-se na real presença de S. Magestade esta contradicção de factos, com a seria circumspecção, que de sua natureza requer uma materia de honra e reputação; vendo-se que é publico, e notorio a todo o mundo, que os pensamentos e acções do dito sr. duque,são sempre a concorrer para se conservar em todos a mesma honra, que tem na sua propria pessoa, e não pretender esbulhar della aos que a possuem, tão bem fundada por principios pessoaes e profissão, como o dito sr. marechal de campo Duarte Smith; vendo-se claramente o justo motivo, que este teve para procurar remover de si uma offensa tão sensivel, e tão desmerecida como a que lhe imputou com as suas imposturas, intrigas, e tergiversações o dito Luiz José; vendo-se claramente pela combinação das diligencias feitas por ordem de S. Magestade, que em tudo do dito sr. duque houve nunca o menor pensamento offensivo do dito sr. marechal de campo, nem este na realidade padeceu a menor lesão na sua honra, mas só as falsas apparencias, nas maledicas palavras, e nos dolosos escriptos do dito Luiz José; vendo-se finalmente,que este por uma parte, com espirito de mal entendida e fatua vaidade, quiz na conversação em que se achava, fingir e imputar ao dito sr. duque as palavras que só seriam proprias da sua mesma abjecção; por outra parte, que conhecendo depois a gravidade do caso em que inconsideradamente se tinha implicado, quando lhe pediram razão dello, procurou tergiversar e tentar se podia escapar-se com a amphibologia com que se escusou do empenho na presença do sr. marechal; por outra parte quando viu que estas lhe não bastavam, se quiz salvar a si, dando ao dito sr. duque por auctor um ultimo remedio: e pela outra parte em fim quando se viu totalmente perdido veiu denunciar com falsas informações as pretendidas desconfianças, que no estado se deduziam dos seus proprios factos:

Em consideração de tudo mandou S. Magestade declarar assim ao exm.° sr. duque de Cadaval, como ao sr. marechal de campo Duarte Smith, que a honra de ambos esteve sempre illesa, e se acha em toda a sua integridade, sem nota, ou minimo desar, para que um e outro não tornem a cuidar em cousa alguma, que seja desconfiança, ou que possa dar a menor apparencia.

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, 9 de Março de 1770.

Conde de Oeiras.
Martinho de Mello e Castro.

Publicação.—O sr.Manoel José Correa Martha fez no anno passado a seguinte publicação:

Problemas para uso das escholas de instrucção primaria,colligidos por Manoel José Correa Martha, professor de Portunhos —Ança, typographia Recreativa do auctor—1873.

Agora, publicou o mesmo sr. Martha o seguinte:

Soluções dos problemas para uso das escholas de instrucção primaria, por Manoel José Correa Martha, professor de Portunhos —Ança, typographia Recreativa do auctor—1874.

Fez o intelligente professor de Portunhos, e nosso amigo, um importante serviço á instrucção popular, com estas suas publicações.

Só quem tem o amor do estudo e do trabalho, como é o sr. Martha, é que se animaria a levar ao cabo uma tão ardua empreza.

Damos-lhe, por isso, os nossos sinceros parabens.

O sr.Martha, não se limita só a escrever. Creou em Ança uma typographia,onde se imprimiram os dois opusculos que acima mencionamos; alem de outros,que já alli tem sido impressos.

Esta imprensa é dirigida pelo sr. Martha, e trabalha nella um seu antigo alumno.

Alem disso, ás diligencias do sr. Martha se deve um theatro que ha em Ança, e onde se tem dado varias recitas.

Professores como este são dignos dos publicos elogios.

---

outros bem conhecidos, só lembro agora os seguintes.

Os fieis de Thessalonica, levados de um zelo mais fogoso, que discreto, tinham queimado, e demolido a synagoga dos judeus daquelle logar. Este facto desafia a colera do imperador Theodosio, o qual julgando por elles violadas as leis da disciplina, e da politica, ordena que os culpados sejam punidos severamente; e ao bispo como fautor da desordem, que restabeleça a synagoga á sua custa.

Santo Ambrosio, que se queria responsavel aos outros bispos de tudo que o imperador podia fazer; estando em Milão, sem justificar o facto, oppõe-se com valor intrepido á execução da ordem imperial; insta, roga, solicita pelo modo mais violento, ou vehemente, para que se revogue um decreto, que elle chama vergonhosissimo á religião. Theodosio presiste. Ambrosio então posto em pé no throno pontifical, antes de proceder á celebração dos sagrados mysterios, falla ao imperador desta maneira:—Ponde-me em estado, ó principe, de rogar por vós sem temer nada: restitue a meu espirito a liberdade de pedir.—Todos percebem o sentido dessas generosas expressões.

Que direi da força e santa liberdade de um Chrysostomo, só porque Severiano, bispo Gaballas, pronunciara uma palavra menos digna da moderação, e gravidade episcopal contra o sacerdote Serapião? Não consente que elle pregue em Constantinopla, e chega a prival-o da sua communhão.Empenhem-se embora a favor do bispo os grandes da côrte; empenhe-se a imperatriz Eudoxia, até o excesso de deitar-lhe aos pés, para mais o obrigar, o tenro principe, que tinha nos braços. O mesmo imperador Arcadio se empenha para obter a restituição de Severiano; nada é capaz de abalar o zelo de Chrysostomo, persuadido, que a humildade, e condescendencia de um bispo, nunca devem ser taes, que extingam o seu vigor, e abatam a sua firmeza pela disciplina. Contenta-se em responder a tudo, que Severiano não é proprio para edificar o seu povo.

Ainda chega a mais o vigor apostolico desse grande homem. Um exercito inteiro com o fogo nos olhos, e a espada nas mãos concorre em tropel para arrancar do pé dos sagrados altares o eunucho Eutropio, que precipitado inesperadamente do cumulo da grandeza na mais extrema desgraça, se tinha acolhido áquelle santo asylo.

Chrysostomo o recebe com os braços abertos, animado das promessas, que Jesus Christo tem feito de não abandonar jámais a sua egreja; nem aos que defendem as suas leis, moral, e doutrina. Oppõe-se, heroicamente, qual muro de bronze ao furor da soldadesca; corre a palacio, e não receia affrontar os grandes perigos, que ameaçam a sua vida, só para pôr em salvo os sagrados direitos da immunidade.

Eis aqui, exm.° sr., os precisos termos, em que se inflamaram os Ambrosios, e Chrysostomos; termos totalmente differentes, como v. ex.ª julga, dos que estimulavam o ardor do meu ministerio, e com razão, porque se aquelles varões apostolicos tanto se assustaram com o restabelecimento de uma synagoga, com uma palavra menos digna da gravidade episcopal, e em fim com a transgressão de um direito precario, ou de um mero privilegio concedido á egreja, somente pela generosidade dos principes; quanto se não assustariam vendo atropeladas as leis mais veneraveis da egreja e auctoridade episcopal, e até mesmo a fé publica dos homens?

Se estes padres nos lances ponderados não deixavam de temer consequencias funestas á religião, ou á moral; que não receariam na conjunctura presente, em que por uma graça sem exemplo se vê desprezado um legitimo e canonico concurso, feito segundo a norma prescripta pelo ultimo concilio ecumenico, e regulado por um dos mais dignos successores de S. Pedro, o papa Bento XIV; e finalmente conforme a pratica constante de uma egreja tão antiga, e respeitavel como a Bracarense: e o que é mais, já depois de sentenciado por quem tinha um incontestavel direito de o julgar: direito inherente ao episcopado, e mesmo desentranhado das ideas originaes dos seus poderes; pois que em fim nada parece mais conforme á ordem da jerarquia, do que serem eleitos pelos bispos, como cabeça e primeiro ministro da sua egreja,os outros ministros inferiores.

Que não deveriam recear, torno a dizer, vendo esbulhado o oppositor escolhido, de um direito que não só lhe affiançavam todos os principios da equidade natural, gravados no fundo do coração humano, mas ainda a decisão authentica de oraculos tão respeitaveis, como são o Tridentino, e o mencionado papa Bento XIV?

Eu fallo, senhor, desta decisão sempre memoravel—*Ex hisque episcopus eum eligat, quem cæteris magis idoneum judicarerit, atque illi et non alteri*, etc,—decisão que até agora não consta ainda fosse revogada; antes pelo contrario se confirma mais com a clausula exceptiva de indulto apostolico—*pro hac vice solum*—a mesma que sujeita o meu escrupulo.

Quanto se não assustariam, ainda o digo,

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

D.Julia Adelaide Lemos, filha de Francisco José Gonçalves Lemos e D. Julia Adelaide Lemos, natural de Coimbra, de 24 annos, fallecida no dia 19 de Dezembro.

Emilia Zeferina, filha de João Gregorio Ferreira Correa e D. Henriqueta Emilia Serrão Correa, natural de Coimbra, de 9 mezes, fallecida no dia 23.

D.Angelica Emilia Gomes Ribeiro, filha do Dr. Narciso Gomes Ribeiro e D. Pulcheria Ferreira de Macedo, natural de Alijó, de idade de 28 annos, fallecida no dia 23.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5776.

Mercado de Coimbra no dia 28—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 560—Dito branco 520—Dito Celorico meudo 600—Dito graudo 520—Milho branco 380—Dito amarello 370—Feijão vermelho 520—Dito branco da marinha 480—Dito da terra 440—Dito rajado 350—Dito frade 360—Centeio 400—Cevada 290—Favas 420—Tremoços 280—Chicharos 270—Grão de bico 550—Batatas 210—Azeite novo 1$150—Dito velho 1$350—Vinho da Beira 800—Dito da Bairrada 900—Aguardente de 18 graus 1$500—Dita de 19 graus 1$550.

Sagração.— Realisou-se no domingo, em Lisboa, a sagração do sr. bispo de Macau. Assistiram muitos convidados e entre elles os srs. marquez d'Avila, Freitas Branco, Xavier Pinto, Pedro Roberto da Silva, Barros e Cunha, general Rego, Luiz Antonio Nogueira, dr. Virgolino, etc. Notavam-se tres chins, em trajos nacionaes.

Conspiradores.—No *Jornal da Tarde*, do Porto, lê-se o seguinte:

«O sr.Bernardo de Lencastre, commissario de policia, servindo interinamente de commissario geral, dirigiu-se hontem com dois guardas civis á freguezia de Alfena, concelho de Valongo, e apprehendeu em casa de um espingardeiro, 61 espingardas, 47 baionetas, 10 espadas e algum correame, alli depositado á ordem do sr. Antonio Pereira de Azevedo, redactor do *Direito*, folha ultramontana, e com destino aos carlistas.

O sr.commissario prendeu o mencionado jornalista ultramontano, á hora em que este ultimo fazia entrega das munições a dois individuos hespanhoes. Estes ultimos conseguiram evadir-se, sendo porem presos, alem do jornalista, um criado deste e o espingardeiro.

O armamento acha-se no commissariado da policia, e os presos no quartel do Carmo.»

Fallecimento.— Falleceu no domingo, diz o *Diario de Noticias*, o sr. general de divisão Filippe Folque, com 73 annos de edade.

Nascera em Portalegre e assentara praça em 17 de Novembro de 1817 com 16 annos; fôra promovido a tenente em 1833, a capitão em 1834, a major em 1837, a tenente coronel em 1847, a coronel em 1851, a brigadeiro em 1852 e a marechal de campo em 1865.

Pertencia á arma de engenheria e estava collocado no estado maior general.

Era socio da academia das sciencias, conselheiro de estado effectivo, par do reino, director geral dos trabalhos geodesicos, doutor em mathematica, antigo lente da academia de marinha e lente jubilado da escola do exercito.

Fôra professor de mathematica dos filhos da sr.ª D. Maria II, por quem era estimado.

Por muitos, longos e extraordinarios serviços,tinham-lhe sido concedidas pelo governo portuguez a gran-cruz da ordem de S. Thiago do merito scientifico e litterario,e as commendas das ordens de S.Bento de Aviz e da Conceição; e dos governos estrangeiros recebera tambem diversas e mui honrosas demonstrações de apreço e consideração,entre as quaes se contava a commenda da Legião de Honra de França.

Deixa varios escriptos, sendo os mais notaveis as *Memorias sobre os trabalhos geodesicos executados em Portugal*, *Diccionario do serviço dos trabalhos geodesicos e topographicos do reino*, *Elementos de astronomia*, e outros diversos estudos de mathematica.

Caminho de ferro. — Diz o *Commercio do Porto*, que durante a semana decorrida desde 10 a 16 de Dezembro presente, a receita total approximativa dos caminhos de ferro portuguezes foi de 27:339$690 reis. Em identica semana do anno passado fôra de 29:549$175 reis, havendo portanto na deste uma differença para menos de 1:709$485 rs.

Noticias da Galliza.—O *Noticioso* de Valença, publica as seguintes noticias da Galliza.

«No dia 21 do corrente, uma columna de artilheria hespanhola, quando marchava de Ponte Varzeas para Gomesende, encontrou-se no caminho com uma pequena partida de latro-facciosos, em numero de 10, a qual foi surprehendida pela força militar, quando estava n'uma loja no logar das Vendas Novas, fazendo algumas extorsões. A vanguarda da columna fez immediatamente fogo sobre os facciosos, os quaes fugiram em diversas direcções, sem opporem a mais pequena resistencia, deixando todavia um prisioneiro e levando um ferido.

Esta noticia foi confirmada officialmente pelo seguinte telegramma:—«A pequena força de facciosos que vagueiam nas proximidades da nossa raia,na Ponte das Varges (na Galliza), foi batida no dia 21 do corrente por uma força militar hespanhola. Houve um morto, muitos feridos e um prisioneiro, armado com arma do antigo systema. Não nos consta que a partida se tenha reorganisado.»

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

«As ultimas cartas que se encontram nos jornaes hespanhoes ainda dizem que o temporal no norte era espantoso. Isto em data de 19. E' impossivel que tenha depois melhorado o tempo.

O correspondente do *Imparcial* dá alguns promenores sobre a acção de Urnieta, referindo-se a testemunhas presenciaes chegadas a Santander.

Das differentes narrações concluiu o sr. Araus que as tropas liberaes haviam obtido uma grande victoria.

Houve perdas sensiveis. O batalhão do Huesca que se viu ao principio repellido, perdeu 150 homens. Foi nesta occasião que o general Loma, envolvido pelo fogo dos carlistas, foi ferido. Assumiu o commando o general Blanco, que teve morto a seu lado o commandante Cobos, moço de vinte annos.

As posições carlistas foram tomadas e estes fugiram em debandada até Andoain, que abandonaram tambem,indo reorganisar os seus batalhões nas posições do Grio, que haviam de antemão fortificado.

O combate começou ás 7 horas da manhã e terminou á noite.

O que se não diz é porque motivo os fructos de tão completa victoria foram apenas a retirada das forças do exercito para S. Sebastião na madrugada seguinte

Ha aqui mais ou menos que só com o tempo se averiguará.

Não ha outras noticias de importancia.

Os jornaes são de 26.»

Noticias telegraphicas. — Do mesmo jornal transcrevemos o seguinte:

Madrid 26—Chegou hontem aqui vindo de Logrono o general Makenna.

A *Gazeta* rectifica a noticia de terem os carlistas incendiado uma pequena povoação nas immediações da ponte de Logrono.

Santander 24—Chegaram dois correios estrangeiros que faltavam.

Tem diminuido a tempestade.

Roma, 24. —O tribunal de Bolonha decidiu que não havia razão para se proceder ávante na questão da Villa Rufi.

Paris, 24. — Na assemblea nacional discutiu-se a eleição do deputado bonapartista pelo departamento de Nievre, e a questão do comité central do «Appello ao povo», sendo decidido que antes de validar a eleição se proceda a um inquerito parlamentar sobre os meios empregados pelos bonapartistas, a favor da sua causa

Londres, 24.— Telegrammas aqui chegados dão como inexactos os despachos enviados hontem de Berlim, e publicados no *Times*, relativamente ás canhoneiras allemãs permanecerem em Santander.

Os ultimos despachos parecem confirmados pelo facto de uma das canhoneiras, a *Albatross*, ter chegado a Plymouth, hontem.

Foram hontem embarcadas no vapor *Tiber* da companhia real, vinte e duas mil libras com destino para o Rio da Prata.

SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Saude*,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Saude a todos pela deliciosa *Revalesciére* Du Barry que cura as indigestões (desppepsias), gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal,diarrhea, disenteria,colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões,mal aos nervos,diabethe,debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito,das bronchites, da bexiga,do figado, dos rins,dos intestinos,da mucosa,do cerebro, e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Adra, provincia de Almeria, (Hespanha), 10 Outubro 1867.

Meus senhores:—Tenho a satisfação em fazer-lhe sciente que minha filha com o uso d'esta deliciosa farinha chamada **Revalesciére chocolatada,** curou radicalmente de uma erupção cutanea, que lhe impedia dormir por causa da comixão insupportavel que padecia.—De v. s.ª attento venerador, PERRIN DE LA HITTOLES, ao *Visconsulado de França*.

Cara 78:421. (Herpes).—Valença 14 de Setembro de 1873.

Uma minha amiga que padecia havia muitos annos de Herpes, foi curada completamente com a *Revalesciére*.—J. BATLLORI, fabrica de massa, Praça de S. Catharina, 9.

Cura 56:936. Barr (Baixo Rheno) 4 de Junho de 1862.

Senhor:—A *Revalesciére* tem feito na minha pessoa uma mudança maravilhosa, tendo readquirido não sómente as minhas forças, mas tambem parecendo-me que estou completamente remoçado, tornou-me o appetite, que desde muito tempo tinha perdido, e a oppressão e o peso que padecia haviam já 40 annos, já não me atormentam.

DAVID RUFF, proprietario.

---

os referidos padres, prevendo as mais tristes consequencias, que vão gerar-se de um tão estranho procedimento? Quem depois disto firmará a sua confiança em editaes de concurso, nestes testemunhos os mais solemnes, e auctorisados da fé publica? E o pobre prelado que deverá jámais esperar senão o desprezo, e a prostituição geral das suas ordens, principalmente em dias tão criticos, em que tudo como á porfia conspira fazer pesado e difficil o ministerio pastoral?

Tudo isto bem ponderado, exm.° sr., é capaz de inflamar o zelo, não digo dos Ambrosios, e Chrysostomos, destes verdadeiros discipulos da sabedoria de evangelho; mas ainda de qualquer prelado, que fosse menos sensivel ao bem publico, do que aos interesses pessoaes. Porém, como estes pela misericordia divina ainda me não cerraram os olhos até o ponto de desconhecer as solidas vantagens da minha egreja; ninguem deve estranhar, que me opponha com força contra um abuso dos mais funestos á mesma egreja. Mas diz v. ex.ª, para que vãos clamores, quando no provimento dos beneficios nada ha, e nada pode obrar-se que assuste um prelado?

Eu me vejo na mais triste colisão, ouvindo por uma parte a v. ex.ª fallar por este modo, e pela outra a duzentos e tantos padres congregados em Trento, gritarem altamente no coração de todos os bispos, que dependendo da boa escolha dos pastores e do acerto destes provimentos a salvação do rebanho, nada ha, nem pode haver, que seja mais digno da sua circumspecção, e ainda do seu escrupulo.

Não é, senhor, que eu ignore, que nenhum prelado pode obstar ás acções dos provimentos dos padroeiros, e que a parte que nisto tem os bispos, e arcebispos, é sobre a idoneidade dos providos, sem impugnarem o direito de quem os proven. Sei isto muito bem; mas tambem sei, que esta jurisprudencia só tem logar no provimento dos beneficios de collação necessaria, porque nos de collação ordinaria, como é indubitavelmente aquelle sobre que versa a disputa, se estendem a muito mais os seus direitos, ainda nestes tempos calamitosos; por quanto se pelas reservas pontificias foram gravemente feridos, comtudo não foram extinctos; e por isso não parece improprio de um bispo zelar a conservação desta pequena parte que lhe resta; e empenhar o seu zelo nestas questões, não só por serem injuriosas á sua auctoridade, mas ainda pelo que tem de novas, e extraordinarias.

É verdade, que as chamadas regras geraes de prudencia canonica, são mudaveis, e alteraveis, sem que da alteração se sigam consequencias terriveis á religião, ou á moral. Mas quando, exm.° sr.! Eu o digo: quando uma evidente e publica utilidade da egreja, ou alguma urgente necessidade da mesma pedir esta alteração; aliás são muito para temer as consequencias que se seguem destas crueis dissipações,como lhes chama S. Bernardo, nos livros da Consideração, em que trata deste mesmo assumpto, com a energia de um homem inspirado.

Só me resta dizer a v. ex.ª Como defendo a causa publica da egreja, julguei que devia queixar-me a sua magestade, protectora da mesma, por isso que essa gloriosa prerogativa da sua corôa, consiste principalmente em não permittir, que as egrejas da nação sejam vexadas, ou prejudicadas nos seus direitos por outra qualquer egreja; em manter a sua disciplina, e fazer observar os canones inspirados pelo Espirito Santo. Eis aqui ainda o motivo, que me anima a voltar novamente aos pés do throno, sem que me possa persuadir, que o regio beneplacito, concedido em favor daquelle indulto, tolha um bispo da santa liberdade de abonar os seus direitos quando os julga violados.

É preciso, escrevia judiciosamente o imperador Honorio a seu irmão Arcadio, é preciso deixar aos bispos o juizo das differenças, que nascem entre elles; por quanto foram estabelecidos para se regular o que pertence á egreja, em que os leigos devem estar sujeitos ás suas ordens.

As mesmas resoluções pontificias, no caso que pareçam injustas,não só recommenda, mas ainda determina o papa Alexandre III aos bispos, que as não cumpram.

Pelas mãos de v. ex.ª tenho a honra de expor á real consideração de sua magestade este segundo discurso, em que procurei desenvolver as ideias com mais extensão, e dar-lhe a luz que me foi possivel. Confio de v. ex.ª, como ministro sabio, e illuminado na jurisprudencia ecclesiastica, que depois de as avaliar com imparcialidade, não duvidará contribuir ao seu feliz exito, de que pende o socego da minha consciencia.

Em fim senhor; eu digo com todo o vigor sacerdotal: se a verdade me favorece, porque não hei de ser attendido? Se é contraria, mostrem-me em que; mas seja com razões solidas que convençam. Em quanto porem o não fizerem, contentar-me-hei com a paciencia ordinaria de todos que defendem a verdade contra a prepotencia, isto é, com uma paciencia humilde e generosa, determinada a esperar tudo de Deus, e soffrer tudo pela justiça.

Deus guarde a v. ex.ª—Braga 3 de Outubro de 1793.—*D. Fr. Caetano Brandão*

Seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalesciére chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pas e em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos, pharm.; pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5, Magalhães Ferraz, pharm., Carvalho e Castro, pharm., José Duarte, merceeria, praça de S. Bartholomeu, José Monteiro Cortez da Gama, Rua do Visconde da Luz, 31.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pza & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm.— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. =GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. =PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

RECTIFICAÇÃO

No *Diario Popular* que acabamos de receber lê-se o seguinte:

«O sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, sustenta no *Conimbricense* a declaração, que fez na associação dos artistas, de que fôra o sr. marquez de Sá quem presenteára aquella sociedade com o busto do illustre estadista.

«Neste ponto ha forçosamente engano. O busto, ou antes o medalhão com o busto do sr. marquez de Sá, foi por um cavalheiro de Lisboa offerecido a outro residente em Coimbra. Pensou este que o medalhão melhor figuraria na casa da associação dos artistas, que em qualquer sala particular, e por isso, o mandou offerecer. O sr. marquez foi, podemos affirmal-o, completamente estranho a tudo.»

O collega está completamente enganado, e caiu n'um formal equivoco.

O sr. Olympio, honra-nos com a sua amizade, mas não é redactor do *Conimbricense*, nem aqui sustentou a declaração de que o sr. marquez de Sá fizera a offerta do seu busto á Associação dos Artistas.

Não sabemos em que o collega se fundou para dizer semelhante cousa.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Noticias estrangeiras. — As ultimas noticias são as seguintes:

Versailles, 24. — A assembleia nacional approvou as deliberações relativas ao estado de sitio em Argel.

Votou tambem o projecto relativo ao emprestimo dos 220 milhões para a cidade de Paris, e o de 16 milhões para a cidade de Marselha.

As sessões ficaram adiadas para Janeiro, em consequencia das festas.

Castillon, 27.— Chegou aqui hontem Jovellar depois de ter sustido um ligeiro tiroteio com duas companhias de Cucala.

Valencia, 27.— Foram aprisionadas algumas partidas de latro-facciosos que vagueavam pela Galliza.

Madrid, 27. — Em resposta ao artigo publicado pelo *Times*, relativamente á candidatura de D. Affonso ao throno de Hespanha, e no qual se dizia que a opinião geral era que essa candidatura teria o mesmo fim que teve a do ex-rei Amadeu, os jornaes publicaram a carta que D. Affonso dirigiu á *Epoca*, dizendo que nunca se poderiam confundir as duas candidaturas, assim como se não póde confundir o adventicio com o tradicional.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

Rogamos aos srs. assignantes do *Conimbricense*, que estão em debito das suas assignaturas, o favor de mandarem satisfazer a sua importancia, o que desde já muito lhes agradecemos.

PERDIGUEIRO PERDIDO

2 HA DIAS appareceu na villa de Penella um cão perdigueiro côr de café, e com corrente de aço ao pescoço: a pessoa a quem pertença pode dirigir-se á dita villa, aonde lhe será entregue o dito cão quando mostrar ser seu dono.

Machinas de Costura

3 EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO, na Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21, continua a ter grande deposito de machinas de costura, dos melhores auctores, cujas machinas são de optima construcção e solidez, e se podem considerar como as das mais aperfeiçoadas do systema silencioso. Tem as vantagens de não serem susceptiveis á quebra d'agulhas e aos pontos em falso.

Recebeu agora um bom sortido das mesmas dos differentes auctores e systemas.

Ensino gratis no deposito, ou em casa do comprador, sendo dentro da cidade.

Garante-se o bom trabalho de todas as machinas sahidas deste deposito.

Attenção

3 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

4 NO DIA 4 de Janeiro, por as 11 horas da manhã, se venderá em praça particular uma morada de casas, na rua Direita, n.º 43 a 45, que se compõe de lojas e dois andares, com commodidades para todos os despejos. Quem pretender qualquer esclarecimento, dirija-se á rua da Loiça, n.º 58 a 60, onde terá logar a dita praça.

DOCTOR IN ABSENTIA

5 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA

6 SEXTA FEIRA, 1 de Janeiro de 1875, pelas 10 horas da manhã, continua a discussão da reforma dos estatutos; progredindo os trabalhos com qualquer numero de socios que se apresentarem áquella hora.

Coimbra, 29 de Dezembro de 1874.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Substitutos a militares

7 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem aos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

8 PASTILHAS BRILHANTES para dar lustro nas camisas e collarinhos.

Vendem-se na loja

Fonseca

72—Rua da Calçada—76

JOIAS ANTIGAS

9 DE BRILHANTES, perolas e pratas lavradas, pagam-se bem no hotel Central.

O annunciante offerece grandes vantagens, pois que tudo que compra é por conta d'uma casa estrangeira.

Aos srs. barbeiros

10 EXCELLENTES pedras para afiar navalhas para barba.

NAVALHAS de qualidade garantida, para barbear, que pela sua tempera dispensam a pedra de amollar. A' venda na loja

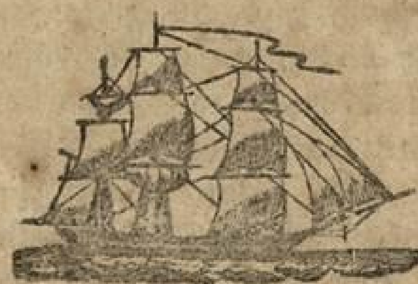
Fonseca

72—Rua de Calçada—76

11 AMANHÃ, 30 do corrente, ás dez horas, manda o Asylo de Mendicidade celebrar uma missa, na egreja de Santa Cruz, para suffragar a alma da sua bemfeitora a exm.ª sr.ª D. Maria José de Moraes Cardoso, que legou a esta casa de pobreza a quantia de 30$000 rs.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o Rio de Janeiro

Galera=ADAMASTOR=em 9 de Janeiro de 1875.

Para o Maranhão com escala pelo Ceará

Barca=MARIA CAROLINA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

13 NAS MINAS DE CARVÃO DE BUARCOS, precisa-se de mineiros e trabalhadores para o serviço interior das mesmas.

14 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Taboa, faz publico, que no dia 10 de Janeiro do anno proximo, hade ser arrematada a quebra de pedra para a egreja que projectam fazer, ás onze horas da manhã, no local da Senhora dos Milagres. Quem pretender póde comparecer.

O presidente,

Francisco Ignacio de Abreu Mesquita.

SUBSTITUIÇÕES MILITARES

15 F. M. ALVIM encarrega-se de fazer substituir qualquer praça nos corpos das guarnições de Lisboa e Elvas. Escriptorio, Lisboa, rua de Santo Antão, n.º 15, 2.º.

16 A 80 REIS !!—Uma elegante caixa de folha de metal, propria para bolço, com 150 fosforos de cera.

Fonseca

72—Rua da Calçada—76

17 PRECISA-SE de um criado que saiba de agricultura, e especialmente de horta. Quem estiver nestas circumstancias, dirija-se a esta redacção, que se lhe indicará quem é o pretendente.

AVISO

18 SÃO CONVIDADOS os socios, que pertencem á sociedade de lavoura, em Coimbra, e que não queiram continuar a receber 450 reis cada um, tendo por isso no corrente anno havido prejuizo de 750 rs., por junta de bois; os que de novo quizerem subscrever, e que morarem a 2 kilometros de distancia de Coimbra, o poderão fazer todos os dias desde 2 a 6 de Janeiro, na loja de ferragens de Antonio José Lopes Guimarães, o qual prestará os esclarecimentos precisos.

J. P. G. PAIVA



CIRURGIÃO DENTISTA, offerece o seu gabinete dental, rua da Calçada, n.º 82, 1.º andar, esquina ao Arco d'Almedina, a todas as pessoas que necessitem utilisar-se dos seus conhecimentos sobre a protesis dentaria; pondo em conhecimento do illustrado publico os preços seguintes:

PREÇOS DOS DENTES ARTIFICIAES

Desde 3$000 a 6$000 reis cada dente. —Elixir odontalgico para dôr de dentes 500 reis, frasco.—Pós mineraes para branquear os dentes 200 rs., caixa.—Extracção de um dente desde 240 a 1$000 rs.—Limpeza de dentes desde 500 a 2$000 rs.—Empaste desde 500 a 2$000 rs.

JORNADAS

POR

Thomaz Ribeiro

(2.ª PARTE)

ENTRE PALMEIRAS

Um lindo volume de 350 paginas.— Preço 600 rs.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 rs. em sellos.

Livraria Central de José Diogo Pires— 9, Largo da Sé Velha, 10

NUMERO 2759 | SABBADO 3 DE JANEIRO DE 1874 | ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO



ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A' hora em que escrevemos está reunida a representação nacional, que segundo as praticas constitucionaes, vae abrir os trabalhos legislativos.

Deve ser summamente agradavel aos eleitos do povo, a certeza dos progressos que se tem operado durante a sua ausencia, em toda a ordem de interesses publicos. Alli, pela exposição que o monarcha costuma fazer na abertura das camaras, o paiz conhecerá mais de perto os melhoramentos introduzidos em a nossa administração publica, no interregno parlamentar, e as medidas que o governo pretende levar a effeito, se as camaras, como é de esperar, se compenetrarem dos deveres que tem a cumprir, da lealdade e patriotismo, que lhes deve inspirar a nobre missão de que estão encarregadas.

No meio das agitações internas de quasi todas as nações visinhas, que tanto tem opprimido os povos, ferindo-os nos seus interesses moraes, e retardando a marcha dos seus progressos materiaes, não póde deixar de ser muito satisfatorio para o monarcha e para o governo da nação portugueza, ter de recordar aos representantes do povo a tranquillidade, que dentro do paiz se tem mantido, e a amisade e o credito que continuamos a merecer de todas as potencias estrangeiras.

E esta é por certo a maior de todas as felicidades, que o rei pode annunciar ao povo no seio da representação nacional, porque somente no remanso da paz se operam as transformações do progresso e da civilisação a que aspiramos.

Se o patriotismo e a dignidade politica dos partidos em que estão divididas as camaras legislativas, vencerem a paixão que domina alguns espiritos mais ambiciosos, fecunda deve ser a presente legislatura.

Sacrifiquem os homens politicos as suas ambições no altar da patria, lembrem-se do que devem a si e ao paiz, e receberão a gratidão publica em troca dos seus esforços.

Oxalá que sómente o interesse da nação guie as suas acções, e lhes inspire nobres sentimentos para bem servir a patria.

A opposição ataca o governo e em especial o sr. ministro da justiça, por ter promulgado o decreto de 30 de Dezembro ultimo, que extinguiu alguns julgados; pretendendo encubrir entre uma linguagem palpitante de despeito, que a suppressão agora effectuada pelo sr. Barjona de Freitas, é, como já dissemos em o nosso artigo do numero anterior, uma consequencia legal do decreto de 28 de Dezembro de 1869.

Modificou o illustre ministro da justiça, quanto lhe foi possivel, o rigor da medida estabelecida pelo governo historico; e são agora os seus partidarios, que combatem o resultado dos seus actos.

As reclamações dos povos são o assumpto obrigado para as diatribes da opposição.

Referindo-se a este facto, publica o nosso collega de *Jornal de Lisboa* o seguinte artigo, que transcrevemos com a devida venia.

«Parece que o decreto que supprimiu vinte julgados no continente do reino levantou reclamações por parte de duas ou tres municipalidades que se julgaram aggravadas com a suppressão d'elles, os quaes pela sua população e extensão de territorio, mereciam ser conservados e até elevados á cathegoria de comarcas.

«Não nos surprehendem estas reclamações, que pódem ser perfeitamente justas. Porém a culpa não é do ministro que, em execução da legislação vigente, decretou a suppressão dos julgados, mas sim do decreto de 28 de Dezembro de 1869, que sem attenção ás mais importantes considerações que deviam predominar na extincção ou conservação dos julgados, ordenou que fossem supprimidos os que dentro de certo prazo não tivessem construido tribunaes e cadeias em certas e determinadas condições. Ainda assim tão sensata e justificada foi a resolução tomada pelo sr. ministro da justiça, que de vinte julgados extinctos só dois reclamam, sendo aliás natural que todas as municipalidades, na incerteza de virem a possuir uma comarca, quizessem sustentar a conservação dos julgados actuaes.»

Verificou-se hontem a posse da camara que ha de reger durante o biennio de 1874 e 1875 os negocios desta municipalidade.

O interesse que sempre nos inspiraram os melhoramentos publicos desta cidade e concelho, chamam a nossa attenção para os actos dos novos vereadores.

A importancia do municipio que vão administrar; as exigencias da civilisação e do progresso, a que é preciso satisfazer, e ainda os exemplos de proficua actividade que a camara cessante lhe legou, impõem a esta vereação obrigações bastante pesadas para bem desempenhar o encargo de que se acha investida.

Esperamos que ella empenhará todos os seus esforços em corresponder aos desejos de todo este municipio.

Antes de conferida a posse, o sr. presidente da camara cessante, leu o relatorio da sua gerencia, no qual fez menção das principaes e mais importantes obras e melhoramentos introduzidos na cidade e concelho, durante o passado biennio; tributando alli merecidos louvores ás pessoas que official e particularmente secundaram os esforços da vereação, nos trabalhos que emprehendeu.

Já por muitas vezes temos tido occasião de mencionar os relevantes serviços da vereação, que hontem depoz a gerencia dos negocios municipaes.

E' honrosa a memoria que deixa de si, pelo muito que trabalhou no engrandecimento deste municipio. A sua zelosa iniciativa e inexcedivel força de von-

---

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXV

D. CARLOS

LXXV

A funesta historia das expedições nada ensinara aos carlistas, e em presença do triste quadro que ainda apresentavam as de D. Carlos e de Zaratiegui, se dispoz a de D. Basilio Antonio Garcia. Em vão clamavam contra ella os homens mais entendidos; em vão se expunham exemplos incontestaveis, porque estavam baseados em factos; o interesse dos expedicionarios era superior a tudo, e nada aprendiam com a experiencia.

A causa carlista não havia obtido outros resultados favoraveis com as expedições ao interior do reino, do que ameaçar a diversas provincias e ter em continuo susto os seus dominadores. E não obstante, preferia-se isto a ir estendendo paulatinamente as linhas, ou reforçar aos chefes do Aragão e Catalunha.

Contribuiu não pouco para as expedições o espirito dos chefes navarros, que não toleravam no exercito vascongado outros que podessem participar com elles do commando; a ambição de outros generaes, que não queriam dependencia alguma, e que se presumiam de uma capacidade que estavam longe de ter; e a equivocada ideia de que assim se apoiariam levantamentos em diversos povos, como se estes não tivessem a experiencia de ficar abandonados e compromettidos.

Para cohonestar tão funesto plano, cujos ensaios haviam sido já tão prejudiciaes, allegava-se que as provincias vascongadas não podiam supportar por mais tempo tamanhos gastos e attender á subsistencia das tropas; como se para libertar aos habitantes dos gravames inherentes á guerra, não bastasse leval-a ao territorio proximo ás linhas carlistas e apoiando-se nellas, em caso preciso, manter-se á custa do paiz novamente invadido.

Então não se teria apresentado o espectaculo desvantajoso dessas expedições aventureiras, verdadeiras correrias sem apoio, que alem de tirar o prestigio, deixavam sempre a metade da sua força em poder do inimigo, mais por effeito do cansaço e da fadiga, que pelo resultado dos combates.

Para desgraça dos carlistas, alli, como nos demais partidos, prevaleciam as opiniões mais levianamente apresentadas; predominava o mais fallador e petulante, o que mais blasonava de entendido, e o que promettia vantagens e façanhas, que era incapaz de conseguir. Não importava que os antecedentes e os factos desmentissem as falsas promessas; havia quem no quartel general apoiava as promessas illusorias, e isto era bastante. Parecia, pois, que desde o fallecimento de Zumalacarregui, os homens que elle havia desprezado mais, eram os mais aptos e a quem se confiava a salvação da causa.

D. Basilio Antonio Garcia, a quem seus feitos tinham desprestigiado; que tinha fama de andar na intriga, de timido á frente do inimigo, de educação tosca e de linguaraz; estimava em pouco toda a pessoa de educação, e não tinha duvida em affrontar publicamente todas as pessoas que sabia não lhe podiam replicar. Pois a sorte de quatro batalhões, uns 200 cavallos, um quadro de officiaes desta arma, destinados á organisação della nos paizes invadidos, e um numero de entendidos armeiros, foram postos ás ordens deste improvisado militar, que ao reunir-se aos seus novos soldados, lhes dirigiu uma proclamação, datada de Piedramillera em 27 de Dezembro de 1837.

A 28 do mesmo mez partiu dos Arcos esta expedição. Depois de numerosas correrias em que andou por differentes provincias de Hespanha, poude a vanguarda carlista alcançar em 12 de Janeiro de 1838 a rectaguarda de uma columna liberal, a qual fez refugiar-se em Cuenca com perda de alguns prisioneiros; mas reforçada alli com a columna liberal de Ulibarri, que desde a Navarra seguia a D. Basilio, atacou os carlistas no povo de Sotaca, no qual descançavam imprudentes, quando tomando algum alimento, deveriam ter continuado a marcha.

Esta falta, unida á pouca aptidão do general, fez que os carlistas se pronunciassem em retirada ao pôr do sol, depois de serem desalojados das suas posições e haverem perdido alguns prisioneiros e feridos, que deixaram em poder dos seus contrarios, ainda que uns e outros em pequeno numero. Ter-se-hia feito prisioneiro um batalhão, se Schely, com os seus lanceiros, fosse apoiado pela infanteria, que vinha muito á retaguarda, pelo deploravel estado do caminho e estar descalça; e ainda assim pelejou.

As forças de Ulibarri não contin[illegible] perseguição; porém os infantes [illegible] miseravel estado pelo penoso das m[illegible] descanço, por terrenos asperos e [illegible]

tade, encontraram sempre a mais franca coadjuvação das auctoridades superiores e do governo; sendo por isso, que, durante este biennio, Coimbra mais tem prosperado.

Segundo diz o nosso collega do *Progressista*, *as festas do anno bom* não lhe deram logar a que respondesse ao nosso artigo: nem mesmo *estava de humor* para isso.

O collega desta vez é que não *andou de leve*: foi depois de *muito pensar* que descobriu esta *taboinha* de salvação.

Que tenha *muito boas festas* é o que desejamos ao collega.

NOTICIARIO

José da Silva Carvalho. — Um dos homens que entre nós mais serviços prestou á causa liberal, foi incontestavelmente o conselheiro José da Silva Carvalho. Mas apesar d'isso, teve elle a sorte de muitos homens politicos, recebendo em paga de seus relevantes serviços, o ser violentamente atacado pelos proprios que lhe deviam em grande parte a liberdade de que gosavam.

O terrivel fim que tiveram os conspiradores, que em 18 de Outubro de 1817 pagaram com a vida as suas crenças liberaes, não impediu que José da Silva Carvalho fosse um dos primeiros benemeritos cidadãos, que occultamente se congregaram no Porto para promover a revolução, que veiu a romper no sempre memoravel e fausto dia 24 de Agosto de 1820. Tendo-se no dia 21 de Janeiro de 1818 associado naquella cidade os cidadãos Manoel Fernandes Thomaz e José Ferreira Borges, já no dia immediato se compunha a associação d'esses dois, e mais de Silva Carvalho e João Ferreira Vianna.

Como se vê, desde esta iniciação de trabalhos até 24 de Agosto de 1820, decorreram mais de dois annos e meio; e foi entre os regeneradores tão severamente mantido o segredo, que apenas poucos dias antes de rebentar a revolução é que os governadores do reino desconfiaram que se tramava alguma cousa contra elles.

Os regeneradores tinham andado com tão consummada cautella e prudencia, que até alguns dos commandantes dos corpos, que fizeram a revolução liberal, no Porto, só foram convocados para esse fim no dia 23 de Agosto, vespera do grande acontecimento.

Com effeito, nem todos os militares entraram na revolução por sentimentos liberaes; muitos limitavam-se a pretender que fossem postos fóra do exercito os officiaes inglezes, que estavam difficultando o accesso aos portuguezes.

O proprio presidente da junta provisoria do governo supremo do reino, Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, era altamente suspeito aos liberaes, que viram mais tarde confirmadas essas suspeitas, quando este presidente da junta revolucionaria de 1820, se mudou no bem conhecido visconde de Canellas, ultra-miguelista!

Havendo a junta do Porto chegado a Coimbra, em marcha para Lisboa, com as forças revolucionadas; recebeu aqui a noticia, que lhe trouxe o capitão de cavallaria Bernardo de Sá Nogueira, hoje o sr. marquez de Sá da Bandeira, de que no dia 15 de Setembro se havia feito na capital a revolução, em adherencia á do Porto, organisando-se nesse mesmo dia uma junta de governo em Lisboa.

Proseguiram, apesar d'isso, as forças para a capital. Chegadas a Leiria, ahi pretendeu o presidente da junta do Porto, Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, fazer uma contra revolução, a que obstou a firmeza de José da Silva Carvalho.

Devia haver em Leiria uma revista geral das tropas, e pretendia Antonio da Silveira aproveitar essa occasião para realisar os seus projectos. Quiz, porém, antes disso sondar o animo de José da Silva Carvalho, para ver se podia contar com elle.

Chamou-o ao seu quarto, e lhe disse, que havia sonhado naquella noute, ter chegado a Lisboa com as forças revolucionadas; e que alli proclamara os tres estados do reino, com el-rei D. João VI absoluto. José da Silva Carvalho, que viu por essa sua declaração indirecta, confirmado o juizo que formava de Antonio da Silveira, respondeu-lhe logo, com admiravel sangue frio, que tambem na mesma noute havia sonhado que elle Antonio da Silveira tinha praticado exactamente o que acabava de dizer; accrescendo, porém, que com a pistola que tinha presente, lhe havia feito nesse acto saltar os miolos da cabeça!

Esta energia de José da Silva Carvalho fez conter ao contra-revolucionario.

Silva Carvalho fez immediatamente expedir ordens para que apressassem a sua marcha sobre Leiria outras forças, em que tinha confiança, para impedirem os projectos de Antonio da Silveira. Este, com o celebre Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, que tambem tinha adherido de má fé á revolução, pois que veiu a ser o celebre visconde de Peso da Regoa, e general do exercito de D. Miguel, não tendo podido em Leiria fazer a contra-revolução, promoveram depois a celebre manifestação em Lisboa, no dia 11 de Novembro, com a apparencia de *ultra-liberal*, mas com o verdadeiro fim de annullar a revolução. Como, porém, essa trama libertecida foi aniquilada pela decisão dos verdadeiros liberaes, tiveram de sahir de Lisboa, retirados do serviço, Antonio da Silveira e Gaspar Teixeira.

Em 7 de Setembro de 1821 foi José da Silva Carvalho nomeado ministro das justiças, e nesse cargo mostrou a mais decidida energia na sustentação das instituições liberaes.

A rainha D. Carlota Joaquina, adversaria declarada da constituição, á qual se recusou abertamente prestar juramento, quiz seduzir José da Silva Carvalho, avaliando quanto ganharia a causa absolutista, se podesse contar com um homem de tal tempera.

Mandou-o em um dia chamar; e chegando Silva Carvalho á sua presença, a rainha, contra a etiqueta, e só para se tornar agradavel, lhe disse que se sentasse.

Expoz-lhe D. Carlota Joaquina, que a *Casa da Rainha* andava mal administrada, e que por isso carecia de um homem intelligente e activo, que pozesse em ordem as suas importantes rendas; e que reconhecendo nelle essas qualidades, lhe pedia para aceitar o cargo de administrador da referida *Casa*.

José da Silva Carvalho, vendo a cilada que a rainha lhe queria armar, respondeu-lhe, que sendo ministro de el-rei D. João VI, não podia, nem devia aceitar outro cargo. E depois de resistir a todas as instancias da rainha, se despediu.

Soube José da Silva Carvalho manter dignamente a sua posição, tornando-se superior a todas as tentativas para o corromperem. Quando a rainha D. Carlota Joaquina se recusou a prestar o juramento á constituição, foi ouvido o conselho de estado, assim como todos os ministros, acerca do que cumpria fazer n'um caso de tanta gravidade. O parecer de José da Silva Carvalho foi o seguinte:

«A minha opinião é que sua magestade a rainha deve sahir no dia 4 de Dezembro impreterivelmente, sem mais consideração alguma, a que não tem direito, perdendo aquelle de cidadão portuguez; e em quanto ao logar, que se lhe deixe a seu arbitrio: e ultimamente em quanto a levar as senhoras infantas, suas filhas, conformo-me com a opinião do conselho de estado — Palacio do Alfeite, 29 de Novembro de 1822.— *José da Silva Carvalho.*»

O conselho de estado, que fôra convocado no mesmo dia, resolvera que se não permittisse á rainha levar comsigo as infantas para fóra do reino.

Pode-se avaliar com que odio ficaria contra Silva Carvalho, uma mulher, rancorosa como era a rainha D. Carlota Joaquina.

E' por isso, que havendo D. João VI sahido de Lisboa para Villa Franca, no dia 30 de Maio de 1823, a fim de proclamar o absolutismo; logo no dia 1 de Junho, prevendo José da Silva Carvalho a sorte que o esperava, se embarcou a bordo do paquete inglez *Duque de Malbourough*, com sua mulher e tres filhos, dirigindo-se para Inglaterra. No mesmo paquete emigraram tambem Francisco Xavier Monteiro, José Ferreira Borges, Duarte Lessa, José Maria Lopes Carneiro e João Bernardo da Rocha, todos altamente compromettidos no systema liberal. Tambem ia nesse paquete o celebre general italiano Pepe.

Em Inglaterra se conservou José da Silva Carvalho, até que em 1826, com o novo systema, estabelecido pela Carta, voltou a Portugal.

Seguiu-se a vinda de D. Miguel, e a revolução de 16 de Maio de 1828 no Porto, com o bem sabido e desastroso fim que teve.

Achava-se então José da Silva Carvalho na sua casa da Beira, d'onde tratou promptamente de se evadir, porque o governo de D. Miguel fazia as mais activas diligencias para o prender.

Veiu Silva Carvalho disfarçado até Coimbra, acompanhado por um fiel amigo, e ficou no bairro de Santa Clara, em casa do bem conhecido alquilador José de Santa Clara. Com receio de poder ir de Coimbra alguma força para o prender, se por acaso o tivessem descoberto, mandou o alquilador para a ponte do Mondego um espia, a fim de o avisar do que observasse; e como a casa delle era proxima ao muro da cerca das freiras, collocou ahi de noute uma escada, para no caso de perigo, por ella subir Silva Carvalho, e se evadir pela cerca.

Felizmente nada houve, e por isso tratou José da Silva Carvalho de marchar para Lisboa.

Ajudou-o efficazmente nessa arriscada empreza, o celebre negociante da rua da Calçada, desta cidade, Joaquim José Pena, homem habituado a andar por todas as feiras do reino, principalmente no Alemtejo. Arranjou este uma manada de gado vaccum, e com elle se dirigiu para a capital.

O negociante Pena ia a cavallo, e José da Silva Carvalho a pé, em trajo de moço conductor de gado. Chegando para baixo de Pombal, encontraram uma força de cavallaria, commandada por um official. Silva Carvalho, que era muito conhecido, ficou atemorisado com o risco que corria na presença dessa força. Porém o negociante Pena, que reconheceu o perigo, dirige-se logo no seu cavallo para onde ia Silva Carvalho, e lhe dá uma forte pancada nas costas com um pau que levava, reprehendendo-o severamente por não tomar conta no

---

offereciam naquella noute um espectaculo que commovia, pois muitos delles gritavam:— «Senhores officiaes, matem-nos, por Deus, que já não podemos mais, e não queremos cair em poder do inimigo.»

Toda a noute continuaram os carlistas tão penosa marcha por Cuevas de Velasco, onde alguns ficaram atrazados, Caracenilla, junto ao rio de Huete, e se reuniram ao amanhecer nesta cidade; descançaram um pouco no dia 13, e seguiram por Alcázar a dormir em Uclés. Em 24 horas andaram 13 leguas por um caminho aspero e cheio de aguas, bateram-se e conseguiram adeantar-se aos seus contrarios.

Foram nos dias seguintes continuando as suas marchas, até que ao terminar o dia 18, emprehenderam a jornada por Marjaliza, onde pernoutaram, acampando-se no dia seguinte junto ao castello de Guadalerza, nos montes do mesmo nome.

O objecto deste acampamento foi occultar aos liberaes a situação das tropas expedicionarias, e atacar a columna que mandava o brigadeiro Minuisir, que avistada pelos carlistas no momento em que tratava de ganhar o porto fortificado de Malagon, se interpozeram estes e se travou um combate em que [illegible] victoriosos os expedicionarios, e te-[illegible] o triumpho, se a cavallaria [illegible] coronel Tarin se tivesse [illegible] a tempo; porém nem o chefe sou-[illegible] os momentos, nem D. Basilio tomar as disposições convenientes; assim que, tanto Minuisir, como os demais chefes, conseguiram salvar-se na povoação, não sem perda das suas equipagens, quando na realidade todos deveriam ter sido feitos prisioneiros. O numero destes foi consideravel, ainda que muitos, sabedores da conducta dos partidarios da Mancha, preferiram buscar a morte pelejando, e abriram passagem, logrando salvar-se os que não morreram gloriosamente. As forças da Navarra libertaram não poucas victimas.

O resultado deste encontro foi triste para os liberaes, que experimentaram bastante perda de mortos, feridos e prisioneiros, e da bagagem, armas, caixas, etc. Por accordo dos chefes de um e outro bando, se constituiu um deposito de prisioneiros e um hospital de sangue.

Prescindiremos de descrever as differentes correrias em que continuou a expedição de D. Basilio, para narrarmos um facto horroroso praticado pelos carlistas, que mostra bem o quanto era atroz esta guerra.

No dia 25 de Janeiro de 1838 chegaram os carlistas á Calzada de Calatrava, e sua guarnição se retirou ao forte sem os hostilisar, participando os carlistas que precisando repouso, não os molestariam na menor cousa, nem fariam fogo, se não os inquietassem. Assim passaram uns e outros o resto do dia e toda a noute seguinte, depois de haverem reduzido aos liberaes a que deixassem entrar no povo os seus inimigos. Constituia a guarnição encerrada, uma pequena força do exercito e não poucos individuos de nacionaes de diversos povos, que formavam parte da columna que commandava o brigadeiro Minuisir.

Durante a noute, os carlistas do povo trabalharam em render aos liberaes; cruzavam-se continuamente de casa de D. Basilio a de Quijana, que o acompanhava, e ao chegar perto da meia noute, Orejita, natural de Calzada, se decidiu ao sacrificio de seus concidadãos, apezar de alguns dos mutuos inimigos terem passado fraternalmente a noute, trocando entre si cigarros e bebendo unidos.

D. Benito Lopez de Torrubia, com melhores sentimentos que seu irmão D. Valeriano, procurou applacar o rigor dos carlistas; mas nada poude conseguir. Os liberaes, escravos do seu dever, estavam resolvidos a defender caras as vidas, e ao ver D. Basilio esta nobre e heroica resolução, appellou para o indigno meio que já estava disposto.

Convencido o chefe carlista da impossibilidade de os reduzir, lhes fixou um termo fatal para que se entregassem; e havendo respondido negativamente, retiraram-se as tropas aos pontos marcados e rompeu-se o fogo por ambas as partes. A artilheria carlista abriu as portas da egreja, que servia de forte, e a ellas se lançaram diversos infantes e paisanos, que encheram de achas de lenha, de altares, retabulos, cargas de mixtos incendiados, o pavimento do templo, que fecharam outra vez. O resto da infanteria assestava os seus tiros a quantos assomavam pelas janellas.

Em breve a fogueira interior do templo se communicou ás abobadas, onde estavam os seus defensores, e o calor suffocante e a horrivel densidade do fumo, não lhes permittia já respirar.

Então começaram a tocar o sino, e a chamar para que os salvassem; o edificio achava-se convertido em um volcão, e os fugitivos que se apresentavam sobre os cavalletes dos telhados, eram fuzilados pelos carlistas.

Um grupo daquelles desventurados, entre os quaes se contavam bastantes mulheres e meninos, se apresentou á vista dos sitiadores, os quaes suspenderam o fogo; mas vendo proximo a desabar o incendiado tecto, e que varios daquelles individuos se lançaram do alto a encontrar uma morte que criam menos aterradora, receberam os carlistas com as bayonetas aos que não assassinavam a tiros!

Em poucos momentos caiu com espantoso ruido a abobada abrazada, sepultando entre as ruinas e as chammas multidão de pessoas, victimas do seu patriotismo, ou do seu carinho. Tal foi a sanguinolenta e horrivel tragedia da Calzada de Calatrava.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

gado como devia. Este disfarce salvou José da Silva Carvalho. O official, perfeitamente illudido por este acto do negociante Pena, sorriu-se, e continuou a marcha com a força que commandava.

Assim poude José da Silva Carvalho seguir o seu caminho, e vencidas numerosas difficuldades, chegar a Inglaterra.

Se Silva Carvalho então fosse preso, em logar de vir a ser nomeado ministro da fazenda em 3 de Dezembro de 1832, prestando durante o cerco do Porto, e ainda depois delle, os serviços os mais relevantes á causa da liberdade; era irremediavelmente enforcado, tendo a mesma sorte dos infelizes martyres, que foram suppliciados na cidade invicta no dia 7 de Maio de 1829.

Curiosidades historicas—Coimbra foi até ao seculo XIV a primeira cidade do reino, côrte de nossos reis, e capital da monarchia. Onze vezes se celebraram côrtes dentro do seu recinto; uma no reinado de D. Affonso II, outra no de D. Affonso IV, outra no de D. Fernando, sete vezes no reinado de D. João I, e a ultima no de D. Affonso V.

Os cidadãos de Coimbra gozavam do privilegio de infancções, e a cidade do nobre e distincto brazão de muito antiga e leal ao rei. Coimbra tem sido 3 vezes ducado: um a favor de D. Pedro, quarto filho de D. João I, titulo com que este rei de boa memoria premiou a intrepidez do joven infante na conquista de Ceuta; outra a favor de D. Jorge, filho natural de D. João II, titulo que lhe legara em seu testamento, mas que el-rei D. Manoel, seu successor, somente lhe confirmou em 25 de Maio de 1500; a terceira a favor do infante D. Augusto, filho da senhora D. Maria II, e irmão do actual monarcha o sr. D. Luiz. Coimbra dá o titulo de principe ao primogenito do herdeiro presumptivo da corôa, porque el-rei D. João V ordenou por decreto de 1734, que o filho primogenito do herdeiro presumptivo da corôa se intitulasse *Principe da Beira*.

Todos estes factos e muitos outros são documentos honrosos para a nossa querida cidade.

O cartorio da secretaria da Universidade.—O sabio João Pedro Ribeiro, nas suas *Observações historicas e criticas para servirem de memorias ao systema da diplomatica portugueza*, impressas nas *Memorias da Academia Real das Sciencias* no anno de 1798, diz o seguinte:

«No cartorio da secretaria da Universidade se conhece uma grande falta de documentos do tempo que existiu em Lisboa, como já lamentaram os AA. das Memorias da mesma Universidade.

«Um livro chamado de *Privilegios*, que é uma copia sem authenticidade do anno de 1471, e de que se tirou, authenticamente, treslado, no anno de 1626 (encadernados cada um delles em velludo verde com as folhas douradas) é onde se conservam os documentos mais antigos. Dos que ahi se acham lançados, muitos são já por instrumentos e certidões; uma dellas passada da torre do castello de Lisboa, em virtude da provisão dada em Athouguia a 4 de Novembro da era de 1410, em nome do senhor D. Fernando, assignada pelo vedor da chancellaria, e dirigida a João Annes, vedor da fazenda; que mostra ter então a seu cargo a guarda das mesmas escripturas; não havendo ainda o cargo de guarda-mór.

«Os estatutos dados á Universidade pelo senhor D. Manoel, se acham originaes, por elle assignados sem data, em um livro de pergaminho; e no fim registadas em papel varias provisões reaes desde o anno de 1525.

«Acham-se tambem dous exemplares dos estatutos de 1591, impressos em Lisboa por Antonio Barreira em 1593.

«Os originaes authenticos dos estatutos de 1597 e 1772.

«Nos livros de provisões originaes se acham juntas, sem ordem alguma systematica, ou chronologica, cartas regias e provisões desde o anno de 1456: comprehendendo-se um pequeno numero de anteriores á passagem da Universidade para Coimbra em 1537.

«Os livros do registo de provisões principiam em 1525; tendo lançados no principio os estatutos do senhor D. Manoel; e havendo tambem outro que principia em 1537, na mudança da Universidade para Coimbra.

«Os livros de matriculas principiam em 1573.

«Os dos conselhos em 1545.

«Os das provas dos cursos em 1579.

«Porem algumas se comprehendem tambem nos dous livros da Universidade de Lisboa de 1506 até 1526, e 1526 até 1537.

«Dos actos e graus desde 1537.

«De ambos estes cartorios da fazenda, e secretaria da Universidade, copiei alguns documentos notaveis, e tirei outros por extracto: porém apesar dos trabalhos do reitor Francisco Carneiro de Figueiroa, e do beneficiado Francisco Leitão Ferreira, ainda se offerecia um vasto campo a quem meditasse escrever a historia de Universidade.»

O erudito João Pedro Ribeiro enganou-se quando disse, que os estatutos da Universidade foram impressos em 1593 por Antonio Barreira, em *Lisboa*. Foram aliás impressos aqui em Coimbra. Tem o seguinte titulo:

Estatutos da Vniversidade de Coimbra, confirmados por el Rei Dom Phelippe primeiro deste nome, nosso senhor: Em o anno de 1591. Em Coimbra. Com licença do ordinario & Sctâ Inquisição. Impresso por Antonio Barreira, impressor da Vniversidade. Anno M. D. XCIII.

São rarissimos estes estatutos. Se João Pedro Ribeiro viu dois exemplares na secretaria da Universidade; agora já alli não existe senão um. A propria bibliotheca da Universidade não os tem. Ha nella apenas uma copia manuscripta.

Em Coimbra, além do exemplar impresso, existente na secretaria da Universidade, não sabemos senão de outro na mão de um particular. Explique quem poder a causa de tão grande raridade, depois de se saber que no claustro da Universidade, celebrado no dia 9 de Maio de 1592, se resolveu que se imprimissem nada menos de 1:000 exemplares destes estatutos!

Banhos de Luso. — No dia 1 do corrente reuniu-se no paço episcopal desta cidade, a assembléa geral da sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso.

Foi eleito presidente da assembléa geral o sr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, e secretario Joaquim Martins de Carvalho.

Depois de lida e approvada a acta da sessão antecedente, foi egualmente approvado o parecer da commissão encarregada de examinar as contas da gerencia de 1872.

Em seguida o sr. bacharel Manoel Correa de Mello leu o relatorio da gerencia da direcção no anno findo.

Procedendo-se á eleição da commissão, que tem de examinar as contas da ultima gerencia, ficou composta dos srs. Francisco de Sousa Araujo, José Antonio Ferreira Manso e Joaquim Martins de Carvalho.

Seguiu-se a eleição da nova direcção, que ficou constando dos seguintes srs.:

Presidente, bacharel Manoel Correa de Mello.

Vice-presidente, bacharel Alexandre de Assis Leão.

Thesoureiro, Sebastião Rodrigues Breda.

Secretario, Augusto Ferreira Brandão.

Vogaes, Dr. Francisco Antonio Diniz, bacharel Joaquim Alves de Sousa, e bacharel Adriano Baptista Ferreira.

Logo que a commissão tenha prompto o seu parecer, se reunirá novamente a assembléa geral, para auctorisar a distribuição, como dividendo, do dinheiro existente em cofre.

Progresso em Coimbra.—Consta-nos que dois industriaes da Covilhã tratam de estabelecer em Coimbra duas fabricas, uma de louça em ponto grande, e com os modernos aperfeiçoamentos; e outra de lanificios. Andam já em ajuste com o sr. commendador Francisco da Silva Oliveira, para o aforamento de uma das suas insuas.

A falta de carestia de braços na Covilhã, e a maior proximidade dos grandes centros commerciaes, de Lisboa e Porto, são os motivos que levam aquelles industriaes a virem levantar em Coimbra estas fabricas, com que muito lucrará esta cidade, assim como os referidos fabricantes.

Fallecimento — Falleceu hontem a exm.ª sr.ª D. Maria Victoria Miranda de Campos, esposa do sr. Alexandre Maria de Campos. Era uma senhora dotada dos mais austeros principios religiosos e das mais santas virtudes, domesticas e sociaes.

Damos os nossos sentidos pezames á familia da illustre finada.

Tempo—Vieram finalmente as chuvas beneficas, tão desejadas pelos lavradores. Renasce a alegria nos campos, e o novo anno principia com bons auspicios. Oxalá que a terra recupere as suas forças, quasi exhauridas por tão perniciosa secca. O anno principia por matar a sede aos campos; e quem mata a sede á terra e ás plantas, mata a fome ao homem e aos outros animaes.

A imprensa e a pobreza—São importantes e dignos de registar-se os serviços prestados pela imprensa ás classes desvalidas. Pelas festas do Natal e Paschoa costumam muitos jornaes abrir subscripções a beneficio dos pobres, e são avultadas as quantias concedidas pelas pessoas caridosas.

Um cavalheiro do Porto, o anonymo Y, dá todos os annos para semelhante fim sommas valiosas a diversos jornaes. Ainda pelo Natal do anno passado fez o donativo de 539$000 reis, distribuidos pelos seguintes jornaes: ao *Commercio do Porto* 225$000 reis, ao *Jornal do Commercio* de Lisboa 200$000 reis, ao *Diario de Noticias* 69$000 reis, e ao *Primeiro de Janeiro* 45$000 reis.

O *Jornal do Commercio* recebeu no anno de 1872, para distribuir por pessoas pobres e familias necessitadas a importante somma de 2:752$985 reis, e nos 10 annos decorridos de 1862 a 1872 recebeu com a mesma applicação a elevada quantia de 18:406$170 reis.

Por estes e outros factos vê-se, que o espirito de caridade é um dote caracteristico dos portuguezes, e que os rogos da imprensa são sempre ouvidos pelas pessoas bemfazejas.

O jogo da loteria.—Publicámos ha dias um interessante artigo do sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, acerca do pernicioso jogo das loterias; e já hoje podemos apresentar um facto, que pela sua novidade deve ficar archivado na historia dos desastres deste jogo.

No dia 23 do mez ultimo andou a grande loteria de Hespanha; pois saiba-se que todos os que entraram n'ella perderam. Aquelles que compraram bilhetes, que sahiram brancos, ficaram sem o dinheiro que deram por elles; e aquelles que tiveram os bilhetes premiados, perderam além do dinheiro por que os compraram, mais o valor do premio; porquanto, segundo publica o *Jornal do Commercio*, os correspondentes em Badajoz, a quem se mandaram os bilhetes, ou fracções delles, responderam, que tendo-se dirigido ao agente do governo hespanhol, obtiveram por unica resposta—*que não estava habilitado com fundos para pagar os bilhetes premiados!* Não foi pago absolutamente nenhum bilhete, nem os de menor premio!

Isto é uma infame extorsão, mas em todo o caso não é má lição para os jogadores.

Anniversario. — Os nossos estimaveis collegas da *Correspondencia de Coimbra*, *Jornal da Noite*, *Diario de Noticias* e *Jornal de Lisboa*, entraram no principio deste mez, em novo anno da sua publicação.

A todos felicitamos por isso, desejando-lhes as maiores prosperidades.

Vitella—Pedem-nos para dizer, que no dia 5 do corrente haverá excellente vitella, no talho debaixo do arco de Santa Cruz.

Direito administrativo portuguez.— Está a imprimir-se nesta cidade o *Guia das camaras municipaes na organisação dos seus orçamentos*, pelo nosso amigo o sr. Joaquim d'Almeida e Cunha, bacharel formado em Direito e empregado na secretaria do governo civil de Coimbra.

Esta obra é de muita utilidade para as camaras municipaes, por conter todas as disposições relativas aos seus orçamentos.

Será um volume de 200 paginas pelo menos.

Com a sua publicação faz um bom serviço o seu illustrado auctor.

Concurso.—Está a concurso por provas publicas por espaço de 30 dias, a contar de 27 de Dezembro, a egreja parochial de Nossa Senhora da Conceição das Febres, do concelho de Cantanhede, diocese de Coimbra.

Tambem estão a concurso pelo espaço de 30 dias, a contar de 31 de Dezembro, as seguintes egrejas parochiaes:

Nossa Senhora da Purificação de Podentes, concelho de Penella, diocese de Coimbra.

S. Pedro de Tamengos, concelho da Anadia, da mesma diocese.

Calendario —Fomos obsequiados com um *Calendario*, primorosamente lithographado a cores, pelos srs. Reis & Monteiro, do Porto.

É um trabalho magnifico, e que muito acredita os habeis artistas que o fizeram.

Agradecemos-lhes a attenção que comnosco tiveram.

O general Espartero — Publicamos em seguida uma interessante carta, que o velho general Espartero escreveu a Emilio Castelar:

«Logroño 27 de Dezembro de 1873. Ex.mo sr. D. Emilio Castelar.—Senhor meu e do meu particular affecto. Faltaria a um dever de cortezia e ao apreço que v. ex.ª me merece, se não lhe desse immediatamente, assim como aos seus collegas, os mais expressivos agradecimentos pelos termos benevolos em que, na sua de 24, me felicitam pelo anniversario da batalha de Luchana, daquella noute terrivel em que á testa d'um exercito soffredor e valente, como hespanhol, disciplinado e combatente favorecido pela victoria, me coube a gloria de libertar a invicta Bilbau e ferir mortalmente a causa do absolutismo.

Trinta e sete annos tem decorrido desde essa epocha, e, quem havia de dizel-o! os nossos proprios desacertos resuscitaram uma causa que julgavamos morta para sempre. De nós depende que não chegue a triumphar. Continue v. ex.ª na senda que escolheu para conciliar a ordem com a liberdade, e tenha a certeza de que alcançará o applauso dos bons, e que a historia ha de fazer-lhe justiça.

Assim e só assim poderá ver realisado o seu ideal. Assim e só assim poderá contribuir para a victoria da liberdade e fazer a felicidade da nossa hoje tão desditosa patria, unico e desinteressado anhelo deste veterano, cuja norma de procedimento foi sempre o cumprimento da vontade nacional.

Com o mesmo enthusiasmo, a mesma fé de ha trinta e sete annos, o meu coração, jovên como nessa epocha, confia no triumpho definitivo da liberdade e na futura dita do povo hespanhol, por tantos titulos digno de melhor sorte; e bem que os annos e os achaques proprios da edade tenham debilitado o meu braço, o meu espirito inquebrantavel acompanha os meus antigos camaradas nas suas fadigas e triumphos, e faço os votos mais fervorosos e sinceros pela união de quantos hespanhoes de liberaes se prezam, unico meio, mas seguro, de ver dessipadas as nuvens que hoje escurecem o sol da liberdade e derramam a tristeza e a morte sobre o solo da patria.

Rogo a v. ex.ª que seja interprete destes meus sentimentos para com os seus dignos collegas, e creia no affecto que lhe professa o apreço em que o tem o seu servo e amigo, *Baldomero Espartero.*»

Noticias de Hespanha —Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

«Alcançam a 31 os jornaes hespanhoes.

Nada adiantam aos telegrammas que os nossos leitores encontrarão noutra parte.

A crise já sabemos que está imminente e é duvidoso qual será a solução que lhe darão as côrtes.

É possivel que logo ao dar conta do uso que tem feito do poder, durante o interregno parlamentar, receba o sr. Castelar um voto desfavoravel; mas por bem da Hespanha abrigamos a esperança de que tal não succeda.

O general Moriones continua em Castro-Urdiales e as avançadas carlistas estão á vista desta povoação.

No seu movimento de Santona até aquelle ponto foi o exercito do norte sempre protegido por quatro navios de guerra.

A ria de Bilbau está cortada pelos carlistas, que a atravessaram com cadeias de ferro e cabos. Aquella praça vae começar a ver-se em apuros, porque a ria era a unica via de communicação que lhe restava e [illegible] tudo se abastecia.

Portugalete está sendo vivamente atacada e corre perigo de cair em poder das facções.

O capitão general das Vascongadas participou que o pretendente havia saido de Vergara com direcção a Bilbau, seguido dos batalhões navarros e parte dos alavezes e que Velasco com cinco batalhões biscainhos se achava em valle de Arretia.

Em Cartagena continua activamente a construcção de baterias. Queixam-se alli da falta que ha de grossa artilheria de sitio, com que se facilitaria rapidamente a abertura da brecha.

Em Madrid dizia-se e disse-nos o telegrapho, que o governo dera ordem para se estabelecerem quatro hospitaes de sangue, isto na previsão de proximos transtornos.

Pobre paiz!

Madrid, 31, ás 12 horas e 30 minutos da manhã.— A nova conferencia que houve esta manhã entre Castelar e Salmeron deu em resultado o rompimento definitivo de negociações.

O governo resolveu apresentar-se intacto ás côrtes. O ministro do interior terminou a parte que lhe diz respeito na memoria que ha de ser apresentada ás côrtes.

Calcula em mais de 200 milhões de reales as perdas causadas pela insurreição cantonal; o valor das exacções carlistas na Navarra excede a 20 milhões.

Nos circulos politicos discute-se com muita animação o começo provavel da luta parlamentar na sexta feira. Os ministeriaes julgam certa a victoria do governo. O conselho de ministros reune esta noite e reunir-se-ha amanhã de manhã. A maioria foi convocada para quinta feira em reunião preparatoria, por iniciativa de alguns deputados.

A *Correspondencia* suppõe que, no caso de derrota de Castelar, Chau seria encarregado da formação do gabinete, cujo ministro da guerra seria Paralta.

Desmente-se formalmente a noticia do *Imparcial* de se terem dado ordens para estabelecer quatro ambulancias em Madrid.

Houve esta manhã na egreja da Atocha commemoração da morte de Prim.

Jury commercial. — Procedeu-se hoje á eleição do jury commercial desta cidade. Ficou assim composto:

Proprietarios

José Antonio da Costa Braga Junior.
João Matheus dos Santos.
Antonio Henriques de Carvalho.
Manoel de Almeida Cabral.
José Francisco de Oliveira Reis.
Joaquim Maria Martins.
José Barbosa Lima.
Antonio Ferreira Mattos.

Substitutos

José Antonio Vieira da Fonseca.
Innocencio Peixoto Quaresma.
José Melchiades Ferreira Santos.
Joaquim Justiniano Ferreira Lobo.

Camara municipal—A actual camara municipal de Coimbra ficou dividida nos seguintes pelouros:

Presidente, Dr. Fernando Augusto de Andrade Pimentel e Mello, encarregado das obras e secretaria.

Vice-presidente, bacharel José Maria Coutinho, contas das juntas de parochia e hospicio.

Fiscal, Augusto Cesar dos Santos, execução das posturas e policia urbana.

Joaquim Alfredo Pessoa, mercados, talhos e matadouro.

Francisco Maria de Quadros, cemiterio e arborisação.

Basilio Augusto Xavier de Andrade, policia rural.

Francisco de Sousa Nazareth, incendios e illuminação.

DISCURSO DA COROA

DIGNOS PARES DO REINO E SENHORES DEPUTADOS DA NAÇÃO PORTUGUEZA:

Nesta occasião solemne em que venho abrir a sessão legislativa do presente anno, sinto-me feliz ao ver-me rodeado pelos representantes da nação.

Continuam satisfatorias as nossas relações amigaveis com as potencias estrangeiras.

A tranquillidade publica tem-se mantido inalteravel em todo o reino e provincias ultramarinas.

Usando das auctorisações concedidas ao meu governo pelas cartas de lei de 2 de Julho de 1867 e de 5 de Março de 1858, foram abertas subscripções publicas, nacionaes, para a emissão da primeira serie de obrigações do caminho de ferro do Minho na importancia de 1.535:670$000 reis effectivos, e para a consolidação da divida fluctuante pela somma de 38.000:000$000 reis nominaes, tendo sido em ambos os casos satisfeito e excedido o pedido do governo.

O meu ministro da fazenda vos dará conta destas operações, que revelam a vitalidade do paiz, o seu patriotismo e a prosperidade relativa que disfructa.

No intuito de melhorar o armamento do nosso exercito, em relação ao pé de paz, deveu o meu governo a singular benevolencia dos governos de sua magestade a rainha de Inglaterra e de sua magestade o imperador de Allemanha, um provimento de carabinas modernas para infanteria e cavallaria, e de canhões do systema Krupp, que obtivemos directamente dos arsenaes da Gran-Bretanha e da Prussia. Para legalisar a despeza feita com estes armamentos e com o material de guerra, que, alem deste, nos foi indispensavel adquirir ou fabricar, o meu governo vos apresentará as necessarias propostas, que vós apreciareis, como merece o importante assumpto a que se referem.

Continuam as obras do caminho de ferro do Minho, começaram as do caminho de ferro da Regoa, e concluiu-se, sendo aberta á circulação, a secção de Extremoz, no caminho de ferro de sueste. Os trabalhos nas estradas ordinarias têem tido o maximo desenvolvimento compativel com os recursos que a lei destina para aquelle effeito. Sendo porem constantes e palpaveis os factos, que todos os dias demonstram quanto a viação accelerada tem contribuido para o augmento da riqueza publica, é chegada a occasião de fazer extensivo ás duas Beiras este grande melhoramento, que não só irá beneficiar aquellas importantes provincias, mas que facilitará consideravelmente as nossas communicações internacionaes. O meu governo vos apresentará para este fim as convenientes propostas, subordinadas comtudo ao preceito de não ser perturbada por causa dellas a situação financeira do paiz.

Alem das propostas, que ficaram pendentes do vosso esclarecido exame na sessão passada, outras de egual interesse vos serão submettidas brevemente pelos meus ministros. Confio no vosso reconhecido zelo e patriotismo, e estou convencido de que merecerá sempre a vossa desvelada attenção tudo quanto possa contribuir para melhoramento da administração propriamente dita, para a mais prompta applicação da justiça, para o derramamento da instrucção, e para o aperfeiçoamento de todos os ramos de serviço do nosso exercito, da nossa marinha e das provincias de alem mar, que tanto se recommendam á consideração dos poderes publicos.

Em obediencia ao preceito constitucional o meu ministro da fazenda vos apresentará o orçamento para o anno economico de 1874 1875, e por elle, e pelo relatorio e propostas que o hão de acompanhar e seguir, vereis que o estado do thesouro é satisfatorio, e que, graças ás providencias que tendes votado, aos esforços de todos, e á feliz duração da paz publica, se tem robustecido successivamente o credito, e podemos reputar equilibrada a receita com a despeza, sem necessidade de augmentar o imposto. Chamando a vossa illustrada attenção para um assumpto, que tão de perto se liga aos mais altos interesses nacionaes, confio plenamente na vossa sabedoria, e fico certo de que, com a mercê de Deus, fareis quanto ser possa, de accordo com o meu governo, e mediante uma justa economia, para melhorar cada vez mais as nossas finanças, habilitando-nos a aproveitar os progressos da civilisação no futuro engrandecimento e prosperidade da patria.

Está aberta a sessão.

ERRATA

Em muitos exemplares deste jornal sahiu um erro, que aqui rectificamos. Na terceira pagina, em a noticia—*Progresso em Coimbra*, onde se lê — A falta *de* carestia; leia-se—A falta *e* carestia.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

Em razão de ser dia santo de guarda na terça feira, publicar-se-ha o numero immediato deste jornal na *quarta*.

1 ANSELMO MESQUITA, ao arco de S. Thiago, tem para vender duas alampadas de egreja, que as dá por 4$500 rs. cada uma.

Substituto militar

2 PRETENDE-SE um substituto militar. Está encarregado do contracto, Serafim Martins Ferreira, na rua do Visconde da Luz.

Juros de consolidados hespanhoes

3 FRANCISCO BORGES GONÇALVES, ourives, na rua da Calçada, 35 e 37, compra os coupons vencidos dos consolidados internos e externos.

AGRADECIMENTO

4 OS EMPREGADOS DA IMPRENSA LITTERARIA, tendo, no dia 28 de Dezembro proximo findo, mandado dizer a costumada missa na capella do cemiterio da Conchada, para suffragar a alma do seu nunca esquecido amigo e collega Benjamim Augusto, e convidando para este fim o exm.º sr. conego Manoel Marques Pereira Ribeiro, assim como a philarmonica *Boa União*, estes senhores a isso se prestaram da melhor vontade, concorrendo com a sua presença para tornar este acto mais solemne, pelo que vêem por este meio testemunhar-lhes a sua eterna gratidão.

DOCTOR IN ABSENTIA

5 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei*, 46, *em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

JORNADAS

Por Thomaz Ribeiro

DO TEJO AO MANDOVY

Um lindo volume de mais de 400 paginas: preço 600 rs.

A' venda na livraria Central de J. D. Pires, editor.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 reis em estampilhas.

OBRAS PUBLICAS DO DISTRICTO DE COIMBRA

Estrada districtal n.º 57, de Miranda do Corvo a Santa Combadão

LANÇO DA PONTE DO SARZEDO Á MOITA

7 NO DIA 8 de Janeiro proximo futuro, pelas 10 horas da manhã, na administração do concelho de Taboa, recebem-se lanços para a arrematação das tarefas de terraplenagem entre os perfis 210 e 276 no volume de 7470,71, e bem assim para o fornecimento de 1039,13 de pedra britada para empedrar a parte da estrada, comprehendida entre os referidos perfis.

A divisão de tarefas e condições para a sua execução, estão patentes na administração do concelho, e na secretaria da direcção das obras publicas deste districto.

Para ser admittido a licitar é preciso ter feito o deposito provisorio, designado nas condições das tarefas.

Coimbra 30 de Dezembro de 1873.
O chefe da secção,
João Lopes Xavier.

AGRADECIMENTO

8 D. MARIA AUGUSTA DA ROCHA DANTAS CARNEIRO, agradece cordealmente ao exm.º sr. conego Manoel Marques Pereira Ribeiro e a todos os exm.os srs., que se dignaram honrar com a sua presença a cerimonia funebre da trasladação dos restos mortaes do seu prezado marido o Dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro, para o seu jazigo, pelo que se confessa profundamente reconhecida.

9 JOSÉ DE LEMOS DE NAPOLES, e sua mulher D. Maria Feliciana Rebello de Napoles, pretendem dar de arrendamento, por annos, as propriedades que possuem nas proximidades de Coimbra, e que rendem 144$000 rs. em dinheiro, 61 alqueires de trigo, 238 ditos de milho, e algum azeite. Quem pretender este arrendamento, póde dirigir as suas propostas ao annunciante pelo correio de Moimenta da Beira.

Tambem aceitam propostas para a venda destes bens, venda que effectuarão, se os preços lhes convierem.

CHEGOU
Queijo Suisso
Queijo Londrino

QUEIJO FLAMENGO, CASCA VERMELHA, SUPERIOR

Estabelecimento de

JOSE' TAVARES DA COSTA

Á PORTAGEM

NUMERO 2760 — QUARTA FEIRA 7 DE JANEIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Está aberto o parlamento, o que no systema constitucional é um facto da mais alta importancia.

No discurso da corôa, afastou-se o ministerio do systema geralmente seguido, de desenvolver todo o seu programma de governação, e de mencionar a maior parte das propostas de sua iniciativa, que pretende apresentar ao parlamento.

Apenas naquelle documento indica algumas de maior alcance, entre as quaes sobresae uma, de summa importancia para esta provincia— a construcção do caminho de ferro da Beira.

Este projecto, que já na passada legislatura teve um enthusiastico acolhimento, não só nas camaras, mas entre os povos das duas Beiras, prende a attenção geral, e não póde deixar de merecer o melhor acolhimento da parte dos poderes publicos.

E' este um dos melhoramentos de maior alcance para o paiz inteiro, e principalmente para esta provincia.

Toda a nação reconhece a influencia, que as vias acceleradas tem exercido na riqueza publica, e no desenvolvimento do commercio e da industria, cuja prosperidade a todos é patente.

E não só pelo que respeita á riqueza a explorar por toda esta extensa e feracissima provincia, onde ha todos os elementos indispensaveis ao desenvolvimento industrial; mas ainda pela grande vantagem de ser este o caminho mais curto da Europa continental. Esta circumstancia, quando outras muitas não houvesse, que justificassem tal medida, bastaria para demonstrar a sua utilidade.

Ninguem póde contestar os beneficios que a viação accelerada opera entre os grandes centros de industria, para os quaes a facilidade, rapidez e barateza de transportes são uma condição indispensavel do seu progresso e desenvolvimento: nem este desenvolvimento industrial do paiz póde manifestar-se em larga escala, em quanto se não abrirem communicações com os grandes mercados da Europa.

E' por tanto de incontestavel conveniencia para todo o paiz, este grande melhoramento, que o governo promette submetter á deliberação das camaras legislativas.

Não é sómente o desejo de gozar mais essa commodidade da moderna civilisação, que tem levado os povos das duas Beiras a pedir instantemente aos poderes publicos este beneficio. É tambem a necessidade de explorar as riquezas de tão fertilissimo territorio.

Por isso os povos das duas Beiras, reconhecendo o desejo que o governo tem mostrado de realisar esta empreza, do mais palpitante interesse para elles e para todo o paiz, acolheram com enthusiasmo a medida, que dentro em pouco deverá ser convertida em lei.

Já neste logar mostrámos as muitas e incontestaveis vantagens deste projecto; e por essa occasião indicámos a necessidade de attender á importancia commercial desta cidade, que é a povoação, a todos os respeitos, de maior importancia da provincia.

Não podemos duvidar do desejo que o governo tem de attender aos interesses de Coimbra neste valiosissimo assumpto. Estamos certos que os attenderá: no entretanto pedimos desde já ao governo, ao illustre deputado por este circulo, e a todos os cavalheiros que no parlamento se tem interessado pela prosperidade desta terra, a sua efficaz influencia, em favor da justiça que lhe assiste.

Na sessão do dia 5 apresentou o governo ás camaras, o orçamento do estado, para o futuro anno economico.

Pelo interesse que este documento deve merecer a todos os nossos leitores, damos em seguida resumidamente, o que alli ha de maior importancia. E' elle uma prova da boa gerencia financeira do actual governo.

A receita é de 21.995:970$000 rs., e a despeza 23.263:212$410 rs.; havendo por tanto um *deficit* de 1.267:242$410 rs.

Este desiquilibrio é atenuado pelas deducções nos vencimentos dos empregados do estado, com a verba de reis 308:100$000 rs.

As deducções foram fixadas do seguinte modo.

2 ½ por cento nos vencimentos de 200 a 400$000 rs.; 5 por cento nos de 400 até 600$000 rs.; 10 por cento nos vencimentos superiores a esta ultima quantia.

Nos vencimentos inferiores a 200$ reis não ha deducção.

A familia real cedeu 57:000$000 rs. a favor do thesouro.

O *deficit* poderá ser talvez este anno mais reduzido, ou extincto completamente, se continuar o augmento do progressivo rendimento das alfandegas, e outras fontes de receita.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 4 de Janeiro de 1874.

Meu amigo. Ha quatro dias que a ampulheta do tempo marca mais um anno no eterno quadrante dos seculos. Somem-se as flores da vida a pouco e pouco, mas as flores dos campos, essas... hão de voltar, sempre, e sempre, até á consummação dos seculos... Após

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXVI

D. CARLOS

LXXVI

Continuou Basilio Antonio Garcia com a expedição, sendo perseguido por differentes forças liberaes. Foi, porém, o general Pardiñas aquelle a quem coube a sorte de acabar com esta expedição.

Havia-se adeantado Paradiñas a Placencia no 1.º de Maio de 1838; moveu-se logo sobre Baños, e ao saber a direcção de D. Basilio, correu em sua busca e chegou a Béjar na madrugada do dia 3; e ainda que não poude surprehendel-o como em Castril, carregou o retem que mandava Fulgosio, matou a este chefe, desconcertou aos soldados, introduziu-se o panico nos demais da povoação, e o triumpho se declarou pelos liberaes.

Fugiu D. Basilio, capitularam as tropas alojadas no castello, foram apresados os chefes nos seus mesmos alojamentos, e entre os prisioneiros se contaram Jara, Tercero, Cuesta e Carrasco. Os mortos e feridos não foram muitos; porém os prisioneiros subiram a uns 90 officiaes e 900 individuos de tropa.

A expedição de D. Basilio soffreu um golpe mortal neste encontro, de que se não recuperou: as suas operações, desde então, foram insignificantes. Desde a sua saida até ao seu regresso percorreu D. Basilio mais de 600 leguas.

Foi esta uma nova lição, para mostrar aos carlistas o producto que tiravam das expedições, nas quaes apesar disso sempre continuavam, emprehendendo outra expedição o conde de Negri, que foi derrotado por Espartero.

No principio do anno de 1838 tinha Espartero dado começo ás suas novas operações militares.

No dia 30 de Janeiro atacou elle valentemente os carlistas em Mercadillo. A bravura dos liberaes obrigou os inimigos a retirarem-se.

As forças liberaes reconcentraram-se sobre Viergol, Ventades e Montiano; e apparentando os carlistas quererem-se defender ainda em Artieta, acoutados em um grande barranco, foram atacados pelas tropas que occupavam o centro, e se retiraram para o valle de Gordejuela.

Havia Espartero conseguido o seu principal objecto, o qual era de occupar as linhas e dominar o caminho de Balmaseda, em cujo restabelecimento se trabalhava, flanqueando desde Viergol a posição do Berron. Maior perseguição aos carlistas poderia ser mais prejudicial do que util, pela natureza do terreno e pelo apoio do ponto fortificado de Arciniega, cujo torreão não se podia tomar sem artilheria de bater; por cuja razão se acantonaram as tropas em Viergol, Ventades, Montiano e Artieta, deixando estabelecido em Entrambasaguas o batalhão da guarda real provincial, que não tinha podido chegar á acção por proteger a construcção de pontes e demais reparos do caminho, retirando-se a artilheria que não poude passar de Mercadillo a Villanueva.

Na descoberta que se fez ao amanhecer do dia 31, não appareceu nenhum carlista: o fumo das fogueiras indicava a sua situação para o lado de Santa Coloma.

A acção tinha sido sanguinolenta; e uns e outros combatentes lamentaram dolorosas perdas, sendo de importancia nas fileiras carlistas a do marquez de Bóveda, chefe das forças castelhanas, ao qual uma bala de artilheria levou a cabeça.

O general carlista Guerguê, tinha permanecido durante a acção distante della; porque lhe importavam mais as questões politicas do que aquillo que se decidia em campo.

Infatigavel Espartero, não dormiu sobre os seus laureis: apreciava o valor do tempo, e comprehendeu que a diligencia assegura communmente o exito.

A Buerens lhe mandou que ficasse em Viergol com o seu esquadrão, cinco batalhões e uma bateria de montanha; e as columnas de Latre e Iriarte, augmentadas com tres batalhões dos que no dia anterior tinham estado ás ordens de Sierra, marcharam com o general em chefe pelo desfiladeiro que conduz ao Berron pelos povos de Rio e Varza.

Ia Espartero á frente de todas as tropas, e ao chegar a Bárcena, acabava de sair o 5 de Biscaia. Metade de um batalhão de caçadores foi destinado a flanquear a direita, e a poucos passos romperam o fogo contra os carlistas, que occupavam uns parapeitos, construidos por elles, para bater o caminho; porém reforçados os caçadores liberaes com duas companhias, os foram repellindo até Bortedo e Orrantia.

O grosso do exercito continuava no entanto para o Berron, por onde passou o quartel general com a companhia de caçadores, adeantando-se Espartero ás alturas immediatas entre o dito povo e o de Bortedo. Alli se encontraram com muitos e bons parapeitos, feitos pelos carlistas, que os abandonaram, tomando posição nos de Bortedo, apoiando-se no povo, a sua egreja e ermida de Santa Isabel, que haviam fortificado. Foram-se reunindo pouco a pouco as companhias de caçadores, o generalisando-se o fogo das que cobriam a marcha pela direita do desfiladeiro, se reforçaram aquellas companhias [illegible] mais.

Não obstante isto, a posiç[illegible]

uma geração, outra, e outra... e nós, pendendo a cabeça para o tumulo, damos-lhe logar a que ellas passem, febris e agitadas, doudejantes e alegres... até que de vez nos vamos... sem dizermos ao que viemos aqui. E o mesmo succederá ás gerações que passaram... e o mesmo succederá ás que nos substituem, e o mesmo, tambem, ha de succeder ás que se seguirem!

—Deixe-me dizer-lhe que se abriu o parlamento. A solemnidade foi imponente e magestosa, tanto official, como popular. As ruas do transito por onde passou S. M. achavam-se litteralmente coalhadas de povo. O dia, na phrase do *Diario de Noticias*, sempre correcto e auctorisado, estava *primaveral*. As galerias da camara achavam-se adornadas de senhoras da primeira sociedade. A tropa da guarnição apresentou-se com todo o primor e aceio, e com um garbo marcial digno e guerreiro. Na occasião em que uma salva de 21 tiros annunciava ao paiz a abertura do parlamento, dizia eu a um defensor da velha monarchia, cavalheiro de uma honradez proverbial e de sisudo caracter:

—Acaba de abrir-se o sanctuario das leis—lhe disse.

«Que Deus os abençoe—me respondeu.

Que Deus os abençoe, e que tenhamos todos juizo, na phrase de um homem de estado distincto, dirigida a um grupo de deputados que lhe perguntavam noticias ácerca da nossa situação financeira. «Vae tudo bem; a questão é de juizo em todos nós, porque, nunca Portugal se viu tão prospero como actualmente está.» O *Times* o diz; o principal orgão de um paiz civilisado, o jornal mais serio do mundo, tem tratado do nosso estado financeiro por uma fórma assás lisonjeira para Portugal.

Hontem reuniu-se a maioria pelas 8 horas da noite. Estiveram reunidos 33 deputados. O sr. ministro da guerra, expoz o estado prospero do thesouro, declarando que o governo não apresentaria grande numero de projectos por ser esta a ultima sessão da actual legislatura. Na reunião resolveu-se que fosse reeleita a mesa da camara passada. Hontem na camara electiva, elegeu-se a lista quintupla para a escolha de presidente, ficando eleito o sr. Sá Vargas, com 53 votos, e secretarios os srs. Francisco Costa e Ricardo de Mello. A ordem do dia para ámanhã (segunda feira) é a eleição dos vice-secretarios.

Na camara dos pares foi eleita a commissão de resposta ao discurso da corôa, ficando eleitos os srs. Martens Ferrão, duque de Loulé, e Rebello de Carvalho. Os secretarios da camara dos pares são os srs. Visconde de Soares Franco e Montufar Barreiros.

Estão pois, constituidas as camaras, e breve começará a discussão das propostas que o governo ha de apresentar ao exame da mesma. Um jornal de hontem, orgão de um nucleo de partido, morto, e gasto, e desacreditado, sem cousa alguma ter feito por duas vezes que os membros d'elle estiveram no poder, dizia, que: «o discurso da corôa, alludindo ás prosperidades, gozadas durante o interregno parlamentar, attentava contra a verdade dos factos, e que os promettimentos do proximo equilibrio orçamental, desnecessidade de novos impostos e augmento de credito, não passarão de promettimentos.»

Quem avançou isto foi o redactor do *Diario Popular*, deputado pela Chamusca, lente de mathematica na escola polytechnica, que tem aggredido o governo menos lealmente. Chama-se attentar contra a verdade dos factos expôr lealmente e laconicamente ao paiz o estado do thesouro, prospero ha tres annos, e acrescentar que o proximo equilibrio orçamental ha de em pouco ser uma realidade, e não uma ficção como o foi na epocha em que o decantado bispo de Vizeu era alma do ministerio nefasto, presidido pelo sr. marquez de Sá. Chama-se attentar contra a verdade dos factos dizer que não ha necessidade de novos impostos, e que o augmento do credito se revelará sempre em escala ascendente. Dizer isto ao paiz é attentar contra a verdade dos factos, que fallam alto e bom som, desmentindo aquelles que, por systema, dizem mal de tudo!

Seriamos felizes, immensamente felizes, se empunhasse as rédeas da governação o partido reformista. Pois não viram o bom senso e alto tino governativo com que foram geridas as cousas publicas durante o seu reinado? Que mais ficou para desejar? Não tiraram aos funccionarios publicos uns magros ceitis, para diminuir o *deficit*? Não reformaram, não eliminaram, não desorganisaram a fazenda publica? E o *deficit*, não diminuiu? Não metteram o nariz na imprensa nacional, estabelecimento importante, que dá importantissimas receitas ao thesouro, mandando por uma portaria, digna de eternas luminarias, suspender o pagamento das *capilhas* aos compositores e mais empregados? E tudo isto para attenuar o *deficit!* Oh! grandes e alvares reformadores, que a vossa memoria será eternamente nefasta nos annaes da publica governação. Entretanto, o povo sabe quem são os seus defensores, aquelles que lhe apregoam maravilhas, mas que o deixavam morrer á mingua quando no poder se achavam. Lembra-se elle ainda da falta de trabalho e dos cyrios tristes e inquietos que fazia no ministerio das obras publicas, pedindo trabalho honrado. Faltou só ao povo, para denunciar a sua fome e mingua, espetar n'um pau um bocado de pão, como fazem na Irlanda os trabalhadores quando a fome os aperta.

Constitucionalmente não vereis realisada as vossas aspirações, porque o ministerio tem a confiança do chefe do estado, e dos homens sensatos dos diversos partidos, menos do vosso. Por uma revolta militar, é impossivel tambem, porque o exercito é digno, é obediente, e despreza-vos, e sabe manter a disciplina, de que sempre tem dado provas.

—A situação da pobre Hespanha complica-se cada vez mais. E a tal questão de juizo nos partidos, como algures lhe disse. O governo recebeu hontem um telegramma de um acontecimento importante na visinha nação. Nada menos que o general Pavia, capitão general de Madrid, entrar na assemblea nacional, dissolvel-a, nomear governo provisorio, dando parte deste acontecimento a todo o corpo diplomatico estrangeiro, e aos representantes de Hespanha nas differentes nações. Este golpe de estado é da mais alta importancia, envolvendo em si graves complicações. O ministerio de Castellar fôra derrotado d'uma votação por 120 votos contra 100, que o governo a muito custo poude alcançar. Não sei se Pavia, affirmando que um governo que substituisse o do sr. Castellar, destruiria o exercito e a patria, fará cousa melhor do que alli se achava estabelecido. Veremos; porém é difficil a organisação de um governo estavel e que dê garantias de ordem e de segurança áquella pobre nação. Os cantonaes e os carlistas são os unicos que exultam com este estado de cousas, estado anormal que lhes dá força e os alimenta mais em suas absurdas esperanças.

—Eu nada sei de noticias com relação á classe trabalhadora, que lhe conte. Um jornal daqui dizia ha dias que havia duas classes de operarios: uma dos laboriosos, outra dos que renegam a familia e o trabalho, e que são estes os que proclamam a desordem e a anarchia. E tem razão. Dos ultimos está cheia a internacional, e não só a internacional, as filiaes della, que, segundo me asseveram, augmentam dia a dia.

A semana passada um pobre cego foi accommettido por um meliante que lhe lançou aos olhos uma porção de terra. O pobre do homem, assaltado tão intempestivamente por um alvar sem consciencia e criterio, exclamou que o haviam cegado pela segunda vez. Lamothe uma occasião passava por uma rua de Paris, e pisou um transeunte. Este deu-lhe uma tremenda bofetada e o pobre homem limitou-se a dizer: «Ah! senhor, como ficará triste quando souber que bateu n'um cego.» Aqui a resignação evangelica do bom Lamothe, que não gritou, como fez o cego de Lisboa.

Nada mais tenho que lhe dizer, ou muito tinha que lhe dizer, se o seu jornal fosse unicamente destinado á correspondencia de Lisboa.

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

O Juiz do povo.—Exercia o juiz do povo, no antigo regimen, uma magistratura economica e politica de grande importancia; e, com quanto fosse eleito, como em Roma o *Tribunus Plebis*, d'entre a arraya miuda, era, todavia, equiparado em prerogativas a magistrados sahidos do gremio da nobreza.

Traziam os juizes do povo varas como os vereadores e os juizes ordinarios (ao juiz do povo de Coimbra foi concedido o privilegio de poder usar de vara vermelha, como o de Lisboa, por carta regia de 3 de Junho de 1663); liam seus filhos no desembargo do paço sem dispensa de mecanica; podiam fazer procuração por seu proprio punho; sentavam-se em cadeira de espalda, a par do corregedor, concorrendo na junta do cofre da real fazenda; finalmente de tamanha honra e consideração foi sempre considerada a posse desta magistratura, que por gravissima pena foi privada a cidade do Porto do seu juiz do povo, procuradores e misteres, por carta regia de 10 de Abril de 1757, e por graça especial reintegrado por carta regia de 4 de Abril de 1795.

Folgavam os nossos reis de honrar e distinguir estes magistrados, e com muita particularidade el-rei D. João IV.

Adoecera gravemente este soberano, e dous dias antes de fallecer quiz despedir-se do senado de Lisboa, que recebeu na sua camara, dirigindo-lhe uma breve e sentida falla.

«Depois chamou sua magestade *(conta João Rodrigues de Sá e Menezes, conde de Penaguião, seu camareiro-mór)* ao juiz do povo, e ao seu escrivão, que estavam de joelhos para os pés da cama, e dando-lhes a mão com grande benignidade lhes disse:

«Meu juiz do povo, meus homens bons, bem conheço o muito que me amaes, e todo este povo, e que sois muito solicitos em meu serviço, e zelosos do bem commum.

«Eu tambem me alegrava muito todas as vezes, que vos via, assim a vós, como a vossos antecessores, e homens do povo, porque tenho de vós outros grande satisfação.

«Eu estou muito conforme com a vontade de Deus neste estado.

«Ahi vos fica a rainha, e meus filhos: encommendovol-os muito, e fio de vós, e do

---

em chefe era muito critica naquelle momento, por carecer de forças que oppor ás de 14 batalhões carlistas que havia entre Bortedo e Antuñano; porém era tactica de Espartero supprir com o valor o numero, e se adeantou impávido com o seu estado maior a meio tiro da ermida de Santa Isabel, e muito debaixo de seus fogos, subiu á montanha para descobrir as forças que havia detraz da colina de Bortedo.

Esta operação audaz lhe custou a perda de muitos cavallos feridos, e seria qualificada de temeraria, se se não comprehendesse que para traçar Espartero o seu plano, necessitava saber as posições e o numero de seus inimigos, e poucas vezes fiava de outros estas noticias, quando elle podia adquiril-as, ainda arrostando perigos como este.

Vendo o que era possivel executar, avançaram tres companhias de caçadores, cobertas algum tanto pelo terreno proximo á ermida; foram-se lentamente reunindo sobre o Berron as massas liberaes, e conhecendo Espartero que os carlistas tratavam de fazer um esforço para impedir o soccorro de Balmaseda, a cujo fim se reforçaram em a noute anterior, enviou a um dos seus ajudantes para que o general D. Fermin Iriarte, mandado ficar em Rio e Barcena, se lhe incorporasse, destacando forças que cobrissem a sua direita; cuja ordem o alcançou ainda em Viergol, donde não tinha podido passar por não haver concluido de [illegible] em caminho tão estreito, os batalhões

Sem duvida por equivocação, ao explicar-lhe a ordem do general em chefe, se dirigiu pelo caminho de Orrantia, a caír precisamente em meio dos carlistas, tendo por conseguinte cortadas as suas communicações com o Berron. Tambem se ordenou ao general Buerens, que deixando dois batalhões em Viergol, avançasse com os tres da guarda, artilheria e cavallaria. Ao executar esta ordem se apresentaram em Artieta quatro batalhões e um esquadrão carlista.

Iriarte ia empenhando fortemente a sua columna, ao passo que se aproximava a Orrantia; e para fazer a sua posição mais critica, atacaram os carlistas de Artieta aos liberaes de Viergol, se bem que foram rechassados com valentia e em franca luta, porque os bravos defensores da rainha não quizeram acoutar-se nas casas.

Não podia presumir Espartero a terrivel situação de Iriarte, a quem se não havia notado de menos, por não terem chegado ainda os batalhões que o precediam, e o fogo que se ouvia para o lado de Orrantia, se confundia com o que fazia a direita das tropas do general em chefe nas faldas da eminencia. Intentavam os carlistas estender-se sobre a sua direita, depois de obrigar a retirar-se para Balmaseda a umas companhias da sua guarnição, que sabedoras da chegada do exercito, occuparam as grandes alturas que a dominam; porém se oppoz um batalhão para conter os carlistas.

Satisfazia isto ao chefe liberal, que vendo avançar a noute, não julgou conveniente empenhar uma acção naquelle terreno, e com 8 batalhões que unicamente se haviam podido reunir; mas regressa o ajudante de campo, faz conhecer a equivocada e compromettida direcção de Iriarte, comprehende-se então ser seu o nutridissimo fogo que se ouvia, e sem vacilar, decide Espartero um ataque vigoroso que salve a Iriarte e tome aos carlistas as formidaveis posições em que se amparavam.

Reforça no mesmo instante com um batalhão ao que ameaçava tomar de flanco a direita de primeira linha carlista, e dando as vozes de commando e direcção ás columnas e caçadores, marchou elle adeante com todo o seu estado maior e escolta sobre a ermida de Santa Isabel, tocando todas as bandas o passo de ataque e enthusiasticos hymnos, que alegravam o animo e embraveciam o coração.

A artilheria de montanha rompeu certeira o fogo, sem deter por isso a sua marcha, que executava por escalões de duas peças.

A defeza dos carlistas era terrivel; disparavam quasi a coberto dos seus parapeitos, e eram fortemente apoiados pela sua segunda linha de Antuñano, bosque e colinas immediatas. Porém se era valente a resistencia, não o era menos a accommettida, que não poderam rechassar, e cederam o triumpho aos liberaes.

Não era este ainda completo: existia em poder dos carlistas Antuñano, e importava a Espartero a sua posse. O seu inimigo apresentava alli uma formação regular, fazendo um fogo como em um exercito, e o apoiava uma terceira linha e os estribos da cordilheira que forma um dos lados do rio Gadagua, proximo a Balmaseda, cujas dominações os bosques e a noute que avançava, favoreciam a retirada dos possuidores daquellas brilhantes posições. Porém não era isto bastante para deter a marcha de Espartero: á frente sempre dos seus bravos, seguiu adeante, tomou a Antuñano, e em contacto já com o general Iriarte, arrojou este aos carlistas sobre Santa Coloma.

Espartero conseguiu quanto se tinha proposto: houve direcção acertada e valente desempenho; e a ser possivel empregar a cavallaria, que marchou unida á infanteria, o exito teria sido ainda mais completo.

Havia reunido Guergué immensas forças; procurou-as alentar, bateram-se bem, com heroismo, porém dirigiu-as mal: foi mais habil o seu adversario e venceu.

Os liberaes acantonaram-se em Antuñano, Bortedo, Berron, Gigan, La Nava, Santecilla, Barcena, e Viergol, que conservou o brigadeiro Castañeda.

Depois de tão inauditos esforços poude Espartero soccorrer os defensores de Balmaseda, como veremos em o numero seguinte.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

amor que me tendes, tratareis muito de sua conservação e serviço, e da quietação de todos como leaes vassallos.»

«O juiz do povo, derramando muitas lagrimas, lhe referiu o sentimento, que o povo tinha da doença de sua magestade, e o muito que o amava, e concluiu dizendo:

«Rei e senhor, se Deus for servido levar para si a vossa magestade, nós ficamos mui desamparados.»

«Ao que el-rei lhe replicou:

«Não ficareis, não ficareis: que ficaes bem encommendados. E levando-me meu Senhor Jesus Christo á gloria, como confio nos merecimentos de seu precioso sangue, lá rogarei por vós, e por esta monarchia.»

«Beijaram outra vez a mão a sua magestade, e sahiram tão magoados, como agradecidos da humanidade, com que os tratou sua grandeza.»

Bombas dos incendios.—No domingo de manhã fez-se no largo da Feira a experiencia das bombas dos incendios, cesto e manga salva-vidas, e respectivas escadas. O serviço foi dirigido pelo sr. engenheiro municipal. Assistiram os membros da camara, assim como muito povo.

Neste ramo de serviço tem-se introduzido muitos melhoramentos; e se ainda não está perfeito, já é muito melhor do que antigamente.

Consta-nos que a nova camara está empenhada em attender com desvello a este importante objecto, adoptando todas as reformas que forem compativeis com os meios do municipio

Parece que tambem ha tenção de augmentar a gratificação aos bombeiros, a qual na verdade é muito mesquinha para o trabalho que delles se exige.

Havendo frequentes exercicios, tirar-se-ha delles muita utilidade, tanto para o ensino pratico dos bombeiros, como para se ir sabendo o que de mais necessario se carece.

Ha um seculo ainda em Coimbra não havia nem uma unica bomba de incendios!

O juiz do povo e casa dos vinte e quatro pediram em 1778 para que nesta cidade houvesse duas bombas de agua, por não haver remedio mais efficaz e mais prompto para apagar os incendios.

O senado da camara, em uma representação que dirigiu á rainha D. Maria I no dia 8 de Janeiro de 1779, associou-se a este pedido.

Dizia a camara, que as duas bombas se podiam fazer pelo dinheiro do cofre do real d'agua, e ficar incumbida á camara a sua inspecção e boa guarda, assim como a designação dos sitios em que deviam existir.

Como, porem, se não podiam manejar as ditas bombas, nas occasiões em que fossem necessarias, senão por alguns individuos do gremio da plebe, que fossem positivamente designados e compellidos para esse effeito, para o que não tinha a camara jurisdicção bastante; recorria a mesma camara á rainha, para que se dignasse por sua real grandeza conceder na mesma provisão da permissão das bombas, a precisa auctoridade para que a camara podesse obrigar com penas pecuniarias e de prisão, os individuos necessarios para o dito effeito, sendo repartidas em duas companhias, cada uma de 20 homens, com seu guia, a quem obedecessem, e que as podessem dirigir e commandar em forma na occasião dos incendios, servindo cada companhia por tempo de seis mezes.

Os membros da camara de Coimbra, que assignaram esta representação á rainha D. Maria I, em 8 de Janeiro de 1779, eram José Antonio de Mesquita e Moura, Filippe Saraiva de Sampaio, Francisco Xavier de Brito Barreto e Castro, Dr. Vicente Rodrigues Ganhado, Francisco Jusarte de Quadros, e José Ferreira de Sousa, procurador geral.

No dia 31 de Março de 1824, em vereação e junta da nobreza e povo, foi apresentada uma proposta feita pelo insigne machinista Bernardo Ferreira de Brito, mais conhecido por Bernardo da Fabrica, em razão de haver dirigido as fabricas de tecidos na rua de João Cabreira.

Pedia elle um ordenado de 100$000 rs., com a obrigação de ter promptas e reparadas á sua custa as bombas existentes, e de as dirigir nos incendios; assim como de fazer uma bomba portatil para se introduzir no interior dos edificios.

A junta approvou a proposta, com a condição de não receber Bernardo Ferreira de Brito o ordenado sem ter feito a bomba nova; sendo-lhe imposta a multa de 12$000 rs. todas as vezes que não tivesse as bombas limpas e em estado de bem trabalharem, ou se faltasse a dirigir algum incendio.

Nesta junta assistiram 27 cidadãos, nenhum dos quaes já hoje é vivo.

Ainda não é de longa data a gratificação dada aos bombeiros. Este trabalho era gratuito, e apenas tinham em recompensa os que o prestavam alguns privilegios.

Depois de restabelecido entre nós o governo liberal, foi a camara de 1836 a primeira que quiz melhorar este serviço. Mas a commissão encarregada de dar o seu parecer acerca do orçamento de receita e despeza municipal, dominada por espirito de excessiva economia, rejeitou a proposta da camara, no seu parecer apresentado em 9 de Maio de 1836.

Como curiosidade aqui apresentamos o que dizia a commissão:

«Do 1:090$000 rs., que a camara lembrou para compra de uma nova bomba, reparo das existentes, seu trem, e organisação da companhia de serviço respectivo, não julga a commissão dever occupar-se para lhe proporcionar meios, por ver declarado no orçamento, que as tres hoje existentes se acham no melhor estado de serviço; e entender que as companhias se podem organisar sem despeza, alistando gente isenta da guarda nacional, e dando-lhe em logar de soldo a *isenção de aboletamentos;* arranjo este que teve principio, e estava a ponto de concluir-se, quando a camara actual entrou de posse; e nada póde obstar que seja uma isenção especial, porque é essencial, e inteiramente ligada com o interesse publico, e como tal permittida nos termos do artigo 145, § 15 da Carta Constitucional: e tambem muito principalmente porque existe a provisão de 23 de Junho de 1824, que manda pagar 100$000 rs. annuaes pelo cofre do real d'agua para ordenado de um director das bombas, que até aqui se achava escripturado com a camara, e tinha a seu cargo todos os reparos e concertos; e posto que o seu pagamento ultimamente se tenha difficultado pelas auctoridades superiores, é dever da camara reclamal-o com energia; e instar pela resposta ao officio, que sobre este assumpto foi enviado da mesma ao governo civil nos fins do anno de 1835, e forcejar por que se não distraia das suas devidas applicações, o extraordinario real d'agua, que neste concelho se paga ha muitos annos com applicação especial para as obras do Mondego, *estradas publicas, expostos, &.*

«E parece tambem á commissão, que em logar da compra da nova bomba, como ha tres que podem supprir por em quanto, bastará instar-se, para que o governo conceda a do extincto convento de Santa Cruz, já pedida; a qual tendo andado em serviços menos importantes, não será difficil obter-se, para a prevenção dos incendios, que tanto interessa ao publico.

«Assim mesmo, considerando-se que qualquer falta nesta parte póde ser de maior transcendencia, a commissão arbitra interinamente 100$000 para occorrer a alguns reparos, que possam sobrevir com urgencia, na idéa de que a camara se indemnisará depois, quando receber o que lhe compete pelo cofre do real d'agua.»

Nos orçamentos das differentes camaras que se foram succedendo, só se votava para a despeza com as bombas a quantia de 100$ reis. E até a camara de 1843 a 1844 apenas votou 60$000 rs., com quanto effectivamente viesse a gastar 100$000 rs.

A camara municipal do biennio de 1856 e 1857, presidida pelo sr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, gastou com os bombeiros 237$800 rs., vindo a ser cada um dos dois annos, 118$900.

Foi, porem, a camara do biennio de 1858 e 1859, presidida pelo sr. Dr. Raymundo Venancio Rodrigues, umas das que mais a serio tomou o serviço dos incendios.

O pessoal não só era insufficiente, mas até composto de individuos, que só serviam para embaraçar os trabalhos. As bombas e seus utensilios achavam-se em deploravel estado. As casas, em que estava estabelecida a estação do bairro baixo, não eram apropriadas para a conservação de taes objectos, o numero de mangas para as bombas não era sufficiente, a porção de baldes era diminuta, não chegando para satisfazer com rapidez as urgencias do serviço, não havia carros para a conducção da agua em pipas, não havia manga salva-vidas, nem as correspondentes escadas.

Por isso, alem das tres bombas existentes, mandou a camara fazer uma bomba grande montada em jogo de duas rodas, pipo e chaves correspondentes; sendo inspeccionado o seu fabrico, pelo director do instituto industrial, o sr. Dr. Joaquim Julio Pereira de Carvalho. Mandou mais fazer duas mangas salva-vidas e escadas competentes, 174 baldes de lona, quatro mangas para a bomba nova, um carro com uma pipa, para agua, e outro com arcas para conduzir areia. Estes e outros objectos importaram em 739$775 rs.; alem de reis 232$140, gastos nesse biennio com o inspector dos incendios e bombeiros.

No pessoal dos bombeiros foi feita uma reforma completa, sendo os novos tirados das classes de carpinteiros e pedreiros, como mais aptos para semelhante serviço.

A casa da estação do bairro baixo foi mudada para a parte do claustro fronteiro á denominada porta Fidalga em Santa Cruz; e do mesmo modo foi adaptada para este fim uma outra casa junto da estação da mala posta.

As camaras que se seguiram continuaram a prestar mais ou menos attenção a este ponderoso objecto; mas foi a ultima camara, do biennio de 1872 e 1873, presidida pelo sr. Dr. Lourenço de Almeida e Azevedo, que mais melhoramentos introduziu neste ramo.

Primeiro que tudo entendeu dever encarregar a direcção de tão momentoso serviço, ao intelligente engenheiro municipal, o sr. Antonio José de Sá.

Alem disso foram pela mesma camara tomadas as seguintes providencias.

Construiu-se um carro grande para conducção ao local dos incendios das ferramentas, mangas salva-vidas, archotes, baldes, cordas, escadas, caixa de remedios, macas, etc.

Fizeram-se dois tanques de lona para deposito d'agua, junto ás bombas de serviço directo.

Reconstruiram-se duas bombas, e fizeram-se mangueiras novas de sola.

Adquiriu-se uma bomba de esgoto, para collocar junto a poços, cisternas, ou tanques a distancia; e que conduzirá por pressão a agua para os tanques de lona, junto ás bombas de serviço directo.

Construiu-se uma caixa de remedios para serviço repentino em caso de sinistros, longe de convenientes soccorros.

Construiram-se duas macas de campanha, para complemento do uso da referida caixa de remedios.

Apropriaram-se duas mangas salva-vidas de 18 metros cada uma, a serviço de tres; ficando uma de 18 metros, outra de 12, e outra, em caso de necessidade, de 24, addicionando-se os 6 metros restantes da de 12, á de 18.

Ainda mais serviços se fizeram, e sem duvida se effectuarão outros pela actual camara. Carece-se, por exemplo, como já dissemos, de se augmentar a gratificação aos empregados dos incendios; assim como de se renovar o seu vestuario, pois que o actual não é proprio para resguardar da chuva, ou de agua das bombas; maior numero de pessoal para a tracção dos carros, e para o serviço das escadas e da bomba de esgoto; escadas modernas para a substituição da maior parte das hoje usadas em Coimbra neste serviço, etc.

Apezar, porem, do que resta fazer; não se póde deixar de reconhecer o grande progresso que tem havido em uma terra como esta, em que ha um seculo não existia nem uma unica bomba para acudir aos incendios.

Invernos sem chuva—Para afugentar receios, que a extraordinaria secca do actual inverno vae produzindo, convem lembrar, que o inverno de 1842-1843 tambem foi memoravel pela falta de chuva, e que a providencia não abandonou Portugal, produzindo com abundancia o mais necessario para a nossa subsistencia. O inverno de 1535-1536 ainda tinha sido mais extraordinario e esterilisador pela mesma causa, e só no dia 3 de Fevereiro principiaram as chuvas que mataram a sede de tantos mezes, saindo um anno fertilissimo, em que a natureza foi prodiga de todos os productos agricolas.

Clima de Portugal—Ha certos dados que parecem demonstrar mudanças desfavoraveis no clima do nosso paiz. Certas culturas, que antigamente eram faceis e abundantes, vão-se tornando mais restrictas e difficeis. Certas molestias de vegetaes, que em outras eras mal se conheciam, ou pelo menos não produziam effeitos tão desastrosos, são modernamente muito mais assoladoras. A degeneração das raças, tanto no reino animal como no vegetal, progride hoje com mais rapidez e intensidade, que antigamente.

A longevidade e fecundidade da especie humana tambem parece que vae diminuindo. Os nossos historiadores antigos citam muitos factos curiosos, de mulheres com mais de 100 annos, contando entre filhos, netos e bisnetos mais de 120 e 160. Hoje são cada vez mais raros factos desta ordem. Certas enfermidades incuraveis tem-se generalisado de um modo assustador. Podiamos citar muitos exemplos, mas mencionaremos só um, a phtysica em todas as suas manifestações, que faz hoje muito maior numero de victimas, que na antiguidade.

Bexigas—Tem apparecido em Coimbra alguns casos de bexigas, principalmente á entrada da cidade, pelo lado da Sophia.

Bibliotheca da Universidade—O movimento da bibliotheca da Universidade durante o mez de Dezembro de 1873, foi o seguinte:

	Leitores	Obras pedidas
Litteratura	275	322
Theologia	390	437
Direito	1:117	1:322
Medicina	311	384
Mathematica	602	732
Philosophia	453	560
	3:148	3:777

Beneficio—No sabbado haverá espectaculo no theatro de D. Luiz, a beneficio do ensaiador da companhia *Recreio-Dramatico*, o sr. Adelino Veiga. A recita anterior agradou bastante, e por isso muitas pessoas desejam ver novamente levar á scena o mesmo espectaculo, a que se acrescentará agora uma comedia, escripta expressamente pelo sr. Cesar de Sá, para ser desempenhada pelo beneficiado, mancebo muito habil, e que gosa de muita sympathia nesta cidade.

Livros de missa e de semana santa—A livraria Academica, nesta cidade, acaba de receber um rico sortimento destes livros. Vimol-os alli com encadernação de madreperola, de marfim, de christal, de madeira de sandalo e de madeira embutida, de bufalo, de veludo, e de outras qualidades, mas tão variadas, que mal poderemos designal-as pelo seu proprio nome; é certo, porém, que em todos elles se vê a arte alliada com o gosto, o que completa um sortimento apurado e escolhido com tacto. Todos os livros tem lombada irmã das encadernações, e notamos de passagem que os preços são muito moderados, havendo livros desde 1$200 até 10$ reis. O annuncio vae no logar competente.

Horas romanticas.—Fomos obsequiados pela acreditada empreza das *Horas romanticas*, com o primeiro volume do interessante romance — *Ciumes de uma rainha*. Vem ornado com 10 gravuras, illustrativas do texto.

Esta empreza, animada pela protecção que tem recebido, vae publicar em edição de luxo, as *Viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos, romance do universo, por Julio Verne.*

Será uma encyclopedia, verdadeira illustração, adornada com mais de 1:000 gravuras, primorosamente executadas pelos primeiros artistas francezes.

Principiará pelo romance—*Da terra á lua;* a que se seguirão — *A' roda da lua*, ornado com 44 gravuras—*Aventuras do capitão Hatteras*, com 110 gravuras— *Viagem ao centro da terra*, com 70 gravuras — *Cinco semanas em balão*, com 80 gravuras — *Uma cidade fluctuante*, com 44 gravuras — *Aventuras de tres russos e tres inglezes*, com 50 g[illegible] —*Os filhos do capitão Grant*, com [illegible] gravuras — *20:000 leguas por baixo dos mares*,

com 110 gravuras — *A' roda do mundo em noventa dias*, com 54 gravuras—*A ilha mysteriosa*, com 160 gravuras — *O paiz dos gelos*, com 112 gravuras.

A empreza das *Horas romanticas* de certo continuará a receber do publico o acolhimento de que é digna.

Abuso.— Continuamos a receber queixas pelas grandes porções de petroleo, que se introduzem nas casas de venda, com risco dos habitantes das mesmas casas, e das contiguas. Os regulamentos permittem apenas uma limitada quantidade de petroleo; porém os depositos em differentes partes da cidade excedem muito essa porção.

Pedimos providencias, a bem da segurança publica.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Luiz Augusto de Carvalho Vasconcellos, filho de José Ferreira e de D. Maria Joaquina, natural de Tondella, de 73 annos, fallecido no dia 27 de Dezembro findo.

D. Emilia Julia Fragoso, filha de José Correa da Cunha e de Helena Maria da Conceição, natural de Coimbra, de 58 annos, fallecida no dia 27.

Rosaria da Piedade, filha de Manoel Francisco Ramos e de Joanna Emilia, natural de Coimbra, de 3 annos, fallecida no dia 27.

Antonio Maria Cardoso, filho de João Antonio Cardoso e de D. Maria do Carmo, natural de Coimbra, de 11 annos, fallecida no dia 27.

D. Perpetua Ermelinda de Figueiredo Madeira, filha de José Madeira de Figueiredo e de Maria Fortunata, natural de Coimbra, de 40 annos, fallecida no dia 30.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:283.

Mercado de Coimbra no dia 6 —Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 530—Dito branco 500—Dito Celorico meudo 600—Dito graudo 520—Milho branco 300—Dito amarello 290—Feijão vermelho 480—Dito branco da marinha 460—Dito da terra 420—Dito rajado 380—Dito frade 340—Centeio 480—Cevada 260—Favas 320—Tremoços 240—Grão de bico 460—Chicharos 240—Batatas 220—Azeite 1$340—Vinho da Beira 700—Dito do Bairro 500—Dito da Bairrada 800.

Panorama Photographico de Portugal.—Recebemos o n.º 10. A photographia representa uma linda janella do gosto emmanuelino do paço de D. Fernando, em Cintra.

Traz este numero os artigos seguintes:

—*Janella do Paço da Pena em Cintra*, por A. M. Simões de Castro.

—*Duas palavras sobre um romancista inglez*, por F. J. de Mira.

—*Uma boa lição*, por José Silvestre Ribeiro.

—*Bibliographia*, *Murmurios de Vizella*, por F. A. Rodrigues de Gusmão.

Sermão.—Recebemos e muito agradecemos o *Sermão pregado na festividade de Santa Margarida, virgem e martyr, no dia 7 de Setembro de 1873, na parochial egreja do Lavradio, pelo presbytero José Baptista Rossa.*

Noticias de Hespanha. —As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 4 ás 11 horas da manhã.— A telegraphia privada foi completamente suspensa hontem. Todos os pontos estrategicos de Madrid estiveram occupados militarmente, desde as 7 da manhã de hontem até esta madrugada, mas a circulação continuou livre. Não houve tentativa de desordem. Muitos curiosos percorriam a cidade.

O general Pavia recebeu da maior parte dos capitães generaes das provincias telegrammas de adhesão, promettendo auxilio.

O desarmamento da milicia nacional de Madrid começou hontem tranquillamente.

E' muito provavel que o novo ministerio fique assim composto: Serrano, presidente do poder executivo, sem pasta; Zaballa, ministro da guerra; Topete, da marinha; Garcia Ruiz, do interior e ministro da justiça; Sagasta, dos estrangeiros, e interino das finanças; Balaguer do ultramar, e interino do fomento.

São 10 e meia horas da manhã, e a *Gazeta* ainda não appareceu.

Madrid 4.—A *Gazeta* publica os seguintes decretos assignados por Serrano, como presidente do poder executivo da republica: nomeando os ministros anteriormente mencionados; Letomo para director geral de cavallaria; Ros Olano, de artilheria; e Isquierdo, de infanteria.

Tambem publica numerosos telegrammas das auctoridades civis e militares das provincias, adherindo ao novo governo, e promettendo o seu concurso.

Não tem havido desordens em ponto algum.

Madrid 5, ás 11 horas da manhã.—A *Gazeta* publica: Decretos nomeando Martos para ministro da justiça, Echegaray para as finanças e Mosqueira para as obras publicas; Albareda para governador civil de Madrid; um decreto suspendendo as garantias constitucionaes e declarando em vigor em toda a Hespanha a lei sobre a ordem publica de 23 de Abril de 1870;

Uma circular do ministro do interior aos governadores das provincias, ordenando que suspendam todos os jornaes carlistas e cantonaes.

Hontem em Saragoça houve conflicto entre a tropa e os voluntarios da liberdade. O combate durou 8 horas. As tropas fizeram 200 prisioneiros, e tomaram 6 canhões, muitas espingardas, e munições de guerra.

A rebellião foi provocada pela municipalidade e pela deputação provincial, e ficou completamente dominada ás 9 horas da noite.

A municipalidade e a deputação vão ser dissolvidas.

Em consequencia dos boatos que hontem á tarde correram sobre tumultos imminentes em Madrid, as auctoridades tomaram precauções militares, mas a noite passou tranquillamente.

ANNUNCIOS

1 VENDE-SE por junto a madeira d'uma matta de carvalhos, perto de Soure. Quem a pretender dirija-se a José da Silva Milheiro, na mesma villa.

2 MARIA D'ASSUMPÇÃO, viuva de Antonio Coelho, participa aos seus freguezes, que continua com o seu estabelecimento de tinturaria, no largo da Sota, onde por preços commodos se tinge de todas as côres quaesquer objectos de lã ou seda. Espera que os seus freguezes continuem a preferir o seu estabelecimento.

Livros de missa e de Semana Santa

3 A LIVRARIA ACADEMICA, acaba de receber novo sortimento destes livros encadernados em madreperola, marfim, em madeira de sandalo e com embutidas, em crystal, bufalo, velludo, etc., por preços convidativos. Estão patentes ao publico.

CONCURSO

4 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Celorico da Beira, faz publico, que se acha aberto concurso por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação do presente annuncio no *Diario do Governo*, para o provimento do partido de cirurgia, desta villa, com o ordenado de 500$000 rs. annuaes, e pulso captivo.

Os pretendentes, alem dos demais documentos, deverão apresentar as suas cartas passadas pelas escholas medico-cirurgica de Lisboa, Porto ou Coimbra.

Celorico da Beira, 6 de Janeiro de 1874.

O presidente da camara,
Antonio Joaquim da Silva.

PIANOS

5 ALUGAM-SE e vendem-se na rua da Sophia, n.º 171.

VENDA DE CASAS

6 NO DIA 18 do corrente mez de Janeiro, no collegio de S. Thomaz, na rua da Sophia, n.º 171, pelas 11 horas da manhã, se hão de vender em praça particular (se o preço convier) uma morada de casas, n.º 81 e 83, no Adro de Santa Justa a Velha: são foreiras ao Seminario desta cidade, em 400 rs. annuaes.

PARTIDO A CONCURSO

7 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Mogadouro, faz publico, que por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação deste, se acha aberto o concurso para o provimento do partido de medicina do mesmo concelho, com o ordenado annual de 400$000 rs., e com a tabella que regula a taxa das visitas, e consultas, da qual se dará conhecimento aos interessados que o exigirem.

Os pretendentes apresentarão dentro d'aquelle prazo na secretaria desta camara seus requerimentos, a que juntarão, alem d'outros documentos que julgarem convenientes, suas cartas passadas pela Universidade do Coimbra, e escolas medico cirurgicas de Lisboa, ou Porto.

Mogadouro, secretaria da camara, 3 de Janeiro de 1874.

O presidente da camara,
Antonio Augusto de Moraes Pimentel.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

A nova barca MARGARIDA, em 20 do corrente.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

9 PRECISA-SE de um substituto militar. Nesta redacção se dirá quem é o pretendente.

10 EDICÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e do rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria—23, rua de Quebra-Costas, 28.

DOCTOR IN ABSENTIA

11 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei*, 46, *em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

12 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 1$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 276[illegible] — SABBADO 10 DE JANEIRO DE 1874 — ANNO XXVII



O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Na ultima sessão da camara electiva apresentou o sr. Antonio de Serpa o relatorio ácerca do estado da fazenda publica, pelo qual se confirmam os notaveis melhoramentos, que ultimamente se tem introduzido nas finanças deste paiz.

As favoraveis circumstancias em que hoje se encontra a fazenda do estado, no que o governo tem empenhado todos os seus esforços, vão contribuindo mui poderosamente para a consolidação e restabelecimento do nosso credito, e para o desenvolvimento do commercio e da industria, que são as fontes de prosperidade geral.

Era este o ponto capital da nossa administração, e a primeira de todas as questões a resolver para salvar a nação de uma crise temerosa, que as dissidencias apaixonadas da politica lhe tinham preparado.

E assim foi que o governo, sem sair fóra dos limites da sciencia economica; sem mesmo lançar mão de expedientes, que podendo melhorar as operações do thesouro, podiam tambem sacrificar extraordinariamente os contribuintes; restabeleceu dentro em curto periodo o credito e a organisação das finanças; suppondo-se que o *deficit* orçamental desapparecerá completamente no fim do novo anno economico.

A solidariedade dos interesses financeiros para qualquer nação, é uma lei tão poderosa e inevitavel, que sem ella não ha desenvolvimento possivel em nenhum dos ramos do trabalho, nem podem deixar de extinguir-se todos os elementos da vida social.

O relatorio do sr. Antonio de Serpa, comprova o estado immensamente lisonjeiro da nossa fazenda publica, o que nos comprazemos de registar.

Na mesma sessão, o sr. ministro da fazenda mandou para a mesa tres importantes propostas.

Pela primeira pretende-se extinguir o gremio de classe, creado pela lei de 14 de Maio de 1872; e da mesma forma o imposto da 4.ª parte da taxa sobre as casas de trabalho, officinas, lojas ou armazens, que estiverem separadas do estabelecimento, onde habitualmente se vende ou fabrica; declarando-se que o artigo 22 da referida lei, o qual considera abolidas as licenças no mesmo artigo, não prejudica o disposto na legislação administrativa sobre este assumpto; e apenas tira ás mesmas licenças o caracter obrigatorio, que para os effeitos fiscaes lhes havia dado a lei de 1 de Dezembro de 1869. O imposto do sello continua a ser cobrado, nos termos dos artigos 23 e 24 da já mencionada lei de 14 de Maio de 1872.

Pela segunda proposta, o governo pede a auctorisação para reformar e organisar o processo das execuções administrativas, na cobrança de todos os rendimentos de fazenda publica; e bem assim para formular uma tabella especial dos emolumentos e salarios devidos nestes processos, não podendo estes salarios exceder os que actualmente se acham estabelecidos.

Na sua terceira proposta pretende o governo equiparar os vencimentos dos empregados do ministerio da fazenda, aos dos outros ministerios da mesma denominação e cathegoria; propondo uma só classe de amanuenses com o ordenado de 240$000 rs., cujo numero será egual ao das classes hoje existentes.

O vencimento dos ajudantes do thesoureiro pagador, é por esta proposta equiparado ao dos fieis do thesoureiro pagador da junta do credito publico; mas não receberão elles mais de 100$000 reis para falhas.

São estas as disposições geraes que se encontram naquelles projectos de lei, submettidos á approvação das camaras, e que mais de espaço poderemos analysar detidamente.

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA

Acabamos de sér informados por via fidedigna, que o governo tenciona dar uma direcção ao caminho de ferro, inteiramente opposta aos interesses desta cidade e de uma grande parte da Beira; fazendo o entroncamento daquella via, nas proximidades de Mogofores.

Por vezes a imprensa desta cidade, e ainda durante a discussão que houve na ultima sessão da camara electiva, demonstrou os graves inconvenientes que sobreviriam a Coimbra, se o governo optasse pelo traçado do norte.

Apressamo-nos a dar publicidade a esta noticia, para que os nossos concidadãos pensem no futuro que uma tal resolução lhes prepara; e a tempo possam reclamar a favor dos seus direitos.

Objecto é este da mais alta gravidade, e por isso esperamos que não será entregue a um culpavel abandono.

Severo Sabino dos Santos, escrivão de direito na comarca de Coimbra, por mercê de sua magestade fidelissima el-rei que Deus guarde o senhor D. Luiz I.

Certifico e faço certo, que em meu poder e cartorio existem uns autos de policia correccional entre partes nelles, como auctor Antonio Franco Dias Correa, do logar de S. Martinho da Cortiça, comarca de Arganil, e reu Antonio Gomes da Silva Sanches, estudante da Universidade desta mesma cidade de Coimbra, e no final dos mesmos autos se acha exarada a acta da audiencia de julgamento, que o verdadeiro theor e forma da mesma é da maneira seguinte:

ACTA DE AUDIENCIA DE JULGAMENTO

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos setenta e quatro, aos sete de Janeiro do dito anno, nesta cidade de Coimbra, e sala do tribunal deste juizo, onde se achava o doutor João Telles Trigueiros, juiz de direito nesta comarca, comigo escrivão de seu cargo e o official de diligencias deste mesmo juizo, Marciano Simões Ladeiro.

E logo pelo mesmo juiz foi ordenado ao

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXVII

D. CARLOS

LXXVII

Em quanto o exercito liberal se batia, os engenheiros e sapadores construiam pontes, faziam cortaduras e destruiam espaldões de treze pés, com tanta perfeição e admiravel celeridade, que naquella noute chegaram carros a Arquiñano com rações bastantes para prover a Balmaseda por tres mezes.

A sua guarnição contava já quatro dias sem pão. A conducção de tão consideravel comboio era facil; mas não a evacuação d'aquelle ponto, para o que se necessitava de algum tempo e repetidas viagens, com mais de 100 carretas; e apesar de ser menos difficil soccorrel-a do que evacual-a, não variou o acertado proposito de Espartero, e se dispoz a terminal-o, preparando o necessario para a mudança do hospital, artilheria, petrechos, moveis e de quantos quizessem emigrar, destruindo ao mesmo tempo os fortes e quarteis.

Em consequencia, no 1.º de Fevereiro passaram a Balmaseda, desde Villanueva, os tiros da bateria rodada; distribuiram-se ás tropas as munições de espingarda, que havia em Balmaseda, especialmente aos 4 batalhões de Iriarte, que haviam consumido as suas; deu-se rações ao exercito para dois dias, e naquella noute ficou a artilheria de Balmaseda, que eram duas peças de 16, uma de 8 e um obuz de 7, com todas as suas munições em Villanueva, sem que os carlistas, apesar da sua immediação, e das vantagens que lhes proporcionava o terreno, disparassem um tiro.

No dia 2 continuou a evacuação, tirando 300 camas com os seus enxergões e quanto havia no hospital; e ás 7 da manhã do dia 3 saiu a guarnição sem ser incommodada pelo inimigo, que tinha uns 30 homens nas alturas immediatas.

Todas as tropas formaram nos seus acantonamentos á mesma hora; adoptando-se as disposições convenientes para a protecção da marcha, que só foi incommodada por alguns dos carlistas da partida do cura Barrio, o que occasionou algum fogo, retirando-se para Articta dois batalhões carlistas, que se deixavam ver nas immediações do Campo de Cavallo.

O periodico o *Patriota*, publicou por essa occasião um artigo contra a evacuação de Balmaseda. Espartero, considerando-o como subversivo, alarmante e infamatorio, pediu o castigo de seu auctor, por o ter na conta de um impostor e agente de D. Carlos. Em consequencia disso o governo demittiu os dois fiscaes da imprensa, e determinou que os novamente nomeados se occupassem da accusação e denuncia do artigo.

Havia-se encarregado a D. Diogo Leon a commandancia geral de Navarra, cuja situação era tão pouco satisfatoria, como o estado das tropas que se punham ás suas ordens; as quaes regressavam de perseguir a expedição de D. Carlos, cansadas, nuas, e com bastantes baixas. Procurou o novo chefe remediar tão afflictivos males, e pôr a sua gente em estado de combater com exito aos carlistas, que tinham estendido prodigiosamente o seu dominio na Navarra, fortificando pontes, cortando caminhos e executando obras que lhes promettiam ser senhores exclusivos daquelle paiz.

As primeiras operações do chefe liberal, não foram infructuosas; porém sendo uma das mais instantes necessidades o abastecimento da praça de Pamplona, ao que oppunham grande obstaculo os carlistas, por serem senhores de Belascoain, resolveu apoderar-se deste ponto tão importante e bem fortificado. Participou a sua ideia ao general Alaix, vice-rei da Navarra, o qual a considerou temeraria e a desapprovou.

Nem, por isso, desistiu Leon. Tomou sobre si a responsabilidade de tão atrevida empreza, e para distrair aos carlistas e dar-lhes logar a que verificassem uma incursão no Carrascal, executou um movimento estrategico em direcção opposta á do inimigo, sendo os resultados como os previra o chefe liberal.

Situados os inimigos em Legarda, Oztegarda, Muzo, Baznon e Obanos, viram de prompto aos liberaes, a quem julgavam distantes, e travaram com elles uma porfiada luta, que fez a Leon senhor de Legarda e do monte de Perdon.

Noticiou a Alaix tão importante acontecimento e o seu proposito de atacar no dia seguinte, 28 de Janeiro, a ponte de Belascoain, para o que pedia a artilheria grossa que necessitava. Aguilhoado pela sua [illegible] correu sem esperar a resposta [illegible] até Belascoain, defendida por [illegible] forças carlistas, que occupavam [illegible] tes, os reductos e tres linhas [illegible] para impedir a passagem de [illegible]

dito official de diligencias, que declarasse aberta a audiencia de policia correccional em que é auctor Antonio Franco Dias Correa, de S. Martinho da Cortiça, julgado de Arganil, e reu Antonio Gomes da Silva Sanches, desta cidade, e visse se estavam presentes o auctor e reu e bem assim o meritissimo doutor delegado do procurador regio nesta comarca, como parte assistente, e testemunhas de accusação e defeza, caso o reu as tenha dado, o que sendo cumprido, pelo dito official de diligencias foi dada sua fé estarem presentes o doutor Acacio de Carvalho Fontes, delegado do procurador regio nesta comarca, o auctor Antonio Franco Dias Correa e seu advogado o doutor Luiz Pereira Abranches, e bem assim o reu Antonio Gomes da Silva Sanches, e testemunhas de accusação, não havendo testemunhas de defeza pelo reu as não ter dado.

Em seguida perguntou elle juiz ao reu se tinha defensor, ao que o mesmo respondeu que não; elle juiz lhe nomeou o doutor Francisco Ferreira Camões, advogado nos auditorios desta comarca, que presente estava e tambem tomou o seu devido logar. Em seguida mandou elle juiz fazer a leitura do processo, finda a qual mandou recolher elle juiz as testemunhas á sala para ellas destinada, sendo ahi vigiadas pelo official de diligencias Antonio da Cruz, para não poderem conversar sobre a materia a que tem de depor.

Em seguida procedeu elle juiz aos interrogatorios do reu, perguntando-lhe seu nome, sobrenome, estado, edade, naturalidade, filiação e ultima morada, e se estivera alguma vez preso. Respondeu chamar-se Antonio Gomes da Silva Sanches, casado, estudante do quarto anno juridico, filho de Manoel Gomes da Silva e D. Maria José Rocha da Silva Sanches, de trinta e um annos, natural de Pombeiro, residente nesta cidade, que já estivera preso quatro mezes por uma outra policia, a requerimento do conselheiro José Dias Ferreira.

E perguntado á culpa, respondeu que apresentava a todos os papeis que tinha em seu poder, e pelos quaes mostrava não ter sido o auctor das injurias de que o auctor se queixava, mas que estava prompto a dar a este todas as satisfações que exigia a sua honra offendida. E pelo auctor foi dito que não precisava, nem queria ver similhantes papeis, porque nada tinha com elles, mas sim com as injurias irrogadas, cuja punição demandava.

E logo pelo reu foi dito, que as injurias publicadas no jornal o *Trovão da Beira*, de que era redactor, em diversos numeros e em especial nos numeros dois e cinco, contra o auctor, reconhece serem calumniosas; pois que tem o mesmo auctor em conta de homem de bem; que as correspondencias constantes dos numeros citados foram feitas e escriptas pelo padre José Joaquim Marques de Oliveira, de Coja, e actualmente capellão do Asylo de Maria Pia, da cidade de Lisboa; mas como não vinham assignadas, por isso lhe cabe a responsabilidade da sua publicação; pelo que reconhecendo hoje ser tudo calumnioso, retira todas as expressões com que offendeu a dignidade do auctor, e se obriga a pagar todas as custas do processo.

E pelo auctor foi dito, que acceitava a satisfação e retratação offerecida pelo reu, com tanto que esta se reduzisse a termo, e esta acta fosse publicada em tres jornaes desta cidade, visto que as injurias tambem foram publicas; entrando as despezas, tanto das tres copias da mesma acta, como das publicações destas nos tres jornaes, em regra de custas, as quaes ficavam tambem a cargo do reu.

E logo pelo reu foi dito que se sujeitava ao cumprimento de todas as clausulas e condições acima apresentadas pelo auctor.

Em seguida pelo mesmo auctor foi requerido que o escrivão passasse e lhe entregasse tres copias authenticas da presente acta, para os fins supra mencionados.

E logo pelo mesmo juiz foi ordenado, que reduzido tudo a termo se lhe fizessem os autos conclusos e se dessem as tres copias requeridas. E de tudo para constar mandou elle juiz lavrar a presente acta, que depois de lida elle juiz assigna com o doutor delegado, auctor, reu, e seus advogados e officiaes de diligencias. Eu Severo Sabino dos Santos o escrevi e assigno — Trigueiros — Fontes — Antonio Franco Dias Correia—Luiz Pereira d'Abranches—Antonio Gomes da Silva Sanches—Francisco Ferreira Camões—Marciano Simões Ladeiro—Antonio da Cruz—Severo Sabino dos Santos.

É o que continha a dita acta de audiencia de julgamento de policia correccional, que aqui fielmente fiz passar por certidão, em presença dos proprios autos e em virtude do ordenado pelo meritissimo doutor juiz de direito, na mesma acta, e que esta conferi e concertei com outro empregado de justiça ao concerto no fim assignado, que ambos achamos estar conforme e aos ditos autos de policia correccional nos reportamos em meu poder e cartorio, do que tudo dou fé. Coimbra sete de Janeiro de mil oito centos setenta e quatro. E eu Severo Sabino dos Santos a subscrevi, rubriquei e assignei—Severo Sabino dos Santos—Conferida e concertada por mim, Severo Sabino dos Santos—E comigo—Contador, Luiz Pereira d'Abranches.

NOTICIARIO

O Dr. Thomé Rodrigues Sobral.—Os roubos, assassinatos, incendios, e todo o genero de atrocidades, praticados pelos francezes nas suas tres invasões em Portugal, nos annos de 1807, 1809, e 1810, só podem ser comparados com o que praticaram os hunos ao invadirem a Italia, e os vandalos e arabes na peninsula hispanica.

Não eram só actos inevitaveis da guerra: era a destruição barbara e inutil, e só propria de selvagens; eram os roubos e fuzilamentos a povos, que nenhuma resistencia haviam opposto aos invasores, como por exemplo na occupação do reino em 1807.

E para cumulo de iniquidade, em logar de se lhes exigir, e fazer restituir os enormes roubos que elles nos tinham feito; tolerou-se que os levassem para França!

Os prussianos é que os souberam, e poderam ensinar. Nós se quizemos tornar a haver a preciosissima biblia, chamada dos Jeronymos de Belem, precisamos de nos valer da generosidade de Luiz XVIII, o qual, para nol-a entregar, teve de a comprar por muitos contos de reis á duqueza de Abrantes, mulher de Junot, que a tinha roubado e levado para França, juntamente com centenares de contos de reis de pratas das egrejas, e preciosidades valiosissimas dos estabelecimentos publicos e casas particulares.

Dissemos que os prussianos os souberam ensinar; e assim foi. Quando os francezes em 1806 invadiram a Prussia, fizeram lá o mesmo que em todos os paizes onde entravam: roubaram tudo. Alem do dinheiro extorquido como contribuição de guerra, levaram para Paris todos os magnificos quadros dos museus de Berlim e outras cidades da Prussia; no que perfeitamente depois os imitou o marechal Soult, roubando os celebres quadros de Murillo, que encontrou em Sevilha.

Quando, porem, o exercito prussiano entrou em Paris, depois da batalha de Waterloo em 18 de Junho de 1815, chegou a occasião de ajustarem as contas com os roubadores.

O marechal Blucher dirigiu-se ao museu do Louvre, e fez dalli tirar e mandar para a Prussia, os ricos quadros que Napoleão tinha trazido daquelle paiz. E como todos os ladrões tem sempre quem os defenda, muitas pessoas que não tinham extranhado que Napoleão roubasse a Prussia aquelles valores, censuravam agora o procedimento do marechal Blucher. Foi por isso que este dirigiu a seguinte carta ao general Muffling, governador de Paris.

«Senhor.— Como se tem censurado publicamente o meu comportamento, de não querer deixar no museu do Louvre a propriedade que fóra roubada á Allemanha por um salteador, so tenho a dizer, que, apoiado habilmente pelo illustre Wellington, persegui os *ladrões*, que haviam despojado tantas nações da Europa dos seus inestimaveis monumentos de bellas artes; ataquei-os, e dispersei-os, e restitui ao meu paiz os furtos, que injustamente se lhe haviam feito, desprezando a ideia de negociar com os commissarios francezes sobre aquelle ponto. Dou eu graças á Providencia de não nos seguirmos o seu vil exemplo.—Sou, etc.—Paris, 12 de Outubro de 1815.—*Blucher*.»

Voltando a fallar de Portugal, diremos que a cidade de Coimbra, e toda a provincia da Beira, foram bem mimosas da *protecção* franceza.

Quando a nação portugueza se sublevou em Junho de 1808 contra o exercito invasor de Junot, tratou-se nesta cidade de crear os possiveis elementos para organisar o exercito nacional; e um dos benemeritos cidadãos que para isso mais concorreram, foi o distincto lente de chimica da Universidade, o Dr. Thomé Rodrigues Sobral, fabricando polvora e outros muitos petrechos de guerra no laboratorio chimico.

Nenhum povo civilisado poderia levar a mal um semelhante feito; pois que a defeza da patria é um dos deveres mais sagrados. Não o entenderam, porem, assim os francezes.

Em 1810, estes invasores, commandados por Massena, excedendo em malvadez os cafres e os hottentotes, procuraram onde era a casa do Dr. Thomé Rodrigues Sobral; e sabendo que era no sitio da Cheira, suburbios desta cidade, dirigiram-se ahi, e a incendiaram, com os valiosos livros e manuscriptos que alli tinha aquelle distincto professor.

Os actos de vandalismo praticados em Portugal pelos francezes, fizeram com que se abrisse na Inglaterra uma subscripção para acudir ás pessoas mais necessitadas e prejudicadas pelos invasores; e egualmente o principe regente D. João, acudiu com o que poude, para minorar os males publicos.

O governo portuguez praticou pela sua parte um acto de muita nobreza, mandando reedificar á custa da nação, por aviso de 31 de Outubro de 1816, as casas do Dr. Thomé Rodrigues Sobral, queimadas pelos francezes.

Em Novembro de 1817 chegou a Coimbra João Gaudencio Torres, ajudante do intendente geral da policia, para mandar proceder a essa reedificação; e para isso dirigiu no dia 22 daquelle mez á camara desta cidade o seguinte officio:

«Illm.[os] srs — A obra dos reparos dos edificios arruinados pela invasão do exercito inimigo, vae a ter principio nesta cidade e termo. Eu não poderei conseguir a justa distribuição de tão generoso, como paternal donativo, que sua magestade manda repartir por aquelles de seus vassallos, que soffreram ruina por aquella especial causa, sem que me acompanhe com o auxilio de v. s.[as], tanto para as averiguações e fiscalisação das referidas obras, como para o seu projecto.

«Tenho, portanto, contemplado em execução da ordem superior, para os primeiros trabalhos, a obra do reparo das casas do lente de chimica Thomé Rodrigues Sobral. Já fiz affixar edital para a sua arrematação, e espero que esta se faça perante v. s.[as] em acto de camara, a cujo acto me acho auctorisado por sua magestade para concorrer em negocios desta qualidade; e por isso rogo a v. s.[as] me permittam hoje mesmo a minha assistencia, para poder apresentar os orçamentos, e expor verbalmente o methodo de regular a applicação deste donativo, em quanto não remetto a v. s.[as] as instrucções que me foram dadas a este respeito, ao que satisfarei logo que se principie na obra dos reparos em geral nesta cidade e seu termo, devendo emprehender-se com especialidade no logar de Condeixa.

«Para dar principio á obra que hoje se arrematar, tem o encarregado dos fundos applicados para este beneficio, Francisco Xavier de Montes, remettido a v. s.[as] a quantia de um conto de reis em metal, quantia por entanto sufficiente, e que v. s.[as] mandarão receber para a depositar no cofre geral da comarca, para d'ahi se fazerem os pagamentos aos arrematantes, pelo preço em que se receber o seu lanço, dando fianças, e regulando-se os mesmos pagamentos, na conformidade do systema da real fazenda, por ser desta forma mais seguro e commodo á mesma obra.

«Espero receber de v. s.[as] o aviso para comparecer a horas proprias.

«Deus guarde a v. s.[as].— Coimbra 22 de Novembro de 1817.—Illm.[os] srs. juiz de fora, presidente, e vereadores da camara da cidade de Coimbra—*João Gaudencio Torres.*»

Com effeito, reunida no mesmo dia a camara, com a assistencia de João Gaudencio Torres, se poz a lanços a obra da reconstrucção da casa do Dr. Thomé Rodrigues Sobral; e foi arrematada pela quantia de 730$000 rs., sendo arrematantes os carpinteiros Manoel Antonio d'Amil e seu filho Manoel Antonio das Dores.

Este contrato, veiu, porem, a ser rescindido em 24 de Janeiro de 1818, a requerimento do Dr. Thomé Rodrigues Sobral. Preferiu este mandar fazer a obra por sua conta; e tendo os arrematantes feito cedencia da sua arrematação, mediante a quantia de 100$000 reis, pelos interesses que poderiam obter na obra; a camara auctorisou os arrematantes a levantarem do cofre os 100$000 rs.; e o Dr. Thomé Rodrigues Sobral, os 630$000 rs. que restavam.

O juiz do povo de Lisboa.—De el-rei D. Pedro II e da rainha D. Maria Francisca de Saboia, nasceu a princeza D. Isabel.

Unica como então era esta filha, houve muitos cuidados na escolha da sua ama de leite, sendo por fim preferida D. Agueda Maria Cardosa, mulher de Luiz de Vargas, fidalgo da casa real. Desconfiada, porem, de que o leite della não era puro, a dama da princeza, D. Antonia Mauricia, irmã do conde da Castanheira, deu parte a el-rei, que logo commetteu a averiguação ao exame dos medicos. Estes repularam o zelo da camareira por odio que tinha á ama; fazendo assim que continuasse o damno, que depois se veiu a chorar sem remedio.

No paço formaram-se grandes parcialidades com esta questão; e sabendo-o o juiz do povo da cidade de Lisboa, corre logo ao paço, e penetrando nas salas, manda dizer a el-rei, *que lhe dê a menina, que a quer crear.*

D. Pedro II avaliou o recado por uma galanteria innocente; porem é certo que com estas singelezas mostravam os portuguezes a sua lealdade á corôa.

Festas do Natal.—As festas do Natal na Allemanha e na Suecia duram até 6 e 13 de Janeiro. Na Suecia e Dinamarca chamam-se *pancadas do Natal* os presentes e consoadas, que as familias mandam e aceitam, mas de um modo mysterioso e por uma verdadeira surpreza. Pessoas mascaradas e mãos desconhecidas apparecem inesperadas ás portas das casas, e deixam de subito e enigmaticamente os mais variados e mimosos presentes.

Nestes dias de folgança a hospitalidade não tem limites, e a mesa está sempre posta á disposição dos convivas. De tudo se offerece a quem entra, ou rico ou pobre, e é da etiqueta acceitar e comer. Em muitas casas junca-se de palha o sobrado, em memoria provavelmente do presepio.

São dignos de menção alguns costumes extravagantes destes povos do norte. As criadas fazem molhinhos de palha de centeio com a espiga, e prendem-os ao tecto da casa, e pelo numero dos grãos que não se desprendem, calculam o numero de aspirantes a maridos, que lhes hão de apparecer. Em muitas partes faz-se no chão uma cama de palha, que se chama *cama de irmã*, e nella dormem as creanças e as criadas. Todos os sapatos se põem juntos e muito direitinhos, uns ao pé dos outros, na noite do Natal, para que seus donos vivam em paz todo o anno.

Para tudo tem virtude a *palha do Natal;* gallinha ou pato, a quem se faça ninho com esta palha, para a sua creação, está livre de bruxarias; a mesma palha posta á roda das arvores, ou espalhada nos campos, tudo faz medrar e fructificar; dada ás vaccas, antes de partirem para o campo na primavera, livra-as de doenças.

No meio destas usanças populares ha algumas abusões infantis que ainda dominam no espirito do povo. Deve ficar accesa uma luz toda a noite do Natal; e se esta luz se apaga, alguem da casa hade morrer durante o anno: o coto da vela conserva-se com grande superstição, e é um milagroso unguento para feridas de pés e mãos.

Tambem se solemnisa o Natal, fabricando um pão com flor de farinha, tendo esculpido um carneiro. Este pão, que se chama *carneiro do Natal*, põe-se no meio da mesa, cercado de presunto, queijo, manteiga, cerveja e aguardente, e conserva-se até o dia 13 de Janeiro. Antigamente reinavam muitas superstições com este pão. Muitos o guardavam até á primavera, e d'elle davam a comer aos animaes domesticos e até aos homens de trabalho, antes de irem para os trabalhos do campo, na crença de que assim se asseguravam prosperidades e colheitas fartas.

Tambem noutro tempo era grande divertimento a *bola do Natal.* Estava esta bola pendurada do tecto por cima da mesa: todos os convivas a tocavam, e ella havia de indicar quem primeiro havia de beber. Do mesmo modo se divertiam com o *gallo do Natal*, com o guerreiro de palha, representando o dono da casa e com muitos jogos populares. A alegria da vida domestica ostentava-se por todos os modos, admittindo-se grande variedade de divertimentos e extravagancias nestas festas de familia e da infancia.

Primor calligraphico.—O nosso amigo e patricio o sr. Antonio Augusto Monteiro de Figueiredo, fez ultimamente, á penna, um trabalho primorosissimo.

Não era para nós ignorado o distincto merecimento do sr. Monteiro de Figueiredo, pois bastariam os seus valiosos trabalhos calligraphicos, que se podem ver na bibliotheca da sociedade Terpsichore Conimbricense; mas o que agora fez, e a que nos estamos referindo, excede tudo o que até aqui elle tinha effectuado.

O sr. Francisco Borja dos Santos, artista desta cidade, como testemunho de saudade e reconhecimento ao digno filho de Coimbra, o sr. José dos Santos Carvalho, bacharel formado em Medicina, e fallecido em Semide no dia 25 de Agosto de 1873, quiz collocar junto do seu tumulo, na egreja das religiosas de Semide, um quadro, em que se relatassem os serviços e virtudes do fallecido.

Incumbiu-se de o fazer o sr. Monteiro de Figueiredo, por amisade ao sr. Borja dos Santos; e d'esse encargo se desempenhou de uma maneira que muito credito lhe dá.

Tanto a letra, como a tarja em volta do quadro, são de uma admiravel perfeição. Quem os vir reconhecerá que não exageramos no que dizemos.

Até aqui fallamos do trabalho artistico; agora, vamos tambem associar-nos a quem mandou fazer esta commemoração ao sr. bacharel José dos Santos de Carvalho, pois que a isso somos obrigados, por ter elle sido nosso companheiro de padecimentos, quando no dia 19 de Fevereiro de 1847 fomos desta cidade remettidos presos para Lisboa, indo embarcar na enseada de Buarcos, a bordo do vapor *Terceira*. Publicaremos, por isso, em resumo o que se lê na referida commemoração.

Nasceu o sr. José dos Santos de Carvalho em Coimbra a 1 de Novembro de 1797. Formou-se na Faculdade de Medicina em 31 de Julho de 1820; e foi confirmado medico de partido da camara do couto de Semide, por provisão de D. João VI, de 22 de Novembro de 1822, desempenhando esse logar com inexcedivel zelo e carinho, e reconhecida intelligencia, até ao seu fallecimento.

Foi nomeado provedor do concelho de Semide pelo sub prefeito das comarcas de Coimbra e da Figueira da Foz em 31 de Maio de 1834, e administrador do mesmo concelho em portaria de 29 de Agosto de 1835.

Egualmente foi nomeado capitão commandante da companhia avulsa da guarda nacional do concelho de Semide, em portaria do ministerio do reino, de 12 de Fevereiro de 1836. Eleito procurador á junta geral em 26 de Novembro de 1838, e em 11 de Março de 1839.

E em attenção aos relevantes serviços por elle prestados á causa publica, foi condecorado por sua magestade a rainha a sr.ª D. Maria II, com o habito de Christo.

Falleceu, como já dissemos, em 25 de Agosto de 1873.

Vamos concluir esta noticia, publicando o soneto, com que termina a dedicatoria ao sr. bacharel José dos Santos de Carvalho, o qual foi feito pelo sr. Adelino Veiga, artista desta cidade.

Tu que passas, curva-te!...
(A. Herculano.)

Devoto que aqui vens ao sancto altar
Erguer teu pensamento aos altos ceus,
P'lo martyr que aqui dorme, implora a Deus,
Paga-lhe assim o bem que elle soube dar!...

Foi pae dos que soffriam; soube honrar
O nome illeso dos que foram seus;
E do mundo nos duros escarceus
Esquecia-se de si, p'ra os mais lembrar!...

Foi virtuoso e bom durante a vida,
Deixou de um nome honrado alta memoria,
Era-lhe a caridade idea q'rida!...

Hoje, que elle dorme á sombra da victoria,
Da-lhe, mortal, a oração sentida,
Que é preito á honra e á virtude gloria!...

Espelho de casados.— Acabamos de receber do Porto um exemplar da seguinte publicação:

Espelho de casados pelo doctor João de Barros. 2.ª edição, conforme a de 1540. *Publicada por Tito de Noronha e Antonio Cabral.*

O sr. Tito de Noronha já é muito conhecido pelos seus importantes serviços em fazer reproduzir livros portuguezes extremamente raros, e que por isso se tinham tornado quasi de todo desconhecidos. Vem agora, juntamente com o sr. Antonio Cabral, fazer a segunda edição do *Espelho de casados*, do doutor João de Barros, o qual se tinha tornado tão raro, que se não conhecem em Portugal senão dois exemplares, o do sr. Visconde de Azevedo, no Porto, e o da bibliotheca nacional em Lisboa, estando este mesmo incompleto.

O *Espelho de casados* foi impresso em 1540 no Porto, na imprensa de Vasco Dias Tanquo de Frexenal.

O titulo do livro é o seguinte:

ESPELHO DE CASADOS

Em o qual se disputa copiosamente quam excelente proveitoso e necesareo seja o casamento e se metem muitas Sentenças. Enxemplos. Auisos. e doctrinas. e duuidas necesarias pera os casados. e finalmente os Requisitos que hade ter o casamento pera ser em perfeição e a seruiço de deos. Nouamente composto pelo Doctor João de Barros Cidadão da Cidade do Porto.

Deve-se advertir, que este doutor João de Barros não é o seu homonymo João de Barros, auctor das *Decadas.*

Os srs. Tito de Noronha e Antonio Cabral fizeram esta segunda edição, limitada só a 210 exemplares, e nos brindaram com um delles.

Agradecemos-lhes muito a attenção que tiveram comnosco.

Diploma merecido.— O sr. Francisco de Paula e Silva, intelligente e zeloso administrador da Imprensa Litteraria desta cidade, acaba de ser nomeado socio honorario do Monte-Pio Figueirense, em attenção aos sentimentos de philantropia que o caracterisam, e pelos muitos e importantes serviços por elle prestados ao Monte-Pio Conimbricense, nos differentes cargos que tem servido, e ultimamente como presidente da sua direcção.

O sr. Paula e Silva é muito digno da honrosa distincção, que expontaneamente lhe foi dada.

O ataque á ponte de Belascoain.—No folhetim deste numero, descrevemos o brilhante ataque feito á ponte de Belascoain, pelo valente D. Diogo Leon, no dia 28 de Janeiro de 1838. Foi um dos actos de maior arrojo que se praticou em toda a guerra dos 7 annos.

Era assim que combatiam aquelles heroes!

A cruz de S. Fernando, que a rainha governadora concedeu a D. Diogo Leon, e depois o titulo de conde de Belascoain, foram recompensas por elle altamente merecidas.

Donativo.—O sr. bacharel Adriano de Moraes Pinto de Almeida deu ao Asylo de Mendicidade de Coimbra a quantia de 6$000 reis.

Doença.—Pelos jornaes de Lisboa soubemos que o distincto escriptor e redactor do *Jornal da Noite*, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, tem estado gravemente enfermo com uma pneumonia.

Felizmente, sabemos pelas ultimas noticias, que o nosso antigo amigo tem obtido consideraveis melhoras, com o que muito folgamos.

Nova livraria. — Acaba de se abrir no Porto a *Livraria Universal* e agencia de jornaes estrangeiros, dos srs. Magalhães & Moniz, no largo dos Loyos, n.[os] 12 a 14.

Neste novo estabelecimento se encontra grande sortimento de livros portuguezes e estrangeiros, taes como: — grande collecção de livros de litteratura, historia, romances, sciencias mathematicas, religião, philosophia, medicina, etc., etc.; livros de missa e semana santa com encadernações de todas as qualidades, desde o preço de 360 reis para cima; todos os compendios adoptados nos differentes lyceus e seminarios, academia polytechnica e escola medico-cirurgica do Porto; e além destes, todos os livros que costumam usar-se para o ensino primario e secundario; cartas geographicas de todos os paizes, e sortimento variado de objectos de desenho e escriptorio.

Os proprietarios desta *Livraria* encarregam-se de mandar vir, quer do paiz, quer do estrangeiro, qualquer encommenda com a maxima brevidade. Recebem assignaturas para todos os jornaes politicos, litterarios, scientificos, illustrados, e de modas, etc. Na mesma *Livraria* se acharão todas as publicações mais recentes, á medida que forem sahindo á luz.

Esperam com razão os proprietarios desta *Livraria* a protecção do publico.

Novo almanach—Recebemos e agradecemos o *Almanach Eborense para* 1874 (2.º *depois do bissexto) dedicado a Jayme José Ribeiro de Carvalho, popular auctor dos differentes originaes opusculos de moral e hygiene, por J. Rodrigues Palmeiro.* E o primeiro anno da sua publicação.

O peixe d'Aveiro. — Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«Estavamos em quarteis de inverno, deixando em paz viver a *bicharada;* quando nos constou, que os jornaes d'Aveiro, haviam annunciado a descoberta de um peixe *extraordinario*, que de lá viera para o museu de Coimbra; e quando nos preparavamos para visitar o recem-chegado, recebemos uma visita do nosso amigo o sr. Dr. Manoel Paulino de Oliveira, lente de Philosophia. Depois de fallarmos largamente ácerca de todo o *bicho* vivo, disse-nos, que o peixe era de certo um *tetrodon;* e não se enganou. Dois dias depois recebemos aqui outro nosso amigo o sr. Dr. Julio Augusto Henriques, director do Jardim, que sempre munido de paciencia para nos aturar—desenhou, a lapis, o peixe, para delle formarmos uma ideia mais exacta; e mandámos o desenho para Lisboa.

Recebemos do sr. Dr. Bocage a seguinte resposta escripta á pressa:—«O peixe d'Aveiro é o *orthagoriscus mola*, ou o *orthagoris-*

Não contou verdadeiramente Leon o numero dos inimigos: aconselhado pelo seu temerario arrojo, investiu ao seu contrario, e a valorosa resistencia deste, avivava mais e mais o seu empenho. Uns e outros combatentes conheciam a importancia do sitio por que brigavam, e em 4 horas de sustentado e horroroso fogo, nem os sitiados cediam, nem os sitiadores se desalentavam pelas perdas que mutuamente se causavam.

Não podia prolongar-se aquella luta: conhece Leon ser necessario um acto de arrojo, e manda carregar á bayoneta sobre o povo; desprezam aquelles valentes as balas que os dizimavam e se apoderam delle, acclamando a Isabel II.

Ainda se necessitava outro esforço para apoderar-se da ponte, que era o ponto de importancia; mas faltava a Leon a artilheria de grosso calibre, que esperava lhe enviasse Alaix; e no momento de dever começar o ataque á ponte, para poder aproveitar o effeito moral que em uns e outros combatentes devia produzir a occupação do povo, se lhe apresenta o mensageiro que enviara a Pamplona, a annunciar-lhe a negativa do vice-rei! Encolerisa-se Leon, exclamando—*ha conspiração de erros contra mim!*

Na situação em que se achava o chefe liberal, não podia retroceder sem descredito. Assim o comprehendeu, e decidido a vencer, ou a alcançar uma morte gloriosa no campo de batalha, esporeou o seu furioso animal, e percorreu as fileiras, annunciando ás suas tropas, que se ia atacar a ponte, porque nella estava o premio da victoria.

Não era possivel apoderar-se della á viva força; situada no vertice de um angulo reintrante, que forma o Arga, cujo rio se deslisa ao pé de elevadas montanhas, parecia inexpugnavel, e o faziam tal pela sua frente as obras com que a haviam fortificado os seus possuidores.

Era mister vadear o rio e tomar pela retaguarda o reducto que defendia a ponte. A operação era difficil, porém offereceu-se para a effectuar o coronel D. Manoel de la Concha; e Leon lha confiou contente, pondo ás suas ordens os batalhões de Castella e o 1.º de Saragoça, com a companhia de atiradores, esquadrão de guias e 2.º de hussards. Destinaram-se algumas forças a proteger a passagem do Arga, para cujo fim dirigiram duas peças de artilheria seus certeiros tiros sobre as forças que os carlistas reconcentravam para o impedir, outras duas peças batiam o reducto, e alguma infanteria ameaçava com opportunidade passar a ponte, para distrair a attenção do inimigo.

O fogo de fuzilaria e de artilheria havia-se generalisado e era horroroso.

A passagem do Arga effectuava-se no entanto com incrivel arrojo, chegando a agua á cintura e perecendo alguns. Ganha Concha a opposta margem com as companhias do 1.º de Castella e a cavallaria, e desaloja os contrarios dos seus primeiros intrincheiramentos.

Leon, preferindo o maior perigo, deita pé em terra, e se precipita ao rio com o seu estado maior, seguindo-o o primeiro batalhão de Saragoça, que ao ver o heroismo do seu chefe o acclama com enthusiasmo, e toda a divisão acclama tambem aquelles valentes, anhelando todos o posto de mais compromettimento.

Nada era já capaz de deter aquella tropa, que cuidava mais da victoria do que da vida: alentava-os a emulação e não viam o perigo. Assim se apoderaram dos parapeitos e fortificações exteriores; e abandonando os carlistas o reducto ao ver o inutil da sua valente resistencia, passaram a ponte os batalhões da guarda e Saragoça. Os seus defensores se declaram vencidos.

As tropas liberaes haviam conseguido uma victoria de grande valia, em premio da qual os esperava a fome!

Leon enviou ao seu chefe de estado maior a Pamplona a pedir polvora para destruir os fortes conquistados, e rações para alimentar a sua desfallecida tropa. O vice-rei enviou a primeira, porém não as segundas, dizendo que as não tinha.

Novo conflicto para Leon, que não podia dar de comer aos que tão importante serviço acabavam de prestar á patria; aos que acabavam de derramar o seu sangue em dois dias de heroicos e repetidos combates; aos que haviam conseguido um triumpho, qualificado por todos de temerario, se não impossivel, com os elementos de que poderam dispor. E em premio de tudo isto, a miseria, e a fome! Nem um rancho que dar áquelles valentes!

A meia legua de Belascoain, tinham os carlistas bem guarnecido o forte de Ziriza, e nelle um deposito de viveres, que resolveu Leon que servisse para alimentar as suas tropas. A alternativa era terrivel; ou desfallecer, ou pelejar de novo para conquistar o preciso alimento. Formou as suas forças, marchou com dois batalhões, a artilheria e cavallaria sobre aquelle ponto, o qual abandonaram os seus defensores ao aproximar-se os victoriosos liberaes, e o occuparam estes, achando nelle rações para 5 dias.

Apesar da modestia com que Leon redigiu a parte de tão glorioso feito de armas, foi premiado com a grã cruz de S. Fernando, que não estimou em tanto como a satisfação que lhe occasionou aquelle brilhante ataque, para o qual contribuiram os milicianos nacionaes de Puente la Reina.

Pamplona poude communicar-se com o resto da provincia, que comprehendeu em breve o que devia ao intrepido Leon e ás suas bisarras tropas.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

cus oblongus; é mais provavel ser antes o primeiro, que é mais vulgar.»

Vimos depois com mais vagar, que o *orthagoriscus mola*, é o mesmo que *o tetrodon mola* de Linneu.

Muitas pessoas que lerem este artigo, estarão, talvez, com vontade de nos perguntar, se este peixe de nomes tão *estupendos*, será bom comido *frito?* Não lhes sabemos responder.»

A nova artilheria.—Diz o *Diario de Noticias*, que o parque de artilheria do systema Krapp, que o governo portuguez comprou na Allemanha, contém todo o material de um regimento prussiano prompto para entrar em campanha. Além das boccas de fogo, reparos e cofres de munições, vieram tambem forjas de campanha, arreios, utensilios, polvora, balas, ferraduras, cravos de reserva, etc. Para que nada faltasse no parque, vieram egualmente as ambulancias com ligaduras, alfinetes, fios e vidros para os medicamentos. Cada bocca de fogo póde ser servida por quatro homens apenas. Para o movimento do parque deverão empregar-se cêrca de duzentas muares.

Vieram juntamente pás e enxadas para o serviço das fortificações passageiras ou provisorias, muito usadas hoje na arte moderna da guerra, tanto para resguardar as operações da artilheria como da infanteria. Além d'isso, o governo prussiano mandou uma porção de exemplares de instrucções para o moderno serviço dos corpos de artilheria na Allemanha. Vão traduzir-se estes opusculos.

Parece que se pensa em crear mais um regimento de artilheria de campanha, que deve servir-se de todo este material exclusivamente.

Nomeação.—Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Por despacho do respectivo ministro foi ultimamente nomeado aspirante de 2.ª classe para a repartição de fazenda do districto de Vizeu, o nosso velho e particular amigo, o sr. Joaquim Antonio de Oliveira Leite, de Penacova.

«Felicitando o nosso amigo e sua exm.ª familia, cumpre-nos louvar o exm.º ministro pela boa escolha; pois que o sr. Leite, a um talento esclarecido, reune muito zelo e actividade, condições que formam o bom empregado.—*Um carvalhense.*»

Commissão.—Lê-se no *Jornal do Commercio* o seguinte:

«Installou-se hoje a commissão encarregada de harmonisar nos diversos estabelecimentos de instrucção os estudos preparatorios para a matricula na escola do exercito.

Estes estudos devem ser feitos em 3 annos, segundo a mente do governo.

Presidiu á commissão o sr. general Spinola Castello Branco, lente jubilado da escola polytechnica, e serviu de secretario o sr. Sá Magalhães, sub-chefe da repartição d'instrucção publica no ministerio da guerra.

Faltaram os representantes da academia polytechnica do Porto e da Universidade.

A commissão resolveu pedir ao governo o actual programma dos estudos nos diversos estabelecimentos d'instrucção onde se habilitam alumnos para a escola do exercito.»

Noticias de Hespanha.—Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Não trazem novidades importantes os jornaes hespanhoes de 7 recebidos hoje.

Foram suspensos os periodicos carlistas; parece porem, que continuarão a publicar-se como simples folhas noticiosas.

Alem dos generaes Hidalgo e Ripoll foi tambem procurado para ser preso o general Socias, mas não foi encontrado, nem se sabe que destino levasse.

Nenhumas recompensas serão concedidas pelo movimento de 3 de Janeiro. Não o quer o general Pavia e o *Correo Militar* applaude esta resolução. Será a primeira vez que tal succeda em Hespanha, depois d'uma revolta militar triumphante.

Em uma carta de Saragoça lê-se que na lucta entre as tropas e o povo houve 6 soldados mortos; 2 officiaes superiores, 6 officiaes e 33 soldados feridos e 5 officiaes e uns 80 soldados contusos.

O ministro da governação dirigiu uma circular aos governadores civis, em que apresenta o programma do governo, que, como sabemos já, é o restabelecimento da ordem e da paz.

Em Cartagena reina a maior anarchia. Os insurgentes saqueiam as casas e os estabelecimentos e vendem por todo o preço tudo quanto encontram aos miseraveis especuladores que sempre apparecem nestas occasiões; só, se pensa em incendiar mais tarde o que as balas tiverem poupado.

Do Norte apenas se diz que o general Moriones continuará brevemente as operações. Os carlistas cercam-n'o de mui perto, e tem tido tempo de se apoderar de todas as alturas visinhas, e occupar um terreno quasi tão accidentado como o de Guipuzcôa.

Nada mais encontramos digno de menção.

Madrid 8, ás 11 h. e 15 m. da manhã.—A *Gazeta* publica um decreto chamando ao serviço activo todos os mancebos da reserva de 1874; supprimindo a condição da estatura; exceptuando os religiosos das escolas pias e das missões Philippinas; restabelecendo a remissão, estendendo-a aos mancebos da reserva do anno passado; fixando em 2:500 pesetas o preço da substituição.

Uma commissão de officiaes de artilheria visitou hontem Castellar para lhe agradecer a reorganisação da arma de artilheria.

Uma commissão da imprensa carlista visitou o ministro do interior, e obteve auctorisação para reapparecer sobre certas condições.

Affirma-se que Romero Ortiz será nomeado ministro de Hespanha em Lisboa.

Madrid, 8, ás 6 horas e 15 m. da tarde.—Uma columna da guarda civil entrou em Linares e declarou o estado de sitio.

Está-se reparando a ponte de Vadollano. Um telegramma de Havana felicitando o governo diz que o premio de ouro desceu a 20 por cento.

A *Igualdad* foi suspensa por 10 dias.

Madrid, 9.—A «Gazeta» publica um extenso manifesto do governo á nação, declarando que sustentará a republica e a constituição de 1869.

Outro decreto dissolvendo as côrtes.

O governo convocará as côrtes ordinarias, quando se restabelecer a ordem e o suffragio nacional poder funccionar livremente.

ANNUNCIOS

1 PERCISA-SE de um caixeiro com pratica de tabacos, com ordenado ou sem elle. Nesta redacção se diz quem o quer.

2 ANSELMO MESQUITA, ao arco de S. Thiago, tem para vender duas lanternas de acompanhar o pallio, as quaes dá por 4$500 rs. cada uma.

3 EDICÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e do rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria —23, rua de Quebra-Costas, 28.

VENDA DE CASAS

4 NO DIA 18 do corrente mez de Janeiro, no collegio de S. Thomaz, na rua da Sophia, n.º 171, pelas 11 horas da manhã, se hão de vender em praça particular (se o preço convier) uma morada de casas, n.º 81 e 83, no Adro de Santa Justa a Velha: são foreiras ao Seminario desta cidade, em 400 rs. annuaes.

5 MARIA D'ASSUMPÇÃO, viuva de Antonio Coelho, participa aos seus freguezes, que continua com o seu estabelecimento de tinturaria, no largo da Sota, onde por preços commodos se tinge de todas as côres quaesquer objectos de lã ou seda. Espera que os seus freguezes continuem a preferir o seu estabelecimento.

6 PELA ADMINISTRAÇÃO da matta do Bussaco, se faz publico, que no dia 18 do corrente mez de Janeiro, pelas 9 horas da manhã, junto á porta do convento do Bussaco, se hade vender, se os preços convierem, alguma lenha e toros de carvalho. As condições serão patentes no acto da arrematação, ou mesmo antes, se alguem pretender sabel-as.

E para constar se passa o presente annuncio.

Bussaco, 5 de Janeiro de 1874.

O capellão administrador,

Mauricio José Pimenta.

DOCTOR IN ABSENTIA

7 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 16, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

PIANOS

8 ALUGAM-SE e vendem-se na rua da Sophia, n.º 171.

9 VENDE-SE por junto a madeira d'uma matta de carvalhos, perto de Soure. Quem a pretender dirija-se a José da Silva Milheiro, na mesma villa.

AGRADECIMENTO

10 ALEXANDRE MARIA DE CAMPOS e seu filho Antonio de Campos, em extremo penhorados para com todas as pessoas que se dignaram procural-os pelo triste acontecimento do fallecimento de sua boa e querida esposa e mãe, vem agradecer por este meio, em quanto o não fazem pessoalmente, e pedir desculpa de qualquer falta que possam commetter.

JORNADAS

Por Thomaz Ribeiro

DO TEJO AO MANDOVY

Um lindo volume de mais de 400 paginas: preço 600 rs.

A' venda na livraria Central de J. D. Pires, editor.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 reis em estampilhas.

CHEGOU

Queijo Suisso

Queijo Londrino

QUEIJO FLAMENGO, CASCA VERMELHA, SUPERIOR

Estabelecimento de

JOSE' TAVARES DA COSTA

Á PORTAGEM

13 A DISTANCIA de dois kilometros de Monte Mór o Velho, se vendem umas casas, com pateo, curraes e celleiros, sendo todos os predios á vista da casa; grande quantidade de ribeiras proprias para arroz e feijão, pomares de laranjeiras, com rega, eira, com casas pegadas, olivaes, pinhaes e matas. O rendimento actual regula por doze moios de milho. Nesta redacção se dirá a quem se devem dirigir os pretendentes. Os predios não tem onus alguns, nem hypotheca.

CONCURSO

14 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Celorico da Beira, faz publico, que se acha aberto concurso por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação do presente annuncio no *Diario do Governo*, para o provimento do partido de cirurgia, desta villa, com o ordenado de 500$000 rs. annuaes, e pulso captivo.

Os pretendentes, alem dos demais documentos, deverão apresentar as suas cartas passadas pelas escholas medico-cirurgica de Lisboa, Porto ou Coimbra.

Celorico da Beira, 6 de Janeiro de 1874.

O presidente da camara,

Antonio Joaquim da Silva.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

A nova barca MARGARIDA, em 20 do corrente.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

PARTIDO A CONCURSO

16 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Mogadouro, faz publico, que por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação deste, se acha aberto o concurso para o provimento do partido de medicina do mesmo concelho, com o ordenado annual de 400$000 rs., e com a tabella que regula a taxa das visitas, e consultas, da qual se dará conhecimento aos interessados que o exigirem.

Os pretendentes apresentarão dentro d'aquelle prazo na secretaria desta camara seus requerimentos, a que juntarão, alem d'outros documentos que julgarem convenientes, suas cartas passadas pela Universidade do Coimbra, e escolas medico cirurgicas de Lisboa, ou Porto.

Mogadouro, secretaria da camara, 3 de Janeiro de 1874.

O presidente da camara,

Antonio Augusto de Moraes Pimentel.

NUMERO 2762 — TERÇA FEIRA 13 DE JANEIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Proseguem regularmente os trabalhos nas duas camaras legislativas.

Não ha por emquanto incidente algum politico de gravidade, que perturbe a ordem e a moderação que deve sempre presidir aos actos e ás discussões parlamentares.

O paiz inteiramente adverso ás perturbações sociaes e ás pugnas partidarias, aprecia devidamente a paz que estamos gozando; e regosija-se pela prosperidade que vê renascer em toda a ordem de interesses sociaes; e por isso em mira das suas mais legitimas conveniencias, tem hoje voltado toda a sua attenção para a assemblea dos seus representantes, que para corresponder ao que a nação delles tem direito a esperar, não podem deixar de mostrar pelos seus actos, que acima das desordenadas pretensões de facção, está o credito, a honra e a felicidade da patria.

Justificada é a attenção com que o publico illustrado acompanha as discussões parlamentares, e o movimento politico da actualidade, desde que os partidos da opposição se lembraram de discutir e atacar a pessoa de el-rei; filiando-se até, como ultimamente tem feito, muitos dos mais exaltados adversarios do governo, nos clubs republicanos.

Estes factos, que já são do dominio publico, e que tem promovido contra os seus auctores a mais pronunciada indignação de toda a gente sensata, revela a imprudencia dos meios que a opposição ousa empregar na conquista do poder.

Não teme de certo o governo actual estes manejos dos seus adversarios; a inergia com que tem procedido contra os amotinadores da ordem publica, garantem-nos o respeito ás leis e ás instituições. Nem o paiz se intimida com taes aberrações do sentimento publico: servem ellas unicamente para demonstrar até que ponto a paixão partidaria cega os ambiciosos especuladores politicos, que não duvidariam sacrificar a felicidade do paiz, á satisfação das suas illegitimas ambições.

Quando os partidos chegam a taes excessos, tem dado a medida da sua probidade politica, e da sinceridade de seus intuitos.

Este expediente, ainda que impressione o publico menos conhecedor das tramas que a politica de ambição costuma urdir, está longe de merecer a importancia dos cidadãos illustrados, que rejeitam completamente as invenções perigosas e injustificadas; ás quaes podendo dominar, por algum tempo os espiritos noveis e os poetas da nova Arcadia, cuja fantasia costuma descrever e cantar as delicias da forma republicana, applicada ao governo deste paiz; não podem convencer já os que vêem as cousas á luz da razão e da historia, que é a mestra da vida.

A ambição perde muitas vezes os homens politicos.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 11 de Janeiro de 1874.

Começa na camara electiva por parte de alguns de seus membros, a politica de corrilho e de facção. Nas questões mais simples, verberam o governo com um facciosismo estupido, indigno de altas intelligencias, que melhor se empregariam, discutindo assumptos de maior monta. Disse-se que a anarchia administrativa reinava no districto de Vizeu. Esta anarchia mansa, ou feroz, se existe, deu margem aos deputados por Vizeu, para vomitarem a sua bilis asquerosa e nauseabunda sobre o sr. ministro do reino, e fazerem politica, como só a sabem fazer os deputados reformistas. E' mau sestro este, que redunda em desfavor da opposição, que não sabe manter a sua dignidade em face de um parlamento illustrado e digno, e muito mais ainda, em face do paiz.

Hontem não houve sessão na camara dos deputados. Foi dia destinado para trabalhos em commissões.

—N'uma das proximas sessões deve ser apresentada á camara dos deputados uma proposta de lei, alterando a actual legislação sanitaria. São poucos os pontos que carecem de sancção legislativa. Unicamente a creação de um lazareto na Horta, a de mais um logar de guarda mór de saude, o restabelecimento do logar de inspector e a approvação de uma nova tabella de imposto do lazareto.

—Corre que não suscitará discussão politica a resposta ao discurso da corôa. Será muito para desejar que não appareçam as retaliações do costume, e que a camara, opposição e governamentaes, se mantenham á altura da sua dignidade, dando-se as mãos para que o paiz continue a caminhar pela estrada prospera que encetou vae em tres annos.

—A *associação dos melhoramentos das classes laboriosas*, abriu a matricula para os cursos nocturnos e gratuitos, os quaes comprehendem instrucção primaria, francez e desenho elementar. Houve o intuito de crear uma cadeira de inglez, porém tal alvitre não se realisou, preferindo-se o desenho. Foi acertada a substituição. Actualmente o francez é um idioma universal, no qual se acham traduzidos os melhores livros scientificos inglezes. A associação continua progredindo, e isto devido aos esforços de todos os seus membros, em cujo numero, apesar de ferir a sua natural modestia, não deixarei de citar o meu amigo o sr. José Antonio Dias, que tem trabalhado, e muito, para que de tal instituição os operarios n'ella filiados, colham os resultados que podem e devem colher.

—Tem estado gravemente incommodado, mas quasi se acha restabelecido, o distincto escriptor o sr. Teixeira de Vasconcellos. Desejamos-lhe promptas melhoras para voltar á vida activa jornalistica, e aos trabalhos da camara electiva, da qual é distincto membro. A proposito, ouvi que vae ser editado o livro de s. ex.ª—*Lição ao Mestre*, sahido em folhetins no *Jornal da Noite*. E' um bom serviço que o editor presta ás letras patrias, colleccionando mais um volume do distincto litterato.

—Diz-se que é no dia 17 que tem logar a imposição do barrete cardinalicio ao actual patriarcha. A solemnidade terá logar em S. Vicente de Fora. O chefe do estado é quem pratica a imposição do barrete ao novo cardeal. No dia destinado para a solemnidade, um coche dos mais ricos do estado, puxado a tres parelhas, vae buscar á sua residencia o recipiendiario. Precede o coche uma guarda de honra de cavallaria, e um outro coche de respeito, tambem do estado, após o qual vão a curta distancia, os do agraciado, com os seus capellães, esmoler, mordomo, porteiros da canna, e gentis-homens, dirigindo-se vagarosamente, para o logar onde a ceremonia tem de verificar-se.

De sessenta e cinco prelados que tem tido a egreja lisbonense, unicamente dezoito têem sido elevados ao cardinalato.

—Lavra uma desorganisação muito para

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXVIII

D. CARLOS

LXXVIII

Satisfeito Espartero do comportamento de Leon na Navarra, não o estava menos do de O'Donnell em Guipuscoa, ao qual acabava de felicitar pela sua promoção a marechal de campo, para o que o propoz expontaneamente á rainha, em premio do seu comportamento em Hernani, como já tivemos occasião de manifestar.

Á frente O'Donnell do exercito da costa da Cantabria e do commando militar da provincia de Guipuscoa, triumphou dos carlistas nos dias 28, 29 e 30 de Janeiro; apoderou-se de Lasarte e Zubieta, fez ao inimigo passar á esquerda do Oria, debaixo da protecção dos parapeitos que tinham construidos, e se preparou o chefe liberal a obter maiores triumphos, onde era tão difficil pelejar.

Não impediu o rigor do inverno as operações com que se inaugurou a campanha de 1838, e que interpeceram de prompto a saida das expedições que tinham preparado os carlistas. Habeis movimentos, contiveram os planos em que insistiam e para cuja realisação executaram differentes demonstrações pela Navarra e o valle de Mena, ate que em fim acharam uma conjunctura, que não podia deixar de apresentar-se-lhes em tão extensa linha, e com tantas passagens franqueadas.

O conde de Negri de la Torre, que apenas via o momento de sair das provincias Vascongadas, para fugir do foco de intrigas e miserias que repugnavam á sua honradez, era um desses personagens distinctos que contava o partido carlista.

Com o posto de marechal de campo, aceitou Negri o cargo que lhe conferiu D. Carlos, do commando geral da nova expedição carlista. Fizeram-no marchar sem lhe dar tempo para se inteirar do estado da força e demais elementos com que podia contar.

Na verdade, que se pretendia com esta expedição que se lhe encommendava, composta dos ultimos nove batalhões castelhanos, que ainda se não haviam sacrificado para completar a ruina de D. Carlos, e o exterminio de todos os homens que a elle de boa fé se achavam ligados?

Esta expedição foi arrojada com a maior aleivosia, e abandonada á mercê dos seus contrarios, sendo lançada das provincias do norte, porque os conselheiros de D. Carlos temeram a influencia do conde, e aproveitando os desejos que mostrava por acrisolar a sua reputação com feitos de armas, acharam os meios de afastal-o da immediação do principe, que o havia recebido como privilegiado. Sempre a paixão dominando os mais altos interesses!

Reunidos na manhã de 14 de Março de 1838 os differentes corpos que compunham a expedição na praça de Orduña, se deu um ligeiro descanço á tropa, lendo-se a ordem geral do exercito, que continha as nomeações dos differentes commandantes e empregados da expedição.

Em acto continuo emprehendeu a marcha ás 2 da tarde para Peña Vieja, indo a primeira divisão composta da primeira e segunda brigada e do batalhão solto, 8.º de Castella, na vanguarda; artilheria e bagagens no centro; segunda divisão, formada pela terceira e quarta brigadas na retaguarda; cerrando a marcha a cavallaria, que constava de seis chamados esquadrões, dois delles totalmente em quadro, e os quatro restantes com menos de 400 cavallos.

A aspera subida da penha, retardou muito a marcha da columna; de modo, que apesar de não constar esta mais de 3:000 homens, com uma curtissima brigada e duas peças de montanha, quasi inuteis, chegou mui entrada a noute aos pontos onde deviam pernoutar.

O quartel general pernoutou em Ateza, distante mais duas leguas e meia de Orduña, e o exercito nos povos immediatos, como Yazó, S. Martin, Villacian, etc.

O chefe de estado maior general, com dois batalhões alavezes, havia-se adeantado para proteger a marcha, ignorando que os liberaes se achavam em Quincoces; porém ao sabel-o pelas avançadas do corpo de exercito expedicionario, teve que variar com alguma precipitação os pontos que se haviam designado para o alojamento da tropa, equivocando o da quarta brigada, mandando que se fosse alojar a duas leguas de distancia.

sentir nas repartições de fazenda. O serviço é pessimamente feito, e quem paga as custas é o pobre contribuinte, que se vê em penosos embaraços para satisfazer decimas relaxadas, para o pagamento das quaes não recebeu aviso. Succedem-se frequentemente estes casos, e ainda ha dias aconteceu um com um meu collega, seu patricio. Mandou elle saber á respectiva administração o *quantum* da decima pessoal que tinha a pagar, e a resposta foi: *«não está tal nome inscripto no livro da matriz.»*

Descançou o contribuinte, e descançou bem, porque pessoa alguma tem culpa na negligencia e nos disparates de quem tem obrigação de ser recto nos seus deveres. Passados dias recebeu o meu collega uma *contra-fé*. Aqui está o dislate. Manda á administração saber se o seu nome lá está inscripto, dizem-lhe que não. Não lhe remettem aviso, e dão-lhe, passados dias, com uma *contra-fé* na cara! D'onde provêm, pois, estes disparates? Destas negligencias, resulta algumas vantagens para o thesouro? Não, porque o thesouro recebe apenas a quota que lhe pertence, *secca e limpa*, e os ceitis que vão a mais, ficam espalhados pelas mãos, por onde corre aquelle processo inquisitorial.

Não quero dizer com isto que os empregados pratiquem estes *enganos*, para auferirem maiores proventos. Estão mal e pessimamente remunerados os amanuenses das repartições de fazenda, é certo. Pois remunere-os melhor o governo, dê-lhes garantias de subsistencia decente, para que façam bom serviço, e não sejam relaxados no cumprimento das suas obrigações. Pois que vem a ser dar-se 9$000 reis mensaes, e menos, a um pobre *homem-machina*, que se senta á banca ás 9 horas da manhã, e escreve até ás 4 horas da tarde? Póde esperar-se d'aqui bom e regular serviço? E' querer o impossivel, é querer o *maravilhoso*, e... neste mundo todo positivo, ninguem póde viver com o estomago vasio. Cumpre pois ao sr. ministro da fazenda olhar por este descurado ramo de serviço.

Os contribuintes pagam quando legalmente avisados. Com estes relaxes perde a fazenda. Eu hei-de contar-lhe um caso acontecido comigo, quasi identico, cuja solução depende de um requerimento que dirigi ao thesouro, ha já um mez, e que, indo a informar em 5 do mez passado, ainda até hoje, não teve solução possivel. E se esta solução não fô rasoavel, como espero, e é de justiça, hei-de fazer publico o facto descarnado e nú, tal qual elle se deu.

—Diz-se que houve hontem conflicto no theatro da rua dos Condes. Já ha dias que a guarda municipal foi a auctora do desaguisado. Sempre a guarda municipal, sempre!

—Está hoje um dia de inverno, e demasiado carrancudo.

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

EDITAL

Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, visconde de Villa Maior, par do reino, lente jubilado da Escola Polytechnica de Lisboa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, official da Torre e Espada do valor lealdade e merito e da de Legião de Honra, reitor da Universidade de Coimbra, etc.

Faço saber:

1.° Que o jury para o concurso de uma substituição que se acha vaga na faculdade de Theologia, constante do programma publicado no *Diario do Governo*, n.° 242, na forma do que dispõe o artigo 3.° do decreto de 22 de Agosto de 1865, ficou composto dos Drs. D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello, Antonio Bernardino de Menezes, Manoel Eduardo da Motta Veiga, e Francisco dos Santos Donato, por serem estes os dois terços dos lentes, que se achavam em exercicio ao tempo da abertura do concurso; e de mais tres vogaes os Drs. José Ernesto de Carvalho e Rego, Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo e Joaquim Cardoso d'Araujo, lentes da mesma faculdade, para os effeitos designados nos §§ 1.° e 5.° do artigo 3.° do mencionado decreto.

2.° Que as provas a que tem de sujeitar-se o unico candidato o Dr. Bernardo Augusto Madureira, começam pela defeza da dissertação, que terá logar no dia 31 do corrente mez, sendo arguentes os vogaes do jury os Drs. D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello e Antonio Bernardino de Menezes: e que nos dias 3 e 7 de Fevereiro hão de ter logar as provas oraes, argumentando na primeira os Drs. Manoel Eduardo da Motta Veiga e Francisco dos Santos Donato, e na segunda os Drs. D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello e Antonio Bernardino de Menezes.

3.° Que as lições começarão ás 10 horas da manhã, sendo os pontos respectivos tirados á mesma hora com assistencia de tres vogaes do jury pela ordem de antiguidade. E para constar mandei afixar o presente. Paço das escholas em 10 de Janeiro de 1874.—Eu Manoel Joaquim Fernandes Thomaz, secretario o subscrevi.—Visconde de Villa Maior, reitor.

NOTICIARIO

O celebre botanico Link, Coimbra e a sua Universidade.—Publicamos já o que disse Mr. Link, no seu livro—*Voyage en Portugal, depuis 1797 jusqu'en 1799*—acerca dos estabelecimentos annexos á Universidade, e a apreciação que fazia de alguns de seus professores. Vamos hoje publicar o modo como elle descreve a cidade de Coimbra e os estudos que se frequentavam na Universidade, na epocha em que veiu visitar este paiz.

E' sempre muito interessante ver como os estrangeiros julgam as nossas cousas.

Já dissemos, que são frequentes as inexactidões que elles commettem, quando fallam de Portugal; mas com franqueza devemos dizer, que têem motivos para se consolar, porque mesmo neste reino não falta quem caia em erros palmares, tanto menos desculpaveis, quanto são commettidos por portuguezes, que têem rigorosa obrigação de saber a historia patria.

Ainda ha poucos dias se imprimiu aqui mesmo em Coimbra uma descripção desta cidade, em que depois de se dar conta da morte de D. Ignez de Castro na quinta das Lagrimas, se prosegue dizendo, sem cerimonia alguma, que na mesma quinta foi morta D. Maria Telles!!!

E é assim que entre nós se escreve a historia!

Deixemos agora fallar Mr. Link:

«Coimbra está edificada, como quasi todas as grandes cidades de Portugal, sobre o declive de uma collina muito escarpada: a parte que se acha na planicie é pouco consideravel.

O Mondego, largo rio, serpenteia ao pé das collinas que estão em frente da cidade; uma ponte construida de pedras de cantaria, o atravessa.

Não se avista a cidade senão depois de se haver descido ao valle; mas em recompensa, offerece então o aspecto o mais magnifico e surprehendente. A sua situação é encantadora: mosteiros e egrejas sem numero cobrem e embellezam o declive da montanha. Todavia basta entrar na cidade, para nos desenganarmos. As ruas são estreitas, desiguaes, sinuosas, mal calçadas, sujas, e frequentemente de tal maneira escarpadas, que ha difficuldade em por ellas caminhar. A unica rua que seja bella, acha-se na planicie; mas é precisamente aquella que os homens de distincção não habitam, porque a julgam insalubre no verão.

O Mondego engrossa no inverno, transborda, e forma quando se retira, pantanos, que, como em todos os paizes quentes, espalham exhalações funestas. A cidade não offerece ainda nem praças, nem passeios, excepto aquelles que são devidos á natureza. A grande quinta dos Agostinhos serve só para este objecto. Se desejamos ver os loureiros da India, de Goa (*laurus indica*) em toda a sua magnificencia, é alli que nos devemos dirigir.

Não se acham, porem, em nenhuma cidade de Portugal, peores hospedarias do que em Coimbra. As camaras e as camas que nellas se offerecem aos viandantes, são deploraveis; e o alimento é tão mal feito, que é necessario o apetite de um botanico, para o achar supportavel. Eis a razão porque os botanicos não se demoram nesta cidade, não se occupam della senão superficialmente, e não fallam da sua Universidade celebre; ou se fazem menção della, não dão apenas senão noções imperfeitas.

A' medida que se avança para o norte de Portugal, o povo offerece mais bondade, bonhomia e industria. Os ladrões e os roubos são mais raros, mas os homens e as mulheres tem poucos agrados; mesmo estas ultimas desagradam em relação ás de Coimbra. As mulheres do povo cobrem a cabeça com um longo lenço negro, como em certas cidades de Allemanha, e trazem a *mantilha* das hespanholas, mas sem a linda guarnição de gaze, ou de rendas, que estas ultimas lhe ajuntam.

Coimbra é uma cidade muito antiga. Tinha já sustentado muitos cercos, antes que Portugal caisse no poder do conde D. Henrique. Os muros da cidade e suas portas existem ainda, mas não se fecham. Desde 1419, Coimbra tem muito decaido da sua grandeza. Tem um bispo, que não somente usa do titulo de conde de Arganil, mas que o é effectivamente. Alem disso tem um corregedor, um provedor e um juiz de fóra. A cidade conta mais de 3:000 fogos; tem 8 mosteiros e 18 collegios.

A cousa mais notavel de Coimbra, é a sua Universidade. O rei D. Diniz a tinha primeiro estabelecido em Lisboa, pelo anno de 1291; mas transferiu-a para esta cidade, passados 16 annos. Depois foi transferida para Lisboa; mas em fim D. João III a mudou, em 1537, de novo para Coimbra, onde ficou até ao presente.

A sua organisação experimentou sob a administração do marquez de Pombal muitas mudanças vantajosas. Mas os estatutos não bastam; as sciencias não podem prosperar sem o bom espirito que ahi deve reinar; ellas exigem despezas, animação e uma justa apreciação do merito, o que, mesmo com uma organisação mediocre, produz mais que os melhores estatutos. Como a Universidade de Coimbra é pouco conhecida entre nós, permittir-se-me-ha de me estender um pouco a respeito della.

A Universidade tem primeiro um reitor, que o rei escolhe, mas quasi sempre fóra da Universidade. É ordinariamente um ecclesiastico, que, no decurso do tempo, é nomeado bispo. Não exerce as suas funcções senão durante tres annos; mas na expiração deste prazo, é quasi sempre confirmado neste emprego até que seja chamado a uma outra dignidade. Deveria depender do reformador; mas estes dois cargos estão presentemente reunidos na pessoa de D. Francisco Rafael de Castro.

O reitor preside ao conselho dos decanos,

que é composto dos decanos das faculdades, de dois syndicos, isto é, do conservador e do ouvidor, e do secretario. Tem jurisdicção sobre todos os que compõem a Universidade em tudo o que respeita á economia e aos fundos da Universidade, que é muito ricamente dotada. Junta-se-lhe a junta de fazenda, onde á excepção do thesoureiro e da cartorario, ha tres deputados, um professor de theologia, um de direito, e um professor de arithmetica. No caso em que o reitor se ache na impossibilidade de desempenhar as suas funcções, nomeia-se um vice-reitor.

O cancellario da Universidade é o chefe em tudo o que respeita á instrucção. Nomeia para os differentes graus nas promoções; tem a inspecção dos cursos e preside aos exames dos estudantes. Este logar pertence ao prior geral dos Agostinhos (conegos regulares) em Coimbra. Não se póde deixar de applaudir os antigos estatutos; mas esta inspecção de um frade e de um simples individuo, que regula o modo do ensino, não póde deixar de desagradar a um allemão, e não se deve extranhar que professores de merito não obtenham nenhum credito.

O numero das cadeiras é mais do dobro do que entre nós. Procedeu-se bem em dividir a faculdade colossal de philosophia em muitos ramos, quando mesmo a divisão não fosse das melhores. 1.° A theologia, 8 cadeiras;—2.°, o direito canonico, 9 cadeiras;—3.°, o direito civil, 8 cadeiras; 4.°, a medicina, 6;—5.° as mathematicas, 4;—6.°, a philosophia, 4. Nesta ultima, não se trata da logica, nem da methaphysica etc. Em Coimbra nem se pensa nisso, porque as 4 cadeiras são occupadas pelo professor de zoologia e de mineralogia, de physica experimental, de chimica, emfim de botanica e de economia. De todas as sciencias propriamente philosophicas, não ha senão o direito natural, ensinado por um professor de direito canonico.

Chamam-nos professores, *lentes* (da palavra *ler*); não se dá senão aos professores das pequenas escolas; e ha, alem dos professores ordinarios, como entre nós, os *lentes substitutos*, e *demonstradores*, para as sciencias que exigem ser demonstradas.

Os cursos não se limitam a seis mezes, como entre nós, mas duram mais tempo, e não se faz senão um curso cada anno. E' no outono que começam, e acabam no mez de Maio: então vem os exames publicos, aos quaes todos são submettidos, até ao mez de Junho, a que se seguem tres mezes de ferias.

Desde o marquez de Pombal, os exames publicos se fazem em portuguez, e devem ser muito rigorosos, pois que acontece frequentemente que os estudantes se esquivam a elles com medo. Os cursos fazem-se egualmente na lingua portugueza, e em quanto ao mais como entre nós, mas *gratis*.

Cada estudante, tanto em theologia, como em direito e em medicina, é obrigado a passar aqui um certo numero de annos, para seguir os cursos designados, e fazer os exames annuaes, se quer ter um emprego, ou tirar partido dos seus conhecimentos. Para os alumnos de medicina se fixaram 5 annos. Depois deste termo não lhes resta mais nada a fazer. O grau de doutor não é conferido senão áquelles que querem professar na Universidade; são para isso obrigados a sustentar uma these publica, mas não escrevem *dissertação*. O titulo de doutor é por consequencia raro, e pela mesma razão muito estimado em Portugal.

Os theologos podem fazer os seus estudos n'outra parte, e mesmo nos mosteiros; embaraçam-se muito pouco com as sciencias. Quanto aos jurisconsultos, é indispensavel que tenham sempre feito seus estudos em Coimbra, e como se acha nas mais pequenas cidades e villas um juiz de fóra, elles são em muito grande numero.

Os medicos tambem ahi devem fazer os seus cursos, e egualmente os cirurgiões. Os portuguezes são muito superiores a nós a este respeito, porque entre elles, os cirurgiões, aquelles que sangram e applicam as ventosas, e os barbeiros, fazem tres pessoas muito differentes. Assim o numero de estudantes não póde deixar de ser muito consideravel. Disseram-nos que subia a 800, mas não a 2:000, ou mesmo a 8:000, como o asseguram alguns livros portuguezes.

Todos os estudantes, e mesmo os professores, têem um trage muito singular. E' um habito comprido, de panno preto, sem mangas, atado atraz sem cordões, e guarnecido na frente de duas ordens de pequenos botões bem juntos, que começam no pescoço e descem até aos pés: eis a primeira parte do vestido. Por cima deste se usa um outro vestido preto e comprido, com mangas largas, precisamente como os dos pastores protestantes. Cada um traz na mão um pequeno saco de panno preto, onde, á falta de algibeiras, se acham o lenço, a caixa de rapé, e outros objectos semelhantes.

Os estudantes vão sempre com a cabeça descoberta, mesmo durante os maiores calores do verão: e só aos professores e pessoas graduadas é permittido trazer um barrete negro. Por muito leve que seja o panno de que se compõe o vestido, este trage preto e incommodo, não póde deixar de ser muito desagradavel, sobretudo no verão. Não ha nada, nem a cathegoria, nem as occupações, nem mesmo a velhice, que possa dispensal-o: qualquer que sae sem este trage, é primeiro multado, e em segunda preso. Eis porque as ruas estão sempre cheias de homens, que offerecem um aspecto triste e monacal.

O marquez de Pombal tinha intenção de abolir este trage, mas foi-lhe representado que era economia nos vestidos. Os professores e os estudantes habitam, como entre nós, nas casas particulares, e não, como em muitas antigas Universidades, e mesmo as de Inglaterra, em casas communs e destinadas para elles.»

Os Lusiadas, edição do morgado de Matheus—D. José Maria de Sousa, morgado de Matheus, mandou fazer em Paris, no anno de 1817, a riquissima edição dos *Lusiadas*, de Luiz de Camões.

Esta edição foi apenas de 210 exemplares, e com elles gastou o seu illustre editor, a avultada quantia de 9:207$440 rs.! Tanto poude para com este benemerito portuguez o amor da gloria nacional.

Desses exemplares fez presente ás bibliothecas publicas, corporações, e pessoas da sua amisade, tanto de Portugal como de outras nações.

O conde de Villa Real, neto do morgado de Matheus, em uma nota das pessoas a quem seu avô dera exemplares da edição dos *Lusiadas*, diz que um delles fora ao desembargador José Firmino da Silva Giraldes.

Acrescentaremos, porém, que ao referido desembargador Giraldes, não deu só um exemplar; mas sim dois. Em um delles, que pertenceu ao collegio dos Militares desta cidade, se lêem os dois seguintes offerecimentos:

«Ao illm.° sr. desembargador José Firmino da Silva Giraldes—*D. José Maria de Sousa.*»

«Offerece á livraria do real collegio dos Militares de Coimbra este exemplar—*Os Lusiadas*—o seu collegial Antonio José Guião, que o houve do seu collega e amigo, o desembargador José Firmino da Silva Giraldes, ao qual o editor, morgado de Matheus, tinha remettido dois exemplares.—*Antonio José Guião.*»

Memoria da Faculdade de Medicina—Recebemos hontem de tarde um exemplar da *Memoria historica e commemorativa da Faculdade de Medicina, nos cem annos decorridos desde a reforma da Universidade em 1772 até o presente, por Bernardo Antonio Serra de Mirabeau.*

Foi com verdadeiro alvoroço que recebemos esta *Memoria*; porque apreciadores como somos do distinctissimo merecimento do seu illustrado auctor, desejavamos avidamente ler o resultado do seu esclarecido estudo e preseverantes investigações.

Nas poucas horas que tem decorrido podemos já ler uma grande parte desta *Memoria*, que, segundo a nossa humilde opinião, é um livro que ficará honrando a Universidade de Coimbra e a Faculdade de Medicina; e sobretudo confirmará perante todos os reconhecidos creditos do seu eximio auctor.

Teremos occasião, mais do que uma vez, de nos occupar desta interessantissima *Memoria*. Mas por hoje só temos tempo e espaço para transcrever della alguns periodos, que vêm em parte corroborar as ideas por varias vezes por nós expostas neste jornal. Folgamos de ter a nosso lado a opinião de tão distincto como illustrado cathedratico.

Reconhecendo que os jesuitas tiveram muitos defeitos; tambem não podemos, nem devemos negar, sem grave injustiça, que prestaram bastantes serviços. O *Compendio Historico do Estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuitas e dos estragos feitos nas sciencias e nos professores*—devido á Junta de Providencia Litteraria, creada pelo marquez de Pombal; já tivemos occasião de o dizer—é um acervo de vituperios e de calumnias contra os jesuitas. O odio domina alli a verdade.

Apresentaremos agora a este respeito o parecer do sr. Dr. Mirabeau na sua *Memoria*.

«De duas partes consta o *Compendio Historico*; na primeira colligiram os membros da Junta, por ordem chronologica, os meios por que os jesuitas se apoderaram do governo da Universidade, e os estragos que nella fizeram, destruindo as antigas leis, regras e methodos de ensino, e substituindo-os pelos estatutos que Filippe II de Castella outorgou em 1591 e 1597. A segunda parte que relata os estragos feitos pelas machinações dos mesmos jesuitas em cada uma das faculdades separadamente. Accresce a esta segunda parte um volumoso *Appendice*, onde se continua a relação dos estragos nas faculdades juridicas, etc.

Se o apparato de larga erudição, concepção facil, e raciocinio inflexivel, mas sempre expedito para chegar sem rodeios ao ponto determinado, são predicados por onde deva equilatar-se o merito d'uma obra litteraria, o *Compendio Historico* tem incontestavelmente subido merecimento. Enfraquecem, porém, o brilho daquelles dotes alguns defeitos, que não procedem tanto da incuria, quanto de sobrepensada malicia. A sinceridade, a rectidão e o espirito de justiça, que devem animar todo o escriptor consciencioso, nem sempre se encontram no *Compendio Historico*: reçuma pelo contrario de todas as paginas o odio entranhado contra os jesuitas, e o proposito de os tornar responsaveis por todos os estragos e desastres nacionaes desde a introducção da companhia em Portugal.

Não era mister para a condemnação dos jesuitas imputar-lhes factos em que não tiveram parte. Mas o ministro, que fez caminhar para a fogueira da inquisição, com a roupeta de S. Ignacio, a ultima victima de tão atroz supplicio, comprazia-se em revolver o passado e em desenterrar pretextos para accumular accusações contra a companhia de Jesus. Por isso elle, que foi a alma da Junta de Providencia Litteraria, conglobou como de procedencia jesuitica tudo quanto directa e indirectamente concorreu para o atrazo literario e scientifico, e levou a Junta a considerar como obra do jesuitismo feita de proposito para entreter a ignorancia, os velhos estatutos, que por cento e oitenta annos regeram a Universidade. Que os jesuitas tiveram suas culpas na ruina, que padeceram as letras patrias, é para nós ponto averiguado. Cabe-lhes entre outras cousas inteira responsabilidade pela obstinada reluctancia, com que mantiveram nos cursos de artes os commentarios do collegio conimbricense; excluindo do ensino as recentes descobertas, que engrandeciam as sciencias de observação e a philosophia racional. Accimal-os, porém, de prejudiciaes no ensino das sciencias universitarias, que não ensinaram, attribuir-lhes influencia nociva na coordenação dos estatutos velhos, que são pouco mais do que a recopilação de leis, praxes e costumes estabelecidos no decurso d'um seculo, é injustiça manifesta, que o juizo imparcial da historia como tal reconhece.»

Historia breve de Coimbra.—São muito para louvar as diligencias que alguns individuos estudiosos e amigos das nossas antiguidades, estão empregando, para reimprimir os livros de merecimento, e que se têem tornado tão raros, que é como se não existissem para o publico.

Ainda em o numero passado nos referimos á edição que no Porto fizeram ultimamente os srs. Tito de Noronha e Antonio Cabral, do *Espelho de casados*, do doutor João de Barros; e já hoje temos a dar noticia de outra publicação, feita pelo nosso amigo o sr. Antonio Francisco Barata.

A *Historia breve de Coimbra*, pelo licenciado Bernardo de Brito Botelho, estava sendo de uma extrema raridade. Nesta cidade ainda não vimos senão o exemplar existente na bibliotheca da Universidade; e para nosso uso tinhamos uma copia manuscripta, na impossibilidade de obtermos um exemplar impresso.

E' este curioso livro, que o sr. Barata, a quem as letras portuguezas já tanto devem, fez agora reimprimir.

Não se limitou o nosso amigo a fazer a reimpressão do livro; porém, com o muito conhecimento que tem das cousas de Coimbra, enriqueceu-o com muitas e interessantes notas, que vem preencher as lacunas e deficiencias do texto. E como depois do anno de 1733 em que elle foi impresso, se fundaram em Coimbra mais alguns collegios e um convento, de todos dá noticia o esclarecido editor; ficando assim, por todos os motivos, a *Historia breve de Coimbra* de muito maior valor, e mais completa do que na sua primeira edição.

Acresce a nitidez da impressão, que foi feita na imprensa Nacional de Lisboa, e em que se esmeraram dois filhos de Coimbra que alli trabalham, os srs. Gaspar da Graça Ramalhete e Manoel Augusto Amaro de Seixas. Assim contribuiram estes bons filhos de Coimbra para embellezar uma obra, toda feita em louvor desta terra. Em quanto ao sr. Barata, se não é filho de Coimbra pelo nascimento, é-o pelo amor e pela dedicação.

Muito estimaremos que a reimpressão da *Historia breve de Coimbra*, receba do publico a aceitação de que é digna; até para incitamento a que haja quem continue a reproduzir os nossos antigos e bons livros, que já hoje não estão ao alcance da generalidade das pessoas que os desejam ler.

Resta-nos agradecer o exemplar que de Evora nos enviou o sr. Barata.

Bibliotheca universal.—Recebemos hoje mais duas publicações, devidas á acreditada empreza—*Bibliotheca universal.*

A primeira é—*A porta do Paraiso, chronica do reinado de D. Pedro V, romance original de Alberto Pimentel.*—Já tivemos occasião de fallar deste interessante romance, que tem merecido a melhor aceitação do publico, tanto por se tratar nelle do chorado rei D. Pedro V; como por ser escripto pela habil penna do sr. Alberto Pimentel.

A segunda é—*A guerra peninsular.* Com esta publicação encetou a *Bibliotheca universal* a encyclopedia de instrucção amena, dedicada á mocidade estudiosa de Portugal e Brasil, collaborada pelos principaes homens de letras, e dirigida pelo sr. Pinheiro Chagas.

Agradecemos os exemplares com que fomos obsequiados.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Manoel, filho de Francisco Ferreira Tavares, natural da Pedrulha, de 7 mezes, fallecido no dia 4 de Janeiro.

João de Sousa Brito, filho de João de Sousa Brito, natural de S. Thiago de Besteiros, districto de Vizeu, de 18 annos, fallecido no dia 5.

Joaquina Clara, filha de João Correia e Maria Clara, fallecida no dia 6.

Maria do Carmo, filha de Francisco Ferreira e Maria de Jesus Correa, natural de Almalaguez, fallecida no dia 6.

Maria de Jesus, filha de José Antonio Varandas e Maria de S. José, de 40 annos, fallecida no dia 7.

Joaquim Baptista, filho de Antonio Baptista e Maria Marçala, natural de Penacova, de 64 annos, fallecido no dia 9.

Total dos cadaveres enterrados no cemiteria da Conchada—3294.

Doença.—Acha-se gravemente doente o sr. Dr. Joaquim José Paes da Silva, lente jubilado da Faculdade de Direito.

Fazemos sinceros votos, para que este distincto cathedratico possa resistir á sua doença.

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 10, ás 4 horas e 40 minutos da tarde.

O general Lopez Domingues em telegramma desta manhã annuncia a rendição e occupação pelas tropas leaes do castello de Atalaya, um dos mais importantes de Carthage-

---

Careciam os expedicionarios de calçado e munições, e em troca disso abundava uma multidão de officiaes e pessoas sem destino, para serem empregados no interior, os quaes absorviam grande numero de rações, entorpeciam as marchas, e augmentavam a confusão e a desordem. Alem disso iam mais de 200 cavallos, ao commando do cura Merino, a sepultar-se nas serras e pinhaes de Soria, sem objecto algum, os quaes cavallos, unidos aos da expedição, lhes teriam dado importancia.

Foi nos dias immediatos proseguindo a marcha a expedição, até que no dia 21 se bateram as forças carlistas em Bendejo, com os liberaes, commandados por Latre. Deste combate resultaram muitas perdas de ambas as partes, excedendo de 1:000 as baixas, entre muitos feridos, prisioneiros e dispersos.

O general Latre, em resultado de um ferimento teve de resignar o commando em D. Fermin Iriarte.

Depois de muitas marchas chegou a expedição no dia 6 de Abril a Segovia. Sacanell, commandante da vanguarda, chegou á praça, deu os vivas de ordenança, mandou as companhias de caçadores, com o 2.° commandante do batalhão de Segovia, ás tropas liberaes que se haviam encerrado no Alcazar, com o brigadeiro Villapadierna, e convieram em não se hostilisar. A fortaleza do sitio fazia infructuosa qualquer tentativa.

O deploravel estado da expedição, que em muitos mezes não havia recebido soldo algum, carecendo ainda do mais indispensavel, e a urgentissima necessidade de reparar o seu calçado, obrigou o commandante geral a dirigir-se a Segovia, com preferencia a outro ponto, pelos muitos recursos que della podia tirar, conseguindo alem disso, impor pela sua proximidade á capital do reino, sobre a qual se teriam de concentrar forças, permittindo assim que a expedição de D. Basilio, que operava sobre a Mancha, manobrasse mais livremente, e não menos o exercito das provincias Vascongadas.

Cobertas as avenidas de Segovia, e com as columnas liberaes a mais de 12 leguas de distancia, estabeleceu Negri varias fabricas para a construcção de capotes, boinas e sapatos, empregando o maior numero de gente possivel; mandaram-se tirar os mancebos alistados na ultima quinta; fizeram-se exacções de dinheiro para attender ás muitas necessidades do corpo expedicionario e dar o soldo, e se nomeou um commissionado para a requisição de cavallos, destacando uma partida a Arévalo, com o objecto de se apoderar dos pertencentes aos nacionaes daquelle ponto e as cercanias, para augmentar algum tanto a escassissima cavallaria, tão necessaria nas vastas planicies de Castella.

Na cathedral de Segovia se celebrou no sabbado de Ramos uma missa solemne, com sermão e Senhor exposto, a que assistiram os ecclesiasticos da cidade, todos os individuos do corpo expedicionario, com um grande concurso de gente, em obsequio e acção de graças á generalissima do exercito, a Senhora das Dores, cuja funcção até então se não tinha podido celebrar.

A reunião de forças liberaes sobre Segovia obrigou a Negri a evacual-a no dia 10, dirigindo-se a pernoutar em Nava da Assumpção.

Continuou a expedição nas suas correrias até que na manhã do dia 13 descançaram em frente do mosteiro de Vega; continuaram depois para Mayorga, e avistados os liberaes antes de chegar a este ponto, deu Negri as ordens mais terminantes, vista a superioridade do inimigo, especialmente em cavallaria, para verificar uma prompta contramarcha a Saelices, formando-se no mesmo instante os batalhões em massa, para resistir á cavallaria em frente á ponte do dito local, protegendo tambem deste modo a passagem das brigadas e bagagens. Não se tendo, porem, incorporado a tempo aos batalhões a columna de caçadores da segunda divisão, composta de tres pequenas companhias, por ir muito á vanguarda, se viu cercada pela cavallaria liberal; caindo inteira em seu poder, depois de uma heroica resistencia, na qual foram lanceados a maior parte de seus individuos, sem que houvesse bastado a salval-os todos os esforços do conde de Negri, que posto á frente do 1.° provisional, unico esquadrão que havia, e dos officiaes de estado maior, que nesta critica occasião formaram como simples lanceiros, soffreu com resignação duas cargas consecutivas, nas quaes teve bastante perda. A esta, que foi consideravel, se accrescentou a que experimentaram em feridos e prisioneiros, e em effeitos resgatados.

A desordem e confusão introduzidas entre os expedicionarios foram muito espantosas.

Negri teve que pronunciar a sua retirada e se dirigiu no dia 16 a Fresno del Rio, ande pernoutou o quartel general, com a segunda divisão, artilheria e bagagens, verificando-a a primeira com a cavallaria em Piso del Ribero, á sua retaguarda.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

na e o principal do lado de terra. Este acontecimento dá certeza de que aquella praça se ntregará brevemente.

Á ULTIMA HORA

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA

Quando estava já a nossa folha para entrar no prelo, recebemos a carta que abaixo publicamos, e que de Oliveira do Hospital nos envia o nosso amigo o sr. Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa.

A gravidade e importancia do objecto, obriga-nos a não retardar a sua publicação.

Muito folgamos que o publico tome parte em uma questão que tão directamente lhe diz respeito;e que um assumpto de tamanha magnitude não passe desapercebido.

Os interesses desta cidade e de grande parte da provincia, exigem dos seus habitantes a mais séria attenção ácerca do traçado do caminho de ferro que se projecta; porque nesse ponto prende a prosperidade, ou a ruina de tão importantes povoações, da sua agricultura, industria e commercio.

Eis ahi a carta a que nos referimos:

Sr. Redactor.

Fiquei fulminado ao ler a noticia, que no ultimo numero do seu esclarecido jornal nos dá a respeito do caminho de ferro da Beira; e não só fulminados, mas indignados deverão ficar todos os habitantes d'essa cidade e da Beira, a quem mais directamente aproveitaria esse caminho, sahindo de Coimbra.

Nem agora os brios d'essa cidade despertarão?! Pois a antiga Coimbra, a mãe das sciencias, o emporio do commercio da Beira, não merecerá a consideração de se decretar que do seu seio parta esse caminho?

Não verão os homens a quem foram confiados os destinos desta nação a importancia de Coimbra? Não lhes merecerá esta ao menos a consideração que se deve á mãe carinhosa, que lhes deu a beber o leite das sciencias, que os elevou aos altos cargos da republica? Serão tão ingratos que se negarão a pagar-lhe essa divida, esse tributo de gratidão? Não verão depois a riqueza do solo desta parte da Beira, que tão descurada tem sido?

Venham reconhecer a sua immensa riqueza nos seus variadissimos productos agricolas; venham admirar o seu desenvolvimento fabril, no valor já de muitos milhões, que se escondem nas quebradas da serra de Estrella, e reconhecerão, que este paiz não são — *remotos e quasi impervios sertões da Beira* — como menos acertadamente lhe chama o nosso grande historiador A. Herculano, na sua notavel carta aos eleitores do circulo de Cintra. Com elle em tudo concordamos, menos nesta parte.

De certo s. ex.ª passou por este paiz muito de fugida.

Que o mesmo nesta occasião não aconteça aos illustres ministros.

A Beira não é um sertão. E' um paiz fertilissimo, onde a industria agricola se exerce em vasta e larguissima escala, a par da industria fabril. A sua população é grande, que o digam as estatisticas officiaes. Se é um paiz *impervio*, vá a censura a quem toca, e respondam por essa falta os nossos governos, ou antes os nossos representantes em côrtes, que, mais dominados geralmente por interesses pessoaes, do que pelos dos seus constituintes, nunca promoveram os melhoramentos, que ha muito gozam outras provincias menos importantes.

Um melhoramento desta ordem precisa ser estudado e analysado muito conscienciosamente; e aos homens competentes, aos deputados dos differentes circulos cumpre informar o parlamento e o governo do estado de riqueza, cada vêz mais florescente desta vasta região do nosso paiz.

Seja Coimbra, essa briosa cidade, que tão notavel se vae tornando pelos seus progressos materiaes, que acorde, e que sinta os graves prejuizos, que podem importar a sua ruina, se desprezar, e deixar correr á revelia tão momentosa questão. Sejam os deputados todos das duas Beiras, unidos em interesses communs com essa cidade, que mostrem a necessidade urgente de se decretar esse grande melhoramento.

Vamos todos aos pés do throno, e façamos alli as nossas respeitosas queixas contra a grave injustiça que se nos quer fazer.

Unamo-nos n'um homem só, n'um só pensamento, e façamos saber a el-rei, que Coimbra vale mais do que Mogofores; que a margem esquerda do Mondego vale mais do que a direita; que se nesta ha vinhos com abundancia, naquella não ha menos, senão mais; que aqui se exportam abundantes e variadissimos productos agricolas e pecuarios; que a industria fabril, que se abriga nas encostas da serra de Estrella, vale mais que toda essa margem direita do Mondego.

Faça-se ver mais que o traçado saindo de Coimbra é mais curto e mais barato; e que preferir-se o de Mogofores ao de Coimbra, ou ao que se acha indicado no projecto de lei para construcção dos caminhos de ferro da Beira, apresentado na sessão de 13 de Março de 1873, é um daquelles erros, contra que todo o paiz deve protestar inergicamente.

A confiança que me inspira o seu amor patrio, o enthusiasmo, a que não posso ser superior, e que nesta questão me domina, leva-me a dirigir-lhe estas phrases, que só tem em vista pedir-lhe, que por meio da sua auctorisada voz, proclame as vantagens de preferencia, que se deve dar ao caminho de ferro saindo de Coimbra; que nesta cruzada não cance, fazendo reunir todos os elementos precisos para se conseguir tão desejado fim; e que faça despertar toda a cidade, para que unida mostre a justiça que no seu pedido lhe assiste.

A um genio tão esclarecido e trabalhador como o de v. nada é impossivel, e principalmente quando o sol da razão, da verdade e da justiça lhe alumia o caminho para o guiar.

Perdoe v. o tempo que lhe roubei; e sirva-me de desculpa o desejo ardente que tenho em ver realisada a obra mais importante, que segundo as minhas convicções, se póde decretar em favor das duas Beiras, e em geral de todo o paiz.

Sou com a maior consideração

De v. am.º admirador e cr.º obrigado.

Oliveira do Hospital, 11 de Janeiro de 1874.

Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa.

ANNUNCIOS

FOGÃO

1 NESTA REDACÇÃO se diz quem vende um de fogo circular, quasi novo.

VENDA DE LARANJA

2 NO DIA 20 do corrente Janeiro, pelas 11 horas da manhã, será arrematada no Jardim Botanico, se o preço convier, a laranja da cerca de S. Bento. Quem a pretender comprar póde comparecer no dia e hora acima designados.

AGRADECIMENTO

3 MARIA DA CONCEIÇÃO D'OLIVEIRA, e seu irmão, Francisco José de Moura Bastos, penhoradissimos pelos obsequios que lhes prestaram muitas pessoas da sua amisade, durante a doença e no fallecimento de seu marido e cunhado, Antonio Coutinho d'Oliveira; agradecem por este meio a todas, por não poderem em pessoa mostrar a sua profunda gratidão.

Attenção

4 FRANCISCO CORREA LOPES tem em Buarcos para vender, ou alugar, um orgão novo de bonito formato, e facilimo transporte, porque se divide em dois corpos: tem a afinação em tom natural, para tocar acompanhamentos com instrumental, sem transportar a musica. Quem o pretender póde dirigir-se ao annunciante pessoalmente em Buarcos, ou em carta para a Figueira da Foz.

CONCURSO

5 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Celorico da Beira, faz publico, que se acha aberto concurso por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação do presente annuncio no *Diario do Governo*, para o provimento do partido de cirurgia, desta villa, com o ordenado de 500$000 rs. annuaes, e pulso captivo.

Os pretendentes, alem dos demais documentos, deverão apresentar as suas cartas passadas pelas escholas medico-cirurgica de Lisboa, Porto ou Coimbra.

Celorico da Beira, 6 de Janeiro de 1874.

O presidente da camara,
Antonio Joaquim da Silva.

AGRADECIMENTO

6 D. EMILIA ADELAIDE PEREIRA COUTINHO DE VILHENA, suas cunhadas e filhos, extremamente penhorados para com todas as pessoas que se dignaram procural-os pelo triste acontecimento do fallecimento de seu extremoso esposo, irmão e pae; agradecem por este meio, em quanto o não fazem pessoalmente, e pedem desculpa de qualquer falta involuntariamente commettida, ou que possam commetter.

7 A DISTANCIA de dois kilometros de Monte Mór o Velho, se vendem umas casas, com pateo, curraes e celleiros, sendo todos os predios á vista da casa; grande quantidade de ribeiras proprias para arroz e feijão, pomares de laranjeiras, com rega, eira, com casas pegadas, olivaes, pinhaes e matas. O rendimento actual regula por doze moios de milho. Nesta redacção se dirá a quem se devem dirigir os pretendentes. Os predios não tem onus alguns, nem hypotheca.

8 NO DIA 13 do corrente, por 10 horas da manhã, no tribunal de justiça desta cidade, e ante o exm.º juiz de direito desta comarca, se hãode arrematar com abatimento da 5.ª parte do primitivo valor, varios objectos de ouro pertencentes ao espolio de Maria Candida, fallecida no hospital desta cidade, e moradora que foi na rua da Esperança. Escrivão interino Costa.

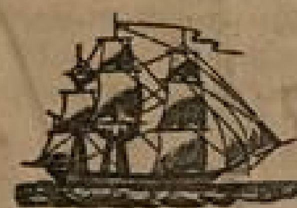
9 EDICÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e do rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria —23, rua de Quebra-Costas, 28.

10 NO DIA 3 do proximo mez de Fevereiro, pelas 10 horas da manhã, ás portas do tribunal no extincto convento de Santa Cruz, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, se hão de vender em hasta publica os bens penhorados a Joaquim José Ferreira de Castro e sua mulher, por execução que lhes move Joaquim Francisco da Silva, ambos desta cidade, pelo cartorio do escrivão Santos.

11 ANSELMO MESQUITA, ao arco de S. Thiago, tem para vender duas lanternas de acompanhar o pallio, as quaes dá por 4$500 rs. cada uma.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

A nova barca MARGARIDA, em 20 do corrente.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

VENDA DE CASAS

13 NO DIA 18 do corrente mez de Janeiro, no collegio de S. Thomaz, na rua da Sophia, n.º 171, pelas 11 horas da manhã, se hão de vender em praça particular (se o preço convier) uma morada de casas, n.º 81 e 83, no Adro de Santa Justa a Velha: são foreiras ao Seminario desta cidade, em 400 rs. annuaes.

PARTIDO A CONCURSO

14 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Mogadouro, faz publico, que por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação deste, se acha aberto o concurso para o provimento do partido de medicina do mesmo concelho, com o ordenado annual de 400$000 rs., e com a tabella que regula a taxa das visitas, e consultas, da qual se dará conhecimento aos interessados que o exigirem.

Os pretendentes apresentarão dentro d'aquelle prazo na secretaria desta camara seus requerimentos, a que juntarão, alem d'outros documentos que julgarem convenientes, suas cartas passadas pela Universidade do Coimbra, e escolas medico cirurgicas de Lisboa, ou Porto.

Mogadouro, secretaria da camara, 3 de Janeiro de 1874.

O presidente da camara,
Antonio Augusto de Moraes Pimentel.

DOCTOR IN ABSENTIA

15 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei*, 46, *em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

NUMERO 2763 — SABBADO 17 DE JANEIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Progride na camara electiva a questão dos julgados. A opposição, que em 1869 decretou a extincção delles, esfalfa-se agora para demonstrar, por coherencia, que tal medida não deve ter execução: é a opposição que se encarrega de refutar o seu decreto, pela boca do ministro que o referendou: tem graça!

O actual ministro da justiça, que deu execução, como não podia deixar de dar, ao decreto de 28 de Dezembro de 1869, referendado pelo sr. José Luciano de Castro, incorreu nas censuras do verdadeiro culpado na morte dos julgados, o qual agora, opposição facciosa, desejava resuscital-os: é admiravel!

Assim os adversarios da situação, a sabor da sua politica de conveniencias, dizem e desdizem, fazem e desfazem, sem coherencia, nem principios, sem logica, nem pensamento: é edificante!

Isto prova simplesmente que a opposição não tem ideias assentes de administração: anda á mercê das suas conveniencias; governa á medida dos seus desejos; conforme a larga bitola das suas ambições.

Não obstante, o nobre ministro da justiça, combateu dignamente as incoherencias da opposição; demonstrando a legalidade do seu procedimento, e a necessidade palpavel de organisar convenientemente os tribunaes judiciaes.

A medida decretada pelo sr. José Luciano de Castro, como já tivemos occasião de dizer, não passou de um manejo politico, sem vantagem para a administração da justiça. O sr. Barjona de Freitas deu-lhe execução, porque a isso o obrigou o seu dever; não de certo por se convencer da proficuidade do decreto de 28 de Dezembro de 1869.

De ha muito que os poderes publicos se convenceram da necessidade de extinguir os julgados; porque os factos tem constantemente provado que elles, na sua maioria, não offerecem garantias á justiça, que a todos é devida. E desta necessidade se compenetrou o illustre ministro da justiça, que, dedicado aos interesses do paiz, tem sempre manifestado desejos de substituir os juizes ordinarios pelos juizes de direito, com a creação de novas comarcas. Na camara dos srs. deputados existe actualmente um projecto de lei neste sentido.

Esta é a medida radical, que precisamos adoptar, sem perda de tempo, sem paliativos, nem reservas de expediente politico; nisto o governo e as camaras farão um bom serviço ao paiz, que precisa de administração regular, em todos os ramos de serviço publico.

Estão hoje geralmente reconhecidos os graves inconvenientes da magistratura ordinaria: ninguem desconhece a maneira como na maior parte dos julgados se administra justiça.

A ignorancia do direito; a má applicação das leis; as irregularidades no processo; e a fraude nos contractos; ou seja proveniente da falta de conhecimentos juridicos; ou da necessaria independencia que tães logares exigem; são cousas infelizmente triviaes em muitos julgados, e reconhecidas desde epochas remotas.

A justiça, portanto, e os interesses sociaes, lucram inquestionavelmente com a extincção delles; e é por isso que, com justificado motivo o sr. ministro da justiça propõe a creação de novas comarcas, visto que só por esta forma se poderá organisar convenientemente um serviço do mais alto interesse publico.

E' tambem sabido que o codigo civil veiu desemaranhar muitas questões; sendo hoje assás diminuto o movimento judicial em muitos julgados. Por isso a maior parte dos juizes ordinarios, especialmente os seus escrivães, estão em precarias circumstancias, sem os necessarios meios de subsistencia, com os quaes possam assegurar a probidade e a honradez a quem tanta carece della.

A reducção da tabella dos emolumentos, e o pequeno movimento forense, dão logar na maxima parte, a estes inconvenientes e abusos, que ficariam removidos pela organisação e arredondamento das novas comarcas, no que lucram sem duvida a justiça e a moralidade publica.

Se não podesse desde já realisar-se a creação da novas comarcas, embora reclamada pelas conveniencias sociaes; haveria talvez necessidade de equiparar as tabellas de emolumentos dos julgados, ás das comarcas, porque todos os empregados publicos têem por egual direito á sua subsistencia.

Finalmente, esta questão tem muita importancia, se a estudarmos como devemos pelo lado da utilidade publica, pelo interesse da justiça e da moralidade, que devem sempre guardar os homens e os poderes do estado.

Assim é de esperar que o parlamento se desprenda de mesquinhos embaraços de considerações politicas, para sómente attender aos interesses sociaes.

O projecto da extincção dos julgados, e a creação de novas comarcas, o qual ao illustre ministro da justiça tem merecido muito louvavel solicitude, não póde deixar de ser convertido em lei.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXIX

D. CARLOS

LXXIX

No dia 17 de Abril de 1838, depois de um pequeno alto em Guarda, pernoutaram as forças carlistas do conde de Negri em La Villa e Villafria; deixaram a 18 no primeiro povo os prisioneiros feitos em Sahagun e Dueñas, para os trocar, e continuaram até Potes, com o fim de descançar alguma cousa depois de uma marcha tão precipitada, ao abrigo das formidaveis posições de Liébana. A estação era terrivel para aquelle terreno: as suas cinco avenidas achavam-se cobertas de neve, sendo duas dellas absolutamente impraticaveis; porém podiam-se passar abundantes recursos da capital, onde se alojou o quartel general com a primeira brigada, cavallaria e artilheria, escalonando-se as outras tres nos pontos anteriores á ella, por onde tinham que dirigir-se os perseguidos.

O conde de Negri tratou de reorganisar a sua gente em Liébana e mandou trabalhar com a maior actividade na construcção e recomposição do calçado e dos mais objectos da tropa. Recolheram-se os feridos do ataque de Bendejo, que se achavam curando neste ponto, juntamente com os liberaes, bem attendidos, e se enviaram emissarios, com o objecto de se informar da situação das columnas da rainha, assim como as de D. Carlos, para obrar conforme ás circumstancias; porém uma fatalidade inconcebivel frustrou tão acertadas providencias, desbaratando-os a quarta brigada que se achava em Rada, a duas leguas de Potes. Esta, cobrindo as avenidas e desfiladeiros do escabroso posto de S. Gregorio, abandonou, sem resistir, tão formidaveis posições, ao divisar alguns inimigos, que se haviam dirigido a uma altura da sua esquerda por uma estreita e difficil senda, que se teve a imprevisão de não cobrir, apesar do determinado por Negri, e ordens terminantes, que deixara para sustentar a todo o custo tão interessante ponto.

Retirou-se a Lavega, onde se achava o segundo chefe carlista com outra brigada da sua divisão, introduzindo nella a confusão e o desalento, e continuando a sua retirada até Potes, sem que todos os esforços do conde e de varios chefes tivessem podido contel-os em uns caminhos e desfiladeiros em que era impossivel levar ordem alguma.

Isto e a copiosa nevada que caiu, obrigou aos expedicionarios a abandonar a Potes, retirando-se a Bedoya e povos immediatos, onde pernoutaram a 19.

A operação das tropas de Iriarte foi tão arriscada como gloriosa. A sorte abandonava já completamente a expedição: os desastres succediam-se uns aos outros. O experimentado agora com a perda de Potes, era a sua ruina, perdendo não só quanto ganhara com a importante tomada de Segovia, se não que se desmoralisaram as tropas, e Negri se viu na impossibilidade de regressar ás provincias Vascongadas.

Não podendo egualmente fixar-se em nenhum ponto, visto o desgraçado successo de Potes, e achando-se os carlistas sem munições e sem nenhuma classe de recursos, em um paiz exhausto e coberto de neve, indo o soldado descalço, nu e esfomeado, em uma estação summamente cruel, se viu obrigado a romper por meio de continuados e inaccessiveis pontos, dirigindo-se a 20 a passar o de Arcidon, coberto de neve, e continuando este durante a maior parte do dia, como uma insoffrivel ventania, que causou muito damno á tropa. Foi necessario deixar os batalhões em Ceres, passado já o posto, com todos os molestados e enfermos, collocando-se os restantes sobre a Peña, e o quartel general, com a cavallaria, em Quintavilla.

Em 21 passaram aquellas tropas sem ração, com escassez de viveres e de neve, que continuava caindo e bastante chuva, e pernoutaram no valle de Tabuerniga. Ao sair no dia seguinte do valle, cortaram as pontes de Teran e Solones, para retardar a marcha da columna perseguidora, que se achava a duas leguas, e a meia a sua vanguarda, e chegaram a Bárcena Mayor, depois de incriveis trabalhos, augmentados pelo terrivel temporal e ter que andar por sendas cortadas por impetuosas torrentes, em que se desgraçaram muitos cavallos e não poucas pessoas, apesar dos esforços que se fizeram para o impedir.

Carecendo de recursos em Bárcena, abandonada de seus habitantes, e proximo o inimigo, não ficou mais arbitrio ao conde que continuar no dia 23 a marcha, apesar do lamentavel estado da sua gente, faminta, descalça, rota, e enxarcado em agua o seu vestuario, inteiramente inutilisado o armamento e munições, tendo que passar por pontos e desfiladeiros summamente difficeis e cobertos de neve, vadear arroios, transformados em rios caudalosos, pelas grandes avenidas, continuando o temporal e perseguidos de perto pelos liberaes.

Nem por isso desmaiou a constancia dos castelhanos; passaram com indisivel soffrimento o terrivel posto de Palomena, indo a cavallaria e alguns paisanos com paus na vanguarda, para abrir passagem, com o chefe e o seu estado maior á frente, sepultando-se na neve cavallos e cavalleiros juntamente.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Baixaram hontem á sua ultima jazida os restos mortaes do exm.º conselheiro Joaquim José Paes da Silva, lente jubilado na faculdade de Direito desta Universidade e jurisconsulto consummado.

Não são para se descrever aqui, em poucas palavras, as relevantes qualidades e preclaras virtudes de um cidadão benemerito, que, pelos seus vastos conhecimentos na sciencia que professou, pela elevação com que exerceu muitos cargos publicos e pelos assignalados serviços, que prestou á causa da justiça e dos desvalidos, ennobrecendo a sua vida e a sua memoria, honrou a patria e a terra que foi seu berço.

Sirvam simplesmente estas poucas linhas de significar o nosso profundo pezar pela perda do respeitavel mestre e amigo que para sempre se escondeu na eternidade; e para acompanhar seus extremosos filhos, por quem temos a mais particular dedicação, no tributo de justissima saudade que os punge.

ANTHERO A. D'ALMEIDA ARAUJO PINTO.



Bemaventurado o homem, que achou a sabedoria, e que está rico de prudencia:

Melhor é a sua acquisição, do que o trafico da prata, e seus fructos melhores do que o ouro mais fino, e mais depurado:

Mais preciosa é que todas as riquezas: e tudo o mais que se deseja, não se póde comparar com ella.

Na sua direita está a longura de dias, e as riquezas, e a gloria na sua esquerda.

Os seus caminhos são caminhos formosos, e de paz em todas as suas veredas.

E' arvore da vida para aquelles que lançarem mão della: e bemaventurado o que a não largar.

PROVERBIOS—c. I, v. 13 a 18.

Falleceu na quinta feira de tarde, nesta cidade, e foi hontem dado á sepultura, um varão respeitabilissimo, o sr. Dr. Joaquim José Paes da Silva, lente jubilado da Faculdade de Direito, de que foi distincto ornamento.

Terminou os seus dias na edade de 78 annos, pois havia nascido no dia 1 de Julho de 1796, na villa de Cal, freguezia de Correlos, antiga comarca e bispado de Vizeu; sendo seus paes, o sr. José Joaquim de Campos e Silva, e a sr.ª D. Maria Joaquina Paes do Amaral.

Na edade de 15 annos veiu para Coimbra frequentar a aula de philosophia racional e moral no real Collegio das Artes; e em 1812 se matriculou no 1.º anno juridico na Universidade.

Proseguindo os seus estudos com distincção, formou-se em 1817 na Faculdade de Leis; e no dia 8 de Julho de 1818 tomou o grau de doutor na mesma Faculdade.

Depois de doutorado esteve o sr. Dr Paes muitos annos sem entrar no exercicio do professorado na Universidade. Era essa demora muito frequente por aquella epocha.

Havia, porem, para remediar esse inconveniente os tres collegios de S. Pedro, S. Paulo e Militares, onde eram admittidos os doutores, até um certo numero, conforme o permittia o rendimento dos respectivos collegios.

Foi no collegio de S. Pedro que entrou o sr. Dr. Paes, conservando-se ahi por alguns annos; até finalmente ser em 31 de Julho de 1830, despachado lente substituto para as cadeiras syntheticas de direito patrio. Alem disso foi nomeado vice-conservador da Universidade.

Chegando o anno de 1834, em que se realisou o estabelecimento do governo liberal, soffreu o sr. Dr. Paes a sorte de muitos de seus collegas, que foram excluidos da Universidade pelos seus principios politicos.

E' bem digno de lastima, que a intolerancia tenha por muitas vezes dado entrada no alcaçar das sciencias!

A *junta expurgatoria*, creada pela carta regia de 5 de Dezembro de 1823, e presidida pelo reitor reformador da Universidade, o principal Mendoça, deu o primeiro exemplo de intolerancia, propondo a expulsão de muitos lentes, doutores e estudantes pelos seus sentimentos liberaes.

O governo de D. Miguel praticou segundo acto de intolerancia, expulsando em 31 de Julho de 1830 muitos lentes das suas cadeiras.

E por fim, o governo liberal, praticou o mesmo, por decreto de 15 de Julho de 1834, sob proposta do vice reitor, Dr. José Alexandre de Campos, feita em 30 de Junho antecedente; ficando privados dos seus logares na Universidade, 9 lentes de Theologia, 8 de Canones, 13 de Leis, 8 de Medicina, 3 de Mathematica, e 4 de Philosophia: ao todo 45.

A epocha era de exaltação partidaria; e por isso este acto podia ter explicação, se todos os demittidos tivessem sido perseguidores dos liberaes; ou se fossem manifestamente ineptos. Não era, porem, assim: a par de lentes effectivamente mal vistos, foram outros demittidos, sem que cousa alguma justificasse esse rigor.

Entre os expulsos, viam-se, por exemplo, em Medicina, Carlos José Pinheiro; em Mathematica, Antonio Honorato de Caria e Moura; em Theologia, Antonio José Lopes de Moraes e Francisco de Arantes; e em Leis, José Maria de Lima e Lemos, José Feliciano da Fonseca Teixeira Gordo, e Joaquim José Paes da Silva; todos distinctos pelo seu saber e merecimento.

Demittido um Carlos José Pinheiro; o medico distinctissimo; o creador do gabinete de anatomia normal e pathologia da Universidade de Coimbra; o sabio, que ennobreceria qualquer das melhores Universidades extrangeiras!

Excluido da Universidade de Coimbra um Antonio Honorato de Caria Moura; o mathematico de primeira plana, e de merito tão relevante, que o proprio governo liberal que o demittira, se viu obrigado a reparar a sua flagrante injustiça, pelo decreto de 12 de Janeiro de 1837, segundo o qual foi jubilado e nomeado director do Observatorio astronomico, com obrigação de reger uma das cadeiras da Faculdade de Mathematica, em quanto ella não estivesse completamente provida de lentes!

Podia, portanto, consolar-se o sr. Dr. Joaquim José Paes da Silva, havendo saido da Universidade em tão boa companhia.

Decorreram annos; foram-se acalmando as paixões politicas; e chegou a occasião em que reconhecendo todos o saber do sr. Dr. Paes, se permittiu a sua readmissão na Universidade; entrando novamente no exercicio da sua cadeira, de que tomou posse em 24 de Julho de 1843.

O sr. Dr. Joaquim José Paes da Silva era um dos primeiros jurisconsultos portuguezes. De toda a parte do reino era consultado como oraculo da sciencia sobre numerosissimos e importantes processos, que se intentavam. A sua auctorisada opinião era tida na maior conta em todos os tribunaes

Esses merecidos creditos fizeram com que o governo nomeasse o sr. Dr. Paes para uma commissão das mais importantes.

Em 8 de Agosto de 1850 foi encarregado o sr. Antonio Luiz de Seabra, hoje visconde de Seabra, de redigir o projecto do *Codigo Civil Portuguez*. E para o rever foi nomeada uma commissão, composta do sr. Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva, presidente; e dos srs. Dr. Joaquim José Paes da Silva, Dr. Manoel Antonio Coelho da Rocha e Dr. Domingos José de Sousa Magalhães, servindo de vogaes; fazendo tambem parte da mesma commissão o auctor do projecto.

Em razão do sr. Dr. Paes declarar que pelo seu estado de saude e circumstancias de sua familia, não poderia ir a Lisboa; reuniu-se a commissão em Coimbra. E começando a apreciação do plano do Codigo, apresentado pelo auctor do projecto, foi approvado depois de alguns dias de discussão. Tambem foi discutido e approvado um elencho de materias; promettendo cada um dos membros da commissão lembrar depois o mais que fosse occorrendo.

Passado bastante tempo voltou o sr. Seabra a Coimbra, trazendo já 490 artigos do Codigo, os quaes foram discutidos pelo sr. Dr. Ferrer, Dr. Paes, e Seabra; pois que o sr. Coelho da Rocha tinha fallecido, e o sr. Sousa de Magalhães havia sido nomeado arcebispo de Mitylene.

O sr. Dr. Paes correspondia-se repetidas vezes com o sr. Seabra, dando o seu parecer sobre differentes artigos do Codigo; e não contente com isso, para tornar os seus trabalhos mais uteis, publicou em 1859 as—*Observações sobre o projecto do Codigo Civil*; e em 1863 publicou novas observações ácerca do mesmo projecto.

Do alto merecimento deste trabalho bastará dizer, que de tantas publicações que se fizeram ácerca do projecto do Codigo Civil, são as do sr. Dr. Paes as unicas de que se tem tirado utilidade pratica.

O sr. Dr. Paes mereceu ser eleito em 1848 provedor da Santa Casa da Misericordia, cargo que exerceu com o zelo que era de esperar da sua sciencia e excellentes qualidades pessoaes.

Estava reservado para este benemerito cidadão o prestar á Santa Casa serviços de tal maneira distinctos, que sempre serão lembrados em quanto existir aquelle estabelecimento de caridade.

Foi o sr. Dr. Paes, quem em 8 de Agosto de 1848 tomou a iniciativa na celebre questão ácerca da legalidade da disposição testamentaria do bemfeitor das Misericordias de Coimbra e Estremoz, Amaro Coutinho Pereira, fallecido em Lisboa em 9 de Agosto de 1845.

Elle, e os zelosos e intelligentes advogados da Santa Casa, os srs. bachareis Antonio Migueis da Fonseca e José Ribeiro Rosado, dirigiram esta causa até final, tendo com isso tantos trabalhos e cuidados, que é de justiça o dizer-se que a elles se deve a parte principal no vencimento d'este valioso pleito; em que por fim muito lidou o incansavel e illustrado provedor o sr. visconde de Monte-São.

O sr. Dr. Paes foi quem neste processo elaborou e redigiu as primeiras razões, que se juntaram no juizo de Coimbra; e estavam ellas tão bem coordenadas e tão cheias de jurisprudencia, que o juiz de direito o sr. Manoel Francisco Pereira de Sousa, dando em 23 de Março de 1853 a primeira sentença, não obstante ser na maior parte contra a Santa Casa, pois que só lhe concedeu o direito á terça parte da herança, as denominou — *completo tratado sobre a materia.*

Estas razões foram mandadas imprimir em 1855 pela mesa da Santa Casa de Misericordia; sendo distribuidas com profusão em Coimbra, Lisboa e Porto, e pelas misericordias do reino. Apesar d'essa distribuição, foram pedidas por numerosas pessoas de differentes partes do paiz, e solicitadas pelos estudantes do 5.º anno de Direito; de modo que hoje são já muito raras.

E é aqui occasião de dizer como tributo ao merecimento, e como acto de rigorosa justiça, que tendo durado este famoso pleito o longo periodo de 17 para 18 annos, em que os srs. Dr. Joaquim José Paes da Silva, e bachareis Antonio Migueis da Fonseca e José Ribeiro Rosado, foram nesta cidade os unicos advogados por parte da Santa Casa, nunca quizeram receber a mais insignificante recompensa.

Do sr. Dr. Paes houve até um facto, que servirá para aquilatar o seu nobre caracter.

Vencida a causa, deliberou a mesa da Misericordia mandar tirar o retrato do sr. Dr. Paes, para o collocar na sala onde se acham os retratos dos bemfeitores da Santa Casa. Era esse o unico meio que achavam para pagar o que lhe deviam.

Não se compadeceu, porém, isso com a modestia do sr. Dr. Paes. Recusou-se a consentir que lhe fosse tirado o retrato; e ao mesmo tempo officiou logo á mesa declarando-lhe, que com quanto agradecesse muito a sua lembrança, não podia annuir a ella, porque ia de encontro aos seus principios, e contra as intenções com que havia prestado e continuaria ainda a prestar á Santa Casa os seus serviços.

A mesa não se deu ainda assim por vencida. Aproveitando a occasião de se achar em Coimbra, o habil pintor inglez Mr. Steward, incumbiu-o de, sem ser percebido pelo sr. Dr. Paes, o observar nas vezes que elle sahisse a passeio, e se habilitar assim a fazer o seu retrato.

O pintor, depois de satisfazer essa incumbencia, fez o bello retrato, que lá se póde ver na Santa Casa da Misericordia, apesar da relutancia do sr. Dr. Paes!

Raro exemplo de modestia!

O sr. Dr. Paes comprehendia e executava perfeitamente os preceitos do evangelho. Não fazia alarde dos seus beneficios.

Muitas familias recebiam soccorros nas suas necessidades, sem que nunca soubessem quem era a mão bemfazeja que occultamente lhes acudia. Hoje já não ha inconveniente em aqui o dizermos. Era o sr. Dr. Joaquim José Paes da Silva.

E' este o respeitavel cidadão que acaba de perder Coimbra e a Universidade.

Aos seus illustres filhos, herdeiros das suas virtudes, damos os sentimentos pela dura provação por que acabam de passar.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Commissão de recenseamento.— Ficou assim composta a commissão de recenseamento deste concelho de Coimbra:

Proprietarios

Dr. Miguel Leite Ferreira Leão—presidente
Dr. Raymundo da Silva Motta
Dr. Julio de Vilhena
Bacharel Anthero Augusto d'Almeida Araujo Pinto
Bacharel Acacio Hypolito Gomes da Fonseca
Bacharel Joaquim José de Sousa
Bacharel Ignacio Rodrigues da Costa Duarte Junior.

Substitutos

Dr. João José Dantas Souto Rodrigues
José Gusmão de Moura
Manoel Justino d'Azevedo
Francisco de Sousa Araujo
Francisco Pedro da Silva
José Antonio da Costa Braga Junior
Miguel Dias Barata.

Associação Conimbricense do sexo feminino—Pelo relatorio do conselho director da Associação Conimbricense do sexo feminino, que acabamos de receber, se vê que continua a ser muito prospero o estado desta sociedade.

Apezar da despeza do anno de 1873, ser maior do que no anno anterior, augmentou o saldo a favor da associação.

Tinha ficado de saldo em 1872 a quantia de 3:059$065 rs. Em 1873 foi a receita 1:463$075 rs. A despeza durante o anno foi 1:028$315 rs. Passou, portanto, de saldo para 1874 a quantia de 3:493$825 rs.

Existiam no principio do anno, 399 socias. Entraram durante elle, 57. Ausentaram-se, ou despediram-se, 26. Falleceu 1. Ficaram existindo, 430.

Santissimo Nome de Jesus.—No proximo domingo, 18 do corrente, hade celebrar-se na real capella da Misericordia a festividade do Santissimo Nome de Jesus, com missa solemne a musica vocal e instrumental, Santissimo exposto e sermão, pregado pelo acreditado orador o sr. padre Antonio de Almeida Pedroso, parocho de Almalaguez.

Antes da missa cantar-se-ha-ha terço, acompanhada a instrumental.

A solemnidade começará pelas 10 horas e meia, e será feita com todo o apparato, como é costume n'aquella Santa Casa.

Providencia sanitaria — Informam-nos de que o sr. commissario dos estudos deste districto, constando-lhe que algumas creanças fallecidas de bexigas nesta cidade tem sido acompanhadas para a egreja, e d'ahi para o cemiterio, por alumnos das escholas primarias da mesma cidade, por ordem, ou, pelo menos, com consentimento dos respectivos professores, officiara ao sr. administrador do concelho, recommendando-lhe que com a maior urgencia mande intimar todos os professores, publicos e particulares, do ensino primario, para que evitem por todos os modos que taes factos se repitam, com pena de serem considerados como desobedientes ás ordens da auctoridade, e como taes processados.

Achamos acertada esta providencia; porque todos sabem a facilidade com que aquella molestia se propaga principalmente em edades tenras.

Partida—O nosso prezado amigo e digno deputado por este circulo o sr. Dr. Joaquim Gonçalves Mamede, apenas restabelecido do seu prolongado incommodo, parte amanhã para Lisboa, a fim de tomar assento na respectiva camara.

Procuradores á junta geral—O conselho de districto marcou o dia 1 de Fevereiro, para nelle se proceder a eleição dos procuradores á junta geral deste districto.

Annullação—Tendo reclamado o sr. bacharel Joaquim Roxanes, contra a organisação actual do conselho municipal deste concelho de Coimbra; o conselho de districto attendeu a essa reclamação, mandando fazer nova pauta em conformidade da lei.

Despacho. — Em portaria de 12 do corrente foi nomeado para fazer parte da commissão das missões ultramarinas, o sr. padre Manoel Marques Pereira Ribeiro, conego da sé de Cabo Verde. Esta nomeação é muito acertada, e nós damos os parabens ao nosso estimavel amigo.

Commissão do recenseamento de Goes.—Abaixo publicamos os nomes dos cidadãos, que compõe a commissão recenseadora do concelho de Goes. Folgamos de ver que della fazem parte cidadãos tão estimaveis pelas suas qualidades, e em particular o seu presidente e nosso bom amigo o sr. Figueiredo Veiga.

E já que temos ensejo de fallar no concelho de Goes, aproveital-o-hemos para aqui dar um franco testemunho de quanto são dignos de louvor todos os funccionarios e empregados daquelle concelho e julgado.

Tanto na parte administrativa como judicial podem servir de exemplo. Se em todas as localidades assim soubessem cumprir com os seus deveres, nunca se teriam levantado as queixas que ha muito se notam contra o que se passa em varios julgados.

Eis ahi os nomes dos membros da commissão.

Proprietarios

Bacharel Francisco Augusto de Napoles Figueiredo e Veiga.
Antonio Rebello da Motta Arnaut.
Luiz Antonio Barata Lopes de Carvalho.
Manoel Henriques de Mattos.
Manoel Nogueira Ramos.
Antonio Lourenço Correa.
Antonio Rodrigues dos Santos.

Substitutos

José dos Santos Carneiro.
Francisco José d'Oliveira.
Manoel Francisco Mendes.
Luiz Francisco Alves.
José Ribeiro.
Fernando Duarte.
José Antonio da Fonseca.

Cultura da beira-mar—É geralmente sabido, que a areia do mar arremessada para as costas, e revolvida e impellida pelo vento, forma esses desertos arenosos tristes e melancolicos no littoral dos continentes. Esses montes de areia, a que se dá o nome de *dunas*, vão invadindo e esterilisando o interior das terras.

Na França e outros paizes tem-se conseguido oppor uma barreira a este movimento assolador, cultivando as plantas coniferas no erreno das *dunas*, formando assim uma couraça vegetal que fixa as areas e obsta á invasão dos campos interiores. Em Portugal, infelizmente, pouco se tem feito neste sentido. O famoso pinhal de Leiria é a unica obra de vulto que possuimos, e que podemos apresentar com verdadeiro orgulho aos estrangeiros. Se não fosse esta magnifica floresta, não poderia a administração geral das matas do reino conseguir uma receita annual superior a 70 contos de reis, como actualmente realisa.

Os areaes da nossa beira mar estão orçados em 70 leguas de comprimento e 1 de largura. Que perdas immensas, em não aproveitarmos convenientemente esta grande extensão de terrenos! Que prejuisos está soffrendo todos os annos a agricultura do litoral, pela invasão das *dunas*? E o regimen das aguas e a navegação? Que pantanos que areamento das barras, que cabedellos destruindo a foz dos rios? Todo este quadro lastimoso desapparece, se o governo der verdadeiro impulso á cultura das *dunas*.

Riqueza pecuaria—Está calculado em mais de 25 mil contos de reis o valor dos nossos gados. Esta riqueza podia ser dupla ou tripla, se aproveitassemos convenientemente as aguas de nossos rios, lagos e fontes na rega dos prados. A praticultura é hoje a base fundamental do verdadeiro progresso agricola, porque sem forragens não ha gados, e sem gados e muitos gados, não pode haver boa e prospera lavoura.

Os exemplos de outros paizes são frisantes. Na Inglaterra e Hollanda, os prados egualam em extensão, se não excedem as terras destinadas a outras culturas. Na Allemanha, Austria e Dinamarca, a extensão dos prados está para a das outras terras araveis na rasão de 1 para 2 $^1/_2$ e 3 $^1/_2$. A Italia soube converter por meio de canaes de irrigação grande extensão de solo esteril nas mais ferteis campinas. Porque não havemos nós de conseguir os mesmos resultados, imitando tão boas praticas e tão fecundos exemplos? Se exceptuarmos o Minho, e algumas veigas mais mimosas de Traz os Montes e Beira, a cultura dos prados artificiaes é quasi desconhecida entre nós, ou pelo menos limitada a mesquinhas condições.

Estatistica—A extensão das provincias de Portugal em leguas quadradas está calculada do seguinte modo: Alemtejo 838, Beira 726, Extremadura 607, Traz os Montes 337, Minho 262, Algarve 180. A população destas provincias está avaliada em perto de 4 milhões, pertencendo mais de 1 milhão a Beira, mais de 800 mil ao Minho, mais de 760 mil a Extremadura, mais de 300 mil a Traz os Montes, e o resto ao Alemtejo e Algarve. Em movimento agricola, producção e consumo dos principaes generos, é ainda a Beira a provincia mais rica e favorecida.

Arvores doentes—A pratica tem demonstrado, que é util decotar as arvores doentes e que começam a seccar. Tem-se conseguido por este meio, que arvores quasi seccas, enfesadas e sem darem producto algum, se restaurem no fim de 1 ou 2 annos, recuperando uma bella e viçosa vegetação. Nas laranjeiras todos terão observado este effeito, e nestas arvores não só se cortam os ramos mortos, mas leva-se o desbaste até ao ponto de deixar só o tronco. Poucas vezes falha este processo, e a planta rebenta novamente com um vigor admiravel. Convem tambem estrumar a terra, e limpar o tronco do musgo e de outras plantas parasitas.

Diccionario de educação e ensino. — Está concluida a publicação deste excellente e valioso diccionario, que forma dois grossos volumes.

O editor, o sr. Chardron, acreditado livreiro no Porto, foi muito pontual no cumprimento de tudo o que promettеu ao principiar esta publicação; e nós estimamos de lhe dar aqui este expontaneo e merecido testemunho.

Caminho de ferro americano—Diz o *Diario de Noticias* que o sr. Luiz Ferreira de Sousa Cruz, proprietario da fabrica de fundição de ferro no largo do Ouro, Porto, que em fins de Novembro ultimo pedira concessão ao governo para estabelecer um caminho de ferro entre Coimbra e a Figueira da Foz, sem subvenção, requereu no dia 15 do corrente novamente renovando o seu pedido, e acrescentando as obrigações de apresentar organisada uma empreza para a construcção e exploração do mencionado caminho no prazo de 90 dias, da data da concessão, fazendo depois os estudos para a construcção em 120 dias. Transportará gratuitamente as malas e o conductor do correio.

Procedencia dos mammiferos domesticos. — Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«O furão, *mustela furo* de Linneu, é originario da Africa, e trouxeram-no para a Hespanha, com o fim de auxiliar a destruição dos coelhos, cujo numero era extraordinario, e causava muitos prejuizos á agricultura. Elle não pode viver livremente na Europa, como vive na Africa, por causa do frio que o mata; porisso os que ficam no monte, fugidos das covas dos coelhos, morrem infallivelmente.

O furão concorre quasi sempre para a caçada aos coelhos dar bom resultado; e evita o dissabor aos caçadores, de os verem encovar, e ficarem olhando para as covas, com cara... sim; *com cara de quem não sabe caçar*.

A gravidez nas furôas é de 6 semanas, e pódem ter filhos duas vezes no anno; cujo numero costuma ser de 6 a 8, raras vezes 9: elles vivem ordinariamente 2 a 3 annos; e parece que vivem mais tempo, deixando-os ser paes; e o mesmo acontece ás furôas quando são mães.

Os furões morrem quasi sempre com tumores no pescoço, e na cabeça; molestia que lhes é propria; e não, como alguem suppõe, proveniente de não satisfazerem os desejos da propagação: temos visto morrerem, desta doença, alguns, castrados em novos, que viveram muito tempo depois da castração. As furôas morrem quasi sempre hydropicas, como temos observado.

Continuaremos.»

Noticias de Lisboa—O correspondente do *Commercio do Porto* diz em data de 15 do corrente o seguinte:

«Verificou-se hoje a cerimonia da imposição do barrete cardinalicio ao patriarcha de Lisboa. A cerimonia fez-se com toda a solemnidade, observando-se rigorosamente o programma publicado na folha official.

Era grande o concurso do povo nas ruas por onde passaram o novo cardeal e a sua comitiva, tendo servido para conduzir s. ex.ª e o seu sequito as carruagens douradas da casa real.

Na capella real as cousas passaram-se segundo o ritual e conforme o programma.

Depois da cerimonia religiosa, houve a cerimonia da côrte, que acabou por um magnifico lunch.

S. M. a rainha trajava uma esplendida toilette branca, ostentando as suas melhores joias.

Parece que quando a deputação da camara dos deputados ia a entrar na sala do throno, foi vedado o ingresso ao sr. presidende, dizendo-se a s. ex.ª que alli só entrava a côrte! O equivoco era manifesto e depressa foi corregido, tendo o sr. Sá Vargas recebido todas as satisfações, pedindo-se-lhe para as trasmittir aos collegas deputados.

Certo que el-rei nada tem com aquelle mal entendido, porque foi de uma extrema amabilidade para com os deputados, conversando com todos por bastante tempo. Suspeita-se que S. M. sabendo o que tinha occorrido, quizera com aquellas attenções fazer esquecer a má impressão que causára aos membros da camara electiva a absurda e inconveniente prohibição, que lhes fôra intimada.

Na comitiva do novo cardeal só havia um secular. Era o guarda nobre, que trajava um uniforme muito vistoso: casaca encarnada, capacete, calções de anta e bota de montar.

Não houve hoje sessão na camara pelo motivo desta festa á D. João V. Haverá amanhã e é possivel que seja votada a resposta ao discurso da corôa, para o que será necessario pedir a dispensa do regimento. Facilmente será approvado esse requerimento, visto a opposição não querer discutir aquelle documento.

Depois da ceremonia da imposição do barrete cardinalicio el-rei deu despacho aos ministros.

Entre as diversas graças hoje concedidas, foram assignados os decretos agraciando o ablegato de Sua Santidade com a commenda da Conceição e o guarda nobre com a de Christo.

Como tive occasião de dizer, o sr. marquez de Sá da Bandeira apresentou na camara dos pares um projecto de lei para a emancipação dos libertos, que existem nas nossas provincias ultramarinas.

Chamaram muitos a este projecto, a mania do nobre marquez. Santa mania, que é a de um verdadeiro e sincero liberal, cujo espirito esclarecido se não coaduna com a ideia de haver escravos ou libertos em um paiz, onde todo o homem é cidadão.

Pelo projecto de s. ex.ª todos os libertos dos dois sexos, que na data da lei (o projecto depois de approvado em ambas as camaras), existirem em territorio portuguez, ficam emancipados, acabando a condição de liberto.

Estes individuos deverão, depois de emancipados, contractar a prestação dos seus serviços, pelo prazo de um anno, com as pessoas que elles preferirem e pelos salarios que com estas ajustarem.»

Acontecimentos de Hespanha—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

As folhas de 13 dão nos conta da tomada de Carthagena e de seus fortes, e da fugida dos insurgentes na *Numancia*. O general em chefe dizia que, do castello da Atalaya, vira a saida da fragata, mas por ser quasi noute não sabia se os navios da esquadra a poderiam alcançar. Parecia-lhe que o vapor *Darro* tambem fugira com insurgentes. O brigadeiro Lopez Pinto occupára S. Julião e o brigadeiro Carmona a praça e Galeras. Faltam outros promenores.

Recebera-se de Barcelona a confirmação da noticia de desordens graves, promovidas por paizanos e voluntarios nos arrabaldes d'aquella cidade. Para dominar esta insurreição fôra necessario conservar Barcelona em estado de guerra, fazendo marchar uma parte da guarnição contra os paizanos. No fogo, para desalojar estes das casas e das barricadas, entrou artilheria. O nucleo da desordem foi em Sanz, reproduzindo-se com intensidade no arrabalde de Santo Antonio.

Houve bastantes victimas. Os paizanos assassinaram um capitão da Tarifa. O capitão general Martinez de Campos, depois destes acontecimentos, prohibira pelas ruas os grupos de mais de cinco pessoas. — Em Mataró tambem houve desordens.

Madrid, 12 de Janeiro, ás 11 horas e 50 minutos da tarde.

Um telegramma do governador de Murcia, datado de hoje e dirigido de Palma ás 8 horas e 33 minutos da noite, annuncia que uma fragata insurgente saiu de Carthagena com a junta e alguns forçados. Empenhou-se o combate entre a esquadra e a *Numancia*. Carthagena foi tomada.

Manoel Pastor, condemnado á morte por tentativa de assassinato contra o rei Amadeu em Junho de 1872, evadiu-se hontem da prisão do Saladero de Madrid. O governador de Madrid mandou prender todos os empregados daquella prisão. Todas as indagações para encontrar Pastor têem sido inuteis até agora.

Um bando do capitão general de Madrid, ordena a entrega das armas dos voluntarios da republica, hoje. Os contraventores ficarão sujeitos a conselho de guerra. As buscas começarão ámanhã.

Madrid, 13 de Janeiro, ás 10 horas e 20 minutos da manhã.

A *Gaceta* publica o decreto que restitue ao governo o direito de agraciar e o que nomeia a deputação provincial de Madrid.

A occupação de Carthagena e a dos fortes de S. Julião e de Galeras, estão confirmadas. Ainda faltam os promenores do combate naval annunciado hontem á tarde.

Madrid, 14 de Janeiro, ás 10 horas e 25 minutos da manhã.

Da *Gaceta:*

Lopez Dominguez foi nomeado tenente general. Decreto fixando até 20 de Fevereiro o prazo para a entrada no serviço da reserva de 1874.

A *Numancia* chegou a Oran com a junta e os insurgentes de Carthagena. Crê-se que serão internados.

Parte das tropas que cercavam Carthagena partiram já em direcção a Valencia, para emprehenderem novas operações contra os carlistas.

Corre que será brevemente formado o exercito do centro destinado a operar contra os carlistas na provincia d'Aragão. Lopez Domin-

guez entrou hontem em Carthagena com o estado maior.

Londres, 15, ás 5 h. e 50 m. da t.—Uma fragata hespanhola, que se suppõe ser a *Mendes Nunes*, entrou em Merselketru, seguida por uma fragata franceza. A *Numancia* entregue ás auctoridades francezas, arvora o pavilhão francez.

Madrid, 15, ás 11 h. e 15 m. da m.—A *Gazeta* publicou o decreto supprimindo o imposto de carga e a policia naval. A reunião de antigos deputados da maioria deu por unanimidade um voto de confiança a Castelar, encarregando-o da redacção de um manifesto ao paiz.

Madrid, 16, ás 10 horas e 20 minutos da manhã.

A *Gazeta* publica um decreto constituindo um exercito de operações do centro, destinado a operar em Aragão e Valencia, e nomeando Lopez Dominguez general em chefe. Publica tambem o decreto prorogando até 31 de Janeiro o prazo para o pagamento da segunda prestação do emprestimo nacional.

Festividade.—Hontem houve na egreja de Santa Cruz a festa dos Santos Martyres de Marrocos. Pregou de tarde o sr. padre Manoel Joaquim dos Santos Neves.

Outra.—Por iniciativa do reverendo prior de Santa Cruz haverá no dia 20 do corrente, na referida egreja, a festa ao martyr S. Sebastião. Será egualmente orador o sr. padre Neves.

ANNUNCIOS

DESPEDIDA

1 O DR. JOAQUIM GONÇALVES MAMEDE, tendo de ausentar-se para Lisboa apenas restabelecido da prolongada enfermidade, que tem soffrido, pede desculpa aos seus amigos, que tanto o penhoraram com manifestas provas de solicitude pelas suas melhoras, de não poder despedir-se pessoalmente de cada um, como era de seu desejo, e agradecer-lhes tão distinctas demonstrações de benevolencia e amisade.

Deixando por este modo consignado o seu reconhecimento, offerece-se a todos no seu serviço.

Coimbra 17 de Janeiro de 1874.

2 TODAS AS PESSOAS que quizerem tomar de aforamento, para edificar casas, o terreno que medeia entre as casas do exm.º conselheiro José Ernesto de Carvalho e Rego, e a escada do quinchorro, na rua da Alegria; e na Couraça de Lisboa, desde a descida do mesmo quinchorro até ao quintal do exm.º sr. José de Moura, póde dirigir-se á rua da Alegria, n.º 55, aonde estarão patentes as condições.

3 D. EMILIA ADELAIDE PEREIRA COUTINHO DE VILHENA, suas cunhadas e filhos, extremamente penhorados para com todas as pessoas que se dignaram procural-os pelo triste acontecimento do fallecimento de seu extremoso esposo, irmão e pae; agradecem por este meio, em quanto o não fazem pessoalmente, e pedem desculpa de qualquer falta involuntariamente commettida, ou que possam commetter.

AVISO

4 A CAMARA MUNICIPAL de Figueiró dos Vinhos, faz publico, que no dia 8 do proximo mez de Fevereiro, ha de ter logar a arrematação do 2.º lanço de estrada municipal de 2.ª classe, comprehendido entre o Senhor Jesus da Sobreira e a capella das Almas, na extensão de 1710,m17, com as condições que [illegible] estão presentes no acto da praça.

[illegible] Figueiró dos Vinhos, 15 de Janeiro de [illegible] 1874.

O presidente da camara,

Manoel Carlos Pereira Botta e Vasconcellos

5 A DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS deste districto, faz publico que no dia 26 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na administração do concelho de Coimbra, terá logar, se o preço convier, a arrematação dos pranchões de carvalho, precisos para a ponte da Portagem.

As condições acham-se patentes na secretaria da referida direcção, todos os dias não santificados.

Coimbra 16 de Janeiro de 1874.

O director,

Heitor de Macedo.

FOGÃO

6 NESTA REDACÇÃO se diz quem vende um de fogo circular, quasi novo.

Aviso aos recrutas

7 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino.

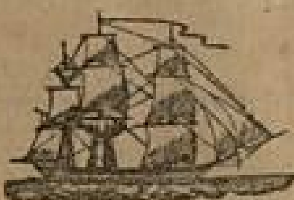
Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra ao sr. João de Aveiro; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

8 A DISTANCIA de dois kilometros de Monte Mór o Velho, se vendem umas casas, com pateo, curraes e celleiros, sendo todos os predios á vista da casa; grande quantidade de ribeiras proprias para arroz e feijão, pomares de laranjeiras, com rega, eira, com casas pegadas, olivaes, pinhaes e matas. O rendimento actual regula por doze moios de milho. Nesta redacção se dirá a quem se devem dirigir os pretendentes. Os predios não tem onus alguns, nem hypotheca.

9 ALUGA-SE a casa do Dr. Gama, defronte do theatro de D. Luiz, reparada, e toda novamente forrada a papel.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

A nova barca MARGARIDA, em 31 do corrente.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

CHEGOU

Queijo Suisso

Queijo Londrino

QUEIJO FLAMENGO, CASCA VERMELHA, SUPERIOR

Estabelecimento de

JOSE' TAVARES DA COSTA

Á PORTAGEM

12 NO DIA 3 do proximo seguinte mez de Fevereiro, por 10 horas da manhã, perante o meritissimo juiz de direito desta comarca, á porta do tribunal judicial desta cidade, se hão de vender e arrematar tres propriedades pertencentes ao orphão Manoel Mano Ribeiro, filho de Maria Mendes da Rosa, e José Antonio Mano, fallecidos, do logar de Monte-São, por deliberação do respectivo conselho de familia. E' escrivão Almeida, officio de Servulo.

DOCTOR IN ABSENTIA

13 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

PIANOS

14 ALUGAM-SE e vendem-se na rua da Sophia, n.º 171.

Attenção

15 FRANCISCO CORREA LOPES tem em Buarcos, para vender, ou alugar, um orgão novo de bonito formato, e facilimo transporte, porque se divide em dois corpos: tem a afinação em tom natural, para tocar acompanhamentos com instrumental, sem transportar a musica. Quem o pretender póde dirigir-se ao annunciante pessoalmente em Buarcos, ou em carta para a Figueira da Foz.

NOVA TINTURARIA

DE JOSÉ MARIA DOS SANTOS

10 Rua do Paço do Conde 10

16 ENCARREGA-SE de tingir de qualquer côr toda a qualidade de roupa:

Saias de côr de castanho ou preto...300 rs.
Chales castanhos ou pretos..........320 rs.
Chales-mantas, castanhos ou pretos...700 rs.
Capotes tintos de preto.............800 rs.
Calças, castanho, ou preto..........300 rs.

E todas as mais cousas tinje por preços commodos.

Responsabilisa-se por o bom tinto e perfeição e pelo prejuizo.

Tambem vende tinta de côres para escrever, por preço commodo.

PARTIDO A CONCURSO

17 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Mogadouro, faz publico, que por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação deste, se acha aberto o concurso para o provimento do partido de medicina do mesmo concelho, com o ordenado annual de 400$000 rs., e com a tabella que regula a taxa das visitas, e consultas, da qual se dará conhecimento aos interessados que o exigirem.

Os pretendentes apresentarão dentro d'aquelle prazo na secretaria desta camara seus requerimentos, a que juntarão, alem d'outros documentos que julgarem convenientes, suas cartas passadas pela Universidade de Coimbra, e escolas medico cirurgicas de Lisboa, ou Porto.

Mogadouro, secretaria da camara, 3 de Janeiro de 1874.

O presidente da camara,

Antonio Augusto de Moraes Pimentel.

18 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 1$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merce[illegible]s, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel [illegible] Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—**AVEIRO, Luz e Costa.**—ABRANTES, Salgueiro.—**BELEM, Franco.**—BEJA, Duarte e Vaz, **Fonseca.**—SANTAREM, J. Maria de Castro.—**MADRID, Calle de Valverde.**

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2764 — TERÇA FEIRA 20 DE JANEIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Não ha occorrencia alguma de importancia nas duas casas do parlamento.

A camara dos srs. deputados tem deixado de funccionar alguns dias por falta de numero; facto que o paiz, com razão, não aprecia bem.

Carecendo quasi todos os ramos de serviço publico de urgentes reformas, era realmente para desejar que os representantes da nação applicassem todo o tempo á discussão dos projectos que o governo tem preparado, evitando a accumulação de trabalhos no fim da sessão legislativa, ou a prorogação das camaras como quasi sempre acontece.

Deve entrar hoje em discussão a resposta ao discurso da corôa; e parece que desta vez se não levantarão as questões politicas que o costume tem introduzido no parlamento.

A resposta ao discurso da corôa é acto de simples deferencia para com o chefe do poder executivo.

Provocar prolongadas discussões, quasi sempre inuteis e impertinentes, por conveniencia de partido e da politica facciosa, que nunca se harmonisa com os interesses da administração do estado, é pratica que deve terminar para credito das instituições e proveito da nação.

Se a camara considerar, como deve, a resposta á falla do throno um acto de cortesia, é de esperar que entre immediatamente nas questões serias e uteis.

O paiz assim o deseja.

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA

Reuniu-se na sexta feira a associação commercial de Coimbra, para se occupar do ponderoso objecto do traçado do caminho de ferro da Beira, que tem preoccupado os animos nesta cidade e provincia, e que directamente affecta a todas as classes.

Resolveu encarregar a direcção de redigir uma representação ao governo de sua magestade, mostrando as vantagens de adoptar um traçado, que favoreça os interesses desta importante cidade, digna por muitos motivos da attenção dos poderes publicos.

Esta representação tem de ser discutida e approvada em assemblea geral.

Muito folgamos que a classe commercial tome a iniciativa em assumpto de tamanha monta, e que o governo attenda ás circumstancias especiaes em que se encontra a cidade de Coimbra.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 18 de Janeiro de 1874.

Na camara electiva não occorreu facto algum digno de menção. Apenas ante-hontem o sr. Candido de Moraes interpellou o governo ácerca de uma imaginada desconsideração que se disse teve a deputação da camara dos deputados, por occasião da imposição do barrete cardinalicio ao actual patriarcha de Lisboa.

O sr. presidente do conselho, deu as devidas satisfações, e depois de uma proposta do sr. Barros e Sá, a camara passou, satisfeita e contente de si, á ordem do dia.

Ha na camara um deputado eclectico, que fez uma proposta para que a camara elegesse uma commissão afim de formular um projecto, determinando a ingerencia de cada ministerio na nomeação dos individuos que desempenham altos cargos na côrte. Isto não se percebe, e só a intelligencia do sr. Rodrigues de Freitas é capaz de conceber estas propostas. *Eleger uma commissão para formular um projecto, determinando a ingerencia de cada ministerio na nomeação dos individuos que desempenham altos cargos na côrte!* Estou realmente perplexo, e a minha intelligencia não me leva a distinguir o alcance desta proposta. Aquella *ingerencia de cada ministerio* é a base da cousa, e...cousa que se não explica facilmente. Pedimos ao sr. Rodrigues de Freitas que explique o alcance da sua proposta no *Commercio do Porto*, de cujo jornal é redactor assiduo.

Na sessão de hontem, o sr. ministro do reino apresentou uma proposta de lei acerca da reforma do regulamento das quarentenas. E, á parte a apresentação de propostas e requerimentos, nada mais se passou que deva mencionar-se. A'manhã começa na camara dos deputados a discussão de resposta ao discurso da corôa, e na dos pares, começa a mesma discussão na terça feira.

—Foi apresentado á camara dos deputados pelo sr. Barros e Cunha um requerimento do tenente reformado, o sr. Manoel Maria Eloy da Cruz Sobral. Neste requerimento pede o distincto militar, que por 22 annos serviu a patria, dedicando-lhe bons serviços, que se melhore a sua reforma, a qual lhe foi dada violentamente ha sete annos, e desde então até hoje percebe o honrado militar 9$000 reis mensaes, sujeitos a decima. O sr. Eloy da Cruz Sobral, é um militar que poderia ainda figurar na actividade, se nesta terra houvesse criterio e consciencia, e se a junta militar de saude cumprisse com os seus deveres, e não procedesse por influencias extranhas. O requerimento foi á commissão de guerra, e é de esperar que os seus membros dêem um parecer justo acerca delle, melhorando a reforma do brioso militar. Deve fazer-se justiça ao antigo servidor da nação, como se tem praticado com outros militares.

—Chegaram Withoyne e Alfano, os afamados clowns do circo de Price. São sempre os mesmos...na graça, menos na obesidade, que estão mais gordos. Entretem uma noite... uma vez, queriamos dizer. O palhaço já nada mais tem que inventar. Faz uma careta, a gente ri-se...faz segunda, mais uma risada..á terceira, fixa-se a vista, e volve-se a face...de tedio. Isto uma noite, e outra, e outras muitas, e...sempre assim. Comtudo não quer dizer que Withoyne e Alfano não tenham merito... tem-n'o, mas...para duas noites, o maximum.

—Salto do Price a D. Maria II. Está em scena o *Elogio mutuo.* Peça delineada por mão de mestre; *mise-en-scene* soberba e deslumbrante, vestuario rico, execução primorosa por parte de todos os artistas, menos pelo que diz respeito a Santos, que se exaggera, que desce á baixa comica, que se torna—com que desprazer isto dizemos!—ridiculo! Eu não comprehendo que um homem possa descer tanto ao servilismo e á abjecção, apesar mesmo de depender um favor... dois favores da dona da casa com quem tem relações. A parte de Santos é seria, mas o actor torna-a de um comico ridiculo, que até mesmo as lapellas do casaco—que alias é um bom casaco—se cançam de fazer *salamaleks.* Não sei se em Paris, onde o actor esteve, e estudou os melhores modelos, se representa assim. Mas creio que não. Ha alli o exaggero, a neg[illegible]ig[illegible]ncia n[illegible] arte, e, mais que tudo, e sobre tudo, a confiança no publico.

Santos é um bom actor. Ninguem como elle se apresenta. Vejam a *Vida de um rapaz*

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXX

D. CARLOS

LXXX

Chegaram os carlistas, commandados pelo conde de Negri, a Soto, em um estado impossivel de descrever, parecendo todos antes cadaveres que soldados: os que pereceram na neve foram muitos; porém salvou-se a artilheria á custa de immensos sacrificios e esforços da tropa que, á imitação de seus chefes, que nestas difficeis circumstancias deram constantemente o exemplo, nada omittiram de quanto estava ao seu alcance. Era meia noite e ainda se não havia concluido de passar o porto, que só tem duas leguas de largo, havendo principiado as 8 da manhã.

Quando chegou Negri a Soto, mandou accender um grande numero de fogueiras para que se aquecesse a tropa, e guiar aos extraviados durante a noute, despachando a toda a gente possivel, com soccorros para os que iam achando, conseguindo assim salvar muitas victimas. Neste dia se deu a reconhecer o coronel ajudante general de estado maior, D. Fernando Hidalgo Cisneros, como chefe do estado maior da commandancia general; ao de egual classe, D. Manoel Craywinkel, como chefe da primeira brigada; e ao coronel D. Hilario Cuevillas, como chefe de estado maior da primeira divisão.

Ribero e Castañeda tinham-se interposto para impedir a entrada nas provincias Vascongadas, dos expedicionarios, e Espartero se havia trasladado rapidamente a Burgos com poucos batalhões e quasi sem cavallaria. Em tal conflicto, e achando-se Negri alem disto acossado de perto pela columna de Iriarte, ouvido o parecer dos commandantes geraes divisionarios, se decidiu a seguir o parecer destes, de passar aos pinhaes de Soria, para d'alli se dirigir a Aragão e refazer-se ao abrigo d'aquelle exercito, dando para isso as ordens opportunas.

Ás 8 da manhã de 24, se emprehendeu a marcha pela estrada de Reinosa, fazendo algum descanço em Villacastin, para reunir os extraviados, continuando em seguida, apezar do cruel temporal que fazia, até Canduela, onde pernoutou o quartel general com a primeira divisão e artilheria, verificando-o a segunda com a cavallaria em Quintanilla.

A 25 dirigiram-se a Aguilar de Campo, com o objecto de dar rações á tropa, tirar calçado que era tão necessario, e alguns outros recursos, por ser povoação bastante consideravel; porem a guarnição de nacionaes e *peseteros*, encerrou-se na egreja collegiada, que tinham fortificado, juntamente com a casa consistorial, que se achava contigua, e della fizeram um fogo bastante vivo, respondido por alguns tiros de peça, com os poucos cartuchos que tinham ficado uteis, depois da penosa passagem dos portos.

A columna de caçadores em união com o 2.º de Castella, fizeram tambem algum fogo das casas immediatas, com o fim de chamar a attenção de Espartero, que se achava em Burgos, e dirigiram-se então os carlistas, por meio de uma marcha rapida aos pinhaes, em quanto elle o verificava a Aguilar, unico arbitrio que ficava para evitar o seu encontro. Depois de um tiroteio de 2 ou 3 horas, continuou a expedição a sua marcha para Pomar, onde pernoutou o quartel general com a primeira divisão, artilheria e cavallaria, e o segundo no immediato.

Antes de raiar o dia 26 marchou o corpo expedicionario, que constava então de uns 1:800 infantes e 100 cavallos, com varios aggregados de todas as classes; entre os quaes se contava o commandante Carrion, incorporado em Vasconcillos, com uns 40 cavallos do seu esquadrão franco de lanceiros da direita de Castella, e alguns infantes, todos, á excepção destes ultimos, no estado mais deploravel, por causa dos seus continuos trabalhos e fadigas.

Soube Negri a aproximação de tres columnas liberaes, e que a de Espartero havia saido pela manhã de Burgos com o objecto, segundo havia calculado, de salvar a guarnição de Aguilar; e vendo que os momentos eram criticos, e o imminente de um encontro com Espartero, que era provavel contr[illegible]chasse rapidamente para cortar a passagem [illegible] Serra, mandou accelerar a marcha para chegar ao pé della antes que a sua columna, fazendo unicamente algum descanço em Santa Cruz del Pozo, para reunir a tropa e [illegible] noticias exactas do inimigo.

pobre, drama predilecto, ensaiado a capricho, em que o actor se mostra em toda a sua grandeza de altura...sem affectação, com movimentos e gestos estudados, mas naturaes. Na *Vida de um rapaz pobre*, Santos é tudo; no *Elogio mutuo*, Santos é um *pobre rapaz*.

Repetimos, a comedia é excellentemente delineada, e excellentemente traduzida. Os actores dizem e apresentam-se bem. Se Santos fizesse um esforço sobre si mesmo e eliminasse aquelles *salamaleks* ridiculos, poderemos asseverar, sem receio, de que nunca no theatro de D. Maria se exhibiu assim uma comedia. E *elogio mutuo* não ha aqui. Sou simples espectador, apreciador independente; póde a minha opinião ser errada... não é errado o meu bom gosto... e o de todos que tem assistido á comedia... tambem.

—Hontem achava-se cheia a casa das bagagens da alfandega. Não julgue que eram passageiros que despachavam as mesmas. O publico fora alli attrahido para ver as bellas photographias que o sr. Fradesso da Silveira trouxe da Allemanha. E já que lhe fallo na alfandega, diz-se que ha o pensamento de estabelecer alli um museu dos differentes artigos que o sr. Fradesso da Silveira trouxe de Vienna de Austria.

—Está em ensaios no theatro de D. Maria uma comedia drama em 3 actos, vertida em verso pelo sr. Pinheiro Chagas, que se intitula—*A oração da tarde*. Sobe á scena em beneficio da actriz—Virginia.

—Escrevem-me do Porto com data de 12 do corrente:

«Relativamente a caminhos de ferro, li ha dias no *Commercio do Porto*, que o governo pensava em fazer concessões á companhia para esta construir a ponte sobre o Douro.

«Se é verdade, mais outra vez fazemos de cavalleiro da *Triste Figura*, porque, ou ha força para fazer cumprir os contractos, ou não, porque a companhia póde locupletar-se á nossa custa, abusando.»

Tem razão o nosso amigo. Mas parece-nos que o governo não accederá a exigencias desarrasoadas por parte da companhia. Nem o governo tem que tratar com a companhia a tal respeito. Deve fazer cumprir rigorosamente o contracto, o qual já de ha muito que deveria ter sido cumprido. É o que nos parece que o governo fará, e que não pensa em concessões.

Diz-nos mais:

«As obras do caminho de ferro vão muito adeantadas, trabalhando nellas muitos operarios. Alguns caes, que são os armazens para deposito, já estão promptos, faltando unicamente levantar os telhados.

«A estação fica em Mira-Flor, no fim do becco que entra para Campanhã, junto á capella da rua do Heroismo, e tambem da entrada onde habitou o negociante inglez Miller, e onde actualmente reside o barão de Vallado.

«A estação, armazens, linhas, etc., occupam uma grande area de terreno, de modo que envolvem tudo até Pinheiro. A cortadura para a linha está prompta até grande distancia do Porto; falta assentar a via; na estação esta ella já assente para os movimentos de terras e materiaes.

«O que é indispensavel é abrir duas vias de communicação para da estação entroncar na rua do Bomfim, e na do Heroismo, que ha de ser de certo a de maior transito.

«Em fim a estação concluir-se-ha breve: porem a ponte, essa parece-me que fica para as kalendas gregas.

«Parece-me que os engenheiros acham-lhe tanta difficuldade de a levar a cabo, como eu que sou estranho á engenharia.»

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

D. Francisco de Lemos e os frades do collegio da Graça—Publicamos em seguida uma severa carta, dirigida no mez de Maio de 1770, pelo governador do bispado de Coimbra, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, ao reitor do collegio da Graça desta cidade, acerca da vida desregrada dos frades do referido collegio.

«Não sei encarecer bastantemente a V. Rm.ª a amargura do meu coração, pelas muitas e repetidas queixas, que se me tem feito dos escandalos, que dão alguns dos seus religiosos a esta cidade, no seu modo de vida, verdadeiramente apartado do instituto, e do espirito e regra que professam.

O conceito que formei sempre da religião de V. Rm.ª, me fez calar e suspender até aqui os effeitos da minha pastoral vigilancia; esperando que os ditos religiosos se reformassem á vista do exemplo, que V. Rm.ª continuamente lhes dá: mas agora não posso deixar de fallar, por ver que as desordens praticadas por elles, se fazem cada dia mais patentes, com gravissimo detrimento das ovelhas que me são commettidas: não digo já na presença de algumas pessoas, nas ruas e nos passeios; mas até nos mesmos templos; no concurso numeroso de muita gente de todo o sexo e edade; á face dos altares, e na mesma cadeira da verdade, no logar consagrado á religião e á virtude.

Já V. Rm.ª vê que fallo especialmente aqui do escandaloso facto praticado pelo padre mestre, Dr. Fr. Alexandre, na egreja de Santa Clara, por occasião do sermão que foi pregar no triduo da Senhora da Esperança: facto que eu me não atrevo a exprimir, mas só sentir com todas as pessoas de probidade, por ver a religião tão offendida, e a reputação do seu collegio tão deslustrada.

Logo que delle fui informado quiz procurar a esta egreja uma conveniente satisfação; mas sendo atacado das molestias, que V. Rm.ª não ignora, deixei de fazer a demonstração, que pedia a gravidade do caso: e como não devo remetter por mais tempo ao silencio esta materia; e se faz preciso acautelar para o futuro semelhantes factos; tomo a resolução de suspender ao dito religioso de pregar e confessar neste bispado: a qual suspensão V. Rm.ª lhe fará intimar da minha parte, remettendo-me as licenças, que tiver para os referidos ministerios.

E porque sei que os outros seus subditos têem interpretado mal as providas resoluções de sua magestade na proscripção dos jacobeus; julgando, e confirmando na praxe, que a dita proscripção lhes dá toda a liberdade para praticarem o que quizerem, e confundir toda a ordem da disciplina regular; sem que V. Rm.ª seu prelado, tenha auctoridade para cohibir taes excessos, o que tudo se não póde ouvir, nem dizer, e muito menos praticar-se, sem um horroroso attentado contra a piedade de el-rei nosso senhor, e do seu ministerio, que só quiz apartar do seio da egreja o modo de vida particular e insolito, que introduziram os jacobeus; alheio das maximas de evangelho, e só proprio para fomentar sedições: devendo eu como ministro do mesmo senhor, e pastor desta egreja, oppor-me ao progresso de tão temeraria e insolita opinião; não menos digna de ser condemnada, do que foi o jacobeismo: exhorto, e recommendo muito a V. Rm.ª para que ponha todo o cuidado neste particular; chamando logo a capitulo os seus subditos; fazendo-lhes ver semelhantes absurdos; persuadindo-os a entrarem na exacta observancia de seus legitimos institutos; e evitando egualmente as frequentes saidas, que elles fazem do claustro: observando a conducta, que practicam por fóra, e cohibindo com as correcções costumadas, os que forem discolos e contumazes: de sorte que a cidade se edifique, e não entenda que com os jacobeus se proscreveu a virtude desse collegio.

E para que V. Rm.ª use de toda a sua auctoridade, com a fortaleza, que é precisa, sem receio e medo de ser calumniado e impedido: declaro a V. Rm.ª: 1.º que eu heide fazer presente a sua magestade esta mesma resolução que agora tomo—2.º que heide vigiar com muito particular attenção sobre os seus effeitos—3.º que heide usar, no caso de negligencia, da auctoridade que os direitos imprescritiveis do poder ordinario, que exercito, me concedem. Coimbra, Maio de 1770—*Francisco de Lemos e Faria.*»

D. Fr. Francisco de S. Luiz—Nem todos os que contribuiram para a revolução de 24 de Agosto de 1820 tinham as mesmas ideias politicas. Podem dividir-se em tres grupos os revolucionarios.

Ao primeiro pertenciam Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, depois visconde de Canellas; Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, depois visconde de Peso da Regua; e outros, que se limitavam a desejar que os officiaes inglezes fossem expulsos do exercito.

Ao segundo pertencia Fr. Francisco de S. Luiz, e outros homens liberaes, mas moderados, que pouco mais queriam do que umas côrtes, que não fossem muito alem dos tres estados, com receio de cairem na demagogia.

Ao terceiro pertenciam Manoel Fernandes Thomaz, José da Silva Carvalho, e outros liberaes decididos, que queriam a revolução com todas as suas legitimas consequencias.

Já ha dias, por occasião de publicarmos alguns apontamentos biographicos de José da Silva Carvalho, fundamentamos a nossa opinião em relação a Antonio da Silveira e Gaspar Teixeira.

Hoje vamos mostrar a razão que temos para collocar a Fr. Francisco de S. Luiz no segundo grupo.

Em uma numerosa e importante collecção de cartas originaes, que possuimos, dirigidas em varias epochas por Fr. Francisco de S. Luiz a um seu amigo de Coimbra, ha uma datada de Lisboa em 30 de Outubro de 1820, na qual entre outras cousas elle dizia o seguinte:

«Como v. s.ª me toca no voto da Academia, direi duas palavras a este respeito com franqueza.—A Academia votou por 200 deputados em côrtes. 150 nomeados em razão da povoação, cada 20:000 almas um deputado, e para conciliar os interesses de todas as classes, e não affrontar tanto os costumes antigos, votou que houvesse mais 30 deputados da nobreza, e 20 do clero.

Confesso ingenuamente que á excepção dos numeros em que eu faria alguma modificação, na substancia não me desagradou o voto tanto, como vejo ter desagrado a muita gente. Estou persuadido que não são as theorias as que devem determinar-nos; mas sim o estado politico e moral da nação, e tambem o receio de cahir na democracia querendo evitar a aristocracia. Que mal fariam vinte ou trinta deputados das classes privilegiadas entre 120, ou 150 do povo? Não se faria assim uma especie de opposição saudavel ás ideias demagogicas? Não se conciliariam aquellas duas classes numerosas? Não se evitariam extremos e exaggerações sempre perigosas?

E' hoje assentado que não póde existir monarchia sem nobreza hereditaria: e ha de ser uma base da constituição o manter a religião catholica. Logo a nobreza e o clero são classes reconhecidas, tem direitos, devem poder sustental-os.

Torno a repetir: não sei se isto é conforme com as theorias; mas não me parece contrario ao bom senso, nem opposto ás ideias justas, reguladas pela prudente moderação, e o meu genio inclina-me para estas. E' muito provavel que prevaleça o contrario parecer; mas eu ainda não ouvi razão solida que o apoiasse. Cuido que se v. s.ª visse o voto da Academia, quando não o approvasse, pelo menos não o julgaria insensato.

Eu não sei se o exemplo da Hespanha tem demasiada influencia nos animos. Tenho ouvido a alguns que o deveriamos seguir em tudo, usando só dos termos e phrases á portugueza. Embora pensem assim, e tragam para razão d'isto (como já ouvi) que Portugal em todos os tempos seguiu a Hespanha. Nunca esta razão me agradará, nem o exemplo só me decidirá: e ainda veremos se a Hespanha se conserva com o presente governo, tendendo visivelmente á democracia.»

Marquez de Sá da Bandeira—Temos sido obsequiados pelo nobre marquez de Sá da Bandeira com as suas valiosas publicações, as quaes possuimos todas, ou quasi todas.

Agora brindou-nos s. ex.ª com a ultima, que recentemente foi impressa na imprensa Nacional de Lisboa, com o titulo de—*O trabalho rural Africano e a administração colonial, pelo marquez de Sá da Bandeira.*

É offerecida esta publicação—*Á memoria de el-rei o senhor D. Pedro V, cujos decretos aboliram, nas colonias portuguezas, o estado da escravidão e o trabalho forçado dos negros.*

Lemos já uma parte deste livro, e vamos proseguir até á sua conclusão. Pelo que já vimos podemos dizer que é um trabalho primorosissimo ácerca das nossas colonias.

Só quem tem gasto uma boa parte da sua vida, como o sr. marquez de Sá da Bandeira, a estudar as necessidades e a historia das colonias portuguezas, é que póde fazer semelhante publicação.

Desde já pedimos licença ao illustrado auctor deste livro, para transcrever algumas das interessantissimas noticias em que elle abunda.

Muito agradecemos o exemplar com que nos obsequiou o sr. marquez de Sá da Bandeira.

As grandes invenções antigas e modernas.—Em o numero passado mencionamos, que o sr. Ernesto Chardron tinha pontualmente satisfeito o que promettera com a publicação do *Diccionario de educação e ensino*. Hoje temos a dizer o mesmo, relativamente á publicação do interessante livro—*As grandes invenções antigas e modernas nas sciencias, industrias e artes, por Luiz Figuier, obra para uso da mocidade, traduzida por Antonio Placido da Costa, ex-alumno da academia polytechnica do Porto.*

Terminou esta publicação, que é ornada com 238 gravuras. O sr. Chardron mandou fazer a Paris uma linda capa para este livro, que é digno de ser geralmente conhecido, porque reune á belleza artistica, o interesse da sua leitura. Agradecemos ao sr. Chardron o exemplar com que nos obsequiou.

Photographias de Lisboa.—Os srs. Magalhães & Moniz, novos livreiros do Porto, estabelecidos no largo dos Loios, n.os 12 a 14, fizeram o obsequio de nos enviar o livro recentemente por elles editado—*Photographias de Lisbôa*, pelo sr. Alberto Pimentel.

Agradecemos a offerta que nos fizeram os srs. Magalhães & Moniz.

Horas romanticas—Noticiamos ha dias a interessante publicação que vae fazer a acreditada empreza das *Horas romanticas*, com o titulo de—*Viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos, romance do universo, por Julio Verne.*

Para que os nossos leitores melhor vejam a importancia da referida obra, com este numero distribuimos o prospecto della.

Panorama Photographico de Portugal.—Recebemos o n.º 11 deste interessante periodico que se publica nesta cidade.

A photographia deste numero, tirada por um *cliché* do sr. Carlos Relvas, é lindissima. Representa a porta principal da egreja de Belem.

Traz este numero os seguintes artigos:

—*Porta da egreja de Belem*, por A. Filippe Simões.

—*Trio de Peninsulas* (fragmento), por A. A. da Fonseca Pinto.

—*A Noite da Alma* (poesia), por Candido de Figueiredo.

—*De como e porque eu quero á memoria de um principe*, por José Silvestre Ribeiro.

—*Antiguidades Romanas junto de Leiria*, por I. da Silva.

Consta-nos que brevemente será distribuido o n.º 12, correspondente ao mez de Dezembro, com o qual se completa o 3.º volume desta curiosa publicação.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Antonio Coutinho d'Oliveira, filho de João Coutinho e Theresa Ludovina, natural de Santo Antonio d'Aluções, bispado do Porto, de 41 annos, fallecido no dia 11 de Janeiro.

Francisco Alves Formigo, filho de José Alves Formigo e Maria Carolina, natural das Casas Novas, freguezia de S. Martinho do Bispo, de 23 annos, fallecido no dia 10.

Theresa, filha de Luiz Francisco da Silva e Elvira Magdalena, natural de Coimbra, de 2 annos, fallecida no dia 11.

Josepha Fortunata d'Oliveira Secia, filha de Maria das Preces, natural de Coimbra, de 78 annos, fallecida no dia 11.

Eugenia Ermelinda Candida, filha de Antonio de Jesus e Rosaria Maria, natural de Coimbra, de 72 annos, fallecida no dia 13.

Jorge Augusto, filho de José Cardoso de Figueiredo Nogueira e D. Luciana Augusta Lobo de Figueiredo, natural de Coimbra, de 18 dias, fallecido no dia 14.

Dr. Joaquim José Paes da Silva, filho de José Joaquim de Campos e Silva e D. Maria Joaquina Paes de Lima, natural de Correllos, concelho do Carregal, de 78 annos, fallecido no dia 15.

Recemnascido, filho de Antonio Nunes Fidalgo e Ludovina de Jesus, natural de Coimbra, fallecido dia 16.

Joaquina de Jesus, filha de José Ferreira Sachristão e Anna Rosa, natural de Coimbra, de 3 annos, fallecida no dia 16.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5308.

Vitella—No talho que está debaixo do arco em Santa Cruz, ha ámanhã, quarta feira, boa vitella.

Recrutamento—O conselho de estado julgou favoravelmente os seguintes recursos, a fim de que os respectivos mancebos fiquem isentos do serviço militar.

CONCELHO DE ARGANIL

Freguezia de Folques—Manoel, filho de Manoel Martins e Maria Nunes.

Freguezia de S. Martinho—Antonio, filho de José Antonio e Anna de Jesus.

CONCELHO DE MONTE MÓR O VELHO

Freguezia de Arazede—Theresa Teixeira, por seu filho José.

CONCELHO DA PAMPILHOSA

Freguezia do Cabril—Maria Francisca, viuva, por seu filho Manoel.

Representação.—Abaixo publicamos uma representação, que dirigiram ás côrtes dois dos actuaes empregados da bibliotheca da Universidade.

Effectivamente é certo, e o podemos attestar por conhecimento pessoal, que o serviço dos empregados da bibliotheca tem ultimamente augmentado de um modo extraordinario.

Foi na verdade uma medida muito necessaria, a de fazer estar aberta a bibliotheca todo o dia; porém esse facto, e a numerosa concorrencia de academicos diariamente a frequentarem aquella casa, tem sobrecarregado os empregados com um trabalho violento.

A resolução que se tomou foi justa e necessaria; mas tambem é justo e necessario, que tendo duplicado o trabalho, se melhorem as circumstancias dos empregados que fazem esse excessivo serviço.

Eis ahi a representação a que nos temos referido.

«Senhores deputados da nação portugueza.—Os abaixo assignados, José Marques Perdigão Donato, porteiro da bibliotheca da Universidade, e João Pereira de Miranda, continuo do mesmo estabelecimento, vêem respeitosamente pedir o augmento dos seus ordenados.

Este augmento, que até aqui era já sobejamente justificado pelo grande trabalho que pesava sobre os supplicantes, é hoje reclamado pela ultima reforma do serviço da bibliotheca. Até aqui este estabelecimento só estava patente aos leitores por espaço de 6 horas, em quanto que hoje o está, desde as 8 horas da manhã, até ás 5 da tarde.

A bibliotheca é frequentada por um numero superior a 3:000 leitores mensaes (como o provam as estatisticas publicadas todos os mezes nos periodicos da localidade), em quanto que a bibliotheca Nacional só o é por 1:000 leitores, termo medio, e em Dezembro passado, só teve 993 leitores e a da Universidade 3:148.

O pessoal desta casa, actualmente tão rica de obras scientificas e litterarias, tanto antigas como modernas, é evidentemente diminuto, attendendo ao extraordinario movimento dos ultimos tempos.

Nas horas do dia, em que é mais numerosa a concorrencia d'academicos, só com muito trabalho se póde satisfazer com promptidão a todos os pedidos de livros. O quadro official dos empregados desta bibliotheca é de um bibliothecario—dois officiaes—um porteiro e um continuo.

Os dois officiaes, que se acham alquebrados pela força dos annos, consumidos com zelo e probidade no serviço deste estabelecimento, não pódem acudir ás exigencias do serviço.

A consequencia deste estado de coisas é o carrego de serviço extraordinario sobre os hombros dos supplicantes. Serviço tão aturado e violento não póde ser bem remunerado com o ordenado de 240$000 rs.

Senhores deputados. Os supplicantes pedem respeitosamente o augmento dos seus ordenados porque vêem as garantias, que têem os empregados da bibliotheca Nacional, já em vencimentos, já em descanço, em quanto que os empregados da bibliotheca da Universidade de muitas vezes nos proprios dias de grande gala é que têem mais trabalho pela grande affluencia de leitores.

O simples confronto da organisação do pessoal da bibliotheca da Universidade com a da bibliotheca Nacional de Lisboa patenteia a justiça da causa dos supplicantes.

A bibliotheca Nacional, que tem um terço dos leitores da bibliotheca da Universidade, tem vinte empregados, emquanto que os d'esta são apenas cinco, mal remunerados, e com um serviço aturado e violento.

Em vista das considerações expostas os supplicantes:

Pedem que sejam equiparados em vencimentos aos individuos que exercem eguaes empregos na bibliotheca Nacional de Lisboa.—E R. M.

Os orçamentos das juntas de parochia—Um reverendo parocho deste bispado, e nosso amigo, nos dirige a seguinte queixa:

«Peço a v. que pelos meios á sua disposição faça chegar ao conhecimento do sr. governador civil, o grande transtorno causado por elle ás juntas de parochia, pela falta d'approvação dos orçamentos respectivos. Algumas juntas, para dizer que não é só a minha, querem representar-lhe, pedindo a prompta approvação d'elles; pois que estamos quasi no fim do anno economico, e já será muito tarde, para se fazerem obras de absoluta necessidade até ao fim d'elle. V. fará um grande serviço lembrando esta demora.»

Motim em Campo Maior.—Diz o *Diario de Noticias* que a villa de Campo Maior, districto de Portalegre, tem andado estes dias inquieta. A causa da sua inquietação é a seguinte, segundo as nossas informações, que temos por verdadeiras.

A camara municipal resolveu ultimamente acabar com a arrematação das coimas por transgressão de posturas, e nomear zeladores á moda de Lisboa e outras cidades. Essa reforma causou algum desgosto. Esse desgosto foi crescendo, alimentado por preconceitos, e talvez por algum interesse particular, e na noite de 14 do corrente, cerca de 200 populares, quasi todos jornaleiros, foram de voz em grita, ás casas dos vereadores, exigindo que fossem despedidos os zeladores e restabelecido o velho systema.

A auctoridade administrativa do concelho conseguiu nessa occasião assocegal-os, mas no dia seguinte espalharam-se boatos de que elles queriam ir á camara, e fallava-se em queimarem o carro em que eram levados os cadaveres ao cemiterio. O administrador, tendo apenas um destacamento de 45 homens, requisitou mais força para manter a ordem.

No dia 17 de manhã a camara reuniu extraordinariamente para providenciar, e os zeladores foram fazer-lhe entrega dos seus alvarás de nomeações.

O povo entrou no edificio. O tumulto cresceu e os tumultuados queimaram o carro mortuario e ameaçavam violencias de outra natureza, dando morras ao escrivão de fazenda, que se viu obrigado a sair da villa, e a outras pessoas. O administrador e o substituto receiosos, pediram a sua exoneração.

Foi de Elvas para o substituir o administrador desse concelho, suppõe-se que com ordens especiaes do magistrado do districto, no sentido de restabelecer o socego, pelos meios mais convenientes, e foram postos á sua disposição cento e tantas praças de cavallaria e infanteria, estando ao todo em Campo Maior á data das ultimas noticias, 220 praças.

Hontem, 18, até ao meio dia havia socego na villa. Mas permanecia a effervescencia nos espiritos. Não constou até á ultima hora que tornasse a ser perturbada a ordem, em vista das providencias adoptadas.

Noticias de Hespanha.—Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Alcançam a 17 os jornaes hespanhoes.

Continuam publicando promenores da entrada do exercito em Cartagena.

Em uma carta do correspondente do *Imparcial* lêem-se os seguintes:

O governador do forte da Atalaya, Lorenzo Garcia, mandou um parlamentario ao brigadeiro Carmona, solicitando a rendição e indicando que se realisaria á meia noite. O brigadeiro acceitou a proposta e tomou as suas disposições, tendo ordenado que estivessem promptas as forças de Madrid, Africa, engenheiros, artilheria e o regimento de Farnesio. A's 14 horas saiu o quartel general com os chefes de brigada Sanchez Mira e Maliò. O regimento de Farnesio estava postado em logar conveniente para ajudar a operação. Chegados ao castello, o governador negou-se a fazer a entrega, mas a attitude dos soldados que guarneciam Atalaya e a chegada das primeiras companhias decidiram a questão, a ponto que dez minutos depois as tropas do governo tomavam posse do castello, quando avançava Galvez á frente do batalhão de Mendigorria.

Um sapador que estava de sentinella fez fogo e matou o primeiro official insurgente; travou-se depois combate com as tropas de Galvez, que tiveram 25 prisioneiros e 7 mortos, fugindo o resto precipitadamente.

Encontraram-se no castello 25 peças, mas não havia projectis; foi necessario empregar o resto da noite em levar munições para o castello, operação feita sob um terrivel fogo de metralha de Galeras e da praça, onde já se sabia o que succedera.

Entretanto a junta começou a intimidar-se, e os batalhões da Iberia e de Mendigorria a mostrarem-se dispostos a entregar-se. Debalde lhes arengou Galvez, affirmando-lhes que no dia 15 se sublevariam as cidades mais importantes; os soldados insultaram-no e Galvez foi participar aos seus collegas o que se passava.

A junta resolveu fugir, e o resto da povoação nomeou uma commissão para se entender com o general e propor a entrega da praça.

Esta commissão apresentou as seguintes condições para a rendição: indulto geral, reconhecimento dos postos e saiir com as honras de guerra.

Lopez Dominguez despediu os parlamentarios sem querer ouvil-os, prevenindo-os de que no dia seguinte ás 8 horas romperia novamente o fogo contra a praça. Voltou a commissão propondo condições mais limitadas; o general declarou-lhe que não acceitava condições.

Pela volta das quatro da manhã dirigiram-se alguns officiaes do quartel general com 25 cavallos para a porta de Madrid, pretendendo entrar na praça. Os soldados que alli estavam de guarda e os dos baluartes, deram-lhes passagem e immediatamente tratou-se de metter em fórma o batalhão de Mendigorria, que obedeceu.

Os officiaes e o piquete de 25 cavallos percorreram a povoação e chegando á muralha que deita para o mar, a *Numancia* estava prompta a largar, tendo a seu bordo a Junta e uns 2:000 insurgentes, cortou as amarras e fez-se ao largo, e logo em seguida largou o *Darro*. A esquadra hespanhola que estava á saida do porto foi em perseguição dos navios cantonaes.

Quando a *Numancia* passava perto da *Victoria* esta jogou-lhe uma banda de artilheria, a que a *Numancia* não respondeu; a *Carmen* fez o mesmo, e a *Numancia* respondeu

---

Manifestos eram já; dividiu-se a sua vanguarda e se mandou continuar com toda a celeridade possivel andando ainda de noite; porem o extremo cansaço e debilidade dos carlistas, faziam que se fossem ficando a cada passo um sem numero de atrazados, principalmente nos povos do transito, sem que bastasse a impedil-o quantas medidas se tomaram, ficando a Negri uns 1:000 homens, que chegaram com elle a Fresno de Rodilla.

Quatorze leguas de continua marcha, tinham posto aos carlistas na impossibilidade de passar adeante, e se detiveram a esperar a reunião dos demais, para cujo effeito mandou Negri repetidas ordens ao segundo commandante geral, que cobria a rectaguarda, para que accelerasse todo o possivel, até chegar a Villasur de Herreros, cujo ponto promettia mais segurança.

Não se cumpriram, porem, as suas ordens, e principiando a amanhecer no dia 27, descobriram o inimigo, proximo ao Fresno. Não [illegible] outro arbitrio que marchar para Villasur de Herreros com a gente que se havia reunido, para salvar deste modo, senão toda, ao menos uma grande parte della; mas viram-se cercados por todas as partes pelos liberaes, e foram inuteis quantos esforços fez Negri para oppor alguma resistencia, pois unicamente sairam alguns tiros de uma descarga quasi geral que se fez ao aproximar-se a cavallaria inimiga. Esta carregou denodada com seus chefes e Espartero á frente, e repelliu tudo.

A destruição da expedição de Negri foi completa; poucos se salvaram e os que o conseguiram pernoutaram com o chefe em Barbadillo de los Herreros, e o segundo commandante geral, com varios dispersos, em Pineda.

O derrotado Negri correu no dia 28 a Quintanar da Serra a procurar a reunião dos dispersos, para cujo fim saiu a cavallaria de Merino, auxiliada por alguns paisanos que conseguiram salvar bastantes, e os encommendou a Balmaseda, que se lhe unira no dia anterior, dando-lhe instrucções, e os chefes e officiaes necessarios. Tambem dispoz o conde carlista, que o coronel Neguerüela, com outra porção de chefes, officiaes e alguma tropa, ficassem ás ordens de Merino, marchando elle com o resto e os poucos cavallos em disposição de continuar, a esperar as ordens de D. Carlos no reino de Aragão. Para isso mandou ás provincias Vascongadas o segundo commandante.

Negri, com alguns tristes restos de sua expedição, tratou de indemnisar na defeza de Morella o perdido na Brújula.

Com os soldados prisioneiros de Negri formou Espartero o segundo batalhão dos guias, que levaram o nome de seu titulo de Luchana, e os restantes entraram nos corpos do exercito.

A rainha e o paiz premiaram a Espartero o serviço que acabava de prestar-lhes; D. Maria Christina nomeando-o capitão general por decreto de 18 de Maio de 1838, com a antiguidade de 27 de Abril, e o congresso, approvando, no meio do maior enthusiasmo, uma proposta de um consideravel numero de deputados, que pediram se servissem decretar as côrtes uma acção solemne de graças ao conde de Luchana e ás tropas do seu commando. Martinez de la Rosa, como um dos seus auctores, foi o encarregado de sustental-a n'um improviso brilhante e poetico como a sua imaginação.

As victorias do exercito liberal não evitavam as grandes necessidades por que passava. Debalde reclamava Espartero ao governo dinheiro, calçado, fardamento e viveres; pois que não eram attendidas as suas reclamações. Muitas vezes se via até Espartero obrigado a dispor de seu proprio dinheiro e dos seus amigos, para evitar uma immediata dissolução do exercito.

Chegaram as cousas a ponto, que Espartero se viu obrigado a dirigir ao exercito uma allocução, datada de Haro, em 2 de Março de 1838, em que lhe fazia publico as diligencias que havia empregado para lhe fornecer o indispensavel, e o nenhum caso que o governo havia feito das suas reclamações.

Tanto amedrontou ao governo esta allocução, que enviou um commissario offerecendo ao seu auctor, honras, dignidades, quanto quizesse, se a retirasse, ou ao menos que não insistisse em que se lhe désse curso; porem já estava lançada e lida com avidez pelos soldados e o paiz. Era a verdade, e não devia occultal-a o que tanto se prezava de a dizer sempre. Se foi esta allocução um fundado motivo para combater o ministerio, elle havia fabricado aquella arma que o feria.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

porque a *Carmen* é de madeira. Ambos os navios da esquadra foram perseguindo a *Numancia;* os restantes vendo ao romper do dia que o *Alerta* batia o *Darro* foram em seu auxilio e apresaram o *Darro* com 75 insurgentes, que estavam a bordo.

A's 4 horas da tarde entrava em Cartagena o general Lopez Domingues, seguido do seu estado maior, e commandantes de brigada, percorrendo as principaes ruas da cidade. Visitou depois o hospital e recebeu os cumprimentos do governador da provincia e da municipalidade, e pouco depois a visita dos almirantes estrangeiros, dirigindo-lhe o almirante inglez Yelverton calorosas felicitações.

Cartagena é um montão de ruinas; pois é raro o edificio que não soffreu alguma coisa com o bombardeamento. Os armazens foram abertos, saqueados; ou o que continham está destruido. As mercadorias apresadas aos vapores mercantes, não repartidas entre os cantonaes, foram lançadas ao mar.

A bordo do *Darro* foi preso um tal Pitero e o indio Dionysio, que envenenaram a agua das cisternas dos fortes de Galeras e S. Juliano, mas descobriu-se o crime a tempo de se prevenir os soldados.

A *Numancia* deve a estas horas ter sido entregue ao almirante Chicharro, que foi a Oran para a receber. Um telegramma de 15, datado de Paris, diz que eram entregues com ella os presidiarios. Os outros insurgentes serão internados na Argelia.

Os carlistas continuam nas suas correrias. Os que invadem a provincia de Valencia andam em continuo movimento, ora acercando-se da capital, ora operando nos plainos de Castella, ou aproximando-se da costa.

Um telegramma de Alicante, dizia ha pouco que Santes dispunha de 18:000 homens, e devem ser importantes as suas operações para ter sido de preferencia mandado contra elle o exercito que operava em Cartagena.

Moriones chegou a Miranda com o seu exercito.

Bilbau ha 16 dias que se acha completamente incommunicavel. Os carlistas continuam concentrados em grande força nos arredores da praça, empregando os maximos esforços para se apoderarem d'ella.

A *Gazeta* publica as participações do commandante das forças navaes encarregadas de operar contra os carlistas na ria de Bilbau.

Os navios viram-se na necessidade de desistir do ataque, depois de terem soffrido um vivissimo fogo das baterias que os carlistas tinham construido nas margens.

«O fogo vivo e certeiro do inimigo tinha-me feito comprehender a sua força e a abundancia de munições do que dispunha», diz aquelle official.

Madrid, 17. — Os telegrammas do governo annunciam que ha tranquillidade em todas as provincias.

O jornal a «Revista» que substituia a «Reconquista», folha carlista, foi suspensa por um mez.

Madrid, 18.—A «Gazeta» publica um decreto supprimindo a immobilidade pessoal dos postos.

As partidas da provincia de Burgos foram completamente derrotadas com perdas consideraveis.

O viaducto Bouquilla na estrada do caminho de ferro de Valencia a Almansa desabou quando se concertava e morreram 23 operarios.

Foram suspensos mais tres jornaes por um mez.

Fallecimento.— Falleceu em Trieste, na edade de perto de 81 annos, a infanta D. Maria Theresa, filha primogenita de el-rei D. João VI.

Tinha casado pela primeira vez com o infante de Hespanha, D. Pedro Carlos, de quem teve o infante D. Sebastião; e pela segunda vez com o infante D. Carlos, avô do actual pretendente ao throno hespanhol.

ANNUNCIOS

ALUGA-SE a casa do Dr. Gama, defronte do theatro de D. Luiz, reparada, e toda [illegible]te forrada a papel.

2 OFFERECE-SE uma ama para crear. Quem pretender póde dirigir-se á rua das Esteirinhas, em uma casa pegada á habitação do sr. Manoel de Jesus Lopes.

AVISO

3 A CAMARA MUNICIPAL de Figueiró dos Vinhos, faz publico, que no dia 8 do proximo mez de Fevereiro, ha de ter logar a arrematação do 2.º lanço de estrada municipal de 2.ª classe, comprehendido entre o Senhor Jesus da Sobreira e a capella das Almas, na extensão de 1710,m17, com as condições que serão presentes no acto da praça.

Figueiró dos Vinhos, 15 de Janeiro de 1874.

O presidente da camara,

Manoel Carlos Pereira Boeta e Vasconcellos.

4 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia do Louriçal, no dia 15 de Fevereiro, pela volta das 10 horas da manhã, no largo da egreja parochial, hade arrematar a obra dos telhados da egreja, e compostura do muro do cemiterio, com as condições, que nesse mesmo dia hão-de estar patentes.

Louriçal, 15 de Janeiro de 1874.

O presidente.

José de Mattos de Carvalho.

Aviso aos recrutas

5 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra ao sr. João de Aveiro; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

AGRADECIMENTO

6 D. ANNA ANGELICA PAES DA SILVA, e seus filhos Joaquim José Paes da Silva Junior, e Antonio José Paes da Silva, agradecem desde já por este meio as provas de estima e consideração, que receberam durante a doença e por occasião do fallecimento de seu prezado marido e pae o Dr. Joaquim José Paes da Silva.

7 D. AMALIA OSORIO DE SOUSA PRETO, desta cidade, previne o publico para que se não comprem bens alguns a sua mãe a sr.ª D. Josepha Adelaide da Silva, residente na rua das Parreiras, em Santa Clara a Velha, porque estão sujeitos ao pagamento de dividas á annunciante, e porque o seu estado intellectual, dizem não ser são.

DOCTOR IN ABSENTIA

8 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

9 EDIÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e do rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria —23, Rua de Quebra-Costas, 28.

AGRADECIMENTO E DECLARAÇÃO

10 D. MARIA LUTHEGARDA DA COSTA CABRAL E CASTRO, agradece o lembrarem-se della para administradora dos bens e esmolas pertencentes a Nossa Senhora dos Remedios, que se venera nesta villa; porem, declara que não póde acceitar, não só pelos muitos afazeres que tem, mas de mais a mais, pelas frequentes vezes que tem de sahir deste concelho.

Pampilhosa, 18 de Janeiro de 1874.

Attenção

11 FRANCISCO CORREA LOPES tem em Buarcos, para vender, ou alugar, um orgão novo de bonito formato, e facilimo transporte, porque se divide em dois corpos: tem a afinação em tom natural, para tocar acompanhamentos com instrumental, sem transportar a musica. Quem o pretender póde dirigir-se ao annunciante pessoalmente em Buarcos, ou em carta para a Figueira da Foz.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

A nova barca MARGARIDA, em 31 do corrente.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

PARTIDO A CONCURSO

13 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Mogadouro, faz publico, que por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação deste, se acha aberto o concurso para o provimento do partido de medicina do mesmo concelho, com o ordenado annual de 400$000 rs., e com a tabella que regula a taxa das visitas, e consultas, da qual se dará conhecimento aos interessados que o exigirem.

Os pretendentes apresentarão dentro d'aquelle prazo na secretaria desta camara seus requerimentos, a que juntarão, alem d'outros documentos que julgarem convenientes, suas cartas passadas pela Universidade do Coimbra, e escolas medico cirurgicas de Lisboa, ou Porto.

Mogadouro, secretaria da camara, 3 de Janeiro de 1874.

O presidente da camara,

Antonio Augusto de Moraes Pimentel.

14 ANTONIO JOSE' D'ALBUQUERQUE DO AMARAL CARDOSO, de Vizeu, quer vender em hasta publica umas casas que possue nesta cidade de Coimbra, na rua do Norte, n.º 31 a 33, pelo maior preço que se offerecer, convindo.

Os pretendentes podem alli dirigir-se no dia 25 do corrente, pelo meio dia.

ATTENÇÃO

15 EM ANÇÃ, villa muito populosa nas proximidades de Coimbra, e ligada por uma estrada real á estação do caminho de ferro da mesma cidade, rica em todos os ramos de agricultura, abundante em mattas e pedreiras, notavel pela abundancia de aguas, as quaes fazem mover simultaneamente cinco engenhos de fazer farinha, existe um novo e vasto edificio de 27 janellas, com dois andares, e grande extensão de terreno contiguo, correndo junto do edificio toda aquella porção d'agua, e em condições as mais apropriadas para uma fabrica de lanificios ou de qualquer outro genero de industria.

O seu proprietario, João Marques de Almeida Araujo Pinto, residente em Coimbra, recebe propostas para arrendamento, venda ou aforamento.

PUBLICAÇÕES MODERNAS

16 O DEMONIO DO OURO, por C. Castello Branco, 2 vol., vol. 1.º 500 rs. (o 2.º vol. está no prelo)—*O annel mysterioso*, scenas da guerra peninsular, por Alberto Pimentel, 500 rs.—*A porta do paraizo*, por Alberto Pimentel, 500 rs.— *Educação popular: A guerra da peninsula*, por Pinheiro Chagas. Por assignatura, 160 rs. o vol., avulso, 200 rs.—*O diabo na côrte*, por Ortega y Frias, 3 vol. 2$100 —*Os serões da provincia*, por J. Diniz, 2.ª edição, 500 rs. — *A Indiana*, por T. Ribeiro, 300 rs.—*Os ciumes de uma rainha*, 1.º vol. 700 rs. (o 2.º vol. está a sahir do prelo).

Resumo da historia da philosophia, seguida dos principios elementares de direito publico e dos elementos de direito internacional, por A. Ribeiro da Costa e Almeida, 500 rs.—*Origens anthropologicas*, por F. A. Corrêa Barata, 240 rs.— *As raças historicas da peninsula iberica*, por F. A. Corrêa Barata, 200 rs.

Problemas do direito moderno, opusculos baseados no codigo civil, por Julio de Vilhena. Estão publicados 2 fasciculos a 300 rs. cada um, ou a 360 rs. avulso—*Sons que passam*, por T. Ribeiro, 2.ª edição, 600 rs.

Os Jesuitas, romance historico, por A. de Oliveira Pires, 600 rs.

A mulher adultera, por Escrich, 4 vol. 2$000 rs.

Portugal antigo e moderno, Diccionario geographico, por A. S. de Azevedo Barbosa de Pinho Leal. Estão publicados 18 fasciculos a 100 rs.

Da terra á lua, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, por J. Verne, traducção de Henrique de Macedo. Sairá por estes dias o 1.º fasciculo com 8 folhas e 10 gravuras, preço 200 rs. cada fasciculo.

Musicas dos melhores auctores, operas completas, symphonias e sonatas, edição allemã bem impressa e arranjadas para piano. Preço de cada opera 360 rs.

Livros de missa, de confissão e de semana santa com ricas encadernações em madreperola, marfim, bufalo, de sandalo, de cristal, de velludo, em chagrin e carneira amarroquinada, desde 840 rs. até 10$000 rs. Todos estes livros tem lombada irmã da capa.

Na livraria Academica, Calçada, 183, 185, se recebe em estampilhas de 25 rs. a importancia de cada uma d'estas publicações.

NUMERO 2765 — SABBADO 24 DE JANEIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eçá Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Julgavamos nós que a prosperidade do paiz, a tolerancia do governo, e a rasgada iniciativa que este tem tomado na organisação dos serviços e no desenvolvimento dos melhoramentos publicos, fariam acalmar, em homenagem ao progresso, ao credito e ás conveniencias geraes do estado, a exaltação das paixões partidarias.

Em presença dos factos e das circumstancias favoraveis á nossa administração civil e economica, era licito antever uma epocha parlamentar, mais serena e tranquilla, livre das difficuldades, que os odios politicos costumam crear. A necessidade de aproveitar as forças vitaes do paiz, exigia a coadjuvação de todos os partidos politicos, porque acima das mesquinhas conveniencias de facção, está a prosperidade e o engrandecimento da patria.

Com desagrado, porem, vê o paiz, que os partidos da opposição tentam accender o facho da discordia, perturbando a paz e a serenidade, que deve haver no recinto parlamentar, unicamente com o fim de impedir as reformas uteis, que o governo se empenha em realisar.

Tempestuosas tem sido algumas das ultimas sessões. A questão de S. Thiago de Cacem levantou tumulto na camara electiva, pretendendo a opposição fazer questão politica de um facto trivial, que as circumstancias aconselham.

Diz-se que o projecto da creação de 30 comarcas, o qual vae entrar em discussão no principio da proxima semana, será o alvo das invectivas politicas; e que os partidos adversos ao governo tencionam empregar todos os meios de combater esta medida; sem faltarem os escandalos e as vindictas partidarias, com que costumam acompanhar as discussões de maior importancia.

Temos visto que o parlamento assim, é um estorvo a todas as reformas uteis, e que difficilmente o paiz alcançará a approvação dos projectos de importancia com que o governo o deseja dotar.

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA

Não fomos illudidos em a nossa expectativa, quando appellámos para o civismo das diversas classes sociaes desta cidade.

Na quinta feira reuniu-se, em grande numero, a associação commercial, para ouvir ler o projecto de representação, dirigida ao governo, contra a directriz que se projecta dar ao caminho de ferro da Beira, em prejuizo do districto de Coimbra em geral e desta cidade em especial.

A representação, que tinha sido redigida pelo digno secretario da direcção o sr. José Melchiades Ferreira Santos, foi approvada unanimemente.

A associação dos artistas vae secundar os esforços da classe commercial, como se vê do annuncio que abaixo publicamos.

Consta-nos tambem, que a camara municipal tomará neste negocio o logar que lhe compete, como interprete dos sentimentos dos habitantes do municipio que representa.

A camara de Coimbra não desconhece assim o seu dever. As mais camaras municipaes do districto, de certo não deixarão tambem de cumprir um dever correlativo.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA

Não devendo a classe artistica de Coimbra ficar indifferente, quando se trata de um assumpto tão momentoso, como é o da escolha da directriz do projectado caminho de ferro da Beira; são convidados os corpos gerentes desta associação, a reunirem-se na proxima segunda feira, 26 do corrente, pelas 7 horas prefixas da tarde, a fim de deliberarem sobre o modo de representar aos poderes publicos, para que esta cidade e districto não sejam feridos nos seus interesses economicos, nem menosprezados em sua importancia local.

Coimbra 24 de Janeiro de 1874.

O presidente da associação, *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 23 de Janeiro de 1874.

Meu amigo.—Repugna a maneira insolita e desleal pela qual a opposição se dirige ao governo, e insulta e ameaça o chefe do poder moderador. Dá triste ideia de si quem assim se avilta, para—ephemeras honras!—empolgar o poder, que nunca soube gerir. Dá triste ideia de si, quem insulta o governo, e o primeiro cidadão do estado, áquelle dizendo-lhe que nada tem feito em beneficio do paiz, a este, accusando-o de manter um governo pessoal, cousa que nunca se viu neste paiz, nem mesmo no tempo do ministerio do sr. conde de Thomar.

O artigo principal de *Diario Popular* de hontem, ultrapassa as raias da boa educação jornalistica, e invade attribuições e prerogativas, diante das quaes, o homem mais boçal se contem e respeita. Apontando-nos como

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXXI

D. CARLOS

LXXXI

Apesar das desattenções do governo, continuava sempre Espartero na sua luta com os carlistas. Um dos seus feitos notaveis foi a tomada do forte de Peñacerrada, bravamente defendido pelos inimigos; sendo para isso necessario dar no dia 22 de Junho de 1838 uma renhida batalha com o exercito carlista, que se achava proximo do forte para o proteger. Nesta batalha ficaram mortos 600 homens de ambos os campos.

Depois desta victoria, Peñacerrada não podia sustentar-se, e a sua guarnição fugiu de uma maneira que não foi conhecida pelas forças do campo intrincheirado, até muito depois. Só deixou dois habitantes, 4 peças de artilheria e um obuz.

Tres dias bastaram para conseguir tão magnificos resultados. A intelligencia e o valor acreditaram-se. Ribero, Zabala, todos obraram com heroismo.

Decidida a batalha pela brilhante carga do regimento de hussards da princeza, que tão bem dirigia o seu coronel D. João Zabala, enthusiasmado Espartero com o heroismo que mostraram chefes e soldados, correu a abraçar a Zabala, manifestando-lhe que a maior honra para um general, era vestir o uniforme de hussard, quanto mais ser seu coronel, pegou na mão de Zabala e a beijou, dizendo que nisso se honrava, porque era a respeitavel mão de um valente.

Zabala que admirou o heroismo do conde de Luchana nesta batalha, o acclamou e seus soldados por seu coronel; e solicitou a sua concessão, ao que accedeu a rainha em 3 de Julho, nomeando a Espartero coronel titular do mencionado regimento, no qual occupou o seu nome o primeiro logar na lista dos coroneis que o tinham commandado, prevenindo se fizesse na historia do corpo particular menção desta graça e do memoravel feito que a produzia, com cujo motivo dirigiu o conde ao regimento uma sentida allocução.

O general Guerguê tinha pela sua pessima direcção e intrigas prejudicado gravemente a causa carlista. Para ver se atalhava a estes contratempos pensou D. Carlos em Maroto, a quem aliás em Fevereiro não permittira regressar ás provincias Vascongadas; e no dia 15 de Maio de 1838 lhe dirigiu a seguinte carta:

«Maroto, quero que venhas logo que recebas esta.—*Carlos.*»

O commissionado portador deste laconico escripto, assegurou a Maroto, que no momento da sua apresentação se lhe daria o commando das forças, e que em todos os ramos da administração se faria quanto elle julgasse conveniente.

Maroto accedeu á ordem de D. Carlos, e voltando a tomar o commando do exercito carlista, dirigiu aos voluntarios uma proclamação datada de Estella em 28 de Junho.

A excessiva baixa que experimentara o exercito carlista em pouco tempo, filha de funestas vicissitudes, punha ao seu novo chefe em mui triste situação.

A primeira e mais indispensavel necessidade era cobrir aquelles claros até onde os recursos alcançassem, pondo em acção os meios da auctoridade, entorpecidos com uma culpavel indifferença por parte dos empregados subalternos.

Aquella luta sanguinolenta, que assolava o paiz vasco-navarro, não havia ainda esgotado os mananciaes de que podiam servir-se os carlistas. Ainda havia multidão de mancebos que podiam entrar nas rareadas fileiras de D. Carlos, e nesse tempo eram tranquillos expectadores dos sacrificios de seus irmãos. Desertores sem conta, enfermos já restabelecidos, licenseados sem causa, assistentes tolerados em pessoas que não deviam tel-os, excessivos empregados e em ramos que podiam e deviam simplificar-se, eram outras tantas sangrias, que, minorando progressivamente a força physica dos corpos, corrompiam o seu moral e acabavam por destruil-os.

Para atalhar males desta transcendencia era preciso cortar de raiz os abusos introduzidos, unico meio de que as forças carlistas podessem chegar a medir vantajosamente as armas com os seus inimigos, e fizessem productivas as cinzas de suas incendiadas casas, o sangue de seus immolados filhos, e poder esperar mais provavelmente o triumpho á sua abatida causa.

Estes sentimentos estavam na mente de todos os homens pensadores, que militavam de boa fé no campo de D. Carlos; expunham-nos, manifestava-os continuamente o mesmo Maroto, e dizia o modo de remediar os abusos que todos conheciam e denunciavam. Porem não podia elle só effectuar tão instante reforma; necessitava o concurso de todas as auctoridades, e muito especialmente d'aquelles a quem D. Carlos confiava o governo das provincias e o commando das suas divisões.

Como chefe do estado maior se propunha remover os obstaculos tolerados até então, fazendo caír o peso da responsabilidade sobre o indifferente, ou o culpado; e recommendou aos commandantes geraes das provincias, que de accordo com as deputações, adoptassem as medidas que o seu zelo e prudencia lhes dictassem, e contribuissem efficaz e brevemente ao fim proposto.

Nos povos das linhas e immediatos, eram frequentes as accommettidas e surprezas por uns e outros, indignando grandemente aos carlistas a executada pelos liberaes em a noite de 31 de Julho ao deposito de prisioneiros de Marquina, graças á convivencia em que estavam com alguns da villa, sobre o que se fo-

exemplo (?) a Hespanha e a França, escreve as seguintes linhas, nas quaes transluz uma ameaça directa ao chefe do poder moderador:

«A toda a gente de bom senso parece evidente que se a republica durar em França tanto tempo quanto os poderes de Mac-Mahon, *nenhuma monarchia será possivel naquelle paiz*. Egualmente é certo que Serrano, acostumado desde a revolução de 1868 a ser soberano em Hespanha, não se apoderou do governo para fazer monarchia. *Ora consolidando-se republicas em França e Hespanha, cremos que a monarchia só poderá sustentar-se em Portugal quando* pela sinceridade e lisura do seu procedimento constitucional, agrupar e conciliar em volta de si todos os grupos da grande familia liberal, e ao mesmo tempo conquistar o respeito e o affecto do povo. Os actos repetidos e escandalosos do governo pessoal, com o fim determinado de proteger uma facção, ou de satisfazer caprichos pessoaes, não podem dar o primeiro resultado.»

Leram? E escreve isto um membro de um partido, o qual aspira ao poder, e cujo partido, por desgraça nossa, já geriu os negocios do paiz! Aonde estão os actos escandalosos do governo? Qual é a facção que se pretende proteger? Quaes são os caprichos pessoaes que se pretendem satisfazer? Banalidades. Absurdos. Incoherencias. Ambições mal disfarçadas, sob uma capa de patriotismo hypocrita. Pois não tem o chefe do estado desempenhado constitucionalmente o seu officio, quer conservando no poder, quer com os historicos, quer com os regeneradores, quer com todas as facções politicas, que se tem encontrado na gerencia dos negocios publicos?

Onde descobris vós a affeição pessoal do rei para com este ou aquelle partido? Sois de uma audacia... ridicula, que denuncia a vossa sede de poder.

O *Diario Popular*, escreve estas necedades, a proposito do boato de dissolução das camaras. Insulta o sr. marquez de Avila, insulta os partidos que não commungam na pia reformista, e se o escriptor mais se alongasse, teria a audacia de proclamar que só o partido de que é chefe o sr. bispo de Vizeu, estava no caso de salvar a corôa, que deslisa á borda do abysmo, e de fazer entrar a machina governativa na sua verdadeira rotação. Não o disse, e n'isso teve um pouco de pudor. Unicamente termina aquella sandia catilinaria com o seguinte: «*Se o não fizerem, (?) terá o paiz que tomar-lhes severas contas.*»

São estes os Jeremias em chinellas, que choram o futuro... e que o não souberam prevenir quando se acharam no poder! Que atroz lealdade de homens politicos, que não têem a coragem dos seus actos! Que abnegação, que patriotismo, que desinteresse, que altos dotes jornalisticos mostram estes Cincinatos em disponibilidade... por falta de charruas, quando estão fora do poder, e almejam, por todos os meios, voltar a elle! Isto lá fora acredita-se... aqui no paiz, onde elles ensaiaram por duas vezes o seu patriotismo de governação, causa pasmo, e chega a nausear a audacia e o atrevimento dos taes!

Uma opposição assim não se acredita, destura-se, e dá a medida do seu caracter sordido e baixo. Eu penso que não é assim que se faz opposição, principalmente nos paizes onde esta existe, e quer aspirar a essas honras. Quando todos os partidos se acham ligados, á excepção do historico e reformista, para auxiliarem o governo na sua marcha de progressivos melhoramentos para o paiz, são estes dois nucleos, compostos de ambiciosos e desordeiros, que tratam, na imprensa, e no parlamento, de pôr embargos á desafogada acção e energia governativa, deslustrando os principios monarchico e constitucional, dos quaes se dizem strenuos defensores. Mal vae ao paiz e ao rei com taes defensores, e muito peior iria ao povo se elles fossem ao poder. Conhece-os, porém, o povo, e avalia as suas virtudes descabelladas e insultuosas contra o rei e contra o governo, como teve ensejo de avaliar os seus actos, quando no poder.

—Na quarta feira não houve numero na camara dos deputados para esta poder funccionar. São já duas sessões perdidas. Por iniciativa de um deputado reformista, accordou-se em abrir a sessão á uma hora da tarde, porem, poucas vezes esta deliberação tem sido levada a effeito. E a falta nota-se sempre no grupo dos deputados adversos ao governo. Depois accusam o presidente de manter a resolução da camara e o governo de se furtar á discussão, quando são elles os principaes motores de não haver numero legal á hora prescripta, porque não comparecem. É sempre a mesma lealdade.

—Devo saber que o projecto de resposta ao discurso da corôa não deu margem á discussão, e que foi votado em ambas as casas do parlamento. Na camara dos deputados, o sr. Braamcamp, em nome do seu partido, disse que se reservava para mais tarde discutir a marcha governativa, *mas que era para sentir que os differentes ramos de administração publica tenham sido tão descurados por parte do governo*. É mais um acto de lealdade da parte da opposição, e por aqui se pode aferir tudo o que ella disser na camara e na imprensa.

—A questão dos julgados é a arma com que a opposição pretende ferir o governo. Não o conseguirá, porque a iniciativa partiu de um membro do partido historico, quando no governo, e o actual ministro da justiça unicamente deu execução ao decreto que o seu antecessor havia referendado. Nesta questão nota-se a *coherencia* dos adversarios do governo.

—Na proxima semana entra em discussão na camara electiva o projecto de lei, pelo qual são extinctos os logares de juiz eleito e de sub-delegado do procurador regio.

E' auctorisado o governo a fazer uma nova divisão dos julgados; a crear novas comarcas onde ellas tiverem actualmente mais de 9:000 fogos, ou onde um quarto da população ficar a mais de 15 kilometros da cabeça da comarca, e a alterar a actual classificação das comarcas. Não excederá a 30 o numero das novas comarcas. Para a divisão e circumscripção destes serão ouvidas as camaras municipaes. Aos juizes ordinarios competem todas as attribuições que pela legislação em vigor pertencem aos juizes eleitos, o julgamento de todas as causas sobre o movel ou damnos até 10$000 reis, e as diligencias que lhes forem delegadas pelos juizes de direito. Cada juiz ordinario terá um escrivão e um official de diligencias. Em cada julgado será creado um tabellião privativo de notas. Os actuaes escrivães de fazenda, que forem deslocados, são os que tem preferencia para escrivães de juizes de direito das novas comarcas, para escrivães dos novos julgados, e para tabelliães de notas dos julgados supprimidos.

—Continua em scena o *Elogio mutuo*, e Santos a fazer *salamaleks*. Foi hontem o beneficio de Antonio Pedro, com o drama o *Paralytico*, que agradou.

—Sahiram hoje do lazareto 24 passageiros que vieram do Brazil no paquete *Pano*.

Mais nada.

P. J. Conceição.

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor.

Rogo-lhe o obsequio da correspondencia que segue, ser publicada no seu jornal.

Francisco Henriques de Sousa Secco.

Devo uma muito importante e justa explicação ao publico, para satisfação delle e dos meus amigos; e em desaffronta da verdade obscurecida. Vou fazel-a, porque ella é imperiosa e indeclinavel, por mim e por elles.

Por vezes e com certa insistencia, tenho ouvido a muito respeitaveis cavalheiros das minhas relações, e aos meus amigos, fallando-me verdadeiramente impressionados, com magoa da inesperada e desagradavel dissenção que abriu campo á infinita serie de successivos pleitos, da parte de meu irmão o sr. Dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, para comigo; sustentar elle, affirmando, que sou eu unicamente, o culpado de se não ter posto remate a tudo, por meio d'uma composição, a que sempre me tenho opposto.

E' simplesmente falsa, e artificiosa para illudir a boa fé dos que acreditam uma semilhante *affirmativa* e asserção. Não passa ella de ser um verdadeiro ardil, como tantos, empregados incessantemente para desviar de si toda a inteira responsabilidade que lhe carrega, nas desgraçadas contendas, infundadas, que nos desuniram; e concitar contra mim innocente, os odios e o injusto estigma do publico, por este e semelhantes outros meios de *propaganda*, que se tem feito lavrar e correr.

Mas não seja eu; sejam os factos e a voz auctorisada e irrefutavel de cavalheiros respeitabilissimos, que façam o justo e merecido desmentido. Ouçamol-os.

Em 31 de Dezembro de 1871, dia festival em familia, pelo facto importante que nelle se assignalava; reunidos na minha casa e quinta da Ponte em Antuzede, alguns cavalheiros meus amigos e communmente de meu irmão; entre os quaes, os exm.os srs. visconde de Taveiro—conselheiros Antonio Pequito Seixas d'Andrade e Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo—Drs. Lourenço d'Almeida—Joaquim de Gouveia Beltrão—Padua e Oliveira—Vieira de Campos—Maximiano de Freitas—e Cruz Freire—; aproveitando o bom ensejo que julgavam; foram, e eu condescendi da melhor vontade aos seus nobres e louvaveis intuitos, em os acompanhar á casa e quinta, alli proximo, de meu irmão.

Os desejos da paz que a todos animavam, foram substituidos por acerbos desgostos e desconsideração que soffreram. Meu irmão, inabalavel ás maiores e mais justas instancias de composição da paz, a todos e tudo repelliu; e a pacificação que se solicitava, não poude ser conseguida, e apenas illudida com vãs promessas, feitas com o reservado pensamento de nunca se cumprirem, como se verá.

Posteriormente, constituidos em arbitros de composição, o mesmo sr. Dr. Lourenço de

---

mou processo, no qual mostrou grande interesse o bispo de Leon, para o prompto castigo dos que se mostraram reus, prescindindo-se dos termos e formalidades forenses ordinarias.

Espartero, depois de ameaçar com alguns movimentos ao seu contrario, deixou a 3 de Setembro o seu quartel general, e com o estado maior se dirigiu a Lodosa, em cujas immediações se achava acantonado o exercito. Intentou Maroto surprehender a ponte de Lodosa e uma brigada de Buerens; porem evitam-no as tropas liberaes e cede no mesmo momento.

Acampou Espartero no dia 4 em Artajona, e celebrou no dia 5 um conselho de generaes para accordar no que se devia fazer sobre o sitio de Estella. Resolveram desistir delle, não por se considerar impossivel o ataque a esta praça, mas pelas forças que os carlistas aragonezes, lisonjeados com o seu triumpho em Morella, de que a seu tempo fallaremos, enviavam a Castella, para estender a guerra na retaguarda do conde, crendo-o occupado com a conquista daquella praça.

Esta ameaça exigia a principal attenção do exercito liberal; devia marchar ao seu encontro, e ao volver triumphante, como esperava, atacar a Estella. Assim o manifestava a allocução, que no mesmo Artajona dirigiu o general em chefe aos seus soldados no dia 8. A divisão Hoyos havia-se no entretanto aproximado a Estella, praticando um reconhecimento.

Achava-se Maroto naquelle centro do carlismo, cujas fortificações augmentou e melhorou. Alem disso armou dois batalhões de voluntarios realistas, e destinou o brigadeiro Carmona com 5 batalhões ao valle de Solana; em Allo collocou dois esquadrões e outros dois em Villatuerta; em Cirauqui, Mañeru, e Artaza, 4 baterias, e no forte de Santa Barbara de Mañeru, para sua guarnição e defeza, quatro companhias de infanteria e uma de artilheria. Os valles de Echauri e Yerri eram defendidos por 12 batalhões.

Maroto situou o seu quartel general em Lorca e esperou aos seus inimigos, cujo chefe regressou no dia 12 a Logroño, com a artilheria, pernoitando as demais tropas em Fuenmayor, Navarrete e suas immediações.

Alaix e Ezpeleta, que havia ficado na Navarra com poucas forças, não poderam impedir aos carlistas que passassem o Arga a 19 de Setembro, invadindo o valle de Igarbe; mas nem por isso permittiu Alaix que se assenhoreassem deste ponto; correu a elle desde Artajona á frente da primeira divisão, encaminhou-se para Obanos e seguiu avançando e levando em retirada aos carlistas. Ainda que superiores em numero, cederam estes o campo de Legarda com grandes perdas; porém refizeram-se de prompto, e se empenhou um obstinado combate, retirando-se para as cumeadas do Perdon, para proteger a passagem das bagagens da ponte sobre o Arga.

Magnificas eram as posições dos carlistas e extraordinario o interesse e o empenho dos liberaes por batel-os nellas e occupal-as; e já que não poderam impedir que se salvassem as azemolas e a cavallaria, conduziu Alaix as suas tropas ás faldas do Perdon. Valeroso foi o ataque, e a elle correspondeu a resistencia, que augmentou os perigos. O regimento de Saragoça, guiado pelo seu coronel Bayona, pelejava valente, sem o fazer voltar as costas o mortifero fogo que dizimava as suas fileiras, e que não lhe permittia chegar ao ponto que se propoz Alaix. Corre este a pôr-se á sua frente; avança temerario, e uma descarga á queima roupa deixa estendidos uma multidão de soldados e chefes, incluso o coronel, que saiu ferido gravemente; e o mesmo Alaix recebe tres balas que o lançam do cavallo.

A perda do chefe desalenta sempre o soldado: julgam-no morto, e o assombro e a confusão se introduzem nas fileiras; corre o regimento de Saragoça a refugiar-se na reserva; aqui se devia ter refeito, porém estava inutilisado o regimento de Almansa, amedrontado o de Soria que commandava Ezpeleta, e se declaram vencidos.

A dispersão foi completa, e completo tambem o triumpho dos carlistas; e a não se ter desenvolvido em batalha o primeiro batalhão de S. Fernando, guiado pelo seu valente coronel Casero, que conteve algum tanto o inimigo, sustentando a retirada, toda a divisão de Alaix teria sido destruida, porque era grande a desordem que nella reinava. Não contribuiu menos a cavallaria, que apoiada pelo anterior batalhão, carregou algumas vezes o victorioso contrario, e conseguiu salvar o já perdido Ezpeleta.

Os carlistas fizeram-se dignos deste triumpho pela bisarria com que se bateram, especialmente a infanteria, pois a cavallaria não correspondeu ao que della se esperava. Occasião houve em que o capitão D. Domingos Dulce, com 15 lanceiros e um trombeta, carregou e conteve a um esquadrão que commandava o coronel carlista Ortigosa, fazendo com que os seus cavallos não voltassem a apresentar-se senão á altura da infanteria, a medir a arma branca com os seus contrarios.

Ainda, porém, não estava concluida a acção: o batalhão de S. Fernando, que sustentava a retirada, aventurou-se demasiado, e o mortifero fogo dos seus inimigos apenas deixou soldados que commandar ao seu chefe Casero e ao commandante Quesada, os quaes formaram com a cavallaria, e carregaram repetidas vezes, batendo-se como soldados os que haviam cumprido o seu dever como chefes. Propunham-se salvar o resto da infanteria e estimulavam com o seu exemplo aos soldados de outra arma. De alguns chefes e officiaes não ficou muito satisfeita a tropa.

Os liberaes tiveram uns 200 mortos, 300 prisioneiros, cuja relação publicou o periodico carlista, e consideravel numero de feridos, perdendo tres carroças, grande numero de cavallos, e umas 800 espingardas pertencentes na sua maior parte ao regimento de Soria, que não se empenhou na acção.

A perda dos carlistas não excedeu a 200 baixas, sendo sensivel a do brigadeiro Echevarria, chefe da cavallaria. Ganharam toda a força moral que perderam os seus inimigos, os quaes com o seu chefe Alaix e o coronel Bayona, gravemente feridos, se refugiaram em Puente la Reina.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

Almeida, tendo por dignos e benemeritos companheiros os exm.os srs. Dr. Fernandes Vaz e Heitor de Macedo; previamente munidos dos *poderes mais plenos*, de *carta branca* mesmo, que lhes conferi de palavra, ratificada por escripto, que lhes passei, para melhor tractarem e conseguirem composição; tendo para tão justo fim, repetido as suas conferencias com meu irmão, e seu advogado Chaves, pela Paschoa de 1872, e posteriormente (nenhuma comigo: bastava-lhes, e dispensava-os a largueza dos *plenos poderes* dados); tudo o que poderam conseguir, foi a resposta para remate, que o mesmo sr. Dr. Lourenço, em nome dos seus honrados collegas, tambem teve para me dar; que nada se havia podido conseguir, a troco mesmo de concessões com prejuizo para mim, uma vez que se conseguisse a composição, porque não podiam acceder, nem subscrever a condições, que meu irmão exigia, *humilhantes e vexatorias* para mim !!!

Aquellas promessas pois foram fallazes, e todas as esperanças de paz, tinham fenecido ahi.

Não obstante, posteriormente ainda, pela Paschoa de 1873, de propria iniciativa, e movido dos mais nobres intuitos que se radicam nos sentimentos de boa amizade; nova tentativa de composição é encetada pelo nosso commum amigo, o exm.o sr. Antonio de Vasconcellos Pereira Coutinho de Macedo, benemerito juiz da Relação de Lisboa; sem que lhe servisse d'embaraço, o aviso de muitos, de que nada poderia conseguir da parte de meu irmão, que não querendo composição de forma nenhuma, inculcava querel-a, deixando sempre *porta aberta para lhe fugir*.

Da minha parte, sem reserva nem condições algumas, o auctorisei com aquelles mesmos *plenos poderes e absolutos*, e *carta branca*, passados em cartas que lhe dirigi, e hade possuir. Mas foram infructiferas todas as suas maiores e mais afanosas diligencias e meios. Qando, illudido, soppunha haver conseguido o accordo de meu irmão para uma arbitragem, para a qual este respeitavel cavalheiro e amigo, havia escolhido, como juizes nella, os exm.os srs. Dr. Macedo, juiz do civel do Porto; Dr. Ferraz de Pontes, juiz na Figueira da Foz; e Dr. Pereira de Carvalho, em Soure; e só esperava que elle lhe designasse dia e local em que se fizesse o *compromisso*, por forma authentica que o ligasse e obrigasse, só poude achar remate ao negocio, com a *retractação* epistolar de meu irmão, que assim foge á composição !!!

Por ultimo, não ha ainda muito, uma nova tentativa é começada pela iniciativa de um respeitavel cavalheiro amigo meu, o virtuoso ecclesiastico, arcediago na collegiada de Guimarães, exm.o sr. Gaspar Pereira Peixoto de Queiroz, egualmente munido d'aquelles mesmos *plenos e absolutos poderes*, que lhe conferi expontaneo, apenas me propoz e se offereceu cavalheirosamente a propor composição por meio d'arbitros.

Depois de muitos e costumados rodeios de illusorios *entretens*; sempre com os fallazes desejos de paz, da parte de meu irmão; o mais que poude obter, foi o desengano, que antes, já tinham tido todos aquelles nobres e respeitaveis cavalheiros; e realisado o prognostico que desde logo lhe fiz, levado dos antecedentes.

Poderia produzir provas de todos estes factos, que conservo bem archivadas; mas supprimo-as, e tanto mais, o nome e auctoridade de tão respeitabilissimos cavalheiros, cujo testemunho invoco.

Dada a minha promettida explicação, ainda vou fazer outra. Empenho nella a minha palavra de homem de bem, que me prezo.

Se meu irmão deseja e quer a composição, embora a contradicção pelos factos; seja franco, como eu o tenho sido: não lhe ponha peias, a troco de conseguir confirmadas as suas pretensões pelas reservas e condições que costuma. Sem nada disto, para não ficar juiz e parte ao mesmo tempo, *accorde* em que escolhamos arbitros: ou, melhor, que elles sejam tirados á sorte, d'entre todos os benemeritos juizes dos tribunaes superiores do paiz; ou, escolhidos por qualquer, ou por cada um dos seus respeitaveis presidentes. Façamos esse compromisso, que nos hade ennobrecer; e eu empenho desde já a minha palavra, por esta solemne declaração; e obrigo-me a cumpril-a inteiramente, e a estar pela decisão, sem recurso, de tão illustrados como competentes arbitros, julgadores.

Espero, e ouviremos a resposta, que é aqui indeclinavel pelo homem que se preza; mas clara, franca, sem tergiversações, nem rodeios.

Assim o exigem os deveres da honra, do que póde justificar o seu proceder de justo, e segundo os dictames da sua pura consciencia.

Thomar 20 de Janeiro de 1874.

Francisco Henriques de Sousa Secco.

NOTICIARIO

Notavel coincidencia. — A Universidade de Coimbra festejou em 1872 o centesimo anniversario da sua reforma, effectuada pelo marquez de Pombal em 1772; e exactamente no mesmo anno de 1872 festejou a Academia Real da Belgica o centesimo anniversario da sua fundação.

Temos presentes dois grossos volumes, impressos na cidade de Bruxellas no anno de 1872, com o titulo de — *Académie Royale de Belgique. Centième anniversaire de fondation* (1772-1872); onde vem publicadas as memorias e noticias acerca desta commemoração.

A imperatriz Maria Theresa, tendo conhecimento, como se exprimem as cartas patentes da erecção da referida Academia, do estado da Sociedade litteraria de Bruxellas, que, com a sua approvação se tinha fundado em 1769 naquella cidade, e crendo que, para satisfazer completamente o fim deste estabelecimento, seria conveniente de lhe dar uma fórma legal, *érigea et instituа*, por cartas patentes de 16 de Dezembro de 1772, a Sociedade litteraria em corpo permanente, sob o titulo de Academia imperial e real das sciencias e bellas letras de Bruxellas.

A 16 de Dezembro de 1872 expirava, pois, o centesimo anniversario desta fundação, que se póde considerar como um dos mais importantes beneficios com que a imperatriz Maria Theresa dotou aquelle paiz.

A Academia desejosa de prestar homenagem á memoria desta illustre princeza, propunha-se celebrar na referida data o seu anniversario secular; mas sendo o mez de Dezembro uma epocha pouco favoravel para permittir aos estrangeiros, que a Companhia desejava ver assistir ás suas festas, o sairem dos seus paizes; fixou a solemnidade, depois de ter consultado os desejos do rei Leopoldo II, seu protector actual, na quarta feira 28 e quinta feira 29 do mez de Maio de 1872.

Desde 1869 se occupou a Academia nos preparativos para esta festa, que foi magnifica.

As actas desta sociedade, assim como os discursos proferidos nas duas sessões, formaram uma publicação com o titulo de — *Livro commemorativo*.

Esta obra contém, além d'isto, a historia muito desenvolvida dos trabalhos de cada classe, sobretudo no que respeita aos membros fallecidos. Os trabalhos academicos dos membros ainda vivos foram o objecto de uma simples enumeração.

A historia dos trabalhos academicos foi feita da maneira a mais desenvolvida. A este respeito deixou-se a maior liberdade aos commissarios relatores.

Do mesmo modo que a Universidade de Coimbra, tambem a Academia Real da Belgica fez cunhar uma medalha por occasião do centenario.

Decidiu que esta medalha e o *Livro commemorativo* fossem distribuidos a todos os sabios e sociedades scientificas, tanto do paiz, como do estrangeiro, que adherissem, ou tomassem parte na solemnidade, assim como ás personagens que assistissem á festa.

No anverso da medalha commemorativa se reproduziu a effigie da imperatriz Maria Theresa, fundadora da Companhia, gravada por Duvivier, no seculo passado, para a medalha de concurso da antiga Academia. No reverso gravou-se uma inscripção em latim, recordando que a Academia fôra fundada pela mencionada imperatriz, restabelecida em 1816 pelo rei Guilherme I, e reorganisada e completada em 1845, pelo rei Leopoldo I.

— **Effeitos da pena de excommunhão.** — O senado da camara de Coimbra, na sua sessão de 5 de Fevereiro de 1779, suspendeu a Manoel Velho Leitão, do cargo de almotacé da limpeza da cidade, em razão de se achar incurso em excommunhão maior reservada á sé apostolica, de que até ahi não havia recorrido para a sua absolvição; estando egualmente condemnado por sentença do juizo ecclesiastico desta cidade, com multas pecuniarias, em dois annos de degredo para o bispado de Portalegre, e outros dois annos de degredo para o bispado de Leiria, por ter sido convencido de má lingua e pouco temente a Deus.

Pelos mesmos motivos foi o referido Manoel Velho Leitão suspenso do cargo de cirurgião de partido desta cidade; acrescendo a falta de cumprimento de seus deveres, não acudindo com promptidão aos doentes como era sua obrigação; e afastando-se de curar os pobres.

O cirurgião de partido tinha então reis 40$000 de ordenado.

— **A cabeça do infeliz Victorio, e os capellães da Misericordia.** — Quando a irmandade da Santa Casa da Misericordia foi no dia 15 de Maio de 1829 ao largo de Samsão, para assistir ao arrancamento da cabeça do desgraçado Victorio Telles de Medeiros e Vasconcellos, do pinheiro onde havia sido pregada; acompanhando-a depois para a egreja de S. Thiago, onde foi enterrada; praticaram os capellães da Santa Casa um acto de rebeldia, o qual provocou da parte da mesa o seguinte procedimento:

«Aos 31 de Maio de 1829, em mésa a que presidia o illm.o sr. Dr. José Joaquim da Motta Sequeira, escrivão servindo de provedor, com os mais irmãos da mesa, definidores abaixo assignados; ahi foi proposto o facto praticado pelos capellães da casa no enterramento da cabeça de um penitenciado por crime de rebellião, que a irmandade fez no dia 15 do corrente, pois que saindo os capellães incorporados com a irmandade com a sua cruz alçada, logo que chegaram a S. Thiago, depois do officio da sepultura, largaram a corporação, e foi necessario serem chamados para acompanharem a irmandade para esta capella, e muito depois deste aviso, feito até pelo dito sr. provedor, deixaram de acompanhar o enterramento os reverendos Manoel do Rosario Pereira da Paz e José Lourenço dos Santos; e que era necessario tomar providencias sobre este objecto.

Deliberou-se por pluralidade absoluta de votos, que fossem despedidos os dois que faltaram, e os outros fossem chamados á mesa para ahi serem reprehendidos da transgressão da sua obrigação naquelle acto, visto terem-se portado com tal escandalo, que até deixaram na egreja de S. Thiago a cruz e tochas com que tinham sahido desta Santa Casa.»

— **Fr. Thomé de Faria** — Os *Lusiadas* de Camões foram traduzidos em latim pelo bispo de Targa, Fr. Thomé de Faria, sendo a impressão feita em Lisboa em 1622 na imprensa de *Gerardi de Vinea*.

O que é, porem, para extranhar, e até digno da mais aspera censura, é que o tal traductor occultasse cuidadosamente o nome de Luiz de Camões em toda a edição!

O titulo é o seguinte: — *Lusiadem libri decem. Authore domino Fratre Thoma de Faria, Episcopo Targensi, Regisque consiliario, Ordinis Virginis Mariae de Monte Carmeli, Doctore Theologo, Vlyssiponensi.*

E não foi só Fr. Thomé de Faria que teve este procedimento. O censor da traducção praticou o mesmo, parecendo da censura que se trata de uma obra original, e não de uma traducção dos *Lusiadas!*

O parecer para a impressão é o seguinte:

«Vi esta historia do descobrimento da India em verso, não tem cousa que encontre nossa santa fé ou bons costumes; antes he poesia que pode ajudar nos humanistas, pelo que pode imprimirse. Lixboa nesta casa de S. Roque da Companhia de JESV 6 de Ianeiro de 1622. D. Iorge Cabral.»

Do auctor do poema, o principe dos poetas portuguezes, Luiz de Camões, nem uma unica palavra!

Até desta má fé foi victima o infeliz poeta!

Lausperenne. — O exm.o sr. bispo conde deliberou que haja no primeiro domingo de cada mez, *Lausperenne*, na sua capella episcopal de S. João d'Almedina, onde está a irmandade dos Clerigos; começando já no primeiro domingo de Fevereiro. Toda a despeza é feita á custa de s. ex.a.

O illustre prelado esmera-se sempre em promover o culto religioso. Oxalá que em todas as dioceses o possam e queiram imitar.

Bibliotheca da Associação dos Artistas. — Tem ultimamente havido muita actividade na factura das estantes para a bibliotheca da Associação dos Artistas desta cidade. Tanto mais folgamos em dizer isto, quanto nos temos por muitas vezes queixado amargamente, da indolencia daquella sociedade em um objecto em que está empenhado o seu pundonor.

As estantes ficam collocadas ao fundo do salão, e são de madeira de choupo, platano e cedro. Deve ficar uma obra digna de tão magestosa casa.

Espera-se que se possa festejar a inauguração da bibliotheca, no fim do mez de Fevereiro.

Bem hajam todas as pessoas que para isso concorrerem.

Deposito de agua — Anda-se construindo, por iniciativa do sr. Fernandes Thomaz, um grande deposito para agua no pavimento inferior da Universidade, por baixo da via latina. Serão alli recolhidas as aguas da chuva que cahir na grande area dos telhados da Universidade, e servirão para regar os arbustos e flores do grande pateo. Em caso de incendio no bairro alto poderá servir tambem de grande utilidade aquelle deposito.

A' caridade publica. — No becco da Carqueja, n.o 8, 1.o andar, acha-se entrevado de pés e mãos, um pobre artista, por nome João Primo Antonio de Almeida. A sua situação é a mais deploravel.

As pessoas caridosas farão uma boa acção, mandando-o soccorrer com o que poderem e fôr da sua vontade.

Despachos. — O presbytero Antonio Joaquim Rodrigues de Andrade, parocho collado na egreja de S. João Baptista do Seixo de Gatões, do bispado de Coimbra; foi apresentado na egreja parochial de S. Mamede de Quiaios, no concelho da Figueira da Foz.

Selecta da infancia. — No *Diario do Governo* de 12 do corrente, vem na relação dos livros que continuam a ser adoptados para a instrucção primaria, a *Selecta da infancia*.

No logar competente damos o indice das materias que contém este baratissimo livro, o qual muito recommendamos aos srs. professores, e mais pessoas que tem gerencia nas escholas de instrucção primaria.

João Sanches de Baena — O nosso prezado amigo o sr. Innocencio Francisco da Silva, enviou-nos um exemplar da seguinte publicação, que muito agradecemos:

João Sanches de Baena. Mais um nome para ser inscripto no cathalogo dos restauradores da independencia de Portugal em 1640. *Memoria escripta em* 1868 *e inserta no volume XI do Archivo Pittoresco, por Innocencio Francisco da Silva. Agora de novo impressa e seguida de noticias historico-biographicas relativas á familia Sanches de Baena, firmadas em documentos authenticos, ou no testimunho de escriptores de merecido credito.*

Scenas de Lisboa. — Fomos obsequiados com um exemplar das *Scenas de Lisboa, por D. Thomaz de Mello*. Esta recente publicação tem tido muito boa aceitação na capital.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Alcançam a 21 os jornaes hespanhoes.

Não trazem novidades importantes.

O *Imparcial* em um dos artigos que tem escripto a respeito da guerra civil, censurando as operações dos carlistas no Norte diz: quanto mais não tem feito Santes no Oriente da Hespanha?

Effectivamente este chefe está dando, ao que parece, mais cuidado ao governo do que os que commandam no Norte.

Moriones continua concentrando-se em Miranda. Os officiaes d'este exercito, se sa-

berem que iam ser incorporados n'elle os dois batalhões de Mendigorria e Iberia, manifestaram respeitosamente o seu desgosto e a disposição em que estavam de entregar as suas espadas.

O general Moriones mandou ordem para os officiaes, sargentos e cabos ficarem em Pancorbo e que só continuassem a marcha os soldados, que foram distribuidos por varios corpos.

Roubo e prisão.—Pedem-nos a publicação do seguinte:

«No dia 6 de Dezembro ultimo, foram recebidas na Foz do Dão pelo commissario, Sebastião Pereira Ferreira, algumas pipas de vinho de embarque, para depois seguirem seu destino. Mandou-as descarregar na praia d'aquelle porto, onde já estavam mais de trezentas, que pertenciam a differentes pessoas.

Aconteceu que no dia 7, por 9 horas da noute, andando o mesmo commissario a vigiar as pipas, foi encontrar dois ladrões a roubar o vinho d'uma d'ellas, por uma abertura que lhe tinham feito: os quaes logo que sentiram gente se evadiram, deixando a pipa a vasar; verificando-se depois que lhe faltavam 5 almudes.

O commissario, vendo escapar-lhe os ladrões, foi dar parte ao regedor da freguezia de Ovoa, o qual tão acertadas providencias deu, que foram logo capturados, e entregues ao poder judicial.

É digno de louvor o sr. commissario, Sebastião Pereira, pelo seu zelo e solicitude nas commissões que lhe são confiadas; e não menos o honram as diligencias que empregou para, com o auxilio do activo regedor, conseguir a captura dos criminosos.

Oxalá que as auctoridades superiores, a quem já deve ser patente este facto, façam triumphar a acção da justiça, para que não fique impune um crime que se está repetindo todos os dias, com grave prejuizo dos vinhos exportados, e descredito para o nosso paiz.»

ANNUNCIOS

ANTONIO VEIGA

A entrada da rua das Solas, n.º 4 e 6

1 TEM á venda chapeus de seda baratos, e BIXAS francezas. Declara que fica ministrando as mesmas BIXAS aos socios da associação dos artistas, por assim o deliberar a direcção da mesma sociedade, em 10 de Janeiro de 1874.

AGRADECIMENTO

2 FELICIDADE A. DE CARVALHO, seus filhos e suas cunhadas, agradecem por este meio, em quanto o não fazem pessoalmente, ás pessoas que acompanharam até á ultima morada o corpo de sua chorada sogra, avó e mãe, Theresa Justina Duarte de Carvalho.

3 COMPRA-SE uma maquina para alfaiate, na rua Direita, n.º 18.

4 NO DIA 29 do presente mez, pelo meio dia, nos paços deste concelho, ha-de dar-se de arrematação, se o preço convier, o rendimento dos impostos municipaes indirectos da freguezia de Antanhol, desde o 1.º de Fevereiro até 30 de Junho do corrente anno.

As condições serão presentes no acto da praça.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 24 de Janeiro de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

5 JOAQUIM DE CASTRO SILVA CARDOSO, lecciona em sua casa, rua do Visconde da Luz, n.º 27, instrucção primaria e francez, por preços commodos. Responsabilisa-se pelo aproveitamento das pessoas que lhe forem confiadas.

Aviso aos recrutas

6 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra ao sr. João de Aveiro; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

STEARINA

Em pacotes de 4, 5 e 6 velas.

7 VENDE-SE a 140 rs. cada pacote. Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga,

51—Sophia—55

Casa d'azulejo

DOCTOR IN ABSENTIA

8 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

9 EDIÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e do rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria—23, Rua de Quebra-Costas, 28.

ARREMATAÇÃO

10 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Arganil, faz publico, que no dia 1.º de Fevereiro, nos paços do concelho da villa de Arganil, terá logar, se o preço convier, a arrematação da construcção do cemiterio da mesma villa.

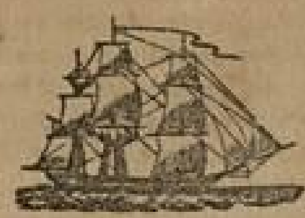
As condições estarão patentes no acto da arrematação.

Arganil, 20 de Janeiro de 1874.

O presidente da camara,
Antonino Augusto Freire Ribeiro de Campos.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

A nova barca MARGARIDA, em 31 do corrente.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

12 TODAS AS PESSOAS que quizerem tomar de aforamento para edificar casas, o terreno que medeia entre as casas do exm.º conselheiro José Ernesto de Carvalho e Rego, e as escadas do quinchorro, na rua da Alegria; e na Couraça de Lisboa, desde a descida do mesmo quinchorro até ao quintal do exm.º sr. José de Moura, pode dirigir-se á rua da Alegria, n.º 55, aonde estarão patentes as condições.

13 FRANCISCO CORREA LOPES tem em Buarcos, para vender, ou alugar, um orgão novo de bonito formato, e facilimo transporte, porque se divide em dois corpos: tem a afinação em tom natural, para tocar acompanhamentos com instrumental, sem transportar a musica. Quem o pretender póde dirigir-se ao annunciante pessoalmente em Buarcos, ou em carta para a Figueira da Foz.

ATTENÇÃO

14 EM ANÇÃ, villa muito populosa nas proximidades de Coimbra, e ligada por uma estrada real á estação do caminho de ferro da mesma cidade, rica em todos os ramos de agricultura, abundante em mattas e pedreiras, notavel pela abundancia de aguas, as quaes fazem mover simultaneamente cinco engenhos de fazer farinha, existe um novo e vasto edificio de 27 janellas, com dois andares, e grande extensão de terreno contiguo, correndo junto do edificio toda aquella porção d'agua, e em condições as mais apropriadas para uma fabrica de lanificios ou de qualquer outro genero de industria.

O seu proprietario, João Marques de Almeida Araujo Pinto, residente em Coimbra, recebe propostas para arrendamento, venda ou aforamento.

EDITAL

15 A CAMARA MUNICIPAL deste concelho de Coimbra, faz saber que, no dia 5 do proximo mez de Fevereiro, hão-de ter começo nos paços deste concelho, pelas 11 horas da manhã, as operações do recenseamento dos mancebos para o recrutamento do corrente anno, na conformidade das disposições das leis de 27 de Julho de 1855; 4 de Junho de 1859 e 1 de Julho de 1862. E que as referidas operações hão de continuar com relação a todas as freguezias do concelho, nos dias abaixo designados:

5—Vil de Mattos—Brasfemes e Torre—Lamarosa—Almalaguez.

7—S. Martinho d'Arvore—S. Silvestre—Botão—Souzellas.

9—Ameal—Arzilla—Cioga do Campo.

12—Sernache—Antanhol—Antuzede.

14—Assafarge—Castello Viegas—Ceira.

19—Eiras—S. Paulo de Frades—Taveiro.

21—Trouxemil—S. Martinho do Bispo—Ribeira de Frades.

24—Santo Antonio dos Olivaes—Santa Clara—Sé Nova—Sé Velha.

26—S. Bartholomeu—Santa Cruz.

E para o devido conhecimento de todos se passou o presente e outros.

Coimbra, secretaria da municipalidade, 22 de Janeiro de 1874.

O presidente da camara,
Fernando A. de Mello.

16 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Sernache, concelho de Coimbra, faz publico, que no dia 8 do proximo mez de Fevereiro, pelas 2 horas da tarde, á porta da egreja parochial, se hade arrematar em praça publica, a quem por menos o fizer, a obra da reedificação da mesma egreja, conforme os apontamentos, que serão patentes no mesmo acto, convindo o lanço á mesma junta.

Sernache, 21 de Janeiro de 1874.

O presidente,
Joaquim Antonio Pereira Maduro.

D. THOMAZ DE MELLO

Scenas de Lisboa

Um volume com uma bonita capa, e duas gravuras de Bordalo Pinheiro.—Preço 600 rs.

Livraria Academica

183—Rua da Calçada—185

SELECTA

DA INFANCIA

COORDENADA

POR

Antonio Maria Seabra d'Albuquerque

Approvada para uso das escholas primarias em sessão da Junta consultiva de Instrucção Publica de 1 de Junho de 1870.

18 ADVERTENCIA:—•Armas de Portugal:—Apologia da nação portugueza:—•Portugal velho:—•Portugal novo:—Descripção da Europa, Limites, Russia do norte, Suecia, Duas Allemanhas, Austria, Turquia, Grecia, Italia, França, Hespanha, Portugal, (verso):—A corôa real portugueza:—Obrigação do bom portuguez:—O que fomos:—D. João II e Pero de Mello:—•D. João da Gama, um naufragio:—O desterrado:—Derrota do rei de Calecut:—Catharina Lopes, heroina portugueza:—Amor da patria do infante santo:—Os pequeninos.

Fidelidade de Egas Moniz:—Fidelidade de Egas Moniz cantada por Camões, (verso):—Fidelidade de Egas Moniz pelo sr. Castilho:—O senhor D. Sancho II:—A caridade:—O rio cajari:—O estudo:—•O pastorinho e o arcebispo:—•O carnaval:—•A cinza:—O homem pó:—Cinza, (verso):—A alma humana:—•A arvore e o homem.

•Excellencia da agricultura:—Louvores do viver campestre, (verso):—A tarde, (verso):—O estudo:—•A eschola real de Mafra:—O crespusculo, (verso).

•O christianismo:—•A Conceição de Maria, (verso):—Historia do dogma da Conceição:—Annunciação da Senhora.

O amazonas, (verso):—Gratidão, hymno, (verso):—Peste de 1415:—•Recordação, (verso):—O oceano, (verso):—Felicitação dos estudantes de Coimbra a el-rei D. Pedro V:—Resposta de el-rei:—Coimbra, (verso).

•Excellencia do parocho:—Quadros biblicos, a creação, o diluvio, a sahida da arca:—A Santa Maria Magdalena, (verso).

•A terra:—A razão:—•O mar:—As formigas, (verso).

•D. Vasco da Gama:—D. Vasco da Gama, pelo sr. Mendes Leal:—•Affonso de Albuquerque:—•Luiz de Camões:—A Camões, (verso).

A origem das chuvas, (verso):—A fidalguia:—A cigarra e a formiga, apologo:—Cintra, (verso):—O imperador D. Pedro II:—Filho e mãe, (verso).

Vinte e uma maximas e pensamentos moraes.

Todos os artigos com este signal • tem gravuras.

Vende-se em todas as lojas de livros de Lisboa, Porto e Coimbra.

Preço—200 reis.

NUMERO 2766 — TERÇA FEIRA 27 DE JANEIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do
Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Alem da questão dos julgados, questão eterna, e de que a politica adversa ao gabinete, não quer dar de mão, sem deixar bem em relevo a deslealdade da sua argumentação, a incoherencia das suas ideias, e o erro deploravel das suas contradicções; a opposição veiu novamente a publico com o seu impertinente devaneio de politica revolucionaria, apresentando ás côrtes o seu projecto para a reforma da Carta Constitucional.

Esta proposta, cuja iniciativa pertence ao sr. Francisco Mendes, teve a terceira leitura, e foi rejeitada como era de esperar, em votação nominal, por 52 votos contra 27.

Todos os espiritos sensatos, amigos da ordem e da liberdade, vêem na lei fundamental do paiz, os principios indispensaveis á boa organisação do estado: a fiel execução dos preceitos constitucionaes, assegura-nos a liberdade perante todos os poderes, e confirma-nos as vantagens do governo monarchico-representativo; forma em que o povo portuguez, tem firmado as crenças, e confirmado as suas ideias.

Repugnam a este bom povo as theorias exaltadas dos modernos utopistas, as quaes, na pratica, não tem produzido, como a triste experiencia revela, as vantagens que esses idealistas ahi apregoam; mas que nem o bom senso publico, nem a indole portugueza aceita, como regimen de boas praticas governativas.

Queremos o progresso em todas as manifestações sociaes, e nas instituições do estado; não podemos ser averbados de suspeitos nesta questão: somos apologistas sinceros do grande principio da liberdade, que é origem de toda a civilisação e progresso. E é por isso mesmo que não desejamos ver confundir os preceitos da sã doutrina liberal, que ahi se encontram consignados em grande parte do codigo fundamental, com as ideias subversivas, que por erro, ou calculo, os partidos opposicionistas tem querido propagar.

Quem conhece os tristes expedientes de que a opposição se tem servido, na imprensa, na tribuna, e nos clubs; quem tem visto a versatilidade de opiniões, de que são dotados alguns dos seus mais notaveis membros, não pode crer na justiça, nem tão pouco na seriedade das suas intenções.

Póde a necessidade do estado, e mesmo o espirito do seculo, pedir tal ou qual reforma em as nossas instituições politicas; mas não é com o espirito faccioso das opposições acintosas, que se póde tratar objecto tão melindroso.

ANARCHIA EM COIMBRA

No dia 4 de Maio do anno passado, a morte de um estudante da Universidade, em resultado das chamadas *troças*, causou viva impressão não só em Coimbra, mas em todo o reino.

Muitos academicos vieram logo á imprensa protestar contra esse barbaro costume, e terminavam o seu protesto dizendo:

Alguma policia e alguma memoria, e essa tradicção desapparecerá. A dignidade humana offendida faz cadaveres.

Lembre-se disto a academia, e lembrem-se os poderes publicos.

Pois enganaram-se: ninguem mais se *lembrou* desse acontecimento, nem de impedir a sua renovação.

A *memoria* desappareceu de todo; as *auctoridades*, principalmente as superiores, dormem o somno do justo, vendo impassiveis os factos que por ahi se praticam; e a *academia*... não dizemos bem, alguns discolos, envergonham pelo seu indignissimo procedimento a classe a que pertencem.

De noute são as ruas da cidade, expecialmente no bairro alto, percorridas por bandos de turbulentos, que insultam e perseguem quem encontram, fazendo ao mesmo tempo uma algazarra infernal. Parece a renovação da calamitosa epocha de 1838 a 1841 em Coimbra!

No sabbado á noute, um estudante, victima desta desenfreada anarchia, lá foi conduzido para o hospital com o braço direito despedaçado! Querendo fugir aos desordeiros, caiu em um patim da rua de Quebra Costas, e tão desastradamente, que partiu o braço!

Os magotes dos discolos percorrem as ruas com as capas pelas cabeças, para não serem conhecidos nos seus maleficios; e nenhuma das auctoridades se importa com isso.

E' esta a situação em que se acha Coimbra!

Saiba-o o parlamento, o governo, a imprensa periodica, e todo o paiz.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 26 de Janeiro de 1874.

Mais uma vez foi dormir o somno dos justos o projecto para a reforma da carta, elaborado pelo sr. Latino Coelho, e apresentado á camara pelo sr. Francisco Mendes. E digo-lhe *mais uma vez*, porque este projecto resuscitou da sessão passada. Lazaro podre, á voz dos reformistas, que pretendem a todo o transe reformar a Carta, quando ha tantos assumptos mais momentosos de que tratar: 52 votos contra 27 atiraram com o pobre para o limbo do esquecimento. *Requiescat in pace.*

—Nas camaras nada se tem passado digno de menção. Conversa e mais conversa, a defeza de interesses pessoaes e de campanario. Hontem na camara electiva o sr. Rodrigues de Freitas perguntou ao sr. ministro das obras publicas, quaes os esforços que s. ex.ª tem empregado a fim de compellir a companhia do caminho de ferro do norte, a con-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXXI

D. CARLOS

LXXXI

Ao mesmo tempo que uns carlistas conseguiam este triumpho, passavam outros o Ebro, entravam a 20 de Setembro de 1838 em Arnedo, apoderavam-se de alguns soldados, e de refens, para responder por uma enorme contribuição que impozeram; marcharam logo por Ansejo a Alcanadre, onde tambem apresaram um destacamento do provincial de Soria e muito gado, e a 21 voltaram á margem esquerda, com o seu rico despojo e os tropheus da sua correria. Outra columna saiu no dia 23 da Bardena, e repetiu o espectaculo dado tres dias antes em Arnedo.

A situação do general Ezpeleta se fez critica em extremo. D. Manoel de la Concha teria querido aventurar o seu regimento para um passo de salvação, porém havia seis dias que estava enfermo, penosamente seguia á sua frente, e não se atrevia a confiar essa empreza do commandante.

Estas correrias as evitou Espartero, reforçando a sua direita, para o que destacou a D. Diogo Leon com a cavallaria e a artilheria da legião ingleza.

Maroto e Espartero observavam-se no entanto, mutuamente; e em quanto o segundo regressava a Logronho, o fazia o primeiro a Durango, e aproximava os batalhões a Arrigoriaga e a Bilbau pela esquerda do rio Nervion.

O chefe liberal, sem mais força disponivel que 14 batalhões, fez adeantar a Ribero com 9 da guarda real do seu commando, até ás immediações de Villarcayo, ficando com 5 em Pancorbo, Cubo e povos intermedios, para acudir aonde a necessidade mais imperiosa o exigisse; complicando-se a cada momento a sua situação pelos resultados que obtinha Carrion em Sahagun, dirigindo-se ás provincias Vascongadas, aonde marchava tambem Merino pelo Brujula. E como a sua cavallaria era inferior em numero á dos carlistas, reunindo-se-lhes nas Encartaciones, Carrion, Balmaseda e Merino, não podia mandar nenhuma columna para os perseguir, nem á expedição que temia Espartero emprehendessem juntos.

Aggregava-se a isto o desastre e ferida de Alaix, e as instantes e desconsoladoras communicações que recebia da Rivera, e supplicava ao governo lhe enviasse rapidamente o exercito de reserva, segundo o tinha prevenido, porque já não eram sufficientes as forças que com tanta solicitude pedira; e se assim o não fazia sem dilação, não duvidava seriam fataes as consequencias.

Reuniu-se o conselho de ministros e se resolveu que Narvaez, com as duas terças partes do corpo de reserva, marchasse immediatamente a encarregar-se do districto e capitania geral de Castella a Velha, e Colubi de segundo cabo; que com o resto da reserva e as tropas da Estremadura, fosse Nogueras á Mancha a continuar a obra de Narvaez; que Mendez Vigo organisasse em Cordova e Jaen uma nova reserva; que se requisitassem em toda a Hespanha cavallos para a remonta dos corpos, e se destinassem convenientemente os depositos; que interinamente se utilisassem todos os homens e cavallos existentes na Castella a Nova, e se excitasse o zelo e patriotismo das auctoridades das provincias para conservar a tranquillidade, pela qual começava a temer, segundo os avisos que recebia o governo.

Ribero movia no entanto a sua gente com acerto, e occupava no dia 21 de Setembro o valle de Valdivieso, em relação ás suas operações com as de Balmaseda e Merino, obrando tambem de accordo Castañeda naquelle terreno, passo de retirada para Merino, o qual se havia arrojado das serras e pinhaes de Castella.

Elevado Alaix ao ministerio da guerra, o substituiu no vice-reinado da Navarra D. Diogo Leon, que inextinguivel no seu peito a chamma do enthusiasmo, e ancioso de gloria, saiu a 30 do referido mez de Setembro de Tafalla, tomou o commando das tropas que se punham ás suas ordens, deu-lhes rações para tres dias e marchou em busca de seu constante inimigo, que occupava jactancioso a Legarda, Obanos, Muruzabal e outras partes. Ao amanhecer de 2 de Outubro já estava deante delle, atacou-o nas suas posições, arrojou-o dellas e o fez passar o Arga.

Espartero entretanto obrigou a Balmaseda a que, ao passar o Ebro perto de Espejo, fosse atacado por um movimento combinado entre o conde e Castañeda.

Espartero, depois de perseguir a Balmaseda, na sua entrada nas provincias Vascongadas, estabeleceu o seu quartel general em Logroño, e o chefe carlista Maroto estabeleceu-se em Estella.

No ultimo mez do anno de 1838 volta

struir a ponte sobre o Douro. O sr. deputado lamentou, e com razão, que negocio tão grave e tão momentoso para o paiz, não tenha merecido a attenção do governo.

—Na proxima terça feira entra em discussão o projecto que cria novas comarcas. Com relação a este assumpto, e depois de algumas considerações apaixonadas, como sempre, diz um jornal reformista de hoje:

«Crescerá a immoralidade, augmentará o esphacelo que vae corroendo o corpo social, como succede durante a gerencia dos governos conservadores, que apenas conservam todos os vicios das instituições se lhes podem aproveitar, e que fazem consistir a suprema ventura das nações na prosperidade material, sem se preoccuparem com a reformação moral.»

Isto é bem dito. O peior é que elles nem conservadores souberam ser quando estiveram no poder. Foram iconoclastas.

—Acha-se em Lisboa o sr. Diogo de Macedo, distincto agronomo do districto do Porto, que vem solicitar do governo permissão para o estabelecimento de uma quinta modelo na serra do Pilar. Para este estabelecimento precisa-se 12:000$000 reis, e diz-se que contribuirá com uma parte a iniciativa local, concorrendo o governo com a quantia restante.

—Foi favoravel o parecer que a junta consultiva de obras publicas deu á pretensão dos concessionarios do caminho de ferro americano d'essa cidade. A junta entendeu que se lhes devia fazer a concessão do ramal que elles pretendem estabelecer na estrada da Beira.

—Foi arrematado por 37:750$000 reis o palacio e quinta das Laranjeiras, que pertenceu ao fallecido conde de Farrobo. O arrematante foi o duque de Abrantes y Liñares.

—Continua o conselho de guerra no castello de S. Jorge. Este julgamento já se vae assemelhando a um folhetim de Rocambole, interminavel, estupendo, sem peripecias que prendam a attenção do... leitor. Quando terminará?

—Vamos ter no dia 7 do proximo Fevereiro uma festa artistica de um actor sympathico, e que o publico conimbricense tem festejado, por vezes no seu esplendido e natural talento. Referimo-nos ao beneficio do distincto actor Pinto de Campos, no theatro do Gymnasio. Para a noite do seu beneficio entrou em ensaios a comedia-drama em 3 actos, original do sr. Baptista Machado: «*Longe da vista*...»; a comedia em 1 acto, traduzida do verso hespanhol para bellas estrophes portuguezas, pelo sr. Maximiliano de Azevedo, o «*Pae da patria*», e da comedia em 1 acto «*Creanceiras*», traduzida pelo sr. Annaya, e que foi em tempo representada no Principe Real com o titulo «*Felizes zelosos*», pelo actor Rossi e Casalini.

A escolha de espectaculo é magnifica, e Pinto de Campos, cada vez mais aprimorado no estudo, e despretencioso até á exaggeração, ha de, estamos certos, conquistar na noite do seu beneficio os applausos e as demonstrações de estima a que só o merito e o talento cultivado têem jus.

—Hontem foi o beneficio da distincta actriz Maria das Dores. A sala estava litteralmente occupada. Levou a *Orphã de Afdoar*, uma comedia do sr. Rangel de Lima, *Ao calar da lua*, *A dama do Lago*, e aquella intitulada cançoneta, que só Taborda sabe representar, intitulada «*O meu amigo Banana*.»

O desempenho por parte da beneficiada foi excellente. Pinto de Campos e João Rosa houveram-se á altura dos papeis que lhe foram distribuidos, e contribuiram immenso para o bom desempenho das comedias. Não nos agradou porem o actor Paiz, sempre o mesmo, monotono, frio, cantando, arrastando a phrase; mais se assemelhava ao padre prior de uma freguezia rural, pregando sermão moral ás ovelhas desgarradas, do que um libertino querendo incutir aos outros o que havia desprezado. Pela estancia. É pena, que, se estudasse, poderia vir a ser um vulto. Emilia dos Anjos, Joaquim de Almeida, Jesuina e Leopoldo, concorreram no *ensemble* para abrilhantar a noute de festa da sympathica Maria das Dores.

Não faremos aqui a analyse da *Orphã*. Não é destituida de merito, apesar de se basear em factos triviaes. Tem scenas de effeito, agradando sobremodo o final do segundo acto.

—Acha-se restabelecido o sr. Teixeira de Vasconcellos, e já vimos s. ex.ª hontem na camara, de que é distincto membro. Dei-lhe a noticia da sua enfermidade, cumpre dar aqui tambem o agradecimento que s. ex.ª enviou a diversos jornaes do paiz, e que hontem alguns jornaes d'aqui publicaram. É o seguinte:

«Já convalescente da grave enfermidade que me accommetteu no dia 3 deste mez de Janeiro, cumpro hoje a obrigação de testemunhar em publico o meu agradecimento pelos obsequios e attenções de que mais particular e continuadamente fui objecto durante o periodo da molestia.

«Tem direito á maxima gratidão da minha parte o sr. conselheiro Antonio Maria Barbosa, que desde a primeira hora da doença acudiu a combatel-a com energia, dedicação e affecto superiores a quanto possa imaginar-se, e não descançou até me ver em convalescença formal e segura. A tão extremoso amigo aperto ambas as mãos com profundo reconhecimento.

«Na ausencia da minha familia, o meu amigo Francisco Serra, e os outros redactores do *Jornal da Noite* repartiram entre si, com fraternal carinho, o cuidado de dirigirem e vigiarem o tratamento. Foi incansavel a sua zelosa pontualidade. Della me ficará grata lembrança até ao fim da vida.

«Visitou-me com amigavel frequencia o meu bom amigo Thomaz de Carvalho, a cuja incansavel solicitude serei eternamente agradecido. E tantas outras pessoas me cercaram o leito, e vieram amoravelmente offerecer-se para cuidarem de mim, que seria muito longa a lista, e sempre ordenada com receio de esquecer involuntariamente algum nome. Recebam todos, em quanto não vou pessoalmente agradecer-lhes, esta sincera manifestação do reconhecimento em que lhes estou.

«Os meus prezados collegas da imprensa da capital e das provincias mencionaram com sentimento de leal fraternidade o meu padecer e as melhoras que a Deus aprouve conceder-me. Deram-me nessa obsequiosa benevolencia intensissima consolação. Agradeço-lhes commovido tanta bondade, e rogo-lhes ainda o favor de mandarem transcrever esta minha affectuosa homenagem aos que tanto me favoreceram e honraram.

«Contrahi em poucos dias largas dividas de gratidão, para pagar as quaes já é curto o tempo de vida que me pode restar, porém até dar o ultimo alento conservarei vivissima a lembrança de tão assignaladas mercês.

«Lisboa, 7, rua da Paz, 23 de Janeiro de 1874.—*A. A. Teixeira de Vasconcellos.*»

—Termino esta dando-lhe noticia da apprehensão de uma *roleta a vapor*. Estava estabelecida na travessa da Palha, onde antehontem foi o sr. commissario e diversos policias, prendendo 7 jogadores, o director da roleta, 50$000 rs. em dinheiro, a machina, espheras e varios objectos numerados. Foi tudo para o Carmo. O programma, assignado pelo sr. Ramon Peradal, diz: «*Gran invencion del juego al vapor para jogar legalmente.*» Effectivamente diz-se que se perdia a vapor, e que se ganhava... a remos.

Foi pena que a policia partisse o belico aquella machina, que promettia aperfeiçoar o roubo mais descarado de que ha memoria! Veja o meu amigo até que ponto chega o engenho do homem!

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

Foram uteis; e, no caso affirmativo, são ainda necessarias, as congregações religiosas nas possessões portuguezas?— A esta grave pergunta respondem:

SIM—o sr. D. José de Lacerda, no seu excellente livro—*Exame das viagens do doutor Livingstone.*

NÃO—o sr. marquez de Sá da Bandeira, na sua recente e interessantissima publicação—*O trabalho rural Africano e a administração colonial.*

Já ha tempo demos conhecimento da opinião do sr. D. José de Lacerda. Agora vamos transcrever o que a esse respeito diz o sr. marquez de Sá da Bandeira:

«E' preciso que haja um numero sufficiente de ecclesiasticos indigenas para as parochias e para missões do interior de Angola. São estes que, sabendo a lingua do paiz, podem entender-se com os habitantes. Encarregar as missões a clerigos que não conhecem a lingua d'aquelles a quem tem de pregar, é um contra-senso.

Em alguns relatorios de missionarios europeus, ignorantes da lingua do paiz em que deviam funccionar, que, dos portos maritimos, haviam ido aos sertões, lê-se que elles baptisaram centos de negros. Suppor, porem, que estes indigenas foram convertidos ao christianismo, seria uma illusão.

Temos nas nossas colonias a experiencia de seculos, que mostra que esta ignorancia fôra uma das razões porque nellas foi tão limitado, em relação á população, o progresso do christianismo.

Na India portugueza havia, no anno de 1808, 293:000 habitantes, sendo christãos 170:000 e gentios ou musulmanos 123:000; com quanto lá tivessem existido, durante seculos, diversas congregações religiosas, e que a inquisição de Goa, houvesse feito muitos autos de fé, nos quaes foram queimados vivos numerosos individuos.

No anno de 1823 existiam em Goa sete conventos de homens e tres de mulheres que recebiam subsidios do estado. Havia tambem o arcebispo e um cabido numeroso, dois seminarios e muitos padres seculares, e, apesar d'isso, nenhuma parte da população, que não tinha sido convertida ao christianismo. Nesse anno o seu numero era de 270:000 almas, e destas 170:000 eram christãs, das quaes 500 ou 600 europeas ou seus descendentes. E o mesquinho numero desta ultima classe foi, sem duvida, um dos resultados das instituições monasticas, sendo clausuradas as mulheres que deviam concorrer para o augmento da raça europea na India.

Na Africa oriental portugueza, onde os jesuitas e os dominicanos possuiram boas propriedades e tiveram missões, e onde funccionaram muitos frades, mandados da India, a população está, com pouca differença, no mesmo estado de paganismo em que fôra achada por Vasco da Gama. E não consta que uma só escola fosse estabelecida alli por aquelles padres para o ensino dos habitantes.

Em Angola e no Congo varias missões de frades, subsidiadas pelo estado, existiram durante seculos. Apesar disso, a grande massa de povoação da provincia não é christã.

Já no tempo do governador Ayres de Saldanha (1676 a 1680) os jesuitas haviam abandonada as missões que tinham no interior da colonia, retirando-se para o seu collegio de Loanda. Elles possuiam muitas propriedades ruraes, e faziam um grande commercio; e preparando uma vez um navio para ir com carga de negros para o Brasil, elle não deu licença para isso; mas foi-lhes concedida pelo successor do mesmo governador.

Nos archivos da secretaria da marinha e ultramar existem numerosas queixas, feitas pelos governadores da India, de Moçambique e de Angola, contra o irregular e escandaloso procedimento de muitos membros das congregações religiosas e de seus chefes, e pedindo providencias ao governo para que isto se evitasse.

As passagens abaixo transcriptas servirão para esclarecer esta parte da nossa historia colonial.

Com uma carta do principe D. Pedro, regente do reino, escripta em 29 de Março de 1669, e dirigida ao vice-rei da India, de quem dependia então a capitania de Moçambique, foi remettida uma informação relativa aos Rios do Cuama (hoje Zambezia), na qual se pedia que para lá fossem clerigos seculares, para substituirem os religiosos de S. Domingos, que serviam de vigarios das parochias; e acerca dos quaes dizia a informação o seguinte:

«Como não tem n'aquelles rios prelado, é cousa grande o que obram, em ordem a levarem riqueza, que toda sae dos vassallos, com mau modo, excommungando-os sem causa, e nenhum sae que não leve 20, 30, 40 e 50 mil pardáos com que compram quintas na (India) que logram em sua vida, e por sua morte ficam á religião; e vae nisto muita quantidade de dinheiro que se tira dos vassallos, que como filhos da Igreja lhes tem muito respeito, e deixam levar sem remedio; sendo que só não deixam avexar dos ministros de el-rei quando se lhes quer fazer vexame»

Em 1758 o secretario d'estado Diogo de Mendonça Côrte Real, escrevendo acerca dos missionarios de Moçambique, dizia: «Sua Magestade sabe perfeitamente, com sensibilissimo pezar da sua real piedade, que elles tem degenerado em uns meros e illicitos contratadores.»

Alguns governadores desta colonia queixavam-se ao governo de que os missionarios não tratavam de alcançar almas para Deus, mas tão somente de commerciar, abusando da propria auctoridade sacerdotal. E Pedro de Saldanha, que governou a colonia primeiramente em 1758, e depois em 1782, asseverava que elles vendiam armas, polvora e bala aos cafres macuas, inimigos do estado.

O ministro Martinho de Mello e Castro, em data de 25 de Janeiro de 1783, escrevia ao bispo de Cochim, que então governava a diocese de Goa, e ordenava-lhe que, usando dos poderes que lhe dava o concilio de Trento, procedesse á reforma dos religiosos franciscanos; e terminava o seu officio, pelo seguinte modo: «E quando as forças de v. ex.ª, fortificadas com as reaes ordens, não bastem para mudar os individuos dessas provincias, de monstros que actualmente são, em religiosos que devem ser, perdidas todas as esperanças de remedio, cuidará Sua Magestade em promover a extincção das referidas ordens na India, porque é melhor acabal-as, que consentir-lhes o escandalo de que estão servindo aos christãos e gentios do Oriente.»

O capitão general Sebastião Xavier Botelho (1824-1829) dizia: «Os parochos das villas da Africa oriental costumam ser ignorantes e de vida depravada, não havendo nelles senão cobiça e desenfreamento de paixões». E fallando da villa de Inhambane, expressava-se assim: «Podemos bem dizer que por aqui não ha christandade senão no nome. Estes parochos missionarios nem doutrinam, nem prégam, por serem tão ignorantes como os seus freguezes. Quizeramos que estes parochos não viessem para as missões joeirados d'entre os mais ignorantes e devassos dos claustros.»

Na Africa occidental succedia o mesmo; e um capitão general de Angola pedia ao governo que adoptasse medidas para que os prelados dos conventos não escolhessem para missionar os frades que tinham nos carceres por incorregiveis.

Em Junho de 1779 o ministro Martinho de Mello dizia ao capitão general desta colonia, que no tempo do reinado dos Filippes foram para o Congo missionarios portuguezes de maus costumes e perniciosos exemplos, e que escandalisados os congos se levantaram. E que para Angola eram mandados os frades que se tiravam dos carceres dos conventos ou do aljube.

Não deve pois admirar que as colonias africanas chegassem ao estado deploravel em que se achavam antes da reforma constitucional, sendo governadas despoticamente, existindo nellas o estado de escravidão, sendo o trafico da escravatura a sua principal industria, e tendo frades missionarios dotados das qualidades acima mencionadas.

E quanto á India, escrevia no anno de 1823 o já citado juiz da relação de Goa, o seguinte: «Uma poderosa causa da decadencia da India foi o fanatismo religioso e a inquisição. Mogoles, arabes, persas, armenios, judeus e muitos indios desertaram das terras portuguezas. Outra causa era que os governadores succediam-se tão rapidamente, que pouco podiam fazer; e succedia que era desmanchado pelo successor o que justamente havia sido ordenado; o poder destes foi sempre absoluto e despotico. A sua vontade era toda a regra. Qualquer leve desagrado que incorria um individuo, lhe fazia acabar ou abreviar a vida em Timor, ou na fortaleza de Murmugão. Finalmente a conquista de Portugal por Filippe II, deu o golpe mortal á grandeza dos portuguezes na Asia.»

. . . .

Como ainda ha quem julgue necessarias as congregações religiosas nas nossas colonias, parece-me conveniente transcrever aqui alguns excerptos de documentos officiaes, que se referem ao procedimento que em Goa tiveram aquellas congregações.

O vice-rei da India, conde de Linhares, escrevendo a el-rei de Portugal, em 10 de Outubro de 1632, dizia: «Que um frei Diogo de Santa Anna fizera entrar no convento de Santa Monica (de Goa) mais de um cento de mulheres com grandes dotes, pelo que se juntara a cidade e grande numero de povo, e lhe fizeram (a elle vice-rei) apertadas instancias para que isto não fosse avante»; e acrescenta:

«Não posso deixar de dizer a Vossa Magestade que se o procedimento de frei Diogo vae por diante como até agora foi, em pouco virá a ser tudo de freiras... que o dito frade dá dinheiro, a responder na terra, sem risco, a 10 por cento, que em pouco mais de sete annos dobra... que só se trata de recolher (no convento) as mulheres ricas, que podiam casar com maridos que tivessem com que servir a Vossa Magestade.»

O vice-rei, conde de Villa Verde, em carta dirigida a el-rei em 5 de Outubro de 1694, narrava os escandalos praticados em Goa pelos frades. E em 21 do mesmo mez e anno, refere-se ás bulhas que, durante o governo do seu antecessor, houvera entre os frades agostinhos e dominicos; e a outras, entre os franciscanos, causadas por um seu provincial, religioso, sem respeito algum ao tribunal da corôa de Sua Magestade; e conclue pela fórma seguinte:

«Senhor. Os frades na India são mui absolutos... Todo um viso-rei não basta só para entender com as inquietações dos frades, como que se não tivera outra cousa a governar na India... e carece esta materia de remedio efficaz e mais activo; que, quanto a valer-se da jurisdicção e auctoridade do arcebispo, como lhe são isentos, é para elles materia de zombaria.»

O mesmo vice-rei escrevia a el-rei, em 15 de Novembro do dito anno, e dava parte de uma desordem que occorrera no convento dos franciscanos por causa de eleições, saindo d'alli dezesete frades armados com bacamartes, pistolas e catanas, com o fim de se não eleger certo frade para provincial; e dizia que elle mandara o ouvidor para os prender, e que o não quizeram receber; «que então fizera chegar uma galeota ás paredes do convento e assestar-lhe a artilheria, e que então os frades expozeram o Sacramento em uma das janellas; que depois mandara uma peça de artilheria para a portaria, e só então os frades abriram as portas e foram presos». E termina dizendo:

«Affirmo a Vossa Magestade que o maior trabalho que aqui tem os vice-reis é com os frades; e sendo-me necessaria toda a attenção para as materias politicas do governo, os frades me perturbam de sorte que para elles só, todo o tempo não basta.» E queixava-se a el-rei da indolencia dos frades na India.

O que fica referido acerca do procedimento na Africa e na India, dos individuos pertencentes ás congregações monasticas, é sufficiente para se apreciar a inconveniencia que haveria se elles, por ventura, fossem readmittidos nas colonias portuguezas, onde não são necessarios, como o mostra o facto de se acharem as numerosas missões da India situadas nos territorios portuguezes e britannicos, servidas por ecclesiasticos seculares, procedentes dos seminarios diocesanos do real padroado.»

Club Conimbricense. — Procedeu-se no domingo á eleição da direcção do Club Conimbricense, a qual ficou composta dos seguintes srs.:

Presidente
Dr. Luiz Albano de Andrade
Vice-presidente
Dr. João José d'Antas Souto Rodrigues
Directores
Dr. Raymundo da Silva Motta
Acacio de Carvalho Fontes
Antonio Maria de Senna
Augusto Salema
Secretarios
Adelino Antonio das Neves
José Miguel d'Abreu
Thesoureiro
Antonio José Alves Borges.

Conferencia —No proximo sabbado fará uma conferencia no salão do Instituto o sr. José Frederico Laranjo, estudante do 4.º anno de Direito. O assumpto que escolheu para a sua conferencia é o seguinte: —*As origens do socialismo moderno são—o pantheysmo philosophico da Allemanha, as doutrinas politicas da revolução franceza, o systema dos physiocratas, o direito civil, e o direito commercial.*

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Anna Carolina, filha de José de Mello e de Anna Maria de Sant'Anna, natural de Coimbra, de 36 annos, fallecida no dia 18 de Janeiro.

Theresa Justina Carvalho, filha de Manoel Correia e de Luiza Bernarda, natural da Assafarge, de 83 annos, fallecida no dia 18.

Joanna Margarida, natural de Coimbra, de 72 annos, fallecida no dia 18.

Francisco Bento da Silva Carvalho, filho de José Bento da Silva e de Rosa Carvalha, natural de Gouvea, de 22 annos, fallecido no dia 18.

Maria Emilia, natural de Vizeu, de 50 annos, fallecida no dia 18.

Antonio José Fernandes, filho de José Fernandes e de Josepha Maria, natural de Coimbra, de 50 annos, fallecido no dia 20.

Luiza Maria Ventura, filha de Ventura José Ribeiro e de Francisca Maria, natural de Coimbra, de 64 annos, fallecida no dia 20.

José Ferreira Monteiro, filho de Luiz Francisco Monteiro e de Maria Theresa, natural do concelho de Poiares, de 22 annos, fallecido no dia 21.

José Francisco de Jesus, filho de Manoel Francisco de Jesus e de Maria Theresa de Jesus, natural da Vimieira, freguezia de Casal Comba, de 65 annos, fallecido no dia 23.

José Joaquim Coelho Porto, filho de Antonio José Coelho, natural de Coimbra, de 64 annos, fallecido no dia 24.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:326.

Melhoras. — O nosso amigo o sr. bacharel Augusto Cesar Cortez, tem soffrido uma grave e prolongada doença. Felizmente acha-se já em principio de convalescença, com o que muito folgamos.

Suffragios. —Hontem celebrou-se uma missa na capella do Asylo da infancia desta cidade, mandada dizer pela direcção do mesmo Asylo, pela alma de S. M a imperatriz do Brasil; assistindo a direcção e os asylados.

Portugalete —As noticias de Hespanha dão a tomada de Portugalete pelos carlistas. É facto grave, porque esta praça é a chave de Bilbau, á entrada do rio Nervion.

Em todos os tres famosos cercos que os carlistas pozeram a Bilbau, durante a guerra dos 7 annos, não só nunca a poderam tomar, mas nem a Portugalete.

Quando em Dezembro de 1836 estavam os bilbainos soffrendo um rigorosissimo sitio, de que os veiu salvar Espartero, em a noite de Natal; servia de limitivo aos sitiados o poderem communicar-se para Portugalete, pelo telegrapho que tinham no alto de Maravilla. Hoje, com a tomada de Portugalete, estão completamente incommunicaveis.

Por exemplo, no dia 9 de Dezembro de 1836 participavam os bilbainos para Portugalete:

—«A junta de armamento espera que o general em chefe não deixe perecer a Bilbau, á vista do exercito do norte e da reserva.»

Resposta de Portugalete—«O general em chefe participa, que ámanhã salva Bilbau, ou perece.»

Não havia porém possibilidade de executar a promessa, com o furioso temporal d'agua, que impedia todo o movimento. No dia 11, diziam mais de Bilbau:

—«Faltam viveres e polvora; a guarnição desalenta; a povoação soffre muito: os inimigos conduzem artilheria contra Bilbau: Bilbau precisa prompto soccorro, muito prompto, ou perece».

Resposta de Portugalete—«Ámanhã o exercito do norte e de reserva com muita artilheria atacará Burceña e Gruces».

Assim iam sendo entretidos os bilbainos. Finalmente no dia 24 de Dezembro, depois de inauditos esforços, poude Espartero salvar Bilbau.

Succederá agora o mesmo; ou terá esta heroica praça de se entregar?

Mercado de Coimbra no dia 23.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 520 — Dito branco 500 — Dito Celorico meudo 600 — Dito graudo 520 —Milho branco 310 — Dito amarello 305 — Feijão vermelho 480 — Dito branco da marinha 470—Dito da terra 420 — Dito rajado 380—Dito frade 330 —Centeio 500—Cevada 260 —Favas 320—Chicharos 260 — Tremoços 240—Grão de bico 480—Batatas 240 - Azeite 1$350 —Vinho da Beira 700 — Dito do Bairro 530—Dito da Bairrada 800.

Diario de Noticias.—O nosso prezado collega do *Diario de Noticias* obsequiou-nos com um exemplar do *Brinde* que costuma annualmente distribuir pelos seus numerosos assignantes. Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Noticias de Hespanha —Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Alcançam a 24 os jornaes hespanhoes.

Pouco importantes são as noticias que nos dão, a não ser a da tomada de Portugalete, que já o telegrapho nos communicara.

Este facto causou profunda impressão em Bilbau, porque alli se suppunha que, havendo marinha, nunca Portugalete poderia perder-se.

Capitulou porem depois de seis mezes de uma defeza heroica, e depois de ter queimado o ultimo cartucho. Foram as forças de Dorregaray que obtiveram este importante resultado.

Moriones pediu a demissão por lhe não mandarem reforços; não lha acceitaram, e prometteram-lhe dez mil homens. Fallava-se porem em que seria substituido pelo general Pavia.

Diz o *Diario Espanol* que em Cartagena

Leon a medir as suas armas com os carlistas. Espiando uma opportunidade em que o fizesse com vantagem, ou antes, desejoso de combater, veiu-se em direcção aos Arcos desde Carcar e Andosilla, cuja marcha mandou impedir Maroto e ainda aventurar uma acção sem reparar no exito. Preveniu a Carmona, que occupasse a passagem de Sesma para ganhar as posições mais vantajosas e concentrar as forças de que podia dispor até este ponto, que consistiam em 8 batalhões e 3 esquadrões de lanceiros de Navarra e a cavallaria de Balmaseda e Carrion.

Depois de praticar Leon um reconhecimento na madrugada de 3 de Dezembro, mandou tomar posição á brigada da vanguarda, commandada pelo coronel D. Manoel de la Concha, sobre uma altura dominante, fazendo desfilar as demais brigadas, e situando opportunamente a divisão de cavallaria. Carregou a carlista com valente arrojo a envolver a rectaguarda liberal; avançou Leon com a sua escolta e esquadrão de caçadores, envolvendo a bateria hespanhola que commandava Salvador, em posição donde podesse conter o inimigo e dar tempo a que chegassem os dois esquadrões de granadeiros e lanceiros da guarda, que mandou adeantar; carregou com elles, brigaram todos porfiadamente, porque era tudo o valor de um e outro empregavam; o conde o valente capitão de granadeiros D. [illegible] Arlos, depois de receber duas feridas de lança, sem contar o numero dos seus contrarios, que não os contam os valentes, deu mais um tão magnifico como horrorosa carga; durou alguns minutos o encarniçado combate, e [illegible]. Obrigou-se a fazer o mesmo em outros pontos, o coronel da brigada auxiliar britannica, Lasausaye, o capitão commandante Howgrave, e o coronel commandante de lanceiros da guarda, Heiros, que teve uma morte gloriosa. Outros chefes se distinguiram tambem.

Carmona, faltando ás ordens de seu chefe, e impedindo cumprimento de outras, não se moveu da Solana, aonde ainda estava ás 11 do dia, quando devia ter occupadas as posições escolhidas antes de amanhecer. Tão punivel falta deixou em descoberto aos carlistas, que travaram a peleja com Leon, cuja cavallaria se mostrou digna da fama que tinha.

Maroto disse na sua parte, que o lado esquerdo, que cobria a cavallaria de Balmaseda, retrocedeu sem saber porque.

Ao regimento de granadeiros de cavallaria se concedeu, de real ordem, o uso do distinctivo da ordem de S. Fernando, no seu estandarte, pelo seu comportamento nesta acção; e sob proposta especial de Espartero, a grã cruz de Carlos III a Leon.

Não é facil calcular a perda de ambos os combatentes pelas respectivas partes; porem podem calcular-se em 200 as baixas de um e outro campo, inclusos 19 prisioneiros carlistas.

As tropas liberaes de Navarra ganharam neste feito de armas o ascendente moral que outros perderam. Esta alternativa da fortuna se viu em breve noutra acção em que foram pela vez vencedores os carlistas.

Para auxiliar o recrutamento dos mancebos de certa parte da esquerda do Ebro, determinada pelo general em chefe liberal, se mandou no dia 15 ao coronel D. Frederico Roncali, chefe de uma brigada, composta do regimento de infanteria de Mallorca e de algumas companhias de differentes corpos. Era o seu objecto occupar o povo intitulado a Poblacion e seus arredores, para cujo fim se ordenou sahisse de Logronho a 16 o brigadeiro D. Isidoro Hoyos, commandante geral da divisão a que pertenciam as tropas de Roncali, e o regimento de cavallaria de hussards para proteger a Hoyos. Quiz este levar alguma artilheria; porem a segurança que parece lhe deu o chefe de estado maior de não ser necessaria, por carecer de fortificação o povo, o levou a ficar em Logronho.

Depois de se haver detido Roncali a tres quartos de legua da Poblacion, recebeu a ordem de cumprir o que anteriormente se lhe haviam dado, e desalojando as guerrilhas inimigas, marchou a passo de carga sobre o povo, e se encontrou com muralhas, a cujo abrigo se defendiam os seus possuidores, occasionando consideraveis perdas aos liberaes, que á força de arrojo se apoderaram das duas primeiras casas. Quizeram proseguir avançando, e fazendo-o mais do que o regular, experimentaram sensiveis baixas.

Hoyos viu imminente a perda da columna de Roncali, e exaltada a sua alma com o fogo dos valentes, ataca á frente dos dois batalhões do regimento de Luchana, pela esquerda do povo. Uma descarga á queima roupa abriu grandes claros na sua columna e o privou da maioria dos seus ajudantes. Apoderou-se, não obstante, de varias casas; porem não podia vencer a denodada resistencia dos carlistas, bem parapeitados, e não avançou o que tencionava.

Sem artilheria não podia bater a Poblacion: sustentou-se nas posições tomadas, e á hora conveniente emprehendeu a retirada com tão boa ordem, que nem um ferido ficou em poder dos carlistas; todos foram conduzidos a Logronho. O coronel Osel, com o primeiro batalhão de Luchana protegeu a retirada, permittindo assim que as tropas volvessem aos seus acantonamentos, umas, e aonde tinham ordem de pernoitar, as outras.

Em perto de 400 homens, entre mortos e feridos, se calculou a perda que soffreram as armas da rainha, contando-se em o numero dos segundos o mesmo Roncali, com 30 companheiros mais.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

houve quem se atrevesse a dar vivas á republica federal e ao cantão murciano. Tem-se feito numerosas prisões, e diz-se que tres dos insurgentes colhidos a bordo do *Darro* soffrerão a ultima pena.

Os prisioneiros cantonaes são enviados para Cuba.

Não ha outras novidades.

Concerto. — Acha-se nesta cidade o distincto vioncelista o sr. Augusto Cesar Casela, que no domingo dará um concerto no theatro Academico, e no qual tomarão parte a cantora Elisa Rosenthale, e alguns academicos.

Associação Conimbricense do sexo feminino. — Verificou-se no dia 25 do corrente a eleição do conselho director, ficando eleitas as exm.as sr.as:

D. Maria José de Campos Ferreira
D. Julia de Sousa Fragoso
D. Maria Joanna da Silva Gamboa
D. Elysa d'Almeida Rebello
D. Esmenia Ermelinda Macedo
D. Maria Amelia Marques
D. Maria Fortunata de Jesus Pinto.

Na mesma sessão foi deliberado que se ampliassam os soccorros; ficando desde logo os facultativos auctorisados a receitar leites de burra, bixas, e aguas medicinaes.

Caminho de ferro da Beira. — Reuniram-se hontem os corpos gerentes da Associação dos Artistas desta cidade. Presidiu o sr. Olympio, o qual disse que os diversos traçados para a construcção daquelle caminho de ferro, não só se afastavam de Coimbra, mas até deixavam de percorrer um unico kilometro deste districto! Que todos os socios conheciam os graves perigos que provirian da realisação de qualquer daquelles traçados; que não havia n'isto ideia alguma de egoismo; que não se tratava de só obter commodidades para Coimbra, e sim de salvaguardar os interesses geraes do districto; não nos devendo atemorisar as influencias, que porventura protejam aquelles traçados.

Que para o caminho de ferro do norte foi outro o seu primitivo traçado; porém que o braço potente de José Estevão pegou da mão do engenheiro que o elaborara, fazendo-lhe mover a caneta a seu bel-prazer. Que não se substituiam facilmente vultos politicos como aquelle; porém que na actualidade davam-se para Coimbra as vantajosas coincidencias de estarem nos conselhos da corôa dous distinctos filhos desta terra — os srs. Serpa Pimentel e Barjona de Freitas, que tambem valiam muito politica e socialmente, e ainda a de ter sido elevado á vice-presidencia da camara electiva o deputado por este circulo — o sr. conselheiro Joaquim Gonçalves Mamede.

Com elementos taes de auxilio, com a dedicação de todas as corporações, com a cooperação da camara municipal deste concelho, d'onde deve partir o exemplo para as demais do districto, e com a da junta geral, que brevemente vae ser reunida, onde tem assento muitos homens importantes, que representam todos os concelhos, só por um invencivel infortunio deixará o districto de Coimbra de conseguir que se attenda a sua justa pretenção, fazendo-se que a nova linha ferrea tenha uma directriz que concilie os interesses geraes do paiz com os especiaes deste districto, e que são vitaes para alguns concelhos do mesmo.

Continuou o sr. Olympio expendendo as suas considerações sobre este assumpto, em que tomaram parte varios membros da Associação; sendo todos unanimes em que se fizesse a reunião da assembleia geral com a maior brevidade possivel, visto que de um momento para outro podia tornar-se urgentissimo este negocio.

A' sessão assistiram dous membros da direcção da Associação Commercial, a quem o sr. presidente dispensou todas as attenções, dando-lhes um logar de distincção, o que foi agradecido por aquelles cavalheiros.

Pelo annuncio que no logar competente inserimos, vê-se que a sessão da assemblea geral terá logar na proxima quinta feira, ás 7 horas da tarde.

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor. — Fui emprazado por um jornal para declarar se é verdade que recebi dinheiro para desistir de ser parte no crime de que fui victima em uma das noites da festa da Rainha Santa, na minha casa de hospedaria na rua do Visconde da Luz, e já por outros jornaes fui anteriormente accusado de me ter deixado subornar por dinheiro.

Declaro pois, que é completamente falso quanto se diz a este respeito; porque não recebi nem recebo dinheiro, e sómente desejo mostrar ao publico, que sustento o credito da minha casa e do meu estabelecimento, empregando todos os meios de que poder dispôr para serem castigados pela justiça os auctores do crime praticado em minha casa, e na minha pessoa e de minha mulher.

E' verdade que me offereceram dinheiro, mas eu não o quero, porque estimo mais a minha reputação, e a inviolabilidade da minha casa.

Se tem havido demora na prisão dos culpados, todos sabem quanto é infelizmente difficil prender pessoas poderosas.

E' quanto me cumpre responder por em quanto, para desaffronta do meu credito.

Coimbra, 23 de Janeiro de 1874.

José Gomes Ribeiro.

ANNUNCIOS

Associação dos Artistas de Coimbra

1 É CONVIDADA a assembleia geral desta associação para se reunir na proxima quinta feira, pelas 7 horas da tarde, a fim de deliberar sobre o modo de representar ao governo acerca da directriz do caminho de ferro da Beira.

Coimbra, 27 de Janeiro de 1874.

O presidente,
Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Monte-Pio Conimbricense

2 POR ORDEM do exm.º sr. presidente da mesa da assemblea geral, são convocados os socios do dito Monte Pio, a comparecerem na sala da Associação dos Artistas, no proximo domingo, 1.º de Fevereiro, pelas 10 horas da manhã. E' a ordem do dia: — apresentação de contas, e nomeação de commissão para a revisão das mesmas.

O secretario da mesa,
Antonio Ferraz.

STEARINA

Em pacotes de 4, 5 e 6 velas.

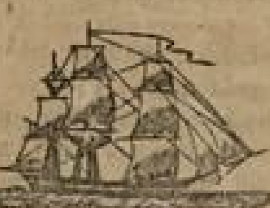
3 VENDE-SE a 140 rs. cada pacote. Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga.

54 — Sophia — 55

Casa d'azulejo

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

A nova barca MARGARIDA, em 31 do corrente.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

5 NO JUIZO de direito desta comarca, escrivão Costa, correm editos de 10 dias, pelos quaes são chamados todos os credores incertos, que porventura tenham direito á quantia de 103$950 rs., consignados em deposito, producto do espolio arrecadado e vendido a Maria Candida, moradora que foi na rua da Esperança, desta cidade, e fallecida no hospital da Universidade; para que dentro daquelle prazo apresentem suas preferencias, com a pena de lançamento, não o fazendo.

6 JOAQUIM DE CASTRO SILVA CARDOSO, lecciona em sua casa, rua do Visconde da Luz, n.º 27, instrucção primaria e francez, por preços commodos. Responsabilisa-se pelo aproveitamento das pessoas que lhe forem confiadas.

Aviso aos recrutas

7 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra ao sr. João de Aveiro; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

DOCTOR IN ABSENTIA

8 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

9 EDIÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e do rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria — 23, Rua de Quebra-Costas, 28.

COIMBRA

10 QUEM quizer comprar um bom bilhar, dirija-se á rua da Esperança, n.º 9.

11 ACHA-SE aberto concurso, por espaço de 20 dias, a contar da data do presente annuncio, para o provimento d'um logar d'amanuense da repartição technica d'obras publicas municipaes, com o ordenado annual de 150$000.

Os pretendentes ao referido logar deverão entregar os seus requerimentos n'esta secretaria durante aquelle prazo, instruidos com os seguintes documentos.

Certidão de terem completado 21 annos d'edade.

Certidão que prove terem satisfeito as prescripções do art.º 54 da lei de 27 de Julho de 1855.

Attestados de bom comportamento moral, civil e religioso.

Certidão d'exame d'instrucção primaria em qualquer lyceu do reino.

Os concorrentes poderão juntar aos seus requerimentos, alem destes documentos, quaesquer outros justificativos das suas habilitações litterarias ou scientificas; e bem assim os que provem os serviços publicos.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 26 de Janeiro de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

12 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS — 75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. — Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 1$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128. — PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto. — EVORA, Duarte; Murteira. — ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. — FIGUEIRA, Vieira. — AVEIRO, Luz e Costa. — ABRANTES, Salgueiro. — BELEM, Franco. — BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro. — MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2767 — SABBADO 31 DE JANEIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios — Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O projecto da creação das comarcas que se está discutindo na camara electiva, tem feito estontear a opposição, que, depois de demonstrar cabalmente as suas incoherencias, e de empregar a arma da intriga contra os seus adversarios, imaginando já a discordia no seio da maioria e do gabinete, ficou mais uma vez illudida nos seus tramas.

A opposição, que tinha disposto todo o seu plano de ataque contra o gabinete; que provocara suas imaginarias resistencias dos povos contra o projecto em discussão, em favor da sua politica, succumbiu mais uma vez, á fatalidade do seu destino.

O santo amor da patria, que se atteara á ultima hora no peito da opposição, extinguiu-se completamente; os homens da minoria, arrogantes e impacientes ha 8 dias, ahi estão tristes e humilhados, porque a sorte adversa trahiu mais uma vez os seus planos.

Está conhecido que a opposição não tem forças para conquistar o poder pelos meios racionaes. Falta-lhe o apoio do paiz, porque as suas ideias exaltadas e de politica facciosa, não abonam a sua conducta; recorre ao systema de alvorotar os povos, obtendo representações, que mostram unicamente a vontade dos politicos inconscientes.

De que o bem dos povos não é; na questão sujeita, o motivo que levou a opposição a combater o projecto que se discute, tem o paiz muitas provas nos act s officiaes dos proprios adversarios do governo.

Foram elles, que em 1869 deram o golpe certeiro na instituição dos juizes ordinarios; nem consta que os povos representassem por essa occasião contra semelhante medida: o que prova que as manifestações foram agora promovidas, unicamente pelos interesses partidarios.

Esta é a verdade, pondo ainda de parte a questão de contradicção e de immoralidade, que todos estes factos revelam.

Taes occorrencias são mais do que sufficientes para julgar a opposição.

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA

Publicamos hoje a representação, que a camara municipal desta cidade dirige ao governo de sua magestade, pedindo que seja adoptado o traçado do caminho de ferro, que ligando esta cidade, deve percorrer as povoações mais importantes, pela industria e pelo commercio.

Folgamos de que a illustrada vereação interpretasse por esta forma os interesses da cidade, que dignamente representa, e ainda da parte da provincia, que directamente lucra com o indicado projecto.

SENHOR!

Repetidas vezes tem a camara municipal de Coimbra representado a Vossa Magestade ácerca do caminho de ferro da Beira, um dos melhoramentos mais proficuos para o paiz e que elle ha muito tempo incessantemente reclama.

A vereação que mereceu ha pouco a honrosa confiança dos eleitores deste municipio faltaria a um dos seus primeiros deveres, se nesta occasião, proxima de se dar impulso a uma obra tão importante, não pedisse muito respeitosamente a vossa magestade, que não fique esquecida a cidade de Coimbra na directriz preferida para este meio de communicação.

A terceira cidade do reino, sêde do primeiro estabelecimento de instrucção publica do paiz, com uma população permanente superior a 18:000 almas, e centro d'um commercio interior consideravel, merecia ser contemplada n'um melhoramento tão importante, ainda que não fizesse parte, como faz, dos pontos forçados que o traçado mais applaudido e por certo o mais proveitoso tem já ha muito annunciado.

A camara de Coimbra e a muitas da provincia da Beira, que a vossa magestade tem representado no mesmo sentido, affigura-se que ninguem poderá contestar com vantagem que o traçado preferivel, attendendo ao trajecto que percorre, ás povoações importantes que beneficia e á extensão que tem a vencer até encontrar o reino visinho, é o que partindo de Coimbra segue por Miranda do Corvo, norte da Louzã, Goes, Arganil, Oliveira do Hospital, Ceia, Gouveia, poente da Guarda e Celorico.

A fertilidade do terreno por onde passa, as numerosas fabricas que, apesar da difficuldade de communicações já se acham construidas nas suas visinhanças, competindo com as estrangeiras a despeito de mil contrariedades que tem a vencer, e as muitas mais que se fariam aproveitando os motores hydraulicos que a natureza lhes faculta, compensariam de sobejo qualquer augmento de despeza que por ventura se apresente comparando este traçado com algum outro mais facil na construcção, ou mais curto no trajecto.

A agricultura e a industria desta parte da provincia da Beira não teme o confronto com outra qualquer da mesma provincia.

A camara municipal de Coimbra, em nome dos povos que representa, confiando no espirito justiceiro e illustrado de vossa magestade, ousa esperar que não serão baldados os seus pedidos e que terá mais uma vez occasião de bem dizer a regia protecção do seu monarcha.

Coimbra e paços do concelho aos 27 de Janeiro de 1874.

Fernando Augusto d'Andrade Pimentel e Mello, presidente — José Maria Pereira Coutinho — Augusto Cesar dos Santos — Francisco Maria de Quadros — Francisco Maria de Sousa Nazareth — Joaquim Alfredo Pessoa — Basilio Augusto Xavier d'Andrade.

ANARCHIA EM COIMBRA

Abaixo publicamos uma carta que nos dirigiu o nosso amigo o sr. Bernardo Rangel da Silva Mattoso, guarda mór da Universidade.

Esteja certo o sr. Mattoso, que nos não queixamos directamente dos empregados subalternos da policia academica; pois que a principal culpa não é delles.

Os desordeiros sabem por longa experiencia, que quasi sempre ficam in-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXXII

D. CARLOS

LXXXII

A posição do general em chefe carlista Maroto, era cada vez mais critica; porque alem dos infinitos motivos de desgosto que tinha entre os seus mesmos companheiros e subordinados, havia já agentes dos liberaes, não só no campo carlista, do que trataremos a seu tempo, senão no campo liberal e em França, os quaes não perdoavam occasião nem meio para ir destruindo a pouca união que reinava entre os defensores de D. Carlos, e até distinctas senhoras e senhoritas, foram lançadas como instrumento de discordia.

D. Carlos, no entanto, cria em vaticinios de freiras, e prevenia, por elles, as operações de Maroto.

Queixara-se este de que D. Estaquio Laso estivesse posto ao seu lado para o espiar, e estimular a atacar os liberaes, no que, como em tudo, via sempre Maroto horriveis fantasmas; pois ainda que se sabem as intrigas que mediavam, e a pouca nobre guerra que lhe faziam, a avultava a sua imaginação pavorosa, e agigantava as consequencias.

Regressaram ás provincias Vascongadas as forças do cura Merino, afugentadas dos pinhaes de Soria, e as seguiu o conde de Negri, voltando do Aragão com alguns officiaes e muito poucos soldados, chegando tambem entre esta comitiva D. Basilio Garcia.

Alguns destes, e Balmaseda especialmente, deram não pouco que fazer a Maroto: pois ainda tratando aquelle partidario de cubrir as suas intenções, e aparentando querer passar o Ebro, teve um encontro com os liberaes á vista de Vianna, e sem cuidar do vigente tratado de Elliot, assassinou deshumana e cruelmente a quantos se lhe renderam prisioneiros.

Reuniu Maroto os dados officiaes que acreditavam a indigna conducta do seu subalterno, e a sua desobediencia ás repetidas ordens para que se apresentasse, e os passou ao ministro da guerra, pedindo um exemplar castigo; ao que por fim accedeu D. Carlos no anno seguinte.

Ruidosa e lamentavel por demais foi esta questão, a ponto de occasionar serios conflitos.

Preso Balmaseda em Tolosa, e conduzido logo para Segura, permaneceu assim até que accedendo D. Carlos ás instancias de Maroto, lhe prometteu que os generaes Villarreal e La Torre voltariam ás fileiras, exigindo em paga da sua condescendencia, que não procedesse contra Balmaseda, e o encarregasse novamente do seu regimento de cavallaria, dizendo terminantemente, que se bem conhecia os seus defeitos, necessitava delle, porque era valente e muito affecto á sua causa.

Segundo uma memoria publicada por Maroto em sua defeza; os generaes Sanz, Garcia e demais amigos do ministro Arias Teijeiro, continuavam com o maior empenho a sua opposição á auctoridade que tanto pesava sobre elles, sem que D. Carlos por outra parte accedesse ás suas reiteradas supplicas, para que lhe permittisse pôr á frente das forças a generaes de toda a sua confiança.

Apresentara-se Balmaseda a Maroto, no seu regresso de Estella, para se encarregar do commando da sua força, e por tal motivo teve com elle uma conferencia á porta fechada, da qual resultou a explicita confissão que lhe fez, de que em nada lhe havia faltado, pois quanto havia feito foi o que em nome de D. Carlos se lhe mandara, e o executou com obediencia.

Conveiu Maroto em lhe dar o commando do seu regimento, porem não no das companhias de infanteria, porque com ellas, alguns troços das que haviam chegado de Aragão e os passados das fileiras liberaes, estava já organisando um batalhão.

Expoz-lhe isto Maroto, com outras judiciosas reflexões sobre os beneficios que esta medida devia produzir á causa carlista, pelo material augmento da sua força; porém como as miras de Balmaseda eram distinctas, e confiava na protecção que se lhe dispensava no quartel de D. Carlos, fez novas e ousadas reclamações, para que se lhe entregasse o todo das forças que antes commandava.

Esta demasia em occasião que D. Carlos se havia desentendido do offerecimento que fizera a Maroto, de enviar ao exercito a Villarreal e La Torre, o poz em transe de resolver o comparecimento de Balmaseda perante a sua auctoridade, disposto novamente a castigal-o; porém elle teve aviso, e fugiu segunda vez, acolhendo-se ao quartel de D. Carlos. Seguiram-se da parte de Maroto reclamações, e por fim conveiu o principe em que se pozesse a Balmaseda no castello de Guevara.

Continua Maroto na sua justificação, reflex-

punes; e por isso zombam e tem em nenhuma conta os empregados subordinados á auctoridade academica.

Então, com effeito, não tem havido anarchia em Coimbra! Isto é de mais!

Os factos são de tal ordem, que havendo nesta cidade 5 jornaes de differentes opiniões politicas; todos são conformes em censurar a *anarchia* que por ahi vae.

Pois andar em magotes com as cabeças cobertas; perseguir os estudantes mais novos; insultar familias com os nomes os mais obscenos; fazer as maiores algasarras, que põem em sobresalto os cidadãos pacificos, não é anarchia?

A prova mais evidente dessa anarchia, dá-a mesmo o sr. Mattoso, sem o querer, na sua carta. Diz que ninguem deu, nem tentou dar no estudante que quebrou o braço; mas que elle fugira de alguns vultos, que lhe pareceu serem estudantes, e que receou lhe fizessem *assuada*.

Em primeiro logar, não altera isso, nem n'uma virgula, o que dissemos; e em segundo, prova que tal tem sido as *troças* que por ahi tem havido, que bastou o estudante ver um grupo ao cimo da rua de Quebra Costas, para fugir apressadamente, a fim de evitar que lhe acontecesse o mesmo que constantemente, e com a maior impunidade, se tem praticado com outros muitos.

No anno passado, para o sr. reitor da Universidade acordar do seu somno lethargico, foi necessario que um estudante fosse victima da anarchia que então reinava. Neste anno, já em resultado dos permanentes insultos, contamos a quebra de um braço a um estudante; e não sabemos o mais que acontecerá até ao fim do anno lectivo.

Isto não póde continuar assim. Sobre a auctoridade academica pesa uma grave responsabilidade.

Tornamos a repetir: não nos queixamos do sr. guarda mór e dos mais empregados subalternos; queixamo-nos, e comnosco toda a cidade, de quem podendo, e devendo, lhes não da força.

Não nos arrependemos de ter posto ao nosso artigo o titulo de — *Anarchia em Coimbra*. Sentimos, pelo contrario, que o diccionario nos não fornecesse palavra ainda mais energica.

O nosso jornal tem perto de 27 annos de existencia. Nunca durante tão longo tempo recuamos perante os maiores desordeiros; e por isso não hade ser agora que elles conseguirão taparnos a boca.

Cumpra a auctoridade com o seu dever, que em logar de severas, mas justas censuras, terá da nossa parte os merecidos louvores.

Eis ahi a carta do sr. Mattoso:

Sr. Redactor.

No *Conimbricense* do dia 27 deste mez, vem, segundo me consta, um artigo, cuja epigraphe é — *Anarchia em Coimbra* — no qual se noticia um acontecimento, que teve logar no sabbado 24, pelas 7 horas da noute, pouco mais ou menos.

Fóra de Coimbra, quem ler, só, a dita epigraphe, assustar-se-ha, principalmente se trouxer estudando aqui algum parente. V. sabe muito bem que o successo teve logar simplesmente por um desastre pois que ninguem maltratou o estudante, que fugindo pela rua de Quebra Costas abaixo, — por ver ao cimo della alguns vultos, que lhe pareceu serem estudantes, e lembrando-se que poderiam fazer-lhe assuada quando elle passasse — caiu, e fracturou o braço esquerdo.

O proprio ferido me disse o que deixo exposto, na occasião em que eu tratei de colher informações do facto, e suas circumstancias, afim de dar parte do acontecido ao exm.º sr. Reitor da Universidade, o que já fiz, como me cumpria.

Em vista do que levo dito, e de não ter eu noticia de que hajam tido logar disturbios, no bairro alto, cujas ruas tenho rondado, e feito rondar, permitta-me v. que lhe diga que não posso atinar com as razões, que deram estas a epigraphe do alludido artigo, que me parece não ser bem cabida alli.

Julgo, pois, que v. foi menos bem informado com relação ao que diz sobre o assumpto de que tracta, e talvez um pouco precipitado na apreciação das medidas adoptadas para evitar, quanto possivel, factos reprehensiveis, e ainda a respeito da punição delles quando se dêem.

Pela inserção destas linhas no seu muito lido jornal lhe ficará reconhecido o

De v. att.º e obgd.º

Coimbra, 29 de Janeiro de 1874.

Bernardo Rangel da Silva Mattoso.

TRISTE COINCIDENCIA

Para ser conduzido para Vizeu o cerebro do infeliz estudante, que no anno passado foi assassinado nesta cidade por causa das *troças*, estava-se hontem a fazer um pequeno caixão de chumbo, em um patim da rua de Quebra Costas. Toda a gente que passava, horrorisava-se com a vista do cerebro do desgraçado estudante!

Agora a coincidencia está em que exactamente no mesmo patim em que se estava fazendo o caixão, foi onde no sabbado ultimo quebrou o braço outro infeliz estudante, quando fugia dos *trocistas*!

NOTICIARIO

Sciencia sem moralidade. — Muito vale a sciencia; mas ao mesmo tempo, muito desmerece ella, quando não é acompanhada da necessaria moralidade. Ahi vae um exemplo.

Em 13 de Julho de 1792 doutourou-se na faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Antonio José de Miranda e Almeida, natural de Olivença. Mereceu pelos seus conhecimentos ser logo nomeado pela congregação da Faculdade, substituto extraordinario. Em 4 de Abril de 1795 foi nomeado demonstrador de anatomia; e em 14 de Julho de 1797, substituto ordinario.

Em 4 de Maio de 1800 foi despachado physico-mór do Estado da India, exercendo ao mesmo tempo em Goa, o cargo de professor da escola de medicina que alli havia sido creada.

Foi jubilado em 19 de Fevereiro de 1816; e voltando para o reino, aqui falleceu em 1833.

Este homem, á sua sciencia, reunia uma falta de moral e de humanidade, que revoltaria o animo mais indifferente. A sua mulher, D. Marianna Magalhães Mexia Macedo e Bulhões, soffreu-lhe as maiores tyrannias.

Fazia-a ir á força de chicote buscar de noute agua á fonte; prendia-a em casa, mettendo-lhe a trança do cabello em uma arca, que fechava, ficando ella por tempo indeterminado naquella forçada posição; atava-a á manjadoura onde tinha uma cavalgadura, e a forçava a comer nesse degradante local; e emfim fazia-lhe toda a qualidade de affronta.

Vendo-se a infeliz assim maltratada e injuriada, tomou a resolução de se recolher a um convento, onde se conservou por longos annos.

O ministro do reino, José de Seabra e Silva, inteirado dos barbaros procedimentos do Dr. Miranda para com sua mulher, ordenou em 28 de Maio de 1799, que lhe fossem descontados cada mez 12$000 reis do seu ordenado, para o sustento d'ella no convento; e ainda o conde da Barca, Antonio de Araujo, se não esqueceu de ordenar o mesmo quando lhe concedeu a jubilação; assim como o secretario da regencia João Antonio Salter de Mendonça.

Eis ahi esses documentos:

Sua Magestade informada dos inauditos procedimentos do Dr. Antonio de Almeida e Miranda, lente substituto d'essa Universidade na faculdade de Medicina, contra sua mulher D. Marianna Magalhães Mexia Macedo e Bulhões: é servida que vm. passe as ordens necessarias ao thesoureiro, para que em beneficio d'ella retenha doze mil reis por mez dos seus ordenados, que deverão principiar nos ultimos dois quarteis do presente anno, tempo em que o supplicado cessou de contribuir-lhe para a sua subsistencia no convento onde se acha recolhida.

Deus guarde a vm. Palacio de Queluz, em 28 de Maio de 1799. — *José de Seabra e Silva*. — Sr. vice-reitor da Universidade de Coimbra.

Exm.º e revdm.º sr. — Dirijo a v. ex.ª com este a segunda via da carta regia de 10 de Fevereiro do anno passado, pela qual foi Sua Magestade servido conceder a jubilação ao Dr. Antonio José de Miranda e Almeida, visto haver constado na sua real presença que ella ainda não fôra cumprida, talvez por não ter sido recebida por v. ex.ª; e portanto ordena Sua Magestade que v. ex.ª haja de fazer executar logo esta sua real determinação, mandando pagar ao referido doutor o ordenado da sua jubilação, desde que ella lhe foi conferida, devendo eu prevenir a v. ex.ª de que della se deve ficar derivando para o futuro a mesada que elle ha de prestar a sua mulher no convento a que Sua Magestade a mandou recolher nesta occasião.

Deus guarde a v. ex.ª. Palacio do Rio de Janeiro, em 3 de Fevereiro de 1817 — *Conde da Barca*. — Sr. Bispo Conde, reformador reitor da Universidade de Coimbra.

Exm.º e revdm.º sr. — El-rei nosso senhor é servido determinar, que a junta da fazenda da Universidade de Coimbra mande assistir regularmente no convento de religiosas Trinas do sitio do Rato a D. Marianna de Magalhães, mulher do Dr. Antonio José de Miranda e Almeida, lente jubilado com a quantia mensal de doze mil reis, derivada da pensão que pelo cofre da dita Universidade leva o referido lente: o que v. ex.ª fará presente na mesma junta para que assim se execute.

Deus guarde a v. ex.ª. Palacio do governo, em 28 de Junho de 1817. — *João Antonio Salter de Mendonça*. — Sr. Bispo Conde de Arganil, reformador reitor da Universidade de Coimbra.

---

rindo a falta que commettera Carmona na acção de 2 de Dezembro, e dizendo que não obstante isto, estava no caso de evitar que se volvesse a repetir tão insubordinados actos, e para o conseguir acudira ao quartel de D. Carlos, para o inteirar verbalmente do occorrido, repetindo-lhe os seus clamores; porque sem poder contar no exercito com chefes de sua confiança, que secundassem as suas ordens, lhe era impossivel continuar desempenhando favoravelmente o commando que se lhe havia confiado, e para o que o obrigaram a sair de França, onde se achava tranquillo ao lado de seus filhos, fazendo-se-lhe offerecimentos que nunca voltou D. Carlos a ter presentes.

Repetiu o principe a Maroto, que dictaria as providencias que reclamava, e reiterou a promessa de que se destinariam ás suas ordens os generaes por quem pedia. Esta era sem duvida a sua vontade naquelle momento; porem como o mesmo que taes offertas fazia, executava sempre com preferencia os inimigos de Maroto, e estes trabalhavam de continuo em seu damno, tinha que ver a sua marcha incerta e perigosa, e a cada passo o ameaçava um abysmo, onde acharia inevitavelmente a sua ruina.

O general Garcia blasphemava contra Maroto na Navarra, vociferando publicamente que o havia de fuzilar, e instigado por Teijeiro suppunha a insidiosa e malvada consequencia de que se Maroto não marchava contra as linhas inimigas, era por estar de accordo com ellas; o general Guergué, retirado [illegible] o para e o exercito levavam a mal fosse consentido no quartel general, fazia continuas viagens a D. Carlos, procurando entrar de noute para assistir ás juntas, ou reuniões, que se celebravam na habitação de Echevarria e no mesmo alojamento de D. Carlos, onde Guergue e outros recebiam as instrucções de Teijeiro e do bispo de Leon, sobre o que deviam executar para conseguir o descredito de Maroto.

Prosegue Maroto dizendo na sua defeza, que os surprehendera em uma noute de reunião, apresentando-se respeitosamente no quarto de Echevarria, debaixo do pretexto de lhe fazer uma visita; e pelo aspecto que apresentavam os seus semblantes, conheceu o effeito que lhe produzia tão desagradavel como inesperado incidente.

Manifestou-o a D. Carlos, e tornou a pedir-lhe que pozesse remedio aos males sem conto que o ameaçavam, e que naturalmente haviam de resultar de tantas machinações, rivalidades e insubordinação, procurando alem disto que por pessoas de mais alta cathegoria se lhe fizessem reflexões sobre este particular; porem surdo e impassivel a tantas supplicas e clamores, sem resolução bastante para separal-o do commando, se não obrava segundo os seus desejos, ou satisfazel-o, decretando a correcção e condigno castigo dos conjurados, a quem não impelliam outras miras que as de ambicionar o commando, D. Carlos, com a sua debilidade e indecisão, ia elle mesmo preparando os successos que arruinaram, não só as suas esperanças e interesses, senão os de quantas pessoas de boa fé tinham abraçado a sua causa.

Com o fim de projectar algum movimento vantajoso, apparentou Maroto um ataque sobre o forte de Mena, ameaçando ao mesmo tempo a Bilbau com o trem bastante consideravel de artilheria que havia estabelecido em Valmaseda, em cujo ponto teve D. Carlos uma breve permanencia, regressando ao seu alojamento de Biscaia; e quer fosse porque effectivamente lhe haviam agradado as disposições de Maroto, ou porque as intrigas se augmentavam e redobravam os seus esforços para que elle tomasse a offensiva, é certo que o referido commissionado de D. Carlos, D. Eustaquio Laso, trabalhou novamente a excitar a Maroto para que atacasse, assegurando-lhe sempre a victoria pelas profecias da freira.

Nada disto fazia variar o plano de Maroto, tendo o sentimento de ver marchar D. Carlos de Valmaseda, summamente descontente, porque havia ido aquelle ponto, persuadido que presencearia o ataque que fizessem as suas tropas.

Continua Maroto dizendo, que se desentendera então das novas murmurações a que ia dar margem nesta occasião, suppondo-o injustamente de accordo com o inimigo, visto que não ia contra elle; porem para satisfazer a impaciencia de D. Carlos e tapar a boca de seus detractores, pediu-lhe Maroto que enviasse ao exercito o secretario da guerra, ou as pessoas que fossem de sua confiança, para que presenceassem as operações que ia executar.

Pedia-lhe egualmente que pozesse á sua disposição os batalhões que cobriam a linha de S. Sebastião, Victoria, Bilbau e Navarra, deixando sómente nos ditos pontos partidas de observação, posto que não só devia ser indifferente aos carlistas, senão ainda vantajoso, que as forças contrarias saissem dos sitios que occupavam para internar-se, pois segundo julgava Maroto, era o unico meio de podel-as bater, ao mesmo tempo que não podia fazer-se isto dentro das suas fortificações.

Procurou Maroto esforçar esta petição, patenteando a D. Carlos, que em podendo dispor de 30 ou 40 batalhões, a que subia a força total que defendia as suas bandeiras nas provincias Vascongadas, e 1:500 cavallos, com o correspondente trem de artilharia, poderia operar com maior probabilidade de bom exito, tomando a offensiva contra as forças que conduzia Espartero; pois limitado de outro modo a 10, ou 12 batalhões, unicos que quando muito podia reunir, e ir provocar o encontro, cria fosse a causa da ruina do exercito carlista.

Solicitou tambem Maroto auctoridade sobre as forças carlistas que havia nas demais provincias, para podel-as dirigir ás suas ordens e combinar os movimentos; e quando esperava a concessão de tão justas petições, se encontrou com a negativa dellas, porque Arias Teijeiro persuadiu a D. Carlos, que taes petições envolviam ambiciosas miras e sinistra intenção.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Os jesuitas e a Misericordia de Coimbra. — Era costume antigamente serem os sermões das *quartas feiras* da quaresma, na capella da Misericordia desta cidade, pregados pelos padres da Companhia de Jesus. No anno de 1623 recusaram-se elles a esse serviço, apesar das maiores instancias da mesa; allegando o reitor que além do collegio estar então falto de pregadores, era já pouco o tempo e estavam occupados para outros pulpitos.

Os ossos dos enforcados. — A mesa da Misericordia desta cidade, resolveu em sua sessão de 12 de Outubro de 1628, que no dia de Todos os Santos, á tarde, fossem buscar as ossadas que existissem na forca d'Agoa de Maias; havendo na mesma tarde pregação, e enterrando-se no dia seguinte os ossos em sagrado, na fórma do compromisso. E para mais solemnidade d'esse acto, haveria um responso de canto de orgão, logo que a tumba chegasse á egreja da Santa Casa, sendo o sacerdote do responso um irmão da Misericordia.

Rendas do arcebispado d'Evora em 1703. — Tão curiosa achamos a relação, que temos presente, dos rendimentos d'aquelle arcebispado, com as suas pitanças, que suppomos nos levarão a bem nossos leitores o darmos-lhes conhecimento della.

Alcacer	1:668$000
Alcaçovas	626$000
Apostolos	613$200
Arraiollos	3:994$800
Aprestimo	227$000
Aviz	1:632$000
Beja	4:938$000
Borba e Villa Viçosa	1:187$200
Campo de Ourique	2:547$800
Mesajana	50$000
Mousaraz	1:200$000
Mertola	244$960
Condado	1:650$400
Coruche e Benavente	2:895$600
Foros da Mesa	267$200
Mourão	419$600
Montemór	4:214$800
Fronteira	1:892$800
Portel	557$200
Monforte	686$000
Moura e Serpa	2:074$600
Vimieiro	1:075$680
Santo Antão	3:600$000
Terena	645$200
Sines	34$000
O celleiro da freguezia da Sé	4:000$000
Chancellaria	100$009
	38:763$040

Em vista, pois, de tão elevada verba, que muito que os Prelados de então fundassem conventos e egrejas, e que os de hoje mal tenham para um diminutissimo esmolar?!

Instituto de Coimbra. — Reuniu-se na quarta feira a assembleia geral do Instituto de Coimbra. Não podendo comparecer o sr. Dr. Joaquim José Paes da Silva, presidiu o sr. conselheiro Mendonça Cortez, vice-presidente.

Esta reunião tinha sido especialmente convocada para a votação de algumas propostas para socios.

Foram eleitos socios correspondentes os srs. Guilherme Braga, Visconde de Sanches de Baena, Pinheiro Chagas, e D. Aurelio Prado e Rojas, secretario de estado e professor da universidade de Buenos Ayres.

Socios effectivos foram eleitos os seguintes srs.: conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, Dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim, Dr. Luiz Maria da Silva Ramos, Antonio Lopes de Guimarães Pedrosa, estudante do 4.º anno de Direito, e Vicente Urbino de Freitas, estudante do 4.º anno de Medicina.

Sob proposta do sr. Dr. Augusto Filippe Simões, foi creada no Instituto, uma secção especial de Archeologia.

Ha tempo, a classe de litteratura tinha nomeado uma commissão de Archeologia. Agora, sendo creada esta secção especial, já os membros do Instituto que se dedicam a estes estudos, podem dar maior amplitude aos seus trabalhos.

O sr. Miguel Osorio, presidente da commissão a que nos referimos, informou a assembleia dos trabalhos já por ella realisados; entre os quaes é de grande valia a creação de um museu, ou collecção archeologica, onde já estão reunidas grande numero de lapides, com inscripções da epocha romana, gothica, e portugueza da edade media, além de outras.

Lausperenne. — Na egreja de S. João de Almedina principia amanhã, domingo, ao meio dia, a missa, com assistencia do exm.º prelado da diocese.

De tarde pregará o sr. Dr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente substituto da Faculdade de Theologia.

Tambem assistirá o exm.º prelado.

Concerto. — O concerto que deveria ter logar no 1.º de Fevereiro, foi adiado para sabbado, 7. A orchestra está ensaiando para ir á scena pela primeira vez, uma — *Ave Maria* — escripta pelo illustrado amador, o sr. Roberto Guilherme Woodhouse, cantada pela distincta cantora a sr.ª Rosenthal. O apreciavel amador, o sr. José Lourenço Pinto, (baritono), do Porto, virá por especial favor, cantar a aria de *D. Carlos*.

Representação justa. — Consta-nos que os proprietarios e lavradores de Formozelha e Santo Varão, tencionam representar á direcção das obras do Mondego, contra os estragos, que lhes está causando o gado lanigero no campo de Ourique: bem como contra a sahida dos estrumes do dito campo. Bom será que a direcção lhes preste os seus valiosos serviços.

Fallecimento. — Os nossos estimaveis amigos os srs. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, Sebastião Augusto da Costa Simões e Joaquim Augusto da Costa Simões, acabam de perder sua extremosa mãe, na provecta edade de 95 annos.

Se os cuidados mais assiduos, se os maiores esforços da medicina, podessem prolongar-lhe a vida, de certo ainda hoje viviria aquella virtuosa senhora, porque nada lhe faltou por parte de seus filhos. Já, porem, de nada valiam todas as diligencias, em uma edade tão avançada; e por isso entregou na segunda feira a alma ao Creador, na villa da Mealhada, onde residia.

A seus filhos damos os sentimentos pelo duro golpe que acabam de soffrer.

O caridoso anonymo Y, e a sociedade consoladora dos afflictos de Coimbra. — Uma das mais respeitaveis senhoras desta cidade, escreveu-nos, pedindo-nos para interceder com o exemplarissimo e bemfazejo anonymo Y, do Porto, a fim de vir, com a sua inexgotavel caridade, em soccorro dos pobres, por quem distribue esmolas a humanitaria sociedade consoladora dos afflictos de Coimbra.

Nós não poderiamos pedir melhor, nem tão bem, como o faz a caridosa senhora que se nos dirigiu; e por isso, ainda que não foi essa a sua intenção, aqui publicamos a sua carta, na bem fundada esperança de que o anonymo Y, que tem acudido a tanta desgraça nas cidades de Lisboa e Porto, e em outras localidades, fará com que os seus beneficios abranjam tambem os infelizes de Coimbra.

Eis ahi a carta que recebemos:

«Sr. Redactor. — Confiada na muita caridade de v., e agradecida aos favores que de v. tenho recebido, animo-me a pedir mais um favor para mim, e caridade para os nossos pobresinhos, por quem a direcção da sociedade consoladora dos afflictos, reparte as esmolas que lhe são confiadas.

«Consta-me que o bemfeitor dos pobres, anonymo Y, do Porto, tem feito grandes esmolas para estabelecimentos pios no Porto, e em varias outras terras. Lembra-me pedir-lhe alguma esmola para os nossos pobres de Coimbra; porem como não tenho meio nenhum de lhe fazer chegar á mão a nossa petição, por não sabermos quem é o anonymo; parece-me que se poderia conseguir esta minha pretensão, fazendo-nos v. o insigne favor e caridade de recommendar no seu periodico aquelle bemfeitor dos pobres a nossa sociedade.

«Temos presentemente 98 pobres, a quem todos os mezes levamos a esmola áquelles que estão entrevados, ou que por velhos e doentes não podem sair de casa. Alli vemos e conhecemos o que é a verdadeira miseria e desgraça!

«Chora-nos o coração não poder dar muito; mas desgraçadamente nem poderemos continuar a dar o pouco que lhes damos; porque cada vez mais nos faltam os recursos.

«Espero de v. mais este favor: o seu bom coração não se recusa a esta caridade.

«Sou de v. respeitadora e obrigada — 28 de Janeiro de 1874 — * * *.»

Publicação. — Recebemos e agradecemos — *Um documento para a historia contemporanea, offerecido aos artistas de Coimbra por Antonio Bernardes Gallinha*.

Outra. — Egualmente recebemos e agradecemos a seguinte publicação — *A mulher de Cesar*, pelo sr. Sousa Viterbo.

Correspondencia. — Por falta de espaço não publicamos hoje uma carta do sr. Abel da Silva Linhaça, em resposta ao sr. juiz de direito de Thomar.

Casamentos entre parentes. — Lê-se na *Correspondencia de Portugal*, que os casamentos de parentes em Portugal vão tomando proporções extraordinarias. No mez de Dezembro ultimo foram 504 as dispensas a que foi concedido o regio beneplacito pela repartição dos negocios ecclesiasticos da nossa secretaria da justiça.

O maior numero destas dispensas foi para o arcebispado de Braga e bispado do Porto, dando-se a notavel circumstancia de que mais de metade d'aquelle numero de dispensas foi solicitada por individuos que fizeram fortuna no Brasil. A emigração dá mais este resultado e tem mais a seu favor aquelle porvir — o casamento com uma parenta adorada, facto importante a nosso ver, e a que de certo não tem prestado a sua attenção a commissão parlamentar que se occupa das causas da emigração e do estudo dos meios de a atalhar.

Seria curioso se em Portugal se desse a importancia que se devia dar a trabalhos estatisticos, o saber-se qual a somma que Portugal paga cada anno á curia romana, pelas dispensas matrimoniaes. Deve essa somma ser muito avultada e seria facil de se saber, se na repartição dos beneplacitos regios se tomasse nota das *taxas* que são mencionadas nas dispensas. O thesouro portuguez lucra tambem com as dispensas, porque todas são sujeitas ao imposto de 2$000 reis de sello e a um emolumento de 480 reis na secretaria da justiça; e podia e devia o thesouro lucrar muito mais se se tivesse prestado attenção a este assumpto.

Nas dispensas de casamentos de pessoas ricas, o sello e o emolumento é egual ao das dispensas das pessoas pobres. Assim emquanto o tribunal da dataria romana regula as *taxas* das dispensas pela fortuna dos impetrantes, o que parece justo, o nosso thesouro contenta-se com receber de cada dispensa, sem distincção dos impetrantes pobres ou ricos, a exigua quantia de 2$480 reis.

Ha poucos dias noticiaram os jornaes do Porto, que uma dispensa de um casamento que alli tivera logar, custara quatrocentos e tantos mil reis. Foi pois para Roma quasi toda essa somma.

As tabellas do imposto do sello e dos emolumentos das secretarias d'estado estão ainda muito longe de serem o que muito rasoavelmente deviam ser, com grande proveito do estado e sem vexame nem injustiça para os contribuintes. Conhece isto toda a gente que tem pratica de negocios; mas no nosso paiz as pessoas praticas não são ouvidas em muitas coisas em que o deviam ser.

Fallecimento. — Diz o *Diario de Noticias*, que por telegramma de Aden se soube que tinha fallecido a 14 do mez passado, pelas 4 horas da tarde, victima da doença que o acommettera durante a sua digressão pela provincia, doença aggravada por occasião do encalhe do vapor *Quelimane*, o governador geral de Moçambique, o sr. conselheiro José Rodrigues Coelho do Amaral, general de brigada de engenharia, ministro d'estado honorario, membro da junta consultiva do ultramar, vogal do extincto conselho ultramarino, antigo lente da 8.ª cadeira da escola do exercito e socio da academia real das sciencias.

O sr. Amaral era um funccionario intelligente e illustrado, e disso dera provas em todas as importantes commissões que lhe foram confiadas, principalmente no ultramar, para onde fôra, pela primeira vez, em 1851, como governador de Benguella. Governou depois a provincia de Macau, para que foi despachado em 1861 e em seguida a provincia de Angola por decreto, se a memoria nos não falha, de Julho de 1865. Regressando á metropole foi pouco depois nomeado ministro da marinha, e em 1870 foi escolhido para ir governar a provincia de Moçambique, onde foi acabar os seus dias, tendo a mesma sorte que os seus dois antecessores, que depois da guerra do Bonga alli falleceram, os srs. Antonio de Lacerda e Fernando da Costa Leal.

Despacho. — Diz o mesmo jornal que para governador geral de Moçambique foi nomeado, o sr. conselheiro José Guedes de Carvalho e Menezes, coronel de cavallaria e antigo governador de Cabo Verde; nomeação digna de elogios, pois recae n'um cavalheiro competentissimo pela sua energia e conhecimentos coloniaes. O sr. José Guedes deve ter tambem já sido promovido a general de brigada.

Concurso. — Principiou hoje na sala dos capellos da Universidade o concurso para uma substituição vaga na Faculdade de Theologia, á qual é unico concorrente o sr. Dr. Bernardo Augusto de Madureira.

Versou a discussão sobre o seguinte ponto: — *Indefectibilidade do catholicismo*; e foram arguentes os srs. Drs. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello, e Antonio Bernardino de Menezes.

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Jornal Noite* o seguinte:

Alcançam a 28 os jornaes hespanhoes.

Trazem poucas novidades, o que já suspeitavamos pela escassez de telegrammas nestes ultimos dias.

Diz o *Imparcial* que as esquadras de Allemanha, Italia, França e Inglaterra haviam recebido ordem de se retirarem das costas de Hespanha.

Diz a *Epoca* que corria o boato de que alguns deputados intransigentes estavam na resolução de intentar acção criminal perante o Supremo Tribunal de Justiça contra o general Pavia, por causa do golpe d'estado.

No dia 26 circularam em Madrid boatos aterradores acerca de successos no Norte e que fizeram descer os fundos na Bolsa da noite. Mas segundo diz o *Imparcial* não tinham fundamento.

As ultimas noticias diziam ter Moriones saido de Miranda, e depois de se reunir á columna do general Primo de Rivera, tomára a direcção de Victoria.

A situação alli é cada vez mais critica. A guarnição do Desierto teve finalmente de capitular no dia 22, depois de heroica resistencia.

Ha receios de que Dorregaray tenha fuzilado alguns dos prisioneiros do Portugalete. Diz-se que de uma casa fizeram fogo contra os parlamentarios carlistas, ficando alguns d'estes feridos, na occasião em que vieram conferenciar á cidade, e que Dorregaray reconhecendo que não fôra culpa da guarnição, protestara castigar os aggressores, como sublevados contra os seus chefes e não comprehendidos na capitulação.

Em Valencia tambem Lopez Dominguez emprehendeu as operações contra os carlistas.

Em Andaluzia e Estremadura continuam a apparecer guerrilhas sem importancia.

—No *Jornal de Lisboa* lê-se o seguinte:

«Correu hontem com muita insistencia em Lisboa, que os carlistas tinham conseguido apoderar-se de Bilbau, e que o velho marechal Cabrera, conde de Morella, que ha alguns dias se achava na fronteira, entrou em Hespanha acompanhado de um numeroso estado-maior. Dizia-se tambem que o governo dera a demissão ao general Moriones, o qual fôra substituido pelo general Pavia.

Não sabemos o que ha de verdade em todos estes boatos; porém o silencio da Agencia Havas a respeito da guerra, leva-nos a acreditar que alguma coisa grave succedeu.

Os jornaes hespanhoes guardam a este respeito o mais profundo silencio; apenas lhes constava que os carlistas tinham ultimamente concentrado todas as suas forças para atacarem a cidade.»

Largo do Senhor do Arnado.—A camara municipal desta cidade, vae tratar de aformosear o largo do Senhor do Arnado, em ordem a ficar o largo pelo nascente em linha com o muro da rua Direita por aquelle rumo. Ficando deste modo o largo em esquadria, bem se presta a uma arborisação capaz, pelos quatro lados da capella. O adro, de cantaria, é modificado, para tomar menos area, por meio de uma escadaria.

Deste modo torna-se o largo do Senhor do Arnado um passeio muito apropriado, e commodo para os moradores do bairro baixo; além de ser feito com economia.

O terreno a adquirir, é dos srs. Ferreiras Pintos.

A anarchia em Coimbra.— Na *Revolução de Setembro* que acabamos de receber, vem uma correspondencia de Coimbra, na qual se lê o seguinte:

«*Meu amigo.*—Coimbra, 27.—Leia o artigo do *Conimbricense*— *Anarchia em Coimbra.*

«E' quanto diz o jornal pura verdade. O estado a que chegou esta cidade por faltas que as auctoridades deviam reprimir a tempo, é desgraçado. As auctoridades locaes estão compromettendo o governo, que nem de tudo pode saber, nem atalhar. Isto não póde ser;—vivemos aqui em tormento constante.— Ao chegar a noite, grande numero de estudantes cobrem as ruas da cidade, insultando pelas portas, as familias mais honradas e respeitaveis da cidade. Entre outras, ainda não decorreram muitos dias que ás 10 horas da noite, deitaram fogo, por intermedio de petroleo, ao palacio de Metello Cabral, na Couraça dos Apostolos.

«Dão sete horas da noite, e já os discolos de capa e batina correm as ruas da cidade, e principalmente o Bairro Alto, com vozerias descompostas, insultando com algazarras, pessoas respeitaveis e que têem familia, levantando alaridos, que são sempre acompanhados de palavras obscenas.»

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

Em razão da ser dia santo de guarda na segunda feira; publicar-se-ha o numero immediato do *Conimbricense*, na *quarta feira.*

MARIA ROSA VEIGA

1 COM ESTABELECIMENTO de chapeus de chuva, de todas as qualidades, e deposito de sanguesugas hespanholas e francezas; declara que fica sendo fornecedora de sanguesugas, para o Monte-Pio da Imprensa da Universidade; e previne todas as familias dos socios deste Monte-Pio, de que, caso precisem, lhes fornecerá as mesmas pelo preço que as fornece aos socios, pois que assim o deliberou com a direcção do mesmo Monte-Pio no dia 27 de Janeiro de 1874.

Previne mais as socias da Associação Conimbricense do sexo feminino, que foi nomeada para fornecedora de sanguesugas da mesma Associação; e por isso aqui lhes indica a morada. Rua das Solas, n.º 11 e 13.

2 OS ABAIXO ASSIGNADOS, amigos do fallecido Francisco Alves Formigo, caixeiro que foi da exm.ª sr.ª D. Guilhermina de Oliveira Lucas, declaram que só fizeram parte nas despezas da philarmonica *Boa-União* que acompanhou o finado á ultima morada, e nas da missa celebrada pela alma do mesmo na egreja de S. Thiago. Todas as mais despezas de irmandade, ataúde, etc., foram pagas pela sobredita exm.ª sr.ª; o que vimos publicamente declarar para alteração do publicado no n.º 85 do *Jornal de Coimbra.*

Alexandre Antonio Soares
Antonino Pereira Mendes
Sebastião Antunes Leitão.

3 TODAS AS PESSOAS que quizerem tomar de aforamento para edificar casas, o terreno que medeia entre as casas do exm.º conselheiro José Ernesto de Carvalho e Rego, e as escadas do quinchorro, na rua da Alegria; e na Couraça de Lisboa, desde a descida do mesmo quinchorro até ao quintal do exm.º sr. José de Moura, póde dirigir-se á rua da Alegria, n.º 53, aonde estarão patentes as condições.

4 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Sernache, concelho de Coimbra, faz publico, que no dia 8 do proximo mez de Fevereiro, pelas 2 horas da tarde, á porta da egreja parochial, se hade arrematar em praça publica, a quem por menos o fizer, a obra da reedificação da mesma egreja, conforme os apontamentos, que serão patentes no mesmo acto, convindo o lanço á mesma junta.

Sernache, 21 de Janeiro de 1874.
O presidente,
Joaquim Antonio Pereira Maduro.

5 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia d'Almalaguez, faz publico que no dia 15 de Fevereiro, pelas 11 horas da manhã, no patim da egreja matriz, se hão de arrematar as seguintes obras:— Umas portas de ferro para o cemiterio, rebocar e guarnecer interior e exteriormente os muros do cemiterio e caial-os, e concertar os paramentos da egreja.

Todas as condições e esclarecimentos estarão patentes no acto da arrematação.

Almalaguez 31 de Janeiro de 1874.
O presidente da junta,
Antonio d'Almeida Pedroso.

ARREMATAÇÃO

6 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Arganil, faz publico, que no dia 1.º de Fevereiro, nos paços do concelho da villa de Arganil, terá logar, se o preço convier, a arrematação da construcção do cemiterio da mesma villa.

As condições estarão patentes no acto da arrematação.

Arganil, 20 de Janeiro de 1874.
O presidente da camara,
Antonino Augusto Freire Ribeiro de Campos.

DOCTOR IN ABSENTIA

7 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei*, 46, *em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

COIMBRA

8 QUEM quizer comprar um bom bilhar, dirija-se á rua da Esperança, n.º 9.

9 NO DIA 5 do proximo mez de Fevereiro, pelo meio dia, nos paços deste concelho, hade dar-se de arrendamento, se o preço convier, o rendimento do imposto municipal indirecto sobre o vinho ordinario e aguardente, que se consumir na freguezia da Lamarosa até 30 de Junho deste anno.

As condições serão presentes no acto da praça.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 29 de Janeiro de 1874.
O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

Aviso aos recrutas

10 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra ao sr. João de Aveiro; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

CAIXEIRO

11 PRECISA-SE para loja de fazendas brancas, para ir para Lisboa. Falle na rua do Visconde da Luz, n.º 70 a 72.

12 JOAQUIM DE CASTRO SILVA CARDOSO, lecciona em sua casa, rua do Visconde da Luz, n.º 27, instrucção primaria e francez, por preços commodos. Responsabilisa-se pelo aproveitamento das pessoas que lhe forem confiadas.

13 NO DIA 4 de Fevereiro proximo, perante as justiças de Miranda do Corvo, se hade vender uma morada de casas sitas na rua da Mathematica, em Coimbra, com os numeros 3 e 5, que foram do Dr. José dos Santos de Carvalho, de Semide.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

A nova barca MARGARIDA, em 31 do corrente.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

STEARINA

Em pacotes de 4, 5 e 6 velas.

15 VENDE-SE a 140 rs. cada pacote. Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga,

51—Sophia—53

Casa d'azulejo

16 PARTICIPA-se ao illm.º sr. Antonio de Sousa Pinto de Barros Cachapuz, que vae ser executado por trinta e oito mil e quatrocentos reis, se dentro do prazo de quinze dias não satisfizer.

O padre *Joaquim Martins Nobre.*

17 RICARDO ANTUNES DE MACEDO, no largo de Samsão, está auctorisado a vender uma porção de terras no campo e monte, com olivaes, neste districto de Coimbra. Quem pretender, o annunciante está prompto a dar os precisos esclarecimentos.

Attenção

FILIAL DA CASA HAVANEZA

DO PORTO

EM COIMBRA

Rua da Calçada, n.º 189-189 A

18 ANNUNCIA-SE ao illustrado publico desta cidade, um novo estabelecimento Filial da bem conhecida **Casa Havaneza**, onde se vende uma grande variedade de tabacos genuinos, tanto nacionaes como estrangeiros.

Pede-se a attenção particular para a especialidade dos charutos.

Coaba Operas, superior, de	20
Flor del Chiado, de	20
Flor de Creta, de	25
Emilio Castellar, de	25

Cigarros superiores

El Mensageiro, masso de 25 cigarros... 140

Princeza de Hayti, masso de 50 cigarros, 140

Tabaco Rocheford, massos de 400, 800 e 1$500 rs.

Vendem-se muito em conta ao comprador, charuteiras e cigarreiras de couro da Russia, variados cachimbos, ponteiras de bom gosto para cachimbos, e cigarros, e mais objectos que dizem respeito aos amadores de fumo; directamente recebidos da capital de Austria.

Filial da **Casa Havaneza** do Porto em Coimbra, rua da Calçada, n.º 189-189 A.

Monte-Pio Conimbricense

19 POR ORDEM do exm.º sr. presidente da mesa da assemblea geral, são convocados os socios do dito Monte Pio, a comparecerem na sala da Associação dos Artistas, amanhã domingo, 1.º de Fevereiro, pelas 10 horas da manhã. E' a ordem do dia:—apresentação de contas, e nomeação de commissão para a revisão das mesmas.

O secretario da mesa,
Antonio Ferraz.

ATTENÇÃO

20 EM ANÇÃ, villa muito populosa nas proximidades de Coimbra, e ligada por uma estrada real á estação do caminho de ferro da mesma cidade, rica em todos os ramos de agricultura, abundante em mattas e pedreiras, notavel pela abundancia de aguas, as quaes fazem mover simultaneamente cinco engenhos de fazer farinha, existe um novo e vasto edificio de 27 janellas, com dois andares, e grande extensão de terreno contiguo, correndo junto do edificio toda aquella porção d'agua, e em condições as mais apropriadas para uma fabrica de lanificios ou de qualquer outro genero de industria.

O seu proprietario, João Marques de Almeida Araujo Pinto, residente em Coimbra, recebe propostas para arrendamento, venda ou aforamento.

NUMERO 2768 — QUARTA FEIRA 4 DE ~~JANEIRO~~ Fevereiro DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Terminou o debate na camara electiva ácerca da creação e arredondamento das comarcas, sendo approvado o projecto do governo por 24 votos de maioria. Resolveu-se finalmente uma questão antiga, que todos os homens publicos, sem excepção, de ha muito tinham condemnado.

A dissidencia, porem, neste assumpto, estava sómente reservada para a actual opposição, que, pondo de parte os dictames da sua consciencia, por satisfazer aos caprichos da politica, não costuma attender ás conveniencias publicas, nem á opinião illustrada do paiz, a qual havia sentenceado a instituição anachronica das justiças ordinarias, com a forma que os seculos e os antigos regimens lhe haviam dado; no que mostrou mais uma vez a sua habitual versatilidade de ideias, e a attenção que costuma ligar aos objectos de maior importancia social.

A argumentação com que a opposição pretendeu atacar este projecto; as contradicções que pullularam nos discursos pronunciados pelos adversarios do gabinete; e ainda as insinuações indignas e intrigantes de que ella se serviu no decorrer desta questão, foram brilhantemente rebatidas pelos notaveis oradores, e sabios jurisconsultos o sr. Barjona de Freitas e José Dias Ferreira.

Que era pura fantasia da opposição, a incommodidade dos povos, pela suppressão de alguns julgados, provar-se-ha em breve, com a creação e arredondamento das comarcas, serviço que ella a todo o transe quiz impedir, por motivos que são bem conhecidos, não por amor á justiça e ao bem estar dos povos; que isso é objecto de pouca monta, quando ella tracta das suas conveniencias politicas.

Convencer-se-hão os povos das vantagens da medida adoptada pelo governo, e reconhecerão praticamente, que eram illudidos nas apreciações apaixonadas da opposição: o tempo lhes mostrará, que o governo e os seus amigos politicos, hãode prestar a devida homenagem á causa da justiça e da moralidade.

Deixemos a opposição com o pezadello dos seus remorsos. Ella serve unicamente para grangear força e sympathias ao governo.

Foi assaz proveitosa para os interesses moraes e materiaes desta cidade, e em geral de todo este municipio, a gerencia da vereação transacta. Por differentes vezes tivemos occasião de o demonstrar, narrando e apreciando os bons serviços que ella prestou ao progresso de Coimbra.

Verdadeiramente enthusiastas pelos melhoramentos publicos em geral, e pelos aperfeiçoamentos, que a moderna civilisação impõe aos povos, não podemos ser indifferentes ao engrandecimento da terra onde nascemos, e onde nos prendem as mais gratas affeições.

Por muitos motivos Coimbra merece a protecção dos poderes publicos, e a dedicação dos cidadãos benemeritos, que aproveitando as suas relações officiaes, não se poupam a esforços para conseguir a prosperidade della.

A cidade de Coimbra está passando por uma verdadeira transformação, para a qual tem concorrido a boa vontade do governo, juntamente com o muito zelo, patriotismo e dedicação da camara transacta, assim como da actual, que nos poucos dias da sua administração, vae mostrando por factos importantes, quanto se interessa pelo engrandecimento desta cidade; o que é já para nós uma garantia do muito que devemos esperar da sua iniciativa.

A actual vereação não se esqueceu de promover perante o governo, e de accordo com o illustre representante deste circulo, em côrtes, a conveniencia que tem esta cidade de ser convertido em lei, durante a presente legislatura, o projecto de abastecimento d'aguas.

E' incalculavel debaixo de todos os pontos de vista, o beneficio de semelhante emprehendimento; e por lhe conhecer todas as vantagens, estamos certos que a camara não o desamparará, e que hade conseguir remover quaesquer obstaculos que porventura possam levantar-se á sua realisação.

A projectada linha ferrea da Beira, no ponto que diz respeito aos interesses do districto e da cidade, merece tambem á illustre vereação o cuidado que deve haver em uma questão de vida, ou de morte para Coimbra, para suas industrias, e de um grande numero de povoações desta importante parte da provincia.

A camara promove perante os poderes publicos, por todos os modos ao seu alcance, a resolução favoravel de tão grave assumpto.

Alem destes objectos, que merecem todo o cuidado da actual vereação, outros ha de bastante interesse local, que teremos occasião de mencionar, e que sabemos prendem a sua attenção.

Folgamos de ter estes motivos de louvar uma camara que, encetando ainda ha pouco os trabalhos da sua administração, parece disposta a tratar efficazmente dos melhoramentos desta cidade.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXXIII

D. CARLOS

LXXXIII

Até aqui é a justificação apresentada por Maroto; e em vista disso eram na verdade para lamentar taes miserias, quando o exercito carlista, pouco depois de Maroto tomar o seu commando, apresentava um total de mais de 26:000 homens.

E não obstante tão eloquentes cifras, apezar daquella multidão de valentes que estavam derramando generosamente o seu sangue, se attendia menos á sua situação, bem triste, do que ás intrigas, rivalidades e dissenções que se cruzavam entre a maior parte de seus chefes, e a muitas das quaes não era alheio o mesmo D. Carlos. Isto era capaz de desalentar o homem mais enthusiasmado, e isto foi o que começou a minar aquelle poderoso edificio, levantado a tanto custo e tanto sangue.

Aquelles soldados anhelavam o combate, porque desejavam vencer, ou ser vencidos; pois que o estado de incerteza em que os tinham, augmentava a sua afflicção e a ruina do paiz. Por isto começavam a ser bem escutados os écos de paz; e esta palavra, que dos labios ia penetrando no coração do povo e do soldado, foi uma nova teia de discordia para os chefes e influentes do carlismo, uma arma empregada por alguns para conseguir o seu objecto; porque em fim se feriram nella quantos a manejaram.

Foram tantos e colossaes os acontecimentos politico-militares, que tiveram logar no campo carlista, no anno de 1838, de que nos estamos occupando, que elles só bastariam para encher mais de um livro.

Publicada a famosa allocução de D. Carlos em Arciniega, que será sempre o ponto de partida de muitos desastres, alguns, ou quasi todos os chefes que foram presos, previam que se tramava alguma cousa contra elles, porque não era um mysterio as intrigas que se cruzavam. Em vista disso escreveu Zaratiegui a D. Carlos, em 10 de Novembro, a seguinte carta, que levou o ajudante Vidal:

«Senhor.—Eu sei, e tudo me indica, que ha uma grande trama contra mim; porem tranquilla a minha consciencia, estou disposto a tudo o que sobrevenha. Só supplico a vossa magestade não me abandone á mercê de meus inimigos, e que em todo o caso se me dê logar a justificar-me.»

Entretanto que tão digna supplica se entregava a D. Carlos na occasião de sair da missa, o general Vivanco, nomeado fiscal, prendia em Zúñiga ao seu auctor. Conduziu-o escoltado ao forte de Arciniega, onde esteve mez e meio incommunicavel, e onde experimentou, como os demais presos, vicissitudes mais proprias de ser narradas em uma biographia do que em uma historia.

Havia grande empenho em justificar a allocução de Arciniega, porém era impossivel nas victimas que escolheram; em outros podia haver-se feito. As defezas que de Zaratiegui e Elio, se fizeram, são incontestaveis: a do primeiro devida a D. Clemente Madrazo Escalera, foi impressa, podendo por isso ser consultada: é notavel, e o é tambem importantissima, a que do segundo fez D. Carlos de Vargas, e está inedita.

Já fizemos referencia á insurreição que a vista da causa de Elio e Zaratiegui produziu, e da que fez victima o joven capitão D. Filippe Urra, miseravel instrumento de ambiciosos e de seu proprio fanatismo. Foi Urra atropellado e fuzilado impiamente, e daquelle atropello e da insurreição que o produziu se deu conta no *Boletim* carlista de 24 de Maio, acompanhando-o a ordem de Lazarun, firmada por Teijeiro a 22. Desfiguravam-se notavelmente os pontos; exaltava-se a D. Carlos, e se dava atravez do que se dizia e se occultava, um testemunho evidente do veneno que já corroia as entranhas do partido carlista.

Se, porém, a Urra se fazia entrar n'uma conspiração em que se soppunha de accordo o mesmo D. Carlos, e se era logo sacrificado; o joven brigadeiro, D. José Cabañas, é assassinado barbaramente por ordem do general Garcia.

Não vamos ainda tratar do tristissimo quadro que apresentava o campo e mais especialmente a côrte carlista. Não tinha esta razão, na verdade, para pôr em ridiculo no seu *Boletim*, as miseraveis paixões que agitavam os liberaes, ao seu governo e ás côrtes; porque nos systemas representativos, essa luta das opiniões, ainda que seja apaixonada, é util, é necessaria, porque é como o fogo, que funde os metaes e os purifica. É inherente essa continua briga de opiniões, aos principios de um governo liberal, que concede a todos o direito de combater e expor doutrinas, de censurar actos publicos e de exaltar as pessoas que se crêem dignas, ao passo que se procura derribar o pedestal que sustenta falsos idolos.

Não era isto o que devia assombrar aos carlistas, senão o espectaculo que elles mesmos davam á sua gente, á Hespanha e á Europa inteira, pois se então não se sabia fora do recinto de suas linhas, as consequencias haviam de ser o que foram.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

SUSPENSÃO DE GARANTIAS

Estão suspensas as garantias individuaes em Coimbra. Não é para esta cidade que a Carta Constitucional assegurou a cada cidadão um asylo inviolavel em sua casa.

Os discolos, depois de estarem certos da impotencia das auctoridades, tentam amordaçar a imprensa, para que o paiz não saiba dos seus altos feitos.

No domingo, pelas 7 horas e meia da noute, um bando de mais de 100 desordeiros, vieram á frente da casa onde está a typographia do *Conimbricense*, fazer as maiores ameaças, e proferir quantas injurias e torpezas lhes suggeriu o seu animo prevertido.

Podemos-lhes, porem, assegurar positivamente, que perdem o seu tempo. Este jornal está costumado desde a sua fundação a lutar com os anarchistas, e até com os mais altos criminosos de todos os generos; e por isso não seria nesta conjuntura que emmudeceria perante o que ahi se está praticando por toda a cidade. Mais facilmente quebrariamos a penna, do que guardar um ignominioso silencio.

Familias as mais honestas e respeitaveis, recolhidas a sua casa, onde julgam estar á sombra da lei e da auctoridade, são ahi mesmo infamemente insultadas com as mais indignas injurias.

Por todas as ruas da cidade não se ouvem senão as cantigas e as palavras as mais obscenas, que se podem imaginar.

No sabbado, depois de terminado o espectaculo no theatro de D. Luiz, vindo um pacifico cidadão e sua mulher para se recolherem a sua casa; ao passarem na rua dos Coutinhos, foram torpemente provocados por alguns desordeiros. O provocado quiz desaffrontar a sua mulher offendida. Os discolos puxam por rewolveres; o aggredido abre uma navalha; e a não ser a mulher que se mette no meio da desordem, e brada por soccorro em altos gritos, teriamos hoje a lamentar alguma grande desgraça.

Nestes ultimos dias tem o sr. reitor da Universidade feito rondar a cidade pela policia academica. Mas que hão de fazer tão poucos empregados, para manter o socego em uma tão grande povoação?

Alem disso a impunidade que até aqui tem tido os desordeiros, anima-os a ter em pouca ou nenhuma conta a policia academica.

Dizem-nos que a pouca tropa que para ahi veiu, anda cançada de serviço, dividida e subdividida em destacamentos e diligencias; de modo que uma cidade como Coimbra, está quasi completamente abandonada á sua sorte!

E é a semelhante estado que chegou o exercito, ou mais verdadeiramente Coimbra, pois que ha tropa para policiar outras terras, menos para uma cidade tão importante como esta.

A todos estes males acresce a inercia da auctoridade superior administrativa, a quem cumpria garantir a segurança publica.

Repetimos: aqui não ha policia; aqui toleram-se francamente as casas de jogo prohibido; aqui consentem-se abertos até de madrugada alguns botequins e tabernas, ou antes espeluncas, donde saem os desordeiros praticando actos tão infames e repugnantes, que a decencia prohibe o referil-os. Em fim, Coimbra está fóra da lei.

Parece-nos que já era tempo do governo acordar, e olhar para o que vae nesta terra. Sobre elle pesa a maior responsabilidade se não providenciar sem demora, para que se restitua a Coimbra a segurança a que tem direito, se é que esta cidade não está riscada do mappa de Portugal.

Fazendo a tempo este aviso, temos cumprido o nosso dever.

A ultima hora

Acabamos de saber que o sr. reitor da Universidade tomara hontem algumas providencias, as quaes revelam que está s. ex.ª firmemente resolvido a fazer manter a ordem nesta cidade. Muito folgamos com isso, porque a primeira cousa a que os cidadãos têem direito é á sua segurança.

Abaixo publicamos uma carta que nos dirigiu o nosso prezado amigo, o distincto estudante do quinto anno de Direito, o sr. Candido de Figueiredo.

É certo que a maior parte da academia se compõe de estudantes de exemplar comportamento, e muitos dos quaes nos honram com a sua amizade; mas é egualmente certo, que ha entre esta corporação muitos discolos e desordeiros, que envergonham pelo seu reprehensivel procedimento a classe a que pertencem, e que trazem a cidade de Coimbra em permanente sobresalto. É contra estes que se dirigem, e nem podia ser contra outros, as nossas justas queixas.

Não ha duvida que sempre houve mais ou menos *troças;* mas limitavam-se a pouco mais de simples ditos e gracejos, em quanto que nos ultimos tempos ha victimas a lamentar. E não é só agora que bradamos contra as *troças;* temol-o feito sempre conforme a gravidade dos acontecimentos.

Alem disso, acrescem ultimamente os insultos grosseiros a familias honestas, que nada tem com os *trocistas;* e é do nosso rigoroso dever pedir para ellas, e para todos a segurança a que têem direito.

Se a policia academica é anachronica, nada temos com isso. O que sabemos e que está em vigor o regulamento de policia academica de 25 de Novembro de 1839; e em quanto elle não fôr revogado, temos todo o direito de exigir o seu cumprimento ás respectivas auctoridades.

E que nos diz o nosso amigo o sr. Candido de Figueiredo a respeito da selvageria com que temos sido ameaçados e insultados, pelo *grande crime* de exigirmos a segurança para todos os nossos concidadãos?

Não é o *direito da força*, substituindo a *força do direito?* Não é isto mais *anachronico* do que o regulamento de policia academica?

Eis ahi agora a carta do nosso amigo:

A anarchia em Coimbra

Meu prezadissimo amigo e sr. Joaquim Martins de Carvalho.—Debaixo da epigraphe *Anarchia em Coimbra*, tem v. estampado na sua acreditada folha uns artigos notaveis pela gravidade das imputações.

A immerecida deferencia, que eu sempre devi á cortezia e lhanismo de trato de v., deixa-me crer que de bommente me permittirá umas ligeiras observações aos alludidos artigos.

A minha voz, desauctorisada embora, não lhe póde ser suspeita: v., que me conhece de perto, faz-me a justiça de acreditar que, durante os cinco annos em que tenho cursado a Universidade, nunca me bandiei com grupos ainda os menos desordeiros. Por outro lado, combati sempre as chamadas *troças academicas*. A mais desgraçada victima dellas, um companheiro de casa, um amigo, filho e parente de amigos, falleceu-me ha um anno nos braços, e isto bastaria para eu condemnar todos os excessos da mocidade inquieta.

Creio pois que lhe não sou suspeito. E venho, não em nome de desordeiros e turbulentos, cujos bandos me não conhecem, mas em nome da academia de Coimbra, sobre quem pesam indistinctamente accusações muito sérias.

Primeiro que tudo, eu sinto deveras, meu illustrado amigo, que v., sem commentarios, transcrevesse da *Revolução de Setembro* uma correspondencia anonyma, em que vagamente se dizia que os *estudantes* haviam tentado ha dias incendiar com petroleo o *palacio de Mello.*

Uma asserção destas, sem prova immediata, é simplesmente uma inepcia. Confundir os estudantes de Coimbra com os incendiarios das Tuilherias e com os petroleiros de Alcoy, é disparatar comicamente e fazer meledramas á custa da dignidade alheia.

Deixemos porem o anonymo, que é talvez irresponsavel pelo que diz, e conversemos amigavelmente, sem prevenções, acerca das queixas de v.

Lastimou v., lastimo eu e lastimam todos o desastre succedido ha dias na rua de Quebra-Costas, mas não desfiguremos o facto; vejamos o logar onde elle se deu, ouçamos a confissão da victima, não aventemos apreciações temerarias, e veremos um panico desastrado onde v. collocou o delicto.

—Foi o medo das troças, dirá v. Será. Mas se as *troças* são a *anarchia*, houve-a sempre em Coimbra, talvez mais desmedidamente do que hoje, e não me consta que v., até ao anno passado, haja reclamado com tanto empenho e tamanha acrimonia a extincção da *anarchia*.

Oxalá termine o que v. denomina *anarchia*. Difficilmente o creio, e ainda mal. Entrementes, não exaggeremos os factos e as coisas, e não demos a miniaturas as proporções de colossos.

Depois, eu não comprehendo bem as suas apostrophes á *policia academica*. A policia academica é um anachronismo que um homem liberal não deve invocar em pleno seculo 19.º; é uma velharia que infelizmente nos resta do tempo dos tribunaes privilegiados. Hoje, que as isenções e os privilegios são letra morta, não fica bem invocar-se fóra da porta ferrea da Universidade o froixo poderio da policia academica: temos as auctoridades e os tribunaes civis, e a estes compete reprimir as illegalidades de quem quer que seja.

Não defendo a policia academica, cuja existencia eu reputo desnecessaria e absurda: procuro desviar o golpe de quem por certo o não merece.

Releve-me o roubar-lhe eu algum tempo com as rapidas considerações que ahi ficam. Se eu não conseguir modificar um pouco os seus juizos sobre o assumpto que me levou a escrever-lhe, ficar-me-ha a consciencia de ter cumprido um dever por amor da justiça.

Reitero os protestos de verdadeira consideração, com que sou

De v. amigo e servo gratissimo
S. C. 2 de Fevereiro de 1874.

Candido de Figueiredo, alumno do quinto anno de Direito.

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor.

Vem novamente á imprensa o exm.º sr. Dr. Francisco Henriques de Sousa Secco, dignissimo juiz de direito da comarca de Thomar.

Apesar das amabilidades, que dirige ao meu constituinte, que só tem o merecimento de correrem parelhas com a delicadeza com que falla do exm.º sr. Dr. Manoel de Oliveira Chaves e Castro, é todavia a escripta *apparentemente* mais moderada, que tem lançado aos quatro ventos.

O ponto de mira agora é muito diverso dos que tractou nas anteriores missivas suas; por que se propõe nada mais, nem nada menos do que o inculcar-se como um varão dotado dos melhores instinctos conciliatorios e particular innocencia, em face de seu irmão, caracter rebelde a toda a possivel accommodação, e até mediação dos amigos!, auctor de *affirmativas falsas e artificiosas para illudir a boa fé dos outros, de vãs e fallazes promessa, e pensamentos reservados, de porta aberta para lhe fugir, em fim homem que se retracta!*

Acredito na palavra honrada de s. ex.ª, ainda a risco de ter o meu constituinte por grande velhaco, e tolos todos os que o conhecem e tem tractado; e da sua indole julgam exactamente ás avessas do sr. juiz. Mas vamos ao que serve:

Começa o sr. juiz de direito de Thomar por dizer que tem ouvido por vezes e com certa insistencia a muitos e respeitaveis cavalheiros das suas relações e aos seus amigos, que o meu constituinte *sustenta* a affirmativa de que é s. ex.ª *unicamente o culpado de se não ter posto remate a tudo* (litigios entre os dois) *por meio de uma composição a que sempre s. ex.ª se tem opposto.*

Depois capitula de *falsa e artificiosa para illudir á boa fé dos que acreditam uma semelhante affirmativa.*

Finge em seguida, e para prova, o depoimento de diversos cavalheiros, que menciona, e tanto finge que logo *invoca* o seu testemunho signal de que ainda th'o não déram.

E conclue offerecendo, com ares de sinceridade, uma proposta de compromisso, sobre que aguarda a resposta *clara, franca, sem tergiversações nem rodeios!*

E mais não disse e assignou.

Vamos por partes, mas seguindo a propria ordem de ideias do sr. juiz. *Com effeito cumpre que se saiba como as palavras da correspondencia do sr. juiz estão em completa contradicção com todos os factos anteriores de s. ex.ª, tanto os praticados em juizo, como fóra d'elle.*

Se os respeitaveis cavalheiros das suas relações, e os seus amigos, (que s. ex.ª parece extremar entre si) lhe dizem sómente o que s. ex.ª põe na bôca d'elles, dizem-lhe pouco; porque lhe poderiam acrescentar que s. ex.ª não é só culpado de não terem terminado já, mas tambem de haverem começado os pleitos de que se queixa; e em prova adduzir-lhe, não a affirmativa do meu constituinte, mas a propria noticia das cousas que muitos d'elles de certo têem.

E aqui vem muito para notar-se a habil tactica do sr. juiz, passando, como gato por brazas, sobre a circumstancia, aliás essencial, de que tendo sido *onze* os pleitos, e hoje *dez* ainda, elle é *auctor na maioria*, isto é em *seis* d'elles! não lhe pertencendo assim tão fraco quinhão, como á primeira vista pareceria, sendo como diz *innocente e perseguido!!*

Ah! mas agora me *retracto*, eu tambem, neste particular: não é s. ex.ª só o culpado; egualmente o é quem quer que seja que tem coragem *para dizer com s. ex.ª*, com desprezo do *audi alterem partem.*

Que é *falsa* e *artificiosa* a imputação, que se lhe faz, da culpa nos pleitos entre os dois, quer o sr. juiz demonstrar, contando, a seu modo, a historia das tentativas de conciliação; mas, já se vê, que sem proposito e sómente por natural esquecimento, começou essa tal historia no dia 31 de Dezembro de 1871, em logar de a retrotrahir a 3 de Janeiro de 1870, isto é, dois annos menos dois dias antes.

Eu vou supprir a lacuna.

Para evitar a entrada em juizo, n'esse referido dia 3 de Janeiro, tres amigos communs e o proprio sogro do sr. juiz, tiveram a bondade de se prestarem a ir ao ponto da questão principal depois agitada.

Tomam os quatro um accordo, a que o sr. juiz e o meu constituinte adheriram, mas em breve o sr. juiz *retracta* a palavra dada, sem attenção mesmo para com a memoria de seu respeitavel sogro, e para com os esforços dos restantes amigos e medianeiros, e força deste modo o meu constituinte a chamal-o a juizo!

Nas duas procurações passadas pelo meu constituinte em Outubro de 1870, consigna elle os esforços que empregou para evitar o duro expediente da justiça, e as suas palavras não foram então desmentidas pelo seu adversario!

Depois d'isto o sr. F...., desta cidade, velho amigo dos dois e a quem ambos devem não poucas finezas, offereceu a sua mediação ao sr. juiz, no largo de Samsão por signal.

Repelle-a a indole accommodaticia do mesmo sr. juiz.

Depois d'isto um respeitavel titular dos arrebaldes desta cidade, e um esclarecido cathedratico de Theologia, pretendem fazer valer a sua cooperação.

Repelle-os bruscamente a inclinação transigente do sr. juiz.

Depois d'isto o illustrado sr. conego F... e o sr. F..., sabio lente de Direito, dignam-se propôr egualmente a sua mediação.

Repelle-a o caracter conciliador do sr. juiz.

Depois d'isto ainda, vem expressamente das bandas de Mortagua, em Setembro de 1871, um bondoso e honrado amigo a casa do sr. juiz em Antuzedé, o qual lhe deve não pequenos favores. Quer intervir entre os dois.

Repelle-o o instincto pacificador do sr. juiz.

Ah! Já me esquecia. No meio destas tentativas de mediação, appareceu tambem a de um cavalheiro, de Entre-Rios.

Esta não repelliu o sr. juiz, porque mais lhe approuve converter o medianeiro em instrumento seu, e abusando da boa fé d'elle, fazel-o porta voz de uma proposta, bem magana.

Mas em breve devia começar para mesmo sr. o desengano amargo de que os tribunaes se regulam pelas leis e se não curvam aos caprichos das vaidades.

Estamos em Dezembro de 1871. O sr. juiz já menos sobranceiro, se isso é possivel, consta que adheriu á offerta de mediação feita por um cavalheiro e respeitavel jurisconsulto das bandas da Bairrada (que ignoro por que não teve seguimento), e dias depois á do exm.º sr. Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, que a si annexou mais quatro outros cavalheiros.

Como o sr. juiz não historia, mas *inventa*, ou *occulta* os factos, conforme as necessidades do momento, exige a sua escripta neste ponto a seguinte rectificação:

Os exm.ºs srs. Dr. Lourenço e conselheiro Pequito Seixas de Andrade, honraram a casa de meu constituinte, no dia 31 de Dezembro de 1871, e momentos depois os outros cavalheiros mencionados pelo sr. juiz, mas com propositos diversos. Os dois primeiros tinham a bondade de ir fallar-lhe, para firmar os pontos do accordo, sobre que elle mesmo já tinha dado o seu assentimento ao sr. Dr. Lourenço, dois dias antes, em conversa ao fundo da rua do Loureiro. Mas os outros amigos pretendiam do meu constituinte, que fosse com elles na noite d'esse dia tomar chá a casa do sr. juiz. Foi isto sómente a que elle se recusou, com grande magoa sua de não poder condescender com o pedido obsequioso das pessoas nomeadas e *da pessoa não nomeada*, e não á accommodação, proposta, como de certo por equivoco affirma o sr. juiz.

Desta tentativa de conciliação sordiram tres conferencias, a 1.ª a 4 de Abril de 1872, nos proprios locaes das questões; a 2.ª a 12 e a 3.ª dias depois, estas ambas na sala reservada do club á Sé Velha.

Á 1.ª concorreram os exm.ºs srs. Dr. Lourenço, Dr. Fernandes Vaz, major Heitor de Macedo (faltando dois dos dignos arbitros do accordo), o sr. Ayres Tavares Cabral por um acaso, e o meu constituinte e o sr. juiz. Pelo que quando este sr. affirma *nenhuma comigo*, commette uma falta de memoria, aliás bem cabida, para não trazer á lembrança, que pelas suas provocações ao meu constituinte, ia deitando tudo a perder, e mesmo daria logar a vias de facto, se este não fora tão prudente e respeitador dos cavalheiros presentes.

Na 2.ª e 3.ª estiveram presentes os tres primeiros cavalheiros já referidos, o meu constituinte e o exm.º sr. Dr. Chaves e Castro, e se na mesma 2.ª se não poude vir a accordo, em grande parte pela culpa do sr. juiz, em não habilitar os dignos arbitros, para confessar o dinheiro recebido da partilha dos bens da Bairrada, que era condição delle *sine qua non* (a proposito, já s. ex.ª rabuscou no seu livro de razão o *tal* 1:090$620 reis? falle, falle que já não é sem tempo!) na 3.ª redigiram-se as bases do mesmo accordo. Communicado este ao sr. juiz, deitou *borrão na carta branca*, visto que não tinha outra porta aberta para lhe fugir!

Falta ainda o sr. juiz de duas outras tentativas de conciliação, uma da iniciativa do exm.º sr. desembargador Antonio de Vasconcellos Pereira Coutinho de Macedo, e da do exm.º sr. arcediago Gaspar Pereira Peixoto de Queiroz, a outra e ultima.

O meu constituinte acceitou-as ambas e para realisação do accordo prestou-se a comparecer perante os respeitaveis e obsequiosos cavalheiros, juntamente com o sr. juiz, sempre que por elles lhe fosse ordenado. Esta é a verdade.

O publico decidirá se as fez gozar o que assim procede, se o que recusa abertamente comparecer perante os medianeiros.

Cumpre não passar alem, sem que quanto á *retractação* que com respeito a uma destas tentativas de conciliação attribue o sr. juiz ao meu constituinte, eu diga que tal imputação não tem o menor fundamento, e nem é cousa que faça o homem que se preza, sem juntar documento, ou ao menos indicar os factos sobre que recae uma tal imputação.

Ainda com respeito a essa mesma tentativa, devo não omittir, que o meu constituinte acceitava já melhor vontade para arbitros os muito dignos juizes da 1.ª instancia, os srs. Dr. Tavares de Pontes, e Dr. Pereira de Carvalho; e acceitaria egualmente o exm.º sr. Dr. Macedo, de que agora somente pela vez primeira ouve fallar para ser o terceiro, se lhe tivesse sido indicado.

Tenho respondido ás historias do sr. juiz, com a verdade de que me prezo, e se não indico nomes, é porque me não julgo auctorisado para o fazer, sem o consentimento dos cavalheiros que podiam honrar as minhas palavras.

E esta mesma honra me fariam, se fosse mister, os proprios cavalheiros, que o sr. juiz não duvidou nomear, sem attender aos melindres alheios, e a que não é licito usar tão livremente da amisade que os outros nos votam.

Urge concluir.

Digna-se o sr. juiz acceitar agora uma arbitragem, e prefere para ella os dignos magistrados dos tribunaes superiores do paiz! Se *observações* não são *rodeios* consinta s. ex.ª as seguintes:

Os pleitos existentes tem sido *onze*, 1 de policia correccional, que o sr. juiz ousou intentar contra o sabio patrono do meu constituinte, já elle o perdeu em todas as 3 instancias; 5 estão sem andamento e pendem de dois que o tem, e 5 são correntes.

Destes ultimos o 1.º é um celebre inventario para que o sr. juiz fez *desnecessariamente* citar o meu constituinte, no qual já teria havido o seu *terço* n'uns ridiculos moveis e nos livros, se não tivesse *impedido posteriormente* o andamento do processo, com as *duas exquisitas* exigencias, não constantes da petição judicial, de *levar de tacolta novo quinhão* nos bens da Bairrada, que já quinhoou, recebendo em dinheiro 1:090$620 reis, (que não esqueça!) e quinhão tambem nos *prazos de vidas* que agora allega serem *bens livres*, depois de ter concordado em ficarem de fóra da partilha por o não serem, e depois de ter ajudado a fazer as contas dos foros em divida ao Seminario Episcopal em 1864, nas pessoas dos seus representantes os srs. Neves Carvalho e Almeida Vasconcellos.

Para o 1.º ponto escusa-se incommodar ninguem, confesse o dinheiro recebido e dar-se-lhe-ha quinhão nos bens já quinhoados; e para o 2.º outro tanto, porque um passeio até ao Seminario Episcopal o habilitará a ver no cartorio o que finge ignorar.

O 2.º pleito é uma acção de adjudicação de aqueducto, em que é egualmente *auctor* o sr. juiz.

Sabe muito bem que a *inventou* para incommodar o meu constituinte, porque não ignora que a lei não favorece os usos *colinarios*, mas os agricolas e industriaes, e *sem* necessidade, porque o mesmo meu constituinte, nunca lhe regateou essa servidão, senão depois que o sr. juiz lhe talou o predio, para dever á violencia o que só podia obter por favor.

A pendencia está affecta neste dia ao supremo tribunal de justiça, exactamente, segundo os desejos do sr. juiz, que quer as suas questões nas mãos dos mais altos magistrados!

Esta acção extingue virtualmente duas outras, que o *perseguido* sr. juiz intentou contra o meu constituinte e abandonou logo ao nascer.

Uma 3.ª e 4.ª acções correntes são de *força* e de *nunciação*, devidas aos excessos do sr. juiz, que não respeitando a *lide pendente* da demarcação, vae alargando o seu predio com successivas usurpações de terreno, e até demarcando-o por auctoridade propria, pela construcção de muros, *fóra* da linha divisoria.

Estão pendentes ambas de novas citações, depois dos artigos de suspeição, com que nellas veiu, (e que rejeitados por unanimidade numa foram noutra concluidos pela posterior desistencia do sr. juiz); e agora até de *artigos de attentado* n'uma dessas causas, porque o sr. juiz não tem respeitado *tres* embargos que já se lhe fizeram, declarando até no ultimo *que se não importava com embargos, e ia mandar continuar* a obra pelos seus pedreiros (e se bem o disse, melhor o fez!), como consta da fé do sr. escrivão Santos, a quem depois de citado com s. exm.ª esposa, quasi á porta da sua casa, para não continuarem a obra, depois recusou fallar-lhe dentro della, deixando-o á porta da rua, quando mesmo o sr. Santos alli se dirigiu para assignarem a citação, o que não conseguiu!

E as novas citações não se sabe quando poderão ter logar, porque se têem a Antuzede o sr. juiz e sua exm.ª esposa, ora fogem ás sete partidas dos officiaes de justiça, ora se negam em casa, sendo vistos entrar para ella, (de que tudo ha fés authenticas); e na Guarda e em Thomar, tem-se recusado a encarregar-se da diligencia das citações as pessoas solicitadas!

Resta *corrente* uma 5.ª e ultima acção, a de demarcação, que é a que desnorteou o sr. juiz e o tem levado a todos os excessos contra o meu constituinte, como se este lhe tivesse feito alguns aggravos em tempo nenhum!

Seria longo o historial-a aqui.

Basta que diga que o meu constituinte *supplicante* nella, (porque alli não ha auctor nem reu) pede a demarcação, segundo o titulo da partilha feita, e até segundo o titulo do tombo de freguezias, junto aos autos pelo mesmo sr. juiz.

O sr. juiz contrariou a acção, affirmando *contra a lei*, que não é obrigado a demarcar; e *contra o titulo* allegando que *o assignou sem ler!*

É isto serio?!

E é tambem airoso, que se incommodem os altos magistrados do paiz, para decidirem que existem nas leis patrias duas disposições communs ás leis de todo o mundo, a saber: *que o visinho demarque com o visinho: e que na demarcação se observe o pactuado anteriormente entre elles!*

Recusando o sr. juiz a principio todas as acommodações, deseja-as agora, porque naturalmente vae pensando na vereda escabrosa em que se embrenhou.

De accordo; mas para isso não é mister dar vulto ao que em si é pequeno.

E bem vê que no que digo sou tão benevolo, que nem me abalanço a attribuir-lhe o intuito de se collocar bem, á custa de collocar mal o seu contendor e meu constituinte, o que nunca lograra.

De accordo sim, mas para isso é mister dispensar o espalhafato da imprensa, *(remedio que não cura mas aggrava males desta natureza)*, e entrar no caminho modesto das questões entre gente que não mira ao effeito.

Veja pois s. ex.ª se um, dois ou tres amigos, dos muitos, que tem, se prestam a dar um *primeiro passo*, designando dia, hora e local, para o acto conciliatorio, como pratica ahi qualquer juiz de paz.

Este primeiro acto é mister, porque ha precisão de definir: 1.º os arbitros; 2.º os pontos que hão de submetter-se-lhes; 3.º as bases do accordo, de modo que este não possa ser desmentido no dia seguinte por novas *semrazões*.

Eu respondo pelo comparecimento do meu constituinte. Está s. ex.ª já resolvido a comparecer, ou presiste em apregoar as suas virtudes conciliatorias, recusando todavia o primeiro passo no caminho dellas? Veremos.

Coimbra, 27 de Janeiro de 1874.

O procurador judicial, competentemente auctorisado, *Abel da Silva Linhaça.*

NOTICIARIO

Caminho de ferro da Beira—No dia 29 de Janeiro ultimo reuniu-se a assemblea geral da Associação dos Artistas, que esteve muito numerosa, porque a Associação se compõe de perto de 500 socios activos.

O sr. Olympio, presidindo á reunião, repetiu á assembleia as considerações que tinha apresentado perante os corpos gerentes, accrescentando novas razões pelas quaes lhe parecia que as representações, que vão ser dirigidas aos poderes publicos, terão o melhor exito, sendo que o proprio ministro das obras publicas tinha manifestado exuberantemente a sua deferencia por Coimbra.

A assembleia incumbiu ao sr. presidente a redacção da representação e das cartas que tem de ser dirigidas aos srs. conselheiros Mamede, Serpa, e Barjona, para que a patrocinem; e por proposta do sr. Emygdio Ferraz foi deliberado que tambem se escrevesse no mesmo sentido ao sr. Dr. Teixeira.

No dia 1 do corrente reuniram-se novamente os corpos gerentes, aos quaes o sr. Olympio apresentou aquelles trabalhos, que foram approvados, e logo assignados; e hoje vão ter o devido destino, sendo a representação enviada ao sr. conselheiro Mamede. A associação andou activamente neste negocio de tanto interesse para Coimbra; mas é necessario que o resto dos habitantes desta cidade tome o logar que lhe compete, bagindo a indolencia, que se diz proverbial nesta terra.

Lausperenne.— No domingo houve na egreja de S. João de Almedina, com toda a pompa, a inauguração do *Lausperenne*, que por deliberação do exm.º prelado da diocese alli hade haver todos as mezes.

A egreja, principalmente de tarde, estava completamente cheia de fieis, deixando até muitos de entrar por já não caberem.

Pregou o sr. Dr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente substituto da Faculdade de Theologia. Havia muito desejo de ouvir o distincto professor; e podemos dizer que correspondeu completamente ao muito que se esperava da sua elevada intelligencia. Todos sairam satisfeitos do seu eloquente e muito apropriado sermão.

Procuradores á junta geral.—No domingo foram eleitos nesta cidade, procuradores á junta geral, os srs. Drs. Lourenço de Almeida e Azevedo e Fernando Augusto de Andrade Pimentel e Mello.

Por Arganil foi eleito o sr. Dr. Antonio João de França Bettencourt.

Penacova e Poiares o sr. bacharel Alberto de Sousa Leitão.

Soure o sr. Dr. Miguel Leite Ferreira Leão.

Condeixa e Penella o sr. Dr. João José d'Antas de Souto Rodrigues.

Louzã e Miranda do Corvo o sr. Dr. José Augusto Sanches da Gama.

Goes e Pampilhosa o sr. bacharel Firmino de Magalhães.

Monte Mór o Velho o sr. Manoel Joaquim de Macedo Souto Maior.

Cantanhede o sr. bacharel José Luiz Ferreira Freire.

Figueira da Foz o sr. bacharel Manoel José de Sousa.

Oliveira do Hospital o sr. Dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco.

Taboa o sr. Fernando Gamboa de Vasconcellos Avila.

Novo advogado.— Veiu estabelecer a sua residencia nesta cidade com sua familia, o sr. José Albino Nunes da Silva Carvalho, bacharel formado na faculdade de Direito.

O sr. José Albino, deixou a sua casa de Tondella, onde durante muitos annos exerceu a advocacia, para tratar da educação de seus filhos em Coimbra; onde as suas excellentes qualidades pessoaes lhe grangearam a estima de todas as pessoas que de perto o trataram durante a sua frequencia universitaria; por isso conta muitos amigos nesta cidade.

Este cavalheiro acaba de matricular-se neste tribunal judicial como advogado, abrindo o seu escriptorio na rua do Visconde da Luz, n.º 67, 1.º andar.

Assim tem os auditorios desta cidade mais um intelligente e digno jurisconsulto, cuja reputação é uma garantia publica, para a honrosa profissão que aqui vai exercer.

Concurso.—Hontem teve logar na sala dos capellos a segunda prelecção feita pelo oppositor á cadeira vaga na Faculdade de Theologia, o sr. Dr. Bernardo Augusto de Madureira.

A discussão versou sobre o seguinte ponto:—*Jesus Christo morreu por todos os homens.* Foram arguentes os srs. Drs. Manoel Eduardo da Motta Veiga e Francisco dos Santos Donato.

Sermão.—O sr. Ricardo da Silva, pregou na segunda feira, pela primeira vez, na capella do Seminario Episcopal, perante um grande numero de seminaristas.

O nosso patricio e amigo desempenhou-se muito bem, e com agrado de todos, de sua sagrada missão.

Concelho de Taboa.—Consta-nos que no concelho de Taboa progridem as obras municipaes; tem-se satisfeito a quota no côfre districtal, e acham-se os empregados pagos em dia. A camara municipal vae estudar a estrada para Midões, já ha tempo approvada, para ser logo construida.

Folgamos muito de poder aqui consignar estes actos de boa administração municipal

Bibliotheca da Universidade. —O movimento de leitores em Janeiro ultimo foi o seguinte:

	Leitores	Obras pedidas
Litteratura e Historia	446	647
Theologia	700	856
Direito	1517	1689
Medicina	564	726
Mathematica	782	897
Philosophia	680	825
	4689	5640

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Padre José Nunes da Costa, filho de Antonio Nunes da Costa e Anna da Costa, natural de Folques, de 75 annos, fallecido no dia 25 de Janeiro.

José Abranches, filho de Manoel Abranches e Maria Abranches, natural de Galizes, de 46 annos, fallecido no dia 26.

Justina da Conceição da Costa, filha de Caetano Francisco e Maria do Carmo, natural de Coimbra, de 42 annos, fallecida no dia 30.

D. Maria Perpetua Arnaud Gamboa Cunha Mello, filha de Francisco Xavier Arnaud Gamboa e D. Juliana Ritta Gamboa, natural da Louzã, de 79 annos, fallecida no dia 30.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5339.

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Alcançam ao dia 1 de Fevereiro os jornaes recebidos nestes dois ultimos dias.

Havia sido preso e mandado para as Baleares, acompanhado por uma escolta o general Martinez Campos.

Causou-nos estranheza este facto, por termos ainda ha pouco visto a energia com que este official restituiu a ordem a Barcelona e os elogios que lhe dispensou o capitão general de Catalunha.

Todas as attenções estão, como se deve suppôr, voltadas para a guerra.

Diz-se que o governo, entre outras medidas, resolveu declarar o bloqueio de todo o litoral vascongado.

Moriones atacou La Guardia. E' esta uma praça da provincia de Alava, cercada de antigas fortificações e bem situada em uma altura. E' defendida pelo cabecilha Lhorente e 1:000 carlistas.

Moriones não podia avançar deixando esta posição, que domina a passagem do Ebro, em poder dos carlistas, e por isso resolveu occupal-a.

Julga-se que os carlistas se não poderão sustentar alli.

Em Valencia, Santes emprehendeu um movimento para se unir com Valles, Palano e Cucala, não se atrevendo a defender Chelva, seu quartel general.

No seu movimento porém procurou incommodar na marcha o exercito de Lopez Dominguez. Este general perseguia-o, mas depois de ter passado o rio Guadalaviar encontrou o caminho cortado e interceptado por fórma que não era possivel a marcha da artilheria.

Além d'isso as alturas além do rio e dominando o desfiladeiro de La Salada, estavam occupadas por 1500 carlistas, que disputaram o terreno aos liberaes. Foram porém repellidos aquelles, continuando Lopez Dominguez a sua marcha depois de reparado o caminho, chegando a Losa sem mais novidade.

E' o que ha de mais importante em noticias de guerra.

Brevemente será publicado um manifesto dos republicanos, redigido pelo sr. Castellar e que naturalmente conterá o programma da attitude do partido nas actuaes circumstancias.

O *Memorandum* dirigido pelo governo aos representantes de Hespanha no estrangeiro, é um programma de salutar reacção contra a politica federal, e essa mesma reacção se está fazendo no espirito publico nas provincias que mais turbulentas se têem mostrado.

Não ha nenhuma outra novidade que interesse.

Madrid, 31, ás 12 h. e 15 m. da tarde.— A *Gazeta* publica um decreto dissolvendo a esquadra do Mediterraneo.

Os carlistas intentaram oppor-se á passagem do exercito do centro pelo desfiladeiro [illegible]lada entre Chelva e Losa.

O general Martinez Campos foi preso e remettido para Mallorca.

Madrid, 31, ás 9 h. e 30 m. da noute. —Calcula-se na quarta parte dos mancebos da reserva os que aproveitaram a remissão a dinheiro.

Madrid 1, ás 1? h. da manhã.— A *Gazeta* publica um decreto nomeando 44 governadores civis de provincia.

Começou hontem o ataque da aldeia de La Guardia, defendida por 800 carlistas.

Foram hontem embarcados para Cuba 20 sargentos dos insurgentes de Cartagena.

Annuncia-se que vão receber grande impulso as operações contra os carlistas da Catalunha.

Madrid 2, ás 11 h. 23 m. da tarde.—Os carlistas que defendiam La Guardia capitularam. As tropas de Primo de Rivera occuparam a fortaleza.

A *Gazeta* publica o decreto declarando em estado de bloqueio o litoral cantabrico desde o cabo de Penas até Fontarabia, excepto os portos de Gijon, Santander e S. Sebastião.

O commandante de Castro Urdiales participou que grande parte dos carlistas desappareceram dos arredores de Bilbau, dirigindo-se para Villaro.

ANNUNCIOS

1 VINHO BOM DA BAIRRADA a 300 rs. o quartão; e dito a 260 rs. Rua Direita, em casa de Joaquim Maria.

2 PRECISA-SE d'uma senhora para mestra de duas meninas, em uma casa particular na Beira. Pretende-se que alem d'outras prendas saiba ensinar a tocar piano.

A pessoa que se julgar habilitada e queira ir para aquelle logar, póde dirigir-se pessoalmente, ou por escripto a José Gomes Paes, ao Arco d'Almedina, que lhe dará os esclarecimentos precisos e receberá as propostas, ou condições.

MARIA ROSA VEIGA

3 COM ESTABELECIMENTO de chapeus de chuva, de todas as qualidades, e deposito de sanguesugas hespanholas e francezas; declara que fica sendo fornecedora de sanguesugas, para o Monte-Pio da Imprensa da Universidade; e previne todas as familias dos socios deste Monte-Pio, de que, caso precisem, lhes fornecerá as mesmas pelo preço que as fornece aos socios, pois que assim o deliberou com a direcção do mesmo Monte-Pio no dia 27 de Janeiro de 1874.

Previne mais as socias da Associação Conimbricense do sexo feminino, que foi nomeada para fornecedora de sanguesugas da mesma Associação; e por isso aqui lhes indica a sua morada. Rua das Solas, n.º 11 e 13.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

A barca HUMILDADE, em 14 do corrente.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Monte-Pio Conimbricense

5 SÃO CONVIDADOS os socios do Monte Pio Conimbricense a comparecerem no proximo domingo 8 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, na sala da Associação dos Artistas de Coimbra.

Ordem do dia

Apresentação do parecer da commissão de contas.—Eleição para os differentes cargos do Monte-Pio.

O secretario da mesa,
Antonio Ferraz.

6 TODAS AS PESSOAS que quizerem tomar de aforamento para edificar casas, o terreno que medeia entre as casas do exm.º conselheiro José Ernesto de Carvalho e Rego, e as escadas do quinchorro, na rua da Alegria; e na Couraça de Lisboa, desde a descida do mesmo quinchorro até ao quintal do exm.º sr. José de Moura, póde dirigir-se á rua da Alegria, n.º 55, aonde estarão patentes as condições.

7 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Sernache, concelho de Coimbra, faz publico, que no dia 8 do proximo mez de Fevereiro, pelas 2 horas da tarde, á porta da egreja parochial, se hade arrematar em praça publica, a quem por menos o fizer, a obra da reedificação da mesma egreja, conforme os apontamentos, que serão patentes no mesmo acto, convindo o lanço á mesma junta.

Sernache, 21 de Janeiro de 1874.
O presidente,
Joaquim Antonio Pereira Maduro.

8 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia d'Almalaguez, faz publico, que no dia 15 de Fevereiro, pelas 11 horas da manhã, no patim da egreja matriz, se hão de arrematar as seguintes obras:— Umas portas de ferro para o cemiterio, rebocar e guarnecer interior e exteriormente os muros do cemiterio e caial-os, e concertar os paramentos da egreja.

Todas as condições e esclarecimentos estarão patentes no acto da arrematação.

Almalaguez 31 de Janeiro de 1874.
O presidente da junta,
Antonio d'Almeida Pedroso.

DOCTOR IN ABSENTIA

9 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Aviso aos recrutas

10 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra ao sr. João de Aveiro; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

STEARINA

Em pacotes de 4, 5 e 6 velas.

11 VENDE-SE a 140 rs. cada pacote. Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga,

51—Sophia—55

Casa d'azulejo

AGRADECIMENTO

12 ANTONIO AUGUSTO COELHO, sua mãe e irmã, agradecem a todas aquellas pessoas, que por occasião da enfermidade e fallecimento de seu prezado pae e marido, José Joaquim Coelho Porto, prestaram os seus serviços, e acompanharam os restos mortaes do fallecido ao cemiterio; confessando a todos eterna gratidão.

13 RICARDO ANTUNES DE MACEDO, no largo de Samsão, está auctorisado a vender uma porção de terras no campo e monte, com olivaes, neste districto de Coimbra. Quem pretender, o annunciante está prompto a dar os precisos esclarecimentos.

14 PARTICIPA-se ao illm.º sr. Antonio de Sousa Pinto de Barros Cachapuz, que vae ser executado por trinta e oito mil e quatrocentos reis, se dentro do prazo de quinze dias não satisfizer.

O padre *Joaquim Martins Nobre.*

Attenção

FILIAL DA CASA HAVANEZA
DO PORTO
EM COIMBRA
Rua da Calçada, n.º 189-189 A

15 ANNUNCIA-SE ao illustrado publico desta cidade, um novo estabelecimento Filial da bem conhecida **Casa Havaneza**, onde se vende uma grande variedade de tabacos genuinos, tanto nacionaes como estrangeiros.

Pede-se a attenção particular para a especialidade dos charutos.

Coaba Operas, superior, de ... 20
Flor del Chjado, de ... 20
Flor de Creta, de ... 25
Emilio Castellar, de ... 25

Cigarros superiores

El Mensageiro, masso de 25 cigarros ... 140
Princeza de Hayti, masso de 50 cigarros ... 140
Tabaco Rocheford, massos de 400, 800 e 1$500 rs.

Vendem-se muito em conta ao comprador, charuteiras e cigarreiras de couro da Russia, variados cachimbos, ponteiras de bom gosto para cachimbos, e cigarros, e mais objectos que dizem respeito aos amadores de fumo; directamente recebidos da capital de Austria.

Filial da **Casa Havaneza** do Porto em Coimbra, rua da Calçada, n.º 189-189 A.

ATTENÇÃO

16 EM ANÇÃ, villa muito populosa nas proximidades de Coimbra, e ligad por uma estrada real á estação do caminho de ferro da mesma cidade, rica em todos os ramos de agricultura, abundante em mattas e pedreiras, notavel pela abundancia de aguas, as quaes fazem mover simultaneamente cinco engenhos de fazer farinha, existe um novo e vasto edificio de 27 janellas, com dois andares, e grande extensão de terreno contiguo, correndo junto do edificio toda aquella porção d'agua, e em condições as mais apropriadas para uma fabrica de lanificios ou de qualquer outro genero de industria.

O seu proprietario, João Marques de Almeida Araujo Pinto, residente em Coimbra, recebe propostas para arrendamento, venda ou aforamento.

NUMERO 2769 — SABBADO 7 DE FEVEREIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por [illegible] 40 reis.
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do [illegible] na loja do Sr. Joaquim [illegible].
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**.
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Está em discussão na camara electiva o projecto de lei para a suppressão da engenharia districtal, creada em 1868, pelo ministerio reformista.

Como esta proposta se não presta ás apreciações apaixonadas da politica, parece que as sessões tem corrido placidamente. Ha, todavia, profunda divergencia de ideias ácerca de alguns pontos do projecto.

Effectivamente é elle bastante deficiente: convertido em lei, tal como está, cremos que não póde satisfazer cabalmente ás conveniencias do serviço.

Os defeitos que se encontram em quasi toda a nossa legislação, provem particularmente do systema de legislar a retalho, sem subordinação a um pensamento fixo e determinado nos differentes ramos da administração publica.

Este inconveniente, que se manifesta em quasi todas as repartições do estado, tem dado origem a muitas irregularidades e desperdicios, estabelecendo o cahos e a desharmonia na legislação: donde provem a complicação desnecessaria dos negocios; muitas vezes a injustiça nas decisões; e sempre o prejuizo de tempo e de dinheiro, para os cidadãos e para o estado.

Taes inconvenientes não podem evitar-se, em quanto os poderes competentes não tratarem de refundir a nossa legislação. Era por isso altamente vantajoso, que os poderes do estado se compenetrassem desta necessidade, para tratar de organisar, por forma mais racional, e em harmonia com a moderna escola descentralisadora, os differentes serviços da nossa administração geral e local.

A engenharia districtal, não produziu as vantagens que della esperavam os iniciadores desta reforma. A pratica tem mostrado os geraes inconvenientes de tal medida.

E' mais um meio que as influencias politicas das localidades aproveitam para satisfazer os interesses partidarios, preterindo-se muitas vezes as conveniencias de ordem geral.

A dependencia que tem actualmente os empregados de engenharia districtal, da auctoridade administrativa, é um dos maiores defeitos da instituição; e é este o motivo que deu origem ás representações de grande numero de municipalidades contra este serviço, por se verem sobrecarregadas com avultadas despezas, sem colherem os resultados que tinham direito a esperar.

Conhecemos, por tanto, a necessidade de reformar este serviço, de modo que os povos tirem delle vantagens em proporção da avultada despeza, que estão fazendo.

E' preciso que de uma vez se assegure aos povos os resultados, que podem e devem tirar dos seus sacrificios, por meio de uma justa e racional distribuição de interesses, e por forma que se facilite e coadjuve este movimento progressivo dos melhoramentos materiaes.

Se o governo não póde sobrecarregar o thesouro com as despezas da viação concelhia, tenha ao menos o pessoal necessario para satisfazer de prompto aos estudos e á direcção technica das obras publicas municipaes.

Parece-nos mais conveniente organisar a engenharia, de modo que as camaras satisfaçam sómente as despezas de construcção; ainda que o governo tirasse o subsidio com que actualmente concorre para as despezas de viação municipal. Cremos que os povos lucrariam com esta reforma, que pouco altera a proposta que se está discutindo.

Mais de espaço procuraremos ampliar estas ideias.

OS ACONTECIMENTOS DE COIMBRA

Recebemos hontem o seguinte:

PROTESTO

Os que abaixo seguem, commissionados pela academia de Coimbra, em assembleia geral de 3 do corrente, protestam contra as calumnias tão aleivosamente assacadas pela imprensa periodica contra a mocidade academica, repellindo especialmente como infamantes os factos ultimamente narrados pela *Revolução de Setembro* e transcriptos no *Conimbricense* e outros jornaes; sentindo que as condições particulares da sua organisação os inhibam de tornar effectiva por meio dos tribunaes a responsabilidade dos que assim abusaram da liberdade de imprensa.

A academia procede deste modo simplesmente para levar ao coração honesto de seus paes o socego de que carece.

Coimbra 5 de Fevereiro de 1874.

Carlos Augusto Pinto
Francisco Teixeira de Queiroz
Ignacio Emauz do Casal Ribeiro
Sebastião de Magalhães Lima
Antonio de Assis Teixeira de Magalhães
Antonio Candido Ribeiro da Costa
Antonio Augusto Pacheco.

Temos a dizer aos auctores deste protesto, que não sabemos, e muito menos affirmamos, que todos os maleficios que por alli tem sido praticados, são de academicos; porque de muitos não ha testemunhas. Da maior parte, porem, como são praticados publicamente, ahi está toda a cidade para poder testemunhar quem são os seus auctores.

Felizmente em as nossas queixas contra o estado anarchico em que se tem achado Coimbra, não temos ficado isolados.

O nosso collega do *Progressista*, em o n.º 225 de 22 de Janeiro ultimo, diz o seguinte:

«**Pedimos providencias.** — Na terça feira, 20, os estudantes da primeira parte de physica agglomeraram-se á porta da Universidade com o fim de caçoar os estudantes do 1.º anno de Direito. A caçoada, porem, parece que foi *brutal*, porque, segundo nos informam, alguns novatos receberam *canelões*, o que deu origem a travar-se desordem, e darem muito bofetão uns nos outros.

Não fazemos considerações; expor o facto é stygmatisal-o e achal-o torpe; apenas pedimos providencias.»

O mesmo nosso collega do *Progressista*, diz mais em o mesmo numero:

«**Troças.**— Pedimos providencias para as troças nocturnas, que se tem feito, principalmente pelas ruas do bairro alto, chegando o ponto de em algumas casas os seus habitantes não poderem conciliar o somno.

De que servem as auctoridades e policia desta terra?»

Ainda o nosso collega do *Progressista*, diz em o n.º 227 de 29 de Janeiro o seguinte:

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXXIV

D. CARLOS

LXXXIV

O conde Roberto de Custine, um desses realistas de coração, typo dos cavalleiros antigos, que não tinham outro lema social e politico que Deus e o rei, foi o commissionado para ir a Saltzburgo, onde foi apresentado á princeza da Beira, D. Maria Theresa de Bragança e Bourbon, filha mais velha de D. João VI; a mesma que ha poucos dias acaba de fallecer em Trieste.

Rodeada de poucos criados, dedicava-se D. Maria Theresa, no retiro em que vivia, a dirigir com particular cuidado e illustrado interesse, a educação de seus sobrinhos, filhos de sua irmã, e primeira mulher de D. Carlos, D. Maria Francisca de Assis.

Nas conferencias que D. Maria Theresa teve com Custine, lhe confessou ella que era rainha de Hespanha, pois que se havia casado com D. Carlos por procuração, havia muitos mezes; que devia estar perto delle, e participar dos seus riscos; e que tendo 20 annos o principe das Asturias, devia ir combater juntamente com os fieis soldados de seu pae, para conquistar a real herança.

Querendo-lhe manifestar o conde os meios de fazer viagem, o atalhou D. Maria Theresa, dizendo-lhe que tinha confiança no que elle dispozesse, que se submetteria a todo o genero de fadigas, iria a pé, a cavallo, faria uso de pistola em qualquer risco, e que só esperava a occasião de partir, necessitando de poucas horas para dispor-se.

Custine regressou a França, arranjou passaportes, uma carruagem solida e um trem completo de viagem para a princeza, e aproveitando a affluencia de estrangeiros em Milão, a presenciar as festas da coroação do imperador, se dirigiu a este ponto, donde passadas as festas marchou no dia 22 de Setembro de 1838 para Vienna, chegando a 29 a Saltzburgo, com um joven companheiro de viagem, que havia de ser substituido pelo filho de D. Carlos.

Apresentado Custine á princeza Amelia, mulher do infante D. Sebastião, e disposta a partida, se despediu a princeza da Beira de seus criados hespanhoes, confiando á sua discrição o segredo da sua partida; deu a Custine uma pequena caixa de ferro, dizendo-lhe que continha cousas que eram muito apreciaveis, ainda que de pouco valor, que deste nada tinha, por haver vendido os seus diamantes para soccorrer alguns amigos fieis; e em meio de soluços de todos, saiu apoiada no braço do conde, e a sua dama D. Pilar del Arce no de D. Carlos Luiz, filho de D. Carlos.

Chegaram sem ser vistos de ninguem á pousada do Boi de Ouro, e em poucos minutos saiam de Saltzburgo com bons tiros de posta, recordando aos quatro viajantes que aquelle dia 29 de Setembro, era o anniversario do conde de Chambord, Henrique de França.

A bom passo sairam de Allemanha, atravessaram o Insbruch e muito poucas cidades do Tirol, assim como o caminho de Lindau a Milão, a curta distancia de Breguentz; chegaram á margem do Rheno, perto da embocadura no lago de Constança, e ao chegar á Suissa foi detida a carruagem por não irem incluidas no passaporte as quatro pessoas que viajavam; porem salvaram esta difficuldade, atravessaram Zurich, Berna, Lausana e Genebra, e chegaram a Chambery a 6 de Outubro.

Devia receber aqui Custine as senhas da pessoa a quem tinha de confiar-se nas immediações de Bayona; porém em vez d'ellas se encontrou uma carta cheia de instrucções, as quaes se lhe exigia se submettesse; e como nellas se recommendava a guarda do filho de D. Carlos, teve de condescender, ainda que considerava inconveniente; e separan[illegible]

«**Troças.**— Continuam as troças nocturnas com grande escandalo; chegando até, no sabbado passado, a atirarem um pobre caloiro pela rua de Quebra Costas abaixo, de que lhe resultou quebrar um braço!

Não nos cançaremos de bradar, pedindo providencias ás auctoridades!»

O nosso collega do *Jornal de Coimbra*, em o n.° 89 de 29 de Janeiro, diz o seguinte:

«**Por causa das troças.**—Não ha decorrido ainda um anno, que Coimbra presenceou a passagem d'um cortejo funebre, sobre que cahiam as lagrimas d'uma familia inteira, as saudades de muitos e a dor de todos. Motivou ainda mais; fez pairar sobre a cabeça da mãe extremosa, que vê em seu filho o unico amparo na sua velhice, a decisão d'um jury, que podia com o seu *veredictum* cortar-lhe todas as suas esperanças, roubando-lhe dos braços o filho querido. Lembram-nos ainda as lagrimas que vimos correr depois de lida a sentença absolutoria, que novamente restituiu ao filho os carinhos da mãe que se finava de dôr e receios.

Não poude, porem, restituir-se a vida ao infeliz, que sem o querer occasionara esta scena tocante e pathetica. E lá existe coberto pela campa, junto da qual ainda hoje vão soluçar aquelles que mais o estremeceram.

A campa foi aberta por um academico, que tomou o desforço n'uma *troça* que lhe faziam os seus companheiros no estudo. A absolvição foi dada a esse academico.

N'esse tempo, que vae bem perto, todos lamentaram a occorrencia fatal, e a propria academia fez um protesto, que nós publicamos stygmatisando as *troças*, aconselhando a não continual-as.

Este protesto foi assignado por muitos estudantes e não nos consta que algum fizesse qualquer reclamação. Todos se curvaram ante aquellas ideas de progresso.

E a academia hoje é a mesma, e não obstante as *troças* continuam, e continuam tambem as suas funestas consequencias.

Terrivel esquecimento do passado, e lamentavel presente, que nos dá ainda occasião de registarmos mais d'essas occorrencias.

A ultima que nos consta, teve logar no sabbado proximo.

Um grupo de estudantes da Universidade pretendeu *troçar* um outro do preparatorios. Este ultimo, procurando escapar-se-lhe, correu pelas escadas da rua de Quebra Costas, mas, fazendo-o com bastante precipitação, cahiu, e da queda resultou quebrar um braço.

Os aggressores com receio de serem conhecidos, e mais tarde castigados, fugiram, e deixaram sem soccorros a sua victima.

E com pezar o fazemos, mas a verdade pede que censuremos tal procedimento improprio de quem se devia esperar antes exemplos de moderação do que a pratica de acções desordeiras.

Estas aberrações sociaes cumpre ás auctoridades punil-as, e por isso a ellas pedimos todas as providencias.»

O mesmo nosso collega do *Jornal de Coimbra*, em o n.° 90 de 1 do corrente, diz o seguinte:

«**Policia da cidade.** — Consta-nos, que o reitor da Universidade officiou para o ministerio do reino, dando conta do pessimo estado policial em que se acha esta cidade, e dos abusos que por isso estão sendo repetidos amiudadas vezes, e pedindo providencias para se poder obstar á continuação da anarchia, que tem havido.»

O correspondente de Coimbra, para o nosso collega do *Jornal do Porto*, lhe diz o seguinte:

«**Coimbra, 1 de Fevereiro de 1874**—Certo estou eu de que ninguem deu pela minha falta na semana passada; no entretanto pede a lealdade que eu a accuse, explicando-a por incommodo de saude, e accrescentando que tambem nenhum facto importante me obrigou a substituir-me no honroso encargo que aqui desempenho.

Dada esta explicação, que importa principalmente ao illustrado director desta folha, principio por gritar ao sr. ministro do reino *aqui d'el-rei* contra a anarchia brava que vae nesta cidade.

O mais desaforado e petulante atrevimento cruza livremente as ruas e até invade o domicilio.

Retrocedemos ao tempo da *republica do Carmo*, em que os habitantes viviam aterrados pelas malfeitorias de cada noute, pelas indecorosas torpezas de cada hora.

São os resultados da impunidade que passeia desassombrada e altiva, affrontando a moralidade, e tornando odiosa a justiça!

No passado anno lectivo foram escandalosas as *troças academicas*, que tiveram por epilogo a morte de um dos trocistas. Facto espantoso, que conciton o sentimento geral cobrindo de luto uma familia e outra de susto e remorsos; facto pasmoso, e como preludio de maior serie de desgraças, que devera ter chamado toda a attenção dos que teem a seu cargo manter a ordem publica e a segurança individual.

A imprensa unanime pediu providencias, a academia sensata protestou energicamente contra o estupido costume que originara o desastre, e os mesmos desordeiros ficaram horrorisados de si.

As auctoridades, porém, ficaram indifferentes. O sr. ministro do reino não soube do caso, ou se o soube deitou-o á conta de *rapaziada*, como se dar pancada até matar fosse o mesmo que jogar a cabra cega. As coisas ficaram pois no mesmo estado!

Em Julho deu se o escandalo assombroso da rua do Visconde da Luz, que o paiz todo conhece, que desacreditou a cidade, que poz medo aos que costumam visitar-nos.

Quem foram os criminosos? No dia seguinte todos o sabiam. Qual delles deixou já de passear livremente por onde quer? As auctoridades estão ha sete mezes a fazer processo, *mostrando-se muito solicitas no cumprimento dos seus deveres!*

Isto é genuinamente criminoso!

Ha poucos dias ainda publicou o dono da hospedaria em que se deu o crime, e que ia sendo morto em defeza das pessoas que tinha em sua casa, uma declaração na qual affirma ser falsa a noticia que se espalhou de haver recebido dinheiro para se accommodar. Nessa declaração encontram-se os dois periodos seguintes, que eu não sei possam ser lidos por uma sociedade regularmente constituida, sem que a vergonha lhes cubra a *face*. Eil-os:

«E verdade que me offereceram dinheiro, mas eu não o quero, porque estimo mais a minha reputação, e a inviolabilidade da minha casa.

«Se tem havido demora na prisão dos culpados, *todos sabem quanto é infelizmente difficil prender pessoas poderosas.*»

Isto não se commenta!

O resultado destas monstruosidades, destes exclusivismos de raça, desta iniquidade de justiça, desta impunidade dos gradûos, é o que se está presenciando actualmente; é a anarchia crescente, é o desaforo desembuçado, que já sae dos brejeiros de batina para os brejeiros de jaqueta, que cresce de dia para dia, e que provoca a academia e os habitantes a castigar por suas mãos os discolos que a auctoridade publica não reprime.

No tempo dos caceteiros miguelinos e cabralinos não era maior o susto com que qualquer sahia de noite á rua. Vultos negros de cara tapada e de intenção duvidosa, atravessam as ruas e estacionam embuscados nos recantos. Sente-se o fremito do pugilato em qualquer parte, berros, socos, imprecações, e o ranger da tesoura, que nem sempre leva só cabello ao desgraçado que cahiu nas mãos de um magote de covardes, com o rosto velado.

A estas scenas ferozes segue-se a arruaça. Gritarias infernaes, obscenidades espantosas e nojentas, insultos ás familias, pedradas ás portas e ás janellas, e emfim toda a qualidade de tropelia que podem produzir rapazes embriagados, sem educação e completamente desenfreados.

Uma destas noites foi victima destas correrias um estudante de Mesãofrio, que partiu um braço por modo tal, que não será facil deixar de ficar aleijado. O rapaz fugia de um troço que o perseguia, caiu nas escadas de Quebra Costas, e tão desastrada foi a queda, que ficou com o braço esmigalhado.

Ha dias foram encontradas as portas de varios predios cheias de petroleo, e a gente do sitio murmurou que tinha sentido os *trocistas* andar por alli a fazer o quer que fosse.

Temos então, em menos de 10 mezes, um homicidio, um ataque ao domicilio, de noute, com arrombamento de portas, e ferimentos graves; um braço quebrado, muitos espancamentos, muitos insultos, pedradas e algazarras, e para coroar a festa uma tentativa de incendio. Tudo isto se imputa aos discolos de capa negra, que não devem por modo algum confundir-se com a academia sisuda e bem educada, que reprova, que é victima e que lamenta, como todos, a falta de força que reprima estas travessuras.

Quer o sr. ministro Sampaio mais alguma cousa que justifique a urgente necessidade de policia em Coimbra?

O sr. governador civil diz que não tem *força*, nem physica nem moral — o sr. reitor diz que não tem *força*, nem physica nem moral. E assim é. Mas os 18:000 habitantes desta terra querem socego e segurança, e s. ex.ª não terá de que se admirar se um dia os vir sahir á rua a escorraçar os desordeiros.

Bem verdade é que os povos não são maus senão porque os governos os fazem taes. Um desaforo destes ha tanto tempo sem a menor medida de repressão, senão que ainda animado com a mais escandalosa impunidade, está obrigando á desordem os animos os mais pacificos e brandos.

Se assim continuarmos veremos as familias retirar d'aqui seus filhos, que n'uma tal situação pódem de uma hora para a outra responder com lagrimas e luto ás esperanças que n'elles têem. O sr. ministro é o responsavel, mas o mal é de quem o soffre.»

O nosso collega do *Tribuno Popular* em o n.° 1877 de 28 de Janeiro diz o seguinte:

«**Desastre.**—No sabbado, de noite, um estudante de preparatorios, descendo precipitadamente a rua de Quebra Costas, cahiu com tal infelicidade que partiu um braço. Chama-se José Pinto da Silva, e dizem-nos ser natural de Mesãofrio, provincia de Traz os Montes.

O barulho da queda dispertou a attenção da visinhança, e o sr. Tinoco recolheu o ferido para sua casa; mas, como não fosse possivel proceder alli ao curativo, acompanhou-o ao hospital, onde o sr. Fonseca lhe encanou o braço, o qual estava partido pelo *humero*.

Em carta que temos á vista nos dizem que o infeliz mancebo está arriscado a ter de soffrer a amputação do braço.

A causa deste lamentavel desastre provem das troças, da impunidade que continua a ser o seu principal incentivo, e da falta de policia, que torna a cidade quasi intransitavel de noite, tal é o numero, e a turbulencia dos bebados e discolos que a percorrem á vontade até ao amanhecer.

O estudante partiu o braço fugindo a um magote de trocistas, disfarçados com as capas

pelas cabeças, que pretendiam agarral-o, e o perseguiam.

Dizem-nos que o sr. reitor encarregára o guarda mór de averiguar quaes foram os auctores daquella grande desgraça, e que tambem se procede civilmente; mas ninguem acredita nestes procedimentos, e em uma correspondencia que temos presente, se affirma, que este é o resultado da relaxação escandalosa em que se acha a disciplina e a policia, e do pouco caso que as auctoridades, mórmente as academicas, tem feito de delictos, e até de queixas que anteriormente tem chegado ao seu conhecimento.

Mais nos dizem, que sem distincção de noites de feriado ou de aula, tanto no bairro alto, como na cidade baixa, as troças, as bebedeiras, os insultos, as desordens são constantes, e encontram-se por toda a cidade.

Nós podemos confirmar a verdade de tudo isto e acrescentar, que não ha policia, mas que não é só este o mal. Se algum crime toma tal vulto, que não póde deixar de ser perseguido pela justiça, move-se o mundo em peso para proteger a impunidade, e...

Este estado não póde continuar; e ou as auctoridades desenvolvem a força necessaria para manter a ordem, a segurança, e a disciplina, ou se torna indispensavel que o governo metta aqui os suas mãos, e nos dê quem saiba cumprir com as suas obrigações.

O anno passado morreu um estudante victima das troças brutaes; agora succede a desgraça de que damos noticia. Os paes que enviam para aqui seus filhos, não pódem viver tranquillos.

Pedimos por tanto providencias.»

O mesmo nosso collega de *Tribuno Popular*, em o n.° 1879 de 4 do corrente, diz o seguinte:

«**Insulto e providencias.** — No domingo á noite um grupo de estudantes foi á porta da redacção do *Conimbricense* fazer vozeria, e dirigir insultos ao sr. Joaquim Martins de Carvalho, em consequencia da noticia publicada naquelle jornal sob o titulo *Anarchia em Coimbra.*

E' mais um facto para comprovar que não ha policia nesta terra, o que parece incommodar pouco, se *é que não alegra* as auctoridades superiores que a governam.

O insulto feito ao sr. Martins attenta contra a ordem publica, contra a inviolabilidade domestica, e contra a liberdade de imprensa, sendo tanto mais de estranhar, quanto é praticado por homens que devem suppôr-se illustrados.

Repetimos, que é indispensavel que o governo intervenha neste estado.

No domingo correu que a cidade ia ser patrulhada por forças de cavallaria, e reforçadas as guardas da cidade, a requisição da auctoridade policial, que não dispunha de força para manter o socego, e conter os turbulentos; dizendo-se que outras providencias seriam postas em execução.

Tudo isto porêm não passou de boato, dizendo-se depois que o sr. governador militar recusára a força pedida, e que o sr. governador civil pedira ao governo mais força militar.

Relatâmos as noticias que temos obtido; mas o que pódemos affirmar é que nenhumas providencias foram postas em pratica, e que a cidade continuou entregue aos recursos ordinarios da policia, que são insufficientes não só no bairro baixo, mas até no bairro alto.

Repetimos que as auctoridades superiores estão tomando *pela sua complacencia* responsabilidades que a cidade não tem obrigação de supportar, e de que o governo deve inquirir, antes que seja a isso obrigado por mais graves acontecimentos.»

Vamos terminar.

Os academicos que nos remetteram o protesto que acima publicamos, dizem que o faz a academia, *para dar ao coração honesto de seus paes o socego de que carece.*

Pedimo-lhes, porem, o favor de fazerem tambem chegar ao conhecimento dos mesmos paes os seguintes factos.

Primeiro: que uma multidão de *estudantes*, sem duvida para darem um documento publico da sua *cordura*, e um desmentido formal ao que a respeito dos desordeiros se tem publicado; vieram no domingo á porta da nossa casa e typographia, fazer-nos as maiores ameaças e dirigir-nos os mais torpes insultos.

Segundo: que nestes ultimos dias, não temos podido passar por grupo nenhum de *estudantes*, sem que sejamos publicamente provocados e insultados; o que de certo é unicamente feito para mostrarem a sua muita *cordura*, e provarem que é falso o que pela imprensa se tem dito.

Esperamos, pois, que com a lealdade que os caracterisa, façam saber isto aos paes dos referidos estudantes, com quanto a elles não fique com isso muito *socegado o coração*.

CONTINUAM OS ESCANDALOS

Em a noute de quarta para quinta feira, foi arrancado um lanço de grades de ferro, com as suas competentes pilastras de pedra, no mercado de D. Pedro V, da Horta de Santa Cruz.

Em a noute immediata, quinta para sexta feira, pelas 10 horas da noute, achava-se o bem conhecido cocheiro, Augusto de Almeida Chuva, a cear, com sua mulher, na sua habitação da rua da Trindade. A casa onde estavam é rente da rua, e tinham a janella cerrada.

Nessa occasião, abrem da rua a janella, e arremeçam com violencia uma botija das de genebra contra elles. A botija, ao entrar, parte-se no bordo da janella, e a metade com o fundo, vae bater em uma das mãos do sr. Chuva, que fica ferido, e d'alli, resvalando, bate fortemente no peito de sua mulher, a qual cahe no chão como morta!

Aqui tivemos hontem em nossa casa, trazidos pelo proprio ferido, todos os pedaços da botija.

Não sabemos quem foram os auctores destes attentados; mas o que elles mostram claramente, é a necessidade, cada vez mais urgente, de policia em Coimbra, que assegure a tranquillidade a que todos os cidadãos têem direito.

NECROLOGIO

Fuissem, quasi non essem... Jos, 10.

Uma mortalha, um ataude, luto e lagrimas, eis a sorte, que a todos espera. Quantos engolphados no proceloso mar da vida, esquecidos do dia de ámanhã, tropeçam na louza do sepulchro, quando menos o esperavam! Morte... sempre cruel, sempre inexoravel; debaixo de teu sceptro fatal verga o rico e poderoso do mundo, de envolta com o humilde e miseravel pobresinho. Tudo vae caminho da eternidade... As galas da opulencia, bem como os andrajos da miseria lá se vão reunir na voragem dos sepulchros.

Pobre, e triste humanidade, que jámais te subtrahireis á lei fatalissima da morte. ¡O sabio, o ignorante, o rico, e o pobre, todos hão de transpor os umbraes desse vasto campo da egualdade, chamado cemiterio. Tambem a virtude não é exceptuada, porque se o fôra, não chorariamos hoje o passamento de uma virtuosa senhora, não digo bem, de um anjo, que tinha por nome D. Josefa Candida Soares de Albergaria. Possuia esta senhora no mais subido grau todas as virtudes christãs, e sociaes, que a tornava tão querida e respeitada por todos.

Seus honrados paes, o illm.º sr. Anacleto Soares de Brito e Albergaria e a exm.ª sr.ª D. Maria Paes de Campos, desta villa, souberam dar-lhe uma esmerada educação, vinculando-lhe no coração todos os sentimentos de nobreza, e dignidade, que servem de timbre a esta honrada familia.

Foi no dia 27 do corrente, pelas duas horas da tarde, que teve logar tão infausto acontecimento, que veiu cobrir de luto todos os habitantes desta villa, e geralmente todas as pessoas, que a conheciam. Não poderam salval-a o carinhoso tratamento de sua extremosa familia, nem os medicamentos do muito habil e distincto facultativo deste concelho.

Uma teimosa enfermidade lhe minava a existencia havia muitos annos; via-se finar de dia para dia. Não era ella, que menos conhecia o seu estado, e quando viu aproximar o termo fatal, pediu os sacramentos da santa egreja, abraçada ao sagrado lenho da Cruz, com uma serenidade de espirito toda angelica, entregou a alma ao Creador, contando apenas 15 annos de edade. E' assim a morte dos justos.

Agora a sua exm.ª familia cumpre aceitar com a resignação de catholicos os insondaveis decretos da Divina Providencia. E nós catholicos e amigos, curvemo-nos reverentes ante essa campa ainda mal fechada, enderessemos ao Eterno uma ferverosa prece por seu eterno descanço.

Carregal 31 de Janeiro de 1874.

Um amigo da finada e de sua familia.

NOTICIARIO

Casamento.—Realisou-se em Lisboa, no dia 4, pela 1 hora da tarde, o casamento do sr. Dr. Luiz Jardim com a exm.ª sr.ª D. Guilhermina Marques Lopes dos Anjos, filha do sr. Antonio Lopes Ferreira dos Anjos.

Lançou as bençãos nupciaes o sr. bispo de Vizeu, e foram padrinhos por parte da noiva os seus paes, e por parte do noivo sua mãe e seu thio o sr. Dr. Antonio Jardim.

Findas as ceremonias religiosas, a que presidiu o maior apparato, teve logar um lauto jantar de 50 talheres, a que assistiram sómente o prelado e mais sacerdotes que o coadjuvaram, e os parentes mais proximos das familias dos noivos. O primeiro brinde foi proposto pelo sr. Anjos, em honra da sr.ª viscondessa de Monte-São, a quem tributou os mais francos elogios, pelos excellentes dotes que a adornam, como esposa exemplar, e como extremosa mãe. O sr. visconde de Monte-São agradeceu commovido, e brindou á saude do sr. Anjos e de sua familia, desenhando com vivas côres o caracter do homem laborioso e honrado, que pelo seu trabalho e virtudes domesticas e sociaes soube progredir na carreira do commercio até chegar á elevada posição que hoje occupa.

O sr. bispo de Vizeu fez o elogio das duas familias, que agora se uniam por laços tão intimos, e dirigiu os mais sabios conselhos aos noivos. O sr. Dr. Antonio Jardim commoveu a todos pelas sentidas palavras que proferiu, em honra dos noivos, fazendo o elogio da vida conjugal, e aconselhando a ambos a pratica austera dos mais sagrados deveres matrimoniaes.

O serviço foi dirigido pelo sr. Ferrari, e os adornos da casa, desde a escada, que estava surprehendente, pelo genio inimitavel do sr. Cinatti. O banquete foi sumptuoso, e reinou sempre a mais expontanea alegria.

A noiva com o seu lindo traje nupcial, apresentou-se com uma formosura deslumbrante, e com uma elegancia inexcedivel, captivando a todos por suas maneiras delicadas, e por sua esmerada educação. O prazer ineffavel que a dominava, transparecia-lhe no rosto, nos gestos, e na palavra, inundando de esperanças e de felicidade o noivo, e espargindo por ambas as familias a mais santa alegria.

Recebeu a noiva riquissimas prendas, sendo as de maior valor, um primoroso adereço de brilhantes offerecido por seu extremoso pae, e varios mimos e enfeites de grande merecimento, offerecidos pela sr.ª viscondessa de Monte-São.

Fazemos votos pela completa felicidade dos conjuges, e oxalá que as bençãos do ceu os protejam sempre. Os nossos cordeaes parabens as suas familias.

Camara municipal de Coimbra.—Na sessão ordinaria de 8 de Janeiro, sob a presidencia do sr. Dr. Fernando de Mello, estiveram presentes os vereadores os srs. Coutinho, Santos, Quadros, Nazareth, Pessoa e Xavier d'Andrade.

Lida a correspondencia e despachados os requerimentos das partes tomaram-se as seguintes deliberações.

Em virtude da auctorisação que lhe fôra dada, declarou o presidente ter mandado continuar as obras do largo da Sé Velha e nos Grillos, e que emquanto ás latrinas do caes do Cerieiro, mandara apenas cobril-as com telha valadia e vedar com tapume as portas e janellas, o que foi approvado pela camara.

Que fossem tapados os buracos que ha annos se abriram nos syphões, que existem n'algumas ruas; e que fossem convidados os visinhos d'estes a conservarem-nos com agua limpa.

Que o vereador fiscal com o engenheiro fossem examinar as estrumeiras existentes em varios pontos da cidade, e de accordo com a presidencia tomassem as providencias necessarias para debellar aquelles focos da infecção, e, quando porventura se necessitasse de obras de importancia, se organisassem os respectivos orçamentos.

Que fosse intimado o sr. Dr. Fernandes Costa para apear a bacia de uma janella ascada das suas casas, na rua da Calçada, que se acha em estado de ruina.

Que se convidasse o engenheiro florestal o sr. Moller para superintender nos viveiros de arvores municipaes.

Que se cedessem para os viveiros d'arvores das obras publicas as varas aproveitadas na poda das faias da alameda em frente do Jardim Botanico.

Que se continuassem as obras do assentamento da calçada na rua da Alegria, permittindo-se que os donos dos predios, que actualmente possuem escoantes d'aguas de uso domestico para a valleta, canalisem para o cano geral, devendo pôr crivos e syphões nas pias de despejo e collocar entre o crivo no ponto de communicação com o cano geral.

Deliberou-se em vista do bom estado em que foi encontrado o material dos incendios e da regularidade do exercicio do pessoal na revista de 4 do corrente, que fossem gratificados com 150 reis cada um dos guias e com 100 reis cada um dos bombeiros.

—Na sessão ordinaria de 15 de Janeiro, sob a presidencia do sr. bacharel Pereira Coutinho, estiveram presentes os vereadores os srs. Santos, Nazareth, Pessoa e Xavier d'Andrade.

Lida a correspondencia e despachados os requerimentos das partes, tomaram-se as seguintes deliberações.

O vice-presidente participou á camara ter visitado alguns dos focos d'infecção existentes na cidade, entre os quaes achou em peior estado o becco proximo á rua dos Gatos; que foram logo tomadas as devidas providencias, mas que se encontram algumas resistencias da parte d'alguns moradores proximos. A camara deliberou que os que não cumprissem as intimações que lhes fossem feitas, fossem coagidos pelos meios competentes com a urgencia que exige o estado sanitario da cidade.

Tambem se deu conhecimento de que o engenheiro florestal o sr. Moller, se promptificara a visitar o viveiro d'arvores d'oito em oito dias e dar as indicações necessarias segundo o desenvolvimento das arvores exigir.

Que fossem mandados reparar os passeios da rua do Visconde da Luz, e que os da Sophia, por exigirem maior despeza, se reparassem convenientemente em occasião opportuna.

Concurso—Deu hoje a ultima prova, como oppositor á substituição vaga na faculdade de Theologia, o sr. Dr. Bernardo Augusto de Madureira. O ponto de discussão foi o seguinte:—*Importancia da sciencia e arte critica na exegese biblica.* Foram arguentes os srs. Dr. D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello e Antonio Bernardino de Menezes.

Depois procedeu-se á votação, e foi approvado plenamente.

Estudos de direito commercial—O sr. José Pimentel Homem de Noronha, bacharel em Theologia e Direito, encetou uma serie de publicações sobre estudos de direito commercial. A primeira

---

com grande sentimento, continuaram a sua viagem. Seguiram o caminho de Marselha, e por Montelinart foram passar o Rodano pela ponte do Espirito Santo, e por Nimes, Montpellier e Tolosa, chegaram ás immediações de Bayona sem nenhum acidente.

Já neste paiz se viram precisados mais de uma vez a comer no coche, por se não exporem a serem conhecidos dos muitos hespanhoes que encontravam.

A 11 de Outubro chegaram a Bayona á casa de Mr. D., tendo que mudar-se para não infundir suspeitas á policia, que já sabia alguma cousa da proxima chegada de altos personagens carlistas, para a casa de Mr. R., sogo á de Madama T., e não sem vencer algumas difficuldades, e reunido já D. Carlos Luiz a sua thia, entraram ao amanhecer de 14 em um pequeno barco, conduzido por dois marinheiros, os quatro personagens conhecidos e Mr. de R., e subiram o Adour até á embocadura do Bidasoa.

Depois de tres horas de navegação, durante um tempo horroroso pela chuva, chegaram á aldeia do posto de Guiche, onde os esperavam os guias e cavalgaduras. Montaram, seguiram acompanhados de bom tempo, descançaram no castello do marquez Belzune, e disfarçadas as senhoras em lavradoras, continuaram sua jornada, encommendadas ao chefe de contrabandistas, que já os vinha acompanhando.

Conduzindo cestas de generos para vender, salvaram a primeira linha a princeza da Beira e D. Pilar del Arce; logo atravessaram o povo de Horca Dosis, misturando-se na comitiva do enterro de uma joven, e as senhoras salvaram por fim o Nive com bastantes perigos, augmentando-os a actividade dos guardas de alfandega, a quem o governo francez e o coronel hespanhol haviam promettido grandes sommas, se prendessem os personagens carlistas.

Ainda, porém, se não havia vencido a maior difficuldade; faltava salvar a fronteira, e era extrema a vigilancia; todas as brigadas estavam sobre as armas, e os postos reforçados. As damas não obstante entraram em Hespanha. Custine viu-se obrigado a adeantar-se ao filho de D. Carlos, a fim de tranquillisar a sua thia, e dentro em pouco estava ao seu lado.

Alguns piquetes de carlistas já avisados pelo marquez de L., para proteger a entrada de personagens que não conheciam, os viram e os acompanharam. Andavam todos no dia seguinte por deante da fronteira de França, quando notaram a um paizano agitar a gorra no ar e indicar o sitio por onde acabava de entrar em Hespanha o filho de D. Carlos. A princeza da Beira, cuja intenção era conservar o incognito até Elizondo e ainda até Tolosa, não poude resistir ao goso que experimentou naquelle magnifico momento, e voltando-se para os soldados, exclama:

—Meus filhos, eu sou a vossa rainha, corri a receber ao filho de vosso rei.

Assim o fizeram todos, e uma descarga de fuzilaria annunciou em poucos instantes, que o joven infante estava entre os defensores de seu pae.

O enthusiasmo, o contentamento reinava em torno de todos. Haviam-se salvado; estavam em Hespanha, e nada tinham que temer: guardavam-nos os valentes que haviam derramado o seu sangue nos combates, e o derramariam ainda por objectos que lhe eram tão queridos. Não pensavam noutra cousa então.

Bem verdade é que nem ainda o mesmo D. Carlos e a maior parte dos seus conselheiros pareciam pensar na situação que os rodeava, e como esta fosse bonançosa, como se nada houvesse que temer, só se pensava em festas e alvoroço. Celebrou no meio dellas D. Carlos o seu matrimonio, e um *Boletim* annunciou ao publico esta cerimonia, que se tratou de revestir com o regio apparato possivel.

Quando entrou a reflexão nos animos, preoccupados antes com o bulicio das festas, se criticou o facto que foi a sua origem. Segundo uns, este casamento, que attribuiram em grande parte ao bispo de Leon, admirou o paiz, desconsiderando a D. Carlos pelas nenhumas vantagens que com elle ganhava a sua causa. As pessoas simples e os aldeãos extranhavam que um principe tão religioso tomasse por mulher uma cunhada, e o censuravam conhecendo as suas desvantagens, porque se experimentou em breve a falta de dinheiro que devia produzir este successo, quando nada havia adeantado a guerra. Outros perguntavam pelo dinheiro e exercitos que levava a nova rainha, e todos mostravam o seu desgosto.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

por titulo—*Duas palavras sobre o recambio.*

Este distincto academico mostra nesta sua valiosa publicação, que tem feito um serió estudo no direito commercial.

Trata do contracto de cambio—tradição—definições de cambio e letras de cambio—definições de saque, letra de recambio, resaque, recambio e differença entre o cambio e recambio—protesto—como se tem entendido o artigo 408 do Codigo Commercial—consequencias de tal intelligencia—como se deve entender o artigo 408 do Codigo Commercial—exemplificação desta doutrina—varia intelligencia dada aos logares do artigo 409 do Codigo Commercial—theoria de Rogron—theoria de Alauzet—theoria de Bravard—theoria de Vincens—theoria de Delvincourt—theoria do sr. Dr. Hintz—theoria do sr. Dr. Diogo Forjaz—theoria do auctor—applicação das theorias a uma hypothese dada—não é o recambio indemnisação de perdas e damnos—indosse da letra de recambio—interpretação dos artigos 356 e 357 do Codigo Commercial.

Ao mesmo tempo que agradecemos o exemplar com que nos brindou o seu illustrado auctor; não deixaremos de dizer, que a impressão, pela sua nitidez, acredita muito a imprensa Litteraria desta cidade, onde foi feita.

Guia das camaras municipaes—Fomos obsequiados com o *Guia das camaras municipaes na organisação dos seus orçamentos*, pelo nosso amigo o sr. bacharel Joaquim de Almeida da Cunha.

Já ha tempo nos referimos a esta importante obra, com que o sr. Almeida da Cunha presta um importante serviço, e que de certo terá o merecido acolhimento do publico.

No logar competente vae o respectivo annuncio.

Associação commercial. — Esta respeitavel corporação reuniu em sessão extraordinaria, quinta feira passada, a fim de resolver como devia dirigir a Sua Magestade a representação que tinha approvado na ultima assemblea geral, com relação ao caminho de ferro da Beira.

Por parte da direcção foi apresentada uma proposta, a fim de ser encarregado desta commissão o nosso digno representante o sr. conselheiro Joaquim Gonçalves Mamede.

Sob proposta d'um socio, resolveu a assemblea que a direcção officiasse a diversos cavalheiros, solicitando d'elles a sua valiosa coadjuvação, a fim de não serem mais uma vez menosprezados os interesses desta cidade.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1874.

Depois da questão levantada pela opposição sobre o decreto que extingue alguns julgados, e da votação da lei para a creação de novas comarcas, na qual o governo alcançou notavel maioria, que o acompanha segura até o fim da actual sessão, nada tem occorrido no parlamento, que mereça mencionar-se.

A commissão de fazenda pretende apresentar com brevidade o parecer sobre o orçamento geral da despeza, do qual se encarregou o antigo relator Dr. Mamede, já restabelecido dos seus prolongados soffrimentos.

Tambem apparecerá brevemente o parecer relativo á continuação do Banco de Portugal, cujos privilegios acabam no anno de 1876. Como na actual sessão, a ultima da legislatura, não era possivel tratar com toda a largueza a questão da circulação fiduciaria, permitte-se ao Banco de Portugal, segundo ouvi dizer, que continue com a faculdade da emissão de notas no districto de Lisboa, sem que esta concessão possa obstar de nenhum modo a qualquer resolução, que na futura legislatura possa adoptar-se sobre o assumpto.

Os systemas, que estão em frente um do outro, principalmente, são o do exclusivo da emissão de notas, concedido a um banco só, dando este algumas compensações ao estado, e o da liberdade da emissão concedida a todos os bancos existentes, e aos que porventura se organisarem para o futuro. São obvias as difficuldades que offerece o primeiro systema (que talvez deva merecer a preferencia), em vista dos bancos estabelecidos no Porto e Minho, e que tem gozado da faculdade da emissão de notas, que lhes foi concedida pelas leis de sua creação. Talvez possa estabelecer-se um accordo entre todos os bancos, ficando um só typo de notas em circulação em todo o paiz.

O rendimento das alfandegas no mez de Janeiro corroborou as asserções do sr. ministro da fazenda, expendidas no seu relatorio. Se não fôr o governo obrigado a despezas extraordinarias, o *deficit* poderá reputar-se extincto.

São muitos os pedidos para augmento de ordenados, para acabarem inteiramente as deducções, o que tem posto a commissão de fazenda em grandes embaraços.

* * *

ANNUNCIOS

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

1 FRANCISCO MARQUES PERDIGÃO, na rua dos Estudos, n.º 15, continua a receber alumnos que habilita para o exame d'instrucção primaria.

RUA DAS SOLAS, N.º 281

2 VINHOS FINOS do Porto engarrafados, verde e consumo, para mesa!

3 PRECISA-SE d'uma senhora para mestra de duas meninas, em uma casa particular na Beira. Pretende-se que alem d'outras prendas saiba ensinar a tocar piano.

A pessoa que se julgar habilitada e queira ir para aquelle logar, póde dirigir-se pessoalmente, ou por escripto a José Gomes Paes, ao Arco d'Almedina, que lhe dará os esclarecimentos precisos e receberá as propostas, ou condições.

4 NA TERÇA FEIRA, 10 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na secretaria dos Hospitaes da Universidade, se hade proceder á arrematação do primeiro corte da cevada e ervas dos taludes e ruas do cerco do hospital de S. Jeronymo. Secretaria dos hospitaes da Universidade, em 6 de Fevereiro de 1874.

Santa Barbara, secretario.

5 O ABAIXO ASSIGNADO, Antonio Rodrigues, da Relva Velha, freguezia da Bemfeita, concelho de Arganil, participa por este meio ao publico, que não auctorisa sua mulher Maria Isabel, assistente no Sobral Magro, freguezia de Pomares, a extraviar bens alguns de raiz, nem tão pouco a contrahir dividas; e para que em qualquer tempo se não alegue ignorancia, peço a v. sr. Redactor se digne lançar estas linhas no seu muito acreditado jornal o *Conimbricense*, pelo que lhe ficará muito agradecido este seu att.º vr.º cr.º

Bemfeita, 2 de Fevereiro de 1874.

Antonio Rodrigues.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

A barca HUMILDADE, em 14 do corrente.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

GUIA
DAS CAMARAS MUNICIPAES
NA
Organisação de seus orçamentos
PELO
Bacharel Joaquim d'Almeida da Cunha

Empregado na secretaria do Governo Civil de Coimbra

7 SAIU Á LUZ esta obra util, para os escrivães de camaras, vereadores, membros do conselho municipal, e do conselho de districto. Nella se encontra extractada toda a legislação vigente até quasi ao fim de 1873, relativa a orçamentos municipaes, com declaração das alterações que nas annotações ao Codigo Administrativo, fizeram as leis, decretos e portarias posteriores a 1865. E' um volume de 206 paginas em optimo papel, com os modelos mais importantes.

Vende-se por 720 rs. Remette-se franco de porte a quem remetter 760 rs. em estampilhas ao editor José Correia de Almeida Junior. Coimbra.

Monte-Pio Conimbricense

8 SÃO CONVIDADOS os socios do Monte Pio Conimbricense a comparecerem no proximo domingo, 8 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, na sala da Associação dos Artistas de Coimbra.

Ordem do dia

Apresentação do parecer da commissão de contas.—Eleição para os differentes cargos do Monte-Pio.

O secretario da mesa,
Antonio Ferraz.

9 RICARDO ANTUNES DE MACEDO, no largo de Samsão, está auctorisado a vender uma porção de terras no campo e monte, com olivaes, neste districto de Coimbra. Quem pretender, o annunciante está prompto a dar os precisos esclarecimentos.

10 PARTICIPA-se ao illm.º sr. Antonio de Sousa Pinto de Barros Cachapuz, que vae ser executado por trinta e oito mil e quatrocentos reis, se dentro do prazo de quinze dias não satisfizer.

O padre *Joaquim Martins Nobre.*

DOCTOR IN ABSENTIA

11 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Aviso aos recrutas

12 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra ao sr. João de Aveiro; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

STEARINA

Em pacotes de 4, 5 e 6 velas.

13 VENDE-SE a 140 rs. cada pacote. Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga,

51—Sophia—53

Casa d'azulejo

14 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 1$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28: Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2770 — TERÇA FEIRA 10 DE FEVEREIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A opposição parlamentar repousa dos trabalhos, que por tanto tempo lhe preoccuparam o espirito na questão das novas comarcas, e por isso correu mais ligeira e cremos que proveitosamente a discussão dos assumptos, entregues ao exame da camara electiva.

Consta que fôra já approvado o projecto de reforma de engenharia districtal, e que novos e importantes assumptos virão por toda esta semana á tella da discussão.

Foi lido o relatorio geral ácerca do orçamento do estado, assumpto importantissimo, e que o governo mui louvavelmente se empenha em submetter á approvação do paiz.

E com effeito é este objecto, que pela sua importancia e gravidade, merece a prioridade nos trabalhos commettidos aos representantes do paiz. Assim o tem praticado o governo, no que mostra o seu respeito pelas boas praticas constitucionaes, e pelo regimen economico da nação, cuja prosperidade promove.

Alem da discussão do orçamento, que a opposição de certo não deixará passar sem longos debates politicos, para consumir o tempo, que devera empregar nas cousas uteis da nação, apresentará o sr. ministro da guerra o relatorio dos actos do seu ministerio, e com elle uma proposta de lei, tendente a separar o corpo de engenheiros do estado maior, organisando e melhorando este serviço, por fórma que a promoção dos officiaes seja regulada pela arma da infanteria.

Promettem, portanto, interesse as sessões parlamentares, que oxalá sejam ferteis em beneficios para o paiz; embora a politica apaixonada, que poucas vezes é racional e justa, tenha de soffrer as decepções a que costuma dar origem a sua desmedida ambição.

Se o choque de encontradas opiniões, póde esclarecer os assumptos controvertidos; se do embate de oppostas ideias, resulta muitas vezes a verdade, é todavia indispensavel em assumptos de tão grande momento, como são todos os que se referem á collectividade de interesses, que a moderação e a cordura acompanhem sempre as discussões entre os espiritos esclarecidos, para justificar as suas intenções, e o interesse que os move.

Publicamos em seguida a representação da Associação Commercial, ácerca do caminho de ferro da Beira.

SENHOR.

A Associação Commercial de Coimbra, vendo que no discurso da corôa, proferido ultimamente em sessão da camara dos representantes da nação, Vossa Magestade disse que era chegado o momento de se proceder á construcção do caminho de ferro das duas Beiras, vem hoje de novo perante Vossa Magestade advogar os interesses desta cidade, que não ha razão de menosprezar e esquecer, antepondo-se-lhe qualquer outra terra de menos consideração, para que d'ella parta a via ferrea projectada, o que seria verdadeira calamidade não só para o commercio de Coimbra, já definhado por se ter consentido que o traçado do caminho de ferro do norte seguisse a directriz actual, ficando a estação a grande distancia da cidade, como para uma grande parte da provincia da Beira, de que Coimbra é o centro, e por isso a capital. Merece a attenção dos poderes publicos, se ainda outras considerações não devessem imperar em seus animos, a propria posição topographica do Coimbra; ser esta cidade séde do primeiro estabelecimento scientifico de Portugal — a Universidade; o logar que occupa de terceira cidade do reino; ter o nobre e honroso titulo de ducado do augusto irmão de Vossa Magestade, e, finalmente, o considerar-se hoje em relação ao caminho de ferro do norte, o ponto intermedio de duas grandes cidades— a capital e a cidade invicta do Porto.

Não se intromette a Associação Commercial de Coimbra na parte technica, que lhe é inteiramente desconhecida, do traçado do caminho de ferro que se projecta; nem tão pouco quer cançar o animo de Vossa Magestade enumerando as difficuldades e maior trajecto que acarretam os traçados já conhecidos; lembra, porém, que se estudem outros por conveniencia de todo o districto de Coimbra, e que possam pôr em contacto esta cidade com as povoações mais importantes da Beira, facilitando-se assim a exportação de muitos productos fabris e agricolas, principalmente vinho, pela barra da Figueira, aonde seriam conduzidos pelo caminho de ferro (cuja concessão já foi pedida) de Coimbra áquelle porto.

Demais, pelo lado da conveniencia para os passageiros que se dirijam de Lisboa á fronteira (porque o caminho de ferro da Beira será forçosamente uma via ferrea internacional, devendo conduzir a Paris em muito menos espaço de tempo, sem ter de passar por Madrid), um traçado que parta de Coimbra, traz comsigo a mesma vantagem em relação áquelle já conhecido de Mogofores, e que é o ultimo que se nos apresenta, de ser proximamente egual a distancia desta villa a Santa Comba, quanto é a de Coimbra áquelle ponto; isto querendo conceder por um instante que esse traçado fosse o preferido, sendo elle todavia aquelle do qual se poderiam colher menos vantagens economicas, pois que não liga entre si maior numero de povoações, nem tão pouco aquellas que se possam chamar de maior consideração, quer se encare este ponto pelo lado fabril, quer pelo lado agricola.

Não julga entretanto a Associação Commercial de Coimbra que só um unico traçado se possa e deva estudar com vantagem, sempre admittindo, e é este um dos pontos principaes, que o caminho de ferro das duas Beiras parta de Coimbra.

A Beira é um paiz fertilissimo, onde a industria agricola se exerce em vasta escala a par da industria fabril; a sua população é grande, e forçoso será attender a que se prefira o traçado que tenha de atravessar ou de confinar com as grandes povoações, mesmo com aquellas, ainda que pequenas, mas de maior consideração e que hajam de exportar os seus productos agricolas ou fabris. Não vale mais a margem direita do que a esquerda do Mondego; n'uma e n'outra ha vinhas com abundancia, uma e outra exportam abundantes e variadissimos productos agricolas e pecuarios, e, pelo que diz respeito á industria fabril, fallem por nós as encostas da serra da Estrella onde ella se abriga.

Affiançam pessoas competentissimas que o traçado sahindo de Coimbra é mais curto, póde e deve ser mais barato. Foge de entrar nesta apreciação a Associação Commercial de Coim-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXXV

D. CARLOS

LXXXV

A praça de Morella, cujo nome tem resoado no mundo, via-se estreitamente bloqueada pelos carlistas, sabedores do que ganhariam com a sua conquista. A sua situação, considerada politica e militarmente, era de grande valor para Cabrera, que adquiriria um magnifico centro de operações, e um excellente baluarte. Porém não podia intentar a sua conquista: faltavam-lhe elementos, e o que não poude conseguir por força, o conseguiu a astucia e um valor temerario.

Foi o heroe desta empreza D. Paulo Alió, joven catalão, que ainda não contava 28 annos, e que das escolas onde estudou theologia, religião, moral e oratoria, correu ao acampamento do Llarch de Copons em 1835, passou no anno seguinte á direita do Ebro, a servir ás ordens do Serrador, depois ás de Gomez, encontrou-se no sitio de Bilbau, veiu com a expedição de Zaratiegui, ficou com o seu batalhão nos pinhaes de Soria, e ao passar ao exercito do Aragão, Cabrera destinou estas forças ao bloqueio de Morella.

Achou-se nelle Alió, excitando cada vez mais o seu desejo de ser senhor daquella praça, a arrogancia que parecia ostentar o seu elevado castello, quando o soldado Franc e outro companheiro, que acabavam de chegar de Cantavieja, se apresentaram ao chefe do bloqueio D. José Maria Delgado, e remettendo-os este ao segundo commandante Gracia, lhe expozeram a sua intenção de se pôr em relações com seus antigos companheiros, que guarneciam a Morella, para apoderar-se desta praça por meio da traição. Achou obstaculos este plano, e se desistiu delle.

Gracia, que na anterior epocha constitucional havia tomado a Morella, e conhecia bem esta praça, concebeu o projecto de apoderar-se della, arriscando um golpe de mão pela parte oeste do castello. Participa-o aos seus dois subalternos Garcia e Alió, que approvam o seu pensamento, conferenceiam sobre elle alguns dias, sem omittir as difficuldades que apresentava, e animados de uma heroica resolução, tratam de dispor o animo dos soldados e identifical-os com a sua bravura, a fim de que a sua propria convicção, e não o temor, ou a violencia dos chefes os levassem ao assalto. Os precedentes dos soldados garantiam o seu assentimento.

Foi tambem objecto das conferencias escolher o meio mais idoneo para enganar a vigilancia das sentinellas liberaes, e resolveram escolher uma das noutes lugubres e tempestuosas, tão communs naquella estação, e a hora, das duas as quatro da madrugada.

Restava ainda ter um guia, e não achando com facilidade um paizano que expozesse a sua vida em tão arriscada empreza, e necessitando-se um conhecedor daquelle terreno, se escolheu um dos passados da praça que, com outros de seus companheiros, por essa desconfiança natural, foram enviados a Cintorres, aonde no caso de serem espias não podiam fazer tanto damno.

Escolhido Ramon Orgué, que acabava de passar-se no dia 19 de Janeiro de 1838, se lhe aggregou o destacamento de Alió, que cobria o ponto de Adell, e antes de lhe revelar a menor cousa, se observou o seu comportamento e se provou no tiroteio que houve no dia 20 no barranco de Fontanella.

Estas e outras provas praticadas com exito, asseguraram a sua fidelidade: distinguiram-no e obsequiaram-no, e chamando-o um dia Alió, depois de lhe exigir segredo, lhe insinuou o plano, convidando-o o que se decidisse a ser do numero dos que se compromettessem para logral-o, allegando-lhe para seu consentimento que, como passado, tinha que arriscar alguma vez a sua vida para provar a sua fidelidade a D. Carlos, no novo partido que acabava de abraçar, e que jámais se lhe proporcionaria melhor occasião que a presente, porque se a fortuna era favoravel, podia contar com grande recompensa.

Conforme Orgué em tudo, instigou-o Alió a que no acto da numeração expontanea que mandaria fizessem os voluntarios, solicitasse o primeiro numero, porque alem de que isto o faria mais recommendavel, convinha para que, como pratico, ao passo que serviria de guia, se poderia oppor com mais acerto á defeza da primeira sentinella, assegurando-lhe que a estreita união e constancia dos restantes, conduziria a todos egualmente a uma mesma sorte.

Feito isto, esperava-se a ordem de Gracia, pois já se apresentavam algumas noutes das designadas para a execução; porem temia aquelle chefe a immensa responsabilidade em que ia incorrer, por sacrificar a uns homens aos quaes considerava infallivelmente como victimas, pelo temerario do projecto, e o retardava quanto podia: o não ter conhecimento delle os chefes, augmentava a sua responsabilidade.

bra, porque já disse a Vossa Magestade que não se acha habilitada para adduzir razões que possam fazer prevalecer qualquer argumento sobre a parte technica; mas supponde que se levasse á evidencia que traria comsigo maior dispendio qualquer dos traçados que partisse de Coimbra, ainda assim, além de se ter dado sobejos exemplos de maiores sommas dispendidas com o fim manifesto de se preferirem certas e determinadas povoações em objectos de melhoramentos para o paiz, Coimbra, que se vae tornando notavel de dia para dia pelos seus progressos materiaes, seria digna d'esse sacrificio, talvez o primeiro que se fizesse por ella, sacrificio que não teria nada de oneroso, e compensal-o-ia mais tarde, se tanto fosse preciso, por outros sacrificios de maior monta.

Digne-se Vossa Magestade attender ao que a Associação Commercial de Coimbra acaba de expôr respeitosamente; ella é o orgão do commercio desta cidade e de uma grande parte da provincia da Beira, ella torna-se neste momento o eccho das vozes de um povo que se chama conimbricense, e que, conscio da justiça que lhe assiste não duvida da magnanimidade do soberano a quem se dirige.

Coimbra, sala das sessões da Associação Commercial de Coimbra, aos 22 de Janeiro de 1874.

Os membros da direcção,

Manoel dos Santos Junior
José Melchiades Ferreira Santos
João Antonio Cardoso
Joaquim José Rodrigues de Sousa
Joaquim Eduardo Ferreira Barbosa Junior.

Na impossibilidade de poder reproduzir tudo o que a imprensa de Lisboa e Porto tem dito ácerca dos acontecimentos de Coimbra, limitamo-nos a transcrever parte do que escreve o nosso illustrado collega do *Paiz*, em o seu numero de 7 do corrente.

As palavras animadoras que nos dirige o nosso collega de Lisboa, são sem duvida devidas á sua muita benevolencia para comnosco; e tanto mais nos penhoram, quanto procedem de um jornal, que milita em campo politico, opposto ao nosso.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

«Pelas folhas de Coimbra, e por cartas particulares, temos noticia do estado anarchico, em que se acha aquella cidade. Vae n'um anno que começaram os disturbios e as desordens nocturnas, e ultimamente parece que attingiram um grau, em que se tornam altamente censuraveis, o que nos obriga a pedir energicas providencias.

Parece incrivel que a academia desça a praticar, ou consentir em parte dos seus membros, acções que são uma vergonha. E a academia toda é responsavel. Se agora os briosos academicos se reunem em assembleia geral para protestarem contra as accusações, infelizmente mais que justificadas, de uma parte da imprensa, já antes deveriam ter-se reunido para pela força da persuasão, pela auctoridade moral, e pela coacção do seu desprezo, se tanto fosse mister, obrigarem os discolos a abster-se de acções feias e indecorosas.

Não proteste a academia; ella teve sempre em si força bastante para fazer respeitar pelos seus membros a sua propria dignidade. A academia, como corpo collectivo, tem a responsabilidade moral dos feitos indignos accusados pela imprensa, embora a responsabilidade directa pertença mais particularmente só a alguns dos academicos.

O que um grupo numeroso de academicos praticou em offensa á redacção do *Conimbricense*, não tem classificação. Assuadas nocturnas, doestos villões, ameaças indecentes, não são proprias de mancebos, que se prezam. Desculpem-nos esta rudeza; mas apostamos em que os academicos, que desvairaram os seus brios n'uma acção d'aquella ordem, não se atreveriam a pratical-a de dia, quando o sol lhes alumiasse as faces.

Sentimos este acontecimento pela academia e pelo dignissimo redactor do *Conimbricense*, o sr. Joaquim Martins de Carvalho. Oxalá que todos os academicos, que tomaram parte n'aquella assuada, possam vir a prestar á moralidade, e á liberdade, os mesmos valiosos serviços, que o sr. Martins de Carvalho lhes tem prestado. Homens como aquelle, apesar da muita modestia que os traz escondidos, não se injuriam; cumprimentam-se com respeito, quando se não tem a fortuna de se lhes poder apertar mão.

Pense a academia no seu bom nome, e nas suas tradicções, e a imprensa terá prazer em fazer esquecer os erros passados, registando as boas acções.»

COISAS ACADEMICAS

I.

Vae vingando o seu fim a imprensa.

Começando por desvendar factos e chamar sobre elles a attenção publica, hade restabelecer por fim o imperio da lei, a despeito de queixosos, a quem mais agradára andar fóra d'ella — e mau grado dos que oppõem o silencio ou a negação do que não pode negar-se.

Os desatinos que Coimbra tem presenceado hão de acabar, tanto mais que tem partido sempre d'uma minoria d'uma classe, com manifesta reprovação da maioria, que é digna. E' facil a repressão, quando contra poucos se levante a reacção do maior numero, e quando os progressos sociaes reclamam que cada um pretenda distinguir-se, pela intelligencia e não pela força, pela lealdade e não pela cobardia.

Contra os restos de barbarie reclamando ainda fóros de cidade, garantias e privilegios, nos insurgimos energicamente: ninguem dirá que se pretendera lançar sobre uma corporação inteira um labeo infamante, devido tão só a uma parte infima d'ella — infima no numero, infima nos sentimentos.

Assim pois, são superfluas as lanças partidas em defeza da entidade *academia*; são tiros de puro effeito os disparados em prol dos brios d'ella, nunca offendidos; não vem a proposito, exaltar e celebrar a honra de moços briosos, que ainda não fôra contestada.

E' velha a usança, mas intuitiva tambem a qualificação que lhe cabe.

Contra os desordeiros, e só contra elles, se dirigem as queixas da imprensa; e os seus clamores representam a justiça calcada ha muitos annos por uma minoria de discolos — sempre tolerada no seio da corporação academica, e nunca devidamente reprimida.

Neste caso não tinha a entidade *academia* que acudir pelos creditos perdidos de poucos, não tinha que desviar de si imputações só referidas áquelles.

Tomando sobre si — por uma generosidade, ou boa fé, qual d'ellas mais para notar-se — imputações que lhe não cabiam, foram ao absurdo de favorecer os culpados! Detraz da assembleia geral, detraz do *protesto* dos commissionados, poderam elles de certo folgar: as façanhas passadas poderam accrescentar a jactancia de haverem promovido uma manifestação com a qual elles e só elles aproveitavam.

Bem o poude ver a commissão academica encarregada de lavrar o *protesto* já conhecido dos leitores; pois que não poude ser-lhe estranha a noticia de factos inqualificaveis, obra d'essa minoria que tem enxovalhado o bom nome da academia e é quem promove o seu descredito, e não a imprensa.

Comprehenda-se que a commissão se desaffrontasse, ajustando as accusações aos collegas indignos, e protestasse a necessidade de não confundir-se a parte com o todo, o que é digno com o que é indigno: mas, se o protesto se dirigia a negar tudo, poderia elle ser tido como justo, menos uma pretensão justa.

De certo os illustres commissionados, que são pessoas briosas e estimaveis, comprehendem que não jazem extinctos na lembrança de todos, factos que justo clamor tem levantado na imprensa, e de poucos mezes apenas.

Está viva em todos os corações a morte do infeliz Antonio de Barros Coelho de Campos.

O estudante José Pinto da Silva jaz no leito com um braço partido, resultado de — assassino — como consta do auto por elle assignado e existente na secretaria da Universidade.

As violencias infames, que se passaram no hotel do Caminho de Ferro, não esquecerão tão cedo, e mais lembrarão, porque ainda se acham impunes!

As assuadas á porta de familias, cujo nome tem direito a ser respeitado, são incontestadas.

Os ataques á liberdade individual são frequentes de noite: e é sabido que estudantes em grupos obrigam quem quer que passe a mostrar quem seja.

As aggressões de embuçados não podem ser negadas: haja vista á de que foi victima em Dezembro, no Arco do Bispo, um filho de um empregado da bibliotheca, travando rija lucta com tres estudantes, dos quaes conheceu um — mas sem provento, porque não teve quem lhe fizesse justiça!

As ameaças e insultos torpes feitos por uma multidão de estudantes em frente da casa da redacção do *Conimbricense*, no domingo, 1 do corrente, esses são obra de merito, e eloquente testemunho de que no codigo fundamental, estudado e analysado nas aulas da Universidade, se aprendeu a respeitar a casa do cidadão como inviolavel e a liberdade de imprensa! Era este o primeiro desmentido que *antes do protesto* se dava ás accusações da imprensa!

As provocações e insultos publicos, dirigidos em pleno dia ao redactor deste jornal, quando acaso passe por grupos de estudantes, esses são obra para premio, e commentario obrigado do *protesto*.

Os factos são eloquentes. Sejam ou não de *responsabilidade individual*, são factos.

Que importa que venham d'um individuo, ou d'um grupo de individuos? Não requerem elles rigor para castigo, rigor para que se não repitam?

E, a despeito de tudo — não falta nesta cidade ordem e socego!

E, a despeito de continuar inalteravel o socego, vae-se confessando que a responsabilidade é individual e não collectiva; mas confessa-se, e clama-se:

«Executem-se as leis, cumpram as auctoridades as obrigações do seu cargo — (então é que se não tem cumprido) — vigiando e reprimindo os factos perturbadores da ordem.....

Acabe-se por uma vez com o patronato escandaloso a certas e determinadas pessoas; seja a auctoridade espelho de verdade e de justiça e não bandeira de misericordia e capa proctetora d'abusos — (e nós a suppormos que tudo tem sido até aqui um paraizo de socego e paz inalteravel!)....»

E por fim vão-se lembrando estas providencias, *desnecessarias*, é claro, porque tudo tem respirado *paz* e *cordura*:

«Abolição de todos os privilegios academicos, sendo os estudantes em tudo e para tudo equiparados aos demais cidadãos portuguezes, perante as leis e perante os tribunaes.

«Abolição do trajo exclusivo academico: nem capa e batina, nem outro qualquer uniforme.

«Organisação de um corpo de policia.»

E tudo isto para reprimir os anjos do paraizo!

Nós clamaremos tambem:

Abaixo o habito que é capa de abusos.

Venha policia civil.

Acabem as distincções perante a lei e as desegualdades resultantes da pressão, que sobre as auctoridades exerce essa *coisa* que faz milagros, os *empenhos*, — essa *coisa*, para traduzir a qual e exprimir o facto, um inglez, visitante em Portugal, declarou assombrado não poder achar vocabulo em lingua estranha — porque tambem era excepção no mundo este paiz todo de compadres, chamado Portugal.

Continuaremos.

Y.

Teve no dia **22** que usar de 5 dias de licença, e o substituiu D. João José Neira.

Occupou-se este ancião no dia 23 e 24 em inteirar-se de quanto era concernente ao seu cargo, e no dia seguinte o inverno parecia fazer gala de todos os seus rigores.

Alió e Garcia consideravam chegado o momento de executar a sua empreza, ainda sem Gracia: pensaram que a estação não proporcionaria talvez outro temporal mais a proposito para o intento; que a lua nova occultaria os seus passos com a escuridade; que a falta de viveres nos carlistas obrigaria a levantar em breve o bloqueio, e que se afastariam com sentimento da sua cobiçada preza: formaram a sua ultima resolução e se decidiram a fazer o sacrificio de suas vidas por sua causa.

Communicam a Neira o plano, o qual elle ainda ignorava, solicitam a sua auctorisação, e ainda que desejava como elles a sua execução, pesa mais nelle a responsabilidade das victimas que ia sacrificar-se, e a nega. Conseguem, por fim, convencel-o com judiciosas reflexões; concede a licença e a força de que necessitassem, e dizem-lhe que basta o destacamento e que só se nomeie uma reserva. Esta foi formada da partida collocada em Mas de Querol, ás ordens do alferes D. João Lucas, a quem se officiou, que ás duas da noute se apresentasse com a força do seu commando na torre do moinho de Adell.

Chegada a noute, Alió e Garcia, com o pouco dinheiro que contavam, deram uma ceia aos soldados, calçaram-nos bem, e repartiram um pacote de cartuchos e duas pedreneiras por praça. Ás 10, Alió, encerrado com o destacamento do seu commando em uma estancia da mencionada torre do moinho de Adell, lhes declarou o projecto e lhes disse:

«Voluntarios. O Deus dos exercitos, que tão especiaes favores nos tem prodigalisado no campo de batalha, manifestou-se hoje egualmente propicio. Nossa Senhora das Dores, protectora do exercito realista, intercederá com seu Santissimo Filho para obter um exito feliz, a esta empreza, que aos olhos de um impio pareceria temeraria, ao bem catholico se apresenta de facil execução. Está determinado o assalto do castello; nem é decoroso o retrocedor, nem opportuno desprezar os instantes que hão de proporcionar-nos uma eterna fama posthuma. Companheiros serei o primeiro a participar do risco e em traçar-vos a senda da honra — Viva a nossa catholica religião! Viva el-rei! Vivam os seus defensores!»

Enthusiasmam-se os seus subordinados, offerecem generosamente as suas vidas, e ao ouvir narrar em tom de enthusiastica amisade as immensas vantagens que D. Carlos e a sua causa obteriam com a conquista de um castello, que devia appellidar-se maravilha da natureza; que não temessem a morte, que parecia inevitavel, porque Deus premiaria tão relevante serviço, tanto aquelles a quem coubesse em sorte o expirar no combate, como aos que, mais ditosos, podessem cantar os hymnos da victoria; que seu chefe Cabrera compensaria a memoria de uns e o merito de todos; e por ultimo, que seus companheiros, os povos, as nações todas, applaudiriam unanimes o seu heroismo, e a posteridade eternisaria os seus nomes, porque a fama os levaria ás mais remotas regiões; o enthusiasmo daquella gente foi immenso, e novamente offereceram mais de uma vez as suas vidas em prol de tamanha empreza, importando-lhes pouco morrer.

Recommendou logo a cada um o que havia de fazer; a todos o maior cuidado e silencio; marchar pausadamente, não fumar, nem tossir, permanecer sempre unidos no acto da escalada, para rechassar o inimigo na sua primeira defeza e vencel-o nos seus posteriores ataques, e que tendo negado o quartel, e cortada a retirada, não ficava outro recurso senão a victoria, ou a eternidade.

«Companheiros, acrescentou, está já vista a resolução mais esforçada e numantina, a que podem chegar os mortaes, porém para seu melhor acerto, ainda falta numerar-vos, para estabelecer a ordem que devemos guardar na escalada. Nisto ides dar a ultima prova de vossa denodada fidelidade, e vos fazeis dignos e merecedores de maiores premios e recompensas, á proporção que vos antecipardes na numeração, na qual escolherá cada um o mesmo numero que terá de desempenhar para si proprio, unindo-se arriscadamente com os mais esforçados, que o antecedam no acto do assalto.»

Todos quizeram o numero primeiro; porém se deu a Ramon Orgué, e a Manoel Martinez o segundo. Designou logo até ao setimo, e entre elles mesmos se assignalaram 20, dizendo Alió aos demais. — «Basta, camaradas, os que ficaes sem numero, procurareis a qual mais prompto hade entrar na escala, logo que hajam terminado os numeros.

Chamou aos tres gastadores do batalhão de Valladolid, Lino Pineda, Lourenço Oliver e Florentino Prieto, homens robustos, a quem encommendou o cuidado de sustentar a escada durante o assalto, pois não havia ponto onde podesse fixar-se, e mandou finalmente aos seus 20 homens carregar as espingardas, com um punhado de pedaços de bala, e que uma vez disparado o primeiro tiro, se precipitassem sobre o inimigo á bayoneta.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor.

Rogo-lhe a publicação no proximo numero do seu jornal, de mais a nova e seguinte declaração.

Affirmo, confirmo solemnemente e ratifico, tudo quanto referi na minha correspondencia no numero 2765 do mesmo seu jornal. Tudo o que disse são factos da mais pura, fiel, e incontestavel verdade, já bem sabida de muitos, e que me obrigo a comprovar por documentos, sendo-me exigidos por meu irmão o sr. Dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco.

Tanta é a força da verdade desses factos, que não se atreveu elle (porque não poude), a vir contestal-os em pessoa e no seu proprio nome; bem certo de que existem os referidos documentos auctorisados, que lhe não consentem contradizel-os sem o proprio desaire.

Por procurador, não: e menos ainda por um figurado procurador sem procuração bastante. Não o admitte o nosso direito civil em regra, em quanto se não legitime com procuração em forma; e com poderes nella conferidos, *certos* e *determinados*.

Pela lei da imprensa, a unica competente para o caso, é mais: não admitte ella no seu campo procurador por forma nenhuma: obriga a vir o proprio em pessoa com o seu nome. Só a esse toma contas, e impõe responsabilidade.

Mas acima da lei da imprensa está a lei reguladora dos deveres da lealdade e do cavalheirismo, que o homem de bem não póde impunemente calcar aos pés, para dar homem por si, e esconder-se irresponsavel, de traz delle, ferindo ás occultas o seu adversario.

O caso não toca a extranhos, a que não é por isso, dado entremetterem-se nelle: menos ainda a procuradores falsos ou suppostos, sem cabimento aqui.

Simples e graciosas asserções, falseadas com pomposos enredos, ardis e engenhosos sophismas, para fazer apostemar a verdade que não póde ter uma seria contestação, porque se abona com documentos auctorisados que ainda terão de apparecer; só valem e servem para illudir o publico incauto, e estabelecer falsa *propaganda*; arma vil.

Venha meu irmão e achará estampados os documentos a que bem sabe elle, me refiro: prometto não faltar, mas venha. Venha, se póde e não receie.

E' essencial e preciso que venha, mas em proprio nome. Já não é a primeira vez que lhe faço este justo appello, e não se resolve, preferindo seguir pela encruzilhada. Venha; e traga documentos, bem assegurado, muito claro lho digo, de que achará outros para lhe contrapor; tanto mais valiosos, que alguns... são do seu proprio punho, e fazem o proprio desmentido.

O mais que d'ahi me póde resultar, dando-lhes publicidade, é enriquecer-se o juizo, com mais uma acção...de perdas e damnos. não importa: vou seguro de que não haverá motivo fundado que me obrigue por elles.

E' preciso que venha, repito; porque as cousas serias, tractam-se seriamente; e por muito que, contra a verdade de tantos factos, me queira fazer carregar injustamente com as culpas, e injustos odios minados, no publico, de não se ter conseguido uma composição entre nós para remate das nossas questões; necessario é, para se justificar d'agora em diante (que eu proprio lh'a proponha, e não já os nossos communs amigos), que venha com o seu nome, declarar se acceita o melhor alvitre que já propuz, repito e ratifico; de fazermos um compromisso em arbitros, por forma authentica que obrigue, sem clausulas e condições, e sem recurso da sua decisão sobre todas essas mesmas questões; tirados elles á sorte d'entre todos os membros dos tribunaes superiores, pelo presidente de qualquer d'elles; ou escolhidos tres, cada um pelos seus respectivos presidentes; ou todos por um só destes, quer d'entre os juizes de primeira, quer dos de segunda instancia; ou de uns e d'outros simultaneamente.

Tanta é a confiança que todos me merecem, exceptuando um sómente; e a consciencia da justiça que me assiste em presença dos factos expostos com fidelidade, que não escolho juizes: indico antes este alvitre, que tem mais largueza ainda do que o primeiro proposto.

Venha pois meu irmão, declarar rasgadamente sem rodeios nem tergiversações, se lhe serve e acceita o alvitre; e ficará de futuro isempto da culpa que (offendendo a verdade dos factos), me tem attribuido, e procura fazer persuadir, de ter sido eu que não quero, e me tenho opposto á composição.

Está o caminho aberto: vendo o seu *acceite* firmado pelo seu nome; (ainda mesmo que sem ser pela imprensa, se melhor lhe agrada); compareço onde logo me indicar, para firmarmos o compromisso por forma authentica que ligue e obrigue.

Sobre o que succeder, o publico julgará.

Uma cabida declaração ainda; mas mais especial para o publico.

Contra o diffamador officioso, que procurou abocanhar-me, com pungentes insinuações, a troco da imaginosa invenção de factos, e desfiguração d'outros; por agora o desprezo: para mais tarde, quando tiver quem me não *negue* a justiça que me assiste, heide fazer-lhe pagar com o rigor da lei a sua famosa audacia.

Thomar, 8 de Fevereiro de 1874.

Francisco Henriques de Sousa Secco.

NOTICIARIO

Festa das Chagas no collegio das Ursulinas — Teve logar no dia 6 do corrente, na egreja do collegio das Ursulinas desta cidade de Coimbra a festa, que annualmente ahi se faz ás Chagas de Jesus Christo. Foi uma festa brilhante em todo o sentido. O templo estava ricamente adornado; nada deixava a desejar, quer na riqueza dos ornamentos, quer na elegancia, quer na ordem, por que se achavam collocados: era um ceu aberto. A concorrencia foi numerosissima principalmente de tarde, o que evidentemente prova que o espirito religioso deste bom povo de Coimbra não está extincto, como falsamente se julga fóra desta cidade. Não; este povo é essencialmente religioso e respeitador de todas as coisas sagradas: e os seus bellos sentimentos catholicos manifestar-se-hiam mais, se as condições especiaes desta terra o não impedissem, bem a seu pezar.

Cantou a missa o sr. conego José Ferreira Fresco, e foram oradores, de manhã o sr. licenciado Manoel de Jesus Lino, e de tarde o sr. Dr. Luiz Maria da Silva Ramos, já bem conhecidos nos pulpitos de Coimbra: ambos deixaram os seus ouvintes plenamente satisfeitos.

A musica foi executada optimamente pelas senhoras do collegio, tanto de manhã como de tarde. Em si era brilhante, mas a sua execução correspondeu em tudo ao objecto; as vozes escolhidissimas, fazendo uma linda harmonia nos cheios, e os solos cantados com todo o primor, deleitaram sobre maneira os ouvintes.

Foi de um effeito maravilhoso o *Salutaris Hostia* cantada durante a elevação; e bem assim o *Te-Deum* de tarde, acompanhado a orgão e piano, novidade, cremos, nesta terra. Tudo, tudo foi admiravel. Festas desta ordem edificam muitissimo, enthusiasmam os crentes, e confundem os descrentes.

Daqui dirigimos os nossos parabens áquella sympathica, e por todos os titulos respeitavel communidade; ao sr. conego Fresco, director do collegio, que tem sido incansavel em promover por todos os meios o melhoramento do mesmo, á cidade de Coimbra por ter dentro de si um estabelecimento desta ordem, o primeiro talvez de Portugal no seu genero; e á egreja catholica, porque neste estabelecimento tem ella um exemplo vivo do que podem as suas doutrinas e do que vale o seu culto esplendido.

Prouvera a Deus, que todos os paes de familia, compenetrados da necessidade absoluta da instrucção de suas filhas, e principalmente da sua educação religiosa, para o cabal desempenho dos elevados cargos, que pertencem á mulher no seio da sociedade, as enviassem primeiro a este estabelecimento, ou a outros, que felizmente ainda existem em o nosso Portugal. Nestas prisões suaves seriam instruidas convenientemente e educadas com todo o esmero; o que lhes seria com certeza uma garantia segura de sua felicidade futura e das venturas da patria.

É nestas casas, que a infancia, sem lhe faltarem os carinhos maternaes, porque outras tantas mães tem ella nas suas dignissimas directoras e mestras, se acostuma á obediencia, á humildade, á abnegação e á caridade, sem as quaes não se concebe verdadeira educação. E os exemplos ahi estão para o attestar.

Quantas senhoras ahi educadas são hoje modelos de mães, filhas, e esposas? Muitissimas: o que não admira; porque ahi receberam a nutrição da virtude, e cresceram no espirito e no coração, desviadas do bulicio do mundo, sempre vaidoso, seductor e pestifero: a virtude, qual planta mimosa, carece de um ambiente temperado para desenvolver-se; o calor das paixões e o frio da indifferença moral, tão frequentes hoje no mundo, são meios em que aquella planta mui difficilmente vive ou nasce.

Pois nesta casa tendes vós, paes de familias, um meio adequado para a cultura dos espiritos e corações de vossas filhinhas; procurae-o, e sereis felizes.

Monte Pio Conimbricense. — No domingo houve assemblea geral do Monte Pio Conimbricense, para se proceder á eleição dos differentes cargos da associação. Ficaram eleitos os seguintes srs.:

Assemblea geral

Presidente — Manoel de Almeida Cabral
Secretario — Manoel Ilydio dos Santos.

Direcção

Presidente — João Balthazar Pereira
Secretario — José Antonio da Fonseca
Vogal — Antonio Maria Martins
Dito — Annibal Augusto Pereira
Dito — Antonio Dias Themido
Fiscal — José Maria Mesquita
Dito — Francisco Marques de Jesus
Thesoureiro — João Lopes de Moraes Silvano.

Transferencia. — A seu pedido foi transferido o sr. Caetano da Paz Brandão, professor de instrucção primaria de Sernache, concelho de Coimbra, para a cadeira de Atadoa, do concelho de Condeixa; sendo egualmente transferido o professor de Atadoa, o sr. padre Joaquim de Oliveira Abranches, para a cadeira de Sernache.

Segunda edição da Atala. — A primeira edição desta mimosa creação do auctor do *Genio do Christianismo*, traduzida em portuguez pelo sr. Guilherme Braga, e editada no Porto, na typographia Luso Britannica, sob a gerencia do sr. José Antonio Castanheira, acha-se esgotada. Foi feita a edição com gravuras eguaes ás da melhor edição franceza, publicada pela casa Hachette, de Paris.

O excellente acolhimento da primeira edição e os louvores que a empreza recebeu da imprensa periodica, tanto de Portugal como do Brasil, e bem assim das academias de Bellas-Artes de Lisboa e Porto, e das nossas primeiras notabilidades litterarias os srs. Alexandre Herculano e Visconde de Castilho, animaram a empreza a fazer a segunda, que por estar prompto o original da traducção, se publicará com muita mais rapidez do que a primeira.

A nova edição será em egual papel, no mesmo typo, e com as mesmas gravuras, em 12 cadernetas cada uma em Portugal, e reis 1$300 francos no Brasil.

Assigna-se desde já nas principaes livrarias.

Panorama Photographico de Portugal. — Recebemos o numero 12 deste interessante periodico, publicado sob a direcção do nosso amigo o sr. Augusto Mendes Simões de Castro. Com este numero, que completa o volume terceiro, vem o respectivo frontespicio e indice.

A estampa deste numero representa o primoroso pulpito da egreja de Santa Cruz desta cidade, peça de tal valor artistico, que o conde de Raczynski a considerou *uma joia digna de se fechar em uma medalha ou de se engastar em um annel*. O artigo que lhe diz respeito é bem e curiosamente escripto pelo nosso patricio e amigo o sr. José Alves de Mariz, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Aveiro.

Alem deste traz o n.º 12 os artigos seguintes:

—*Desenfado*, poesia por Luiz Carlos.

—*Epigraphia, epitaphio do bispo de Coimbra D. José Manoel de Lemos.*

—*Uma reminiscencia da litteratura romana*, por José Silvestre Ribeiro.

—*Bibliographia, Annuario da Universidade de Coimbra.*

São curiosissimas as doze photographias que entram no volume 3.º do Panorama, grande parte dellas feitas por *clichés* do sr. Carlos Relvas. São as seguintes:

N.º 1 Palacio de Monserrate — 2 Paço da Pena — 3 Porta do Collegio de S. Thomaz, em Coimbra — 4 Uma das entradas do Paço da Pena — 5 Sé Velha de Coimbra — 6 *Chalet* do parque da Pena — 7 Egreja de Santa Cruz de Coimbra — 8 Janella da casa do capitulo do convento de Christo em Thomar — 9 Claustro do Silencio do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra — 10 Uma janella do paço da Pena — 11 Porta principal da egreja de Belem — 12 Pulpito da egreja de Santa Cruz de Coimbra.

No n.º 3.º vem uma gravura representando a medalha commemorativa do centenario da reforma da Universidade.

Para darmos completa noticia deste volume, que constitue um formoso livro de sala, publicamos a lista dos cavalheiros que nelle collaboraram: A. A. da Fonseca Pinto, A. C. Gonçalves Crespo, A. F. Barata, A. M. Seabra d'Albuquerque, Dr. A. Filippe Simões, A. A. Simões de Castro, Dr. B. A. Serra de Mirabeau, Candido de Figueiredo, F. A. Rodrigues de Gusmão, F. I. de Mira, I. de Vilhena Barbosa, Innocencio Francisco da Silva, J. de Sousa Araujo, J. P. Narciso da Silva, J. A. de Mariz, José Silvestre Ribeiro, L. C. Simões Ferreira, M. A. da Silva Rocha.

Apreciação litteraria. — O erudito sr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, de Braga, obsequiou-nos com dois exemplares da sua recente publicação: — *Cartas do professor Pereira Caldas, do Lyceu Nacional Bracarense, ao antigo discipulo mathematico, Candido de Figueiredo, alumno distincto da Universidade de Coimbra: com a apreciação litteraria da sua versão poetica do episodio da epopea sanscrita Râmâyana* — A MORTE DE YADJNADATTA — *avaliada a luz da analyse do texto original.*

Agradecemos muito ao sr. Pereira Caldas os exemplares com que nos brindou.

Camara municipal de Coimbra. — Na sessão ordinaria de 22 de Janeiro, sob a presidencia do sr. Dr. Fernando de Mello, estiveram presentes os vereadores os srs. Coutinho, Santos, Nazareth, Pessoa e Xavier d'Andrade.

Foi lido, entre outros, um officio do governo civil, direcção geral, 2.ª secção, n.º 37, participando que o conselho de districto annullara em sessão de 15 de Janeiro, o quadro do conselho municipal organisado pela vereação transacta, e determinando que se of-

ficiasse ao presidente que fôra da dita vereação, para proceder á formação d'um novo quadro, tomando por base não só o ultimo lançamento de decima, mas tambem o ultimo recenseamento politico.—O presidente deu conta de haver officiado ao seu antecessor no sentido indicado, e ao escrivão de fazenda, solicitando uma relação dos 40 individuos que pelo ultimo lançamento pagaram maior decima predial no concelho; e que segundo um officio do presidente da camara do biennio transacto, que tambem foi lido neste acto, brevemente teria logar a formação do novo quadro do conselho municipal.

Circular da direcção geral, 2.ª secção, n.º 1, solicitando o cumprimento da portaria do ministerio do reino, de 7 de Janeiro, acerca do começo do recenseamento para o recrutamento do corrente anno.—Inteirada.

Circular da 1.ª repartição, acompanhando o alvará que marcava para o dia 1 do corrente mez de Fevereiro a eleição dos procuradores á junta geral.—Mandou-se fazer a necessaria convocação.

Officio da 1.ª repartição, n.º 11, enviando a certidão da intimação feita a Francisco Correia da Costa, de Poiares, para desobstruir uma porção de terreno publico junto ao logar da Tapada, freguezia de Ceira, que occupava com plantações de oliveiras; e egualmente acompanhava um requerimento do intimado, que entregara ao administrador do concelho de Poiares para os fins convenientes.—Inteirado.

Officio da administração do concelho, n.º 4, acompanhando a participação do regedor da freguezia da Sé Nova, de que se acha em estado de ruina a casa n.º 8 e 10, da rua dos Penedos.—O presidente deu parte de ter mandado vistorial-a pelo engenheiro logo que recebera a dita participação.

Despachados os requerimentos das partes, tomaram-se as seguintes deliberações:

Foi auctorisado o respectivo vereador a mudar para sitio conveniente o candieiro que existe no meio da rua dos Coutinhos,—o que está junto á muralha da lavanderia do hospital e o que se acha defronte do extincto collegio de S. Bento.

Deliberou-se não se mandar fazer o gradeamento em frente do edificio da escola do bairro alto, abatendo-se no preço da empreitada a quantia que se achava orçada.

Foi approvada a planta e o orçamento da latrina ao fundo do caes das Ameias, entre os quintaes dos srs. Marques e Lucas.

Que fosse posto a concurso o logar de amanuense para a repartição technica das obras municipaes.

Que os eucaliptus existentes no viveiro municipal fossem transplantados para as estradas que necessitam d'arborisação e os cedros para a alameda proxima ao cemiterio e para o cerco dos jesuitas.

Que se pozesse em praça no dia 29 de Janeiro, pelo meio dia, o rendimento das contribuições indirectas municipaes que se hão de cobrar na freguezia d'Antanhol, pelo tempo que decorre até 30 de Junho do corrente anno.

Á vista dos competentes orçamentos foram mandadas fazer umas estantes para o fundo da secretaria da camara, os concertos necessarios para converter uma das casas d'arrecadação n'um gabinete para a presidencia, e a reforma das latrinas proximas ás escadas inferiores á entrada para a administração do concelho.

Que fosse consultado o advogado da camara para indicar o meio de compellir o proprietario do edificio da Estrella a edificar a muralha que sustenta o torreão do dito edificio, na forma da sentença obtida pela camara.

Por falta de espaço não podemos publicar hoje todas as resoluções tomadas pela camara nesta sessão.

Destacamento.— Chegaram hoje a esta cidade 50 praças de caçadores 6, em reforço ao destacamento do mesmo corpo, que aqui estava.

As andorinhas.—Chegou a primeira andorinha á quinta do Espinheiro, no dia 6 do corrente mez.

Sacrilegio.— Dizem-nos que em uma das noutes passadas foi roubada a egreja da villa de Goes, sendo della roubados, alem de outros objectos de consideração, 3 calices de prata.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres.

Maria Ferreira, filha de Isidoro Ferreira e Maria de Jesus, natural de Santa Combadão, de 85 annos, fallecida no dia 1 de Fevereiro.

Maria da Luz, filha de José Maria Fernandes e Rosa Maria, natural de S. Francisco da Ponte, de 15 mezes, fallecida no dia 4.

João, filho de Antonio Dias e Maria Henriqueta, natural de S. Francisco da Ponte, de 3 annos e meio, fallecido no dia 4.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5344.

Mercado de Coimbra no dia 9. — Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 520 — Dito branco 490 — Dito Celorico meudo 600 — Dito graudo 520 — Milho branco 320 — Dito amarello 310 — Feijão vermelho 500 — Dito branco da marinha 460— Dito da terra 420 — Dito rajado 380—Dito frade 350—Centeio 500—Cevada 260—Favas 320—Tremoços 260 — Grão de bico 450 — Chicharos 260 — Batatas 260— Azeite 1$350—Vinho da Beira 700—Dito do Bairro 550—Dito da Bairrada 800.

Doença.—Diz o nosso collega do *Jornal de Noticias*, que o sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar está gravemente doente com uma pneumonia dupla. Muito folgaremos que se salve deste perigo o illustre enfermo.

Noticias de Lisboa.—Communicanos de Lisboa o nosso estimavel correspondente, em data de 9 do corrente, o seguinte:

«Hontem pelas 4 horas teve logar o enterro do sr. visconde de Seisal, que fôra nosso ministro em Paris. Contava 74 annos. O finado, como pertencesse á religião protestante, foi enterrado no cemiterio allemão. Diz-se que substituirá o fallecido diplomata, o sr. marquez de Penafiel.

—Terminou o processo no castello de S. Jorge. Foi condemnado o sr. barão de Pomarinho em tres annos de degredo no ultramar, e os reus Simplicio José da Silva e José dos Santos Rodrigues, na pena de dois annos de prisão correccional, sendo absolvidos todos os demais reus.»

ANNUNCIOS

THEATRO DE D. LUIZ

1 ÁMANHÃ, quarta feira, 11 do corrente, haverá **baile de mascaras.**

DOG-CART

2 VENDE-SE um para dois cavallos, e arreios. Quem pretender falle no terreiro da Erva, com Francisco Baptista, ferrador.

Aviso aos recrutas

3 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra ao sr. João de Aveiro; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

DOCTOR IN ABSENTIA

4 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

5 A ARREMATAÇÃO do primeiro corte da cevada e ervas dos taludes e ruas do cerco do hospital de S. Jeronymo, que estava annunciada para hoje, fica transferida para sabbado, 14 do corrente, ás 11 horas da manhã.

Secretaria dos hospitaes da Universidade, em 10 de Fevereiro de 1874.

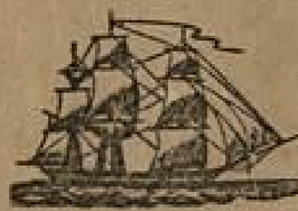
Santa Barbara, secretario.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

6 FRANCISCO MARQUES PERDIGÃO, na rua dos Estudos, n.º 45, continua a receber alumnos que habilita para o exame d'instrucção primaria.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

A barca HUMILDADE, em 14 do corrente.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

ARREMATAÇÃO

8 NO DIA 3 de Março proximo, pelas 10 horas da manhã, á porta da sala do tribunal judicial desta comarca, perante o exm.º sr. Dr. juiz de direito, se hãode arrematar e vender em hasta publica os bens de raiz, que foram penhorados a Joaquim Rodrigues, dos Braçaes, preso nas cadeias da Relação do Porto, por virtude de execução por custas que lhe movem alguns empregados deste juizo, cujos predios são os seguintes:— Uma terra de rega no sitio do Lavadouro, com sua testada de olival, avaliada em 50$000 reis. — Uma terra no sitio do Valleiro, composta de vinha, pinhal e mato, avaliada em 55$000 reis.— Uma vinha com olival pegado, no sitio do Valle Salgueiro, avaliada em 12$000 reis. —Um pinhal no sitio das Cavadas, avaliado em 20$000 rs.— Uma terra no sitio da Barroca dos Castanheiros, com testada de pinhal e ao cimo oliveiras, avaliada em 15$000 reis.—Umas casas terreas, no sitio dos Braçaes, com seu logradouro, avaliadas em 7$200 rs.— Os quaes predios acima mencionados se hãode arrematar e vender pela forma declarada e pelo maior preço que derem sobre os valores que ficam designados. Da execução é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

Attenção

9 O ABAIXO ASSIGNADO pede a um sr. do logar de Teveiro, e a outro dito do sitio do Remungão, ao pé de Souzellas; lhe mandem pagar o que lhes devem até ao fim do corrente mez; não o fazendo, lhes serão estampados seus nomes neste mesmo jornal.— Coimbra 9 de Fevereiro.—*Joaquim José Duarte.*

10 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do aleuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 1$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.— EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.— AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.— BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2771 — SABBADO 14 DE FEVEREIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Continua ainda na camara dos srs. deputados a discussão do projecto de engenharia districtal, que teve de ser interrompida por incommodo de saude do seu relator, e por differentes incidentes levantados pela opposição; que não ha acontecimento, que lhe não sirva da pretexto para levantar a sua desautorisada voz contra a situação, malbaratando o tempo em polemicas desagradaveis e de todo o ponto estereis.

Assim tem corrido as ultimas sessões da camara baixa, sem interesse para a politica, nem vantagem para o paiz.

Desta vez é a opposição que entre si discute o projecto da engenharia; discussão que tem versado mais sobre interesses pessoaes e de classe, do que em relação ás conveniencias dos povos, das localidades e do paiz em geral.

Cremos, porem, que todos estão de accordo, historicos e reformistas, na improficuidade da medida adoptada pelo ministerio do sr. bispo de Vizeu.

Pelo que se vê, a questão entre os adversarios do governo, não tem por fim diminuir os encargos dos municipios, nem de concorrer para que possa desenvolver-se em mais larga escala a viação publica: parece tratarem simplesmente de favorecer os engenheiros, sem attender ás queixas dos povos, que por vezes tem apontado os inconvenientes da engenharia districtal, como actualmente existe organisada.

O decreto de 30 de Outubro de 1868 tem graves defeitos, que é preciso remediar, sem comtudo deixarmos de ter por conveniente a ideia fundamental, que presidiu á realisação do pensamento do sr. Calheiros.

Todos hoje reconhecem as vantagens que provem da viação, e por isso a necessidade que ha de a desenvolver em mais larga escála. As pequenas municipalidades estão hoje por tal forma sobrecarregadas com despezas, que mal podem satisfazer a este encargo, que o progresso e as proprias conveniencias lhes impõem.

Muitas ha, que no tocante aos fundos de viação, apezar de serem reservados em virtude da lei para este effeito, difficilmente podem satisfazer á quota que lhes é distribuida annualmente para o pessoal e despezas da repartição technica, nas capitaes dos districtos.

Por esta forma estão os municipios sobrecarregados com uma despeza inutil, donde lhes não pode provir beneficio algum.

Poucas são hoje as municipalidades, que ainda mesmo com um subsidio do governo, podem desenvolver a viação concelhia; neste particular ficará estacionaria a viação nos concelhos, porque os seus rendimentos não chegam para as despezas com que são obrigados a contribuir.

Quizeramos, principalmente, ver desapparecer este inconveniente com a nova reforma da engenharia. Pague o estado ao pessoal necessario para todo o serviço de engenharia, para que as camaras possam applicar os seus recursos á construcção de estradas, sendo estas estudadas e construidas pelo pessoal das obras publicas: sobre este ponto de vista assentam as representações, que pelas camaras tem sido enviadas ao governo.

Mas esta medida, para ser cabal e perfeita, como muitas outras, que é necessario realisar, devia ser feita em harmonia com a projectada reforma administrativa, cuja necessidade o governo reconhece. Em quanto ella não vem, bom será remover os inconvenientes da legislação vigente, de accordo com as conveniencias publicas, e com a vontade dos povos.

E' sómente neste sentido que deverá a opposição encaminhar os debates, no projecto que discute.

Ainda ácerca dos acontecimentos de Coimbra, vamos transcrever o que a esse respeito diz o correspondente desta cidade para o *Jornal do Porto*, na sua ultima carta.

Com quanto reconheçamos que não somos merecedores de tão subidos elogios como alli nos são dirigidos; cumprimos um rigoroso dever, agradecendo o modo altamente benevolo como nos tracta o illustrado correspondente, que aliás não sabemos quem seja.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Coimbra, 8 de Fevereiro de 1874.—Infelizmente não posso ainda annunciar o restabelecimento da ordem em Coimbra. Pelo contrario, novos successos têem vindo accrescentar a lista já comprida dos escandalos.

Horas antes d'aquella em que escrevi a minha ultima correspondencia dava-se na rua dos Coutinhos o seguinte successo:

Era meia noute, e um homem que passava com sua mulher foi brutalmente aggredido por individuos desconhecidos.

Quiz desaffrontar a mulher, sobre quem recahiram as torpezas dos aggressores, e um d'elles puxou de um rewolver. O offendido abre então uma navalha, em quanto que a mulher, mettendo-se de permeio e gritando *aqui d'el-rei*, faz debandar os desordeiros.

Pergunto ás auctoridades se já podem dizer-nos quem foram os heroes desta *rapaziada*. Vamos adiante.

No domingo á noite, houve tremenda assuada á porta de Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*. Insultos de toda a ordem, ameaças odientas foram alli vomitadas por uma chusma de mais de sessenta rapazes estudantes, enfurecidos contra a imprensa que denunciara corajosa as tropelias que vão nesta terra.

Isto parece incrivel, mas ahi está uma cidade inteira a testemunhal-o, ahi está o jornalismo todo a registal-o.

O escandalo foi monumental, e recebeu a mais completa reprovação, não *só* porque nelle se fez violento ataque á segurança individual e á liberdade de imprensa, mas ainda porque essa violencia se commetteu na pessoa de um dos mais bem temperados membros do jornalismo liberal.

Repugna-me o incenso mal cabido, e enoja-me a louvaminha servil, que tenho por mais humilhante do que a propria censura. A minha penna jámais prestará elogio ao que a minha consciencia reprovar, e o meu louvor não será nunca um acto de favor, mas sim um testemunho de verdade.

Joaquim Martins de Carvalho é um homem digno do respeito publico. Os seus serviços feitos em prol da liberdade e da civilisação, a sua coragem nas crises mais apertadas por que

---

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXXVI

D. CARLOS

LXXXVI

Ás 11 da noute separou-se Alió de seus soldados, dizendo-lhes que podiam dormir tres horas, e que voltaria elle mesmo a despertal-os: passou á habitação de Neira e deu-lhe conta das medidas adoptadas. Fez e cerrou o seu testamento, regulou os seus papeis, escreveu a despedida á sua familia e aos seus amigos, e recommendou ao seu camarada fizesse chegar as cartas ao seu destino, se perecesse no assalto á praça de Morella. Ás 12 o tenente Lucas chegou com o seu destacamento, corpo de reserva de Alió.

Ás 2 da manhã, soaram no relogio da egreja, hora marcada para principiar as operações.

Regressa Alió ao moinho, onde deixou os seus fieis voluntarios, contempla-os um momento, antes de romper o seu tranquillo somno, e á voz de *acima, rapazes*, se levantam, tomam as armas, formam e esperam a ordem de marchar.

Advertiu Alió que o *quem vive* da ordenança se substituiria pelas palavras *cão*, e em resposta *gato;* palavras faceis de pronunciar, e de recordar todos os soldados, distinguindo-se assim os amigos dos inimigos.

Em seguida passaram os officiaes a ver a Neira, que devia permanecer no moinho de Adell, para tomar as medidas convenientes, em quanto não marchavam ao assalto; advertiram-no de que no caso de ficarem vencedores, se accenderia uma fogueira em determinado ponto; deram todos um estreito abraço em Neira, beijaram-se, e dando o adeus, romperam a marcha á frente da sua pequena força.

Levava Alió uma caixa de fosforos, um embrulho de panno de linho e uma facha de palha, destinados para o signal de triumpho, a fim de que Neira adoptasse com opportunidade as disposições necessarias, fazendo pôr sobre as armas e avançar até Morella aos demais destacamentos, que ignorantes do plano do assalto, estavam nos seus acantonamentos entregues ao repouso.

Chegado Alió ao moinho dos Capellães, tomou duas escadas preparadas de antemão, cujas extremidades estavam revestidas de panno, para evitar o menor ruido na occasião de as collocar. A escuridade, o frio e uma furiosa tormenta detinham alguns momentos a pesada marcha do destacamento, que em silencio, e sem se sentir uma voz, nem uma pisada, tocou felizmente o estribo da muralha.

Alió observou, no entanto, em alguns que haviam escolhido os primeiros numeros, certo pronunciamento de retirada, impellidos pelo temor; porém interpoz-se-lhes, e lhes disse: —«Ou morrer, ou avançar: o honrado militar jámais falta á sua palavra.»—E voltaram submissos os soldados.

Chega ao pé do Castello, onde reune os 75 homens, que meio nus esperam cousa de uma hora á intemperie a collocação das escadas, conduzindo a primeira á parte superior da penha, onde se achava uma curta e ingreme subida, até ao ponto em que se fixou a segunda, que facilitava o accesso á praça do castello. Os tres gastadores sustentavam a escada que estava quasi direita.

Ás 4 da manhã emprehende-se o assalto, e antes disso manda Alió que um de seus subalternos fique á retaguarda de toda a tropa, e que outro suba sobre a penha, onde fez reunir tambem bastantes voluntarios.

Os dois numeros primeiros sobem a escada, segue-os Alió, e atraz os restantes. Aquelles se oppõem á defeza da sentinella, a qual foi ferida pelo primeiro numero, no mesmo acto em que disparou a espingarda da guarita, distante uns 15 passos. Chega Alió, dando o exemplo, á crista da muralha, descobre o peito, desafia o inimigo, e acclamando a Carlos V, se precipita sobre as demais sentinellas, que absortas e aturdidas, não fazem mais que disparar e retirar-se, pronunciando precipitadamente:—*cabo da guarda, os facciosos!*

Arrojando-se os carlistas com rapidez e valentia sobre os postos inimigos, vencendo a resistencia que se lhes oppõe, chegam á guarda principal, que pretendia reunir e pro-

temos passado nesto ultimo meio seculo, o seu caracter incorrupto e os seus principios inalteraveis, misturam-se com a sua abnegação, e dão-lhe a aureola que circumdára a fronte de Leonel Tavares, Passos e outros, não muitos, é verdade, mas bastantes ainda para podermos affirmar ao mundo inteiro que não está de todo extincto o genuino caracter portuguez.

O insulto, pois, feito ao encanecido liberal, ao decano dos jornalistas de Coimbra e porventura um dos mais antigos do paiz, indignou a cidade inteira, e todos julgaram que a impassibilidade das auctoridades houvesse tocado o seu termo.

Nada porem até hoje, que serio seja. Os amotinadores continuam incolumes, e nem sequer a vergonha da má acção, que a consciencia de certo lhes accusa, os corrigiu, porque o que foi aggredido em sua casa por um brutal procedimento, continua a ser incommodado nas ruas pelos chascos e epigrammas dos que têem em menos conta o nobilissimo habito academico.

Na terça feira reuniram-se bastantes estudantes no salão do seu theatro. Vi-os para lá entrar, e ouvi fallar do *protesto*.

Tive a boa fé de suppor que se tractava de um protesto em que se dissesse, como em 7 de Maio de 1873, dizia José Frederico Laranjo, á frente de trinta e dois dos seus collegas na academia:

«Um dia levantaram-se em Portugal um punhado de homens, e com o coração na voz pediram a liberdade, a segurança da pessoa e da sua dignidade— a primeira das propriedades, a propriedade que nasce com o homem. O paiz ouviu-os, levantou-se, e escreveram-se umas poucas paginas, que ahi, na Universidade nos ensinam a analysar e discutir, e de que nos dizem que é—a lei fundamental do paiz.

«E tambem de Coimbra?

«Não. Em Coimbra está suspensa!

....

«Um governo lembrou-se de fazer uma *reforma* acabando com as tradições solemnes do dia 8 de Dezembro; porque se não lembraram ainda de acabar com esta tradição funesta— «*a troça?*»

«Alguma policia e alguma memoria, e essa tradição desapparecerá. *A dignidade humana offendida faz cadaveres.*

«Lembre-se disto a academia, e lembrem-se os poderes publicos.»

Enganei-me. O novo protesto não se parece em nada com o de 1873, lavrado na presença de uma campa aberta para fechar de vez uma victima das *troças*.

No protesto com que se pretende «levar o socego ao coração dos paes», depois da assuada da rua das Figueirinhas, não transluz o espirito de ordem e o brilho da civilisação que decoram aquelle do anno preterito, assignado pela *elite* dos academicos; pelo contrario, arroja-se grosseiramente sabre a imprensa e lança-lhe o epitheto de *calumniadora aleivosa*, em nome da academia. E nada mais.

Ora eu tambem estou no direito de lavrar o meu protesto, no remanso do meu cubiculo, sem discussão tumultuosa que me perturbe o espirito.

Protesto contra o modo por que se falla em nome da academia, tornando-a assim solidaria nas tropelias de que só são accusados os discolos de tão nobre corporação.

A academia tem perto de mil homens, e felizmente os *ruasseiros* e ainda os que por inexplicavel magnanimidade tomam a sua defeza sem partilharem das suas proezas, todos bem apurados não dariam um cento; gente de mais para alterar o socego publico, mas de menos para representar a collectividade a que pertencem. A imprensa nunca accusou a mocidade academica, senão os turbulentos e maus que d'ella fazem parte.

Protesto contra as injurias que arremessaes á imprensa, que sustenta no paiz a liberdade que vossos maiores alcançaram a preço de sangue, e repelle a licença que quereis implantar, e da qual vos envergonhareis quando um dia deixardes de ser rapazes irreflectidos e maus, para serdes cidadãos de juizo e bons.

Os jornaes referiram o que se passou para avisar os poderes publicos do que lhes cumpria fazer, e foram ainda benevolentes comvosco e com vossas familias, que todos respeitamos, não vos pondo os nomes em letra redonda, quando o podiam ter feito em certos casos, no meio de acerada acrimonia. Pedem policia, já que não quereis estar quietos, e deveis saber que vos é favoravel o seu *pedido*, para evitar que um de vós vá ámanhã para o cemiterio, como aconteceu no anno anterior, ou para o leito da dor, como acontece no presente.

Não sei, mas creio que não estavam na reunião os membros conspicuos da illustrada academia. Se estiveram não quizeram pronunciar-se, aliás diriam certamente como Candido de Figueiredo:

«...Durante os cinco annos em que tenho cursado a Universidade, nunca me bandiei com grupos ainda os menos desordeiros. Por outro lado, combati sempre as chamadas *troças academicas*. A mais desgraçada victima d'ellas, um companheiro de casa, um amigo, filho e parente de amigos, falleceu-me ha um anno nos braços, e isto bastaria para eu condemnar todos os excessos da mocidade inquieta.

«...E venho, não em nome de desordeiros e turbulentos, cujos bandos me não conhecem, mas em nome da academia de Coimbra, sobre quem pezam indistinctamente accusações muito serias.»

E a imprensa e o publico responder-lhes iam: Apoiado! Mas nós não nos queixamos da academia, queixamo-nos dos discolos. Vemos a cidade em anarchia e pedimos ordem e segurança. Condemnamos o que vós condemnaes: as troças e os bandos desordeiros. A academia no seu grande numero é respeitavel, sisuda e cordata, e nesta questão apenas se lhe pode estranhar que, pelo seu conselho e auctoridade moral, se não imponha aos que assim offuscam o seu bom nome.

Concluindo a historia destes successos direi que se falla de providencias, mas por emquanto não se vê cousa que valha. O reitor desenterra o velho regimento de 1839 e mando-o pespegar na porta dos geraes. Riem-se da cousa. Eu tambem; mas desculpo o sr. reitor, porque elle não póde fazer leis, e não tem outra cousa que possa mandar pôr em execução. O governador civil dizem que está em conflicto com o governador militar. Um quer patrulhas, outro não. Aquelle parece que já pedira que fosse posta uma força ao seu dispor. Tudo isto é pouco valioso, e nós o que queremos é que o governo de sua magestade organise policia civil em Coimbra, que extinga os privilegios de fôro, que sujeite todos á lei commum, e que empregue os outros meios necessarios para restabelecer definitivamente a ordem. A impunidade, principalmente é preciso evital-a em toda a parte.

Estou cançado de discorrer sobre este antipathico assumpto.

Quão differentes me hão sido as horas em que tenho narrado os feitos generosos dos que no futuro hãode ser a luz da patria, e até celebrado os seus brinquedos, quando n'elles apenas transpira o bom espirito da mocidade, depurado na generosidade do coração juvenil! Com que alegrias tenho festejado a chegada d'estas aguias ao horisonte da sciencia, e com que saudade e santa inveja, os tenho descripto na despedida, caminhando a suas casas, levando a seus paes fulgores de juventude e a realisação de esperanças venturosas! Nenhum sentimento, porem, póde annullar o dever; e a imprensa deixaria de cumprir a sua mais importante missão, se fosse indifferente aos ataques que se praticam contra a ordem, contra a liberdade e contra a civilisação. Cumpro pois esse dever, e se o não cumprira por amor da sociedade, cumpril-o-ia por amor de vós, que sois os primeiros interessados em vos acostumardes á morigeração.»

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial de Vianna, em 31 de Janeiro de 1874.

ACTIVO

Caixa	111:004$472
Acções	156:860$000
Letras em carteira	150:907$325
Contas correntes com garantia	302:236$090
Emprestimo sobre penhores	61:715$200
Papeis de credito	148:979$339
Cartas de credito	2:506$151
Devedores no paiz	420:675$313
Ditos no estrangeiro	5:239$616
Ditos nas ilhas	3:420$000
Despezas d'installação, moveis e utensilios	5:156$336
	1.368:709$863

PASSIVO

Capital	600:000$000
Obrigações	256:400$586
Depositantes	153:393$578
Letras a pagar	28:445$757
Credores no paiz	310:717$101
Ditos no estrangeiro	2:801$727
Dividendos	7:704$500
Fundo de reserva	3:000$000
Ganhos e perdas	6:246$614
	1.368:709$863

Vianna do Castello—Banco Commercial de Vianna, 9 de Fevereiro de 1874.

Pelo Banco Commercial de Vianna

Os directores:

J. Alves de Sousa Ferreira

José Antonio Loureiro.

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor.

Sempre me persuadi de que o exm.° sr. Dr. Francisco Henriques de Sousa Secco, dignissimo juiz de direito da comarca de Thomar, não se propunha senão scenas de effeito, com as suas missivas para a imprensa.

E a minha persuasão firmava-a em motivos serios.

Como suppôr em verdade desejos de conciliação, naquelle que começa por pretender apresentar de modo desfavoravel e em publico o caracter do contendor, com o qual ostenta querer paz?

Como suppol-os naquelle, que começa por *ameaçar* o mesmo contendor com a *publicação* de documentos, que insinua o hão de prejudicar?

Como suppol-os ainda naquelle, que põe logo como *condição* d'essa conciliação, que o ameaçado seja obrigado a vir debater-se com elle no jornal, tendo a certeza de que isso se não verificará?

Pois em todas estas *sem-razões* persiste o mesmo exm.° sr. na correspondencia inserta em o n.° 2:770 do *Conimbricense!*

Estou pouco disposto a perder o meu tempo, com quem não *discute, mas discreteia*, todavia por esta vez ainda desperdiçarei alguns instantes, em aturar o sr. juiz.

Affirmo, confirmo solemnemente e ratifico tudo quanto referi na minha correspondencia, sob o n.° 2:768, imitando desta arte o elegante dizer de s. ex.ª.

Cumpre que em seguida tire a s. ex.ª de um equivoco; ninguem é obrigado a aceitar composições, como s. ex.ª parece sustentar; e com motivo as declinaria aquelle, a quem se pretendesse *usurpar uma qualquer cousa*, sempre que se lhe pozesse por condição, que para domar o usurpador, havia de consentir em dar *quinhão* a este na cousa usurpada.

Vamos aos *documentos*. A publicação d'elles póde fazer o sr. juiz quando lhe aprouver. E' mesmo provavel que a não haja incetado, por julgar, que alcança mais effeito com a ameaça, do que com a divulgação.

E por essa occasião espero da *lealdade e franqueza, tão blasonadas* de s. ex.ª, que se digne dizer alguma cousa de cada uma das tentativas de conciliação, que referi na minha correspondencia anterior, não esquecendo tambem uma outra, que deixei de referir, promovida pelo meritissimo juiz de direito desta cidade, em que o meu constituinte foi até o maximo limite das concessões; mas o sr. juiz pretendia tudo e muito mais!

Quanto ao comparecimento do meu constituinte na imprensa, devo dizer que elle tem julgado sempre deploravel o expediente que o sr. juiz tomou de vir assoalhar as suas elucubrações no jornal. Já se vê que o não imitará. Pelo que se s. ex.ª faz d'isso condição do accordo, não vae bem.

Tenho-me eu prestado a comparecer *auctorisado competentemente;* e bem sabe s. ex.ª que não sou um *extranho*, que me intrometta no que não é da minha conta, porque de certo tem lido as diversas procurações, que nos autos me habilitam.

A vantagem, no interesse das partes, da mediação de terceiros devia s. ex.ª não desconhecer, porque ahi está uma das causas que justificam a instituição da *advocacia*, e *procuradoria* no fôro; e até a pode agora palpar, confrontando o meu estylo desapaixonado com o seu proprio.

O caso não é para extranhos diz o sr. juiz. De accordo! Mas eu não o sou! Mas o sr. juiz não póde allegar tal razão, porque vem ao jornal apresentar o tal caso ao exame dos estranhos! Mas o sr. juiz com tal dizer afasta a iniciativa dos amigos, e medianeiros!

Sobre o *modo de verificar o compromisso*, apresenta s. ex.ª o expediente da imprensa! Eu digo que tal meio é desgraçado. Demonstra-o com facilidade, sem necessidade de documentos engavetados.

Supponha o sr. juiz, que o meu constituinte, se faz visivel, e diz como o gracioso Sebastião, soldado n.° 18 do regimento da praça de Almeida: *Prompto!*, hão de estabelecer correspondencia pelo jornal, com os exm.os presidentes dos tribunaes superiores? Hão de estabelecel-a com os dignos arbitros *nomeados ou sorteados?* E todos estes cavalheiros terão de julgar-se adstrictos *a aceitar* tambem pela imprensa?

O descoco da lembrança parece ter já começado a transparecer no animo do sr. juiz, tanto que n'um entre parenthesis admitte que *sem ser pela imprensa*, comparecerá *onde logo me indicar.*

Esta não é má: ao sr. juiz a *honra* da moderação em propôr agora o accordo *por palavras;* ao meu constituinte o *trabalho* de dar os passos para realisar as palavras do sr. juiz, se é que s. ex.ª se refere a ter de arranjar-se medianeiro.

Mas se não refere, pergunto então: está o meu constituinte em circumstancias de se dirigir ao sr. juiz, para lhe fazer directamente a tal indicação? Responda a consciencia do sr. juiz, a quem mais cumpriria o encargo que declina.

Mas em verdade semelhante indicação não poderia razoavelmente partir senão de um *estranho*, amigo dedicado. Rogue pois para o intento algum daquelles, que outr'ora repelliu, e estou certo, de que se lhe der satisfação da sua anterior e altiva recusa, encontrará quem lhe preste serviços de amisade.

O meu constituinte comparecerá onde lhe fôr indicado por obsequioso medianeiro, é o a que me obrigo, como homem de bem.

Alcançado isto, e postos os dois face a face (com a promessa de serem *moderados* e *bem creados*) na presença do amigo ou amigos medianeiros, é então que ha a inquirir— 1.° quem devem ser os dignos arbitros, visto que ha a excluir um, que não merece a confiança do sr. juiz, e os mais seus collegas a quem allude, quando falla de lhe *negarem justiça;* 2.° quaes pontos se lhe devem submetter; 3.° e quaes as bases da arbitragem.

Se está com animo de andar, ande assim que anda bem.

Uma cabida declaração ainda, mas mais especial para o sr. juiz.

Desejava saber quem era o *diffamador officioso*, que ousa *abocanhar o sr. juiz*, com *pungentes insinuações*, porque tambem o queria votar ao *desprezo*, exactamente como s. ex.ª o vota.

Ouvi que ha sujeitinhos, que não duvidam affirmar tocar comigo aquella tirada de s. ex.ª, mas affirmam sem fundamento, porque eu *assevero, não insinuo*, e na minha escripta *guardo invariavelmente o decoro, que devo a mim mesmo;* com quanto, em defeza do meu constituinte, refira factos, cuja narração de certo amarga ao paladar do sr. juiz. Mas a culpa é toda de s. ex.ª que ou os pratica ou lhes dá causa.

Acommode-se s. ex.ª, e entretanto levante as mãos para o ceu, porque eu por ora o não chamo ao tribunal, para ahi lhe fazer dar conta da injuria do *falso procurador* e mais adsuetas amabilidades.

E basta!

Coimbra 12 de Fevereiro de 1874.

Abel da Silva Linhaça.

Perfaz hoje um mez que o anjo da morte adejou sobre a villa de Gouvea: neste dia subiu á mansão dos justos a alma da exm.ª sr.ª D. Emilia d'Almeida Rainha; seu corpo desceu ao tumulo, terminando a sua peregrinação nesta vida de tribulações.

Foi um golpe que feriu profundamente uma familia e todos que sabiam avaliar os elevados dotes que adornavam aquella sympathica senhora, tão prematuramente arrebatada deste mundo na edade de 35 annos.

Conservou-se a sr.ª D. Emilia no estado de solteira, exercitando sempre todas as virtudes: era muito religiosa, sem hypocrisia; amiga dedicada; e caridosa sem ostentação, porque nem mesmo os pobres sabiam ás vezes a mão que os soccorria; juntando a estas apreciaveis qualidades uma intelligencia culta, fructo da esmerada educação que recebera, o que lhe conquistou a geral sympathia e respeito de ricos e pobres, que todos lhe tributavam um entranhado affecto.

Acatemos os decretos da Providencia; supportemos resignados tão acerba dor, a que só é lenitivo o pensar que perante o throno do Altissimo recebeu o premio condigno as suas virtudes aquella cuja perda sentidamente deploramos.

13 de Fevereiro de 1874.

NOTICIARIO

É rancho da Carqueja, ou rancho do Carqueja?—O illustrado escriptor o sr. Camillo Castello Branco começou a fazer no Porto uma publicação mensal, com o titulo de *Bibliotheca de algibeira*. É editor o sr. Ernesto Chardron, a quem devemos o obsequio de nos enviar o primeiro livro, que tem por titulo—*Noites de insomnia.*

Contem os seguintes artigos:—Proemio—Consolação a Santos Nazareth—As ostras—Rehabilitação do sr. visconde de Margaride—A rival de Brites de Almeida—Egas Moniz—Dous poetas ineditos do Porto—D. João III, o principe perfeito—Subsidio para a historia de um futuro santo—O livro 5.° da Ordenação, titulo 22—Problema historico a premio—Desastre do santo officio no Porto—Rancho do Carqueja.

O sr. Camillo Castello Branco começa este ultimo episodio do seguinte modo:

RANCHO DO CARQUEJA

«Ha 153 annos que um bando de estudantes, em Coimbra, acaudilhado pelo mais intrepido e de peores entranhas, começando por espancar os archeiros e rondas nocturnas, acabou por matar quem lhe offerecesse reacção. Chamavam-se *do* e não *da Carqueja*, como escrevem todos os que relembram a funesta existencia daquelles rapazes. *Carqueja* e *Estopa* haviam sido por aquelle tempo, dois facinorosos de Vizeu, chefes dos salteadores. Em honra do primeiro, escolheram os estudantes o sinistro baptismo do seu bando.»

Ora tendo nós já em tempo dado larga noticia no *Conimbricense*, das malfeitorias e attentados praticados em Coimbra nos annos de 1720 a 1721, por um bando de preversos estudantes, á frente dos quaes estava o peor delles, Francisco Jorge Ayres, natural da Terra da Feira, o qual veiu a ser degolado em Lisboa em 22 de Junho de 1722; sendo trazida a sua cabeça para Coimbra, a fim de ser espetada, como foi, em um pinheiro na praça de S. Bartholomeu; e tendo dado a esse bando o nome de *Rancho da Carqueja*, cumpre-nos mostrar, que é esse o seu verdadeiro nome; e não como quer o sr. Camillo Castello Branco—*Rancho do Carqueja.*

O titulo dado áquelle bando de indignos estudantes, não procede do tal salteador *Carqueja*, mencionado pelo sr. Camillo Castello Branco; mas teve muito differente origem. E para provar o que dizemos, temos um documento official e irrefutavel.

Na sentença da relação de Lisboa de 18 de Junho de 1722, que condemnou á morte ao estudante Francisco Jorge Ayres, e a outras penas os seus *dignos* companheiros, lê-se com referencia ao dito Ayres, entre outras cousas o seguinte:

«Mostra-se mais, que commettendo-se nos annos de 1720 e 1721 varios insultos, e escandalosos excessos na Universidade de Coimbra, por varios estudantes, de que se compunha um—**Rancho,** que denominaram **da Carqueja**—originando este nome **de haverem queimado com ella uma porta das casas em que vivia um João de Sequeira,** em que entraram com estas e outras violencias para o maltratarem, obrigando-o a saltar por uma janella para se livrar daquelle insulto; o reu era, segundo fama constante e mais conjecturas evidentes, o cabeça e dos principaes factores do dito *Rancho*, sendo o reu visto sair de sua casa varias noutes armado com os mais socios, que constituiam o tal *Rancho*, fazendo-se na sua mesma casa communmente os ajuntamentos e ajustamentos das operações que faziam; sendo assim mais visto em muitos dos ditos insultos que se commetteram naquelle tempo, recolhendo-se quasi sempre pela madrugada com tropel de gente armada em todo o genero d'armas, ainda prohibidas pela lei novissima.»

Vê-se, portanto, evidentemente, que com todo o fundamento temos chamado *Rancho da Carqueja*, ao tal bando de preversos estudantes; e não *Rancho do Carqueja*, como pretende o sr. Camillo Castello Branco, no seu recente livro—*Noites de insomnia.*

Associação Commercial de Coimbra.—A direcção desta Associação tem empregado todos os seus esforços, a fim de fazer vingar a ideia de que o caminho de ferro da Beira parta desta cidade.

Tem-se dirigido aos seus socios correspondentes e mesmo a socios effectivos que se acham hoje fóra do districto, a diversos deputados, aos proprios ministros, em fim tem buscado todas as poderosas influencias que podem contribuir para o bom resultado da causa que advoga.

E' nobre o intuito da direcção, e bom é que se diga que já ha, felizmente, quem tome a peito os interesses da cidade, tão descurados até hoje, e por isso esquecidos dos poderes publicos. Sirva isto de incentivo a todos, a pequenos e a grandes, e cada um delles contribuindo com o seu contingente, fará com que Coimbra reassuma a posição que lhe compete e que de ha muito já deveria ter reconquistado.

A direcção da Associação Commercial já recebeu do deputado por este circulo, o sr. conselheiro Joaquim Gonçalves Mamede, resposta ao officio que se lhe dirigiu, incluindo a representação para Sua Magestade. Parece que nesta resposta, que é muito lisonjeira para a Associação, transparece visivelmente a communhão de ideias que o digno deputado partilha com a direcção da Associação Commercial.

Caminho de ferro da Beira—O sr. conselheiro Joaquim Gonçalves Mamede, apresentando na camara dos deputados, de que é digno membro, a representação que á mesma dirigiu a Associação dos Artistas desta cidade, ácerca da directriz do caminho de ferro da Beira, proferiu o seguinte:

«*O sr. Mamede:*—Mando para a mesa uma representação dos artistas de Coimbra, acerca da directriz do caminho de ferro da Beira. Esta representação vem reforçar outra, no mesmo sentido, que já foi enviada pela camara municipal directamente ao sr. ministro das obras publicas.

Os habitantes de Coimbra, cujo circulo eleitoral tenho a honra de representar nesta casa, desejam que o caminho de ferro da Beira, partindo daquella cidade, siga por Miranda do Corvo, norte da Louzã, Goes, Arganil, Oliveira do Hospital, Ceia, Gouvea, poente da Guarda e Celorico, até atravessar a fronteira e entroncar nos caminhos de ferro de Hespanha.

Já se vê que este caminho de ferro, seguindo esta directriz, passa por muitas povoações situadas nas abas da serra da Estrella, onde se tem estabelecido e prosperado fabricas importantissimas, apesar de não terem faceis communicações, nem capitaes baratos, e dos operarios não possuirem a instrucção profissional que lhes deve ser ministrada em institutos apropriados; é evidente, portanto, que desde que um caminho de ferro passe por alli, essas fabricas hão de adquirir muito maior desenvolvimento e prosperidade que actualmente têem.

Não sou engenheiro, nem esta occasião é a mais opportuna para tratar com mais largueza este assumpto.

Estou, porém, certo de que o sr. ministro das obras publicas ha de empregar todos os esforços para resolver este negocio com toda a justiça, habilitando-se com todas as informações que julgar necessarias. Neste sentido tenho tido algumas conferencias com s. ex.ª que me honra com a amisade, e tenho toda a confiança em que s. ex.ª deseja resolver este assumpto como for mais util aos interesses do paiz.

Concluo pedindo a s. ex.ª que mande esta representação á commissão respectiva, e que seja publicada no *Diario do Governo.*»

Prisão importante.—O activo e intelligente escrivão do juiso ordinario de Oliveira do Hospital, o sr. Joaquim José Raymundo Castello Branco, fez ultimamente uma importante captura.

Na madrugada de 28 de Janeiro findo, acompanhado pelo destacamento estacionado naquella villa, foi capturar ao logar das Seixas, do referido julgado, a José da Cunha, casado, proprietario, pronunciado ha tempo, no seu cartorio, pelo crime de homicidio frustrado na pessoa de um tio.

Só por uma minuciosa busca é que poude effectuar a prisão; porque o criminoso foi encontrado entre o forro e o telhado da habitação da mãe.

Consta-nos que o sr. delegado da comarca de Taboa já louvara merecidamente o sr. Joaquim José Raymundo Castello Branco, pelo seu valioso serviço.

Afogamento—No dia 7 de Fevereiro corrente, pelas 6 horas da manhã, foi encontrada morta, proximo á villa de Taboa, n'uma levada d'agua, que terá de profundidade 2 palmos, Rita da Fonseca (por alcunha a Papoula) da dita villa.

Esta infeliz tinha de edade 70 e tantos annos, vivia so e na maior indigencia, e mendigava, por isso, o obulo da caridade, percorrendo pequenas distancias por causa de suas diminutissimas forças; e tal era a sua pobreza, que foi necessario recorrer á caridade publica para se lhe arranjar mortalha.

Foi encontrada com um pequeno cesto no braço esquerdo, o que leva a crer que não fez o mais leve movimento depois de cair, andando á superficie da agua algumas maçãs e cebolas, o que tudo causava um espectaculo bem triste.

Commissão.—O sr. commendador Jorge Nunes Penteado, digno delegado do thesouro em Coimbra, vae partir para o Funchal em uma commissão de serviço.

O sr. Penteado é um exemplarissimo empregado, que á sua inexcedivel actividade e zelo no cumprimento das suas obrigações, reune as maneiras mais attenciosas para com os seus subordinados e para com o publico.

Na sua temporaria ausencia vem o sr. delegado do thesouro do Funchal servir em Coimbra.

Ministro em Paris.—Consta que para substituir o fallecido conde de Seisal, Fx

---

teger aos fugitivos e rechassar os invasores. O fogo destes os obrigou a occupar e fechar o corpo da guarda, fazendo-se fortes nelle, e sustentando das suas janellas um vivissimo fogo, que só conseguiu ferir o soldado Bento Pineda.

Alió tratou então de formalisar o ataque, dirigindo ás janellas todos os tiros, em quanto o resto da força conseguia internar-se no castello, para cuja operação contribuiram efficazmente Lucas e Vidal.

Internada bastante gente, que situada a poucos passos do corpo da guarda sustentava o ataque, o tenente e quatro soldados, com as armas preparadas, reconheceram a praça do castello pela esquerda, e se apoderaram com a ultima força que se internava, das ameias que dominavam o caminho, por onde havia subir o grosso da guarnição.

Tudo ia perfeitamente para os carlistas; porém a porfiada resistencia da guarda principal, podia destruir quanto haviam adeantado; e importando desanimar aos liberaes, começaram a dar vivas ao *rei*, ao general *Cabrera*, e outras acclamações, que suppunham a presença de numerosa força, entremeando-as com atrozes ameaças, e conseguiram que corressem os surprehendidos a refugiar-se na villa, excepto 8, ou 10 soldados, que impetraram a graça de quartel e se renderam. Apoderado então Alió da porta principal, se assenhoreou completamente do castello.

Vidal encerra na egreja os prisioneiros, e Lucas vae com alguns delles e os voluntarios abrir os depositos de munições, que se repartiram com abundancia. Alió collocava ao mesmo tempo a sua força em redor do castello, e especialmente sobre a porta e pontos immediatos que olham para a villa, pela fundada suspeita de que ainda intentaria a guarnição recobrar o perdido.

Com effeito, poucos instantes haviam passado, quando o governador D. Bruno Portillo e Velasco, com toda a guarnição e nacionaes que reunira ao som de sineta, ia subindo pelo caminho coberto do castello, com o fim de chamar a attenção para a porta, ao passo que umas companhias escolhidas, realisariam o ataque verdadeiro de reconquista, pela immediação da pequena torre sobre a porta Ferrisa; porém apoderados os carlistas das munições, arrojavam á mão com profusão, projectis ôcos, e faziam ao mesmo tempo um vivissimo fogo de fuzilaria. Introduz-se o temor e a confusão nos soldados; emprehendem estes a retirada, e abandonam a praça de Morella.

Eram já 5 horas da manhã quando Alió accendeu a fogueira convencionada. Neira, Garcia e os espectadores associados, a quem o continuado fogo que tinham ouvido, os fizera contar por perdida a empreza, e sepultados na neve aos seus executores, choram de alegria, bemdizem ao Deus das batalhas, e mandam immediatamente reunir todas as forças do seu commando, para operar segundo conviesse.

Alió resgatou a dois prisioneiros carlistas, tirou de um calabouço a tres artilheiros da guarnição, e lhes mandou fazer fogo de peça, para augmentar o terror dos liberaes. Aos carlistas lhes deu um almoço com os comestiveis e licores armazenados no castello, e desde então não houve mais que contentamento entre aquelles atrevidos hespanhoes, que haviam executado tão grande empreza.

O sol do novo dia, que era o do dia 26, dissipa as nuvens e brilhou magnifico. Ninguem vêem e se suspende o fogo: reinava um silencio imponente. Reune Alió a sua tropa; escolhe 25 soldados; deixa os restantes no castello, e depois de prohibir entrar, nem sair delle, desce á povoação, unem-se-lhe uns 30 soldados da guarnição com o sargento Garcia, que acclamam a D. Carlos e a Cabrera ao avistarem os carlistas; porém os desarma Alió por precaução, e os envia ao castello.

Prosegue a sua marcha, e distribuindo guardas e nomeando uma patrulha para que impedisse qualquer desordem, foi percorrendo o principal da povoação, e aprisionando alguns atrazados que encontrou.

A villa parecia deserta; nem ás janellas apparecia ninguem.

Ás 10 horas chegaram as mais forças do bloqueio, e os acantonados em Cintorres com alguns prisioneiros, que pertencentes á guarnição, colheram no campo. Sae Alió a recebel-as, e entrega aos seus chefes Delgado e Neira as chaves da muito interessante praça de Morella. No mesmo dia participa Delgado a Cabrera a tomada deste ponto.

Tal foi a conquista de Morella feita por D. Paulo Alió, pequeno de estatura, porém de alma grande; de pacifico aspecto e de coração valente. O posto immediato e a cruz de S. Fernando de segunda classe lhe valeu este feito; no que foi mesquinho D. Carlos, porque Alió merecia muito mais.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

nomeado nosso ministro em Paris, o sr. José Maria da Silva Mendes Leal.

Melhoras.—O sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar, acha-se muito melhor da sua ultima doença, sendo até julgado pelos medicos livre de perigo. Muito folgamos com isso.

Odes selectas de Horacio.—Este bom livro, escripto para o curso de latinidade dos lyceus, traz junto com o texto a traducção do Dr. *Antonio Ribeiro dos Santos*, a que se juntaram curiosas notas do erudito *Joaquim José da Costa e Sá*, e do douto jesuita *Sanadon;* havendo nas mesmas notas, não só outras traducções de diversos poetas nossos, mas a medição do verso, para assim familiarisar os moços estudantes com a litteratura classica, não só latina, como portugueza. Recommendamos este livro a todos os professores.

Adiante vae o annuncio.

Bibliotheca universal—Recebemos desta acreditada empreza, o livro—*As cruzadas*—segundo volume da *Educação litteraria.*

O primeiro foi—*A guerra peninsular*—e está já a imprimir-se o terceiro—*Os dramas no mar.*

Todos os assumptos são muito instructivos, e por uma quantia muito modica se pode ter uma pequena, mas interessante bibliotheca.

Fallecimento.— No dia 10 do corrente falleceu com uma congestão cerebral, no logar do Covello, freguezia de Sazes, concelho de Penacova, o sr. Manoel Joaquim Tavares.

Era ainda uma reliquia d'esse punhado de bravos, que desembarcaram nas praias do Mindello. Sendo sargento do regimento de milicias de Coimbra, emigrou para a Galliza e d'alli para Inglaterra. Fez parte da arrojada expedição á ilha Terceira, donde veiu encorporado no regimento de voluntarios da Rainha.

Durante o cerco do Porto serviu naquelle corpo como sectario fiel da causa liberal. Terminada a lucta voltou para a sua casa, onde viveu no seio da sua familia como proprietario, sempre probo e honesto.

O velho soldado de D. Maria II, contava 68 annos de edade, tendo não só prestado ao seu paiz os serviços que acabamos de mencionar; mas tambem ao seu concelho e freguezia.

Foi por differentes vezes vereador da camara municipal, e por muitos annos se prestou por obsequio, e condescendencia para com os seus amigos, a ser regedor da sua parochia, onde havia falta de pessoal para exercer este cargo.

Em todos estes logares se houve sempre o sr. Tavares com a probidade e honradez, que era propria do seu caracter. Ao finado, Deus lhe dê a paz eterna na patria dos justos. Ao seu prezado filho, o revd.º padre Antonio Tavares da Cunha Leitão, damos os nossos sinceros pezames.— Penacova, 12 de Fevereiro de 1874.—*F. P. Queiroz.*

Chegada.—Chegou hoje a esta cidade, vindo de Lisboa, o nosso particular amigo o sr. bacharel Emygdio Navarro, que vem passar estes dias no seio da sua estimavel familia.

O sr. Emygdio Navarro foi distinctissimo estudante na Universidade; e hoje reune aos creditos de advogado, o ser um dos nossos bons escriptores.

Mancebos com tal intelligencia, têem, sem duvida, deante de si um brilhante futuro.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1874.

Os negocios publicos continuam regularmente, e o credito, que é sempre bom thermometro do estado do paiz, tem augmentado. Os nossos fundos em Londres têem subido; d'aqui a alta nas inscripções, e em todos os papeis de credito. As obrigações do caminho de ferro do Minho, que foram emittidas a menos de 70$000 reis, subiram em pouco tempo a 75$000 reis, e assim mesmo não apparecem no mercado. Quando se realisar nova emissão, será por preço muito superior ao da anterior operação, porque ha abundancia de capitaes disponiveis.

O relator do parecer da commissão de fazenda, sobre o orçamento de despeza, Dr. Mamede, desempenhou-se em poucos dias deste melindroso trabalho, que já está impresso, e entrará em discussão depois de ferias de entrudo. Aos estabelecimentos da Universidade foram mantidas as suas dotações.

O Dr. Teixeira occupa-se do orçamento da receita.

A commissão de instrucção publica vae resolver uma proposta do seu presidente o Dr. Mamede, tendente a augmentar 10$000 reis aos professores vitalicios de instrucção primaria, e ás mestras de meninas da cabeça de concelho. O Dr. Adriano Machado, e varios deputados da opposição declararam auxiliar poderosamente esta proposta, convencidos de que na actualidade não pode fazer-se mais, e de que não é justo retardar qualquer beneficio, que augmente a instrucção popular, sobre que todas as opiniões estão concordes.

O decreto de 20 de Setembro de 1844, concede amplas auctorisações ao governo, com as quaes póde melhorar-se muito este importante ramo de serviço publico. O actual ministro do reino está n'isto verdadeiramente empenhado, sendo energicamente auxiliado pelo director geral Jayme Moniz, e pelo chefe de repartição, graduado em director, Amorim.

A commissão de fazenda recommenda no relatorio sobre o orçamento, nova inspecção ás escholas de instrucção primaria, com o fim principalmente de se adquirirem casas apropriadas onde as mesmas escolas se estabeleçam regularmente. Para se conseguir este fim, todos os esforços são poucos, visto que a iniciativa local não apparece, é pena confessal-o, salvas honrosas excepções, entre as quaes se levanta com orgulho a municipalidade de Coimbra, que ha de recordar-se sempre com louvor, da que foi presidida pelo Dr. Lourenço.

O parecer sobre os bancos foi hoje distribuido na camara dos deputados.

Sabe, que foram nomeadas duas commissões especiaes: uma para decidir se a actual legislatura acaba nesta sessão: a outra para examinar uma proposta que annulla o decreto eleitoral do bispo de Vizeu.

Quanto á primeira, parece pouco questionavel que a legislatura acabe nesta: quando mesmo houvesse duvidas attendiveis, seria sempre o melhor expediente recorrer aos collegios eleitoraes. Sobre a segunda não é tão facil a solução, parecendo a alguns individuos, que podem influir na questão, ou seja pela imprensa, ou com o voto no parlamento, não ser prudente alterar o que está; comquanto possam apresentar-se bons argumentos que aconselhem annullar o decreto dictatorial do bispo de Vizeu.

O deputado por esse circulo recebeu uma representação da Associação Commercial dessa cidade, pugnando pela directriz do caminho de ferro, que sahindo de Coimbra passe ao sul do Mondego, e se aproxime de povoações importantes pela sua industria, que, assim como a agricultura, receberiam forte impulso com a adopção de tal traçado em que Coimbra está empenhada.

Vae ser retirada da praça, a pedido da camara municipal, uma casa situada ao fundo da rua Direita, que a mesma camara deseja adquirir para proceder naquelle local a melhoramento que projecta.

* *

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

O numero immediato deste jornal publicar-se-ha na *quarta feira.*

ARRENDA-SE

1 A QUINTA de Fonte de Canas, junto a Castello Viegas, concelho de Coimbra, no todo, ou aos talhos, por um prazo mais ou menos longo. Quem lhe convier, dirija as suas propostas a José da Paixão Castanheira das Neves, rua da Quintinha, n.º 35, Lisboa.

CAIXA FILIAL DO BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

Praça de S. Bartholomeu, n.º 79 a 81

Empresta sobre penhores de ouro, prata, brilhantes e papeis de credito; desconta letras da terra e de cambio, e sacca sobre as principaes praças do paiz e do estrangeiro.

Recebe dinheiro em conta corrente á ordem, e a prazo fixo.

Encarrega-se da compra e venda de inscripções e outros papeis de credito.

MARÇANO

3 NA RUA DA SOPHIA, 51 e 55, precisa-se de um para estabelecimento de mercearia.

MRS. MARTINS & C.ª

Horticultores francezes

4 PARTICIPAM aos srs. amadores, que acabam de chegar a esta cidade com um grande sortimento de plantas para jardins e arvores fructiferas de todas as qualidades; e que apenas se demoram aqui oito dias.

Tem o seu deposito na rua da Sophia, n.º 108.

---

5 PARA OS EFFEITOS dos artigos 1031, 1033 e seguintes do codigo civil, avisa-se o publico, para que ninguem contracte com Anna da Conceição, vulgo a Tremoceira, acerca de tres moradas de casas, pertencentes a esta, sitas na rua das Parreiras, no bairro alto desta cidade, e outra morada na rua da Trindade, porque estes bens estão sujeitos ao pagamento da quantia de 700$000 reis, e juros, que a mesma Anna da Conceição deve á annunciante, divida contrahida por seu defunto marido, como procurador da annunciante e sua irmã, por ser quantia pertencente a estas, na liquidação da herança, por morte d'Antonio Ferreira, e de que nunca deu contas; isto sob pena de se julgarem nullos esses contractos, em prejuiso da annunciante.—*Rita de Jesus.*

EDITOS DE 30 DIAS

6 PELO JUIZO DE DIREITO da comarca de Coimbra, correm editos de 30 dias, desde o dia 11 do corrente mez de Fevereiro, a citar D. Henriqueta Amelia da Silva Pinto, casada, desta cidade, ausente em parte incerta, para na segunda audiencia deste juizo, depois de findo o prazo dos editos, em que a citação lhe hade ser accusada, vir dizer o que tiver ácerca da pretensão de seu marido Thomé da Silva Baptista, desta mesma cidade, o qual pretende obter supprimento de consentimento para hypothecar bens immobiliarios, e ver correr todos os termos até final, sob pena de revelia e de correr a causa com o curador que lhe foi nomeado nos termos da lei. Escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

Aviso aos recrutas

7 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra ao sr. João de Aveiro; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

AOS AMADORES

DO VINHO XEREZ

Das qualidades:

PEDRO XIMENES

DOURADO SECCO—SUPERIOR

Assim como:

Porto
Malvasia
Lacrima Christi
Marquez de Pombal
Bastardo
Porto Velho

MOSCATEL DE SETUBAL

MADEIRA SECCO

Estabelecimento de José Tavares da Costa, rua da Calçada, proximo á Portagem.

---

9 ODES SELECTAS DE HORACIO, para o curso de latinidade dos lyceus, editadas por Antonio Maria Seabra d'Albuquerque. Texto, Traducção e Notas. Vende-se em todas as lojas de Lisboa, Porto e Coimbra. Preço 400 rs.

OPTIMOS VINHOS DO PORTO DA NOVIDADE

De 1858 a 280 por garrafa
De 1853 a 360 »
De 1847 a 400 »
De 1834 a 500 »

Estes acreditados vinhos continuam a vender-se na rua da Calçada, n.º 85 a 91; assim como outras muitas qualidades, incluindo Bairrada a 120 sem garrafa.

EDITAL

11 A CAMARA MUNICIPAL da Louzã, faz publico, que no dia 25 do corrente, pelas 9 horas da manhã, no sitio da Relva Longa, limite do logar de Alfocheira, se hade proceder á vistoria, medição e louvação de uma porção de terreno baldio, que Antonio Pinto de Campos, desta villa, pretende tomar de aforamento a esta camara; e por isso convida a todos os interessados a apresentarem até áquelle acto qualquer reclamação que tiverem por conveniente fazer contra este aforamento. Louzã, 9 de Fevereiro de 1874. Eu Adelino Correa da Costa, escrivão que o escrevi.

O presidente,

José Maria Corte Real e Saccadura.

DOCTOR IN ABSENTIA

12 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Mr. Orcus, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

NUMERO 2772 — QUARTA FEIRA 18 DE FEVEREIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A opposição levou á camara electiva a questão, se a actual legislatura deve terminar no presente anno de 1874, se no futuro de 1875; questão que mais tem por fim crear embaraços ao governo, do que sustentar os verdadeiros principios da escola liberal e progressista.

A opposição, antes para prolongar a sua vida parlamentar, do que para sustentar os preceitos da nossa constituição politica, os quaes lhe parecem acanhados para as suas *ideias avançadas*, como tem mostrado nas reiteradas insistencias pela reforma do codigo fundamental do paiz; levantou a questão da duração da actual legislatura, sem pensar na contradicção desgraçada em que cae, sustentando semelhante doutrina. Tanto pode a ambição do poder.

A opposição prevê, e com bons fundamentos, a derrota que a espera na urna, e por isso deseja protrahir a sua ephemera existencia politica. Para o conseguir, propõe-se defender uma causa condemnada pelos principios, e que repugna ás ideias liberaes de todo o partido progressista.

A opposição, que agora quer fazer inculcar que segue á letra a doutrina da Carta, começa por contradizer os principios nella exarados. Para sustentar a sua doutrina, precisaria de demonstrar primeiro, que é possivel celebrar-se uma sessão extraordinaria, antes da primeira ordinaria: isto é, que é possivel contar-se a sessão de 1871, sem que esta legislatura dure mais de quatro annos.

Em 1844, a opposição progressista, velando pelas ideias verdadeiramente liberaes, pugnou para que a sessão de 1845 fosse a ultima, com quanto a sua opinião podesse ser impugnada.

O illustre deputado, Manoel da Silva Passos, em sessão de 12 de Dezembro de 1844, discutindo-se o parecer da commissão eleita pela camara, disse, que a referida commissão apresentara o seu parecer, favoravel ao principio de que os parlamentos devem ter a mais curta duração possivel. Agora a actual opposição, que se diz rasgadamente progressista, e que pede instantemente a reforma da Carta, por lhe parecer que ella não satisfaz ás suas ideias avançadas; vem sustentar um principio diametralmente opposto ao da opposição progressista de 1844. E é por esta forma, que a opposição de hoje mostra as suas tradições *historicas!*

A antiga opposição progressista, firme e crente nos seus principios, instava para que a urna fosse consultada no mais breve prazo possivel. Assim procedia quem tinha a consciencia dos seus direitos, e mantinha firme as suas convicções politicas; embora antecipadamente tivesse a certeza de perder a votação, attenta a pressão violenta, que o governo cabralista costumava exercer nos actos eleitoraes.

Na actualidade a opposição pretende fugir da urna, só para possuir por mais um anno as suas cadeiras no parlamento.

Triste confronto de procedimento entre as duas opposições!

E apesar do governo ter merecido o apoio das camaras, manifestado por muitas vezes, e por uma grande maioria; ainda mesmo que se offerecesse duvida ácerca do modo como se deviam contar as sessões da actual legislatura; era de todo o ponto racional consultar com a possivel brevidade a nação, para ver se aquelle apoio vae conforme á opinião geral. E tanto mais conveniente é esta resolução, quanto é certo, que o gabinete não estava no poder quando as côrtes foram eleitas.

Pelo modo de proceder da actual opposição nesta pendencia, se devem aferir os seus sentimentos, e o amor que tem aos principios liberaes, de que blasonam quando pretendem armar ao effeito publico.

COISAS ACADEMICAS

II

Esboçámos no precedente artigo alguns dos muitos abusos que chamavam a attenção publica, e podemos assegurar que a decencia nos impoz silencio sobre o que daria a ideia d'uma profunda decadencia, d'uma requintada immoralidade e impudor: o nosso fim não era fazer estendal de escandalos, mas comprovar tão só que no seio da academia vegetam uns tantos sujeitos como que aporfiados em promover o descredito da sua classe.

A academia que é digna, não precisa que a incensem de forma que no fumo do incenso se escondam os *ruaceiros* que a envergonham; a academia que é digna, o que desejára e precisára muitas vezes era ver longe, bem longe da sua vista, essa minoria de provocadores que a desacreditam.

Não pode andar á mercê de meia duzia de desaforados, a reputação d'uma classe, a todos os respeitos distincta— distincta, porque vem n'esta terra educar esforços e vontade nas lides da intelligencia—distincta, porque é fadada para, nos differentes cargos da vida publica e na pratica das relações sociaes, levantar o nivel intellectual do seu paiz— distincta pela educação que deve ter recebido, e de que é forçoso dar solemne documento, visto como a terra escolhida para o tirocinio da sciencia deve ser tambem a em que se prove a rectidão da consciencia.

O desenfreamento d'esses tantos tem vivido e medrado com a tolerancia das auctoridades—com a impotencia do regimen policial universitario— com o habito exclusivamente academico, e muito, muitissimo, com a indifferença da grande maioria de academicos, que não tem punido e acudido pela sua dignidade e bom nome offendidos, castigando com um significativo desprezo e viva repulsão os indignos—seus confrades apenas para vergonha e desdouro.

A esta lista de responsabilidades poderamos e deveramos accrescentar a que cabe á imprensa desta terra pela mudez largos annos

---

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXXVII

D. CARLOS

LXXXVII

Desde então foi Morella o baluarte dos carlistas no Maestrazgo; o seu nome serviu para mais de um titulo de nobreza, e resoou no mundo.

Cabrera soube a 28 este successo em Benicarló. Communicou tão fausta noticia a D. Carlos e á junta governativa; nomeou governador ao que o era de Cantavieja, D. Ramon O-Callaghan, de que todos os carlistas se mostravam resentidos, e foi substituido por D. Martin Gracia, que permittiu voltar a Morella as familias desterradas que o desejassem.

A junta publicou uma allocução, annunciando o feito, e dizia que o carro da victoria que havia de conduzir a D. Carlos ao throno, não rodava, senão que se precitava, e todo o poder do inferno não seria bastante para detel-o. Apresentava triumphos em todas as partes, e se mostrava possuida do maior enthusiasmo.

No dia 31 fez Cabrera a sua entrada triumphal em Morella.

Quasi pela mesma epocha, a cidade que adquiriu eterna fama, resistindo aos francezes, a immortal Saragoça, era cobiçada pelos carlistas, e sendo chegada a opportunidade para executar o plano que se tinha concertado, ordenou Cabrera a Cabañero, que se achava no sitio de Gandesa, que com 2:200 infantes, alguns desarmados, e uns 300 cavallos ás ordens do francez Lespinace, marchasse a surprehender a cidade.

Sairam a 3 de Março de 1838, descançaram pela noute algumas horas em Ariño, e seguiram a sua marcha até á uma da tarde do dia 4, que descançaram tambem em Belchite umas tres horas, no fim das quaes continuaram a sua marcha, e á uma da noute acamparam perto de uma legua de Saragoça.

Cabañero chamou então ao tenente D. Pedro Muñoz, e lhe disse:—«Confio em v. s.ª uma commissão arriscada, e supponho a desempenhará como sabe.»— Ao ouvir a sua affirmativa, acrescentou:—«Escolha v. s.ª os caçadores que quizer, e com este paizano e os que para esse effeito se lhe reunam, vá v. s.ª abrir as portas de Saragoça.»—Para a sua execução lhe deu em acto continuo algumas instrucções.

Escolheu Muñoz 14 caçadores da sua confiança, um cabo e o sargento Feliciano Sanchez; pozeram-se em marcha, e ao chegar á torre de Ponte, a um signal convencionado com o paizano que lhes servia de guia, uniram-se outros dois.

Tomam duas escadas, duas taboas, umas cordas e varios outros objectos, com os quaes se dirigem ao rio Huerba. Tratam de o atravessar sobre as tabuas que levavam, não crendo opportuno fazel-o pela ponte, por ter a curta distancia uma bateria; mas não alcançavam as taboas, e mandou Muñoz cubrir com os capotes os canos das espingardas, para que não luzisse o seu brilho ao fulgor da lua, e em união dos tres paizanos, passaram pela ponte, approximando-se com o maior silencio á muralha.

Seguiram arrimados a ella até á porta do Carmo, em cujo ponto teve que distribuir a sua pequena força, e collocar a maior parte entre as arvores, em frente do convento de Capuchinhos, que distava um tiro de bala, e onde residiam os carabineiros que deviam rondar pela muralha; lamentando-se Muñoz que não o fizessem áquella hora.

O resto da força aproximou uma escada á muralha, e descendo por outra ao interior, abriram a porta com machadadas e com a relha de arado que levavam. Avisa-se no mesmo instante a Cabañero, chega, e entram todos na cidade, antes das 5 da manhã. O 6.º batalhão de Aragão collocou-se na egreja parochial de S. Paulo, e os demais se internaram pelas ruas do Carmo, Santo Ildefonso, collegio de S. Diogo, arco de S. Roque, á Audiencia, praça de S. Francisco, e pedras do Corso.

Os vivas a D. Carlos e a Cabañero, e o tiro disparado pela sentinella da bateria de Santa Engracia, infundiram o alarme entre os habitantes mais proximos, e evitaram que fosse surprehendida a guarda principal, donde se dispararam mais tiros que propagaram o alarme.

Os invasores, alem do batalhão que deixavam em S. Paulo, collocaram-se nas pedras do Corso e avenida da porta Queimada, no Mercado e a de Pregadores, Armas, arco de S. Roque, entre a Audiencia e casa do general, praça de S. Francisco, e a cavallaria nos passeios immediatos á ponte do Huerba; entraram tambem alguns infantes em varias casas do Corso e subida dos Gigantes, e as bandas tocavam ao mesmo tempo generala pelo interior da cidade.

A surpreza não podia ser mais completa, e os primeiros passos foram victoriosos. Porem os laureis que com tanta facilidade conquistou tão desusada ousadia, lh'os arrebataram os indomaveis saragoçanos, que sem chefes, e obrando cada um segundo o seu conselho, se

guardada sobre coisas academicas : era o estudante um *noli me tangere* ; para elle era o mesmo que não existisse *secção policial* nas columnas da imprensa; para encobrir seus actos reprehensiveis ou criminosos todo o patronato, todas as influencias sahiam a campo.

Que admira que dêem ainda acordo de si estas tradições de tanto tempo ?

Parecerá absurdo chamar-se a figurar neste libello o vestuario academico; é porem opinião mais que pensada que, abolido elle, cairão tambem uns tantos preconceitos que lhe andam annexos. Deparam-se-nos logo em face uns ares de prepotencia e sobranceria que seriam ridiculos sómente,se muitas vezes não fossem maleficos.

E facto observado em muitos exemplos, e tem tomado vulto na opinião commum, que o estudante de Coimbra assume uma importancia, mais que muito contestavel, não esquecendo sequer a pretensão de sobrepôr-se em saber e desenvolvimento aos estudantes das outras escholas: e se não póde convencer pela força da razão e da sciencia,que nem sempre lhe assistem , desejára impôr-se pela razão e sciencia da força.

Este excessivo amor de si e do que vale ganhou-o aqui no habito que veste. Tem pena de o não poder trajar fóra de Coimbra (ou outro, menos sombrio)que com elle ganhariam força as suas pretensões; mas,ao deixal-o não largou os modos que aqui o caracterisam.

E' frequente ouvir-se fazer a apologia da capa e batina : não é pelo que tenha de formoso,mas pelo que dá de *commodidades*.«Com elle faz o estudante o que quer, e faça o que fizer, ninguem repara. » Isto, vertido em linguagem corrente, equivale a reconhecer que favorece liberdades — que nem sempre são actos decorosos—o habito que , por ser distinctivo d'uma classe , o deve ser tambem de honra, e do merecimento. E, se descemos aos factos, temos direito a affirmar que em Coimbra esse habito é nas mãos de desordeiros um accrescento, um auxiliar ás trevas da noite para serem cobardes. De noite tal vestuario, desfigurando um homem completamente, é um negrume junto a outro.

Desde que uns poucos, mas habitualmente, o tornam em instrumento criminoso , o que fôra creado para distincção, comprehende-se que o [illegible] deteste o traje , que vê [illegible], e tanto mais que os abusos são praticados muito a salvo e , pelas condições especiaes em que o são, levam o publico a queixar-se não deste ou d'aquelle individuo que não póde apontar ; mas da entidade *estudantes*, mas de uma classe inteira—atraz da qual os desordeiros se escondem, ufanos da impunidade.

Trajando os estudantes como o commum dos cidadãos, terá caido mais um privilegio: e é forçoso comprehender-se que os actos de cada um serão punidos ou premiados pelo mal ou bem que contiverem, e nunca segundo a côr ou feitio do panno em que se anda envolvido.

Da impotencia do regimen policial academico é mais que superfluo , se não fôra ridiculo, tentar uma demonstração. Meia duzia de archeiros, sendo metade invalidos, é uma policia para fazer rir, quando se vê empregada das portas afóra da Universidade.

Concluiremos annunciando que os *rapazinhos das troças*, dos apupos nos representantes da imprensa , tiveram o seu alegrão. Appareceu-lhes primeiro a *epistola* do marido que mandou sosinha a mulher em busca da anarchia, e que se carpiu de a não ter achado. Isto é simplesmente grotesco.

Como já é socio da Academia e citado auctor, já não póde dizer-se que a *epistola* era de geito a abrir-lhe as portas de tão distincta corporação, se ainda fôra candidato.

Após a *epistola* ergueu-se lá das bandas do Norte, subiu ao tablado e exhibiu comicas *visões*, famoso histrião em trajes de *bacchanal*. Tolera-se-lhe a guizalhada por ser no entrudo.

—Continuaremos.

F.

A INSTRUCÇÃO POPULAR

II

Que a instrucção popular é o unico e fiel motor que, animando a agricultura, desinvolvendo o commercio, aperfeiçoando a industria e morigerando a sociedade, nos dá a mais solida garantia de prosperidade e independencia nacional, é hoje um axioma.

Pela cultura do espirito adquire o homem todo o seu prestigio; da sua instrucção depende a educação da familia; e da morigeração desta a regeneração da sociedade.

E' pela instrucção que o homem, conscio de seus deveres, arroja ao longe,em pedaços, os ferros da escravidão, tornando-se um dedicado obreiro do grande edificio social.

E' pela instrucção que o homem, rompendo o veu que lhe venda a fronte, reconhece o seu valimento pessoal, e com a sua palavra electrisada, defende os seus direitos e pugna pelas suas regalias.

E' finalmente pela instrucção, que o homem, aprimorando as fontes de riqueza publica, serve de poderoso esteio á nossa autonomia; e, possuido do amor patrio, que ella imprime, disputará palmo a palmo a sua integridade.

Despido de instrucção é um ente nullo, que de nada serve á nobre causa que symbolisa; é para machina movida apenas pela acção do instincto, e quasi sempre em beneficio alheio; e, ignorando os sagrados deveres sociaes, facilmente se filiará n'essas nefandas associações, de cujas scenas Paris e Alcoy já foram horrivel theatro.

Descurando o salutar principio da educação nacional, e, como consequencia, dando azo á devassidão, caiu Tyro, expirou Athenas, succumbiu Carthago, e até a propria Roma cobriu de luto as paginas da sua historia, submergindo-se na onda invasora das velhas civilisações do Oriente.

Indague-se a causa da felicidade da Suissa, da liberdade da Belgica e da prosperidade da Allemanha; achar-se-ha em cada aldeia uma escola, em cada municipio uma bibliotheca, e em cada districto uma universidade, tudo por tal fórma organisado, que, espargindo a inextinguivel luz da civilisação, são outros tantos viveiros de cidadãos uteis, a quem devem a grandeza que hoje desfructam.

No meio, porém, desta nobre emulação que hoje preoccupa as nações mais cultivadas, é altamente censuravel a indifferença governativa, com que em Portugal é tratada a nossa instrucção primaria !

Numerosas povoações, aliás importantes, não possuirem esse fóco civilisador, verdadeiro germen de todo o progresso; freguezias populosas com um pequeno numero de alumnos nas suas escolas; grande parte d'estes, a quem a fortuna não sorri, tolhidos no seu desenvolvimento á mingua de utensilios escolares; o professorado, a quem o actual programma exige uma razoavel copia de habilitações, inquieto pela carencia de meios para occorrer ás primeiras necessidades da vida; e, vendo que o despontar de cada dia é um novo elo da cadeia de suas angustias, olha com frieza para a sua profissão, nobre e util, mas que lhe não garante a mais economica subsistencia; eis o miserrimo estado em que se acha a primeira condição de prosperidade e elevação moral do nosso paiz !

Mas o governo que, a bem de toda a ordem social, e até da sua propria conservação, tem o restricto dever de derramar por todas as classes os beneficos orvalhos da civilisação, limita a sua solicitude a crear algumas escolas, ignorando que a intensidade da luz não está tanto na razão directa do numero dos focos, como da quantidade que elles emittem; sendo por isso necessario fornecer-lhe certos elementos, para que do seu influxo brote todo o melhoramento social.

Para se conseguir tão auspicioso fim é indispensavel rebater o desleixo e preconceito rotineiros de muitos paes que, odiando tudo quanto é inovação e progresso, roubam aos entes que lhes são queridos a unica chave d'ouro, que lhes pode abrir um futuro de prosperidade e grandeza; é preciso proteger os numerosos infelizes, cujas familias, vivendo do obolo da caridade, ou dos tenues lucros do trabalho individual, lhes não podem fornecer os compendios e mais utensilios escolares, a fim de que, para cumulo de sua infeliz sorte, não fiquem privados da unica estrella que lhes alumia um porvir esperançoso.

Procurando vencer estas e outras inconveniencias que tanto obstam á propagação do ensino, creou s. ex.ª, o meritissimo commissario dos estudos deste districto, commissões promotoras, cujas attribuições, fielmente cumpridas, muito concorreriam para o derramamento da instrucção popular; é pois para sentir que ao nobre empenho de tão illustre funccionario não correspondesse o zelo e patriotismo d'algumas commissões que nem sequer chegaram a reunir !

Prende egualmente com a regeneração da nossa instrucção primaria a condigna remuneração do professorado. Ninguem de boa fé negará que, dos servidores do estado, o professor primario é o mais ridiculamente retribuido, o que será difficil, senão impossivel, achar quem, com as devidas habilitações, tenha a abnegação de assidua e exclusivamente se dedicar a um cargo, donde não aufere com que custear as mais indeclinaveis necessidades da vida.

Quizera ver o maximo escrupulo na escolha do preceptor primario, tanto pelo lado scientifico como moral; quizera vel-o flagellado por uma rigorosa fiscalisação, que o obrigasse a religiosamente cumprir com os seus deveres; mas nunca angustiado pela carencia dos meios mais triviaes, para viver com a decencia relativa á sua posição social; cujos dissabores hão de resentir a evangelisação que tem de ministrar á tenra prole que lhe é confiada.

Agora que o governo se acha rodeado dos representantes do povo, seja a occasião de se tractar da primeira condição da nossa prosperidade: appareça uma reforma de instrucção primaria, cuja organisação, promovendo a frequencia das escolas, protegendo os alumnos desherdados de fortuna e despertando o estimulo e levantando os brios do professorado, no resgate deste ostracismo apathico, a que nos tem levado a negligencia governativa; faça com que o sol da intelligencia, penetrando egualmente no palacio do rico, como no albergue do pobre, seja patrimonio commum da humanidade inteira : sem o que Portugal nunca occupará o logar, que de direito lhe pertence, no concurso das nações civilisadas.

Cadima 15 de Fevereiro de 1874.

João Ferreira Pinto de Figueiredo.

---

para elle havia logar, tomaram todos as armas; e se alguns caiam mortos, ou prisioneiros, ao lançar-se á rua, outros se reuniam com tres, seis ou mais companheiros, pelejavam valentes e formavam um nucleo de resistencia que ia engrossando ao ser conhecido. As portas, as janellas, os telhados, eram o baluarte de outros, a quem ajudavam os seus pequenos filhos e mulheres, e arrojando liquido fervendo, pedras, trastes e quanto podia fazer damno aos inimigos.

A escuridade da noute fazia mais terriveis estes momentos ; porém amanhece, e a Seo, o Pilar e a praça da Justiça, são o ponto de reunião dos nacionaes, que combatem á luz do dia, travando-se formal peleja no Mercado, praça da Constituição, e passeio de Santa Engracia. Os carlistas tem que ir em retirada. Só o 6.º de Aragão, que havia apprehendido a alguns liberaes, se viu sitiado e sem noticias de seus companheiros, que o esperavam na ponte do Huerba, que procuravam conservar : fez esforços para abrir passagem, e não podendo conseguil-o, o commandante D. Pascual Aznar, com toda a officialidade e uns 400 soldados ficaram prisioneiros.

O triumpho não podia ser mais magnifico para os saragoçanos. Em tão glorioso esforço resgataram a cidade,arrojaram della aos carlistas, e lhes causaram 217 mortos, 68 feridos deixados nas ruas, 29 chefes e officiaes e 703 prisioneiros. Os liberaes tiveram 11 mortos, 30 feridos, 2 contusos e 54 prisioneiros.

Os actos de heroismo praticados, foram quasi tantos como os individuos que tomaram parte naquella peleja. Com toda a justiça deu o congresso hespanhol um voto de louvor aos defensores, concedendo o governo á cidade o titulo de sempre heroica, decidindo que adornasse o escudo das suas armas uma orla de louro, que usasse da cruz de S. Fernando nas bandeiras e estandartes da milicia,e uma cruz com esta inscripção no anverso :—*Combatem pela liberdade em 5 de Março de 1838* ; e no reverso :—*Isabel II, á sempre heroica Saragoça*.

Aos prisioneiros de uma e outra parte se deu quartel, e no conselho de guerra que se formou em Saragoça, só se condemnou a ser fuzilado o paizano arrendatario da torre da Ponte.

Está execução foi legal ; não assim o barbaro assassinato commettido na pessoa do capitão general João Baptista Esteller.

Cabañero não necessitou de Esteller para surprehender a Saragoça, e era Esteller bastante liberal e cavalheiro, para haver prestado a sua attenção sequer a tão infame aleivosia. Ao saber a invasão, comprehendeu todo o peso de sua responsabilidade, exaggerou-a a sua delicadeza, e parece indubitavel que se extraviou a sua razão. So assim se comprehende o seu posterior comportamento e as respostas que deu aos seus ajudantes e empregados da capitania, que o estimulavam a sair por onde não havia perigo, e que permittisse á guarda fazer fogo das ruas, e janellas, as quaes permaneceram fechadas.

Pedia com descompassados gritos e desentoada voz, batalhões e regimentos que não havia, propunha planos ridiculos ; e no entanto decorria o tempo, e nada fazia.

Retirados os carlistas, poderam fazel-o ir á praça da Torre Nova, e ao propor-lhe uma sortida para salvar os prisioneiros, e que fosse á sua frente, perguntou com simples candidez, se tinha ponte o Ebro.

Alguns que não comprehendiam o estado da sua razão, lhe dirigiram asperas expressões, e se então passou esta scena entre pessoas notaveis e inoffensivas, espalhou-se pela cidade ; e acrescentado isto á sua ausencia no combate e a terem-se visto fechadas as suas janellas, se começou a pronunciar essa palavra, que qual sombra de Edipo, adquiriu collossaes proporções entre o vulgo ; e um comportamento que era justamente criticavel, não tendo em conta as causas que o produziram, se apresentou como uma traição, e os que quizeram castigal-a, esquecendo que havia tribunaes e que ultrajavam a lei, acudiram á casa do general, e na tarde do dia 6 o levaram ao edificio da inquisição.

Os que tinham perdido um pae, um irmão, um amigo, desejavam uma victima em quem vingar a sua dor, e sem reparar em que a vingança é o peor dos conselheiros, não pensaram mais que em satisfazel-a.

A deputação provincial, a camara municipal, as auctoridades todas e a maioria da milicia, desejavam a formação de um processo e o castigo dos que apparecessem criminosos ; e ainda que muitos não consideravam como tal a Esteller, o deixaram na prisão para sua propria segurança. Tudo permaneceu tranquillo naquella noute e na manhã seguinte ; mas pela tarde, um grupo de verdadeiros miseraveis e de mulheres indignas, augmentando com os curiosos, arrebataram a Esteller por surpreza, e protestando que o levavam á guarda principal, o assassinaram villãmente no caminho !

É digno de censura o individuo que herdou o commando, pela sua falta de precaução e energia, pois que poderia ter feito que Esteller respondesse pelo seu comportamento em um conselho, e o seu sangue não teria corrido nas ruas, em que tanto se economisou o dos carlistas; nem teria vindo a cair, como caiu já, sobre as cabeças de muitos incapazes de ideias ruins e villãs.

Se os passos que deram sete annos depois os filhos de Esteller, os tivessem dado então, acaso se teriam descuberto os criminosos, e não teriam o remorso de haver visto ao pé do patibulo por assassino de seu pae, a um que correu muito risco de morrer para o defender; nem teriam posto a todos na necessidade de consignar, para que se saiba daqui a mil annos, o comportamento pouco militar que observou o general Esteller na gloriosa noute de 5 de Março de 1838, e que por compaixão tem calado os saragoçanos.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Uma caixa de esmolas no arcebispado de Evora.—Nos annos decorridos de 1774 a 1785 houve uma caixa de esmolas de Nossa Senhora do Carmo de Valle-de-fornalhas, no arcebispado d'Evora,que recolheu as seguintes sommas:

1774—22 de Novembro abriu-se a caixa e continha......	275$280
1775—7 de Setembro	176$980
1775—2 de Outubro	450$100
1776—21 de Junho...........	168$220
1776—5 de Setembro..........	607$305
1777—21 de Outubro..........	521$440
1777—6 de Setembro..........	331$200
1778—19 de Junho...........	176$580
1778—16 de Setembro	348$980
1779—21 de Julho	761$280
1779—4 de Novembro.........	764$560
1780—27 de Maio	619$680
1780—7 de Setembro	209$720
1781—25 de Agosto	714$620
1782—23 de Maio............	827$200
1782—28 de Setembro	700$000
1783—17 de Maio	295$920
1783—11 de Setembro.........	363$080
1784—4 de Maio	849$200
1784—16 de Setembro.........	481$000
1785—6 de Abril.............	658$900
Em menos de 11 annos.......	10:301$345

Veja o leitor como ha um seculo apenas, era colossal o rendimento das caixas das esmolas, quando actualmente, decorrem annos, e, salvo raras excepções, conseguem reunir alguns cobres !

Santa Theresa.—Nas tardes de domingo, segunda e terça feira, houve na egreja das religiosas de Santa Theresa, exposição do Santissimo Sacramento e missão feita por um sacerdote italiano.

A concorrencia dos fieis em todos os tres dias foi muito grande.

Na missão de terça feira,a que assistimos, tratou o pregador de mostrar quanto na epocha presente, é em geral frivola, falsa e Voltairiana a instrucção; exaltou a utilidade da pratica do sacramento da Eucharistia; mostrou as vantagens do matrimonio, quando sobretudo é fundado no verdadeiro espirito catholico; combateu a doutrina daquelles que pretendem que a religião tenha por unico criterio a razão, sem o auxilio da fé; lamentou profundamente a perseguição que se tem feito ao pontifice e a alguns bispos ; e fez muitas outras considerações sobre assumptos religiosos.

Sermões na Misericordia.—Em virtude do compromisso da Misericordia, que ordena que nas tardes das domingas da quaresma haja sermões na sua capella, o que ha muitos annos se não observa , não sabemos por que, haverá alli sermões nas ditas domingas, pelas 4 horas da tarde.

São differentes os oradores, que d'elles estão encarregados: entre elles é um o sr. Dr. Luiz Maria da Silva Ramos , lente substituto da Faculdade de Theologia.

O dignissimo provedor da Misericordia merece muito louvor por cumprir á risca as disposições do regulamento da Santa Casa, relativas á capella, e que ha muito andam obliteradas.

E' bem que os governos d'aquelle estabelecimento se lembrem que estas disposições relativas ao culto, são determinadas pelos legatarios e bemfeitores, e que incorrem n'uma grave responsabilidade não as cumprindo.

Na mesma real capella se andam aformoseando os altares, e balaustres, cujas pinturas se achavam ennegrecidas ou apagadas.

E' d'alta conveniencia conservar a elegancia e belleza d'aquelle formosissimo santuario, singular nas bellezas architectonicas entre nós.

Te-Deum. — Consta-nos que alguns amigos do partido regenerador tencionam fazer cantar no proximo domingo um *Te-Deum* na egreja de Santa Cruz, desta cidade, em acção de graças por ter sido salvo o illustre caudilho deste partido, o sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar, da perigosa doença que o acommetteu.

Conferencia—No proximo sabbado fará o sr. Dr. Augusto Filippe Simões, no Instituto, uma conferencia ácerca da architectura religiosa em Coimbra, durante a edade media.

Monte Pio Conimbricense—Recebemos o *Relatorio e contas do Monte Pio Conimbricense no anno de* 1873.

Importou a receita em 1:692$280 reis, e a despeza em 1:634$375 reis.

Despendeu-se com 109 socios doentes 620$000 rs. ; com 4 socios impossibilitados 137$120 reis ; com pensões a 23 viuvas e irmã de socio 321$600 rs ; com o receituario 332$000 rs. O resto foi gasto com os ordenados ao medico, cirurgião e continuo, e outras despezas.

Ficou de saldo em fundos e dinheiro, a quantia de 8:339$464 rs.

A muito zelosa direcção, que geriu os negocios de *Monte Pio Conimbricense* no referido anno, foi composta dos srs. Francisco de Paula e Silva, presidente ; José Antonio Vieira da Fonseca, secretario; Francisco Borja dos Santos, Antonio Lourenço da Silva e João Antonio da Cunha, vogaes ; e Annibal Augusto Pereira e José Coelho das Neves Oliveira, fiscaes.

Estatua da Fé—O habil artista desta cidade, o sr. Possidonio da Silva Alves Brandão, acaba de concluir e collocar uma bella estatua da Fé, sobre o jazigo de familia, mandado construir no cemiterio da Conchada pelo negociante desta cidade o sr. João Matheus dos Santos.

Este trabalho do sr. Possidonio vem confirmar os merecidos creditos de que já gosa este artista.

A estatua é de um excellente effeito, e está obra digna de se ver.

Numismatica Portugueza—Ao favor do nosso illustrado amigo o sr. Tito de Noronha, devemos a 2.ª caderneta da *Numismatica Portugueza.*

Sentimos muita satisfação ao receber esta caderneta, pois que tendo saido á luz a 1.ª no anno de 1872, suppunhamos que attento o insano trabalho desta valiosa e interessante publicação, e a avultada despeza a fazer com as suas numerosas gravuras, não continuaria a imprimir-se a *Numismatica Portugueza.*

Felizmente não aconteceu assim ; antes pelo contrario temos agora as bem fundadas esperanças de a vermos chegar á sua conclusão.

Na caderneta que acabamos de receber se lê o seguinte :

«Cousas alheias á nossa vontade impediram-nos de publicar ha mais tempo esta 2.ª caderneta de *Numismatica*

«A difficuldade de obter exemplares de algumas moedas, de que tivemos de tratar, não foi um dos menores obstaculos que impediam de mais ligeiramente se fazer a publicação.

«Estão, porém, removidos os maiores embaraços, e não levantaremos mão da empreza sem a termos concluido.

«Toda a correspondencia deverá ser dirigida a José do Amaral, rua de Cimo da Villa, n.º 121—Porto.

«Preço 300 rs.»

Agradecendo a caderneta que recebemos, muito folgaremos que esta publicação chegue ao seu termo.

Doença—Consta-nos que a exm.ª sr.ª D. Anna Victoria de Figueiredo Queiroz, mãe do nosso amigo o sr. Antonio Maria Barata Lopes de Carvalho, da Varzea de Goes, se acha gravemente doente e em perigo de vida.

Esta respeitavel e virtuosa senhora, apesar de ser já de edade avançada, ainda administrava muito bem a sua casa, vivendo em companhia de seus estimaveis filhos. A povoação da Varzea de Goes sentirá bastante a sua falta, pelos muitos beneficios que fazia á pobreza.

Muito estimaremos que esta senhora ainda possa escapar da grave doença que está soffrendo.

Transferencia—A sr.ª Carlota Augusta Carmina da Costa, professora temporaria da escola de meninas de Ceira, neste concelho de Coimbra, foi mudada, pelo requerer, para a da Redinha, concelho de Pombal, até 12 de Maio de 1874.

Despacho—A sr.ª Elvira Augusta das Neves Elizeu, foi provida vitaliciamente na escola de meninas de Ceira, deste concelho.

Boato.—Diz-se que será nomeado coadjutor e futuro successor do sr. arcebispo de Braga, o nosso respeitavel amigo e patricio o sr. arcebispo de Mitylene, actualmente vigario geral do patriarchado.

Immoralidade — Informam-nos de que no dia 11 do corrente mez apparecera na freguezia de Liceã, concelho de Monte Mór o Velho, uma creança abandonada.

A auctoridade competente trata de averiguar quem commetteria este crime.

Camara municipal de Coimbra.—Na sessão do dia 22 de Janeiro tomaram-se mais as seguintes deliberações :

Que fosse feita vistoria no terreno que se diz usurpado na estrada junto ao logar da Tapada, no dia 31 de Janeiro pelo meio dia.

Que fossem dadas as providencias necessarias para evitar qualquer desastre que podesse provir da casa n.os 8 e 10 da rua dos Penedos.

O presidente deu conta á camara de haver recebido no dia 19 um officio do presidente da commissão do recenseamento eleitoral, reclamando com urgencia dois empregados para auxiliarem o respectivo secretario, e que pozera á disposição do mesmo o empregado Abel Elizeu, conforme o costume, e por não ser possivel dispensar mais algum do quadro da secretaria , mandara chamar como amanuense extraordinario, F.A. de Sá; o que foi approvado pela camara.

Foram mandadas continuar as obras da ponte de Coenços e os reparos da fonte d'Eiras.

Foi mandado espalhar pelas ruas da cidade o entulho que não tinha sido espalhado por falta de chuva.

O respectivo vereador deu parte de ter chegado uma bomba d'esgoto com applicação ao serviço dos incendios, e foi auctorisado a tractar da reforma e melhoramento do material para os incendios,em harmonia com a verba auctorisada no orçamento.

Que se tratasse de reformar convenientemente o carro funebre, visto o mau estado em que se acha o actual.

—Na sessão extraordinaria de 23 de Janeiro, sob a presidencia do sr. Dr. Lourenço d'Almeida, estiveram presentes os vereadores os srs. Dr. Bernardo d'Albuquerque, Acacio Hypolito, Oliveira Reis, Ferraz e Cabral. Assistiu tambem o sr. administrador do concelho.

O sr. presidente disse haver convocado esta sessão, em virtude da communicação que lhe fizera o actual presidente da camara , de ter sido annullado o quadro do conselho municipal, organisado em 19 de Dezembro preterito, sendo por isso chamada a vereação do biennio transacto, para formar um novo quadro do conselho municipal , na conformidade do accordão do conselho de districto de 15 de Janeiro.

Em seguida a camara em vista do ultimo recenseamento politico, e uma relação dos 40 maiores contribuintes do concelho, organisada pelo escrivão de fazenda , segundo o ultimo lançamento de decima , procedeu á formação do quadro do novo conselho municipal, do que se lavrou auto no livro respectivo.

—Na sessão extraordinaria de 27 de Janeiro, sob a presidencia do sr. Dr. Fernando de Mello, estiveram presentes os vereadores os srs. Coutinho, Santos, Quadros, Nazareth, Pessoa e Xavier d'Andrade.

Foi lido entre outros um officio do governador civil, acompanhando copia da parte dada ao commando militar, pelo commandante do destacamento estacionado nesta cidade , queixando-se d'um empregado de policia se haver dirigido ao commandante da guarda da cadeia de Santa Cruz, para apagar a fogueira que os soldados costumam fazer em frente da mesma, para se aquecerem.

A camara deliberou responder que tinha sido alheia a todo o acontecido,e que vae dar ordem aos empregados de policia para consentirem as ditas fogueiras,em quanto não se dão as providencias necessarias para poderem ser feitas em local apropriado dentro do edificio.

Despacharam-se varios requerimentos de interesse particular.

Foi auctorisado o vereador do respectivo pelouro a mudar o candieiro existente ao fundo do arco da Traição, para o muro onde esteve o antigo despejo do bairro alto.

O presidente participou haver recebido uma carta do sr. Dr. Fernandes Costa , em que lhe promette dar as providencias necessarias com relação á bacia da varanda da sua casa na Calçada.

Tambem participou que o director do Jardim Botanico se promptificou a receber na quinta do mesmo jardim, os despejos das casas da Couraça de Lisboa, em frente do antigo tribunal, se os seus donos canalisarem até ao sitio por elle indicado.

Cemiterio da Conchada.— Na semana linda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Solima, filha de Pantalião Augusto , natural de Coimbra, de 8 mezes e meio, fallecida no dia 8 de Fevereiro.

Padre Bernardo Antonio d'Andrade Freire, filho de Pedro Andrade Freire e Josepha Maria Caetana , natural da freguezia de Santa Comba, concelho de Ceia, de 84 annos, fallecido no dia 10.

Eufemia de Jesus, filha de José Gomes e Maria de Jesus, natural de Lorvão, de 67 annos, fallecida no dia 11.

Guilhermina Candida, filha de Simão Rodrigues e Candida de Jesus, natural de Coimbra, de 29 annos, fallecida no dia 13.

Pedro Méco , filho de José Antunes Méco e Maria Paixão, natural de Coimbra, de 1 anno, fallecido no dia 13.

Recemnascido, filho de José Augusto da Costa Motta e Maria Emilia Rosa, natural de Coimbra, fallecido no dia 14.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5358.

Partida.—O nosso particular amigo o sr. bacharel Emygdio Navarro , que em o ultimo numero dissemos ter vindo a Coimbra passar alguns dias no seio da sua estimavel familia, já regressou á capital.— MARTINS DE CARVALHO.

Já depois de estar composto o nosso artigo de fundo, acabamos de receber o parecer da commissão nomeada pela camara dos srs. deputados, para dar a sua opinião, se a actual sessão é ou não a ultima da legislatura.

Senhores.—Propoz o sr. deputado Adriano Machado,que uma commissão especial desse parecer sobre o tempo em que termina a presente legislatura, e a camara honrando-nos com a sua confiança julgará se correspondemos ao que de nós esperava.

A commissão examinou os preceitos da carta, e julga que o parecer que vos apresenta se deriva da sua letra e do seu espirito.

Tomámos para ponto capital da resolução deste assumpto o artigo 17.º da carta , que diz: «Cada legislatura durará quatro annos, e cada sessão annual tres mezes.»

D'este preceito simples, claro, manifesto é necessaria consequencia:

1.º Que uma legislatura não póde durar mais que quatro annos;

2.º Que não póde haver cada anno menos de tres mezes de sessão.

Se a presente legislatura tivesse de acabar sómente em 1875 contariamos as quatro sessões annuaes de 1872,1873,1874 e 1875. Mas como seria impossivel supprimir a duração desta legislatura desde 22 de Julho de 1871, dia da sessão real da abertura, até 22 de Setembro do mesmo anno , forçoso seria reconhecer que haveria uma legislatura de mais de quatro annos, porque quaesquer que sejam as opiniões dos homens , cada legislatura tem de se contar necessaria e fatalmente desde a sua primeira até á sua ultima sessão.

Ora na orbita do poder moderador cabe, nos casos que a constituição marca, abreviar pela dissolução a duração da camara electiva, mas o que não é dado a ninguem, sob o imperio da carta,é prolongar a duração do mandato dos deputados, e usurpar os direitos da soberania popular, privando os cidadãos de

eleger no devido tempo os seus representantes.

A doutrina que leva a um absurdo não é de certo a verdadeira.

Para contrariar esta conclusão sabe a commissão que se allega ser extraordinaria a sessão aberta em 22 de Julho e encerrada em 22 de Setembro de 1871, dizendo-a conforme no intervallo das sessões, na conformidade do § 2.º do artigo 74.º da carta.

Senhores: — A vossa commissão não pôde chegar a comprehender que haja intervallos de sessões n'uma legislatura antes de começar essa mesma legislatura, e ainda menos poderá acreditar que a constituição se quizesse referir ao intervallo das legislaturas, porque seria cahir no absurdo de suppôr que uma legislatura antes de haver começado tivera sessões, do qualquer natureza que fossem, e exercera n'ellas as suas ordinarias attribuições. Seria a vida antes do nascimento.

D'aqui se deduz a consequencia logica de que a actual legislatura começou em 22 de Julho de 1871 pelo exercicio ordinario da verificação dos poderes dos deputados, constituição da camara, nomeação da presidencia e commissões, e expediente ordinario dos seus trabalhos.

E não obsta a que seja ordinaria aquella sessão o accidente de ter sido denominada *extraordinaria* nos diplomas da abertura e encerramento, porque um acto do executivo não póde prorogar os poderes dos deputados que a carta limitou a 4 annos, nem produzir a inversão de principios evidentes e inconcussos.

A vossa commissão limita-se ás razões juridicas e constitucionaes, razões já lucidamente expostas no parecer de 11 de Dezembro de 1844, assignado pelos srs. Passos Manuel, Aguiar, Ottolini, Almeida Garrett, Cardoso Castello Branco e Faustino da Gama, e votado unanimemente pela camara dos deputados daquella epocha. E por isso

Considerando que a legislatura não póde durar mais de quatro annos;

Considerando que, tendo principiado em 22 de Julho de 1871, duraria sem mandato além do tempo marcado na carta, se se entendesse a sua duração ao anno de 1875, é de parecer:

Que os poderes dos deputados terminem na presente sessão, que é a ultima da legislatura.

Sala da commissão, 14 de Fevereiro de 1874.

Antonio Correia Caldeira.
José Maria da Costa e Silva.
Adriano de Abreu Cardoso Machado, (vencido).
Antonio Telles Pereira de Vasconcellos Pimentel.
Antonio José de Barros e Sá, relator.

PROCISSÃO DA CINZA

Em razão da chuva não poude haver hoje a procissão da Cinza, que costuma ser feita pela Veneravel Ordem Terceira da Penitencia.

O definitorio da irmandade resolveu transferir a procissão para domingo proximo.

ANNUNCIOS

VENDA D'ORGÃO

1 VENDE-SE um grande orgão, ha pouco acabado de construir. Quem o pretender comprar, dirija-se a Alipio Augusto dos Santos, nesta cidade de Coimbra. Rua da Calçada, n.º 85 a 91.

DOG-CART

2 VENDE-SE um para dois cavallos, e arreios. Quem pretender falle no terreiro da Erva, com Francisco Baptista, ferrador.

CAIXA FILIAL DO BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

Praça de S. Bartholomeu, n.os 79 a 81

Empresta sobre penhores de ouro, prata, brilhantes e papeis de credito; desconta letras da terra e de cambio, e sacca sobre as principaes praças do paiz e do estrangeiro.

Recebe dinheiro em conta corrente á ordem, e a prazo fixo.

Encarrega-se da compra e venda de inscripções e outros papeis de credito.

COMPANHIA EDIFICADORA FIGUEIRENSE

4 NO DIA 15 de Março de 1874, irá á praça no escriptorio d'esta companhia, na villa da Figueira da Foz, a casa n.º 7, sita na rua do Melhoramento, da mesma villa, no valor de 1:125$000 reis, sendo adjudicada ao licitante que maior lanço e maiores vantagens offereça para o seu pagamento.

Figueira 16 de Fevereiro de 1874.

Pela companhia, os directores:
Bernardo Augusto Lopes.
Manoel Augusto Lopes.
Manoel da Costa e Silva.

ALBUM POETICO-MUSICAL

5 COLLECÇÃO DE MUSICAS para canto e recitação das poesias do auctor dos *Arpejos d'Alma* e *Idilios e Sentimentos.* Antonio Florencio Ferreira.

Valsa e poesia, 200 rs.

Concluido o 1.º trimestre desta publicação (6 numeros), a empreza, antes de começar a publicar os 6 numeros restantes, avisa que quem desejar assignar para o 2.º e ultimo trimestre tem direito, querendo, a receber os primeiros 6 numeros pelo preço da assignatura.

Lisboa e provincias, 6 numeros ou tres mezes—960 rs. Pelos 12 numeros, 1$920.

As assignaturas, tanto das provincias como de Lisboa, devem ser feitas (paga adiantada) na rua de Pedro Dias, n.º 31, 1.º, Lisboa, sendo as de fóra de Lisboa acompanhadas da importancia em sellos ou vale do correio, dirigidos ao sr. Antonio Florencio Ferreira, na mesma morada.

Os numeros publicados são:

Para recitar ao piano

Meu Anjo!—Adeus!—Pobre mãe!—Saudade—Mysterios da Campa, imitação do *Noivado do Sepulchro.*

PARA PIANO E CANTO

Marcia: (canção.)

As musicas dos numeros publicados são dos srs. José de Figueiredo Ramalhoso, João Rodrigues Cordeiro e Emilio Lami.

6 NA praça de S. Bartholomeu, na casa pegada ao n.º 73, do lado de S. Thiago, dá-se comida diaria a 240 rs., sendo bom trato. Quem quizer encommende de vespora.

Compendios de Mathematica Elementar

7 GEOMETRIA ELEMENTAR THEORICA E PRACTICA, pelos Drs. Francisco de Castro Freire e Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, 5.ª edição, 1874, 1 vol.—1$200 rs.

ARITHMETICA, ou noções elementares da sciencia dos numeros, coordenada em harmonia com o programma official, pelos Drs. Luiz C. Almeida e J. A. Manso-Preto, 1 vol. 8.º—1$000.

ELEMENTOS DE ARITHMETICA, redigidos em conformidade com o programma official dos lyceus, por M. Archanjo Marques Lobo, 3.ª edição, correcta e augmentada, 1874, 1 vol. 8.º—600.

A venda na Livraria Portugueza e Estrangeira, do editor Manoel de Almeida Cabral, 161, Rua da Calçada, 165.

ARRENDA-SE

8 A QUINTA de Fonte de Canas, junto a Castello Viegas, concelho de Coimbra, no todo, ou aos talhos, por um prazo mais ou menos longo. Quem lhe convier, dirija as suas propostas a José da Paixão Castanheira das Neves, rua da Quintinha, n.º 35, Lisboa.

MARÇANO

9 NA RUA DA SOPHIA, 51 e 55, precisa-se de um para estabelecimento de mercearia.

MRS. MARTINS & C.A

Horticultores francezes

10 PARTICIPAM aos srs. amadores, que acabam de chegar a esta cidade com um grande sortimento de plantas para jardins e arvores fructiferas de todas as qualidades; e que apenas se demoram aqui oito dias.

Tem o seu deposito na rua da Sophia, n.º 108.

AOS AMADORES
DO VINHO XEREZ

Das qualidades:

PEDRO XIMENES
DOURADO SECCO—SUPERIOR

Assim como:

Porto
Malvasia
Lacrima Christi
Marquez de Pombal
Bastardo
Porto Velho

MOSCATEL DE SETUBAL
MADEIRA SECCO

Estabelecimento de José Tavares da Costa, rua da Calçada, proximo á Portagem.

OPTIMOS VINHOS DO PORTO DA NOVIDADE

De 1858 a 280 por garrafa
De 1853 a 360 »
De 1847 a 400 »
De 1834 a 500 »

Estes acreditados vinhos continuam a vender-se na rua da Calçada, n.º 85 a 91; assim como outras muitas qualidades, incluindo Bairrada a 120 sem garrafa.

Aviso aos recrutas

13 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra ao sr. João de Aveiro; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

14 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALES CERE
DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 1$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2773 — SABBADO 21 DE FEVEREIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Não ha até á hora em que escrevemos assumpto palpitante para preencher a secção politica desta folha.

Ao já limitado interesse das questões parlamentares na ultima semana, acresceram as ferias do carnaval, que paralisaram completamente todo o movimento politico da actualidade; apenas os jornaes partidarios entretêem ainda a discussão sobre o termo da presente legislatura, que cada qual sustenta a seu talante, e a sabor de suas ideias politicas.

Apezar disso, esta questão suppõe-se resolvida, depois do parecer da respectiva commissão, nomeada pela camara electiva.

Os acalorados debates, que de certo haverá por parte da opposição parlamentar, serão sem duvida destituidos de interesse, porque alem da doutrina pouco simpathica que ella sustenta, estão esgotados todos os recursos e prevenidos todos os argumentos que podem adduzir-se em reforço desta questão.

Dá-se, porem, como certo que o governo apresentará pelos differentes ministerios, importantes projectos de lei. Pela sua parte o sr. ministro da guerra levou já á camara na sessão de quinta feira, varias propostas, acompanhadas de um extenso relatorio e muitos documentos.

As medidas mais importantes por s. ex.ª apresentadas são as seguintes:

1.ª Fixando o quadro do corpo d'estado maior.

2.ª Determinando que os officiaes de infanteria e cavallaria, no exercicio de ajudantes de campo, sejam considerados fóra do quadro e em commissão.

3.ª Augmentando com 2 capitães, 2 tenentes, e 2 alferes, o quadro de cavallaria; e o de infanteria com 4 capitães, 4 tenentes e 4 alferes.

Estabelecendo tambem muitas outras disposições ácerca de diversos ramos concernentes ao exercito.

4.ª Mandando abonar cavallo aos ajudantes dos corpos.

5.ª Determinando a forma de provimento dos logares de aspirantes da administração militar.

6.ª Determinando que os officiaes das extinctas repartições, addidos á administração militar, tomem na respectiva classe a altura que lhes pertence pela antiguidade comparada com a graduação que têem.

7.ª Fixando em 30:000 homens a força do exercito.

8.ª Applicando o producto das remissões a dinheiro á compra de material de guerra.

9.ª Auctorisando a modificar o actual regulamento disciplinar.

10.ª Fixando em 10:000 homens o contingente de recrutas para 1875.

Entre outras propostas que ainda deverão ser apresentadas, avulta a do caminho de ferro da Beira.

Um dos nossos esclarecidos collegas da capital, o *Diario de Noticias*, a quem não falta seriedade para termos em muita conta os seus escriptos, e a cuja redacção pertence um benemerito filho de Coimbra, para o qual não costumam ser indifferentes os assumptos que se referem á prosperidade e engrandecimento desta terra, diz que no conselho de ministros, onde foi discutido este projecto, houve opiniões favoraveis á ideia de tomar Coimbra por ponto de partida da linha.

Cremos que ao traçado do sul, nesta linha ferrea, apenas se podem oppor algumas duvidas, pelo que respeita á constructura do terreno, que esta tem de atravessar. Essas duvidas, porem, não geram difficuldades de tal ordem, que a sciencia não vença, e que o interesse de Coimbra e das importantes industrias desta parte da Beira não mereçam.

E ainda para evitar as maiores difficuldades, se diz, que o governo se não esquecera de mandar verificar o traçado pelo valle de Coselhas, tomando depois a direcção do sul; traçado que já foi estudado para a linha do norte, pelo engenheiro Petto.

Mantemos a esperança de que não serão baldados os esforços de muitos cidadãos e das mais respeitaveis corporações desta cidade, e de uma grande parte da provincia, que têem levado perante o governo a demonstração da conveniencia de ser adoptado um traçado, que auxiliando o grande movimento industrial de muitas povoações, deve fazer de Coimbra, por utilidade dellas e de todo o paiz, o emporio e o mercado de toda a provincia.

O nosso collega de Lisboa, o *Paiz*, publica no seu numero de terça feira, a seguinte carta de Coimbra:

Meus caros.— Encantado pela descripção que li no *Jornal da Noite*, em epistola do sr. A. Soromenho, ácerca do socego, ordem, delicadeza de maneiras, e de trato, que estão em vigor na Lusa-Athenas, e que o illustre professor do curso superior de letras compara com desfavor á *grosseria* usada pelos *habitués* do Chiado, resolvi-me a fazer uma visita á velha rainha do Mondego, para *de visu* tomar alguns apontamentos, que servissem para compendio de civilidade aos rapazes de Lisboa, e para regra de boa policia n'uma terra civilisada.

Cheguei a Coimbra no sabbado de tarde. No domingo, logo de manhã, sahi a tomar os ventos, e ao entrar na praça de Samsão, a dois passos do hotel, fui attrahido por uma grande vozeria. Era um grupo de academicos, que insultava *delicadamente*, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*, que passava socegado e pacifico.

Fiquei altamente surprehendido, e quiz ver no que parava o caso. Segui o sr. Martins de Carvalho, e observei que na rua da Calçada, outro grupo de academicos injuriava egualmente, e com toda a *urbanidade*, o redactor do *Conimbricense*. Passava o sr. administrador do concelho e muito proximo vi dois *archeiros*. Ficaram insensiveis áquella assuada, como se estivessem presenceando a coisa mais natural deste mundo.

Eu cada vez mais admirado. O sr. Soromenho esteve a caçoar com a gente, dizia eu

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXXVIII

D. CARLOS

LXXXVIII

Os carlistas fugitivos de Saragoça, caindo de somno e cançaço detiveram-se em María, a tres leguas da cidade, e a aproximação de forças liberaes os fez proseguir a sua penosa marcha.

Cabrera comprehendeu a necessidade que tinha de pontos fortificados, e occupar povoações de alguma importancia. Tinha-a Gandesa; porém estava destruida quando a abandonaram os seus defensores.

Achava-se o chefe carlista no Maestrazgo, e propoz-se atacar de novo a Lucena, cuja posse ha tempo cubiçava. Adeantou-se Forcadell a estabelecer o bloqueio, e Cabrera saiu a 13 de Março de Morella para Alcora. Soube em Useras, que Caetano Borso di Carminati, commandante dos caçadores do Porto, depois de abastecer a Lucena, se dirigia ao mesmo ponto que os carlistas. Tratam estes de o surprehender, e quando ia a cair, ao amanhecer de 14, sobre Alcora, por differentes pontos, havia já saido o chefe liberal, a quem parece avisaram os mesmos espias de Cabrera, que ao saber o doble papel que elles faziam, fuzilou a um, que colheu um mez depois.

A 17 estabeleceram o sitio, occupando o monte Tosal, que domina a Lucena, pelo sul, e começaram a levantar baterias no seu cume. Governava a praça D. Antonio Carruana, e com uns 200 homens dispoz uma sortida, na qual se viu compromettida a secção que commandava o tenente de nacionaes D. Manoel Gil, e a salvou o commandante da mesma arma D. Francisco Sanguesa. Melhor exito teve a segunda sortida; porém não era possivel vencer aos sitiadores, que acabaram de construir as suas obras de sitio, subiram no dia 18 a artilheria, e romperam o fogo, que durou até o dia 21 em que o impediu Borso.

Havia reforçado a sua brigada D. Bartholomeu Amor, por ordem de Orás, para poder fazer frente ás boas posições que defendia o inimigo, que estabeleceu alem disso uma especie de contravallação sobre a serra de Villahermosa, contigua a Lucena.

Borso rompeu a sua marcha de Nubes para Alcora; uniu-se-lhe Amor, e sendo preciso pelejar a fim de abrir passagem para Lucena, obstruida pelos carlistas, começou o ataque contra a ermida de S. Christovão, que sem ser tomada não era facil proteger a descida de Alcora ao rio.

Diz o historiador de Cabrera, que simulando este uma retirada, cedeu o terreno com o fim de attrahir ao seu contrario até os desfiladeiros de Gasco e Malpaset, onde tinha as suas trincheiras; mas se se propunha derrotal-o, por muito alucinado que estivesse Borso, seguiu adeante, e chegou a Figueiroles, meia hora de Lucena, onde acampou, tendo ido formando os carlistas uma parallela com os seus contrarios. Havia pretendido Borso passar pelo monte Tofal a Lucena; porém comprehendeu Cabrera a intenção, e o occupou antes.

Oito horas havia durado o combate, e ainda não cessavam os carlistas de lançar granadas com um morteiro sobre o acampamento liberal, rebentando uma no ventre do cavallo de Borso, quando acabara de apear-se, sem que elle, nem o seu estado maior, recebessem lesão alguma.

A 22 contramarchou Borso para Alcora; e se renovou o combate do dia anterior, com mais encarniçamento ainda, chegando o chefe liberal ao ponto que se propoz, e pernoutando o carlista em Figueroles.

Borso seguiu a 23 para Castellon, e Cabrera depois de mandar retirar a sua artilheria para Villahermosa, voltou ás suas posições. Estreitou-se o sitio de Lucena, e desde 28 de Março a 3 de Abril lançaram 268 balas de varios calibres, e muitas granadas. Os nacionaes fizeram uma sortida, e se apoderaram de varios effeitos e munições.

A infructuosa tentativa de Borso, não diminuiu o valor dos lucenezes; nem Borso, apesar das grandes perdas que experimentou naquelle sanguinolento pelejar, desistiu do seu proposito de salvar a villa sitiada. Foi, porém, Orás que o conseguiu.

Saiu de Castellon a 4, e por entre Mijares e Alcora subiu á grande cordilheira que limita por nordeste o territorio da Plana, e no dia seguinte entrou em Lucena, onde deu no dia 5 os louvores aos soldados por terem obrigado aos carlistas a abandonar as formidaveis posições de Alcora e de Lucena, sem disparar um tiro.

Recorda-lhes os serviços prestados, tributa a mais justa homenagem aos milicianos nacionaes, que em todas estas emprezas haviam participado das suas fadigas e combatido ao

com os meus botões. Isto não se toleraria em terra alguma de Portugal. E estes rapazes parecem-me uns democratas singulares. Andam por ahi a berrar nos direitos do povo, na fidalguia das artes, no odioso das castas e das classes, e oiço-os agora a injuriarem um homem que se elevou no meio do povo, que á custa dos seus proprios esforços conseguiu grangear uma reputação, a que tem rendido preito alguns dos nossos mais distinctos litteratos. Enchem a boca de democracia, de respeito ao talento e aos merecimentos, como unicos titulos de nobreza, e cobrem-n'o de lama, valendo elle mais que todos os seus insultadores juntos. Esperançosos mancebos, e excellentes apostolos da democracia!

Continuei seguindo o sr. Martins de Carvalho. No largo da *Sé Velha*, outra gritaria, outro chuveiro de insultos; á entrada da rua do Norte a repetição da mesma gritaria e das mesmas injurias, que sempre se renovavam quando o sr. Martins de Carvalho passava por um grupo qualquer de briosos academicos. Inutil é accrescentar que esta algazarra chamava ás janellas muitas pessoas, que vinham admirar o edificante espectaculo. E tinha que ver: era um homem honesto, laborioso, martyr da liberdade, adversario intransigente dos facinorosos da Beira, prostrados principalmente sob os seus golpes, modelo como cidadão e como pae, engrandecido pelo estudo; era um homem assim, insultado vilmente, cobardemente, em pleno dia, por um bando de mancebos, que talvez venham a ser grandes vultos, mas que por agora nem sabem sequer mostrar que não foi perdida a educação, que lhes deram suas mães. A policia observava o caso, e roia tranquillamente as unhas, por não ter que fazer.

Desanimado por não encontrar exemplos de ordem, e de cordura, para citar aos janotas do Chiado, que nem sempre, valha a verdade, se mantem nos rigorosos limites da urbanidade, decidi-me a abandonar Coimbra; e assim o fiz, ouvindo ainda detraz de mim o côro de vaias e insultos, que acompanhavam o sr. Martins de Carvalho no seu regresso para casa.

Isto passou-se no domingo, 15 do corrente, do que dou fé para consolar o sr. Soromenho, que sahiu d'aqui profundamente entristecido por não encontrar a anarchia apregoada pelos jornaes.»

NOTICIARIO

Te Deum. — O que deve ter logar ámanhã na egreja de Santa Cruz, em obsequio do sr. conselheiro Joaquim Antonio d'Aguiar, é celebrado pelo partido liberal e não exclusivamente pelo partido regenerador, como tinhamos annunciado.

Exposição. — A Real Associação Central de Agricultura portugueza, projecta realisar proximamente em Coimbra uma exposição de machinas agricolas. E' uma lição pratica de grande utilidade para os lavradores.

Queijo. — Tem affluido ao mercado de Coimbra grande quantidade de queijo fresco da serra de Estrella. E' de excellente qualidade, mas o preço é elevado, talvez porque a falta de pastos não permittiu este anno o fabrico deste producto em granda escala.

Aforamento. — Não se realisou, como alguns jornaes tinham affirmado, o aforamento de parte de uma das insuas do sr. commendador Francisco da Silva Oliveira, para a fundação de duas fabricas, uma de tecidos e outra de louças, que uma companhia projectava estabelecer em Coimbra. Os socios fundadores não chegaram a um accordo definitivo.

Emigração. — Continua a febre da emigração para o Brasil. Do districto de Coimbra tem sahido muitos individuos, pertencendo em geral á população rural, e os *engajadores* não descançam no seu criminoso procedimento.

Novos predios. — Os srs. Manoel José Vieira Braga e Joaquim Maria Martins vão brevemente dar principio á construcção de dous elegantes predios no largo da Portagem, que muito devem concorrer para aformosear esta entrada da cidade.

Caça. — Não tem havido no presente inverno nos campos de Coimbra abundancia de caça de arribação, excepto gallinholas.

Pesca. — Ha muitos dias que se sente grande escacez de peixe no mercado desta cidade. O mar não se tem prestado ao trabalho dos pescadores. Agora é provavel, que vão apparecendo as bellas lampreias e saveis do Mondego.

Melhoramentos. — O sr. Antonio Rodrigues Pinto está procedendo a importantes trabalhos na sua bella propriedade á Ponte de Agua de Maias, abrindo vallas de esgoto, e alteando a parte mais baixa e alagadiça da insua. Vai tambem construir grandes armazens de vinho á borda da estrada, dispensando assim os depositos que tem na Figueira da Foz, e facilitando o transporte deste genero pelo caminho de ferro para Lisboa, para daqui seguir para o Brasil. O sr. Pinto ha muitos annos que é um dos maiores negociantes deste producto, sendo felicissimo nas suas transacções. A sua firma é muito acreditada, e os vinhos que exporta tem sempre prompta venda no Brasil.

Mondego. — Augmentou muito a corrente do rio, e já se presta á navegação em condições vantajosas. Os vinhos da Beira que não podiam ser expedidos com facilidade para os depositos da Figueira da Foz, são agora todos os dias transportados em grande quantidade, e este ramo de commercio dá este anno grandes lucros á provincia, porque a colheita foi abundante e de excellente qualidade.

Laranja. — Continuam os proprietarios a plantar muitos laranjaes, pelo que são dignos de louvor. A laranja é um fructo, que tem sempre prompta venda e muito lucrativa. Está calculado, que a exportação annual deste producto, do nosso continente e ilhas para os mercados de Inglaterra, já sobe a mais de 1:000 contos de reis.

Donativos. — O sr. barão de Castello de Paiva averbou uma inscripção de 1:000$ reis em nome do Asylo de Mendicidade de Coimbra, e egual quantia ao Hospital e Asylo de infancia desvalida. Deus abençoe este generoso protector da pobreza.

Noticias agricolas. — As chuvas creadoras que tem cahido foram um grande beneficio para a agricultura. A alimentação dos gados melhorou consideravelmente e as searas tem prosperado. Já principiou a sementeira do milho nas terras altas, e em boas condições. A poda e cava das vinhas estão concluidas, e a cava principia em grande escala. As videiras apresentam bom aspecto e muito vigor na cepa e varas. A sua vegetação está atrazada, o que é bom, para os rebentos não soffrerem com as geadas. As arvores tambem não estão adiantadas. As oliveiras continuam em geral muito atacadas de ferrugem.

Bussaco. — Corre geralmente a noticia que no proximo mez de Maio, no dia de quinta feira de Ascenção, será inaugurado o monumento do Bussaco. Como é sabido, neste dia celebra-se neste local uma grande romaria que attrahe milhares de pessoas dos districtos mais proximos, não faltando tambem muitas familias de Lisboa e Porto para animar a Cintra da Beira.

Fallecimento. — O nosso patricio o sr. Antonio Lopes Guimarães, proprietario e negociante, falleceu na sua casa de Lavos, concelho da Figueira da Foz. Damos os sentimentos a toda a sua familia.

Paço episcopal de Coimbra — O sr. ministro da justiça apresentou na camara dos deputados uma proposta, para serem dispensadas as disposições das leis de 4 de Abril de 1861, 22 de Julho de 1866 e 28 de Agosto de 1869, a fim de poder-se applicar o producto da venda do actual paço episcopal de Coimbra e suas dependencias, á construcção de outro para residencia do bispo da diocese, e adquirir-se para a mitra, mediante contrato de compra, troca, ou aforamento com qualquer das corporações de que tratam as citadas leis.

Fundos publicos. — E' muito lisonjeiro o preço das inscripções portuguezas. Está a 46,30.

Arvores colossaes. — No largo da egreja de S. João, em *Figueiró dos Vinhos*, existiam ainda ha poucos annos tres carvalhos de grossura extraordinaria. O maior tinha na parte superior do tronco 8 metros de circumferencia.

No concelho de *Pedrogão Grande* havia um castanheiro, que tinha uma grossura de mais de 12 metros. Os ramos desta arvore secular formavam uma copa frondosa de um effeito admiravel.

Publicação. — O sr. Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos no Laboratorio Chimico da Universidade, acaba de publicar um livro muito util para o ensino, com o titulo de *Elementos de analyse chimica qualitativa*. Este trabalho é um guia pratico para os alumnos, e dispensa o uso de extensos tractados da sciencia. Muitos louvores merece o sr. Santos e Silva por esta publicação.

Mais publicações. — Recebemos e devidamente agradecemos as seguintes publicações:

Noticia da exposição universal de Vienna d'Austria em 1873, por Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, commissario regio de Portugal. — Bruxellas: typographia e lithographia de E. Guiot, rua Pacheco, 12—1873.

Francisco Simões da Cunha. — *Industria e commercio do figo. Breves considerações, precedidas de uma carta de Luciano Cordeiro.* — Lisboa: typographia do Futuro, rua de S. Boaventura, 57—1874.

Mascaras. — O uso das mascaras nas festas do carnaval teve a sua origem na Italia, principalmente em Veneza. Na Grecia e Roma era empregado este disfarce, para caracterisar os actores nos theatros, e distinguiam-se tres especies de mascaras, tragica, comica, e satyrica, para representar os principaes typos de actores.

Um banquete romano. — Para se avaliar a opulencia que presidia aos costumes domesticos na antiga Roma, é digna de registar-se a noticia de um sumptuoso banquete dado pelo senador Lentullo.

Os convidados tomaram logar em cima de leitos magnificos, com a cabeça coroada de amaranto, depois de terem lavado e purificado as mãos nas aguas de prata cheias de agua tepida.

O primeiro serviço constou de salcichões delicadamente preparados, azeitonas, romans, ameixas da Syria, espargos, alface, rabãos temperados com hortelã, ostras e outros mariscos. Durante a comida, os criados distribuiam aos convidados copos cheios de Falerno adoçado com mel.

O segundo serviço constava de pombos, tardos, capões, patos, codornizes, papa-figos, sardas, redovalhos, e no centro de todos estes guisados uma enorme lebre. O terceiro serviço foi trazido para a mesa por quatro escravos, que entravam ao som de musica. O prato principal era um porco bravo cercado de oito leitões preparados com massa doce. Nos dois dentes grandes do javali vinham presos dois cabasinhos de ramos de palmeira com tamaras da Syria; e em quanto os escravos serviam aos convivas a carne de porco, creanças bonitas e bem vestidas serviam a carne dos leitões e tamaras deliciosas.

A um signal desappareceu tudo para dar logar a outro prato de grande tamanho, cheio de pavões, faisões, figados de pato, e peixes raros. Depois de levantada esta coberta, em quanto os escravos se occupavam em limpar a mesa, abriu-se o tecto, e desceu uma grande bandeja de prata com frasquinhos do mesmo metal e alabastro, corôas de filagrana e outros objectos graciosos e de grande valor artistico. Destes frascos exhalavam-se perfumes deliciosos que embalsamavam o ar e embriagavam os sentidos. Veiu por fim a sobremesa, que importou em mais de 100:000 *sestercios*. Alem de mil especies de pastelões de todos os feitios, havia doces exquisitos e variadissimos, e outras muitas preparações de copa e cozinha. No meio da mesa figurava a estatua de Vertumna com fructas de todas as qualidades, desde as mais vulgares até ás mais raras e preciosas adquiridas em paizes remotos por preços excessivos.

Um falso D. Sebastião. — Na *Chronica da Provincia da Arribada* se lê o seguinte:

«Alguns noviços se crearam neste convento, e um que não quiz continuar nas penitencias, para com ellas poder alcançar o reino dos ceus, deixou o habito, e as veiu fazer a uma ermida, intentando com ellas fazer-se rei da terra... Chamava-se Gonçalo Alvares: era natural das ilhas, não perseverou na vocação com que pretendeu o habito da Provincia, e lhe deram os vestidos seculares, que requereu ancioso de proseguir os actos da sua liberdade por que suspirava.

Assistia em uma ermida junto á villa de Ericeira, frequentada de alguns lavradores seus circumvisinhos, para onde foi no tempo em que Filippe o Prudente tomou posse deste reino, e era seu governador o cardeal Alberto.

Com variedade se fallava na morte de El-Rei D. Sebastião: affirmavam uns, que morrera na batalha, e outros o negavam, esperando todos os dias por elle para tomar posse do seu reino; não sei se ainda hoje ha alguns que o esperam, o que sei é que este principe, antes de nascido, e depois de morto, sempre foi desejado. Presumiam todos que El-Rei não podia vir senão disfarçado em habitos penitentes, por haver sido a origem de tantos desgostos, e não apparecia ermitão de agradavel presença a quem não offerecessem a corôa.

Aproveitou-se o nosso da occasião para ver se lhe cahia a sorte. Disciplinava-se rigorosamente em parte onde podesse ser ouvido, e concluia o exercicio com uma lamentavel exclamação, dizendo: — *Oh triste Sebastião, que toda a penitencia que fizeres é pouca para a cabal satisfação de tuas culpas.*

Foi-se divulgando esta noticia pelos lavradores e mais pessoas daquelles contornos, e um delles chamado Pedro Affonso se lhe mostrou mais inclinado, e logrando os fóros de valido, se desaforaram ambos a fazer publico o seu desatino com ousadia tão temeraria, que elle se intitulava Conde de Torres Novas, Senhor de Cascaes, e Alcaide mór de Lisboa; e o fingido Sebastião fazia estas e outras mercês, firmadas com os sellos reaes. De ninguem era visto, e só tinha esse privilegio a filha do valido, com a promessa de rainha.

Seguiam esta voz mais de oitocentos homens, ou zelosos da patria, ou ambiciosos de favores; porém o mais certo é que ignorantes do que obravam.

Intentou fazer entrada publica na cidade de Lisboa, e mandou um embaixador ao Cardeal Alberto, que despejasse os seus palacios, porque era já tempo de não soffrer tantos enganos em que viviam os seus vassallos.

Mandou-se prender o embaixador, mas tambem logo se mandou soltar, e serviu esta operação de motivo para se aviarem as inclinações, que na côrte já muitos lhe tinham.

Passaram-se ordens para que o corregedor e juiz de Torres Vedras o fossem prender; mas a querel-as executar, perderam a vida despenhados pelos da sua guarda, até que da cidade partiu a este fim o corregedor da côrte com quatrocentos soldados castelhanos, e outros officiaes, e lograram o intento com morte de alguns, que lhe resistiram.

Conduzido o novo rei ao castello de Lisboa, confessou no primeiro exame que lhe fizeram, não ser elle El-Rei D. Sebastião, nem havia imaginado querel-o ser; mas que rendida Lisboa ao dominio de suas armas, como esperava, pretendia declarar ao reino que havendo-o posto em liberdade, o elegessem e acclamassem rei.

Mandaram-no enforcar, cortando-lhe primeiro a mão direita, com que tinha firmado os alvarás e decretos reaes, a cabeça exposta oito dias em uma lança, e os quartos pelas portas da cidade.

A mesma sorte abrangeu o seu valido Pedro Affonso: outros foram condemnados a galés, e o mesmo castigo experimentariam muitos mais das villas de Ericeira, Carvoeira, e Mafra, como empenhados em o seguirem, se não desamparassem as terras.»

Desordem no Limoeiro — Lê-se no *Diario de Noticias* de 19 o seguinte:

«Era ante-hontem á tarde e á noite assumpto das conversações, tanto na rua como nos bailes de mascaras publicos, uma grave desordem que se dera na cadeia civil do Limoeiro. Viram-se por volta das 6 horas da tarde sair do quartel do Carmo ordenanças em diversas direcções e pouco depois a passo dobrado varios piquetes de cavallaria e de infanteria para os lados da Sé, e dera isto que scismar. A occorrencia devia ser com effeito grave. Eis o que deu origem a este facto.

Ás 5 horas, pouco mais ou menos, houve, na enxovia n.º 3, pendencia entre o juiz da prisão, que se chama Antonio Ballola, e o preso Manoel da Motta, e os dois lançaram-se um para o outro; mas o Antonio estava armado de faca e deu duas facadas no adversario, sendo uma no hombro e outra numa perna. Vendo isto o preso Manoel José Vaqueiro, lançou-se de faca em punho para o juiz, e enterrou-lhe o ferro duas vezes traiçoeiramente pelas costas, fazendo-lhe dois ferimentos graves.

Nesta occasião acudiram logo os guardas de serviço na cadeia, e o sr. director, o qual mandou formar immediatamente todos os presos, e ordenou que os feridos fossem removidos para a enfermaria e o Vaqueiro para a *casa forte (a)*. Acudira tambem uma parte da guarda da cadeia, mas, quando chegou á porta da enxovia, já o socego estava restabelecido e os presos convencidos de que lhes não seria facil proseguir a desordem. Na enchovia n.º 3 a maior parte dos presos fazem sapatos e conservam alli as ferramentas do officio.

Ora por causa da gritaria que partia da prisão e os toques de sineta da mesma, por se haver juntado bastante povo em volta dos muros do Limoeiro, e por lhe constar que era muito grave a desordem dentro da cadeia, o sr. regedor da freguezia de S. Thiago, que estava alli fazendo a policia com os seus cabos, officiou para o sr. commandante geral das guardas municipaes pedindo-lhe auxilio, que lhe foi prestado sem demora, e d'ahi nasceu a ordem, que não chegou a executar-se completamente, para que convergissem para os sitios do Limoeiro piquetes de todas as companhias de infanteria e cavallaria.

Quando o sr. segundo commandante da guarda municipal chegou alli com uma pequena força de cavallaria, e em seguida o sr. general barão de Rio Zezere, o sr. director da cadeia veiu assegurar-lhes que não carecia de auxilio algum, porque a ordem dentro das prisões estava restabelecida e seria mantida pelos guardas ás suas ordens. Seriam umas 6 e meia. A força retirou então, e o sr. commandante da municipal expediu contra-ordem para as companhias.

Os ferimentos do juiz da enxovia são muito graves, e hontem estava elle em perigo de vida.

Este caso, como é facil de suppor-se, correu á noite desfigurado por tal modo, que se julgava até que ficára morto na desordem o sr. director da cadeia. Lembravam-se ao mesmo tempo de propalar que a municipal saiu precipitadamente por causa de uma dança, que se preparava para soltar os presos do Limoeiro.»

(a) A proposito da *casa forte* do Limoeiro aqui mencionada pelo nosso collega do *Diario de Noticias*, seja-nos permittido dizer, que faz hoje, 21 de Fevereiro, exactamente 27 annos, em que indo preso de Buarcos para Lisboa, a bordo do vapor de guerra *Terceira*, demos entrada na prisão do Limoeiro. Nessa noute fomos mettidos na enxovia n.º 16, e no dia seguinte de manhã, na horrivel *casa forte*, destinada naquella epocha aos condemnados á morte!

O sr. João Gaspar Coelho, pae do actual redactor do *Diario de Noticias*, o sr. Eduardo Coelho, tambem tinha ido preso comnosco no vapor, mas não foi tratado com tanta dureza como nós.

J. Martins de Carvalho.

Um casamento engraçado — Lê-se no *Districto de Aveiro* do dia 16 o seguinte:

«Houve esta madrugada um divertido escandalo na freguezia de Vera Cruz. Casava-se um individuo muito conhecido com uma joven que mora ahi para os lados de S. Bartholomeu.

Em tempo o noivo tivera seus dares e tomares, ao que parece coisa sem consequencia, com uma rapariga do Alboi, a qual tem cabellinho na venta. Poude ella descobrir a hora a que devia ter logar o casamento.

Corre á egreja. Vê que o noivo estava a confessar-se. Vae direito a elle. Sem mais cerimonia diz-lhe em altas vozes:

—Ah *seu diabo, confesse-se direito*, diga o que me deve a mim.

O acto era serio, e apesar de estarmos no entrudo, a novidade da objurgatoria produziu effeito.

O padre assarapanta-se, a confissão interrompe-se, o penitente ergue-se confuso, intervêem os padrinhos, e só depois de muito reboliço, se consegue que a rapariga venha para o corpo da egreja, e a confissão continue.

Mas a rapariga tinha o mafarrico no corpo. Dá-lhe a veneta, e ahi vae direita á credencia onde estava o livro das orações, pega nelle, e vae já a safar-se porta fóra. Um dos padrinhos corre sobre ella, e tira-lhe o livro. Ella grita *aqui d'el-rei*.

Era indescriptivel a balburdia. A scena era propria do carnaval. Não podia ser outra coisa. Do acompanhamento uns riem folgadamente, outros indignam-se contra a auctora do desacato.

O noivo grande patusco, e que tem passado a vida a disfructar os outros, estava sucumbido. Chegava-lhe a sua vez de ser tambem disfrutado. Não dizia palavra.

O padre, que nunca se vira em taes difficuldades, e que alem de prudente é mui timido, não sabia o que fazer. A coisa era apenas ridicula, e não se podia tomar a serio. Mas elle hesitava.

Afinal principia a cerimonia. Aqui é que foram ellas. A rapariga irrompe até ao cruzeiro da egreja, colloca-se ao lado dos nubentes, e começa a tomar parte no dialogo entre elles e o sacerdote.

—Sou eu sr. padre, sou eu que caso.

—Sim, senhor, recebo a vós...

—Não é essa a mão sr. padre, é esta; e apresentava a mão sobre a do noivo, repellindo a da noiva.

—Olhe que é neste dedo que deve metter o annel; e teimava em apresentar o annullar.

O pobre padre suava em bica. O noivo não dizia palavra. O acompanhamento ria ás gargalhadas. Os padrinhos por mais que fizessem não podiam segurar a interruptora. Parecia que tinha phrenesis.

A final lá se concluiu *tant bien qui mal* o casamento. Os noivos vieram para casa, já livres da rapariga, que ficava no adro dando razão do seu dito, e o patusco do noivo que via que os seus disfructados tinham agora a desforra, ia dizendo para os padrinhos:

—Ora a rapariga é o diabo. Quem se havia de lembrar que ella fazia uma destas!»

Suicidio. — Lê-se na *Actualidade* do Porto o seguinte:

«Ante-hontem, no Prado do Repouso, ás 9 horas da manhã, foi encontrada de bruços, sobre a campa de uma filha que tinha alli, a sr.ª D. Dolores Fernandez, moradora na rua de Santo Ildefonso e natural da cidade de Cadiz.

A pobre senhora estava em convulsões horriveis, que para logo demonstraram ser causadas por um envenenamento forte. Tomara effectivamente arsenico em grande quantidade.

Levada d'alli á rua de Wellesley, para casa de um seu cunhado, fizeram chamar dois medicos, mas a ambos foi impossivel conservar-lhe a vida: a infeliz morreu ás 12 horas da noite.

Antes de fallecer declarou não haver ninguem connivente na sua morte, e os unicos motivos que a levaram a dar tal passo, foram saudades da filha que tinha sepultada no Repouso.

A suicida era casada, e dizem-nos que deixára 8 filhos.»

Uma carta de Pio IX. — Algumas folhas estrangeiras, diz a *Revolução de Setembro*, publicam uma carta de Pio IX ao imperador do Brasil, á proposito da prisão do bispo de Pernambuco, que é concebida nos seguintes termos:

«Magestade. — Um dia havemos de comparecer perante o tribunal de Deus. Vós sereis precedidos de nós, e este simples pensamento nos faz tremer; o que nos dá algum vigor é a ideia do dever cumprido e a da infinita misericordia do Senhor. Haveis de permittir-nos que vos recordemos este supremo pensamento antes de vos exprimir a profunda dôr por nós experimentada ao saber da encarceração do nosso reverendo irmão, Mgr. bispo de Pernambuco.

«Vossa magestade, inspirando-se nos exemplos de um estado da Europa central, desvairado pelas perfidas suggestões da franco-maçonaria, descarregou o primeiro golpe na egreja, sem pensar que elle abala ao mesmo tempo os alicerces do seu throno.

«Mas a egreja hade sair triumphante desta guerra impia, porque Jesus Christo acha-se ao seu lado, e está escripto que as portas do inferno não prevalecerão contra ella.

«Ainda esperamos que vossa magestade revogará o impio decreto que sujeita os bispos ao poder civil e levanta estorvos á sua missão apostolica, e n'esta esperança vos damos a nossa benção apostolica. — *Papa Pio IX.*

«Dado no Vaticano, sob o annel do pescador e do nosso pontificado, anno 27.º»

Noticias de Hespanha — Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

«São de 16 os jornaes que recebemos pelo correio de hoje.

As questões politicas não tem dado um passo. Todas as attenções estão exclusivamente concentradas no Norte.

Pronunciou-se completamente o movimento estrategico de Moriones, flanqueando os carlistas e dirigindo-se por um marcha rapida sobre Santander.

Esta marcha fez-se durante os dias 11, 12 e 13 em successivos comboios que as companhias dos caminhos de ferro do Meiodia, de Bilbau e do Norte pozeram á disposição de Moriones.

A cavallaria foi pela estrada ordinaria até Miranda e d'alli continuou a marcha pelo caminho de ferro.

De maneira que todo o exercito está actualmente na Biscaia.

Os carlistas, que se haviam concentrado com D. Carlos em Estella, só deram pela manobra de Moriones, quando já estava effectuada.

Emprehenderam immediatamente a sua marcha por Bilbau, atravez da provincia de Alava, e no meio de um terrivel temporal. A vanguarda porém do exercito, commandada por Primo de Rivera, deve ter chegado primeiro do que elles, que irão logo topar tambem com Moriones.

Diz o *Imparcial* que, posto não ter pormenores, sabia que havia chegado ao governo noticia official de se ter dado um combate serio em Sommorostro entre as tropas de Primo de Rivera e os carlistas.

Talvez que o telegrapho nos diga hoje alguma cousa a esse respeito.

Nos jornaes nenhuma outra novidade importante encontramos.»

---

seu bando, e os estimula a preservar para conseguir a victoria.

O movimento de Oráa foi magnifico, e por muito que surprehendesse a Cabrera, este o presenceou, e não poude, ou não se atreveu a estorval-o. Deixou-lhe o campo, e salvou a sua artilheria.

Abasteceu Oráa a Lucena, melhorou as suas fortificações, destruiu as linhas inimigas, recompensou a guarnição, e marchou a fortificar Chiva, prevendo com razão, que se estenderiam os carlistas pelo sul.

Cabrera, no entanto, fez defensivel a Villahermosa, que considerou importante, e distava quatro leguas de Lucena e dez de Morella: mandou a Forcadell que invadisse a Plana de Valencia para fazer exacções e distrair a Oráa; a Llagostera o baixo Aragão, e que Feliú marchasse a Cherta, e depois de fazer algumas promoções, com seus ajudantes e ordenanças foi a Mirabel, Cantavieja e Morella.

Calanda, que teve justa fama no tempo dos romanos, foi tambem cobiçada por Cabrera, e no mesmo dia 18 de Abril, em que ordenava estreital-a, saiu de Morella com 6 peças de artilheria, que assestaram seus tiros contra o forte exterior, e aproximou a 60 passos outra bateria.

Guarneciam o povo uma companhia do exercito e 60 nacionaes; e tão resolutos e valentes se mostraram, que fizeram vacillar a alguns carlistas na execução de certas ordens, que eram na verdade atrevidas. Todo o valor dos liberaes se necessitava para combater aos seus inimigos, entre os quaes se viu o ajudante de campo Aguilera, dizer a uns soldados que vacilavam: — «As ordens do nosso general, cumprem-se a todo o custo: dae-me uma espingarda e marchemos a cumpril-as, ou a morrer.» — Seguem-no, avançam, rompe o fogo e cae ferido da descarga que lhe dirigem: retrocedem os soldados, voltam quatro a recolhel-o, e o salvam.

Fazem-se por fim os sitiadores senhores do povo; retiram-se os sitiados ao convento dos capuchinhos, e vendo os liberaes o inutil de sua resistencia, capitulam, ficando prisioneiros de guerra, cuja situação não foi respeitada por Cabrera, que fuzilou **vinte e dois** na praça do Estudo de Morella, e os restantes os **lançou ao Ebro,** em Mora, quando se retirou em 1840. Tal crueldade é feroz.

Grande despojo de armas, munições e effeitos ganharam aqui os carlistas: trasladaram quasi tudo a Morella, e a este ponto regressou Cabrera com seus ajudantes e escolta para activar a recomposição dos caminhos de Alcorisa e Alcañiz, e poder transportar a artilheria.

As forças conquistadoras de Calanda disseminaram-se entre Calatayud, campo de Cariñena, Musniesa e Huesa, para distrair a S. Miguel e Abecia. Cabrera e Feliú foram a Alcorisa, e ao saber que os nacionaes se apres- tos dos lobos soccorridos, e que D. Santos S. Miguel não podia soccorrel-os, occupado em perseguir a Cabañero até Calatayud e campo de Cariñena, abandonaram a povoação, que occuparam os sitiadores, depois de ter sido um bom deposito de viveres. Ainda que perseguiram aos seus visinhos liberaes, cruzaram estes a Montalvan, e se salvaram.

A 30 apoderou-se Cabrera de Samper, capitulando a sua guarnição, que ficou prisioneira. Alguns nacionaes emigraram para Saragoça e outros povos.

As fortificações destes pontos foram destruidas.

Firme Cabrera no seu proposito de se ir apoderando de todo aquelle territorio, correu a Alcañiz, circumvallou-a em a noute do 1.º de Maio, e preparou uma emboscada para ver se saia a guarnição. A 3 collocou a sua artilheria na altura dominante, chamada Cabeço do Corvo, na Perna do Resalado contra o convento de S. Francisco, e a 3 romperam o fogo. Na falda do Cabeço do Calvario havia outra bateria que disparava contra a cidade e o castello. A primeira abriu uma grande brecha, que cerraram os seus defensores, seguindo os fogos a 4, e a 5 poude apoderar-se do convento, que sepultou a um official e dois soldados.

Facultada a entrada, enviou Cabrera meio batalhão, guiado por um frade, que habitara aquelle convento muitos annos, e um tal Bosque, muito pratico naquelles sitios. Penetrou nelle; voam a guarnição e nacionaes a rechaçal-os; trava-se nos claustros e escadas um renhido combate, que ensanguenta o solo, e ganham os carlistas o edificio, o qual tomaram nacionaes de Beceite, Fox, põem-se á frente de soldados e nacionaes, e com a espada e adaga na mão se arrojam valorosos sobre os seus inimigos, e os lançam fóra, deixando no poder dos carlistas, ao menos que foram á povoação.

Um batalhão carlista accommettia ao mesmo tempo pelo Carmo, levando escadas para o assalto, que impediram os sitiados com seu nutrido fogo.

Intimam a rendição no dia seguinte, e não lhes respondem.

Oráa que temeu por Alcañiz, correu de Valencia a salval-a, e chegou no dia 7, tendo-se retirado os carlistas no dia antecedente para Castellseras.

Mil balas rasas e consideravel numero de bombas e granadas deixaram sobre a povoação. Uns e outros tiveram perdas.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

Mais noticias de Hespanha.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

«São de 17 os jornaes recebidos hoje.

Diz o *Imparcial* que hontem, quinta feira, se trataria em conselho de ministros da questão politica.

Outras folhas affiançam que nada se fará antes de obtido o resultado das operações encetadas pelo exercito do Norte.

Nota-se um movimento de adhesão á situação actual entre muitos republicanos da direita, e alguns membros importantes deste partido, que se acham fóra de Hespanha, escreveram aos seus correligionarios politicos, aconselhando-lhes a concessão de cinco annos de poderes ao duque de la Torre, com o caracter de presidente da republica.

Vão chegando alguns pormenores ácerca do movimento de Moriones.

Achava-se este em Logroño,como se sabe. A 7 deste mez poz-se em marcha, com todas as suas forças, calculadas em 12:000 homens de todas as armas, e direcção a Navarra.Era opinião geral que se dirigia a Estella, que fica entre Logroño e Bilbau, e se propunha a forçar as posições dos carlistas.

Mas não succedeu assim, e quando se julgava que no dia seguinte começaria o fogo, soube-se que o exercito contramarchava para Lerin, e embarcando todo elle, com o seu material e viveres necessarios, em successivos comboios, se dirigiu rapidamente para Santander pela via ferrea de Tudella e Bilbau.

Tinha Primo de Rivera, depois da tomada de La Guardia, continuado a sua marcha em direcção tambem da Biscaia, e a 15 tomava aos carlistas todas as posições que elles occupavam nas immediações de Sommorostro, depois de um combate em que as principaes honras pertenceram ao batalhão de Barbastro.

Do outro lado da ria de Sommorostro, continuam os carlistas defendendo em optimas posições a estrada que se divide, em Abanto, em dois ramaes, um que se dirige a Portugalete, e outro a Bilbau. Pode porem succeder que, se os carlistas forem batidos, fiquem cortados de Bilbau e isolados em Portugalete.

Os carlistas que occupavam Estella,foram, como se vê, burlados por Moriones, que flanqueando-os pela esquerda, deve a estas horas estar unido a Primo de Rivera e collocado na rectaguarda das posições em que esperavam ser atacados, tanto mais que tinham visto já todo o exercito entre Castro e Santona, sem querer operar na Biscaia e passar á provincia de Alava, d'onde agora voltou áquelle ponto de partida, reconsiderando, ao que parece, no seu plano de campanha, forçado talvez pelas circumstancias.

A esquadrilha do Norte tambem sahiu de Santander em direcção de Bilbau, protegendo os movimentos da divisão de Primo de Rivera, que apoia a sua esquerda no mar.

Tudo faz crer, diz o *Imparcial*, que se devia ter dado no dia 17 uma batalha nas alturas de Castrejana, no caminho de Sommorostro a Portugalete.

Mas a ser assim já o telegrapho nol-o devia ter annunciado.

Das outras provincias não ha noticia de nenhum movimento importante, nem das facções nem das tropas.»

Madrid, 20, ás 11 h. e 50 m. da m.— A *Gaceta* pubicou o decreto prolongando até 5 de Março o prazo para o estabelecimento do bloqueio na costa cantabria. Os carlistas tomaram Vinaroz, na provincia de Valencia, depois de seis horas de fogo. A guarnição, composta de 200 homens, caiu prisioneira. Attribue-se á traição de um sargento, que lhes entregou a porta. Santos é activamente perseguido por diversas columnas. Moriones está em Castro, tendo a vanguarda entre Onton e Sommorostro. Continua o mau tempo.

Fogo a bordo. — Lê-se no *Jornal de Lisboa* o seguinte:

«Manifestou-se fogo a bordo do vapor *Deslambre*, que entrara ante-hontem no nosso porto.

Do arsenal da marinha e dos nossos navios de guerra, foram prestados immediatamente todos os soccorros. O fogo lavra nos paioes, não chegando porem a alcançar a carga,que está sendo baldeada para algumas fragatas que a vão conduzir para os armazens da alfandega em Porto Franco.

E' provavel que para se extinguir o incendio seja preciso abrir as valvulas do fundo, ou fazer alguns buracos para entrar a agua em quantidade.»

Votação.— Na sessão da camara dos deputados de hontem, foi approvado por 51 votos contra 24, o parecer da commissão,que concluia por ser esta sessão a ultima da actual legislatura.

ANNUNCIOS

DESPEDIDA

1 JORGE NUNES PENTEADO, penhorado em extremo pelo delicado tracto, deferencia e amisade, que lhe prodigalisaram todas as pessoas desta cidade, e não podendo, como era seu excessivo desejo e dever, pela excassez de tempo, despedir-se de todas;vem por este meio, saudoso e grato, offerecer-lhes o seu limitado prestimo na ilha da Madeira, para onde vai exercer uma commissão temporaria de serviço publico, e donde, quando regressar, procurará avido o prazer e honra d'estreitar a seu coração as mãos benevolas dos seus amigos deste districto.

Á respeitavel classe dos empregados desta repartição e funccionarios fiscaes deste districto, agradece sobremaneira a coadjuvação, que lhe prestaram, e que dera logar, em grande parte, ao estado lisonjeiro, em que actualmente se encontram os diversos ramos do serviço fiscal n'este importante districto.

Coimbra 19 de Fevereiro de 1874.

Jorge Nunes Penteado.

Attenção

2 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

VENDA D'ORGÃO

3 VENDE-SE um grande orgão, ha pouco acabado de construir. Quem o pretender comprar, dirija-se a Alipio Augusto dos Santos, nesta cidade de Coimbra. Rua da Calçada, n.° 85 a 91.

Aviso aos recrutas

4 JOSÉ FERREIRA ENTEADO, de Villa Franca, concelho de Gouvea, tem rapazes para substituição militar. Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante.

MRS. MARTINS & C.A

Horticultores francezes

5 PARTICIPAM aos srs. amadores, que acabam de chegar a esta cidade com um grande sortimento de plantas para jardins e arvores fructiferas de todas as qualidades; e que apenas se demoram aqui oito dias.

Tem o seu deposito na rua da Sophia, n.° 108.

CAIXA FILIAL DO BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

Praça de S. Bartholomeu, n.os 79 a 81

Empresta sobre penhores de ouro, prata, brilhantes e papeis de credito; desconta letras da terra e de cambio, e sacca sobre as principaes praças do paiz e do estrangeiro.

Recebe dinheiro em conta corrente á ordem, e a prazo fixo.

Encarrega-se da compra e venda de inscripções e outros papeis de credito.

PIANO

7 ACABA de chegar um, vindo directamente d'uma das mais acreditadas fabricas de França, á Couraça de Lisboa, n.° 17, onde póde ser visto por quem o queira comprar.

DOCTOR IN ABSENTIA

8 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

GUIA

DAS CAMARAS MUNICIPAES

NA

Organisação de seus orçamentos

PELO

Bacharel Joaquim d'Almeida da Cunha

Empregado na secretaria do Governo Civil de Coimbra

9 SAIU Á LUZ esta obra, util para os escrivães de camaras, vereadores, membros do conselho municipal,e do conselho de districto. N'ella se encontra extractada toda a legislação vigente até quasi ao fim de 1873, relativa a orçamentos municipaes, com declaração das alterações que nas annotações ao Codigo Administrativo, fizeram as leis, decretos e portarias posteriores a 1865. E' um volume de 206 paginas em optimo papel, com os modelos mais importantes.

Vende-se por 720 rs. Remette-se franco de porte a quem remetter 760 rs. em estampilhas ao editor José Correia d'Almeida Junior. Coimbra.

COMPANHIA EDIFICADORA FIGUEIRENSE

10 NO DIA 15 de Março de 1874,irá á praça no escriptorio d'esta companhia, na villa da Figueira da Foz, a casa n.° 7,sita na rua do Melhoramento, da mesma villa, no valor de 1:125$000 reis, sendo adjudicada ao licitante que maior lanço e maiores vantagens offereça para o seu pagamento.

Figueira 16 de Fevereiro de 1874.

Pela companhia, os directores:

Bernardo Augusto Lopes.

Manoel Augusto Lopes.

Manoel da Costa e Silva.

STEARINA

Em pacotes de 4, 5 e 6 velas.

11 VENDE-SE a 140 rs. cada pacote. Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga,

51—Sophia—55

Casa d'azulejo

Compendios de Mathematica Elementar

12 GEOMETRIA ELEMENTAR THEORICA E PRACTICA, pelos Drs. Francisco de Castro Freire e Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, 5.ª edição, 1874, 1 vol.—1$200 rs.

ARITHMETICA, ou noções elementares da sciencia dos numeros, coordenada em harmonia com o programma official, pelos Drs. Luiz C. Almeida e J. J. Manso-Preto, 1 vol. 8.°—1$000.

ELEMENTOS DE ARITHMETICA, redigidos em conformidade com o programma official dos lyceus, por M. Archanjo Marques Lobo, 3.ª edição, correcta e augmentada, 1874, 1 vol. 8.°—600.

Á venda na Livraria Portugueza e Estrangeira, do editor Manoel de Almeida Cabral, 161, Rua da Calçada, 165.

13 JOSÉ MARIA RODRIGUES PAULA, do logar de Lemede, concelho de Cantanhede, faz publico, que sua mãe Maria Marques de Jesus, viuva de Joaquim Rodrigues Paula, de maior edade de 80 annos, está ha annos demente; por isso todos os contractos por ella feitos, desta molestia em deante,são nullos conforme o artigo 335 do Codigo Civil.

14 NA praça de S. Bartholomeu, na casa pegada ao n.° 72, do lado de S. Thiago, dá-e comida diaria a 240 rs., sendo bom trato. Quem quizer encommende de vespora.

15 PRETENDE-SE um rapaz para recruta, até ao dia 12 de Março. Quem quizer dirija-se ao largo do Castello, n.° 23.

ARRENDA-SE

16 A QUINTA de Fonte de Canas, junto a Castello Viegas,concelho de Coimbra, no todo, ou aos talhos, por um prazo mais ou menos longo. Quem lhe convier, dirija as suas propostas a José da Paixão Castanheira das Neves,rua da Quintinha, n.° 35, Lisboa.

MARÇANO

17 NA RUA DA SOPHIA, 51 e 55, precisa-se de um para estabelecimento de mercearia.

OPTIMOS VINHOS DO PORTO DA NOVIDADE

De 1858 a 280 por garrafa
De 1853 a 360 »
De 1847 a 400 »
De 1834 a 500 »

Estes acreditados vinhos continuam a vender-se na rua da Calçada, n.° 85 a 91; assim como outras muitas qualidades,incluindo Bairrada a 120 sem garrafa.

NUMERO 2774 — TERÇA FEIRA 24 DE FEVEREIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O interesse que esta cidade e esta provincia tem tomado pela construcção do caminho de ferro da Beira, e mesmo o dever mais urgente que agora corre aos povos de promoverem perante os poderes publicos as suas legitimas conveniencias, leva-nos a retirar outros escriptos, para dar publicidade á proposta que o sr. ministro das obras publicas leu na camara electiva, relativamente á construcção das linhas ferreas das duas Beiras.

O governo não estabeleceu por emquanto o ponto de partida de ambas as linhas. Para esta cidade julga-se esta questão de toda a importancia; por isso convem não a descurar, para que mais tarde não venha o arrependimento, ou a censura que cabe a quem não promove a tempo os seus interesses.

Artigo 1.° É o governo auctorisado, segundo as disposições d'esta lei e nos termos dos contratos de 5 e 29 de Maio de 1860, a mandar proceder á construcção dos caminhos de ferro da Beira Alta e Beira Baixa.

Art. 2.° A construcção d'estes caminhos será adjudicada em praça publica, precedendo concurso de 90 dias, formulando o governo o respectivo programma nos termos d'esta lei e dos contractos mandados observar pelo artigo 1.°.

§ 1.° Nenhum licitante será admittido no concurso sem deposito previo de 300 contos de reis.

§ 2.° A base da licitação será unicamente o *quantum* da subvenção kilometrica que o estado ha de pagar.

Art. 3.° A empreza fica obrigada a:

1.° Construir um caminho de ferro que parta dos pontos que os projectos designarem na linha de leste, siga pela Beira Baixa e termine na fronteira de Hespanha, ligando-se ao caminho de ferro de Malpartida.

2.° A construir um caminho de ferro, que parta do ponto que os projectos designarem na linha do norte, siga pela Beira Alta, e termine na fronteira de Hespanha, ligando-se ao caminho de ferro de Salamanca.

3.° A prolongar, sem subvenção nem auxilio do governo, a linha de Extremoz até ao Crato, no caminho de ferro de leste, e a linha de Quintos até á esquerda do Guadiana.

4.° A fornecer, conservar e renovar todo o material fixo e circulante que for necessario para manter as linhas em perfeito estado de exploração.

5.° A estabelecer e conservar um telegrapho electrico ao longo das linhas.

6.° A começar dentro de tres mezes contados da data do contracto definitivo, os trabalhos de construcção simultaneamente em todas as linhas.

7.° A concluir a linha da Beira Alta para ser entregue ao transito publico, no maximo prazo de cinco annos contados da data do contracto definitivo. O prazo maximo para a conclusão, tanto da linha da Beira Baixa, como de cada um dos prolongamentos, será determinado pela sua extensão comparada com a do caminho de ferro da Beira Alta.

8.° A explorar as linhas que forem objecto da sua concessão, cumprindo as leis e regulamentos de policia em vigor, e observando as prescripções do respectivo contracto.

9.° A garantir a pontual e exacta execução do contracto com um deposito de 400 contos de reis, o qual será feito e poderá ser levantado nos termos, pelo modo e nos prazos estipulados nos contractos, a que se refere o artigo 1.°.

Art. 4.° É o governo auctorisado a outorgar á empreza as seguintes concessões;

1.° O caminho de ferro do sul e sueste com todo o seu material fixo e circulante, officinas, e edificios accessorios, telegrapho e vapores, para ser explorado por 99 annos.

2.° A subvenção pecuniaria que for proposta no concurso e approvada pelo governo.

3.° A exploração por 99 annos das linhas ferreas da Beira Baixa, da Beira Alta e dos prolongamentos d'Extremoz e de Quintos.

4.° A isenção dos direitos das alfandegas para todos os materiaes e utensilios, machinas, combustivel e mais objectos que forem importados pela empresa para a construcção e exploração das suas linhas ferreas. Logo que as linhas forem abertas á circulação a isenção será por dois annos e só para as machinas e combustivel.

5.° A isenção por 20 annos das contribuições geraes e municipaes, e por todo o tempo da concessão, a isenção d'impostos especiaes sobre as linhas ferreas. Nesta disposição não se inclue o imposto de transito sobre os preços das conducções de passageiros e mercadorias, fixados nas tarifas, o qual imposto, em caso nenhum excederá 5 p. c. sobre aquelles preços.

6.° A cedencia gratuita dos terrenos do estado que forem necessarios para a construcção das linhas ferreas.

§ 1.° Os prazos fixados neste artigo serão contados, e começarão a correr desde a data do contracto definitivo.

§ 2.° O governo reserva-se o direito de remir a concessão no tempo e pelo modo estipulado nos contractos indicados no artigo 1.°.

§ 3.° A subvenção auctorisada no n.° 2 deste artigo, unicamente será paga pelo governo no fim de 5 annos fixados no n.° 7 do artigo 3.°, se a esse tempo as linhas estiverem concluidas em exploração; não estando e não havendo nessa falta culpa da empresa o governo pagará tão sómente a subvenção dos kilometros concluidos e explorados e o resto quando terminar a conclusão de todas as linhas.

Art. 5.° Depois de feita a adjudicação dos caminhos de ferro de que tratam os artigos precedentes e de approvados os respectivos traçados, é o governo auctorisado a contractar a construcção e exploração das seguintes linhas do caminho de ferro de via estreita:

1.° A linha de Algarve, que partirá de Casevel e terminará em Faro.

2.° O ramal de Vizeu,que terminando nesta cidade, partirá do ponto que fôr designado no caminho de ferro da Beira Alta.

3.° O ramal da Covilhã, que terminando nesta cidade, partirá do ponto que fôr designado no caminho de ferro da Beira Baixa.

§ 1.° A adjudicação destas linhas será feita em concurso publico, por cada uma separadamente, e versará a licitação sobre a subvenção kilometrica, que será paga em dinheiro depois de terminada a construcção de cada uma das respectivas linhas.

§ 2.° A adjudicação poderá ser feita directamente a quem se offerecer a contratar qualquer destas linhas, sem nenhuma subvenção ou encargo do estado mais do que a permissão da entrada livre de direitos de materiaes necessarios para a construcção.

§ 3.° Se a empresa adjudicataria dos caminhos de ferro, de que tratam os artigos precedentes, se offerecer a contratar a continuação e exploração de todas ou de qualquer das linhas, nos termos do § antecedente, terá a preferencia a qualquer outro concorrente.

Art. 6.° O governo não é obrigado a mandar adjudicar a construcção das linhas de que trata esta lei, quando entender que é prejudicial aos interesses do thesouro a proposta menos onerosa das que forem feitas no concurso.

Art. 7.° O governo dará conta ás côrtes do uso que fizer das auctorisações concedidas nesta lei.

Art. 8.° Fica revogada toda a legislação em contrario.

Celebrou-se no templo de Santa Cruz, o *Te Deum* em acção de graças pelo restabelecimento do sr. conselheiro Joaquim Antonio d'Aguiar.

Os impulsos patrioticos que sempre guiaram este notavel vulto politico em todas as phases por que esta nação tem passado desde 1820; os serviços relevantes prestados por este benemerito cidadão á causa do progresso e da liberdade, como reformador da eschola constitucional; e ainda as suas raras virtu-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXXIX

D. CARLOS

LXXXIX

Os carlistas não se limitavam já a percorrer o territorio, que até então havia sido theatro de suas operações: estenderam-no e se aproximavam á côrte, para ir assim effectuando o grande pensamento de Cabrera, de circumvallar a Madrid.

Forcadell, perseguido por Orãa, subiu das comarcas de Chelva e Chiva a Alpuente e terra de Cuenca, livrando-se de ser alcançado. Neste ultimo territorio operava ao mesmo tempo o coronel carlista D. Pedro Mars, que occupou a 30 de Abril de 1838 a Cañete, villa rodeada de uma boa muralha, com torreões e um forte castello ao oeste.

D. Francisco Xavier Azpiroz, que depois de ser neste anno, segundo cabo de Castella a Velha e commandante da provincia de Caceres, o era nesta occasião de Cuenca, á qual passou com a sua brigada, incorporando-se depois ás divisões dos generaes Ulibarri e Sanz, a cujas ordens perseguiu a D. Basilio, na sua segunda expedição, e concorreu ás acções de Ubeda, Baeza, Castril e outras, ia incorporar a sua brigada ao exercito do centro, para que fora destinado, quando a fortuna lhe deparou a Mars.

Quiz este medir as suas armas com as do seu contrario, que se aproximou inopinadamente a Cañete, e travada a acção, na qual combateram os carlistas no campo e desde o castello, foram tão bem secundadas as disposições de Azpiroz, que venceu ao seu contrario, fazendo-o prisioneiro com 30 officiaes e uns 300 individuos de tropa, com alguns mortos e feridos, e com pouco custo. 800 cabeças de gado augmentaram os trofeus do despojo. Seguindo a sua marcha se incorporou á primeira divisão daquelle exercito.

O conde de Negri, derrotado em Brújula, corria a refugiar-se no Aragão, e ao sabel-o Cabrera, foi ao seu encontro desde Castelserás e se abraçaram a 6 de Maio.

As operações militares pareciam ter treguas, e em todo o mez se occupou o chefe tortosino em percorrer os principaes povos da sua linha, acantonando forças em Mirambell, Alcalá de la Selva, Camerillas, Crivillen, Rubielos e Cantavieja; conferenciava com a junta para organisar a administração de justiça, e estabelecia, em quanto não resolvia D. Carlos a sua consulta, dois tribunaes chamados de alçadas em Morella e Mirambell, com tres magistrados e um escrivão da camara, que faziam os officios de audiencia; instalava o julgado especial de artilheria e engenheiros, de que era accessor D. Miguel Cubells, e regularisava os ramos de sequestros, segurança publica, subsistencias, commissarios de guerra, dizimos e hospitaes, que os havia já em Cantavieja, Morella, Forcall, Benifasá, Castellote, Monasterio de Olivar, Orta, Ayodar, Chelva e Castelfari.

Preparava-se para deixar Morella, e antes revistou a sua guarnição e as companhias de realistas que se organisavam, inspecionou a fortaleza e disse n'uma proclamação aos seus soldados que, segundo vozes, o inimigo não tinha ainda conhecido os perigos que lhe offereciam aquelles montes, não obstante as lições recebidas, pois estava propalando que ia invadil-os, para occupar as praças do centro; esta noticia lhe inspirava indisivel satisfação, e contando com seu valor para resistir aos ataques que tentavam fazer nas muralhas que se lhes haviam confiado, ficava a seu cargo fazer-lhes regar o territorio com o seu sangue, se chegasse a sua temeridade até querer atacal-o: que não temessem, porque a todo o transe voaria em seu soccorro, e se annullaria o seu poder nas rochas daquelle paiz classico da lealdade; dar-se-hia fim á revolução, e que se recordassem que eram dos que em campo aberto haviam tantas vezes batido a esse mes-

des como simples cidadão e como homem de letras, conquistaram para o sr. Joaquim Antonio d'Aguiar o respeito e a veneração de todos os portuguezes.

E a cidade de Coimbra, berço do varão illustre, cujo nome recorda os factos mais notaveis da nossa regeneração politica, não deixará nunca de pagar o tributo espontaneo de admiração que é devido a esta sympathica e veneranda existencia.

Pela nossa parte damos tambem hoje ao sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar, deste logar modesto e despretencioso, mas independente e franco, que ha annos aqui occupâmos, o nosso testimunho de veneração e respeito, como o temos dado, sincera e desinteressadamente, a outros homens politicos, que,pelos seus serviços prestados á causa publica, honram esta nossa patria.

ANTHERO A. D'ALMEIDA ARAUJO PINTO.

O nosso esclarecido collega do *Jornal da Noite* teve a extrema bondade de publicar um artigo a nosso respeito, com que summamente nos penhorou, e que muito agradecemos.

Ao mesmo tempo que tomamos a liberdade de transcrever esse lisonjeiro artigo, diremos pela nossa parte algumas palavras.

Seguindo a nossa antiga e invariavel regra de proceder, saimos ha pouco tempo a campo, pugnando pela ordem publica, quando numerosas pessoas se nos queixaram de muitos actos reprehensiveis, que por ahi se praticavam, e que traziam em sobresalto a cidade.

Tem-se dito que censurámos a academia em geral, sem nenhuma excepção. Isto é simplesmente falso; e sem duvida, a ser verdadeiro, teria sido da nossa parte uma asserção, alem de calumniosa, inepta.

No primeiro artigo que publicámos, referindo-nos ao protesto que muitos academicos fizeram no anno passado contra as *troças*, dissemos, alludindo á palavra *academia*, empregada no final do referido protesto, textualmente o seguinte:—«E *a academia*... não dizemos bem, *alguns discolos*, envergonham pelo seu indigno procedimento a classe a que pertencem.»

Onde está aqui a accusação collectiva á *academia?*

E quando mesmo tivessemos sido injustos e inexactos no que dissemos; ficavamos desmentidos pelo simples facto do procedimento inqualificavel que tem havido para comnosco?

Eis ahi agora o que diz o nosso prezado collega do *Jornal da Noite*.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Sentimos profundamente os desgostos do sr. Martins de Carvalho, proprietario do *Conimbricense*, pelos insultos e aggravos que se dizem feitos por alguns estudantes áquelle escriptor. Mas este sentimento não nos obriga todavia a estranhar o espirito de classe que possa animar os academicos, porque o mesmo estimulo nos leva a commemorar com estima e veneração os direitos que o sr. Martins de Carvalho tem ao respeito do publico, pelos seus serviços na imprensa e pela sua coragem na defeza do que lhe parece verdadeiro e proficuo aos interesses da nação.

Essas aggressões de muitos contra um unico homem não podem ter duração, porque o proprio brio academico as repelle. Se o sr. Martins de Carvalho tem padecido e supportado algumas offensas, a natural generosidade dos mancebos os levará a considerarem na desigualdade da lucta, a lembrarem-se da longa carreira jornalistica do illustre redactor do *Conimbricense*, e a apreciarem o seu merecimento.

Vamos recordar alguns dos seus serviços mais conhecidos.

A 19 deste mez completaram-se 27 annos desde o dia em que o sr. Martins de Carvalho foi mandado preso para a Figueira e Buarcos, d'alli transferido para Lisboa a bordo do vapor *Terceira*, e na capital encerrado em escura e estreita prisão até 5 de Julho em que foi solto por effeito do convenio de Gramido.

Depois a 14 de Setembro de 1847 um bando de homens desvairados, dos que nas crises politicas infamam os partidos, aggrediu em Coimbra o sr. Martins de Carvalho, e espancou-o e feriu-o cruelmente.

Estes padecimentos supportou-os pela causa da liberdade, que toda a academia présa, e que em todo o tempo contou entre os seus defensores numerosos e valentes academicos.

O *Observador* e depois o *Conimbricense*, que lhe succedeu, era tão ameaçado pelos desordeiros espancadores, que os compositores trabalhavam armados, e o distribuidor trazia sempre um par de pistolas para se defender.

Na lucta contra os assassinos da Beira, de Midões, do Carregal, de Lavos, de Monte-Mór o Velho, e de outros muitos sitios, o sr. Martins de Carvalho houve-se com invencivel denodo e tenacidade. A ordem e a segurança publica deveram-lhe valiosos serviços.

E não o fez sem grande risco de vida. Um assassino celebre andou em Coimbra disfarçado com vestes academicas para o matar, e o famoso *Boa Tarde* veiu no mesmo empenho á cidade, onde foi preso, depois remettido para Taboa, julgado alli e condemnado á morte, saindo ultimamente para Africa em degredo perpetuo.

Não nos esqueceu ainda a campanha do *Conimbricense* contra os moedeiros falsos de Coimbra, que eram poderosos, e resolvidos a tudo. Alguns foram pagar a Africa os seus crimes.

Sempre que as leis, a segurança e a liberdade dos cidadãos careceram do auxilio da imprensa, encontraram defensor tenaz e decidido no sr. Martins de Carvalho, que a si proprio se educára, e soubera manter sempre no seu animo a modestia que tanto o honra. Quando em 1869 lhe foi dado o *habito da Conceição*, largamente ganho em vida tão cortada de trabalhos e perigos, immediatamente requereu para desistir da mercê.

E' fundação sua o *Monte Pio Conimbricense*, hoje mui prospero; a bibliotheca da *sociedade Terpsichore Conimbricense* nasceu dos esforços d'elle; e se em Março, como se diz, vier a instaurar-se a bibliotheca da *Associação dos Artistas*, tambem o sr. Martins de Carvalho será contado entre os que mais contribuiram para tão util fundação.

O livro que publicou com o titulo de—*Apontamentos para a historia contemporanea*, encerra subsidios muito importantes, que de certo lhe custaram trabalho insano; e nos folhetins do *Conimbricense* tem sido publicadas noticias valiosissimas, que não se encontram em outra parte. Muitos numeros daquella folha são procurados com empenho pelos estudiosos.

O sr. Martins de Carvalho é cidadão util, honesto e dedicado a todos os interesses da patria, ao progresso de Coimbra e á civilisação do reino. D'ahi vem o respeito e consideração que sempre lhe tributamos, e de que lhe demos publicos testemunhos.

Não terão para com elle menor deferencia os estudantes, em cujos generosos corações encontram ecco todos os bons sentimentos. A mocidade academica présa os serviços á liberdade, á segurança publica, á instrucção popular, e ao progresso sob todas as suas variadissimas relações.

E' possivel que circumstancias eventuaes e momentaneas contribuam para o desaccordo que parece haver entre alguns estudantes e o redactor do *Conimbricense*, mas estas divergencias exacerbam-se muitas vezes por falta de prudencia, e nós não a vamos requerer aos rapazes naturalmente impetuosos, solicitamol-a do sr. Martins de Carvalho, da sua edade, da sua experiencia dos homens e das coisas do mundo, e do respeito com que sempre lhe ouvimos fallar da academia.

Serenará em breve, se não acabou já, a tormenta que de certo mortificou o nosso collega do *Conimbricense;* e como o seu merito, e serviços não podem ser negados, o tempo fará com que receba na estima geral dos academicos o maior premio das incessantes e uteis fadigas que muito o honram.

Não somos pelo sr. Martins contra os estudantes, nem pelos estudantes contra o sr. Martins. Somos por ambos contra as divergencias que possam malquistal-os. Aos academicos queremos tanto como se ainda tivessemos a honra de trajar batina. Aos collegas da imprensa amamos com affecto de irmãos.

No sabbado falleceu o nosso estimavel amigo o sr. João Cardoso Guimarães, antigo proprietario e negociante desta cidade, e que por varias vezes exercera com muito zelo o cargo de mesario da Santa Casa da Misericordia.

Era casado com a exm.ª sr.ª D. Maria José de Moraes Cardoso, filha do distincto clinico e lente cathedratico da Faculdade de Medicina, e ao mesmo tempo ornamento do partido liberal, o sr. Dr. João Lopes de Moraes.

Damos a esta respeitavel senhora os nossos sentimentos pela dolorosa perda que acaba de soffrer.

J. MARTINS DE CARVALHO.

No domingo, pela uma hora da tarde, falleceu o estudante do segundo anno juridico o sr. Basilio Ribeiro Leite de Sousa e Vasconcellos, natural de Felgueiras.

Era um mancebo dotado das melhores qualidades, e de grande talento. A sua morte foi profundamente sentida pelos seus mestres e condiscipulos.

Falleceu como um justo, requerendo os sacramentos, que todos lhe foram ministrados, e passando desta para melhor vida com um crucifixo junto ao peito.

A sua extremosa mãe veiu assistir a este doloroso transe.

Hontem foi o seu cadaver acompanhado até ao cemiterio da Conchada pelos seus tres mestres, por outros lentes, e por mais de 600 academicos. Atraz do caixão seguiam-se os seus condiscipulos, e por ultimo a philarmonica *Boa-União*. A chave era levada pelo lente cathedratico o sr. Dr. José Augusto Sanches da Gama.

No cemiterio recitou um comovente improviso o especial amigo e condiscipulo do finado, o reverendo sr. Domingos de Sousa Moreira Freire, que fez derramar muitas lagrimas. E outro seu condiscipulo recitou a poesia que abaixo publicamos.

Sentimos que a modestia do seu illustrado auctor não permitta que neste logar mencionemos o seu nome.

J. MARTINS DE CARVALHO.

I

E' triste ver cahir no chão desfeitas,
As candidas chimeras transparentes,
Da juventude em flor;
E ver murchar os fructos do talento,
E fugir-nos dá gloria o sonho bello,
O nosso doudo amor.

---

mo inimigo; e terminava dizendo-lhes —«E detraz das muralhas sereis menos valentes? Não. Os rebeldes o conhecerão se se atrevem a proval-o».

Sabia já sem duvida que Oráa pensava apoderar-se de Morella, e resolve defendel-a. Faz arder os fornos de fundição de Cantavieja e Mirambell, e o metal dos sinos e das grades das janellas não basta para alimental-os. Fundem-se 10 peças de differentes calibres e 10 morteiros de 7, grande numero de granadas e 800:000 mil balas de espingarda, algumas de bronze por falta de chumbo. As balas de peça as pagavam aos paizanos a 2 reales, e como varias vezes ameaçava ataques a pontos fortificados, não deixava de recolher algumas balas e projectis dos que os inimigos lançavam em abundancia.

Na provincia de Castellon de la Plana se assenta a famosa praça de Morella, que defendiam os carlistas, e cuja posse muito interessava aos liberaes.

Ao ver Cabrera que haviam decidido os seus contrarios a tomada do seu querido baluarte, trata de infundir no animo de seus defensores o mesmo alento que elle sentia, e começa por armanezar em Cantavieja e Morella viveres e munições; inspeciona os hospitaes; prepara-se para a defeza com tudo o necessario em taes casos; corta caminhos e avenidas; levanta parapeitos na costa de Arés e desfiladeiros de Herves; e multiplica os obstaculos naturaes do terreno por todos os meios imaginaveis.

Achando-se em Iglesuela, a 24 de Julho, deu uma ordem geral aos seus soldados, para que não se deixassem alucinar por falsas promessas, nem os intimidassem os preparativos de Oráa, como se fosse atacar a cidadella de Anvers, ou dar uma batalha campal a Alexandre, ou a Napoleão; que isto os engrandecia e provava quanto valia e se temia o seu valor e constancia, pois contra um punhado de bisonhos ia um exercito com muitos trens de artilheria e todos os elementos de victoria que Oráa dava por segura, para que o seu opprobrio fosse mais completo ante a revolução e ante a Europa; que se recordassem que esta os contemplava, e tal ideia de gloria jámais os abandonasse; que se recordassem tambem que entre os que iam ao seu encontro se achavam os que haviam degolado vivos a seus irmãos enfermos nos hospitaes de Cantavieja, Chelva e os portos; os que tinham incendiado a Beceite e Alcalá de Chivert; os que diziam pouco antes, que se alimentariam com a carne de suas familias; os que na Torre de Compte tinham manchado as sagradas formas, derribado os altares, entregando-se a todo o genero de obscenidade e violações; e que entre elles estavam os que tinham enviado ao cadafalso a innocente mãe do seu general. E continuava Cabrera dizendo:

«E estes são os que se atrevem a fallar de paz, ordem e justiça! Borso, que incendiou a Beceite, não pode dar-nos paz; Oráa, que no dia 4 de Fevereiro ultimo fez arder a Alcalá de Chivert, não pode dar-nos ordem; Nogueras que verteu o sangue de minha mãe, não pode dar-nos justiça; e o governo que os tolera não pode offerecer-nos paz, ordem, nem justiça nesse papel que a revolução chama *programma*.

«Os que venceram em Bañon, Alcotas, Uldecona, Alcublas, Buñol, Burjasot e tantos e tantos pontos, não succumbirão em Morella. O Deus dos exercitos nos protegerá; porém se em seus inexcrutaveis designios quer que sejamos vencidos, morreremos todos, e o vosso general ao lado de seus camaradas, pela religião, o rei, a patria e as leis.

«Tende por seguro, voluntarios, que o inimigo publicará boletins pomposos e exaggerados, dizendo que os facciosos fugiram vergonhosamente, que o *cabecilha* Cabrera está abatido e cheio de medo, como outras cousas deste jaez, que ninguem crê, se compara as partes da *Gazeta de Madrid* com os successos verdadeiros do Maestrazgo e Aragão. Não vos encarrego que sejaes valentes, porque entre vós não ha cobardes, nem que observeis uma severa disciplina, quando estaes tão acostumados a guardal-a. Ás armas, pois, esforçados defensores do melhor dos monarchas. Ás armas e a vencer.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

II

Foi desta sorte o teu destino amargo,
Da luta em meio desmaiou-te a fronte,
Mal raiava a manhã.
E sonhavas a terra promettida!
Assim Moysés, o biblico propheta,
Sonhara Chanaam.

III

Vias ao longe a gloria apetecida,
E da verdade austera os pomos d'ouro,
Os fructos ideaes.
E esmaiaste sorrindo de ventura,
Sentindo sobre os labios as estrellas
Dos beijos maternaes.

IV

Pobre creança, lutador sincero,
Chovam sobre teu corpo inanimado
As benções do Senhor:
E que a tua alma se remonte e ascenda
Do nosso pranto na espiral saudosa,
Ao celico explendor.

V

Gentilissimo espirito, que vôas
Em busca das fragancias olorosas,
Das verdades de Deus;
Escuta a voz de teus irmãos na lide,
Que vêm n'est'hora de suprema angustia,
Dizer-te o extremo adeus!

NOTICIARIO

Conferencia. — O sr. Dr. Augusto Filippe Simões, realisou no sabbado, no grande salão do Instituto, a sua conferencia acerca da *architectura religiosa em Coimbra durante a edade media*. Ouvimos com o maior interesse esta brilhante prelecção, relativa aos monumentos mais notaveis desta cidade.

O orador começou fazendo a comparação dos templos da antiguidade, dos indios, egypcios, gregos e romanos e christãos. Fez notar a intima relação entre a proporção das dimensões dos edificios religiosos, e o espirito do culto que n'elles se celebrava; e fez ver neste ponto que os templos do christianismo, são superiores aos outros nas dimensões da altura. Nestas comparações e na critica com que as acompanhou foi eloquentissimo o orador.

Entrando no ponto especial que se propozera, disse que as egrejas mais antigas de Coimbra, eram as de S. Salvador, S. Thiago, S. Christovão e Sé Velha. Examinou os caracteres architectonicos destas egrejas, e fez notar que ellas tem grande semelhança com as *basilicas* romanas, em cuja traça principal foram modeladas as egrejas christãs do occidente na edade media. Disse que uma das provas de que os quatro templos de que tratava foram edificados antes do anno de 1200, era o predominio que nelles se notava do arco de volta redonda. Ao mesmo tempo, por outros caracteres que examinou, concluiu que as referidas egrejas não podiam ser anteriores ao anno 1000.

Levado á conclusão de que aquelles templos deveriam ter sido construidos entre 1000 e 1200, lançou mão de um documento curioso, pelo qual se prova que em Coimbra as artes estavam atrazadissimas no fim do seculo X, e que portanto se não devem suppôr desta epocha aquellas construcções, já muito adiantadas.

Este documento referia-se a um mestre pedreiro, que um abbade do mosteiro de Lorvão mandara vir de Cordova para lhe fazer algumas obras no seu convento. O municipio de Coimbra pedira ao abbade lh'o cedesse por algum tempo para edificar pontes n'alguns insignificantes ribeiros do territorio conimbricense. O abbade consentiu; porém com a condição de acompanhar o *grande architecto*, o qual effectivamente construiu uma ponte junto da aldeia dos Fornos, e outras mais.

Quanto ás egrejas de S. Christovão e Sé Velha, disse que não só pelas indicações da sua architectura, mas tambem por documentos escriptos, não lhe restava duvida de que foram edificadas no seculo XII; aquella no tempo do bispo D. Gonçalo; esta no do bispo D. Miguel Salomão.

As de S. Thiago e S. Salvador não poude, porém, determinar, se foram construidas no seculo XI, se no XII; mas inclinou-se á primeira hypothese.

Mencionou como obras da edade media a egreja de Santa Cruz, S. João d'Almedina, S. Bartholomeu, e S. Pedro, e a sé ou egreja de Santa Maria; mas não poude occupar-se dellas em razão de terem sido reconstruidas a primeira no tempo de D. Manoel, a segunda no seculo XVII; S. Pedro e S. Bartholomeu no seculo passado; e a de Santa Maria ter totalmente desapparecido.

Fallou menos extensamente, por lhe escacear o tempo, da architectura conimbricense dos seculos XIII, XIV, XV e XVI, até ao reinado de João III, em que se introduziu o gosto do renascimento. Mostrou as bellezas da architectura do principio da monarchia e as altas ideias que symbolisava.

Por fim declarou que fora seu proposito encerrar a conferencia com algumas palavras relativas ás construcções contemporaneas desta cidade, mas que desistia por achar mesquinho este assumpto em relação áquelle de que tinha tractado.

Lamentou que se tivesse convertido n'um theatro o venerando templo de S. Christovão, e fez pungentes considerações por se ter dado egual destino a outros edificios do paiz da mesma epocha, stygmatisando o vandalismo de quem substituiu por mesquinhas construcções de papelão e madeira essas obras venerandas, coevas da fundação da monarchia.

Não podémos tomar notas tachigraphicas do substancioso discurso do sr. Dr. Filippe Simões, e por este motivo tornou-se-nos impossivel reproduzir as bellezas com que expoz a materia, e apenas podémos informar os leitores dos pontos principaes da conferencia.

Procissão da Cinza.—Felizmente o tempo deu logar a que no domingo ultimo houvesse a procissão da Cinza, que costuma ser feita pela veneravel Ordem Terceira da Penitencia.

Tomaram parte nella, alem da Ordem Terceira, as irmandades da Rainha Santa Isabel e do Senhor dos Passos. Ia muito numerosa, e era grande a concorrencia de povo pelas ruas do transito.

Lausperenne.—Em razão de haver no domingo proximo a procissão do Senhor dos Passos, fica transferido o Lausperenne na egreja de S. João de Almedina, para o segundo domingo do mez de Março.

Suffragios.—Na sexta feira proxima, ás 8 horas da manhã, celebrar-se-ha na egreja de S. Bartholomeu, uma missa por alma do nosso patricio o sr. bacharel Faustino Herculano Pereira Sarmento. E' mandada dizer por um amigo do finado.

Chafariz da Redinha.—Os habitantes da Redinha, vendo com grande magua que um bom chafariz, mandado alli construir pelas obras publicas do districto de Coimbra, tem estado ha mais de um anno no maior abandono, e que sendo este de reconhecida utilidade não só para os passageiros, mas tambem para a povoação, não tardará a inutilisar-se de todo, se continuar no mesmo abandono, pedem ao sr. director das obras publicas de Coimbra se digne attender áquella necessidade.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Antonio dos Santos Tovim, filho de Francisco dos Santos e Francisca das Neves, natural do Tovim, de 54 annos, fallecido no dia 15 de Fevereiro.

José Martins Custodio, filho de José Custodio Carvalho e Maria Mauricia, natural de Coimbra, de 3 mezes, fallecido no dia 15.

João das Neves Carvalho, filho de Antonio das Neves Carvalho e Maria Carvalha, natural de S. Martinho do Bispo, de 69 annos, fallecido no dia 16.

José Ignacio Sousa, filho de Antonio Ignacio Sousa e Maria da Conceição, natural de Coimbra, de 3 annos e meio, fallecido no dia 19.

Antonio Maria d'Oliveira, filho de José de Oliveira Raimão e Rosa de Jesus, natural de Coimbra, de 3 mezes e meio, fallecido dia 20.

Theresa de Jesus dos Santos, filha de José dos Santos e Theresa dos Santos, natural da Pedrulha, de 24 annos, fallecida no dia 20.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5371.

Estatura do homem—Ha quem sustente que a especie humana tem degenerado physica e moralmente, e que as raças antigas eram muito mais corpulentas e robustas, citando-se numerosos exemplos de gigantes da antiguidade. Ha porém grande exaggeração nestes factos; porque as mumias conservadas nas catacumbas e sarcophagos do Egypto são de uma estatura regular. Vitruvio, fallando da altura ordinaria do homem, affirma que não excedia 6 pés; e Aristoteles, descrevendo os leitos proprios da sua epocha, apenas lhes dá o comprimento usual de 6 pés.

Os exemplos dos gigantes são phenomenos verdadeiramente excepcionaes. São curiosos os seguintes: O gigante Golias tinha 3 metros e 36 centimetros de altura. O gigante Gabarra, contemporaneo de Plinio, e que viveu em Roma no tempo do imperador Claudio, tinha 3 metros e 15 centimetros. No principio do seculo ultimo descobriu-se um esqueleto humano na Inglaterra, com 3 metros de altura. Um guarda de Guilherme 1.º, rei da Prussia, tinha 2 metros e 76 centimetros. No seculo actual tambem tem apparecido gigantes notaveis em todas as nações, e alguns d'elles tem vindo a Portugal, demorando-se muito tempo expostos á curiosidade e admiração do publico, especialmente de Lisboa e Porto.

Manias de homens celebres—A paixão dos sabios pelo estudo das sciencias é uma verdadeira monomania; mas este trabalho e preoccupação de toda a sua vida tem sido a origem das mais fecundas e brilhantes descobertas e dos maiores prodigios da civilisação.

O astronomo consultando com avidez insaciavel a vasta extensão das regiões celestes, e observando com minucioso escrupulo o movimento dos astros, tem preparado os melhores elementos para a utilissima arte da navegação. O physiologista e o medico, examinando com o microscopico os mais reconditos segredos do organismo, tem descoberto a verdadeira causa de muitas molestias e os meios seguros de as curar.

O naturalista dominado pelo desejo infatigavel de descobrir novas especies uteis, expõe-se com immensa abnegação e coragem heroica ás maiores privações e sacrificios, com o fim de augmentar as suas collecções. Tem havido botanicos, que viajam mezes e annos atravez das mais inhospitas regiões, que affrontam os miasmas dos pantanos, a brutalidade dos selvagens, e a ferocidade dos animaes, para colher algumas especies de plantas. O celebre Jussieu soffreu os horrores da sede, para empregar a pouca agua de que dispunha, em regar o primeiro exemplar do cedro do Libano que veiu para França. O intrepido capitão Desclieux expoz-se a eguaes inclemencias, para salvar o primeiro exemplar do cafeseiro, que deu origem ás preciosas plantações da America.

Ha homens que passam toda a sua vida a fazer minuciosas observações microscopicas sobre as plantas cryptogamicas. Ha outros que não pensam em outra cousa, senão em augmentar a sua collecção de conchas, dando sommas fabulosas para adquirir uma especie rara, e sujeitando-se quasi a morrer de fome no meio das suas riquezas zoologicas. Os chimicos não são menos admiraveis nos seus trabalhos e investigações. Não foram só os alchymistas que produziram verdadeiro assombro na sua pertinacia de descobrir a pedra philosophal. Os grandes chimicos modernos tem prestado os maiores serviços a humanidade, pelas descobertas prodigiosas e verdadeiramente uteis que tem realisado.

Bibliotheca de algibeira.—Recebemos o n.º 2 da *Bibliotheca de algibeira — Noites de insomnia* — correspondente ao mez de Fevereiro.

Vem muito curioso este livro, assim como o tinha sido o primeiro.

Com esta interessante publicação faz um bom serviço o illustrado escriptor o sr. Camillo Castello Branco, pois que assim torna publicos muitos factos e documentos, uns pouco sabidos, e outros de todo ignorados.

Tambem é digno de louvor o sr. Ernesto Chardron, porque pela modica quantia de 200 reis mensaes, proporciona uma leitura agradavel e instructiva.

Este segundo livro, que hontem recebemos, contém os seguintes artigos:

«Aquella casa triste... (romance)—Solução de problema historico—Dous preconceitos—Lisboa—Ferreira Rangel— As joias de um ministro de D. João 5.º no prego—O oraculo do marquez de Pombal — O principe perfeito—Ave rara—Vergonhas nacionaes — Rancho da Carqueja — Bom humor (resposta ao noticiarista da *Actualidade*)—Declaração.»

Transcrevemos deste segundo livro da *Bibliotheca de algibeira* o seguinte:

RANCHO DA CARQUEJA

São justas as reflexões do estudioso antiquario o sr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*.

Agora direi os argumentos, bem que menos valiosos, em que eu assentava o meu erro.

Em 1805 divulgou-se em Vizeu um poema ou pasquim, injuriando os magistrados. Houve devassa e um dos pronunciados foi o doutor Ferro, que viveu no Porto, e aqui falleceu ha vinte annos, deixando, como prova do seu mal empregado engenho, um notavel poema que diz respeito á invasão franceza.

Em um volume de manuscriptos, tenho a celebrada satyra do Ferro, precedida da seguinte nota: *Este libello é dedicado á memoria do Estopa e Carqueja, dous heroes que tudo levavam a pau e espada em Vizeu, ahi pelos annos de mil setecentos e tantos, e de um d'esses valentões tomaram o cognome os estudantes de Coimbra chamados o Rancho do Carqueja.*

Isto não obstante, a correcção do sr. Martins de Carvalho deve antepor-se, visto que a sentença condemnatoria diz: «*Rancho* que denominaram DA *Carqueja*, originando este nome *de haverem queimado com ella uma porta*, etc.»

Couteiro das perdizes, lebres, coelhos e codornizes da cidade e termo de Coimbra. — «D. Sebastião, pela graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, daquem e dalem mar, em Africa senhor de Guiné, e da conquista, navegação e commercio da Ethyopia, Arabia, Persia e da India, etc. Faço saber aos que esta minha carta virem, que por ora estar vago o officio de couteiro das perdizes, lebres, coelhos e codornizes da cidade de Coimbra e seu termo, por fallecimento de Bartholomeu de Sa, que o tinha por minha carta; confiando eu de Ayres Gonçalves de Macedo, morador na dita cidade, que servirá o dito officio bem e fielmente, como a meu serviço cumpre; hei por bem e me praz de lhe fazer delle mercê; e mando ao dito Ayres Gonçalves, que não consinta que pessoa alguma de qualquer qualidade e condição que seja, mate, nem cace as ditas perdizes, lebres, coelhos e codornizes, com boiz, nem cão de mostra, nem com fios, nem com redes, nem com perdigão, ou perdizes de chamado, nem com cães, nem com galgos e furões, nem com costa, nem com outra alguma cousa, nem armadilha, nem tomem nenhuns ovos de perdizes; e quem o contrario fizer pagará as penas conteudas na Ordenação do quinto livro, titulo oitenta e quatro — «Defendemos geralmente» — A qual Ordenação aqui hei por expressa e declarada.

E quero e mando que o dito Ayres Gonçalves accuse e faça dar á execução as penas della, naquelles que nellas incorrerem; e alem disso os que caçarem perdizes com cão de mostra, ou o tiverem em sua casa, incorrerão nas penas da provisão que sobre isso tenho passado. E para melhor se poder guardar a dita coutada, hei por bem que o dito Ayres Gonçalves possa nomear e pôr quatro homens no dito termo, nos logares que lhe bem parecer, para que tenham cuidado de a guardar e vigiar; e elles accusarão outrosim as pessoas que acharem caçando: ametade das penas será para elles e para o dito couteiro, e a outra metade para os captivos; e dos que o dito couteiro accusar por si só, será ametade para elle sómente, e a outra ametade para os captivos.

E mando ao corregedor da comarca da dita cidade, e a quaesquer outros officiaes e pessoas a quem esta carta fôr mostrada, e o conhecimento della pertença, que hajam o dito Ayres Gonçalves de Macedo daqui em diante por couteiro das ditas perdizes, lebres, coelhos e codornizes, e lhe deixem servir o dito officio e delle usar em tudo o que acima é dito, sem lhe nisso ser posta duvida, nem embargo algum, e lhe dêem toda a ajuda e favor que lhe cumprir para a boa guarda da dita coutada, porque assim o hei por bem e meu serviço; as quaes penas o dito Ayres Gonçalves e os quatro homens que pozer, demandarão perante o juiz a quem o conhecimento direitamente pertencer; e a pena das cordonizes será quinhentos reis por cada vez que as caçarem, ou matarem pela dita maneira. O que uns e outros assim cumprirão com muita diligencia, cada vez que pelo dito Ayres Gonçalves forem requisitados: e elle jurará na chancellaria aos santos evangelhos, que sirva o dito officio bem e verdadeiramente, guardando em tudo assim meu serviço, e ás partes seu direito.

E por firmeza disso lhe mandei dar esta carta por mim assignada e sellada do meu sello pendente, a qual se registará no livro da camara da dita cidade, e se apregoará o conteudo nella pelos logares publicos e costumados della, para que a todos seja notorio.

Gaspar de Seixas a fez em Lisboa a 28 de Fevereiro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1571. Jorge da Costa o fez—*Rei*—*Martim Gonçalves da Camara.*

Agencia do banco Portuguez do Porto.—Este banco, um dos mais importantes, que ultimamente se tem fundado em o nosso paiz, acaba de nomear seu agente em Coimbra, o nosso amigo e sr. João Francisco da Silva, negociante e proprietario desta cidade.

A longa pratica commercial que tem tido o sr. Silva, e os bem estabelecidos creditos da sua antiga casa, tornam-no muito digno da honrosa commissão de que o incumbiu o banco Portuguez.

Associação conimbricense do sexo feminino. — O movimento desta Associação no mez de Janeiro ultimo foi o seguinte:

Saldo de 1873	5:493$825
Receita	131$240
	5:625$065
Despeza	48$215
Saldo para o mez seguinte	5:576$850

Publicação. — Recebemos e devidamente agradecemos os — *Discursos pronunciados na camara dos senhores deputados em sessão de 13 de Fevereiro de 1874, por Manoel Augusto de Sousa Pires de Lima, deputado pelo circulo da Feira.*

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

São de 20 os jornaes mais modernos que temos á vista.

Nada trazem de importante.

Com o Norte estavam difficeis as communicações; o telegrapho era por vezes interrompido, e um forte temporal interrompia por mar as communicações entre Castro, onde continua a permanecer o exercito de Moriones, e Santander, tendo sido o telegrapho cortado por uma partida carlista.

Os unicos e ultimos telegrammas recebidos do Norte, mandados pelo commandante da esquadrilha, diziam que o movimento continuava com bom exito e que o general Primo de Rivera communicava com o general em chefe.

Diz a *Correspondencia* que os que se impacientam, por não verem Bilbau já desbloqueada, se devem lembrar de que Espartero levou 25 dias a passar das posições de Sommorostro a Bilbau.

D'onde concluimos nós que Moriones deve levar 50.

O exercito do Centro que emprehendera a perseguição de Santes, julgou conveniente não passar alem de Requena e voltou para Liria.

Santes, segundo diz o *Imparcial*, passou á provincia de Guadalajara, e foi para esta e com destino a batel-o, que marchou pela linha ferrea a columna de tropas que dissemos ter sahido de Madrid. Nada se sabe do resultado desta operação.

A guerra está passando por uma crise, que deve trazer uma alteração notavel no seu estado.

Madrid, 21, ás 11 h. e 35 m. da m.— A *Gaceta* publica um telegramma do general Moriones, datado de Castro Urdiales a 19, participando que espera que o tempo melhore para continuar as suas operações; publica tambem um decreto sujeitando a sello proporcional as obrigações hypothecarias e as dos caminhos de ferro.

O *Imparcial* nega que no exercito do norte haja falta de viveres.

Madrid, 21, ás 5 h. e 42 m. da t.—Official.— Pieltain desalojou os carlistas das fortes posições de Castellfollit, depois de 4 horas de fogo.

Madrid, 22, ás 10 h. e 5 m. da m.—A *Gaceta* publica um decreto suspendendo as leis de 20 de Agosto e 16 de Setembro de 1873 sobre a remissão dos foros.

Está restabelecido o telegrapho em Castro Urdiales. Moriones telegraphou que avançará hoje com o exercito partindo de Somorostro.

A esquadra chegou á entrada da ria de Bilbau.

Ante-hontem foi repellido um ataque das guerrilhas de Miret e Tristani, compostas de 2:000 homens.

O batalhão fixo de Ceuta bateu as guerrilhas Bazo e Quico em Juncosa.

ANNUNCIOS

COMPANHIA EDIFICADORA FIGUEIRENSE

1 NO DIA 15 de Março de 1874 irá á praça no escriptorio d'esta companhia, na villa da Figueira da Foz, a casa n.º 7, sita na rua do Melhoramento, da mesma villa, no valor de 1:125$000 reis, sendo adjudicada ao licitante que maior lanço e maiores vantagens offereça para o seu pagamento.

Figueira 16 de Fevereiro de 1874.
Pela companhia, os directores:
Bernardo Augusto Lopes.
Manoel Augusto Lopes.
Manoel da Costa e Silva.

ARRENDA-SE

2 A QUINTA de Fonte de Canas, junto a Castello Viegas, concelho de Coimbra, no todo, ou aos talhos, por um prazo mais ou menos longo. Quem lhe convier, dirija ás suas propostas a José da Paixão Castanheira das Neves, rua da Quintinha, n.º 35, Lisboa.

3 NA praça de S. Bartholomeu, na casa pegada ao n.º 72, do lado de S. Thiago, dá-se comida diaria a 240 rs., sendo bom trato. Quem quizer encommende de vespora.

PIANO

4 ACABA de chegar um, vindo directamente d'uma das mais acreditadas fabricas de França, á Couraça de Lisboa, n.º 17, onde póde ser visto por quem o queira comprar.

Attenção

6 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

DOCTOR IN ABSENTIA

7 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Patacho— SANTA MARIA DE BELEM— em 1 de Março.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Compendios de Mathematica Elementar

9 GEOMETRIA ELEMENTAR THEORICA E PRACTICA, pelos Drs. Francisco de Castro Freire e Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, 5.ª edição, 1874, 1 vol.—1$200 rs.

ARITHMETICA, ou noções elementares da sciencia dos numeros, coordenada em harmonia com o programma official, pelos Drs. Luiz C. Almeida e J. J. Manso-Preto, 1 vol. 8.º—1$000.

ELEMENTOS DE ARITHMETICA, redigidos em conformidade com o programma official dos lyceus, por M. Archanjo Marques Lobo, 3.ª edição, correcta e augmentada, 1874, 1 vol. 8.º—600.

Á venda na Livraria Portugueza e Estrangeira, do editor Manoel de Almeida Cabral, 161, Rua da Calçada, 165.

10 PRETENDE-SE um rapaz para recruta, até ao dia 12 de Março. Quem quizer dirija-se ao largo do Castello, n.º 23.

MARÇANO

11 NA RUA DA SOPHIA, 51 e 55, precisa-se de um para estabelecimento de mercearia.

CAIXA FILIAL DO BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

Praça de S. Bartholomeu, n.os 79 a 81

Empresta sobre penhores de ouro, prata, brilhantes e papeis de credito; desconta letras da terra e de cambio, e sacca sobre as principaes praças do paiz e do estrangeiro.

Recebe dinheiro em conta corrente á ordem, e a prazo fixo.

Encarrega-se da compra e venda de inscripções e outros papeis de credito.

12 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALES CERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 1$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.— ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2775 — SABBADO 28 DE FEVEREIRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Um illustre deputado da maioria, espirito esclarecido e dotado de uma longa pratica dos negocios publicos, o sr. Carlos Bento, trouxe á discussão n'uma das ultimas sessões da camara a que pertence, um assumpto de todo o ponto importante, por isso que se refere a uma das questões de maior alcance para o commercio e para a agricultura deste paiz.

Por não poucas vezes temos escripto neste logar ácerca do objecto. Cremos que elle é de alta conveniencia para o estado, e para a industria vinicula, a qual constitue já hoje talvez o principal elemento do nosso commercio e de certo o ramo da nossa agricultura, que por muitas circumstancias mais convem desenvolver e aperfeiçoar.

Fallamos da necessidade, que tem os governos de promover a exportação dos nossos vinhos para os differentes mercados da Europa, especialmente para Inglaterra, reformando ou estabelecendo os direitos deste genero, de modo a promover os interesses do paiz.

E a este assumpto se referiu tambem o sr. Carlos Bento, esclarecendo-o com mui sensatas apreciações, indicando o que cumpre ao parlamento e ao governo fazer, para auxiliar e promover a riqueza nacional.

O intelligente deputado, renovou a iniciativa da proposta de lei, em que são generalisadas as disposições das pautas convencionaes, que fazem parte do tratado celebrado com o governo francez em 1866.

Deseja o sr. Carlos Bento, que se tornem extensivas á Inglaterra as vantagens e concessões feitas á França.

Promover por todas as formas a exportação dos nossos vinhos, é uma necessidade que não deve esquecer-se e que o actual governo tem effectivamente reconhecido, pondo em pratica algumas medidas uteis, que de futuro podem concorrer para melhorar o nosso mercado de vinhos.

É todavia forçoso confessar, que muito ha por fazer ainda no tocante a este importantissimo objecto.

Os tratados entre as nações que melhor consumo podem dar aos nossos productos, e para onde temos maior facilidade e conveniencia de estabelecer relações commerciaes, são um meio de obstar aos grandes prejuizos que temos soffrido com o estacionamento do nosso mercado.

E' sabido que os direitos das alfandegas são a chave do commercio; e ahi está, conhecidas as excellentes qualidades dos nossos vinhos, o regulador de todo o desenvolvimento agricola e actividade commercial.

A exposição de vinhos, que no dia 7 de Abril proximo vae abrir-se em Londres, cujo aviso foi publicado no *Diario do Governo* de 2 de Outubro do anno proximo passado, deve necessariamente concorrer para tornar mais conhecidos e melhor apreciados os vinhos portuguezes. Este meio, é inquestionavelmente de grande utilidade; mas não é por si só sufficiente: carecemos de uma pensada reforma de pautas, no que respeita a regular os direitos, conforme as necessidades do commercio, e dos mercados a que os productos são destinados.

O governo, que já bastantes beneficios tem prestado ao paiz, precisa ainda de se occupar detidamente deste assumpto, para conseguir melhorar o nosso mercado de vinhos.

É de lamentar que os poderes publicos não tenham olhado como lhes cumpria para este objecto, ao qual estão ligados valiosissimos interesses.

Os vinhos portuguezes podem competir com os melhores de outras regiões viniculas estrangeiras; e não será arrojo dizermos, com abalisados escriptores, que nação alguma póde equiparar-se a nós em riqueza vinicula.

A plantação de vinha em Portugal, cresce consideravelmente de anno para anno. O continente tem comtudo ainda muitos terrenos incultos, apropriados pela maior parte para a cultura de vinha. O terreno empregado actualmente nesta cultura, mede cerca de 189:400 hectares; restando ainda em terrenos incultos 4.314:000 hectares. Isto em uma superficie continental de 9.126:500 hectares.

Se comparamos estes resultados, tirando delles as suas naturaes deducções, forçosamente nos convenceremos do nosso grande atrazo no tocante a este ramo de industria, que por si só podia fazer a riqueza deste paiz, se os governos, que de ha tempos tem regido os destinos publicos, tivessem tratado seriamente dos legitimos interesses da nação.

E' preciso acordar do profundo somno que temos dormido, e olhar para estas cousas pelo seu verdadeiro aspecto.

A legislação portugueza, não só não tem favorecido esta grande industria; mas pelo contrario paralisou o seu desenvolvimento, com os principios que estabeleceu, diametralmente oppostos ás regras mais triviaes de economia politica. No intuito de favorecer os vinhos do Porto, crearam-se privilegios injustificaveis e de todo o ponto absurdos, os quaes deram um resultado inteiramente pernicioso ao desenvolvimento da exportação.

Simplesmente a abolição destes privilegios, fez com que melhorasse desde logo e progressivamente o nosso mercado. A exportação começou a desenvolver-se em mais larga escala; não porem, tanto como era de esperar, por isso que os governos não tem empregado outros meios indispensaveis a conseguir aquelle resultado.

E' mister procurar mercados para os nossos vinhos; tornal-os conhecidos e promover a sua exportação; tratando de modificar os direitos das alfandegas.

Se por estes meios os governos tratassem de resolver esta antiga questão; veriamos como consequencia necessaria augmentar a procura dos vinhos portuguezes, e desenvolver e prosperar entre nós a industria vinicula. O interesse não tardaria a instigar os povos ao

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXC

D. CARLOS

XC

Desejando sair Oráa do lastimoso estado em que as victorias dos carlistas iam pondo o exercito do centro, e ao ver que o governo de Madrid, ou não podia satisfazer as suas justas queixas e exigencias em demanda de forças, e até de sua demissão, resolveu alegral-o com o proposito de reconquistar a praça de Morella: dava assim um golpe terrivel no carlismo, situava uma forte divisão no centro do Maestrazgo, e encurtando com as outras o raio do seu territorio, obrigaria aos carlistas a bater-se, sem escolher posições, nem circumstancias. O governo ganharia conceito com o bom resultado deste plano, e asseguraria a sua combatida existencia.

Obedecendo ás instrucções que havia communicado Oráa a 16 de Julho a todos os chefes de divisão, deviam emprehender um movimento simultaneo, rompendo a primeira marcha desde Castellon, a segunda e reserva levando á sua frente o general em chefe desde Teruel, e a terceira desde Alcañis.

A 24 de Julho de 1838, saiu Oráa de Teruel, pela corda da cordilheira, que conduz ao Maestrazgo. Ás 8 e meia deteve-se em Corbalan, a tres leguas de Teruel, repetindo este alto de reunião no monte da Mesta; daqui se dirigiu a Cedrillas, e no trajecto sobreveiu uma tão grande tempestade, que debilitou a rapidez da marcha, por ficarem intransitaveis os caminhos, especialmente o de Monteagudo, e por ser a agua tanta e cair com tal furia e estrepito, que os pequenos arroios que deviam cruzar, se converteram em caudalosos rios e ensoberbecidas torrentes, obstruindo a passagem da infanteria, e penosamente os cruzaram os cavallos com agua pelo peito.

Pernoutaram em Monteagudo, e a 25 foram a Villarroya, precedidos de alguns exploradores carlistas e ameaçados por Llagostera, que situou a sua columna em um elevado cume, ameaçando o lado esquerdo das tropas liberaes. Não houve, porém, mais que alguns tiros inuteis de fuzilaria.

A 26 e 27 pernoutaram as forças de Oráa em Mosqueruela e Villafranca, sem que Forcadell, que marchava de flanco, se decidisse a empenhar o combate. A divisão Borso, que era a primeira, incorporou-se neste ponto; observando de Vistabella, seguindo uma linha convergente, sem experimentar o menor quebranto, nem ser hostilisada.

O general S. Miguel, que havia emprehendido o seu movimento no mesmo dia 24, desde Alcañis, por Calanda, Mas de las Matas, las Parras e la Mata, para illudir as posições da Pobleta, não teve mais obstaculos do que os que lhe oppoz a partida de Bosque, perto de Castellserás, a quem a custa de alguns feridos, desbaratou. Na tarde de 28, esperando em Cintorres os boletos para alojar-se, e conservando-se no entretanto em posição nas suas alturas, lhe arrojaram algumas granadas, que feriram a varios soldados.

As divisões primeira, segunda e reserva, continuaram a 29 o seu movimento desde Castellfort, em quanto a terceira se vê provocada em suas posições de Cintorres, carregando os carlistas á retaguarda da segunda brigada, que commandava D. Francisco Velarde, e se defendeu com denodo de tres batalhões, que lhe causaram algumas perdas.

Distinguiu-se neste encontro a sua infanteria, e o 6.º ligeiro de cavallaria, que commandava o coronel Conti. Em cumprimento das ordens de Oráa, seguiu S. Miguel a sua marcha, dando sobre o caminho uma lição aos seus contrarios, e se incorporou ás 2 da tarde nas alturas da frente e ao sudoeste de Morella, cujo forte arvorou bandeira negra. O ponto de reunião de ambos os exercitos era entre Mas de Garcia e a torre Escorihuela, junto ao rio de Caldos, separando-os da praça as alturas do Balcon de Morella.

Cabrera, que havia collocado as suas tropas em observação dos liberaes; que determinára na praça não dar ouvidos a proposição alguma, e havia feito quanto a sua actividade e enthusiasmo lhe suggeria e temos referido, se achava a 23 em S. Matheus, dispondo a marcha da cavallaria de Tortosa, que lhe pediu o conde de Hespanha, quando soube que Oráa e Pardiñas iam mover-se.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

arroteamento dos terrenos incultos, donde resultariam duplicadas vantagens ao paiz.

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA

Já se apresentou á camara o projecto de lei para a construcção dos caminhos de ferro das duas Beiras.

E' chegada a occasião de se travar a grande luta, luta de gigantes, pela qual se ha de decidir, com relação á nossa Beira, qual dos traçados se deve preferir. E chamo-lhe luta de gigantes, porque, por parte dos tres traçados estudados, se levantam opiniões poderosissimas, de defendel-os.

Permitta-se-nos a nossa, ainda que é de um dos seus mais humildes filhos.

Tres são os pontos de partida indicados para o caminho de ferro da Beira Alta,—Thomar, Coimbra e Mogofores.

Ninguem desconhece a posição central, em que se acha Coimbra; ninguem ignora a sua importancia, e os titulos de consideração que ella deve merecer aos poderes publicos. Quando outros não tivesse, seria mais que sufficiente o ter dentro de seus muros o alcaçar das sciencias, onde todas as gerações illustradas deste paiz vão receber a sua luz, que depois em jorros por todo elle se irradia.

Lá nos altos cargos do estado estão os seus filhos mais queridos, a quem a Providencia entregou o leme do estado, que felizmente com mão segura têem sabido guiar, o que lhes tem merecido as sympathias geraes.

Estes motivos pois seriam mais que sufficientes para decidirem o governo a decretar que de Coimbra partisse esta importante via ferrea.

Supponhamos porém que se argumenta com o augmento de despeza e com a maior extensão no trajecto a percorrer?

Pois Coimbra, a terceira cidade do reino, não merecerá o sacrificio de alguns contos de reis? A sua posição topographica não estará aconselhando este ponto como o mais importante para a sua partida? Não cahirá este caminho de ferro mais perpendicularmente sobre o que corta o paiz de Lisboa ao Porto? Não será isto uma consideração technica de grande peso?

Lancemos depois os olhos sobre o vastissimo tracto de terreno, que se acha comprehendido entre Coimbra e Celorico.

Quem o conhecer, não póde, em boa fé, deixar de confessar que alli está o coração de Portugal.

A sua riqueza é grande e variadissima; parece que a natureza neste centro pretendeu reunir em vasta escala a riqueza especial das restantes provincias.

Os productos agricolas em que se distinguem estas, aqui se acham reunidos, e em tal quantidade, que de todos se faz uma exportação de muitos centos de contos de reis, tornando-se notavel pelos seus muitos, excellentes e variadissimos vinhos, pelos seus optimos azeites e muito milho.

A sua industria pecuaria marcha a par da agricola, sendo dignas de menção as valiosas oviarias da serra de Estrella.

E que riqueza enorme não encerra esta em si nas suas abundantes quedas d'agua?

Póde dizer-se que estão estas em exploração insipiente, applicadas á industria fabril, que alli se exerce, e já ella sobe a um valor de muitos milhões!

E poderão desprezar-se estes elementos de riqueza, que a propria natureza, como de proposito, veiu collocar no coração deste abençoado paiz, como que para lhe dar movimento e vida? Não será ella a indicar-nos, que, n'um futuro que não vem longe, se os nossos governos olharem attentamente para estes elementos, e os souberem aproveitar, d'aqui pódem dimanar por todo o paiz principios de muita actividade? Não será um crime de lesa nação o desprezo destas inexgotaveis fontes de riqueza?

Grande será por tanto a responsabilidade do governo se não olhar attentamente para esse, talvez, o mais importante, melhoramento do paiz; e maior será a que tem de pesar sobre os deputados dos circulos, a quem mais directamente elle póde interessar, se deixarem de cumprir com o seu rigoroso dever, promovendo que o caminho de ferro tenha por ponto de partida Coimbra.

Oliveira do Hospital, 24 de Fevereiro de 1874.

Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1874.

Não occorrem noticias, que despertem o paiz da sua normal tranquillidade.

Á sombra da paz desenvolve-se de um modo surprehendente a actividade commercial, e industrial. O governo favorece este grande desenvolvimento, e procura activar por todos os modos os trabalhos publicos, dotando o paiz com um systema de viação completo: para este fim apresentou já ás côrtes a proposta de lei, que auctorisa a construcção dos caminhos de ferro da Beira Alta, e da Beira Baixa, a ligarem com as linhas hespanholas; e os prolongamentos das vias ferreas, já construidas, até Faro, e até á margem esquerda do Guadiana; e assim tambem a ligação dos caminhos de ferro de sueste e de leste junto do Crato. Neste systema são attendidos egualmente os ramaes da Covilhã e de Vizeu.

A questão suscitada pelo sr. Adriano Machado sobre o prolongamento da actual legislatura alem deste anno, não achou echo no paiz, porque contrariava os precedentes, que fazem recordar com saudade os Passos, os Garrett, e outros oradores da antiga escola liberal.

O projecto de lei, que continua ao banco de Portugal as faculdade da emissão de notas, depois de terminado o prazo da sua duração em 1876, tambem não merece as honras de grande discussão, porque o dito projecto não prende, nem o governo, nem as côrtes para poderem resolver do modo mais conveniente a questão da circulação fiduciaria, depois daquelle prazo.

O banco de Portugal occupa o primeiro logar, de certo, entre os nossos estabelecimentos de credito: mas se a sua direcção não se compenetrar bem, de que necessita de caminhar, verá, que outros bancos lhe podem tomar o passo, e até congregarem-se no interesse commum e do estado. Neste sentido tem apparecido já dois excellentes artigos no *Jornal do Commercio*, que se attribuem ao talentoso economista, e profundo estadista, conde de Casal Ribeiro. A serie destes artigos continua, e deste modo se esclarece á questão, e dispõe a opinião para a mais facil e justa resolução de tão grave problema.

Tambem merecerá plena approvação do paiz a parte dos projectos apresentados pelo sr. ministro da guerra para a continuação, em termos rasoaveis, do armamento e defeza do mesmo paiz: as côrtes não deixarão de approvar o que o ministro já fez neste sentido, embora não tivesse para isso auctorisação especial.

Ainda não está resolvido se as deducções nos vencimentos dos empregados publicos terminará inteiramente no futuro anno economico. O ponto é melindroso: fortes razões aconselham esta medida, mas quem tem responsabilidade na sua adopção precisa de examinar escrupulosamente, se as finanças poderão ser compromettidas com o desfalque da receita correspondente. O que pode sustentar-se com boas razões é que, em quanto não terminarem as deducções, não será opportuno proceder ás reformas de serviços, que augmentem as despezas publicas.

As representações que d'ahi vieram directamente, e para serem entregues ao governo, sob a directriz e ponto de partida do caminho de ferro da Beira Alta, taes são a da camara municipal, a da associação commercial, a dos maiores contribuintes, e a da associação dos artistas de Coimbra, foram pelo respectivo ministro mandadas ao conselho de obras publicas, para serem tomadas em consideração desde já, e principalmente quando houver de resolver-se este melindroso assumpto, em que tantos interesses se contrapõem uns aos outros.

* * *

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor.

Rogo-lhe a publicação no seu jornal das seguintes explicações e documentos:

Li ha bastantes annos já; mas nem por isso se me apagaram ainda na reminiscencia, as impressões das conceituosas palavras, por onde um escriptor nosso, insigne e contemporaneo, começára um importante e sucolento opusculo.

Disse elle que, de todos os erros que transviam o espirito humano, nenhuns são mais damnosos, porque nenhuns são mais difficeis de destruir, do que aquelles que se aninham no nosso entendimento á sombra d'uma grande verdade.

E' bem certo isto; mas não o é menos aquella grande e significativa maxima, tão vulgar no povo, que diz, ser a verdade bem semelhante ao azeite que sobrenada sempre á superficie da agua, por muito que nella o queiram confundir, ou submergil-o. Da mesma sorte a verdade, tal como é, não se esconde: cedo ou tarde, comprimida que esteja, hade apparecer radiante sempre, por mais que a queiram obscurecer e desfigural-a, ou abafar-lhe a sua voz eloquente.

Trago isto com respeito á desgraçada lucta fraterna (inteiramente do dominio do publico de ha muito), a que com assombro do mesmo publico, e não menos dos nossos communs e mais dedicados amigos, meu irmão o sr. Dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco (rompendo os laços de amor de familia, que nos uniam em paz e harmonia), entendeu convir-lhe lançar-me; e a proposito das minhas constantes e fundadas affirmativas, por vezes já repetidas tambem neste jornal, ainda e sempre em pé, sem poderem ser desmentidas por meu irmão; embora os seus indirectos esforços pelo emprego de continuados sophismas e rodeios para desfigurar a pureza dos factos, porque todos esses meios são impotentes na presença da verdade toda, dessas minhas affirmações.

Para os incredulos, que porventura as tenham de graciosas, ou menos verdadeiras, e para que a todas ellas se tornem irrespondiveis, vão agora os documentos a que tenho alludido para as auctorisar; alguns delles, não todos ainda.

Não serão as minhas palavras, de que se tem duvidado, mas esses documentos, que venham dar o final desmentido ás falsas affirmações em contrario ás minhas; e o desengano a todos, e principalmente áquelles, que á sombra do bom nome attribuido a meu irmão em larga fama, a ponto de o julgarem impeccavel, foram arrastados ao *erro* em que permanecem ainda, de confiarem demaziado nas suas palavras, (nem sempre acreditaveis e de verdade, pelas provas ao diante), para fazerem juizo contra mim, pelo que lhe têem ouvido sobre as nossas discordias e lucta, e acoimarem-me injustamente de culpado e fautor dessa mesma lucta, que nos traz desunidos, vae para quatro annos já, sem proveito para nenhum de nós.

Affirmei, affirmo e affirmarei sempre, sem receio de poder ser desmentido, a não o serem primeiro cavalheiros respeitabilissimos, que nem provoquei, nem causei a lucta: foi meu irmão que a premeditou, rompeu e começou com pleitos uns apoz d'outros, sem mais interesse ou fim do que cevar odios immerecidos e injustos: da mesma sorte affirmo e tenho affirmado sempre, que não sou o culpado, como ao contrario meu irmão affirma, de não se ter posto termo a essa mesma lucta, mediante uma composição, tantas vezes solicitada com verdadeiro interesse e dedicação de pessoas amigas, que désse fim á multiplicidade de pleitos em que ella se alimenta e perpetua.

Affirmar-se o contrario, é uma falsidade imperdoavel, como o são tantos outros feitos correr em *propaganda*, mediante suggestões e a desfiguração dos factos, para se conseguir victoria á força.

Apar do bom nome attribuido a meu irmão, para em tudo se confiar nas suas palavras de injustas arguições contra mim, tem-se feito crear-me opinião desfavoravel no espirito publico, por esta forma transviado no erro: mas a verdade é apparecida para os que a não tem querido ou podido comprehender; abona-se ella em documentos: elles ahi vão: contradigam-nos, se podem; mas primeiro neguem a auctoridade que caracterisa os respeitaveis cavalheiros que os escreveram.

Ei-los:

Documento n.º 1.º

Illm.º exm.º sr.—Recebi a carta de v. ex.ª de 7 do corrente, na qual se me pede lhe declare:—1.º se da melhor vontade e francamente se promptificou á composição, por mim proposta a v. ex.ª em Outubro de 1871, com o fim de pôr termo ás questões judiciaes então existentes entre v. ex.ª e seu mano o sr. conselheiro Antonio Secco: 2.º se v. ex.ª conferiu de viva voz e por escripto, não só a mim, mas aos srs. Fernandes Vaz e Heitor os mais amplos poderes, para que tal composição se realisasse: 3.º se dependeu de v. ex.ª a culpa de não se chegar a um accordo rasoavel.

E' certo ter v. ex.ª annuido prompta e francamente ao pedido que lhe fiz, para se terminarem por meio d'arbitros as questões existentes entre v. ex.ª e seu irmão em Outubro de 1871.

E' verdade que para tal fim, deu v. ex.ª aos arbitros, um dos quaes era eu, poderes sem restricções.

E é certo ainda, não ter v. ex.ª concorrido, nem directa, nem indirectamente para que o resultado se não alcançasse.

Pode v. ex.ª fazer desta minha carta o uso que entender, e dispôr do que é com subida consideração e estima

De v. ex.ª am.º cr. e obgd.º— Coimbra, 8 de Fevereiro de 1874.—*Lourenço d'Almeida Azevedo.*

Documento n.º 2.

Lisboa 9 de Fevereiro de 1874.— Exm.º collega e amigo—Accuso recebida a sua carta de 7 do corrente, na qual pede a minha declaração em quanto á parte que tomei a fim de se effectuar uma composição entre v. ex.ª e seu exm.º irmão, o conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, meu antigo amigo e condiscipulo.

Vou satisfazer ao pedido de v. ex.ª, porque é dever meu dar conta dos meus actos, e tanto mais quando assim o solicita um collega como v. ex.ª, a quem estimo e respeito pela subida consideração que merece; e como exporei a verdade do que se passou, pode v. ex.ª fazer uso desta carta.

Vou relatar a historia da officiosidade empregada por mim, a fim de effectuar uma composição entre v. ex.ª e seu irmão.

Em um dos primeiros dias do mez d'Abril de 1873, visitou-me v. ex.ª nesta minha casa; e por essa occasião declarei eu—*muito me pesa a desintelligencia que ha entre o collega e seu irmão; muito gostava de os harmonisar.*—Ouvindo-me, v. ex.ª me respondeu: —*da minha parte estou prompto; queira o collega aceitar a auctorisação ampla que lhe dou, e tracte com meu irmão, e sujeitar-me-hei ao que fôr accordado.*

Como vi da parte de v. ex.ª tão boa vontade e tanta confiança, disse que tencionava estar em Coimbra ainda no mez d'Abril, e assim tractaria de me encontrar com o meu particular amigo o conselheiro Antonio Secco, e esperava tractar com elle da composição, na qual me havia d'empenhar vivamente, mas que devia lembrar a v. ex.ª, que me ligavam a seu irmão relações de intima e não interrompida amisade desde as escolas, e que com v. ex.ª apenas as de convivencia e amisade de collegas: ao que v. ex.ª respondeu:—*é por isso mesmo que ratifico a auctorisação já feita.*

Não foi possivel encontrar-me com o conselheiro Antonio Secco, senão em principio de Maio, e em amigavel conversação expuz o quanto eu gostava, e me empenhava para que terminassem as questões pendentes com o collega: ficava bem a ambos, já para seu socego, já para terminarem as variadas apreciações do publico; e, eu como amigo sincero d'ambos, esforçava-me para que se chegasse a um accordo.

Foi grande o meu prazer, quando o conselheiro Antonio Secco, respondeu:— *da minha parte não ha difficuldade; quem não quer composição é meu irmão.*—Confesso que nutri esperança de ver realisado o meu desejo, e por isso declarei logo, que me achava *auctorisado* pelo meu collega, para tractar da composição, *havendo-me sido dados poderes illimitados.*

Lembrei ao conselheiro Antonio Secco, que todas as questões deviam terminar pelo juizo arbitral; e concordando s. ex.ª, promptifiquei-me a conseguir que tres collegas meus acceitassem ser juizes arbitros, e havendo annuido aquelles a quem me dirigi, pedi ao meu amigo Antonio Secco, que désse por escripto as bases em que devia assentar a composição.

Recebi dias depois as condições para o compromisso; *porem, vendo que não eram aceitaveis,* substitui-as por outras, onde se regulava a formação do juizo arbitral, e ordem do processo, sendo uma das condições, que as partes litigantes allegariam por escripto, e quando os juizes tivessem de ir ao local das demandas, jámais as partes *seriam presentes:* e era base ou ponto essencial das questões, que *a estrada divisoria das propriedades dos dois litigantes fosse de exclusiva posse* do conselheiro Antonio Secco.

Acceitou s. ex.ª as minhas propostas, e assim pedi, que se dignasse marcar dia e hora, afim de se assignar o compromisso, o que carecia saber para o communicar ao meu collega que havia de assignar o auto; respondeu o sr. conselheiro Secco, que não podia ainda ter logar lavrar-se o auto, porque antes, *era necessario que houvesse uma exposição vocal do direito* dos litigantes perante os juizes arbitros.

Como esta exigencia era opposta ás bases acceites, vi, que havia impossibilidade na execução das mesmas, e entendi terminada a minha officiosa e amigavel missão. Communiquei a v. ex.ª quaes eram as bases que pela sua parte offerecera, ao que me respondeu, as approvara, muito embora eu alli concedesse a estrada divisoria como exclusiva de seu irmão, pois que mantinha a ampla auctorisação que me dera.

Ao conselheiro Antonio Secco escrevi, dando por terminado o meu officioso mandato, que se não produziu o desejado effeito, não foi porque da parte do meu collega não houvesse toda a boa disposição, o que assim declararia, quando me fosse exigido.

Aqui tem v. ex.ª relatado em verdade o acontecimento a que se refere a sua carta.

Vou concluir lamentando mais uma vez, que não terminem as questões que ha entre o collega e seu irmão, meu estimado amigo, as quaes tanto desgostam a quem verdadeiramente os estima a ambos; entre todos quer ter logar o que é—De v. ex.ª collega e am.º certo e obr.º—*Antonio de Vasconcellos Pereira Coutinho de Macedo.*

Documento n.º 3.º

Por sua parte, entre outras cartas que guardo egualmente, como aquellas, em thesouro precioso, e que estou auctorisado previamente a publicar, o venerando ancião e virtuoso ecclesiastico arcediago na collegiada de Guimarães, o exm.º sr. Gaspar Pereira Peixoto de Queiroz, expressa-se assim na de 30 de Janeiro ultimo, datada de Guimarães:

«*É verdade o que v. ex.ª alli expõe por o que me diz respeito* (allude á minha declaração no *Conimbricense*) *em consequencia dos meus esforços para a conciliação fraterna,* promptificando-me a declaral-o aonde convenha, e não me nego a que a minha correspondencia com v. ex.ª e seu exm.º irmão Antonio Luiz de Sousa Secco, appareça em publico para ser avaliada por pessoas competentes, desprendidos de compromissos particulares....

«Finalmente no mesmo sentido respondi a v. ex.ª, que lhe não negava a minha protecção no sentido conciliador, ao que v. ex.ª me respondeu, agradecendo-me a minha lembrança e franqueza; pondo porém em muita duvida o bom resultado, porque pessoas competentes, amigos particulares de ambos, tinham esgotado todos os meios para o mesmo fim ao seu alcance; nada porém me fez esfriar a minha inspiração auxiliada por o meu dever, na confiança do proverbio— Santos de porta não fazem milagres—; em vista do que, auctorisado por v. ex.ª, não duvidei escrever de novo a seu exm.º irmão.»

Em carta de 9 de Fevereiro corrente, continua assim—«Tenho a dizer e a provar sendo mister, que v. ex.ª annuindo de boamente ás minhas supplicas, me auctorisou, sem reserva, para toda e qualquer composição em que eu conviesse.»

Tenho mais documentos: estes bastam para o meu fim, e esclarecimento da verdade e do publico.

Digam-me agora, que fui eu que causei a luta, que quero demandas para continual-a, e que em fim sou eu o que obstinadamente me tenho opposto a uma composição, uma, duas, tres, quatro e mais vezes tentada.

O publico avalie pelos factos, aqui documentados; e, julgue-se de nós ambos, de mim e de meu irmão, e saberá então, se ha interesse legitimo e justo fim, em intentar pleitos, que pejam o juizo, e fazem o vexame e a humilhação a que procuram levar-me.

Não seja isso tudo só. Os meus desejos de paz se não ficam ainda bem definidos, já o foram por a proposta que já fiz e agora repito.

Vamos para o juizo arbitral, que decida todos os pleitos sem bases, nem condições, nem recurso. Sejam juizes arbitros tres membros dos tribunaes judiciaes do paiz, tirados á sorte, ou escolhidos pelos seus respectivos presidentes d'entre os benemeritos juizes de todas as instancias e classes.

Aceeite-se o alvitre, que da minha parte aceite está. Resta-me apenas firmal-o por fórma authentica; mas para isso empenho a minha palavra, feita esta solemne declaração.

Depois d'isto, dirão se a continuação da luta deixa de ter o caracter de perseguição.

Thomar, 24 de Fevereiro de 1874.

Francisco Henriques de Sousa Secco.

NOTICIARIO

Camara municipal de Coimbra. — Na sessão extraordinaria de 29 de Janeiro, sob a presidencia do sr. Dr. Fernando de Mello, esteve a camara plena.

Estavam presentes os vogaes proprietarios do conselho municipal, os srs. Rodrigues Pinto, Paes da Silva, José de Moura, Visconde de Taveiro, Leite Ribeiro, Alexandre de Campos e Joaquim Roxanes, e os supplentes os srs. Braga Junior, Coutinho de Vilhena, Borges e Araujo Pinto.

O presidente convidou os vogaes do conselho municipal a prestar o juramento ordenado pelo decreto de 5 de Março de 1856, de que foi lavrado o competente auto.

Em seguida tendo-se retirado os vogaes supplentes, foi a assembleia consultada sobre o plano e classificação da estrada municipal de 2.ª classe de Souzellas a Botão, cujo inquerito havia terminado, e foi por unanimidade resolvido julgar esta estrada no caso de ser inserida no plano definitivo das estradas municipaes de 2.ª classe e que era importante, satisfazendo por esta fórma o disposto no § 4 do art. 2.º da lei de 6 de Junho de 1864.

Concluido o que, a camara constituiu-se em sessão de expediente; e lida a correspondencia e despachados os requerimentos das partes, foi nomeado Francisco Agante, de Villa Pouca, para preencher a vagatura do logar de cantoneiro, de que se despedira Gregorio d'Almeida, e foram transferidos para o 1.º cantão José Martins de Sousa, e para o 2.º José da Piedade, todos pertencentes á fiscalisação da estrada de Coimbra a Monte Mór.

Banco de Coimbra—Está organisado um banco nesta cidade, com o titulo de *Banco de Coimbra.*

O seu capital é de 1:000 contos, em acções de 50$000 rs. A primeira emissão será de 100 contos.

Sermões.—A'manhã, domingo, pelas 4 horas da tarde, haverá sermão na capella da Misericordia, se o mau tempo não permittir que haja a procissão dos Passos. E' o unico templo da cidade em que ha sermão de tarde.

De manhã prega na Sé Cathedral o sr. Dr. Motta Veiga.

Approvação.— Os candidatos ás cadeiras de instrucção primaria, que foram examinados em Coimbra na segunda epocha do anno passado, tiveram as seguintes classificações.

BONS

Antonio Pereira da Silva, professor em Luso, concelho da Mealhada.

Antonio Avelino, professor em S. Silvestre, concelho de Coimbra.

Joaquim de Almeida, professor em Sazes, concelho de Penacova.

José Pereira Maduro, professor em Pereira, concelho de Monte Mór o Velho.

Manoel Joaquim da Silva, professor em Lorvão, concelho de Penacova.

Dulla Olympia.

Maria Amelia Marques.

Amelia Pereira S. Thiago.

Maria de Nazareth Sousa Sampaio.

SUFFICIENTES

João Pereira da Silva Cardote, professor em Antuzede, concelho de Coimbra.

João Rodrigues dos Santos.

José Madeira da Fonseca Machado, professor em Penalva d'Alva, concelho de Oliveira do Hospital.

Julio Maria de Andrade.

Manoel Gomes Neto, professor em Covões, concelho de Cantanhede.

Maria Augusta da Conceição.

Maria Barbara Pena.

Vandalismo em Evora! — Descobriu-se haverá tres mezes, que as tres grandes portas da egreja do Espirito Santo do collegio da Companhia de Jesus em Evora, eram de excellente pau preto. Mandou o administrador da Casa Pia (que no collegio permanece) proceder logo á tiragem da grossa camada de tinta encarnada, que as cobria. Nesta diligencia se consumiram talvez dois mezes; e, quando o publico esperava admirar aquellas portas famosas, descascadas, e apenas levemente oleadas, apparecem de repente outra vez pintadas a oleo! E, o que é melhor, é que a pintura finge pau preto!!

Se o facto nos não fôra contado por pessoa fidedigna, não o creramos.

Suppômos que o sr. governador civil daquelle districto não tem conhecimento do facto, aliás acudiria com o seu *veto* a tão notavel dislate, feito n'um estabelecimento de sua superintendencia.

Fallecimento—Falleceu em Lisboa o sr. José Carlos de Lara Everard, capitão de infanteria, distincto engenheiro civil e chefe de uma das repartições da direcção geral dos telegraphos e pharoes do reino.

Foi victima de um aturado soffrimento, proveniente de molestia adquirida nos trabalhos de engenheria, a que se entregava com toda a dedicação, a ponto de sacrificar a sua vida. Indo ha tempos a trabalhos publicos a sitio pantanoso, foi atacado pela molestia a que succumbiu.

O sr. Everard prestou importantes serviços á causa liberal, e pela sua bravura foi gravemente mutilado em Dezembro de 1846 na batalha de Torres Vedras.

Havia-se ligado com uma senhora, pertencente a uma respeitavel familia desta cidade.

Sentimos profundamente o fallecimento do nosso antigo amigo e correligionario, e associamo-nos ao profundo desgosto que estão soffrendo sua viuva e parentes.

Melhoras.—Demos ha dias a noticia de estar gravemente doente a exm.ª sr.ª D. Anna Victoria de Figueiredo Queiroz, de Varzea de Goes. Podemos hoje dar a agradavel noticia de que esta respeitavel senhora se acha livre de perigo e em convalescença. Felicitamos por isso os seus filhos e nossos amigos.

Romances nacionaes — Os srs. Mattos Moreira & C.ª, livreiros na praça de D. Pedro, n.º 68, em Lisboa, começaram a publicação dos *Romances nacionaes*, que estão editando, com o *Demonio do ouro*, romance original, pelo sr. Camillo Castello Branco.

Acabamos de ser obsequiados com os dois volumes de que consta este romance, e que muito agradecemos. Ainda não tivemos tempo de os ler, mas dá-nos desde já uma segura garantia do seu merecimento, a illustração do seu auctor e a boa aceitação que tem tido do publico os seus variadissimos escriptos.

Insecto brilhante—Existe no Mexico um insecto, chamado *cucujo*, dotado de tão forte phosphorescencia, que pode servir como agente de illuminação. O seu principal emprego porém, é como adorno no cabello das mulheres mexicanas, imitando o brilho do diamante, e projectando um clarão luminoso a muitos pés de distancia. Esta joia viva é tratada pelas senhoras mexicanas com muito cuidado, como um verdadeiro animal domestico.

A caça destes interessantes insectos faz-se do seguinte modo. Agitam-se no ar alguns paus, tendo na extremidade carvões encandescentes. O *cucujo*, dotado de vista penetrante, acode de grandes distancias, suppondo encontrar algum rival, e investe contra o ponto luminoso, caindo atordoado nas mãos dos caçadores.

As senhoras mexicanas tratam carinhosamente estes insectos, conservando-os em caixas de arame muito fino, alimentando-os com assucar, e dando-lhes dois banhos por dia, circumstancia essencial para a saude destes animaes, o que substitue a acção dos orvalhos do campo.

O systema mais geralmente empregado para os *cucujos* figurarem como joias brilhantes nos penteados, mantilhas e vestidos das damas, consiste em os prender por meio de uma agulha, collocada entre a cabeça e pescoço com tal arte, que não sacrifica os animaes. O requinte da elegancia é dispor os insectos por entre flores artificiaes e pennas de beijaflores, preparando assim lindos ramos realçados pelo vivo fulgor de brilhantes. O poder luminoso e phosphorescente destes curiosos e interessantes animaes reside em orgãos situados na cabeça e thorax. Tem-se pretendido acclimal-os na Europa, mas todos os ensaios tem sido infructuosos. É uma especie do genero escaravelho, *scaraboeus*.

Calçadas—Alem das pedras e do systema de macadam para calçar as ruas e estradas, usam-se tambem outras materias, como o tijolo, o asphalto e a madeira.

Attribue-se a invenção das calçadas aos cartaginezes. Em Roma só principiou a usar-se este melhoramento no tempo do consulado de Appius Claudio. A primeira cidade moderna, em que se empregou um systema regular de calçadas foi Cordova, no anno de 850. As ruas de Paris só principiaram a ser calçadas no tempo de Filippe Augusto, em 1185. Na epocha de Luiz XIII, metade desta capital ainda não era calçada.

Quinquilharia—Este ramo de commercio comprehende um grande numero de productos industriaes, e as nações que mais riquezas produzem neste genero, são a Inglaterra, Allemanha, França e Suissa. Só a Inglaterra produz annualmente neste ramo de industria mais de 20 milhões de libras st., e emprega neste trabalho fabril mais de 400 mil operarios.

Guarda-chuvas—O uso de guarda chuvas existe desde tempos immemoraveis na China e India, mas só em 1680 foi importado do oriente e introduzido na França. No principio só ás mulheres era permittido este uso. Actualmente, só em Paris se fabricam todos os annos guarda-chuvas e sombrinhas no valor de muitos milhões de *francos*, sendo exportado este genero profusamente para todos os paizes da Europa e para a America.

Influencia da mulher—Não é só aos homens que se illustraram por grandes feitos, que a historia decreta o devida apotheose; a mulher tambem merece as mesmas honras, porque o seu nome anda ligado desde a mais remota antiguidade a grandes e uteis descobertas.

A benefica influencia da mulher sente-se nos grandes successos da sociedade, nos actos mais intimos da vida domestica, nos progressos das bellas artes, e nos trabalhos da industria e da agricultura. Os seguintes exemplos mostram bem, como a antiguidade soube divinisar a poetica intervenção da mulher nas mais uteis descobertas da agricultura.

Ceres ensinou a cultivar o trigo. *Minerva* no celebre concurso do Olympo, ganhou o premio proposto, fazendo nascer a oliveira. *Noéma*, irmã de Tubalcano, é a primeira que fia e tece a lã do carneiro. *Isis* inventa a arte de fiar e tecer o linho. *Pomona* foi notavel na cultura dos fructos. *Flora* da mesma forma na cultura das flores. Foi tambem uma mulher, esposa de um imperador da China, que fei

mais de 2:000 annos creou no seu proprio palacio a industria da seda. É ainda hoje a mulher a primeira artista, que se encarrega dos trabalhos de creação do bicho da seda, concorrendo por seu genio activo e diligente para os progressos deste precioso ramo de industria.

Os caminhos de ferro e a agricultura.—Para se avaliar a poderosa influencia da viação accelerada sobre os interesses e progressos ruraes, basta citar o seguinte exemplo.

A linha ferrea de leste na Inglaterra, em um dos ultimos annos transportou 1.700:000 arrobas de estrumes, sendo o guano o que figurou em maior quantidade; 15.000:000 de alqueires de cereaes; 71:000 bois; 380:000 carneiros; 920:000 arrobas de carnes diversas; e 3.000:000 de almudes de leite!

A vida rural.—A rainha de Inglaterra, Isabel, prevendo o maravilhoso engrandecimento da sua patria, pelo impulso dos interesses agricolas, deu a seguinte memoravel lição á aristocracia britannica.

—Vêde, dizia Isabel aos lords, que affluiam á sua côrte, vêde estes numerosos baixeis agglomerados no porto de Londres: tem elles o bojo vasio, e as velas enroladas, sem proveito nem magestade; supponde que suas velas se expandem para ganhar a immensidade dos mares, vel-os-heis então magestosos e soberbos.

A fidalguia ingleza comprehendeu perfeitamente o sentido destas palavras fatidicas, voltou-se para o campo, e assentou na cultura da terra a base do admiravel edificio da sua prodigiosa prosperidade.

O café.—Dizia um medico a Fontenelle, que o café era um veneno lento. Doutor, respondeu o celebre moralista francez, tambem me parece o mesmo, porque ha 80 annos que uso esta saborosa bebida.

Capricho.— A origem desta palavra parece derivar do termo latino *capra*, cabra; porque o genio indocil, petulante e inquieto, é a feição caracteristica deste animal. Nas linguas portugueza, franceza e italiana escreve-se e pronuncia-se a palavra capricho quasi do mesmo modo. Os italianos dizem *capriccio*, e os francezes *caprice*.

Colonos.— Chamamos a attenção dos nossos leitores para uma declaração que abaixo publicamos, firmada pelo nosso amigo o sr. commendador Monte-Negro, natural da villa da Louzã, e ha muitos annos residente no Brasil, fundador e possuidor da importante colonia agricola Nova Louzã, na provincia de S. Paulo.

O sr. Monte-Negro, para livrar-se dos pedidos enfadonhos, em relação ao referido no seu artigo, fez essa declaração em varias folhas d'aquella provincia.

Se ha por ahi alguem que suspeitasse que o sr. Monte-Negro mandava ir colonos com intenção de os *ceder*, ou para dar-lhes outro qualquer destino menos justo, que não fosse o emprego em suas colonias; ahi está mais uma prova da regidez de caracter deste nosso compatriota, que assim vem de novo abonar o nome e bella reputação que tem na sua patria e no Brasil.

COLONOS

Continuando o abaixo assignado a receber cartas e pedidos, não só para mandar vir colonos da Europa, como até para *ceder* alguns dos que manda vir para a sua antiga colonia *Nova-Louzã*, no municipio de Mogymirim, ou para esta, no municipio de Campinas, da qual é socio gerente —declara muito positivamente que, se *nunca* se incumbiu de mandar vir colonos para quem quer que fosse, muito menos os cederia, como nunca cedido tem.

O abaixo assignado espera continuar a seguir esta linha de conducta em relação a emigrantes, sendo contrario a seus habitos e modo de pensar, commissões desta natureza.

Se o abaixo assignado manda vir trabalhadores para as suas colonias, é porque precisa delles, e porque tem consciencia da responsabilidade que assume.

Nestas colonias, são os empregados tratados como homens livres, como amigos e companheiros de trabalho, e não como *coisas que se cedem*.

Nova Colombia, 18 de Janeiro de 1874.

MONTE-NEGRO

Banco de Coimbra.— Na terceira pagina deste jornal, damos noticia da organisação do *Banco de Coimbra*.

Temos agora a acrescentar, que a subscripção particular para as acções está quasi completa.

Esperamos em o proximo numero informar os nossos leitores da organisação e fins desta utilissima instituição.

Outro banco em Coimbra.—Forma-se outro banco nesta cidade, e já se acha installada a commissão organisadora, que é composta de pessoas das mais influentes e que contam realisar o seu intento dentro em breves dias. O banco é formado exclusivamente de gente do commercio; e ainda bem que esta corporação começa a dar signal de si, e se propõe a dotar Coimbra com mais um novo melhoramento.

Audiencias geraes. — Começaram hoje as audiencias geraes nesta cidade.

Foi julgado Sebastião Brandão, de Farinha Podre, julgado de Penacova; accusado do crime de estupro violento. Teve a condemnação de 2 annos de prisão maior cellular, e alternativamente na de 5 annos de degredo para Africa, em uma das possessões de primeira classe.

Neste quartel só ha mais tres audiencias, nos dias 3, 4 e 6 de Março.

Grande sinistro.— Por noticia telegraphica de Lagos consta, que um incendio reduzira a cinzas a alfandega de Villa Nova de Portimão.

Noticias de Hespanha.— São de muita gravidade as ultimas noticias de Hespanha, que publica o nosso collega do *Jornal da Noite*. Lê-se neste jornal:

DERROTA DE MORIONES

Receberam-se hoje em Lisboa os seguintes telegrammas:

Madrid, 26, ás 7 h. e 30 m. da t.

Chegou noticia de um grande revez supportado por Moriones. Perdeu 3:000 homens. Serrano parte para o Norte com todas as forças que poder reunir.

Madrid, 27, ás 8 h. da m.

Serrano parte neste momento com Topete para o Norte. Durante a sua ausencia fica Zavala encarregado da presidencia do conselho.

A «Gazeta» de Madrid de hoje publicará talvez o augmento dos poderes de Serrano.

ANNUNCIOS

1 ANTONIO FRANCISCO DO VALLE, na rua do Corvo, n.º 2, está encarregado da venda d'umas casas na rua do Corpo de Deus, n.ºs 31 e 33, e um terreno pegado com frontaria para a rua do Visconde da Luz, que pertencem aos herdeiros do fallecido Joaquim Baptista de Bastos. No estabelecimento do annunciante se dão os mais esclarecimentos.

DANTAS GUIMARÃES

24 Rua do Visconde da Luz 30

2 ACABA de receber este estabelecimento, lindas **mantas** de blonde pretas, de seda e de algodão, de 600 reis para cima; e bons **failles** e sedas pretas; merinos e alpacas pretas de 270 o metro para cima; **challes** de merino pretos, lisos e bordados; um saldo de chitas largas, côr firme, a 150 o metro! boas bretanhas brancas de 110 para cima.

PIANO

3 ACABA de chegar um, vindo directamente d'uma das mais acreditadas fabricas de França, á Couraça de Lisboa, n.º 17, onde póde ser visto por quem o queira comprar.

LIVRARIA

MUITO BARATA

4 NA RUA DA SOPHIA, 64, loja, vende-se a livraria completa que pertenceu ao fallecido dr. Araujo Costa, advogado em Lisboa, constando de obras de Direito, antigas e modernas.

Attenção

5 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

EM SAMSÃO

6 ARRENDA-SE a casa e loja que foi de José Antonio Marques. Recebem-se propostas em carta fechada na pharmacia de Castro Simões, rua da Sophia, n.º 82 a 84.

DOCTOR IN ABSENTIA

7 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Nova barca—FORMOSA—em 15 de Março.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Aviso aos recrutas

9 JOSÉ FERREIRA ENTEADO, de Villa Franca, concelho de Gouvea, tem rapazes para substituição militar. Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante.

10 PRETENDE-SE um rapaz para recruta, até ao dia 12 de Março. Quem quizer dirija-se ao largo do Castello, n.º 23.

VENDA D'ORGÃO

11 VENDE-SE um grande orgão, ha pouco acabado de construir. Quem o pretender comprar, dirija-se a Alipio Augusto dos Santos, nesta cidade de Coimbra. Rua da Calçada, n.º 85 a 91.

12 NA praça de S. Bartholomeu, na casa pegada ao n.º 72, do lado de S. Thiago, dá-se comida diaria a 240 rs., sendo bom trato. Quem quizer encommende de vespora.

A QUEM CONVIER, ANNUNCIA-SE

13 RICARDO JOSÉ SOARES ROMEO, agente do Banco Commercial de Vianna, estabelecido em Villa Nova de Cerveira, recebe e paga toda e qualquer quantia que pelas referidas agencias do mesmo banco sejam transmittidas.

Agencia em Coimbra (Largo das Olarias n.º 9) do Banco Portuguez, da cidade do Porto.

14 NESTA AGENCIA, sacam-se e descontam-se letras de cambio sobre diversas praças do reino.

Coimbra, 21 de Fevereiro de 1874.

O agente,

João Francisco da Silva.

OPTIMOS VINHOS DO PORTO DA NOVIDADE

De 1858	a	280	por garrafa
De 1853	a	360	»
De 1847	a	400	»
De 1834	a	500	»

Estes acreditados vinhos continuam a vender-se na rua da Calçada, n.º 85 a 91; assim como outras muitas qualidades, incluindo Bairrada a 120 sem garrafa.

EDITAL

16 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Coimbra, faz publico, que se acha patente na respectiva secretaria, por espaço de 10 dias, a contar da data do presente edital, o rol do lançamento da contribuição de serviço do mesmo concelho, relativo ao anno economico de 1873-1874; pelo que convida todos os interessados a virem alli ver e examinar o dito rol, e a apresentarem dentro do referido prazo qualquer reclamação que julgarem conveniente fazer.

E para constar se passou este e outros de egual theor.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 26 de Fevereiro de 1874.

O presidente,

Fernando A. d'Andrade Pimentel e Mello.

GUIA DAS CAMARAS MUNICIPAES NA Organisação de seus orçamentos

PELO

Bacharel Joaquim d'Almeida da Cunha

Empregado na secretaria do Governo Civil de Coimbra

17 SAIU Á LUZ esta obra, util para os escrivães de camaras, vereadores, membros do conselho municipal, e do conselho de districto. N'ella se encontra extractada toda a legislação vigente até quasi ao fim de 1873, relativa a orçamentos municipaes, com declaração das alterações que nas annotações ao Codigo Administrativo, fizeram as leis, decretos e portarias posteriores a 1865. E' um volume de 206 paginas em optimo papel, com os modelos mais importantes.

Vende-se por 720 rs. Remette-se franco de porte a quem remetter 760 rs. em estampilhas ao editor José Correia d'Almeida Junior. Coimbra.

NUMERO 2776 — TERÇA FEIRA 3 DE MARÇO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Impprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Uma após outra vão murchando as glorias do sr. bispo de Vizeu. A experiencia vae mostrando quão inconsiderados e inconvenientes foram quasi todos os actos do ministerio reformista.

Vae ser revogado o decreto eleitoral de 1869; e crê-se que substituido, com pequenas modificações, pela legislação anteriormente em vigor.

A commissão encarregada deste trabalho pela camara electiva, deu já o seu parecer, sendo todos os seus membros de accordo na necessidade de alterar aquelle decreto, cheio de defeitos e em completa desharmonia com as nossas regalias politicas.

Diz-se que a opposição prepara na camara popular um extremo desforço, ou talvez melhor, um monumental escandalo, apresentando alguns projectos inacceitaveis; muito de industria para abandonar os trabalhos parlamentares, fazer uma mensagem á corôa e um manifesto ao paiz!

Não devemos acreditar que os homens da opposição, por dignidade propria e por honra dos partidos que defendem, realisem semelhante ideia, que, sobre ser um facto de requintada immoralidade politica, prova o despeito, a intolerancia e a ambição dos que não sabem ou não podem, por meios licitos e decorosos, conquistar o poder.

Póde a opposição protestar, por similhante forma, contra os actos do governo e dos seus amigos; mas esteja certa de que o paiz inteiro hade rir-se da farça, e castigar a petulancia dos que assim menosprezam os deveres de que os investiu a soberania popular.

O paiz sabe comprehender o presente estado de prosperidade, e as garantias de que está gozando no remanso da paz e do progresso, para não dar credito ás palavras da opposição, nem assentimento ás ideias subversivas que ella propaga, e inteiramente oppostas á indole do povo portuguez.

SEM COMMENTARIOS

No domingo, pelas 5 horas e meia da tarde, passava pela rua da Calçada, uma das principaes de Coimbra, a procissão do Senhor dos Passos, que da sé cathedral se dirigia para a egreja da Graça.

A respeitabilidade deste acto religioso, em que tomavam parte tantas pessoas de todas as graduações sociaes, fazia com que o publico o presenceasse com o acatamento devido.

Achavamo-nos nessa occasião a uma janella das casas, onde tem o seu estabelecimento, o nosso particular amigo o sr. Joaquim Augusto de Carvalho e Santos, negociante de pannos; e d'esse local assistiamos á procissão.

Ao findar a passagem do destacamento de caçadores 6, seguia-se uma extensa ala de estudantes; e d'elles, ao sermos avistados, nos foi dirigida uma violenta e prolongadissima assuada.

Conservamo-nos, não obstante, inalteravelmente tranquillos no mesmo sitio, a ver este procedimento, que durou até terminar a passagem de todos os estudantes.

Nem a gravidade do acto religioso; nem a proxima presença das pessoas mais qualificadas, entre as quaes se viam o sr. bispo conde, D. Manoel Correa de Bastos Pina; sr. governador civil, visconde de Villa Mendo; sr. secretario geral, José da Costa Gomes; sr. administrador do concelho, Manoel Maria da Cunha; lentes da Universidade, officiaes e força do destacamento; nada poude impedir a tantos e tão numerosos academicos de assim, publica e desabridamente nos insultarem!

Muito de proposito nós abstemos de fazer a esta narração o mais leve commentario. Limitamo-nos unicamente a expor o facto na sua maior simplicidade a todo o paiz.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 2 de Março de 1874.

E' serodia, e infundada nos parece a noticia, mas emfim, corre-nos a obrigação de a lançar á publicidade, como o tem feito já alguns jornaes.

Correra o boato de que a opposição parlamentar projectava abandonar a camara, dirigindo um manifesto ao paiz, e uma mensagem a El-Rei.

Se isto não é ridiculo, é de uma *jocosidade* de inimigos do governo, na phrase de Jayme José Ribeiro de Carvalho, que nos faz rir a bandeiras despregadas. Olhe o meu amigo Martins de Carvalho, que estas duas palavras *manifesto* e *mensagem*, têem muito que destrinçar.

Manifesto! Pois a opposição parlamentar não lançou já aos quatro ventos o seu programma; todo de economias, todo de moralidade, todo de grandes reformas... impossiveis e irrealisaveis? Para que pretende ella dirigir-se de novo ao paiz—ao paiz, que prospera, que a conhece, que vive satisfeito, que a repelle, que a não acredita, porque todos os seus programmas tem ficado no limbo do esquecimento, quando poder?

Em trivialidades rasas e chatas, que palavrões bombasticos e capazes de fazerem mudar as auras populares em seu favor, empregaria a opposição parlamentar, se por acaso esse parto de imaginações despeitadas, por ventura viesse á luz da publicidade?

Uma mensagem ao rei? Que lhe diria a opposição parlamentar, ella, que tem aggredido inconvenientemente o chefe do estado, que deve estar a coberto de todas as vaias e chascos de homens, que se dizem intelligentes, e que por isso mesmo devem ser illustrados?

O que lhe diria ella? Lançaria mão da palheta, e com tintas negras pintar-lhe-hia o estado desgraçado e ruinoso do paiz? dir-lhe-hia que este ministerio tem contribuido para a ruina da nação, que os seus filhos perecem á mingua, que as obras publicas estacionaram, que o credito dentro e fóra do paiz está abalado, que o proletariado se queixa? dir-lhe-hia talvez isto, mas... mentiria ao rei, como o tem insultado.

Sobre este assumpto escrevia o primeiro jornalista portuguez, no *Jornal da Noite*, de quinta feira, o seguinte:

«Dois importantes jornaes da manhã referem o boato de que a opposição parlamentar projecta desamparar a camara electiva.

«Com quanto na conjunctura actual o facto não tornasse mais difficil a situação do governo, lastimariamos profundamente que tal acontecesse. Não damos apoio politico á opposição, mas acatamos a sinceridade das suas convicções, e desejamos que todos a respeitem.

«Na ordem regular dos successos está n'ella o governo futuro do paiz, e importa ao

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXCI

D. CARLOS

XCI

Entrando já a noute saiu Cabrera para Iglesuela, onde pernoutou a 24. Na manhã seguinte trasladou-se a Fortanete com suas ordenanças, e officiou a Merino, que com a sua divisão se achava em Mosqueruela, para que passasse a occupar a altura da Cruz, em frente de Cantavieja, a fim de que, coberto aquelle ponto, se evitasse um golpe de mão. Avisou a sua marcha a Llagostera, que estava em Miravete, e o preveniu que sem empenhar acção, seguisse parallelo, observando o inimigo, e pernoutasse em Fortanete, por onde julgou emprehenderia Oráa o seu movimento.

Forcadell obedecendo tambem ás instrucções de Cabrera, seguiu a Borso di Carminati, desde Tales ás Useras, e Fehú, desde Valderobles á Pobleta de Morella, donde, reunido com a primeira brigada que saiu de Castellote ás ordens de Lazaro, não perdeu de vista o general S. Miguel.

O movimento das tropas liberaes fez a Cabrera modificar as suas instrucções; mandou baixar a Merino da Cruz; incorporou-se com elle, retrocedeu a Iglesuela, permaneceu até á caida da tarde, e pernoutou a meia hora de Portell.

Antes de amanhecer o dia seguinte collocou algumas forças ás ordens do commandante Pertegaz, no pinhal de Mas del Coll, em cuja garganta pensava oppor-se á passagem de S. Miguel; destinou outras forças sob commando de Muñoz e Cabañero ao caminho de Mirambel, para tratarem de flanquear os liberaes, e Cabrera ficou na expectativa para acudir onde a necessidade o exigisse, como o fazia Llagostera, que já seguia ao seu contrario, quando recebeu as instrucções do seu chefe. Achou-se em Cintorres com S. Miguel e lhe fez algum fogo. Cabrera, no entanto, seguia marchando pelas immediações da Cuba para sair sobre a Mata, donde havia saido S. Miguel.

Forcadell achava-se em Arés, e ao dirigir-se a este ponto Borso, tomou posição o carlista, formando uma linha desde as Vendas até a Muela ao norte daquelle povo, destacando duas companhias á do sul; um piquete de atiradores a cavallo, que fez avançar, travou um pequeno tiroteio, e Borso se dirigiu a Castellfort.

Cabrera emprehendeu a 29 o seu movimento desde la Mata com alguns batalhões, deixando ordem a Merino para que com a sua divisão seguisse a sua rectaguarda, indo a Horcajo, a permanecer todo o dia. Ao chegar Cabrera a este povo, soube todos os movimentos e operações de Llagostera, e que Forcadell seguia a Oráa; destacou algumas forças ao commando de Mogrovejo e Garcia a tomar posição na Muela da Garumba; ordenou a Llagostera acudisse a receber instrucções, e verificado destinou a Ardalet com algumas tropas a seguir a rectaguarda liberal; a Pujol, com o primeiro batalhão de Mora, que atacasse pelo flanco esquerdo, e a Llagostera que marchasse a occupar as immediações da ermida de S. Marcos.

Cumpriram-se todas estas ordens, e o general S. Miguel se uniu no entanto com Oráa; Pardiñas e Borso permaneceram tranquillos. Ao notal-o Cabrera, mandou reunir algumas companhias e o primeiro batalhão de Mora, que havia hostilisado a S. Miguel na falda da citada Muela, e que o capitão Bosque, com duas companhias, ordenanças de Cabrera e cavallos do conde de Negri, avançasse a hostilisar aos contrarios, chamando-os ao combate sobre os pontos em que havia collocado as duas forças.

Assim que Bosque se aproximou e rompeu o fogo, o liberal formou as suas columnas em actitude de emprehender um ataque, que realisou em seguida pelo plano da serra, até ao ponto que occupava o primeiro batalhão de Mora, desenvolvendo ao mesmo tempo varias forças pelo seu flanco esquerdo, por onde se ia retirando Bosque, que o executou fazendo fogo até retirar-se ao parapeito do 4.º batalhão de Aragão.

interesse geral que chegue á gerencia dos negocios com toda a força proveniente da seriedade dos seus actos, e robustecida pela opinião publica, como aconteceu agora em Inglaterra.

«Desamparar as lides parlamentares não lhe fortaleceria o credito, nem lhe augmentaria as adhesões. Em occasiões gravissimas os partidos têem sahido dos parlamentos para os campos da batalha, mas nem o paiz está agitado de modo que favoreça tal designio, nem o exemplo convida á imitação, porque os resultados foram quasi sempre funestos a quem tomou similhante arbitrio. Saír do parlamento para casa é contra os deveres do homem publico, opposto ás mais simples indicações do senso commum, e até ridiculo.

«A vida politica parece-se com a egreja na divisão de militante e triumphante. Não triumpha quem não milita. Quem deserta, esquece e morre.

«Ninguem lucraria com esse acto, mas o paiz perderia parte do que tem adquirido com a regularidade da sua vida politica. Seria prejudicado no credito de nação cordata, na confiança dos capitaes, no preço dos fundos publicos, e nos seus mais valiosos interesses.

«Não acreditamos que tenha fundamento aquelle boato, invenção, talvez, dos que julgam Portugal obrigado a imitar todos os erros dos outros paizes, e por consequencia a provocar as desgraças que elles têem padecido e estão ainda padecendo.»

Ahi fica a opinião auctorisada e cordata de um cavalheiro eminente em politica, a respeito do boato de que nos temos occupado.

—Outro assumpto. Ha dias pediu na camara o sr. Francisco Mendes copia do contrato nupcial entre a fallecida rainha a senhora D. Maria II e o sr. D. Fernando. Duvidava-se que a dotação que o sr. D. Fernando recebe fosse dada illegalmente. A copia do documento não foi ainda apresentada na camara, mas o *Diario de Noticias* publicou, extrahido da collecção Borges de Castro, esse documento. Não o transcrevo aqui na sua integra porque é extenso. Basta copiar o artigo 3.º que diz:

«Art. 3.º No caso que sua alteza serenissima sobreviva a sua esposa, *conservará durante a sua vida a sua dotação, e terá alem d'isso um palacio da corôa para sua habitação*. Mas se sua alteza serenissima o duque Fernando Augusto estabelecer definitivamente a sua residencia fóra do reino, a sua dotação será reduzida a metade, e não terá direito a reclamar indemnisação pelo palacio que houver sido destinado para a sua habitação, e que elle tiver abandonado.»

Que objecções farão a este artigo os *zelosos* defensores das economias, que tentam por todos os modos provocar o escandalo?

Diz um jornal que a causa da descida dos nossos fundos em Londres, foi devida a telegrammas d'aqui, os quaes diziam que se preparavam acontecimentos politicos importantes, que se dera alvoroto na camara dos deputados, e que o governo estava na ideia de emittir um grande emprestimo. Não devemos accrescentar de quem sejam estas noticias, enviadas ao estrangeiro. E' de crer que sejam de *homens patriotas*, que se interessam pelo bem estar do seu paiz. Os desmentidos officiaes e particulares, porem já foram enviados para Londres, e os especuladores ousados não chegaram a lograr o seu intento. Não os perca o governo de vista, que deve saber quem elles são.

—Um jornal d'aqui publicou ha dias uma carta de um professor, na qual entre outras cousas, diz o seguinte:

«Ora o que parece impossivel é que tenham decorrido cinco mezes sem que a mesma camara tenha mandado pagar 10$000 rs. de gratificação annual áquelles professores que têem mais de 60 alumnos. Porque motivo não podem ser estes martyres incluidos em o numero de credores da mesma camara, para que, quando nas sextas feiras se reune a commissão de fazenda, a fim de resolver quaes os fornecedores que devem receber suas contas, sejam lembrados n'esse acto aquelles «fornecedores» não de pedra e cal, mas do pão do espirito, ás classes mais desprotegidas do municipio? Tome pois v. na devida consideração o que deixo exposto, esperando que v. se diguará publicar no seu jornal as considerações que entender convenientes a tal respeito. Muito agradecido se confessa quem é—De v. etc.—S.»

E' uma classe desgraçadissima, esta dos professores de instrucção. Ha pouco dirigiram elles ao parlamento uma concisa exposição, na qual patenteavam as precarias circumstancias em que se encontram. Dará a commissão de instrucção publica o seu parecer ainda na actual sessão legislativa, a fim de melhorar a posição precaria em que se encontra aquella classe de funccionarios?

Nada mais tenho que lhe diga.

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

Procissão dos Passos. — No domingo houve nesta cidade a procissão do Senhor dos Passos.

Depois de pregar na Sé Cathedral o sr. padre Julio da Silva Carvalho, parocho das Means, sahiu a procissão.

Adeante d'ella marchava uma força de cavallaria. Depois do pendão seguiam-se os meninos orphãos, e a irmandade do Senhor dos Passos, com o respectivo andor. A irmandade ia muito numerosa, e era entremeada de muitos anjos.

Em seguida ao andor do Senhor dos Passos tomava logar a irmandade da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, e depois os alumnos do seminario episcopal.

O pallio era seguido pelo exm.º prelado da diocese, governador civil, secretario geral, administrador do concelho, e o destacamento de caçadores 6, aqui estacionado, levando á sua frente a philarmonica *Conimbricense*.

Era numerosissimo o povo pelas ruas do transito da procissão, para o que concorreu o bom tempo que esteve na tarde de domingo.

Faltariamos ao nosso dever se não tributassemos os maiores elogios á actual mesa da irmandade do Senhor dos Passos, e em especial ao procurador o sr. Julio Lopes Serra, e thesoureiro o sr. Antonio Dias Themido, pelo zelo inexcedivel com que tem tratado dos interesses da irmandade.

Não se limitaram ao simples expediente; procederam a muitas reformas e melhoramentos na egreja da Graça, não se poupando para isso a despezas, com muita abnegação sua; de forma que aquella egreja, que havia chegado ao mais deploravel estado, se acha agora ainda melhor do que quando os frades a deixaram pela extincção das ordens religiosas.

Aquelles dignos mesarios e nossos amigos, hão de por muito tempo ficar recordados como sendo dos que mais serviços tem feito á irmandade do Senhor dos Passos.

Banco de Coimbra — A commissão fundadora d'este banco é composta dos srs. visconde de S. Jeronymo, conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, Dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim, conselheiro José Ferreira de Macedo Pinto, Dr. Joaquim José Paes da Silva, Miguel Osorio Cabral de Castro, João Lopes de Sousa, Dr. José Joaquim Fernandes Vaz, Antonio José Alves Borges, Joaquim Maria Martins, José de Moraes Pinto d'Almeida, José Francisco de Oliveira Reis, e Francisco Antunes de Carvalho e Silva.

Todos e cada um dos nomes acima inscriptos inspiram, pela sua respeitabilidade, a maior confiança; é inconcussa a probidade de todos; e geralmente conhecido o credito dos que pertencem á classe commercial.

Ouvimos que os trabalhos de organisação estão muito adiantados, e que estão concluidos os estatutos, que brevemente vão ser submettidos á approvação regia.

Tambem ouvimos que já foram subscriptas quasi todas as duas mil acções, de que se compõe o fundo do banco.

Logo que possamos obter quaesquer esclarecimento ácerca deste importante estabelecimento de credito, inseril-os-hemos neste logar; eximindo-nos hoje de dar mais extensa noticia do que por emquanto só nos consta indirectamente.

Asylo da infancia desvalida de Coimbra — Sabemos que está no prelo o relatorio e contas da respectiva direcção até ao fim do anno economico findo, para serem presentes á assemblea geral dos socios subscriptores, na sua proxima reunião. É lisonjeiro o estado daquella sympathica instituição de beneficencia, que muito deve ás caridosas senhoras que têem tudo a seu cargo a direcção e ao sr. conselheiro Adrião Forjaz, presidente da direcção e desvelado protector do asylo.

Obra de grande importancia. —Acabamos de saber, que o sr. Francisco Wanzeller, digno deputado pelo circulo de Arganil, poude conseguir pelas suas incançaveis diligencias, que se mandassem construir os dois lanços de estrada desde a Louzã, ou Freixo, até a Portella de Albergaria, nas alturas de Goes.

Esta obra é de uma tão reconhecida utilidade, e ganham tanto com ella os povos, que serão poucos os elogios que se façam ao zeloso deputado pelo serviço que acaba de prestar.

Machinas Walcot. — Tem nestes ultimos dias andado alguns artistas estrangeiros, pelas praças desta cidade, a fazer em publico a experiencia de umas machinas para amolar facas, fouces, tesouras e toda a qualidade de ferramentas cortantes. D'essas machinas têem o privilegio Guilherme Walcot & C.ª, de Shefield, na Inglaterra.

A promptidão com que os instrumentos são afiados, tem attrahido muitos compradores ás referidas machinas, que são vendidas a 1$000 reis cada uma.

Hontem, porém, o habil artista desta cidade, o sr. Antonio Maria do Rego, achando-se os referidos estrangeiros no largo da Feira, foi a sua casa, preparou duas laminas de aço, e simplesmente apertadas em um pequeno torno, por não ter tempo para mais, voltou ao mesmo largo, e ahi afiou com egual promptidão alguns instrumentos.

Dizemos isto unicamente para lamentar que os nossos artistas sejam tão desprotegidos, e que só se julgue bom o que vem do estrangeiro.

Partida. — Hontem á noute partiu desta cidade para Lisboa o sr. bispo conde.

Associação promotora dos estudos orientaes e glotticos — Acabamos de receber de Lisboa a seguinte publicação:

Exposição feita perante os membros da commissão nacional portugueza do Congresso internacional dos orientalistas, convocados para constituirem uma associação promotora dos estudos orientaes e glotticos em Portugal, por G. de Vasconcellos Abreu, bacharel em Mathematica, etc.

Os estudos orientaes estão hoje chamando muito a attenção das pessoas eruditas. No anno findo de 1873 realisou-se em Paris o primeiro *Congresso internacional de orientalistas*, promovido pelo sr. Léon de Rosny.

No corrente anno de 1874 deve haver outro congresso em Inglaterra, presidido pelo sr. Birch, egyptologo distincto.

Portugal não podia ficar indifferente a este progresso scientifico. Na imprensa Nacional de Lisboa trata-se de fazer fundições de typos, para se poder entre nós imprimir nas differentes linguas orientaes. E em Lisboa acaba de se formar a *Commissão nacional portugueza do Congresso internacional dos orientalistas*.

Ao nosso amigo e patricio o sr. Guilherme de Vasconcellos Abreu, filho do bem conhecido e honradissimo cidadão o sr. Victor Madail de Abreu, se deve pela maior parte a iniciativa neste honroso trabalho.

O sr. Abreu é já conhecido pelos seus estudos nesta especialidade. Entre outros jornaes, ahi está para o provar o primeiro volume do *Jornal Litterario*, de Coimbra, impresso em 1869.

Com muita razão diz o sr. Abreu na *Exposição* que temos presente:

«A este congresso se seguirão outros, cada um em differente paiz da Europa. A Portugal hade chegar a sua vez. É preciso, portanto, que Portugal se prepare para se mostrar digno desta honra, e não se deixe ficar fóra da communhão dos povos que o chamam e o convidam a entrar nas luctas intellectuaes. E' preciso desenvolver em Portugal o *Orientalismo*. E para este fim nos reunimos aqui hoje sem termos outras pretensões senão as de homens de boa vontade.

«Reunimo-nos aqui, não como orientalistas, mas como homens que se constituem em «*Associação para promover os estudos orientaes e glotticos em Portugal*.»

Agradecendo muito a offerta que da sua recente publicação nos fez o nosso amigo e patricio, folgaremos que os seus trabalhos e dos cavalheiros que se lhe associaram, sejam coroados do melhor resultado.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

João Cardoso Guimarães, filho de Francisco Cardoso e Mauricia Theresa, natural da freguezia de S. Mamede de Aldão, concelho de Guimarães, de 68 annos, fallecido no dia 21 de Fevereiro.

Basilio Ribeiro Leite de Sousa Vasconcellos, filho de Fortunato Dias Leite de Sousa Vasconcellos e Anna Ribeiro Leite Faria, natural das Feigueiras, de 22 annos, fallecido no dia 22.

Elias da Fonseca, filho de Sebastião da Fonseca e Eugenia de Jesus, natural de Cozelhas, de 61 annos, fallecido no dia 23.

Manoel Fonseca, filho de Antonio Francisco e Leonarda da Conceição, natural do Sebal Grande, de 37 annos, fallecido no dia 24.

Guilhermina Augusta, filha de José Antunes da Costa e Bernarda Emilia da Conceição, natural de Coimbra, de 16 a 17 annos, fallecida no dia 25.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5384.

Concurso. — Está aberto concurso pelo espaço de 30 dias, a contar de 2 do corrente, para o provimento da egreja parochial de Nossa Senhora do O' de Revelles, concelho de Monte Mór o Velho, bispado de Coimbra.

O mez de Fevereiro — O caracter metereologico d'este mez é ser chuvoso, não de chuvas continuas, mas de aguaceiros impellidos por fortes ventanias. *Fevereiro quente traz o demo no ventre*, dizem os nossos lavradores, e com razão, porque se antecipa o rebentar dos gommos, que as geadas de Março destroem muitas vezes.

O calor antecipado de Fevereito prepara sempre um equinocio tempestuoso. As ventanias, a saraiva e inundações da lua *marcellinas* são obra principiada pelo perfido calor de Fevereiro.

Na Provença agoura-se mau anno, em que este mez não *febreia*; e na Toscana acredita-se, que os calores e trovoadas de Fevereiro produzem ruim safra de azeite.

Entre os antigos era este o ultimo mez de expiação, e reparavam as faltas commettidas durante o anno, fazendo sacrificios e actos de piedade. Era uma especie de baptismo preparatorio da primavera. Tudo neste mez já presagia, que a natureza vae acordar do somno lethargico em que jazeu durante o inverno.

O mez de Março — Neste mez aquece o tempo, crescem os dias, as arvores vestem-se de verdura, e os campos esmaltam-se de flores. A este acordar risonho da natureza campestre corresponde tambem o impulso vigoroso da vida dos animaes; o sangue exalta-se, o coração dilata-se, os sentidos expandem-se, e a alma povoa-se de esperanças tão bellas como as flores do campo.

São dignas de ser commemoradas as seguintes ephemerides historicas de Coimbra no presente mez.

No dia 3 de 1385 entrada solemne em Coimbra do Mestre de Aviz, depois D. João I. Foi acclamado rei pelas côrtes no dia 6 de Abril no paço das Alcaçovas, e não no antigo convento de S. Francisco, situado na margem do Mondego, como erradamente dizem alguns escriptores. A 13 de 1229, falleceu D. Sancha, abbadessa de Lorvão, e fundadora do convento de Cellas. Jaz em Lorvão. A 15 de 1558, morre o poeta Francisco Sá de Miranda, natural de Coimbra. A 18 de 1828, assassinato de 2 lentes pelos estudantes perto de Condeixa. A 25 de 1223, morte de D. Affonso II em Coimbra, com 12 annos de reinado. A 27 de 1214, morte de D. Sancho I, com 25 annos de reinado e 57 de edade. Jaz na egreja de Santa Cruz. A 29 de 1715 é lançada a primeira pedra da egreja de Santo Antonio da Estrella, pelo bispo conde de Coimbra D. Antonio de Vasconcellos e Sousa.

Vinhos portuguezes — Reina a maior confusão a respeito da designação e classificação dos nossos vinhos. Cada região impõe o seu nome ao vinho que produz, e faz d'elle uma entidade distincta. Não ha producto mais susceptivel de variar nas suas qualidades, nem mais diversamente apreciado pelos amadores e provadores. Cada bebedor é um juiz. Acontece o mesmo com outros productos agricolas, o pão, a carne, a manteiga, o queijo, o azeite, etc.

Entre a innumera quantidade de vinhos portuguezes segundo a sua procedencia, as especies mais distinctas e caracterisadas são as seguintes: vinhos do Porto, da Madeira, de Carcavellos, de Lavradio, de Bucellas, muscatel de Setubal, do termo de Lisboa, da Bairrada, de Collares, de Torres, do Cartaxo, de Borba, verde do Minho, Malvasia, Bastardinho, da Beira, do Algarve, etc.

A bolota do carvalho. — Chevalier, chimico francez, dá os seguintes conselhos a respeito deste producto vegetal:

E' uma substancia muito nutritiva, contendo 28 por 100 de fecula. Póde privar-se do principio acre e adstringente pela torrefação, pela maceração em agua renovada muitas vezes, ou pela lavagem em lessivias alkalinas de cinzas. Depois de secca ao ar e ao sol, tostada no forno e reduzida a pó, póde servir em tempos de carestia e fome, para fabricar pão, misturando-lhe metade de farinha de cereaes.

Torrada como o café e reduzida a pó, a bolota em infusão em agua quente, produz uma bebida aromatica, tonica e nutritiva, que não tem como o café ordinario, o inconveniente de excitar o systema nervoso. Misturada com leite, suppre perfeitamente o café. O mesmo auctor affirma, que esta substancia misturada com assucar e diversas substancias aromaticas, é muito empregada na Turquia para engordar as sultanas e odaliscas. Se é um alimento sadio para a especie humana, tambem o é para os gados, sendo muito usada para engordar os porcos, cavallos, gallinhas, carneiros, etc. Na Saxonia da-se em grande quantidade a estes ultimos animaes, e é bem conhecida a bella qualidade de lã que elles produzem.

Commercio de flores — Em Paris é tal o enthusiasmo pelas flores, que mesmo na força do inverno se vendem lindos ramilhetes. As violetas tem um consumo extraordinario nesta epocha, e rendem diariamente milhares de *francos*. Na semana de S. João o commercio de flores sobe a tal valor, que em alguns annos este ramo da industria rende perto de cem mil *francos*.

Trabalho artistico — Um marceneiro de New-York offereceu a Lincoln, quando foi reeleito presidente da republica, uma mesa de forma octogona, marchetada com 20:000 peças de madeira differentes.

O petroleo — Em 1864, a producção annual do petroleo na America já subia a 375 milhões de *francos*, a quinta parte do valor de uma colheita regular de algodão. São extraordinarias e verdadeiramente colossaes as fortunas adquiridas por este ramo de industria.

John Steele, de uma terra que não rendia annualmente 12:000 *francos*, tira actualmente mais de 3 milhões de *francos* por anno. Propriedades que valiam apenas 10:000 *francos* em 1859, tem sido vendidas por 5 milhões de *francos*. Na Pensylvania, uma extensa propriedade, avaliada em 650:000 *francos* em 1860, foi vendida por parcellas, sommando todas um valor superior a 50 milhões de libras esterlinas.

Que futuro está ainda reservado á industria do petroleo, quando este producto substituir o carvão de pedra nas machinas de vapor!

Medicina antiga — São dignos de mencionar-se pela sua excentricidade os seguintes remedios aconselhados pela medicina e therapeutica da antiguidade:

Os cabellos de creanças eram empregados para combater a gotta, e os dos adultos para curar as feridas produzidas pela mordedura dos cães. A saliva do homem em jejum era um especifico contra o veneno das serpentes. O cerumen curava a picada dos lacraus. Em Roma, o sangue ainda quente dos gladiadores era applicado contra muitas molestias, e no Egypto os reis atacados de morphea tomavam banhos de sangue humano.

Antigamente, a therapeutica admittia certa relação entre a natureza das molestias e os remedios que as deviam curar, e em conformidade com este principio aconselhavam-se os seguintes tratamentos. Para a hemoptise, beber sangue de cabrito misturado com vinagre. Para as molestias do baço, applicava-se o baço de um cão sobre a região do orgão doente. Contra as inflamações do figado, prescrevia-se a applicação local do figado de lobo misturado com vinho e mel, ou de burro, triturado e amassado com mel e com duas partes de aipo e tres nozes. O rabo de lebre, cru ou cozido, comido sem lhe tocar com os dentes, era aconselhado para curar as molestias dos rins. Os trochiscos de sapo eram perservativo contra a peste. A gordura da rêla, tocando os dentes, fazia-os cair sem dor, etc.

É Moquin-Tandon na sua *Zoologia medica*, que cita estes e outros muitos factos da antiga medicina.

Remessa de presos de Coimbra para Thomar em 1832. — Em as nossas collecções de manuscriptos temos os seguintes apontamentos, feitos por um dos presos, que de Coimbra foram remettidos para Thomar durante o governo de D. Miguel.

Esses apontamentos, que mostram terem sido escriptos na cadeia de Thomar, dizem o seguinte:

Itinerario da conducta dos presos, que sahiram de Coimbra para Thomar em 2 de Junho de 1832; occorrencias na mesma, e factos acontecidos depois da chegada.

Foram conduzidos os 24 presos por 28 soldados de milicias de Villa do Conde. Commandante o tenente da 3.ª companhia, chamado Coelho (da Mizarella, ao pé de Braga, homem o mais medroso e rabugento que tem a officialidade do corpo); e meirinho, Baptista.

Sahida da prisão da Portagem ás 8 horas da manhã, uns soltos, outros quasi só com umas corditas para ceremonia: marchámos a toque de caixa até quasi ao fim da ponte: houve demora ao fundo das Calçadas, o espaço de uma hora para arranjos dos soldados, onde o tenente fez uma falla aos soldados para atirarem a qualquer preso que quizesse fugir, etc.; e aos presos recommendação de bom comportamento. Passamos pelo Senhor dos Afflictos e Cruz dos Morouços.

Almoço á Venda do Cego, e no fim uma rabecada aos soldados pelo tenente (mas influido pelo Baptista), por deixarem os presos em desordem, e sem cautela, recommendando-lhes que o preso que se arredasse 4 passos, levasse coronhada; e 3. fogo; ordem de que os soldados occultamente mofavam e se riam. Descubrimos S. Pedro Dias, Pouzada e Cascunha.

Alcabideque: aqui foi o jantar em uma pequena casa com venda de vinho, com guardas dentro e fóra em um sobrado, e servidos pelos soldados, sem se admittirem os soldados dentro. Descubrimos Fonte Coberta; Atalho, venda ao nascente; e Zambujal ao nascente.

Rabaçal: dormida na cadeia, 14 para a enxovia, que tinha 22 palmos de comprido e 15 do largo, lageada; e o resto em um quarto muito mais pequeno, com grades, e com duas sentinellas á porta, que depois fecharam, ficando de dentro os guardas, e de fóra todos os soldados. Nesta terra foram os presos obsequiados por Luiz Mendes Lima; e aqui terminou o primeiro dia de marcha, que foram 4 leguas.

No dia 3 de Junho, pela manhãsinha, foram os soldados ouvir missa, e depois pelas 7 horas partiu a leva, e foram acavallo os que quizeram. A' direita divisamos Alcalamonque, Azenha, Alvorge, Venda do Porto, onde estava um grupo de gente esperando por o João Mendes, chorando e dizendo que era o pae dos pobres. Junqueira, Vendas do Brasil, Valle dos Judeus sem povoação, Sarzadella, ou Anciãosinho; Ancião (em dia de feira, domingo 3, junto de egreja, muita gente, e parte chorando á vista dos presos).

Jantamos fóra do logar em uma estalagem do Freire, em um quarto pequeno com uma pequena janella, e a porta fechada, com guarda dentro e fóra e á janella; e para respirar foi preciso arredarem-se algumas telhas.

Aqui houve grande questão com o tenente, para embargar burros para alguns que já não podiam dar passo; porém respondeu que não queria demoras, e exaltando-se disse que tinha ordem de lhes atirar, de lhes dar cacetadas, etc., e que se grazinassem o faria. Porém respondeu-se-lhe tão forte, que não só embargou burros para os que quizeram, mas se amançou tanto, que d'ahi em deante nos tratou muito bem, e entregues cada preso a um soldado, não se importou mais com o modo de conducção.

Depois de jantar marchámos a chover, e nos incommodou alguma cousa, que muitos se repassaram e se constiparam. Vendalho consta de duas casas, Mortal, Gaita, Pulga, Arneiro, Varzea do Bispo, Peruxa, dormindo no dia 3 em uma estalagem, em um quarto de 20 palmos de comprido e 12 de largo, forrado por cima, mas muito abafado, com uma pequena janella. Depois da ceia fechou o tenente a porta, ficando 2 guardas dentro, e outras de fóra na varanda.—2.º dia de jornada, 5 leguas.

Pela manhã, na Peruxa se alugaram burros, e partimos acavallo os que quizeram. Rio de Coiros, Barreira, Ourem, ao poente, á direita, villa acastellada, e na baixa, Aldeia da Cruz; logo Chão de Maçãs, e Mouxique. Na Sabaxeira, jantar do dia 4 em um telheiro, curral de bois, e aqui jantou toda a patuscada; depois marchamos, e neste dia tivemos seus borrifos, porem não causou incommodo.

Chegamos a Thomar pelas 3 horas e meia da tarde, entrando na villa a toque de caixa, e vimos muitas pessoas chorando, e outras querendo ir ver os irmãos presos, etc. Chegamos a cadeia, que esta situada na praça, ao lado direito da camara, que é um magnifico edificio na praça, fronteiro a egreja de S. João.

Ao entrar fomos avisados para descer para a enxovia; porem depois fomos para um pequeno quarto, onde se acham 18 dos da leva, e 2 que estavam na dita cadeia e 6 dos da leva que estão na enxovia. Este quarto tem 3 janellas, e boas vistas para a praça.

No dia 5 entrou guarda de voluntarios, etc., com o maior aperto possivel.

No dia 23 de Junho tivemos nesta cadeia de Thomar uma busca, feita por o meirinho e dois escrivães do corregedor, com 3 sentinellas de voluntarios, desde as 3 horas e meia da tarde até ás 6, de que resultou irem dois para a enxovia.

No dia 11 de Julho de tarde fomos todos mandados para a enxovia, á ordem do juiz de fóra, vindo dois officiaes, um do civel, e outro do ecclesiastico cumprir esta ordem.

No dia 14 do dito mez foi preso o carce-

O batalhão de Mora, depois de alguma resistencia, vendo as forças com que o carregavam, emprehendeu a sua retirada com desordem. Então se adeantou Cabrera no seu encontro, e o fez voltar á sua formação, collocando-o em seguida em uns parapeitos que corriam por uns escalões á sua esquerda, dos quaes continha a avançada dos liberaes, que carregavam por aquella parte, em quanto os que vinham pela direita carlista se adeantaram até parte da posição que occupavam as companhias de Tortosa, a qual não poderam tomar, e fez adeantar 3 batalhões mais, com o objecto de a franquear, contra os quaes o 4.º de Aragão, e o batalhão expedicionario fizeram um fogo horroroso, contendo-os perto de uma hora, em que foi preciso ceder terreno; porem tomadas posições novamente, mas acima da mencionada falda, resistiram valentes, defendendo a posição da Muela. Entrada a noute acamparam os combatentes na serra, e suas immediações.

As tropas liberaes estavam já á vista da praça de Morella, que iam sitiar; e o haver chegado aos pontos que occupavam era um notavel triumpho; porém ainda tinham que conseguir o permanecer nelles, porque eram audazes e valentes os inimigos que pretendiam desalojal-os.

Oráa propoz-se occupar as alturas que pelo norte, nordeste e leste, dominam a Morella, e que situadas sobre o caminho de Monroyo, pelo qual deviam receber as subsistencias, lhe facilitariam conduzir os parques e o trem de sitio. Acampou e intrincheirou naquellas alturas algumas forças; abriu e estabeleceu a communicação com Alcañiz, de cujos depositos calculava prover-se; pois ao emprehender o movimento, as tropas tiraram rações para 7 dias umas, e para 9 outras, levando já consumidas a maior parte; e rodeando por cima das cordilheiras que circundam o terreno de Morella, e atravessando o Bergante, marchou a apoderar-se da ermida de S. Pedro Martyr e da serra de Pedrera, que occupou; e como para isso teve que percorrer tres quartas partes do circulo, foi facil aos carlistas atacar a retaguarda, como o fizeram.

Havia-o Oráa previsto, e deixou em posição a reserva e um esquadrão de linha, ao mando do commandante Rodriguez, com cuja força e especiaes instrucções, encarregou o seu cuidado ao brigadeiro Herrera Davila, que foi atacado obstinadamente em tres direcções; porém havendo-lhe recommendado a economia de tempo, se limitou a conter aos inimigos, travando-se, não obstante, um combate que durou mais de duas horas, no espaço de tres quartos de legua; jogou a artilheria com excellente resultado, debaixo da direcção do capitão Theresa; e escalonando em seguida as tropas, proseguiu na marcha.

Continuou a reserva sustentando as operações da primeira, segunda e terceira, destinada a tomar a ermida de S. Pedro e altura de Pedrera; porém viu-se Oráa obrigado a mandar que tres batalhões da segunda, ás ordens do brigadeiro D. Caetano Urbina, e uma companhia de cavallaria de 4.º ligeiro, sustentasse e protegesse a chegada da reserva ás cercanias da ermida, cujas forças foram tambem atacadas por parte das mesmas, que carregavam aquellas, augmentadas; pelo que se reforçaram os liberaes, que conseguiram ficar ás 3 da tarde nas posições escolhidas, e no caminho para a Pobleta e Monroyo. Oráa na sua marcha foi tambem accommettido pelos carlistas, aos quaes fez frente com bom resultado.

Quando observou Cabrera os primeiros movimentos do seu contrario neste dia, resolveu atacal-o, e rompeu-se o fogo ás 10 da manhã, generalisando-se a acção, na qual se empenharam todas as forças com vario exito; pois uns e outros ganharam e cederam posições.

Em quanto os liberaes, depois de tantas horas de pelejar, descançavam na Pobleta, o fazia Llagostera na torre de Miró. Cabrera desde a manhã, com algumas forças, havia tirado da praça aguardente e viveres para a tropa, fazendo antes adeantar alguma força para a contraria, a qual se dirigia ao carrascal de Mas de Beltrol; houve alguns tiros dados do castello e a torre da Nos, e outras forças liberaes corriam no entanto a occupar a Pedrera e a ermida de S. Pedro Martyr.

A esta se dirigiu Cabrera a galope, e sendo recebido com uma descarga, retrocedeu precipitado; reuniu tropas, e as guiou ao combate, pelejando-se até á serra da Cabrida, e com egual empenho no carrascal de Beltrol, protegendo a acção as peças de artilheria que tirou de Morella, e collocou na altura de Querola, desde a qual começava a incommodar aos possuidores da montanha de S. Pedro: outros carlistas atacavam os pontos de Cap de Viñet e Cruz de Beneito, cujo ataque sustentavam com vigorosa valentia os liberaes.

O pelejar deste dia foi vistoso pelo circulo que se formou, e foi tambem encarniçado. As perdas de uma e outra parte foram consideraveis, e entre ellas se contaram as de officiaes tão dignos, como o coronel liberal D. Antonio Brule, que foi ferido batendo-se bisarramente.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

reiro, e mettido no segredo pelas 4 horas da tarde, e as chaves das prisões entregues a um official do juiz de fóra.

No dia 17 de Março de 1833 foram removidos para S. Francisco os enfermos Augusto e Albino. No dia 21 Joaquim Basilio e seu irmão Xavier, e João Mendes. No dia 23 Campos e padre Manoel Joaquim. O Albino no dia 25 veiu bom recolher-se á sua antiga prisão.»

Audiencias geraes.—Hoje, em audiencia geral desta comarca, entrou em julgamento Manoel Miranda Salgueiro, do julgado de Condeixa; pelo crime de furto. Foi absolvido.

Banco Commercial de Coimbra.— Além do *Banco de Coimbra*, de que tratamos na segunda pagina deste jornal, temos a dizer, que se tornou effectivo o pensamento de crear um outro, com o titulo de *Banco Commercial de Coimbra;* e já hoje se annuncia quando começa a subscripção e as casas onde se devem dirigir os tomadores de acções.

Consta-nos que á commissão installadora, na sua primeira reunião, foram apresentadas as bases do novo banco, e que immediatamente se nomearam tres individuos que estão encarregados de elaborar os estatutos.

Dizem-nos tambem que o estabelecimento projectado entrará em diversas e variadas operações, algumas das quaes são novas em estabelecimentos da mesma natureza, e das quaes deverão resultar proventos para o banco.

As prestações serão de 5 %, com um intervallo de 60 a 90 dias, e nunca poderão ser exigidas a 3.ª e subsequentes, senão quando se necessite de maior capital para as operações ulteriores do banco.

A subscripção vae ser immediatamente aberta nesta cidade; e já ha pedidos de fóra por grande numero de acções. Bom seria, porém, que Coimbra e seu districto acudissem pressurosos, como nos parece que devia ser, porque n'isto vae o seu interesse.

A' testa da empreza vemos pessoas muito conhecidas no commercio e cuja respeitabilidade se não póde pôr em duvida. Folgamos de vêr que o commercio de Coimbra pretende dar uma nova phase a esta cidade, e congratulamo-nos de que tomasse a iniciativa, ainda que tarde, de uma empreza de tal ordem.

ANNUNCIOS

1 BAZAR DE PRENDAS no salão dos artistas, no dia 15 de Março, a favor dos pobres por quem a direcção da Sociedade Consoladora dos Afflictos reparte as esmolas que lhe são confiadas.

A direcção da sociedade roga ás pessoas de Coimbra a sua assistencia, e que pela sua muita caridade auxiliem a direcção para que o bazar seja feliz, para proveito de tantos desgraçados.

2 ANTONIO FRANCISCO DO VALLE, na rua do Corvo, n.º 2, está encarregado da venda d'umas casas na rua do Corpo de Deus, n.os 31 e 33, e um terreno pegado com frontaria para a rua do Visconde da Luz, que pertencem aos herdeiros do fallecido Joaquim Baptista de Bastos. No estabelecimento do annunciante se dão os mais esclarecimentos.

AGRADECIMENTO

3 FRANCISCO DE OLIVEIRA CANASTRA, fogueteiro, desta cidade, summamente penhorado pelos obsequios que recebeu de muitas pessoas da sua amizade, que vivamente se interessaram pelas melhoras de sua filha, na perigosa doença de que felizmente escapou; vem por este meio agradecer a todos tão distinctos favores, que nunca passarão da sua lembrança, e pelo que a todos se confessa eternamente grato.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

Capital social 600:000$000 a 2.000:000$000 rs.—1.ª emissão de 600:000$000 rs., divididos em 12:000 acções de 50$000 rs. cada uma.

4 A SUBSCRIPÇÃO para os tomadores de acções, tanto de Coimbra como de fóra, abrir-se-ha no dia 5 e fechar-se-ha no dia 16 do corrente, desde as 9 horas da manhã, até ás 3 da tarde, em casa dos srs. commendador Manoel dos Santos Junior, praça de S. Bartholomeu, n.º 56; José Barbosa Lima, rua da Calçada, n.º 106; e José Maria Simões Leite, largo da Feira, n.º 32.

As pessoas de fóra da cidade dirigir-se-hão por escripto a qualquer dos srs. acima designados, quando não prefiram encarregar aqui alguem que os represente.

Os accionistas são obrigados no acto de se inscreverem, ao pagamento de 1$000 rs. por acção, sendo-lhes esta quantia encontrada no valor da primeira prestação, o que só terá logar depois que sejam approvados os estatutos; a 3.ª prestação e subsequentes serão pedidas unicamente quando as operações do Banco demandem mais avultado capital. Cada uma das prestações não poderá ser exigivel senão com um intervallo de 60 a 90 dias.

Os individuos encarregados de receberem a subscripção, prestam-se a dar todos os esclarecimentos que lhes sejam exigidos, quer verbalmente, quer por escripto.

Coimbra, 3 de Março de 1874.

Os membros da commissão installadora,
Manoel dos Santos Junior
Antonio d'Oliveira
José Antonio Ferreira Manso
José Barbosa Lima
Antonio Corrêa Lemos
Joaquim José de Sousa
José Melchiades Ferreira Santos

HORTICULTURA

5 ARBUSTOS PARA JARDINS, plantas para estufas, arvores d'ornamento, semente de couve SCWEINFURTH, flôr, lombarda, murciana e outras. Rua do Visconde da Luz. Deposito na rua da Sophia, n.º 167.

A. M. S. Castro.

PIANO

6 ACABA de chegar um, vindo directamente d'uma das mais acreditadas fabricas de França, á Couraça de Lisboa, n.º 17, onde póde ser visto por quem o queira comprar.

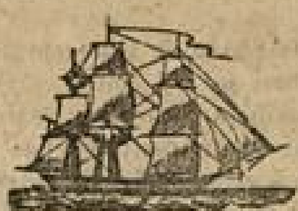
Attenção

7 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Nova barca—FORMOSA—em 15 de Março.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

EM SAMSÃO

9 ARRENDA-SE a casa e loja que foi de José Antonio Marques. Recebem-se propostas em carta fechada na pharmacia de Castro Simões, rua da Sophia, n.º 82 a 84.

10 A DIRECÇÃO das obras publicas annuncia que no dia 20 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na administração do concelho de Coimbra, se hade proceder á arrematação do fornecimento para a ponte da Portagem, de 919 pranchões de pinho, serrados em arestas vivas, e tendo cada um 4,93 de comprimento, 0,20 de largura e 0,06 d'espessura.

Coimbra. Secretaria das obras publicas, 4 de Março de 1874.

O director,
Heitor de Macedo.

DOCTOR IN ABSENTIA

11 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Agencia em Coimbra (Largo das Olarias n.º 9) do Banco Portuguez, da cidade do Porto.

12 NESTA AGENCIA sacam-se e descontam-se letras de cambio sobre diversas praças do reino.

Coimbra, 21 de Fevereiro de 1874.

O agente,
João Francisco da Silva.

13 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de lata de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs., de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos no Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2777 — SABBADO 7 DE MARÇO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O sabio professor e brilhante ornamento da faculdade de Mathematica nesta Universidade, o sr. Dr. Antonio José Teixeira, leu na camara de que é digno membro, dois projectos de lei, o primeiro reunindo em uma só as duas faculdades de Philosophia e Mathematica, denominando-se — *Faculdade de sciencias*, e o segundo creando neste estabelecimento scientifico uma faculdade— a de *Philosophia e lettras.*

Nesta epocha em que o verdadeiro progresso scientifico tende a abrir novos e mais vastos horisontes ás investigações do espirito humano, é realmente vergonhoso o atrazo em que se encontra a instrucção publica entre nós.

As propostas do erudito cathedratico, sendo convertidas em lei, vêem satisfazer uma das maiores necessidades da nossa instrucção superior.

A faculdade de *Philosophia e lettras* dividir-se-ha em duas secções—de philosophia e lettras.

A 1.ª secção comprehenderá as seguintes cadeiras e disciplinas: philosophia transcendente, esthetica, philologia comparada ou sciencia de linguagem, historia philosophica dos povos antigos e modernos, anthropologia, historia da philosophia, e philosophia da religião.

A 2.ª secção: geographia antiga e moderna, historia patria e historia universal, litteratura antiga (romana e grega), litteratura portugueza, archeologia, litteratura moderna estrangeira, historia de litteratura antiga e historia de litteratura portugueza.

A nova faculdade será constituida por doze lentes proprietarios, tantos quantas as doze primeiras cadeiras, e por seis substitutos ordinarios, cada um para as duas d'essas cadeiras. E de todos estes professores se compõe o seu conselho ou congregação.

Cada uma das duas secções contem seis lentes cathedraticos e tres substitutos.

Serão consideradas annexas á nova faculdade as cadeiras seguintes: grego, sanskrito.

Leitura e interpretação de manuscriptos e diplomas, uso dos sellos, valor das moedas e das medidas.

Philologia da edade media, formação da lingua nacional.

Noções de archeologia, historia da industria, caracteres e authenticidade dos monumentos escriptos.

Bibliographia, classificação de archivos e bibliothecas publicas.

O conselho da nova faculdade ficará auctorisado a organisar os seguintes cursos:

I. Curso geral da faculdade, ou curso de licenciatura, dividido em cinco annos, com todas as cadeiras das duas secções da faculdade, e alem d'isso com a 1.ª e 2.ª cadeiras annexas, divididas em oito cursos, para serem leccionados nas quintas feiras, com duas horas de aula cada um; e com a de hebraico, annexa á faculdade de Theologia, e dividida em dois cursos, de duas horas cada um, leccionados tambem ás quintas feiras.

II. Curso de philosophia, o qual será habilitação indispensavel para os professores de philosophia racional e moral dos lyceus.

III. Curso de lettras, o qual será habilitação indispensavel para os professores de geographia, historia e rhetorica dos lyceus nacionaes, dividido em tres annos.

IV. Curso para o corpo diplomatico, dividido em tres annos, com as cadeiras do curso geral da faculdade.

V. Curso de tabellionato, repartido em tres annos, com a 2.ª cadeira da secção de lettras.

VI, Curso de diplomatica, exigido aos directores, conservadores e officiaes de bibliothecas e archivos publicos.

VII. Cursos preparatorios para as outras faculdades da Universidade, que serão organisados pela faculdade de *Philosophia e lettras*, ouvindo os conselhos respectivos d'aquellas; e para os professores de linguas dos lyceus nacionaes, ouvidos os conselhos dos seis lyceus de 1.ª ordem.

O primeiro provimento das cadeiras da nova faculdade será feito perante a Universidade por um jury composto de membros d'ella, de socios da Academia Real das Sciencias de Lisboa e do curso superior de lettras.

A nova *Faculdade de sciencias*, reunião das duas de Mathematica e Philosophia, será dividida em tres secções: de sciencias exactas; sciencias physico-chimicas; e sciencias historico-naturaes.

O conselho da faculdade fica auctorisado, alem do curso geral da faculdade, a crear os seguintes:

1.º Curso de sciencias exactas, em 4 annos.

2.º Curso de sciencias physico-chimicas, em 3 annos.

3.º Curso de sciencias historico-naturaes, em 3 annos.

4.º Curso de engenheiros civis, em 6 annos.

5.º Curso de engenheiros de minas, em 6 annos.

6.º Curso de engenheiros geographos, em 5 annos.

7.º Curso de agricultura, em 4 annos.

8.º Cursos preparatorios para a medicina, para a architectura e construcção naval, para a marinha militar e para outras profissões.

E' de esperar que a commissão de instrucção publica e a camara dos srs. deputados, prestem a estes projectos do sr. Dr. Antonio José Teixeira, a attenção que merece um assumpto de tão elevado alcance.

A commissão de obras publicas e fazenda, da camara dos srs. deputados, discutiu já a proposta dos caminhos de ferro das Beiras.

Fallou o sr. conselheiro José Dias Ferreira, que se pronunciou pelo traçado do sul do Mondego, o sr. José de Mello Gouveia, que tambem optou pelo mesmo traçado, e o sr. Lourenço de Carvalho pelo do norte.

O sr. ministro das obras publicas apresentou os motivos, por que o governo julga prematuro fixar desde já o ponto de partida destes caminhos.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXCII

D. CARLOS

XCII

No dia 31 de Julho de 1838 mandou Oráa destruir alguns parapeitos levantados por Cabrera nas alturas da Pobleta; fez continuar a terceira divisão para escoltar até Alcañiz os feridos e enfermos, e em Monroyo com as tropas de reserva, esperou trouxesse de retorno o trem de sitio e as subsistencias.

Oráa tinha conseguido occupar as posições que lhe permittiam estabelecer o sitio, e desde o 1.º de Agosto até que acudiu o general S. Miguel com a artilheria, permaneceu em Monroyo e Pobleta; poz em estado de defeza o perimetro d'aquelle povo, e subiu no dia 2 para assegurar a passagem, habilitar o caminho obstruido e proteger a chegada do trem, provocando o inimigo.

Cabrera trasladou no dia 1.º algumas forças á praça; reuniu aos officiaes, instruindo-os da operação que projectava para aquella mesma noute; revistou as tropas, manifestou-lhes a confiança que tinha na sua disciplina e valor, repartiu-lhes munições e as deixou acampadas. O capitão de engenheiros, D. João Bessiers, reconhecia no entanto o terreno, e os carlistas effectuaram depois um movimento estrategico sobre a direita liberal, para cair antes de amanhecer do dia 2, sobre a sua esquerda.

A escuridade da noute cortou a marcha da maior parte das forças, que se extraviaram, impedindo isso o apresentar-se o ataque á hora accordada. Verificou-o chegando o dia, sobre a acampamento da Moleta da Pedrera, dirigindo a acção o coronel Gracia. Emprehendeu-se ao mesmo tempo noutros pontos, generalisou-se, tomaram parte Forcadell, D. Basilio, Merino, Negri, Llagostera, Cabañero e Cabrera, fazendo-lhes frente Oráa, Borso, Pardiñas, Azpiroz, Pezuela, Serrano, Ortiz e outros chefes, que souberam rechassar tão vigorosa accommettida: occuparam posições á baioneta, fez-se manobrar a cavallaria, e no Carcellar, no Tossal da herdade de Pon e em quantos pontos foram theatro da peleja, foi esta denodada por ambas as partes, e luziu a bisarria hespanhola, ensanguentando-se aquellas agrestes montanhas, testemunhas da tenacidade tão cruel dos filhos de uma mesma patriã.

O verdadeiro resultado do combate deste dia, foi rechassarem os liberaes o premeditado ataque dos carlistas a toda a linha. Cabrera attribuiu o não haver obtido o exito que se promettia, ao incidente do extravio de algumas forças pela escuridade da noute e a escabrosidade do terreno.

Perdeu o seu cavallo de uma bala, e ficou em poder do inimigo o seu gorro e capa branca.

A perda que experimentou a sua gente foi grande; a quasi todos os prisioneiros os acutilou a cavallaria.

S. Miguel adeantava-se no dia 3 com o trem e o comboio de viveres, e as grandissimas difficuldades do caminho da Cerollera o obrigaram a fazer as maiores jornadas de uma legua e algum dia de um quarto.

Oráa trasladou-se á Pobleta com a divisão de reserva para proteger os trabalhos de recomposição do caminho, apoiando-o Borso; e Cabrera no entanto adeantava o fosso coberto até á muralha da praça de Morella, desde o castello á porta de S. Miguel, dispunha outras obras de resistencia, fazendo ameias em casas e construindo parapeitos, barricadas e cortaduras, e quanto podia ser de alguma utilidade e lhe insinuavam os officiaes, Aguila, Casado e Bessieres, e saiu ás 10 da manhã a incorporar-se com Forcadell, que se achava na altura de Mas de la Canaleta, e ás 4 da tarde, que cessou a chuva, marchou para o alto da Cabrida e se preparou a fazer frente a Oráa.

Este, ao voltar ao acampamento com o seu comboyo, encontrou á sua esquerda o seu inimigo em ar provocador, e aceitou o desafio, enviando a traval-o a Azpiroz e Pezuela, os quaes tiveram que demonstrar a sua valentia para fazer frente aos seus sempre tenazes inimigos, que foram vencidos, conservando, não obstante, em alguns pontos as suas posições.

Falleceu em Lisboa o sr. conselheiro Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão, distincto filho de Coimbra, onde havia nascido em 3 de Julho de 1798.

Frequentou a faculdade de Canones, em que se doutorou no dia 4 de Junho de 1820. Por ter aceitado da junta do Porto em Maio de 1828 o cargo de vice-conservador, teve de emigrar e foi riscado da Universidade.

Depois da emigração seguiu a carreira judicial. Em 1835 era juiz de direito da relação de Lisboa. No anno de 1836 foi nomeado procurador geral da fazenda, logar que serviu até ser despachado em 10 de Março de 1847, conselheiro do supremo tribunal de justiça. Por decreto de 31 do referido mez, annuindo a rainha á honrosissima consulta do tribunal do thesouro publico, concedeu ao sr. Ferrão as honras de conselheiro do mesmo tribunal.

Por decreto de 22 de Agosto de 1847 foi nomeado ministro da justiça; sendo exonerado em 18 de Dezembro do mesmo anno.

Foi nomeado vogal da direcção do fundo especial de amortisação; e pela independencia com que exerceu este cargo, o demittiu o governo do conde de Thomar, por decreto de 5 de Novembro de 1850. Com a subida ao poder do partido regenerador, foi restituido áquelle logar, por decreto de 13 de Maio de 1851; e já em 3 desse mez de Maio havia sido agraciado com a grã cruz da ordem de S. Thiago da Espada.

Os accionistas do banco de Portugal, gratos aos relevantes serviços prestados pelo sr. Ferrão no mesmo banco, no cargo de vogal da direcção do fundo especial de amortisação, nomearam uma commissão para lhe ir offerecer umas ricas insignias da ordem de S. Thiago.

Mereceu ser eleito deputado por varias vezes. Por decreto de 5 de Agosto de 1851 foi nomeado ministro da fazenda; e por excesso de melindre, pediu em 21 do mesmo mez a demissão do referido logar, para se ir justificar perante os tribunaes, de uma accusação que lhe havia feito o jurnal da opposição, o *Estandarte*.

O sr. conselheiro Ferrão foi nomeado par do reino, e era socio emerito da Academia real das sciencias.

Foi um dos principaes redactores do jornal de Lisboa, a *Justiça;* e as suas importantes publicações sobre assumptos juridicos, tinham-lhe grangeado os creditos de um dos primeiros jurisconsultos do paiz.

Em 1835 casara com a exm.ª sr.ª D. Emilia Balbina Castello Branco Caldeira, filha do conselheiro Joaquim José Marques Caldeira, e sobrinha do bem conhecido advogado, o conselheiro Antonio da Silva Lopes Rocha. Ultimamente era casado em segundas nupcias com a exm.ª sr.ª D. Isabel Maria Guimarães.

Aos filhos do illustre fallecido damos os sentimentos por tão dolorosa perda.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

CORRESPONDENCIA

Ill.mo e exm.o sr. Dr. Lourenço de Almeida e Azevedo.

A despeito da leitura da carta de v. ex.ª em o n.º 2775 do *Conimbricense*, não acreditava eu, ainda assim, que v. ex.ª houvesse de auctorisar os intuitos, com que ella foi alli estampada.

Deliberei pois dirigir-me a v. ex.ª nos seguintes termos:

Ill.mo e exm.o sr.

Da minha particular consideração.

Acabo de ler, no *Conimbricense* de sabbado, uma carta de v. ex.ª, com data de 8 do mez findo, da qual pode alguem depreehender (e com effeito com esse intuito foi publicada pelo destinatario), que eu tive a culpa de não ir por deante a transacção, que v. ex.ª se dignou propor-me e ao sr. Francisco Henriques de Sousa Secco.

Sou pois forçado, mas grado meu a dirigir-me a v. ex.ª para lhe pedir a mercê de dizer-me o que lhe aprouver sobre os seguintes quesitos:

1.º Se é ou não verdade, que eu declarei sempre, que subscrevia a solução da arbitragem, quaesquer que ellas fossem, ainda para mim as mais desagradaveis?

2.º Se é ou não verdade, que a ultima phase da alludida transacção foi esta: v. ex.ª declarou ao exm.º sr. Dr. Manoel de Oliveira Chaves e Castro, que declinava a missão de tomar parte na decisão final das questões, como arbitro, e sómente se prestava a assistir á formação de *um novo compromisso sem recurso em outros cavalheiros*.

3.º Se é ou não verdade, que então se considerou terminada a mediação de v. ex.ª, havendo declarado o mesmo exm.º sr. Dr. Chaves e Castro, da minha parte a v. ex.ª que sendo o compromisso em v. ex.ª (que o tinha promovido por ser amigo de ambos os dois litigantes) desde que declinava tomar parte na decisão final das questões, devia elle julgar-se sem effeito, visto que tendo-o eu acceitado pela confiança na amisade dos cavalheiros que eram n'elle arbitros, e principalmente na de v. ex.ª, desde que v. ex.ª se retirara, e sómente se propunha á creação de um tribunal arbitral composto de outros cavalheiros extranhos, eu preferia o tribunal creado pela lei, perante o qual corriam os pleitos a um tribunal creado por contracto.

Concluo pedindo a v. ex.ª a bondade de se dignar permittir-me a publicação da sua resposta.

Sou com subida consideração

De v. ex.ª criado vr.e mt.o respeitoso e obgd.º

Coimbra 2 de Março de 1874.

Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco.

Foi v. ex.ª *presto* na accusação da minha carta; mas omisso na resposta, por quanto não se dignou dar o testimunho, que eu lhe pedia sobre os tres quesitos nella enunciados; ao contrario, attribuindo á minha carta um proposito, que ella não tinha, exprime um juizo que eu de v. lhe não pedia.

Por brevidade transcrevo sómente os periodos que fazem ao caso, e é sómente o que n'ella ha desfavoravel.

«*Recebi a carta de v., em data de hoje, da qual depreehendo que v. deseja conhecer a minha opinião sobre o grau de responsabilidade que lhe pertence por se mallograr a composição, etc.*

«*Apezar... e correndo o risco, quasi certo de lhe desagradar, eu devo declarar que ao terminarem as negociações para a frustrada composição, fiquei convencido, como ainda hoje estou, de que só v. foi obstaculo para se não levar a effeito o accordo, em cuja realisação eu e muitos amigos nossos estavamos empenhados.*»

Eu face pois de uma asserção tão positiva (cuja razão de ser não aprouve a v. ex.ª nem ao menos indicar), lamento profundamente não consente, que v. ex.ª não haja ainda alteado-a aquelles rigores, com que começou a fulminar-me desde a primavera de 1872, a mim, que anhelava sobre tudo, poder comprazer com a sua vontade, grato ás muitas attenções e favores que v. ex.ª sempre me havia prodigalisado, mormente a contar de 1862; mas nem v. ex.ª me violente a ir a imprensa defender-me (onde tanto folgo de apparecer em discussão de interesses publicos, como me repugna ter logar para fallar em negocios de familia), com a narração dos factos passados, que estes bastam para escudo meu.

Antes de tudo cumpre assentar estes pontos:

1.º que entre mim e o sr. Francisco Henriques de Sousa Secco, meu irmão, não ha da minha parte se não uma disputa seria — o *pedido de demarcação* que elle recusa.

Todos os pleitos que elle intentou, e são seis (facto que occulta na imprensa, para poder dizer-se a victima), são zero, a que não póde dar valor, nem o desaccordo de as levar ao tribunal, nem a indiscrição, não de discutil-os, mas de acarretal-as para os prélos.

A unica importancia, que podem revestir é a que lhe prestam as attestações de v. ex.ª, e por ventura de algum outro respeitavel cavalheiro.

2.º que até ao mez de Dezembro de 1871, em que teve começo a mediação de v. ex.ª, todas as propostas de conciliação, aliás multiplicadas, foram bruscamente repellidas pelo sr. Francisco Henriques, todas sem excepção!

Nos autos se acharão em parte os motivos, porque desde então parecem mudar a sua linha de conducta, acceitando a arbitragem de v. ex.ª, e depois a do exm.º sr. desembargador, Antonio de Vasconcellos Pereira Coutinho de Macedo, e talvez a do exm.º sr. arcediago, Gaspar Pereira Peixoto de Queiroz.

Mas vamos aos factos:

No dia 30 de Dezembro de 1871, encontramo-nos casualmente v. ex.ª e eu, ao fundo da rua do Loureiro, desta cidade, e noticiando-me v. ex.ª por essa occasião, que ia no dia seguinte a casa do sr. Francisco Henriques, em Antuzede, dignou-se fallar-me dos litigios entre mim e elle mesmo, e propor-me uma arbitragem amigavel, em que v. ex.ª tomaria parte, e a que eu logo dei o meu assentimento.

Foi no dia seguinte com effeito, e ao fim da tarde, dignou-se honrar a minha habitação d'alli, juntamente com o exm.º sr. conselheiro Antonio Pequito Seixas de Andrade.

Postos de parte episodios extranhos ao caso principal, confirmei ahi a minha annuencia da vespera.

Ou então, ou em dia posterior, completou v. ex.ª o quadro dos arbitros, annexando a si os exm.os srs. Dr. Maximiano de Freitas Mascarenhas Leal, cuja perda hoje deploramos, que seria o *segundo* do lado do sr. Francisco Henriques, Dr. Fernandes Vaz, e major Heitor de Macedo, que seriam os *dois*, do meu lado, e Dr. Paes da Silva Junior, que ficaria sendo o *de desempenho*.

Acceitei o quadro, sem hesitação, exactamente como era apresentado por v. ex.ª, com quanto todos os cavalheiros fossem da sua *pura escolha*. Tanta era a confiança que v. ex.ª me merecia!

Concertado que se designasse um dia futuro, em que os dignos arbitros se transportassem ao local das questões, a fim de se esclarecerem, na presença dos dois desavindos, esse dia, pela ausencia do sr. Francisco Henriques, só foi aprazado para 4 de Abril de 1872.

Na vespera (3) haviam honrado a minha casa em Antuzede alguns amigos, sendo do numero v. ex.ª e o sr. dr. F.; e ao retirarem-se, proximo, ou já de noute, fui chamado de parte por v. ex.ªs na descida e quasi a tocar na estrada da Figueira, para terem a bondade de dizer-me, que contando voltar no dia seguinte, desejavam prevenir-me do accordo que *já tinham tomado* — quanto á questão principal a *estrada*, qual era o de a *demarcar, e declarar commum dos dois!*

Estupefacto, em verdade, com semelhante arbitrio, tomado *quando ainda me não tinham ouvido a mim*, mas sómente á parte contraria, ainda que em encontro casual, conforme depois confessaram, redargui que era uma boa resolução essa, mas que não sendo possivel estabelecer communhão na minima cousa entre mim e o meu contendor, eu offerecia *para o caso que houvesse de tomar-se um expediente d'essa ordem*, outra resolução talvez preferivel, a saber — *dividir a estrada ao meio.*

Atalhou então o sr. Dr. F. — *isso não! por que não fica estrada para nenhum, attenta a sua estreiteza em alguns pontos.*

Isso sim, redargui eu, porque sou sómente então o prejudicado, visto que fico sem estrada, para carro ao menos, mas não o sr. Francisco Henriques, que pode alargar até 500 metros um só palmo, que nella lhe concedam, restabelecer as estradas antigas, d'elle e minhas outrora, que reduziu a cultura, e abrir de novo quantas quizer!

Mas ainda assim, continuei, a resolução que lembro, como a de v. ex.ªs pende de uma questão previa, que peço seja decidida por v. ex.ªs e é ella, *se o sr. Francisco Henriques tem algum direito sobre uma estrada que abriu, em parte no terreno que me coube em partilha, e em parte no terreno, cedido por dois visinhos?* decisão aliás facil, com audiencia dos dois, á vista dos titulos e até dos depoimentos constantes dos autos, designadamente do sr. José Alves de Faria, que fez favor de a ir traçar e declara no seu juramento a razão da direcção que lhe foi dada, — *ficarem ambos os coherdeiros independentes nos caminhos dos seus predios.*

Lembra-se v. ex.ª de que me responderam v. ex.ª e o sr. Dr. F., *que não queriam entrar em tal questão e que se eu insistisse, em que fosse decidida, deixavam de voltar no dia seguinte?*

Mas em fim, quando chegamos ao pontão de Alcarraques, até onde acompanhei a pé a v. ex.ªs e onde subiram para o carro, concordaram v. ex.ªs em sempre vir no dia immediato, permanecendo tudo *re integra*.

Não molestem a v. ex.ª estas minuciosidades, por quanto — *Os adminiculos da historia são as pegadas da verdade!*

(Continua.)

Cabrera regressou á praça. Nella permaneceu no dia 4; regulou a ordem de serviço para a defeza, nomeou chefes de cada um dos quatro districtos em que a dividiu aos coroneis Cavades, Morales, Castilla e Garcia, e attendeu alem disso ao que as forças exteriores necessitavam.

Oráa fez passar neste dia alguns viveres ao acampamento.

Depois de haver revistado Cabrera as suas tropas no dia 5, e ouvindo a sua resolução de morrer antes que render-se, mandou no dia 6 a Forcadell que tomasse a altura da Moleta da Pedrera, o que executou; porém carregando os liberaes, desalojaram della aos carlistas, que se retiraram ao seu acampamento.

A elle chegou Cabrera, havendo encommendado já a Negri a linha exterior da praça, comprehendida desde a altura da Cruz de Beneito e Cap de Viñet sobre a Muela de Morella a velha até á de Querola inclusiveis. Dispoz algumas obras mais na povoação e castello, prescreveu movimentos a varias forças e se apresentou deante do inimigo, avançando sobre a Cabrida. Aproximaram-se as guerrilhas de ambos os combatentes, tirotearam-se e já de noute foi Cabrera acampar junto á divisão de Llagostera, nas immediações da Pobleta.

Ao pé deste ponto chegou a artilheria liberal do sitio, acampando a divisão S. Miguel na venda do caminho de Monroyo, concentrando-se no entanto o comboyo, cuja guarda estava ao seu cargo.

No dia 7 se trasladou Oráa a Pobleta, com a divisão de reserva, conseguindo em todo este dia, e com muito trabalho, adeantar o trem e comboio mais alem da Pobleta.

Cabrera havia-se occupado no mesmo dia em distribuir as forças, para inutilisar as de Oráa e de S. Miguel.

Com a divisão deste se movia Oráa ao amanhecer do dia 8, cobrindo a reserva o mesmo comboio da artilheria de sitio, com perto de 200 carros, em que se conduziam os parques de artilheria e engenheiros, e sobre 119 cavalgaduras, alem da artilheria de grosso calibre; tomou as precauções convenientes, e sabedor da reunião de forças consideraveis na escabrosa e difficil posição do bosque, que cruzava o acampamento, havia já mandado a Borso que se apoderasse da ermida de S. Marcos e casa de Miró, que domina em certo modo o bosque. Tambem tinham empenho os carlistas naquelle ponto, e ainda que o empregaram em defendel-o, não poderam resistir ao reforço que receberam os liberaes, e o occupavam, tendo empregado a artilheria com brilhante exito.

Continuou Oráa a sua marcha, ainda que com lentidão; passou o comboio, que ás 6 da tarde acampou em S. Marcos, cuja retaguarda, coberta por S. Miguel, não chegou ao mesmo ponto até anoutecer, por haver sido carregada pelos inimigos; fez adeantar Oráa a artilheria e alguns carros do parque até ao acampamento; mandou restituir a elle a divisão Borso, e com o parque de engenheiros, a administração militar e as divisões de S. Miguel e reserva, se propoz pernoutar naquelle sitio para seguir ao acampamento ao amanhecer do dia 9.

Não havia acabado de reunir-se ainda a divisão S. Miguel, quando escurecia, e accommettendo então impetuosamente os carlistas a direita da linha liberal, que devia occupar a citada divisão, a qual não podia estender-se até ás posições de Borso pela distancia que medeava, houve momentos criticos e terriveis, porque accommettidos os atiradores e suas reservas liberaes por consideraveis e enthusiasmadas forças, praticas alem disso naquelle terreno, tiveram que retroceder e abandonar a casa que havia de formar a extrema esquerda da linha liberal, objecto da contenda de ambos os partidos. Recrescia o fogo á proporção que avançava a noute, e reforçando Oráa aos combatentes e fazendo um heroico esforço, poude terminar-se uma peleja que não foi menos sanguinolenta do que as anteriores, e na qual tambem os carlistas acutilaram aos que eram cortados, ou caiam em seu poder.

Eram as 10 da noute quando tocavam á chamada as bandas e cornetas de Cabrera, que, reunida a sua gente, dispoz bivacasse em Erveset.

Tão repetidos combates avivavam mais, se isto era possivel, a tenacidade de tão encarniçados inimigos, e as perdas de um combate desejavam vingal-o no seguinte. O temor á morte não era alli conhecido.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Collecção archeologica. — Contém já alguns objectos interessantes ao estudo de archeologia a collecção do Instituto. Taes são as lapides sepulchraes romanas e o marco miliario que estiveram no pateo da Universidade; a inscripção do seculo VI que appareceu em Condeixa a Velha; uns ornatos de gesso de estylo arabe, achados no castello de Monte Mór o Velho; dois capiteis da antiga capella-mór da egreja de S. Thiago; a inscripção da estatua da Sapiencia da Universidade em seus principios; as de D. Sancho I e de D. Leonor, que estiveram no castello de Coimbra; o padrão commemorativo da reforma da ponte desta cidade por D. Manoel; e finalmente algumas outras inscripções e objectos menos importantes.

O padrão da reforma da ponte, ha poucos dias o mandou depositar no Instituto o sr. Dr. Fernando de Mello, por deliberação da camara a que dignamente preside. Alguns outros objectos da collecção tambem alli têem sido depositados por seus donos.

Estas antigualhas aproveitam muito n'um museu, por servirem para o estudo comparativo das artes em differentes epochas. Uma ou outra, só por si, pouca ou nenhuma utilidade tem. Portanto, bom serviço farão ás lettras e ás artes as pessoas que possuirem taes objectos e os quizerem depositar no Instituto, embora se reservem o direito de os tirar quando lhes aprouver.

A collecção está n'uma sala do andar inferior do collegio de S. Paulo. Por diligencia do sr. João Correia Ayres de Campos estão já embutidas nas paredes as lapides maiores. As outras serão collocadas n'uma bancada de madeira, que este cavalheiro, amador dedicado das coisas antigas e particularmente dos monumentos conimbricenses, mandou fazer á sua custa.

A collecção foi começada por proposta do sr. Dr. Augusto Filippe Simões, que em Evora deixou colligidos uns cem exemplares, muitos d'elles romanos, que ajuntou durante os ultimos annos que residiu naquella cidade, encontrando sempre valioso apoio tanto da parte dos cavalheiros possuidores daquelles objectos, como da parte das camaras municipaes, que a expensas do municipio as mandavam transportar e collocar.

Os monumentos lapidares, com quanto pareçam a algumas pessoas, velharias inuteis, têem para o estudo da historia politica, social ou artistica não menos importancia que os pergaminhos que se guardam nos archivos. Os anteriores ao seculo VIII são até quasi os unicos monumentos que nos restam para dar alguma luz nas muitas trevas destes tempos obscuros.

Recommendamos, pois, a collecção archeologica do Instituto a todas as corporações e pessoas, que por qualquer modo possam augmental-a pela doação ou deposito de lapides, inscripções ou outras curiosidades artisticas.

Camara municipal — Na sessão ordinaria de 5 de Fevereiro, sob a presidencia do sr. Dr. Fernando de Mello, estiveram presentes os vereadores, os srs. Coutinho, Santos, Quadros, Nazareth e Pessoa.

Estando presente o sr. administrador do concelho, e os parochos e regedores de Vil de Mattos, Brasfemes, Lamarosa e Almalaguez, começaram as operações do recenseamento militar com relação a estas freguezias, o que terminou pela 1 hora da tarde.

Retirados aquelles funccionarios, constituiu-se a camara em sessão d'expediente, e foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Foi lido entre outros um officio dos directores da companhia d'illuminação a gaz, declarando haverem escolhido como peritos por parte da companhia para a avaliação das machinas, apparelhos, fabrica e utensilios, pertencentes a illuminação, os srs. José Pedro Collares Junior, gerente da fabrica de fundição e mechanica Perseverança — Manoel Joaquim da Silva, ex-empreiteiro e constructor das obras da companhia Lisbonense d'illuminação a gaz — e como supplente Thomaz José Collares. — Inteirada.

Outro do sr. Dr. Joaquim Gonçalves Mamede, participando ter recebido as copias das representações que a camara de Coimbra dirigira ao governo de sua magestade, pedindo que a directriz do caminho de ferro da Beira parta d'esta cidade, seguindo por Miranda do Corvo, Louzã, Goes, Arganil, Oliveira do Hospital, Ceia, Gouveia, Guarda e Celorico, e para ser apresentado ás côrtes o contracto para abastecimento d'aguas da cidade, celebrado entre a camara e o sr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, promettendo empregar todos os esforços para se realisar os desejos da camara.

A camara deliberou consignar na acta um voto d'agradecimento pelos serviços que s. ex.ª tem prestado ao municipio, pedindo-lhe ao mesmo tempo se digne continuar a coadjuvar com a sua solicitude o andamento de todos os negocios, favoraveis ao engrandecimento da terra, que tão dignamente representa.

Despachados os requerimentos das partes, tomaram-se as seguintes resoluções:

Foram nomeados os seguintes informadores louvados para contribuição predial:

Predios urbanos — Manoel Francisco dos Santos, Feira — Antonio dos Santos Ferreira, Castello — Antonio Vicente do Amaral Monteiro, Calçada.

Predios rusticos — Ignacio da Silva Rocha, Santo Antonio dos Olivaes — Francisco Monteiro Negrão, S. Martinho do Bispo — João Pedro da Silva Cortesão, Lavarrabos — Serafim Rei, Jeria — José d'Almeida Moço, Fornos — Antonio Francisco dos Santos, Brasfemes — Antonio Gomes da Fonseca, Botão — José Maria Ferreira de Figueiredo, Ameal — Antonio Maria Vieira de Figueiredo, Ribeira — Antonio dos Santos Machado, Villa Pouca de Sernache — Francisco da Cunha, Castello Viegas.

Foram nomeados vogaes da junta de parochia de Vil de Mattos — Manoel da Costa Secco, de Rios Frios — e Luiz da Costa Rato, das Vendas.

Foram nomeados guardas ruraes da mesma freguezia — José Marques, de Vil de Mattos — Francisco Manadas, de Moucellos — Antonio José da Costa, de Rios Frios — Joaquim da Costa Rato, da Costa.

Conselho de districto — Em virtude da proposta da junta geral, foram nomeados membros do conselho de districto, os srs. Drs. Miguel Leite Ferreira Leão, Luiz Albano de Andrade Moraes, José Augusto Sanches da Gama, e João José d'Antas Souto Rodrigues; e substitutos os srs. Drs. Julio Marques de Vilhena, Anthero Augusto de Almeida Araujo Pinto, Raymundo da Silva Motta, e Acacio Hypolito Gomes da Fonseca.

Audiencias geraes — Na audiencia do dia 4 foi julgado José Joaquim, do bairro de Santa Clara; pelo crime de furto de sabão em uma fabrica do mesmo bairro. Condemnado em 2 annos de prisão.

No dia 6 foi julgada Maria da Luz, criada de servir na rua do Cosme, desta cidade; por crime de infanticidio. Absolvida.

Dá esperanças. — Na terça feira respondeu em audiencia geral o reu Manoel Miranda, do julgado de Condeixa, que tinha de edade 11 para 12 annos, por ter furtado a seu amo a quantia de 18$000 rs., fugindo em seguida de casa.

De todas as peças do processo consta que o reu fôra effectivamente o auctor do furto.

Este crime praticado por uma creança, mas com perfeito conhecimento do que fazia, é um facto que se não prova a indole prevertida e inclinada á pratica do crime, mostra pelo menos a gravissima falta que muitos paes commettem em não olhar de perto para a educação de seus filhos.

Foi absolvido pelo jury.

O meritissimo juiz e delegado do procurador regio, desta comarca houveram-se neste como nos demais julgamentos, com a rectidão que costumam e que é um dever de justiça reconhecer-lhes.

Beneficio — Ámanhã, domingo, das 2 horas da tarde em deante, tocará a philarmonica *Boa-União*, no Jardim Botanico, em beneficio de um desgraçado, idiota e cego, por nome Elysio de Campos, filho de Antonio do Valle, carpinteiro, morador aos Palacios Confusos; tendo-se tambem este achado a tratar de uma pneumonia no hospital da Ordem Terceira, ha dois mezes.

Á porta receber-se-ha o que quizerem dar as pessoas caridosas para um fim tão justo.

As circumstancias do infeliz para quem a philarmonica vae dar o beneficio, são as mais tristes; e por isso é de esperar que não sejam baldadas as diligencias e boa vontade de quem promove esta esmola.

Concurso. — Estão a concurso pelo espaço de 20 dias, a começar no dia 4 do corrente, as seguintes cadeiras de instrucção primaria do sexo masculino, neste districto de Coimbra:

Febres, no concelho de Cantanhede.

Alqueidão, freguezia do Paião, concelho da Figueira.

Cova de Lavos, no mesmo concelho.

Penalva d'Alva, no concelho de Oliveira do Hospital.

E egualmente foi mandada pôr a concurso a cadeira para o sexo feminino, de Verride, concelho de Monte Mór o Velho.

Novas publicações. — Recebemos e muito agradecemos as seguintes publicações:

Negocios externos. — Documentos apresentados ás côrtes na sessão legislativa de 1874, *pelo ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros. — Emigração portugueza.* — Lisboa: imprensa Nacional, 1874.

Negocios externos. — Documentos apresentados ás côrtes na sessão legislativa de 1874, *pelo ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros. — Representação de subditos portuguezes residentes no Pará, ao governo de sua magestade, e documentos correlativos.* — Lisboa: imprensa Nacional, 1874.

Algumas reflexões sobre a questão do trabalho nas possessões portuguezas d'Africa, por A. de Oliveira Pires. — Lisboa: typographia Progresso — rua do Alecrim, 40: — 1874.

Collecção de sermões ineditos pelo reverendo beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão — N.º 1 — Sermão de penitencia. — Lisboa: livraria editora de Mattos Moreira & Comp.ª, praça de D. Pedro, 78. — 1874.

Duas palavras sobre o recambio. — O nosso amigo o sr. D. Benigno Joaquim Martinez, dá na *Revista de Tribunales*, publicação juridica de Madrid, a seguinte noticia:

«O bacharel em Theologia e Direito, o sr. José Pimentel Homem de Noronha, começou a publicar em Coimbra uma serie de estudos de direito commercial, cuja primeira entrega tem o titulo de *Duas palavras sobre o recambio*, na qual, occupando-se com extensão das letras de cambio, seu recambio, protestos e resaques, manifesta como se deve entender o Codigo commercial nos seus artigos 408 e 409. Explica as theorias de Rogron, Alauzet, Bravard, Vicens, Delvincourt, Dr. Hintz, Dr. Diogo Forjaz, e a sua propria, com uma lucidez e novidade que dão grande interesse a este trabalho, que por si só se recommenda.»

Suffragios. — Abaixo publicamos uma noticia que nos dá o nosso antigo amigo o sr. padre José dos Santos Arnaud, muito digno parocho da Cumieira, da missa mandada celebrar pela alma do exemplar magistrado o sr. Luiz Guilherme Peres Furtado Galvão.

A exm.ª sr.ª D. Maria Guilhermina Pereira Peres Furtado Galvão, sabe cumprir religiosamente os deveres de boa e virtuosa filha, tanto nas obras de caridade que pratica, como nos suffragios que manda fazer por alma de seu illustre pae.

Eis ahi o que nos diz o sr. Arnaud:

«Hontem, 4 de Março, celebrou-se, segundo o costume de todos os annos, na capella de Santo Antonio das Vendas das Figueiras, desta freguezia da Cumieira, concelho de Penella, uma missa mandada dizer pela exm.ª sr.ª D. Maria Guilhermina Pereira Peres Furtado Galvão, por alma de seu prezado pae o exm.º sr. Dr. Luiz Guilherme Peres Furtado Galvão, fallecido em Leiria a 4 de Março de 1870, onde era juiz de direito.

Foi immensa a concorrencia de povo, que de toda a freguezia affluiu a ouvir a dita missa por alma de um cavalheiro, que de todos era tão venerado e respeitado; pois se como magistrado deu tão evidentes provas de rectidão do seu caracter, e elevação de seu espirito (como devidamente o avaliou o sabio Dr. Antonio Gil, membro da Associação dos Advogados, no seu necrologio na *Gazeta dos Tribunaes*, de 29 de Abril de 1870): como particular não eram menos conhecidas as suas virtudes, e estes povos entre os quaes viveu muito tempo, porque aqui tinha uma grande parte da sua casa, perderam n'elle um amigo verdadeiro, e um protector generoso!!

Choram todos de saudade! e eu acompanho sua familia na justa dôr que cada vez mais os magôa: mas sirva de consolação a lembrança de seu exemplar comportamento durante a vida; e que deixou quem nas suas tres casas — d'aqui, Leiria, e Penella, tem mandado applicar por sua alma os suffragios, e orações da egreja nos domingos e dias festivos, esmolas tanto diarias, como no seu anniversario. — Sentimento verdadeiramente religioso!! Caridade evangelica!! *Luz celeste* que illuminas os fieis. — *Lux æterna luceat ei Domine, cum Sanctis tuis in æternum, quia pius es.*

A' sua unica herdeira nos bens e virtudes, pede desculpa neste desabafo um dos que teve a honra de ser seu confessor durante o tempo que foi seu parocho.

5 de Março de 1874. — O vigario da Cumieira, *José dos Santos Arnaud.*»

ASYLO DA INFANCIA DESVALIDA

Dissemos em o numero passado que se estava a imprimir o relatorio do Asylo da infancia desvalida desta cidade. Podemos já hoje acrescentar, que effectivamente recebemos o *Relatorio e contas da gerencia da direcção do Asylo da infancia desvalida de Coimbra, de 1 de Julho de 1869 a 30 de Junho de 1873.*

Assim é o titulo da publicação; mas parece-nos que deve ser de 1 de Janeiro de 1869 até 30 de Junho de 1873; porque são desde aquella data as contas publicadas. O ultimo relatorio que possuimos, (e temos todos os que se publicaram desde 1837 até agora) contém as contas até Dezembro de 1868.

O relatorio que acabamos de receber, é feito pelo benemerito presidente da direcção do Asylo o sr. conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Durante todo o referido tempo subiu a receita do Asylo a 6:966$485 reis (reddito e capital), e a despeza, entrando capitalisação, a 6:831$320 reis, deixando um saldo de 135$165 reis. E se se addir a uma e outra verba a cifra de 9:000$000 reis nominaes, de inscripções, legadas ao Asylo, sendo 8:000$000 reis legadas pelo sr. José de

Miranda Carvalho, de Vianna do Castello, e 1:000$000 reis do sr. bacharel João Correia Ayres de Campos, suffragando, com singular piedade filial, a alma de seu pae; será a receita 15:966$485 reis, e a despeza reis 15:833$320.

A verba dos fundos, que já montava em 31 de Dezembro de 1868 a 7:278$800 rs., nominaes, subiu a 18:328$000 rs. nominaes (real 9:657$000 reis). Póde, portanto, contar-se desde já, sobre o capital existente, com um reddito de 639$000 rs.

Muito folgamos de vêr no relatorio do Asylo, as seguintes palavras honrosas, á memoria do nosso sempre saudoso amigo o sr. conselheiro José Maria de Abreu:

«Maior acrescentamento de capital e rendimento haverá o Asylo pela metade da herança do sr. conselheiro José Maria de Abreu: nem a condição por s. ex.ª ordenada de se fundar n'elle uma *creche* para creanças de edade um pouco inferior áquella que os nossos regulamentos exigem, importará consideravel augmento de despeza. A' saudosa memoria de um socio tão singularmente benefico durante a vida e na morte, são devidas todas as mais expressivas demonstrações de respeito e religioso agradecimento; nem por certo a ellas faltou a actual direcção, nem faltará a futura, marcando-lhe um logar distincto entre os bemfeitores do Asylo.»

O sr. conselheiro Adrião Forjaz não se esqueceu de honrosamente registar o nome de outro respeitavel cidadão, a quem o Asylo da infancia é devedor dos mais desvelados serviços. Cumprimos um dever transcrevendo para aqui o que a esse respeito se lê no relatorio:

«Senhores: Um quadro da sala dos bemfeitores diz o seguinte, em volta de um retrato:

—Antonio José Cardoso Guimarães, thesoureiro do Asylo da infancia desvalida de Coimbra por espaço de vinte annos e meio, desde 1 de Janeiro de 1852 até á sua morte em 29 de Junho de 1872: cuja diligencia, empenho e zelo pelos interesses deste estabelecimento, e exemplarissima probidade, não será facil de egualar, e jámais poderá exceder-se: cidadão prestantissimo em todos os actos de sua vida, sempre occupada mais dos estranhos, que dos proprios interesses: optimo esposo e pae, modelo de amigos; e exemplar funccionario publico nas diversas e importantes commissões a que foi chamado, quer pelo suffragio publico, quer pela auctoridade. Em testemunho de gratidão e saudade, votou-lhe esta memoria a direcção do Asylo em sessão de 5 de Julho de 1872.—

«Estas expressões estão longe de bem significar a grandeza da perda que soffremos, e a saudade que nos acompanha.»

O relatorio do Asylo termina por uma noticia, que nos causa bastante sentimento. O sr. conselheiro Adrião Forjaz, mostrando a necessidade que ha de substituir a actual direcção, que está quasi annullada pela morte, doença, edade provecta e ausencia de alguns dos vogaes; declara por si, que lhe não é possivel continuar na direcção, de que tem feito parte no largo periodo de 26 annos, em razão do seu domicilio ser actualmente fóra da cidade, e poucos mezes aqui residir.

Não se póde vêr sem magoa sahir da direcção do Asylo da infancia um cavalheiro, (servindo-nos, com justiça, das mesmas palavras applicadas ao sr. Antonio José Cardoso Guimarães), *cuja diligencia, empenho e zelo pelos interesses deste estabelecimento, e exemplarissima probidade, não será facil de egualar, e jamais poderá exceder-se.*

Em qualquer parte, porém, em que se ache o sr. conselheiro Adrião Forjaz, será sempre acompanhado das benções dos pobres asylados, e dos bem merecidos louvores de todas as pessoas, para quem a caridade não é um nome vão.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Apparecimento.— Dois pedreiros, dos que andam nas obras do alargamento e alteamento do terreno, proximo á capella do Senhor do Arnado, desta cidade, acharam hoje uma porção de dinheiro, junto ao alicerce da mesma capella, do lado da insua de S. Domingos.

Não se sabe que quantia era, porque os pedreiros fugiram. Um é da Arregaça, e outro de Maiorca. O da Arregaça já foi mandado procurar pela auctoridade, mas não appareceu.

Na parede da capella, a distancia de um metro do sitio onde appareceu o dinheiro, distinguem-se gravados na cal, uns algarismos em forma antiga, que dizem 270$000 rs. Terá isto alguma relação com o dinheiro apparecido?

A actual capella do Senhor do Arnado foi feita por João Carvalho, mestre de obras do logar de Cellas, em virtude do contrato que assignou em 5 de Agosto de 1723.

Morte repentina. — Hoje falleceu repentinamente no largo de Samsão um pobre velho, distribuidor de jornal o *Progressista*. Suppõe-se que foi em resultado de uma aneurisma, porque lançou grande porção de sangue pela boca.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO

1 OBRAS DE COSTUREIRAS de qualquer genero, por preços commodos: costuras lisas, e bainhas a 10 reis o metro.

Viuva Duque, largo do Museu, n.º 74.

8—LARGO DA FEIRA—10

BAIRRO ALTO

2 BOA AMENDOA de Lisboa e lindas cartonagens.

3 VINHO ESPECIAL. Vende-se na rua das Solas, n.os 12 e 14.

O MELHOR QUE HÁ

4 NOVAS CORDAS para violão, guitarra e berdegais.

Superior amendoa de Lisboa

SOPHIA 26 a 30

Gonzaga Junior

CAIXEIRO

5 PRECISA-SE de um caixeiro com pratica de mercearia. A quem convier dirija-se á rua dos Sapateiros, n.os 88 a 94.

SEVERO & IRMÃO

Livreiros e encadernadores

COIMBRA

6 ACABAM de receber grande sortimento de livros de missa e Semana Santa, preço de 300 a 6$000 rs. com capa de marroquim, chagrin, veludo, tartaruga, madreperola e marfim; variedade de ornatos e signaes para livros religiosos; sortimento de livros em branco, de todos os formatos; objectos para escriptorio; albuns para retratos e paizagens; vendem e alugam romances dos melhores auctores, etc., etc. Encarregam-se de toda e qualquer obra de encadernação, tanto em veludo como em chagrin, responsabilisando-se pela perfeição e segurança.

Chapeus para cabeça de senhora

7 ACABA DE CHEGAR ao novo estabelecimento na rua do Visconde da Luz, n.º 90 a 94, um lindo sortimento de chapeus de tul e veludo preto, com enfeites de côr, proprios para a estação, que se vendem por preços commodos.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social 600:000$000 a 2.000:000$000 rs.—1.ª emissão de 600:000$000 rs., divididos em 12:000 acções de 50$000 rs. cada uma.

8 A SUBSCRIPÇÃO para os tomadores de acções, tanto de Coimbra como de fóra, abriu-se no dia 5 e fecha-se no dia 16 do corrente mez de Março, desde as 9 horas da manhã, até ás 3 da tarde, em casa dos srs. commendador Manoel dos Santos Junior, praça de S. Bartholomeu, n.º 56; José Barbosa Lima, rua da Calçada, n.º 106; e José Maria Simões Leite, largo da Feira, n.º 32 e 33.

O subscriptor, no acto de inscrever-se, entrará logo com 1$000 reis de cada acção, quantia esta que lhe será levada em conta no acto da ratificação ou pagamento da 1.ª prestação. A 2.ª prestação pedir-se-ha antes que o Banco comece a funccionar, e ambas ellas serão de 5 por cento, ou de 2$500 reis por acção. A 3.ª prestação e subsequentes só serão exigiveis no caso em que as operações do Banco avultem de tal modo que se necessite de maior capital, não se podendo, entretanto, pedir aos accionistas mais de 5 a 10 por cento, e isto com um intervallo de 60 a 90 dias entre cada uma das prestações.

Aos individuos encarregados de receberem a subscripção, ou a qualquer dos membros da commissão installadora, se poderão dirigir os que pretenderem outros esclarecimentos.

Coimbra, 5 de Março de 1874.

Os membros da commissão installadora;
Manoel dos Santos Junior
Antonio d'Oliveira
José Antonio Ferreira Manso
José Barbosa Lima
Antonio Corrêa Lemos
Joaquim José de Sousa
José Melchiades Ferreira Santos

CAIXA FILIAL DO BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

Praça de S. Bartholomeu, 79 a 81

Desconta lettras da terra, até 3 mezes de prazo, a 6 por cento ao anno.

Empresta sobre penhores d'ouro, prata, brilhantes e papeis de credito a 6 por cento ao anno.

Logar para um professor

10 NO COLLEGIO de Nossa Senhora da Conceição, desta cidade, ha logar para um professor de instrucção primaria, porem interno, que não tenha outras obrigações fóra do collegio. O que tiver maiores habilitações, será mais garantido no ordenado. Tracta-se com seu director, Francisco Mendes Pinheiro.

ÁS SENHORAS

11 LAÇOS de seda e veludo, com broche, *novidade parisiense* a 850.— Pelles para o pescoço.—Brincos e medalhas de prata oxidada (ultima moda).—Escovas chimicas, inglezas, para tirar sem liquido algum as nodoas de poeira sobre a seda e para limpar luvas.

Preços diminutos.

Livraria Academica—183, Rua da Calçada, 185.

DANTAS GUIMARÃES

24 Rua do Visconde da Luz 30

12 ACABA de receber este estabelecimento, lindas **mantas** de blonde pretas, de seda e de algodão, de 600 reis para cima; e bons **failles** e sedas pretas; merinos e alpacas pretas de 270 o metro para cima; **chailes** de merino pretos, lisos e bordados; um saldo de chitas largas, côr firme, a 150 o metro! boas bretanhas brancas de 110 para cima.

O mesmo estabelecimento acaba de receber **Livros de missa** de bonito gosto, que vende por menos 20 por cento do preço geral.

13 VENDE-SE madeira de lameguein, propria para tamancos, e de cypreste. Coimbra, rua das Figueirinhas, n.º 2, das 8 ás 10 horas da manhã.

14 CHEGOU um grande sortimento d'amendoas, mandadas fazer expressamente em Lisboa.

46—Rua da Calçada—48

Cartonagens

15 LINDISSIMA e variada collecção de caixas para amendoas, recebidas ultimamente de Paris.

46—Rua da Calçada—48

Casa de chá

16 CHÁ VERDE 2$000—2$400—2$500—2$800—3$000—3$200—3$400—4$ reis o kilo.

Chá preto 2$800—3$000—3$200—3$600 reis o kilo.

46—Rua da Calçada—48

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Nova barca—FORMOSA—em 15 de Março.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

NUMERO 2778 — TERÇA FEIRA 10 DE MARÇO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A camara electiva approvou já o orçamento do estado, para o exercicio de 1874 a 1875; que foi votado quasi sem discussão. Este importante documento official, que a camara acaba de apreciar, foi escrupulosamente organisado em cada um dos ministerios, por fórma que não é facil introduzirem-se-lhe alterações sensiveis.

Se o governo não entrou por agora no campo das reformas mais rasgadas e uteis, para satisfazer aos desejos do paiz e ás necessidades dos serviços em muitos ramos da publica administração; cremos que é porque deseja não augmentar por em quanto a despeza publica, antes de findo o corrente anno economico, applicando-se sómente depois aos encargos que as novas reformas devem crear, o producto dos differentes rendimentos do estado, que se julga crescerão no decorrer de todo o presente anno economico.

E se na verdade este foi o pensamento do governo, acertado é elle; tem de certo o assentimento dos que acima de tudo prezam a dignidade e credito desta nação.

Carece realmente o paiz de muitas e importantes reformas; de modo a organisar todos os serviços mais convenientemente, e em harmonia com as necessidades da epocha e com o systema rasgadamente liberal que nos rege.

A necessidade de nos collocarmos a par das nações mais adeantadas; reclama despezas muito avultadas, a que só mais tarde o paiz póde satisfazer.

A reputação das nações, firma-se no credito e na regular administração economica. Para entrarmos desde já no vasto plano das reformas, indicadas pelo progresso das ideias e no plano governativo da actual situação politica, teriamos necessariamente de prolongar, senão de aggravar, o estado precario, e por vezes arriscado em que a imprevidencia de alguns governos collocou este paiz.

O aperfeiçoamento dos serviços de todas as repartições do estado, é uma necessidade que o governo não descura; mas para colher todas as vantagens do seu assiduo trabalho, prepara elle o terreno para que mais vigorosa seja a producção.

Pelo relatorio sobre o estado da fazenda publica, que o sr. Antonio de Serpa apresentou ha pouco nas camaras, se reconhece não só que o estado do thesouro é relativamente prospero; mas que no proximo futuro anno economico, ficaremos livres do grave embaraço, que durante muitos annos se tem opposto aos emprehendimentos, que o progresso e as conveniencias do estado exigem.

Desse documento, apresentado pelo sr. ministro da fazenda, se prova, que no proximo anno economico, não só as receitas actuaes do estado cobrirão o *deficit*, mas que teremos ainda um importante saldo.

E este estado de prosperidade, não póde deixar de se robustecer cada vez mais, com o desenvolvimento progressivo que vão tendo o commercio e as industrias; sendo de presumir que se eleve consideravelmente o rendimento das alfandegas, e de todas as fôntes de receita publica.

Estude o governo no interregno parlamentar, as reformas mais urgentes e de maior utilidade publica; para que no futuro anno, as possa propor ao parlamento, com proveito geral do paiz: não vem, felizmente, longe, a nossa emancipação economica. Por emquanto, intentar custosas reformas, seria temeridade indesculpavel, que não pode esperar-se de certo, de um governo, que tem provado as suas elevadas qualidades governativas.

O governo, apezar de reconhecer a exiguidade dos vencimentos da maior parte dos funccionarios do estado, resolveu conservar ainda por este anno as deducções. O mui louvavel desejo que o governo tem de extinguir o *deficit* no futuro anno economico, levou-o a insistir neste proposito, perante a commissão de fazenda.

Na camara electiva, o sr. deputado João Vasco Ferreira Leão, renovou a iniciativa da proposta que fizera na transacta legislatura; tendo por fim fazer approvar uma nova tabella dos salarios e emolumentos judiciaes.

Cumpre-nos, em homenagem á justiça, lembrar por esta occasião, ás camaras legislativas e ao illustre deputado, digno membro da classe judicial, a deploravel situação a que estão reduzidos os escrivães de alguns juizes ordinarios, para regular mais convenientemente os emolumentos que estes percebem.

Se a creação das novas comarcas, não vier organisar, por forma mais conveniente, o serviço judicial, e dar collocação mais vantajosa aos escrivães dos juizes ordinarios, é indispensavel attender ás justas queixas desta classe de empregados publicos.

Ainda outra classe de servidores do estado, digna por todos os motivos da protecção das camaras, é a dos professores de instrucção primaria, aos quaes chegam a faltar os indispensaveis meios de subsistencia.

As commissões de fazenda e instrucção publica, de accordo com o governo, resolveram já augmentar 10$000 reis a estes professores; em harmonia com o projecto apresentado na sessão passada pelo digno deputado o sr. Dr. Mamede. E' muito pouco, na verdade, o augmento proposto; mas o governo mostra os seus bons desejos de ir progressivamente melhorando a sorte dos referidos empregados, conforme ás forças do thesouro forem permittindo; pelo que é de esperar que no proximo anno, se elevem mais convenientemente aquelles ordenados.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXCIII

D. CARLOS

XCIII

Todas as forças sitiadas liberaes, se achavam no dia 9 de Agosto á frente da praça de Morella, occupando Borso e Pardiñas os seus anteriores pontos, a reserva o monte da Pedrera, S. Miguel á esquerda do acampamento de Borso, na continuação da linha de montanhas de Santo Isidro; a cavallaria no plano comprehendido entre o monte da ermida de S. Pedro Martyr e a torre de Miró, e o comboio de viveres e a artilheria entre as quatro posições e o quartel general.

Cabrera enviou tropas á Pobleta para obstruir o caminho desde ella até o estreito de Postes; a outras, commandadas por Arnau, as trasladou á torre do Vall, e elle, com o resto passou a occupar o barranco dos Palos, e disposta a construcção de parapeitos, entrou ás 12 da noute na praça, aonde havia feito reunir o trigo das immediações; mandando queimar as messes.

Ás 2 da manhã do seguinte dia determinou alguns movimentos, e sendo ás 6 que os liberaes se dirigiam da ermida de S. Pedro a occupar o Cap de Viñet e Cruz de Beneito, procurou resistir-lhes; fizeram-no com valentia; porém cederam, e Cabrera saiu da praça, collocou-se em Segura da Muela, em frente donde havia sido o combate, e se travou de novo, e bem porfiado e sanguinolento, na altura da Querola, cuja posição, como todas as atacadas, ficaram em poder dos sitiadores, que não deixaram de experimentar perdas notaveis, sem carecer dellas os contrarios, pois a artilheria de uma e outra parte jogou certa por algum tempo. O batalhão liberal do rei distinguiu-se neste combate.

Na madrugada do dia 11 pratica-se o ultimo reconhecimento para collocar as baterias do sitio, e sendo Forcadell e Merino, situados á esquerda do acampamento, um obstaculo para as operações do exercito sitiador, vae S. Miguel atacal-os; porém souberam resistir os carlistas, accommettendo outros ao mesmo tempo a elevação do Beltran, e n'um e outro ponto se pelejou com o encarniçamento costumado, não havendo tirado os defensores de D. Carlos o peor combate; causaram alem disso grande perda aos seus inimigos e experimentaram não pouca.

A linha exterior carlista já não existia, e ao conde de Negri se deu commando na praça. Senhores os liberaes das posições que necessitavam e tinham conquistado, começaram a construcção de baterias, não perdoando os seus inimigos meio algum para estorval-o: provocaram combates, e os começaram; porém não conseguiram o seu proposito, e foram infructuosas todas as suas tentativas, pois se lograram algumas vantagens, já apresando correios, ou estorvando algum movimento, foram insignificantes.

No dia 13 atacaram os carlistas, sem exito algum, com um morteiro e duas peças de campanha, á elevação do Beltran, cujo sitio e as alturas immediatas ao arroio Bergantes, foram theatro naquelle dia de tenaz peleja, a que não davam descanço, nem tregua uns e outros, admirando tanta constancia.

Neste dia se apresentou um parlamentario, cujo cavallo foi morto pelos tiros que lhe dispararam os carlistas.

Apurado Oráa pela escacez de subsistencias e o augmento dos feridos de cada dia, pelo continuado fogo dos postos e das acções, mandou rompel-o contra a praça ao amanhecer do dia 14, conseguindo apagar de prompto o de algumas forças inimigas, e batendo em brecha o muro, comprehendido entre a porta de S. Miguel e a torre Redonda.

A artilheria da praça respondeu com acerto, e quando advertiram os sitiados o ponto aonde se pretendia abrir brecha, construiram na sua frente um grosso espaldão com saccos de terra, e outras obras, para reduzir aos assaltantes a um espaço muito limitado, contra o que podia fazer-se fogo com um batalhão. Perdeu-se alguma gente nestas obras; e no Castello, ao tempo de dar fogo ao morteiro de 10, que acabava de fazer um tiro esforçado, que levou a bomba á ermida de S. Pedro Martyr, se escapou ao artilheiro o *deita fogo* da mão, e foi parar a um local onde havia um caixão de polvora e algumas munições que voaram, causando tambem perdas.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 9 de Março de 1874.

A politica tem corrido apparentemente mais agitada em S. Bento, mas realmente tranquilla na capital e em todo o paiz. O orçamento da despeza foi discutido n'uma só sessão; nenhuma proposta foi apresentada para realisar economias, antes algumas para augmentar a despeza. Desta forma bom foi que a discussão do orçamento andasse depressa.

A commissão de fazenda deu já o parecer sobre as propostas, que foram offerecidas durante a discussão do orçamento, o qual parecer foi já distribuido pela camara, assim como um projecto de lei da commissão de instrucção publica, de iniciativa do deputado Gonçalves Mamede na sessão do anno passado, pelo qual é elevado a 100$000 rs. o ordenado de todos os professores e mestres de instrucção primaria, que vencem actualmente menos pelos cofres do estado.

O mesmo deputado por Coimbra tambem apresentou um projecto de lei, para serem elevados os vencimentos do administrador e dos facultativos dos hospitaes da Universidade, os quaes realmente estão muito mal remunerados na actualidade.

O Dr. Teixeira apresentou, como consta do *Diario das Camaras*, dois projectos de lei: um para a creação da faculdade de Sciencias, tendo por base as actuaes faculdades de Mathematica e Philosophia, outro para a creação d'uma faculdade de Philosophia e de Letras: ambos estes projectos dão a medida do elevado talento de tão distincto professor, do seu grande estudo, e dos muitos conhecimentos que possue nestes ramos de sciencias.

Nas commissões reunidas, de fazenda e obras publicas, approvou-se o pensamento do governo de dotar com duas linhas ferreas as provincias da Beira Alta e da Beira Baixa: por incommodo de saude faltou o deputado por esse circulo, e mais alguem cujas opiniões são bem conhecidas a favor do traçado do primeiro caminho de ferro pelo sul do Mondego. Era obvio que em tal reunião não podia tratar-se da questão da directriz, visto que o ministro das obras publicas declarara não ter ainda os estudos indispensaveis.

Como sabe os traçados que se comparam são: o que parte da Mealhada; o que entronca em Mogofores: o que partindo de Coimbra atravessa o Mondego e segue para Miranda do Corvo; ainda outro que entroncando em Taveiro vai a Miranda egualmente; e o que é indicado para partir de Thomar, afastando-se da linha do Norte, e seguindo tambem para Miranda.

Ha quem desconfie, que não será facil encontrar companhias que pretendam construir a linha da Beira Baixa; outros asseguram que sim. Em todo o caso o preço da subvenção, póde influir na solução; mas por certo o governo não quererá que as concessões se realisem por preço elevado. Este é tambem o desejo da camara.

E' pena que na actual sessão não tenha podido fazer-se mais alguma cousa de interesse publico: ainda assim é de esperar que mais alguma cousa se alcance do parlamento até ao fim da legislatura. As questões eleitoraes ultimamente levantadas nos differentes districtos, passaram para o parlamento: sempre assim aconteceu; e se alguma cousa podemos extranhar, é o excesso da linguagem que se emprega contra o ministro do reino, que é um verdadeiro liberal, e que deseja administrar com toda a justiça e imparcialidade. Mais tarde os seus adversarios, tomando conhecimento de muitos factos, que honram o caracter do ministro, e os seus muitos conhecimentos sobre administração, lhe farão justiça.

O governo emprega todos os esforços, e a sua muita prudencia e moderação para assegurar a paz, pois deste modo, sem gravar os contribuintes, vê crescer as rendas publicas, e protege o grande desenvolvimento commercial e industrial que se nota em todo o paiz.

E por esta occasião dirigimos os nossos parabens ao commercio de Coimbra, pelos esforços que emprega para fundar um banco n'essa cidade. Era uma grande necessidade proporcionar capital barato a todas as emprezas nascentes.

* * *

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 9 de Março de 1874.

Continuou no sabbado a discussão ácerca das chamadas irregularidades, que a opposição diz se tem dado no districto de Aveiro por occasião das eleições dos procuradores á junta geral.

Os histriões opposicionistas, que nem se sabe se são historicos, se... reformistas (eu queria fugir á rima, mas não me foi possivel), cujas evoluções, tem attrahido as attenções das galerias, e provocado as risadas da camara, incluindo os seus proprios amigos politicos, têem sido os srs. Luciano de Castro, Luiz de Campos, e Rodrigues de Freitas. O sr. ministro do reino, com a sua proverbial pacatez e bom senso, tem rebatido com prudencia e talento as verrinas dos seus adversarios, os quaes nem ao menos conhecem as mais triviaes noções da delicadeza. O que todos nós devemos lastimar, como sensatamente disse o distincto jurisconsulto, o sr. Dias Ferreira, é que se tragam para a discussão questões pessoaes.

E effectivamente é o que tem sido a discussão, que ha dias se alimenta na camara dos deputados—questões pessoaes. As questões puramente de interesse geral, são descuradas, entretanto que as questões pessoaes, são latitudinariamente mantidas, com prejuizo de todos, e descredito do systema constitucional.

Mas isto não nos contrista em extremo. O que nos afflige foi a declaração do sr. Luiz de Campos, que disse, que nas eleições de deputados a que proximamente se vae proceder, havia de *resistir energicamente* contra as prepotencias do governo. Ferrabraz de nova especie, vae mandar amolar a durindana para cortar as... cabeças daquelles que pretenderem eleger um candidato em contraposição á sua illustre individualidade. Eu receio muito pelos eleitores do circulo de Vizeu, se elegerem candidato governamental, receio...

E assim se passa o tempo, e a opposição embaraçando sempre as discussões uteis. São rapazes. A culpa não é d'elles. E' dos eleitores que os elegeram para os representarem em S. Bento. Aprendam para o futuro, e sejam mais cautelosos na escolha. Sejam os eleitores opposição ao governo, mas elejam quem os saiba representar dignamente, e mais que tudo, decentemente.

O *Jornal do Commercio* de hontem, no seu artigo de fundo, referindo-se ao tempo malbaratado pela camara dos deputados, conclue com o seguinte periodo, que não póde dizer senão respeito á opposição:

«Era já tempo de que as nossas assembleias politicas se respeitassem, e que dessem ao povo melhores exemplos do que aquelles que a camara dos deputados nos tem apresentado nos ultimos dias.»

Hoje continua na camara o mesmo incidente. Bem empregado tempo, não acha?

—Ainda nesta sessão será apresentado ao parlamento o relatorio sobre a emigração chineza.

—Falleceu e sepultou-se hontem no cemiterio dos Prazeres o digno par do reino Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão, illustração da magistratura portugueza.

A este respeito diz o *Jornal da Noite* de sabbado:

«Effectuou-se hontem, como noticiamos, o enterro do sr. conselheiro e ministro de estado honorario, Silva Ferrão. As honras funebres militares, que lhe eram devidas, prestou-lh'as uma divisão composta de uma brigada de artilheria, uma de cavallaria e duas de infanteria, sob o commando do sr. general Talaya.

«Pessoa que assistiu ao funeral nos informa de um facto que não podemos explicar rasoavelmente.

«Quando o sr. general Talaya passou revista ás tropas da divisão, devendo fazel-o a todas que estavam presentes, exceptuou a artilheria. Não sabemos porque isto fosse. Não podia ser por desconsideração para com a arma, porque s. ex.ª é extremamente bem educado; não devia ser por esquecimento, porque s. ex.ª não esquece nunca os deveres do seu cargo; não podia tambem ser por deferencia, porque isso importava menos consideração para com os outros corpos.

«Quando terminaram as salvas do estylo, s. ex.ª mandou regressar os regimentos a quarteis e segunda vez exceptuou nesta ordem a brigada de artilheria.

«Quando o sr. major commandante da brigada mandou um subalterno receber as ordens do digno commandante da divisão, já s. ex.ª se tinha retirado do campo.

«A serem verdadeiras estas informações, como cremos, por nos serem dadas por pessoas fidedignas, a artilheria não tem razão nenhuma para agradecer o tratamento que recebeu.»

—Vae ser editado pela *Bibliotheca Universal* o romance do distincto jornalista e litterato, o sr. Teixeira de Vasconcellos: «*Lição ao Mestre*,» que foi publicado em folhetins no *Jornal da Noite*, do qual s. ex.ª é proprietario e indefesso redactor. As letras patrias enriquecem-se com mais um volume do distincto escriptor, que occupado nas lides parlamentares e jornalisticas, tem descurado, e muito, os trabalhos propriamente litterarios. Isto não é censura. São desejos de que s. ex.ª produzisse mais obras primas, como o romance a que alludimos, como as *Viagens na terra alheia*, e outras; e dramas como a *Botina Verde*, o *Dente da Baroneza*, etc. Não se arrependerá pois, a casa editora Lucas & Filho, de editar o romance de s. ex.ª, que será procurado como modelo de linguagem, e por outros muitos attractivos que todos os que têem lido as obras de Teixeira de Vasconcellos, lhes reconhecem.

—As exposições de creanças continuam. A roda porém, encontra-se patente para aquelles que, por comprovada pobreza, não pódem alimentar os filhos. Para mim estes factos conduzem-me a uma unica e grave solução—a immoralidade.

—Temos já os tres volumes do 93 de Victor Hugo. E' aquillo a que se chama—*gato por lebre.*— Composição e impressão franceza, esta muito nitida, mas... mais nada. Que falle verdade a critica, e que diga se o auctor da *Nossa Senhora de Paris* ainda possue o senso commum.

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

CORRESPONDENCIA

(Continuação)

A conferencia aprazada para as 10 horas, só começou, cerca do meio dia, *sendo presentes apenas tres dos cinco cavalheiros*, porque de dois se disse que não podiam comparecer.

Sobre proposta minha, para que fosse incluido na composição um assumpto, que ainda não estava, mas podia vir a juizo, começou por elle a investigação.

Penso que v. ex.ª não terá ainda esquecido a extranha decisão, que sobre elle eu ouvi. E tal foi ella que v. ex.ª, reflectindo de certo na injustiça, que se me fazia, e no pezar que por ella manifestei, dignou-se dizer que se desse o dicto por não dicto, e se adiasse a resolução do ponto, para *compensação* (?) *final!*

Lembro este incidente apenas para declarar, que lhe attribuo o mallogro das diligencias d'esse dia, por quanto, insoberbecido o sr. Francisco Henriques com o apoio, que viu se lhe dava, se desmandou, no seguimento da conferencia, contra mim em excessos de *expressões e gestos*, por forma, que tive que pedir licença a v. ex.ª para me retirar, o que com effeito logo fiz, unico expediente para evitar que a minha moderação, já posta á prova da cobardia, o fosse tambem á prova da falta da dignidade pessoal, ou que para salvaguardar esta, tivesse de empregar meios, que a minha indole e situação não podiam approvar. Mas silencio sobre as impressões desse dia doloroso!

Depois de meia a uma hora de intervallo, v. ex.ª e os dois outros dignos arbitros presentes deram-me a satisfação de os ver em minha casa.

Conversou-se sobre as occorrencias dadas; expuz que me parecia impossivel todo o accordo, attento o procedimento havido comigo; v. ex.ª instou; eu obedeci, e condescendi em nova conferencia, que depois se aprazou para a casa do club no largo da sé velha, no dia 14 de Abril, então na ausencia do sr. Francisco Henriques, que havia regressado a Guimarães, e por isso tornava possivel que podesse estar já presente o sr. Dr. Chaves e Castro, que o mesmo sr. não desejou ver na primeira conferencia, e se lhe fez a vontade!

Vou relatar fielmente o que nella se passou:

1.º *Sobre divisão de bens da Bairrada*, que o sr. Francisco Henriques teima em me pedir (de certo para dar algum valor a um miseravel inventario para que me fez desnecessariamente citar), depois de estar embolçado do seu terço nesses bens, montante em 1:090$620 reis, diziam v. ex.ªs que não podiam tratar, *por que não tinham instrucções*, pois que nem em tal lhes fallara; mas que acreditando a minha affirmativa, guardavam para o fim o decidir d'esse particular negocio, *havida a competente auctorisação.*

D'aqui hade concluir-se, em verdade, que a *carta branca* expedida, era branca de mais; e que ao menos nesta especialidade foi o auctor d'ella, e não eu mesmo, quem dava causa, a que a transacção não podesse proseguir.

Mas a v. ex.ª deixo avaliar, se eu que tinha tido a boa fé de contractar com o sr. Francisco Henriques uma partilha parcial, sem a confecção do respectivo titulo (a mim só necessario, porque quinhoei bens, e não dinheiro como elle), havia dar-me por satisfeito com uma composição, que me deixasse ainda com a responsabilidade desta partilha a descoberto por falta desse titulo! *E o mais é que as taes instrucções nunca appareceram, no curso desta negociação!*

2.º Sobre um aqueducto, que deu base ao sr. Francisco Henriques, para intentar contra mim *tres acções*—duas fundadas *em ter servidão*, e uma e ultima *em a não ter* (!) e por isso pedia lhe fosse adjudicada, concordaram v. ex.ªs em que lhe não assistia direito algum para a haver, como a elle haviam já declarado, mas affirmavam que lh'a haviam de dar no accordo!

Replicava eu, que isso me não parecia justo, porque, se elle não tinha direito a exigir-m'a, só eu tinha direito a dar-lha, e *promettia fazel o até por titulo registavel.*

Não póde ser, diziam v. ex.ªs, porque elle recusa favores da sua mão, e só os recebe da nossa, para não ficar humilhado! e de mais nem v. mercê tem justa razão de se oppor ao que dizemos, se faz conta de lhe dar a referida servidão, como nós acreditamos.

Mas eu acudia: se ha humilhação em receber favores, eu não o obrigo a acceital-os; e humilhado em verdade sou eu, impondo-se-me um encargo a que não estou sujeito por lei. E tenho justa razão de opposição a que a liberalidade parta de v. ex.ªs, e não de mim, porque é necessario que o sr. Francisco Henriques expie o peccado de familia, que commetteu, impellindo a irmã commum a lavrar-lhe um titulo, para servir-lhe de base á terceira das acções contra mim: cumpre que lhe não aproveite acção tão feia.

Mas v. ex.ªs não se demoviam de exercer a largividade por minha conta.

3.º *Sobre estrada da quinta*, v. ex.ª e o sr. Dr. F. concordavam depois de certa discussão, em lhe não concederem a elle direito algum, mas pretendiam que eu cedesse uma *nesga* d'ella, para que o sr. Francisco Henriques podesse construir estrada sobre si, como já teve; mas como a separação dessa nesga dividia em duas a estrada em questão, e obstava por isso ao transito, davam-me em compensação uma fracção de terreno, de que o sr. Francisco Henriques é senhorio directo.

Eu annuia á cedencia e repellia a compensação. Mas então fica v. mercê sem estrada, atalhavam v. ex.ªs.—E' o mesmo, respondia eu; antes isso, que receber d'elle uma linha de terreno. Mas isso é capricho, accrescentavam v. ex.ªs. Tornava eu; será, mas eu começo a vel-o em pretender tirar por força uma sorte de terra a estrada, a titulo de precisar d'ella para fazer estrada sobre si, quem tem uma quinta, que confina na distancia de *meio kilometro* (*consta das declarações dos srs. louvados nos autos*) com a estrada publica da Figueira, e póde por isso n'ella abrir quantas estradas queira, e de todas as dimensões possiveis (*tudo consta das mesmas declarações.*

A conferencia acabou depois da meia noite, dando-se por frustrada a composição.

Mas v. ex.ª hade ter a bondade de ouvir ainda agora, que eu nunca recuei na arbitragem, *antes declarei sempre, que me comprometia a firmar o resultado d'ella, qualquer que elle fosse*, como podem declarar ainda hoje os mais cavalheiros presentes, *cujo testemunho todavia não vou mendigar, porque assentei de não bulir com quem não bole comigo.*

A questão esteve só em que v. ex.ªs pretendiam que eu declarasse que ficava satisfeito com as suas soluções; ao que eu ponderava: *—isso nunca!*

Para condescender com o sr. Dr. Chaves e Castro, que me tem dispensado a *mercê desinteressada* de quinhoar comigo os dissabores, que o sr. Francisco Henriques me tem causado, dias depois accedi, *aliás contrafeito*, (perdôe-me s. ex.ª) a acceitar a tal fracção de terreno, em compensação da nesga *expropriada*, e com este motivo reabriram-se as relações com v. ex.ª, que deu dia para nova conferencia, com a condição de que eu não tomaria parte n'ella, homem *apaixonado*, como era! mas sómente o mesmo sr. Dr. Chaves e Castro, representando-me a mim; porque já não pezava sobre s. ex.ª a excommunhão maior do dia 4!

Por deferencia com este cavalheiro, que não cessava de recommendar-me moderação, deixei de proceder como procederia o homem medianamente melindroso, traguei a humilhação, e pedi ao sr. Dr. Chaves e Castro, que se dignasse de ir á conferencia e representar-me n'ella.

Teve esta logar no dia 21 de Abril, e nella se concluiu um accordo, de que tenho copia.

Quando esperava vel-o sanccionado, constou-me depois que o sr. Francisco Henriques escrevera a v. ex.ª, que recusava referendal-o, *a despeito da sua carta branca*, e que v. ex.ª accrescentara, que tambem pela sua parte não tratava de lhe fazer acceitar as condições estipuladas, porque entendia que ellas humilhavam o sr. Francisco Henriques; e ultimamente foi-me participado pelo sr. Dr. Chaves e Castro, da parte de v. ex.ª, que v. ex.ª declinava o encargo de medianeiro para decidir, e sómente o conservaria para levar os dois a uma nova arbitragem em cavalheiros differentes!

Pedi então ao sr. Dr. Chaves e Castro, que tivesse a bondade de dizer a v. ex.ª, que pois recusava entrar na arbitragem, nada mais havia a fazer, porque o compromisso era directamente em v. ex.ª

E assim acabou este malfadado negocio, que me não deu pequenos desgostos e ainda agora o de ter de me dirigir, por este modo a v. ex.ª, a quem só quizera inderessar palavras de satisfação extreme.

E sobre elle só me falta accrescentar, que se é certo que o sr. Francisco Henriques deu a v. ex.ª carta branca, para tudo, e se prestou a acceitar tudo quanto por v. ex.ª e pelos dignos arbitros fosse decidido, tambem não deixa de ser verdade que v. ex.ª para comigo se mostrou sempre medianeiro com poderes coarctados, e quasi sem instrucções, pois sempre que interrogava a v. ex.ª sobre a projectada resolução de alguns pontos em questão, muitas vezes declarava que consultaria o sr. Francisco Henriques.

Em conclusão permitta v. ex.ª:

1.º que eu appelle para v. ex.ª mesmo da sua injustiça para comigo, lançando á minha unica responsabilidade o mallogro da composição, porque se alguma culpa tive (o que me não parece) mais alguem foi culpado em se não levar ella a effeito.

2.º que ainda hoje repita, que me era impossivel mostrar-me satisfeito com as soluções manifestadas por v. ex.ª, porque equivaliam a condemnar-me em os pleitos, sem attender a razões.

Podera accrescentar, que sendo o compromisso em *cinco* cavalheiros, um não chegou a pronunciar-se, e *dois* nem a tomar parte nas conferencias, para concluir d'ahi que não podia haver solução adoptada regularmente, cujo mallogro eu occasionasse; e ainda que no accordo de 21 d'Abril se prescinde de dois cacavalheiros, esse accordo, que aliás não foi por deante, não pode prestar argumento contra o que digo.

E por ultimo podia ainda ponderar que, nas mesmas arbitragens amigaveis não deve ser licito pôr de parte o exame dos factos e do direito, para accusar depois os litigantes, que pedem se faça obra por este e por aquelles.

Mas é bastante o que digo para minha justificação, e um dia virá em que v. ex.ª hade julgar mais favoravelmente do meu procedimento. Assim o espero.

Não fecharei esta carta, sem declarar a v. ex.ª que a seu respeito me opprime hoje uma dor: pensar que a nossa antiga amisade o levaria a desejar prestar-me um serviço, e ser isto occasião de que v. ex.ª tenha soffrido, por este motivo, algum desgosto por leve que seja.

Sou com especial consideração

De v. ex.ª cr.º e venerador
mt.º respeitoso e obgd.º

Coimbra, 5 de Março de 1874.

Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco.

Onde em o numero precedente se lê:— *o do desempenho*, deve ler-se:—*desempate.*

No sabbado escreverei ao exm.º sr. desembargador Dr. Antonio de Vasconcellos Pereira Coutinho de Macedo, e por uma só via, obtida a venia previa do illm.º sr. Joaquim Martins de Carvalho, ambos meus antigos amigos.

Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco.

NOTICIARIO

Colonisação e emigração para o Brasil—O sr. Augusto de Carvalho, illustrado escriptor brasileiro, que ha annos tem vivido em Portugal, offereceu-nos o seu recente livro:—*Estudo sobre a colonisação e emigração para o Brasil*—que acaba de ser impresso no Porto.

Neste volume, de 446 paginas, mostra o sr. Augusto de Carvalho, em uma linguagem sempre fluente, e por vezes brilhante, que tem feito um profundo estudo da historia do Brasil, e que se acha perfeitamente habilitado a defender a sua patria das accusações injustas, que lhe tem dirigido muitos escriptores de varios paizes da Europa.

Já conheciamos o sr. Augusto de Carvalho, pela sua publicação do anno de 1869:—*O Brasil e o Paraguay. Refutação á carta que com aquelle mesmo titulo e anonymamente foi dirigida a S. M. I. o senhor D. Pedro II*—e as opiniões muito sensatas ahi expostas, nos dispunham favoravelmente a respeito do seu auctor.

O sr. Augusto de Carvalho, fazendo rasgada profissão das suas ideias liberaes, separa-se dignamente das pisadas seguidas por certos escriptores, que julgam que para ser liberal, é mister injuriar o imperador do Brasil, e negar-lhe o seu incontestavel merecimento.

Muito bom senso revela egualmente o sr. Augusto de Carvalho, no seu—*Estudo sobre a colonisação e emigração para o Brasil.* E assim o dizemos, ainda que possamos discordar n'um ou outro ponto das suas opiniões.

Desviando-se completamente da rotina seguida por aquelles, que tratam imprudentemente de accender os odios entre os dois povos, portuguezes e brasileiros, que aliás são irmãos pela origem e pelo mutuo interesse; discute com placidez as questões economicas e sociaes, tratando só de ser util á sua patria, sem offensa, antes com louvor de Portugal.

Não podemos resistir ao desejo de transcrever os seguintes periodos do livro do sr. Augusto de Carvalho:

«Vejamos agora os varios successos que concorreram durante a povoação dos dilatados territorios do Brasil.

O brasileiro que, com animo imparcial, razão despreoccupada, intelligencia clara, percorre as paginas gloriosas da historia d'este estreito, mas por tantos titulos heroico paiz, não pode deixar de se sentir tomado de verdadeiro enthusiasmo, como filho a quem o passado de seu pae é sufficiente motivo para verdadeiros jubilos e ufanias, e garantia incontestavel de um presente de tristeza, de mingua e de fataes contrariedades.

Aqui se embotaram as finas e temperadas espadas dos mais valentes e experimentados generaes das legiões romanas.

Aqui o orgulho e a philaucia de Galba bquearam ante a explosão de patriotismo que fez de Viriato um heroe.

Aqui se enfraquece, agonisa e expira aos golpes certeiros, despedidos pelo braço robusto de Affonso Henriques, o vulto ameaçador e sempre temido da moirisma.

Aqui brota e se acrysola o sentimento da lealdade, que torna bem pronunciada a physionomia politica dos portuguezes, nos rigidos caracteres de Egas Moniz e de Martim de Freitas.

Aqui pulsou de entranhada ternura o coração da desditosa Ignez, cujo martyrio tão triste fez da bella Coimbra como que um verdadeiro Golgotha de amor, de dedicação e virtude, onde se apuraram os santos principios da religião e da patria, que as mães e esposas portuguezas tão bem souberam inocular no peito de seus filhos, geração de heroes, que com as espadas traçavam as raias d'este povo, e com as sondas tacteavam a profundidade dos mares.

Aqui se pelejou aquella memoravel batalha de Aljubarrota, que tão brilhantemente fecha o primeiro periodo da historia portugueza, firmando sobre bases solidas a estabilidade do reino, e abrindo vasto campo ás insignes conquistas que tanto o illustraram.

Aqui tiveram seu nascimento os valentes que implantaram em Ceuta o pavilhão das quinas, e que, se a morte o não houvera colhido tão cedo, teriam estendido o dominio de D. João II até alem do Cabo das Tormentas.

Aqui, a estas abençoadas plagas, vem pousar um dia a Gloria, como que querendo disputar tambem para si a honra de guiar os impavidos galeões do Gama; e attenta sempre, e perscrutando solicita os horisontes, suspende a um aceno seu as tempestades, calca e abate o dorso empolado das vagas, e compondo e amaciando o *gesto horrendo* do intractavel Adamastor, vence-o com um só de seus inebriantes sorrisos, e cinge de uma aureola immortal a fronte do celebre navegador portuguez, que para logo se constitue benemerito da humanidade.

Aqui, em fim, se acolhe a Fortuna, que aberto o regaço á febre do genio portuguez, se vae, oceano a dentro, indispondo os elementos contra a armada de Cabral, a quem, muito de industria, desvia da rota que levava para, já depois de perdido no immenso labyrintho dos mares, quasi apagada a fé e o esforço no peito, lhe mostrar a seus olhos, ainda irradiantes de um clarão de esperança, o vulto gentil e magestoso daquellas ignoradas terras de Santa Cruz.

Guerreiro illustre, argonauta audaz, descobridor aventuroso e feliz, missionario do progresso, obreiro da civilisação, desterra de teu peito, oh Portugal, a mais leve sombra de tristeza que possa turvar o teu nobre aspeito; vendo passar por diante de ti, impando de vaidade e de insolencia, os grandes de hoje, pigmeus de out'rora, que se sumiam na poeira de teus passos de gigante.

Porque descaes assim, desgracioso e triste, pendão glorioso das quinas?!

Já não levas aos combates aquelle punhado de bravos, que encheram o mundo com a fama de suas estupendas façanhas?!

Já não tremúlas, altivo e donairoso, no topo do mastro grande das galeras, que fizeram rodar sobre seus gonzos os soberbos portões do Oriente?!

Já te não desfraldas, orgulhoso e protector, espelhando-te nas aguas do Adriatico e fazendo empallidecer o crescente musulmano?!

Embora!

Abre-te ainda ufano! Não menos gloriosa é a tua missão no presente. Manto da verdadeira realeza pelo trabalho, pelas artes, pela sciencia, envolve nas tuas dobras os fructos de uma sociedade nova, espalha pelo mundo a certeza de que neste cantinho do Occidente se agita um povo que, posto que apeado de seu poderio material, não cede a nenhum outro em culto e fervor de liberdade e humanidade.»

Transcrevemos outros periodos, para mais se apreciar o livro do sr. Augusto de Carvalho.

«É bello ver como nas difficeis conjuncturas da vida dos povos, no meio da lucta em que se travam ideias e sentimentos tão divergentes, em que se ferem pelejas tão sangrentas, sobrenada sempre á flor deste oceano revolto de tempestades violentas, o eterno principio da justiça, o brado ingente da verdade, que irrompe expontaneo e irresistivel de labios que a paixão não pollue nem paralisa.

Não dissimularemos que no circulo das relações que ligam o Brasil e Portugal, gravitem á superficie injustas malquerenças, estupidos preconceitos que, ainda bem, não conseguem penetrar no coração quer de um, quer de outro povo, sem que muito antes tenham sido severamente condemnados no tribunal secreto de quem, sem criterio, os auctorisa. E assim se vende facilmente a mentira pelo prazer do applauso alvar de quem a escuta, e nem mesmo chega a presumir do mal funesto que vae pesar sobre intendimentos tibios e vacillantes, juizos pouco seguros e definidos, tendentes a interceptar a irradiação de amor e fraternidade, que devem apertar ainda mais os vinculos naturaes entre as duas nações amigas, politicamente separadas, mas constituindo todavia uma só familia.

Felizmente como correctivo a taes prejuizos se ergue muitas vezes a voz auctorisada dos homens esclarecidos, desfazendo os nevoeiros da ignorancia e abalando a tenacidade da malevolencia.

No decurso deste escripto crêmos ter deixado bem accentuado o proposito de mostrar ao mundo e á historia que o amor, a estima, o respeito que portuguezes e brasileiros mutuamente se devem, já em outros tempos e nas maiores effervescencias politicas era uma expressão de verdade proferida sempre por caracteres que, conhecendo-a, se prezavam de a respeitar e defender.

Ainda uma vez mais collocaremos aqui a par as manifestações de sincera amisade e leal devoção de dois dos mais probos e illustrados escriptores, a quem tanto deve a litteratura de ambos os paizes, e cujas almas se entrelaçavam, como de poetas que eram, no enthusiasmo commum de seu fervoroso pensamento pelo nome e vida das duas patrias, que entre si parecia quererem trocar.

Um, Claudio Manoel da Costa, o cysne de Minas, exprimia assim no prefacio de suas obras o seu entranhado amor a Portugal:

«A desconsolação de não poder substabelecer aqui as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego, me fez entorpecer o ingenho dentro do meu berço; mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a maior paixão.»

Outro, Almeida Garrett, escriptor que só por si vale uma litteratura inteira, traçava, como vidente que era, os delineamentos do Evangelho politico, no qual, para bem dizer, se inspiraram os brasileiros na elaboração rapida e maravilhosa de sua independencia.

Assim se expandia a alma do grande poeta:

Oh! virgens plagas de Cabral famoso!
Se barbaros outr'ora
Vos lêvamos grilhões, levamos ferros
(Que tambem arrastavamos),
Hoje comvosco alegre repartimos,
Irmãmente vos damos
Parte egual d'esse dom que os ceus nos deram,
Que a tanto custo houvemos.
Lá vae, lá surge em terra, avulta e cresce
A lusa liberdade.
Folgae, folguemos: portuguezes todos,
Em laço egual unidos,
Sobre o seio da patria reclinados,
Como irmãos viveremos.
Oh! seja eterna tão feliz concordia!
Mas se, em má hora, um dia
(Longe vá negro agouro!) dessa escura
Caverna, onde o prendemos,
Resurgir ferreo o despotismo ao throno,
Então hasteae ousados
Os pendões da sincera independencia.
Sim, da paterna casa
Salvae vós as reliquias, os thesouros,
Antes que os roube o monstro.»

Ainda nos não despedimos de em outra occasião fazer mais algumas transcripções do interessante livro do sr. Augusto de Carvalho. Por agora só nos limitamos a agradecer o exemplar que nos foi offerecido.

Nova sociedade em Soure.— Acaba de ser creada na villa de Soure uma sociedade Litteraria e Artistico-Dramatica. Os estatutos já foram approvados em conselho de districto, no dia 5 de Fevereiro.

Erratas.— Na correspondencia do sr. Francisco Henriques de Sousa Secco, publicada em o n.º 2775 do *Conimbricense*, devem-se corrigir os seguintes erros:

A paginas 2, columna 3.ª, linha 46, onde se lê:—a todas ellas— deve ler-se— a todos elles.

A paginas 2, columna 3.ª, linha 84, onde se lê: —tantos outros feitos— deve ler-se— tantas outras feitas.

A pagina 3.ª, columna 1.ª, linha 75, onde se lê—declaração do *Conimbricense*— deve ler-se—declaração do n.º 2765 do *Conimbricense*.

Paginas 3.ª, columna 2.ª, linha 16, onde se lê:—e julgue-se de nós ambos—deve ler-se—e julgue de nós ambos.

ANNUNCIOS

Hospitaes da Universidade de Coimbra

1 ANNUNCIA-SE, como urgente, o provimento interino do logar de capellão dos hospitaes da Universidade. Entre as obrigações deste logar, a que se exige agora como essencial é ministrar os soccorros espirituaes aos moribundos. A remuneração é de 140$ reis annuaes e habitação no estabelecimento. Hospital em 10 de Março de 1874.— O administrador—*Costa Simões*.

DANTAS GUIMARÃES

24 Rua do Visconde da Luz 30

2 ACABA de receber este estabelecimento, lindas **mantas** de blonde pretas, de seda e de algodão, de 600 reis para cima; e bons **failles** e sedas pretas; merinos e alpacas pretas de 270 o metro para cima; **chailes** de merino preto, lisos e bordados; um saldo de chitas largas, côr firme, a 150 o metro! boas bretanhas brancas de 110 para cima.

O mesmo estabelecimento acaba de receber **Livros de missa** de bonito gosto, que vende por menos 20 por cento do preço geral.

GRANDE LEILÃO DE MOVEIS

POR CAUSA DE RETIRADA DE SUA DONA

No domingo, 15 de Março, ás 10 horas da manhã, na rua da Sophia, n.º 72

3 SE HA DE VENDER em leilão os moveis que guarnecem a dita casa, constando dos objectos seguintes:

Dois GUARDA-LOUÇAS e APARADOR com seis mesas de dobradiças no interior; MESA DE JOGO; MESA DE CENTRO DE SALA, com 6 pés e pedra marmore; TREMÓ de pau preto, com seu grande e pequeno espelhos; SOPHÁ com POLTRONAS estofadas; COMMODAS e MEIAS COMMODAS com molduras e embutidos; GUARDA VESTIDOS; TOUCADOR com espelho; SECRETARIA de mogno com armarios e gavetas; CAMAS DE FERRO com seus competentes enxergões e colxões de clina e lã; MESAS DE CABECEIRA, LAVATORIOS, BANHEIRAS DE CHUVA e outras; FOGÃO DE FERRO de cozinha com fogo circular; ESTATUAS de varios tamanhos até altura natural para guarnição de casa de mesa e jardim; etc., etc.; artigos de prata, jarro e bacia; candieiro para azeite; fruteira, bandeijas, etc., etc.

Tambem se traspassa a casa que é para uma numerosa familia.

4 CHEGOU um grande sortimento d'amendoas, mandadas fazer expressamente em Lisboa.

46—Rua da Calçada—48

5 NO DIA 12 do corrente mez de Março, pelo meio dia, nos paços deste concelho, hade dar-se de arrematação, se o preço convier, o rendimento do imposto municipal indirecto sobre o vinho ordinario e aguardente, que se consumir no curato das Torres, até 30 de Junho deste anno.

As condições serão presentes no acto da praça.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 9 de Março de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

Aviso para arrendamento de casas no Bussaco

Mauricio José Pimenta, capellão administrador do sanctuario e matta do Bussaco.

FAÇO saber que pela administração geral das mattas do reino, me foram dirigidas as instrucções do theor seguinte:

Instrucções

para o arrendamento das hospedarias e quartos avulsos do convento do Bussaco.

Artigo 1.º Os arrendamentos sómente se effectuarão desde o primeiro de Abril de cada anno, para os mezes subsequentes, até o fim de Dezembro do mesmo anno.

Artigo 2.º As propostas de arrendamento serão feitas por escripto, a contar da epocha referida no artigo antecedente, ao capellão administrador da matta e sanctuario do Bussaco, sendo preferidas sempre as propostas que primeiramente se apresentarem.

Artigo 3.º Quando dois, ou mais individuos propozerem o arrendamento da mesma hospedaria na mesma data, observar-se-ha o seguinte:

§ 1.º Em egualdade de datas, serão preferidas as propostas do arrendamento mais longo, não se podendo para este effeito contar os dias, mas sómente as quinzenas.

§ 2.º Dada a egualdade das datas e do tempo de arrendamento, será preferida a proposta do individuo, que no anno immediatamente anterior houver arrendado a hospedaria que pretender.

Artigo 4.º O signatario da proposta fica responsavel pelo pagamento da renda no fim do prazo do arrendamento.

Artigo 5.º O preço do arrendamento das hospedarias e quartos avulso, consta da tabella junta, que faz parte destas instrucções.

Artigo 6.º E' permittido aos passageiros, ou viajantes, o alojamento gratuito nas hospedarias ou quartos do Bussaco, uma vez que não se demorem mais que tres dias; excedendo este prazo pagarão a renda de uma quinzena, seguindo-se d'ahi por diante a regra de que se não contam dias, mas sómente quinzenas, para todos os effeitos de arrendamento.

Tabella

a que se referem as instrucções supra, para o aluguer das hospedarias e quartos do Bussaco.

Casa da Fructa	Rs. 600	diarios
Hospedaria dos Cedros	» 500	»
Casa da Livraria	» 500	»
Hospedaria dos Limoeiros	» 400	»
Hospedaria da Horta	» 360	»
Hospedaria do Gaio	» 360	»
Hospedaria da Rosa	» 240	»
Quartos avulso (cada um)	» 100	»

N. B. Estes preços regularão para qualquer epocha ou mez do anno.

Administração geral das mattas do reino, em 7 de Janeiro de 1873.— O administrador geral (assignado) Ernesto de Faria.

Está conforme. Secretaria da administração geral das mattas do reino, 9 de Janeiro de 1873. O secretario, Joaquim Anselmo da Silva.

Nesta conformidade faço saber que na casa da administração, no convento do Bussaco, se receberão do dia 5 de Março em diante, as propostas para o arrendamento das mencionadas hospedarias.

Bussaco, 4 de Março de 1874.

O capellão administrador,
Mauricio José Pimenta.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social 600:000$000 a 2.000:000$000 rs.—1.ª emissão de 600:000$000 rs., divididos em 12:000 acções de 50$000 rs. cada uma.

7 A SUBSCRIPÇÃO para os tomadores de acções, tanto de Coimbra como de fóra, abriu-se no dia 5 e fecha-se no dia 16 do corrente mez de Março, desde as 9 horas da manhã, até ás 3 da tarde, em casa dos srs. commendador Manoel dos Santos Junior, praça de S. Bartholomeu, n.º 56; José Barbosa Lima, rua da Calçada, n.º 106; e José Maria Simões Leite, largo da Feira, n.º 32 e 33.

O subscriptor, no acto de inscrever-se, entrará logo com 1$000 reis de cada acção, quantia esta que lhe será levada em conta no acto da ratificação ou pagamento da 1.ª prestação. A 2.ª prestação pedir-se-ha antes que o Banco comece a funccionar, e ambas ellas serão de 5 por cento, ou de 2$500 reis por acção. A 3.ª prestação e subsequentes só serão exigiveis no caso em que as operações do Banco avultem de tal modo que se necessite de maior capital, não se podendo, entretanto, pedir aos accionistas mais de 5 a 10 por cento, e isto com um intervallo de 60 a 90 dias entre cada uma das prestações.

Aos individuos encarregados de receberem a subscripção, ou a qualquer dos membros da commissão installadora, se poderão dirigir os que pretenderem outros esclarecimentos.

Coimbra, 5 de Março de 1874.

Os membros da commissão installadora,
Manoel dos Santos Junior
Antonio d'Oliveira
José Antonio Ferreira Manso
José Barbosa Lima
Antonio Corrêa Lemos
Joaquim José de Sousa
José Melchiades Ferreira Santos

CAIXA FILIAL DO BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

Praça de S. Bartholomeu, 79 a 81

Desconta lettras da terra, até 3 mezes de prazo, a 6 por cento ao anno.

Empresta sobre penhores d'ouro, prata, brilhantes e papeis de credito a 6 por cento ao anno.

AVISO

9 A DIRECÇÃO da Associação dos Artistas de Coimbra, participa aos membros da mesma Associação, que no dia 13 do corrente, pelas 8 horas da manhã, na egreja de Santa Cruz, se mandará celebrar uma missa suffragando a alma do presidente que foi da mesma associação, o sr. José Galvão Peixoto Lobato.

Coimbra, 9 de Março de 1874.

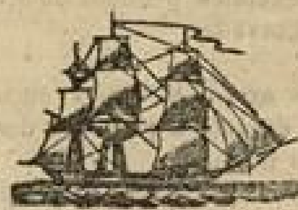
Attenção

10 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Nova barca—FORMOSA—em 15 de Março.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

PASSOS EM CONDEIXA

Domingo 15

12 CASTELLA e FILHO, acham-se preparados para no dia 15 do corrente servirem em Condeixa bons jantares e lunches, por um preço muito rasoavel.

Conta-se grande concorrencia; por isso serão preferidas as pessoas que de ante-mão tenham prevenido nesta cidade ou em Condeixa os annunciantes.

Cartonagens

13 LINDISSIMA e variada collecção de caixas para amendoas, recebidas ultimamente de Paris.

46—Rua da Calçada—48

O MELHOR QUE HÁ

14 NOVAS CORDAS para violão, guitarra e berdegais.

Superior amendoa de Lisboa

SOPHIA 26 a 30

Gonzaga Junior

Chapeus para cabeça de senhora

15 ACABA DE CHEGAR ao novo estabelecimento na rua do Visconde da Luz, n.º 90 a 94, um lindo sortimento de chapeus de tul e veludo preto, com enfeites de côr, proprios para a estação, que se vendem por preços commodos.

8—LARGO DA FEIRA—10

BAIRRO ALTO

16 BOA AMENDOA de Lisboa e lindas cartonagens.

NUMERO 2779 SABBADO 14 DE MARÇO DE 1874 ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Vergonhoso espectaculo tem dado ao paiz a opposição, nas ultimas sessões da camara electiva.

Ha pouco deliberou ella em os seus conciliabulos secretos, segundo diz a voz publica, declarar guerra a todo o transe ao governo e a todas as suas medidas. E verificado está, que outra não fora a deliberação desse grupo de homens, a quem a ambição do poder atrophiou o espirito, a ponto de sacrificar tudo o que ha de honesto e digno nos deveres publicos, ao capricho injustificavel das suas vontades pessoaes.

Nem outra cousa podia realmente esperar-se de uma opposição, indignamente acintosa, que, não podendo bater-se no campo dos principios, e tendo já perdido pelo seu irregular procedimento toda a força da auctoridade, recorre em ultimo esforço á conspiração, ao motim e ao escandalo, para ver se com taes armas, visto que não sabe manejar as da razão, da justiça e do convencimento, póde escalar o poder.

Foi ainda a questão das eleições do districto de Aveiro, onde as forças opposicionistas afrouxam de dia para dia, que deu origem ao monumental escandalo da opposição, nas sessões a que nos referimos.

Está evidentemente provado, que para os actuaes adversarios da situação, não ha sentimentos de justiça, nem regras de direito, nem interesses de ordem publica, nem deveres de dignidade pessoal, que embaracem a sua ambição, infrene e desmedida.

A opposição, para substituir os argumentos serios, que se usam nas assembleas em que se discutem as questões publicas, dirigiu no parlamento toda a qualidade de improperios e injurias ao governo e aos seus amigos; e não quiz cerrar os labios sem patentear toda a incoherencia das suas palavras, e sem deixar nas actas das sessões parlamentares, um tristissimo documento do que são e do que valem os partidos politicos, quando o amor da patria e dos interesses publicos, o respeito pelos principios e pela dignidade nacional, não guiam as suas acções, nem dictam as suas palavras.

Quando, muito de industria, as opposições chegam a promover o tumulto e a perturbação, com o firme proposito de desconceituar os adversarios, sómente porque o paiz confia nas intenções delles, e demonstra por factos bastante expressivos, a sua adhesão aos principios que elles defendem; essas opposições, que só appellam para as conspirações e para a anarchia, perderam todo o direito á consideração publica.

Lamentam-se estes excessos, principalmente porque elles podem desconceituar o systema representativo.

Felizmente que os factos, ultimamente praticados pela opposição na camara popular, tiveram alli intelligencias robustas, e caracteres illustrados, que, em desaggravo do direito e da moralidade, erguendo a sua voz, energica e auctorisada, e pondo de parte, com a mais louvavel abnegação, todos os sentimentos pessoaes, levantaram triumphantemente a dignidade parlamentar, abatida e trucidada.

Satisfazemos ao pedido que nos faz a commissão installadora do *Banco Commercial de Coimbra*, dando publicidade á seguinte carta dirigida ao nosso collega do *Progressista*.

Ill.mo exm.º sr. redactor do jornal o *Progressista*.—Os abaixo assignados, membros da commissão installadora do *Banco Commercial de Coimbra*, tendo tido conhecimento da local publicada na sua acreditada folha periodica de 8 do corrente, com a epigraphe de *Banco de Coimbra*, declaram que as asserções nella contidas, e áquellas que porventura de futuro possam apparecer e lhe digam respeito, elles permanecerão silenciosos por dignidade propria, deixando que o publico imparcial ajuize o que fôr justo desta sua resolução.

Pela inserção destas linhas se confessam agradecidos os

De v. ex.ª mt.º att.os veneradores,
Coimbra, 11 de Março de 1874.

Os membros da commissão,
Manoel dos Santos Junior.
José Antonio Ferreira Manso.
Antonio de Oliveira.
José Barbosa Lima.
Antonio Correa Lemos.
Joaquim José de Sousa.
José Melchiades Ferreira Santos.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 13 de Março de 1874.

Mais um desengano levou a opposição n'uma das ultimas sessões. A moção de censura ao governo, do sr. José Luciano de Castro, foi rejeitada por grande maioria.

E na camara viam-se as lagrimas *deslisar pelas faces d'aquelles cadaveres opposicionistas*, na antiga phrase do mesmo deputado;

E o sr. Rodrigues de Freitas, republicano incognito, não definiu a sua posição politica, e apezar de ser convidado a isso pelo sr. visconde de Moreira de Rey;

E o sr. Luiz de Campos, aquelle tenente de cavallaria microscopico, solemnissimamente protestou pela undecima vez que se armaria de trabuco para resistir ás demazias da auctoridade;

E o sr. Marianno de Carvalho, diz o extracto da sessão, refutou os argumentos do sr. visconde de Moreira de Rey, notando-lhe as contradicções, e fallando em sulphato quinino, e em magnesia calcinada;

E o sr. Saraiva de Carvalho apostrophou para a direita e para a esquerda, e de resto... não fallou n'aquelle celebre projecto assignado pelo sr. conde de Samodães, e que o imberbe ex-ministro (?) leu no trem, no seu trajecto de casa para o parlamento;

E os mochos piaram... apesar de ser dia; triste agoiro este, quando os mochos piam em plena tarde!

E o recebedor dos chapeus de chuva, á entrada da *decente escada*, pela qual se sobe para o santuario das leis, dolorosamente taciturno, lastimava-se de que os freguezes n'aquelle dia, não concorressem a ouvir a palavra verbosa e convincente dos oradores da opposição;

E o desalento e o desapego moral lavrava n'aquellas fileiras de *homens prestantes*, que querem e desejam salvar o paiz;

E tudo isto...e tudo isto,—saiba-o o paiz—porque esta opposição benigna, e cordata, e conscienciosa, não venceu as eleições municipaes no districto de Aveiro!

Supremo escandalo o deste governo, que trata dentro dos limites legaes, permittidos a governamentaes e opposicionistas, de fazer vingar as eleições n'um districto!

Supremo escandalo!

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXCIV

D. CARLOS

XCIV

No dia 15 de Agosto de 1838, o exercito liberal abriu brecha praticavel na praça de Morella, e interessando a Orâa abreviar a tomada da praça, porque lhe iam escasseando as subsistencias, e augmentando o numero de mortos e feridos, conformando-se com a proposta do commandante geral de engenheiros, dispoz o assalto para a noute, apezar de não estarem apagados os fogos contrarios.

Avançaram as tropas em tres columnas. A primeira ás ordens do coronel Ortiz, que voluntariamente pediu ser empregado no assalto da brecha, indo com ella o ex-governador da praça Portillo de Velasco.

A segunda pelo coronel Oxolm, e para sustentar a primeira; e a terceira ás do coronel Mir, para servir de apoio ás anteriores.

Aproximadas as tropas á praça, e dado o signal de accommetter, tiveram que lutar com os inconvenientes de um terreno, que não permittia cerrar em columna, e que para chegar ao pé da brecha era preciso escalal-o, no entretanto que o inimigo, conhecendo o ataque, inflamou instantaneamente a porção de combustiveis, que tinha agglomerados na espalda da brecha, que apresentava o aspecto de um volcão, ao mesmo tempo que das muralhas e torres immediatas, arrojavam granadas de mão, e pedras de grande tamanho, sustentando um continuo fogo de fuzilaria sobre os que se aventuravam a apresentar-se á frente da brecha, guiados por Ortiz, D. Bruno Portillo, e o commandante D. Rafael de Castro, que como o primeiro, foi gravemente ferido, caindo do alto das escadas e arrastando comsigo aos que o seguiam.

Grandes esforços fizeram as tropas para chegar á brecha; mas só conseguiram muito poucos aproximar-se, vendo-se obrigados a refugiar-se ao pé mesmo de uma das torres lateraes para evitar o effeito da caida das granadas de mão e pedras, e egualmente alli se não poderam sustentar.

Conhecendo a impossibilidade de adeantar o ataque e a tenacidade do inimigo em defender a brecha, foi preciso dispor a retirada ao ponto de saida, para evitar que se continuasse a derramar inutilmente um sangue, que nenhum resultado produzia, propondo-se Orâa a verificar outro ataque, logo que, segundo o parecer dos commandantes de artilheria e engenheiros, tivesse podido vencer os obstaculos que nesta acção se apresentaram.

Para cooperar nesta empreza, dispoz o chefe liberal que se chamasse a attenção do carlista por meio da explosão de um fornilho á parte opposta da povoação, protegendo-a o regimento de caçadores do Porto, que chegou até ao pé da muralha, indicando que ameaçava um assalto por aquella parte.

Neste dia, Forcadell e Llagostera bateram-se junto ao estreito de Postes, para impedir a passagem de um comboio liberal, travando-se outro combate, ainda que não tão sanguinolento, no barranco dos Palos.

A 16 continuaram os fogos da artilheria do sitio; alargou mais a abertura da brecha; e o commandante geral de engenheiros, propoz a Orâa os meios de vencer os obstaculos que impediram se effectua-se o assalto em a noute anterior, e adoptando o conveniente para intentar outro de novo, preparou as tropas para o dia seguinte, accelerando deste modo os ataques, forçado pela falta de subsistencias.

Cabrera recebeu na manhã deste dia um obuz, que mandou trazer de Cantavieja, para bater com balas de 35 a elevação do Beltran; porem os seus tiros fizeram pouco damno, sem duvida por se achar humida a polvora. Occasionou este fogo alguns movimentos, e que se pelejasse junto a quinta da Cruz e immediações da ermida de S. Marcos, com varia fortuna de uma e outra parte.

Atribuiu-se o mau exito do assalto anterior ás difficuldades que apresentava o accesso ao muro pela esquerda, e se julgou que marchando pela direita se conseguiria talvez o resultado apetecido.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

—Houve reunião da maioria parlamentar, concorrendo 53 deputados. Entre diversos assumptos, tractou-se da proposta que reduz a dotação do sr. infante D. Augusto. A commissão já deu o seu parecer, e vendo que a proposta tende a alterar a dotação estabelecida pela lei de 11 de Fevereiro de 1862, que está em vigor, é de opinião que não póde ser alterada pela fórma indicada. Por occasião da discussão das emendas do orçamento, o sr. Luciano de Castro, disse que não regateava a dotação do sr. infante D. Augusto, mas desejava saber se o governo estava de accordo com a commissão ácerca dos motivos apresentados no parecer, estranhando o silencio do governo a este respeito.

O sr. presidente do conselho verberou, n'um improviso brilhante, o zelo serodio do director geral dos proprios nacionaes, dizendo que o governo não escondia a sua opinião; que era monarchico, e que pugnaria em favor de tudo quanto concorresse para augmentar o explendor do chefe do estado, e manter os principes n'uma situação digna da altura em que as nossas instituições os collocaram, accrescentando que nunca se tirou a pessoa alguma o ordenado concedido pelas leis, mesmo aos funccionarios dispensados do serviço, por terem sido extinctas as suas repartições. O illustre ministro trouxe para parallelo o conselho de estado, o conselho ultramarino, e muitos outros cargos publicos. O discurso de s. ex.ª foi muito apoiado.

De resto, foi a proposta rejeitada por 62 votos contra 8. Votaram a favor da reducção os srs. Marianno de Carvalho, Luiz de Campos, Saraiva de Carvalho, D. Luiz Coutinho, Adriano Machado, e Rodrigues de Freitas. A camara, pois, foi quasi unanime em conservar a dotação ao sr. infante, e mostrou-se á altura da sua dignidade.

Recommendo-lhe a leitura do artigo politico do *Diario Illustrado* de hoje. Verbera fortemente, e com justa razão, o deputado pelo Porto, auctor da proposta, e aponta-o aos eleitores da cidade invicta, que se hade indignar com o procedimento de um dos seus representantes, que regateou a dotação a um neto do imperador, ao qual a cidade do Porto tanto deve.

A proposta do sr. Rodrigues de Freitas, com relação á conclusão do caminho de ferro do norte, foi rejeitada.

A proposta era do theor seguinte:

«A camara convida o governo a declarar:

1.º se pensa que nas leis e contractos em vigor tem os meios indispensaveis para obrigar a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes a concluir a linha do norte até á cidade do Porto;

2.º se no caso affirmativo tenciona ou não empregar immediata e energicamente esses meios para forçar a companhia a cumprir as suas obrigações;

3.º no caso negativo se tenciona solicitar do corpo legislativo as providencias necessarias para que se conclua a referida linha.»

—Diz-se que as camaras serão prorogadas. E' de crer, em vista do muito que ha ainda a fazer.

—Vagueava ha dias pelo tribunal da Boa Hora, um menino de seis annos, com um cathecismo e uma carta. Houve quem se condoesse d'aquella infeliz creança, que é orphã, filho do distincto advogado Sampaio Efrem, e que se achava aos cuidados de uma antiga criada. O *Paiz* de hontem relata circumstanciadamente o facto, e pede ás pessoas abastadas a adopção da creança. A' imitação d'aquelle jornal ahi fica a noticia, a ver se alguma pessoa caridosa d'ahi, adopta como sua aquella creança. Diz-se que o menino tem seis annos; é lindo, com expressão de bondade e de engenho, e que lê no cathecismo regularmente. E' sadio e alegre e muito meigo, e inspira sympathia a quem o vê.

—Do Porto, com data de 9 do corrente dizem-me o seguinte:

«As obras da estação do caminho de ferro do Minho e Douro continuam com grande actividade, achando-se muito adeantadas. Tem concorrido muito para isto, não só o lindo tempo, que tem feito, mas o grande numero de trabalhadores, que tem affluido desta e das proximidades de Coimbra, Vizeu, etc, etc.

«Os seus alicerces acham-se concluidos, e grande numero de pedreiros trabalham na cantaria de que se ha de compor as suas frentes e lados. Como ella é construida em local fundo, procede-se com egual actividade ao aterro nesse local, a fim do solo ficar ao nivel dos armazens, casa de guardar machinas, via, etc.

«O edificio destinado a guardar as machinas está mais adeantado do que o da estação, trabalhando egualmente grande numero de pedreiros na lavragem da cantaria. Em fim as obras tem tido o possivel desenvolvimento, esperando-se que no fim do anno ellas possam estar, quando não concluidas, pelo menos em termos de proxima conclusão, contando-se com a inauguração para Braga no fim do anno.

«A vista que offerece á semana o local da estação desafia a voltar-se alli a miudo, porque agrada ver-se o cuidado e solicitude com que no curto espaço, quando muito de 400 passos, trabalham cerca de mil pessoas nos differentes trabalhos, que lhes estão confiados.»

Nada mais por hoje.

P. J. Conceição.

CORRESPONDENCIA

Ill.mo e exm.o sr. Dr. *Antonio de Vasconcellos Pereira Coutinho de Macedo.*

Tambem v. ex.ª!

Sim! Tambem v. ex.ª, meu antigo condiscipulo e amigo, se dignou de vir pesar com a sua respeitavel auctoridade na balança da publica opinião, atirando com o seu valioso suffragio, para a concha do desfavor!

Valha-o Deus (e a mim tambem), que andando bem, podia ter andado melhor!

Sim podia! Podia ser mais benevolo; não lhe aprouve; soffrerei.

Mas seja balsamo metigador a verdade da historia, e é a que se segue.

Corria o mez de Maio de 1873, e no dia 5 desse mez ia eu comprimentar a v. ex.ª, na casa da sua habitação.

Aproveitada a opportunidade, dignou-se v. ex.ª propor-me a sua benefica mediação, para as contendas entre mim e o sr. Francisco Henriques de Sousa Secco, meu irmão.

Acceitei-a logo agradecido, mas tomando a liberdade de ponderar a v. ex.ª que carecia de apresentar bases, que houvessem de regular o futuro accordo, nisso conveiu v. ex.ª, recommendando-me todavia que desejava recebel-as pela mão do meu illustradissimo patrono, o exm.º sr. Dr. Manoel de Oliveira Chaves e Castro.

A 12 foi com effeito este cavalheiro entregal-as em pessoa a v. ex.ª.

A 13 serviu-se v. ex.ª devolvel-as em carta dirigida a mim proprio, sob o pretexto de que *não eram acceitaveis*, tendo conjunctamente a bondade de me accusar nella de não ser tão *bisarro* como o sr. Francisco Henriques, e de ir já prevenindo, com prudentissima cautella, que se a composição se gorasse, seria *exclusivamente por culpa minha!* Propunha todavia um compromisso *sem recurso*, entre os dois.

A 17 dignou-se v. ex.ª entregar-me as bases d'esse compromisso, sobre as quaes prometti a v. ex.ª resposta breve.

A 19 cumpri a palavra, dando effectivamente resposta em carta d'essa data.

Digne-se v. ex.ª de notar:

1.º que nessa resposta eu não repelli o projecto do seu compromisso, como v. ex.ª affirma, com quanto me não agradassem completamente os termos delle, que podiam protelar a decisão final da arbitragem, talvez mais do que o fariam as formulas da lei, usadas nos juisos publicos.

2.º que me limitei na minha carta a apresentar as minhas observações, aliás muito moderadas, a v. ex.ª, sobre estes pontos:

1.º Devia tomar-se (ponderava eu) por base não sómente a *separação da estrada (cuja conveniencia* pede a lealdade, que diga, v. ex.ª reconheceu de todo o principio, *sem reservas*), mas tambem *a exclusão de servidões reciprocas*, sobre que já tinhamos fallado, me pareceu v. ex.ª aceitava tambem, *e todavia não consignava expressamente no seu projecto*, com o perigo de *novos desgostos, como os que eu já tivera, por motivo de aqueductos, concedendo outrem o que eu só posso dar.*

2.º V. ex.ª queria que recebesse no compromisso um celebrado processo de policia correccional, intentado contra o meu hourado patrono!

A mim não me toava a exigencia, *porque mais tinha eu ouvido* (sem disso fazer caso a minha consciencia) do que o sr. Dr. Chaves e Castro havia dito, nos autos, que é cavalheiro serio e respeitador das leis e das conveniencias; e ainda porque seria isso mostrar menos respeito para com os rectos julgadores das tres instancias (á parte a questão: *Se sómente ha duas?* pois que não estamos em palestra juridico-academica) que já haviam decidido por seus venerandos accordãos que não havia injurias a perseguir.

3.º V. ex.ª queria acarretar tambem para o compromisso as desarrasoadas exigencias, apresentadas no inventario de uns insignificantes moveis e de uma porção de livros, para que *caprichosamente* fui citado. (sim caprichosamente, porque já durante *os litigios* se tinha feito divisão de uns *restantes* moveis de bem mais valor, como pode testemunhar o exm.º sr. Dr. José Maria Dias Vieira, recto juiz de direito, em Villa do Conde, que se dignou representar-me nella) e nunca oppuz o menor obstaculo a que do mesmo modo se procedesse com relação aos insignificantes objectos depois descriptos.

Eu não concordava em que no compromisso se tomasse conhecimento: 1.º de partilha de bens da Bairrada: 2.º successão de prazos de nomeação: 3.º dos donativos que minha mãe que Deus haja me fizera, designadamente para despezas do meu doutoramento.

E dava na carta a v. ex.ª as minhas razões, que melhor lhe tinha já exposto em conversa amigavel.

Os bens da Bairrada estão partilhados, havendo o sr. Francisco Henriques já quinhoado o seu terço nelles. V. ex.ª mesmo teve a bondade de me dizer que assim era; como que o sr. Francisco Henriques sómente fazia o pedido *em desforço* de o haver eu citado para demarcação das quintas! Bem o mostrou elle n'esse *celebre aviso* publico e posterior em que para honrar a palavra de v. ex.ª insiste em pedir o que lhe não devo!

Accrescentava ainda: eu dou a todo o mundo o direito (não *motivo*) de duvidar da minha palavra; *mas commetteria uma imperdoavel indignidade pessoal, se me louvasse em arbitros para decidirem que eu fallava verdade!*

Os prazos são de nomeação, couberam-me como filho varão mais velho pela lei, que regia ao tempo da transmissão; e por isso houve accordo em ficarem fóra da partilha geral de bens de raiz, feita amigavelmente em 1865; e nem é crivel que se assim não fosse o sr. Francisco Henriques, que já tinha em 1864 ajudado a fazer as contas dos foros então em divida ao seminario episcopal, como representante das antigas collegiadas, deixasse de os fazer partilhar.

De mais, dizia eu, estou de posse d'elles ha já alguns annos e se alguem duvida do meu direito, pode illustrar-se no cartorio do seminario episcopal.

Se acaso o meu direito e a minha posse não são claros e incontroversos neste particular, e percisam ainda da ratificação de arbitros, não ha direitos nem posses serias sem passar pela *fieira compromissaria.*

Quanto ao ultimo assumpto, as liberalidades de minha boa mãe, ponderava que o sr. Francisco Henriques não ignorava que o tinham sido; e alem disso não negaria que estava pela sua parte largamente compensado. Accrescentava ainda, que não podendo evitar que elle trouxesse este melindroso assumpto para os tribunaes, no compromisso me oppunha todavia que fosse tractado, porque me não prestava *voluntariamente* a dar a minha defeza, por crer que havia ahi quebra de respeito filial.

Na conversa particular v. ex.ª repelliu todas as minhas considerações sobre cada um destes assumptos, com um tom implacavel para comigo, e concluiu por dizer sempre e peremptoriamente:

1.º que o seu fim era unicamente encadear os dois n'um compromisso, *sem recurso nem restricções*, que comprehendesse todas as causas, sem excepção!

2.º e que não querendo ser arbitro nas contendas, não podia dar attenção, ao que eu dizia, pois que isso cumpria aos arbitros a nomear!

«E era tanta a sua inexorabilidade que nem ao menos desistia de figurar no compromisso o proprio pedido de partilha de bens da Bairrada, que v. ex.ª mesmo me dizia estar concluida, e só revivia em desforço!

3.º e sobre a minha replica de que convinha antes de tudo *definir* o que nelle devia entrar, visto que havia cousas, que não deviam ser tomadas a serio, e que para essa *definição* bastava ouvir os dois conjuntamente, redarguia v. ex.ª ainda mais implacavel, *que se não prestava a reunir os dois em sua illustre casa, com receio de que houvesse vias de facto!*

Pela manhã parte protesto contra tal prevenção, ou melhor desculpo a desculpa de v. ex.ª, pois que não duvido um momento de que é um pretexto procurado por v. ex.ª para cubrir a recusa do sr. Francisco Henriques em comparecer conjuntamente comigo, porque já se sabe, não se attreve a dizer-me entre amigos o que atira para os autos e para a imprensa.

A 21 digna-se v. ex.ª responder á minha carta de 19, mas fazendo-se desentendido sobre as minhas observações, attribue a essa minha carta a promessa de um *compromisso judicial*, que nella não havia, e convida-me a dar dia para o assignar!

Acudi logo a restabelecer em carta de 23 o septido da minha promessa anterior, a qual por sua clareza bem o dispensava.

Irrita-se v. ex.ª (aliás ostenta-se um pouco magoado) e accusa-me de *retratar* a minha palavra; mas desabafa felizmente a sua amigavel iracundia na sua estimada carta de 26, depois de já ter desafogado em conversa do dia anterior, não menos pelo espaço de tres quartos d'hora, em que *silenciosamente* o ouvi sem tugir nem mugir, e nem v. ex.ª me permittia outra cousa!

Protestei em carta de 30 contra a infundada accusação de v. ex.ª, mostrando (e nem isso era difficil) quão infundada era. Lá tem v. ex.ª as minhas cartas, que lidas a sangue frio terão convencido a v. ex.ª da sua injustiça para comigo. Mas, a minha defeza ainda até hoje, não mereceu da parte de v. ex.ª a minima attenção!

Assim acabou a medeação de v. ex.ª! Hoje revive-a v. ex.ª para prestar ao sr. Francisco Henriques um attestado em que implicitamente me accusa!

Da minha exposição singella se deduz, que (alem de outras de menos monta) ha na escripta de v. ex.ª estas inexactidões que precisa rectificar:

1.º Eu não acceitei (nem repelli) as bases do projecto de v. ex.ª como v. ex.ª assevera, *recebi-as em mão* e prometti responder sobre ellas, o que fiz.

2.º A causa de mallogro que v. ex.ª *hoje* refere, não é aquella que *em tempo* produzia na sua carta de 26; porque ahi attribue v. ex.ª o rompimento a haver-me eu *retractado* na carta de 23 do que disse na de 19, mas agora attribue a uma exigencia minha contraria ao seu compromisso, depois de o haver eu acceitado! Desculpo o lapso de certo originado de não haver v. ex.ª archivado copia e com tanta caridade que para o sanar ponho ás suas ordens o original.

3.º A exposição vocal dos litigantes que eu propuz nem havia de ter logar perante os juizes arbitros, como v. ex.ª presuppõe (ainda que os cavalheiros presenciaes depois o podessem vir a ser) e nem era oposta ás bases offerecidas por v. ex.ª, como ainda affirma, porque podiam co-existir.

Essa exposição ao contrario tinha em vista aplanar o futuro compromisso, expurgando delle *pedidos sem seriedade.*

Mas o sr. Francisco Henriques recusou (tenho razões para o pensar) comparecer comigo na presença de v. ex.ª e v. ex.ª julgou dever acobertar a recusa delle palo modo que disse, lançando á minha conta a culpa do insuccesso.

Aqui tem v. ex.ª relatado em verdade o acontecimento a que se refere a sua carta. Disse v. ex.ª, e eu repito, accrescentando *agora sim*, que pode mostrar a nossa correspondencia; que está ás suas ordens se v. ex.ª deseja rectificar as suas ideias.

Em conclusão:

V. ex.ª dignou-se de propor-me a sua medeação.

Eu acceitei-a.

V. ex.ª queria que o respectivo compromisso comprehendesse todos os pedidos.

Eu oppuz-me *porque ha pedidos que são destituidos de seriedade:* e dava as razões.

V. ex.ª *na conversa* declarava, que não queria tomar conhecimento dessas razões; *na correspondencia* fazia-se *desentendido* sobre ellas; e pará dar fim ao negocio, lançando a minha conta as culpas respectivas, *arranjou para seu uso uma retratação minha.*

Eu defendo-me da injustiça, que se me faz.

V. ex.ª *faz então ouvidos* não de desembargador mas de *mercador;* e agora reincide em attribuir-me ainda a responsabilidade, mas crendo já gasta á primeira, cria uma *nova retratação minha* para base do seu arrazoado!

E eu calo-me, e deixo fallar a correspondencia entre nós havida; que deu os elementos para a historia que acabo de contar.

Lembrou-me pedir a v. ex.ª que tivesse a bondade de illucidar-me sobre:

1.º se é licito aos arbitros que se prestam como amigos *antigos*, converterem-se em inimigos *modernos*, quando é recusada a imposição da sua vontade *injuridica?*

2.º se ha interesse publico, ou particular em auxiliar o litigante, que imprudentemente recorre á imprensa para simular direitos de que só decidem os tribunaes?

Mas não se incommode v. ex.ª no exame d'esses pontos, nem ainda na tarefa de transferir o seu valioso suffragio da concha esquerda para a da direita da balança!

Eu tenho confiança nas leis e nos magistrados, e até em v. ex.ª mesmo, que nesta qualidade não é capaz de julgar senão como ellas lhe ordenam *per allegata et probata;* por que sómente assim adquiriu, pode e quer conservar o bom nome de que gosa na magistratura portugueza.

Esta mesma confiança eu tinha e tenho nos dois cavalheiros, os exm.os srs. Dr. Ferraz de Pontes, e Dr. Pereira de Carvalho, que v. ex.ª me noticiou deverem ser os dignos arbitos, *dias depois* do começo da sua medeação, e Dr. Macedo, de que creio nunca me fallou, mas julgo ser o *terceiro* a que agora v. ex.ª allude.

Tenho a honra de me assignar—De v. ex.ª o menor criado e maior respeitador.

Coimbra, 14 de Março de 1874.

Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco.

NOTICIARIO

Ainda o sr. conselheiro Ferrão.—A brevidade com que tivemos de escrever ha dias uns apontamentos biographicos do sr. conselheiro Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão, levou-nos a ser muito resumidos.

Hoje diremos mais, que o sr. Ferrão, apesar de já estar doutorado em Canones desde 1820, assentou praça como furriel da 6.ª companhia no batalhão de voluntarios academicos, que no dia 26 de Dezembro de 1826 sahiu de Coimbra para a Beira, a fim de se oppôr ás forças absolutistas revoltadas.

Os serviços prestados por este batalhão, fizeram com que contra elle se indispozessem os inimigos do systema liberal; chegando na camara dos pares a dizer o conde de S. Miguel, que o corpo de voluntarios academicos se tinha comportado mal, especialmente em Vizeu, praticando actos de tal natureza, que eram indecentes para se proferirem; que não tinha consentido em ser desarmado, etc.

Para desaggravar os academicos liberaes, publicou o sr. Ferrão a, já hoje rara—*Apologia dirigida á nação portugueza, para plena justificação do corpo dos voluntarios academicos do anno de 1826; contra as falsas e calumniosas imputações forjadas ao mesmo corpo pelos inimigos do senhor D. Pedro IV e da Carta Constitucional.*—Coimbra: na imprensa de Trovão e Companhia: 1827.

No dia 25 de Abril de 1828, pregaram na sé cathedral desta cidade, dois sermões, pronunciadamente absolutistas, Fr. Fortunato de S. Boaventura e D. Francisco do Santissimo Coração de Maria; e no dia 11 de Maio immediato, pregaram outros dois sermões, em identico sentido, na egreja de S. João de Almedina. Todos aquelles sermões foram para solemnisar a chegada a Lisboa do infante D. Miguel.

No dia 22 de Maio fez-se em Coimbra a revolução liberal, em adherencia á do Porto do dia 16; e antes de aqui tomar o commando das forças liberaes o brigadeiro Francisco Saraiva da Costa Refoios, veiu do Porto exercer interinamente o cargo de governador militar da cidade, o coronel de infanteria 6, Francisco José Pereira.

Praticou-se então em Coimbra um facto, que, com a franqueza de que nos prezamos, não devemos deixar de censurar; porque não podemos approvar nos liberaes o que reprovamos nos absolutistas.

O coronel Pereira fez logo apprehender na imprensa da Universidade os quatro sermões, já mencionados, e que haviam sido alli impressos; e a junta do Porto, ampliando esta ordem, mandou queimar os sermões. Para isso dirigiu o vice conservador, o sr. Ferrão, ao director da imprensa, o seguinte officio:

«Ill.mo sr.—Por ordem, que em data de 3 do corrente me foi expedida pela junta provisoria, encarregada de manter a legitima auctoridade d'el-rei o sr. D. Pedro IV, tenho a reduzir a cinzas os subversivos papeis impressos na typographia da Universidade, que já por mim foram apprehendidos a instancia do coronel do regimento de infanteria n.º 6, quando governador militar desta cidade.

«Para execução da referida ordem, hoje pelas 4 horas da tarde tenciono comparecer na imprensa da Universidade com dois escrivães para lavrar os competentes autos: o que julgo do meu dever participar a v. s.ª para sua prevenção e intelligencia. Deus guarde a v. s.ª. Coimbra 6 de Junho de 1828.—Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão, vice conservador da Universidade.—Ill.mo sr. Joaquim Ignacio de Freitas, encarregado da revisão e direcção da real imprensa da Universidade.»

A ordem foi executada, e se lavrou o seguinte auto:

«Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1828, aos 6 dias do mez de Junho do dito anno, nesta cidade de Coimbra e imprensa da Universidade, aonde eu escrivão vim em companhia do doutor oppositor vice-conservador da Universidade, Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão, e o escrivão abaixo nomeado e assignado, para effeito do presente auto; alli por elle ministro foi dito, que em consequencia da portaria, que lhe havia sido expedida, em 3 do corrente, pelo ministro secretario dos negocios do reino da junta provisoria da cidade do Porto, encarregada de manter a legitimidade de el-rei o sr. D. Pedro IV, se lhe havia ordenado, que dos papeis que se achavam na typographia da Universidade, que elle ministro havia acautelado, emmassado, lacrado e fechado em uma casa da dita imprensa, de que havia levado a chave, a fim de não circularem, visto que os ditos papeis continham principios e ideias subversivas da legitimidade, e dos incontestaveis direitos do sr. D. Pedro IV, se lhe havia ordenado, que remettendo alguns exemplares pela dita secretaria, para conhecimento da dita junta, todos os outros fizesse reduzir a cinzas: pelo que elle ministro abrindo a porta da casa, em que havia deixado os ditos papeis acautelados, emmassados e lacrados com signões, que particularmente lhe havia posto, achou, que todos se achavam da mesma forma que os havia acautelado, e nós escrivães damos fé, de que a dita porta e fechadura não mostrava vestigios alguns de que tivesse sido arrombada. A' vista do que elle ministro, tirando alguns dos ditos impressos, para remetter na forma que lhe era ordenado, mandou lançar o fogo a todos os outros, que desta forma ficaram reduzidos a cinzas. E de tudo fiz este auto, que assignou comnosco officiaes, sendo testemunhas presentes Luiz da Costa e Luiz da Silva Bandeira, empregados da imprensa desta Universidade; e eu Joaquim de Andrade o escrevi e assignei.— Joaquim de Andrade.—Luiz Antonio da Costa e Mattos. — Luiz da Silva Bandeira.—Luiz da Costa.»

Repetimos a reprovação deste acto, porque ainda que os sermões eram em defeza do absolutismo, entendemos que era melhor desprezal-os, do que praticar um tão ridiculo auto de fé!

E de que valeu isso? Extinguiram-se elles de todo? Não, porque aqui temos em a nossa modesta livraria exemplares de todos aquelles quatro sermões.

E' melhor, por tanto, responder ás ideias com razões, e não com a violencia.

Bibliotheca da Universidade.—O movimento da bibliotheca da Universidade, no mez de Fevereiro (22 dias de serviço) foi o seguinte:

Materias	Leitores	Obras pedidas
Theologia........	477	580
Direito............	1:005	1:203
Medicina	373	477
Mathematica.......	607	740
Philosophia	604	753
Litteratura e Historia	340	411
	3:406	4:164

Protesto.— Recebemos e agradecemos um folheto intitulado — *Protesto fundamentado, que ao exm.º sr. Procurador Regio junto da Relação de Lisboa, dirige Pedro Augusto Martins da Rocha.*

Este excellente trabalho litterario, que é uma questão de garantias individuaes, foi escripto pelo nosso particular amigo e patricio, em desforço aos attentados ha tempo praticados contra elle e sua familia, pela policia de Lisboa.

Com a consciencia de quem nunca soube desviar-se do caminho que a honra e a probidade indica a todo o homem de bem, quer no trato particular, quer nas relações da vida social, o sr. Pedro Augusto Martins da Rocha descreve em traços breves mas firmes e convincentes, as graves offensas que recebeu dos agentes policiaes, quando tratavam de descobrir um crime importante, de que a imprensa periodica de todas as côres politicas se tem occupado.

Se grande foi o desgosto que o nosso honrado amigo soffreu com os abusos da policia, no que ha de mais escrupuloso na ordem moral,—a dignidade do individuo; cabões tem sido tambem as provas que o sr. Pedro Rocha tem adduzido, de que acima de tudo preza a sua boa reputação.

Digno exemplo de probidade é este que o sr. Rocha tem querido dar a despeito de todas as contrariedades.

Machinas de afiar.— Dissemos ha dias, que quando uns estrangeiros ahi andaram por esta cidade, a mostrar ao povo, pelas praças e ruas, as tão apregoadas machinas de afiar, a que chamavam de *Walcot;* o habil artista o sr. Antonio Maria Rego, apresentara em breve espaço de tempo, apenas apertadas em um torno, umas peças de aço por elle preparadas, que produziam o mesmo effeito que as machinas estrangeiras.

Accrescentaremos agora, que o sr. Rego não se limitou a este ensaio; mas que, como emprehendedor que é, tem já feito machinas, não só mais fortes, porém mais perfeitas do que as de Walcot.

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Domingos, filho de Cerighetti Dominique e de Maria Cerighetti, de Coimbra, de 29 mezes, fallecido no 2 de Março.

Adelino Pinheiro, filho de Joaquim da Silva e de Marianna Ignacia, de Coimbra, de 50 annos, fallecido no dia 3.

D. Candida Rita Henriques de Carvalho, filha de José Ribeiro dos Santos e de Anna Joaquina da Soledade, de Coimbra, de 73 annos, fallecida no dia 3.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5393.

Imprensa de Londres.— Publicam-se em Londres 248:000 exemplares de jornaes diarios; e periodicos semanaes, os seguintes:

Jornaes de noticias, 1:149:000; illustrados, 510:400; de agricultura, 47:000, de engenharia, 44:050; de litteratura, sciencia e artes, 40:750; de medicina e sciencias naturaes, 15:300; de jurisprudencia, 12:000; de musica, 8:500; e de religião, 183:700.

As serpentes e o leite.—Um lavrador de Connecticut observando que as suas vaccas leiteiras, quando recolhiam aos estabulos, traziam pouco leite, tratou de verificar a causa do phenomeno, e reconheceu que os ladrões eram serpentes, com quem as vaccas estavam familiarisadas, e que aproveitavam a occasião em que os pacificos ruminantes pastavam nos campos, para lhes sugar o leite dos orgãos mammarios.

Idolos da India.— Uma fabrica de Birmingham, muito acreditada na construcção de idolos venerados na India, annunciou os seus productos do seguinte modo:

Yamen, deus do dia, de cobre fundido e artisticamente fabricado. *Nirondi*, principe dos demonios, grande sortimento. *Borounin*, deus do sol, representado bem no vivo, com o seu crocodilo de cobre e cauda de prata. *Bouberen*, deus da riqueza, bellissimo trabalho artistico. Grande e escolhido sortimento de semideuses e de idolos mais inferiores.

ANNUNCIOS

José Lourenço da Costa, escrivão interino do tribunal do commercio de primeira instancia, da cidade de Coimbra, etc.

Certifico, que em sessão do mesmo tribunal foi proferida a seguinte

SENTENÇA

O tribunal do commercio, tomando em consideração a exposição que o negociante Sebastião Ignacio Brandão, de Soure, apresentou, declarando a impossibilidade, em que, por circumstancias alheias á sua vontade, se acha de pagar a seus credores; declara aberta a fallencia do dito negociante, desde o dia 15 de Janeiro ultimo; e nomeia juiz commissario e jurado, Joaquim Maria Martins, e curadores fiscaes, João Francisco da Silva, e José Antonio Moreira Junior, negociantes, moradores nesta cidade; e manda que se ponham já os sellos na forma do artigo 1158 do Codigo Commercial. Coimbra, 7 de Março de 1874. —Trigueiros— Antonio Henriques de Carvalho—Manoel d'Almeida Cabral—José Francisco d'Oliveira Reis —Joaquim Maria Martins—José Barbosa Lima—José Antonio Vieira da Fonseca—José Melchiades Ferreira Santos—Innocencio Peixoto Quaresma. — Em fé e testemunho do que fiz passar a presente. Coimbra, 7 de Março de 1874.—O escrivão interino, José Lourenço da Costa.

GRANDE LEILÃO DE MOVEIS

POR CAUSA DE RETIRADA DE SUA DONA

No domingo, 15 de Março, as 10 horas da manhã, na rua da Sophia, n.º 72

2 SE HA DE VENDER em leilão os moveis que guarnecem a dita casa, constando dos objectos seguintes:

Dois GUARDA-LOUÇAS e APARADOR com seis mesas de dobradiças no interior; MESA DE JOGO; MESA DE CENTRO DE SALA, com 6 pés e pedra marmore; TREMÓ de pau preto, com seu grande e pequeno espelhos; SOPHA com POLTRONAS estofadas; COMMODAS e MEIAS COMMODAS com molduras e embutidos; GUARDA VESTIDOS; TOUCADOR com espelho; SECRETARIA de mogno com armarios e gavetas; CAMAS DE FERRO com seus competentes enxergões e colxões de clina e lã; MESAS DE CABECEIRA, LAVATORIOS, BANHEIRAS DE CHUVA e outras; FOGÃO DE FERRO de cozinha com fogo circular; ESTATUAS de varios tamanhos até altura natural para guarnição de casa de mesa e jardim; etc., etc.; artigos de prata, jarro e bacia; candieiro para azeite; fruteira, bandeijas, etc., etc.

Tambem se traspassa a casa que é para uma numerosa familia.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

3 PERANTE a administração dos hospitaes da Universidade de Coimbra, em cumprimento da portaria do ministerio do reino de 10 do corrente, se abre concurso de 30 dias, que hão de findar no dia 20 do proximo mez de Abril, para o provimento de dois logares de uma commissão encarregada da exploração do cartorio da fazenda dos mesmos hospitaes, com o vencimento annual, para um d'estes logares, de 180$000 réis, e para o outro de 150$000 reis. Os concurrentes devem mostrar-se habilitados para esta ordem de serviços.

Por exigencia da portaria de 15 de Dezembro de 1873, são excluidos d'este concurso todos os pretendentes actualmente empregados em repartições publicas.

Administração dos hospitaes da Universidade de Coimbra, 15 de Março de 1874.

O administrador,
Costa Simões.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

4 ANNUNCIA-SE, como urgente, o provimento interino do logar de capellão dos hospitaes da Universidade. Entre as obrigações deste logar, a que se exige agora como essencial é ministrar os soccorros espirituaes aos moribundos. A remuneração é de 140$ reis annuaes e habitação no estabelecimento. Hospital em 10 de Março de 1874.— O administrador—*Costa Simões.*

CHEGOU

5 SUPERIOR **queijo flamengo.**
Dito **queijo Gruyere.**
Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga—51 Sophia 55—Casa d'azulejo.

EDITAL

6 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, faz saber, que estando a chegar ao posto hypico desta cidade, dois cavallos reproductores, mandados do instituto agricola da cidade de Lisboa, todos os creadores, tanto deste concelho, como dos demais do districto, poderão mandar as suas eguas de creação ao referido posto; pelo que os primeiros ficam sujeitos ao pagamento de 200 reis por cada salto, e os segundos ao de 400 reis. Os creadores de gado cavallar do concelho de Coimbra, farão acompanhar as suas eguas de um attestado do regedor respectivo, em que sómente se mencione a residencia do creador. E todos aquelles que não apresentarem este documento; serão tidos por isso de fóra do concelho, os quaes assim como aquelles ficam sujeitos ás demais disposições do regulamento de 12 de Março deste anno, que elaborado em conformidade das instrucções de 20 de Março de 1855, obriga ao seu cumprimento no referido posto, perante o respectivo intendente de pecuaria, ou pessoa que na sua falta fôr designada pela camara.

Logo que cheguem a esta cidade os cavallos reproductores, a camara dará noticia aos creadores por novos editaes, designando o dia da abertura do posto hypico e o seu local.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da municipalidade, 14 de Março de 1874.

O vice-presidente,
José Maria Pereira Coutinho.

Attenção

7 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em A...ito a José Ferreira Fandango.

8 O VAPOR portuguez — **Almeida Garrett** — segue de Lisboa, no dia 16 do corrente. Recebe carga e passageiros, e os preços são os seguintes:

Pernambuco	Bahia	Rio de Janeiro
1.ª 105$000	1.ª 110$000	1.ª 120$000
2.ª 70$000	2.ª 75$000	2.ª 80$000
3.ª 40$000	3.ª 41$500	3.ª 43$200

Tem muito boas accommodações, para os de 3.ª classe, belixes de ferro com colxão.

Trata-se em Lisboa com o agente José Joaquim das Neves & Filhos, Praça de D. Luiz 1.º, 4; e na Figueira com Antonio Vieira.

Pará—Santarem—Obidos — Serpa e Manaos

Segue de Lisboa em 29 do corrente o vapor inglez **Maclard**. O preço das passagens é o seguinte:

1.ª libras 22
3.ª libras 8

Recebe carga para os mesmos portos; e trata-se com os agentes acima indicados.

NOVIDADE

9 AMENDOAS DE LISBOA E FRANCEZAS, e um variado sortido de caixas para amendoas, gosto moderno.

Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga—51 Sophia 55—Casa d'azulejo.

O VERDADEIRO LICOR
DO PADRE KERMANN

10 O LICOR AMARELLO, formula 1.ª—Este licor essencialmente tonico, é destinado aos convalescentes, e ás pessoas que tem pouco uso de licores.

Licor verde, formula 2.ª—É mais rico de principios digestivos, e convem aos temperamentos robustos.

O licor verde, formula 3.ª, com rotulo branco—É mais aromatico e mais forte, exclusivamente destinado ás pessoas que costumam servir-se de licores espirituosos, e que desejam um estimulante especial

Todas as garrafas tem sobre a rolha e no rotulo a firma de **A Kermann**, e com um fio que segura a capsula, uma medalha de chumbo, com a marca da fabrica.

A' venda no estabelecimento de **José Tavares da Costa**, rua da Calçada, proximo a Portagem.

No mesmo estabelecimento se encontra o licor **grande Chartreuse**.

Superior genebra **Oldtom**, em garrafas.
Queijo flamengo, superior, casca vermelha.
Conservas inglezas.
Sardinhas de Nantes, em latas.
Mostarda ingleza, em pó, em latas.
Dita em frascos, preparada.
Vinhos finos do Porto de 400 a 1$200 a garrafa.—Dito Champagne e Bordeus — Madeira secco—Setubal e Xerez de la Frontera.

Amendoas de Lisboa, superior qualidade.

E todos os mais artigos pertencentes a mercearia.

As boas qualidades dos generos, os resumidos preços a que me limito, e o grande desejo de bem agradar, são as garantias que offereço aos meus freguezes e amigos— *José Tavares da Costa.*

11 NO DIA 31 do corrente mez de Março, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça desta cidade, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, se hão de vender e arrematar, a quem mais dê, sobre o valor de 300$000 rs., uma morada de casas sitas na rua de Mathematica, desta mesma cidade, descriptas no inventario por morte do bacharel José dos Santos de Carvalho, de Sémide. Escrivão interino, Almeida.

12 ARRENDA-SE a casa e loja que foi de José Antonio Marques. Quem pretender dirija-se a Francisco Guerra, rua da Sophia, S. Bernardo, n.º 96.

AGRADECIMENTO

13 D. LIBANIA RITA DE JESUS, Maria José Mesquita e José Maria Mesquita, summamente penhorados pelos obsequios que ultimamente receberam, na occasião do fallecimento de sua saudosa irmã e madrinha, D. Maria José da Gloria; vem por este meio testemunhar a todas as pessoas que os obsequiaram, o seu eterno reconhecimento; não podendo deixar de especialisar o reverendo parocho Manoel Joaquim de Castro, conego Manoel Marques Pereira Ribeiro, e mais ecclesiasticos, que fizeram parte do acompanhamento, e aos illm.os srs. que cantaram o *libera-me*, na egreja, pois que todos da melhor vontade, tão generosamente se prestaram a este acto, que jamais olvidarão.

Coimbra, 14 de Março de 1874.

14 VENDE-SE um olival e terra no sitio do Correeiro, limite do Loreto, e uma terra no cabeço do Cardal, limite da Pedrulha. Quem pretender comprar alguma destas propriedades, póde dirigir-se ao sr. José Alves de Faria, residente nesta cidade, ou a seu dono, José Joaquim dos Santos, em Figueiró dos Vinhos.

15 CHEGOU um grande sortimento d'amendoas, mandadas fazer expressamente em Lisboa.

46—Rua da Calçada—48

CERCADURAS
E PAPEIS PINTADOS
ALTA NOVIDADE
Praça de S. Bartholomeu, 100 a 102.

CERVEJA

17 ACABA de chegar ao estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga—51 Sophia 55.—Casa d'azulejo.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE
Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Nova barca—JOSEPHINA—em 30 de Março.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Chapeus para cabeça de senhora

19 ACABA DE CHEGAR ao novo estabelecimento na rua do Visconde da Luz, n.º 90 a 94, um lindo sortimento de chapeus de tul e veludo preto, com enfeites de côr, proprios para a estação, que se vendem por preços commodos.

8—LARGO DA FEIRA—10
BAIRRO ALTO

20 BOA AMENDOA de Lisboa e lindas cartonagens.

21 LINDISSIMA e variada collecção de caixas para amendoas, recebidas ultimamente de Paris.

46—Rua da Calçada—48

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA
SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social 600:000$000 a 2.000:000$000 rs.—1.ª emissão de 600:000$000 rs., divididos em 12:000 acções de 50$000 rs. cada uma.

22 A SUBSCRIPÇÃO para os tomadores de acções, tanto de Coimbra como de fóra, abriu-se no dia 5 e fecha-se no dia 16 do corrente mez de Março, desde as 9 horas da manhã, até ás 3 da tarde, em casa dos srs. commendador Manoel dos Santos Junior, praça de S. Bartholomeu, n.º 56; José Barbosa Lima, rua da Calçada, n.º 106; e José Maria Simões Leite, largo da Feira, n.º 32 e 33.

O subscriptor, no acto de inscrever-se, entrará logo com 1$000 reis de cada acção, quantia esta que lhe será levada em conta no acto da ratificação ou pagamento da 1.ª prestação. A 2.ª prestação pedir-se-ha antes que o Banco comece a funccionar, e ambas ellas serão de 5 por cento, ou de 2$500 reis por acção. A 3.ª prestação e subsequentes só serão exigiveis no caso em que as operações do Banco avultem de tal modo que se necessite de maior capital, não se podendo, entretanto, pedir aos accionistas mais de 5 a 10 por cento, e isto com um intervallo de 60 a 90 dias entre cada uma das prestações.

Aos individuos encarregados de receberem a subscripção, ou a qualquer dos membros da commissão installadora, se poderão dirigir os que pretenderem outros esclarecimentos.

Coimbra, 5 de Março de 1874.

Os membros da commissão installadora,
Manoel dos Santos Junior
Antonio d'Oliveira
José Antonio Ferreira Manso
José Barbosa Lima
Antonio Corrêa Lemos
Joaquim José de Sousa
José Melchiades Ferreira Santos

CAIXA FILIAL DO BANCO COMMERCIAL DE VIANNA
Praça de S. Bartholomeu, 79 a 81

Desconta lettras da terra, até 3 mezes de prazo, a 6 por cento ao anno.
Empresta sobre penhores d'ouro, prata, brilhantes e papeis de credito a 6 por cento ao anno.

NUMERO 2780 — TERÇA FEIRA 17 DE MARÇO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A interferencia do povo, por meio dos seus representantes nos altos negocios do estado, é a base fundamental do systema politico que nos rege, e evidentemente uma das maiores garantias para o aperfeiçoamento das ideias liberaes e democraticas, em que se funda este nosso regimen.

Por isso os representantes do paiz, em desempenho da missão augusta de que o mandato popular os investiu, tem deveres restrictos a desempenhar, aos quaes não é dado renunciar, sem quebra da principal caracteristica de todo o homem de bem— a dignidade pessoal.

A razão, a justiça, a verdade e o direito, não podem deixar de ser as armas que no campo das ideias e dos principios, os representantes do paiz devem manejar, em proveito da patria e da causa publica.

E' simplesmente isto o que querem os homens honestos dos partidos, que actualmente regem os destinos da nação; é o de que precisa a consolidação da liberdade e o bem estar do paiz.

Mas que estamos nós vendo ali no santuario das leis, no recinto, reservado á intelligencia, á probidade, ás lutas briosas do espirito, em defeza dos direitos e das regalias publicas?

Tristissimo espectaculo é o que representa a opposição actual. Ella substituiu a discussão, serena e grave dos principios, pela declamação violenta e apaixonada dos mesquinhos interesses pessoaes; a frase delicada e prudente, pela insinuação estulta e grosseira.

Não illustra, nem esclarece; intriga e calumnia: não invoca a paz; incendeja a guerra; não respeita a ordem; provoca as perturbações.

A ambição e a vaidade, substituindo o amor da patria e do dever, são os unicos sentimentos que dominam a opposição.

Que esperam os adversarios do governo, com os seus manejos illicitos, com as suas accusações falsas, com os seus enredos e embustes?

Violentar as praticas constitucionaes; intimidar o chefe do estado; desacreditar as reputações honestas, para se assenhorear do poder?

Nas formas constitucionaes, não é permittido demittir um governo que tem uma maioria dedicada e firme, e que soube conquistar, pelas suas acertadas medidas de ordem publica, de interesses economicos e administrativos, a opinião illustrada do paiz.

As aggressões de um grupo desvairado pela ambição do poder, e cego pela paixão partidaria, não constitue opinião; nem póde destruir os factos que o paiz aprecia, e muito menos apresentar-se como orgão das manifestações populares.

O nosso collega de Lisboa, a *Nação*, no seu artigo de fundo do dia 14 deste mez, queixa-se altamente de que um dos seus redactores, o sr. Jorge de Cabedo, ao sair do escriptorio da redacção do jornal, fora improvisamente assaltado por tres individuos, que depois de lhe dirigirem as maiores affrontas, e as chufas politicas mais grosseiras e abjectas, terminaram por descer a vias de facto, quebrando-lhe a cabeça e maltratando-lhe um braço.

A *Nação* appella deste facto para a imprensa periodica. Em quanto a nós, de certo não appellou debalde, porque aqui estamos para stygmatisar severamente semelhante crime. E procedemos assim, porque não temos duas medidas para aferir a justiça.

A *Carta Constitucional*, no § 3 do artigo 145, dispõe que—«Todos podem communicar os seus pensamentos por palavras, escriptos, e publical-os pela imprensa, sem dependencia de censura, com tanto que hajam de responder pelos abusos que commetterem no exercicio deste direito, nos casos e forma, que a lei determinar.»

Se ha abusos (e esses tanto os podem commetter os jornaes liberaes, como os miguelistas), é a *lei* que pertence punil-os, e não ao *cacete*.

E para a condemnação de semelhantes attentados, vamos chamar em nosso auxilio, tres dos maiores vultos que tem tido o partido liberal. São nada menos que Manoel da Silva Passos, José da Silva Passos, e José Estevão Coelho de Magalhães.

No dia 3 de Maio de 1823, começaram os *irmãos Passos*, então estudantes da Universidade, a publicar em Coimbra um jornal, com o titulo de *Amigo do povo*. Na introducção ao primeiro numero, diziam elles:

«Os erros não se destroem com ferro e fogo; empreguem-se outras armas mais brandas, e ao mesmo tempo mais efficazes—o *raciocinio* e a *verdade*. Desengane-se o povo; mostre-se-lhe a verdade, diga-se o muito que elle é, e o nada que são seus oppressores, e o povo não dará mais ouvidos ás suggestões dos impios. Para os maus, se elles reconcentrarem em si a sua maldade, temos tolerancia; se tomarem as armas contra a liberdade, temos ferro e fogo para punir o perjurio e a traição. **Fora deste caso, derramar sangue, é seguir veredas que longe de nos conduzir á salvação da patria, nos levariam a precipicios e abysmos tão profundos, que delles não seria possivel mais erguer-nos. O crime é sempre crime, e o despotismo é sempre despotismo, ainda que appareça embrulhado nas vestes candidas da liberdade.»**

Isto diziam os *irmãos Passos* em 1823. Vamos agora ouvir José Estevão Coelho de Magalhães, decorridos 20 annos depois desta data.

No dia 5 de Dezembro de 1843, reuniu-se no tribunal da Boa Hora, em Lisboa, o jury de liberdade de imprensa, para julgar um numero accusado do *Portugal Velho*, jornal do mesmo partido politico que a actual *Nação*.

Quem suppõem os nossos leitores que se apresentaria no tribunal para defender o reu? Seria algum advogado do partido miguelista? Não: era José Estevão, aquelle grande vulto do partido liberal. E apenas se tratava de um julgamento legal: que seria, se o illustre orador tivesse de stygmatisar uma aggressão violenta, como aquella agora feita á *Nação!*

José Estevão terminou a sua eloquente defeza do *Portugal Velho*, o jornal miguelista, pela seguinte forma:

«Vou dar-vos o ultimo adeus, srs. jurados!

Nunca mais nos encontraremos aqui neste campo tão bello, para exercermos missão tão magestosa: a vossa missão está acabada!

Nunca mais vos será dado julgar sobre a importancia politica nas questões vitaes da nossa sociedade!

O alfange que decepará vossos direitos está levantado; e o exterminio do jury protector da imprensa, da liberdade do pensamento, está formulado.

Sim senhores, essa nobre garantia que segurava a liberdade individual, que servia d'escudo, que guardava o peito do cidadão dos ataques da prepotencia, está quasi destruido:

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXCV

D. CARLOS

XCV

Intentou-se ao amanhecer do dia 17, o segundo assalto, combinando-o com uma escalada á praça de Morella, por tres distinctos pontos, realisados ao mesmo tempo. Sorteou cada divisão de infanteria um batalhão dos seus para esta empreza, resultando ser nomeado para o assalto da brecha, o batalhão de granadeiros da guarda real provincial, com as companhias do principal de S. Thiago, uma e meia de sapadores e uma secção de artilheria; sustentada esta columna pelos batalhões da rainha Isabel e rainha governadora, ás ordens de D. Francisco Xavier Azpiroz, e devendo escalar a muralha pelos pontos designados, os batalhões 2.º de Cordova, 2.º de Castella e 1.º de voluntarios de Navarra, sustentando aos dois ultimos no caso necessario, o regimento de caçadores do Porto.

Achavam-se ao amanhecer as tropas nos pontos designados para accommetter a praça, e dando o signal convencionado, marchavam com uma serenidade e arrojo, dignos de mais feliz sorte.

O batalhão de granadeiros provinciaes, com a mais força da sua columna, assim como a da reserva, chegaram a aproximar-se á brecha, até ao ponto que sendo impossivel marchar senão em desfilada, tambem o era adeantar-se nenhum sem encontrar a morte, pois o inimigo dirigia sobre esta parte um horroroso fogo de fuzilaria da praça e castello, e uma chuva de granadas de metralha e de mão, que semeavam a destruição por todas as partes.

Não obstante, estas bravas tropas mantinham a sua posição, apezar das perdas que experimentavam e de haver visto perecer os seus melhores officiaes, entre elles o mallogrado mancebo D. Joaquim Alonsó, commandante do corpo de estado maior, que marchando á frente da columna, terminou a existencia, dando um novo testemunho do seu acreditado arrojo, e levando ao sepulchro a esperança que todo o exercito tinha concebido de que algum dia fosse um de seus melhores generaes.

Egual sorte experimentaram o pundonoroso coronel D. Bruno Portillo de Velasco, que cumpriu a sua promessa de penetrar em Morella, ou perecer ao pé dos seus muros; e o major do batalhão da rainha governadora, D. Jeronymo Las Heras, que succumbiu no momento de apresentar-se á frente da brecha, animando aos seus soldados.

Bem conhecia Oráa a situação critica desta columna; porem esperava o resultado da escalada pelos sitios designados, pois se conseguia chamar para elles a attenção dos carlistas, talvez tivessem diminuido os fogos sobre a passagem da brecha, e a columna de ataque poderia fazer um esforço; porém preparado o inimigo em todas as partes, foi impossivel seguir adeante; os sitiados faziam retroceder os sitiadores.

O segundo de Castella e o primeiro de voluntarios de Navarra, conseguiram plantar as suas escadas contra o muro, e ainda chegar a metade de sua altura; mas precipitados dellas os primeiros que subiam e soffrendo o mesmo fogo, projectis e pedras que as demais columnas, desistiram da sua empreza, depois de soffrer consideraveis baixas.

Perdida a esperança de conseguir o triumpho, para conter tanta effusão de sangue, ordenou-se a retirada das tropas aos seus acampamentos, verificando-o cheios de desejos de vingança, contra um inimigo que tão poderoso se mostrava, e que, depois de haver sabido defender o seu baluarte, effectuou uma pequena saida em que se apoderou de uma peça de artilheria pequena. Tambem conseguiram os carlistas introduzir na praça um comboio de viveres de todas as classes.

A situação do exercito liberal deante de Morella, que parecia ostentar-se mais altiva depois do triumpho que havia obtido, era summamente critica.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

esses bens todos, que apenas começavam a gosar-se, desappareceram como a nuvem fragil de subtil fumo.

Esse sangue derramado, esses sacrificios todos, essas lagrimas, esses soffrimentos de tantas familias, foi inutilmente derramado, foram soffridos sem resultado! o unico fructo, o unico resultado foi-nos arrancado por esse projecto que não tardará em ser convertido em uma lei, que irá depositar nas mãos de juizes privilegiados nossos mais caros direitos, os bens mais reaes do systema representativo!

Srs. jurados, a base sobre que assenta essa lei projectada é a vossa indulgencia. Sois accusados de absolverdes, de serdes generosos, que eu intendo ser justiceiros; vossos detractores accusam-vos pela pratica da mais excellente de todas as virtudes!

Essa accusação tão ostentosamente pulverisada, não deve pesar sobre vossa consciencia; o receio de desagradar neste momento extremo, neste momento talvez o ultimo, aos verdugos do pensamento, não deve ser sufficiente para vos decidir e castigar a lealdade de principios que brilha neste escripto, que lançam a vossos pés com o ferrete do desprezo, para ser por vós immolada a lealdade.

Respeitae as convicções que se não oppõem a ordem publica, que não passam de um testemunho de respeito pelas saudosas recordações, em que faz consistir seu timbre de honra o partido, digno de nossos respeitos, pela constancia com que acata no throno de seus corações, com respeitosa devoção, um principio esteril de resultados.

Não vos peze pelo assim ter praticado, que eu vou dar-vos um testemunho de que reconheço a excellencia da tolerancia, de que sei ser piedoso e indulgente, de que sei sacrificar os caprichos ás conveniencias sociaes!

Quando os horrores da perseguição pesavam sobre nossa malfadada patria, na terra em que nascemos estava homisiada uma pessoa de nossa familia, que nos era extremamente cara.

O infame digito do delator deshonrado atreveu-se a sacrificar o socego, a perturbar a paz, a destruir a ventura de uma familia consternada, apontando o esconderijo em que apenas passou entre receios uma vida attribulada um homem respeitavel.

Houve um homem que alli foi, que correu sua mão sobre o infeliz, e que fechando os olhos, fingiu não ver a victima apontada.

O homem retira-se; mas quando já tinha deixado respirar o attribulado, por um impulso de lealdade, e cheio de consciencia, obrigado por um sentimento erroneo de justiça, volta a traz, e diz: — eis aqui o homem!

O malfadado coberto de injurias, opprimido, algemado, foi conduzido ás prisões de Almeida, e lá terminou o homem honrado sua virtuosa carreira, entre os horrores de um carcere solitario e duro!

A minha alma cheia do horror que inspirava o facto, perdeu a sua força, e nos momentos de uma dor indefinivel, concebeu a ideia de um crime! Do mais horrendo de todos os crimes, associado á maior de todas as fraquezas. Sim, senhores, associei á vingança jurada, a necessidade de commetter o assassinio!

Delato-me ante vós: concebi esse nefando projecto! Eu jurei com toda a força de minha alma passar com um punhal aquelle peito de que brotaram as amarguras que soffrera!

Passaram-se muitos annos, sem que o immolador avistasse a victima. O crime não passou de projecto, porque ha dias estando eu em minha casa, entrou nella esse homem, cujo exterminio eu considerava uma de minhas maiores delicias, e estendeu-me a mão: e esta mão que devia apertar o punhal, apertou a sua; o braço que o havia de arrojar sem vida no vacuo da eternidade, approximou-o do coração!

É assim que um homem firme na razão de sua boa causa abandonou a premeditada vingança; é este o meio de tomar vingança das offensas dos partidos.

Segui pois, senhores, o nobre principio da tolerancia, quando ella não offenda a justiça. Imitae a pratica dos paizes mais civilisados.

Nessa famosa França não duvidou, depois da grande victoria, á face da representação nacional, o respeitavel *Chateaubriand*, santificar com seu voto os principios de sua crença politica.

Vêde, senhores, como não se envergonham á face da Europa os legitimistas francezes de irem render seus respeitos ao ultimo ramo da dynastia dos Bourbons, e isto quando nas ruas de Londres passeia aquelle que occupa o logar que a elle pertencia segundo o direito velho.

Respeitae, sim, respeitae as innocentes crenças do *Portugal Velho*: consenti que elle lance uma saudade sobre a campa que lhe escondera para sempre o idolo que adorava!

Nesta hora extrema, neste momento final, sede o que deveis ser; sereis assim justos e respeitaveis.

Entrego em vossas mãos o processo, e espero, cheio de confiança, que a vossa deliberação corresponderá á idea que de vós forma o paiz.»

José Estevão, não appellou em vão para os jurados. O *veredictum* foi absolutorio, e em consequencia delle deu o juiz a seguinte sentença:

«Em vista da declaração do jury, julgo a accusação improcedente, e mando ao escrivão que dê baixa na culpa do réu, e envie copia da sentença ao *Diario do Governo* para ser publicada na forma da lei. — Lisboa 5 de Dezembro de 1843 — *José Joaquim dos Reis e Vasconcellos*.»

Ora se os individuos que ha dias espancaram o redactor da *Nação*, o sr. Jorge de Cabedo, se inspirassem na doutrina dos irmãos Passos, de José Estevão, e de outros eguaes ornamentos do partido liberal, commetteriam semelhante attentado?

No dia 13 do corrente foram trasladados para o jazigo de familia no cemiterio occidental de Lisboa, os restos mortaes da exm.ª sr.ª D. Amelia Ferreira Pinto Basto, esposa do sr. conselheiro José Dias Ferreira.

A este acto funebre concorreram muitas pessoas notaveis e da amisade do sr. José Dias Ferreira e de sua chorada esposa. Assim prestaram um tributo de homenagem ás virtudes da illustre fallecida.

Publicamos a seguinte carta, que nos dirigiu o sr. Dr. José Joaquim Fernandes Vaz.

Sr. Redactor — Como secretario da commissão fundadora do Banco de Coimbra, rogo a v. o obsequio de fazer publicar no primeiro numero do seu acreditado jornal a copia da acta da sessão do dia 15 do corrente, que inclusa remetto a v.

Por tal publicação muito agradecido lhe ficará o

De v. att.º am.º veuerador e cr.º
Coimbra, 16 de Março de 1874.
José Joaquim Fernandes Vaz.

4.ª SESSÃO

No dia 15 de Março de 1874

Aos quinze dias do mez de Março de 1874, ao meio dia e meia hora reuniu-se a commissão fundadora do Banco de Coimbra, em casa do exm.º sr. conselheiro José Ferreira de Macedo Pinto, e sob a sua presidencia, estando presentes os exm.ºs srs. visconde de S. Jeronymo, Dr. Joaquim José Paes da Silva, Dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim, Dr. Antonio dos Santos Viegas, Dr. José Joaquim Fernandes Vaz, Francisco Antunes de Carvalho e Silva, Bacharel Joaquim Ignacio Roxanes, Antonio José Alves Borges, João Lopes de Sousa, José Francisco d'Oliveira Reis, e Joaquim Maria Martins, faltando, por motivo de ausencia, o exm.º sr. Miguel Osorio Cabral e Castro, e por doença os exm.ºs srs. José de Moraes Pinto d'Almeida, e conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, os quaes todavia participaram que annuiam ás deliberações que se tomassem.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, foi presente á commissão um officio do presidente da associação commercial da Figueira em resposta ao convite que por esta commissão lhe fora dirigido, officio que vae transcripto em seguimento desta acta.

O sr. presidente recordou que a commissão fundadora do Banco de Coimbra se installara em 22 de Fevereiro proximo passado, nomeara o seu presidente e secretarios e approvara o pessoal administrativo do mesmo Banco; que mais de ametade das acções da primeira emissão foram logo tomadas pelos fundadores, e que no dia 5 do corrente mez se achava preenchida a subscripção, sendo os accionistas quasi todos da cidade e todos do districto de Coimbra, e sem que fosse necessario abrir subscripção publica, havendo ainda pedidos de mais acções para o caso de se augmentar o capital da primeira emissão; — que desde o mesmo dia se achavam promptos e em começo de discussão os estatutos por que devia reger-se o Banco: — porem que, tendo-se annunciado, no dia 4 do corrente, a creação de um outro Banco, denominado *Commercial*, e de iniciativa de alguns commerciantes d'esta cidade, resolvera a commissão, na sessão do dia 5, sobreestar no andamento dos seus trabalhos, e adiar para hoje a resolução definitiva do procedimento a seguir; e que por tanto convidava a commissão a deliberar sobre o assumpto.

Tendo usado da palavra varios membros da commissão, reconheceu esta unanimemente que o circulo commercial de Coimbra, é assás limitado para a creação simultanea e proficua desenvolvimento de dois estabelecimentos bancarios da mesma indole, os quaes não poderiam prosperar, nem produzir a bem do publico os resultados, que era de esperar se auferissem de um só banco, que na largueza, multiplicidade e acerto de suas operações tivesse os recursos precisos, para sem sacrificio dos accionistas, satisfazer ás necessidades do credito neste districto.

Considerou ainda que da concurrencia entre os dois bancos poderia, n'um futuro mais ou menos proximo, seguir-se a impossibilidade do progresso regular de cada um, prejudicando-se assim a salutar instituição de um bom estabelecimento de credito, que póde nesta cidade sustentar-se com proveito publico, se fôr discreta e seriamente dirigido.

E por estes ponderosos motivos, não obstante o favor com que foi acolhida pelo publico a sua iniciativa, e apesar do bom exito até hoje obtido, resolveu a commissão, por unanimidade, desistir do proseguimento da sua empreza da fundação do *Banco de Coimbra*, deixando pela sua parte o campo livre da concurrencia e de rivalidades aos que lhe vieram tomar o passo na realisação de tão importante melhoramento.

Deliberou em seguida que o projecto de estatutos fosse restituido ao seu illustrado auctor, e que a mesa lhe officiasse em nome de toda a commissão; significando-lhe o apreço e consideração em que foi tomado aquelle importante trabalho, e rendendo-lhe os devidos agradecimentos.

Finalmente resolveu, que esta acta, assignada por todos os vogaes; fosse publicada pela imprensa, para conhecimento dos interessados, e que se fizesse communicação especial á associação commercial da Figueira. E por esta fórma deu a commissão por terminados os seus trabalhos, approvando por unanimidade um voto de louvor e agradecimento ao exm.º presidente e aos secretarios; e o sr. presidente agradeceu cordealmente a cooperação e harmonia que encontrou em todos os vogaes. Terminou a sessão ás tres horas da tarde.

Coimbra 15 de Março de 1874.
Visconde de S. Jeronymo
Antonio José Alves Borges
Francisco Antunes de Carvalho e Silva
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio
José de Moraes Pinto de Almeida
José Ferreira de Macedo Pinto
João Lopes de Sousa
José Francisco de Oliveira Reis
Antonio dos Santos Pereira Jardim
Joaquim Maria Martins
Joaquim José Paes da Silva
José Joaquim Fernandes Vaz
Antonio dos Santos Viegas
Joaquim Ignacio Roxanes.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 15 de Março de 1874.

Terminou a discussão do orçamento de despeza, e esta dado para ordem do dia o da receita. Como é sabido, o actual governo tem posto todo o empenho em que durante a sua administração sejam votados pelas côrtes os orçamentos.

Na occasião, em que se discutia a lei de despeza, appareceram propostas para se concederem os augmentos de vencimento por diuturnidade de serviço a certas classes de funccionarios, que ficaram prejudicados com as reformas do ministerio do bispo de Vizeu. A commissão de fazenda não punha duvida em attendel-as, se fossem do mesmo modo considerados os professores e os magistrados: a opposição, porem, queria que só estes ficassem sacrificados para manterem o decreto de 25 de Janeiro de 1869. Não podia ser assim: a excepção era demasiadamente odiosa contra duas classes de funccionarios, muito mal retribuidos, e que prestam ao estado valiosos serviços.

O relator da commissão, dr. Mamede, accentuou bem terminantemente a sua opinião de que o decreto de 25 de Janeiro, não era lei do estado, e quando o fosse, que devia ser revogado, fazendo-se egual justiça a todos, que como elle estavam prejudicados.

Foi apresentado na camara o parecer das commissões reunidas de fazenda e obras publicas, sobre os caminhos de ferro das duas Beiras. O relatorio está bem traçado, e fugiu quanto possivel, das difficuldades da escolha da directriz do da Beira Alta. Não obstante, os deputados Teixeira e Mamede assignaram com declarações, por terem opiniões assentes sobre a materia, das quaes não podem afastar-se.

Talvez mui brevemente se apresente o parecer da commissão de instrucção publica, revogando algumas disposições do decreto de 15 de Junho de 1870, que inhibe os professores jubilados de exercerem commissões remuneradas do estado. Tal disposição era injustissima. Um professor póde estar já fatigado para o serviço do magisterio, que exige uma applicação diurna e activa, e não ter obstaculo para servir o estado, com vantagem publica, em outras commissões que demandem menor esforço de intelligencia, ou menor assiduidade.

Ouvi dizer que foram despachados dois conductores auxiliares de obras publicas, que haviam sido propostos pelo digno director desse districto.

* * *

NECROLOGIO

Mulier timens Dominum ipsa laudabitur.
PROVERBIOS, c. 31. v. 30.

A perda de uma pessoa virtuosa, que desappareceu deste valle de lagrimas para ir habitar no campo da egualdade, é sempre lamentada por aquelles que foram testemunhas das suas virtudes, e que aspiraram os seus rescendentes perfumes. A morte desta pessoa é sempre chorada com dôr pungente, sentido pranto e agra saudade; porque a virtude é o mais bello ornamento d'uma alma, e o unico titulo da sua nobreza, segundo a doutrina do christianismo, que veiu ensinar ao homem — que todos os homens são eguaes, e que nesta egualdade só ha distincção para o merito e para a virtude. Aos olhos de Deus não é grande aquelle que possue muitas riquezas, e que occupa eminentes cargos na sociedade, mas sómente aquelle que fôr dotado de bons sentimentos, e que praticar actos de virtude.

Viver bem, viver segundo a nossa fé e os dictames d'uma recta consciencia, é ter a certeza d'uma morte santa e tranquilla. Quem morre abraçado á cruz, — signal da nossa redempção, transpõe os umbraes da eternidade com a serenidade e alegria do justo.

A morte só deve aterrar aquelles, que não souberam, ou, não quizeram viver bem neste mundo.

Esta verdade incontestavel comprehendeu-a bem a exm.ª sr.ª D. Antonia Emilia Simões Neves, sempre temente a Deus, e por isso digna de todo o louvor. *Mulier timens Dominum ipsa laudabitur.*

Esta senhora, mana do dr. João Simões Neves, antigo administrador do concelho da Louzã, e do nosso sympathico amigo o exm.º sr. José Simões Neves, distincto pharmaceutico e habil professor de ensino primario em Serpins, sua naturalidade, e thia do exm.º sr dr. João Simões Pedroso, actual medico do partido de Cascaes, foi um modelo de virtudes christãs, um complexo de qualidades recommendaveis, e muito dignas de imitação.

Vivendo solteira na companhia do seu mano tambem solteiro, o exm.º sr. José Simões Neves, na sua nova casa sita na Ponte, tratou sempre todos os seus parentes com muito affecto, os estranhos, amigos do seu mano, com muita estima e urbanidade, e os pobres da sua terra com muita caridade evangelica.

Continuamente doente, e ha muitos annos impossibilitada de sahir de casa, soffreu muito, mas sempre com inalteravel paciencia e com santa resignação.

Seu dedicado mano, não poupando despezas nem sacrificios para lhe minorar os soffrimentos, não poude ultimamente salval-a de uma pneumonia, que lh'a roubou no dia 9 de Março, ás 11 horas da noute!

Como são inconstantes as cousas d'este mundo! Como é transitoria e ephemera a vida humana! Oito dias antes do seu inesperado passamento, assentado á sua mesa, eu recebi os mais sinceros agrados e as mais obsequiosas finezas. E hoje só resta do que foi a tristeza, o luto e a saudade!

Estes naturaes sentimentos pela morte da sua virtuosa mana, mostrou bem sensivelmente o nosso sympathico amigo no pomposo funeral, que lhe mandou fazer, convidando a musica de Goes para vir tocar no seu enterro. Neste acto solemne se descobriu tambem a relação de amisade, que liga o nosso amigo o exm.º sr. José Simões Neves a muitos cavalheiros dos tres concelhos limitrophes, Goes, Louzã e Poiares, que expontaneamente vieram honrar com a sua assistencia o funeral da exm.ª sr.ª D. Antonia Emilia Simões Neves.

As lagrimas e os suspiros do numeroso povo, que concorreu tambem para lhe darem o ultimo adeus á beira da sepultura, são o testemunho mais insuspeito e a prova mais solemne das virtudes, que ornavam o espirito da saudosa mana do sympathico cavalheiro, o sr. Neves.

Oxalá que ella tenha na eternidade o premio das suas excellentes qualidades, que ostentou sempre neste mundo. E cremos que o tenha; porque foi uma martyr de dores e soffrimentos bastantes para expiar os seus peccados nesta vida; porque foi sempre temente a Deus, e por isso digna de louvor; porque emfim a sua morte foi chorada pelos pobres, a quem beneficiou.

Sirva tudo isto de lenitivo á justa dôr e saudade do nosso amigo Simões Neves; que compartilhamos como verdadeiro e grato amigo.

Poiares, 13 de Março de 1874.
F. F. de C. L.

NOTICIARIO

A nova egreja da Louzã. — E' já sabido do publico, que se trata de construir uma grandiosa egreja matriz na villa da Louzã.

A commissão, encarregada de promover a realisação de tão importante obra, incumbiu o risco della ao architecto o sr. Pedro d'Avila, que já deu prompto o trabalho de que se encarregara.

O risco effectuado foi visto em Lisboa por muitas pessoas, e delle fallaram com louvor os jornaes da capital.

O nosso amigo o reverendo sr. José Daniel de Carvalho Montenegro, um dos zelosos membros da commissão, fez-nos o favor de nos deixar ver nesta cidade o mesmo risco; e desejando nós publicar ácerca delle uma opinião segura, e não uma noticia vaga, pedimos e instamos com o nosso antigo amigo e patricio o sr. Dr. Augusto Filippe Simões, que se achava comnosco a examinar o risco, e que é, sem contestação, uma das pessoas mais auctorisadas entre nós em semelhantes assumptos, para dar o seu parecer a esse respeito.

Annuindo ao nosso pedido, dirigiu-nos o sr. Dr. Filippe Simões a seguinte carta, que de certo será lida com o interesse que inspira tudo o que é escripto pelo nosso illustradissimo amigo.

«Amigo e sr. Joaquim Martins de Carvalho. — Pediu-me v., para a publicar no seu jornal, uma noticia do risco da egreja que pretendem construir na villa da Louzã. E com taes instancias foi feito o seu pedido e tem sido repetido, que não posso já por mais tempo recusar um pequeno obsequio a quem de tantos e tão grandes sou devedor. Dir-lhe-hei, pois, francamente e em breves palavras o meu parecer, em satisfação do seu empenho, e não porque me julgue competente para fallar do assumpto na altura em que póde e deve ser tractado.

O voto favoravel que sua magestade el-rei o sr. D. Fernando escreveu de seu real punho no principal desenho do sr. Avila, a reputação que o auctor do risco já tem de ingenhosissimo architecto; são recommendações taes, que bastaria v. cital-as no seu jornal para dizer e convencer mais do que poderão dizer e convencer as palavras de qualquer curioso indagador das cousas antigas e desapaixonado observador das modernas.

O edificio que o sr. Avila delineou, considerado exteriormente, pertence ao estylo ogival secundario, representado em Portugal pela egreja da Batalha e pelas ruinas do Carmo de Lisboa. Haverá, porem, alguma razão para buscar hoje estes modelos, por cima dos quaes cinco seculos têem passado? Haverá algum motivo para resuscitar a architectura gothica ou ogival, que a grande revolução do renascimento das artes condemnara por barbara, imperfeita e desregrada? Não foi esse estylo substituido com vantagem em Portugal pelo romano, ou antes italiano, durante as epocas em que mais se exercitou a architectura religiosa, durante os reinados do piedoso D. João III e do magnanimo D. João V? Não valerão, finalmente, mais que as obsoletas edificações da edade media, o convento de Mafra e a capella mor da sé de Evora?

Em geral, assim pensavam ha uns quarenta annos. Hoje, porem, vae cahindo em descredito essa opinião, como para dar-nos mais uma prova da fallibilidade dos juizos humanos. Segundo as ideas modernas, é o estylo ogival o que melhor representa o espirito do christianismo; qualifica-se de injusta a sentença condemnatoria dos apostolos do renascimento; e os povos mais cultos da Europa estão já a edificar as suas egrejas ao modo das que se construiram nos seculos XIV e XV.

O que ha mais notavel nestas revoluções da arte é que no tempo em que o poder pontificio estava ainda no seu auge, os papas Julio II e Leão X, adoptando o plano da basilica de S Pedro de Roma, contribuiram tanto como os proprios artistas, para a renovação da architectura antiga, para se construirem os templos christãos á imitação dos templos do paganismo. Hoje, que os papas não podem já, como ainda no seculo XVI, influir nas sciencias e nas artes, a architectura religiosa recorda o caracter medieval e purifica-se das formas classicas, que se lhe vão tornando tão repugnantes, como as ceremonias de algum rito gentilico, por acaso e inadvertidamente introduzido na casa do Senhor.

Pertence a esta nova eschola o sr. Pedro de Avila. A egreja que debuxou para a villa da Louzã é, como já disse, uma imitação dos templos da edade media.

Se não fossem de sobra as razões expendidas para justificar a escolha que o sr. Avila fez do estylo ogival para a egreja da Louzã, accrescentaria que o mau gosto e até a disformidade dos templos modernamente construidos em Portugal, fazem absolutamente necessario fixar uma norma, adoptar um estylo definido e auctorisado, que de uma vez acabe com essa anarchia absurda e ridicula, que temos presenceado nas ultimas construcções religiosas. A egreja da Louzã virá, pois, a distinguir-se vantajosamente por entre as obras congeneres da architectura dos nossos dias. Fazendo esta idea superior do risco e desejando vivamente vel-o ainda posto por obra, não quero calar os defeitos que notei, alguns dos quaes não dependeram da sciencia, ou pelo menos da vontade do architecto.

O estylo ogival constituiu-se e desinvolveu-se na edade media, sob o influxo das ideas dominantes e mais em particular da fé religiosa. Ora a edade media passou com tudo o que teve bom e mau. O caracter da nossa epocha é mui differente. O estylo ogival morreu com as condições em que podia viver. As edificações modernas em que o vemos imitado são copias e nada mais. Falta-lhes a animação, o arrojo, a sublimidade das cathedraes gothicas. Nos lados e nas archivoltas das portas, não se vêem já aquellas estatuas de anjos e santos com a expressão viva da crença religiosa. Debalde se buscarão nos capiteis as figuras symbolicas dos differentes estados da alma humana. As torres só têem do estylo ogival as formas caracteristicas. Falta-lhes a grande elevação, a abundancia e delicadeza dos ornatos, as estatuas, as folhas e as flores, por onde pareciam ascender da terra ao ceu as preces e aspirações do homem.

Na epocha do renascimento foi talvez mais a impossibilidade em que estavam os artistas de conservar o estylo ogival do que a admiração dos monumentos da antiguidade que operou a revolução na arte de edificar. Hoje que não tem diminuido, mas antes augmentado a difficuldade de construir templos, como os da edade media, pretendem reatar o cortado fio da tradição e restituir á architectura «que a mudança de ideas e de condições sociaes fez cahir em desuso. Baldado empenho! Peçam epopeas aos poetas contemporaneos e verão o que lhes sae da penna! Se algum dia as ideas religiosas dominarem outra vez as sociedades, então se desinvolverá naturalmente, e em conformidade com essas ideas, um verdadeiro estylo religioso que os artistas buscam em vão ha quatro seculos. Impossibilidade de crear estylos não a vejo. Sirvam de prova os palacios das exposições, as pontes pensis ou as de ferro e pedra, as grandes fabricas etc.

Nestas obras não ha ficções. Os elementos architectonicos são o que são. Cada um occupa o logar que lhe corresponde em harmonia com o fim a que o todo é destinado. Não têem partes de mais nem de menos, porem sómente as indispensaveis. Nenhuma d'essas partes finalmente toma uma forma que não seja em verdade a sua.

Era assim tambem nos templos da edade media. Todos os elementos architectonicos correspondiam a um fim determinado. Os proprios ornamentos tinham sua significação. Exprimiam verdadeiramente os sentimentos que dominavam a sociedade.

Nas imitações dos templos ogivaes falta pois a grandeza e a magestade que só póde dar aos edificios religiosos a expressão de sentimentos que acima de todos dominam os povos. No risco do sr. Avila, por exemplo, apparecem com profusão os gigantes e mais em particular no frontespicio. Para que serviam os gigantes? Para que as paredes podessem resistir á pressão das abobadas. Abobadas e gigantes são elementos correlativos. Mas a egreja da Louzã deverá ter, segundo o risco, um tecto de madeira.

E' verdade que os gigantes foram debuxados como ornatos e dão certa elegancia á fachada da egreja. Comtudo não deixam, por isso, de ser uma coisa fingida. N'uma epocha em que a architectura ogival perdera já a sua austeridade e pureza, no tempo d'el-rei D. Manoel, o architecto da egreja de S. Francisco em Evora, que tem uma só nave de grande altura e largura, coberta com abobada, fingiu tambem, mas ao contrario do sr. Avila, occultou habilmente os gigantes entre duas paredes, das quaes uma fica invisivel para quem estiver dentro ou fóra do templo. Mas a que se vê, delgadissima, parece aos olhos do observador que só por milagre poderá sustentar a abobada.

Interiormente a egreja delineada pelo sr. Avila tem uma só nave. Mas para embellezar a prespectiva, o architecto adornou as paredes lateraes com arcadas que se estribam em pilastras com estatuas. As ogivas destes arcos são quasi equilateras como as do estylo primario, as exteriores com a forma de lanceta, caracteristica do estylo ogival secundario.

A pedido do exm.º sr. bispo conde, tinha o governo concedido para a egreja da Louzã o bello retabulo de talha doirada da capella mór de S. Bento. Este retabulo foi feito nos fins do seculo XVI ou nos principios do seculo XVII. E' por tanto do estylo do renascimento. Insistiu o sr. Avila para prescindirem d'elle. Inutilmente. Exigiram que ficasse na capella mór da nova egreja. Neste caso parece que o mais racional seria o sr. Avila adoptar o estylo correspondente, como é o das egrejas conimbricenses de S. Bento ou de Thomar, para a egreja da Louzã. Mas hoje, como em todas as epochas, é tal a força das ideas fundamentaes da eschola, que os architectos preferem formar todos discordantes a proceder em contrario a essas ideias. O sr. Avila não poude, por tanto, delinear a egreja segundo um estylo differente do ogival. Porem, como o retabulo do altar mór era de estylo romano, teve de adoptar este mesmo estylo para a capella mór e para as paredes do cruzeiro, que virão a ficar no campo visual juntamente com o retabulo. O sr. Avila debuxando a egreja da Louzã para ser construida desde os alicerces, deixou-a logo *ab initio* com o grave defeito que hoje se nota nas egrejas de Belem e da sé de Evora.

Ao tecto ogival da capella mór deveria corresponder a volta redonda do retabulo. Para evitar esta discordancia, o architecto accrescentou ao retabulo uma parte angular para lhe dar a forma de ogiva. Mas as columnas salomonicas, as platibandas, os arcos de volta redonda, a ornamentação toda romana? Tudo isso lá ficou a protestar contra a emenda, para lhe não dar um nome mais vulgar e mais expressivo.

Emfim, as bases das pilastras, na altura de um homem, pouco mais ou menos, estão rodeadas de candieiros com globos de vidro. Em Paris será esta especie de illuminação muito conveniente para auxiliar as pesquizas da policia no interior dos templos. Porem na Louzã...

Porei aqui ponto aos meus reparos. Parece-me digno de elogio o risco da parte exterior da egreja, pelo estylo adoptado e pela elegancia da forma. Interiormente notam-se os defeitos apontados, que, ainda assim julgo pequenos em comparação de outros que por ahi se tem commettido nas egrejas modernas. Com esses defeitos ou sem elles, se o templo vier a ser edificado, a villa da Louzã poderá ufanar-se de possuir uma das mais bellas egrejas que neste seculo se tem construido em Portugal.

Eis aqui as impressões que me deixou o exame do risco. Publique-as se julgar que merecem essa honra. Se não, devolva-as ao

De v. am.º vendr.º obgdm.º
Quinta da Rainha, 11 de Março de 1874.
A. FILIPPE SIMÕES.

Novas publicações. — Recebemos nestes ultimos dias as seguintes publicações, que muito agradecemos:

Relatorio apresentado á junta geral do districto de Coimbra, na sessão ordinaria de 1874, pelo governador civil o conselheiro Antonio de Gouvea Osorio, visconde de Villa Mendo. — Coimbra: Imprensa da Universidade.

Opposição da camara municipal de Cea em 1874, ao assentamento d'uma tubagem de ferro para conduzir aguas por caminhos, ruas e praças publicas da mesma villa. — Lisboa: impressa de J. G. Sousa Neves — 65, rua da Atalaia, 67.

As grandes verdades religiosas, explicadas pelo expectaculo dos campos, e postas ao alcance de todas as intelligencias, pela baroneza de Mackau, traduzidas em portuguez, por M. Pinheiro Chagas. — Lisboa: Lallemant Frères, typ. editores-proprietarios.

Flores romanticas. — *D. Enrique Perez Escrich.* — CASAMENTOS DO DIABO, *versão de Alfredo de Mello, illustrações de Raphael Bordallo Pinheiro.* — Volume I. — Lisboa: livraria editora de Mattos Moreira & C.ª — Praça de D. Pedro, 68.

Horas romanticas, bibliotheca selecta illustrada. — *Tarrago y Mateos.* — CRIMES DE UMA RAINHA, *traducção de A. M. da Cunha e Sá.* — Volume II. — Lisboa: typographia portugueza — rua da Paz, aos Poyaes de S. Bento, 7.

A Franc-Maçonaria e a revolução, pelo padre Francisco Xavier Gautrelet, da companhia de Jesus, com approvação do auctor

ridade ecclesiastica. Traduzido do original francez por Francisco d'Azevedo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães, ministro e secretario de estado honorario. Precedida d'um poemio do traductor a respeito da maçonaria portugueza.—Volume II.—Porto: livraria Internacional de Ernesto Chardron—largo dos Clerigos, 96 a 98.

Collecção de sermões ineditos, pelo reverendo beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão—N.º 2—SERMÃO DE PASSOS.—Lisboa: livraria editora de Mattos Moreira & C.ª—Praça de D. Pedro, 68.

Dissertatio inauguralis de nexu ac mutua relatione catholicae ecclesiae et rerum populorum libertatem, ab Emmanuele de Jesus Lino.—Conimbricae: typis Litterariis.

Magalhães Lima.—O Papa perante o seculo (refutação do ultramontanismo.—Porto: imprensa Litterario-Commercial.

Bibliotheca universal.—N.º 9—*D. Anna Maria Ribeiro de Sá.*—MATHILDE, *romance original, com um prologo de M. Pinheiro Chagas.*—Lisboa: Lucas & Filho, editores.—Rua dos Calafates, 93.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

1 DANIEL PESSOA GUEDES, de Penacova, em extremo penhorado para com todos os seus patricios e mais pessoas, que com perigo da propria vida lhe prestaram tão relevantes serviços no dia 12 do corrente, na occasião em que teve logar um incendio nas suas casas da Costa, na mesma villa, obstando a que todas fossem presas das chammas; a todos, e a cada um em particular, protesta por este meio o seu eterno reconhecimento.

Penacova, 14 de Março de 1874.

Daniel Pessoa Guedes.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

2 PERANTE a administração dos hospitaes da Universidade de Coimbra, em cumprimento da portaria do ministerio do reino de 10 do corrente, se abre concurso de 30 dias, que hão de findar no dia 20 do proximo mez de Abril, para o provimento de dois logares de uma commissão encarregada da exploração do cartorio da fazenda dos mesmos hospitaes, com o vencimento annual, para um d'estes logares, de 180$000 reis, e para o outro de 150$000 reis. Os concorrentes devem mostrar-se habilitados para esta ordem de serviços.

Por exigencia da portaria de 15 de Dezembro de 1873, são excluidos d'este concurso todos os pretendentes actualmente empregados em repartições publicas.

Administração dos hospitaes da Universidade de Coimbra, 15 de Março de 1874.

O administrador,

Costa Simões.

Pará—Santarem—Obidos—Serpa e Manaos

Segue de Lisboa em 29 do corrente o vapor inglez **Maclard**. O preço das passagens é o seguinte:

1.ª libras 22

3.ª libras 8

Recebe carga para os mesmos portos.

Trata-se em Lisboa com o agente José Joaquim das Neves & Filhos, Praça de D. Luiz 1.º, 4; e na Figueira com Antonio Vieira.

Attenção

4 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

5 DOMINGO, 22 de Março, continua o bazar no Jardim Botanico, a favor dos pobres por quem a sociedade Consoladora dos Afflictos reparte as esmolas que lhe confiam.

A sociedade agradece a todas as pessoas que fizeram a caridade de ir ao salão dos Artistas, no dia 15, e que compraram bilhetes a favor dos pobres.

O bazar domingo, será das 3 horas da tarde até á noute.

ESTRUME

6 VENDE-SE em arrematação, no dia 26, pelas 11 horas da manhã, no quartel de cavallaria, o que produzirem os cavallos do destacamento.

7 ANSELMO MESQUITA, ao arco de S. Thiago, tem para vender duas lanternas de lata, de acompanhar o pallio, as quaes dá por 3$000 rs. cada uma.

A QUEM CONVIER. ANNUNCIA-SE

8 RICARDO JOSÉ SOARES ROMEO, agente do Banco Commercial de Vianna, estabelecido em Villa Nova de Cerveira, recebe e paga toda e qualquer quatia que pelas referidas agencias do mesmo banco sejam transmittidas.

9 VENDE-SE ou arrenda-se uma terra de semeadura com oliveiras e matto, no sitio da Diabelha, monte do Amial; é actual arrendatario Manoel Gamboa, do Amial.

Tracta-se com o ill.mo sr. Joaquim Maria Ferreira, do Amial, e em Coimbra, rua dos Sapateiros, largo da Freiria, n.º 8.

10 ARRENDA-SE a casa e loja que foi de José Antonio Marques. Quem pretender dirija-se a Francisco Guerra, rua da Sophia, S. Bernardo, n.º 96.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

SOCIEDADE ANONYMA—RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social 600:000$000 a 2.000:000$000 rs.—1.ª emissão de 600:000$000 rs., divididos em 12:000 acções de 50$000 rs. cada uma.

PROROGAÇÃO DE PRAZO

11 EM CONSEQUENCIA de terem apparecido tomadores de acções tanto de Coimbra, como do districto, depois de findo o prazo para a subscripção, a commissão installadora empenhando-se em que estes e os mais que ainda possam e desejem concorrer sejam preferidos, e isto pelo interesse reciproco que d'ahi resulta, o que a todos é obvio, a mesma commissão resolveu prorogar o prazo para a subscripção até ao dia 25 do corrente, devendo nas proximidades desta epocha, abrir-se egualmente a subscripção nas praças de Lisboa e Porto, sendo reconhecido de todos a impossibilidade de se poder cobrir a 1.ª emissão de 12:000 acções tão sómente em Coimbra e no seu districto.

Logo que o Banco comece a funccionar, tratará de tornar effectivas todas as operações chamadas bancarias, as de seguros de vidas e annuidades, as de seguros contra incendios, as de seguros de gados, as de emprestimos sobre mobilias, com fiador, e as de credito industrial, agricola e predial, achando-se envolvidas nestas operações todas aquellas attinentes a um estabelecimento de tal ordem, e incluindo-se a da formação de uma caixa economica, o que tudo será desenvolvido nos seus estatutos, requerendo-se as necessarias auctorisações e precedendo os accordos devidos.

O subscriptor, no acto de inscrever-se, entra logo com 1$000 reis de cada acção, quantia que lhe será deduzida quando seja chamado á ratificação das suas acções, ou pagamento da 1.ª prestação, que será de 5 por cento, ou de 2$500 reis por acção, desembolçando nessa occasião sómente 1$500 rs. de cada uma dellas, o que terá logar logo que se achem impressos os estatutos do Banco.—A 2.ª prestação deverá ser paga antes que o Banco comece a funccionar, e será tambem de 5 por cento, ou de 2$500 rs. por acção. A 3.ª prestação só poderá ser chamada quando o Banco já funccione, e será ella de 5 ou de 10 por cento por acção, isto é de 2$500 ou de 5$000 rs. A quarta prestação e seguintes nunca poderão ser pedidas senão quando as operações do Banco avultem de tal modo que se necessite de maior capital, o que não será provavel no primeiro anno, se se attender ao capital em circulação por meio de emissão de notas, e á affluencia dos depositos. Em todo o caso, estas ultimas prestações nunca poderão ser exigiveis senão com um intervallo de 60 a 90 dias, a contar da 3.ª prestação, não devendo ellas exceder a mais de 5 ou 10 por cento (2$500 ou 5$000 reis) por acção.

Assim, poderá o accionista ter a vantagem de não chegar talvez a desembolçar o valor real das suas acções, sendo provavel que ellas possam por esta circumstancia obter premio no mercado, o que não succederia se a emissão do capital inicial de 600:000$000 rs. fosse mais pequena, porque as chamadas ou pagamentos seriam então successivos pela carencia do capital necessario.

A subscripção continua aberta desde as 9 até ás 3 da tarde, em casa dos srs. commendador Manoel dos Santos Junior, praça de S. Bartholomeu, n.º 56; José Barbosa Lima, rua da Calçada, n.º 106; e José Maria Simões Leite, largo da Feira, n.º 32 e 33.

Os membros da commissão installadora,

Manoel dos Santos Junior
Antonio d'Oliveira
José Antonio Ferreira Manso
José Barbosa Lima
Antonio Corrêa Lemos
Joaquim José de Sousa
José Melchiades Ferreira Santos

12 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha somente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequecа, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de lata de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2781 — SABBADO 21 DE MARÇO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Tem causado geral e desagradavel sensação nesta cidade, as noticias particulares, chegadas ultimamente de Lisboa, sobre a directriz do caminho de ferro da Beira.

Affirma-se que não serão attendidas as respeitaveis corporações, que de Coimbra têem pedido ao governo, para que seja adoptado o traçado do sul, e que este saia directamente desta cidade.

Nada consta officialmente ácerca deste importante objecto. Não obstante, as informações particulares tem posto em sobresalto a cidade e o districto, dispondo-se a velar efficazmente pelos seus interesses, e empregar todos os esforços, a fim de que não sejam descuradas as conveniencias das localidades, cuja importancia commercial, industrial e agricola, deve merecer toda a attenção dos poderes publicos.

Já foi distribuido na camara dos srs. deputados o parecer da commissão de fazenda e obras publicas, approvando a proposta do governo, para a construcção dos caminhos de ferro das duas Beiras; assim como os ramaes para Vizeu e Covilhã.

Quando se tratou de discutir este mesmo parecer, ventilou-se a questão de directriz, e de entroncamento das linhas, ponto em que divergem as opiniões; pronunciando-se comtudo a maioria da commissão a favor da linha do sul. Entre os seus membros, os que mais esforçados se tem mostrado, a favor dos interesses desta cidade, e que por differentes vezes tem manifestado o seu auctorisado parecer, em relação a este assumpto, foram os srs. Drs. José Dias Ferreira, Joaquim Gonçalves Mamede, e Antonio José Teixeira.

A' elevada intelligencia e reconhecida dedicação destes cavalheiros, pelas cousas desta terra, está confiada tão importantissima medida.

A commissão fallando da directriz dos dois caminhos da Beira, revelou muitas e bem fundadas duvidas sobre algumas das directrizes estudadas, reconhecendo a necessidade de fazer novos estudos, para alterar os que ainda estão sendo discutidos na junta consultiva de obras publicas.

As declarações que estes distinctissimos membros da camara electiva fizeram na commissão, a respeito das vantagens da directriz do sul; estão inteiramente em harmonia com os interesses geraes do paiz, de Coimbra e do districto.

Já por outras vezes, fallando deste assumpto, temos feito justiça ao illustre deputado por este circulo, pela solicitude com que tem advogado os interesses dos seus constituintes, e em particular a questão do caminho de ferro da Beira; assim como a todos os outros cavalheiros, que constantemente têem defendido a justa pretensão desta cidade.

Por differentes occasiões temos egualmente fallado ácerca deste assumpto, e da obrigação que ao governo corre, de não esquecer as condições especiaes deste districto, para o contemplar na sua altamente razoavel pretensão.

As industrias manufatureiras, a agricultura e o commercio, que em tão larga escala se exercem nas regiões atravessadas pela linha do sul; e ainda a importancia geographica, que esta cidade occupa em relação ao paiz e ás provincias da Beira, merecem de certo qualquer sacrificio, que porventura seja necessario fazer-se.

Tambem aqui demonstrámos a riqueza e as abundantes fontes de producção que ha a explorar nesta parte da Beira, e o grande desenvolvimento fabril que se tem operado, e que tende de dia para dia a augmentar nesta provincia. Abstemo-nos por isso de entrar na apreciação minuciosa do assumpto, debaixo deste ponto de vista: assas reconhecida é a sua importancia, para não duvidarmos de que elle merece toda a attenção dos poderes do estado.

Um conjunto de interesses, verdadeiramente justos e respeitaveis, e por isso dignos de serem attendidos, representa nesta questão a unanimidade do povo de Coimbra e de quasi toda esta provincia, que por si e por seus representantes, promovem os proprios interesses.

Foi despachado official da secretaria do supremo tribunal de justiça o nosso particular amigo, Augusto Neves dos Santos Carneiro.

Dos dez concorrentes foi este cavalheiro o que nas provas do concurso mais e melhores habilitações offereceu.

Este despacho honra o nobre e muito digno ministro da justiça, pelas qualidades distinctas e merito relevante do agraciado.

Damos os parabens ao nosso illustrado e sympathico amigo.

Recebemos o relatorio apresentado á junta geral deste districto pelo sr. governador civil, visconde de Villa Mendo.

E' este um trabalho de muito interesse, pela maneira como o digno governador civil desenvolve as propostas, sujeitas á apreciação da junta geral; e pela fórma por que aprecia as mais urgentes necessidades deste districto, indicando o meio de realisar alguns melhoramentos para os concelhos e para Coimbra.

Além dos assumptos geraes de administração districtal, mereceram a particular attenção do sr. visconde de Villa Mendo, a viação do districto, a instrucção publica, o projecto de nova cadeia districtal, a necessidade de crear um corpo de policia civil em Coimbra, e a conveniencia de adquirir um edificio proprio para o asylo de mendicidade.

De todos estes assumptos nos temos largamente occupado por differentes vezes neste periodico, porque temos que elles são de alta importancia; e por isso desejamos que as auctoridades a quem foram confiados os inte-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXCVI

D. CARLOS

XCVI

A chegada de Pardiñas no dia 15, com só dois dias escassos de rações para os soldados, e nenhum de forragem para os cavallos, encheu Oráa de amargura. Havia no acampamento uns 600 feridos, e cada expedição que marchava por viveres tinha mais de 100 homens fóra do combate. O incendio das messes, executado pelos carlistas, privou aos cavallos de forragens, ultimo meio de subsistencia; e nos ultimos dias, muitos dos soldados não comiam mais que trigo tostado, colhido no campo á custa do seu sangue.

Só ficava em pé a moral do soldado, que, sem murmurar dos seus padecimentos, esperava a ordem de novos combates. Porém não bastava o seu valor quando se carecia de meios materiaes; e sendo indispensavel sair de uma situação tão critica, convocou Oráa á junta os generaes, brigadeiros e chefes de commando, ao primeiro e segundo chefe de estado maior general, aos commandantes geraes de artilheria e engenheiros, e ao intendente militar, cujas opiniões quiz ouvir. Manifestou-lhes franca, clara e simplesmente o critico estado do exercito, e os recursos com que contava para a sua subsistencia e para a continuação do sitio; e o conselho reconheceu que, ainda que o exercito não tinha perdido a sua força moral, nem desmaiado pelos soffrimentos, nem relaxado a sua disciplina, nem diminuido o seu valor, pois o havia acreditado constantemente nos 22 combates em que se achara, e em o mau exito dos dois assaltos, devia, não obstante, levantar-se um sitio, a que tão poderosamente se oppunha a topographia do terreno.

Unanimes nesta opinião, adheriu Oráa a ella e adoptou as disposições convenientes para uma retirada que forma a pagina mais brilhante deste general.

Em a noute de 17 se executou, debaixo dos tiros da praça, a difficil opperação de desarmar as baterias.

No dia 18 ficou acampado o exercito sitiador entre a altura de S. Marcos e o Estret de Postes, tendo na vanguarda a divisão de S. Miguel, no centro o comboio com a de Borso e reserva, e Pardiñas cobrindo a rectaguarda.

As tropas que formavam a circumvallação haviam emprehendido um movimento retrogrado habilmente dirigido pelos officiaes, e ás 11 da manhã se achavam reunidos mais acima do barranco da Pedrera os parques de artilheria e engenheiros, composto o primeiro de 86 carros e de 21 o segundo, cujo consideravel trem, conduzido por um terreno aspero e fragoso, devia fazer a marcha sobranceira arriscada, e attrahir sobre si grandes forças inimigas; porém as acertadas disposições, e a opportuna collocação que deu ás suas tropas, fizeram que um perigo de tão colossaes proporções fosse infecundo em resultados funestos.

Borso occupou as posições da direita, S. Miguel as da esquerda, e principiaram o movimento todas as divisões, vencendo quantos obstaculos se apresentaram de frente e nos flancos.

Muito estranhou Cabrera o abandono do sitio, e quando o soube, correu á praça, municiou o exercito e saiu a perseguir o inimigo, regressando de noute a Morella, onde foi recebido com as mais alegres demonstrações.

A attitude em que pernoutaram ambos os combatentes, fazia presumir que no dia immediato renovariam os carlistas o ataque com dobrado brio e mais porfiado afan, porque as condições materiaes do exercito liberal eram mais precarias á medida que avançava o tempo, e não podiam imaginar que tão aspero golpe da fortuna haveria deixado de o desmoralisar.

Deu Oráa a ordem de continuar a marcha, e ao amanhecer de 19 a emprehendeu a brigada do coronel Alvarez, e o crescido comboio de carros, feridos e enfermos, com a brigada de Urbina, passando sem novidade o Estret de Postes e o caminho da esquerda. Havia-se mudado a ordem de marcha, que se observou na anterior, segundo os acidentes do terreno e o choque que havia tido a divisão Pardiñas. Collocou-se este no centro, protegendo immediatamente o comboio, e a de S. Miguel se poz á vanguarda, cerrando Borso com a sua retaguarda.

Cabrera saiu da praça ao amanhecer deste dia com alguma força, e reunindo-se com a que deixou acampada em a noute anterior, dispoz atacar no mesmo instante o seu contrario, em quanto Forcadell e Llagostera tomavam posições no bosque contiguo ao Estret de Postes e direita do caminho, baixando á Pobleta.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

resses das localidades e do districto, se compenetrem das suas vantagens na ordem social, realisando pelo menos os mais indispensaveis destes melhoramentos, cuja utilidade é geralmente reconhecida.

E' por isso muito digno de louvor o chefe do districto, por ter chamado a attenção da junta geral para medidas de tanto alcance e tão urgentemente reclamadas.

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial de Vianna, em 28 de Fevereiro de 1874

Activo

Caixa	105:674$564
Acções	151:435$000
Letras em carteira	263:795$959
Contas correntes com garantia	367:784$967
Emprestimo sobre penhores	100:519$400
Papeis de credito	148:805$589
Cartas de credito	2:521$151
Devedores no paiz	240:225$080
Ditos no estrangeiro	12:986$285
Ditos nas ilhas	6:918$342
Despezas d'installação, moveis e utensilios	5:156$356
	1.405:822$693

Passivo

Capital	600:000$000
Obrigações	367:084$746
Depositantes	167:331$061
Letras a pagar	51:613$314
Credores no paiz	194:656$853
Ditos no estrangeiro	8:484$723
Dividendos	758$000
Fundo de reserva	3:000$000
Ganhos e perdas	9:863$996
	1.405:822$693

Banco Commercial de Vianna, em Vianna de Castello, 7 de Março de 1874.
Pelo Banco Commercial de Vianna
Os directores,
José Antonio Loureiro.
Antonio Alberto da Rocha Paris.

NOTICIARIO

Fr. Agostinho da Annunciação e os missionarios do Varatojo em Coimbra.—No mez de Janeiro de 1830 chegaram a Coimbra os dois frades do Varatojo, Fr. José da Assumpção, que depois foi nomeado bispo de Lamego, e veiu a fallecer em Lisboa no dia 18 de Novembro de 1841; e Fr. Joaquim do Espirito Santo, que suppomos que ainda é vivo.

Estes missionarios, protegidos pelo bispo D. Joaquim de Nazareth, pregavam na Sé Cathedral desta cidade.

Era tão grande o numero de pessoas de todas a edades e classes a ir ouvil-os, que a pesar da grande vastidão daquelle templo, não havia alli espaço para tanta gente.

Viram-se algumas vezes os missionarios obrigados a pregar no largo da Feira; e por ultimo, depois da paschoa, foram pregar em uns olivaes proximo á quinta que os bispos de Coimbra têem em S. Martinho do Bispo. Alli acorria para os ouvir uma inumeravel multidão de povo, tanto desta cidade, como de muitas povoações do campo.

Um dos assiduos ouvintes dos missionarios era o estudante do 3.º anno de Canones, José Bento Ribeiro Gaspar, natural do Louriçal do Campo, antiga comarca de Castello Branco, e filho de Bento José Gaspar.

Attrahido pelas doutrinas dos varatojanos, deliberou-se este estudante a largar a Universidade e tomar o habito; o que effectuou, mostrando sempre em todos os actos, na austeridade dos seus costumes e fervor religioso, que era verdadeira e sincera a sua vocação.

Depois de extinctas as ordens religiosas, continuou inalteravelmente na pratica de todas as virtudes; e tendo merecido ser director espiritual da senhora infanta D. Isabel Maria, largou este honroso cargo, preferindo ir entregar-se á missão mais modesta, porem mais util, de educar a mocidade.

Fundou e dirigiu o collegio de meninos orphãos do martyr S. Fiel, no Louriçal do Campo, sua patria; fundou em Torres Vedras o collegio de S. José; e finalmente fundou no Varatojo um collegio para meninos e outro para meninas.

. . . .

Alguns jornaes de Lisboa trazem-nos a noticia de ter fallecido no dia 14 do corrente no Varatojo, com geral sentimento, o egresso *Fr. Agostinho da Annunciação.*

Querem os nossos leitores saber quem era este *Fr. Agostinho da Annunciação?* Era o já mencionado estudante de Canones, que em 1830 morava na rua da Mathematica de Coimbra, *José Bento Ribeiro Gaspar.*

Bibliographia.—Amigo Martins de Carvalho.—Ha na bibliotheca de Evora uma collecção valiosa de opusculos, encadernados em muitos volumes, que pertenceu ao impressor de Coimbra, Manoel de Carvalho, e que talvez por elle mesmo fossem reunidos. Comprehendem, se não todos, ao menos a grande maioria das publicações feitas depois da acclamação de D. João IV. E pois, muito valiosa esta miscellanea, e contém rarissimos folhetos. No intuito de n'ella achar alguns, que por ventura não sejam conhecidos, a irei percorrendo e confrontando suas obras com o diccionario do sr. Innocencio Francisco da Silva. Possivel é que um ou outro daquelles folhetos anonymos venha mencionado sob o nome de seu verdadeiro auctor no diccionario, e que por isso seja apontado aqui como desconhecido. Isto, porem, em nada prejudica o trabalho que de tempo em tempo irei fazendo e que não desagradará aos amadores.

No primeiro volume encontrei os seguintes:

Relaçam
das armas
munições, petrechos
de guerra que trás de Amster
dam o Embaxador Tristão de Mendo
ça Furtado
1641

E' uma folha fol.

Memoria
da iornada, e successos, que ouve
nas duas embaxadas, q. S. Magesta
de, que Deos guarde, mãdou aos
Reynos de Suecia, &
Dina marca.

Lisboa na officina de Domingos Lópes Rosa 1642. 8.º de quatro folhas de 16 pag. de impressão sem numeração alguma.

Discursos
que se
presentaram na coria romana, porque se
mostra que o illustrissimo, & Reverendissimo
Senhor Dom Miguel de Portugal Bispo de
Lamego avia de ser recebido em aquella Corte,
como Embaxador do Serenissimo Rey
de Portugal Dom João o
IV nosso Senhor.
Traduzidos do italiano em portuguez.

Lisboa por Antonio Alvarez 1642. 8.º de 16 paginas.

Se lhe parecer bem a publicação destas noticias e de facto a fizer, continuarei a percorrer a valiosa miscellanea, extractando d'ella o que se me deparar desconhecido.

Evora—*A. F. Barata.*»

O nosso erudito e esclarecido amigo o sr. Antonio Francisco Barata, tem sempre á sua disposição as columnas deste jornal, para a publicação das suas investigações, com que ha sempre bastante a lucrar.

Já ha muito tempo sabiamos que existia na bibliotheca de Evora a valiosissima collecção de opusculos do tempo da restauração de Portugal, e que pertencera ao impressor de Coimbra, Manoel Carvalho. Infelizmente, pela distancia em que nos achamos daquella cidade, não a temos podido examinar.

E a proposito da terceira das publicações que hoje menciona o sr. Barata, acerca da embaixada a Roma do bispo de Lamego, D. Miguel de Portugal, possuimos nas nossas collecções o seguinte opusculo, relativo ao mesmo assumpto:

Manifesto do reino de Portugal, presẽtado á Santidade de Vrbano VIII., N. S., pelas tres Nações Portuguesa, Francesa, Catalan, em que se mostra o direito com que el Rey Dom Ioam IIII. Nosso Senhor possue seus Reynos, & Senhorios de Portugal, e as rezões, que ha para se receber por seu Embayxador o Illustrissimo Bispo de Lamego. Dividido em doze demonstrações. Traduzido de Italiano em Portuguez.

Lisboa. Impresso com todas as licenças necessarias, na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno 1643.—8.º de 60 paginas.

O impressor Manoel Carvalho, a quem se deve a mencionada collecção existente na bibliotheca de Evora, era filho do impressor Nicolau Carvalho e de Maria Flores, moradores na rua de Quebra Costas desta cidade de Coimbra, onde tinham duas moradas de casas.

Nicolau Carvalho foi em 1619 a Vianna do Minho imprimir por conta do senado da camara daquella villa, a primeira edição da vida de Fr. Bartholomeu dos Martyres, escripta por Fr. Luiz de Sousa; e falleceu em 1632. No anno de 1634 foi seu filho Manoel Carvalho imprimir a Braga o *Breviarium Bracarense.*

Foi tambem imprimir em Evora.

Possuia Manoel Carvalho uma quinta ao fim da ponte de Agua de Maias desta cidade, pegada á quinta do Carrasco.

Casou com Maria Coutinha, filha do impressor de Coimbra Thomé Carvalho; e falleceu em 1652.

A sua viuva continuou nesta cidade com a imprensa até fallecer em 1677.

A junta geral do districto de Coimbra em 1838.—Em publica forma, passada pelo antigo tabellião desta cidade, José Pinto de Magalhães, temos o seguinte protesto da junta geral deste districto no anno de 1838:

«Os abaixo assignados, procuradores eleitos a junta geral do districto de Coimbra, e que constituem a maioria da junta eleita nos dias 24, 25 e 26 de Novembro proximo passado, tendo-se reunido no dia 11 de Dezembro de 1838 nas salas da administração geral, com suas competentes procurações, para cumprimento do artigo 162 do codigo administrativo, o administrador geral recusou observar o artigo 71 do codigo administrativo, com o fundamento de ter sido julgada nulla a eleição da junta geral do districto em sessão de 6 do corrente. Os abaixo assignados desejando corresponder á confiança que nelles pozeram os povos, que os elegeram, protestam contra a deliberação do administrador geral, pela falta d'installação da junta, e pelo abuso d'auctoridade, com que para fazer annullar a eleição convocou para o conselho de districto individuos a seu arbitrio, apartando-se da regra, que lhe é prescripta pelo artigo 168 do codigo administrativo; e com que propoz negocio sobre eleições n'um conselho de quatro membros, devendo ser seis na conformidade do artigo 161, § 2.º do codigo administrativo.

E tambem protestam contra esse conselho por conhecer de materia, que não é de suas attribuições, violando assim a disposição do artigo 207 do citado codigo, e porque na generalidade da sua decisão incluiu 17 dos 23 cidadãos mais votados com pluralidade absoluta no primeiro escrutinio daquella eleição, os quaes 17 se verificou acharem-se nas listas dos recenseados para deputados, e 2 do segundo escrutinio nas mesmas circumstancias, os quaes estavam eleitos sem o vicio, que o conselho tomou por fundamento para annullar a eleição. E como de facto o administrador geral não installa a junta neste dia marcado pela lei, os abaixo assignados, tendo cumprido o seu dever de comparecer, cumprem o outro dever de fazer este protesto para a todo o tempo constar a quem competir.

Coimbra, e sala da administração geral em 11 de Dezembro de 1838.—Dr. José Machado d'Abreu, procurador eleito ordinario—Luiz Xavier de Figueiredo Aguiar, procurador eleito ordinario—Dr. Joaquim dos Reis, procurador ordinario—Antonio Xavier Cerveira e Sousa, procurador ordinario—Joaquim Miguel d'Araujo Pinto, procurador eleito ordinario—Dr. Francisco José Duarte Nazareth, procurador ordinario—Joaquim Ignacio Roxanes Manique, procurador ordinario—Dr. Antonio Ribeiro de Liz Teixeira, procurador eleito—Dr. Francisco Maria Tavares de Carvalho, procurador eleito.—O procurador substituto Manoel de Serpa Machado, protesta simplesmente contra a deliberação do conselho, e sua incompetencia.

Reconheço por verdadeiras as dez assignaturas retro, serem proprias dos mencionados nellas. Coimbra, 12 de Dezembro de 1838.—Em testemunho de verdade—Logar do signal publico—José Pinto de Magalhães.

E com o theor do referido fiz passar a presente, que conferi, e vae conforme ao original a que me reporto em mão da pessoa apresentante a quem o tornei a entregar. Coimbra, 12 de Dezembro do anno de 1838. E eu José Pinto de Magalhães, tabellião, o subscrevi e assignei em publico e razo.—Logar do signal publico—José Pinto de Magalhães.»

Quotisação para os expostos—Segundo a deliberação da junta geral, têem as camaras municipaes deste districto de contribuir no anno de 1874 a 1875 com as seguintes quotas, para as despezas dos expostos, e outras:

Arganil	991$485
Cantanhede	1:425$020
Coimbra	3:223$110
Condeixa	769$730
Figueira	2:795$355
Goes	436$510
Louzã	709$500
Mira	456$605
Miranda	547$360
Monte-mór	1:911$780
Oliveira do Hospital	1:254$435
Pampilhosa	276$525
Penacova	617$875
Penella	496$075
Poiares	297$425
Soure	1:457$380
Taboa	1:063$252
Total	20:729$687

Nova cadeia districtal!—As camaras municipaes deste districto têem de contribuir com as seguintes quotas, no anno de 1874 e 1875, para a nova cadeia districtal:

Arganil	43$130
Cantanhede	47$440
Coimbra	271$755
Condeixa	35$950
Figueira	85$535
Goes	18$880
Louzã	30$910
Mira	20$125
Miranda do Corvo	23$720
Monte-mór	82$660
Oliveira do Hospital	54$630
Pampilhosa	12$220
Penacova	29$475
Penella	21$565
Poiares	12$940
Soure	63$255
Taboa	46$000
Total	900$000

Promoções.—Acaba de ser promovido a conductor das obras publicas o sr. Justino da Silva Taveira, que exercia o logar de apontador de primeira classe, no respectiva direcção desta cidade.

Se ha graças que, por justas, se tornam louvaveis, é de certo uma dellas a que recaiu em quem, como o sr. Taveira, possue a par de muita modestia, um grande amor pelo estudo e pelo trabalho, sabendo por isso bem desempenhar-se dos serviços que lhe são commettidos.

Juntamente com o sr. Taveira foi tambem promovido a conductor o sr. Daniel Augusto da Fonseca, que gosa das geraes sympathias pela sua applicação e boas qualidades.

A ambos, pois, damos os parabens.

Festividade—No dia 25 do corrente pregara na festa da Annunciação de Nossa Senhora, na real capella da Universidade, o sr. Dr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente substituto da faculdade de Theologia.

Fallecimento.—Falleceu hoje nesta cidade o sr. major reformado, Francisco José da Silva.

Tinha assentado praça em 1813, fazendo ainda a campanha desse anno e de 1814 contra os francezes, pelo que obteve a medalha da guerra peninsular.

Em 1828 seguiu a sorte do exercito liberal, emigrando pela Galliza para a Inglaterra.

Quando o exercito libertador veiu para o Porto em 1832, ficou o sr. Silva nos Açores, fazendo parte da guarnição daquellas ilhas.

Apezar de não assistir ás campanhas no continente até 1834, ainda veiu fazer serviços á causa liberal, entrando com muita actividade na difficil e trabalhosa luta contra o Remechido no Algarve.

Foi-lhe concedida a medalha n.º 9, pois que já em 1826 havia entrado na campanha contra as forças do marquez de Chaves.

Melhoras.—O nosso estimavel amigo e patricio o sr. Adriano Augusto Pessoa, acha-se restabelecido dos incommodos que ultimamente soffreu. Muito folgamos com isso, assim como todas as pessoas que conhecem as excellentes qualidades de que é dotado o sr. Pessoa.

Concurso.—Está aberto concurso pelo espaço de 30 dias, a começar em 20 do corrente, para o provimento da egreja parochial de S. Lourenço de Taveiro, concelho de Coimbra.

Cemiterio da Conchada.—Na semana ultima enterraram-se os seguintes cadaveres:

Manoel Bernardes Lucas, filho de José Bernardes Lucas, natural de Alcabideque, de 68 annos, fallecido no dia 8 de Março.

Maria Benedicta, filha de José Pedro de Andrade, natural de Coimbra, de 63 annos, fallecida no dia 10.

D. Maria José da Gloria, filha de Theresa Rita de Jesus, natural de Coimbra, de 53 annos, fallecida no dia 11.

João Pereira, filho de Manoel Pereira Thomaz e de Sebastiana Soares, natural de Coimbra, de 33 annos, fallecido no dia 12.

Recemnascido, filho de Rita da Conceição, natural de Coimbra, de 3 dias, fallecido no dia 14.

Maria José Vieira, natural de Urrós (Traz os-Montes), de 59 annos, fallecida no dia 15.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:403.

Queixas.—Queixam-se-nos do concelho de Figueiró dos Vinhos contra os abusos commettidos por tres barbeiros da freguezia de Aguda, pelos irregulares e abusivos curativos que fazem. Pedem-nos egualmente para chamar a attenção das auctoridades de Figueiró dos Vinhos para estes factos, a fim de que lhes façam pôr termo.

As referidas auctoridades não deixarão, por certo, de verificar o que ha a este respeito, e de proceder convenientemente e conforme a lei.

Publicação interessante—Temos continuado a receber o *Panorama Photographico de Portugal*, que entrou já no seu quarto volume. Publica-se mensalmente nesta cidade, sob a direcção do nosso prezado amigo o sr. A. M. Simões de Castro.

A todos que conhecem o pouco que em o nosso paiz se animam as emprezas litterarias, causa estranheza a existencia deste interessante jornal.

Custa a crer que uma publicação, cujos numeros constam de oito paginas de impressão com uma capa, e de uma linda photographia, e cada um pelo modicissimo preço de 120 reis, se possa sustentar e progredir, a não ser que haja muita dedicação da parte de quem a dirige. É quasi de graça.

O 1.º numero do volume quarto é collaborado pelos srs. Dr. A. Filippe Simões, que escreveu ácerca do claustro de Belem, representado na respectiva photographia; Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho, que escreveu o artigo o *Homem e o Macaco*; e Luiz Carlos, a poesia *Suspiros*. Vem ainda neste numero um artigo bibliographico a respeito da Memoria da faculdade de Medicina publicada pelo sr. Dr. Serra de Mirabeau.

A photographia é copiada de outra do sr. Carlos Relvas, sem duvida o primeiro photographo-amador do nosso paiz, e cujos trabalhos foram muito apreciados na exposição de Vienna.

Novas publicações.—Annunciámos em o numero passado o haver recebido o 2.º volume da *Franc-maçonaria e a revolução, pelo padre Francisco Xavier Gautrelet, da companhia de Jesus, com approvação da auctoridade ecclesiastica*; e já hoje temos de dizer que recebemos o 3.º e ultimo volume desta obra, editada pelo sr. Ernesto Chardron, do Porto.

Egualmente recebemos o 3.º numero das *Noites de insomnia*, pelo sr. Camillo Castello Branco. Tambem é editor o sr. Ernesto Chardron.

E finalmente recebemos o *Sermão de Nossa Senhora das Dores*, pertencente a *Collecção de sermões ineditos pelo reverendo beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão*, editada pelos srs. Mattos Moreira & C.ª, de Lisboa.

Tanto a estes editores, como ao sr. Chardron, agradecemos os exemplares destas publicações com que nos obsequiaram.

A revolução franceza e a chronologia—A revolução franceza, que tantas e tão importantes innovações trouxe ás instituições sociaes, tambem no kalendario fez grande reforma.

Por decreto da convenção de 6 de Outubro de 1793 se ordenou, que nos actos publicos os annos se contassem desde a fundação da republica em 21 de Setembro de 1792. Assim começava o anno da nova epocha com o equinocio do outono.

O uso do kalendario republicano foi supprimido por decreto imperial de 1804; mas tendo occorrido até então successos importantissimos, que se encontram historiados quanto ás suas datas segundo aquelle kalendario, é conveniente saber-se bem a sua organisação para se poderem reduzir as datas á chronologia do kalendario gregoriano.

O kalendario republicano principiou a 22 de Setembro de 1792. Segundo elle, dividia-se o anno em 12 mezes de 30 dias, cada mez em tres partes chamadas *Decadas*, e cada uma destas em 10 dias, que denominaram Primidi, Duodi, Tridi, Quartidi, Quintidi, Sextidi, Septidi, Octidi, Nonidi, Decadi.

Como os mezes de 30 dias só faziam 360, faltando assim 5 para se completar o anno; acrescentaram depois do ultimo mez 5 dias (e nos annos bisextos 6) que chamaram complementarios, e os consagraram o 1.º a *Virtude*; o 2.º ao *Genio*; o 3.º ao *Trabalho*; o 4.º á *Opinião*; o 5.º á *Recompensa*.

Aos 12 mezes pozeram os seguintes nomes:

Vendimiaire—mez da vendima—desde 22 de Setembro a 21 de Outubro.

Brumaire—mez de nevoeiro—de 22 de Outubro até 20 de Novembro.

Frimaire—mez de chuva e neve—de 21 de Novembro até 20 de Dezembro.

Nivose—mez de neve e gelo—desde 21 de Dezembro até 19 de Janeiro.

Pluviose—mez de chuvas—desde 20 de Janeiro até 18 de Fevereiro.

Ventose—mez ventoso—desde 19 de Fevereiro até 20 de Março.

Germinal—mez da germinação—desde 21 de Março até 19 de Abril.

Floreal—mez das flores—desde 20 de Abril até 19 de Maio.

Prairial—mez dos prados—desde 20 de Maio até 18 de Junho.

Messidor—mez das colheitas—desde 19 de Junho até 18 de Julho.

Thermidor—mez de calor—desde 19 de Julho até 17 de Agosto.

Fructidor—mez das fructas—desde 18 de Agosto até 16 de Setembro.

Arganil.—Em data de 18 do corrente nos communicam de Arganil o seguinte:

«Sr. redactor.—Nos ultimos dias tem chamado a attenção da gente d'esta villa e povoações visinhas uma abertura subterranea, que na manhã do dia 14 do corrente appareceu na rua de Alcarcova, que confina com o terreno onde annualmente se faz a feira do Monte'Alto, chamado o Paço grande, que á mesma fica sobranceiro.

Deu-se assim o apparecimento.

Tractando-se da construcção d'uma calçada n'aquella rua, que era estreita e bastante inclinada entendeu-se conveniente para commodidade do publico o rebaixal-a um pouco, e alargal-a, escavando-se na barreira do dicto terreno do Paço: procedendo-se pois a isto, e quando já se tractava de fazer a calçada appareceu a dicta abertura (que segue por baixo do Paço), deitando grande quantidade de fumo (que ainda assustou muita gente), mas que se extinguiu em pouco tempo: e só depois que se examinou bem que já não lançava fumo, é que um dos individuos que a novidade do caso alli tinha levado se resolveu a ir observar as maravilhas da abertura subterranea, e preparando-se para esse fim com a indispensavel luz foi, e passada meia hora, pouco mais ou menos, voltou dizendo o seguinte á multidão, que na rua o esperava anciosa de novidades.

«Que a abertura subterranea (mina como é chamada vulgarmente) em tudo é semelhante ás que actualmente se fazem para exploração d'agua.

«Que é alta bastante em modo de se andar bem por ella.

«Que em certa altura apresenta varias ramificações, que estão tapadas por paredes muito bem feitas.

«E finalmente, que no logar onde lhe pareceu que ella termina, está um tanque d'agua muito clara, o qual tera d'altura dois metros, ou mais.»

A este visitante, seguiram-se muitos outros, que todos são concordes na narração feita pelo primeiro.

Já se provou a agua do tanque, que é muito menos fria do que a das fontes desta villa, e tambem se fez a medição da mina, que é de 53 metros em comprimento.

São estas as informações que até agora tenho podido obter, que como se vê, pouco ou nada nos indicam o fim para que era destinada aquella abertura subterranea: porem, o que é certo, e de que não póde duvidar-se, é da sua antiguidade, porque os mais velhos da localidade, consultados sobre o caso, todos affirmam que nunca ouviram d'ella fallar.

Sera pois obra dos mouros, como o povo já diz ser, e destinada por elles para esconderem as suas riquezas?

Será o nome d'Alcarcola, dado á rua, corrupção Alcarcova, que como Constancio diz, vem do arabe—*algar*—e do portuguez—*cova*—lago onde se recolheram aguas da chuva, charqueirão, lagoa, etc.? E sendo assim, havera alguma relação entre o nome da rua, que a tradição tem conservado, e a descoberta feita?

Altos mysterios que só poderão até certo ponto ser devassados por experiencias feitas naquelle logar por homens competentes, e de que em tempo opportuno darei parte, para o seu muito lido jornal, se por ventura ellas se realisarem.—*R.*»

Caminhos de ferro das Beiras.—Diz o *Diario de Noticias*, que o relatorio do parecer das commissões de fazenda e obras publicas, que approva a proposta do governo para a construcção dos caminhos de ferro das Beiras e de diversos ramaes, é muito interessante e tem indicações curiosas.

Segundo elle, a linha da Beira Baixa encurta sobre o trajecto entre Lisboa e Madrid, por Badajoz a Ciudad Real, a distancia de 283 kilometros, e o caminho da Beira Alta reduz, por qualquer directriz que venha a seguir, a distancia total de Lisboa á fronteira de França não menos de 450 a 500 kilometros.

O trajecto entre Bordeus e Lisboa feito pelos vapores de melhor construcção, effectua-se, termo medio, no espaço de 72 horas, e não menos de 5 dias gastam os que procedem dos principaes portos de Inglaterra, como Londres e Liverpool.

Pelo caminho de ferro da Beira Alta o percurso entre Bordeus e Lisboa póde-se effectuar em 38 horas aproximadamente, com economia de 34 sobre a duração média das viagens por mar; e a viagem de Londres a Lisboa, por caminho de ferro, poder-se-ha effectuar em 61 horas, isto é, na metade do tempo que se gasta por mar nas viagens, em excellentes condições.

Suppõem as commissões que deste modo o porto de Lisboa será em não remota epocha destinado a representar um papel importantissimo no movimento das relações e communicações transatlanticas, de que elle pela força dos factos se tornará ponto forçado de transito, senão terminal, pelo que respeita ás carreiras de vapores.

A respeito das directrizes dos dois caminhos, e especialmente da Beira Alta, as commissões só revelam duvidas e hesitações, fazendo ver a indispensabilidade de estudos ulteriores áquelles que estão sendo discutidos pela junta consultiva de obras publicas.

As commissões calculam que o capital que tem de ser empregado nas construcções a que se refere a proposta do governo, deve ascender de 14 mil a 15 mil contos de reis, dos quaes, feita uma distribuição proporcional, cabem aos caminhos das Beiras uns 12 mil contos, e ás linhas do Alemtejo uns 2:600 contos em numeros redondos.

As commissões conformam-se inteiramente com o systema de subvenção proposto pelo governo.

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 18, ás 10 h. e 45 m. da tarde.—Um aviso do governador civil de Madrid prohibe absolutamente aos jornaes, por ordem do ministro da governação, a publicação de qualquer noticia relativa a movimento de tropas, numero e situação das forças e occuparem-se dos planos e movimentos da campanha contra os carlistas.

Madrid, 19, ás 10 h. da manhã.—A *Gazeta* annuncia que a columna do general Nouvillas teve um revez nas proximidades de Castellfollit, na Catalunha. Faltam promenores.

O bando Roche foi batido perto de Albates.

Madrid, 19, ás 10 h. e 30 m. da tarde.—O general Buceta foi nomeado commandante militar de Gerona, em substituição de Eduardo Nouvillas, que segundo dizem, sera submettido a conselho de guerra.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

1 O ABAIXO ASSIGNADO vem por este meio testimunhar o excessivo apreço em que teve os valiosos obsequios prodigalisados por muitas pessoas, que, durante a sua enfermidade, lhe manifestaram provas da mais alta deferencia, agradecendo-lh'as e offerecendo o seu limitado prestimo como symbolo do mais grato e profundo reconhecimento.

Coimbra, 16 de Março de 1874.
Adriano Augusto Pessoa.

EDITAL

2 A CAMARA MUNICIPAL de Coimbra, faz saber, que tendo chegado a esta cidade os cavallos reproductores, está aberto o posto hypico no extincto collegio de Thomar, junto a Santa Anna, desde o dia 20 do corrente mez em diante.

Os creadores que quizerem trazer as suas eguas ao referido posto, deverão apresentar-se na secretaria da camara municipal, onde receberão a competente guia, tendo ahi de satisfazer ao pagamento da quantia de 200 ou 400 rs., que lhe pertencer, em virtude das disposições do respectivo regulamento, conforme a sua residencia fôr no concelho ou fóra d'elle, o que foi já annunciado em edital de 14 de Março corrente.

E para constar se passou o presente e outros.

Coimbra, secretaria da municipalidade, 18 de Março de 1874.
O vice-presidente,
José Maria Pereira Coutinho.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**
Barca—JOSEPHINA—em 30 de Março.
Galera—AMERICA—em 30 de Abril.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Enxofre superior para vinhas

4 ERNESTO LOPES DE MORAES, com loja de Ferragens na rua da Calçada, á Portagem, em Coimbra, vende enxofre da melhor qualidade para enxofrar videiras.

DECLARAÇÃO

5 O CASTELLA declara que alugou um bilhar, que lhe pertence, ao sr. José Maria de Almeida Pereira Pinto e a sua sr.ª D. Maria Benedicta Emilia Oliveira de Figueiredo Pinto, pelo tempo de quatro mezes, a contar do 1.º de Março até ao fim de Junho; e por isso faz esta declaração para os fins convenientes.

Coimbra 10 de Março de 1874.

João Miranda Castella.

Attenção

6 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

CHEGOU

7 SUPERIOR **queijo flamengo.**
Dito **queijo Gruyere.**
Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga—51 Sophia 55—Casa d'azulejo.

PARTIDO A CONCURSO

8 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Miranda do Corvo, faz publico, que por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação deste, se acha aberto o concurso para o provimento do partido de medicina do mesmo concelho, com o ordenado annual de 350$ reis, sem deducção ou desconto, e com a tabella que regula a taxa das visitas, consultas e caminhos, da qual se dará conhecimento aos interessados que o exigirem.

Os pretendentes apresentarão dentro d'aquelle prazo na secretaria desta camara seus requerimentos, a que juntarão, alem dos documentos que entenderem lhes convem, suas cartas da Universidade de Coimbra, ou das escolas medico-cirurgicas de Lisboa ou Porto.

Miranda do Corvo, secretaria da camara, 19 de Março de 1874.

O presidente da camara,
Jeronymo Fernandes Falcão.

LIVRARIA ACADEMICA

9 LIVROS DE MISSA, de confissão e de Semana Santa, com encadernações de madreperola, de marfim, de bufalo, de madeira preta e de sandalo, de imitação de marfim, de veludo, e de marroquim com cantos e feixos, ou sem elles, por **preços reduzidos.**

RELOGIOS D'ALGIBEIRA, de ouro, de prata e de crystal, recebidos directamente do fabricante suisso, e afiançados, vendidos **a pagamentos** com fiador. Correntes e medalhas com pedra ou sem ella, de metal branco e de plaqué.

PENDULAS REGULADORAS com circulo de madeira, ou todas de porcelana, a 1$600 e 2$000 rs. *Pendulas com despertador* a rs. 2$250.

MAPPA GENEALOGICO, historico, chronologico, historico e litterario do reino de Portugal e de seus dominios. Uma folha de grande formato—800 rs.

Casa de chá

10 CHÁ VERDE 2$000—2$100—2$300—2$800—3$000—3$200—3$400—4$ reis o kilo.

Chá preto 2$800—3$000—3$200—3$600 reis o kilo.

46—Rua da Calçada—48

PUBLICAÇÃO NOVA PARA A SEMANA SANTA

AS GRANDES VERDADES RELIGIOSAS, explicadas pelo espectaculo dos campos e postas ao alcance de todas as intelligencias, pela baroneza de Mackau, traduzidas em portuguez pelo distincto escriptor M. Pinheiro Chagas. Editores, Lallemant Frères.

Materias contidas n'esta interessante obra: =Dedicatoria=Prefacio=O mercado=O Lavrador e os seus cavallos=O meu visinho=A arvore desarraigada=O jumento=A tosquia das ovelhas=A macieira morta=A seiva=O ninho de Pintarroxos=A agua=O soldado=Um campo de trigo=Como succede que feissimos animaes nos podem fazer pensar em coisas formosissimas=O regresso a casa=A thia Joanna=O senhor prior=A primavera=Conclusão.

Preço 240 reis. Vende-se em todas as livrarias.

12 DOMINGO, 22 de Março, continua o bazar no Jardim Botanico, a favor dos pobres por quem a sociedade Consoladora dos Afflictos reparte as esmolas que lhe confiam.

A sociedade agradece a todas as pessoas que fizeram a caridade de ir ao salão dos Artistas, no dia 15, e que compraram bilhetes a favor dos pobres.

O bazar domingo, será das 3 horas da tarde até á noute.

Pará—Santarem—Obidos—Serpa e Manaos

Segue de Lisboa em 29 do corrente o vapor inglez **Maclard**. O preço das passagens é o seguinte:

1.ª libras 22
3.ª libras 8

Recebe carga para os mesmos portos.

Trata-se em Lisboa com o agente José Joaquim das Neves & Filhos, Praça de D. Luiz 1.º, 4; e na Figueira com Antonio Vieira.

DOCTOR IN ABSENTIA

14 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

NOVIDADE

5 AMENDOAS DE LISBOA E FRANCEZAS, e um variado sortido de caixas para amendoas, gosto moderno.

Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga=51 Sophia 55=Casa d'azulejo.

6 VENDE-SE ou arrenda-se uma terra de semeadura com oliveiras e matto, no sitio da Diabelha, monte do Amial; é actual arrendatario Manoel Gamboa, do Amial.

Tracta-se com o illm.º sr. Joaquim Maria Ferreira, do Amial, e em Coimbra, rua dos Sapateiros, largo da Freiria, n.º 8.

MACHINAS DE COSER

SILENCIOSAS

Da agencia geral em Portugal e Hespanha

DOS SRS.

WHEELER & WILSON E ELIAS HOWE JR.

17 UNICO DEPOSITO EM COIMBRA=Praça de S. Bartholomeu, n.º 19 a 21. Vendas garantidas, ensino gratis, preços fixos e moderados.

18 CHEGOU um grande sortimento d'amendoas, mandadas fazer expressamente em Lisboa.

46—Rua da Calçada—48

VENDA DE BOTICA EM ANÇÃ

19 QUEM QUIZER comprar uma botica em muito bom estado, dirija-se a seu dono Joaquim da Silva Ramos, do mesmo logar, a qual póde ser examinada em qualquer dia.

CERCADURAS

E PAPEIS PINTADOS

ALTA NOVIDADE

8—LARGO DA FEIRA—10

BAIRRO ALTO

21 BOA AMENDOA de Lisboa e lindas cartonagens.

22 ANSELMO MESQUITA, ao arco de S. Thiago, tem para vender duas lanternas de lata, de acompanhar o pallio, as quaes dá por 3$000 rs. cada uma.

23 AMENDOAS DE LISBOA, superior qualidade. Na loja de *José Tavares da Costa*, na Calçada, á Portagem.

O MELHOR QUE HÁ

24 NOVAS CORDAS para violão, guitarra e berdegais.

Superior amendoa de Lisboa

SOPHIA 26 a 30

Gonzaga Junior

CERVEJA

25 ACABA de chegar ao estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga—51 Sophia 55.—Casa d'azulejo.

26 LINDISSIMA e variada collecção de caixas para amendoas, recebidas ultimamente de Paris. 46—Rua da Calçada—48

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

SOCIEDADE ANONYMA—RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social 600:000$000 a 2.000:000$000 rs.—1.ª emissão de 600:000$000 rs., divididos em 12:000 acções de 50$000 rs. cada uma.

PROROGAÇÃO DE PRAZO

27 EM CONSEQUENCIA de terem apparecido tomadores de acções tanto de Coimbra, como do districto, depois de findo o prazo para a subscripção, a commissão installadora empenhando-se em que estes e os mais que ainda possam e desejem concorrer sejam preferidos, e isto pelo interesse reciproco que d'ahi resulta, o que a todos é obvio, a mesma commissão resolveu prorogar o prazo para a subscripção até ao dia 25 do corrente, devendo nas proximidades desta epocha, abrir-se egualmente a subscripção nas praças de Lisboa e Porto, sendo reconhecido de todos a impossibilidade de se poder cobrir a 1.ª emissão de 12:000 acções tão sómente em Coimbra e no seu districto.

Logo que o Banco comece a funccionar, tratará de tornar effectivas todas as operações chamadas bancarias, as de seguros de vidas e annuidades, as de seguros contra incendios, as de seguros de gados, as de emprestimos sobre mobilias, com fiador, e as de credito industrial, agricola e predial, achando-se envolvidas nestas operações todas aquellas attinentes a um estabelecimento de tal ordem, e incluindo-se a da formação de uma caixa economica, o que tudo será desenvolvido nos seus estatutos, requerendo-se as necessarias auctorisações e precedendo os accordos devidos.

O subscriptor, no acto de inscrever-se, entra logo com 1$000 reis de cada acção, quantia que lhe será deduzida quando seja chamado á ratificação das suas acções, ou pagamento da 1.ª prestação, que será de 5 por cento, ou de 2$500 reis por acção, desembolçando nessa occasião sómente 1$500 rs. de cada uma dellas, o que terá logar logo que se achem impressos os estatutos do Banco.—A 2.ª prestação deverá ser paga antes que o Banco comece a funccionar, e será tambem de 5 por cento, ou de 2$500 rs. por acção. A 3.ª prestação só poderá ser chamada quando o Banco já funccione, e será ella de 5 ou de 10 por cento por acção, isto é de 2$500 ou de 5$000 rs. A quarta prestação e seguintes nunca poderão ser pedidas senão quando as operações do Banco avultem de tal modo que se necessite de maior capital, o que não será provavel no primeiro anno, se se attender ao capital em circulação por meio de emissão de notas, e á affluencia dos depositos. Em todo o caso, estas ultimas prestações nunca poderão ser exigiveis senão com um intervallo de 60 a 90 dias, a contar de 3.ª prestação, não devendo ellas exceder a mais de 5 ou 10 por cento (2$500 ou 5$000 reis) por acção.

Assim, poderá o accionista ter a vantagem de não chegar talvez a desembolçar o valor real das suas acções, sendo provavel que ellas possam por esta circumstancia obter premio no mercado, o que não succederia se a emissão do capital inicial de 600:000$000 rs. fosse mais pequena, porque as chamadas ou pagamentos seriam então successivos pela carencia do capital necessario.

A subscripção continua aberta desde as 9 até ás 3 da tarde, em casa dos srs. commendador Manoel dos Santos Junior, praça de S. Bartholomeu, n.º 56; José Barbosa Lima, rua da Calçada, n.º 106; e José Maria Simões Leite, largo da Feira, n.º 32 e 33.

Os membros da commissão installadora,
Manoel dos Santos Junior
Antonio d'Oliveira
José Antonio Ferreira Manso
José Barbosa Lima
Antonio Corrêa Lemos
Joaquim José de Sousa
José Melchiades Ferreira Santos

NUMERO 2782 — TERÇA FEIRA 24 DE MARÇO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A' hora em que escrevemos deve estar em discussão o projecto dos caminhos de ferro da Beira. Depois da leitura do relatorio da commissão, é provavel que immediatamente seja votada esta medida do governo, a favor da qual cremos que se pronunciará toda a camara, sem excepção de partido.

O ponto grave, sobre que divergem as opiniões, e que realmente carece de ser muito meditado, é o de entroncamento das linhas, que não vae consignado no projecto, porque segundo diz o illustre ministro das obras publicas, não ha ainda dados sufficientes para o determinar.

Parece-nos que esta questão deverá ser resolvida, mais pela importancia geographica e commercial das localidades, e pelas conveniencias das regiões, que maior numero de elementos industriaes offerecem, do que pelas indicações puramente economicas.

O estado faz por certo um sacrificio, com a construcção dos caminhos de ferro, ainda que por meio da operação que o governo propõe para o da Beira, o thesouro publico não é onerado. E' porem inquestionavel, que esta despeza vae abrir de futuro muitas fontes de riqueza publica, que devem ser tanto mais abundantes, quanto mais estes caminhos se aproximarem dos centros de actividade e das localidades, que a natureza dotou com os elementos essenciaes ao desenvolvimento industrial.

A questão de simples economia com relação a emprezas desta ordem, não póde, nem deve allegar-se, quando o commercio e a industria pedem como condição unica do seu progresso e desenvolvimento, este meio, que a civilisação inventou para resolver os mais difficeis problemas do mundo industrial.

A Inglaterra, a França, a Belgica e a Allemanha, e tantos outros paizes, onde o enthusiasmo pelo progresso veiu estabelecer precipitadamente as vias acceleradas, tendo mais em vista aproximar as povoações do que conhecer a natureza das localidades; tiveram de reconhecer muitos erros commettidos, sem proveito para os povos, e com avultados encargos para o thesouro.

Sómente o encurtamento de distancias, que as não ha depois que este grande invento ligou os paizes, não póde ser unico objecto a que deve attender-se, quando se trata de emprehender obras desta natureza; mormente em Portugal, onde as industrias nascentes ainda precisam do auxilio do estado para se desenvolverem e aperfeiçoarem.

Continue esta cidade a velar por este importante objecto, debaixo deste ponto de vista, que, como a primeira povoação das duas Beiras, carece não só de fazer valer os direitos que tem á distribuição dos melhoramentos publicos; mas ainda mostrar, perante o governo e perante o paiz, que não faz uma exigencia de simples commodidade, ou de interesses illegitimos, para si e para as povoações desta provincia.

O traçado do sul satisfaria, pelos motivos já ponderados, ás conveniencias de interesse geral, desde que se adoptou o meio, que achamos conveniente, de ligar, por meio de ramaes, outras povoações importantes.

A favor da sua justa pretensão, tem Coimbra, alem dos cavalheiros que mencionamos em o numero anterior, ainda um filho dedicado, que é tambem uma das brilhantes illustrações deste paiz e dos conselhos da corôa, o sr. conselheiro Augusto Barjona, a quem não faltam desejos de engrandecer a terra da sua naturalidade.

Tome Coimbra a energia de que póde legalmente dispor em objecto de tão elevado alcance, para que mais tarde não tenha de que se arrepender.

Velar pelos interesses da localidade em que vivemos, e de um grande numero de povos, cujas relações estão intimamente ligadas, é um dever e uma obrigação que impõe a vida social.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 22 de Março de 1874.

Na correspondencia anterior, um pequeno erro typographico podia dar logar a uma interpretação menos justa para com o relator do projecto de lei da despeza. Uma letra só, quando no 3.º periodo se escreveu—com elle (relator), em vez de—com elle (decreto), deu causa a tal perturbação. A sessão da camara explica desenvolvidamente, quanto o mesmo relator se empenhou em favor da classe dos professores, tanto mais que elle nada aproveitaria com a medida, que sustentava.

A commissão de instrucção publica deu parecer favoravel ao requerimento do Dr. Antonio Augusto da Costa Simões. A commissão de instrucção publica é de parecer que os lentes jubilados podem accumular com os seus vencimentos qualquer gratificação inherente as commissões, para que possam ser nomeados.

A opposição tem feito grande bulha com questões, que imprevidentemente tem levantado; resultando apparecer sempre uma grande divergencia de ideias, quando uma reunião que celebraram na casa do centro reformista parecia poder trazel-os a melhor accordo.

Ultimamente se empenharam em fazer passar uma lei, que annulla as prescripções do codigo civil. Os senhorios não tem querido registar os titulos, que os auctorise a receber os foros vencidos e os laudemios: muitos destes titulos só existem na imaginação dos senhorios: não obstante querem ter sempre o cutello dos vexames e exigencias pendente sobre a classe laboriosa dos foreiros e agricultores.

E são estes os homens que apregoam a liberdade da terra, e que se ufanam de terem concorrido para a extincção dos vinculos. Porque não tem registado os seus titulos os senhorios? Porque não têem intentado as acções sobre os foros vencidos? Tem-lhes faltando tempo? Não se assustaram com a prescripção, e querem agora contrarial-a. Quando na sessão passada votaram a ultima prorogação do prazo para effectuarem os registos, o qual devia acabar durante o encerramento das côrtes, não souberam o que votaram? O que servem agora uns terrores posthumos de prejuizos para a fazenda, que avultam inscientemente só para produzirem effeito? O bem estar dos agricultores, a liberdade da terra é cousa que já não merece consideração. Que contradicções! Não é por este modo, que se consegue a consideração do publico.

O dr. Mamede, deputado por esse circulo, continua incommodado; desde sabbado, que se aggravaram os seus soffrimentos, mas felizmente com o descanso em casa póde melho-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXCVII

D. CARLOS

XCVII

Havia passado apenas a reserva liberal do perigoso desfiladeiro do Estret, e desembocava em um barranco proximo, quando carregam impetuosamente os carlistas, e o inaudito arrojo com que atacam os faz esperar o triumpho pela superioridade que ao principio obtem.

Os caçadores do Porto e o batalhão de Malhorca contem opportunamente os progressos de seus inimigos, dando uma brilhante carga á baioneta, que permittiu a passagem das demais forças liberaes pelo sitio em que podiam ter sido batidas.

Escalonou-se convenientemente a divisão de reserva, e protegida pela primeira e artilheria de batalha, impoz ao inimigo.

Acamparam perto da Torre de Arcas, e no entanto, o general em chefe, á frente das divisões Borso e Pardiñas, apresentou a batalha nas posições da Pobleta, permanecendo os carlistas nas formidaveis posições que occupavam.

Habilitou-se no entretanto o caminho, tomaram-se as posições que deviam cobrir os flancos da marcha, e logo que teve passado o trem de artilheria da Pobleta, rompeu Oráa a sua, e foi acampar nas immediações de Monroyo, em cujo ponto pernoutaram os feridos.

Nestes sanguinolentos combates experimentaram os liberaes uma baixa de 20 officiaes e mais de 300 individuos de tropa, não sendo muito menor a dos contrarios. Bastantes forças destes ficaram em observação para continuar molestando a marcha de seus inimigos, e Cabrera se trasladou com as restantes a Morella, onde publicou em 18 de Agosto de 1838 uma allocução, dirigida aos habitantes das provincias de Aragão, Valencia e Murcia.

No dia 20 seguiu a marcha o exercito liberal e acampou no barranco de Valdeluna, sem que se atrevessem a molestal-o. O fazia, sim, a penuria, pois faltavam viveres e sapatos nos depositos de Monroyo e Alcañiz, inutilisando assim todos os calculos e esperanças do general em chefe, que via, e com razão, nesta circumstancia, o germen principal de todas as desgraças, o obstaculo perenne ante o qual deviam perder-se os planos que tinha concebido para accommetter uma reacção brilhante e solida, e o inconveniente mais efficaz para precaver as consequencias do successo de Morella.

Borso saiu do acampamento no dia 21, escoltando mais de 300 feridos a Alcañiz. Oráa continuou com as divisões segunda, terceira e reserva, acompanhando o trem de sitio até 3 horas daquella praça, não podendo passar pelos entorpecimentos do caminho: venceu-os e chegou no dia 22 a Alcañiz.

Aqui dispoz que S. Miguel com a sua divisão voltasse a Saragoça: Pardiñas com a sua, dois esquadrões do 6.º ligeiro e 1.º do rei, a proteger o baixo Aragão: Borso á planicie, e Oráa com a reserva saiu de Alcañiz a 24 para Hijar e Lecera, donde se separou uma brigada escoltando a bateria destinada a Teruel.

Segue o general em chefe a marcha e manda reconhecer a sua passagem por Muniesa ao castello de Segura, por o considerar como o ponto mais militar para a communicação entre Teruel e Alcañiz. Dormiu em Segura a 26, foi a 27 a Perales e a 28 chegou a Teruel, sem o menor obstaculo.

Depois de haver dado Cabrera algumas instrucções, no dia 20 foi a Benasal, a 21 a Alcora, a 22 enviou algumas ordenanças a surprehender em Horta de Castellon a varios nacionaes: executaram essa missão, acutilando a 24 nacionaes, e pernoutaram em Villarreal. No dia 23 passou Cabrera a Almenara, onde se lhe uniu a divisão Forcadell; seguiu aos Hostalets de Pusol, e passou a noute em Masamagrell, e a 24 em Torrente, queimando de passagem algumas casas de Burchasot, por as terem desalojado seus donos, contra o que lhes havia determinado. No dia 25 protegeu uma requisição de cavallos, pernoutou em Sueca, trasladou-se no dia 26 a Algemesi, a 27 a Silla, e dispoz-se no dia 28 a regressar a Morella, em quanto se verificava a co-

rar em poucos dias para continuar com os trabalhos da camara.

A commissão de instrucção publica approvou a proposta do governo para a organisação de uma expedição scientifica a Macau, sendo escolhidos os seus membros dos estabelecimentos dependentes da Universidade de Coimbra, da escola polytechnica, e do observatorio da Tapada. Taxa-se o numero dos observadores em 4, alem d'um ajudante ou maquinista para os auxiliar e tratar dos instrumentos.

* * *

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 23 de Março de 1874.

Façamos um retrospecto do que tem havido de mais notavel na camara electiva.

Discutiu-se e terminou o incidente acerca da dotação do sr. D. Fernando. Incidentes, que dariam margem á longa analyse, tiveram logar por occasião das propostas que foram admittidas, e que por grande maioria, foram rejeitadas. Eu dei-lhe em tempo o artigo principal do contracto matrimonial entre a fallecida rainha, a sr.ª D. Maria II, e o sr. D. Fernando. Bastava aquelle artigo para que os espiritos irrequietos e insensatos, se curvassem ante elle. Não aconteceu, porem, isso, e a opposição mais uma vez, fez uma tristissima figura. Não o estranho, porque está acostumada a isso, e porque, por todos os meios, tenta desprestigiar o governo, e mais que tudo, a monarchia, da qual se diz respeitadora.

Dois deputados da opposição queriam que a questão fosse addiada, nomeando-se uma commissão de sete membros a fim de dar parecer se legal, ou illegalmente o sr. D. Fernando tem direito á pensão que recebe. A maioria oppoz-se, e não só a maioria, a camara quasi toda, e o incidente foi resolvido, depois de fallar o sr. presidente do conselho e varios deputados. O sr. José Luciano, como em todas as questões, metteu, como trivialmente se diz, *os pés pelas mãos*. E' sestro antigo, de que o director dos proprios nacionaes não ha curar-se.

Eu não commento esta falta de respeito e de lealdade da opposição para com os membros da familia real, muito mais quando ella sabia que a pensão era legalmente dada. O bom senso publico que o faça, e que avalie de dois partidos desorganisados e sem ideas proprias, que têem posto em pratica todos os meios, para empolgarem o poder. Não têem a coragem da franqueza, como o sr. Arrobas, que disse hontem na camara electiva, que apoiava o governo politicamente, porque entendia que os cavalheiros que se sentam nas cadeiras do poder são precisos á testa dos negocios publicos. Mas que o não apoiava em todas as questões, quando o seu modo de ver divergisse da opinião do governo. Isto percebe-se.

Hontem, na camara dos deputados teve segunda leitura o projecto do sr. Adriano Machado, a fim de ser legalisada a dotação de 100 contos de reis, que recebe o sr. D. Fernando. A camara não o admittiu á discussão. Continuou na ordem do dia a discussão da lei de receita. Houve muitas propostas mandadas para a mesa por differentes deputados. O sr. Alcantara propoz que as gratificações concedidas aos officiaes por diuturnidade de serviço, ficassem isentas de deducções. O sr. Francisco de Albuquerque propoz que o vencimento dos officiaes com a graduação de capitães, fossem isentos de deducção. O sr. Pires de Lima propoz que as congruas dos parochos na importancia de 336$000 rs., não fiquem sujeitas a deducção. O sr. visconde de Moreira de Rei apresentou o parecer da commissão sobre a prorogação do prazo para a venda dos foros vencidos, sendo a commissão de parecer que não haja prorogação. O parecer foi rejeitado por 32 votos contra 28.

Na camara dos pares teve segunda leitura uma proposta do sr. marquez de Sá para se erigir um monumento ao fallecido duque da Terceira. Foi approvada, depois de pequena discussão. Na ordem do dia continuou com a palavra na questão dos julgados o sr. Ferrer, que terminou o seu discurso, respondendo-lhe o sr. ministro da justiça. Ficou ainda pendente esta discussão, porem é de crer que termine hoje, sendo o projecto approvado.

Aqui tem a summa do que se passou nas duas casas do parlamento.

Diz-se que as côrtes serão prorogadas até 12 de Abril; porem ha quem affirme que serão encerradas no dia 2, procedendo-se acto continuo ás eleições, a fim da nova camara ser convocada antes do fim do anno.

Dizem-me que pelo Porto será deputado governamental, em opposição ao sr. Rodrigues de Freitas, o sr. Ferreira, distincto medico naquella cidade.

—Relatei-lhe o caso da creança que appareceu na Boa Hora, filha do fallecido advogado Sampaio Efren. Uma commissão de senhoras tomou conta da creança, e vae promover-lhe um beneficio no theatro de D. Maria. Isto prova que não houve familia que a recolhesse propriamente, e que a infeliz creança continua vivendo sob a caridade publica. Parece impossivel! Ainda assim, houvemos as benemeritas senhoras que se dedicam tão expontanea e bisarramente a soccorrer a infeliz creança, e cujos nomes devem ser publicos.

Ei-lhos aqui:

D. Maria da Madre de Deus Amorim Caula Costa, presidente; D. Joanna Maria Guimarães Douthat, vice presidente; D. Maria do Pilar de Andrade Corvo Barroso, D. Carolina Adelaide Pessoa de Amorim, D. Maria do Carmo Rangel da Quadros Joyos, e D. Georgina Wheelhouse d'Almeida Lima, vogaes; D. Maria Filomena Barroso da Veiga, thesoureira; D. Elvira de Portugal da Silveira e D. Maria Georgina Benevides Reis, secretarias.

—Com relação ao theatro normal recorda a *Arte Dramatica* no seu ultimo numero, o requerimento feito ao governo em 1870 pelos actores do mesmo theatro. Pediam elles que se restaurasse a cathegoria do theatro normal, reforçando a sua opinião d'elles com os pareceres dos diversos escriptores, que de tal assumpto se têem occupado.

Opinião de nenhuma valia é a nossa, mas emfim sempre diremos mais uma vez, que é uma vergonha, uma negligencia que não tem desculpa consentir-se que o primeiro theatro esteja rebaixado ao ponto em que actualmente se acha. Ao governo compete por todos os meios elevar aquelle templo da arte dramatica (que o deve ser) á altura a que tem jus, administrando-o, e reformando-o, e dando aos actores condigna subsistencia. E a opinião do sr. ministro do reino actual, cujas boas intenções respeitamos desde ha muitos annos, e em cujo caracter recto acreditamos, é favoravel á pretensão que os actores manifestam no seu requerimento, porque diz s. ex.ª: — «*Associo-me aos meus illustres collegas, e insurjo-me contra todas as economias que matem a arte, e lancem na ruina os artistas.*»

Não consinta pois, s. ex.ª, que economias mal entendidas matem a arte que honraram os fallecidos Tasso e Epiphanio, que honram ainda muitos outros actores, e que o resultado dessas negativas economias lancem na miseria os actores. Anime-se a arte, e animem-se os auctores dramaticos, para que o theatro normal seja o que deve ser—o templo explendido onde se falle o portuguez, e onde se apresentem as obras primas de Garrett, de Mendes Leal, de Cascaes, de Teixeira de Vasconcellos, e de muitos auctores dramaticos que dormem o somno da inercia, porque o estimulo lhes falta.

—Augmenta a emigração das provincias do norte para o Brasil, e muito principalmente de Braga. Vão todos aquellas regiões procurar fortuna, que na patria poderiam encontrar, e de resto encontram os sacrificios mais pungentes, e a morte. Aos parochos, como já por mais de uma vez temos dito, corria a obrigação de desilludir os incautos. Façam-o, que praticam uma acção nobilissima e humanitaria.

—Continua a exposição de creanças. Hontem foi encontrada uma morta, porque os peritos disseram que ella havia nascido com vida. Diz-se que a policia nada póde fazer em tal caso. Podia, se realmente houvesse policia, e estivesse melhor organisada.

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

NECROLOGIO

Os habitantes da villa de Taboa perderam um cidadão prestavel aos seus conterraneos. A morte veiu roubar-lhes um dos seus mais queridos visinhos!

Antonio Nunes Mathias já não existe n'este mundo!

Foi no dia 18 do corrente, por dez horas da manhã, que esta villa perdeu um dos seus filhos mais predilectos.

Achava-se na flor de seus annos gozando bastantes bens de fortuna, quando uma pertinaz e renitente molestia o accommetteu, prolongaram-se seus padecimentos até que, no fim de dois largos annos de atrozes soffrimentos, perdeu a vida, sendo baldados os continuados e promptos soccorros da medicina, e os desvellos e cuidados de sua familia.

Nada valeu para o resgatar, e assim perdeu sua viuva um marido assaz extremoso; seus irmãos e sobrinhos choram a perda de um bom pae de familia, e esta villa sente a grande falta d'um cidadão honrado e generoso, que se enchia de prazer e alegria ao ver-se rodeado dos seus numerosos amigos.

O seu cadaver foi acompanhado á sua ultima morada por mais de 1:200 pessoas de todas as classes e condições, manifestando o povo em altos choros o sentimento da morte do seu bemfeitor.

Foi sempre generoso e abundante em soccorrer a pobreza, e della se lembrou ainda no momento supremo da sua existencia, mandando distribuir avultadas esmolas.

Eramos particular e sincero amigo do finado, e por isso sentimos do coração a sua perda, e d'aqui damos sentidos pezames a sua familia, especialmente a inconsolavel viuva, que elle não se esqueceu de recommendar, no ultimo momento da vida, a seus irmãos e cunhado.

Taboa, 21 de Março de 1874.

* * *

Conta da receita e despeza da Associação de Nossa Senhora Consoladora dos Afflictos, no anno de 1873 a 1874.

DESPEZA

Esmolas distribuidas durante o anno	270$350
Esmolas avulsas e alguma roupa	35$370
Despeza com o bazar, musica e fogo	8$990
Criados do salão	1$000
Despeza com o bazar no Jardim e prendas compradas	14$630
Impressão de cartas de convite	1$130
Somma total	331$430

RECEITA

Pelo saldo do anno antecedente	291$270
Prestação das socias durante o anno	93$400
Rendimento de dois dias de bazar em Abril	57$250

Donativos

Exm.ªs sr.ªs

Condessa d'Edla	18$000
D. Josephina Gavicho	4$500
D. Maria Carlota Vieira	4$500
D. Maria da Conceição Lacerda	2$250
D. Maria Barbara Tavares	$500
D. Maria José Tudella	$500
D. Anna Maxima Botelho de Vasconcellos	$500
D. Maria Carlota Paiva Ribeiro da Cunha	4$500
D. Lucia Leopoldina do Amaral Saraiva	5$000
D. Constança Augusta Rodrigues	$500
D. Leonor Candida Rodrigues	$500
D. Elvira Lusitana Rodrigues Trovão	2$500
D. Maria José de Moraes Cardoso	9$000

Exm.ºs srs.

Arcebispo de Goa	3$000
Dr. Joaquim José Paes	9$000
Dr. José Joaquim Fernandes Vaz	1$500
Dr. Antonio José Paes	4$500
Dr. Antonio João da França Bettencourt	1$000
General Abreu	9$000
Dr. José Ribeiro Rosado	$500
Dr. Frederico d'Azevedo	$500
Antonio Maria Gonzaga de Mello	$500
Commendador Manoel dos Santos Junior	1$000
João Marques d'Almeida Araujo Pinto	1$000
Bernardo José d'Oliveira	2$400
Antonio Henriques de Carvalho	$200
Total da receita	528$770
Total da despeza	331$430
Saldo que passa para o anno seguinte	197$340

N. B. Nestas contas não se inclue a receita dos bazares do dia 15 e 22 de Março corrente.

Coimbra 23 de Março de 1874.

---

branca das contribuições que exigiu aos povos que dominava, e a requisição de cavallos.

As perdas que sitiados e sitiadores experimentaram no cerco de Morella, que acabamos de referir, subiu a uns 3:000 homens, entre mortos e feridos; perdendo alem disto o exercito liberal o prestigio que ganhou o carlista.

No quartel de D. Carlos e em todo o paiz carlista se recebeu a parte do succedido deante de Morella com o applauso que merecia. Pensou-se primeiro em premiar a Cabrera, e por decretos de 31 de Agosto, dados em Oñate, foi elevado a tenente general, e se lhe concedeu a graça de *conde de Morella*, para si, seus filhos, successores e descendentes. Dirigiu-lhe alem disso D. Carlos uma carta autographa summamente laudatoria, e outras o bispo de Leão, como ministro de estado; Labandero, como da fazenda; Tejeiro, como da graça e justiça; e outras que se publicaram.

Cabrera podia estar satisfeito de si mesmo; o seu proposito de que o seu nome *resoaria em todo o mundo*, estava cumprido.

Nas guerras civis, a alegria de um partido são produzidas pelas lagrimas de outro, e uns mesmos compatriotas choram e applaudem: o sangue dos vencidos exalta o triumpho aos victoriosos; e vê-se em uma mesma familia, erigir-se um tumulo ao lado de um banquete, e abafar os soluços dos tristes, os vivas e applausos de seus companheiros vencedores.

Assim succedia em Hespanha; e aos lamentos que se levantaram pelo desastre de Morella, se uniram as accusações, escolhendo por alvo o ministerio, ou Oráa, porque na politica se necessita sempre uma victima, que seja o objecto da vingança publica, extraviada muitas vezes.

A imprensa, orgão de todas as opiniões, fez accusações gravissimas, e por meio da discussão, decorosa algumas vezes, e apaixonada sempre, se foi depurando a verdade, levantando-se depois a voz de Oráa na tribuna do senado.

Antes, porém, que isto succedesse, quasi toda a imprensa hespanhola se conjurou contra elle, que só achou o melhor defensor em um periodico francez, o *Nouvelliste*, e em alguns militares hespanhoes que, como o coronel Lavalet, publicaram artigos demonstrando com bastantes dados e exactas observações, que a falta de subsistencias havia sido a unica causa das desgraças occorridas.

Os contratistas de viveres procuraram afastar a responsabilidade que poderia alcançal-os; porém quasi todos os accusavam, e Oráa não os defendeu; antes pelo contrario, pois segundo a sua declaração no expediente formado sobre este assumpto, demonstrou que os contratistas D. Matheus Murga e D. Francisco das Barcenas, não cumpriram as obrigações que tinham contraido com o governo, nem nas epochas, nem na qualidade de viveres que deviam depositar.

No meio d'aquelle clamor de accusações, appareceram os de uma corporação municipal, a de Saragoça, que em uma exposição que elevou á rainha governadora, se pronunciou de uma maneira apaixonada e violenta contra Oráa e seu successor Van-Halen, pois se não mal intencionados, os considerava nullos; são palavras da exposição.

O governo estava no dever de averiguar a verdade dos factos denunciados pela opinião, e commissionou o ministro da guerra D. Manoel Latre, que escreveu a Oráa, prevenindo-o que se não se achasse empenhado em alguma operação decisiva, regressasse a Teruel a 2, ou 3 de Setembro. Não o poude fazer até o dia 4, por haver recebido a communicação perto de Segorbe, e enviou a divisão de reserva e dois esquadrões a Molina, com o objecto apparente de proteger a marcha do ministro, e o verdadeiro de que se informasse dos officiaes e soldados que constituiam aquella força, do seu comportamento nas operações de Morella.

Avistaram-se, por fim, no dia 13; entregou Oráa a Latre uns treze documentos que acreditavam a falta de viveres na expedição, indicando-lhe as disposições que havia adoptado, o plano seguido e os meios postos em jogo para executal-a, rogando-lhe ao mesmo tempo que, instruido a fundo daquelles successos, se lhe manifestasse officialmente, dando publicidade a todos os seus actos, e se lhe occoresse alguma duvida, ou não formasse favoravel juizo, se lhe participasse para responder legalmente ás accusações e imputações que contra elle se dirigissem.

Passados 4 dias respondeu Latre a Oráa, que o bom porte do exercito enchia suas esperanças e desejos, e que lhe dava os louvores por haver conservado a moral, a disciplina e a superioridade sobre o inimigo em todos os transes bellicos e nas fadigas do sitio de Morella.

A opinião publica, não obstante, não se satisfez com esta decisão, e foi Oráa separado do commando do exercito do centro e da capitania dos reinos de Aragão, Valencia e Murcia, a 3 de Outubro, designando-se-lhe Madrid por seu quartel.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

NOTICIARIO

As artes mechanicas em Coimbra no seculo XVIII—No *Ensaio de descripção physica e economica de Coimbra e seus arredores*, por Manoel Dias Baptista, impresso no tomo primeiro das *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias*, publicado no anno de 1789, se lê na secção VI, com o titulo—*Do estado das artes mechanicas*—o seguinte:

«Como entre estas artes ha umas que não são susceptiveis de admittir mais perfeição consideravel, e outras que são capazes de admittir maior polimento; por isso começando a fallar destas em primeiro logar, passaremos depois a referir as primeiras. Temos pois em primeiro logar a arte de fazer a louça, a qual se exercita na parte inferior desta cidade, em fabricas que para isso se instituiram debaixo do nome de *Olarias*.

Duas são em geral as especies de fabricas de louça que ahi são mais usadas, a saber, umas destinadas para a factura da louça vermelha, e outras para a da louça branca. As que servem para fazer a louça vermelha são seis; ellas usam de uma argila vermelha, que mandam vir do logar de Alcarraques, e della fazem alguidares, cantaros, e qualquer outra qualidade de vasos, uns sem vidro, e outros com elle; porem como os homens que dirigem e trabalham nestas fabricas não fazem mais, que exercer as ideas que receberam de seus mestres em tempos muito antigos, daqui nasce, que em quanto ao modo de darem vidro á sua louça, elles se servem só da cal do chumbo simplesmente, sem procurarem methodo de aperfeiçoar o modo de vidrar a louça.

As fabricas, porém, em que se faz a louça branca, v. g., pratos, tigellas, etc., são em numero de onze; ellas se servem de argila branca, que se acha no sitio onde chamam a *Cruz da Misericordia*, junto do logar de Falla. A sua creação primitiva foi para o dito uso da dita louça branca; porem tentando depois aperfeiçoar o modo de a vidrar ha quinze annos para cá, mais tem adiantado o modo de lhe dar o vidro, de sorte, que já hoje, alem da louça branca, fabricam outra especie a que chamam fina.

Cada uma destas fabricas conservando sua receita particular, continua com bastante adiantamento relativo aos tempos passados, na factura do vidro para a dita louça. Os simplices de que usam para este fim são, a cal de chumbo, e a do estanho, da qual uns se servem com differente proporção do que os outros, pois uns misturam cada arroba de chumbo com tres arrateis de estanho, e outros ajuntam a uma arroba de chumbo, dez arrateis de estanho, acrescentando depois disto o sal commum, e a areia; e dando finalmente varias cores ao vidro com as caes de outros metaes, como são as caes do cobre, do ferro, e do antimonio.

No laboratorio chimico desta Universidade se tem feito varias experiencias, por direcção do meu sapientissimo mestre, sobre a arte de fazer a louça, das quaes experiencias se tem deduzido tanta vantagem sobre a louça branca, a de pó de pedra, a porcellana, e os cadilhos, que seria para desejar, que as outras fabricas procurassem para o seu augmento o imitar as ditas experiencias.

As artes que tem por objecto o tecer, assim a lã, como o linho fiado, junta, ou separadamente, tambem se costumam exercitar dentro na cidade, e em alguns logares desta comarca.

Primeiramente o fiado de linho, e de estopa, ou é fino, ou grosso, do fino se costumam tecer umas teias, deixando de permeio bastantes malhas algum tanto raras, e a estas teias se dá o nome de talagaças, as quaes se fabricam assim dentro da cidade, como em alguns logares circumvisinhos. Do fiado do linho, porem, que é mais grosso, se costumam fazer os pannos de linho, tambem em forma de teias, mas em outra casta de teares differentes daquelles em que se tecem as talagaças; estes pannos de linho, e mesmo o de estopa, são mais, ou menos finos, melhores ou peores, segundo a delgadeza, ou grossura do fio, e segundo a qualidade do linho; elles se costumam tambem fabricar por quasi todos os logares desta comarca.

Alem disto tambem do mesmo fio de linho se costumam fazer algumas colchas, posto que de inferior condição, a respeito de outras que nos vem de outros paizes; as referidas colchas, pois, fazem-se assim na cidade, como no logar de Castello Viegas. Isto é pelo que pertence á tecedura do fio do linho puro; se consideramos porém os tecidos, ou como vulgarmente se diz os *lavores*, que do mesmo fio de linho se fazem com a mistura do fio de lã, achamos, que na villa de Eiras se costumam fabricar teias da mistura destes dois fios de lã, e de linho, os quaes tecidos de mistura vem a formar uma especie de baetinha, a que vulgarmente se dá o nome de *estamenha*. Tambem do mesmo fio de linho, e lã, misturado, se costumam fazer na mesma villa uns pequenos cobertores, os quaes se compõem de varias riscas tintas de differentes cores.

Finalmente na villa de Botão se costuma tambem fabricar em abundancia a sobredita estamenha, composta uma do fio de lã branca, e de linho, e outra do fio de lã preta, e do mesmo linho; a primeira quasi sempre fica da mesma côr; porém a segunda costuma-se ás vezes tingir de qualquer outra côr.

Ultimamente no logar de Cellas, se costuma fabricar o baetão, o qual só differe do das outras fabricas, em não conservar uma côr tão fixa, pois desbota passado algum tempo.»

Vinho para a exposição.—Chegou hontem a esta cidade o nosso amigo o sr. Francisco Thiago de Magalhães, de Sinde, concelho de Taboa, trazendo 6 caixotes, cada um com 24 garrafas de vinho, branco e tinto, para a exposição de Londres.

Estas amostras são dos srs. Dr. Paes de Abranches, Pedro de Mesquita, Antonio dos Santos Lima, Ricardo Antonio, Antonio Botelho e João Nunes, todos do concelho de Taboa.

O sr. Francisco Thiago de Magalhães, é quem se incumbiu de colligir estas amostras.

Abandono.—No domingo, pelas 4 horas e meia da manhã, appareceu abandonada uma creança recemnascida, nas casas n.º 48 da rua do Loureiro. Foi mandada conduzir ao hospicio pelo sr. regedor da sé cathedral.

Desgraça.—No dia 20 do corrente, pelas 6 horas da tarde, a pequena distancia de S. Sebastião, na estrada que segue para o Tovim, deste concelho de Coimbra, foi apanhada por duas juntas de bois, que conduziam um carro com terra, uma pobre velha, chamada Anna Caleiras, de S. Sebastião, e com tal infelicidade, que as rodas do carro lhe cortaram as pernas. Foi no mesmo dia mandada para o hospital pelo sr. regedor de Santo Antonio dos Olivaes.

Ferimento.—No dia 22 do corrente, pelas 8 horas da noute, passando em Lavarrabos, deste concelho, um carro, puchado a dois cavallos, conduzindo varios individuos, foram dois d'elles, o sr. Arnaldo Doria, e Manoel Xavier Pinto Homem, desta cidade, maltratados por Manoel Querido, de Lavarrabos, sendo o sr. Pinto Homem ferido na face com uma pedra.

Vitella.—No talho debaixo do arco em Santa Cruz, haverá no sabbado proximo excellente vitella.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

José Maria d'Almeida, filho de José d'Almeida e de Efigenia de Jesus, natural de Coimbra, de 36 annos, fallecido no dia 19 de Março.

Maria do Rosario, filho de Antonio Dias e de Maria Joanna, natural de Coimbra, de 22 annos fallecida no dia 20.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:412.

Caminho de ferro americano—Os srs. Boaventura Ferrer Negrão e Augusto José Coimbra, commerciantes da praça de Lisboa, pediram licença ao governo para estabelecer um caminho de ferro americano desde o largo da Portagem desta cidade, até ao Freixo e Villarinho, pela estrada de 1.ª ordem a Castello Branco, com um ramal de Freixo á villa da Louzã.

Semana santa—Far-se-hão com todo o apparato as solemnidades da semana santa na egreja dos Anjos em Monte Mór o Velho.

Pregará o sermão do *Mandato* o sr. padre Manoel Joaquim dos Santos Neves; a Paixão, o Enterro e a Resurreição, o sr. padre José Francisco Pinto, prior da Louzã; e a Soledade, o sr. padre Manoel Pereira Pinto da Nobrega, estudante do 5.º anno de Theologia.

Portugal antigo e moderno.—Recebemos hoje de Lisboa o 28.º fasciculo do *Portugal antigo e moderno*. Principia-se neste fasciculo a descripção da cidade de Coimbra.

Na parte já publicada vem um tal apontoado de erros e confusões ácerca das cousas desta cidade, que não podem nem devem ficar sem reparo.

Aos numerosos erros de que andam cheios muitos dos livros que tratam das cousas de Coimbra, ajuntam-se no *Portugal antigo e moderno* muitos outros; ficando assim cada vez mais deturpada a historia desta cidade.

Logo que recebamos o fasciculo em que se concluam as noticias ácerca de Coimbra, fallaremos a este respeito.

Se ficassemos silenciosos perante tão numerosas e graves inexactidões, seria o mesmo que sanccional-as. Pois sem o nosso protesto não hão de ficar.

Instrucção primaria.—O nosso amigo o sr. Brito Aranha acaba de publicar a 3.ª edição, muito melhorada e adornada com 48 gravuras, das suas *Leituras populares, instructivas e moraes, colligidas para as escolas primarias*.

Para se julgar do merito deste livro do sr. Brito Aranha, bastará dizer que em pouco mais de dois annos teve a extraordinaria extracção de 10:000 exemplares; acrescendo as successivas approvações officiaes e officiosas, e os premios com que foi honrado o seu auctor nas exposições de Paris em 1872 e Vienna de Austria em 1873.

A variedade e boa escolha dos assumptos deste livro, e a modicidade do seu preço, tem-lhe feito adquirir a popularidade de que goza.

E' por isso de esperar que esta 3.ª edição das *Leituras populares* tenha egualmente facil e prompta extracção.

Além deste livro tem o sr. Brito Aranha publicado mais, para a educação da mocidade: o *Livro da infancia (o primeiro), ou A B C para meninos e adultos, ornado de muitas gravuras*; e o *Compendio de chorographia do Brasil, para uso das escolas da instrucção primaria*.

Todas estas publicações do sr. Brito Aranha tem obtido a melhor aceitação do publico.

Assassinato horrivel.—Recebemos do concelho de Taboa a seguinte gravissima communicação, para a qual chamamos toda a attenção das auctoridades:

«Indo no dia d'entrudo José Pereira, do logar e freguezia de S. Paio, do concelho e comarca de Taboa, comprar cigarros á Cruz do Souto, freguezia de Farinha Podre, concelho de Penacova, comarca de Coimbra, e estando já proximo do estanco, se dirigiu a elle uma mulher; que sem pudor e com o maior cynismo lhe encheu a bocca de cinza.

E apparecendo alli nesta occasião um celebre Antonio das Neves, do logar do Lufreu, da dita freguezia de Farinha Podre, em vez de desaffrontar o dito Pereira, da acção vil que acabava de receber, lhe descarregou na cabeça uma pancada com um pau, prostrando-o immediatamente por terra.

Em seguida o assassino, coadjuvado por outros individuos, collocaram o infeliz Pereira, ainda agonisante, n'uma padiola, e o conduziram para o Lufreu, que dista deste logar um kilometro.

Formado que foi assim o prestito, foram apregoando carne fresca, lançando-lhe por cima muita agua misturada com lama, dando-se neste gosto algumas voltas no dito Lufreu, até se acabar de consummar o sacrificio!!!

Acabada esta inhumanissima scena, e sendo a victima já cadaver, arrojaram-no para um pateo d'um sr. Antonio Marques Coelho, do dito Lufreu, que bem merece um premio da boa hospedagem que deu a um seu semelhante, e que era da mesma terra que o viu nascer.

Alli, finalmente, esteve o cadaver coberto com palha e andrajos, e isto com o fim, talvez, de fazerem persuadir, que sendo um infeliz que andava a mendigar, acabara seus dias n'aquelle logar, e aonde permaneceu até quarta feira de Cinza, á noute!!

Ainda esta malfadada provincia, sr. redactor, estava guardada para mais uma vez ver representar uma scena, que com horror a faz recordar do assassinato do infeliz Caca e companheiros, de Midões; e do Ferreiro, de Varzea de Candosa. Este crime, dizem, que já de ha muito estava premeditado contra o desgraçado Pereira, que sendo um infeliz mendigo, e um tanto idiota, mas incapaz, todavia, de offender pessoa alguma, já o anno passado o tiraram quasi morto das mãos do assassino que agora o matou.

Sr. delegado do procurador regio da comarca de Coimbra, a v. s.ª pedimos toda a attenção para este crime. Foi praticado ha mais d'um mez, e com a maior publicidade, e ainda o assassino está bem descançado em casa; acercando-se neste tempo, talvez de grande numero de protectores, que segundo já é fama publica, tem empregado todos os meios ao seu alcance, para o porem a salvo do castigo que o espera. Attenção, pois, sr. delegado, repetimos.»

Costume mexicano.—No Mexico, quando morre alguma creança antes dos 7 annos, celebra-se uma festa de familia para commemorar este acontecimento. Consideram-se felizes as familias, que têem no ceu um anjo de innocencia a velar pelos parentes que deixou na terra. O cadaver do anjinho é adornado com muitas flores, e junto d'elle os parentes e amigos dançam, brincam e banqueteam-se.

Em muitas regiões da America meridional ha os mesmos costumes, e as familias recebem no meio de festas e prazeres, junto do leito mortuario, as felicitações de seus amigos, distribuindo a todos varios presentes,

ANNUNCIOS

1 NO DOMINGO de noute foi perdida no palco do theatro de D. Luiz, uma medalha de ouro, com dois retratos dentro. Pede-se a quem a achasse e a queira restituir, o favor de a entregar ao fiel do mesmo theatro, o qual está auctorisado a dar o seu proprio valor, attenta a estimação em que se tem o objecto.

Attenção

2 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem capazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

O MELHOR QUE HA

3 NOVAS CORDAS para violão, guitarra e berdegais.

Superior amendoa de Lisboa

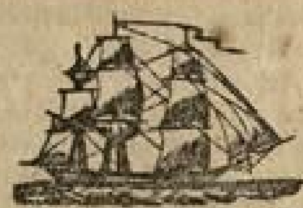
SOPHIA 26 a 30

Gonzaga Junior

4 QUEM PERDEU uma luneta, póde dirigir-se ao becco das Gondeixeiras, n.º 1, que ahi lhe será entregue.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Barca—JOSEPHINA—em 30 de Março.
Galera—AMERICA—em 30 de Abril.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

PARTIDO A CONCURSO

6 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Miranda do Corvo, faz publico, que por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação deste, se acha aberto o concurso para o provimento do partido de medicina do mesmo concelho, com o ordenado annual de 350$ reis, sem deducção ou desconto, e com a tabella que regula a taxa das visitas, consultas e caminhos, da qual se dará conhecimento aos interessados, que o exigirem.

Os pretendentes apresentarão dentro d'aquelle prazo na secretaria desta camara seus requerimentos, a que juntarão, alem dos documentos que entenderem lhes convem, suas cartas da Universidade de Coimbra, ou das escolas medico-cirurgicas de Lisboa ou Porto.

Miranda do Corvo, secretaria da camara, 19 de Março de 1874.

O presidente da camara,
Jeronymo Fernandes Falcão.

Destacamento de cavallaria 8

7 NO DIA 28, pelas 11 horas, no quartel, proceder-se-ha á arrematação de forragens verdes para os cavallos, sob as condições que desde hoje estarão patentes.

SOCIEDADE DOS BANHOS DE LUSO

8 SESSÃO da assemblea geral dos accionistas no dia 29 de Março de 1874, ao meio dia, na casa n.º 4 da rua de S. Jeronymo. Tracta-se de contas e dividendo.

O presidente da assemblea geral,
Costa Simões.

Enxofre superior para vinhas

9 ERNESTO LOPES DE MORAES, com loja de Ferragens na rua da Calçada, á Portagem, em Coimbra, vende enxofre da melhor qualidade para enxofrar videiras.

10 ELEMENTOS DE DIREITO INTERNACIONAL, por Francisco Maria Veiga, 1 vol. 200 rs.

Formulario geral para medicos, cirurgiões e pharmaceuticos, por José Pereira Reis, 1 vol. 600 rs.

Poesias, por Julio Diniz, 1 vol. 500 rs.

Manual do Carpinteiro, 1 vol. encadernado 1$200 rs.

Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal, por José Silvestre Ribeiro, 3 vol 8.º 3$600 rs.

Elementos de poetica, por Aristides de Bastos, 1 vol. 8.º 400 rs.

Ensaio sobre o padroado portuguez, pelo dr. Lopes Praça, 1 vol. 8.º 600 rs.

A mulher e a vida, pelo mesmo auctor, 1 vol. 600 rs.

Á venda na livraria de Manoel de Almeida Cabral, rua da Calçada, n.º 163-165.

Pará—Santarem—Obidos—Serpa e Manaos

Segue de Lisboa em 29 do corrente o vapor inglez **Maclard**. O preço das passagens é o seguinte:

1.ª libras 22
3.ª libras 8

Recebe carga para os mesmos portos.

Trata-se em Lisboa com o agente José Joaquim das Neves & Filhos, Praça de D. Luiz 1.º, 4; e na Figueira com Antonio Vieira.

AVISO

12 EM CONSEQUENCIA de se ter trespassado a botica da viuva Botelho de Vasconcellos, na rua do Infante D. Augusto, n.º 7; roga-se ás pessoas que devem na mesma botica, o favor de satisfazer com a possivel brevidade.

VENDA DE BOTICA EM ANÇÃ

13 QUEM QUIZER comprar uma botica em muito bom estado, dirija-se a seu dono Joaquim da Silva Ramos, do mesmo logar, a qual pode ser examinada em qualquer dia.

CERCADURAS E PAPEIS PINTADOS

ALTA NOVIDADE

Praça de S. Bartholomeu 100 a 103

DOCTOR IN ABSENTIA

15 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei*, 46, *em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

TRINTA DIABOS JUNIOR

16 ESTE JORNAL vende-se avulso em casa do seu agente—Montarroio n.º 31.

OCULISTA

Com loja em Coimbra, na Calçada, n.º 88 a 90.

MONSIEUR BOLSSON & POMBAR

17 QUE tantos elogios têem recebido nas principaes cidades de Hespanha pelos bons resultados de seus excellentes elementos para a conservação e augmento de vista, e cuja propriedade consiste unicamente em crystal de rocha e verdadeiros flingas superfinos, têem a honra de offerecer ao illustrado publico um completo sortimento de todos estes artigos para todas as especies de vista cançada, myope, cataratas operadas, vista debil, inflammação de olhos, etc.

Os ditos crystaes são considerados por os mais celebres chimicos e oculistas, pessoas competentissimas, para a escolha das materias mais finas empregadas n'este ramo e que possam dar o melhor resultado em allivio do orgão visual, como os mais perfeitos apparecidos até hoje, por serem trabalhados em agua d'onde recebem agradavel suavidade e transparencia, sem que a mais minima impureza possa incommodar o dito orgão, antes pelo contrario restitue-lhe a força perdida por muitos inconvenientes.

O mais desagradavel é que por causa da ignorancia de algumas pessoas se deprecie o grande merito dos famosos chimicos, confundindo preciosos productos, que merecem justa reputação, com vidros trabalhados a fogo, materia tão ordinaria, que por meio da convexidade ou concavidade, com que estão construidos, servem evidentemente para mais destruir a vista.

O dito optico venderá os referidos artigos a inteira satisfação do publico e com todas as provas que se lhe exijam.

PREÇOS LIMITADISSIMOS

Competencia com todos

Oculos e lunetas de ouro com crystaes de rocha, ditos de prata e de prata dourada, ditos de aço, grande sortimento de lunetas sem aro, ditas de tartaruga e de bufalo, barometros metalicos com thermometro, thermometros de varias dimensões, binoculos para campo, marinha e theatro, lupas de grande força, microscopios de varios formatos, conta-fios, lentes de relojoeiro, oculos defumados esphericos e de caminho de ferro, caixas de varias qualidades para oculos e lunetas, cordões de seda para lunetas, graduadores para licores (de differentes auctores)

Aros para oculos e lunetas de todas as qualidades. Faz-se toda a classe de concertos pertencentes ao ramo d'optica, taes como—barometros, thermometros, binoculos, e oculos de longa vista. Põem-se vidros, e vendem-se avulso. Ha tambem graduador para recrutas com a verdadeira graduação.

18 CHEGOU um grande sortimento de amendoas, mandadas fazer expressamente em Lisboa.

46—Rua da Calçada—48

19 AMENDOAS DE LISBOA, superior qualidade. Na loja de *José Tavares da Costa*, na Calçada, á Portagem.

8—LARGO DA FEIRA—10
BAIRRO ALTO

20 BOA AMENDOA de Lisboa e lindas cartonagens.

NOVIDADE

21 AMENDOAS DE LISBOA E FRANCEZAS, e um variado sortido de caixas para amendoas, gosto moderno.

Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga—51 Sophia 53—Casa d'azulejo.

22 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha somente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalesciére,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula; Em caixas de folha de lata de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28: Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes; —ELVAS, Sant'Anna. —COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. —SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2783 — SABBADO 28 DE MARÇO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Vão correndo animadas as sessões parlamentares, como é natural na ultima epocha dos trabalhos legislativos.

Na discussão do projecto para a prorogação do registo de foros, que o governo havia declarado estranha á politica, achou a opposição novo motivo para levantar conflicto na camara electiva e mostrar ao paiz a *lealdade* das suas *nobres* intenções.

Este incidente verdadeiramente burlesco, caracterisa os homens da opposição e a politica que ahi está affrontando todas as praticas constitucionaes e a dignidade do paiz.

Os desatinos succedem-se, e a politica ignobil que os pratica, entregue agora á irrisão publica, perde de dia para dia o conceito, a auctoridade e o prestigio, que costuma seguir as opposições sérias e dignas, quando pretendem subir ao poder.

A ambição torpe e impudica, a incoherencia em todos os actos publicos, e o desprezo por tudo que ha de respeitavel e digno na ordem social, nunca podem constituir elementos de governo. Desgraçado paiz que tal aberração presenceasse, os seus costumes teriam chegado á ultima degradação moral.

A opposição com a consciencia torturada pelo remorso das suas iniquidades, despede-se da vida parlamentar, inflamada sómente em odios e rancores; que outros sentimentos se não abrigam no seio d'ella.

Nada escapa á tempestade das suas vinganças e á cegueira das suas ambições.

E' fóra de duvida que esta opposição, com os seus erros e inepcias, tem dado força á situação, collocando ao lado do governo os homens mais importantes do paiz e a grande maioria da nação, que detesta os planos revolucionarios e todas a immoralidades presentes e passadas dos dois grupos que agora se propõem a salvadores da patria pela reforma das instituições politicas.

NOTICIARIO

Semana Santa na Misericordia.—Celebram-se este anno, com grande explendor, na real capella da Misericordia, as festividades da grande semana. Tudo concorre para que estas solemnidades sejam explendidas. Armações d'egreja, completamente novas, e que servem pela primeira vez. A musica dos officios divinos é tambem a primeira vez que se executa nesta cidade, e por musicos dos mais competentes. Os responsos de quarta feira de trevas são do sr. conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro, e os de quinta e sexta do sr. Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, que é tambem o regente da musica em todos os dias.

As missas são composição do sr. conego Monteiro. Todas estas musicas serão executadas por grande numero de vozes e por grande instrumental.

No domingo proximo, 29 do corrente, haverá a benção dos Ramos, começando pelas 9 horas e meia.

Na quarta feira seguinte haverá o officio de trevas, começando pelas 6 horas e meia da tarde.

Na quinta feira santa, pelas 10 horas da manhã, começará a missa solemne, havendo communhão geral d'orphãos e orphãs, e mais fieis que quizerem concorrer á sagrada mesa eucharistica. As horas dos officios da noute são as mesmas em todos os tres dias.

Na sexta feira—Paixão e adoração da Cruz, principiando ás 10 horas. No fim sermão da Paixão, pregado pelo sr. padre Gaspar Alves de Frias Ribeiro, digno escrivão da Santa Casa.

Depois do officio da noute haverá o sermão da Soledade, pregado pelo reverendo parocho d'Almalaguez, o sr. Antonio de Almeida Pedroso.

No sabbado, haverá as ceremonias do fogo novo e Alleluia, e missa solemne, que principiarão ás 8 horas.

No domingo de Paschoa—missa solemne e sermão da Resurreição, pelo sr. Dr. Francisco dos Santos Donato, lente de Theologia.

O zeloso e digno provedor da Santa Casa não se poupa a trabalhos e esforços para que estas solemnidades sejam o mais pomposas, como convem á sublimidade dos mysterios, que neste tempo se celebram.

Ao terminar esta noticia cumpre-nos dizer, como explicação a uma outra noticia que ha tempos publicámos, que o sr. Dr. Manoel Marques de Figueirêdo, digno provedor da ultima mesa da Santa Casa, se viu impossibilitado de fazer como desejava as solemnidades na capella da Misericordia, por lhe não ser approvada pelo conselho de districto, toda a verba que propozera no orçamento.

Fallecimento—O sr. Fernando Gamboa de Vasconcellos Aylla, que de Taboa tinha vindo como procurador á junta geral, acaba de soffrer um duro golpe, em razão de fallecer no dia 25 do corrente, pelas 5 horas da tarde, sua querida irmã a exm.ª sr.ª D. Maria dos Prazeres de Gamboa, que já doente viera em sua companhia.

Ao funeral desta senhora concorreram muitos cavalheiros, e entre elles os de Cellas, sem excepção de um só, muitos academicos e povo. O caixão foi conduzido por 6 pobres; pegaram ás borlas 6 cavalheiros dos mais qualificados, e levava a chave o intimo amigo do sr. Gamboa, o sr. Dr. José Joaquim Manso Preto.

Damos os nossos sentimentos ao sr. Gamboa por este infausto acontecimento.

Antigas ruas de Coimbra.—Nas differentes alterações que tem tido esta cidade, foram mudados os nomes a muitas ruas, outras supprimidas, e outras feitas de novo; custando agora muito a indicar com exactidão todas essas transformações.

Havia em Coimbra a rua da Figueira Velha, proximo ao Arnado.

Terreiro de Mestre Fernando.

Rua da Videira, na freguezia de Santa Justa.

Rua de Pintadores, na freguezia de S. João de Santa Cruz, hoje de S. Bartholomeu.

Rua da Triparia Velha.

Rua dos Oleiros.

Rua do Forno do Cabral, na freguezia de Santa Justa.

Rua de S. Gião, depois rua do Hospital, e agora rua das Azeiteiras.

Rua de Pedro Ferrão, na freguezia de S. João de Santa Cruz.

Rua de Gaspar Ribeiro.

Rua de Jorge Barbosa, na freguezia de Santa Justa.

Azinhaga de Pedro Torneiro, junto ao rio. Está agora incluida no quintal do sr. Antonio Maria de Sousa Bastos.

Rua da Escadinha, proximo á azinhaga de Pedro Torneiro.

Rua da Enxurrada, actualmente rua de Quebra Costas.

Rua de Pedro de Figueiredo.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXCVIII

D. CARLOS

XCVIII

Pardiñas e Cabrera consideravam-se mutuamente como inimigos politicos e pessoaes, e por isso se procuravam. O vencedor na Baeza e Castril, queria vencer o já temido chefe do Maestrazgo.

Sabedor Cabrera de que o seu contrario se havia movido de Alcañiz para Calaceite, seis leguas de Mora do Ebro, para perseguir a Llagostera na sua expedição a Bellmunt; saiu a 27 de Setembro de 1838 de Morella com os seus ajudantes e 8 ordenanças, caminho de Mora, andando 27 horas continuas, sem deter-se mais que a cuidar dos cavallos.

A sua chegada recebeu aviso de que Pardiñas permanecia em Calaceite, e a 28 foi Cabrera pernoutar a Gandeza. Chegou a Cretas a 29 para cair sobre o seu inimigo; porém havendo este contramarchado para Maella, variou de direcção sobre Valdealgorfa, onde reuniu a 30 dois batalhões de Tortosa, dois de Mora, guias de Aragão, partida de Bosque e cavallaria de Tortosa e Aragão, sommando um total, segundo as partes carlistas, de 3:000 infantes e 500 cavallos.

Ceava naquella noute Cabrera em Valdealgorfa, 4 leguas de Maella, e um espia lhe confirmou que Pardiñas permanecia nesta ultima povoação com cinco batalhões e tres esquadrões. Levanta-se de repente, dá uma pancada sobre a mesa, passeia com rapidez, e depois de dois minutos de silencio, diz:

—Senhores: os meus desejos estão cumpridos; ámanhã vamos ao encontro de Pardiñas, e ámanhã o vencemos, ainda que elle se jacta de que nos derrotará onde quer que nos ache e que não haverá quartel. Ámanhã morre Pardiñas; porém morrerá tambem um dos que estão presentes.

—Sou eu, meu general, perguntaram instinctivamente todos ao mesmo tempo; ou será acaso v. ex.ª?

—Não digo mais. Sabem que o meu coração não me engana e que os meus presentimentos são fieis. Não estão no entanto satisfeitos com saber que venceremos? E é pouco vencer a divisão que os inimigos chamam do *Ramilhete*, porque é, segundo dizem, a melhor do seu exercito? Vão descançar, e ao ouvir o toque, que formem as tropas; eu irei revistal-as:

Encerrou-se no seu quarto, fez alguns apontamentos no seu diario, e duas horas depois resoava nas ruas de Valdealgorfa o toque annunciado.

Ao revistar as suas tropas disse aos aragonezes:

—Rapazes, estamos na vossa terra, e dentro de poucas horas pelejaremos com Pardiñas. Portar-vos-heis como sempre, não é verdade?

—Sim, meu general.

—Viva el-rei!

Aos de Tortosa e Mora lhes fallou assim:

—Rapazes, já sabeis que nunca vos engano: ámanhã deixa de existir a divisão do *Ramilhete*; animo pois, e confio que me ajudareis.

—Sim, meu general, até morrer.

—Viva el-rei!

Em acto continuo, ainda de noute, começaram a desfilar silenciosos caminho de Maella. Ás 4 da manhã entravam no valle de Gil, perto de Maella, onde acamparam. Cabrera, embrulhado na sua capa branca, dormiu junto a uma penha, guardando-lhe o somno os ajudantes de campo.

Se tranquillo e sereno estava o caudilho carlista, não carecia de eguaes dotes o liberal. Sabe a posição dos contrarios, manda formar as suas tropas, e exclama:

—Hoje será meu Cabrera.

Ao amanhecer do 1.º de Outubro levanta-se Cabrera, á voz dos seus ajudantes, pede o seu cavallo, e diz sorrindo:—«Hoje é preciso que tire a minha espada; não é caso de pelejar com um pau.»

Reconheceu o campo, observou os movimentos de Pardiñas, distribuiu as guerrilhas e collocou as suas forças. O liberal fez outro tanto, e escolheram para campo da peleja um espaçoso terreno plantado de oliveiras, tendo o rio Matarañа, ou Fabara, por um lado, e varias eminencias pelo outro.

Dado o signal do ataque, caem os liberaes com decisão sobre o centro e flancos inimigos, impellem a sua ala esquerda, que cede a seu pesar o terreno, porém sem voltar o rosto, lutam com feroz encarniçamento; prolonga-se

Terreiro da Runa, na freguezia de Santa Justa.

Rua da Judiaria Velha, ao cimo da rua do Corpo de Deus.

Almocaval dos judeus, era o cemiterio dos judeus proximo á actual Fonte Nova.

Rua dos Caldeireiros, na freguezia de Santa Justa.

Rua das Tendas.

Rua das Tanoarias, actualmente rua das Solas.

Chão de Egua Pintada, que entestava com as ruas de Tingerodilhas e Pintadores.

Rua dos Francos.

Rua do Forno de Antonio Fernandes, na freguezia de Santa Justa.

Rua de Palhaes.

Rua Nova de El-Rei, ao cimo da actual Couraça dos Apostolos.

Rua dos Paços de Elrei, depois rua Larga, e agora rua do Infante D. Augusto.

Praça Nova, mandada fazer por El-Rei D. João III; e hoje largo da Feira.

Rua dos Alegretes, no bairro alto, por onde vinha canalisada a agua para o Paço do Bispo.

Rua do Quintal, na freguezia de Santa Justa.

Rua de Pedro de Aldora, na freguezia de S. Thiago.

Rua de Belcouce, proximo ao actual collegio da Estrella.

Rua da Oliveira.

Rua da Mostardeira, junto á Sota.

Rua de Alvaiazere, em parte da qual foi edificado o collegio dos Militares.

Rua das Carnicerias, junto ao Mondego.

Rua da Nora.

Arco de Jorge Vaz, proximo á praça de S. Bartholomeu.

Rua da Cruz, na freguezia de S. João de Santa Cruz.

Rua dos Toalheiros, na freguezia de Santa Justa.

Beco de João Ramos, na freguezia de S. Christovão.

Beco de D. Filippa, na freguezia da Sé Velha.

Rua de Antonio de Azevedo, na freguezia de S. João de Almedina.

Rua do Coruche, hoje rua do Visconde da Luz.

Beco das Bruxas, modernamente mudado para beco da Boa Vista.

As sociedades secretas.—O bispo de Coimbra, D. Fr. Francisco de S. Luiz, a fim de dar cumprimento á lei de el-rei D. João VI de 20 de Junho de 1823, contra as sociedades secretas, publicou a seguinte pastoral, que foi impressa na *typographia Christã* da rua dos Coutinhos:

D. Fr. Francisco de S. Luiz, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, bispo de Coimbra, conde de Arganil, do conselho de sua magestade, etc.

Fazemos saber aos muito reverendos doutores ministros da nossa mesa ecclesiastica, encarregados do governo do nosso bispado, que na carta de lei de 20 deste mez de Junho, ora promulgada, no artigo 3.º é sua magestade servido ordenar o seguinte:

«Sendo necessario evitar, que empregados publicos civis, ou militares estejam ligados por outro qualquer juramento, que não seja aquelle, que lhe prescrevem as leis: ordeno a todas as auctoridades ecclesiasticas, civis e militares das diversas repartições do estado, que no prazo de oito dias, depois de haverem conhecimento desta lei, apresentem elles mesmos, e exijam de todos os seus subordinados uma declaração especial escripta, pela qual se obriguem a não pertencer desde a data daquella promessa em diante a nenhuma sociedade secreta, ficando sujeitos todos os que se recusarem a assignar semelhante declaração, ao perdimento de seus postos, ou empregos.»

Em cuja conformidade e observancia ordenamos aos referidos ministros da nossa mesa ecclesiastica, que além de nos mandarem as suas proprias declarações especiaes dentro do termo assignado no dito artigo; passem immediatamente as ordens precisas para que as pessoas do nosso bispado, comprehendidas no decreto da lei, e a nos subordinadas, hajam de mandar egualmente as suas, as quaes sendo enviadas a mesa, nos serão sem perda de tempo remettidas á proporção que se forem recebendo, para as dirigirmos á secretaria de estado competente.—Dada em Lisboa sob nosso signal sómente aos 28 de Junho de 1823.—*Fr. Francisco, bispo conde.*

Cumpra-se e se passem as ordens necessarias.—Coimbra 30 de Junho de 1823.—*Domingos—Faria.*

Ainda as sociedades secretas.—Temos em nosso poder 36 juramentos originaes, prestados por 12 professores de latim e 24 de primeiras letras, da provedoria de Castello Branco, em cumprimento da lei de 20 de Junho de 1823.

Seguem quasi todos, com pequenas differenças, o mesmo formulario. Publicaremos, porem, tres juramentos, em que os seus auctores saem um pouco do molde costumado.

«Declaro que fui constitucional prudente, do mesmo modo, e só em quanto vossa magestade o foi, e recommendava que o fossemos; mas protesto com todas as veras do meu coração, e juro pelo mais sagrado juramento, que nunca pertenci, nem pertenço, e nem hei de pertencer a alguma dessas sociedades secretas, prohibidas pelas respeitaveis leis de vossa magestade. E se por minha miseria eu tiver a desgraça de quebrantar este meu protesto, de boa vontade me sujeito a todas as penas, que pelas leis de vossa magestade são impostas—Sarzedas, de Agosto 28 de 1823.—*O padre Francisco Ferreira Annes, mestre regio de primeiras letras.*»

«Sendo-me exigida e ordenada, em virtude do artigo 3.º da carta de lei de 20 de Junho do presente anno, mandado observar por provisão da junta da directoria geral dos estudos, a minha declaração, pela qual me obrigue a não pertencer a sociedade alguma secreta; eu com todo o prazer e gloria declaro, debaixo de juramento, que nunca até ao presente me uni, ou associei a alguma sociedade secreta e contraria ao bem da nação. Porque desejando sómente, como fiel vassallo e catholico, que exista sempre a nossa santa religião, e que reine prosperamente o nosso amado rei o senhor D. João sexto, e finalmente que toda a nação goze de uma perfeita paz e ventura, para que debaixo do seu sabio e benefico governo, torne a adquirir a sua antiga gloria; com toda a razão conheço que devo abominar e recusar-me a todas as sociedades secretas, que só podem ter por objecto a ruina do throno e do altar, sustentaculos necessarios para que a patria não seja aniquilada e envolta em desastrosas calamidades.

Muito sinto não poder pela minha pobreza ir pessoalmente protestar aos pés do nosso augusto monarcha os meus puros votos de fidelidade e respeito á sua sagrada pessoa e a toda a sua real familia; mas já que meus desejos se não podem realisar, eu lhe protesto e juro ser sempre um fiel vassallo, e nunca unir-me a sociedade alguma secreta, não só debaixo da pena de perdimento da cadeira que occupo, mas até da propria vida; porque ser que não deve viver aquelle que não quer ser fiel ao seu rei, e nem estima a felicidade da nação.—S. Vicente da Beira 3 de Agosto de 1823.—*O professor de primeiras letras, Francisco Duarte Lobo.*»

«Declaro e juro *in verbo sacerdotis*, que as sociedades secretas denominadas—pedreiros livres—carbonarios—communeros, e outras quaesquer associações de egual natureza, conforme a carta de lei de 20 de Junho 1823, sempre foram por mim tidas e havidas como objectos abominaveis, e por isso dignos justamente do maior desprezo; e eis porque sempre abandonei, abandono, e heide perpetuamente abandonar taes sociedades, por serem oppostas ao throno e altar.

E porque tal é o meu sentimento, por isso passo a presente que assigno, lembrando a vossa magestade que já passei outra semelhante declaração, por me ser mandada passar pelo doutor juiz de fóra desta villa.

Deus guarde a vossa magestade muitos annos.—Idanha a Nova 16 de Outubro de 1823.—De vossa magestade o mais indigno subdito—*O padre Joaquim Pedro da Silveira.*»

Fr. Joaquim do Espirito Santa.—Um nosso respeitavel amigo nos communica o seguinte:

«O *Conimbricense* de 21 do corrente, na sua curiosa noticia a respeito do veneravel Fr. Agostinho da Annunciação e dos missionarios do Varatojo em Coimbra em 1830; diz a respeito de Fr. Joaquim do Espirito Santo—suppor que ainda é vivo.

Com effeito não ha muitas semanas que, na estação de Coimbra, dois pobres e humildes ecclesiasticos entravam n'um wagon de terceira classe, caminho de Santarem, aonde iam pregar a palavra de Deus. Um delles era Fr. Joaquim do Espirito Santo, alegre e vigoroso com os seus mais de 70 annos. Companheiro do eloquente orador Fr. José d'Assumpção, cujos dotes no pulpito difficilmente se excederiam, Fr. Joaquim, certamente menos douto e menos eloquente, distinguia-se todavia, por uma qualidade incomparavelmente superior, á caridade christã.

Em quanto o primeiro, depois de se elevar ás mais sublimes alturas, na esphera puramente religiosa, abalando os corações mais impedrenidos, como que se despenhava nas declamações partidarias, que por esse tempo manchavam a cadeira da verdade, Fr. Joaquim, unica e exclusivamente ministro d'um Deus de paz e apostolo da sua verdade, nunca sahiu deste circulo, e a ninguem jámais offendeu nas suas crenças politicas.

Extinctas as ordens religiosas, residiu muitos annos na quinta das Lagrimes, e d'ahi veiu ainda outra vez missionar á Sé Cathedral n'uma quaresma, sendo sempre bem recebido e attentamente ouvido.

Depois, juntamente com o veneravel Fr. Agostinho e outros egressos Varatojanos, conseguiram por meio d'esmolas não só comprar

---

o combate e vacila muito tempo o exito daquelle brigar.

O chumbo e o ferro dizimam as fileiras de tanto valente; o sangue rega o solo, e os mortos são um obstaculo ao pelejar dos vivos. Cabrera, o caudilho que profetisou a victoria, vê correr o seu sangue no braço esquerdo, e recordando-se do succedido em Torreblanca, e temendo a influencia que teria a sua ferida no animo do soldado, aguilhoa a sua paciencia e quer decidir a batalha.

A fogosa precipitação do seu joven adversario lhe dá um triumpho que teria conseguido Pardiñas com mais conhecimento dos seus inimigos e mais sangue frio; porém guiado pelo seu afan, precipitou os movimentos dos batalhões da sua esquerda, e não poderam ser protegidos pelos do centro.

Descoberto um flanco, envolve facilmente Cabrera aos adeantados, cortando-os sem mais que uma mudança de frente; e os que atacavam os carlistas, que se retiravam, não tiveram a serenidade de se manterem unidos, resistir ao ataque do flanco, e esperar o soccorro dos batalhões do centro e direita. Sem conhecida necessidade se renderam, compromettendo a sorte de outros e da cavallaria que ia em sua ajuda. O chefe da esquerda, D. Caetano Urbina, havia sido ferido antes daquella desordem.

Experimentava tambem por suavez a desordem a esquerda carlista; soccorre-a Palacios, chega Cabrera—*Que é isto cobardes?* diz a uns fugitivos. *Abandonaes-me agora que é nossa a victoria, quando já temos mil prisioneiros, e me vedes pelejar com este braço ensanguentado?*—Animam-se com estas palavras; param, pelejam com enthusiasmo, o enthusiasmo augmenta o seu valor, e o seu valor lhes dá o triumpho.

Surprehendido Pardiñas com o que passava, crendo apenas o comportamento da sua gente, e parecendo-lhe impossivel a derrota, voa aonde maior é o perigo, e incendiados os seus olhos pela ira, vermelho o rosto pela vergonha e embargada a voz pela desesperação, corre de uma a outra parte, procura reunir as suas debandadas forças, e ao ver o infructuoso dos seus esforços, busca por toda a parte uma bala, ou uma lança que lhe dê uma morte, que possa chamar-se gloriosa no campo de batalha.

Até, porém, o inimigo se compraz em augmentar a amargura de sua situação, e não lhe envia a bala, ou a lançada que tanto deseja; só morreu o seu cavallo. Mas jurou Pardiñas, sem duvida, *ser capitão dos mortos*, e não jurou em vão. Agarra uma espingarda de um granadeiro, e ao pé de uma arvore, provoca aos seus inimigos, e quer morrer matando. Acodem alguns soldados de cavallaria ao desafio, dispara Pardiñas a sua arma, fere-no mortalmente; porém póde ainda manejar a sua espada, e peleja até que succumbe atravessado de uma lançada.

Alli morreu cegada em flor uma das mais brilhantes esperanças do exercito hespanhol, que subiu a general por uma serie não interrompida de actos de heroismo e de triumphos. Havia, porém, mais fogosidade em Pardiñas; costumava desprezar a contrarios que não conhecia, e observar esta maxima:—*Nem conto os inimigos, nem vejo as suas posições: alcanço-os, e ataco-os.* Equivocou-se, julgando o mesmo que a Tallada, longe de suas guaridas, a Cabrera, e Forcadell, Cabañero e Llagostera, que commandavam gente bem acostumada ao fogo.

O cadaver do general Pardiñas foi conduzido a Caspe pelo commandante militar, que lhe deu sepultura com as honras da ordenança.

Desde a sua morte, nem a serenidade do brigadeiro D. Pascoal Alvarez, e de outros chefes e officiaes, nem os esforços do chefe de estado maior D. Anselmo Blazer, que sempre na retaguarda procurava conter a infanteria, ajudado de officiaes do mesmo corpo, poderam evitar a catastrophe, nem a dispersão da tropa, que, apoderada de invencivel panico, só procurava salvar-se das lanças inimigas.

A cavallaria liberal do rei poitou-se com bravura; salvou-se á maior parte, e salvou grandes pelotões, que fugiram desordenados para Caspe.

O resultado de 6 horas de tão obstinado combate, foi ficar destruida a divisão; prisioneira a maior parte; estendidos no campo os mais brilhantes chefes e officiaes, muitos feridos, e apenas se salvaram dois dos cinco batalhões que a compunham. Os prisioneiros de cavallaria foram acutilados, em represalia, disse Cabrera, de não haverem dado quartel aos carlistas que caiam no seu poder no principio da acção, o que outros desmentiram, fundando-se nos humanitarios sentimentos de Pardiñas, demonstrados constantemente, com quantos prisioneiros fizera em differentes occasiões.

Ainda no campo de batalha, enviou Cabrera um ajudante, mandando a D. Christovão Espinosa, que matasse aos soldados da cavallaria do rei que havia reunido, que seriam uns 50; mas respondeu este que não tinha lança depois da acção. Buscou Cabrera outro que obedecesse á sua ordem; foram despojados os soldados de quanto levavam, e os acutilaram. O commandante Espinosa foi enviado a Chelva, onde viveu escurecido: 161 homens de cavallaria foram fuzilados, ou acutilados pelos carlistas.

Na mesma tarde fuzilou Cabrera o capitão de Cordova, D. Joaquim Urquizu, filho e irmão das duas fuziladas em Valderobles a 27 de fevereiro de 1836, e a 27 feridos mais que tirou do hospital de Maella.

Tão deshumano proceder, eclipsou o brilho dos laureis do vencedor de Maella, que mostrava possuir um coração indigno de nobres sentimentos, pois a satisfação embriagadora da victoria, despertava nelle os desejos de vingança e exterminio, rebaixando a sua fama e arrastando o seu nome em charcos de sangue.

Os carlistas perderam perto de 300 homens, entre mortos e feridos, e sobre 100 cavallos.

Os fugitivos liberaes refugiaram-se em Caspe; Cabrera regressou a Valdealgorfa, donde marchou a Castellserás, Asuara e Hijar. Os liberaes tiveram 3:000 baixas.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

mas restaurar a casa e matta do Varatojo, e fundar o collegio d'orphãos e as escolas que [illegible] *Conimbricense*; e ahi viveu da caridade, [illegible] sem a mendigarem, nunca lhes falta.

Sempre promptos, elles e outros sacerdotes que com os mesmos se ajuntaram, a acudir ao chamamento das auctoridades ecclesiasticas, sabem d'alli frequentemente a missionar. Sabemos que esta casa, bem como o collegio e as escolas, em facil communicação com Lisboa, merecem a visita das pessoas que realmente se interessam pelos progressos da verdadeira civilisação, sendo o seu estado prospero e a sua plena acceitação popular, um documento de quanto val e póde, sem intervenção dos favores do estado, uma bem entendida liberdade.—*A. F.*»

Bibliographia.—Publicamos hoje a indicação que nos envia o sr. Antonio Francisco Barata, de alguns dos folhetos do 2.º volume da collecção existente na bibliotheca de Evora, relativa aos acontecimentos pela restauração de Portugal, e que pertencera ao impressor de Coimbra Manoel Carvalho.

Destruiçam de quatro companhias de castelhanos junto á cidade de Era pello exercito de El Rey christianissimo de França governado pello Marichal de Millareia, com a tomada de nove bandeiras, & muitos carros de bagagens. Impresso em Paris; & agora traduzido de Frances em Portugues.

Em Lisboa por Jorge Rodrigues. Anno 1641. 8.º de 8 paginas.

* *Relaçam verdadeira de hema assinalada vitoria, que a armada naval do christianissimo Rey de França gouernada pelo Arcebispo de Burdeos teve na costa da Catalunha cõtra hũa poderosa de quarêta & hũa gales del Rey de castella em o mes de Julho deste presête anno. Traduzida de Frãces na lingua Portugueza.*

Lisboa por Antonio Alvarez 1641. 8.º de 6 paginas.

Relaçam verdadeira da milagrosa victoria que alcançarão os Portuguezes, que assistem na fronteira de Oliuença, a 17 de Setembro de 1641.

Lisboa por Jorge Rodriguez 1641. 8.º de 12 pag. sem numeração.

Relaçam do encontro, que o mestre de campo Dom Nuno Mascarenhas teue cõ o inimigo em Montaluão, & da entrada que fez em Ferreyra á 15 de Agosto 1641.

Lisboa por Manoel da Silva 1641. 8.º de 8 paginas sem numeração.

Relaçam da entrada, qve o mestre de campo Dom Francisco de Sousa fez na villa de Valença de Bomboy em sabbado tres de Agosto deste presente anno de mil & seis centos & quarenta, & hum.

Lisboa por Jorge Rodrigues 1641. 8.º de 8 pag. sem numeração.

* *Relaçam do qve svcedeo na Prouincia da Beira, depois que chegou Dom Alvaro de Abranches por Capitão General della, & do exercito que assiste, naquellas Fronteiras.*

Lisboa por Antonio Alvarez 1641. 8.º de 12 pag. sem numeração.

Relaçam do sucesso que teve Fernão Telles de Meneses, General da Prouincia da Beira, na tomada da Fortalesa de Elges, com sua Villa, & a Villa de Valuerde, no Reyno de Castella, conforme ao auiso que veio a Sua Magestade, & cartas que daquellas partes se escreueram.

Lisboa, por Antonio Alvarez 1642. 8.º de 8 pag. sem numeração.

Relaçam do svccesso que teve Fernam Telles de Meneses general da Prouincia da Beira nas Villas de Aldea do Bispo, & Castelejo do Reyno de Castella em 30. de Mayo de 1642, conforme o auiso, que Sua Magestade, que Deos guarde, teue daquellas partes.

Lisboa. Na Officina de Domingos Lopes Rosa, 1642. 8.º de 8 pag. de impressão sem numeração.

Relaçam da insigne victoria, que o General Fernão Telles de Menezes alcançou dos castelhanos em 22 de Agosto de 1642, conforme o auiso que veyo a S. Magestade.

Lisboa, por Manoel da Sylva 1642. 8.º de 6 pag. sem numeração.

Facçoens venturosas qve tiveram na fronteira de Almeida o General Fernão Telles de Menezes, & o Mestre de Campo D. Sancho Manoel, contra o inimigo Castelhano, em 2. & 4. deste mes de Nouembro do anno presente 1642

Lisboa, na off. de Domingos Lopes Rosa 1642. 8.º de 8 pag. sem numeração.

* *Relaçam do qve em svstancia contem a carta qve o General Dom Gastam coutinho escreveo a sua Magestade de 12. do presente mes de Setembro de 1641. sobre a entrada, que com o exercito da Prouincia de entre Douro, & Minho, fez em Galiza, segunda feira que forão noue do dito mes.*

Lisboa, por Antonio Alvarez, 1641. Uma folha fol.

* *Relaçam do qve fez a villa de Gvimarens do tempo da felice aclamação de Sua Magestade, até o mes de Octubro de 1641.*

Lisboa, por Jorge Rodrigues MDC.XXXXI. 8.º de 12 pag. Sem numeração.

A proposito desta publicação nos dirigiu o nosso amigo e distinctissimo bibliographo, o sr. Innocencio Francisco da Silva, a seguinte carta:

Lisboa 25 de Março de 1874.—Meu prezado amigo e sr. Joaquim Martins de Carvalho—Com referencia a nota do nosso amigo A. F. Barata, que v. publica no n.º 2781 do *Conimbricense*, ácerca dos opusculos raros existentes em collecção na bibliotheca Eborense, e relativos á restauração de 1640, pódesse quizer editar essa noticia com as seguintes declarações:

A *Memoria da jornada e successos etc. nas embaixadas a Suecia e Dinamarca* é do dr. Antonio Moniz de Carvalho, e como tal a verá descripta no *Dicc. Bibl.* tomo 1.º—Advirta-se porem, que o exemplar d'Evora deve ter alguma falta, pois que o meu comprehende 26 paginas (innumeradas), e não as 16 que diz conter aquelle.

E quanto ao *Manifesto do reino de Portugal*, de que v. tem exemplar, é elle attribuido pelos nossos bibliographos a Pantaleão Rodrigues Pacheco, que depois foi bispo eleito de Elvas, e como tal o descrevi no tomo II do *Dicc.*—Creio que este Pantaleão é tambem auctor dos *Discursos que se presentaram na Curia Romana etc.*

E pois que estamos, como se diz, *com as mãos na massa*, lembrar-lhe-hei a proposito de Fr. Agostinho da Annunciação, o opusculo do nosso amigo dr. Rodrigues de Gusmão, descripto a pag. 344 do vol. II do *Dicc.*, sob o titulo *Breve noticia do collegio dos meninos orphãos* etc., impresso n'essa cidade em 1852 em segunda edição.

Creia-me sempre—am.º affect.º e servo obrigado—INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

Associação Conimbricense do sexo feminino.—O movimento desta sociedade no mez de Fevereiro ultimo, foi o seguinte:

Saldo do mez anterior.........	5:576$850
Receita neste mez............	74$650
	5:651$500
Despeza..........................	49$450
Saldo para o mez seguinte.....	5:602$050

Noticias de Lisboa.—Dizem de Lisboa ao *Jornal da Manhã* o seguinte:

«Na camara dos pares foram approvados todos os artigos do projecto das novas comarcas, sendo rejeitadas todas as emendas apresentadas.

Parte ámanhã para Londres o sr. Antonio de Aguiar, commissario da exposição de vinhos.

Na camara dos deputados, em resposta ao sr. Pereira de Miranda, o sr. Serpa declarou que o governo tinha todo o empenho em discutir o projecto dos caminhos de ferro da Beira.

Foi approvada toda a lei da receita, sendo rejeitadas todas as emendas, excepto a que diz respeito aos monte-pios do exercito e armada.

Foram approvados o tractado da extradicção com a Belgica e o projecto auctorisando as expropriações para o alargamento de varias ruas do Porto, e outros de pequena importancia.

A junta consultiva das obras publicas apresentou o seu parecer sobre o segundo e terceiro lanço da segunda secção do caminho de ferro do Douro. As obras são orçadas em perto de mil e quinhentos contos.»

Noticias de Hespanha—Lê-se em o *Diario de Noticias* o seguinte:

Dera-se um facto lamentavel em Somorrostro. Incendiara-se um carro de munições, que na sua explosão feriu 78 praças; porém nenhum dos feridos era de gravidade. Só o soldado que estava sobre o carro foi ter a grande distancia morto. O general Lopez Dominguez ia tambem sendo victima.

O exercito tinha, em o norte, uma bateria de 14 peças Krupp em Janeo, outra com 4 peças no palacio Villarias, e outra com 10 peças nas alturas do Monte Ramos.

Todas as pessoas que podiam visitar a linha do general Serrano e descobriam as diversas obras de fortificação levantadas em todas as alturas fronteiras áquella linha, confessavam que os carlistas tinham fortes posições e que não seriam tomadas sem numerosa artilheria e bastante tropa.

Em Santander havia já preparadas muitas camas para os feridos. O medico militar sr. Lousada dirigira a construcção de um wagon especial para os feridos, que fôra approvado. O general em chefe mandára que se fizessem mais wagons de egual systema.

Suicidara-se em Castro um official da administração militar, por causa de desgostos particulares.

A divisão Loma desembarcára no dia 21 em Castro Urdiales, procedente de Santona, o que indicava novo movimento n'esta columna.

Mais de 700 homens dos surprehendidos da divisão Nouvilas entraram em França por Prat de Mollo, e alguns voltaram para Barcelona.—Esperava-se o ataque das tropas de Serrano.

Madrid 25 (a noite)—Um telegramma official annuncia que Serrano atacou ás 6 da manhã as posições carlistas. O centro, commandado por Loma, avançou até Carreros. A direita, commandada por Rivera, avançou para uma forte posição que duas baterias Krupp batem com bom resultado.

A *Gaceta* noticia que as tropas de Weyler alcançaram a rectaguarda de Santés perto de Enguera, matando-lhe dois homens, e fazendo quatro prisioneiros.

Na provincia de Burgos foi batido outro bando.

Foi posto de novo em vigor o decreto de 1 de Outubro de 1873, sobre o provimento dos logares ecclesiasticos vagos.

A bolsa fechou-se por causa da festa do dia.

Madrid 26 (de manhã)—A batalha começou de manhã em Somorrostro. O fogo cessou ao anoitecer. O exercito liberal tomou aos carlistas varias posições importantes, nas quaes está acampado actualmente. A resistencia dos carlistas foi tenaz.

As perdas do exercito são de 435 soldados e 17 officiaes feridos e 15 soldados e dois officiaes mortos.

Madrid 26, ás 7 horas e 30 minutos da tarde—O combate recomeçou ás 5 horas da manhã de fronte do Monte Abano; mas ainda não se receberam promenores.

Madrid 27, á 1 hora e 30 minutos da manhã—Varios telegrammas de Somorrostro, sendo datado o ultimo das 5 horas e 50 minutos da tarde, dizem que as tropas continuam a avançar. As tropas tomaram á bayoneta a aldeia de Pucheta, e a casa mais proxima de S. Pedro Abanto. Os fogos de S. Pedro Abanto foram extinctos. O inimigo é fortemente accommettido nas posições da direita.

Madrid 27, ás 10 horas e 40 minutos da manhã—A *Gaceta* publica um telegramma de Serrano das 7 e meia da tarde, confirmando os anteriores. Diz que renunciou a tomar S. Pedro Abanto até estar terminado o movimento da direita, porque o inimigo accumulou grandes forças nos entrincheiramentos do centro.

O exercito conserva todas as posições adquiridas. Continuará hoje o ataque. As perdas do exercito em tres horas de fogo são: um official e onze soldados mortos; cinco officiaes e 170 soldados feridos.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

1 FERNANDO DE GAMBOA VASCONCELLOS AYLLA e sua mulher D. Maria Candida de Almeida, summamente penhorados para com todos os exm.ᵒˢ e illm.ᵒˢ srs. e exm.ᵃˢ sr.ᵃˢ, que, pela occasião da morte de sua querida irmã, lhe prestaram a maior prova de estima e consideração, procurando suavisar seu sentimento, e acompanhando á sua ultima morada a sua cara mana; vem por este modo significar-lhes o seu agradecimento e eterna gratidão, e pedir-lhes desculpa de pessoalmente não irem agradecer uma tal fineza, por terem de se retirar para a sua casa em Taboa, aonde offerecem a s. ex.ᵃˢ os seus serviços, reservando para occasião opportuna saldar uma divida tão sagrada. Egualmente agradecem aos dignos facultativos o zelo e interesse que empregaram para salval-a, aos quaes protesta eterna gratidão.

2 NO DIA 1.º do proximo mez d'Abril, pelo meio dia, nos paços deste concelho, ha de dar-se de arrematação, se o preço convier, o rendimento do imposto municipal indirecto sobre o vinho ordinario e aguardente que se consumir na freguezia d'Almalaguez até 30 de Junho deste anno.

As condições serão presentes no acto da praça.

Coimbra, secretaria da camara municipal 27 de Março de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

3 ELEMENTOS DE DIREITO INTERNACIONAL, por Francisco Maria Veiga, 1 vol. 200 rs.

Formulario geral para medicos, cirurgiões e pharmaceuticos, por José Pereira Reis, 1 vol. 600 rs.

Poesias, por Julio Diniz, 1 vol. 500 rs.

Manual do Carpinteiro, 1 vol. ancadernado 1$200 rs.

Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal, por José Silvestre Ribeiro, 3 vol. 8.º 3$600 rs.

Elementos de poetica, por Aristides de Bastos, 1 vol. 8.º 400 rs.

Ensaio sobre o padroado portuguez, pelo dr. Lopes Praça, 1 vol. 8.º 600 rs.

A mulher e a vida, pelo mesmo auctor, 1 vol. 600 rs.

Á venda na livraria de Manoel de Almeida Cabral, rua da Calçada, n.º 163-165.

Enxofre superior para vinhas

4 ERNESTO LOPES DE MORAES, com loja de Ferragens na rua da Calçada, á Portagem, em Coimbra, vende enxofre da melhor qualidade para enxofrar videiras.

Attenção

5 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

6 D. MARIA JOSÉ DA SILVA, agradece penhoradissima, a todas as pessoas d'amizade, que se dignaram acompanhar á sua ultima morada, os restos mortaes de seu chorado marido, o major reformado, Francisco José da Silva; bem como a todas as pessoas que lhe dispensaram eguaes provas de sentimento.

ATTENÇÃO

7 ACABA de chegar ao novo estabelecimento, na rua do Visconde da Luz, n.º 90 a 94, mantas de blonde de seda e veus bordados, proprios para semana santa; chapeus de blonde de seda e veludo preto, para cabeça de senhora, e chales de merino preto, lisos e bordados.

AVISO

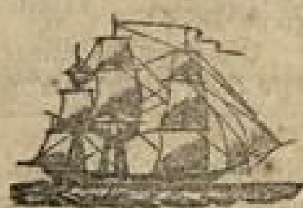
8 EM CONSEQUENCIA de se ter trespassado a botica da viuva Botelho de Vasconcellos, na rua do Infante D. Augusto, n.º 7; roga-se ás pessoas que devem na mesma botica, o favor de satisfazer com a possivel brevidade.

INJECÇÃO BARNIT

9 CURA em menos de 6 dias toda a qualidade de purgações.— Deposito na pharmacia da rua da Sophia, n.os 19 a 23.—Preço 360 rs.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Barca—JOSEPHINA—em 30 de Março.
Galera—AMERICA—em 30 de Abril.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixôto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

11 SUPPLICIO AO BACALHAU, e degredo de Judas, em sabbado de Alleluia, em que falla um juiz, o reu bacalhau, um porteiro e um exhortador que acompanha o reu ao patibulo; obra curiosa. Preço 100 rs. Remette-se franco de porte, a quem enviar o seu importe, em estampilhas, á livraria de J. J. Bordalo, rua Augusta, n.º 24 e 26— Lisboa.

Pará—Santarem—Obidos—Serpa e Manaos

Segue de Lisboa em 29 do corrente o vapor inglez **Maclard**. O preço das passagens é o seguinte:

1.ª libras 22
3.ª libras 8

Recebe carga para os mesmos portos.

Trata-se em Lisboa com o agente José Joaquim das Neves & Filhos, Praça de D. Luiz 1.º, 4; e na Figueira com Antonio Vieira.

13 ANTONIO DINIZ DE CARVALHO, rua do Corvo, diz quem dá 200$ reis a juro, dando garantias.

14 PECULIO DE RECREIO, bibliotheca de 200 romances originaes, e traduzidos, a 50, 100, 200, 300 e 400 reis. Remettem-se para fóra, franco de porte, a quem enviar a importancia em estampilhas.

A ORAÇÃO DA TARDE, drama em 3 actos e em verso, por D. Luiz Marianno Larra. Preço deste vol. 500 rs.

Ribeiro de Sá, MATHILDE, romance original, com um prologo de P. Chagas, 500 rs.

Severo & Irmão
63—Arco de Almedina—63

NOVIDADE

15 AMENDOAS DE LISBOA E FRANCEZAS, e um variado sortido de caixas para amendoas, gosto moderno.

Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga—51 Sophia 55—Casa d'azulejo.

DOCTOR IN ABSENTIA

16 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

TINTA VIOLETA

17 UNICA neste genero, que conserva sempre a sua côr primitiva. Deposito na pharmacia da rua da Sophia, n.os 19 a 23.—Preço 120 o frasco.

8—LARGO DA FEIRA—10
BAIRRO ALTO

18 BOA AMENDOA de Lisboa e lindas cartonagens.

Pomada americana

19 FAZ NASCER, crescer e amaciar os cabellos.—Deposito na pharmacia da rua da Sophia, n.os 19 a 23.—Preço 240 rs.

VENDA DE BOTICA EM ANÇÃ

20 QUEM QUIZER comprar uma botica em muito bom estado, dirija-se a seu dono Joaquim da Silva Ramos, do mesmo logar, a qual póde ser examinada em qualquer dia.

CERCADURAS
E PAPEIS PINTADOS
ALTA NOVIDADE
Praça de S. Bartholomeu 100 a 102

TRINTA DIABOS JUNIOR
Folha satyrica

22 ESTE JORNAL vende-se avulso em casa do seu agente—Montarroio, n.º 31.

23 CHEGOU um grande sortimento de amendoas, mandadas fazer expressamente em Lisboa.

46—Rua da Calçada—48

24 AMENDOAS DE LISBOA, superior qualidade. Na loja de *José Tavares da Costa*, na Calçada, á Portagem.

OCULISTA

Com loja em Coimbra, na Calçada, n.º 86 a 90.

MONSIEUR BOLSSON & POMBAR

25 QUE tantos elogios têem recebido nas principaes cidades de Hespanha pelos bons resultados de seus excellentes elementos para a conservação e augmento de vista, e cuja propriedade consiste unicamente em crystal de rocha e verdadeiros flingas superfinos, têem a honra de offerecer ao illustrado publico um completo sortimento de todos estes artigos para todas as especies de vista cançada, myope, cataratas operadas, vista debil, inflammação de olhos, etc.

Os ditos crystaes são considerados por os mais celebres chimicos e oculistas, pessoas competentissimas, para a escolha das materias mais finas empregadas n'este ramo e que possam dar o melhor resultado em allivio do orgão visual, como os mais perfeitos apparecidos até hoje, por serem trabalhados em agua d'onde recebem agradavel suavidade e transparencia, sem que a mais minima impureza possa incommodar o dito orgão, antes pelo contrario restitue-lhe a força perdida por muitos inconvenientes.

O mais desagradavel é que por causa da ignorancia de algumas pessoas se deprecie o grande merito dos famosos chimicos, confundindo preciosos productos, que merecem justa reputação, com vidros trabalhados a fogo, materia tão ordinaria, que por meio da convexidade ou concavidade, com que estão construidos, servem evidentemente para mais destruir a vista.

O dito optico venderá os referidos artigos a inteira satisfação do publico e com todas as provas que se lhe exijam.

PREÇOS LIMITADISSIMOS

Competencia com todos

Oculos e lunetas de ouro com crystaes de rocha, ditos de prata e de prata dourada, ditos de aço, grande sortimento de lunetas sem aro; ditas de tartaruga e de bufalo, barometros metalicos com thermometro, thermometros de varias dimensões, binoculos para campo, marinha e theatro, lupas de grande força, microscopios de varios formatos, conta-fios, lentes de relojoeiro, oculos defumados esphericos e de caminho de ferro, caixas de varias qualidades para oculos e lunetas, cordões de seda para lunetas, graduadores para licores (de differentes auctores).

Aros para oculos e lunetas de todas as qualidades. Faz-se toda a classe de concertos pertencentes ao ramo d'optica, taes como—barometros, thermometros, binoculos, e oculos de longa vista. Põem-se vidros, e vendem-se avulso. Ha tambem graduador para recrutas com a verdadeira graduação.

27 SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa farinha *de Saude,*

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES
27 annos d'invariavel successo

Nenhuma enfermidade resiste á deliciosa *Revalesciére* que cura as indigestões (dispepcias) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal nos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75 000 curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluskow, da exm.ª sr.ª marqueza de Brehan, dos doutores Manoel Saens de Dejada da Universidade de Cordova, e de José Batacazo e Jute de Logronho, etc., etc.

Mr. Livingstone, celebre explorador da Africa central, no seu relatorio que fez á Sociedade Real Geographica de Londres sobre a sua viagem diz:

«Os habitantes da provincia d'Angola parecem gozar uma grande felicidade; elles não precisam nem medicos nem purgantes, o seu principal alimento sendo a *Revalesciére* que Du Barry trouxe em Europa, vêem-se isentos das molesticas, e a tisica pulmonar, escrophulas, empingens, cancer, febres, difficuldade de evacuar, diarrhea, etc., etc., são molestias completamente desconhecidas, como tambem desconhecem as bexigas, o sarampo, etc.»

Certificado do Dr. Manuel Saens de Dejada, doutor da faculdade Medica ou Cirurgica, lente da Universidade livre de Cordova, medico em proprio e do caminho de ferro de Merida a Sevilha, etc..

Certifico: Que com o uso da *Revalesciére*, obtive na minha clinica varias curas em molestias gravissimas em alguns clientes residentes nesta cidade, lembrando-me o de D. Filippe Zappina, empregado publico, hoje administrador da alfandega de Manila nas ilhas Filippinas, a de D. Amelia Gomes, casada com um chefe do exercito, a qual continua a melhorar com o seu uso; de D. Ramon Alonzo, rapaz de vinte annos que soffria havia alguns mezes de uma molestia de peito de muita gravidade. E para fazer constar em toda a parte, a assigno em Cordova em 13 de Outubro de 1873.

DOUTOR MANUEL SAENS DE DEJADA.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil. 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalesciére* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalesciére chocolatada:** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa.** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro—FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahir, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.— POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2784 | TERÇA FEIRA 31 DE MARÇO DE 1874 | ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Para satisfazer ao desejo de muitos dos nossos leitores damos em seguida o projecto de lei, approvado pelas duas camaras, que extingue os julgados e auctorisa o governo a organisar as comarcas.

Artigo 1.º Ficam extinctos os juizes eleitos e os logares de sub-delegado do procurador regio.

Art. 2.º Fica o governo auctorisado:

1.º A fazer uma nova divisão dos julgados:

2.º A crear novas comarcas, onde ellas tiverem actualmente mais de 9:000 fogos, ou onde um quarto da sua população ficar a mais de 15 kilometros da cabeça da comarca;

3.º A alterar sendo necessario, a actual classificação das comarcas, em cuja circumscripção se fizer alteração, augmentando-a ou diminuindo-a, e a mudar a séde d'ellas nos casos em que razões de grande utilidade publica assim o aconselhem.

§ 1.º Quando houver necessidade de crear alguma nova comarca se procederá á sua organisação, de maneira que as antigas comarcas não fiquem com menos de 6:000 fogos cada uma.

§ 2.º A regra estabelecida neste artigo e § 1.º só poderá ter excepção quando a necessidade, devida e plenamente comprovada, o exigir; mas em todo o caso, o numero das comarcas creadas de novo não poderá exceder a trinta.

§ 3.º As respectivas camaras municipaes serão necessariamente ouvidas ácerca da divisão e circumscripção de que trata este artigo.

Artigo 3.º Em cada julgado haverá um juiz ordinario.

Art. 4.º Os juizes ordinarios serão de nomeação regia, feita de tres em tres annos, sobre proposta de tres nomes para cada julgado, feita pelo presidente da relação respectiva.

§ 1.º Para estas propostas serão necessariamente ouvidos os juizes de direito das respectivas comarcas e as camaras municipaes.

§ 2.º Para os logares de juizes ordinarios serão preferidos, em egualdade de circumstancias:

1.º Os bachareis formados em Direito;

2.º Os que estiverem habilitados com algum curso de instrucção superior ou secundaria.

Art. 5.º Os juizes ordinarios não podem ser suspensos, demittidos, ou transferidos, senão nos casos em que o podem ser os juizes de direito.

Art. 6.º Findo o triennio, o juiz ordinario, que tiver servido bem, pode entrar novamente em proposta, e ser reconduzido sem numero limitado de vezes.

Art. 7.º No impedimento dos juizes ordinarios servirá um de dois substitutos, os quaes, com audiencia dos respectivos juizes, serão propostos e nomeados por occasião, e do mesmo modo que os substitutos dos juizes de direito.

§ 1.º Quando se verificar o impedimento do juiz ordinario e seus substitutos, fará as suas vezes o juiz ordinario do julgado mais proximo dentro da comarca, e havendo dois ou mais em distancia egual, aquelle que designar a sorte perante o juiz de direito.

§ 2.º Para determinar a competencia a que se refere o § antecedente, tomar-se-ha por base a séde dos respectivos julgados.

Art. 8.º Nos processos de suspeição, havendo desaccordo entre o juiz recusado e a parte recusante sobre a escolha do arbitro de desempate, será este tirado á sorte de entre os propostos pelas partes.

Art. 9.º Aos juizes ordinarios nos seus respectivos julgados compete:

1.º Exercer todas as attribuições que pela legislação em vigor pertencem aos juizes eleitos, excepto as meramente policiaes de que trata a segunda parte do n.º 3.º do artigo 145 da novissima reforma judiciaria;

2.º Conhecer das causas sobre bens mobiliarios até ao valor de 10$000 rs;

3.º Conhecer das questões sobre damno causado dentro do respectivo julgado até ao valor de 10$000 reis, excepto quando o damno resultar de acto criminoso;

4.º Praticar por delegação do juiz de direito quaesquer actos e diligencias, de que elle os incumbir, como deferir juramento a cabeças de casal, tutores, pro-tutores, curadores, e louvados, presidir ao arrolamento, avaliação e descripção de bens, á arrematação de moveis, e outros similhantes, com exclusão porém dos actos relativos á producção de prova;

5.º Cumprir as ordens e deprecadas de juizes de egual ou de superior categoria, para citações ou intimações, e bem assim as deprecadas de juizes de egual cathegoria para inquirição de testemunhas, ou para quaesquer outros actos do processo;

6.º Cumprir, só por delegação do juiz de direito, as rogatorias para citação ou intimação;

7.º Tomar as providencias conservatorias que forem necessarias para evitar o extravio de bens pertencentes a heranças jacentes, a menores, ausentes ou interdictos, e egualmente a pessoas capazes de reger-se e de administrar seus bens que se achem fóra do julgado, dando sempre parte dentro de vinte e quatro horas ao juiz de direito.

§ 1.º As causas perante os juizes ordinarios são isentas de conciliação.

§ 2.º Nos julgados, que não forem séde ou cabeça de comarca, são tambem competentes estes juizes para procederem a embargo de obra nova, e a arrestos nos termos de direito, ainda que excedam o valor de 10$000 reis.

§ 3.º Os processos de arresto serão remettidos, dentro de vinte e quatro horas, para o juiz de direito, para serem ahi ratificados como for de justiça, e seguirem-se quaesquer outros termos do processo.

§ 4.º Todas as mais attribuições, que pela lei vigente pertencem aos juizes ordinarios, ficam pertencendo aos juizes de direito.

§ 5.º Nenhuma ordem ou despacho do juiz de direito, dentro da sua comarca, carece do visto do respectivo juiz ordinario para ser cumprida.

§ 6.º Os escrivães e officiaes de diligencias dos respectivos julgados podem fazer citações e intimações ordenadas pelo juiz da comarca, sem que seja necessario o «visto» ou auctorisação do juiz ordinario.

Art. 10.º Os juizes ordinarios farão uma audiencia por semana nas quartas feiras, ou nos dias immediatos quando aquelles forem impedidos.

Art. 11.º Junto a cada juiz ordinario haverá um escrivão e um official de diligencias.

Art. 12.º O delegado do procurador regio na comarca desempenhará as suas funcções perante os juizes ordinarios, e poderá exercel-as por si, ou por pessoa em quem as delegue.

Art. 13.º Os juizes ordinarios não perceberão ordenado algum, mas os emolumentos que segundo a lei lhes competirem.

Art. 14.º Os emolumentos dos juizes ordinarios, seus escrivães e officiaes de diligencias, serão regulados pela tabella actualmente em vigor.

Art. 15.º O processo perante os juizes ordinarios nas causas de valor excedente a 2$000 reis seguirá a forma indicada no artigo 248 e seguintes da novissima reforma judiciaria, salvas as disposições seguintes:

1.º A citação será sempre para a primeira audiencia, comtanto que se verifique pelo menos tres dias antes desta, e o julgamento será designado para a segunda audiencia depois d'aquella em que for offerecida a contestação, salvo quando houver testemunhas a inquirir por deprecada, ou a praticar outra qualquer diligencia que tenha de preceder o julgamento.

2.º As sentenças dos juizes ordinarios serão publicadas até á segunda audiencia depois da designada para o julgamento.

3.º De todas as sentenças dos juizes ordi-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXCIX

D. CARLOS

XCIX

Alem da consternação que causou a derrota de Pardiñas, temeram todos os povos do Aragão ver-se invadidos pelos altivos vencedores, e até a mesma Saragoça se encheu de pavor. E não era só no Aragão onde tão desalentado estava o espirito publico, era tambem no reino de Valença, já alarmado com a incursão de Cabrera, eram as provincias de Siguenza, de Cuenca e ainda de Guadalajara, porque já se iam aproximando os carlistas de uma maneira imponente; era, em fim, Madrid, toda a monarchia, porque a politica, tudo, se resentiu ao aspecto que tomava a guerra no oriente da Hespanha.

Desguarnecida de tropas a provincia de Saragoça, poude muito bem Llagostera com Bosque, obedecendo ás ordens de Cabrera, invadir as ribeiras do Jalon e as immediações da capital, recolhendo em todas as partes abundante despojo.

Grandes attentados commetteram; mas excederam a todos, os que tiveram logar em Urrea, quatro leguas de Saragoça, cujos nacionaes foram acutilados, e incendiado o povo, dando o mesmo Llagostera o exemplo, applicando o fogo á casa de Jeronymo Sanchez. Dois dementes e um mutilado foram fuzilados, entre outros, sem compaixão ao seu estado. Não era debalde que se chamava *Langosta*, no paiz, a este chefe carlista, passado das fileiras liberaes, e cujo grande valor podia comparar-se com a sua ambição e mau caracter, que occasionou alguns males á sua causa.

Ao ver-se em Saragoça o fumo de Urrea, ao saber-se o comportamento que tiveram os carlistas, e ainda a ousadia de alguns que abrigava a mesma capital, insultando aos nacionaes, os animos, já de si exaltados, se exasperaram e rompeu-se o dique da subordinação: correram ás armas os saragoçanos tumultuariamente, e só as sympathias que tinha entre elles D. Santos S. Miguel, poderam acalmal-os; concedendo-se ainda assim o que pediam, o uso de represalias.

Celebrou-se uma junta de auctoridades, presidida pelo general, segundo cabo; resolveu-se a prisão de varias pessoas desaffectas para as terem em refens, a fim de conter os excessos dos carlistas, e publicou S. Miguel um bando, no qual manifestava que, ainda que não era de temer que as pessoas addictas a D. Carlos que havia na cidade, tivessem armas, nem ainda tendo-as fizessem uso dellas, pelo desejo de evitar a perdição de alguns illusos por suggestões perfidas, mandava debaixo de severas penas entregasse as armas que tivesse, todo o que não pertencesse ao exercito, ou a milicia nacional; prohibia toda a reunião publica, ou clandestina, que podesse inspirar suspeitas, e qualquer demonstração de jubilo, que de algum modo significasse affeição aos carlistas, e recommendava por fim a todos os habitantes o absterem-se de qualquer reunião numerosa, nas ruas e praças publicas.

Posteriormente organisou S. Miguel uma junta de represalias, que approvou o governo, induzido sem duvida pela necessidade; e com victimas novas se vingava o sangue das que imolavam os carlistas.

Como se não bastasse tanto sangue derramado, tantos horrores commettidos, tantas crueldades como temos descripto, quiz Cabrera augmental-as, e acrescentar ao catalogo de tantas victimas, **96 mais!**

Tal era o numero dos **sargentos** prisioneiros em Maella, que encerrados em um estreito e escuro calabouço, foram convidados a tomar parte nas fileiras carlistas, e negando-se todos, acrescentou um temerario:—*Primeiro morrer, que tomar parte com ladrões.* Quando o soube Cabrera, quiz averiguar quem era o auctor deste dicto, proferido talvez pela desesperação, e nenhum o declarou, ainda que o sabiam todos; **e sentenciados á morte, a soffreram todos em Horcajo!**

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

narios cabe appellação para o juiz de direito respectivo, excepto se as partes previamente tiverem renunciado a qualquer recurso.

§ unico. Neste caso os depoimentos das testemunhas moradoras no julgado não serão escriptos.

4.ª O recurso de appellação deverá ser interposto na audiencia em que a sentença for publicada, ou nos tres dias immediatos a sua publicação, sem dependencia de intimação ás partes.

5.ª Se por motivo justificado a sentença não for publicada na audiencia designada na disposição 2.ª deste artigo, o prazo de tres dias concedidos para o recurso só começará a correr depois de devidamente intimada ás partes.

6.ª Dos despachos interlocutorios, que não tiverem força de definitivos, só caberá aggravo no auto do processo, salvo dos que julgarem provada ou não provada a excepção de incompetencia, dos quaes, bem como dos interlocutorios com força de definitivos, poderão as partes aggravar por petição.

7.ª A appellação tem effeito suspensivo; ao juiz superior sobem os proprios autos, sem que fique traslado.

8.ª Interposto o recurso de appellação sem dependencia de despacho, o escrivão fará remetter para o juizo de direito o processo pelo seguro do correio, quando o houver, dentro de tres dias; quando não haja correio, a remessa será feita por pessoa da confiança do escrivão dentro de egual prazo, a contar desde o dia em que o recorrente entregar o importe da remessa, de que aquelle passará recibo. Por qualquer transgressão o escrivão soffrerá a pena de suspensão até tres mezes, e pela segunda vez a demissão. Do seguro o escrivão cobrará dois recibos, dos quaes um ficará na sua mão como garantia, e o outro será entregue ao appellante para o apresentar na instancia superior, para os effeitos convenientes.

(Concluir-se-ha).

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

I

Principiou-se ha tempo a publicar em Lisboa o *Portugal antigo e moderno —diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias, etc.*, de que é auctor o sr. Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal.

Esta obra se fosse elaborada com o criterio devido, e se os factos fossem narrados com a necessaria exactidão, seria de um grande merecimento, e com ella prestaria o seu auctor um relevante serviço ao paiz.

E' por isso que se esperava com interesse a sua publicação, para se ver se eram cumpridas as promessas que se haviam feito nos annuncios que a precederam.

Temos guardado silencio a respeito da parte até ha pouco publicada, porque esperavamos que o *Diccionario* chegasse á palavra *Coimbra*, para então com mais segurança emittirmos a nossa opinião.

Infelizmente o nosso parecer não é nada favoravel á obra, a avalial-a pelo que vemos ácerca de Coimbra.

O auctor copiou de varios livros, tanto os factos veridicos, como os inexactos; e não contente com isso, baralhou e confundiu essas noticias, tornando assim em muitas partes a sua obra de nenhuma auctoridade.

Custa-nos dizer isto; mas seria faltar ao nosso dever se assim não procedessemos. Esta obra tem muita publicidade, e por isso é mister rectifical-a, para não cair em erro quem a consultar.

Vamos mostrar os motivos que temos para esta nossa apreciação.

Principia o sr. Pinho Leal dizendo, que Coimbra tem— «*cinco* freguezias, «que são: S. João Baptista; Santa Justa «e Santa Cruz; Santo Antonio dos Olivaes; S. Bartholomeu e S. Thiago; S. «Christovão; Nossa Senhora da Assumpção.»

Ora, alem de dar a Coimbra *cinco* freguezias, quando tem apenas *quatro*; acresce que ainda menciona mais *uma* fóra daquella numeração, vindo a ser *seis*. E para isso creou uma freguezia de S. João Baptista, que não existe; e menciona inexactamente a freguezia de Santo Antonio dos Olivaes como sendo da cidade.

Relativamente á sé de Coimbra diz o sr. Pinho Leal:

«Os arabes converteram a sé em mesquita, e D. Fernando I (o Magno) quando resgatou esta cidade (1064) a mandou logo benzer e restituir ao culto catholico.»

Engana-se nisto o auctor do *Portugal antigo e moderno*, pois que a sé velha de Coimbra não têm a antiguidade que lhe attribue.

No *livro preto* da sé ha um documento, que mostra ter-se feito a obra daquelle templo na epocha do bispo D. Miguel; e que durara muitos annos, sendo dirigida successivamente pelos mestres Bernardo, Sueiro e Roberto.

Alem disso os caracteres architectonicos da sé não são anteriores ao seculo XII.

Em Hespanha sómente ha poucos annos se conheceu dos godos, o templo de S. Juan de los Baños; e por muito tempo se acreditou não ter escapado nenhuma egreja dos godos á dominação arabe.

Fallando do arco de Almedina diz o sr. Pinho Leal:

«Sobre o arco mandou el-rei D. Manoel esculpir as armas do reino e as da cidade e a imagem da Virgem. Por baixo estão uma serpente e um leão, que foram as primeiras armas de Coimbra.»

Engana-se o sr. Pinho Leal, pois as armas não são de el rei D. Manoel, mas sim de reinado muito anterior a D. João II; podendo nós até com evidencia fixar a epocha em D. Affonso III. Para se desenganar pode ver a *Chronica de D. João II*, por Garcia de Rezende, onde no capitulo 57, se encontra a reforma que este rei fez nas armas de Portugal, que D. Manoel recebeu e continuam até hoje; armas que se não encontram sobre as portas de Almedina de Coimbra; nem tão pouco a esphera, cunho que D. Manoel imprimiu em todas as obras que mandou edificar.

Referindo a barbara e cobarde morte da formosa e infeliz D. Ignez de Castro, diz o sr. Pinho Leal:

«Este atroz acontecimento teve logar na *Quinta das Lagrimas*.»

O sr. Pinho Leal seguiu nisto o que dizem muitos escriptores, que dando conta deste crime, erradamente indicam como havendo succedido na quinta das Lagrimas. Esta opinião tão vulgarisada, proveiu da imaginação poetica do nosso immortal epico, Luiz de Camões, quando diz na sua bem conhecida estancia:

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua e o nome amores.

Outros nossos poetas foram propagando a mesma crença. Por exemplo:

Aqui da linda Ignez a fermosura
Acabou: crueis mãos morte lhe deram.
Inda signaes de sangue, que verteram
Estão gravados nessa penha dura
(ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS).

Como a fonte d'Ignez soluça ao longe!
Parece inda a chorar-lhe a morte escura,
Osculando na pedra eternas manchas
Do sangue espadanado.
(J. DE LEMOS).

Inda, infeliz Ignez, inda saudosos
Estes sitios que amavas te pranteiam.
As aves do arvoredo, os echos, brisas
Parecem murmurar a infanda historia;
Teu sangue tinge as pedras, e esta fonte
A fonte dos amores, dos teus amores,
Como que em som queixoso inda repete
Ás margens, e aos rochedos commovidos,
Teu derradeiro, moribundo alento.
(SOARES DE PASSOS).

A critica historica, porem, não hade guiar-se pela imaginação dos poetas. Os factos não se inventam.

A crença popular de ser morta D. Ignez de Castro na quinta das Lagrimas, é illusoria, pois não eram ahi os paços onde se perpetrou este crime; sendo até de data relativamente moderna o nome de quinta *das Lagrimas*.

Em um emprazamento de 3 de Abril da *era* de 1410, chamava-se a esta quinta—*do Pombal*. Em outro emprazamento feito ao desembargador Thomé Pinheiro da Veiga, a 2 de Junho de 1633, se lhe dá egualmente o nome de quinta *do Pombal*. E só em uma demarcação feita em 22 de Julho de 1748 se lhe começa a dar o nome de quinta *das Lagrimas*.

Aonde D. Ignez de Castro foi morta o diz Ruy de Pina, na *Chronica de El-Rey D. Affonso IV*:

«Estádo el Rey em Montemor o velho, concluindo já, e consentindo na morte da dita D. Ines, acompanhado de muita gente armada, & se veo a Coimbra onde ella estava *nas cazas do Mosteyro de Santa Clara*.»

Segue-se agora ver onde eram estas casas. Fr. Manoel da Esperança, na *Historia Serafica*, diz no tomo 2.º, pagina 36, referindo-se aos paços da rainha Santa Isabel:

«Mandou-os edificar por tão estranha traça *de traz do mesmo mosteiro de Santa Clara*... o qual tinha a principal serventia *para a banda da cidade*. E querendo que as freiras nunca sentissem molestia da visinhança dos paços, ordenou que só os reis, as rainhas, os infantes successores no reino, ou alguma senhora sua parenta, se ella a nomeasse, passada a sua morte, se aposentasse nelles. Começaram a devassal-os outras pessoas menores; mas acudindo seu filho el-rei D. Affonso IV, mandou ás suas justiças, que os fizessem despejar.

«E póde ser que D. Ignez de Castro não viera a cair nas mãos da morte cruel, *que nestes paços lhe deram*, se estivera noutra parte.»

Do seu local temos uma prova acima de toda a excepção. E' a propria rainha Santa Isabel que o diz:

«Damos como sse adeante segue pera todo senpre ao Moesteiro de Santa Clara de Coimbra... o Paaço con huma uinha e cento ios seus dereytos, que nos dita Raynha ouuemos do Moesteiro de Santa Ana da par de Coimbra por cento e cincoenta libras de Portugal. As quaaes hadauer cada anno de renda o dito Moesteiro de Santa Ana, por o dito Paaço e uinha. O qual Paaço e a dita uinha *he sobre o Moesteiro de Santa Clara, contra o meyo dia, tirando mays a ouriente e mays chegado contra o Ryo de Mondego, ca o dito Moesteiro de Santa Clara.*»

Eis ahi o local dos paços onde foi assassinada D. Ignez de Castro.

Veja-se, portanto, em que fica a opinião dos escriptores, e a crença do vulgo, que dão como morta D. Ignez de Castro na quinta *das Lagrimas!*

(Continua.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

HISTORIA LITTERARIA

O sr. Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, chronista do imperio do Brasil, e professor de rhetorica, poetica e litteratura nacional no imperial collegio de D. Pedro II no Rio de Janeiro, teve a bondade de nos offerecer os dois grossos volumes de que consta o seu *Resumo de historia litteraria*.

O distinctissimo escriptor brasileiro penhorou-nos sobremaneira por esta sua espontanea offerta, que temos em subida conta.

No pouco tempo que tem medeado depois que recebemos os dois volumes, pouco mais temos podido que lançar uma rapida vista por elles; mas pelas paginas que já lemos, parece-nos poder dizer sem hesitação, que é uma obra primorosa, e escripta por mão de mestre.

Nem outra cousa era de esperar do illustre escriptor, que tem enriquecido a sua patria e todo o mundo litterario, com muitas e importantes publicações; pelo que além da commenda da Ordem de Christo que lhe foi concedida, e da graça de conego honorario da imperial capella e cathedral do Rio de Janeiro, mereceu ser admittido como membro dos institutos historicos do Brasil e de França, das academias das sciencias de Lisboa e Madrid, da sociedade geographica de New-York, e d'outras associações nacionaes e estrangeiras.

Apressamo-nos, pois, a dar aqui um publico testemunho de reconhecimento ao sr. conego e Dr. Fernandes Pinheiro, pelo valioso brinde que nos fez, e que summamente apreciamos.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

COMMEMORAÇÃO

«O fim da religião, a alma das virtudes, o compendio da fé, o resumo da lei, é a caridade.»
(BOSSUET.)

Faz hoje um anno que se finou em sua casa de Villa Cova Sub-Avô a exm.ª sr.ª D. Joaquina Maxima d'Oliveira Almeida Coelho.

Descendia a illustre finada de uma distincta familia da cidade da Guarda, era thia do actual conde d'este titulo, e dos srs. Cabeiros, de Lisboa.

Já nonagenaria, ainda aquella senhora administrava a sua grande casa com uma actividade admiravel. Lia muito, e escrevia sem lentes, e espirituosa como sempre, fazia com seu trato nobre e delicado as delicias das pessoas qualificadas daquelles sitios, que tinham a honrosa distincção de frequentar a sua casa.

Soube sempre ornar-se de todas as virtudes que podem distinguir uma dama da sua

elevada gerarchia: mas foi a caridade o principal timbre de sua nobreza.

Deixou de existir a fidalga de Villa Cova, e ainda no futuro a sociedade desfructará o legado de bons exemplos que sempre reflectiram da sua casa; as portas d'este verdadeiro asylo fecharam-se com a sua morte, mas os pobres jámais esquecerão as boas e santas praticas que a virtuosa fidalga fazia distribuir-lhes juntamente com o pão.

Por isso são justas as lagrimas e saudosa recordação com que hoje celebramos o seu anniversario, como é justo o respeito com que nos curvamos ante a sua memoria, e a fervorosa prece que fazemos ao ceu por aquella santa.

Pecegueiro, 29 de Março de 1874.

Abilio Nunes Duarte.

NECROLOGIO

Rompe a flor, brilha um momento,
Eil-a em breve aos pés calcada;
Assim passa a vida humana
Do berço á fria morada.

Despertou-nos o ruidor d'uma campa! A morte com suas negras azas veiu pairar sobre nós e arrebatar-nos um thesouro de virtudes que possuiamos, arrancando dos braços de sua chorosa familia a exm.ª sr. D. Maria dos Prazeres Gamboa!.. O dia 25 de Março foi esse dia infausto!!!

Esta virtuosa senhora, sahiu de sua casa em Taboa em companhia de seu inconsolavel irmão o exm.º Fernando de Gamboa e de sua chorosa thia a exm.ª sr.ª D. Maria Candida, a procurar allivio aos seus acerbos padecimentos, para a sua quinta de S. Antonio dos Olivaes em Coimbra; porem nem as boas condições hygienicas do local, nem os cuidados e esforços de sua familia e da medicina, poderam suspender o golpe fatal, e livrar das garras da morte a victima que nos roubou!..

Infeliz senhora! quando a alentava a esperança d'um futuro que ainda lhe sorria, cae sem vida no frio pó do tumulo, deixando consternada sua familia, legando indelevel saudade a todos os que a conheciam, e a tantos infelizes que sempre encontraram nella amparo, e protecção.

Não morreu! Senhoras como esta não morrem, vivem sempre no coração agradecido dos infelizes que receberam a sua protecção, e na saudade dos que a conheceram e apreciaram as suas grandes virtudes, nobreza do seu coração e candura de sua alma. Sirva esta verdade de consolação e conforto á sua attribulada familia, a quem acompanhamos na soledade, na dor e no pranto.

Requiescat in pace Domine.

Um particular amigo da finada e de sua afflictissima familia.

S.

NOTICIARIO

Banhos de Luso — Reuniu-se no domingo ultimo a assemblea geral da *Sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso*, debaixo da presidencia do sr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões.

Foi lido e unanimemente approvado o parecer da commissão, nomeada na antecedente sessão da mesma assemblea para o exame das contas da gerencia da direcção do anno ultimo, o qual concluia pela sua approvação.

O saldo existente em cofre é de 775$020 reis; mas como, apesar de se terem sempre devidamente annunciado os pagamentos dos juros que se fizeram anteriormente a 1868, houve varios accionistas que não os vieram receber, importando a verba em divida na quantia de 242$200, deduzindo esta somma dos 775$020 fica sendo o saldo real de 532$820 rs.

Resolveu-se que esta quantia fosse desde já distribuida pelos accionistas.

Para esclarecimento dos interessados em relação á distribuição que vae fazer-se, diremos que as acções emittidas foram 600, do valor de 10$000 cada uma. A cada acção acresceu um titulo de 2$000 de juros capitalisados, de 1858 a 1861. Cada acção, pois, com o respectivo titulo da capitalisação, vence 600 rs. annuaes a juro de 5 por cento. Das acções emittidas, cinco deixaram de vencer juro por cedencia generosa do sr. conselheiro Henriques Secco. Ficaram por isso 595 acções, com o vencimento annual de 348$000; sendo, portanto, o saldo actual de 532$820 rs., cabe a cada acção o juro de anno e meio, ou 900 rs. por acção, ou 7 e meio por cento.

Ora como houve suspensão de pagamento de juros por espaço de 6 annos, de 1868 a 1873, em virtude das deliberações da assemblea geral, e agora somente se paga anno e meio, ficam em divida os juros de 4 annos e meio; isto é, da totalidade da divida de juros paga-se agora 25 por cento.

Poderá daqui concluir-se á primeira vista que a sociedade tem sido mal administrada: sabemos até que alguns accionistas se tem queixado das respectivas direcções. Não teriam porém tido logar essas queixas se esses accionistas se tivessem dignado de assistir, como lhes cumpria, ás reuniões annuaes da assemblea geral, para as quaes eram sempre devidamente convocados.

Ahi teriam tomado conhecimento da importancia da receita dos banhos, da despeza com os vencimentos dos empregados, com o combustivel para a caldeira, e com os reparos ordinarios do edificio. Teriam tambem ouvido expor ultimamente, e provar até á evidencia, a necessidade de adquirir uma nova caldeira de systema mais aperfeiçoado do que a antiga, a qual se achava muito deteriorada; saberiam o custo d'ella em Inglaterra e o que custou a sua conducção e assento; saberiam egualmente em quanto importou a reforma da canalisação, a substituição das antigas banheiras pelas de marmore; saberiam finalmente a que cifra se elevaram muitos outros melhoramentos, que tornaram o *Estabelecimento dos banhos de Luso* um dos primeiros no seu genero no nosso paiz, e concluiriam por fazer justiça ás direcções que tem estado á frente do mesmo estabelecimento, e por conformar-se com as resoluções dos accionistas, que compareciam nas assembleas geraes, os quaes, *sempre por unanimidade*, votaram pela suspensão do pagamento dos juros, a fim de que o remanescente da despeza fosse empregado nos alludidos melhoramentos.

Hoje que todos elles se acham realisados, e que por isso o edificio não carecerá por muito tempo de obras importantes, devendo até ser insignificantes os reparos ordinarios, é de esperar que possa pagar-se regularmente aos accionistas os 5 por cento annuaes, e que com algum excesso de receita se vá amortisando a divida dos juros atrazados; porque é sabido que pelos estatutos da sociedade não podem os accionistas receber nunca mais de 5 por cento.

Parece-nos, em vista do exposto, que ninguem poderá com razão accusar de má a direcção desta sociedade; porque, apesar de não ser lucrativa a sua indole, como facilmente se conhece dos citados estatutos, tem dado aos seus accionistas 5 por cento nos 20 annos da sua duração, á excepção unicamente dos 4 annos e meio que agora ficam em divida, o que vale o mesmo que ter dado aproximadamente 4 por cento, e isto tendo realisado os reparos e melhoramentos a que acima alludimos.

A contabilidade está regularmente escripturada; e todos os documentos da receita e despeza, desde a instalação da sociedade até hoje, estão convenientemente classificados e archivados em caixas appropriadas. A ordem deste archivo póde ver-se do seu inventario, que foi publicado em 1868 no folheto do relatorio e contas da gerencia de 1867.

E para certeza da regularidade da escripturação e contabilidade, bastará dizer-se que ella foi incumbida successivamente aos srs. Manoel José das Neves Eliseu, Adriano José Ferreira, Antonio Augusto de Mattos e Eugenio das Neves Eliseu, bem conhecidos pela sua pericia nesta especie de trabalhos; e tudo debaixo da direcção do sr. Dr. Costa Simões, um dos socios fundadores da sociedade, cujo zelo pelos negocios a que preside poderá ser egualado, mas difficilmente será excedido.

Concluiremos esta noticia dizendo que a mesa da assemblea geral, que hade funccionar até ao fim do corrente anno, é composta dos seguintes accionistas:

Presidente—Dr. Antonio Augusto da Costa Simões.

Vice-presidente— Dr. Francisco Antonio Diniz.

Secretario—Joaquim Martins de Carvalho.

Vice-secretario, José Antonio Ferreira Manso.

A commissão de contas, que egualmente tem de funccionar igual tempo, é composta dos srs:

Francisco de Sousa Araujo.
Joaquim Martins de Carvalho
José Antonio Ferreira Manso.

O pagamento do dividendo far-se-ha do dia 15 de Abril em deante em casa do sr. Francisco de Sousa Araujo, como opportunamente hade annunciar-se.

Serão avisados os accionistas, que não receberam os juros atrazados, anteriores a 1868, na importancia de 242$200 rs., para virem recebel-os até ao fim do corrente anno; entendendo-se, no caso de não se apresentarem para esse fim, que renunciam a elles em beneficio da sociedade.

Caminho de ferro americano — Chegaram a Lisboa, e desta cidade estão sendo expedidas para Coimbra, 999 carris de ferro e 25 caixas com material, para a construcção do caminho americano que deve ligar esta cidade com a estação do caminho de ferro do norte.

Vinhos. — Nas experiencias a que se tem procedido em Lisboa para a analyse dos vinhos portuguezes, que vão figurar na proxima exposição de Londres, tem sido muito apreciadas e classificadas com grande distincção algumas amostras de vinhos da Beira Alta, especialmente dos districtos de Vizeu e Coimbra. Os vinhos desta provincia vão todos os dias ganhando novos creditos, e são muito procurados para ser exportados. Sabemos que alguns negociantes francezes tem percorrido diversos pontos da Beira, comprando grandes porções de vinho.

Falta de chuvas. — Se persistir o tempo secco que tem havido, os lavradores esperam um anno esteril. Appellemos ainda para o mez de Abril, e tenhamos esperanças em que se verifiquem os proverbios — em Abril aguas mil, coadas por um mandil—Abril frio e molhado, enche o celleiro e farta o gado.

Luso e Bussaco.—Tem havido muita affluencia de familias, especialmente do Porto, a gosar estes lindos dias da primavera na formosa mata do Bussaco e nas risonhas e amenas veigas de Luso.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Francisco José da Silva, filho de Antonio da Silva e de Maria da Conceição, natural de Cacemes, concelho de Penacova, de 84 annes, fallecido no dia 21.

Joaquina Candida da Conceição, filha de José Francisco Leonardo e de Theresa de Jesus Carvalha, natural de Coimbra, de 48 annos, fallecida no dia 26.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:419.

Pormenores—O sr. bacharel Alipio Leitão, digno administrador do concelho de Penacova, nos diz o seguinte:

«Sr. Martins de Carvalho—Na tarde do dia de entrudo ultimo, divertiam-se alguns rapazes, no povo da Cruz do Soito, deste concelho, empoando-se com cinza e farinha.

Nesta occasião appareceu alli de passagem, José Pereira Carriço, de S. Paio de Taboa, que foi tambem empoado, por Antonio das Neves, de Casal do Peixoto, que andava entre os que se divertiam; e quando pretendia desviar de si a cinza que lhe era lançada, para afastar o braço de Antonio das Neves, quando este o empoava, serviu-se de um pequeno pau que trazia, o qual Antonio das Neves lhe tirou então das mãos, dando-lhe, com elle, uma pancada na cabeça com que o fez cahir por terra. José Pereira, porem, levantou-se em acto continuo, gritando que o tinham matado, e no sitio da pancada tinha elle, exteriormente apenas um pequeno polmão, donde não correu sangue. Tendo lavado a cara e cabeça, com agua que alli lhe offereceu em uma bacia, uma mulher, que de sua casa, o sentira gritar, *na rua*, seguiu caminho, *por seu pé*, para o cimo do povo, donde se dirigiu para o de Lufreu, *sem que pessoa alguma o acompanhasse até alli.*

Em Lufreu entrou para o pateo do illm.º sr. Antonio Marques Coelho, onde ainda foi visto de pé; passado porem algum tempo, observaram os donos da casa, que se achava cahido no chão.

Ainda então alli não constavam as occorrencias da Cruz do Soito, e o sr. Marques persuadido, na melhor boa fé, que José Pereira se achava prostrado por effeito do vinho, mandou conduzil-o para uma casa sua, muito proxima das da habitação, onde lhe fez caridosamente arranjar cama; e nem outrá cousa era de esperar do sr. Marques, homem de um caracter honrado e extremamente obsequioso.

Ouvi dizer, que na occasião da passagem de José Pereira do pateo para a casa onde foi recolhido, algumas *creanças*, note-se bem, que estavam na rua, lhe fizeram troça e gritaria, suppondo-o embriagado, mas ninguem deixou de dar toda a seriedade ao seu estado, desde que, por ter constado o que se havia passado na Cruz do Soito, começou a presumir-se que estava alli um moribundo.

Na casa onde foi recolhido, esteve, sem poder tomar nada, desde o anoitecer do dia de entrudo, até que falleceu na madrugada de quinta feira, em resultado da pancada que levara.

Aqui tem sr. Martins de Carvalho a historia fiel do crime que lhe foi communicado de Taboa, na correspondencia a que v. deu publicidade, na sua illustrada folha de terça feira ultima, cuja leitura me surprehendeu completamente, pela admiravel fantasia com que alli se acha adulterada a verdade dos factos.

No concelho de Penacova póde haver criminosos, porque ha homens; tenho porem, muitissima satisfação em poder asseverar a v. em justo louvor e honra dos meus administrados, que me assiste a profunda convicção de que não ha ninguem que faça gala do crime, nem capaz de associar-se na pratica de actos que revelem tão inteira perversão de costumes ou tão selvagem barbaridade, como aquelles de que o auctor da correspondencia revestiu, sem duvida, por mal informado, o acontecimento de que lhe deu noticia.

Houve, porem, um crime grave, e podendo inferir-se, do modo como foi relatado, que deixou de dar-se-lhe, por parte das auctoridades locaes a attenção que elle merece, parece-me necessario, que o publico saiba qual tem sido o procedimento d'ellas.

O sr. juiz eleito da freguezia de Farinha Podre, depois do fallecimento de José Pereira, procedeu logo a exame no cadaver, com assistencia dos dignos peritos deste concelho, os srs. Dr. Tenreiro e cirurgião Cunha, e remetteu ao juizo competente o respectivo auto.

O processo instaurado, desde logo, está ha muito affecto ao tribunal que tem de apreciar-o e de julgar o auctor do crime. Pela minha parte logo que tive noticia do acontecimento, fui pessoalmente ao logar de Lufreu, onde levantei auto de investigação, que, em tempo competente, remetti ao ministerio publico.

Não tendo sido preso o auctor do crime, na occasião d'elle, a meu ver, porque sendo presenciado apenas por gente ignorante, ninguem lhe deu a importancia que realmente tinha e nem previu as suas fataes consequencias, empreguei, na occasião da investigação, com o mais interessado empenho, todos os meios para que fosse capturado, o que infelizmente não pude conseguir, porque já se havia evadido do concelho, quando foi procurado, como se verificou.

Ao regedor o sr. Luiz Antonio Madeira, em quem tenho toda a confiança, ordenei, terminantemente, que fosse preso logo que lhe constasse que se achava na freguezia e que me désse parte de quaesquer informações que colhesse, que podessem esclarecer-me ácerca do logar, onde poderia ser encontrado, fóra da freguezia.

Dei, como me cumpria, conhecimento do crime e dos meus actos ao exm.º chefe do districto;

Desejo ainda, muito sinceramente, entregar o criminoso á acção da justiça, mas até hoje não pude saber onde para, e nem tenho fundamento em que assentem as mais leves suspeitas de que se ache neste concelho.

Peço-lhe me faça o favor de dar publica-

dade a esta carta e de acreditar nos sentimentos de muita consideração com que me assigno.

De v. respeitador e admirador—Penacova, 29 de Março de 1874—*Alipio Leitão*, administrador do concelho.»

Semana Santa.—Na egreja de Santa Cruz haverá na quinta feira missa solemne e exposição.

Na sexta feira, paixão e sermão pelo sr. padre Neves.

No sabbado toda a solemnidade do dia.

No domingo, missa solemne com exposição; provavelmente sermão, pregado pelo digno prior da freguezia; e procissão, que seguirá pela Sophia, terreiro da Erva, Adro, rua Direita, rua de João Cabreira, terreiro de Santo Antonio, terreiro das Olarias e rua de Tingerodilhas.

Chegada. — Da Pampilhosa nos communicam o seguinte:

«Sr. Redactor do *Conimbricense*. — Chegou a esta villa, o exm.º sr. Antonio da Costa Cabral das Neves, e sua mãe a exm.ª sr.ª D. Maria Luthegarda da Costa Cabral e Castro Carvalho Neves. Aquelle sr. é aqui a felicidade de muitos e alegria de nós todos. Parabens pois, principalmente aos pobres desta localidade.

Peço sr. redactor o obsequio de publicar estas minhas linhas no seu jornal, em signal de minha dedicação aquelle exm.º sr.

De v. att.º vr.º e obgd.ᵐᵒ—Pampilhosa, 28 de Março de 1874—*J. S. N.*»

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Madrid, 28, ás 11 h. e 35 m. da t.—As tropas occuparam Abanto. Os carlistas foram repellidos para alem de Santa Juliana.

Madrid, 29, ás 3 h. e 30 m. da m.—As tropas avançaram sobre Portugalete, tomaram de assalto Murieta, morrendo os carlistas que a defendiam.

Santes foi derrotado na provincia de Valencia, perdendo 200 prisioneiros.

Madrid 30, ás 9 h. e 30 m. da m.—A *Gazeta* diz que um telegramma de Sommorostro de sexta feira ás 9 e meia da noite, confirma a occupação das casas de Murieta e Barriada pelas tropas, e que o ataque definitivo das posições de S. Pedro de Abanto, foi suspenso por estarem batidas em todas as posições por intrincheiramentos inimigos.

Os generaes Primo de Rivera e Loma e o brigadeiro Terrero estão feridos. O coronel de artilheria Quintaña foi morto. Topete está levemente contuso.

Um telegramma de sabbado á uma hora depois do meio dia, diz que recomeçou pela madrugada a fuzilaria. A artilheria bate as posições inimigas. Empregou-se a noite em fortificar as casas occupadas hontem, render as tropas que as occupavam e retirar os feridos que são numerosos. Collocou-se uma nova bateria avançada sobre a egreja de S. Pedro.

Publicou-se o decreto que nomeia Primo de Rivera tenente-general.

Madrid, 29, ás 12 h. e 5 m. da t.—Acaba de chegar D. Juan Zavala, ajudante de campo do presidente do poder executivo, com officios para o governo. O exercito conserva todas as posições conquistadas.

Continua a laboriosa marcha para as successivas linhas entrincheiradas, apesar de ter havido muita baixas.

Serrano dirigiu despachos, dando parte das operações, que não chegaram ao seu destino.

O ministerio da guerra está occupado em averiguar esta grave falta. Em 27 a assemblea de Paris rejeitou a proposta de Dahirel pedindo governo definitivo.

Madrid, 30, ás 4 h. e 20 minutos da t. —O duque da Torre fez tenente general no campo da batalha Primo de Rivera, que no dia 27 cahiu ferido, e recommendou á protecção da nação a familia do general se este fallecer.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 30 de Março de 1874.

Depois das forçadas tempestades, que se levantaram nas côrtes, e que não repercutiram o echo no paiz, voltaram os dous grupos da opposição aos seus arraiaes, cada vez mais desconcertados, de que d'antes. Isto, porém, não obstará, a que nos poucos dias, que ainda restam da actual legislatura, não appareçam novas provocações, e alguma perturbação no andamento regular dos trabalhos parlamentares.

Os projectos de lei, indispensaveis á boa governação do estado, estão quasi todos approvados pela camara electiva, e em poucos dias serão adoptados egualmente pela camara dos dignos pares. Habilitado por este modo o governo a gerir os negocios publicos, pódem encerrar-se as camaras, embora fiquem adiados alguns projectos, que mais pausadamente pódem ser discutidos pelas novas côrtes.

Devo corrigir um erro, que os inimigos do governo têem espalhado, talvez inconscientemente. Quando a camara dos deputados votou 700$000 reis ao arcebispo de Mytilene, vigario geral do patriarchado, não fez uma concessão especial ao reverendo sacerdote, que exerce tão elevado cargo: antes pelo contrario resolveu, que o actual vigario geral percebesse o mesmo vencimento, que nunca foi questionado aos seus predecessores. A differença da forma, por que foi resolvido o assumpto, provém, de que, antes da publicação de um decreto, referendado pelo sr. José Luciano de Castro, os vigarios geraes do patriarchado recebiam os 700$000 reis por uma prebenda na sé patriarchal: actualmente, não podendo o digno sacerdote ser provido na mesma prebenda, recebe os 700$000 rs. a titulo de compensação; podendo fazer-se a economia correspondente no quadro effectivo da referida sé. Os que avultam do mesmo modo o rendimento dos emolumentos, não estão melhor informados: tem exaggerado os calculos, estão sujeitos á reducção de 50 ou 60 por cento.

* * *

ANNUNCIOS

DESPEDIDA

1 ELISIARIO VAZ PRETO CASAL, tendo de retirar-se d'esta cidade, e não podendo pessoalmente despedir-se das pessoas de suas relações, o faz por este modo, e offerece a sua casa em Céa, onde vai fixar residencia.

AVISO

2 EM CONSEQUENCIA de se ter trespassado a botica da viuva Botelho de Vasconcellos, na rua do Infante D. Augusto, n.º 7; roga-se ás pessoas que devem na mesma botica, o favor de satisfazer com a possivel brevidade.

AGRADECIMENTO

3 MANOEL FRANCISCO LEONARDO e seus sobrinhos Augusto Leonardo de Carvalho e Emilia Augusta da Conceição, agradecem cordealmente a todas as pessoas, que cumprindo um dever de amisade, lhes foram dar os pezames por occasião do fallecimento da sua sempre chorada irmã e mãe.

VENDA DE BOTICA EM ANÇÃ

4 QUEM QUIZER comprar uma botica em muito bom estado, dirija-se a seu dono Joaquim da Silva Ramos, do mesmo logar, a qual pode ser examinada em qualquer dia.

5 ARRENDA-SE a casa e loja que foi de José Antonio Marques. Quem pretender dirija-se a Francisco Guerra, rua da Sophia, S. Bernardo, n.º 96.

CAIXEIRO

6 PRECISA-SE um rapaz habilitado para loja de mercearia, para fóra desta cidade. Tracta-se com Antonio Mendes Simões de Castro, rua do Visconde da Luz.

ATTENÇÃO

7 ACABA de chegar ao novo estabelecimento, na rua do Visconde da Luz, n.º 90 a 94, mantas de blonde de seda e veus bordados, proprios para semana santa; chapeus de blonde de seda e veludo preto, para cabeça de senhora, e chales de merino preto, lisos e bordados.

VINHO VERDE ESPECIAL!

Diversas qualidades, para mesa

Rua das Solas, n.º 28.

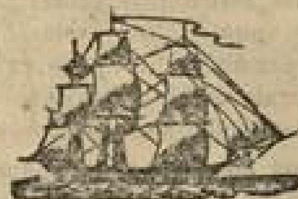
Attenção

9 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Barca—JOSEPHINA—em 30 de Março.
Galera—AMERICA—em 30 de Abril.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

11 FERNANDO GAMBOA arrenda a sua casa e quinta no logar de Santo Antonio dos Olivaes. Quem pretender, falle com Barnabé de Mattos, no mesmo logar.

12 ANTONIO DINIZ DE CARVALHO, rua do Corvo, diz quem dá 200$ reis a juro, dando garantias.

13 ELEMENTOS DE DIREITO INTERNACIONAL, por Francisco Maria Veiga, 1 vol. 200 rs.

Formulario geral para medicos, cirurgiões e pharmaceuticos, por José Pereira Reis, 1 vol. 600 rs.

Poesias, por Julio Diniz, 1 vol. 500 rs.

Manual do Carpinteiro, 1 vol. encadernado 1$200 rs.

Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal, por José Silvestre Ribeiro, 3 vol 8.º 3$600 rs.

Elementos de poetica, por Aristides de Bastos, 1 vol. 8.º 400 rs.

Ensaio sobre o padroado portuguez, pelo dr. Lopes Praça, 1 vol. 8.º 600 rs.

A mulher e a vida, pelo mesmo auctor, 1 vol. 600 rs.

Á venda na livraria de Manoel de Almeida Cabral, rua da Calçada, n.º 163-165.

PARA ENXOFRAR VINHAS

14 ENXOFRE muido de superior qualidade. Vende-se na Calçada, n.º 85 a 91.

Feira de remonta em Penafiel

15 A CAMARA MUNICIPAL da cidade e concelho de Penafiel, manda annunciar, que, segundo a participação que acaba de receber da auctoridade militar superior—haverá no dia 10 d'Abril proximo, por occasião da feira annual de cavalgaduras, que nesta cidade costuma fazer-se, um mercado especial de cavallos para o serviço do exercito.

Penafiel, e secretaria da camara, 30 de Março de 1874.

Por ordem da camara,
O secretario.
Agostinho da R. Beça.

OCULISTA

Com loja em Coimbra, na Calçada, n.º 86 a 90.

MONSIEUR BOLSSON & POMBAR

16 QUE tantos elogios têem recebido nas principaes cidades de Hespanha pelos bons resultados de seus excellentes elementos para a conservação e augmento de vista, e cuja propriedade consiste unicamente em crystal de rocha e verdadeiros flingas superfinos, têem a honra de offerecer ao illustrado publico um completo sortimento de todos estes artigos para todas as especies de vista cançada, myope, cataratas operadas, vista debil, inflammação de olhos, etc.

Os ditos crystaes são considerados por os mais celebres chimicos e oculistas, pessoas competentissimas, para a escolha das materias mais finas empregadas n'este ramo e que possam dar o melhor resultado em allivio do orgão visual, como os mais perfeitos apparecidos até hoje; por serem trabalhados em agua d'onde recebem agradavel suavidade e transparencia, sem que a mais minima impureza possa incommodar o dito orgão, antes pelo contrario restitue-lhe a força perdida por muitos inconvenientes.

O mais desagradavel é que por causa da ignorancia de algumas pessoas se deprecie o grande merito dos famosos chimicos, confundindo preciosos productos, que merecem justa reputação, com vidros trabalhados a fogo, materia tão ordinaria, que por meio da convexidade ou concavidade, com que estão construidos, servem evidentemente para mais destruir a vista.

O dito optico venderá os referidos artigos a inteira satisfação do publico e com todas as provas que se lhe exijam.

PREÇOS LIMITADISSIMOS

Competencia com todos

Oculos e lunetas de ouro com crystaes de rocha, ditos de prata e de prata dourada, ditos de aço, grande sortimento de lunetas sem aro, ditas de tartaruga e de bufalo, barometros metalicos com thermometro, thermometros de varias dimensões, binoculos para campo, marinha e theatro, lupas de grande força, microscopios de varios formatos, conta-fios, lentes de relojoeiro, oculos defumados esphericos e de caminho de ferro, caixas de varias qualidades para oculos e lunetas, cordões de seda para lunetas, graduadores para licores (de differentes auctores).

Aros para oculos e lunetas de todas as qualidades. Faz-se toda a classe de concertos pertencentes ao ramo d'optica, taes como— barometros, thermometros, binoculos, e oculos de longa vista. Põem-se vidros, e vendem-se avulso. Ha tambem graduador para recrutas com a verdadeira graduação.

NUMERO 2785 — SABBADO 4 DE ABRIL DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Parece que motivos imperiosos obrigaram o governo a não aconselhar a prorogação das camaras legislativas, apezar de ficarem por discutir muitos projectos de bastante importancia.

Encerrou-se, por tanto, a sessão parlamentar, sem que o paiz possa infelizmente regosijar-se de haver obtido reformas de alcance para a administração publica, durante o periodo legislativo. Assim costuma acontecer, quando as opposições, guiadas sómente pelo mau instincto das paixões partidarias e do acinte pessoal, tratam de impedir, por meios muitas vezes indecorosos, os projectos do governo.

Entre outras propostas, foi adiada a que tinha por fim, auctorisar a construcção do caminho de ferro da Beira.

Esta questão, não podia de certo resolver-se, sem ser devidamente estudada e largamente apreciada, em relação ao ponto em que divergem as opiniões; isto é, pelo que respeita ao trajecto da linha e ao seu entroncamento no caminho de ferro do norte.

Por muitas vezes nos temos occupado deste assumpto, e feito sentir as vantagens, que leva o traçado do sul do Mondego, a partir de Coimbra, sobre o do norte, a entroncar em Mogofores.

Quando se trata de emprehender obras desta natureza, é indispensavel, primeiro que tudo, avaliar de um modo cabal e perfeito, as vantagens publicas e particulares, que ao paiz em geral, ás industrias, e ao trabalho em especial, podem advir. E' indispensavel estudar e conhecer até á evidencia, a natureza das regiões que se pretendem cortar pelas linhas ferreas, e os elementos que ellas tem para desenvolver a sua actividade industrial.

Deve, pois, olhar-se esta questão, pelo lado dos principios economicos, da sciencia da industria, que são os que regulam o emprego da actividade do homem no desenvolvimento do trabalho; e pelos elementos naturaes de que nos é dado dispor, como auxiliares da industria e do progresso.

E a questão da directriz da linha ferrea da Beira, não foi ainda officialmente estudada debaixo destes pontos de vista; assim o declarou o sr. ministro das obras publicas. E de certo que ninguem ainda até hoje demonstrou por dados positivos, e por argumentos fundados em principios economicos, a preferencia que se tem querido dar á linha do norte.

Pelas razões que temos apresentado em muitos artigos deste jornal, julgamos incontestavel a opinião que seguimos. O paiz não póde ser sobrecarregado com despezas inuteis, que comparativamente seriam um desperdicio.

E é por isso que um illustre deputado, talento reconhecido e ornamento da tribuna parlamentar, o sr. conselheiro José Dias Ferreira, já na commissão de legislação e obras publicas, a que pertenceu, já fóra della, fez as mais cathegoricas declarações ácerca deste grave assumpto.

S. ex.ª reconheceu as vantagens do caminho de ferro da Beira alta, partindo de Coimbra, sobre o da Beira baixa; neste sentido o distincto ex-ministro fez ver ao governo, com a lealdade das suas intenções, a opinião de que está possuido a este respeito, e a maneira por que estava disposto a tratar a questão quando fosse levada á apreciação do parlamento.

Esta energia do sr. conselheiro José Dias Ferreira, em favor dos interesses deste districto e desta provincia, em uma questão de vida ou de morte para Coimbra, e para muitas povoações do sul do Mondego; é um facto que registamos com prazer, porque é a expressão unanime dos habitantes desta cidade, e de toda a provincia.

Tambem neste logar temos defendido os interesses desta cidade, a respeito deste assumpto, e folgamos sempre com o engrandecimento desta terra, que é o coração de Portugal; e por isso não nos póde ser indifferente o facto que deixamos exposto.

Tem, portanto, a cidade de Coimbra, no illustre estadista, um dos mais habeis patronos, na causa por que tanto se empenha, quando no parlamento for discutida a questão do caminho de ferro da Beira.

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

II

No seu *Portugal antigo e moderno*, continua o sr. Pinho Leal dizendo:

«No dia 28 de Novembro de 1377, no palacio de D. Maria Telles de Menezes, vasto edificio acastellado na rua de *Sub-Ripas*, desta cidade, foi aquella senhora barbara e injustamente assassinada por seu marido o infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

(Quem quizer ter mais larga noticia deste tragico successo, veja a *Chronica* de Fernão Lopes).»

O sr. Pinho Leal recommenda-nos para a noticia deste facto, a leitura da *Chronica* de Fernão Lopes. Pois bastaria o que se lê nessa mesma *Chronica*, quando não houvesse outros documentos, para se provar que o assassinato de D. Maria Telles não foi, como diz, na rua de Sobreripas.

Fernão Lopes descreve a vinda do infante D. João e seus companheiros, de Thomar para Coimbra; e depois de relatar a chegada delles ao Mondego, perto do mosteiro de Santa Anna, continua dizendo:

«Emtom começarom damdar, e passada a pomte chegamdo aa coyraça, chamou o Iffamte huum dos seus, e disse:

«Vos sabees esta çidade, e as emtradas e «sahidas d'ella, melhor que outro que aqui «vaa, porque estevestes já aqui no estudo: «Dona Maria pousa nas casas Dalvaro Fer«namdez de Carvalho, encaminhaae per tal «logar, per hu possamos hir a ellas mais a«pressa e fóra de praça que ser poder.»

E el respondeo que assi o faria: e emtom os levou as Igreja de Sam Bertolameu, *domde naçe huuma estreita rua, que dereitamente vay sahir aas portas daquellas casas:* e elles alli, esteve a guia queda, e disse comtra o Iffamte. «Estas som as casas que vos demandaaes»: em isto a alva começava desclarecer, e trigavasse a manhaã para vijnr.»

Diga, portanto, quem tiver o mais leve conhecimento de Coimbra, se uma rua, partindo da egreja de S. Bartholomeu, podia ir *direitamente* á casa onde morava D. Maria Telles, se ella fosse na rua de Sobreripas; e acrescendo a circumstancia que naquella epocha se dava, de ser fechada de noute a cidade, do arco de Almedina para cima.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXCX

D. CARLOS

XCX

Frustradas as tentativas dos carlistas contra Alcañiz e Peñiscola, as emprehenderam para surprehender o castello de Villamalefa, guarnecido por nacionaes do povo de Cortes, la Puebla, e Zucaina, mandados pelo parocho D. Mariano Renau, odiado pelos seus inimigos, que consideravam um grande crime o defender um sacerdote as ideas liberaes, e muito meritorio associar-se aos excessos que praticavam alguns ministros, que pareciam sel-o de satanaz, mais do que de Deus.

Odiava a Renau muito especialmente o cadião carlista D. Francisco Gasque, que tinha amigos e parentes entre os nacionaes de Villamalefa; e em relação com elles emboscou a sua gente em a noute de 25 de Outubro de 1838 nas cercanias do castello, e na manhã seguinte baixaram os nacionaes ao povo, deixando pequenos destacamentos nos sitios convenientes. Nunca receiavam os habitantes, que subiam e baixavam ao forte, com inteira liberdade, a tirar as suas roupas depositadas; e estando na manhã deste dia celebrando o cura a missa, se dirigiram ao forte os tres nacionaes traidores, e quando chegaram á ultima porta, a fecharam, deixando fora a sentinella.

Deitaram uma soga pela muralha, e subiram varios carlistas, que ao ver-se senhores do principal baluarte, dispararam um tiro, que era o signal convencionado com La Coba, o qual estava emboscado. Entrou a sua força no povo, e fizeram victimas a alguns dos nacionaes surprehendidos. A maior parte refugiaram-se no forte de Santa Lucia, e na casa da Abbadia, onde acudiu o parocho, e se defenderam valerosamente em ambos os pontos; porém estavam desarmados muitos, e os dominava o castello.

Consideram inutil a resistencia, e ouvem as promessas de capitulação que lhes fizeram o capitão Gasque e La Coba, e ratificou Forcadell; o qual se apresentou ás 4 da tarde, resolvendo as difficuldades que se offereciam.

Firmada a capitulação por Forcadell, La Coba, Gasque e Renau, saiu este da Abbadia, exhortou aos seus companheiros a que aceitassem a capitulação concordada, e ainda que com repugnancia, se entregaram.

Conduzidos pela tarde a Villahermosa, apresentou-se-lhes ao amanhecer do dia 27 o commandante de armas D. João Cortez, intimando-lhes a ordem de se confessarem para morrer.

Reunidos **sessenta e cinco** homens em um estreito calabouço, e todos paes, filhos e irmãos, todos concidadãos, e rendidos mediante uma formal capitulação, firmada pelo segundo chefe dos carlistas, clamavam ao ceu, e criminavam um comportamento tão infame; porém tudo era em vão; a ordem havia-a dado Cabrera e era forçoso obedecer-lhe. **Cincoenta e dito** se confessaram, e ás 11 da manhã já não existiam!

Restavam **seis meninos** de 10 a 14 annos e **um ancião** de 70, a favor dos quaes representou Cortez, dizendo que não tinha valor para os matar. A sua sentida representação arrancou sympathias e rogos de alguns chefes; porém passados 10 dias, mandou Cabrera **que todos fossem fuzilados, sem excepção de classes, sexos, nem edades;** e com effeito os **meninos** foram fuzilados no dia 6 de Novembro!

O cura Renau foi conduzido a Onda, onde estava Cabrera, e havendo-lhe promettido o indulto, se revelasse os nomes de seus confidentes, repelliu a proposta, e morreu edificando a quantos o viram na capella, e á frente dos soldados que o esperavam para o fuzilar.

Cabrera presenceou a execução, e ao ruido dos tiros, e em presença do cadaver, prorompeu em gritos e risos descompassados, e excitou os espectadores a que se aproximassem do cadaver ensanguentado!

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

As bem conhecidas casas da rua de Sobreripas, não são como se suppõe, do tempo em que foi morta D. Maria Telles; mas são parte feitas no reinado de D. Manoel, e outra no reinado de D. João III; isto é, aproximadamente *seculo e meio* depois da morte daquella infeliz senhora. Não so a architectura o está claramente demonstrando; mas existem ainda na casa da familia Prêstrello, documentos authenticos, passados pelo senado da camara de Coimbra, pelos quaes se prova sem replica, que aquella obra fora feita do anno de 1514 em deante.

Não offerece, pois, a menor duvida, que as casas de D. Maria Telles, não eram na rua de Sobreripas, como diz o sr. Pinho Leal; mas estavam a pouca distancia da egreja de S. Bartholomeu; no que concorda Fr. Manoel dos Santos, na parte 8.ª da *Monarchia Lusitana*, dizendo que vivia em Coimbra D. Maria Telles, *na freguezia, ou arrabalde de S. Bartholomeu, n'umas casas de Alvaro Fernandes de Carvalho*.

Continua dizendo o sr. Pinho Leal:

«A Universidade, que tinha sido fundada por D. Diniz, em Lisboa, no anno de 1288, por breve de Nicolau IV, (a primeira vez que esteve em Lisboa, quando se instituiu, era no sitio chamado da Pedreira, á Porta da Cruz, no bairro de Alfama) foi transferida para aqui (sendo então augmentadas as disciplinas) em 1308; e aqui se conservou por 67 annos.»

Ha neste periodo duas inexactidões.

Em primeiro logar, D. Diniz não transferiu a Universidade para Coimbra em 1308, mas sim em 1306. Pelo menos é evidente que já estava em Coimbra em Janeiro de 1307, pois que em data de 27 deste mez e anno, passou D. Diniz uma carta, confirmando umas *constituições*, que entre si haviam feito os reitores, officiaes e escholares do estudo de Coimbra para seu regimento.

A segunda inexactidão é em dizer o sr. Pinho Leal, que a Universidade se conservara em Coimbra 67 annos; quando foi apenas 32 annos; pois que em 1338 a transferiu novamente para Lisboa D. Affonso IV.

Diz mais o sr. Pinho Leal acerca da Universidade em Coimbra:

«O seu primeiro assento em Coimbra foi na rua da Sophia, em um palacio real que aqui havia, que depois foi tribunal da inquisição. Antes d'aqui estar a Universidade, tinha sido este edificio supremo tribunal de justiça; quando os reis moravam nos paços reaes do Burgo de Santa Clara, que fundara D. Affonso Henriques.»

Quasi se não póde tomar a sério o que se acaba de ler! Difficilmente se reuniriam mais inexactidões em tão poucas palavras!

Vejamos se podemos desembrulhar esta meada.

O primeiro assento da Universidade não foi em um palacio real na rua da Sophia, como diz o sr. Pinho Leal; e a razão é muito simples. Não só alli não havia nenhum palacio real; mas o que é mais, nem a rua da Sophia existia nessa epocha, pois que só foi principiada a fazer *passados dois seculos*, no reinado de D. João III.

Os estudos eram nos paços reaes, no sitio onde depois foi o collegio de S. Paulo, e onde hoje estão o theatro e club Academico.

O auto da fundação do collegio de S. Paulo, effectuada em 2 de Maio de 1563, diz o seguinte:

«Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1563 annos, reinando nestes reinos de Portugal o muito alto e serenissimo senhor D. Sebastião I deste nome, governando em seu nome o estado destes reinos o excellentissimo principe D. Henrique, cardeal da Santa Egreja de Roma, do titulo dos Santos quatro Coroados, e infante de Portugal, aos dois dias do mez de Maio do dito anno, que era em um domingo, nesta cidade de Coimbra, dentro no collegio de S. Paulo, que está situado junto aos paços d'El-Rei, onde agora são as escolas maiores da universidade, da dita cidade, *e no primeiro sitio e logar onde no tempo de El-Rei D. Diniz foram as escolas geraes da Universidade da dita cidade, que naquelle tempo nella esteve...*»

Da mesma forma, D. José Barbosa, nas suas *Memorias do collegio real de S. Paulo*, diz a este respeito o seguinte:

«Este sitio, em que agora se fundou o collegio de S. Paulo, *é o mesmo em que junto ao palacio estavam as casas, em que se liam, como em escolas geraes, todas as sciencias no tempo, em que el rei D Diniz mudou a Universidade de Lisboa para Coimbra.*»

Do proprio rei D. Diniz ha uma carta datada de Coimbra em 25 de Maio de 1312, pela qual se evidenceia, que as escolas eram para dentro da porta de Almedina. Nessa carta dizia o monarcha: — «.... por que vos mando que constranguades todos aquelles, que della *Porta da Almedina* acima hão casas pera alugar, que as aluguem aos scolares antes que a outros quaesquer...»

Mas para que é necessario estar a apresentar mais provas, para mostrar que a Universidade não era no palacio real da rua da Sophia, como diz o auctor do *Portugal antigo e moderno*? De nada mais precisamos; pois que contra a opinião do sr. Pinho Leal, podemos apresentar *a sua propria opinião*.

Como já vimos, diz o sr. Pinho Leal acerca da Universidade:

« *O seu primeiro assento em Coimbra foi na rua da Sophia*, em um palacio real que alli havia, que depois foi tribunal da inquisição.»

Isto é a medalha vista por um lado. Agora ahi vae a medalha vista pelo outro.

O mesmo sr. Pinho Leal, fallando do collegio de S Paulo, fundado na rua Larga, diz:

«No sitio em que está este edificio, diz Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, que era em tempos remotos uma albergaria ou hospital. *Foi aqui tambem o primeiro assento da Universidade no tempo do rei D. Diniz.*»

Isto lê-se, e quasi se não acredita!

Contradicções tão deploraveis como esta, são frequentes no *Portugal antigo e moderno*; e não são as unicas manchas que afeiam e exautoram esta obra, que aliás tão util podia ser.

Continuando agora a analysar o celebre periodo diremos, que a inquisição não foi fundada, como diz o sr. Pinho Leal, no tal imaginario palacio real da Sophia; mas sim no edificio da mesma rua, em que no tempo de el rei D. João III esteve o Collegio das Artes.

Ainda no mesmo periodo diz o sr. Pinho Leal, relativamente ao mencionado palacio, que — «antes de aqui estar a Universidade tinha sido supremo tribunal de justiça.»

Já dissemos que nem existia o palacio, nem mesmo estava feita a rua da Sophia; e por isso ficar-se-ha tendo na devida conta, o que o auctor do *Portugal antigo e moderno* diz deste fantasiado tribunal.

Accrescenta ainda mais o sr. Pinho Leal no mesmo periodo: —...quando os reis moravam nos paços reaes do burgo de Santa Clara, que fundara D. Affonso Henriques.»

Pois este monarcha fundou alguns paços no burgo de Santa Clara?!

E tudo isto vem no tal periodo, que acima transcrevemos!

Eis ahi o motivo por que dissemos, que difficilmente se reuniriam mais inexactidões em tão poucas palavras.

(Continua.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Terminamos em seguida a publicação do projecto de lei, approvada em ambas as camaras, ácerca dos julgados.

—

Artigo 16.º Nas causas de valor não excedente a 25000 reis, seguir-se-ha o processo estabelecido nos artigos 235.º, 236.º e 237.º da novissima reforma judiciaria, salvas as disposições seguintes:

1.ª Os depoimentos das testemunhas serão escriptos quando as partes não renunciarem ao recurso, e a sentença será sempre escripta e fundamentada.

2.ª Ao processo nestas causas serão applicaveis as disposições contidas nos n.ºs 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º e 8.º do artigo antecedente.

Art. 17.º Nas execuções das sentenças dos juizes ordinarios, sendo a quantia exequenda até 25000 reis, seguir-se-ha o processo estabelecido no 243.º da novissima reforma judiciaria. Excedendo esta quantia, observar-se-ha o disposto no art. 570.º e § unico da mesma reforma.

§ unico. Nas execuções cabe tambem a appellação e os mais recursos para o juiz de direito.

Art. 18.º Nas causas sobre coimas ou transgressões de posturas, seguir-se-ha o processo estabelecido nos artigos 241.º e seguintes da novissima reforma judiciaria, com excepção do recurso, que ficará sendo o designado na disposição 3.ª do artigo 15.º.

§ unico. Excedendo o valor destas causas a alçada do juiz de direito, a appellação será interposta directamente do juiz ordinario para a relação do districto.

Art. 19.º A conta dos processos dos juizes ordinarios será feita pelo respectivo escrivão, e verificada e assignada pelo juiz.

§ 1.º O escrivão levará pela conta os emolumentos que na tabella estiverem marcados para os sub-delegados do procurador regio como contadores.

§ 2.º O escrivão é o thesoureiro das multas menores no julgado.

Art. 20.º Os actuaes escrivães dos juizes ordinarios, sendo nomeados para os novos julgados, poderão n'elles exercer as funcções de tabellião de notas, excepto nas cidades de Lisboa e Porto, e os que de futuro forem nomeados poderão egualmente desempenhal-as, quando tiverem as habilitações exigidas nos regulamentos.

Art. 21.º Os juizes ordinarios que tiverem sido ou forem approvados em concurso para delegados do procurador regio, ou para conservadores privativos do registo predial:

1.º Serão preferidos para os respectivos logares aos outros concorrentes em egualdade de circumstancias.

2.º Sendo nomeados, ser-lhes-ha contado o tempo que tiverem no exercicio d'aquelle logar como serviço effectivo do ministerio publico para todos os effeitos legaes.

Art. 22.º Aos sub-delegados do procurador regio é applicavel a disposição do artigo 21.º e seu n.º 1.º, e tendo boas informações, serão preferidos para os officios de contador das novas comarcas, e em egualdade de circumstancias para os ditos officios que forem vagando.

Art. 23.º Os escrivães dos juizes ordinarios, que, por virtude da execução da presente lei, forem privados dos officios que presentemente exercem, serão preferidos tendo boas informações:

1.º Para os officios de escrivães dos juizes de direito das novas comarcas, e bem assim, em egualdade de circumstancias para os logares da mesma natureza que forem vagando;

2.º Para os officios de escrivães dos novos julgados.

Art. 24.º Para a collocação dos empregados a que se referem os dois artigos antecedentes será levada em conta a antiguidade do serviço.

Art. 25.º A nomeação dos juizes ordinarios, em conformidade com a presente lei, não será sujeita ao pagamento de direitos, ou outros impostos.

Art. 26.º Os processos findos, ou pendentes nos julgados que forem extinctos, passarão para os juizes de direito da comarca respectiva, ou para os juizes ordinarios nos respectivos julgados, segundo as disposições e termos da presente lei.

Art. 27.º A presente lei será executada, á proporção que, sem damno para a administração da justiça e sem incommodo dos povos se fizer a nova divisão dos julgados, ou se crearem as novas comarcas.

Art. 28.º O governo dará conta ás côrtes do uso que fizer das auctorisações que por esta lei lhe são concedidas.

Art. 29.º Fica revogado o decreto de 28 de Dezembro de 1869 e mais legislação relativa aos juizes ordinarios, que fôr incompativel com as disposições da presente lei.

EDITAL

Julio Maximo de Oliveira Pimentel, visconde de Villa Maior, etc. reitor da Universidade e do Lyceu Nacional de Coimbra.

Faço saber que, em virtude das instrucções de 9 de Março de 1872 e decreto de 31 de Março de 1873, art. 59:

1.º Os exames de admissão nos lyceus hãode começar no dia 1.º do mez de Maio, tendo logar neste dia as provas escriptas de todos os requerentes e nos dias que opportunamente forem designados as provas oraes;

2.º Os candidatos deverão apresentar os seus requerimentos, devidamente despachados, na secretaria do lyceu, desde o dia 15 até 25 do corrente;

3.º Não é permittido requerer na mesma epocha em differentes lyceus, na certeza de que serão annullados para todos os effeitos legaes os exames d'aquelles que infringirem este preceito;

4.º Os requerimentos serão relacionados pela ordem alphabetica.

E para constar mandei afixar e publicar o presente edital.

Secretaria do Lyceu Nacional de Coimbra 1.º de Abril de 1874. E eu José Joaquim Manso-Preto, secretario do Lyceu, o escrevi. —*Reitor*.

COMMUNICADO

Sr. Redactor.

Tendo sido desde 15 de Junho de 1872, o encarregado pela camara municipal deste concelho da entrega e distribuição do correio neste porto, o tenho cumprido com a devida pontualidade; porem como agora haja pessoas que queiram exigir de mim a obrigação de logo que cheguem as suas correspondencias lhas faça conduzir a suas casas, e como eu tal não possa, queira, nem deva cumprir, peço a v., sr. redactor, faça publico este meu communicado, fazendo imprimil-o no seu acreditado jornal; tornando-me todavia isento de qualquer demora que haja de futuro, em quanto não houver a opportunidade.

Sou de v. assignante e respeitador,
Raiva 2 de Abril de 1874.
Francisco Augusto Ferreira.

NOTICIARIO

Semana santa—As festas da semana santa nesta cidade foram pomposas, não só na decoração para a exposição do Sacramento, mas ainda pela musica nas egrejas da Sé Cathedral, e das capellas da Universidade e Misericordia, em todos os actos religiosos que se celebraram.

A concorrencia de fieis, na quinta feira de tarde, a visitar os templos, e egualmente hontem, foi muito numerosa.

As differentes musicas em geral agradaram; não podendo deixar de mencionar a da capella da Misericordia, dirigida pelo sr. Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, apaixonado e competente amador da musica.

Tornaram-se notaveis os ornamentos dos thronos da egreja de Santa Cruz e capella da Misericordia. Aos srs. Miguel Dias Barata, membro incansavel da mesa, e ao sr. José Gomes Paes, habil artista, se deve em especial o deslumbrante effeito que causava a ornamentação da capella da Santa Casa.

A policia dos templos foi mantida com todo o rigor, não havendo felizmente nada, que nos conste, a censurar.

Lausperenne.—Em razão do pontifical que tem de haver amanhã na sé cathedral desta cidade, fica transferido o *Lausperenne* na egreja de S. João de Almedina, para o domingo, 12 do corrente.

Passagem—Passa amanhã, domingo, o sr. conselheiro José Dias Ferreira, no comboio da tarde em direcção a Luso e Bussaco, em companhia de seus innocentes filhos.

Chegada.— Chegaram no domingo a esta cidade, o sr. Dr. Luiz Jardim e sua interessante esposa a exm.ª sr.ª D. Guilhermina Rosa Marques dos Anjos, que vem passar o corrente mez de Abril na companhia de seus parentes.

Despacho—O presbytero Joaquim Gonçalves da Costa foi apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na egreja parochial de S. Miguel de Liceia, no concelho de Monte Mór o Velho, bispado de Coimbra.

Transferencias—O sr. Antonio Cordeiro Cura, escrivão de fazenda do concelho de Poiares, foi transferido polo requerer, para identico logar no concelho de Monte Mór o Velho.

O sr. Manoel Maria Alvares Pereira da Gama, escrivão de fazenda do concelho de Monte Mór o Velho, foi transferido para Poiares.

O sr. Manoel Travassos Martins Carneiro, aspirante de 2.ª classe da repartição de fazenda do districto do Porto, foi transferido para identico logar no districto de Coimbra, que estava servindo interinamente, vago pelo fallecimento do sr. José Luciano da Cunha Mascarenhas.

Tremores de terra—É este phenomeno um dos flagellos mais assoladores da natureza. A terra treme muitas vezes, sem que d'ahi resulte o mais leve damno, como succede na America do Sul, onde os habitantes estão de tal modo familiarisados com esta catastrophe, que pouco ou nada receiam os seus effeitos destruidores.

A duração dos terremotos é em geral curta; mas parece averiguado, que tanto mais rapido é o abalo subterraneo, tanto maior é a sua devastação. No espaço de alguns segundos tem-se reduzido a um montão de ruinas vastas e populosas cidades, e succumbido centenares de victimas. Na Syria, nos tempos de Tiberio e Justiniano, mais de 200:000 pessoas morreram por effeito dos tremores de terra. Na Sicilia, em 1692, houve um terremoto que matou mais de 50:000 pessoas. O da Calabria em 1783 fez perecer mais de 60:000. O de Pirobamba em 1797 fez succumbir mais de 40:000. O de Lisboa em 1 de Novembro de 1755 fez mais de 70:000 victimas, só dentro da capital.

Este terrivel phenomeno é mais frequente nas regiões volcanicas, nas ilhas, na beira mar, e nos paizes tropicaes. Um dos effeitos mais desastrosos dos terremotos é a abertura de fendas e escavações profundas, que umas vezes se conservam e outras se fecham immediatamente. Destas fendas saem gazes, vapores, fumo, chammas, lama, agua, areia e pedras. No terremoto da Jamaica em 1692 abriu-se a terra em varios sitios de um modo tão insolito, que submergiu e se fechou sobre varias pessoas; mas reabrindo-se logo depois, tornou a lançal-as para fóra, no meio dos jorros d'agua que causaram grandes inundações. Outro effeito de grande destruição é a rapida elevação e descida das aguas do mar, como succedeu no de Lisboa, em que mais de 3:000 pessoas morreram afogadas nos caes do Tejo pela repentina elevação das aguas do mar.

Ha certos phenomenos precursores que annunciam os terremotos. Certos animaes, ao approximar-se este phenomeno, saem da terra espavoridos e fogem em todos os sentidos, taes são as cobras, ratos, lagartos, e outros. Os animaes domesticos tambem participam deste terror, como são os porcos, cabras, e cães, que parece farejarem os tremores de terra. Em algumas cidades da America, os cães fogem aterrados para os campos, apenas presentem os primeiros signaes do movimento da terra.

A colher e o garfo—Diz um jornal francez, que estes utensilios hoje tão geralmente empregados, não são tão antigos, como geralmente se acredita.

Na Grecia e Roma a sopa não figurava nas refeições, e por isso se dispensava a colher. Em França só no seculo 14 principiou a servir este utensilio. Pela mesma epocha começou o uso do garfo, reduzido á sua maior simplicidade, munido apenas de 2 dentes. O rei Carlos V empregava o garfo para comer queijo e fructa, alimentos para que hoje se emprega de preferencia a faca. No seculo XVI, o garfo era ainda considerado na Europa como objecto de luxo, e na Inglaterra só principiou usar-se definitivamente no seculo XVII.

O que é fora de duvida, é que os dedos das mãos foram os primeiros instrumentos de que o homem se servia; e que auxiliados com os dentes suppriram durante muitos seculos o uso dos garfos, colheres e facas. Ainda hoje aquelle talher natural tem grande prestimo entre milhões de homens.

Bibliotheca do catholico—A empreza do *Ramalhete do Christão*, jornal illustrado, e que tem adquirido merecidos creditos, vae fazer uma publicação mensal baratissima, com o titulo de *Bibliotheca do catholico*.

O fim desta publicação é amenisar a leitura dos bons preceitos moraes e religiosos, dando-lhe pela forma e pela contextura suave do romance e da poesia, a attracção que prenda o interesse do leitor, sem que o espirito se lhe fatigue com dissertações exclusivamente austeras. Por isso entrarão nella os romances moralisadores, quer originaes, quer traduzidos de bons auctores, e as biographias dos varões eminentes da egreja christã, que mais a distinguiram pela caridade, por outras obras meritorias, e pela fé acrisolada nas leis do Crucificado.

O primeiro romance a publicar é—*O anjo da caridade*—leitura repassada de sentimento religioso, e de exemplos salutares altamente moraes e edificantes.

Em seguida publicará a *Bibliotheca do catholico* alternadamente, *biographias, narrativas, lendas*, outros *romances*, etc., etc., sendo sempre os *romances* o que mais avultará nesta *Bibliotheca*.

Sairá mensalmente um volume nunca inferior a 100 paginas, em 8.º, com typo muito legivel e bom papel, o qual custará a modica quantia de 120 reis, em todo o reino.

As assignaturas poderão ser feitas pelo tempo de um até seis mezes, á vontade do assignante, *não recebendo a empreza quantia alguma* senão no acto da distribuição do primeiro volume, assim como *não remetterá o segundo* sem que esteja satisfeita a importancia correspondente ao tempo por que qualquer dos subscriptores houver assignado.

Recebem-se assignaturas no escriptorio do *Ramalhete do christão*, rua da Atalaia, 65 — Lisboa, onde será dirigida toda a correspondencia subscriptada—á administração do *Ramalhete do christão*.

Aquellas pessoas que subscreverem e enviarem a importancia de 6 exemplares, encarregando-se da sua distribuição, terão um exemplar gratis.

Aos subscriptores que subscreverem por 10 exemplares, enviando a importancia, e encarregando-se da sua distribuição, terão um exemplar gratis, e descontarão 10 por cento da importancia a remetter.

Novas publicações—Recebemos e muito agradecemos as seguintes publicações:

N.º 2—Bibliotheca da *Actualidade*—1874—*Obras completas de Luiz de Camões*—Edição critica com as mais notaveis variantes—Tomo II—Parnaso de Luiz de Camões—Volume 2.º—Canções, sextinas, odes e outavas—Porto:—imprensa Portugueza, editora.

Associação dos melhoramentos das classes laboriosas — Contas da primeira gerencia, 1873.

Noticias de Lisboa—Dizem de Lisboa ao *Jornal da Manhã*:

—Em data de 1:

O *Diario* nada traz de importante e desconhecido.

Falliu o sr. José Ignacio Rodrigues Lima e C.ª.

Está aberto concurso para o provimento do logar de director do correio de Tondella.

Vão ter grande incremento as obras de fortificação na serra de Monsanto.

Naufragou na ilha das Flores o patacho allemão *Maria*, perdendo-se todos os tripulantes. O commandante saiu dos Açores com o navio deteriorado.

As noticias do Rio de Janeiro alcançam a 12 do passado.

Havia crise ministerial sobre a commutação da pena do bispo de Pernambuco.

Houve desordens na Republica Argentina ao conhecer Mitre eleito por 829 votos de maioria.

O mercado era menos activo.

Os cambios ficam: Sobre Londres a 26 bancario e 26 3|16 particular; e sobre França 366 francos. Os soberanos regularam a 9350.

Foram presos no dia 7 o commendador João Felgueiras e Carvalho Bastos, pelo crime de estellionato.

Na camara dos pares foram approvados os projectos: do assucar e farinhas; do emprestimo de 1750 contos para navios; subsidios da navegação dos Açores, Algarve, Funchal e Riba-Tejo; equiparando os vencimentos dos empregados do ministerio de fazenda aos demais ministerios; relevando as camaras municipaes, juntas de parochia, irmandades e confrarias da responsabilidade das despezas sem previa auctorisação orçamental; reformando o serviço sanitario dos portos; auctorisando a applicar as sobras dos diversos capitulos do ministerio do reino ás despezas do hospital de S. José e outro insignificante.

Na camara dos deputados, approvaram a prorogação do prazo para troca do giro de moedas antigas de prata até 1875; auctorisação para decretar as formalidades dos titulos reconhecidos pelo Codigo Civil pertencentes aos estabelecimentos de Credito Predial; tractado do commercio com a Suissa; fixando o subsidio aos deputados para a proxima legislatura; um voto de louvor á mesa, partindo da opposição.

Esta noute ha reunião de maioria no ministerio do reino para os costumados comprimentos.

—Na mesma data:

Na reunião da maioria compareceram perto de 50 deputados; e todos os ministros, menos o sr. Cardoso Avelino.

O sr. Fontes agradeceu a cooperação da maioria e o sr. presidente Sá Vargas tambem agradeceu commovido. O sr. Pinheiro Chagas agradeceu em nome da maioria. O sr. Eduardo Tavares fez a sua profissão de fé ministerial sem condições. O sr. visconde de Moreira de Rei disse que esperava confiado que a eleição fosse liberrima. Os srs. Fontes e Barjona tornaram a fallar, confessando os mais rasgados principios liberaes.

A reunião acabou antes das 10 horas.

A sessão do encerramento é amanhã ás 11 horas da manhã.»

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Commercio do Porto* o seguinte:

Madrid 29, ás 7 horas da noute—Novos telegrammas confirmam as vantagens obtidas pelo exercito do Norte. Referem que na acção do dia 27, Serrano collocou-se á frente das tropas depois de terem cahido feridos Primo de Rivera e outros chefes enthusiasmando os soldados e tomando com grande arrojo as posições inimigas. Todos os telegrammas concordam em que as tropas não perderam uma unica pollegada das posições conquistadas.

Serrano manifestou que não carece de reforços. O governo dispõe das forças necessarias pera acudir a qualquer ponto que seja preciso. Continua o movimento das tropas, mas guarda-se reserva ácerca dos pontos sobre que marcham. Murrieta, importante posição que tomaram ante-hontem as tropas, está situada perto de Avanto, dominando-o. Tem mais nove metros de altura que êste monte.

Loma tem duas feridas muito leves. Primo de Rivera tem o peito atravessado por uma bala. Foi enviado um telegramma a sua esposa pedindo-lhe que vá vel-o immediatamente. Terreros foi ferido num braço. Ha outros chefes feridos e mortos. As perdas dos carlistas são muito superiores ás dos liberaes. Estas não passam de 1:300 nos tres dias. Ha grande numero de feridos leves. O armamento dos carlistas é irregular. Alguns dos nosso soldados feridos, foram-no por chumbo de caça.

Madrid 1, ás 10 horas da manhã—A *Gazeta* publica telegrammas de Serrano de 30 e 31 dizendo que continuam as obras para assegurar as posições conquistadas e estabelecer novas baterias a fim de continuar as operações. Confirma a morte do cabecilha Ollo e do seu auditor, o ferimento do cabecilha Radica, e a apresentação de um official e dois sargentos carlistas. Hontem houve suspensão de fogo para enterrar os mortos carlistas.

A facção Valdés está dissolvida.

A Bolsa estará fechada até sabbado.

Madrid 1, ás 7 horas e 30 minutos da tarde—Tornou a principiar o bombardeamento contra Avanto. Bilbau, bem provida de viveres, continua a resistir. As tropas avançam e constroem trincheiras de ataque.

Já teve logar o enterro do cabecilha Ollo. Chegaram os reforços do Norte.

«A *Gazeta de Madrid* publicou apenas, no seu supplemento de 29 de Março, o seguinte:

Ministerio da guerra.— Acaba de chegar D. João Zavalla e Guzmar, ajudante de campo do presidente do poder executivo, e manifestou que o exercito, depois de proceder com o mais distincto arrojo e enthusiasmo, conserva todas as posições conquistadas e continua a sua laboriosa marcha atravez de successivas linhas entrincheiradas que o inimigo lhe oppõe

O espirito dos nossos bravos soldados conserva-se á altura da sua reputação sem decahir um instante, apesar das sensiveis perdas que eram de esperar, dadas as condições do terreno e das obras de defeza com que a arte o tornou mais difficil. Com taes soldados e as distinctas condições do illustre general que as dirige, não periga a causa da liberdade.

Pela mesma via se soube que o general em chefe do exercito do norte dirigiu opportunamente extensos despachos, dando parte das operações, e como não chegaram ao poder do ministro da guerra, occupa-se este em averiguar o motivo de tão grande falta.

Como se vê estas poucas palavras, e de sentido tão vago, não podiam satisfazer o publico madrileno que tinha justa anciedade de saber o que se tinha passado na acção ou acções militares do dia 26. Mas o governo não podia satisfazer tão natural curiosidade, porque apezar das diligencias feitas pelo ministerio da guerra para obter noticias do norte, não era possivel adquiril-as por causa da interrupção telegraphica.

Entretanto começaram a correr por Madrid numerosos boatos, mas contradictorios entre si, e o publico não sabia nem podia distinguir os falsos dos verdadeiros. Estes boatos encontraram ecco, como é natural, nas columnas da imprensa; porem o *Imparcial*, parece que competentemente auctorisado pelo governo, procurou adquirir todos os dados e noticias que até á madrugada de domingo se tinham recebido com caracteres de exactidão pela sua origem fidedigna, e acalmou até certo ponto a anciedade do publico, dando as seguintes informações ácerca do combate do dia 27.

A's 8 horas da noite de hontem (28) chegaram ao porto de Santander, procedente de Castro Urdiales, dois vapores conduzindo diversas pessoas que ás 5 horas da tarde do dia anterior partiram do quartel general, e por conseguinte presencearam o ataque ás posições carlistas. O combate, dirigido principalmente sobre as trincheiras de S. Pedro Avanto e Montanho, foi renhidissimo e sangrento, batendo-se os nossos soldados com um denodo imponderavel, chegando a tomar as casas immediatas a S. Pedro. As mesmas pessoas accrescentam que ao sahir de Castro ás 11 horas da manhã ouviram fogo de canhão, feito pelos navios da esquadra.

—Da narração feita por uma testemunha presencial, digna de todo o credito, obtivemos os seguintes e curiosos promenores:

«Ás 5 da tarde de 27 tomaram os nossos soldados as casas de Murrieta, povoação que se acha na mesma linha de S. Pedro Avanto e muito proxima d'este. Na noute anterior os carlistas tinham incendiado duas casas deste bairro e outra de S. Pedro, á esquerda de Murrieta; mas as nossas tropas occuparam-nas, sendo rendidos á noute os dois batalhões destinados a sustental-as. A posição é excellente e d'ella fazem os nossos soldados um vivo e certeiro fogo sobre os carlistas, que soffreram consideraveis perdas, causadas especialmente pela nossa artilheria, que fez sempre certeiras pontarias.

As tropas tomaram as casas de Murrieta depois de uma poderosa e brilhante carga á bayoneta, semeando de cadaveres a posição, rudemente defendida pelo inimigo. Tambem os nossos canhões já tinham feito naquelle logar numerosas victimas, segundo a narração dos soldados.

Á divisão Loma coube a gloria de obter este triumpho, ao passo que a do general Primo de Rivera occupava o ponto denominado de la Rivera, entre Carreras e Pucheta, fazendo juncção com a divisão Loma e atacando tambem S. Pedro de Avanto.

Todas estas posições, bem como as con-

quistadas anteriormente, foram conservadas, não sendo exacto, como se julgou ao principio, que se tivesse chegado até as Minas e Santa Juliana.

No combate tomaram parte todas, absolutamente todas as forças carlistas, inclusas as que, como reserva, estavam situadas em Valmaseda e tambem as que cercavam Bilbau. Só a pequena facção que commanda Navárrete, e que estava situada ao sul de Somorrostro, permaneceu inactiva durante a lucta.

A divisão Lopez de Letona, com as outras que completam o nosso exercito, estavam tambem dentro do valle de Somorrostro, apoiando os movimentos da direita e do centro.

O quartel general collocou-se e continua no mesmo ponto, na parte d'aquem da ponte de Somorrostro.

Ao avançárem as nossas tropas, o inimigo retirou-se para pequena distancia e ao abrigo de novas trincheiras, illudindo os combates á bayoneta diversas vezes iniciados com violento impulso pelos nossos soldados, sem ser sustentado senão em Murrieta, como anteriormente dizemos.

No campo carlista ha grande falta de munições de guerra e de bocca; para demonstrar quanto é exacto o que dizemos a respeito das primeiras, basta dizer que ha muitos soldados feridos de carga de chumbo de caça.

Ao meio dia de hontem, hora em que sahiu do acampamento a pessoa de quem obtivemos estes promenores, continuava o fogo contra a linha carlista, sustentado só pela nossa artilheria, que dirigia os seus tiros sobre uma forte posição que os carlistas têem no espaço intermedio desde Murrieta a Montanho.

Das baterias via-se saltar pelo espaço homens feitos pedaços por effeito das granadas arrojadas aos seus reductos.

No quartel general e em toda a nossa linha reinava a maior animação e enthusiasmo pelas importantes vantagens obtidas sobre as facções.»

«La Epoca» de 26 de Março publica uma carta do theatro da guerra dando já alguns pormenores da acção do dia 25, a primeira da serie de combates travados pelos belligerantes. Por parte dos republicanos entraram em fogo 35 batalhões de infanteria, tomando o general Primo de Rivera o commando da direita á frente de 16 batalhões; o general Loma o do centro, á frente de 9 batalhões, e o general Letona, o da esquerda, á frente de 6 batalhões: o general Andia, collocou-se entre Musquiz e Povenha com 4 batalhões para dar um ataque falso ao inimigo em caso de necessidade. O general Catalan, com as brigadas Serrano e Moltó guardavam a linha de communicação do exercito.

O duque de la Torre que, como se sabe, tem dirigido as operações, não tomou um momento de descanço durante a acção do dia 25, e seguiu todos os movimentos do combate, tendo sempre á sua direita o ministro da marinha, e á sua esquerda o general Lopez Dominguez. Por diversas vezes quiz visitar as baterias avançadas e aproximar-se dos seus soldados, mas não lhe consentiram separar-se um momento do sitio escolhido para a direcção da campanha do dia. O resultado d'esta foi o terem tomado as tropas de Primo de Rivera oito trincheiras ao inimigo, e as de Loma todo o valle, acampando o exercito a 400 metros de S. Pedro Avanto.

O correspondente da *Epocha* diz que os carlistas contavam nesse dia os seus cadaveres por montões e os seus feridos por muitas centenas.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO

1 DECLARO eu abaixo assignado, que dissolvi a sociedade que tinha com o sr. José Monteiro Cortez da Gama, ficando elle no mesmo estabelecimento sujeito a todo o activo e passivo do mesmo negocio. Por tanto declaro que já não tenho responsabilidade alguma para com o dito negocio.

Coimbra 2 de Abril de 1874.

Victorino Henriques Lebre.

VENDA DE BOTICA EM ANÇÃ

2 QUEM QUIZER comprar uma botica em muito bom estado, dirija-se a seu dono Joaquim da Silva Ramos, do mesmo logar, á qual póde ser examinada em qualquer dia.

3 ARRENDA-SE a casa e loja que foi de José Antonio Marques. Quem pretender, dirija-se a Francisco Guerra, rua da Sophia, S. Bernardo, n.º 96.

CAIXEIRO

4 PRECISA-SE um rapaz habilitado para loja de mercearia, para fóra desta cidade. Tracta-se com Antonio Mendes Simões de Castro, rua do Visconde da Luz.

VINHO VERDE ESPECIAL!

Diversas qualidades, para mesa

Rua das Solas, n.º 28.

Attenção

6 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandaugo.

Feira de remonta em Penafiel

7 A CAMARA MUNICIPAL da cidade e concelho de Penafiel, manda annunciar, que, segundo a participação que acaba de receber da auctoridade militar superior—haverá no dia 10 d'Abril proximo, por occasião da feira annual de cavalgaduras, que nesta cidade costuma fazer-se, um mercado especial de cavallos para o serviço do exercito.

Penafiel, e secretaria da camara, 30 de Março de 1874.

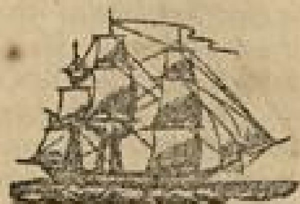
Por ordem da camara,

O secretario,

Agostinho da R. Beça.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Galera—ADAMASTOR—em 15 de Abril.

Galera—AMERICA—em 30 de Abril.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

PARA ENXOFRAR VINHAS

9 ENXOFRE muido de superior qualidade. Vende-se na Calçada, n.º 85 a 91.

10 ARRENDA-SE uma casa que tem commodidades para uma famillia de 6 ou 8 pessoas e situada na estrada da Beira, ao fundo da ladeira do Seminario.

Quem a pretender dirija-se a Antonio Henriques de Carvalho, na rua do Visconde da Luz, ou a Luiz José Maria de Oliveira, na rua da Calçada.

OCULISTA

Com loja em Coimbra, na Calçada, n.º 86 a 90.

MONSIEUR BOLSSON & POMBAR

11 QUE tantos elogios têem recebido nas principaes cidades de Hespanha pelos bons resultados de seus excellentes elementos para a conservação e augmento de vista, e cuja propriedade consiste unicamente em crystal de rocha e verdadeiros flingas superfinos, têem a honra de offerecer ao illustrado publico um completo sortimento de todos estes artigos para todas as especies de vista cançada, myope, cataratas operadas, vista debil, inflammação de olhos, etc.

Os ditos crystaes são considerados por os mais celebres chimicos e oculistas, pessoas competentissimas, para a escolha das materias mais finas empregadas n'este ramo e que possam dar o melhor resultado em allivio do orgão visual, como os mais perfeitos apparecidos até hoje, por serem trabalhados em agua d'onde recebem agradavel suavidade e transparencia, sem que a mais minima impureza possa incommodar o dito orgão, antes pelo contrario restitue-lhe a força perdida por muitos inconvenientes.

O mais desagradavel é que por causa da ignorancia de algumas pessoas se deprecie o grande merito dos famosos chimicos, confundindo preciosos productos, que merecem justa reputação, com vidros trabalhados a fogo, materia tão ordinaria, que por meio da convexidade ou concavidade, com que estão construidos, servem evidentemente para mais destruir a vista.

O dito optico venderá os referidos artigos a inteira satisfação do publico e com todas as provas que se lhe exijam.

PREÇOS LIMITADISSIMOS

Competencia com todos

Oculos e lunetas de ouro com crystaes de rocha, ditos de prata e de prata dourada, ditos de aço, grande sortimento de lunetas sem aro, ditas de tartaruga e de bufalo, barometros metalicos com thermometro, thermometros de varias dimensões, binoculos para campo, marinha e theatro, lupas de grande força, microscopios de varios formatos, conta-fios, lentes de relojoeiro, oculos defumados esphericos e de caminho de ferro, caixas de varias qualidades para oculos e lunetas, cordões de seda para lunetas, graduadores para licores (de differentes auctores).

Aros para oculos e lunetas de todas as qualidades. Faz-se toda a classe de concertos pertencentes ao ramo d'optica, taes como—barometros, thermometros, binoculos, e oculos de longa vista. Põem-se vidros, e vendem-se avulso. Ha tambem graduador para recrutas com a verdadeira graduação.

12 SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa farinha *de Saude,*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Saude a todos pela á deliciosa *Revalescière* que cura as indigestões (dispepcias) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75.000 curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluskow, da exm.ª sr.ª marqueza de Brehan, dos doutores Manoel Saens de Dejada da Universidade de Cordova, e de José Batacazo e Jute de Logronho, etc., etc.

O abaixo assignado, doutor em medicina do collegio de los Arcos:

Certifico que o exm.º sr. Domingo Murillos y Pinche de Echo, Baron de la Gardunha, Cavalleiro Grão Cruz da distincta ordem do merito militar etc., etc., havia vinte annos que padecia uma hernia acompanhada de dores muito fortes, que tendo atacado a região estomacal e abdominal tinha promovido diarrehas constantes, as quaes quasi o tinham inutilisado pelo serviço militar, e depois de ter conservado uma dieta continuada, na qual entrava por base a farinha de saude chamada *Revalesciere* DU BARRY, tem tido uma cura completa, de modo que presentemente gosa de uma perfeita saude e póde entregar-se com proveito aos que fazeres do seu cargo.

E para que possa constar e a pedido do interessado, passo o presente abaixo assignado em Logronho, 1 de Novembro de 1873,

DOUTOR JOSE' BATACAZO Y JUTE.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa,** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm.—BARCELLOS, Ramos, pharm.—BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm.—COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 3. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro—FIGUEIRA. Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO. Affonso e Barros, droguistas.—GUIMARÃES. A. J. Pereira Martins, pharm.—PENAFIEL. Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia. 77. J. R. de Sequeira, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desire Rahir, rua de Cedofeita, 92.—PONTE DO LIMA. A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

Pomada americana

13 FAZ NASCER, crescer e amaciar os cabellos.—Deposito na pharmacia da rua da Sophia, n.ºs 19 a 23.—Preço 240 rs.

NUMERO 2786 — TERÇA FEIRA 7 DE ABRIL DE 1874 — ANNO XXVII



O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Com o encerramento das camaras legislativas e com as solemnidades religiosas da semana finda, consagrada á commemoração dos factos grandiosos, que são a base das crenças religiosas do Christianismo, paralisou completamente o movimento politico, ao qual costumamos dedicar esta secção.

O jornalismo aprecia os factos da preterita legislatura a sabor das suas tendencias partidarias; cada qual fantasia e discreteia, a seu talante, neste vasto assumpto, em que não raras vezes, infelizmente, a paixão irreflectida desfigura os factos e occulta a verdade.

Desta forma costuma acontecer quando os espiritos se preoccupam unicamente pelo mesquinho interesse dos corrilhos e pela insoffrida ambição do poder.

E assim procede a opposição actual, que, não satisfeita com o desserviço que tem prestado ao paiz, levantando conflictos na assembleia legislativa, para embaraçar o andamento regular dos negocios publicos, e para difficultar o emprehendimento das reformas uteis, propaga e defende ideias subversivas, e procura desacreditar o systema politico que rege as nossas instituições, mantidas pelo decurso de tantos annos, e pelo respeito, nunca desmentido da soberania nacional.

Não inspiram, de certo; receios os planos da imaginação escandecida dos partidos opposicionistas. O paiz conhece bem os beneficios da paz e da tranquillidade, e não menos os intuitos dos modernos tribunos.

O socego e a ordem, para gozarmos as liberdades que nos dá a constituição politica deste paiz, são o supremo bem, o *desideratum* da grande maioria do povo portuguez: com a liberdade que desfructamos vae adquirindo elementos de progresso e civilisação, que muitas nações poderosas da Europa não possuem ainda.

E' por isso que mui desfavoravelmente se commenta, em todas as reuniões, o procedimento indecoroso da actual opposição.

Não ha nobreza de caracter onde falleceram os sentimentos patrioticos.

Como elemento de estudo, para se apreciar bem o projecto de lei, que em sessão de 3 de Março ultimo apresentou o deputado por Pombal, o sr. Dr. Antonio José Teixeira, publicamos em seguida o quadro que no anno de 1873 existia nas faculdades de lettras das Universidades de Madrid, Paris, Bruxellas, Roma, Napoles, e Florença.

Universidade central de Madrid

Faculdade de philosophia e lettras

1.ª cadeira—Principios geraes de litteratura, e litteratura hespanhola.
2.ª » —Litteratura classica, latina e grega.
3.ª » —Lingua grega.
4.ª » —Historia universal.
5.ª » —Methaphysica.
6.ª » —Geographia historica.
7.ª » —Estudos criticos sobre auctores gregos.
8.ª » —Lingua hebraica.
9.ª » —Lingua arabe.
10.ª » —Historia de Hespanha.
11.ª » —Esthetica.
12.ª » —Historia da philosophia.
13.ª » —Historia critica da litteratura hespanhola.

Universidade de França

Faculdade de lettras na Sorbonna

1.ª cadeira—Philosophia.
2.ª » —Historia da philosophia.
3.ª » —Litteratura grega.
4.ª » —Eloquencia latina.
5.ª » —Poesia latina.
6.ª » —Eloquencia franceza.
7.ª » —Poesia franceza.
8.ª » —Litteratura estrangeira.
9.ª » —Historia antiga.
10.ª » —Historia moderna.
11.ª » —Geographia.
12.ª » —Linguas e litteratura do meio dia.

Na secção competente do *Collegio de França* ha ainda em Paris as seguintes cadeiras.

1.ª cadeira—Historia e moral.
2.ª » —Epigraphia e antiguidades romanas.
3.ª » —Philologia e archeologia egypcias.
4.ª » —Linguas hebraica, caldaica, syriaca.
5.ª » —Lingua arabe.
6.ª » —Lingua e litteratura persas.
7.ª » —Lingua turca.
8.ª » —Lingua e litteratura chineza.
9.ª » —Lingua e litteratura sanskrita.
10.ª » —Lingua e litteratura grega.
11.ª » —Eloquencia latina.
12.ª » —Poesia latina.
13.ª » —Philosophia grega e latina.
14.ª » —Lingua e litteratura franceza, da edade media.
15.ª » —Lingua e litteratura francezas modernas.
16.ª » —Lingua e litteratura estrangeiras da Europa meridional.
17.ª » —Lingua e litteratura de origem germanica.
18.ª » —Linguas e litteratura de origem Slava.
19.ª » —Grammatica comparada.
20.ª » —Philosophia moderna.
21.ª » —Philologia e archeologia assyrias.

Alem destas ha ainda a eschola de linguas orientaes vivas.

1.ª cadeira—Arabe litteral.
2.ª » —Arabe vulgar.
3.ª » —Persa.
4.ª » —Turco.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXCXI

D. CARLOS

XCXI

Desde que em Saragoça se ouviu de novo a voz de represalias, os animos dos que pretendiam levar a guerra a sangue e fogo, crendo que se abreviaria deste modo a sua duração, se exasperaram; e o vulgo, propenso sempre a toda a exaggeração, participava desta errada opinião, e fazia coro, acompanhando-o os que desejavam vingar a morte de parentes, ou pessoas queridas, ou satisfazer ignobeis desejos de vingança.

Limitando-nos ao territorio da guerra que vamos descrevendo, veremos que em virtude do fuzilamento dos 96 sargentos por Cabrera, houve uma insurreição em Valencia. Reunem-se em a noute de 23 de Outubro de 1838 alguns grupos na rua de Saragoça, que desfez com a sua presença o general D. Froilan Mendez Vigo, e sabendo que a companhia de milicianos que commandava Cases, se reunira sem ordem superior no collegio de Escolas Pias, e rua de Santa Theresa, correu a dissolvel-a, sem mais escolta que o seu valor e sua consciencia.

Apresentou-se aos nacionaes, reprehendeu a Cases com justa e devida firmeza, e preparavam-se a marchar os nacionaes a suas casas, quando de um grupo de paisanos, que havia a uma esquina, saiu um tiro que o assassinou, privando a causa liberal de um bom defensor, e ao exercito de um valente general.

D. Narciso Lopez substituiu a Mendez Vigo por demissão de D. Casimiro Valdés.

Estabeleceu-se tambem em Valencia o uso das represalias, para tranquillisar os animos, e se determinou julgar summariamente varias causas instauradas contra carlistas presos. Senteceados a ser fuzilados 13 officiaes, é fama que indo a morrer disse alguns destes desgraçados:—*Não é a milicia de Valencia quem me fuzila, mas o infame Cabrera.*

A 25 se nomeou uma junta como em Saragoça, a qual evitou algumas victimas. Declarou-se a cidade em estado de sitio, foram depostos os chefes e officiaes da milicia, para proceder a nova eleição, e se adoptaram algumas medidas para subministrar rações ao exercito.

O assassinato dos nacionaes de Villamalefa, sublevou de novo os animos, e as auctoridades e junta consultiva, sublevadas tambem com o feroz e sanguinario systema de Cabrera, decretaram a morte de 55 carlistas prisioneiros, que foram fuzilados. Verdadeiramente podiam dizer que era Cabrera que os fuzilava.

Com horror traçamos estas linhas; porém mancham menos a historia de Hespanha, do que quem provocou taes horrores. 184 nacionaes e soldados prisioneiros de guerra haviam sido fuzilados por Cabrera, antes que o fosse sua mãe; e desde este dia até 1 de Novembro de 1838, foram assassinados 730, e por seus subalternos em egual tempo 371: total 1:283. Tinham queimado alem disto, Caspe, Samper, Alcorisa, Montalban, Urrea de Jalon, Soneja, Chiva, Burriana, e outros povos: sequestrado os bens de 12:000 familias; e se é certo que não regia como nas provincias Vascongadas o tratado Elliot, tambem o é que os depositos dos liberaes estavam attestados de prisioneiros. Cabañero e D. Camillo Moreno, fizeram muito pela humanidade, e contiveram a crueldade de Cabrera: deveram-lhes alguns recursos os infelizes que jaziam nas prisões; houve trocas, e se regulou a guerra.

Em tal estado, tem logar a acção de Maella, e se os liberaes se excederam, não dando quartel, vingaram-se bem os carlistas imitando-os; mas foram tantos os prisioneiros, que se cançaram sem duvida de matar, ou não quizeram alguns chefes augmentar com tantas victimas o seu já crescido catalogo: perdoaram-se muitas victimas. Nada, pois, se deviam uns e outros.

No caminho, porém, fuzilaram aos que se atrazavam, e teriam perecido muitos mais, sem o nobre comportamento do capitão D. Paulo Alió, o conquistador de Morella, a quem tanto deve a humanidade.

Vae Llagostera a Urrea, e já dissemos os excessos, os assassinatos, que commetteu. Os 96 sargentos da divisão de Pardiñas são fuzilados ao cabo de 16 dias de prisioneiros; os 65 defensores de Villamalefa, inclusos os meninos, são tambem fuzilados, faltando á capitulação, e o são tambem em Burrial os 17 soldados e officiaes rendidos no seu forte.

Que se propunha Cabrera? Havia chegado para elle a occasião de afogar-se em um lago de sangue? Não podia justificar tanta morte com a de Tallada e o Coxo de Mediana: não tinha razão. Não a tinha tambem, nem direito, nem desculpa para fuzilar no mez de Outubro a 295 pessoas.

Com isto, porém, não queremos deixar de asperamente censurar o uso das represalias, que temos condemnado, e condemnaremos sempre, como o mais barbaro, o mais feroz, e o mais deshumano a que podem entregar-se os homens. E neste systema de represalias eram culpados ambos os partidos.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

5.ª » —Armenio.
6.ª » —Grego moderno.
7.ª » —Hindoustano.
8.ª » —Chinez moderno.
9.ª » —Malaio e javanez.
10.ª » —Arabe d'Argel.
11.ª » —Tibetano.
12.ª » —Japonez.

E possue ainda Paris a *Eschola Normal Superior*, para habilitar professores, contendo as seguintes cadeiras.

SECÇÃO DE LETTRAS

1.º anno

1.ª cadeira—Lingua e litteratura latina.
2.ª » —Lingua e litteratura grega.
3.ª » —Lingua e litteratura franceza.
4.ª » —Historia antiga.
5.ª » —Philosophia.

2.º anno

1.ª cadeira—Lingua e litteratura latina.
2.ª » —Lingua e litteratura grega.
3.ª » —Lingua e litteratura franceza.
4.ª » —Historia da edade media e moderna.
5.ª » —Philosophia.

3.º anno

7.ª » —Historia de França.
8.ª » —Geographia.
9.ª » —Grammatica.
10.ª » —Lingua allemã.
11.ª » —Lingua ingleza.

E repetição ainda das cadeiras 1.ª, 2.ª, 3.ª e 5.ª

Ha ainda em Paris a *Eschola diplomatica* com 5 cadeiras, etc., etc.

(Concluir-se-ha).

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

III

O auctor do *Portugal antigo e moderno*, depois de dar conta da mudança da Universidade ordenada por D. Diniz, de Lisboa para Coimbra, prosegue dizendo:

«D. Fernando a tornou a mandar para Lisboa em 1375.»

Ha aqui uma deficiencia e uma inexactidão.

Depois da Universidade vir para Coimbra em 1306, foi mudada para Lisboa, por D. Affonso IV, em 1338; e este mesmo rei a tornou a mandar vir outra vez para Coimbra em 1354.

Em não mencionar estas duas transferencias é que foi deficiente o sr. Pinho Leal.

Agora ahi vae a inexactidão. Diz que D. Fernando mudara a Universidade para Lisboa em 1375, quando foi em 1377.

Continua o sr. Pinho Leal dizendo:

«D. João III a tornou a mudar para Coimbra em 1539.»

Aqui temos outra data errada. Este monarcha mudou a Universidade para Coimbra em 1537, e não em 1539.

Diz mais o auctor do *Portugal antigo e moderno:*

«Ha na Universidade cousas dignas de ver-se, ou por sua riqueza, ou por sua antiguidade. A *sala dos actos* é grandiosa. Está decorada com os retratos dos reis de Portugal, em grandes paineis. A *sala dos capellos* é guarnecida com os retratos dos reitores.»

Duas confusões ha neste periodo. A *sala dos actos* e a *sala dos capellos* são uma e a mesma, e não duas como julga o sr. Pinho Leal. E em segundo logar, na *sala dos capellos* não estão, como diz, os retratos dos reitores, mas sim os dos reis de Portugal. Os retratos dos reitores acham-se pela maior parte na sala chamada antigamente dos *exames privados*.

Fallando dos tres duques que tem tido esta cidade, diz o sr. Pinho Leal:

«Coimbra foi tres vezes cabeça de ducado—a 1.ª em favor do infante D. Pedro, quarto filho de D. João I.»

N'outra parte torna a occupar-se do mesmo assumpto, e diz:

«O primeiro duque de Coimbra foi o infante D. Pedro, terceiro filho de D. João I.»

Em uma parte diz que é quarto filho, e n'outra que é terceiro. Necessariamente ha erro em uma das numerações. E' na segunda, pois que o infante D. Pedro foi quarto filho de el rei D. João I.

Diz mais acerca das vezes que Coimbra foi cabeça de ducado:

«A 2.ª em favor de D. Jorge, filho legitimado de D. João II, por o rei D. Manoel, em 25 de Maio de 1500, em cumprimento do testamento de D. João II.»

Em outra parte diz por differente modo:

«O 2.º duque de Coimbra foi D. João, filho do 1.º duque, extinguindo-se este titulo por sua morte.»

Acertou da primeira vez, e errou da segunda.

D. João, filho do infante D. Pedro, não foi o segundo duque de Coimbra; mas sim D. Jorge, filho natural de D. João II.

Diz o sr. Pinho Leal no seu *Portugal antigo e moderno:*

«Ha em Coimbra tres boas feiras: a 4 de Julho no Rocio de Santa Clara; a 24 de Agosto e a 21 de Setembro, no campo de Coimbra. Ha tambem mercado no dia 22 de cada mez, e *praça* todos os dias.»

A feira em Julho, pela festa da Rainha Santa, não é no Rocio de Santa Clara, como diz o sr. Pinho Leal; mas sim no pateo do convento das freiras. A 21 de Setembro não ha feira no campo de Coimbra, só se quizer assim qualificar a feira de S. Matheus na villa de Soure; e finalmente o mercado, ou antes feira cada mez, é no dia 23, e não 22. E á *praça* diaria se devia acrescentar o mercado ás terças feiras, no largo da Feira, no bairro alto.

Continua o sr. Pinho Leal:

«Em 20 de Agosto de 1810, as hordas de Massena occuparam e saquearam Coimbra; mas, logo a 18 de Outubro, o general inglez Trant, com uma divisão de milicianos portuguezes, das provincias do norte, cahe sobre Coimbra, onde derrotou os francezes, fazendo-lhes 5:000 prisioneiros.»

Ambas as datas estão erradas. Diz o sr. Pinho Leal que Massena entrou em Coimbra em 20 de Agosto de 1810. Ora a batalha do Bussaco foi a 27 de Setembro; e por essa forma vinha Massena a entrar nesta cidade mais de um mez antes da batalha.

Massena entrou em Coimbra no dia 1 de Outubro de 1810.

No mencionado periodo diz mais o sr. Pinho Leal, que o general inglez Trant entrou em Coimbra em 18 de Outubro. Em primeiro logar diremos que Trant ainda então não era *general*, mas simplesmente *coronel*; e em segundo, que entrou em Coimbra a 7 de Outubro, e não a 18, como refere o sr. Pinho Leal.

Prosegue dizendo o auctor do *Portugal antigo e moderno:*

«Coimbra tinha *só na cidade*, 8 conventos, e 23 collegios de differentes ordens religiosas.»

Na cidade não havia 8 conventos, mas unicamente 2, Santa Cruz e S. Domingos, e este em reconstrucção. Os outros 6 estavam nos suburbios da cidade.

Os collegios não eram 23, mas 22; incluindo os dois nos suburbios da cidade „S. José dos Marianos e Thomar.

O sr. Pinho Leal, enumerando os conventos e collegios de Coimbra diz:

«*Freiras de Sant'Anna* (eremitas descalças de Santo Agostinho.)»

As freiras de Sant'Anna não são eremitas *descalças* de Santo Agostinho; mas sim *calçadas*. Pertencem á mesma regra dos frades do collegio da Graça na rua da Sophia. Os frades do collegio de Santa Rita, mais conhecidos por frades *grillos*, e que eram eremitas *descalços*, ou reformados.

Continua dizendo o sr. Pinho Leal:

«*Convento de S. Francisco Velho*—junto á ponte, pelo lado debaixo d'ella. (Foi submergido pelo rio, sem deixar vestigios.)

Era fóra dos muros. Fundou-o o infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, pelos annos 1215, e o ampliou depois sua irmã bastarda, D. Constança Sanches, em 1247.

S. Francisco de Assis veiu de Hespanha com dois religiosos e chegou a Coimbra em 1214, reinando D. Affonso II. Pediu a D. Urraca, mulher do rei, para pedir ao cabido de Coimbra que lhe cedesse a capella de Santo Antão, abbade, que estava ao norte da cidade e era do cabido. Dando-lha este, alli deram principio ao convento, que foi o primeiro d'esta ordem em Portugal; mas este convento não merecia tal nome (pela sua pequenez) até que o infante D. Pedro e sua irmã fizeram d'isto um solidissimo e magestoso mosteiro. Até a canonisação de Santo Antonio de Padua, chamava-se *convento de Santo Antão, abbade*, e depois d'ella, se lhe mudou o titulo para o de *Santo Antonio dos Olivaes*, em commemoração de Santo Antonio e em razão das muitas oliveiras que por aqui havia. Tinha as paredes tão grossas e solidas e portas tão seguras, que serviu de fortaleza a D. Diniz, na guerra civil que lhe moveu seu filho D. Affonso (depois IV). Tambem aqui se fez forte D. Henrique II, de Castella, e o traidor D. Diniz (filho de D. Ignez de Castro) contra as tropas portuguezas de D. Fernando I.»

Segundo o modo como o sr. Pinho Leal narra os factos; fica-se entendendo que o antigo convento de S. Francisco da Ponte, junto ao Mondego, era até na parte material a continuação do primitivo de *Santo Antão*, posteriormente Santo Antonio dos Olivaes. Isto é, de dois conventos distinctos, fez um.

Fallando ainda do mesmo convento velho de S. Francisco, diz o sr. Pinho Leal:

«Aqui se reuniram as côrtes que, a 6 de Abril de 1385, acclamaram legitimo rei de Portugal a D. João I. O maior vulto e melhor orador nestas côrtes e a quem o rei deveu a corôa, foi o immortal Dr. João das Regras.»

O sr. Pinho Leal seguiu aqui a errada opinião de quasi todos os escriptores, que tem fallado destas côrtes. Não pôde deixar de nos causar muita extranheza, que tantos auctores, e alguns de bastante credito, tenham seguido um tal parecer, contra provas em contrario as mais evidentes e irrecusaveis.

Já o escriptor Pedro de Mariz, nos seus *Dialogos de varia historia*, que se imprimiram pela primeira vez em Coimbra em 1594, na imprensa de seu pae Antonio de Mariz, dizia a este respeito o seguinte:

«Mas os portuguezes, quasi com divino espirito movidos, havendo aquella sua humildade, por alto merecimento do que recusava, sem mais outro parecer ouvido, nem parecer contrario, o declararam, e levantaram por rei de Portugal e dos Algarves, dentro na egreja do mosteiro de S. Francisco desta cidade, *onde as côrtes se celebraram.*»

O mesmo foram repetindo quasi todos os escriptores, e com elles ultimamente o auctor do *Portugal antigo e moderno;* e isto, quando as côrtes não foram celebradas na egreja do convento de S. Francisco, mas sim nos *paços de el-rei*, dentro da cidade.

Vamos apresentar as provas do que dizemos. O principio e o fim do auto da acclamação de D. João I, é como se segue:

«Em nome de Deus Amem. A perpetua memoria das cousas adeante escriptas per hoieor desta carta e estormento publico apareça claramente a todos aquelles, que o virem que nos Lourenço Arcebispo de Bragaa, e Joanne bispo de Lisboa ....
Seendo juntos na Cidade de Coymbra nos *paços del Rey*..
ffeitas foram as cousas sobredictas probicamente razoadas, contadas, e outorgadas polla guiza que susodicto he na dicta Cidade de Coymbra nos *paaços do dicto senhor Rey* seis dias do mes dabril da era de mil quatrocentos vijnte tres annos.»

E não está inedito este auto. Póde ver-se em nada menos do que em duas partes: no tomo IV das *Memorias para a vida de João I*, por José Soares da Silva; e no tomo I das *Provas da Historia genealogica da casa real portugueza*, por D. Antonio Caetano de Sousa.

Ainda, porém, se póde apresentar a duvida, de que muito embora o auto da acclamação, no dia 6 de Abril de 1385, fosse feito nos *paços de el rei;* mas que era possivel que a reunião das côrtes nos dias anteriores, e a discussão que n'ellas houve, fosse na *egreja de S. Francisco.* Pois nem essa duvida havemos deixar subsistir.

Fernão Lopes, na *Chronica de el rei D. João I*, principia no capitulo 176 da parte I, a descripção da abertura das côrtes, pela seguinte forma:

«Elles todos em hum *Paço* postos em assessego em boa ordenança....»

Eis, portanto, o local em que se reuniram as famosas côrtes que acclamaram o mestre de Aviz, rei de Portugal, e não a egreja de S. Francisco, como disse Pedro de Mariz e com elle grande numero de escriptores que o seguiram, e ultimamente o auctor do *Portugal antigo e moderno.*

(Continua.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 5 de Abril de 1874.

Fechou-se o parlamento. Anarchica e tumultuosa foi a ultima sessão. A opposição desempenhou até final o seu papel *cordato e digno*. A camara dos deputados, como ha de ver pela sessão respectiva, transformou-se em plena *feira*, como a alcunhou o sr. Rodrigues de Freitas, e a vozeria e gritaria tornaram-se geraes. Batiam-se punhadas nas carteiras, gesticulava-se, apostrophava-se, pretendendo todos regular os trabalhos da camara, quando á mesa unicamente compete essa prerogativa.

Eram os despeitados estorcendo-se nas vascas da agonia, vendo fugir-lhes o mandato, que tão mal desempenharam. Não lograram o seu intento,—a queda do gabinete—apesar de pôr por obra as tricas mais indecentes, e, hydrophobos, mordiam-se de raiva! Em fim, elles lá vão. Vão contar aos eleitores que este ministerio é nefasto ao paiz, que o sepulta no abysmo, que lhe esbanja os seus rendimentos. Mas os eleitores, que são cordatos, e intelligentes hão de reprimir a eloquencia dos taes, elegendo quem melhor e mais praticamente os saiba representar no parlamento.

Na ultima sessão fez algumas reflexões ácerca do caminho de ferro da Beira, o sr. Wanzeller. Não estava presente o sr. ministro das obras publicas, mas respondeu ao deputado o sr. ministro da marinha, declarando que o governo havia de mandar proceder aos competentes estudos, e que este negocio será o primeiro a tratar na proxima legislatura.

Ficou, pois, pendente a discussão deste importante assumpto, que poderia ter sido resolvido, se a opposição não malbaratasse o tempo em discussões estereis.

Repousa, pois, o governo das fadigas parlamentares, e é de crer que neste longo interregno se occupará de reformas e medidas que o serviço publico urgentemente reclamam.

A paz interna é geral, e o estado do thesouro, se não é de todo prospero, melhora de dia a dia. Não acontece outro tanto aos nossos visinhos, que se debatem n'uma luta fratricida e cruenta e, o que é peior, sem esperança de resultado.

—Fizeram-se com alguma pompa as festividades da semana santa. Mas o culto desmereceu muito da sua solemne magestade com a procissão de sexta feira santa, que saiu da egreja de Jesus.

A este respeito diz um jornal d'aqui:

«Na sexta feira ao chegar a procissão de Jesus á rua da Rosa, travou-se altercação entre o povo e a irmandade, por esta não querer cumprir o itinerario da procissão, que estava annunciado. A irmandade tinha andado a pedir esmolas aos moradores da rua do Loreto, de S. Roque e S. Pedro d'Alcantara, e quasi todos deram, cuidando que a procissão lhes passasse pela porta; mas a irmandade embolsou o dinheiro e deixou os subscriptores á espera da procissão, que entretanto ia passando por outras ruas. Para o anno tornem a fiar-se nos pios carolas, e dêem dinheiro para que a procissão lhes não passe por casa.»

Estes actos edificam e moralisam. O sr. cardeal patriarcha, a quem de direito cumpria olhar para que o culto religioso se mantivesse em todo o seu explendor e magestade, deveria prohibir estas exhibições que concorrem em grande escala para o descredito e rebaixamento da religião catholica.

Outro systema adoptado aqui ás portas das egrejas, é o de se acharem duas e mais senhoras, acompanhadas dos respectivos cavalheiros, pedindo esmola para o albergue dos invalidos do trabalho, para os pobres da freguezia, *et caetera*. E ainda bem se pedissem, unicamente! Mas não. Apertam o visitante n'um circulo de... saias e casacas, e instam, e rogam, e importunam, e esforçam-se por alcançar a esmola, que, o mais das vezes, é forçadamente dada! Isto incommoda; e nem mesmo ás vezes a belleza das senhoras consegue o seu philantropico fim. É que a belleza, quando é importuna e exigente, na phrase de um escriptor francez, nem sempre consegue fazer milagres. Adopte a direcção do albergue outro systema para alcançar receita; do que tem usado, que incommoda e rebaixa tanto o que dá, como o que pede, não póde colher resultados proficuos.

—Esteve hontem um dia de verdadeiro temporal. O vento soprou rijo do quadrante sueste, e no Tejo, que galgava as praias empolado e magestoso, houve algumas avarias.

—Tentou suicidar-se um soldado que se achava de sentinella ao banco Lusitano. A bala porém não lhe tocou.

—Chegou hontem de Angola o paquete *Zaire*. Havia socego n'aquella provincia. Tinha fallecido em Benguella o secretario do governo do districto, o capitão Frederico de Silveira Cevalhos. Em Angola o movimento commercial torna-se de dia para dia mais importante.

—Temos hoje baile de mascaras no theatro da Trindade.

—Terminou ha dias o julgamento em conselho de guerra, do reu João José da Costa, soldado de infanteria 7, accusado de ferimentos na pessoa de Josefa Adelaide do Sacramento. Foi advogado do reu o sr. Mendonça, e promotor o sr. alferes de infanteria 16, o sr. Seixas, que se houve perfeitamente no desempenho da sua espinhosa missão. O reu foi condemnado em quatro annos de degredo para Africa.

—A quantia obtida nas differentes egrejas para o albergue dos invalidos do trabalho montou á somma de 313$910 reis.

Mais nada.

P. J. CONCEIÇÃO.

NOTICIARIO

Domingo de Paschoa.— No domingo houve missa de pontifical na sé cathedral desta cidade, pregando o sr. padre Julio da Silva Carvalho, parocho das Means.

Na capella da Misericordia pregou o sr. Dr. Francisco dos Santos Donato.

Em Santa Cruz pregou o reverendo prior da freguezia, o sr. padre Manoel Cardoso de Figueiredo Nogueira.

As procissões que sairam de Santa Cruz e de S. Bartholomeu iam muito brilhantes e apparatosas.

Noticias agricolas.—As beneficas chuvas de Abril já vieram refrescar os campos, que estavam resequidos a suspirar por agua. As searas que por tanto tempo tinham soffrido o supplicio da sede, recuperam agora grande vigor, e as terras que pela sua dureza e secura não se prestavam ao trabalho da lavoura, já recebem com facilidade os convenientes amanhos.

Renascem por tanto a alegria na vida rural e as esperanças de bom anno agricola. Ha grande amostra de fructas, de vinho, e até de azeite por alguns pontos. Parece-nos porem, que não devemos confiar muito na producção das arvores fructiferas, porque a força da sua vegetação e abundancia da sua seiva deviam resentir-se da falta de chuvas no inverno. E' tambem de presumir, que no proximo verão haja grande escassez de agua para as regas, porque os nascentes e poços ficam mal providos deste grande elemento de fertilidade.

Caminho de ferro americano—Vão já começar as obras do caminho de ferro americano desta cidade.

A estação é nas casas dos srs. Pintos Bastos, na rua da Sophia, defronte do quartel da Graça.

Temporal.—Houve hontem nesta cidade um fortissimo vento quasi todo o dia. Deve ter causado prejuizo nas arvores.

Incendio.—Em a noite de sabbado para domingo incendiou-se uma casa que servia de palheiro, e pertencente á quinta da Varzea, suburbios desta cidade. Acudiram as bombas; mas foi inutil o trabalho, pois que quando chegaram ao local do incendio, já as casas estavam queimadas.

Flores.—Continua a prosperar a agricultura nos arredores de Coimbra. Todos os dias apparecem no mercado abundantes e lindissimos ramos, e nas funcções da semana santa os templos, os altares e os thronos estiveram adornados com profusão das mais mimosas flores. Todas as familias na estação da primavera desejam ter em sua casa os delicados fructos dos jardins, e com esta doce e innocente companhia todos gozam um prazer ineffavel e uma verdadeira alegria domestica. Uma sala adornada e embalsamada com uma ou mais jarras de flores tem um encanto, a que ninguem póde ser indifferente.

Caça.—Recommendamos ás auctoridades a rigorosa execução da lei na prohibição da caça. E' um abuso intoleravel caçar no tempo dos amores e da procreação dos animaes. Em todos os paizes bem governados a lei é inexoravel para punir os delinquentes.

Jantar.—Os srs. viscondes de Monte-São dão amanhã um jantar, em honra de sua nora a exm.ª sr.ª D. Guilhermina Anjos. A' noite recebem em sua casa as familias de suas relações e amisade.

Ponte de Coimbra.—Affirmam-nos que a nova ponte do Mondego estará accessivel ao transito publico em Novembro ou Dezembro do corrente anno. Os creditos do sr. Heitor são de tal ordem, que inspiram plenissima confiança á opinião publica.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

João Antunes Malaguerra, filho de Luiz Antunes Malaguerra e de Anna da Silva, natural de Antanhol, de 60 annos, fallecido no dia 29 de Março.

D. Maria José dos Santos Algarim Leite, natural de Sevilha (Hespanha), de 79 annos, fallecida no dia 29.

Maria José, filha de José de Jesus de Abreu e de Luiza da Conceição, natural de Coimbra, de 11 dias, fallecida no dia 31.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:424.

Mercado de Coimbra no dia 6—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 550=Dito branco 520=Dito Celorico meudo 620=Dito graudo 540=Milho branco 320=Dito amarello 310=Fajão vermelho 460=Dito branco da marinha 450=Dito da terra 360=Dito rajado 310=Dito frade 300=Tremoços 260=Favas 320=Centeio 440=Cevada 260=Batatas 220=Azeite velho 1$300=Dito novo 1$250 Vinho do Bairro 550=Dito da Beira 650=Dito da Bairrada 850.

Carolo do milho—Desaproveita-se geralmente no nosso paiz o carolo do milho, como base de alimentação do gado, e por este systema soffrem grandes prejuisos os interesses da industria pecuaria e da agricultura.

Está hoje demonstrado, que esta substancia reduzida a farinha póde empregar-se com grande vantagem no sustento dos animaes, supprindo a falta de prados e de fenos. Em França e na Italia tem-se feito muitos ensaios e experiencias, colhendo-se sempre excellentes resultados.

O carolo de milho, depois de bem secco, reduz-se facilmente a farinha em moinhos ordinarios, e esta farinha pela sua composição representa um poder nutritivo egual a metade do que tem o bom feno. Calculando, em relação a producção media annual do milho em Portugal, a quantidade de carolo em 3 milhões de quintaes por anno, póde este producto alimentar pelo menos 20 mil bois. É uma riqueza consideravel, que torna mais segura e lucrativa a creação do gado, em um paiz em que ha grande falta de pastos.

Manias celebres—O principe Alberto, esposo da rainha Victoria, comprou por 608$000 rs. o uniforme que vestia o almirante Nelson na batalha de Trafalgar. Em Edimburgo foi vendido por 896$000 rs. o uniforme que trazia Carlos XII em Pultawa. Lord Shaftesbury deu 2:648$000 rs. por um dente de Newton, que mandou engastar em um annel. No tempo da restauração franceza offereceu um inglez 1:600$000 rs. por um dente da celebre Heloisa, quando os seus restos foram trasladados do cemiterio dos Petits-Augustins.

Tambem foram vendidos por quantias avultadas o chapeu que Napoleão trazia na batalha de Eylau, o craneo de Descartes, uma bengala de Voltaire, uma vestia e um relogio de J. J. Rousseau, a cabelleira de Kant, etc.

Os bailes—Datam estes divertimentos da mais remota antiguidade. Socrates foi elogiado por dançar bem aos bailes de mais ceremonia em Athenas. Platão foi censurado, por não ter dançado n'um baile dado pelo rei de Syracusa. Catão aprendeu a dançar na edade de 59 annos. Os bailes de mascaras tiveram origem em Roma. Os bailes publicos só principiaram a ser permittidos em França no anno de 1715.

A variola—Esta molestia appareceu pela primeira vez na Arabia em 572. Os sarracenos a levaram d'alli para o oriente, donde passou para a China, propagando-se então até os confins da Asia.

Os mouros a trouxeram para a Europa no tempo da conquista de Hespanha, 8.º seculo. Os hollandezes a levaram ás Indias, e a communicaram aos hottentotes, depois da descoberta do Cabo da Boa Esperança. Missionarios dinamarquezes levaram esta funesta doença á Groenlandia em 1733. Os russos a transmittiram até ás extremidades de suas vastas possessões; e Christovão Colombo transportou-a ao novo mundo.

Os bancos—Os antigos cambistas faziam as suas transacções nas praças publicas, e contavam o dinheiro sobre *bancos*. Daqui veiu o nome ao primeiro estabelecimento de credito, que foi instituido em Veneza no anno de 1157.

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Temos á vista jornaes hespanhoes de 2 e 3.

O exercito do Norte continua nas posições conquistadas. Desde o dia 28 que não ha quasi fogo de fuzilaria; apenas de quando em quando se ouvem alguns tiros que indicam algum movimentos dos carlistas.

O fogo de artilheria é que tem sido constante e se tem encarregado de obstar a qualquer emprehendimento mais serio do inimigo.

O descanço que se tem dado ás tropas era absolutamente necessario. Alem disso tornava-se preciso enterrar os mortos e fazer evacuar os hospitaes de Somorrostro dos feridos que se atulhavam, e que têem sido e vão sendo transportados para Castro e d'alli por mar para Santander.

Nos seis hospitaes desta cidade, com exclusão de S. Raphael, têem dado entrada até 30 de Março 2547 feridos ou doentes; têem sahido, destinados a outros pontos ou convalescentes 2039; mortos 14 e existentes 494.

Nos dias 28 e 29 andaram constantemente vapores conduzindo feridos embarcados em Castro.

Estes dias d'um tacito quasi armisticio têem sido empregados pelo exercito em consolidar as posições que occupam, fazendo avançar e fortificando as baterias que hão de facilitar a tomada das trincheiras de S. Pedro Abanto.

O governo continua a enviar para o norte alguma artilheria que considera necessaria para o melhor exito das operações.

Os carlistas continuam na defensiva, construindo tambem novas trincheiras.

Diz-se que D. Carlos ordenou a concentração de todas as suas forças nas posições de S. Pedro Abanto.

Vai ser confiado ao general Laserna o commando do terceiro corpo de exercito, e uma das divisões deste corpo será commandada por Martinez Campos.

No campo de D. Carlos alem de alguns officiaes prussianos e austriacos diz a *Iberia*, que está um diplomata tambem austriaco que ha pouco exercia as suas funcções em uma das côrtes da Europa e que pediu a demissão para se pôr ás ordens do pretendente.

O *Imparcial* felicita-se pela presença d'aquelles estrangeiros, que poderão dar testemunho do valor do exercito hespanhol.

Diz-se que Lizarraga foi nomeado por D. Carlos para substituir Ollo.

Ácerca da morte deste celebre caudilho e de Radica divergem as versões.

Uns asseguram que Ollo foi ferido no dia 27, ao sahir da casa em que se encontrava além de S. Pedro Abanto, por um casco de granada, e Radica no reducto de Serantes; outros dizem que ao vêr forçadas as posições de Murrieta um e outro se puzeram á frente dos Navarros, recebendo um a morte e outro uma ferida grave: ha porém quem assegure que foi no dia 29 que se deu o successo.

Diz o *Univers*, e transcreve a *Epoca*, que os carlistas no Norte sobem a 36:000 homens, distribuidos pelas divisões: Navarra com 11 batalhões, 6 peças e 300 cavallos; de Guipuzcoa, com 8 batalhões, duas peças, 4 partidas volantes e um esquadrão; de Biscaia, com 12 batalhões, um esquadrão e 4 peças; de Alava, com 6 batalhões; e de Navarrete com 5 batalhões.

No sitio de Bilbau estavam batendo a cidade oito peças de montanha, 11 peças de grosso calibre e 11 morteiros. Eram 31 os batalhões alli reunidos.

Diz a *Iberia* que Espartero felicitou o duque de la Torre pelo acerto das suas operações e pelo valor que mostrou no dia 27.

Diz o *Imparcial* que é inconcebivel a ousadia das pequenas facções que percorrem a provincia de Santander, entre o caminho de ferro de Santoña, chegando a invadir as povoações da costa para levarem como refens as proprias auctoridades.

Accrescenta mais aquelle jornal que na Catalunha e especialmente á provincia de Gerona, é deploravel o perigo em que estão algumas povoações e a propria capital, depois do desastre de Castellfolit.

Os carlistas conservam muito vigiados o marechal de campo D. Eduardo Nouvillas e 73 officiaes, feitos prisioneiros n'aquelle encontro.

Está bloqueada completamente pelos carlistas a praça de Morella.

Foi mandado metter em processo o bispo de Badajoz, por causa de uma pastoral que mandou aos parochos das jurisdicções das antigas ordens, negando-lhes toda a auctoridade e considerando nullos os casamentos que celebrassem.

Não ha outras novidades.

Madrid, 4 ás 10 h. e 25 m. da m.=Conforme informações officiaes dos carlistas, são mais de mil os mortos carlistas desde o dia 25 de Março. O primeiro batalhão de Guipuzcoa perdeu todos os officiaes.

A *Gazeta* annuncia que continuou hontem o fogo de artilheria contra Abanto. Apresentaram-se oito carlistas pedindo amnistia.

Ainda é duvidosa a noticia da evasão de Rochefort.

Dizem de Vienna que uma nota de Andrassy protesta contra a encyclica do papa aos prelados austriacos.

Madrid, 5 ás 5 horas e 10 minutos da tarde.—Grandes chuvas no norte. As operações recomeçarão energicamente na semana

proxima. Está-se formando a divisão commandada por Laserna.

Os carlistas da Navarra estão desanimados e começam a pedir paz.

Suffragios.—A'manhã, pelas 7 horas, celebrar-se-ha na egreja de Santa Cruz, uma missa por alma do sr. Manoel José Teixeira Guimarães, por ser o quinto anniversario do fallecimento deste benemerito cidadão; e mandada dizer por seu sobrinho o sr. José Teixeira Guimarães.

Guarda-mór.—Na ausencia, por licença, do guarda mór da Universidade, o sr. Bernardo Rangel da Silva Mattoso, está fazendo as suas vezes, por nomeação do sr. reitor, visconde de Villa Maior, o bedel de Mathematica, o sr. Antonio Gomes Severo.

COMMUNICADO

Sr. Redactor.

Acabo de lêr no jornal—*O Progressista*, de 5 do corrente, uma declaração da sr.ª Anna de Assumpção Romoa, de Condeixa, em que declara haver passado uma procuração a Francisco Borges Gonçalves, desta cidade, cujos poderes lhe retira; e como de semelhante declaração se possa inferir que é comigo, devo dizer que nunca tive, nem tenho procuração de tal senhora.

Pela inserção desta declaração lhe ficará muito grato

De v. mt.º att.º obgdm.º

Coimbra, 6 de Abril de 1874.

Francisco Borges Gonçalves.

ANNUNCIOS

1 SEMENTES D'EUCALYPTOS—Rua do Visconde da Luz.—A. M. S. de Castro.

2 NA REPARTIÇÃO DE FAZENDA deste districto, se recebem até ao dia 10 de Maio proximo futuro, em todos os dias não santificados, desde as 9 horas da manhã até as 2 da tarde, dos possuidores de inscripções d'assentamento e de coupons, que pretenderem receber os juros do actual semestre, pelo cofre central deste mesmo districto, as competentes relações, devidamente preenchidas.

Repartição de Fazenda do districto de Coimbra, 6 de Abril de 1874.

Pelo Delegado do Thesouro,
Nicolau Antonio da Cruz.

3 ARRENDA-SE a casa e loja que foi de José Antonio Marques. Quem pretender dirija-se a Francisco Guerra, rua da Sophia, S. Bernardo, n.º 96.

CAIXEIRO

4 PRECISA-SE um rapaz habilitado para loja de mercearia, para fóra desta cidade. Tracta-se com Antonio Mendes Simões de Castro, rua do Visconde da Luz.

VINHO VERDE ESPECIAL!

Diversas qualidades, para mesa

Rua das Solas, n.º 28.

Pomada americana

6 FAZ NASCER, crescer e amaciar os cabellos.—Deposito na pharmacia da rua da Sophia, n.ºs 19 a 23.—Preço 240 rs.

ANTONIO CORREIA D'ARAUJO

Couraça dos Apostolos n.º 114

COIMBRA

7 TEM A' VENDA grande sortimento de instrumentos de corda, fabricados pelo melhor fabricante de Lisboa.

Violões de carrilhão, de pau santo.

Dito de cravelhas, de boa madeira.

Cavaquinhos de quatro e seis cordas, de pau santo.

Guitarras de chapa de leque, pau santo.

Ditas de chaves, de boa madeira.

Ditas de cravelha, de boa madeira.

Tambem tem cordas para os mesmos instrumentos, inglezas, de primeira qualidade.

Attenção

8 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

Feira de remonta em Penafiel

9 A CAMARA MUNICIPAL da cidade e concelho de Penafiel, manda annunciar, que, segundo a participação que acaba de receber da auctoridade militar superior—haverá no dia 10 d'Abril proximo, por occasião da feira annual de cavalgaduras, que nesta cidade costuma fazer-se, um mercado especial de cavallos para o serviço do exercito.

Penafiel, e secretaria da camara, 30 de Março de 1874.

Por ordem da camara,
O secretario.
Agostinho da R. Beça.

10 PECULIO DE RECREIO, bibliotheca de 200 romances originaes, e traduzidos, a 50, 100, 200, 300 e 400 reis. Remettem-se para fóra, franco de porte, a quem enviar a importancia em estampilhas.

A ORAÇÃO DA TARDE, drama em 3 actos e em verso, por D. Luiz Marianno Larra. Preço deste vol. 500 rs.

Ribeiro de Sá, MATHILDE, romance original, com um prologo de P. Chagas, 500 rs.

Severo & Irmão

63—Arco de Almedina—63

TINTA VIOLETA

11 UNICA neste genero, que conserva sempre a sua côr primitiva. Deposito na pharmacia da rua da Sophia, n.ºs 19 a 23.—Preço 120 o frasco.

DOCTOR IN ABSENTIA

12 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Attenção

13 JOSÉ ANDRÉ GOAVINHO, ferrador, e morador a fóra de portas, desta cidade, faz publico, que na terça feira da semana passada lhe appareceu dentro de casa um porco, o qual tem estado a sustentar até agora. Pede por isso a seu dono, que o venha buscar, pagando a despeza do sustento e deste annuncio.

PARA ENXOFRAR VINHAS

14 ENXOFRE moido de superior qualidade. Vende-se na Calçada, n.º 85 a 91.

A QUEM CONVIER. ANNUNCIA-SE

15 RICARDO JOSÉ SOARES ROMEO, agente do Banco Commercial de Vianna, estabelecido em Villa Nova de Cerveira, recebe e paga toda e qualquer quantia que pelas referidas agencias do mesmo banco sejam transmittidas.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Galera—ADAMASTOR—em 15 de Abril.
Galera—AMERICA—em 30 de Abril.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

INJECÇÃO BARNIT

17 CURA em menos de 6 dias toda a qualidade de purgações.—Deposito na pharmacia da rua da Sophia, n.ºs 19 a 23.—Preço 360 rs.

SOCIEDADE DOS BANHOS DE LUSO

18 DE HOJE EM DEANTE, na loja de ferragens do sr. Francisco de Sousa Araujo, rua da Calçada em Coimbra, paga-se o dividendo das acções dos banhos de Luso, relativo aos annos de 1868 a 1873; e paga-se egualmente a importancia dos juros em divida d'annos anteriores (alguns de quasi 20 annos), que não foram procurados em tempo competente. Se os interessados não mandarem receber estes juros antigos até 31 de Dezembro de 1874, entende-se que os cedem em favor da sociedade.

Coimbra, 7 de Abril de 1874.

O presidente da assemblea geral,
Costa Simões.

VENDA DE BOTICA EM ANÇÃ

19 QUEM QUIZER comprar uma botica em muito bom estado, dirija-se a seu dono Joaquim da Silva Ramos, do mesmo logar, a qual póde ser examinada em qualquer dia.

OCULISTA

Com loja em Coimbra, na Calçada, n.º 86 a 90.

MONSIEUR BOLSSON & POMBAR

20 QUE tantos elogios têem recebido nas principaes cidades de Hespanha pelos bons resultados de seus excellentes elementos para a conservação e augmento de vista, e cuja propriedade consiste unicamente em crystal de rocha e verdadeiros flingas superfinos, têem a honra de offerecer ao illustrado publico um completo sortimento de todos estes artigos para todas as especies de vista cançada, myope, cataratas operadas, vista debil, inflammação de olhos, etc.

Os ditos crystaes são considerados por os mais celebres chimicos e oculistas, pessoas competentissimas, para a escolha das materias mais finas empregadas n'este ramo e que possam dar o melhor resultado em allivio do orgão visual, como os mais perfeitos apparecidos até hoje, por serem trabalhados em agua d'onde recebem agradavel suavidade e transparencia, sem que a mais minima impureza possa incommodar o dito orgão, antes pelo contrario restitue-lhe a força perdida por muitos inconvenientes.

O mais desagradavel é que por causa da ignorancia de algumas pessoas se deprecie o grande merito dos famosos chimicos, confundindo preciosos productos, que merecem justa reputação, com vidros trabalhados a fogo, materia tão ordinaria, que por meio da convexidade ou concavidade, com que estão construidos, servem evidentemente para mais destruir a vista.

O dito optico venderá os referidos artigos a inteira satisfação do publico e com todas as provas que se lhe exijam.

PREÇOS LIMITADISSIMOS

Competencia com todos

Oculos e lunetas de ouro com crystaes de rocha, ditos de prata e de prata dourada, ditos de aço, grande sortimento de lunetas sem aro, ditas de tartaruga e de bufalo, barometros metalicos com thermometro, thermometros de varias dimensões, binoculos para campo, marinha e theatro, lupas de grande força, microscopios de varios formatos, conta-fios, lentes de relojoeiro, oculos defumados esphericos e de caminho de ferro, caixas de varias qualidades para oculos e lunetas, cordões de seda para lunetas, graduadores para licores (de differentes auctores).

Aros para oculos e lunetas de todas as qualidades. Faz-se toda a classe de concertos pertencentes ao ramo d'optica, taes como—barometros, thermometros, binoculos, e oculos de longa vista. Põem-se vidros, e vendem-se avulso. Ha tambem graduador para recrutas com a verdadeira graduação.

ATTENÇÃO

21 JOSE' MONTEIRO CORTEZ DA GAMA participa aos seus amigos e freguezes, que tem á venda no seu estabelecimento de mercearia na rua do Visconde da Luz, n.ºs 31 e 33:

Passa de Alicante.

Figos do Algarve em caixas de 8 arrateis.

Queijo Flamengo novo.

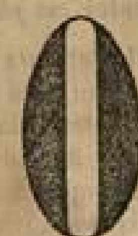
Bom sortimento de chá de 1$000, 1$100, 1$200, 1$400 e 1$600 rs. cada 459 grammas, correspondente ao antigo arratel.

Vinho do Porto de 240, 300, 400, 500, 600 e 700 rs. a garrafa.

Genebra hollandeza a 440 rs. a botija.

Stearina de 4, 5 e 6 velas, a 140 o pacote

NUMERO 2787 — SABBADO 11 DE ABRIL DE 1874 — ANNO XXVII



O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

As promessas do governo ácerca da construcção do caminho de ferro da Beira, os factos occorridos nas ultimas sessões da camara dos srs. deputados; e ainda a reconhecida necessidade de explorar em beneficio da nação as importantes riquezas, agricolas e fabris desta provincia, tem excitado a curiosidade publica, e o interesse das localidades, que se julgam com direito a possuir tão grande melhoramento.

Convencidos da influencia que as vias acceleradas exercem na civilisação dos povos, e em geral no desenvolvimento da riqueza, pelo trabalho, pela industria e pelo commercio; havemos de insistir para que sejam attendidos os direitos incontestaveis desta cidade, e desta provincia, em relação ao caminho da Beira.

Nunca nos oppozemos, antes temos coadjuvado os emprehendimentos uteis, nas differentes localidades; porque todas as povoações têem direito a ser contempladas na distribuição, que os poderes publicos devem fazer dos meios que tendem a desenvolver o progresso e a civilisar os povos, em harmonia com as necessidades locaes e forças do thesouro

Mas não ficaremos indifferentes ao ver que os direitos de uma consideravel parte do paiz, de uma provincia inteira, ou de uma cidade, por muitos titulos digna de ser attendida, são prostergados á infundada reclamação de outras povoações de somenos importancia, e que não podem por forma nenhuma competir em vantagens de ordem geral com o projecto de que se trata.

Nem tão pouco justificariamos interesses de qualquer ordem, embora elles tendam a engrandecer a localidade, onde nos ligam as mais gratas affeições, se esses interesses prejudicassem o maior numero de povos.

Quando, porem, um conjunto de circumstancias, qual a qual mais imperiosa, se reunem para justificar a causa que defendemos; e quando em favor deste pleito se pronunciam as opiniões mais abalisadas, algumas das quaes já temos tido occasião de enumerar, não seremos nós que neste logar abandonaremos uma questão de vulto para esta provincia, e que ao passo que progride a sua analyse, cada vez mais se revela a sua alta importancia.

Uma esclarecida folha desta cidade, a *Correspondencia de Coimbra*, está fazendo um minucioso estudo, com dados estatisticos, pelo qual se torna evidentissima a superioridade do traçado do sul do Mondego, ou da Beira Alta.

Não declarou ainda o governo a opinião que segue a respeito do traçado do caminho de ferro da Beira, porque não tem por em quanto os esclarecimentos indispensaveis para o fazer; e por isso bom foi, que se não precipitasse uma resolução que de futuro, se não fossem determinados os pontos de entroncamento e o trajecto da linha, havia de levantar gravissimas difficuldades.

A illustração do governo, e o desejo que o esclarecido ministro das obras publicas tem de ser util ao paiz, são ainda uma garantia para a justiça desta causa.

Em o penultimo numero deste jornal mostrámos o importante serviço que a Coimbra e a esta provincia prestou o sr. conselheiro José Dias Ferreira, oppondo-se á votação precipitada do projecto do caminho de ferro da Beira, sem que estivessem preparados os estudos indispensaveis á linha do sul.

E para complemento do que então dissemos, aqui transcrevemos do *Diario das Camaras* o discurso que s. ex.ª pronunciou no parlamento em relação a este objecto.

«Sr. presidente, duas palavras apenas para explicar á camara o voto que hontem dei contra a moção de um dos nossos illustres collegas, que propunha que fosse convidado o governo a aconselhar á corôa a prorogação da actual sessão legislativa até ser approvada a medida de iniciativa ministerial para a construcção de uma rede importante de caminhos de ferro.

O meu voto não significava, nem podia significar, o desejo de contrariar o pensamento fundamental da proposta. Tendo eu approvado todas as medidas sobre caminhos de ferro, que têem sido votadas nesta assemblea, desde que faço parte do parlamento, não podia contrariar a construcção de uma rede importante de linhas ferreas, sobretudo vindo n'ella incluida uma linha, que eu considero a primeira para o nosso paiz, e que devia ter sido feita ha muito tempo. Votei contra a proposta em harmonia com o voto que já tinha dado no seio da commissão de fazenda, onde propuz o adiamento, porque julgava, e julgo ainda, que semelhante medida não vinha acompanhada de esclarecimentos, dos estudos e dos elementos indispensaveis, para ser devidamente discutida e apreciada, quanto mais para ser approvada pelo parlamento.

Propuz o adiamento na commissão de fazenda, e se o parecer da commissão tivesse vindo á tela do debate, havia de propor o adiamento aqui tambem até se apresentarem estudos completos sobre o traçado pelo sul de Coimbra, e do Mondego, que reputo o mais vantajoso para a provincia da Beira Alta e para o paiz.»

Um dos nossos esclarecidos collegas da capital, o *Diario de Noticias*, a proposito da questão do caminho de ferro da Beira, escreve no seu numero de quarta feira, o seguinte:

«Causou desgosto nas duas Beiras o adiamento da discussão dos projectos para a construcção das linhas ferreas que estão promettidas a essas provincias; mas o desgosto é neu-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXCXII

D. CARLOS

XCXII

D. Narciso Lopez, que commandava em Valencia, disse a 2 de Novembro de 1838, em uma allocução:—«A morosidade com que temos marchado até ao presente, e o funestissimo systema de contemplação, desappareceu... Se com sangue pretende o despota subjugar-nos, com sangue destruiremos os seus intentos, e com sangue consolidaremos o throno de Isabel constitucional e a liberdade.»

Se um chefe liberal pronunciava tão crueis palavras, pela sua parte Cabrera continuava nas suas ordens sanguinarias. Em 26 de Novembro determinou que—«todo aquelle a quem tivessem assassinado algum parente prisioneiro, acudisse a Horcajo a reclamar a justa represalia, para se verificar com os prisioneiros que se achavam n'aquelle deposito, ou nos outros, etc.»

Se se junta a isto o tratamento que por Cabrera costumavam receber os prisioneiros, a sua situação não podia ser mais horrivel, a humanidade não podia estar mais ultrajada por uns e outros.

Terminava o mez de Novembro, e reunidos em Aljimia de Torres-Torres, Forcadell e Llagostera, marcharam a invadir e assolar os povos das ribeiras do Jucar, Guadalaviar e Horta de Valencia, para levar o seu despojo ao Maestrazgo, onde era grande a penuria.

Rafael-Buñol, Moncada, Paterna, Torrente e Silla, foram os povos invadidos; e em quanto os dois caudilhos citados percorriam os da esquerda do Jucar, Arnau, reforçado com dois batalhões, caia no rico territorio da direita, Borso di Carminati e Sanz, que estavam em Murviedro e Liria, avançavam para Valencia, e Lopez acudia tambem com algumas forças de tropa e milicia nacional contra os expedicionarios.

Forcadell contramarchou com o seu grande despojo por Algemesi, Carlet e Montserrat aos montes de Chelva. Ao sabel-o Borso enviou o coronel Pezuela com 4 esquadrões na vanguarda, e alcançou este ao seu contrario nas cercanias de Cheste a 2 de Dezembro. Carregaram-no simultaneamente dois esquadrões, indo Pesuela á frente, e ainda que a retaguarda carlista resistiu valente, foi rota e desfeita, e fugiram todos em dispersão até Pedralba, deixando no campo grande numero de mortos e 170 prisioneiros, inclusos 12 officiaes; porém salvaram o comboio.

Borso marchou no dia seguinte sobre Pedralba, que abandonaram os carlistas, destruindo o pavimento da ponte que cruza o Guadalaviar, e levando demasiada vantagem os fugitivos se dirigiu para Liria; Forcadell passou o Huerva, subiu logo ao Maestrazgo, e Llagostera foi a Utiel para proteger a Arnau, que alcançado a 6 por Lopez, perto de Inierta, lhe causou algumas baixas e lhe colheu 2:000 cabeças de gado, 30 cargas de panno, e varias de viveres, munições e outros effeitos.

Borso e Lopez regressaram no dia 12 a Valencia, e Van-Halen passou de Murviedro á capital, para continuar as represalias, segundo a sua communicação de 24 de Novembro; e mandou fuzilar 66 carlistas nas cercanias de Murviedro a 16 de Dezembro.

Apresentou-se no logar das execuções, arengou ás tropas, humidos os olhos, sem poder dar conta das frases que saiam de sua boca, filhas de um profundo sentimento, e o acclamaram os soldados.

«Assim de algum modo julgou justificada Van-Halen, disse um seu biographo, uma determinação que forma epocha nos annaes d'aquella guerra; e em verdade que para comprehender e apreciał-a devidamente, seria preciso haver soffrido, como os bravos do exercito do centro, a perda de seus companheiros de armas, ou escutar no paiz, theatro d'aquellas operações, as queixas de dor e vingança exhaladas pelos que tinham perdido a seus parentes mais caros, não em boa lide, senão debaixo de um principio funesto e improprio da civilisação do seculo. Em quanto ao governo, teve de fazer uma manifestação publica em favor de Van-Halen, elevando-o n'aquellas circumstancias, no dia 28, ao emprego de tenente general.»

Este paragrapho não desculpa o facto, que a historia deve severamente condemnar.

Borso oppoz-se a tão terriveis execuções, porque se tinha offerecido o quartel aos prisioneiros; mediaram entre ambos os generaes calorosas contestações, que produziram ruidosas desavenças, e demittiu-se Borso do commando. Recaiu este no coronel Descatllar, em quanto não chegava o brigadeiro D. João de la Pezuela. A Borso succedeu Azpiroz.

A questão de represalias ia adquirindo funestas e colossaes proporções pelos abusos em que incorriam algumas juntas; e para os cortar, se mandou de real ordem a 12 de Novembro, que cessassem desde logo quaesquer juntas populares, cujo objecto tivesse sido, ou fosse entender, ou deliberar sobre o ponto de represalias; declarando ao mesmo tempo que estas, como medida puramente militar, deviam só tomar-se pelos generaes em chefe dos exercitos belligerantes, conforme o direito da guerra.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

tralisado pelo receio de que a decisão deficientemente estudada d'esse assumpto deixasse de satisfazer á maior somma de conveniencias, e fosse subordinar os legitimos interesses de algumas povoações e regiões importantes, e um traçado mais logico e racional, aos interesses particulares e politicos, que já se tinham ingerido na escolha das directrizes e dos pontos de partida.

É de esperar que no interregno parlamentar, que está decorrendo, se façam novos e meditados estudos para resolver imparcialmente os grandes pontos questionados—qual a linha que primeiro deve construir-se, se a da Beira Alta, se a da Beira Baixa; conhecido, como nos persuadimos que virá conhecer-se, que se deve começar por aquella, se é mais justo que ella siga ao norte ou ao sul do Mondego, tendo em consideração a maior população e riqueza industrial e agricola, e ainda a probabilidade de maior desenvolvimento d'essa riqueza nas regiões que essas duas divisões dominam; e depois, e esta é uma das circumstancias que deve fixar muito a attenção das commissões que hajam de estudar o assumpto, onde deva ser a estação de partida da linha.

A nós parece-nos que seria da maior justiça conceder a chave da linha internacional á cidade illustre que a reclama, Coimbra, que tem um nome brilhante na historia litteraria e politica do paiz, e vantajosamente conhecido na Europa, uma vez que essa concessão não affrontasse interesses valiosos de outras povoações, que representam na massa total da fortuna publica, maior somma que os que essa cidade representa. E suppomos que tudo ficaria harmonisado se se podesse, como se diz e escreve que é possivel, conciliar o traçado denominado do norte com o ponto de partida em Coimbra. Está publicada uma representação que indica o modo pratico e a conveniencia de isso se fazer.»

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

IV

Continuando o auctor do *Portugal antigo e moderno* a descrever os conventos de Coimbra, diz o seguinte:

«6.º *Franciscanos de Santo Antonio dos Olivaes*—Está actualmente aqui estabelecido um collegio; o que o tem preservado de estar em ruinas. Adeante darei mais algumas noticias com respeito a este convento.

«Tendo o Mondego invadido o antigo convento (de S. Francisco Velho ou de Santo Antão) apesar dos fortes muros que os frades lhe fizeram e dos 20 degraus que era preciso subir para chegar á egreja; pediu e obteve o rei D. Manoel, do papa Julio II, um breve, em 1506, permittindo a mudança do convento para sitio mais seguro. Escolheu-se o local na encosta do monte de Nossa Senhora da Esperança, que ficava proximo, mas mais alto. O novo convento foi feito á custa de esmolas do povo e só em 1609 é que para aqui se fez, com grande pompa, a mudança das imagens, dos frades, etc. Aqui foi conventual fr. Antonio das Chagas (vide Varatojo) e D. Philippe, principe de Ceitavaca, que sendo prisioneiro na ilha de Ceylão, se baptisou em Goa e aqui morreu novo.»

Este convento é o actual de S. Francisco da Ponte, mudado em 1609 do antigo na margem do rio Mondego; e o sr. Pinho Leal, caindo em uma notavel confusão, chama-lhe de *Santo Antonio dos Olivaes*, que aliás era outro convento, a muita distancia, exactamente na parte opposta da cidade, e que se acha destruido por um incendio, succedido em a noute de 10 para 11 de Novembro de 1851.

Vae proseguindo o sr. Pinho Leal na descripção dos conventos, e diz:

«7.º *Freiras bentas*—fundado por Fr. Diogo de Murça, em 1555, nos paços da Universidade (de que elle era então reitor) e depois se mudou para onde agora está, fóra das portas do castello. A egreja foi sagrada a 19 de Março de 1639.»

Tal convento de freiras de S. Bento não ha, nem nunca houve em Coimbra. Houve sim collegio de frades de S. Bento, e delle dá conta o sr. Pinho Leal quasi pelas mesmas palavras do que o imaginario convento de freiras. Diz assim:

«8.º *de S. Bento*—fundado primitivamente no proprio edificio da Universidade, pelo reitor d'ella D. Diogo de Murça, em 1555. Depois mudou-se para casa propria, que se concluiu em 1689. Está junto do arco de S. Sebastião.»

A proposito de referir a sagração da egreja deste collegio, por Fr. Leão de S. Thomaz, em 19 de Março de 1634, diz o sr. Pinho Leal, que as obras deste escriptor ainda são muito estimadas—«principalmente a *Chronica* a que deu o titulo de *Benedictina Lusitana*, da qual muito aproveitei para esta obra.»

Se pois o sr. Pinho Leal muito aproveitou da *Benedictina Lusitana*; onde achou nella, que em Coimbra fora fundado em 1555 um convento de freiras bentas?

Aqui temos á vista os dois tomos da *Benedictina Lusitana*, impressos ambos em Coimbra, o primeiro na imprensa de Diogo Gomes de Loureiro em 1644, e o segundo na imprensa de Manoel de Carvalho em 1651, e em nenhum delles dá conta Fr. Leão de S. Thomaz da fundação do convento de freiras de S. Bento em Coimbra; em quanto que refere meudamente a fundação do collegio dos frades de S. Bento.

Nada diz Fr. Leão de S. Thomaz a esse respeito, nem podia dizer; porque semelhante convento nunca existiu.

O sr. Pinho Leal, acrescentou, pois, a um collegio de frades de S. Bento, um convento de freiras da mesma ordem.

Tratando dos collegios de Coimbra diz o sr. Pinho Leal:

«1.º *Collegio da Graça* (eremitas descalços de Santo Agostinho, *gracianos*).»

Não eram *descalços* os frades do collegio da Graça, mas sim *calçados*. E a não ser assim, teria havido dois collegios da mesma regra em Coimbra, pois que fallando do collegio de Santa Rita, diz o sr. Pinho Leal, e desta vez com exactidão:

«21.º *De Santa Rita*— vulgarmente dos Grillos, da ordem dos eremitas *descalços* de Santo Agostinho.»

Dando noticia do hospital da Ordem Terceira no collegio do Carmo, diz o sr. Pinho Leal:

«Ao sr. Dr. Manoel Martins Bandeira (*d'aqui natural*, e pae dos illustrados doutores Abilio Augusto Correia Bandeira e Manoel Augusto Correia Bandeira) já fallecido, se deve a instituição deste caridoso estabelecimento, pois, alem dos seus valiosos donativos, promoveu uma productiva subscripção para se effectuar o hospital.

«Em reconhecimento dos grandes serviços prestados á Ordem Terceira, foi o seu retrato collocado em uma das salas do collegio.»

E' exacto o que diz o sr. Pinho Leal dos serviços prestados pelo sr. Dr. Bandeira ao hospital da Ordem Terceira; mas não acontece o mesmo, relativamente á naturalidade que lhe attribue. O sr. Dr. Bandeira não era natural de Coimbra, mas sim do Rio de Janeiro.

Continua dizendo o sr. Pinho Leal:

«Tambem alli se vêem os retratos dos illustres bemfeitores da Ordem, os srs. Sebastião José de Carvalho, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, residente no Brazil; D. Francisco da Conceição de Maria Cardoso e Castro, conego regular de Santo Agostinho, em Santa Cruz; e Adriano Correa Bandeira, filho do instituidor, e negociante da praça do Rio de Janeiro.»

Alem dos retratos destes bemfeitores do hospital da Ordem Terceira, mencionados pelo sr. Pinho Leal, estão alli mais os retratos dos srs. conselheiro José Maria de Abreu, conego Antonio Lopo Correa de Castro, David Ribeiro dos Santos Bandeira, e Joaquim Francisco Leonardo.

Fallando do collegio dos jesuitas diz o sr. Pinho Leal:

«O edificio do collegio é actualmente hospital e outras officinas da Misericordia.»

No collegio dos jesuitas não estão as repartições da Misericordia, mas sim no collegio Novo, ou da Sapiencia. E tanto assim é, que o proprio sr. Pinho Leal, fallando deste ultimo collegio diz:—«E' um magnifico edificio, hoje occupado pelos collegios dos meninos orphãos (de ambos os sexos) e outras repartições da Santa Casa da Misericordia.»

Do collegio dos Militares diz o sr. Pinho Leal:

«E' hoje hospital de molestias cutaneas chronicas (lazaros) cuja administração está a cargo da Faculdade de Medicina.»

Não está cargo da Faculdade de Medicina a administração do hospital, mas tem differente administração, de que se acha actualmente encarregado o sr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões.

Proseguindo na enumeração dos collegios de Coimbra, diz o sr. Pinho Leal:

10.º *De S. Paulo*—fundado por D. João III, principiado em 1549, e concluido em 1563, vindo para aqui os alumnos no dia 2 de Maio desse anno. Foi destinado para *frades paulistas*, e para doutores e oppositores, ecclesiasticos e seculares.»

Engana-se o sr. Pinho Leal. Este collegio, que é o real de S. Paulo, onde está o theatro academico; não foi fundado para *frades paulistas*. Para esses frades foi fundado outro collegio, o de S. Paulo, primeiro eremita, tambem na rua Larga, onde agora se acha o Instituto de Coimbra.

Ainda ácerca do mencionado collegio real de S. Paulo diz o sr. Pinho Leal.

«Foi concedido em 1838 para theatro academico. No mesmo anno (a 24 de Junho) já nelle houve representação, levando o bem conhecido drama—*A Nodoa de Sangue*.»

Não foi em 24 de Junho de 1838 a primeira representação no theatro academico, mas sim no mesmo dia e mez do anno de 1839.

Diz mais o sr. Pinho Leal, tratando deste collegio:

«Está aqui tambem estabelecido o *Instituto de Coimbra*.»

Esteve, mas não está; e o mesmo sr. Pinho Leal, depois de o dar existindo no real collegio de S. Paulo, diz, fallando do outro collegio de S. Paulo, primeiro eremita:=«E' hoje o Instituto de Coimbra e o museu archeologico, em principio.»

Por esta forma dá o Instituto estabelecido ao mesmo tempo nos dois collegios de S. Paulo, na rua Larga, o que não podia ser. A verdade é, que está n'um, e esteve no outro.

(*Concluir-se-ha*).

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

(CONCLUSÃO)

Belgica

Exame de candidato em philosophia e lettras

1.ª cadeira —Exercicios philologicos e litterarios sobre a lingua latina, e explicações d'auctores latinos.
2.ª » —Historia politica da antiguidade.
3.ª » —Antiguidades romanas com relação ás instituições politicas.
4.ª » —Psychologia.
5.ª » —Historia da litteratura franceza.
6.ª » —Historia politica da edade media.
7.ª » —Historia politica da Belgica.
8.ª » —Logica e philosophia moral.
9.ª » —Exercicios philosophicos e litterarios sobre a lingua grega.

Exame de doutor em philosophia e lettras

1.ª cadeira —Litteratura latina.
2.ª » —Litteratura grega.
3.ª » —Historia da litteratura antiga.
4.ª » —Antiguidades gregas.
5.ª » —Metaphysica geral e especial.
6.ª » —Historia da philosophia antiga e moderna.
7.ª » —Litteratura ingleza.

Universidade de Roma

1.ª cadeira —Litteratura latina.
2.ª » —Litteratura grega.
3.ª » —Historia antiga.
4.ª » —Philosophia theorica.
5.ª » —Historia da edade media.
6.ª » —Historia moderna e da Italia.
7.ª » —Archeologia (antiguidades gregas e romanas).
8.ª » —Grammatica e lexicographia grega.
9.ª » —Historia da philosophia.
10.ª » —Litteratura italiana.
11.ª » —Philosophia moral ou pratica.
12.ª » —Geographia antiga e moderna.
13.ª » —Philosophia comparada, e grammatica comparada das linguas indo-europeias.
14.ª » —Antropologia.
15.ª » —Philosophia natural.
16.ª » —Philosophia da civilisação e da religião.

Universidade de Napoles

1.ª cadeira—Litteratura italiana.
2.ª » —Litteratura latina.
3.ª » —Litteratura grega.
4.ª » —Historia antiga.
5.ª » —Historia moderna.
2.ª » —Geographia.
7.ª » —Philosophia theorica.
8.ª » —Philosophia moral.
9.ª » —Historia da philosophia.
10.ª » —Esthetica.
11.ª » —Historia ecclesiastica.
12.ª » —Linguas e litteratura comparadas.
13.ª » —Philosophia da historia.
14.ª » —Antiguidades romanas.
15.ª » —Antropologia.

Universidade de Florença

1.ª cadeira —Litteratura italiana.
2.ª » —Litteratura latina.
3.ª » —Litteratura grega.
4.ª » —Historia antiga e moderna.
5.ª » —Geographia.
6.ª » —Philosophia theorica e moral.
7.ª » —Historia da philosophia.
8.ª » —Pedagogia.
9.ª » —Antropologia.
10.ª » —Philosophia da historia.
11.ª » —Lingua tedesca e historia antiga.
12.ª » —Lingua do extremo oriente.
13.ª » —Lingua ingleza.
14.ª » —Lingua sanskrita.
15.ª » —Lingua e litteratura arabe.
16.ª » —Historia da litteratura italiana.
17.ª » —Diplomatica e paleographia.
18.ª » —Statitisca.
19.ª » —Historia da arte militar.

Recommendamos estes esclarecimentos muito em especial ao illustrado e moderno redactor da *Revista de Portugal e Brasil*.

NOTICIARIO

A maçonaria em Coimbra.—Estão actualmente funccionando em Coimbra as duas lojas maçonicas *Federação* e *Perseverança*. Da primeira é Veneravel o Ir.·. *Otto*, e da segunda o Ir.·. *Lafayette*. A *Perseverança* é a mais numerosa. Consta-nos que se trata de reorganisar a Loja *Academia Liberal*.

Imprime-se nesta cidade um periodico maçonico, com o titulo de *Jornal do Iniciado*, que circula nas Lojas maçonicas do reino. O primeiro numero sahiu no dia 14 de Maio de 1873. Estão publicados 9 numeros, sendo o ultimo em 21 de Março do corrente anno.

Neste ultimo numero começou a publicação de uma serie de *Cartas ao Conde de Samodães, a proposito da obra do padre Gautrelet, a Franc-Maçonaria e a Revolução*.

Este periodico maçonico, noticiando a condemnação do reverendo bispo de Pernambuco, folga com ella, mas julga um erro a applicação da pena de prisão e trabalhos.

Conclue dizendo a esse respeito o seguinte:—«Se o bispo fôr intelligente, como o julgamos, depois de cumprida a pena de prisão e trabalhos, sairá com a aureola do martyrio; e se agora é perigoso, depois refinará. Um homem como o bispo de Pernambuco, não se prende, não se sujeita a trabalhos— expulsa-se para longe, onde não possa mais causar damno. Por adoçados que sejam os trabalhos, farão do prelado um martyr e no futuro um santo; bastam-lhe para isso alguns laivos de hypocrita resignação.»

Publica tambem uma carta da Loja *Federação* de Coimbra, dirigida ao padre Torquato Antonio de Sousa, membro da Loja *Firmeza e Humanidade*, no imperio do Brasil, felicitando-o pela independencia com que declarou pertencer á maçonaria, em resposta a uma intimação que lhe fizera o vigario geral da provincia das Amazonas.

Tambem ha poucos dias se imprimiu nesta cidade um folheto, com o titulo de—*Noticia historica dos trabalhos da R.·. L.·. Cap.·. Federação ao Or.·. de Coimbra — Pranch.·. lida em sessão da mesma L.·. de 21 de Março de 1874— Por seu Ven.·. o Ir.·. Otto, C.·. R.·. +.·.*

Esta *Prancha* já tinha sido publicada no ultimo numero do *Jornal do Iniciado*; mas na impressão em separado ficou sendo muito mais curiosa, pelas numerosas notas com que vem acrescentada, e em que se acham muitas noticias ácerca da maçonaria em Coimbra nestes ultimos annos.

Tratando de excitar á propaganda da maçonaria, diz-se nesta recente publicação:

«Agora que a reacção se agita, mais que nunca, precisam as Lojas de completar-se para que no dia da lucta não seja vencida a causa da liberdade. Se os carlistas alcançam alguma vantagem importante, é indubitavel que os reaccionarios se agitarão em Portugal. Não triumpharão, mas hão de incommodar; porém, se os amigos da liberdade estiverem unidos, o incommodo será menor e até talvez que a convicção de encontrar os adversarios prevenidos os detenha em suas machinações.

«Collocada entre a reacção e a questão social, a maçonaria não póde conservar-se inactiva, porque a inacção é a morte, é o opprobrio, é a vergonha eterna para todos nós. Não se oppor á reacção é um crime de lesa liberdade; olhar com indifferença para o problema vital, que se agita na sociedade e ameaça derrocal-a; deixar á ignorancia e ás paixões que revolvem as camadas sociaes, o cuidado de resolvel-o, é crime não menor de que a humanidade nos pedirá estreitas contas.

«Irmãos! Irmãos! Cada hora d'ocio, cada sessão esteril que passa, custará muita lagrima ao genero humano. Esse salario que disfructamos, não o ganhámos ainda.

«Em quanto o *Templo* não estiver concluido, nenhum obreiro tem direito de descançar!

«Olhae para Portugal, para a Hespanha, para a França, para a Europa, para o Brasil: não vedes que a Humanidade soffre e a Liberdade periga?»

Este folheto termina pelo seguinte modo:

«E' um erro esperar tudo do Gr.·. Or.·. Por dedicado que seja o Grão-Mestre, e intelligentes os que o cercam, não pódem occorrer a tudo. E' necessario pois que as Lojas tenham rasgada iniciativa para indicar-lhes as necessidades e os meios de remedial-os; coragem para apontar-lhes o erro e chamal-os á verdade; abnegação sufficiente para esquecer a gloria propria e só trabalhar para a gloria do Gr.·. Or.·.; e em fim fé viva na Maçonaria e convicção profunda de seus principios, para não succumbir nos desenganos, que ás vezes se recebem d'onde menos se deviam esperar.»

Real capella da Universidade.— Antigamente gozava a real capella da Universidade de grandes privilegios. Ahi vae um exemplo.

No domingo, 16 de Julho de 1730, publicou o mestre escola da sé da Guarda, nesta cidade de Coimbra, um interdicto geral local.

Publicado o interdicto, guardou-se inviolavelmente em toda a cidade, cessando os officios divinos, excepto na capella da Universidade, por ser real.

O interdicto durou 15 dias.

Chegada.— Chegou na quarta feira á noute, a esta cidade, o sr. conselheiro José Dias Ferreira, que se hospedou no hotel do Caminho de Ferro. Alli foi s. ex.ª cumprimentado por muitos dos seus amigos e pela direcção da associação commercial, a fim de agradecer áquelle cavalheiro os serviços que a Coimbra e a esta provincia tem prestado na questão do caminho de ferro da Beira.

Na quinta feira foi o sr. Dias Ferreira passar o dia com o sr. bispo conde; e hontem regressou a Lisboa.

Donativo—O generoso anonymo *Y*, do Porto, mandou ha dias entregar a quantia de 45$000 rs. á Associação Consoladora dos Afflictos de Coimbra.

Por falta de espaço não publicamos hoje a nota da distribuição que esta caritativa sociedade fez d'aquelle valioso donativo.

Caminho de ferro americano—Começaram já os trabalhos do caminho de ferro americano, que deve ligar a estação do caminho de ferro, com as principaes ruas do bairro baixo.

O assentamento dos *rails* progride com actividade; e segundo a opinião do habil engenheiro e um dos concessionarios desta empreza, o sr. Camillo Mangeon, poderá estar entregue á exploração no fim do proximo mez de Maio.

A estação nas casas dos srs. Ferreiras Pintos, na rua da Sophia, a que nos referimos em o numero passado, é provisoria.

Folgamos que os trabalhos deste caminho de ferro, obra de reconhecido interesse para esta cidade, se concluam brevemente, com os bons resultados que deseja toda a gente illustrada, e que não costuma ser indifferente aos melhoramentos que o progresso inventa para commodidade publica.

Hydrophobia.= No domingo ultimo entrou no hospital desta cidade, Theresa Felix, casada, natural de Revelles, freguezia de Taveiro, e residente no Brejo, da mesma freguezia; atacada de hydrophobia, procedida da mordedura de um gato.

Falleceu na quarta feira de tarde, apesar de todas as diligencias da medicina, para ver se a salvavam.

Regresso.—Esteve ha dias em Coimbra o nosso estimavel patricio e amigo o sr. Eduardo Coelho, illustrado redactor do *Diario de Noticias*. Veiu visitar uma de suas irmãs, que tem soffrido um grave incommodo de saude; mas de que felizmente tem melhorado, e com o que muito folgamos.

Estragos—O temporal dos dias 5 e 6 causou muitos prejuizos, damnificando principalmente as arvores fructiferas. Depois das ultimas chuvas, a temperatura desceu a ponto de se sentir frio, o que prejudica a vegetação, especialmente as vinhas.

Ferias—Acabam ámanhã as ferias de Paschoa, e principia na segunda feira a 3.ª epocha do anno lectivo. As aulas de Theologia e Direito fecham-se em meado ou fins de Maio, mas as das outras faculdades costumam durar ainda muitos dias de Junho.

Romaria—É na proxima segunda feira a tão festejada romaria em Sernache, de Nossa Senhora dos Milagres. A concorrencia do povo da cidade costuma ser immensa, e a festividade é celebrada com muita pompa.

Banhos—Espera-se este anno grande affluencia aos banhos de Luso, estando já arrendadas muitas casas para os mezes de verão. No Bussaco tambem já está tudo alugado.

Choupal—Este bello arvoredo á beira do Mondego está sendo o passeio predilecto das familias de Coimbra. As ruas espaçosas, as pontes pittorescas, e o variado matiz da vegetação, tudo convida a esta agradavel digressão campestre. O transito póde fazer-se a pé, ou a cavallo, ou em carro. As novas plantações vão prosperando muito, o que muito convem para supprir a falta de choupos, que tem sido cortados e vendidos em grande quantidade.

Fallecimento—Falleceu no dia 7 o sr. Joaquim de Andrade, proprietario residente em Mont'Arroio, legando segundo nos informam o usofructo de seus bens a uma criada velha, e por morte desta a uma das filhas do sr. Dr. João Antonio de Sousa Doria.

Gados—A estatistica official do ultimo recenseamento de gados no districto de Coimbra é a seguinte:

Gado cavallar, 4:373 cabeças; valor reis 60:720$520—muar, 1578; valor 30:375$600 =asinino, 6:890; valor 32:256$020=bovino, 23:615; valor 628:357$880=lanigero, 179:570; valor 99:100$480 = caprino, 51:871; valor 32:132$740=suino, 44:988; valor 232:560$240=total geral de cabeças de gado, 312:885, e valores 1.115:503$480 reis.

Pela ordem de sua riqueza pecuaria os 17 concelhos do districto figuram na seguinte escala: Coimbra, Monte Mór o Velho, Figueira da Foz, Cantanhede, Soure, Arganil, Oliveira do Hospital, Penacova, Tabua, Condeixa, Goes, Louzã, Penella, Miranda do Corvo, Mira, Poiares, Pampilhosa.

Comparando estes dados estatisticos com os dos outros districtos do continente do reino, o de Coimbra é um dos que apresentam maior riqueza de gados, sendo o 4.º em densidade pecuaria, e o 5.º na ordem de riqueza pecuaria em relação á superficie. Os unicos districtos superiores ao de Coimbra neste ramo de riqueza agricola são em 1.º logar o do Porto, em 2.º o de Braga e em 3.º o de Aveiro.

Despacho.—O sr. Joaquim de Almeida foi promovido á propriedade da cadeira de ensino primario de Sazes, concelho de Penacova.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 10—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 550=Dito branco 540=Milho branco 330=Dito amarello 320=Feijão vermelho 500=Dito branco 440=Dito rajado 360=Dito frade 320=Tremoços 280= Cevada 280=Batatas 240 = Vinho 700= Azeite 1$280 rs.

Excentricidades.=Carlos 4.º, duque de Lorena, loucamente enamorado da filha de um burgo-mestre de Bruxellas, pediu á mãe que lhe desse licença para dizer duas palavras a sua filha. Recusou a mãe, mas o principe insistiu, pedindo licença para lhe fallar, em quanto podesse suster uma braza de carvão em qualquer das mãos. Foi acceite a proposta, e o principe poude em fim conversar com a sua amada. Foi tão longa a conversa, que a mãe se resolveu a final a interrompel-a.=O carvão estava apagado, e a mão do principe estava queimada, mas elle dizia que nem ao menos sentira dor.

O poeta Ximenes não era dos fidalgos mais aceiados. Encontrando uma vez um seu amigo, disse-lhe que estava muito indeciso ácerca do modo por que havia de matar um dos seus heroes tragicos.= Eu lhe digo, respondeu o amigo, tapando o nariz cuidadosamente, chegue-se a elle e *empeste-o*.

Vaillant, celebre numismatico, vendo que o navio em que navegava, ia ser presa de um corsario, arriscou a vida por amor da archeologia, e engoliu as medalhas mais importantes que levava comsigo. Passado o perigo, foi victima de dores crueis, e esteve á morte para expellir uma medalha de Othon, que conservou 16 dias dentro do tubo digestivo.

O abbade Lacaille, famoso astronomo, inventou uma especie de forquilha em que encostava a cabeça, com o fim de passar noites inteiras a observar o firmamento. Os seus maiores inimigos eram as nuvens e o somno.

Rousseau herborisava pelo campo, com o chapeu debaixo do braço, á hora do meio dia, e assegurava lhe era proveitosa a acção do sol.

O celebre pintor Horacio Vernet amarrou-se ao mastro de um navio para assistir ao grandioso e terrivel espectaculo de uma tempestade, e depois desta prova compoz um dos melhores quadros da sua galeria.

Jirodet não gostava de trabalhar durante o dia. Pelo meio da noite assaltava-o uma inspiração febril, levantava-se, punha na cabeça um grande chapeu, especie de castiçal cheio de velas, e fechava-se no seu gabinete a trabalhar.

O historiador Mezerai tinha por costume trabalhar sempre á luz do candieiro, ainda mesmo ao meio dia, e no pino do verão. Tambem nunca deixava de acompanhar com o candieiro na mão até á porta da rua as pessoas que o iam visitar.

O compositor Sachini não podia escrever uma nota, senão estando ao lado de sua mulher, que era nova e bella; e vendo ou sentindo muitos gatos, animaes a que era muito affeiçoado, e cujos saltos e movimentos graciosos lhe inspiravam os mais bellos trechos de suas composições.

Conti, o espirituoso auctor dos *animaes falantes*, compunha os seus bellos versos deitado na cama, e jogando sosinho as cartas.

O bibliographo allemão Reimmaner passou a maior parte da sua vida em pé; e para não contrariar este costume, nem cadeiras tinha no seu gabinete de trabalho.

Cujas trabalhava sempre deitado no chão, rodeado de livros e papeis. Goethe phantasiava as suas melhoras obras, passeando de um lado para o outro. Leibnitz e Descartes pelo contrario preferiam o que elles chamavam *meditação horisontal*. Corneille, Malebranche e Hobbes compunham as mais das vezes quasi ás escuras.

Noites de insomnia—Recebemos e agradecemos o n.º 4 das *Noites de insomnia*, escriptas pelo sr. Camillo Castello Branco, e editadas pelo sr. Ernesto Chardron.

Contem:—O cofre do capitão mór—O jogador—Inedito do poeta Fr. Bernardo de Brito—Lisboa—Litteratura Brasileira—A Actualidade—A exm.ª madrasta d'el-rei D. Luiz I calumniada—Os salões, pelo exm.º sr. visconde de Ouguella—O decepado—Caridade barata e elegante—Profunda reforma nos costumes da via ferrea portugueza—Formosa e infeliz—Antonio Serrão de Castro.

A litteratura brasileira, e o livreiro Ernesto Chardron.—No ultimo numero das *Noites de insomnia*, que recebemos, vem um artigo em que é merecidamente elogiado o sr. Ernesto Chardron, do Porto, por haver promovido o conhecimento e venda em Portugal de muitas obras importantes brasileiras, que tem sido editadas no Rio de Janeiro pelo livreiro-editor o sr. Garnier.

Eis o que diz o sr. Camillo Castello Branco naquelle artigo:

«Longo tempo se queixaram os estudiosos do descuido dos livreiros portuguezes em se fornecerem de livros brasileiros. Nomeavam-se de outiva os escriptores distinctos do imperio, e raro havia quem os tivesse nas suas livrarias. Nas bibliothecas publicas era escusado procural-os. Em compensação, sobravam n'ellas as edições raras de obras seculares que ninguem consulta.

O mercado de livros brasileiros abriu-se ha poucos mezes em Portugal. Devemol-o á actividade intelligente do sr. Ernesto Chardron. Foi elle quem primeiro divulgou um catalogo de variada litteratura, em que realçam os nomes de mais voga n'aquelle florentissimo paiz.

Ahi se nos deparam, entre os poetas, Gonçalves de Magalhães, o correcto e sublime auctor da *Confederação dos tamoyos*; o lyrico e arrojado Alvares de Azevedo; o primaz dos escriptores brasileiros, e chorado Gonçalves Dias; o esperançoso devaneiador, fallecido no viço da edade, Casimiro de Abreu; Junqueira Freire, que primou nos segredos da melodia, e já não é deste mundo; e o severo e cadencioso poeta de *Colombo*, tão estimado dos nossos.

Entre os romancistas o fecundissimo Joaquim Manoel de Macedo, que disputa a supremacia a J. de Alencar, que tanta nomeada grangeou com o seu *Guarany*.

Não lustram menos as novellas mimosissimas de Luiz Guimarães, e as arrobadas mescias de prosa e verso de Machado de Assis.

Em litteratura didascalica sobresaem os valiosos escriptos do professor, o sr. conego Fernandes Pinheiro, nomeadamente o *Resumo de historia litteraria*, que muito se avantaja a uns esbocetos que em Portugal circulam nas escolas, e—o que é mais deploravel—nos estudos secundarios.

São notabilissimos todos os livros do sr. J. M. Pereira da Silva; já na sciencia historica, já na politica, e ainda no romance, tão prosperamente estreiado na *Aspazia*.

Sobre tudo, porém, os *Varões illustres do Brasil* e a *Historia da fundação do imperio brasileiro* são obras que denotam profundo estudo e muito engenho na boa disposição dos elementos e critica dos personagens historicos.

Em varia sciencia, em livros elementares, em lexicologia, e ainda sobre motivos de religião, é copioso o catalogo da livraria Chardron. Esta variedade argue a fertilidade de intelligencias que ajuntam á riqueza congenial d'aquelle solo os thesouros do espirito. E muito importa e cumpre observar que os brasileiros modernamente nos não cedem no zelo de imitar a linguagem pura dos grandes escriptores portuguezes dos seculos de ouro.

Não esqueçamos, todavia, que o impulsor deste brilhante movimento litterario no Rio de Janeiro, e por isso em todo o imperio, é o livreiro-editor Garnier, espirito emprehendedor que tanto faz luzir os talentos que divulga, quanto lucra para si a honra de os fazer conhecidos e laureados. Quem calcular o despendio grande de emprezas semelhantes naquelle paiz, deprehenda o quanto cumpre que seja robusto e afouto o pulso que removeu as immensas difficuldades com que ha trinta annos lutavam os escriptores do Novo-mundo para se fazerem conhecidos. Coube esta gloria e este triumpho ao sr. Garnier.

Falta dizer que os preços dos livros offerecidos no catalogo das casas Chardron, no Porto e em Braga, são modicos, reduzidos e inferiores ao preço corrente das obras portuguezas de egual tomo.»

Romances nacionaes. — Os srs. Mattos Moreira & C.ª, livreiros na praça de D. Pedro, n.º 68, em Lisboa, a quem devemos o favor de varias das publicações que têem editado, acabam de nos obsequiar com um exemplar do *Regicida*, romance historico do sr. Camillo Castello Branco.

Além das obras já editadas, têem mais no prelo os srs. Mattos Moreira & C.ª — *A filha do regicida*, romance pelo sr. Camillo Castello Branco, 1 volume, continuação do *Regicida* — *Curso de litteratura portugueza*, pelo sr. J. M. de Andrade Ferreira — *O livro das flores* (Legendas da Rainha Santa Isabel) pelo sr. Alberto Pimentel, 1 volume, 300 reis = *Historia resumida de Hespanha*, pelo sr. Carlos Lisboa — *Os theatros de Lisboa*, pelo sr. Julio Cesar Machado, com desenhos do sr. Bordallo Pinheiro = *O terremoto de Lisboa*, pelo sr. Pinheiro Chagas.

Rectificação. — O *Jornal de Lisboa*, no seu numero de 7 do corrente mez, fazendo o extracto dos jornaes, diz em relação ao *Conimbricense*, exactamente o contrario do que escrevemos, relativamente ao caminho de ferro da Beira.

AGRADECIMENTO

José Dias Ferreira agradece por este modo, visto não o poder fazer pessoalmente a todos os seus amigos que se dignaram visital-o durante a sua curta demora nesta cidade, e offerece-lhes os seus serviços em Lisboa.

ANNUNCIOS

1 VINHO DA BEIRA, almude 1$040 — quartão 260 rs. — meia canada 45 rs. — quartilho 25 rs. — Rua das Solas n.ºs 12 e 14.

Attenção

2 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

EDITAL

3 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Coimbra, convida todos os individuos collectados na contribuição de serviço do corrente anno economico de 1873 a 1874, a declarar nesta secretaria, dentro do prazo de 10 dias, se querem pagar em serviço suas collectas, ou remil-as a dinheiro, na conformidade do art.º 18, § 2, da lei de 6 de Junho de 1864, e do n.º 34 da portaria regulamentar de 26 de Junho de 1866.

Esta contribuição será empregada, segundo o art.º 1.º da lei de 10 de Outubro de 1871, na reparação dos caminhos do respectivo concelho.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 8 de Abril de 1874.

O presidente,
Fernando de Mello.

PUBLICAÇÕES
FEITAS PELA
LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON
DESDE JANEIRO DE 1874

Conclusão das duas importantes obras:

DICCIONARIO UNIVERSAL DE EDUCAÇÃO E ENSINO, traduzido e ampliado por Camillo Castello Branco. 2 grossos vol., cada um de 800 pag. a duas columnas, 6$000.
(Restam poucos exemplares dos 3:000 que se tiraram).

AS GRANDES INVENÇÕES ANTIGAS E MODERNAS, nas sciencias, industria e artes, por Luiz Figuier. Obra adornada com 238 gravuras magnificas, traduzida da 5.ª edição franceza. 1 vol. de 500 pag., edição de luxo, 3$000. Com uma bonita cartonagem, vinda de Paris, 3$600.

Ponson du Terrail = A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS. Tomo 2.º e ultimo, continuação do FERREIRO DA ABBADIA DA CORTE DE DEUS e dos AMORES D'AURORA. A obra completa, 6 vol. 3$000.

Camillo Castello Branco = NOITES D'INSOMNIA, offerecidas aos que não podem dormir. Publicação mensal (*Bibliotheca d'Algibeira*). Estão á venda os mezes de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril. Cada volume 200.
(O 5.º volume sahirá no dia 15 de Maio.)

Adolpho Coelho = QUESTÕES DA LINGUA PORTUGUEZA. *Preliminares = O lexico = O consonantismo.* 1 grosso vol em 4.º, de 500 paginas, 2$500.

Roger = O FIM DA VIDA. Estudos criticos sobre o catholicismo e refutação dos principaes erros modernos. Traduzido da 2.ª edição franceza por Mesquita Pimentel. 1 grosso volume de 500 paginas, 1$000.

Gautrelet = A FRANC-MAÇONARIA E A REVOLUÇÃO, pelo padre Francisco Xavier Gautrelet, da companhia de Jesus. Traduzido pelo conde de Samodães, 3 vol. 1$500.

Monsenhor Gaume = PARA QUE SERVE O PAPA? Opusculo, 100.

Raposo Botelho = GUIA DO ATIRADOR, acompanhada de 72 figuras, entre as quaes a planta de uma carreira de tiro. 1 vol. 800.

Gomes e Silva = COLLECÇÃO DE 1:500 PROBLEMAS, para exercicio dos alumnos que frequentam mathematicas elementares, 1 vol. 300.

Castellar = A CAPELLA SIXTINA e o CEMITERIO DE PISA. Traducção de *Bulhão Pato*. 1 vol. 300.

COMPANHIA GERAL DE CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

5 EM CONFORMIDADE da resolução tomada pela assemblea geral desta companhia, em sessão de 31 de Março ultimo, começará no dia 15 deste mez e continuará nos seguintes (não santificados), desde as 12 horas da manhã, ás 2 da tarde, no seu escriptorio no largo de Santo Antonio da Sé, n.º 23, o pagamento de 8 por cento do dividendo relativo ao anno de 1873, sobre o capital realisado, ou 900 rs. por cada acção.

Lisboa, 8 de Abril de 1874.

O governador,
Marquez d'Avila e de Bolama.

Os mesmos dividendos acima, tambem se pagam em Coimbra, em casa d'Antonio José Alves Borges.

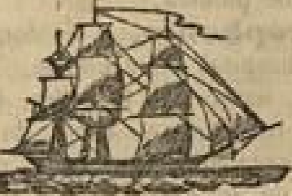
Attenção

6 A MODISTA de Lisboa, moradora na rua das Covas, n.º 52, tem para vender, grande sortimento de chapeus para senhoras, em palha e tulles, de preços de 3$000 a 4$000 rs.; — ditos para creanças de preços de 1$200 a 2$000 rs.

A mesma se encarrega de concertos de chapeus de todas as qualidades. Vende egualmente botinhas para senhoras e meninos, pelos mais baixos preços; e sombrinhas a 600 rs.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Galera — ADAMASTOR — em 15 de Abril.
Galera — AMERICA — em 30 de Abril.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

8 SEMENTES D'EUCALYPTOS — Rua do Visconde da Luz. — A. M. S. de Castro.

VINHO VERDE ESPECIAL!

Diversas qualidades, para mesa

Rua das Solas, n.º 28.

10 SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa farinha *de Saude*,

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Depois das adhesões de muitos medicos e de varios hospitaes, ninguem poderá duvidar da efficacia desta deliciosa farinha de saude que cura as indigestões (dispepcias) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga; do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75.000 curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluskow, da exm.ª sr.ª marqueza de Brehan, dos doutores Manoel Saens de Dejada da Universidade de Cordova, e de José Batacazo e Jute de Logronho, etc., etc.

Cura 72:448. Cadiz 3 de Junho de 1868.
Não posso fazer menos de manifestar a vv. s.as os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revalescière* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinaes, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual o distingue o seu attento venerador = VICENTE MOYANO.

Cura 69.718. Ticheville (Orne) 20 Março 1867.
Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalescière*, tenho-a administrado a varias pessoas, ás quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo naquelles que padeciam de hydropesia. Tres d'estes curaram completamente. = A tosse produzida por uma constipação desappareceu instantaneamente e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina e das molestias de estomago, afastando de qualquer individuo a hypocondria. = PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª — Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. — BARCELLOS, Ramos, pharm. — BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. — COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro — FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm. — VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. — GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. — PENAFIEL, Miranda, pharm. — PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahir, rua de Cedofeita, 92. — PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm. — POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm. — VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2788 — TERÇA FEIRA 14 DE ABRIL DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA			ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200	**Annuncios** — Por cada linha 40 reis	Por anno	3$720
Por semestre	1$600	Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.	Por semestre	1$860
Por trimestre	800	A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**. Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.	Por trimestre	930
Correspondencia por linha	30	Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.	Avulso	40

COIMBRA

Não ha occorrencias politicas de interesse.

A opposição pelos seus orgãos da imprensa, continua no inglorio systema de aggredir indistinctamente todos os actos do poder executivo; e não obstante isso, o governo vae trabalhando por melhorar a administração do estado, por fazer respeitar as regalias publicas, e por manter a paz e a tranquillidade, que são na presente epocha todas as aspirações do brioso povo portuguez.

Em quanto a opposição incendeia os odios e excita as paixões, intriga os homens e abusa das instituições; meditam os seus adversarios nos meios de promover as reformas uteis, e os interesses do estado. Estes são os que pensam mais na prosperidade nacional, e no bom nome portuguez, do que nas ostentações do poder e nas vaidades da politica partidaria.

Não poude a opposição resignar-se ainda com as ideias de abandonar o parlamento, o qual transformou em theatro das suas paixões.

O governo entendeu não prorogar as camaras, para evitar a continuação das scenas desagradaveis com que a ambição do poder estava desacreditando o systema representativo e a dignidade nacional.

E este tem sido o thema constante para as falsas accusações dos jornaes da opposição.

Acertadamente, porem, resolveu o governo, encerrando as camaras legislativas, findo o prazo ordinario; visto que nada util havia a esperar, de quem não sabe comprehender os deveres do mandato que lhe foi confiado.

Quasi esteril foi realmente a sessão finda, mas não é em boa verdade ao governo, nem á maioria da camara, que cabe a menor censura por este facto.

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

V

(CONCLUSÃO)

Proseguindo o sr. Pinho Leal, no seu *Portugal antigo e moderno*, a noticia dos collegios de Coimbra, diz o seguinte:

«15.º *Dos Terceiros de S. Francisco* — fundado pelo segundo bispo de Miranda, D. Rodrigo de Carvalho, natural de Lamego. Tambem se dava a este collegio a denominação de *S. Boa Ventura*, e vulgarmente dos *Venturas*. Era da Ordem de S. Francisco, da provincia de Portugal. É na rua Larga.

Serve actualmente de casa de retenção dos academicos e de eschola de instrucção primaria.

«16.º *Real collegio de S. Pedro (borras)* — fundado pelo padre Fernando Manga-Ancha, com ajuda de D. João III, em 1545. É na Sophia.

Quando os nossos reis habitavam nos paços onde hoje é a Universidade, já existia este edificio, e era a morada das damas do paço. Depois é que o tal Manga-Ancha ageitou esta casa para collegio, dando-lhe a invocação de S. Pedro.

Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade do sr. João Victorino de Moraes Duarte e Silva.»

Esta é uma das maiores confusões que neste genero temos visto.

Bastará dizer: — 1.º que de *um* collegio faz o sr. Pinho Leal *dois*. — 2.º que de *dois* collegios faz *um*. — 3.º que novamente de *dois* collegios torna a fazer *um*.

Vamos a ver se explicamos isto em poucas palavras.

1.º De *um* collegio faz *dois*. — Dizer collegio dos *Terceiros de S. Francisco*, e collegio de *S. Pedro (borras)*, é sempre o mesmo; porque são apenas duas formas de designar o collegio de *S. Pedro da Terceira Ordem*, ao principio da rua da Sophia, o qual agora pertence ao sr. João Victorino de Moraes Duarte e Silva. Mas o sr. Pinho Leal separa essas designações, como se fossem differentes collegios: logo de *um* collegio faz *dois*.

2.º De *dois* collegios faz *um*. — Diz o sr. Pinho Leal, que ao collegio dos *Terceiros de S. Francisco* tambem se dava a denominação de *S. Boa Ventura*, e vulgarmente dos *Venturas*. Mas estes titulos são de dois collegios distinctos; o primeiro dos quaes existe na rua da Sophia, e o segundo na rua Larga, pontos extremos da cidade: logo de *dois* collegios faz *um*.

3.º Novamente de *dois* collegios faz *um*. — O collegio de *S. Pedro (borras)*, é na Sophia; e o *real* collegio de *S. Pedro*, é na Universidade, no lanço á esquerda da porta ferrea. Mas dizer — *Real collegio de S. Pedro (borras)*, é reunir duas designações diversas: logo, outra vez de *dois* collegios faz *um só*.

E quem é aquelle padre Fernando Manga-Ancha, que o sr. Pinho Leal diz, que com a ajuda de D. João III, fundara em 1545, o *real collegio de S. Pedro (borras)*, collegio que aliás é ao mesmo tempo na Sophia e na Universidade?

O Dr. Diogo Affonso Manga-Ancha, e não padre *Fernando* Manga-Ancha, Lente de Leis na Universidade, quando ella ainda estava em Lisboa, dispoz por seu testamento de 9 de Dezembro de 1447, que se fundasse um collegio nas suas casas de S. Jorge, para 10 collegiaes pobres.

Fundou-se effectivamente o collegio, mas passados poucos annos, extinguiu-se, sendo os seus rendimentos mandados annexar á Universidade de Lisboa.

Quando em 1537 foi transferida por D. João III a Universidade para Coimbra; juntamente com as mais rendas deste estabelecimento, vieram tambem aquellas que haviam pertencido ao collegio do Dr. Diogo Affonso Manga-Ancha.

Principiou-se no reinado do mesmo rei D. João III a edificar o real collegio de S. Paulo na rua Larga, onde agora está o theatro academico; o qual só se concluiu no reinado de D. Sebastião, entrando para elle os collegiaes em 2 de Maio de 1563.

Algum tempo antes de se abrir o collegio, se reuniu o claustro pleno da Universidade, no dia 25 de Fevereiro de 1561, e sob proposta do reitor D. Jorge de Almeida, se decidiu applicar varias rendas, para com ellas se manterem os collegiaes: — «... e *bem assim com os bens que foram do doutor Manga-Ancha, de que a Universidade está de posse, muito tempo ha.*»

Compare-se agora o que acabamos de referir, com o que diz o sr. Pinho Leal.

1.º Diz que era o *real collegio de S. Pedro (borras)*, quando era o *real collegio de S. Paulo*.

2.º O Dr. Manga-Ancha não fundou tal collegio em 1545, pois que havia fallecido em Lisboa quasi um seculo antes. Os rendimentos que deixara para um collegio nas suas casas de S. Jorge, é que vieram a ser applicados para o real collegio de S. Paulo de Coimbra.

3.º Era o Dr. Diogo Affonso Manga-Ancha, e não padre *Fernando* Manga-Ancha.

Continua o sr. Pinho Leal dizendo acerca dos conventos e collegios:

«18.º *Dos Franciscanos* — da provincia do Algarve, fundado pelo infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, em 1220. Supponho que ja não existia em 1834.»

Apezar da pouca clareza com que isto está escripto, percebe-se que o sr. Pinho Leal se refere ao convento velho de S. Francisco, do

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXCXIII

D. CARLOS

XCXIII

Havia-se introduzido a discordia nas fileiras dos defensores de D. Carlos, e em todas as partes se notava a desconfiança, a inimisade, o odio e o rancor, e muitos conspiravam.

Entre estas conspirações, é muito notavel a que no mez de Março de 1838 se preparou em Estella, cuja junta e outros desejavam, não sabemos se de accordo com D. Sebastião, que este voltasse a commandar o exercito. Participou-se ao bispo de Leão, para que convencesse a D. Carlos, e parece que o bispo em uma confissão, ou conferencia o levou a que depozesse o impopular Arias Teijeiro e nomeasse por ministros aos amigos do infante.

Convencionado assim tudo, chegou a sabel-o Arias. Comeu um dia com o bispo, embriagou-se este, e o sagaz Teijeiro lhe arrancou a declaração de todo o plano. Frustrou-se este, e Arias se vingou com uma reacção tyrannica.

Não deixava por isto de obrar occultamente contra os seus inimigos, enviando agentes secretos para perdel-os.

Os resultados d'esta disposição dos animos não podiam deixar de ser lamentaveis, como se viu nos successos de Maio, em Estella, que custaram a vida ao joven Urra; successos que ajudaram a promover Garcia Orejon, agente do governo liberal entre os carlistas, D. Luiz Arreche, official do 5.º de Navarra, e ainda Muñagorri.

A 20 do mesmo Maio tambem se perturbou a tranquillidade em Oñate, gritando *morram os ojalateros*, e dando outras vozes que demonstravam a desordem que já reinava no campo carlista, a força que ia perdendo o principio de auctoridade, tão temido e respeitado antes, e os preliminares de um transtorno geral.

E em vão era querer occultar estes successos e ainda desfigural-os. Cruzavam-se muitas intrigas, havia descontentamento, e o resultado tinha que ser terrivel.

Desconfiava-se de alguns emigrados, e se dispoz que entrassem immediatamente no primeiro batalhão de voluntarios realistas de Castella, se não preferissem outro corpo.

Verástegui adoptava tambem percauções na Biscaia, e prendia, para que se não alterasse a ordem, ameaçado, como se dizia o estava, de uma sedição escandalosa.

A guerra nas provincias Vascongadas ia já cançando os povos, e disso se aproveitou D. José Antonio de Muñagorri para arvorar em a noute de 18 de Abril de 1838 a bandeira de *paz e foros*. Não sendo, porem, apoiado por forças importantes carlistas, nada poude conseguir, e teve de emigrar para França.

O celebre D. Eugenio Aviraneta, que se achava em França, d'alli soube introduzir communicações com alguns individuos importantes do partido carlista, para os levar a transigir com o partido liberal.

No entanto o general Maroto ia vendo critica a sua posição, e dava-lhe muito que pensar a desordem que reinava no campo carlista, e que o general Garcia havia deposto toda a qualidade de attenções para obrar contra elle. Os palacianos pediam batalhas, porque julgavam ter expedito o caminho para Madrid; doestavam o general em chefe porque não combatia; exhortavam aos batalhões e aos povos a que se sublevassem; e espalhavam a voz de que Maroto estava em combinação com Espartero e faziam circular papeis anonymos.

E no meio disto não havia governo, nem auctoridade, nem obrava dignamente D. Carlos: assim dizia publicamente o seu confessor, o padre Larraga: *Dentro d'este santo habito* (o d'elle) *está todo o governo de Carlos V.*

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

qual já havia tratado. Assim vem a fazer de um convento *dois*.

O sr. Pinho Leal dá conta de 10 côrtes reunidas em Coimbra nas seguintes datas: — em 1211, reinando D. Affonso II; em 1335, reinando D. Affonso IV; outras no reinado de D. Fernando, de que se não sabe com certeza a data; em 1385, 1387, 1390, 1394 a 1395, 1398, e 1400, reinando D. João I; e as ultimas em 1472, reinando D. Affonso V.

Vê-se manifestamente, que o sr. Pinho Leal seguiu em as noticias que dá das côrtes em Coimbra, quasi textualmente o que diz o sabio João Pedro Ribeiro, nas *Memorias sobre as fontes do Codigo Philippino*, publicadas no tomo II das *Memorias de Litteratura Portugueza, da Academia Real das Sciencias*, edição de 1792. Temos, porem, a acrescentar ao que diz o erudito João Pedro Ribeiro, e com elle o sr. Pinho Leal, que houve mais outras côrtes, que não mencionam, o que faz o numero de 11. Foi a reunião destas côrtes em Coimbra em Abril de 1261; sendo convocadas por D. Affonso III, a pedido dos prelados, barões, ordens monasticas e militares, e concelhos. Decidiu-se alli, que as moedas antigas fossem restituidas ao estado primitivo; que nunca mais nellas se fizesse alteração de valor nominal ou real, e que as novas que o rei começara a cunhar, e que evidentemente eram de inferior toque, valessem em relação ás antigas na razão de 4 para 3, isto é, que 16 destas equivalessem a 12 daquellas.

O sr. Pinho Leal póde ver a noticia destas côrtes, a paginas 68 e 69 do tomo III da *Historia de Portugal*, pelo sr. Alexandre Herculano, edição de 1849; e a paginas 34 e 35 da *Memoria das moedas correntes em Portugal, desde o tempo dos romanos, até o anno de 1856*, pelo sr. Manoel Bernardo Lopes Fernandes.

A proposito da Sé Nova de Coimbra, falla o sr. Pinho Leal da extincção dos jesuitas pelo marquez de Pombal, e execução dos individuos accusados de attentar contra a vida de el-rei D. José, e diz:

«Julgado o terreno disposto para a obra, no mesmo anno em que no caes de Belem davam o ultimo arranco, entre os mais atrozes e incomportaveis tractos, o duque de Aveiro e seus infelizes companheiros (13 de Setembro de 1759) e antes apenas 10 dias (3 do mesmo mez) tinha extinguido em Portugal a ordem de Jesus.»

Engana-se na data daquella execução. O duque de Aveiro e seus companheiros não foram executados em 13 de Setembro de 1759; mas já o tinham sido em 13 de Janeiro desse anno.

Tratando das antigas freguezias de Coimbra, diz o sr. Pinho Leal:

«2.ª *Santa Justa*— Esta freguezia e a de Santa Cruz, estão actualmente annexas á de S. João de Almedina.»

Engana-se o sr. Pinho Leal. A freguezia de Santa Justa foi annexa á de Santa Cruz. E a freguezia de S. João do Almedina tambem foi extincta, e annexa ás freguezias da Sé Cathedral e S. Christovão.

A'cerca da egreja de S. Pedro, diz o sr. Pinho Leal:

«Estando a ameaçar ruina, o bispo D. Francisco de Lemos a mandou demolir. Foi reedificada com simplicidade, em 1745.»

Para se ver o erro desta data, diremos, que o bispo D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, nasceu no Rio de Janeiro no dia 5 de Abril de 1735; e que por isso em 1745, anno em que o sr. Pinho Leal lhe attribue a reedificação da egreja de S. Pedro, apenas tinha 10 annos de edade.

O sr. Pinho Leal publica o catalogo dos bispos de Coimbra, mas de uma forma incorrectissima. Supprime o nome de varios bispos, altera a ordem chronologica de outros, e até cria alguns que nunca existiram; como por exemplo, depois de D. Jorge de Almeida diz que foi bispo D. Garcia de Menezes, quando em Coimbra nunca houve bispo com tal nome, devendo ser D. Fr. João Soares, que é o que lhe seguiu.

O sr. Pinho Leal, nem se utilisou do catalogo publicado pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira, em 1724, nas *Memorias da Academia Real de Historia Portugueza*, o qual ainda assim é incorrecto; e muito menos se serviu do *Catalogo ou relação nominal dos bispos de Coimbra, desde a restauração do poder dos arabes em 1064 até ao presente*, feito em 1859, pelo sr. conego Miguel Ribeiro de Vasconcellos, que é o mais exacto que se conhece.

A'cerca da illuminação a gaz diz o sr. Pinho Leal:

«Coimbra, é, ha 14 annos, illuminada a gaz.»

Não é ha 14 annos, mas ha perto de 18, pois que a cidade foi illuminada pela primeira vez a gaz em 1 de Outubro de 1856.

Diz o sr. Pinho Leal, que a associação dos artistas foi fundada em 1853, quando foi em 1863.

Notaremos mais, que em geral as noticias que agora publica o sr. Pinho Leal, no seu *Portugal antigo e moderno*, são muito antiquadas. Por exemplo, na divisão territorial da como existindo os concelhos de Avô, Alvares e Fajão, que ha muitos annos foram supprimidos. E finalmente conclue o artigo ácerca de *Coimbra*, repetindo o erro de dizer que Santo Antonio dos Olivaes é freguezia da cidade.

Vamos terminar.

Reconhecemos que o sr. Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal deve ter tido um immenso trabalho com a elaboração do seu diccionario—*Portugal antigo e moderno*; mas é certo que a par de muitas noticias curiosas e exactas, estão alli misturadas outras muitas erradas e até destituidas de fundamento; em parte devidas ás inexactidões que se encontram nos differentes livros que teve de consultar, e tambem por descuido proprio. Pelo menos é o que podemos dizer em relação ao artigo de *Coimbra*.

Ao sr. Pinho Leal se póde bem applicar o que no *Discurso apologetico, critico, juridico e historico...a respeito do sacro, pontificio, e real collegio de S. Pedro*, impresso em Lisboa em 1733, diz o Dr. Manoel Pereira da Silva Leal, referindo-se á *Chronica dos Conegos Regrantes*, por D. Nicolau de Santa Maria. Diz elle a paginas 399:

«Estes descuidos são muito frequentes no padre D. Nicolau de Santa Maria, que se ao grande trabalho, com que fez a sua Chronica, *juntara egual exacção*, seria sem duvida a mais copiosa, e cheia de boas noticias, que haveria neste reino, até das suas antiguidades seculares.»

O sr. Pinho Leal diz no principio do primeiro volume da sua obra, que aceita quaesquer rectificações, as quaes publicará em supplemento. Póde, portanto, fazer destas o que lhe parecer, se as julgar acceitaveis; ou rejeital-as, se entender que os erros estão da nossa parte.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 13 de Abril de 1874.

Não ha assumptos politicos. Depois que se fechou o parlamento, e mesmo com elle aberto, escacearam as noticias politicas de tal forma, que nesta corda, não ha som que se vibre.

Entretanto a opposição, que nada fez legalmente no parlamento, continua na imprensa com a sua opposição acintosa, pretendendo a todo o custo escalar o poder. Accusa, sem apresentar factos, sem mostrar documentos, e todos os seus rancores se voltam contra esta nefasta administração, a unica que desde 1851 inaugurou todos os melhoramentos de que gozamos. Procedendo assim, achamos-lhe um unico merito—o de fazer rir os seus admiradores d'ella.

—Acha-se já compondo na imprensa nacional a resposta do sr. visconde de Paiva Manso ás duvidas apresentadas pela commissão ingleza, com relação á questão de Lourenço Marques. Não podia o governo encarregar pessoa que melhor tratasse aquella melindrosa questão do que s. ex.ª.

—Esteve aqui o sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, administrador da imprensa da Universidade, e irmão do director da imprensa nacional, o sr. Mauricio José Dias. É assaz benevolo e lhano o sr. Olympio, rasão porque tem adquirido as sympathias dos conimbricenses e de todas as pessoas que com s. ex.ª têem a fortuna de tratar.

—Falleceu hontem o sr. Francisco Severino Vieira, thio do sr. Luiz da Silva Coutinho Junior, e Luiz da Silva Coutinho, director da typographia da *Revolução de Setembro*. O fallecido era um habilissimo artista, estabelecido ha muitos annos na rua da Atalaya sob a firma social de Vieira & Ferrão. Damos aos nossos amigos os nossos sinceros pezames.

—Começam hoje as touradas... se começarem. O tempo esta improprio, e uma borrasca violenta, acompanhada de vento sul, tem pesado ha dois dias sobre Lisboa. O gado, porem, apesar do temporal de hontem, chegou para a corrida que se tem de effectuar hoje, se o tempo o permittir, o que não me parece. Chuveiros a espaços e um fortissimo vendaval é o caracteristico do dia de hoje, como foi o de hontem.

—Deixe-me dar-lhe conta de um successo theatral. É a apparição no Gymnasio de uma comedia drama do sr. Salvador Marques da Silva—*Os campinos*. As molas sobre que gira a comedia são triviaes, e estão gastas. Não ha dramaturgo que não tenha tratado o assumpto. Mas Salvador Marques, mancebo que aliás não conheço, fel-o com tanta pericia, com tão consciencioso estudo dos costumes que nos apresenta, com tão fina observação, que, não me envergonho de dizel-o, a comedia não se pode ver a olhos enxutos, e vi cavalheiros e senhoras no Gymnasio, por mais de uma vez, levarem o lenço aos olhos. É uma familia de campinos, que possue uma filha, a qual é levada ao abysmo da deshonra pelo muito amor que dedica ao filho do fidalgo, dono das lezirias, cujo caseiro é o abegão Diogo. E n'este plano principal, á parte outros incidentes para o desenvolvimento da comedia, se desenvolvem aquelles tres bem escriptos actos, em linguagem ora de campo, ora de sala.

Pinto de Campos é maravilhoso de nobreza e de rudeza. Conscienciosamente e brilhantemente se compenetra do papel que desempenha. Lê-se-lhe na fronte, nos modos, nos gestos, a franqueza do campino, do homem de bem, do homem pundonoroso. João Rosa, diz e interpreta o seu papel de galã como poucos temos visto, e mostra na face e nos gestos as sensações que lhe atrophiam o coração. Polla, é o cynico por excellencia.. o espectador chega a votar-lhe asco e desprezo. Maria das Dores, a illudida creança, é sublime nos gestos, quando exprime a sua dor silenciosa. Emilia dos Anjos, com o seu porte senhoril e fidalgo, desempenha perfeitamente o seu papel. E' a fidalga de raça, de coração nobre, que não desdenha estender a mão á filha do campino, salvando-a do abysmo da deshonra. Os actores vão todos bem; o drama deve ser visto, porque encerra lições de moral, que o mundo não respeita e de que se ri.

Parabens, pois, ao auctor, que deve, e póde estar orgulhoso de si—se na sua alma entra o orgulho—por ver a sua primeira tentativa coroada no palco do melhor exito.

—Um matadouro clandestino foi encontrado na travessa de S. Domingos. Compareceu alli a policia e encontrou quatro carneiros, uma vacca, fressuras, mãos, etc. Dois carneiros, a vacca, as fressuras foram inutilisadas por improprias para o consumo. A camara municipal representou ao governo, mostrando a necessidade de uma fiscalisação activa sobre o gado suino.

—Os nossos fundos continuam firmes em Londres a 45 3¡4. Na bolsa venderam-se titulos de divida portugueza interna com o juro do semestre corrente, a 46,42 e 46,45, e com este pago a 44,81 e 44,85, ficando aquelles a 46,60. Em fundos hespanhoes não tem havido transacções.

Até á seguinte.

P. J. CONCEIÇÃO.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Figueira, 9 d'Abril de 1874.

Dos poucos dias que me concedem para vir gosar da companhia da familia, e mesmo da cama, onde me acho accommettido d'uma habitual doença de garganta, que me é bastante frequente, não posso deixar de roubar algum tempo para lhe dar as lugubres noticias que aqui tenho recebido, devidas ás quaes trez das principaes familias d'esta villa se acham enluctadas, e com ellas uma grande parte d'esta população, não só pelo juz que os finados haviam adquirido a este testemunho de respeito e saudade, como pela muita consideração e beneficios de que muitos dos habitantes d'esta villa são devedores aos representantes d'aquelles, cujas perdas eu tambem pranteio do intimo d'alma.

Noticiarei em primeiro logar o passamento da exm.ª sr.ª D. Maria da Gloria Bastos e Sousa, menina que sendo o enlevo de seu carinhoso, pae e thios succumbiu em Lisboa a uma phtysica laringea, no dia 7 do corrente mez, contando apenas 20 annos d'edade!

Era esta menina neta materna do sr. Manoel José Pereira Bastos (já fallecido) rico e venerado commerciante da praça de Lisboa, e paterno do honrado e abastado negociante d'esta villa, o sr. Manoel José de Sousa, sendo seus paes os exm.ºs Dr. Manoel José de Sousa Junior e D. Maria Gloria Bastos, fallecida nesta villa no anno de 1855.

Alem de todos os dotes physicos e moraes que possuia a desditosa menina, e que por si só a tornavam credora da manifestação expontanea com que grande maioria da Figueira a pranteia, temos tambem os nomes dos seus illustres e bemfazejos progenitores, á presença dos quaes hoje correm pressurosos ricos e pobres, gregos e troianos, para com elles lamentarem tão irreparavel perda e implorarem do Omnipotente a resignação que em taes transes só do ceu pode ser concedida.

—Em 5 do corrente soubemos por noticias vindas do Funchal, que alli havia fallecido em 25 do passado Antonio Francisco Ribeiro: e a 7 do presente tivemos conhecimento de que no dia 6 d'este mez fallecera em Lisboa, em casa de seu cunhado Theodoro Ferreira Lima, Cesar dos Santos Féra. D'estes nossos queridos amigos, de quem tarde, ou nunca, talvez, olvidaremos as memorias, fallaremos simultaneamente, já que desde os bancos escholares de primeiras letras conheci ambos, e que d'então até á sua morte só tive provas da sua ininterrompida amisade.

Antonio Francisco Ribeiro, filho d'outro e de D. Mathilde Emilia da Annunciação Ribeiro, nasceu n'esta villa em 1844. Depois de colher a instrucção primaria no nosso paiz, foi adquirir a secundaria na Allemanha, onde não só completou o curso commercial, como tambem alem do idioma d'aquelle paiz cultivou o inglez e francez que fallava rasoavelmente.

Regressando a Portugal em 1863, dedicou-se á vida commercial em Lisboa, onde permaneceu até 1869, que reconhecendo a pouca sorte de que era favorecido n'aquella carreira e o gravame da sua doença, retirou-se á vida privada, vivendo n'esta villa em companhia de sua exm.ª mãe e dos rendimentos da fortuna que lhe havia deixado seu pae. Em 22 de Fevereiro passado fallecera aqui sua mãe, pelo que, e fundado no seu extremoso amor filial, presumo que tão triste noticia lhe roubara alguns mezes d'existencia.

Filho do sr. José dos Santos Féra, e de D. Anna Emilia Antunes dos Santos Féra, era Cesar dos Santos Féra; que depois d'adquirir a necessaria instrucção foi para Lisboa exercer a vida commercial em companhia de seu bondoso irmão e protector José A. dos Santos Féra. Alcançando, porém, alli a doença de que foi victima, seus desvelados irmãos José e Elysio fizeram-no regressar a esta villa, onde o estabeleceram, suppondo que com a mudança d'ares e carinhos paternaes a doença se debelasse, ou pelo menos não progredisse. Infelizmente para qualquer dos doentes nem as molestias eram curaveis, nem tão pouco fazel-as estacionar a sciencia o conseguiu; desenvolveram-se rapidamente as phtysicas de que soffreram, sendo a do primeiro pulmonar e faringea e a do segundo pulmonar e mysenterica.

Foi em 1869 que aqui nos reunimos, Ribeiro, Cesar e eu, que tambem depois de longos e dolorosos soffrimentos, fui prevenido pela medicina de que tinha grandes disposições para vir a soffrer da laringe e pulmões. Fosse ou por então ser mais apprehensivo que hoje, ou porque a mocidade me fazia prezar mais a vida que actualmente, causou-me um horrivel abalo aquella nova, e, se não podia gosar das commodidades que elles auferiam, tratava de ser minucioso investigador dos meios ao meu alcance para debelar a terrivel molestia (ainda então cria n'essa visão dourada!) Com tão justo intento apoquentei muito alguns illustres medicos das minhas relações (aos quaes aproveito a occasião para d'aqui tributar o meu reconhecimento), e, tanto das indicações que elles me faziam, como das animadoras esperanças que me davam do meu restabelecimento, corria eu pressuroso a transmittil-as aos meus companheiros de doença. Esta circumstancia, as discussões que promoviamos sobre o assumpto, os conselhos reciprocos e finalmente as palavras consoladoras, communs a todos, com que fechavamos os debates, fizeram-nos enraizar a amisade a ponto tal, que se a alegria d'um era saudade, com o riso dos tres as maguas d'outro era partilhada com lagrimas de todos nós.

Por algumas vezes servimos reunidos, cargos d'algumas associações, e, não obstante os muitos conhecimentos de Ribeiro, nunca entre nós houve uma zanga: nas discussões que tivemos em taes logares fomos sempre liberalissimos, e, embora as nossas opiniões fossem oppostas, aquelle nunca tentou impor-nos a sua vontade, sendo sempre as votações quem resolvia as causas em que houvesse divergencias, deixando assim d'existir vencedores e vencidos.

Cesar não podia comparar-se com Ribeiro em illustração, já porque não tinha tido os principios d'este, já por ser mais novo e ter vivido sempre no seio da familia, que lhe era assaz extremosa. No entanto ha certo tempo para cá, ou devido aos seus encargos, ou ao progresso da sua doença, fez uma grande mutação, tornando-se pensador: creio que muita gente gostava de o ouvir apreciar certos coisas sociaes; ou pelo menos, apreciava-o.

No outono de 1871 resolveram ambos ir passar o inverno na cidade do Funchal, a fim de gosarem do temperado clima que então offerece a incantadora ilha da Madeira; devo ás suas memorias a fineza d'então quererem ratear entre si parte das despezas que eu alli fosse fazer, indo em companhia d'elles gosar d'aquelle que elles julgavam tão proficuo beneficio.

Não acceitei por muitos motivos e especialmente por ter entendido que creados certos encargos, a gente deve morrer no seu posto, e que mais tarde ou cedo pouco deve importar. Lá foram; voltando na primavera de 1872, mas sem resultado algum: o progresso do mal foi superior ao beneficio da temperatura que alli gosaram.

O inverno de 1872 passou-o Cesar entre nós, e Ribeiro foi passal-o a Buenos Ayres, ao que o haviam aconselhado. Quando d'alli regressou, na primavera de 1873, foi aos Pyrineus fazer uso não me recordo agora de que insufflações, e ainda assim nada conseguiu.

No outono de 1873 partiram d'aqui ambos para Lisboa, com destino ao Funchal; a medicina, porém, receiosa que Cesar não podesse emprehender a viagem, aconselhou a ir antes para Faro, como foi, seguindo Ribeiro só para a Madeira.

Em 8 de Março regressou Cesar a Lisboa a casa de sua exm.ª irmã D. Maria da Luz dos Santos Féra e Lima, e alli permaneceu até ao dia 6 do corrente, que deu a alma ao Creador, com 37 annos de edade, suavisado até ao ultimo momento com todos os recursos da sciencia e carinhos de seus extremosos irmãos, inclusivè de José Augusto e Elysio, que alli foram de proposito d'esta villa para esse fim, ao passo que Ribeiro lá se foi finar com 30 annos de existencia longe do ninho paterno, augustiado com a perda de sua extremosa mãe e sem ter talvez um intimo amigo que na hora extrema lhe cerrasse as palpebras!

E inda assim, lá distanciado, pouco tempo antes do seu passamento, não olvidou os parentes que lhe eram caros, em beneficio de quem testou em testamento cerrado, mas do qual, por ora se ignoram os legados.

O seu cadaver brevemente deve ser transladado para o jazigo de familia que possuem no cemiterio desta villa, onde deve vir dormir o somno eterno junto dos seus progenitores que tão caros lhe foram.

Ahi tem pois o meu amigo o esboço historico de dois martyres que, se não foram nenhuns homens notaveis, foram comtudo d'aquelles entes com cuja perda a sociedade muito soffre, porque longe de fazerem mal para se engrandecerem, como hoje fazem uma grande parte dos seus membros, só fizeram bem; sendo por isso que essas duas almas bondosas não deixaram na terra um inimigo e sim muitissimos amigos, que do coração os pranteiam e por elles elevam fervorosas preces ao Altissimo, para que as suas almas gosem da bemaventurança destinada aos bons.

Junto dos vossos tumulos, prezadissimos amigos, deixem-me, já que vos sobrevivi, não obstante os incessantes baldões da sorte, que inda um dia vá derramar algumas lagrimas de pungente saudade, e que como testemunho do meu respeito ás vossas memorias deixe registado aos que nos succederem, o bem que fizestes e os martyrios que soffrestes.

Ás exm.as familias dos tres illustres finados, ás quaes tributo muita dedicação, estima e respeito, d'aqui endereço os meus sentidos pezames, fazendo ardentes votos para que o salutar balsamo da resignação seja por ellas espargido na quantidade reclamada pelos profundos golpes que acabam de receber.

* *

NOTICIARIO

Ruas antigas de Coimbra.— Em o n.º 2783 deste jornal, de 28 de Março ultimo, publicámos uma relação de muitas ruas antigas desta cidade, de que se mudaram os nomes, ou que já não existem, pelas alterações que tem havido.

Os nomes daquellas ruas foram pela maior parte tirados de antigos documentos do archivo da camara municipal e da secretaria da administração dos hospitaes da Universidade.

Vamos hoje publicar os nomes de mais algumas ruas, tirados de antigos documentos do cartorio do Cabido.

Rua de *Alpedide*, na freguezia da Sé. No livro dos aforamentos do anno de 1457 se mencionam umas casas nesta rua, as quaes tambem deitavam para a rua das *Gatas*.

Rua das *Cavalharices de el rei*.

Rua dos *Peliteiros*, citada no livro dos Accordos.

Rua dos *Lobos*, citada no mesmo livro.

Porta *Moirisca*, na freguezia de Santa Justa.

Arco do *Figueiredo*.

Rua dos *Quatro cantos*, na freguezia de Santa Justa.

A rua das *Tendas*, que já mencionamos em o n.º 2783 d'este jornal, era sobre a Sota.

A rua de *Palhaes*, era a par da *Mancebia*, na freguezia de Santa Justa.

A rua do *Coruche*, hoje do *Visconde da Luz*, apparece já citada em um documento de 1374.

São mencionadas umas casas nesta cidade, á *Lage quente*.

Ha o emprazamento de uma vinha, junto ao muro da cidade, no sitio chamado *Milen*.

Outro emprazamento no quintal dos *Celleiros*.

O sitio chamado *Eira de Patas*, é onde depois foi edificado o actual convento de religiosas de Sant'Anna.

No livro 5.º dos aforamentos se falla de um prazo do collegio de S. Pedro, *ás Convertidas*, junto aos *Mariannos*, em 15...

Rua em *cima da cerca, que hora é dada aos mercadores, que vem para a Sé*.

Casas com seu *eixidio*, atraz de S. Pedro.

Casas ao *forno da Sé*.

Alcaçarias junto da ponte.

Rua dos *Oleiros*, a par da *Albergaria*.

Casas junto aos *paços de Alcaçova*.

Rua que vae para o *Paço do Bispo e açougues velhos*.

Casas junto aos paços de *Gonçalo Mendes*.

Porta da *Figueira Velha*.

Communhão aos presos.— No domingo proximo, pelas 9 horas da manhã, será levado o Sacramento aos presos da cadeia de Santa Cruz, para satisfazer ao preceito quaresmal.

Barqueiros infieis.—São bem sabidas as fraudes que commettem a maior parte dos barqueiros, que conduzem as pipas de vinho para a Figueira. Os negociantes são constantemente roubados, sem até agora poderem evitar a continuação de taes factos, que são graves, não só pelo vinho subtrahido, mas pela damnificação de todo o vinho, com a agua que introduzem nas pipas, para substituir o vinho furtado.

Eis o que a este respeito nos dizem da Carapinheira:

«Sr. Redactor.—Os barqueiros a que dão o titulo de Serranos, que conduzem vinhos para a Figueira, e estação do caminho de ferro, repartem tão avultados litros, especialmente com os pescadores, que pescam nas aguas do Mondego, que é impossivel que os donos destes vinhos, não soffram um grave prejuizo em suas qualidades; e para que estes senhores se acautelem, e não vivam na ignorancia de uma tal delapidação, os vou prevenir por este modo; e v., sr. redactor, se entender que esta minha lembrança é justa, e que seja ao mesmo tempo da sua approvação, não deverá ter a menor duvida em copiar no seu muito lido jornal, estas poucas linhas. Carapinheira, 12 de Abril de 1874.»

Fallecimento. — O partido liberal acaba de ter uma grande perda com o fallecimento do sr. João Antonio dos Santos Silva, antigo deputado e jornalista.

Napoleão 1.º — Foi verdadeiramente privilegiada e extraordinaria a organisação deste grande homem. Para se avaliarem as suas forças physicas e intellectuaes, basta citar os seguintes factos:

Dictava simultaneamente a 4 ou 5 secretarios por espaço de 15 horas continuas, sem tomar repouso nem refeição. Prolongava a vigilia 3 dias e 3 noites consecutivas. Depois de grandes marchas forçadas e de outros exercicios physicos, occupava-se de negocios de gabinete por espaço de 30 horas e mais. O que é ainda mais extraordinario, é que o pulso de Napoleão, como affirma o seu medico Corvisat, dava apenas 45 a 48 pulsações por minuto, em logar de 60 e mais, que é o mais geral em quasi todos os homens.

Insignias curiosas.— A *negrinha* é uma insignia do mordomo mór da casa real portugueza, com a qual assiste a todos os actos publicos da côrte.

No reinado de D. Affonso V, pelos annos de 1442, vieram os primeiros negros trazidos de Guiné a Portugal por Antão Gonçalvas, criado do infante D. Henrique; e pelos annos de 1448 tambem vieram a Portugal, da costa do sul de Cabo Verde, os primeiros dentes de elephante. Desde então, Affonso V ordenou a Alvaro de Sousa, senhor de Miranda, e seu mordomo-mór, que usasse de uma bengala de marfim, tendo por castão uma cabeça negra, em todos os actos publicos da côrte, como para indicar o seu novo dominio naquellas partes do mundo.

Valor dos poetas. — Em todos os tempos os poetas tiveram grande influencia no destino dos povos. Citaremos apenas alguns factos.

Os Mesenianos em guerra com os Lacedemonios pediram auxilios a Athenas para continuar a lucta. Os athenienses enviaram-lhes um poeta, Tirteo, que animando os desalentados Mesenianos com seus hymnos guerreiros, os conduziu de novo ao campo de batalha, fazendo-lhes conquistar os louros da victoria. Naquella epocha um poeta valia um exercito.

Na edade media Machiaveli, o poeta mais distincto do seu tempo e o primeiro politico da sua epocha, influiu sobre a Europa e sobre a sorte da Italia, como ministro da republica de Florença; e Dante, o Homero daquella edade, organisou o grande partido gibelino, representante da democracia florentina.

Em tempos posteriores, Camões contribuiu para a conquista da India; Garcilaso acompanhou Carlos V em suas conquistas; e Milton, o publicista da grande revolução ingleza, apresenta-se perante a Europa como um grande politico, na qualidade de ministro de Cromwel.

Nos nossos dias, se os poetas não commandam os exercitos, a sua missão não é menos elevada e nobre, dirigindo os negocios do estado. Canning, o primeiro ministro da Inglaterra, foi um poeta que influiu nos destinos europeus. Chateaubriand, o fundador da liberdade da imprensa em França, foi um grande poeta. Byron morreu bem novo, defendendo a independencia da Grecia. Lamartine, um dos fundadores da republica franceza e o grande pacificador da Europa, foi talvez o mais inspirado poeta francez. O genio immortal de Victor Hugo ainda hoje influe nos destinos democraticos da França.

Em Portugal, a historia dos governos liberaes tambem abunda em exemplos notaveis. Basta citar Garrett, Mendes Leal, A. de Serpa, Corvo, etc.

A fuga de Rochefort.— Diz o *Diario de Noticias* que não ha duvida ácerca da fugida de Rochefort e outros communistas do presidio da Nova Caledonia.

Quando chegaram a Sidney, Rochefort mandou um telegramma a Edmund Adam, antigo amigo e tutor de seus filhos, em que lhe participava a evasão e pedia 25:000 francos para sair de Sidney. Recebendo este telegramma, Adam combinou com alguns amigos, e entre elles Victor Hugo, o modo de mandar o dinheiro. Abriu-se uma subscripção, para a qual contribuiram Victor Hugo com 6:000 francos, Adam com 6:000, a redacção do *Rappel* com 6:000, completando a importancia pedida outros amigos. Depois o sr. Adam pediu ao sr. Gill, representante do banco inglez *Oriental Bank*, que tem succursal em Sidney, desse a ordem de saque pelo telegrapho e assim se fez.

A fuga de Rochefort e outros fôra preparada na Nova Caledonia por Jourde, que o governador do presidio escolhera para seu secretario. Tratou com um conhecido republicano o fretamento de um navio inglez, o qual tomou Rochefort, Pascal Grousset, Jourde, Verhére e Regère, e mais um ou dois, na costa da Numea. O navio esteve dois ou tres dias a pairar na costa, pretextando que ia desembarcar varias mercadorias, e recebeu a bordo os presidiarios fugidos.

O governador da Nova Caledonia, quando soube isto, reclamou os communistas do capitão, porem este respondeu que não os tinha, e se os tivesse não os entregaria, pois já estavam sob a protecção da bandeira ingleza. E fez-se de vela para Sidney. Outros communistas, que se tinham ajustado para fugir, não o conseguiram com os seus companheiros, por não chegarem a tempo a Numea.

O governo francez recebeu esta noticia com desgosto; dizia-se que ia reclamar os fugitivos do governo inglez, impondo egualmente responsabilidade aos que tivessem mandado dinheiro para se consummar a evasão.

Noticias de Hespanha—Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Temos jornaes de 9 e 10.

Não ha novidades da guerra que mereçam menção; as cartas vindas do Norte limitam-se quasi a considerações sobre os meios de ataque dos liberaes e de defeza por parte dos carlistas.

Em uma carta publicada pela *Epoca* lê-se o seguinte:

«Ignoro qual será o plano das operações successivas; está porém na consciencia de todo o exercito que por Sommorrostro não se salva Bilbao; é tal a serie d'entrincheiramentos e obstaculos, uns naturaes, artificiaes outros, que sera impossivel dar um passo que não custe torrentes de sangue, e ainda assim será impossivel chegar a Bilbao.

«Não ha soldado no mundo que possa atacar com fogo de frente, dos flancos e da rectaguarda, porque não ha possibilidade de que chegue algum; todos ou quasi todos têem que ficar a meio caminho, fora do combate, ou pelo menos impossibilitados de superar obstaculos, como fossos, barrancos e outros similhantes, porém todos superiores ás forças humanas.

A natureza do terreno, unida ás obras artificiaes feitas pelos carlistas, combinadas admiravelmente, tornam difficil que sob taes auspicios e em taes condições possam voltar ao ataque os nossos bisonhos batalhões, por-

que é sabido que na sua maioria os soldados são recrutas da mesma reserva.»

A Sociedade de Nossa Senhora Consoladora dos Afflictos, tendo recebido de um bemfeitor anonymo, por intervenção do exm.º sr. Commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, a quantia de 45$000 rs., para distribuir pelos pobres; agradece ao caritativo bemfeitor a sua benemerita esmola, em nome dos necessitados a quem soccorreu, que são os seguintes:

Theresa de Jesus, engeitada, rua do Correio	500
Theresa Bernardina, rua d'Alegria	1$000
Theresa Emilia, rua do Correio	500
D. Maria Monteira, rua dos Coutinhos	1$000
Germano, rua de Quebra-Costas	500
Maria, entrevada, rua do Cabido	500
Chrysostoma das Neves, rua do Cabido	1$000
Cegas, da rua do Norte	1$000
Quiteria Pinto, rua do Norte	500
Bernarda Teixeira, travessa da Trindade	500
Joaquim da Sebastiana, rua do Correio	1$000
Joaquina da Conceição, travessa da Trindade	500
Maria da Luz, travessa da Trindade	500
Maria José, cega, e sua mãe, rua das Esteirinhas	500
Maria Antonia Esparteira, travessa da Couraça	1$000
Joaquim Primo, becco da Carqueja	1$000
Christina Sophia, viuva de Mello e Silva	1$000
Marianna de Jesus, becco da Amoreira	1$000
Maria dos Santos, becco da Amoreira	1$000
Henriqueta Amalia, á Sé Velha	1$000
D. Theresa de Carvalho, largo das Olarias	1$000
D. Cecilia Augusta de Carvalho, largo das Olarias	500
Anna Maria da Gloria, rua das Padeiras	1$000
Theresa Engracia, aos Palacios Confusos	1$000
Maria Ludovina, rua do Correio	500
Joanna, viuva	500
Maria Redonda, becco da Amoreira	500
Maria Justina, becco de S. Christovão	500
Uma velha, viuva	500
Um pobre, leproso, (cobertor e camisa no valor de)	1$410
Anna Maria de Jesus, (vestido e camisa, no valor de)	1$410
Maria Joanna, ao Theodoro, (dois lençoes e enxergão, no valor de)	1$740
Joaquina, viuva, rua do Borralho, (camisa no valor de)	360
Margarida Bandeira, rua dos Estudos	1$000
Viuva do Duque	1$000
Viuva do Diamantino	1$000
Maria da Piedade, (uma camisa no valor de)	360
Maria da Cunha, (um vestido e uma camisa, no valor de)	1$410
Um viuvo, rua de Quebra-Costas	1$000
Joaquina Ferreira, rua das Ameias	1$000
Maria Carolina, rua da Ilha	1$000
Isabel Maria de Jesus, becco de S. Christovão	500
Alexandre, rua do Marachão	1$000
Maria Adelaide, na Arregaça	500
Maria da Boa-Morte, rua do Correio	500
Maria Carolina, rua das Fangas	500
Maria Luiza, rua do Correio	500
Maria da Conceição, rua do Correio	500
Anna Rita Neves	500
Maria da Conceição, becco da Amoreira	500
Maria da Pureza, Couraça de Lisboa	500
Justina de Jesus, S. Christovão	500
Maria de Jesus, S. Christovão	500
Joanna da Fonseca, rua do Correio	500
Differentes pobres, em esmolas pequenas	2$160
Ludovina, de Santa Clara, chita para um vestido	1$050
Um vestido a uma creança	600
Somma	45$000

Presidente, *Joanna Emilia de Albergaria Pereira.*

ANNUNCIOS

VENDA DE PROPRIEDADE

1 NA RUA DO VISCONDE DA LUZ, n.º 17, loja de mercearia do sr. João Correa d'Almeida, se hade vender em praça particular, no proximo domingo, 19 do corrente, pelas 10 horas da manhã, o casal denominado—das Arcas d'Agua—que fica proximo ao convento de Santa Theresa e fronteiro com o Observatorio Metereologico, que se compõe de terra de semeadura, casas, um bom olival, e mais arvores de fructo e recreio.

Quem o pretender comprar, e careça antes de obter esclarecimentos, póde dirigir-se a Abilio Maria Ladeiro, á rua acima indicada, n.º 18, 2.º andar.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

2 NO DIA 19 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no claustro de S. Jeronymo, abre-se praça para a arrematação da mão d'obra de 200 bancas de cabeceira, 20 meias commodas, 20 espelhos, 20 mesas de quarto, 20 lavatorios, 20 caixas de retrete, e 40 cadeiras, segundo modellos que alli se acham patentes desde já.

Administração dos Hospitaes da Universidade de Coimbra, 14 de Abril de 1874.

O administrador,
Costa Simões.

3 A COMPANHIA Mineira e Industrial do Cabo Mondego, recebe propostas até ao dia 30 do corrente, para o fornecimento de 12,000 travessas semicirculares de pinho da terra, com as dimensões de 1,60—0.22—0,11, entregues sobre o caes da villa da Figueira, durante os mezes de Maio, Junho e Julho, 4,000 em cada mez.

As propostas serão feitas em carta fechada, sobrescriptada á Companhia, designando-se no sobrescripto, propostas para o fornecimento de travessas, e entregues até ás 11 horas da manhã daquelle dia, no escriptorio do illm.º sr. Jacintho Malheiro de Mello, rua da Lomba, aonde serão abertas na presença de todos os proponentes.

Os proponentes darão fiador, e deixarão 10 p. c. das importancias que forem recebendo, que ficarão depositadas até á ultima entrega como garantia.

Figueira, 14 de Abril de 1874.

Attenção

4 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

5 SEMENTES D'EUCALYPTOS—Rua do Visconde da Luz.—A. M. S. de Castro.

ARREMATAÇÃO

6 NO DIA 5 de Maio proximo, pelas 9 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, perante o exm.º sr. dr. juiz de direito, se hãode arrematar e vender em hasta publica os bens de raiz e moveis, que foram penhorados a Joaquim José Ferreira de Castro, e sua mulher D. Pulcheria Camilla de Oliveira e Castro, desta cidade, por virtude de execução hypothecaria de divida, que lhes move o exequente Antonio José Alves Borges, negociante nesta cidade, e cujos bens são os seguintes:

Uma quinta no sitio da Copeira, freguezia de S. Francisco da Ponte, comprehendendo só a parte de que foi possuidor anterior Joaquim Antonio de Oliveira, desta cidade, com todas as suas pertenças, serventias e logradouros, casa, nora e engenho de ferro, alcatruzes, terra de semeadura, vinha, arvores de fructo, e oliveiras; a qual tem o encargo de dar serventia de pé e carro, para a quinta chamada dos Pereiros, hoje pertencente ao exequente Antonio José Alves Borges; parte do nascente, com estrada real, do poente e norte, com a quinta dos herdeiros do dr. José Cupertino, de S. João de Areias, e do sul, com a quinta dos Pereiros, do dito Antonio José Alves Borges, de Coimbra; que reputada livre de fôro, ou de qualquer encargo, foi avaliada na quantia de 2:019$900 rs.

Uma quinta no sitio da Torre de Alcancere, freguezia de Assafarge, com todas as suas serventias, pertenças e logradouros, terras de semeadura, pomar de laranjeiras, oliveiras e outras arvores de fructo, vinha, casas de viver, curraes, pateo e palheiros no mesmo, eira, telheiro, duas azenhas de moer grão, tanque para agua; a qual parte do nascente, com a quinta do par do reino Miguel Osorio, do poente e norte, com estrada publica, e do sul, com aguas vertentes e caminho do Zambujeiro, e estrada da Bobadella; a cuja quinta pertence tambem um olival do lado de fora d'ella, o qual parte do nascente com estrada publica; do poente e norte, com João Marques Perdigão; e do sul, com José Vicente e estrada publica; que reputados livres de fôro, ou de qualquer encargo, foram avaliados na quantia de 7:986$700 rs.

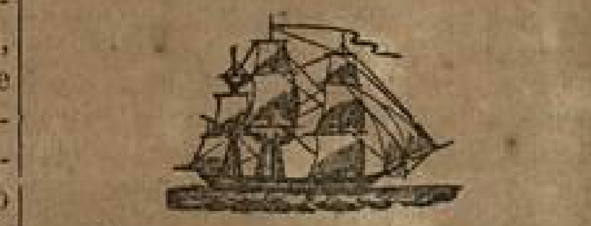
Um alambique de cobre, muito velho, que está na quinta da Copeira, montado em fornalha, e pia, com serpentina de estanho, que levará 36 a 40 almudes, avaliado na quantia de 20$000 rs. Um alambique mais pequeno, de cobre, que está na dita quinta, que levará 7 ou 8 almudes, avaliado na quantia de 10$ reis.

Os quaes bens assim declarados e confrontados, se hãode vender e arrematar no dia, local e hora designados, e se entregarão a quem por elles offerecer lanço que cubra a importancia de quatro quintas partes do valor da avaliação, conforme o disposto no artigo 218 do Regulamento de 28 de Abril de 1870.—Da execução é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.—Coimbra 13 de Abril de 1874.

7 OFFERECE-SE uma senhora para arranjo de quartos e algumas voltas de casa. Tem uso de governar casa e deseja tambem uma que tenha pouca familia, e de costumes honestos. A quem convier dirija carta fechada á redacção deste jornal, com as iniciaes—M. E. C. N.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Galera—ADAMASTOR—em 15 de Abril.
Galera—AMERICA—em 30 de Abril.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

OCULISTA

Com loja em Coimbra, na Calçada, n.º 86, a 90.

MONSIEUR BOLSSON & POMBAR

9 QUE tantos elogios têem recebido nas principaes cidades de Hespanha pelos bons resultados de seus excellentes elementos para a conservação e augmento de vista, e cuja propriedade consiste unicamente em crystal de rocha e verdadeiros flingas superfinos, têem a honra de offerecer ao illustrado publico um completo sortimento de todos estes artigos para todas as especies de vista cançada, myope, cataratas operadas, vista debil, inflammação de olhos, etc.

Os ditos crystaes são considerados por os mais celebres chimicos e oculistas, pessoas competentissimas, para a escolha das materias mais finas empregadas n'este ramo e que possam dar o melhor resultado em allivio do orgão visual, como os mais perfeitos apparecidos ate hoje, por serem trabalhados em agua d'onde recebem agradavel suavidade e transparencia, sem que a mais minima impureza possa incommodar o dito orgão, antes pelo contrario restitue-lhe a força perdida por muitos inconvenientes.

O mais desagradavel é que por causa da ignorancia de algumas pessoas se deprecie o grande merito dos famosos chimicos, confundindo preciosos productos, que merecem justa reputação, com vidros trabalhados a fogo, materia tão ordinaria, que por meio da convexidade ou concavidade, com que estão construidos, servem evidentemente para mais destruir a vista.

O dito optico venderá os referidos artigos a inteira satisfação do publico e com todas as provas que se lhe exijam.

PREÇOS LIMITADISSIMOS

Competencia com todos

Oculos e lunetas de ouro com crystaes de rocha, ditos de prata e de prata dourada, ditos de aço, grande sortimento de lunetas sem aro, ditas de tartaruga e de bufalo, barometros metalicos com thermometro, thermometros de varias dimensões, binoculos para campo, marinha e theatro, lupas de grande força, microscopios de varios formatos, conta-fios, lentes de relojoeiro, oculos defumados esphericos e de caminho de ferro, caixas de varias qualidades para oculos e lunetas, cordões de seda para lunetas, graduadores para licores (de differentes auctores).

Aros para oculos e lunetas de todas as qualidades. Faz-se toda a classe de concertos pertencentes ao ramo d'optica, taes como—barometros, thermometros, binoculos, e oculos de longa vista. Põem-se vidros, e vendem-se avulso. Ha tambem graduador para recrutas com a verdadeira graduação.

NUMERO 2789 — SABBADO 18 DE ABRIL DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A actividade politica dos partidos, converge agora unicamente para os trabalhos da proxima campanha eleitoral, em que se costumam medir as forças, e de cujo resultado depende exclusivamente, segundo a nossa forma de governo, a escolha dos homens que tem de desempenhar os principaes cargos do estado.

Vae, pois, o povo exercer o mais importante dos direitos politicos; e a elle fica entregue por este modo o destino das cousas publicas.

O suffragio popular decidirá em breve, se a politica do actual governo merece a confiança do paiz, e se a gerencia dos negocios do estado tem sido desempenhada em harmonia com a vontade popular, e com as necessidades sociaes.

A soberania nacional virá, portanto, em breve decidir um pleito que os partidos disputam, e que a dignidade do paiz deseja ver terminar pela forma legal do *veredictum* publico.

E esta forma concisa, mas justa e decisiva, de sondar o espirito do povo e o sentimente geral para obedecer ás suas manifestações, é um dos actos mais imponentes e grandiosos da constituição de todos os povos livres. Esta formula veiu substituir as luctas sanguinarias, que em outros regimens e outras epochas costumavam resolver as questões entre os partidos, determinadas quasi sempre pela ambição daquelles que, por meio de theorias de forma brilhante, sabem illudir as massas populares, sacrificando-as como meios ao egoismo dos interesses individuaes.

Por este systema é respeitada a vontade geral; são egualados os direitos de todos; são ouvidas as reclamações fundadas na collectividade de interesses.

Seja o povo livre na escolha dos seus representantes; não se deixe arrastar por suggestões de influencias desprestigiadas, nem delegue os seus poderes em homens a quem o facciosismo politico obsecou as faculdades do espirito. Repare que estes homens não representam os interesses legitimos dos seus constituintes: mas sim a politica ignobil dos corrilhos, a politica que antepõe á honra e ao dever nacional, ao credito e á dignidade do parlamento, ás necessidades e interesses dos povos, as conveniencias illegitimas da facção que defendem.

O povo assim, abdicaria os seus direitos; não delegaria os seus poderes. Não se deixe, portanto, illudir com falsas promessas.

Exemplo palpitante do que vale a politica ambiciosa, desleal e injusta dos partidos, tem o paiz na ultima sessão parlamentar. A opposição alli não velou pelas regalias publicas, nem representou os interesses locaes dos seus constituintes; impediu a realisação das medidas uteis, discutiu a politica pessoal, faltou ao respeito devido á tribuna parlamentar, ás instituições politicas, e ao chefe do estado.

Estamos certos que estes exemplos hãode aproveitar na proxima eleição; que a grande maioria dos eleitores tem pensado maduramente nas vantagens da tranquillidade que temos gozado, e na prosperidade que ahi se tem visto desenvolver perante a gerencia do actual governo, e que se não deixará imbuir de falsas ideias, compromettendo os seus mais caros interesses, e a dignidade propria de um povo livre e independente.

Um nosso estimavel e antigo amigo, proprietario em Sandomil, communica-nos os seguintes interessantes esclarecimentos ácerca do caminho de ferro da Beira.

«Sr. Martins de Carvalho, e meu prezadissimo amigo.—Causou-me bastante impressão a novidade, que v. transcreve no dia 11 do corrente, do *Diario de Noticias*, e que termina com os dois periodos seguintes—«E suppomos que tudo ficaria harmonisado se se pedisse, como se diz e escreve, que é possivel conciliar o traçado denominado do norte, com o ponto de partida em Coimbra. Está publicada uma representação que indica o modo pratico e a conveniencia disso se fazer.»

É, na verdade, uma noticia sinistra, quando affirma, sem a mais pequena cerimonia, que se o traçado do norte se compadecesse com o ponto de partida de Coimbra «tudo ficaria harmonisado» (!!!) E que tal?!

Quer isto dizer que a Lusa Athenas sem mais cumprimentos, nos viraria as costas; os povos d'este lado do sul do Mondego, eram no fim de tudo divorciados, sem serem ouvidos, da sua amada Coimbra!...

Não commentamos. Mas sentimos necessidade de ser publicado no nosso *Conimbricense* um autographo que, agora mesmo, achamos intalado no nosso copiador, e que resa assim:

«Ex.mo sr. redactor d......—Recebi, em tempo competente, o favor de v. ex.ª de 29 do proximo passado a que não tenho respondido por falta de saude; porém agora, que o meu incommodo vae declinando, aproveito o primeiro momento para apertar a mão a v. ex.ª com verdadeira congratulação, pela hombridade, e boa vontade com que vae esclarecer a questão vital para os povos do sul do Mondego, qual é a directriz do caminho de ferro da Beira Alta!

«Se tivessemos boa carta topographica deste nosso abençoado Portugal, não teria v. ex.ª tanta necessidade de solicitar esclarecimentos, para evidenciar a justiça, pelas amplissimas, e infinitas utilidades, com que os povos do sul do Mondego reclamam, por aqui, a directriz do caminho de ferro da Beira Alta; mas como o não temos, todos os esclarecimentos são aproveitaveis.

«Desejavamos, n'esta occasião, pertencer a outra provincia para nos não averbarem de suspeitos, na grande questão do dia: mas, assim mesmo, desassombradamente diremos, que em boa fé, não pode crer-se, que os homens encarregados da governança do nosso paiz, ignorem a differença que ha, na riqueza,

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCIV

D. CARLOS

CIV

Ao começar o anno de 1838, a politica e a administração liberal eram tudo esperanças; mas na sua conclusão tudo desenganos. A divisão dos partidos era, como succede sempre, o cancro que tudo devorava.

Na primeira sessão de côrtes triumphou o fracção moderada, elegendo presidente por toda a legislatura a Barrio Ayuso, que mostrou alguma energia no desempenho do seu alto cargo. Tambem triumphou na eleição dos vice-presidentes, ostentando-se, a respeito de alguns, apaixonada ao recusar admittir em seu seio a Moratinos, deputado por Palencia, porque estava tonsurado, ainda que era alcaide constitucional e capitão de nacionaes.

No entanto as sessões progrediam languidas, com menoscabo do principio liberal; e no meio d'esta esterilidade de discussões, o novo gabinete adoecia do capital defeito dos seus antecessores. Falto de iniciativa e de energia, não se punha ao nivel das circumstancias, nem sabia sair do pequeno circulo que lhe traçavam os interesses de partido, desattendendo assim os da nação.

Em um pensamento julgou attendel-os: no da intervenção estrangeira; e como se lhe não bastasse a attitude que tomara o rei e o governo de França, negando-a de uma maneira terminante; o escasso ecco que tiveram na camara os esforços de Thiers e Odillon Barrot, e a approvação por uma immensa maioria da emenda de Hebert, seguia alimentando vãs illusões.

A opposição, que via que o ministerio tinha destruido as esperanças que fizera conceber, receiava então os seus ataques: apresentava o triste estado da situação da Mancha, formulava accusações, e não as contestava o ministro da guerra, que então era o general Carratalá, por demissão de Espartero e separação do barão del Solar.

Fortemente estreitado na questão de intervenção, na qual ainda cria, procuraram desvanecer as suas illusões, e veiu, por fim, a dizer Perez de Castro:—«Rogo aos senhores deputados que digam, que mais pode fazer o governo.... digam o que se pode fazer para acabar a guerra civil, e se o governo o não cumprir, venha sobre seus membros a execração da nação inteira.»

Esta tacita declaração, que devia fazer-se demittindo-se de uns cargos, a que deviam elevar-se pessoas mais capazes, augmentou as forças da opposição, robustecida com a dissidencia entre os ministros da fazenda e guerra. Defende Martinez de la Rosa o governo, e ao responder-lhe Olózaga, diz opportunamente que manifestasse o ministerio o seu systema para que o paiz o julgasse; porém, como havia de manifestar o que não tinha?

Isto acabou de dissipar as esperanças dos que creram que aquelle governo melhorasse a situação administrativa e politica do paiz.

Pediu o gabinete com urgencia uma quinta de 40:000 mil homens para augmentar o exercito, que, ainda que figurava de 207:000 infantes e 14:000 cavallos, tinha soffrido muitas baixas, segundo declarou Carratalá. Approvou-se, por fim, a quinta, pelo desejo que havia de terminar a guerra; e tendo dado logar a discussão a recriminações e a diversos incidentes, disse o novo ministro Alexandre Mon, que se occupasse o congresso de fazer leis, e se deixasse de examinar actos que se referiam a operações militares, cuja revelação comprometteria o governo.

Os justos clamores do clero, dos egressos, e freiras, eram maiores cada dia, e para acalmal-os, procuram alguns deputados moderados appellar para o reaccionario meio de restabelecer os dizimos: oppõe-se os progressistas, diffundem o alarme nos povos, chovem exposições das camaras municipaes e lavradores, e cedem em tão inconveniente projecto. Fallou-se muito sobre a deploravel situação das freiras, mas nada se remediou.

Aquella legislatura, que tão poucos, ou nenhum beneficio deu ao paiz, terminou a 17 de Julho, sem que depois o governo, mais desaffrontado, e com mais liberdade de acção, se mostrasse á maior altura do que se havia ante um congresso em que contava uma grande maioria, de que dispunha á sua vontade.

Desauctorisados uns ministros, jovens e inexpertos outros, não obstante que estes foram os mais activos e os que melhor sustentaram em certas occasiões o governo, este perdeu a sua força moral, e o paiz comprehendeu que o partido moderado não curava dos males, que deixou sem remediar o progressista.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

circumstancias de prosperar, e movimento de vida dos povos do sul, e dos do norte do Mondego!!!

«Pois quem ha ahi, que ignore que a parte do sul do Mondego, desde Coimbra (e mais abaixo...) até Almeida, é uma das melhores cousas, que Portugal tem?!

«Respondam por nós todos os dados estatisticos; examinem-se, com lealdade, e evidenciar-se-hão as vantagens immensas, que tem a margem esquerda, sobre a margem direita do Mondego, na questão sujeita.

«E diremos mais, é uma vergonha—se não é declarada má fé—mostrar-se duvida a tal respeito.

«A margem direita do Mondego, se lhe tirarem o vinho—em que pouquissima vantagem lhe confessamos, tanto na quantidade, como na qualidade—fica logo pobre, e sem outro recurso; em quanto que a margem esquerda do Mondego é um jardim composto de todas as flores, que fazem um paraizo, e mimoso—muito olivedo, terras immensas de prado, e milho, riquissimas vinhas, magnificas fructas, abundantes e creadoras aguas, e muita copia de folhas de centeio, cevada, e trigos; isto em todas essas granjas, que bem se observam no correr da estrada, e mais ao largo. Até aqui, na generalidade; agora, na especialidade, o que chamam abas da serra d'Estrella, ellas que fallem por nós; ahi as temos cobertas de enxames de gados, e semeadas de estabelecimentos fabris, cujos productos só por si, são seguramente muito superiores á tudo quanto tem o lado do norte do Mondego.

«E para v. ex.ª fazer ideia, bastará dizer que n'um raio de trinta kilometros desde a villa de Loriga até Figueiró da Serra, existem trinta e quatro estabelecimentos de lanificios, em que se fabricam annualmente nunca menos de cento e vinte mil arrobas, peso antigo, de lá!! E qual é a fonte de rendimento collectavel da margem direita do Mondego, que poderá competir com este ramo, somente da margem esquerda? Nenhuma. E quanto se multiplicariam os estabelecimentos fabris, n'um paiz que a natureza creou para elles, se tivessem o benefico, e maravilhoso impulso, esses cem braços de Briareu, da linha ferrea?!

«Capacidades pequenas, não podem abranger calculo de tanta grandeza.

«Em summa v. ex.ª sabe perfeitamente, que quando em Portugal se projectou a primeira linha ferrea, logo, então, dois dos seus filhos mais respeitaveis, o nobre duque da Terceira, de saudosa memoria, e o nobre marquez de Sá, foram d'opinião que aquella linha devia ser traçada no rasto da primeira invasão franceza, no nosso territorio; isto é estrada d'Almeida, Celorico, Ponte Pedrinha, Saragoça, Ponte da Mucella, Coimbra, etc., que é geralmente, a margem esquerda ou sul do Mondego.

«Finalmente, dê-me v. ex.ª licença que eu tape a bocca ás pretensões dos povos da margem direita do Mondego, em competencia com os da margem esquerda com centos de milhares, e milhares de kilogrammas de saboroso e optimo queijo, que se fabrica desde a Saragoça até Celorico, e que tanto abunda em todos os mercados grandes e pequenos de Portugal.

«Por ultimo concluo dizendo que a fortuna e riqueza d'estes povos da margem esquerda do Mondego, só a devem elles a Deus, e no seu trabalho; aos governos brancos, azues, ou encarnados, muitissimo pouco, e aos ministros das obras publicas, nada; e com razão a estes tinham mesmo obrigação de requerer para que se lhes negasse sepultura em sagrado, ficando por ora por enterrar o sr. Antonio Cardoso Avelino, cuja canonisação ou maldições a egreja politica definirá.... Desculpe tomar-lhe tanto tempo; porque no dizer dos mestres inglezes o tempo vale dinheiro—*the time is money*.

S. D. 13 d'Abril de 1874.—*G. e C.*

NOTICIARIO

O dia 8 de Maio de 1835 e a inauguração dos retratos de D. Pedro IV e D. Maria II na sala dos capellos. — Entre outras demonstrações que houve em Coimbra, no dia 8 de Maio de 1835, para festejar o primeiro anniversario da entrada do exercito libertador nesta cidade; foi uma d'ellas a solemne inauguração dos retratos do sr. D. Pedro IV e da sr.ª D. Maria II, na sala grande dos actos da Universidade.

Os retratos foram feitos pelo sr. João Baptista Ribeiro, do Porto, o qual, antes da inauguração, escreveu a seguinte descripção d'elles:

Explicação acerca dos retratos do senhor D. Pedro IV, e da senhora D. Maria II, feitos por João Baptista Ribeiro para a Universidade de Coimbra.

O senhor D. Pedro IV, devia ser retratado como rei portuguez com a physionomia propria do tempo, em que foi rei: na impossibilidade porém de haver um retrato fiel daquelle soberano como Pedro IV, (ao qual perguntei na cidade do Porto em 1832, se por ventura teria sido semelhante o retrato gravado em Londres, que está á frente da Carta Constitucional, ou se havia algum outro que fosse fiel, e S. M. I. me asseverou, que lhe não tinham feito retrato algum bem parecido, á excepção do que eu acabava de lhe fazer: isto mesmo disse tambem á senhora D. Maria II, e a S. M. a Imperatriz no atheneu D. Pedro, onde estava o mencionado retrato), adoptei a composição mixta, que foge dos anachronismos e patenteia, a seu modo, a verdade; preferi o fiel retrato do heroe do cerco do Porto, dando a Carta Constitucional, abdicando duas corôas, e deixando cahir o manto real, que já occupa toda a base do quadro e se estende em todas as direcções, para fazer sentir a ideia de que se deriva daquelle acto o uso da soberania nacional; e então o senhor D. Pedro IV ostenta-se rei homem, fardado de general em chefe do exercito libertador, com as bandas de grão-mestre das tres ordens militares, caracteristico indispensavel de imperante portuguez. A scena do quadro é toda aerea em horisonte ideal, e a luz do quadro já participa da celeste. Dest'arte tentei evitar anachronismos de logar, tempo e acção, e o quadro recorda os feitos pasmosos do seu heroe.

S. M. F. a Senhora D. Maria II segura com a mão direita a Carta Constitucional da monarchia portugueza, que se mostra nivelada em altura com a corôa real, e que serve de sustentaculo ao sceptro: a mão esquerda da rainha fidelissima posta sobre o peito exprime a convicção intima destas verdades, afiançadas ainda na expressão de cordealidade e interessante alegria, que anima o magestoso semblante.

O modo de trajar e o penteado em cabello, que alli se vê, foi-me expressamente ordenado pela rainha, quando lhe perguntei como queria ser retratada para a Universidade de Coimbra: resolução esta para que foi ouvido seu augusto pae, e a imperatriz Amelia, estando presente a excellentissima senhora marqueza de Ficalho, camareira mór.

Porto 27 de Março de 1835.—*João Baptista Ribeiro.*»

Tambem o *Diario do Porto*, no seu n.º 59, de 1 de Abril de 1835, publicou a seguinte descripção dos retratos:

«Sua Magestade está vestido de marechal general do exercito portuguez, em grande uniforme, de calção e meia. A acção é a do momento de outorgar a Carta Constitucional da monarchia portugueza, que apresenta com o braço direito estendido.

«Não tem mais decorações do que as do grão-mestrado das tres ordens militares. O manto real desprendido todo do hombro direito, parece quasi a cahir do hombro esquerdo, para fazer sentir a ideia philosophica do effeito, que se deriva daquelle acto, no qual a soberania voluntariamente se desapossa das prerogativas que seus predecessores gozavam no exercicio absoluto de seus direitos. O manto é de uma extensão ordinaria, e dimensão mais que ordinaria, e abrange toda a base geral do quadro em todas as direcções, como symbolo de que a benefica influencia de semelhante acto recahe em toda a parte, e em todas as direcções da monarchia, aonde chegarem os effeitos da Carta, liberal e espontaneamente dada por uma inimitavel e generosa magnanimidade.

«O retrato de S. M. F. a Senhora D. Maria II é egualmente copiado do natural, desde quando se dignou de visitar a esta cidade. Está vestida de setim branco liso; tem o manto real, e unicamente as insignias de grã-mestra das ordens de Christo, Aviz e Sant'Iago. Junto de uma mesa coberta de veludo, segura com a mão direita a Carta Constitucional, que se mostra nivelada na altura com a corôa real, que está pousada sobre uma almofada: o sceptro está entre a corôa e a Carta, formando assim um grupo symbolico allusivo á identificação das prerogativas da soberania com as vantagens da constituição.»

Chegado o dia 8 de Maio de 1835, reuniu-se na sala grande dos actos o corpo da Universidade e um brilhante concurso de espectadores.

Por essa occasião, recitou um discurso allusivo ao acto solemne que se celebrava, o professor de rhetorica e poetica no Real Collegio das Artes, o sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, que ainda felizmente vive entre nós, com grande satisfação dos seus muitos amigos, e para honra das letras patrias, de que tem sido um distincto cultor.

Vamos publicar esse discurso, supprimindo apenas, depois do exordio, uma parte menos essencial. Ainda mesmo com essa suppressão, não era possivel publical-o todo de uma vez; e por isso irá o resto em o numero seguinte. Eis o discurso:

Com Esta o reino prospero florece,
Alcançada já a paz aurea, divina,
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

Os altos promontorios O choraram;
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piedosas.

CAMÕES.

Ainda que com extremosa alegria de nós todos, humanissimo prelado, e vós humanissimos senhores, raiou para nós um dia tão brilhante e tão festivo; todavia, cumprindo-me ser hoje o orgão fiel dos vossos e meus sentimentos, em mim o prazer se agôa com o justo receio de não desempenhar dignamente o meu officio. Sim, devendo nós festejar um dia, que é o primeiro anniversario d'aquelle, em que esta cidade, o berço das sciencias lusitanas, foi libertada do ferreo jugo, que por seis annos a opprimira; e sendo, como tal, destinado o mesmo dia para a fausta inauguração dos augustos e venerandos retratos da nossa excelsa e augustissima soberana, a senhora D. Maria II, e do nosso invicto libertador, o senhor D. Pedro IV, neste gymnasio; por haver de orar ante um tão illustre, tão sabio, e tão respeitavel congresso, não só se abala meu espirito, mas todos os membros me estremecem. Por quanto, sentindo a escaceza do meu engenho, ainda mal doutrinado nos preceitos da eloquencia; e não sendo eu de modo algum versado em orar, por ser esta a vez primeira que subo a este logar tão ornado e sublime: que poderei eu fazer sem natureza, sem arte, sem exercicio?

Porem o peso me espera; é forçoso tomal-o sobre meus debeis hombros. E se deixo de pedir vossas attenções, porque de si mesmo as exige o meu importantissimo argumento, que tambem é vosso; eu peço e com instancia rogo aquella benevolencia e benignidade, que caracterisa vossos corações: e poderá ella faltar a quem, tendo a honra de ser vosso similhante nos sentimentos, da mesma tanto necessita? Certamente não. Com este allivio pois, gratificando o vosso favor com a minha brevidade, eu me limitarei a asseverar, que os excessivos trabalhos, que a filha primogenita de Pedro, de bom grado supportou para nos dar a liberdade, reunidos aos esforços de seu augusto pae e de seus leis subditos, para restituirem ao throno aquella que tanto amam; são o mais seguro penhor da felicidade que esperamos sob o governo constitucional e poder moderador d'uma tão grande soberana. E assim, vós o sabeis senhores, achando-se tão enlaçadas as aventuras da senhora D. Maria II com as de seu pae, e com as de seu povo; permitti-me que, a par dos seus louvores e dos do immortal restaurador, principal fim que a este logar nos chama, eu toque aquelles sacrificios que provaram a nossa fidelidade.

. . . .

Em quanto os brasileiros tem a ventura de possuir aquella riquissima perola, gloriando-se com ter ella baixado do ceu no seu paiz, sentindo já a saudade, que algum dia os hade occupar, quando ella for entregue ao legitimo possuidor; que notaveis successos não apresenta a politica dos portuguezes? Annos de prazer, e annos de dôr passam entre nós primeiro que aquella excelsa princeza chegue a sentar-se no solio que lhe é devido. No anno seguinte ao do seu faustissimo nascimento as luzes deste seculo, que fazem conhecer aos povos as vantagens que resultam do governo das leis; e o exemplo das nações mais civilisadas da Europa, cujo esplendor e poder se devem a estas novas instituições, nos animaram a convocar côrtes, nas quaes se decretou a constituição politica, que tinha por fim assegurar os direitos de cada um, e o bem geral de todos os portuguezes. Regressa o senhor D. João VI á patria, acceita e jura a mesma constituição; mas não tardou muito que a ambição d'uns, e a ignorancia d'outros nos não devolvesse ao antigo estado. Tanta opposição fazem as trevas á luz! Porem é finalmente o senhor D. João VI chamado a melhor vida, e lhe succede seu filho, o senhor D. Pedro IV, então imperador do Brasil, ficando em seu nome regente do reino a serenissima senhora D. Isabel Maria.

Acceita a corôa, que legitimamente lhe pertencia, aquelle incomparavel soberano; porem movido dos principios da mais sabia politica, declara logo não a querer possuir, senão pelo tempo necessario para assegurar a inteira separação de Portugal e do Brasil, e para dar as providencias conducentes para a futura prosperidade de seus novos subditos. Elle nos outorga expontaneamente a Carta Constitucional da Monarchia por um acto da sua soberania, nem provocado, nem pedido, nem ainda esperado. Que precioso donativo! Que maior demonstração podia dar-nos da sua munificencia!

Elle quer que sejamos livres, e que cada um goze dos direitos que a natureza a todos concedeu; que todos sejamos eguaes perante a lei; que participemos todos da felicidade, que a dourada Carta nos assegura. Finalmente elle faz abdicação da corôa em sua filha primogenita, a senhora D. Maria da Gloria; a qual desde então ficou sendo legitima rainha reinante de Portugal e seus dominios. Nasce logo em nossos corações o mais vivo desejo e ancia de vermos junto a nós aquella que o ceu destinara para fazer nossa ventura, mas que ainda se achava lá em o novo mundo, tão distante de nós. Porem, quanto custa muitas vezes aos tristes mortaes o conseguir o bem, por que anhelam!

Estamos pois chegados, senhores, á lucta da liberdade com a escravidão, e do governo justo e humano com a tyrannia. Quando já estavamos esperando a nossa amada soberana, cuja mão seu augusto pae destinára dar a D. Miguel com a regencia do reino em seu nome; é então que começa aquella epocha fatal, que devera ter sido arrancada da cadeia do tempo, e de novo submergida nas ideias eternas. Arriba o impio a nossas praias; falta a repetidas promessas e declarações; quebra os juramentos; tira o throno a uma noiva innocente, que generosamente lhe havia dado quinhão n'elle; arranca-lhe da mão o sceptro; completa a usurpação; e ultimamente persegue, expulsa ou encarcera os portuguezes fieis, só porque não quizeram ser traidores e perjuros. Oh crueldade inaudita! Oh deshumanidade sem segunda!

Entretanto não sabedor de taes acontecimentos, o senhor D. Pedro, declarando completa a sua abdicação, se preparava a mandar para a Europa a sua muito amada e querida filha: e com effeito em Julho de 1828 a nossa excelsa soberana, obedecendo á vontade de seu caro pae, se apressa a partir.

Eis aqui começam seus penosos trabalhos, que fariam soçobrar o varão mais animoso; mas acima dos quaes fica o grande animo da filha de Pedro. Primeiramente quanta dor penetraria seu terno coração, sendo-lhe forçoso separar-se da terra natal, cuja doçura attrae a todos, não os deixando esquecer de si? Quanta dôr ao largar os braços de seu amante pae, n'uma edade em que a ternura torna mais sensivel o rigor da saudade? Mas a virtude, a que rende homenagem, faz com que promptamente obedeça á voz paterna, e o desejo de felicitar seus subditos, preenchendo o alto destino que lhe coube, póde ainda mais em seu espirito que o extremoso prazer que da companhia dos seus lhe resultava. Ella dá o mais saudoso adeus ao caro pae e aos demais objectos queridos que deixa, e banhada em lagrimas lhes aperta a mão, e liberalisa os ultimos e mais doces osculos.

Que me seja forçoso, senhores, em um dia de tanto jubilo recordar scenas tão tragicas e dolorosas?... Peza-me de ter tomado para fundamento da minha proposição aquelles duros sacrificios emprehendidos e supportados por nosso amor: mas já me não é licito retrogradar.

(Concluir-se-ha.)

Interdicto lançado a Coimbra, por causa de murças encarnadas e pretas!—Uma das maiores e mais renhidas contendas em Coimbra, foi a que houve nos dois ultimos seculos, entre os *beneficiados* da sé cathedral, os quaes então se chamavam *meios conegos*, ou *conegos meios prebendados*, e *tercenarios*, de um lado; e os *conegos*, do outro. Aquelles queriam gosar dos mesmos direitos e regalias do que os *conegos*, ao que estes se oppunham.

Os numerosos episodios que então se deram, uns serios e outros burlescos, prestam-se a uma larga historia, que ainda um dia havemos de publicar.

Hoje fallaremos apenas da questão sobre o uso das *murças encarnadas*, ou *pretas*.

Até ao fim do seculo XVI não usavam os conegos da cathedral de Coimbra de outra veste distincta de sobrepelliz, senão dos mantos no tempo quaresmal. O bispo D. Affonso de Castello Branco, considerando a necessidade que havia de uma *insignia*, que distinguisse o cabido do mais clero, determinou nas Constituições que publicou no fim do dito seculo, que nas procissões podesse o mesmo cabido trazer por cima das sobrepellizes *capellos* ou *becas*.

Não teve logo effeito esta constituição; porém havendo-se publicado no anno de 1600 o *Ceremonial dos Bispos*, no qual se fallava no *habito canonical*; tendo-se entendido nas mais sés do reino, especialmente nas metropolitanas, que o *habito canonical*, de que fallava o *Ceremonial dos Bispos*, eram as *murças*; e tendo sido introduzidas as *murças* nas sés, quiz tambem o cabido de Coimbra adoptar o mesmo *habito canonical*.

Assentou, por tanto, no anno de 1615, que os dignidades e conegos, deviam usar das *murças*, da mesma sorte que nas mais sés. E porque os *meios prebendados* e *tercenarios*, não eram conegos, e por isso lhes não pertencia o *habito canonical*, de que fallava o *Ceremonial dos Bispos*, assentou tambem, que elles ou ficassem simplesmente com as sobrepellizes, como era costume; ou, se quizessem usar de *murças*, as trouxessem *sem capuz*, para a distincção dos conegos.

Logo que os conegos executaram o accordão, que haviam tomado, se pozeram em movimento os *meios prebendados* e *tercenarios*, pretendendo ter direito ao uso das *murças*, da mesma sorte que os conegos traziam; e principiaram a perturbar a cathedral com demandas, as quaes se terminaram no anno seguinte, em que o cabido annuiu a uma supplica que lhe fez o *meio prebendado* Thomé Nunes, na vespera de Natal, em seu nome e no de seus companheiros, na qual pedia o uso das *murças*, sem distincção dos conegos, por *consoada*.

Até o anno de 1644 não houve novidade maior a respeito das *murças*. N'este anno, considerando o cabido que nas sés de Evora e Lisboa havia differença entre as *murças* dos conegos, e as dos beneficiados, por serem *aquellas forradas de encarnado, e estas de preto*, resolveu introduzir a mesma differença; e tendo-o assim executado, principiaram os *meios prebendados* e *tercenarios* a mover novas demandas, ás quaes deram principio por uma appellação extra judicial para a relação metropolitana de Braga.

Foi notavel esta causa. De uma e outra parte se contendeu com animosidade. Vieram rescriptos da sé apostolica para juizes delegados, pela notoria paixão com que procediam os juizes de Braga, os quaes não fazendo caso dos ditos juizes, e das censuras promulgadas por elles, procederam na causa da appellação até final sentença.

D'esta sentença se fizeram executores os mesmos *meios prebendados* e *tercenarios*, apparecendo um dia na sé cathedral com *murças* forradas de *encarnado*. Esta novidade, tendo alterado os officios divinos, e produzindo desobediencias nos *meios prebendados* e *tercenarios*, deu occasião a prisões e a censuras; do que sendo informada a curia metropolitana de Braga, poz um interdicto em Coimbra; seguindo-se, como consequencia, grandes clamores do povo de toda a cidade.

Para em fim pôr tudo em socego, resolveu o cabido largar as *murças de encarnado*, e reassumir as forradas de *preto*; e neste estado correndo a demanda, foi a sentença de Braga julgada depois nulla, e como attentado, por juizes arbitros, em virtude de ordem de el-rei D. Affonso VI de 8 de Maio de 1666.

Não obstante isso ficaram as cousas no mesmo estado até ao anno de 1701, em que sendo bispo de Coimbra D. João de Mello, permittiu por uma provisão sua, que os dignidades e conegos trouxessem *murças* forradas de *encarnado*; e supposto que o mesmo bispo não fizesse egual concessão aos *meios prebendados* e *tercenarios*, comtudo alguns delles mais atrevidos e animosos principiaram a usar de *murças* com o mesmo forro *encarnado*, e assim se introduziram nessa posse.

Teremos occasião de narrar muitas e ainda muito mais notaveis questões e desordens, que a esta se seguiram, entre os *meios conegos* e *tercenarios*, com os *conegos* da sé de Coimbra.

Diremos, porem, desde já, que as cousas chegaram a ponto, que o *meio prebendado* Antonio de Campos Branco, com desprezo dos presidentes e capitulares assistentes; com ludibrio das funcções do culto divino, e profanação inaudita da casa de Deus, no dia 22 de Outubro de 1775, se poz a cantar no coro da sé cathedral, em acto solemne, o Martyrologio, ao tom da *filhota*, musica burlesca daquella epocha!

Estas questões na sé de Coimbra duraram quasi dois seculos, e só terminaram por um *motu proprio* do papa Pio VI de 20 de Junho de 1778, pelo qual foram extinctos e perpetuamente abolidos os *meios conegos* e *tercenarios*, creando-se para os substituir em todas as suas obrigações, no altar e no côro, uma ordem de *beneficiados*, sem as prerogativas concedidas aos *conegos*.

Industria da seda. — Não se sabe exactamente a epocha em que se introduziu em Portugal este ramo de industria, tão obscuros são os documentos historicos dos primeiros tempos da nossa monarchia. O erudito escriptor visconde de Santarem diz, que as primeiras noções positivas sobre a introducção da cultura das amoreiras na Lusitania, datam do seculo VIII, do tempo do dominio dos arabes, que por suas relações commerciaes com a China podiam obter deste paiz aquella planta.

Outro distincto escriptor, José Accursio das Neves diz, que a producção da seda e a arte de a manufacturar tinha feito ainda pequeno progresso na Europa, quando já era cultivada em Portugal e Hespanha.

Ha mais de 600 annos, que os prelados portuguezes recommendavam aos seus diocesanos a cultura da amoreira: Em 1472 representavam os povos a D. Affonso V, para que mandasse plantar amoreiras e protegesse a industria da seda, cedendo o monarcha a estes pedidos e ordenando expressas determinações a este respeito.

Não se póde pois duvidar da antiguidade desta industria no nosso paiz, e especialmente na provincia de Traz-os-Montes. Em differentes reinados se tem promulgado medidas legislativas para proteger e activar este ramo de riqueza, que hoje se apresenta em estado esperançoso, e que póde transformar completamente a vida economica de algumas das nossas provincias. Na Beira tem feito progressos esta industria, que dispensa trabalho a mulheres e creanças, e que paga bem o juro do valor dos terrenos destinados á cultura das amoreiras.

Festividade em Sernache—Celebrou-se na segunda feira d'esta semana, a festividade de Nossa Senhora dos Milagres, em Sernache, com a pompa com que alli se costuma fazer, havendo já no domingo á noute illuminação, e subindo ao ar muito fogo de vistas e balões, ao mesmo tempo que a philarmonica *Conimbricense* tocava lindas peças de musica.

A egreja achava-se brilhantemente decorada, sendo das melhores armações que alli se tem apresentado, devido ao bom gosto do armador o sr. Manoel José Pereira, d'esta cidade.

De manhã houve missa solemne com musica vocal e instrumental, sendo celebrante o reverendo prior da freguezia o sr. Joaquim Antonio Pereira Maduro. Pregou o reverendo sr. Antonio de Almeida Pedroso, parocho de Almalaguez.

De tarde, depois de vesperas e sermão, que foi recitado pelo sr. padre José Ribas de Magalhães, estudante do 5.º anno de Direito, sahiu a procissão. Iam na frente dois soldados de cavallaria; seguiam-se as irmandades de Nossa Senhora e do Santissimo, levando entre as alas dos irmãos 30 anjos.

No fim da procissão ia uma escolta de caçadores 6, com dois soldados de cavallaria, commandada pelo sr. alferes José Duarte de Carvalho, de infanteria 9, levando á sua frente a philarmonica *Conimbricense*.

A concorrencia de povo tanto á festividade de manhã, como á procissão de tarde, foi muito grande.

O juiz d'este anno, o sr. Antonio dos Santos Machado, diligenciou quanto possivel, para que a festividade se realisasse com o maior explendor.

Para 1875 ficou juiz o sr. Joaquim Pereira da Fonseca

Na egreja de Sernache, que tem o tecto em estado de ruina, vae fazer-se uma grande reforma, alteando-se mais as paredes, collocando-se-lhe janellas, e tecto novo e estucado. Importa toda a obra em 1:100$000 reis, devendo dar-se principio a ella muito breve, para que a festividade de Nossa Senhora dos Milagres do anno que vem, se faça com a obra da egreja já concluida.

Cão damnado.—Em um destes dias entrou um cão damnado em uma quinta proxima desta cidade, saltando dentro de um curral, e mordendo cruelmente dois porcos. Sendo perseguido pelos cães da quinta, tambem os deixou em misero estado. Quando os criados acudiram, foram em seguimento do animal, mas não o poderam matar. Em outras quintas proximas praticou eguaes proezas.

Porto do Almegue.—Continuam os trabalhos de construcção do caes no Almegue, obra de grande utilidade pelo immenso transito que ha neste local. Era deploravel o estado de ruina a que tinha chegado.

Carvão de pedra. — Tem chegado estes dias muito carvão de pedra inglez para consumo da fabrica do gaz. Tem vindo da Figueira, onde entraram alguns navios com carga deste combustivel.

Focos d'infecção.—A valla que ultimamente se abriu nas insuas do sr. Francisco da Silva Oliveira, para dar expedição ás aguas immundas e infectas da antiga valla dos Lazaros, não tem sufficiente escoante na ultima secção, junto á ponte de Agua de Maias. Todos podem verificar este facto. As aguas conservam-se estagnadas; e constituem um pantano, que póde tornar-se perigoso no estio. O remedio para este mal é facil, e não deve demorar-se.

Effeitos do temporal.—São tristes as noticias, que de toda a parte do districto vão chegando a respeito dos estragos produzidos pelo temporal dos dias 5 e 6. Os arvoredos soffreram muito, e a producção das fructas ainda nascentes teve immensos prejuizos. Tem continuado quasi todos os dias uma ventania insupportavel e frigidissima.

O Mondego — Este rio, que durante o inverno esteve quasi tão pobre como no verão, encheu quasi repentinamente no dia 12, tomando grande altura e invadindo os terrenos marginaes. Conserva ainda grande arrogancia, e a sua torrente é impetuosa.

Bom exemplo.—E' lindissimo o prado da herva *lameira* que existe na insua de S. Domingos, junto ao Senhor do Arnado. Este tapete de verdura faz lembrar os prados relvosos do Minho, e das veigas de Traz-os-Montes e Beira. Tem dado uns poucos de cortes, e com grande abundancia. Aprendam neste exemplo pratico todos os lavradores que dispõem de terras com agua sufficiente para as trazer de regadio.

Seminario.— Tem continuado importantes obras e melhoramentos neste grandioso edificio. A concorrencia de alumnos é tal, que mal chega a capacidade do estabelecimento para alojar tão grande população. Dizem-nos, que excede a 200 o numero de pensionistas internos do Seminario.

Plantações.— Nos viveiros e plantações de arvores fructiferas, que se fizeram este anno na cerca de S. Bento annexa ao Jardim Botanico, figuram importantes collecções de plantas nacionaes, vindas de differentes pontos do paiz. As excellentes pereiras e macieiras de Alcobaça e de alguns pontos da Beira, e os afamados pecegueiros de Amarante já alli estão representados. Algumas qualidades escolhidas de videiras do Douro tambem foram este anno plantadas.

São dignos de louvor estes ensaios; porque a par das fructeiras francezas que vão prosperando na cerca de S. Bento, devem figurar tambem as variedades mais escolhidas da pomologia portugueza.

Cedencia. — Em favor do Asylo de Mendicidade, cedeu o sr. Joaquim Martins da Cunha, negociante nesta cidade, na qualidade de agente da Companhia Real Ingleza de navegação a vapor para os portos do Brasil, a quantia de 1$500 reis. Foi hontem entregue ao thesoureiro daquella casa de beneficencia, o sr. José Antonio Ferreira Manso.

Ordens no Porto. — O exm.º e revdm.º sr. bispo do Porto annunciou por um edital, que tenciona conferir ordens menores no dia 29 e sacras no dia 30 do proximo mez de Maio, não só aos ordinandos da sua diocese, como aos das outras dioceses, que se apresentarem devidamente auctorisados.

O Brasil. — O interessante jornal de Lisboa, o *Brasil*, que por algum tempo havia suspendido a sua publicação, appareceu novamente.

Exame de licenciatura.—Pedem-nos para publicarmos a noticia que abaixo se segue, o que da melhor vontade fazemos, por dizer respeito a um nosso amigo e distincto estudante da Universidade.

«Tivemos o gosto d'assistir na quinta feira proxima, 16 do corrente, ao exame de licenciatura na faculdade de Mathematica, do nosso sympathico amigo Francisco da Costa Pessoa.

«Mancebo applicado, intelligente e modesto, não podia deixar de satisfazer, como satisfez cabalmente a toda a illustre faculdade.

Felicitamol-o por isso, bem como á sua exm.ª familia.—*José dos Reis Pessoa.*»

ANNUNCIOS

VENDA DE PROPRIEDADES

1 VENDEM-SE duas boas fazendas de excellente producção e com optima casa d'habitação, no logar de Ceira, a 6 kilometros de Coimbra, proximo á estrada da Beira e ponte da Portella. Tracta-se com seu dono A. A. d'Oliveira, rua das Figueirinhas, n.º 2.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Galera —AMERICA— em 30 de Abril.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

3 PRETENDE-SE um homem que queira assentar praça por outro. Tracta-se do ajuste na Livraria Popular, rua do Visconde da Luz, n.º 104-106— Coimbra.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

4 NO DIA 26 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na casa da acceitação dos doentes, hade arrematar-se a construcção de duas enfermarias do 1.º andar do Collegio das Artes, segundo a planta e condicções que alli se acham patentes desde já.

Administração dos Hospitaes da Universidade de Coimbra, 16 de Abril de 1874.

O administrador,
Costa Simões.

5 VENDE-SE uma porção de madeira de construcção, traves, vigas, e barrotes de differentes medidas, de choupo e de pinho. Quem a quizer comprar, queira dirigir-se á rua do Visconde da Luz, n.os 97 e 99.

AGRADECIMENTO

6 JOSÉ MARQUES MANSO, e sua irmã Maria das Dores, agradecem com o maior reconhecimento aos illm.os srs. que visitaram seu muito prezado irmão Antonio Marques Manso, perante o periodo da sua dolorosa enfermidade, tanto nesta cidade, como em Cantanhede; e especialmente ao illm.º sr. José Maria Ferreira Castello Branco e sua exm.ª familia, e áquelles illm.os srs. que o acompanharam á sepultura, e nos visitaram depois deste fatal acontecimento; e a todos protestam a maior gratidão.

Coimbra 18 de Abril.

7 A COMPANHIA Mineira e Industrial do Cabo Mondego, recebe propostas até ao dia 30 do corrente, para o fornecimento de 12,000 travessas semi-circulares de pinho da terra, com as dimensões de 1,60—0,22—0,11, entregues sobre o caes da villa da Figueira, durante os mezes de Maio, Junho e Julho, 4,000 em cada mez.

As propostas serão feitas em carta fechada, sobrescriptada á Companhia, designando-se no sobrescripto, propostas para o fornecimento de travessas, e entregues até ás 11 horas da manhã daquelle dia, no escriptorio do illm.º sr. Jacintho Malheiro de Mello, rua da Lomba, aonde serão abertas na presença de todos os proponentes.

Os proponentes darão fiador, e deixarão 10 p. c. das importancias que forem recebendo, que ficarão depositadas até á ultima entrega como garantia.

Figueira, 11 de Abril de 1874.

Attenção

8 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

MACHINAS DE COSTURA

PARA

Senhora, Alfaiate e Sapateiro

9 AO ESTABELECIMENTO DE JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA, chegaram machinas da acreditada companhia manufactora—**Singer.** O bom credito que estas machinas gozam pela sua fortaleza e perfeição, espalhadas por todos os paizes, adoptadas por todas as instituições publicas e particulares, pelos artistas de todas as classes e pelas familias de todas as condições; dizendo-se isto escusado será demonstrar as conveniencias que offerecem da sua economia e belleza de trabalho, inimitavel.

Dão mil pontos por minuto, e do tamanho que se queira, por meio de um registo, o qual de momento póde variar entre 4 a 40 pontos em cada pollegada.

Cose em todas as direcções que se deseje, curvas, angulos, com facilidade e perfeição, fazendo o ponto egual de ambos os lados, interlaçado no meio; e por isso seguro *ainda mais do que cosido á mão.*

Na mesma loja se vendem agulhas para machinas, linhas, algodão branco e de côr, retroz de cores, preto, e torçal.

VENDA DE PROPRIEDADE

10 NA RUA DO VISCONDE DA LUZ, n.º 17, loja de mercearia do sr. João Correa d'Almeida, se hade vender em praça particular, no proximo domingo, 19 do corrente, pelas 10 horas da manhã, o casal denominado—das Arcas d'Agua—que fica proximo ao convento de Santa Theresa e fronteiro com o Observatorio Metereologico, que se compõe de terra de semeadura, casas, um bom olival, e mais arvores de fructo e recreio.

Quem o pretender comprar, e careça antes de obter esclarecimentos, póde dirigir-se a Abilio Maria Ladeiro, á rua acima indicada, n.º 18, 2.º andar.

A QUEM CONVIER. ANNUNCIA-SE

11 RICARDO JOSE' SOARES ROMEU, agente do Banco Commercial de Vianna, estabelecido em Villa Nova de Cerveira, recebe a paga toda e qualquer quantia que pelas referidas agencias do mesmo banco sejam transmittidas.

AGRADECIMENTO

12 JOAQUINA DE JESUS, agradece a todas as pessoas que durante a longa enfermidade, e na occasião do fallecimento de seu prezado filho Victorino da Cruz, tiveram a bondade de prestar-lhe os seus serviços; e em especial á philarmonica *Conimbricense*, ao illm.º sr. Manoel Teixeira da Cunha, que o teve em sua casa e o tractou com o mais caritativo disvelo, e aos illm.os srs. Julio Lopes Serra e Abel da Silva Linhaça, que tanto o obsequiaram em quanto vivo, acompanhando-o em suas maiores afflicções, e na occasião da sua morte se não pouparam a trabalhos para lhe fazerem um funeral decente. A todos protesta o seu profundo reconhecimento.

DOCTOR IN ABSENTIA

13 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

14 J. M. A. ARAUJO PINTO arrenda, do proximo S. João em diante, os altos da sua casa, n.º 62, largo de Santa Justa.

E' nova, grande, com excellentes commodos e tem agua.

15 OFFERECE-SE uma senhora para arranjo de quartos e algumas voltas de casa. Tem uso de governar casa e deseja tambem uma que tenha pouca familia, e de costumes honestos. A quem convier dirija carta fechada á redacção deste jornal, com as iniciaes—M. E. C. N.

ARREMATAÇÃO

16 NO DIA 12 do mez de Maio proximo, pelas 9 horas da manhã, á porta da sala do tribunal judicial d'esta comarca, perante o exm.º sr. dr. juiz de direito, se hãode arrematar e vender em hasta publica os bens de raiz que foram penhorados a Luiz Rodrigues Beirão e sua mulher Maria Emilia Ramalha, do logar de S. Silvestre, por virtude de execução hypothecaria de divida, que lhes move José de Oliveira Flores, do logar de Taveiro, na qualidade de exequentes; e cujos bens são os seguintes:

Uma terra no sitio dos Lombos, que é a de fóra, campo de S. Martinho d'Arvore, deste julgado de Coimbra, que pela medida antiga tem 5 aguilhadas de terra, e pela moderna tem 2700 metros quadrados, e que parte do nascente e poente, com estradas; do norte, com herdeiros de Francisco José Monteiro, de Lavarrabos; e do sul, com a viuva do Dr. Moura, de S. Martinho d Arvore, que é livre, e foi avaliada na quantia de 150$ reis:—o qual predio assim declarado e confrontado, se hade vender e arrematar no dia, hora, e local designados, e se entregará a quem por elle offerecer lanço que cubra a importancia de quatro quintas partes do valor da avaliação, conforme o disposto no artigo 218 do Regulamento de 28 de Abril de 1870. Da execução é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

Coimbra 13 de Abril de 1874.

TINTA VIOLETA

17 UNICA neste genero, que conserva sempre a sua côr primitiva. Deposito na pharmacia da rua da Sophia, n.os 19 a 23.—Preço 120 o frasco.

Pomada americana

18 FAZ NASCER, crescer e amaciar os cabellos.—Deposito na pharmacia da rua da Sophia, n.os 19 a 23.—Preço 240 rs.

19 **SAUDE A TODOS** sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa farinha *de Saude,*

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Qualquer doente acha por meio da deliciosa *Revalesciere*, saude, energia, appetite, boa digestão e bom somno. Cura as indigestões (dispepcias) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75 000 curas entre sa quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluskow, da exm.ª sr.ª marqueza de Brehan, dos doutores Manoel Saens de Dejada da Universidade de Cordova, e de José Batacazo e Jute de Logronho, etc., etc.

Adra, provincia de Almeria, (Hespanha), 10 de Outubro de 1867.

Meus senhores: — Tenho a satisfação em fazer-lhe sciente que minha filha com o uso desta deliciosa farinha chamada **Revalesciére chocolatada,** curou radicalmente de uma erupção cutanea, que lhe impedia dormir por causa da comixão insupportavel que padecia. — De v. s.ª attento venerador, PERRIN DE LA HITTOLES, ao *Visconsulado de França.*

Cura 78:421.— (Herpes). —Valença, 14 de Setembro de 1873.

Uma minha amiga que padecia havia muitos annos de Herpes, foi curada completamente com a *Revalescière.*— J. BATLLORI, fabrica de massa, Praça de S. Catharina, 9.

Cura 56:936.—Barr (Baixo Rheno) 4 de Junho de 1862.

Senhor:—A *Revalescière* tem feito na minha pessoa uma mudança maravilhosa, tendo readquirido não sómente as minhas forças, mas tambem parecendo-me que estou completamente remoçado, tornou-me o appetite, que desde muito tempo tinha perdido, e a oppressão e o peso que padecia haviam já 40 annos, já não me atormentam. — DAVID RUFF, proprietario.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalesciére chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa,** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO.

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. — BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. da Sequeira, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm; largo dos Loyos. 36. Viuva Desiré Rahir, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2790 — TERÇA FEIRA 21 DE ABRIL DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O *Diario do Governo* do dia 18 publica a lei, pela qual são extinctos os juizes eleitos e os sub-delegados do procurador regio, e que auctorisa o governo a proceder á divisão dos julgados, e a crear novas comarcas, onde ellas tiverem actualmente mais de nove mil fogos, ou onde um quarto da sua população ficar a mais de quinze kilometros da cabeça da comarca.

Por esta lei tambem o governo fica auctorisado a alterar, se o julgar conveniente, a actual classificação de comarcas, com tanto que as alterações, auctorisadas pela mesma lei, o aconselhem; em harmonia com as conveniencias do serviço e com os interesses dos povos. Póde ainda decretar a mudança da séde das comarcas, nos casos em que os motivos de grande utilidade publica o determinem.

Entre outras disposições de reconhecido interesse para a regular administração da justiça, esta lei providenceia ácerca da collocação dos empregados, que forem privados dos seus officios, como era justo que ficasse estabelecido.

Assim os escrivães das comarcas e dos julgados que forem supprimidos, tendo boas informações, serão preferidos a quaesquer outros.

Esta circumstancia, assim como a suppressão de alguns julgados, promoveu, em quanto não era bem conhecido o projecto do governo, entre os interessados, muitas dissidencias, duvidas e receios, na maior parte promovidos pela opposição, que, nesta medida de reconhecido interesse publico, tratou unicamente de intrigar os povos, e de os amotinar, a fim de que o governo não podesse realisar uma reforma de ha muito reclamada por todos os homens publicos, mesmo pelos que hoje ahi militam na opposição.

A despeito, porem, das contrariedades opposicionistas, dos desgostos e das perturbações, que por aquelles motivos os adversarios do governo quizeram provocar entre os povos, estes hãode reconhecer praticamente as vantagens reaes da reforma adoptada.

Esta questão, que tem unicamente por fim attender ás conveniencias dos povos, á regular administração da justiça, e á moralidade dos actos da vida social, estava de ha muito resolvida pelo consenso geral; e por isso era uma das que mais carecia de ser sanccionada pelos poderes do estado.

Os documentos publicos que a opposição deu na camara electiva, ao discutir-se esta medida do governo, são a prova cabal e completa do facciosismo acintoso da opposição, pelo qual revelou a má fé com que foi apreciado projecto de tamanha importancia.

A grande firmeza e profunda convicção com que o nobre ministro da justiça defendeu esta util reforma, da qual depende a boa administração da justiça, é um facto que veiu demonstrar o disvelo do sabio jurisconsulto pelos negocios a seu cargo.

Do nobre caracter do sr. Barjona de Freitas, tem os povos a esperar sómente justiça recta e imparcial: verão desmentidas brevemente as falsidades que a opposição fez propagar pela sua imprensa, a proposito da execução desta lei.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 20 de Abril de 1874.

Nada de novo em politica. Trata-se de eleições, e governamentaes e opposicionistas põem por obra os seus meios de conseguir a victoria. Não lhes queremos mal por isso, quando realmente trabalhem dentro da esphera legal e constitucional que lhes é permittida.

Aos eleitores cumpre fazer o uso mais latitudinario possivel do seu direito e do seu voto, elegendo quem melhor julguem que pode desempenhar o mandato que lhe desejam confiar. Não se deixem illudir por maus conselheiros, confiando demasiado em promessas irrealisaveis, mas obrando conforme a sua consciencia d'elles lhe ditar. Assim, e unicamente assim, poderá constituir-se uma camara que represente genuinamente as suas necessidades e advogue os seus interesses.

Diz-se que as eleições terão logar em Julho proximo. Têem, por isso, os povos, tempo bastante para discutirem, e propor os seus representantes pelos diversos circulos. Annunciam-se diversas candidaturas, e entre ellas por Portalegre, o sr. Augusto Emauz; Penafiel, visconde de Balsemão; Aviz, Cardoso Klerk, tendo por oppositor o sr. D. Miguel Coutinho; Moncorco, Thomaz Ribeiro; Valença, Freitas Branco; Ponta Delgada, Medeiros; Torres Vedras, J. P. A. Nogueira, tendo por oppositor o Dr. A. Carvalho; circulo n.º 65, Lisboa, Dr. Alves.

Em Lisboa têem estado alguns governadores civis, a fim de conferenciarem com o governo com relação á proxima campanha eleitoral.

A imprensa da opposição continúa no seu modo comesinho, mas incivil, de insultar o chefe do estado. Ahi vae, sem commentarios, o periodo de um artigo de fundo de um jornal reformista:

«Se o sr. D. Luiz quizer ser lealmente «soberano liberal e constitucional, parece-nos «que está segurissimo no throno e que nunca «se conspirarão contra elle elementos bastan«tes para derrubal-o. Pelo contrario se, por «acaso, S. M. insistir em fazer governo pes«soal, se continuar sendo chefe de partido, «se vierem a repetir-se os escandalos e os «abusos que temos presenceado, não nos pa«rece que possa deixar de ter a sorte commum «a todos os soberanos constitucionaes que tem «seguido mau caminho. E não ameaçamos, «porque não sentimos o minimo desejo de que «o systema representativo termine em Portu«gal; limitamo-nos a dar conselhos e a pre«ver acontecimentos, que são a consequencia «inevitavel dos erros presentes.»

E não ameaçam! Candidas creaturas!

—Está-se imprimindo na imprensa Nacional um livro das viagens ao Oriente, escripto por monsenhor Pinto de Campos, o mais correcto escriptor brazileiro. A edição é nitida e elegante, e deve ser adornada com doze bel-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCV

D. CARLOS

CV

As operações militares no oriente de Hespanha fizeram mais critica a situação do gabinete, porque não podiam deixar de affectal-o os revezes da guerra. Se os triumphos de Espartero no norte e de outros chefes em Castella, lhe deram consistencia; os desastres de Orán e Pardiñas o debilitaram e feriram, attribuindo-lhe a opinião publica parte nos desastres do primeiro.

Aproveitava-se a opposição de tão favoravel conjunctura; mostrou-se activa, infatigavel, e não perdoou meio algum de combater o ministerio.

No entanto que isto succedia, a miseria pesava sobre todas as classes, e no mesmo governo, havendo corporações que até não podiam tirar a correspondencia por falta do dinheiro necessario. Não era a melhor garantia para adquirir fundos no estrangeiro, e rotas as negociações com o marquez de las Marismas, se enviaram nada menos que tres commissionados a Paris, Remisa, Olaberriague e Polo, com 100 mil reales de soldo cada um, e 60 mil o consul Marliani para que influisse com o marquez, vendo-se em pouco a esterilidade destes passos, e o governo com um desengano mais, que podia ter previsto.

Esteve, porém, tão desacertado neste assumpto economico, como em outros politicos, em que teve de intervir Espartero, caindo no maior descredito o prestigio d'aquelle gabinete de partido, e chegando a gritar-se contra elle nas ruas, em a noute de 29 de Agosto de 1838, e espalhando-se proclamações, nas quaes se lia:—«Necessitamos sangue, e é mister derramar o dos ministros.» —Demittiram-se estes finalmente, e a 6 de Setembro os substituiram o duque de Frias, Ruiz de la Vega, o marquez de Monte Virgem, o marquez de Vallgornera, e o general Aldama, a quem se entregou interinamente a pasta da marinha. Castro se fez nomear presidente do conselho das Ordens, para que lhe não fosse tão dolorosa a queda.

Ao contentamento dos partidos e á indifferença da nação, succedeu a desconfiança desta e daquelles, desde o momento em que foi conhecida a heterogeneidade e interina posição do gabinete, formado para substituir o de Ofalia.

A nomeação de Narvaez para a capitania geral de Castella a Velha, para onde devia partir com uma parte do seu exercito de reserva, declarando o governo, que este conservava a sua denominação, ainda que disseminado em ambas as Castellas, não deixou de produzir descontentamentos em sentido adverso á medida; e como soubesse Aldama que se preparava uma manifestação ostensiva contra ella, por parte da policia, que secundando as ideias de alguns periodicos progressistas, estava da parte de Narvaez, reuniu na tarde de 26 de Setembro, no quartel da milicia de infanteria, o capitão general Quiroga, o governador de Madrid, e os chefes dos corpos da guarnição e milicia, e ponderando-lhes a necessidade de dispôr do exercito de reserva para enviar a Espartero os reforços que reclamava, os exhortou em nome da rainha a conservar a tranquillidade. Assim o prometteu Quiroga em nome dos presentes.

Narvaez regressou a Madrid, augmentando os embaraços do governo, que suspendeu de prompto a accordada disseminação do exercito.

Não era Aldama que havia de conjurar aquella situação; tambem o não era Frias com a sua circular de 8 de Setembro ao corpo diplomatico, qualificada muito exactamente de inutil, vulgar, jactanciosa, e pueril; egualmente o não eram os outros ministros com a sua falta de pratica na administração publica.

Augmentava-se a opposição aquelle nascente ministerio, crescia o seu desprestigio, e julgou desauctorisar a uma e conter o outro, convocando as côrtes para o dia 8 de Novembro—«para o fim de discutir e approvar as leis importantes que espera a nação como complemento das instituições livres de que gosa, e para adoptarem todos os meios que conduzam á prompta terminação da guerra civil.»

E julgando mostrar-se energico, levou ao patibulo o chefe e partidario carlista Fuenmayor; fez que ao saber-se o desastre de Pardiñas, annunciasse o alcaide constitucional de Madrid—«que o governo havia tomado já disposições para reprimir a ousadia dos rebeldes» decretou uma requisição de cavallos; deu a propriedade da pasta da fazenda e governação a Monte Virgem e a Vallgornera; encarregando-se Ponzoa da pasta da marinha, e Alaix da da guerra. Estava-se, porém, este curando das feridas que recebera em 19 de Fevereiro no Perdon, e por isso foi encarregado do despacho interino o general Ferraz, e pela renuncia deste o brigadeiro Hubert, que com a sua muita edade se fazia inutil no seu posto.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

las gravuras. Monsenhor Pinto de Campos foi ao Porto em companhia do sr. Camillo Castello Branco, e regressa breve a Lisboa, seguindo no proximo mez para o Rio de Janeiro.

—Tem dito alguns jornaes que o sr. Carlos Bento da Silva fôra ou vae ser nomeado conselheiro do tribunal de contas. Um jornal, dando a noticia, accrescenta que era justo que *o governo pensasse na situação de quem se occupou sempre mais dos negocios publicos que dos seus interesses particulares.* Se nos fosse licito, pediriamos ao jornal que faz esta observação, que nos dissesse quaes os serviços prestados pelo sr. Carlos Bento. Consistirão elles em ser 1.º official de uma repartição, á qual não vae ha mais de vinte annos, recebendo o ordenado por... nada fazer? Que o sr. Carlos Bento seja ou não nomeado conselheiro do tribunal de contas, pouco nos importa isso... mas que se queira assim lançar poeira aos olhos daquelles que vêem alguma cousa, é que não podemos consentir.

—Ardeu no sabbado completamente o theatro de D. Luiz, em Belem. Á parte a desventura dos artistas, que soffrem com aquelle acontecimento imprevisto, o acaso encarregou-se de destruir aquelle barracão, incuria e desleixo da camara municipal de Belem. Era uma vergonha que aquelle formoso largo se achasse obstruido por uma barraca de feira. O incendio teve origem por um foguete que cahiu no tecto, que é de lona alcatroada. O bilheteiro que lançou o foguete, está preso. Que culpa tem o homem?

Não ha mais novidades.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

A libertação dos presos da praça de Almeida em 18 d'Abril de 1834—Depois de 6 annos dos mais horrorosos soffrimentos, chegou finalmente a occasião de adquirirem a sua tão suspirada liberdade, os presos da praça de Almeida, no dia 18 de Abril de 1834. Era nesse mesmo dia que passava a divisão libertadora, commandada pelo nobre duque da Terceira, o rio Douro, á barca do Pocinho, na marcha que fazia sobre Lamego, Vizeu e Coimbra.

Avalie-se que alegria sentiriam perto de 1:600 presos, que ainda restavam nas masmorras daquella praça, ao verem quebradas as algemas que por tanto tempo os haviam opprimido!

A guarnição miguelista da praça, abandonara-a em a noute antecedente, e por isso logo ás 8 horas e meia da manhã do sempre fausto dia 18 de Abril, saem os liberaes da prisão civil, que era a mais fraca.

Vão estes immediatamente á outra prisão dos quarteis velhos, para forçar a grade aos prisioneiros, os quaes soltam. Outros partem a machados ás portas da prisão grande de Santo Antonio, que era muito segura; e outros dirigem-se ás Avançadas para arrombar aos presos as fortissimas portas que os detinham. Lançam-se á porta de madeira que arrombam, e passando á de ferro, com dois machados empregam todas as forças, e em menos de um quarto de hora, põem tudo em liberdade; assim como os presos civis da prisão fronteira.

Depois de arrombadas todas as prisões, felizmente houve quem se lembrasse do horrivel *Infernilho*, pelos gemidos que d'alli se tinham ouvido nos dias antecedentes. Forçaram a porta, e encontram naquella lugubre prisão, *aonde apenas cabia um homem deitado*, o capitão de milicias de Arganil, Luiz Borges de Castro, da Lagiosa, o qual alli havia sido mettido por especial recommendação da alçada. Este desgraçado estava quasi morto de fome e de sede, sem poder articular palavra, nem mover-se!

Não havia, em fim, já nenhum preso em toda a praça de Almeida. Nos horrorosos calabouços reinava agora o mais profundo silencio pela ausencia dos seus habitantes: e pelo contrario, por todas as ruas, só se ouviam gritos de alegria, e os calorosos vivas ao duque de Bragança, á rainha, e á liberdade!

Quasi todos os presos pegaram promptamente em armas, e cuidaram de formar o governo civil e militar da praça. Ficou governador della, Antonio de Sousa d'Araujo Valdez, commandante que fora do batalhão 5; corregedor Manoel Rodrigues de Mello, das immediações de Aveiro; e juiz de fora, José Antonio Moreira Guerra, de Escalhão. Todos tres tinham estado presos nos calabouços.

No dia 28 do mesmo mez de Abril, um batalhão movel, composto de 380 praças, saiu de Almeida para Lamego, ás ordens do marechal duque da Terceira; ficando a guarnecer a praça um batalhão fixo.

Aproveitamos esta occasião para aqui publicar alguns documentos, que possuimos originaes, por dizerem respeito a um nosso intimo amigo, infelizmente já fallecido, o dignissimo secretario e mestre de ceremonias da Universidade, o sr. conselheiro Vicente José de Vasconcellos e Silva.

O nosso saudoso amigo foi o primeiro liberal, preso em Coimbra, depois da entrada do exercito miguelista. Este exercito entrou nesta cidade em 26 de Junho de 1828, e o sr. Vicente de Vasconcellos foi logo preso no dia 27, por mandado do famoso intendente geral da policia, João Gaudencio Torres, e posto á ordem do vice-reitor da Universidade, Antonio Pinheiro de Azevedo e Silva. Eis ahi um documento que mostra a data da prisão:

«Diz Vicente José de Vasconcellos e Silva, secretario da Universidade, que para bem da sua justiça necessita, que o carcereiro da cadeia da mesma Universidade lhe atteste em como no dia 27 de Junho proximo passado, se apresentou o supplicante na dita cadeia, e nella se conserva preso até ao presente. Portanto pede a v. s.ª se digne assim o mandar. E R. M.

«Atteste—(Com um rubrica).

«Attesto e faço certo, que no dia 27 de Junho proximo passado, recebi nesta cadeia da Universidade, á ordem do vice-reitor d'ella, Vicente José de Vasconcellos e Silva, secretario da mesma Universidade, e ainda se conserva na qualidade de preso, ao passar desta attestação, que por ser verdade a assignei—Coimbra e cadeia da Universidade em 29 de Agosto de 1828—O carcereiro *José Joaquim Gomes.*»

Em Novembro do mesmo anno foi o sr. Vicente de Vasconcellos remettido para as cadeias da relação do Porto, e alli se achava quando no dia 7 de Maio de 1829 foram enforcados na Praça Nova os infelizes martyres da liberdade. Aqui temos á vista, pela letra do sr. Vicente de Vasconcellos, a copia da sentidissima carta, que o infeliz desembargador Gravito escreveu a sua filha, pouco antes de ser enforcado.

No dia 19 de Outubro de 1831, foi o sr. Vicente de Vasconcellos mandado do Porto para Almeida, onde chegou bastante doente. Eis um requerimento por elle feito, depois de entrar nas prisões daquella praça:

«Diz Vicente José de Vasconcellos e Silva, professo na ordem de Christo, secretario da Universidade de Coimbra, preso na Principal desta praça, na prisão pequena da esquerda, que padecendo uma inflamação chronica de figado, de que o tem tratado o Dr. João Lopes de Moraes; e tendo-se aggravado do Porto para esta praça, e padecendo, por isso, agudas dores, que fazem necessaria a assistencia do dito facultativo, que por haver tratado o supplicante nos seus repetidos ataques, melhor conhece os seus padecimentos; recorre e pede a v. ex.ª se digne conceder a graça de permittir que o dito Dr. possa entrar na prisão do supplicante todas as vezes que o estado da sua molestia o exigir.—E R. M.»

«*Por esta vez* póde ir ver o supplicante, o sr. Dr. Moraes, *estando presente o sr. commandante da guarda.*—Almeida, 2 de Novembro de 1831—*Silveira*, brigadeiro, governador.»

Em Almeida esteve preso o sr. Vicente de Vasconcellos, até sair com os mais presos no dia 18 de Abril de 1834.

O sr. Dr. José Alexandre de Campos, tambem preso em Almeida, sendo logo pelo governo liberal nomeado vice reitor da Universidade; chamou o sr. Vicente de Vasconcellos para para vir servir o seu antigo cargo de secretario do mesmo estabelecimento, vindo ambos para Coimbra. Eis a guia de marcha:

Antonio de Sousa de Araujo Valdez, coronel do exercito, governador interino da praça de Almeida, etc.

Em consequencia da notificação feita pelo illm.º sr Dr. José Alexandre de Campos e Almeida, como vice reitor da Universidade de Coimbra, ao illm.º sr. Vicente José de Vasconcellos e Silva, secretario da mesma, para que recolha immediatamente áquelle importante estabelecimento, lhe mando passar esta guia, para que seja dispensado do corpo dos voluntarios desta praça, em que se alistou voluntariamente, e tem servido sem receber vencimentos alguns; dando assim uma prova de seu zelo e adhesão á legitimidade da nossa augusta rainha a senhora D. Maria II: pelo que recommendo se lhe não ponha impedimento em seu transito, mas que antes as auctoridades lhe facilitem o que lhe fôr necessario no regresso á cidade de Coimbra.—Praça de Almeida, 23 de Maio de 1834.—*Antonio de Sousa de Araujo Valdez*, coronel, interino governador.»

Chegado a Coimbra o sr. Vicente José de Vasconcellos e Silva, fez logo a sua apresentação ao ministro do reino, Bento Pereira do Carmo, pela seguinte carta:

«Illm.º e exm.º sr.—Tenho a honra de levar ao conhecimento de v. ex.ª, que achando-me preso nos calabouços da praça de Almeida, para onde tinha sido removido das prisões da relação do Porto em Outubro de 1831, e sendo posto em liberdade com outros meus companheiros de infortunio no dia 18 de Abril precedente, como é sabido por v. ex.ª; me recolhi a esta cidade, em companhia do vice reitor da Universidade, a 29 do presente mez, a fim de entrar no exercicio do emprego de secretario da mesma Universidade, de que fui privado pelo barbaro governo da usurpação.

«Devo, porem, communicar a v. ex.ª, que a minha demora em Almeida, depois da feliz restauração desta cidade pelo exercito libertador, teve por motivo o haver-me offerecido ao governador interino da dita praça, para o coadjuvar no que fosse compativel com as minhas forças, que eram muito inferiores aos meus desejos, em sustentar a sagrada causa da nossa regeneração, e os imprescritiveis direitos de Sua Magestade Fidelissima a senhora D. Maria II, tendo-me tambem alistado e servido no batalhão fixo, que se organisou dos presos que alli se demoraram, a fazer a guarnição da praça, com o destacamento das tropas de Sua Magestade Catholica.

«Cumpre-me agora satisfazer a um dever muito sagrado, que é o de protestar submissamente a Sua Magestade Imperial o Duque de Bragança, Regente do reino em nome da Rainha, a minha escrupulosa fidelidade, e obediencia, offerecendo os dias que me restam de vida, depois de tão duros e crueis soffrimentos, por quasi 6 annos de perseguição, de cadeia em cadeia, em defeza da Carta, e do throno da Sua Magestade a senhora D. Maria II; o que espero da bondade de v. ex.ª se digne levar á augusta presença de Sua Magestade Imperial.

Deus guarde a v. ex.ª muitos annos.—Coimbra 31 de Maio de 1834.—*Vicente José de Vasconcellos e Silva.*»

O dia 8 de Maio de 1835 e a inauguração dos retratos de D. Pedro IV e D. Maria II na sala dos capellos.—Concluimos hoje o discurso do sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, recitado por occasião da inauguração dos retratos do sr. D. Pedro IV e sr.ª D. Maria II, na sala dos capellos da Universidade, no dia 8 de Maio de 1835, primeiro anniversario da entrada do exercito libertador em Coimbra.

«Acompanhada do marquez de Barbacena, a quem pelo sr. D. Pedro fôra acertadamente confiado o seu transporte, a excelsa soberana volvendo pela ultima vez os chorosos olhos para o seu berço, sobe á nau que a devia trazer ao nosso hemisferio. Mas qual deveria ser o seu temor, perdendo de vista a terra, ao encarar a immensidade das aguas, cuja vista ainda a outra edade e a outro sexo tão fortemente aterra? Que perigos não affronta? E no meio d'elles que afflicção a occupa, sabendo que todos os dias o oceano absorve em seus profundos abysmos naus, mareantes e passageiros?

Mil vezes vê entre as ondas imminente a morte e a sepultura: teme e afflige-se, porque é natural; mas elevando os olhos ao ceu, nelle acha o seu conforto, e animosa prosegue a sua laboriosa derrota, que é finalmente coroada com as mais acerbas dores.

Chega a Gibraltar: e quando esperava em breves dias compensar os trabalhos de tão longa viagem com a doçura do repouso, com a posse do seu imperio, e ainda mais com o prazer de fazer bem a seus povos; ella ouve a mais infausta nova. Ouve que lhe roubara o sceptro um perjuro, e não um estranho, mas um tio, mas um esposo: ouve a ingratidão dos degenerados filhos, que, bandeados com o usurpador, se rebellaram contra a legitima soberana: ouve a horrorosa perseguição dos bons filhos pela sua constancia e fidelidade: ouve em fim a geral devastação, ruina e miseria de seu estado. E ao ouvir taes cousas, quantas espadas de dor traspassam seu coração, onde reside o amor e a humanidade! Rebentam-lhe as lagrimas, e no transporte da dor quasi que desfallece; qual a carinhosa mãe, a quem o barbaro salteador arrebata o querido filho, o despoja e o assassina.

Mas em tal conjunctura que fará? A quem pedirá soccorro? Ainda o ceu parece estar de bronze. Ella se vê obrigada a procurar um asylo em a nação britannica, por não ter em seus vastos dominios outro logar senão a ilha Terceira, onde o seu nome fosse publicamente respeitado e obedecido, a despeito dos incessantes esforços da facção usurpadora para ahi mesmo suffocar a lealdade. Alli se conserva por algum tempo, supportando a mais amarga saudade do caro pae, e a magua de não poder acudir aos que a esperam e adoram.

Entretanto requinta a insaciavel crueldade do usurpador: a desorganisação geral, o terror, a calumnia grassam por toda a parte: inventam-se os mais grosseiros sophismas: exalta-se o crime; é calcada aos pés a virtude. Lá vão uns sepultar-se nas grutas, ou abandonam a patria para conservar a honra, outros são expellidos pelo tyranno: estes gemem nos carceres hediondos; aquelles tingindo com o seu glorioso sangue as mãos dos algozes, são immolados á fé e á liberdade pela crua tyrannia.

Aqui chora a mesquinha viuva, privada do amparo do unico filho; alli a inconsolavel esposa verte torrentes de lagrimas, por lhe ter sido roubado de seus braços o caro consorte; acolá o filho pranteia a falta do pae; n'outra parte o pae a do filho. Os campos sem cultura negam os fructos; as cidades se convertem em solidões: ás artes se enterram, e só se espalha o erro; as trevas envolvem toda a terra desde o Tejo ao Douro, desde o Minho ao Guadiana. Misera condição dos mortaes!

No meio porem de tantas calamidades os bons permanecem na fidelidade, esperando que um dia se romperão os ferros que arrastam, e que a amada soberana fará felizes os que por seu amor tanto padecem.

A fama faz soar com assombro por todo o globo estes estranhos acontecimentos, e os leva aos ouvidos do imperador do Brasil. Excita-se em seu animo uma justa indignação, assim como a mais viva dor pela infeliz sorte da querida filha; resolve que ella regresse ao abrigo paternal, até que em tempo opportuno elle mesmo a colloque no throno, de que fôra esbulhada.

Eil-a outra vez exposta á furia das ondas, a novos trabalhos e a novos perigos: atravessa segunda vez o oceano com os incommodos de tão larga navegação, e chega alfim aos braços do querido pae. E' este o primeiro momento de allivio depois de tantas fadigas e desgraças; consolando-a ao mesmo tempo as palavras de seu pae, que protesta restituil-a um dia ao povo que ella deseja felicitar.

Com effeito, chegando o tempo conveniente a tão grande empreza, aquelle soberano que fez a admiração do nosso seculo, e cujo nome será recordado com espanto pela mais distante posteridade, chega até a abdicar o imperio em seu filho, para deste modo mais facilmente levar seus planos a effeito. Tanto não tinha entrada em seu animo a ambição de reinar!

Tanto prefere ao seu descanço a honra de sua filha e a liberdade dos portuguezes!

Parte com a digna consorte a senhora D. Amelia, e com a digna filha, que terceira vez passa os vastos espaços do mar; e arribando ás praias francezas, ahi entrega ao abrigo desta nobre nação as suas mais caras prendas. Alli se lhe unem aquelles honrados e fieis subditos, que, para salvar a vida e a honra, alli e em outras partes tinham procurado refugio; e julgando-se já libertados só com a presença de tão bom principe, se apressam para com elle libertar a patria. Dirige-se com os mesmos á Inglaterra, onde acha outros d'eguaes sentimentos e fortuna; e d'alli á ilha Terceira, onde a maior parte daquelles fieis anciosamente o esperavam.

Nem seu corpo, nem seu espirito toma descanço; medita e põe em execução os mais acertados projectos; e finalmente com uma pequena, mas valorosa esquadra arriba ás nossas praias; entra na cidade do Porto, e d'alli com admiravel arte vae cada dia derrotando o numeroso exercito do usurpador. Passa depois a Lisboa; e batendo repetidas vezes os seus e nossos inimigos, achando-se sempre á testa dos bravos soldados, vae de victoria em victoria, e põe alfim glorioso termo á sanguinaria guerra. Quebram-se os nossos ferros: vai-se o tyranno: respiramos livres.

Triumphando assim a virtude, a liberdade dos portuguezes, a Carta Constitucional, e a senhora D. Maria II; ella deixa a Gallia e a Bretanha, e entrando no meio dos mais altos vivas triumphante em sua côrte, toma posse do seu throno e de nossos corações.

Aqui terminam suas fadigas; mas ainda não suas dores. Governando em nome de sua filha o libertador dos portuguezes, começa logo a promulgar leis que mantenham a liberdade que seu valor nos alcançou. Mas depois de tantos trabalhos, tanta gloria, quando a grande obra da regeneração estava completa, quando tantos louros deviam vecejar na frente do heroe; a morte o arrebata dos braços de uma esposa que o merecia, arrebata-o a uma filha que duas vezes lhe deve um throno, a uma nação, que duas vezes lhe deveu a liberdade. Que medida e termo terá a saudade de um tão grande varão!

Mas não se rasgue mais tão dolorosa ferida. Um conforto nos anima, a esperança de que a herdeira de tão chorado bemfeitor, que immediatamente começa a reinar, dispensada da edade por um geral consentimento d'ambas as camaras, adoçará com seu exemplo tão justo desgosto. E na verdade, apenas toma o governo a excelsa soberana, sancciona logo com o seu poder moderador as mais sabias leis, os mais justos e uteis decretos, que são recentes e sabidos de todos. Liga-se pouco depois em doce hymineu a um digno consorte, o senhor D. Augusto, principe de Leuchtemberg, aquelle desejado principe, que, por haver herdado as virtudes do grande Eugenio, mostrou querer esmerar-se em cooperar para a felicidade dos portuguezes. Mas ah!... Oh dura necessidade!.. Onde ia eu tocar?.. Corra-se um veu a tão triste, como inopinada scena!..

Sendo isto assim, senhores, não devemos nós esperar que a senhora D. Maria II, se esforce para manter nossos direitos e nossa liberdade; e que, fazendo firme barreira ás alternativas da sorte, perpetue e ligue nossa prosperidade com a de nossos netos? Não é de crer, que empregará todos os desvelos em promover e conservar o bem do seu povo resgatado, para se não mallograrem seus e nossos trabalhos, suas e nossas dôres?

Salve pois, augustissima soberana, mãe da patria, delicias e esperança dos portuguezes, salve. Acceita, acceita a devida felicitação, a devida homenagem, que com respeito te dirige a tua academia no dia festivo de tua fausta inauguração, dia para nós de tanto maior jubilo, quanto fôra mais agra a dor, que na tua longa ausencia supportamos. Tu nasceste para libertar teus povos; tu para os felicitar em teu governo; tu para allongar na cadeia das vicissitudes a epocha feliz, que ora principiamos a gostar. E, se por teu generoso sangue e brilhante educação lançaste, qual planta aljofrada pelos orvalhos do ceu, em verdes dias compridas raizes na virtude; faze-te agora uma arvore copada, e cobre-te de preciosos fructos.

Sim, tu não olvidarás jamais as abundantes lagrimas, que verteste no deixar por amor de nós a terra, em que viste a luz; nem as pungentes saudades das caras prendas alli deixadas; nem as penosas e arriscadas navegações, atravessando tres vezes os vastos espaços do oceano, que de nós te separavam. Tambem não poderás deixar de ser grata aos esforços, constancia e fidelidade d'aquelles subditos, cujos pulsos, assim como os meus, ainda estão roxos dos ferros, que por teu amor tão longo tempo arrastaram.

Completa pois, augustissima soberana, nossas justas esperanças; e já que de teu pae herdas-te o throno e as virtudes, imita egualmente seu exemplo em lançar sobre nós beneficas vistas; emquanto nós fervorosamente pedimos ao céu, que conserve a tua preciosa vida por largos annos em toda a prosperidade.

E tu, ó immortal heroe, cuja imagem augusta neste lyceu da Athenas Lusitana recebe as saudosas homenagens de tantos sabios, que libertas-te; continua lá do empyreo a velar sobre este povo, a quem a tua heroica espada cortou os infames grilhões do despotismo, que tão cruelmente o avassallava. Por esta arte elle sempre será livre, em quanto livre for aquelle emporio da liberdade, onde generoso mandaste depositar o teu coração magnanimo, que jámais sentiu outros impulsos que os do amor da gente lusa.»

Doutoramento.—Recebeu, no domingo ultimo, o grau de doutor na faculdade de Theologia, o reverendo sr. Manuel de Jesus Lino.

Presidiu a este acto imponente o sr. conselheiro vice-reitor da Universidade, no impedimento do sr. reitor, visconde de Villa Maior.

Desempenhou as funcções de lente de prima, no impedimento d'este, o segundo lente da mesma faculdade o sr. Dr. D. Victorino.

Foram oradores os srs. Drs. Ramos e Madureira.

Foi padrinho do doutorando o sr. Bispo Conde.

Assistiram a esta solemnidade muitos lentes e doutores de todas as faculdades, grande numero de senhoras, muitos academicos, funccionarios publicos e outros cavalheiros.

O sr. Bispo Conde deu n'esse dia no seu paço, em honra do novo doutor, um abundante, delicadissimo e bem servido jantar, para o qual foram convidados os srs. vice-reitor e secretario da Universidade, todos os lentes da faculdade de Theologia, governador civil e secretario geral, presidente da camara municipal, bispos eleitos do Algarve e de Macau, vice-reitor do Seminario, e varios lentes e cavalheiros das intimas relações do sr. Dr. Lino.

A' noite foi a philarmonica *Conimbricense* tocar ao pateo do paço episcopal muitas peças de musica em obsequio ao novo doutor, e a seu exm.º padrinho.

De todo o coração felicitamos o sr. Dr. Lino, a cujos excellentes dotes moraes e intellectuaes todos fazem a devida justiça.

Communhão aos presos—No domingo ultimo, pelas 10 horas da manhã, saiu da egreja de Santa Cruz em solemnissima procissão o Santissimo Sacramento, á cadeia desta cidade, para desobrigar do preceito quaresmal os presos.

Abria o prestito a irmandade do Santissimo, com grande numero d'irmãos, no meio dos quaes se viam muitos anjos com salvas, flores, ou insignias religiosas. Seguia a cruz parochial, debaixo da qual ia numeroso clero de cotas e capas d'asperges; e por fim o pallio, a cujas varas pegavam os membros da camara municipal, administrador do concelho e director das obras publicas. Á umbella pegava o sr. governador civil, e seguia o tribunal judicial completo, alguns empregados publicos e convidados, e fechava o prestito uma guarda d'honra do destacamento de caçadores 6, commandada por um alferes, á frente da qual tocava a philarmonica *Conimbricense*.

A cadeia, essa vergonha da sociedade, aonde residem desgraçados, que ainda o são muito mais por lhes darem tão insalubre habitação, perdeu ao menos naquelle dia, o seu medonho aspecto, pois que tudo eram flores, damascos, quadros e ornatos.

Chegado áquelle local o numeroso prestito, depois das cerimonias rituaes, o digno prior da freguezia dirigiu-se aos infelizes alli existentes, (a quem já na sexta feira antecedente tinha ido exhortar e lembrar-lhes a necessidade e conveniencia de boa preparação para a confissão, a qual teve logar no sabbado de tarde) e lhes fez uma pratica, accommodada á sua condição e ás circumstancias; findo o que, deu o sagrado pão eucharistico a 50 e tantos presos.

A procissão recolheu á egreja pela mesma ordem, e sempre no meio de grande concurso de povo, reverente e commovido.

Depois do meio dia foi dado em uma das casas que serve de dormitorio, aos presos, um abundante jantar, que constou de sopa, cozido (vacca), arroz, assado, vinho, pão e fructa (laranjas); sendo servido pelos dignos delegado do procurador regio, administrador do concelho, prior da freguezia, e empregados do juizo; assistindo tambem o meritissimo juiz de direito, digno presidente da camara e mais pessoas convidadas.

O jantar foi devido a um donativo da camara municipal e uma subscripção entre os srs. juiz de direito, delegado, administrador do concelho, advogados, contador e escrivães do juizo.

É merecedor de muitos elogios o reverendo parocho, pelo zelo com que se esmerá para que esta solemnidade religiosa seja feita com todo o explendor; tendo egualmente direito a muitos louvores as auctoridades e empregados judiciaes, camara municipal, administrador do concelho, e o muito zeloso carcereiro.

A oliveira.—Esta arvore preciosa é originaria da Asia, e parece que foi introduzida na Europa 600 annos antes de Jesus Christo. Cresce lentamente, mas dura muito tempo, podendo viver 2 e 3 seculos. Alem do fructo tão empregado como alimento e do oleo tão apreciado na economia domestica e em tantas industrias, a madeira desta arvore é de grande belleza e usada com vantagem nos trabalhos de marceneiro, porque além da sua dureza, offerece um colorido variado e de lindissimo effeito, e é susceptivel de grande polimento.

A oliveira foi sempre muito venerada desde a mais remota antiguidade. Os gregos faziam d'ella o symbolo da sabedoria, da abundancia e da paz, e consagravam-a especialmente a Minerva. O povo, para pedir a paz, agitava nas mãos ramos de oliveira; e uma corôa tecida com a rama desta arvore era o premio da victoria nos jogos olympicos.

A oliveira silvestre era consagrada a Apollo e plantava-se junto dos templos. Em Roma, os noivos usavam grinaldas de ramos desta arvore, e teciam-se corôas para adornar os mortos, antes de os levar ás pyras mortuarias. Uma oliveira fulminada pelo raio era prenuncio de guerra. Virgilio representa Numa Pompilio com um ramo de oliveira na mão, para significar, que o seu reinado foi pacifico. O cunho das medalhas representava muitas vezes um soberano com um ramo de oliveira na mão, como symbolo da paz concedida ou conservada pelo estado.

Horoscopos.—Em todos os tempos o povo ignorante e supersticioso teve muita fé nos horoscopos. Até mesmo espiritos cultos recebiam muitas vezes os oraculos dos astrologos como decisões infalliveis. Citemos alguns exemplos curiosos.

Tacito affirma, que Tiberio desterrado em Rhodes, no reinado de Augusto, costumava consultar os astrologos sobre um rochedo á borda do mar, divertindo-se muitas vezes em os arrojar para as ondas, quando as respostas não lhe permittiam as prosperidades com que sonhava.

Um astrologo vaticinou a Luiz XI, que uma sua amante havia de morrer dentro de 8 dias. O prognostico realisou-se, e o monarcha chamou á sua presença o propheta do futuro, encarregando algumas pessoas da sua côrte, de lançarem o homem pela janella fóra, a um signal convencionado. Luiz XI perguntou-lhe—como adivinhas com tanta segurança a sorte dos outros, dize-me que tempo pódes viver?—O astrologo desconfiando da sorte que o esperava, respondeu com a maior placidez—Senhor, eu morrerei 3 dias antes de V. M.—Luiz XI, que além de supersticioso, tremia com a ideia da morte, não deu o signal aos seus cortezãos, e tratou sempre de conservar a vida ao auctor de tão tremenda prophecia.

Os chaldeus avisaram Alexandre, para não entrar em Babylonia, porque esta cidade havia de ser-lhe fatal, e o aviso realisou-se.

Tacito refere, que o astrologo Thrasyllus prognosticou, que Nero havia de reinar, mas que seria o assassino de sua mãe. Agrippina tendo noticia d'este horoscopo, exclamou—embora me mate, mas que reine.

Affonso X, rei de Castella, soberano muito instruido, teve a fraqueza de consultar os astrologos a respeito da duração do seu reinado, e como a resposta não foi favoravel, tornou-se tão triste, melancolico e cruel, que arruinou completamente o resto da sua vida.

Eduardo IV, rei de Inglaterra, sendo avisado pelos astrologos, que o nome do seu successor principiava por *G*, condemnou á morte o seu irmão *Georges*. Este facto é referido por Pasquier, mas outros escriptores negam formalmente a sua veracidade.

Luc Gauric adquiriu tal reputação pelos seus vaticinios astrologicos, que o papa Paulo III, grande amador desta arte supersticiosa, lhe concedeu o bispado de Civita-Ducale, como recompensa do seu grande merecimento.

Um doutor de Louvain prognosticando o futuro de tres ecclesiasticos, vaticinou que todos tres seriam papas; e assim foi. Foram Leão X, Adriano VI e Clemente VII. Esta celebre prophecia é conhecida pelo titulo de *horoscopos dos tres papas*.

Catherina de Medicis foi sempre escrava das superstições astrologicas. Prophetisando-lhe alguem, que ella havia de morrer á vista de S. Germano, nunca mais quiz habitar o palacio deste nome, mas á hora da morte foi assistida por um theologo chamado S. Germano.

Fernando o catholico, rei de Hespanha, foi advertido que havia de morrer em Madrigal. Passando um dia por uma pequena aldeia, cujo nome desconhecia, adoeceu repentinamente, e recolhido em uma humilde choupana ahi falleceu. Esta povoação era effectivamente conhecida pelo nome de Madrigal.

Um homem rico de Lyão consultou um astrologo sobre o tempo provavel de duração da sua vida, e julgando infallivel o prognostico, tratou de gastar toda a sua fortuna. Excedeu porém o prazo assignado, vendo-se obrigado a mendigar uma esmola, e implorando a caridade, dizendo sempre—tende piedade de um homem que viveu mais tempo do que tinha calculado.

Podiamos ainda referir muitos mais exemplos de horoscopos curiosos, verdadeiros ou falsos, de que os auctores fazem menção; mas para os limites de um noticiario já não é pequena a relação que colligimos.

O poema da miseria—Acaba de publicar-se o—*Poema da miseria, canticos e threnos*, pelo sr. Candido de Figueiredo.

Escrever o nome deste distincto e laureado poeta, é o sufficiente para se saber qual será o merecimento desta publicação recente, que acabamos de ler toda quasi sem interrupção.

O sr. Candido de Figueiredo levanta em todos os seus versos sentidas queixas pelas injustiças sociaes, que por ahi se praticam em prejuizo dos desgraçados.

Divide-se o *Poema da miseria* nas seguintes partes—Nova Musa—Historia vulgar—Sol entre nuvens—Um grupo—Gilbert na miseria—Visões de um crente—Saudação—Na sombra—O esquecimento—Romance de um proletario—Louverture e Bonaparte—Diva—Aos hypocritas—Do ceu á terra—Murmurios na caserna—Pedro Bonaparte—Ultimos adeuses—O agiota—A fome—O philantropo—Trevas—Auroras—Vozes longinquas—O paria—O voto—No campo—Do hospicio ao carcere—Dezembro—A primavera dos pobres—Progredior.

Tudo indica que o *Poema da miseria* terá uma prompta extracção.

Na parte typographica esmerou-se o editor o sr. José Correia de Almeida, para que o livro do sr. Candido de Figueiredo saisse nitidamente impresso na sua imprensa Commercial e Industrial desta cidade.

Á frente do livro vê-se um bello retrato do auctor, desenhado e gravado em Lisboa.

Vende-se nas differentes lojas de livros a 600 reis.

Senhor aos entrevados.—No domingo, pelas 7 horas da manhã, sahira o Sacramento da egreja de Santa Cruz, aos en-

trevados da freguezia. Seguirá por Montarroio, Sophia, rua do Carmo, adro de Santa Justa, ruas Direita e de João Cabreira, terreiro de Santo Antonio e rua da Moeda.

Estabelecimento de esculptura. — O bem conhecido e acreditado artista o sr. Possidonio da Silva Alves Brandão abriu um estabelecimento de esculptura e ornamentos, na casa onde esteve o hotel do sr. Lopes, ao Caes novo. Já alli está fabricando alguns mausoleus, e sabemos que tem a encommenda de outros.

O sr. Possidonio presta assim um bom serviço ás artes, pois que em Coimbra sentia-se muito a falta de um bom estabelecimento de esculptura.

Noticias de Hespanha—Ha muitos dias tem estado completamente paralisadas as operações no norte da Hespanha, em razão dos grandes temporaes que alli tem havido.

Hoje, porem, chegou a noticia de que recomeçara o fogo de artilheria contra Abanto.

ANNUNCIOS

Enxofre em pó

1 HA BOM SORTIMENTO no estabelecimento de Lopes Guimarães, rua do Visconde da Luz, n.º 1.

Pinheiros para vender

2 VENDE-SE uma grande porção de pinheiros, muito bons para madeira, etc. proximo da villa de Ançã. Quem os pretender póde fallar com Joaquim da Silva Ramos, da mesma villa, para tractar do seu ajuste.

O examinador de instrucção primaria

3 COLLECÇÃO de perguntas sobre todas ás materias de instrucção primaria. Qualquer estudante que percorrendo este questionario souber responder ás perguntas que elle contém, nada deve receiar pela sua approvação no exame dos lyceus. A' venda na livraria Pereira, rua Augusta, 50 e 52, em Lisboa. No Porto e em Coimbra, nas principaes livrarias. Preço 160 rs.

DOCTOR IN ABSENTIA

4 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

EDITAL

O escrivão de fazenda do concelho de Coimbra, etc.

Faz publico, que no dia 15 do proximo mez de Maio, hade ter logar na administração deste concelho, a arrematação dos direitos que se cobram na barca da passagem, da fazenda nacional, no sitio de Ceira, pelo exclusivo transito naquelle porto, no triennio que hade começar no 1.º de Julho do anno corrente, e findar no dia 30 de Junho de 1877, sob as condições que estão patentes na mesma administração, para serem examinadas pelas pessoas a quem convier.

Coimbra 24 d'Abril de 1874.

O escrivão de fazenda,
José Augusto P. Gonçalves.

EDITAL

Dr. Fernando Augusto d'Andrade Pimentel de Mello, lente cathedratico da faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra, presidente da Camara Municipal da mesma cidade.

Faço saber que na casa da camara se acha patente por espaço de 10 dias, a contar da data do presente edital, o segundo orçamento supplementar ao geral da receita e despeza deste concelho para o anno economico de 1873 a 1874; pelo que convido todos os cidadãos interessados a virem alli ver e examinar o mesmo orçamento, e a apresentarem-me dentro do referido prazo quaesquer reclamações que julgarem conveniente fazer, a fim de terem o destino competente.

E para constar se passou este e outros d'egual theor.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 20 d'Abril de 1874.

Fernando Augusto d'Andrade Pimentel de Mello.

Attenção

7 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

CONVITE

8 PROFUNDAMENTE commovidos ante a dor fatal da saudade, vimos cumprir o dever sagrado de irmão, mostrando assim a chaga que goteja em nosso coração.

Tendo Deus acolhido para si o nosso amigo Antonio Marques Manso, e restando-nos apenas a saudade d'uma alma cheia de virtude, protestamos aqui, em nome da santa amisade fraternal, um voto de saudade: para isso convidamos todos os amigos do desditoso finado a comparecerem na proxima sexta feira, 24, pelas 6 horas da manhã, na egreja de S. Bartholomeu, onde se celebrará uma missa pelo eterno descanço de sua alma.

Coimbra 21 de Abril de 1874.

Antonio Rodrigues Braga
João Rodrigues Braga
José Antonio da Costa.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

9 NO DIA 26 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na casa da acceitação dos doentes, hade arrematar-se a construcção de duas enfermarias do 1.º andar do Collegio das Artes, segundo a planta e condicções que alli se acham patentes desde já.

Administração dos Hospitaes da Universidade de Coimbra, 16 de Abril de 1874.

O administrador,
Costa Simões.

Pinheiros

10 GONÇALO TELLO, vende 10:000 pinheiros, proprios para construcção de mar e terra, das suas mattas, na freguezia de Samuel, a uma legua da estação de Soure, e pouco mais da Figueira da Foz: dirigir-á sua casa da Vinha da Rainha, concelho de Soure.

ESCULPTURA

11 POSSIDONIO DA SILVA E ABILIO FERREIRA, já têem aberto o seu estabelecimento de esculptura e ornamentos, onde se fazem mausoleus de varios gostos. A officina é no Caes Novo.

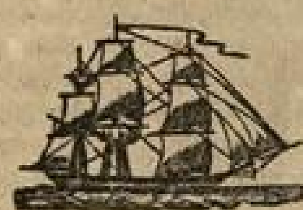
12 VENDE-SE uma porção de madeira de construcção, traves, vigas, e barrotes de differentes medidas, de choupo e de pinho. Quem a quizer comprar, queira dirigir-se á rua do Visconde da Luz, n.ºs 97 e 99.

LEILÃO

13 NO DOMINGO, 26 do corrente, das 10 horas da manhã em diante, na rua da Calçada, n.º 70, casas do fallecido negociante José Antonio do Espirito Santo, haverá leilão d'uma mobilia de pau preto, constando de sophá estofado, cadeiras, commoda, mesas, lavatorio, mesinhas de cabeceiras e papeleira. Ha tambem alguns moveis d'outras qualidades de madeira; muitos objectos d'algum merecimento, e muitas outras miudezas.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Galera —AMERICA—em 30 de Abril.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

MACHINAS DE COSTURA

PARA

Senhora, Alfaiate e Sapateiro

15 AO ESTABELECIMENTO DE JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA, chegaram machinas da acreditada companhia manufactora—**Singer.** O bom credito que estas machinas gozam pela sua fortaleza e perfeição, espalhadas por todos os paizes, adoptadas por todas as instituições publicas e particulares, pelos artistas de todas as classes e pelas familias de todas as condições; dizendo-se isto escusado será demonstrar as conveniencias que offerecem da sua economia e belleza de trabalho, inimitavel.

Dão mil pontos por minuto, e do tamanho que se queira, por meio de um registo, o qual de momento póde variar entre 4 a 40 pontos em cada pollegada.

Cose em todas as direcções que se deseje, curvas, angulos, com facilidade e perfeição, fazendo o ponto egual de ambos os lados, interlaçado no meio; e por isso seguro *ainda mais do que cosido á mão.*

Na mesma loja se vendem agulhas para machinas, linhas, algodão branco e de côr, retroz de cores, preto, e torçal.

16 RICARDO ANTUNES DE MACEDO, largo de Samsão, recebeu para vender, o seu costumado sortimento de presunto de Lamego.

17 QUEM QUIZER COMPRAR cinco moradas de casas ao lado do cemiterio da Conchada, as quaes foram feitas na ideia de mudarem para alli os fogueteiros, falle nesta redacção, onde se dirá com quem se deve tratar. Tambem se acceita lanço para uma, ou duas moradas.

Hygiene da alma

2.ª EDIÇÃO. PREÇO 400 REIS

18 Á VENDA na livraria Pereira, rua Augusta, 50 e 52. No Porto e em Coimbra, nas principaes livrarias.

INJECÇÃO BARNIT

19 CURA em menos de 6 dias toda a qualidade de purgações.— Deposito na pharmacia da rua da Sophia, n.ºs 19 a 23.—Preço 360 rs.

EDITAL

20 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA faz publico, que se acha patente na respectiva secretaria, por espaço de 15 dias, a contar da data do presente edital, o rol do lançamento da contribuição municipal directa de repartição, relativo ao anno economico de 1873 a 1874: pelo que convida a todos os interessados a virem alli ver e examinar, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, de todos os dias não santificados, o dito rol do lançamento, e a apresentarem dentro do referido prazo quaesquer reclamações que tiverem por conveniente fazer.

E para que chegue ao conhecimento de todos, se mandou afixar este e outros de egual theor em todas as parochias do concelho, e publicar nos periodicos desta cidade.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 21 de Abril de 1874.

O presidente,
Fernando de Mello.

21 SEMENTES D'EUCALYPTOS — Rua do Visconde da Luz.—A. M. S. de Castro.

22 A COMPANHIA Mineira e Industrial do Cabo Mondego, recebe propostas até ao dia 30 do corrente, para o fornecimento de 12,000 travessas semicirculares de pinho da terra, com as dimensões de 1,60—0,22—0,11, entregues sobre o caes da villa da Figueira, durante os mezes de Maio, Junho e Julho, 4,000 em cada mez.

As propostas serão feitas em carta fechada, sobrescriptada á Companhia, designando-se no sobrescripto, propostas para o fornecimento de travessas, e entregues até ás 11 horas da manhã daquelle dia, no escriptorio do illm.º sr. Jacintho Malheiro de Mello, rua da Lomba, aonde serão abertas na presença de todos os proponentes.

Os proponentes darão fiador, e deixarão 10 p. c. das importancias que forem recebendo, que ficarão depositadas até á ultima entrega como garantia.

Figueira, 11 de Abril de 1874.

NUMERO 2791 — SABBADO 25 DE ABRIL DE 1874 — ANNO XXVIII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A illustrada vereação municipal de Coimbra dirigiu ao governo de sua magestade uma representação, mostrando as vantagens da construcção de uma via de locomoção rapida, que ligue esta cidade com a villa da Figueira da Foz; e pedindo para que neste sentido sejam attendidos os desejos de algumas emprezas, que solicitaram do ministerio das obras publicas esta concessão.

Desnecessario é encarecermos aqui a influencia que um tal meio de transporte, facil e rapido, deve exercer no movimento industrial e commercial desta cidade e provincia. E' já bem conhecida, debaixo de todos os pontos de vista, a maxima importancia das vias acceleradas, que ligam os grandes centros de povoação, onde o commercio e as industrias, constituem os principaes elementos de actividade geral.

Zelosa pelos interesses dos povos que representa, cujo bem estar e prosperidade promove, a camara municipal presta um assignalado serviço, instando perante o poder competente, pela realisação de uma obra utilissima, e que muito deve concorrer para a prosperidade commercial, principalmente desta praça.

Louvando a vereação pela iniciativa neste momentoso objecto, não podemos, nem devemos deixar de adherir ao desejo da municipalidade, pedindo ao esclarecido ministro das obras publicas, para que tome em consideração o appello que esta cidade lhe dirige por meio dos seus representantes.

Em seguida transcrevemos a representação da camara.

Senhor! Consta á camara municipal desta cidade de Coimbra, que perante o governo de Vossa Magestade têem sido feitos varios pedidos para o estabelecimento de uma via de locomoção rapida entre a mesma cidade e a villa da Figueira da Foz.

A distancia que se mede entre estas duas povoações é de 48 kilometros por meio de uma estrada districtal importante, pois que dá accesso facil a um grande numero de pequenas terras que ao norte d'ella se estendem.

O commercio, porem, aproveita a via fluvial entre Coimbra e a Figueira da Foz, para a conducção de suas mercadorias, pois que os resultados favoraveis que experimenta, não póde auferil-os, fazendo o transporte por terra, o que alem de mais dispendio, seria menos facil e moroso.

O estabelecimento pois de uma via de locomoção rapida é por certo uma obra d'interesse para o commercio desta cidade, para o da villa da Figueira da Foz, e de todas as povoações intermediarias, e mais ainda para o geral de toda a provincia da Beira.

A camara desta cidade empenhando-se quanto ser possa para que por qualquer meio se facilitem as relações commerciaes destas duas terras, resolveu pedir junto do throno de Vossa Magestade para que tenham o conveniente andamento os pedidos que para este fim têem sido apresentados, sendo approvado aquelle que em melhores condições se encontrar para o bem dos povos.

A camara espera que Vossa Magestade será servido ordenar a concessão da graça que implora.

Deus guarde os preciosos dias de Vossa Magestade, como todos hemos mister.

Coimbra, paços do concelho ao 1.º de Abril de 1874.

(Seguem-se as assignaturas.)

O centro do partido historico desta cidade abriu uma subscripção a favor da viuva e filhos do sr. João Antonio dos Santos e Silva, membro distincto daquelle partido.

Os importantes serviços prestados pelo sr. Santos e Silva na tribuna parlamentar e na imprensa, depois dos quaes deixou a sua numerosa familia em precarias circumstancias, são motivos que muito justificam o procedimento do centro historico e de todo o partido liberal.

Na redacção do jornal o *Progressista*, está aberta a subscripção a que nos referimos, e onde podem dirigir-se todas as pessoas que desejarem concorrer para um tão louvavel fim.

A REVOLUÇÃO LIBERAL DE 1828

E O

Portugal antigo e moderno

Acabamos de receber o 32.º fasciculo do *Portugal antigo e moderno*, e nelle lemos o seguinte:

«**Cruz dos Morouços**, ou dos **Merouços**—aldeia, Douro, proximo a Coimbra.

Tendo-se revolucionado contra o governo do sr. D. Miguel I, varios generaes e corpos de linha, e formado uma chamada junta provisoria, na cidade do Porto, o general Saldanha marchou com a flor das tropas revolucionarias sobre Lisboa. O general realista Povoas os espera na Ega, proximo a Condeixa, onde ha uma pequena escaramuça a 23 de Junho de 1828. Os liberaes retiraram por Sernache até á Cruz dos Morouços, onde no dia seguinte houve um combate, no qual os liberaes foram derrotados, retirando sobre o Porto, para serem de novo derrotados e dispersos na batalha da Ponte do Vouga.»

Neste artigo erra o sr. Pinho Leal quasi tantas vezes quantas as asserções que faz.

Não entramos na apreciação da vantagem, ou inconveniencia que ha em encher de politica miguelista, o diccionario— *Portugal antigo e moderno*. O que, porem, temos direito, é a protestar quando, como agora, vemos alterados os actos do partido liberal, em seu desdouro.

O exercito liberal em 1828 foi infeliz, mas não foi fraco, nem cobarde.

A' falta de generaes experimentados, e ás hesitações da junta do Porto, é que se deve exclusivamente a perda da gloriosa revolução, que se vencesse, teria evitado que a nação portugueza soffresse durante 6 annos a mais dura tyrannia!

Vamos desfiar o que escreve o sr. Pinho Leal. Principia dizendo:

«Tendo-se revolucionado contra o governo do sr. D. Miguel I, varios generaes e corpos de linha, e formado uma chamada junta provisoria, na cidade do Porto, o general

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCVI

D. CARLOS

CVI

A 10 de Outubro de 1838, Narvaez que havia reunido as suas tropas nas cercanias de Madrid, ficando desamparada a Mancha, as fazia desfilar debaixo das janellas do palacio e revistar 7 dias depois pela rainha governadora. Os applausos que recebeu Narvaez estimularam o seu genio e ambição, e exaltado pelo seu triumpho, quiz por-se á frente do seu exercito, e formulou um plano para augmentar a reserva na Andaluzia, até ao numero de 40:000 homens. Queria ser prepotente, e que estivessem submettidos á sua influencia e auctoridade, todas as camaras municipaes, e os dois capitães generaes do territorio andaluz, a quem se tratava de obrigar a transigir com elle as duvidas e obstaculos que offerecesse a xecução do projecto, prevalecendo, em caso de divergencia de pareceres, a opinião de Narvaez, o qual devia alem disto ser auctorisado para tomar certas determinações que julgasse conducentes á organisação, na intelligencia de que seriam todas approvadas pela rainha.

Estas e outras attribuições faziam d'aquelle chefe um verdadeiro dictador, convertendo Hubert semelhante projecto em um decreto que expediu no dia 23, premiando n'outro da mesma data, a activa efficacia que havia empregado Narvaez na formação e organisação do corpo de exercito de reserva e a pacificação da Mancha, com a grã cruz da ordem militar de S. Fernando.

Se nesta determinação se via o governo fazer uso do seu poder, se a approvação que de muitos recebeu, o estimulava a proseguir neste caminho, se era acertado; desviou-se delle em breve com a medida que dictou o ministro da governação, a qual foi a mais atroz que até então havia suggerido o espirito reaccionario.

Para frustrar os esforços que faziam os exaltados, a fim de impedir a reunião das côrtes em Novembro, tratou o governo de declarar Madrid em estado de sitio, e ia a tomar essa resolução, quando Vallgornera insinuou que conviria ouvir sobre a conveniencia da medida o general Narvaez.

Desapprovou este essa medida, manifestando que causariam melhor effeito algumas disposições rigorosas contra os carlistas. Com effeito e fundando-se Vallgornera na impunidade com que, ao abrigo das leis ordinarias, conspiravam os carlistas contra o throno constitucional, mandou no dia 26 sair no prazo de 8 dias de Madrid, e dos povos situados em um raio de 8 leguas, ás mulheres e filhos menores das pessoas que estivessem ao serviço de D. Carlos; prohibindo debaixo da pena da vida, toda a correspondencia, ainda a mais familiar, com ellas, e julgar e castigar por um conselho de guerra aos que lhes prestassem auxilio de qualquer especie. As mulheres e meninos extraviados deviam ser vigiados pelas auctoridades dos povos em que fixassem sua residencia.

A isto chamava o governo alarde de força!

Centenares de inoffensivas mulheres, de meninos innocentes, foram expulsos de Madrid para irem perecer em um povo, levando comsigo o sello de reprovação e maldição que lançara contra aquelles seres um ministerio, energico somente contra taes inimigos.

Disto a encarceral-os, ou mandal-os ir ao patibulo, não havia mais que um passo.

E esta medida *herodeana*, nem ainda teve o merito da orginalidade, pois era uma imitação da famosa lei de refens do Directorio francez, em virtude da qual deviam ser presos e castigados todos os parentes, ou presumidos cumplices dos naturaes da Vendée, em repressão de seus actos. E esta lei injusta e violenta só conseguiu irritar as paixões, sem desarmar na Vendée um só braço, e excitar o odio contra o Directorio.

Vallgornera teve, ou fingiu ter aviso de preparar-se um motim na capital, e Hubert para justificar os seus anteriores actos, mandou aproximar mais á cidade as tropas que Narvaez tinha nos Carabancheles. Isto chamou a attenção do publico, que não comprehendia o empenho da quinta decretada e da requisição de cavallos, e ter detida a reserva já organisada, fazendo falta no theatro da guerra; e deter ociosas aquellas tropas nas cercanias de Madrid, era dar um solemne desmentido em quanto á necessidade urgente das providencias tomadas inconstitucionalmente, e por manifesto, que o seu objecto era levar um remedio aos males da guerra. Era pois instante a necessidade de explicar a detenção do exercito nos Carabancheles, e dar uma razão plausivel.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Saldanha marchou com a flor das tropas revolucionarias sobre Lisboa.»

Logo neste periodo começam os erros. O general Saldanha achava-se em Inglaterra, quando no dia 16 de Maio de 1828 rompeu a revolução liberal no Porto. Passado tempo, partiu d'alli no vapor *Belfast*, em companhia do marquez de Palmella, conde de Villa Flor, e outros militares, e só desembarcou na praia de Mathosinhos em 26 de Junho; isto é, dois dias depois da batalha da Cruz dos Morouços. Veja-se, por tanto, com que exactidão diz o sr. Pinho Leal, que depois de organisada a junta do Porto— *o general Saldanha marchou com a flor das tropas revolucionarias sobre Lisboa.*

O general Saldanha apenas veiu até Oliveira de Azemeis, quando o exercito liberal já ia em retirada sobre o Porto.

Continua dizendo o sr. Pinho Leal:

«O general realista Povoas os espera na Ega, proximo a Condeixa, onde ha uma pequena escaramuça a 23 de Junho de 1828.»

Neste periodo ha dois erros.

Nem o general Povoas, ou qualquer outro general miguelista commandava as forças de D. Miguel na Ega; nem a escaramuça, ou surpreza que alli houve, foi no dia 23 de Junho, mas sim no dia 20.

Ahi vae parte da ordem do dia, publicada em Coimbra, logo no dia immediato ao ataque da Ega:

QUARTEL GENERAL EM COIMBRA
21 DE JUNHO DE 1828

ORDEM DE DIVISÃO

Sua ex.ª o sr. brigadeiro general Saraiva, commandante da divisão volante, não querendo retardar aos corpos, que tem a honra de commandar, as vantagens que hontem alcançaram as armas de sua magestade el-rei o sr. D. Pedro IV, manda declarar á divisão, que tendo sabido que no dia 18 um corpo de cavallaria, seguido pelo regimento de infanteria n.º 22 e milicias d'Aveiro, e algumas de Soure, assalariadas pelos inimigos do nosso legitimo rei e de todos os fieis portuguezes, se haviam querido estabelecer na villa de Soure: mandou, que na madrugada de 19 para 20 fossem surprehendidos.

Destinou s. ex.ª para esta empreza o sr. tenente coronel João Schwalback, ordenando-lhe, que levasse debaixo das suas ordens os batalhões de caçadores n.ºs 3 e 6 e um batalhão do 9 de infanteria, e um esquadrão de cavallaria de todos os corpos da brigada.

Não podendo o sr. tenente coronel Schwalback durante a noite vencer um terreno cheio de desfiladeiros, e por consequencia surprehender toda a força inimiga, resolveu fazel-o sobre uns 100 a 200 homens de cavallaria e infanteria, que tinham marchado com direcção á villa da Ega.

As avançadas das tropas leaes em breve avistaram o inimigo; as disposições para o ataque foram dadas rapidamente; os inimigos cortados, e a sua sorte em breve decidida. Não faltou o sr. tenente coronel a intimar áquelles desvairados portuguezes, que se rendessem diante das armas de seu legitimo rei; mas como visse, que fallava em vão, e que em vez de se submetterem começavam com empenho o fogo; mandou atacar.

N'um momento os desgraçados tiveram de se arrepender do seu temerario arrojo: a morte coube a grande parte; alguns muito feridos se poderam escapar; e em nosso poder ficaram um major, um capitão do regimento 22, um alferes de milicias d'Aveiro, e 63 officiaes inferiores, cabos, anspeçadas e soldados, e 14 cavallos, sem que a nossa perda fosse mais do que 2 soldados feridos.

. . . .

José Maria de Sá Camello,
major chefe do estado-maior.»

Diz mais o sr. Pinho Leal:

«Os liberaes retiraram por Sernache até á Cruz dos Morouços, onde no dia seguinte houve um combate, no qual os liberaes foram derrotados.»

Como! Os liberaes derrotados no combate da Cruz dos Morouços!

Pois bate-se valentemente o exercito liberal durante todo o dia 24 de Junho; sustenta-se no mesmo campo de batalha, não só nesse dia, mas toda a noute seguinte, e todo o dia 25; retirando só em a noute deste ultimo dia, por ordem que foi do quartel general de Coimbra; e depois disto vem dizer-se que foi derrotado esse exercito!

Vamos chamar em defeza do exercito liberal, assim affrontado, um bravo militar, honra do exercito portuguez, e que tomou parte naquelle disputadissimo combate. Em uma carta dirigida pelo sr. visconde, hoje marquez de Sá da Bandeira, ao general Francisco Saraiva da Costa Refoios, em 26 de Abril de 1835, dizia s. ex.ª:

«Na madrugada de 24 uma parte da nossa força marchou até á proximidade de Condeixa, para reconhecer a força inimiga que occupava esta villa. Quando regressavamos ás nossas primeiras posições, observou-se que eramos seguidos pelo inimigo em grande força. Nas alturas dos Morouços esperamos o combate, que em breve teve logar. Primeira acção regular entre as tropas adversas: a victoria foi com valor disputada *durante dez horas;* **nós a conseguimos, tendo repellido todos os ataques, e ficando senhores do campo**, no qual o inimigo deixou muitos mortos e feridos, e em nosso poder consideravel numero de prisioneiros: **todo o dia 25 occupamos o mesmo campo.**»

Ouçamos mais o que diz o coronel Antonio José Joaquim de Miranda, ácerca da mesma batalha, em carta datada de 9 de Abril de 1835:

«No dia 24 de Junho de 1828 foi a acção adeante de Coimbra, no sitio dos Morouços, **que tão gloriosa foi para nos, pela repulsão que se fez das forças aggressoras, e findou com o dia.**»

Ouçamos, finalmente, como o commandante da divisão liberal, Francisco Saraiva da Costa Refoios, depois barão de Ruivos, classifica este combate:

«A gloriosa batalha do dia 24 de Junho de 1828, na qual as armas da honra e da fidelidade, praticando prodigios de valor, repellindo denodadamente os ataques do inimigo, tanto no centro, como nos flancos da nossa linha, e disputando a victoria até á noute, **alcançaram completo triumpho sobre as tropas rebeldes, que abandonaram o campo, deixando-o coberto de mortos e feridos; e ficando em nosso poder grande numero de prisioneiros.**»

E é este o combate em que o sr. Pinho Leal assevera que os liberaes foram derrotados!

Diz mais o sr. Pinho Leal:

«Retirando-se sobre o Porto, para serem de novo derrotados e dispersos na batalha da Ponte do Vouga.»

Em quanto á retirada, foi determinada pela difficuldade, ou quasi impossibilidade de sustentar a extensa linha do exercito liberal; vendo-se este ameaçado de ser flanqueado pela direita.

No seu officio datado de Coimbra em 26 de Junho de 1828, diz o general miguelista Povoas ao conde de Barbacena Francisco, que havia mandado marchar pela margem esquerda do Mondego sobre Villa Nova d'Anços, Formozelha, Pereira e mesmo sobre Tentugal, a primeira brigada de cavallaria, seguida da meia brigada de artilheria, e pela terceira brigada das milicias de Leiria e Soure. Eram essas forças miguelistas, que, não tendo podido vencer de frente o exercito liberal no dia 24, se preparavam a atravessar o Mondego, ameaçando a sua retaguarda.

Ainda assim, as circumstancias não eram desesperadas, se em Coimbra houvesse um general audacioso, e que não estivesse retido pelas hesitações da junta do Porto.

Diz o sr. Pinho Leal que os liberaes foram *de novo derrotados e dispersos na batalha da Ponte do Vouga.*

Novamente, portanto, invocaremos o auctorisado testemunho do sr. marquez de Sá da Bandeira. Diz s. ex.ª:

«O inimigo seguiu-nos lentamente apezar da sua superioridade de forças: comtudo no dia 28 pretendeu forçar a Ponte do Marnel e posições visinhas, que occupavamos perto do Vouga: em consequencia teve logar um mui violento combate, *que durou nove horas*, **e que se decidiu com gloria para nos, repellindo todos os ataques, causando ao inimigo grande perda, e bivacando no campo da batalha.**»

Eis o combate em que o sr. Pinho Leal diz que os liberaes foram *de novo* **derrotados**, e até **dispersos!** E' muito, na verdade!

O exercito liberal não foi derrotado nos seus combates de Junho de 1828. Houve-se com uma bravura inexcedivel, ficando sempre senhor dos campos de batalha.

As causas do mallogro da revolução liberal, contra a usurpação de D. Miguel, tem de se procurar, como já dissemos, na falta de generaes experimentados, e na pouca actividade da junta do Porto.

Um exercito, que depois dos maiores soffrimentos, e abandonado de quasi todos os seus chefes, entra pela maior parte na Galliza, só para ser fiel aos seus juramentos á Carta e á Rainha, é digno de que se lhe levante um monumento!

Honra a esses bravos! Honra ao general Joaquim de Sousa Quevedo Pizarro, depois visconde de Bobeda, que com uma constancia heroica, os commandou na sua dolorosa retirada! Honra ao valente major do real corpo de engenheiros, Bernardo de Sá Nogueira; hoje marquez de Sá da Bandeira; ao coronel de infanteria 18, Henrique da Silva da Fonseca, depois visconde de Alcobaça; e aos mais briosos officiaes, que tendo por norte o cumprimento dos seus deveres, guiaram sempre as forças liberaes, tanto na prospera, como na contraria fortuna!

Honra a todo o exercito liberal!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

O dia 8 de Maio. — Sabemos que varios individuos promovem uma reunião, que terá logar no proximo domingo, pelas sete horas da tarde, na casa da Associação Commercial, a fim de se deliberar o modo de solemnisar o anniversario daquelle dia, tão grato a esta cidade. Não ha convites por qualquer fórma, nem avisos individuaes, para que uma qualquer falta não désse logar a susceptibilidades.

Hospedes. — Coimbra tem sido muito visitada nestes ultimos dias. Além de muitas outras pessoas, honraram com a sua presença esta cidade o sr. barão de S. Pedro e suas filhas, o sr. Pires, de Lisboa, e esposa, e os srs. João da Silva Ramos e Monsenhor Pinto de Campos, brasileiros. Estes ultimos cavalheiros regressam de uma viagem pela Europa e pelas provincias do norte de Portugal, e voltam brevemente para o Brasil. O sr. Ramos formou-se em medicina na Universidade de Coimbra, e exerce com grande distincção a clinica em Pernambuco. Acompanha-o a sua esposa. O sr. Pinto de Campos é um escriptor muito illustrado e de grande representação no seu paiz.

Tambem hontem chegaram a esta cidade quatro padres chinezes, que vão aperfeiçoar-se no portuguez para o seminario de Bomjardim.

Exame de licenciado — Na quinta feira fez o seu exame de licenciado na faculdade de Mathematica, o nosso estimavel amigo e distincto academico o sr. Antonio Zeferino Candido da Piedade.

A sua provada intelligencia reune o sr. Zeferino todos os predicados de um perfeito cavalheiro; havendo adquirido, pelo seu excellente comportamento, as geraes sympathias nesta cidade.

Na rua dos Coutinhos em que habita o sr. Zeferino, foi um dia de festa aquelle em que fez o seu brilhante exame.

Á noute foi tocar á sua porta a philarmonica *Boa-União.*

Vapor Aviso. — Este pequeno vapor de recreio, que servia para digressões nauticas na Figueira da Foz, passou por uma grande transformação. Os seus proprietarios venderam-o para a quinta de Foja, e a machina foi aproveitada para mover bombas de esgoto, destinadas ao enchugo dos pantanos desta grande propriedade.

Vinhos. — Quasi todos os dias seguem Mondego abaixo com direcção á Figueira da Foz numerosos barcos carregados com pipas de vinho da Beira. E' um movimento incessante e extraordinario, que revela a grande riqueza desta producção na nossa provincia. Estes vinhos, depois de beneficiados e preparados para embarque, são exportados para paizes estrangeiros, e especialmente para o Brasil, onde são muito apreciados e acreditados os vinhos desta região de Portugal.

Propriedades. — Affirmam-nos, que ha muitos pretendentes á compra das lindissimas propriedades ruraes do fallecido sr. conselheiro José Maria de Abreu. As quintas do Cidral foram muito melhoradas nos ultimos annos da vida do nosso saudoso e prezado amigo, e são predios que reunem o util e o agradavel. Os pretendentes são não só de Coimbra, mas de Lisboa e Porto.

Nomeação. — A mesa da Santa Casa da Misericordia nomeou a exm.ª sr.ª D. Ludovina do Carmo Pereira Neves, regente do collegio das orphãs.

Foi muito feliz a mesa da Santa Casa em tão acertada escolha; pois que esta senhora reune todas as qualidades desejaveis para a direcção de tão importante estabelecimento. Ainda ha pouco tempo mereceu ser classificada com *distincção* no exame que fez nesta cidade para o professorado.

Melhoras. — O nosso respeitavel amigo o sr. conselheiro Joaquim Gonçalves Mamede acha-se finalmente restabelecido da sua pertinaz doença. Esta noticia será sem duvida recebida com muita satisfação pelos numerosos amigos deste distincto cavalheiro.

O sr. Mamede partiu directamente de Lisboa para o Porto, a fim de alli se sujeitar a um tratamento rigoroso; e não poude, por isso, entrar n'essa occasião em Coimbra, como desejava; mas espera, passado algum tempo, poder vir a esta cidade.

Doença — O nosso amigo o sr. Francisco de Sousa Araujo, antigo negociante e proprietario nesta cidade, tem estado bastante doente com uma pneumonia. Muito folgaremos que o sr. Araujo obtenha promptas melhoras.

Febre aphtosa. — Nas freguezias de Pereira, Santo Varão e Formozelha, grassa com grande intensidade a febre aphtosa no gado vaccum e suino.

O Livro das Flores. — A empreza editora dos srs. Mattos Moreira & C.ª, da praça de D. Pedro, n.º 68, em Lisboa, começou, com o titulo de *Bibliotheca religiosa*, a publicação de uma collecção de livros religiosos, d'um genero inteiramente novo, contendo cada um a vida de um santo ou santa. E' o deleite dos sentidos entrelaçando-se com o que mais póde impressionar o coração piedoso.

Já recebemos — *O Livro das Flores, (Legendas da vida da Rainha Santa)*, pelo sr. Alberto Pimentel. Apresenta-se nesse livro em sentidas paginas a vida de Santa Isabel, rainha portugueza, cujas virtudes lhe valeram uma aureola de gloria.

E se este livro deve ser apreciado em todo o reino, quanto mais o não será em Coimbra, testemunha das eminentes virtudes da sua santa padroeira!

Consta-nos que está já no prelo — *O Livro das Lagrimas (Legendas de Santo Antonio de Lisboa)*, pelo mesmo sr. Alberto Pimentel.

Cada volume custa 300 reis.

O sermão do Calvario — Os srs. Mattos Moreira & C.ª, editores de Lisboa, continuam na publicação dos sermões do distincto orador Malhão. Publicaram agora o n.º 5, que é o sermão do *Calvario.*

O ultimo rei cavalleiro — A empreza da *Bibliotheca Universal* dos srs. Lucas & Filho, em Lisboa, acaba de publicar o n.º 4 da sua *Educação popular, encyclopedia instructiva e amena dedicada á mocidade estudiosa de Portugal e Brasil.*

Tem por titulo este numero — *O ultimo rei cavalleiro*, e é escripto pelo director litterario desta publicação o sr. Pinheiro Chagas. Em resumo se vê alli a vida de D. Sebastião, até ao seu triste fim em Alcacer Kibir.

Assim, em um volume de 126 paginas, e pelo modico preço de 200 rs. em Lisboa, ou 220 rs. nas provincias, encontram as classes populares uma noticia, que sem esta publicação teriam de procurar na *Historia de Portugal* do sr. Pinheiro Chagas, ou na do sr. Rebello da Silva, obras que pelo seu preço não estão ao alcance de todas as fortunas.

Desta pequena bibliotheca, já se acham publicados o n.º 1 — *A guerra peninsular;* o n.º 2 — *As cruzadas;* o n.º 3 — *Os dramas no mar;* e o n.º 4 — *O ultimo rei cavalleiro.* E está no prelo o n.º 5 — *Volcões e tremores de terra;* a que se seguirão muitos outros, todos instructivos e de leitura amena.

Livraria Catholica — Recebemos hoje o seguinte livro — *Victorino, ou aventuras de um joven romano, obra traduzida da segunda edição do original italiano.*

Ainda não podemos dizer, lel-o; mas o que desde já podemos dizer, é que temos uma segura garantia da sua boa doutrina, em ser editado pela livraria Catholica de Lisboa, a qual se tem esmerado sempre na escolha das suas publicações.

Reedificação de egreja — Vamos hoje noticiar uma nobre acção que muito honra o cavalheiro que a praticou.

A egreja matriz de Selmes, no concelho da Vidigueira, achava-se ha muitos annos no mais completo estado de ruina. Ultimamente, o zeloso parocho d'aquella freguezia, o reverendo sr. João Cardoso Borges Lopes de Figueiredo, empregando todas as diligencias para ver se conseguia a sua reedificação, achou um seu dignissimo e respeitavel parochiano, o sr. José Estevens Mendes Thomaz, que se prestou a dar generosamente a importante quantia de 2:800$000 rs. em que a obra foi avaliada. São poucos todos os louvores para tão briosa e meritoria acção.

Nada mais diremos a este respeito, porque tudo melhor se acha explicado no papel que foi introduzido na primeira pedra, que se collocou nos alicerces da egreja de Selmes, e que abaixo publicamos. Só acrescentaremos que vae muito contentamento naquella freguezia por este acontecimento, e que são geraes as bençãos tanto ao reverendo parocho, que tomou a iniciativa desta obra, como ao generoso cavalheiro que para ella dá todos os meios necessarios.

Para perpetua memoria aqui publicamos o seguinte:

«No anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1874, aos 15 dias do mez de Abril do dito anno, reinando em Portugal el-rei D. Luiz I, e sendo governador deste bispado (sede vacante) e vigario pro-capitular Antonio José Boavida, e pontifice na egreja de Deus Pio IX.

Ha mais de 50 annos *(a)* havia cahido o frontespicio desta egreja matriz de Santa Catharina de Selmes, concelho da Vidigueira, bispado de Beja, com uma grande parte da abobada e respectivo telhado, estando actualmente o resto, e ladrilho, esmigalhados, altares 5, talhas douradas, tribuna, etc, etc. destruidos: tendo servido provisoriamente de matriz a capella de S. João Baptista, que fica ao cimo desta aldeia. O exm.º morgado da Rabadôa, José Estevens Mendes Thomaz, benemerito cidadão, parochiano desta freguezia, a expensas suas, a manda reconstruir, dando toda a mão d'obra, e materiaes de empreitada, pela importante quantia de 2:800$000 rs., ao pedreiro mestre d'obras, Antonio Maria Galhordas, natural da cidade d'Evora, e actualmente residente na villa de Reguengos.

Neste mesmo dia pelas 10 horas da manhã, estando reunida, no local da obra, a junta de parochia, composta do seu presidente João Cardoso Borges Lopes de Figueiredo, prior collado nesta freguezia, e natural da freguezia de S. Thiago de Pinheiro de Coja, concelho de Taboa, bispado de Coimbra; vogaes Domingos Antonio de Carvalho, e José Manoel Janeiro; e o regedor e juiz eleito Francisco Antonio de Moraes; estando tambem o professor primario José Joaquim da Costa e Sousa com seus alumnos; todas as pessoas principaes da freguezia, e grande concurso de povo; compareceu o dito exm.º morgado (cidadão muito nobre e octogenario) e pegando nas competentes ferramentas, collocou a primeira pedra, tendo sido previamente benta pelo prior, havendo em seguida muitas saudações e vivas a s. ex.ª, repiques, muitos foguetes, descargas, etc., etc.

Este termo fica depositado dentro d'um frasco de vidro, rolhado e lacrado, mettido numa caixa, aberta na primeira pedra, no angulo norte occidental do templo. Fica escripta na almofada do portado principal do mesmo, entre a cornija e a verga, a seguinte *inscripção* — «Esteve esta egreja matriz, por mais de 50 annos, com o frontespicio e abobada cahida; e o exm.º morgado José Estevens Mendes Thomaz a mandou reconstruir, a expensas suas, em 1874, pela quantia de 2:800$000 reis, sendo o empreiteiro Antonio Maria Galhordas. A junta de parochia reconhecida.

E para constar se lavrou este termo, que assignaram todas as pessoas presentes, que sabiam escrever.

P. S. A ultima hora soube-se por documentos antigos, que possue o meritissimo José Estevens Mendes Thomaz, que foi seu avô paterno, quem já havia collocado a primeira pedra da egreja, que agora se vae reconstruir. Duas coincidencias: era não só da mesma familia, mas do mesmo nome e appellidos do neto. Era *ut supra.* (Seguem 26 assignaturas).

Copia de dois officios

Exm.º e revm.º sr. — Ha mais de 50 annos, cahiu o frontespicio da egreja matriz desta freguezia, e parte da abobada com o telhado. Um proprietario desta freguezia, em tempo offereceu metade da despeza, se houvesse quem concorresse com a outra metade; e como ninguem se habilitasse, e o povo seja muito pobre, o proprietario morreu, e a egreja continuou esquecida até hoje, profanada, telhados e parte da abobada, que ficou, arruinados, o ladrilho da egreja todo esmigalhado; altares, talhas, dourados e throno, tudo destruido.

Depois que vim para esta freguezia (ha 3 annos) não tenho cessado de insistir com a junta de parochia e mostrar-lhe a necessidade de ver como fazer-se o reparo, ou por meio de derrama, ou solicitando esmolas, e neste mesmo sentido ia fallando aos meus freguezes em particular.

Ha dois annos tive a honra de visitar a v. ex.ª e por essa occasião implorei a valiosa protecção de v. ex.ª, para ver se a commissão da bulla da Santa Cruzada concorria com alguma ajuda.

Hoje, porém, tenho a maior satisfação em levar ao conhecimento de v. ex.ª, que o morgado da Rabadôa, exm.º José Estevens Mendes Thomaz, meu muito digno parochiano, me declarou, que toma a obra á sua conta, correndo toda a despeza á sua custa!!! É digno dos maiores encomios este nobre cavalheiro.

Fez aqui vir engenheiro (o Fidié), que levantou a planta, e fez o competente orçamento na importancia de 2:580$000 rs. O dito morgado mandou agora annunciar a obra: restame perguntar a v. ex.ª se para ella se fazer é necessario licença sua. — Deus guarde a v. ex.ª Selmes 3 de Setembro de 1873 — Exm.º revm.º sr. governador do bispado de Beja — O prior João Cardoso Borges Lopes de Figueiredo.

Resposta

Muito reverendo senhor — A nobre e piedosa resolução, que, segundo a participação que v. me dirigiu em seu officio de 3 do corrente, o benemerito parochiano dessa freguezia o exm.º José Estevens Mendes Thomaz, acaba de tomar; incumbindo-se da despeza a fazer com a obra da reedificação da egreja matriz dessa mesma freguezia, é tanto mais louvavel, quanto são hoje infelizmente bastante raros taes exemplos, que tanto concorrem para o engrandecimento da religião, e para a edificação e proveito espiritual dos fieis.

Cumpre pois que v. em seu nome, e dos parochianos dessa freguezia a seu cargo, eleve a Deus incessantes graças por se haver dignado inspirar um acto tão pio e valioso, supplicando-lhe ao mesmo tempo em favor do cavalheiro, que o praticou, todas as vantagens, assim espirituaes, como temporaes, de que pelo mesmo acto e pelos seus religiosos sentimentos se torna altamente merecedor.

E visto que se trata da reedificação, ou simples reparação de uma egreja, e não de sua primitiva construcção, não carece similhante obra, em harmonia com as disposições canonicas, de auctorisação alguma do ordinario, mas sómente da licença para a benção respectiva, quando o templo haja de ser aberto ao culto publico. — Deus guarde a v. Beja governo ecclesiastico em 8 de Setembro de 1873 — Muito reverendo sr. prior da egreja de Selmes. — O governador interino do bispado, *Alexandre Ramos Cid.*»

(a) Cahiu a 8 de Novembro de 1817 pelas 6 horas da tarde.

Facto grave. — De Bragança communicam o seguinte acontecimento ao nosso collega do *Paiz*, e é elle de tal gravidade, que o governo de certo não deixará de tomar promptas e energicas providencias.

«Hontem, 17, houve uma grave insubordinação no batalhão de caçadores 3, que aqui está de guarnição.

«Uma grande parte da soldadesca, ao apparecer o commandante no quartel, rompeu em forte assuada contra elle, cobrindo-o de insultos, e fazendo grande arruaça de gritos e de assobios. O commandante vendo que não podia dominar o tumulto sahiu do quartel, e os soldados seguiram atraz d'elle, continuando com a mesma apupada, e chamando-lhe «Zé do Queijo», nome por que é aqui conhecido um pobre mentecapto; e assim o foram acompanhando até á rua do Jardim, onde o commandante se acolheu em casa do major do corpo.

«Os desordeiros eram na maior parte soldados da reserva, e o pretexto do motim foi o desconto que esses soldados soffrem no pret para fardamentos, rancho e outras despezas.

«Deve porém notar-se que isto não passa de pretexto, porque esses soldados tiveram sempre esses descontos, e nunca se queixaram nem se insubordinaram.

«Este acontecimento deploravel attribue-se a um proposito mais vasto. A insubordinação de hontem diz-se que é a primeira manifestação de um estado de indisciplina que se promove ha muitos mezes, para serviço dos projectos revolucionarios de um partido, que se soppunha para sempre vencido.

«Em abono d'isto nota-se que ácerca de um anno foram dados como irmãos das confrarias de Nossa Senhora das Graças, e do Senhor Jesus de S. Vicente, d'esta cidade, quasi todos os officiaes e praças de pret daquelle batalhão; e é facto que principalmente os sargentos não escondem as suas sympathias por aquelle partido, e confessam os seus projectos e as suas esperanças. Corre até no publico que um d'esses sargentos se tornou tão notado por essas manifestações inconvenientes, que o governador civil se viu obrigado a chamal-o, contentando-se em fazer-lhe uma admoestação para que não fosse tão imprudente.»

Noticias de Hespanha. — Tem continuado a ser destituidas de interesse as noticias de Hespanha.

A praça de Bilbau continua a resistir, apesar do constante bombardeamento que lhe dirigem os carlistas. Começam a alimentar-se os cercados com carne de cavallo.

Os carlistas concentram as suas forças na Biscaia.

As forças liberaes perseguem as facções Tristany e Mirés, para evitar o ataque de Berga.

Mora do Ebro está bloqueada pelos carlistas desde o dia 3, mas communica-se com Tortosa.

Marcharam para o norte forças de carabineiros.

Vão-se augmentar as fortificações em Vich, Igualada e Manreza.

ANNUNCIOS

1 QUEM PRETENDER uma criada de dentro, de 40 annos de edade, que sabe gommar, coser e alguma cousa de bordar, dirija-se a esta redacção.

PARTIDO A CONCURSO

2 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Celorico da Beira, faz publico, que se acha aberto concurso, por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação do presente annuncio no *Diario do Governo*, para provimento do partido de cirurgia d'este municipio, com o ordenado de 600$000 rs. annuaes e pulso captivo.

Os pretendentes, alem dos demais documentos, deverão apresentar as suas cartas passadas pelas escholas medico-cirurgica de Lisboa, Porto ou Coimbra.

Celorico da Beira, 21 d'Abril de 1874.

O vice-presidente,
Daniel Pereira Lopes da Silva.

Enxofre em pó

3 HA BOM SORTIMENTO no estabelecimento de Lopes Guimarães, rua do Visconde da Luz, n.º 1.

4 O CASTELLA abre o seu hotel em Luso, no dia 30 do corrente, hotel que se acha aberto até ao fim do proximo mez d'Agosto.

Em vista porém de ver, que a maior parte do tempo está ausente desta cidade, tem deliberado o retirar-se para sua casa de Condeixa, aonde tenciona continuar com o mesmo estabelecimento que em tempo alli teve; e por este motivo resolve-se a passar o seu estabelecimento de loja de bebidas e bilhares, que tem nesta cidade, com os objectos abaixo mencionados, ou sem elles se assim convier.

2 bilhares muito bons, 10 mesas com tampo de marmore, 30 cadeiras, 20 bancos com assento de palhinha, um bom orgão, 4 espelhos grandes, um bom relojo, um lustre para gaz de cristal de 6 lumes, mais candieiros de balcão, com toda a canalisação do mesmo, serviços para café sufficiente para 30 pessoas, balcão, estantes, e outras muitas cousas que se podem dispensar.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

5 NO DIA 26 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na casa da acceitação dos doentes, hade arrematar-se a construcção de duas enfermarias do 1.º andar do Collegio das Artes, segundo a planta e condicções que alli se acham patentes desde já.

Administração dos Hospitaes da Universidade de Coimbra, 16 de Abril de 1874.

O administrador,
Costa Simões.

Pinheiros para vender

6 VENDE-SE uma grande porção de pinheiros, muito bons para madeira, etc. proximo da villa de Ançã. Quem os pretender póde fallar com Joaquim da Silva Ramos, da mesma villa, para tractar do seu ajuste.

7 D. BEATRIZ DA ASSUMPÇÃO ALMEIDA E COSTA, viuva, residente em Santo Amaro, concelho de Taboa, tendo comprado alguns predios a Antonio Maria, da quinta do Tapadinho, e a Manoel Joaquim da Costa, da Ribeira, ambos do concelho de Taboa, os quaes se achavam onerados com algumas hypothecas, novamente convida os credores hypothecarios, que ainda não receberam seus creditos, a recebel-os de sua mão, ou á sua ordem, passando ao mesmo tempo titulos de quitação semelhantes aos constitutivos das hypothecas.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

8 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que a contar d'hoje, se compram fios de linho, na casa da rouparia dos mesmos hospitaes, desde as 9 horas da manhã até as 2 horas da tarde, pelo preço de 600 a 800 rs. cada kilogramma, conforme a qualidade.

Administração dos hospitaes da Universidade, 24 d'Abril de 1874.

O administrador,
Costa Simões.

LEILÃO

9 NO DOMINGO, 26 do corrente, das 10 horas da manhã em diante, na rua da Calçada, n.º 70, casas do fallecido negociante José Antonio do Espirito Santo, haverá leilão d'uma mobilia de pau preto, constando de sophá estofado, cadeiras, commoda, mesas, lavatorio, mesinhas de cabeceiras e papeleira. Ha tambem alguns moveis d'outras qualidades de madeira; muitos objectos d'algum merecimento, e muitas outras miudezas.

ARREMATAÇÃO

10 NO DIA 12 do mez de Maio proximo, pelas 9 horas da manhã, perante o exm.º sr. dr. juiz de direito desta comarca, e á porta da sala do tribunal judicial da mesma, se hão de arrematar e vender em hasta publica os bens de raiz pertencentes ao casal do inventariado Manoel Gallego, viuvo que era, morador que foi no logar da Nazareth da Ribeira, para pagamento de dividas passivas, approvadas no inventario a que se procede por obito do mesmo, e isto por deliberação do conselho de familia, e cujos bens são os seguintes:

Quatro aguilhadas de terra de semeadura, ou 2:160 metros quadrados, com quatro oliveiras, tres pereiras, e doze carvalheiros, no sitio da Ribeira, que parte do nascente, e poente, com estradas publicas; do norte, com Joaquim Jorge Gallego, da Ribeira de Frades; e do sul, com José Jorge Gallego; a qual terra tem um pequeno nascente d'agua ao cimo, do qual nascente pertence a esta terra tres dias d'agua em cada semana; avaliada na quantia de 49$440 reis.

Uma aguilhada de terra, ou 540 metros quadrados, no sitio e limite da Ribeira de Frades, a partir do nascente com estrada publica; poente, e sul, com terra dos herdeiros neste inventario; do norte, com Joaquim Jorge Gallego, da Ribeira, avaliada na quantia de 24$000 reis.

Os quaes bens assim declarados e confrontados se hãode vender e arrematar no dia, hora e local designados, e se entregarão a quem por elles maior lanço offerecer sobre os valores mencionados. Do inventario é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

Coimbra 13 de Abril de 1874.

ATTENÇÃO

11 JOSE' MONTEIRO CORTEZ DA GAMA, com loja de mercearia na rua do visconde da Luz, tem á venda—stearina a 140 rs. o pacote—queijo flamengo—genebra a 440 rs. a botija—vinhos do Porto a 240, 300, 400, 500, 600 e 700 rs. a garrafa—Madeira secco a 750 rs. a garrafa—passa de figo em caixas de 4 kilogrammas—passa de Alicante nova—conservas inglezas—chá de todos os preços e qualidades—e muitos outros generos que vende por preço commodo.

12 Á VENDA nas principaes livrarias:

A INTERNACIONAL E O OPERARIO, 100 reis.

VICTORINO, ou aventuras de um joven Romano, 500 rs.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

13 A COMMISSÃO INSTALLADORA DESTE BANCO declara aos subscriptores, que a totalidada das entradas de 1$000 rs. por acção, se acha depositada na agencia do Banco Commercial de Vianna, no Porto, e na caixa filial do mesmo Banco, em Coimbra.

Attenção

14 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

15 O POEMA DA MISERIA, por Candido de Figueiredo.

É um volume de 220 paginas, adornado com o retrato do auctor, e impresso em papel superior.—Preço 600 rs.

Qualquer requisição de exemplares póde ser dirigida ao editor José Correia de Almeida Junior, na Livraria Popular, rua do Visconde da Luz, 104 e 106, Coimbra.

Remette-se pelo correio a quem enviar 640 reis em estampilhas por cada exemplar. Aos livreiros, para revender, faz-se abatimento.

16 QUEM QUIZER COMPRAR cinco moradas de casas ao lado do cemiterio da Conchada, as quaes foram feitas na ideia de mudarem para alli os fogueteiros, falle nesta redacção, onde se dirá com quem se deve tratar. Tambem se acceita lanço para uma, ou duas moradas.

EDITAL

Dr. Fernando Augusto d'Andrade Pimentel de Mello, lente cathedratico da faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra, presidente da Camara Municipal da mesma cidade.

Faço saber que na casa da camara se acha patente por espaço de 10 dias, a contar da data do presente edital, o orçamento geral da receita e despeza deste concelho, e o lançamento das respectivas contribuições municipaes, para o anno economico de 1874 a 1875; pelo que convido todos os cidadãos interessados a virem alli ver e examinar o mesmo orçamento, e a apresentarem-me dentro do referido prazo quaesquer reclamações que julgarem conveniente fazer, a fim de terem o destino competente.

E para constar se passou este e outros d'egual theor.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 20 d'Abril de 1874.

Fernando Augusto d'Andrade Pimentel de Mello.

ARREMATAÇÃO

18 NO DIA 30 de Abril, pelas 11 horas da manhã, se hade arrematar, se o preço convier, a construcção das grades de ferro, da continuação da alameda do Jardim Botanico. Os pretendentes que pertenderem a dita obra, queiram dar as suas propostas em carta fechada, remettida ao respectivo director do mesmo jardim, até ao dia e hora acima designada. Os esclarecimentos e condições da dita obra, serão dados no Jardim Botanico, pelo mesmo director.

19 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Arganil, faz publico, que, a começar no proximo mez de Maio, haverá na villa d'Arganil, no terreiro do Paço grande, no 3.º domingo de cada mez, feira de gados cavallar, bovino e d'outra qualquer industria.

Arganil, 22 d'Abril de 1874.

O presidente,
Antonino de Campos.

MACHINAS DE COSTURA

PARA

Senhora, Alfaiate e Sapateiro

NA RUA DO VISCONDE DA LUZ

20 AO ESTABELECIMENTO DE JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA, chegaram machinas da acreditada companhia manufactora—**Singer.** O bom credito que estas machinas gozam pela sua fortaleza e perfeição, espalhadas por todos os paizes, adoptadas por todas as instituições publicas e particulares, pelos artistas de todas as classes e pelas familias de todas as condições; dizendo-se isto escusado será demonstrar as conveniencias que offerecem da sua economia e belleza de trabalho, inimitavel.

Dão mil pontos por minuto, e do tamanho que se queira, por meio de um registo, o qual de momento póde variar entre 4 a 40 pontos em cada pollegada.

Cose em todas as direcções que se deseje, curvas, angulos, com facilidade e perfeição, fazendo o ponto egual de ambos os lados, interlaçado no meio; e por isso seguro *ainda mais do que cosido á mão.*

Na mesma loja se vendem agulhas para machinas, linhas, algodão branco e de côr, retroz de cores, preto, e torçal.

21 NO DIA 12 do proximo mez de Maio, por 9 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta cidade, perante o exm.º dr. juiz de direito desta comarca, se hade arrematar em praça publica, uma morada de casas de tres andares e lojas, sitas ao Marco da Feira, desta cidade, e que tem os n.os 18 a 26, penhoradas na execução que José Jacintho da Silva, desta cidade, move á viscondessa de Santo Varão, D. Emilia Candida Alves Ribeiro de Noronha. E' escrivão official de Servulo.

22 **SAUDE A TODOS** sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa farinha *de Saude,*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Toda a molestia acaba com o meio da deliciosa *Revalescière* du Barry que torna a dar a saude, a energia, a boa digestão e o somno. Cura as indigestões (dispepcias) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75.000 curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluskow, da exm.ª sr.ª marqueza de Brehan, dos doutores Manoel Saens de Dejada da Universidade de Cordova, e de José Batacazo e Jute de Logronho, etc., etc.

Cura 78:421.—Codalet, 25 de Novembro de 1873.

Meus senhores: — Não posso a menos testemunhar em publico o meu agradecimento pelo bem que me tem feito a deliciosa **Revalescière** Du Barry de Londres, a qual tem-me curado de uma hernia muito antiga que me fazia soffrer havia 20 annos, a qual hernia tem-se-me curado completamente sem precisão de medicamentos, nem unguentos, nem fundas, mas sim com o só uso da sua maravilhosa farinha. A minha cura seria incrivel se não fosse acompanhada pelo certificado do sr. dr. Batacazo, e não ter tido a publicidade presenceada por muitos dos meus companheiros de arma.

Felicito a v. s.ª pela sua descoberta, e se me fazem o favor, estimaria muito dessem publico testemunho do agradecimento de quem se diz de v. s.ª attento venerador, D. Musrillo y Pinche de Echo.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Sezedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rabir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos.

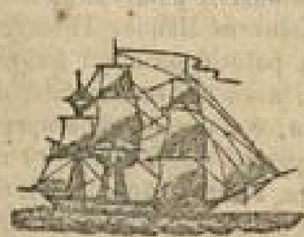
ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto, L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro—FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rabir, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

23 RICARDO ANTUNES DE MACEDO, largo de Samsão, recebeu para vender, o seu costumado sortimento de presunto de Lamego.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Galera —AMERICA— em 30 de Abril.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

NUMERO 2792 — TERÇA FEIRA 28 DE ABRIL DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

E' sabido que os vicios das assembleas politicas dos representantes do povo, tem a sua origem no acto eleitoral, onde os partidos costumam abusar das boas praticas sociaes, e principalmente da falta de instrucção das massas populares, cuja indifferença pelos factos da vida publica, leva a praticar indignidades que desacreditam as instituições, e mostram a necessidade de uma reforma no actual systema de exercer o direito de suffragio.

A ignorancia dos principios mais rudimentares da escola liberal; a pouca dignidade politica dos partidos; e mais que tudo a pessima organisação das nossas leis administrativas, tolerando a intervenção da auctoridade nos actos da exclusiva attribuição da consciencia individual, e permittindo que os magistrados dependentes da politica, intervenham nas questões eleitoraes e de interesses partidarios, são realmente a causa dos males que todos lamentamos.

Em verdade diremos que este estado não provem sómente das instituições, mas ainda dos homens politicos para quem o cahos aproveita.

Não é edificante o papel que a politica facciosa dos partidos representa, na occasião de uma eleição geral, onde se governa pelas indicações do voto popular.

Entre nós faltam ainda dois grandes elementos de progresso, que são as principaes bases da nossa regeneração politica e social—instrucção do povo, para que elle possa conhecer os seus direitos e obrigações, abnegação e dignidade nos partidos, para não excederem na escolha dos meios que empregam, os que estão determinados pela rasão esclarecida e pelas conveniencias de interesse geral.

E' por isso que reconhecemos de ha muito a necessidade de reformar o nosso direito eleitoral e administrativo, de modo a cercear os abusos, para dar melhores garantias ao acto mais solemne e respeitavel da vida publica no systema constitucional.

Em quanto de entre os grupos politicos se não levantar um partido energico, que se proponha a realisar este *desideratum*, dominado sómente pelo amor da liberdade, e por dedicação á causa publica, o suffragio popular continuará a ser uma irrisão, uma burla; um meio, e não um principio.

Hoje que cessou o dominio da oppressão e da força, que reina o imperio da justiça, da convicção e da palavra, e que a imprensa é o solio em que se firma esta realeza, torna-se indispensavel que o jornalismo se manifeste com toda a força do seu poder, para que esta necessidade urgente seja satisfeita.

THESOURO LITTERARIO

As publicações brasileiras tem sido até agora pouco conhecidas entre nós. Ultimamente, porem, principiou a tendencia de se vulgarisar em Portugal os trabalhos litterarios dos nossos antigos irmãos de alem do Atlantico.

E bem é que assim aconteça, porque no Brasil não são raros os homens distinctos pelo seu saber, que tem dado á luz producções de incontestavel merecimento.

Acabamos de ser obsequiados com um exemplar do *Thesouro litterario*, *ou collecção de maximas, pensamentos, aphorismos, definições, reflexões, noticias e trechos, extraidos dos mais celebres escriptores sagrados e profanos, nacionaes e estrangeiros, sobre assumptos religiosos, civis, politicos e litterarios; coordenada por ordem alphabetica, com um indice das materias e auctores citados— por Antonio Manoel dos Reis, bacharel em sciencias sociaes e juridicas, e membro installador da Associação Catholica Fluminense, natural da capital de S. Paulo.*

E' um grosso volume de 703 paginas, nitidamente impresso no Rio de Janeiro, com o retrato do auctor; e o primeiro de uma obra, que nos parece deverá constar de quatro ou mais volumes; pois que sendo as materias publicadas por ordem alphabetica, abrange este volume apenas as tres primeiras letras.

Os conhecimentos humanos tem-se desenvolvido por tal modo, e são tão numerosas as publicações antigas e modernas, que se torna impossivel consultar todos os livros, ainda mesmo os mais indispensaveis. Muito bem procedem, pois, aquelles escriptores, que se dão ao insano trabalho de compilar e escolher o que ha de melhor nos livros dos bons auctores, de todos os paizes e de todas as epochas; pondo assim ao alcance geral, o que anda disperso e é pouco conhecido.

Fructos de laboriosas fadigas, e com aquelle util pensamento, tem sido a *Livraria Classica*, dos srs. Castilhos; o *Thesouro da mocidade portugueza*, do sr. Roquete; o *Diccionario universal de educação e ensino*, do sr. Camillo Castello Branco; e outras publicações de identica natureza.

Agora veiu o sr. Antonio Manoel dos Reis prestar um excellente serviço, com o seu valiosissimo *Thesouro*, que é um vasto deposito de assumptos religiosos, civis, politicos e litterarios.

Na primorosa introducção do primeiro volume, diz com muita razão o sr. Antonio Manoel dos Reis:—«O auxilio que o *Thesouro litterario* hade prestar aos homens de lettras é visivel. O pregador achará nelle um thema favorito, o jurisconsulto um trecho eloquente, o politico uma consideração social, o litterato uma definição importante, o poeta um pensamento sublime, a mãe de familia um conselho salutar, a donzella um periodo elegante, o estudioso uma fonte de conhecimentos, e todos,

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCVII

D. CARLOS

CVII

Affectavam os directores dessa intriga apprehensões, dizendo que o throno tinha inimigos mais temiveis e mais proximos do que os carlistas, e accusavam o partido progressista de projectos mais hostis de que podiam ter aquelles, e que só as tropas da reserva podiam conter, elevando o general Narvaez ao papel de protector do throno contra uma sonhada revolução.

Então foi quando a camarilha, onde se sentavam homens mais enredadores do que entendidos, imaginou um plano infernal, afortunadamente tão mal preparado que se não poude effectuar. Era começar o alarme entre as tropas da reserva, a respeito dos planos da milicia nacional, e inspirar a esta temores relativos aos projectos do governo, cuja execução ficava a cargo das tropas da reserva.

Emissarios correram os acantonamentos das tropas, espalhando vozes de uma conspiração contra o governo, que principiaria por assassinar a Narvaez: outros botafogos iam pelos corrilhos, cafés e sitios publicos, excitando a milicia contra o exercito de reserva, que diziam, ia entrar em Madrid a desarmal-os; agitavam-se assim os animos, dava-se credito ao mais absurdo, augmentava-se a desconfiança, e era evidente o choque.

O dia 28 de Outubro de 1838 foi o assignalado pelos conspiradores para dar um dia de luto a Madrid, e pela Providencia, para o ser de desengano para elles e de gloria para o povo, dando a prova mais relevante de sua cordura, tino e docilidade, assim como da sua resolução.

No referido dia se mandou a Narvaez, de real ordem, passasse aos Carabancheles, e concentrando alli todas as tropas, avisasse tel-o verificado, e esperasse sobre as armas novas instrucções. Obedeceu, participando-o verbalmente a Quiroga, capitão general de Madrid, ao marchar aos Carabancheles, e daqui enviou um ajudante a noticiar ao ministro, que estavam compridas as suas ordens; em resposta foi que formasse quatro columnas, as aproximasse á côrte, e as collocasse em disposição de penetrar logo que sentisse a primeira voz de alarma.

Valgornera enviou pela sua parte um correio a Narvaez, dizendo-lhe que ia romper uma assuada.

As quatro columnas se apresentaram ás 10 da noite nas portas de Segovia, Toledo, Atocha e S. Vicente, adeantando a primeira uma companhia até ás immediações da casa da Moeda, e o mesmo fez até ás quatro fontes, a da porta da Atocha.

Alarmados os commandantes das guardas de nacionaes da casa da Moeda e hospital geral, deram parte a Quiroga, que se inquietou grandemente; dirigiu-se ao quartel da milicia, encontrando-se antes com Burruezo, commandante do 6.º, que conseguiu acalmal-o; e em vez de mandar tocar generala, o que teria produzido uma grande catastrophe, se conveiu em convocar aos chefes de nacionaes, e desta reunião saiu uma commissão a ver Narvaez.

Ao expor-lhe o seu objecto, mostrou a sua extranheza, e que não sabia senão que obrava em virtude de ordens expressas do governo, de que o capitão general tinha noticia; porém só soube este que se aproximavam as tropas a Madrid, e não que penetravam ahi. Se o havia feito Narvaez, era porque não podia de outro modo cair opportunamente onde fizesse falta, pois até erro teria sido ficar fora das portas, cerradas estas e defendidas.

O resultado de taes mensagens foi prevalecer no animo de todos a ideia de que os adversarios de Narvaez tinham tratado de aproveitar estes incidentes para o prejudicar, apresentando-o como agente principal de um golpe de estado. Não obstante, os seus amigos queriam pol-o no caso de que se impozesse, para se fazer potencia politica, e apresental-o frente a frente a Espartero.

Desvanecido o alarme, regressaram as tropas aos seus cantões, e Narvaez regressou a Madrid, offendido de que se houvesse tratado de o fazer representar papel contrario a todos os seus propositos, e que se tivesse interpretado sinistramente o seu proceder, quando não havia feito mais que executar as ordens do governo.

Quiroga apresentou no dia seguinte a sua demissão de seus cargos, e ao recusal-a a rainha, tornou necessarias as demissões de Narvaez e Hubert; e a mesma commissão de commandantes da milicia, entre os quaes se achava D. Manoel de Barbara, D. Carlos Pizzala e outros bem conhecidos, passou innocentemente a ver a Narvaez para o dissuadir do seu empenho e que continuasse á frente do exercito.

O ministro da guerra Hubert voltou á sua justa obscuridade, ficando como a alma da secretaria, Imaz, Varela e Limia, que não mostravam deferencias a Espartero; e a Narvaez se conservou o commando da reserva; pois se ao principio aceitou a rainha governadora a sua demissão, se achou meio na secretaria de que a resposta fosse dar-lhe licença para restabelecer a sua saude, substituindo-o interinamente no commando o marquez das Amarillas.

Em quanto se completava o seu numero, difficil se não impossivel de reunir, marchou a Loja no dia 3 de Novembro com licença para restabelecer a sua saude.

Tudo desappareceu então para Narvaez, que via pouco antes accessivel e franco o caminho do Capitolio.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

em uma palavra, o material preciso para a erecção de um esplendido monumento.»

Alem de outros motivos, o que torna o *Thesouro litterario* de um valor inestimavel, é o cuidado com que o sr. Reis fez a escolha dos numerosissimos trechos que archiva na sua obra. Em uma epocha em que tanto se tem diffundido as más doutrinas; é digno dos maiores louvores todo aquelle que concorre para lançar entre o povo a boa semente, que hade, sem duvida, produzir fructos saborosos e de benção.

Nesse sentido são poucos todos os elogios que se façam ao sr. Reis.

A sua obra, a julgar pelo primeiro volume, que acaba de ser impresso, é digna de andar nas mãos de todos.

Agradecendo, penhorados, a expontanea offerta que do Brasil nos fez o illustrado auctor do *Thesouro litterario;* resta-nos fazer votos sinceros para que leve ao fim uma tão grandiosa empreza.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

O SR. ERNESTO CHARDRON

E' surprehendente a actividade do sr. Ernesto Chardron, proprietario da *Livraria Internacional* do Porto. Os livros que tem editado contam-se não só pelos mezes, mas pelas semanas.

Em Portugal é facto digno de se registar, porque só estavamos costumados a ver semelhante movimento litterario na Belgica e outros paizes de vasto mercado de livros, onde os editores acham facil saída ás suas obras.

Já temos indicado differentes obras editadas pelo sr. Chardron, como são o *Diccionario universal de educação e ensino—As grandes invenções antigas e modernas— A franc-maçonaria, e a revolução— As noutes de insomnia*, e outras mais. Vamos agora mencionar outras publicações com que ultimamente nos obsequiou este editor:

—*Questões da lingua portugueza, por F. Adolpho Coelho. Primeira parte. Preliminares—o lexico—o consonantismo.* E' um magnifico volume em quarto, que vamos ler com a attenção que merece, porque é sem duvida o resultado de um grande estudo do seu erudito auctor.

—*Collecção de* 1:500 *problemas para exercio dos alumnos que frequentam mathematicas elementares, por Luiz de Sousa Gomes e Silva, alferes de infanteria.* Divide-se em duas partes, contendo a 1.ª os ennunciados, e a 2.ª a resolução dos problemas.

— *Guia do atirador, por José Nicolau Raposo Botelho, alferes de caçadores* 9. A falta de gosto pelo tiro em Portugal, póde tambem attribuir-se á ausencia de livros, onde o atirador encontre reunidos os conhecimentos precisos para bem fazer uso da sua carabina, e onde se dêem as condições necessarias para a organisação das carreiras. E' esta lacuna que o sr. Raposo tenta, se não extinguir, pelo menos atenuar, publicando o seu *Guia do atirador*, que contem o que de melhor se acha espalhado pelas boas obras, que tratam do tiro.

—*O fim da vida. Estudos criticos sobre o catholicismo, e refutação dos principaes erros modernos, por F. V. Roger, professor honorario na Faculdade de Lettras de Caen Traducção da segunda edição franceza, por M. J. de Mesquita Pimentel.* E' um volume de 564 paginas, e que trata dos seguintes importantes pontos:—Existe um Deus?—Qual é a nossa origem?— Quem somos?— Revelou-se Deus á humanidade?—Foi o de barbaria seu estado primitivo?—Quem é Jesus Christo?—Ensinou elle mysterios, e fez milagres?—Temos nós deveres que cumprir?—Qual a sorte que nos espera para lá do tumulo?—Qual a origem do christianismo? — Qual o effeito que produziu no mundo?

— *Para que serve o Papa? Opusculo por Monsenhor Gaume, protonotario apostolico e doutor em theologia. Versão portugueza da 3.ª edição franceza.*—Ahi se lê:—«Devia antes perguntar-se: *Para o que não serve o Papa?* —Para que serve a cabeça sobre os hombros do homem?—Pois bem! o que é no corpo a cabeça, o Papa o é na Egreja. Sem cabeça não ha corpo; sem Papa não ha Egreja; sem Egreja, não ha christianismo.»

A capella Sixtina e o Cemiterio de Pisa, por Emilio Castellar. Traducção de Bulhão Pato.

Ponson du Terrail.—Os amores da Aurora. Traducção de G. S.—2 volumes.

Ponson du Terrail.—O ferreiro da Abbadia da côrte de Deus.—2 volumes.

Ponson du Terrail.—A justiça dos Bohemios.—Traducção de Gualdino de Campos. —2 volumes.

Terminamos por agradecer ao sr. Ernesto Chardron o brinde de todos estes livros.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Aquelle que entrou no seu descanço, esse tambem descançou das suas obras, assim como Deus das suas.

S. PAULO, EPISTOLA AOS HEBREUS, CAP. IV, V. 10.

No domingo falleceu nesta cidade, depois de uma dolorosa e prolongada doença, e na edade de 60 annos, o sr. Dr. Jacome Luiz Sarmento de Vasconcellos e Castro, lente da cadeira de *mechanica celeste* na Faculdade de Mathematica e primeiro astronomo do Observatorio.

Havia nascido no dia 23 de Março de 1814, no logar de Paradinha, districto de Vizeu; sendo filho do sr. José Sarmento de Vasconcellos e Castro e da exm.ª sr.ª D. Antonia Ludovina Amelia Carneiro Sarmento Botelho de Vasconcellos.

Matriculou-se em Mathematica em 1836, e doutorou-se na mesma Faculdade no dia 24 de Outubro de 1841.

Era tão assiduo no trabalho, que a elle se deve em grande parte a causa do seu fallecimento.

Calculou nas *Ephemerides astronomicas*, sem interrupção, desde o anno de 1844 até 1874; calculou mais para os dois annos de 1875 e 1876, e ainda deixa calculos para o anno de 1877.

No anno de 1854 publicou as *Primeiras noções de algebra*, que foram adoptadas para compendio no Lyceu Nacional desta cidade.

Alem disso publicou no jornal o *Instituto*, as seguintes memorias, fructo dos seus aturados estudos.

—Discussão do valor da funcção perturbadora R, dado pela serie n.º 48 do livro II da *Théorie analytique du systême du monde* de Pontécoulant, 2.ª edição.—Publicada no volume VI do *Instituto*.

—Methodo facil para obter a equação final, que deve dar todos os *i* valores de *h*, que entram nas formulas das variações seculares das excentricidades, e longitudes dos perihelios (*Théorie analytique du systême du monde* de Pontécoulant, 2.ª edição, capitulo 8.º, n.º 64).—No mesmo volume.

—Reflexões ácerca da passagem das equações do movimento elliptico para as dos movimentos hyperbolico e parabolico.—No mesmo volume.

—Calculo da passagem da lua pelo meridiano.—No volume VII.

—Desinvolvimento de alguns calculos da *Théorie analytique du systême du monde* de Pontécoulant, 2.ª edição.—No mesmo volume.

Esta memoria foi impressa em separado, e serve de texto ás lições do 5.º anno de Mathematica.

—Methodo facil para interpolar de hora a hora as ascensões rectas e declinações da lua, calculadas de 12 em 12 horas.—No mesmo volume.

—Traducção da obra—*Remarques astronomiques sur le livre de Daniel*, par J. Ph. de Chesaux.—No volume XII.

Estes e outros trabalhos em mathematica, não impediam que o sr. D. Jacome fosse inclinado ás bellas lettras. Disso se pode ver uma amostra, no segundo volume da *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica*, publicada de 1840 para 1841, onde a paginas 285 se acha uma sua *ode anachreontica*.

O Asylo da Infancia desvalida de Coimbra mereceu por muitos annos os maiores desvelos ao sr. Dr. Jacome. Depois de ser por alguns annos subscriptor para este estabelecimento, foi eleito em 1850 para 1.º secretario da direcção, cargo que serviu com o maior zelo até 1856, continuando sempre a ser subscriptor do mesmo Asylo.

O sr. Dr. Jacome era cavalleiro da Ordem de S. João de Jerusalem; e havia casado com a exm.ª sr.ª D. Guilhermina da Piedade da Fonseca Mangas.

Dotado de sentimentos profundamente religiosos, era extremosissimo para com os seus filhos, esmerando-se na sua educação; e teve a felicidade de ver, que os seus exemplos, conselhos e diligencias, davam o resultado que tanto ambicionava, pois que seus filhos podem apresentar-se como modelos.

Pagando este tributo á memoria do sr. Dr. Jacome, que nos honrava com a sua amisade; concluimos dando os sentimentos a sua exm.ª esposa e a seus filhos.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 27 d'Abril de 1874.

O assumpto do dia são as eleições de deputados. O *Diario de Noticias* de sabbado verberava, com justissima razão, a pouca consciencia, e o desamor, até, com que o eleitor concorre á urna, deixando-se influenciar por suggestões e promessas, irrealisaveis sempre. Mas que se lhe hade fazer, se o povo, apesar de um tyrocinio liberal de quarenta annos, ainda não está constitucionalmente educado? De ha muito tenho para mim, que uma camara eleita por suggestões partidarias, não pode representar a vontade e os interesses dos povos. Aquelles mesmos que solicitam os votos, são os que mais tarde em S. Bento, trahem o mandato que lhes foi conferido. Pois aprenda o povo de uma vez e para sempre. Homens competentes, despidos de facciosismo e de interesses de corrilho, é que os povos devem eleger. Votem elles conforme a sua consciencia. Poderão enganar-se, mas deve ficar-lhes a consciencia livre de que usaram de um direito augusto, sem pressão, sem violencia, expontaneamente.

Os jornaes desaffectos ao governo dizem que este emprega todos os meios para trazer a camara uma maioria numerosa, que o apoie. Nem isso era para admirar. Se o contrario acontecesse, subiria de ponto o meu espanto. A opposição pratica o mesmo, e todos querem vencer na luta.

—No começo do proximo mez abrem-se os cofres para a cobrança do imposto industrial nesta cidade. Affirma-se comtudo que não terá execução a lei votada pelo parlamento, para que a alludida cobrança se realise em duodecimos. Não pagando o contribuinte até 31 do mez proximo as onze prestações em divida, é obrigado ao pagamento dos 3 por cento, e findo o dia 30 de Junho aos mesmos 3 por cento, e mais ao juro da mora, conforme dispõe o regulamento de 4 de Janeiro de 1870, e depois, no relaxe.

Isto não pode, nem deve ser, nem hade ser. Que importa, pois, que o pagamento se faça em doze prestações, se todas ellas tem de ser effectuadas num mez? O sr. ministro da fazenda deve reflectir no inconveniente do adiamento de um systema de recepção de um tributo directo, que é suave para todos, fazendo desapparecer os embaraços que se oppõe á pratica de um decreto com sancção legislativa. Hontem reuniu a assemblea geral da associação dos empregados no commercio de Lisboa, e outras corporações, a fim de representarem ao governo sobre tão momentoso assumpto. É de esperar que o sr. ministro as attenda no seu justo pedido.

—Sahiu aqui a procissão de Nossa Senhora da Saude. Pelo *Jornal do Commercio* ha de ter visto o *brilhantismo* com que tal solemnidade foi levada a effeito. Em Portugal não havia aldeia mais pittoresca naquelle dia, do que... as ruas da baixa desta bella Lisboa! Houve de tudo, sentindo-se apenas a falta do peixe frito e do vinho de Torres ás esquinas das ruas, a fim de que o appetite, fizesse brotar mais expontanea a devoção dos peitos dos carolas.

—Suicidou-se no sabbado com um tiro de rewolver o sr. João Carlos Pardal, com estabelecimento de canteiro na travessa de S. Domingos.

—Inaugurou-se hontem á Junqueira uma nova praça de touros. É de pequenas dimensões. Foram corridos treze touros, e o cavalleiro Casimiro Monteiro houve-se com destreza, e os capinhas trabalharam optimamente. Foi uma boa colheita para os carros americanos e demais vehiculos, que tiveram uma enchente.

—Publica-se no concelho de Gaya (Porto) um novo jornal com o titulo. A *Gazeta de Gaya*. É redactor principal o sr. Sá de Albergaria. A *Gazeta* tem por norma os principios liberaes, e promette pugnar por elles. De ha muito era reclamada a publicação de um jornal no concelho de Gaya, concelho riquissimo, de uma população immensa, que advogasse os interesses d'aquelles povos. Veiu a *Gazeta* preencher aquella lacuna, e hade desempenhar-se cabalmente de missão tão espinhosa, porque o talento de Sá de Albergaria é para muito.

—Não tenho mais cousa alguma que dizer-lhe. Não ha policia em Lisboa, e por esse motivo a gatunagem folga e... *diverte-se*.

P. J. CONCEIÇÃO.

NOTICIARIO

O dia 8 de Maio.— Como noticiámos no numero anterior, realisou-se no domingo ultimo, na sala da Associação Commercial desta cidade, a reunião de individuos do partido liberal, com o fim de deliberar sobre o modo de solemnisar o fausto anniversario de um dia de tão grata recordação para Coimbra.

Depois da hora fixada para a reunião, tomou a palavra o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, e expoz o fim d'aquella reunião, pedindo ao sr. dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim que presidisse á mesma. Tendo annuido o sr. Jardim a esse convite, foi occupar a presidencia, e d'alli expoz as suas ideias a tal respeito.

Fallaram tambem os srs. Arriaga, Magalhães Lima, e Daniel da Veiga Saraiva, adherindo todos ao pensamento que alli os reunia.

O sr. Olympio propoz para presidente da grande commissão, o sr. visconde de S. Jeronymo; para adjuntos da presidencia os srs. Miguel Osorio Cabral, visconde de Monte São, Dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, e conselheiro Mendonça Cortez; para secretarios os redactores dos jornaes politicos desta cidade; e para thesoureiro o sr. Dr. Francisco Pereira Torres Coelho.

Começou a propor os demais membros da commissão, sendo tambem approvados por unanimidade os nomes dos srs. commendador Manoel Joaquim Fernandes Thomaz, Dr. Raymundo Venancio Rodrigues, Dr. Fernando Augusto de Andrade Pimentel de Mello, commendador Manoel dos Santos Junior e José Libertador de Magalhães Ferraz, aquelle como presidente da Associação Commercial, e este como vice-presidente da Associação dos Artistas.

Declarando o sr. Olympio que se via embaraçado para continuar a fazer a proposta dos nomes para completar uma commissão, que tinha de ser numerosa, e que precisava para isso de consultar a opinião de alguns dos seus amigos presentes, visto que todos os membros d'aquella reunião eram competentissimos para constituir a commissão, o sr. Corte Real propoz que a mesa ficasse encarregada de completar a commissão, e assim se resolveu.

Sabemos que a commissão está completa, ficando composta de individuos das differentes classes sociaes, que partilham as ideias que presidiam á reunião, e que na proxima quarta feira, pelas 6 horas da tarde, será installada, devendo logo começar os trabalhos, visto que poucos dias medeiam até ao dia que se pretende festejar.

Felicitamos todos os que cooperaram para que o partido liberal se desprenda da inercia que o tem apossado, e que as divisões do mesmo não continuem a amesquinhal-o perante os seus adversarios.

Como bem alli se disse, estas manifestações não offendem ninguem, porque o partido liberal, póde continuar a ser tolerante, estando ao mesmo tempo vigilante.

Daremos conta do que occorrer na sessão que vai ter logar.

Senhor aos entrevados. — No domingo foi levado o Sacramento aos entrevados da freguezia de Santa Cruz. Além da irmandade do Santissimo e clero, iam muitos anjos, e fazia a guarda de honra uma força de caçadores e cavallaria. Tocava a philarmonica *Boa-União*.

Tambem no mesmo dia foi levado o Sacramento aos entrevados da freguezia da Sé Cathedral. Era brilhante o acompanhamento. A irmandade do Santissimo ia muita numerosa, e por entre as alas viam-se muitos anjos.

Tomavam parte neste acto religioso os conegos da Sé, e muitos outros ecclesiasticos.

Da mesma fórma que em Santa Cruz, fazia a guarda de honra uma força de caçadores e cavallaria. Tocava a philarmonica *Conimbricense*.

As ruas do transito estavam muito bem ornadas, merecendo especial menção a rua dos Estudos.

Do producto de uma subscripção promovida por varios bemfeitores da freguezia da Sé, foram distribuidas pelo digno reitor daquella freguezia esmolas de 2$600 reis cada uma, a 9 entrevados pobres.

Mez de Maria.—Celebra-se, como é costume ha tres annos, esta sympathica devoção, na real capella da Misericordia. Começa no dia 30 deste mez, e far-se-ha com todo o apparato.

Nos domingos do mez de Maio haverá missa solemne por musica, executada pelos jovens alumnos do collegio de S. Caetano. As musicas são de compositores estrangeiros e nacionaes, escolhidas e ensaiadas pelo sr. Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte.

Hospitaes da Universidade de Coimbra.—Foram 20 os concorrentes aos dois logares do cartorio da fazenda dos hospitaes da Universidade; sendo classificados em 6 grupos do modo seguinte:

1.º grupo com 2 concorrentes:— Documentos de serviço de cartorios semelhantes ao dos hospitaes da Universidade. Comprehende 1 com serviços no proprio cartorio dos hospitaes; e 1 com 7 annos de serviço no cartorio da Sé Cathedral.

2.º grupo com 6 concorrentes:—Serviços de escripturação em differentes secretarias e escriptorios de escrivães. Comprehende 1 com serviço de policia civil e da arma de caçadores; 1 com serviços no corpo de deposito de praças avulsas do Ultramar; 1 com serviços de regencia de cadeira de musica; 1 professor de instrucção primaria; e 1 dispenseiro.

3.º grupo com 2 concorrentes:—Estudantes da Universidade. Comprehende 1 com a frequencia do 1.º anno de Theologia; e 1 com frequencia do 4.º anno de pharmacia.

4.º grupo com 3 concorrentes:—Differentes exames de Lyceu. Comprehende 1 com serviços na estação do caminho de ferro de Coimbra.

5.º grupo com 3 concorrentes:—Diversos serviços. Comprehende 1 com frequencia de habilitação para professor de instrucção primaria; 1 com exame de instrucção primaria e documento de habilitação para aferidor de pesos e medidas; e 1 com serviços de guarda do observatorio meteorologico.

6.º grupo com 4 concorrentes:— Sem documentos de serviço.

Foram nomeados os dois concorrentes do 1.º grupo, o sr. José Antonio dos Santos, para o 1.º logar, e o sr. padre Ignacio de Carvalho e Freitas Junior, para o 2.º.

Hospedes illustres—Chegaram ha dias a esta cidade a exm.ª sr.ª D. Marianna d'Almeida e suas interessantes filhas, da casa da Bahia. Têem visitado os estabelecimentos universitarios, e visto as muitas propriedades que esta casa possue em Coimbra e seus arredores.

Acham-se hospedadas em casa de seu sobrinho o sr. D. João d'Almeida Junior. Este distincto cavalheiro, tem dado em honra de sua thia e primas agradaveis reuniões de familia.

Vinhos para a exposição.— No sabbado chegou a esta cidade o sr. José da Costa Magalhães, acompanhando numerosas amostras de vinhos de grande numero de proprietarios do concelho do Carregal, e de 6 de Nellas.

Estas amostras foram logo em seguida, pelo caminho de ferro, na grande velocidade, para Lisboa.

O sr. Magalhães, e seus filhos é a quem se deve a iniciativa desta importante collecção, que de certo merecerá no jury das provas em Lisboa, os mesmos elogios que já mereceram as duas remessas que ha tempos fizeram.

As amostras que agora foram, em que se incluiam algumas de aguardente da fabrica do sr. Magalhães, carregávam quatro carros, e chegaram a Coimbra pelo Mondego em uma barca serrana.

E' digno de muitos louvores o sr. Magalhães, pelo zelo que mostrou neste objecto de tanta importancia para o seu concelho, e em geral para a provincia da Beira.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Fortunato Mathias Duarte, natural de S. Martinho do Bispo, de 50 annos, fallecido no dia 20 de Abril.

Antonio Maria da Conceição, filho de José Nunes da Conceição e de Joaquina de Jesus, natural de Coimbra, de 31 annos, fallecido no dia 21.

Manoel de Mattos, filho de João de Mattos e de Maria da Conceição, natural da Palheira, freguezia da Assafarge, de 60 annos, fallecido no dia 23.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:450.

Machinas de coser.— A costura, que ainda ha pouco tempo era o refugio das raparigas pobres, vai desapparecendo com a machina de coser. A mulher não póde sustentar esta concorrencia, porque não póde, por maiores que sejam os seus esforços, dar por suas mãos mais de 50 pontos por minuto, e a machina dá 643 pontos no mesmo espaço de tempo.

E' por tanto indispensavel empregar a mulher em outros serviços, e para muitos póde ella habilitar-se com grande proveito seu e da sociedade. Na Suecia, em 1871 já havia 4:055 mulheres empregadas no commercio e na industria, 2:675 já dirigiam os seus proprios negocios, e 504 eram proprietarias de estabelecimentos fabris. Alem disto, muitas outras se achavam empregadas nos bancos, caixas de soccorros, companhias de seguros, serviço de correios, de telegraphos e caminhos de ferro.

Bibliothecas.—As mais antigas pertenceram aos hebreus, e continham as taboas da lei, os livros de Moysés e os dos prophetas. A primeira collecção de livros, de que a historia faz menção, é a que fundou Osymandias, um dos primeiros reis do Egypto, 12 seculos antes da nossa era. Havia uma em Memphis, no templo de Vulcano; mas a mais rica da antiguidade foi a de Ptolomeu, em Alexandria, que continha 54:800 volumes. Depois de haver sido queimada no tempo de Cesar, foi de novo organisada, e chegou a ter 700 mil volumes. Foi outra vez queimada no anno 650 por ordem do califa Omar. Constantino em 336 fundou a bibliotheca de Constantinopla com 120:000 volumes. Os barbaros destruiram quantas encontraram na Europa, e apenas alguns mosteiros conservaram restos de livarias, de que se aproveitaram as gerações futuras.

Os sinos.—Os sinos foram conhecidos desde a mais remota antiguidade entre os chins e os egypcios. Na Grecia os padres serviam-se d'elles para chamar o povo aos sacrificios. Foi o bispo de Nola, na Campania, que introduziu o uso dos sinos nas egrejas, no anno 400. Em França principiaram a usar-se em 550. Em Constantinopla foram introduzidos em 865. O maior sino que hoje se conhece é o do convento de Trotskoi, perto de Moscow. Tem de espessura meio metro, quasi 14 metros de circumferencia e pesa proximamente 57:000 kilogrammas.

Panorama photographico de Portugal.— Recebemos o numero 2.º do volume 4.º Traz uma photographia, copia de outra do sr. Carlos Relvas, representando as *capellas imperfeitas* do convento da Batalha. O artigo que lhe diz respeito é do sr. A. M. Simões de Castro.

Traz mais este numero os seguintes artigos:

—*O carvão de pedra, curiosidade historica*, por José Silvestre Ribeiro.

—*Mortos illustres, Garcia de Rezende*, por A. F. Barata.

—*Documento curioso*, por A. M. Simões de Castro.

—*Embarcado no Mondego*, poesia, por Luiz Carlos.

—*Bibliogrphia.*

A villa de Penella—Pedem-nos de Penella a publicação do seguinte:

«Sr. redactor.—O interesse e utilidade publica é um dos pontos que demanda mais attenção aos encarregados do regimen dos povos: é este o motivo mais principal que conduz o individuo a pôr em relevo todas as circumstancias que possam influir para a recta administração da justiça, quando se tracta de uma medida tão importante como aquella que se vae pôr em pratica, e diz respeito á creação de novas comarcas. Levado por estes solidos principios, vou hoje cumprir um dever proprio de quem pugna imparcialmente pelo bem estar dos povos, e que despido de pretenções, ou affeições partidarias, ambiciona ver florescer a justiça, e que sem distincção de pessoas se dê a cada um o que em verdade lhe pertence.

Estando por tanto proxima a nova divisão de territorio, e creação de novas comarcas, seja-me permittido levantar a minha debil voz, expondo algumas rasões pelas quaes os povos do julgado de Penella, deste districto, têem incontestavel direito a pedir se crie na dita villa uma comarca, com cujo procedimento nada soffrem as comarcas limitrophes, antes pelo contrario ficam melhoradas e augmentadas.

Primeiro que tudo devo tractar da antiguidade e nobreza da villa de Penella. Esta povoação data de tempos muito remotos: têem no mais alto da villa um forte castello, o qual fundou D. Sisnando, senhor de Coimbra, pelos annos de 1080. Deu-lhe foral o senhor D. Affonso Henriques, e teve esta villa assento em côrtes no 17.º banco. Sempre foi governada por um juiz de fóra, sendo o berço de muitas pessoas illustres, que engrandeceram esta terra, e a tornaram notavel nos fastos da historia de Portugal.

Pela invasão franceza, morte, e ausencia de pessoas respeitaveis se deteriorou a villa de Penella, que na primitiva contava 800 visinhos; todavia ainda hoje conserva em si, e proximo a esta localidade, familias de todo o merito, e estabelecimentos adequados á sua mui alta cathegoria.

Existem duas freguezias dentro da mesma villa, uma da invocação de S. Miguel, e outra de S. Eufemia; hospital, e uma casa onde se acham todas as repartições publicas, e que noutros tempos foi paço do duque de Aveiro; tem casa de cadeia com quatro prisões muito seguras, proprias e decentes para ambos os sexos. Cada uma das mencionadas freguezias se compõe de mais de 500 fogos, pertencendo a maior parte delles a logares que circumdam esta villa nas suas proximidades.

A villa de Penella domina uma extenção de terreno para os lados do norte, nascente, e sul, cujas vistas pittorescas encantam, e distrahem todas as pessoas que as contemplam, e que nos tempos proprios das estações sobem aos sitios mais altos da villa, para gozarem do ar livre e puro que alli se respira, e por isso podemos dizer pelo testemunho de pessoas insuspeitas, que a villa de Penella tem boas condições hygienicas, e que pela fertilidade de seus terrenos, se torna uma povoação importante, e digna de consideração.

Passemos agora a demonstrar o reconhecido e incontestavel direito que assiste aos povos do julgado da dita villa para a creação da projectada comarca. A villa de Penella dista mais de 25 kilometros da villa da Louzã, actual sede da comarca, ficando no meio d'ambas estas povoações o julgado de Miranda do Corvo, que a ser extincto vae augmentar a alludida comarca, passando tão somente para Penella a freguezia de Lamas, que dista desta localidade 5 kilometros.

A villa de Figueiró dos Vinhos, tambem cabeça de comarca, fica a mais de 25 kilometros da villa de Penella, com pessimo transito por escabrosas serras; devendo por isso annexar-se á nova comarca de Penella a freguezia de Avellar, pertencente á dita comarca de Figueiró dos Vinhos, tendo aquella já representado neste sentido a sua magestade fidelissima.

A villa de Pombal, hoje sede de comarca, dista da villa de Penella mais de 25 kilometros, ficando no meio d'ambas estas povoações o julgado da villa de Ancião, que a ser extincto vae augmentar a comarca de Pombal, passando para Penella tão sómente as freguezias da Lagarteira (esta freguezia já noutros tempos pertenceu a Penella) Torre, e Alvorge, que todas distam daquella localidade 5 kilometros.

A villa de Soure, tambem actual cabeça de comarca, dista da villa de Penella mais de 25 kilometros, devendo annexar-se a esta nova comarca a freguezia de Pombalinho, pertencente á dita comarca de Soure, que dista de Penella 6 kilometros.

A cidade de Coimbra, fica a mais de 25 kilometros da villa de Penella, ficando no meio destas povoações a villa de Condeixa a Nova, cujo julgado a ser extincto vae augmentar as comarcas de Soure e Coimbra, annexando-se para Penella as freguezias de Villa Secca, e Zambujal, que tambem distam daquella povoação 5 kilometros; para Soure as freguezias da Ega, e Furadouro, passando as outras freguezias de que se compõe o julgado de Condeixa para a comarca de Coimbra.

Pelas informações que devem preceder estes trabalhos, melhor se conhecerá a posição topographica da villa de Penella, e as distancias a que ficam as freguezias que se lhe devem annexar, com melhoramento das comarcas aonde actualmente pertencem; e assim confiamos da inteireza e rectidão do muito digno sr. ministro das justiças, que sem attender a pretenções partidarias, procederá com aquelle acerto proprio do seu honrado caracter, procurando o bem estar dos povos, e attendendo á supplica que aqui lhe fazemos para a creação de uma comarca na villa de Penella: deferimento este que está na opinião de todos que têem conhecimento desta localidade e amam a justiça.»

Noticias de Hespanha.—Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Madrid 25, ás 10 h. e 15 m. da manhã.—Não ha nada de novo no norte.

Continua a haver bom tempo. Apresentou-se um alferes carlista solicitando amnistia.

Os restos das guerrilhas de Villar, derrotadas em Piedra Buena, refugiaram-se em Portugal, onde foram desarmados e internados.

Uma correspondencia de Castro diz que, segundo noticias officiaes de Bilbau, ainda ha viveres para um mez com sacrificio.

Ainda não appareceu o protesto annunciado dos grupos de Pi e Salmeron contra a carta de Castellar.

Continua o processo de Macholi, socialista preso em Alcoy por causa dos acontecimentos d'aquella cidade. Diz-se que ha outros individuos compromettidos.

Madrid 25, ás 5 h. e 25 m. da tarde—Chegaram felizmente esta tarde ás 4 horas e 15 minutos Primo de Rivera e coronel Delgado.

Madrid 26, ás 8 h. e 50 m. da tarde—Um telegramma de Somorrostro, desta manhã, nada nos diz de novo. Houve hontem grande temporal. Continuam as melhoras de Primo de Rivera. Falla-se vagamente da proxima viagem de Castellar a Portugal.

ANNUNCIOS

ARRENDAMENTOS

1 NO DOMINGO, 10 de Maio, ás 11 horas da manhã, a junta de parochia da freguezia de Santa Cruz, arrenda pelo tempo de um anno a loja e sotão ao sul da egreja de Santa Cruz; os palheiros na torre; as casas e quintal sitas na rua Direita, antiga residencia do reverendo priôr. Declara-se que o arrendamento do quintal principia no S. Miguel.

2 D. HENRIQUETA AMELIA DA SILVA PINTO, faz publico, que partiu na companhia de seu filho Thomé Benjamim da Silva Pinto, para o Rio de Janeiro, imperio do Brasil, aonde vão estabelecer a sua residencia,na rua do Hospicio, n.° 92, o que servirá de governo ao seu ex-marido Thomé da Silva Baptista, para os devidos effeitos.

Henriqueta Amelia da Silva Pinto.
Thomé Benjamim da Silva Pinto.

NEVE

3 PRINCIPIA a vender-se desde as 3 horas da tarde até ás 10 da noite, ao fundo da rua do Corpo de Deus, n.° 6, 1.° andar, em frente da rua da Calçada, e continuará haver todos os dias á mesma hora.

Tambem se encarrega de encommendas para casas particulares e fóra da terra.

4 NO DIA 5 do proximo mez de Maio, por 9 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça desta cidade, perante o exm.° juiz de direito desta comarca, se hãode arrematar em praça publica os bens separados pelo conselho de familia, para pagamento de dividas, no inventario por morte de Claudina de Jesus, moradora que foi no logar d'Albergaria, freguezia de Antanhol; de que é escrivão Almeida.

Pinheiros para vender

5 VENDE-SE uma grande porção de pinheiros, muito bons para madeira,etc. proximo da villa de Ançã. Quem os pretender póde fallar com Joaquim da Silva Ramos, da mesma villa, para tractar do seu ajuste.

EDITOS DE 30 DIAS

6 NO JUIZO DE DIREITO desta comarca e cidade de Coimbra, e cartorio do escrivão Adelino, correm editos de 30 dias, a contar da data deste, pelos quaes são citadas todas e quaesquer pessoas interessadas, a quem possa competir o direito de successão á herança em deposito da fallecida D. Barbara Margarida Dias, que foi de Pombal, e que falleceu no hospital desta cidade, para no dito prazo de 30 dias marcados, virem deduzir neste juizo, o direito que tiverem de successão á herança em deposito, com a declaração, de que na primeira audiencia depois de findo o prazo dos 30 dias, serão lançados todos e quaesquer interessados, que não acudirem á citação que aqui lhes é feita, a fim de se julgar a herança vaga para o estado.

Coimbra, 27 d'Abril de 1874.

7 QUEM QUIZER COMPRAR cinco moradas de casas ao lado do cemiterio da Conchada, as quaes foram feitas na ideia de mudarem para alli os fogueteiros, falle nesta redacção, onde se dirá com quem se deve tratar. Tambem se accerta lanço para uma, ou duas moradas.

8 NO DIA 19 do mez de Maio, por 9 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça, perante o exm.° juiz de direito desta comarca, se hãode arrematar os bens penhorados a Bento Pereira de Miranda e mulher, desta cidade, na execução que lhes move a fazenda nacional, pelo cartorio do escrivão interino Almeida.

Declaração ao annuncio de arrematação de bens, publicado no jornal o *Conimbricense*, n.° 2788 de 14 de Abril

TENDO de se arrematar no dia 5 de Maio proximo, pelas 9 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta comarca, por virtude de execução hypothecaria de divida, que o exequente Antonio José Alves Borges move contra os executados Joaquim José Ferreira de Castro e sua mulher, todos desta cidade, duas quintas no sitio da Copeira, e da Torre de Alcancere, e tendo-se dito nos editaes e annuncio, que a quinta «da Copeira tinha o encargo de dar serventia «de pé e carros, para a quinta chama«da dos Pereiros, hoje pertencente ao «referido exequente;» por isso se faz annunciar, em consequencia de diligencias a que se procedeu pelo juizo, que a dita quinta da Copeira, não tem a servidão que se mencionou nos editaes e annuncio; e que por isso sem tal servidão será posta em praça. Escrivão Adelino.

Coimbra 25 de Abril de 1874.

Attenção

10 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

ESTABELECIMENTO D'ALFAIATE

Rua do Infante D Augusto n.° 8 e 10

11 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO JUNIOR, premiado na exposição de Vienna de Austria, e com a medalha de prata na exposição districtal de Coimbra, participa aos seus freguezes e amigos que, alem do bom sortimento que costuma ter, acaba de receber um lindo e variado sortido de fazendas proprias para a presente estação; as quaes vende pelo mais modico preço.

ESCULPTURA

12 POSSIDONIO DA SILVA E ABILIO FERREIRA, já têem aberto o seu estabelecimento de esculptura e ornamentos, onde se fazem mausoleus de varios gostos. A officina é no Caes Novo.

DOCTOR IN ABSENTIA

13 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei*, 46, *em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

14 VENDE-SE uma bonita quinta chamada Feteira, em Pereira, com uma bonita casa nova, de typo inglez. Vendem-se tambem todas as propriedades pertencentes á mesma casa. Todas estas propriedades só se vendem em globo, e não em separado. São d'um estrangeiro, que se retira para o seu paiz. Quem pretender comprar dirija-se ao sr. Manoel de Jesus Cardoso, desta cidade.

O examinador de instrucção primaria

15 COLLECÇÃO de perguntas sobre todas as materias de instrucção primaria. Qualquer estudante que percorrendo este questionario souber responder ás perguntas que elle contém, nada deve receiar pela sua approvação no exame dos lyceus. A' venda na livraria Pereira, rua Augusta, 50 e 52, em Lisboa. No Porto e em Coimbra, nas principaes livrarias. Preço 160 rs.

16 ELEMENTOS DE TRIGONOMETRIA RECTILINEA, para uso dos lyceus, por Antonio Zeferino Candido da Piedade, bacharel formado em Mathematica e Philosophia, director do collegio Academico, e professor de Mathematica elementar no mesmo collegio. Vende-se na loja de José Diogo Pires, á Sé Velha. Preço 800 reis.

17 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Arganil, faz publico, que no dia 3 do proximo mez de Maio, pelas 10 horas da manhã, nos paços do concelho, se hade proceder á arrematação dos reaes de vinho do futuro anno economico de 1874 a 1875. As condições estão patentes na secretaria da camara, para quem as quizer examinar.

Arganil, 25 d'Abril de 1874.

O presidente,
Antonino de Campos.

PARTIDO A CONCURSO

18 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Celorico da Beira, faz publico, que se acha aberto concurso, por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação do presente annuncio no *Diario do Governo*, para provimento do partido de cirurgia d'este municipio, com o ordenado de 600$000 rs. annuaes e pulso captivo.

Os pretendentes, alem dos demais documentos, deverão apresentar as suas cartas passadas pelas escholas medico-cirurgica de Lisboa, Porto ou Coimbra.

Celorico da Beira, 21 d'Abril de 1874.

O vice-presidente,
Daniel Pereira Lopes da Silva.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Galera —AMERICA— em 30 de Abril.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.° 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

20 NO DIA 12 do proximo mez de Maio, por 9 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça, perante o exm.° juiz de direito desta comarca, se hãode arrematar os bens separados pelo conselho de familia, para pagamento de dividas, no inventario por fallecimento de Gaudencio Marques d'Oliveira, morador que foi no logar de S. Facundo; de que é escrivão Almeida.

Enxofre em pó

21 HA BOM SORTIMENTO no estabelecimento de Lopes Guimarães, rua do Visconde da Luz, n.° 1.

22 D. BEATRIZ DA ASSUMPÇÃO ALMEIDA E COSTA, viuva, residente em Santo Amaro, concelho de Taboa, tendo comprado alguns predios a Antonio Maria, da quinta do Tapadinho, e a Manoel Joaquim da Costa, da Ribeira, ambos do concelho de Taboa, os quaes se achavam onerados com algumas hypothecas, novamente convida os credores hypothecarios, que ainda não receberam seus creditos, a recebel-os de sua mão, ou á sua ordem, passando os credores ao mesmo tempo titulos de quitação semelhantes aos constituitivos das hypothecas.

LIVRARIA ACADEMICA

183 — CALÇADA — 185

23 C. CASTELLO BRANCO. O demonio do ouro, 2 volumes 1$000 reis. O Regicida, 1 vol. 500 rs. Noites de insomnia, 1.°, 2.°, 3.° e 4.° vol., cada vol. a 200 rs.

D. A. M. Ribeiro de Sá. Mathilde, 1 vol. 500 rs.

Educação Popular. Guerra peninsular. As cruzadas. Dramas no mar. O ultimo rei cavalleiro, 4 vol. a 200 rs. Por assignatura 160 rs. o vol., com o brinde de uma magnifica estampa no fim de cada serie de 3 vol.

Viagens maravilhosas, por J. Verne. Viagem á lua, (com gravuras), 1.° e 2.° fasciculo a 200 rs.

D. Manuel Fernandes Y Gonzalez. Lucrecia Borgia, Memorias de Satanaz, 2 vol. 1$280 rs.

Mathão. Collecção de sermões ineditos, 1, 2, 3 e 4 a 120 rs.

Pinho Leal. Portugal antigo e moderno. Fasciculos 1 a 31, a 100 rs.

Andrade Corvo, e Aguiar. O livro do lavrador. Fasciculo 1.° 500 rs.

Dr. Barata. Origens anthropologicas da Europa, 1 vol. 500 rs. As raças historicas da peninsula Iberica, 1 vol 200 rs.

Adolpho Coelho. Questões da lingua portugueza, 1 vol. 1$500 rs.

Leituras para a eschola primaria, 1 vol. 120 rs.

Bibliotheca Democratica. Do principio de federação, 1 vol. 240 rs.

A. Pimentel. A porta do paraizo, 1 vol. 500 rs.

Peres Escrich. A mulher adultera, 3 vol. 1$500 rs.

Bulhão Pato. A capella Sixtina, 1 vol. 300 rs.

Encarrega-se de encommendas de livros portuguezes, tanto do Porto como de Lisboa, mandando-os vir com a maior rapidez possivel.

A QUEM CONVIER, ANNUNCIA-SE

24 RICARDO JOSE' SOARES ROMEU, agente do Banco Commercial de Vianna, estabelecido em Villa Nova de Cerveira, recebe e paga toda e qualquer quantia que pelas referidas agencias do mesmo banco sejam transmittidas.

NUMERO 2793 SABBADO 2 DE MAIO DE 1874 ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Solemnisar os successos gloriosos que recordam os nobres feitos de um povo, em defeza de uma causa justa, de uma ideia elevada e generosa, é honrar a patria aos olhos do mundo civilisado e despertar no espirito publico os sentimentos patrioticos, que fallam á intelligencia e ao coração de todos; é pagar um tributo de respeito e veneração por aquelles benemeritos cidadãos, que, em luta de principios, sacrificaram as forças e esgotaram a vida em proveito da causa publica; é transmittir á historia, ás gerações que nos hãode succeder, os brios das acções heroicas, e accender no coração da mocidade o fogo sagrado das virtudes civicas.

No decurso de 40 annos, nunca interrompidos, tem sido costume despertarem no memoravel dia 8 do mez de Maio, os habitantes desta illustre cidade de Coimbra, aos sons dos hymnos festivaes, que lhes recordam um dos factos mais gloriosos da nossa moderna regeneração politica e social.

Em egual dia do anno de 1834, Coimbra, em completo transporte de alegria e jubilo, viu entrar triumphante dentro de seus muros, commandado pelo nobre duque da Terceira, o brioso exercito libertador, e com elle muitos de seus filhos, depois de terminadas as luctas da liberdade.

E a cidade de Coimbra commemora este acontecimento, porque tem na historia dos successos politicos, que neste paiz implantaram o regimen liberal, uma pagina brilhante, a cuja luz explendida, ainda hoje se acerca com o enthusiasmo de uma profunda convicção, a grande maioria dos seus habitantes.

Ao impulso patriotico de alguns cidadãos benemeritos vae este anno ser tanto, ou mais festejado do que nos anteriores, este fausto dia. Folgamos com este facto, por vermos que o espirito liberal não está amortecido entre nós.

O DIA 8 DE MAIO

No dia 29 de Abril concorreu á sala da Associação Commercial um grande numero de membros do partido liberal, constituindo uma das mais imponentes e respeitaveis reuniões que nesta cidade se tem realisado.

O corpo cathedratico, a academia, o commercio, os proprietarios, os artistas, todas as classes em fim, estavam alli representadas. Tomou a presidencia o sr. visconde de S. Jeronymo, que leu um bello discurso, que foi ouvido com o maior acatamento; foi depois constituida a mesa e commissão executiva com as pessoas que na anterior reunião propoz o sr. Olympio; confirmando esta assembleia definitiva, para a qual tinham sido feitos avisos, o que havia sido deliberado na sessão preparatoria.

Fallaram sobre o assumpto que os reunia, os srs. Drs. Jardim, Pereira Dias, Bernardo d'Albuquerque, Fernandes Vaz, Quaresma, Viegas, e os srs. Miguel Osorio, José de Moraes, Arriaga, Almeida e Cunha, Rodrigues de Sousa, e Olympio, enunciando-se o que deveria constituir os festejos que se projectam realisar.

Correu de um modo attrahente e digno aquella sessão; fallou-se alli com enthusiasmo convicto, e com a maior tolerancia politica.

O sr. conselheiro Macedo Pinto propoz, e foi unanimemente approvado, que os srs. visconde de Villa Maior e Dr. Cesario ficassem fazendo parte da commissão. O sr. Miguel Osorio propoz, e tambem foi approvado, que o sr. Olympio fizesse parte da mesma commissão, visto ter sido um dos iniciadores da ideia d'aquella reunião. O sr. Côrte-Real propoz, e do mesmo modo foram approvados para membros da commissão, os srs. Abilio Torres e Magalhães Lima, representando a Academia.

O sr. Olympio propoz, e logo foi approvado, o sr. Abilio Roque, o qual com elle tivera egualmente parte nos trabalhos preparatorios.

Desejáramos poder inserir os extractos dos discursos alli proferidos, que todos o foram á altura do assumpto e das pessoas que usaram da palavra, mas obsta-nos a escacez de tempo e a estreiteza do nosso jornal. Exaltou-se a liberdade; e, de facto, só por ella e pelas suas conquistas, se podem realisar demonstrações tão sympathicas. N'aquella reunião cabiam os liberaes e os seus adversarios politicos, porque a illustração d'aquella assembleia era uma garantia contra os excessos da phrase.

—No dia 30 reuniu-se a commissão, sob a presidencia do sr. visconde de S. Jeronymo, começando a discussão sobre o modo como deviam realisar-se os festejos, fallando sobre o assumpto varios membros da commissão.

O sr. Olympio disse que collegira todas as opiniões emittidas e todas as ideias enunciadas pelos diversos oradores na sessão anterior, e que nesta conformidade redigira uns apontamentos para o programmma, os quaes leu, e serviram de base para a discussão; resolvendo-se, em resumo, o seguinte:

No dia 7 de Maio, ás 9 horas da manhã, haverá uma missa resada na egreja de Santa Cruz, suffragando as almas dos que pereceram nas nossas lutas civis.

No dia 8, logo de madrugada, haverá as costumadas demonstrações festivas; e ás 11 horas haverá um solemne *Te-Deum* na Sé Cathedral.

Serão distribuidas esmolas a familias necessitadas, e donativos a individuos, que, tendo pertencido ás forças liberaes, estejam precisados de soccorro; dar-se-hão tambem esmolas aos presos na cadeia, e vestuario a algumas das presas que o precisarem.

Deliberou tambem a commissão dirigir-se ao sr. reitor da Universidade para que, este obtenha do governo que se restaure o feriado do dia 8 de Maio, tanto na Universidade, como nas demais repartições publicas.

A commissão vai solicitar das duas sociedades philarmonicas, que se incumbam de tomar nestes festejos a parte que lhes compete; assim como vai pedir aos habitantes de Coimbra, que no dia 8 illuminem as frontarias de suas casas, e o mesmo aos chefes dos estabelecimentos e repartições publicas.

Foi tambem deliberado que se solicite da illustrada vereação municipal deste concelho, que o largo de Samsão se fique denominando —**Praça 8 de Maio**.

A subscripção continua aberta na sala das sessões da commissão, todos os dias desde as 6 horas da tarde até ás 9 da noite, e do mesmo modo em varias lojas dos dois bairros da cidade, adiante designadas, onde estão patentes as pautas para este fim; alem disto a commissão nomeou um cobrador, auctorisando-o a receber as differentes verbas, para serem logo entregues ao thesoureiro, o sr. Dr. Francisco Pereira Torres Coelho.

Para tractar das duas solemnidades reli-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCVIII

D. CARLOS

CVIII

Os despeitados conspiradores, viram com desgosto o proceder do governo com Narvaez, e accusando aquelle, se fez circular na manhã de 3 de novembro de 1838, uma proclamação, na qual se lia entre outras cousas:— «Um ministerio immoral, cego instrumento de vis e cobardes traidores, vendidos ao ouro estrangeiro, conduz nossa desgraçada patria a um abysmo insondavel de terriveis desventuras.... Entre nós vivem.... Os cobardes e emascarados chefes de seus verdugos; entre nós existem elles e seus infames cumplices, os monstros que em seus negros conciliabulos conceberam o infernal projecto que abortou em a noute de domingo.»

Suppunha-se que naquella noute, a de 28 de Outubro, se projectava uma coallisão entre as tropas regulares e a milicia, desarmar a esta, e estabelecer um regimen militar:— «Porque esperamos, acrescentavam, se já os conhecemos....? Ás armas, ás armas, e não as deponhamos até que com seu impio sangue hajam expiado os seus espantosos crimes, os vis auctores de nossas terriveis desgraças; até que a bandeira nacional tremule vencedora sobre o alcaçar da traição.»

O *Eco del Comercio* inseria no mesmo dia algumas linhas em identico sentido, que mais que remettidas, pareciam da redacção, acabando por dizer:—«Ás armas, pois, contra os traidores.»

Aterrado o governo, mandou entrar em Madrid uma brigada do exercito de reserva, que, ás ordens de Aleson, ia partir para Castella a Velha; reuniu a milicia; declarou a capital em estado de sitio, e juntou na casa de Correios um conselho de guerra, para julgar os perturbadores.

Quizeram estes apoderar-se daquelle edificio, e rechassados, se dividiram em grupos, assaltando alguns a casa de Isturiz, de Monte Virgem e de outros, sem achar nenhum.

Alguns grupos, dando *vivas á liberdade*, que insultavam e escarneciam, e *morras aos tyrannos*, sendo-o elles, disparavam tiros, causando alguma victima innocente, até que interveiu a milicia, fez algumas prisões, e restabeleceu a tranquillidade, tão torpemente alterada.

Attribue-se injustamente aos carlistas este motim, que foi obra dos jovellanistas, culpando-se tambem o embaixador francez; e mandou o alcaide constitucional que não se permittisse sair da cidade aos apontados como desaffectos. Começou a executar-se esta ordem por deter alguns habitantes, que atravessavam a porta de Alcalá para ir aos touros; porém a multidão, com melhor sentido que a auctoridade, impediu indignada tal violencia, e maltratou aos agentes de policia, seus executores.

O que, porém, estes não poderam fazer, o fizeram as auctoridades, prendendo pelo meio da noute e arrebatando de suas camas a uns 150 individuos innocentes, que enviou ao quartel de Leganés; contando-se entre elles militares de gerarchia, titulos de Castella, antigos intendentes e magistrados, ricos a maior parte; suppondo-se assim com fundamento ser o objecto d'aquella tropellia tirar as sommas que alguns tiveram que pagar com preço do seu resgate. Assim imitavam o guerrilheiro carlista Palillos, que acabava de exigir 10:000 duros por um genro do duque de Frias, ministro de estado nessa epocha.

A isto se limitaram os castigos que offerecera o governo aos perturbadores da tranquillidade: elles ficaram impunes, e pagavam suas culpas pessoas indefezas e pacificas, sem mais delicto que serem carlistas.

Quiroga, que não tinha mostrado muita discrição nestes acontecimentos, convocou por motu proprio aos chefes da milicia, uma commissão do ajuntamento e outra da deputação, para explorar o espirito da milicia e do povo, e responderam se desejava a remoção do ministerio. Bastou isto para que Quiroga e o chefe politico, que assistiu tambem, fossem manifestal-o á governadora, que lhes respondeu se occuparia de tão grave assumpto; no qual se mostrou demasiado bondosa, pois podia ter-lhes dado uma lição de legal constitucionalismo pelo inopportuno da embaixada, quando faltavam dois dias para se abrirem as côrtes.

Custou, não obstante, o emprego ao chefe politico, e nomeado o brigadeiro Puig, se estreiou a 8 de Novembro, mandando prender e julgar militarmente a todos os que sem serem militares, ou nacionaes, trouxessem bigodes. A medida não podia ser mais salvadora, nem mais ridicula!

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

giosas e demais objectos para os festejos, foi nomeada uma commissão, composta dos srs. Abilio Roque, Figueiredo Pinto, Santos Junior e Olympio.

A mesa ficou incumbida de expedir as cartas de convite para aquellas solemnidades, assim como de se dirigir ao exm.º bispo da diocese, reitor da Universidade, auctoridades superiores administrativas, camara municipal, e governador militar, para pessoalmente os convidar, e para obter a cooperação que dos mesmos possa precisar.

No dia 8 de Maio, á noite, haverá reunião magna, composta não só das pessoas inscriptas na relação que se publicou, como de todos os demais cidadãos, que desejem fazer parte da grande commissão, e que, pela multiplicidade dos trabalhos, não tenham sido lembrados. Nesta reunião hade apreciar-se o complemento do programma apresentado pelo sr. Olympio, para que naquelle dia se instaure em Coimbra uma associação intitulada—**Oito de Maio**— a fim de se obter uma quotisação modica, com que se possa occorrer a quaesquer despezas, tendentes a pôr em pratica os intuitos com que é instituida a nova associação, e para prover á realisação de eguaes festejos nos annos posteriores.

A commissão executiva ficou assim composta:

Presidente, Visconde de S. Jeronymo
Miguel Osorio Cabral
Visconde de Monte-São
Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo
Conselheiro João José de Mendonça Cortez
Commendador Manoel Joaquim Fernandes Thomaz
Dr. Raymundo Venancio Rodrigues
Dr. Fernando Augusto d'Andrade Pimentel e Mello.
Dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim
Dr. Cesario Augusto d'Azevedo Pereira
Commendador Manoel dos Santos Junior
José de Figueiredo Pinto
Abilio Roque de Sá Barreto
Abilio da Costa Torres
Sebastião de Magalhães Lima
Olympio Nicolau Ruy Fernandes
Thesoureiro, Dr. Francisco Pereira Torres Coelho
Secretario, Dr. Manoel Emygdio Garcia
» Dr. José Joaquim Fernandes Vaz.

Recebemos do nosso respeitavel, e desde muito, particular amigo, o sr. conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, a carta que abaixo publicamos.

E' para nós do mais subido valor a apreciação que dos nossos taes ou quaes trabalhos faz um cavalheiro tão distincto, como é o sr. conselheiro Adrião Forjaz.

Approvações tão auctorisadas, são para nós das maiores recompensas que podemos obter, e a que aspiramos.

Joaquim Martins de Carvalho.

Meu prezado amigo e sr.

Mais uma vez acabo de ler no *Conimbricense* com o maior interesse e real commeção, os tributos de saudade que v. se apressa em depor sobre as sepulturas desta pleiade de varões eximios, que a dura parca nos vae arrebatando.

Grave e serio, profundo, imparcial, e portanto cada vez mais acatado de— gregos e troianos—, o seu jornal é gloria para Coimbra, e honra para o seu auctor e collaboradores.

Do obscuro cantinho, onde vegeto, aprazme muito elevar a debil voz para comprimentar de novo a v., pela situação a que o seu juizo, infatigavel estudo, e moderação tem levantado o *Conimbricense*.

O Dr. Jacome Luiz Sarmento era mais que meu parente, dilectissimo amigo; e a todos os seus, eu e os meus, nos ufanamos de prestar intima amizade e sincera sympathia.

Como, apesar de litteraria e academicamente morto (e tanto que nem o—*meu—Instituto* sabe que ainda existo!), me é difficil perder antigos habitos, havia lançado ao papel o que ahi vae sobre o mesmo funebre assumpto. Se a v. parecer que val a pena, queira agasalhal-o com esta no ultimo cantinho de algum dos proximos numeros; no que muito me penhorará.

A allusão acima deve explicar-se; não é do meu caracter— arcas encouradas. Somente pelos jornaes tenho sabido que em taes e taes noites, passadas, se fizeram conferencias no *Instituto*, a cujo berço assisti, e que por muitos annos presidi, creio que com algum zelo e trabalho, de corpo e espirito. Não menos ignoro se o—jornal, depois de minguado nas proporções, tem continuado a publicar-se. Se eu fôra vivo, claro é que, como socio honorario, houvera de recebel-o. Em tudo isto não ha senão—lapsos; mas é bem certo que as pessoas menos dignas de serem lembradas são aquellas a quem mais peza sentirem-se esquecidas.

Prezo-me ser

De v. am.º mt.º obg.d.º

Bemcanta, 28 de Abril de 1874.

A. Forjaz.

Mais um homem de bem, mais um cidadão prestantissimo, mais um professor verdadeiramente distincto, mais um pae de familia supra-exemplar, foi riscado do numero dos vivos!

Hontem 27 cubriu o pó da terra do sepulcro os restos mortaes de Jacome Luiz Sarmento; cuja alma, reconciliada mais d'uma vez com o Eterno Juiz no ultimo periodo de sua enfermidade, e auxiliada com todos os soccorros da religião, havia subido á eterna morada no dia anterior, pelo meio dia.

Cavalleiro da Ordem de Malta, na qual fizera as provanças necessarias, antes de 1834, para ser admittido as ricas prebendas; filho d'uma das mais fidalgas familias de provincia, ninguem jámais divisou nelle ainda a menor sombra d'orgulho aristocratico.

Distincto lente cathedratico da Faculdade de Mathematica, primeiro astronomo do Observatorio de Coimbra, infatigavel calculador, exactissimo no mais pontual cumprimento de seus deveres, grave com a gravidade de melhores tempos, e cortez e affavel com a cortezia de cavalheiro, muito farão os jovens professores se o imitarem; não havendo que maravilhar, se, por maior que seja o zelo, não attingirem tamanha altura.

Foi elle certamente um dos restauradores da obra, tão enfadonha e trabalhosa como util ao publico e honrosa para a Universidade, das Ephemerides do Observatorio. E como durante muitos annos o seu trabalho correspondia ao de muitos, com um zelo infatigavel; não falta quem receie que com elle aquella obra descesse tambem á sepultura.

A sua excellente familia e os seus estudos e calculos, foram sempre o seu cuidado e entretenimento.

A sua familia!— e quem ha que, conhecendo e tratando de perto Jacome Luiz Sarmento, não reconheça que não exaggerámos, dizendo-o—pae de familias *supra-exemplar?*

O mundo frivolo, e mal apreciador de quanto val a, hoje tão desprezada sombra da arvore paternal, por vezes motejaria do varão prestante que se encontrava rodeado de seus filhos, não só pae, mas solicito mestre e companheiro. Bem fazia elle que continuava seu caminho, recolhendo todos os dias sazonados fructos de seus desvelos; e que poude, á beira da eternidade, gozar a consolação de não contar senão bons filhos, estudiosos, bem procedidos, amorosos para com seus paes, e uns para com os outros, e dignos em tudo de quem por elles tanto trabalhara.

O sabio era por felicidade, sincero christão.

Muitos dias, mezes antes do final, apenas comprehendeu a seriedade do seu estado, sem mesmo suppor tão visinha a morte, mas no leito da dor, confessou-se, e recebeu o sagrado viatico com o respeito e compuncção, que a fé inspira, e que quadra tão bem a sciencia, solida e verdadeira.

Mais no fim, em pleno uso de razão, recebeu a santa uncção, reconhecendo-se depois della santamente consolado.

A graça divina, porem, operava nelle d'um modo mais singular. Por vezes pedia para novamente receber o manna dos ceus, quando o seu parocho o levasse aos entrevados.

O confessor e o medico tiveram justa rasão para duvidar, se já moribundo, poderia satisfazer tão pio desejo. Mas poude, e poude bem; que lhe voltou o bastante de vida para dignamente receber o divino cordeiro, em presença do qual, duas horas depois, compareceu a alma bemdita a receber misericordia.

Não são frequentes exemplos taes! No meio da mais cruciante saudade que nenhum tempo póde extinguir, mas só amaciar, a virtuosissima viuva a quem ninguem ha que não respeite e venere, e aos bons filhos,—e tambem aos parentes e amigos, a cujo numero muito nos honramos de pertencer—resta-lhes a maior consolação que póde imaginar-se:—a lembrança da vida e da morte de Jacome Luiz Sarmento.

A. Forjaz.

Satisfazendo ao pedido que nos faz o sr. Roberto Guilherme Woodhouse, presidente da Associação Catholica do Porto, publicamos a seguinte carta:

Sr. Redactor.

Confiado nos principios de rectidão e justiça, que v. tem sempre advogado no seu muito lido jornal, peço-lhe que permitta que eu dê, no mesmo, o mais formal e cathegorico desmentido a um boato, que sem o menor fundamento tem infelizmente vogado nesta cidade, a respeito de um fabuloso *Passe*, dado pela Associação Catholica do Porto a um individuo *sem nome*, preso *em parte incerta, não se sabe quando*, e que *se diz* tentara atravessar as fileiras carlistas no reino visinho.

Ha, sr. redactor, uma eschola de individuos, que julgam que o melhor meio de encobrir as suas proprias mazellas, consiste em arrastar para o soalheiro as mazellas do proximo, e quando este as não tem, entendem que o melhor é levantarem-lh'as.

«Mentir, e mentir sempre», dizia Voltaire; e estes são dignos discipulos de tal mestre!

A mentira e a calumnia são armas indignas do adversario leal, e só as emprega quem uma má causa defende.

Lastimo, pelo proprio interesse de uma causa que *fingem* defender, que haja em seu seio homens, que só e unicamente servem para a desacreditarem.

Serão liberaes no nome, mas os seus actos dão o desmentido formal ao appellido com que indevidamente se ornaram.

Se a Associação Catholica é delinquente, ha tribunaes para a julgarem e leis para a punirem; se ella não o é, a aggressão injusta e desleal só serve para produzir o effeito contrario ao desejo dos seus mesquinhos perseguidores.

Confessando-me desde já agradecido, sou sr. redactor

De v. mt.º att.º venr.º

Coimbra 29 de Abril de 1874.

Roberto Guilherme Woodhouse, presidente da Associação Catholica em Portugal.

NOTICIARIO

Vinhos para a exposição de Londres.—Muito folgamos de ver que as amostras de vinhos, que os srs. Antonio Rodrigues Pinto e José Lopes Guimarães, antigos negociantes desta cidade, enviaram para a exposição de Londres, foram em Lisboa altamente apreciados pelo jury das provas. Este auctorisado parecer vem confirmar os bem estabelecidos creditos destes exportadores.

O *Jornal do Commercio* dando conta da 18.ª reunião do jury das provas diz o seguinte:

«Os dois representantes mais distinctos da cidade de Coimbra, não podiam ficar atraz dos seus parceiros de Lisboa e Porto, recusando-se a fazer boa presença no grande certame da industria vinicula.

Pelo contrario. O sr. José Lopes Guimarães e o sr. Antonio Rodrigues Pinto apresentaram-se com muita distincção nos especimens que o jury teve occasião de avaliar na sessão de hoje; e que vieram confirmar, ainda uma vez mais, os grandes merecimentos dos vinhos dos dois districtos da Beira, que nobilitam esta provincia.

Os vinhos commerciaes do sr. Pinto são o mais elevado typo das lotas que crearam renome merecido áquelle laborioso vinicultor, na America do Sul, e lhe grangearam, com a fama, lucros avultados á sua industria. Uns maduros e outros mais seccos, todos se apresentam encorporados, fortemente alcoolicos, de boa tinta, aroma vinoso e quente, e de uma solidez a desafiar os mais valentes.

Estes vinhos espirituosos de estimulação alcoolica viva, prompta, e sempre prolongada, mais proprios como excitantes do que como alimento, podem não convir, antes de desbastados pelos annos, ao paladar do norte, que, nos vinhos de forte calibre alcoolico, requer a fusão dos principios completa e apropriada; mas seja como quer que fôr, ninguem lhes poder recusar subido valor pelas excellentes massas de que são fabricados.

Os vinhos do sr. José Lopes Guimarães têem todos os merecimentos dos anteriores; e mais alguns outros: conhece-se que são tratados por mão de quem tem encanecido no estudo dos segredos da arte. Trazem a data de 1873; mas o perfume ethereo que os aromatisa, a suavidade de gosto que os torna deliciosos, e emulos dos grandes vinhos, dizemnos que na sua manipulação os recursos de frasqueira foram habilmente aproveitados.

O seu preço é em verdade elevado; mas vinhos taes não se podem fazer sem muito custo. Com alguns annos de garrafa estes vinhos facilmente adquirem um elevado grau de perfeição, tornando-se, por finos e aromaticos, auxiliares poderosos para o estomago, de grande valia.»

Bibliographia da imprensa da Universidade. — No ultimo numero do *Instituto* começou o nosso prezado amigo e patricio o sr. Antonio Maria Seabra de Albuquerque, a publicar a—*Bibliographia da imprensa da Universidade de Coimbra nos annos de 1872 e 1873.*

E' este um trabalho curiosissimo e abundante de noticias historicas, biographicas, e bibliographicas; e que ha de ser frequentemente consultado com proveito, por ser, como é, muito exacto nos factos, datas, e circumstancias, o que infelizmente não é vulgar.

Só quem está acostumado ao que custam taes investigações, é que bem poderá avaliar as fadigas que terão sido necessarias ao illustrado auctor desta publicação para a levar a effeito.

O sr. Seabra tem já adquirido um honroso nome na republica litteraria; e esta sua *Bibliographia* vem augmentar os creditos de que gosava.

Tudo quanto é, o deve o sr. Seabra exclusivamente aos seus esforços. Excellente cidadão, bom amigo, e apaixonado pelo estudo, é dignissimo da estima que todos lhe tributam.

Retrato—Vimos ha dias em uma das salas da casa do nosso estimavel amigo o sr. Francisco Pedro da Silva, negociante e proprietario nesta cidade, o retrato, pintado a oleo, e de um metro e 18 centimetros de altura, do fallecido deão da sé cathedral desta cidade, o sr. Dr. Francisco de Arantes.

Foi pintado pelo sr. Adriano da Silva e Sousa, morador na Couraça dos Apostolos. O sr. Sousa é apenas um curioso na arte da pintura; e comtudo, o retrato que fez do sr. Arantes, está de uma perfeição e semelhança admiraveis.

O sr. Francisco Pedro da Silva, a quem o sr. Arantes nomeou seu testamenteiro, tem dado numerosas provas de quanto é reconhecido á memoria daquelle seu saudoso e constante amigo. Este procedimento honra e ennobrece muito, quem assim sabe cumprir os deveres da verdadeira e sincera amisade.

Subscripção. — Está aberta para os festejos de 8 de Maio nos estabelecimentos dos seguintes srs.:

Frederico Ferreira, Manoel Cabral, e Melchiades—na Calçada.

Miguel Barata—arco de Almedina.

Braga Junior, Santos Junior, e Rodrigues de Sousa—praça de S. Bartholomeu.

João Lopes de Sousa—largo de Samsão.

Antonio Augusto da Paixão—rua do Infante D. Augusto.

Adelino Augusto da Silva — largo da Sé Nova; e Ferraz, ao Castello.

Festividade.—Ámanhã haverá na egreja do Carmo a festa da Senhora da Maternidade. De tarde pregará o sr. padre Antonio de Almeida Pedroso, vigario de Almalaguez.

Lausperenne.—Fica transferido para domingo 10 do corrente, o *Lausperenne* na egreja de S. João de Almedina.

Instrucção das mulheres—Nos paizes mais cultos facilita-se por todos os modos a educação das mulheres, habilitando-as para exercerem empregos uteis. A profissão medica tem-lhes sido permittida em muitas nações. Em muitas universidades da America, da Russia, da Suissa e da Allemanha ha grande numero de alumnos do sexo feminino, estudando com grande proveito a medicina. Na Suecia o governo concede subsidios permanentes ás mulheres que seguem a carreira medica. Na Hollanda muitas tem sido auctorisadas a tirar diplomas de pharmaceuticas.

Na ultima exposição de Vienna appareceram excellentes trabalhos de mulheres sobre as artes industriaes. No pavilhão sueco viamse muitos productos interessantes, devidos ao trabalho artistico das mulheres, sobre pintura, gravura, lithographia, modelagem, etc. Na Suecia concede-se ás mulheres accesso, como aos demais empregados nos serviços dos telegraphos, dos correios e dos caminhos de ferro. Admittem-se como gravadoras na casa da moeda, e muitas são empregadas nas typographias como impressoras, compositoras, e directoras de officinas.

Existem neste paiz muitas escolas, sustentadas pelo governo, pelas municipalidades e associações particulares, onde se ensinam todos os trabalhos da vida domestica; escolas especiaes destinadas a formar criadas, e para ensinar raparigas na arte de costura. Em todos os estabelecimentos de instrucção publica, desde as escolas normaes até ás universidades se ministram subsidios valiosos ao sexo feminino.

Depois da Suecia é digna de citar-se a Austria. Em Vienna a municipalidade tem fundado escolas industriaes nocturnas, e associações de senhoras ricas tem estabelecido escolas profissionaes de differentes especies, de costura, de commercio, de desenho, de musica, de linguas.

Na Hollanda a escola industrial de Amsterdam instrue a mocidade feminina em grande numero de trabalhos artisticos, taes como o bordado, a costura, obras de palha, e de cartonagem, escripturação commercial, etc. Em muitas partes da Allemanha observam-se factos analogos. Em Munich um rico fabricante fundou uma excellente escola de ensino commercial e industrial para as raparigas das classes burgueza e operaria. As mulheres que saem desta escola encontram immediatamente emprego nas officinas e casas de commercio.

A Russia admittiu ultimamente nas escolas de medicina as mulheres habilitadas com determinados titulos de capacidade. Logo depois da promulgação desta lei, 400 mulheres se apresentaram como candidatas á frequencia dos estudos medicos.

Pyrotechnia. — O uso dos fogos de artificio data da mais remota antiguidade. Era no meio destas festas, que os patriarchas offereciam os sacrificios á divindade. A arte pyrotechnica foi muito cultivada na Italia. Foi neste paiz, que se inventaram misturas inflamaveis de polvora, com outros ingredientes e machinas especiaes para tornar mais brilhante o effeito da sua combustão. Nas festas de S. João e da Assumpção construiam-se edificios de madeira de muitos metros de altura, adornados de estatuas pintadas, que vomitavam fogo pelos olhos e pela bocca.

Em Roma faziam-se vistosas e soberbas illuminações no castello de Sant'Angelo. Desde esta epocha, a pyrotechnia tornou-se uma arte muito cultivada em todos os paizes, e auxiliada pela architectura, pela esculptura e pintura, é hoje a base dos fogos de artificio e de muitas festas publicas.

Os gregos celebravam grandes illuminações em honra de Minerva, de Vulcano e de Prometheu. A celebre festa de Baccho consistia em uma grande illuminação nocturna, acompanhada de grande profusão de vinho. As fogueiras de S. João, conforme o juizo de alguns auctores, não são outra cousa senão a imitação dos antigos fogos sagrados usados pelos orientaes. Estes fogos de ruidosa alegria eram acompanhados de votos e sacrificios pela prosperidade publica. Era costume dançar á volta das fogueiras, e no fim todos levavam comsigo um tição, que devia ser consumido totalmente pelo fogo, significando que o vento dissipa as cinzas, como o tempo dissipa as desgraças do homem e da familia.

Associação conimbricense do sexo feminino. — O balancete do mez de Março findo, é o seguinte:

Saldo do mez anterior.......	5:602$050
Receita neste mez..........	68$600
	5:670$650
Despeza....................	35$630
Saldo para o mez seguinte....	5:635$020

Noticias de Moçambique—Um nosso patricio e amigo, residente em Moçambique, e pessoa muito competente, nos communica em data de 19 de Janeiro o seguinte:

«Meu caro e sr. Martins de Carvalho.—Morreu o governador Amaral, no dia 14 de Dezembro ultimo. Está por tanto a gerir os negocios da provincia o conselho governativo.

Nomeou este conselho hontem, com toda a justiça, o major de commissão José Maria de Queiroz Abranches, commandante do batalhão de caçadores n.º 1, e ao capitão João Jacintho Correa, que commandava interinamente aquelle corpo, nomeou-o chefe da repartição militar, em substituição do tenente graduado Perry da Camara, que neste paquete segue para a Europa.

A grande questão *Bonga*, creio que deverá continuar na mesma que até aqui. O governador que ha pouco falleceu, apesar de ser um homem altamente activo, intelligente, e pratico em administração, especialmente do ultramar; apesar de ter estudado as circumstancias da Zambezia, nas tres viagens que lá fez, indo na segunda a Tete, aonde esteve alguns dias, e achar-se por tanto em circumstancias de apreciar devidamente as causas d'aquelle estado anormal em um dos pontos mais importantes desta provincia, morreu sem nada levar a effeito, sendo por coincidencia notavel o dia em que morreu, o designado por elle para partir novamente para Quelimane, para fazer a guerra ao *Bonga*, em Fevereiro ou Março.

Todos perguntam como e quando terminara isto? De que maneira, com que elementos? São perguntas simples, mas de difficil resposta, e no entanto é certo que elle, segundo a maioria das pessoas entendidas, não tinha elementos; mas o que ninguem duvida é que elle ia tentar, e quem sabe, talvez acabar essa guerra de egoistas..... E digo isto porque não admitto que o governador Amaral fosse somente confiado na divina Providencia.

Na junta de fazenda está-se liquidando a divida que a fazenda tem. Sei de fonte certa, que já sobe á importante somma de 300 e tantos contos de reis, não contando a divida que em cada um dos districtos ha, que é muito importante.

Os credores da fazenda são os fornecedores—cofre dos defuntos e ausentes—e o cofre dos orfãos.

É facil de ver que uma colonia que tem uma divida destas e que tem um rendimento de 200 contos (talvez), não pode progredir sem auxilio do governo da metropole.

O ultimo orçamento das colonias que se publicou, com data de 30 de Junho de 1870, apresenta 177:179$000 reis de receita, e 187:013$835 reis de despeza, tendo conseguintemente um saldo negativo de 9:834$835 reis.

Não commento:—apresento os factos, baseados em dados officiaes; aprecie quem tem amor pelas nossas cousas coloniaes.

Angola teve um subsidio por mais de 10 annos, de 200 contos nos primeiros annos, para auxiliar a companhia de vapores paquetes:—Moçambique, a quem os inglezes offerecem uma carreira, tocando aqui duas vezes por mez, uma quando segue para o norte e outra para o sul, nem ao menos um insignificante subsidio de 300 libras, que é quanto o agente da companhia aqui residente diz ter pedido á companhia. O resultado é que já falhou duas vezes para o norte, tendo vindo somente com a mala quando vem para o sul. Tem este estado de cousas trazido desarranjo não só ao commercio, mas ao correio, e isto devido á falta de obrigação de parte da companhia para com o governo.

Meu caro e sr. Martins, tomo estas cousas a peito, porque bem o merece qualquer dellas e especialmente a colonia.

Dou-lhe agora noticia do rendimento desta casa fiscal no 1.º semestre do anno economico corrente—Junho a Dezembro de 1873:

Direitos e rendimentos diversos....................	37:389$708
Imposto de 3 e 1 0/0 para obras publicas...............	7:883$338
Total........	45:273$046
Valores importados, exportados e reexportados..........	429:128$046

Eguaes rendimentos em periodo semelhante no anno economico de 1872 a 1873:

Direitos e rendimentos diversos....................	28:614$710
Importancia de 3 e 1 0/0 para obras publicas...........	5:949$978
Total.......	34:564$688
Valores importados, exportados, e reexportados..........	334:706$375

Differença a mais a favor do corrente anno economico:

Direitos e rendimentos diversos....................	8:775$007
Importancia de 3 e 1 0/0 para obras publicas...........	1:933$360
Total.......	10:708$367
Valores importados, exportados e reexportados...........	94:421$671

Hospedes illustres.—A pedido publicamos o seguinte:

«Ainda se acha em Coimbra a exm.ª sr.ª D. Marianna d'Almeida, com sua familia. Esta fidalga é dotada de sentimentos os mais virtuosos, tratando a todos os que tem a honra de lhe fallar, com a maior amabilidade, e delicadeza, deixando a todos penhoradissimos.

Veiu a Coimbra passar alguns dias com seus sobrinhos, irmãos e parentes, os quaes todos se têem esmerado em lhe mostrar a dedicação, que têem por ella, pois é o oraculo de toda a familia, e a quem todos veneram e respeitam.

Em casa de seu sobrinho o exm.º sr. D. João d'Almeida Junior, onde s. ex.ª se acha hospedada, tem havido varias reuniões de familias em honra de sua exm.ª tia. Em casa do exm.º sr. conselheiro vice-reitor da Universidade, tio da esposa do exm.º sr. D. Antonio d'Almeida, irmão da illustre hospeda, houve uma lindissima soirée, sendo bastante concorrida pelas pessoas mais intimas da casa, incluindo neste numero os exm.os bispos eleitos de Macau e do Algarve, havendo n'esse mesmo dia um jantar de familia; tudo em honra da mesma senhora.

Por essa occasião tivemos o gosto de ouvir tocar primorosamente o exm.º sr. Roberto Woodhouse, e cantar magistralmente o exm.º sr. Jorge Veiga, cunhado do exm.º sr. D. João d'Almeida. Passou-se uma noute muito agradavel, sahindo os convidados penhoradissimos pelo tratamento, tanto dos senhores da casa, como da exm.ª sr.ª D. Marianna d'Almeida, suas interessantes filhas e sobrinhas.

Em casa de seus parentes, D. Rita d'Albuquerque, D. Amalia Cabral, e Silverio da Silva, tambem tem havido reuniões de familias em honra da mesma senhora.

S. ex.ª visitou os estabelecimentos da Universidade, acompanhada pelo exm.º conselheiro vice-reitor, mostrando-se muito gostosa de tudo o que viu.

Fazemos votos aos ceus, para que esta illustre senhora honre por muitas vezes esta cidade com a sua presença, pois deixa a todos penhoradissimos, e cheios de saudade.—*R. J.*»

NOTICIAS IMPORTANTES DE HESPANHA

Barcelona 29, á tarde—Os curas Paradres e Flix, entrados em Alforja por traição, fuzilaram o alcaide, o commandante da guarda movel e 26 voluntarios.

O capitão general publica uma ordem do dia em que diz que todo o carlista aprisionado com as armas na mão será fusilado.

O principe Affonso entrou na Catalunha.

Madrid 30, de manhã—A *Gaseta* publica um telegramma de Serrano com data de hontem as 11 e meia horas da manhã, annunciando que a artilheria recomeçou o fogo ao romper do dia.

Os carlistas responderam frouxamente com canhões de calibre doze e outras peças de montanha que produzem pouco effeito. O fogo era sem intensidade. A divisão da vanguarda desceu o monte Lano, reunindo-se ás forças de Laserna na estrada de Muneças para Soputerta.

A divisão de Martinez Campos que ficava á direita da divisão Palacios distribuiu rações em quanto esperava as ordens do general Concha para continuar o movimento.

O tempo tem estado chuvoso e enevoado.

O espirito das tropas é bom.

Depois deste telegramma as communicações com Santander foram interrompidas por causa do mau tempo.

Uma columna de 900 homens bateu um bando carlista de 2:000 homens na provincia de Terragona.

Os bandos reunidos de Valles e Pollo foram batidos no Aragão.

O bando Aznar foi batido na provincia de Albacete.

Madrid 30, ás 10 horas e 3 minutos da noute—Um telegramma do quartel general, de S. Martin, datado d'hoje á 1 hora e 25 minutos da tarde, annuncia que as operações continuavam. O fogo dos carlistas é pouco animado. A divisão Echague ficou hontem em Gueñes.

Corre o boato de que o general carlista Andechaga morreu.

Madrid 30, ás 11 horas e 22 minutos da noute—Os telegrammas de hontem á noite de S. Martin, recebidos hoje ás 2 da tarde, dizem que continua o fogo sem interrupção e que o forte de Aguacero está perdido.

Confirma-se a morte de Andechaga na acção d'hontem em Castro.

O terceiro corpo continúa a avançar. O fogo continuou, especialmente com um canhão de doze.

Uma explosão em uma bateria occasionou algumas desgraças.

As alturas das posições republicanas estão envoltas em densa nebrina. Suspende-se o fogo. A egreja e torre de S. Pedro d'Abanto estão quasi reduzidas a ruinas pelas granadas e artilheria.

Santa Juliana tambem tem soffrido muito.

As baixas dos republicanos são pouco numerosas.

Madrid, 1, á 1 hora e 10 minutos da manhã.—Official. Telegramma de Serrano desta manhã annuncia que os carlistas evacuam as posições de frente e da direita.

As tropas de Letona occuparam os reductos de Sanfuentes, S. Pedro Abanto e Santa Juliana. As tropas occuparam na direita toda a cordilheira de Galdames.

Serrano deu ordens para avançar todo o material na direcção de Portugalete, e pôr-se em contacto com as tropas de Concha e de Laserna.

Urgente—Madrid, ás 2 horas e 30 minutos da tarde.—As tropas carlistas retiram em debandada.

Diz-se nos circulos officiaes que o exercito já está dentro de Bilbau.

Barcelona 1.— Houve um sanguinolento combate perto de Reus. Os carlistas foram batidos.

A entrada do principe D. Affonso na Catalunha é confirmada.

Madrid 1, ás 8 horas e 44 minutos da tarde.—Um telegramma official de Castro Urdiales, de hoje, annuncia que os carlistas abandonaram Portugalete e todas as suas posições.

Madrid, 1, ás 7 horas e 25 minutos da tarde. — Os carlistas abandonam Portugalete. O vapor *Quatro Amigos* vem d'alli e os botes entram com gente.

Todas as posições estão abandonadas pelos carlistas.

Madrid, 1, ás 7 horas e 35 minutos da tarde. — A «Correspondencia de Hespanha» diz que um telegramma annuncia a entrada triumphal de Serrano e Concha em Bilbau, no meio de um enthusiasmo immenso.

Á ULTIMA HORA

Causaram o maior enthusiasmo nos liberaes de Coimbra as noticias recebidas de Hespanha.

Consta-nos que hoje á noute haverá grandes demonstrações de regosijo, tomando a iniciativa n'ellas a mocidade academica.

ANNUNCIOS

1 LUIZ ALBANO, tendo de se retirar de Coimbra para tractar de sua saude, e não podendo despedir-se pessoalmente de seus amigos, como desejava; o faz por este meio, significando a todos a sua gratidão, e offerecendo o seu prestimo em Santa Combadão.

2 QUEM QUIZER comprar paus de pinho para leijões e travessas para corrimões e parreiras, falle com Antonio Palhinha, residente no fundo da rua das Padeiras, que tem para vender uma grande porção d'ellas.

ARRENDAMENTOS

3 NO DOMINGO, 10 de Maio, ás 11 horas da manhã, a junta de parochia da freguezia de Santa Cruz, arrenda pelo tempo de um anno a loja e sotão ao sul da egreja de Santa Cruz; os palheiros na torre; as casas e quintal sitas na rua Direita, antiga residencia do reverendo prior. Declara-se que o arrendamento do quintal principia no S. Miguel.

4 NO DIA 12 de Maio, por 9 horas da manhã, á porta do tribunal judicial, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, hão de ser arrendados em hasta publica os bens do padre José Maria Fresco, penhorados na execução movida por Antonio José Alves Borges e João Matheus dos Santos, desta cidade, contra a herança jacente de Joaquim Antunes, do logar de Ceira. Escrivão interino Manoel Ferreira de Almeida.

5 D. HENRIQUETA AMELIA DA SILVA PINTO, faz publico, que partiu na companhia de seu filho Thomé Benjamim da Silva Pinto, para o Rio de Janeiro, imperio do Brasil, aonde vão estabelecer a sua residencia, na rua do Hospicio, n.º 92, o que servirá de governo ao seu ex-marido Thomé da Silva Baptista, para os devidos effeitos.

Henriqueta Amelia da Silva Pinto.
Thomé Benjamim da Silva Pinto.

NEVE

6 PRINCIPIA a vender-se desde as 3 horas da tarde até ás 10 da noite, ao fundo da rua do Corpo de Deus, n.º 6, 1.º andar, em frente da rua da Calçada, e continuará haver todos os dias á mesma hora.

Tambem se encarrega de encommendas para casas particulares e fóra da terra.

Pinheiros para vender

7 VENDE-SE uma grande porção de pinheiros, muito bons para madeira, etc. proximo da villa de Ançã. Quem os pretender póde fallar com Joaquim da Silva Ramos, da mesma villa, para tractar do seu ajuste.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

8 NO DIA 10 do corrente, pelas 10 horas da manhã, dá-se de arrematação o fornecimento dos seguintes materiaes:

200 vigas de choupo ou de pinho da terra, com 0m,10 d'espessura, e 0m,20 de cutello; variando o comprimento entre 4m,0 e 5m,40.
1:300 taboas de forro, para guarda pó e fasquia
2:500 ripas de pinho.
500 taboas de solho, para andaimes
50 pranchas de pinho de flandres
500 cordas d'esparto, para andaimes
30 milheiros de prego de solho de 9,180 kilgr. cada milheiro
8 milheiros de prego de solho, de 8,062 kilgr. cada milheiro
10 milheiros de prego de encaibar, de 18,360 kilgr. cada milheiro
24 milheiros de prego de barco, grandes, de 18,360 kilgr. cada milheiro
12 milheiros de prego de barco, grandes, de 9,180 kilgr. cada milheiro
8 milheiros de prego de faiscas n.º 7
8 milheiros de prego de faiscas n.º 6
280 kilogram. de prego para madeiramento e vigamento
180 kilogram. de prego d'arame n.º 7

Administração dos hospitaes da Universidade, 1 de Maio de 1874.

O administrador,
Costa Simões.

Attenção

9 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

10 ANTONIO DINIZ DE CARVALHO, rua do Corvo, diz quem dá 200$ reis a juro, dando garantia.

EDITOS DE 10 DIAS

11 NO JUIZO de direito desta comarca da cidade de Coimbra, e pelo cartorio do escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho, correm editos de 10 dias, pelos quaes são citados todos os credores incertos do casal do fallecido Joaquim Alves de Sequeira, de quem foi herdeiro e testamenteiro seu irmão Antonio Alves de Sequeira, do logar do Ameal, para no dito prazo comparecerem com suas preferencias á quantia que se acha em deposito, a qual foi penhorada aos devedores José Simões Parolla, e Manoel Simões Parolla Novo, do logar do Avenal, na execução movida por José Alves Branco Junior e sua mulher, e aquelle como tutor de sua filha menor, Joaquina, ao executado o dito Antonio Alves de Sequeira, todos do Ameal; sob pena de lançamento, e de se passar aos requerentes exequentes supra mencionados, o mandado de levantamento pelo capital, juros e custas, como tudo foi requerido pelos referidos exequentes, e consta dos competentes autos de execução.

Coimbra 30 de Abril de 1874.

12 NO DIA 10 de Maio, á 1 hora da tarde, effectua-se a venda das casas sitas na Calçada, com os n.os 98 a 104, fazendo frente para a Praça de S. Bartholomeu, com os n.os 100 a 102.

Amadeu Fructuoso da Silva Rocha, está auctorisado para a venda das referidas casas.

PARTIDO A CONCURSO

13 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Celorico da Beira, faz publico, que se acha aberto concurso, por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação do presente annuncio no *Diario do Governo*, para provimento do partido de cirurgia d'este municipio, com o ordenado de 600$000 rs. annuaes e pulso captivo.

Os pretendentes, alem dos demais documentos, deverão apresentar as suas cartas passadas pelas escholas medico-cirurgica de Lisboa, Porto ou Coimbra.

Celorico da Beira, 21 d'Abril de 1874.

O vice-presidente,
Daniel Pereira Lopes da Silva.

FIGUEIRA DA FOZ

14 MANOEL NICOLAU D'OLIVEIRA FERNANDES THOMAZ, da villa da Figueira da Foz, annuncia a venda dos seguintes predios, para que qualquer pessoa que os pretenda, se possa dirigir ao annunciante.

Um corredor de marinhas, que se compõe de 45 talhos dobrados, com 2 armazens e mais pertenças, sitas no logar do Oirinho na Morraceira.

Seis geiras de terra lavradia, sitas no campo de Lares e no sitio aonde chamam a—Volta.

O annunciante promptifica-se a esclarecer qualquer duvida que se offereça na realisação destas vendas, para o que se acha habilitado.

15 RICARDO ANTUNES DE MACEDO, largo de Samsão, recebeu para vender, o seu costumado sortimento de presunto de Lamego.



ESTABELECIMENTO D'ALFAIATE

Rua do Infante D Augusto n.º 8 e 10



16 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO JUNIOR, premiado na exposição de Vienna de Austria, e com a medalha de prata na exposição districtal de Coimbra, participa aos seus freguezes e amigos que, alem do bom sortimento que costuma ter, acaba de receber um lindo e variado sortido de fazendas proprias para a presente estação; as quaes vende pelo mais modico preço.

17 PELO JUIZO de direito desta comarca, correm editos de 30 dias, a chamar quaesquer interessados que tenham direito á quantia de 24$205 rs., que se acha em deposito, proveniente do espolio da fallecida Joanna do Souto, viuva, moradora que foi na freguezia de Brasfemes, sob pena de lançamento. É escrivão interino Costa.

Praça de Samsão

18 NO ESTABELECIMENTO de ferragens, tintas, etc., 4 a 8, tambem se venda gesso de Soure e francez, para estuques.

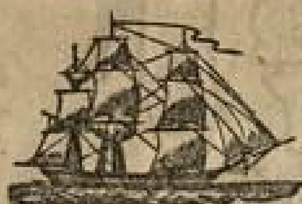
VENDA DE CASAS

19 VENDE-SE uma morada de casas na rua da Sophia, n.os 125, 127, 129, 131.

Na mesma reside a pessoa encarregada da sua venda.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Barca MARIA CAROLINA—18 de Maio.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Attenção

21 QUEM TIVER uma loja na rua dos Sapateiros, que sirva para negocio, e tenha por cima casa para habitar uma pequena familia, ha quem a arrende, do S. João em deante, pagando bom arrendamento.

O arrendatario é bom e familia decente. A quem convier, e tenha casa nas condições acima, queira dirigir carta fechada a esta redacção com as iniciaes—C. R. S.

22 CAVALLO para cavallaria á venda em Monte Mór o Velho.

Bonito, hespanhol, 7 annos, manso, brioso e bem ensinado.

Tracta-se na mesma villa com o sr. Velloso.

DOCTOR IN ABSENTIA

23 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a Mabicos, *rua do Rei*, 46, *em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

24 VINHO VERDE DE BASTOS, e vinho do Alto Douro, consumo para mesa, de magnifica qualidade.

Vinho da Beira, pelo preço como se vende por ahi de outras partes.

Rua das Solas, n.os 12 a 14.

NUMERO 2794 — TERÇA FEIRA 5 DE MAIO DE 1874 — ANNO XXVII



O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O feliz exito alcançado pelo exercito liberal no reino visinho, em cuja luta se via empenhada uma causa, por muitos motivos sympathica á grande maioria do povo portuguez, tem causado em Coimbra verdadeira sensação de jubilo, e motivado expressivas demonstrações de regosijo e enthusiasmo publico.

É que este facto, fez renascer para a desditosa Hespanha uma aurora mais limpida e serena, que não póde deixar de influir mui favoravelmente no restabelecimento da ordem e da prosperidade geral daquella desolada e infeliz nação.

E Portugal, não porque tema já hoje o restabelecimento do velho regimen; mas porque deseja continuar a viver tranquillamente á sombra das instituições modernas, que fundaram o seu progresso em todas as manifestações da actividade publica e particular, firmando a paz e a tranquillidade entre esta grande familia; tem subido empenho na resolução favoravel da causa liberal, que alguns espiritos, levados mais por egoismo de interesses singulares e illegitimos, do que por convicção ou conveniencia de ordem geral, tentam ainda disputar em presença dos factos, que por toda a parte proclamam os salutares principios das novas theorias, como indispensaveis ao desenvolvimento intellectual do homem, ao progresso e ao bem estar moral e material da humanidade.

As modernas gerações, acalentadas ao som vibrante e harmonioso da liberdade; e robustecidas em todas as suas grandezas moraes, pelo influxo salutar das novas ideias, acquiesceram já a esta grande necessidade, imposta pela opinião do mundo civilisado.

O espirito humano não cança; as ideias retemperam-se e refundem-se; as gerações renascem para o progresso, para a civilisação e para a liberdade. Esta não póde deixar de ser a crença unanime dos povos, que desejam reger-se em nome do direito e do dever, da moral e da justiça.

BERNARDO JOSÉ DE ABREU

A reunião de todas as fracções liberaes de Coimbra para se tratar do modo de festejar o dia 8 de Maio, anniversario da entrada do exercito libertador nesta cidade; e a maneira cordata e urbana com que os differentes oradores expozeram os seus pareceres nas sessões celebradas na casa da Associação Commercial; é um facto de muito alcance, porque vem provar que, qualquer que possa ser a maneira de avaliar a administração politica do estado, todos se acham conformes no grande principio fundamental—o amor da liberdade!

Ao mesmo tempo a escolha acertadissima para presidente da assembleia, e da commissão executiva, na pessoa do sr. visconde de S. Jeronymo; é uma resolução com que muito se honra o partido liberal.

Na verdade, em ninguem podia melhor caber a eleição para este cargo, do que no deputado das côrtes liberaes de 1821; no illustradissimo professor da Faculdade de Direito; no liberal, deportado durante o governo de D. Miguel; no membro independente das côrtes de 1853; no zeloso reitor da Universidade em 1859—o sr. conselheiro Basilio Alberto de Sousa Pinto, visconde de S. Jeronymo.

Os partidos politicos ennobrecem-se a si mesmos, quando são justos no seu proceder.

Agora que se trata de festejar o anniversario da restauração de Coimbra, é opportuna a occasião de recordar neste jornal, os relevantissimos serviços prestados por um benemerito cidadão, que vive entre nós, e que em alto grau contribuiu para alcançarmos a liberdade que disfructamos. Parece-nos que ninguem ignora, que queremos fallar no valente general Bernardo José de Abreu.

O partido liberal não se deve esquecer da dedicação dos seus membros mais dilectos e mais illustres.

Em 1809 estudava o sr. Bernardo José de Abreu logica nesta cidade, quando o seu amor da patria o levou a abandonar os estudos, indo assentar praça na Leal Legião Lusitana, mandada organisar por decreto da regencia do reino de 24 de Junho desse anno; e já se achava em Hespanha com a mesma Legião, quando nos dias 27 e 28 de Julho immediato se deu a renhida e sanguinolenta batalha de Talavera de la Reina.

Voltando a Portugal, assiste na classe de cadete á memoravel batalha do Bussaco em 27 de Setembro de 1810.

Na retirada do exercito de Massena, bate-se valentemente o sr. Bernardo José de Abreu em 5 de Maio de 1811, na batalha de Fuentes de Honor, onde é ferido; pelo que foi despachado alferes por distincção. A Leal Legião Lusitana, compunha-se de 3 batalhões, e o sr. Abreu pertencia ao 2.º O marechal Beresford, por ordem do dia de 4 de Maio de 1811, vespera da batalha de Fuentes de Honor, mandou organisar da Leal Legião Lusitana os batalhões de caçadores 7, 8 e 9; e ao batalhão 8 ficou pertencendo o sr. Abreu.

Seguiram-se as differentes phases da guerra, tomando parte o sr. Bernardo José de Abreu na celebre batalha de Victoria no dia 21 de Junho de 1813, e nas mais batalhas até ser expulso completamente o exercito francez do territorio hespanhol; obtendo por isso o ser condecorado com as medalhas da guerra peninsular.

Pelos seus sentimentos liberaes combateu em Traz os Montes contra o conde de Amarante em 1823; e de novo em 1826 e 1827.

Do batalhão de caçadores 8 havia passado o sr. Bernardo José de Abreu para caçadores 7, onde estava no posto de tenente em 1825. Em 9 de Novembro desse anno foi despachado capitão para caçadores 9, mas no anno immediato voltou para caçadores 7.

Quando em Maio de 1828 a cidade do Porto, com a força militar alli existente, se revoltou contra a usurpação de D. Miguel, achava-se o sr. Bernardo José de Abreu em Gouvea, com o batalhão de caçadores 7, no posto de capitão. Ao grito de liberdade, correspondeu o batalhão de caçadores 7, marchando logo na direcção da cidade revolucionada. Antes de chegar ao Porto, recebe o batalhão ordem de se dirigir a Coimbra, onde entra, batendo-se depois no dia 24 de Junho no combate da Cruz dos Morouços contra as forças miguelistas.

Na retirada do exercito liberal, seguiu o sr. Bernardo José de Abreu a sorte dos defensores da Carta e da Rainha, emigrando pela Galliza para a Inglaterra.

Apezar da sorte ter sido adversa á causa liberal no continente do reino; em uma ilha, no meio do Atlantico, se achava arvorada a bandeira da lealdade. Para essa ilha, a Terceira, se dirige o sr. Bernardo José de Abreu.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCX

D. CARLOS

CX

Como se não existisse uma guerra desoladora, havia-se travado entre progressistas e moderados uma luta feroz, e mais sagazes e resolutos os segundos, eram de mais valor os seus trabalhos.

Principiaram por organisar-se, para o que contribuiu grandemente Borrego, publicando para esse effeito *El Correo Nacional*, cujo prospecto foi uma enunciação de systema; e nas *Bases* da organisação politica, propostas e sustentadas por aquelle periodico, se adoptava a constituição de 1837; substituir a soberania do povo com a supremacia parlamentar; desenvolver o principio da nacionalidade; dar auctoridade ao governo e robustecer o throno; autonomia do municipio e restricção á provincia; preparar o futuro e progressivo estabelecimento da tolerancia religiosa, e outras bases de administração e bem publico, dignas de serem aceitadas, e que a serem praticadas, teriam dado gloria aos seus auctores e grandeza á nação.

Voltemos agora a tratar da guerra civil, e principiaremos por noticiar as desintelligencias que havia no campo carlista, e que deram em resultado o assassinato do barbaro conde de Hespanha, pelos seus proprios correligionarios.

Quando falta entre dois poderes a harmonia necessaria, e ambos são fortes, tendem necessariamente a sobrepor-se um ao outro, e a guerra que se declaram é sem tregua. O caracter do celebre e feroz carlista conde de Hespanha, não podia tolerar a junta superior governativa carlista da Catalunha, e esta não queria ver-se tratada como costumava fazel-o o conde, nem que este se apropriasse de todas as attribuições della de uma maneira violenta, e até com *arbitrario despotismo*, como dizia a junta ao descrever tudo o que em desdouro da mesma executava o conde de Hespanha.

E com effeito, não faltava razão aos membros da junta para queixar-se das infinitas violencias que commettia o chefe carlista, já impondo exorbitantes multas aos povos affectos, em razão de retardarem algum tanto o pagamento das contribuições que elle exigia; já maltratando o cura de Berga, porque havia dado, generoso e caritativo, as suas calças a um prisioneiro; já desterrando a centenares de infelizes, que nenhuma falta haviam commettido, sem respeitar classe, condição, nem sexo; já prendendo por mero capricho grande numero de pessoas, sem excluir os carlistas, para exigir-lhes avultadas quantias; já apropriando-se dos cavallos que serviam nas bagagens; depondo a Porredon, porque não cumpria as suas ordens incendiarias, ás quaes tinha grande affeição, fazendo-as executar com crueldade, como succedeu nos arredores de Berga e de Cardona, em Vilanova de Meyá e outros muitos pontos, que ainda recordam com horror os pobres carlistas, a quem não se permittiu nem aproveitar uma telha de suas proprias casas; já administrando justiça por si mesmo da maneira mais despotica e arbitraria, sem permittir defeza aos seus, effectuando assim tropelias sem conto, até com a filha de um coronel graduado, e fuzilando a infelizes, cujo processo dispunha depois.

As pessoas mais dignas da junta se retiraram della; os que ficaram, guiados por D. Bartholomeu Torrebadella, identificaram-se com o conde de Hespanha, nada lhes importando a humilhação que soffriam, até que por fim tambem o não poderam soffrer e determinaram a morte do conde.

Na reunião que celebrou a junta governativa da Catalunha a 17 de Setembro, ja em tempo que tinha havido o convenio de Vergara, e a consequente emigração de D. Carlos para França, de que a seu tempo fallaremos; se resolveu entre outras cousas pedir a demissão do conde, cuja missão levou D. Antonio Espar, e em consequencia disso se deu em Paris esta ordem:

«Primeira secretaria de estado del-rei nosso senhor.—Exm.º sr. Havendo tido el-rei nosso senhor a bem exonerar do commando em chefe do principado, e da presidencia da junta do governo ao tenente general conde de Hespanha, se ha servido nomear para lhe succeder nestes cargos ao marechal de campo D. José Segarra: o que de real ordem participo a v. ex.ª para sua intelligencia e cumprimento na parte que lhe toca: incluindo as duas reaes ordens de exoneração e nomeação, que fará v. ex.ª chegar com segurança aos seus respectivos titulos. Deus guarde, etc.—Paris 18 de Outubro de 1839—Paulino Ramirez de la Piscina—Á junta governativa do principado da Catalunha.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

não obstante o rigor do cruzeiro, e consegue desembarcar naquelle inexpugnavel baluarte no dia 14 de Fevereiro de 1829.

Immediatamente alli organisa uma companhia, com a qual marcha para a Villa da Praia, onde presistiu até que o batalhão de Voluntarios de D. Maria II, vae occupar aquelle posto.

Dissolvida a referida companhia, e organisado o regimento provisorio, para elle foi commandar a segunda companhia de granadeiros; e quando a esquadra miguelista appareceu nas aguas da Terceira, no dia 29 de Julho de 1829, marchou logo o sr. Bernardo José de Abreu com a columna volante, que debaixo das ordens do então major Romão José Soares, depois barão de Cacilhas, prestou valiosos serviços.

O sr. Bernardo José de Abreu distinguiu-se, alem disto, pelo seu zelo, actividade e intelligencia na organisação do batalhão de caçadores 2, para o qual passou no mesmo posto de capitão que tinha.

A regencia da Terceira, para galardoar os seus merecimentos, o nomeou em 15 de Abril de 1830, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, por decreto assignado pelos membros da regencia, marquez de Palmella, conde de Villa Flor e José Antonio Guerreiro, e referendado pelo secretario Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque.

Em Junho de 1832 acompanhou a expedição liberal, desembarcando no dia 8 de Julho nas praias do Mindello.

Logo no reconhecimento de Valongo de 22 desse mez, e na batalha de Ponte Ferreira do dia immediato, se bateu valentemente o sr. Bernardo José de Abreu; pelo que o agraciou o duque de Bragança com o grau de cavalleiro da Torre e Espada.

Na primeira promoção feita no Porto foi elevado ao posto de major; sendo encarregado do importantissimo districto da Foz do Douro, onde prestou serviços constantes, tanto nas obras de fortificação, como na defeza daquella parte da linha.

Entrou em quasi todas as sortidas, sendo ferido na do dia 14 de Novembro de 1832.

Em Junho de 1833 embarcou para o Algarve, na expedição commandada pelo duque da Terceira.

Depois de atravessar aquella provincia e a do Alemtejo, ao chegar ao Valle da Piedade, commandava o sr. Bernardo José de Abreu, a guarda avançada, composta de quatro companhias do seu batalhão de caçadores 2; e no combate com o exercito miguelista, que tinha passado o Tejo, se houve com tanto acerto e bravura, que pouca mais tropa foi necessaria para o vencimento da contenda; tendo nesse dia o seu cavallo morto de bala.

Havendo sido aniquilada a cavallaria miguelista, tomou o sr. Bernardo José de Abreu tres peças de artilheria; e abrindo caminho atravez de grandes massas de infanteria e cavallaria inimiga, conseguiu chegar ao caes de Cacilhas, onde foi morto o famoso general miguelista, Joaquim Telles Jordão, com o que se concluiu o vencimento da batalha; seguindo-se no dia 24 a feliz entrada em Lisboa do exercito expedicionario.

Nos dias 10 e 11 de Outubro do mesmo anno de 1833, saindo de Lisboa o exercito liberal, e achando-se neste ultimo dia, junto ao sol posto, o sr. Bernardo José de Abreu na linha de atiradores, foi gravemente ferido. E pela bravura com que se bateu nesta occasião, o nomeou o duque de Bragança, official da Torre e Espada.

Na batalha de Almoster, do dia 18 de Fevereiro de 1834, distinguiu-se por tal modo o sr. Bernardo José de Abreu, que mereceu ser elogiado pelo marechal Saldanha no mesmo campo de batalha; sendo alem disso agraciado pelo duque de Bragança com a commenda de S. Bento de Aviz.

O merito do sr. Bernardo José de Abreu foi sempre reconhecido, tanto pelo duque de Bragança, como pela rainha D. Maria II.

Em 10 de Setembro de 1844 foi-lhe concedida a carta de conselho; e em 15 de Julho de 1847 foi elevado a commendador da ordem da Torre Espada. E até a rainha Isabel de Hespanha o distinguiu em 8 de Outubro do mesmo anno de 1847 com a commenda da real ordem de Isabel a Catholica.

Foi seguindo todos os postos, até á alta graduação em que se acha. Coronel em 2 de Julho de 1843. Brigadeiro effectivo em 22 de Dezembro de 1851. Marechal de campo em 12 de Outubro de 1857. E' finalmente reformado em tenente general em 15 de Janeiro de 1861.

Eis em ligeiras palavras quaes os serviços e a graduação do valente militar e dedicado liberal, o sr. Bernardo José de Abreu que ha annos reside em a nossa boa cidade de Coimbra. E' pelos admiraveis esforços deste e outros illustres portuguezes, que podemos hoje viver tranquillos á sombra da frondosa arvore da liberdade.

Se ha individuos, que, por motivos, e para fins demasiado transparentes, pretendem occultar, e até mesmo negar, os relevantes serviços de muitos cidadãos benemeritos á causa da liberdade; não havemos de ser nós, que contribuamos para lançar essa nodoa no partido, de que somos um dos membros mais obscuros, mas não o menos convicto.

Joaquim Martins de Carvalho.

A commissão executiva, eleita em assembleia do partido liberal de Coimbra, no dia 29 d'Abril ultimo, para dirigir as demonstrações de regosijo, com que a mesma assembleia deliberou solemnisar o fausto anniversario do dia 8 de Maio de 1834, convida por este meio todos os cidadãos liberaes deste municipio para cooperarem na realisação de tão patriotico pensamento.

E especialmente os convida para no dia 7 do corrente, ás nove horas da manhã, assistirem, no templo de Santa Cruz, a uma missa resada pela eterna paz de todos aquelles que pereceram victimas das nossas discordias politicas; e no dia 8, na Sé Cathedral, a um solemne *Te-Deum* em acção de graças pelo estabelecimento definitivo das instituições liberaes em Portugal.

A commissão, conscia dos elevados sentimentos liberaes dos habitantes do antigo e notavel municipio de Coimbra, abstem-se de fazer convites individuaes, confiando plenamente em que todos concorrerão com a maior espontaneidade áquellas solemnidades religiosas, e se hão de esmerar em promover e realisar manifestações dignas do feliz acontecimento, que o partido liberal solemnisa em um dia de tão gratas e enthusiasticas recordações para esta cidade.

Coimbra 4 de Maio de 1874.

Visconde de S. Jeronymo, presidente
Miguel Osorio Cabral de Castro
Visconde de Monte-São
Lourenço d'Almeida e Azevedo
João José de Mendonça Cortez
Fernando Augusto de Andrade Pimentel e Mello
Cesario Augusto d'Azevedo Pereira
Raymundo Venancio Rodrigues
Antonio dos Santos Pereira Jardim
Manoel dos Santos Junior
José Libertador Magalhães Ferraz
José de Figueiredo Pinto
Abilio Roque de Sá Barreto
Abilio da Costa Torres
Sebastião de Magalhães Lima
Olympio Nicolau Ruy Fernandes
Manoel Emygdio Garcia, secretario
José Joaquim Fernandes Vaz, secretario.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 3 de Maio de 1874.

Para não faltar a esta missão que me impuz *ex-officio*, é preciso que lhe escreva, apesar de nenhumas novidades politicas haver.

—Propalou-se ha dias o boato de haver alteração no gabinete. É infundada a noticia, e unicamente se diz que será preenchida definitivamente a pasta da marinha.

—Por ordem do respectivo ministro está-se procedendo ao collecionamento das informações precisas, a fim de se crearem convenientemente as novas comarcas. Foram expedidas portarias circulares aos governadores civis, ao procurador da corôa, aos delegados nas differentes comarcas, e aos presidentes das relações, a fim de que estes magistrados ouçam os seus subordinados com relação á circumscripção e divisão das comarcas. Isto quer dizer que o sr. Barjona de Freitas, não procede levianamente sobre tão importante assumpto, e que deseja conciliar os interesses e a commodidade dos povos, com a mais perfeita e rasoavel administração da justiça.

—Vão ter a nomeação de pares os srs. Cau da Costa, José de Vasconcellos, almirante Graça, Chamiço, Lobo d'Avila, e Carlos Santos.

—Abriu-se hontem a exposição de vinhos em Londres. Um telegramma recebido aqui hontem diz que Portugal foi dignamente representado.

—Mais uma acção meritoria praticada por el-rei. Dei-lhe em tempo noticia de incendio do theatro de Luiz, em Belem. Os pobres artistas ficaram reduzidos á miseria. S. M., porém, offereceu ao emprezario uma casa sita na calçada d'Ajuda, para alli se darem algumas recitas, mandando distribuir, alem d'isso, algum dinheiro aos artistas. Não são para encarecimento estas acções, porque a philantropia e a caridade incarnaram no animo dos principes, cuja saudosa mãe os educara a primor nos principios religiosos e liberaes.

—Tenho á vista a tabella da distribuição da despeza para o exercicio de 1873-1874. Percorrendo-a, vejo no artigo 8.º, com o titulo *camara dos pares*, e sob as secções 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª, que se gasta a importante verba de 27:715$992 reis annuaes. E quer saber em que? Ha alli um director geral, com o ordenado annual de 1:200$000 reis, que nada faz. Isto é o ordenado liquido, porque alem disso tem casa, criados, agua, luz, *et cætera*.

Mas demos de barato isto. Ha alli uma infinidade de empregados, e o serviço custa a fazer. Ha 1 porteiro da sala com 500$000 reis; 3 continuos de sala a 300$000 reis; 3 continuos de galerias a 216$000 reis; 2 guardas portões a 300$000 reis; e 3 serventes a 180$000 reis. É um luxo faustuoso, e diz-me um empregado que não ha quem faça o serviço. Se passarmos daqui á secção tachygraphica, vemos um director geral com 1:200$ reis, que nada dirige; 3 primeiros tachygraphos a 700$000 reis cada um; 2 segundos tachygraphos a 600$000 reis cada um; 3 aspirantes, a 400$000 reis cada um; 1 redactor com 700$000 reis; 2 amanuenses a 400$000 reis; 1 primeiro official com 700$ reis, 1 amanuense com 300$000 reis; 2 praticantes a 300$000 reis; 1 ajudante do porteiro (!) com 400$000 reis; 1 primeiro tachygrapho com 700$000 reis; 2 segundos aspirantes a 300$000 reis; 2 praticantes a 200$000 reis; 1 amanuense com 400$000 reis; 2 continuos de 1.ª classe a 300$000 reis; 4 continuos de 2.ª classe a 216$000 reis; 3 serventes a 180$000 reis; 2 amanuenses a 100$000 reis; 2 correios a 50$ reis; 2 aspirantes tachygraphos a 80$000 reis; 1 continuo com 50$000 reis; e 2 correios a 50$000 reis!

E sabe o meu amigo o que faz toda esta *troupe*? Absolutamente cousa nenhuma, a excepção dos continuos de sala, dos correios, e de dois ou tres tachygraphos, que tomam os apontamentos das sessões. Depois, ha a circumstancia muito para se attender de que toda esta gente trabalha tres mezes no anno e recebe doze. E aqui tem o meu amigo porque se dispende a importante verba de 27:715$992 reis com os empregados da camara dos pares, verba, que, diminuindo o pessoal, poderia ficar reduzida a metade.

E isto tem existido sempre assim. Nem o reverendo bispo de Vizeu, o homem das economias fallazes, que reduziu a folha official á mais parva magreza.... o homem que cerceou alguns vintens áquelles que trabalham de sol a sol... o homem que queria que as capilhas pertencentes aos typographos da imprensa nacional fizessem parte da receita do thesouro... nem o proprio bispo olhou para este luxo de empregados superiores, que se observa na camara dos pares.

Que faz o director geral? Que faz o redactor das sessões? Que fazem os dois primeiros tachygraphos? Que fazem dois praticantes? Que faz um ajudante de porteiro? Por Deus, meus amigos, isto não é fazer politica. É apenas pedir a quem compete, que lance vistas piedosas para aquella casa, remunerando bem quem trabalha, e cortando os ordenados superfluos e desmesurados que vencem certos figurões, com a intelligencia precisa unicamente... para os receberem. Heide fallar-lhe da camara dos deputados. Numa carta escripta á pressa não se pode tratar de tudo por uma vez.

—O sr. governador civil tomou algumas providencias com relação ao gado que vem para o campo de Sant'Anna. Hontem houve disturbios, porque o gado saiu das Marnotas ás 11 horas da noite, seguindo em direcção ao campo de Sant'Anna. Muita gente, como de costume, que o foi esperar, ficou....

—Parte amanhã para Paris o sr. Mendes Leal.

—Diz-se que está já escolhido o terreno em que hade traçar-se o ramal do caminho de ferro da Covilhã. Parte do caminho de ferro da Beira Baixa, em frente de Idanha a Nova, entra pelas margens do Ponsul, segue pela Portella de Vallongo, atravessa a Momoa, e em seguida o Zezere em frente da Covilhã.

—Publicou-se ha tempos um livro raro. É a *Historia breve de Coimbra*, editada por Amaro de Seixas, e Graça Ramalhete, e annotado por aquelle incançavel investigador de antiguidades, que nós conhecemos, Antonio Francisco Barata, que deve á indefessa vontade com quem tem estudado, o nome de que goza na nossa litteratura. A edição é nitida, como todas as feitas na imprensa Nacional. Consta-me que da edição, que foi de dois mil exemplares, apenas restam 500. É um volumesinho que todos devem possuir, e muito mais ainda, e em especial os habitantes de Coimbra.

—Está hoje um dia tempestuoso.

—Casou hontem uma filha do fallecido advogado Bruschy com o sr. Gustavo Henrique Godfoy, filho do negociante do mesmo nome.

—Temos hoje 12 divertimentos a escolher. É o que vale a esta população de Lisboa, que se esquece dos miasmas que a infetam, morrendo... divertindo-se.

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

A Invicta Bilbau!—Depois de ser levantado o terceiro cerco de Bilbau, pelo general Espartero, em a noute de Natal de 1836; decretou a rainha governadora em 3 de Janeiro de 1837—que a villa de Bilbau juntasse o titulo de *Invicta* aos que já tinha de *Mui Nobre* e *Mui Leal*.

Passados 37 annos, offereceu-se agora a occasião de mostrar a heroica villa, que sabe manter o titulo que lhe fora dado.

Honra á *Invicta* Bilbau!

Mais foi então concedido o tratamento de *Excellencia* á camara de Bilbau, e o de *Senhoria* a cada um dos seus membros—o uso da insignia da ordem militar de S. Fernando á bandeira de todos os batalhões da sua guarnição e milicia nacional—a todos os seus defensores o uso de uma cruz, com a legenda: *Defendeu a invicta Bilbau no seu terceiro cerco*: 1836—e aos officiaes e soldados do exercito libertador a mesma cruz, com a legenda: *Salvou a Bilbau*.

Alem disso as côrtes, na sua sessão de 14 do mesmo mez de Janeiro, declararam, no meio de grande enthusiasmo, que os defensores de Bilbau em geral, e as tropas de mar e terra, tanto hespanholas, como inglezas, que haviam feito levantar o sitio daquella praça, tinham *bem merecido da nação hespanhola*.

Resolveram as mesmas côrtes, que se reconstruissem á custa da nação os edificios destruidos pelos carlistas—que se dessem pensões ás viuvas, orphãos, paes e irmãos dos seus defensores fallecidos— e que em Bilbau se levantasse um monumento que recordasse á posteridade o valor e patriotismo de seus habitantes, nos tres cercos que haviam sustentado.

E finalmente, o presidente, em nome das côrtes, escreveu cartas de felicitação á *Mui Nobre, Mui Leal* e *Invicta* villa de Bilbau; ao general D. Baldomero Espartero; e ao commandante da marinha auxiliar Ingleza, Lord John Hay.

Fez-se logo um hymno da libertação de Bilbau, que se tornou tão popular, que não só se cantava em toda a Hespanha, mas em todo o reino de Portugal. Como talvez já hoje muito poucas pessoas se lembrem desse enthusiastico hymno, que tantas vezes se cantou nas ruas de Coimbra, aqui damos os seus primeiros versos:

En el dia y la noche más cruda
Que se ha visto en el siglo presente,
Nuestro ejército bravo y valiente
En la lid demostró su valor.

Con la nieve, granizo y ventisca
Y las balas que á un tiempo silbaban,
Los sufridos guerreros luchaban
Con bravura y patriótico ardor.

Coro

Imitad, españoles valientes,
El teson de Espartero en la lid,
Y el valor del ejército libre,
Guerra, guerra, vencer ó morir.

Festejos—No dia 7 do corrente ha espectaculo de gala no theatro de D. Luiz I, fazendo parte da recita uma nova comedia, num acto, intitulada—*Lutas civis*—escripta a proposito daquelle dia, a acção da qual se passa num arrebalde de Coimbra em 1834.

Sabemos que o theatro estará devidamente decorado, e que pela sociedade do mesmo será convidada a commissão dos festejos populares.

—No dia 8 será descoberto o novo letreiro da praça—**8 de Maio**,—antigo largo de Samsão. Consta-nos que este acto será feito com solemnidade ás 10 horas da manhã.

Ao meio dia será cantado um solemne *Te-Deum* na sé cathedral, officiando o exm.º bispo da diocese, segundo ouvimos dizer.

Consta-nos que a illustre camara municipal deste concelho deferiu o requerimento que lhe fizeram dois cidadãos, para que a praça de S. Bartholomeu passe a denominar-se —**Praça do Commercio.**—Estimamos que assim succedesse, visto que a praça de S. Bartholomeu tem hoje condições mui differentes das de outr'ora.

Os embellezamentos alli realisados tornaram aquelle local um dos mais aprazíveis de Coimbra; alem de que ha alli importantes casas commerciaes, ha a caixa filial do Banco de Vianna, agencia de outros bancos, etc. Em todas as terras importantes tem o commercio uma praça com esta denominação; e a classe commercial de Coimbra recebe por esta forma uma prova de deferencia, pela qual a felicitamos.

Sessão solemne. — Pelo aviso, que publicamos, vemos que a Associação dos Artistas effectua no dia 8 a sua sessão solemne anniversaria, e inaugura a sua bibliotheca. Pugnámos neste jornal activamente para que a associação realisasse a fundação da bibliotheca, convictos de que se opéra um grande melhoramento publico, que desejamos ver aproveitado devidamente por aquelles que tanta utilidade pódem tirar da instrucção. Fazemos votos por que a bibliotheca dos artistas, produza seus beneficos resultados.

Festividade na Sé Velha. — A que todos os annos costuma realisar-se naquelle venerando templo, pela respectiva irmandade, será este anno feita com toda a pompa, havendo tambem demonstrações externas de regosijo por aquella solemnidade. Tambem já estão collocadas as imagens que a irmandade obteve do extincto collegio de S. Bento.

Para obter meios para estas despezas extraordinarias, foi nomeada uma commissão composta dos irmãos os srs. Agostinho Rodrigues de Andrade, Antonio Augusto da Paixão, José Antonio Vieira da Fonseca, José Baptista, Manoel Teixeira, e João Maria dos Reis; devendo ser auxiliada pelos procuradores os srs. Francisco José Paulo e Antonio Maria Cardoso.

Festejos em Soure. — Não é só em Coimbra que se trata de festejos; tambem a villa de Soure se prepara para festejar o dia 9 de Maio, que foi aquelle em que no anno de 1834 se libertou do governo miguelista.

Acha-se já organisada uma commissão, composta de varios cavalheiros da villa; e tudo se dispõe alli para solemnisar alegremente tão fausto dia.

Manifestação.—Um nosso particular amigo nos communica do Porto o seguinte:

«Porto 4 de Maio de 1874.—Hontem pelo principio da tarde começaram a espalhar-se supplementos dos diversos jornaes da cidade, noticiando todos a entrada das tropas liberaes hespanholas em Portugalete, e em Bilbau.

Era grande a satisfação, com que os portuenses communicavam uns aos outros tão grata noticia; apertavam-se as mãos em demonstração de tão grande resultado, e desde logo começou uma demonstração espontanea, que em pouco tempo se engrandeceu a ponto de apparecerem pelas ruas as musicas tocando o hymno da Carta, e subirem ao ar numerosas girandolas de foguetes. Foi uma manifestação imponente e seria, no meio da maior tranquillidade e regosijo, que durou algumas horas.

No Porto existem ainda muitos habitantes, que se lembram de antigos soffrimentos pela sua adhesão á causa da liberdade, pela qual combateram durante o memoravel cerco em 1832 e 1833, os quaes não podiam ser indifferentes á sorte de seus irmãos em Bilbau.—Parabens a todos os liberaes.»

Despachos.—O sr. José Pereira Maduro foi promovido á propriedade da cadeira de Pereira, concelho de Monte Mór o Velho.

Egualmente a sr.ª Anna Carmelina Guia foi promovida á propriedade da escola de meninas de Condeixa á Nova; e a sr.ª Emilia Augusta Olympia da Costa, á da villa de Soure.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Miguel, filho de Felicidade de Jesus, natural de Coimbra, de 8 mezes, fallecido no dia 25 de Abril.

Sophia da Costa Camões, filha de José Ferreira Camões e de Maria Julia da Costa, natural de Coimbra, de 11 mezes e 2 dias, fallecida no dia 25.

Manoel Luiz Torreiro, filho de Joaquim Luiz e de Rosa de Ascensão, natural de Penacova, de 40 annos, fallecido no dia 25.

José Maria Antunes da Silva, filho de Antonio Antunes da Silva e de Maria da Piedade, natural de Coimbra, de 24 annos, fallecido no dia 26.

Jacome Luiz Sarmento de Vasconcellos e Castro, filho de José Antonio Sarmento e de Antonia Ludovina Amalia, natural de Paradinha, de 60 annos, fallecido no dia 26.

José Maria da Silva, filho de Joaquim da Silva e de Joaquina dos Santos, natural de Coimbra, de 4 annos e meio, fallecido no dia 26.

Luiza da Conceição, filha de José Ferreira Fontes e de Maria Barbara, natural de Poiares, de 36 annos, fallecida no dia 29.

Maria da Conceição, natural de Santo André de Poiares, de 75 annos, fallecida no dia 1 de Maio.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:460.

Methodo Ollendorff. — Os editores do Porto, os srs. Magalhães & Moniz, obsequiaram-nos com um exemplar do primeiro tomo do—*Methodo para aprender a ler, fallar e escrever a lingua franceza em seis mezes, pelo Dr. H. G. Ollendorff, arranjado para uso dos portuguezes por F. Adolpho Coelho.*

As vantagens do *methodo Ollendorff* são tão incontestaveis, que muito bom serviço prestaram os srs. Magalhães & Moniz, em o vulgarisar entre nós. E do arranjo deste methodo, com applicação aos portuguezes, é uma segura garantia a escolha que fizeram na pessoa do sr. F. Adolpho Coelho, já muito conhecido por trabalhos de identica natureza.

Superstições curiosas. — Em algumas partes da Allemanha costumam as raparigas na noite do Natal collocar sobre um altar algumas cebolas, tendo primeiramente inscripto sobre cada uma d'ellas o nome de um rapaz. O nome escripto na cebola que primeiro germina, é o do noivo que o ceu destina áquella, que usou deste processo para advinhar o futuro.

Em Portugal, e especialmente nas provincias do Minho e da Beira tambem ha muitos prejuisos singulares e extravagantes. Apontemos apenas alguns. O pio do mocho annuncia morte. O uivar do cão é signal de desgraça. Quando se varre a casa, não se deve lançar o cisco para a rua, porque a fortuna segue o mesmo caminho. Se com uma luz na mão se bebe agua, entram os *espiritos* no corpo. Queijo feito em dia de Ascensão serve de remedio para as sesões.

São tambem tanto ou mais curiosos que na Allemanha os estratagemas que usam as raparigas portuguezas, para saber se um casamento projectado se ha de effectuar, se o amante é fiel ou não, e com qual dos namorados vem a realisar-se o casamento. Outra vez fallaremos d'estes extravagantes costumes.

Bebida popular na Russia. — O povo da Russia usa de uma bebida, fabricada com varias plantas hortenses, em que se misturam gengibre, pimenta e mel, fervendo tudo na agua. Este liquido tem a côr de chá, e nas ruas de S. Petersburgo, de Moscow e de outras cidades vende-se quente, tendo extraordinario consumo. E' uma bebida tonica e excitante, que convém muito aos camponezes e operarios, que pelas suas profissões tem de supportar ao ar livre, frio intenso e muita chuva. Parece averiguado, que o chá da India não foi conhecido na Russia senão no meiado do seculo 17; hoje porém o seu consumo é geral, principalmente depois que se tem facilitado as relações commerciaes com a China.

A Monarchia—Satisfazendo ao pedido que nos faz o exm.º sr. barão de Louredo, inserimos em seguida o prospecto do jornal a *Monarchia*, que se publica no Rio de Janeiro:

«Mais um operario humilde vem aggregar-se aos que trabalham na grande officina da imprensa; mais um soldado cheio de dedicação, senão de forças, vem incorporar-se na phalange do jornalismo.

A sociedade de hoje diversifica da das passadas eras; o povo já se não contenta com satisfazer a fome e a sêde do corpo; subiu mais alto, e aponta para a sua fome e sêde da alma; pede o ensino, a instrucção, a eschola, a bibliotheca, o jornal.

O jornal, sim, que resume em parte, e em parte substitue aquell'outros subsidios; que retrata o incessante e rapido caminhar das sociedades modernas; que vive num dia o que outrora se vivia num seculo; que espalha essa vida ás mãos cheias; que educa, doutrina, expõe, narra, discute, ora, préga, instrue e delicia; que numa só voz condensa as vozes das multidões; que em trevas lança crepusculos, e em crepusculos ondas de luz; que tem força para de faiscas fazer rebentar incendios, e tambem ás vezes para abafar labaredas ameaçadoras; que evangelisa os grandes principios, premia acções, instiga aos grandes commettimentos; que serve de palco onde vemos em acção os dramas, as tragedias e as farças da humanidade; que representa a bandeira dos tempos que atravessamos; porta-voz dos seculos dos vindouros, pagina escripta dia a dia nos annaes das nações; pagina onde cada vulto fica insculpido em letras de ouro, prata, ferro.... ou lodo. São sem termo os dominios do jornal; hoje a *politica* seu mais importante senhorio, mais molle, mais escabroso é o terreno, mais perigoso o exemplo, mais rara a franqueza, mais difficil a imparcialidade, mais penosa a firmeza, mais exigente a consciencia. Tem o jornalista de avaliar primeiro *quid valeant humeri*, de que forças dispõe: comprehende elle a sua missão? saberá guiar a opinião, illustral-a? será cavalleiro coberto de fidalga armadura, e não sicario brandindo a adaga talhante da mentira, da injuria e da calumnia?

Antes de nos arremeçarmos á arena, interrogámos o nosso espirito: respondemos que a sciencia era pouca, mas a lealdade muita; e porque pensamos que a boa intenção é mãe da boa obra, entrámos nessa arena fiados no concurso de pennas illustradas, e na indulgencia de benevolos leitores.

Filhos do nosso tempo, habitantes da religião americana, queremos muito á liberdade, mas á nobre, á progressiva, á intelligente, á fecunda, á verdadeira; e por isso odiamos a licença infrene, a anarchia. Aborrecemos por egual o despotismo, de cima para baixo, como de baixo para cima: entre duas tyrannias, a que desce e a que sobe, hesitariamos em escolher, se a tyrannia anonyma não fosse ainda mais feroz, mais cega, mais nescia, mais aniquiladora, mais irresponsavel, e mais abominanda.

Queremos a monarchia para termos a liberdade: não a liberdade para a monarchia, mas a monarchia com a liberdade, a monarchia pela liberdade.

Onde as republicas triumpharam um dia, esse dia foi sempre de assolação e dessolação. Em parte alguma essas instituições serviram para fundar, que o *simoum* só serve para destruir. Sua duração é sempre ephemera, turbulenta, desconfiada, e sóe acabar pela exaltação de um despota, após a luta dos muitos despotas. Nessa fórma de governo, a corrupção invade os costumes politicos, privados e domesticos; arena aberta de um Vesuvio, bramante sempre, sempre minaz, e que vomita quando menos se espera, chammas e lavas, cuja torrente leva ao longe o terror e a morte.

É a monarchia illustrada e hereditaria, a mais util das instituições. Não se dão nella as periodicas perturbações na eleição do chefe supremo; não se ensanguenta, agita, atraza um paiz, em quadra vertiginosa: são impossiveis as ambições, por mais que existam sofregas, audazes, torvas, insaciaveis; dá-se a um Estado centro natural, unidade, vigor, convergindo tudo para um unico intuito, o engrandecimento do paiz e a publica felicidade; as boas acções têem um incentivo, um premio, onde as honras gozam de prestigio; prepetuam-se as tradições de ordem e de governo, ficando sempre o mesmo ao timão: uniformisam-se entre si e sympathisam as sociedades, que em parte nenhuma acreditam que haja em outra forma de reger os povos, conveniencia, paz, nem estabilidade. Só na realeza, fortemente constituida, ha penhor de ordem, porque só ella pode girar na esphera elevada a que os partidos não chegam; só ella, embora delegada de uma nação, pode ser exterior e superior ás fracções e facções que nas camadas inferiores redomoinham. Organisada devidamente a possante e complicada machina estabelecida entre o povo e o soberano, os poderes effectivos, com orbitas prefixas, só nas monarchias se pode contar com paz, ordem progresso e verdadeira liberdade.

E porque os tempos vão maus para estes saudaveis principios, importa ter a força de sentil-os, e a coragem de proclamal-os. Já se vê portanto que a nossa mente acompanha todos os espiritos rectos e patrioticos, que na actual forma de governo, nesta terra acham os elementos de publica ventura; e diligenciaremos conter-nos nos limites com que, unicos, a imprensa se honra. Consideramos do dominio da discussão os actos publicos dos homens que por elles tem de responder ao paiz; as acções particulares serão sempre á nossa vista encobertas pelo mais espesso véo. Nos casos em que a censura nos parecer devida, só irá ate onde ella possa corrigir, sem ultrapassar as raias da decencia, nem converter a observação em injuria. As emulações, sim, porque são fecundas, excital-as-hemos; mas o pranto, poderemos limpal-o, mas provocal-o nunca; se acaso formos forçados á severidade, nunca o seremos á insolencia.

Para o povo temos affectos, nunca lisonja.

Para o rei nunca lisonja; só respeito e verdade.

Impetraremos justiça ao vermos desmandos; em caso algum invocaremos a rebellião, pois que a nossa fórma de governo para todos os males tem remedio.

Se elevarmos virilmente a voz, será dirigindo-nos á razão publica ou particular; serão porem inimigos nossos os amigos de sangue.

Taes são as nossas aspirações; praza aos ceus possamos convertel-as em obras, que essas obras seriam então publicos beneficios.

Na empreza patriotica a que nos abalançamos, pedimos aos bons sympathias e coadjuvação; em tão pacifica e honrada terra, fiamos que nos não hãode faltar.

Condições da assignatura

Por um anno.......... 20$000
(Pagamento adiantado)

Os srs. assignantes deste anno recebem *gratis* os numeros anteriormente publicados.

As remessas da importancia da assignatura devem ser enviadas pelo correio em carta registrada, *sempre com valor declarado*.

Escriptorio da redacção do jornal a—*Monarchia*, rua da Alfandega, n.º 157, sobrado—Rio de Janeiro.

De v. ex.ª venerador e criado affectuoso—*J. A. Pereira Guimarães*.

NOTICIAS IMPORTANTES DE HESPANHA

Madrid, 3, ás 9 horas e 50 minutos da manhã. — A *Gazeta* confirma as noticias de hontem, e publica telegrammas de Santander as 6 horas e 35 minutos da tarde, dizendo que um telegramma do commandante militar de Castro annuncia a entrada das tropas em Bilbau. O capitão general de Burgos annuncia que se apresentaram 24 carlistas pedindo amnistia; tambem se apresentaram 120 na Castella Nova.

A *Gazeta* publica numerosos telegrammas felicitando o governo por a victoria alcançada no norte contra os carlistas; tambem publica um decreto datado de S. Martin, em 25 de Abril, chamando ao serviço militar todos os moços de 19 annos completos em 31 de Dezembro ultimo.

Hontem á noite Madrid illuminou toda para celebrar a victoria do norte.

O ex-deputado intransigente Santa Maria foi preso e conduzido para a prisão militar.

O general Jovellar chegou a Madrid; um novo edital do capitão general de Barcellona torna extensivas a todas as localidades as providencias tomadas a respeito dos carlistas de Alforja.

Hontem, depois da cerimonia da commemoração de 2 de Maio, a camara municipal foi felicitar Zabala pela victoria do norte, rogando que transmittisse a Serrano e ao exercito as felicitações. Zabala agradeceu, declarando que não tinha interesse nem opinião politica no logar que occupa, e a sua unica aspiração era reunir os recursos necessarios para vencer todas as facções armadas e restabelecer a paz no paiz.

Serrano entrou hoje em Bilbau. As tropas do terceiro corpo entraram em Bilbau hontem ás 5 e meia da tarde. Os carlistas do norte, em debandada, parece que se dirigem para Amezcuas por Guipuzcoa.

Conforme diz a *Iberia*, pensa-se em occupar militarmente as provincias vascongadas e a Navarra, e crear um exercito de operações para percorrer todo o territorio até á completa destruição das guerrilhas carlistas.

Desde hontem que o telegrapho está restabelecido até Portugalete.

Madrid, 3, ás 11 horas e 45 minutos da tarde. — Os governos de Inglaterra, França e Portugal felicitaram o governo de Madrid, pelos recentes triumphos obtidos sobre os carlistas.

Continuam-se recebendo numerosas e enthusiasticas felicitações das auctoridades e corporações provinciaes.

ANNUNCIOS

Associação dos Artistas de Coimbra

1 SEXTA FEIRA, 8 do corrente, pelas nove horas da noite, terá logar a sessão solemne anniversaria, e a inauguração da bibliotheca da Associação, havendo um sarau litterario.

A mesa convida por este meio, todas as pessoas que costumam honrar a Associação em taes actos, inclusivè os seus illustres socios honorarios e o digno conselho escholar; pedindo-lhes respeitosa desculpa de usar deste meio, pelo qual tambem avisa os socios effectivos para que compareçam.

Coimbra, 5 de Maio de 1874.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

PIANO

2 COMPRA-SE um de mesa em bom uso. Quem tiver, querendo-o vender, dê parte na rua do Visconde da Luz, n.° 93 a 95.

EDITAL

Dr. Fernando Augusto d'Andrade Pimentel de Mello, lente cathedratico da Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra, presidente da camara municipal da mesma cidade.

Faço saber que, tendo sido auctorisada por alvará do exm.° sr. governador civil deste districto do dia de hoje, a mudança do nome do antigo—LARGO DE SAMSÃO—para o de—PRAÇA 8 DE MAIO—em commemoração da gloriosa entrada do exercito liberal nesta cidade no dia 8 de Maio de 1834; a Camara Municipal, desejando inaugurar esta mudança com a solemnidade digna do fausto acontecimento que recorda, deliberou que a inauguração tivesse logar no dia 8 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, e por este meio convida todas as pessoas, que desejarem assistir a este acto, a reunirem-se nos paços do concelho no referido dia e hora.

E para constar se passou o presente e outros.

Coimbra, Secretaria da Municipalidade, 5 de Maio de 1874.

Fernando Augusto de Andrade Pimentel de Mello.

Pinheiros para vender

4 VENDE-SE uma grande porção de pinheiros, muito bons para madeira, etc., proximo da villa de Ançã. Quem os pretender póde fallar com Joaquim da Silva Ramos, da mesma villa, para tractar do seu ajuste.

5 VINHO VERDE DE BASTOS, e vinho do Alto Douro, consumo para mesa, de magnifica qualidade.

Vinho da Beira, pelo preço como se vende por ahi de outras partes.

Rua das Solas, n.os 12 a 14.

6 UMA PESSOA com mais de 40 annos, deseja empregar-se, como governante, em qualquer casa de familia capaz.

Dá as melhores abonações.

Para esclarecimentos carta a esta redacção com as iniciaes J. M. P. D.

7 ANTONIO DINIZ DE CARVALHO, rua do Corvo, diz quem dá 200$ reis a juro, dando garantia.

FIGUEIRA DA FOZ

8 MANOEL NICOLAU D'OLIVEIRA FERNANDES THOMAZ, da villa da Figueira da Foz, annuncia a venda dos seguintes predios, para que qualquer pessoa que os pretenda, se possa dirigir ao annunciante.

Um corredor de marinhas, que se compõe de 45 talhos dobrados, com 2 armazens e mais pertenças, sitas no logar do Oirinho na Morraceira.

Seis geiras de terra lavradia, sitas no campo de Lares e no sitio aonde chamam a—Volta.

O annunciante promptifica-se a esclarecer qualquer duvida que se offereça na realisação destas vendas, para o que se acha habilitado.

Pinheiros e cortiça

9 GONÇALO TELLO vende 10:000 pinheiros proprios para construcções de mar e de terra; tambem vende a cortiça de mais de 4:000 sovereiros das suas matas de Samuel, a uma legua da estação de Soure, e pouco mais da barra da Figueira da Foz: dirigir a sua casa na Vinha da Rainha, concelho de Soure.

Attenção

10 JOÃO, DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.



ESTABELECIMENTO D'ALFAIATE

Rua do Infante D. Augusto n.° 8 e 10



11 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO JUNIOR, premiado na exposição de Vienna de Austria, e com a medalha de prata na exposição districtal de Coimbra, participa aos seus freguezes e amigos que, alem do bom sortimento que costuma ter, acaba de receber um lindo e variado sortido de fazendas proprias para a presente estação; as quaes vende pelo mais modico preço.

VENDA DE BOTICA EM ANÇÃ

12 QUEM QUIZER comprar uma botica em Ançã, dirija-se a seu dono Joaquim da Silva Ramos, do mesmo logar.

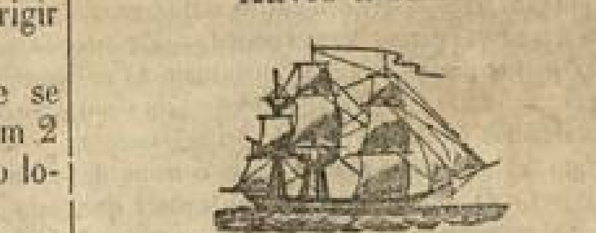
13 CAVALLO para cavallaria á venda em Monte Mór o Velho.

Bonito, hespanhol, 7 annos, manso, brioso e bem ensinado.

Tracta-se na mesma villa com o sr. Velloso.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Barca MARIA CAROLINA—18 de Maio.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.° 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

14 A COMPANHIA geral de credito predial portuguez, convida os possuidores de obrigações prediaes e de obrigações ao portador, que queiram receber os juros em Coimbra, a irem a casa do sr. Antonio José Alves Borges, na rua do Visconde da Luz, entregar no dia 1 de Junho proximo as relações e *coupons*, para os effeitos convenientes.

DOCTOR IN ABSENTIA

15 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua de Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

16 NO DIA 10 do corrente, pelas 10 horas da manhã, dá-se de arrematação o fornecimento dos seguintes materiaes:

200 vigas de choupo ou de pinho da terra, com 0m,10 d'espessura, e 0m,20 de cutello; variando o comprimento entre 4m,0 e 5m,40.

1:300 taboas de forro, para guarda pó e fasquia

2:500 ripas de pinho.

500 taboas de solho, para andaimes

50 pranchas de pinho de flandres

500 cordas d'esparto, para andaimes

30 milheiros de prego de solho de 9,180 kilgr. cada milheiro

8 milheiros de prego de solho, de 8,062 kilgr. cada milheiro

10 milheiros de prego de encaibar, de 18,360 kilgr. cada milheiro

24 milheiros de prego de barco, grandes, de 18,360 kilgr. cada milheiro

12 milheiros de prego de barco, grandes, de 9,180 kilgr. cada milheiro

8 milheiros de prego de faiscas n.° 7

8 milheiros de prego de faiscas n.° 6

280 kilogram. de prego para madeiramento e vigamento

180 kilogram. de prego d'arame n.° 7

Administração dos hospitaes da Universidade, 1 de Maio de 1874.

O administrador,

Costa Simões.

O examinador de instrucção primaria

17 COLLECÇÃO de perguntas sobre todas as materias de instrucção primaria. Qualquer estudante que percorrendo este questionario souber responder ás perguntas que elle contém, nada deve receiar pela sua approvação no exame dos lyceus. A' venda na livraria Pereira, rua Augusta, 50 e 52, em Lisboa No Porto e em Coimbra, nas principaes livrarias. Preço 160 rs.

A QUEM CONVIER, ANNUNCIA-SE

18 RICARDO JOSE' SOARES ROMEU, agente do Banco Commercial de Vianna, estabelecido em Villa Nova de Cerveira, recebe e paga toda e qualquer quantia que pelas referidas agencias do mesmo banco sejam transmittidas.

19 POSSIDONIO DA SILVA E ABILIO FERREIRA, já têem aberto o seu estabelecimento de esculptura e ornamentos, onde se fazem mausoleus de varios gostos. A officina é no Caes Novo.

NUMERO 2795 — SABBADO 9 DE MAIO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA 8 DE MAIO

Ha na organisação politica das nações, factos tão extraordinariamente grandiosos, pela natureza dos seus resultados, que o recordal-os, é reaccender nos corações patrioticos o fogo do enthusiasmo, essa manifestação expontanea dos nobres sentimentos que nascem d'alma.

Estes factos são no regimen dos povos, o marco miliario do progresso das ideias; são o estandarte de gloria, levantado no campo do dever, em honra dos que trabalham pela causa da regeneração social; são um estimulo á pratica de novos feitos generosos, neste vasto convivio de fraternaes impulsos, a que a communidade de interesses muitas vezes nos chama, em nome da justiça, do direito e da dignidade humana.

Quarenta annos volveram já, depois que o triumpho, alcançado pelas ideias liberaes, assegurou a estes reinos uma epocha de paz e prosperidade. E revive ainda cada vez mais brilhante a memoria dos prodigios operados nesta santa causa, *alma lux*, que veiu fertilisar o terreno onde brotam as ideias grandes, com as suas flores, que enebriam o espirito e dulcificam os costumes; com os seus fructos, que alimentam e robustecem o corpo da vida social.

Respeitar as convicções de cada um; enxugar as lagrimas santas da viuvez e da orfandade; consolar os infelizes, recordando-lhes um dia memoravel em a nossa historia moderna; é tambem um preceito que nos ensina este credo politico.

Não ha entre as nossas alegrias de familia, recriminações para ninguem: saudamos o despertar de uma luz, que a todos illumina; o raiar de um sol, que a todos aquece.

Solemnisar por esta forma um successo memorando, que nos veiu assegurar a paz e a tranquillidade no presente, o progresso e a felicidade no futuro; e ao mesmo tempo recordar um dia festivo para o lar domestico, para as doces consolações de muitas familias, que, depois das saudades de uma longa e penosa ausencia, poderam apertar ao peito os mais caros affectos da sua alma; é ainda um rigoroso dever de gratidão.

Commemoremos, pois, em expansões de jubilo as epochas mais notaveis em que a liberdade, proclamada sobre as ruinas do antigo regimen, arvorou o seu estandarte de victoria, firmando os verdadeiros principios da justiça humana, e abrindo uma nova escola de ideias e de principios, que, sem transcenderem os justos limites da prudencia e da moderação, da razão illustrada, encerram em si todos os elementos das mais nobres aspirações dos sentimentos publicos.

ANTHERO D'ARAUJO PINTO.

O DIA 8 DE MAIO

O extraordinario enthusiasmo com que foi festejado o 40.° anniversario da entrada do exercito libertador em Coimbra, faz-nos recordar dos primeiros annos depois de 1834, em que esta cidade, tendo ainda bem presente a recordação do faustissimo dia 8 de Maio daquelle anno, celebrava com um enthusiasmo indescriptivel o seu anniversario.

E' que o amor da liberdade não amorteceu, antes cada vez mais se exalta neste bom povo de Coimbra.

No dia 7, pelas 9 horas da manhã, celebrou-se na egreja de Santa Cruz, uma missa por alma de todas as victimas das nossas discordias politicas. Foi celebrante o sr. Dr. Manoel de Oliveira Chaves e Castro, lente de Direito.

A este acto religioso assistiu um numeroso concurso de pessoas de todas as classes.

A' noute houve espectaculo de gala no theatro de D. Luiz. O theatro estava muito bem ornado. Foi grande a concorrencia de expectadores, entre os quaes reinou muito enthusiasmo, sendo os vivas calorosamente correspondidos.

Na mesma noute houve pelas ruas da cidade uma grande manifestação de academicos, levando á sua frente uma orchestra, e subindo ao ar muitos foguetes.

No dia 8, de madrugada, tocaram a alvorada em differentes pontos da cidade, as duas philarmonicas *Boa União* e *Conimbricense*. Ao mesmo tempo grande numero de foguetes e de morteiros, annunciavam aos conimbricenses, que era chegado o dia anniversario da sua libertação.

A's 10 horas da manhã procedeu-se á inauguração da PRAÇA 8 DE MAIO.

As janellas daquelle local achavam-se vistosamente ornadas de cobertores. Uma grande multidão de povo aguardava o acto festivo; e egualmente alli se achava fazendo a guarda de honra, a força de cavallaria e caçadores.

Saiu dos paços municipaes a vereação, com o sr. governador civil, membros da commissão executiva dos festejos, conselho de districto, e um numeroso concurso de cidadãos, que haviam sido convidados para assistir a esta solemnidade.

Chegando ao cunhal do antigo mosteiro de Santa Cruz, onde se achava o primeiro letreiro da nova praça, foi afastada a cortina que o encobria pelo sr. visconde de Villa Mendo, governador civil; e dirigindo-se o mesmo prestito ao cunhal das casas do sr. João Lopes de Sousa, ao fundo da rua do Visconde da Luz, onde estava o segundo letreiro, foi a cortina afastada pelo presidente da commissão executiva, o sr. visconde de S. Jeronymo.

Por essa occasião tocaram o hymno da Carta as philarmonicas *Boa União* e *Conimbricense*, e subiram ao ar numerosos foguetes.

Voltando a vereação com o mesmo acompanhamento, aos paços municipaes, ahi, na grande sala das suas sessões, que estava cheia de um numeroso concurso de cidadãos, recitou o sr. presidente da camara a seguinte allocução:

Ha 40 annos, em egual dia ao de hoje, mandava a municipalidade de Coimbra entregar por uma deputação as chaves da cidade ao bravo duque da Terceira, para que elle as recebesse em nome da rainha a senhora D. Maria II, reconhecida e acclamada pela mesma municipalidade na tarde do dia antecedente.

A mesma hora em que nos achamos hoje aqui reunidos desfilavam em frente destes paços, hoje municipaes, e então habitados pelos conegos regrantes de Santa Cruz, as tropas liberaes que vinham garantir a liberdade aos habitantes desta cidade, e assegurar-lhes os direitos por que tantos dos seus habitantes tinham combatido e com o sangue dos quaes estava provada a fé com que haviam jurado libertar a sua patria do jugo do despotismo.

Commemorar este dia, mostrar ás gerações futuras que não nos esquecem os feitos heroicos dos nossos antepassados, e que hoje como então é inabalavel a nossa crença liberal, que reunidos debaixo d'uma só bandeira guardamos intactos os foros que nos conquistaram, é o unico fim das festas e regosijos com que hoje se celebra nesta nossa cidade este dia tão memoravel.

Não ha odios para ninguem, não se pretende rasgar feridas que por ventura o tempo ainda não tenha completamente cicatrisado. A liberdade fez-se para todos, é de todos e para todos como o sol que nos allumia.

A commissão nomeada pelo partido liberal para levar a execução os festejos com que esse partido tinha deliberado solemnisar este dia, pediu á camara municipal que intercedesse para com a auctoridade superior do districto, a fim de que esta determinasse que o largo de Samsão, onde primeiro tinham parado as tropas liberaes ao entrar nesta cidade no sempre memoravel dia 8 de Maio de 1834, e onde antes disso estivera exposta a cabeça do martyr da liberdade Victorio Telles de Medeiros e Vasconcellos, erguida sobre um poste para sustentar os horrores do despotismo, se ficasse chamando d'ora avante — **Praça 8 de Maio**—em commemoração daquelle dia que será sempre de glorioso enthusiasmo para os habitantes desta cidade.

A vereação a que tenho a honra de presidir accedeu jubilosa a este tão justo pedido, e unindo os seus votos aos da commissão, teve a felicidade de encontrar no digno magistrado superior do districto a mais prompta e enthusiastica annuencia.

É para a inauguração desta mudança que vós fostes convidados, senhores, e o bom acolhimento que teve esse convite, se é grato e honroso para esta vereação, é primeiro do que tudo mais uma prova dos vossos sentimentos liberaes.

Se é singello o monumento que levantamos ao primeiro feito da nossa vida constitucional desta cidade, é grande na idea, e servirá para que as gerações futuras, se não esqueçam d'uma data que deve ser immorredoura para todos os liberaes de Coimbra.

Em seguida foi lido o seguinte officio da commissão executiva dos festejos:

Illm.° exm.° sr.—A commissão executiva, encarregada de promover e dirigir as demonstrações, com que deve solemnisar-se no presente anno o fausto anniversario da entrada das forças liberaes nesta cidade, no sempre memoravel dia 8 de Maio de 1834, desejando que a recordação de tão feliz acontecimento se avivente e perpetue no animo de todos os conimbricenses, e quotidianamente se renove em cada pagina da vida dos povos deste municipio, julga interpretar fielmente os sentimentos de todo o partido liberal de Coimbra, rogando a v. ex.a e á exm.a camara municipal a que dignamente preside, hajam por bem tomar a iniciativa e empregar os meios legaes e competentes para que d'ora avante se fique denominando — **Praça 8 de Maio** — o actual largo de Samsão, onde em ominosa epocha a cabeça do infeliz martyr Victorio Telles, erguida sobre um poste, estivera por muito tempo recordando os horrores do despotismo, e atravez da qual naquelle glorioso dia desfilaram ovantes, e no meio dos applausos e jubilos da multidão, as heroicas companhias do exercito libertador.

Converter-se-ia por esta forma em festiva memoria de liberdade o local que a tyrannia escolhera para brutal ostentação de intolerancia e de terror, e levantar-se-ia ao enthusiastico dia 8 de Maio de 1834 um monumento imperecedouro, fundado na pratica quotidiana e no uso commum, e por elles transmittido indefectivelmente ás gerações futuras.

Esperam por isso os abaixo assignados, que a illustrada vereação do municipio de Coimbra, compenetrada dos patrioticos sentimentos da commissão, em nome da qual têem a honra de se lhe dirigir, se dignará acceder ao indicado pedido, e se empenhará na prompta realisação de tão significativo pensamento.

Deus guarde a v. ex.a Coimbra 3 de Maio de 1874.

Illm.° exm.° sr. presidente da camara municipal de Coimbra.

O presidente da commissão—*Visconde de S. Jeronymo.*

O secretario—*Manoel Emygdio Garcia.*

O secretario—*José Joaquim Fernandes Vaz.*

Depois procedeu-se á leitura do seguinte alvará:

Antonio de Gouvea Osorio, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, Fidalgo cavalleiro da casa real, do conselho de Sua Magestade, visconde de Villa Mendo e governador civil do districto de Coimbra.

Tendo em consideração o que me representou a camara municipal da cidade de Coimbra, pedindo, que o nome do largo denominado de Samsão fosse substituido pelo de Praça 8 de Maio, para por esta forma se commemorar a entrada do exercito libertador nesta cidade, que teve logar em egual dia do anno de 1834;

Constando-me outrosim por participação da mesma camara, que egual pedido fôra feito perante ella pela benemerita commissão, que tomou a seu cargo promover, que se festejasse solemnemente um dia de tão gloriosas recordações;

Considerando, que o pedido da camara municipal, que tão dignamente representa o municipio conimbricense, e o dos honrados e prestantes cidadãos, que animados de sentimentos liberaes e patrioticos formaram com tão louvavel intuito a alludida commissão, merece a todos os respeitos ser attendido, por isso que tende a perpetuar a memoria de um acontecimento, que deve ser grato a todos os conimbricenses, porque n'aquelle dia teve logar um dos feitos gloriosos das campanhas liberaes, e a restauração nesta cidade da dynastia constitucional e da liberdade:

Usando da faculdade que as leis me conferem, tenho por conveniente determinar, que o largo chamado de Samsão, no bairro baixo da cidade de Coimbra, se fique d'ora avante denominando=**Praça 8 de Maio.**

E para chegar ao conhecimento de todos mandei passar o presente alvará, que será tansmittido á camara municipal de Coimbra para sua intelligencia e devidos effeitos, e a que se dará a competente publicidade.

Dado e sellado neste governo civil de Coimbra aos 5 de Maio de 1874.—*Visconde de Villa Mendo.*

E lida a acta respectiva, foi assignada pelas pessoas presentes.

Ao meio dia houve na sé cathedral um solemne *Te Deum*, em que officiou o exm.º sr. bispo conde. A musica era do sr. conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro.

A este acto religioso assistiu o corpo cathedratico da Universidade, a camara municipal, todas as auctoridades, os empregados das differentes repartições publicas, e um numerosissimo concurso de cidadãos de todas as classes.

No fim do *Te Deum*, o destacamento de caçadores, que, com o destacamento de cavallaria, se achava no largo da Feira, fazendo a guarda de honra, deu as descargas do estillo, tocando ao mesmo tempo as philarmonicas *Boa União* e *Conimbricense* o hymno da Carta.

Depois que a camara municipal saiu do templo da sé, a fim de se dirigir para o bairro baixo, houve uma imponente manifestação popular.

Tanto a academia, como o povo da cidade, acompanharam a camara por todas as ruas do transito, dando calorosos e enthusiasticos vivas.

As ruas da Calçada, do Visconde da Luz, e praça **8 de Maio** achavam-se ornadas de cobertores, e alem disso a rua do Visconde da Luz estava vistosamente embandeirada.

A noute illuminou-se a cidade tão geralmente, como ha muitos annos se não presenceava entre nós.

Na praça **8 de Maio** via-se illuminado a gaz um elegante obelisco, commemorando o dia anniversario da entrada do exercito libertador em Coimbra.

Um grande concurso de academicos, levando á sua frente a philarmonica *Conimbricense*, percorreu as principaes ruas da cidade, entoando enthusiasticos vivas, dirigindo-se especialmente a casa do sr. visconde de S. Jeronymo.

———

Agora, meia noute, acabamos de sair da vasta sala da Associação dos Artistas, altamente impressionados pelo grandioso espectaculo a que assistimos!

Lamentamos não ter tempo, nem espaço para poder aqui dizer tudo o que sentimos!

Que admiravel manifestação dos principios liberaes! Que magnifica expressão da vontade e das crenças populares!

Só diremos que é uma das mais brilhantes e imponentes reuniões que tem havido em Coimbra.

Presidiu interinamente o digno par do reino, Miguel Osorio Cabral, que recitou um apropriado improviso; seguindo-se depois na presidencia o sr. visconde de S. Jeronymo.

O sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, presidente da Associação dos Artistas, fez uma rapida exposição dos favores que a mesma sociedade tem recebido, para a fundação da sua bibliotheca; e aproveitou a occasião para alli agradecer a todos os cavalheiros, que a tem coadjuvado.

Em seguida offereceu os diplomas de socios honorarios aos srs. visconde de S. Jeronymo, Miguel Osorio Cabral, Dr. José Joaquim Fernandes Vaz, Dr. Fernando Augusto de Andrade Pimentel e Mello, e bacharel José Maria Pereira Coutinho; a cada um dos quaes dirigiu expressões dignas dos seus merecimentos.

Fallaram depois os srs. Dr. Manoel Emygdio Garcia, lente da Faculdade de Direito; Dr. Manoel Pereira Dias, lente da Faculdade de Medicina; e o academico do 4.º anno de Direito, o sr. Sebastião de Magalhães Lima.

Não achamos palavras para exprimir o enthusiasmo causado em todas as numerosissimas pessoas, que enchiam aquella grande sala, com os discursos destes oradores. O que alli se passou, pode mais sentir-se do que descrever-se.

A popularissima e sympathica poetisa a ex.ma sr.ª D. Amelia Janny, recitou a sua mimosa poesia—*Liberdade*—pelo que foi calorosamente applaudida.

O sr. visconde de S. Jeronymo leu uma conceituosa e elegante allocução; e terminada ella, levantou o sr. Dr. Manoel Emygdio Garcia um viva ao unico deputado existente das liberaes côrtes de 1820, ao illustre professor da Faculdade de Direito, ao auctor do primeiro projecto sobre a liberdade de imprensa que houve em Portugal, o sr. visconde de S. Jeronymo.

É indescriptivel o enthusiasmo com que este viva foi correspondido! Parecia não terem fim as demonstrações!

Ainda outros vivas foram levantados pelo srs. Dr. Manoel Pereira Dias e Magalhães Lima.

Assim findou esta reunião, que deixará por muito tempo gratas recordações aos que nella tomaram parte!

———

A commissão executiva não se limitou só a festejos. Deu uma quantia para melhorar o rancho á fôrça militar existente nesta cidade, e outra para o jantar aos presos.

Egualmente uma delegação da commissão foi hontem entregar donativos pecuniarios, destinados a 33 familias, cujos chefes padeceram pela causa liberal.

E o sr. Dr. Francisco Pereira Torres Coelho, lente de Mathematica, encarregou esta redacção de entregar a quantia de 10$000 reis ao sr. José Maria Fafe, livreiro, victima do governo de D. Miguel, em differentes cadêas do reino, e ultimamente em Almeida.

———

Remataremos esta rapida noticia, que nos vemos obrigados a resumir, para poder ter cabimento a segunda parte, que publicamos em seguida, dando sinceros parabens á commissão executiva pelo excellente resultado dos seus trabalhos.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

COIMBRA LIBERTADA

Auto da acclamação de Sua Magestade Fidelissima a Senhora D. Maria II, Rainha de Portugal e dos Algarves, etc.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1834, aos 7 dias do mez de Maio, as 6 horas da tarde do dito dia e anno, nesta cidade de Coimbra e casa da camara d'ella, sendo presidente o vereador mais velho o Dr. José Joaquim da Costa Pacheco servindo de Juiz de Fóra do civel, e mais vereadores, procurador geral e misteres da camara; ahi foi acclamada a Senhora D. Maria II como Rainha de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa etc., com geral satisfação e enthusiasmo não só dos membros da mesma camara, mas de toda a cidade, de cujos sentimentos estão sabedores os mesmos habitantes da cidade e camara, o que fazem levar a presença de v. ex.ª pela pessoa do procurador geral da mesma camara, acompanhado pelo guarda da mesma camara, e levador das chaves da cidade, para v. ex.ª se dignar de leval-o á presença de Sua Magestade.—Coimbra em camara do dito dia e hora. E eu Antonio Luiz Ligeiro, escrivão da camara o escrevi e assignei— *Pacheco— Costa — Dr. Barbosa*, procurador geral—*Varão—Oliveira —Antonio Luiz Ligeiro.*

Advertencia—Este auto diz-se feito no dia 7 de Maio de 1834, ás 6 horas de tarde.

Se elle não foi lavrado no dia 8, com antidata, é difficil de explicar.

No dia 7 estavam em Coimbra os generaes Osorio e José Cardoso, com todo o exercito miguelista; e só á noute é que se começou a espalhar a noticia de que se retiravam da cidade.

Como era que o auto da camara podia ser feito, com geral satisfação e enthusiasmo dos habitantes, na presença do exercito inimigo?—MARTINS DE CARVALHO.

———

O EXERCITO LIBERTADOR EM COIMBRA

Illm.º e exm.º sr. — Depois que dirigi a v. ex.ª o meu ultimo officio, marchei de Tondella sobre Mortagua, que o inimigo evacuou á minha vista, e a minha cavallaria, seguindo-o na estrada de Botão, lhe fez ainda alguns prisioneiros.

No dia seguinte vim pernoutar á Mealhada, que achei já evacuada pelas forças, que do sul do Douro em frente do Porto, se tinham retirado por alli; hoje finalmente marchei sobre Coimbra, que achei evacuada pelo inimigo, que se retirou esta noute, dizem os paizanos que seguindo, uns a estrada de Pruche, e outros a de Condeixa.

A cidade recebeu as tropas da rainha com grande enthusiasmo. Tem-se-me apresentado muitos officiaes e praças de differentes corpos; cairam em nosso poder o trem aqui estabelecido pelos rebeldes, com um grande deposito de munições de guerra. De tudo enviarei a v. ex.ª relações circumstanciadas, e regulares.

Deus guarde a v. ex.ª Quartel general em Coimbra, 8 de Maio de 1834.—Illm.º e exm.º sr. *Agostinho José Freire— Duque da Terceira.*

———

Illm.º e exm.º sr.—Pelo Porto dirigi a v. ex.ª a participação da minha entrada em Coimbra, evacuada pelo inimigo na madrugada de hontem, e narrando-lhe a minha marcha desde Tondella até esta cidade, onde as tropas da Rainha foram recebidas com o mais vivo enthusiasmo.

Procurei immediatamente recolher noticias, e agora acabo de saber que o almirante desembarcou na Figueira, e achou alli a vanguarda do coronel Vasconcellos, e isto por carta do mesmo almirante, em que elle me pede lhe diga o que deve fazer. Respondi-lhe que deixasse alli uma guarnição sufficiente; e estando em communicação com o coronel Vasconcellos, vou seguir as minhas operações, logo que receba as precisas informações da situação do inimigo.

Esta é dirigida a v. ex.ª por via da Figueira, e espero em pouco tempo que a communicação directa entre Lisboa e Porto se achará desembaraçada.

Deus guarde a v. ex.ª— Quartel general em Coimbra, 9 de Maio de 1834.— Illm.º e exm.º sr. *Agostinho José Freire— Duque da Terceira.*

———

Segundo auto de acclamação e juramento de fidelidade prestado á augusta Senhora D. Maria II, Rainha de Portugal, dos Algarves d'aquem, e d'alem mar em Africa, etc.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1834 annos, aos 9 dias do mez de Maio do dito anno, nesta cidade de Coimbra, e casa da camara d'ella, aonde por convocação da mesma se achavam reunidos os membros que a compõem, clero, nobreza, e povo, se accordou, que como o auto feito aos 7 dias do dito mez, ás 6 horas da tarde, de acclamação da mesma senhora, tinha sido feito entre o governo inimigo, que ainda occupava esta cidade, e que por isso se não podia convocar os tres estados do clero, nobreza e povo; porem, que sabendo esta camara, que a geral vontade de todos os seus habitantes era a mesma que reinava no coração delles membros, procederam ao dito auto, e delle foram entregar a copia por mão do procurador da mesma ao exm.º sr. duque da Terceira, na madrugada do dia 8, com bastante susto, que o mesmo fosse cassado pelas vedetas do inimigo, que ainda occupava todos estes pontos e suburbios da cidade; por isso se deliberou agora no regaço da paz o seguinte:

Que tendo o exm.º duque da Terceira occupado esta cidade com o exercito restaurador, poupando todos os males que a esta cidade podiam vexar e arruinar, reintegrando o governo de Sua Magestade a Rainha; era dever sagrado o desempenho e ratificação do juramento prestado ao paternal governo da mesma augusta senhora; e que por este auto declaravam nullo e illegitimo o juramento prestado ao antecedente governo, que desde o anno de 1828 tinha absorvido o poder, devendo por isso trancar-se os autos lavrados por essa occasião.

E para constar se lavrou o presente, que todos assignaram; e determinaram que mui respeitosamente se apresentasse ao mesmo exm.º duque, com a expressão do mais profundo reconhecimento, com que se dignou offerecer aos seus habitantes o modello tocante de um encarregado, digno de desempenhar as sublimes virtudes da magnanima Rainha, que o ceu, na sua clemencia nos concedeu. De que fiz este auto, Antonio Luiz Ligeiro, escrivão secretario da camara, que o escrevi e assignei.—*José Joaquim da Costa Pacheco—Antonio Correia da Costa—Dr. José Joaquim Barbosa—Francisco de Paula Pereira de Oliveira*—O procurador geral, *José Manoel da Costa Varão—Antonio Luiz Ligeiro.*

(Seguem-se 225 assignaturas dos principaes habitantes de Coimbra).

———

Illm.º e exm.º sr.—Em o meu ultimo officio dei conta a v. ex.ª da minha entrada em Coimbra no dia 8 do corrente, e da evacuação precipitada desta cidade pelo inimigo, que a começou pelas tres horas da madrugada, precipitação que attribuo a ter o inimigo noticia naquelle momento do movimento executado pelo general Rodil sobre a Ponte da Mucella, movimento que este general comigo tinha concordado na entrevista que com elle tive em Mangualde; não podendo eu deixar neste momento de expressar a v. ex.ª para conhecimento de Sua Magestade Imperial, o quanto penhorado estou da maneira franca por que este general se tem havido comigo, e do interesse vehemente que tem tomado pelo progresso das nossas operações, para o qual por certo mui efficazmente tem contribuido.

Inclusas achará v. ex.ª neste officio as relações do consideravel material de guerra abandonado pelo inimigo nesta cidade, e bem assim a relação dos officiaes de primeira e segunda linha que aqui se me tem apresentado, com o numero de praças de pret apresentadas, não podendo estas ultimas ser ainda exactas, porque ainda neste tempo se estão apresentando, e segundo as noticias que tenho recolhido, a força que se retirou daqui vae em uma desmoralisação e dissolução quasi completa.

Hoje tive uma conferencia com o general Rodil no Senhor da Serra, onde conviemos dos movimentos ulteriores que temos a executar; do mesmo modo prescrevi hontem ao tenente coronel Vasconcellos a marcha que mais conviria que elle fizesse, e amanhã vou começar a minha, para me aproximar sempre do inimigo.

Achando-se franca a communicação directa com Lisboa, por ella envio o Conde de Rio Maior, official ás minhas ordens, e portador deste.

Deus guarde a v. ex.ª— Quartel general em Coimbra, 10 de Maio de 1834—Illm.º e exm.º sr. *Agostinho José Freire— Duque da Terceira.*

SECRETARIA DOS NEGOCIOS DO REINO

Manda Sua Magestade Imperial o DUQUE DE BRAGANÇA, Regente em nome da RAINHA,

participar á Commissão Municipal da cidade de Coimbra, que viu com muita satisfação o auto, que á sua augusta presença dirigira o interino Juiz de Fóra, e em que se contem a expressão dos sentimentos de fidelidade dos habitantes daquella cidade, e de adhesão á Carta Constitucional da Monarchia, bem como o reconhecimento livre e solemne da auctoridade legitima: Sua Magestade Imperial nunca duvidou de que só a violencia, a força, e as auctoridades de um governo iniquo continham aquelles povos, nascidos no seio das lettras, na sujeição ao usurpador, e esperou sempre, que, logo que podessem, haviam subtrahir-se ao dominio feroz de uma facção, que pelo ferro e pela hypocrisia os conteve a custo sob seu dominio.

Sua Magestade Imperial confia que mui breve o flagello da guerra civil vae acabar em Portugal, e que então os habitantes de Coimbra, em commum com todos os Portuguezes, vivendo á sombra de um governo representativo e justo, hãode no seio da paz reparar os males que sobre elles fez pesar a usurpação.—Palacio do Ramalhão, 14 de Maio de 1834.—*Bento Pereira do Carmo.*

———

Foi presente ao DUQUE DE BRAGANÇA, regente em nome da RAINHA, a conta de Luiz Manoel Soares, datada de 11 do corrente, participando as demonstrações de jubilo, que houve na cidade de Coimbra, logo que no dia 8 do dito mez, se restaurou alli o legitimo governo da RAINHA, sua augusta filha. Estando Sua Magestade Imperial bem certo dos fieis e honrados sentimentos dos subditos da mesma senhora, e que logo que podessem respirar livres do governo usurpador, os haviam de manifestar com o maior fervor, assim o manda communicar ao dito Luiz Manoel Soares para lh'o fazer constar: e tambem que foi servido nomear o Dr. José Alexandre de Campos para Vice-Reitor da Universidade. Palacio das Necessidades em 17 de Maio de 1834.—*Bento Pereira do Carmo.*

———

Merecendo a minha particular consideração José Narciso de Almeida e Amaral, tanto por seus serviços ultimamente prestados na carreira da magistratura, como pelos soffrimentos que experimentara em consequencia de sua extremada fidelidade á legitima auctoridade de minha augusta filha, e aos principios em que é firmado o seu governo; tendo sido obrigado a emigrar com a ruina absoluta de seu patrimonio, para se evadir ao jugo feroz da usurpação: hei por bem, em nome da Rainha, nomeal-o sub perfeito da comarca de Coimbra. Palacio das Necessidades, em 21 de Maio de 1834.— D. PEDRO, DUQUE DE BRAGANÇA.—*Bento Pereira do Carmo.*

SECRETARIA DOS NEGOCIOS DA JUSTIÇA

Foi presente a Sua Magestade Imperial o DUQUE DE BRAGANÇA regente em nome da RAINHA, a conta do Juiz de Fóra interino da cidade de Coimbra, em data de 12 do corrente, dando parte de que os leaes habitantes daquella cidade, logo que se viram livres das forças dos rebeldes, acclamaram com o maior enthusiasmo, o governo legitimo: e manda o mesmo augusto senhor, participar ao referido Juiz de Fóra interino—que espera que os dignos habitantes da dita cidade, continuem a dar provas dos sentimentos que os animam a favor da liberdade da patria; e que convem que elle Juiz de Fóra se conserve no logar para que foi nomeado pelo marechal do exercito duque da Terceira, em quanto Sua Magestade Imperial não ha por bem dar outras providencias a tal respeito. Paço do Ramalhão em 14 de Maio de 1834— *Joaquim Antonio de Aguiar.*

———

Constando ao duque de Bragança, regente em nome da RAINHA, que o bispo de Coimbra D. Fr. Joaquim da Nazareth, coherente com os principios de infidelidade que manifestou durante o desgraçado periodo da usurpação, se ausentou e seus familiares com a tropa rebelde, despojando o paço de todas as alfaias, preciosidades, e ornamentos, por modo altamente escandaloso: ordena o mesmo augusto senhor, que o corregedor da comarca de Coimbra abra sem demora procedimento judicial para a devida averiguação deste extravio: dando parte pela secretaria de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça do que occorrer a tal respeito. Paço do Ramalhão em 14 de Maio de 1834— *Joaquim Antonio de Aguiar.*

MISERICORDIA DE COIMBRA

Aos 20 de Maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1834, em mesa, a que presidia o illm.º sr. Dr. Guilherme Henrique de Carvalho, lente da Faculdade de Canones nesta Universidade, provedor desta Santa Casa da Misericordia, sendo por elle propostos os objectos abaixo declarados, se deliberou sobre elles da maneira seguinte:

Que sendo restaurado felizmente nesta cidade o legitimo governo constitucional, por isso mesmo deviam considerar-se reintegrados nesta irmandade todos aquelles irmãos, que della foram riscados por sua fidelidade e adhesão ao juramento, que toda a nação portugueza com tanta expontaneidade e satisfação havia prestado á Carta Constitucional da monarchia: e que tendo já sido isto mesmo reconhecido e sanccionado pela junta geral da irmandade, a qual desprezando, como merecia, um procedimento tão injusto, tinha eleito para deputados da mesa, alguns desses dignissimos e honrados irmãos, que foram victimas da sua lealdade, e por ella sacrificados a horriveis padecimentos; por todos estes motivos se devia lavrar o presente termo, pelo qual se declaram nullos de facto e de direito todos aquelles termos em que por tal motivo tivessem sido riscados da irmandade alguns irmãos, averbando-se nelles este accordão, sem os riscar e trancar, para se conservar a memoria de um motivo tão honroso para os mesmos irmãos reintegrados, que deviam ser mettidos nas pautas existentes; e aos que desgraçadamente tinham fallecido, se devia sem demora mandar fazer os suffragios que lhes competiam pelo compromisso e estilo da irmandade.

Que todos os mais empregados, que por egual motivo de adhesão ao legitimo governo constitucional tivessem sido excluidos dos seus empregos, em logares nesta casa, e suas dependencias, seriam da mesma sorte reintegrados nelles, pelo modo e forma mais conveniente ao bom serviço da mesma casa.

Que tendo-se verificado o balanço do cofre, na forma do termo antecedente, convinha proceder-se a um escrupuloso exame dos documentos da despeza, que seria feito por uma commissão da mesa, com assistencia do sr. dr. procurador, para depois approvar as contas; e principiar as desta administração, que desejava fossem de tal forma escripturadas, que se podessem d'aqui em diante regularmente publicar pela imprensa.

O que tudo foi approvado; e para a commissão acima referida foram nomeados os deputados desta mesa, José Maria Pereira, o sr. Manoel José de Freitas, e o sr. procurador, José Filippe Dias Vieira.

Do que tudo fiz este termo. E eu José Maria Pereira, deputado conselheiro da mesa, que sirvo de escrivão della, o escrevi e assignei.

Dr. Guilherme Henriques de Carvalho—José Maria Pereira—Francisco Theophilo de Andrade Pereira da Rocha—Manoel José de Freitas—Antonio Lopes de Sa Esteves—Isidoro José da Costa—José Mendes Caldeira—Joaquim Ignacio dos Santos—Manoel Gomes Nunes—Antonio de Oliveira—José Antonio da Cruz.

Advertencia—Os irmãos da Santa Casa da Misericordia de Coimbra, a que se refere este termo da mesa, de 20 de Maio de 1834, tinham sido riscados pelos seus sentimentos liberaes, em sessão da mesa de 25 de Março de 1831, sendo provedor o Dr. Antonio da Cunha e Sousa. Esses irmãos eram os seguintes:

Francisco Bernardes Saraiva, negociante—Alexandre da Fonseca e Silva, official do correio—Dr. Caetano Rodrigues de Macedo—Dr. José Joaquim da Cunha e Veiga—Manoel José de Freitas, negociante—Antonio de Campos Mallo, escrivão—Joaquim Wladislau de Moura—Antonio Alves de Faria—Dr. Manoel Pedro de Mello—José Bernardo de Oliveira, ex-alferes de milicias—o bacharel Antonio Migueis da Fonseca—o bacharel Paulino de Nola Dias Carrero—o bacharel José Lopes Figueira—o bacharel Manoel Ferreira Seabra—Antonio da Conceição Coelho, boticario—o bacharel José da Fonseca Veiga—Joaquim Pereira Coelho, negociante, todos da classe de maior—Manoel Gomes Nunes, agente—Joaquim Maria Soares de Paula, livreiro—José Antonio da Ponte, ferrador—Manoel José Botelho, alfaiate—Francisco Cardoso Maiorca, sapateiro—Antonio Fernandes da Cunha, botequineiro—Joaquim Antonio Pereira, latoeiro—Antonio José da Conceição, relojoeiro—e Manoel Rodrigues da Conceição, surrador, todos da classe de menor.

De todos estes irmãos da Misericordia, riscados por intolerancia politica, já hoje não são vivos senão os srs. Antonio de Campos Mallo e Joaquim Wladislau de Moura Pacheco, ambos os quaes foram por muitos annos, depois de estabelecido o governo liberal, escrivães de juiz de direito, o primeiro em Coimbra, e o segundo em Agueda.—MARTINS DE CARVALHO.

———

VIGARIO CAPITULAR DE COIMBRA

Manda o duque de Bragança, regente em nome da rainha, remetter ao deão, dignidades e cabido da santa egreja cathedral de Coimbra, para sua devida intelligencia e execução, a inclusa carta regia de 14 do corrente mez, a fim de que constituam vigario capitular, com a cessão de toda a jurisdicção, sem reserva alguma, ao bacharel Antonio Bernardo da Fonseca Moniz, que o mesmo augusto senhor foi servido nomear governador desse bispado. Paço das Necessidades em 26 de Maio de 1834.—*Joaquim Antonio d'Aguiar.*

Deão, dignidades e cabido da santa egreja cathedral de Coimbra. Eu D. Pedro, duque de Bragança, regente em nome da rainha, vos envio muito saudar. Tendo eu por decreto desta data, sido servido nomear para governador temporal desse bispado, o bacharel Antonio Bernardo da Fonseca Moniz, pelo seu conhecido zelo, saber e prudencia, e pelas provas que tem dado á pessoa e governo de minha augusta filha a senhora D. Maria II; assim me pareceu participar-vos, e espero que o constituaes vigario capitular com a cessão de toda a jurisdicção, sem reserva alguma, e me dareis parte pela secretaria de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça de haverdes feito a nomeação de vigario capitular na pessoa que vos designo. Assim o cumprireis. Escripta no paço do Ramalhão aos 14 de Maio de 1834—D. PEDRO, DUQUE DE BRAGANÇA—*Joaquim Antonio d'Aguiar.*

CARTA PASTORAL

Antonio Bernardo da Fonseca Moniz, professo na ordem de Christo, arcediago de Neiva, abbade de Beiriz, thesoureiro mór eleito da sé de Lisboa, governador temporal, e vigario capitular da sé de Coimbra, etc.

Ao clero, e fieis deste bispado, saude.

. . . .

Se os vossos padecimentos, honrados cidadãos, foram enormes, os soffrimentos e prejuizos da nação foram mui graves, e muito geraes. O povo incauto estendeu os braços ao usurpador, que no meio de nós, e á custa da nossa riqueza, armou exercitos numerosos, e travou terriveis combates, não para defender, mas para opprimir a liberdade da nossa patria, que a final abandonou, depois de assolada e roubada.

Povos, pessoas de todas as classes, não deixeis esquecer esta grande lição! Talvez que ainda no meio de vós existam alguns, que seduzidos pelo espirito da mentira, sectario da traição, se persuadam, que o governo da usurpação era justo e legitimo: a esses pois eu me dirijo agora, e farei, que a seus sinceros ouvidos toque a voz da verdade, e cessando a illusão tenha logar um interessante desengano.

Vós sabeis, amados irmãos, que um homem, que reputaveis semideus, abusando da auctoridade suprema, de que era depositario, e apoiado por um bando de monstros, perjuros e desmoralisados, se propoz á detestavel obra da usurpação da corôa da nossa legitima rainha, a senhora D. Maria II, com manifesta violação da lei divina, com desprezo e transtorno das leis fundamentaes da monarchia; e que no meio d'horrores e de crimes, que o ceu tolerou para punir nossos delictos, e experimentar nossa paciencia, consummou o seu horrivel e escandaloso attentado.

A verdade, a justiça e a razão não podiam subministrar meios, para enthronisar o roubo, o prejurio e a traição; mas tudo o que a razão, a justiça e a verdade negaram, abundantemente foi subministrado pela zizania e fanatismo. Logo a paz e a união, que devia reinar entre todos os membros da familia portugueza; o amor e caridade, que devia unir a todos num só espirito e coração, desventurosamente se separou da nossa patria.

Com pungente magoa vós testemunhastes, que em nome da religião sancta se invocou a mais barbara e atroz perseguição; soltaram-se odios, e se empunhou o ferro e o fogo cont o nefando e infernal projecto d'aniquillar os infelizes domicilios da fidelidade e da honra. A adhesão e fidelidade á nossa legitima soberana, e ás instituições politicas da monarchia, foram crimes imperdoaveis; e por toda a parte foi vedado um asylo seguro ao cidadão probo. Os carceres e masmorras mais infames d'improviso se enchem de victimas innocentes, e o patibulo e o exterminio as alliviam para dar logar a novos martyres.

Quem poderia crer, que ser fiel ao seu juramento, e á sua legitima soberana, e ser amante da Carta, valia o mesmo, que ser inimigo do throno e do altar, e ter incorrido na pena de morte infame, e confiscação de todos os bens? Quem poderia esperar ver dias de tanta amargura, em que o amor da patria era, por lei e maxima do estado, o maior dos crimes? Sim tal foi a marcha politica do barbaro governo usurpador!

Elevado ao poder pela infame perfidia, seducção e violencia, confundiu todas as noções de virtude e vicio, honra e infamia, fidelidade e perfidia; destruindo assim a liberdade, enfraquecendo o caracter publico, deteriorou os costumes, ameaçou a segurança e conduziu o estado para a sua total ruina; a nada mais attendendo, que á sua fatal conservação, para a qual empregou todos os meios, que a injustiça e crueldade podem suggerir, bem que fossem reprovados pela humanidade, detestados pela razão, e condemnados pela justiça.

Que milhares de familias andassem expatriadas, perseguidas e reduzidas á ultima miseria, não era objecto, que merecesse a attenção d'um governo exterminador. Que muitos milhares de victimas innocentes gemessem em ferros, e nos exilios de morte era motivo de cuidado para aquelle infame governo, porque ainda viviam; julgando necessario, para poder gozar uma criminosa tranquillidade, que a todos se tirasse a vida.

Para consummar esta horrorosa e inaudita maldade, se tolhem os meios de subsistencia, e se reputam criminosos os soccorros da caridade enviados ás prisões: são escolhidos os carceres mais immundos e insalubres, e enchem-se de victimas destinadas ao supplicio; transferem-se continuamente de prisão em prisão nas estações mais rigorosas; e não lhes permittindo qualquer genero de consolação, ou commodidade, os obrigam a longas marchas, e a succumbir debaixo do peso enorme de trabalhos, tribulações e miserias, a que são expostos. Este foi o principal objecto das attenções do immoral e detestavel governo, que por seis annos escravisou a nação.

As verdadeiras necessidades e interesses della nunca desejou conhecer, porque não se tractava de melhorar o estado, ou de fazer reformas uteis; tractava-se tão sómente de consolidar o feroz despotismo, e derribar tudo aquillo, que tarde, ou cedo podesse ameaçal-o. É por isso que em todo esse tempo d'execravel memoria, não appareceu uma providencia a favor da agricultura arruinada, das artes expirantes, ou do commercio abatido e desanimado; mas pelo contrario essa agricultura, artes e commercio soffreram golpes mortaes pelo barbaro systema dos donativos chamados voluntarios, tributos excessivos, emprestimos forçados, embargos, requisições e continuos recrutamentos, que despovoando o reino, o deixaram reduzido á miseria e á nudez.

. . . .

. . . .

Dada em Coimbra, sob meu signal e sello capitular, aos 23 de Junho de 1834.—Logar do sello—*Antonio Bernardo da Fonseca Moniz.*

Habitantes do termo de Coimbra

A guerra civil, que por seis annos assolou a nossa patria, felizmente acabou: a usurpação foi aniquilada, cedendo á força da justiça, e bravura dos immortaes defensores da legitimidade e liberdade! Os nossos inimigos foram desbaratados, e logo confundidos pela generosidade incomparavel de S. M. I., o Senhor Duque de Bragança! Que contraste, Conimbricenses, entre o governo legitimo, e o da usurpação! Que faria este, se aquelle succumbisse?! Ai! nem recordal-o! De sobejo experimentámos sua ferocidade; e no momento de jubilo e de prazer cumpre afastar memorias tão desastrosas.

Conimbricenses, a nossa liberdade está recuperada, e á frente dos negocios da nação o senhor D. Pedro, immortal regente. Nada mais nos falta. Vamos gozar agora os fructos de tantas fadigas, de tantos sacrificios, repousando no seio da paz, e esperando a continuação das reformas salutares, com que o governo de S. M. Fidelissima prepára o mais solido fundamento ao nosso edificio social. As camaras vão reunir-se em 15 de Agosto proximo futuro, e d'ellas devemos esperar leis sabias, uteis providencias, que tornem a nossa Carta uma verdade, e abram as fontes da prosperidade publica.

Da nossa parte está o respeito ao governo e ás auctoridades, o amor da ordem, e do socego. Não queiramos incorrer na contradicção de condemnar a crueldade, e entregarnos a ella. Fugi, Conimbricenses, fugi de imitar os cannibaes sectarios da usurpação. A liberdade é só bella em quanto pura. O patriotismo separado da prudencia póde tornar-se bem prejudicial; e Roma o sentiu no tempo dos Decemviros. Nas revoluções ha só vencedores, e vencidos; e se os primeiros se entregam á vingança, e abusam da victoria, em logar de pôr termo á revolução, preparam novo germen para outras.

Os excessos de nossos inimigos comprometteram por muitas vezes a segurança de seu nefando governo: fujamos pois de imital-os. As offensas não podem ainda esquecer, é uma verdade; é mui grande nosso sentimento; mas seja maior que tudo nossa generosidade. Imite-se o primeiro chefe da nação portugueza; e sejam só punidos nossos inimigos com a lei, que affiança nossos direitos, e que a mui ampla amnistia do senhor D. Pedro não destruiu, antes conservou. O decreto de 28 de Novembro de 1831 dá remedio ás offensas e prejuizos recebidos: aproveitae pois a sua determinação, e contae comigo para a sua prompta execução.

Conimbricenses, a divisa do homem de bem, do homem livre, é o respeito, e veneração ás leis. Onde ha uma boa disciplina, ahi reinará a ordem, e por conseguinte a felicidade: onde não ha quem governe, perecerá o povo. Continuae pois, Conimbricenses, a dar exemplos de moderação, respeito, e fidelidade: promovei a união de toda a familia portugueza, e sêde fiscaes da ordem e da liberdade: e se alguem tentar atacal-as, trazei-o ás auctoridades constituidas, para ser punido com todo o rigor das leis. Assim o quer o governo de S. M. Fidelissima, e os interesses nacionaes tambem reclamam.

Coimbra 5 de Junho de 1834.

O juiz do crime,

Manoel da Cunha Paredes.

NOTICIARIO

Manifestação liberal em Cantanhede.—Foi recebida em Cantanhede, com verdadeiro enthusiasmo, a noticia da victoria dos liberaes em Bilbau.

Sem excepção de partidos, nem de classes, concorreram domingo á noute ao passeio principal d'aquella villa, em grande numero, os seus mais distinctos e influentes habitantes; e ao som das duas philarmonicas e no meio de estrondosos vivas, queimaram innumeros foguetes, durando por muito tempo esta expontanea e enthusiastica expansão de sentimentos liberaes.

Noticia de Hespanha.—Recebeu-se hoje a importante noticia de haver sido derrotado em Prats de Llusanés, na Catalunha, o infante D. Affonso, que commandava 7:000 carlistas, pela columna do brigadeiro Cirlot.

DIA 8 DE MAIO

Aos liberaes de Coimbra

Rompe formosa, aurora
De tão festival dia;
Renasça a alegria
No peito, liberaes!
As nossas crenças, livres,
E' livre o pensamento,
Não mais o desalento,
Escravidão, não mais.

No bastião altivo
Da nossa fortaleza,
Tremula da nobreza
O liberal pendão.
Quebraram-se as algemas,
Romperam-se ás cadeias,
C'roaram-se as ameias,
E' livre o coração!

E' livre a arte e o genio,
Livre é nosso pensar,
Foi bello o acordar
De somno tão pesado.
A noite foi escura,
Comprida e carregada,
Mas hoje é libertada
A patria. E' livre o brado.

Fugiram os tyrannos;
Deixando livre a terra,
Foi nobre a nossa guerra,
E' livre esta cidade.
Que é d'ella? a escravidão?
O' liberaes, folia,
Saudemos este dia,
E viva a liberdade!

Coimbra, 8 de Maio de 1874.

Fernando de Vilhena.

ANNUNCIOS

1 DOIS CONSORTES DA BEIRA, senhores d'uma soffrivel fortuna, tendo-lhes fallecido ha pouco seu filho unico, desejam tomar para sua companhia dois orphãos, irmão e irmã, cujos paes, tendo tido bens de fortuna, tenham fallecido pobres, mas honrados e religiosos; e quando seus paes não fossem conhecidos, deverão elles ser de boa indole, e bem morigerados, sadios, de edade de 12 a 15 annos, tendo a educação civil, e religiosa compativel com a sua edade. Roga-se por tanto aos que se acharem nestas circumstancias, bem como aos srs. directores de asylos de infancia desvalida, e outros estabelecimentos de caridade, e a quaesquer outras pessoas, que queiram contribuir para este philantrôpico e religioso acto, se sirvam dirigir-se á redacção do *Campeão das Provincias, Diario de Noticias, Nação, Atalaia, Jornal do Porto*, e á deste jornal, podendo tambem dirigir-se em carta fechada aos exm.os srs. Francisco Xavier Garcez de Magalhães Montes, no largo do Desterro, n.º 35, em Lisboa; Pedro d'Albuquerque Amaral, em Mangualde; José Mendes Ribeiro e Lima, em Gouvea; e aos reverendos srs. João Antonio Nunes Candido Luciano Ribeiro, em Vizeu, já prevenidos pelos annunciantes a tal respeito, e quando sejam boas as informações, que se lhes derem, os annunciantes immediatamete praticarão um acto, em que tanto se interessam.

Beira, 3 de Maio de 1874.—*J. A.*

Pinheiros para vender

2 VENDE-SE uma grande porção de pinheiros, muito bons para madeira, etc. proximo da villa de Ançã. Quem os pretender póde fallar com Joaquim da Silva Ramos, da mesma villa, para tractar do seu ajuste.

3 ARRENDAM-SE dois andares de umas casas, que tem muitas commodidades, na rua do Visconde da Luz, n.º 90 a 94. Quem as pretender dirija-se á mesma.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

4 NO DIA 10 do corrente, pelas 10 horas da manhã, dá-se de arrematação o fornecimento dos seguintes materiaes:

200 vigas de choupo ou de pinho da terra, com 0m,10 d'espessura, e 0m,20 de cutelo; variando o comprimento entre 4m,0 e 5m,40.

1:300 taboas de forro, para guarda pó e fasquia

2:500 ripas de pinho.

500 taboas de solho, para andaimes

50 pranchas de pinho de flandres

500 cordas d'esparto, para andaimes

30 milheiros de prego de solho de 9,180 kilgr. cada milheiro

8 milheiros de prego de solho, de 8,062 kilgr. cada milheiro

10 milheiros de prego de encaibar, de 18,360 kilgr. cada milheiro

24 milheiros de prego de barco, grandes, de 18,360 kilgr. cada milheiro

12 milheiros de prego de barco, grandes, de 9,180 kilgr. cada milheiro

8 milheiros de prego de faiscas n.º 7

8 milheiros de prego de faiscas n.º 6

280 kilogram. de prego para madeiramento e vigamento

180 kilogram. de prego d'arame n.º 7

Administração dos hospitaes da Universidade, 1 de Maio de 1874.

O administrador,

Costa Simões.

NEVE

5 VENDE-SE de hoje em diante no *Café Academico*, rua do Infante D. Augusto. Preço 60 rs. cada sorvete.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Barca MARIA CAROLINA—18 de Maio.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

VENDA DE BOTICA EM ANÇÃ

7 QUEM QUIZER comprar uma botica em Ançã, dirija-se a seu dono Joaquim da Silva Ramos, do mesmo logar.

O examinador de instrucção primaria

8 COLLECÇÃO de perguntas sobre todas as materias de instrucção primaria. Qualquer estudante que percorrendo este questionario souber responder ás perguntas que elle contém, nada deve receiar pela sua approvação no exame dos lyceus. A venda na livraria Pereira, rua Augusta, 50 e 52, em Lisboa. No Porto e em Coimbra, nas principaes livrarias. Preço 160 rs.

FIGUEIRA DA FOZ

9 MANOEL NICOLAU D'OLIVEIRA FERNANDES THOMAZ, da villa da Figueira da Foz, annuncia a venda dos seguintes predios, para que qualquer pessoa que os pretenda, se possa dirigir ao annunciante.

Um corredor de marinhas, que se compõe de 45 talhos dobrados, com 2 armazens e mais pertenças, sitos no logar do Oirinho na Morraceira.

Seis geiras de terra lavradia, sitas no campo de Lares é no sitio aonde chamam a—Volta.

O annunciante promptifica-se a esclarecer qualquer duvida que se offereça na realisação destas vendas, para o que se acha habilitado.

DOCTOR IN ABSENTIA

10 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Attenção

11 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

12 OS CREDORES da massa fallida do sr. Sebastião Ignacio Brandão, de Soure, são por este meio avisados para comparecerem em 27 de Maio corrente de 1874, ás 9 horas da manhã, na sala da Associação Commercial desta cidade, para se deliberar sobre a verificação dos seus creditos, etc.

O curador fiscal,

João Francisco da Silva.

13 VINHO VERDE DE BASTOS, e vinho do Alto Douro, consumo para mesa, de magnifica qualidade.

Vinho da Beira, pelo preço como se vende por ahi de outras partes.

Rua das Solas, n.º 12 a 14.

14 UMA PESSOA com mais de 40 annos, deseja empregar-se, como governante, em qualquer casa de familia capaz.

Dá as melhores abonações.

Para esclarecimentos carta a esta redacção com as iniciaes J. M. P. D.

A QUEM CONVIER. ANNUNCIA-SE

15 RICARDO JOSÉ SOARES ROMEU, agente do Banco Commercial de Vianna, estabelecido em Villa Nova de Cerveira, recebe e paga toda e qualquer quantia que pelas referidas agencias do mesmo banco sejam transmittidas.

16 CAVALLO para cavallaria á venda em Monte Mór o Velho.

Bonito, hespanhol, 7 annos, manso, brioso e bem ensinado.

Tracta-se na mesma villa com o sr. Velloso.

NUMERO 2796 — TERÇA FEIRA 12 DE MAIO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A's enthusiasticas demonstrações de regosijo com que esta cidade se agitara, durante a semana finda, para commemorar uma data gloriosa nos fastos da historia do nosso regimen liberal, e os felizes acontecimentos do visinho reino em causa identica, succedeu-se a placidez habitual deste bom povo, que, confiando na protecção das leis e nas instituições politicas que nos regem, sabe apreciar os beneficios da paz, para se entregar ás lides do trabalho honrado, porque sómente elle, como diz o illustre poeta, é riqueza, é virtude, é vigor.

E' tambem um prodigio da liberdade de que gozamos.

Esta notavel e a todos os respeitos brilhante manifestação que ahi presenceámos, em adhesão aos principios da nossa constituição politica, e que caracterisa os instinctos dos habitantes desta cidade, realçou ainda pela circumstancia altamente significativa de ter sido completa a ordem e a tranquillidade, respeitada a auctoridade publica e acatadas as leis como foram acatadas todas as crenças e todos os direitos.

Este procedimento é, de certo, digno de um povo illustrado, que sabe comprehender verdadeiramente as franquias liberaes. Facto é este digno de mencionar-se para que possa conhecer-se a indole deste bom povo portuguez, e por esta forma avaliar-se se sabe comprehender a verdadeira noção de liberdade.

Um povo que deseja governar-se em nome das instituições livres, precisa de ser instruido, observante da lei, e versado na pratica de todos os deveres sociaes.

AINDA O DIA 8 DE MAIO

A absoluta falta de espaço impediu-nos de inserir em o numero passado deste jornal, tudo o que desejavamos ácerca do dia 8 de Maio.

Este dia foi sempre de grata recordação para os liberaes conimbricenses.

Vamos hoje publicar a descripção do modo como se commemorou tão fausto acontecimento, nos dois annos de 1835 e 1853; sendo aquelle o 2.º anniversario e este o 19.º, depois da entrada em Coimbra do exercito libertador.

A primeira descripção é do *Academico*, jornal de Coimbra de 1836, de que era um dos redactores o sr. Dr. Justino Antonio de Freitas; e a segunda é do *Observador*, escripta por nós, fez agora 21 annos.

Joaquim Martins de Carvalho.

COIMBRA 10 DE MAIO DE 1836

São tão fortes as impressões que a feroz perseguição do usurpador deixou nos animos dos amigos da RAINHA, e da Carta, durante aquella calamitosa epocha, que ainda hoje os habitantes das cidades e villas do reino não podem deixar de festejar com alegria proporcionada a compressão que os opprimiu, os anniversarios da recuperação da nossa liberdade.

O dia 8 de Maio foi o anniversario do nosso resgate, em que o afortunado duque da Terceira entrou nesta cidade á frente de 2:500 bravos, levando adiante de si as hordas do usurpador, que fugiam por toda a parte espavoridas; e por isso os seus habitantes não podiam deixar de festejar este dia de tão importantes consequencias para a sua liberdade, e que preparou a victoria da Asseiceira, e o termo desta guerra fratricida.

Com effeito o destacamento da tropa regular, aqui estacionada; o corpo de voluntarios fixos, e a guarda nacional de infanteria e cavallaria, cujo enthusiasmo pela liberdade não póde ser excedido, se reuniram na manhã do dia 8 na ponte d'Agua de Maias, donde marcharam logo ás 10 horas, recordando bem ao vivo as gratas scenas de prazer, que tiveram logar nesta cidade por aquelles sitios por onde marchou a tropa libertadora; concluindo por fazerem a parada no largo da Universidade, e recolhendo depois a seus quarteis, onde tinham para a noute preparada uma grande illuminação, que foi espontaneamente imitada por todos os habitantes.

Escusado é referir o applauso que todos os cidadãos prestaram a estes actos. As janellas das ruas estavam cheias de senhoras, que á porfia derramavam flores na passagem da tropa; e por toda a parte a alegria estava pintada no semblante dos cidadãos.

A *Sociedade Conimbricense* não podia deixar escapar esta occasião de ostentar o seu patriotismo; e por isso resolveu d'ante mão dar um luzido baile, a que devessem concorrer todas as pessoas de ambos os sexos mais conspicuas pelo seu patriotismo, e decidido amor á liberdade. Podemos afiançar, que o objecto correspondeu perfeitamente ás esperanças de todos os socios. Nunca houve um concurso mais brilhante de senhoras, que se apresentaram no maior aceio, prolongando-se o divertimento da sociedade até ás 2 horas da noute.

Eis aqui pois em pequeno esboço a maneira por que foi celebrado este dia pelos habitantes desta cidade, em cujos corações transborda o amor á liberdade e á nossa joven RAINHA.

(Artigo publicado em o n.º 35 do Academico, de terça feira, 10 de Maio de 1836.)

O DIA 8 DE MAIO

E os Artistas de Coimbra

O domingo 8 de Maio de 1853, decimo nono anniversario da entrada do exercito libertador em Coimbra, foi commemorado pelos operarios desta cidade por um modo, que evidentemente manifesta até que ponto o espirito de sociabilidade e civilisação se tem desenvolvido entre elles.

Deliberaram ir passar o dia á pittoresca e poetica quinta de Villa Franca, a pequena distancia desta cidade.

Desde os dias anteriores, tudo era alvoro-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXI

D. CARLOS

CXI

Para demitir o conde de Hespanha, se convocou a junta carlista no dia 26, e o que nella se passou e as consequencias que produziu aquella inqualificavel sessão, são dignas de serem referidas detalhadamente, para não diminuir o interesse dramatico de tão horrivel successo.

Determinou o conde ir á junta como presidente da mesma, e reunido com Labandero, lhe disse em quanto estavam a apromptar os cavallos:—Intendente, vamos a ver a nossos queridos collegas.

Saiu de Berga o conde, com direcção a Abia, onde se celebravam as juntas. Alem de Labandero, acompanhavam o conde um de seus ajudantes e a escolta de moços de esquadra e cosacos de cavallaria, que ordinariamente o seguiam. Em festiva conversação chegaram á casa da Reitoria, logar das sessões.

O doutor Ferrer rodeou de sentinellas o local, sem permittir a ninguem a saida. Começou-se a sessão, tratando sobre certos pontos de administração, e como já estavam de accordo os individuos da junta, aproveitaram um momento favoravel, e o vogal Ferrer, que havia entrado na sala com um seu primo e um homem armado de carabina, agarrou com a sua mão esquerda a direita do conde de Hespanha, e com a outra lhe tapou a boca. O primo tirou-lhe o sabre, e um irmão de Ferrer, cirurgião, com outros dois homens armados de carabina e baioneta, agarrou ao conde a mão esquerda, tendo um formidavel punhal levantado sobre a sua cabeça; os homens armados se collocaram detraz do conde. Tudo isto foi executado com a maior rapidez.

O vogal D. Narciso Ferrer, no acto de se apoderar do conde disse:—«Exm.º sr. El-rei nosso senhor determinou que v. ex.ª deixe o commando do exercito do principado, e que saia immediatamente da provincia.»

O conde não fazia naquelles momentos mais que olhar para Ferrer. A junta ficou em um profundo silencio, que interrompeu Labandero, mostrando a sua extranheza por aquelle modo de tratar o conde e que o não deixassem fallar.

Ao que Ferrer respondeu:—«Se dá a palavra de honra de não vozear se deixará fallar.»

—«Que novidade é esta, senhores? disse o conde quando o deixaram fallar; que é o que aconteceu?»

Repetiram-lhe a ordem da sua demissão, e continuava o punhal levantado sobre a cabeça do conde de Hespanha, como a espada de Damocles; sem que o desviassem as insinuações para que se retirasse; e não fazendo caso o conde, continuou dizendo:—«Porém, senhores, que é isto? a que vem todo este preparativo? Se sua magestade me demittiu do commando, não tenho eu dado provas nada equivocas de meu respeito e submissão á sua vontade, na minha carreira e avançada edade, consagrada uma e outra á sua defeza? Mandem retirar a esses homens, que não é justo saibam o que entre nós haja de tratar-se.»

Nisso concordou a junta toda e se effectuou. Pediu o conde um vaso d'agua; molhou repetidas vezes a boca, e tomando um ar de sorriso e serenidade, disse:—«Vamos, senhores, que é isto? Parece-me que para gracejo basta o passado.»

—«Aqui não se trata de comedias, nem de gracejos, respondeu D. Narciso Ferrer, senão unicamente de que v. ex.ª obedeça ás ordens de el-rei immediatamente, saindo nesta mesma noute para Andorra.»

Manifestou o conde que lhe parecia não ser uma cousa tão urgente; que devia entregar o commando ao seu successor; que se lhe dissesse quem era este, e se lhe manifestassem as ordens de D. Carlos.

Apoiou-o Labandero; repelliu Ferrer indignado a sua mediação, e Torrebadella por ultimo tomou a palavra, e disse ao conde o motivo de haver mandado D. Antonio Espar a D. Carlos, e era que, crendo a junta não ser conveniente continuasse o conde de Hespanha no commando do exercito do principado, pelo desgosto em que estavam todas as classes, não só pelos terriveis castigos que havia imposto, mas pelos incendios dos povos de Mallen e Rippoll, de Olban e Gironella, que tantos sacrificios haviam feito em favor da causa carlista; sem esperarem que chegassem as reaes ordens, que D. Antonio Espar tinha em seu poder, se havia resolvido saisse o conde naquella mesma noute para o valle de Andorra, antes que, publicando-se a noticia de que já não era commandante geral, tivesse algum desgosto por effeito dos muitos resentimentos que havia contra elle.

Ao ouvir isto o conde, ficou por alguns momentos suspenso, e pela primeira vez se lhe notou algum abatimento; porém esforçando-se, respondeu com severidade:—«Muito bem senhores, é preciso que eu saiba quem é o meu successor; porque a elle é a quem devo entregar o commando, e não a outra pessoa. Alem disso eu tenho assumptos muito interessantes do serviço que não posso confiar a nenhum outro, nem a auctoridade alguma mais que ao chefe superior das armas.»

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

so e contentamento. Todos disputavam a quem mais serviços prestaria á projectada festa do trabalho.

A pesar do dia de domingo amanhecer bastante chuvoso, comtudo, depois das dez horas, sahiu de Coimbra a numerosa sociedade. Dirigiram-se ao caes, aonde estava preparado um numero sufficiente de barcos para os transportarem. A belleza e elegancia com que os barcos estavam ornados, captivavam todas as attenções, e attestavam o gosto verdadeiramente artistico dos operarios encarregados dessa parte da festa.

Quando a pequena esquadrilha começou a navegar, rio acima, principiou a philarmonica do sr. João Alves a tocar o hymno do trabalho do nosso bem conhecido litterato o sr. A. F. de Castilho. Era extraordinaria a alegria e o prazer que transluzia no rosto de todos.

O quadro que do rio se disfructava era magnifico. O immenso povo que se amontoava na ponte e nos logares sobranceiros ao rio para verem partir os folgazões operarios, o panorama seductor que se abria á vista de todos, de uma e outra margem do rio, em extremo enlevavam o espirito, e eram causa de que todos se deslembrassem das penosas fadigas da vida, para só se entregarem ao doce encanto de um dia passado entre folguedos.

Todos podiam dizer como o sr. Castilho na sua *Primavera*, que iam:

Dançar no meio de innocentes gostos,
E longe dos mortaes, viver ditosos,
Poucas horas sequer, na paz dos campos.

Rapidamente deslisavam os bateis por sobre as aguas, e em breve espaço passavam defronte da Lapa dos Esteios, tão conhecida de poetas e amantes da natureza. Um pouco mais, e eis toda a festival companhia saltando em terra em Villa Franca, e dando largas a toda a vivacidade do seu genio.

Dispersae-vos, bebei, cantae, amigos,
Ride, e dançae, porque invejoso o tempo,
Co'as cãs na fronte, e o coração gelado,
As horas do prazer furta aos mancebos.

Assim passaram todos gostosamente o tempo, até que as horas os convidaram para o jantar.

No grande refeitorio, pertencente ao edificio aonde outr'ora viveu por algum tempo o distincto orador padre Antonio Vieira, e hoje pertencente ao sr. D. Salvador Manoel de Vilhena, foi aonde se dispoz a comida.

Trezentos artistas, reunidos como se pertencessem a uma só familia, alli se sentaram á mesma mesa! Facto original em Coimbra!

E durante todas estas festas, nem uma expressão um pouco mais picante, que fizesse desgostar a qualquer da sociedade; nem o menor acto, que podesse desconceituar a nenhum dos presentes!

E é sem incentivo algum extranho á sua classe, sem outro impulso mais do que a sua vontade, que tantos mancebos se reunem, e assim dão uma prova incontestavel do intimo laço que hoje os prende!

Digam esses que negam o desenvolvimento progressivo das classes laboriosas, se jámais viram que se desse um expectaculo, que nem remotamente se podesse egualar, com os que repetidas vezes estamos presenceando em Coimbra, e com especialidade no dia 8 de Maio!

Era porem chegada a occasião em que se fazia mister partir, e pôr termo aos alegres divertimentos, pois que o tempo:

..............perfido voando
Já nos fugia com a encantadora tarde!

Para quando os barcos á noite viessem descendo pelo Mondego, se tinha preparado n'elles uma vistosa illuminação.

O clarão das luzes nos barcos, que os fazia assimilhar a pharoes ambulantes, o incessante estourar de foguetes e outros fogos de artificio, o toque da musica, os hymnos, e os vivas fraternaes, tudo concorria para que este expectaculo se tornasse magnifico, e parecesse ter um não sei quê de phantastico e encantador, que fascinava a todos.

O numero das pessoas que esperavam os artistas de Coimbra nas proximidades do desembarque, era extraordinario. O transito nas ruas proximas tinha-se tornado quasi impossivel, tal era a multidão do povo que obstruia a passagem.

Balões, foguetes, e a marcha da musica pelas principaes ruas da cidade, terminaram as festas de um dos mais bellos dias que temos gozado.

Estamos seguros de que a todos os que fizeram parte desta festival sociedade, nunca hade esquecer o dia 8 de Maio de 1853.

MARTINS DE CARVALHO.

(Artigo publicado em o n.º 608 do Observador, de terça feira, 10 de Maio de 1853.)

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 10 de Maio de 1874.

Meu amigo — Mais de uma vez lhe tenho dito que a ordem do dia é—*eleições*. Os candidatos pullulam como cabeçudos em paul lodoso. E este assumpto é digno de que seja discutido com seriedade e decencia. *Decencia*... sobre tudo. Não mandem os eleitores ao parlamento homens de corrilho e de facção, apostados unicamente a tratarem de si proprios... quando missão de maior monta e de costa acima têem a desempenhar.

Eu devia aqui fazer um parenthesis para lhe definir o que é um deputado, e dar-lhe a significação e a origem da palavra. Commetteria, porém, um insulto ao seu esclarecido espirito e alta intelligencia, se me embrenhasse em prelecções que são triviaes.

Consente-me que lhe diga uma cousa com a franqueza de que sou capaz? Eu não acredito que um parlamento qualquer represente a maioria de um paiz, assim como nunca acreditei que um jury, embora illustrado e intelligente, absolva ou condemne legalmente.

Pois nós condemnamos a infallibilidade do papa, e queremos que o jury condemne ou absolva com uma infallibilidade que não é dado a homens?

Isto é absurdo, é irrisorio, é caricatamente atroz! Eu, jurado, ou deputado, mesmo com provas á vista, posso illudir-me, condemnando ou absolvendo, assim como no segundo caso, não posso representar a politica de dois terços dos eleitores que foram adversos á minha candidatura.

Não sei se isto está escripto em prosa corrente, e que todos entendam. O que sei é que é uma idea que ha de ter passado pela mente de muitos, mas que esses muitos não têem querido lançar á publicidade.

Mas deixemos este assumpto, que me levaria longe, e a considerações que não são para o espaço acanhado de uma carta. O meu fim é outro, mas mirando sempre ao objecto de que lhe fallei no principio desta.

Não sei que commissão de operarios—intenção louvavel!—sonhou, em noutes de ventura, levar ao parlamento um homem devotado ao principio social, que lhe advogasse alli os seus interesses e as suas prerogativas, que tão arredio, lhes tem andado até hoje, desde que ha systema constitucional.

Sonhou mal a tal commissão, e não só mal... pessimamente!

Não ha deputado possivel que vá ao parlamento, propriamente pela classe industrial, advogar e fazer valer os interesses della. E não o ha, propriamente e unicamente por culpa e negligencia das classes operarias. Não o comprehendem assim aquelles que sonham sonhos de ventura, e que, na sua irreflexão, miram a um alvo distante, onde nunca poderão chegar. Não conhecem os homens. Pois os exemplos, meu amigo, têem sido frisantes, e deveriam, á falta de instrucção, ter dado pratica áquelles que, de boa fé, trabalham no trapesio das conveniencias sociaes. Isto é tambem uma illusão!

O trapesio a que alludo, bambolea tão a capricho dos que mais influencia possuem, que raro é não partir-se, e o gymnasta, que neste caso é um Jerôme Paturot, cae, desloca a espinha dorsal, e permanece toda a vida... inhabilitado! E aqui cabe de molde o dito, parodiado, de fr. Agostinho Antolines: *«Este es el fin del siervo del socialismo, y el remate que tuvieron sus trabajos.» É o galardão que tiveram as suas fadigas!* E' por isso que eu já não desejo galardão, nestas lutas sociaes que se debatem, nas quaes mais prima pela audacia, o que mais destituido de senso fôr.

Não entro aqui na apreciação das habilitações do individuo que a classe industrial desejava mandar ao parlamento, mas penso que não estaria no caso de desempenhar com proficiencia o mandato que lhe incumbissem. Franqueza obriga, e eu nunca me assaltou o receio de dizer a verdade desataviada de enfeites. Teria vontade o candidato eleito, faço-lhe essa justiça, mas as forças intellectuaes de que dispõe é que lhe atraiçoariam essa vontade. E, uma vez que se quer mandar um representante ao parlamento por parte da classe industrial, eu lembrarei um outro que não será tão *popular* como o do individuo de que venho de tratar, mas que, em fim, dá todas as garantias de bem desempenhar o mandato que lhe confiarem. Vou dizel-o á classe industrial: é José Antonio Dias. Dirija-se, pois, a commissão ao governo, peça-lhe o apoio delle para esta candidatura, e verá a classe industrial como consegue o que almeja. Não praticando assim perde o seu tempo.

—Baixou do ministerio do reino uma portaria, extranhando o facto de se haver annunciado a publicação dos *Gatunos de Lisboa*, de que era auctor o escrivão do commissariado geral de policia. Penso que esta portaria attenta contra os direitos do cidadão, e contra a liberdade do individuo, impondo-lhe silencio, e limites á sua intelligencia. Eu não sei o que, sob o titulo de *Gatunos de Lisboa*, escreveria o auctor. Era mais prudente, pois, castigar o funccionario depois de publicada a obra do que prohibil-a antes de saber-se sobre que versava. Só se existe a censura previa, e o sr ministro do reino leu a obra antes de ser dada á estampa. Neste caso ficam sem effeito as observações acima, mas não podemos deixar de lastimar que um funccionario, qualquer que elle seja, não possa escrever acerca dos *Gatunos*, entretanto que ha tantos funccionarios de confiança do governo que escrevem contra elle diariamente, e mais, o accusam de frente no parlamento. Estamos em 1874, não em 1846!

Mais nada.

P. J. CONCEIÇÃO.

NOTICIARIO

O Te-Deum em 8 de Maio— Aquella imponente solemnidade religiosa deu o maior realce aos festejos. A musica é composição do sr. conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro; e foi por sua ex.ª regida, a pedido da commissão promotora dos festejos. A execução foi com a maior mestria e primor, maravilhando todas as pessoas, que enchiam o sumptuoso templo da sé cathedral; sendo justificada a surpresa, porque nem sempre o desempenho é com tanto esmero, nem mesmo quando em casos identicos tem vindo a esta cidade alguns professores de fóra.

Tudo esteve excellente, realçando as partes obrigadas, que couberam aos srs. padre Paiva e José Maria Casimiro nos seus solos *Venerandum* e *In devisto*, e duetto *In ad dexteram*; assim como o sr. padre Eduardo no solo *Te gloriosus*; merecendo tambem especial menção o sr. José Maria Antunes, alumno do collegio dos orphãos, no solo de soprano *Te Ergo*, pelo mimo da expressão de maviosa voz: aquelle mancebo e os outros seus companheiros no mesmo collegio, os srs. Silvestre Annibal, Alves e Mathias, concorreram para abrilhantar a festividade, correspondendo aos intuitos da digna mesa da Santa Casa da Misericordia desta cidade, que vê aproveitados os seus esforços para que a aula de musica alli estabelecida produza taes resultados; pelo que felicitamos a corporação na pessoa de seu dignissimo provedor, o sr. Dr. Luiz da Costa e Almeida, que promptamente accedeu ao pedido de licença que lhe foi feito por parte da commissão dos festejos. A parte instrumental tambem teve completo desempenho.

Receba o insigne compositor e regente, o sr. conego Monteiro, os nossos parabens pelo desempenho da sua magnifica composição, uma das melhores naquelle genero.

O auto de acclamação em 9 de Maio de 1834.—Quando em o numero passado publicamos o segundo auto da acclamação da rainha a sr.ª D. Maria II, feito na casa da camara desta cidade, no dia 9 de Maio de 1834, dissemos que se seguiam 225 assignaturas.

Vamos agora aqui indicar quaes são aquelles d'esses 225 signatarios, que passados 40 annos, ainda são vivos:

D. Victorino de Jesus Maria José, conego regular de Santa Cruz. (E' hoje o sr. D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello, lente da Faculdade de Theologia).

O padre Manoel Simões Dias Cardoso. (E' professor no Lyceu, e abastado proprietario nesta cidade).

O prior Manoel Joaquim Pereira Ribeiro da Rocha. (E' actualmente conego da sé cathedral desta cidade).

O prior de S. Bartholomeu Antonio José Ferreira e Sousa. (E' vigario geral no bispado de Angra).

José de Moraes Pinto de Almeida, estudante da Universidade de Coimbra. (E' proprietario nesta cidade).

Adriano de Moraes Pinto, estudante. (E' o sr. Adriano de Moraes Pinto de Almeida, juiz de direito em Penafiel).

Alberto de Moraes Pinto de Almeida, estudante. (E' empregado na alfandega do Porto).

João Antonio de Sousa Doria, estudante. (E' professor no Lyceu desta cidade).

José Barata da Silva, estudante. (E' medico e proprietario, morador na estrada nova desta cidade).

O diacono Manoel Marques Pereira Ribeiro. (E' conego da sé de Cabo Verde).

Matheus de Sousa Fino, estudante. (E' juiz de direito em Lamego).

Herculano Aprigio Alves de Araujo Santa Barbara, estudante. (E' cartorario dos hospitaes da Universidade).

Antonio Rodrigues Lucas. (E' negociante e proprietario na rua dos Sapateiros desta cidade).

Pedro Augusto Monteiro. (E' o sr. Dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco, lente da Faculdade de Direito).

Manoel José de Sousa. (E' tabellião e proprietario nesta cidade).

Antonio Maria de Azambuja Ferreira, estudante. (E' proprietario nas Means, concelho de Monte Mor o Velho).

Dr. Fortunato Raphael Pereira de Senna. (E' lente jubilado da Faculdade de Philosophia).

Justino Ribeiro de Sousa Machado. (E' empregado na repartição de fazenda desta cidade).

João Herculano Sarmento. (E' escrivão de direito desta cidade).

Adriano Pereira da Graça. (E' proprietario nesta cidade).

Francisco José Gonçalves. (E' o sr. Francisco José Gonçalves de Lemos, proprietario nesta cidade).

Antonio Joaquim de Figueiredo Serra. (E' proprietario nesta cidade).

Caetano Ignacio, estudante do 3.º anno Philosophico. (E' medico em Ferreira do Alemtejo).

Joaquim Xavier Pinto da Silva, estudante. (E' chefe de repartição no ministerio do reino em Lisboa).

O bacharel Joaquim Maria de Miranda e Oliveira. (E' juiz de direito na Covilhã).

Existem, portanto, só 25; tendo fallecido 200 no espaço de 40 annos.

Deshumanidade para com os presos liberaes. — O que tornava intoleravel o governo de D. Miguel, não era só a perseguição que se fazia a grande numero de pessoas, que do seio de suas familias eram levadas para as differentes prisões do reino; mas tambem, e principalmente, os vexames e barbaridades praticadas para com os presos. Estas e outras crueldades é que faziam odioso no ultimo grau, tão nefasto governo.

Vamos hoje publicar um requerimento de um preso na cadeia da Portagem de Coimbra, para se ver que tal era o systema de oppressão que então reinava.

«Illm.º sr. Corregedor.—Diz José Bernardo de Oliveira, mestre de embarcações, preso na Figueira da Foz, e de lá conduzido ás cadeias desta cidade, que na mesma cadeia lhe dera ha tres dias um ataque apopletico, de que se acha com a falla quasi tolhida e com grande risco de perigar a sua existencia, como póde informar o medico assistente da cadeia; e porque o supplicante pela sua edade de 70 annos que tem, e pela sua extraordinaria grossura, e mais que tudo pela gravidade da molestia, precisa de curativo muito melindroso e radical, que aliás por forma nenhuma póde ter na cadeia, onde se acha, sem meios, nem quem o possa tractar; por isso, pede a v. s.ª se digne mandar que informado, se remova o supplicante para o hospital, para alli ser tratado segundo a gravidade da molestia.—E R. M.»

Despacho—**Indeferido**—Coimbra 16 de Dezembro de 1828—(Com uma rubrica.)

Replica— O estado deploravel em que se acha o supplicante não merece o respeitavel despacho supra, que certamente foi dado na supposição de falsa permissa; e por isso conhecida a verdade, nos termos devidos, digne-se v. s.ª deferir como é de justiça, para que no caso de realisar-se a morte do supplicante, a culpa não fiscalisar a consciencia de v. s.ª—E R.M.

Despacho—**Está deferido**—Coimbra 18 de Dezembro de 1828—(Com uma rubrica.)

Festejos em Soure.— O dia 9 do corrente foi muito festejado na villa de Soure, por ser o anniversario do dia em que em 1834 alli entraram as primeiras forças liberaes.

A's 3 horas e meia da madrugada, tocaram a alvorada a philarmonica *Sourense* e a *Boa União*, que tinha ido de Coimbra; subindo ao ar muitas girandolas de foguetes.

Pelas 10 horas simulou-se, com muito apparato, a entrada do exercito liberal, vindo na frente a tocar as philarmonicas.

A's 4 horas da tarde reuniram-se as philarmonicas na praça, onde tocaram varias peças, dando-se muitos vivas á liberdade, á Carta Constitucional, a Sua Magestade El Rei, Sua Magestade a Rainha, e Casa de Bragança, que foram muito correspondidos.

A's 5 horas dirigiu-se a camara municipal dos seus paços, com as auctoridades, para a egreja, indo egualmente as duas philarmonicas e um concurso numeroso de cidadãos; e alli se cantou um solemne *Te Deum*.

Em seguida as philarmonicas percorreram as ruas, tocando os hymnos da Carta e de D. Luiz, parando a tocar ás portas das casas dos vereadores, dando-se ahi muitos vivas.

A's 9 horas da noute continuaram os festejos percorrendo as philarmonicas as ruas da villa. As janellas achavam-se muito bem illuminadas.

Na casa da associação deu-se um brilhante baile, sendo muito concorrido por cavalheiros e senhoras. Houve ahi um discurso recitado pelo academico o sr. Magalhães Lima.

Em todo o dia manifestaram grande enthusiasmo os habitantes de Soure, que assim mostraram o seu amor pela liberdade.

Devemos acrescentar, que no dia 10 tornou a haver outro baile na mesma associação.

Incendio.— No domingo, pelas 6 horas da manhã, manifestou-se incendio nas casas do sr. Luiz José Maria, na rua do Visconde da Luz, e onde tem o seu estabelecimento de fazendas brancas o sr. Antonio Henriques de Carvalho.

Acudiram logo as bombas dos incendios, e um numeroso concurso de povo, trabalhando todos com uma dedicação inexcedivel.

O fogo tinha apparecido no ultimo andar, e a grande altura das casas tornava difficil o serviço.

A não ser a muita dedicação com que trabalharam os empregados das bombas, e o povo que conduzia a agua, estaria agora aquelle grande predio reduzido todo a cinzas.

O incendio, poude-se atalhar, queimando-se apenas o ultimo andar e telhado.

Compareceu a força militar, que fez muito bem a policia, o sr. administrador do concelho, o sr. presidente e outros membros da camara, que todos foram incançaveis nas providencias necessarias.

Apesar dos melhoramentos introduzidos no material e serviço dos incendios, reconheceu-se alli a absoluta necessidade de adquirir o municipio mais duas bombas, e maior numero de mangas. A enorme pressão exercida nas mangas, para fazer subir a agua a tal altura, fez arrebentar algumas d'ellas.

As casas estavam seguras na companhia *Fidelidade*. E aproveitaremos a occasião para lembrar a esta companhia a justiça, e mesmo utilidade sua, de annuir ao que por varias vezes lhe tem sido pedido pela camara municipal, de contribuir com uma gratificação aos empregados das bombas, e com auxilio para se augmentar o material d'ellas.

A maior parte das casas em Coimbra estão seguras na companhia *Fidelidade*, e por isso convém muito a esta companhia ajudar a camara no melhoramento do serviço dos incendios.

Outro incendio. — No mesmo dia, pelas tres horas da tarde, appareceu incendio em uma das lojas da casa do sr. bacharel Bento Rodrigues Esgueira, na rua da Sophia, e com frente tambem para o terreiro da Erva.

Foram promptos os soccorros das bombas, e o fogo apagou-se em breve tempo.

Desastre.— No domingo á noute, estava um artista paliteiro, que morava na Couraça de Lisboa, assentado no muro junto á Estrella; e desastradamente cahiu d'alli abaixo, de que resultou o fallecer pouco depois.

Asylo da Infancia.—No dia 14 de Junho haverá, na forma do costume, no Asylo da infancia desta cidade, a festividade de Santo Antonio e bazar de prendas.

Cemiterio da Conchada. — Na semana linda enterraram-se os seguintes cadaveres:

D. Leopoldina Augusta da Cunha Serrão, filha de João Gaspar de Oliveira e de D. Rachel Leopoldina da Cunha Serrão, natural da Figueira da Foz, de 40 annos, fallecida no dia 3 de Maio.

Evaristo, filho de José Ferreira Collaço e de Ignez da Conceição, natural de S. Francisco da Ponte, de 9 mezes, fallecido no dia 3.

Dionisio Antonio, natural de Coimbra, de 35 annos, fallecido no dia 4.

José Pinto Magalhães, filho de Antonio Pinto Magalhães e de Leocadia Josephina, natural de Coimbra, de 50 annos, fallecido no dia 4.

Josepha Villaoz, filha de Favião Villaoz e de Maria Cruz Rocandio, natural de Valladolid (Hespanha), de 50 annos, fallecida no dia 5.

Recemnascido, filho de Augusto Cesar da Cruz Ferreira e de D. Julia Augusta d'Andrade Ferreira, natural de Coimbra, de 3 horas, fallecido no dia 5.

Felicidade da Piedade, filha de Manoel da Silva e de Maria da Piedade, natural de Coimbra, de 47 annos, fallecida no dia 7.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:471.

Jazigo de familia.—Tivemos occasião de ver no cemiterio da Conchada, um mausoleu que o nosso estimavel amigo o sr. Adelino Augusto Pereira de Carvalho, mandou fazer pelo sr. José Simões, canteiro, morador no largo do Romal, freguezia de S. Bartholomeu. Está perfeitamente acabado, tornando-se digno de recommendação este artista.

Nova cadeira.— Foi creada uma cadeira de instrucção primaria para o sexo feminino, na freguezia de Arazede, concelho de Monte Mór o Velho.

Despachos. — O sr. João Rodrigues dos Santos, foi provido, por tres annos, na cadeira de ensino primario de Febres, concelho de Cantanhede.

O sr. Joaquim Nunes Nogueira da Silva, foi provido, pelo mesmo tempo, na de Alqueidão, freguezia do Paião, concelho da Figueira da Foz.

O sr. padre José Madeira da Fonseca Machado, foi provido, por mais tres annos, na de Penalva de Alva, concelho de Oliveira do Hospital.

O sr. José Maria da Costa Duarte, foi provido, por tres annos, na de Cova de Lavos, concelho da Figueira da Foz.

O sr. Julio Maria de Andrade, foi provido, pelo mesmo tempo, na de Paião, concelho da Figueira da Foz, vaga pela transferencia do respectivo professor para a do logar da Paz, freguezia de Almagreira, concelho de Pombal.

Retrato—Do *Jornal de Lisboa*, de 9 do corrente, transcrevemos o seguinte:

«O sr. Corado, photographo, põe amanhã á venda o retrato do nosso mavioso poeta, o sr. Antonio Florencio Ferreira, satisfazendo assim ao avultado numero de pedidos de pessoas que desejam conhecer o auctor dos *Arpejos d'Alma* e *Idealismo e Sentimentos*.

O sr. Antonio Florencio Ferreira, que apenas conta 26 annos de edade, tem escripto, alem dos livros acima indicados, o *Esboço biographico de J. C. Mackonell*, uma comedia em 4 actos intitulada *Coisas deste mundo*, um lindo romance publicado no *Ramalhete do Christão* intitulado *Confidencias*, que vae mandar pôr em livro, e tem quasi concluido o seu terceiro livro de poesias.

Temol-o visto collaborando no *Conimbricense*, no *Paiz* (de Coimbra), na *Independencia*, no *Correio de Coimbra*, no *Imparcial* de Barcellos, no *Imparcial de Vizeu*, no *Lêthes*, no *Luso*, na *Mocidade*, na *Escola Popular* de Agueda, no *Mercantil* de Loanda, no *Ramalhete do Christão*, na *Bibliotheca Litteraria*, no *Liz*, na *Flor do Mondego*, etc., e as suas composições poeticas têem sido apreciadas com louvor pelos srs. visconde de Castilho, Innocencio da Silva, Silvestre Ribeiro e outros, tendo-lhe sido dedicadas tres poesias, impressas em differentes jornaes.

Quasi toda a imprensa do paiz tem endereçado os maiores elogios ao joven poeta; citamos apenas o *Jornal do Commercio*, a *Revolução de Setembro*, o *Diario Popular*, o *Paiz*, o *Diario de Noticias*, a *Nação*, a *Crença Liberal*, o *Jornal da Noite*, etc.

Alguns dos nossos principaes musicos têem escripto composições para recitação e canto das suas poesias, as quaes em numero de oito estão publicadas no *Album poetico-musical*, que tão excellente acolhimento tem obtido.

O sr. Corado satisfaz o desejo aos amigos e conhecidos do sr. Florencio Ferreira, collocando á sua disposição um bello retrato pela modica quantia de 100 reis, que se vende nas principaes lojas de musica e envia-se para a provincia a quem dirigir o importe em estampilha ao sr. photographo, rua da Penha de França, n.º 10, Lisboa.

Agradecemos o retrato com que o sr. Corado nos presenteou, que revela o esmero e bom gosto que dedica á arte que professa.»

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Os jornaes hespanhoes alcançam a 8.

A respeito da crise nada ha resolvido, nem coisa alguma se sabe de positivo. São innumeraveis as versões que vogam, e das mais verosimeis já os leitores tem conhecimento pelo texto dos telegrammas.

Solução nova, só uma vemos indicada, a de que a crise se resolverá sem nenhuma alteração no gabinete. Entretanto na opinião mais geral é de que, qualquer que seja a solução, está no espirito do duque de la Torre obtel-a no sentido da mais ampla conciliação.

Dar conta aos leitores das conferencias celebradas ou em via disso, das palavras attribuidas a cada homem politico, da opinião de cada jornal seria trabalho improbo e sem utilidade. A Hespanha tem-nos acostumado ás soluções imprevistas e nem sempre pacificas. Os hespanhoes, não tem paciencia para desatar os nós gordios; preferem cortal-os.

Acerca do Norte não ha novidades importantes. O marquez del Duero continuava em Bilbau. Os carlistas apresentavam-se em grande numero no dizer da *Gaceta*; e outras folhas dizem que o seu espirito não é dos melhores e que para os reanimar e reorganisar está o Pretendente em Durango com grande parte das suas forças.

O governador da Biscaia publicou um edital promettendo submetter a conselho de guerra todo o individuo que incendiar ou atacar a propriedade particular, ficando toda e qualquer pessoa auctorisada a prender os culpados.

Esta medida foi determinada pela necessidade de obstar ás graves desordens que se estavam dando em Bilbau, em represalias segundo parece.

O capitão general da Catalunha prohibiu as associações de *grévistas*, sendo mettidos em conselho de guerra como perturbadores da ordem publica os que a ellas pertencerem.

Acerca da derrota de D. Affonso na Catalunha não encontramos mais do que o que o telegrapho nos transmittiu.

Diz-se que a prisão de Santes é devida á desobediencia deste ás ordens de Palacios, a qual foi causa de falharem algumas empresas deste chefe».

ANNUNCIOS

1 SEXTA FEIRA, 15 do corrente, vespera da batalha da Asseiceira, ha de celebrar-se, pelas 9 horas da manhã, na egreja de Santa Cruz, uma missa por alma dos militares que falleceram na dita acção. É mandada dizer pelos Voluntarios da Rainha residentes nesta cidade. No fim da missa irão ao cemiterio collocar corôas nos tumulos e sepulturas dos seus camaradas, que alli se acham sepultados. Convidam-se as familias dos finados e todas as pessoas que quizerem a assistir áquelle acto religioso.

2 O VISCONDE DE VILLA MAIOR, extremamente penhorado pelos obsequiosos testimunhos de condolencia, que acaba de receber de toda a corporação universitaria, e de tantas outras pessoas respeitaveis de Coimbra, e na impossibilidade de ir pessoalmente agradecer tanto favor, recorre a este meio de publicidade para a todos significar o seu profundo reconhecimento.

3 ESTAMOS AUCTORISADOS para declarar, que o Dr. Antonino José Rodrigues Vidal, lente jubilado da Faculdade de Philosophia, e presidente da camara municipal da Mealhada, não desistiu, nem desiste, nem desistirá de candidato governamental a deputado pelo circulo de Anadia, que não solicitou, e que considera como um solemne protesto contra o egoismo politico, vaidade, e aristocracia parlamentar.

EDITAL

O Dr. José Maria Corte Real e Sacadura, presidente da Camara Municipal do concelho da Louzã.

Faço saber que no dia 25 do corrente, pelas 8 horas da manhã, hade ter logar uma vistoria camararia no sitio do Valle Grande ou Valle d'Almagra, ao norte do monte da Cumeada do Arneiro, da Chã do Valle do Miguel em direcção á Chã do cume do referido monte, para effeito de se medir, demarcar e avaliar o terreno baldio alli concedido de aforamento pela Camara Municipal a Antonio Pires Serra, João d'Oliveira, Damião Antonio Pires Serra, do logar da Ribeira, Francisco José de Figueiredo Junior, do logar das Fontainhas, e Adelino Justiniano de Mesquita, desta villa da Louzã, para plantação de vinha, e se arbitrar o competente fôro; e por isso convido todas as pessoas a apresentar até áquelle acto, qualquer reclamação fundada em interesse publico, que tiverem por conveniente fazer contra estes aforamentos.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandei passar o presente e identicos que serão afixados e publicados nos logares convenientes.

Louzã, 8 de Maio de 1874.

O presidente,
José Maria Corte Real e Sacadura.

NEVE

5 VENDE-SE de hoje em diante no *Café Academico*, rua do Infante D. Augusto. Preço 60 rs. cada sorvete.

6 **NO DIA 11** do corrente, reuniu o jury dos exames para o professorado de instrucção primaria, e se consideraram habilitados os candidatos seguintes:—Antonio Gonçalves Curado, Antonio dos Santos Ramos, Domingos Fernandes Lopes, Francisco Henriques da Cruz Coelho, José Maria das Neves, José Simões Lopes, João Pereira da Silva Cardote, Manoel da Costa Oliveira Cabral, Clementina Adelaide de Moraes, Maria Barbara Pena.

E não habilitados por falta de documentos:—Francisco Lourenço d'Assis Bingre, Jeronymo Augusto Pereira, Joaquim da Cruz Picanço, José Monteiro de Mattos Garrido, Leonardo Correia Pessoa, Manoel Duarte Fonseca.

Fica marcado o prazo de 10 dias, a contar de hoje, 12 do corrente, para apresentarem os ditos documentos; e não os apresentando consideram-se como desistindo do exame.

Associação dos Artistas de Coimbra

7 DOMINGO, 17 do corrente, por 10 horas da manhã, terá logar a reunião da assembleia geral para votar as contas da gerencia e proceder ás eleições dos diversos cargos.

Coimbra, 11 de Maio de 1874.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

8 A SENHORA que se offereceu para governante de uma casa em o numero deste jornal, de 5 do corrente, com as iniciaes J. M. P. D.; tem carta nesta redacção.

9 A CAMARA MUNICIPAL do concelho d'Arganil, faz publico, que no dia 17 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, se hade proceder á arrematação dos reaes do vinho, pelo anno economico de 1874 a 1875. As condições estão patentes na secretaria da camara.

Arganil 8 de Maio de 1874.

O presidente,

Antonino A. F. R. de Campos.

10 JOSÉ MARIA, impressor, desta cidade, vem por este modo agradecer a todas as pessoas que o auxiliaram por occasião do fallecimento de seu pae o sr. José Pinto de Magalhães, e em especial aos srs. José Coelho das Neves Oliveira, Antonio Maria de Sant'Anna, Romão Pereira, José da Silva, Antonio de Mattos, Manoel Gaspar, José Maria Pinto, Manoel Filippe, José Machado, José Antonio Curto, José da Cunha Leitão, Abilio dos Santos, José Gomes Arinto, Faustino Martins, Antonio de Almeida, José Maria, Antonio Madeira, e Adelino Ignacio, todos artistas.

11 A CAMARA MUNICIPAL do concelho d'Arganil, faz publico, que se acha a concurso por 30 dias, desde a data da publicação deste no *Diario do Governo*, com o ordenado de 300$000 rs., o partido medico cirurgico, com sua séde nesta villa d'Arganil, e bem assim egual partido com sua séde na villa de Coja, com o ordenado de 250$000 rs., e ambos com obrigação de curar os pobres gratuitamente em todo o concelho, e os demais pela tabella da camara, e outras condições patentes na secretaria da mesma. A qualquer destes partidos serão admittidos os individuos habilitados pela Universidade de Coimbra, ou escholas de Lisboa e Porto.

Arganil, 8 de Maio de 1874.

O presidente,

Antonino Augusto Freire Ribeiro de Campos.

AGRADECIMENTO

12 RICARDO ANTUNES DE MACEDO, summamente penhorado para com todas as pessoas de suas relações e amisade, que por occasião de sua doença se interessaram pelo seu restabelecimento, vem hoje agradecer-lhes por este meio, em quanto o não póde fazer pessoalmente, testemunhando a todos sua eterna gratidão e reconhecimento; fazendo expecial mensão de seu medico assistente o illm.º sr. dr. José Simões de Carvalho.

13 DOIS CONSORTES DA BEIRA, senhores d'uma soffrivel fortuna, tendo-lhes fallecido ha pouco seu filho unico, desejam tomar para sua companhia dois orphãos, irmão e irmã, cujos paes, tendo tido bens de fortuna, tenham fallecido pobres, mas honrados e religiosos; e quando seus paes não fossem conhecidos, deverão elles ser de boa indole, e bem morigerados, sadios, de edade de 12 a 15 annos, tendo a educação civil, e religiosa compativel com a sua edade. Roga-se por tanto aos que se acharem nestas circumstancias, bem como aos srs. directores de asylos de infancia desvalida, e outros estabelecimentos de caridade, e a quaesquer outras pessoas, que queiram contribuir para este philantropico e religioso acto, se sirvam dirigir-se á redacção do *Campeão das Provincias, Diario de Noticias, Nação, Atalaia, Jornal do Porto*, e á deste jornal; podendo tambem dirigir-se em carta fechada aos exm.ºs srs. Francisco Xavier Garcez de Magalhães Montes, no largo do Desterro, n.º 35, em Lisboa; Pedro d'Albuquerque Amaral, em Mangualde; José Mendes Ribeiro e Lima, em Gouvea; e aos reverendos srs. João Antonio Nunes Candido Luciano Ribeiro, em Vizeu, já prevenidos pelos annunciantes a tal respeito, e quando sejam boas as informações, que se lhes derem, os annunciantes immediatamente praticarão um acto, em que tanto se interessam.

Beira, 3 de Maio de 1874.—*J. A.*

ATTENÇÃO

14 JOAQUIM AUGUSTO DE CARVALHO E SANTOS, chegou de Lisboa, e traz um bom sortimento de pannos e casemiras proprias da estação, e que vende por preços commodos, no seu estabelecimento na rua da Calçada, n.ºs 121 a 127. Alem de merinos pretos francezes, para vestidos de senhora, tambem tem para liquidar alpacas de côr a 360 rs. o metro, que se venderam a 600, e lãs com seda a 240 rs., que eram de 360.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Barca MARIA CAROLINA—18 de Maio.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

16 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Motta, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

17 VENDE-SE um Phaeton de quatro rodas, na rua da Sophia, n.º 90.

18 ANNUNCIA-SE AOS PHARMACEUTICOS desta cidade ou de fóra, que na pharmacia de L. Ruivo de Figueiredo, rua da Sophia, n.ºs 19, 21 e 23, tem deposito de sulphato de quinino, aos frascos, inglez e francez, que vende com abatimento de 10 a 15 p. c., em relação aos preços correntes e conforme as porções de frascos que comprarem. Garante-se a qualidade.

EDITAL

19 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA faz saber, que se acham afixados nas portas das egrejas parochiaes deste concelho, as listas dos mancebos recenseados nas respectivas freguezias, para o recrutamento do corrente anno, e bem assim que está patente nos paços municipaes, o caderno do referido recenseamento, para ser alli examinado, para o effeito de reclamações, quer contra a inscripção, quer contra a omissão e qualificação de qualquer mancebo. O prazo para a apresentação das reclamações será desde a afixação das listas referidas até ao dia 9 de Junho proximo futuro. E neste dia 9 pelas 9 horas da manhã, terá logar em sessão publica o sorteamento dos mancebos, que será feito por freguezias, podendo responder á chamada o pae do recenseado, seu tutor, procurador ou qualquer outra pessoa devidamente auctorisada.

Os mancebos que pretenderem isentar-se do serviço militar, com o fundamento de servirem d'amparo unico a algum dos seus ascendentes ou irmãos, na forma da disposição no n.º 2.º do art.º 8.º da lei de 27 de Julho de 1855, deverão instruir seus requerimentos com os seguintes documentos:

1.º Certidão d'edade da pessoa ou pessoas de que se digam amparo.

2.º Os conhecimentos das contribuições pagas ao estado no anno anterior, ou certidão authentica de que não estão inscriptos nas respectivas matrizes.

3.º Attestação passada pelo respectivo parocho, da qual conste quantos irmãos tem o mancebo recenseado, com designação d'edade, sexo e estado de cada um.

Se o reclamante allegar que a pessoa ou pessoas, de quem se diz amparo estão impossibilitadas de trabalhar por motivo de molestia, deverá juntar attestado de facultativo legalmente habilitado, para provar essa circumstancia, designando-se nelle a natureza da molestia, e principalmente se é ou não permanente. O exposto, abandonado, ou orphão que pretender isentar-se, por amparo da mulher que o criou, deve juntar, alem dos documentos citados, attestado de parocho e regedor da freguezia, que provem que a mulher de quem se diz amparo, o creou e educou gratuitamente. Os documentos que instruirem as reclamações, deverão ser jurados e reconhecidos por tabellião.

E para constar se passou o presente e outros de egual theor.

Coimbra, Secretaria da Municipalidade, 2 de Maio de 1874.

O presidente,

Fernando de Mello.

20 **MARINHA FRANCEZA** A bordo do navio do governo francez — *Jean Bart.* — Rada de Hyères, 15 de Maio de 1873.

Ill.mos srs. — Durante uma viagem muito comprida, achámos a vossa *Revalescière* da maior utilidade. O que é certo é que ella nos tem preservado das affeições produzidas pelo uso continuo das carnes salgadas e dos legumes seccos.

O clima quente de Dakar (Senegal) tão fatal aos Europeus, lhe produz a falta de appetite, da energia e do somno; a *Revalescière* foi para nós um remedio perfeito e efficaz a estes padecimentos.

Na passagem do Rio de Janeiro ao Cabo da Boa Esperança e d'este até Lisboa, têem-se provado as suas boas qualidades de um modo ainda mais claro. Na latitude das calmas equatoriaes (chamadas pelos inglezes o Cemiterio do Oceano) o ar humido e sobrecarregado de electricidade não deixa de não produzir uma fraqueza e anemia geral.

N'estas regiões, tivemos a convicção de que a *Revalescière* usada diariamente, cura radicalmente todas as desenterias e as febres.

E' pena que as preoccupações e os costumes tenham impedido até agora a adopção na marinha de um producto tão precioso e superior ás conservas de legumes e ao «Lime-Juice», como anti-scorbutico. Esperamos, senhores, que de hoje em diante a marinha apreciará a sua descoberta como o merece.

Os officiaes do *Jean Bart* — L. Maurette, C. Malcor, L. Deloncle, e mais outras seis assignaturas.

Certificado do celebre dr. RUDOLPH WURZER:

Bonn, 19 de Julho de 1854.

Esta ligeira e agradavel farinha é o melhor absorvente; ao mesmo tempo nutritiva e restaurante substitue admiravelmente toda a medicação em muitas doenças. E' de grande utilidade, sobre tudo nas renitencias habituaes do ventre, bem como nas diarrheas, affecções nos rins, e na bexiga, na pedra, irritações, inflammações, e caimbras da uretra, dos rins e bexiga, nos apertos e hemorroides, bem como nas enfermidades pulmonares, bronchites, na tosse e consumpção. Tenho a convicção que a *Revalescière du Barry*, tem a propriedade preciosa de curar as molestias hecticas.

DR. RUD. WURZER

membro de muitas sociedades scientificas.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa.** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto, L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. B. de Sequeira, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahir, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2797 — SABBADO 16 DE MAIO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Parece que os trabalhos da proxima eleição geral de deputados vão preoccupando as attenções de todos os partidos e de todas as influencias; e que as ambições imprudentes continuam a explorar a consciencia dos eleitores: cada qual se empenha em levar á nova camara os seus correligionarios ou os seus amigos pessoaes, sem tractar de escolher os homens que mais e melhores serviços podem prestar á causa publica, advogando os interesses geraes da nação.

Nesta solemne manifestação da vontade nacional, em que o povo é chamado a exercer o mais importante dos seus direitos politicos, a sua soberania, julgando os actos dos differentes partidos e impondo a sua vontade legitima a todos os poderes do estado, acham-se consubstanciados os principios radicaes da moderna escola liberal e democratica.

O suffragio, no systema que rege as nossas instituições, é um dos actos mais solemnes e importantes da vida publica; por elle se torna effectiva a soberania popular, por elle tem os partidos de aferir o seu procedimento nos debates da vida publica.

Todas as ideias politicas, todas as franquias populares tem no acto eleitoral, nesta manifestação publica dos sentimentos individuaes e sociaes, ampla faculdade de se patentear, para se fazerem apreciar e reconhecer pelas assembleias nacionaes, advogando os interesses dos grupos e pugnando pelas regalias, que o direito publico lhes concede.

É preciso que na escolha dos seus representantes, os eleitores saibam comprehender a gravidade do acto que são chamados a desempenhar, repellindo com independencia e hombridade, digna de homens livres, as machinações e intrigas que as ambições partidarias lhes preparam, mostrando que sabem apreciar os direitos que a constituição politica lhes confiou, e que são dignos de gozar das actuaes regalias.

Em presença das modernas ideias e sob o regimen liberrimo das nossas instituições, e na occasião em que o sentimento publico se pronuncia tão claramente em favor dos direitos do povo, da soberania popular, da democracia e de todos os seus foros, presenciaremos ainda as scenas degradantes, dignas das epochas remotas em que se mercadejava a consciencia e o voto dos eleitores?

Nestes felizes tempos de liberdade, em que o progresso das ideias tem transformado e ampliado todas as regalias publicas, teremos de ver ainda o torpe commercio de votos, com que as mesquinhas ambições de algumas influencias partidarias costumam alliciar a consciencia dos eleitores?

Não basta que o povo peça liberdades, é necessario que se mostre digno dellas. É indispensavel conhecer os erros que commette no exercicio dos actos mais importantes da vida social.

Sermos dignos da liberdade quando soubermos desempenhar todos os deveres, remir todas as obrigações e respeitar todos os direitos.

Escolham os cidadãos quem dignamente os represente, não deleguem os seus direitos de cidadãos livres, nos ambiciosos, que sem merecimentos pessoaes, nem dotes que os recommendem, desejam sómente embaraçar o andamento dos negocios publicos, provocar conflictos e promover desintelligencias que servem sómente para desacreditar o systema representativo e excitar a desunião entre o partido liberal. Escolham livremente os seus representantes, que é esta, sem duvida, a missão mais augusta que têem a desempenhar na ordem das relações politicas, e no seu proprio interesse.

O PASSADO E O PRESENTE

A *Nação*, em o seu numero de 13 do corrente mez, publica um extenso artigo, em que censura asperamente o exm.º sr. bispo conde, por ter officiado no *Te-Deum* da sé cathedral de Coimbra, no dia 8, anniversario da entrada do exercito libertador nesta cidade.

Entre muitas outras cousas diz a *Nação*:

«O *tripudio* do dia 8, é uma obra de uma commissão sem caracter official; portanto o exm.º prelado podia, muito a seu salvo, recusar o seu concurso, e bastava, para que todos respeitassem a sua decisão, que elle desse a razão de ser bispo de todos e não de uma só parte dos seus diocesanos. Assim que o exm.º prelado foi muito expontaneamente tripudiar e profanar o templo do Deus Vivo!!! Um bispo, santo Deus!...»

Extranha a *Nação* que o sr. bispo conde officiasse no *Te-Deum* para solemnisar um acontecimento, que concorreu para estabelecer a actual dynastia e as instituições vigentes. Vamos ver como procedeu o bispo D. Joaquim de Nazareth, e os outros corifeus do partido de D. Miguel, *no mesmo templo da sé de Coimbra*, no dia 25 de Abril de 1828, não a favor de um governo *legalmente constituido* como o actual; mas em acto *revolucionario*, e que *revolucionario* séria, pela epocha em que se praticava, ainda que D. Miguel tivesse legitimo direito ao throno.

Viera D. Miguel como regente para Portugal, e nessa qualidade governava o reino em nome da rainha D. Maria II;—ainda os chamados tres estados não haviam sido reunidos, nem ao menos convocados; quando no mencionado dia 25 de Abril de 1828 se deliberam os miguelistas de Coimbra, e os estudantes do mesmo partido, a praticar na sé cathedral desta cidade, um acto de manifesta e publica rebeldia; pondo-se á frente delles o bispo D. Joaquim de Nazareth.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXII

D. CARLOS

CXII

Responderam ao conde de Hespanha, que o seu successor era o general Segarra, com o que se alegrou o conde, dizendo que, ainda que tardasse alguma cousa em vir, por estar tres ou quatro leguas distante, podiam esperal-o todos reunidos.

Ferrer e algum outro vogal da junta carlista disseram ao conde, que isso não podia ser, porque deferia demasiado a sua saida, e estavam já tomadas as disposições para que se executasse naquella mesma noute, com direcção ao valle de Andorra.

Vendo o conde que não tinha mais recurso que obedecer, pediu o cuidado com a sua pessoa, recordando que era um pae de familia e um ancião: palavras que não deixaram de commover a sensibilidade da maior parte dos membros da junta, particularmente ao ecclesiastico Sampons, que lhe disse, dirigindo-se a elle e pegando-lhe nas mãos:—«Não, meu general, não tenha v. ex.ª cuidado, que antes passarão por cima do meu cadaver, que tocar ninguem na pessoa de v. ex.ª.»

Offereceu-se a acompanhal-o por convite do conde, fazendo o mesmo o sacerdote Villela; e satisfeito com tal companhia começou a andar, saindo da casa por uma escada que conduzia á egreja, onde resou um momento.

Tal foi o resultado de tão notavel sessão. Eram as 9 da noute quando emprehendeu a marcha o conde de Hespanha, acompanhado de D. Narciso Ferrer, o reitor Torrebadella, Sampons, Villela, o estudante Masiá, e o irmão de Ferrer. Montou o conde na mula do vice-presidente Orteu, que já estava preparada, fazendo-o passar pela humilhação de lhe não deixar um cavallo, e se dirigiram todos á reitoria de Sisgque, aonde chegaram ás 4 da manhã.

Meia hora depois de haver saido, voltou Torrebadella, e como vivia na reitoria onde tinha preso a D. Luiz Adell, ajudante do general, entrou no seu quarto, perto da meia noute, noticiando-lhe a seu modo a demissão que haviam effectuado, dando seguranças a Adell, para que ninguem temesse, nem por elle, nem pelo conde. Quatro dias continuou Adell preso no mesmo quarto, estando tambem os cabos de moços da companhia do general D. Miguel Serdá e D. Paulo Pallares, um cosaco e um criado.

Na manhã do dia 27 sairam os vogaes Sampons e Villela da reitoria de Sisgque, deixando o conde debaixo da guarda de D. Narciso Ferrer. Este havia mandado ao seu assistente Ramon Ciscuns que trouxesse vestido de paisano, para que o pozessem ao conde, a fim de que não fosse conhecido com o uniforme de general, e evitar uma desgraça pela irritação do povo, dizia Ferrer. O traje consistia em uma jaqueta, jaleca e calças de panno escuro, porém tão velho, que segundo a conta que apresentou o preshytero Ferrer á junta, custou 120 reales.

Negou-se o conde a vestir tão humilhante traje, porém o cirurgião Ferrer, mandou a varios dos que estavam presentes, que debaixo da pena de vida tirassem o uniforme ao conde.

Quando chegaram ao quarto em que estava o conde de Hespanha, encontraram-no de pé com os calções encarnados caidos, a casaca de general posta, e os braços cruzados para evitar que lha tirassem.

Disse-lhes o conde de Hespanha, que não podiam despojal-o de um fato que el-rei lhe havia dado; porém vendo a Ferrer e a seis ou oito moços que estavam alli, dispostos a tirar pela força, cedeu, e lhe pozeram o vestido velho de paisano.

Despojado o conde do seu uniforme e de quanto tinha, saiu da reitoria de Sisgque ao anoutecer, cobrindo a cabeça com um chapeu de tres bicos, desguarnecido dos seus adornos. Tomaram o caminho da casa de campo Call Dauden, e durante a marcha foi dizendo o conde a um moço de esquadra, Salvador Coll, que o acompanhasse até Andorra, sem o deixar, e que quando chegasse escreveria ao intendente para que lhe désse seis duros e egual quantia aos outros. Em casa de Riu de Valls, se uniu ao conde, D. Narciso Ferrer, e continuaram marchando toda a noute.

Ao amanhecer de 28 chegaram todos a Call Dauden, onde se alojaram, e comeu o conde pessimamente.

Em troca deste mau trato que lhe davam, se mostrou elle summamente attento com seu verdugo D. José Ferrer.

Ao anoutecer chegou o moço João Capellas com um officio, que em Abia lhe havia entregado Torrebadella para o preshytero Ferrer, com 100 duros, uma capa de panno, uma caixa de cigarros, tres libras de chocolate, e duas malas com roupa. Resolveu a junta remetter esta equipagem e dinheiro ao conde, e foi conduzida em um macho que Torrebadella mandou entregar ao referido moço. Tambem dispoz a junta se reforçasse com 15 moços mais a escolta de Ferrer.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

O tripudio do dia 25 era uma obra sem caracter official; portanto o exm.º prelado podia, muito a seu salvo, recusar o seu concurso, e bastava, para que todos respeitassem a sua decisão, que elle desse a razão de ser bispo de todos e não de só parte dos seus diocesanos. Assim que o exm.º prelado foi muito espontaneamente tripudiar e profanar o templo do Deus Vivo !!! Um bispo, santo Deus !...

E isto era um acto legal, com quanto aquelle que no dia 8 do corrente praticou o exm.º sr. D. Manoel Correa de Bastos Pina; era um attentado contra a forma de governo estabelecida na Carta Constitucional, solemnemente jurada pelo proprio D. Miguel.

Na presença do bispo D. Joaquim de Nazareth, e antes d'elle officiar no *Te-Deum*, sobe ao pulpito da sé cathedral de Coimbra o conego regrante de Santa Cruz, D. Francisco do Santissimo Coração de Maria, e exclama em altos brados:

«Está vingada a honra do throno portuguez; triumphou a virtude insultada pelos impios demagogos: preencheram-se vossos desejos, nobres e illustres academicos, realistas fieis. Já podemos, honrados portuguezes, celebrar com enthusiasmo os ditosos annos da muito alta e poderosa senhora, Imperatriz Rainha; já podemos dizer sem susto, nos vivos transportes de nosso jubilo, e nas doces emoções de nossa alma agradecida: *Viva a Defensora do Altar e do Throno; Viva o terror dos impios Demagogos: Viva a Terna Mãe do Monarcha Augusto, do Anjo Tutelar da Lusa Gente, o Senhor* **D. Miguel I, Rei absoluto**: *Viva a Senhora D. Carlota Joaquina, Rainha dos Portuguezes!*»

Supporá alguem que o bispo D. Joaquim de Nazareth, á vista de semelhante attentado, contra o governo existente, estabelecido segundo a Carta, se retiraria da sé cathedral, para assim protestar com a sua ausencia contra um acto tão criminoso? Não, senhores! Conservou-se na sé, tomando parte directa no escandalo; e associando-se ás subversivas doutrinas de D. Francisco do Santissimo Coração de Maria, que terminou o seu sermão exclamando naquelle sagrado logar, como se fosse em uma praça publica:—*Viva o Defensor do Altar e do Throno, Viva o Restaurador da Monarchia, Viva o terror dos impios, o Anjo Tutelar da Lusa Gente: Viva, Viva o Senhor* **D. Miguel I, Rei absoluto!**

E reduziu-se só a isto o procedimento do bispo D. Joaquim de Nazareth? Limitou-se elle só a officiar na missa de manhã e no *Te-Deum* de tarde?

Não! Veiu para o adro da sé cathedral, em frente do grande largo da Feira, e ahi foi o primeiro a assignar um papel, collocado sobre uma mesa, contendo o auto da acclamação que nesse dia se tinha feito nesta cidade, de D. Miguel, como **rei absoluto**; seguindo-se a assignal-o as auctoridades e grande numero de miguelistas de Coimbra!

E para tornar ainda mais festiva essa demonstração, mandou o bispo á noute illuminar a frontaria da sé cathedral, vendo-se no centro o retrato de D. Miguel. Ao mesmo tempo percorriam as ruas da cidade, bandos de miguelistas com musicas, dando atroadores vivas *a D. Miguel*, **rei absoluto de Portugal**, *á causa de Bragança, á religião, aos apostolicos, e ao terror dos maçães!*

Isto sim! Isto é que era um procedimento legal e digno de elogios! O que agora praticou o exm.º sr. D. Manoel Correa de Bastos Pina, é que foi tão criminoso, que não tem remissão possivel!

Diz a *Nação* que os prelados se devem prestar a prestar o seu concurso nas festividades, ainda mesmo officiaes—*quando essas festividades assumam um caracter aggressivo contra uma parte do rebanho confiado pelo Espirito Santo ao cuidado pastoral.*

Pois que mais aggressivas festividades poderia haver do que as do dia 25 de Abril de 1828, em Coimbra, e outras muitas terras do reino; dirigidas directamente a mudar a forma do governo constitucional, para elevar em seu logar o throno do absolutismo, firmado sobre os cadaveres de grande numero de liberaes; sobre os bens sequestrados aos cidadãos fieis ao seu juramento; e regado com as lagrimas de milhares de familias, que viam os seus chefes gemendo nas mais duras prisões, ou soffrendo as amarguras do exilio?!

E é um partido que assim procede, que tem o atrevimento de vir censurar o actual prelado da diocese de Coimbra!

Rasguem as paginas da historia; destruam os monumentos perennes das suas façanhas; e depois poderão fallar.

Por em quanto—NÃO!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

16 DE MAIO

Cinco anniversarios

Raro será o dia em que se possam commemorar tantos acontecimentos notaveis da moderna historia portugueza, como o 16 de Maio. Vamos dizer algumas palavras acerca de cada um delles.

16 DE MAIO DE 1811

Batalha de Albuera

Achava-se o marechal Beresford cercando a praça de Badajoz, quando teve a noticia de que o marechal Soult vinha de Sevilha para o atacar, e obrigar a levantar o cerco da praça.

Sae-lhe ao encontro o marechal Beresford, com o exercito, composto de inglezes, hespanhoes e portuguezes; e se dá a sanguinolenta e famosa batalha, junto á povoação de Albuera em 16 de Maio.

A força dos exercitos combinados subia a 31:000 homens. Os portuguezes tinham ahi artilheria n.º 1 e 2; cavallaria n.º 1, 5, 7 e 8; caçadores n.º 5 e 7; e infanteria n.º 2, 4, 5, 10, 11, 14 e 23; formando o total de 10:200 homens.

Praticaram-se nesta batalha actos de grande heroismo, sendo para notar a valentia com que o primeiro batalhão de infanteria 11, portuguez, repelliu uma formidavel carga da cavallaria franceza.

Ainda que o exercito francez não foi na batalha de Albuera completamente derrotado, comtudo tiraram-se d'ella grandes vantagens para o proseguimento da campanha.

16 DE MAIO DE 1828

Revolução liberal no Porto e Aveiro

D. Miguel, que havia jurado a Carta Constitucional, e que tinha vindo para Portugal como regente em nome de sua sobrinha D. Maria II; arremeça promptamente a mascara; calca aos pés os seus juramentos; dissolve as côrtes; forma um ministerio da sua facção; demitte as auctoridades e desliga os officiaes do exercito em que não confiava para os seus planos; e prepara-se por todos os meios para usurpar o throno.

Não póde o partido liberal ver indifferente esta traição; e por isso, no dia 16 de Maio de 1828, levanta em Aveiro o grito da revolução o batalhão 10 de caçadores; e no mesmo dia de tarde, insurreccionam-se no Porto os regimentos de infanteria 6 e 18, caçadores 11, cavallaria 12 e artilheria 4; a que depois foram adherindo outros muitos corpos, espalhados por differentes pontos do reino.

No dia immediato forma-se no Porto um governo militar, a que se seguiu uma junta provisoria encarregada de manter a legitima auctoridade de el-rei o sr. D. Pedro IV.

16 DE MAIO DE 1832

Celebres decretos reformadores

Ao mesmo tempo que o duque de Bragança organisava nos Açores a expedição que havia de vir libertar o continente do reino da mais barbara tyrannia; tratava o ministro José Xavier Mousinho da Silveira, com uma audacia inexcedivel, de reformar a administração publica, preparando o terreno para libertar Portugal da oppressão que soffria.

No dia 16 de Maio de 1832 assigna o duque de Bragança, e referenda Mousinho da Silveira em Ponta Delgada, os celebres decretos n.os 22, 23 e 24, que reformam a fazenda, a justiça e a administração.

A estes decretos se devia seguir os da extincção dos foraes e dos dizimos, referendados pelo mesmo Mousinho da Silveira; assim como o da extincção dos frades pelo sr. Joaquim Antonio d'Aguiar.

As côrtes liberaes de 1821 e 1822 algumas reformas haviam feito; mas era a medo, e sem o cunho da audacia dos verdadeiros reformadores. As classes privilegiadas, e que viviam á custa do povo, oppunham-se tenazmente a toda a alteração nos abusos; e os deputados limitavam-se a fazer discursos philosophicos, sem resultado pratico.

Mousinho da Silveira seguiu caminho differente. Auxiliado pelas circumstancias, e levado pelo seu caracter pronunciadamente energico, lançou o machado da reforma á arvore dos privilegios, e fez nascer para Portugal uma era de liberdade, de progresso, e de melhoramentos, de vida e actividade commercial, industrial e agricola.

Os serviços prestados por Mousinho da Silveira á liberdade portugueza, não são em nada inferiores aos dos mais valentes e felizes generaes do exercito libertador. Se o duque da Terceira, Saldanha e outros muitos reformavam com a espada; Mousinho da Silveira reformava com a penna. Os traços destes não são menos indeleveis do que os golpes d'aquella.

16 DE MAIO DE 1834

Batalha da Asseiceira

Uma coincidencia bem notavel é que, tendo sido no dia **16 de Maio** de 1828 a revolução liberal do Porto contra D. Miguel; fosse em um egual dia, **16 de Maio** de 1834, a batalha da Asseiceira, que foi o ultimo combate de guerra civil.

No dia 16 de Maio de manhã, marchou o duque da Terceira, com o exercito liberal, de Thomar pela estrada que conduz á Atalaya, tendo observado o inimigo nas alturas por cima do logar da Asseiceira.

Quando a vanguarda liberal chegava perto de Santa Cita, encontrou as avançadas do exercito inimigo; e um tiroteio que começou desde logo na frente, repelliu o inimigo sobre o grosso da sua força, em quanto a columna avançava. Chegando ao baixo da serie das alturas sobre a Asseiceira, foram avistados os miguelistas em posição e formados nos cumes e vertentes das mesmas alturas.

Começou então o ataque; e mandando o duque da Terceira formar tres columnas das tres brigadas do exercito liberal, fez avançar pela direita a columna do coronel Antonio Vicente de Queiroz; pelo centro a do brigadeiro João Nepomuceno de Macedo; e pela esquerda a do tenente coronel José de Vasconcellos Bandeira de Lemos.

O inimigo favorecido pela vantagem da sua posição, e pelo fogo da sua artilheria, resistiu teimosamente, e sustentou por muito tempo as sinuosidades do terreno que occupava, empregando em todas as circumstancias favoraveis a sua cavallaria, que a infanteria liberal das columnas do centro e direita, repelliu sempre com a maior galhardia, formando-se com promptidão, e conservando-se com segurança e firmeza.

Finalmente a despeito de todas as difficuldades e resistencias, as alturas foram tomadas, e o inimigo posto na mais completa debandada, sendo perseguido por tal forma, que a sua fuga teve logar em todas as direcções sobre as estradas de Punhete, da Barquinha, de Torres, da Gollegã, e por todos os montes e valles intermedios.

As columnas liberaes caindo sobre os miguelistas, assim debandados, e a cavallaria, depois de fazer voltar a cara por uma denodada carga aos esquadrões miguelistas, conseguiram fazer-lhes, alem de mortos e feridos, mais de 1:400 prisioneiros, incluindo 64 officiaes, apprehender-lhes 4 bandeiras, e toda a sua artilheria, com parelhas, munições e reservas, constando de 8 bocas de fogo.

Tal foi o resultado immediato da acção da Asseiceira, na qual o brigadeiro João Nepomuceno de Macedo, conduzindo o ataque do centro, levando pela vertente da mais aspera montanha os valentes voluntarios do regimento da Rainha, e o regimento de infanteria 18, animando-os, dispondo-os, e sustentando-os, deu as mais brilhantes provas da sua intrepidez.

A direcção dada pelo coronel Antonio Vicente de Queiroz a columna do seu commando, composta do batalhão de caçadores 12 e regimento de infanteria 10, e o seu valor pessoal, coadjuvado em especial pela bravura do batalhão de caçadores 12, que repelliu a cavallaria miguelista, concorreu muito para o bom resultado da batalha.

O tenente coronel José de Vasconcellos Bandeira de Lemos, vencendo na esquerda, a mais teimosa resistencia, com o batalhão de caçadores 3, batalhão de infanteria 4, 2.º regimento ligeiro da Rainha, e batalhão nacional movel de Alcobaça, no longo circuito a que a posição o obrigara, debaixo do fogo da artilheria miguelista, tornou-se, assim como as tropas do seu commando, credores de bem merecido elogio.

A cavallaria, commandada pelo coronel José da Fonseca; e a artilheria, pelo major José Gerardo Ferreira Passos, egualmente se portaram com toda a valentia, prestando importantes serviços.

Todo o exercito liberal se cobriu de gloria, dando assim o ultimo golpe nas forças miguelistas, no sempre memoravel dia 16 de Maio de 1834 na batalha da Asseiceira.

Publicamos em seguida os nomes dos voluntarios da Rainha, que entraram na batalha da Asseiceira, e que ainda vivem em Coimbra.

Manoel Antonio Pimentel, tenente—Manoel dos Santos Pereira Jardim (Visconde de Monte-São)—Bento José da Costa—Victor da Costa Coimbra—Manoel Ribeiro—João Pedro de Jesus—Macario Lopes—Manoel de Jesus Cardoso—Abel Duarte de Carvalho—Antonio Leitão—Manoel Castanheira das Neves—José Julio Cesar—Paulino José Pereira de Araujo—João de Figueiredo Peixoto—Luiz Antonio Veiga—Antonio Pessoa—Francisco de S. Romão—Francisco Telles—Sebastião Monteiro—Manoel Joaquim da Fonseca—Justiniano Soares.

Tambem vivem em Coimbra mais dois voluntarios da Rainha, que não poderam assistir á batalha da Asseiceira. São o sr. José Marques Pinto, ferido no Porto; e o sr. José Marques de Campos, ferido na Lixa.

E finalmente assistiram á batalha da Asseiceira o sr. Julio Cesar Augusto, de infanteria 10; e o sr. Francisco de Almeida, de infanteria 18.

16 DE MAIO DE 1846

Revolução popular em Coimbra

Rompera a revolução no Minho contra o governo do conde de Thomar; e tratava o partido da opposição neste districto de coadjuvar aquelle movimento.

Em a noute de 13 de Maio sairam de Coimbra alguns estudantes, e reunidos com varios habitantes da cidade em uma quinta so Almegue, dirigiram-se a Monte Mór o Velho, onde levantaram o grito da revolução.

Seguiram depois para Maiorca, e d'alli para a Figueira, tendo encontrado por toda a parte o mais decidido enthusiasmo, e engrossando a sua força com os diversos povos, que livremente se lhes uniam.

Na Figueira tomaram o forte; e tendo aprisionado 28 soldados de infanteria 9 e 4 soldados de infanteria 3, partiram para Cantanhede a fazer a juncção com as forças populares de Aveiro e outras terras, e ao meio dia de 16 estavam em marcha sobre Coimbra em numero de 700 homens.

Entretanto esta cidade não se achava ociosa. O povo havia-se levantado e desarmado uma guarda. Alguns povos dos arrabaldes tinham vindo desafiar corajosamente o batalhão de caçadores 8; as forças de Poiares, com as que lhes andavam annexas, e outros povos combatiam pelo lado de Santo Antonio dos Olivaes, ferindo alguns soldados, e o official Serpa Pinto.

Pelo lado da ponte combatiam os do concelho de Miranda do Corvo, e penetraram no bairro baixo; vendo-se por fim obrigado o batalhão de caçadores 8 a abandonar a cidade em a noute do dia 16, triumphando assim a revolução em Coimbra.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Commemoração—Os Voluntarios da Rainha e de outros corpos, que nas campanhas da liberdade tomaram parte na memoravel batalha da Asseiceira, mandaram hontem celebrar uma missa na egreja de Santa Cruz por alma dos que pereceram naquella batalha.

Depois da missa, a que assistiram muitas pessoas, dirigiram-se todos ao cemiterio, onde depositaram corôas de perpetuas sobre as sepulturas dos seus camaradas que alli jazem, que são os srs. Francisco Bernardes Saraiva, Manoel José Teixeira Guimarães, Antonio Damil, Francisco Rodrigues Bruno, e Luiz Paes Coelho.

Foi uma scena comovente para os que a realisavam e para todos que a presenciaram.

As corôas eram collocadas pelo sr. Manoel Antonio Pimentel, tenente dos Voluntarios da Rainha, depois do responso em cada sepultura, que ia sendo visitada.

O digno capellão do cemiterio, o sr. conego Manoel Marques Pereira Ribeiro, convidou os assistentes a que se dirigissem á sepultura da virtuosa esposa do sr. Francisco Bernardes Saraiva, e alli se rezaram as mesmas orações, com todo o recolhimento, e ainda mais commovidos todos pelas lagrimas que á memoria de seus chorados paes tributava o sr. bacharel Daniel da Veiga Saraiva.

Depois de collocada a primeira corôa, o sr. Dr. Manoel Emygdio Garcia pronunciou um eloquente discurso, analogo ao acto que tinha logar, exaltando os serviços dos que com as armas implantaram a arvore da liberdade em Portugal, e fazendo votos para que ella fructifique e á sua sombra gozemos tudo que os povos livres tem direito a usufruir.

Seguiu-se depois o sr. João Pedro de Jesus, antigo voluntario, que leu um discurso adequado á ceremonia, escripto em fórma muito conceituosa e a todos os respeitos digna daquelle solemne acto.

Terminada a cerimonia, o sr. Olympio disse, pouco mais ou menos o seguinte:

Que aprouve á Providencia permittir que alli repousassem as cinzas d'aquelles soldados da liberdade; que, procurando alguns as terras do exilio, tiveram de transpor os mares, e poderiam ter ficado sepultados no Oceano; ou nos campos da batalha, sendo que todos haviam corrido o risco dos combates, desde o memoravel dia 11 de Agosto de 1829 na villa da Praia, na ilha Terceira, até 16 de Maio de 1834, na batalha da Asseiceira, com que terminou aquella guerra civil. Entraram em quasi todas as batalhas, em que ficaram feridos alguns delles, porque todos queriam logar na vanguarda: foram porem salvos pelos insondaveis decretos do Altissimo; não lhes faltava o denodo e coragem; porque não ha cobardes nas legiões portuguezas, seja qual fôr o campo em que ellas militem, e menos podia haver nos que combatiam por uma ideia universal.

Que o Omnipotente os preservára de tantos perigos, e permittira que, finda a luta em que se cobriram de louros, voltassem ao lar da familia, alli educassem os que lhe succederam, nos braços dos quaes restituiram ao Creador a dadiva que todos d'Elle haviam recebido, não lhes faltando na hora suprema os confortos da religião, os cuidados dos que os estremeciam, parentes, ou amigos, porque a verdadeira amisade é uma religião.

Que se alliava á demonstração de saudade fraternal que aos seus camaradas tributaram os voluntarios da liberdade; e que pedia ás pessoas presentes que rogassem ao Todo Poderoso que afastasse de sobre Portugal quaesquer crises, que podessem levar os filhos desta terra a novas lutas fratricidas, que só servem para desolar viuvas, e augmentar a orphandade. Que a moderna civilisação só admitte as lutas da intelligencia e os certames da industria, em que só ha nobilitações, e onde os vencidos são dignos de apreço; e para isto se conseguir era necessario que acabassem essas divisões injustificaveis, e que a divisa de todos os portuguezes se resumisse na legenda—Deus, Patria, Liberdade.

O dia da Ascensão e a entrada do exercito libertador em Coimbra.—O dia 8 de Maio de 1834, em que entrou em Coimbra o exercito libertador, era quinta feira da Ascensão.

Desde então até hoje não tornou este dia santo á cair no dia 8 de Maio; nem em todo este seculo já isso póde ter logar. E se o anno de 1900 fosse bissexto, como deveria, não coincidiria senão em 1907.

Como, porem, aquelle anno é *secular*, e a sua *millesima* não é divisivel exactamente por 400, deixa, segundo a correcção gregoriana, de ser bissexto, e então a coincidencia dos dois dias dá-se 5 annos antes, em 1902.

Só, pois, no 3.º anno do seculo XX, tornará o dia 8 de Maio a cair em dia de Ascensão, isto é, 68 annos depois que Coimbra viu entrar em seu seio a divisão liberal.

Primeira communhão. — Na quinta feira da Ascensão houve na egreja de Santa Cruz o acto solemnissimo da primeira communhão a 14 meninos e 24 meninas da freguezia.

O digno parocho o sr. padre Manoel Cardoso de Figueiredo Nogueira, tinha com o seu costumado zelo preparado aquellas creanças para o augusto sacramento que iam receber; e não contente com isso, pregou, por occasião da missa, um sermão muito accommodado ás circumstancias.

Grande numero de fieis assistiram a esta festa, que foi feita com muito apparato.

Visita. — O exm.º bispo conde sahiu hontem desta cidade em direcção a Mouronho e Midões, a fim de continuar a visita do bispado.

Distincção e despacho merecidos. — Por decreto de 9 de Fevereiro do corrente anno, foi agraciado com as honras de conego da sé de Macau, e em seguida nomeado professor de geographia, chronologia e historia do lyceu de Portalegre, o nosso amigo e patricio o sr. Adolpho Ernesto Motta, bacharel formado em Theologia, e professor de sciencias ecclesiasticas no seminario daquella cidade.

O sr. conego Motta é muito merecedor daquella honorifica distincção e deste despacho. A um comportamento exemplarissimo, reune uma elevada intelligencia; tornando-se por tudo um digno filho de Coimbra.

Não só lhe damos sinceros parabens, mas egualmente felicitamos o nosso amigo o sr. José de Almeida Motta, por ver tão lisonjeiramente coroados os esforços e sacrificios que fez para collocar seu filho em tão distincta posição.

O cypreste.—E' arvore resinosa, originaria do levante, de tronco elevado, raizes delgadas, e fórma pyramidal.

Apresentam os ramos, conchegados ao caule, uma folhagem de côr verde carregada, constituida por foliolos imbricados.

Constam de muitas cascas arredondadas as flores, e agglomerando-se dão origem a um fructo conoide, que amadurece no inverno, e abre por segmentos, dando sahida á semente. E' medicinal este fructo, conhecido pelo nome de *maçã* de cypreste.

O cypreste, pela côr escura das folhas, inspira melancholia e tristeza. E' a arvore dos tumulos, consagrada pelos antigos a Plutão.

Com o cypreste se construem sebes altas e compactas para abrigo dos jardins. E' susceptivel de receber formoso polimento a sua forte e incorruptivel madeira; a resina é presentanea em feridas recentes, e produz uma bella côr.

Diz-se que o cypreste dura sete vezes mais do que o carvalho.

E' na linguagem das flores, esta magestosa arvore, o symbolo do luto, da magoa e da saudade. D'ella canta o principe dos poetas portuguezes, o immortal Camões:

Está apontando o agudo cypariso
Para onde he pôsto o etherio paraiso.

Dos cyprestes, que floresciam na quinta da Ribella, ou de Reveles, que fôra dos conegos regrantes de Santo Agostinho, n'esta cidade, falla o celebre botanico allemão Link, como dos mais formosos que observara na Peninsula.

Transferencia.—O sr. Adelino Pinto Amado, professor vitalicio da cadeira de ensino primario de Botão, concelho de Coimbra, foi transferido, pelo requerer, para a de Almalaguez, no mesmo concelho.

Horas romanticas. — Os nossos leitores de certo ja tem noticia dos interessantes e instructivos romances de Julio Verne, pelos prospectos que ha tempos se distribuiram, annunciando a edição d'elles, pela acreditada empreza das *Horas romanticas*.

Agora temos a dar a noticia, de que acaba de se publicar o primeiro volume, com o titulo—*Da terra á lua*. Consta de 250 paginas, com 43 primorosas gravuras. A edição é muito nitida.

A empreza tem feito grandes sacrificios para divulgar entre nós estes romances, que mereceram ser premiados em França pela Academia das sciencias de Paris; e por isso é de esperar que seja coadjuvada no seu louvavel intento.

Os romances de Julio Verne formam uma collecção digna de ser possuida por todos os amigos da boa leitura e da instrucção.

Leituras para a escola primaria.—No logar competente vae o annuncio de um interessante volume com este titulo, editado pelos srs. Ferreira, Lisboa & C.ª, e applicado á leitura da infancia.

Esta publicação é muito digna da protecção do publico.

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Alcançam a 12 os jornaes hespanhoes.

A respeito da crise—com que andavam tão preoccupados, diz a *Correspondencia*, os politicos em Madrid, que ninguem perguntava o que ia pelo norte, como se já se julgassem conjurados os perigos que alli existem—nada interessa dizer, pois sabemos, que, apesar de tantos protestos pela necessidade de conciliação, não se poude formar mais que um ministerio homogeneo conservador.

Do norte poucas novidades ha. O general Concha mandou dizer ao governo que em breve recomeçará as operações e o *Imparcial* diz que a actividade deste official não afrouxou, e que a demora é uma maior garantia de exito.

D. Carlos continua em Durango. A actual linha dos carlistas é bastante extensa desde Pena Orduna, na esquerda, até Durango, e por Zornosa até Guernica, atravessando a Biscaia em toda a sua extensão de S. a N., cruzando tres ou quatro valles e um numero duplo de altas serranias.

Zornosa está occupada por 12 batalhões navarros. As suas avançadas chegam a curta distancia de Bilbau, em S. Domingos e Santa Maria, havendo todos os dias tiroteio com as forças que saem a afugentar o inimigo.

Dizem alguns dos apresentados a indulto, que para reanimar o espirito dos seus partidarios tem-lhes dito D. Carlos que logo que Concha saia a operações, volverão elles a pôr cerco a Bilbau, reforçados com 14 batalhões aragonezes e catalães.

Diz-se que o general Moriones pensa em publicar uma Memoria sobre os primeiros ataques a S. Pedro Abanto, acompanhada de documentos justificativos.

Madrid, 10—Pelas noticias recebidas dos diversos governos militares, sabe-se que os carlistas continuam apresentando-se a indulto. Tem-se feito tambem alguns prisioneiros em diversos pontos da Extremadura, tendo havido necessidade de perseguir a tiros o cabecilha Juan Morales, que depois de preso tentou fugir, do que resultou ser morto. As demissões no ministerio do interior, a que me referi ultimamente, já foram acceitas.

Madrid, 13, á 1 hora e 35 minutos da tarde—A *Gazeta* publica um decreto creando uma penitenciaria politica no Puerto de Santa Maria. O capitão Dueños aprisionou uma partida em Oset Hizo.

Madrid 13, ás 9 horas e 58 minutos da manhã—Appareceram na *Gazeta* os decretos nomeando Zavala, presidente do conselho e ministro da guerra; Sagasta, interior; Ulloa, estrangeiros; Camacho, fazenda; Alonso Martinez, justiça; Alonso Colmenares, obras publicas; Romero Ortiz, ultramar; e Rodrigues Arias, marinha.

Madrid 13, ás 8 horas da noute—O ministerio prestou juramento ao meio dia. Diversos funccionarios superiores pediram a demissão. O governo acceitará todas as demissões e procederá com energia.

Desmente-se o de-
missão de Pavia.

ANNUNCIOS

Casa Havaneza

1 CHEGARAM á Filial da **Casa Havaneza** do Porto, rua da Calçada, n.º 189-189 A, legitimos vinhos do Porto, tornando-se recommendavel uma porção d'elles velhos, proprios para doença. Continua a grande extracção do branco secco de 500 rs.

FIGUEIRA DA FOZ

2 MANOEL NICOLAU D'OLIVEIRA FERNANDES THOMAZ, da villa da Figueira da Foz, annuncia a venda dos seguintes predios, para que qualquer pessoa que os pretenda, se possa dirigir ao annunciante.

Um corredor de marinhas, que se compõe de 45 talhos dobrados, com 2 armazens e mais pertenças, sitas no logar do Oirinho na Morraceira.

Seis geiras de terra lavradia, sitas no campo de Lares e no sitio aonde chamam a—Volta.

O annunciante promptifica-se a esclarecer qualquer duvida que se offereça na realisação destas vendas, para o que se acha habilitado.

AGRADECIMENTO

3 FRANCISCO DE SOUSA ARAUJO, altamente penhorado pelas provas de consideração que de muitas pessoas recebeu durante o grave incommodo por que passou; e não lhe sendo possivel agradecer, desde já, pessoalmente, a todas as pessoas e familias que tanto se interessaram pelo seu restabelecimento, lança mão deste meio, significando-lhes o seu maior reconhecimento; bem como aos distinctos facultativos os exm.os srs. Drs. José Maria Coutinho e Lourenço d'Almeida Azevedo, o primeiro como assistente, e o segundo como conferente, a quem muito deve pelo zello e dedicação que empregaram.

Tambem agradece do coração a todas as pessoas e distinctos academicos, os esforços, que no dia 10, por occasião do incendio de um predio contiguo ao da sua habitação, empregaram com a maior dedicação para que o incendio não só se extinguisse, mas para que se não estendesse á sua habitação.

Egualmente agradece ás redacções dos jornaes desta cidade, especialmente á do *Tribuno Popular, Conimbricense* e *Jornal de Coimbra*, o sentimento com que noticiaram a gravidade da doença de que fôra accommetido; bem assim ás redacções dos jornaes de Lisboa e Porto, pelo que a todos tributa o seu maior reconhecimento.

4 A CAMARA MUNICIPAL do concelho d'Arganil, faz publico, que no dia 17 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, se hade proceder á arrematação dos reaes do vinho, pelo anno economico de 1874 a 1875. As condições estão patentes na secretaria da camara.

Arganil 8 de Maio de 1874.

O presidente,
Antonino A. F. R. de Campos.

A QUEM CONVIER. ANNUNCIA-SE

5 RICARDO JOSE' SOARES ROMEU, agente do Banco Commercial de Vianna, estabelecido em Villa Nova de Cerveira, recebe e paga toda e qualquer quantia que pelas referidas agencias do mesmo banco sejam transmittidas.

PROTECTORA

Companhia de Seguros de Recrutamento Militar

6 TENDO ESTA COMPANHIA resolvido, em assembleia geral de 30 de Março ultimo, sustar e liquidar as operações de seguros de recrutamento militar, segundo o disposto no § unico do art.º 2 dos seus estatutos,e em presença da lei de 17 d'Abril de 1873; são convidados todos os seguradores a dirigirem-se ás agencias pelas quaes effectuaram os seguros, a fim de receberem alli as sommas com que entraram nos cofres da companhia; acrescentadas com o juro de 6 por cento ao anno, pelo tempo do desembolço.

Os segurados apresentarão neste acto e até ao dia 15 de Junho futuro as suas apolices e recibos, juntamente com a certidão de vida dos segurados, residentes no reino, ou abonação de pessoa idonea, com referencia aos que se tiverem ausentado.

Os agentes em Coimbra:
Gavicho & C.ª
Largo das Olarias, n.º 11.

ATTENÇÃO

7 JOAQUIM AUGUSTO DE CARVALHO E SANTOS, chegou de Lisboa, e traz um bom sortimento de pannos e casemiras proprias da estação, e que vende por preços commodos, no seu estabelecimento na rua da Calçada, n.os 121 a 127. Alem de merinos pretos francezes, para vestidos de senhora, tambem tem para liquidar alpacas de côr a 360 rs. o metro, que se venderam a 600, e lãs com seda a 240 rs., que eram de 360.

ATTENÇÃO

8 ACABA DE CHEGAR ao novo estabelecimento na rua do Visconde da Luz, n.º 90 a 94, um lindo sortimento de chapeus para cabeça de senhora,proprios da estação, assim como um variado sortimento de fazendas de lã para vestidos.

Attenção

9 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

10 PLANTAS E FLORES de grande ornamento, a preços reduzidos, ás terças feiras, no mercado da Sé Nova.

Attenção

11 A MODISTA DE LISBOA,moradora na rua das Covas, n.º 52, tem para vender extraordinario sortimento de chapeus para senhoras e creanças, requinte da moda; para creanças, de 1$200 a 1$800; e para senhora de 2 a 4$000.

Botinhas para senhoras de 1$ a 1$800; sombrinhas em percal a 600; cortes de vestidos, espartilhos e outros muitos objectos para senhoras.

A mesma se encarrega de toda a sorte de concertos em chapeus.

12 POR CONTA de José Godinho Curcialeiro, professor em Ancião, acabam de ser impressos na imprensa da Universidade, e em typo como o de manuscripto, mappas mensaes para os professores d'ensino primario no districto de Leiria, segundo as instrucções do respectivo governo civil. Os srs. professores que quizerem comprar alguns, podem dirigir-se ao sr. Ignacio Alves Mathias de Campos Moura, do Avellar; ao sr. José Augusto dos Santos, d'Alvaiazere, ou ao mesmo José Godinho Curcialeiro, que, pretendendo apenas tirar as despezas que fez com a impressão, só teve em vista prestar um serviço aos seus collegas, evitando-lhes trabalho.

DOCTOR IN ABSENTIA

13 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

RAPAZ

14 PRECISA-SE d'um para loja de mercearia. Prefere-se que tenha alguma pratica. —Sophia, 53 a 57.

15 ARRENDA-SE um celleiro no pateo da Inquisição, e juntamente uma loja na Sophia, com 3 portas, com os n.os 50, 52 e 54.

Sua dona, viuva Padua.

16 LEITURAS PARA A ESCOLA PRIMARIA, 1 vol. impressão nitida, com 52 gravuras; contendo muitas noções uteis, principaes festividades da egreja, contos apropriados a formar o coração das creanças, etc., etc.; ao todo 63 artigos de leitura muito apropriada ás creanças que começam a ler, brochura 120.

Á venda nas principaes livrarias de Coimbra, Porto e Lisboa. Todas as requisições devem ser feitas á livraria de Ferreira, Lisboa & C.ª—132—Rua Aurea, 134—Lisboa, a qual o remette *franco* a quem mandar a sua importancia em estampilhas.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Barca MARIA CAROLINA—18 de Maio.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

DILIGENCIA

Entre a Guarda e Mangualde

18 BALHA E MELLO & COMPANHIA annunciam, que vão abrir a sua carreira de diligencia diaria,nos pontos acima ditos, a começar no dia 20 do corrente,sahindo da Guarda ás 10 horas da manhã, e chegar a Mangualde ás 8 da noite. Deste ponto sahe á chegada da diligencia da Mealhada, entrando na Guarda ás 6 da manhã.

Preço de cada passageiro

Da Guarda para Mangualde, e vice-versa, 1$300 rs., sendo admissivel a cada passageiro 15 kilos de bagagem, e havendo excesso pagarão 40 rs. por kilo.

Guarda, 11 de Maio de 1874.
Balha e Mello & C.ª

AGRADECIMENTO

19 ANTONIO HENRIQUES DE CARVALHO, muito penhorado pelos obsequios que recebeu dos seus amigos e de todas as mais pessoas que tiveram a bondade de prestar-lhe os seus serviços, por occasião do desastroso incendio que houve na casa em que habitava e tem o seu estabelecimento; vem protestar a todos o seu reconhecimento, bem como aos seus visinhos, que receberam em suas casas e tiveram debaixo de sua guarda e cuidado a mobilia e fazendas salvadas do fogo.

EDITAL

O Dr. José Maria Corte Real e Sacadura, presidente da Camara Municipal do concelho da Louzã.

FAÇO saber que no dia 25 do corrente, pelas 8 horas da manhã, hade ter logar uma vistoria camararia no sitio do Valle Grande ou Valle d'Almagra, ao norte do monte da Cumeada do Arneiro, da Chã do Valle do Miguel em direcção á Chã do cume do referido monte, para effeito de se medir, demarcar e avaliar o terreno baldio alli concedido de aforamento pela Camara Municipal a Antonio Pires Serra, João d'Oliveira, Damião Antonio Pires Serra, do logar da Ribeira, Francisco José de Figueiredo Junior, do logar das Fontainhas, e Adelino Justiniano de Mesquita, desta villa da Louzã, para plantação de vinha, e se arbitrar o competente fôro; e por isso convido todas as pessoas a apresentar até áquelle acto, qualquer reclamação fundada em interesse publico, que tiverem por conveniente fazer contra estes aforamentos.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandei passar o presente e identicos que serão afixados e publicados nos logares convenientes.

Louzã, 8 de Maio de 1874.
O presidente,
José Maria Corte Real e Sacadura.

21 VENDE-SE um Phaeton de quatro rodas, na rua da Sophia, n.º 90.

22 ANNUNCIA-SE AOS PHARMACEUTICOS desta cidade ou de fóra, que na pharmacia d' L. Ruivo de Figueiredo, rua da Sophia, n.os 19, 21 e 23, tem deposito de sulphato de quinino, aos frascos, inglez e francez, que vende com abatimento de 10 a 15 p. c., em relação aos preços correntes e conforme as porções de frascos que comprarem. Garante-se a qualidade.

23 A CAMARA MUNICIPAL do concelho d'Arganil, faz publico,que se acha a concurso por 30 dias, desde a data da publicação deste no *Diario do Governo*, com o ordenado de 300$000 rs., o partido medico cirurgico, com sua séde nesta villa d'Arganil, e bem assim egual partido com sua séde na villa de Coja, com o ordenado de 250$000 rs., e ambos com obrigação de curar os pobres gratuitamente em todo o concelho, e os demais pela tabella da camara, e outras condições patentes na secretaria da mesma. A qualquer destes partidos serão admittidos os individuos habilitados pela Universidade de Coimbra,ou escholas de Lisboa e Porto.

Arganil, 8 de Maio de 1874.
O presidente,
Antonino Augusto Freire Ribeiro de Campos.

Arrematação

24 NO DIA 26 do corrente, pelas 9 horas da manhã, volta segunda vez á praça, para ser arrematada e vendida, á porta do tribunal judicial, e perante o exm.º sr. juiz de direito desta comarca, a quinta no sitio da Torre de Alcanecre, freguezia da Assafarge, penhorada na execução de Antonio José Alves Borges, e Joaquim José Ferreira de Castro e sua mulher, todos desta cidade, e com as declarações já mencionadas no annuncio do jornal o *Conimbricense*, n.º 2788; tendo o fôro de 7$460 reis ao cabido da Sé Cathedral desta cidade; a qual tendo sido posta em praça no dia 5 de Maio, não teve lançador, mesmo com o abatimento de uma quinta parte do seu valor, e pelo que será arrematada e vendida a quem por ella maior preço offerecer, ainda que seja inferior á quantia de 6:389$360 reis, que é este o preço que teve depois do abatimento na praça da quinta parte; e tudo isto como dispõe o artigo 221 do regulamento do registro predial de 28 de Abril de 1870. Da execução é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

25 DOIS CONSORTES DA BEIRA, senhores d'uma soffrivel fortuna, tendo-lhes fallecido ha pouco seu filho unico, desejam tomar para sua companhia dois orphãos, irmão e irmã, cujos paes, tendo tido bens de fortuna, tenham fallecido pobres, mas honrados e religiosos; e quando seus paes não fossem conhecidos, deverão elles ser de boa indole, e bem morigerados, sadios, de edade de 12 a 15 annos, tendo a educação civil, e religiosa compativel com a sua edade. Roga-se por tanto aos que se acharem nestas circumstancias, bem como aos srs. directores de asylos de infancia desvalida, e outros estabelecimentos de caridade, e a quaesquer outras pessoas, que queiram contribuir para este philantropico e religioso acto, se sirvam dirigir-se á redacção do *Campeão das Provincias, Diario de Noticias, Nação, Atalaia, Jornal do Porto*, e á deste jornal, podendo tambem dirigir-se em carta fechada aos exm.os srs. Francisco Xavier Garcez de Magalhães Montes, no largo do Desterro, n.º 35, em Lisboa; Pedro d'Albuquerque Amaral, em Mangualde; José Mendes Ribeiro e Lima, em Gouvea; e aos reverendos srs. João Antonio Nunes Candido Luciano Ribeiro, em Vizeu, já prevenidos pelos annunciantes a tal respeito, e quando sejam bons as informações, que se lhes derem, os annunciantes immediatamete praticarão um acto, em que tanto se interessam.

Beira, 3 de Maio de 1874.—*J. A.*

Associação dos Artistas de Coimbra

26 DOMINGO, 17 do corrente, por 10 horas da manhã, terá logar a reunião da assembleia geral para votar as contas da gerencia e proceder ás eleições dos diversos cargos.

Coimbra, 11 de Maio de 1874.
O presidente,
Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

VENDA DE BOTICA EM ANÇÃ

27 QUEM QUIZER comprar uma botica em Ançã, dirija-se a seu dono Joaquim da Silva Ramos, do mesmo logar.

NEVE

28 VENDE-SE de hoje em diante no *Café Academico*, rua do Infante D. Augusto. Preço 60 rs. cada sorvete.

Pinheiros para vender

29 VENDE-SE uma grande porção de pinheiros, muito bons para madeira, tecproximo da villa d'Ançã. Quem os pretender póde fallar com Joaquim da Silva Ramos, da msma villa, para tractar do seu ajuste.

NUMERO 2798 — TERÇA FEIRA 19 DE MAIO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A nomeação dos novos pares do reino é, á falta de outras novidades, o assumpto que mais tem prendido a attenção da imprensa periodica; principalmente da opposição, que,guiada sómente pelas paixões partidarias,continua aggredindo, por officio, todos os actos do poder.

Foram elevados ao pariato, como se vê das cartas regias publicadas na folha official, os srs.:

Agostinho de Ornellas e Vasconcellos
Anselmo José Braamcamp
Antonio Correa Caldeira
Antonio José de Barros e Sá
Antonio Paiva Pereira da Silva
Augusto Cesar Cau da Costa
Augusto Xavier Palmeirim
Barão do Rio Zezere
Carlos Bento da Silva
Conde da Torre
Filippe Folque
Francisco Antonio da Silva Torres
Joaquim Thomaz Lobo de Avila
José Marcellino de Sá Vargas
Marquez de Castello Melhor
Marquez de Monfalim
Visconde de Alves de Sá
Visconde de Bivar
Visconde de S. Jeronymo
Visconde dos Olivaes.

Todos estes cavalheiros são dignos da honra que receberam, porque todos são dotados de qualidades elevadas, e tem prestado relevantes serviços publicos, pelos quaes lhes podia caber esta distincção. E sendo, como foram, escolhidos de todas as classes, o que é de justiça e de conveniencia, nada ha que extranhar neste acto.

Nesta nomeação ha simplesmente uma circumstancia, digna de mencionar-se, porque não tem sido muito vulgar, principalmente nos espiritos apaixonados e intolerantes, como os que hoje ahi estão exaltando os actos do governo com as suas mal cabidas censuras.

E' digna a maneira como o governo procedeu na escolha dos novos pares, entre os differentes partidos, chamando até um dos chefes da opposição, caracter probo e honesto, dotado de relevantes qualidades pessoaes, e que por isso mereceu ser galardoado com tão subida distincção.

Assim procedem os governos illustrados e tolerantes.

Entre os nomes respeitaveis dos dignos pares, sobresae o vulto respeitabilissimo do sr. visconde de S. Jeronymo, cujos serviços prestados ás sciencias e ás letras na cadeira do magisterio, todo o paiz conhece.

O sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto, visconde de S. Jeronymo, é o unico deputado que nos resta das côrtes de 1820. Ahi defendeu com todo o ardor das suas puras convicções e com a lucidez da sua grande intelligencia,as ideias liberaes e os principios da nova eschola politica, que então começava a fazer proselitos.

Era preciso principiar a traduzir em factos essas ideias; e o sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto foi quem naquella memoravel assembleia apresentou e defendeu o primeiro projecto sobre a liberdade de imprensa; poder ao qual as novas instituições confiaram a guarda e a segurança de todas as suas regalias e foros.

E esta instituição assim libertada das cadeias que a opprimiam, tem sido realmente o sustentaculo mais firme das instituições liberaes, o apostolo mais fervoroso da razão e da justiça, da moralidade e do progresso.

Por isso o sr. visconde de S. Jeronymo, encanecido já nas lides do trabalho, e um dos mais distinctos obreiros da civilisação moderna, é uma gloria do paiz.

Foi emittida pela direcção geral da thesouraria, a segunda serie das obrigações, destinadas a realisar as sommas necessarias para a construcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro, na importancia nominal de 1.755:000$ rs.

Estas obrigações são de 90$000 rs. cada uma, com vencimento de juro de 6 por cento ao anno, a contar do primeiro de Janeiro de 1875. O juro será pago em Lisboa semestralmente, e nas outras capitaes dos districtos do continente do reino, no primeiro dia, depois de decorrido o semestre vencido; sendo amortisadas as obrigações designadas pela sorte, e applicando-se á mesma amortisação um quarto por cento do capital em cada anno, e o juro correspondente, de forma que, a amortisação total se realise no periodo de 56 annos, a contar daquella data, na conformidade do decreto de 15 de Janeiro do corrente anno.

São consideradas estas obrigações como titulo de divida publica, nos termos da lei de 2 de Julho de 1867.

A subscripção fechou-se já, attingindo, nas praças de Lisboa e Porto, a enorme verba de 5.338:620$000 rs. nominaes.

Tão extraordinario resultado, prova a elevação do nosso credito e a prosperidade a que vae chegando a riqueza publica.

BEM O PREGA FR. THOMAZ.....

A *Nação* está tão engasgada com as festas liberaes, que chega a causar dó!

Foi, na verdade, um imperdoavel esquecimento, não lhe pedir licença para se festejar em Coimbra o anniversario do dia 8 de Maio de 1834!

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXIII

D. CARLOS

CXIII

Ás 10 da manhã do dia 29, chegaram o conde de Hespanha e a mais comitiva a Call Dauden, e immediatamente se banhou o conde. Á uma da tarde continuaram a marcha, dirigindo-se o conde com o cirurgião Ferrer e o cabo Llabot pela baixa de Cambrils á casa de Pujol, termo de Coll de Nargó, onde chegaram ás 8 daquella noute.

O presbytero Ferrer, com o estudante Masiá, que era quem levava a espada do conde, e alguns moços, dirigiram-se á villa de Orgañá, onde chegaram no fim da tarde, alojando-se Ferrer na casa do brigadeiro Porredon. Dentro em pouco saiu da casa o alferes D. Manoel Solana, conhecido por ajudante de Porredon, e um dos assassinos, para procurar o alcaide mór D. Francisco Ria, vogal da junta de Puigcerdá, com o qual regressou á casa de Porredon. Solana voltou a sair em busca de outro vogal, e todos se fecharam no quarto do brigadeiro. O presbytero Ferrer ceou em casa de Espart, o Botafox, onde se achava alojado o commandante do quarto batalhão D. José Pons, o Pep de Oli, em cujo quarto dormiu.

Ao anoutecer de 30 saiu de Pujol o conde e o levaram á casa de campo de Casellas, meia hora de Orgañá, em cujo ponto pararam ás 9 da noute, dizendo o conde ao apear-se:—«Ja baixa o estudante!» Entrou um dos moços na casa, encerrou ao patrão e a um dos criados na cozinha, apagou a luz e o lume, havendo tirado antes uma candeia accessa, e pozeram o conde em um quarto separado dos hospedes. Encerrado o conde, abriram a cozinha, accenderam lume, e fizeram levantar as mulheres da casa que estavam deitadas; as quaes nem esta noute, nem nos dias successivos souberam quem era o que estava fechado no quarto.

Deixemos assim ao conde, já que nenhum notavel acontecimento veiu perturbal-o na casa de Casellas, e traslademo-nos onde se dispunha o seu assassinato, para que nada ignorem os nossos leitores das tragicas scenas que vamos referindo.

Ao brigadeiro Prats, chefe da companhia de officiaes, deram parte de que publicamente se havia fallado na occasião de nomear o serviço, que o conde se achava em Casellas e queriam assassinal-o. Immediatamente se dirigiu a casa de Porredon, e na galeria da mesma, encontrou varios officiaes, e saindo da habitação de Porredon a este e ao presbytero Ferrer, ficando dentro do quarto o doutor Perles e o estudante Masiá. Fallaram nesse momento do conde; deu conta Ferrer do officio da sua demissão, e todos convieram que era um traidor sanguinario e incendiario, que queria entregar aos inimigos a provincia da Catalunha, depois de estar toda destruida, pelo que merecia ser assassinado, e que ainda que lhe tirassem mil vidas, não pagava o damno que havia feito.

Buscava o presbytero Ferrer quem assassinasse o conde, e fallou para esse effeito ao capitão D. Pedro Baltá, ao alferes D. Antonio Moreira, a Masiá, e a D. Manoel Solana. Era já uma cousa publica o pensamento de assassinar o conde, segundo o havia advertido o brigadeiro Prats ao presbytero Ferrer, não podendo conceber-se por que tiveram o conde quatro dias a distancia de meia hora deste foco, sem serem necessarios para prevenir a segurança de uma viagem, que se não tratou de fazer até á tarde do dia 1 de Novembra, e para o que não se pediram noticias, nem auxilios ás auctoridades, que o eram Porredon, Serra, Prats e Rico.

O presbytero Ferrer saiu de Orgañá pela manhã, acompanhado do moço Vidal, e em Casellas encarregou a partida de moços a José Canet, para que fosse com elles ao povo de Tons, cinco horas distante, ordenando:—«que debaixo da pena de vida não abandonassem aquelle ponto em tres dias, ainda que fossem os christinos, em cujo caso se encerrassem e fizessem fogo até morrerem.

Marchou a partida e ficaram com o conde o cabo D. Francisco Llabot, seu assistente Sebastião Rivas, o cirurgião Ferrer, o brigadeiro Domingos Sala e cinco moços.

Pela ultima vez ceava o conde em Casellas, dispondo-se a marchar.

O capitão Baltá, encontrou-se, em uma rua de Orgañá, ás 6 da tarde, com o presbytero Ferrer, o qual tornou a manifestar que era preciso assassinar o conde de Hespanha, por ser ordem do general, e porque era traidor á causa de D. Carlos; que quizesse, ou não, haviam de fazel-o os tres; e em vista do papel impresso que pela manhã haviam lido deante de todos, e de assegurar-lhe novamente que era ordem superior, lhe respondeu que obedeceria.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

No tempo do seu rei podiam-se fazer quantos festejos e recordações anniversarias lembravam aos miguelistas, e isto acompanhado do indispensavel quebramento de vidraças a qualquer cidadão, que se descuidava em pôr luminarias; agora, porem, não é permittida nenhuma manifestação de regosijo ao partido liberal! Não contentes da mais despotica oppressão durante 6 annos, ainda hoje nos querem amordaçar! Já é!

Queixa-se a *Nação* de se ter posto ao largo de Samsão o titulo de **praça 8 de Maio**. Pois saiba, que procedeu a commissão executiva com uma moderação, que nós somos os primeiros a approvar; mas que não faltariam argumentos para mostrar que aquelle largo se devia antes pôr o nome de **praça de Victorio Telles**.

Bem conhecemos que muito custa ao jornal miguelista, que a nova geração seja inteirada de quaes foram os *altos feitos* do governo de D. Miguel e dos seus satellites; mas tenha paciencia. Assim é indispensavel, para que Portugal não possa tornar a soffrer semelhante flagello.

O desgraçado Victorio Telles, havia-se retirado com as forças liberaes para a Galliza. Alli os frades hespanhoes empregaram todos os meios de seducção para convencerem os emigrados, a regressar ao reino; asseguran-do-lhes que nada haviam de soffrer, logo que se submettessem ao governo de D. Miguel.

A maior parte dos liberaes não se deixaram illudir pelo canto das taes sereias; mas outros, e entre elles o infeliz Victorio Telles, cairam na imprudencia de voltar para Portugal; e aqui vieram saber praticamente, que taes eram os verdugos que regiam esta nação.

E' immediatamente preso Victorio Telles, julgado e executado, juntamente com muitos outros liberaes, que não tinham mais crime do que o serem fieis aos seus juramentos, e haverem tentado oppor-se á usurpação que D. Miguel pretendia fazer do throno portuguez!

A cabeça de Victorio Telles, decepada na praça Nova do Porto, no dia 7 de Maio de 1829, é trazida para Coimbra, a fim de ser espetada em um pinheiro no largo de Samsão.

Tinha elle sido hospede por varias vezes, em casa do antigo negociante de pannos naquelle largo, o sr. João Lopes de Sousa; e é facil de ver, que tal seria o horror que se apoderaria de toda a familia da casa, tendo de presencear a lugubre exposição da cabeça do seu amigo!

Não sabiam o que haviam de fazer; pois que fechando as janellas, quando se procedesse á elevação do pinheiro com a cabeça, e não apparecendo nellas, seria isso um crime imperdoavel naquella epocha.

Aconteceu, porem, o que nunca poderiam esperar. Acudiram á casa do sr. João Lopes de Sousa tantos frades das differentes ordens desta cidade, para verem levantar a cabeça de Victorio Telles, que encheram completamente as janellas; e até em todas as portas da loja foi necessario fazer uma especie de degraus com bancos, para dar logar a que todos os frades podessem assistir ao *alegre* espectaculo! Por esta forma conseguiu o sr. João Lopes de Sousa, e a sua familia, ter as janellas e portas abertas, sem se verem precisados a chegar a ellas.

As janellas do convento de Santa Cruz, tambem estavam cheias de frades, para gozarem a *agradavel* vista da cabeça cortada de um liberal!

Agora para se saber que taes eram os malvados que dirigiam aquella operação diremos, que o pinheiro ia já levantado a meia altura, quando reconheceram que o rosto de Victorio Telles não ficava voltado, como pretendiam, para a casa do sr. João Lopes de Sousa; e por isso tornaram a fazer abater o pinheiro, dando-lhe a volta necessaria para que ficasse a cabeça na direcção que desejavam!

Diz a *Nação*:

«E é por isso mesmo, que são legitimas as nossas aspirações; pois que só o partido de que somos orgão, ambiciona ser governo nacional. Sabemos, que ha quasi meio seculo, no vivo do combate, os nossos avós, que já taes consideramos os homens de 28 a 34, **não souberam elevar-se acima das paixões violentas do momento;** mas elles não tiveram 40 annos de reflexão e de pacificação para **emendarem a mão;** e comtudo nunca elles se lembraram de inventar *nomes partidarios* para significar, que a nação se dividia em triumphadores e em vencidos.»

Ora em fim, já ganhamos alguma cousa com as festas! Já conseguimos que a *Nação* confessasse que os homens que governaram Portugal desde 1828 a 1834, **não souberam elevar-se acima das paixões violentas do momento!** Valha-nos ao menos isto!

Acrescenta, porem, o jornal miguelista, que—«comtudo nunca elles se lembraram de inventar *nomes partidarios* para significar, que a nação se dividia em *triumphadores* e em *vencidos*.»

Tem razão o collega; mas devia acrescentar que o governo de D. Miguel não precisou de inventar esses *nomes partidarios*. Empregou um meio mais simples, a fim de obter o mesmo resultado.

Para extremar a nação em dois partidos, sem adoptar os taes *nomes*, encheu as cadeias de S. Julião da Barra, Limoeiro, Estremoz, Almeida, Elvas, Porto, Lamego, Thomar, e todas as mais do reino, dos liberaes, que não tinham podido emigrar, tendo ao mesmo tempo o cuidado de lhes sequestrar os bens; fez andar homisiados muitos milhares de outros; e levantou uma forca a cada canto do paiz, para *convencer* os incorregiveis.

Ficou assim a divisão bem feita. Quem não fosse miguelista, tinha necessariamente de escolher, ou a forca, ou a emigração, ou a cadeia, ou o homisio, ou o sequestro, ou o cacete. Disto não se escapava.

A outra parte da nação, que se compunha de todos os amigos do *altar e do throno*, essa podia andar á vontade.

Eis ahi está, portanto, a razão, porque não foi preciso naquella *feliz epocha* inventar *nomes partidarios*.

E' verdade que bastavam umas pintas azues e brancas em um lenço, o uso de um annel de piassaba, um botão do colete desabotoado, uma flor de perpetua, ou qualquer outra pequena cousa, para o desgraçado que tal crime praticasse, ser alcunhado do *nome partidario* de **malhado**, e ter a cabeça partida com o *convincente* **cacete;** mas isso era a bem da *santa causa*, o que tudo justificava!

Diz mais a *Nação*:

«Bom signal era esse, de que um dia, fallida a obra do Mindello, o Rocio por exemplo, poderia sim ser chamado — *Praça da União*.»

Promette a *Nação*, que em voltando ao poder o seu partido, hade dar ao Rocio de Lisboa o nome de—*Praça da União!* Isto é que havia de ser um *ceu aberto na terra!*

Faz-nos lembrar a *paz e união entre todos os portuguezes* do celebre *barão de Catanea!*

Promette mais a *Nação*, que o seu partido hade **emendar a mão,** quando D. Miguel II subir ao throno. — Diz ella:

«Ah! se isso se désse, a nação, que deve exprimir concerto de vontades, pacificação interna, concurso de todos ao convivio social, teria por certo um governo, que não conheceria partidos, e que só veria portuguezes. *Um anno* de tal governo acabava *com toda a divisão*, a não contar algumas excepções, que haviam de ser bem raras.»

Sim, senhores! Achamos isso muito bonito!

E em vista de tão lisonjeiras promessas, ainda esta nação—raça de ingratos!—não pede toda unanime, que volte outra vez, e muito breve, o governo miguelista!

Quando Junot veiu a Portugal, prometteu na sua proclamação de 1 de Fevereiro de 1808, que o Algarve e Beira Alta, teriam tambem um dia o seu Camões. Agora a *Nação* promette um governo que *n'um anno* acabe *com toda a divisão*; e o que é mais apreciavel, que dê ao Rocio de Lisboa, o nome de *Praça da União!*

Se ha quem se não satisfaça com este vasto programma, é sem duvida bem difficil de contentar!

Ah! Fr. Thomaz!...

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

As festas dos mercadores em 1814. — Em o n.º 2015 deste jornal, de 13 de Novembro de 1866, publicamos a noticia circumstanciada das grandes festas que houve na egreja de Santa Cruz desta cidade, nos dias 8, 9, e 10 de Julho de 1814, por ter acabado a guerra com a entrada dos alliados em Paris. A noticia destas mesmas festas reproduzimos em o nosso livro—*Apontamentos para a historia contemporanea*, publicado em 1868.

Estas festas, celebradas á custa dos negociantes de Coimbra, foram tão magnificas, como de outras eguaes não ha memoria nesta cidade; e ficaram sendo conhecidas pelo nome de festas dos *mercadores*.

Além do que então publicamos, alcançamos agora um documento muito curioso acerca d'ellas. E' uma conta corrente da despeza que custaram, e da receita que se obteve.

Tres dos principaes negociantes desta cidade, os srs. Francisco Pereira, José Maria de Almeida e Sousa, e Manoel José de Freitas, tomaram sobre si o pagar a quantia que faltasse, depois de cobrada a subscripção entre os seus collegas; e isto independente da sua primeira subscripção.

Para que se veja o enthusiasmo que havia no commercio de Coimbra, indicaremos aqui as quantias com que cada um subscreveu para as festas.

João Lopes de Sousa & C.ª—Manoel José de Freitas—Francisco Pereira— Domingos de Carvalho—a 300$000 rs. cada um.

João Fernandes Guimarães — Manoel da Silva Cardoso — Francisco José Ferreira Guimarães & C.ª—a 200$000 rs.

André Alves Leite Ribeiro— José Antonio Ferreira de Castro & C.ª — Manoel José Rodrigues & Irmão—a 144$000 rs.

Antonio José de Barros — Antonio José Mendes e seu companheiro João Gomes—Joaquim de Freitas Guimarães—Manoel Joaquim da Encarnação & Filho—a 100$000 rs.

Manoel Ribeiro Machado—96$000 rs.

Marcos José Gonçalves— 60$000 reis na fórma da lei; produzindo liquido em metal, 55$800 reis.

Custodio José Novaes— Antonio Freire de Macedo—Joaquim Freire de Macedo—Antonio José Vieira Carneiro — José Maria da Encarnação—Manoel José de Castro—José Antonio Marques—Joaquim Ferreira Monge— Antonio José Gonçalves Basto—Manoel Ferreira Alves —João Antonio Alves — Roque de Freitas — Antonio Lopes de Sá Esteves — Maria de Nazareth—Luiz Antonio Ferreira Reis—Lourenço José Ferreira—José de Almeida Fernandes —Francisco da Silva Oliveira & C.ª—Antonio Mendes Gouvea— Sebastião da Costa Pinto— Manoel Francisco das Neves — Bento José da Silva — João Antunes de Macedo — Joaquim Bernardes da Silva—Antonio Rodrigues Lucas —a 50$000 rs.

Antonio José das Neves — José Antonio das Neves —João Baptista de Basto— a 25$ reis.

Toda esta subscripção sommou a quantia de 4:108$800 rs.

Como, porém, a despeza com as festas, subisse á quantia de 7:617$128 rs., veiu a faltar a verba de 3:508$628 rs.; cabendo, por isso, de rateio a cada um dos tres negociantes Francisco Pereira— José Maria de Almeida e Sousa—e Manoel José de Freitas, a quantia de 1:169$544 rs. Acima se vê, que cada um d'elles já tinha subscripto a 300$000 rs., vindo, portanto, a dar cada um, 1:469$544 rs. Deve advertir-se que o sr. José Maria de Almeida e Sousa está incluido na firma—João Lopes de Sousa & C.ª.

De todos os negociantes que subscreveram para as festas de 1814, ainda é vivo um. E' o respeitavel e honrado negociante e proprietario na rua dos Sapateiros, o sr. Antonio Rodrigues Lucas.

A' musica da patriarchal, constando de 21 musicos, que vieram de Lisboa, para tocar na egreja de Santa Cruz, foi dada a quantia de 1:900$800 rs.; sendo 86$400 rs. a cada um dos musicos, e 172$800 rs. ao director.

Além disso gastou-se mais com esta musica a quantia de 584$265; sendo com o seu transporte de Lisboa até Vallada, conforme conta do director, 57$605— entregue a Eusebio Joaquim da Encarnação da despeza que fez com a vinda dos musicos e cavalgaduras para Coimbra, 211$740—entregue ao director, de despezas de Coimbra para Lisboa 130$410—a José Henriques, de 102 dias de aluguer de cavalgaduras de ir buscar os musicos e conduzil-os para Lisboa, a 1$200 rs. por dia, 122$400 rs.—a um criado do sr. José Maria de Almeida e Sousa para suas despezas, e companheiros, para irem acompanhar os musicos a Lisboa, 28$800 rs. — a José Gomes por sustentar tres musicos 33$310 reis.

Veiu, pois, só esta musica da patriarchal, a custar a avultada quantia de 2:484$065 rs.

Foi mais dada aos musicos das milicias de Tondella a gratificação de 240$000 rs., e aos musicos das milicias de Coimbra, 105$600 rs.

Aos milicianos que assistiram á festividade 135$240 rs.—aos clerigos da procissão, e anjos, 35$040 rs.—ao mestre de cerimonias, que veiu de Lisboa, 127$680 rs.

Aos 6 pregadores 153$600 rs.; sendo a cada um 25$600; isto é, quatro peças de ouro, porque cada peça valia então 6$400 reis.

Os pregadores, foram nas tres manhãs, os conegos regrantes, D. João de Nossa Senhora Garcia, D. Manoel da Purificação Queixadas, e D. Joaquim da Conceição Dias; e nas tres tardes, Fr. José de Sacra Familia, Fr. Antonio José da Rocha, e o Dr. José de Sá Ferreira dos Santos Valle.

Ainda é vivo o primeiro daquelles pregadores, o sr. D. João de Nossa Senhora Garcia.

Gastou-se mais com 18 pratos de doce 84$070—panninhos para a egreja e cartuxos para os soldados 45$730—aos musicos Sena e José Maria 38$400— cera paga a Joaquim Bernardes 210$200—foguetes 151$900.

Ao pintor Polycarpo Rodrigues Martins, do Porto, que fez o desenho para a brilhantissima illuminação, e veiu a Coimbra pintar os retratos e emblemas, foi dada a quantia de 300$800 rs.

Os engenhosos machinismos da illuminação foram dirigidos pelo habilissimo artista, Bernardo Ferreira de Brito, mais conhecido por Bernardo da Fabrica, por ser mestre da importante fabrica de damascos, sedas e algodões dos srs. Manoel Fernandes Guimarães e Manoel Fernandes Costa, na rua de João Cabreira.

Foram entregues ao dito negociante Manoel Fernandes Costa, para as despezas com os officiaes da illuminação, e mais despezas para ella, as seguintes verbas-- 58$955—184$890 — 183$730 — 189$365 — 331$270 — 1:186$315—541$160—Total destas verbas, 2:675$685 reis.

Mais ao carpinteiro Feliciano, de madeira 27$200—a Thomaz Pereira da Graça, de pregos, 94$190 rs.

Foi dado um abundante jantar aos presos das cadeias desta cidade no dia 17 do mesmo mez de Julho, sendo a comida conduzida em carros enramalhetados, levando os negociantes o pão e fructa em alcofas. Tambem lhes deram dinheiro para vinho.

Egualmente agenciaram a soltura de varios presos, que não tinham parte. Foi dado ao escrivão Campos, de custas dos presos que se livraram pelo seu cartorio, 48$080 —A João Antonio da Silva Mattos, tambem de custas, 29$538—ao carcereiro, de seus emolumentos, 14$000—ao Dr. Baptista Assis, de arrasoar as causas dos presos, 7$440—ao agente Antonio da Costa, 2$190 rs.

Tambem houve tenção de dar em Coimbra uma corrida de touros, o que porém, se não realisou. Comtudo fizeram-se despezas para essa corrida.

Entregue ao sr. João José de Lemos, caixeiro e depois socio do negociante Francisco Pereira, para os preparos da praça de touros, 105$780—importe da letra dada pelo sr. Francisco Pereira sobre Antonio Ribeiro Pessoa, de Lisboa, a favor do sr. Manoel José de Freitas, para compra de bois bravos, reis 500$000.

Como já dissemos, todas as despezas importaram em 7:617$180 rs. Os referidos bois

bravos, como não serviram, foram vendidos, e o seu importe foi applicado a abater o rateio dos tres negociantes os srs. Francisco Pereira, José Maria de Almeida e Sousa, e Manoel José de Freitas.

Alem destas despezas, houve muitas feitas pelos negociantes, que não entraram em conta. Por exemplo, o negociante José Maria de Almeida e Sousa, como tinha a sua casa no largo de Samsão, onde se viam as magnificas illuminações, teve sempre a sua casa cheia durante os tres dias das festas, de um concurso numeroso de auctoridades, nobreza, lentes da Universidade, e outras muitas pessoas de elevada cathegoria, vindo até de differentes pontos do paiz, para os quaes estava sempre patente uma lauta mesa.

O sr. Francisco Pereira, de que temos fallado, foi um dos mais abastados e acreditados negociantes que houve nesta cidade no fim do seculo passado, e primeira metade do actual. Era o depositario geral desta comarca.

Falleceu em 12 de Julho de 1833, epocha em que a cholera morbus assolava Coimbra.

Deixou por herdeiro a seu segundo sobrinho, o nosso amigo e actual proprietario nesta cidade, o sr. Adriano Pereira da Graça, que é filho do Dr. Manoel Pereira da Graça, graduado na Faculdade de Medicina no dia 6 de Maio de 1798.

O sr. Francisco Pereira deixou numerosos legados; sendo entre outros, 4:000$000 rs., a Misericordia desta cidade, para ser o seu rendimento, juntamente com os sobejos de outros legados, applicado á sustentação de expostos.

A Misericordia costuma requisitar da roda, e hoje do hospicio, os expostos necessarios, os quaes entrega ás amas, a quem paga aos trimestres com toda a pontualidade; e é por isso que as amas preferem com empenho levar os expostos a cargo da Santa Casa. Presentemente acham-se em creação com este legado, 27 expostos.

Egualmente deixou o sr. Francisco Pereira á Misericordia outros 4:000$000 rs., para com o seu rendimento serem dotadas annualmente 2 orphãs, a 80$000 rs. cada uma.

Deverão ser preferidas da freguezia de S. Salvador de Grijó, e ainda em primeira classe as do logar do Loureiro, daquella freguezia, donde o sr. Francisco Pereira era natural. Na falta dellas, deverão ser preferidas as orphãs da freguezia de S. Bartholomeu desta cidade, onde elle residia, e por ultimo as das outras freguezias de Coimbra.

O retrato do sr. Francisco Pereira vê-se na Misericordia, entre os dos outros bemfeitores daquella Santa Casa.

Tributo de saudade—Todo o curso do 2.º anno da Faculdade de Direito praticou ultimamente um acto, que muito o ennobrece.

Fallecera ha tempo o sr. Basilio Ribeiro Leite de Sousa e Vasconcellos, de Felgueiras, que por todos os seus condiscipulos era muito estimado pelas suas excellentes qualidades; e querendo elles dar um testemunho de quanto sentiam tão grande perda, mandaram fazer uma lapide, com o busto do fallecido, ao habil artista desta cidade o sr. Possidonio da Silva Alves Brandão.

O domingo ultimo foi o destinado para a inauguração.

Ás 10 horas em ponto achava-se no cemiterio todo o curso do 2.º anno; e instantes depois entraram os lentes do mesmo anno, que eram esperados á porta pela commissão.

Celebrou a missa o sr. padre Domingos de Sousa Moreira Freire. Depois della dirigiram-se todos para o logar onde se achava a lapide, sendo descuberto o busto pelos srs. Bernardino Henrique Coelho Pinto e Ayres Guedes Coutinho Garrido, cujos logares na aula eram junto do fallecido.

Ao descubrir-se o busto, todos sentiram uma profunda commoção, vendo-se derramar bastantes lagrimas a muitos dos presentes.

O sr. Manoel Augusto Pereira e Cunha recitou então o seguinte sentido discurso:

«Basilio, uma vez ainda nós, os teus condiscipulos, vimos fallar-te á beira da sepultura.

Um dia, por uma tarde que se esfumara de nevoeiros pallidos, junctos tambem em volta d'um caixão aberto, soluçaramos deante d'um cadaver—o teu, que debalde tentaramos chamar ás vibrações da vida com os éstos da nossa dôr, e arrancar a morte com os movimentos convulsos do desespero, que nos cerrava os punhos, crispava os labios, sulcava a fronte, e partia em pedaços deseguaes o arquejar da respiração. Julgavamos-te perdido para nós e perdido para sempre.

Depois, alquebrados pela violencia da commoção, cedemos á debilidade fatal da nossa natureza: acalmou-se a agitação, seccaram as lagrimas e o véo da resignação cobriu-nos o rosto. Mas no deliquio do quebranto alguma cousa nos surprehendeu e fez estremecer—estremecimento de surpreza que se volveu num sorriso de melancolia suave. Pareceu-nos que, desembaraçando-te da mortalha, surgias do ataude, como a estrella d'alva que se levanta do tumulo profundo da noute; vinhas mais pallido, ó candida creança; de pouco ainda a morte te roçara a face com sua aza morbosa; apparecias banhado d'aquella luz serena e frouxa que envolve aquelles que do mundo da realidade passaram para os dominios da memoria dos que os amaram.

Reconheciamos-te, visão querida: no rosto se revelava aquella doçura e encanto que despertava amisades, aquella franqueza sincera que afugentava a dobrez, aquella firmeza, filha do teu caracter nobre e elevado, que esvaecia suspeitas e fazia nascer a confiança no peito dos que te acercavam.

Desde então tributámos-te um mixto de amor e veneração, como o culto que se rende áquillo que não é deste mundo e está acima delle librando-se em espheras superiores. Resuscitaste e vives em nós; de tal modo se abraçou ao nosso espirito a vivissima recordação das tuas virtudes e de ti, que d'ora ávante será impossivel separal-os, porque para o espirito não existem o tempo que devora e o espaço que distanceia: vencendo o tumulo e sobrepondo-se á successão, livremente communica com as almas dos que já não existem.

N'um momento de desespero julgamos-te perdido, porque nos suffocava o peito a nuvem provocada por uma tempestade de dôr: desfeita a nuvem, foste-nos restituido, ficou patente a pagina do livro intimo onde estavas stereotypado.

. . . .

Em breve a corrente das cousas do mundo nos dispersará e arrebatará levando-nos em direcções diversas. Forçoso era que as gerações que nos substituissem soubessem tambem d'aquelle que agora faz bater de saudade tantos corações juvenis; e esta propria natureza exterior que nos supporta e cobre, e presenciou o espectaculo solemne d'uma amisade tão encarecida e chorada, parecia exigir para o seu seio alguma cousa mais duravel do que uns restos mortaes que breve se dissolvem.

Por isso te erguemos nós ahi, ó lapide. Aos que transpondo aquella porta, te interrogarem com um olhar fixo e perscrutador, responde-lhes numa phrase eloquente como a paixão que a dicta, mas singela e simples como tu e como os nossos corações:—Sou um protesto da lembrança eterna que a Basilio de Vasconcellos consagram os seus condiscipulos.»

Seguiu-se o sr. Ayres Garrido com estas conceituosas palavras.

«Ha alguns mezes, senhores, que nos reunimos aqui para cumprir um solemne e funebre dever.

Então vinhamos derramar uma sentida lagrima sobre o cadaver do irmão que nos precedia no caminho da eternidade—hoje vimos dizer-lhe que a sua recordação ficará para sempre gravada em nossas almas.

Essa pedra que aqui vedes não é para nós... o seu monumento erigimol-o em nossos corações quando aqui o trouxemos!

Oh! haverá um penhor mais precioso do que lagrimas verdadeiras?!

Como esses olhos se animariam, como esses labios emoldariam um sorriso, se não fosse granito e só granito que ahi está!

Embora esses olhos fiquem sem animação, embora esses labios permaneçam mudos, tu nos sorris d'outra parte.

E, mais tarde, quando um de nós, apoz o lento perpassar dos annos, voltar aqui, ajoelhará junto desta campa, e verterá mais uma lagrima sobre o immenso vaso que transbordante d'ellas aqui depomos hoje.»

O sr. Affonso Acacio Martins Velho, como n.º 1 da aula, adeantou-se, e depoz numa das saliencias da lapide uma corôa de perpetuas.

Depois dirigiram-se todos para o logar onde se encontram ainda os restos mortaes do fallecido, e desfolharam rosas sobre a sepultura.

Assim terminou um acto tão enternecedor, e um tão honroso preito do curso do 2.º anno de Direito, prestado á memoria do seu chorado condiscipulo.

Reunião. —No domingo reuniu-se nesta cidade um grande numero de academicos, juntamente com muitos habitantes de Coimbra, a fim de protestarem contra o fanatismo religioso, propagado por alguns missionarios na egreja das religiosas de Santa Theresa. Deliberaram fazer um protesto, dirigido ás auctoridades e ao paiz.

Nesse protesto, depois de uma larga exposição, concluem do seguinte modo:

«Os abaixo assignados esperam que este protesto achará ecco nos espiritos illustrados e generosos; confiam sobretudo em que os poderes publicos, tomando este primeiro aviso em consideração, comprehenderão, que governando em nome da liberdade, lhes cumpre mantel-a illesa, não só de todo o ataque, mas de toda a injuria; cumpre-lhes não olvidar que esses homens, insinuando-se hoje cautelosamente nos corações timoratos, sómente se preparam para fazer da cruz bandeira, com que conduzam os povos á rebellião.

«Hoje são os anathemas; hoje as inepcias scientificas; hoje os abusos domesticos: deixem os poderes publicos crescer a hydra, e verão ámanhã o ataque armado; ámanhã a condemnação dos homens da sciencia; ámanhã o roubo e a extorsão; ámanhã as instituições vigentes lançadas por terra, e calcadas aos pés, no tripudiar infrene de um povo fanatisado.

«Dando com este protesto um testemunho do seu amor pela ordem, crêem os cidadãos liberaes, que aquelles a quem compete velar, o tomarão na consideração devida.

«Animados pelos principios da liberdade, que são os da ordem; fortes pela consciencia do seu direito, protestam hoje, protestarão ámanhã, e protestarão sempre, em quanto não virem satisfeitos os votos de Coimbra inteira, em quanto se consentir a presença de uns padres, tão ignorantes como fanaticos, que são para Coimbra um vilipendio, para a Universidade uma affronta, e para a liberdade uma conspiração permanente.»

Hospede illustre. — Tem estado nesta cidade o sr. D. Antonio Coutinho Pereira de Seabra e Sousa, neto do grande ministro de D. José e D. Maria I, José de Seabra da Silva, e escriptor distinctissimo.

Hospedou-se em casa do seu sobrinho o sr. D. João d'Almeida Junior, e parte para Lisboa com a sua familia, ámanhã.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Domingos Antonio da Costa, filho de José Antonio da Costa e Bernarda Maria, natural de Ferreiros, freguezia da Moita, concelho d'Anadia, de 53 annos, fallecido no dia 12 de Maio.

Capitolina de Oliveira Fernandes, filha de Antonio Fernandes da Piedade e Norberta da Conceição Oliveira Fernandes, natural de Coimbra, de 1 mez e 26 dias, fallecida no dia 13.

Eduardo de Sousa, filho de José de Sousa e Rita de Jesus, natural de Coimbra, de 21 annos, fallecido no dia 15.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5481.

Exoneração.— O sr. padre João Simões Donario dos Santos foi exonerado, pelo requerer, do logar de professor vitalicio da cadeira de ensino primario do Zambujal, concelho de Condeixa.

Transferencias.— O sr. Francisco Antonio Roseiro, professor vitalicio da cadeira de Podentes, do concelho de Penella, foi transferido, pelo requerer, para a cadeira do Zambujal.

O sr. Antonio Simões de Carvalho, professor vitalicio da cadeira do Alvorge, do concelho de Ancião, foi transferido, pelo requerer para a cadeira de Podentes.

Despacho.—O sr. Antonio de Campos Mallo foi nomeado administrador substituto do concelho de Condeixa.

Panorama Photographico de Portugal.— Recebemos os n.os 3 e 4 do 4.º volume desta interessante publicação, correspondente aos mezes de Março e Abril. A photographia do numero 3 representa a *Cascata da Fervença*, na serra da Estrella, e a do numero 4 representa o claustro real do mosteiro da Batalha. São ambas feitas por photographias do sr. Carlos Relvas.

O numero 3.º traz os artigos seguintes:

—*Uma cascata da serra da Estrella*, por A. M. Simões de Castro.

—*Zoologia popular, Metamorphoses dos insectos*, pelo Dr. J. A. Simões de Carvalho.

—*O' Mocidade!* poesia pela sr.ª D. Amelia Janny.

O numero 4.º traz os seguintes:

—*Claustro real do mosteiro da Batalha*, por A. M. Simões de Castro.

—*Zoologia popular, as aves*, pelo Dr. J. A. Simões de Carvalho.

—*Rondalla*, por G. Crespo.

—*O Mediterraneo*, por José Silvestre Ribeiro.

—*Bibliographia, Paulo.*

Additamento —Communicam-nos do concelho da Vidigueira o seguinte:

«Em referencia ao publicado em o n.º 2791 deste jornal, de 25 d'Abril ultimo, temos a accrescentar, que o exm.º morgado da Babadôa José Estevens Mendes Thomaz, resolveu agora que, tambem a expensas suas, se fizessem duas torres na frente da egreja de Selmes, sobre as paredes, cada uma de seu lado, demolindo-se a velha, que existe junto á capella mór, do lado do Evangelho. Como as paredes ainda iam na altura do côro, nenhum transtorno causou ás óbras este appendice, que torna o templo muito mais elegante.»

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Madrid, 16 ás 8 h, e 55 m. da manhã. —O general em chefe do norte participa telegraphicamente que por Balmaseda, Villasana, Vilasante até Medina del Pomar, as tropas liberaes marcharam sem encontrar forças algumas carlistas.

Madrid 17, ás 10 h. e 20 m. da manhã. —A *Gazeta* diz: Concha passou a noite em Oña, Carlistas isolados continuam a submetter-se nas provincias de Badajoz, Caceres, Ciudad Real, Alicante e Oviedo. Publica decretos aceitando a demissão de 15 governadores civis e nomeando os seus sucessores; nomeando Laserna director da artilheria, Santa Pau, capitão general de Valencia e Palacio de Aragão; Capdepon secretario do ministerio das finanças; e Torres director do thesouro.

Madrid 17, ás 2 horas e 45 minutos da manhã—Foram demittidos os capitães generaes de Madsid, Zaragoza e Valladolid.

Madrid 17, ás 8 horas e 50 minutos da manhã—Na assembleia franceza votaram 698 deputados; 317 a favor e 381 contra. O ministerio foi derrotado por 64 votos. Concha pernoitou hontem em Oña. Foram acceitas as demissões dos governadores de Alava, Albaceta, Almeria, Caceres, Cuenca, Granada, Guadalajara, Huelva, Leon, Orense, Oviedo, Palencia, Pontevedra, Soria e Toledo.

ANNUNCIOS

EM COIMBRA

1 NA RUA do Asylo de Mendicidade, 26, se diz quem compra louças antigas, India ou Japão, etc., colchas ou moveis tambem antigos.

Casa Havaneza

2 CHEGARAM á Filial da **Casa Havaneza** do Porto, rua da Calçada, n.º 189-189 A, legitimos vinhos do Porto, tornando-se recommendavel uma porção d'elles velhos, proprios para doença. Continua a grande extracção do branco secco de 500 rs.

ANTONIO MARIA CARDOSO

CALÇADA

3 ACABA de receber um lindo e variado sortimento de lãs para vestidos, e outras fazendas da estação, que lhe vieram muito baratas.

Fazendas para liquidar

Lãs que eram de 500 o metro	320
Ditas de 400	280
Ditas de 320	200
Ditas	180
Ditas	150
Chitas largas	150
Coletes de veludo que eram de 3$600 a	1$500
Coletes de seda que eram de 1$400 a	800

Tambem continua a ter patentes finos, de 100 e 120 rs. o metro.

Venda de livros da Bibliotheca da Universidade e da Faculdade de Medicina

4 NÃO se tendo effectuado a venda destes livros na primeira praça, terá logar no 1.º do proximo mez de Junho em globo, ou em lotes, se não houver lanço conveniente para a venda por junto. Na bibliotheca da Universidade se encontram os respectivos catalogos impressos.

Coimbra, 19 de Maio de 1874.

EDITAL

O Dr. José Maria Corte Real e Sacadura, presidente da Camara Municipal do concelho da Louzã.

Faço saber que no dia 25 do corrente, pelas 8 horas da manhã, hade ter logar uma vistoria camararia no sitio do Valle Grande ou Valle d'Almagra, ao norte do monte da Cumeada do Arneiro, da Chã do Valle do Miguel em direcção á Chã do cume do referido monte, para effeito de se medir, demarcar e avaliar o terreno baldio alli concedido de aforamento pela Camara Municipal a Antonio Pires Serra, João d'Oliveira, Damião Antonio Pires Serra, do logar da Ribeira, Francisco José de Figueiredo Junior, do logar das Fontainhas, e Adelino Justiniano de Mesquita, desta villa da Louzã, para plantação de vinha, e se arbitrar o competente fóro; e por isso convido todas as pessoas a apresentar até áquelle acto, qualquer reclamação fundada em interesse publico, que tiverem por conveniente fazer contra estes aforamentos.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandei passar o presente e identicos que serão afixados e publicados nos logares convenientes.

Louzã, 8 de Maio de 1874.

O presidente,

José Maria Corte Real e Sacadura.

Semente d'eucalyptus globlus

6 VENDE-SE na rua do V. da Luz, n.º 12.—*A. M. S. Castro.*

7 NO DIA 9 do proximo mez de Junho, pelas 9 horas da manhã, ás portas do tribunal no extincto convento de Santa Cruz, perante o exm.º sr. juiz de direito desta comarca, se hão de vender em hasta publica os bens penhorados a José dos Santos e seus filhos, da Povoa do Pinheiro, por execução que lhes move Anna de Jesus, desta cidade, pelo cartorio do escrivão interino o sr. Almeida.

8 PRECISA-SE de um marçano com pratica de tabacos. Dirija-se a esta redacção.

BANCO DA REGOA

Sociedade anonyma, responsabilidade limitada

Capital—600:000$000 rs.

Agente—Manoel de Almeida Cabral—161, Rua da Calçada, 165—COIMBRA.

9 NESTA AGENCIA descontam-se letras da terra e de fóra.

Empresta a juro modico sobre penhores de ouro, prata e pedras preciosas, etc., e effectuam-se muitas outras transacções, proprias deste banco. Expediente todos os dias das 8 horas da manhã até ás 5 da tarde.

Associação dos Artistas de Coimbra

10 DOMINGO, 24 do corrente, pelas 9 horas prefixas da manhã, hade reunir-se a assembleia geral ordinaria para a discussão do parecer da commissão fiscal sobre as contas da gerencia da direcção; seguindo-se depois as eleições para os diversos cargos da associação.

Coimbra, 19 de Maio de 1874.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

11 VENDE-SE toda a madeira, pannos, e mais pertences do theatro da rua da Moeda. Quem pretender, dirija-se a Joaquim de Campos Lobo, rua das Padeiras, n.º 29.

AGRADECIMENTO

12 RITA DE JESUS e seus filhos, vem por este meio prestar seu eterno agradecimento a todas as pessoas que extremamente os obsequiaram por occasião da doença e fallecimento de seu prezado filho e irmão Eduardo de Sousa, agradecendo mui especialmente ao illm.º sr. Abilio Augusto Severo, os muitos e assignalados serviços que d'elle receberam não só nesta triste occasião, mas em muitas outras suas afflicções.

Protestam tambem aqui eterna gratidão a todos os seus visinhos e amigos que lhes fizeram valiosos offerecimentos e a fineza especial de acompanharem o defunto da egreja de S. Bartholomeu até ao cemiterio.

13 NOS DIAS 21 e 28 do corrente mez de Maio, e 6 de Junho proximo futuro, por 11 horas da manhã, nos paços deste concelho, hãode arrendar-se em hasta publica, pelo tempo de um anno, a começar no 1.º de Julho deste anno, e a findar em 30 de Junho de 1875:

Em 21 de Maio

As lojas n.os 6, 12, 39, 40 e 41 do edificio de Santa Cruz

A casa n.º 10 sita em Montarroio

A parte baixa do cerco do Noviciado em Santa Cruz

A renda denominada das balanças, pesos e medidas.

Em 28 de Maio

A casa da Feitoria no Rocio de Santa Clara

A casa onde funccionou o tribunal judicial no edificio da Trindade

A barca da passagem das Carvalhosas, no rio Mondego

A dita do Almegue no dito rio

A dita no rio Eça.

Em 6 de Junho

As lojas n.os 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22 e 24 do mercado de D. Pedro V.

Neste mesmo dia e hora hade dar-se de arrematação a conducção para o cemiterio, dos finados nos hospitaes e indigentes fallecidos nas parochias da cidade.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 18 de Maio de 1874.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

DILIGENCIA

Entre a Guarda e Mangualde

14 BALHA E MELLO & COMPANHIA annunciam, que vão abrir a sua carreira de diligencia diaria, nos pontos acima ditos, a começar no dia 20 do corrente, sahindo da Guarda ás 10 horas da manhã, e chegar a Mangualde ás 8 da noite. Deste ponto sahe á chegada da diligencia da Mealhada, entrando na Guarda ás 6 da manhã.

Preço de cada passageiro

Da Guarda para Mangualde, e vice-versa, 1$500 rs., sendo admissivel a cada passageiro 15 kilos de bagagem, e havendo excesso pagarão 40 rs. por kilo.

Guarda, 11 de Maio de 1874.

Balha e Mello & C.ª

15 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA annuncia, que, no dia 21 do corrente, pelas 12 horas da manhã, nos paços do concelho, porá em praça e adjudicará pelo menor lanço, a construcção do muro de revestimento ao torreão do extincto convento da Estrella, na forma da deliberação camararia de 12 deste mez; visto que os proprietarios do referido convento, e do terreno da antiga cadeia da Portagem, não levantaram o dito muro dentro do prazo que lhes foi marcado, sob pena da camara o fazer á custa dos mesmos proprietarios, na conformidade da sentença contra elles obtida. O projecto da obra e as condições estarão patentes no acto da praça.

E para constar se passou o presente.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 18 de Maio de 1874.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

PROTECTORA

Companhia de Seguros de Recrutamento Militar

16 TENDO ESTA COMPANHIA resolvido, em assembleia geral de 30 de Março ultimo, sustar e liquidar as operações de seguros de recrutamento militar, segundo o disposto no § unico do art.º 2 dos seus estatutos, e em presença da lei de 17 d'Abril de 1873; são convidados todos os seguradores a dirigirem-se ás agencias pelas quaes effectuaram os seguros, a fim de receberem alli as sommas com que entraram nos cofres da companhia, acrescentadas com o juro de 6 por cento ao anno, pelo tempo do desembolço.

Os segurados apresentarão neste acto e até ao dia 15 de Junho futuro as suas apolices e recibos, juntamente com a certidão de vida dos segurados, residentes no reino, ou abonação de pessoa idonea, com referencia aos que se tiverem ausentado.

Os agentes em Coimbra:

Gavicho & C.ª

Largo das Olarias, n.º 11.

17 **SAUDE A TODOS** sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa farinha de *Saude,*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Nenhuma enfermidade resiste á deliciosa *Revalesciére* que cura as indigestões (despepcias) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabetes, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, e do sangue.

Mr. Livingstone, celebre explorador da Africa central, no seu relatorio que fez á Sociedade Real Geographica de Londres sobre a sua viagem diz:

«Os habitantes da provincia d'Angola parecem gozar uma grande felicidade; elles não precisam nem medicos, nem purgantes; o seu principal alimento sendo a *Revalesciére* que Du Barry trouxe em Europa, vêem-se isentos das molestias, e a tisica pulmonar, escrophulas, empingens, cancer, febres, difficuldade de evacuar, diarrhea, etc., etc. são molestias completamente desconhecidas, como tambem desconhecem as bexigas, o sarampo, etc.»

Certificado do Dr. Manuel Saens de Dejada, doutor da faculdade Medica e Cirurgica, lente da Universidade livre de Cordova, medico em proprio e do caminho de ferro de Merida a Sevilha, etc.

Certifico: Que com o uso da *Revalesciére*, obtive na minha clinica varias curas em molestias gravissimas em alguns clientes residentes nesta cidade, lembrando-me o de D. Filippe Zappina, empregado publico, hoje administrador da alfandega de Manila nas ilhas Filippinas, a de D. Amelia Gomes, casada com um chefe do exercito, a qual continua a melhorar com o seu uso; de D. Ramon Alonzo, rapaz de vinte annos que soffria havia alguns mezes de uma molestia de peito de muita gravidade. E para fazer constar em toda a parte, a assigno em Cordova em 13 de Outubro de 1873.

DOUTOR MANUEL SAENS DE DEJADA.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos de venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil. 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalesciére* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalesciére chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 réis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa,** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahir, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2799 — SABBADO 23 DE MAIO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha, 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Os factos vão demonstrando, cada vez mais claramente, que a nossa organisação economica e financeira, é uma realidade tão evidente, que faria emmudecer os detractores de officio, se o patriotismo e o bem geral desta nação, fossem capazes de mover o seu feroz instincto.

A paz e o credito são as bases sobre que assenta a verdadeira prosperidade de uma nação; e por isso é este o ponto para que os governos justos, dotados de bons instinctos politicos e que desejam governar em nome de todos os interesses, mais se empenham por obter e consolidar.

Com a protecção que dá a ordem, e á sombra de uma regular administração financeira, prosperam todas as instituições; desenvolvem-se todas as emprezas; germinam todas as iniciativas. Naquelles fecundos elementos vão buscar forças e recursos para o seu progresso, todas as ideias generosas, todos os emprehendimentos uteis, que são os que constituem a vida social.

Effectivamente a prosperidade do nosso thesouro, é tão evidente, e tão invejada a paz que disfructamos, que nos podemos considerar felizes, continuando a acertada direcção, que tem levado os negocios publicos.

Os nossos fundos de divida externa, segundo as ultimas noticias, subiram á cotação de 46 5|8 na praça de Londres. Este facto é muito significativo, e de alta importancia para o nosso credito.

E' evidente o alcance de semelhante acontecimento; e tão notavel é elle, quanto é certo que ha muitos annos os titulos da divida consolidada não attingiram ainda este valor.

Semelhante resultado é verdadeiramente extraordinario na historia financeira deste paiz nos ultimos tempos; revela o grande augmento dos recursos do thesouro, e alem disso a abundancia de capital circulante e a prosperidade geral do paiz.

A cotação, que obtiveram os nossos fundos em Londres, é fundada em factos, que demonstram á evidencia a prosperidade real do nosso thesouro, proveniente do augmento da riqueza publica e particular.

No orçamento de 1874 a 1875, votado ha pouco pelo parlamento, foi calculado o *deficit*, em cerca de 700 contos, o que a todos surprehendeu, quando ainda ha perto de cinco annos, elle se aproximava de 7:000 contos.

Agora, porem, é mais frisante o resultado da nossa prosperidade financeira. Tomando por base a cobrança de 1872 a 1873, este ultimo orçamento dava, como dissemos, ainda um *deficit* de 700 contos; mas dos documentos publicados na folha official, deduz-se que a cobrança effectuada em os primeiros nove mezes do presente anno economico, excedeu a de 1872 a 1873 em perto de 1:000 contos. Por onde se vê, que o *deficit* não só desappareceu; mas já as sommas recebidas excedem em muito a quantia necessaria para o extinguir.

Os recursos do thesouro tem sido sufficientes para o governo fazer face a todos os encargos publicos. Tão notavel progresso no regimen financeiro do paiz, em um curto periodo, é um successo digno de mencionar-se, e que não póde deixar de ser summamente agradavel a todos os que desejam o progresso, a felicidade e o bom nome deste paiz.

Um jornal de Lisboa publicou ha dias um mappa de origem official, pelo qual se póde bem avaliar o estado que attingiu o nosso credito, se o compararmos com a epocha, ainda proxima, da gerencia do ministerio reformista. Por elle se vê que o thesouro pediu de emprestimo 1:900:000$ rs. a 10 por cento; 450:000$ rs. a 13 por cento; 103:500$ reis a 13 1|2 por cento; 1.044:000$ reis a 15 por cento; 225:000$000 reis a 17 por cento, etc.

As circumstancias mudaram hoje completamente. Um facto bem frisante temos nós na segunda emissão feita ha dias, das obrigações do caminho de ferro do Minho. Sendo a sua importancia de 1.755:000$000 rs., a subscripção attingiu a enorme quantia de 82.692:000$ reis!

Este surprehendente resultado, muito superior á cifra que mencionamos em o numero passado, quando suppunhamos que já estava fechada a subscripção, é na realidade uma prova evidente da elevação do nosso credito, e da abundancia do capital, que confiado na paz e na prosperidade publica, se não recusa a auxiliar as emprezas de reconhecido interesse, e que tendem a augmentar de futuro a riqueza publica e particular.

O ABSOLUTISMO E A LIBERDADE

A *Nação*, não podendo completamente negar os abusos commettidos durante o governo absoluto, diz que podiam ser reformados, mesmo dentro do antigo regimen, sem serem necessarias as modernas inovações.

Só quem completamente desconhecer a historia patria poderá aventar semelhante opinião. Sem a profunda alteração do systema governativo não se podiam conseguir as indispensaveis reformas, porque a isso se oppunha fortemente a natural tendencia dos reis e governos para exaggerar o principio auctoritario, e o interesse das classes privilegiadas, que viviam quasi exclusivamente á custa do suor do povo.

Os proprios tres estados, apesar de serem apenas consultivos, eram incommodos ao governo absoluto; e por isso, desde o reinado de D. Pedro II em deante cessaram de ser convocados.

Nem ao menos era permittido ao povo o direito de representação, ainda nos assumptos mais alheios á politica. Daremos disso uma prova bem positiva.

Por decreto de 11 de Agosto de 1755, creou el-rei D. José a companhia de commercio do Grão Pará e Maranhão, concedendo-lhe privilegios e favores tão extraordinarios, que não tinham precedente.

Os negociantes de Lisboa ficaram aterrados ao saberem da creação desta companhia, que altamente os prejudicava; pelo que, como legitimos advogados dessa classe, dirigiram os membros da *Mesa do Bem Commum* uma submissa representação ao rei, expondo-lhe os gravissimos prejuizos que proviriam ao commercio da capital de semelhante instituição.

Julgar-se-ha que a representação foi simplesmente deferida, ou indeferida pelo rei? Nada disso. Respondeu o rei, ou antes o marquez de Pombal, mandando logo prender no Limoeiro os deputados da *Mesa do Bem Commum*, e expedindo em seguida este arbitrario e despotico decreto:

«Por certos motivos que me foram representados, e de que eu estou plenamente informado, sou servido mandar que João Thomaz de Negreiros, Antonio Marques Gomes e Mathias Correa de Aguiar, presos na cadeia do Limoeiro á minha ordem, sejam transportados ao presidio de Mazagão, o primeiro por 8 annos, o segundo e terceiro por 6; que Custodio Nogueira Braga seja degredado para Alcoutim por 6 annos, Custodio Ferreira Goes por 3 para a Torre de Moncorvo, Ignacio Pereira de Sousa pelo mesmo tempo para Penamacor, Antonio Alvares dos Reis para Leiria por 2 annos, Belchior de Araujo Costa para Porto de Moz, e Manoel Antonio Pereira para Ourem pelo mesmo tempo; constituindo-se os degredos dos primeiros na primeira embarcação, que deste ponto fôr para aquelle presidio; e dos mais no termo de 15 dias. O duque regedor o faça executar. Belem 30 de Setembro de 1755. *(Com a rubrica de Sua Magestade.)*»

Era esta a sorte que tinha quem se atrevia no tempo do governo absoluto a fazer qualquer representação, que fosse de encontro á vontade do rei, ou dos seus ministros!

A repugnancia á convocação das côrtes dos tres estados manifestava-se ainda nas occasiões mais solemnes. Ahi vae um exemplo.

Tendo enlouquecido no dia 1 de Fevereiro de 1792 a rainha D. Maria I, quando saía do theatro em Salvaterra, assumiu o principe D. João a administração do reino. Desenganada, por fim, a medicina, depois de numerosos, mas impotentes esforços, de que a molestia da rainha era incuravel; tratou-se em Julho de 1799, no conselho de estado, a questão da regencia. Os differentes ministros votaram para que o principe fosse declarado regente sem mais formalidade; mas o ministro do reino, José de Seabra da Silva, sustentou com tenacidade, que essa declaração só devia ser feita em côrtes.

Ficando vencido em tão grave ponto José de Seabra, era natural que fosse exonerado do logar de ministro, e a isso se limitasse o resultado do seu parecer. Não era, porém, semelhante procedimento proprio do governo absoluto. Assumindo o principe D. João a regencia, não só demittiu a José de Seabra do seu cargo de ministro, mas alem disso o demittiu de todos os mais empregos que tinha, e o deportou para a sua quinta do Canal! Era este o castigo que se dava ao ministro, que tivera o arrojo de fallar em côrtes! Eis este intoleraute decreto:

«Havendo suspendido do exercicio de secretario d'estado dos negocios do reino a José de Seabra da Silva por justos e attendiveis motivos, que a isto me moveram: sou servido, em consideração dos mesmos ponderados motivos, dar-lhe a demissão do meu real serviço em todos os cargos e empregos que d'antes occupava; ordenando juntamente que saia desta côrte e cidade de Lisboa no preciso termo de tres dias para a sua quinta do Canal, aonde residirá, e da qual não poderá sair sem ordem minha. O marquez mordomo mór intimará logo este meu real decreto ao sobredito José de Seabra da Silva.—Palacio de Queluz, em 5 de Agosto de 1799. (Com a rubrica do principe nosso senhor.)»

Em Portugal ficou assim comprimida toda a legitima aspiração á convocação das côrtes. É por isso que de 1808 em deante alguns resolutos liberaes foram para Londres fundar os periodicos o *Correio Brasiliense*, o *Espelho*, o *Portuguez*, o *Investigador Portuguez*, e o *Campeão Portuguez*.

Como, porém, nelles se advogava a necessidade da reunião das côrtes, para remediar os males da nação, foi expressamente prohibida a sua leitura em Portugal; e até o *Investigador Portuguez*, apesar de ser nos primeiros annos protegido pelo embaixador em Londres, D. Domingos de Sousa Coutinho, conde do Funchal, veiu por fim a incorrer no desagrado dos governadores do reino, por nelle principiar o seu redactor José Liberato Freire de Carvalho a publicar uma serie de artigos ácerca das nossas antigas côrtes.

Ahi apresentamos dois dos muitos exemplos que podiamos indicar, da prohibição que em Portugal se fazia dos jornaes publicados em Londres:

«El-rei nosso senhor, por sua regia portaria de 17 do corrente, mandou excitar a exacta observancia da sua real ordem de 17 de Setembro de 1811, participada á mesa do desembargo do paço em 22 de Março de 1812, que prohibiu nestes reinos a entrada e publicação do periodico intitulado: *Correio Brasiliense*, e de todos os escriptos do seu furioso e malevolo auctor. E porque ainda são mais sediciosas e incendiarias (se é possivel) as terriveis maximas do outro periodico intitulado: *O Portuguez*, que tambem se dirige a concitar tumultos e revoluções nos povos, para perturbar a harmonia estabelecida em todas as ordens do estado, e introduzir a anarchia, fazendo odiosos os dois supremos poderes, que Deus or-

denou para governar os homens, com o evidente objecto de destruir os altares, e os thronos : determinou o mesmo augusto senhor, que seja egualmente prohibida a entrada e publicação nestes reinos do dito periodico : *O Portuguez*, e que todos os vassallos destes seus reinos não recebam, nem vendam, ou retenham em seu poder, e menos espalhem, por qualquer modo que seja, os referidos dois periodicos, antes entreguem na secretaria da revisão da dita mesa do desembargo do paço os que vierem ás suas mãos, debaixo das penas impostas no alvará de 30 de Julho de 1795, parrafo 32, que são 6 mezes de cadeia, perdimento de todos os exemplares, e o dobro do seu valor, pela primeira vez ; do tresdobro pela segunda ; metade para as despezas da dita secretaria, e a outra metade para quem denunciar os transgressores ; e pela terceira vez, as mesmas penas pecuniarias, e a de degredo por 10 annos para o reino de Angola ; alem das mais que forem applicaveis na conformidade do parrafo 9.º da lei de 25 de Abril de 1768. E para que chegue á noticia de todos, se mandou afixar o presente edital. Lisboa 25 de Junho de 1817 —*Pedro Norberto de Sousa Padilha e Seixas.*»

«El-rei nosso senhor tomando em consideração que o periodico publicado em Londres, com o titulo de *Campeão Portuguez, ou o Amigo do Rei e do Povo*, contém discursos que visivelmente mostram o damnado projecto de destruir a confiança, que os vassallos de sua magestade tem no seu governo, e nos seus ministros : foi servido mandar que seja prohibido nestes reinos tão preverso escripto, debaixo das penas impostas pelas leis contra os que introduzem, divulgam, ou retem livros, ou escriptos prohibidos. E para que chegue á noticia de todos, se mandou afixar o presente edital. Lisboa, 10 de Fevereiro de 1820— *João da Silveira Zuzarte.*»

Em 1817, desenganados alguns liberaes de que com procedimentos legaes nada conseguiriam, trataram de proclamar as côrtes pelos meios revolucionarios. Sendo, porem, descoberta a conspiração, foram enforcados no dia 18 de Outubro daquelle anno, com o seu chefe Gomes Freire de Andrade.

Em 1820 é feita nova tentativa, e desta vez com toda a felicidade. Constando aos governadores do reino em Lisboa, que no dia 24 de Agosto havia rompido no Porto a revolução liberal, publicam no dia 29 do mesmo mez uma ameaçadora proclamação, em que são tratados os revolucionarios pelo seguinte modo :

Portuguezes ! **O horrendo crime de rebellião** contra o poder e auctoridade legitima do nosso augusto soberano, el-rei nosso senhor, acaba de ser commettido na cidade do Porto.

«Alguns poucos individuos mal intencionados, allucinando os chefes dos corpos da tropa daquella cidade, poderam desgraçadamente influil-os para que, cobrindo-se de opprobrio, quebrassem no dia 24 do corrente o juramento de fidelidade ao seu rei, e ás suas bandeiras, e se atrevessem a constituir, por sua propria auctoridade, naquella cidade, um governo a que dão o titulo de governo supremo do reino.

«Bem conheciam os **preversos,** que machinaram esta conspiração, que só poderiam conseguir extraviar corações portuguezes, occultando-lhes debaixo de apparencias de um juramento illusorio de amor e fidelidade ao seu soberano, o primeiro, e tremendo passo que lhes fizeram dar para o abysmo das revoluções, cujas consequencias podem ser a subversão da monarchia, e a sujeição de uma nação sempre zelosa da sua independencia á ignominia de um jugo estrangeiro.»

Assim fallavam os governadores do reino em quanto se suppunham com forças para conter a revolução.

Vendo, porém, que eram impotentes, mudam rapidamente de linguagem, e publicam no dia 1 de Setembro outra proclamação em que promettem convocar immediatamente côrtes ! Diziam ahi os governadores :

«*Portuguezes !* Os governadores do reino persuadidos do perigo imminente que corre a nação, e a monarchia, se se prolongar a crise produzida pela sublevação da cidade do Porto, e usando das faculdades extraordinarias que pelas suas instrucções lhes são concedidas em casos urgentes, depois de ouvirem o parecer de grande numero de pessoas do conselho de sua magestade, conspicuos entre as diversas classes da nação, resolveram, em nome de el-rei nosso senhor, **convocar côrtes,** nomeando immediatamente uma commissão destinada a proceder aos trabalhos necessarios para a **prompta reunião das mesmas côrtes.**»

Se a revolução liberal não estivesse em vespera de triumphar, os homens que mandaram enforcar Gomes Freire em 1817, prometteriam agora convocar côrtes ? E que confiança podia a nação depositar em tal gente ?

Victoriosa a revolução, são eleitas e reunem-se as côrtes ; discutem ellas e approvam a constituição, que o rei não só jura em 1 de Outubro de 1822 ; mas que confirma pela sua proclamação datada do palacio da Bemposta no dia 30 de Maio de 1823, em que diz o seguinte :

«Fiel ao meu juramento, fiel á religião de nossos paes, eu saberei manter aquella constituição **que mui livremente acceitei.** E eu ainda não faltei uma só vez á minha palavra.»

Era isto no dia 30 de Maio ; e logo no dia immediato dava D. João VI mais uma prova do que havia a esperar de um rei creado na escola do antigo regimen. No dia 31 de Maio, tendo o mesmo monarcha fugido para Villa Franca, onde já se achava seu filho D. Miguel, d'alli proclama a queda da constituição que tinha jurado ; mas ainda assim, para não tornar tão repugnante o acto, promette um novo codigo. Dizia elle :

«Habitantes de Lisboa : Não receeis pelas vossas liberdades ; ellas serão garantidas por um modo, segurando a dignidade da corôa, que respeite e mantenha a liberdade dos cidadãos.

«Entretanto obedecei ás auctoridades, esquecei vinganças particulares, suffocae o espirito de partido, evitae a guerra civil, e em pouco vereis as bases de um **novo codigo,** que abonando a segurança pessoal, a propriedade, e empregos devidamente adquiridos em qualquer epocha do actual governo, dê todas as garantias, que a sociedade exige, una todas as vontades, e faça a prosperidade da nação inteira.»

Essa mesma promessa confirmou elle noutra proclamação datada de Villa Franca em 3 de Junho, dizendo :

«Portuguezes, o vosso rei, collocado em liberdade no throno de seus predecessores, vae fazer a vossa felicidade, **vae dar-vos uma constituição,** em que se proscreverão principios, que a experiencia vos tem mostrado incompativeis com a duração pacifica do estado.»

Em 18 desse mesmo mez é creada uma junta, encarregada de preparar o projecto de uma carta de lei fundamental.

Esperou-se muito tempo, sem apparecer nenhum resultado dos trabalhos de tal junta ; até que em 4 de Julho de 1824 sae a publico uma carta de lei, em que sob a proposta da mesma junta, de que o codigo de lei fundamental não devia ser outro senão o das antigas côrtes, compostas dos tres estados do clero, nobreza e povo ; declarava D. João VI em seu pleno vigor a antiga constituição politica, convocando-se a côrtes os tres estados do reino.

Falseava-se assim mais uma vez as promessas feitas ; mas em fim, sempre se promettia a convocação de umas côrtes, boas, ou más. E até D. João VI encarregava os ministros de **immediatamente** procederem a todos os trabalhos preparativos, para se verificar a convocação das côrtes.

Pois nem estes mesmos tres estados foram convocados ; zombando-se ainda mais uma vez da nação portugueza !

Veja-se por consequencia se eram, ou não justificados os meios revolucionarios empregados pelo partido liberal, a fim de obter uma constituição ; e se se podia esperar do antigo regimen a reforma dos immensos abusos e vexames que o povo soffria !

Alcançou o paiz a sua liberdade á custa de muitos milhares de victimas e de enormes sacrificios ; e portanto não havia de ser agora, que por incuria deixasse perder o que tanto lhe custou a ganhar.

Á sombra da arvore da liberdade todos tem direito ás regalias consignadas na Carta ; todos podem queixar-se e reclamar a sua justiça pelos meios legaes ; e até o proprio partido absolutista gosa de beneficios, que nunca concedeu aos seus adversarios.

É por isso que, parodiando a celebre resposta do general Bonaparte aos plenipotenciarios austriacos, diremos que—a liberdade portugueza é como o sol ; só a não vê quem é cego.

Joaquim Martins de Carvalho.

Meu prezado collega.—Convidaram-me para assignar um protesto contra os missionarios, que ha muito tempo ahi estão prégando. Associo-me ás ideias enunciadas no protesto, porque tenho como condemnavel o arrojo de qualquer padre estranho á diocese, que se apresenta como missionario em Coimbra, séde do bispado, e do primeiro estabelecimento scientifico do paiz, do qual faz parte a faculdade de Theologia, constituida geralmente de homens doutos e de talento comprovado nas cadeiras do professorado e na tribuna sagrada,— junto do seminario episcopal, onde ha um corpo cathedratico, que de certo está á altura da missão que desempenha,— proximo da sé, onde ha um cabido, composto de pessoas graves e de muita illustração,—em face dos parochos das diversas freguezias da cidade e ainda das do termo, todos de competencia reconhecida para o desempenho da sua elevada missão,—perante o resto do numeroso clero d'esta diocese, o qual, pelas circumstancias peculiares de Coimbra, tem geralmente a necessaria instrucção.

Se, infelizmente, com elementos taes ainda se affirma a necessidade de antepôr a todo esse respeitavel clero, qualquer obscuro padre, que só se recommende por pertencer á companhia de Jesus, e não pela sua illustração,—se todos esses sacerdotes, por um censuravel indifferentismo, tendo em pouca conta a sua posição social e official, e até a sua sciencia, se deixam offuscar, e perder o seu prestigio,— se as missões têm de continuar por mais tempo, com o fim de demonstrar a incapacidade do clero portuguez, ou a dureza das consciencias d'este bom povo, que parece mais difficil de catechisar do que os selvagens dos sertões d'Africa,—imploro, por minha parte, ao venerando bispo da diocese que se digne exercer severa inspecção sobre o modo como são feitas as missões, para que se não abuse do pulpito, affrontando a religião de Christo, toda de amor e bondade, que nos ensina a amar-nos uns aos outros, e não sejam as missões a expressão d'um fanatismo absurdo e exclusivamente partidario, que poderia prejudicar a sublimidade da nossa religião, se ella não estivesse muito superior aos desvarios de alguns que se ufanam de a prégar.

O elevado conceito que nos merece o muito digno e esclarecido prelado diocesano, alimenta-nos a esperança de que proverá de remedio aos males que se mencionam. Se, porem, as missões tiverem de continuar, com offensa de todas as conveniencias aconselhadas pelo bom senso,—porque os missionarios não são portuguezes, não tem a habilitação scientifica ratificada no paiz pelos meios legaes, conforme a disciplina ecclesiastica,— ao menos que os missionarios tenham uma vida mais austera e mais em harmonia com a humildade do fim a que dizem propôr-se : deixem o aprazivel conforto que lhes proporcionam os conventos de religiosas, hoje quasi todos convertidos em casas de educação do sexo feminino; abandonem as habitações contiguas aos mesmos conventos; deixem em socego essas respeitaveis senhoras, tão bem conceituadas em todo o reino; mudem de local para fazer as suas predicas, que não são alli precisas, porque a missão não deve ser local, mas geral, e porque Christo quer salvar a todos, e para as missões são mais aptos os templos de Santa Justa, S. Francisco da Ponte, etc. , e junto a cada um d'elles encontrarão commoda, modesta e honesta habitação.

Coimbra, 22 de Maio de 1874.

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

COMMUNICADO

E' grave, é solemne, é memoravel para todos os chistãos essa epocha do anno a que vulgarmente se dá o nome augusto de Semana Santa. Os templos occultam as doiradas columnas, as paredes alvejantes debaixo de negros mantos, de funebres crepes ; as imagens, sobre os altares escondem, como viuva formosa, mas angustiadissima pela perda recente do esposo querido, os rostos sacrosantos por densos e escuros véos. Tudo lá dentro é triste, sombrio, escuro, melancolico. Cá fóra,—até o ceu, este formoso ceu da primavera, tão limpido e tão diaphano, troca o rico manto de um azul purissimo pelos escuros farrapos das nuvens, tetricas, medonhas, calaginosas ! O fremito do riso esmorece em todos os labios, e o coração comprime-se sob o peso de angustia horrivel. E os fieis, trajando pesado luto, lá se dirigem, tristes, pensativos e melancolicos, a esses templos, onde as orações expellidas de seus labios sobem, envoltas com as notas graves e plangentes do orgão e os canticos ora doces e suaves, ora tristes e melancolicos, que resoam sob aquellas abobas sagradas , até ao throno do Altissimo.

A egreja pranteia-se, e geme e chora, como viuva inconsolavel, porque recorda a paixão e morte do divino Esposo. Os fieis entristecem-se, magoam-se, commovem-se , porque assistem á representação desse drama mysterioso e terrivel que lhes disperta na mente a lembrança do quanto soffreu o Homem-Deus para resgate e salvação da humanidade.

Mas, assim como á noite escura e tempestuosa, succede ás vezes um dia bonançoso e esplendido; assim apoz tristezas e luctos, prantos e lagrimas, raiaram sorrisos e galas, festas e jubilos. Hontem os templos cobriam-se de lucto, todos eram sombras e escuridade ; hoje os altares patenteiam-se engrinaldados de mimosas flôres; as santas imagens, sacudindo os negros véos que as occultavam , mostram-se mais bellas, mais formosas e risonhas ; e as velas, e os candelabros, e os formosos lustres jorram torrentes de luz que vae reflectir-se nas doiraduras das capellas e nos vistosos damascos que adornam as naves magestosas. Apoz a dolorosa Paixão, a festival Alleluia, a portentosa Resurreição do Crucificado. Depois dos canticos sentidos de Jeremias, o glorioso Hosanna.

Fizeram-se este anno aqui, o que havia já annos não acontecia, todas as solemnidades que a egreja costuma celebrar nessa semana memoravel. Foi uma semana de cerimonias religiosas quasi ininterrompidas.

No domingo de Ramos , houve alem da benção dos ramos e missa pela manhã , procissão dos Passos á tarde.

Pregou o sermão do Pretorio, o sr. capellão da Ereira; o do Encontro, o sr. padre José Ramho; e do Calvario o sr. padre Neves. Na quarta feira, houve á noite officios.

Na quinta feira maior, de manhã, jubileu, missa, communhão gerál e exposição; á tarde a bella e tocante ceremonia de lava pés, cujo sermão foi prégado pelo sr. padre Neves; e á noite officios, prégando em seguida o sermão da Paixão o sr. prior da Louzã. Na sexta feira de manhã, adoração da cruz , á tarde procissão do enterro, sendo o sermão tambem recitado pelo sr. prior da Louzã, e á noite officios, prégando no fim um estudante, de quem não sei o nome , o sermão da Soledade. No sabbado de manhã a bella funcção da Alleluia. E finalmente no domingo de Paschoa procissão e festa da Resurreição, prégando o já citado sr. prior da Louzã.

Todas estas solemnidades foram celebradas com aceio, ordem, e até explendor.

Dentre os oradores que subiram ao pulpito, sobresairam notavelmente os srs. padre Neves e prior da Louzã.

Outr'ora nos jogos olympicos, os poetas e os historiadores, lendo ahi perante numerosa e respeitavel assemblea as suas mais bellas composições, cada qual envidava os maiores esforços para sair triumphante da incruenta peleja, porque o nome do vencedor era celebrado com enthusiasmo por toda a Grecia. Assim estes noveis oradores pareciam, recitando os seus bellos discursos, disputar na tribuna a corôa da victoria. Qual delles a obteve ?

Eschines e Demosthenes travaram contenda por causa de uma corôa de ouro que Ctesiphonte propozera, n'uma assembleia do povo, fosse dada a este ultimo em recompensa assim do seu elevado talento, como de seus relevantes serviços. Eschines , como é sabido, foi vencido pela maravilhosa eloquencia do primeiro orador da Grecia. Assim o publico illustrado desta terra, escutando attentamente os discursos dos dois notaveis oradores sagrados, reconheceu, é certo, que o sr. padre Neves é um orador muito distincto, mas, enthusiasmado pela superior eloquencia do sr. prior de Louzã, deu, imitando o procedimento de Ctesifonte, a corôa da victoria á este ultimo orador.

Os discursos do insigne orador eram como douradas cadeias que arrastavam , prendiam, captivavam o auditorio, cadeias que só as sabe forjar quem tem a ventura de possuir a sagrada chamma do genio. Oh ! que bella e sã doutrina ! E com que modulação tão clara, tão proficiente e natural ella não era recitada !

A concorrencia na egreja era sempre grande, mas muito maior era sempre que se dizia —hoje prega o sr. prior da Louzã.—O aperto muitas vezes era tal, que os queixumes das pessoas assim rijamente comprimidas , resoavam n'um murmurio suturno por sob as abobadas do templo. Apesar d'isso, porem , logo que o illustre orador começava o discurso, os labios se cerravam, a respiração se comprimia só para não deixar escapar uma phrase, uma palavra sequer: o maior silencio se fazia alli n'um momento.

Da mesma sorte os sons maviosissimos da harpa de David applacavam não poucas vezes a agitação e furia do rei Saul. E se o silencio era algumas vezes interrompido durante os seus discursos, a causa provinha principalmente das proprias palavras do notavel orador. Como a pilha de Volta, elle fazia estremecer de profunda commoção o auditorio que attento o ouvia. Notou-se isso principalmente no magnifico sermão do Enterro. Gritos a principio abafados, depois agudos, pungentes, dilacerantes retumbaram na vastidão do templo: acabado o discurso, todos os corações estavam enternecidos, em todos os olhos se divisavam lagrimas sentidas, expellidas pela mais viva commoção.

Parabens, pois, ao insigne orador.

A musica do coro, vocal e instrumental , era habilmente regida pelo sr. Fino, dignissimo escrivão de fazenda em Soure. Estava boa, mas notava-se-lhe uma falta sensivel—a falta de tiple, que no meu fraco entender lhe quebrava muito a harmonia. Uma lyra , embora sonora, embora melodiosa, se acaso lhe faltar uma das cordas principaes, ainda que seja tocada por habeis mãos , jámais desferirá sons tão harmoniosos como se estivesse completamente encordoada.

Apezar de algumas faltas insignificantissimas, torno a repetir : todas as solemnidades estiveram brilhantes Advinhava-se que uma vontade energica, e uma intelligencia superior presidia áquelles actos. Esses attributos tão estimados possue-os o exm.º revd.º sr. reitor desta villa, que—diga-se a verdade—é sempre habil, proficientissimo sempre na direcção de todas as solemnidades a seu cargo.

Acceite, pois , o illustre prelado os meus sinceros parabens.

Monte Mór o Velho, 11 de Abril de 1874.

N.

NOTICIARIO

Banco Commercial de Coimbra. — A pedido da commissão installadora deste banco publicamos a seguinte carta :

Sr. Redactor do *Conimbricense.* — Rogamos a v. o especial obsequio de mandar transcrever no proximo numero do seu jornal, a carta que nesta data endereçamos ao *Tribuno Popular.* — De v. mt.º attentos vr.ºs— S. C., 20 de Maio de 1874. — *Manoel dos Santos Junior— Antonio de Oliveira — José Ferreira Manso — Joaquim José de Sousa— Antonio Correia de Lemos — José Barbosa Lima—José Melchiades Ferreira Santos.*

Illm.º sr. Redactor do *Tribuno Popular.* —Tendo v. s.ª publicado no ultimo numero do seu jornal a lista das pessoas nomeadas para exercerem os diversos cargos do Banco Commercial de Coimbra, cumpre-nos prevenir v. s.ª de que o seu informador não foi exacto, porque a referida lista diversifica em parte. Brevemente remetteremos a v. s.ª um exemplar dos estatutos do Banco, e por elles verá v. s.ª quem foram os nomeados. — De v. s.ª muito att.ºs e vr.ºs—A commissão installadora—*Manoel dos Santos Junior—Antonio de Oliveira — José Ferreira Manso— Joaquim José de Sousa—Antonio Correia de Lemos—José Barbosa Lima— José Melchiades Ferreira Santos.*

A revolução popular de 1846 —Publicamos hoje uma carta do nosso estimavel amigo e assignante do Rabaçal, o sr. Antonio José da Motta, ampliando o que dissemos ha dias, ácerca da revolução popular em Coimbra no anno de 1846.

Tem muita razão o sr. Motta; porque effectivamente tomaram parte naquella luta popular as forças do Rabaçal. Na ligeira commemoração que fizemos não tinhamos em vista dar conta de todas as forças populares, porque eram de muitas localidades. Vamos, porém, satisfazer o desejo do sr. Motta com a publicação da sua carta.

Amigo e sr. Martins.— Com grande prazer vi no *Conimbricense*, n.º 2797, a commemoração dos acontecimentos notaveis do dia 16 de Maio, por eu ter sido um dos que tomaram parte na batalha da Asseiceira, na qualidade de sargento do batalhão movel de Alcobaça; mas não foi sem reparo que li no final do ultimo anniversario, relativo á revolução popular de 1846 em Coimbra — «Pelo lado da ponte combatiam os do concelho de Miranda, etc.» — e que não lembrassem as forças do extincto concelho do Rabaçal, quando estas não só entraram em Coimbra pela ponte no dia 16, mas depois marcharam por ordem da junta governativa, até Leiria, regressando d'alli no dia 23, por determinação da mesma; e tornando a reunir em virtude de um officio do governador militar, Antonio Maria de Frias, de 2 de Junho, marcharam de novo até Pombal, e d'ahi foram mandadas recolher a suas casas «aonde deviam esperar, dissolvidas, a formação e organisação da guarda nacional» em cumprimento do officio de 5 de Junho, do mesmo governador.

Até este dia fui commandante das forças populares do Rabaçal e nunca mais fiz parte dellas: tomo a responsabilidade de todos os actos praticados pelas mesmas durante o tempo do meu commando; e ainda que não exijo, nem jámais exigi, premio dos serviços feitos á patria, não cedo por modo algum a gloria que d'elles me possa caber, e por isso rogo a v. se digne declarar opportunamente no seu periodico, que as forças populares do extincto concelho do Rabaçal faziam parte das que entraram pelo lado da ponte.

Espero este favor, e me assigno de v. admirador, antigo e certo am.º obgd.º — Rabaçal, 17 de Maio de 1874 — *Antonio José da Motta.*

Mercado em Arganil. — D'esta villa em data de 17 do corrente, nos communicam o seguinte:

«Sr. Redactor.— Certo de que v. sempre que se lhe offerece occasião não deixa de recommendar no seu mui lido jornal tudo quanto possa interessar o publico, por isso me apresso em lhe communicar que se fez hoje nesta villa o primeiro mercado mensal que em tempo annunciou (no *Conimbricense*) se verificaria na mesma villa, no terreiro do Paço grande, no terceiro domingo de cada mez—e foi tal a concorrencia que n'elle houve, que foi além da expectativa publica.

Fizeram-se muitas transacções nos diversos ramos de industria que se apresentaram á venda, e mórmente pelo que diz respeito ao gado bovino esteve uma feira animadissima, calculando-se em muitos contos de reis, o gado que a ella concorreu.

Na feira de gado cavallar houve menos animação (do que no do bovino), todavia não é isso para admirar em razão de muita gente se persuadir que esta feira era só annual e não mensal — ainda assim ha esperanças de que no proximo mercado se apresente animada—e já neste houve bastantes transacções.

N'ella vimos uma parelha de cavallos do sr. José Ribeiro, do Sarzedo, que julgámos ser merecedora de premio se o houvesse.

Consta-nos que a camara d'este concelho vae providenciar para que, no proximo mercado, a feira de gado cavallar se faça em logar mais apropriado do que náquelle em que actualmente se acha, que algum tanto incommodou o publico, por ser feito em logar de muito transito e que não podia mudar-se para outra parte.

O feijão frade esteve o alqueire	a	360
Dito rajado...........	»	a 460
Dito branco..........	»	a 500
Milho................	»	a 310
Batatas..............	»	a 240
Sal..................	»	a 200

Eis pois, em resumo, o modo como correu este mercado, que é de esperar muito progrida por se achar collocado em posição muito central para esta parte da provincia, e para o qual já de alguns pontos populosos ha boas estradas, devidas aos cuidados dos exm.ºs conselheiro José Dias Ferreira, benemerito filho deste concelho, e Francisco Wanzeller, dignissimo deputado por este circulo d'Arganil, aos quaes nos consta que a camara deste concelho, em sessão de 22 de Abril ultimo, consignou em nome dos seus municipes um voto de reconhecimento e louvor pelos serviços que tem prestado ao mesmo concelho.

Por hoje nada mais.—* * *.»

Grande desgraça.—Da Carapinheira, concelho de Monte Mór o Velho, nos communicam o seguinte:

«Neste dia 22 de Maio, ficaram horrorisados os povos desta freguezia e das Means, como aqui não ha memoria. Andando muitos lavradores a fazer os seus amanhos no campo, achava-se no mesmo serviço, Antonio Correa Façudo, de 38 annos, e tres raparigas de 18 a 26 annos,—estas donzellas, e aquelle casado, tendo 4 filhos. Ao meio dia em ponto, cresce uma pequena nuvem ao longo do sul do campo, e eis que rebenta um pequeno trovão, e são fulminados caindo todos por terra, ficando o dito Antonio Correia, morto, assim como uma rapariga que se achava entre as duas, as quaes ficaram sem falla.»

Desacato á auctoridade.—Communicam-nos o seguinte:

«No dia 20 do corrente, na occasião em que a camara municipal da Louzã pretendia vistoriar um baldio no sitio do Arneiro, a fim de se proceder alli á medição de terreno para aforamento, uma consideravel multidão de povo, homens, mulheres e rapazio, armados com enchadas, fouces e espingardas, oppoz-se áquella diligencia, não obedecendo primeiro ás pacificas e prudentes indicações do digno administrador, ordenando-lhes que se retirassem e procedessem legalmente, como lhes era facultado, e desacatando depois a camara e o mesmo administrador com apupos, gritos e ameaças sinistras.

Por esta fórma consummou-se o crime de resistencia á auctoridade com assuada e mão armada, e a camara em presença de tão formal resistencia, teve de retirar, ficando vilipendiada a auctoridade e a lei prostergada.

Nestas circumstancias, a camara deliberou proceder novamente á vistoria no dia 25, reclamando da auctoridade administrativa as sufficientes garantias para o pleno e livre exercicio das suas funcções.

O digno administrador do concelho, tomando a attitude energica, que a gravidade deste acontecimento exige, reclamou do chefe superior do districto a força precisa para manter a ordem e assegurar á camara a sua plena segurança naquelle acto.

Se porventura a camara não desenvolver a energia necessaria para se desaggravar e restabelecer a sua auctoridade esmagada por um acto de tão grave insubordinação, estabelece um precedente terrivel, cujas consequencias futuras são faceis de prever, em prejuizo do respeito devido á lei e á auctoridade.

No estado actual da politica geral, este e outros factos, que já se têem dado neste mesmo concelho, e com os mesmos povos, que agora figuraram neste conflicto, tornam-se do dominio de todos, porque involvem no seu alcance uma questão de ordem publica.

E' negocio quasi averiguado, que alguem daquelle concelho allicia, arrasta e dirige os povos na pratica de taes abusos, altamente criminosos, para fins, que o publico talvez em breve possa apreciar.

A auctoridade administrativa prosegue no seu dever, investigando quaes os auctores e cumplices dos attentados do dia 20, tendo já autuado os que mais salientes se tornaram no conflicto. E' necessario que a lei caia com todo o seu peso sobre os que assim abusam da ignorancia das massas, incitando-as á desordem e por modo tão violento e anarchico. Esperamos que as respectivas auctoridades farão manter pelos meios á sua disposição a ordem publica, o respeito á lei e a segurança de todos, punindo os criminosos e reprimindo influencias perigosas.»

Concurso. — Sabemos que o nosso amigo o sr. José Maria da Silva Torres, empregado na estação telegraphica desta cidade, tendo ido a Lisboa ao concurso para os logares de escrivão e tabellião de juizes de direito, fôra approvado em primeira classe.

Bibliotheca contemporanea. —Recebemos e agradecemos as primeiras folhas do interessante romance — *O conde duque de Olivares (memorias do tempo de Filippe IV); traducção de Candido de Magalhães, e illustrado por Manoel de Macedo.*

No logar competente vae o respectivo annuncio.

Noticias de Hespanha—No *Diario de Noticias* lê-se o seguinte :

«As folhas são de 18 do corrente. Não se encontram nellas noticias de interesse, principalmente com relação á guerra. A imprensa continuava a apreciar o novo gabinete, e alguns julgavam-no com caracter mais conservador e monarchico, do que na verdade podia attribuir-se-lhe. Os periodicos francezes, citados pelas folhas de Madrid, apoiavam comtudo aquelle dizer, visto que o *Jornal dos Debates* entende que as tendencias monarchicas ganhariam com a subida ao poder da nova administração ; e o *Temps* julga que o novo gabinete é como uma especie de ensaio na Hespanha do systema setenalista francez.

Segundo uma participação do governador de Bilbau, o grosso da facção, composto de treze batalhões, estava no dia 16 escalonado de Bolueta a Merindad de Durango, fortificavam-se em Carátamo e nas alturas de S. Miguel de Bascuain e Arrigorriaga; Velasco com dois batalhões permanecia em Arrancurnaga, e outros dois entre Areta e Llodio. No valle de Orozco ha forças alavezas e as procedentes da facção Navarrete. Os batalhões biscainhos de Gorordo, situados entre Zazudio e Larrabezua. As avançadas carlistas, pela parte de Ponte Nova, a distancia de meio tiro de espingarda das do exercito liberal, faziam fogo ao que apparecia por alli.

Foram presos em Galdácano a esposa de Aguirre Sarraina, conhecido por Pello, e mais uns parentes que vinham de Bilbau. D. Carlos e Dorregaray estavam em Durango, onde tambam se achava o conego Manterola e o bispo de Urgel, para levantar o espirito carlista com as suas predicas. Tinham imposto fortes contribuições ás povoações e desejavam colligir 10 milhões de reales na provincia para acudir á compra de 46 peças Krupp e 1:000 espingardas.

Segundo o relatorio do general Concha, a marcha para Bilbau foi mascarada com uma serie de fortificações passageiras , por modo que os carlistas vieram áquelle ponto suppondo que as divisões de Concha sustentavam ahi o ataque.

Madrid, 21, ás 12 h. e 30 m. da m.— Chegou hoje a esta o representante da Allemanha.

Madrid, 21, á 1 h. e 40 m. da t.—O *Imparcial* de hoje, diz que está formado o ministerio francez pela seguinte fórma: Goulard, presidencia e interior; Magne, fazenda : Descazes , estrangeiros ; Bendet, obras publicas, desconhecendo porem os nomes dos restantes.

ANNUNCIOS

1 JOÃO PESSOA A. DA FONSECA, de Cantanhede, pretende dar d'arrematação a mão d'obra d'alvenaria e cantaria para uma casa d'habitação e accessorios, que vai construir em Cantanhede. Convida a todos os mestres, que estejam no caso de se encarregar da dita construcção, a virem tractar com o annunciante no dia 31 do corrente, pelas 11 horas da manhã.

As condicções e mais esclarecimentos, estão desde já patentes em sua casa na referida villa de Cantanhede.

DILIGENCIA

Entre a Guarda e Mangualde

2 BALHA E MELLO & COMPANHIA annunciam, que vão abrir a sua carreira de diligencia diaria, nos pontos acima ditos, a começar no dia 20 do corrente, sahindo da Guarda ás 10 horas da manhã, e chegar a Mangualde as 8 da noite. Deste ponto sahe á chegada da diligencia da Mealhada, entrando na Guarda ás 6 da manhã.

Preço de cada passageiro

Da Guarda para Mangualde, e vice-versa, 1$500 rs., sendo admissivel a cada passageiro 15 kilos de bagagem, e havendo excesso pagarão 40 rs. por kilo.

Guarda, 11 de Maio de 1874.

Balha e Mello & C.ª

3 NO DIA 28 do corrente mez, pelas 12 horas da manhã, nos paços deste concelho, volta de novo á praça, para se arrematar, a obra de construcção do muro de revestimento ao torreão do extincto convento da Estrella.

O projecto da obra e condições estão desde já patentes nesta secretaria.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 23 de Maio de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

4 OS HERDEIROS da fallecida D. Theresa Mequelina d'Oliveira, vendem em praça publica, em casa de sua mãe D. Joanna Barbara d'Oliveira, moradora na rua da Sophia, pelas 11 horas da manhã, do dia 4 de Junho proximo futuro, os seguintes predios, se o preço convier.

Duas moradas de casas na rua da Calçada, n.º 140 e n.º 142, contiguas uma á outra, as quaes serão postas a lanço, juntas, ou em separado; entendendo-se que neste segundo caso, a morada do lado do sul, ficará limitada pela parede mestra, e recebendo-se os lanços como melhor convier.

Uma quinta no sitio dos Pereiros, que por bem conhecida se não confronta; consta de casas de habitação, abegoaria, terras de sementeira, arvores de fructo, vinhas, olival e matta.

Quinta do Pinheiro, no sitio de Banhos Seccos; tem casas de habitação, lagar, vinha e arvores de fructo: fica entendido que sómente se vendem as cinco setimas partes, que pertencem aos annunciantes.

Uma terra sita no campo de Ceira, que por egualmente conhecida, se não confronta.

RAPAZ

5 PRECISA-SE d'um para loja de mercearia. Prefere-se que tenha alguma pratica. —Sophia, 53 a 57.

AGRADECIMENTO

6 ANTONIO HENRIQUES DE CARVALHO, vem por este meio testemunhar á mui digna direcção da companhia de seguros—Fidelidade, e ao seu zeloso agente nesta cidade, o seu profundo reconhecimento, pelas maneiras attenciosas com que se dignaram tractal-o por occasião da liquidação dos prejuizos soffridos no seu estabelecimento, em consequencia do incendio que houve no predio em que elle está collocado, e a promptidão com que o indemnisaram dos mesmos prejuizos, o que não só abona o cavalheirismo dos briosos senhores directores e agente, mas ainda attesta favoravelmente o grande credito da mesma companhia, sempre caprichosa no pontual cumprimento dos seus compromissos.

Coimbra, 22 de Maio de 1874.

BANCO DA REGOA

Sociedade anonyma, responsabilidade limitada

Capital—600:000$000 rs.

Agente— Manoel de Almeida Cabral — 161, Rua da Calçada, 165—COIMBRA.

7 NESTA AGENCIA descontam-se letras da terra e de fóra.

Empresta a juro modico sobre penhores de ouro, prata e pedras preciosas, etc., e effectuam-se muitas outras transacções, proprias deste banco. Expediente todos os dias das 8 horas da manhã até ás 5 da tarde.

8 NO DIA 28 do corrente mez de Maio, pelas 11 horas da manhã, nos paços deste concelho, volta á praça para se arrendar pelo tempo de um anno, a principiar no 1.º de Julho proximo, e a findar em 30 de Junho de 1875, a renda denominada das balanças, pesos e medidas.

No mesmo dia, pelas 12 horas da manhã, hão de dar-se de arrematação, pelo menor lanço, as obras precisas para conclusão das latrinas no cerco dos Jesuitas, com entrada pela travessa do Museu.

As condições e detalhes da obra acham-se desde já patentes nesta secretaria.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 22 de Maio de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

ANTONIO MARIA CARDOSO

CALÇADA

9 ACABA de receber um lindo e variado sortimento de lãs para vestidos, e outras fazendas da estação, que lhe vieram muito baratas.

Fazendas para liquidar

Lãs que eram de 500 o metro		320
Ditas	de 400	280
Ditas	de 320	200
Ditas		180
Ditas		150
Chitas largas		150
Coletes de veludo que eram de 3$600 a		1$500
Coletes de seda que eram de 1$400 a		800

Tambem continua a ter patentes finos, de 100 e 120 rs. o metro.

10 QUEM QUIZER arrendar as casas e lojas do sr. dr. João Victorino, na rua da Sophia, aonde se acha o collegio de Nossa Senhora da Conceição, falle com o sr. Joaquim Francisco da Silva, no 2.º andar do mesmo predio, ou na rua da Sophia, no predio 32 e 33.

VENDA DE QUINTA

11 QUEM QUIZER comprar uma quinta, no sitio do Carvalho, limite de Enxofães, concelho do Cantanhede, a qual consta de lagar de azeite, engenhos de fazer farinha, boas terras de semeadura, boas vinhas, optimos pinhaes, olivaes e mattos, pertencente aos herdeiros de D. Maria Benedicta, de Barcouço, e a Joaquim Maximo de Abreu, tambem de Barcouço; póde dirigir-se a este ultimo, ou por carta, ou pessoalmente, porque elle se acha auctorisado a receber os lanços, e vender a dita propriedade.

Attenção

12 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

EM COIMBRA

13 NA RUA do Asylo de Mendicidade, 20, se diz quem compra louças antigas, India ou Japão, etc., colchas ou moveis tambem antigos.

BIBLIOTHECA CONTEMPORANEA

14 O CONDE-DUQUE DE OLIVARES (memorias do tempo de Filippe IV), por D. Manoel Fernandez y Gonzalez, traducção de Candido de Magalhães, illustrado por Manoel de Macedo.

Assigna-se no escriptorio da empreza, Calçada dos Paulistas, 5, Lisboa.

E' correspondente em Coimbra o sr. Pedro Rocha, imprensa Litteraria.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Galera—VASCO DA GAMA—em 4 de Junho.
Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

16 PERDEU-SE no dia 19 do corrente mez de Maio, uma carteira de bilhetes de visita de filagrana de prata, junto da ponte de madeira nas obras da reconstrucção da ponte. Quem a achar póde entregal-a, querendo, na pharmacia do sr. Augusto Cesar dos Santos, rua da Calçada.

DILIGENCIA

17 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS, fazem publico, que, no dia 1.º de Junho, inclusivé, vão mudar as horas da sahida da sua diligencia, que têem entre Coimbra e Nespreira, sahindo de Coimbra ás 5 horas da tarde, e de Nespreira ás 3 horas da tarde.

Tambem têem trens d'aluguer.

Continuam a ter diariamente duas diligencias para a Figueira.

Coimbra, 22 de Maio de 1874.

Viuva Natividade & Filhos.

Attenção

18 QUEM ACHASSE um annel com pedra verde escura, e n'ella gravadas umas armas de familia, e o queira restituir, póde dirigir-se á rua dos Militares, n.º 29, que será bem gratificado.

Semente d'eucalyptus globlus

19 VENDE-SE na rua do V. da Luz, n.º 12.—*A. M. S. Castro.*

20 NO DIA 25 do corrente mez, anniversario do fallecimento de José Doria, mandará dizer sua saudosa familia, uma missa na egreja de S. Bartholomeu, pelas 7 horas da manhã.

21 VENDE-SE um Phaeton de quatro rodas, na rua da Sophia, n.º 90.

DOCTOR IN ABSENTIA

22 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei*, 46, *em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

23 NESTA CIDADE ha um estabelecimento de mercearia, ferragens e outros generos, que por seu dono não poder dirigil-o dá sociedade ou trespassa convindo. Nesta redacção se diz.

24 PLANTAS E FLORES de grande ornamento, a preços reduzidos, ás terças feiras, no mercado da Sé Nova.

VENDA DE PIPAS

25 VENDE-SE uma porção de pipas, avinhadas, e quasi novas. Quem as pretender póde dirigir-se a José Velasco, na Sophia, n.º 27.

MACHINAS DE COSTURA

Rua do Visconde da Luz

COIMBRA

26 JA' CHEGOU ao estabelecimento de José Teixeira da Cunha, novo sortido de machinas de—*Singer*—para senhora e alfaiate. Tambem se vendem agulhas e linhas.

FIGUEIRA DA FOZ

27 MANOEL NICOLAU D'OLIVEIRA FERNANDES THOMAZ, da villa da Figueira da Foz, annuncia a venda dos seguintes predios, para que qualquer pessoa que os pretenda, se possa dirigir ao annunciante.

Um corredor de marinhas, que se compõe de 45 talhos dobrados, com 2 armazens e mais pertenças, sitas no logar do Oirinho na Morraceira.

Seis geiras de terra lavradia, sitas no campo de Lares e no sitio aonde chamam a—Volta.

O annunciante promptifica-se a esclarecer qualquer duvida que se offereça na realisação destas vendas, para o que se acha habilitado.

NUMERO 2800 — TERÇA FEIRA 26 DE MAIO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
[P]or trimestre	800
[C]orrespondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Continua a escassez de noticias politicas. A não ser um certo movimento eleitoral, que em alguns circulos agita as influencias de algumas parcialidades politicas, nada ha de interesse palpitante, digno de mencionar-se.

O sr. ministro do reino, em virtude de uma representação de varios directores e professores de collegios de ensino preparatorio na cidade do Porto, e de queixas do reitor do lyceu da mesma cidade, chamando a attenção do governo sobre o modo irregular por que neste instituto se tem procedido nos exames de admissão, expediu uma portaria bastante energica ácerca daquellas occorrencias, que parecem ser de muita importancia e de grave responsabilidade para alguns professores.

A portaria é concebida nos seguintes termos:

Tendo em vista o parecer do conselheiro procurador geral da corôa;

Ha por bem declarar e ordenar o seguinte:

1.º Que todos os exames devem ser publicos; conforme se acha estabelecido no decreto com força de lei de 20 de Setembro de 1844.

2.º Que na sala dos exames deve sempre haver espaço reservado para o publico, tomando-se as necessarias providencias, a fim de que os expectadores se conservem separados dos examinandos e não perturbem o andamento do serviço.

3.º Que a policia das salas dos exames pertence aos presidentes das mesas e aos reitores; não sendo porem permissivel que para manter a ordem e regularidade dos trabalhos, se altere a natureza do acto dos exames, tornando secreto o que a lei manda que seja publico.

4.º Que se remetta ao governador civil do Porto a representação dos directores e professores de collegios de ensino livre, para que o mesmo governador civil, ouvindo por escripto o conselho e o reitor do lyceu e os vogaes do jury dos exames de admissão, informe circumstanciadamente sobre todas as arguições constantes da referida representação.

5.º Que o bacharel José Pinto de Rezende, um dos signatarios da representação, nomeado por portaria de 21 de Março ultimo, vogal do jury dos exames dos candidatos ao magisterio primario, seja substituido pelo bacharel Antonio Teixeira Barbosa.

A simples leitura da portaria revela a existencia de factos inteiramente irregulares, que não podem passar sem serem devidamente corrigidos. Por ella parece inferir-se que no lyceu do Porto se commetteu o intoleravel abuso de fazer examinar alguns alumnos á porta fechada; facto gravissimo que não póde deixar de merecer a mais severa censura do governo.

Esta pendencia entre os directores e professores dos collegios de livre ensino e o corpo escolar do lyceu do Porto, não fica inteiramente resolvida na portaria que acabamos de transcrever.

O sr. ministro do reino manda obter esclarecimentos mais circumstanciados sobre os pontos de accusação ao corpo docente do lyceu.

Os lyceus nacionaes carecem de uma grande e profunda reforma em toda a sua organisação.

Têem-se succedido os regulamentos uns aos outros, durante estes ultimos annos, e, força é dizel-o, vae peorando sempre o regimen organico destes estabelecimentos.

Olhar por este estado é por tanto uma necessidade urgente, que o governo não deve preterir.

COIMBRA LIBERAL

Quando em o n.º 2795 do *Conimbricense* demos noticia das festas que houve no dia 8 do corrente, anniversario da entrada em Coimbra do exercito libertador; acompanhamos essa descripção de varios documentos do anno de 1834, que tinham relação com aquelle fausto acontecimento.

Entre outros, publicamos alguns trechos de uma pastoral do vigario capitular deste bispado, Antonio Bernardo da Fonseca Moniz, datada de 23 de Junho de 1834.

A *Nação*, em o seu numero de 13 do corrente, aproveitou-se deste documento, para mostrar que D. Miguel fora popular e estimado em Portugal.

Diz o nosso collega:

«Aproveitamos o mesmo *Conimbricense* para archivar alguns trechos de uma famosa pastoral do delegado episcopal do sr. D. Pedro IV. Diz assim:

CARTA PASTORAL

«Antonio Bernardo da Fonseca Moniz, professo na ordem do Christo, arcediago de Neiva, abbade de Beiriz, thesoureiro mor eleito da sé de Lisboa, governador temporal, e vigario capitular da sé de Coimbra, etc.

«Ao clero, e fieis deste bispado, saude..

. . . .

«Se os vossos padecimentos, honrados cidadãos, foram enormes; os soffrimentos e prejuizos da nação foram mui graves, e muito geraes. O POVO INCAUTO estendeu os braços ao usurpador, que no meio de nós, e á custa da nossa riqueza, armou exercitos numerosos, e travou terriveis combates, não

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXIV

D. CARLOS

CXIV

Dirigiu-se então á casa de Ferrer, onde se reuniram Ferrer e Solano, resolvendo com o sacerdote, que sairiam ás 8 daquella noute ás tres pontes do rio Segre, distante tres quartos de hora de Orgañá, e onde encontrariam o conde de Hespanha, esperando-o, se não houvesse chegado; mandando-lhes que quando se aproximassem a elle, o despojassem do seu fato, o atassem de pescoço e pés e o arrojassem ao rio.

Ao anoutecer achou-se Baltá com o cura D. José Rosell, a quem participou o assassinato que ia executar naquella noute, contentando-se este com dizer-lhe:—«Que pena matar a um homem sem confissão! Se querem, eu o confessarei.»

Ás 7 da noute se reuniram Morera e Baltá, e pouco depois passaram a dizer a Ferrer que marchavam. O brigadeiro Porredon e o presbytero Ferrer, desceram, e este deu a Baltá uma grossa correa, que Baltá entregou a Morera para que a levasse.

Advertiu-lhes Porredon que quando voltassem, dissessem aos guardas, que vinham de divertir-se. Esta guarda era de officiaes e não se punha até á noute, fechando-se as portas entre as 9 e as 10. As chaves das portas as tinha o commandante d'armas, D. Antonio Serra; porém nesta noute e na anterior as pediu o brigadeiro Porredon.

Baltá e Morera sairam de Orgañá para o sitio combinado, aonde havia de ser conduzido o conde por Solana.

O presbytero Ferrer mandou a Masiá que fosse á Casellas, e saissem ao anoutecer para Andorra, que elle iria detraz com os moços. Visitou Masiá o conde de Hespanha, que lhe fallou da carreira que tinha, e ainda lhe recitou alguns versos de Virgilio.

Ás 7 da noute, o cabo D. Francisco Llabot, que se achava na cama enfermo, ordenou ao moço Mariano Piquer, que reunida toda a gente da casa, se encerrasse com ella na cozinha, como o fez. Aos moços Miguel Sala e Coll lhes mandou se fossem recolher onde o conde os não visse.

Entre as 8 e as 9 da noute saiu o conde do seu quarto, acompanhado de D. José Ferrer, que levava o punhal, ou a faca incisoria, com que ameaçou ao conde de Hespanha na junta; de D. Ramon Masiá, que tinha a espada do conde, como dissemos; do brigadeiro D. Domingos Sala, e do moço Plá, que descia alumiando.

Subiu o conde dentro do portal em um macho apparelhado. Extranhando o conde a cavalgadura, lhes disse ao montar:—«Não é a mula em que vim nestes dias.» Explicou-lhe Ferrer a causa, e depois de lhe pôr a capa, principiaram a andar, dizendo o conde ao brigadeiro:—«Que noute tão escura!»

E era assim. Alumiados, pode dizer-se, só com o lume do cigarro, que fumava o conde de Hespanha, caminhava este ao supplicio com aquelle horrivel acompanhamento, guiado logo pelo alferes Solana, que se apresentou dentro em pouco.

Masiá e Ferrer disseram ao brigadeiro Sala, que conduzia o macho pela redea, que quando o guia lho pedisse, lhe désse e parasse, porque o guia só havia de conduzir o conde a Andorra. Ao chegar ao caminho real que vae dar ás tres pontes do rio Segre, perto da baixa de uma ermida, se effectuou esta troca, e se uniu Sala ao cirurgião Ferrer e a Masiá, que iam tres, ou quatro passos detraz do macho. Pararam e já haviam perdido de vista o conde, quando ouviram um pouco de ruido, e voltaram atraz.

Baltá e Morera, cançados de esperar no sitio convencionado, creram que já não passaria o conde, e voltavam para Orgañá, quando viram a Solana que levava pela redea o macho em que ia montado o conde de Hespanha. Pararam ao chegar á frente delles, deu-lhes Baltá a voz d'alto, e dando na cabeça do conde com um pau, o fez cair no chão.

Perguntou-lhes o conde quem eram, e respondeu Baltá:—«Sou Silvestre de la Seu.»—Este Silvestre de la Seu era o chefe de uma força liberal, cujo nome tomou nesta occasião Baltá.

Supplicou o conde que o não maltratasse, que era um commerciante francez, que o levassem á la Seu pois conhecia ao governador. A resposta foi atal-o pelos braços com umas cordas, tornando a montal-o.

Quando chegaram á ponte do rio Segre o apearam, e disse Baltá ao conde:—«Se é homem de bem, o governador o verá.»—E andando quatro, ou seis passos, lhe atirou ao pescoço um laço que havia formado da corda que crescia daquella com que estavam atados os braços, e dando-lhe um pontapé nas costas, o fez cair, e pondo-lhe um pé na cabeça, puxou pela corda, e o enforcou!

Despiram-no, e não encontraram no conde nem um maravedi, e unicamente um pouco de pão e umas uvas. Solano cortou a corda, e com a que tinha atados os braços, lhe ligaram os pés, e atando-lhe uma grande pedra, o atiraram ao rio.

Tambem atiraram ao rio a roupa do conde excepto a capa, de que se apropriou Solana, dizendo que era sua, e Baltá tomou uma bolça de seda encarnada, que levava o conde de Hespanha ao pescoço, e dentro della duas medalhas de prata, uma da Virgem do Pilar de Saragoça, duas, ou tres cruzes, e uma pouca de pasta de Agnus.

Concluida a horrivel commissão, voltaram os executores a Orgañá, e chegando á porta da villa pelas 11 da noute, lha abriram em seguida.

Tal foi exactamente o tragico fim do famoso conde de Hespanha, assassinado pelos seus proprios correligionarios carlistas. O seu cadaver foi achado na praia de uma ilhota, que formava o Segre, entre a ponte de Espia e a immediata a Oliana.

(Continuar-se-ha)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

«para defender, mas para opprimir a liberda-«de da nossa patria, que a final abandonou, «depois de assolada e roubada..........

«Vós sabeis, amados irmãos, que UM HO-«MEM, QUE REPUTAVEIS SEMIDEUS, abusando da «auctoridade suprema, de que era depositario, «e apoiado por um bando de monstros, per-«juros e desmoralisados, se propoz á detesta-«vel obra da usurpação da corôa da nossa le-«gitima rainha, a senhora D. Maria II.»

«Agradecemos ao *Conimbricense* este documento. Para que um delegado espiritual do papa D. Pedro IV, dissesse que o sr. D. Miguel foi acclamado pelo povo, embora lhe chame incauto; para que um prelado da egreja pedrista dirigindo-se ao povo da diocese de Coimbra lhe attribuisse sentimentos de tamanho amor ao sr. D. Miguel, que o reputava um semideus; para que isto se dissesse em 34; para que o dissesse um prelado da curia pedrista, é bem claro ser força admittir que a maxima parte do povo portuguez era miguelista.

«Devemos pois esta magnifica declaração ao governador temporal (invenção canonica do sr. D. Pedro IV), e ao vigario capitular (*sede plena*, outra novidade ecclesiastica do papa Pedro IV), o qual ao menos teve o grande merito de dizer uma verdade, que custa a tragar a todas as guellas liberaes.

«Eis porque transcrevemos e archivamos.»

Não tem que se admirar a *Nação* do que em 1834 escreveu o vigario capitular de Coimbra, Fonseca Moniz. O que elle disse, nada tem de extranho.

E' facto que muito povo, principalmente nas aldeias, fanatisado pelos frades, e pelo clero secular, era partidario decidido de D. Miguel. Porem nas cidades, e quaesquer outros grandes centros de povoação, a opinião geral era-lhe contraria, e por consequencia favoravel aos principios liberaes, que em regra predominavam na razão directa da illustração do povo.

Pelo que respeita a esta cidade de Coimbra, e para afastarmos da maioria dos seus habitantes a applicação que a *Nação* lhes possa fazer do que disse o vigario capitular Moniz na sua pastoral; vamos hoje publicar um documento precioso, que prova manifestamente que taes eram os seus sentimentos liberaes.

Em Julho de 1828, poucos dias depois de em Coimbra entrar o exercito de D. Miguel, tractou-se de aqui organisar um batalhão de voluntarios realistas, a imitação do que se estava praticando em muitas terras do reino.

Foi essa missão incumbida pelo duque de Cadaval, a um cavalheiro influente do partido de D. Miguel, e que alem disso reunia a circumstancia de ser activo e muito apto para a missão de que era encarregado; havendo, por isso, toda a razão de esperar um excellente resultado das suas diligencias.

Publicou elle no dia 14 de Julho de 1828 uma proclamação, convidando os habitantes de Coimbra a alistar-se no batalhão de voluntarios realistas; mas esta cidade, eminentemente liberal, ficou surda a esses pedidos. Vendo o nenhum resultado que obtivera, tornou o mesmo cavalheiro a publicar no dia 24 do referido mez outra proclamação, a qual pelo que tem de interessante, e porque é hoje completamente desconhecida em Coimbra, aqui a inserimos:

PROCLAMAÇÃO

Honrados conimbricenses! Havendo eu sido auctorisado pelo exm.º duque de Cadaval, coronel general dos voluntarios realistas, para organisar nesta cidade de Coimbra um batalhão de voluntarios, já vos convidei pela minha proclamação de 14 do corrente para que em desempenho dos vossos deveres, da vossa honra, fidelidade e amor ao melhor de todos os reis, o nosso muito amado e augusto soberano, o senhor D. Miguel I, viesseis dar os vossos nomes, para se formar nesta cidade um tão honrado batalhão: e esperando eu do vosso patriotismo um grande concurso, qual será a minha pena e a minha admiração, vendo que apenas se tem vindo alistar um tão pequeno numero, que até é vergonha o dizel-o?

Querereis vós por ventura, que nesta cidade, que é a terceira do reino, pareça encontrar-se menos amor, menos fidelidade, menos patriotismo, e menos adhesão ao nosso legitimo e augusto soberano, que n'outras cidades e villas do reino, nas quaes, apezar de serem muito mais pequenas, se tem organisado batalhões realistas, não só de infanteria, mas em algumas até de cavallaria? Querereis que esta cidade e seus habitantes passem pela vergonha e infamia de parecerem pouco affectos á realeza? Querereis manchar-vos com uma nodoa tal?

Não será para sempre digno de lastima e de vergonha, que os rebeldes infames facciosos do Porto, podessem organisar nesta cidade dois batalhões de voluntarios, e que se não consiga organisar um a favor de el-rei nosso senhor? Será possivel amar-se mais o crime que a virtude? Que conceito merecereis ao senhor D. Miguel, vendo a vossa irresolução, e não lhe dando provas algumas de vosso amor, respeito, e fidelidade?

Eia pois, honrados conimbricenses, que ainda assim vos considero; eu vos torno a chamar aos vossos deveres, e esperando a vossa emenda, suspendo a participação, que devo dar ao exm.º duque de Cadaval do vosso comportamento, assegurando-vos, que só vos desejo fazer os maiores elogios. Tornai, tornai-vos dignos, amados compatriotas, do nome portuguez, que sempre se tem distinguido pelo amor e fidelidade aos seus legitimos e augustos soberanos: eu assim o espero, e assim vol-o rogo como vosso patricio, e camarada.

Coimbra 24 de Julho de 1828.

* * * *

Pois nem esta segunda proclamação produziu effeito, visto que tão poucos voluntarios se reuniram, que nem uma companhia poderiam formar!

E para que nesta cidade houvesse passados tres a quatro annos um soffrivel batalhão de voluntarios realistas, foi necessario que viessem quasi todos do concelho de Penella! Tal era o enthusiasmo que a maioria dos habitantes de Coimbra tinha por D. Miguel!

Já que á *Nação* conveiu transcrever os trechos da pastoral do vigario capitular de Coimbra, Moniz; seria justo que lhe addicionasse a proclamação que hoje publicamos.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

OS DIZIMOS

A *Revista de Portugal e Brasil*, muito acreditado periodico de Lisboa, publica em o n.º 2 de Abril ultimo, pertencente ao segundo volume, um excellente artigo ácerca dos dizimos em Portugal, escripto pelo sr. Miguel de Bulhões, director da repartição de contabilidade no ministerio da marinha, e que é competentissimo nestes assumptos.

De muito merecimento é o trabalho do sr. Bulhões, sobretudo agora que os jornaes do partido absoluto tratam de exaltar o passado entre nós, e deprimir todas as modernas reformas.

Mostra o sr. Bulhões a vantagem da extincção dos dizimos, effectuada em 30 de Julho de 1832 pelo illustrado ministro da fazenda, José Xavier Mousinho da Silveira; e como ha dias fallamos desta e outras notaveis reformas daquelle celebre ministro, desejariamos publicar no *Conimbricense* tudo o que o sr. Bulhões diz ácerca dos dizimos. Faltando-nos, porem, o espaço, limitamo-nos a transcrever o final do substancioso artigo do distincto escriptor, pedindo para isso venia ao esclarecido collega da capital.

Eis ahi o remate do artigo do sr. Bulhões:

«Sem contar outros impostos que a propriedade pagava antes das notaveis providencias decretadas pela regencia da Terceira, pode-se dar quasi como certo que, em *dizimos* e *decima*, o seu encargo annual no continente não era inferior a 2:500 contos de reis—somma esta que, attendendo á differença do valor do dinheiro e dos preços dos productos que o dizimo affectava, achar-se-hia hoje elevada a 4:000 contos, pelo menos.

Nos 42 annos ultimos a propriedade rustica e urbana tem soffrido grande transformação, directa e indirectamente. O decreto de 4 de Abril de 1832 mandou abolir todos os vinculos que não tivessem 200$000 reis de rendimento liquido, e deu outras providencias com relação á liberdade do solo. A lei de 15 de Abril de 1835 mandou vender todos os bens nacionaes, com excepção dos de immediato uso para o estado, e logo nos primeiros tres annos a venda produziu 7:584 contos, sendo a maioria dos bens vendidos aquelles que o decreto de 28 de Maio de 1834 havia incorporado na corôa, pela suppressão dos conventos de frades.

A estas e outras disposições beneficas para a propriedade, vieram juntar-se annos depois as leis de 30 de Julho de 1860 e 19 de Abril de 1863, com respeito á abolição geral dos morgados, e as leis de 4 Abril de 1861 e 22 de Junho de 1866 ácerca da desamortisação da propriedade immovel de varias instituições religiosas.

Em absoluto pode considerar-se hoje livre a propriedade em Portugal. Oxalá a prosperidade do thesouro venha a permittir brevemente a reducção do imposto de transmissão por titulo oneroso.

Á liberdade do solo successivamente conquistada, devemos acrescentar que, nos ultimos 20 annos, se tem applicado sommas consideraveis, subindo a mais de 50:000 contos de reis, a melhoramentos materiaes, que muito hão concorrido para o desenvolvimento da riqueza agricola, taes como os caminhos de ferro do norte, leste e sueste, 4:000 kilometros de estradas ordinarias, beneficiação de portos, etc., sem fallar nos subsidios para os certames industriaes dentro e fóra do paiz, nem nas escolas especiaes para o ensino theorico e pratico da agricultura.

Vejamos agora qual é a contribuição da propriedade no continente do reino.

No anno economico de 1872-1873 foi a cobrança da contribuição predial:

Exercicios findos	......	39:241$281
»	1871-1872...	98:519$932
»	1872-1873...	1.996:058$110
		2.133:819$323

Com o imposto addicional de 40 0/0 para viação, pode reputar-se em 3:000 contos a cobrança do tributo da propriedade no continente em 1872-1873. É aproximadamente tambem o computo para o anno economico de 1874-1875, segundo o orçamento ultimamente approvado em côrtes.

Temos portanto que a propriedade paga hoje ao thesouro apenas mais 500 contos sobre o que pagava annualmente em *decima* e *dizimos*, antes das reformas de 1832, e paga menos 1:000 contos do que pagaria, conservados aquelles tributos até agora, attendendo a que quatro oitavas de ouro, que d'antes representavam 7$500 reis, representam actualmente 8$000 reis, e que o valor da maior parte dos generos sujeitos antigamente ao dizimo, é hoje duplo e ainda mais do duplo do que era ha 40 annos.»

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 24 de Maio de 1874.

Continuam os trabalhos eleitoraes, para a proxima eleição de deputados, que deve ter logar no dia 12 de Julho. Parece que a opposição tem sido repellida de muitos circulos, e por isso está despeitada, e accusa o governo, attribuindo-lhe ingerencia n'um acto ante o qual nenhum governo ainda cruzou os braços. Pela Chamusca é candidato do governo o sr. marquez de Castello Melhor. Por Villa Real de Traz os Montes é egualmente candidato ministerial o sr. Agostinho da Rocha e Castro, administrador do correio do Porto. Pela Regua o sr. Lourenço de Carvalho; por Alijó o sr. Pinto de Magalhães. Opposição e governo ambos trabalham com energia, para que vinguem os seus candidatos. Nem isto admira. O que admira é que a opposição escreva calumnias torpes, como a de dizer que o governo pedira ao sr. marquez de Angeja os votos de que este cavalheiro dispõe no concelho de Alemquer!

Com relação ao candidato por parte da classe industrial, já nem se falla nisso. Tiveram juizo.

—Hontem partiu para o Porto o sr. Cardoso Avelino, ministro das obras publicas, a fim de examinar os trabalhos de construcção das linhas ferreas do Minho e Douro.

—Recusaram o pariato os srs. Anselmo Braamcamp, e marquez de Castello Melhor. Com relação ao primeiro cavalheiro, ha quem diga que foi levado a dar tal passo por influencia dos seus amigos politicos, porque vontade tinha s. ex.ª de occupar uma cadeira na camara alta. Não teve vontade propria. É para agradecer o sacrificio.

—Temos hoje a grande tourada em beneficio dos feridos na guerra de Hespanha. O fim do beneficio é eminentemente sympathico, porque não extrema partidos, e os contendores de ambos os campos hão de partilhar dos resultados obtidos. A concorrencia deve ser immensa, porque ha muitos dias já não havia um bilhete, e hontem arrematou-se um camarote por 65$000 reis!

—É quarta feira o anniversario do fallecimento do actor Tasso, aquelle grande luminar na scena portugueza, que os conimbricenses applaudiram, e que raro poderá ser substituido. Reza-se nesse dia uma missa na egreja de S. Nicolau por sua alma.

—Diz-se que está já prompto para ser enviado á imprensa nacional o 2.º tomo da *Historia politica e militar*, escripta pelo sr. Latino Coelho. A proposito, convem notar que o 1.º volume que se acha á venda nas lojas dos commissarios da mesma imprensa, é de uma careza extrema. Custa 1$500 reis! É quererem difficultar a venda de um livro que o povo devia lêr. E' verdade que neste paiz, não se escreve para o povo, e unicamente... para as altas capacidades. Ainda assim venha quanto antes o 2.º volume, fazendo votos para que não leve tres annos a imprimir, como aconteceu ao 1.º, *o que tem uma razão de ser, que todos sabem*.

—Ahi vae uma noticia curiosa, mas muito triste para os empregados de um estabelecimento do estado, que deviam auferir as mesmas regalias. Fallo-lhe da imprensa nacional de Lisboa. O pessoal artistico actualmente reformado nas diversas officinas do arsenal de marinha, eleva-se ao total de 127 homens, cuja despeza annual anda approximadamente por 24 a 25 contos de reis. Não lhe especifico aqui as diversas profissões, porque isso nada faz ao caso. O que é preciso que se saiba, é que os typographos e mais empregados da imprensa nacional, sendo considerados empregados do estado, não tem uma mealha de pão no futuro, quando o braço cançado lhe caia sem força ao longo do corpo. Será bom este systema, mas, com franqueza, não pode ser aceitavel.

Se effectivamente a imprensa nacional é um estabelecimento do estado, admira, muito mais tendo á sua frente um chefe tão zeloso e intelligente como o sr. conselheiro Firmo Marecos, que se não tenha tratado de prover ao futuro d'aquelles que lidam naquelle importante estabelecimento, produzindo sempre, e contribuindo para as grandes receitas que o estado recebe d'alli, sem dispender um ceitil sequer.

Existe alli um typographo com 70 annos de edade, 50 dos quaes de um labor continuo naquella casa. Ainda maneia os typos. É considerado pela direcção—como não podia deixar de sel-o,—mas, com sinceridade, causa dó, porque faz esforços que as suas forças d'elle já não comportam, para haurir alguns tostões mensaes. Mais alguns annos, e o typographo cahirá extenuado e sem forças, tendo por patrimonio apenas um pequeno subsidio do montepio!

Fazemos justiça recta ao caracter do digno administrador, e nem por sombras duvidamos das boas intenções de s. ex.ª, com relação a este assumpto, esperando que s. ex.ª se não descuidará, de collaboração como o sr. ministro do reino, de prover ao futuro dos seus subordinados.

—Dizem os jornaes que está á venda um retrato do poeta operario e meu amigo, o sr. Antonio Florencio Ferreira, auctor dos *Arpejos d'alma* e *Idealismo e sentimentos*. Não o vi. É obra do sr. Gorado, artista de merito, com *atelier* photographico na rua da Penha de França.

—Devia ter hontem logar o julgamento em policia correccional do sr. padre Amado. Não se effectuou porém em consequencia do reu estar doente. Ficou transferido para 5.ª feira. O reu e o auctor são lentes do lyceu, e por esta razão o tribunal estava apinhado de muitos professores e alumnos. Deve ser curioso o julgamento. E' advogado do auctor o sr. Paiva Manso, e do reu o sr. Pinto Coelho, duas notabilidades juridicas, ornamentos do fôro portuguez.

—Não tendo mais cousa alguma que lhe dizer, permitta que offereça á *Nação* papel a seguinte noticia, que encontro n'um jornal de hoje.

«Na comarca de Bragança foram julgados os reitores das freguezias de Babe e Rebordainhos, accusados dos crimes de ferimentos em dois dos seus parochianos, sendo o primeiro condemnado a 6 annos e o segundo a 12 de degredo para Africa. O ciume foi o motor dos crimes. O reitor de Babe, disfarçado com roupa de gallego, atacou e feriu gravemente um lavrador por causa de uma mulher, e o reitor de Rebordainhos, armado de faca e de rewolver, atacou a uma esquina, um homem que elle julgava ser seu rival, ferindo-o para o matar. Um outro padre da freguezia de Villa Boa de Carçãosinho foi tambem condemnado a dois annos de prisão, pelo crime de seducção de uma sua freguеza.»

Isto edifica.

Até á seguinte. P. J. CONCEIÇÃO.

NOTICIARIO

Intolerancia politica.—D. Miguel por ordens de 29 de Abril e 23 de Julho de 1828, e 28 de Março de 1829, mandou riscar da Universidade nada menos de **457** estudantes!

Receando, porem, que ainda podessem escapar, ou introduzir-se no mesmo estabelecimento, alguns estudantes liberaes; expediu em Junho de 1832 a seguinte carta:

«D. prior geral, cancellario da Universidade de Coimbra, eu el-rei vos envio muito saudar. Attendendo ao bem commum dos meus fieis vassallos, que só este, no caso de cessarem as actuaes e extraordinarias circumstancias destes meus reinos, me obrigará a mandar abrir essa Universidade em o proximo futuro mez de Outubro; e querendo outrosi obviar os gravissimos damnos, que forçosamente deveriam seguir-se da inconsiderada mistura de mancebos incautos, desprevenidos, e talvez, por incuria de seus paes e mestres, ainda sem a necessaria firmeza nos principios da doutrina e moral christã, com outros e não poucos mancebos, que no ultimo anno lectivo frequentaram essa Universidade, e que eram tidos geralmente por desaffectos á minha real pessoa, por imbuidos de principios liberaes, e até por adherentes ás sociedades secretas: hei por bem e me apraz determinar, que os estudantes, que pretenderem ser admittidos á matricula, quer seja das aulas maiores, quer seja das menores, vos apresentem os seus requerimentos no prefixo termo de quarenta dias, contados desde aquelle, em que esta vos for entregue; e por todos os meios, que a vossa discrição e prudencia vos suggerirem, procedereis a fazer uma exacta averiguação sobre os sentimentos religiosos e politicos da sobredita mocidade, para que, chegando tempo da abertura da Universidade, se lhes defira pelo modo, que vos parecer mais conveniente ao meu real serviço: O que tudo me pareceu participar-vos para vossa intelligencia, e para que assim se fique entendendo. Escripta no palacio de Caxias em dezoito de Junho de mil oitocentos e trinta e dous.—REI.

O cancellario e vice reitor interino da Universidade, D. João da Assumpção Carneiro, geral da congregação dos conegos regulares de Santo Agostinho; fez logo imprimir e afixar um edital, contendo e fazendo publico a mencionada carta de D. Miguel.

Manifesto.—Tem sido assignado por muitos academicos e habitantes da cidade, o manifesto a que ha dias nos referimos, e em que se protesta contra a reacção religiosa das missões na egreja de Santa Theresa.

Ordens.—O exm.º sr. bispo conde confere ordens no sabbado proximo.

Romaria.—Tem havido nestes tres dias a romaria do Espirito Santo, sendo muita a concorrencia do povo, tanto da cidade, como das freguezias ruraes.

Theatro Academico.—Está a chegar proximamente a Coimbra a companhia do theatro do Gymnasio de Lisboa, dirigida pelo eximio actor Cesar Polla. Vem dar quatro recitas no theatro Academico, nas noites de 3, 4, 6 e 7 do proximo mez.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres.

Anna Benedita, filha de Domingos Bonito e de Joanna Benedita, da Covilhã, de 57 annos, fallecida no dia 18.

José, filho de João Baptista e de Theodora da Conceição, de Coimbra, de 3 mezes e meio, fallecido no dia 23.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5487.

Mercado de Coimbra no dia 25.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 600 — Dito branco 570 — Dito Celorico meudo 650 — Dito grando 580 —Milho branco 310 — Dito amarello 300 — Feijão vermelho 440 — Dito branco da marinha 430 — Dito da terra 400 — Dito rajado 360—Dito frade 330—Centeio 500—Cevada 240—Tremoços 260—Favas 340 — Grão de bico 440 — Batatas 280 — Azeite 1$200 a 1$250—Vinho da Beira 700—Dito da Bairrada 800.

Emprestimo.—Por decreto de 16 do corrente foi auctorisada a junta geral deste districto de Coimbra, a levantar o emprestimo de 12:000$000 rs., para ser applicado á construcção da ponte do Espinhal, na estrada districtal n.º 60; á construcção da estrada n.º 57, e á continuação dos estudos na estrada n.º 52.

Ainda os tumultos da Louzã.—Marchou hontem uma força desta cidade para a Louzã. A este respeito nos communicam o seguinte:

«Hontem 23, dia que a camara da Louzã tinha assignado para de novo proceder a vistoria, appareceu a encosta do Arneiro occupada por grande multidão de povo, em numero superior ao do dia 20, ouvindo-se toques de busina e alguns tiros. O plano de campanha foi um pouco modificado; uma das alas occupava as alturas e encosta do Arneiro; e a outra tomava toda a estrada que conduz da villa ao baldio. No dia 20 o plano era involvente e convergente, sendo o ponto objectivo dos grupos o local da vistoria.

Os moradores da villa receiam algum ataque imprevisto ás casas da auctoridade e daquelles que *tem sido indigitados ao povo como seus adversos*.

Uma notavel coincidencia faz com que estas celebres milicias, nas alturas do Arneiro, ameaçando a Louzã, *lembrem os carlistas de S. Pedro Abanto em frente de Bilbau*.... E, se é verdade que o motor ou motores destes graves attentados á ordem publica, são os individuos que a opinião indigita, não ha duvida que no fundo do quadro se destaca salientemente miguelismo a toda a prova. Em breve o saberemos.

Hontem, ás 9 horas da noute, marcharam desta cidade para aquella villa 25 praças para policiarem a terra, até que cheguem alli forças de cavallaria e infanteria, que o digno chefe superior do districto reclamou, a fim de no dia 1 do proximo Junho poder a camara vistoriar o baldio e rehabilitar a sua auctoridade.

Os acontecimentos da visinha e desgraçada Hespanha são motivo para que nos não descuidemos d'arrancar estas sementes perniciosas, que mais tarde nos hão de incommodar.»

O vidro.—Os antigos egypcios já fabricavam com o vidro muitos artefactos de grande merecimento. Sabiam fundil-o, reduzindo-o a fios delicadissimos; imitavam com este producto pedras preciosas; preparavam mosaicos de um effeito admiravel, e fabricavam garrafas imitando o mais bello cristal. Tambem praticavam com grande perfeição a arte de pinturas e gravura sobre o vidro.

Agricultura do Brasil.—A natureza parece ter destinado o Brasil para ser um dos primeiros paizes agricolas do mundo. A fertilidade admiravel dos seus terrenos, a força da vegetação tropical, a abundancia de agua, o clima variado, a disposição topographica de suas principaes regiões, tudo concorre para favorecer de um modo extraordinario a producção agricola deste paiz.

Em geral o trigo e centeio dão 30 a 60 por 1; o milho produz 150 por 1; o feijão 80, e o arroz 1:000. Um hectar de terras inferiores produz 45 arrobas de café; de terras de mediano valor, 94 arrobas; e de terras superiores 137 arrobas.

Um homem activo trabalhando regularmente, pode tratar de 2 hectares plantados de café, e conseguir um rendimento annual, nos tres casos já referidos, de 400$000, de 800$ e de 1:200$000.

A cultura da cana de assucar ainda é mais rendosa. 2 hectares destinados a esta producção podem dar um lucro annual de 1:400$. A mesma extensão de terreno pode produzir 300 arrobas de algodão em caroço.

Alem destas preciosas culturas ha ainda o tabaco, a mandioca, o cacau, a batata e muitas outras plantas uteis. Em algumas provincias vae prosperando muito a plantação de arvores fructiferas, a horticultura, e até a cultura da vinha, estando já aclimadas muitas variedades de uvas americanas e europeas.

Penella.—Communicam-nos de Penella o seguinte:

«Sr. Redactor. — Em o n.º 2792 do seu mui acreditado jornal vem publicada uma succinta correspondencia ácerca do incontestavel direito que assiste aos povos do julgado de Penella, a fim de requererem a Sua Magestade Fidelissima a creação de uma comarca na dita villa.

Na mencionada correspondencia fomos laconicos, e tratamos resumidamente o que diz respeito á antiguidade e nobreza da villa de Penella; e por que ambicionamos illucidar o publico sobre aquelle ponto, e comprovar os factos por nós apresentados, vou hoje pedir a v. o obsequio de transcrever no seu dito jornal estas mal traçadas linhas, a fim de demonstrar com mais minuciosidade a antiguidade e nobreza da villa de Penella.

Já dissemos que a villa de Penella tem um forte castello, e que foi fundado por D. Sisnando, senhor de Coimbra, pelos annos de 1080, e em additamento temos a accrescentar, que vindo a dita villa ao dominio dos mouros, a conquistou El-Rei o senhor D. Affonso Henriques no anno de 1148, mandando-a povoar sete annos, adiante, com grandes fóros e privilegios; depois se arruinou de todo e a reedificou seu filho El-Rei o senhor D. Sancho I.

Foi a villa de Penella cabeça de condado, cujo titulo deu El-Rei o senhor D. Affonso V. a D. Affonso de Vasconcellos Menezes seu sobrinho.

Teve a mesma villa pessoas nobres de appellidos—Vellasques Sarmentos, fidalgos da casa real; Salazares, Freires, Machados, Abreus, Teixeiras, Evangelhos, Collaços, Castellos Brancos, Travassos, Vellozos, e Godinhos. Foi alcaide mór desta villa Antonio Vellozo de Vasconcellos, e depois Manoel Vellozo, oriundo da villa de Setubal.

Na villa de Penella e suas proximidades ainda existem casas e familias pertencentes aos representantes de algumas pessoas nobres das que fallamos; na actualidade são, a exm.ª familia de Collaços, Velasques Sarmento, a cuja familia pertence o exm.º visconde de Condeixa, e a muito nobre casa da quinta das Pontes, aonde vive a exm.ª sr.ª D. Francisca Antonia Tudella de Macedo, viuva do exm.º José Tello de Magalhães Collaço. A quinta de Vallouro, nas proximidades de Penella, aonde viveu o exm.º desembargador Joaquim Manoel de Moraes de Mesquita Pimentel, casado que foi com a exm.ª D. Maria Eugenia de Magalhães Collaço Velasques Sarmento, tia do exm.º visconde de Condeixa.

Não podemos deixar de mencionar aqui a muita importancia e valimento que tiveram os ditos exm.os desembargador e sua esposa, e o bom logar que aquelle desempenhou na carreira da magistratura. Nós assim o vêmos certificado no artigo inserido em a gazeta denominada o *Correspondente constitucional*, n.º 18, do anno de 1821, tempo em que o mesmo magistrado servia de corregedor na villa de Alcobaça, e muito principalmente comprovam as nossas razões o perfeito conhecimento que d'elle ainda têem os habitantes da villa de Penella, e os muitos obsequios que daquella illustre familia receberam. E' falta que a todos coube, e que os tempos não remediaram.

Dentro da villa de Penella ainda existe a Casa do Pateo, residencia da nobre familia do Salazares, a cuja familia pertence a exm.ª viscondessa do Espinhal, D. Maria da Piedade de Mello Sampaio Salazar; e na actualidade vive na mesma casa o recto e sabio jurisconsulto, exm.º dr. Eduardo Augusto Pereira Brandão.

Tambem dentro da villa de Penella existe a casa pertencente ao exm.º D. João de Alarcão Velasques Sarmento, a cuja familia pertence o exm.º D. Pedro de Mascarenhas Velasques Sarmento, e o muito digno administrador deste concelho exm.º D. Luiz Cardoso de Alarcão Velasques Sarmento, do logar do Espinhal, e outras illustres familias alli residentes.

Em Penella ainda tambem existem os vestigios das casas da nobre familia Abreus Castellos Brancos, ascendencia do exm.º conde de Fornos de Algodres, João Maria de Abreu Castello Branco Cardoso e Mello, em cuja casa ainda estão as armas d'aquella familia.

Concluindo esta nossa correspondencia cumpre-nos dizer que a villa de Penella foi uma terra de bastante consideração, e ainda hoje dá indicios do quanto era nos tempos remotos; todavia pela sua posição, e pessoas que tem, merece ser tida na conta daquellas aonde se deve criar uma cabeça de comarca. E' o que desejamos ver realisado, por ser de justiça.»

Noticias estrangeiras.—Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Não ha nos jornaes chegados hontem e hoje e que tem data de 21 e 22 noticias de interesse.

Diz o *Diario Español* que circulavam com insistencia boatos de nova crise e de que se formaria ministerio de conciliação.

No norte não ha novidades.

Parece, diz o *Imparcial*, que o general Concha, com o fim de fatigar os carlistas, propõe-se seguir um plano de campanha que dê em resultado a constante perseguição nas serras e nos povoados, pondo-os na impossibilidade de commetter excessos.

A *Impresa* de Barcelona chama a attenção do governo para a situação da Catalunha e diz que as forças carlistas n'aquelle districto militar tem mais importancia do que se crê em Madrid.

Madrid, 23 ás 6 h. da tarde.—O *Imparcial* diz que o *Diario Popular* interpretou mal o seu artigo, visto que elle nunca desejou que o governo portuguez recusasse hospitalidade a Cala, La Rosa e Garrido. Corre o boato de que falhou o novo emprestimo hespanhol em Paris.

Londres 23, ás 5 h. e 45 m. da tarde.—Rochefort chegou a San Francisco. Werther acceitou a embaixada de Constantinopla.

Paris 22, ás 9 h. da tarde.— O ministerio ficou composto do seguinte modo: Cissey, guerra e vice-presidente do conselho; Decazes, negocios estrangeiros; Fourtou, interior; Magne, fazenda; Tailhard, justiça; Caillaux, obras publicas; Grivart; commercio, Cumont, instrucção publica; Montaignac, marinha.

Mendes Leal apresentará amanhã no palacio do Elyseu as credenciaes a Mac-Mahon.

Paris 23, ás 8 h. e 35 minutos da tarde.—O *Jornal Official* publica a noticia da formação do ministerio que lhes disse em telegramma. Crê-se que a antiga maioria o approvará. Mac-Mahon recebeu hoje Hohenlohe. Trocaram-se protestos amigaveis na assembleia. Na quarta feira o novo ministerio, essencialmente conservador, deve apresentar as leis constitucionaes e deixará á assembleia a questão de transmissão de poderes.

ANNUNCIOS

1 HA N'ESTA CIDADE um estabelecimento de mercearia, ferragens, e quinquilherias, em que por seu dono não poder estar á testa d'elle, precisa de um caixeiro ou pessoa idonea, e completamente habilitada, a quem se entregará o mesmo por balanço ou sociedade. N'esta redacção se diz.

Aos cidadãos liberaes

2 PARA que ninguem possa allegar ignorancia, a commissão encarregada do manifesto contra os missionarios, que prégam no convento de Santa Theresa, faz publico a todos os *cidadãos liberaes* de Coimbra, que expontaneamente queiram assignar o referido manifesto, o podem fazer até ao dia 30 do corrente.

O manifesto acha-se exposto nos logares mais publicos da cidade.

Attenção

3 QUEM ACHASSE um annel com pedra verde escura, e n'ella gravadas umas armas de familia, e o queira restituir, póde dirigir-se á rua dos Militares, n.º 29, que será bem gratificado.

VENDA DE QUINTA

4 QUEM QUIZER comprar uma quinta, no sitio do Carvalho, limite de Enxofães, concelho do Cantanhede, a qual consta de lagar de azeite, engenhos de fazer farinha, boas terras de semeadura, boas vinhas, optimos pinhaes, olivaes e mattos, pertencente aos herdeiros de D. Maria Benedicta, de Barcouço, e a Joaquim Maximo de Abreu, tambem de Barcouço; póde dirigir-se a este ultimo, ou por carta, ou pessoalmente, porque elle se acha auctorisado a receber os lanços, e vender a dita propriedade.

EDITAL

5 A CAMARA MUNICIPAL deste concelho de Coimbra faz publico, que se acha aberto por espaço de 15 dias, a contar da data do presente edital, o cofre do municipio para o recebimento da contribuição municipal directa, relativa ao anno economico de 1873 a 1874; pelo que convida todos os contribuintes a satisfazerem as suas collectas durante aquelle periodo, a fim de evitarem qualquer procedimento ulterior.

E para constar se passou o presente e outros.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 26 de Maio de 1874.

O presidente,
Fernando de Mello.

BANCO DA REGOA

Sociedade anonyma, responsabilidade limitada

Capital—600:000$000 rs.

Agente—Manoel de Almeida Cabral — 161, Rua da Calçada, 165—COIMBRA.

6 NESTA AGENCIA descontam-se letras da terra e de fóra.

Empresta a juro modico sobre penhores de ouro, prata e pedras preciosas, etc., e effectuam-se muitas outras transacções proprias deste banco. Expediente todos os dias das 8 horas da manhã até ás 5 da tarde.

Semente d'eucalyptus globlus

7 VENDE-SE na rua do V. da Luz, n.º 12.—*A. M. S. Castro.*

Casa Havaneza

8 CHEGOU nova remessa dos acreditadissimos vinhos do Porto, á Filial da Casa Havaneza, rua da Calçada, n.º 189-189 A, tornando-se recommendavel uma porção d'elles velhos, proprios para doença, a 800, 900 e 1$000. Continua a grande extracção do branco secco de 500 e 600 rs.

9 OS HERDEIROS da fallecida D. Theresa Mequelina d'Oliveira, vendem em praça publica, em casa de sua mãe D. Joanna Barbara d'Oliveira, moradora na rua da Sophia, pelas 11 horas da manhã, do dia 4 de Junho proximo futuro, os seguintes predios, e o preço convier.

Duas moradas de casas na rua da Calçada, n.º 140 e n.º 142, contiguas uma á outra, as quaes serão postas a lanço, juntas, ou em separado; entendendo-se que neste segundo caso, a morada do lado do sul, ficará limitada pela parede mestra, e recebendo-se os lanços como melhor convier.

Uma quinta no sitio dos Pereiros, que por bem conhecida se não confronta; consta de casas de habitação, abegoaria, terras de semeteira, arvores de fructo, vinhas, olival e matta.

Quinta do Pinheiro, no sitio de Banhos Seccos; tem casas de habitação, lagar, vinha e arvores de fructo: fica entendido que sómente se vendem as cinco setimas partes, que pertencem aos annunciantes.

Uma terra sita no campo de Ceira, que por egualmente conhecida, se não confronta.

FIGUEIRA DA FOZ

10 MANOEL NICOLAU D'OLIVEIRA FERNANDES THOMAZ, da villa da Figueira da Foz, annuncia a venda dos seguintes predios, para que qualquer pessoa que os pretenda, se possa dirigir ao annunciante.

Um corredor de marinhas, que se compõe de 45 talhos dobrados, com 2 armazens e mais pertenças, sitas no logar do Oirinho na Morraceira.

Seis geiras de terra lavradia, sitas no campo de Lares e no sitio aonde chamam a—Volta.

O annunciante promptifica-se a esclarecer qualquer duvida que se offereça na realisação destas vendas, para o que se acha habilitado.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Galera—VASCO DA GAMA—em 4 de Junho.
Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

12 SÃO CONVIDADOS os srs. accionistas deste Banco, a realisarem a sua 1.ª prestação de 5 por cento, ou 2$500 reis por acção, levando-se-lhes em conta os recibos de 1$000 rs. com que subscreveram. O pagamento terá logar desde o dia 28 do corrente até ao dia 6 do proximo Junho, em casa dos srs. abaixo designados; nos mesmos locaes se distribuem os estatutos. PORTO, commendador José Julio da Costa; BRAGA, João Manoel da Silva Gaimarães; COIMBRA, commendador Manoel dos Santos Junior, e José Barbosa Lima; LISBOA, Moreira e Cardoso.

Hospitaes da Universidade

13 NO DIA 7 do proximo mez de Junho, pelas 10 horas da manhã, no claustro do Collegio das Artes, abre-se praça para a arremação dos seguintes artigos, segundo os apontamentos que alli se acham presentes d'hoje em diante.

1.º Vinte columnas de pedra, quadradas, com cinco metros d'altura e 0m,30 de face.

2.º Dezoito columnas ou machos de pedra, com 5m,90 d'altura, 0m,40 de cabeça, outro tanto d'aduella, e 0m, 30 de tardoz.

3.º Cento sessenta metros de lijonja azul.

4.º Cento e vinte vigas de carvalho, ou de bom pinho, com muito serne, de 4 metros de comprimento e 0m,10 d'espessura, 0m,20 de cutello.

Administração dos hospitaes da Universidade, 26 de Maio de 1874.

O administrador, *Costa Simões.*

14 VENDE-SE para pagamento de divida hypothecaria, uma boa fazenda, no lindo sitio do Cidral, proximo á cidade, e perto da Estrada da Beira, com muita agua, e proporções para se augmentar o seu volume, com pouca despeza. Emfim propriedade nas melhores condições para um estabelecimento fabril. Quem a pretender póde dirigir-se a esta redacção, aonde se indicará com quem se hade tractar.

DILIGENCIA

15 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS, fazem publico, que, no dia 1.º de Junho, inclusivè, vão mudar as horas da sahida da sua diligencia, que têem entre Coimbra e Nespreira, sahindo de Coimbra ás 5 horas da tarde, e de Nespreira ás 3 horas da tarde.

Tambem têem trens d'aluguer.

Continuam a ter diariamente duas diligencias para a Figueira.

Coimbra, 22 de Maio de 1874.

Viuva Natividade & Filhos.

MACHINAS DE COSTURA

Rua do Visconde da Luz

COIMBRA

16 JÁ CHEGOU ao estabelecimento de José Teixeira da Cunha, novo sortido de machinas de—*Singer*—para senhora e alfaiate. Tambem se vendem agulhas e linhas.

Á ULTIMA HORA



Cobre-se de luto o partido liberal!

Acabamos de saber por noticia telegraphica, que fallecera na sua quinta do Barreiro, o eminente estadista, e um dos poucos ministros que restam do duque de Bragança, o sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar.

E se todo o partido liberal tem de sentir profundamente tão grande perda, que será para Coimbra, patria do illustre fallecido?!

Tinha o sr. conselheiro Aguiar perto de 82 annos, pois havia nascido na freguezia de S. Christovão desta cidade, no dia 24 de Agosto do 1792.

Era o doutor mais antigo não só da Faculdade de Leis na Universidade, mas de todas as outras Faculdades. Doutorou-se no dia 24 de Julho de 1815; sendo depois oppositor na sua Faculdade.

Foi deputado nas côrtes de 1826. Em 11 de Junho de 1828 foi nomeado pela junta do Porto, commandante em segundo do batalhão dos voluntarios academicos.

Tendo emigrado, e voltando em 1832 com a expedição liberal para o Porto, alli exerceu durante o memoravel cerco, os cargos de juiz do tribunal de guerra e justiça, e de procurador geral da corôa; sendo tambem membro de uma commissão de projecto dos codigos penal e commercial.

Depois, já em Lisboa, foi ministro do reino desde 15 de Outubro de 1833 a 23 de Abril de 1834; e ministro da justiça desde esta data até 24 de Setembro do mesmo anno; referendando nesta qualidade o famoso decreto de 28 de Maio de 1834, que extinguiu as ordens religiosas em Portugal; profundissimo golpe dado no absolutismo, e sem o qual talvez hoje não existisse o systema liberal neste reino.

Tornou a ser ministro da justiça, desde 20 de Abril a 10 de Setembro de 1836; — presidente do conselho e ministro do reino desde 9 de Junho de 1841 a 7 de Fevereiro de 1842; e interino da justiça desde 26 de Janeiro a 7 de Fevereiro do referido anno; —ministro da justiça desde 19 de Julho a 6 de Outubro de 1846; — presidente do conselho desde 1 de Maio a 4 de Julho de 1860; —ministro do reino desde 4 de Setembro de 1865 a 9 de Maio de 1866; e finalmente, presidente do conselho desde 4 de Setembro de 1865 a 4 de Janeiro de 1868.

O sr. Aguiar era conselheiro de estado effectivo, par do reino, e membro do supremo tribunal de justiça aposentado.

A rapidez com que escrevemos estas palavras, e a falta de espaço, não nos permitte dizer tudo o que desejavamos.

Os filhos de Coimbra perderam no sr. Aguiar um desvelado patricio, e o partido liberal um dos seus membros mais distinctos.

E', porem, de justiça o dizer, que a cidade de Coimbra, pela sua parte, tambem nunca foi ingrata ao sr. Aguiar.

Na eleição directa para deputados, no dia 22 de Março de 1840, não só venceram por grande maioria os 6 candidatos do partido cartista, em que entrava o nome do sr. Aguiar; mas de todos os 6, foi o nosso patricio o mais votado.

Egualmente na eleição indirecta para deputados, de 19 de Novembro de 1851, foi o sr. Aguiar o mais votado pelos eleitores de freguezia no collegio eleitoral desta cidade.

Se o sr. Aguiar era um distinctissimo filho de Coimbra; os seus patricios tambem o consideravam como elle merecia. Assim se honravam mutuamente.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NUMERO 2801 — SABBADO 30 DE MAIO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Raream as fileiras dos benemeritos campeadores da liberdade.

Extingue-se a galeria dos vultos gigantes, a quem o regimen das nossas instituições livres deve o seu mais vigoroso impulso.

Deixou de existir um dos homens mais notaveis deste seculo, o venerando apostolo do progresso, o corajoso restaurador das liberdades patrias, o velho ministro de D. Pedro IV, o sr. Joaquim Antonio de Aguiar.

Apagou-se a luz brilhante desta intelligencia fecunda.

Finou-se na manhã do dia 26 tão gloriosa existencia no retiro predilecto da sua quinta do Barreiro, onde, a sós com os seus acerbos padecimentos, quiz passar essa tremenda lucta entre a vida e a morte, a que de ha bastante tempo estava entregue o valoroso soldado de 1809, o vigoroso reformador de 1833 e de 1834.

Quem ha entre o partido liberal que desconheça os assignalados serviços, prestados á patria e á causa publica por este eminente estadista: quem ha ahi que não admire aquella crença viva e inabalavel, aquelle vigor de intelligencia, aquella energia de vontade no varão illustre cuja perda deploramos!

Compulsando as paginas da nossa moderna historia politica, nas suas epochas mais calamitosas, nos seus lances mais difficeis, nos seus periodos mais arriscados, defrontamos sempre com o nome respeitavel, com o vulto venerando do sr. Joaquim Antonio de Aguiar.

A sua longa carreira publica dedicou-a toda o illustre finado, sem a mais leve sombra de ostentação vaidosa, em derrocar os fundamentos do velho regimen; levantando sobre as ruinas deste, um outro mais perduravel.

Se o seu corpo inanimado baixou ao logar onde se confundem todas as grandezas, onde se aniquillam todas as glorias, o seu nome será imorredouro na memoria de toda a grande familia liberal, que deplora a perda irreparavel do chefe venerando.

Paz á sua alma!

ANTHERO A. DE ARAUJO PINTO

A camara municipal desta cidade, interpretando os sentimentos dos seus municipes, reuniu em sessão extraordinaria na quarta feira, e decidiu lançar na acta da sessão desse dia, um voto de sentimento pela perda do benemerito filho desta terra, o sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar.

Resolveu egualmente mudar o nome da rua de S. Christovão para o de rua de J. A. D'AGUIAR, por ser nella que nascera este eminente estadista.

E finalmente deliberou mandar dizer hontem na egreja de Santa Cruz, uma missa por alma do illustre fallecido, o que se realisou, com a presença de muitos dos respeitadores da memoria do sr. Aguiar.

Sabemos que o partido regenerador desta cidade tenciona mandar celebrar solemnes exequias por alma do seu antigo chefe, quando os restos mortaes do sr. Aguiar vierem para Coimbra, conforme a sua disposição testamentaria.

Sr. Redactor do *Conimbricense.*

Estimo muito o seu jornal, porque tem feito, e está fazendo diariamente, relevantes serviços á causa da liberdade. Desenterrando do pó das bibliothecas e dos archivos particulares os documentos que provam a intolerancia e as crueldades mesmo, com que os sectarios do absolutismo enluctaram á patria, aviva v. recordações para nos precavermos contra as suggestões e as doutrinas, que podem levar os incautos a desejar aquelles ominosos tempos.

A segunda parte da argumentação contra os sectarios das velhas instituições, é mostrar-lhes o que foram os homens mais importantes do partido liberal.

Sentida e profunda magua me leva hoje a dizer duas palavras ácerca do nosso illustre e benemerito patricio o sr. Joaquim Antonio de Aguiar.

Vivendo com s. ex.ª na intimidade durante 32 annos, tive ameudadas occasiões de apreciar aquelle grande talento, e aquella grande alma—sempre nobre—sempre caritativa—sempre generosa.

A fronte do sr. Aguiar era typo de raça, e nella se liam as qualidades inherentes ás physionomias que caracterisaram Frederico 2.º da Prussia—Marquez de Pombal—Rodrigo da Fonseca Magalhães—Mousinho da Silveira—Silvestre Pinheiro, etc., etc.

Era mestre na arte de conhecer os homens, e poucas vezes se enganou no conceito, que formava a respeito d'aquelles com quem vivia.

Amava muito a sua terra e a corporação a quem devia o que era (dizia s. ex.ª); e por isso sentia vivo prazer em fallar dos homens e das coisas de Coimbra do seu tempo. Passava longas horas a fallar com muita dedicação e louvor das familias de Taveiro, da Conchada, da do capitão-mór d'Eiras, etc., etc., das suas viagens á Beira e á Figueira, dos arrabaldes de Coimbra.

A maior recommendação, que qualquer desconhecido lhe podia apresentar, era ser filho de Coimbra, e se a esta qualidade juntava a de ser descendente d'alguma familia do seu tempo, era sempre agasalhado e protegido.

Dos descendentes de pessoas das suas relações recebia ameudadas cartas, e a todos respondeu sempre com benevolencia e amisade, sem procurar saber se haviam seguido o partido realista, ou liberal.

Occupam hoje posições sociaes muitos filhos dos amigos do sr. Aguiar, que foram despachados por s. ex.ª, muito tempo depois de lhes haverem fallecido os paes; e em breve será publicado o despacho d'um filho de Coimbra, de familia realista, para um dos melhores empregos da capital, a pedido de s. ex.ª

A' sua mesa sentavam-se os homens de todas as côres politicas, e não poucas vezes tive occasião de ver alli magistrados do tempo do absolutismo, que haviam sido seus condiscipulos ou contemporaneos.

Dos seus pequenos recursos distribuia com mão larga soccorros a sociedades de beneficencia e a pessoas necessitadas nos seus domicilios.

Estas altas qualidades moraes, já hoje tão raras, exerciam-se sem ostentação de qualidade nenhuma; e sentia-se incommodado quando não podia favorecer alguem, reconhecendo no pretendente falta de habilitações para o emprego que requeria.

A sua vida publica como homem d'estado, e como juiz, é devidamente apreciada com todo o louvor, e como um modelo de illustração —firmeza de principios— rectidão e justiça. Nunca vacillou sobre o caminho que tinha a seguir, e nem o detiveram, para ser coherente com as suas ideias, considerações de empregos, nem da amisade. Lá aonde a sua honra o chamava era o primeiro a expor-se a todos os perigos.

De mim e dos meus que direi, que o publico não saiba? Perdi o maior, o mais benevolente, e o mais dedicado amigo, que conheci. Acompanha-me uma profunda magua, e é —o não ter ensejo de lhe beijar a mão depois de morto.

Coimbra hade levantar-lhe um monumento cedo ou tarde, porque ella não teve, e talvez não venha a ter, um filho que tanto a honre.

A' imprensa liberal desta cidade cumpre tomar a iniciativa neste empenho, e em quanto esta festa não vem, corramos todos ao templo levantar as mãos a Deus e pedir ao Todo Poderoso pelo seu eterno descanço.

Coimbra, 27 de Maio de 1874.

VISCONDE DE MONTE-SÃO.

Meu amigo. Agora que morreu o sr. Joaquim Antonio de Aguiar permitta-me que escreva duas linhas no seu jornal. São duas linhas penas para pagar um tributo de gratidão e saudade a uma tão querida memoria. Fraca é a penna, obscurissimo o nome; mas quando o reino todo se inclina reverente ante um feretro, quando o partido liberal involve em crepes a sua bandeira, deixe que entre tantos sons doloridos se esvaeça mais um som, humillimo entre todos, e só valioso pelo affecto sincero que traduz.

Morreu o sr. Joaquim Antonio de Aguiar, disse eu, mas enganei-me. Ha homens que não morrem, assim como ha outros que não vivem; aquelles formam da vida uma Odyssea, estes não estampam sequer uma sombra. O sr. Aguiar foi dos primeiros; vive na historia da patria que tanto amou, e nos fastos da liberdade que tanto lhe deve.

Atravessando epochas calamitosas, tormentas rijas da politica, navegou seguro e afouto por entre os parceis de uma existencia afadigada; fez do seu navio uma Argos, que depois se converteu em estrella. Foi dos reformadores mais audazes da revolução liberal, e concedeu-lhe a Providencia que cerrasse os olhos tranquillamente, vendo consummada e enraizada a sua obra.

Não nos pertence a nós avaliar o periodo politico em que vivemos. A politica é uma luta, e a luta jogo de paixões; mais tarde decidirá a posteridade o pouco ou muito que valemos. Mas a liberdade que gosamos, a discussão franca e plena de todos os principios, para que com o certame das ideias se robusteça e assegure a opinião, provem originariamente da dictadura de D. Pedro IV, de quem o sr. Aguiar foi ministro. Desfizeram-se as peias que escravisavam o pensamento, e hoje reconhece-se que é fraqueza amordaçar a bocca que nos incommoda, e um insulto á liberdade pedir o ostracismo do inimigo em nome da liberdade.

Fôra impertinencia commemorar eu os actos politicos do sr. Aguiar, quando todo o jornalismo portuguez os está commemorando. Não o poderia dizer melhor, nem accrescentar-lhe novidade. Venho aqui como amigo agradecido dar o extremo *vale* ao venerando ancião, que honrou toda a minha familia com a sua estima e a mim proprio com a sua benevolencia. Devem-lhe muito todos os seus patricios, mas eu muitissimo; e cumpro um dever confessando a minha divida diante d'uma sepultura, onde já nada valem adulações, mas onde ainda podem florescer saudades.

A. A. DA FONSECA PINTO.

CORRESPONDENCIA

Sr. redactor do *Conimbricense.*

Rogo a v. o especial obsequio de publicar no proximo numero do seu mui lido jornal, a carta que inclusa remetto, escripta por mim ao exm.º sr. commendador Manoel dos Santos Junior no dia 24 de Maio de 1874. Desde já agradeço a v. este favor e sou

De v. mt.º att.º vr.º
Coimbra, 28 de Maio de 1874.
Joaquim José de Sousa.

Exm.º sr.

Surprehendeu-me ver publicada no *Tribuno Popular* uma carta em nome da «Commissão installadora do Banco Commercial de Coimbra» da qual não tive conhecimento algum, nem auctorisei pessoa alguma a firmar com a minha assignatura!!!

Não fui eu quem informou a redacção do *Tribuno* para a publicação que fez no n.º

1909, de qual tinha sido o pessoal nomeado para a primeira gerencia do Banco.

Foi, porem, verdadeira a nomeação d'aquelle pessoal como v. ex.ª sabe; e advindo depois difficuldades pelas quaes a mesma commissão deliberou em alteral-a pelo modo que vem publicada nos Estatutos,exijo,como membro da commissão e para meu desaggravo, que v. ex.ª no proximo numero do *Tribuno*, faça publico que—*foi verdade ter a commissão installadora nomeado o pessoal conforme a lista que veiu publicada no numero 1909 do Tribuno: mas que a mesma commissão,para evitar difficuldades que podiam prejudicar o Banco, concordou em alterar esta lista,substituindo-a pela que vem exarada nos Estatutos.*

Fico esperando que v. ex.ª se não negará a satisfazer esta minha exigencia; de contrario obrigar-me-ha a publicar em algum outro jornal esta minha carta, com quaesquer explicações que julgue necessarias para me desaffrontar, dando conhecimento ao publico da falta de verdade, com que me julgo offendido.

S. C. 24 de Maio de 1874.

De v. ex.ª att.º vr.º

Joaquim José de Sousa.

NOTICIARIO

O laço nacional. — O escarlate e azul escuro era a côr da libré da casa de Bragança. Por decreto de 7 de Janeiro de 1796, foi determinado, que não só os criados da casa real, mas os officiaes do exercito, trouxessem no chapeu laços d'essa côr.

Em portaria de 20 de Setembro de 1808 foi permittido o uso do laço branco, no braço direito, aos que se haviam incorporado e composto o exercito, que das provincias do norte foi resgatar a capital; e encarnado aos do exercito do Alemtejo e Algarve.

Na sessão das côrtes geraes, extraordinarias e constituintes da nação portugueza, de 14 de Agosto de 1821, propoz o deputado Miranda, que o laço nacional fosse d'ahi em deante composto das duas côres, verde salsa, e amarello côr de ouro.

Na sessão de 21 do mesmo mez foi discutida a referida proposta, e depois de fallarem ácerca d'ella varios deputados, que todos reconheceram a inconveniencia do laço nacional ser o da côr da libré da casa real, encarnada e azul, egualmente rejeitaram as côres propostas pelo deputado Miranda, sendo substituidas pelas côres azul e branca, usadas nas armas de Portugal desde a fundação da monarchia.

As côres que propunha para o laço portuguez o deputado Miranda, são as que actualmente usa o imperio do Brasil, e que estavam em contraposição com as armas do reino, que são as quinas azues em campo de prata.

Em conformidade do votado na sessão de 21 de Agosto, se publicou o decreto de 23 d'esse mez, que mandava usar do laço nacional, azul e branco, no chapeu, ou barretina, a todos os officiaes e soldados do exercito e armada portugueza, bem como a todos os empregados publicos, tanto civis, como militares, de qualquer ordem, gerarchia, ou graduação que fossem.

Com a queda do systema constitucional em Junho de 1823, não podia, segundo as ideias do obscurantismo dominantes, deixar de ser revogada a legislação que tinha estabelecido um laço nacional. Por isso, em decreto de 18 do referido mez de Junho, se annullou o outro decreto de 23 de Agosto de 1821, e se restabeleceu a legislação antiga.

Ora que D. João VI quizesse fazer novamente usar o laço da sua casa, ainda se explica; mas o que revolta, é que os absolutistas, fazendo do sambenito gala, não só preferissem a côr da libré dos lacaios da casa real, encarnada e azul; mas que até perseguissem e espancassem barbaramente, durante o governo de D. Miguel, qualquer que usasse de um laço, ou outro objecto, com as côres nacionaes, azul e branca!

Tanto póde a intolerancia e a falta de dignidade!

Os doutores mais antigos da Universidade—Dissemos em o numero passado, que o sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar, havendo-se doutorado na Faculdade de Leis no dia 24 de Julho de 1815, era o doutor mais antigo da Universidade.

Acrescentaremos agora, que ainda existem tres doutorados antes do anno de 1820.

O sr. Dr. Basilio Alberto de Sousa Pinto, hoje visconde de S. Jeronymo, doutorou-se no dia 2 de Julho de 1817, na Faculdade de Leis.

O sr. Dr. José Maria de Lima e Lemos, doutorou-se no dia 6 do mesmo mez e anno, tambem na Faculdade de Leis.

O sr. Dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, doutorou-se no dia 14 de Junho de 1818, na Faculdade de Canones.

A edade é exactamente na mesma ordem.

O sr. visconde de S. Jeronymo foi baptisado em 26 de Março de 1793; o sr. Dr. Lima e Lemos nasceu em 5 de Setembro do mesmo anno; e o sr. Dr. Fonseca nasceu em 4 de Setembro de 1795.

Todos tres, depois das largas vicissitudes da vida, se acham residindo em Coimbra, ou seus suburbios.

Vive tambem em Coimbra o sr. Dr. Fortunato Raphael Pereira de Senna, que apesar de se ter doutorado alguns annos mais tarde, na Faculdade de Philosophia, no dia 6 de Outubro de 1822, tem a mesma edade do sr. Lima e Lemos; porque tendo este sr., como já dissemos, nascido no dia 5 de Setembro de 1793, o sr. Dr. Senna nasceu no dia 10 do mesmo mez e anno. Ha, por tanto, entre ambos só 5 dias de differença na edade.

Joaquim Antonio de Aguiar—No livro dos assentos dos baptisados da freguezia de S. Christovão, desta cidade, lê-se o seguinte assento:

«No dia 29 de Agosto de 1792, bapisou o reverendo José Diogo da Veiga, ecommo nesta egreja, a Joaquim, filho de Xavier Antonio de Aguiar, natural desta freguezia, e de Theresa Angelica, da freguezia de S. Thiago; neto paterno de Luiz Antonio de Aguiar, natural de Ferreirim de Fonte Arcada, bispado de Lamego, e de Maria de S. José, natural de S. Matheus da Bairrada, freguezia de S. Lourenço, bispado de Aveiro; e materno de José Ribeiro dos Santos, da freguezia de S. Matinho, concelho de Monte Longos arcebispado de Braga, e de Maria Ribeira, natural de Orentã, deste bispado. Foi padrinho o reverendo conego Antonio de Albergaria Monteiro; e com prenda de Sant'Anna, que se invocou por madrinha, tocou o reverendo conego José de Albergaria Monteiro. De que fiz este assento—Dr. *José da Encarnação*, prior.»

Suffragios. — Os estudantes do 5.º anno da Faculdade de Philosophia, sabendo da grande magoa, que opprimia seu mestre o sr. visconde de Monte-São, pelo fallecimento do sr. Joaquim Antonio d'Aguiar, convidaram s. ex.ª a ouvir uma missa,que elle, por devoção propria, mandaram dizer hoje, 30 de Maio, na capella da Universidade.

Assistiu todo o curso, o secretario da Universidade, e o bedel da Faculdade.

Officiou um estudante premiado da aula o sr. padre Silva.

Manifestação honrosa — Alguma gente do povo tem lançado luto pela morte do sr. conselheiro Aguiar. E' um testemunho de saudade e gratidão pelo benemerito filho de Coimbra, que sempre foi protector solicito e desvelado de seus patricios. O illustre ministro dispoz no seu testamento, que os seus restos mortaes fossem recolhidos no cemiterio da Conchada desta cidade. Quanto pode o amor da patria natal!

Destacamento. — Chegaram hontem a esta cidade, 100 praças de infanteria 10, e 20 de cavallaria 6, que marcharam hoje para a Louzã.

Hospedes — Continua Coimbra a ser visitada por muitas familias de fóra, avultando principalmente familias de Lisboa. E a quadra do anno mais propria para apreciar as bellezas campestres dos arredores desta cidade.

Acto de bacharel — O sr. conde de Casal Ribeiro veiu assistir ao acto de bacharel em Direito de seu filho mais velho,que é um distincto estudante e de um comportamento exemplar.

Chegada—Acha-se nesta cidade o sr. conselheiro Joaquim Gonçalves Mamede, digno deputado por este circulo na ultima legislatura.

Desgosto—O sr. conselheiro Nazareth, que tinha vindo a Coimbra com sua familia, para aqui passar alguns dias de doce socego na companhia de seus parentes e numerosos amigos, teve de se retirar repentinamente para Lisboa, pelo funesto acontecimento da morte do seu intimo amigo o sr. Aguiar, de quem e um dos testamenteiros.

Digressão — As sr.as Andrades e o sr. Freitas Brito, que vieram de Lisboa passar alguns dias nesta cidade, hospedando-se em casa do seu parente o sr. Augusto Ferreira, foram estar tres dias no Bussaco, d'onde regressam directamente para a capital.

Noticias agricolas — Os campos apresentam um aspecto risonho depois das ultimas chuvas. As searas estão excellentes, e tudo promette um anno abundante de cereaes. Os vinhedos e batatas tambem offerecem esperançosa producção. Os olivaes tambem promettem boa colheita em algumas localidades. É egualmente abundante a amostra de fructos de caroço. Os trabalhos ruraes estão agora em plena actividade, e os salarios estão elevados. A subsistencia dos gados que esteve em crise arriscada, e que produziu baixa consideravel nos preços, melhorou consideravelmente.

Pesca — O mar já se vae prestando ao trabalho dos pescadores, e o peixe, especialmente a sardinha, vae affluindo ao mercado.

Melhoras—A filha mais nova do sr. visconde de Monte-São, casada com o sr. Cabral de S. Silvestre, que esteve perigosamente enferma, já entrou em convalescença. Foi tratada pelo sr. Dr. Ignacio. Damos os parabens ás familias desta virtuosa senhora.

Festividade — Celebra-se ámanhã na egreja da Ordem Terceira do Carmo a festa annual da Santissima Trindade.

Universidade — Tem continuado regularmente o serviço dos actos na Faculdade de Direito, prestando-se alguns lentes jubilados a coadjuvar os seus collegas em tão improbo trabalho. O sr. Dr. Ruas tem ido aos actos do 5.º anno. Não é só nesta Faculdade, que ha falta de pessoal. Na de Philosophia succede o mesmo, havendo apenas 9 professores, e sendo muito grande o numero dos actos, porque são feitos por disciplinas de cada curso.

Banco Commercial de Coimbra. — Recebemos os *Estatutos da Sociedade anonyma de responsabilidade limitada*—BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA.

Por elles se vê, que foram nomeados para os diversos cargos do Banco os seguintes srs.:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

D. Luiz de Carvalho Daun e Lorena — *Presidente.*
Commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes — *Vice-presidente.*
Joaquim José Rodrigues de Sousa—1.º *secretario.*
Joaquim Duarte Areosa—2.º *secretario.*

GERENCIA

Commendador Manoel dos Santos Junior.
José Barbosa Lima.
José Melchiades Ferreira Santos.

SUB-GERENTES

1.º Antonio Correa de Lemos.
2.º Innocencio Peixoto Quaresma.
3.º José Luiz Fernandes.

CONSELHO FISCAL

Dr. José Manoel Ruas—*Presidente.*
Joaquim José de Sousa (bacharel formado em Direito)—*Vice-presidente.*
José Antonio Ferreira Manso.
Antonio de Oliveira.
Joaquim Justiniano Ferreira Lobo — *Secretario.*

AGENCIA DO BANCO NO PORTO

Commendador José Julio da Costa.

Consta-nos que o thesoureiro é o sr. Francisco de Sousa Araujo, e que o Banco funccionará no primeiro andar do predio do mesmo sr., na rua do Visconde da Luz.

Novo curso de calligraphia — Foi-nos offerecida uma collecção de pautas feitas pelo sr. A. P. Corrêa, director do collegio de S. Paulo em Lisboa. E', pelo que podemos julgar, um trabalho de bastante merecimento, e que será de muito proveito, tanto para os professores, como para os alumnos.

Estas pautas são como que o complemento umas das outras, por onde facil e gradualmente se habilita o alumno á melhor calligraphia, e o professor a exercer as suas funcções de calligrapho, com mais despreoccupada attenção pela classe em geral.

Informa-nos o sr. Correa, que pelas experiencias feitas em o seu collegio, se vê que o alumno de mais tenra edade, e de menos intelligencia, se habilita por estas pautas a escrever calligraphicamente *em menos de dous terços do tempo* até hoje regulado para este ramo de instrucção, e que todo o adulto aprende por ellas a *escrever sem professor*, guiando-se em tudo pelas indicações das pautas e dos exemplares.

A todas estas vantagens de tempo e de trabalho acresce neste curso a economia de dinheiro, pois que em relação a outros, ha sempre uma differença de 100 a 150 reis menos.

Para os collegios fazem-se abatimento de 10 por cento.

Vendem-se nas principaes livrarias de Lisboa e provincias; sendo o deposito no collegio de S. Paulo.

Marinhas portuguezas — É sabido, que a agua salgada, sendo recolhida em reservatorios e taboleiros convenientemente construidos, passando de uns para outros, e evaporando-se ao ar livre, deposita por crystallisação o sal das cozinhas, ou chlorureto de sodio. Dá-se o nome de *marinhas* ou *salinas* a estes reservatorios que as aguas salgadas percorrem, para se evaporarem e deporem o sal.

As principaes marinhas do nosso paiz são as de Lisboa, que existem em ambas as margens do Tejo, até ás alturas de Villa Franca ao norte, e ao sul até Alcochete; as de Setubal, que orlam ambas as margens do Sado, desde a fóz até Alcacer do Sal; as da Figueira, que comprehendem principalmente as de Lavos e Morraceira; as de Aveiro, que occupam uma superficie de mais de 75 kilometros nas ilhotas e lesirias que formam os esteiros do Vouga em Aveiro, Ilhavo e Esgueira; e as do Algarve, sendo as mais conhecidas as de Almargem, Tavira, Faro e Villa Nova de Portimão.

Os trabalhos da salinação principiam geralmente em Junho, fazendo-se a principal colheita em Julho e Agosto. A agua recebida directamente do mar produz mais sal que a dos rios e lagos salgados; por isso as marinhas mais proximas da foz dos rios são mais rendosas, porque é maior a salsugem das aguas. É nas marés vivas de cada mez, que a producção salina é mais abundante, porque vem do oceano maior porção de agua salgada. Está calculado, que na foz do Mondego 12:523 metros cubicos de agua podem produzir 600 moios de sal; e que para produzir esta mesma quantidade, as marinhas de Aveiro precisam de 14:404 metros cubicos de agua, porque esta é de menor salsugem.

Esta industria é uma grande riqueza para Portugal, porque não só abastece com abundancia os mercados nacionaes,mas constitue um ramo de grande exportação para paizes extrangeiros, onde o sal das marinhas portuguezas tem muita acceitação.

O linho. — Ainda não é questão decidida, se esta preciosa planta textil é originaria dos paizes quentes, das margens do Nilo, por exemplo, de cuja palavra latina *nilum* parece ser o anagramma, ou das regiões frias da Europa, onde o linho foi sempre de superior qualidade.

E' fóra de duvida, que a cultura e a arte de fiar e tecer o linho, remontam aos templos biblicos. Moysés allude por vezes ao linho, e tem-se encontrado nos sarcophagos do Egypto e nos tumulos de Thebas mumias envolvidas em telas de linho. Eram famosos na antiguidade os linhos das Gallias, da Germania, da Italia e da Hespanha. Em tempos menos remotos, a Belgica e Bretanha adquiriram grande renome pela finura de seus tecidos de linho, que até hoje tem sustentado victoriosamente.

Na actualidade,os linhos de mais valor na Europa são os da Russia, de Flandres,da Bretanha, da Irlanda e da Italia. Entre os primeiros, os mais conhecidos e estimados são o *Riga*, *Pernau*, e *Windau*. Estas variedades tem sido acclimadas em outros paizes, mas tem degenerado como succedeu em Italia e no nosso paiz. Os linhos da Bretanha e Irlanda parece que provieram da Hollanda, e têem a fibra fina, rija e assetinada.

Em Portugal cultivam-se tres castas principaes: o *Riga*, o *mourisco* e o *gallego*.O *mourisco* é oriundo do Egypto, d'onde foi propagado na costa d'Africa, e adquiriu no nosso paiz e na Hespanha qualidades superiores ás que tem no seu paiz natal. São notaveis pela belleza os linhos mouriscos de Bragança e de Castello Branco.O linho gallego parece-se com o linho ramoso da Hollanda. E' curto, pouco abundante, mas fino e rigissimo acima de todos. E' excellente o linho gallego do Minho.

Esta cultura tem augmentado no nosso paiz. Os pequenos agricultores são os que tem dado maior impulso a este ramo de industria agricola.Os processos de curtir e fabricar o linho, até ficar em estado de ser fiado, tambem se tem aperfeiçoado, e tudo promette dispensarnos da importação de linhos extrangeiros, em que temos consumido sommas enormes.

Visita episcopal—Communicam-nos de Oliveira do Hospital o seguinte:

«No dia 21 do corrente, pelas 6 horas da tarde, deu entrada na villa de Oliveira do Hospital o exm.º sr. bispo conde, em continuação da visita ás egrejas da sua diocese.

Era esperado pelas principaes pessoas da terra e por grande concurso de povo, tocando a philarmonica Avoense e subindo ao ar muitos foguetes.

Era indisivel a anciedade com que todos esperavam o seu pastor e pae espiritual, divisando-se no rosto de todos, signaes de verdadeira satisfação, por terem a felicidade de presencear tão illustre hospede, que em todas as partes onde tem chegado, é acolhido com grande jubilo e alvoroço, já pela elevada posição que occupa, já pela lhanesa e afabilidade com que a todos tracta.

No dia 22, de manhã, foi s. ex.ª recebido debaixo do pallio em procissão para a egreja, que se achava lindamente adornada, acompanhado da irmandade da freguezia, de muitos ecclesiasticos, particulares, auctoridades e mais empregados desta villa.

Adeante de s. ex.ª viam-se dois anjos, que alternadamente lhe foram lançando flores até entrar na egreja, onde logo teve logar o *Te-Deum e Ecce sacerdos*, com acompanhamento de musica vocal e instrumental, que muito agradou.

Em seguida s. ex.ª celebrou missa, deu a communhão e administrou o sacramento da confirmação a mais de 300 pessoas, incluindo 24 pobres, que os principaes da terra mandaram vestir a expensas suas, para commemorar a visita de s. ex.ª, que muito agradeceu tão edificante ideia e enthusiasmo religioso.

Terminadas as cerimonias saiu o exm.º prelado da egreja e foi visitar a elegante capella de Sant'Anna, e dirigiu-se, em seguida, para o seu aposento, continuando nos 3 dias immediatos a visita ás egrejas visinhas, sempre acompanhado por muitos ecclesiasticos e cavalheiros desta villa.

S. ex.ª mostrava-se penhorado pelas demonstrações de sympathia que todos, á porfia, lhe prodigalisaram, e cremos que não menos satisfeito ficou do aceio em que encontrou quasi todas as egrejas: e quando mesmo tinha a notar alguma falta, não reprehendia, antes pelo contrario advertia o parocho com maneiras de afabilidade, que commoviam, dando conselhos os mais salutares.

S. ex.ª entregou ao reverendo parocho uma avultada quantia para distribuir pelos pobres mais necessitados; e para reconhecimento deste donativo o mesmo reverendo parocho vae dizer uma missa, a que assistem os pobres beneficiados, com intenção ao augmento e conservação do exm.º prelado, que a todos deixou vivas saudades.

Oliveira do Hospital 27 de Maio de 1874. —*Joaquim José Raymundo Castello-Branco.*»

Noticias de Hespanha.—No *Jornal da Noite* lê-se o seguinte:

Chegaram-nos hoje jornaes de 26.

Em uma carta escripta de Victoria, em data de 24, pelo correspondente do *Imparcial*, dá-se conta da marcha dos dois corpos de exercito, segundo e terceiro, commandados pelos generaes Echague e Andia. Este substituiu o general Letona, que por doente retirou para Madrid.

Na manhã do dia 24 pozeram-se em movimento aquellas forças.

Echague dividiu o seu corpo de exercito, tomando a divisão Martinez Campos a direcção de Arriaga á esquerda, e com as restantes forças do seu commando seguiu pela estrada de França que passa por Betoño, Ourana e alturas de Arlaban, com destino a Guipuzcoa á direita, em quanto o corpo do general Andia se adiantava formando o centro da operação.

Martinez Campos chegou a Arriaga sem novidade, mas teve de vir daquelle ponto a reforçar o centro, que foram as primeiras forças hostilisadas, quando chegaram ás alturas occupadas pelos carlistas. Estes commandados por Dorregaray e fortes de 24 batalhões estavam entrincheirados.

Não diz o correspondente se as alturas foram tomadas pelas tropas, e referindo-se ao general Echague accrescenta que este foi mais feliz, porque chegou a Arlaban sem disparar um tiro e que se dizia em Victoria que conseguira coroar as alturas daquelle nome que ficam distante 17 kilometros desta capital, com tanta mais facilidade que as defezas levantadas pelo inimigo estavam feitas em sentido opposto áquelle em que deviam estar.

Estas operações foram arriscadas; as tropas tiveram de trabalhar em ordem extensa e a artilheria pouco poude fazer por aquellas montanhas de difficil accesso.

Não ha das outras provincias nenhuma noticia importante da guerra, e em Madrid não occorreu novidade na politica.

Madrid, 28, ás 10 horas e 10 minutos da manhã. — Layard deu hontem um jantar official a que assistiu Serrano, ministro dos negocios estrangeiros, representantes da Italia e Allemanha e outros membros do corpo diplomatico.

A *Gazeta* publica uma circular do ministerio do interior, excitando o zelo das auctoridades a fim de activarem a entrada para o serviço da reserva dos mancebos de 19 annos de edade.

Madrid, 27, ás 5 h. e 50 m. da t. — O nuncio teve nova conferencia com o ministro da justiça. Affirma-se que Loma será encarregado do commando da primeira divisão do exercito do norte, e que partirá brevemente.

Madrid, 28, ás 11 h. e 5 m. da t.—Julga-se certa a nomeação de Alvareda para ministro de Hespanha em Lisboa.

Madrid, 29, ás 2 h. e 45 min. da m.— Lorenzana nomeado representante de Hespanha em Roma, para onde deve partir com muita brevidade.

Madrid, 29, ás 12 h. e 5 min. da m. — Continuaram hontem as conferencias entre o nuncio de Sua Santidade e o ministro da justiça. No conselho foram examinadas algumas sentenças de morte.

ANNUNCIOS

PRAIA DA FIGUEIRA

1 ALUGA-SE para Outubro e Novembro, a casa de A. Forjaz, no bairro novo.

2 NO DOMINGO, 7 de Junho proximo, pelas 11 horas da manhã, arrematar-se-hão em praça particular, umas casas, sitas na rua da Sophia, n.os 125, 127, 129 e 131. A arrematação será nas mesmas casas.

3 PRECISA-SE uma mestra para ensinar duas meninas, que a não saber todas as prendas, ao menos saiba bem lêr, escrever e contar, coser, fazer meia, e bordar, e que tenha de 30 annos para cima aproximadamente a 40, que é para casa do sr. Azambuja, das Means.

PAPEIS PINTADOS

VARIADISSIMOS GOSTOS

100—Praça de S. Bartholomeu—102

CASA PARA ARRENDAR

5 NO PATEO DA INQUISIÇÃO. Trata-se com Gonçalves de Lemos.

Hospitaes da Universidade

6 NO DIA 7 do proximo mez de Junho,pelas 10 horas da manhã, no claustro do Collegio das Artes, abre-se praça para a arremação dos seguintes artigos, segundo os apontamentos que alli se acham presentes d'hoje em diante.

1.º Vinte columnas de pedra, quadradas,com cinco metros d'altura e $0^m,30$ de face.

2.º Dezoito columnas ou machos de pedra, com $5^m,90$ d'altura, $0^m,40$ de cabeça, outro tanto d'aduella, e 0^m, 30 de tardoz.

3.º Cento sessenta metros de lijonja azul.

4.º Cento e vinte vigas de carvalho, ou de bom pinho, com muito serne, de 4 metros de comprimento e $0^m,10$ d'espessura, $0^m,20$ de cutello.

Administração dos hospitaes da Universidade, 26 de Maio de 1874.

O administrador, *Costa Simões.*

Associação dos Artistas de Coimbra

7 DOMINGO, 31 do corrente, pelas nove horas prefixas da manhã, terá logar a reunião da assembleia geral, para os fins já annunciados.

Coimbra, 29 de Maio de 1874.

O presidente,
Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Codigo civil portuguez

8 COM OS ARTIGOS REFERIDOS immediatamente ao artigo que os refere, indice, repertorio alphabetico e remissivo, regulamento do registro predial, approvado por decreto de 28 d'Abril de 1870, indice alphabetico e privativo, relatorio e regulamentos do conselho de tutella, do processo nas causas de separação e toda a legislação posterior á sua promulgação, que o alterou e explicou.

Avantajar-se-ha esta edição a todas as publicadas.

O magistrado, o jurisconsulto, todo o que se dedicar á leitura ou estudo da legislação civil encontrará nella as suas disposições, segundo a edição authentica e immediatamente todos os artigos a que se referem.

O seu methodo facilita a combinação dos artigos, evita trabalho fastidioso, inutil, perda de tempo,distracção, e, como é sabido, o methodo é um dos primeiros elementos, o mais poderoso auxiliar da applicação e meditação, —a viabilidade do estudo. Estas vantagens, alem d'outras que julgamos desnecessario enumerar a quem se dá á leitura ou estudo deste ramo legislativo, são a sua principal recommendação.

Apenas haja numero sufficiente de assignaturas para effeituar a publicação de tão trabalhosa obra e acudir ás numerosas despezas que demanda, principiará a tiragem, sendo distribuidas mensalmente duas cadernetas de 80 paginas em 4.º, papel superior, pelo preço de 240 reis cada uma, pagos no acto da entrega.

Editor:—José Antonio Teixeira de Freitas Guimarães, proprietario da *Livraria Internacional*, Guimarães.

Assigna-se em *GUIMARÃES*, na **Livraria Internacional**, rua de S. Damaso, 89 e 91, e em todas as livrarias nacionaes e estrangeiras.

Semente d'eucalyptus globlus

9 VENDE-SE na rua do V. da Luz, n.º 12.—*A. M. S. Castro.*

EDITAL

O Dr. Francisco Antonio Diniz, commendador da Ordem de Christo, commissario dos estudos do districto de Coimbra, e presidente do jury dos exames dos concorrentes ao professorado primario no mesmo districto, na primeira epocha do corrente anno.

Faço saber que na ultima sessão do dito jury foram julgados habilitados para exame os seguintes concorrentes:

Antonio dos Santos Ramos
Antonio Gonçalves Curado
Domingos Fernandes Lopes
Francisco Henriques da Cruz Coelho
João Pereira da Silva Cardote
Jeronymo Augusto Pereira
Joaquim Costa
Joaquim da Cruz Picanço
José Maria das Neves
José Monteiro de Mattos Garrido
José Simões Lopes
Leonardo Corrêa Pessoa
Manoel da Costa Oliveira Cabral
Manoel Duarde da Fonseca
Clementina Adelaide de Moraes
Maria Barbara Pena.

Outrosim faço saber, que por determinação do mesmo jury terão logar no dia 5 do proximo mez de Junho, ás 8 horas da manhã, as provas escriptas de todos os concorrentes; seguir-se-hão nos dias 6, 8, 9 e 10 á mesma hora as provas oraes; sendo examinados quatro em cada um dos tres primeiros dias, e os dois restantes no ultimo, pela ordem da lista acima publicada.

No mesmo dia 10, findas as provas oraes dos dois ultimos concorrentes, terão logar as provas escriptas das duas concorrentes, seguindo-se no dia immediato as provas oraes.

E para que chegue á noticia de todos,mandei publicar este edital.

Coimbra 29 de Maio de 1874.

Dr. Francisco Antonio Diniz.

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

11 SÃO CONVIDADOS os srs. accionistas deste Banco, a realisarem a sua 1.ª prestação de 5 por cento, ou 2$500 reis por acção, levando-se-lhes em conta os recibos de 1$000 rs. com que subscreveram.O pagamento terá logar desde o dia 28 do corrente até ao dia 6 do proximo Junho, em casa dos srs. abaixo designados; nos mesmos locaes se distribuem os estatutos. PORTO, commendador José Julio da Costa; BRAGA, João Manoel da Silva Guimarães; COIMBRA, commendador Manoel dos Santos Junior, e José Barbosa Lima; LISBOA, Moreira e Cardoso.

12 NA SECRETARIA do governo civil do districto de Coimbra, se recebem, até o dia 20 do proximo mez de Junho, propostas para o emprestimo de doze contos de reis, votado pela junta geral do districto, e approvado pelo decreto de 16 do corrente, publicado no *Diario do Governo*, n.º 115 de 25 do mesmo.

As propostas deverão ser dirigidas em carta fechada até o indicado dia, e pela mesma secretaria serão fornecidos quaesquer esclarecimentos que sejam pedidos.

Governo civil de Coimbra, 29 de Maio de 1874.

O governador civil,
Visconde de Villa Mendo.

CONVITE

13 TENDO EU, MIGUEL DA FONSECA BARATA, negociante, estabelecido nesta cidade desde 1867, casado com Elvira do Carmo da Fonseca Barata, filha do sr. Antonio de Pina, e sua mulher a sr.ª Maria do Carmo, em 16 d'Abril deste anno, e tendo sido este casamento feito com todas as manifestações de grande satisfação da parte dos paes da noiva, que ainda depois do casamento se dignaram acompanhal-a a minha casa, onde foram recebidos o melhor que eu podia; succedeu, com grande surpreza minha e de minha mulher, que nunca mais voltassem a esta casa, mostrando-se indifferentes quando os procuramos. Este singular procedimento obrigou-me a pedir a explicação deste enygma, mas não obtive resposta.

Deveria talvez ficar satisfeito com o testemunho da minha consciencia, que de nada me argue; mas como o publico possa interpretar mal o facto do abandono, que os ditos srs. tem feito de sua filha, minha mulher, que por isso vive extremamente magoada; vou por este meio, unico que me resta, visto não ter respondido á minha carta, pedir-lhes que declarem se de mim, ou de sua filha receberam alguma offensa, não obstante sermos d'isso incapazes, como sabem todas as pessoas que nos conhecem, ou quaes os motivos que tem para tão insolito procedimento, afim de que fique o publico esclarecido, e que quando nada respondam, se fique sabendo que da nossa parte nenhuma causa demos para tão injusto procedimento.

FIGUEIRA DA FOZ

14 MANOEL NICOLAU D'OLIVEIRA FERNANDES THOMAZ, da villa da Figueira da Foz, annuncia a venda dos seguintes predios, para que qualquer pessoa que os pretenda, se possa dirigir ao annunciante.

Um corredor de marinhas, que se compõe de 45 talhos dobrados, com 2 armazens e mais pertenças, sitas no logar do Oirinho na Morraceira.

Seis geiras de terra lavradia, sitas no campo de Lares e no sitio aonde chamam a—Volta.

O annunciante promptifica-se a esclarecer qualquer duvida que se offereça na realisação destas vendas, para o que se acha habilitado.

MISERICORDIA DE COIMBRA

15 SENDO CERTO que os membros da irmandade da Misericordia, devem ser os primeiros em tornar solemnes os actos publicos da mesma, religiosos ou não religiosos, a direcção actual desta Santa Casa, convidando, a assistir á festividade religiosa e exposição publica dos collegios dos orphãos, que devem ter logar no domingo, 31 do corrente, todas as pessoas desta cidade, que se interessam por este pio estabelecimento; especialmente se dirige aquelles nossos irmãos. Os actos religiosos deverão começar, de manhã ás 10 horas, e de tarde ás 5; e a exposição terá logar das 2 horas da tarde em diante.

O provedor,
Dr. *Luiz da Costa e Almeida*

16 VENDE-SE para pagamento de divida hypothecaria, uma boa fazenda, no lindo sitio do Cidral, proximo á cidade, e perto da estrada da Beira, com muita agua, e proporções para se augmentar o seu volume, com pouca despeza. Emfim propriedade nas melhores condições para um estabelecimento fabril. Quem a pretender póde dirigir-se a esta redacção, aonde se indicará com quem se hade tractar.

17 NO DIA 16 do proximo mez de Junho, pelas 9 horas da manhã, á porta do tribunal no extincto convento de Santa Cruz, perante o exm.º sr. juiz de direito desta comarca, se hãode vender em hasta publica os bens penhorados á exm.ª sr.ª D. Albertina Elisa Roxanes de Carvalho, viuva de Ruben Pereira de Carvalho, e a seus filhos, cuja propriedade consta de duas nonas partes da quinta da Fontinha, situada na freguezia de Alfarellos, avaliadas em 1:102$222 rs.; por execução que lhes move Antonio Posselius, desta cidade, e pelo cartorto do escrivão Santos.

18 OS HERDEIROS da fallecida D. Theresa Mequelina d'Oliveira, vendem em praça publica, em casa de sua mãe D. Joanna Barbara d'Oliveira, moradora na rua da Sophia, pelas 11 horas da manhã, do dia 4 de Junho proximo futuro, os seguintes predios, se o preço convier.

Duas moradas de casas na rua da Calçada, n.º 140 e n.º 142, contiguas uma á outra, as quaes serão postas a lanço, juntas, ou em separado; entendendendo-se que neste segundo caso, a morada do lado do sul, ficará limitada pela parede mestra, e recebendo-se os lanços como melhor convier.

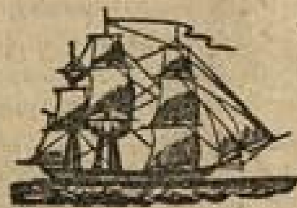
Uma quinta no sitio dos Perciros, que por bem conhecida se não confronta; consta de casas de habitação, abegoaria, terras de sementeira, arvores de fructo, vinhas, olival e matta.

Quinta do Pinheiro, no sitio de Banhos Seccos; tem casas de habitação, lagar, vinha e arvores de fructo: fica entendido que sómente se vendem as cinco setimas partes, que pertencem aos annunciantes.

Uma terra sita no campo de Ceira, que por egualmente conhecida, se não confronta.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Galera—VASCO DA GAMA—em 4 de Junho.

Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

VENDA DE PIPAS

10 VENDE-SE uma porção de pipas, avinhadas, e quasi novas. Quem as pretender póde dirigir-se a José Velasco, na rua da Sophia, n.º 27.

21 PRECISA-SE de um caixeiro na Livraria Popular. Prefere-se quem saiba alguma cousa francez.

22 RICARDO ANTUNES DE MACEDO, na praça de **8 de Maio**, acaba de receber o costumado sortimento de sementes novas.

DENTISTA

CEREGUETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista Suisso

23 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, além de fazer dentaduras completas, pôr dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados, com pasta não conhecida até hoje; tem bom elixir para dôr de dentes; cura o escorbuto, e todas as molestias de bôcca; tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço, como se nunca tivera tido callos.

Praça **8 de Maio**, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

MACHINAS DE COSTURA

Rua do Visconde da Luz

COIMBRA

24 JÁ CHEGOU ao estabelecimento de José Teixeira da Cunha, novo sortido de machinas de—*Singer*—para senhora e alfaiate. Tambem se vendem agulhas e linhas.

25 A CAMARA MUNICIPAL de Monte Mór o Velho, arremata em hasta publica, nos paços do concelho da mesma villa, a 3 de Junho proximo, o fornecimento das carnes verdes do açougue deste concelho, e as contribuições indirectas lançadas ao vinho, carne e mais objectos, que se venderem para consumo.

Monte Mór o Velho, 28 de Maio de 1874.

O escrivão da Camara,
Sebastião Pinto Garcez.

DOCTOR IN ABSENTIA

26 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 16, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Associação Conimbricense do sexo feminino

Abril de 1874

Saldo do mez anterior	5:635$020
Receita neste mez	71$360
	5:706$380
Despeza	42$535
Saldo para o mez seguinte	5:663$845

28 RAYMUNDO E OS NESCIOS DA ACADEMIA, parodia. Vende-se em Lisboa nas livrarias Catholica, rua dos Capellistas, n.º 82; dos srs. Bordalo, Pereira, Campos Junior, e Lavado, rua Augusta, Atra e Comp.ª, rua do Ouro, Silva Junior, Praça de D. Pedro, e nas principaes do Porto, Braga, Coimbra e Evora. Preço 60 reis.

Aviso aos socios da Academia Dramatica

Recita dada pela companhia do Gymnasio

Quarta feira 3 de Junho

A comedia em 4 actos— **A Torre de Babel.**

Attenção

30 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

31 **SAUDE A TODOS** restabelecida sem medicina, purgas, nem despezas, pela deliciosa farinha de *Saude,*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Nenhuma enfermidade resiste á deliciosa *Revalescière* que cura as indigestões (despepcias) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, da garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75:000 curas, entre as quaes contam-se a de S. S o Papa, do duque de Pluskow, da exm.ª sr.ª marqueza de Brehan, dos drs. Manoel Saenz de Tejada, da Universidade de Cordova, etc., etc.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Placa Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 14, **Lisboa.** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rabir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia, 77. J. R. de Sequeia, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rabia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2802 — TERÇA FEIRA 2 DE JUNHO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Abriu-se ha poucos dias em Londres, com os melhores auspicios para o nosso paiz, a exposição internacional de vinhos.

Esta exposição era destinada a tornar conhecidos e apreciados os vinhos legitimos de todos os paizes, que o commercio fraudolento tinha falsificado e adulterado; e abrir concurso, pelo qual o publico podesse examinar e comparar as diversas qualidades.

E' sabido que na Inglaterra se estavam fabricando vinhos, expondo-os á venda, com o falso titulo de vinhos do Douro, e de outras procedencias egualmente acreditadas.

Semelhante expeculação, sendo altamente prejudicial aos consumidores extrangeiros, tem dado origem ao enfraquecimento sensivel do nosso commercio de vinhos naquelle grande mercado.

O commercio e industria vinicula de Portugal, que constitue indubitavelmente a nossa primeira riqueza agraria, estavam soffrendo as graves consequencias daquelle facto, que, conjuntamente com outras difficuldades, que o nosso governo trata de remover, veiu tornar verdadeiramente precaria a situação dos agricultores, os quaes sómente com difficuldade obtinham compradores para os seus productos.

Era, portanto, de alta conveniencia, promover no interesse commum este meio, que a civilisação moderna inventou, para tornar conhecidos e apreciados os productos do trabalho e da industria.

Reconheceu o governo da Grã Bretanha esta necessidade, abrindo na sua capital um certame, a que podessem concorrer os productos viniculas de todas as nações. E de certo que a ella competia a iniciativa neste imprehendimento, porque é esse um dos principaes artigos do seu commercio, e porque as relações mercantis desta praça, com todos os paizes vinicultores, são as mais apropriadas para este congresso industrial.

Não foi a vaidade nacional que levou o governo portuguez a empregar todos os meios, a fim de que a nossa industria vinicula fosse bem representada neste grande concurso, em que tem de figurar os melhores productos neste ramo de industria e do commercio.

A necessidade de restabelecer o credito dos nossos vinhos, injustamente abatido e depreciado, pelos especuladores ambiciosos, e a conveniencia de tornar conhecidas as variadissimas qualidades apreciaveis das diversas provincias e regiões deste paiz, deliberaram o governo, e mui acertadamente, a empregar todos os meios ao seu alcance, para que fossemos bem succedidos neste emprehendimento civilisador.

E são tão evidentes as vantagens desta exposição, pelo que respeita a Portugal; tão proficuos hãode ser os seus resultados; tão fecundos os beneficios, para a industria a que nos referimos, e para os interesses da agricultura e do commercio em geral, que, se o governo, como é de esperar, fôr removendo um certo numero de difficuldades, que ainda tolhem este ramo de industria, antevemos uma epocha de prosperidade para o progresso da nossa agricultura.

Entre as nações vinicultoras, não ha nenhuma, que produza maior variedades, do que Portugal: fazel-as conhecidas e apreciadas nos mercados de primeira ordem, é o meio mais acertado de promover a sua exportação. E porque a industria vinicula constitue a principal riqueza agricola de Portugal, louvaveis são todos os esforços, no sentido de a auxiliar e desenvolver.

São realmente lisonjeiras as noticias recebidas ultimamente de Londres, ácerca da nossa exposição de vinhos.

O commissario do governo portuguez dá excellentes informações relativamente ao apreço que os nossos vinhos alli tem merecido; e a prova está nos pedidos que pouco depois da abertura da exposição, foram feitos, por intermedio do mesmo commissario.

Concluiremos.

A MISERICORDIA DE COIMBRA

I

> A caridade assim exercida, acudindo á humanidade em todas as miserias e tribulações da vida, desde o berço até ao tumulo, é um resumo divinal de todas as virtudes christãs, um eloquente epilogo do evangelho, uma perfeita imagem da Providencia. Instituto, como este foi creado, e por largos annos cumprido com a mais religiosa observancia, nenhuma nação até hoje o tem possuido. N'este grande progresso humanitario, nesta verdadeira gloria que brilhará sempre e sem macula perante os homens e deante de Deus, quaesquer que sejam as phases da civilisação, não temos rival.
>
> (I. DE VILHENA BARBOSA —*Instituição da Confraria da Misericordia.*)

No sabbado e domingo, 29 e 30 de Junho de 1861, foram pela primeira vez abertos ao publico os collegios dos orphãos e orphãs, a cargo da Santa Casa da Misericordia desta cidade.

A mesa, de que era provedor o sr. Dr. Florencio Mago Barreto Feio, tinha tomado particular cuidado em reformar aquelle estabelecimento de caridade; e por isso julgou conveniente convidar os habitantes de Coimbra a irem ver esses melhoramentos.

Dando nós conta desse facto em o numero do *Conimbricense* de 2 de Julho do referido anno de 1861, terminavamos a noticia dizendo:

«Como tributo á verdade devemos dizer, que todos sairam da Misericordia satisfeitos por verem o aceio e arranjo que havia por toda a parte. Os estabelecimentos dos orphãos e das orphãs mereceram a especial attenção de todos, sendo geraes os louvores pela regularidade em que se achavam.»

Agora, passados 13 annos, tornaram, no domingo ultimo, a ser patentes ao publico os dois collegios dos orphãos e orphãs da Misericordia.

E se em 1861 os visitantes louvavam o aceio e arranjo em que viam aquella casa; que será hoje, depois de tão notaveis e utilissimos melhoramentos alli effectuados?!

Todas as mesas se tem mais ou menos interessado pelos dois collegios; mas a actual, de que é provedor o sr. Dr. Luiz da Costa e Almeida, tem-se mui particularmente desvelado para elevar aquella casa ao grau de perfeição, compativel com os meios de que dispõe a Misericordia.

A mesa, presidida pelo sr. Dr. Manoel Marques de Figueiredo já tinha applicado a antiga sala da aula dos conegos regrantes, para uma camarata dos orphãos; e egualmente tinha começado a apropriar uma casa para banhos dos orphãos e outra para as orphãs.

A presente mesa fez alem disso construir de novo uma magnifica camarata para as orphãs, e outra para os orphãos, com grande pé direito e vasta estensão; sendo a ventilação effectuada pelos meios recommendados pela hygiene.

A casa da aula dos orphãos, que era acanhada, foi applicada para deposito da roupa dos mesmos orphãos, fazendo-se para isso bancadas em volta da casa, com as necessarias gavetas.

Para substituir essa aula, foi construida outra maior e muito melhor em todo o sentido.

Tanto a casa da aula, como as camaratas tem a necessaria luz e ventilação, e foram construidas com todas as regras da arte.

As camas estão todas com muito aceio, e tudo manifesta a mais acurada limpeza.

Foram concluidas as casas dos banhos, e fez-se uma grande reforma na canalisação das latrinas, de modo que hoje já se não nota o mau cheiro que antigamente se sentia em alguns pontos do edificio.

A alimentação das creanças é abundante e substancial; e em geral os orphãos e orphãs mostram bom aspecto.

Todos estes melhoramentos teve occasião de presencear e verificar no domingo ultimo, o numerosissimo concurso de visitantes, de ambos os sexos e de todas as classes, que foram ver o estabelecimento da Misericordia.

Eram unanimes os louvores dados á actual mesa, e em especial ao seu muito digno provedor o sr. Dr. Luiz da Costa e Almeida. O seu zelo e desvelo pelo bem estar dos orphãos e orphãs, poderá ser egualado; excedido, com certeza não.

Aos louvores do publico juntamos aqui os nossos, que são sinceros.

II

> Entre outros beneficios que trouxe á humanidade a doutrina de Christo, brilha como um sol rutilante a caridade, essa virtude immensa e sublime, que une o homem ao homem em doce e estreito amplexo; que consiste em estender a mão áquelle que a desgraça atirou á beira da estrada, em nunca recusar ao que soffre as consolações que fallam tão suavemente em um peito dolorido pelos embates da sorte; em não recusar abrigo ao misero viandante, que a morte assaltou nos desvios do caminho.
>
> E bastava que o christianismo houvesse ensinado esta doutrina á humanidade, para que fosse uma religião do ceu.
>
> (PADRE FRANCISCO BERNARDINO DE SOUSA—*Revista Popular* do Brasil.)

Tendo prestado a devida justiça aos vivos, é dever nosso não nos esquecermos dos fallecidos.

Desde o anno de 1500 em que se fundou a Misericordia nesta cidade, lutaram sempre os administradores deste instituto de caridade com as maiores difficuldades por falta de casa.

Mais se aggravou essa falta com a fundação do collegio das orphãs em 1692, e com a do collegio dos orphãos em 1804.

Achava-se a casa da Misericordia, com a sua capella, por cima da egreja de S. Thiago; o collegio das orphãs ao cimo da rua do Coruche, e o collegio dos orphãos na rua dos Coutinhos. Assim, alem de serem todos os edificios acanhadissimos, tinham o grave inconveniente de não estarem juntos, o que difficultava a sua administração.

Por longos annos foram continuando as circumstancias tão desagradaveis em que se achava este estabelecimento, até ser concedido á Misericordia o grandioso edificio do collegio da Sapiencia, com a sua cerca, pela carta de lei de 15 de Setembro de 1841.

A primeira diligencia para se obter esta valiosa concessão, foi feita em 10 de Novembro de 1839 pelo provedor o sr. Dr. Sebastião de Almeida e Silva, em cumprimento da deliberação da junta geral de 22 de Agosto antecedente, a que presidira.

Muitos embaraços se encontraram para se obter este edificio; mas foi incançavel o digno provedor em os vencer. Tal era o zelo que empregava o sr. Dr. Sebastião de Almeida e Silva, que ainda no dia 3 de Julho de 1840, exactamente ao terminar a sua gerencia, não se esqueceu de escrever mais uma vez ao ministro do reino, que então era o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, recordando-lhe a representação da Misericordia.

O collegio e a cerca tinham sido avaliados em 12:200$000 rs., e por fim estava já a Misericordia resolvida a aceitar a proposta do governo, de se abater esse valor na somma dos padrões reaes que o estado ha muitos annos deve a este estabelecimento. Comtudo a-

efficazes diligencias de varios deputados, entre os quaes se distinguiram muito os srs. Dr. Joaquim Antonio de Aguiar, Dr. Francisco José Duarte Nazareth, Augusto Xavier da Silva e Francisco Correa de Mendonça, que todos responderam com expressões de muita dedicação ás cartas que lhes havia dirigido o provedor; foi concedido o collegio e a cerca sem essas condições, pela já referida carta de lei de 15 de Setembro de 1841.

Fizeram-se logo no edificio as obras indispensaveis, e por fim se procedeu á trasladação dos orphãos e orphãs para a sua nova casa, o que foi effectuado por meio de uma pomposissima procissão no dia 19 de Junho do 1842, sendo provedor o sr. Dr. Antonio Honorato de Caria e Moura.

Deve, pois, a irmandade da Santa Casa da Misericordia ser grata para com todas as pessoas que concorreram para se obter este magnifico edificio. Se muitos louvores merecem as differentes mesas, e especialmente a actual, presidida pelo seu illustre provedor o sr. Dr. Luiz da Costa e Almeida, em vista dos importantes melhoramentos e reformas que no antigo collegio da Sapiencia têem effectuado; não são dignos de menos elogios aquelles benemeritos cidadãos, que o alcançaram para a Santa Casa da Misericordia.

Justiça a todos.

Joaquim Martins de Carvalho.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 31 de Maio de 1874.

Nunca é tarde para commemorar o passamento de um cidadão prestante. Morreu Joaquim Antonio d'Aguiar. Jámais saimento mais explendidamente funebre tem observado a capital do paiz. O que ha de mais notavel no magisterio, na aristocracia, nas letras, achava-se reunido no cemiterio dos Prazeres, prestando o verdadeiro preito de homenagem á memoria do cavalheiro que, tendo lidado toda a vida em prol do systema constitucional, morreu pobre. É o seu melhor epitaphio d'elle! Como os Passos, caracter recto e independente, lidou, sem competencia, e baixou ao pó do nada, sem um titulo, sem um distinctivo sequer! A realesa da democracia e do talento incarnadas naquelles grandes homens!

Não se deslembrarão os habitantes de Coimbra do seu digno patricio, prestando-lhe todas quantas honras caibam para lhe perpetuar a memoria. Ha monumentos que se tem erguido com menos razão de ser. Coimbra, pois, não deve esquecer os serviços prestados á liberdade por tão grande homem d'estado, e, de accordo todos, unidos numa só vontade, perpetuar no marmore a memoria d'aquelle que todo se votou á patria, e que nella talvez pensou até ao seu derradeiro alento.

—Outro assumpto. Eleições. Na ultima carta escripta do Porto para o *Jornal do Commercio* de Lisboa, e tratando das diversas candidaturas, o correspondente diz que se propõe deputado o sr. Pinto Bessa. Extasia-se o correspondente diante daquelle cavalheiro, e diz que nenhum outro melhor do que elle poderá representar os eleitores que lhe dispensarem os suffragios. Em vista desta recommendação, tão audaz, tão illimitada—consintam—folheei os *Diarios das Camaras*, em cujas legislaturas, o digno presidente da camara do Porto tem representado aquella cidade, e... pasmei do zelo e aptidão com que s. ex.ª tem tratado dos interesses della! Poucas palavras de merecimento intrinseco, e, a fóra aquellas sacramentaes: «*Mando para a mesa*...» Nada mais. Tem rasão, pois, o correspondente em se extasiar diante da palavra verbosa d'aquelle cavalheiro, indicando aos eleitores que votem em s. ex.ª. É um cavalheiro socegadissimo, mudo, de bom porte, de boa presença, talvez apto para presidir á camara do Porto. Para lhe ser conferido o diploma de deputado, com franqueza... não tem as habilitações precisas. Está no caso do deputado que os industriaes *queriam eleger*. Boas pessoas, mas... incompetentissimas. São verdades estas que talvez não agradem aos interessados. Porém, a verdade é uma só e deve dizer-se. É o que eu faço.

—Por estes dias deve haver uma reunião, a fim de organisar um centro eleitoral do partido regenerador, que trabalhe a favor do governo nas proximas eleições de deputados.

—O *Diario de Noticias* fallou ha dias na carestia das casas, notando que as rendas estão elevadissimas para a classe operaria. No jornal de hoje publica o sr. Rissotto Correia, constructor civil, algumas reflexões de todo o ponto justas, com relação ao assumpto.

—Suscitou-se desintelligencia entre a empreza do theatro da Trindade e a actriz Anna Pereira. O sr. Francisco Palha publicou em diversos jornaes de hontem uma carta esclarecendo a questão, e, pelo que se deprehende dos artigos citados, não tem a actriz razão alguma que justifique o seu procedimento com a empreza.

—Foram despedidos da fabrica de tabacos de Xabregas 180 operarios, que se empregavam em manipular charutos de 10 reis, sendo estes braços substituidos por mulheres. Aqui tem o meu amigo um facto economico que colloca na inercia aquelles braços.

—Esteve incommodado da garganta o sr. ministro do reino. Vae porém melhor s. ex.ª e hontem foi para a quinta da Arriaga, em companhia do sr. visconde do mesmo titulo.

—Tem hoje logar a sessão solemne da real associação de architectos civis e archeologos portuguezes. Foram inaugurados os retratos de João Pires da Fonte, architecto portuguez, e socio fundador, e o de Mr. de Beltrad, socio honorario. Foram lidos os elogios historicos destes dois artistas, o do architecto portuguez pelo sr. Antonio José Gaspar, e o do architecto, membro do instituto, pelo sr. Possidonio. Assistiram muitas senhoras e cavalheiros.

—Foi arrematado por 52:100$000 reis em praça publica, o palacio do largo do Quintella, pertencente á massa do fallecido conde de Farrobo. Como porem pende litigio entre a sr.ª condessa e um dos principaes credores, aquella quantia foi hontem entregue no deposito publico até se ultimar a questão.

—Sairam hoje do lazareto 128 passageiros vindos pelo vapor *Patagonia*, ha pouco chegado dos portos do Brasil. Na terça feira tem livre pratica mais 88 vindos no vapor *Rio Grande*. A proposito: O imposto do lazareto rendeu de 16 a 30 do mez que hoje finda, a importante verba de 1:561$545 reis.

—Temos em plena vida a celebre feira das Amoreiras, arraial quotidiano de aldeia, em que ha zabumba, saltimbancos, barracas com quinquilherias e comida, louça das Caldas, queijadas, *et cætera*. O povo diverte-se e... goza. Bem haja o povo!

Adeus.

P. J. Conceição.

CORRESPONDENCIAS

Sr. Redactor.

Passa todos os limites da seriedade e do bom senso, a maneira como a imprensa intitulada religiosa aprecia os acontecimentos ultimamente occorridos em Coimbra, com relação aos missionarios do convento de Santa Theresa. O pouco credito que em geral merecem os communicados que alli apparecem, quer pela linguagem incivil e aleivosa de que fazem uso, quer pela requintada falsidade das suas asserções, tem-nos conservado indifferente a tão calumniosa porfia, até que cançados de ver desvirtuados com inqualificavel segurança, actos que lhes não convinha se praticassem com seriedade e prudencia, vimos hoje desviar sem receio de sermos desmentidos, asserções que podem ainda achar ecco no animo dos incautos.

Descrevendo *o meeting*, entre varios dichotes que dirigem aos oradores, que nem sei se lhes ligarão a importancia de os repellir, asseveram uns que a concorrencia não passava de 20 estudantes (a quem piedosamente alcunhavam de varios epithetos), outros levam a tal ponto a sua condescendencia, que sobem o numero a 50!!....

Pois senhores, eu declaro que contei 270 individuos, dispostos em torno a mesa da presidencia, não incluindo neste numero, já se vê, aquelles que se achavam dispersados por outros logares; e concordaram na exactidão desta cifra muitos outros individuos que casualmente tiveram a mesma curiosidade. Se levarmos em consideração, que o local do *meeting* só foi determinado poucas horas antes de elle se realisar; que não se fizeram annuncios por falta de tempo, e que a hora marcada foi as 5 da tarde, n'um dia de calor ardentissimo, parece-me poder concluir que a concorrencia foi ainda superior ao que se poderia esperar, ficando assim invalidada por um lado a calumnia relativa ao numero, por outro a nenhuma importancia e mesmo reprovação que attribuiam a este acto por parte dos academicos e da população de Coimbra.

Affirmam ainda com grande insistencia, que aquella manifestação foi urdida nas trevas por sociedades maçonicas; e não se cançam de pintar com carregadas côres influencias politicas, que só existiram nas suas imaginações. Eu, que de harmonia com alguns amigos, concorri para que se realisasse aquella ideia, declaro expressamente que não houve pensamento, nem influencia alguma politica, nem a iniciativa partiu de lojas maçonicas, como imprudentemente asseveraram aquelles srs.

A presença do sr. Dr. Almeida na commissão encarregada de redigir o protesto, foi devida á indicação casual de um academico, e não tem significação extranha aos trabalhos de que foi encarregado. Todos sabem em Coimbra esta verdade, e só d'uma requintada ma fe podia partir semelhante apreciação, que apenas se explica pela necessidade que tem de encher a bocca com o predilecto palavrão *maçonaria*, afim de metter medo as beatas e pobres de espirito, que usam tão corruptas substancias para alimento das suas crenças.

Lembraram-se tambem de dizer que os *veteranos* foram impôr aos estudantes de preparatorios *a sua soberana* vontade, para assignarem o protesto. Nem em Coimbra já hoje existe semelhante soberania, nem me consta que alli fosse algum alumno da Universidade promover assignaturas; apenas sei com certeza que naquelle logar assignaram 50 estudantes um exemplar do protesto que levava um seu collega.

Depois de terem exposto com grande apparato estas falsidades e muitas outras que nem sequer merecem attenção, annunciam a existencia de um contra-protesto assignado por 250 estudantes da Universidade!...

Estou plenamente convencido, que não ha 30 estudantes em todas as faculdades, que assignem semelhante documento, e desejava ardentemente que se publicassem os seus nomes em seguida ao contra-protesto, porque seria o unico modo de me convencer do contrario.

O documento a que me refiro anda cuidadosamente mettido no bolso das beatas, que sonegadamente pedem alguma assignatura a collegas, e conta no numero dos seus assignantes os discipulos do sr. Pessoa, professor de instrucção primaria, facto este que já tem produzido fructos pouco saborosos para os rapazes, e de que se queixou deante de mim o tio de uma d'aquellas creanças.

Abstemo-nos por em quanto de referir mais alguns factos relativos ao contra-protesto; e a tudo o que possam allegar os nossos adversarios, apenas respondemos que publiquem os nomes dos seus signatarios, porque é a maneira mais propria de nos darem um solemne desmentido.

Convidamos por ultimo qualquer individuo a contestar com provas a veracidade do que acabamos de dizer, e aconselhamos aos senhores correspondentes que firmem com a sua assignatura o que disserem, se querem que se lhes ligue importancia ás suas asserções.

Coimbra, 1 de Junho de 1874.

Henrique dos Santos Pinto, estudante de medicina.

Sr. redactor.

O meu filho, que tem o nome egual ao meu, e apenas na edade de 12 annos, assignou, seduzido pelo seu mestre de primeiras letras no bairro alto desta cidade, um contra-protesto, favoravel aos missionarios de Santa Theresa.

Venho reclamar contra este facto, não só pelo que tem de abusivo; mas para que se não supponha que fui eu que assignei.

Tenho a medalha das campanhas da liberdade, e ainda estou prompto a novamente combater o absolutismo.

Coimbra, 31 de Maio de 1874.

O seu velho amigo

Albano da Fonseca Maia.

NOTICIARIO

Que abjecção humana!!!—Vamos transcrever da *Gazeta de Lisboa*, jornal official do governo portuguez, um documento indignissimo, monumento eterno de vergonha, publicado em o numero de 12 de Junho de 1823.

Já em o nosso livro—*Apontamentos para a historia contemporanea*, alludimos a esse infamissimo documento, mas só agora o publicamos.

E era da nobilissima classe dos officiaes do exercito, que naquella epocha partia um acto de tão torpe abjecção! A tanto pode levar a mais vil subserviencia!

Ahi vae para eterna memoria:

Relação dos officiaes **que tiveram a honra** *de puchar pelo carrinho em que vinha el-rei nosso senhor, desde o sitio dos Anjos até á Sé, e d'alli até ao paço da Bemposta, no memoravel dia 5 de Junho, da gloriosa entrada de sua magestade nesta capital no regresso de Villa Franca.*

Officiaes do regimento de infanteria n.º 19

Os capitães—Mathias Gualberto Ferreira—José Nunes do Amaral—Luiz José de Sousa Prego—João Moniz Corte Real—Luiz Alexandrino Pereira Ramos—Antonio Francisco de Carvalho—Joaquim José de Almeida.

Os ajudantes—Casimiro Antonio Henriques—Polycarpo José Pinto.

O ajudante de cirurgia—Francisco José do Patrocinio.

O tenente—Manoel Antonio Raposo.

Os alferes—José Thomaz—Antonio Pedro Baptista.

O major graduado—D. José, do regimento de infanteria n.º 20.

O cadete—José Joaquim Lopes, do regimento de cavallaria n.º 4.

Officiaes de milicias do regimento do termo oriental

O coronel—Conde da Cunha.

O tenente coronel—Antonio Falcão Quintal Encerrabodes.

Os majores graduados—João Pereira Garcez de Moncada—João Luiz da Fonseca.

Os capitães—Jacintho Luiz de Moncada—Manoel Joaquim Guedes—José Guedes Vilhegas—José Maria de Abreu—Joaquim Diogo Palmeiro.

Os tenentes—Sebastião José da Silva—Antonio Joaquim da Silva—Wenceslau da Cunha Botelho Galheno—Diogo José Rodrigues—Joaquim Antonio Falcão Encerrabodes—José Fernandes.

Os alferes—Francisco José de Castro—Januario Antonio de Sousa—Raymundo Joaquim de Campos—José Maria Christiano de Macedo—Luiz Ferreira de Carvalho e Almeida—Diogo José de Araujo e Abreu—Francisco dos Santos—José Valeriano Colvier—José Braz Ferreira Castello.

O capitão de mar e guerra—Antonio Bernardo de Almeida.

O coronel de Pernambuco—João Casimiro Pereira da Rocha.

O capitão de Angola—Antonio Joaquim Ferreira Tenudo.

O 2.º tenente de artilheria da ilha da Madeira—Norberto Maria Ferreira May.

O tenente de Pernambuco—José Ignacio de Oliveira.

Esta relação foi feita no paço da Bemposta, assim que alli chegou sua magestade, por ordem communicada pelo exm.º marquez de Loulé, a quem foi entregue, tendo antes sido conferida na presença de quasi todos os referidos officiaes, e na conformidade da mesma ordem foi assignada por mim—*Antonio Bernardo de Almeida.*»

Martyres da liberdade.— São muito conhecidas as execuções feitas no dia 7 de Maio de 1829 na praça Nova do Porto, por dellas se ter occupado com frequencia a imprensa periodica. Ha, porem, muitos outros infelizes liberaes, que tiveram a mesma sorte, e do que bem pouco se sabe.

Vamos hoje dar noticia de 20 reus, sentenceados em Lisboa pela famosa *commissão mixta*, de nunca assás amaldiçoada memoria. Nessa lista se verão o nome de 7 desgraçados, mortos de garrote, e depois queimados, no caes do Sodré!

E era talvez para poder repetir estas façanhas, que o partido miguelista queria voltar ao poder!

Pois não! Esperem por isso!

No supplemento ao *Correio do Porto*, do dia 19 de Março de 1831, se lê a carta de Lisboa, que abaixo transcrevemos.

O correspondente, depois de dar conta das lugubres execuções, conclue dizendo, com a impassibilidade de um bom defensor do *altar* e do *throno*— **A commissão continua em suas tarefas, e toda a capital goza o mais perfeito socego.**

De certo! A commissão continuava com as suas *tarefas* de condemnar á morte os desgraçados liberaes, que lhe caiam nas garras; e o *carrasco*, seu braço direito, incumbia-se de fazer com que a capital gozasse o *mais perfeito socego!*

Foi pena que tão feliz situação não durasse mais tempo!

Ahi vae o que se lê no referido supplemento ao *Correio do Porto*:

REUS JUSTIÇADOS

Lisboa 16 de Março.

A commissão creada pelo real decreto de 9 de Fevereiro proximo passado, e reunida na sala de sessões do real conselho de marinha, pronunciou sentença sobre os presos até o dia 8 do referido mez, e que constam da relação abaixo; uns por alliciadores de soldados á revolta, outros por agentes dos principaes conspiradores que poderam evadir-se, outros por instrumento de que os mesmos se serviram para annunciar o rompimento da revolução; seus nomes são os seguintes:

• 1 Antonio Germano de Brito Correa, caixeiro de fanqueiro, edade 20 annos, natural d'Alcochete.

• 2 Joaquim José Pedreira, negociante, edade 44 annos, natural de Lisboa.

• 3 Manoel Luiz da Silva, official da arrecadação do Terreiro Publico, e capitão reformado do extincto batalhão d'atiradores, edade 84 annos, natural de Lisboa.

• 4 José de Magalhães, criado de servir, edade 41 annos, natural de Villa Real.

• 5 Vicente Dias de Campos, sargento do regimento de infanteria n.º 16, edade 22 annos, natural de Podrogão.

• 6 Florencio Pereira da Costa, fabricante, soldado da 1.ª companhia de granadeiros do regimento de infanteria n.º 7, edade 27 annos, natural do Porto.

• 7 Joaquim Lopes Martins, cabo d'esquadra do regimento de infanteria n.º 13, edade 33 annos, natural de Grijó.

8 Antonio Dias da Costa Valente, sem occupação, edade 49 annos, natural do Pará.

9 Jeronymo Pinto Pereira, tenente cazerneiro da torre de S. Julião da Barra, edade 44 annos, natural do Peso da Regoa.

10 Antonio Manoel Gonçalves, que foi guarda de numero d'alfandega, edade 41 annos, natural de Belem.

11 Maria do Carmo, viuva, edade 49 annos, natural d'Ajuda.

12 João Francisco Xavier, calafate, edade 20 annos, natural de Caparica.

13 Carlos Antonio Alves, soldado da 3.ª companhia do regimento de infanteria n.º 13, edade 26 annos, natural do Peso da Regoa.

14 Duarte José Ventura, administrador da mesa da fructa, edade 26 annos, natural de Lisboa.

15 José Duarte Correa, feitor das avenças do contracto da fructa, edade 45 annos, natural de Lisboa.

16 Raphael Possolo Nunes, feitor das sizas da Praça da Figueira, edade 28 annos, natural de Portalegre.

17 Vicente Ferreira Rodrigues de Sousa, cirurgião, edade 68 annos, natural de Lisboa.

18 Claudio Souvinet, negociante, e proprietario de uma fabrica de cerveja, edade 69 annos, natural de Bayona de França.

19 Maximo Joaquim Lopes, soldado da 5.ª companhia do regimento de infanteria n.º 16, edade 23 annos, natural de Lisboa.

20 João dos Santos Oliveira, soldado do mesmo regimento acima, edade 34 annos, natural de Lisboa.

N.B. Dos 20 reus acima nomeados, os que tem o signal • foram condemnados a morrer de garrote na praça do Caes do Sodré, e queimados seus corpos, lançando-se as cinzas ao mar, para que dellas e delles não haja mais memoria. Foi tambem o reu Maximo Joaquim Lopes, notado acima em n.º 19, condemnado a ir assistir ás execuções. Os outros reus a diversos degredos, e alguns absolvidos por falta de prova. A referida sentença intimou-se aos reus no dia 14, e executou-se hoje 16.ª, nos que foram garrotados e queimados. A commissão continua em suas tarefas, e toda esta capital gosa o mais perfeito socego.

(Extracto particular).

No mesmo supplemento ao *Correio do Porto* lê-se mais a seguinte horrivel noticia:

«Porto 19 de Março.

«Recebemos as *Gazetas de Madrid* até 12 do corrente, e dellas consta terem sido já espingardeados **44** dos revolucionarios, cujos nomes e circumstancias irão na folha proxima.»

Fernando VII e D. Miguel eram dignos um do outro!

Os arcebispos de Evora—O nosso amigo o sr. Antonio Francisco Barata acaba de publicar os—*Esboços chronologico-biographicos dos arcebispos da egreja de Evora*. A impressão foi feita na acreditada imprensa Litteraria desta cidade.

São já de muita valia os serviços feitos pelo sr. Barata ás letras patrias. Tanto pode a força de vontade!

Evora achou no sr. Barata quem rectificasse e continuasse as noticias dos seus arcebispos, começadas na *Evora gloriosa* do padre Fonseca; ao mesmo tempo que Coimbra, não tem tido quem prosiga as investigações ácerca dos seus bispos, feitas pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira, e conego Miguel Ribeiro e Vasconcellos.

O sr. Barata precede a sua memoria do catalogo dos bispos de Evora; e depois dá uma noticia resumida, mas muito sufficiente para ponto de partida da historia que po futuro se deseje fazer mais desenvolvida, de todos os arcebispos de Evora, a começar no cardeal D. Henrique.

Muitas fadigas foram, sem duvida, necessarias ao sr. Barata para poder publicar os seus interessantissimos *Esboços*.

Ao mesmo tempo que agradecemos os exemplares com que fomos brindados, damos sinceros parabens ao nosso illustrado amigo, pelo feliz resultado das suas diligencias e estudos.

D. Fr. Miguel de Tavora—Um dos arcebispos de Evora, foi D. Fr. Miguel de Tavora, da familia dos marquezes de Tavora.

Acrescentaremos ao que delle diz o sr. Barata, que foi D. Fr. Miguel de Tavora um dos principaes fautores do sygillismo, que tanto deu que fallar no reinado de el-rei D. João V, e em que tinha por adherentes D. Miguel da Annunciação, bispo de Coimbra; D. Ignacio de Santa Theresa, bispo do Algarve; e D. Balthasar de Faria, bispo de Elvas.

Ácerca deste assumpto publicou D. Fr. Miguel de Tavora a sua celebre pastoral, datada de Evora em 1 de Abril de 1746.

O mesmo D. Fr. Miguel de Tavora, antes de ser arcebispo de Evora, esteve no collegio da Graça de Coimbra. Foi nessa epocha, que houve as famosas contendas entre a irmandade do Senhor dos Passos, e os frades daquelle collegio.

A irmandade, contra a reclamação e protesto dos frades da Graça, queria no domingo de Lazaros do anno de 1721, fazer sair a sua procissão da egreja da Sé Velha. Os frades tinham obtido do Nuncio uma prohibição daquelle acto religioso, com pena de excommunhão.

Quando a procissão estava para sair, foi Fr. Miguel de Tavora, com outro companheiro, collocar-se a porta da Sé, lendo a excommunhão contra os que tomassem parte na procissão do Senhor dos Passos.

O povo lançou-se aos frades, aos quaes espancou, e rasgou os habitos; e ao mesmo tempo gritavam—*morra a Graça!*

Apesar da prohibição e excommunhão do Nuncio, fez-se a procissão; dirigindo-se da Sé para Santa Justa, indo muito povo armado, para resistir aos frades da Graça, se fosse preciso.

As recolhidas da villa de Coruche—O sr. Barata publica o seguinte curioso documento do arcebispo de Evora, D. Fr. Miguel de Tavora, o qual modificamos na ortographia para mais facil leitura:

«D. Fr. Miguel de Tavora, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, arcebispo metropolitano da cidade de Evora, e todo o seu arcebispado, e do conselho de el-rei meu senhor, etc.

Por quanto se nos fez queixa, que no recolhimento de Santa Rosa de Viterbo, da villa de Coruche, vivem algumas recolhidas com grande desenvoltura, sem a obediencia que devem ter á sua regente, e ameaçando umas ás outras, com pancadas e facadas, esquecendo-se da obrigação que tinham de tratar só no recolhimento de amar, e temer a Deus Nosso Senhor; pela presente mandamos ao nosso reverendo vigario da vara da villa de Benavente, digo da villa de Coruche, José Cotta Bandeira, que vá ao dito recolhimento, e que nelle pergunte especialmente pelas desenvolturas de uma recolhida, que veiu de Benavente, e da recolhida que lhe serve de mestre das noviças, falta de obediencia á reverenda regente, e dos ameaços que fazem de dar pancadas e facadas ás outras recolhidas, que não convem com as suas desordens; e que pergunte devassamente pelas mais faltas graves das outras recolhidas, dando a todas o juramento aos santos evangelhos, para deporem a verdade sobre as desenvolturas graves, faltas de obediencia e ameaças das outras recolhidas, para o que escolherá para escrivão um clerigo, que melhor lhe parecer, ao qual dará o juramento de bem e fielmente cumprir com o seu officio; e assim que for acabada esta inquirição nol-a remetterá com os depoimentos das testemunhas, para se proceder na materia como fôr de justiça.

Dada em Evora sob nosso signal e sello de nossas armas aos 12 de Setembro de 1746. E eu Manoel José de Carvalho a escrevi por ordem de s. ex.ª reverendissima.—*Fr. M. Arceb. de Evora.*»

Noites de Insomnia—Recebemos o n.º 5 das *Noites de insomnia*, correspondente ao mez de Maio.

Entre os varios artigos que traz, chamou particularmente a nossa attenção, aquelle que tem por titulo—*Doudo illustre*.

Occupa-se ahi o sr. Camillo Castello Branco do antigo lente da Universidade, e arcebispo de Mitylene, o sr. Dr. Domingos José de Sousa de Magalhães, que infelizmente enlouqueceu em 1858, na edade de 49 annos, fallecendo em 1872 na sua casa de Villa Pouca de Aguiar.

O sr. Camillo Castello Branco possue muitos papeis do sr. Sousa Magalhães, escriptos por elle quando já estava alienado.

Publica neste numero das *Noites de insomnia* um desses manuscriptos, com o titulo de—*Catastrophe*. Lemol-o todo, e á proporção que proseguiamos a sua leitura, cada vez mais nos intristeciamos. Não se pode ver com olhos enxutos, tanta sciencia manifestada naquelle escripto, misturada com tantos desvarios e transtornos da rasão!

Interessou-nos tambem o artigo—*Petronilla, Gamarra, Zamperini*, tres famosas actrizes que estiveram na cidade de Lisboa, em epochas differentes, no seculo passado.

Desejariamos, porém, que o sr. Camillo Castello Branco désse mais desenvolvimento ás noticias da celebre *Zamperini*. Já em tempo publicou o *Jornal do Commercio* de Lisboa uma noticia muito mais ampla, e muito curiosa da *Zamperini*, a qual teve de ser mandada pôr fora do reino pelo marquez de Pombal, quando não, deixava a pedir muitos filhos de familia, e até ricos capitalistas!

Diz o sr. Camillo Castello Branco que os casos relativos a esta cantora são vulgares e muito sabidos da ampla nota de Verdier ao *Hyssope*.

Estas e outras muitas noticias não são tão sabidas como parece ao distincto escriptor; e por isso bom serviço faz quem vulgarisa o que apenas é conhecido de poucas pessoas.

Visita do prelado á diocese.—S. ex.ª o sr. bispo conde regressou na sexta feira ultima a esta cidade, depois de ter visitado treze egrejas pertencentes ao arciprestado de Travanca de Lagos.

Nas principaes d'ellas administrou s. ex.ª o sacramento da confirmação a immensa quantidade de fieis.

Estenderia ainda mais o illustre prelado a sua excursão deste anno, se não tivesse de vir conferir ordens aos aspirantes á vida ecclesiastica, que para ellas se tinham habilitado, querendo poupar-lhes o incommodo e despeza a que ficavam sujeitos se tivessem de ir recebel-as onde s. ex.ª se achasse na occasião das temporas.

Consta-nos que por toda a parte foi o sr. bispo recebido com as mais inequivocas demonstrações de consideração e respeitosa estima.

As auctoridades, o clero, os cavalheiros e o povo das differentes localidades que s. ex.ª visitou, rivalisaram entre si sobre quem havia de prestar-lhe maiores honras.

Concertaram-se de antemão as estradas que o illustre prelado devia percorrer. Logo á entrada das povoações se erguiam vistosos arcos, formados de louro, murta e flores, dos quaes pendiam disticos allusivos ao *grande sacerdote*, que vinha abençoal-os em nome do Senhor. Elevavam-se por todas as ruas do seu transito mastros embandeirados. As janellas das casas estavam guarnecidas de sedas e damascos. Os templos achavam-se magestosamente decorados. A affluencia de povo era immensa. Emfim tudo respirava santo enthusiasmo, verdadeira e cordeal alegria.

Informam-nos de que s. ex.ª se mostrou satisfeito com o aceio e boa ordem em que encontrou as egrejas e todos os objectos pertencentes ao culto; e que por esse motivo dirigira aos respectivos parochos muitos elogios.

Diploma—A Associação dos Artistas de Coimbra conferiu ao sr. Dr. Luiz da Costa e Almeida o diploma de socio honorario—*em homenagem ás suas elevadas qualidades, e como testemunho de veneração pela sua acrisolada caridade, especialmente exercida com os orphãos recolhidos nos collegios da Santa Casa da Misericordia desta cidade, de que é mui digno provedor.*

Perigo imminente.— As casas da rua da Calçada, á entrada da rua dos Cegos, que foram em tempo construidas de uma maneira irregularissima, estão sensivelmente desviadas do seu prumo, e ameaçam desabar. Chamamos a attenção da illustrada camara municipal para este objecto, a fim de que mande proceder á necessaria vistoria.

Associação dos Artistas de Coimbra. — No domingo procedeu-se á eleição dos differentes cargos desta sociedade. Ficaram eleitos os seguintes srs.:

Assembleia geral

Presidente—Olympio Nicolau Ruy Fernandes.
Vice-presidente — José Libertador Magalhães Ferraz.
Secretario—Luiz Adelino Lopes da Cruz.
Vice-Secretario—João Correia dos Santos.
Dito—Antonio Maria Martins.

Direcção

José Simões Vaz.
José Antonio Vieira da Fonseca.
Francisco Germano d'Araujo.
José Maria Duarte.
Antonio Leitão.

Commissão fiscal

José d'Almeida Motta.
Frederico Ferreira.
Joaquim Henriques Junior.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Adelina, filha de Antonio Simões Peixeiro e de Marianna Amelia, natural de Coimbra, de 1 anno, fallecida no dia 23 de Maio.

Thomasia Michelina Serra, filha de José Joaquim Sant'Anna Serra e de Maria do Amparo, natural de Coimbra, de 82 annos, fallecida no dia 24.

Recemnascido, filho de Capitolina de Jesus, natural de Coimbra, fallecido no dia 24.

Damião, filho de Manoel José da Costa Soares Junior e de Anna Emilia, natural de Coimbra, de 8 annos, fallecido no dia 30.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:498.

Suffragios.— O nosso bom amigo o reverendo prior arcipreste da villa de Pereira, o sr. José Lourenço Tavares da Paixão e Sousa, celebrou no sabbado uma missa por alma

do sr. Joaquim Antonio de Aguiar. Não podemos resistir a transcrever o que nos escreve por esse motivo aquelle respeitavel ancião:

«Lá vae o nosso J. A. de Aguiar! Era da minha edade, pois que elle nasceu a 24 de Agosto de 1793, e eu nasci a 10 de Agosto de 1794.

«Fomos contemporaneos nas lides universitarias de Coimbra; e camaradas do batalhão academico-militar de 1809. Eramos quasi patricios, porque elle nasceu em Coimbra, e eu nesta villa de Pereira.

«Morreu, em fim; e eu lá irei acompanhal-o qualquer dia!...

«Confesso ao meu amigo e sr. Martins, que sinto cordealmente a morte do Aguiar. Hontem disse uma missa na minha egreja, pelo descanço da sua alma.

« *Requiescat in pace* »

Mez de Maria.—No domingo concluiu-se na real capella da Misericordia a devoção do mez de Maria.

De manhã houve missa cantada, e a festa de tarde terminou com o *Te-Deum*.

Conselheiro de estado.—Para o logar de conselheiro de estado effectivo, vago pelo fallecimento do sr. Joaquim Antonio de Aguiar, foi nomeado o sr. conselheiro Martens Ferrão.

Este cavalheiro, pelo seu muito saber e elevadas qualidades que o distinguem, é dignissimo de occupar este eminente logar.

Despacho. — A sr.ª Maria da Luz Abreu Ramos foi provida na propriedade da escola de meninas da Carapinheira, concelho de Monte Mór o Velho.

ANNUNCIOS

1 VENDEM-SE umas casas no Bairro Alto, na rua do Cosme, que fazem esquina para a rua das Cozinhas, com os n.os 15, 17 e 19. Quem as pretender, falle com Joaquim Augusto, ao arco de Almedina, n.º 25.

PRAIA DA FIGUEIRA

2 ALUGA-SE para Outubro e Novembro, a casa de A. Forjaz, no bairro novo.

3 CHAPEUS DE CHILI.— Preços sem competencia.—Rua da Calçada, n.º 60.

PAPEIS PINTADOS

VARIADISSIMOS GOSTOS

100—Praça de S. Bartholomeu—102

Aos proprietarios e mestres d'obras

5 VIDRAÇA da Nacional Fabrica da Marinha Grande, a 160 rs. o kilo.

100—Praça de S. Bartholomeu—102.

VENDA DE QUINTA

6 QUEM QUIZER comprar uma quinta, no sitio do Carvalho, limite de Enxofães, concelho do Cantanhede, a qual consta de lagar de azeite, engenhos de fazer farinha, boas terras de semeadura, boas vinhas, optimos pinhaes, olivaes e mattos, pertencente aos herdeiros de D. Maria Benedicta, de Barcouço, e a Joaquim Maximo de Abreu, tambem de Barcouço; pode dirigir-se a este ultimo, ou por carta, ou pessoalmente, porque elle se acha auctorisado a receber os lanços, e vender a dita propriedade.

EDITAL

Dr. Fernando Augusto d'Andrade Pimentel e Mello, lente cathedratico da Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra, presidente da Camara Municipal da mesma cidade.

Faço saber, que no dia 4 do corrente, ha-de ter logar a procissão de *Corpus Christi*, a qual sahirá pelas 5 horas da tarde da egreja da Sé Cathedral para seguir o transito do costume; pelo que convido todas as pessoas que queiram assistir a este acto religioso e solemne a comparecerem no mencionado templo antes da hora indicada, incorporando-se depois na referida procissão, segundo as precedencias do estylo.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 1 de Junho de 1874.

Fernando Augusto d'Andrade Pimentel e Mello.

Hospitaes da Universidade

8 NO DIA 7 do proximo mez de Junho, pelas 10 horas da manhã, no claustro do Collegio das Artes, abre-se praça para a arremação dos seguintes artigos, segundo os apontamentos que alli se acham presentes d'hoje em diante.

1.º Vinte columnas de pedra, quadradas, com cinco metros d'altura e 0m,30 de face.

2.º Dezoito columnas ou machos de pedra, com 5m,90 d'altura, 0m,40 de cabeça, outro tanto d'aduella, e 0m,30 de tardoz.

3.º Cento sessenta metros de lijonja azul.

4.º Cento e vinte vigas de carvalho, ou de bom pinho, com muito serne, de 4 metros de comprimento e 0m,10 d'espessura, 0m,20 de cutello.

Administração dos hospitaes da Universidade, 26 de Maio de 1874.

O administrador, *Costa Simões.*

VENDA DE TERRAS NO CAMPO

9 NO DOMINGO, 7 do corrente, vendem-se em praça particular, 151 aguilhadas de terra, sendo: 59 no campo da Carapinheira: 17 no campo d'Ancos e 55 no paul de Formozelha. Quem as pretender comprar dirija-se no indicado dia, até ás 2 horas da tarde na praça de S Bartholomeu, n.º 22 a 26, aonde o sr. Miguel Braga, desde já póde dar as informações necessarias.

16 HA N'ESTA CIDADE um estabelecimento de mercearia, ferragens, e quinquilherias, em que por seu dono não poder estar á testa d'elle, precisa de um caixeiro ou pessoa idonea, e completamente habilitada, a quem se entregará o mesmo por balanço ou sociedade. N'esta redacção se diz.

Associação dos Artistas de Coimbra

11 EM continuação dos trabalhos da assembleia geral, são convocados os gremios de barbeiros, correeiros, latoeiros, musica, padeiros, sapateiros, typographos, para se reunirem na proxima quinta feira, 4 do corrente, pelas 8 horas da noite, a fim de elegerem o seu presidente; — e os gremios de calligraphos, marceneiros, oleiros, pharmaceuticos, pedreiros, e mixto, para se reunirem no proximo domingo, ás 11 horas da manhã, para o mesmo fim; —sem o que se não pode constituir o novo conselho.

As faltas serão notadas como se fossem á sessão, cabendo-lhes a respectiva multa.

Coimbra, 2 de Junho de 1874.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Arrematação

12 NO DIA 23 de Junho, pelas 9 horas da manhã, á porta da sala do tribunal judicial desta comarca, perante o exm.º sr. juiz de direito, e por deliberação do conselho de familia, para pagamento de dividas passivas, no inventario de Antonio das Neves, casado, que era, e morador que foi no logar de Logo de Deus, freguezia de S. Paulo de Frades, se hãode vender e arrematar a quem maior preço offerecer os bens seguintes: —Um curral, com um bocado de quintal até á regueira, que parte com José Antonio, com bens do casal, e rua publica, avaliado em 24$000 rs.— Uma terra com suas oliveiras, nas Coitadas, que parte com Francisco Bernardes, Manoel Jacob, e José das Neves, avaliada em 160$000.—Uma leira de vinha na Cardeira, que parte com Rosa Fidalga, Joaquim das Neves, herdeiros de José Murta, e caminho publico, avaliada em 7$200 rs.—Uma leira de terra no Covão, que parte com estrada, e com José das Neves, avaliada em 48$000 rs.— Uma casa de habitação com seu quintal, que parte com Joaquim das Neves, Joaquim Fernandes Carneiro, Manoel das Neves, e Luiz Rodrigues Silvestre, avaliada em 80$000 rs.— O que tudo isto se manda annunciar para conhecimento das pessoas que nos ditos bens quizerem lançar; e do referido inventario é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

Coimbra, 1 de Junho de 1874.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Galera—VASCO DA GAMA—em 4 de Junho.

Para o **Maranhão:**

Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

FIGUEIRA DA FOZ

14 MANOEL NICOLAU D'OLIVEIRA FERNANDES THOMAZ, da villa da Figueira da Foz, annuncia a venda dos seguintes predios, para que qualquer pessoa que os pretenda, se possa dirigir ao annunciante.

Um corredor de marinhas, que se compõe de 45 talhos dobrados, com 2 armazens e mais pertenças, sitas no logar do Oirinho na Morraceira.

Seis geiras de terra lavradia, sitas no campo de Lares e no sitio aonde chamam a—Volta.

O annunciante promptifica-se a esclarecer qualquer duvida que se offereça na realisação destas vendas, para o que se acha habilitado.

15 NO DIA 6 do corrente, pelas 12 horas da manhã, nos paços deste concelho, voltam de novo á praça para se arrematarem pelo menor lanço, as obras precisas para a conclusão das latrinas no cerco dos Jesuitas, com entrada pela travessa do Museu.

Os detalhes e condições da obra acham-se patentes nesta secretaria.

No mesmo dia e hora, ha de proceder-se á arrematação da cevada e centeio actualmente existente no cerco de Thomar, no todo ou por lotes, segundo convier.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 1 de Junho de 1874.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

VENDA DE PIPAS

16 VENDE-SE uma porção de pipas, avinhadas, e quasi novas. Quem as pretender póde dirigir-se a José Velasco, na rua da Sophia, n.º 27.

Attenção

17 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

DENTISTA

CEREGUETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista Suisso

18 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, além de fazer dentaduras completas, pôr dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados, com pasta não conhecida até hoje; tem bom elixir para dôr de dentes; cura o escorbuto, e todas as molestias de bôcca; tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço, como se nunca tivera tido callos.

Praça **8 de Maio**, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

19 SÃO CONVIDADOS os srs. accionistas deste Banco, a realisarem a sua 1.ª prestação de 5 por cento, ou 2$500 reis por acção, levando-se-lhes em conta os recibos de 1$000 rs. com que subscreveram. O pagamento terá logar desde o dia 28 do corrente até ao dia 6 do proximo Junho, em casa dos srs. abaixo designados; nos mesmos locaes se distribuem os estatutos. PORTO, commendador José Julio da Costa; BRAGA, João Manoel da Silva Guimarães; COIMBRA, commendador Manoel dos Santos Junior, e José Barbosa Lima; LISBOA, Moreira e Cardoso.

NUMERO 2803 SABBADO 6 DE JUNHO DE 1874 ANNO XXVII



O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A exposição internacional de vinhos foi promovida pelo governo inglez, que commetteu os trabalhos desta empreza a uma commissão composta de 15 cavalheiros de reconhecida competencia neste assumpto.

Estabelecido no *Royal Albert Hall* devia abrir-se este certame industrial no dia 7 de Abril proximo passado. Em deferencia, porem, ao nosso paiz, que não poude fazer as remessas de vinhos até ao dia marcado, foi elle adiado para quando chegassem os nossos productos; facto summamente lisonjeiro para Portugal, e que devemos á extrema benevolencia da direcção.

Ha para Portugal, alem das vantagens geraes destes modernos inventos de que o progresso e a civilisação tem tirado incontestaveis resultados, a de restituir, como já tivemos occasião de dizer, o credito aos vinhos portuguezes, que os falsificadores e especuladores estrangeiros lhes roubaram, que tem sido objecto de graves prejuizos para esta nação.

E não obstante a incontestavel utilidade que tiramos deste concurso industrial, pela circumstancia que acabamos de referir, deixariamos de concorrer com os nossos productos ao congresso internacional, ou seriamos mal succedidos nesta empreza, se o governo não empregasse os meios de a realisar por forma que se tornasse verdadeiramente proveitosa aos interesses da nação.

Nem deve a auctoridade publica deixar de proteger estas emprezas em um paiz onde infelizmente pouco podemos esperar da iniciativa particular, nem mesmo nas coisas de mais palpitante interesse das classes.

O governo e os seus delegados comprehenderam todo o alcance de tão util emprehendimento para, incitados pelo amor da patria e pelos legitimos interesses, prestarem, neste objecto, os mais assignalados serviços.

Ao sr. visconde Duprat, nosso consul em Inglaterra, cabem merecidos louvores por ter em differentes occasiões mostrado a conveniencia e até a necessidade de tornar conhecidos, no grande mercado de Londres, os nossos vinhos genuinos, á fim de evitar a fraude deste genero, que é o principal do nosso mercado e que de futuro deve ser uma grande fonte de riqueza publica.

Aos empregados do ministerio das obras publicas commercio e industria, e em especial ao seu incansavel e illustrado chefe, o sr. Rodrigo de Moraes Soares, a cuja actividade, inexcedivel zelo e extraordinaria dedicação por tudo quanto póde engrandecer a nossa agricultura, o paiz deve quasi todos os aperfeiçoamentos em tão importante ramo de industria, cabe o reconhecimento publico pela solicitude com que se desempenharam nesta trabalhosa missão.

Este benemerito cavalheiro, incançavel sempre em remover difficuldades, em destruir preconceitos e em cortar abusos, que são o que na maior parte dos casos se oppõe ante a realisação de todas as emprezas uteis, sabemos que prestou os mais importantes serviços neste objecto, e a elle se deve uma grande parte dos excellentes resultados que vão apparecendo da exposição portugueza.

A commissão de provas, a quem foi commettido um dos mais arduos trabalhos, foi composta dos srs. Paulo de Moraes, Pedro Marques, Eduardo Pinto de Vasconcellos e João Antonio Pereira, distinctos agricultores e negociantes de vinhos, que da melhor vontade se prestaram a tão incommodo serviço, desempenhando cabalmente, e com inexcedivel zelo a commissão de que foram encarregados.

O governo a par de outras medidas muito acertadas, mandou escrever uma memoria vinicula nas linguas portugueza, ingleza e franceza, onde se mencionam circumstancias de todo o ponto interessantes, com o fim de ser profusamente distribuida na exposição.

A este conjuncto de esforços devemos o feliz exito que tem alcançado a nossa exposição em Londres; e com justificado motivo temos a esperar, que, de futuro, as suas vantagens hão de multiplicar-se, correspondendo aos desejos do paiz, ás necessidades do commercio, da agricultura, e em especial da industria vinicula.

Concluiu-se sem inconveniente de gravidade a medição dos terrenos baldios no concelho da Louzã, que a camara tinha aforado.

Folgamos com esse feliz resultado, e que os povos se convençam de que só pelos meios legaes, e não pelos violentos, é que podem e devem fazer as reclamações a que por ventura tenham direito.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXV

D. CARLOS

CXV

Voltemos agora a fallar da guerra do norte e áonde se vão passar no anno de 1839 de que nos occupamos, acontecimentos extraordinarios, que darão em resultado o triumpho para a causa da rainha.

Comprehendendo Espartero os progressos que fazia a discordia entre os carlistas, e com animo de aggravar a sua situação, insistiu em obrigar aos paes e irmãos dos que havia armados e residiam no paiz occupado pelo exercito liberal, se trasladassem para aquelle que occupavam os carlistas, confiscando-se os seus bens. Tão terrivel providencia, que noutras circumstancias teria exasperado aos carlistas e recrudescido a guerra, agora deu o resultado que Espartero se propoz.

A par destas medidas não esquecia outras mais humanitarias e generosas, e dispoz com grande habilidade politica, que alguns chefes e officiaes de entre os prisioneiros, passassem ás fileiras dos seus companheiros, a esperar a troca em que haviam de ser incluidos, quando tivesse logar, levando no entanto aquelles, o encuberto fim de alentar a opinião favoravel á paz.

A posição do general carlista Maroto não podia deixar de fazer-se cada vez mais critica, sendo tantos e tão poderosos os elementos que se conjuravam contra elle. Como havia de pensar em operações militares? E ainda pensando, como executal-as? Era-lhe necessario um triumpho militar; porém desconfiando até da sorte, julgou que dominando as terriveis circumstancias que o rodeavam, poderia logo desembaraçadamente arriscar uma batalha com bons auxiliares. Entretanto, a incerteza perdia todos os seus actos.

Alguns dos conselheiros de D. Carlos mostravam-se solicitos em fazel-o desconfiar do seu chefe de estado maior, e o impelliam a que enviasse ao quartel general o auditor Arizaga, com o seu anterior destino, e procurasse moderar o rigorismo a que Maroto se mostrava propenso. Obedeceu Arizaga, de má vontade; procederam accordes, e querendo rodear-se Maroto dos chefes que soubessem secundar os seus planos militares, pediu se lhe unisse o conde de Negri, e auctorisação para empregar aos generaes Villarreal e la Torre; mas conseguiu só que se nomeasse a este ultimo, segundo chefe de estado maior.

Não podia deixar de desgostar isto ao chefe carlista e a todos os que não se propunham outro objecto que o vencimento da causa; e mandou repetidas vezes ao auditor para que fosse manifestar a D. Carlos a errada marcha que seguiam os seus ministros; que protegiam a insubordinação dos chefes hostis á sua auctoridade; que propalavam vozes alarmantes e sediciosas contra as suas operações; e lhe expozesse alem disto a necessidade de augmentar a todo o custo as forças do seu exercito, diminuido pelas desastrosas expedições, e a conformidade de Espartero de dar na Navarra um numero egual de prisioneiros ao que entregasse Cabrera dos que tinha no deposito de Horcajo, que excediam de 3:000, com os quaes, e mais de 1:000 que existiam naquellas provincias, poderiam organisar-se novos batalhões, onde tanta falta faziam.

Tambem expoz a D. Carlos a necessidade de por-se de accordo para as operações militares com Cabrera, a cujas ordens se mostrou interessava se destinassem os chefes e officiaes excedentes, que ao mesmo tempo que encheriam com utilidade as baixas daquelles exercitos, diminuiriam os depositos que estavam cheios e que gravavam os povos.

Inteirou Arizaga a D. Carlos do plano de Maroto de atacar a Lumbier para romper aquella linha, e abrir suas communicações com a Catalunha pelo alto Aragão, para cujo fim necessitava a cooperação de outros chefes, e não lhe occultou, por ultimo, o descontentamento do general ao sentir a discordia que introduziam alguns individuos, com prejuizo da sua auctoridade e prestigio, e da causa que estavam obrigados todos a defender, chegando Arizaga até a designar os nomes dos que estavam a frente daquella conjuração, o objecto de suas reuniões, e o sitio em que as verificavam.

Não podia, com effeito, ser Arizaga mais explicito, e não obstante, ainda se atreveu a traçar um quadro que completasse o verdadeiro estado da causa carlista naquelle paiz; ainda rogou, que se abreviassem os processos que tinham presos a benemeritos generaes, desterrados a outros, e humilhados a outra porção de militares.

Zelozo Arizaga no desempenho do seu encargo, aconselhou a D. Carlos a demissão dos seus ministros e o castigo dos delinquentes, ou exonerar a Maroto de um emprego que não apetecia naquelle estado. Os actos mais reservados, dizia o mesmo auditor, circulavam e se publicavam no exercito, como acabava de succeder com o occorrido na junta de ministros, presidida pelo mesmo principe, na qual o bispo de Leão se expressara nestes termos:

«Senhor, a causa de vossa magestade é a «de Deus: facciosamente ha principiado a sua «defeza, e facciosamente quer que se consiga «o triumpho. É necessario que vossa magesta«de se desengane: nenhum homem que saiba «ler, ou escrever, nem esses generaes de cam«po e compasso, querem a victoria da religião «e de vossa magestade; só desejam tirar a «Cabrera e inutilisar a D. Basilio e a Balma«ceda, porque estes obram de boa fé e são os «unicos que amam a vossa magestade, com a «efusão de uma acrisolada lealdade.»

Para completar o quadro daquella triste situação, queixou-se Arizaga da opposição que fazia a Maroto o ministro da fazenda, em prejuizo do exercito; dos contractos escandalosos que se haviam approvado, e finalmente, do mal que estava representada a causa carlista em Londres, e que do quartel general se dirigiam artigos nos periodicos estrangeiros, pelos mais encarniçados inimigos de Maroto.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Tanto o sr. governador civil, como as auctoridades da Louzã, procederam neste caso com a necessaria firmeza, a fim de fazer respeitar as suas determinações, mas tambem com toda a prudencia, de que resultou não haver desgraças a lamentar.

A força militar, e os seus dignos officiaes, houveram-se com exemplar disciplina.

Eis ahi o que a este respeito nos communicam da Louzã:

Honra ao merito

No dia 26 do mez findo chegou a esta villa uma diligencia de caçadores 6, commandada pelo exm.º sr. tenente Leitão, a fim de manter as auctoridades administrativa e municipal no livre exercicio de suas funcções, em virtude dos acontecimentos, que tiveram logar no dia 20 daquelle mez, no sitio da Cumeada, quando se pretendia proceder a medição d'um terreno baldio, por parte da camara municipal deste concelho, retirando esta força no dia 30.

Durante o tempo que permaneceu nesta villa, houve o maior socego, sendo dignos de todo o elogio, tanto o exm.º commandante, como os seus subordinados, pela rigorosa disciplina e optimo comportamento, que tiveram.

Foi rendida esta força por outra diligencia, composta de 20 cavallos de cavallaria 6, e 100 bayonetas de infanteria 10, estas sob o commando do exm.º sr. major José Vicente Consulado, e aquelles commandados pelo exm.º sr. alferes Sarmento, realisando-se a vistoria e medição do terreno no dia 1 do corrente Junho, sem que occoresse circumstancia extraordinaria e lamentavel, como quasi sempre se dá, quando homens rudes, simples e nimiamente credulos, são instigados a oppor-se aos actos legitimos da auctoridade por alguem, que leva em mira alcançar popularidade e adquirir influencia local.

Os habitantes da Louzã convenceram-se de que o nosso exercito ainda conserva as honrosas tradicções do que já foi em outras epochas, juntando á bravura a rigorosa disciplina e perfeita educação militar.

Durante muitas horas do dia, era tal o socego, que só se revelava a presença da força militar pelos toques da ordenança, não havendo uma queixa unica contra as praças de pret; porque era impossivel a podesse haver contra os srs. officiaes e officiaes inferiores, attenta a circumstancia da sua boa educação.

Tornam-se, por tanto, dignos do maior elogio os exm.os srs. major Consulado, capitão Machado e Carvalho, tenente-ajudante Jardim, tenente Mesquita, Sobral e Leitão, alferes Sarmento e Silva, de quem saudosos nos despedimos e lhes enviamos um amigavel aperto de mão. Louzã, 3 de Junho de 1874.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 4 de Junho de 1874.

Estão em desintelligencia os operarios e directores da fabrica de Xabregas. O *Jornal da Noite* de hontem, tratando do assumpto no seu principal artigo, faz sensatas considerações, como sempre e em todos os assumptos a tal respeito, aconselhando directores e operarios a que venham a um accordo.

Entre outras cousas diz:

«Ao capital incumbe não abusar da condição pouco afortunada do operario, dar-lhe remuneração sufficiente, e tratal-o com a benevolencia devida a todos, e mais devida ainda aos que são pelo trabalho instrumentos da riqueza de quem os emprega. *A dureza no trato, a mesquinhez na paga*, e as demasias nas exigencias do trabalho, não são proprias do nosso tempo, e prejudicam simultaneamente o capital e a sociedade.»

E' que o capital deve ter em vista, muito principalmente a mesquinhez na paga. Quem regateia o salario, não tem direito a ser bem servido, nem exigir boa e perfeita mão de obra.

Concordamos com o *Jornal da Noite* em que os operarios não podem, *nem devem* ser inimigos de quem lhes dá trabalho e a remuneração d'elle. Com o devido respeito, porém, não podemos concordar quando diz que, se os capitaes empregados na industria, procurassem outro emprego, os operarios não se poderiam queixar, e a sua situação d'elles viria a ser lastimosa. *Não se poderiam queixar, é certo*, porém seria muito para calamidades e desordens observar milhares e milhares de operarios, sem trabalho, estendendo a mão á caridade publica, quando unicamente se limitassem a este expediente. Se os capitaes pozessem por obra o alvitre do *Jornal da Noite*, o que seria das diversas industrias?

Por mais de uma vez temos dito que não aconselhamos a resistencia aos patrões nem aos directores, da mesma fórma que condemnamos as *grèves*, por cujas opiniões uma certa imprensa nos tentou molestar. Queremos que cada um se conserve no limite dos seus direitos e dos seus deveres, representando energicamente, mas legalmente, fundados em boas razões. Quando assim se pratica, ha sempre uma solução favoravel para os que peticionam.

—Temos em Lisboa o sr. Emilio Castellar. O distincto tribuno demora-se apenas tres dias. No sabbado vae a Cintra ao jantar que lhe offerece seu primo, o sr. Castellar, estabelecido na rua do Ouro, e, voltando a Lisboa, irá a essa cidade, ao Bussaco, e d'alli partindo para o Porto, seguirá pelo Minho para a Galliza. Hontem esteve s. ex.ª no theatro da Trindade, e hoje vae ao theatro de D. Maria, onde ha beneficio em favor do cofre das aposentações e reformas do mesmo theatro.

—Diz-se que está para casar em Roma o sr. Miguel de Sá Nogueira, que matou em duello o sr. José Julio de Oliveira Pinto. O sr. Sá Nogueira é addido militar á legação de sua magestade naquella côrte.

—Chegou hontem ao meio dia da sua digressão ao Alemtejo o sr. ministro da guerra. Era acompanhado pelo sr. ministro das obras publicas, e por muitos outros cavalheiros.

— A casa commercial de Viuva Macieira e F.os, pagou hontem de direitos por 126:484 litros de petroleo para consumo, a importante verba de 5:275$640 reis.

—Correu aqui o boato de que Sua Santidade havia fallecido. Não era exacto. Entretanto a saude do papa está em grave risco, porque as syncopes succedem-se com frequencia, e a debilidade augmenta de momento para momento, o que na sua avançada edade é bastante perigoso. Dado o fallecimento do papa, haverá novo successor á cadeira de S. Pedro, com poderes temporaes como o actual? Não nos parece crivel, e é de crêr que haja complicações a tal respeito, que mais seriam para temer, se existisse a França monarchica de ha quatro annos.

—Diz um jornal de Braga, que partira de Hespanha para o Porto, o sr. Senna Freitas, que se acha ao serviço de D. Carlos. Virá recrutar adeptos para a causa do pretendente?

—Temos hoje a procissão de *Corpus*. Por esse motivo, e para que os corpos se apresentem em toda a sua força, é a guarnição da cidade fornecida pelo batalhão de engenheiros. Foi uma barbaridade tal ordem, porque muitas destas praças que vieram para tal serviço da serra de Monsanto, não tem largado ha mezes a pá e a picareta na construcção das fortificações. Para que serve a reserva?

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

O sr. visconde de Sá da Bandeira e a procissão do Corpo de Deus.—Recebemos antes de hontem o 38.º fasciculo do *Portugal antigo e moderno*, escripto pelo sr. Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal.

No artigo—*Faro*—fallando do general Cabreira, barão de Nossa Senhora da Victoria da Batalha, diz o sr. Pinho Leal o seguinte:

«Na guerra chamada dos *marechaes* (1837) sendo commandante de caçadores n.º 2, salvou a vida ao marquez de Sá da Bandeira, que estava a ponto de ser apunhalado, na procissão de Corpo de Deus, em Lisboa; e apaziguando o tumulto que pretendia assassinar Antonio Bernardo da Costa Cabral (conde de Thomar) e José da Silva Carvalho.»

O acontecimento a que se refere o sr Pinho Leal não foi no anno de 1837, mas sim no dia 14 de Junho de 1838.

Alem disso, nada tinha com a guerra dos *marechaes*; antes os desordeiros pretendiam exactamente o contrario delles.

O marechal marquez de Saldanha em 14 de Julho de 1837, e o marechal duque da Terceira em 18 de Agosto immediato, tinham-se posto em campo contra o governo setembrista, a fim de fazerem restabelecer a Carta Constitucional; o que não poderam conseguir, apezar dos maiores esforços, tendo de emigrar para a Galliza, onde entraram no dia 21 de Setembro.

Os desordeiros do dia 14 de Junho de 1838, em Lisboa, queriam continuar o pensamento da revolta dos arsenalistas no dia 13 de Março desse anno, os quaes se queixavam do governo ser ordeiro, e falsear o pensamento da revolução do dia 9 de Setembro de 1836.

Os marechaes na sua revolta de 1837 pretendiam que a revolução de Setembro retrogradasse até á Carta Constitucional; e os desordeiros dos dias 13 de Março e 14 de Junho de 1838, queriam ao inverso, que ella avançasse até á constituição de 1822. O meio termo entre estes dois extremos, estava na constituição de 20 de Março de 1838, sem a camara dos pares, hereditaria, de nomeação regia e de numero illimitado, estabelecida na Carta Constitucional; mas tambem sem uma unica camara, como dispunha a constituição de 23 de Setembro de 1822; o que fora substituido por duas camaras, havendo alem da de deputados, outra de senadores, electiva e temporaria.

Na procissão do Corpo de Deus do dia 14 de Junho de 1838, os desordeiros perseguiram em tumulto o antigo ministro da fazenda José da Silva Carvalho, que ia em uma carruagem, donde passou para outra em que ia o administrador geral de Lisboa, Antonio Bernardo da Costa Cabral.

Ambos elles se viram obrigados a refugiar-se em uma casa da rua dos Fanqueiros, que então tinha o n.º 262, fazendo esquina para a travessa de Santa Justa.

Acudiu ahi logo o presidente do conselho, o sr. visconde de Sá da Bandeira, e querendo impedir a entrada dos individuos que perseguiam os dois refugiados nessa casa, até chegar a força que mandara vir; um dos mais exaltados dirigiu com tal violencia uma baionetada ao peito do sr. visconde de Sá da Bandeira, que s. ex.ª teria caido, se dois soldados da guarda municipal que se achavam ao pé o não segurassem.

O sr. visconde de Sá da Bandeira era infallivelmente morto, se a baioneta não batesse na condecoração, que trazia, de commendador da ordem de Torre e Espada, que lhe havia sido dada no cerco do Porto, pelo duque de Bragança. A condecoração foi quebrada pela baioneta, e ainda o sr. Sá da Bandeira teve uma ligeira ferida no peito, direita ao coração.

Gomes Freire de Andrade—Lê-se no mesmo fasciculo do *Portugal antigo e moderno*, ácerca dos infelizes enforcados em Lisboa no dia 18 de Outubro de 1817 o seguinte:

«O crime destes desgraçados era pretenderem sacudir o jugo dos inglezes; mas devemos notar que Gomes Freire tinha sido traidor á sua patria, bandeando-se com os francezes, inimigos della, e feito, desde 1807 até 1814, a guerra contra as nações nossas alliadas. *Era este um dos pontos principaes da accusação contra elle.*»

Esta ultima parte, alem de completamente falsa, é até inepta.

Bem sabemos que se pretende assim atenuar o horror que inspiram o marechal Beresford e os governadores do reino; mas não ha de ser com o nosso silencio, que se deturpará a historia, em beneficio de semelhantes despotas.

Quando o principe regente foi para o Brasil, determinou nas instrucções de 26 de Novembro de 1807, que deixou aos governadores do reino:

«Procurarão, quanto possivel fôr, conservar em paz este reino; e que as tropas do imperador dos francezes, e rei da Italia, sejam bem aquartelladas, e assistidas de tudo que lhes for preciso, em quanto se deliverem neste reino, evitando todo e qualquer insulto, que se possa perpetrar, e castigando rigorosamente, quando aconteça; conservando sempre a boa harmonia, que se deve praticar com os exercitos das nações, com as quaes nos achamos unidos no continente.»

Tendo Junot entrado em Portugal, fez organisar uma legião, composta de tropas portuguezas, a fim de marcharem para França. Nomeou commandante em chefe o marquez de Alorna, e commandante em segundo, Gomes Freire de Andrade.

É evidente que estas tropas, marchando para França, não eram traidoras á patria, pois não faziam mais do que ir de accordo com as instrucções do principe regente.

Pela sua parte, Gomes Freire de Andrade não voltou a Portugal no exercito de Massena, em 1810, como fizeram o marquez de Alorna, Pamplona, marquez de Loulé e outros officiaes. Serviu em Hespanha no cerco de Saragoça, e depois nas campanhas contra a Austria e contra a Russia.

Terminada a guerra voltou a Portugal, apresentando-se no quartel general da côrte e provincia da Estremadura, no dia 26 de Maio de 1815; e por aviso de 8 de Junho immediato, **foi declarado innocente, mandando-se-lhe até abonar os soldos a que tivesse direito.**

Em conformidade dessa resolução superior, conservou-se pacificamente no reino, até ser preso em a noute de 24 para 25 de Maio de 1817, e mettido em um medonho e humido calabouço da torre de S. Julião!

Como é, portanto, que o ser traidor á patria, *foi um dos pontos principaes da accusação contra elle?*

Onde encontrou o sr. Pinho Leal, em toda a sentença que condemnou a Gomes Freire de Andrade, datada de 15 de Outubro de 1817, **uma unica palavra ao menos**, que lhe faça carga por elle ter servido no exercito francez?

Pois ainda se julga pouco a sorte infeliz deste general; é necessario depois d'elle cruelmente morto, vir infamar a sua memoria?!

E não quizeram só matal-o; trataram de o humilhar, fazendo-o sair *descalço* para fora da torre de S. Julião, onde foi *enforcado*, como os outros 11 infelizes no campo de Sant'Anna; recusando-se barbaramente os governadores do reino, ao que elle tão instantemente pedia, de ser *fuzilado*, em vez de *enforcado!*

Desculpe quanto quizer o sr. Pinho Leal os *senhores do Rocio*; mas faça-o, sem ser á custa dos infelizes, por aquelles verdugos mandados enforcar e queimar!

A voz de marche, á frente Cachapuz—Os versos recitados em Cantanhede, nos dias e noutes de 25, 26 e 27 de Outubro de 1831, por occasião dos—*faustissimos natacs de sua magestade o senhor D. Miguel I*—foram merecedores de que a camara daquella villa os mandasse imprimir na *impressão regia* de Lisboa em 1832.

Os poetas mais distinctos, e que alli se immortalisaram, foram o bacharel formado em Canones, Antonio Pimentel Soares, natural de Coimbra, e tão dedicado a *el-rei nosso senhor o senhor D. Miguel I*, que a 1 de Junho de 1834 o acompanhou de Sines para a emigração; e Fr. Antonio da Ascensão Pessoa e Amorim, religioso do convento de Santo Antonio de Cantanhede.

Um dos mais enthusiastas da festa, e egualmente outro que tal *poeta*, foi o juiz de fora daquella villa, Pedro de Sousa Pinto de Barros Cachapuz, celebre pelas suas ordenanças, ou *bicha*, como o povo lhes chamava.

Sendo dado ao *vate* Antonio Pimentel Soares o mote—*A voz de marche, á frente Cachapuz*—recitou elle o seguinte soneto:

Oh lá, que espanto tal, que novidade!...
Cantanhede tambem traz gente d'esta?...
Homens, que sem miolos só tem testa,
Homens lá da relé da Sociedade.

Venha cá, só Malhado, em amizade;
Venha ver o fazer-lhe agora festa...
Espere mais um pouco, assim não presta,
Leve pois que contar, com seriedade.

Ora tome sentido... quer um bife...
Cale o bico, Senhor, sem chus, nem bus,
Senão vae d'aqui já para o esquife.

Trema já do Cacete, senão truz...
E se tornar mais a ser patife,
A voz de marche, á frente Cachapuz.

A força e o carrasco—Nos versos recitados nas mencionadas festas em Cantanhede a *el-rei nosso senhor*, não podia deixar de se fazer a apotheose da força e do carrasco. Ahi vae outro soneto alli recitado:

Malhado, e Liberal, prole nefanda,
Impia, atroz, cruel, sem Lei, nem Throno,
Geração infernal, Tartareo abono,
Campando de asneirão na Propaganda.

És o fofo Mação, que cara á banda,
Largando os calções, e feito mono,
Galgas as Escadinhas, de que é dono
Ratasana figura, que te afanda.

Já sabes bem dançar o teu londum,
As voltinhas passar na corda bamba,
Espernear sem querer, sem fum, nem bum.

Mas nos saltos mortaes ha quem te acamba,
Reluzindo o saber do seu bambum;
Offerta singular, ella te lamba.

Mais forcas—O mesmo bacharel Antonio Pimentel Soares, recitou tambem uma—*Oratoria no faustissimo dia 26 de Outubro de 1831, augusto natalicio de sua magestade o senhor D. Miguel I, no solemne acto de vereação geral da villa de Cantanhede.*

Nesta prosa, assim como nos versos, só se respira sangue! Ahi vae uma amostra:

«Ainda a traição procura obstar-lhe; mas, punida sua temeridade, as armas de el-rei se cobrem de louros, e foragidos seus inimigos, vão em parte dar-se ao desprezo em paizes extranhos, em parte caem debaixo do severo **cutello da justiça**, pagando **com a vida**, e mais penas, os crimes a que se arrojaram.

Desesperados, reproduzem reiteradas tentativas; mas sempre infelizes só alcançam os castigos, que provocam, de maneira que se podem desenganar os malvados—*em quanto existir o nosso idolatrado rei o senhor D. Miguel I, não tentem Constituições, não tentem Republicas, ou outras revoluções sobre qualquer pretexto nacional ou estrangeiro; que somente conseguirão a sua desgraça*, **deixando as cabeças**, *em remuneração de seus nefandos serviços.*»

Como se escreve a historia!—Lê-se em a *Nação* de quinta feira ultima o seguinte:

«O fallecimento do sr. Joaquim Antonio de Aguiar, diz hoje uma folha da capital, teve logar no mesmo dia e mez em que aquelle funccionario assignára o decreto da extincção das ordens religiosas, pois teve logar a 28 de Maio de 1834.

«Registramos apenas esta coincidencia.»

E diz-se isto, não de um acontecimento de ha muitos annos, mas apenas de poucos dias! Ninguem ignora que o sr. Joaquim Antonio de Aguiar falleceu no dia 26 de Maio; mas convinha dizer, que fôra no dia 28, data do decreto que extinguiu os frades!

Tenham paciencia, porque desta vez perderam o seu tempo.

Diz a *Nação* que regista a *coincidencia*. Pois esteja certa de que regista uma grande *peta!*

Procissão—Na quinta feira, houve com a costumada pompa a procissão de Corpo de Deus. A imagem de S. Jorge era acompanhada por uma força de cavallaria. Depois dos meninos orphãos seguiam-se as irmandades do Sacramento, e o clero. Levava o Santissimo o exm.º bispo conde. Ás varas do pallio pegavam os membros do conselho de districto.

Depois do pallio viam-se a camara municipal, as auctoridades e empregados das differentes repartições; e fazia a guarda de honra o destacamento de caçadores 6, aqui estacionado, com a philarmonica *Conimbricense*.

A primeira communhão de meninos em Condeixa a Velha.—No dia de Corpo de Deus, houve a edificante ceremonia da primeira communhão de meninos na egreja matriz da freguezia de Condeixa a Velha, com muito mais apparato do que a do dia 18 de Maio de 1871.

Tinha o reverendo prior o sr. Antonio Nunes da Costa, annunciado aos seus freguezes no domingo da Paschoela, que este anno daria a sagrada communhão a todas as creanças que se apresentassem sufficientemente instruidas na doutrina christã, tendo logar nessa occasião uma solemne festividade.

E com effeito o reverendo prior com todo o zelo e dedicação conseguiu dispôr para esta edificante festa o tão crescido numero de 84 creanças.

Achava-se a egreja decorada com muito gosto, e o adro guarnecido com muitas bandeiras.

Com a exposição do Santissimo Sacramento houve missa solemne, que celebrou o reverendo prior da freguezia, sendo desempenhada a parte instrumental pela philarmonica de Condeixa, e a vocal pelos cantores pertencentes á mesma philarmonica, coadjuvados pelo professor de instrucção primaria daquella freguezia o sr. Caetano da Paz Brandão.

Pregou o sr. padre Domingos de Sousa Moreira Freire, estudante do 2.º anno de Direito, que recitou uma brilhante oração, mostrando a conveniencia da educação religiosa na familia, e quanto as mães podiam concorrer para essa educação.

Foram 50 meninas vestidas de branco com corôas na cabeça e 34 meninos com vestes brancas, a quem o zeloso parocho tinha instruido na doutrina christã, e que de suas mãos receberam pela primeira vez o pão espiritual.

Quando se deu a communhão aos meninos que vinham quatro a quatro recebel-a, achavam-se segurando a toalha os srs. bacharel Manoel Lopes e Luiz Pedro; e o sr. Dr. Antonio Egypcio Quaresma, offerecia o lavatorio áquelles innocentes.

Depois de haverem commungado recebiam um ramo de mimosas flores, que lhes offerecia o sr. bacharel Antonio Simões dos Reis, fazendo-se todo este acto religioso com muita regularidade e no meio do maior respeito e veneração.

Concluida a missa sahiu a procissão, indo na frente os meninos que tinham commungado, aos quaes se seguia a irmandade do Santissimo, indo entre as alas dos irmãos 11 anjos lindamente vestidos.

Pegavam ás varas do pallio cavalheiros da villa de Condeixa; levava a umbella o sr. Dr. Antonio Egypcio Quaresma, e terminava a procissão com a philarmonica de Condeixa.

Em quanto durou a festividade e procissão subiram ao ar muitos foguetes.

Foi extraordinaria a concorrencia de senhoras, cavalheiros e povo, tanto da freguezia, como de fóra d'ella, que assistiram a esta solemnidade.

E' digno de louvor o reverendo prior o sr. Antonio Nunes da Costa, não só pelo carinho e zelo com que dispoz tanta creança para esta edificante cerimonia, mas tambem por levar a effeito uma tão solemne festividade, que ficará gravada nos corações d'aquelles innocentes e de todos os mais seus parochianos.

Festividade.—Os festeiros de Santo Antonio do Paço do Conde, tencionam no dia 14 do corrente celebrar com todo o esplendor na egreja de S. Thiago, a festividade de Santo Antonio. Haverá missa solemne de manhã e Santissimo exposto, e vesperas de tarde, a grande instrumental.

Serão oradores de manhã, o sr. padre Constantino Ferreira de Almeida, e de tarde o sr. padre Ricardo da Silva. No fim da festa terá logar a arrematação de fogaças. Na vespera haverá fogo preso na praça de S. Bartholomeu, tocando a philarmonica *Conimbricense*.

O esparto. — Esta planta era antigamente tão abundante em Portugal, que os carthaginezes logo que invadiram a peninsula, começaram a fazer grande uso d'ella. Chegámos a exportar para Castella muita obra de esparto, até que esta industria se desenvolveu consideravelmente entre os nossos visinhos.

Entre Alicante e Almeria empregam-se mais de 50:000 pessoas, mulheres e rapazes principalmente, no preparo do esparto. Só de Aguilas, perto de Carthagena, exportam-se para cima de 20:000 toneladas de obras de esparto. A marinha hespanhola e a industria mineira fazem grande consumo de cordoaria desta planta, sendo tambem exportada grande quantidade para o sul da França e para Inglaterra.

O aperfeiçoamento desta industria na Hespanha tem chegado a ponto, de fazer servir o esparto não só para cordas, tranças, capachos e cestos, mas sujeitando-o a um tratamento egual ao que se emprega no preparo do canamo, tem-se obtido uma trança finissima, que se utilisa para chumaçaria de mobilia, e para fazer cordas tão rijas e flexiveis como as de pita.

A sepultura ecclesiastica. — Recebemos e muito agradecemos a seguinte recente publicação—*A sepultura ecclesiastica, segundo opusculo.* — *Resposta ao sr. desembargador Antonio Maria do Couto Monteiro, por Antonio Xavier de Sousa Monteiro, conego da Sé de Coimbra.*

Neste opusculo mostra mais uma vez o sr. Sousa Monteiro a sua vasta erudição, e o quanto tem estudado as materias de direito canonico.

E' muito interessante e instructiva esta publicação. Em poucas paginas se acha reunido o que anda disperso por muitos livros, que nem a todos é facil consultar.

Dissertação.—Recebemos um exemplar da—*Determinação de funcções analyticas*—*Estudos sobre analyse infinitesimal*— *Dissertação de concurso por João Ignacio do Patrocino da Costa, doutor em Mathematica e bacharel formado em Philosophia pela Universidade de Coimbra, professor de grego e de mathematica elementar no lyceu nacional de Vizeu.*

Agradecemos o exemplar com que fomos obsequiados.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 5.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 640—Dito mourisco 620—Milho branco 310—Dito amarello 300—Feijão branco 400—Dito rajado 360—Dito frade 260—Cevada nova 220—Tremoços 280—Batatas de semente 200—Ditas novas 160 Vinho 600—Azeite 1$200.

A villa de Penella—Communicam-nos de Penella o seguinte:

«Sr. redactor.—Visto que o jornal que v. habilmente redige, tem por divisa pugnar pela exacta observancia da lei, e que se attenda á utilidade publica, divulgando os factos que podem concorrer para tal fim; continuo por isso a incommodar a v. com os meus mal elaborados escriptos; e implorando hoje repetido obsequio, lhe rogo se digne publicar mais esta correspondencia em additamento ás já publicadas neste mesmo jornal.

Tendo fallado nas ditas correspondencias ácerca da nobreza e antiguidade da villa de Penella, e d'outros motivos que a tornam digna de ser elevada á cathegoria de comarca, devo por isso expôr mais outras razões que concorrem para aquelle fim.

O concelho de Penella é bastante industrioso e productivo, tanto no que diz respeito á agricultura, como ás outras artes mechanicas.

Neste concelho cultiva-se uma grande porção de moios de trigo, milho, e outros generos: criam-se muitos rebanhos de gado, e com especialidade lanigero, fazendo-se optimo queijo, com grande exportação para Lisboa e outras terras do reino.

Teve a villa de Penella muitas quintas nas suas proximidades, e dentro da grande area do seu concelho. Na actualidade existem as seguintes:

A quinta do Pinheiro, pertencente ao exm.º João Maria Baptista Calisto.

A quinta da Boiça, propriedade do exm.º conselheiro Ayres Guedes Coutinho Garrido, cuja residencia é de toda a importancia, não só pela nobre e distincta familia que alli habita, mas tambem pela extensão, e fertilidade do terreno; sendo digno de notar-se o palacio da mesma quinta, obra antiga, e de elegante arquitectura, cuja elegancia embelleza aquelle sitio, e apresenta uma prespectiva que provoca a attenção de todos que a contemplam. Escusado é mencionar a nobreza e merito dos srs. Garridos, pois se torna bem patente, e já mais pelos actos da sua vida publica.

Proximo á quinta dos srs. Garridos, fica a quinta da Boiça de cima, propriedade do exm.º visconde Condeixa, cuja quinta fez parte do vinculo da antiga e muito nobre familia de Collaços.

A quinta das Pontes, propriedade do exm.º João Eduardo de Almeida e Albuquerque, casado com o exm.ª D. Francisca Antonia Tudella de Macedo; sendo esta quinta digna de maior respeito e consideração, não só pela sua elegancia, mas tambem por ter sido o berço de familia muito nobre, a já mencionada familia de Collaços, a quem pertence a nobre familia dos srs. Magalhães da Louzã.

Já dissemos em outra correspondencia que a exm.ª D. Francisca Antonia Tudella de Macedo, era viuva do exm.º José Tello de Magalhães Collaço. Esta virtuosa senhora casou segunda vez com o dito exm.º João Eduardo de Almeida e Albuquerque, pessoa muito nobre, e excellente cavalheiro, o qual é bem conhecido pelo seu merito e qualidades.

Proximo á nobre quinta das Pontes fica a quinta da Vouzella, propriedade que foi do exm.º Francisco de Mendonça Almeida Barbarino, cuja familia muito illustre se acha ausente destes sitios.

A quinta do Engenho, propriedade do exm.º Dr. Vicente José de Seiça Almeida e Silva, em cuja habitação s. ex.ª costuma vir passar parte do anno.

A quinta de S. Francisco, propriedade do exm.º conde de Fornos de Algodres, e aonde ainda hoje existem vestigios do antigo convento de S. Francisco.

A quinta de Valle d'Arinto, propriedade do exm.º D. José Casemiro de Mascarenhas; e cuja quinta pertencia á muito nobre familia de Alarcões.

A quinta dos Freixos, propriedade da exm.ª D. Joanna Maximina Peres Furtado Galvão, viuva do exm.º Dr. Florencio Peres Furtado Galvão.

A quinta da Chaqueda, propriedade da exm.ª D. Maria Joanna de Serpa Faria Chambel, viuva do exm.º Dr. Francisco Augusto Quaresma e Silva.

A quinta do Vallouro, propriedade que foi do exm.º desembargador Joaquim Manuel de Moraes de Mesquita Pimentel e de sua mulher a exm.ª D. Maria Eugenia de Magalhães Gomes Collaço Vellasques Sarmento, de cuja familia já tractamos.

Passemos agora a fallar no que diz respeito á industria dos povos do concelho de Penella.

Proximo a esta villa fica a importante povoação do logar do Espinhal, localidade esta aonde se faz um mercado todas as semanas, tendo lojas de commercio, devendo mencionar-se na especialidade a loja do illm.º sr. Ayres Augusto Quaresma de Almeida, negociante matriculado, e abastadissimo proprietario.

O sr. Ayres Augusto Quaresma tem prestado muitos e relevantes serviços ao concelho de Penella, e pelo seu poderio e valimento aqui lhe damos o bem merecido louvor. S. s.ª ainda não satisfeito de prodigalisar aos povos deste concelho os seus actos generosos, e de uma alma grande, anda construindo no sitio da Ponte do Espinhal, distante de Penella 2 kilometros, uma fabrica de papel; mas pelas dimensões da obra vemos que o sr. Ayres Augusto aspira a maiores vantagens no que diz respeito á arte fabril: não podemos dizer com certeza quaes as ideias do sr. Ayres, todavia podemos afiançar que a indigitada obra é para alcance maior do que a manufactura do papel.

Neste concelho temos outra fabrica de papel, propriedade do sr. Luciano Fernandes Falcão, da Ribeira de Podentes, aonde se occupam varias pessoas, exportando algum papel para algumas terras do reino.

A villa de Penella acha-se ligada por boas estradas para as povoações de maior importancia, sendo por tanto de facil conducção quaesquer objectos que d'aqui se queiram transportar. As grandes distancias a que ficamos das comarcas limitrophes, e outros motivos de mais transcendencia, nos levam a acreditar que aos povos do concelho de Penella se lhes fará justiça, creando-se uma comarca nesta lo-

calidade; e para melhor comprovar a nossa razão, tomo a liberdade de transcrever com a devida venia do *Jornal do Porto*, n.º 100, do corrente anno, o que alli se diz em uma correspondencia, e que nos diz respeito.

«Penella reclama tambem para si a cathegoria de comarca; e allega em favor da sua «pretenção titulos de antiga nobreza, e, o que «é mais importante, o numero de fogos que o «julgado comprehende, e a sua posição topo«graphica. Estas circumstancias não devem ser «desattendidas. Se o forem, mal servidos fica«rão os habitantes que alli se agrupam em «relação ás cousas da justiça, pois que qual«quer das terras que tenha de servir-lhe de «cabeça de comarca, não lhe fica a menos de «cinco leguas. Isto deve ser ponderado.»

Eis aqui demonstrado em poucas palavras o quanto são verdadeiras e attendiveis as razões por nós apresentadas em abono dos povos do concelho de Penella; e por hoje concluimos esperançados nas exactas informações que sob tal respeito hãode dar as respectivas auctoridades.

ANNUNCIOS

1 ARRENDAM-SE dois celleiros no pateo da Inquisição. Um dos dois é dentro do quintal. Sua dona viuva Padua.

2 NO DIA 9 do corrente mez, pelas 9 horas da manhã, hade proceder-se na sala das sessões da Camara Municipal, ao sorteamento dos mancebos recenseados para o serviço militar do presente anno, o que foi já annunciado por editaes de 2 de Maio ultimo.

Coimbra, secretaria da Municipalidade, 3 de Junho de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

3 VENDEM-SE 3 cadeiras de braços—uma porção de madeira de carvalho—um armario de dois corpos— 3 camas de madeira de platano— uma mesa de cerejeira, com abas, e duas gavetas—4 estantes com bancadas—uma trave de chopo de 8 metros—uma escada de chopo, nova, de 27 degraus — outra escada de chopo de 16 degraus.

Vende José Joaquim Gomes Freire, na rua das Covas.

Hospitaes da Universidade

4 NO DIA 7 do proximo mez de Junho, pelas 10 horas da manhã, nos claustro do Collegio das Artes, abre-se praça para a arremação dos seguintes artigos, segundo os apontamentos que alli se acham presentes d'hoje em diante.

1.º Vinte columnas de pedra, quadradas, com cinco metros d'altura e 0m,30 de face.

2.º Dezoito columnas ou machos de pedra, com 5m,90 d'altura, 0m,40 de cabeça, outro tanto d'aduella, e 0m,30 de tardoz.

3.º Cento sessenta metros de lijonja azul.

4.º Cento e vinte vigas de carvalho, ou de bom pinho, com muito serne, de 4 metros de comprimento e 0m,10 d'espessura, 0m,20 de cutello.

Administração dos hospitaes da Universidade, 26 de Maio de 1874.

O administrador, *Costa Simões.*

PAPEIS PINTADOS

VARIADISSIMOS GOSTOS

100—Praça de S. Bartholomeu—102

Joseph Rodgers

6 NAVALHAS para barbear. Bom sortimento na rua da Calçada 46—48.

ALBUNS

7 VARIADISSIMO SORTIMENTO por preços extremamente commodos.

46 Rua da Calçada 48

8 ACABA de receber-se neste estabelecimento directamente da fabrica, um lindo sortimento de papeis para forrar paredes, por preços muito convidativos.

Cristaes de Bohemia

46 Rua da Calçada 48

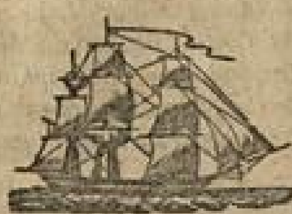
GAIOLAS

Preços modicos

46—Rua da Calçada—48

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Maranhão:**

Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

12 NO DIA 11 do corrente mez de Junho, pelas 11 horas da manhã, nos paços deste concelho, hãode dar-se de arrematação, pelo tempo d'um anno a principiar no 1.º de Julho proximo, e a findar em 30 de Junho de 1875, com as condições presentes no acto da praça, os impostos municipaes indirectos sobre o vinho ordinario, vinagre, jeropiga e aguardente, que se consummirem nas freguezias d'Almalaguez, Ameal, Antanhol, Antuzede, Arzilla, Assafarge, Botão, Brasfemes, Castello Viegas, Ceira, Cioga do Campo, Eiras, Lamarosa, Ribeira de Frades, Santo Antonio dos Olivaes, S. Martinho d'Arvore, S. Martinho do Bispo, S. Paulo de Frades, S. Silvestre, Sernache, Souzellas, Taveiro, Trouxemil e Vil de Mattos.

Esta arrematação será feita por cada freguezia separadamente, ou por todas em globo, segundo convier.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 3 de Junho de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

13 CHAPEUS DE CHILI.— Preços sem competencia.—Rua da Calçada, n.º 60.

Attenção

14 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

MERCEARIA DE

JOSÉ TAVARES DA COSTA

Rua da Calçada á Portagem

COIMBRA

15 CONTINUA A VENDER neste estabelecimento, verdadeiro vinho de Champagne—Licores do Pere Kerman—Cognac, fino-Champagne—Genebra, em garrafas e botijas, preços sem competidor, porque tudo recebe directamente do estrangeiro

Vinhos do Porto, seccos e adamados, preços de 400 rs. a 1$000—Xerez de la Frontera—Bordeus—Madeira— e Moscatel de Setubal.

Manteiga ingleza, nova —Assucares, refinados e crystalisados—Pilé em fórma — Uma especialidade de chá de 1$200, já approvado por muitas pessoas competentes.

Encontra-se um aceio, pouco vulgar nos estabelecimentos de mercearia.

16 VENDEM-SE umas casas no Bairro Alto, na rua do Cosme, que fazem esquina para a rua das Cozinhas, com os n.os 15, 17 e 19. Quem as pretender, falle com Joaquim Augusto, ao arco de Almedina, n.º 25.

17 VENDE-SE para pagamento de divida hypothecaria, uma boa fazenda, no lindo sitio do Cidral, proximo á cidade, e perto da estrada da Beira, com muita agua, e proporções para se augmentar o seu volume, com pouca despeza. Emfim propriedade nas melhores condições para um estabelecimento fabril. Quem a pretender póde dirigir-se ao sr. Antonio Duarte Ariosa, na praça 8 de Maio.

Aos proprietarios e mestres d'obras

18 VIDRAÇA da Nacional Fabrica da Marinha Grande, a 160 rs. o kilo.

100—Praça de S. Bartholomeu—102.

PRESERVATIVO DA SYPHILIS

Premio de 1.000$000

19 AS INSTRUCÇÕES sobre o modo como se deve usar para evitar o seu contagio e extinguir este tremendo mal, pelo dr. Antonio Ferreira Moutinho, medico pela Universidade de Coimbra, etc., etc.

Vendem-se em Coimbra na loja de

FONSECA

72—Rua da Calçada—76

Constando que algumas pessoas têem posto em duvida a innocencia e efficacia deste descobrimento, declara-se dar o premio de— UM CONTO DE REIS—a quem provar que o **Sabão vegetal Preservativo da Syphilis**, sobre ser inefficaz, é nocivo á saude das pessoas que d'elle façam uso, como se diz.

20 **SAUDE A TODOS** sem medicina, purgantes nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Saude*,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Depois das adhesões de muitos medicos e de varios hospitaes, ninguem poderá duvidar da efficacia desta deliciosa farinha de saude que cura as indigestões (despepcias) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, ventos, flactos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75:000 curas, entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Plu-kow, da exm.ª sr.ª marqueza de Brehan, dos drs. Manoel Saenz de Tejada, da Universidade de Cordova, etc., etc.

Cura 72:448. — Cadix, 3 de Junho de 1868.

Não posso fazer menos de manifestar a v. s.as os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revalescière* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinaes, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual o distingue o seu attento venerador — VICENTE MOYANO.

Cura 69:718.— Ticheville (Orne), 20 de Março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalescière*, tenho-a administrado a varias pessoas, ás quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo naquelles que padeciam de hydropesia. Tres d'estes curaram completamente.—A tosse produzida por uma constipação desappareceu instantaneamente e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina e das molestias d'estomago, afastando de qualquer individuo a hypocondria.—PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos de venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa.** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto.** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rabir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeia, pharm. Casa-Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rabia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2804 — TERÇA FEIRA 9 DE JUNHO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**.
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Quando julgavamos acalmada a febre que por tanto tempo trouxe em sobresalto o mundo industrial, quando suppunhamos que se havia já reflectido bastante sobre os factos que determinaram essa grande agitação entre o capital e o trabalho, e sobre os meios que racionalmente deviam empregar-se para regular os direitos e as obrigações dos emprezarios e dos operarios, um novo e lamentavel incidente, provocado pela direcção da fabrica de tabacos de Xabregas, veiu despertar a attenção publica.

A diminuição dos salarios de alguns velhos operarios daquella fabrica, foi a origem do desagravel conflicto que presentemente está sendo objecto das apreciações da imprensa periodica.

A direcção da companhia de Xabregas, parece ter sido demasiadamente rigorosa, não só com os veteranos do trabalho, que assim ficam reduzidos a uma insignificante remuneração, com que difficilmente podem haver os meios de subsistencia, mas ainda despedindo um grande numero de operarios, que se haviam interessado em favor da sorte dos seus velhos companheiros de trabalho.

Sendo ultimamente solicitada, por meios benignos e convincentes, a revogação das ordens que a direcção da companhia havia dado, esta resistiu a todas as propostas e a todas as supplicas dos operarios, com que, em ultima instancia, appellavam para os sentimentos humanitarios da referida direcção.

Ninguem contesta o direito que assiste á companhia de Xabregas, ou a qualquer outra, de despedir os seus operarios quando isso convenha aos seus interesses. Mas tambem é muito para censurar a maneira deshumana e demasiadamente rigorosa como a direcção daquella fabrica procede para com os pobres operarios e suas familias, não accedendo á admissão dos mesmos, quando elles respeitosamente e em nome do infortunio, da miseria e da fome o imploram. A questão neste ponto parece não ter sido bem interpretada pela companhia; nem esta tem por seu lado as sympathias publicas.

Não esqueceram ainda os factos de 1871, praticados pelos fabricantes de tabacos, colligando-se para, sem motivo justificado, elevar o preço deste genero, e para reduzir os interesses dos seus agentes em proveito proprio.

A audacia com que elles affrontaram as leis e as conveniencias publicas, foi severamente castigada pela imprensa de todas as côres politicas, como era de justiça e como convinha aos interesses de muitos milhares de consumidores e operarios, que respeitando as conveniencias sociaes, presencearam com a mais louvavel prudencia, mas cheios de indignação, aquelle attentado dos especuladores ambiciosos e insaciaveis.

Este facto que nos apressámos então em condemnar, foi da mesma forma reprovado por todo o jornalismo do paiz, com a nobre independencia de quem acima de tudo preza a justiça social. E assim devia ser, porque importava elle uma iniquidade, um escandalo flagrante.

A exaggerada desproporção dos lucros dos fabricantes com os preços dos productos e com a remuneração equitativa dos operarios, deu motivo á unanime censura que de toda a parte se levantou contra os monopolistas, contra a *greve* dos emprezarios, que affrontaram imprudentemente a justiça e a razão.

Pela mesma forma que o fabricante, o emprezario ou o productor tem direito a uma remuneração rasoavel pela manufactura que produziu, assim tambem o operario tem inquestionavel direito á justa recompensa do seu trabalho.

E' preciso que na apreciação de interesses não haja lezados, e muito menos que os prepotentes se locupletem com o prejuizo dos pobres.

Em nome das legitimas conveniencias sociaes e do direito individual, é indispensavel regular por forma racional e justa, este antagonismo de interesses. Ao governo incumbe prover de remedio a esta necessidade, propondo ao poder legislativo os meios de o conseguir.

Da *Revolução de Setembro* extraimos a seguinte noticia:

Lição bem merecida— Ouvimos hoje a mais de uma pessoa, que o centro republicano portuguez mandara comprimentar o sr. Emilio Castellar, e que este dissera afavelmente aos delegados do centro, que o seu espirito estava muito consternado pelas decepções, e que aconselhava a um povo que via tão feliz e tão livre sob o regimen monarchico constitucional, que não buscasse mudar para o republicano, se não queria soffrer dolorosos desenganos.

Um dos delegados do centro, a que o sangue da juventude mais refervia nas veias, quiz botar discurso republicano; e então o eximio ex-chefe do poder executivo, batendo-lhe em tom de conselho: «É novo ainda; em chegando á minha edade pensará mais maduramente».

O centro anda furioso com este acontecimento e não quer tomar a responsabilidade de

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXVI

D. CARLOS

CXVI

Taes manifestações não podiam deixar de impressionar o animo de D. Carlos; e repetiram-se as audiencias que duravam tres horas.

Arizaga expoz tambem as queixas de Maroto a D. Sebastião, ao arcebispo de Cuba, ao padre Gil, a D. Paulino Ramirez de la Piscina, e todos estavam de accordo em condoer-se da errada e perniciosa conducta de D. Carlos, sujeitado aos maus conselhos do bispo de Leão, de Arias Teijeiro, de Fr. Ignacio Larraga e de outros deste jaez. O padre Cyrillo e Ramirez de la Piscina queriam emigrar; o padre Gil assegurou que conhecia muito bem a D. Carlos, e que em vão podiam esperar-se resultados favoraveis em quanto Deus não fizesse um milagre, e até D. Manoel de Toledo, que acabava de chegar do estrangeiro, manifestou o inutil de seus esforços para adquirir recursos, pelo descredito dos ministros e da marcha politica que seguiam.

E não eram só estas elevadas pessoas as que se condoiam daquella situação; eram todos os que procediam de boa fé, todos os militares, todo o povo. Assim se ouviu dizer na côrte de D. Carlos:

—«Quando vem Maroto com um par de batalhões, para cortar a cabeça aos velhacos que aqui temos?»

Arizaga correu a dar conta a Maroto da missão que o levou a Azcoitia, e o encontrou em conferencia com Paniagua, ajudante de Espartero. Terminada ella, fallou o auditor com Maroto, e perguntando-lhe logo que missão levava o ajudante liberal, respondeu-lhe Maroto:

«Deixe-me a mim obrar, que são cousas «muito delicadas, e tenha entendido que tudo «se regulará. A guerra concluir-se-ha, e a sor«te dos homens variará honrosa e vantajosa«mente, salvando-se os principios e tendo lo«gar o mesmo D. Carlos e seu filho; mas o «segredo disto é tão interessante, como com«promettedora podia ser a mais leve suspeita «que infundisse este passo, que será cohones«tado debaixo do pretexto de regular trocas, «e ámanhã se restituirá ao quartel general o «parlamentario.»

Os inimigos de Maroto não abandonavam as suas machinações, dizendo o mesmo general que os projectos de Garcia para sublevar a tropa, para cujo fim lhe arengava muitas vezes, e os desejos que manifestava de o fuzilar, se fizeram tão publicos, que não só os denunciaram os chefes e officiaes dos corpos, senão até varios paizanos.

Queixou-se Maroto de novo a D. Carlos, para que tomasse providencias, *antes que a auctoridade que elle mesmo lhe tinha conferido, a tomasse para si, com descredito da dignidade do principe;* e lhe rogou o separasse do commando.

D. Carlos promettia muito nas suas respostas, e só fazia na realidade suffocar momentaneamente as influencias de Teijeiro e seus amigos, confiando-lhes as petições de Arizaga; com o que davam margem a que sem abandonar o seu proposito, variassem de planos e dessem novos avisos e instrucções a Garcia, para que obrasse com precaução, a fim de não mallograr o golpe que tinham premeditado de assassinar a Maroto, ou fazel-o fugir por meio de uma sublevação militar; incluindo na sentença de morte a quantos chamavam castelhanos e suppunham ser do partido de Maroto.

Nada ignorava este de taes conjurações, pois entre os mesmos conjurados tinha uma pessoa que o punha ao facto ainda do mais insignificante. Instado por varios chefes e outros individuos para que acudisse promptamente a dar remedio, se não queria que levando ao cabo as machinações consummassem o sacrificio de quantos suppunham ser seus adictos, retrocedeu de Balmaseda a Durango, onde já começavam as acaloradas scenas do pronunciamento projectado.

Crendo conveniente Maroto trasladar-se á Navarra, enviou o conde de Negri a obter de D. Carlos a permissão de que passassem as tropas por Azcoitia e podesse ao mesmo tempo revistal-as; porem trasladou-se o quartel real a Vergara com animo de seguir a Oñate.

O chefe carlista julgou ver nesta trasladação um acto de má fé, e o projecto de marchar á Navarra para obrar contra elle. Assim o manifestou a Oteiza e a Arizaga, expondo este que, as cabeças principaes da deslocação que se experimentava, e a todos occasionava tantos desgostos, existiam no quartel real; que alli estava a fonte venenosa, e alli era onde se devia curar o cancro e não em outra parte, porque os iniciados com aquelles eram unicamente instrumentos cegos de ambição para secundar os seus planos, e se havia fundamento para crer nos temores expressados, evitavam-se radicalmente, e saiam de uma vez de tanta anciedade; que se marchasse immediatamente, para chegar a Oñate ao mesmo tempo que o quartel real, e fazer um excarmento naquelles de quem não havia duvida que eram auctores dos males que affligiam.

Maroto convocou aos chefes dos corpos, e prevaleceram os prudentes conselhos de Laudibar, que se oppunha por então a atacar-se o quartel real. Poz-se em marcha o quartel general de Maroto, e no caminho recebeu o aviso do consentimento de D. Carlos para revistar o exercito, que havia de estar formado no caminho real de Mondragon a Vergara. D. Carlos o bispo de Leão, Teijeiro, e os mais que os acompanhavam passaram a revista sem dizer uma palavra.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

ter mandado a deputação comprimentar o brilhante orador!

Assim nol-o contaram.

Si no e vero...

De Oliveira do Hospital nos enviou um nosso amigo a seguinte interessante narração, que só hoje podemos publicar.

Por alguns dias pairou sobre o nosso horisonte um astro radiante de luz e brilho, que, prendendo todas as attenções, atrahia todos os espiritos, e arrastava quantos o viam.

Fallamos do exm.° prelado desta diocese.

Continuando a sua visita ao seu bispado, coube-nos tambem a ventura de possuirmos entre nós tão illustre e venerando hospede, que nesta occasião visitou algumas freguezias deste concelho e arciprestado. Foram estas as do Seixo, Ervedal, Lagares, Oliveira do Hospital, S. Paio, Lagiosa, Travanca e Bobadella.

Quasi todas se esmeraram em aceio; e como que á porfia se disputavam em receber o seu chefe espiritual com as maiores demonstrações de jubilo por tão honrosa e santa visita.

No Ervedal, Lagares e Oliveira do Hospital, administrou s.ex.ª o sacramento do chrisma a grande numero de fieis, entre os quaes se distinguia a gente mais grada d'aquellas freguezias.

Era para ver, como todos os seus habitantes, sem distincção de edade, sexo ou condições, corriam ao encontro do seu venerando pastor e pai espiritual; e mais para ver e admirar era ainda o quadro commovente, que em todas as partes se nos apresentava, de muita veneração e respeito que se lhe tributava.

Os caminhos por onde passava o exm.° prelado achavam-se sempre orlados de grande quantidade de povo, e em massa corria este a recebel-o á entrada das freguezias onde sua ex.ª ia em visita.

Quando estas massas compactas de povo se separavam para dar passagem ao illustre prelado, era profundamente tocante o espectaculo, que se apresentava á nossa vista.

Todos inspirados de respeito e profunda veneração se prostravam de joelhos para receberem a santa e paternal benção do seu pastor, e com as mãos erguidas ao ceu, muitos vimos nós, entre exclamações de fé e esperança, derramarem lagrimas de consolação.

Que poder immenso não tem o symbolo augusto da nossa santa religião, que lhe pendia ao peito! E como aquella cruz brilhava sobre aquelle peito tão nobre e generoso, sacrario das mais raras virtudes, sempre aberto para lhe dar larga e franca saida!

Se fóra do templo os fieis, reverentes, se curvavam perante o seu pastor, lá dentro mais se revelava a sua fé e crenças religiosas, sendo extremamente numeroso o seu concurso a receberem o sacramento da confirmação e o pão espiritual, administrado por tão venerando prelado, depois de previamente, em phrase facil, fluente e elegante, toda repassada de unção verdadeiramente evangelica, aconselhar e illustrar o rebanho, que a Providencia confiou á sua solicita e zelosa guarda.

Grande é o serviço prestado á religião por este seu digno apostolo; e não menor é o que faz ao estado este seu benemerito filho!

Nesta villa foi extraordinario tambem o concurso á edificante cerimonia do chrisma, tornando-se notavel um facto de verdadeira caridade evangelica aqui praticado.

Concordaram varios cavalheiros desta villa em que se commemorasse a visita do nosso illustre prelado, vestindo-se doze pobres, e este piedoso pensamento foi ampliado por um outro habitante tambem desta villa, que a expensas suas fez vestir doze creanças egualmente pobres, para poderem receber a primeira communhão, mandando depois da cerimonia religiosa servir áquelles vinte e quatro desvalidos um abundante bodo.

Era justo que houvesse quem chamasse aquelles 24 abandonados da fortuna a tomarem parte em tão santas e festivaes cerimonias; e que assim, enchugando-se-lhes as suas lagrimas da tristeza e dor, fossem estas transformadas em instantes de prazer e de viva alegria.

E que diremos nós dos actos da mais pura virtude christã, que tão modestamente sabe exercer o nosso tão respeitavel prelado? A sua bolsa em todas as freguezias se achava aberta para generosamente, por meio dos seus respectivos parochos, acudir aos mais necessitados. A muitos distribuia palavras de consolação, e a todos tratava com o maior carinho e amor paternal.

O que porem sobre tudo exaltou e muito honrou o seu nome já tão illustre, foi o não esquecer tres clerigos, aliás muito respeitaveis, que, vivendo nesta freguezia, por impossibilidade physica, não podiam ter a honra de vir prestar-lhe os seus preitos de homenagem. Eram estes os reverendos padre Antonio Quaresma Caldeira; o reverendo ancião, egresso cruzio, D. João de Nossa Senhora Garcia, e o Dr. padre Hypolito Maria da Cunha, aos quaes todos foi visitar, e levar palavras de conforto; sendo digno de especial menção o grande triumpho por sua ex.ª obtido com relação ao ultimo, que, achando-se, por motivos especiaes, ha muitos annos fora de todo o trato social, e até do da familia, recolhido em um pequeno quarto da sua habitação, não queria ver nem ouvir ninguem. Apparece-lhe porem o seu prelado, e tal foi o respeito que lhe inspirou, e por tal arte lhe fallou, que conseguiu que elle não só deixasse a sua triste e apertada clausura, mas convidando-o a que fosse jantar na sua companhia, o convite foi acceite; e ordenando-lhe mais que continuasse a dizer missa, as suas determinações foram acatadas.

É este um facto que assombrou toda a gente, por ter conseguido, como que por milagre, aquillo que parentes e amigos nunca poderam obter. Estes factos registam-se, e a sua indicação faz a gloria e o louvor de quem os pratica.

Oliveira do Hospital 31 de Maio de 1874.

NOTICIARIO

Os missionarios e os neo-protestantes.—E' este o titulo de um opusculo que recebemos, sem nome de auctor, e impresso clandestinamente; com quanto tenhamos todos os dados para suppor, que foi impresso em Coimbra.

Destina-se a combater o protesto, que se tem assignado nesta cidade contra a permanencia dos dois padres no convento de Santa Theresa, accusados de promoverem o fanatismo religioso no grande numero de pessoas, que alli são attrahidas dos differentes pontos do concelho e até de fora delle.

Lemos attentamente este opusculo, e diremos com toda a franqueza, que achamos a sua linguagem violentissima e inconveniente no ultimo grau.

Se o auctor desta publicação foi levado por motivos religiosos a fazel-a, podemos assegurar-lhe que foi infelicissimo, pois que não é por taes meios que consegue o fim a que se propoz.

O estylo é tão irritante; e são tantas as affrontas que alli se dirigem ao partido liberal, que tudo nos leva a crer que por traz da capa da religião, se occulta um proposito politico bem transparente.

Sentimos que esta falta de prudencia vá fazendo exaltar os animos, em um assumpto tão melindroso.

Entre muitas outras accusações que se fazem neste opusculo, uma dellas é que se tem ameaçado de *quebrar as costas* aos artistas, que se recusam a assignar o protesto.

Esta accusação é grave; e incumbia ao auctor da publicação apresentar as provas della. Não temos a mais leve noticia de semelhante facto; porque se tivessemos, esteja certo o auctor do opusculo, que não haviamos de ser os ultimos a stygmatisal-o severamente.

Pelo contrario, o que se mostra averiguado, é que um professor de instrucção primaria desta cidade, abusando do cargo para que fôra nomeado, seduzira os seus discipulos de menor edade, para assignarem um contraprotesto, a favor dos padres de Santa Theresa.

Este facto reprehensivel foi denunciado ao publico em o n.° 2802 deste jornal, pelo pae de uma das creanças, e até hoje não teve desmentido.

Pelo que vamos vendo, este objecto vae tomando grande vulto, passando de questão de mais ou menos fanatismo, a tornar-se questão politica.

O auctor do opusculo a que nos referimos foi inconvenientissimo na linguagem que usou, atacando o partido liberal de uma maneira desabrida. Todas as pessoas com quem temos fallado, são accordes em deplorar uma tão mal dirigida publicação.

Custa-nos ter de dizer isto ao auctor do opusculo, quem quer que elle seja; mas a verdade antes de tudo.

Ninguem reprova e detesta mais do que nós os *impostores*, os *impios*, os *desordeiros*, os *delapidadores*, os *deshonradores das familias*, os *immoraes*, os *homens sem consciencia*, os *mentirosos*, os *brutificados*, os *devotados ao bezerro de ouro*, os *dictadores*, os *depravados*, os *inconsequentes*, os *corações estragados*, os *libertinos*, os *orgulhosos*, as *assuadas*, os *desacatos*, as *trapassas*, as *saturnaes*, as *danças lobregas*, os *furores religiosos*, a *lepra da desmoralisação*, as *assembleas miseraveis*, a *heresia*, a *calumnia*, as *blasfemias*, as *imaginações desregradas*, as *casas de jogo*, os *alcouces*, as *cantigas obscenas*, os *insultos ao Crucificado*, as *hypocrisias*, o *saque*, o *roubo*, o *furto*, a *rebellião*, a *morte*, o *petroleo*, o *punhal*, a *guilhotina*, os *fuzilamentos*, os *incendios*, a *perseguição*, as *costellas quebradas*, os *espancamentos*, os *arrombamentos*, e tudo o mais que houve por bem ao auctor do opusculo—*Os missionarios e os neo-protestantes*—lançar em rosto aos liberaes de Coimbra.

Nos 27 annos de existencia deste jornal temos dado sobejas provas de que repellimos taes actos e doutrinas; mas egualmente detestamos do coração, as *fogueiras*, os *tormentos*, as *forcas*, o *cacete*, os *confiscos*, os *sequestros*, os *encarceramentos*, e todas as mais perseguições que se tem feito em nome de uma religião, toda de paz e caridade.

Ao mesmo tempo que seguimos a religião de Jesus Christo, em que felizmente desde a infancia fomos educados; estamos tambem promptos a combater aquelles que fizerem do pulpito, tribuna politica; e dos sacramentos da egreja, arma de partido.

Nada mais, e nada menos.

Ainda os missionarios.—O sr. Augusto Rocha, estudante distincto do 4.° anno de Medicina, pede-nos a publicação da seguinte carta:

«Sr. Redactor.—Afastado, pelos meus estudos, do movimento liberal, suscitado nesta cidade pela presença no convento de Santa Theresa de uns padres lazaristas, em seu dizer *missionarios*, eu não tencionava incommodar a v., pedindo-lhe a fineza de algum espaço nas columnas do seu jornal, se o apparecimento de um pequeno impresso me não suggerisse umas rapidas considerações innocentes.

Inscreve-se o tal papel sob o titulo, beatificamente ridiculo: —*Os missionarios e os neo-protestantes*—, e é firmado por—*Um amigo da verdade*—, assignatura esta, que, sobre o merecimento de ser sobejamente conhecida, junta a soberana vantagem de se resguardar da policia correccional.

O auctor do folheto mimosea com varios epithetos, mais ou menos galantes, os individuos, que, reunidos n'uma casa das proximidades da Sé Velha, deliberaram mostrar a nú, por todos os meios legaes, o facto escandaloso, que occasionavam as praticas e outras mechanicas dos ditos padres lazaristas. Como me encontrava entre esses individuos, e era até secretario da commissão promotora, entendi o caso comigo, e começando por indignar-me, por fim cheguei a rir-me.

Por este motivo, sr. redactor, já v. vê que não é meu intento pagar aquelle tão submisso e caridoso servo de Deus as animadoras expressões, em que me involve, pois me parece que o citado auctor está na posição namorada de um *dandy*, que se vê no seu espelho; mas o que eu julgo de necessidade é expôr o anonymo ao justo castigo do pelourinho da opinião publica.

E' assim que eu aponto á indignação da imprensa, dos paes de familia, da academia, emfim, de todos os homens honestos, que formam, com o seu juizo, a *opinião* esclarecida e despreoccupada, os anonymos auctores dos torpissimos libellos; é assim que eu os previno contra a invasão subterranea e vilissima dos escriptos desbragados, decididos em connubio monstruoso da má fé, da especulação, e da ignorancia, e trazidos á circulação pela permanente e sorrateira propaganda do beaterio; é assim que eu protesto, á luz da sincera verdade da consciencia moderna, contra os sinistros e tenebrosos propagadores do mal, contra esses que todos os dias cospem injurias sobre injurias na serena e resignada face de Jesus, cujo nome arrastam pelas ruas da amargura das hypocrisias descaradas.

E ainda esta carta mira um outro fim, sr. redactor, o de signalar uma insignificante differença, que o publico deve apreciar. Elles, os inquisidores das consciencias, os ferozes e cobardes ensinadores de doutrinas deleterias, apoderam-se dos espiritos timidos e pouco cultos de mulheres e de creanças, por todos os meios escuros, pelo confessionario, pela pratica sagaz e velhaca, pela pretendida simplicidade, pela austeridade ficticia, pela serenidade luzidia, entretida á custa dos primorosos doces das freiras, pela apparente mortificação da carne, pela melica suavidade das palavras, e dirigem-os a seu sabor; marcham com os olhos no chão, a passos amortecidos e lentos, envolvidos no mysterio e na sombra, passando pelos dedos nudosos as contas enormes de antigos rosarios; têem pequenos movimentos rapidos, e disfarçados, sorrisos amarellos e opiacos, palavras breves e humildes, como em segredo, e entendem-se por signaes imperceptiveis e cabalisticos; elles chamam-se o fanatismo, a intolerancia, o privilegio, a resurreição de todas as cousas odiosas, que fizeram sumir no sepulchro as valentes gerações modernas: nós somos conhecidos por todos, conhecem-se as nossas physionomias, como se sabem as nossas palavras, atiramos com as nossas opiniões á livre discussão, e ao livre exame; vêem-se os nossos costumes; trabalhamos á luz do dia, sob a vivida claridade, que a todos innunda; temos o sorriso aberto, o olhar rasgado e alegre, a fronte elevada e serena; temos a formosa alegria dos trabalhadores incansaveis e das consciencias limpas; temos por nós o estudo, a sciencia, e a critica; e temos alem disso por nós um auxilio enorme, a tendencia actual dos espiritos para a verdade.

No combate conhecem-se as nossas armas, e os nossos planos são sabidos; odiamos a treva, e desejamos a instrucção e a luz. É por isso que vencemos.

O plano de que os nossos inimigos se estão servindo, é o primeiro signal da victoria. Não podemos ser vencidos lealmente, talvez nos apunhalem no escuro.

Cá estamos, firmes, serenos, e corajosos, aguardando esses sicarios das reputações honradas.

Sr. redactor. V. deve estar convencido, á vista do que ahi vae, que esta carta, nem é um desforço, nem uma resposta, nem uma discussão provocada por um folheto ignobil;—não é. E' simplesmente o regosijo justificado do primeiro signal de uma importante victoria.

A publicação destas linhas, interesse de todos, é um serviço feito por v. á grande causa da justiça ultrajada.

Sou de v., com a maior consideração

Att.° obrgd.° mt.° admr.°

Coimbra 8 de Junho de 1874.

Augusto Rocha.

Ainda os martyres do Campo de Sant'Anna e da torre de S. Julião.—Será pouco tudo quanto se disser para stygmatisar o sanguinario procedimento dos governadores do reino, que mandaram enforcar e queimar os 12 martyres da liberdade no dia 18 de Outubro de 1817.

Aquelles homens sanguinarios bem sabiam que se fosse levada a sentença condemnatoria ao conhecimento de D. João VI, que se achava no Rio de Janeiro, de certo elle a não deixava executar, e commutaria as penas; e é por isso que elles fizeram immediatamente enforcar os infelizes martyres da liberdade, pois que entre a sentença e a execução della não mediaram senão dois dias.

Na proclamação que D. João VI dirigiu do Brasil ao clero, nobreza e povo de Portugal e Algarves, em 2 de Janeiro de 1809, dizia es-

te monarcha as seguintes memoraveis palavras, dignas de serem gravadas em letras de ouro:—**não vos esquecendo, que o vosso soberano sempre praticou o antigo principio de um imperador romano, que antes queria que se salvassem mil reus, de que fosse punido um só innocente.**

Que contraste entre esta linguagem humanitaria de D. João VI, e o procedimento barbaro e estupidamente atroz dos governadores do reino!

Vamos ainda apresentar uma prova mais evidente, de que se os governadores do reino esperassem pela decisão de D. João VI, as sentenças de morte não seriam executadas.

Alem dos 12 infelizes enforcados, foram condemnados, Francisco Antonio de Sousa, architecto, a degredo perpetuo para Angola, e confiscação de todos os seus bens; Antonio Pinto da Fonseca Neves, segundo tenente do regimento de artilheria n.° 3, a 10 annos de degredo para Moçambique, e confiscação de metade dos seus bens; e Francisco Leite Sudré da Gama, a 5 annos de degredo para Angola; não tendo estes tres mais culpa do que terem noticia da sociedade, mas sem a ella pertencerem, e não a denunciarem.

Os mencionados Francisco Antonio de Sousa e Antonio Pinto da Fonseca Neves, achando-se em 1819 em uma presiganga no Rio de Janeiro, obtiveram de D. João VI a commutação da pena de degredo, em irem servir no exercito em Montevideu.

Sem duvida o que aconteceu a estes degredados, aconteceria com pouca differença aos outros reus, se os barbaros governadores do reino os não tivessem feito enforcar.

No anno de 1821 imprimiu-se em Lisboa um livro de 102 paginas, com o titulo de—*Obras poeticas, feitas por Antonio Pinto da Fonseca Neves, segundo tenente de artilheria; victima da vergonhosa sentença, proferida no juizo da Inconfidencia, em 15 de Outubro de* 1817.

No fim do livro, de que até hoje ainda não vimos senão o exemplar de que nos estamos servindo, acha-se uma *Memoria que o auctor mandou unir aos autos, que produziram a infame e vergonhosa sentença executada em 18 de Outubro de* 1817.

Vamos transcrever a parte principal dessa *Memoria*, que é muito curiosa, em razão de ser escripta por um dos liberaes que escaparam de ser enforcados por ordem dos governadores do reino em 1817.

«Fui preso seria uma hora da manhã do dia 25 de Maio de 1817; conduzido ao Castello, e mettido em um segredo, do qual foi tirado, para eu entrar, um soldado do primeiro regimento de artilheria, que tendo assassinado dois homens, morreu enforcado d'ahi a quatro mezes.

«Findos onze dias, passei para outro segredo do Limoeiro, tão mau que o intitulam *segredo do inferno*—, do qual sahi para outro; e em todos tres estive *cento e quatro dias*; findos os quaes fui avisado para responder de facto, e direito!

«Mas que direito podia allegar, que me salvasse da má vontade de um governo tyranno, despota, e infame? de um governo, que sem estar ainda algum crime provado, isto é, no dia immediato ao das prisões, trata de indispôr o povo contra os infelizes que já contavam pendurados na forca! divulgando em uma portaria, *que já estavam presos os traidores, que queriam fazer correr o sangue em Portugal, e incendiar Lisboa!* passando o seu atrevimento a servir-se dos sagrados meios da religião para taes assassinatos, mandando-se em uma pastoral, *que se dêssem graças a Deus pelas prisões dos traidores!!!*

«Monstros! e não vos lacéra o remorso? não; porque este movimento interior não cabe senão aos homens a quem ainda resta alguma virtude; em cuja partilha não entraram os tigres, e os leões.

«O letrado, que me defendeu, allegou em meu favor o que poude, e quanto o permittiu o despotismo daquelles desgraçados tempos; o resultado foi o accordão (parece que dormiam aquelles ministros) arbitrario, que se acha na sentença impressa a folhas vinte e seis:—*Condemnam tambem o reu Antonio Pinto da Fonseca Neves em dez annos de degredo para Moçambique, e em confiscação de ametade dos seus bens*; no qual não apontam crime, nem lei que o mande punir! Esta classificação estava reservada no gabinete do Rio de Janeiro, e no quartel general, como mostrarei em seu logar.

«Desta arbitraria sentença se seguiu toda a qualidade de opprobrio, como, ir á casa da India e Mina em uma sege, rodeada de oito soldados, e um cabo, com um qualquer cousa, a quem chamam *Meirinho dos degredados*, e a quem dei 4$800 em metal para evitar maior insulto, isto é, liações de cordas, algemas, anjinhos, etc., etc.

«Fui por este mesmo digno companheiro, entregue ao capitão da Ribeira, Theodoro José Laurentino, encarregado da remessa dos degredados aos seus destinos, ao qual pedindo me enviasse ao Rio de Janeiro, servindo-me este porto de escalla para d'alli ir ao meu destino, foi-me respondido—*que tinha ordem positiva para me não mandar pelo Rio de Janeiro*: tanto é verdade que se não deixaram chegar aos ouvidos d'el-rei as queixas dos infelizes!

«Mas a dita licença foi-me concedida depois de anno e meio de prisão; por já terem preparado contra mim aquelle gabinete: sustentei-me á minha custa em todo este tempo de prisão, em Portugal, no Rio de Janeiro, e em Montevideu, em cujas viagens gastei grandes sommas, assim como em inuteis requerimentos, procuradores, e outras vias, que a decencia manda calar, e que nem um effeito tiveram, se não no fim de nove mezes, que estive a bordo da presiganga, o seguinte decreto:

«Por justos motivos que me foram presen-«tes, e se fizeram dignos da minha real co-«miseração, e muito pricipalmente em reve-«rencia ao dia sexta feira maior, em que «Francisco Antonio de Sousa, e Antonio Pinto «da Fonseca Neves, recorreram á minha real «piedade, supplicando-me o perdão das penas «em que foram condemnados por inconfiden-«tes, o primeiro por toda a vida para Angola, «e o segundo em dez annos para Moçambi-«que: hei por bem commutar-lhes as referidas «penas em o serviço das minhas tropas em «Montevideu. A mesa do desembargo, etc., etc. em nove de Abril de 1819.»

«A palavra inconfidentes, que não achava na sentença, me fez requerer a certidão das guias que me acompanharam para o Rio de Janeiro, nas quaes se acham as seguintes notas:

«Francisco Antonio de Sousa, casado com «D. Maria Joaquina Angelica de Sousa..... «condemnado em degredo perpetuo para o rei-«no de Angola, por crime de inconfidente— «Antonio Pinto da Fonseca Neves, casado com «D. Candida Filothea Botelho: este reu foi «condemnado em degredo por dez annos para «Moçambique, e isto por culpa e motivos!!!»

«Condemnar por *culpa e motivos*, sem declaração desses *motivos*, e dessas *culpas*, só lembrou aos desembargadores Antonio Gomes Ribeiro, e a seus adjuntos, e foi um methodo novo achado por elles, de condemnar, ou flagelar.

«Com as referidas notas, fiz outro requerimento que foi indeferido: nestas circumstancias fui para Montevideu, sem se me declarar a minha patente, requerida em mais de vinte requerimentos, sem algum resultado, porque nunca tiveram despacho; e por consequencia não podendo o general commandante das forças naquella parte oriental do Rio da Prata, empregar-me como official, fiquei alli como um simples degredado até ao dia 12 de Abril do corrente anno de 1821, no qual embarquei para Gibraltar, donde por terra entrei na minha patria no dia 3 de Julho do mesmo anno, graças ao governo liberal.

Quando sahi do Limoeiro, para ir ao meu destino, fui em uma cadeirinha da Ribeira, na qual (supponho que por despreso) me levaram com as costas para onde devia ir a frente, e cercado de soldados fui servindo de alvo do povo: no Rio de Janeiro, fiquei preso a bordo da presiganga, mais de nove mezes, e para me não lançarem ferros aos pés, foi-me necessario toda a força de expressão, e abonar a minha conducta com alguns conhecidos, que existiam naquella côrte! E é este o modo de tratar um cidadão, que em paizano, cadete, e official tinha exposto a sua vida pela sua patria?

«O ajudante da intendencia *Casal Ribeiro*, com o riso na boca, e o diabo no coração, fez quanto estava da sua parte, para reduzir-me a cinzas no campo de Santa Anna, e do quartel general sahiu uma ordem assignada pelo ajudante general Manoel de Brito Mozinho, a qual mandava se transcrevesse (como com effeito se transcreveu) no livro mestre do regimento a seguinte nota:

«Foi preso por ordem do governo em 25 «de Maio de 1817, por crime de lesa mages-«tade da primeira cabeça, e alta traição, e «sentenciado pelo tribunal competente (que «bellos juristas havia neste quartel general, «ou boceta de Pandora), em dez annos de de-«gredo para Moçambique, etc., etc.»

«No quartel general condemnaram-me por traidor! No Rio de Janeiro por inconfidente! E por mais diligencias que fiz para se me riscar semelhante nota, foi tudo inutil: o despotismo, e o arbitrio ligavam o governo de Portugal, ao do Rio de Janeiro; a chicana era a mesma, como mostro no seguinte facto.

«Conduzi para Hespanha um grande comboi de munições de guerra, instalei dois depositos, um em Medina d'El-Rio, outro em Palencia; commandei-os, e municiei o exercito por varias vezes; houveram transacções neste meu commando, e porque o meu degredo fosse longo em distancia e tempo, requeri ao governo para dar contas; o governo mandou por um aviso que *informasse o juiz dos degredados*, e depois deste mandar fazer uma revista aos meus documentos; foi escusado o requerimento, por portaria de 17 de Novembro de 1817: fiz logo outro requerimento, no qual pedia para conservação dos meus bens, se me dessem as contas por dadas, visto não ser admittido a dal-as; foi tambem indeferido! Não me deixarem dar contas, nem darem-mas por dadas! Póde chegar a mais o despotismo?

«No Rio de Janeiro fiz outro requerimento, allegando os dois indeferidos, e pedindo novamente a admissão das minhas contas; mas como o primeiro despacho, foi tambem um aviso, para tambem informar o juiz dos degredados, não cuidei mais das contas, que ainda estão por dar: eis o homogeneo dos dois governos. Cá, e lá más fadas haviam.

«A todas estas injustiças, vexames, enxovalhos e despezas, accresce a interrupção da minha carreira militar; pois que venho achar segundos tenentes, que eram mais modernos, todos capitães, e officiaes inferiores primeiros tenentes.

«Finalmente, se nesta memoria fizera um detalhe de tudo quanto soffri, cançaria a vossas senhorias, e faria mais odiosos ao publico todos os ministros, que tiveram a fraqueza ou a maldade de proferirem e assignarem uma tal sentença, contra tantos cidadãos, só para adularem um chefe estrangeiro; encabeçando em crime de lesa magestade, a opposição á sua prepotencia! Em quanto á parte que tive nella, nada mais se pode conhecer, senão que eu sabia daquella sociedade, e que não delatei: eu ser um delator! E um delator a bem de um estrangeiro! Não, os homens da minha educação moral, e conducta, não servem para delatores ou carrascos; isso é proprio de um bacharel *Sá*, de um *Pedro Pinto de Moraes Sarmento*, e de um *José de Andrade Corvo*, etc.

«Espero por tanto, e pelo mais que allegar em meu favor o benemerito letrado Filippe Arnaud de Medeiros, que aquella minha sentença seja annullada conforme o direito, e que me sejam pagos tantos prejuisos, que della me resultaram: protestando á minha patria, que eu verei se necessario fôr, correr o meu sangue pela utilidade da nação, e systema constitucional, como bom portuguez.

Antonio Pinto da Fonseca Neves.»

Amor do trabalho—São dignos de admiração os seguintes exemplos de actividade de certos homens. Factos desta ordem são lições agradaveis para quem aprecia os encantos do trabalho, e conselhos uteis para quem esterilisa a vida nos braços da ociosidade.

O grande philosopho Aristoteles trabalhava incessantemente, comia pouco e dormia ainda menos. Quando se deitava, adormecia com o braço estendido para fora da cama, apertando na mão uma bola de cobre, que caindo em uma bacia metalica collocada no chão, fazia grande ruido que o despertava.

A vida litteraria de Cicero foi uma das mais laboriosas da antiguidade. O numero de suas obras, os seus trabalhos politicos, as obrigações de advogado, o estudo profundo da philosophia grega e da litteratura italiana, tudo demonstra o seu genio infatigavel e verdadeiramente prodigioso.

Augusto não perdia um momento, e aos 16 annos de edade era um homem grave, dotado de grande prestigio no senado e no exercito. Em uma especie de agenda apontava tudo que queria fazer ou dizer na vida publica. Tinha tambem um jornal, em que registava todos os acontecimentos da sua historia, e em que escreveu uma estatistica geral do imperio, a fim de facilitar os trabalhos da administração.

Vespasiano, o primeiro imperador romano depois da dynastia dos Cesares, dispoz a sua vida de modo que perdesse o menos tempo possivel. Levantava-se todos os dias ante-manhã, lia cartas e memoriaes, praticava familiarmente com os amigos, informava-se de tudo, e resolvia todas as questões com extrema facilidade. É delle a celebre sentença—Um imperador deve morrer em pé.

Plinio foi official de cavallaria, desempenhando sempre com esmero os seus deveres militares. De dia cumpria rigorosamente as obrigações de seus cargos, e de noute consagrava-se a estudos profundos. De tudo que lia fazia extractos. Nas horas de comida ouvia a leitura de seus secretarios. Nunca saia sem levar comsigo algum livro e o necessario para escrever. A sua *Historia Natural*, verdadeira encyclopedia da antiguidade é um monumento do genio infatigavel do seu auctor.

Carlos Magno foi tambem de uma actividade prodigiosa. Commandou em pessoa 72 expedições militares; assistiu a egual numero de assembleas e concilios; foi ao mesmo tempo conquistador, legislador, administrador e grande reformador; protegeu a marinha, as artes, as sciencias, sobrando-lhe tempo para serios e aturados estudos.

Alfredo, o grande, dividia as 24 horas do dia em 3 partes eguaes, destinando a primeira á administração e negocios do estado, a segunda á leitura, estudos, e exercicios de piedade, e a terceira á comida, ao somno, e aos exercicios corporaes, passeios, caçadas, etc. Servia-se para regular o tempo diariamente de tres velas, de grandeza tal, que só durasse accesa cada uma oito horas.

Sully levantava-se de verão e de inverno ás 4 horas da manhã, lia a sua correspondencia official e dava-lhe o devido destino. Ás 7 horas assistia ao conselho, e o resto da manhã passava-o junto do rei. Ao meio dia jantava, dando em seguida audiencia. Trabalhava depois até á hora de ceia, passando depois a viver só para si, lendo, escrevendo, e conversando com os mais intimos amigos.

Frederico, o grande, levantava-se sempre ás 4 horas da manhã, e para não perder tempo, vestia logo o fato com que havia de andar todo o dia. Nunca deixou para o dia seguinte a resolução de negocio, que lhe fosse possivel decidir immediatamente. Para não dormir muito, ordenou que para o accordarem lhe pozessem sobre o rosto um panno molhado em agua fria.

Winchelmann, para dormir pouco, sentava-se em uma cadeira, com uma campainha atada a um pé, a qual tocava ao mais leve movimento, acordando-o immediatamente. Voltaire servia-se do café como despertador, tomando todos os dias muitas chavenas desta bebida. Buffon tinha um criado, que era inexoravel em o acordar á hora prescripta.

Cuvier dispunha do tempo de modo, que não perdia um minuto. Sobre a mesa de trabalho tinha sempre aberto o livro em que escrevia. Em todas as casas tinha secretarias com papel, pennas e tinta. Lia e escrevia sempre, até nos seus passeios de carruagem. As obras immortaes deste grande naturalista foram o resultado desses quartos de hora, que elle sabia aproveitar, e que quasi todos perdem tão inutilmente.

A curta vida do sempre chorado e saudoso monarcha, o sr. D. Pedro V, tambem foi um modelo perfeito de admiravel actividade. Elle era o *amigo dos que trabalham*, e podia servir de exemplo a todos, porque repartia o seu tempo pelos cuidados mais assiduos e espinhosos da sua vida de rei, pelo estudo profundo e aturado das sciencias mais difficeis, e pelo cumprimento das mais santas virtudes sociaes e domesticas. Em toda a sua vida revelou sempre tal dedicação pelos serviços

publicos, pela instrucção e civilisação do seu povo, que foi um verdadeiro martyr do trabalho; e as paginas da sua historia serão sempre honrosissimas, edificantes e abençoadas.

Primeira communhão de meninos.—No domingo houve na egreja de S. João de Almedina desta cidade, o acto edificante da primeira communhão a grande numero de meninos e meninas, que previamente haviam sido preparados pelo digno reitor da Sé Cathedral, o sr. padre Antonio Garcia dos Santos.

Pregou ao evangelho o reverendo parocho das Means, e acreditado orador, o sr. padre Julio da Silva Carvalho.

Assistiu a esta festa religiosa o exm.º prelado da diocese, e um concurso numerosissimo de fieis.

O reverendo reitor, quiz rematar esta festa com um acto não vulgar nesta cidade. Havia mandado preparar n'uma casa da Sé Cathedral, um excellente e variado almoço, para os meninos e meninas, que tinham recebido o pão dos anjos, e que se achavam todos elegantemente vestidos.

O reverendo reitor, fez por essa occasião áquellas innocentes creanças uma pratica religiosa, para as encaminhar ao cumprimento de todas as virtudes.

As numerosas pessoas que assistiam a este alegre festim, estavam profundamente commovidas.

Para que as creanças se recordem sempre deste dia memoravel da sua vida, distribuiu o reverendo reitor um elegante diploma por cada uma.

Na freguezia da Sé Cathedral foi um dia muito alegre o de domingo ultimo, e alli ficará lembrado com saudade por grande numero de familias.

E do muito digno reitor da Sé, o sr. padre Antonio Garcia dos Santos, que diremos? Limitar-nos-hemos a dizer, que pelas suas virtudes e excellentes qualidades, tem grangeado a cordeal amisade dos seus parochianos, que todos, sem excepção, respeitam e veneram o seu bom pastor.

Parochos como este, honram a sua classe, e são um bem para a sociedade.

Festas em Santa Cruz.—Na sexta feira haverá a festa do Santissimo Coração de Jesus. Prega de manhã o sr. padre Neves. Ainda não sabemos quem é o pregador da tarde.

No domingo haverá festa a Santo Antonio, transferida do dia antecedente Antes da festa, e pelas 9 horas, virá o exm.º bispo conde a Santa Cruz administrar o santo sacramento da Confirmação; sendo este acto precedido de sermão, que pregará o sr. padre José Maria dos Santos, secretario de s. ex.ª

Cemiterio da Conchada. — Na semana linda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Augusto, filho de José Dias de Paiva e de Carolina Nazareth Paiva, natural de Coimbra, de 3 mezes, fallecido no dia 1 de Junho.

Maria da Piedade, filha de Joaquim Antonio d'Almeida e de Anna de Jesus, natural de Coimbra, de 12 annos, fallecida no dia 4.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:506.

Jubilação —O sr. Bento José de Oliveira, professor da extincta escola de ensino mutuo desta cidade, foi jubilado com o ordenado por inteiro (200$000 rs.)

Eleição de deputados.—Foi marcado o dia 12 de Julho para a eleição de deputados.

O Instituto.—Recebemos o *Instituto*, volume XVIII, n.º 8 da segunda serie. Traz os seguintes artigos:—Fontes da receita publica na India, por M. C.—Assimilação vegetal, por A. V. d'Oliveira David. — Quadros da vida romana, por Luiz Garrido. — Bibliographia da Imprensa da Universidade, nos annos de 1872 e 1873, por A. M. Seabra de Albuquerque.

ANNUNCIOS

1 ARRENDAM-SE dois celleiros no pateo da Inquisição. Um dos ditos é dentro do quintal. Sua dona viuva Padua.

Attenção

2 JOAQUIM JOSÉ DUARTE, no seu estabelecimento de ferragens e tintas para pinturas, tambem vende cimento romano, pranxões de pinho Flandres, gesso de Soure, e dito francez, para estuques. Praça 8 de Maio, 4 a 8.

3 VENDE-SE para pagamento de divida hypothecaria, uma boa fazenda, no lindo sitio do Cidral, proximo á cidade, e perto da estrada da Beira, com muita agua, e proporções para se augmentar o seu volume, com pouca despeza. Emfim propriedade nas melhores condições para um estabelecimento fabril. Quem a pretender póde dirigir-se ao sr. Antonio Duarte Ariosa, na praça 8 de Maio.

Attenção

4 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para todo e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

DOCTOR IN ABSENTIA

5 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS. *rua do Rei*, 46, *em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

PRAIA DA FIGUEIRA

6 ALUGA-SE para Outubro e Novembro, a casa de A. Forjaz, no bairro novo.



MACHINAS PARA COSER

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

PARA USO DE FAMILIAS E INDUSTRIAES

Unica sucursal EM PORTUGAL	6, Praça do Loreto, 7 LISBOA	Unica sucursal EM PORTUGAL

O representante desta Companhia, tem a honra de participar ao publico, que acaba de chegar a esta localidade (onde apenas tenciona demorar-se 15 dias) com um sortimento das suas celebres machinas de costura, assim como agulhas, torçal, linha, algodão, e oleo para uso das mesmas, e que se acha estabelecido em Coimbra, na RUA DO VISCONDE DA LUZ, N.º 34 e 36.

VENDA DE PIANO

8 VENDE-SE um em bom uso para ensino. Rua dos Sapateiros, n.º 25 a 29.

9 NO DIA 16 do corrente mez, por 9 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta cidade, perante o exm.º dr. juiz de direito desta comarca, se hade arrematar em praça publica, uma morada de casas de tres andares e lojas, sitas ao Marco da Feira, desta cidade, que tem os numeros 18 a 26, penhoradas na execução que José Jacintho da Silva, desta cidade, move á viscondessa de Santo Varão, D. Emilia Candida Alves Ribeiro de Noronha. E' escrivão officio de Servulo.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Nova galera **Camões** em 27 de Junho.

Para o **Maranhão:**

Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Aos proprietarios e mestres d'obras

11 VIDRAÇA da Nacional Fabrica da Marinha Grande, a 160 rs. o kilo.

100—Praça de S. Bartholomeu—102

Venda de casa nobre em Coimbra

12 VENDEM-SE no dia 28 do corrente, em praça particular, se o preço convier, as casas que fazem esquina para a rua do Norte, com o n.º 25, e rua do Cosme n.º 1, defronte da Universidade, com entrada por ambos os lados, grandes salas, quartos, e quintal com arvores de fructo, grande parreira, cysterna com agua para todo o anno, pateo interior com pia de pedra, duas cocheiras, e cavalharice para 8 cavallos.

A praça será na casa n.º 7 da dita rua do Cosme.

VENDA DE PIPAS

13 VENDE-SE uma porção de pipas, avinhadas, e quasi novas. Quem as pretender póde dirigir-se a José Velasco, na rua da Sophia, n.º 27.

MERCEARIA DE

JOSÉ TAVARES DA COSTA

Rua da Calçada á Portagem

COIMBRA

14 CONTINUA A VENDER neste estabelecimento, verdadeiro vinho de Champagne—Licores do Pere Kerman—Cognac, fino-Champagne—Genebra, em garrafas e botijas, preços sem competidor, porque tudo recebe directamente do estrangeiro

Vinhos do Porto, seccos e adamados, preços de 400 rs. a 1$000—Xerez de la Frontera—Bordeus—Madeira— e Moscatel de Setubal.

Manteiga ingleza, nova—Assucares, refinados e crystalisados—Pilé em fórma—Uma especialidade de chá de 1$200. já approvado por muitas pessoas competentes.

Encontra-se um aceio, pouco vulgar nos estabelecimentos de mercearia.

15 PRECISA-SE uma mestra para ensinar duas meninas, que a não saber todas as prendas, ao menos saiba bem lêr, escrever e contar, coser, fazer meia, e bordar, e que tenha de 30 annos para cima aproximadamente a 40, que é para casa do sr. Azambuja, das Means.

16 VENDEM-SE 3 cadeiras de braços—uma porção de madeira de carvalho—um armario de dois corpos—3 camas de madeira de platano—uma mesa de cereijeira, com abas, e duas gavetas—4 estantes com bancadas—uma trave de chopo de 8 metros—uma escada de chopo, nova, de 27 degraus—outra escada de chopo de 16 degraus.

Vende José Joaquim Gomes Freire, na rua das Covas.

PAPEIS PINTADOS

VARIADISSIMOS GOSTOS

100—Praça de S. Bartholomeu—102

Joseph Rodgers

18 NAVALHAS para barbear. Bom sortimento na rua da Calçada 46—48.

46 Rua da Calçada 48

19 ACABA de receber-se neste estabelecimento directamente da fabrica, um lindo sortimento de papeis para forrar paredes, por preços muito convidativos.

NUMERO 2805 — SABBADO 13 DE JUNHO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Por decreto datado de 5 do corrente mez, foi designado o dia 12 de Julho para a eleição de deputados. Mais um mez, portanto, e ferir-se-ha o combate entre os amigos da actual situação e os seus adversarios.

Quando as lutas se travam entre forças tão desiguaes, entre partidos cujas ideias politicas o paiz tem tido occasião de confrontar por forma que não ha duvidar dos seus resultados praticos, é facil prever de que lado estará a victoria.

Não vae longe a epocha em que a nação cançada de decepções e discordias, estiolada pelas continuas mudanças politicas, descrente dos homens e das coisas, defrontava o precipicio em que as ambições iam precipital-a.

As forças e os recursos do paiz tinham-se esgotado: restava sómente a miseria das classes populares, o entorpecimento do trabalho e a completa estagnação de todas as fontes de riqueza publica. Uma divida enorme fazia arrecear um cataclismo social.

Era este o estado do paiz quando foi chamado ao poder o actual governo, que, acercando-se dos homens mais importantes, conseguiu mudar completamente a face ás coisas publicas. E esta mudança foi tão radical, que não ha hoje ahi quem, de boa fé, ouse contestar a prosperidade em que nos encontramos.

E comtudo os partidos da opposição lançam diariamente sobre o governo e seus amigos as mais rudes e calumniosas censuras.

Quando os partidos, em vez da discussão franca e leal dos principios, em vez de velarem na imprensa e na tribuna pela moralidade e pelo patriotismo, pelo direito e pelo dever, especulam e injuriam por systema, por ambição do poder ou por acinte pessoal, estão longe de merecer a consideração dos poderes publicos, e muito menos solicitar o suffragio popular.

E por isso a maior difficuldade que a opposição actual encontra frente a frente contra si, com a qual decerto não póde luctar, é a opinião publica, que de ha muito se pronunciou adversa a este systema, condemnado pelo bom senso, pelo decoro e pela moralidade politica.

Realisou-se na quinta feira á noute uma numerosa reunião do partido liberal, na sala da Associação Commercial desta cidade, para protestar e reclamar contra a reacção promovida pelos padres missionarios do convento de Santa Theresa. Presidiu o sr. Adriano Pereira da Graça.

Depois de larga discussão foi deliberado, que se nomeasse uma commissão encarregada de se pôr de accordo com os chefes das differentes fracções do partido liberal, a fim de se fazer uma outra e definitiva reunião, em que seja representado todo o partido.

O partido liberal de certo saberá conciliar nas suas resoluções, a firmeza com a indispensavel moderação. E' assim que procedem os partidos que tem a razão pelo seu lado.

Em quanto a nós temos plenissima confiança na reconhecida illustração do digno prelado da diocese, para que nem um momento possamos duvidar de que s. ex.ª hade decidir esta pendencia, com a cordura e bom senso que costumam caracterisar os seus actos, de forma a fazer tranquillisar os espiritos agitados.

Chegou na quinta feira a esta cidade o distincto publicista e eminente orador o sr. Emilio Castelar.

O illustre viajante visitou os differentes estabelecimentos da Universidade, e os principaes templos, indo depois tambem ver os pittorescos arrabaldes de Coimbra.

A' noute foram muitos academicos, com uma philarmonica, ao hotel onde o sr. Castelar estava hospedado, a fim de o comprimentar. De uma das janellas do hotel agradeceu o insigne orador estas provas de deferencia, mostrando por essa occasião os vastissimos recursos da sua intelligencia, arrebatando a todos com os arrojados voos da sua eloquencia inspirada.

O sr. Castelar foi muito bem recebido em Coimbra, e mostrou-se extremamente encantado com as bellezas naturaes desta cidade e com os magnificos monumentos que encerra.

Um dos feitos mais heroicos que neste seculo tem havido em Portugal, é sem duvida a defeza da cidade do Porto, nos annos de 1832 a 1834.

Os actos de bravura alli praticados põem esta invicta cidade a par da immortal Saragoça, e da celebre Bilbau.

A liberdade que hoje gozamos, devemol-a aos generaes, officiaes e soldados que ahi derramaram o seu sangue, resistindo ao exercito de D. Miguel.

A nação não deve ser ingrata para com os bravos, já hoje quasi legendarios, que 1 contra 10, expozeram o seu peito ás balas inimigas, em defeza da Rainha e da Carta.

Um dos valentes que sobresae entre os mais valentes, é o general José Antonio da Silva Torres, que havendo-se batido denodadamente no Pico do Celleiro, veiu depois cobrir-se de gloria defendendo a serra do Pilar.

Tomado que fosse este ponto, era certa a entrada dos miguelistas na heroica cidade; por tanto facil é de ver que esforços empregaria o exercito de D. Miguel para se apoderar daquella serra. A ella se dirigiram os melhores regimentos miguelistas; sendo, felizmente, para a causa liberal, impotentes todos os seus esforços. Nem a audacia do coronel Francisco de Magalhães Peixoto, o bravo commandante de caçadores 8 do exercito de D. Miguel, e que alli morreu; nem a valentia do coronel de milicias de Tondella, Rodrigo de Sousa Tudella de Castilho,

---

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXVII

D. CARLOS

CXVII

Na conclusão da revista passou Maroto a Vergara a beijar a mão de D. Carlos, e lhe disse:

—Senhor: eu creio que vossa magestade não quererá fuzilar-me.

—Não, homem! lhe respondeu. E porque dizes isso?

—Senhor, porque vossa magestade me põe no caso de ter que mandar fuzilar uma, ou duas duzias de pessoas, e na precisão de ter que vir logo perante sua real presença para que mande fazer o mesmo comigo.

—Não, não, socega, e tem confiança em mim, como eu devo tel-a em ti. Tudo são intrigas da revolução, que eu conheço melhor que tu. Não faças casos de ditos, que eu te asseguro saberei cortar as desavenças, e vae confiado; porem assegura-me que eu tambem o devo estar de ti.

Avistou-se logo Maroto com os padres Gil e Cyrillo, os quaes convieram em voltar a fallar a D. Carlos, e dizer-lhe que *Maroto estava resolvido a fazer por sua mão a justiça que tantas e tão repetidas vezes havia inutilmente reclamado.*

O exercito carlista marchou a Tolosa, onde o seu chefe recebeu novos avisos da conducta do general Garcia, ordenando então a prisão do general D. Paulo Sanz e dos officiaes da secretaria da guerra, Bañez e D. Florencio Sanz, que fugiu, quando era conduzido de Villarreal para o quartel general. No caminho se encontrou Maroto com o intendente Uriz, a quem mandou que o seguisse.

Ao brigadeiro Carmona, que ia no quartel general, e que estava de espia para noticiar aos conjurados quanto podesse convir-lhes, fallou-lhe particularmente Maroto em muitas occasiões para que aconselhasse a Garcia e a seus companheiros, que reflexionassem no que faziam, e não o pozessem na justa precisão de os castigar, acrescentando-lhe tudo que lhe suggeriu o seu desejo de evitar um conflicto, que considerava imminente, por mais que o cressem alguns sem o valor necessario para o arrostar.

Ao saber Maroto que se haviam effectuado as prisões que ordenara, disse a Carmona que se dirigisse a Estella e dissesse a Garcia e demais companheiros, que ao amanhecer do seguinte dia marchava á cidade, que podiam apresentar-se com as forças que estavam sublevando, e esperal-o no terreno que lhes parecesse, como praticos e conhecedores delle; porem que *estivessem antes na firme convicção de que com suas mesmas tropas havia de fuzilar a todos;* acrescentando-lhe que elle mesmo Carmona se fosse pondo bem com Deus, se queria morrer como christão.

Tratou este de evitar a sua commissão; porem disse-lhe Maroto que se não marchava, se adeantaria a hora da sua morte.

Carmona cumpriu o que lhe fora incumbido: e Garcia, Guergué e demais conjurados riram-se de taes ameaças, dizendo *que o deixassem vir, que alli mesmo o haviam de fuzilar;* tendo em seguida umas cartas que diziam lhes haviam escripto D. Carlos e Teijeiro, promettendo-lhes o triumpho.

Maroto seguiu a Estella, onde entrou acompanhado da sua escolta. Achou as ruas desertas, e esta circumstancia, que podia ter sido casual, não deixou de chamar-lhe a attenção, muito mais quando advertiu que as poucas pessoas que nellas se achavam, o olhavam como surprehendidas.

Para dirigir-se ao alojamento que tinha de costume, era preciso passar pela porta daquelle que occupava Garcia. Achava-se este com alguns da sua comitiva nas janellas: observou-os Maroto fixamente, e alem de o não saudarem, zombaram delle.

Carmona não estava na povoação; tinha ido percorrer varios postos occupados por alguns batalhões navarros, para fallar com os seus chefes, sobre quanto lhe disse Maroto, procurando conspiral-os contra elle e preparal-os para a execução do que Garcia se havia proposto, conforme as instrucções de Teijeiro.

Esteve o mesmo Garcia quieto em sua casa, e nem um só ajudante mandou a receber ordens de Maroto, como era do seu dever.

O governador da praça, marechal de campo D. Braz Maria Royo, deu conhecimento ao general em chefe de quanto lhe constava sobre os projectos de Garcia, para sublevar a tropa, e assegurou que se estava em imminente risco, affirmando a Maroto em seu proposito es-

ferido com tres balas; e de outros muitos outros officiaes do mesmo exercito, poude conseguir o que tanto anceavam.

A serra do Pilar continuava sempre em poder dos liberaes!

E' que naquelle baluarte da lealdade achava-se o general José Antonio da Silva Torres; estavam alli os *polacos da serra*, os bravos voluntarios, decididos a dar a vida pela patria e pela liberdade!

Acabamos de saber que os restos mortaes do valente Torres, o barão do Pico do Celleiro, o visconde da Serra do Pilar, se acham esquecidos no cemiterio de Santarem.

Differentes liberaes daquella cidade, constituidos em commissão, e animados de nobres sentimentos, estão resolvidos a pagar uma divida de gratidão ao general Torres, o que se verá na exposição que nos dirigiram e abaixo publicamos.

Da melhor vontade annuimos ao pedido que nos faz a referida commissão.

AO PARTIDO LIBERAL PORTUGUEZ

Prestar homenagem á memoria dos heroes que, com os seus relevantes serviços, concorreram para a implantação da liberdade hoje usufruida, é uma obrigação que não deve ser declinada por aquelles que estão no goso dessa liberdade.

Cumpre pois expor ao respeito do povo a memoria dos que batalharam pela nossa emancipação, erguendo-lhes monumentos, onde a todas as horas se recordem as acções d'esforço, lealdade e abnegação por elles praticados na gloriosa pugna liberal, para assim provarmos que somos gratos a taes feitos, e avivarmos no coração das modernas gerações a chamma do amor da liberdade.

E por isso que nós abaixo assignados, membros obscuros, mas sinceros, do partido liberal, resolvemos abrir uma subscripção para se erigir um mausoleu ao visconde da Serra do Pilar, o general Antonio José da Silva Torres, (1) cujos ossos jazem esquecidos no cemiterio desta cidade, sem que ao menos um epitaphio recorde á geração presente onde estão as cinzas desse illustre general, que, sustentando a todo o transe o arriscado, posto confiado á sua lealdade, valor e vigilancia, concorreu poderosamente para a defeza da invicta e heroica cidade do Porto, e foi sustentaculo valente da causa liberal.

Tomando a iniciativa deste publico testemunho de gratidão para com os valiosos serviços prestados por tão distincto heroe da cruzada liberal, convidamos a todos os portuguezes, que prezam a liberdade, a que se dignem auxiliar-nos neste empenho, inscrevendo-se como subscriptores na redacção deste jornal até ao dia 31 de Julho proximo, ou dirigindo dentro de egual tempo, ao primeiro signatario deste, o auxilio que fizerem a honra de dispensar-nos.

Ousamos esperar que não será vão este nosso convite, e que o partido liberal portuguez mais uma vez demonstrará que aprecia, respeita e agradece os altos feitos d'um dos eximios defensores das suas generosas aspirações.

Santarem 28 de Maio de 1874.

José Maria de Couto Aragão.
José Peixoto da Silva.
José Joaquim Nunes.
Damazo Xavier Ramos.
João Maria Soares.
Bernardo Antonio da Silva.
João Antonio Soeiro.
João Alexandrino d'Aguiar Almeida.
Pedro Ferreira Moncada.
Antonio José Antunes.
João Manoel de Carvalho.
Antonio Pereira Machado.
Anselmo Pereira de Mattos.
João Antonio d'Almeida.
José de Figueiredo Cardoso dos Reis.
Pedro Pinto de Moraes Sarmento.
Alexandre Marques de Sampaio Junior.
Joaquim José Tavares Serrano.
Ventura Faria d'Azevedo.

(1) Com o devido respeito que tributamos aos membros da liberal commissão de Santarem, pedimos-lhes licença para dizer, que se enganam em o nome do general Torres. E' *José Antonio* da Silva Torres, e não *Antonio José* da Silva Torres.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

O visconde da Serra do Pilar —José Antonio da Silva Torres Ponce de Leão (1.° barão do Pico do Celleiro e 1.° visconde da Serra do Pilar) nasceu no dia 16 de Maio de 1782; sendo seus paes, Lazaro da Silva Torres, cavalleiro da ordem de Christo e correio mór de Santarem; e D. Feliciana Rosa de Oliveira.

Pelos seus serviços na guerra peninsular obteve a *cruz de ouro*, e as *medalhas* das batalhas de Albuera e Victoria.

Quando em 1828 rompeu a revolução contra D. Miguel, era tenente coronel do regimento de cavallaria n.° 8. Adheriu á causa da Rainha e da Carta, e commandou a cavallaria liberal. Assistiu ás batalhas da Cruz dos Mouroços e ponte do Vouga.

Emigrou para Inglaterra, e d'ahi se dirigiu para a ilha Terceira. No dia 4 de Outubro de 1829, á frente de uns contingentes do 2.° e do 5.° de caçadores, derrotou uma columna de guerrilhas miguelistas no Pico do Celleiro; ficando em consequencia disso toda aquella ilha sujeita á auctoridade legitima.

Antes de ser nomeada em 15 de Junho de 1829 a regencia da Terceira, composta do marquez de Palmella, conde de Villa Flor, e José Antonio Guerreiro, fez José Antonio da Silva Torres parte da junta provisoria que alli governou, e de que era presidente o general Diocleciano Leão de Brito Cabreira. Foi além d'isso governador do castello de S. João Baptista, e membro da junta consultiva.

Vindo para o Porto no exercito libertador, achou-se na batalha de Ponte Ferreira, e no reconhecimento de Souto Redondo.

Desde 8 de Setembro de 1832 até 20 de Agosto de 1833 esteve encarregado da defeza da serra do Pilar.

Ahi sustentou este ponto importantissimo, dos ataques que lhe fizeram os miguelistas nos dias 8, 9 e 10 de Setembro de 1832, 14 de Outubro e 14 de Novembro do mesmo anno, e outros.

Pela valentia com que havia defendido a serra do Pilar no dia 14 de Outubro de 1832, foi agraciado no dia immediato pelo duque de Bragança com o grau de official da ordem da Torre e Espada.

No dia 4 de Abril de 1833 foi mais agraciado com o titulo de barão do Pico do Celleiro.

Sahiu do Porto no dia 25 de Março de 1834, á frente da divisão de operações do norte, e destroçou as forças miguelistas em Santo Thyrso e na Lixa, e entrou depois em Amarante.

Tendo ahi chegado o duque da Terceira, entregou-lhe o commando da divisão.

Foi em seguida nomeado governador militar da provincia do Douro e interinamente do Minho.

Quando o duque da Terceira saiu de Coimbra em seguida do exercito inimigo, no dia 10 de Maio de 1834, ficou o barão do Pico do Celleiro governando esta cidade.

Aqui desarmou e dissolveu o batalhão do Minho, que estava insubordinado.

No mesmo anno de 1834 foi nomeado par do reino, e no dia 1 de Dezembro desse anno foi agraciado com o titulo de visconde da Serra do Pilar.

Exerceu o cargo de governador da torre de S. Vicente de Belem.

E' este bravo militar a quem se projecta levantar um mausoleu na cidade de Santarem, onde se acham os seus restos mortaes.

O imposto das janellas. — Uma das fontes de receita de que se lembrou D. Miguel para se sustentar no poder, alem dos celebres donativos *voluntarios*, foi um imposto sobre as janellas.

Possuimos o mappa do rendimento do imposto das janellas da comarca de Coimbra, no anno de 1832.

Por cada janella de primeira classe se pagava 240 rs.; e por cada uma de segunda classe 120 rs.

A cidade de Coimbra tinha naquella epocha 10:883 janellas de primeira classe, e 935 de segunda; o que produziu o total de 2:724$120 rs.

A freguezia de maior numero de janellas era a de S. Thiago. Tinha 1:774 janellas de primeira classe e 63 de segunda. Só nesta freguezia rendeu o imposto 433$320.

A freguezia de menor rendimento foi a de S. João de Almedina. Tinha 724 janellas de primeira classe e 58 da segunda; produzindo o rendimento de 180$720 rs.

A Universidade, só á sua parte, tinha 301 janellas de primeira classe, e 64 de segunda.

O imposto das janellas em toda a comarca de Coimbra, rendeu no mencionado anno de 1832, a quantia de 4:549$440 rs.; sendo as janellas de primeira classe 17:351, e as de segunda 3:210.

Depois de Coimbra, a terra immediata foi a Figueira da Foz, que produziu 528$000 rs. em 1:782 janellas de primeira classe, e 836 de segunda.

Seguiam-se Monte Mór o Velho, onde o imposto rendeu 267$240 rs., lançado em 975 janellas de primeira classe e 277 de segunda; e Tentugal, que pagou 153$480 rs.; quantia lançada a 565 janellas de primeira classe e 149 de segunda.

Todas as mais terras da comarca ficaram inferiores a 100$000 rs.

A terra que menos produziu foi Serpins, que pagou só a quantia de 960 rs., lançada a 8 janellas de segunda classe.

Conde de Podentes—Chegaram a Condeixa no dia 8, vindo da Gollegã, os ex.^{mos} srs. conde e condessa de Podentes, D. Maria d'Assumpção e Antonio Dias d'Azevedo.

É sempre bem vinda tão illustre familia, e a sua estada em Condeixa é de grande satisfação para os seus numerosos amigos.

Visitantes —A circumstancia de haver em Lisboa tres dias santificados reunidos, fez com que viessem a esta cidade numerosas familias. As hospedarias tem estado cheias, não havendo logar para todas as pessoas que alli tem querido ficar.

Festividade. — Hontem houve na egreja de Santa Cruz a festa do Santissimo Coração de Jesus. Foi feita com o explendor em que sempre se primou naquella egreja.

A festa do Coração de Jesus em Portugal. — Na *Historia politica e militar de Portugal desde os fins do XVIII seculo até 1814*, pelo sr. José Maria Latino Coelho, ha pouco tempo publicada, se lê o seguinte:

«Era a rainha (D. Maria I) muito particularmente devota do Coração de Jesus, e ar-

---

tas advertencias, e estimulando-o a usar de precauções para manter a ordem na povoação.

Ás 8 da noute, e quando se estavam alojando algumas das tropas da divisão que seguia Maroto, se lhe apresentou o cabo da guarda de uma das portas da praça a dar-lhe parte, que haviam prendido o general Garcia; respondendo o cabo simplesmente ás perguntas sobre a causa que havia motivado a prisão de Garcia, o seguinte:—*Meu general, como nestes dias que v. ex.ª tem estado noutras provincias, se nos disse tanto, e assim que v. ex.ª chegou vimos que o general Garcia, disfarçado de cura, saia da praça, julgamos fazer bem em prendel-o.*

Um acontecimento tão imprevisto, como inesperado, assegurou lisonjeiramente a Maroto do prestigio que tinha com a tropa, e não vacilou um instante em approvar a segurança da prisão de Garcia e a dos demais que estivessem ao seu alcance. O intendente Uriz havia sido preso na passagem das Duas Irmãs, onde tambem o seu fatal destino o conduzira.

Mandou Maroto chamar a Carmona, e se apresentou este na manhã seguinte, sem o desgraçado conhecer o caracter de Maroto, ou antes querendo-o pôr á prova; porque não pode conceber-se como sabendo a prisão de Garcia, tivesse a pouca percaução de ser tão obediente.

A segurança que apresentavam os batalhões, e a de quantos individuos estavam ás immediatas ordens de Maroto, cooperou muito para a total decisão da ordem terrivel, que estando acompanhado de Arizaga, escreveu por sua letra ao governador da praça para a execução do castigo.

Os que por disposição de Maroto foram postos na capella, estavam surprehendidos, e ao voltar do seu primeiro espanto, reclamaram os direitos de defeza e tramites privilegiados que por ordenança lhes correspondiam. Os generaes Garcia e Carmona pediram em vão, ver a Maroto; procuraram logo commover aos soldados, que eram o do 1.° de Navarra, recordando-lhes Garcia as suas glorias, o seu commando como chefe de batalhão, e os serviços prestados pelos generaes que haviam combatido com elles; porem a escolta repelliu com energia os seus pedidos, e ameaçado por um dos soldados, o general Garcia se dispoz a receber a morte com resignação christã e elevado heroismo.

Carmona dirigindo-se á tropa que o fuzilou, lhes declarou a sua innocencia, encarregando-lhes que respeitassem e defendessem ao seu rei, e manifestando a surpreza de ser fuzilado pelas costas.

O general Guergué só se occupou com algumas disposições de interesse privado, e morreu com serenidade e resolução, sem dirigir a ninguem palavra.

O intendente Uriz ostentou-se com piedosa resignação; e o general Sanz, que desde o momento da notificação se havia reduzido ao silencio, morreu tambem com religiosa conformidade. O seu cadaver foi recolhido pela viuva de D. Santos Ladron, com quem devia casar-se, e para a qual deixou escripta uma carta, noticiando-lhe a sua desgraça e rogando-lhe o encommendasse a Deus. Triste estrella na verdade a desta senhora, ver morrer desastrosamente em pouco tempo a um marido e a um promettido esposo!

Cumpridas em Estella tão terriveis execuções, que não eram ainda as ultimas, publicou Maroto, no dia 18 de Fevereiro de 1839, uma allocução dirigida aos voluntarios, e povos do reino de Navarra e provincias Vascongadas, tratando de explicar e justificar o seu procedimento.

Maroto propunha-se a fazer soffrer a mesma sorte a Balmaseda, e ao enviar um ajudante ao governador do castello de Guevara, com ordem de estreitar a sua prisão, lhe havia dado já este a liberdade, obedecendo a esta carta escripta, e assignada por D. Carlos: —*Gaviria, porá immediatamente em liberdade a Balmaseda, porque assim to manda e é a vontade do teu rei—Carlos.*

Effectuadas as execuções de que temos dado conta, chegou preso a Estella D. Luiz Antonio Ibañez, e sem que mediassem mais que duas horas desde a notificação da sentença até á sua execução, foi passado pelas armas, declarando antes de morrer a sua innocencia, e dizendo ao piquete, que—«aquellas armas illustradas por tantas glorias, iam manchal-as, commettendo um attentado, e voltando-as depois contra o seu rei.»

Arizaga e D. Francisco Eraso poderam salvar o coronel Ubago, o tenente coronel Ojer e outro, que teriam soffrido a mesma adversa sorte.

Os mais intimos conselheiros de Maroto naquelles asiagos dias, foram os vigarios de Lecumberri e de Abarzuza.

De qualquer modo, não devia prescindir Maroto dos tramites da lei, para que aquellas execuções não apparecessem como verdadeiros assassinatos, debaixo da sua forma de ordenança. Nem ainda se lhes permittiu a defeza, que se não nega aos criminosos.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

dia porque o seu culto se engrandecesse, e o povo todo viesse a ser participe n'aquella fervorosa devoção, tão dilecta da soberana. Trataram os confessores do rei e da rainha este ponto com o agente pontificio. O santo padre, grato aos favores já recebidos da imperante, facilmente condescendeu em que o dia daquella festividade se inscrevesse entre os santificados no calendario ecclesiastico do reino, e que as solemnidades liturgicas dedicadas ao coração do Redemptor fossem d'ahi em diante celebradas como de rito duplex de primeira classe em todas as egrejas de Portugal. E para que se acabe de entender quanto a rainha em meio das graves difficuldades e negocios do governo temporal, trazia fitos de preferencia os olhos nas celestes regiões, e se empenhava em grangear os negocios da alma, basta ler a correspondencia, que sobre este assumpto se trocou entre o nuncio apostolico em Lisboa e o secretario de estado, cardeal Palaviccini.

N'este piedoso desejo da soberana servia de officioso interventor o bispo de Penafiel, lidando em alcançar do Vaticano uma graça espiritual que tanto edificava o animo da sua penitente. Antes que o pontifice condescendesse em decretar o que D. Maria tanto desejava, commetteu ao nuncio o encargo de prover interinamente neste assumpto. Em consequencia das concessões da nunciatura, o patriarcha eleito ordenou em uma pastoral que se festejasse como dia santo de guarda o que era consagrado ao Coração de Jesus, e no anno de 1777 cahia a 6 de Junho. Os demais prelados diocesanos, solicitos em lisonjear as intenções piedosas da imperante, publicaram pastoraes para que a pomposa festividade se inaugurasse nas dioceses, que regiam. Fez a rainha celebrar na egreja da Bemposta a primeira festa do coração de Jesus com a grandeza e luzimento, que era então proverbial nas solemnidades religiosas da côrte portugueza.

Com grande cortejo e ceremonial foi a real familia á capella do *paço da rainha*. Alliviara-se o luto rigoroso, que então se trazia na côrte pelo recente fallecimento de el-rei D. José. A soberana levava comsigo á sua direita a rainha viuva D. Marianna Victoria de Bourbon. El-Rei D. Pedro conduzia ao seu lado o principe do Brasil. Aquelle dia, em que publicamente se começou a predilecta devoção de D. Maria I, foi solemnisado com todas as demonstrações de grande gala.

....

A uma das feições mais caracteristicas do reinado antecedente, qual era a de haver contrariado o progresso do monachismo em Portugal, oppoz o governo da rainha o favor, com que permittiu a introducção de novos institutos religiosos. Chegadas a Lisboa em principios de 1784 as monjas da Visitação, conhecidas vulgarmente pelo nome de *Salesias*, haviam alcançado da soberana a instancias do padre Pedro de Carvalho, da congregação do oratorio, que lhes fundasse mosteiro accommodado e o dotasse com renda sufficiente.

Assim entrou no reino, sob os auspicios da soberana, mais uma ordem religiosa além das muitas, que desde seculos se haviam domiciliado em Portugal.

Era tão fervorosa a piedade da rainha e tão ardente o culto que rendia ao Coração de Jesus, que o seu animo não ficaria satisfeito, se não sagrasse áquella invocação um templo monumental. Resolveu pois D. Maria I erigir uma sumptuosa basilica, e edificar junto d'ella um mosteiro para as religiosas da reforma carmelitana.

A 24 de Outubro de 1779 lançava el-rei D. Pedro III a primeira pedra ao edificio grandioso. Commetteu-se a direcção daquella fabrica ao fiscal ou intendente, que então presidia ás obras publicas, Anselmo José da Cruz (1), e com tanta celeridade se foi trabalhando na construcção, que já a 6 de Junho de 1781, dezeseis freiras tomavam solemnemente posse do convento. E porque era aquella obra o principal cuidado da rainha, celebrou-se com grande explendor e mostras jubilosas o instaurar-se naquelle dia a nova communidade. Tiveram as freiras banquete regio, em que as serviu á mesa a generosa padroeira. Officiou o principal Mello, e pregou o carmelita Fr. Izidoro de Santa Maria. Foi o convento do Coração de Jesus a maior e mais custosa edificação religiosa, que em Portugal se havia feito depois que a sumptuosa devoção de D. João V erigira a basilica de Mafra. Para alojar algumas mulheres de uma ordem recollecta e reformada, despendeu o erario quantias, que se haveriam por fabulosas, em tempos de tanta penuria publica, se os caprichos da monarchia absoluta não explicassem os gastos mais inopportunos e as mais desregradas liberalidades (2). Além do que se consumiu na construcção, dotou a rainha com mão larga o seu convento, e concedeu-lhe privilegios valiosos (3). A 15 de Novembro de 1790 celebrou-se com pomposa solemnidade a sagração do templo, e officiou de pontifical o bispo do Algarve D. José Maria de Mello, que havia succedido ao arcebispo de Thessalonica no encargo de guiar a consciencia da rainha.»

(1) Anselmo José da Cruz Sobral fôra nomeado fiscal ou intendente das obras publicas, substituindo a seu irmão Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, pelo alvará de 28 de Agosto de 1778, que despachára inspector geral da mesma repartição ao marquez de Angeja, por *haver mostrado a experiencia, a necessidade que havia que fosse um ministro de estado o inspector geral de todas as obras publicas*. O fidalgo valido da rainha contentava-se com auferir os pingues proventos desta apparatosa sinecura, deixando ao opulentissimo burguez o trabalho de presidir ás raras construcções daquella epocha.

(2) Variam as versões ácerca do que se dispendeu na edificação do convento novo. Jacome Ratton, que nas suas *Recordações* se mostra quasi sempre bem informado, pela entrada que tinha ás pessoas mais poderosas e influentes durante os ultimos dois reinados em que viveu, calcula em cinco milhões o dinheiro despendido, e para computar os disperdicios que á sombra da piedade se fizeram, aponta um facto, que demonstra ao mesmo tempo a que extremos chegava naquella epocha a largueza dos soberanos, cuja prodigalidade não achava correctivo em nenhum poder estranho, nem sequer no imperio moral da opinião. Refere Jacome Ratton, que as madeiras, que sobraram da construcção, doou a rainha a Anselmo José da Cruz, que presidia á obra, e com ellas edificou aquelle opulento funccionario um enorme quarteirão de predios entre o Chiado, a rua de S. Francisco e a rua Nova do Almada. Vide *Recordações* de Jacome Ratton, § 78.° *Da familia dos Cruzes*, pag. 348.

(3) Alvará de 1 de Julho de 1782, concedendo juiz privativo ás religiosas do Coração de Jesus e dando-lhes o privilegio de que as suas dividas sejam cobradas executivamente como fazenda real. Doou a rainha ás freiras o reguengo de Tavira.

Traducções de Cenaculo.— Amigo Martins de Carvalho.—Se lhe parecer bem, como se me afigura, tornar conhecidas uma ou duas traducções do sabio Fr. Manoel do Cenaculo Villas Boas, bispo de Beja e arcebispo de Evora, das quaes se não li por alto o artigo respectivo do nosso illustrado amigo o sr. Innocencio no seu *Diccionario*, se não faz alli menção, penso que agradavel noticia será para os amadores não só do grande prelado, se não de bibliographia. Deparou-me o acaso hontem, em uma loja de livros desta cidade, com este bilhete mettido na obra: —*A Arte magica aniquilada*— impressa em 1783 em Lisboa, por Simão Thadeu Ferreira, traduzida do italiano de Maffeu:

«—Estas obras ou foram offerecidas, ou mandadas imprimir á custa do exm.° prelado de Beja Cenaculo, ou mesmo algumas retocadas por elle, na certeza de que, de qualquer modo que seja, ellas foram impressas á sua custa, e para isso as repartia ao publico para sua instrucção, assim o fez e a muitos outros livros; por cujo motivo se lhe chamará a 3.ª Parte.»

Era da letra do conego de Evora, Aboim, aquelle bilhete, e junto á *Arte magica* estava outro livro—*Traducção da defeza de Cecilia Faragó accusada do crime de feitiçaria*— Lisboa, por Manoel Coelho Amado 1775.

Foi para mim uma cousa nova aquella leitura. Li algumas paginas das duas obras e pareceu-me conhecer alli o estylo de Cenaculo, sem embargo da prevenção. A tira ou bilhete do livro—*A Arte magica* no catalogo da bibliotheca de Evora tambem diz que é traducção de Cenaculo.

Na prefacção da *Defeza* escreve o traductor:—«As amas, ordinariamente grosseiras, e supersticiosas, ora entretem as creanças com a medonha narração dos lobishomens, e dos fantasmas, que apparecem nos escuros logares (como se receasse o demonio até a luz de uma vela) ora com extraordinarios e maravilhosos casos magicos, e das feiticeiras. Livramse destes nocivos erros os sabios, examinando, e pesando com criterio as opiniões de seus primeiros annos. Destes abusos pretendemos salvar os nossos compatriotas...»

E na da *Arte magica*, diz: «Não tivemos por objecto deste nosso trabalho aos portuguezes eruditos, porque bem commua é entre elles a sufficiente intelligencia da lingua latina: emprehendemos somente a instrucção d'aquellas pessoas que apenas lem e entendem a nossa lingua vulgar e...a quem faça horror negarem-se os prodigios magicos, parecendo-lhe que desta sorte se rejeita e nega a verdade dos milagres...»

Do aviso do conego Aboim, da declaração da tira no catalogo da bibliotheca e da comparação dos estylos nas duas traducções me veiu o convencimento de que ainda a penna e á boiça do bispo de Beja devemos aquellas duas obras em vulgar, a par dos *Cuidados Literarios*, e de tantas.

A sua linguagem não é elevada nas traducções, nem opulenta de vocabulogia, e a dicção é, por via regra, arrevesada e mal polida. Mas, como «as suas numerosas obras eram unicamente dirigidas ao fim de auxiliar a reforma dos estudos portuguezes» como escreveu Trigoso, no seu *Elogio*, parece-me que justo é agradecer-lhe a posteridade mais aquelles dois livros, vertidos para combater erros e preconceitos prejudicialissimos á mocidade, que não é raro abster-se de entrar de noute n'um cemiterio, ou de penetrar o templo mal alumeado, com receio de topar alli com almas do outro mundo, e com duendes de toda a especie.

Evora, 1874.—*A. F. Barata.*»

Substitutos—Foram nomeados para as differentes comarcas de Coimbra os seguintes substitutos de juiz de direito:

Arganil—José Ribeiro Freire de Amorim Pacheco—Antonio Gomes das Neves—José Luciano da Maia Xavier Annes—José Freire de Carvalho Lopo de Albuquerque.

Cantanhede—Bacharel José Luiz Ferreira Freire—Bacharel Elias José de Moraes—Bacharel João Monteiro Gil Roldão—Bacharel Lino Xavier de Figueiredo.

Coimbra—Bacharel Anthero Auguste de Almeida Araujo Pinto—Bacharel Albino Abranches Freire de Figueiredo—Bacharel Manoel José da Cunha Novaes—Bacharel Abilio Augusto da Fonseca Pinto.

Figueira—Bacharel Manoel José de Sousa Junior—Bacharel Antonio José Duarte e Silva —Bacharel Terencio Fernandes Antunes—Bacharel Elisio Freire de Abreu Pessoa.

Louzã—Bacharel José Maria Côrte Real Sacadura—João Gonçalves de Lemos—Pedro Soares Pinto Mascarenhas Castello Branco— Bacharel Vicente Pereira Gomes de Carvalho.

Monte'Mór o Velho—Bacharel José Augusto de Almeida Ferreira Galvão—Bacharel Adelino Bayard Pinheiro Pimentel—Bacharel Antonio Rodrigues Pinto—José Augusto de Goes Mendanha.

Soure—Bacharel Antonio Maria da Cunha e Silva—Bacharel Luiz de Mello Tocho de Almeida Soares de Albergaria—Bacharel o visconde da Quinta de S. Thomé—Bacharel Anthero de Aguiar Frasão Soares.

Taboa—Bacharel Roque Ribeiro de Abreu Abranches Castello Branco—Bacharel Joaquim Paes de Abranches—Bacharel Luiz Candido da Costa Brandão e Albuquerque—Fernando Gamboa de Vasconcellos Ayla.

Seita terrivel.— A Inglaterra ainda não poude exterminar a tenebrosa seita dos *thugs*, espalhada por toda a India. A doutrina desta sanguinaria associação é matar o maior numero de pessoas que fôr possivel, em honra da deusa *Kali*, deusa da morte, adorada pelos povos do Indostão.

As victimas recebem morte pela estrangulação, pelo punhal e pelo veneno. Affirmam os viajantes mais auctorisados, que os *thugs* consideram licitos todos os meios para conseguir o seu execrando fim, perseverando por muito tempo no seu designio, até que appareça ensejo favoravel para executar a morte com a maior frieza e impassibilidade. Os assassinos sepultam os cadaveres, e cobrem a terra com relva e flores.

Na exposição universal de Paris em 1855, na collecção de armas enviadas pela India, figurava um punhal, que deu a morte a 700 pessoas. O principe Alexis Soltikoff affirma, que conheceu em Dehli um velho *thug*, com 85 annos d'edade, que confessava com toda a ingenuidade e ufania, ter estrangulado 999 pessoas.

Sciencias mathematicas. — O estudo das sciencias mathematicas tem muitas vezes feito esmorecer o animo de homens intelligentes. O espirito das mulheres é ainda mais inacessivel ás altas combinações dos x e y. Ha comtudo algumas excepções, e uma das mais curiosas é a seguinte.

M. Bertrand examinando muitos manuscriptos autographos de Sophia Germain encontrou um trabalho de grande merito scientifico, relativo á theoria das funcções de Lagrange, e que encerra um estudo profundo deste difficil assumpto.

Sophia Germain apresentou em 1816 um trabalho sobre as mais elevadas theorias da sciencia mathematica, que foi coroado pela academia real das sciencias, merecendo o grande premio instituido nesse anno para este ramo da instrucção publica. Alem deste trabalho, em que a auctora revela vastos e profundos conhecimentos, Sophia Germain compoz ainda outras memorias interessantes, muito apreciadas pelos geometras, e que ainda hoje são consultadas com proveito pelos homens da sciencia.

A aguia e os corvos.— Um jornal francez dá noticia do seguinte facto.

Nos bosques do palacio de Etangs estabeleceu-se uma aguia real, que fazia uma guerra d'exterminio aos coelhos, lebres, perdizes e corvos. Um dia um bando de mais de 500 corvos veiu assaltar a ave de rapina, para vingar o sangue de seus irmãos. A aguia poude vencer e dispersar os seus aggressores; mas algumas horas depois um verdadeiro exercito de milhares de corvos tenta novo assalto, dividido em 5 columnas de combate, e consegue matar o seu feroz inimigo, cantando a victoria e fazendo uma grasnada infernal á volta do cadaver.

Nova publicação—O sr. Luciano Cordeiro offereceu-nos um exemplar, do seu recente livro—*Estros e palcos*.

Agradecemos ao illustrado escriptor o seu obsequio.

Noticias de Hespanha— Diz o *Jornal da Noite* o seguinte:

O general Concha continua em Logroño, dispondo das suas forças, para logo que possa tomar energicamente á offensiva, apesar de doente.

Os carlistas continuam a concentrar-se em Estella. Dizem cartas do Norte que estão desmoralisados, principalmente os navarros.

Na expectativa do que está para succeder no Norte, preoccupa-se a opinião publica com a questão de fazenda.

Madrid 10, ás 2 horas e 15 minutos da tarde—*A Iberia* affirma que Hatzfeld ficará em Madrid como simples encarregado de negocios e que será nomeado ministro plenipotenciario depois do reconhecimento official do governo de Serrano.

A Correspondencia diz que não se saberá nenhuma noticia da conferencia de Camacho com os delegados antes da decisão dos coupons.

O Imparcial assegura que a questão dos coupons subiu ao conselho d'estado com parecer desfavoravel ao accordo proposto pelos delegados.

Albareda parte ámanhã para Lisboa.

Concha poz em movimento as tropas em direcção a Estella.

Madrid 11, ás 8 horas e 45 minutos da manhã—Teve hontem logar um jantar diplomatico dado ao enviado dos Estados Unidos o sr. Cabeb Cushing, assistindo a elle os ministros e as principaes auctoridades de Madrid. O sr. Cabeb Cushing representou o seu paiz no tempo de Fernando VII e mostra-se muito conhecedor dos usos e cousas de Hespanha.

Madrid 10, á tarde.—Desmente-se o restabelecimento da concordia entre o estado e

a egreja. Sanchez Mira foi nomeado commandante da brigada de cavallaria de Castella Nova. Affirma-se que o ministro da guerra expediu uma circular aos capitães generaes para que concedam amnistia a todos os carlistas que a solicitem.

Diz-se que Mantilla recebeu ordem de partir immediatamente para Washington, a fim de tomar conta do seu logar de representante de Hespanha nos Estados-Unidos.

Esta noute reune-se o conselho de ministros, presidido por Serrano. Corre o boato que se sublevaram em Urcieta e Andoaim dois batalhões carlistas guipuzcoanos e que se recusam a partir para Navarra, não querendo combater fóra do seu paiz.

O ministro das finanças apresentará provavelmente hoje, ao conselho de ministros, o projecto relativo ao restabelecimento do banco Nacional.

Corre o boato de que o caminho de ferro de Saragoça ás fontes do Ebro, será inaugurado no dia 12.

Sabe-se que os carlistas fuzilaram em Durango dois chefes do batalhão foral, e prenderam outros chefes; sabe-se egualmente que levaram muito material de guerra para Estella.

Os circulos politicos estão muito animados na supposição de que se travou batalha esta manhã nos arredores de Estella. A ultima estatistica das forças carlistas do Norte apresenta 8:000 navarrezes, 7:000 biscainhos, 6:000 alavezes, 4:000 castelhanos e 9 canhões pequenos.

Madrid, 11, ás 2 h. e 30 m., da m.— O general Concha sahiu hontem com o seu estado maior, de Logronho. O thesoureiro da facção do cura Filix fugiu com 7,000 duros.

ANNUNCIOS

VENDE-SE

1 UMA BONITA CASA, situada na rua Alegre, da praia d'Espinho.

Tracta-se, em Coimbra, com João de Paiva, na rua da Ilha, n.º 10, desde as 2 horas até ás 4 da tarde.

2 VENDE-SE para pagamento de divida hypothecaria, uma boa fazenda, no lindo sitio do Cidral, proximo á cidade, e perto da estrada da Beira, com muita agua, e proporções para se augmentar o seu volume, com pouca despeza. Emfim propriedade nas melhores condições para um estabelecimento fabril. Quem a pretender póde dirigir-se ao sr. Antonio Duarte Ariosa, na praça 8 de Maio.

93 Rua do Visconde da Luz 95

3 VENDEM-SE pergaminhos, assim como fitas de todas as côres, para cartas de formatura, muito barato.

4 VENDEM-SE 3 cadeiras de braços—uma porção de madeira de carvalho—um armario de dois corpos— 3 camas de madeira de platano— uma mesa de cerejeira, com abas, e duas gavetas—4 estantes com bancadas—uma trave de chopo de 8 metros—uma escada de chopo, nova, de 27 degraus — outra escada de chopo de 16 degraus.

Vende José Joaquim Gomes Freire, na rua das Covas.

AGRADECIMENTO

5 CESAR POLLA, em seu nome e da companhia do theatro do Gymnasio, agradece aos directores do club academico, á academia e aos habitantes de Coimbra, a maneira attenciosa como foi recebido, e a todos protesta o seu eterno reconhecimento.

6 A MESA do governo da Santa Casa da Misericordia da cidade de Coimbra manda annunciar, que se acham vagos e a concurso, por espaço de 15 dias, a contar da data d'este, alguns logares d'orphãos e orphãs.

Os pretendentes aos referidos logares deverão apresentar seus requerimentos nesta secretaria dentro do referido prazo, com documentos que provem, que são orphãos de pae; —que não excedem a 7 annos, que são pobres, e que não padecem molestias contagiosas ou chronicas.

Secretaria da Santa Casa da Misericordia de Coimbra, 10 de Junho de 1874.

O escrivão da Mesa
Gaspar Alves de Frias Ribeiro.

Attenção

7 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

8 NO DIA 18 do corrente mez de Junho, pelas 11 horas da manhã, nos paços deste concelho, hão de dar-se de arrematação, pelo tempo de um anno, a principiar no 1.º de Julho proximo, e a findar em 30 de Junho de 1875, com as condições presentes no acto da praça, os impostos municipaes indirectos sobre a carne, vinho ordinario, vinagre, jeropiga, aguardente e cerveja que se consumirem nas freguezias do Ameal, Arzilla, Ribeira de Frades, Santo Antonio dos Olivaes, S. Martinho do Bispo, S. Paulo de Frades, Taveiro.

Esta arrematação será feita por cada freguezia separadamente, ou por todas em globo, segundo convier.

E para constar se passou este e outros, Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 11 de Junho de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

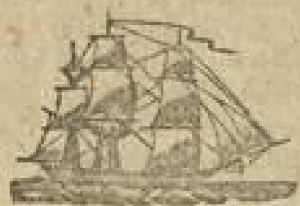
9 ARRENDAM-SE dois celleiros no pateo da Inquisição. Um dos ditos é dentro do quintal. Sua dona viuva Padua.

AGRADECIMENTO

10 JOÃO MARIA DE MOURA MATOSO, Adrião Pereira Forjaz de Sampaio e suas sobrinhas D. Julia e D. Joanna de Sampaio Forjaz, agradecem por este meio, por não o poderem fazer pessoalmente (como desejavam), a todas as pessoas que se dignaram dispensar os seus serviços, por occasião da doença e funeral de sua prima, cunhada e mãe, e em especial aos exm.os srs. drs. Sacadura e Costa Allemão.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Nova galera **Camões** em 27 de Junho.
Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Arrematação

12 NÃO se tendo arrematado no dia 12 de Maio ultimo, como se annunciara no jornal o *Conimbricense*, n.º 2789, uma propriedade de terra no sitio dos Lombos, que é a defora, campo de S. Martinho d'Arvore, que pela medida antiga tem 5 aguilhadas de terra, e pela moderna 2:700 metros quadrados, e que parte do nascente, e poente, com estradas; do norte com herdeiros de Francisco José Monteiro, de Lavarrabos, e do sul, com a viuva do dr. Moura, de S. Martinho d'Arvore, que é livre, e foi avaliada em 150$000 rs., e a qual foi penhorada na execução que José de Oliveira Flores, do logar de Taveiro, move a Luiz Rodrigues Beirão, e sua mulher, do logar de S. Silvestre, por isso que estes requereram que se suspendesse a dita arrematação, no que então conveio o exequente; por isso a requerimento do mesmo vai á praça para ser arrematada no dia 23 do corrente mez, pelas 9 horas da manhã, á porta da sala do tribunal judicial, e perante o exm.º sr. juiz de direito; e se entregará a quem por ella offerecer lanço que cubra a importancia de 4 quintas partes do valor da avaliação, conforme a disposição no artigo 218 do Regulamento predial de 28 de Abril de 1870.—Da execução é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

Coimbra 9 de Junho de 1874.

DOCTOR IN ABSENTIA

13 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

VENDA DE PIPAS

14 VENDE-SE uma porção de pipas, avinhadas, e quasi novas. Quem as pretender póde dirigir-se a José Velasco, na rua da Sophia, n.º 27.

SUBSTITUTOS A MILITAR

15 HA PROMPTOS no escriptorio da rua do Arco do Bandeira, n.º 219, em Lisboa.

Aos proprietarios e mestres d'obras

16 VIDRAÇA da Nacional Fabrica da Marinha Grande, a 160 rs. o kilo.
100—Praça de S. Bartholomeu—102.

17 A MESA do governo da Santa Casa, manda annunciar que se acham vagos e a concurso pelo tempo de 30 dias, a contar desta data, os logares de reitor e vice reitor do collegio dos orphãos a seu cargo, com obrigação de missas diarias.

Na secretaria da Santa Casa dão-se todos os esclarecimentos aos pretendentes.

Santa casa da Misericordia de Coimbra, 10 de Junho de 1874.

Acacio Hypolito Gomes da Fonseca.

18 NO DIA 18 do corrente mez de Junho, pelas 11 horas da manhã, nos paços deste concelho, hão de arrendar-se por um anno a principiar no 1.º de Julho proximo, e a findar em 30 de Junho de 1875, as lojas n.os 15, 16 e 22 do mercado de D. Pedro V.

No mesmo dia e hora ha de arrematar-se a cevada e centeio verde actualmente existente no cerco de Thomar, no todo ou por lotes, segundo convier.

As condições serão presentes no acto da praça.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 13 de Junho de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

AGRADECIMENTO

19 MANOEL JOSE' DE OLIVEIRA PONTES, não podendo agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se interessaram pela saude do seu chorado filho Gil de Oliveira Pontes, e ás que honraram a sua memoria, acompanhando-o á ultima morada, lança mão deste meio para lhes protestar a sua eterna gratidão, assim como ao dignissimo curso do 2.º anno Juridico, ao qual o fallecido se achava ligado pelo duplo vinculo do condiscipulado e de amisade.

Egualmente agradece ao habil medico o exm.º sr. Dr. João Jacintho da Silva Corrêa, o excellente cuidado com que sempre tratou o doente.

PRESERVATIVO DA SYPHILIS

Premio de 1.000$000

20 AS INSTRUCÇÕES sobre o modo como se deve usar para evitar o seu contagio e extinguir este tremendo mal, pelo dr. Antonio Ferreira Moutinho, medico pela Universidade de Coimbra, etc., etc.

Vendem-se em Coimbra na loja de

FONSECA
72—Rua da Calçada—76

Constando que algumas pessoas têem posto em duvida a innocencia e efficacia deste descobrimento, declara-se dar o premio de— UM CONTO DE REIS—a quem provar que o **Sabão vegetal Preservativo da Syphilis**, sobre ser inefficaz, é nocivo á saude das pessoas que d'elle façam uso, como se diz.

DENTISTA

CEREGUETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista Suisso

21 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, além de fazer dentaduras completas, por dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados, com pasta não conhecida até hoje; tem bom elixir para dôr de dentes; cura o escorbuto, e todas as molestias de bôcca; tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço, como se nunca tivera tido callos.

Praça **8 de Maio**, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

PRAIA DA FIGUEIRA

22 ALUGA-SE para Outubro e Novembro, a casa de A. Forjaz, no bairro novo.

GAIOLAS

Preços modicos
46—Rua da Calçada—48

ALBUNS

24 VARIADISSIMO SORTIMENTO por preços extremamente commodos.

Cristaes de Bohemia
46 Rua da Calçada 48.

NUMERO 2806 — TERÇA FEIRA 16 DE JUNHO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cégo, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Nada temos de palpitante interesse politico a communicar aos nossos leitores: tambem não temos felizmente acontecimento que perturbe o gozo das immunidades publicas; nem para tal ha motivo neste paiz, onde as crenças liberaes estão profundamente arreigadas em todas as classes, e onde as regalias sociaes estão perfeitamente mantidas.

Desde que o regimen liberal veiu fecundar a intelligencia e o trabalho; desde que este systema politico veiu dar acção e movimento a todas as manifestações do homem, dentro dos limites da razão e da justiça, a revolução e a desordem deixaram de ter fundamento plausivel.

Mas é preciso que todos os espiritos illustrados velem pela liberdade, para evitar os excessos dos falsos apostolos, a fim de não confundir o principio justo e santo, com as erradas ideias da demagogia—a liberdade com a licença.

Aos sinceros defensores da liberdade cumpre vigiar pelos seus foros e regalias, tanto contra os propugnadores do despotismo, como contra os excitadores das paixões populares.

Os exemplos da historia tem-nos mostrado evidentemente, quanto é prejudicial ao progresso das ideias e ao desenvolvimento das sociedades, o regimen oppressor e tyrannico dos antigos tempos, assim como as theorias propagadas pelos falsos apostolos da liberdade, que nos delirios da sua imaginação escandecida, propagam ideias subversivas, tão prejudiciaes á causa publica, ao progresso e á civilisação, como a tyrannia do absolutismo.

As liberdades demasiadamente largas, facilitam, ou promovem a anarchia; e esta é a negação completa de todos os principios e de todos os deveres; é o cahos; é o escolho onde vão forçosamente naufragar todas as virtudes sociaes.

São sempre prejudiciaes os excessos, partam d'onde partirem. O fanatismo é sempre um vicio abominavel, quer exista em nome da religião, quer em nome da liberdade, e contra elle se devem conspirar os verdadeiros liberaes.

E' preciso não nos deixarmos arrastar pelas ideias puramente especulativas, ou pelas imaginosas phantasias dos poetas. E' indispensavel meditar mais maduramente nos factos da vida real.

A politica e a sciencia de governar é essencialmente positiva.

Com a justiça nos actos publicos e com a pratica regular dos principios liberaes, exarados na constituição politica e em todas as leis do estado, debaixo do regimen monarchico-constitucional, que é inquestionavelmente o que melhor se harmonisa com os habitos e tradições do povo portuguez, tambem nós, e melhor do que todas as outras nações, podemos aspirar ao nosso ideal—a felicidade publica, o bem estar social.

Ao jornalismo cumpre esclarecer, aconselhar e encaminhar a opinião.

Empreguemos, portanto, todos os esforços para continuar a gozar da paz e da prosperidade, porque é este o supremo bem a que devemos aspirar. Assim iremos successiva e pensadamente corrigindo os defeitos das nossas instituições; bem mais aperfeiçoadas já do que as de alguns povos, que vivem debaixo do regimen republicano.

Nisto se devem empenhar todos os homens verdadeiramente liberaes, amigos da ordem, do progresso e da civilisação.

E com effeito, se não fosse a paz, a completa tranquillidade que este paiz tem gozado, debaixo do regimen monarchico-representativo, que o governo mui louvavelmente tem feito por manter e firmar, estariamos mui longe de attingir o grau de prosperidade que estamos desfructando.

Unamos, pois, os nossos esforços, para que continue este estado feliz: apreciemol-o, como o sabem apreciar os que têem vivido em continuas lutas e discordias intestinas.

ANTHERO D'ARAUJO PINTO.

Satisfazendo ao pedido que nos faz o nosso estimavel amigo o sr. D. José Maria de Almeida e Araujo Correa de Lacerda, publicamos o seguinte:

Sr. redactor.

Rogo a v. o favor da publicação da copia, aqui junta, da carta que dirigi ao exm.º vice-presidente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Confessar-se-ha muito obrigado o
De v. mt.º respeitador
Lisboa 13 de Junho de 1874.
D. José de Lacerda.

Illm.º e Exm.º Sr.

Tendo-se realisado o que devia ter-se por incrivel que se verificasse, quero dizer, acabando de ser conferido o diploma de socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa ao sr. Ernesto Renan, em virtude da nomeação feita pela classe das sciencias mathematicas, physicas e naturaes, quando a candidatura daquelle sr. tinha sido rejeitada, poucos dias antes, pela classe das sciencias moraes e politicas, e bellas lettras, a Academia, em quanto não reformada, tornou-se impossivel, na minha humilde opinião, como corpo legal, funccionando regularmente; e por isso, e porque motivos de ordem mais elevada obrigam a minha razão, e a minha consciencia, acho-me na rigorosa necessidade de levar ao conhecimento de v. ex.ª, que tenho por dever, para mim sagrado, cessar da frequentação da mesma Academia.

Permitta-me porem v. ex.ª accrescentar, com a singeleza que me parece estar bem a estes assumptos, algumas palavras, que tem como fim unico fundamentar a asserção que deixo escripta, e dar conta motivada do proposito a que me deliberei. Desejo ser breve, porque n'outro logar, não de certo mais respeitavel, mas sem duvida de maior publicidade, heide dizer com mais largueza, o que julgo cumprir-me resumir aqui a curtos periodos.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXVIII

D. CARLOS

CXVIII

Feitas as mencionadas execuções, mandou chamar Maroto o coronel D. Joaquim Sacanell, que se apresentou na manhã do dia 20, e lhe disse que sabendo a sua fidelidade, os bons serviços que tinha prestado, e o seu recto proceder, o escolhia para levar uma carta a D. Carlos, respondendo com a sua vida se a não entregava nas suas proprias mãos: *nella vae*, accrescentou, *a perda, ou a victoria da causa.*

Sacanell cumpriu bem o seu encargo. Ao chegar ao pé da costa de Descargá, encontrou a D. Carlos e sua comitiva, que se trasladava a Villafranca; approximou-se ao seu soberano e lhe entregou a carta, repetindo-lhe as palavras que lhe disse Maroto. Arrecadou-a D. Carlos por estar chovendo, mandou a Sacanell que o seguisse, e se reuniu o commissionado á comitiva, da qual ninguem sabia ainda o succedido em Estella, nem lho disse Sacanell.

Chegando a umas casas, apeou-se D. Carlos e leu a notavel carta de Maroto, datada de Estella em 20 de Fevereiro de 1839, da qual extractamos o seguinte paragrapho:

«É o caso senhor, que mandei passar pelas armas aos generaes Guergué, Garcia, Sanz, o brigadeiro Carmona e o intendente Uriz, e que estou resolvido para a comprovação de um attentado sedicioso, a fazer o mesmo com outros varios; que procurei a sua captura, sem respeito a foros, nem distincções, penetrado de que com tal medida se assegura a victoria da causa que me comprometti a defender, não, sendo só de vossa magestade quando se interessam milhares de viventes, que seriam victimas se se perdesse, servindo-me neste dia, para apoio das minhas resoluções, a vontade geral, tanto do exercito, como dos povos, cançados já de soffrer a marcha tortuosa e venal, de quantos tem dirigido o timão desta nau aventurosa, quando já devisa o ponto da sua salvação.»

No dia seguinte deu D. Carlos a seguinte notavel resposta, que lhe apresentou o ministro Teijeiro para assignar, e se fez circular com a maior celeridade nos povos e exercitos, *que reconheceram o seu legitimo governo e sustentaram a causa da egreja e do estado:*

«Voluntarios; fieis vascongadas e navarros.—O general D. Rafael Maroto, abusando do modo mais perfido e indigno da confiança e bondade com que o havia distinguido, apesar da sua anterior conducta, acaba de converter as armas que lhe havia encarregado para bater os inimigos do throno e do altar, contra vós mesmos. Fascinando e enganando os povos com grosseiras calumnias, alarmando, excitando até com impressos sediciosos e cheios de falsidades á insubordinação e á anarchia, fuzilou, sem preceder formação de causa, a generaes cobertos de gloria nesta luta, e a servidores benemeritos por seus serviços e fidelidade, enchendo o meu paternal coração de amargura.

«Para o conseguir, fez suppor que obrava com a minha real approvação; pois só assim podia ter encontrado entre vós quem lhe obedecesse; nem obteve, nem solicitou, nem jámais lha concederei para arbitrariedades e crimes. Conheceis os meus principios, sabeis os meus incessantes desvelos pelo vosso bem estar, e para accelerar o termo dos males que vos affligem.

«Maroto esqueceu o respeito devido á minha soberania e os mais sagrados deveres, para sacrificar aleivosamente aos que oppõem um dique insuperavel á revolução usurpadora, para expol-os a ser victimas do inimigo e dos seus tramas.

«Separado já do commando do exercito, o declaro traidor, como a qualquer que depois desta declaração, á qual quero que se dê a maior publicidade, o auxilie, ou lhe obedeça; os chefes e auctoridades de todas as classes, qualquer de vós, está auctorisado para o tratar como tal, se não se apresentar immediatamente a responder perante a lei.

«Dictei as medidas que as circumstancias exigem para frustar este novo esforço da revolução, que abatida, impotente, proxima a succumbir, só nelle poderia fundar uma esperança; para as executar conto com o meu heroico exercito, e com a lealdade dos meus amados povos; bem seguro de que nem um só de vós ao ouvir a minha voz, ao saber a minha vontade, se mostrará indigno deste solo, da justa e sagrada causa que defendemos, das fileiras em que me glorio de marchar o primeiro para salvar o throno com o auxilio de Deus, de todos os seus inimigos, ou perecer, se preciso fosse, entre vós—Real de Vergara 21 de Fevereiro de 1839—*Carlos.*»

Affirmei que se tornou impossivel á Academia como corpo legal, para o qual é dever funccionar regularmente. Affirmei a verdade; porque não é a Academia, quer a só classe das sciencias moraes e politicas, e bellas lettras, quer somente a classe das sciencias mathematicas, physicas e naturaes, as duas classes é que constituem entre ambas a Academia. Assim pois é indispensavel que funccionem ambas eguiar e harmonicamente, em conformidade do respectivo regimento, para que possa haver Academia. E existe essa regularidade e harmonia? E' sabido que não, como desde algum tempo factos successivos tem patenteado, e este, occorrido ultimamente, ha posto em evidencia.

Mas não só falta essa regularidade e harmonia, condições essenciaes da existencia legal da Academia, porem, de mais a mais, as duas classes estão em desharmonia total, ou antes em formal antagonismo. A classe das sciencias moraes e politicas rejeitou, usando do seu direito legal, a proposta para a admissão do sr. Renan a socio da Academia, e a classe das sciencias mathematicas e physicas, tendo em pouco esse direito, e por tanto indevida e illegalmente, admittiu ó sr. Renan.

Certo, pois que fôra preciso, para attribuir-lhe sombra sequer de legalidade, presuppor como acceitavel uma doutrina que repugna á boa razão, á praxe constante da Academia, e, se bem me recordo, á resolução (que deve constar do respectivo *livro das actas*), segundo a qual, quando a proposta de um candidato fôr rejeitada n'uma das classes, cumpre a esta dar communicação á outra para os effeitos correspondentes. Entretanto é impossivel ser e não ser ao mesmo tempo, e todavia, decidido, como foi, que se passe diploma ao sr. Renan de socio da Academia, resulta necessariamente o absurdo de que será o sr. Renan, e não será, socio da Academia; porque não é socio da classe que o rejeitou, e é socio da que o admmittiu. A consequencia é forçosa, a vingar a doutrina da classe das sciencias mathematicas e physicas. Mas sendo certo que, só de si, não é nenhuma das duas classes a Academia, a unica legitima consequencia é que não pode ser considerado o sr. Renan de nenhum modo socio da Academia.

E quem pode assignar o diploma do sr. Renan? O presidente da Academia não, porque S. M. el-rei D. Fernando não é presidente de uma ou outra das classes, mas de ambas conjuntamente, isto é, da Academia; e o sr. Renan, que foi rejeitado por uma dellas, ficou por isso mesmo, e desde logo, excluido da Academia. Quem pois? O sr. presidente da classe, que nomeou o sr. Renan? é impossivel, porque tudo legalmente lhe resiste. O diploma do sr. Renan não pode por conseguinte deixar de haver-se como ob e subrepticio. Com boa razão pois dizia eu que se realisara, o que não devia crer-se nunca realisavel. A taes desvios levam as resoluções, que tem razão de ser antes no capricho, do que na madureza do entendimento!

Cuido estar provada a minha primeira asserção, porem eu accrescentei que, sobre as razões dadas, outras de ordem mais elevada me obrigam, admittido o sr. Renan, a separar-me da Academia. Assim seria, sem duvida, ainda quando a eleição deste candidato não laborasse no vicio, que radicalmente a invalida; e ainda quando o sr. Renan fosse homem de tão subido merecimento em sciencia e lettras, como desejam fazel-o acreditar os seus apregoadores. Não devo omittir a indicação destas minhas razões.

Sou tolerante por indole, religião e pensado convencimento; mas, se tolero os homens tenham mais ou menos defeitos, e a todos trato não so benevolamente, senão, e sem nenhuma violencia, como a irmãos; comtudo veda-me a razão usar de egual tolerancia com as doutrinas, que desacatam a religião, e por consequencia fatal prejudicam profundamente a sociedade. Ora o sr. Renan, em differentes obras ataca pela base não sómente a religião catholica apostolica romana, que, demais de ser a minha religião, é a religião do estado, a qual todos os portuguezes estão adstrictos por juramento a guardar e defender; mas tambem ataca, e não menos formalmente, a religião christã, e toda e qualquer religião, porque o sr. Renan, não n'uma só, mas em varias obras, não contente de negar a divindade de Jesus Christo, nega toda a sorte de divindade, se posso assim explicar-me; e ufana-se de atheo, peior ainda—de pantheista. E podia eu concorrer com o meu voto, ou com a minha cobarde acquiescencia, para mais auctorisar o nome do propagador de doutrinas, donde se deriva inevitavelmente a anarchia religiosa, a anarchia moral, e a ruina da sociedade? E' impossivel.

Sei haver quem pretende attenuar a força irresistivel destas considerações, que me limito agora a encetar apenas, endeusando o sr. Renan, e apontando para elle como o *não-mais* da sciencia, da litteratura, da erudição *in omni scibili*. Não me movo; porque não faço cabedal da futil argumentação quer *ad verecundiam*, quer *ad hominem*, como se lhes chama nas escholas; ha muito que cessou de ter valia. Exaggere cada qual como e quanto lhe prouver, que de mim direi, que, depois de lidas com meditação algumas das obras do sr. Renan, fiquei fazendo, para comigo, conceito muito diverso do seu merito scientifico e litterario, do que fazia quando os brados importunos dos seus admiradores pretendiam tolher-me a liberdade da propria reflexão. Hoje, e ha tempos, considero o sr. Renan abaixo, e não pouco abaixo, da reputação artificial, que lhe fizeram, com intuitos que não qualificarei, não todos, mas sem duvida um grande numero dos seus panegyristas.

Não haja quem extranhe esta minha linguagem: sirvo-me, para pensar, da minha cabeça; e habituei-me a dizer, quando é preciso, sem ostentação nem acanhamento, o como penso. Pelo demais, se por ventura ha quem, folgando de substituir ao seu o juizo alheio, deseja que lhe indique nomes de homens distinctos, á opinião dos quaes, neste ponto, a minha esta conforme, não tenho duvida nenhuma em desde já satisfazer-lhe.

Indicarei em primeiro logar o sabio orientalista Mr. *Le Hir*, illustre professor de S. Sulpicio, de quem o sr. Renan foi discipulo, e cuja grave e terminante censura da *Historia das linguas Semiticas* do sr. Renan, é respeitada geralmente dos que melhor tem intendido n'esta especialidade de estudos, e á qual se attribue não ter continuado o sr. Renan, no decurso de tantos annos, aquella sua obra.

Indicarei tambem, depois dos nomes não ignorados dos srs. *Franck* e *Drach*, os nomes dos srs. *Keim*, *Ewald*, e dr. *Schenkel*, conspicuos membros da eschola racionalista allemã; e podia citar ainda outros notabilissimos escriptores, pertencentes aquella, e ás mais esclarecidas nações; bastarão porem os que deixo mencionados, porque devo consideral-os ao abrigo de suspeição, posta, sob pretexto religioso, por parte dos fautores do sr. Renan. Todos estes, em harmonia com o sabio *Le Hir*, estão accordes em arguir o sr. Renan de malseguro, e menos claro do que lhe cumpria, na exegese de textos importantes concernentes ás linguas da familia Semitica; bem como de pouco firme na critica philosophica e philologica, por frequentes descuidos no rigor do raciocinio, donde nasce formar com facilidade hypotheses difficeis, senão impossiveis de sustentar, admittir supposições destituidas de fundamento bastante, e, equivocar-se repetidamente, quando procura descobrir o encadeamento das ideias, que deviam leval-o a achar a unidade logica do phenomeno physico ou moral que destinara esclarecer-nos.

E direi ainda, com referencia á parte meramente litteraria das obras do sr. Renan, e em harmonia com a opinião de alguns criticos tão doutos, como insuspeitos no conceito religioso, que o estylo do sr. Renan, nas suas varias obras, incluindo as que lhe mereceram maior cuidado, não escaceia em maculas, que nos offendem o bom sabor litterario; porque não se sustenta egual, falta-lhe não raro significação e energia, antes é concertada do que substancial a phrase, e, como de si mesmo o sr. Renan confessa em alguma parte, esfria por vezes quando maior o seu desejo de communicar ao que vai escrevendo mais calor, mais vida. Por ultimo observarei, de modo muito particular, que não pode o estylo do sr. Renan deixar de merecer a completa reprovação do critico severo, que antepõe, como deve, aos adornos rhetoricos e poeticos, rara vez mero fructo d'innocente phantasia, o escrupulo da interpretação sincera e grave.

Vê pois v. ex.ª que não foram motivos unicamente religiosos, que me levaram a rejeitar a candidatura do sr. Ernesto Renan.

Termino aqui, e peço perdão a v. ex.ª de ter ido tão longe, tomando o tempo, talvez importunamente, á classe e a v. ex.ª; mas tenho para mim que devia estas resumidas explicações á classe, á Academia, a v. ex.ª, e á minha propria dignidade de homem de firmes crenças religiosas, e de algumas pobres lettras, embora muito poucas e muito acanhadas.

Deus guarde a v. ex.ª Lisboa 28 de Maio de 1874.

Illm.º e exm.º sr. marquez d'Avila e de Bolama, vice-presidente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

D. José Maria d'Almeida e Araujo Correa de Lacerda.

Conta do recebido e dispendido para solemnisar o dia 8 de Maio em 1874.

Importancia recebida da subscripção geral	305$320
Dita da dita aberta em diversos locaes	168$450
Reis	473$770

Despeza feita com o *Te-Deum* na Sé Cathedral	46$903
Jantar aos dous destacamentos	20$000
Dito aos presos da cadeia	10$000
Diversas impressões e papel para as ditas	12$940
Despeza total do obelisco e illuminação do mesmo	79$605
Gratificação ás duas sociedades philarmonicas	20$000
Diversas gratificações por serviços prestados	6$300
Gratificação pela cobrança da subscripção geral	6$000
Papel para expediente da commissão	940
Morteiros, girandolas e foguetes	44$320
Entregue aos exm.os srs. Miguel Osorio Cabral e Manoel dos Santos Junior para beneficencia	226$580
Reis	473$770

Pede-se aos diversos jornaes desta cidade se dignem inserir esta conta em suas columnas.

Alem de Arias Teijeiro, contribuiram a redigir o anterior manifesto, o bispo de Leão, o cura Echevarria, o francez Huguet de Saint Silvaint, e outros personagens do partido apostolico, sem poupar meio algum para que circulasse com a maior actividade. As auctoridades politicas e militares, que D. Carlos tinha no territorio que dominava, o receberam á mesma hora, e aos commandantes dos batalhões que acompanhavam a Maroto lhes foi entregue por um guarda do principe.

Não foi grande o echo desta manifestação, pois se exceptuarmos um ou outro ponto, onde os inimigos de Maroto trataram de prevalecer-se della para vingar os fuzilamentos de Estella, impediu-se a sua circulação em muitas partes, e ao ordenar Maroto que se reunissem os corpos que tinha debaixo do seu immediato commando, no caminho real que por Irurzum se dirige de Victoria a Pamplona e Tolosa, acudiram todos, e os respectivos commandantes imitaram a conducta observada pelo commandante do forte dos Dois irmãos, entregando ao general o manifesto e as ordens que tinham recebido para se porem debaixo do commando de Villarreal.

Reunidas as tropas, e Maroto á sua frente, mandou ler em alta voz o decreto de D. Carlos que o declarava traidor e o punha fora da lei. Quando terminou disse aos soldados:

«Aqui me tendes; eu sou esse homem que se vos manda assassinar; fazei todos e cada um de vós o que vos pareça. Soldados! a ninguem quero comprometter na causa que me é pessoal; franco tendes o caminho.»

Uma acclamação unanime foi a resposta. Entre os acclamadores estavam o conde de Negri e D. Miguel Silvestre.

Maroto venceu a D. Carlos. Naquelle momento podia tudo; era o arbitro do destino da causa carlista; mas só se contentou com dizer: triumphei da arbitrariedade, injustiça e obsecação de um principe, e a historia me julgará em seu dia.

Os conductores do manifesto, testemunhas desta scena, partiram, contentes de se verem vivos, com o encargo de a referir, por unica resposta; acrescentando-lhes que dissessem a D. Carlos, que ia Maroto á côrte, responder pessoalmente ás accusações do manifesto.

Em acto continuo mandou romper a marcha, e lhe obedeceram todos, enthusiasmados de alegria.

O desejo de ir á côrte e pôr fim ás intrigas de alguns, era geral. Dado o primeiro passo, os demais eram faceis; o mesmo terror que infundiram os fuzilamentos de Estella, enervava o valor dos inimigos de Maroto e augmentava a força moral deste, á qual se unia a material que lhe davam as tropas.

Em quanto se dirigia Maroto á côrte, nesta se dispunham a detel-o na sua marcha. Para esse effeito, o duque de Granada de Ega, de Villafranca a 22 de Fevereiro, preveniu a Urbiztondo que defendesse a villa de Tolosa de qualquer invasão de força armada, declarada contra a soberania de D. Carlos, e o bispo de Leão mandava de ordem deste principe, que todos os terços armados se pozessem sobre as armas, sem perder momento, e estivessem promptos para executar as ordens que se lhes dictassem—«a fim de sustentar a sua legitima soberania, contra a traição do general Maroto.»

No dia seguinte, e em caminho já Urbiztondo, se lhe entregaram um officio *reservadissimo*, as instrucções que havia de *executar pontualissimamente, se se apresentassem as circumstancias em que deviam sel-o*; esperando D. Carlos da sua discrição e da lealdade dos seus sentimentos, que em um assumpto tão grave, acreditaria a confiança que nelle se tinha.

O officio e as instrucções que o acompanhavam, foram entregues a Urbiztondo a meia legua de Tolosa, ao regressar de prevenir a Maroto se detivesse e manifestasse o objecto da sua vinda. A terminante resposta de que continuava na marcha, e já tinha feito mais reclamações particularmente a D. Carlos, o obrigaram a retirar as companhias estabelecidas em Lizarza.

Regressou nesse momento, mandou parar á frente de numerosa columna, e inteirado do officio, lhe permittiu a passagem.

Com a auctoridade que dava a singular distincção para tão importante encargo do seu soberano, reclamou lhe transmittisse as suas instrucções, a cuja exigencia respondeu Maroto o indispensavel, que era desfazer a infame nota com que o haviam assignalado no manifesto de sua magestade, forçado pelas mesmas pessoas que tinha pedido ao soberano separasse do seu lado, as quaes exigia se trasladassem a um castello, para evitar o facto escandaloso de arrancal-os por si mesmo, e depois dessa realisação experimentaria os effeitos de um dos vassallos mais fieis.

Fez-lhe observações Urbiztondo, para o afastar desta ideia; porem com aspecto immutavel e decidido, expressou que não o conteria respeito algum para fazer a D. Carlos uma manifestação em viva voz, da origem e circumstancias deste desagradavel acontecimento, o que indubitavelmente finalisaria naquella mesma noute, pois só se deteria o preciso para descançar.

Em quanto disfructava a tropa de Maroto o curto descanço que lhe havia dado para se alimentar, teve logar a anterior conferencia, e resolveram a resposta que havia de dar-se a D. Carlos. Maroto entrou em Tolosa.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

As folhas de cobrança e os documentos comprovativos da despeza estão em poder do membro da commissão, que serviu de thesoureiro—*Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

AOS CIDADÃOS LIBERAES

A commissão nomeada no *meeting*, que se effectuou no collegio de Thomar, com o fim de representar aos poderes publicos a necessidade de sairem os missionarios, que actualmente pregam e confessam na egreja de Santa Theresa, participa aos cidadãos, que lhe fizeram a honra de nomeal-a, bem como a todos os que adheriram ao pensamento destes, que no dia 14 do corrente, em desempenho de sua missão, entregou ao exm.º secretario geral, servindo de governador civil, e ao exm.º bispo conde, uma representação assignada por grande numero de cidadãos liberaes, que expontaneamente e sem distincção de côr politica quizeram auctorisal-a com os seus nomes.

Tanto pela auctoridade civil, como pela ecclesiastica foi recebida com delicadeza e agrado.

Havendo terminado a sua missão, não póde a commissão deixar de felicitar-se pela valiosa cooperação que encontrou na imprensa liberal do paiz.

Coimbra 15 de Junho de 1874.

A commissão:

Joaquim d'Almeida da Cunha, bacharel formado em Direito.
Augusto Manoel Alves da Veiga, idem.
Francisco Correa de Lemos, idem.
Henrique dos Santos Pinto, estudante do 2.º anno de Medicina.

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial de Vianna

ACTIVO

Caixa	115:800$638
Acções	18:860$000
Letras em carteira	555:409$115
Contas correntes com garantia	401:504$753
Emprestimo sobre penhores	248:968$700
Papeis de credito	189:506$158
Devedores no paiz	209:332$696
Devedores no estrangeiro	98:402$165
Devedores nas ilhas	28:679$661
Cartas de credito	3:945$151
Despezas d'installação, moveis e utensilios	5:216$196
	1:875:625$533

PASSIVO

Capital	600:000$000
Depositantes	241:267$650
Obrigações	721:792$280
Letras a pagar	99:418$959
Credores no paiz	125:827$251
Ditos no estrangeiro	62:414$019
Dividendos	87$500
Fundos de reserva	3:000$000
Ganhos e perdas	21:817$874
	1:875:625$533

Vianna do Castello, Banco Commercial de Vianna, em 3 de Junho de 1874.

Os directores:
J. Alves de Sousa Ferreira
José Antonio Loureiro.

NOTICIARIO

Quem não pode, trapaceia. — Com o titulo de — *Como se escreve a historia!* — publicámos em o numero do *Conimbricense* de 6 do corrente o que se segue:

«Lê-se em a *Nação* de quinta feira ultima o seguinte:

«O fallecimento do sr. Joaquim Antonio de Aguiar, diz hoje uma folha da capital, teve logar no mesmo dia e mez em que aquelle funccionario assignára o decreto da extincção das ordens religiosas, pois teve logar a 28 de Maio de 1834.

«Registramos apenas esta coincidencia.»

E diz-se isto, não de um acontecimento de ha muitos annos, mas apenas de poucos dias!

Ninguem ignora que o sr. Joaquim Antonio de Aguiar falleceu no dia 26 de Maio; mas convinha dizer, que fôra no dia 28, data do decreto que extinguiu os frades!

Tenham paciencia, porque desta vez perderam o seu tempo.

Diz a *Nação* que regista a *coincidencia*. Pois esteja certa de que regista uma grande *peta!*»

Até aqui é o que escrevemos no *Conimbricense* de 6 de Junho.

O *Correio da Tarde*, que é o mesmo que a *Nação*, pois que nesta são reproduzidas como do proprio jornal, textual e typographicamente quasi todas as suas noticias, veiu dar-nos no dia 8 do corrente a seguinte resposta:

«O *Conimbricense* não está bem informado. Joaquim Antonio de Aguiar não falleceu a 26 mas a 27, e o dia 28, a que alludia a folha de Lisboa d'onde tiramos a coincidencia, era o dia do seu enterro, 28 de Maio.»

O *Correio da Tarde* não troca comnosco, e é por isso que só agora vimos casualmente este numero. E' esta a razão porque ha mais tempo lhe não replicamos.

Como acima viram os nossos leitores, a *Nação* notou a coincidencia de ser o *fallecimento* do sr. Aguiar, no mesmo dia em que elle assignara o decreto da extincção das ordens religiosas, isto é a 28 de Maio.

Agora vem a mesma *Nação* por intermedio do *Correio da Tarde*, dizer que a *coincidencia* que notara, era a do dia do seu *enterro*, e não do seu *fallecimento !!!*

Isto não se acreditaria, se ahi o não vissemos escripto.

Mas ainda aqui não fica o caso.

Diz a *Nação*, ou o *Correio da Tarde*, como quizerem, que o *Conimbricense* não está bem informado, pois que Joaquim Antonio de Aguiar não falleceu a 26, mas a 27, e que o dia 28, era o dia do seu enterro!

Bem sabemos, que quem não póde, trapaceia. Mas queira, ou não, hade o collega dar a mão á palmatoria.

Pois o sr. Joaquim Antonio de Aguiar falleceu na terça feira, 26 de Maio, e foi enterrado na quarta feira, 27; e o collega vem affirmar, com um desassombro inaudito, que morreu no dia 27, e foi enterrado no dia 28?!

Ainda que lhe doam, hade hoje levar uma duzia de bolos, bem puxados: — meia duzia por errar da primeira vez (se de boa, ou má fé, a sua consciencia lho dirá); e a outra meia duzia, por vir agora *contradizer a verdade conhecida por tal*, que é um dos *peccados contra o Espirito Santo*.

Sciencias mathematicas.—Alem de Sophia Germain, de que fallamos em o numero passado deste jornal, registam os fastos scientificos os nomes de outras distinctas cultoras das sciencias mathematicas.

Sexo, sexo gentil, na Italia és grande;
Nos Labyrinthos do profundo Euclides
A formosa Ardighelli, e Agnesi entraram.

(*Newton*—Poema por José Agostinho de Macedo, canto 11, pag. 81, segunda edição).

Destas duas mulheres sabias, que a Italia admirou no seculo passado, tem certamente a preferencia a segunda, Maria Caetana Agnesi, cujo illustre sangue, virtude, e profundo saber honram Milão, sua patria, onde falleceu freira em 1799.

Compoz duas obras de mathematica de muito merecimento, uma com o titulo de *Instrucções Analyticas*, 2 vol. de 4.º—Milão: 1748; e outra intitulada *Tractados Elementares de calculo differencial e de calculo integral*.

Ambas estas obras se traduziram em francez, e sairam á luz em Pariz no anno de 1775.

Veja-se *Balbi—Essai Statistique sur le royaume de Portugal*, tomo segundo, paginas 128.

Esclarecimento bibliographico—Segundo o que se vê do que publicamos em o numero passado, parece ao nosso amigo o sr. Antonio Francisco Barata, que fôra o sabio bispo de Beja e arcebispo de Evora, D. Fr. Manoel do Cenaculo, o traductor da *Arte magica aniquilada do marquez Francisco Scipião Maffei*, e da *Defesa de Cecilia de Faragó, accusada do crime de feiticeira*.

Devemos, porém, advertir ao sr. Barata, que não foi Cenaculo, como suppõe, o traductor dessas obras, mas sim o padre José Dias Pereira, que primeiro foi vice-reitor, e depois em 1798 reitor do collegio real dos Nobres.

O proprio Cenaculo nos seus *Cuidados litterarios*, a paginas 358, attribue estas traducções ao referido padre Pereira; qualificando as prefacções de *doutas*, e o traductor de *erudito*.

Pode ver-se o que a este respeito diz o sr. Innocencio Francisco da Silva, no seu estimavel e prestadio *Diccionario*, tomo IV, paginas 306.

Festividade—No domingo houve na egreja de Santa Cruz a festa de Santo Antonio.

Antes da missa administrou o sacramento da confirmação o exm.º sr. bispo conde, a grande numero de fieis. Pregou, por essa occasião, o secretario de s. ex.ª, o sr. padre José Maria dos Santos.

De tarde pregou o sr. padre Manoel Joaquim dos Santos Neves.

Formatura e saida—Concluiu o seu curso em Direito, e já saiu de Coimbra, indo fixar a sua residencia em Lisboa, o distincto poeta o sr. Candido de Figueiredo.

Este nosso prezado amigo cursou com muita distincção a Universidade, e aos seus mestres, condiscipulos e a todos que tiveram a fortuna de o conhecer deixa as mais vivas saudades.

Felicitamos o nosso amigo pelo termo dos seus trabalhos academicos.

Voto de louvor—A secção de Archeologia do Instituto de Coimbra deliberou em sessão de 13 do corrente dar um voto de louvor á junta de parochia da freguezia de Santa Cruz desta cidade, pelo cuidado com que mandou reparar um dos arcos do claustro do Silencio.

Acto—O nosso bom patricio o sr. Joaquim de Mariz Junior, filho do sr. Joaquim de Mariz e irmão do sr. bacharel José Alves de Mariz, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Aveiro, fez acto do 1.º anno de Medicina. Damos-lhe nossos cordeaes parabens e á sua respeitavel familia.

Exequias—Celebraram-se hontem na forma do costume as exequias na capella da Universidade por alma de D. João III, restaurador do nosso primeiro estabelecimento scientifico, e que ha 336 annos o transferiu para esta cidade.

Mendicidade.— Anda ha tempo esta cidade invadida por um sem numero de pobres, uns aleijados, outros que o não são, vindo até de muito longe para aqui. Não se dá um passo que não appareça um grande numero delles, importunando todas as pessoas que transitam.

Estes facto precisa de algumas providencias da auctoridade.

Abuso.—No local do enxedouro, ao logar do Cerieiro, onde as criadas vão buscar a agua do rio, praticam-se atrevimentos indignos, que muito depõem contra uma cidade civilisada.

Dê a auctoridade de vez em quando um passeio por aquelle local, e veja o que por alli vae.

Vexame.—Está em cobrança a contribuição directa municipal. Para o pagamento de verbas apenas de 10 e 20 rs., tem de vir das aldeias o povo á cidade, gastando a maior parte do dia; e por muito feliz se dão, quando vão despachados da primeira vez.

A contribuição em si é, em geral, insignificante; o que, porém, se torna pesado, é terem os contribuintes de largar os seus trabalhos ruraes, e virem a Coimbra perder um tempo precioso, para pagarem pequenas verbas.

Não se poderia arranjar o meio da cobrança nas freguezias ruraes?

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Gil de Oliveira Pontes, filho de Manoel José de Oliveira Pontes, de Grijó, de 19 annos, fallecido no dia 7 de Junho.

Felicidade de Jesus, filha de Antonio da Costa e de Rosa de Jesus, de Coimbra, de 3 mezes, fallecida no dia 9.

D. Marianna Adelaide da Cunha Brandão, filha de José Brandão Pereira de Mello e D. Anna Fortunata da Cunha, da Carapinheira, de 55 annos, fallecida no dia 11.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5513.

A villa de Penella. — Communicam-nos o seguinte:

«Sr. Redactor. — Começando por agradecer a v. os muitos obsequios que me tem prodigalisado, vou hoje novamente tentar a sua bondade rogando-lhe a publicação deste artigo em additamento ás correspondencias já publicadas neste jornal.

A muita e incontestavel justiça que assiste aos povos do julgado de Penella para requererem e obterem que esta localidade seja elevada á cathegoria de comarca, deu motivo a que escrevessemos as correspondencias inseridas neste jornal, em os n.os 2792, 2800, e 2803; e tendo nós alli tratado da antiguidade e nobreza da villa de Penella, não satisfizemos completamente a ardua tarefa a que nos propozemos, e por isso em corroboração e sustentação ao que já escrevemos sobre tal respeito, temos a accrescentar que a villa de Penella data de tempos muito remotos, o que bem mostra o seu proprio nome derivado do—Pen-cantabrico, que sôa como *rupes* ou *mons praeratus* no latim, peña no hespanhol, e no portuguez, como penha, ou monte escarpado, pois que nestes taes edificavam os primeiros habitadores de Hespanha suas povoações acastelladas; e alem disto a palavra—Penella—parece ser diminutiva de—Peña, Penna, ou Penha, que na baixa latinidade significa cabeço, outeiro, monte, ou rochedo; concluindo-se necessariamente destes argumentos, que a denominação da dita villa é derivada do seu proprio nome, e que pela forma como se acha construida é uma das terras mais antigas de Portugal.

O conde D. Sisnando, quando era governador de Coimbra, pelos annos de 1080, reedificou o castello de Penella, que se achava em ruina, o que mais convence da antiguidade da dita villa. Depois de reedificado o referido castello pelo mencionado conde, cahiu a povoação e fortaleza em poder dos Mouros, sendo em seguida resgatada por el-rei o senhor D. Affonso Henriques, como já dissemos noutro logar, porém ficou bastante arruinada e despovoada por causa de tenaz resistencia que oppoz ao vencedor.

El-rei o senhor D. Affonso Henriques, todo absorvido na gigantesca empreza de libertar o paiz do jugo sarraceno, legou a seu filho o senhor D. Sancho I o cuidado de reparar os estragos de Penella, e por isso no anno de 1187 mandou este monarcha restaurar os edificios e povoar de novo a terra, dando-lhe foral como já havia feito seu augusto pae.

A villa de Penella foi dada por el-rei o senhor D. Diniz a D. Isabel, sua sobrinha, filha do senhor infante D. Affonso.

El-rei o senhor D. Affonso V tambem deu foral a esta villa em 1471, e bem assim el-rei o senhor D. Manoel em 13 de Dezembro de 1512.

Nos autos de ratificação e juramento, que fizeram os tres estados deste reino a el-rei o senhor D. João IV, e de juramento que os mesmos fizeram ao principe o senhor D. Theodosio em 28 de Janeiro de 1641, foram procuradores da villa de Penella, Gaspar do Rego e Evangelho, e Salvador de Moraes Cabral, e successivamente em identicas circumstancias a dita villa sempre se representou por pessoas muito nobres e de alta cathegoria.

El-rei o senhor D. Affonso V, como tambem já dissemos noutra correspondencia, fez conde de Penella a seu sobrinho D. Affonso de Vasconcellos e Menezes, bisneto do senhor infante D. João, que era filho de el-rei o senhor D. Pedro I e da senhora D. Ignez de Castro. Estinguiu-se este titulo por morte do 2.º conde de Penella, D. João de Vasconcellos, filho do primeiro.

Foi um dos commendadores de Santa Eufemia da villa de Penella, Luiz de Sousa, barão da Ilha Grande, filho de Antonio de Sousa de Macedo, secretario de estado.

A egreja de S. Miguel da mesma villa era priorado da casa de Aveiro, com quatro

beneficios simples, e a egreja de Santa Eufemia, vigairaria da ordem d'Avis, com cinco beneficios simples.

As armas de Penella são em campo azul, tres torres de prata, duas collocadas na parte superior do escudo e uma em baixo.

A villa de Penella teve dois conventos, um da ordem de S. Francisco, e outro de Santo Antonio, ficando este proximo da villa, conservando-se em bom estado a sua egreja, devido ao infatigavel zelo, e reconhecida probidade do illm.° sr. Joaquim Urbano Peres, que tem empregado todos os meios para a conservação da dita egreja.

Muito tinhamos que dizer ácerca da nobreza e antiguidade da villa de Penella, mas as columnas de um jornal não comportam tanto trabalho; e ainda que na actualidade de nada aproveita o que deixamos dito, todavia sirva ao menos para mostrar ao publico o quanto foi e valeu uma povoação que hoje se acha em decadencia, e que talvez as influencias politicas a tenham supplantado.

Convencidos como estamos de que o governo de sua magestade fidelissima hade empregar todos os meios para a commodidade dos povos na divisão de territorio a que vae proceder, é de esperar que s. ex.ª o sr. ministro da justiça, não deixará passar despercebidas todas as circumstancias que temos apresentado em abono da villa de Penella, e que não só pela sua posição topographica, mas tambem por conveniencia e utilidade dos povos que alli se agrupam, deve crear na mesma villa uma comarca, com melhoramento das comarcas limitrophes, a fim de dar vida a uma povoação que tanto custou a conquistar ao fundador da monarchia, e que lhe mereceu a estima e consideração, bem como dos senhores reis seus successores.

Concluimos esta nossa correspondencia convictos de que se nos fará justiça, não obstante a muita opposição que contra nós se levanta, mas que é desculpavel pelos desejos que todos tem de viver.

Em quanto á nobreza e antiguidade da villa de Penella, podem ver-se—a *Corographia portugueza* de Antonio Carvalho da Costa—Vilhena Barbosa no *Tratado do brazão de armas*—e Bluteau *Vocabulario portuguez* tom. 6.°—, alem de outros que tratam da mesma materia.»

Convite.—Aos chefes das differentes parcialidades politicas liberaes de Coimbra, foi dirigida a seguinte circular, pela commissão eleita na reunião de que ha dias demos conta:

«Exm.° sr.—A commissão eleita pela reunião popular, que teve logar na sala das sessões da Associação Commercial desta cidade, na noite de 11 do corrente, em desempenho dos poderes que lhe foram commettidos, convida a v. ex.ª para uma reunião, que deve verificar-se na quinta feira, 18, ao meio dia, na rua do Visconde da Luz, n.° 102, e na qual devem tomar parte dois representantes de cada parcialidade liberal, ficando á escolha de v. ex.ª o outro cavalheiro que tem de comparecer por parte do seu partido.

Deus guarde a v. ex.ª—Coimbra 16 de Junho de 1874—Illm.° exm.° sr. F.

Adriano Pereira da Graça
Francisco de Sousa Araujo
Abilio Roque de Sá Barreto
José de Figueiredo Pinto
José Alberto Corte Real
Antonio Leitão
Olympio Nicolau Ruy Fernandes
José da Silva Fernandes, academico e redactor do *Sul de Portugal*.

ANNUNCIOS

1 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, manda annunciar que, no dia 18 do corrente, pelas 11 horas da manhã, nos paços do concelho, porá em praça, e adjudicará pelo menor lanço, as obras para conclusão da ponte de Coenços, na freguezia de Ceira.

As condições serão presentes naquelle acto.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 15 de Junho de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

2 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que no dia 21 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na secretaria dos mesmos hospitaes, se hade proceder á arrematação dos seguintes artigos de consumo:—Vacca, carneiro, gallinhas, frangos, toucinho, bacalhau, pão tremez, pão bolacha, broa, aletria, macarrão, estrelinha, arroz, cevadinha, tapioca, feijão frade, feijão rajado, bolaxa simples, bolaxa doce, biscoito, marmellada, gelea de marmello, doce de cabaço secco e de calda, laranja doce, doce de chila, doce de pera, azeite, vinagre, vinho tinto, vinho branco, vinho do Porto, queijo nacional, queijo flamengo, manteiga nacional, manteiga ingleza, leite de cabra, leite de jumenta, leite de vacca, chá, cafe, chocolate, assucar fino, assucar amarello, tabaco, rapé, cigarros, milho, cevada, linhaça, cebo preparado, alcool a 30.° Cartier, aguardente a 20.°, sanguesugas, lenha, carvão de cepa.

O fornecimento é por tempo d'um anno, a começar no 1.° do proximo mez de Julho; e os artigos fornecidos são apresentados nas repartições respectivas por conta dos fornecedores.

Administração dos hospitaes da Universidade de Coimbra, 12 de Junho de 1874.

O administrador— *Costa Simões.*

DOCTOR IN ABSENTIA

3 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

4 QUEM QUIZER comprar caixões grandes, e arcas para deitar cereaes, póde fallar na quinta de Montes Claros, que lá lhos mostrarão, ou na loja de Ricardo Antunes de Macedo, na praça 8 de Maio.

5 ARRENDAM-SE dois celleiros no pateo da Inquisição. Um dos ditos é dentro do quintal. Sua dona viuva Padua.

AVISO

6 A COMMISSÃO encarregada dos festejos externos do Santissimo Sacramento da Sé Velha, faz publico, que no proximo sabbado, 20 do corrente, vespera da festividade, se ha de queimar um fogo de artificio no adro da dita egreja, em que tomará parte a philarmonica *Conimbricense*, executando lindas e variadas peças do seu repertorio. Achar-se-ha lindamente illuminada a frontaria da egreja.

Egualmente annuncia que, da subscripção adquirida, tenciona no dia seguinte distribuir 20$000 reis de esmolas pelas pessoas mais pobres da freguezia, lamentando não poder ser maior esta verba em resultado do desanimo, que lavrou na commissão por motivo que lhe tirou as forças de continuar com a subscripção.

Por ultimo pede ao zeloso regedor da freguezia, o sr. José Pereira Junior, se digne empregar os meios ao seu alcance para que a ordem seja mantida.

Coimbra, 16 de Junho de 1874.

O presidente da commissão,
Agostinho Rodrigues de Andrade.

7 VENDE-SE por 9 ou 10 annos a cortiça d'uma matta grande, proxima ao rio Mondego, a meia legoa de Coimbra.

Na mesma cidade, rua dos Coutinhos, n.° 27, se tracta do ajuste.

VENDE-SE

8 UMA BONITA CASA, situada na rua Alegre, da praia d'Espinho.

Tracta-se, em Coimbra, com João de Paiva, na rua da Ilha, n.° 10, desde as 2 horas até ás 4 da tarde.

Attenção

9 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

10 JOSE' AUGUSTO DE CARVALHO, negociante da villa de Arganil, faz publico, que move em juizo acção competente contra João Ribeiro e mulher Anna Emilia, na qualidade de devedores, e contra Frederico Augusto Cid Figueiredo Ornellas, na qualidade de fiador e principal pagador, todos de Midões, comarca de Taboa, para haver a quantia superior a 70$000 rs., proveniente de tabacos.

E para que chegue ao conhecimento de todos e ninguem possa allegar ignorancia, se passa o presente para todos os effeitos dos artigos 1:033, 1:034, 1:035 e outros do Codigo Civil, em virtude dos quaes serão tidos como não feitos e rescindidos quaesquer contractos celebrados por aquelles individuos em prejuizo do annunciante.

Arganil, 8 de Junho de 1874.
José Augusto de Carvalho.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Nova galera **Camões** em 27 de Junho.
Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.° 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

12 SAUDE A TODOS restituida sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Saude,*

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES
27 annos d'invariavel successo

Qualquer doente acha por meio da deliciosa *Revalescière*, saude, energia, appetite, boa digestão e bom somno. Cura as indigestões (despepcias) gastricas, gastralgias, flegmas, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, asthma, falta de respiração, oppressão, congestão, mal aos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, dos doutores Manoel Sacus de Dejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Adra, provincia de Almeria, (Hespanha), 10 de Outubro de 1867.

Meus senhores:—Tenho a satisfação em fazer-lhe sciente que minha filha com o uso desta deliciosa, farinha chamada **Revalescière chocolatada,** curou radicalmente de uma erupção cutanea, que lhe impedia dormir por causa da comixão insupportavel que padecia.—De v. s.ª attento venerador, PERRIN DE LA HITTOLES, ao *Visconsulado de França.*

Cura 78:421. (Herpes).—Valença, 14 de Setembro de 1873.

Uma minha amiga que padecia havia muitos annos de Herpes, foi curada completamente com a *Revalescière.*—J. BATLLORI, fabrica de massa, Praça de S. Catharina, 9.

Cura 56:936. Barr (Baixo Rheno), 4 de Junho de 1862.

Senhor:—A *Revalescière* tem feito na minha pessoa uma mudança maravilhosa, tendo readquirido não sómente as minhas forças, mas tambem parecendo-me que estou completamente remoçado, tornou-me o appetite, que desde muito tempo tinha perdido, e a oppressão e o peso que padecia haviam já 40 annos, já não me atormentam.—DAVID RUFF, proprietario.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa.** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Bahir. **oimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeia, pharm, Casa-Vermelha. A. J. Pinto, pharm. largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Bahia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2807 — SABBADO 20 DE JUNHO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Esforça-se a imprensa da opposição por fazer inculcar aos leitores que o governo e os seus delegados tem praticado toda a sorte de violencias e excessos contra a liberdade eleitoral dos cidadãos.

Julga-se por si a opposição, e á falta de assumpto para dirigir os seus ataques ao governo, recorda o que ella tem feito, em identicas occasiões, e por sua conta e risco vae lançando a cargo da situação factos que só ella praticou, e seria capaz ainda de praticar, se o acaso a levasse ao poder.

E' mais uma especulação ignobil e indecorosa. Se não fossem muito conhecidas já as intenções dos seus auctores, e se as suas palavras merecessem conceito á opinião sensata, razão tinhamos para descrer do systema eleitoral.

Não podemos dizer que haja governo algum isempto completamente destes peccados, que em theoria ninguem justifica; mas a opposição a dar lições de moralidade e a querer passar por honesta, caso é digno de se commemorar.

A opposição não se recorda decerto dos seus tempos passados, e esqueceu-se de que é auctora do decreto eleitoral de 18 de Março de 1869, tão absurdo e inconveniente, que até os seus proprios correligionarios condemnam; e não era isso decerto por desfazer na sua obra: é que esse decreto veiu entregar nas mãos do governo o resultado da eleição: foi o meio mais prompto de fazer triumphar os candidatos protegidos pela auctoridade.

Não consta que o governo praticasse os escandalos que a opposição quer inculcar; nem isso lhe será necessario, tendo em vigor, como tem, o decreto citado, obra dos adversarios da situação.

Com este *escandalo monumental*, podem os governos prescindir de empregar outros até ahi usados, e que a opposição muito bem conhece.

Não chegaram ainda ao nosso conhecimento factos pelos quaes o governo mereça censura, nem os seus delegados cremos que têem commettido os excessos com que a opposição sonha.

Parece-nos, por tanto, que neste particular poderá ella tranquillisar o seu espirito, porque não será de certo necessario que o governo recorra a violencias para vencer por grande maioria as eleições de deputados.

O paiz está satisfeito com a administração dos negocios publicos, e cremos que tem para isso motivos mais que sufficientes.

Regularmente tem corrido os negocios publicos, e até por modo que a todos surprehende o estado de prosperidade a que chegamos, durante o curto periodo da gerencia actual.

Póde julgar-se extincto o enorme *deficit*, que era um permanente estorvo a todas as emprezas uteis do paiz; as obras publicas têem tido notavel desenvolvimento; não houve complicação alguma com a politica estrangeira, que nos creasse difficuldades; a paz e a tranquillidade publica têem sido mantidas inabalavelmente em todo o paiz.

Assim a nação deseja, e com razão, que continue este estado auspicioso. Não ha por isso motivo plausivel para pugnas eleitoraes: e difficuldades sómente as poderá levantar a opposição, se não desistir de empregar os manejos que costuma para favorecer os seus candidatos e impor a alguns eleitores nomes que lhes são antipathicos.

ASYLO DA INFANCIA DESVALIDA

Mais uma vez, no Asylo da infancia desvalida, se celebrou com tanta piedade como decencia, e economia propria de casa de pobres, o orago, Santo Antonio de Padua.

Depois da trezena de orações, a musica vocal por algumas das meninas, houve no domingo 14, missa rezada, e primeira communhão de tres, acompanhadas de outras do anno antecedente. A' consagração romperam do côro maviosos hymnos, nos quaes sobresahiu muito accordo, e perfeita harmonia, proprios de tão augusto e solemnissimo acto.

Na habitual mudez do nosso clero, que tão frequentemente, por nem todos poderem attingir ao optimo, deixa de fazer o bom, aliás tão necessario e ordenado *(Docete omnes gentes)*, não havia que estranhar se não se ouvisse a divina palavra, embora propria da occasião.

Não succedeu assim. O digno celebrante, moço-velho, moço nos annos e velho na summa gravidade, dirigiu áquellas felizes meninas, ao Evangelho, uma singela pratica, repassada de uncção, ácerca da incommensuravel excellencia do sacramento, disposições que demanda, e copiosos fructos de graça que acompanham a sua recepção, fazendo-lhes tocantes recommendações para o futuro.

E findo o sacrificio, tomou novamente a mão, com outras palavras, de egual valia, analogas á realisação do mysterio, e tendentes a arreigar bem naquellas innocentes a memoria d'esse grande dia, o melhor de suas vidas.

Estava a capella mór mui vistosamente armada, e rodeavam o altar, além das meninas commungantes, vestidas de branco, com seus longos veus e corôas eguaes, symbolos de innocencia, mais de cincoenta creancinhas

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXIX

D. CARLOS

CXIX

Entre as pessoas que rodeavam a D. Carlos, distinguiram-se La Torre e Goñi pela natural franqueza, tão caracteristica do primeiro, com que expozeram ao seu rei a verdadeira situação da sua causa, dando razão a Maroto, acrescentando Goñi que, se em alguma cousa tinha faltado, havia sido em não ter feito antes o que executou em Estella. D. Carlos respondeu-lhe: —*Está bem, conformo-me; porem sae immediatamente do meu quartel real.* Goñi mandava parte das forças que compunham a divisão de operações.

Antes de chegar Maroto a Tolosa, enviou os generaes conde de Negri e Silvestre, e o coronel Izarbe, a manifestar a D. Carlos os motivos que o haviam impellido ás execuções de Estella, assegurando-lhe ao mesmo tempo permanecesse tranquillo e escutasse as razões do que havia sido e ainda se cria o chefe de estado maior general, se queria evitar maiores compromettimentos.

Negri voltou ao quartel general com o francez Huguet de Saint Silvaint, transmittindo a Maroto a disposição em que se achava D. Carlos para convir em quanto lhe pedisse, com tanto que suspendesse a marcha e applacasse o seu odio contra as pessoas que o cercavam.

Nesta conferencia, a que assistiu Arizaga, concordou-se em enviar a D. Carlos uma lista de 23 pessoas, que tinham de ser expulsas, a qual levaram Negri, Huguet e Arizaga. Chegados estes á residencia de D. Carlos, viram que a haviam abandonado os ministros, e fugido para Segura, tendo o ministro da guerra apresentado a sua demissão.

A consequencia disto foi expedir-se pela secretaria da guerra um officio, manifestando D. Carlos que, animado constantemente dos principios de justiça e rectidão que havia consignado no exercicio de todos os actos de sua soberania, não havia podido *deixar de ser altamente surprehendido, quando com antecedentes novos e leaes informações*, havia visto e conhecido que Maroto *obrara com a plenitude de suas attribuições e guiado pelos sentimentos de amor e fidelidade que tinha tão acreditados em favor de sua justa causa*; que estava certamente penetrado de que sinistras vistas, fundadas em equivocados motivos, quando não tivessem *nascido de uma criminosa malicia*, se poderam offerecer á sua regia confiança factos exaggerados, e traduzidos com intenção nociva, não devia permittir corressem por mais tempo sem a reparação devida á sua honra manchada; e approvando as providencias que tinha adoptado o dito general, queria continuasse como antes á frente do seu valente exercito, esperando da sua acrisolada lealdade e patriotismo, que se bem havia podido resentil-o uma declaração offensiva, esta nova declaração devia terminar os seus effeitos, com a segurança de ter recobrado a sua real graça, e a reivindicação de sua reputação injuriada.

Da mesma forma queria que se recolhessem e queimassem todos os exemplares do manifesto publicado, e que em seu logar se imprimisse e circulasse esta sua expressa e soberana vontade, publicando-se na ordem geral do exercito, e lendo-se por tres dias consecutivos á frente dos batalhões. Por ordem de D. Carlos a transmittiu assim a Maroto, D. Luiz Garcia Puente, de Villafranca, a 24 de Fevereiro de 1839.

No boletim carlista deste dia appareceram, alem deste decreto, outro que admittia a demissão dos ministros; o que nomeava provisionalmente para o despacho da guerra a D. Luiz Garcia Puente; o que supprimia a junta provisional consultiva do ministerio da guerra, cessando desde logo no exercicio das suas funcções; o que nomeava ministro da guerra o brigadeiro de artilheria D. João Montenegro, e o que encarregava a secretaria de estado a D. Paulino Ramirez de la Piscina.

No dia 28 se communicou de Tolosa aos agentes carlistas no estrangeiro, o succedido, com exacta verdade, e justificando as differentes resoluções de D. Carlos. Grande contentamento causou aos seus representantes a terminação daquella administração funesta, condemnada até pelo mesmo rei das Duas Sicilias e por todos os soberanos affectos á causa carlista; assim que D. José Alvarez de Toledo, que a representava em Napoles, dizia em officio ao seu ministro, que em toda a sua vida não havia tido satisfação maior do que a causada ao ver separados dos negocios uns homens, que tinham feito mais mal ao carlismo, que Espartero e Van-Halen.

No mesmo dia em que se publicaram estes decretos, que foi a 25 de Fevereiro, se apresentou Maroto a D. Carlos, o qual nem uma palavra lhe disse do que se havia passado.

Á vista de Segura, e em observação dos que se haviam refugiado neste ponto, deixou Maroto a D. José Fulgosio com o seu batalhão castelhano e outro navarro, ás ordens de Oteiza, tendo que empregar estes chefes todo o ascendente que exerciam sobre os soldados para contel-os em sua decisão de ir fuzilar a alguns dos que compunham o quartel real. Esta ideia se havia generalisado nas forças que acompanhavam a Maroto; as quaes, ao vel-a paralisada pela annuencia de D. Carlos ás indicações do seu general, e observando que o principe só havia condescendido na expatriação das pessoas que tanto damno causavam, augmentaram os seus resentimentos e desgostos.

Depois da visita, passou D. Carlos a Tolosa a revistar o exercito, que se mostrou silencioso, contrastando isto com as acclamações de que era objecto Maroto, até nos povos por onde transitou ao dirigir-se na mesma tarde por Durango a Valmaseda.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

com suas mestras e senhoras directoras, e outras que o não eram.

Acreditamos que não será facil esquecer-lhes tão edificante ceremonia, e tão excellente pratica. E se, como esperamos, o joven orador, o sr. padre Augusto Eduardo Nunes, começar de ser conhecido e convidado para subir á cadeira da verdade, muito será o fructo espiritual, e honra e gloria para elle.

Como era aquelle o dia em que o estabelecimento (que nunca se fecha ao publico) mais especialmente se patenteava, concorreram ahi as principaes familias, e grande numero de outras pessoas, tomando parte na pequena loteria costumada, e cujo producto salda a despeza da philarmonica, que toca nos eirados, de alguns foguetes, etc.

A caridade de alguns bemfeitores aproveitou o jubiloso dia para novamente se exercitar, remettendo á sr.ª regente esmolas em dinheiro, milho, azeite, arroz e fruta. Não foi menor, e mui singular menção merece a generosidade dos srs. padres Eduardo Augusto Gomes Freire e Francisco Rodrigues dos Santos Nazareth, o primeiro dos quaes, como nos annos antecedentes, instruiu e dirigiu com grande zelo as meninas que cantavam nos exercicios da trezena e da missa, o segundo da melhor vontade se prestou a ir ao altar em todos os dias da trezena; contentando-se, um e outro, com a remuneração da intima consciencia de terem obrado o bem.

Tendo-se julgado conveniente espaçar a posse da nova direcção para os primeiros dias do proximo anno economico, em Julho, é para nós dever e grande satisfação, significar ainda a tão illustres bemfeitores o summo agradecimento da direcção que tem findado a sua gerencia, e a que presidimos.

A. Forjaz.

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.—Como fui baptisado na egreja parochial de S. Miguel de Penella, onde estudei primeiras letras, e nesta freguezia residi até á edade de 14 annos, pouco mais ou menos, alli recebi as primeiras instrucções salutares da religião, e ainda hoje me recordo d'algumas advertencias, e conselhos do meu prior, que então era, e dos preparos que me indicou para a minha primeira communhão, e ao chegar a casa de meus paes (que Deus tenha em santa gloria), como tinha maior confiança com minha querida mãe, lhe contei tudo, até julgo a propria confissão, que tinha feito na egreja: tal e a innocencia das primeiras edades; e porque não podia explicar o grande contentamento, que sentia interiormente por ter recebido a Nosso Senhor Jesus Christo sacramentado, chorámos ambos. Influencia da graça,... quem sempre te possuira...

Por todas estas razões, quando vou áquella villa assistir ás festividades nas duas freguezias, de Santa Eufemia, e S. Miguel, sinto um não sei que de saudade; e folgo sempre, que vejo os actos externos do culto religioso feitos com a pompa devida; e por isso, vou contar a grande festa a que assisti no dia 12 do corrente mez.

As egrejas parochiaes desta villa chegaram a grande estado de ruina: e por isso com alguns subsidios do producto da bulla da santa cruzada, e donativos voluntarios pelo povo, ainda foi necessario proceder a grandes derramas nas respectivas parochias, para se repararem as duas egrejas: e como já está concluida a de S. Miguel, e a de Santa Eufemia anda em obras, naquella se fez com o maior apparato a festa da primeira communhão de meninos das duas freguezias, que em grande numero, de ambos os sexos, estavam preparados com antecipação pelos respectivos parochos na doutrina christã, e cerimonias para receberem solemnemente os sacramentos da confissão e communhão.

Foram 8 os ecclesiasticos que confessaram quantas pessoas poderam, até proximo do meio dia. Reunida a musica instrumental e vocal, da villa, e outros de fóra, se começou a festa com o *Tantum-ergo*, exposição do Santissimo e missa solemne: ao evangelho subiu ao pulpito um dos pregadores, que teceu um lindo panegyrico com relação á festividade do dia, e doces encantos do sagrado coração de nosso amavel Jesus. E na occasião da communhão subiu ao pulpito um dos priores da villa, que apresentou um sermão todo tocante ás verdadeiras disposições precisas para se receber dignamente a Jesus na Eucharistia.

No meio dos meninos estava um ecclesiastico, para os prevenir nas respostas ás perguntas que o pregador de vez em quando lhes fazia, e quando se tratava do amor e respeito devido aos paes, estes se viam chorar, e promoviam o correr das lagrimas em todos os circumstantes, que voluntariamente se achavam sensibilisados, e reconheciam que só por uma educação puramente religiosa se póde viver e morrer feliz e ainda depois da morte gosar as delicias do infinito.

Concluido este sermão procedeu-se á confissão cantada, e os ministros com a toalha, patena, e purificadores, e outros ecclesiasticos com o lavatorio, acompanharam o celebrante a dar a communhão ao subido numero de creanças, que estavam decentemente vestidas de branco, seguidos d'alguns anjos, ricamente ornados, e collocavam lindas corôas de flores na cabeça, tocando a philarmonica no coro variados e melodiosos trechos de musica; e depois muita gente que estava tambem confessada se chegou á sagrada mesa.

De tarde saiu a procissão, com as numerosas irmandades das duas freguezias, e meninos que commungaram, e anjos, etc., indo a philarmonica a traz do pallio, percorrendo as ruas da villa, e se recolheu tudo de novo á egreja, a concluir com o *Genitori*, e benção do Santissimo ao numerosissimo e luzido auditorio, que agradecido dava expontaneos e cordeaes parabens aos muito dignos priores de Penella, que com tanto acerto dirigiram tão religiosa, como edificante festividade.

Congratulo-me pois com a prosperidade das cousas verdadeiramente religiosas, e peço a Deus que os grandes, e pequenos, nobres, e plebeus deste concelho, se estimem uns aos outros como bons amigos e irmãos, tomando para exemplo o preceito de Christo—*Hoc est præceptum meum ut diligatis invicem, sicut dilexi vos*.

Convencido de que outras pennas mais bem aparadas descreverão ao vivo quanto se passou nesta alegre festa, só direi que assim como pelo orgão da vista se enche a alma de consolação ao contemplar os matizados jardins de flores nos campos de primavera, assim tambem aquellas vergonteas da arvore do christianismo, reunidas no templo a unir-se com o Deus humanado, com a alma purificada de peccados a receber as enchentes de graças no penhor de eterna gloria, faziam lembrar a todos uma especie de visão celeste, como a que viu S. Pedro quando disse a seu Divino Mestre—Senhor e bom que nós estejamos aqui; façamos aqui trez tabernaculos, etc., como quem se julgava já a possuir todo o bem do ceu.—*Domine bonum est nos hic esse. Si vis faciamus hic tria tabernacula*, etc.

Se v. se dignar escolher um cantinho do seu jornal, e entender que póde publicar-se esta resumida noticia muito obsequiará quem é.

De v. admirador e obrg.^mo cr.°

J. S. A.

Amigo redactor.

No vosso bem redigido periodico, tendes publicado varios artigos communicados de Penella, que tem por alvo persuadir as auctoridades superiores a conveniencia de alli crear uma nova comarca.

No primeiro communicado, conta o seu auctor as bellezas da sua terra, que hoje—aqui foi Troia — no segundo as aristocracias, e no terceiro andou de quinta em quinta, e não quinou; deixando no olvido, o exm.° conde de Podentes, e a sua quinta do Coiço, que bem mereciam egual honra, e menção.

Sem contrariar tantas bellezas, pedimos licença ao auctor dos artigos para dizer, e isto em boa e santa paz, e mesmo para illucidar as auctoridades superiores:

1.° que se um empregado da nova comarca quizer comprar dez reis de couves, ou feijões, ha de mandar ao Espinhal ao domingo, tres kilometros de distancia, e isto para toda a semana.

2.° que a nova comarca ha de compôr-se do concelho de Penella, que segundo o censo do 1.° de Janeiro de 1864, tem 2:315 fogos, sendo-lhe annexadas as freguezias, da Torre, com 178 fogos, Alvorge, 567, e Lagarteira, 182, pertencentes ao concelho de Ancião; Avellar 202, de Figueiró dos Vinhos, districto de Leiria; Pombalinho 358, de Soure; Villa Secca 329, Zambujal 219, de Condeixa; e Lamas 283, de Miranda do Corvo, districto de Coimbra, o que tudo perfaz 4:633 fogos.

3.° que vem a ser uma pequena comarca, que não póde sustentar os respectivos encargos, pertencendo no judicial ás duas relações de Lisboa e Porto, no administrativo, a dois districtos, Leiria e Coimbra, e cinco concelhos, vindo por isso a ser uma coberta de diversos retalhos, e sem unidade, em quanto que a comarca da Louzã lhe bate quasi á porta, e a nova comarca á de Coimbra.

4.° que segundo dispõe o § 2.° do art. 2.° da lei de 16 de Abril ultimo, que diz — crear novas comarcas onde ellas tiverem mais de 9:000 fogos. — A comarca da Louzã sómente tem 8:635 fogos, a saber: Louzã 2:191, Poiares 1:583, Miranda 2:547, Penella 2:315, e isto conforme o citado censo; e nestes termos, oppõe-se á nova comarca em Penella, as disposições topographicas, a commodidade dos povos, a simultaneidade e confusão da jurisdições, facto e direito.

* * *

NOTICIARIO

Ainda a Serra do Pilar.—Agora que uma commissão de benemeritos habitantes da cidade de Santarem, trata de levantar um mausoléu ao valente general José Antonio da Silva Torres, vem a proposito recordar alguns dos feitos de heroismo praticados pelos bravos voluntarios, que defenderam por largo tempo a Serra do Pilar, dos assaltos que repetidas vezes deram aquelle posto importantissimo as forças de D. Miguel.

Bem sabiam os miguelistas e os liberaes, que alli se jogava a sorte da cidade do Porto, e por tanto a da causa constitucional. Por isso de ambas as partes se praticaram actos numerosos de uma admiravel bravura, uns para se apoderarem da Serra, e outros para a defenderem até exhalarem o ultimo suspiro.

Entendemos ser de muita utilidade o ir recordando quantos sacrificios nos custou a liberdade, que uns olham presentemente com indifferença, e outros nos querem roubar.

A maior parte dos defensores da Serra do Pilar já são mortos; mas felizmente ainda vive um delles, o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro. Sentimos, por tanto, muito prazer em aqui poder registar alguns documentos, que provam os seus serviços e a sua bravura naquelle posto de honra.

Nos dias 8, 9, 10 e 11 de Setembro de 1832 fizeram os miguelistas, commandados pelo brigadeiro Nicolau de Abreu, os maiores esforços para tomar a Serra do Pilar. Os liberaes, porem, com uma valentia inexcedivel, souberam inutilisar todos os seus ataques.

No primeiro d'aquelles dias, o governador militar do Porto, o sr. Bernardo de Sá Nogueira, hoje marquez de Sá da Bandeira, que havia acudido em auxilio dos defensores da Serra, teve fracturado o braço direito de uma bala de espingarda. Este illustre e valente militar, não contente de continuar nesse mesmo estado a dirigir as forças liberaes, teve o animo para no dia seguinte, 9 de Setembro, com o braço já amputado, proseguir no governo militar, como se estivesse de perfeita saude, e dirigir uma enthusiastica proclamação aos habitantes do Porto, incitando-os á defeza da cidade, contra os ataques dos miguelistas.

Nunca podémos ler sem uma viva commoção a proclamação a que nos referimos, publicada por extenso em o n.° 49 da *Chronica Constitucional do Porto*, do dia 10 do mesmo mez de Setembro, e que tambem se vê por extracto na curiosissima e já hoje rara *Historia do cerco do Porto*, pelo sr. conselheiro Simão José da Luz Soriano.

Que amor da liberdade é necessario para em situação tão dolorosa, tomar um semelhante interesse pela causa da Rainha e da Carta!

No mesmo numero da *Chronica Constitucional do Porto*, de 10 de Setembro, se confirma o que dizemos acerca da energia do sr. marquez de Sá da Bandeira, em tal momento. Lê-se alli:

«Temos a lamentar, com todo o Portugal, o desastre acontecido ao governador militar desta cidade, Bernardo de Sá Nogueira, gravemente ferido em um braço no ataque de Villa Nova. Os symptomas de seu estado são comtudo animadores e de consolação para seus amigos.

«*No meio das dores que o atormentam elle conserva o mesmo sangue frio que o caracterisa, dando ordens, recebendo participações, dictando officios, e obrando em tudo com a mesma presença de espirito que lhe é natural.* O Porto, que em seu governador tanto confiava, pode estar seguro de que *do proprio leito da dor em que jaz, elle vela tão infatigavel e assiduo como quem tem uma alma a que não chegam os padecimentos do corpo.*»

Ainda no mesmo numero da *Chronica* lê-se o seguinte, relativo ao dia 9:

«A' uma hora da tarde visitou sua magestade imperial o seu ajudante de campo, governador militar da cidade, o sr. Bernardo de Sá Nogueira, o qual tendo hontem sido ferido na acção da Serra, tão gloriosa para as armas da Rainha, soffrera a amputação do braço direito.»

O duque de Bragança, grato aos actos relevantes praticados pelos bravos da Serra do Pilar, quiz premiar os mais distinctos; pelo que, o ministro do reino, Mousinho de Albuquerque, dirigiu a seguinte communicação ao ministro da guerra:

«Illm.° e exm.° sr. Querendo S. M. I. o duque de Bragança, regente em nome da Rainha, dar um publico testemunho da consideração que lhe mereceram os bravos e generosos defensores do posto fortificado da Serra, que desde o dia 8 do corrente tantos prodigios tem feito de valor e patriotismo, repellindo os vigorosos e continuados ataques de forças tão superiores e saindo a perseguil-as muito alem das suas trincheiras: tem determinado nomear dez cavalleiros da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito, dentre os officiaes, officiaes inferiores e soldados, e cidadãos ainda não alistados, que mais se distinguiram neste nobre feito.

Rogo por tanto a v. ex.ª se sirva expedir as ordens necessarias para que o general em chefe o faça constar ao exercito na ordem do dia, e se mande ao brigadeiro José Antonio da Silva Torres, do conselho de sua magestade, encarregado do commando daquelle posto, para proceder a formar as respectivas listas nominaes, que serão remettidas a este ministerio para immediatamente se lhes expedirem os decretos e diplomas necessarios.

Deus guarde a v. ex.ª Paço no Porto 11 de Setembro de 1832. — Illm.° e exm.° sr. Agostinho José Freire, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra— *Luiz da Silva Mousinho e Albuquerque.*»

No dia 15 de Outubro foi com effeito concedido o grau de cavalleiro da ordem da Torre e Espada aos seguintes valentes militares e voluntarios:

«Querendo eu honrar, como elles o merecem, os heroicos defensores do posto fortificado da Serra do Pilar, designando como verdadeiros objectos da gratidão nacional aquelles que mais se distinguiram em tão brilhante defeza; e por quanto me constou que, por feitos distinctos, individuaes e singulares, alli praticados nos dias 8 e 10 de Setembro ultimo, bem mereceram esta distincção o capitão quartel mestre de infanteria n.° 4, Antonio Ignacio de Seixas, o capitão graduado do primeiro batalhão de infanteria n.° 6, João Pereira Cabral, o major graduado de cavallaria, commandante do posto da Serra, Christovão José Franco Bravo, o primeiro tenente do primeiro batalhão de artilheria, Manoel Thomaz dos Santos, o major graduado de infanteria, commandante do terceiro batalhão nacional movel, José Joaquim Gomes Fontoura, o tenente de caçadores Manoel Maria Cabral, e os voluntarios academicos, José Silvestre Ribeiro e José Maria Rojão: hei por bem em nome da Rainha, e como grão mestre da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito, nomeal-os cavalleiros da mesma ordem.

O ministro e secretario de estado dos negocios do reino o tenha assim entendido e faça executar. Paço no Porto 15 de Outubro de 1832—D. Pedro, duque de Bragança—*Marquez de Loulé.*»

A luta na Serra do Pilar era quasi sem treguas. E' por isso que logo nos dias 13 e 14 de Outubro tiveram os seus defensores de soffrer um ataque ainda mais violento que em Setembro.

Na manhã do mencionado dia 13, começaram os miguelistas a dirigir contra a Serra, um vivissimo fogo de artilheria, que durou sem descanço **33** horas. A's 3 horas da tarde do dia 14, julgando os inimigos que já estariam destruidas a maior parte das trincheiras, atacaram a Serra em força de 5:000 homens, divididos em tres columnas.

Tudo, porem, foi baldado para a causa absolutista. A's 6 horas e meia da tarde, depois de batidos completamente os miguelistas em todos os pontos que atacaram, se retiraram em grande confusão, deixando os defensores daquelle baluarte da liberdade cobertos de gloria, e o terreno circumvisinho juncado de armas e cadaveres.

Do officio do general Torres, dirigido ao conde de Villa Flor, em 19 do mesmo mez de Outubro, extraimos o seguinte:

«O destacamento dos voluntarios academicos desenvolveu nesta gloriosa acção, como é proprio do seu extremado valor, a maior bravura, intelligencia, coragem, e sangue frio, tanto no serviço d'artilheria, como no que voluntariamente fizeram de fuzilaria, de uma maneira tal, que por mais que pretenda extremar um só na defeza do dia 14, não me é possivel fazel-o; e se o fizesse, ficaria eternamente opprimido por um continuo remorso de injustiça a respeito daquelles que não mencionasse: e por isso os recommendo muito a v. ex.ª, pedindo-lhe ao mesmo tempo que se sirva levar a presença de S. M. I. os relevantes serviços prestados por estes tão bravos e distinctos jovens defensores; assim como merece os meus elogios o seu commandante, o capitão d'artilheria Severiano Sezenando de Betencourt, que na qualidade de commandante daquella arma desempenhou as minhas ordens com bravura, intelligencia e sangue frio.

«E, comtudo do meu dever declarar a v. ex.ª, que no dia 13 os dois voluntarios academicos, José Estevão Coelho de Magalhães, e José Silvestre Ribeiro, bem como o alferes Alexandre do Carvalhal Silveira Pereira, encarregados dos trabalhos de fortificação, dirigiram como taes o restabelecimento da brecha, debaixo de um vivissimo fogo de artilheria; e no dia 14 tiveram um comportamento egual ao dos seus camaradas. E para lamentar, em consequencia dos seus distinctos serviços, prestados naquelle e nos anteriores dias, que fosse gravemente ferido o voluntario academico, José Pereira Junior, donde lhe resultou a amputação de uma perna.»

De todos os bravos voluntarios academicos, mencionados nesta parte do officio do general Torres, já não é vivo senão o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, que, no espaço de 8 mezes, sem interrupção, esteve na Serra do Pilar, sendo alli encarregado das fortificações, e director de um telegrapho para a correspondencia com o Porto.

Bom é que se saibam serviços tão relevantes, porque

...a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.

Foz de Arouce e o exercito de Massena. — Recebemos o fasciculo 40.° do *Portugal antigo e moderno*, pelo sr. Pinho Leal. Lê-se no artigo acerca de *Foz de Arouce* o seguinte:

«Os francezes de Massena são aqui atacados pelo exercito luso-anglo, em Fevereiro de 1811, e retiram para o Alemtejo.»

Ha aqui dois erros, um dos quaes chega a não ter desculpa nenhuma!

O ataque de Foz de Arouce não podia ser em Fevereiro de 1811, pois que Massena só começou a sua retirada em 5 de Março. O mencionado ataque foi no dia 15 deste mez.

Se o sr. Pinho Leal se quizer desenganar, póde ler o officio de Lord Wellington, datado da Louzã em 16 de Março de 1811, e publicado em o n.° 69 da *Gazeta de Lisboa* de 21 desse mez e anno.

Agora dizer o sr. Pinho Leal, que os francezes de Massena, depois do ataque de Foz de Arouce, **se retiraram para o Alemtejo**, é uma tão grave inversão dos factos, e revela um tal desconhecimento da historia da guerra peninsular, que causa verdadeira lastima!

Massena, na sua retirada de Portugal, seguiu de Azambuja, ao Cartaxo, Santarem, Ponte de Alviella, Gollegã, Valle de Çumo, Chão de Maçãs, Caxarias, Travaçô, Pombal, Venda da Cruz, Redinha, Condeixa, Fonte Coberta, Miranda do Corvo, Foz de Arouce, Ponte da Mucella, Sobreira, Penalva, Gallizes, Chamusca, Maceira, Pinhanços, Vinhó, Sampaio, Villa Cortez, Carrapichana, Cortiço, Celorico, Porto da Carne, Guarda, Adão, Pega, Sabugal, Alfaiates, Aldeia do Bispo, e d'ahi em Hespanha para Ciudad Rodrigo.

Reunião. — Na quinta feira reuniu-se a commissão eleita na casa da Associação Commercial, juntamente com os delegados das differentes parcialidades do partido liberal desta cidade.

A mencionada commissão, participou-nos em officio que hontem nos dirigiu, que alli se resolvera convocar no proximo domingo um *meeting*, pelas 10 horas da manhã, com o fim de tratar assumptos de alto interesse para o partido liberal.

Pedido — A camara municipal desta cidade, pedimos mande policiar regularmente de dia e noite, a rua dos Sapateiros e largo da Freiria, porque havendo ahi algumas casas nas condições do n.° 4 do artigo 15.° do regimento de policia municipal, seus moradores não se importando com essa commodidade domestica, tem em menos conta o respeito sempre devido a seus concidadãos, e com desprezo manifesto do preceito que lhes marca o n.° 1 do artigo 16.° do indicado regimento, vão fazer despejos nas valletas e rálos; alguns dos quaes por immensamente immundos, são excessivamente asquerosos, com o que se incommodam os visinhos e passeantes.

Isto é intoleravel em uma terra que se diz policiada, e para que se não repitam mais abusos dessa ordem, pedimos á illustre vereação rigorosas providencias em bem da saude publica.

Te-Deum — A'manhã, domingo, 21 do corrente, na sé cathedral, pelas 11 horas da manhã, o exm.° sr. bispo conde hade celebrar um solemne *Te-Deum* em acção de graças pelo 28.° anniversario da coroação de Sua Santidade Pio IX.

Invenção da tinta — Não se sabe quem descobriu a tinta ordinaria de escrever, que já era conhecida na mais remota antiguidade. Plinio na sua *Historia Natural* já indica de um modo preciso a reacção da noz de galha e dos saes de ferro.

Os hollandezes attribuem a Lourenço Coster, natural de Harlem, a invenção da tinta de impressa. A tinta da China, importada na Europa desde tempos remotos, é preparada com decoctos de diversas plantas, colla, e *negro de fumo*. A borra do vinho tambem era empregada na pintura pelos povos antigos.

Era já muito usada na antiguidade uma tinta preparada com *negro de fumo* ou carvão muito frio, diluidos em dissolução aquosa de gomma. Tambem eram muito empregadas varias tintas coradas, preparadas por differentes modos. Os titulos dos livros com letras grandes eram feitos com tinta vermelha, em que entrava o vermelhão, ou algum liquido contendo infusão de madeira de cedro. O sangue de certos peixes tambem era empregado no fabrico das tintas. Os imperadores e reis usavam uma tinta purpurea, e só elles a podiam empregar. Era fabricada com conchas pulverisadas e sangue de um mollusco conhecido pelo nome de *purpura*.

Nova publicação — Recebemos o *Sermão dos Passos de Nosso Senhor Jesus Christo, pregado na Sé Chathedral de Portalegre, pelo conego Adolpho Ernesto Motta.*

Agradecemos ao nosso amigo e patricio o exemplar com que nos brindou.

Novas cadeiras — Foram creadas cadeiras de ensino primario para o sexo feminino, na freguezia de Ançã, concelho de Cantanhede, e na villa de Taboa.

Cada uma dellas tem casa e mobilia pela respectiva camara municipal, e não pode ser provida sem estar realisado esse subsidio.

Exonerações — O sr. Antonio Pinto de Andrade foi exonerado da cadeira de ensino primario de Buarcos, concelho da Figueira da Foz; e o sr. José Maria de Sousa Machado foi tambem exonerado da cadeira de ensino primario de Samuel, concelho de Soure.

Declaração — O sr. Dr. Manoel Emygdio Garcia pede-nos a publicação do seguinte:

«Amigo e sr. Joaquim Martins de Carvalho—Rogo-lhe o obsequio de declarar no seu illustrado jornal, que deixei completamente de fazer parte da redacção da *Correspondencia de Coimbra*, desde o dia 14 do corrente—Coimbra, 19 de Junho de 1874—*Manoel Emygdio Garcia.*»

Telegraphia — Recebemos do sr. chefe da estação telegraphica desta cidade a seguinte communicação:

«Sr. redactor.—Para interesse do publico faço sciente a v. da communicação que acabo de receber da direcção dos telegraphos.

Começou hoje a funccionar o cabo telegraphico submarino para a Madeira e S. Vicente de Cabo Verde.

Telegramma para a Madeira até 20 palavras 3$100.

Telegramma para S. Vicente de Cabo Verde, até 20 palavras 11$200.

Estação telegraphica de Coimbra 18 de Junho de 1874.

O chefe da estação,
Antonio Maria Pimenta.»

Noticias estrangeiras. — As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 17, ás 9 horas e 59 minutos da manhã—A *Gazeta* diz que 12:000 carlistas commandados por D. Affonso, marido de D. Branca, foram derrotados e dispersos em Alcora, fugindo para Lucena e deixando muitos mortos, feridos e prisioneiros. Confirma-se a noticia de ter morrido nesta batalha o filho do infante D. Henrique de Bourbon. Foram resgatados 36 soldados do exercito da Catalunha. Confirma-se a noticia de que D. Affonso e D. Branca embarcaram em Castellon para regressarem á Catalunha.

Madrid, 16 de manhã—O correspondente do *Times* em uma carta dirigida á *Iberia* declara que Camacho lhe afiançara, que no dia 6 pagaria os coupons vencidos da divida externa. A *Iberia* responde que não acredita que Camacho promettesse executar a concordata feita por Echegaray antes da decisão do conselho de estado, que foi consultado. Julga impossivel que tenha similhante ideia quem quizer proteger os interesses do thesouro.

Madrid 16, ás 5 h. e 56 m. da t.— Durante o armisticio dos exercitos liberal e carlista começaram na quinta feira a conferenciar os generaes Castillo e Valdespina em Ponte Nova.

Alguns officiaes carlistas, aproveitando a tregua, pretenderam entrar em Bilbau. Não lhe foi concedido pelas avançadas.

Madrid 17, ás 10 h. e 58 m. da m.—A *Gazeta* dá promenores sobre o combate que teve logar em Alcora com 11:500 carlistas, commandados por D. Affonso, fazendo-se-lhes consideravel numero de mortos, feridos, varios prisioneiros e resgatando 36 soldados. As perdas das tropas liberaes foram 10 mortos, 59 feridos e 26 contusos.

A Sublime Porta prohibiu a exportação de cereaes das provincias de Salonica, Bosnia, ilha Metellin, porto Kalé.

Confirma-se que fôra dizimada a companhia de artilheria por causa de insubordinação, sendo condemnados 21 individuos a 6 annos de presidio.

Madrid 17, ás 6 h. e 7 m. da t.—Em Celanova (Arense) foi aprisionada uma partida carlista de 46 cavallos.

Madrid 17, ás 10 h. e 50 m. da t.—Diz o *Imparcial* que não é verdade ter a Santa Sé opposto obstaculos sérios á concordata com o governo hespanhol.

O ministro das obras publicas trata sem descanço de estudar o conselho superior de agricultura. A totalidade das forças do exercito no norte é de 38:000 homens e 80 peças de artilheria. Os jornaes legitimistas francezes contam a chegada de D. Carlos a Elizondo. Diz-se que os artilheiros condemnados em Lodoza se arrependeram e solicitaram indulto, offerecendo-se para formarem na primeira linha de atiradores.

Prepara-se combate defronte de Estella.

Parece que é inaceitavel a proposta de emprestimo de Werner.

Os caçadores de Madrid foram condemnados, tres a morte e quatro a prisão perpetua. O ministro da guerra está melhor, mas ainda de cama. Apresentou-se ao capitão general de Madrid um capitão da escolta de D. Carlos a pedir indulto, que se lhe concedeu. Faltam noticias das operações do Norte. Houve hoje conselho presidido por Serrano.

Parece que o banco de Paris estava auctorisado pelo ministerio anterior a vender titulos hespanhoes. Uma casa bancaria franceza pouco conhecida, mandou um commissionado ao ministro da fazenda, propondo-lhe continuar a venda de titulos do consolidado interno, auctorisando-o a sacar sobre Paris 500:000 francos diarios.

Sairam hoje do quartel general os artilheiros condemnados a degredo para Ceuta, e devem chegar amanhã a Madrid. Constitue-se, provavelmente na segunda feira o conselho de instrucção publica presidido pelo ministro das obras publicas.

Diz a *Correspondencia*. Sabemos com certeza, e por fonte auctorisadissima, que ha grande desanimo nas fileiras do pretendente desde que abandonaram o cerco de Bilbau.

Andam por 10:000 homens as forças com que o general Palacio avança sobre Cantavieja, quartel general dos carlistas no Aragão.

Nesta expedição vão 3:500 homens saidos ante hontem de Saragoça e as columnas Delatre e Despujols. Tambem vão bastantes forças de artilheria. Os carlistas foram hontem desalojados de la Puebla por uma columna de cavallaria, perdendo tres mortos.

Suppõe-se que D. Affonso e D. Branca, muito impressionados pela derrota em Alcora, foram para o estrangeiro. Os carlistas abandonaram Arcos, indo reforçar a linha de Montejurra.

Noticias auctorisadas dizem que o exercito republicano se compõe de 120 mil infantes e 10 mil cavallos, sem contar 43 mil homens de reserva. Concha tem 38 mil homens e 87 peças.

Madrid 18, ás 2 horas e 30 minutos da manhã—O ministro da Russia em Madrid sahe com licença, ficando o sr. Sidowitch encarregado da legação. O representante da Allemanha o sr. Hatzfeld vae tambem partir, ficando com a legação o primeiro secretario—Saírá hoje o correio do gabinete do ministerio dos estrangeiros.

Madrid 18, ás 6 horas e 20 minutos da tarde—Hoje não ha conselho de ministros por continuar doente o general Zavala. Hontem ficou inaugurada a primeira secção da linha ferrea de Merida a Sevilha.

Paris, 13.—(Serviço postal) — O prefeito da Gironde suspendeu por dois mezes o conselho municipal de Bordeus.—Esta tarde mr. Paul de Cassagnac deve dar uma resposta a Sebelchar e Testolin, deputados que foram em nome de mr. Clemenceau pedir-lhe desaggravo pelas armas.

Os eleitores do Cantão Montoire (Loir-et-Cher) são convocados para 28 do corrente para elegerem o seu representante no conselho geral em substituição de mr. Chauvin, fallecido.

Morreu o coronel polaco Adam Koslowki, que em 1832 emigrara para França, onde residiu desde então.

Os espiritos acham-se bastante sobrescitados por causa dos acontecimentos deploraveis que tiveram logar na estação do caminho de ferro; as auctoridades tratam de reprimir energicamente a repetição de identicas occorrencias.

Londres 12.—Foi rejeitada na camara dos communs a proposta para ir uma commissão de inquerito aos mosteiros e conventos.

Por esta occasião sir Bowyner censurou com rigor as leis repressivas proclamadas na Allemanha contra os catholicos.

—Partem ámanhã para Ems para visitar os imperadores da Russia o duque e a duqueza de Edimburgo.

AO PARTIDO LIBERAL

Por deliberação de todas as parcialidades liberaes, terá logar um *meeting*, domingo, 21 de Junho, ás 10 horas da manhã, para se tratar de assumptos de alto interesse para o partido liberal.

O local é no theatro de D. Luiz I.

O GENERAL TORRES

Recebemos hoje a seguinte carta do sr. José Coelho das Neves e Oliveira, artista marceneiro desta cidade.

«Sr. Joaquim Martins de Carvalho.—Meu caro amigo e sr.— Tendo lido no seu acreditado jornal, n.º 2805, que se ia pagar um tributo de gratidão ao valente e bravo general Torres, á ordem de quem estive como voluntario, na defeza do convento da Serra do Pilar, desde 12 de Outubro de 1832, até 21 de Junho de 1833, em que embarquei com a divisão expedicionaria para o Algarve, commandada pelo nobre duque da Terceira; e sabendo que ha uma illustre commissão em Santarem, que quer levantar um mausoleu a tão valente e corajoso defensor da liberdade; ponho á disposição de V. a modica quantia de 1$000 reis; sentindo que as minhas forças como artista, me não permittam concorrer com mais.

Honra seja á benemerita commissão pela sua iniciativa e sentimentos liberaes, que em Coimbra são muito apreciados.

Rogo a V. o obsequio de publicar esta carta no seu sempre interessante jornal.

Sou com toda a estima — De V. amigo e obrigado—Coimbra 20 de Junho de 1874.

José Coelho das Neves e Oliveira.

ANNUNCIOS

1 NO DIA 25 do corrente, pelas 11 horas da manhã, nos paços do concelho, proceder-se-ha á arrematação das obras para a conclusão da ponte de Coenços, na freguezia de Ceira; bem como da conducção para o cemiterio, dos finados nos hospitaes, e dos indigentes fallecidos nas parochias da cidade.

As condições serão presentes no acto da praça.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 20 de Junho de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

VENDE-SE

2 UMA BONITA CASA, situada na rua Alegre, da praia d'Espinho.

Tracta-se, em Coimbra, com João de Paiva, na rua da Ilha, n.º 10, desde as 2 horas até ás 4 da tarde.

GAIOLAS

Preços modicos

46—Rua da Calçada—48

ALBUNS

4 VARIADISSIMO SORTIMENTO por preços extremamente commodos.

Cristaes de Bohemia

46 Rua da Calçada 48.

5 NO DIA 23 do corrente mez de Junho, por 9 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, se hade arrematar a quem mais der, umas casas na rua de Quebra Costas, que pertencem á herança de Gualdino José Ferreira, esteireiro, morador que foi na dita rua; e cuja venda é feita por deliberação do conselho de familia, no respectivo inventario—de que é escrivão Almeida, officio de Servulo.

Attenção

6 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

VENDA DE PIPAS

7 VENDE-SE uma porção de pipas, avinhadas, e quasi novas. Quem as pretender póde dirigir-se a José Velasco, na rua da Sophia, n.º 27.

8 NO DIA 23 do corrente mez de Junho, por 9 horas da manhã, perante o exm.º juiz de direito, á porta do tribunal de justiça, se hão de arrematar por deliberação do conselho de familia, os bens descriptos no inventario por morte de Bernardo Ferreira, dos Carvalhaes de Cima, para pagamento de credores. Escrivão Almeida.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para **Santos:**
Barca—CLAUDINA

Para o **Rio de Janeiro:**
Nova galera **Camões** em 27 de Junho.

Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

10 VENDE-SE para pagamento de divida hypothecaria, uma boa fazenda, no lindo sitio do Cidral, proximo á cidade, e perto da estrada da Beira, com muita agua, e proporções para se augmentar o seu volume, com pouca despeza. Emfim propriedade nas melhores condições para um estabelecimento fabril. Quem a pretender póde dirigir-se ao sr. Antonio Duarte Ariosa, na praça 8 de Maio.

93 Rua do Visconde da Luz 95

11 VENDEM-SE pergaminhos, assim como fitas de todas as côres, para cartas de formatura, muito barato.

Arrematação

12 NA PROXIMA terça feira, 23 do corrente, pelo meio dia, na casa das obras da Universidade, hão de ser arrematadas as seguintes obras:

De carpinteiro e pedreiro, no edificio do Laboratorio Chimico;

De carpinteiro, no edificio de S. Jeronymo, para o novo Dispensatorio Pharmaceutico;

De carpinteiro, pedreiro e pintura, no edificio do Observatorio Astronomico, e

De lijonja no edificio do Museu.

Os apontamentos e condições, podem desde já ser examinados pelos pretendentes.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

13 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que no dia 21 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na secretaria dos mesmos hospitaes, se hade proceder á arrematação dos seguintes artigos de consumo: —Vacca, carneiro, gallinhas, frangos, toucinho, bacalhau, pão tremez, pão bolacha, broa, aletria, macarrão, estrelinha, arroz, cevadinha, tapioca, feijão frade, feijão rajado, bolaxa simples, bolaxa doce, biscoito, marmellada, gelea de marmello, doce de cabaço secco e de calda, laranja doce, doce de chila, doce de pera, azeite, vinagre, vinho tinto, vinho branco, vinho do Porto, queijo nacional, queijo flamengo, manteiga nacional, manteiga ingleza, leite de cabra, leite de jumenta, leite de vacca, chá, cafe, chocolate, assucar fino, assucar amarello, tabaco, rapé, cigarros, milho, cevada, linhaça, cebo preparado, alcool a 30.º Cartier, aguardente a 20.º, sanguesugas, lenha, carvão de cepa.

O fornecimento é por tempo d'um anno, a começar no 1.º do proximo mez de Julho; e os artigos fornecidos são apresentados nas repartições respectivas por conta dos fornecedores.

Administração dos hospitaes da Universidade de Coimbra, 12 de Junho de 1874.

O administrador— *Costa Simões.*

14 MARIA LUIZA DA CONCEIÇÃO PEIXOTO QUARESMA RIBEIRO, viuva de José Ribeiro da Costa, da villa de Condeixa, vende, se o preço lhe convier, a terra que possue na Varzea de Condeixa, com rega certa da fonte do Grogolhão.—Anda arrendada a José Maria Quaresma. Recebe lanços.

BANCO DA REGOA

Sociedade anonyma, responsabilidade limitada

Capital—600:000$000 rs.

Agente — Manoel de Almeida Cabral — 161, Rua da Calçada, 165—COIMBRA.

15 NESTA AGENCIA descontam-se letras da terra e de fóra.

Empresta a juro modico sobre penhores de ouro, prata e pedras preciosas, etc., e effectuam-se muitas outras transacções, proprias deste banco. Expediente todos os dias das 8 horas da manhã até as 5 da tarde.

VENDA DE CASA NOBRE

16 VENDEM-SE em Coimbra, no dia 28, em praça particular, se o preço convier, as casas que fazem esquina para a rua do Norte, com o n.º 25, e rua do Cosme, n.º 1,—defronte da Universidade—com entrada por ambos os lados, grandes salas, quartos e mais accommodações para duas familias independentes, quintal com arvores de fructo, grande parreira, cisterna com agua para todo o anno, pateo interior, com pia de pedra, duas cocheiras, e cavallariça para 8 cavallos, etc. A casa póde servir para duas familias, com entradas separadas.

A praça será na loja n.º 7 da dita rua do Cosme.

SUBSTITUTOS A MILITAR

17 HA PROMPTOS no escriptorio da rua do Arco do Bandeira, n.º 219, em Lisboa.

PRAIA DA FIGUEIRA

18 ALUGA-SE para Outubro e Novembro, a casa de A. Forjaz, no bairro novo.

DOCTOR IN ABSENTIA

19 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

DENTISTA

CEREGUETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista Suisso

20 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, além de fazer dentaduras completas, põe dentes, extrahe estes e as raizes, e limpa os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados, com pasta não conhecida até hoje; tem bom elixir para dôr de dentes; cura o escorbuto, e todas as molestias de bôcca; tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço, como se nunca tivera tido callos.

Praça **8 de Maio**, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

21 QUEM QUIZER comprar caixões grandes, e arcas para deitar cereaes, póde fallar na quinta de Montes Claros, que lá lhos mostrarão, ou na loja de Ricardo Antunes de Macedo, na praça 8 de Maio.

22 ARRENDAM-SE dois celleiros no pateo da Inquisição. Um dos ditos é dentro do quintal. Sua dona viuva Padua.

NUMERO 2808 | TERÇA FEIRA 23 DE JUNHO DE 1874 | ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Realisou-se no domingo de manhã, no theatro de D. Luiz, uma das reuniões mais imponentes, que tem havido nesta cidade.

Um concurso numerosissimo de cidadãos de todas as fracções liberaes, e de todas as classes da sociedade, encheu completamente aquella casa.

Presidia o digno par do reino o sr. visconde de S. Jeronymo, que com a sua presença quiz auctorisar um acto, em que o partido liberal ia mais uma vez affirmar as suas crenças.

As ideias ultramontanas, que desde longo tempo os inimigos da liberdade têem tentado propagar em Portugal; foi o principal motivo, que provocou esta manifestação popular.

O sr. visconde de S. Jeronymo expoz pelo seguinte modo, as razões que o haviam levado a aceitar a presidencia daquella reunião:

Senhores—Venho hoje occupar esta cadeira da presidencia, impellido pela mesma força, que me levou a tomar assento na dos festejos da liberdade, no dia 8 de Maio. Não é a força do despotismo, de que fui martyr; mas nunca confessor. Não é a da anarchia, porque, sempre, repelli esta, como despotismo de muitos, e por isso o mais feroz. Não é a da intolerancia, porque, defendendo a minha consciencia, tenho respeitado, sempre, a dos outros. Mas é a força da justiça, da razão, e da liberdade, que atrae, como o iman, e alumia como o sol, a quem tem olhos para a ver, ouvidos para a ouvir, e coração para a amar.

Quando fui convidado para a presidencia dos festejos da liberdade, hesitei em acceitar, receando envolver-me na luta de partidos, a que sempre fui estranho; mas quando me deram a segurança de que os queriam unir, para tornar a festa mais solemne, tomei o meu logar á sombra da arvore da liberdade, que é symbolo de paz, e não de guerra, e por isso tive a satisfação de ver grégos e troianos, abraçados, á mesma sombra, como irmãos, e promptos a defendel-a.

Convidado ha pouco para occupar este logar; tomado do mesmo susto, senti a mesma hesitação: e recolhi-me ao abrigo de S. Jeronymo, para me livrar da tempestade; porém, alli mesmo, me foram acenar com a bandeira de paz, união e liberdade; e por isso, seguindo-a, aqui estou para cumprir este programma, confiado no auxilio daquelles, que me acompanharam no dos festejos: e na cordura, gravidade e firmeza que os moradores desta cidade nelles mostraram.

Darei a palavra a todos que m'a pedirem, para dar o seu parecer sobre o momentoso assumpto, que é objecto desta reunião: bem certo de que o darão, não só com a lealdade e franqueza de cidadãos livres; se não tambem com a prudencia e moderação d'homens de bem, que quanto mais fortes são na sua justiça e nas suas acções, mais reportados, e mais commedidos se mostram nas suas palavras—*Fortiter in rebus; leniter in verbis.*

Fallaram largamente o digno par do reino o sr. Miguel Osorio Cabral, os srs. Dr. Fernando de Mello, Dr. Manoel Pereira Dias, bacharel Manoel de Arriaga, Dr. Manoel Emygdio Garcia, Dr. Antonio Jardim, Dr. Fernandes Vaz; e fallaram pela segunda vez os srs. Dr. Pereira Dias e Dr. Fernando de Mello.

Não nos é possivel dar um extracto, ainda o mais resumido, dos brilhantes discursos que alli se proferiram.

O que muito folgamos de registar, é o protesto solemnissimo que naquella reunião se fez repetidas vezes, e pela forma mais positiva, dos sentimentos verdadeiramente religiosos do partido liberal; mas religião sem fanatismo, sem especulação politica, sem exploração das familias, e sem estulto beaterio;— assim como a attitude energica dos cidadãos de Coimbra em defeza da causa liberal.

Mostraram os oradores, que contra a propaganda reaccionaria, era preciso que o partido liberal se unisse estreitamente, a fim de a combater com as sãs doutrinas, pelo meio das associações, pelo ensino, pela discussão e pela imprensa periodica.

Naquella reunião predominou a maior cordura e sensatez; declarando os oradores, que para esta questão, fundamental para o partido, não conheciam parcialidades politicas.

E neste sentido se pronunciaram alguns oradores, que protestaram energicamente contra a falta de confiança, que se havia manifestado por parte de um cidadão, em relação ás auctoridades locaes.

Toda a assemblea se declarou vivamente, e da maneira mais enthusiastica, a favor das ideias liberaes e dos principios expostos pelos differentes oradores, que todos foram conformes em affirmar que o partido liberal tem força em si, e pelos meios legaes, de resistir e supplantar a reacção que por ahi se manifesta.

O partido liberal de Coimbra deu neste dia um exemplo, merecedor de ser imitado por todo o paiz.

Reunindo-se pacificamente, discute, raciocina, propõe e approva o que julga mais acertado para a consolidação das suas doutrinas; e tudo isto com a prudencia, propria de um partido, que tem a consciencia dos seus actos e da justiça da sua causa.

E' assim que o partido liberal se acredita e obtem a força e prestigio indispensavel para o conseguimento da sua missão civilisadora.

Só pela ordem, e com moderação, é que legitimamente se póde obter resultado em harmonia com o credo liberal. E são estas as ideias que clara e positivamente foram proclamadas e geralmente aceites naquella numerosa e illustrada assemblea, digna de uma terra civilisada como Coimbra, onde estão já radicados os verdadeiros principios da escola liberal.

No fim da sessão foram approvadas as seguintes propostas, que haviam sido apresentadas e sustentadas pelo sr. Miguel Osorio:

1.ª PROPOSTA

1.º Proponho que se nomeie uma commissão para elaborar uma representação dirigida ao governo de Sua Magestade, por intermedio do exm.º governador civil, para que, averiguando quaes são as causas do grande desenvolvimento que em Portugal vae tendo a eschola ultramontana, contraria á liberdade, ao progresso intellectual e aos verdadeiros interesses da religião catholica, protegida pela

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXX

D. CARLOS

CXX

O novo ministerio marchou accorde com o general em chefe Maroto, e por intercessão deste se introduziu no conselho de D. Carlos o padre Cyrillo. Tudo promettia já uma nova era de tranquillidade, que se inaugurou com a liberdade de Elio, Zaratiegui, Vargas, Madrazo e outros que estavam presos, voltando á vida activa do exercito aquelles valentes e illustrados chefes, que levavam por toda a parte a animação e confiança. Villarreal com a sua grave e militar franqueza; La Torre, tão amigo da verdade, que jámais occultava sua boca o que sentia o seu coração; Elio com o seu cavalheirismo; Zaratiegui com a sua intelligencia; Vargas com a sua fidalguia; e todos os mais com as boas prendas que os adornavam, eram queridos das tropas e do paiz, que receberam com applauso a sua presença.

Balmaseda, que havia tratado de exercer uma terrivel reacção em Estella, teve que fugir para Castella, sem que Alzáa se atrevesse a impedir-lhe o passo por Alava; e para extirpar Maroto os maus germens que Balmaseda deixara em alguns pontos da Navarra, passou ao dito reino, dictou algumas providencias, conciliou os animos, e regressou em poucos dias á villa de Valmaseda, até cuja direcção se apresentavam as tropas liberaes.

No entanto Espartero continuava com as forças liberaes a atacar os carlistas, sendo dos seus principaes feitos a tomada dos fortes de Ramales e Guardamino, nos primeiros dias de Maio de 1839.

A situação de Maroto, depois desta perda, ia-se tornando muito critica. A superioridade das forças do inimigo e o systema das suas operações, eram fataes para os carlistas.

Interessando a Espartero assegurar o paiz de que se fazia senhor a conquista de Ramales e Guardamino, e conservar as communicações com Miranda, Puentelarrá e Espejo, estreitando assim aos carlistas, que era o seu principal objecto, continuou as suas operações sobre Orduña e Amurrio. Acantonou as suas forças no valle de Losa, e movendo a primeira brigada da guarda real de infanteria, se alojou em Berberana no dia 21 de Maio. Reconheceu a penha de Orduña e a occupou.

Estas operações, assim como as que inauguraram a campanha deste anno, eram excellentes, altamente militares, e com justiça mereceram os elogios dos peritos na sciencia. O mesmo duque de Wellington encarregou a D. Miguel de Alava, que representava a Hespanha em Londres, fizesse saber ao general Espartero, que admirava as suas operações militares nesta campanha, comparando-a á que o mesmo havia executado nas famosas linhas de Torres Vedras.

Todos os antigos generaes hespanhoes o felicitaram tambem, e até o benemerito Castanhos depois de elogiar os seus feitos, desejava ter a seu sobrinho Barrenecha no norte, onde dizia que se aprendia a executar e mandar.

Os carlistas intelligentes, como D. João Montenegro, ministro da guerra e outros, qualificavam o systema de Espartero de lento e entendido, que não era possivel pela inferioridade das forças daquelles apresentar-lhe a batalha, senão il-o contendo e tratar de destruil-o conforme se fosse internando.

Maroto estabeleceu o seu quartel em Llodio, e parecia que ambos os contrarios se preparavam a lutar com obstinação. O liberal por um habil movimento de flanco, caiu sobre Orduña, e a occupou no dia 24 de Maio, abandonada precipitadamente pelos carlistas, que deixaram intatas todas as obras exteriores e interiores de suas fortificações, e até as camas e utensilios da força aquartellada no edificio da alfandega. Esta posição naquelle lindo valle era importantissima: bem valia uma campanha.

Seguiu Espartero a Amurrio, e tambem a abandonou Maroto, sendo o objecto deste, estabelecer a sua linha desde Orozco até o referido Amurrio, disposto a defendel-o a todo o custo, para o que ordenou a fortificação de Areta, ponto central das suas operações e que cobria os dois caminhos reaes em direcção de Durango a Bilbau. Perfeita determinação, se o plano do duque da Victoria houvesse sido o que julgou o seu contrario; porem nem aquelle se propoz seguir a Bilbau, nem era isto o que lhe convinha, e andava nisso muito acertado, como iremos vendo.

A posse de Valmaseda fazia senhor o che-

Carta Constitucional, procure os meios de lhe obstar.

2.º que na mesma representação se mencione que, sendo evidente que as missões estabelecidas no convento de Santa Theresa em Coimbra, são uma manifestação dos trabalhos do ultramontanismo, promovendo o desenvolvimento da chamada devoção das Filhas de Maria, verdadeira associação secreta, que com o titulo de pura devoção se esquiva á responsabilidade legal, o governo de S. Magestade, chame sobre este ponto a attenção do prelado diocesano.

3.º que na dita representação se requeira a suppressão de todos os conventos de religiosas, que não tiverem o numero legal, e muito especialmente o de Santa Theresa, que alem de não ter o numero legal de religiosas, consta que a sua administração economica não é regulada pelas disposições legaes, e está-se tornando o nucleo da reacção ultramontana em Coimbra, comprommettendo a ordem publica, o socego das familias, e os verdadeiros interesses da religião do estado.

2.ª PROPOSTA

Proponho que a mesma commissão seja encarregada de fazer um projecto de estatutos para se fundar em Coimbra uma associação liberal, que tenha por fim radicar no espirito publico as ideas liberaes, promover a educação religiosa e liberal do povo, combater o fanatismo e ultramontanismo, debaixo de qualquer forma que se apresentem.

Em seguida a assemblea nomeou uma commissão, de membros de todas as parcialidades liberaes, que deve fazer executar as mencionadas propostas.

Assim terminou esta solemne manifestação de um partido, que pela firmeza das suas ideias, e pela nobreza dos seus sentimentos, deseja consolidar as instituições liberaes que nos regem.

NOTICIARIO

José Ferreira Pestana—Ainda vive um liberal, victima da alçada do Porto, e condemnado a assistir ás barbaras execuções que tiveram logar no dia 7 de Maio de 1829 naquella cidade. É o sr. conselheiro José Ferreira Pestana, antigo lente de Mathematica na Universidade. Tendo assistido a tão horrorosa scena, embarcou no fim de Outubro do referido anno para Lisboa, entrando na torre de S. Julião no dia 2 de Novembro; e no dia 16 do mesmo mez saiu dessa prisão, embarcando para o seu degredo perpetuo em Angola.

Eis ahi a parte que lhe diz respeito, da sentença de 9 de Abril de 1829, proferida pela sanguinaria alçada:

«Quanto ao reu José Ferreira Pestana, ajudante do observatorio astronomico da Universidade, se mostra, por grande parte dos depoimentos das testemunhas que devassamente perguntaram o juiz do crime e conservador da mesma Universidade, e pelas do summario a que depois de sua prisão se procedeu pelo primeiro daquelles magistrados, e constantes dos appensos n.º 72, 73 e 74, que o reu foi um d'aquelles acerrimos e exaltados revolucionarios, que na dita cidade apoiaram a rebellião que no funesto dia 22 de Maio, por tres horas da tarde, alli rebentara, effectuada pelos dois regimentos de milicias, um da mesma cidade, e outro da villa da Figueira; por quanto, na tarde desse mesmo dia, o reu, fardado como o seu uniforme de official de artilheria, que era, na ilha da Madeira, foi visto apresentar-se na casa do corregedor da comarca, onde se juntaram outros do seu *infame partido*, os quaes todos juntos vieram dalli á praça de Samsão apoiar e corresponder aos vivas sediciosos daquelles dois regimentos rebellados, e d'ahi continuara o mesmo reu a seguir aquelles dois corpos, que, em manifesta e tumultuosa sublevação, marcharam pelas ruas da mesma cidade; sendo visto no grupo amotinado que ia adiante dos ditos regimentos em gritaria e applausos, por grande parte das testemunhas que presenciaram esta vergonhosa acção, vendo-o passar da praça de Samsão para a rua do Coruche, rua da Calçada, arco de Almedina e largo da Feira, dando todos os signaes de approvação, e soltando os mesmos gritos sediciosos; factos estes sobre que particularmente juram as testemunhas 6, 9, 11, 13, 14 do summario no appenso 74, e a dos n.º 25, 143 e 188 da devassa do conservador:

Mostra-se que o reu serviu a mesma rebellião, e lhe dera ajuda e favor por todos os modos que estavam ao seu alcance, encarregando-se das fortificações que começaram a levantar-se no Castello e ruas proximas daquelle sitio, onde foi visto andar dirigindo e inspeccionando as obras, e para ellas requisitava os apprestes e instrumentos necessarios; facto este que não só está provado por grande parte das testemunhas das ditas devassas e summario, mas confirmado pela confissão do reu: alem destas obras, se mostra que o reu dirigira as outras que effectivamente se praticaram no collegio dos Militares para o aquartelamento dos voluntarios academicos rebeldes, sendo o reu egualmente encarregado de verificar a identidade dos mesmos voluntarios no acto do seu alistamento, aos quaes depois de apurados dava bilhetes para receberem armamento:

Mostra-se egualmente das mesmas devassas, e appensos que lhes são respectivos, que o mesmo reu fôra nomeado, por uma portaria do governo rebelde do Porto, de 28 do referido mez de Maio, censor dos escriptos impressos; cargo que effectivamente exerceu, e as mais das vezes licenciou o ridiculo infame periodico—*O Noticiador*, que, para vergonha dos revolucionarios, empestou com seus subversivos principios e grosseiras imposturas aquella cidade, em que deviam somente ter assento sãs doutrinas e a verdade:

Mais se mostra que o reu infatigavel em servir a rebellião, fôra ainda nomeado membro da commissão para o fardamento daquelles voluntarios academicos; e se acham as provas do seu effectivo exercicio na dita commissão no appenso 78, onde estão alguns dos recibos dos mesmos fardamentos, passados pelo proprio punho do reu:

Finalmente se prova, pelos depoimentos concordes de muitas testemunhas, e o mesmo reu o confessa, que, ao aproximar-se o exercito fiel aquella cidade, se evadira della o reu, obrigado pela consciencia do seu crime, e acompanhara as tropas rebeldes até esta cidade do Porto, onde foi preso no dia 6 de Julho do anno proximo passado por um voluntario, mas voluntario debaixo das bandeiras da fidelidade, em cujas mãos veiu cahir aquelle mesmo reu, que tanto tinha trabalhado no partido rebelde para armar os voluntarios desleaes:

Factos estes que se acham em grande parte confessados pelo reu, e consignados em provas concludentes, tanto testemunhaes naquellas devassas e summario, como por outras documentaes nos appensos n.º 75, 76, 77 e 78:

Defende-se o reu, nas coarctadas com que acompanhou as confissões de alguns dos artigos de sua culpa nos interrogatorios que lhe foram feitos, e constam do appenso 79, allegando que, supposto concorrera em casa do corregedor da comarca na tarde daquelle dia 22 de Maio, o fizera somente por motivos de civilidade, indo pagar-lhe uma visita de pezames, que aquelle lhe havia feito por occasião da morte de sua mãe; porém, alem de ser inacreditavel que em taes circumstancias se lembrasse qualquer homem prudente e pacifico de fazer taes comprimentos, deduz-se da outra confissão do reu, sobre a instancia que lhe foi feita, e consta a fl. 8 do referido appenso, que a dita visita não foi tão innocente como inculca, pois que, na resposta á dita instancia, declara—*que, feitos os comprimentos do estilo, começaram a fallar em cousas do tempo, e ácerca daquelles dois regimentos rebellados; e que, apenas hav ia saido d cas do dito corregedor, observou que sobre seus passos vinha o mesmo corregedor e o procedor da comarca, um Leonel Tavares, e outras pessoas, a quem elle então acompanhou até a praça de Samsão, onde já se estavam dando vivas*—; confissão esta que está mostrando a connivencia do reu naquella maliciosa reunião e suas consequencias:

Tambem não podem aproveitar-lhe as reflexões com que acompanha a negativa de haver andado nos grupos sediciosos que precediam a marcha revolucionaria dos ditos dois regimentos pelas ruas da cidade, seguidamente á antecedente reunião, dizendo que, longe de os seguir, se retirara pela rua do Corvo, e que, vendo-os tomar ao arco de Almedina, continuara a retirar-se pela rua das Fangas para sua casa; porque, alem da manifesta affectação de similhante resposta, ella está convencida de falsa por muitas das testemunhas que presenciaram os ditos tumultos, e viram o reu fazendo parte nelles em varios sitios da cidade; nem outro procedimento se podia esperar do reu, que se havia proposto a figurar em tão criminosa scena, e que era notoriamente apontado e conhecido antecedentemente como um dos mais accerrimos sequazes della, socio e companheiro de outros exaltados, como o juram as testemunhas 34, 64, 79, 145, e outras da devassa do appenso 72:

Nega o reu haver haver concorrido para o alistamento dos voluntarios academicos rebeldes; e confessa que no principio havia sido encarregado de identificar os ditos voluntarios no seu alistamento, assim como ter exercido o logar de membro da commissão dos fardamentos, e passar bilhetes para irem receber o armamento; o que tudo fizera interinamente, e por muito pouco tempo, por ordem expressa do governador da cidade; como se as ordens de uma auctoridade rebellada ao legitimo governo podessem servir de desculpa á criminosa ingerencia e cooperação do reu:

Confessa finalmente o exercicio effectivo que teve como censor do detestavel periodico—*O Noticiador*—, assim como de haver sido encarregado de dirigir as fortificações que se emprehenderam e levantaram no bairro alto daquella cidade; accrescentando que neste mesmo era subordinado ao official de engenheiros Bernardo de Sá: E finda sua frivola e inconcludente defeza, declarando, á instancia que lhe foi feita sobre a multiplicidade e afinco de tantos e tão trabalhosos serviços,—*que servira do modo como exerceu sempre e costuma servir os seus empregos:*

O arrazoado de direito, sendo fundado sobre as confissões e coarctadas futeis de suas respostas, não tem mais valor do que estas: Resultando, do que fica ponderado, estar o reu convencido de haver dado activamente ajuda e favor á rebellião; sem que possa aproveitar-lhe a clemencia do real indulto, que exceptuou taes crimes.»

---

fe liberal de uma importante linha, que dispoz fortificar em differentes pontos, desde Puentelarrá até Arciniega, e designou pessoalmente o ponto do forte que havia de levantar-se no encruzamento das estradas que conduzem de Victoria a Arciniega, e de Orduña a Bilbau. Começaram-se estas obras a 12 de Junho, e necessitavam tempo e a protecção do exercito para executal-as com a regularidade e segurança convenientes.

Maroto reconcentrou suas forças em Areta, posição formidavel pela natureza e arte, e onde esperava que se inutilisassem os esforços do partido liberal.

Pouco agradecidos eram por alguns taes esforços, quando circulavam entre os carlistas proclamações em que se dizia que Maroto estava prompto a consummar a ruina do carlismo; que entregava aos vascos e navarros todas as suas praças e fortes, e ia imitar a conducta dos generaes portuguezes em Evora Monte.

«Não acrediteis (acrescentavam), os rumores que fazem circular, de que vem 50:000 francezes, a sustentar Maroto; esse é um engano, que não tem outro objecto que o de adormecer-vos em uma enganosa segurança, para ter o tempo necessario para consummar o crime.

«Maroto está abandonado pelas potencias do norte, e o governo francez prepara uma esquadra para bloquear os vossos portos.

«Voluntarios e povos, ás armas! Salvae ao vosso rei, e com elle as vossas pessoas e foros! Viva a religião! Viva el-rei!»

Outra dizia:

«Voluntarios de Carlos V e povos vasco-navarros.

«O homem de maldição, o impio Maroto, consummou a sua obra de iniquidade: vendeu aos christinos o exercito, o povo e vossos venerandos foros, e aos inglezes o vosso rei, promettendo-lhes o entregal-o em S. Sebastião.

«Uma feliz casualidade revelou o detestavel projecto do infame Maroto.

«Interceptou-se em França a sua correspondencia, e nella se fez o espantoso descobrimento da sacrilega venda, que fez o miseravel da sua patria e do seu rei.»

Ao mesmo tempo que occorriam estes successos, dizia Espartero em uma proclamação aos carlistas castelhanos, que pelo consideravel numero de companheiros que se lhe tinham apresentado naquelles dias, sabia que a maior parte delles estava desejando o momento de unir-se á bandeira de Isabel II; que os enganavam, suppondo que fuzilava aos que se apresentavam; que o seu coração sabia perdoar; e que o regimento de Luchana o formara com os apresentados; que fossem sem temor, deixassem os provincianos que sempre os odiavam; que os peitos castelhanos jámais foram traidores, e se algum delles receiava o castigo da falta que commetteu, voltasse ás fileiras da legitimidade, que elle Espartero, em nome da rainha, lhe perdoava, porque estava seguro lavariam a mancha no campo da honra contra os inimigos da patria.

Para conhecer D. Carlos o estado do exercito, saiu de Durango a 18 de Junho, acompanhado de sua esposa, de seu filho D. Carlos Luiz, de D. Sebastião, do ministro da guerra e de seus ajudantes, indo a pernoutar á villa de Arrancundiaga, onde conferenciou largamente com Maroto.

No seguinte dia foi recebido em Areta com enthusiasmo, e revistou os batalhões situados nesta villa; logo os que havia em Orozco, e d'aqui passou ao hospital de Llodio a visitar um a um aos feridos, que sentiram mitigadas as suas dores com tão consoladora visita.

Não podendo ir a Luyando, passou ao forte da Fé, situado nas confluencias dos caminhos de Alava e Castella, e regressou a Arracundiaga. Aqui publicou no mesmo dia 19 uma allocução aos soldados, dizendo-lhes que ao revistal-os tinha visto aproximar-se o dia da victoria; tal era a sua disciplina e valor, tão grandes mostras acabavam de dar-lhe de amor e lealdade.

«Os inimigos dos meus direitos, acrescentava, quasi presenceiam o vosso alvoroço; sómente sobre o seu coração pesa o crime dos males que causam á sua patria; vós os vencereis, e no dia que hajaes conquistado a paz, nem aos vossos generaes e chefes, nem a vós mesmos ficará nada que desejar: os premios são seguros: as bençãos da Hespanha vos hão de immortalisar.

«Soldados: sempre tenho participado das vossas privações, e serei constante em premiar-vos com pontualidade. Estas provincias, Catalunha, Aragão, e Castella, nos viram e admiraram: não estão longe, não, os dias de Oriamendi, Huesca, Barbastro, e Villar dos Navarros.

«Animo, soldados, combatei com denodo. Deus está comnosco; sirvamol-o, e tudo serão triumphos: espero-o do vosso valor, assim como vós deveis esperar que, com o maior prazer, vos coroará de laureis o vosso general e rei—Carlos.»

Por Orozco e passando pela linha deante de Bilbau, cujas peças dispararam contra a comitiva, a qual considerou aquelles tiros como salvas, regressou a Durango no dia 20.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Cruz dos Morouços—Ámanhã, dia de S. João, faz 46 annos que se deu o combate da Cruz dos Morouços.

Chegada—Chegou hontem a esta cidade o sr. conselheiro Augusto Cesar Barjona de Freitas, illustre ministro das justiças.

S. ex.ª foi recebido na gare do caminho de ferro, por grande numero de seus amigos, que o acompanharam até á sua residencia na rua dos Coutinhos.

Á noute recebeu o sr. Barjona de Freitas muitos de seus amigos e admiradores de seu brilhante talento e nobres qualidades. E como demonstração popular foi a philarmonica *Boa-União* tocar á porta de s. ex.ª, sendo por essa occasião lançados ao ar grande numero de foguetes.

O sr. ministro das justiças partiu hoje para a Figueira, tencionando voltar a Coimbra na quinta feira; e regressará no fim da semana á capital.

Festividade do Santissimo Sacramento na Sé Velha—A respectiva irmandade tornou este anno mais pomposa a festividade annual. Sempre ferverosa no culto, deliberou a mesa que, alem das solemnidades do costume, houvesse este anno festejos externos, para o que nomeou uma commissão, de que já noticiamos os nomes de seus prestantes membros.

Na vespera da festa houve fogo preso, illuminação, balões, etc.; sendo geralmente agradavel que as duas sociedade philarmonicas desta cidade abrilhantassem os festejos. Elegantes coretos, vistosamente illuminados, as receberam; e dalli ellas fizeram echoar as suas harmonias durante todo o tempo que durou o fogo; simples em si, este facto honra os que o praticaram.

No domingo, antes de começar a festividade, foi a commissão dos festejos exteriores distribuir 20$000 reis de esmolas a irmãos pobres e a outras pessoas necessitadas: sublime alliança da caridade com a religião; honroso documento dos bons intuitos do povo de Coimbra, tão pronunciados sempre!

A festividade de domingo na egreja foi explendida a todos os respeitos: a armação, singela mas elegante, foi dirigida pela habilidade do sr. José Gomes Paes; a musica era excellente, e muito bem regida; a illuminação era profusa, tanto no altar mór e no throno, como nas capellas, sobresaindo a que dá á irmandade o seu titulo distinctivo: a capella do Santissimo na Sé Velha, é de si notavel, tanto pelos seus ornatos architectonicos, como pela sua estatuaria.

De manhã foi orador o reverendo Augusto Eduardo Nunes, de Portalegre, o qual vem cursar a Universidade; auspiciosa se apresenta a carreira das letras a quem o estudo é realçado por um talento promettedor.

De tarde, depois das vesperas, occupou a tribuna sagrada o reverendo sr. Julio da Silva Carvalho, das Means, que mais uma vez ostentou a vastidão de seus conhecimentos e os seus dotes oratorios, que o tornam um distincto ornamento do pulpito. Em seguida sahiu a procissão, ordenada o melhor possivel, e dirigida pelos habilissimos mestres de cerimonias os reverendos srs. Ignacio de Carvalho Junior e Antonio de Noronha. Ás borlas do pendão pegavam os exm.os srs. Visconde de Monte-São, Drs. Marques de Figueiredo, Fernandes Vaz, e Luiz Adelino da Rocha Dantas. O prestito, muito numeroso, era composto dos meninos do collegio dos orphãos da Santa Casa da Misericordia, acompanhados do reverendo sr. Antonio Joaquim de Sá Mendonça, das irmandades do Santissimo de Santa Cruz, de S. Bartholomeu e da Sé Velha, e de muitos anjos graciosamente adornados.

O Sacramento era levado pelo respeitavel prior da freguezia, o sr. conego Manoel da Cruz Pereira Coutinho, acompanhado de muitos clerigos, ricamente paramentados. A's varas do pallio pegavam os membros da commissão promotora dos festejos. A umbella era levada pelo exm.º sr. visconde de Villa Mendo, digno governador civil deste districto. Fechava a procissão uma força de caçadores n.º 6, e á sua frente a philarmonica *Boa União*.

O adro da egreja estava adornado de pilastras, sobre as quaes havia grandes vazos com flores. As ruas do transito estavam adornadas; e na vespera illuminaram-se todas as casas do largo da egreja e das suas immediações.

Os nossos louvores á mesa da irmandade e a todas as pessoas que cooperaram para o explendor desta festividade; e gostosamente nos tornamos interpretes do juiz da irmandade, o sr. Olympio, que por este modo lhes testemunha o seu affectuoso reconhecimento.

Fallecimento—Falleceu hoje o sr. padre Ignacio de Carvalho e Freitas, antigo beneficiado na sé cathedral desta cidade.

Deixou varios legados, e instituiu por herdeiro a seu sobrinho Abel, caixeiro em casa do seu intimo amigo o sr. Francisco Pedro da Silva, a quem pede para ser tutor do sobrinho e testamenteiro.

Melhoras.—O nosso estimavel amigo o sr. conselheiro Joaquim Gonçalves Mamede, tem estado incommodado ha alguns dias. Felizmente vae agora melhor, sendo de esperar o seu breve restabelecimento, com o que muito folgaremos.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maria Felicidade, filha de Antonio Joaquim dos Santos e Anna Benedita, natural de Coimbra, de 19 annos, fallecida no dia 18 de Junho.

Maria José, filha de Francisco Marques e Maria da Conceição Loba, natural de Coimbra, de 25 annos, fallecida no dia 13.

Olinda Lopes, filha de Antonio Maria Jacob e Maria da Conceição, natural de Coimbra, de 4 annos, fallecida no dia 17.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5521.

√ **As rosas do Japão.**—Parece averiguado, que foi um padre allemão, Kamel, que trouxe das ilhas Philippinas para a Europa em 1739, o primeiro exemplar de camélia. Este bello arbusto, tão notavel pelas suas folhas persistentes, como pelas suas lindissimas flores na força do inverno, tem sido cultivado com tanto enthusiasmo, que se contam hoje milhares de variedades. No principio foi tratado como planta de estufa; mas logo se aclimou ao ar livre, e assim é cultivado em grande numero de paizes. As camélias em algumas localidades adquirem a grandeza de verdadeiras arvores. Na villa da Louzã dão-se excellentemente, e d'aqui vem grandes remessas de flores para o mercado de Coimbra. A cultura floristica não póde hoje dispensar nos jardins bem povoados, nem as camélias, nem as azaleas, nem os rhododendros, porque todas estas plantas dão flores explendidas.

✝ **Aroma das flores.**—As particulas odoriferas que se soltam das flores e impressionam o orgão do olfacto, dependem de muitas causas, sendo as principaes, a composição chimica, a acção do calor e da luz, a côr, etc. As flores brancas são geralmente as mais aromaticas, seguindo-se em ordem decrescente as vermelhas, amarellas, violaceas e azues. As ultimas são as mais inodoras.

Podem servir de typos os seguintes aromas, como os mais conhecidos e caracteristicos. *Activo e penetrante*, que se desenvolve principalmente á noite, e que caracterisa certas especies de *datura*, de que póde servir de exemplo o *calix de Venus, datura arborea*. O *balsamico*, que é proprio da tilia, baunilha, benjoim, etc. *Almiscarado*, que é proprio de certas orchideas. *Phosphorico*, que caracterisa certas acacias da Australia, especialmente as raizes. *Alliaceo*, que é proprio de plantas bem triviaes. *Narcotico*, que caracterisa o canamo, e que se torna viroso e nauseabundo no tabaco e outras plantas. *Acre*, proprio da mostarda. *Salino*, exhalado por muitas plantas do mar. *Sulfuroso*, que as couves exhalam em certo estado de decomposição. *Camphorado*, caracteristico do *laurus camphora*, e de muitas plantas da familia das *labiadas*. *Stercorario*, proprio de algumas *aristolochias*, *aroideas*, e *asclepiadeas*.

Além d'estes, ainda se pódem admittir outros typos, porque nada mais arbitrario, que a classificação dos cheiros. Succede o mesmo com os sabores.

O aroma pela sua natureza e intensidade, ministra uteis indicações a respeito das propriedades das plantas. Os vegetaes inodoros são em geral inertes. Os de aroma agradavel raras vezes são prejudiciaes. O cheiro viroso caracterisa quasi sempre plantas venenosas, como á cicuta, meimendro, estramonia, etc.

O papagaio.—Esta ave tão notavel pelo brilhante matiz de suas côres, é tambem geralmente apreciada pela habilidade com que sabe imitar a palavra do homem e a voz de outros animaes.

Já entre os romanos os papagaios eram objecto de grande luxo, principalmente entre as damas, que os conservavam em gaiolas de prata, de tartaruga e de marfim. Houve tempo, em que o preço desta ave excedia muito o de um escravo. Quando os descobridores portuguezes dobraram pela primeira vez o Cabo da Boa Esperança, acharam as terras africanas povoadas de differentes especies de papagaios, todas desconhecidas na Europa. Em muitas destas regiões são os negros e os indios obrigados a guardar e defender as sementeiras de milho e arroz, porque sem esta precaução seriam devastadas n'um instante pela voracidade de innumeros bandos destas aves. Quando Christovão Colombo descobriu a America, encontrou tal profusão destes animaes, que deu o nome de ilhas dos Papagaios—ás primeiras ilhas a que aportou.

Algumas destas lindas aves tem adquirido verdadeira celebridade. Quando os hollandezes invadiram o Brasil, foi apresentado ao principe Mauricio um papagaio, ensinado por um portuguez seu dono, que sustentou perante o principe um dialogo chistoso, que promoveu grandes risadas em todos os ouvintes. Conta-se tambem, que o cardeal Ascanio tinha em Roma um papagaio, que sabia cantar o credo tão bem como qualquer clerigo de missa. Plinio diz, que os romanos davam a beber vinho generoso aos papagaios, para os tornar mais falladores. E' certo que as bebidas alcoolicas produzem o mesmo effeito em quasi todos os homens.

Estas aves vivem muito tempo, e tomam grande affeição a seus donos. São muito extremosas na vida conjugal, a ponto de não resistirem muitas vezes ás tristezas da viuvez.

Caminhos de ferro.—O caminho de ferro do norte em França emprega mais de 400 locomotivas. Durante um anno estas locomotivas percorrem um espaço egual a 256 vezes a circumferencia da terra, e 26 vezes a distancia do nosso planeta á lua!

Sacrilegio.—Em data de 19 do corrente nos communicam de S. Martinho da Cortiça o seguinte:

«Mais um crime se commetteu a noite passada nesta povoação!

Roubaram, de hontem para hoje, a egreja desta freguezia. Os ladrões fizeram um buraco com uma broca na porta travessa do lado norte, por onde destrancaram a dita porta, e calcula-se que o primeiro acto por elles praticado foi arrombar o sacrario, d'onde tiraram o vazo sagrado, que era de prata, espalhando as particulas sobre os corporaes. Depois dirigiram-se á sachristia d'onde tambem roubaram dois calices de prata, com as competentes patenas e colherinhas, e a chave do sacrario que era egualmente de prata. Os outros trastes que a egreja possue de mais valor, escaparam milagrosamente em um gavetão, que não tiveram tempo de arrombar.

Fez-se já exame de corpo de delicto, e, por ora, apenas ha algumas suspeitas.»

Noticias de Hespanha.—Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Alcançam a 20 os jornaes hespanhoes que temos á vista.

Não se encontra n'elles nenhuma parte official da guerra. Do norte sabe-se apenas que o temporal diminuiu, mas que as estradas ficaram intransitaveis; que se completam os depositos de provisões, que se estabelecem hospitaes e que está imminente o começo das operações.

O exercito liberal continua nas mesmas posições; as dos carlistas tem variado em alguns pontos, devido isso á incerteza em que elles estão de que o verdadeiro objectivo dos liberaes seja Estella, e á desconfiança de que estes procurem desoriental-os.

Os carlistas têem coberto de trincheiras o monte Jurra, desde Dicastillo, a falda de Mon Jardim e as entradas dos desfiladeiros de Berrueza e da Solana; do lado de Puente la Reina fortificaram-se, desde a ermida de Santa Barbara, nos montes de Guirguillano, de Belascoain, valles de Goñi e Ollo, immediatos á serra de Andia e por Cirauqui, Mañeru, e Villatuerta até Estella. A extensão destas posições é tres vezes maior que em Somorrostro, e os entrincheiramentos não são menos fortes, mas a sua mesma extensão os torna mais vulneraveis por precisarem ser guarnecidos por maiores forças.

Continuam os jornaes a referir-se a dissenções no campo carlista, entre os chefes. Uma parte dos partidarios de D. Carlos só vê a salvação da sua causa na vinda de Cabrera; o elemento reaccionario não o quer, e o proprio Cabrera não está disposto a servir aquelle que, segundo se affirma, disse que o faria fuzilar quando estivesse em Madrid.

Como o telegrapho nos communicou, passou-se aos carlistas o brigadeiro d'engenharia, Alemany, com seus dois filhos. Era subinspector do respectivo corpo na Castella Nova; D. Carlos nomeou-o director de engenharia no seu exercito.

Da Catalunha sabe-se que continuam rigorosos os bloqueios de Berga e Cardona.

Do Oriente não ha novidades. O combate de Alcora, favoravel aos liberaes, não deu os resultados que se esperavam. Os carlistas retiraram para Lucena; os liberaes seguiram-nos até meia legua deste ponto e retiraram depois para Castellon, ficando os vencidos no terreno da lucta, dominando as estradas, cobrando as contribuições e recrutando gente.

Na provincia de Burgos e na Castella-Velha tambem o carlismo têem feito avultado recrutamento.

Em Caceres tambem se descobriu uma conspiração carlista.

Em Madrid continua a fallar-se muito dos projectos que se attribuem aos affonsinos. Alguns jornaes inglezes dizem que o general Concha é o official que mais prestigio tem no exercito e que sendo affonsino de coração ha de resolver, com a restauração, a interinidade que está atravessando a Hespanha.

Em Pariz tambem se faz crer que o exercito do Norte está destinado a ser o instrumento da restauração monarchica.

O principe Affonso, filho da rainha D. Isabel, irá brevemente para Inglaterra, com o pretexto de se cuidar da sua saude, mas com o fim real de lhe dar um *banho de constitucionalismo*, segundo a expressão d'um correspondente, e fazer d'elle um Jano de nova especie, «com duas caras, uma olhando para diante, outra para traz, para contentar reaccionarios e liberaes.»

Não ha outras novidades.

Madrid 18—Dizem cartas do norte, que em Arroniz o sr. Delgado, ex-official de carabineiros, e actualmente brigadeiro carlista, faz publicar um bando em que condemna ao açoite todos os homens que fallarem na possibilidade dos carlistas, serem vencidos pelos liberaes.—Era esperada D. Margarida hontem em Durango.—Parece que a sua viagem tem por intuito inclinar o animo do pretendente á reconciliação com o elemento velho carlista, que continua em Bayonna, sem tomar parte na guerra civil.

Madrid 19, ás 6 horas e 20 minutos da tarde—Noticias de França fazem suppor que a ordem foi alterada em Lyão.

Madrid 19, ás 10 horas e 15 minutos da noute—Concha continuava hontem á noute em Lodosa.—Aprisionados hontem 27 carlistas em Cañete (Cuenca).

Madrid 19, á 1 hora e 15 minutos da tarde—O representante da Prussia chegou ao quartel general do norte.—O governo portuguez está disposto a entregar os mancebos fugidos ao recrutamento, esperando pela recepção da nota dos de cada provincia.—O sr. Brocman, de Bruxellas, propoz ao thesouro um emprestimo de 100 a 300 milhões de reales, sem juro.—Conferenciaram hontem com o ministro dos estrangeiros o representante de Inglaterra.—O congresso internacional sanitario de Vienna reunir-se-ha no primeiro de Julho.—*Fundos:* interior 13,22, exterior 17,20, banco hypothecario 97,95, banco do thesouro 48,60, cambio sobre Londres 49,75, sobre Paris 5,17.

Madrid 19, ás 10 horas e 50 minutos da noute—Romero Ortiz vae melhor. Zavala assistirá hoje ao conselho. Alguns chefes carlistas inclinam-se a depor as armas para servirem no exercito republicano, se o general aceitar a proposta. Torna a fallar-se no manifesto de Castelar. Mil trabalhadores estão occupados nas fortificações de S. Sebastião. Vega Armijo pediu passaporte para Pariz. Castelar

e Sagasta estão adoentados. Augmenta o temporal em o norte. Confirma-se que o general de engenharia Alemany e dois filhos passaram-se para os carlistas, tendo requerido antes licença illimitada. Falla-se em reunião de cortes para Outubro. Cortada a linha telegraphica de Santander.

Madrid 20, ás 12 horas e 15 minutos da tarde—Está publicado o decreto creando a inspecção de instrucção publica.

Madrid 20, ás 10 horas e 35 minutos da manhã.—Affirma-se que Camacho apresentará o orçamento da receita com 2:700 milhões, e fazendo certas reformas favoraveis ao thesouro.

Madrid 20, ás 7 horas da tarde—O consul geral de Hespanha em Alexandria telegraphou hoje participando ter-se declarado a peste em Mardji, na administração egypcia, ficando estabelecido o cordão sanitario. Parece que ámanhã (21 do corrente) os chefes carlistas se reunirão em Dux para tratar das propostas por D. Carlos ao elemento velho, solicitando a cooperação delle, missão trazida por D. Margarida, que percorreu hontem Lerin, Zumarraga e Tolosa.

Madrid 20, ás 5 horas e 50 minutos da tarde—Em resultado da conferencia entre Serrano e Camacho, a *Gazeta* publicará algumas resoluções financeiras.

Madrid 20, ás 10 horas e 45 minutos da tarde—A divisão Echague estava hontem em Tafalla. Concha continua em Lodosa. Os carlistas da Mancha concentraram-se no Maestrazgo. Os biscaynhos dirigem-se para Estella, onde entraram 4 peças de grosso calibre provenientes do estrangeiro. Continuam as deserções nos quadros dos batalhões navarros. Ruiz Zorilla vem para Madrid. Dizem os carlistas que Elio voltou á Hespanha e se acha em Estella.

O *Imparcial* noticia que o thesouro marcou 8 dias a Brocman, de Bruxellas, para ultimar o emprestimo. Apresentaram-se em Madrid a indulto um cabecilha da facção Villar e um padre. A junta real carlista dissolvida por ordem de D. Carlos, triumphando o elemento demagogico do partido absolutista. Em Estella estão reunidas as facções do norte, á excepção das biscainhas. O *Tempo* foi apprehendido por fallar da fabrica do sello. O cambio sobre a peninsula ficava a 14 do corrente, em Cuba, a 165 0/0.

Madrid 21, ás 10 horas e 30 minutos da manhã—Vega Armijo irá brevemente para Paris. Lorenzana parte para Roma em Julho. Estando impraticaveis os caminhos para a artilheria, demora isto as operações sobre Estella.

Quitação.—O sr. Antonio Maria Seabra de Albuquerque foi por despacho do tribunal de contas, de 8 do corrente, julgado quite para com a fazenda nacional, pela sua gerencia de 1 de Julho de 1872, a 30 de Junho de 1873, como thesoureiro do cofre da Imprensa da Universidade.

Progresso.—Está estabelecido o cabo telegraphico, ligando o continente de Portugal, com as ilhas da Madeira e S. Vicente, e o Brasil.

ANNUNCIOS

CAIXEIRO

1 ANTONIO DUARTE AREOSA, precisa de um, para o seu estabelecimento de mercearia, na praça 8 de Maio.

DESPEDIDA

2 LUIZ ALVES GOMES FREIRE e suas irmãs Carolina Augusta Gomes Freire e Anna Maxima Gomes Freire, não podendo, por falta de saude, despedir-se pessoalmente das pessoas de suas relações na freguezia de Taboa, vem fazel-o deste modo, e agradecem todos os favores que alli receberam.

S. Gião, 21 de Junho de 1874.

Attenção

3 NA RUA DAS FANGAS, n.º 55, (na eschola do professor Francisco da Cunha Mello), se lecciona para examés de instrucção primaria e francez, com professores habilitados. Preços commodos. Tambem se encarregam de lições em casas particulares.

4 VENDE-SE para pagamento de divida hypothecaria, uma boa fazenda, no lindo sitio do Cidral, proximo á cidade, e perto da estrada da Beira, com muita agua, e proporções para se augmentar o seu volume, com pouca despeza. Emfim propriedade nas melhores condições para um estabelecimento fabril. Quem a pretender póde dirigir-se ao sr. Antonio Duarte Ariosa, na praça 8 de Maio.

Professor de Musica

5 UM, habilitado pelo conservatorio, que por um fatal engano se acha na provincia da Beira Alta, offerece-se para reger uma philarmonica em qualquer terra de Portugal. Carta a F. M. de Sá e Lima.—Por Trancoso—Marialva.

Attenção

6 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

VENDA DE PIPAS

7 VENDE-SE uma porção de pipas, avinhadas, e quasi novas. Quem as pretender póde dirigir-se a José Velasco, na rua da Sophia, n.º 27.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para **Santos:**
Barca—CLAUDINA

Para o **Rio de Janeiro:**
Nova galera **Camões** em 27 de Junho.

Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholumeu.

DOCTOR IN ABSENTIA

9 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei*, 46, *em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Deposito de Machinas de Singer para uso de familias e industriaes.

34—Rua do Visconde da Luz—36

COIMBRA

10 JOSE' TEIXEIRA DA CUNHA contractou com o representante da Companhia Fabril de Singer, de Londres, estabelecer nesta cidade um deposito das magnificas machinas de costura para familia, alfaiate e corrieiro, ás quaes se fazem preços eguaes aos de Lisboa, da unica casa succursal em Portugal.

Tambem ha excellentes linhas de linho, algodão, retroz, troçaes, agulhas, molas, ferro, tudo pertencente ás machinas.

PRAIA DA FIGUEIRA

11 ALUGA-SE para Outubro e Novembro, a casa de A. Forjaz, no bairro novo.

93 Rua do Visconde da Luz 95

12 VENDEM-SE pergaminhos, assim como fitas de todas as côres, para cartas de formatura, muito barato.

SUBSTITUTOS A MILITAR

13 HA PROMPTOS no escriptorio da rua do Arco do Bandeira, n.º 219, em Lisboa.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

14 PARTE DE COIMRRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fora 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

DENTISTA

CEREGUETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista Suisso

15 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, além de fazer dentaduras completas, põe dentes, extrahe estes e as raizes, e limpa os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados, com pasta não conhecida até hoje; tem bom elixir para dôr de dentes; cura o escorbuto, e todas as molestias de bôcca; tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde ogo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço, como se nunca tivera tido callos.

Praça **8 de Maio**, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

VENDA DE CASAS

16 VENDEM-SE no dia 28 do corrente, pelas 11 horas da manhã, em praça particular, duas moradas de casas pegadas, na rua da Sophia, n.os 125 a 131, com frente tambem para a rua do Carmo. A venda é nas mesmas casas.

17 **SAUDE A TODOS** sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de *Saude*,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Toda a molestia acaba com o uso da deliciosa *Revalescière*, que torna a dar a saude, a energia, a boa digestão e o somno. Cura as indigestões (despepsia) gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestão, mal nos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, dos doutores Manoel Saeus de Dejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 14, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.— VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia, 77. J. R. de Sequeia, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm. largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2809 — SABBADO 27 DE JUNHO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Registemos um acontecimento verdadeiramente importante para o progresso deste seculo, e para os interesses sociaes desta parte do mundo civilisado; successo extraordinario, que vem influir directa e efficazmente no desenvolvimento commercial e economico deste paiz, facilitando entre esta nação e o grande continente do novo mundo, as suas estreitas e antigas relações com povos irmãos.

Funcciona já o cabo submarino entre Lisboa e o Brasil, pela Madeira e S. Vicente.

Este maravilhoso invento, fazendo communicar entre si, povos, que a natureza collocou a enorme distancia, é um dos elementos mais uteis ao progresso e á civilisação. Similhante emprehendimento é, pelas circumstancias especiaes em que Portugal se encontra, um valioso auxiliar do desenvolvimento do nosso commercio e da nossa industria.

Não é um acontecimento vulgar o de que fallamos; a influencia que elle hade necessariamente exercer em relação aos interesses de Portugal, só mais tarde será apreciada, quando virmos augmentarem successivamente, pela natural tendencia destes povos, que fallam a mesma lingua, e que conservam os mesmos habitos e tradicções, as relações do commercio, das artes e das letras.

E' por esta forma, promovendo o bem estar das classes sociaes, porque a todas chega o influxo dos grande melhoramentos publicos, que os governos cumprem a sua verdadeira e mais elevada missão. Assim, extranhos ás lutas cruentas que conduzem ao abysmo, que esgotam as forças vitaes das nações, que despedaçam os laços intimos da familia, que tolhem os trabalhos do progresso, podemos aspirar á conquista do futuro, e á prosperidade a que tem direito os povos livres e civilisados.

O governo portuguez, pela maneira como dirigiu e facilitou esta grandiosa empreza, em relação aos nossos interesses, e ponderando as vantagens que delle tem de vir a Portugal; é digno de publico reconhecimento.

Saudemos o movimento do progresso desta epocha, que nos vae dando tão felizes resultados, e congratulemo-nos com as duas nações irmãs, agora mais estreitamente ligadas por este prodigioso effeito da civilisação.

S. ex.ª o sr. bispo conde deu antes de hontem, em honra do exm.º sr. ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, um abundante e delicadissimo jantar.

Foram para elle convidados os srs. reitor da Universidade e seu secretario, governador civil e secretario geral, governador militar, presidente da camara municipal, juiz de direito e delegado, director das obras publicas, director das obras do Mondego, administrador do concelho, visconde de S. Jeronymo, Dr. Rodrigues, Dr. Lourenço, Dr. Rodrigo, Dr. Castro, Dr. Abilio, Dr. Diniz, vice-reitor do Seminario e Alves de Sousa.

Dos convidados faltaram apenas os srs. reitor da Universidade e director das obras do Mondego por se acharem incommodados de saude.

Como novo obsequio ao illustre ministro, convidou o sr. bispo conde, para passarem o serão com s. ex.ª, todos os seus collegas da faculdade de Direito; fineza esta a que o sr. Barjona se mostrou por extremo sensivel.

Tambem o exm.º prelado convidou para o mesmo fim os membros do cabido da sua sé cathedral.

O sr. conselheiro Augusto Barjona foi recebido na Figueira com as mais expressivas demonstrações de sympathia. S. ex.ª conta naquella villa um grande numero de amigos, apreciadores das suas elevadas qualidades e distincto talento.

A lealdade do seu caracter e os relevantes serviços que tem prestado nos conselhos da coróa, fazem com que se torne digno de tão agradaveis manifestações, que recebeu tanto em Coimbra, como na Figueira.

Hoje, pelas 11 horas da manhã, regressou s. ex.ª á capital, sendo acompanhado de sua casa até á estação, por grande numero de seus amigos.

Celebraram-se hontem em Lisboa, na egreja de S. Nicolau, umas solemnes exequias pelo eterno descanço do sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar. A despeza para este acto religioso foi effectuada por uma subscripção publica. Celebrou a missa o sr. arcebispo de Mytilene.

Foi extraordinaria a concorrencia de cidadãos de todas as classes, que quizeram tomar parte neste manifesto testemunho de quanto eram geralmente apreciadas as virtudes e alto merecimento do sr. Aguiar.

A cidade de Lisboa satisfez assim um dos seus mais impreteriveis deveres; sendo dignos de muitos louvores todos os cavalheiros que se encarregaram de dirigir este tributo de veneração e saudade prestado á memoria de cidadão tão benemerito.

Em Coimbra vae-se construir brevemente um mausoleu no cemiterio da Conchada, para serem para ahi transferidos os restos mortaes do nosso illustre patricio o sr. Aguiar. Os seus testamenteiros desejam que esta transferencia seja realisada antes de decorrer um anno.

Tambem os habitantes de Coimbra hãode, sem duvida, dar por essa occasião uma solemne demonstração para com a memoria do sr. Aguiar, havendo exequias em uma das principaes egrejas desta cidade.

Preparam-se grandes manifestações em Lisboa, para solemnisar o dia 24 de Julho, anniversario da entrada do exercito libertador na capital em egual dia de 1833.

Este fausto acontecimento não podia

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXI

D. CARLOS

CXXI

A sublevação de alguns carlista na Navarra não foi um successo inesparado. Desde os fuzilamentos de Estella se estava minando a disciplina do soldado, e quando Zaratiegui passou aquelle reino em Junho, escrevia de Estella, no dia 13, que a respeito do que se fallava do 5.º batalhão navarro não cria que tivesse diminuido muito a sua anterior fermentação. Ha mais ainda, e é que, segundo vemos em outra communicação, estava indicada a novidade, e até o governo avisou a Elio que devia verificar-se no dia 5.

No dia 8 de Agosto chegou Zaratiegui com quatro batalhões a Etulain e suas immediações, acantonando ao 5.º em Burutain, ponto o mais perto do que occupava o general, a cujo lado e para sua guarda levou a companhia de atiradores do citado batalhão, e á meia noute se declarou em sublevação quasi todo o 5.º e a companhia que abandonou as guardas, e foi unir-se-lhe. Os gritos dos insurrecionados eram o de *viva el-rei, morra Maroto, morram os traidores!*

O 11.º batalhão navarro que se achava no Baztan, e o 12.º que estavam em Urdax, uniram-se ao 5.º e fizeram imponentemente a sublevação.

O caracter reaccionario que apresentou desde o seu principio, alentou as esperanças de uns, e o temor de outros, quando só devia haver feito conhecer a todos, que era um novo desmoronamento do edificio. Esse mesmo caracter fez crer a muitos que provinha dos apostolicos, ou expulsos, e os accusaram, e tambem a Elio, Goñi, Zaratiegui, Madrazo e outros.

Maroto não tinha a menor duvida na parte que na sublevação tiveram os mencionados individuos. Equivocava-se, porem, e ainda os que criam que só os apostolicos a tinham promovido; pois que elles foram instrumento, e nada mais. Feita a sublevação, procuraram, como era natural, valer-se della para effectuar a reacção, que haviam de por-lhe expedito o caminho do poder.

O verdadeiro manancial daquella insurreição estava nas fileiras liberaes: dellas partiram os agentes; dellas as instrucções, dellas procedeu a sublevação dos batalhões 5.º, 11.º e 12.º.

Aquelle movimento reaccionario apresentava um magnifico campo aos inimigos de Maroto, e trataram de utilisal-o, sem ver que se valiam de uma arma que havia de ferir a quantos a esgrimissem e que o damno era mutuo. Porem é sempre cega a vingança; e D. João Echavarria, D. Basilio Antonio Garcia, e Aguirre, pozeram-se á frente dos que mandavam Suescun, Bertach, Seleberri e outros, dizendo o primeiro em sua allocução aos navarros e vascongados, que, os seis annos de desolação e morte que pesavam sobre o paiz, tinham devido provar ao mundo, que a sua inglorios a insurreição, constancia e sacrificios eram para a victoria da religião, da monarchia pura de D. Carlos e dos foros; porem que a revolução, conhecendo a importancia de suas armas, tinha introduzido os seus agentes nas suas fileiras, e nos postos mais eminentes, tendo por objecto as suas machinações, as suas intrigas e seus planos secretos, reduzil-os á inacção e paralisar as operações, que lhes haviam dado o triumpho, e teriam terminado a guerra.

Tratava de interessal-os, expondo o que se intentava contra D. Carlos e o paiz, recordando os fuzilamentos de Estella, e terminava com este paragrapho:

«Seis mezes de obscuras intrigas e de incessantes ataques, tem conseguido por fim violentar a vontade soberana, e desde aquelle tempo a guerra derrama mais que nunca os seus furores, sobre o vosso territorio. Aos vascongados e navarros, está reservada a gloria de salvar ao vosso rei, á sua causa e ao vosso proprio paiz. Um momento basta; correi, o vos acompanhará em vossa heroica empreza—Echevarria.»

A situação de Elio se fazia cada vez mais critica, porque para attender aos insurreccionados, já não havia quem se oppozesse ao general Leon, pois muito fazia em poder conter aos sediciosos. Nada pode dar mais triste idea da situação de Elio, que estas palavras de uma carta sua, escripta em Arizun no dia 16:

esquecer aos habitantes da capital, porque foi em dia tão memoravel que viram quebradas as algemas,que os haviam opprimido durante 5 annos.

Para tornar mais uteis e agradaveis essas demonstrações festivas, serão distribuidas muitas esmolas a familias necessitadas.

Bem hajam os liberaes lisbonenses.

NOTICIARIO

D. Carlota Joaquina absolutista, e D. Carlota Joaquina liberal. — E' bem sabido o odio que D. Carlota Joaquina de Bourbon tinha á Constituição de 23 de Setembro de 1822, e em geral a todo o partido liberal portuguez; mas o que a maior parte das pessoas ignoram,é que a mesma D. Carlota Joaquina anteriormente não tinha tido o mesmo odio ás ideias liberaes, quando suppunha que dellas podia tirar algum proveito para satisfazer ás suas ambições.

Recusando-se a rainha a jurar a Constituição, foi intimada no dia 22 de Novembro de 1822 pelos ministros do reino, estrangeiros e marinha, a prestar o juramento, com a pena de ser expulsa do reino, como determinava o codigo fundamental.

A esta intimação respondeu a rainha —«que já havia mandado dizer a el-rei, que não jurava; que tinha assentado de nunca jurar em sua vida, nem em bem, nem em mal; o que não era nem por soberba, nem por odio ás côrtes, mas sim porque assim uma vez o tinha dito, pois uma pessoa de bem não se retractava; e por ser uma pessoa doente: que bem sabia a lei, e conhecia a pena que ella impunha: e que estava disposta para isso.»

No dia 27 do mesmo mez officiou novamente o ministro do reino, Filippe Ferreira de Araujo e Castro a D. Carlota Joaquina, declarando-lhe que terminando no dia 3 de Dezembro o prazo marcado para a prestação daquelle juramento, era forçoso que ella sahisse do reino, no caso de persistir na sua recusa.

Respondeu a rainha no dia 28, que ratificava a sua recusa; mas que achando-se muito doente, pedia para se demorar na rainha, na quinta do Ramalhão, com suas duas filhas,até melhorar; depois do que iria para Cadix.

Reuniu-se o conselho de estado,e nomeou-se uma junta de medicos, a qual declarou que a rainha corria perigo, se fosse obrigada naquella estação a fazer uma longa viagem.

Por fim veio a resolver-se em decreto de 4 de Dezembro, que ficasse deferida a saida da rainha, até que se podesse verificar sem perigo imminente de vida.

Assim se conservou D. Carlota Joaquina em Portugal, para no fim de Maio de 1823 ser a promovedora da reacção politica de Villa Franca; para excitar a seu filho D. Miguel, a praticar o attentado de 30 de Abril de 1824; para proteger a revolução absolutista de 1826 e 1827; e finalmente para fazer tudo o que lhe era possivel para aniquilar neste reino o systema liberal.

A recusa de D. Carlota Joaquina a jurar a Constituição de 23 de Setembro de 1822, era o acto que mais a exaltava perante os absolutistas. E' por isso que Fr. Fortunato de S. Boaventura, pregando na sé cathedral de Coimbra, no dia 11 de Fevereiro de 1830, por occasião das exequias da mesma rainha, dizia:

«E a senhora D. Carlota Joaquina havia de jurar a soberania do povo, que em seu proprio titulo encerra a mais nervosa de todas as refutações! Havia de jurar o veto suspensivo, que lhe era escravo e dependente de um centro de verdadeiros soberanos! Havia de jurar á liberdade de imprensa, que lhe offerecia como titulos authenticos da sua verdadeira indole o *Catechismo* e *Ruinas* de *Volney*; as *Superstições descobertas*, o *Ajuste de contas com a côrte de Roma*, e outras producções mais ou menos impias, mais ou menos licenciosas!

«A senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon conhecia perfeitamente a sua gerarchia, e a dignidade do throno, e conhece da mesma sorte os seus deveres para com a santa religião de Jesus Christo....*Não juro*—eis o grito arrancado do intimo de um coração amantissimo da fé....eis a pedra firme e incontrastavel, donde ao simples toque, não da vara de Moysés, porem da mais forte inspiração divina, principiaram a correr todas as felicidades que actualmente gozamos; por isso eu rogo aos meus ouvintes portuguezes, que não olhem sem ternura para esta como pedra mysteriosa, donde começam e datam os recentes heroismos da lealdade portugueza.»

Até aqui temos visto D. Carlota Joaquina inimiga declarada da Constituição. Vamos agora ver a medalha por outro lado.

Em 18 de Março de 1812 concluiram as côrtes de Cadix a Constituição hespanhola; e no dia 21 do mesmo mez, publicaram as referidas côrtes o seguinte decreto sobre a successão da corôa:

«As côrtes geraes e extraordinarias, considerando, que o bem, e segurança do estado são incompativeis com a concurrencia de circumstancias, nas pessoas do infante D. Francisco de Paula, da infanta D. Maria Luiza,rainha viuva de Etruria, irmão e irmã de D. Fernando VII; tem resolvido declarar e decretar, que o infante D. Francisco de Paula e seus descendentes, e a infanta D. Maria Luiza e seus descendentes, ficam excluidos da successão á corôa de Hespanha. Em consequencia, na falta do infante D. Carlos Maria, e de seus legitimos descendentes,a infanta D. *Carlota Joaquina*, princeza do Brasil, e seus legitimos descendentes, serão chamados á successão da corôa; e na falta de seus herdeiros, então D. Maria Isabel, princeza hereditaria das Duas Sicilias, e seus legitimos descendentes; e na falta destes tres parentes mais proximos de D. Fernando VII, e seus descendentes, então succederão as outras pessoas e linhas, que devem succeder segundo a constituição, na ordem e forma, que está estabelecido. Ao mesmo tempo as côrtes declaram e decretam excluidos da successão á corôa de Hespanha, a archiduqueza de Austria D. Maria Luiza, filha de Francisco II, imperador de Austria, de seu primeiro casamento, assim como tambem os descendentes da dita archiduqueza.

«Cadix, 21 de Março de 1812.»

D. Carlota Joaquina,que se achava no Rio de Janeiro, vendo este decreto, que lhe proporcionava uma eventual successão ao throno de Hespanha, ficou lisonjeada com isso, e escreveu em 28 de Junho, ás mesmas côrtes, a seguinte carta:

«Rogo-vos que façaes presente ao augusto congresso das côrtes, os meus sinceros e constantes sentimentos de amor e fidelidade ao meu querido irmão Fernando, e o summo interesse que tomo pelo bem e felicidade de minha amada nação: dando-lhe ao mesmo tempo mil parabens e mil agradecimentos **por haver jurado e publicado a constituição.**

Cheia de regosijo vou congratular-me com todos vós pela **boa e sabia constituição,** que o augusto congresso das côrtes acaba de jurar e publicar com tanto applauso de todos, **e mui particularmente meu:** pois a julgo como base fundamental da felicidade e independencia da nação, e como uma prova que meus amados compatriotas dão a todo o mundo do amor e fidelidade que professam ao seu legitimo soberano, e do valor e constancia com que defendem os seus direitos e os de toda a nação. **Guardando exactamente a constituição,** venceremos,e expulsaremos por uma vez ao tyranno usurpador da Europa.

Deus vos guarde muitos annos. Palacio do Rio de Janeiro, aos 28 de Junho de 1812.— Vossa infanta, *Carlota Joaquina de Bourbon.*

Ao congresso supremo de regencia as Hespanhas em nome de Fernando VII.»

Compare-se agora este precedimento de D. Carlota Joaquina, com o que ella teve 10 annos mais tarde!

E' exactamente o mesmo que praticou depois seu filho D. Miguel.

Em quanto lhes fazia conta acertaram a Constituição; mas logo que poderam manifestar o seu rancor ás instituições liberaes, combateram-nas sem treguas!

Tal mãe, tal filho!

O marquez de Pombal e a camara de Coimbra. — «Aos 17 do mez de Novembro de 1775 annos, nesta cidade de Coimbra,e casa da camara da mesma cidade, aonde estavam o doutor Antonio Felix Contreiras da Silva, juiz de fóra do crime e orphãos que serve do civel, vereadores e procurador geral e mesteres, tratando do bem publico, despachando petições; accordaram que pelo grande jubilo que haviam concebido com a plausivel noticia de que a divina providencia fôra servido preservar a importantissima vida do illm.° e exm.° sr. marquez de Pombal, da horrivel conjuração que contra elle se havia machinado, era muito justo fazerem manifesto o seu excessivo prazer com alguma demonstração publica, e assim resolveram se celebrasse o cantico *Te Deum Laudamus* em acção de graças na egreja da Misericordia, com assistencia deste senado, no dia 18 do corrente, e que se lançassem pregões, para que a cidade se illuminasse por tres noutes successivas, e para que todos os seus cidadãos assistissem á dita funcção.»

O observatorio astronomico da Universidade de Coimbra — —No *Moniteur Universel*, de Pariz, de 23 nivôse, anno 12 da republica (19 de Janeiro de 1803), lemos o seguinte:

PORTUGAL

Extracto de uma carta de Coimbra, de 10 *de Dezembro de* 1802 (18 *frimaire*)

«Em fim o nosso Observatorio, munido de uma rica collecção dos melhores instrumentos, acaba de ser posto em plena actividade, segundo a nova organisação approvada pelo nosso augusto principe regente. As Ephemerides publicadas para 1804, fazem um in 4.° de perto de 300 paginas: nellas se inseriram, entre outras cousas interessantes, as novas taboas de Mars do doutor Mr. Monteiro; a applicação do seu methodo (1) ao calculo do eclipse de Agosto, de que se fez menção no *Moniteur*; e o novo regulamento do Observatorio, de que vos darei parte na primeira occasião, assim como os resultados do novo estabelecimento de vaccinação feito no hospital da Faculdade de Medicina da Universidade. A soupa, chamada de Rumfort, começa a introduzir-se em os nossos estabelecimentos de beneficencia.»

No fim da pagina do *Moniteur* vem a seguinte nota:

«(1) Este methodo do sabio director perpetuo do Observatorio da Universidade, Mr. Monteiro, é consignado numa só folha de gravura,publicada ha quatro annos sob o titulo de *Tabula Nautica*. Comprehende nove taboas, que dão com a maior exactidão, a reducção da distancia observada de dois astros á sua distancia verdadeira. As cinco primeiras bastam para a exactidão que comportam as observações das distancias feitas no mar; e com as outras quatro, que dão a correcção das paralaxes, tendo respeito á figura da terra, e á da refracção, segundo o estado da athmosphera, pode-se obter a mais exacta precisão para o calculo de taes observações feitas sobre a terra.

«Acha-se esta taboa em Pariz, em casa de Courcier, livreiro, caes dos Agostinhos.»

Se ataco aos sublevados somos perdidos, e se os não ataco não vejo remedio.

Ao mesmo tempo Muñagorri e Jáuregui tratavam pela fronteira de animar o fogo da discordia, e Aviraneta trabalhava diabolicamente para o mesmo fim.

Elio e Zaratiegui procuravam estreitar aos insurrecionados, e impedir que se propagasse a insurreição, tendo com elles algumas conferencias, sem que conseguissem reduzil-os; pois que ainda que lhes era querido e respeitado Elio, o criam enganado nesta occasião, e só offereceu a tropa deixar as armas se D. Carlos se apresentasse sem acompanhamento em Estella.

Quando soube D. Carlos o succedido em Vera, mandou officiar de Tolosa a Maroto, pela secretaria da guerra, em data de 9 de Agosto, pondo-o ao facto dos acontecimentos, e dizendo-lhe que lhe enviara um dos batalhões guipuscoanos para cobrir as avenidas pela parte de Vera; que se pozesse em communicação com as forças que se achavam acantonadas na fronteira, para evitar a occupação de alguns dos fortes que defendiam, e que penetrado do estado em que poderia achar-se o chefe que operava na Navarra, dictasse aquellas medidas que o seu zelo e conhecimentos militares lhe suggerissem, na intelligencia de que D. Carlos desejava que se evitasse toda a publicidade, pelo effeito que semelhante acontecimento podia causar no exercito. Advertia-se-lhe que annunciasse a hora em que chegava esta ordem ás suas mãos e as disposições que tomara. Em todas as demais communicações reinava o mesmo espirito.

Apesar dellas, e do que se passava no campo carlista, Maroto parecia aturdido, e como se não estivesse auctorisado a obrar, dirigiu a D. Carlos, dos Altos de Durango, no dia 15, uma extranha exposição, em que dizia que a causa carlista, se perdia indispensavelmente, pois elle não podia deixar-se sacrificar á intriga; que conhecia que a sublevação do 5.°, 12.° e mais forças, que se manifestassem, devia sua magestade suffocal-a com a sua voz e sua presença, ao mesmo tempo por um publico decreto, pois do contrario repetia que a causa se perdia, porque os inimigos se aproveitariam da divisão; que separasse D. Carlos immediatamente do seu lado o secretario da guerra, Montenegro, a Zaratiegui e Madrazo, que foram apresentar-se-lhe como lhes tinha mandado, e merecera a sua approvação o determinado contra o brigadeiro Vargas. E concluia dizendo:

«Pese vossa magestade na balança do seu recto juizo a manifestação que tive a honra de fazer-lhe por meio do seu conselheiro Arizaga, e não duvide vossa magestade um so momento da minha fidelidade; do contrario, torno a repetir a vossa magestade, que se perde a sua justa causa, na qual ninguem é mais interessado do que eu.»

D. Carlos, com toda a sua familia, chegou em a noute do dia 18 de Agosto a Villafranca, e indo no dia seguinte a Mondragon, encontrou entre Ormaiztegui e Villareal de Zumarraga a Maroto, que, com tres batalhões, tres esquadrões e quatro peças, se dirigia a essa villa. Revistou-os e seguiu a Anzuola, onde comeu; passou a pernoutar a Vergara, e no dia 20 saiu para Villareal de Zumarraga.

Seguiu a marcha da columna, continuou esta a Elgueta e Elorrio a oppor-se aos inimigos, que avançavam resolutos, e D. Carlos voltou a ficar em Vergara, depois de haver conferenciado largamente com Maroto, sem que produzissem outro resultado estas entrevistas, que confusão no animo do principe, e perplexidade nos intentos e resoluções do seu chefe de estado maior. Apertava-o Espartero com as suas operações e seus mensageiros, para que se decidisse de uma vez a terminar aquelle estado de cousas, que cada dia se ia fazendo mais insustentavel, e mais critico para o dobrado jogo de Maroto, conhecido por uns e suspeitado por todos, pois não tinha a sufficiente reserva, por mais que lealmente a tivesse e recommendasse Espartero, e a tivesse em quanto tratava com poucos; porém ia necessariamente alargando-se o circulo dos iniciados, e já era mais difficil o segredo. Cego devia estar o que não via o que se tramava.

Entre os mesmos carlistas se procedia sem a menor reserva, e ainda que não soubessem todos as particularidades do projecto, sabia-se que existiam negociações; de forma que o mesmo consul de Hespanha em Bayona escrevia a Espartero, em 17 de Julho, que Madrazo, de cujo plano e viagem a Paris havia dado noticia em Junho, regressara já ao quartel general carlista, e esperava se notassem de prompto os effeitos na abdicação de D. Carlos, desterrando-se antes a Marcó del Pont, que Cabrera daria algumas ordens contra Arias Teijeiro e Garcia, e que se faria internar o bispo de Leão, Lamas Pardo, D. Basilio e outros.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Caso extraordinario. —No supplemento ao n.° 1 da *Gazeta de Lisboa*, de sexta feira, 4 de Janeiro de 1782, se lê o seguinte:

«Nesta cidade se admira actualmente um fenomeno raras vezes observado na natureza humana.

«*João Alberto Castello Branco*, que tem servido S. M. em desembargador no estado da India, 8 annos chanceller da relação do *Rio de Janeiro*, e ha 14 annos conselheiro no Conselho Ultramarino, de edade de 74 para 75 annos,havendo perdido todos os seus dentes, presentemente, sem fazer remedio algum, lhe nascem outros novos, dos quaes já 15 são palpaveis e visiveis, 10 no queixo superior, e 5 no inferior, continuando este esforço extraordinario da natureza a prometter-lhe uma completa dentação, que prova a sua não commua robustez em tão avançada edade.»

Officio de alfaiate em Monte Mór o Velho—Publicamos em seguida o *Regimento do officio d'alfaiate, ordenado pela camara de Monte Mór o Velho aos* 16 *de Janeiro de* 1797:

Um vestido de estudante, de baeta..	480
Um vestido de capa, casaca, vestia e calções de baeta...............	1$100
E sendo de panno...............	1$500
Uns calções....................	150
E se forem de rapaz.............	100
Um gibão ordinario, forrado.......	120
E se não levar forro............	80
Uma casaca.....................	600
Um roupão de mulher com mangas e espartilho....	300
Uma vestia de panno.............	240
Uma carapuça gallega............	100
E com casco....................	120
Uma carapuça á ingleza...........	180
Um capote de camellão...........	400
Um capote de panno sem forro.....	300
Uma vestia com forro............	400
Uma armação de cama de serafina, ou seda, com franja...............	2$400
E se levar cubertor..............	3$000
Um cubertor de serafina..........	400
Umas meias de panno.............	120
Um vestido de mulher, de baeta.....	400
Um guarda pé de seda............	300
E se levar crespo...............	750
Um manteo de panno.............	200
Um colete de panno, ou serafina....	80
E se levar, ou sendo de seda.......	100
Uma mantilha grande de mulher....	200
Um capote de burel..............	400
E se não levar forro.............	300
Um vestido de criado, ordinario.....	400
E se não levar forro.............	350

Todo o official, que trabalhar em casa d'outrem, desde o mez d'Outubro até ao fim de Março, levará menos um *vintem* do regimento, e nos mais mezes na forma que vae taxado.

E por esta forma e maneira houveram elles doutor juiz de fóra, vereadores e procurador, esta finta por bem feita em presença do juiz do officio, e mandaram se cumprisse, e que todo o official a tivesse em sua casa para saber o que havia de levar por toda a obra que fizesse no dito officio, e assignaram.— Monte Mór o Velho a 16 de Janeiro de 1797 —E eu *Luiz de Noronha e Figueiredo*, escrivão proprietario da camara o escrevi—*Arrochela—Correia—Mello—Melro.*

Representação. — A camara municipal desta cidade, foi hontem apresentar ao nobre ministro das justiças, uma representação, mostrando ao governo quanto é justo que elle concorra com subsidio para a construcção das obras do largo da Portagem.

Effectivamente, com a nova ponte tem de altear muito parte daquelle local, o que obriga a expropriações muito despendiosas, e que não é justo fiquem sómente a cargo do municipio, quando este alteamento é origem de taes despezas.

O sr. Augusto Barjona recebeu com a sua costumada benevolencia o pedido da camara, promettendo auxilial-a na sua pretensão.

Attendendo á justiça do pedido, é de esperar que a camara obtenha resolução favoravel.

Festividade.—Ámanhã domingo, festeja-se no convento de Santa Anna, a imagem de Nossa Senhora da Piedade. Haverá de manhã missa, cantada pelas religiosas, e de tarde vesperas e sermão.

Publicação.— O exm.° sr. Francisco da Ponte Horta, distincto lente da Escola Polytechnica, offereceu á Faculdade de Mathematica, por intervenção do seu director o sr. Dr. Mamede, uma excellente memoria sobre algumas propriedades das conicas, deduzidas da geração parallelogramica, a qual faz parte do Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, publicado pela Academia real das sciencias de Lisboa.

O nome do sabio professor, é assás conhecido em Coimbra pelas suas importantes publicações sobre varios ramos de sciencias mathematicas, e toda a Faculdade de Mathematica sabe avaliar o seu elevadissimo talento, e decidida paixão pelo estudo das sciencias exactas. Prosiga o illustre professor nos seus trabalhos, que tanto concorrem para elevar o nivel do nosso paiz, que não podendo distinguir-se pela abundancia de população e extensão de territorio, offerece comtudo exemplos de grande actividade intellectual, que lhe assegura um logar distincto no bom conceito das nações mais cultas.

Mais publicações. — Acabamos de receber, as seguintes publicações:

Estudos de administração, por Joaquim Thomaz Lobo d'Avila, ministro de estado honorario, e deputado ás côrtes.—Lisboa, typographia Universal.

Bibliotheca Universal — N.° II — *M. P. Lobato — Os Fidalgos do Coração de Ouro (Chronica do reinado de D. Sebastião) — Nova edição, revista e annotada—Volume II* —Lisboa, Lucas & Filho, editores, rua dos Calafates, 93.

Pedro Ivo—Contos — Porto, typographia da Revista.

Imposto do sêllo — Carta de lei de 2 *de Abril de* 1873 — *Decreto e regulamento de* 18 *de Setembro para a fiscalisação e cobrança do referido imposto— Edição official, publicada em virtude da portaria de* 19 *de Dezembro do mesmo anno. Com um appendice, contendo uma tabella rigorosamente alphabetada de todos os livros, documentos e mais papeis sujeitos a sêllo, ou d'elle isentos, comprehendidos nas tres tabellas que fazem parte do referido regulamento, e onze tabuas das taxas progressivas do sêllo proporcional de alguns dos mesmos papeis segundo o capital que representarem,até a quantia de* 100:000$ *rs.—Por José Maria Marques Caldeira, segundo official do ministerio da fazenda e delegado do thesouro no districto de Lisboa.*— Lisboa, imprensa Nacional.

Ainda não podêmos lêr estas publicações; mas antecipamo-nos a agradecer os exemplares com que fomos brindados.

Professor de calligraphia. — Publicamos no logar competente o annuncio do sr. Luiz Adelino Lopes da Cruz; e muito desejamos que seja concorrido o curso que o distincto professor vae abrir, não só no interesse do professor, como no interesse publico,o que é comprovado pelos trabalhos de tantos de seus discipulos.

Noticias de Arganil.— Em data de 22 do corrente, nos communicam de Arganil o seguinte:

«Sr. Redactor.—Em uma das noutes da semana passada, foi roubada a egreja matriz da freguezia de S. Martinho da Cortiça, deste concelho, levando os ladrões, entre outros objectos de menor importancia, dois calices de prata, duas corôas tambem de prata, pertencentes a uma imagem de Nossa Senhora, e alguns paramentos.

Suppõe-se que surprehendidos na sua empreza sacrilega por alguem que n'aquella occasião passou junto da dicta egreja, não poderam levar a cabo o roubo, porque estando arrecadados em um caixão objectos de maior importancia do que os roubados, como a custodia e uma cruz de prata de bastante peso— estes se encontraram no mencionado sitio: ainda assim considera-se o roubo superior a 100$000 rs.

É para notar, sr. redactor, que entre tão pouco tempo, se dessem nestes sitios dois casos de roubos em egrejas— ha tempo na de Goes, e agora neste.—Haverá pois,nesta parte da provincia uma nova companhia do olho vivo, que o seu fim principal seja o roubo nas egrejas?

Em vista do que se ha passado, tudo nos leva a crer isso,e assim as illustrissimas juntas de parochia, ou aquellas corporações, a cargo de quem esteja a arrecadação dos objectos d'importancia, pertencentes aos templos sagrados, deverão providenciar de modo que não tenhamos de lamentar novos acontecimentos como este.

Consta-nos que as auctoridades locaes,zelosas no cumprimento dos seus deveres, tem empregado os meios ao seu alcance no descobrimento dos criminosos; oxalá pois, que sejam felizes em suas diligencias.

Hontem, apezar do dia invernoso, o novo mercado desta villa esteve animadissimo.— Na feira de bois fizeram-se transacções que se calculam em muitos contos de reis—e em todos os outros ramos de commercio houve muita vida.

O abarracamento do mercado,pela disposição em que se acha, produz um lindo effeito á vista.

A este mercado já concorreram muitos compradores de longe aos gados bovino e cavallar, e é de esperar que a concorrencia nos seguintes, seja muito maior em razão de cada vez mais este mercado se tornar conhecido pela grande abundancia de gados que n'elle se expõe á venda.

Vae em breve inaugurar-se o Hospital de Caridade desta villa, porque já os seus estatutos se acham devidamente approvados pelo exm.° sr. governador civil do districto; para elle o exm.° barão de Louredo, prestante e philantropico cidadão, deu ha tempo expontaneamente a quantia de 20$000 rs., e ultimamente mandou offerecer á commissão promotora do hospital, alguns leitos de ferro.—A este e a outros cavalheiros,que tem auxiliado a commissão em sua obra de caridade, consta-nos que tenciona esta propor á assemblea geral da Sociedade Humanitaria Arganilense (que é assim que se denomina a sociedade do hospital), na occasião da sua proxima reunião, para resolver o dia da inauguração do hospital, que lhes sejam conferidos os diplomas de socios honorarios desta sociedade. Achamos justa a proposta e por consequencia a sua approvação.

A's nossas illustres patricias e cavalheiros que concorreram com suas prendas e donativos para o bazar de caridade, que se verificou no anno passado, pela feira do Monte Alto, lembramos que estando esta proxima, e havendo de verificar-se outro bazar, com fim identico, que se dignem ir contando em lhes prestarem os seus bons officios— como é de esperar do seu genio philantropico e caritativo.

Espera-se que a romaria de S. Pedro,cuja imagem se venera a distancia desta villa dois kilometros, junto da estrada districtal que vae entroncar na de Celorico, no logar da Moita, no presente anno esteja animadissima. De manhã haverá sermão, missa cantada acompanhada a musica, e á noute fogo de vistas, illuminação, balão, musica etc. Do que nella se passar de mais notavel,darei noticia.—*C.*»

Monte Mór o Velho– Em data de 23 do corrente nos dizem de Monte Mór o Velho o seguinte:

«Sr. redactor—Á correspondencia do sr. A. J. G. Fino, respeito a coisas desta comarca, que acabo de ler no *Campeão das Provincias* de 20, á parte da noticia restricta dos roubos praticados na Ereira, respondo que pecca absolutamente por menos verdadeira e prudente; e foram inteiramente infieis e nada sisudos os informadores do sr. Fino, no que toca ao modo porque se falla do digno juiz da comarca, que s. s.ª pretendeu, ao mesmo tempo que levanta censura, levantar louvor, o que é uma formula, ou um veu muito transparente e muito usado para quem não trata das questões nas alturas precisas e dignas, e por isso de nenhum merecimento.

Posso, por tanto dizer que o meritissimo juiz e o digno agente do ministerio publico, não se incommodam com a critica baixinha do sr. Fino, porque a reputação bem merecida de que gozam, está muito acima de injustas apreciações com que o sr. Fino veiu de luva mal ponteada, talvez para servir amigos, accusar quem não devia.

Pessoa mais competente do que eu responderá detidamente á sua correspondencia, que morre por inverdadeira e por ter o vicio ou o calculo do mal, que o sr. Fino virá a conhecer.

O sr. Fino só é culpado de acceitar, em materia tão delicada, informações que publicou sem lhe fazer a devida critica. E livrem-se lá as auctoridades que prezam o seu bom nome de uma tiragem tal, e que o sr. Fino, que se apresenta por um apostolo da moralidade, jurou em seus nada escrupulosos informadores. —Sou de v. att.° venerador—*J. X.*»

Declaração—De Taboa nos pedem a publicação do seguinte:

«Sr. Joaquim Martins de Carvalho.—Antonio Lopes da Fonseca, da villa de Taboa, tendo, com varios outros habitantes da sua freguezia, sido levado a assignar sem ler, por ser illudido, uma immerecida representação feita a favor do parocho encommendado da mesma freguezia, ultimamente deposto, Luiz Alves Gomes Freire, e tendo agora conhecimento de que tal documento, é indigno de ser assignado, por falso, e inexacto no seu conteudo; vem por esta forma reclamar a sua assignatura, para que ninguem supponha que com ella o reclamante auctorisa louvores, e vituperios infundados, e mal dirigidos. Pela inserção destas linhas lhe ficará muito agradecido, o que tem a honra de se assignar.

Taboa, 23 de Junho de 1874—De v. att.° venerador e cr.°—*Antonio Lopes da Fonseca.*»

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 22, ás 11 horas e 32 minutos da noute. — Castelar e Martos tiveram uma conferencia para chegar á fusão de radicaes e republicanos. Os radicaes projectam pedir novas côrtes constituintes. Serrano adiou a sua viagem á Granja. D. Affonso de Bourbon,perseguido pelo general Montenegro abandonou precipitadamente Segorbe, onde os carlistas tinham feito preparativos para festejar a sua chegada.

Versalhes, 22.—A assembleia decidiu passar á terceira deliberação sobre o projecto de organisação municipal. A correspondencia publicada no «Times» sobre as negociações fusionistas de Outubro, dizendo que Mac-Mahon declarou que respondia pela manutenção da ordem e da disciplina do exercito, se a bandeira branca substituisse a tricolor, produziu viva impressão.

Madrid, 22, ás 9 horas e 25 m. da n.— Hoje foram presos em Cadix alguns refractarios. O representante de Inglaterra partirá ámanhã para o seu paiz O correio de Valencia para Castellon foi interceptado pela facção Cucala. O conselho de ministros occupou-se do exame do orçamento de despezas do ministerio da fazenda. Affirmava-se hoje em alguns circulos que Saballs estava atacando Figueras. Foram evacuados os hospitaes de Rivero.

Diz-se que Rotschild offerecerá o seu apoio ao governo para terminar a guerra civil e sahir das difficuldades financeiras. Correu o boato de que Cabrera tinha entrado em Hespanha. Considera-se sem fundamento. Corre o boato de que Cucala tornou a ser ferido em Algora por duas balas. O conselho provincial que nomearam os carlistas começou a funccionar, recebendo os mancebos do recrutamento que os carlistas decretaram. Cartas de Concha confirmam ter-se conseguido impedir a expedição que se dirigia ao Aragão para recrutar mancebos, a fim de augmentar as suas hostes. Os expedicionarios viram-se obrigados a voltar para Estella. Sagasta está melhor.

Madrid, 23, ás 11 horas e 35 min. da manhã.—E' inexacto que Zavala parta para o norte. A «Gazeta» annuncia que quatro facções reunidas perderam 44 mortos nas montanhas Cogullo, nas immediações de Morella. A duqueza de Madrid voltará brevemente para França.

Madrid, 23, á tarde.—Morreu Luzuriaga. Cabrera continua em Inglaterra. Falla-se de uma conferencia entre Dorregaray e Lersun-

di. Esperam-se os orçamentos. Diversos jornaes hespanhoes e estrangeiros annunciaram que o ministro da Prussia tinha visitado o quartel-general do exercito do Norte. A noticia é falsa. Hatzfeld não sahiu de Madrid. Canitz, seu predecessor, partiu directamente para Pariz sem se demorar em nenhuma parte.

Paris 23.—Julga-se que a tentativa de reconstruir a antiga maioria com diversas fracções da direita, não terá exito, por isso que a extrema direita declara que não acceitará a proposta Lambert, organisando a republica por sete annos. Decidiu-se adiar até á proxima semana o accordo sobre a proposta Perier, que será discutida nos principios de Julho. Broglie não acceita a embaixada de Londres, porque não quer deixar a assembleia em circumstancias tão criticas como as actuaes.

Roma—Foram hontem presos sete individuos, dos quaes um trazia um revolver; e seis senhoras, das quaes uma é prima de Gladstone. As senhoras já foram soltas.

Madrid 23, da *Gazeta*:—«O capitão general de Aragão participa que as tropas do seu commando, que conduziam um comboyo a Mora, tiveram de sustentar um combate anteohontem com as facções de Bello, Palacios, Polo e Andrade, n'umas alturas que dominam a estrada. Tomamos todas as suas posições depois de cinco horas de fogo. Os facciosos tinham cortado tres pontes, que já estão reconstruidas para passar o comboyo e a artilheria. As facções foram dispersas, perdendo 44 mortos e muitos feridos. As perdas do exercito são 8 mortos, 15 feridos e diversos contusos.

«O capitão-general de Valencia surprehendeu em Torres uma avançada carlista, fazendo-lhe 10 prisioneiros e matando um faccioso. D. Affonso sahiu de Legorte com a sua gente á meia noite, dirigindo-se a Chelva.»

Madrid 23.—Annuncia-se um manifesto de Cabrera, mostrando-se contrario á guerra que sustentam os partidarios do pretendente. Estes dias circularam boatos de secretas intelligencias entre determinados homens politicos, que uma grande parte da imprensa tem reproduzido, dando logar a que a *Iberia* censure hoje novamente com indignação aquellas supposições.

Londres 22.— Um deputado tenciona perguntar esta tarde ao governo se está resolvido a reconhecer o gabinete hespanhol. O *Morning-Post* publica um artigo favoravel á politica do gabinete de Madrid.

Augusto Cesar Barjona de Freitas, não lhe tendo sido possivel agradecer pessoalmente a cada uma das pessoas que o comprimentaram durante a sua curta visita a esta cidade e á Figueira da Foz, agradece por este meio os obsequios recebidos, pelos quaes protesta eterna gratidão.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

Em razão de ser dia santo na segunda feira, publicar-se-ha o numero immediato do *Conimbricense*, na *quarta feira*.

Associação dos Artistas de Coimbra

2 EM CONFORMIDADE dos artigos 128 e 129 dos Estatutos, deliberou o conselho que do 1.º de Julho proximo futuro em diante, nenhum individuo póde ser reconhecido como socio, para qualquer effeito, sem que esteja munido do competente diploma, que é o titulo comprovativo d'aquella qualidade.

Coimbra, 25 de Junho de 1874.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

3 NO DIA 2 do proximo mez de Julho, pelas 11 horas da manhã, hade proceder-se nos paços do concelho á arrematação de diversas peças de retabulos de talha dourada, d'uma mesa grande de pinho, e de 7 cadeiras antigas torneadas.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 7 de Junho de 1874.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

CAIXEIRO

4 ANTONIO DUARTE AREOSA, precisa de um, para o seu estabelecimento de mercearia, na praça 8 de Maio.

5 ESTUDOS DE ADMINISTRAÇÃO, por Joaquim Thomaz Lobo d'Avila, ministro d'estado honorario e deputado ás côrtes.

Um vol. 8.º br. 1$000 rs.

Vende-se em casa de J. A. Orcel, Coimbra.

Attenção

6 NA RUA DAS FANGAS, n.º 55, (na eschola do professor Francisco da Cunha Mello), se lecciona para exames de instrucção primaria e francez, com professores habilitados. Preços commodos. Tambem se encarregam de lições em casas particulares.

FIGUEIRA DA FOZ

HOTEL REIS

7 JOSÉ DOS REIS CORREA DE LEMOS, participa aos seus freguezes e amigos, e mais pessoas que frequentam esta villa, que vai mudar o hotel denominado—FIGUEIRENSE— para uma bella casa defronte do Paço, do lado do mar, com optimas vistas, onde se encontrará o mais esmerado serviço, como é do seu costume.

8 VENDE-SE para pagamento de divida hypothecaria, uma boa fazenda, no lindo sitio do Cidral, proximo á cidade, e perto da estrada da Beira, com muita agua, e proporções para se augmentar o seu volume, com pouca despeza. Emfim propriedade nas melhores condições para um estabelecimento fabril. Quem a pretender póde dirigir-se ao sr. Antonio Duarte Ariosa, na praça 8 de Maio.

Professor de Musica

9 UM, habilitado pelo conservatorio, que por um fatal engano se acha na provincia da Beira Alta, offerece-se para reger uma philarmonica em qualquer terra de Portugal. Carta a F. M. de Sá e Lima.—Por Trancoso—Marialva.

Attenção

10 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

ANTONIO MARIA CARDOSO

CALÇADA

11 ACABA de receber um grande sortimento de colarinhos de bretanha para homem, que vende a 800 rs. a duzia, e meias de algodão, finas, para senhora, de 90 a 110.

BANCO DA REGOA

Sociedade anonyma, responsabilidade limitada

Capital—600:000$000 rs.

Agente — Manoel de Almeida Cabral — 161, Rua da Calçada, 165—COIMBRA.

12 NESTA AGENCIA descontam-se letras da terra e de fóra.

Empresta a juro modico sobre penhores de ouro, prata e pedras preciosas, etc., e effectuam-se muitas outras transacções, proprias deste banco. Expediente todos os dias das 8 horas da manhã até ás 5 da tarde.

13 HA NESTA CIDADE um estabelecimento de mercearia, ferragens, e quinquilherias, em que por seu dono não poder estar á testa d'elle, precisa de um caixeiro ou pessoa idonea, e completamente habilitada, a quem se entregará o mesmo por balanço ou sociedade. Nesta redacção se diz.

SUBSTITUTOS A MILITAR

14 HA PROMPTOS no escriptorio da rua do Arco do Bandeira, n.º 219, em Lisboa.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para **Santos:**
Barca—CLAUDINA

Para o **Rio de Janeiro:**
Nova galera **Camões** em 27 de Junho.

Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

16 NO DIA 14 de Julho proximo, pelas 9 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça desta cidade, se hãode arrematar duas propriedades no sitio do Ameal, penhoradas a Luiz José Maria e sua mulher, da mesma cidade, pela execução que lhe move o dr. Bruno Antonio Cardoso de Menezes Abreu. Escrivão Costa.

CELLEIROS

17 ARRENDAM-SE tres bons celleiros no pateo da Inquisição. Quem os pretender póde dirigir-se a Antonio d'Almeida e Silva, rua da Sophia, 65.

Leilão

18 NO DIA 29 de Junho de 1874, ás 10 horas da manhã, na rua da Moeda, se hade vender a madeira e pannos do theatro da dita rua.

GABINETE CALLIGRAPHICO

Reforma e aperfeiçoamento de letra **em 12 horas,** *pelo calligrapho*—**Luiz Adelino Lopes da Cruz** *—professor de Calligraphia do Seminario Episcopal de Coimbra. Rua de Quebra Costas, n.º 49.*

19 CURSOS DIARIOS — diurnos e nocturnos—lições em particular no gabinete—lições na residencia do discipulo.

Numero superior a tres mil discipulos tem sido leccionados em Coimbra, Figueira da Foz, e na cidade do Porto.

Compromette-se a ensinar letra *gothica, dourada*, e de *phantasia* aos alumnos que o pretendam

Tambem se promptifica a ensinar, no espaço de tempo acima indicado, os individuos que desejem habilitar-se em Calligraphia para os proximos exames dos Lyceus, segundo as prescripções do decreto de 23 de Setembro de 1872.

As pessoas que pretenderem frequentar o referido curso só se poderão matricular até ao dia 15 de Julho proximo futuro, por isso que o professor tem de se ausentar desta cidade por algum tempo.

Egualmente se incumbe de fazer á penna os seguintes trabalhos: — *Memoriaes, diplomas, letras para bordar, etiquetas para pharmacias, vinhetas, letras a ouro sobre papel, requerimentos, frontispicios a preto ou a ouro nos livros commerciaes e em musicas, com qualquer caracter de letra, tanto ingleza como de phantasia, imitando a mais fina gravura.*

Na livraria do sr. José de Mesquita, rua das Covas, não só estão expostas as escriptas, por tal systema melhoradas, de muitos de seus discipulos, mas até dois quadros desenhados e escriptos á penna pelo mencionado calligrapho, cujos trabalhos foram avaliados pelos mais distinctos professores de desenho desta cidade, como obras de muito merito.

DOCTOR IN ABSENTIA

20 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Deposito de Machinas de Singer para uso de familias e industriaes.

34—Rua do Visconde da Luz—36

COIMBRA

21 JOSE' TEIXEIRA DA CUNHA contractou com o representante da Companhia Fabril de Singer, de Londres, estabelecer nesta cidade um deposito das magnificas machinas de costura para familia, alfaiate e corrieiro, ás quaes se fazem preços eguaes aos de Lisboa, da unica casa succursal em Portugal.

Tambem ha excellentes linhas de linho, algodão, retroz, troçaes, agulhas, molas, ferro, tudo pertencente ás machinas.

93 Rua do Visconde da Luz 95

22 VENDEM-SE pergaminhos, assim como fitas de todas as côres, para cartas de formatura, muito barato.

PRAIA DA FIGUEIRA

23 ALUGA-SE para Outubro e Novembro, a casa de A. Forjaz, no bairro novo.

NUMERO 2810 — QUARTA FEIRA 1 DE JULHO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

No domingo reuniu-se na casa da associação commercial desta cidade, a commissão nomeada no *meeting* do dia 21 de Junho, para dar cumprimento ás propostas votadas naquella assemblea.

Compareceram os differentes membros da commissão, tomando a presidencia o sr. visconde de S. Jeronymo. Achava-se representada toda a imprensa periodica desta cidade.

Depois de uma larga discussão ácerca das propostas, decidiu-se nomear dois relatores. O sr. Dr. Fernandes Vaz ficou encarregado da redacção da representação, que por intermedio da auctoridade superior do districto, deve ser enviada ao governo de sua magestade; e o sr. dr. Garcia, foi incumbido de redigir os estatutos da associação liberal, que se projecta organisar em Coimbra.

Nesta reunião da commissão, como já tinha acontecido no *meetiug*, expenderam todos os cavalheiros presentes as suas opiniões, com a maior franqueza, mas ao mesmo tempo com a cordura que é indispensavel em materia tão grave e que tanto interessa ao partido liberal.

Continua este objecto a ser assumpto das discussões publicas nesta cidade. Os animos estão agitados; mas é de esperar que tudo se resolva como deseja o partido liberal, em harmonia com os principios desta escola, e pelos meios prudentes, proprios de uma cidade illustrada.

Depositamos plena confiança no governo e nos seus delegados, para que não possamos duvidar de que empregarão todos os meios ao seu alcance, por forma que em breve termine uma pendencia que tanto está affectando os espiritos, e preoccupando seriamente os liberaes de Coimbra.

No systema politico que nos rege, ha meios para resolver as differentes questões, dentro da esfera legal; e por isso esperamos que os illustrados habitantes desta cidade, sempre vigilantes em defeza da causa liberal e das garantias sociaes, aguardarão com a placidez que lhes dá a justiça da sua causa, a resolução final deste conflicto.

Liberdade com ordem é o que todos desejamos.

O telegrapho communica-nos a noticia do fallecimento do general Concha. Morreu como bravo, que sempre foi, á frente de um batalhão no ataque de Muro, proximo de Estella.

E' para deplorar a perda do valente militar, que durante a guerra dos 7 annos expoz sempre a sua vida em deféza da causa da rainha e da liberdade.

Já não existe o bravo D. Manoel de la Concha, marquez do Douro, que no famoso ataque da ponte de Belascoain, valentemente coadjuvou o general D. Diogo Leon, na victoria alli alcançada sobre os carlistas.

Se outros motivos não tivessemos para lamentar a morte do general Concha, bastaria a maneira cavalheirosa, com que elle procedeu na cidade do Porto em 1847, tratando o partido progressista portuguez, vencido pela quadrupla alliança, por um modo, que deixou a todos penhorados.

A prolongação da guerra em Hespanha é exclusivamente devida aos exaltados republicanos, que com as suas dissidencias em Carthagena, Alcoy, Sevilha, e outras mais terras daquelle paiz, deram logar a que os carlistas se organisassem.

Ainda assim, apezar de todos os erros, e até desastres, estão já hoje tão geralmente radicados os principios liberaes, que é quasi impossivel triumphar na peninsula o systema absoluto.

NOTICIARIO

Progresso.— E' de incalculavel vantagem o estabelecimento do cabo submarino, que põe em communicação instantanea Portugal e o Brasil. Que admiravel rapidez com que são transmittidas as noticias de um para o outro hemispherio!

Quem lembrasse este grande melhoramento aos nossos antepassados, seria dado por demente.

Em 1808 julgou-se digno das maiores recompensas o arrojo com que uns pobres maritimos, se atreveram a atravessar o oceano em um fragil navio, para irem rapidamente levar ao principe regente, então no Brasil, a noticia da feliz restauração de Portugal do poder dos francezes. O que então se reputou uma maravilha, já hoje não teria importancia.

Com effeito, no dia 8 de Agosto de 1808, sae de Olhão no Algarve, um pequeno cahique, de que era piloto Manoel de Oliveira Nobre, com direcção ao Rio de Janeiro. Este maritimo e os seus companheiros, queriam ser quem primeiro levasse alli a noticia do fausto acontecimento da libertação de Portugal.

Chegam á ilha da Madeira, onde fazem aguada, e se provêem de mantimentos, conseguindo que um outro piloto portuguez daquella ilha, os acompanhasse na sua perigosa viagem, a fim de prevenir a possibilidade de adoecer, ou morrer o piloto de Olhão.

Sem *Cartas hydrographicas* que os guiassem, dirigindo-se por uma estimativa muito incerta, sendo o maior cuidado do piloto Manoel de Oliveira Nobre, observar as correntes do oceano, lá vão mar em fóra os animosos argonautas portuguezes, vencendo todas as difficuldades e resistindo até a um furioso temporal que os acommette.

Vão ter á *Caiena franceza*. D'alli, tornando a fazer-se ao largo, se dirigem a procurar a altura de Pernambuco, onde aportam: e chegam, em fim, depois de uma penosa viagem ao longo de quasi toda a costa do Brasil, ao Rio de Janeiro, no dia 22 de Setembro.

E' facil de avaliar com que alvoroço seriam recebidos pelo principe regente e por todos os habitantes daquella grande cidade!

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXII

D. CARLOS

CXXII

Ainda, porém, se apresentava outra complicação mais para D. Carlos, e um novo apuro para Maroto, e era que se começou a trabalhar para formar um terceiro partido, com Marcó del Pont á frente e com generaes acreditados, chamando-se este partido, o *illustrado*, ou de *transacção*, e é a que alludia Arias Teijeiro na sua exposição de 21 de Junho a D. Carlos. Trabalhavam para attrahir a elle Cabrera; serviam-os Mataflorida em Paris, onde estava em relações com os jovellanistas liberaes, e se exigia desde logo que Marcó del Pont reduzisse D. Carlos a assignar decretos de amnistia, convocação das antigas côrtes, e reconhecimento de dividas, tudo o que havia de caracterisar a este partido.

Como suppunham que Maroto se opporia, pois então só pensava na abdicação de D. Carlos, de vontade, ou por força, do que desistiu ao ver o pouco que se esperava de filho primogenito, pensaram em demittil-o, chamando-o ao quartel real, e com uma escolta de confiança leval-o á fronteira.

O partido apostolico, ou da *vela verde*, como lhe chamavam alguns, que conservava bons agentes ao lado de D. Carlos, não ignorava quanto por uns e outros se preparava, e obrava tambem como temos visto. Com taes elementos de discordia não pode triumphar nenhuma causa, nem ha partido que a outro possa sobrepor-se, senão em um periodo de força mais ou menos largo.

O CONVENIO DE VERGARA

Chegamos ao successo mais importante da guerra civil, o convenio de Vergara.

As fundadas esperanças concebidas de ver a Maroto á frente do exercito carlista, se trocaram em desenganos. O novo general em chefe, nada poupou pela sua parte para dar uma completa organisação ao exercito, attrahir aos emulos e rivaes, concluir de uma vez com as divisões; e todos os homens imparciaes só tinham applausos para o comportamento que observava Maroto, que mostrou nesta occasião o talento que lhe faltou depois.

Quanto se tem dito, suppondo-lhe occultos planos, carece de verdade e fundamento: ninguem poderá adduzir uma prova que demonstre intenção solapada. E como crer que tratasse de atraiçoar a sua causa, aquelle que acabava de ser nomeado seu caudilho, e que se considerava seu regenerador?

Em quanto teve esta crença, não havia de pensar em deshonrar-se o que se lisonjeava com as honras do triumpho. Mas quando começou a ver a illusão em que vivia; quando até Janeiro de 1839 só havia conseguido em sua reforma politica, que o marquez de Valde-Espina se encarregasse do ministerio da guerra e se nomeasse official maior da dita secretaria ao honrado Puente, antigo official de artilheria; e via, pelo contrario, que Teijeiro continuava dirigindo a marcha politica de D. Carlos, e obravam de accordo e malevolamente o bispo de Leão, Echevarria, Guergué, Larraga e outros, que parecia quererem mais a ruina da causa carlista do que o seu triumpho, pensou então em fazer frente áquella situação deploravel.

E' certo que se conspirava contra elle; que a fracção apostolica, sem reparar nos meios, por mais reprovados que fossem, projectava o exterminio de Maroto e dos seus; que julgavam aquelles conspiradores estar muito proximo o dia de satisfazer a sua vingança, e tinham já assignaladas as victimas, pois que numa proclamação manuscripta de Garcia, que respirava exterminio contra os marotistas e circulou na Navarra, e achando-se o quartel general em Valmaseda, se annunciava a proxima execução do grande golpe dos extremados.

Em vão acudia Maroto a D. Carlos, supplicando-lhe que contivesse aquellas desordens; em vão mediavam graves e até insultantes communicações com algum ministro; nada tirava a D. Carlos da sua inercia, que alentava os inimigos do general do seu exercito, e fazia crer a este, que se o principe não estava iniciado no plano, o consentia, que era o mesmo.

Maroto, ao mesmo tempo, recebia continuos avisos dos seus agentes e amigos, dos planos dos seus contrarios; o apertavam para que pozesse um remedio efficaz a taes escandalos, e até o faziam responsavel das desgraças que sobreviessem, do sangue que se derramasse. E não havia exaggeração nas suas noticias, não era um temor pueril, nem vã illusão o crer que seriam muitos sacrificados. Já tinha havido victimas, e se via conspirar aos mesmos assassinos de Cabañas, os quaes se esforçavam por arrancar a D. Carlos a sentença de morte para Elio e Zaratiegui, e tinham inscripto no livro das suas victimas, a La Torre, Villareal, Eguia, Silvestre e outros que, como estes, eram dos melhores apoios da causa carlista: aquelles apostolicos eram os *brutos que haviam de levar a Madrid a D. Carlos: os outros eram traidores.*

Ao piloto Manoel de Oliveira Nobre foi em recompensa dada a patente de *tenente da armada real* e o grau de *cavalleiro da ordem de Christo;* e o mestre do cahique, Manoel Martins Garrocho, e todos os seus companheiros, tiveram uma medalha de honra e varios donativos.

Alem disso, o principe regente deu aos bravos maritimos um melhor navio para voltarem a Portugal.

E finalmente o logar de Olhão, que muito se tinha distinguido na restauração de Portugal, foi elevado á cathegoria de villa, com o titulo de *Villa de Olhão da restauração*, sendo permittido aos seus habitantes o usarem uma medalha, tendo gravada a letra *O*, com a legenda—*Viva a restauração e o principe regente.*

O inaudito arrojo do piloto de Olhão, Manoel de Oliveira Nobre, e dos seus companheiros de viagem, inspirou a José Agostinho de Macedo o poema—*O novo argonauta*. Ahi diz elle:

Impávido mortal, sem medo á morte,
Ousou, que assombro! do profundo Oceano,
Onde em mór extensão seu Reino ostenta,
Cortar as vagas túmidas, e bravas.
Não conduzido em Lenhos alterosos,
Onde a raiva mortal das éneas bóccas
Com medonho trovão vomita a morte;
Mas em débil Cahique a quem do vento
Podéra hum sopro sepultar no abysmo.
Onde apenas sulcando ao longo a Costa
Nem Zargo indagador se engolfaria,
Tanto no vasto mar, que a doce terra
Perder da vista espavorida ousára.
Quem, magnanimo Heróe, té agora ignoto,
Quem te anima e conduz? Acaso a sede,
A infausta sede do metal luzente,
Fonte antiga de crimes, e desgraças,
Que outr'ora, fez sahir da praia Hesperia
O façanhoso Almagro, que profana
Primeiro o vasto mar, depois a terra;
Para arrancar-lhe do profundo seio
Desgraçada riqueza? Acaso vôas
Por cima dessa liquida campina,
Que a vista crê que ao Ceo se apega sempre,
Novas terras buscar, ou novo Imperio,
Qual foi pelo pacifico Oceano,
Cook atrevido inquietar tranquillos
Homens da Natureza? Ou vão capricho
Acaso te livrou de vêr quaes érão
Os costumes, e as leis de estranhas Ilhas,
E de que plantas a fecunda terra
Debaixo d'outro Ceo se cubra, e vista,
Qual já foi La Peirouse, a Deos-eterno
Dizendo ao doce lár, dizendo á Europa?
Em ti foi só Virtude; e se hum renome
Merece a tua acção, merece altares
O motivo da acção. Regulo expira,
Por sustentar um juramento dado:
Curcio se arroja na voragem funda,
Julga salvar a Pátria; e não fizerão
Quanto fizeste tu. Póde em teu peito
O amor da liberdade, o amor do Throno,
Tanto, que ousaste aventurar a vida,
Indo bradar á America assustada,
Que o grilhão se quebrou, e a vil Cohorte
Dos assassinos Vandalos fugira.
E que a Pátria de Heróes, o Algarve pôde
Primeiro agrilhoar-lhe a cerviz dura;
Primeiro erguer da liberdade o grito.
Foste entornar no virtuoso peito
Do magnanimo Principe em torrentes
Consoladora paz, doce alegria.
Foste dizer que a tricolor bandeira
Cahiu desfeita c'o tremendo golpe.
Que o Dragão Luso desfechou das garras.
Que a Pátria respirou, que a nuvem densa
Da tristeza, e de horror se dissipára.
Que as abundantes lagrimas vertidas
Na já serena face, se enxugárão.

José Agostinho de Macedo termina assim o seu poema:

Desde que o vão, mysterioso Egypto,
Primeiro berço das Sciencias todas,
Que inda agora escondido entre ruinas
Com restos colossaes insulta o orgulho
Dos póvos Europeos, em frageis Lenhos
A cortar começou do Nilo as aguas;
Té que os Britannos torreões nadantes
A derradeira volta ao Mundo derão;
Entre os Fastos navaes prodigio tanto
A Historia não marcou: talvez que os évos,
Que ainda por vir estão, igual não vejão.
Em quanto a Pátria agradecida ao feito
Prepára ao grande Navegante os louros:
Em quanto o bronze, e marmore não mostrão
Voltada aos Ceos a imagem respirante,
E no soberbo pedestal não grava
Os attributos da naval sciencia,
Co'a mente em fogo accesa, e ás Musas dada,
A' Pátria, ao Throno, ao Merito, á Virtude
Que a façanha inspirou, que o Heroe corôa,
Este tributo de louvor consagro.

Se fosse hoje, que tivesse logar a restauração de Portugal, já não era necessaria uma tão aventurosa viagem como a daquelles maritimos, para o feliz acontecimento ser sabido no Brasil. Entre a participação e a recepção da noticia quasi não haveria intervallo.

Assombroso progresso!

Confirmação. — O sr. Dr. Manoel Bernardo de Sousa Ennes, muito digno lente cathedratico da Faculdade de Theologia, foi confirmado bispo de Macau.

As virtudes e distincto merecimento deste illustre professor, tem-lhe grangeado a estima publica; e por isso foi recebida com geral satisfação a noticia de ter sido confirmado prelado daquella diocese.

Apreciadores como sempre fomos das excellentes qualidades de que é dotado o sr. Dr. Ennes, damos aqui a s. ex.ª sinceros parabens por ter chegado a tão elevada posição na egreja portugueza.

A diocese de Macau. — Foi erecta esta cathedral a instancias de el-rei D. Sebastião, pelo papa Gregorio XIII, na bulla *Super Specula*, de 23 de Janeiro de 1575, assignando-lhe por districto todas as provincias da China, do Japão, e as ilhas do archipelago.

O primeiro prelado desta diocese foi D. Leonardo de Sá, da ordem militar de Christo.

Os territorios que foram assignados a esta diocese, eram tão amplos, que se tornava superior ás forças humanas o reger tantos e tão variados povos. E' por isso que foi sendo reduzida a jurisdicção dos prelados de Macau, ficando por fim esta diocese limitada á cidade de Macau e aos navegantes de Cantão.

O primeiro territorio separado de Macau foi o Japão. Neste imperio foi erecto um bispado, a instancias de Filippe II, e desmembrado de Macau pelo papa Xisto V, na congregação consistorial de 19 de Fevereiro de 1588, e pela bulla *Hodie Sanctissimus*. O primeiro bispo do Japão foi D. Sebastião de Moraes, Ignaciano. Naquelle tempo, as vastas ilhas do Japão tinham mais de duzentos mil christãos. Hoje quasi alli não é conhecido o evangelho.

A instancias de D. Pedro II foi erecta pelo papa Alexandre VIII, a cathedral de Pekim, e desmembrado o seu districto da diocese de Macau, por bulla de 10 de Abril de 1690, que começa *Romani Pontificis Pastoralis solicitudo*.

O territorio deste bispado foi assignado pelo mesmo soberano em portaria de 2 de Janeiro de 1696; e ficou constando das sete provincias de Pekim, Honam, Xantum, Xansi, Xensi, Chuquiem e Leaotum, e das ilhas que ha nas costas maritimas de Pekim e Xantum e mais reino de Coréa, por outro nome Chausien, e toda a Tartaria.

O primeiro prelado da diocese de Pekim foi D. Francisco da Purificação, eremita de Santo Agostinho.

Finalmente foi desmembrada da diocese de Macau a cidade de Nankim, com o seu territorio annexo, a instancias do mesmo D. Pedro II, sendo alli erecto um bispado pelo papa Alexandre VIII, pela bulla *Romanus Pontifex Beati Petri*. A data desta bulla é exactamente a mesma da outra que erigiu o bispado de Pekim, 10 de Abril de 1690. Suppomos que naquella epocha era permittido em Nankim o uso publico da religião catholica, porque o papa na referida bulla menciona a existencia da egreja de Santa Maria, com sacrário, e celebração do culto divino.

O primeiro bispo nomeado para a diocese de Nankim foi D. Antonio Paes Godinho; mas não chegou a ir ao bispado.

Depois de todas estas desmembrações do bispado de Macau, fez D. Pedro II uma definitiva divisão deste bispado, por carta de 18 de Março de 1695.

O mosteiro de Santa Clara. —Na sexta feira, 3 do corrente mez de Julho, é o 225.º anniversario da inauguração do novo mosteiro de Santa Clara, pois que foi lançada a sua primeira pedra a 3 de Julho de 1649.

Esta obra foi feita por ordem de el-rei D. João IV, e na maior parte a custa de sua fazenda.

Em carta escripta de Alcantara a 19 de Junho de 1649, ordenava o monarcha ao reitor da Universidade Manoel de Saldanha, que visto não poder vir a Coimbra, como desejava, lançar por suas mãos a primeira pedra do novo mosteiro, fizesse elle em seu nome esta ceremonia com a maior solemnidade. Egualmente lhe ordenava que na pedra fizesse pôr umas letras em lingua latina, em que se declarasse que *El-rei D. João IV por particular misericordia de Deos Rei de Portugal, em louvor do Senhor, da Virgem Santissima sua Mãe, e da Rainha Santa Isabel Avó do mesmo Rei, mandara fazer aquella obra.*

Effectivamente a ceremonia realisou-se com a maior pompa no mencionado dia 3 de Julho de 1649.

Festividade. — Foi de grande festa para a freguezia de S Martinho do Bispo o dia de S. Pedro, não só pelo folguedo popular d'usança velha, mas principalmente pela funcção religiosa que teve logar na egreja parochial.

Foi o seu principal objecto a santa communhão dos meninos. Eram 50 as creanças de ambos os sexos, que depois de instruidas pelo muito digno parocho da freguezia, nos principaes preceitos da santa fé, e nos deveres do christão, foram receber pela primeira vez o sacrosanto pão Eucharistico.

A missa foi acompanhada a orgão, estando exposto o Santissimo Sacramento, e sendo orador o revd.º padre Castro, secretario do exm.º sr. arcebispo de Gôa.

Toda a funcção foi feita com a maior decencia e regularidade, como é de costume naquella freguezia.

Photographias — Tivemos occasião de ver uma rica e numerosa collecção de vistas photographicas para stereoscopo, tiradas em Angola pelos nossos patricios e amigos os srs. Augusto Cesar da Cunha Moraes & Irmão.

Não sabemos que mais devemos admirar, se a belleza dos pontos naturaes daquelle paiz, se a maneira perfeitissima como foram reproduzidos pelos habeis artistas nossos patricios. Os srs. Moraes & Irmão mostram ser uns distinctos artistas, quer em photographia, quer em gravura, e em muitos outros ramos da industria.

Espartero, desde que Maroto se poz á frente do exercito carlista, tratou de aproveitar a sua antiga amisade e camaradagem na America, para entrar em concerto com elle, sem descuidar por isso a guerra. Assim vemos que á bellicosa proclamação do seu inimigo, lhe respondeu provocando-o com o sitio de Labraza; e a ser Maroto consequente com o promettido na sua allocução, devia ter pelejado contra Espartero; porém não se atreveu.

O chefe liberal tinha tambem os seus agentes no campo carlista, e redobrou a sua intelligencia com elles: um dos que o serviam foi fuzilado em Estella por Maroto. Tambem se utilisou dos prisioneiros, aos quaes enviava ás fileiras carlistas a esperar a troca, quando podesse ter logar, com o duplicado fim, convencionado com elles, de contribuir para a pacificação geral.

Com este objecto fez marchar pelos meados de Janeiro o ajudante de estado maior D. Miguel Papiagua, ao quartel general de Maroto, levando o apparente pretexto de negociar uma troca de prisioneiros.

Tiveram logar os fuzilamentos de Estella, e ignorada pelos chefes liberaes a verdadeira causa delles, encarregou-se o chefe politico interino de Logroño, D. Joaquim Berrueta, de buscar uma pessoa que se atrevesse a fazel-o. Consultou com D. Estevão Goñi, o qual chamou a D. Martin Echaide, conhecido pelo *arrieiro de Bargota*, que dedicado ao trafico de mercancias, tinha accesso em um e outro campo.

Grandes eram as difficuldades que naquelles dias, ultimos de Fevereiro, se apresentavam para passar a linha de uma e outra parte; porém desejando Echaide satisfazer ao seu amigo Goñi, o apresentou este a Berrueta, e ficando só com elle, lhe perguntou a causa dos fuzilamentos de Estella, que relações tinha com Maroto, os intentos deste, e se era possivel que entrasse em negociações com Espartero para pôr fim á guerra.

Satisfez á pergunta sobre os fuzilamentos e expoz a difficuldade de saber as intenções de Maroto e de o pôr em relação com o chefe liberal.

Conseguiu convencel-o Berrueta, expondo-lhe a importancia do serviço que ia prestar, e a gratidão da rainha e da nação, pelo que se decidiu Echaide a fallar ao general carlista, abraçando Berrueta, cheio de alegria.

Nas continuas viagens que fez a Estella a recolher fardos de generos, não se atreveu a avistar-se com Maroto; temia as consequencias, que podia ter o arriscado da sua commissão; porém fez-se superior aos seus receios, e procurou cumprir a sua palavra.

Achava-se Maroto na cama, e alguma cousa indisposto, quando se lhe apresentou Echaide. Recebeu-o affectuosamente, e ao dar-lhe Echaide os parabens pelo que havia feito, lhe respondeu Maroto:

—Não estou contente até que fuzile 50 do quartel real.

Conversaram sobre successos passados, e comprehendendo Maroto que Echaide devia levar algum intento na visita, insistiu em sabel-o, e procurando desvanecer o temor que mostrava e alental-o, inspirando-lhe a maior franqueza, lhe declarou por fim Echaide, depois de timidos preambulos:

—Não sei a que attribuil-o; chamou-me a Logroño uma pessoa respeitavel por todos os titulos e me fez varias perguntas ácerca dos fuzilamentos de Estella, e se sabia que objecto se propunha v. ex.ª com essa medida. Manifestei-lhe que pôr em liberdade aos generaes. —Porém não podia averiguar se elle tinha outras vistas? me perguntou. —Como é possivel que eu saiba os intentos que tem um general? lhe respondi.

Cessou Echaide, e lhe perguntou Maroto:

—E não lhe indicaram mais?

—Que sei eu!... a ver se queria v. ex.ª entrar em.... alguma cousa.

Maroto indireitou-se e lhe disse:

—O meu modo de pensar é concluir a guerra; em logar de ámanhã, se fosse possivel esta tarde, e sem demora. Isto não é mais que uma guerra assoladora em que perece a juventude das provincias, destruindo-se estas, e em ultimo resultado nem elles, nem nos podemos vencer. Explique-se francamente: que mais lhe disseram, e quem é esse sujeito?

Satisfez a essa pergunta Echaide, e que o haviam encarregado de indagar de Maroto, se queria entrar em negociações para concluir a guerra, com o general Espartero.

—Desde já quero entrar em relações com elle, disse Maroto: vossemecê sabe que a minha situação é delicada, e fez muito bem de não valer-se de segunda pessoa, pois se notassem a mais minima cousa, eu seria victima; e assim encarrego tanto a vossemecê, como ao chefe politico, por Deus, por Deus, que obrem com extraordinaria reserva, na intelligencia de que se isto transpira, se eu noto o mais ligeiro indicio de que se sabe, o passarei pelas armas. Cuidado, muito sigillo, que não me perca, e não se perca vossemecê tambem.

Prometteu Echaide a reserva, e acrescentou Maroto:

—Pois marche, e faça-lhe presente, que diga como se hão de entabolar as nossas negociações, e cuidado, lhe repito.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Damos-lhes sinceros parabens pela excellencia do seu trabalho.

Caminho de ferro americano. —Tem tomado grande incremento o caminho de ferro em Coimbra. O sr. João Coelho de Sampaio, que tomou a empreitada das obras, tem empregado todo o zelo e meios para que estas toquem a maxima perfeição, e tem-o conseguido; pois que as feitas em Lisboa e Porto, não apresentam superioridade. Louvores e muitos ao zeloso empreiteiro.

Noticias da Figueira—Communicam-nos o seguinte:

«Amigo e sr.—Figueira 29 de Junho de 1874—Visto que me acho nesta minha excellente terra por alguns dias a visitar a familia, conceda-me que lhe dê algumas noticias desta villa, que não podem ser minuciosas quanto eu desejava, attendendo ao pouco tempo de que tenho podido dispor para ver o desenvolvimento que de dia a dia se nota a mais nesta primeira villa do paiz.

Cheguei aqui no dia 21 do presente, e, declaro-lhe que ao avistar a foz, repleta de navios, senti uma tão agradavel sensação, que a não poderia descrever, se tal pretendesse. Desde que se entra na terra, á proporção que nella nos vamos internando, maior é o bulicio, mas bulicio todo commercial e fremente, deste com que se faz uma villa destas num seculo!

—No dia 22 pelas 3 horas da tarde, recebeu a Figueira a honrosa visita do exm.º ministro da justiça, que em carro descoberto transpoz os seus muros, acompanhado de muitas pessoas que o tinham ido esperar em 8 vehiculos. S. ex.ª depois de recebido com as maiores demonstrações de regosijo, foi hospedar-se em casa de seu genro o exm.º Jeronymo Pereira de Vasconcellos, onde, depois de jantar, começou a ser comprimentado não só pelas auctoridades civis e militares, como tambem por muitas pessoas importantes desta villa e alguns empregados judiciaes, estranhos a esta comarca, que aqui se achavam de visita.

Foram todos recebidos e tratados pelo sr. ministro com aquella bondade e lhaneza que tanto caracterisam os srs. Barjonas; e se para mim não foi novidade o procedimento de s. ex.ª, felicitamo-nos de tal presencear ante muitas pessoas, para podermos demonstrar com certa auctorisação a alguns funccionarios de justiça, que por mais elevada que seja a posição social do homem, nenhuma incompatibilidade tem com a nobreza d'alma e bôa educação; pelo contrario, parece-me, que quando o individuo, seja qual fôr a sua profissão, não tem bases seguras para a poder sustentar, e que por isso appella para o direito da superioridade e para as prepotencias incivis, não só dispõe os elementos para a sua queda, como tambem pode promover uma reacção que a experiencia nos tem demonstrado algumas vezes ser bem funesta para quem a excita, e não menos triste para aquelles a quem o exaspero leva a taes commettimentos.

Desculpando-me v. e os leitores esta divagação, continuarei dizendo-lhes que no dia 24, pela 1 hora da tarde, receberam o sacramento do baptismo uma neta e um sobrinho do sr. Augusto Barjona, aquella neta paterna dos ex.mos viscondes da Ponte da Barca, e da qual foram padrinhos os ex.mos ministro e sua esposa, recebendo a baptisada o nome de Maria, ao qual juntaram o de Leonor para reunidos formarem os de suas ex.mas avós.

O menino é filho do ex.mo Dr. José Alexandre Barjona de Freitas, digno director desta alfandega, o qual recebeu o nome d'Alfredo, sendo padrinhos seus ex.mos thio e avó D. Maria Leocadia Barjona de Freitas.

A estes actos que foram celebrados com todo o ceremonial pelo prior, o Dr. José Marques da Silva, assistiu a orchestra Figueirense, que durante os baptisados tocou algumas peças de musica do seu mimoso reportorio. Ao seu dignissimo presidente o illm.º Dr. Francisco Maria de Lima e Nunes e mais associados, que com uma expontaneidade cavalheiresca accederam ao pedido que lhes foi feito, e egualmente aos illm.os director e philarmonicos da banda de Taveiro, agradeço por mim e pelos meus collegas as finezas que se dignaram dispensar-nos.

No dia 25 de manhã visitou o exm.º ministro as maravilhosas obras do nosso porto, os paços do concelho, tribunal judicial, theatro e cadeia. Ouvimos que foi para s. ex.ª uma surpreza, tanto a magnificencia d'aquelles, como o deploravel estado desta, para o qual pediu a particular attenção do seu amigo, presidente desta camara, o sr. Dr. Manoel José de Sousa Junior.

A 1 hora da tarde, deste dia, deixou-nos s. ex.ª, sendo acompanhado até quasi a Maiorca pela mesma comitiva que o foi esperar, e por mais os seus amigos Macedo Sotto Maior e José Luiz Ferreira Freire.

S. ex.ª creio que deixou a Figueira com saudade e reconhecimento, porque aqui não só foi respeitado pelo elevado cargo que exerce, como tambem veneradissimo como um dos primeiros talentos, saido do nosso primeiro estabelecimento scientifico e considerado como nosso patricio.

—Tambem tem estado ha dias na sua casa em Maiorca o exm.º conselheiro Antonio Roberto d'Oliveira Lopes Branco. S. ex.ª tem sido e é sempre muito visitado não só por bastantes amigos seus, como por outros individuos que desejam prestar esta homenagem ao integerrimo e bondoso presidente da relação de Lisboa.

—Os exm.os Drs. Costa e Lencastre, aquelle juiz de direito de Cantanhede e este da comarca da Chamusca, tambem tem estado ha dias entre nós.

Vou terminar dizendo-lhe que as festas de S. João e S. Pedro foram este anno muito fracas, mas em compensação promette aquella de ser para o anno uma festa de truz, porque a isso dão garantias os dignos festeiros, dos quaes um é o meu muito conhecido amigo Conceição Novaes.

—Ja ha alguns banhistas e muitas casas alugadas para os mezes seguintes.

—O theatro fica prompto para o proximo mez d'Agosto. Ainda se não sabe quem virá fazer a abertura. Trabalhei o que pude para que viesse a companhia de D. Maria I; nada, consegui, não obstante os melhores desejos e sacrificios que estavam promptos a fazer alguns meus patricios. Talvez se arrependam de não ver e ouvir a Emilia Adelaide, aquella aguia descripta pelo Cesar de Lacerda, de não verem o Santos, Antonio Pedro, Virginia, etc. Pois se apanhassem a *Magdalena*, de Pinheiro Chagas, essa perola do theatro portuguez!

Prophetiso o arrependimento, mas quando já não tiver remedio!

Eu parto ámanhã para onde sabe, e onde tem um humilde servo ás ordens.

* * *

Nova botica.—Pedem-nos a publicação do seguinte:

«O nosso estimavel amigo o illm.º sr. José Augusto Madeira de Andrade, distincto pharmaceutico, abriu no dia 10 do corrente, na Povoa de Midões, concelho de Taboa, uma linda e bem montada pharmacia.

E' o sr. Andrade um moço d'um comportamento exemplar, e as distinctas qualidades que possue o tornam digno da estima e consideração publica. Pharmaceuticos assim honram muito a sua classe. Felicitamos do coração os habitantes desta terra e freguezias circumvisinhas, por possuirem entre si um pharmaceutico tão intelligente como é o sr. Andrade.—*P. A.*»

Noticias de Hespanha.— As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 28—Assegura-se que o general Concha foi ferido por uma bala no peito, quando atacava as posições dos carlistas, á frente de um batalhão.

Serrano chegou hontem á noute a Madrid, ás 10 e meia.

Sahem forças das tres armas.

Madrid 29 de manhã—O proximo numero da *Gaceta* confirmará que no sabbado se deu a batalha em Muro a tres kilometros de Estella.

O general Concha morreu.

O exercito ficou intacto, conservando as posições anteriores.

Zavala foi nomeado general em chefe do norte, e partirá ámanhã.

Cotoner foi nomeado ministro da guerra, e Sagasta tomou a presidencia da conselho.

Madrid 29 á tarde—Depois da batalha de Abarzuza, Concha marchou direito sobre Estella. Os carlistas estavam concentrados em Pena Muro, a tres kilometros de Estella; o exercito carregou impetuosamente sobre os carlistas; Concha dava o exemplo mesmo nas avançadas, quando foi morto instantaneamente por uma bala que lhe entrou no peito.

Echague tomou o commando do exercito e fel-o retroceder sobre Oleiza, Larraga, Verbizana e Tafalla, com o material de guerra que ficou intacto. Calcula-se em 1:500 entre mortos e feridos as perdas dos republicanos no ataque de Muro.

O cadaver de Concha chegará ámanhã a Madrid. Preparam-se sumptuosas exequias. O governo prepara 47 batalhões de reforço. O espirito publico mostra grande energia.

Despachos do norte annunciam que o exercito tomou excellentes disposições para combater os carlistas.

Madrid 29— Ferido por uma bala inimiga no peito, o general Concha morreu instantaneamente quando se dispunha a tomar uma trincheira no monte de Pena Muro. O exercito retrocedeu sobre as suas anteriores posições entre os rios Arga e Ega, occupando as povoações de Oleiza, Larin, Larraga, Verbizana e Tafalla, sem perder nada do seu material, sob o commando do general Echague, que dispoz assim as cousas para tomar as suas disposições.

O brigadeiro Otal chegou hoje a Tafalla onde foi conduzido o cadaver do general Concha. Não passam de 1:500 as perdas do exercito entre mortos e feridos.

Zavala parte hoje para o norte a fim de se collocar á frente do exercito.

Acompanham-no Moriones e Cevallos. Enviaram-se reforços de todo o genero, entre elles 18 peças da artilheria. O ultimo conselho de ministros durou até ás 3 horas e meia da madrugada.

ANNUNCIOS

BANCO DA REGOA

Sociedade anonyma, responsabilidade limitada

Capital—600:000$000 rs.

Agente — Manoel de Almeida Cabral — 161, Rua da Calçada, 165—COIMBRA.

1 NESTA AGENCIA descontam-se letras da terra e de fóra.

Empresta a juro modico sobre penhores de ouro, prata e pedras preciosas, etc., e effectuam-se muitas outras transacções, proprias deste banco. Expediente todos os dias das 8 horas da manhã até ás 5 da tarde.

AGRADECIMENTO

2 A COMMISSÃO dos festejos externos do SS Sacramento da Sé Velha, vem por este meio agradecer cordealmente a todas as pessoas que se dignaram subscrever, e especialmente ás que, não sendo da freguezia, accederam cavalheirosamente ao seu pedido, contribuindo com a quantia que foi de sua vontade.

Egualmente agradece a todos os habitantes do largo da Sé Velha e rua de S. Christovão, a quem foi dirigido o pedido para illuminarem os frontarias dos seus predios, a promptidão com que a maioria se dignou fazel-o, o que muito concorreu para abrilhantar os festejos.

Tambem tributa os maiores agradecimentos á illustre mesa da irmandade, pela maneira cavalheirosa como sempre se houve para com a commissão; á philarmonica *Conimbricense*, pela promptidão com que se prestou a executar o programma, que a commissão distribuiu; e á philarmonica *Boa-União*, pela parte que tomou nos festejos, dignando-se tambem cumprir fielmente o dito programma. Por ultimo ao mui digno regedor o sr. José Pereira Junior louva a commissão o zelo que empregou para que a ordem fosse mantida. A todos pois o nosso sincero reconhecimento.

Coimbra 29 de Junho de 1874.

O presidente da commissão — *Agostinho Rodrigues d'Andrade.*

O secretario — *José Antonio Vieira da Fonseca.*

O thesoureiro — *Antonio Augusto da Paixão Junior.*

João Maria dos Reis.

José Baptista.

Manoel Teixeira.

Relação das pessoas contempladas com esmola pela commissão dos festejos externos do SS. Sacramento da Sé Velha.

Joaquim da Sebastiana, rua de S. Christovão	800
José Ignacio, becco da Amoreira	800
João Primo, becco da Carqueja	800
José Gomes, travessa da rua do Norte	800
José Solha, becco de Cima	600
Maria Ludovina da Silva, rua de S. Christovão	600
Cordeiros, rua dos Coutinhos	600
Maria da Conceição Pereira Miranda, rua das Esteirinhas	500
Patricios, cegas, rua do Norte	500
Rosa Carriça, viella de S. Christovão	400
Amelia de Jesus	400
Joanna Pia	400
Maria Violante	400
Baptistas, rua de Sub-ripas	400
José d'Araujo Pereira	400
Joanna Maria, viella de S. Christovão	300
Margarida Rosa, idem	300
Maria de Nossa Senhora, travessa da Trindade	300
Joaquim da Silva, Couraça de Lisboa	300
José, palitteiro, becco das Cruzes	300
Viuva Lagoaça, Quebra-Costas	300
Maria Delphina, viella de S. Christovão	300
Maria Joaquina, rua das Esteirinhas	300
Joaquim da Costa, rua de S. Christovão	300
Maria do Carmo, becco da Impreusa	300
Viuva Michaela Silva	300
Florencia Silva	300
Maria da Conceição	300
Anna Conceição	300
Emilia de Jesus	300
Guilhermina Augusta	300
Rosa Mattos, Alegria	300
Rachel de Jesus, travessa de S. Christovão	200
Justina Rita, becco da Amoreira	200
Rosa Repolha, Grillos	200
Luiza Carvalha, Alegria	200
Caetano, Alegria	200
Entrevado, Palacios Confusos	200
Lucas, Palacios Confusos	200
Viuva de Francisco Dias, colhereiro, rua das Fangas	200
Viuva Fonseca, rua de S. Christovão	200
Cega da rua do Cosme	200
Maria do Soccorro, travessa da Trindade	200
Maria da Luz, idem	200
Dorothea, rua das Parreiras	200
Bernarda Teixeira, rua da Trindade	200
Joaquina Monge, rua da Trindade	200
Campos, entrevado, travessa da Couraça	200
Albino dos Santos, rua das Esteirinhas	200
Manoel Rodrigues, rua dos Coutinhos	200
Emilia da Conceição, becco da Carqueja	200
Maria Joanna, becco da Amoreira	200
Ignez, Palacios Confusos	200
Antonio da Silva, Sé Velha	200
José Gonçalves, rua das Parreiras	200
Maria Antonia, becco da Amoreira	200
Francisco Luiz Gomes, bairro de S. José	200
Luiza da Conceição	200
Luiza Hypolita	200
Antonia, lavadeira, rua do Norte	200
Seraphim, becco de Impreusa	200
Viuva de Francisco, marceneiro, Quebra Costas	200
Maria Ludovina, rua do Norte	200
José Coronha, rua do Norte	100
Joaquina de Jesus, rua das Fangas	100
Theresa, viuva, rua de S. Christovão	100
Somma	20$000

Hospitaes da Universidade

3 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade, se annuncia, que no dia 5 do proximo Julho, pelas 10 horas da manhã, se hade dar d'arrematação, na secretaria dos mesmos hospitaes, o fornecimento dos seguintes artigos:

1.º—Louças ordinarias, segundo os modellos que se acham patentes d'hoje em diante, comprehendendo as seguintes peças:—pratos e tigelas de mesa; tigelões, jarros, bacias e baldes de lavatorio; bules para caldo; canecas com tampa; cinzeiros; boiões, com tampa, de tamanhos differentes, para unguentos, cataplasmas, etc.; bacios de cama; ourinoes de botelha; comadres redondas e de cunha; e escarradores.

2.º—Gallinhas, frangos, carneiro e presunto; farinha de trigo; alcool a 30.º Cartier; aguardente a 20.º; cebo preparado, lenha.

3.º—Chavetões de ferro para madeiramento; fixas para portas e janellas.

No mesmo acto se venderá em praça a palha de milho da novidade pendente do cerco de S. Jeronymo.

Administração dos Hospitaes da Universidade de Coimbra, 29 de Junho de 1874.

O administrador,
Costa Simões.

FIGUEIRA DA FOZ

HOTEL REIS

4 JOSÉ DOS REIS CORREA DE LEMOS, participa aos seus freguezes e amigos, e mais pessoas que frequentam esta villa; que vai mudar o hotel denominado—FIGUEIRENSE— para uma bella casa defronte do Paço, do lado do mar, com optimas vistas, onde se encontrará o mais esmerado serviço, como é do seu costume.

Deposito de Machinas de Singer para uso de familias e industriaes.

34—Rua do Visconde da Luz—36

COIMBRA

5 JOSE' TEIXEIRA DA CUNHA contractou com o representante da Companhia Fabril de Singer, de Londres, estabelecer nesta cidade um deposito das magnificas machinas de costura para familia, alfaiate e corrieiro, ás quaes se fazem preços eguaes aos de Lisboa, da unica casa succursal em Portugal.

Tambem ha excellentes linhas de linho, algodão, retroz, troçaes, agulhas, molas, ferro, tudo pertencente ás machinas.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

6 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

Aos banhistas das Caldas da Rainha

João Antonio d'Oliveira (vulgo o João Rei) & M. J. de Brito.

7 ANNUNCIAM que, para commodidade do publico, resolveram estabelecer uma carreira diaria de diligencia, a começar do dia 15 de Julho corrente em diante, de Leiria até ás Caldas da Rainha, de commum accordo com Antonio João Pereira, d'aquella villa, que fará a carreira por sua conta d'alli até Alcobaça.

Esta carreira ficará sendo considerada como continuação das já estabelecidas entre Leiria e Pombal, e Leiria e Chão de Maçãs.

A partida de Pombal será logo em seguida á chegada do comboio ascendente, devendo estar em Leiria ás 6 horas da tarde.—Para Alcobaça partirá a diligencia ás 7 horas da manhã, logo que chegue a carroagem do correio de Chão de Maçãs, devendo estar em Alcobaça e Caldas da Rainha ás horas marcadas para o serviço do correio;—e assim egualmente das Caldas da Rainha para Leiria, donde partirá a diligencia para Pombal ás 8 1/2 horas da manhã, e para Chão de Maçãs ás 6 1/2 da tarde.

PREÇOS

De Pombal a Leiria— dentro 800 rs.—a Alcobaça 1$800— ás Caldas da Rainha 2$800.—Fóra 600, 1$400, e 2$200 rs.

De Leiria a Chão de Maçãs— 1$000 rs. dentro, e 800 rs. fóra.

---

8 VENDE-SE para pagamento de divida hypothecaria, uma boa fazenda, no lindo sitio do Cidral, proximo á cidade, e perto da estrada da Beira, com muita agua, e proporções para se augmentar o seu volume, com pouca despeza. Emfim propriedade nas melhores condições para um estabelecimento fabril. Quem a pretender póde dirigir-se ao sr. Antonio Duarte Ariosa, na praça 8 de Maio.

PARTICIPAÇÃO

9 ANTONIO D'OLIVEIRA CORDEIRO, proprietario da Livraria Universal de Coimbra, mudou a sua residencia para Lisboa, rua da Gloria, n.º 30 a 32, onde tem o grande deposito de livros de todas as classes, tanto nacionaes como estrangeiros; e abriu loja para a venda, na rua da Prata, n.º 205.

Espera de todos os seus amigos e freguezes continuem a gastar do seu estabelecimento. Dirigindo seus pedidos a qualquer dos locaes ditos, promptamente serão servidos, e o mais commodo possivel, acharão o que desejarem. E para melhor satisfazer, abriu relações com as principaes casas no estrangeiro.

DENTISTA

CEREGUETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista Suisso

10 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, além de fazer dentaduras completas, põe dentes, extrahe estes e as raizes, e limpa os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados, com pasta não conhecida até hoje; tem bom elixir para dôr de dentes; cura o escorbuto, e todas as molestias de bôcca; tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço, como se nunca tivera tido callos.

Praça **8 de Maio**, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

EDITAL

11 A CAMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE COIMBRA faz publico, que foram approvadas por decreto de 22 do mez de Junho ultimo, para serem cobradas no mesmo concelho, durante o anno economico de 1874 e 1875, as seguintes:

Contribuições Indirectas

11,5 reis em cada kilogramma de carne;

5 rs. em cada kilogramma de peixe fresco, secco e salgado, com exclusão da sardinha;

3,5 rs. em cada kilogramma de sardinha fresca, secca e salgada;

15 rs. em cada litro de vinho ordinario e vinagre, exposto á venda para consumo, qualquer que seja a fracção de pipa por que estes liquidos sejam vendidos;

50 rs. em cada garrafa de vinho fino engarrafado, a saber: da Madeira, do Porto, Moscatel, Malvasia, Champagne, e qualquer outro vinho estrangeiro, e bem assim em cada botija ou garrafa de genebra, licôres nacionaes ou estrangeiros, cognac e toda a aguardente estrangeira engarrafada, e quando não esteja, 75 rs. em cada litro, ou nesta proporção;

30 rs. em cada garrafa de vinho, não declarado acima, tal como Bairrada, Bucellas, Lavradio, etc., e todo o mais vinho composto e engarrafado, e bem assim em cada garrafa de licores nacionaes, cujo custo seja inferior a 300 rs. o litro, e não estando engarrafado, 45 rs. em cada litro, ou nesta proporção;

20 rs. em cada litro de aguardente de 1.ª qualidade, e 10 rs. em cada litro da de 2.ª. (a)

20 rs. em cada litro de geropiga;

15 rs. em cada litro de cerveja;

5 rs. em cada litro d'azeite d'oliveira;

15 rs. em cada litro de petroleo;

Um real em cada litro de sal commum.

Rendimento do Matadouro

150 rs. de cada boi ou vacca; 50 rs. de cada vitella e porco; 10 rs. de cada carneiro ou chibato, abatidos no Matadouro; um real em cada kilogramma de carne que fôr pesada no mesmo Matadouro.

E para que chegue ao conhecimento de todos, se mandou publicar este e outros de egual theor.

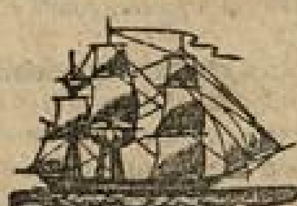
Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 1 de Julho de 1874.

O presidente,
Fernando Augusto de Andrade Pimentel de Mello.

(a) E' considerada de 1.ª qualidade a aguardente que fôr superior a 65 graus do areometro centesimal, Gay Lussac, e de 2.ª qualidade a que fôr inferior a esta graduação.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para **Santos:**
Barca—CLAUDINA

Para o **Rio de Janeiro:**
Barca **Joven Adelaide** em 26 de Julho.

Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

CELLEIROS

13 ARRENDAM-SE tres bons celleiros no pateo da Inquisição. Quem os pretender póde dirigir-se a Antonio d'Almeida e Silva, rua da Sophia, 65,

---

14 OS HERDEIROS do fallecido Antonio Bernardo, solteiro, de Gallizes, freguezia de Nogueira do Cravo, annunciam que todas as pessoas a quem o defunto Antonio Bernardo devesse, venham dentro de 30 dias apresentar suas dividas, documentadas e registadas, aliás ficarão sem se lhes dar pagamento.

Gallizes, 27 de Junho de 1874.

Attenção

15 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

---

16 HA NESTA CIDADE um estabelecimento de mercearia, ferragens, e quinquilherias, em que por seu dono não poder estar á testa d'elle, precisa de um caixeiro ou pessoa idonea, e completamente habilitada, a quem se entregará o mesmo por balanço ou sociedade. Nesta redacção se diz.

---

17 BERNARDO JOSE' DA SILVA CARDOSO, na rua do Visconde da Luz, diz quem dá a juro sobre hypothecas 2:500$000 rs.

M. Odorico Mendes

18 ILIADA DE HOMERO em verso portuguez=1 vol.=preço 1$200 rs.

A' venda na livraria de A. M. Pereira, rua Augusta, 50 e 52 em Lisboa. Pelo correio 1$260.

DOCTOR IN ABSENTIA

19 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua de Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

---

20 MARIA LUIZA DA CONCEIÇÃO PEIXOTO QUARESMA RIBEIRO, viuva de José Ribeiro da Costa, da villa de Condeixa, vende, se o preço lhe convier, a terra que possue na Varzea de Condeixa, com rega certa da fonte do Grogolhão. — Anda arrendada a José Maria Quaresma. Recebe lanços.

Attenção

21 NA RUA DAS FANGAS, n.º 55, (na eschola do professor Francisco da Cunha Mello), se lecciona para exames de instrucção primaria e francez, com professores habilitados. Preços commodos. Tambem se encarregam de lições em casas particulares.

---

22 VENDE-SE uma machina de coser, propria para sapateiro, corrieiro e chapelleiro. Nesta redacção se diz quem a vende.

CAIXEIRO

23 ANTONIO DUARTE AREOSA, precisa de um, para o seu estabelecimento de mercearia, na praça 8 de Maio.

NUMERO 2811 | SABBADO 4 DE JULHO DE 1874 | ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Não é novo o systema que a opposição está empregando, de injuriar o governo e as suas auctoridades, a proposito do acto eleitoral, que o paiz vae em breve exercer.

Nem é para extranhar que os actuaes partidos vencidos lamentem a sua infelicidade, ou antes o ostracismo a que a opinião illustrada, de ha muito os condemnou.

A sua voz perde-se entre os clamores da multidão, que loava os beneficios da presente administração politica; e a logica dos factos demonstra a falsidade das calumnias, levantadas para mais tarde entreter a expectativa dos seus correligionarios inconscientes.

O plano da opposição é em demazia transparente. Conhece que o prestigio lhe foge, que o paiz está disposto a sustentar a politica do actual gabinete, porque ella lhe offerece todas as garantias de paz e de prosperidade, e que por isso a urna vae decidir fatalmente os destinos da politica especuladora.

A opposição prepara-se antecipadamente para *justificar* a sua derrota.

Como vê que o paiz aceita a politica do governo, porque ella convem aos seus legitimos interesses, precisa de imaginar escandalos, fantasiar corrupções e violencias da auctoridade, para occultar a verdadeira causa da monumental derrota que a espera.

Sôa o momento da decepção dolorosa para a opposição: ella mede os factos, considera-os, e emprega os meios que mais lhe convem, embora sejam menos proprios da dignidade dos partidos, que prezam as suas tradicções.

O governo não tolhe o livre exercicio do direito eleitoral, nem disso carece, para ver triumphar as ideias do partido que representa. Póde propor em alguns circulos os seus candidatos, porque deseja expor e manter o seu plano de administração.

Em proveito do paiz e da causa publica, em quanto merecer a confiança da corôa e da maioria da nação, precisa o governo de fazer passar as medidas de maior alcance para os interesses geraes do paiz, para as conveniencias do estado, e para regular a administração dos povos. Em quanto o espirito opposicionista se manifestar tão acintosamente, como o fez na passada legislatura, não póde haver governo possivel, nem discussão serena e decisão legal, como requerem as graves questões do estado.

O sr. Fontes Pereira de Mello, digno presidente do conselho de ministros, regressou a Lisboa, depois da digressão que foi fazer ao Alemtejo e ao Algarve.

Em toda a parte foi s. ex.ª recebido com as maiores demonstrações de sympathia. Todos manifestaram o quanto apreciam a elevada intelligencia, e as distinctas qualidades do eminente estadista, dando-lhe tanto os ministeriaes como os opposicionistas, as mais evidentes provas da consideração de que é merecedor.

Da viagem do sr. Fontes, a qual teve por fim conhecer pessoalmente as necessidades daquelles povos e em especial do exercito, hão de sem duvida resultar beneficios para a administração publica.

Continua o rendimento das nossas alfandegas a ter um augmento prodigioso.

Na alfandega do Porto excedeu o rendimento do anno economico findo, ao do anno anterior, 500:369$227 reis. E comparado este rendimento com o de ha 10 annos, é a differença para mais, reis 1.215:760$922.

A alfandega de Lisboa, tambem no anno economico findo, teve um excesso de rendimento de 303:661$096 rs. sobre o anno antecedente.

Portanto, só estas duas alfandegas produziram a mais no ultimo anno, reis 804:030$323.

Eis ahi um dos resultados do bom regimen que nestes ultimos annos temos tido, e da paz e tranquillidade que havemos gozado.

Em quanto que na Hespanha, com o seu systema republicano, se degladiam com as armas na mão os partidos, não só os liberaes com os absolutistas, o que não seria para extranhar, mas os proprios liberaes entre si; nós, os portuguezes, vivemos felizes á sombra das nossas instituições, que se não satisfazem ao exaltado progresso de uma certa escola, são pelo menos mais adequadas aos nossos costumes, e á nossa indole.

COMMUNICADO

Penella

Sr. redactor.—Como a opinião publica nem se dirige, nem se illustra por factos não verdadeiros, e sendo desta ordem os de que trata a correspondencia inserida neste jornal em o n.º 2808, e que respeitam aos povos do julgado de Penella, por isso vou satisfazer a restricta obrigação que me impõem os dictames da verdade quando se tracta de desvanecer a mentira.

Declaro ao incognito auctor da correspondencia, que lhe respondo em termos amigaveis, de boa, e santa paz, como elle se expressa para comigo; mas tenho a dizer-lhe mais, que visto o ter-me desafiado ao campo da batalha, heide manobrar as armas conforme poder.

Na alludida correspondencia começa dizendo o seu esclarecido auctor— «que se um «empregado da nova comarca de Penella qui«zer comprar 10 reis de couves ou feijões, «hade mandar ao Espinhal ao domingo, 3 ki«lometros de distancia, e isto para toda a se«mana !!!»

Aqui cincou com toda a certeza o illustre correspondente, e é para lamentar que se sirva de argumentos de tal natureza, pois os habitantes da villa de Penella nunca precisaram e nem precisam mandar comprar ao Espinhal couves e feijões, e antes pelo contrario alli vão vendel-os, e até por toda a semana se compram em Penella nas estações e tempos proprios, bem como muita qualidade de hortaliças, fructas, e generos para consumo. Se o auctor da correspondencia pretender para aqui ser despachado na qualidade de empregado publico, pode vir sem receio, pois lhe affianço que tendo pecunia, encontrará dentro de Penella couves e feijões, e até saborosa carne para cozer com elles, ficando certo que o terreno do julgado de Penella abunda em plantas, e optimo verde para toda a casta de animaes, creando-se por isso aqui bons rebanhos de gado, como ja dissemos em outra correspondencia.

Fica pois respondido o primeiro quesito da accusação, e passando ao segundo, diz o articulista:— «que Penella vem a ser uma pe«quena comarca, que não pode sustentar os «respectivos encargos, pertencendo no judicial «as duas relações de Lisboa e Porto, no ad«ministrativo a dois districtos, Leiria, e Co-

---

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXIII

D. CARLOS

CXXIII

Contente foi o commissionado Martin Echaide ao ver Berueta, e lhe contou o referido, acrescentando da parte de Maroto, que se tivesse em conta que a posição que este occupava era muito differente da do general Espartero; que lhe dissesse que ordens tinha d'elle, e em que forma queria entabolar as negociações, e que isto fosse breve.

Berrueta manifestou carecer de ordens e que iria tomal-as do general em chefe. Echaide conheceu então a officiosidade de Berrueta, e que tinha ido mais alem do que podia: julgou-se compromettido com Maroto, e não quiz vel-o até receber as instrucções que se encarregou de colher Berrueta; porém passados 4, ou 5 dias, o mandou chamar Maroto, e depois de interrogal-o altivo, acerca do que tinha feito, lhe disse que tinha de ir ao mesmo general Espartero em pessoa.

Depois accrescentou Maroto:—«Sim, Martin, vossemecê não sabe o que se passa: apresentou-se aqui um coronel parlamentario de Espartero, e receioso eu, que por acaso seria pelos passos de vossemecê e do intendente, e que poderia comprometter-me pelo delicado e critico da minha situação; quando se me annunciou que estava alli o parlamentario, mandei aos ajudantes que citassem aos generaes que estavam na cidade para vir ao meu alojamento, e os reuni nelle para que presenceassem o acto; puz-me a presidil-o, e dispuz receber o coronel que mandava Espartero. Perguntei-lhe que commissão trazia, e me respondeu que vinha por ordem do general do exercito do norte para regular a troca dos prisioneiros e o bom comportamento nas linhas. Fez-me um signal, de que me fiz desentendido, e lhe respondi com energia:

—Diga ao general Espartero, que quando entrou com as divisões na villa dos Arcos se conduziu muito mal, segundo noticias e participações que tive; sei mais que permittiu excessos na linha, que eu tambem podia repetir; porém que eu respeitava o paisano, reservando a minha força para os campos de batalha.—Perguntei-lhe se tinha que dizer-me mais, e respondendo-me que não, mandei aos meus ajudantes o acompanhassem até passar a linha.

—Já vê, Martin, o que se tem passado. Vê a minha situação! Esse homem quer comprometter-me. Como hei de eu entender-me com parlamentarios e militarmente neste assumpto? Como pode imaginar que eu hei de recebel-os a sós?—Se havemos de entabolar negociações, hade ser só por intermedio de vossemecê; este é o meio melhor e mais seguro. Desejoso como estou de levar ao cabo esta boa empreza, util para todos, não a deitemos a perder. Diga da minha parte a D. Baldomero Espartero, que a dureza com que tratei ao seu parlamentario, e quanto disse da villa dos Arcos, não podia prescindir de o fazer.—Na posição que occupo era necessario dar uma satisfação aos generaes e meus ajudantes, para que estes a dessem ao publico e ficar em bom logar, como succedeu.—Vá pessoalmente fazer tudo presente ao general Espartero, na forma que lhe referi.»

Ao despedir-se o abraçou Maroto, e era tanta a effusão deste general, que lhe saltaram as lagrimas.

Echaide foi apresentado por Berrueta a Espartero, que o recebeu amavel e francamente. Referiu tudo o succedido e quanto lhe disse Maroto, e satisfeito o chefe liberal, o citou para o dia seguinte, e quando se apresentou, lhe entregou um officio fechado, acrescentando-lhe de palavra:

—Diga a D. Raphael Maroto, ao meu bom amigo e companheiro, que eu guardarei a reserva e o sigillo que o assumpto requer: que não contando com D. Carlos e familia entra-

«imbra, e cinco concelhos, vindo por isso a «ser uma coberta de diversos retalhos e sem «unidade, em quanto que a comarca da Louzã «lhe bate quasi á porta, e a nova comarca á «de Coimbra!!!»

Bravo, sr. correspondente; aqui é que mostrou todas as suas habilidades, e logica sã para convencer o publico do quanto valem as suas asserções.

Não me permittem as minhas debeis forças, e escassez de conhecimentos litterarios, para responder como me cumpria aos argumentos que acabo de transcrever; no entanto sempre direi alguma cousa.

Ora no caso de se obter uma comarca em Condeixa, a que distancia ficaria esta da de Coimbra? Podendo crear-se outra comarca em Anciâo, a que distancia ficaria esta da de Pombal, e da de Figueiró dos Vinhos?...

Permitta-me o illustre correspondente que lhe indique o meio mais prompto para obtermos a verdadeira resposta a estas perguntas, e já que se quer sujeitar aos prós e contras da questão, passo a mostrar a forma como havemos de averiguar o caso. Ouça, pondere, e veja se lhe faz conta.

Percorra o articulista a distancia de Penella á Louzã, Figueiró dos Vinhos, Pombal, Soure e Coimbra, levando a mó de um moinho ás costas, e depois dirá com mais asserto, e afirmativa, qual a distancia maior, ou menor das extremidades dos julgados para as comarcas, e vice-versa; e talvez que o articulista preferisse antes ir carregado de Condeixa para Coimbra, de Anciâo para Pombal, ou para Figueiró dos Vinhos, do que sem cousa alguma de Penella, para qualquer das sédes das comarcas limitrofes. Só assim é que este ponto de questão fica definido; por outra forma não julgo o articulista apto para escrever o que escreveu sobre tal respeito, dando logar a que lhe diga que todo o seu aranzel não passa d'um sophisma, que só póde illudir os que não têem conhecimento proprio destes sitios.

Em quanto ao dizer que a nova comarca de Penella, não póde sustentar os respectivos encargos pelos motivos já expostos; isto não merece resposta; todavia sempre diremos alguma cousa, mais para satisfazer a expectativa publica, do que para destruir argumentos capciosos e infundados.

Peço ao illustre correspondente me organise uma comarca aonde quizer, sem que esta seja composta de freguezias pertencentes a differentes concelhos; e figuramos aqui a hypothese de se arranjar uma comarca em Condeixa, e Anciâo; como organisar taes comarcas, sem se lhes annexar freguezias de concelho e districto alheio?..

Do mal o menos, sr. correspondente. Se Penella não está nas circumstancias de ser comarca, como quer o articulista, muito menos o póde ser Condeixa, e Anciâo, porque a ambas estas localidades se lhes têem de annexar freguezias d'outros concelhos, e por se acharem muito proximas das comarcas aonde percem.

Penella sempre foi governada por auctoridades muito competentes, tendo o pessoal necessario para os cargos publicos, funccionando neste julgado—juiz ordinario, sub-delegado, administrador, e presidente da camara, bachareis formados em Direito, sem que até hoje fosse preciso virem empregados de fóra, para exercerem aquellas funcções; e se o articulista nos quer supplantar com a disposição do n.º 2.º do art. 2.º da lei de 16 de Abril de 1873, não o póde conseguir segundo a regra estabelecida no § 2.º do dito artigo, pois é evidente a absoluta e reconhecida necessidade de se criar uma comarca dentro da grande area de Thomar a Coimbra, e de Pombal á Louzã, e procurando em boa fé o ponto mais central, vemos que a villa de Penella prefere a Condeixa, e Anciâo, pela posição topographica d'ambas estas localidades. E seria uma injustiça manifesta, que procurando-se desviar de Penella a creação de uma comarca, se fossem para este fim buscar povoações que não estão no caso de arrogar a si tal importancia, attenta a commodidade dos povos, e prompta administração da justiça.

Desnecessario pois se torna tanto dizer em materia tão clara, e que não merece contradicção, se não aquelles, que desprezando a verdade, vão por interesses mesquinhos e particulares, pôr em duvida a opinião das pessoas que ignoram a existencia dos factos que se apresentam, e por tanto prescindindo por ora de mais argumentos, concluiremos o nosso artigo, chamando a attenção do publico para o que têem escripto pennas mais bem aparadas do que a nossa, acerca do direito que assiste aos povos do julgado de Penella para reclamarem uma comarca, e posteriormente vamos encontrar no *Jornal do Porto*, n.º 138, do corrente anno, uma correspondencia de Coimbra, que diz o seguinte:

«Os povos de Penella continuam a instar «pela creação de uma comarca n'aquelle con«celho. O governo tem apenas 30 comarcas a «estabelecer, e os pedidos são tantos quantos «os julgados existentes, que todos se dizem «no caso de cathegoria superior. Se porem na «obra governamental tiver de actuar a justiça «e não a conveniencia politica, Penella não «deixará de pertencer ao pequeno numero que «foi auctorisado...»

Ignoramos quem é o distincto e illustre correspondente de Coimbra para o *Jornal do Porto*, e por tanto já se vê que o seu voto é imparcial, porque neste caso não tem aspirações para a sua terra, e muito menos que seja pedido por alguem para vulgarisar factos que conscienciosamente fallando, são reconhecidos por todos que amam a verdade e prezam a justiça; e assim voltando ao articulista devo dizer-lhe, que me não surprehendem quaesquer declamações contrarias ao que é justo e positivo, pois na arte da pintura o seu auctor apresentou as côres a seu bel prazer, e na generalidade ninguem gosta de succumbir a seus caprichos, quando por interesse proprio os sustenta, e muitas vezes com prejuizo de seus semilhantes.

Alludimos áquelles que contestam a nossa justiça; mas não obstante tal procedimento, os povos do julgado de Penella, têem inteira confiança no governo de S. Magestade Fidelissima, e que pelas informações das competentes auctoridades, se procederá á divisão do territorio e creação de comarcas, segundo as formalidades legaes, e que se facilite a prompta administração da justiça e bem estar dos povos. E' esta a verdadeira doutrina que apresentamos ao publico, e desejamos ver realisada.

* * *

NOTICIARIO

A emigração para o Brasil e a Tribuna do Pará —Foi-nos enviado do Pará o jornal a *Tribuna*, correspondente ao dia 31 de Março ultimo.

Desejariamos que a linguagem torpe alli usada contra os portuguezes, fosse bem sabida em todas as aldeias de Portugal, principalmente naquellas terras, onde está mais desenvolvida a tendencia de emigrar pera o Brasil.

Aquelle jornal não parece ser impresso com tinta, mas sim com a lama das ruas do Pará. Os redactores tratam os portuguezes, provavelmente como estão costumados a tratar os seus escravos.

Não ha insulto, não ha infamia, não ha aggressão que na *Tribuna* se não dirija contra os portuguezes, e isto desde o principio até ao fim do jornal.

Para a *Tribuna* é um crime imperdoavel o consentir-se que os portuguezes se entreguem no Brasil ao commercio!

Sentimos não poder transcrever tudo o que se lê na *Tribuna* do Pará; limitar-nos-hemos por isso a publicar ao acaso duas noticias, para que por ellas se avalie tudo o mais.

Olhem para isto os fanaticos pela emigração para o Brasil:

«*Esmolas*—Amanhã 1.º de Abril nos talhos do mercado pertencentes ao marchante portuguez Joaquim Paiva, e por ordem deste homem *humanitario*, se distribuirá um kilo de carne verde a cada pobre das 4 freguezias d'esta capital; e no armazem do *commendador Zé Bento da Silva*, áa rua Formosa, elle mesmo a porta da rua dará uma esmola aos pobres e creanças que se apresentarem de mil reis a cada um.

Os tresentos e tantos *gallegos* que requisitaram transporte para a costa d'Africa se reunirão amanhã no consulado portuguez, a fim de declararem que não querem ir mais, que estavam arrependidos de fazer tal requisição e que quasi todos estavam *bebados* quando assignaram tal representação, porque elles não acham outra terra melhor do que esta para *roubar* como *roubam* tão desaforadamente.»

«*Deus já nos vae ajudando*—A bordo do vapor inglez *Jérome*, sahido deste porto no dia 26 do corrente mez, escafederam-se para a *terrinha* trinta e trez *gallegos*, qual delles o mais *estupido* e *velhaco*.

Por emquanto está o Pará livre destes trinta e trez *canalhas*, que nos favorecem com a sua ausencia!

Oxalá que arribassem todos os *ladrões* e *aventureiros*, que chegando aqui sem vintem, sem officio nem beneficio, compram logo fiado uma taberna, assignam muitas vezes letras, sem saberem o que assignam, e ao depois para pagarem, andam *roubando* aqui e acolá, commettendo quanta infamia e praticando toda a sorte de escandalo e desacatos; e quando vêem os *gallegos infames* que não podem com a carga, atiçam fogo na bodega e raspam-se para a *terrinha*, roubando e desgraçando a muita gente!

E d'esta *escoria*, d'este *povoléo* ordinario que vêem de Portugal! Gente boa, não vem de lá.

Desengane-se quem quizer, cada um bicudo que chega ao Brasil, ou é um refinado *vadio* troca tintas, ou um *calceta* fugido do Limoeiro, ou das *enxovias* do Carmo. A *canalha bicudal* tem mais medo das solitarias do Carmo, do que do diabo.

Nós queremos estrangeiros civilisados, laboriosos e honestos, emigrados amigos do trabalho; o que não podemos supportar são *portugallegos*, que vêem aos centos, todos *ladrões, infames, desatinados, salteadores, assassinos* e *moedeiros falsos*, etc., etc.

Contra estes *ladrões* todo o rigor das nossas leis e a maldição do povo brasileiro caia sobre elles.

Longe, bem longe de nós e de tudo quanto é honesto e civilisado esta *troça estupida de gallegos*. Deixem-nos, vão para o inferno, para a costa d'Africa, para as zonas torridas e humidas de Pedro Botelho, comtanto que favoreçam-nos com a sua ausencia.

O que querem estes malvados e facinorosos *gallegos* n'uma terra, onde ninguem os pode ver?!...»

Limitamo-nos a estas transcripções, pois do contrario teriamos de copiar tudo o que se lê na *Tribuna*. A linguagem é toda egual.

Bastará dizer que ás duas noticias que acabamos de transcrever da *Tribuna*, se segue logo outra, que tem o seguinte titulo— *Em toda a parte os portuguezes são ladrões*.

Isto não se commenta! E' a que sujeitam aquelles que largam a sua benefica terra natal, para ir procurar em paiz alheio, os meios de subsistencia, que melhor e mais tranquillamente aqui podiam obter.

De cidadãos independentes e livres em Portugal, vão expor-se aos vilipendios dos escravos!

Indesculpavel cegueira!

---

remos em negociações, dando-lhe eu todas as vantagens que possam convir-lhe e a todo o seu exercito.

Quando Echaide chegou á presença de Maroto, e lhe disse estas propostas de Espartero, respondeu-lhe Maroto:

—Não necessito as vantagens que possa dar-me D. Baldomero Espartero; até agora as tenho de minha mão. Para entabolar as negociações hade ser contando com D. Carlos e sua familia; não sendo assim, nada ha que fazer, pois não posso de outro modo satisfazer ao exercito e aos mais chefes seus companheiros.

Echaide ignorava o conteudo da communicação de que fôra portador para Maroto, e o ignorou sempre. Espartero lhe entregou para dar a Maroto, em uma carta fechada, a chave para se corresponderem; composta de 125 pequenos quadrados, estando nos primeiros 25, outras tantas letras do alphabeto, e nos 100 restantes, a numeração, principiando de 9 a 20, seguindo de 1 a 8, e depois continuando de 21 a 100. A resposta de Maroto foi tambem reservada, e escripta pela referida chave. Foi a seguinte a resposta de Maroto:

«Para submetter a opinião geral as minhas convicções e terminar a guerra, necessito um apoio, uma praça. Veja se quer garantir-me com ella e o mais fica por minha conta. Daremos a felicidade á nossa patria e não voltemos a derramar uma gota de sangue, assegurando-nos reciproca protecção em todo o caso.»

A isto replicou Espartero tambem em cifra:

«Tanto como v. desejo a felicidade da nossa patria e que terminem os horrores da guerra. O general Maroto não poderá deixar de conhecer, que é impossivel que o general Espartero lhe ceda uma praça. A garantia está nas baionetas, que unidas devem consolidar a paz, esta paz, anciada por todos os hespanhóes, que olharão como numes tutelares aos que lha concederem.

«O conselho de ministros, presidido pela rainha, me transmittiu as faculdades do governo. Eu darei a garantia de trasladar a real ordem, offerecendo debaixo de minha firma o reconhecimento dos actuaes empregos de todos os que se unam ao general Maroto, para formar uma massa commum com o exercito que eu mando, a fim de pacificar a nação, debaixo da bandeira de Isabel II constitucional.

«As luzes do seculo e o bem da nação assim o reclamam, e eu asseguro que terão protecção; serão respeitados e recebidos como amigos e membros de uma mesma familia todos os que cooperarem para tão grande obra. Se não bastasse esta solemne garantia, darei a praça, com tanto que se me entregue D. Carlos e a sua familia. Serão respeitados, e restabelecida a tranquillidade escolherão o seu domicilio. Medite v., e que esta desgraçada patria deva ao general Maroto a sua felicidade e que o appellide justamente seu pacificador.»

A exigencia de Maroto de que se lhe entregasse uma das praças das provincias, não podia ser admittida por Espartero: teria sido nesse caso, Bilbau, Victoria, S. Sebastião, ou Pamplona, e sua posse teria reanimado a moribunda causa de D. Carlos, e talvez deposto Maroto, se tivesse perdido a praça, sem nenhuma vantagem, nem compensação. E como não podia publicar-se o motivo de tal entrega, ter-se-hia attribuido á defecção, ou impericia do chefe liberal e debilidade das suas armas; e as consequencias seriam sempre em favor dos carlistas. Assim que, a segurança reciproca que exigia o duque da Victoria, era opportuna e habil, e se mostrou nestas negociações a altura da sua reputação.

Nem as escassas communicações que mediaram entre Espartero e Maroto, nem os recados que um a outro se enviavam, produziram effeito algum; como egualmente o não surtiram outras negociações entaboladas antes das de Echaide; mas não eram inuteis, e serviram de grande ajuda.

Em quanto navegava Maroto com rumo incerto naquelle mar tormentoso; em quanto que qual inesperto piloto vacilava na direcção do navio, e fluctuava o seu animo em um turbilhão de duvidas, um inesperado acontecimento chegou a complicar a sua bem triste situação.

E avisado de que Teijeiro e alguns dos expulsos tinham ido reunir-se com Cabrera e o conde de Hespanha e que dispõem sua ruina. Alarma-se Maroto, e D. Paulino Ramirez de la Piscina trata de o acalmar, contando-lhe o que unicamente sabia e escrevendo-lhe *que era solemnissima mentira*, que assegurava sob a sua honra que Arias Teijeiro não levava ordens de D. Carlos.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Mesa da Misericordia—Procedeu-se hontem á eleição da mesa da Santa Casa da Misericordia desta cidade, a qual ficou composta dos seguintes senhores:

Provedor

Visconde de Monte-São.

Escrivão

Commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Deputados

Francisco Pedro da Silva.
José Luiz Ferreira Vieira.
Adriano Pereira da Graça.
Luiz Adelino Lopes da Cruz.
Antonio Gomes Severo.
Antonio Maria Seabra de Albuquerque.
Manoel Soares Pacheco.
José de Figueiredo Pinto.
Leonel Joaquim de Almeida.
Francisco Rodrigues de Almeida.
Francisco Borja dos Santos.

Ainda a mesa da Misericordia—Satisfazendo ao pedido que nos faz o sr. visconde de Monte-São, publicâmos a seguinte carta:

«Sr. redactor do *Conimbricense*.—Pela segunda vez fui hontem eleito provedor da Santa Casa da Misericordia desta cidade.

Os vencidos na lucta, espalham por ahi, que a minha eleição representa guerra aberta ao governo actual.

Contra esta falsa asserção de homens despeitados, venho hoje protestar solemnemente.

Fui sempre soldado, ainda que humilde, do partido regenerador, e nunca me afastei dos principios politicos deste partido, nem dos homens que os representam no governo do estado.

E tenho ainda a firme convicção de que não ha ninguem em Coimbra, que lhe tenha sido mais leal, nem que lhe tenha feito melhores serviços.

Um homem que nunca mudou de bandeira, e que está recebendo continuos favores dos ministros actuaes, havia de consentir, que com o seu nome se fizesse guerra ao seu partido e aos seus amigos politicos? Ninguem o acreditará.

A mesa eleita é composta na sua maioria de regeneradores.

Pela publicação destas poucas linhas ficará muito agradecido a v. o seu amigo

Visconde de Monte-São.

Festividade.—Teve logar no dia 29 do passado, em Villa Secca, a festa de S. Pedro, orago da freguezia, e juntamente a primeira communhão dos meninos, tudo a expensas do digno parocho, o reverendo sr. José Adelino Coelho da Silva.

A cerimonia religiosa esteve brilhantissima. Foi celebrante o reverendo prior da freguezia, diacono o reverendo prior de Podentes, subdiacono o reverendo Antonio Henriques Secco, de Bruscos; aos ciriaes foram o reverendo sr. padre Francisco Xavier de Carvalho, e vigario de Bendafé, José Joaquim Ferreira de Jesus; serviu de mestre de ceremonias o digno coadjutor de Almalaguez, reverendo sr. Antonio Norberto da Silva Pinto.

Subiu ao pulpito o reverendo prior de Almalaguez, o sr. Antonio d'Almeida Pedroso, o qual n'um conceituoso e bem elaborado discurso desenvolveu o thema—*Tu es Petrus, et super hanc petram*— fazendo sobresahir o admiravel plano da egreja catholica, e a importancia do Primado de S. Pedro, estabelecido naquella por Jesus Christo. E como á festa principal accrescia a da primeiro communhão dos meninos, a estes dirigiu o digno orador uma mimosa e tocante exhortação sobre a grandeza do mysterio Eucharistico, e sobre as disposições necessarias para dignamente o receberem.

A missa foi acompanhada por excellente musica, vocal e instrumental, dirigida pelo distincto professor o sr. Francisco Lopes Lima de Macedo, indo todos só por obsequiar o reverendo parocho.

A' missa seguiu-se a procissão, que foi com toda a ordem e aceio, concorrendo para lhe dar maior brilho, mais de vinte anjos, ricamente vestidos, cousa quasi nova n'aquella terra, e que por isso fez uma impressão summamente agradavel.

Na procissão pegaram á umbella o exm.º sr. Francisco de Lemos Ramalho, e ás varas do pallio os exm.os srs. Pedro Augusto da Silva Ferrão, administrador do concelho de Condeixa, bacharel José Maria Pereira Coutinho, vice presidente da camara de Coimbra, bacharel José Alberto Corte Real, redactor do *Tribuno Popular*, Wenceslau Martins de Carvalho, da Atadoa, e Antonio de Carvalho e Luiz de Carvalho, do Sebal Grande.

Se a religião é elemento indispensavel da moral e da virtude, se é a principal educação do povo, não podemos deixar de prestar os maiores louvores ao digno parocho de Villa Secca, que tão bem comprehende a sua nobre e elevada missão, e por isso se empenha sempre por dar ao culto religioso o devido explendor.

Terminada a festa, offereceu o reverendo parocho aos seus hospedes um magnifico jantar de 44 talheres, donde sairam todos penhoradissimos pelas maneiras obsequiosas com que foram tractados.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterreram-se os seguintes cadaveres:

João Coelho, filho de José Francisco Severino Coelho e Josepha, natural de Lisboa, de 68 annos, fallecido no dia 20 de Junho.

Padre Ignacio de Carvalho Freitas, filho de Alexandre de Carvalho Freitas e Joaquina Maria de Freitas, natural de Villa Pouca, freguezia de S. Joaninho, de 65 annos, fallecido no dia 23.

Maria da Conceição filha de Joaquim Dias, e Maria da Conceição, natural de Santa Clara, de 58 annos, fallecida no dia 25.

D. Maria Adelaide Romana dos Santos Guimarães, filha de José dos Santos Maraes e Sá e D. Maria Julia Romana, natural de Coimbra, de 19 annos, fallecida no dia 27.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5532.

Mercado de Coimbra no dia 3.— Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 620 — Dito branco 580 — Dito Celorico meudo 700 — Dito graudo 580 —Milho branco 310 — Dito amarello 310 — Feijão vermelho 440 — Dito branco da marinha 420 — Dito da terra 360 — Dito rajado 310—Dito frade 320—Centeio 400—Cevada 220—Favas 340—Tremoços 260 — Grão de bico 420—Batatas 160—Azeite 1$250—Vinho da Beira 600 — Dito da Bairrada 700 a 750.

Transferencias—O sr. Alexandre Maria Duarte, professor vitalicio da cadeira de ensino primario da Figueira da Foz, foi transferido, pelo requerer, para a de Cova de Lavos.

O sr. José Maria Costa Duarte, professor temporario da cadeira da Costa de Lavos, foi mudado, pelo requerer, para a da villa da Figueira da Foz, até concluir o seu provimento.

O sr. Antonio Ferreira Pereira, professor vitalicio da cadeira de Barcouço, concelho da Mealhada, foi transferido, pelo requerer, para a do Alvorge, concelho de Anciâo.

Progresso industrial—O *Diario de Noticias* dá os seguintes interessantes esclarecimentos ácerca do progresso da importante fabrica do sr. Antonio Alves Bibiano:

«A povoação de Castanheiro de Pêra, junto á serra da Louzã, vae adquirindo notavel importancia industrial. O sr. Antonio Alves Bibiano, com o estabelecimento da sua grande fabrica, tem levantado essa terra á altura de uma povoação fabril, de que formavam o nucleo quatorze estabelecimentos de ordem inferior. Os volumes despachados ante-hontem na alfandega, constando de uma locomovel, teares mechanicos, machinas, etc., eram para a fabrica de lanificios do sr. Bibiano. Ha um anno tem elle importado machinismo em valores superiores a 30:000$000 rs. O estabelecimento está avaliado na importancia de 200:000$000 reis. São seus despachantes os commissarios srs. Avellar & Miranda.

O que é mais para notar é que o progresso do trabalho fabril se realise a despeito do abandono da viação. Para levar os volumes para Castanheiro de Pêra é necessario conduzil-os primeiro até á Louzã, onde ha estradas, e d'ahi por diante sujeitar a conducção a uma subida enorme, por caminho de cabras, com transtornos e despezas grandes.

O anno passado tiveram os srs. Avellar & Miranda que despachar um motor de vapor, o qual ainda está na Louzã, porque o sr. Bibiano mandou á sua custa abrir um caminho na serra para o fazer seguir em carreta, empregando-se depois na conducção 15 juntas de bois e 50 homens. Fazem-se estudos para a nova estrada.»

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 1, ás 7 horas e 30 minutos da tarde. — As auctoridades de Leon mandaram deter e conservar incommunicaveis dois subchantres e o arcediago por se acharem implicados na sublevação carlista. Em Peñamuro e posições de Estella tinham os carlistas 33 batalhões com 1:200 praças cada um. O exercito tomou-lhe duas das suas linhas.

O commandante carlista de Segorbe decretou que as aguas se repartissem por turnos em varias povoações a excepção de Sagunto que perde as colheitas por falta de regas.

Madrid, 1, ás 9 horas e 5 min. da tarde. —Cucala com 3:000 facciosos na sexta feira intentou atacar Castellon chegando ao moinho de Casaldaque e barranco canal.

Madrid, 1 de Julho, á noute. — Ultimas palavras de Concha foram: «Morro na vanguarda.» Um official de *hussards* que levava o cadaver em cima da sella, teve de o defender dos carlistas que pretendiam tirar-lh'o; mas por fim viu-se obrigado a largal-o. Os soldados, vendo isto, correram sobre elle e levaram-no. Os carlistas mutilaram os feridos cortando-lhes o nariz e as orelhas e levando as cabeças na ponta das bayonetas. Este procedimento feroz tem produzido grande excitação. Receiam-se represalias sanguinolentas; mas o governo está resolvido a impedir quaesquer actos de crueldade.

Trabalha-se activamente para fortificar em diversos pontos a linha da Navarra conforme o plano de Concha. Os carlistas perderam 3:000 homens nos combates de 25, 26 e 27 de Junho. Diz-se que será nomeado ministro de Hespanha em Bruxellas o duque de Tetuan.

O ministro da marinha parece disposto a vencer as difficuldades que possa haver para o cumprimento da ultima vontade de Concha de ser enterrado ao lado de seu pae que pertenceu aquelle corpo. Chegou a Santander o vapor correio. Chegou a Santander, e vapor correio da Havana. Diz-se que o chefe carlista Velazco foi demittido por se não prestar a obedecer a Dorregaray que o mandou oppor-se á passagem de Concha.

Madrid 1, á 1 hora e 55 minutos da tarde—Acaba de depositar-se em S. José, o cadaver do general Concha.

Madrid 2, a tarde—Ao enterro do Concha assistiu Serrano, os ministros e uma multidão consideravel, que acompanhavam o feretro.

Os 38:000 carlistas de Estella suppõe-se que serão batidos por 106 canhões do exercito de Zaballa.

Os carlistas cortaram as pontes do rio Agua, perto de Bilbau. Zaballa e as forças pernoutaram em Caparroso.

Os malfeitores fizeram parar o comboio de Valencia, e roubaram o dinheiro da companhia.

Moriones foi recebido no Norte com grande enthusiasmo.

Desmente-se que houvesse desordens carlistas na Granja.

Madrid, 2 de Junho á noute—Moriones substituiu Martinez no commando da divisão do norte. Ceballos substituiu Echague. Hatsfeld volta amanhã para a Allemanha. O duque de Tetuan foi nomeado embaixador na Belgica. Dorregaray não auctorisou o morticinio dos feridos em Abarzuza, o qual só é imputavel aos carlistas açulados por algumas mulheres que acompanham os bandos. Foi hoje multado o periodico *Orden*. Baldrich apresentou a sua demissão. Parece que D. Carlos e sua esposa estabeleceram residencia em Tolosa. O padre Rovellor substituiu Andechaga e internou-se na provincia de Santander. Surgiu nova scisão no campo carlista sublevando-se o batalhão biscainho que tem o titulo de Bilbau. Parece que Serrano irá para a Granja no proximo sabbado.

Madrid 2, ás 7 horas e 20 minutos da tarde—Martinez Campos tambem assistiu ao funeral. Amanhã haverá conselho presidido pelo chefe do estado. Cucala levantou o cerco de Castellon, regressando á noute para Segorbe. Os voluntarios de Almonaster e Zalamea bateram a facção, causando-lhe feridos e tomando prisioneiros com armas e cavallos; o resto parece internado em Portugal.

ANNUNCIOS

Sociedade Geral Agricola e Financeira de Portugal

1 ESTABELECEU A SUA AGENCIA EM COIMBRA, sendo os seus agentes o exm.º sr. Miguel Osorio Cabral de Castro, e Bernardo José da Silva, debaixo da firma social *Castro e Silva*. O escriptorio da agencia é na rua da Calçada, n.º 36 e 38.

Esta sociedade faz todas as operações de credito, a curto e longo prazo; da capitaes a juro com hypotheca, penhor ou fiança, desconta letras, faz transferencias de fundos para todas as terras do reino, ou para o estrangeiro, recebe depositos, abonando por elles o juro que se estipular, faz operações de credito agricola, emprestando dinheiro sobre fructos pendentes, ou já colhidos, sobre gados, sobre rendas a vencer, e finalmente sobre os differentes ramos d'exploração agricola ou industrial.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

2 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

3 NO DIA 14 do corrente mez, ás 9 horas da manhã, na casa da tribunal desta comarca, perante o exm.º sr. juiz de direito da mesma comarca, se hão de dar de arrendamento uma quinta no logar de S. Facundo, que se compõe de casas de habitação junta a esta, e mais pertenças; um olival, no sitio da Mascarenha; 2:039 metros quadrados de terreno, no sitio do Pomar d'Alva; 2:039 metros quadradros, no mesmo sitio do Pomar d'Alva; 25:490 metros quadrados de terreno no mesmo sitio; e um olival no sitio da Gandara. Estas propriedades vão á praça de arrendamento, por um, ou mais annos, e serão arrendadas a quem mais der, por execução que a exm.ª D. Anna Felicia de Sande Almeida Bourbon move a D. Maria Felicissima, filha de Francisco Xavier Cortesão. Escrivão Santos.

Deposito de Machinas de Singer para uso de familias e industriaes.

34—Rua do Visconde da Luz—36

COIMBRA

4 JOSE' TEIXEIRA DA CUNHA contractou com o representante da Companhia Fabril de Singer, de Londres, estabelecer nesta cidade um deposito das magnificas machinas de costura para familia, alfaiate e corrieiro, ás quaes se fazem preços eguaes aos de Lisboa, da unica casa succursal em Portugal.

Tambem ha excellentes linhas de linho, algodão, retroz, troçaes, agulhas, molas, ferro, tudo pertencente ás machinas.

5 BERNARDO JOSE' DA SILVA CARDOSO, na rua do Visconde da Luz, diz quem dá a juro sobre hypothecas 2:500$000 rs.

DILIGENCIA

6 ANGELO CAVALLEIRO, de accordo com o sr. Ayres Augusto Quaresma d'Almeida, do Espinhal, continua com a carreira de diligencias entre aquella localidade e esta cidade, sahindo do Espinhal ás segundas, quartas e sextas ás 3 horas e meia da manhã, e de Coimbra ás terças, quintas e sabbados ás 3 horas da tarde. Os preços são os antigos.

Hospitaes da Universidade

7 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade, se annuncia, que no dia 5 do proximo Julho, pelas 10 horas da manhã, se hade dar d'arrematação, na secretaria dos mesmos hospitaes, o fornecimento dos seguintes artigos:

1.º—Louças ordinarias, segundo os modellos que se acham patentes d'hoje em diante, comprehendendo as seguintes peças:—pratos e tigelas de mesa; tigelões, jarros, bacias e baldes de lavatorio; bules para caldo; canecas com tampa; cinzeiros; boiões, com tampa, de tamanhos differentes, para unguentos, cataplasmas, etc.; bacios de cama; ourinoes de botelha; comadres redondas e de cunha; e escarradores.

2.º—Gallinhas, frangos, carneiro e presunto; farinha de trigo; alcool a 30.º Cartier; aguardente a 20.º; cebo preparado, lenha.

3.º—Chavetões de ferro para madeiramento; fixas para portas e janellas.

No mesmo acto se venderá em praça a palha de milho da novidade pendente do cerco de S. Jeronymo.

Administração dos Hospitaes da Universidade de Coimbra, 29 de Junho de 1874.

O administrador,
Costa Simões.

PREVENÇÃO

8 JOAQUINA DE JESUS, residente nesta cidade, previne para que ninguem contracte com seu marido João Vicente Simões, a compra de uns fóros em Torres Vedras, porque a annunciante não auctorisa tal venda.

DOCTOR IN ABSENTIA

9 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Attenção

10 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

11 HA NESTA CIDADE um estabelecimento de mercearia, ferragens, e quinquilherias, em que por seu dono não poder estar á testa d'elle, precisa de um caixeiro ou pessoa idonea, e completamente habilitada, a quem se entregará o mesmo por balanço ou sociedade. Nesta redacção se diz.

FIGUEIRA DA FOZ

12 VENDE-SE na rua de S. Julião, n.º 12, uma casa em construcção, com seu quintal, bem como alguns materiaes que estavam para a mesma.

Quem quizer comprar dirija-se em Coimbra á Couraça de Lisboa, n.º 49, e na Figueira ao illm.º sr. Bernardino Teixeira d'Araujo da Silva Ferraz.

Aos banhistas das Caldas da Rainha

João Antonio d'Oliveira (vulgo o João Rei) & M. J. de Brito.

13 ANNUNCIAM que, para commodidade do publico, resolveram estabelecer uma carreira diaria de diligencia, a começar do dia 15 de Julho corrente em diante, de Leiria até ás Caldas da Rainha, de commum accordo com Antonio João Pereira, d'aquella villa, que fará a carreira por sua conta d'alli até Alcobaça.

Esta carreira ficará sendo considerada como continuação das já estabelecidas entre Leiria e Pombal, e Leiria e Chão de Maçãs.

A partida de Pombal será logo em seguida á chegada do comboio ascendente, devendo estar em Leiria ás 6 horas da tarde.—Para Alcobaça partirá a diligencia ás 7 horas da manhã, logo que chegue a carroagem do correio de Chão de Maçãs, devendo estar em Alcobaça e Caldas da Rainha ás horas marcadas para o serviço do correio;—e assim egualmente das Caldas da Rainha para Leiria, donde partirá a diligencia para Pombal ás 8 1|2 horas da manhã, e para Chão de Maçãs ás 6 1|2 da tarde.

PREÇOS

De Pombal a Leiria— dentro 800 rs.—a Alcobaça 1$800— ás Caldas da Rainha 2$800.—Fóra 600, 1$400, e 2$200 rs.

De Leiria a Chão de Maçãs— 1$000 rs. dentro, e 800 rs. fóra.

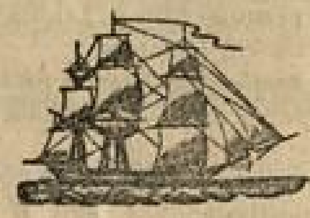
NOTAS DO CAMINHO DE FERRO

CENTO 100 !!!

14 VENDEM-SE na Livraria Popular. Rua do Visconde da Luz, n.º 104-106—Coimbra.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para **Santos:**
Barca—CLAUDINA

Para o **Rio de Janeiro:**
Barca **Joven Adelaide** em 26 de Julho.

Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

16 MARIA LUIZA DA CONCEIÇÃO PEIXOTO QUARESMA RIBEIRO, viuva de José Ribeiro da Costa, da villa de Condeixa, vende, se o preço lhe convier, a terra que possue na Varzea de Condeixa, com rega certa da fonte do Grogolhão. — Anda arrendada a José Maria Quaresma. Recebe lanços.

17 VENDE-SE uma machina de coser, propria para sapateiro, corrieiro e chapelleiro. Nesta redacção se diz quem a vende.

DINHEIRO

18 FRANCISCO FERREIRA DUARTE, ao fundo da rua do Visconde da Luz, diz quem dá 200$000 rs. a juro.

19 NO DIA 7 do corrente mez, por 9 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta cidade, perante o exm.º dr. juiz de direito desta comarca, se hade arrematar em praça publica, uma morada de casas de tres andares e lojas, sitas ao Marco da Feira, desta cidade, que tem os numeros 18 a 26, penhoradas na execução que José Jacinto da Silva, desta cidade, move á viscondessa de Santo Varão, D. Emilia Candida Alvês Ribeiro de Noronha. E' escrivão officio de Servulo.

Editos de 30 dias

20 PELO JUIZO DE DIREITO da comarca de Coimbra e cartorio do escrivão Adelino, abaixo assignado, correm editos de 30 dias, a contar do dia 1.º do corrente mez, chamando os herdeiros, os credores, e os legatarios desconhecidos, ou domiciliados fóra da comarca do fallecido Antonio Simões, morador que foi no logar da Ribeira, freguezia de Almalaguez, para assistirem, querendo, a todos os termos do processo do inventario do mesmo, em conformidade do artigo 2048 do Codigo Civil.

Coimbra 1 de Julho de 1874.

O escrivão,
Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

PAUTAS

de 25 e 30 linhas, para o novo papel sellado

21 VENDEM-SE na Livraria Popular. Rua do Visconde da Luz, n.º 104-106—Coimbra.

CELLEIROS

22 ARRENDAM-SE tres bons celleiros no pateo da Inquisição. Quem os pretender póde dirigir-se a Antonio d'Almeida e Silva, rua da Sophia, 65.

M. Odorico Mendes

23 ILIADA DE HOMERO em verso portuguez=1 vol.=preço 1$200 rs.

A' venda na livraria de A. M. Pereira, rua Augusta, 50 e 52 em Lisboa. Pelo correio 1$260.

24 SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Saude,*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES.

27 annos d'invariavel successo

Nenhuma enfermidade resiste á deliciosa *Revalescière*, que cura as indigestões (despepsia) gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestão, mal aos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, dos doutores Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Mr. Livingstone, celebre explorador da Africa central, no seu relatorio que fez á Sociedade Real Geographica de Londres sobre a sua viagem diz:

«Os habitantes da provincia de Angola «parecem gozar uma grande felicidade, elles «não precisam nem medicos nem purgantes, «o seu principal alimento sendo a *Revales-«cière*, que Du Barry trouxe em Europa, vêem-se «isentos das molestias, e a phtysica pulmonar, «escrophulas, empingens, cancer, febres, dif-«ficuldade de evacuar, diarrhea, etc., etc., são «molestias completamente desconhecidas, como «tambem desconhecem as bexigas, o saram-«po, etc.»

Certificado do Dr. Manoel Saens de Tejada, doutor da faculdade Medica e Cirurgica, lente da Universidade livre de Cordova, medico em proprio e do caminho de ferro de Merida a Sevilha, etc.

Certifico: Que com o uso da *Revalescière*, obtive na minha clinica varias curas em molestias gravissimas em alguns clientes residentes nesta cidade, lembrando-me o de D. Filippe Zappina, empregado publico, hoje administrador da alfandega de Manila nas ilhas Filippinas, a de D. Amelia Gomes, casada com um chefe do exercito, a qual continua a melhorar com o seu uso; de D. Ramon Alonzo, rapaz de vinte annos, que soffria havia alguns mezes de uma molestia de peito de muita gravidade. E para fazer constar em toda a parte, a assigno em Cordova, em 13 de Outubro de 1873.

DOUTOR MANOEL SAENS DE TEJADA.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil. 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 18, **Lisboa,** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia, 77. J. R. de Sequeia, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahia, rua de Cedofeita, 31. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2812 — TERÇA FEIRA 7 DE JULHO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

No proximo domingo, 12 do corrente mez, vae o paiz exercer o acto mais importante e sublime da vida politica.

Entre as regalias que a constituição do estado nos concede, e as liberdades publicas nos garantem, é esta a que pela influencia directa, que exerce no regimen da nação e nos interesses sociaes, deve merecer a mais exacta e escrupulosa attenção dos cidadãos, para quem não é indifferente o progresso das ideias e o bem estar dos povos nas relações da vida politica.

Livres os eleitores da pressão que n'outras occasiões lhes tem coarctado a acção, cerceando a liberdade de exercer esta nobre prerogativa; e conhecedores do plano de administração do actual governo, que em vez de programmas pomposos, apresenta os factos de uma gerencia notavelmente feliz; é de esperar que, para desempenhar este acto da sua soberania, se compenetrem da gravidade delle, a fim de que o paiz possa colher os fructos da paz e da liberdade, entrando mais desafogadamente no caminho das reformas radicaes, que a politica ambiciosa lhes tem por tanto tempo vedado.

Compenetrados dos altos deveres, que todos temos a desempenhar, cumpre-nos coadjuvar um governo, que no meio das calamitosas agitações de uma epocha cheia de perigos e difficuldades, nos tem dado todas as garantias de paz e prosperidade.

O paiz tem plena confiança no governo, e por isso a opposição abstem-se de entrar na luta eleitoral; apenas em uma, ou outra localidade as affeições pessoaes disputarão a victoria da urna. Em quasi todos os circulos, os eleitores estão dispostos a fazer triumphar os mais dedicados amigos do governo, para manter esta situação, que tantas provas tem dado dos seus elevados dotes politicos.

Neste districto não consta, até á hora em que escrevemos, que se tenha organisado grupo algum, para combater os nomes indigitados pelos amigos do governo.

Os candidatos são:

Coimbra—Conselheiro Joaquim Gonçalves Mamede.

Cantanhede—Ministro das justiças, conselheiro Augusto Cesar Barjona de Freitas.

Arganil—Francisco Wanzeller.

Figueira—D. Luiz de Lencastre.

Soure—José de Sande Magalhães Mexia.

Penacova—Augusto Correa Godinho.

Todos estes cavalheiros, pela sua elevada intelligencia, e pela probidade tantas vezes provada durante a sua carreira publica, e longa pratica dos negocios do estado, são muito dignos da consideração que os povos lhes querem prestar, elegendo-os para seus representantes.

Um nosso prezado amigo do concelho de Penacova, nos communica o seguinte:

Amigo e sr. Martins de Carvalho.— Certo do inexcedivel zelo que v. tem pelas cousas publicas, franqueando sempre, e do melhor grado, as columnas do seu muito lido e acreditadissimo jornal, para tudo quanto diga respeito a objecto de interesse geral, tomo a liberdade de communicar-lhe o seguinte:

No domingo 5 do corrente teve logar em Farinha Podre uma imponente reunião da maior parte dos habitantes das tres freguezias de Farinha Podre, Travanca, e Oliveira do Cunhedo, a fim de deliberarem sobre objecto de maximo interesse para aquelles povos.

Correra entre elles a noticia de que as auctoridades de Taboa, nas suas informações ácerca da circumscripção judicial, haviam pedido a annexação daquellas tres freguezias á sua comarca, e para logo trataram de manifestar, por todos os meios ao seu alcance, o quanto lhes era desagradavel tal annexação, pois que são ainda para elles de tristissima recordação os sacrificios e penosissimos trabalhos que soffreram durante dois annos incompletos em que ahi pertenceram!

Effectivamente, no dia acima indicado, realisaram no adro da egreja de Farinha Podre, um *meeting*, onde concorreram na sua quasi totalidade, e sem distincção de cores politicas, os habitantes das tres freguezias; e ahi unanimemente protestaram contra a sua annexação á comarca de Taboa.

Tudo correu na melhor harmonia, assistindo a esta reunião o dignissimo administrador deste concelho, como sentinella vigilante do socego e ordem publica.

Tomaram a palavra varios cidadãos, e depois de alguma discussão foram approvados por geral e unanime acclamação as seguintes propostas:

1.ª que se represente ao governo de Sua Magestade, pedindo a creação d'um julgado em Farinha Podre, composto desta freguezia, e da de Travanca e Oliveira do Cunhedo, onde podem ser annexadas pela sua proximidade as de Paradella e S. Paio.

2.ª Que se proteste respeitosa mas energicamente contra a annexação judicial das freguezias de Farinha Podre, Travanca e Oliveira do Cunhedo á comarca de Taboa, e que se manifeste em nome dos nossos mais caros e valiosos interesses, a conveniencia que têem as ditas freguezias de pertencerem a Penacova, quando ahi se crie uma comarca, como é de reconhecida justiça; mas quando não seja creada, o que não é de esperar, para toda a parte, e nunca para Taboa.

3.ª Que se nomeie uma commissão, que se encarregue de fazer a representação, e de a apresentar ao exm.º chefe do districto, a fim de ser presente ao governo de Sua Magestade.

Presidiu a esta reunião o sr. Joaquim Antonio da Silva Tenreiro, bacharel em Medicina e cavalheiro muito sympathico para todos os habitantes daquellas tres freguezias. A commissão ficou composta dos seguintes membros:

Bacharel Joaquim Antonio da Silva Tenreiro
José Antonio d'Almeida
Joaquim Dias Correia
Bacharel Alberto de Sousa Leitão
Bacharel David da Silva e Cunha
Reverendo Francisco Cordeiro da Fonseca
José Firmino Neves da Cunha.

Todos os membros da commissão são naturaes das tres freguezias, Farinha Podre, Travanca e Oliveira do Cunhedo.

Se v. entender que esta noticia merece a honra de occupar um cantinho do seu sympathico jornal, muito me obsequeia se a publicar no primeiro numero.

Permaneço, como sempre de v., assignante, amigo e constante admirador—Penacova 5 de Julho de 1874. —* * *.

NOTICIARIO

A Santa Casa da Misericordia de Coimbra.—No principio deste seculo houve um provedor na Misericordia desta ci-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXIV

D. CARLOS

CXXIV

Continua, porém, sobre Maroto a tempestade, quando chegam ao seu poder umas celebres cartas de Cabrera e Teijeiro, interceptadas e publicadas pelos liberaes.

A sua leitura transtornou a Maroto. Via confirmadas as suas suspeitas e já não duvidava da verdade que continham os multiplicados avisos que havia recebido, denunciando-lhe a união de Cabrera com Teijeiro.

O conteudo das cartas era grave, porém mais grave a sua publicação, pela força moral e material que dava Cabrera aos inimigos de Maroto, e pelo desprestigio da causa carlista. Despeitado Maroto, dirigiu outra exposição a D. Carlos, dizendo que nenhum outro militar mais desgraçado do que elle, quando seus decididos affectos pela causa de D. Carlos e de sua pessoa, eram interpretados por homens publicamente conhecidos pela *perversidade de suas intenções, de uma maneira tão criminosa e calumniosa*, que o punham no forçoso caso de se dirigir a sua magestade, cercado de afflicções, e com a pena de que era capaz o coração de um vassallo fiel aos principios de honra, rogando a D. Carlos se dignasse prevenil-o da marcha que devia seguir, em vista das communicações de Arias Teijeiro, de Cabrera e de Marco del Pont, que os inimigos haviam publicado, as quaes desde logo lhe marcavam a difficuldade de continuar no serviço de sua magestade, se um recto e soberano juizo não tomava medida tão publica como energica, que conciliasse e dissipasse os extremos de temor e desconfiança que se sentiam no animo de fieis vassallos, e que tão funestos podiam ser á causa. Accrescentava Maroto, que quando o homem via tão de perto ameaçada a sua honra e a sua vida, nada extranho seria que procurasse defender-se por quantos meios estavam ao seu alcance; que compromettida e atacada a dignidade de sua magestade na opinião publica, a si mesmo devia tal resolução:—«porque uma de duas, ou vossa magestade está de accordo com Teijeiro, como cabeça principal dos expulsos, e neste caso as pessoas de opinião contraria a este devem ser sacrificadas, ou vossa magestade deve, por um soberano decreto, manifestar o desagrado de tão extranho comportamento, posto que as cartas são escriptas positivamente, e a Europa inteira discorre sobre o seu conteudo.—Deus guarde, etc.—Llodio, 19 de Julho de 1839».

D. Carlos apressou-se a tranquillisal-o com a seguinte carta:

«Oñate, 21 de Julho de 1839—Maroto: tomei a resolução que convem á minha dignidade, com os que, abusando da confiança com que os distingui um dia, se atreveram a interpretar as minhas intenções. Consagrado ao bem de meus povos e do meu exercito, nada peza em meu coração como sua tranquillidade e bem estar; e conhecida por estas disposições a minha vontade, deve dissipar-se todo o motivo de inquietação em qualquer a quem haja podido inspiral-a a publicação das cartas de que me fallas. O que importa, Maroto, é dirigir a opinião á união, ao amor á minha dignidade e ao triumpho da causa que sustentamos com tanta gloria como justiça, sem deixar extraviar os animos pelos rumores e cavilações que semeia a violencia.

«Se as difficuldades que se te oppõem para continuar no meu serviço, como dizes, são estas, estão dissipadas; porem na realidade, vencida esta difficuldade, terás saido de todos os embaraços reaes, ou imaginarios da tua situação? Isto é o que eu quero que examines com paz e tranquillidade, pela tua propria tranquillidade e bem estar, que te desejo, e pelo interesse mesmo da causa e do meu serviço. Sei que farás o que poderes por objectos tão dignos, e tu podes contar com o meu affecto.—*Carlos.*»

Montenegro, que, de ordem de D. Carlos, expedida em Oñate em 18 de Julho, dava a Maroto uma completa satisfação, lhe deu copia no dia 20 de outra ordem, que enviava a Cabrera, na qual D. Carlos, depois de se mostrar surprehendido pela publicação das mencionadas cartas, attentatorias da soberana vontade, com a qual livre e expontaneamente governava; e para destruir os effeitos que poderiam causar, declarava o maior partidario da revelução a Arias Teijeiro, que sacrilega-

dade, que administrou aquelle estabelecimento, pelo longo periodo de 13 annos, sem interrupção. Foi o Dr. José Joaquim da Silva, lente de Leis e capitão mór de Botão.

E ainda que as eleições eram então triennaes, veiu a ser provedor por mais de quatro triennios.

A mesa foi eleita em 3 de Julho de 1802. Em Fevereiro de 1805, dirigiu o irmão da Misericordia, Miguel Osorio Cabral Borges da Gama e Castro, e mais 67 irmãos, uma representação ao principe regente, expondo-lhe a conveniencia de continuarem os mesmos provedor e deputados da mesa, a gerir os negocios da Santa Casa.

Expunham que o referido provedor, o Dr. José Joaquim da Silva, havia procedido nos seus actos com todo o zelo; que obtivera e concluira a fundação do collegio dos meninos orphãos; que conseguira o vencimento da questão ácerca das casas para a botica, que se tratava havia 12 annos, pondo-a assim a trabalhar nos fins do anno de 1803, com muito proveito do publico; que ampliara o edificio do collegio das orphãs; que fôra o auctor de se lavrar em mesa um termo para se abrir uma aula publica, no dito collegio das orphãs, na qual podessem as meninas da cidade de Coimbra aprender a ler e escrever, doutrina christã e as demais prendas proprias do seu sexo.

Mais diziam que o mencionado provedor, havia feito muitos requerimentos, papeis e allegações de direito a favor da Santa Casa, tudo gratuitamente e a beneficio do publico; e estava trabalhando na expedição de outros muitos negocios importantes, no que tinha sido auxiliado pelos irmãos deputados da mesa.

E como o seu governo findava a 2 de Julho immediato, e entrando então novo provedor e deputados, ficavam perdidos os mesmos negocios e interesses da Santa Casa, e do bem publico, não só por ignorarem os meios de tratal-os, mas porque podiam entrar para a mesa alguns irmãos, que fossem oppostos ás fundações do collegio e botica, arruinando-os no berço, e impugando tambem o estabelecimento da aula publica de meninas, e outros projectos de muita utilidade para Coimbra; por isso recorriam ao principe regente, para que houvesse por bem conceder provisão para que o dito provedor, deputados e procurador da mesa, continuassem a servir os seus empregos, salvo o impedimento de alguns delles.

O desembargo do paço, mandou em 15 de Junho de 1805, que o provedor da comarca de Coimbra, ouvindo previamente a mesa da Misericordia, desse o seu parecer acerca da referida representação.

Depois do informe do provedor da comarca, foi reconduzida a mesa da Misericordia, por aviso regio de 29 de Outubro de 1805.

Decorridos outros 3 annos, reuniu-se em 17 de Novembro de 1808 a junta geral da irmandade; e ahi, depois de ler o provedor, Dr. José Joaquim da Silva, um extenso relatorio dos seus serviços durante os ultimos 3 annos, foi por acclamação de novo reconduzido no logar de provedor, decidindo-se que se elegessem os membros da mesa que faltassem.

Ainda passados mais outros 3 annos, foi mandado reconduzir o provedor Dr. José Joaquim da Silva, por aviso regio em Novembro de 1811.

Chegando o anno de 1814, apezar do grave erro em administração, de protrahir a gerencia dos directores electivos dos estabelecimentos, ainda mesmo que da parte delles haja as melhores intenções, pretendeu-se conseguir que continuasse a mesma mesa da Misericordia, que assim viria a estar de posse dos seus cargos, e em especial o provedor, nada menos de 16 annos!

Para isso requereu ao principe regente, o beneficiado Manoel José Ferreira, membro da mesa da Misericordia, e encarregado de promover a arrecadação da fazenda da Santa Casa, para que fosse reconduzida mais outra vez a mesma mesa.

Relatava os muitos serviços prestados pelo provedor, Dr. José Joaquim da Silva, e o transtorno que causaria á Santa Casa, o entregar-se a sua administração a novo provedor; devendo pelos mesmos motivos conservar-se o escrivão da mesa, o Dr. Luiz da Costa e Almeida (a)—«um dos distinctos oppositores da Faculdade de Leis da Universidade, e collegial do real collegio de S. Paulo; sendo egualmente certo que em toda a irmandade não ha outro lente, oppositor, ou outra alguma pessoa de instrucção em litteratura e zelo, capaz de promover os ditos negocios com a precisa actividade.»

Allegava mais, que era tão grande a falta de irmãos de maior condição, que a fazer-se a eleição, não deixaria de recair em algum dos da mesa existente.

Terminava pedindo a reconducção do mesmo provedor e mesa, ou que se mandasse preencher a irmandade de irmãos nobres, antes de se proceder a nova eleição.

O desembargo do paço mandou por seu despacho de 15 de Junho de 1814, que o provedor da comarca de Coimbra, que então era o desembargador Manoel Fernandes Thomaz, ouvindo as partes interessadas, desse o seu parecer ácerca deste requerimento.

No dia 30 do mesmo mez de Junho, reunida a junta geral da irmandade, mostraram-se enfadados a maior parte dos irmãos, com tantos pedidos de reconducção da mesa, e por isso votou a maioria contra o requerimento.

(a) O Dr. Luiz da Costa e Almeida, oppositor na Faculdade de Leis, e escrivão da Misericordia, era pae do sr. Dr. Luiz da Costa e Almeida, lente de Mathematica, que acaba agora de terminar a sua illustrada administração da Santa Casa, como seu zeloso provedor.

Logo no dia immediato, 1 de Julho, tornou a reunir-se a junta geral, para tratar de outros pontos, que tinham relação com este objecto; e ahi se extranhou, que fizesse semelhante requerimento, o beneficiado Manoel José Ferreira, que alem de ser membro da mesa, era empregado da Santa Casa, recebendo della salario, na qualidade de seu capellão, o que era incompativel com o cargo de mesario, na conformidade do compromisso; sendo alem disso o requerimento injurioso para a irmandade, e doloso, supondo que ninguem mais havia que fosse idoneo para provedor e mesarios.

A estas irregularidades veiu pôr termo a seguinte provisão do desembargo do paço de 15 de Março de 1815:

D. João por graça de Deus, principe regente de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, e de Guiné, etc. Faço saber a vós provedor da comarca de Coimbra, que representando-me o beneficiado Manoel José Ferreira, irmão deputado conselheiro da mesa da real Casa da Santa Misericordia dessa cidade, a necessidade que tinha de conservar por mais 3 annos a mesa actual do governo, com o fundamento dos graves e importantes negocios por ella começados, e que só ella podia levar ao cabo, não sendo facil achar nos irmãos de maior, aquelles em que deveria recahir a eleição de provedor e officiaes subalternos, por estar incompleto o numero, e pela pouca idoneidade dos existentes, e pretendia, que no caso de eu julgar não obstante isso, necessaria nova eleição, nunca ella se fizesse, se não depois de preenchidas as classes de maior e de menor, sobre cujo objecto fui servido mandar-vos informar, e ouvir o desembargador procurador da corôa, e attendendo ao referido:

Hei por bem determinar que não continue o actual governo da mesa da Misericordia, de que se trata; como pretende o supplicante; preenchendo-se cada uma das classes de irmãos de maior e de menor; que sejam nomeados para ella homens da primeira nobreza, e de qualquer estado; que na sua falta entrem os da segunda; que se convidem os do corpo da Universidade, e do cabido, começando pelos que já tem servido, e são irmãos, ainda que retirados; e que não se aceite escusa ou desculpa a algum, e depois disso se faça eleição regularmente, não entrando um só dos mesarios actuaes, como manda o compromisso; com a declaração porem, que a eleição será por tempo de tres annos, na conformidade do aviso de 5 de Agosto de 1793, dando-me de tudo conta pela mesa do meu desembargo do paço desta diligencia. Cumpri-o assim.

O principe nosso senhor o mandou pelos ministros abaixo assignados, do seu conselho, e seus desembargadores do paço. Joaquim Pedro de Miranda a fez em Lisboa a 15 de Março de 1815 annos. José Antonio de Oliveira Leite de Barros—Luiz Freire da Fonseca Coutinho.—Por despacho do desembargo do paço de 22 de Fevereiro de 1815.

Dissemos acima, que as eleições da mesa da Misericordia eram triennaes. Assim se procedia, apesar do compromisso, em cumprimento do aviso regio de 5 de Agosto de 1793.

De 1821 em deante passaram a ser novamente annuaes. O motivo para isso foi o seguinte.

Em 11 de Dezembro de 1819 fora eleito provedor, o Dr. Manoel Bernardo Pio, lente de Medicina. A sua administração tornou-se intoleravel, não só pelo seu genio despotico, como pelas malversações de que era geralmente accusado.

A essas desordens veiu pôr termo a seguinte famosa provisão do desembargo do paço de 6 de Agosto de 1821:

«D. João por graça de Deus, e pela constituição da monarchia, rei do reino unido de Portugal, Brazil, e Algarves, de aquem e alem mar em Africa, etc. Faço saber a vós corregedor de Coimbra, que o Dr. José Joaquim d'Almeida, os bachareis Francisco Monteiro Negrão e Joaquim Ignacio Roxanes Manique, e o negociante Joaquim Bernardes Saraiva, e Francisco Leal, deputados da actual mesa da Misericordia dessa cidade, me representaram: que não podendo por mais tempo tolerar o arbitrio infrene do provedor da dita mesa, Manoel Bernardo Pio, e querendo de futuro salvar seu credito, e responsabilidade, em que involuntariamente os podia comprometter, talvez já compromettido, a arbitrariedade d'aquelle provedor, se achavam por decencia e necessidade obrigados a demandar perante mim a escusa honrosa de seus empregos, julgando do seu dever fazel-o manifesto, e algumas razões, que os conduziam a esse fim.

Primeiramente consistia em que devendo as sessões da mesa celebrar-se conforme o compromisso aos domingos de tarde, e quartas feiras de manhã, e recebendo-se na mesa que se fez em o dia 27 de Junho proximo uma provisão expedida pela mesa do desembargo do paço, em 16 do mesmo mez, para observancia do compromisso, o dito provedor não obstante isto, e sem embargo da instancia que o terceiro supplicante fizera para o cumprimento delle nesta parte, muito longe de pôr em execução esta determinação, antes pelo contrario, alem de muitas vezes haver semanas em que as não convocava, como agora havia succedido desde 4 de Julho proximo passado, que não tinha convocado mesa, e a fazia em dias que lhe parecia, resultando d'este despotico procedimento os clamores da pobreza sem abrigo, a paralisação do expediente, propondo em mesa o que lhe parecia, apesar de que, ainda que alguns dos deputados se lembrassem de fazer algumas moções, ou expor a bem da administração da casa, de que todos eram procuradores, e administradores, *elle os mandava calar*:

Que o numeroso mappa dos devedores da casa, *em que o dito provedor era comprehendido*, elle *despoticamente* o havia recatado em seu poder, de maneira que nenhum deputado sabia o que se devia, nem o estado da receita e despeza, passando ordem para que os officiaes da contadoria, e expostos, não manifestassem geralmente papeis, nem livros, *nem nelles deixassem fazer averiguações algumas sem ordem delle*:

Pedindo-me finalmente os supplicantes uma prompta providencia sobre tão perniciosos males, por aquelle provedor, tão falto de dignidade, e caracter, deixando arrastar-se pelos transportes do seu genio naturalmente inquieto:

E visto o mais que allegaram; assim como o que me expozeram em differentes requerimentos José Antonio Rodrigues, tambem deputado, e Francisco Theophilo d'Andrade Pereira, na qualidade de lhe pertencer contar os feitos do contencioso relativo á dita Santa Casa da Misericordia, de que fora privado por um officio da mesa, motivado pelo dito provedor, com precedencia, e informações do provedor dessa comarca (com audiencia do supplicado), e do juiz de fora servindo o vosso cargo, a cujo respeito mandei tambem ouvir o procurador da corôa: Tendo a tudo consideração, e para cessarem semelhantes questões:

Hei por bem ordenar-vos, que suspensa a graça concedida pelo aviso de 5 de Agosto de 1793, que fez triennaes as mesas da Misericordia, façaes observar o seu compromisso, fazendo-se annualmente as eleições de provedor, e officiaes da mesa:

E outrosim vos mando, que convocada a mesa actual, e o provedor della Manoel Bernardo Pio, *seja este severamente reprehendido pela sua pouca sizudesa, e genio orgulhoso*; e que procedaes logo á nova eleição de mesarios, por ser chegado o tempo da nova eleição, a que deveis presidir. Cumpri-o assim, registando-se esta nos livros respectivos da Misericordia.

El-rei o mandou pelos ministros abaixo assignados do seu conselho, e seus desembargadores do paço—Joaquim Pedro de Miranda a fez em Lisboa a 6 d'Agosto de 1821.—Desta 800 rs.—e de assignaturas 1$200 *rs.*—Bernardo José de Foios Cabral a fez escrever—Manoel Antonio da Fonseca e Gouveia—Francisco José de Faria Guião—Por despacho do desembargo do paço de 3 de Agosto de 1821.

---

mente havia invocado o nome de Deus e do rei, e o demittia da sua dignidade de conselheiro de Castella, e demais honras que lhe havia dispensado, das quaes fizera tão criminoso abuso. Mandava-o expulsar, e a Alvarez Arias, e que todos os expulsos, com o *revolucionario Arias Teijeiro*, se internassem mais em França, e em breve termo.

E como se isto não bastasse, dirigiu-se Montenegro tambem as juntas de Catalunha e Aragão, Valencia e Murcia, manifestando-lhes que, ao desacato que commettera Teijeiro, desobedecendo com a infracção do seu desterro á vontade soberana, acabava de accrescentar outro maior, suppondo ordens de D. Carlos e abusando do seu nome; que se surpreza causara a sua magestade o primeiro desacato, o segundo lhe causara maior desagrado, pois que á desobediencia acrescentara a deslealdade, tomando falsamente o nome de D. Carlos para semear a discordia entre os seus heroicos defensores, e infundir em seus fieis vassallos desconfiança no seu governo; *comportamento tão criminoso*, que fazia mais damno á causa que todos os ataques dos revolucionarios, não podia ficar sem o condigno castigo, apesar da clemencia de D. Carlos, que se manifestou bastante na ordem communicada em 27 de Junho: repetia a exoneração de Teijeiro e sua expulsão do reino; que se désse conta de assim haver sido executado, e da mesma forma com D. José Maria Alvarez Arias e D. Diogo Garcia.

Maroto não podia já ter a menor duvida de que D. Carlos, não só era extranho aos actos de Teijeiro, senão que os condemnava da maneira que se acaba de ver. Ficava ainda Marco del Pont, ministro da fazenda, e lhe escreveu este uma carta, que era sempre uma segura garantia do seu proceder. Por ultimo Cabrera respondeu que cumpriria a ordem, apesar de que demonstrava que o faria de má vontade, ou antes queria illudir o cumprimento da ordem.

Os planos de transacção eram cada vez menos reservados, pois já o chefe carlista havia manifestado a varios de seus amigos a conveniencia de entabolar negociações com o governo liberal, para concluir a guerra, fazendo primeiro proposições por meio do gabinete francez, e entendendo-se directamente, se assim conviesse. Da mesma forma não achou Maroto inconveniente em propor a alguns generaes e a outras pessoas chegadas a D. Carlos, as bases para se estabelecerem as negociações, que eram: —o casamento do primogenito de D. Carlos com Isabel II, abdicando aquelle dos seus direitos; restabelecimento das antigas côrtes por *estamentos*; reconhecimento dos empregos e graus militares e civis, creados nos campos belligerantes, e a integridade dos seus foros ás provincias Vascongadas.

D. Carlos, que se não atrevia a demittir o seu chefe de estado maior, teve zelos do seu filho, e o reduziu ao maior isolamento, sem permittir que o vissem pessoas de cathegoria. Collocado já Maroto em uma posição falsa e compromettida, todos os que antes lhe offereceram o seu apoio se desviavam delle, temerosos de ser descubertos. O projecto de que tratavam alguns, era o de collocar o primogenito de D. Carlos, á frente do exercito.

Foi um dos mais arreigados pensamentos de Maroto, interessar a D. Carlos nas negociações para conseguir a paz, e por meio do coronel D. Manoel de Toledo se lhe dirigiu com uma exposição, na qual, com franqueza e energia, e em vista da carta que D. Carlos escrevera a elle Maroto em 25 de Julho, lhe supplicava de Orosco, em Agosto, sustentasse a sua auctoridade como seu chefe de estado maior; ou o exonerasse do commando.

D. Carlos e seus ministros procuravam tranquillisal-o; porém indecisos uns para adoptar uma determinação que acabasse com aquelle estado de cousas anomalo, e fluctuando Maroto no cumulo de compromissos que o cercavam, todos iam arrancando pedras do grande edificio a tanto custo construido e precipitando o seu desmoronamento.

Espartero seguia avançando, e cada passo das tropas liberaes era um novo conflicto para Maroto, a quem fazia uma guerra de morte, e cada vez menos encoberta, o partido apostolico. Assim se complicava diariamente a situação do chefe carlista, e embaraçava a sua acção o abandono que teve de fazer de alguns postos, que não podia defender, pela desmembração de suas forças, o que produziu uma mudança notavel nas opiniões.

Em consequencia disso, e attendida a pouca segurança que apresentavam os offerecimentos de Espartero, para terminar honrosamente a guerra, chegou Maroto a pensar na sua pessoal salvação, como podia fazel-o com facilidade, valendo-se de um navio que constantemente tinha á sua disposição na ria de Bilbau. Considerava, porém, indecorosa a fuga, e mais ainda o abandono de todos os que seguiam as suas opiniões e o proclamavam seu chefe; sabia tambem os sacrificios que a honra exigia, e se resolveu a marchar sobre a fronteira, a perseguir o cura Echevarria, que se intitulava capitão general de Navarra.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Grande crime.—Na pequena aldeia de Castanheira, concelho de Pampilhosa, deu-se no dia de S. João um acontecimento tragico, que encheu de horror toda a povoação. Uma familia inteira foi envenenada á ceia com arsenico; e no dia seguinte já o chefe d'ella, por nome José Thomé, era cadaver. Passados alguns dias falleceu tambem um irmão daquella victima: os outros envenenados, espera a medicina salval-os.

Ha graves indicios de que o veneno foi propinado por um genro de José Thomé, ao qual elle odiava e a toda aquella infeliz familia, e não quiz comer de umas ervilhas com que fôra misturado o mesmo veneno. Já está preso na cadeia de Arganil.

A autopsia dos dois cadaveres foi feita em Fajão, a cuja freguezia aquella povoação pertence, pelo habil facultativo do partido de Goes.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Antonio da Silva, filho de José da Silva e Antonia Simões, natural de Sernelha, de Figueira de Lorvão, de 64 annos, fallecido no dia 2 de Julho de 1874.

Theresa de Jesus, filha de Manoel Lopes e Anna Justina, natural de Coimbra, de edade de 46 annos, fallecida no dia 3.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5541.

Cometa—Um nosso illustrado amigo, e astronomo distincto, nos communica o seguinte:

«*Guarita 4 de Julho*—Ha tres dias que no horisonte para o lado do norte, e entre as constellações das duas Ursas, se observa um brilhante cometa, cuja cauda tem augmentado em brilho e extensão, dirigindo-se para a Ursa menor: e distando da estrella polar menos de 35 graus.

Deve ser um phenomeno curioso para os nossos astronomos; pois que se realisam nelle circumstancias raras, e muito notaveis.

Como dista do polo menos que o nosso horisonte, torna-se d'eterna apparição; e vem a passar actualmente ao meridiano de Coimbra, pouco depois da meia noute: podendo por isso ser então observado ao circular-meridiano; e durante toda a noute pelo equatorial; offerecendo por isso a possibilidade de se fazer diariamente uma serie de observações importantes, que serão preciosas para a determinação da orbita, e do instante da passagem ao perihelio.

Accresce alem disso a circumstancia de se achar hoje o cometa entre duas estrellas de 5.ª ou 6.ª grandeza, com quem pode ser vantajosamente comparado.

Hoje á meia noute estava elle no cruzamento de duas linhas, tiradas—uma pela ultima estrella da cauda, e primeira da cabeça da Ursa-maior; e outra pelas duas estrellas da cabeça da Ursa-menor.

O ceu estava limpido e socegado; e a luz da cauda do cometa não era offuscada pela lua, que apparecia do outro lado no oriente.

Era um espectaculo grandioso, que muito sentimos não ter podido observar, senão á vista desarmada: ou com um simples binoculo, que é quasi o mesmo.—*A.*»

Correspondencia da Figueira.—Um nosso amigo nos diz da Figueira o seguinte:

«Sr. Redactor. — Em o n.º 2810 do *Conimbricense*, datado do 1.º do corrente, vem uma correspondencia desta villa, firmada com tres estrellas, na qual entre diversas noticias e considerações, se referem factos, relativos á visita do exm.º ministro a esta villa.

Ha na mesma correspondencia menos exactidão em parte dos factos, e omissão de outros, do que de certo é *innocentemente* culpado o correspondente, talvez pela razão dada no primeiro periodo da carta.

Pondo de parte a impossibilidade de ter o exm.º ministro na sua entrada transposto os muros desta villa, por só os ter em alguns quintaes, rectificaremos a parte final do terceiro periodo da correspondencia, em referencia ás pessoas, que comprimentaram s. ex.ª; pois que além dos comprimentos das auctoridades civis, e militares, de pessoas importantes da villa, e de *alguns empregados judiciaes, estranhos a esta comarca*, foi tambem comprimentado pelos empregados judiciaes d'ella, o que talvez se omittiu *por esquecimento*.

Notamos no quarto periodo da mesma correspondencia uma demonstração, que nos parece pouco bem cabida naquelle logar, pois que poderá suppôr-se ser ella referente a alguma ou algumas auctoridades judiciaes desta comarca, o que seria gravissima injustiça. Egualmente nos parece não ser muito lisonjeiro para o reverendo prior desta freguezia, o dizer-se que elle celebrou os actos dos baptismos a que o correspondente se refere, *com todo o cerimonial*, o que dá a entender, que actos identicos são por elle praticados *com parte sómente do cerimonial*, o que seria facto indesculpavel, visto que o sacramento do baptismo tem formulas prescriptas no ritual, que não pódem omittir-se, ou additar-se.

Carece tambem de rectificação este mesmo periodo, porque além dos comprimentos feitos pela orchestra Figueirense (aliás Harmonia), e pela philarmonica de Taveiro ao exm.º ministro, a pedido que se lhes fez (como o correspondente diz), recebeu-os s. ex.ª tambem na mesma occasião expontaneamente, e sem pedido da philarmonica Figueirense, cujos socios e seu mestre foram obsequiosamente tratados por s. ex.ª, que a todos fez subir á sua residencia, agradecendo-lhes, e offerecendo-se-lhes para o que lhes podesse ser util.

No oitavo periodo ha tambem rectificação a fazer. S. ex.ª não visitou, *nem admirou a magnificencia* (muito melhor terá visto) das obras do porto, dos paços do concelho, e do theatro, e apenas visitou a cadeia, e o tribunal judicial, examinando neste o estado do registro criminal, e naquella notou a falta de tarimbas, e enxergas, cuja feitura recommendou ao exm.º presidente da camara; a falta de visita a outros pontos foi devida á necessidade que s. ex.ª disse ter de retirar-se ao meio dia para Coimbra, o que assim aconteceu, sendo s. ex.ª acompanhado até á distancia de 5 kilometros desta villa, ponto em que, fazendo parar o carro que o conduzia, se apeou, e despediu das pessoas, que o acompanhavam (que não foram só as que o tinham ido esperar), e não consentiu passassem mais além.

Esta a exactidão dos factos, que não poderá ser contestada.

Sou de v. am.º e obrigado cr.º— Figueira 5 de Julho de 1874—*Sete estrellas.*»

Ainda a fabrica da Castanheira.—O activo industrial o sr. Antonio Alves Bibiano, escreve-nos a carta que abaixo publicamos.

Por ella se vê, que é á camara da villa da Louzã, que se deve o concerto da estrada na direcção da Castanheira. O sr. Bibiano vem prestar o devido agradecimento áquella camara pelo seu importante serviço.

Tambem o sr. Bibiano rectifica a epocha em que foi expedida a caldeira para a sua fabrica.

Eis a carta:

«Sr. Redactor do *Conimbricense.*— Li no seu acreditado jornal de 4 do corrente, n.º 2811, um communicado extrahido do *Diario de Noticias*, dizendo que a estrada da Louzã á Castanheira fora mandada concertar por mim. Foi mal informada a pessoa que deu tal noticia, por quanto o concerto naquella alludida estrada, foi feito com o pessoal dado pela illustre camara daquella villa. Aproveito esta ocasião para agradecer áquella mesma camara o favor que me prestou.

Tambem a caldeira de que trata aquella noticia não veiu o anno passado, mas sim ha quasi dois mezes.

Peço a v. dê publicidade no primeiro numero de seu jornal a esta minha declaração.

Sou com toda a estima

De V. mt.º att.º vr.º obgd.º

Castanheira 5 de Julho de 1874.

Antonio Alves Bibiano.

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

A municipalidade de Bilbau mandou uma deputação para depositar sobre o feretro do general Concha uma corôa, em que se lê: «O povo de Bilbau á memoria do illustre marquez do Douro.»

O general Concha, segundo diz o *Imparcial*, já no dia 27 presentia que o ameaçava uma terrivel desgraça. Por volta das 6 horas da tarde dirigiu-se a Abarzuza, onde tinha situados 5 batalhões para sustentar aquelle ponto da extrema direita do exercito republicano. O coronel do estado maior, encarregado do commando das ditas forças, acompanhou-o á torre de Abarzuza, onde estiveram examinando a linha de combate. Na conversação intima que o general tivera com o coronel, disse a este que, se acaso lhe succedesse algum contratempo, bom era saber-se que nunca entrara nos seus planos internar-se em Navarra, senão apoderar-se de Estella, pôl-a a coberto das correrias das facções e marchar immediamente para Solana.

De Abarzuza se dirigiu pela estrada ao ponto em que a linha fraquejava. Apeou-se, porque a aspereza e o mau estado do caminho difficultava marchar a cavallo, observando-se que ia fortemente preoccupado.

Pouco tempo depois, o que se passava nas trincheiras fez com que um dos officiaes do seu estado maior lhe dissesse:— «Meu general, monte a cavallo», e ao ir fazel-o recebeu a ferida que minutos depois lhe occasionava a morte.

O general D. José Concha, que está governando Cuba, correspondendo ao pezame que lhe mandaram telegraphicamente os ministros, disse-lhes:—«Agradeço muito ao presidente do poder executivo, a todos os ministros e a v. ex.ª o pezame que me dão pela morte de meu irmão o marquez do Douro, que senti profundamente. A Hespanha perdeu nella um grande soldado e um grande patricio. O seu fim glorioso me deixa um exemplo que imitar, se fosse necessario.—*Concha.*

ANNUNCIOS

1 BERNARDO JOSE' DA SILVA CARDOSO, na rua do Visconde da Luz, diz quem dá a juro sobre hypothecas 2:500$000 rs.

2 L. ALBANO, tendo de recolher por algum tempo a Coimbra, para tomar parte nos trabalhos academicos, pede desculpa de se não despedir agora pessoalmente dos amigos, que tanto o tem obsequiado, durante a sua residencia aqui. Espera porem que no seu regresso, que será breve, poderá cumprir gostosamente o dever de agradecer a todos a boa companhia, e os obsequiosos serviços, que lhe lhe têem constantemente prestado.

3 OS ABAIXO ASSIGNADOS, tendo noticia do fallecimento do sr. Francisco Ferraz de Pontes, de Miranda do Corvo, e desejando testemunhar a sua exm.ª familia, a parte que tomam na sua justa magoa, lançam mão deste meio, pela difficuldade de o fazer pessoalmente, pela longa distancia de suas residencias, e por isso aqui dão com profundo sentimento os pezames ao exm.º sr. Dr. José Tavares Ferraz de Pontes, meritissimo juiz de direito na villa da Figueira, e a seus exm.ºs mano, e sobrinhos, de Goes, á exm.ª sr.ª D. Justina Tavares de Abreu Mascarenhas e a seu marido o sr. Gervasio de Freitas e Vasconcellos, e ao exm.º sr. Dr. Antonio Casemiro Tavares Mascarenhas, residentes na villa da Batalha, e á exm.ª sr.ª D. Maria Ignacia, e a seu marido o sr. José Maria Falcão, de Cadafaes, comarca de Alemquer.

Acceitem por tanto ss. ex.ªs este publico testemunho de amisade, que respeitosamente consagram a tão illustre familia, e da dor profunda que sentem pela infausta morte do illustre finado. Descance sua alma na eterna paz do senhor. Resignação aos decretos da Providencia. É uma divida do coração que os signatarios não podem pagar d'outro modo.

Carapinheira, 2 de Julho de 1874.

Ricardo de Noronha.
José Simões Pessoa.
Joaquim Antonio Simões Caldeira.
Joaquim Antonio Simões Pessoa.
Joaquim Maria Simões Pessoa.

Sociedade Geral Agricola e Financeira de Portugal

4 ESTABELECEU A SUA AGENCIA EM COIMBRA, sendo os seus agentes o exm.º sr. Miguel Osorio Cabral de Castro, e Bernardo José da Silva, debaixo da firma social *Castro e Silva*. O escriptorio da agencia é na rua da Calçada, n.º 36 e 38.

Esta sociedade faz todas as operações de credito, a curto e longo prazo; dá capitaes a juro com hypotheca, penhor ou fiança, desconta letras, faz transferencias de fundos para todas as terras do reino, ou para o estrangeiro, recebe depositos, abonando por elles o juro que se estipular, faz operações de credito agricola, emprestando dinheiro sobre fructos pendentes, ou já colhidos, sobre gados, sobre rendas a vencer, e finalmente sobre os differentes ramos d'exploração agricola ou industrial.

Deposito de Machinas de Singer para uso de familias e industriaes.

34—Rua do Visconde da Luz—36

COIMBRA

5 JOSE' TEIXEIRA DA CUNHA contractou com o representante da Companhia Fabril de Singer, de Londres, estabelecer nesta cidade um deposito das magnificas machinas de costura para familia, alfaiate e corrieiro, ás quaes se fazem preços eguaes aos de Lisboa, da unica casa succursal em Portugal.

Tambem ha excellentes linhas de linho, algodão, retroz, troçaes, agulhas, molas, ferro, tudo pertencente ás machinas.

6 A CAMARA MUNICIPAL de Cantanhede tem de contrahir um emprestimo já devidamente auctorisado, na importancia de 5:000$000 rs.; e por isso convida os srs. capitalistas, directores e agentes de Bancos a dirigirem, querendo, ao presidente da camara, até ao dia 15 do corrente, as suas propostas em carta fechada.

Cantanhede 4 de Julho de 1874.

O presidente da camara,

José Freire.

7 VENDE-SE uma machina de coser, propria para sapateiro, corrieiro e chapelleiro. Nesta redacção se diz quem a vende.

8 DO DIA 15 de Julho em deante, ás quintas feiras, haverá carreira regular d'um carro, puxado por um ou dois cavallos, entre Cantanhede e Mira, e vice versa. Alem d'aquellas carreiras far-se-hão mais, e para outro qualquer ponto, as que o serviço permittir.

Trata-se no estabelecimento do sr. Manoel Pessoa Alves da Fonseca, em Cantanhede. 30 de Junho de 1874.

9 HA NESTA CIDADE um estabelecimento de mercearia, ferragens, e quinquilherias, em que por seu dono não poder estar á testa d'elle, precisa de um caixeiro ou pessoa idonea, e completamente habilitada, a quem se entregará o mesmo por balanço ou sociedade. Nesta redacção se diz.

DOCTOR IN ABSENTIA

10 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

11 NA REPARTIÇÃO das obras publicas do districto de Coimbra, existente no edificio do governo civil, recebem-se propostas em carta fechada, até ao dia 20 do corrente mez, para fornecimento de 865 m. c. de pedra britada, para a reforma da estrada districtal da Catraia dos Poços á Raiva. As condições podem ser examinadas todos os dias não santificados, no mesmo governo civil, e em Farinha Podre em casa do fiscal dos cantoneiros.

Governo civil de Coimbra, 6 de Julho de 1874.

O governador civil,

Visconde de Villa Mendo.

12 MARIA LUIZA DA CONCEIÇÃO PEIXOTO QUARESMA RIBEIRO, viuva de José Ribeiro da Costa, da villa de Condeixa, vende, se o preço lhe convier, a terra que possue na Varzea de Condeixa, com rega certa da fonte do Grogolhão. — Anda arrendada a José Maria Quaresma. Recebe lanços.

Attenção

13 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

Attenção

14 FRANCISCO FERREIRA CAMÕES, bacharel formado em Direito, mudou o seu escriptorio de advogado, para a rua da Calçada, n.º 177, onde tambem recebe estudantes até á edade de 18 annos, responsabilisando-se pela sua educação e adiantamento litterario.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

15 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

ARREMATAÇÃO

16 NÃO se tendo arrematado no dia 23 de Junho ultimo, como se annunciara no jornal o *Conimbricense*, n.º 2805, uma propriedade de terra no sitio dos Lombos, que é a defora, campo de S. Martinho d'Arvore, que pela medida antiga tem 5 aguilhadas de terra, e pela moderna 2:700 metros quadrados, e que parte do nascente, e poente, com estradas; do norte com herdeiros de Francisco José Monteiro, de Lavarrabos, e do sul, com a viuva do dr. Moura, de S. Martinho d'Arvore, que é livre, e foi avaliada em 150$000 rs., e a qual foi penhorada na execução que José de Oliveira Flores, do logar de Taveiro, move a Luiz Rodrigues Beirão, e sua mulher, do logar de S. Silvestre, por isso que estes requereram que se suspendesse a dita arrematação, no que então conveio o exequente; por isso que não houve arrematante, e pelo que a requerimento do mesmo vai á praça para ser arrematada no dia 23 do corrente mez, pelas 9 horas da manhã, á porta da sala do tribunal judicial, e perante o exm.º sr. juiz de direito; e se entregará a quem por ella offerecer lanço maior, ainda que não exceda ás 4 quintas partes do seu valor, em conformidade do artigo 221 do Regulamento do registo predial de 28 de Abril de 1870. Da execução é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

Coimbra, 6 de Julho de 1874.

FIGUEIRA DA FOZ

17 VENDE-SE na rua de S. Julião, n.º 12, uma casa em construcção, com seu quintal, bem como alguns materiaes que estavam para a mesma.

Quem quizer comprar dirija-se em Coimbra á Couraça de Lisboa, n.º 49, e na Figueira ao illm.º sr. Bernardino Teixeira d'Araujo da Silva Ferraz.

CASA HAVANEZA

18 CHEGARAM á Filial da Casa Havaneza do Porto, optimos chapeus de palha de Italia, a 1$600 rs.

GRANDE ABATIMENTO

DANTAS GUIMARÃES

24, rua do Visconde da Luz, 30

19 ACABA DE EFFECTUAR uma grande compra de pannos brancos, para 100, 120, e superiores 140 rs.; um saldo de cassas para vestido, a 150 rs. o metro; bonitas alpacas de côr, de 200 reis para cima; e ditas pretas, de 300 rs. para cima.

Continua a ter bom sortido de mantas pretas de blonde para senhora.

Aos banhistas das Caldas da Rainha

João Antonio d'Oliveira (vulgo o João Rei) & M. J. de Brito.

20 ANNUNCIAM que, para commodidade do publico, resolveram estabelecer uma carreira diaria de diligencia, a começar do dia 15 de Julho corrente em diante, de Leiria até ás Caldas da Rainha, de commum accordo com Antonio João Pereira, d'aquella villa, que fará a carreira por sua conta d'alli até Alcobaça.

Esta carreira ficará sendo considerada como continuação das já estabelecidas entre Leiria e Pombal, e Leiria e Chão de Maçãs.

A partida de Pombal será logo em seguida á chegada do comboio ascendente, devendo estar em Leiria ás 6 horas da tarde.— Para Alcobaça partirá a diligencia ás 7 horas da manhã, logo que chegue a carroagem do correio de Chão de Maçãs, devendo estar em Alcobaça e Caldas da Rainha ás horas marcadas para o serviço do correio;—e assim egualmente das Caldas da Rainha para Leiria, donde partirá a diligencia para Pombal ás 8 1|2 horas da manhã, e para Chão de Maçãs ás 6 1|2 da tarde.

PREÇOS

De Pombal a Leiria— dentro 800 rs.—a Alcobaça 1$800— ás Caldas da Rainha 2$800.—Fóra 600, 1$400, e 2$200 rs.

De Leiria a Chão de Maçãs— 1$000 rs. dentro, e 800 rs. fóra.

O GYROSCOPO

21 REPRESENTANDO o globo terrestre, sustentando-se no vacuo pela força da sua rotação, podendo servir de brinquedo para creança—800 rs.

Paraguay-Roux

Especifico acreditado de 50 annos, contra as dores de dentes—720 rs.

Concentradas

Um frasco para 40 copos de qualquer destes refrigerantes—240 rs.

Agua de Lienard

Perfume usado pelo mundo elegante parisiense—frascos de 500 e 560 rs.

Pantocolla indiana

Concerta todo e qualquer objecto de crystal, vidro, louça, procelana, marfim, marmore, etc. Frasco 240 rs.

Livraria Academica

183, Rua da Calçada, 185

DINHEIRO

22 FRANCISCO FERREIRA DUARTE, ao fundo da rua do Visconde da Luz, diz quem dá 200$000 rs. a juro.

CELLEIROS

23 ARRENDAM-SE tres bons celleiros no pateo da Inquisição. Quem os pretender póde dirigir-se a Antonio d'Almeida e Silva, rua da Sophia, 65.

EDITAL

24 A COMMISSÃO DO RECENSEAMENTO ELEITORAL DO CONCELHO DE COIMBRA faz saber, em virtude do decreto de 5 de Junho ultimo, e em conformidade do decreto de 18 de Março de 1869, que no dia 12, segundo domingo do corrente mez de Julho, pelas 9 horas da manhã, se ha de proceder á eleição de um deputado por este circulo n.º 39, pela fórma prescripta no decreto de 30 de Setembro de 1852 e carta de lei de 23 de Novembro de 1859; e por este são convocados os eleitores para que, reunidos nas suas respectivas assembleias, effectuem a referida eleição.

1.ª assembleia — Logar da reunião — Sé Nova—Freguezias de Santa Clara, Sé Velha e Sé Nova.

2.ª assembleia—Logar da reunião— Santa Cruz—Freguezias de Santo Antonio dos Olivaes, S. Bartholomeu, e Santa Cruz.

3.ª assembleia—Logar da reunião— Souzellas—Freguezias de Vil de Mattos, S. Paulo de Frades, Eiras, Trouxemil, Botão, Brasfemes e Torre, e Souzellas.

4.ª assembleia— Logar da reunião — Lavarrabos — Freguezias de Antuzede e S. Facundo, Lamarosa, S. Martinho d'Arvore, S. Silvestre, e Cioga do Campo.

5.ª assembleia—Logar da reunião — Ribeira de Frades — Freguezias de Sernache, Antanhol, Arzilla, Ameal, S. Martinho do Bispo, Taveiro, e Ribeira de Frades.

6.ª assembleia— Logar da reunião— Castello Viegas—Freguezias de Almalaguez, Ceira, Assafarja, e Castello Viegas.

E para constar se passou este e outros de egual theor, que serão afixados nos logares do costume.

Coimbra, sala da Commissão do Recenseamento eleitoral, 5 de Julho de 1874.

O presidente,

Miguel Leite Ferreira Leão.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para **Santos:**
Barca—CLAUDINA

Para o **Rio de Janeiro:**
Barca **Joven Adelaide** em 26 de Julho.

Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencia Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

PARTICIPAÇÃO

26 ANTONIO D'OLIVEIRA CORDEIRO, proprietario da Livraria Universal de Coimbra, mudou a sua residencia para Lisboa, rua da Gloria, n.º 30 a 32, onde tem o grande deposito de livros de todas as classes, tanto nacionaes como estrangeiros; e abriu loja para a venda, na rua da Prata, n.º 205.

Espera de todos os seus amigos e freguezes continuem a gastar do seu estabelecimento. Dirigindo seus pedidos a qualquer dos locaes ditos, promptamente serão servidos, e o mais commodo possivel, acharão o que desejarem. E para melhor satisfazer, abriu relações com as principaes casas no estrangeiro.

NOTAS DO CAMINHO DE FERRO

CENTO 100 !!!

27 VENDEM-SE na Livraria Popular, Rua do Visconde da Luz, n.º 104-106—Coimbra

NUMERO 2813 — SABBADO 11 DE JULHO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

CIRCULO DE COIMBRA

CANDIDATO GOVERNAMENTAL

Conselheiro Joaquim Gonçalves Mamede.

COIMBRA

A'manhã é o dia em que o povo, chamado a exercer a sua soberania, ha de eleger os seus representantes.

E' candidato por este circulo, um cavalheiro respeitabilissimo, digno por todos os motivos da estima publica, e uma das illustrações mais distinctas nesta Universidade.

O sr. conselheiro Joaquim Gonçalves Mamede, vae novamente receber o honroso diploma de representante de um dos circulos mais illustrados deste paiz.

Filho adoptivo desta cidade, porque, dedicado á vida academica, aqui estabeleceu a sua residencia, o sr. conselheiro Mamede, tem pelas suas nobres e elevadas qualidades, grangeado a estima e consideração de todos os habitantes de Coimbra.

As sympathias por este cavalheiro, não se limitam ao partido em que s.ex.ª milita. Todos os grupos politicos, pondo acima das ideias partidarias as distinctas qualidades e a superior intelligencia do sr. Mamede, lhe tributam merecido respeito.

Nunca a paixão politica perturbou o animo sereno e recto do illustre cathedratico; nunca a ambição, ou o amor de gloria o fez desviar do caminho, traçado pela honra aos homens de bem.

Caracter nobre e honradissimo, soube sempre este cavalheiro afastar-se das exaltações partidarias.

O sr. conselheiro Mamede é muito dedicado a esta cidade. Como seu representante promoveu os interesses de Coimbra e collocou-se sempre ao seu lado nas questões de gravidade, trabalhando efficazmente para conseguir os melhoramentos que obteve durante estes ultimos annos.

Pela respeitabilidade do seu nome, pela auctoridade que o sr. Mamede merece nas assembleas politicas, e perante o governo, porque é um dos seus mais dedicados amigos; é muito acertada a escolha de s.ex.ª para representar o circulo de Coimbra.

Depositemos, pois, na urna, sem receio, e com o respeito devido ao acto mais grave e solemne da vida constitucional, o nosso voto, que é um titulo de reconhecimento pela honestidade de um cavalheiro, por muitos titulos digno da estima publica.

COMMUNICADOS

PAPEL SELLADO

Vamos chamar a attenção do governo sobre um assumpto de interesse publico, que está sendo causa de grandes clamores. E' sobre o novo papel sellado.

O decreto regulamentar de 18 de Setembro de 1873, restabeleceu o antigo papel sellado para os processos forenses e outros documentos, que devem nelle ser escriptos, e determinou no art. 39, que este papel fosse vendido ao publico pelo preço do mercado.

Por aviso de 1 de Junho de 1874, constante do *Diario do Governo* de 2 do mesmo mez, foi declarado obrigatorio o uso desse papel desde 2 de Julho corrente, e assim se está observando, vendendo-se o papel nas estações estabelecidas para essa venda a 5 reis a folha, que o comprador tem de pagar alem do sello respectivo; mas a verdade é que não é aquelle o preço do mercado do papel, pois este se vendia e vende no mercado a 20 rs. o caderno e com a vantagem de ser pautado com 25 e 30 linhas, vindo assim o novo papel a ser vendido por maior preço do que elle tem no mercado, e a dar-se neste negocio uma especulação pouco decente! E como meia folha de papel não se póde vender por dois reis e meio, quem tem necessidade sómente de meia folha de papel sellado, tem de dar, e é obrigado a dar 5 reis por ella, crescendo assim a especulação, tudo em prejuizo do publico!

Ora desde que em epocha remota se estabeleceu o papel sellado, depois abolido e agora renovado, nunca o consumidor pagou mais do que o imposto do sello que por esse modo se satisfazia, e da mesma maneira se não pagava o papel da estampilha, nem se paga para aquelles actos em que esta continua a vigorar, e parece-nos bem dura a innovação, que o decreto estabeleceu, exigindo a paga do papel, e tanto mais que a fazenda deve auferir uma receita maior com o papel sellado, porque muito delle se hade inutilisar com os enganos naturaes da escripta, o que não acontecia assim com a estampilha que se collava depois do papel escripto, e esta differença compensava bem a depeza do papel!

E quando as depezas judiciaes são hoje excessivas, pela elevação desarrazoada da tabella dos emolumentos, vem ainda o preço do papel sellado aggravar esse mal; que o não é só para quem tem o gosto das demandas, mas para quem é forçado a figurar nellas, e de que são victimas os orphãos e quantos pezam com este imposto! A isto acresce ainda a má qualidade do papel!

Esperamos que o governo attenda a estes

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXV

D. CARLOS

CXXV

Dirigindo-se D. Carlos a Villareal, o ministro da guerra passou por sua ordem a ver Maroto, que chamado pelo principe, não se lhe havia apresentado por estar doente. Por intermedio do secretario instou D. Carlos para que o fosse ver o seu general. Accedeu este, mas de um modo que manifestava bem a desaffeição que sentia por uma causa, que tantos dissabores lhe custava, e resolvido a retirar-se com decoro, para cujo fim havia tomado algumas medidas.

Sem bigode, nem insignia militar, nem espada, o que poz a tropa em expectativa e a predispoz mais em seu favor, foi Maroto, e viu o principe. Fallou-lhe do objecto que se havia proposto na sua marcha á fronteira, e do sensivel que lhe havia sido a sua opposição, quando voltou a pedir que se continuasse o seu plano. Respondeu-lhe D. Carlos e assegurou-lhe haver terminado a sublevação, regressando Echevarria a França; em prova do que esperava no dia seguinte aos ajudantes dos corpos sublevados a receber ordens, indicando-lhes o ponto onde se deviam dirigir.

Maroto, que não ignorava o contrario de tudo isso, e que cria que a vinda realisada dos ajudantes tinha por objecto informar-se, se havia tido logar a sua sentença de morte aos mesmos offerecida, propoz a D. Carlos ir contra os sublevados, e não accedendo este, renunciou terminantemente o commando, pedindo-lhe permissão para ir para o estrangeiro. Porém D. Carlos, por uma das muitas singularidades e anomalias do seu caracter, não só deixou de admittir-lhe a renuncia, mas mostrou sentir que o quizesse abandonar, quando tinha nelle a maior confiança.

Desorientado, desistiu Maroto e voltando ao exercito com D. Carlos, fez que se occupassem algumas posições com animo resoluto de atacar a Espartero. Esteve Maroto tentado a fazer com todos os do quartel real de D. Carlos, o que lhe tinham querido fazer, e até procurou sondar o animo de alguns chefes.

Em tal situação intentou de novo levar ao cabo a seu plano de pacificação, e deu em Elgueta conhecimento a D. Carlos das proposições que havia recebido de Espartero, e aos commandantes geraes das provincias, officiando ás deputações que enviassem um membro de cada uma, com quem consultar quanto podesse convir. A deputação de Guipuscoa, commissionou ao marechal de campo Lardizabal, o qual offereceu a sua cooperação.

As proposições que transmittiu Maroto a D. Carlos foram as seguintes, e como se vê, inexactas, querendo sem duvida sondar o animo de D. Carlos, para o que apresentava umas proposições favoraveis, que estava muito longe de haver feito, nem conceder Espartero:

—«Estado maior general.—Em a noute do dia de hontem apresentou-se-me um parlamentario do exercito inimigo, fazendo-me as proposições seguintes da parte do governo de Madrid:

— «Reconhecimento do sr. D. Carlos Maria Isidro de Bourbon como infante de Hespanha, meu rei e senhor.

—«Reconhecimento dos foros provinciaes em toda a sua extensão.

—«Reconhecimento de todos os empregos e condecorações no exercito, deixando ao meu arbitrio o accesso ou premio de algum que se considere credor delle.

«O participo a v. ex.ª, para que pondo-o no conhecimento de sua magestade, se me informe do que devo responder; e como nas presentes circumstancias me é conveniente patentear o meu comportamento até nos assumptos mais reservados, rogo se me permitta dar ao publico esta minha communicação; advertindo a v. ex.ª que na tarde deste dia terei uma conferencia particular com o chefe superior inimigo, para lhe pedir mais esclarecimentos—Deus guarde a v. ex.ª muitos annos—Quartel general de Elgueta, 25 de Agosto de 1839—*Rafael Maroto*—Sr. brigadeiro encarregado de secretaria de estado e do despacho da guerra.»

O assombro de D. Carlos ao receber este escripto, só pode comparar-se com a sua indignação, e em consequencia se publicou a seguinte allocução:

«*Voluntarios*:—Um acontecimento tão extraordinario, que não tem exemplo na historia do vosso paiz, viria manchar as glorias que havieis justamente adquirido nesta heroica lucta, se continuassem alguns de vós na defecção a que hoje vos induziram. Com o pretexto de paz, se deu entrada ao inimigo em vosso solo, e as cadêias da escravidão, a ignominia de vencidos, vão substituir os laureis de que até agora estaveis cobertos. A lealdade de muitos foi surprehendida: são indignas do vosso valor as proposições feitas a el-rei nosso senhor, e não é de vós abandonal-o nas mãos dos seus inimigos. A isto só, e a ligar-vos ao carro da revolução, se reduz a paz com que a muitos tem alucinado.

«Segui ao rei, voluntarios, considerae vosso heroismo de seis annos, e não queiras manchal-o com um feio delicto. Uma paz em que se exige a abdicação do rei que haveis jurado, uma paz convencionada entre chefes militares sem auctorisação, nem garantia alguma, que outra cousa pode ser senão um engano para se apoderar de um paiz que não tem podido dominar pelas armas?

«Desenganae-vos: esta é a traição mais infame que tem visto os nascidos. Morrer primeiro que succumbir. A causa de Deus periga e a de um rei, em cuja defeza está compromettida a vossa consciencia e a vossa honra. Sois leal por caracter: sois valentes: sois heroes; e nada mais tenho que dizer-vos. Voluntarios: viva a religião, viva el-rei—Villafranca, 26 de Agosto de 1839—*João Montenegro*.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

males, e que desde já providenceie para que se não pague senão o sello.

A toda a imprensa pedimos que nos apoie neste empenho.

***

Amigo e sr. Martins de Carvalho.

Por occasião da eleição da Misericordia houve quem, não obstante não me conhecer, nem nunca ter tratado, propalou ser eu o auctor de um folheto anonymo que por ahi correu em defeza dos missionarios. O pretexto era o facto de estar dirigindo o collegio das orphãs da Misericordia uma de minhas irmãs.

Sobre uma e outra coisa direi algumas palavras.

O folheto em questão não carece de segunda paternidade, porque tem auctor, cujo nome é assás divulgado e sabido nesta cidade. A pessôa menos propria para auctor de semelhante obra era eu. Tenho até o folheto como obra cobarde e impolitica: que outra coisa não é lançar-se á publicidade escriptos anonymos que, sendo de exclusiva responsabilidade particular, vem todavia a ser aproveitados e tidos como de responsabilidade solidaria.

Sei bem que, antes do folheto apparecer, alguns accusadores dos missionarios não pouparam linguagem desbragada, e a tem continuado contra os que não pensam como elles. Sei que vae n'isto falta de respeito pela dignidade da imprensa e nenhuma consideração pela boa fé, caracter illibado e liberdade de pensar de muita gente. Como porem me prezo de ser justo e imparcial, aquellas aberrações não me demoveram ainda de considerar o tal papel como digno de repulsão.

Do pouco que escrevo para o publico, costumo tomar toda a responsabilidade, e sei ainda, bem ou mal, justificar aquillo que subescrever com o meu humilde nome.

E se desta coragem, que aliás é um dever, fosse necessario um testemunho, podia dal-o v., que me viu tomar a iniciativa do protesto de 1873 contra as *troças*, e já este anno escrever no seu jornal, com inteira e plenissima responsabilidade, contra os desordeiros d'officio, que á sombra da academia a andavam enxovalhando com seus desacatos.

Os meus precedentes, portanto, não auctorisam ninguem a suppôr-me auctor de escriptos anonymos, improprios de quem como eu se preza de tolerante como os que o são, e liberal, aliás conservador.

E vem a proposito dizer que hoje em dia passa por moda, e chega a ser especulação rendosa, chamar-se reaccionario e retrogrado a quem em religião pensa como entende, e em politica não é radical, nem avançado. Pela parte que me respeita isto simplesmente me faz rir. Exaltado não o sou nem o quero ser, porque os exaltados matam todas as causas, e é d'elles que partem todos os excessos, e todas as injustiças. Vae-se ver o que é a liberdade nas suas mãos e acha-se apenas uma negação da liberdade. E todavia invocam o seu nome!

Pode porém applicar-se-lhes a justissima correcção do nosso Garrett: «Em linguagem faciosa, LIBERDADE quer dizer a dominação do meu partido sobre o contrario.»

Liberal como estes intolerantes, liberal como os homens que só propalam theorias dissolventes, não o sou, nem o quero ser; e já não estou creança para me levarem com cantos de sereia. Nem com isto creio dizer novidades a v., que me conhece e sabe os meus sentimentos moderados.

Agora duas palavras quanto á actual regente das orphãs.

Nem eu, nem minha irmã pretendemos nada da Misericordia. Engana-se quem suppozer que aquelle emprego era para ella um desejo, quando não tem sido mais do que um sacrificio, gostosamente feito aliás, a pedido do provedor o exm.º sr. Dr. Luiz da Costa e Almeida, cavalheiro a quem devo attenções e finezas d'alta valia.

Minha irmã não precisa da Misericordia para coisa nenhuma. Digo-o outra vez, bem claro, para assim o ficarem entendendo os que, com uma refinada má fé e ainda mais frizante injustiça, se occuparam dos nossos nomes. Acceitou aquelle cargo por tres mezes proximamente. Avisinhando-se o termo deste prazo, pediu logo a sua exoneração, por officio que dias antes da eleição enviou ao provedor.

Se extirpou abusos, se propoz reformas, se encarou a serio e tentou elevar a missão d'aquella casa educadora no pouco tempo que a tem gerido, se tinha illustração á altura do cargo que acceitou interinamente, deverá negal-o ou affirmal-o em breve a mesa que acaba de presidir á administração da Misericordia, e que tem inteiro conhecimento dos actos da regente interina.

Pela inserção destas linhas se confessa muito obrigado o

De v. am.º cr.º mt.º obrg.º

S. C. 6 de Julho de 1874.

Cassiano P. P. Neves.

NOTICIARIO

A Santa Casa da Misericordia de Coimbra.—Aos 5 dias do mez de Julho de 1799, na casa de despacho desta Santa Casa, em mesa a que presidia o illm.º sr. provedor D. Rodrigo da Cunha Manoel Henriques de Mello e Castro, sendo pelo mesmo proposto a votos, se se devia proceder á eleição de provedor; porque tendo elle convocado os eleitores, que fizeram a eleição da nova mesa no dia 2 do presente mez e anno, se tinha escusado o que fora nomeado provedor; e por isso elle tinha convocado os eleitores para proverem o mesmo cargo, e para isso se achavam já juntos na casa do despacho; nesse tempo só lhe representou e requereu fora da mesa, que propozesse nella se se devia fazer a nova eleição de provedor, em falta do escuso, por se dizer que havia pessoas da mesa, e fóra della, queixosas contra a legitimidade dos eleitores. E por tanto, annuindo elle provedor ao dito requerimento, suspendeu a eleição, que estava a ponto de se ultimar, e fez em consequencia delle dito requerimento, a proposição acima exposta.

Em pluralidade de votos decidiu a mesa, que se suspendesse a eleição de outro provedor, visto que negavam a validade da eleição, pela nullidade dos eleitores, tanto por serem a maior parte delles destituidos da aptidão para aquelles importantes empregos, de que dependia o bom governo, augmento, conservação e subsistencia do patrimonio dos pobres, administrado por esta Santa Casa, na conformidade do compromisso e accordãos da mesma, como porque no dia seguinte á sua eleição, foi constante e notorio, que a maior parte delles foram subornados, ou induzidos com geral escandalo desta cidade, irmandade, e alguns da mesa, para nella metterem alguma, ou algumas pessoas da sua contemplação.

De sorte que um dos ditos eleitores é notorio, que quatro dias antes de ser eleito, fora comprar uns calções a uma loja, onde confessou ser despeza a que a Misericordia o obrigava, pela certeza de sair eleitor na eleição seguinte; outro, sendo ausente da cidade uma legua, veiu convocado de proposito, com sitio designado nesta cidade, onde não tinha casa para nelle ser procurado pelo familiar della, a quem se designou o logar em que foi achado; sendo outro um mendicante, e que não sabe ler, nem escrever; e outro tão ebrio, que cae com vinho pelas ruas; não tendo alguns delles servido nas mesas pela sua ineptidão, á excepção do illm.º José Correa de Mello Alvim Pinto; com transgressão de um assento que ha na casa, para que só se escolham eleitores da classe, que tem governado a mesa, por se presumir que só estes sabem os requisitos que devem ter as pessoas que devem ser eleitas; ao mesmo tempo que na irmandade ha muitas pessoas que tem servido no governo da mesa, capazes, e que deviam ser graduadas naquelles empregos de que foram preteridas com geral escandalo; sendo publico e notorio ter havido inducção e suborno para os eleitores, como sendo necessario se póde justificar, com a individuação de factos especificos, ainda que toda a persuasão tem da boa fé com que procedeu o illm.º provedor neste acto, pela sua inalteravel inteireza, que bem mostrou tanto no repudio da acclamação, que delle se fez no mesmo acto para provedor da mesa futura, como da declaração que fez de que não conhecia alguns dos eleitores, e os tinha nomeado em pauta, por informações que lhe deram de serem bons e aptos, que podiam ser equivocadas, ou sinistras.

Outrosim foi dito pela mesa em pluralidade, que no dia de hoje, estando para se fazer a nova eleição de provedor, appareceram dois advogados, a saber: o bacharel José Caetano de Munhoz, desta cidade, e Lourenço Pereira Barreto, vigario residente em S. Facundo, por si e em nome de muitos irmãos desta irmandade, que diziam, traziam assignados em procuração, para fazerem annullar a escolha dos referidos eleitores pelos meios juridicos.

Nesta mesma mesa foi dito pelo conselheiro Antonio Luiz de Sousa Reis e Maya, que se não houvesse aquelles opponentes, o seria elle, ou pelo meio ordinario de appellação, ou pelo extraordinario a sua magestade, em nome da Santa Casa e dos seus interesses e dos pobres.

E que portanto, á vista das razões expostas, entende a mesa, que aquella eleição se achava nulla; e para assim se julgar, protestava usar contra ella dos meios competentes, no caso que citados os eleitores, insistam no exercicio dos seus empregos.

No que concordou a maior parte da mesa, á excepção de mim escrivão da mesa, que insisti na validade da eleição, e do procurador geral, que concordou comigo, e dos conselheiros João Henriques Secco e Manoel Antonio das Neves, que pediram tempo para se aconselharem; e protestaram outrosim os que votaram contra a validade da eleição dos eleitores, assim como tambem os dois que pediram tempo, de que estão promptos para em qualquer dia que pareça conveniente, convocar-se de novo a irmandade, para escolha de outros eleitores votarem nelles.

A' vista do que ficou suspensa a referida eleição, conforme a determinação da mesa, de que fiz este termo.

D. Rodrigo da Cunha Manoel Henriques de Mello e Castro, provedor.

José de Albergaria Monteiro e Vasconcellos.

João Henriques Secco.
Antonio Luiz de Sousa Reis e Maya.
José Dias da Costa.
Clemente José de Sousa.
Francisco Pereira.
José Antonio Dias de Miranda.
João Pereira dos Santos Carvalho.
Manoel Antonio das Neves.
Manoel José de S. Paio.
João de Barros Cardoso.

Esta deliberação da maioria da mesa, de se annullar a eleição, deu logar a que o escrivão José de Albergaria Monteiro e Vasconcellos, escrevesse ao provedor a seguinte carta:

«Illm.º sr. provedor D. Rodrigo da Cunha—Meu amigo e senhor do coração—Como hontem concluí poder fazer o encerramento das contas dos livros do cofre; remetto a v. s.ª as chaves della e dos armarios da casa do despacho, e por esta forma me dou por despedido do logar de escrivão da mesa da Misericordia; não o fazendo de tudo o que fôr servir a v. s.ª, que Deus guarde muitos annos. Casa 4 de Agosto de 1799—De v. s.ª amigo muito affectivo do coração e obrigadissimo—*José de Albergaria Monteiro e Vasconcellos.*»

Em vista desta carta do escrivão da mesa, entendeu o provedor que devia tambem demittir-se da administração da Santa Casa, o que fez pela seguinte declaração:

«Como a consideravel molestia com que estou, me impede toda e qualquer applicação, e impõe-me a necessidade de immediatamente ir tomar o remedio de banhos de mar, não posso por qualquer destes dois motivos continuar no exercicio em que me achava de provedor da Misericordia desta cidade; e portanto desde já demitto de mim, plena e completamente a mencionada occupação, que eu estava exercendo de provedor da mesma Misericordia.—Coimbra 8 de Agosto de 1799—*D. Rodrigo da Cunha Manoel Henriques de Mello e Castro.*»

Achando-se assim a mesa da Misericordia sem provedor, nem escrivão, teve de assumir o cargo de provedor interino, o conselheiro mais velho da mesa, João Henriques Secco, o que effectuou na sessão da mesa do dia 9 de Agosto.

Nessa occasião, expoz o referido provedor interino João Henriques Secco—«a necessidade que havia de se dispor nova eleição de provedor e conselheiros, ou de se pensar sobre os meios necessarios para se fazer manifesta a nullidade com que laborou a feita em 2 de Julho do presente anno, já enunciada no assento tomado; e que por isso devia votar esta mesa sobre a designação dos ditos meios, e se para o uso dos mesmos tinha a necessaria e competente jurisdicção, ou se para isso devia convocar junta dos definidores, ou ainda algumas pessoas dotadas de mais luzes do corpo desta irmandade, que pela mesma representem; visto que toda ella foi offendida no conloio, mancommunação, inducção e suborno já enunciado no referido assento; trama que se tem confirmado mais por verificação de factos, que vieram á noticia depois da data do mesmo assento, os quaes se deduzirão mais especificamente, quando seja necessario inquirir sobre a sua verdade.

«E logo por todos unanimemente foi resolvido, que para em tudo se proceder com imparcialidade, e devido acerto, em beneficio da administração desta Santa Casa, se devia convocar junta dos definidores, preenchendo-se os logares dos que faltassem com outros que bem parecessem, na conformidade do compromisso, que tenham servido na mesa, quando os haja, e na falta destes, outros que tenham os requisitos necessarios; ficando excluidos desta votação, todos os que foram eleitores e eleitos na dita eleição de 2 de Julho.»

Como porém, varios irmãos entendiam que não era ao mencionado João Henriques Secco, irmão mais velho da mesa, que competia o exercer o cargo interino de provedor; por isso, a fim de pôr termo a essas duvidas, dirigiu elle uma carta em 6 de Setembro de 1799, aos ex-provedores da Misericordia, Miguel Osorio Cabral da Gama e Castro e Antonio Xavier de Brito e Castro, pedindo-lhes o seu parecer, se era a elle que pertencia o servir o cargo interino de provedor, ou se era ao provedor da mesa antecedente.

O ex-provedor Miguel Osorio, respondeu da sua casa da quinta das Lagrimas, em 8 do mesmo mez de Setembro, que era de parecer, que na falta de provedor e escrivão, devia a mesa eleger um dos seus membros para provedor. E ainda que o compromisso determinasse que servissem os provedores antecedentes, elle não podia aceitar, em consequencia do laborioso posto que occupava, e por falta de saude.

A carencia de espaço neste jornal impede-nos de publicar na integra esta carta; mas não devemos deixar de publicar a do ex-provedor Brito e Castro. É a seguinte:

«Meu amigo e senhor da minha veneração—Recebi a sua carta, *e me doe o coração de ver as desordens da Misericordia, que eu querendo compol-as não achei meio de fazel-o; e sinto que ellas continuem na forma que me relata.*

«V. m. tem juizo, prudencia e toda a instrucção para reduzir as cousas á boa ordem; mas o meio que me propõe de eu tomar o governo da Misericordia, não posso de modo nenhum approval-o, por dois principios; o primeiro por serem notorias as gravissimas molestias que padeço, que me impossibilitam para poder occupar-me no trabalhoso governo da Santa Casa: segundo, porque ainda que estivesse habil e com saude capaz de poder trabalhar, não devia tomar conta da jurisdicção de provedor, por me não competir, na forma da provisão que v. m. me remette, nem segundo a disposição do compromisso. E á vista dos dois documentos apontados, sou pessoa inhabil para o interino governo da Misericordia.

«V. m., como mais intelligente nas leis que eu, saberá melhor entendel-as e dal-as á sua execução.

«Deus guarde a v. m. muitos annos. Casa 10 de Setembro de 1799—De v. m. amigo muito fiel, venerador e obrigado—*Antonio Xavier de Brito e Castro.*»

Continuou por algum tempo este estado de crise em que se achava a Misericordia de Coimbra, até que depois de varias reuniões da junta de definidores da irmandade, se procedeu á eleição da mesa, ficando provedor o referido João Henriques Secco.

Distincção merecida—Em sessão da Academia Real das Sciencias de Lisboa do dia 9 foi eleito, por unanimidade, na classe das sciencias moraes e politicas e de bellas artes, socio correspondente da mesma Academia, o sr. Dr. Julio Marques de Vilhena.

Congratulamo-nos com a honra que acaba de ser concedida pela Academia Real das Sciencias ao sr. Dr. Vilhena, por ser um acto de justa apreciação do seu incontestavel merito litterario e scientifico, tantas vezes manifestado na Universidade, onde foi estudante distinctissimo, e nas importantes publicações com que em verdes annos tem já grangeado um nome de reconhecida reputação.

Irmandade do Santissimo da Sé Velha—No domingo ultimo reuniu-se esta irmandade, a fim de proceder á eleição para os diversos cargos da mesma. A assemblêa estava muito concorrida, porque havia divergencia entre os irmãos acerca d'alguns dos cargos.

Antes do acto eleitoral, o sr. Olympio, na qualidade de juiz, disse que tinha a cumprir um grato dever, qual o de agradecer á irmandade o auxilio que havia prestado á mesa, e a esta e á commissão auxiliadora da festividade a muita amisade e benevolencia com que o tratara, lisonjeando-se de declarar que em poucas corporações haverá tanta harmonia como na de que fez parte:

Que a irmandade ia escolher os seus mandatarios, exercendo assim o seu plenissimo direito; que estava convencido de que a eleição seria digna dos eleitores; que conhecia a sua insufficiencia, e por isso lhes pedia que, para o cargo que tinha desempenhado, escolhessem pessoa que, pela sua posição social, estivesse no caso de obter todo o favor por parte dos poderes publicos, ou seja do ministerio das obras publicas ou da bulla da cruzada, ou ainda um auxilio do seminario episcopal ou do cabido da sé cathedral, onde se arrecadam os rendimentos das outras collegiadas e beneficios, a fim de obstar a que o vetusto templo da Sé Velha, um dos nossos monumentos, e dos mais venerandos, não caia em completa ruina, já tão adiantada na parte exterior:

Que tambem a capella do Santissimo precisava importante reparo e de certo os merecia: porém que, para isto se conseguir era necessario o concurso da irmandade e da junta de parochia, a qual, por fortuna, era presidida por um dos mais illustrados membros do nosso clero e apreciador de nossas antiguidades, que de certo tomaria neste empenho o logar de honra.

O sr. prior disse que já se tentara fazer alguma cousa no sentido indicado pelo sr. juiz; porém que ainda não houvera opportunidade para se conseguir; ao que o sr. Olympio respondeu que se congratulava por que o sr. prior estivesse de accordo com o que propuzera.

Procedendo-se á votação, sairam eleitos: juiz, Olympio Nicolau Ruy Fernandes—escrivão, Antonio José d'Oliveira; substituto, bacharel Agostinho de Andrade—procurador, José Pereira Junior; substituto, Francisco José Paulo.

Ouvimos que se pretende apresentar uma proposta para a reforma de alguns artigos do compromisso.

Actos.—Fez actos da 4.ª, 5.ª e 6.ª cadeira da faculdade de Philosophia para o curso medico, o nosso patricio o sr. Antonio Maria de Freitas e Motta, filho do nosso amigo o sr. José d'Almeida Motta, ficando approvado *nemine discrepante.*

Parabens ao joven academico e á sua familia.

Festividade—No domingo, 12 do corrente, celebrar-se-ha a festividade de Nossa Senhora da Conceição, no aprazivel sitio do Rangel, havendo de tarde sermão e fogaças.

Outra.—No dia 19 do corrente terá logar em Santo Antonio dos Olivaes, a festa á milagrosa imagem de Nossa Senhora das Dores. Haverá Senhor exposto, e sermão de manhã e de tarde.

Fallecimento.—Falleceu no dia 9, nesta cidade, depois de soffrimentos de muitos annos, o sr. Francisco Lopes Guimarães, fiel thesoureiro da administração do correio desta cidade. Damos os sentimentos á sua familia.

Sacrilegio.—Em data de 6 do corrente nos communica da Foz Dão o sr. Manoel José Pedro de Mesquita, que em a noute antecedente os ladrões haviam roubado o ouro e prata que tinha a imagem de Nossa Senhora da Piedade.

Desgraça.—Communica-nos tambem o sr. Mesquita, que no mesmo dia 6 do corrente, pelas 9 horas da manhã, andando dois operarios a brocar uma penha, arrancando pedra por conta do sr. Duarte Ferreira, de Pinheiro de Mortagua, para a sua nova casa do porto da Foz Dão, repentinamente se despegou uma parte da pedreira, e caiu sobre um dos operarios, que se chamava Joaquim Gil.

O outro operario, que com elle trabalhava, e mais dois homens que alli se achavam, fizeram toda a diligencia para salvar o desgraçado; mas nada conseguiram, porque morreu hora e meia depois do desastre. O fallecido era casado, e tinha 4 filhos menores.

Promoção—O sr. bacharel Eugenio da Costa e Almeida, juiz de direito de 3.ª classe, servindo na comarca de Arganil, foi promovido a juiz de 2.ª classe, e nomeado para a comarca de Felgueiras.

Exoneração e despacho—Ao sr. João Pedro Fernandes Thomaz Pippa, foi concedida, como requereu, a exoneração do officio de escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca da Louzã; e o sr. Annibal Pippa Fernandes Thomaz, foi nomeado para o mesmo logar.

Absolvição—Foi no jury, em Lisboa, absolvido o sr. conde de Magalhães, do crime de conspirador, de que era accusado.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 10—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 660—Dito branco 600—Dito mourisco 640—Milho branco 340—Dito amarello 340—Feijão vermelho 440—Dito branco 400—Dito rajado 300—Dito frade 320—Cevada 230—Favas 360—Tremoços 280—Batatas 200—Vinho 600—Azeite 1$220.

No Minho.—Era vivamente desejado o livro do sr. D. Antonio da Costa—*No Minho.* Felizmente já se acha publicado, e temos á vista um exemplar, com que nos brindou o seu illustrado auctor e nosso bom amigo.

Lemos já os primeiros capitulos; e que poderemos dizer, que corresponda ao elevado merecimento deste livro? O sr. D. Antonio da Costa, pela fluencia do estilo, pelo primor da frase, e pela naturalidade dos conceitos, força, para assim dizer, o leitor a não abandonar o seu livro, sem ter concluida a leitura delle.

E' de esperar que a edição se esgote em breve tempo, porque ninguem quererá privar-se de passar agradavelmente algumas horas, gozando uma leitura tão amena e agradavel.

Acresce a nitidez da impressão, que hoje tanto se aprecia.

Achar-se-ha este livro á venda em todas as lojas de livros desta cidade, pelo preço de 600 rs.

Conferencias religiosas—Recebemos e muito agradecemos as—*Conferencias religiosas, recitadas na sé cathedral de Coimbra em os domingos de quaresma, pelo Dr. Manoel Eduardo da Motta Veiga, lente cathedratico da Faculdade de Theologia, conego na sé de Coimbra, professor de theologia moral no seminario da mesma cidade e examinador pro-synodal da diocese.*—Lisboa—Imprensa Nacional—1874.

Bem sabido é de toda a cidade de Coimbra o quanto foi numeroso o concurso de fieis, que assistiram as conferencias que o sr. Dr. Motta Veiga fez na ultima quaresma, no vasto templo da sé cathedral desta cidade. Desejava-se geralmente que essas conferencias fossem impressas, para poderem ser lidas e apreciadas por quem não houvesse tido occasião de as ouvir. É a esse desejo e até instancias repetidas, que vem satisfazer o illustrado cathedratico da Universidade.

O sr. Dr. Motta Veiga dedica as suas *Conferencias religiosas* ao exm.º prelado desta diocese.

O primeiro livro da infancia.—O sr. Brito Aranha é incançavel nas suas publicações para o ensino da mocidade. Acaba agora de publicar— *O primeiro livro da infancia, das cidades, das villas e das aldeias, com approvação do governo.—Parte I—Syllabario.*

Fez o sr. Brito Aranha algumas inovações neste seu methodo, tendentes a facilitar o ensino ás creanças.

O primeiro livro da infancia de certo terá do publico, o acolhimento de que é digno.

Assumptos do dia.—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Consta-nos, de origem que reputâmos segura, que está resolvido um negocio importante ha muito tempo pendente. E' sabido que desde 1866 que o reverendo arcebispo de Goa, primaz do oriente, Dr. D. João Chrysostomo, instava com o governo de sua magestade para que lhe fosse concedida auctorisação para resignar o alto encargo de que se acha investido, e que exerceu assidua e dignamente por espaço de mais de seis annos no seio do seu vasto arcebispado.

Os motivos que o levavam a essa insistencia eram o sentir-se aquelle prelado com a saude deteriorada, e suppôr não ter as precisas forças para proseguir com a mesma energia e dedicação naquelle difficil ministerio.

O governo de sua magestade não quizera nunca prescindir dos seus serviços, acceder aos desejos do prelado, e offereceu repetidas vezes dar-lhe um coadjutor. O prelado por sua parte teimou sempre na renuncia.

Acontecendo, porém, ultimamente que o sr. arcebispo de Braga, achando-se doente e na avançada edade de 80 annos, pedira um coadjutor, o governo entendeu que o mais digno coadjutor e successor d'esse primaciado seria, o sr. arcebispo de Goa, e propol-o á santa sé, indicando ao mesmo tempo para a archi-diocese de Goa o sr. dr. Ornellas.

Não se demorou a santa sé em fazer constar a sua annuencia. Brevemente vão pois seguir-se os tramites legaes usados em taes casos.

Diz-se tambem, mas isso não o sabemos ao certo, que o sr. dr. Napoles, conego da sé patriarchal e habil professor de theologia no seminario de Santarem, que era um dos sacerdotes que o governo lembrara á santa sé para coadjutor do arcebispo de Goa, fôra proposto para o bispado da Madeira, vago pela nomeação do sr. Ornellas para Goa.

Parece que assim ficarão vencidas todas as difficuldades que entravam a solução d'esse grave negocio, e satisfeitas as conveniencias das dioceses interessadas.»

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 8, á noite.—Attribue-se grandissima importancia ao conselho celebrado esta tarde. Serrano chegou a Madrid ás 10 e meia da manhã, á 1 da tarde presidiu ao conselho de ministros. Ante-hontem chegou a Ramales uma columna de tropas, mas por causa das operações teve de partir para outro ponto, tornando a ficar livre de bandos carlistas a parte oriental da provincia de Santander. Zabala continuava esta madrugada em Tafalla.

Hontem á noite não houve conselho de ministros. A tropa encarregada de manter a ordem em Almaden chegou esta manhã ás minas, restabelecendo inteiramente a tranquillidade. O numero dos individuos presos por causa do motim subia esta manhã a 32. Até nova ordem ficará em Almaden um batalhão, a fim de apoiar a acção da justiça. Do norte não ha nada de novo.

Madrid 8, á noite.—Em consequencia da nova attitude que se attribue aos carlistas biscainhos, tem-se activado as obras de fortificação dos arredores de Bilbau, sendo provavel que fiquem brevemente concluidas. Numerosas forças carlistas situadas em Colindres cortaram hontem o telegrapho entre Santona e Laredo.

Escrevem do norte que os fuzilamentos feitos pelos carlistas de Estella contra alguns prisioneiros liberaes, tiveram por causa instigações de D. Margarida com quem Dorregaray quiz fazer partido seu.

Os batalhões carlistas que sustentavam a defeza de Estella eram 29 com 6 canhões, dois d'elles quasi inuteis. Durante os dias em que atacou o nosso exercito, convenceram-se em Estella de que toda a resistencia era inutil, e a população abandonou as casas dirigindo-se para o interior da Navarra.

Um redactor da *Egualdade* que ficára prisioneiro dos carlistas de Estella, foi posto em liberdade, graças á influencia do director do *Quartel Real.* Echague visitou esta manhã Serrano.

Madrid 9, de manhã.—Serrano voltou para a Granja. A'manhã chegarão a Madrid os cadaveres de Monasterio e Buceta, assassinados em Almaden. Os sequestradores do subdito inglez Arthur Hasselden pedem 4 milhões pelo seu resgate. O ministerio da guerra decidiu que os profugos das reservas possam remir-se a dinheiro, sem prejuizo de lhes ser devolvida a quantia determinada por lei. No conselho d'estado tratou-se do regulamento da abolição da escravatura em Porto Rico. Nada de novo dos carlistas.

Paris 9 de madrugada.—Corre o boato de que Mac-Mahon dissolveu a assemblea. A tranquillidade em Paris foi promptamente restabelecida. Ainda se não receberam os telegrammas da *Agencia* de Versailles desta tarde.

Madrid 9, á tarde.—Foi addiada a combinação dos governadores. Faltam telegrammas de França. Corre o boato da dissolução da assemblea; desmente-se porem que haja desordens em Paris. Estão concluidas as fortificações de Santander. Confirma-se que os carlistas fuzilaram 22 prisioneiros.

Versailles 8, á 1 h. e 45 m. da t.—Toda a noite se passou em negociações com a direita realista. Apesar das combinações offerecidas, a interpellação é mantida por 120 deputados da direita. 250 deputados da esquerda votaram a ordem do dia. Neste momento está portanto o ministerio em minoria.

Versailles 8, ás 2 h. e 35 m. da t.—As negociações entaboladas com o centro esquerdo não tiveram bom resultado. Quarenta membros deste grupo votaram com a direita, e os outros oitenta conservaram-se agrupados com mr. Thiers e votarão com as esquerdas.

Versailles 8, ás 3 h. e 15 m. da t.—A's 3 horas começou a interpellação. Luciano Brun, membro da extrema direita, toma a palavra e faz a leitura do manifesto do conde de Chambord, que é acolhido por applausos repetidos da extrema direita. Brun censura depois o ministerio por ter suspendido o jornal a *União* que publicou o manifesto, e diz não duvidar que os deputados liberaes se lhe associem para protestar contra as medidas arbitrarias do ministerio. Todas as esquerdas e a extrema direita applaudem.

Versailles 8, ás 3 h. e 54 m. da t.—O ministerio do interior declara que o debate deve reduzir-se a isto: não se trata da liberdade de imprensa, porem apenas de saber se a assemblea quererá contradizer-se e annullar a lei que deu os poderes a Mac-Mahon. Ajunta que a assemblea não o póde nem deve fazer, e supplica á assemblea que pense bem no voto que vae dar.

Versailles, 8, ás 4 h. e 40 m. da tarde.—A direita realista apresenta uma moção de censura nestes termos: A assembléa nacional, faltando ao debate a lei de 20 de Novembro e lamentando as medidas tomadas pelo ministerio, passa á ordem do dia.

Versailles, 8, ás 5 h. e 15 m. da tarde.—A moção realista foi rejeitada por 379 votos contra 80. A esquerda absteve-se de votar.

ANNUNCIOS

GRANDE ABATIMENTO

DANTAS GUIMARÃES

24, rua do Visconde da Luz, 30

1 ACABA DE EFFECTUAR uma grande compra de pannos brancos, para 100, 120, e superiores 140 rs.; um saldo de cassas para vestido, a 150 rs. o metro; bonitas alpacas de côr, de 200 reis para cima; e ditas pretas, de 300 rs. para cima.

Continua a ter bom sortido de mantas pretas de blonde para senhora.

NO MINHO

POR

D. ANTONIO DA COSTA

600 rs.

2 REMETTE-SE pelo correio a quem enviar 640 rs. em estampilhas, á

Livraria Academica

183—Rua da Calçada—185

CASA HAVANEZA

3 CHEGARAM á Filial da Casa Havaneza do Porto, optimos chapeus de palha de Italia, a 1$600 rs.

FIGUEIRA DA FOZ

4 VENDE-SE na rua de S. Julião, n.º 12, uma casa em construcção, com seu quintal, bem como alguns materiaes que estavam para a mesma.

Quem quizer comprar dirija-se em Coimbra á Couraça de Lisboa, n.º 49, e na Figueira ao illm.º sr. Bernardino Teixeira d'Araujo da Silva Ferraz.

Conferencias religiosas

Pelo Dr. Manoel Eduardo da Motta Veiga

5 VENDEM-SE na loja de encadernador de Augusto Adelino Ferraz, na rua de S. João. Preço 800 rs.

Aos banhistas das Caldas da Rainha

João Antonio d'Oliveira (vulgo o João Rei) & M. J. de Brito.

6 ANNUNCIAM que, para commodidade do publico, resolveram estabelecer uma carreira diaria de diligencia, a começar do dia 15 de Julho corrente em diante, de Leiria até ás Caldas da Rainha, de commum accordo com Antonio João Pereira, d'aquella villa, que fará a carreira por sua conta d'alli até Alcobaça.

Esta carreira ficará sendo considerada como continuação das já estabelecidas entre Leiria e Pombal, e Leiria e Chão de Maçãs.

A partida de Pombal será logo em seguida á chegada do comboio ascendente, devendo estar em Leiria ás 6 horas da tarde.—Para Alcobaça partirá a diligencia ás 7 horas da manhã, logo que chegue a carroagem do correio de Chão de Maçãs, devendo estar em Alcobaça e Caldas da Rainha ás horas marcadas para o serviço do correio;—e assim egualmente das Caldas da Rainha para Leiria, donde partirá a diligencia para Pombal ás 8 1|2 horas da manhã, e para Chão de Maçãs ás 6 1|2 da tarde.

PREÇOS

De Pombal a Leiria— dentro 800 rs.—a Alcobaça 1$800— ás Caldas da Rainha 2$800.—Fóra 600, 1$400, e 2$200 rs.

De Leiria a Chão de Maçãs— 1$000 rs. dentro, e 800 rs. fóra.

Attenção

7 FRANCISCO FERREIRA CAMÕES, bacharel formado em Direito, mudou o seu escriptorio de advogado, para a rua da Calçada, n.º 177, onde tambem recebe estudantes até á edade de 18 annos, responsabilisando-se pela sua educação e adiantamento litterario.

CAIXEIRO

8 PRECISA-SE d'um com pratica de mercearia.

Nesta redacção se diz.

9 ESTUDOS DE ADMINISTRAÇÃO, por Joaquim Thomaz Lobo d'Avila, ministro d'estado honorario e deputado ás côrtes.

Um vol. 8.º br. 1$000 rs.

Vende-se em casa de J. A. Orcel, Coimbra.

Attenção

10 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

11 MARIA LUIZA DA CONCEIÇÃO PEIXOTO QUARESMA RIBEIRO, viuva de José Ribeiro da Costa, da villa de Condeixa, vende, se o preço lhe convier, a terra que possue na Varzea de Condeixa, com rega certa da fonte do Gregolhão. — Anda arrendada a José Maria Quaresma. Recebe lanços.

12 NO DIA 21 do corrente mez de Julho, pelas 11 horas da manhã, nos paços deste concelho, hãode dar-se de arrematação até 30 de Junho de 1875, com as condições presentes no acto da praça, os impostos municipaes indirectos sobre o azeite d'oliveira, petroleo e sal commum, que se consumirem nas freguezias d'Almalaguez, Antanhol, Antuzede, Assafarge, Botão, Brasfemes, Castello Viegas, Ceira, Cioga do Campo, Eiras, Lamarosa, Santo Antonio dos Olivaes, S. Martinho d'Arvore, S. Paulo de Frades, S. Silvestre, Sernache, Souzellas, Trouxemil e Vil de Mattos.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 11 de Julho de 1874.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

DOCTOR IN ABSENTIA

13 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Deposito de Machinas de Singer para uso de familias e industriaes.

34—Rua do Visconde da Luz—36

COIMBRA

14 JOSE' TEIXEIRA DA CUNHA contractou com o representante da Companhia Fabril de Singer, de Londres, estabelecer nesta cidade um deposito das magnificas machinas de costura para familia, alfaiate e corrieiro, ás quaes se fazem preços eguaes aos de Lisboa, da unica casa succursal em Portugal.

Tambem ha excellentes linhas de linho, algodão, retroz, troçaes, agulhas, molas, ferro, tudo pertencente ás machinas.

RAPAZ

15 PRECISA-SE de um para mercearia, que tenha pratica, e que esteja no caso de ganhar dinheiro.

Falle-se com Victorino H. Lebre.—Calçada, n.º 70.

16 HA NESTA CIDADE um estabelecimento de mercearia, ferragens, e quinquilherias, em que por seu dono não poder estar á testa d'elle, precisa de um caixeiro ou pessoa idonea, e completamente habilitada, a quem se entregará o mesmo por balanço ou sociedade. Nesta redacção se diz.

Procurador agente

81—*Rua da Calçada*—81, *á esquina do Arco de Almedina*

17 ABILIO MARIA LADEIRO, procurador legalmente auctorisado, faz publico, que mudou o seu escriptorio para a rua e numero acima indicados, onde continua a encarregar-se, alem de todos os negocios judiciaes inherentes ao seu emprego, de solicitar quaesquer negocios dependentes da camara ecclesiastica, Universidade, Lyceu, Seminario, e de todas as repartições publicas; e bem assim de interpor recursos do recrutamento para o serviço militar, ou seja para a commissão districtal, ou para o conselho d'estado; o que tudo faz com a maxima brevidade, e por uma modica agencia.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

18 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fóra 600 rs.

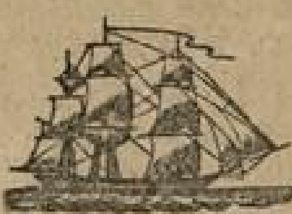
Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

GRANDE DESCOBERTA

19 ABRIU-SE ao publico, bom vinho da Bairrada, a 260 rs. o quartão, na rua Direita, n.º 33 a 35.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para **Santos:**

Barca—CLAUDINA

Para o **Rio de Janeiro:**

Barca **Joven Adelaide** em 26 de Julho.

Para o **Maranhão:**

Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

O primeiro livro da infancia ou A B C

21 PARA meninos e adultos, por Brito Aranha, 2.ª edição, approvado pelo governo, para as escolas primarias—Novo methodo para aprender a ler com rapidez, ornado de 44 gravuras, e já adoptado com aproveitamento em muitas escolas do reino.— Vende-se em Lisboa na casa Rolland & Semiond, rua Nova dos Martyres, 3, e nas principaes livrarias. —Preço 30 rs.

22 **SAUDE A TODOS** sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de *Saude*,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Saude a todos pela deliciosa *Revalescière*, DU BARRY, que cura as indigestões (despepsia) gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestão, mal aos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, dos doutores Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa,** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, B. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA. Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia, 77. J. R. de Sequeia, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2814 | TERÇA FEIRA 14 DE JULHO DE 1874 | ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O governo acaba de obter uma extraordinaria maioria nas eleições a que se procedeu no domingo.

Sanccionou por esta forma o paiz a marcha politica da actual situação.

Entre o resultado geral da eleição, sobresae a victoria obtida na capital, onde a luta foi renhidissima, triumphando os candidatos ministeriaes.

E' muito significativo este facto, e prova que em Lisboa o governo tem obtido decididas sympathias, que se devem attribuir ao favoravel estado da fazenda publica, e ao progressivo augmento do nosso credito.

Não nos consta por em quanto que no acto eleitoral a ordem publica fosse alterada.

Felicitamos o paiz por este acontecimento, que deve dar como consequencia a conservação do estado prospero em que se encontra a nação.

Verificou-se no domingo a eleição do deputado por este circulo, que recahiu, como era de esperar, no sr. conselheiro Joaquim Gonçalves Mamede, pessoa digna a todos os respeitos da estima publica.

Apesar de não ser disputada a eleição, foi bastante concorrido o acto eleitoral, sendo muito agradavel e digno de se registar, a expontaneidade com que as pessoas mais qualificadas quizeram significar perante a urna, a muita consideração em que tinham o illustre candidato.

O resultado obtido, foi, sem duvida, superior a todas as eleições, que em egualdade de circumstancias aqui tem sido effectuadas.

Folgamos com esta manifestação dada ás qualidades do sr. conselheiro Mamede, e congratulamo-nos com os nossos concidadãos pelo digno representante que este circulo vae ter em côrtes.

Eis ahi o resultado da votação:

Sé Nova	287
Santa Cruz	249
Souzellas	346
Lavarrabos	156
Ribeira	277
Castello Viegas	272
	1:588

Publicamos em seguida o nome dos deputados eleitos pelos differentes circulos do reino, de que até agora temos conhecimento.

1, Vianna, Alfredo Rocha Peixoto.
2, Monção, Placido de Abreu.
3, Ponte de Lima, Manoel da Rocha Peixoto.
4, Valença, Freitas Branco.
5, Arcos, Visconde de Azarujinha.
6, Braga, Thomaz Ribeiro.
7, Villa Verde, Alves Passos.
8, Barcellos, Jeronymo Pimentel.
9, Famalicão, Cunha Monteiro.
10, Povoa de Lanhoso, Guilherme de Abreu.
11, Fafe, Visconde de Moreira de Rey.
12, Guimarães, Vasco Leão.
13, Porto, Hiydio do Valle.
14, Porto, Bessa.
15, Amarante, Adriano Sampaio.
16, Penafiel, Vieira da Motta.
17, Felgueiras, Julio de Vilhena.
18, Paredes, José Guilherme Pacheco.
19, Santo Thyrso, Figueiredo de Faria.
20, Gondomar, barão de Ferreira de Santos.
21, Villa Nova de Gaya, Anselmo Braamcamp.
22, Chaves, Eduardo José Coelho.
23, Villa Real, Agostinho da Rocha.
24, Regoa, Lourenço de Carvalho.
25, Alijó, visconde da Ribeira de Alijó.
26, Valle Passos, Avila Junior.
27, Bragança, Thomaz Ribeiro.
28, Macedo, Marçal Pacheco.
29, Mirandella, visconde de Arriaga.
30, Moncorvo, Assumpção.
31, Aveiro, José Dias Ferreira.
32, Anadia, José Luciano.
33, Estarreja, José da Costa e Silva.
34, Feira, Pires de Lima.
35, Arouca, Diogo Forjaz.
36, Oliveira de Azemeis, visconde de Carregoso.
37, Penacova, Augusto Correa Godinho.
38, Arganil, Francisco Wanzeller.
39, Coimbra, Joaquim Gonçalves Mamede.
40, Soure, José de Sande Magalhães Mexia.
41, Cantanhede, Augusto Cesar Barjona de Freitas.
42, Figueira, D. Luiz de Lencastre.
43, Sinfães, Ricardo de Mello.
44, Lamego, Cardoso Avelino.
45, S. João da Pesqueira, Fonseca Osorio.
46, Moimenta da Beira, visconde de Guedes Teixeira.
47, Mangualde, Francisco d'Albuquerque.
48, Carregal, Fortunato das Neves.
49, Tondella—Ainda indecisa.
50, S. Pedro do Sul, José Correa de Oliveira.
51, Vizeu, Luiz de Campos.
52, Guarda, Telles de Vasconcellos.
53, Sabugal, Boavida.
54, Pinhel, Neves Carneiro.
55, Trancoso, Osorio de Vasconcellos.
56, Cêa, Carlos Testa.
57, Castello Branco, Antonio Cardoso Avelino.
58, Certã, João Ribeiro dos Santos.
59, Covilhã, Manoel Pinheiro Chagas.
60, Fundão, Sousa Lobo.
61, Caldas, Augusto Zeferino Rodrigues.
62, Leiria, João Maria de Magalhães.
63, Pombal, Antonio José Teixeira.
64, Figueiró dos Vinhos, Mouta e Vasconcellos.
65, Lisboa, Joaquim José Alves.
66, Lisboa, Antonio Augusto Pereira de Miranda.
67, Lisboa, Antonio José de Seixas.
68, Lisboa, Guilherme Quintino Lopes de Macedo.
69, Villa Franca, general Rego.
70, Mafra, Francisco Costa.
71, Belem, Pedro Franco.
72, Torres Vedras, Nogueira.
73, Almada, Eduardo Tavares.
74, Setubal, Arrobas.
75, Torres Novas, Rodrigues Sampaio.
76, Thomar, Visconde de Villa Nova.
77, Abrantes, D. Miguel Pereira Coutinho.
78, Santarem, Palma.
79, Chamusca, Mariano de Carvalho
80, Portalegre, Klerk.
81, Elvas—Empatada a eleição.
82, Aviz, Augusto de Mello Gouvea.
83, Evora, José Maria dos Santos.
84, Extremoz, Falcão da Fonseca.
85, Redondo, Luiz de Sousa.
86, Beja, Perdigão.
87, Moura, Lampreia.
89, Tavira, Carrilho.
90, Faro, Luiz Bivar.
91, Silves, Barros e Cunha.

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial de Vianna em 30 de Junho de 1874.

ACTIVO

Caixa	110:829$443
Acções	5:685$000
Letras em carteira	644:804$385
Contas correntes com garantia	383:462$011
Emprestimos sobre penhores	253:906$100
Papeis de credito	196:923$635
Devedores no paiz	275:381$018
Ditos no estrangeiro	134:571$201

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXVI

D. CARLOS

CXXVI

Chega repentinamente D. Carlos a Elgueta e se lhe apresenta Maroto sem dilação. Exigi-lhe o principe, que lhe manifeste tudo quanto houvesse succedido com Espartero, com o commodoro inglez e com o consul de França, que dias antes tinha tido uma entrevista com Maroto, para inteirar-se de quanto se passava e dar disso conhecimento ao seu governo; e o general lhe assegura, que nada mais havia do que o que tinha participado, encarecendo-lhe a urgencia na resolução, pois que nem o exercito, nem os povos queriam mais guerra.

Sorriu-se D. Carlos, e respondendo-lhe unicamente, que esperasse na antecamara, suspeitou Maroto das precauções que viu adoptar, e deixando aquelle sitio, foi prevenir a companhia de guias e batedores da sua escolta, que o haviam acompanhado, e aos seus amigos, depois do que voltou a presença de D. Carlos, assim que o chamou.

Presidia D. Carlos a um conselho de ministros e generaes, entre os quaes se achavam o infante D. Sebastião, D. Nazario de Eguia, e Silvestre, e leu a communicação de Maroto sobre as proposições do general em chefe do exercito da rainha. Todos em vista do seu conteudo convieram no critico das circumstancias e na necessidade de medidas urgentes; mas tomou a palavra no fim desta sessão um personagem, portuguez, que estava com D. Carlos, e o estimulou a passar ao exercito para se inteirar do verdadeiro sentido em que se achavam os soldados.

O principe adoptou resolutamente este partido, resolvido talvez de antemão, e a cavallo se dirigiu com a maior celeridade a visitar os batalhões levando toda a sua escolta de infanteria, seguindo-o Maroto só com seis batedores e algum ajudante.

Ficou o general Silvestre em Elgueta, e se esforçou em sublevar a tropa, arengando ás companhias de sepadores que eram da sua particular dependencia, e fazendo-lhes carregar as armas; porem o bisarro commandante da dita força e seus subalternos, contrariaram as suas machinações. Tambem percorriam os agentes do quartel real os batalhões, procurando predispol-os contra Maroto; distinguindo-se muito particularmente o francez Huguet, nomeado barão de los Valles.

Chegou D. Carlos á presença dos batalhões castelhanos e guipuscoanos, companhia de cadetes e sargentos, e os esquadrões 1.º de Castella e 4.º de Navarra, que occupavam á direita e esquerda a costa que desde Elgueta baixa a Elorrio, estando os demais batalhões navarros, guias e o 1.º sobre um costado de Elgueta, ás ordens do brigadeiro D. José Martinez, o qual se viu no maior comprometimento pela effervescencia que nos chefes subalternos tinham produzido os mencionados agentes; porem empregando efficazmente a sua energia, evitou o golpe que o ameaçava tão de perto, conservando os soldados, apesar de tantas machinações, as maiores sympathias e o mais decidido enthusiasmo a favor de Maroto.

D. Carlos dirigiu uma arenga aos soldados, perguntando-lhes se o reconheciam por soberano, se o defenderiam como até então o haviam feito, e se defenderiam alguma outra pessoa que a sua? Os dois primeiros batalhões castelhanos o victoriaram, e esta circumstancia, que não devia ter importancia alguma, porque nada mais natural que victoriar a quem reconheciam como monarcha, poz a Maroto em uma situação apurada, o que pode presumir-se se D. Carlos tivesse naquelles momentos a resolução de mandar que se procedesse contra elle, ainda que ignorava o espirito de que as demais forças se achavam animadas. A opinião dessas forças a manifestaram ellas, saindo das companhias de sargentos algumas vozes de—*viva o general Maroto!*—que se foram propagando por outros corpos, o que de certo fizeram reprimir as intenções hostis que havia contra o general, e em cuja execução teria

Ditos nas ilhas............	32:567$937
Cartas de credito...........	2:962$500
Despezas d'installação, moveis e utensilios.............	5:276$501
Reis..................	2.046:369$751

PASSIVO

Capital..................	600:000$000
Depositantes.............	259:728$157
Obrigações...............	805:876$062
Letras a pagar...........	87:423$886
Credores no paiz.........	156:236$835
Ditos no estrangeiro......	103:546$704
Dividendos...............	775$000
Fundo de reserva.........	3:000$000
Ganhos e perdas..........	30:461$087
	2.046:369$751

Banco Commercial em Vianna do Castello 8 de Julho de 1874.

Os directores,

A. Alberto da Rocha Paris

José Alves de Sousa Ferreira.

NOTICIARIO

Os tumulos de D. Affonso Henriques e D. Sancho I.—Em um curioso artigo, publicado ha dias no *Commercio do Porto*, sob o titulo de — *A espada de el-rei D. Affonso Henriques* — diz o distincto escriptor o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa o seguinte, fallando da vinda de D. Sebastião a Coimbra:

«No mosteiro de Santa Cruz mandou D. Sebastião proceder á abertura dos tumulos reaes, para ver os cadaveres do fundador da monarchia e de seu filho el-rei D. Sancho I.

«Celebrou-se este acto com grande solemnidade, assistindo todas as auctoridades civis e ecclesiasticas, e fazendo-se o competente auto de tudo o que se encontrou dentro dos mausoleus.»

Com o respeito que devemos ao sr. Vilhena Barbosa, um dos mais auctorisados investigadores que hoje ha no paiz, pedimos licença para observar, que s. ex.ª, nos periodos que acabamos de transcrever, cahiu em um engano, alias muito desculpavel.

Não consta que D. Sebastião fizesse abrir os tumulos de D. Affonso Henriques e D. Sancho I.

Depois que, no tempo de D. Manoel, os restos de D. Affonso Henriques foram trasladados para o tumulo magnifico, mandado erigir pelo monarcha venturoso, na egreja de Santa Cruz, só duas vezes se abriu até hoje a sepultura do nosso primeiro rei.

Effectuou-se a primeira abertura no tempo de D. João V, em Setembro de 1732, com o fim de se proceder ás investigações necessarias para a canonisação de D. Affonso Henriques, de que então activamente se tratava.

A segunda realisou-se no dia 23 de Outubro de 1832, em presença de D. Miguel, que achando-se nesta cidade de passagem para o cerco do Porto, teve curiosidade de ver os restos do fundador da monarchia.

Os brazileiros no Minho e a emigração para o Brazil. — Do recente livro do sr. D. Antonio da Costa — *No Minho* — tomamos a liberdade de transcrever o seguinte:

«Entre as classes aristocraticas e as populares levanta-se um entidade que tem logar distincto, e que representa um elemento notavel. E' o brazileiro.

Não são conhecidos senão por brazileiros os nossos compatriotas das provincias do norte, que, indo ao Brazil grangear haveres pelo seu trabalho, regressam á patria.

Desconhecer que o brazileiro está representando no progresso minhoto um papel caracteristico, seria faltar ao que se deve á observação, e até uma injustiça. Nem podia deixar de o representar, averiguado que regressa annualmente um grande numero dos nossos antigos emigrados, e que, tambem annualmente, sobem a tres mil contos de reis as quantias que entram em Portugal conquistadas pela emigração.

E inegavel este progresso. Os bancos das principaes terras do Minho devem-se em parte aquelles nossos conterraneos, assim como algumas escolas. Nas povoações urbanas e ruraes são raros os palacetes novos e alindados que não pertençam a brazileiros. A propriedade campestre encarece prodigiosamente, porque ao voltarem ás suas localidades compram-na por preço exorbitante, valor estimativo que lhe ligam, e, emquanto não regressam á patria, muitos d'elles mandam mesadas ás familias. O brazileiro invade assim a sua provincia, e imprime-lhe um certo cunho especial.

Poderiam elles fazer mais? Podiam, deviam, e aqui lhes pedimos que o façam. São portuguezes, são nossos irmãos, aos lares patrios regressam, comeram outr'ora o pão da desgraça, suaram o suor do trabalho, padeceram talvez martyrios, expozeram-se a morrer no clima estrangeiro; recommendam-n'os estes titulos á consideração nacional. Refiro-me aos honrados, não aos traficantes de carne humana, ou aos que por qualquer modo infamaram o trabalho na origem das suas riquezas ou na forma villã de a fazerem render. Para estes, o desprezo; para os honestos, a honra e a gloria.

Mas não basta o que têem feito. Ha quem lhes chame egoistas e avarentos. Cumpre-lhes dar mais um passo: provarem que lhes fazem injustiça. A provincia carece de grande industria, de instituições de credito popular e agricola, de caixas economicas, de sociedades cooperativas, de desenvolvimento da instrucção profissional. Ahi lhes está aberto um campo vasto em que podem successivamente, congregando-se, abrir á provincia onde nasceram, onde têem as raizes da sua alma, um progresso amplo e desenganado. Se a emigração está por um lado desfalcando o Minho, seja ella mesma não só que resarça o damno, mas com acrescimos de vantagens e de civilisação.

Mencionei o trafego e o progresso relativo que provêem do brazileiro. Não os posso porem desligar do facto da emigração.

A emigração do Minho!

Os que voltam ricos e felizes!

E os que não voltam? e os que lá morrem longe das familias? e os que lá caem n'outra desgraça porventura peior que a morte, a vida em semi-captiveiro?

Antes de partirem, os engajadores a lerem-lhes nas mãos a *buena dicha* para lhes provarem que os espera a felicidade; a apontarem para os palacios, para as quintas e haveres dos vizinhos, cujos paes ou avós nada possuiram como elles: a mostrarem-lhes o sol que brilhante rompe das nuvens, mas a esconder-lhes a tempestade, cujos destroços, por longiquos, não podem ver, nem sequer suspeitar.

Partiram.

Doze mil por anno, em cada dezena de annos cento e vinte mil portuguezes largam das nossas praias em demanda de pão, da fortuna, de porvir.

Grande numero d'esses nossos irmãos, em vez do sonhado porvir, que vão elles encontrar?

Logo na viagem fome, espancamento, como se fossem escravos. Lá contractos intencionalmente ambiguos, o trabalho de nove e dez horas por dia em clima abrazador, com alimentação a que não estão costumados e muitas vezes com salario inferior ao de um servo; ferimentos resultantes de chicote (como declara um dos nossos embaixadores, acrescentando que os traficantes da escravatura branca, são mais deshumanos do que os traficantes de negros), nos contractos das mulheres sendo o maior ou menor grau de belleza condição expressa, mais ou menos vantajosa, para immoralmente influir nos mesmos contractos, os agentes consulares de Portugal na America, uns sem terem podido proteger os seus infelizes compatriotas, outros até connniventes, desattendendo as suas queixas quando cruelmente espancados ou illudidos.

Horrorisa ler a correspondencia official dos nossos ministros plenipotenciarios no Brazil, principalmente a do sr. conde de Thomar, expondo as violencias e padecimentos dos infelizes portuguezes. Prejudicando a muitos para só a uma parte delles utilisar, a emigração portugueza é um mar de lagrimas de que se tiram perolas.

E cruzam-se os braços diante deste espectaculo! e tem-se consentido durante tantos annos que a bandeira das quinas, a bandeira em que está gravado o symbolo do amor fraternal, haja protegido uma escravatura assim, imaginando-se que deve ser com delongas e poeira nos olhos que se resolvem questões da importancia desta.

Não sabeis que a emigração do Minho é a poesia da desgraça? Pois ninguem quer morrer á fome, e só o hade querer o minhoto? Todos têem uma familia, e só no minhoto não hade haver coração para a desejar? Todos sentem a ambição na alma, e só o minhoto hade ser neste mundo uma excepção? É facil aos que não padecem fome dizer aos outros que não emigrem. Dizeis ao minhoto: «Não emigreis, porque a emigração é o infortunio dos que lá morrem». O que elle vê é aquelles que regressam, e que ao pé da sua choupana levantam palacios. Quando foi que a desgraça preveniu a desgraça? Onde vistes que o soldado deixasse de investir contra o inimigo porque o seu camarada lhe caiu morto ao lado?

Não, não é com palliativos que se resolve esta questão gravissima. Póde-se impedir, aqui ou alem, uma infelicidade, mas a questão fica de pé.

Onde está para o excesso da população minhota a grande colonisação do Alemtejo? onde, não as reformunculas, mas a reforma séria da vida local? onde está a regeneração das nossas possessões ultramarinas? onde está a educação, em sentido colonial, n'um povo que não tem razão de ser militar, que não foi nem póde ser senão maritimo por quantas razões ha de situação, de tradições e de tendencias aventurosas? onde o amplo desenvolvimento das industrias? onde a instrucção popular profissional? onde têem estado os governos exclusivamente da nação e para a nação?»

Vida prodigiosa — Em o n.° 50 da *Gazeta de Lisboa*, de quinta feira, 13 de Dezembro de 1731, se lê o seguinte:

«Na villa do Barreiro, da outra parte do Tejo, falleceu em 17 de Outubro passado, João Rodrigues, Escarinhado, natural da villa de Colares, em edade de 125 annos, o qual se achava servindo de soldado em Flandres, no anno de 1640, em que se acclamou o senhor rei D. João o IV, a quem veiu servir, e se achou na restauração de Evora.

«No mesmo dia, poucas horas antes, falleceu sua mulher Antonia Rodrigues, em edade de 104 annos, havendo 87 para 88 que eram casados, e ambos foram conduzidos á sepultura em uma mesma tumba, e mettidos em uma mesma cova, na egreja matriz d'aquella villa.»

Medalhas da liberdade. — Aos nossos amigos os srs. José Mendes Diniz e João Pereira de Miranda, empregados na bibliotheca da Universidade, foi concedida a medalha n.° 1 de D. Pedro e D. Maria, por terem assentado praça em 1834 no batalhão nacional de Coimbra.

---

corrido muito sangue, sem talvez se salvar D. Carlos, nem os seus conselheiros.

Desgostoso D. Carlos, dirigiu-se ás forças, donde haviam saido as vozes, perguntando-lhes a quem serviam, dizendo-lhes por ultimo que aonde elle estava, ninguem mais se victoriava.

Os batalhões castelhanos, commandados por D. José Fulgosio e D. Manoel Lassala, foram circumspectos na presença de D. Carlos, porem ao chegar ante os guipuscoanos, recebeu o ultimo desengano. Largo tempo esteve repetindo a arenga, sem que ninguem lhe respondesse uma palavra, apesar das suas instancias e de lhes repetir: — *meus filhos, nada me dizeis? Não me tendes ouvido?*

O silencio continuava, até que Maroto disse a D. Carlos, que talvez o não tivessem comprehendido, pelo que preveniu ao brigadeiro Iturbe, que lho explicasse em vasconço; e ainda que assim o fez, continuou o mesmo silencio entre os guipuscoanos. D. Carlos se retirou então precipitadamente, sem querer apresentar-se a nenhum outro corpo. Taes foram os resultados desta revista.

Maroto dispoz naquella mesma tarde, que os batalhões e esquadrões de Navarra marchassem para a sua provincia, porque intentava que cada uma por si, com suas deputações e commandantes geraes á frente, se pronunciasse como melhor conviesse, para que nunca podessem dizer com fundamento que os haviam compromettido, ou enganado.

Já os guipuscoanos se haviam assignalado por sua decisão desde o principio, e á frente dos biscainhos estava o general La Torre, que não podia retroceder de modo algum, achando-se tão compromettido ou mais que Maroto, e mui seguro que os batalhões não fariam senão o que lhes mandasse.

Tambem havia na divisão castelhana commandantes, que tinham contraido compromissos de tal natureza, que não poderiam faltar a elles sem arriscar a sua vida. Outros chefes na Navarra eram tambem addictos a Maroto, e tudo, em fim, conspirava a preparar um amigavel desenlace ao tragico drama que por tantos annos desvairava aos hespanhoes; e a fim de o apressar, pediu Maroto a Espartero uma suspensão d'armas, que facilitasse o arranjo definitivo, assegurando-lhe que estava resolvido a evitar que se voltasse a derramar uma gota de sangue.

Sabedor D. Carlos da direcção que levavam os batalhões e esquadrões navarros, chamou-os, e se lhe uniram na mesma noute, baixando Maroto a Elorrio para estar mais proximo ás communicações de Espartero: o conde Negri e Silvestre permaneceram em Elgueta.

Nestes momentos o principe, apesar de ter desattendido as renuncias de Maroto, tomou, instado pelos seus conselheiros, a resolução de officiar a Negri, encommendando-lhe o commando do exercito, expressando na referida ordem, que admittia a demissão de Maroto e lhe facultava licença para se retirar ao estrangeiro. Ao mesmo tempo fizeram a Maroto os maiores offerecimentos de segurança na sua marcha; mas ja não era tempo, e se negou resolutamente a obedecer a taes mandadatos.

O conde de Negri assim que recebeu a ordem, começou a communicar as suas directamente aos chefes dos batalhões — aconselhado por Silvestre — inteirando-os das disposições do principe, e exigindo-lhes a mais estricta observancia.

Negri surprehendeu e deteve as companhias da escolta de Maroto, que situou ao pé da costa de Vergara, em observação dos movimentos do quartel general de D. Carlos; porem teve logo Maroto noticia desta occorrencia, e ordenou aos commandantes Lasala e Cuevillas, que com algumas forças de seus batalhões e um destacamento de cavallaria, marchassem immediatamente a Elgueta e prendessem ao conde Negri e a Silvestre, o que teve effeito em quanto ao conde, evadindo-se Silvestre.

D. Carlos, desde Villareal de Zumarraga a Villafranca, onde havia ido em a noute de 26, contrariou em quanto poude a situação, que Maroto preparava. Vozes de traição, folhetos, offertas para seduzir aos chefes e soldados, tudo se poz em jogo. Espartero pela sua parte, repetiu as suas instancias a Maroto por meio do brigadeiro Zabala, o qual o inteirou de uma communicação assignada pelo ministro da guerra do governo da rainha, o general Alaix, na qual se facultava a Espartero para a terminação da guerra, 25 milhões de reales, cuja quantia se havia julgado necessaria.

A esta communicação respondeu Maroto, que o bem geral dos hespanhoes, era a unica cousa que lhe interessava; e depois de uma larga conferencia com Zabala, convencionou Maroto, que ao amanhecer do dia seguinte se veria com Espartero; o que effectivamente teve logar na ermida de Santo Antolin de Abadiano, a curta distancia de Durango.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

O Misantropo. — O nosso estimavel amigo o sr. visconde de Castilho tomou sobre si a ardua tarefa de transplantar para a lingua portugueza o *theatro de Molière*.

Já publicou o *Medico á força*, o *Tartufo*, o *Avarento*, e as *Sabichonas*; e agora acaba de dar á luz o *Misantropo*, comedia em 5 actos.

Da mesma forma, que nas quatro primeiras *tentativas*, nos mimoseou o sr. visconde de Castilho com o *Misantropo*.

Devidamente apreciamos e muito agradecemos a offerta do nosso antigo e illustrado amigo.

Cemiterio da Conchada — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Joaquina da Conceição, filha de José Monteiro e de Carolina da Conceição, natural de Coimbra, de 24 annos, fallecida no dia 5 de Julho.

Margarida Rosa do Nascimento, filha de Domingos Correa e de Maria Rata, natural de Coimbra, de 56 annos, fallecida no dia 8.

Albertino Alberto Mendes Fragoso, filho de José Maria Mendes Fragoso, natural de Coimbra, de 24 annos, fallecido no dia 8.

José Anastacio da Silva, filho d'Alexandre da Silva e de Joanna Maria, natural de Coimbra, de 72 annos, fallecido no dia 9.

Francisco Lopes Guimarães, filho de Franco Lopes Guimarães e de D. Marianna Angelica Pinto de Carvalho, natural de Coimbra, de 49 annos, fallecido no dia 9.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada — 5550.

Acerca das noticias da Figueira — O sr. Antonio Vieira, actualmente residente em Torres Vedras, escreve-nos o seguinte:

«Amigo e sr. — A leitura do seu muito interessante jornal o *Conimbricense*, numero 2812, fez-me deparar com uma correspondencia da Figueira, datada de 5 do corrente mez; e assignada por um *sete estrellas*, a quem tenho o sentimento de não conhecer, para directamente lhe endereçar os meus agradecimentos, pela correcção que se dignou fazer ao meu humilde escripto, inserto, por benevolencia de v., no mesmo jornal, n.° 2810.

Ainda assim permitta-me o illustre desconhecido, que por esta forma lhos dirija, ja que é habito inalteravel meu, nunca esquecer aquelles que tem a condescendencia de ensinar-me com tanta *liberdade*.

Dito isto permitta-me tambem o illustre mestre, que dê ao publico as explicações que entendo dever-lhe sobre a materia que tão escrupulosamente rectificou o meu distincto censor.

Quando fallei da transposição dos muros da Figueira pelo exm.° ministro, declaro ao meu preclaro mestre que me não lembrou na occasião qualquer outro termo que exprimisse a mesma ideia, nem mesmo daquelles em que supponho ser tão abundante o meu insigne professor, nas suas numerosas obras apocriphas e ineditas, das quaes tive sempre o *mau gosto* de não querer adoptar, recordando-me apenas na occasião em que escrevi, d'aquella bem conhecida oitava de Francisco Rodrigues Lobo, que termina com os seguintes versos:

«Mente o outro para bem,
«Nós mentimos para mal.»

— E' facto que só por esquecimento, mas unicamente por este motivo, sob minha palavra d'honra o declaro, deixei de mencionar as auctoridades judiciaes entre aquellas que comprimentaram o exm.° ministro, falta esta que pelo mesmo motivo poderia dar-se com relação a outras auctoridades, como ecclesiasticas, etc. No entanto se involuntariamente offendi alguem com tal acontecimento, a todos peço desculpa, afiançando-lhes que não foi falta de deferencia (a qual tenho por todos) o que muito me quer attribuir o meu sublime mestre, com os seus sublinhados, parecendo querer applicar-me intenções que podem ser exclusivamente suas!

— Sobre o reparo que s. s.ª fez no quarto periodo da minha anterior carta, responderei que os espertos, como s. s.ª mostra ser, espargem tanto a finura que, com facilidade ella se derrama ainda pelos mais obscuros, como eu, a ponto de com facilidade se penetrar nos intuitos, *sempre bons*, de s. s.ª; obrigando-me por isso a declarar a s. s.ª, que tal demonstração nenhuma referencia tem com as auctoridades judiciaes da Figueira, das quaes d'uma sei até que o seu comportamento é tão integerrimo e exemplar, que não ha nenhuma outra que o exceda; salvo, porem, se o meu illustre mestre se considera auctoridade judicial, e pegou na carapuça e a encaixou na cabeça, porque neste caso é possivel que a consciencia lhe diga que a encaixou muito bem.

— Em quanto ao cerimonial do baptisado, tambem o insigne professor diz que dei *raia*. Paciencia! Eu suppunha que uma missa cantada tinha mais cerimonias que uma resada; uns officios d'honra, mais que uma encommendação simples, etc., illudi-me, não admira porque nada sei de lithurgia; s. s.ª, porém, indica ser encyclopedico, alem do que provavelmente convive muito com os reverendos, e é possivel mesmo que, segundo a sua auctorisada opinião ao que hoje indica que se chame preto, amanhã se lembre de querer demonstrar que é branco!

— Quanto a rectificação sobre philarmonicas, não a acceito, porque muito de proposito não disse o motivo porque agradeci á de Taveiro, isto unicamente com o intuito de occultar o que tinha presenciado ao digno presidente da philarmonica figueirense. Deixo essa gloria ao meu illustre mestre, já que de ha muito concebi que as faltas de casa não devem ser pela familia expostas ao publico.

— Sobre a critica feita ao meu oitavo periodo, direi só que descrevi as visitas do mesmo ministro por informações, mas ainda assim não estou arrependido de denominar de maravilhosas as obras do nosso porto porque, admittida a hypothese de em tal denominação haver algum exaggero, parece-me que não só no nosso paiz, como tambem em alguns da Europa que vi, não as encontrei tão bem feitas como as do nosso muro do caes; é provavel, porém, que o illustre critico tenha conhecimento de muitas, e por isso lhe rogo que se digne indicar-me alguma que me convença do contrario, porque então confessarei logo a minha culpa. Theatro, em Portugal, com excepção de Lisboa, tambem ignoro onde o haja de melhor architectura, maior segurança e menos custo relativo. Em paços de concelho, parece-me egualmente que em terras da cathegoria da Figueira, poucos ou nenhuns haverá melhores e que tanta commodidade offereçam aos povos.

— Sobre a comitiva que acompanhou o exm.° ministro á sahida, pareceu-me ser a mesma, com pequena differença, que o tinha ido receber. E' possivel que houvesse alguma falta minha, mas que creio não devia ser extranhada, visto que não tirei apontamentos de nomes nem citei mais que os dos srs. Macedo e José Luiz, que ouvi foram á Figueira de proposito para comprimentar s. ex.ª Tambem me não recordo bem o ponto em que o exm.° ministro se despediu de quem o acompanhou, mas salvo o erro, não foi no quinto kilometro, como mathematicamente affirma o meu sapientissimo mestre.

Supponho ter respondido, como sei, ás arguições das faltas que tão involuntariamente commetti e que tão a capricho foram reparadas por tão delicado cavalheiro. Resta-me, pois, dizer-lhe, só a elle, que, faço votos para que não pratique outras maiores; que envidarei todos os esforços para que por basofia, vaidade, ou menos compenetração do logar que exerço, não commetta outras que comprometam interesses de terceiro, e para ver se consigo o que desde já declaro ao publico que me é muito penoso roubar qualquer tempo, para responder ás arguições que me faça o meu sabio mestre, a quem não estou disposto a dar satisfações senão pessoalmente.

Pela sua lição, como me prezo de não ser caloteiro, desde já lhe rogo se digne enviar-me a conta, sem receio de que lha não pague e ainda lhe dê alguma descompostura; e para que tenha a certeza de que não falla com nenhum anonymo, peço licença a v., sr. redactor, para me assignar com o maior respeito e estima.

De v. o mais att.° venerador am.° obg.mo e humilde servo — Torres Vedras, 10 de Julho de 1874 — *Antonio Vieira*.»

Crime. — Lê-se no *Commercio do Porto* o seguinte:

«E' grande a lista de occurrencias mais ou menos tristes que provam no noticiario de hoje tendencia para o crime. Nenhuma, porem é mais deploravel nem tão grave como a que vamos registrar.

Ante hontem entrou no hospital da Misericordia uma rapariga, que havia sido extrahida de um poço e que tinha algumas fracturas e ferimentos que não pareciam produzidos por uma queda. A infeliz rapariga não fallava e por isso ignorava-se o caso que dera logar aquelle facto horroroso.

A victima recuperando a falla poude fazer declarações das quaes se deprehende o seguinte:

Um individuo da Villa da Feira attentou contra o recato da pobre rapariga, em quem achou uma resistencia tenaz e violenta.

Exasperado pela lucta, fez-lhe com um formão varios ferimentos, todos de gravidade, e querendo esconder o seu crime, pois julgou que tinha matado a infeliz rapariga, deitou-a a um poço e em seguida fugiu.

A rapariga, que se chama Bernardina de Oliveira, tinha ido buscar agua a um poço, e foi ahi que teve o encontro com o malvado, que é carpinteiro e trabalhava no concerto da bomba ou nora.

A mãe da victima, vendo que a filha não voltava, procurou-a, e não a encontrando, mas vendo o cantaro, lançou mão delle; por esta occasião, descobrindo muito sangue no chão, olhou para dentro do poço, e, avistando a filha, gritou por soccorro. Acudiram algumas pessoas e tirada que foi a rapariga do poço, conduziram-a ao hospital da Misericordia, onde lhe extrahiram um osso de um pé que havia fracturado na queda.

Foram nove os ferimentos que a infeliz recebeu, sendo sete n'uma perna, um no quadril e outro na parte superior da coxa.

O malvado chama-se José Maria. Segundo parece, ainda não foi preso, mas é de crer que não escape por muito tempo ao justo castigo do seu horroroso crime.»

O manifesto do conde de Chambord — Lê-se no *Commercio do Porto* o seguinte:

«A respeito do manifesto do conde de Chambord, o correspondente em Paris do *Times* diz que este documento causou geral e profunda impressão entre os monarchicos de todas as côres, que viram assim arruinadas as suas ultimas esperanças. O manifesto foi recebido inesperadamente, nas officinas do periodico *L'Union*. Nenhum dos chefes legitimistas tinha conhecimento d'elle, e o proprio governo, segundo uma folha ministerial, tambem não teve noticia delle senão depois de o ver publicado na *Union*. Cumpre notar que o manifesto tem a data de 2 de Julho, mas o signatario não indica aonde o escreveu. Suppõe algumas folhas que o conde Chambord o escrevera em Montreux, no cantão de Vaud, d'onde partia logo em seguida para aproximar-se da fronteira, a fim de penetrar em França se o convidasse a isso alguma subita manifestação a seu favor.

E' notorio — acrescenta o correspondente do *Times* — que o conde de Chambord ou é maniaco, ou ignora completamente o estado dos sentimentos do paiz. As unicas pessoas a quem não surprehendeu o manifesto, são as poucas que conheciam as phrases que elle disse ha pouco tempo a um dos seus confidentes, com quem se exprimiu nestes termos:

«Não quero a responsabilidade ministerial. Não me exporei a ver-me obrigado, como o imperador da Austria, a promulgar leis feitas contra a minha vontade e contra a minha consciencia.»

«Se o conde de Chambord tinha alguma probabilidade de subir ao throno de França, o seu ultimo manifesto destruiu-a. O manifesto parece o acto de um homem transtornado que não tem fé nos seus proprios projectos, e que se compraz em pôr novos obstaculos no seu proprio caminho. Quasi poderia suppor-se que desejava destruir a sua causa e retirar-se depois para um convento, se não transluzisse claramente em algumas passagens do seu manifesto, um ardente desejo de reinar.»

São estas as considerações que suggere ao correspondente do *Times* o manifesto em questão. Por outro lado diversos jornaes dizem que em presença da attitude tomada pelo conde de Chambord, vão passando para as hostes da republica conservadora todos os monarchicos, que desesperando já do restabelecimento de uma realeza que quiz tornar-se incompativel com a sociedade moderna, procuraram na republica moderada um refugio contra o imperio.»

Noticias estrangeiras. — As ultimas noticias são as seguintes:

Versalhes 9 á noute. — Foi hoje lida na assembleia a mensagem de Mac-Mahon. Neste importante documento o marechal presidente recorda que os seus poderes são irrevogaveis, dizendo que quando foi elevado ao poder, pozeram-no acima de toda a discussão. Accrescenta que a assembleia não se deve apartar do que propoz, pois que ao delegar a sua soberania não póde voltar atraz. Supplica encarecidamente á assembleia que organise os poderes que lhe confiou, acabando por dizer que está resolvido a fazel-os respeitar. A leitura da mensagem causou profundissima sensação. Raul Duval (bonapartista) apresentou uma proposta pedindo a dissolução da assembleia, supplicando que fosse declarada urgente. Consultada a camara rejeitou a urgencia.

Versalhes 10 — A esquerda e os bonapartistas votam pela dissolução. O centro esquerdo votará, se for rejeitada a proposta Perier.

Paris 10 — A mensagem de Mac-Mahon e geralmente approvada.

Berlim 9 — Hatzfeld estava encarregado de agradecer ao governo hespanhol o pagamento da indemnisação aos commerciantes allemães de Cartagena.

Madrid 10 de Julho á tarde — Segundo diz a memoria da administração do caminho de ferro de Pamplona, em 1873 os carlistas queimaram 19 estações e 59 casas; destruiram 9 pontes, 400 kilometros de fio telegraphico e muitos wagons; e assassinaram varios empregados que cumpriram o seu dever. O exercito do norte terá tres corpos ás ordens de Moriones, Ceballos e Laserna, com o total de 80:000 homens. Será reforçada a guarnição de Bilbau. Os salteadores exigem agora um milhão de reales pelo resgate do inglez Hasenden. A familia offerece metade.

Paris 11 — Bertauld, membro do centro esquerdo, pediu á assembleia para interpellar o ministerio sobre a mensagem do marechal presidente; mas a pedido do general Cissey foi adiada a interpellação para quando se discutirem as leis constitucionaes.

A commissão dos trinta ouviu já os ministros, os quaes pediram a instituição da camara alta, o direito de dissolução e o escrutinio por *arrondissements*, em substituição do escrutinio por lista.

Versalhes 11 ás 4 h. 48 m. da tarde — A commissão constitucional rejeita em tres pontos o projecto apresentado hontem pelo ministerio do interior. A assembleia continua a discutir a lei do imposto. Parece que será rejeitado o systema financeiro do sr. Magne.

Versalhes 11, ás 4 horas e 30 m. da tarde — O conselho de ministros occupou-se das medidas a tomar contra o jornal o «Figaro» por causa da publicação de um artigo. Se o jornal não fôr supprimido a direita e a esquerda farão uma interpellação.

Versalhes 11 ás 5 h. 12 m. da tarde — O centro esquerdo enviou para a mesa um requerimento para uma interpellação contra o jornal o «Figaro». O ministro da justiça annunciou que esse jornal acabava de ser supprimido. Foi portanto retirada a interpellação.

Versalhes 10, ás 2 h. e 45 m. da tarde — E' inexacto que o sr. Fourton ministro do interior mantenha a sua demissão. Todos os outros ministros ficam egualmente no poder. A commissão de iniciativa encarregada de examinar a proposta de dissolução é composta na sua maioria de membros republicanos. O seu relatorio terminará, pois, pela adopção da proposta. Corre o boato de que em virtude do resultado do inquerito judiciario, o ministro da justiça pedirá auctorisação para processar o presidente da junta do appello ao povo.

Madrid 12 — Lê-se na *Gazeta*:

«Bilbau — Sahiram forças para proteger quem trabalha nas obras de defeza, as quaes chegaram á villa de Mungia, abandonada por todos os homens. Ao regressar as tropas tiveram um encontro com dois batalhões carlistas, aos quaes causaram bastantes perdas.

Burgos — Foi batida pela terceira vez a facção Blanco na povoação de Monte Rublo, deixando 1 morto, 1 prisioneiro e armas.

Aragão — Chegou a Teruel a brigada Lopez Pinto, que soffreu um tiroteio proximo de

Gargallo, causando alguns mortos, e fazendo 7 prisioneiros aos carlistas.

Madrid 12.—Os carlistas aproximam-se de Puigcerda. As mulheres e as creanças refugiaram-se em França. Os homens resolveram todos resistir. Peralta chegou a Bilbau. O chefe carlista Somolinos chegou hontem a Madrid vindo de Bayona, e apresentou-se hoje a indulto, que lhe foi concedido. O conflicto dos trabalhadores do caminho de ferro de Ponferrada ameaça tomar proporções graves. Falta dinheiro á empresa.

Os carlistas fuzilaram dois individuos em Marquina pelo delicto de terem mandado os filhos para os Estados-Unidos. Continua augmentando a insurreição em Tanger. Em Salvaterra ha 300 cavallos carlistas, e entre elles alguns cavalleiros francezes.

O contra-almirante Pezuela foi nomeado representante de Hespanha na conferencia de Bruxellas. O marquez de Valdespina com 8 batalhões entrou ante-hontem á noite em Carranza, levando comsigo todo o gado que encontrou.

Associação dos Artistas de Coimbra—Publicando hoje o balancete desta Associação, relativo ao ultimo semestre, não podemos deixar de sentir que o seu movimento indique decadencia. O estado da Associação dos Artistas mostra a urgente necessidade de alguma reforma; aliás em poucos annos se extinguirá o capital.

Saldo do anno anterior.......	4:769$023
Recebido no 1.º semestre deste anno..................	961$671
	5:730$694
Despendido nas diversas addições de despeza...............	1:216$294
Saldo para o 1.º do corrente...	4:514$400

O secretario, *José Maria Duarte.*

ANNUNCIOS

ANTONIO MARIA CARDOSO

42—Rua da Calçada—44

1 ACABA de receber uma porção de chitas que eram de 180 e 190 rs. o metro, que vende por 150 rs. Pede aos seus freguezes que venham ver a boa qualidade do panno.

GRANDE ABATIMENTO

DANTAS GUIMARÃES

24, rua do Visconde da Luz, 30

2 ACABA DE EFFECTUAR uma grande compra de pannos brancos, para 100, 120, e superiores 140 rs.; um saldo de cassas para vestido, a 150 rs. o metro; bonitas alpacas de côr, de 200 reis para cima; e ditas pretas, de 300 rs. para cima.

Continua a ter bom sortido de mantas pretas de blonde para senhora.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

3 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

4 COMEÇA no dia 15 o pagamento do dividendo do 1.º semestre de 1874, na razão de 3$000 rs. por acção, no edificio da Caixa Filial deste Banco, praça de S. Bartholomeu, n.º 79 a 81.

Coimbra 13 de Julho de 1874.

NO MINHO

POR

D. ANTONIO DA COSTA

600 rs.

5 REMETTE-SE pelo correio a quem enviar 640 rs. em estampilhas, á

Livraria Academica

183—Rua da Calçada—185

Aos banhistas das Caldas da Rainha

João Antonio d'Oliveira (vulgo o João Rei) & M. J. de Brito.

6 ANNUNCIAM que, para commodidade do publico, resolveram estabelecer uma carreira diaria de diligencia, a começar do dia 15 de Julho corrente em diante, de Leiria até ás Caldas da Rainha, de commum accordo com Antonio João Pereira, d'aquella villa, que fará a carreira por sua conta d'alli até Alcobaça.

Esta carreira ficará sendo considerada como continuação das já estabelecidas entre Leiria e Pombal, e Leiria e Chão de Maçãs.

A partida de Pombal será logo em seguida á chegada do comboio ascendente, devendo estar em Leiria ás 6 horas da tarde.—Para Alcobaça partirá a diligencia ás 7 horas da manhã, logo que chegue a carroagem do correio de Chão de Maçãs, devendo estar em Alcobaça e Caldas da Rainha ás horas marcadas para o serviço do correio;—e assim egualmente das Caldas da Rainha para Leiria, donde partirá a diligencia para Pombal ás 8 1/2 horas da manhã, e para Chão de Maçãs ás 6 1/2 da tarde.

PREÇOS

De Pombal a Leiria— dentro 800 rs.—a Alcobaça 1$800— ás Caldas da Rainha 2$800.—Fóra 600, 1$400, e 2$200 rs.

De Leiria a Chão de Maçãs— 1$000 rs. dentro, e 800 rs. fóra.

7 CONFERENCIAS RELIGIOSAS, recitadas na sé cathedral de Coimbra, em os domingos da Quaresma, pelo Dr. Manoel Eduardo da Motta Veiga.

Preço......800 rs.

Pelo correio 840 rs., recebendo-se esta importancia em estampilhas.

Livraria Academica

183, Rua da Calçada, 185

CAIXEIRO

8 PRECISA-SE d'um com pratica de mercearia.

Nesta redacção se diz.

Attenção

9 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

VENDA DE PROPRIEDADES

10 VENDEM-SE duas moradas de casas, se o preço convier, pertencentes aos filhos do fallecido Antonio Justino da Costa, umas sitas na rua do Borralho, n.os 5 e 7, e outras no becco dos Militares, n.os 3 e 5. Recebe lanços até ao fim do corrente mez de Julho, Pantaleão Augusto da Costa, na rua da Calçada, n.º 209.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para **Santos:**

Barca—CLAUDINA

Para o **Rio de Janeiro:**

Barca **Joven Adelaide** em 26 de Julho.

Para o **Maranhão:**

Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

12 NO DIA 28 do corrente mez de Julho, ás 9 horas da manhã, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, se hãode vender em hasta publica os bens penhorados a Francisco Pedro Salema de Figueiredo, e sua mulher, da Granja de Ulmeiro, por execução de credito predial, que lhes move o Dr. José Maria Pereira Coutinho de Figueiredo, desta cidade, escrivão Costa, officio de Herculano.

Deposito de Machinas de Singer para uso de familias e industriaes.

34—Rua do Visconde da Luz—36

COIMBRA

13 JOSE' TEIXEIRA DA CUNHA contractou com o representante da Companhia Fabril de Singer, de Londres, estabelecer nesta cidade um deposito das magnificas machinas de costura para familia, alfaiate e corrieiro, ás quaes se fazem preços eguaes aos de Lisboa, da unica casa succursal em Portugal.

Tambem ha excellentes linhas de linho, algodão, retroz, troçaes, agulhas, molas, ferro, tudo pertencente ás machinas.

Conferencias religiosas

Pelo Dr. Manoel Eduardo da Motta Veiga

14 VENDEM-SE na loja de encadernador de Augusto Adelino Ferraz, na rua de S. João. Preço 800 rs.

RAPAZ

15 PRECISA-SE de um para mercearia, que tenha pratica, e que esteja no caso de ganhar dinheiro.

Falle-se com Victorino H. Lebre.—Calçada, n.º 70.

O primeiro livro da infancia ou A B C

16 PARA MENINOS E ADULTOS, ornado de muitas gravuras, por Brito Aranha, com approvação do governo, para uso das escolas primarias. Este compendio é dividido em 2 cadernos; e custam juntos, brochados 50 rs. Vende-se em separado o 1.º caderno, que é a carta de primeiras letras e exercicios faceis de leitura, brochado 30 rs.

LEITURAS POPULARES do mesmo auctor. Preço 100 rs.

A' venda na loja de Severo & Irmão.

Attenção

17 FRANCISCO FERREIRA CAMÕES, bacharel formado em Direito, mudou o seu escriptorio de advogado, para a rua da Calçada, n.º 177, onde tambem recebe estudantes até á edade de 18 annos, responsabilisando-se pela sua educação e adiantamento litterario.

Procurador agente

81—Rua da Calçada—81, á esquina do Arco de Almedina

18 ABILIO MARIA LADEIRO, procurador legalmente auctorisado, faz publico, que mudou o seu escriptorio para a rua e numero acima indicados, onde continua a encarregar-se, alem de todos os negocios judiciaes inherentes ao seu emprego, de solicitar quaesquer negocios dependentes da camara ecclesiastica, Universidade, Lyceu, Seminario, e de todas as repartições publicas; e bem assim de interpor recursos do recrutamento para o serviço militar, ou seja para a commissão districtal, ou para o conselho d'estado; o que tudo faz com a maxima brevidade, e por uma modica agencia.

19 MARIA LUIZA DA CONCEIÇÃO PEIXOTO QUARESMA RIBEIRO, viuva de José Ribeiro da Costa, da villa de Condeixa, vende, se o preço lhe convier, a terra que possue na Varzea de Condeixa, com rega certa da fonte do Grogolhão. — Anda arrendada a José Maria Quaresma. Recebe lanços.

DENTISTA

CEREGUETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista Suisso

20 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, põe dentes, extrahe estes e as raizes, e limpa os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados, com pasta não conhecida até hoje; tem bom elixir para dôr de dentes; cura o escorbuto, e todas as molestias de bocca; tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço, como se nunca tivera tido callos.

Praça **8 de Maio**, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

NUMERO 2815 — SABBADO 18 DE JULHO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

E' assás significativo o triumpho alcançado pelo governo, na eleição geral de deputados, a que o paiz acaba de proceder, e que veiu influir directamente nos destinos da politica.

Não temos felizmente que lamentar successo algum contra a ordem e tranquillidade publica; nem a liberdade dos eleitores deixou de ser respeitada na pratica do mais importante direito da soberania popular.

Pelas noticias que temos de differentes circulos, onde os partidos se mostraram exaltados, sabemos que não houve o mais leve conflicto, nem factos que denunciem violencias contra o livre exercicio das franquias liberaes.

Em alguns poucos circulos travou-se renhida luta entre os inimigos do governo e os partidarios da opposição; mas o espirito politico não chegou a perturbar os animos, por forma que se tornasse necessario o emprego da força publica.

Registamos este acontecimento, porque é elle uma prova de que o paiz comprehende os beneficios da paz, e reconhece que só por esta forma, mantendo a independencia dos eleitores para votarem livremente no candidato da sua escolha, hade robustecer-se o systema representativo, e hãode firmar-se as boas praticas constitucionaes.

Os grupos opposicionistas bateram-se em alguns pontos corajosamente, mas em quasi todos foram supplantados.

A victoria alcançada pelos amigos da situação, nas cidades de Lisboa e Porto, onde a opposição empregou todos os esforços para fazer triumphar as suas candidaturas, é muito significativa.

Nestas duas cidades, nas quaes se deve suppor maior independencia e mais illustração nos eleitores, é onde o governo e o paiz obtiveram mais completo triumpho.

O sr. Saraiva de Carvalho, na ultima legislatura, commetteu inconveniencias e abusos no parlamento, dignos da mais severa censura. O deputado reformista, nos seus discursos, em que revelou sómente odios, ambições e despeitos, atacou formalmente o systema monarchico representativo, e mostrou-se menos respeitador das boas praticas parlamentares e do regimen das nossas instituições, soltando frases verdadeiramente em desharmonia com as crenças nacionaes.

O sr. Saraiva de Carvalho declarou na sala da representação nacional, que era necessario pôr escriptos no paço real. Os eleitores da capital, que respeitam com todo o paiz, as instituições que nos regem, porque ellas nos offerecem garantias de paz e de prosperidade, vedaram pelo modo mais significativo e solemne a entrada do falso representante no recinto parlamentar.

O sr. Rodrigues de Freitas, que tem mostrado por differentes vezes, na camara dos dos deputados, as suas sympathias pela forma republicana, em opposição aos sentimentos do povo portuguez, porque semelhantes theorias não se coadunam com a sua cordura e bom senso; foi tambem excluido da representação nacional, apezar das extraordinarios esforços de muitos de seus amigos pessoaes.

Estes factos são dignos de se registarem; servem elles para mostrar aos visionarios e aos foragidos dos partidos, quaes são os sentimentos do povo, e como a opinião reage ás suas theorias puramente abstractas.

O testemunho que a nação acaba de dar em adhesão á politica do actual governo, pronunciando-se pela maneira mais evidente, e com o maior desassombro em uma eleição liberrima; é um successo de muito alcance, por ser um reconhecimento publico, em favor dos actos do governo e do plano de administração que o paiz conhece.

Os eleitores escolhendo para seus representantes os mais decididos amigos do governo, e que se propõem a ajudal-o no seu ardente proposito de fazer prosperar o paiz, manter as instituições politicas, e proceder ás reformas uteis, á consolidação do credito, da paz e prosperidade em todos os ramos da actividade nacional; praticaram um acto de acerto, e provaram que estão satisfeitos com a direcção que o gabinete tem dado aos negocios do estado.

O nosso prezado amigo o sr. D. José Maria de Almeida e Araujo Correa de Lacerda, dirigiu-nos a seguinte carta:

Sr. Redactor.

A questão Renan, suscitada na Academia Real das Sciencias, deu azo a parte da imprensa periodica, de fazer apreciações, mais ou menos desfavoraveis, dos fundamentos, verdadeiros ou presumidos, da rejeição da proposta appresentada á classe das sciencias naturaes e politicas, e bellas lettras da mesma Academia. Usáram os escriptores de um direito que lhes não contesto, quando posto em pratica dentro das extremas intransgressiveis do decoro e da cortezia. Porem houve alguns que, não contentes de se constituirem juizes da questão, presumiram-se auctorisados para arrogar a si o direito de julgar os individuos, que tinham sido partes nella.

Nego-lhes este supposto direito, porque não lh'o concede a lei, e recusa-lh'o a boa razão.

Assim que, sr. redactor, não é por causa d'elles que pego da penna, e talvez sou importuno a v.; mas sim para rectificar asserções, que, destituidas até da mais leve sombra de fundamento, no que póde a mim respeitar-me, comtudo não era impossivel ficarem sendo laço, no qual haja de prender-se a boa fé de pessoas, a quem, como (por assim dizer), nascidas de hontem, sou pouco, mal ou nada conhecido, senão de nome sómente.

Devo a mim, como homem que se preza, e devo, para dar-lhes satisfação, aos meus amigos, que não são para havidos em menos conta, romper o laço armado aos incautos, a fim de que, posto em liberdade o seu juizo, possam fazer delle o uso que lhes aprouver, sem faltarem, mau grado seu, ás prescripções da justiça.

Entremos em materia.

O direito dos academicos, de rejeitar a candidatura do sr. Ernesto Renan, está acima de toda a duvida; e, como não podiam combatel-o, os que sympathisam ou com as doutrinas do sr. Renan, ou com as suas lettras e sciencia, mal-soffrendo o que não estava nelles evitar, quizeram mostrar-se não indignos da causa que fizeram sua, e acharam-se na dura e tristissima necessidade de descer ao campo, e entrar na liça, levando as suas melhores armas—dois cançados sophismas— ultimo refugio dos disputadores, que querem, mas não podem, fazer que vingue a supposta razão da sua evidente semrazão— o louvor e deslouvor —descompassadas exaggerações encomiasticas ao sr. Renan, e desdens, adubados de nescios insultos, a quem rejeitou a candidatura daquelle cavalheiro.

Considerarei um e outro sophisma; porem, invertendo esta ordem, começarei pelo fim, e para o fim deixarei o que na ordem das mi-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXVII

D. CARLOS

CXXVII

A questão dos foros para as provincias Vascongadas, que Maroto punha por base da transacção, era uma das maiores difficuldades, porque Espartero se oppunha á sua conservação, por serem contrarios á constituição vigente. Os guipuscoanos pela sua parte não queriam dar ouvidos a nenhuma transacção, sem obterem primeiro as suas franquias; de modo que ás 11 e meia da manhã, depois de almoçarem Maroto e Espartero na maior harmonia, se separaram, sem a resolução definitiva para que se haviam reunido, e decididos ambos a continuar a guerra.

Resolvido assim Maroto a recorrer ás armas, deu para isso as ordens precisas, indicando os pontos que haviam de occupar as forças que ainda continuavam a obedecer-lhe. Escreveu ao ministro da guerra de D. Carlos, dizendo-lhe que naquella manhã tinha conferenciado com o chefe inimigo; mas desenganado da subtileza e doblez de suas propostas, estava resolvido a combatel-o, o que punha no conhecimento do seu soberano, cujas ordens esperava para as cumprir decididamente.

No dia seguinte enviou Maroto a D. Carlos; por D. Eustaquio Laso, a seguinte notavel exposição:

«Senhor. Ao pôr-me aos reaes pé de vossa magestade, como o executo em nome de todos os que me acompanham, não me atreverei a dizer a vossa magestade, que nunca é maior um monarcha do que quando perdoa as faltas dos seus vassallos. D. Eustaquio apresentará a vossa magestade os sentimentos do meu coração, para que se digne dirigir-me as ordens que forem do seu soberano agrado.—Deus guarde a vossa magestade dilatados annos.—Elgueta, 27 de Agosto de 1839.—Senhor, aos reaes pés de vossa magestade—*Rafael Maroto.*»

Não era o seu animo continuar ao serviço do principe; mas sim o de reunir e conciliar todas as forças que o haviam sustentado, para que continuassem a sua defeza. Teria deixado gostosissimo o commando, e se teria salvado como podesse; porém D. Carlos pouco, e como sempre, mal aconselhado, adoptou em tão critica occasião uma marcha muito contraria á que devia, tratando só de exasperar cada vez mais a Maroto, sempre guiado pelos seus fataes conselheiros e por seu indiscreto proceder.

Pensou Maroto em effectuar a união do campo carlista, reconciliando os partidos; porem em vez de cooperar D. Carlos para tão importante successo, que devia iniciar, o contrariou, respondendo á mencionada carta, enviando o general Cabañas e o coronel Reina para que Maroto lhes entregasse o commando, dizendo-lhe pelo seu agente particular Laso, que se lhe permittiria marchar com os que quizessem acompanhal-o; mas sem lhe dar para isso as menores garantias.

O commando em chefe se deu a Negri; e ao mesmo tempo não cessavam de trabalhar os agentes do quartel real para sublevar os corpos que o acompanhavam, fazendo vacilar a varios chefes dos mais compromettidos e semeando nos batalhões a agitação e o sobresalto, que não deixou de pôr a Maroto em aperto.

Maroto manifesta os seus desejos de combater, toma para esse effeito algumas determinações, e culpa a La Torre e outros de o não fazerem e que se mallograsse a sua ultima resolução, para o que contava com oito batalhões guipuscoanos, outros tantos biscainhos e castelhanos, aguerridos e valentes todos, que teriam podido sustentar-se com vantagem: isto sem contar com todas as forças

mas ideias, me parece ter alli mais opportuno logar.

Para attenuar o peso, que podesse fazer na opinião de muitos o *veredictum* do jury da classe das sciencias moraes e politicas da Academia Real das Sciencias, que rejeitou a candidatura do sr. E. Renan, apologistas não academicos daquelle cavalheiro, ergueram, na imprensa, brado aggressivo contra os jurados, procurando fazel-os acreditar de *pouco liberaes* —de *não do seu tempo*—de obedecerem a *motivos particulares* de *ambição ou despeito*—e de *não assás conhecedores* da causa que julgaram.

Creio que bem podem reduzir-se a estes enunciados tudo quanto, em desabono dos membros d'aquelle jury, ha dito a imprensa favoravel á candidatura do sr. Renan; e tenho para mim que não poderei ser arguido, com razão, de haver tentado enfraquecer o ruidoso clamor das vozes dos queixosos.

Com a mão na consciencia declaro, alto e bom som, que reputo, no meu intimo ajuisar, de todo o ponto infundadas, e sobre toda a expressão injustas, e por tanto desmerecedoras da minima attenção, essas arguições, que, para affrontar os meus collegas, a cada um d'elles arremessa o despeito, mas não sanciona a razão. O insoffrimento desatina; porem a reflexão repelle, e condemna mal cabida impaciencia. Os meus consocios não precisam de que por elles eu mova a penna.

De mim direi agora, em breve, e com a serenidade e franqueza do meu costume.

Liberdade, liberdade!— Palavra duas vezes santa, quando significa a verdade; palavra impia, quando significa a mentira; palavra sem significação, quando proferida pela bocca dos herdeiros parasiticos desse dom de tantas esperanças e desejos, obtido á custa de martyrio glorioso, mas cheio de amarguras. Myopes, que não alcançam a ver que tiram desdouro para si do merito alheio!

O general lord Beresford prohibiu, numa ordem do dia, algum tempo depois que foram expulsos de Portugal os francezes, que nos requerimentos a elle dirigidos, empregassem os pretendentes, como allegação a seu favor, a palavra *patriotismo*. Pareceu isto a alguns uma *excentricidade* ingleza, e era um acerto de bom juizo. Foi a versão pratica do sentencioso dicto dos antigos: «Obras e não palavras» ou, como interpretam outros: «Melhores obras, e menos fallas».

Certo, é facil proferir ou escrever a palavra liberdade; a não é difficultoso encarecer e exalçar a mesma liberdade: porem não está por egual ao alcance dos muitos comprehendel-a rectamente, como deve ser comprehendida e practicada; e já são poucos hoje os que podem abonar-se, com o testimunho de obras não equivocas, de sincero amor e dedicação desinteressada á liberdade.

Corria o anno de 1828, e no dia 23 de Junho fui preso na cidade da Guarda, em cuja sé cathedral occupava a cadeira de conego thesoureiro-mór—«por (dizia a ordem da intendencia) affecto á causa constitucional, e aos suppostos direitos do principe D. Pedro, imperador do Brasil, e de sua filha D. Maria da Gloria, ao throno de Portugal». Fui julgado pela alçada do Porto, depois de longa e muito penosa prisão, e no principio de Dezembro de 1829 achava-me desterrado em Miranda do Douro.

Na flor da edade, porem acostumado já a reflectir com seriedade nas vicissitudes sociaes, levei de bom animo os proprios padecimentos; mas confesso que magoou-me profundamente a noticia de que meu irmão mais velho estava preso (meu respeitavel e respeitado pae era então ja fallecido); e a noticia, quasi no mesmo dia recebida, de que minha sempre saudosa mãe fôra forçada a desterrar-se com toda a demais familia (6 filhas e um filho, quasi todos de tenra edade) a terra, no sertão do Alemtejo, doentia e de tudo desprovida.

Como não ignorava que tudo se perturba e confunde quando os tempos andam revoltos, e só domina a paixão irritada, tambem a todo o momento tremia de saber que jaziam nalguma prisão os tres outros meus irmãos residentes no Porto, embora dois d'elles contassem ainda poucos annos de edade. Não me faltavam exemplos; pois que, se meu primo e cunhado o major Quinhones da Silveira foi fuzilado, por liberal, contando talvez 40 annos de edade, o fôra, quando não contava ainda 22, meu primo João Correa de Lacerda, cadete porta-bandeira d'infanteria n.° 4.

Logo que pude ter certo, na Hespanha, asylo seguro, evadi-me da villa da Torre de Moncorvo, para onde fôra remettido. Cortei a serra, na companhia de 4 moços bem nascidos, que quizeram acompanhar-me; e, n'uma miseravel jangada, pertencente a um pobre contrabandista castelhano, atravessei o Douro debaixo das balas dos voluntarios realistas, que, mandados em nosso alcance, não conseguiram avistar-nos senão de cima do eminente despenhadeiro, quando, ja no rio, pouco havia a temer d'elles.

Posto em terra d'Hespanha, caminhei sem demora para Alcanizas, aonde havia chegado o general Jorge d'Avillez.

Tive a fortuna de prestar serviços arriscados, e de alguma importancia, com quanto não militares, pois que de nenhuma sorte podiam estes pertencer-me. O illustre general, em documento, do qual até hoje não fiz nenhum uso, senão como objecto de curiosa recordação, cavalheira e explicitamente elogiou, e recommendou, os meus serviços.

Encarregado pelo mesmo general de officios importantes, vim por entre perigos, sem cessar renovados, entrar no Porto, quando se ferira a batalha, que transferiu, para a cabeça do nobre marechal duque de Saldanha os louros, dos quaes se tinha adornado a do marechal de França conquistador d'Argel.

Nunca pedi, nem acceitei, nem despendi, nem sequer um ceitil dos dinheiros do estado; nunca pretendi nenhuma sorte de recompensa pelos padecimentos soffridos, nem pelos serviços prestados. Deram-me um *titulo* de indemnisações, e deram-me attestados muito honrosos: dorme tudo ainda n'uma das gavetas da minha secretaria.

Recompensa! Porque? Padeci, e trabalhei, como padeceria e trabalharia agora, para manter doutrinas, que tinha e tenho por verdades sem duvida— a legitimidade do throno constitucional, a egualdade perante a lei, e, na conformidade das prescripções de leis religiosamente justas, a liberdade social com as suas legitimas consequencias. Satisfiz ao que devia á minha intima convicção, e, preenchendo um dever, não podia deduzir d'ahi direito a um favor.

Pensava então assim, assim penso hoje, e a este pensar tenho conformado sempre o meu procedimento. Não pensa, nem pratica assim o grande número: bem o sei; mas serei eu que devo receiar-me de que me não absolva o tribunal incorruptivel do justo e do honesto? Não o creio.

Terminada a guerra civil, continuei a prestar, segundo as minhas posses intellectuaes, e a minha natural actividade, o permittiam, perseverantes, e talvez não inuteis, serviços, na imprensa e fora da imprensa, á causa que tinha por divisa—*Rainha e Carta*—militando nas fileiras do partido moderado, conservador da ordem e da lei, sem nunca, debaixo de nenhum pretexto, haver delle desertado.

Triumphou a *Revolução de Setembro*; fiquei vencido; alcançou-me a perseguição, e jazi oitenta e tres dias numa presiganga e no Limoeiro; mas, posto em liberdade, recomecei a concertar com os homens mais influentes do meu partido politico a campanha pacifica e constitucional, que tinhamos por dever proseguir sem intermissão. Desde aquelle tempo até 1848 não cessei de occupar desassombradamente o meu posto na imprensa, como principal redactor de alguns dos *jornaes*, que prepararam a restauração da Carta, e tão efficazmente para ella concorreram.

Mas não foi só como jornalista, que sustentei as doutrinas conformes aos principios do meu credo politico; porque tambem as defendi como deputado, tendo tido a honra de ser representante de differentes provincias e circulos eleitoraes por espaço de mais de 10 annos a contar de 1838, até que subiu ao poder o partido que se chama *regenerador*, sem nunca interromper, durante esse periodo não curto, e por vezes sobremodo borrascoso, as lides jornalisticas.

Alem disso publiquei por esse tempo varias obras, nas quaes constantemente insinuei ou defendi os dogmas da politica que professava.

Tive a fortuna de não serem essas obras mal acceitas, e supponho que não estão, pelo menos algumas dellas, ainda hoje esquecidas totalmente; a saber: «*Um papel politico, Hontem, Hoje e Amanhã*, 1842.»—«*Antonio Bernardo da Costa Cabral, Apontamentos historicos*, 1844».—«*Algumas Considerações politicas, pelo A. do Hontem, Hoje e Amanhã*, 1844».—«*Da Forma dos Governos*, 1851.» Não menciono as minhas traducções de *Tacito*, em cujas notas comtudo não é difficil achar por vezes recordações da minha invariavel fé politica.

Não irei neste ponto mais longe, e contentar-me-hei de tirar como primeira consequencia forçosa desta breve exposição de factos de verdade provada a sentença, comprehendida no dito proverbial, que recordei ha pouco; e de mais uma vez affirmar que «valem obras mais do que palavras».

Será a segunda consequencia, a que nasce expontanea da primeira, isto é, que não tenho sido estranho ao meu tempo, nem me fiquei atraz no progredir racional e compassado, o só que pode merecer approvação, que saia invulnerada do serio luctar das utopias com a experiencia.

Comtudo para descargo da consciencia, acrescentarei com a minha costumada isempção, e do modo mais solemne, que, tudo quanto de bom grado padeci pela causa da liberdade, e todos quantos serviços lhe prestei, nunca o padeci, nem os prestei com o intento de concorrer para que vingasse a liberdade tão escandalosamente illiberal, que por ahi oiço apregoada por aquelles, que sem terem nada similhante padecido ou obrado, me censuram de *menos liberal*; porque sempre detestei, como detesto hoje acima de tudo, a anarchia religiosa, e a anarchia politica, sendo que desta fatalmente aquella é origem inevitavel. A liberdade, á qual rendo culto de convicção intima, e de sincera dedicação, é a liberdade, que, tendo principio em Deus, e por objecto o bem commum dos meus concidadãos, e meu, sem nenhuma excepção, acata, como seu inviolavel regimento, as leis divinas, e as justas leis da sociedade. *Pro Deo semper, pro patria et pro rege, sæpe sæpiusque.*.

A carta vae larga, sr. redactor, e se me permitte, como da sua benignidade espero, ámanhã porventura a terminarei.

Lisboa, ás Monicas, 16 de Julho de 1874.

Sou, com muita estima e consideração de v. mut.° respeitador.

D. José de Lacerda.

---

das quatro provincias Vascongadas, que teriam voltado a reunir-se; e ainda que Maroto teria tido que salvar-se, qualquer dos generaes a quem D. Carlos houvera entregado o commando, teria dado que fazer a Espartero.

D. Carlos fez novos offerecimentos a Maroto, asseguarando-lhe a concessão de quanto pedira, podendo marchar com as forças que julgasse necessarias para que o acompanhassem, e que alem disto o distinguiria com um titulo de Castella. Ainda que Maroto diz na memoria que posteriormente publicou, que considerava tardias estes verbaes manifestações, e antes de submetter-se á menor graça, teria preferido a morte; veremos em seguida que não foi elle que repelliu as proposições de D. Carlos, senão La Torre, que o obrigou a isso.

Voltou Espartero a reiterar as suas instancias; enviou a Zabala com proposições; rejeita-as Maroto; porem os demais chefes as acceitam.

La Torre, depois de se despedir de Espartero, marchou a Elorrio, e não achando aqui a Maroto, ordenou ao chefe mais antigo da divisão, baixasse com ella a Elgoibar, e seguiu por Elgueta a Eibar, onde achou o general em chefe; passou a vel-o immediatamente, e o ajudante D. Henrique O'Donnell, que fazia a guarda, o inteirou reservadamente da communicação que poucas horas antes passara Maroto a D. Carlos, implorando o perdão das suas faltas.

Com este precedente penetrou La Torre na sua alcova; fallou-lhe sobre a situação em que estavam, da sua conferencia com Espartero, e do bom sentido do exercito liberal. Ouviu-o com frieza Maroto, contradizendo-se nas suas respostas, e concluiu manifestando que o haviam enganado e era preciso continuar a guerra com mais actividade do que nunca. Ninguem então mais opposto a transigir do que Maroto; estava violento, e mandou a La Torre pôr-se á frente da divisão, dizendo-lhe que com as tropas que tinha immediatas se ia pôr em marcha, em acto continuo, para situar-se entre Villareal e Zumarraga, tomar as posições de Descarga, e disputar o passo ao inimigo, adverlindo-lhe que se o não podia alcançar sobre a marcha, o esperaria em Zumarraga.

Manifestou-lhe La Torre que esperava a chegada em breve de seus batalhões a Elgoibar; despediu-se desgostoso de Maroto, marchou a este povo, entrou nelle ao mesmo tempo que as suas forças biscainhas, de quem recebeu significativas mostras de apreço, conferenciou com os chefes, sem lhes occultar quanto havia passado com Maroto, e a sua resolução de oppor-se ao proposito do mesmo Maroto em proseguir a guerra.

Chega ás 2 horas Maroto, falla a todos em sentido bellicoso, ordena que marche com elle a divisão; porem lhe expõe La Torre, que está cançada e sem ter comido, e se conveiu em que marcharia ao primeiro aviso; reiterando então o chefe biscainho a determinação de que não dessem cumprimento a nenhuma ordem, que não levasse a sua firma.

La Torre não era ja o defensor de D. Carlos; tinha-se decidido pela transacção, e arrastava para ella a Maroto, que no meio das suas fluctuações se deitara aos pés do principe. Nem a si mesmo pertencia já o general em chefe do exercito carlista; que a ter-se visto só não se realisava seguramente o convenio, e teria sido victima dos inimigos que tinha no seu mesmo campo.

La Torre, porem, contava com o assentimento dos chefes da sua divisão, aos quaes nada occultou do que se passava; e não confiando muito em Maroto, se decidiu a não se separar do seu lado. Assim o fez quando marchou o chefe, e dentro em pouco foi circulando da retaguarda a voz de que Espartero chamava de Elgueta o general La Torre. Não gostou deste incidente: perguntou a Maroto, e este lhe respondeu que fosse e voltasse com o resultado. Soube, porém, La Torre, ao avistar o exercito liberal, que não era certa a chamada; não obstante o que lhe disseram, seria bem recebido por Espartero, e voltou a garupa para unir-se com Maroto em Azcoitia.

Este desejava sem duvida não ter ao seu lado a La Torre, e aproveitando a indisposição que o obrigou a ficar na cama, dispoz silenciosamente a marcha das tropas, e quando o soube o chefe biscainho, correu em sua procura, increpou fortemente a Maroto, obteve algumas palavras ambiguas, e seguiram a Villareal de Zumarraga.

Aqui se preparou Maroto para combater, e acompanhado de Iturbe e La Torre, foram examinar o terreno, pensando em retirar todas as forças, para dar em breve uma batalha nas excellentes posições de Descarga.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PREMIOS

Faculdade de Theologia

1.° ANNO

Premio—Luiz José Dias, filho de Manoel José Dias, de Merufe, districto de Vianna do Castello.

Distinctos na cadeira de Theologia Dogmatica

José Antonio Alves de Almeida, filho de José Antonio de Almeida, de Lamego.

José Joaquim de Abreu do Couto de Amorim Novaes, filho de Manoel Ignacio de Amorim Novaes, de Balugães, districto de Braga.

Antonio José de Barros, filho de João Baptista de Barros, de Chamsim, districto de Braga.

2.° ANNO

1.° *Premio*—Joaquim Alves da Hora, filho de Antonio Alves da Hora, de Leça de Palmeira, districto do Porto.

2.° *Premio*—Agostinho de Almeida Azevedo, filho de Antonio de Almeida Azevedo, de Santa Marinha, districto da Guarda.

Accessit—Manoel de Albuquerque, filho de outro, da Covilhã.

Distincto— Custodio Maria Velloso, filho de Luiz José de Freitas Velloso Junior, de Villa do Conde.

N.B. Nos outros tres annos não houve nenhum premio, *accessit*, ou distincção.

NOTICIARIO

Faculdade de Mathematica.—Os actos que houve no 1.° anno da Faculdade de Mathematica, foram os seguintes:

Ordinarios 14. *Nemine discrepante* 4, *simpliciter* 2, e reprovados 8.

Voluntarios 8. *Nemine discrepante* 1, *simpliciter* 3, e reprovados 4.

Obrigados 18. *Nemine discrepante* 7, *simpliciter* 4, e reprovados 7.

Total dos actos 40. *Nemine discrepante* 12, *simpliciter* 9, e reprovados 19.

Tinham-se matriculado 68.

Audiencias geraes. — Principiam no dia 21 do corrente as audiencias geraes desta comarca.

Colheitas. — Reina grande actividade nas eiras na debulha dos cereaes de pragana. Tambem já principiou a colheita do milho mais temporão. Os milhos serodios nos montes tem soffrido muito com a falta de chuvas, e a sua producção deve ser escassa.

Frutas. — Affluem todos os dias ao mercado grande quantidade de bellissima fruta. Foi este anno admiravel a producção de damascos, alperces, pecegos e ameixas. A fruta mais escolhida tem muita sahida para Lisboa e Porto. Basta referir o seguinte facto, para se avaliar a importancia desta exportação.

Em uma quinta dos arredores desta cidade foi vendida toda a fruta dos alperceiros por 60$000 reis, calculado o valor de cada arvore em 5$000. As pessoas que tratam deste negocio realisam bons interesses. Succede o mesmo com a cereja e outras frutas. As hortas de melancia e melão tambem promettem muito.

Fallecimento.—Falleceu em Lisboa o sr. Antonio Lopes da Cruz, nosso patricio e amigo, que regressou de S. Thomé gravemente doente. O clima de Africa foi-lhe fatal. O sr. Cruz era filho de um homem verdadeiramente liberal, e que tinha soffrido muito no tempo da usurpação. Damos sentidos pezames a seu digno irmão e a sua familia.

Festividades—Celebrou-se com muita pompa em Tentugal no dia 16 a festa de Nossa Senhora do Carmo. Concorreu a ella muita gente de Coimbra. Ámanhã festeja-se em Santo Antonio dos Olivaes, Nossa Senhora das Dores.

Banhos.—Vão sahindo muitas familias para Luso e Figueira da Foz. No Bussaco ha grande concorrencia, e as familias convivem em alegres passeios e reuniões.

Estrada da Beira. — Todas as familias que tem visitado Coimbra, fazem uma digressão por esta bella estrada, passando muito além da ponte da Portella, e fazem os maiores elogios ás lindas paisagens campestres, que se avistam neste passeio, e que rivalisam com as da Italia e da Suissa.

Capellos.—Não ha no actual bimestre doutoramento algum; mas no proximo anno lectivo devem ter logar uns poucos.

Reformas.—Affirmam-nos, que o governo tenciona apresentar em côrtes importantes projectos de lei sobre instrucção publica, em todos os tres ramos, primaria, secundaria e superior.

Caminho de ferro. — Estão muito adiantados os trabalhos de construcção do caminho de ferro do Minho, e espera-se que seja inaugurada a sua exploração no fim de Setembro.

Associação conimbricense do sexo feminino.—Publicamos em seguida o balancete desta Associação, relativo ao semestre findo:

Saldo em 1 de Janeiro........	5:493$825
Receita até 30 de Junho	923$915
	6:417$740
Despeza até 30 de Junho	773$720
Saldo que passa ao mez de Julho	5:644$080

D'ora em diante, a unica pharmacia, que no bairro alto pode aviar receitas para as socias residentes no dito bairro, é a do sr. José Libertador de Magalhães Ferraz, no largo do Castello.

Mercado de Coimbra no dia 17.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 600 — Dito branco 560 — Dito Celorico meudo 640 — Dito grando 580 —Milho branco 310 — Dito amarello 320 — Feijão vermelho 440 — Dito branco da marinha 420 — Dito da terra 380 — Dito rajado 320—Dito frade 340—Centeio 360—Cevada 250—Favas 360—Tremoços 280 — Grão de bico 440—Chicharos 260— Azeite 1$260— Vinho da Beira 650— Dito da Bairrada 800.

Eleição de deputados.—A' noticia que publicamos em o numero passado temos a fazer os seguintes additamentos e rectificações:

Pelo circulo de Tondella foi eleito o sr. Francisco Mendes.

Por Chaves não foi eleito, como dissemos, o sr. Eduardo José Coelho; mas o sr. Antunes Guerreiro.

Em Lagos o candidato mais votado, foi o sr. Barros e Cunha.

Em Mertola ficou a eleição empatada.

Historia resumida de Hespanha.—Os srs. Mattos Moreira & C.ª, editores de Lisboa, obsequiaram-nos com um exemplar da—*Historia resumida de Hespanha, desde a occupação dos Carthaginezes até á actualidade, por Carlos Lisboa.*

Em Portugal é em geral pouco sabida a historia politica e a litteratura de Hespanha.

Prestou, portanto, bom serviço o sr. Carlos Lisboa, em escrever a *Historia resumida de Hespanha*, assim como os srs. Mattos Moreira & C.ª em a editarem.

Agradecemos o exemplar com que fomos brindados.

Noticias estrangeiras.— As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 15, á tarde—Chegou Serrano. Está presidindo ao conselho de ministros. A *Iberia* desmente que haja crise.

Paris 14—A assembleia depois d'um discurso do ministro da fazenda combatido por Pouyer Quartier rejeitou por 362 votos contra 269, em escrutinio secreto e nominal, a emenda Joubert, augmentando um decimo ao imposto sobre o sal.

Madrid 15 de Julho, á noite—O duque de Tetuan partirá em breve para Bruxellas. O conselho de ministros foi presidido por Serrano. Não ha crise ministerial. Serrano voltará ámanhã para a Granja. Os carlistas que atacam Cuenca são commandados por D. Affonso. Diz-se que foi incendiado um edificio nas immediações da cidade. O marquez de Alcañices partiu para Paris e Vienna. Serrano e Sagasta conferenciaram largamente. O ministro da marinha contractou com uma casa hespanhola a acquisição de 10:000 espingardas Remington.

Versailles 15—A assembleia rejeitou por 413 votos contra 256 o projecto que augmentava meio decimo ás contribuições indirectas; ouviu a leitura do relatorio que rejeita a proposta Périer e sustenta o projecto da commissão constitucional; e marcou o dia de segunda feira para a discussão.

O ministro do interior, declarando ser unicamente incumbencia da assembleia fixar a data da dissolução, disse que ácerca do estado de sitio o governo continuará a mantel-o pelas mesmas razões que os seus predecessores, pois que não pode ser levantado emquanto se não hajam votado as leis de imprensa e de ordem publica e lançado as bases da organisação da camara alta.

Londres 15, á tarde—O *Times* publica um artigo simpathico á Hespanha, indicando as difficuldades do governo para a reorganisação em consequencia do não reconhecimento pelas potencias, dos grandes recursos fornecidos aos carlistas no estrangeiro, e da liberdade de que estes gosam em França.

New-York, 15 de Julho—Houve hontem um grande incendio em Chicago. Ficou em ruinas um bairro da cidade.

Panamá, 13 de Julho—Desistiu-se do congresso de presidente dos Estados da America central. Mariano Prado foi nomeado ministro do Perú em Londres. Foi eleito presidente do Haiti o general Domingos.

Madrid 15, ás 5 horas e 30 minutos da tarde—Partiu hontem á noite para Berlim o representante de Hespanha.

Madrid 16, ás 10 horas da manhã.—A *Gazeta* communica noticias de um official ácerca do ataque de Cuenca onde as tropas e voluntarios continuam defendendo-se a todo o transe. Os carlistas occuparam algumas casas dos arrebaldes. Na Catalunha os carlistas que sitiaram Puigcerda, retiraram-se por Valle de Ribas.

Versailles 15, ás 5 horas e 22 minutos da tarde—O relator da commissão constitucional lembra que o fim dêsta era estatuir sobre a proposta da proclamação definitiva na republica.

Segundo a commissão, a lei da prorogação dos poderes de Mac-Mahon é irrevogavel. Se é permittido a cada um publicar as suas opiniões sobre as diversas formas de governo, não se pode tolerar que partido algum possa fallar na revogação da lei de 20 de Novembro.

O marechal Mac-Mahon foi nomeado por sete annos a fim de poder estabelecer uma tregua entre os partidos. Durante este periodo não se pode portanto proclamar a republica nem a monarchia.

Por consequencia a commissão propõe contra o projecto tendente á creação da segunda camara, o direito de dissolução para o presidente, que só seria responsavel em caso de alta traição. A assembleia deixou a discussão para segunda feira.

Madrid 16, pela manhã—Os carlistas abandonaram Puigcerda. Cuenca resiste bizarramente a 7:000 carlistas, commandados por D. Affonso. Suppõe-se que chegarão a tempo os soccorros que lhe foram enviados. Serrano só voltará para a Granja quando Cuenca estiver fóra de perigo.

Paris 16, ás 1 h. e 15 m. da t.— O jornal *official* contem a demissão de Magne, ministro da fazenda, a qual foi acceite.

ANNUNCIOS

Associação dos Artistas de Coimbra

1 NA casa da Associação acham-se patentes, para serem examinadas pelos socios, as contas da gerencia da direcção, relativas ao semestre findo. A commissão fiscal vai proceder ao seu exame; e o respectivo parecer será presente á assembleia geral na sessão ordinaria de 26 do corrente, para o que ficam desde já avisados os socios. Coimbra, 17 de Julho de 1874.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

2 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.° 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.° 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

EMPREZA PROGRESSO MARITIMO DO PORTO

PAQUETES PORTUGUEZES

Carreira mensal para Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, com escala por Cabo Verde. Sahirá no dia 30 de Julho o vapor JULIO DINIZ, commandante J. J. Rodrigues Contente.

Este vapor construido nas melhores condições, com especialidade para poder entrar e sahir a barra deste porto, offerece, alem de excellentes commodidades para os passageiros de todas as classes, a vantagem de sahirem d'aqui directamente para os portos acima mencionados, evitando-lhes o incommodo de irem a Lisboa e de fazerem a menor despeza.

A comida será abundante e variada, feita por cozinheiros portuguezes, servindo-se vinho de mesa aos passageiros de todas as classes, sem augmento nos preços das passagens.

Um facultativo competente tractará os passageiros gratuitamente.

Os passageiros da 3.ª classe tem cama, roupas, louças e utensilios de mesa.

Para mais esclarecimentos podem os srs. passageiros dirigir-se em Coimbra, á rua do Visconde da Luz, n.° 82 a 86.

EDITOS DE 30 DIAS

4 PELO JUIZO DE DIREITO desta comarca de Coimbra, e pelo cartorio do escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho, correm editos de 30 dias, a contar da data deste, pelos quaes são citadas todas as pessoas incertas que se julguem com direito a opporem-se á habilitação e justificação requerida por Manoel José da Costa Soares Junior e sua mulher, desta cidade, na qual estes pretendem serem julgados unicos herdeiros dos bens que pertenciam a seu filho menor Damião Mendes da Costa Soares, fallecido nesta mesma cidade, para que o façam dentro do referido prazo, e no dito cartorio, sob pena de serem lançados, e os requerentes julgados unicos e legitimos herdeiros do dito seu filho, para a herança do mesmo. O que se annuncia para conhecimento de todos.

Coimbra, 16 de Julho de 1874.

5 NO DIA de terça feira, 21 do corrente mez de Julho, pelas 10 horas da manhã, perante o exm.° juiz de direito desta comarca e á porta do tribunal judicial desta cidade, hão de ser arrematadas a quem mais der sobre o valor de 660$000 rs., umas casas sitas na rua do infante D. Augusto, antigamente denominada rua Larga, descriptas no inventario por morte de Maria Luiza, viuva, moradora que foi aos Arcos de S. Sebastião, de que é escrivão Servulo Maria de Carvalho.

Deposito de Machinas de Singer para uso de familias e industriaes.

34—Rua do Visconde da Luz—36

COIMBRA

6 JOSE' TEIXEIRA DA CUNHA contractou com o representante da Companhia Fabril de Singer, de Londres, estabelecer nesta cidade um deposito das magnificas machinas de costura para familia, alfaiate e corrieiro, ás quaes se fazem preços eguaes aos de Lisboa, da unica casa succursal em Portugal.

Tambem ha excellentes linhas de linho, algodão, retroz, troçaes, agulhas, molas, ferro, tudo pertencente ás machinas.

CAIXEIRO

7 PRECISA-SE d'um com pratica de mercearia. Nesta redacção se diz.

3 NO DIA 23 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, nos paços deste concelho, hade dar-se de arrematação o fornecimento de 300,00 metros cubicos de pedra britada para a conservação da estrada municipal da ponte da Carvalhinha a Vil de Matos.

As condições serão presentes no acto da praça.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 18 de Julho de 1874.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

Aos banhistas das Caldas da Rainha

João Antonio d'Oliveira (vulgo o João Rei) & M. J. de Brito.

9 ANNUNCIAM que, para commodidade do publico, resolveram estabelecer uma carreira diaria de diligencia, a começar do dia 15 de Julho corrente em diante, de Leiria até ás Caldas da Rainha, de commum accordo com Antonio João Pereira, d'aquella villa, que fará a carreira por sua conta d'alli até Alcobaça.

Esta carreira ficará sendo considerada como continuação das já estabelecidas entre Leiria e Pombal, e Leiria e Chão de Maçãs.

A partida de Pombal será logo em seguida á chegada do comboio ascendente, devendo estar em Leiria ás 6 horas da tarde.— Para Alcobaça partirá a diligencia ás 7 horas da manhã, logo que chegue a carroagem do correio de Chão de Maçãs, devendo estar em Alcobaça e Caldas da Rainha ás horas marcadas para o serviço do correio;—e assim egualmente das Caldas da Rainha para Leiria, donde partirá a diligencia para Pombal ás 8 1/2 horas da manhã, e para Chão de Maçãs ás 6 1/2 da tarde.

PREÇOS

De Pombal a Leiria— dentro 800 rs.—a Alcobaça 1$800— ás Caldas da Rainha 2$800.—Fóra 600, 1$400, e 2$200 rs.

De Leiria a Chão de Maçãs— 1$000 rs. dentro, e 800 rs. fóra.

---

10 NO DIA 28 do corrente mez de Julho, ás 9 horas da manhã, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, se hãode vender em hasta publica os bens penhorados a Francisco Pedro Salema de Figueiredo, e sua mulher, da Granja de Ulmeiro, por execução de credito predial, que lhes move o Dr. José Maria Pereira Coutinho de Figueiredo, desta cidade, escrivão Costa, officio de Herculano.

PETROLEO REFINADO POR ATACADO

O inimigo do monopolio em Coimbra

11 CONTINUA a vender pelo preço de Lisboa. O encarregado José Tavares da Costa=Calçada=proximo á Portagem.

NO MINHO

POR

D. ANTONIO DA COSTA

600 rs.

12 Á VENDA na loja de Severo & Irmão.

Attenção

13 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

---

14 CONFERENCIAS RELIGIOSAS, recitadas pelo Dr. Motta Veiga, lente cathedratico da Faculdade de Theologia, na Sé Cathedral de Coimbra. Estão á venda nas principaes livrarias de Coimbra, em casa de Augusto Adelino Ferraz, rua de S. João, e na casa do auctor, Couraça de Lisboa, 53. — **Preço 800 reis.**

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para **Santos:**

Barca—CLAUDINA

Para o **Rio de Janeiro:**

Barca **Joven Adelaide** em 26 de Julho.

Para o **Maranhão:**

Barca—SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

DENTISTA

CEREGUETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista Suisso

16 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, põe dentes, extra e estes e as raizes, e limpa os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados, com pasta não conhecida até hoje; tem bom elixir para dôr de dentes; cura o escorbuto, e todas as molestias de bocca; tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço, como se nunca tivera tido callos.

Praça **8 de Maio,** ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

Á ULTIMA HORA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PREMIOS

Faculdade de Direito

1.º ANNO

Accessit por ordem da matricula

Antonio Pereira Pimentel de Brito Corte Real, filho de José Maria de Brito Corte Real, de Thuias, districto do Porto.

Affonso Bandeira Monteiro, filho de José Maria Bandeira Monteiro, de Rezende, districto de Vizeu.

Antonio Osorio Sarmento Figueiredo Junior, filho de Antonio Osorio Sarmento Figueiredo, da Cumieira, districto de Villa Real.

Distinctos pela ordem da matricula

José Marcelino de Sá Vargas, filho de Diogo Albino de Sá Vargas, de Bragança.

Miguel Maria de Sousa Horta e Costa, filho de Miguel Antonio de Sousa Horta, de Santa Combadão, districto de Vizeu.

João José da Silva, filho de José Gregorio da Cruz, de Moncarapacho, districto de Faro.

Diogo Gomes Paulo, filho de Domingos Gomes Paulo, de Albufeira, districto de Faro.

Antonio Vieira d'Andrade, filho de João Antonio Vieira, de Guimarães.

2.º ANNO

Distinctos

Antonio Julio Pimentel Martins, filho de José Antonio Martins, de Bragança.

Manoel Moreira Feio, filho de Manoel José Moreira Junior, de Soure, districto de Coimbra.

Bernardo Joaquim Cardoso Botelho, filho de Bernardo Joaquim Cardoso, de Formillo, districto de Vizeu.

Manoel Augusto Pereira e Cunha, filho de Joaquim Antonio da Cunha e Silva, de Athey, districto do Villa Real.

Constantino Ferreira d'Almeida, filho de Manoel Antonio Ferreira, de Braga.

Domingos de Sousa Moreira Freire, filho de Antonio Mancellos de Sousa, de Bisarães, districto do Porto.

Antonio Augusto Gomes d'Almendra, filho de Manoel Carlos Gomes d'Almendra, de Vinhaes, districto de Bragança.

3.º ANNO

1.º *Accessit*— Antonio Candido Ribeiro da Costa, filho de pae incognito, de Candemil, districto do Porto.

2.º *Accessit*— João Jacintho Tavares de Medeiros, filho de Manoel Medeiros Tavares, de Villa do Nordeste, ilha de S. Miguel.

Distinctos pela ordem da matricula

Antonio Botelho Sarmento, filho de Antonio Botelho Correa Guedes do Amaral, de Passos, districto de Villa Real.

Antonio Cardoso Lacerda Leitão, filho de João Maria de Lacerda, da Prova, districto da Guarda.

Antonio da Silva Carrelhas, filho de outro, de Ovar, districto de Aveiro.

Arnaldo Clebo Torres Mascarenhas, filho de José Jacob de Carvalho, da Covilhã.

Balthazar Augusto Ribeiro, filho de Julio Augusto Ribeiro, de Soutello, districto de Vizeu.

Bernardo Meyrelles Leite, filho de Francisco de Meyrelles Leite, de Lamego.

Casemiro Arthur Pereira Lopo, filho de João Baptista Hypolito Lopo, de Estevaes, districto de Bragança.

Domingos Pinto Coelho, filho de Carlos Zeferino Pinto Coelho, de Lisboa.

Gonçalo Joaquim Fernandes Vaz, filho de João Joaquim Fernandes Vaz, de Darque, districto de Vianna do Castello.

João Domingos Ferreira Cardoso, filho de Domingos José Francisco, do Porto.

José Maria Pereira Lima, filho de Domingos Maria Pereira, de Coimbra.

Pedro Nicolau de Freitas Esmeraldo, filho de Estevão de Freitas Esmeraldo, do Funchal, ilha da Madeira.

João Joaquim Izidro dos Reis, filho de Joaquim Izidro dos Reis, da Chamusca, districto de Santarem.

José Braz da Costa, filho de Joaquim Braz da Costa, de Tonda, districto de Vizeu.

José Eduardo Simões Baião, filho de José Simões Baião, de Cabaços, districto de Leiria.

José Joaquim da Resurreição, filho de Manoel Joaquim da Resurreição, de Penamacor, districto de Castello Branco.

4.º ANNO

1.º *Premio*—José Frederico Laranjo, filho de Possidonio Matheus Laranjo, de Castello de Vide, districto de Portalegre.

2.º *Premio* — Antonio Lopes Guimarães Pedrosa, filho de Antonio Lopes Guimarães, de Lavos, districto de Coimbra.

1.º *Accessit*— João Alexandrino de Sousa Queiroga, filho de José Augusto de Sousa Queiroga, de Santarem.

2.º *Accessit* — José Frederico Emauz do Casal Ribeiro, filho do Conde de Casal Ribeiro, de Lisboa.

3.º *Accessit*—Arthur Alberto de Campos, filho de José Antonio de Campos, do Porto.

4.º *Accessit*— Julio Pereira de Carvalho e Costa, filho de José Pereira de Carvalho e Silva, de Aveiro.

Distinctos com graduação

Annibal Augusto de Mello, filho de Jeronymo José de Mello, de Coimbra.

José Augusto Alves de Magalhães, filho de Augusto Cesar de Magalhães, de Paredes, districto do Porto.

5.º ANNO

1.º *Accessit* — Antonio de Assis Teixeira Leite, filho de Francisco de Assis Teixeira Leite, de Felgueiras, districto do Porto.

2.º *Accessit*— Nuno Ferreira Jardim, filho de Miguel Ferreira Jardim, do Funchal, ilha da Madeira.

INFORMAÇÕES

Antonio de Assis Teixeira Leite—M.B. com 16 valores.

Nuno Ferreira Jardim—M. B. 16.

Antonio Candido de Figueiredo, filho de Francisco de Figueiredo, de Lobão, districto de Vizeu—B. com 15.

Antonio Guedes de Carvalho e Menezes, filho de pae incognito, de Penafiel— B. 14.

Augusto Cesar de Oliveira, filho de Manoel Joaquim de Oliveira, de Sendim, districto de Bragança—B. 14.

Augusto Manoel Alves da Veiga, filho de Antonio Alves da Veiga, de Izeda, districto de Bragança—B. 14.

Joaquim Bernardo da Rocha Saraiva, filho de Simão Bernardo da Rocha Saraiva, de Trancoso—B. 14.

José Pimentel Homem de Noronha, filho de João Ignacio de Noronha, da ilha de S. Jorge—B. 14.

Adelino Giraldes Tavares Gamboa, filho de José Urbano Tavares de Gamboa, de Perovizeu, districto de Castello Branco— B. 13.

Affonso José Xavier Lopes Vieira, filho de José Lopes Vieira da Fonseca, de Leiria—B. 13.

Custodio Maria Velloso—B. 13.

Alvaro de Moura Coelho, filho de Silvestre José Coelho, de Redial, districto de Villa Real—B. 13.

Francisco Correa de Lemos, filho de Ayres José Correa de Lemos, de Gavião, districto de Portalegre—B. 13.

Joaquim Ferreira de Pina Calado, filho de Antonio José Ferreira Calado, de Teixoso, districto de Castello Branco—B. 13.

José Jorge Soares Russel, filho de José Joaquim Soares Russel, de Braga— B. 13.

José Rodrigues de Almeida Ribeiro, filho de João Ribeiro de Almeida Candido, de Villa Ruiva, districto da Guarda=B. 13.

José Maria de Liz Teixeira, filho de outro, de Vizeu=B. 13.

Manoel Antonio da Silva Rocha, filho de Antonio da Silva Rocha=B. 13.

Manoel Cardoso de Menezes, filho de José Maria Cardoso de Menezes, de Pindo, districto de Vizeu=B. 13.

Cassiano Pereira Pinto Neves, filho de Antonio Pereira Pinto Pina, de Lamego= B. 13.

Antonio Augusto de Abreu, filho de Antonio Joaquim de Abreu, de Ceivães, districto de Vianna do Castello=B. 12.

Antonio Augusto Rodrigues Pimenta, filho de Antonio Bernardino Rodrigues Pimenta, dos Arcos de Val de Vez=B 12.

Antonio Candido Anastacio do Lago, filho de João Manoel Antonio do Lago, do Rio de Janeiro=B. 12.

Antonio Francisco da Fonseca, filho de Joaquim Francisco da Fonseca, de Felgueiras, districto do Porto=B. 12.

Domingos Antonio Torres, filho de José Antonio Torres, de Segura, districto de Castello Branco=B. 12.

Francisco Xavier de Athayde Oliveira, filho de Joaquim Martins de Oliveira, de Algoso, districto de Faro=B. 12.

Joaquim de Araujo Rangel, filho de outro, de S. Salvador de Fanzeres, districto do Porto=B. 12.

Joaquim Pereira da Silva Amorim, filho de José da Silva, da Silva Escura, districto de Aveiro=B. 12.

(Concluir-se-ha.)

NUMERO 2816 — TERÇA FEIRA 21 DE JULHO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL.—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Discutem os jornaes adversos ao governo o resultado da eleição a que o paiz acaba de proceder.

Ainda que era previsto nas actuaes circumstancias o exito deste importantissimo acto politico; porque a opinião se manifestara de ha muito favoravel á politica do gabinete, o qual é hoje uma garantia de paz e prosperidade nacional; a opposição esforça-se por occultar os verdadeiros motivos da derrota.

Em quanto a opposição procede na ingloria tarefa de desacreditar as instituições, de injuriar um gabinete, que tem feito durante a sua gerencia os mais assignalados serviços ao paiz, de insultar o povo, que acaba de dar cabal prova de confiança nos actos do poder; estuda o governo, com a placidez indispensavel aos negocios publicos, as medidas que tem de apresentar ao parlamento e que devem completar o seu plano de administração, reformando, em beneficio publico, os serviços do estado.

Não deixará de certo o governo, de aproveitar o interregno do parlamento, para preparar as reformas uteis, indigitadas pela opinião, e reclamadas pelos interesses dos povos.

No desejo de bem servir a causa publica, e de se tornar digno da confiança, que a grande maioria do paiz ha pouco manifestou pelo modo mais evidente, é de esperar que o ministerio dê largo desenvolvimento ao seu programma de governação.

Manifeste a opposição os seus odios politicos, que o paiz, firme nas suas crenças, aguarda confiadamente os actos do governo.

Uma das obras mais importantes para Coimbra, é sem duvida a da nova ponte sobre o Mondego. Longos annos duraram as reclamações dos povos, para se reformar esta ponte, o que era da mais urgente necessidade, pois que a navegação do Mondego, no inverno, tinha de cessar completamente, em grave prejuizo do commercio, da agricultura e da industria.

Coube ao actual governo a gloria de ser quem prestasse este valiosissimo serviço, mandando reedificar a ponte do Mondego.

Receava-se que as obras durassem muito tempo, o que causaria um grande incommodo ás numerosas pessoas que diariamente precisam de atravessar o rio.

Graças, porem, a um inverno excepcional, poderam as obras continuar sem interrupção, achando-se já promptos os pegões para sobre elles se assentar o ferro.

Podemos hoje dar a agradavel noticia de que chegaram a Lisboa, vindo de Rotterdam, em o navio neerlandez *Pollux*, 2:494 peças para a ponte.

Vae, portanto, levar-se á sua conclusão esta obra da maior importancia para toda a nação, e em especial para Coimbra e provincia da Beira.

Seriamos injustos se não aproveitassemos esta occasião para dar os merecidos louvores ao digno director das obras publicas deste districto, o sr. Heitor de Macedo, pelo inexcedivel zelo com que tem dirigido esta reconstrucção. Por estes e outros relevantes serviços tem o sr. Heitor alcançado nesta cidade geraes sympathias, e para com o governo os creditos mais bem fundados de empregado activo e intelligente.

Da folha official transcrevemos a seguinte portaria.

Foi presente a sua magestade el-rei o officio do governador civil de Coimbra, dando conta do movimento do hospicio, que naquella cidade substituiu a roda dos expostos, e do qual se mostra que no anno economico findo de 1873-1874 o numero de creanças admittidas, incluindo as encontradas ao abandono, foi de 85, um pouco inferior ao do anno antecedente, e consideravelmente menor do que o das admissões na roda durante o ultimo anno da sua existencia, que fôra de 593; este importante resultado para o qual concorreu não só o systema adoptado das admissões justificadas, mas tambem o desenvolvimento dos subsidios de lactação concedidos ás mães pobres, veiu confirmar a previsão de que a reforma introduzida neste ramo da administração havia de trazer forçosamente a dupla vantagem de economia nas despezas municipaes e de um incontestavel aperfeiçoamento nos costumes publicos. Por este motivo, ha por bem o mesmo augusto senhor mandar louvar o governador civil de Coimbra, pelas acertadas e intelligentes providencias com que tem procedido na execução das reformas adoptadas no districto a seu cargo, as quaes muito devem ter contribuido para os lisonjeiros resultados obtidos.

Paço, em 16 de Julho de 1874.—*Antonio Rodrigues Sampaio.*

Publicamos hoje a segunda carta do sr. D. José de Lacerda.

Sr. redactor—E' bem digno de lastima que muitos homens, que pretendem ser havidos por *liberaes-modelos*, tão pouco liberaes se mostrem, quando avaliam as rasões do proceder daquelles, que não se lhes identificam no conceito, bom ou mau, que formam de determinadas coisas ou pessoas. Levando a intole-

---

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXVIII

D. CARLOS

CXXVIII

Não se podendo já conter La Torre ao ver as illusões que tinha Maroto, e tratando de lhe arrancar a ultima esperança de sustentar o carlismo, lhe disse estas notaveis palavras, que deve consignar a historia:

—Meu general: com que bandeira nos apresentaremos no campo da batalha? As circumstancias são demasiado graves para nos deixarmos illudir. V. ex.ª emancipou-se da causa de D. Carlos, compromettendo-nos a uma altura indefinivel; offereceu a paz ao exercito, e já será difficil que se batam os nossos soldados, vendo que os enganaram, depois de haver consentido em regressarem ao seio de suas familias, abraçar a seus paes, e descançar de suas penosas fadigas.

«Quero suppor que nisto me engane; porem no provavel caso de que v. ex.ª tenha que retirar-se, cedendo á superioridade numerica depois de uma acção, onde achará o seu apoio? Retirar-nos-hemos ao barranco da Navarra, onde está D. Carlos com os batalhões alavezes e navarros para nos reforçar?

«Neste caso dependurariam a v. ex.ª na arvore mais alta de Alsasua, com a unica differença, que v. ex.ª será enforcado e nós fuzilados.

«Ja que chegou o caso de fallar francamente, devo dizer-lhe que a divisão biscainha não se baterá com ardor no caso em que nos encontramos, e estou firmemente persuadido que aos demais batalhões succederá o mesmo.»

Maroto respondeu-lhe com dignidade:

—Quer que nos entreguemos a um inimigo que na entrevista de Abadiano se conduziu tão vilmente? Temos, não obstante, recursos para o expulsar do solo vascongado. Não occultarei que desejo uma paz em que se conciliem os interesses geraes, sem nos rebaixarmos em nada, convencido como estou da incapacidade do rei para governar; porem devemos preferir morrer todos, antes que passar por uma humilhação degradante.»

La Torre replicou-lhe que seria o primeiro a morrer se fosse certo o que dizia, e faria o ultimo sacrificio para salvar a honra; e para conserval-a não havia outro meio que o de uma transacção digna de hespanhoes, esquecendo o passado.

Depois disto era impossivel combater, a não haver tido Maroto a força para fuzilar a La Torre e aos que como elle pensavam. Não queria o convenio, tinha-se lançado aos pés de D. Carlos pedindo-lhe perdão, queria combater, ou pelo menos oppor-se ao avance de Espartero, e oppõe-se-lhe um subalterno de caracter mais egual e resoluto, que quer dar a paz ao seu paiz; e Maroto se vê arrastado a obrar contra sua vontade, e se retira contrariado e triste a esperar o resultado da sua exposição ao seu rei. Não tinha saido de um apuro quando se acha noutro maior.

Apresenta-se o conde Negri, e é facil de comprehender a gravidade da visita. Com a resolução que exigem tão criticas circumstancias, se apresenta La Torre sem se annunciar; dirige-se a Maroto, que estava na cama, com os officios que acabava de receber. Manifesta La Torre que era extranho o modo como entrava no seu quarto, porem que obrigado a velar por sua segurança e a do paiz, ligado á sua sorte naquellas circumstancias, o impellia a dar aquelle passo para lhe dizer, que desde o momento em que o conde se apeou á porta daquella casa, era tal a inquietação e desgosto entre os chefes e tropa, que estavam expostos a uma catastrophe, se elle conde não marchava immediatamente, pois se havia sabido a supplica feita em Elgueta, e soppunham que o conde vinha com a resolução.

Pensativo ficou Maroto, e Negri expoz sem rodeios, que D. Carlos o havia encarregado do commando, aceitando a demissão d'aquelle, e remettendo-lhe o seu passaporte para França.

La Torre sorrindo-se, repetiu ao conde, que se ausentasse quanto antes, porque não obedeciam ás ordens de que era portador, e se se empenhava no cumprimento dellas, seria victima pela imprudencia dos que o haviam enviado. A Maroto acrescentou que tomasse uma prompta resolução; que o passaporte que lhe davam para o estrangeiro era um laço que lhe armavam os seus inimigos para o assassinarem no transito, e que quando ainda se salvasse deste perigo, seria responsavel ante Deus e os homens das horrorosas consequencias que infallivelmente sobreviriam pela sua fuga, ganhando ao mesmo tempo o desprezo universal.

Desgostoso Maroto da linguagem e resolução de La Torre, respondeu a Negri que podia marchar, porque visto o sentido em que todos estavam, variava de parecer. O conde marchou sem se deter, e contristado.

Ficaram sós Maroto e La Torre. Depois de alguns minutos de silencio disse aquelle:

—Muito bem, que faremos agora?

—Já o sabe o meu general, lhe respondeu La Torre; escreva a Espartero para outra conferencia, e deste modo poderão ficar reguladas as differenças produzidas pela ruptura de Abadiano.

Prometteu Maroto fazel-o assim, ainda que estava doente, e La Torre foi communicar esta resolução aos seus amigos, dando-lhes segurança de um prompto desenlace, recommendando a disciplina e que se reconcentrasse a divisão.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

rancia ao ponto de convertel-a em tyrannia, e, incapazes de convencer, opprimem; e, se por ventura a mais não alcançam, não deixam nada intentado, para pôr suspeições aos seus contrarios, attribuindo a ruins motivos, ou pelo menos a intuitos reservados, e talvez não innocentes, o que de certa certeza, como pelos factos se demonstra, não é senão a necessaria consequencia do juizo consciencioso dos que delles discordam. Taes homens só conhecem d'outiva a liberdade; e, como por ella não padeceram, são incapazes de avalial-a.

Esta consideração, aliás muito molesta ao homem franco e leal, em cuja conta me reputo com direito a ser tido, não podiam deixar de suggerir-ma as interpretações injustas que bem posso qualificar de cerebrinas, dadas por alguns, não quero saber quaes jornalistas, ao meu voto no julgamento da candidatura do sr. E. Renan. É attribuido por elles o meu voto não sei a quaes *ambições* ou a quaes *despeitos*.

O vulgo diz: «Quem julga os outros por si, é sempre mau julgador;» porem eu não estou com o vulgo, e digo que «julga sempre mal o que não se informa bem;» e vou dar de mim informações cabaes, que não podem não aceitar-se, e que decerto obrigarão os meus preconceituados aggressores a retirar (espero que sem repugnancia) o seu juizo injusto.

Amigo devotado da liberdade legal, como provei já; e tendo prestado os serviços, tambem já lembrados, nunca solicitei recompensa alguma, fosse de que natureza fosse, apesar de viver na intimidade dos homens de maior preponderancia dos ministerios, que governaram Portugal por espaço de muitos annos, de prestar a alguns delles não desvalioso auxilio, e de poder tirar vantagem do favor, que devia a mui numerosos meus amigos particulares, a cuja boa vontade preferi dar por emprego, em vez de melhoramento algum meu pessoal, a coadjuvação fiel e desinteressada aos homens collocados á frente do governo.

O meu bem lembrado amigo Joaquim José Falcão, quando ministro da marinha, conversando comigo a puridade, e como que lançando-me em rosto o descuido do meu individual adiantamento, e accrescentando que não queria ter quinhão no meu culposo desleixo, concluiu pedindo-me que lhe acceitasse a mitra do arcebispado de Goa.—Recusei.

Instou, juntando ás razões do serviço publico varias outras, que lhe promptificava a sua boa e nunca desmentida amisade.—Resisti.

Encarregou então a um dos meus melhores amigos, por boa fortuna ainda vivo, de persuadir-me. Tive-me firme; e para pôr termo a novas instancias, recorri á intervenção de pessoas, as quaes não podia faltar o meu amigo Falcão. Foi em consequencia nomeado o exm.º José Maria da Silva Torres.—Na secretaria de marinha, no thesouro, na sé de Evora, e em alguma outra parte, ha cavalheiros, que têem tão inteiro conhecimento d'este facto como eu proprio.

Passaram tempos, e o meu sempre excellente e particular amigo, o sr. conde de Thomar, offereceu-me a mitra de Bragança, a qual não acceitei; assim como não acceitei a de Vizeu, que pouco depois o mesmo bom amigo instou-me energicamente que não recusasse, arguindo-me ao mesmo tempo com estranheza do que chamou minha imprevidente pertinacia. Não era pertinacia, era a muita conta em que tinha um conselho paterno, para mim verdadeiro preceito, que se contem nestas palavras:—«O homem, que se preza, não deve tomar sobre si encargo, para desempenhar-se do qual não se julga, seja porque motivo fôr, a ponto preparado; senão arrepender-se-ha com pezar tardio.»

Decorreram annos, e o meu muito prezado amigo o sr. conselheiro José da Silva Mendes Leal, quando ministro da marinha, pediu-me, com a instancia de quem queria que se tornasse effectiva a resolução por elle tomada, e que me affirmou ter antecipada approvação dos seus collegas, que lhe acceitasse a nomeação de bispo de Macau. Apesar das ponderações de s. ex.ª, tão honrosas para elle, como para mim obsequiosas, respondi desde logo negativamente, expondo agradecido ao meu muito estimado amigo as razões da minha não annuencia.

Baste, com respeito a minha *ambição ecclesiastica*; e direi agora duas palavras da minha *ambição civil*: permittam-se-me estas qualificações.

Foi-me conferido o *Titulo de Conselho*, se bem me recordo, em 1845, «em attenção aos serviços prestados á causa do throno de S. M. a rainha, e ás liberdades patrias», sem que tivesse eu pedido esta graça, nem directa, nem indirectamente. Está vivo, felizmente, e attestará a verdade do que digo, o sr. conde de Thomar, então ministro do reino, que se houve com tanta delicadeza para comigo, que me tornou impossivel o não acceitar.

Fui honrado com a commenda da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, em 1853, sendo ministro do reino o meu bem lembrado amigo, conselheiro Rodrigo da F. Magalhães, e não só sem a pedir, como pode testemunhar o sr. bispo de Vizeu, então intimo d'aquelle ministro, ao mesmo tempo que meu amigo e meu collega na se patriarchal; mas chegando eu a pôr em duvida o meu sim, em vez de simplesmente agradecer tão graciosa lembrança.

Como não sou republicano, tambem nunca pedi nenhuma sorte de condecoração, ou graça alguma de similhante natureza, nem para mim, nem para os meus; nem tão pouco me queixei de desegualdades injustas e immerecidas. Fazendo-se-me justiça, embora sómente justiça rigorosa, estou contente.

Pelo demais, quando raras vezes, no largo periodo de 35 ou mais annos, tenho recommendado um ou outro individuo a este ou áquelle ministro, ou ha sido algum desprotegido da fortuna, ou algum homem provadamente merecedor de ser attendido. Appello para o grande numero de cavalheiros, que me fazem favor da sua benevolencia, e tem occupado as cadeiras do ministerio. Não costumo ser importuno a suas ex.as

Aqui têem pois os meus censores explicada a minha *ambição* e o meu *despeito*, e convencida a temeridade e injustiça do juizo, que formaram de mim com respeito ao meu proceder na questão Renan.

Houve motivos particulares sem duvida, nem eu podia, faltando elles, obrar racionalmente; porém, a particularidade dos meus motivos nada tem de mysterioso, nem esta de nenhum modo acima de qualquer mediana comprehensão.

Os meus motivos foram religiosos e litterarios, como escrevi na minha carta ao exm.º vice-presidente da academia.

O sr. Renan é atheu, e prega o materialismo: eu sou catholico romano, e prego Jesus Christo, *et hunc crucifixum*.

Somos pois incompativeis. E não sou catholico da vespera: sou catholico pelo baptismo, pela educação, pela crença herdada de paes e avós, e pela convicção resultante do estudo não superficial de continuados annos; a qual tem sido confirmada mais e mais pela meditada leitura do que sobre o assumpto escreveram os chamados philosophos do seculo passado (vulgo *encyclopedistas*), e os discipulos mais notaveis da escola racionalista allemã, e da escola atheista-cosmopolitica; pois que nunca poderam conseguir, quer uns, quer outros, senão demonstrar ou a impossibilidade de convencer a quem possue alguns meios intellectuaes, e delles sabe fazer uso, ou a impossibilidade de a si mesmos se convencerem do que todavia presumem estar seguros de convencer os demais. Com quanta razão escreveu o sabio lord Bacon, essa intelligencia privilegiada, a qual tanto deveram as sciencias e as letras, que, a meia instrucção leva de ordinario á impiedade, em quanto que serio e aprofundado estudo dos homens e da natureza torna necessariamente o homem religioso!

De que não me dou agora pelo que desejo que me creiam, faz fé o que tenho publicado pela imprensa (e não é pouco), sem exceptuar a jornalistica, pois que nunca me caiu (em bem o diga!) dos bicos da penna uma só phrase de menos acatamento em assumpto religioso; mas principalmente o evidenceia o que se lê nos primeiros capitulos da minha obra «*Da forma dos governos*;» em varios logares do «*Exame das viagens do dr. Levingstone*» (1867), e no meu «*Compendio da escriptura sagrada, e da doutrina catholica*» (1871) onde tracei uma resumida, mas creio que substancial demonstração da divindade de Jesus Christo, segundo os principios communs a todas as communhões christãs.

E' porem já tempo de deixar o fim, e voltar ao principio, como na precedente carta eu dizia.

Os louvores encarecidos, que barateiam a Renan os seus devotos, e mais ainda os seus amoucos, serão acaso merecidos? A resposta a esta pergunta será o objecto da minha seguinte e derradeira carta.

Sou, com estima e respeito, sr. redactor

De v. etc.

Lisboa, ás Monicas, 17 de Julho de 1874.

D. José de Lacerda.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PREMIOS

Faculdade de Mathematica

1.º ANNO

Accessit—Antonio Francisco da Costa Lima, filho de Joaquim Antonio da Costa Lima, de Lisboa.

Distinctos na classe dos obrigados

1.º Alberto de Oliveira Lobo, filho de Antonio Joaquim de Oliveira Faria Lobo, do Porto.

2.º Licinio Pinto Leite, filho de Joaquim Pinto Leite, do Porto.

2.º ANNO

Accessit

José Jeronymo Rodrigues Monteiro, filho de José Rodrigues Monteiro, de Campo Maior.

Antonio Luiz Gomes Branco de Moraes Sarmento, filho de Manoel Gomes de Moraes Sarmento, de Villa Verde, districto de Villa Real.

José Freire de Sousa Pinto, filho de Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, de Coimbra.

Antonio Eduardo Villaça, filho de Bento José Ferreira Villaça, de Braga.

Distinctos

Augusto Xavier Teixeira, filho de Manoel Joaquim Xavier Teixeira, do Eiró, districto de Villa Real.

Eduardo Augusto Xavier da Cunha, filho de Maximiano Xavier da Cunha, de Trancoso.

Jayme Adolpho Mauperrin Santos, filho de Antonio Florencio dos Santos, de Lisboa.

3.º ANNO

Premio—Manoel da Terra Pereira Vianna, filho de Manoel Joaquim Pereira Vianna, de Campos, imperio do Brasil.

Accessit

Roberto Rodrigues Mendes, filho de João Rodrigues Mendes, de Vianna do Castello.

Leonardo de Castro Freire, filho de Francisco de Castro Freire, de Coimbra.

Antonio Varella Duarte, filho de José Duarte, de Villa Pouca de S. Joanninho, districto de Vizeu.

Luiz Pereira da Costa, filho de outro, de Monte Redondo, districto de Leiria.

Distincto em ambas as cadeiras

José Gonçalves Pereira dos Santos, filho de João Gonçalves Curado, dos Carvalhaes, districto de Coimbra.

Classificação numerica

1.ª *classe*

Manoel da Terra Pereira Vianna—18 valores.

Roberto Rodrigues Mendes—17 valores.

Leonardo de Castro Freire—17 valores.

Antonio Varella Duarte—17 valores.

Luiz Pereira da Costa—17 valores.

José Gonçalves Pereira dos Santos—16 valores.

2.ª *classe*

Francisco de Lucena e Faro, filho de Henrique de Azevedo e Faro, de Moens, districto de Vizeu—14 valores.

4.º ANNO

Accessit pela ordem da matricula

Basilio Alberto de Sousa Pinto, de Coimbra.

Pedro Augusto Arnaud de Menezes, filho de Augusto José de Sousa Menezes, de Miranda do Corvo, districto de Coimbra.

Distinctos

1.º Fernando Eduardo de Serpa, filho de Eduardo de Serpa Pimentel, de Coimbra.

2.º Antonio Sarmento da Fonseca, filho de Jacome Luiz Sarmento, de Coimbra.

5.º ANNO

Premio—Francisco Gomes Teixeira, filho de Manoel Gomes Teixeira, de S. Cosmado, districto de Vizeu.

INFORMAÇÕES

Bacharel

Francisco Gomes Teixeira—M. B. por 20.

Faculdade de Direito

INFORMAÇÕES

(Conclusão)

José Maria Henriques da Silva, filho de Antonio Joaquim Alves da Silva, da Pampilhosa, districto de Coimbra—B. 12.

Luiz José Dias, filho de outro, de Celavisa, districto de Coimbra—B. 12.

Manoel de Almeida e Silva, filho de Manoel da Silva Netto, de Ouca, districto de Aveiro—B. 12.

Cesar Augusto de Faria Videira, filho de João Pedro Affonso Videira, de Castello de Vide—B. 12.

Domingos Correa Caldeira Castello Branco Cota Falcão, filho de José Correa Castello Branco Cota Falcão, do Crato, districto de Portalegre—B. 12.

Antonio Marques de Oliveira, filho de Jacintho Marques, de Passos de Silgueiros, districto de Vizeu—B. 12.

Evaristo Maria das Neves Ferreira de Carvalho, filho de José Ferreira das Neves, de Soure, districto de Coimbra—B. 12.

Gil Antonio da Silva, filho de Bernardo Antonio da Silva, de Vouzella, districto de Vizeu—B. 11.

José Augusto de Madureira Leal, filho de Jacintho Lopes Leal, de Soutello, districto de Vizeu—B. 11.

Agostinho Carlos das Neves Castro e Silva, filho de Miguel Joaquim da Silva, do Fundão—B. 11.

Albertino Carlos da Costa, filho de José Antonio da Costa, de Almeida—B. 11.

Alberto Carlos Cruz, filho de Francisco Joaquim Fernandes Cruz, de Ponte da Barca—B. 11.

Antonio Augusto de Araujo e Mello, filho de Joaquim Leite Alves de Araujo, de S. Martinho de Argoncelhe, districto de Aveiro—B. 11.

Antonio Augusto de Pina Figueiredo Abreu e Castro, filho de Francisco Augusto de Gouvea e Pina, de Nogueira do Cravo, districto de Coimbra—B. 11.

Carlos Augusto Pinto, filho de Manoel José Pinto, de Meirinhos, districto de Bragança—B. 11.

Diogo Tavares de Mello Leote, filho de Diogo Maria de Mello Leote, de Albufeira, districto de Faro—B. 11.

Januario Constante Barbeitos Pinto, filho de José Manoel Barbeitos, de Monção, districto de Vianna do Castello—11.

João Bernardo Pereira Barreiros, filho de Joaquim Guilherme Pereira Barreiros, dos Arcos de Val de Vez—B. 11.

João Ribeiro de Andrade, filho de Theotonio Ribeiro de Andrade, de Oleiros, districto de Castello Branco—B. 11.

José Paulo Monteiro Cancella, filho de Francisco Rodrigues da Fonte Cancella, de Anadia, districto de Aveiro—B. 11.

Manoel Paes de Figueiredo Moraes, filho de Manoel Paes de Figueiredo e Sousa, de Coimbra—B. 11.

NOTICIARIO

Embargo no caminho de ferro americano.—O sr. José Barbosa Lima, negociante e proprietario nesta cidade, embargou na sexta feira ultima a construcção do caminho de ferro americano em frente das suas casas da rua da Calçada, em razão da abobada que está por baixo da mesma rua, e que fórma o prolongamento da sua loja do lado da praça de S. Bartholomeu.

Muitas das casas da rua da Calçada tem eguaes abobadas por baixo da rua, communicando com as lojas do lado da praça.

Contra a construcção destas abobadas, em prejuizo do publico, já em 1822 requereu ás côrtes o juiz do povo de Coimbra, Manoel de Jesus da Costa Brioso. N'essa representação dizia o juiz do povo:

«Por um errado abuso tem alguns dos proprietarios de casas naquella rua feito subterraneos, que abrangem a largura da mesma rua, e cujas abobadas algumas vezes tem naturalmente cahido, absorvendo alguns bois, que naquelle momento passavam, tornando informe, e quasi invadiavel aquella rua publica.

«Este abatimento de abobadas, acontecido não ha muitos annos, se verificou agora em um novo subterraneo, construido por baixo da mesma rua, por José Antonio Rodrigues Trovão, na frente das suas casas, de maneira que estando quasi a concluir-se, se abateu a rua publica da passagem real (felizmente e por acaso sem prejuiso), e se acha uma semelhante rua monstruosa, e embaraçada com tapumes, em quanto elle se prepara para outra maior ruina.

«Representou o supplicante este facto, além do povo, ao corregedor da comarca, como primeiro ministro da cidade, o qual demittiu esta diligencia para o senado da camara; o supplicante fez apresentar ao mesmo senado a sua representação, com o despacho do corregedor em acto de vereação, o que tudo se prova pelo documento incluso, copia fiel do original, que foi entregue e intimado á mesma camara.

«Porém, Senhor, qual foi o effeito de tão importante negocio? Nenhum!!! Passado alguns dias procedeu a camara a uma premeditada vistoria, a que o supplicante assistiu; porém qual seria o resultado? Nenhum! Porque a obra do cadafalso sempre continuou e continúa; tanto póde o poderio daquelles proprietarios!!

«Semelhantes cadafalsos subterraneos, sendo por sua natureza contrarios ao bem publico, só podem prestar utilidade a seus proprietarios, em malfeitorias, e traficos prohibidos, como occultação de polvoras, contrabandos, assassinios, etc.»

E terminava o juiz do povo a representação dizendo o seguinte:

«São pois, Senhor, estes os motivos, porque o juiz do povo de Coimbra, sobe humildemente a expor na presença deste augusto congresso, aonde reside o poder supremo de toda a nação, os factos que ficam apontados, e o desleixo da camara da mesma cidade, cuja prova nada equivoca offerece o documento incluso, a fim de que Vossa Magestade tomando em consideração os mesmos factos, haja de dar as providencias que julgar adequadas a tal respeito.

«P. a Vossa Magestade se digne deferir o que fôr justo.—E. R. M.

«O juiz do povo de Coimbra, *Manoel de Jesus da Costa Brioso*.»

A imprensa portugueza durante o seculo XVI. — Acabamos de receber a seguinte publicação:

A imprensa portugueza durante o seculo XVI, por Tito de Noronha.—Porto, imprensa Portugueza, MDCCCLXXIV.

O bem conhecido investigador o sr. Tito de Noronha, veiu com esta interessante publicação adeantar muito os trabalhos para os *Annaes da imprensa portugueza durante o seculo XVI*, que promette dar a luz.

O sr. Tito de Noronha tem obtido nota de 900 edições saídas dos prelos de Portugal, durante aquelle seculo. Para que se veja a importancia notavel que teve Coimbra nesse movimento typographico, diremos que daquellas 900 edições, pertenceram ás typographias de Lisboa 503 e a Coimbra 282. As mais terras têm uma importancia muito diminuta em relação a Coimbra. Bastará dizer que em Evora só se imprimiram no mesmo seculo 46 edições, em Braga 22, e no Porto 5.

Apenas tivemos tempo de fazer uma rapida leitura da recente publicação do sr. Tito de Noronha; mas pedimos licença ao illustrado escriptor para desde já fazer os seguintes reparos.

Diz o sr. Tito de Noronha, fallando das edições do seculo XVI, que=«das *Constituições synodaes* do arcebispado de Lisboa fizeram-se quatro edições, e *outras tantas* das do bispado de Coimbra.»

Parece-nos que se engana nesta ultima parte.

Em 1521 imprimiu em Braga o impressor Pero Gonçalves Alcoforado, as *Constituições do bispado de Coimbra*, de D. Jorge de Almeida.

Diz-se que em tempo existiu na bibliotheca nacional de Lisboa um exemplar das *Constituições do bispado de Coimbra*, impressas em 1548. E' porem digno de muito reparo, que não exista já hoje alli esse exemplar; e que egualmente em Coimbra não haja, nem nos consta que nunca houvesse em nenhuma livraria publica, ou particular, semelhante edição de 1548. Portanto, até prova em contrario, pomos em duvida essa edição.

E finalmente em 1591 imprimiu em Coimbra o impressor Antonio de Mariz, as *Constituições synodaes do bispado de Coimbra*, de D. Affonso de Castello Branco.

Nada mais sabemos das *Constituições* deste bispado no seculo XVI.

As *Constituições synodaes* de D. Affonso de Castello Branco tornaram a ser impressas em Coimbra no seculo XVIII, na imprensa do Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, no anno de 1731.

E' a ultima edição que houve das *Constituições* do bispado de Coimbra.

O sr. Tito de Noronha dá a existencia da imprensa dos conegos de Santa Cruz de Coimbra, desde 1532 até 1561. Ora se dermos fé ao que diz D. Nicolau de Santa Maria na *Chronica de Santo Agostinho*, essa imprensa existia em Coimbra até 1577, pois que nesse anno foi mandada ir por el-rei D. Sebastião, para o mosteiro de S. Vicente Fora de Lisboa, a fim de alli se imprimir a bulla da cruzada, que elle obtivera do papa Gregorio XIII.

Diz o sr. Tito de Noronha que João Alvares imprimira em Coimbra, de 1550 a 1562; em Lisboa em 1563; outra vez em Coimbra, de 1564 a 1577; e finalmente em Lisboa de 1589 a 1590.

Nesta ultima parte ha com certeza engano. Pode ser que em Lisboa houvesse de 1589 a 1590 algum impressor chamado João Alvares; mas o que é absolutamente impossivel, é que fosse o mesmo de Coimbra, porque no dia 10 de Janeiro de 1587, assignou Antonio Barreira, filho de João de Barreira, o contracto de impressor da Universidade, por ser *já defunto* João Alvares, a quem veiu substituir. Este contracto ainda hoje se póde ver na secretaria da Universidade. Logo, João Alvares já não existia no principio de Janeiro de 1587, e não podia portanto ter imprensa em Lisboa de 1589 a 1590.

Na relação dos *livreiros* do seculo XVI, diz o sr. Tito de Noronha o seguinte:

«*Geraldo Mendes*, livreiro do *bispo conde* D. Fr. Marcos de Lisboa, Coimbra 1585.»

Aqui ha dois erros, e um delles bem notavel.

D. Fr. Marcos de Lisboa, *nunca foi bispo de Coimbra*, mas sim do Porto.

Egualmente Geraldo Mendes não foi livreiro em Coimbra, mas com toda a probabilidade foi livreiro no Porto.

O bispo do Porto, D. Fr. Marcos de Lisboa, mandou no anno de 1585, imprimir em Coimbra, pelo impressor Antonio de Mariz, as *Constituições synodaes* do seu bispado.

Na primeira pagina, depois da designação do impressor e da data, lê-se o seguinte:

«*Agora nouamente acrecentadas com o Estilo da Justiça, impressas á custa de Giraldo Mendez liureiro de sua Illustrissima Senhoria.*»

E' claro, que o sr. Tito de Noronha se equivocou, por ver em uma obra impressa em Coimbra, o nome do livreiro *Giraldo Mendez*, que aliás não era desta cidade. O que, porem, não lhe deveria causar duvida, é o que se vê no alto dessa mesma pagina, onde se lê, em letras bem salientes, que D. Fr. Marcos de Lisboa era bispo do Porto.

Tambem o sr. Tito de Noronha menciona como tendo sido livreiros em Coimbra, João Filippe em 1546, e Jeronymo de Miranda em 1560. E' a primeira vez que vemos semelhantes indicações, e por isso parece-nos com todo o fundamento, que nisto ha engano.

Ao que diz o sr. Tito de Noronha do impressor e livreiro de Coimbra, Antonio de Mariz, podia acrescentar, que tambem teve loja de livros em Lamego. Assim se vê no *Tractado da ordem de como se ham De ad Ministrar os Sacramẽtos da sancta madre Igreja*, por elle impresso em Coimbra em 1587, por ordem do bispo de Lamego, D. Antonio Telles de Menezes.

Tambem o sr. Tito de Noronha menciona como sendo livreiro em Coimbra, no anno de 1549, a Melchior Beleago. Não sabemos onde poude achar semelhante indicação.

Melchior Beleago foi um dos muitos individuos, que el-rei D. João III mandou vir do estrangeiro, para ensinar em Coimbra. Como é, por tanto, que elle era ao mesmo tempo professor nas escolas menores do collegio real da rua da Sophia, e livreiro? Aqui ha de certo confusão.

Não temos tempo para dizer mais ácerca desta publicação do sr. Tito de Noronha.

Fazemos estas advertencias para que se vá cada vez mais apurando a verdade ácerca da typographia em Portugal.

Terminamos, agradecendo muito ao sr. Tito de Noronha o exemplar com que nos brindou.

Sobre a festa do Louriçal.—Tendo dois dos nossos collegas da imprensa desta cidade, referido com menos exactidão, certamente por mal informados, as occurrencias, que tiveram logar no Louriçal, por occasião da festa do Coração de Jesus, e as consequencias que dellas resultaram, entendemos fazer um bom serviço ao publico restabelecendo a verdade dos factos, como sabemos que se passaram.

Alguns devotos do Louriçal pediram licença a s. ex.ª o sr. bispo conde, para fazerem a referida festa do Coração de Jesus na egreja do convento das religiosas d'aquella terra, em vez de a celebrarem na egreja matriz.

O prelado concedeu a licença pedida; mas tornou-a dependente de duas condições: 1.ª de não achar o reverendo parocho inconveniente nessa concessão: 2.ª de ser elle, nesse caso, o officiante; visto ser a festividade publica, e com procissão pelas ruas da terra.

Um dos devotos, que é um clerigo antigo da freguezia do Louriçal, convidou o parocho para cantar a missa no convento no dia da festa. O parocho recusou-se a isso, porque não lhe foi apresentada a licença do exm.º prelado, nem lhe constava que ella existisse.

Fez-se a festa, officiando o capellão do convento.

O prelado logo que teve conhecimento do facto, mandou averiguar a rasão por que não foi apresentado ao reverendo parocho o seu despacho, e por que se procedeu á festa sem elle ser cumprido.

Está ainda pendente esta averiguação; e o seu resultado não chegou por emquanto á camara ecclesiastica.

E' este o estado das coisas.

Vê-se pois, em vista do exposto, que tudo quanto se escreveu em relação á suspensão dos padres, que tomaram parte na festa; á vinda delles á presença do exm.º prelado, e á desobediencia á sua auctoridade, é destituido de fundamento.

Como esclarecimento, diremos que não ha no Louriçal missionarios. Ha os padres da freguezia, que sempre houve, e o capellão do convento, que é um padre do bispado de Aveiro.

Estamos certos de que o exm.º prelado, depois de concluido o processo, hade fazer a costumada justiça.

Pagamento de uma grande divida.—Por vezes temos instado para que a Misericordia pague a divida de gratidão ao antigo provedor o sr. Dr. Sebastião de Almeida e Silva, a quem se deve principalmente a importante acquisição do edificio do collegio Novo, onde agora estão os dois collegios de orphãos e orphãs, e as mais repartições daquelle estabelecimento de caridade.

Felizmente fomos attendidos nas nossas instancias, pois que o ultimo e muito digno provedor da Santa Casa, o sr. Dr. Luiz da Costa e Almeida, servindo-se de um retrato que possue a exm.ª viuva do illustre fallecido, mandou fazer outro pelo habil artista o sr. Gonçalves; e em breve vae ser solemnemente collocado pela nova mesa, junto dos retratos dos mais bemfeitores da Misericordia.

Na tela onde está pintado o retrato lê-se o seguinte:

«Doutor Sebastião de Almeida e Silva, natural de Coimbra, Lente de Vespera da Faculdade de Medicina, provedor da Santa Casa de 1839 a 1840, e de 1847 a 1848, e dedicado protector dos orphãos, para os quaes solicitou e obteve o valioso donativo deste edificio, outrora Collegio da Sapiencia. Falleceu a 23 de Outubro de 1866.»

Santa Casa da Misericordia de Coimbra.—Somos informados do seguinte:

Foram hontem admittidos 9 orphãs e 9 orphãos dos que haviam requerido no ultimo concurso. Não foram deferidas as demais petições, porque as creanças excediam a edade algumas e faltava a outras, ou porque os mesarios não tinham sufficientes informações; ficando para se resolver posteriormente. Consta-nos que na admissão destes orphãos se procedeu com todo o acerto e justiça.

—Installou-se a commissão encarregada de verificar as contas da ultima administração, para que deixe de pesar sobre os membros da mesa anterior a menor suspeita.

—Foi deliberado que, na proxima quinta feira se inaugure o retrato do illustre finado Dr. Sebastião de Almeida e Silva, a quem a Santa Casa deve relevantissimos serviços.

—Deu-se conhecimento do estado em que se acham os negocios relativos á liquidação do resto da herança de Amaro Coutinho, assim como do progresso da demanda que se intentou a este respeito nos tribunaes de Olivença (Hespanha); deliberando a mesa que se proseguisse naquelles pleitos, para o que vae convidar os srs. Drs. Paes, Antonio Jardim, e Chaves, a fim de que, com os advogados da casa, dêem á mesa a sua auctorisada opinião sobre um assumpto tão importante, sendo que se calcula em mais de 85:000$000 reis os bens não vinculados, e sobre os quaes esta Santa Casa e a de Estremoz podem exhibir seu direito.

—Deferiu varias petições para visita e para banhos; e despachou processos para emprestimos de capitaes.

—Ficou para ser considerada uma proposta do sr. Olympio para alteração do compromisso, tornando directa a eleição, e outra para se rectificarem as listas dos irmãos quanto ás classes em que estão graduados.

—Ficou tambem para ser considerada outra proposta do mesmo sr., para se prover o logar de vice-reitor, addicionando-lhe o cargo de thesoureiro da capella, e sobrestando-se no provimento do logar de reitor dos orphãos.

Exames nos lyceus. — Na folha official do correio de hoje vem publicados os nomes dos membros das commissões dos exames finaes nos differentes lyceus do reino.

O presidente da commissão de exames da segunda circumscripção é o sr. Dr. Luiz Albano de Andrade Moraes.

Romaria.—Houve hontem a costumada romaria de Santa Comba, aonde concorreu muito povo da cidade e das aldeias proximas.

Festividade.— A festa do Senhor do Arnado ficou transferida para o dia 23 de Agosto.

Declaração—Os nossos antigos e estimaveis amigos, o srs. Francisco Maria d'Elvas Mascarenhas e Evaristo da Fonseca Cunha Pinto, nos pedem de Taboa a publicação do seguinte:

«Quando nesta freguezia de Taboa constou que o exm.º sr. bispo conde havia deposto da parochialidade da dita freguezia o padre Luiz Alves Gomes Freire, fez-se ahi uma representação em abono do dito padre, que nós tambem assignamos, só no intuito de o beneficiar em suas ulteriores pretenções.

Nunca vimos na alludida representação offensa a pessoa alguma, porque se a vissemos

de certo a não assignavamos. Porem se ainda na alludida representação se encontram algumas palavras que se possam entender como offensivas, seja a quem quer que fôr, nós as reprovamos agora com toda a energia, como reprovavamos quando assignámos, pois que nunca foi intenção nossa offender pessoa alguma, quer directa quer indirectamente.

Permitta-nos mais, amigo e sr., declarar-lhe aqui, que não tivemos parte, nem conhecimento, e menos responsabilidade na correspondencia que antecede a representação, que vem publicada no numero 2283 do *Campeão das Provincias*, de 8 do corrente.

Pela publicação desta no primeiro numero do seu acreditado jornal, lhe ficam muito reconhecidos os de v.

Amigos velhos, e assignantes antigos,
Taboa 19 de Julho de 1874.
Francisco Maria d'Elvas Mascarenhas.
Evaristo da Fonseca Cunha Pinto.»

Cemiterio da Conchada — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Anna Joaquina da Conceição, filha de Anna Joaquina, natural de Pinheiro de Azere, de 71 annos, fallecida no dia 11 de Julho.

José de Oliveira Mattos, filho de Antonio de Oliveira Mattos e Maria de Figueiredo Mattos, natural de Farinha Podre, de 28 annos, fallecido no dia 18.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada=5556.

Noticias estrangeiras. — As ultimas noticias são as seguintes:

Roma, 10. — Chegou monsenhor Sanguini, que foi internuncio no Brasil e está designado para a nunciatura de Lisboa. Receberá brevemente a consagração episcopal e irá em seguida para Lisboa.

Madrid, 19 de Julho, de manhã. — A *Gazeta* publica um telegramma do general Soria Santa Cruz, annunciando que soube por um cabo da guarda civil fugido de Cuenca, que esta cidade se rendeu no dia 15, e que os prisioneiros foram levados para Chelva. Traz decretos: declarando toda a Hespanha em estado de sitio; auctorisando o sequestro dos bens dos individuos que fazem parte dos bandos carlistas ou que servem o carlismo; dispondo dos rendimentos d'esses bens para indemnisações de cem mil *pesetas* ás familias de cada official superior, de 30:000 ás familias dos soldados ou voluntarios fuzilados pelos carlistas. (Toda a transmissão de propriedades de carlistas posterior a este decreto é declarada nulla); dissolvendo todas as sociedades não auctorisadas; prohibindo a publicação de noticias da insurreição carlista que não sejam as da *Gazeta;* creando 80 batalhões da reserva extraordinaria, composta de 125 mil homens de 22 a 35 annos, solteiros ou viuvos sem filhos. A taxa da remissão é fixada em 1.250 *pesetas*, e o prazo para a incorporação de 23 a 30 de Agosto.

Madrid 19, á tarde — O deputado Rogel, vindo de Cuenca, conta que os carlistas para avançarem fizeram barricadas com cadaveres dos seus, e perfuraram o convento das freiras de Cuenca. A resistencia foi heroica.

Madrid 19, á noite — O conselho de estado negou por 46 votos contra 9 a indemnisação de 24 milhões ao banco hypothecario. O *Imparcial* e o *Tempo* foram recolhidos pela auctoridade. O governo declara na *Gazeta* que não usará de represalias pessoaes, mas que se limitará a sequestrar os bens dos carlistas.

Paris 17, á tarde — Continua a crise ministerial. Mac-Mahon recusa acceitar a demissão de Fourton. Não tomará nenhuma resolução antes do resultado da discussão de segunda feira. A assembleia approvou por unanimidade dos votantes o projecto das fortificações das fronteiras de leste. O embaixador de Hespanha entregou ao duque Decazes uma nota acerca da facilidade com que os chefes carlistas entram em França. O *Monitor Universal* diz que as auctoridades dos Pyreneus não merecem censura alguma, porque tem feito guardar sufficientemente a fronteira de terra. Accrescenta que as armas e as munições chegam por mar aos carlistas, sendo-lhes enviadas das nações estrangeiras e da fabrica de Krupp, e que não são transportadas por navios francezes. Lembra por fim as queixas dos carlistas contra as auctoridades francezas.

ANNUNCIOS

VENDEM-SE

1 As CASAS e barracão, sitas no terreiro da Erva, com os n.os 17 a 29. Recebem-se propostas em carta fechada dirigidas a J. Nazareth, pharmacia Castro, Sophia. Pagam-se dois foros, um de 180 rs. e outro de 440 e dois capões.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

2 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

Deposito de Machinas de Singer para uso de familias e industriaes.

34 — Rua do Visconde da Luz — 36

COIMBRA

3 JOSE' TEIXEIRA DA CUNHA contractou com o representante da Companhia Fabril de Singer, de Londres, estabelecer nesta cidade um deposito das magnificas machinas de costura para familia, alfaiate e correiro, ás quaes se fazem preços eguaes aos de Lisboa, da unica casa succursal em Portugal.

Tambem ha excellentes linhas de linho, algodão, retroz, troçaes, agulhas, molas, ferro, tudo pertencente ás machinas.

Attenção

4 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para **Santos:**
Barca — CLAUDINA

Para o **Rio de Janeiro:**
Barca **Joven Adelaide** em 26 de Julho.

Para o **Maranhão:**
Barca — SAUDADE.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Attenção

6 VENDE-SE uma morada de casas proximo ao Collegio Novo. Consta de loja e dois andares com 12 casas. Para informações podem dirigir-se a Abilio Maria Ladeiro, rua da Calçada, 81.

DENTISTA

CEREGUETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista Suisso

7 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, põe dentes, extra e estes e as raizes, e limpa os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados, com pasta não conhecida até hoje; tem bom elixir para dôr de dentes; cura o escorbuto, e todas as molestias de bocca; tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço, como se nunca tivera tido callos.

Praça **8 de Maio,** ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

CAIXEIRO

8 PRECISA-SE d'um com pratica de mercearia. Nesta redacção se diz.

Aos banhistas das Caldas da Rainha

João Antonio d'Oliveira (vulgo o João Rei) & M. J. de Brito.

9 ANNUNCIAM que, para commodidade do publico, resolveram estabelecer uma carreira diaria de diligencia, a começar do dia 15 de Julho corrente em diante, de Leiria até ás Caldas da Rainha, de commum accordo com Antonio João Pereira, d'aquella villa, que fará a carreira por sua conta d'alli até Alcobaça.

Esta carreira ficará sendo considerada como continuação das já estabelecidas entre Leiria e Pombal, e Leiria e Chão de Maçãs.

A partida de Pombal será logo em seguida á chegada do comboio ascendente, devendo estar em Leiria ás 6 horas da tarde. — Para Alcobaça partirá a diligencia ás 7 horas da manhã, logo que chegue a carroagem do correio de Chão de Maçãs, devendo estar em Alcobaça e Caldas da Rainha ás horas marcadas para o serviço do correio; — e assim egualmente das Caldas da Rainha para Leiria, donde partirá a diligencia para Pombal ás 8 1/2 horas da manhã, e para Chão de Maçãs ás 6 1/2 da tarde.

PREÇOS

De Pombal a Leiria — dentro 800 rs. — a Alcobaça 1$800 — ás Caldas da Rainha 2$800. — Fóra 600, 1$400, e 2$200 rs.

De Leiria a Chão de Maçãs — 1$600 rs. dentro, e 800 rs. fóra.

10 SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de *Saude,*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Depois das adhesões de muitos medicos e de varios hospitaes, ninguem poderá duvidar da efficacia desta deliciosa farinha de saude que cura as indigestões (despepsia) gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestão, mal aos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza da Bré an, dos doutores Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Cura 72.448 Cadiz 3 de Junho de 1868

Não posso fazer menos de manifestar a vv. s.as os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate da Revalescière* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinaes, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstar a consideração com a qual o distingue o seu attento venerador — VICENTE MOTANO.

Cura 69.718 Ticheville (Orne) 20 Março 1867

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalescière*, tenho-a administrado a varias pessoas, ás quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo n'aquelles que padeciam de hydropesia. Tres destes curaram completamente. — A tosse produzida por uma constipação desappareceu instantaneamente e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina e das molestias de estomago, afastando de qualquer individuo a hypocondria. — PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos de venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil. 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª — Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa,** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. — BARCELLOS, Ramos, pharm. — BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. — COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, S. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro — FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm. — VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. — GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. — PENAFIEL, Miranda, pharm. — PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia, 77. J. R. de Sequeia, pharm, Casa-Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahia, rua de Cedofeita, 92. — PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm. — POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr. — VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2817 — SABBADO 25 DE JULHO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios — Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Uma folha monarchica de Madrid, publicou ha dias um artigo, no qual pretende, como uma das soluções mais vantajosas para a desgraçada situação da Hespanha, a conveniencia de chamar ao throno daquelle paiz, o rei de Portugal; concebendo ainda a possibilidade de unir os dois reinos, tendo por chefe politico o sr. D. Luiz I.

Custaria na verdade a acreditar, se os factos o não confirmassem, que, na presença dos successos calamitosos por que a Hespanha está passando, por falta de união e patriotismo entre os seus filhos, e depois de uma formal e terminante recusa do monarcha portuguez e dos protestos solemnes, energicamente feitos por parte de Portugal, contra a união dos dois povos, haja novamente naquelle paiz, quem se atreva a vir á imprensa advogar semelhante ideia.

Esta solução, que o *Imparcial* de Madrid, propõe como remedio aos males que affligem a desditosa Hespanha, não passa da cerebrina imaginação do articulista.

Pelo que respeita a Portugal, este paiz rejeita, completa e formalmente, tão extravagante ideia; porque não quer por forma alguma perder a sua autonomia; e por vezes tem já manifestado os seus patrioticos sentimentos a respeito desta questão.

O povo portuguez, educado em uma escola de costumes, inteiramente differentes, e dedicado á sua patria, não esquece o heroico exemplo de seus antepassados, em 1640; vela ainda hoje, e cremos que velará sempre, pela sua autonomia e independencia. Debaixo do regimen monarchico constitucional, este paiz está disfructando todas as regalias liberaes, e todas as prerogativas das modernas instituições.

Plenamente satisfeitos com o systema politico que nos rege, não ambicionamos grandezas que nos possam vir perturbar a paz e a tranquillidade que mantemos, e em cuja conservação está todo o nosso interesse.

Não ha em Portugal quem de boa fé pense na decantada união iberica; antes esta ideia é, asseveramol-o, inteiramente antipathica e absolutamente impossivel entre os dois paizes.

Era já tempo de esquecer para sempre, semelhante utopia, para não trazer á arena da discussão, factos que servem sómente de indignar a opinião e de provocar polemicas, sempre desagradaveis, e completamente estereis.

Convença-se o *Imparcial*, que entre os portuguezes, ha muito patriotismo, muita dedicação, e muita dignidade, para repellir por todos os modos a ideia, que impensadamente a folha de Madrid quiz fazer reviver.

Na terça feira veio a esta cidade a commissão nomeada pelos povos das tres freguezias de Farinha Podre, Travanca e Oliveira do Cunhedo, do concelho de Penacova, a fim de apresentar ao sr. governador civil, a representação dirigida a sua magestade, em que protestam contra a sua annexação a Taboa, e pedem para continuar a pertencer a Penacova.

A referida representação é a seguinte:

Senhor! Commissionados pelos habitantes das tres freguezias de Farinha Podre, Travanca e Oliveira do Cunhedo, do concelho de Penacova, que, em numerosa reunião popular, celebrada no terreiro publico de Farinha Podre, nos escolheram, para, como seus interpretes, fazermos chegar até ao throno de Vossa Magestade as suas supplicas, vimos hoje desempenhar-nos d'aquelle honroso encargo.

Senhor! Na reunião pacifica, mas imponente, que aquelles povos effectuaram no dia 5 de Julho, no local mencionado, foram por unanime e enthusiastica manifestação approvadas as seguintes propostas:

1.ª Que se represente ao governo de Sua Magestade, pedindo a creação d'um julgado em Farinha Podre, composto desta freguezia, e das de Travanca e Oliveira do Cunhedo, onde podem ser annexadas pela sua proximidade as de Paradella e S. Paio.

2.ª Que se proteste respeitosa mas energicamente contra a annexação judicial das freguezias de Farinha Podre, Travanca e Oliveira á comarca de Taboa, e que se manifeste em nome dos seus mais caros interesses, a conveniencia que têem as dictas freguezias de pertencerem a Penacova, quando alli se crie uma comarca, como é de reconhecida justiça; mas quando não seja creada, o que não é de esperar, para toda a parte, nunca para Taboa.

3.ª Que se nomeie uma commissão, que se encarregue de elaborar a representação, e de a apresentar ao exm.º chefe do districto, a fim de ser presente ao governo de Sua Magestade.

A esta commissão incumbe, pois, o apresentar respeitosamente a Vossa Magestade o pedido e protesto, que aquellas propostas encerram.

A creação d'um julgado em Farinha Podre é uma necessidade de primeira ordem, depois da extincção dos juizes eleitos.

A posição topographica das freguezias constantes da primeira proposta; as estreitas relações que sempre as tem ligado, tendo a mesma sorte em differentes divisões territoriaes, e finalmente a tendencia natural d'aquelles

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXIX

D. CARLOS

CXXIX

Aqui vemos outra vez a La Torre impedindo a continuação da guerra e accelerando a paz. Maroto tinha ja rompido todas as suas relações com Espartero, preparava-se a combatel-o, arrependia-se de tudo o que havia feito e pedia perdão a D. Carlos. Era temor? Não é de crer: nunca o conheceu; em todas as campanhas tinha acreditado o seu valor e ate o seu heroismo: é que não queria convir nas condições que admittiam os demais; é que ja que abandonava a D. Carlos, desejava obter para elle alguma vantagem, sem reparar que isto era impossivel, pois que nem elle a aceitaria, nem a concedia Espartero.

Assim fluctuava Maroto naquelle mar de contradições. Augmentavam-se estas pelo comportamento tão habil que observava o duque da Victoria, ja negando-se a transigir, porem sem emprehender operações que exasperassem, já mostrando-se os seus soldados nos povos como carinhosos amigos, já pondo em jogo todas as artes da diplomacia e as seducções da franqueza militar.

Vae Espartero penetrando no coração de Guipuzcoa, não escolhendo o caminho mais vantajoso, senão o mais difficil, porque era o mais curto, e assim o annunciou ao seu inimigo, para que o esperasse, se se atrevia. Não podia ser mais profunda a convicção que o chefe liberal tinha do acertado do seu plano; e ainda disse Espartero *que onde quer que encontrasse aos carlistas os havia de expulsar e destruir.*

Consequente com o que offerecera, marchou por Elgueta a Vergara, e a occupou sem opposição e se apoderou de muitos effeitos militares; entrou a 28 em Oñate, sem querer ouvir antes o coronel Linares, que ia como parlamentario de Maroto, porque não escutava parlamentarios na marcha, e naquella villa recebeu o seguinte officio de Maroto:

«Estado maior general. — Cedendo aos desejos de paz que anhela a generalidade destas provincias, e que debaixo da sua assignatura me tem manifestado tambem os generaes, chefes de brigada e commandantes dos corpos que compõem as divisões castelhana, biscainha e guipuzcoana, resolvi ajustar o tratado que a garantisse, para cujo effeito passarão com as instrucções necessarias á villa de Ermua, ou ao ponto que v. ex.ª julgar mais conveniente, os generaes exm.os srs. D. Simão de La Torre e D. Antonio Urbiztondo, o brigadeiro D. José Ignacio de Iturbe, o coronel D. Manoel de Toledo, e talvez algum outro conhecido, com o auditor geral do exercito. O que participo a v. ex.ª para que pela sua parte depute os chefes que mais a proposito lhe pareçam para o effeito, aguardando ao mesmo tempo mais prompta possivel resposta. — Deus guarde a v. ex.ª — Quartel general de Villa-real, 28 de Agosto de 1839 — *Rafael Maroto* — Sr. D. Baldomero Espartero.»

Grande contentamento causou ao duque da Victoria esta communicação, ainda que tinha direito a esperar outra cousa, e lhe respondeu no mesmo instante pela seguinte forma:

«O desejo da paz, que tanto necessita esta fatigada nação, foi o movel que me decidiu a escutar as proposições de um convenio, o qual, ainda que regulado verbalmente nas conferencias que tive com os chefes que deputou v. ex.ª para esse effeito, a minha boa fé o considerou concluido, e as minhas offertas, feitas em virtude da auctorisação do governo de sua magestade a rainha, teriam sido religiosamente cumpridas.

«Sabe v. ex.ª que o brigadeiro D. João Zabala, recebeu da sua parte a segurança de que as forças do seu commando vinham depor as armas e sustentar com ellas a constituição que nos rege, o throno de Isabel II e a regencia de sua augusta mãe; e em prova disso que saiu v. ex.ª ao meu encontro, perto de Durango, ao amanhecer de 26 deste mez, como se havia convencionado.

«A pretenção de foros, esse assumpto já resolvido, e que sabia v. ex.ª e os seus, que nem eu, nem o governo podiamos outorgar, e só propor ás côrtes, afastou o suspirado momento de que uma fraternal reconciliação houvesse satisfeito a anciedade dos povos, e muito particularmente os destas provincias, que cansadas se enchem de goso ao ouvir as vozes de paz e de união, com que os brindei na minha marcha.

«Julguei dever recordar isto a v. ex.ª, antes de restringir-se ao officio desta data, que trata do mesmo assumpto; e não obstante que as disposições concluidas verbalmente, a impossibilidade em que se acha v. ex.ª de assegurar a D. Carlos e sua familia, e sobretudo a circumstancia de comprehender v. ex.ª só agora em sua communicação official as divisões castelhana, biscainha e guipuzcoana, sem mencionar a navarra e alaveza, poderiam ser causa de retrair-me de novos convenios; é tão vehemente em mim o desejo de que estes povos, que tinham consentido na paz, cheguem a obtel-a, e que a nação inteira a consiga mais facilmente, que prescindo daquellas considerações e me comprometto, no uso das faculdades que me estão conferidas, a que tenha effeito o convenio nos termos que expressam os tres artigos de bases, que levam os brigadeiros D. João Zabala e D. Francisco Linage, os quaes se merecem a approvação de v. ex.ª, poderá servir-se assim declaral-o, e no caso de julgar conveniente maior auctorisação, a dou pela minha parte para assignar o convenio aos ditos chefes, e v. pela sua os que tiver a bem. Deus guarde, etc.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

povos para Farinha Podre, onde todas as semanas concorrem ao seu abundante mercado, são outras tantas circumstancias, que plenamente justificam a creação d'aquelle julgado.

Senhor! Constando vagamente, que as auctoridades de Taboa acabam de representar a Vossa Magestade a conveniencia da annexação das tres freguezias, Farinha Podre, Travanca e Oliveira, áquella comarca, não podem os signatarios deixar de protestar muito submissamente perante Vossa Magestade, contra semelhante informação, que é simplesmente determinada pelo sentimento do engrandecimento d'aquella comarca, com inteiro e manifesto esquecimento das conveniencias dos povos.

Pela extincção do concelho de Farinha Podre, em Dezembro de 1853, foram para alli *arrastadas* estas tres freguezias, e logo em Outubro de 1855 foram annexadas ao concelho de Penacova, onde actualmente pertencem a aprazimento de todos os seus habitantes.

Dous annos incompletos bastaram para convencer os poderes publicos do vexame imposto áquellas freguezias pela circumscripção de 1853, e foram de sobejo para deixar aos abaixo assignados e a todos os seus conterraneos tristissima memoria dos sacrificios que então soffreram.

Todos os povos destas freguezias distam de Taboa mais de quinze kilometros e muitos delles cerca de vinte e vinte cinco.

As communicações são intransitaveis por seus pessimos caminhos e fragosas ribeiras, sem ponte nem barco, que dêem passagem, e onde não poucas vezes correu risco a vida d'alguns nossos conterraneos, quando alli pertencemos

Nenhumas relações alli nos chamam, e é tão desagradavel aos povos a ideia da sua ligação áquella comarca, e tão unanime este sentimento em todos elles, que os signatarios podem com toda a segurança certificar a Vossa Magestade, que não ha nas tres freguezias uma unica voz que se levante para apoial-a.

Os mais ardentes desejos d'aquelles povos são o continuarem a pertencer para Penacova, onde têem estado ligados desde remota era, com excepção, apenas, de 16 annos em que constituiram parte do seu julgado em Farinha Podre, e menos de dois em que pertenceram a Taboa.

Senhor! A longa convivencia destes povos tem estabelecido entre elles relações d'amizade tão estreitas, e uma tal identidade de habitos e tendencias, que todos se consideram como membros da mesma familia.

Não permitta Vossa Magestade que n'um momento se apaguem as relações creadas e estreitadas durante tantos annos, e que aquelles povos sejam de novo annexados para onde nenhumas relações nem conveniencias os chamam.

E' de reconhecidissima justiça a creação d'uma comarca em Penacova.

Assim o pedem as conveniencias de muitos povos, que, a não ficarem pertencendo alli, hãode ser levados para enormes distancias, com pessimas vias de communicação; assim o têem entendido os poderes publicos considerando-a em todas as circumscripções, e ainda bem recentemente na de 1867.

Convencidos, pois, como estão os signatarios de que em Penacova não póde deixar de ser creada uma comarca, terminam apresentando respeitosamente a Vossa Magestade as suas supplicas, para que haja por bem conserval-os alli, como são os seus mais sinceros e vehementes desejos, e em ultimo caso annexal-os á de Arganil, quando em Penacova não seja creada, o que não é de esperar.

Deus guarde a preciosa vida de Vossa Magestade, como todos os portuguezes havemos de mister.

Oliveira do Cunhedo, 16 de Julho de 1874

(Seguem-se as assignaturas.)

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PREMIOS

Faculdade de Philosophia

1.º ANNO

Chimica inorganica

1.º *Premio*—José Diogo Arroio, filho de José Francisco Arroio, do Porto.

2.º *Premio*—Antonio Francisco da Costa Lima, filho de Joaquim Antonio da Costa Lima, de Lisboa.

1.º *Accessit*—Nuno Freire Dias Salgueiro, filho de outro, do Rio de Janeiro.

2.º *Accessit*—Joaquim Maria Fragoso, filho de José Maria Mendes Fragoso, de Coimbra.

3.º *Accessit*—Francisco Augusto de Brito, filho de José Maria de Brito, de Lisboa.

2.º ANNO

Chimica organica

Premio—Antonio Joaquim Ferreira da Silva, filho de outro, do Couto de Cucujães, districto de Aveiro.

Accessit pela ordem da matricula

Theophilo José da Trindade, filho de outro, da Lagoa, districto de Faro.

José Pedro Dias Chorão, filho de Manoel Pedro Dias Chorão, da Capinha, districto de Castello Branco.

Jayme Adolpho Mauperrin Santos, filho de Antonio Florencio dos Santos, de Lisboa.

Distinctos

Alexandre Correa de Barros, filho de Antonio Correa de Lemos, de Vizeu.

José Correa de Menezes, filho de outro, de Vizeu.

Alfredo Pinto Cardoso Coutinho, filho de Diogo Pinto Cardoso Coutinho, de Lamego.

Distinctos no curso de Analyse Chimica.

Antonio Eduardo Villaça, filho de Bento José Ferreira Villaça, de Braga.

Bento Gomes de Moraes Sarmento, filho de Manoel Gomes de Moraes Sarmento, de Villa Verde, districto de Villa Real.

Augusto Xavier Teixeira, filho de Manoel Joaquim Xavier Teixeira, do Eiró, districto de Villa Real.

3.º ANNO

3.ª cadeira—Physica—1.ª parte.

Premio—Antonio Eduardo Villaça.

Accessit por ordem da matricula

Augusto Xavier Teixeira.

Antonio Luiz Gomes Branco de Moraes Sarmento, filho de Manoel Gomes de Moraes Sarmento, de Villa Verde, districto de Villa Real.

Distinctos

Theophilo José da Trindade.

Alberto Pessoa, filho de José Joaquim Pessoa, de Coimbra.

José Pedro Dias Chorão.

José Jeronymo Rodrigues Monteiro, filho de José Rodrigues Monteiro, de Campo Maior.

Bento Gomes de Moraes Sarmento.

4.ª cadeira—Botanica

Distinctos

Francisco da Graça Miguens, filho de Braz Miguens Beato, de Niza.

Eduardo Burnay, filho de João Henrique Burnay, de Lisboa.

Fernando Eduardo de Serpa Pimentel, filho de Eduardo de Serpa Pimentel, de Coimbra.

Antonio de Meyrelles Pereira Coutinho Garrido, filho de Pompeu de Meyrelles Guedes Coutinho Garrido, da quinta dos Albergarias, districto de Coimbra.

4.º ANNO

Physica—2.ª parte

Premios por ordem da matricula

Antonio de Meyrelles Guedes Pereira Coutinho Garrido.

Roberto Rodrigues Mendes, filho de João Rodrigues Mendes, de Vianna de Castello.

Accessit por ordem da matricula

João Henriques Tierno, filho de D. Simeão Tierno, de Elvas.

Eduardo Augusto Xavier da Cunha, filho de Maximo Xavier da Cunha, de Trancoso.

Distinctos

Francisco da Graça Miguens.

Antonio Dias de Gouvea, filho de Antonio José Lourenço de Gouvea, de Sameice, districto da Guarda.

Manoel da Terra Pereira Vianna, filho de Manoel Joaquim Pereira Vianna, de Campos, imperio do Brazil.

6.ª cadeira—Zoologia

Accessit

Antonio de Meyrelles Guedes Pereira Coutinho Garrido.

João Henriques Tierno.

Distinctos

Antonio Maria de Freitas Motta, filho de José de Almeida Motta, de Coimbra.

Francisco da Graça Minguens.

Antonio Dias de Gouvea.

5.º ANNO

7.ª e 8.ª cadeiras

Mineralogia e Agricultura

Premio—Nuno Silvestre Teixeira, filho de Feliciano João Teixeira, da ilha da Madeira.

1.º *Accessit*—Luiz Augusto Teixeira Lobato, filho de Luiz Baptista Pinto Lobató, de Villa Real.

2.º *Accessit*—Antonio José Gonçalves Guimarães, filho de Gonçalo José de Lagos, de Tavira.

3.º *Accessit*—Antonio Dias de Sousa e Silva, filho de Luiz de Sousa e Silva, de Muxagata, districto da Guarda.

4.º *Accessit*—Leopoldo Teixeira Alves Martins, filho de Manoel Teixeira Alves de Magalhães, da Granja de Alijo, districto de Villa Real.

Distinctos na 7.ª cadeira

Francisco Gomes Teixeira, filho de Manoel Gomes Teixeira, de S. Cosmado, districto de Vizeu.

Fernando Eduardo de Serpa Pimentel.

Curso administrativo

Julio Pereira de Carvalho e Costa, filho de José Pereira de Carvalho e Silva, de Aveiro.

Distincto na 8.ª cadeira

José Agostinho Ribeiro Guimarães, filho de Agostinho José Ribeiro Guimarães, das Larangeiras, imperio do Brazil.

INFORMAÇÕES

Bachareis formados

Nuno Silvestre Teixeira—MB. 18 valores

Luiz Augusto Teixeira Lobato—MB. 17.

Antonio José Gonçalves Guimarães—MB 17.

Antonio Dias de Sousa e Silva—MB. 17

Leopoldo Teixeira Alves Martins—MB. 16.

José Agostinho Ribeiro Guimarães—BB. 13.

Eduardo Felix Simões dos Santos Lisboa, filho de Antonio José Lisboa, da Bolivia—BB. 13.

Por falta de espaço não publicamos hoje a terceira carta do sr. D. José de Lacerda. Irá, porem, em o numero seguinte.

NOTICIARIO

Ainda a imprensa portugueza durante o seculo XVI—O nosso prezado amigo e distinctissimo bibliographo, o sr. Innocencio Francisco da Silva, nos diz de Lisboa, entre outras cousas o seguinte:

«Existe effectivamente a edição das *Constituições* de Coimbra de 1548, como pode certificar-se vendo o tomo 9.º do *Diccionario Bibliographico*, pagina 88.—Ahi achara tambem notada uma edição de 1566, a cujo respeito hei de ainda fallar no supplemento letra J.»

Primeiro que tudo temos a felicitar-nos por ver que o sr. Innocencio promette continuar o supplemento ao seu excellente *Diccionario*. O silencio ha tanto tempo guardado a esse respeito, fazia-nos recear que o sr Innocencio, cançado com tão laboriosa empreza, não a quizesse levar á sua conclusão. Ainda bem que assim não acontece.

Em quanto á edição das *Constituições* do bispado de Coimbra de 1548, nós não negámos absolutamente a sua existencia. Notamos a extranheza que nos causava o não haver em Coimbra exemplar algum dessa edição, sendo aliás aqui o bispado a que ellas pertenciam.

Em quanto á edição de 1566, não é uma nova edição das *Constituições*, mas sim disposições extravagantes a ellas.

Recebemos tambem uma carta do nosso amigo e incançavel investigador, o sr. Tito de Noronha, a qual abaixo publicamos.

Do que diz o sr. Tito de Noronha pode deprehender-se, que nós pozemos em duvida as edições das *Constituições* do bispado de Coimbra, feitas em 1521 em Braga, e em 1591 em Coimbra.

Tanto não pozemos em duvida, que demos positivamente a noticia dellas. Da edição de Braga de 1521 existe no gabinete reservado da bibliotheca da Universidade um exemplar, que é o unico hoje conhecido, e que muitas vezes temos examinado. Em quanto á edição de Coimbra de 1591, ha alguns exemplares em Coimbra, não só na bibliotheca da Universidade, mas em poder de curiosos, sendo um delles o nosso bom amigo o sr. conego Manoel Marques Pereira Ribeiro.

Vemos que o sr. Tito de Noronha concorda comnosco em todos, ou quasi todos os outros reparos que fizemos.

O que muito estimamos é que os *Annaes da imprensa portugueza do seculo XVI*, que o sr. Tito de Noronha tenciona dar á luz, saiam o mais exactos que fôr possivel. Já que até aqui tantos erros se tem publicado ácerca das typographias e edições portuguezas, até pelos mais distinctos escriptores, bom será que o trabalho do sr. Tito de Noronha saia o mais correcto que ser possa.

Eis o que nos diz o nosso amigo:

Sr. Joaquim Martins de Carvalho—Porto, 22 de Julho de 1874.—Em o numero 2816 do *Conimbricense*, de 21 do corrente, na rapida apreciação que faz do meu opusculo—*A imprensa portugueza durante o seculo XVI*, nota v. que eu diga haver quatro edições das Constituições do bispado de Coimbra, impressas durante o seculo XVI, e duvida das de 1548 e de 1566.

Cumpre-me esclarecer este ponto.

Relativamente á edição de 1521, impressa em Braga, por Pero Gonçalves Alcoforado, não pode v. duvidar da existencia; a edição fez-se, e existe um exemplar na bibliotheca da Universidade.

Da edição de 1548, impressa em Coimbra por João da Barreira e João Alvares, vi ha pouco um exemplar na Bibliotheca nacional. E já o nosso amigo Innocencio, no seu sex volume IX do *Diccionario Bibliographico*, Lisboa 1870, diz a paginas 88: «Appareceu mais tarde na Bibliotheca nacional de Lisboa o exemplar das outras Constituições, impressas em 1548, que em tempo se não achara. *Pude então examinal-o*, e eis aqui o seu titulo: etc.»

Em quanto ás de 1566, possue o meu amigo o sr. visconde d'Azevedo um folio, que tem por titulo:

«Constitviçoẽs Extravagãtes, do Bispado de Coimbra. Impressas em Coimbra. Por Joam de Barreira Impressor del Rey N. S.—M. D. LXVI.»

Tem apenas 12 folhas numeradas.

A edição de Coimbra, 1591, não offerece duvida por sobejamente conhecida. Aqui no Porto, pelo menos, d'ella possuem exemplares, que todos vi, os srs. visconde d'Azevedo, Antonio Cabral, e Francisco Antonio Fernandes.

Temos por tanto 4 edições, contando, talvez mal, com as *Extravagantes* de 1566, que não são effectivamente as *Constituições* egualmente conhecidas.

Poderá não haver duvida que a imprensa dos conegos de Santa Cruz estivesse em Coimbra até 1577, mas é certo que não vi obra alguma, impressa pelos conegos de Santa Cruz, posteriormente a 1561. A imprensa poderia muito bem existir, sem que se trabalhasse nella.

Em quanto a já ser fallecido João Alvares em 1587, esqueceu-me de ver os *Apontamentos para a historia contemporanea*, pagina 284, mas encontrei em Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, as indicações dos *Exemplares de diversas sortes de letras, tirados da Polygraphia de Manoel Barata*, que se dizem impressos por João Alvares em 1590 em Lisboa. No *Diccionario Bibliographico*, volume 5.º, paginas 371, vem tambem mencionada a obra, a data e o impressor, conforme o indicamos. Não vimos a obra, e é possivel que não seja, ou desse anno, ou dada á estampa pelo impressor citado, visto que se deve dar como resolvido que era já fallecido em 1590.

Em quanto a livreiros—effectivamente houve equivoco, suppondo Geraldo Mendes livreiro do bispo conde, quando o foi simplesmente do bispo do Porto D. Marcos de Lisboa.—Melchior Beleago não foi, effectivamente, livreiro, mas editou pelo menos uma obra, o *Aristoteles*, na qual se lê «Excusum fuit hoc opus Melchiores Beleago diligentia, ac expensis.—João Filippe foi livreiro do cardeal infante, conforme se vê da obra impressa em Coimbra em 1546: *Institvtiones Grammaticae latinae Nicolai Clenard.... Sumptibus Joannes Philippi bibliopolæ Cardinalis Infantis Henrici*.—Se viveu em Lisboa não sei, mas quiz-me parecer que residisse em Coimbra, visto que nessa cidade era impresso o livro.—Jeronymo de Miranda... não encontro por agora, na barafunda dos meus apontamentos, o que se a elle refere, mas não fui eu de certo que o inventei.

De v. venerador obrg.º e cr.º—*Tito de Noronha*.

Documento para a historia—No dia 2 de Agosto de 1833 começaram a entrar em Coimbra, vindo de Lisboa, os ministros e generaes de D. Miguel, fugidos daquella cidade, onde no dia 24 de Julho tinham entrado os liberaes, commandados pelo duque da Terceira. Tambem passados dias chegou, vindo do cerco do Porto, D. Miguel com o seu estado maior. Entre outros, vinha o ajudante general marquez de Tancos.

O procurador geral da camara de Coimbra, o bacharel José Manoel da Costa Varão, expediu logo uma ordem, requisitando do negociante de pannos, o sr. João Lopes de Sousa, uma cama para o referido marquez. Temos em nosso poder essa ordem, que por curiosa aqui transcrevemos, com a redacção e orthographia do original.

«O Alcaide desta cidade promptifique e notifique João Lopes de Sousa, para que ja p.ª ja promptifique huã cama o mais decente qũfor possivel, com sua Barra asiada, Lencois defeitos, e Emgomados, bons traveseiros, e boas cobertas, ou damascos, para o Ex.mo sr. Marques de Tancos, *e isto com penna de prizão*; e sendo necessario, e não tiver q.m a remetta ao Universidade, o m.mo Alcaide embargue quem a conduza, athe as 4 o mais tardar. Procurador geral, *J. M. C. Varão*.»

O marquez de Tancos poucos dias se serviu da tal cama, pois que no dia 18 de Agosto falleceu de um ataque de cholera morbus, indo a enterrar á egreja de S. Pedro.

Publicação.—Recebemos e agradecemos um livro nitidamente impresso na typographia da Universidade. Intitula-se—*Questões de hygiene e de agricultura—Cemiterios e incineração dos cadaveres.*—E' seu auctor o sr. Paulo de Barros, estudante do 5.º anno da Faculdade de Philosophia.

E' de grande importancia scientifica a questão tratada neste livro, e que actualmente é estudada em França, na Austria, na Italia e na Suissa. O auctor discute largamente e com muita erudição as vantagens e inconvenientes dos cemiterios, decidindo-se pela preferencia deste methodo de inhumação, e condemnando a incineração dos cadaveres.

E' digno de ler-se tudo quanto o sr. Barros escreve a respeito de tão melindroso assumpto, no campo da hygiene, da agricultura, da religião, da historia, e dos sentimentos moraes. O problema é difficil de resolver, porque prende com as mais elevadas questões scientificas e sociaes. Ninguem póde ser indifferente ao destino dos seus restos mortaes, ou o logo os converta em fumo e cinzas, ou o cadaver seja consumido pelos vermes da terra.

A egreja não condemna as pyras mortuarias, e até os livros santos dizem—*in pulverem reverteris*. A incineração dos cadaveres foi muito usada em Roma e na Grecia, e na epocha actual a opinião publica parece manifestar-se a favor deste systema em alguns paizes civilisados.

O sr. Barros, porém, combate energicamente esta pratica funeraria, e prefere o cemiterio nas devidas condições hygienicas, respondendo a todas as objecções que se tem proposto contra este systema de enterramentos. A respeito do emprego do phosphoro na agricultura, o auctor não se intimida com a influencia desastrosa dos cemiterios, e discute este ponto delicado e interessante com muito criterio philosophico.

Sentimos não ter espaço, para fazer mais larga menção deste trabalho scientifico. A Universidade de Coimbra deve ufanar-se, em entrar francamente no combate, concorrendo tambem para a solução do problema que hoje preoccupa os homens de sciencia em Paris, Vienna de Austria e Suissa.

Felicitamos o sr. Paulo de Barros pelo seu livro, e fazemos votos, para que outros alumnos distinctos da Universidade venham á imprensa com os seus importantes trabalhos scientificos, porque honram o seu nome e a eschola que os educa.

Hospedes.—O sr. commendador Thomaz Antunes, um dos proprietarios do *Diario de Noticias*, acompanhado pela sua esposa, tem estado em Coimbra, visitando o que ha de notavel nesta cidade, e assistindo ainda a alguns trabalhos academicos na Universidade.

Rega de ruas.—E' digna de louvor a camara municipal, por mandar regar as ruas de maior transito. As nuvens de poeira eram insupportaveis, e era urgente remediar este mal. Muito convinha tambem mandar regar as arvores mais novas, porque tem morrido muitas a sede, e o destroço ha de continuar, se não se acudir de prompto a tão deploravel abandono

Providencias.—Bradamos bem alto, que é urgente reprimir os abusos, que todos os dias por ahi se vêem praticar no tratamento dos animaes. Ha carreiros e cocheiros, que são uns verdadeiros selvagens, e que as posturas municipaes devem castigar severamente. Basta de tolerancia; alias diremos, que em Coimbra não ha policia, e se consentem feras e scenas barbaras dentro do povoado e nas ruas principaes.

Melhoras.—Temos muita satisfação em annunciar, que o sr. João de Andrade Corvo tem experimentado sensiveis melhoras no Bussaco. Os ares e aguas desta formosa montanha são um verdadeiro balsamo para os enfermos.

Universidade.—Terminaram já os trabalhos academicos em quatro Faculdades. No dia 30 conclue a formatura de 10 alumnos em Medicina, e com este acto final fecha o presente anno lectivo. Houve este anno algum rigor nos actos, principalmente no 1.º anno das Faculdades de Mathematica e de Direito.

Feira.—Espera-se, que este anno seja muito concorrida a feira annual de S. Bartholomeu, por não ter havido a festa da Rainha Santa. O povo das aldeias que costumava concorrer por occasião desta festividade, não deixará de comparecer á feira de Agosto e á popular romaria do Senhor da Serra.

Louzã.—Esta sendo muito frequentada esta villa, que se torna digna de ser visitada pelos seus pittorescos arrabaldes, pelos seus panoramas campestres, por sua importante fabrica de papel, e pela bellissima estrada da Beira, que os viajantes apreciam muito.

Hospital.—Está adiantada a construcção de duas novas enfermarias no hospital do Collegio das Artes. Tem havido falta de operarios, especialmente de carpinteiros.

Jardim Botanico.—O sr. Borges da Camara, da ilha de S. Miguel, que tantos e tão importantes serviços tem prestado ao Jardim Botanico da Universidade, acaba de fazer-lhe um novo presente de 20 palmeiras, das mais raras e formosas, que chegaram em bom estado de conservação. Este respeitavel e generoso cavalheiro tem sido incansavel em enriquecer as collecções botanicas de Coimbra.

Nova estufa.—Já está funccionando a nova estufa dos fetos, no Jardim Botanico, expressamente construida para este fim. Além dos magnificos fetos arboreos da Australia que adornam esta elegante estufa, vêem-se alli outras especies nacionaes e estrangeiras. A temperatura elevada da estufa consegue-se simplesmente pela situação e exposição, sem meios artificiaes de aquecimento. A agua corre dentro do edificio, e a atmosphera está constantemente humida, condição indispensavel para a boa vegetação dos fetos.

No Minho.—O novo livro do sr. D. Antonio da Costa, de que já demos noticia, mereceu muita acceitação em Coimbra, e está sendo lido com grande interesse e curiosidade. A obra é digna do maior apreço, e lê-se com verdadeira soffreguidão desde a primeira pagina até á ultima.

Cysnes.—Esperam-se 2 casaes de cysnes para os lagos do Jardim Botanico, um offerecido por S. M. o sr. D. Fernando, e outro pela Camara Municipal de Lisboa. O primeiro casal será de cysnes negros, que são rarissimos, e o segundo será dos brancos.

Audiencias geraes.—Principiaram as audiencias geraes nesta comarca, no dia 21 do corrente. Houve neste dia os seguintes julgamentos:

Herculana d'Assumpção, accusada por crime de abandono. Absolvida.

Francisco Pereira dos Santos, accusado por crime de furto. Condemnado a 2 annos de prisão.

No dia 22 foi julgado Antonio Euzebio, accusado do crime de attentado ao pudor. Foi absolvido.

No dia 24 foi julgado Francisco Lapa, accusado por crime de ferimento. Condemnado a um anno de prisão.

O Dr. Sebastião de Almeida e Silva.—Pela carta que abaixo publicamos se vê, que a exm.ª viuva do sr. Dr. Sebastião de Almeida e Silva se prestou do melhor grado, annuindo ao pedido do digno provedor da Misericordia o sr. Dr. Luiz da Costa e Almeida, a mandar fazer o retrato de seu fallecido marido, para ser collocado em uma das salas da Santa Casa da Misericordia. Fica por esta forma rectificada a noticia, que demos em o numero passado.

Muito folgamos de poder aqui prestar a homenagem que merece esta senhora, pelo seu nobre procedimento.

«Sr. Redactor.—Agradecendo vivamente a honra e justiça que v. faz á memoria de meu pae, Dr. Sebastião de Almeida e Silva, revocando do esquecimento os serviços por elle prestados, quando provedor da Santa Casa da Misericordia desta cidade, cumpre-me rectificar em parte a noticia que sob a epigraphe—*Pagamento de uma grande divida*—v. se dignou publicar em o n.º 2816 do seu jornal o *Conimbricense*.

«Não foi, como v. diz, o exm.º provedor, ou a Santa Casa que mandou fazer o retracto de meu pae.

O sr. Dr. Luiz da Costa fez-nos a honra, a que somos gratissimos, de lembrar essa homenagem; e annuindo gostosamente ao seu pedido, minha mãe, a expensas suas, e não a expensas da Santa Casa, como parece indicar a sua noticia, mandou ao sr. Gonçalves executar a copia, que enviou ao dignissimo provedor.

Pela publicação destas linhas, ficará, sr. redactor, summamente penhorado quem é—De v. att.º am.º e obgd.º—Coimbra 24 de Julho de 1874—*Arthur Eugenio de Almeida e Silva*.»

Noites de insomnia—Recebemos e devidamente agradecemos o n.º 7 das *Noites de insomnia*, publicação mensal pelo sr. Camillo Castello Branco, editada pelo sr. Ernesto Chardron.

Contem este numero—Os salões, pelo exm.º sr. visconde de Ougueila—Uma viscondessa que não era—Bibliographia—Para a historia de D João IV—Inedito de Manoel Severim de Faria—O Manoelinho poeta—Um baile dado a Junot, em Lisboa—Que saudade!—Carta a respeito.... d'aquella cousa—Nil admirari.

Carta—Recebemos a *Carta do sr. Alexandre Herculano, respondendo á sociedade real de agricultura de Lisboa. Annotada com observações pelo Dr. José Rodrigues de Mattos, medico pela Universidade de Coimbra, official da ordem da Torre Espada, e residente no Rio de Janeiro.*

Agradecemos o exemplar com que fomos obsequiados.

Breve estudo—Tambem recebemos e egualmente agradecemos o *Breve estudo sobre as instituições sociaes, politicas, philosophicas e religiosas da India Aryana, por J. F. Gonçalves Cardoso*. Foi impresso na imprensa Commercial e Industrial desta cidade.

Esta publicação vende-se em casa do seu auctor na rua do Correio, n.º 108, desta cidade, pelo preço de 400 rs.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 24—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 600—Dito branco 560—Dito mourisco 560—Milho branco 320—Dito amarello 310—Feijão vermelho 440—Dito branco 400—Dito rajado 320—Dito frade 300—Cevada 240—Favas 340—Tremoços 260—Batatas 200—Vinho 600—Azeite 1$300.

Transferencias—O sr. Emygdio Cardoso Ayres Pinheiro, professor temporario da cadeira da Tocha, concelho de Cantanhede, foi mudado, pelo requerer, para a de Paião, concelho da Figueira da Foz, até concluir o seu provimento.

O sr Julio Maria de Andrade, professor temporario da cadeira de Paião, foi mudado, pelo requerer, para a da Tocha, até concluir o seu provimento

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 22 de Julho, á tarde.=Um telegramma official que publica a *Gazeta* extraordinaria, confirma a victoria obtida pela brigada liberal sobre grande parte das facções de D. Affonso, resgatando 700 prisioneiros procedentes de Cuenca, e aprisionando 7 chefes e officiaes carlistas, inclusive o barão Bernicario, que os commandava, fazendo-lhes muitos mortos e prisioneiros, e tomando-lhes armamentos, munições, cavallos e petrechos de guerra. Esta victoria foi alcançada em Salvasanete, povoação da provincia de Cuenca, onde os carlistas se tinham feito fortes. O governo felicitou as tropas.

Madrid 23 de Julho ao meio dia.=Da *Gazeta*:=A recebedoria geral de Cuenca ardeu com os archivos. Os carlistas roubaram o dinheiro dos cofres publicos. O governador annuncia que descobriu os cadaveres de 34 pessoas assassinadas nos domicilios, de tal modo retalhadas que é impossivel reconhecel-as. A *Epocha* assevera que Cabrera respondeu ao emissario que o convidada para ir ás conferencias de Dax: «Diga a D. Carlos que nunca farei causa commum com canibaes nem com fanaticos.» O *Imparcial* assegura que o conselho de ministros se occupou largamente da questão da guerra. Camacho declarou que tinha os fundos necessarios para armar 125:000 homens da nova reserva e para as despezas do estado até Setembro proximo. O thesouro possue actualmente 140 milhões de reales e recebe tres milhões diario.

ANNUNCIOS

VENDA

1 JOAQUIM ANTONIO TEIXEIRA BARBOSA vende differentes moradas de casas em Coimbra, sendo a da Calçada, que foi de Trony, a da rua dos Gatos, que foi de seu sogro, a da rua do Ivo, que foi de Nazareth, e as tres na Couraça dos Apostolos, junto ao Collegio Novo.

Tambem vende todas as suas propriedades em Miranda do Corvo, que foram do Dr. Joaquim Xavier Pereira, e outras que posteriormente tem comprado. Quem pretender pode dirigir-se a seu dono, que actualmente está na sua casa de Verride.

Attenção

2 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

Sociedade anonyma

Responsabilidade limitada

3 SÃO CONVIDADOS os srs. accionistas deste Banco a entrarem com a 2.ª prestação de 5 %, ou 2$500 rs. por acção, na conformidade do artigo 10 dos Estatutos, desde o dia 26 do corrente até 4 de Agosto proximo, das 9 horas da manhã até ás 3 da tarde; em COIMBRA, em casa dos srs. commendador Manoel dos Santos Junior, e José Barbosa Lima; no PORTO, em casa do agente o sr. commendador José Julio da Costa; em LISBOA, em casa dos agentes os srs. Correa & C.ª, na rua dos Fanqueiros, n.º 105; e em BRAGA, em casa dos agentes os srs. Jeronymo Pereira Pinheiro e Filhos, campo de D. Luiz I.

Os gerentes,
Manoel dos Santos Junior
José Barbosa Lima
J. Melchiades Ferreira Santos.

VENDEM-SE

4 AS CASAS e barracão, sitas no terreiro da Erva, com os n.os 17 a 29. Recebem-se propostas em carte fechada dirigidas a J. Nazareth, pharmacia Castro, Sophia. Pagam-se dois foros, um de 180 rs. e outro de 440 e dois capões.

5 NO DIA 30 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, nos paços deste concelho, volta á praça para se dar de arrematação o fornecimento de 500 metros cubicos de pedra britada, para conservação da estrada municipal da ponte da Carvalhinha a Vil de Mattos.

As condições serão presentes naquelle acto.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 25 de Julho de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

6 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

Substitutos a militar

7 EM LISBOA, no escriptorio da rua das Portas de Santo Antão, 15, 2.º ha homens promptos a substituir.

NO MINHO

POR

D. ANTONIO DA COSTA

600 rs.

8 Á VENDA na loja de Severo & Irmão.

EMPREZA PROGRESSO MARITIMO DO PORTO

PAQUETES  PORTUGUEZES

Para o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, com escala por Lisboa e S. Thiago de Cabo Verde.

Sahirá no dia 30 de Julho o vapor JULIO DINIZ, commandante J. J. Rodrigues Contente.

Recebe carga para o Rio de Janeiro até o dia 27, e para a Bahia e Pernambuco no dia 28.

Para carga e passageiros, tracta-se no escriptorio da gerencia, rua dos Inglezes n.º 42.

Attenção

10 VENDE-SE uma morada de casas proximo ao Collegio Novo. Consta de loja e dois andares com 12 casas. Para informações podem dirigir-se a Abilio Maria Ladeiro, rua da Calçada, 81.

AGRADECIMENTO

11 JOSÉ AGOSTINHO RIBEIRO GUIMARÃES e D. Maria Julia Romana, tributam por este meio a sua gratidão a todas as pessoas, que tão expontaneamente acompanharam os restos mortaes de sua cara esposa e filha, desde Santo Antonio até á Conchada, as que compareceram no mesmo cemiterio para receberem o feretro, ás que os comprimentaram em transe tão doloroso, e ao exm.º sr. Dr. Julio de Sande Sacadura Botte Corte Real, pelos carinhos e disvellos que sempre dispensou á fallecida durante a sua enfermidade. Egualmente agradecem e estão altamente penhorados não só com os illm.os srs. Manoel Jose Vieira Braga e Adelino Augusto da Silva, pelos incommodos e cuidados que tiveram na execução do funeral, do qual por obsequio se encarregaram, como assim com o illm.º sr. Eugenio Pereira de Miranda pela expontaneidade com que cedeu um logar no seu mausoleu até que mandemos construir um.

A todos, pois, protestam o seu eterno reconhecimento.

Deposito de Machinas de Singer para uso de familias e industriaes.

34—Rua do Visconde da Luz—36

COIMBRA

12 JOSE' TEIXEIRA DA CUNHA contractou com o representante da Companhia Fabril de Singer, de Londres, estabelecer nesta cidade um deposito das magnificas machinas de costura para familia, alfaiate e corrieiro, ás quaes se fazem preços eguaes aos de Lisboa, da unica casa succursal em Portugal.

Tambem ha excellentes linhas de linho, algodão, retroz, troçaes, agulhas, molas, ferro, tudo pertencente ás machinas.

13 NO DIA 2 de Agosto proximo, ás 11 horas da manhã, na sacristia da egreja de Santa Cruz, a junta da mesma parochia dá d'arrematação diversas obras de pedreiro, carpinteiro e pintura, conforme os apontamentos que estarão presentes no acto da praça, e desde já o estão na loja do thesoureiro da parochia, José Luiz Fernandes, em Samsão, hoje praça 8 de Maio, onde podem ser examinados.

VICTORINO HENRIQUES LEBRE

14 PARTICIPA aos seus freguezes e amigos, que se acha novamente estabelecido na rua da Calçada, n.os 157-159, proximo á livraria do sr. Cabral; com deposito de vinhos do Porto, mercearia e tabacos.

Tem á venda os seguintes vinhos: — duque, particular, superior, lagrima, moscatel, bastardo, malvazia, e branco velho, n.os 3, 2, 1, os quaes vende por preços muito limitados, afiançando as boas qualidades.

Encarrega-se de qualquer encommenda do Porto com pequena commissão.

Vende tambem boa cerveja ingleza e da Baviera, conservas, genebra, tintas para escrever, chá de 1$000, 1$200, 1$400, e 1$600, correspondente a 459 grammas, tudo já approvado por pessoas experientes. Stearina a 140 reis o pacote, e sabonetes finos.

Espera que todos o coadjuvem com suas compras e encommendas.

15 PRETENDE-SE um praticante para uma pharmacia nesta cidade, com pratica não inferior a quatro annos.

Nesta redacção se diz.

DENTISTA

CEREGUETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista Suisso

16 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, põe dentes, extrahe estes e as raizes, e limpa os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados, com pasta não conhecida até hoje; tem bom elixir para dôr de dentes; cura o escorbuto, e todas as molestias de bocca; tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço, como se nunca tivera tido callos.

Praça **8 de Maio**, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

CAIXEIRO

17 PRECISA-SE d'um com pratica de mercearia. Nesta redacção se diz.

Venda de propriedades

18 VENDEM-SE duas moradas de casas, se o preço convier, pertencentes aos filhos do fallecido Antonio Justino da Costa; umas sitas na rua do Borralho, n.os 5 e 7, e outras no becco dos Militares, n.os 3 e 5. Recebe lanços até ao fim do corrente mez de Julho, Pantaleão Augusto da Costa, na rua da Calçada, n.º 209.

EDITAL

19 NÃO tendo sido observada pela maioria dos habitantes da cidade, a postura publicada por edital de 11 de Junho de 1865, que obriga todos os proprietarios da cidade a mandarem caiar a frontaria de seus predios até ao dia 30 de Junho de cada anno, sob pena da camara mandar proceder á referida caiação por conta dos proprietarios, que tambem ficam sujeitos ao pagamento da multa de reis 5$000: deliberou a camara em sua sessão de 16 do corrente, que, antes de dar execução á parte penal daquella postura, se desse conhecimento aos interessados, que dentro do prazo de um mez devem caiar os seus predios, findo o que será executada com todo o rigor a mencionada postura.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 23 de Julho de 1874.

O presidente,
Fernando de Mello.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para **Santos:**
Barca—CLAUDINA—em 11 de Agosto.

Para o **Rio de Janeiro:**
Barca **Joven Adelaide**, em 26 de Julho.

Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE—em 12 de Agosto.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

21 ARRENDA-SE a casa n.º 39, ao fundo da Couraça de Lisbôa. Quem a pretender dirija-se á sua dona, que nella habita.

Aos banhistas das Caldas da Rainha

João Antonio d'Oliveira (vulgo o João Rei) & M. J. de Brito.

22 ANNUNCIAM que, para commodidade do publico, resolveram estabelecer uma carreira diaria de diligencia, a começar do dia 15 de Julho corrente em diante, de Leiria até ás Caldas da Rainha, de commum accordo com Antonio João Pereira, d'aquella villa, que fará a carreira por sua conta d'alli até Alcobaça.

Esta carreira ficará sendo considerada como continuação das já estabelecidas entre Leiria e Pombal, e Leiria e Chão de Maçãs.

A partida de Pombal será logo em seguida á chegada do comboio ascendente, devendo estar em Leiria ás 6 horas da tarde.— Para Alcobaça partirá a diligencia ás 7 horas da manhã, logo que chegue a carroagem do correio de Chão de Maçãs, devendo estar em Alcobaça e Caldas da Rainha ás horas marcadas para o serviço do correio;—e assim egualmente das Caldas da Rainha para Leiria, donde partirá a diligencia para Pombal ás 8 1/2 horas da manhã, e para Chão de Maçãs ás 6 1/2 da tarde.

PREÇOS

De Pombal a Leiria— dentro 800 rs.—a Alcobaça 1$800— ás Caldas da Rainha 2$800.—Fóra 600, 1$400, e 2$200 rs.

De Leiria a Chão de Maçãs— 1$000 rs. dentro, e 800 rs. fóra.

NUMERO 2818 — TERÇA FEIRA 28 DE JULHO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Por differentes vezes temos escripto ácerca da incontestavel utilidade, que este paiz em geral, e em especial a industria vinicola, uma das riquezas nacionaes, que por incuria dos governos transactos, mais descurada tem sido entre nós, deve esperar da exposição, que ha poucos mezes se abriu no Albert-Hall.

Os esforços que o actual governo empregou, para tornar proficuos os resultados do certamen industrial dos vinhos portuguezes, hãode necessariamente produzir uma completa transformação em o nosso mercado deste genero.

Em objecto de tamanho interesse publico, julgamos conveniente, que os productores conheçam a maneira como a imprensa extrangeira aprecia os nossos vinhos, para assim avaliarem o alcance desta empreza, em que o governo tanto se empenhou, e para que a iniciativa dos que mais directamente se interessam no progresso da vinicultura portugueza, secundem os esforços officiaes, e promovam e auxiliem, em seu proprio interesse, uma das mais abundantes fontes da riqueza nacional.

O *Jornal do Commercio* de Lisboa, traduziu do *Medical Press and Circular* um artigo, em que se faz o merecido elogio aos nossos productos vinicolas; e como documento honroso que é, entendemos dever transcrevel-o para o nosso jornal, a fim de que se torne conhecido dos nossos leitores.

É o seguinte:

«O governo portuguez acaba de demonstrar o alto empenho que o anima, de restituir aos vinhos portuguezes o terreno quasi de todo perdido no mercado inglez, graças ao tratado de 1860, que conferiu privilegios exceptionaes aos productos francezes, lançando mão da presente opportunidade para envidar tódos os esforços a fim de o conseguir.

Talvez que jamais tenha tido logar uma maior e mais completa exhibição dos productos da cepa, como a que ora se ostenta em Albert-Hall, não se limitando a exposição a offerecer-nos exemplares dos typos já conhecidos do Porto, Bucellas e algumas qualidades de vinhos de Lisboa, de que o publico inglez tem já conhecimento.

A variedade de vinhos portuguezes alli apresentada é infinita, e não menos surprehendente do que a sua pasmosa quantidade; porque não se contam menos de trinta mil garrafas enfileiradas nos compartimentos que lhes foram destinadas.

O que se torna sobremaneira notavel é o numero de variadas amostras de vinhos communs, procedentes de colheitas recentes, podendo substituir perfeitamente o vinho Porto, e não só bebiveis, mas de todo o ponto agradaveis, tendo apenas dois a tres annos de edade.

Esta classe de vinhos menos attendida do publico inglez, é altamente apreciada não só em Portugal, como nas suas possessões, e de ha muito especialmente procurada pelo consumidor brazileiro. Pela força alcoolica terá ella de pagar o mais elevado direito nas alfandegas inglezas; no entanto, ainda assim, é tão modico o seu preço, que com aquelle onus, o custo por garrafa não poderá exceder um shilling ou dezoito pences, preço o mais inferior das vinhos francezes.

O que acabamos de dizer, é por egual forma applicavel a uma numerosissima classe de vinhos de pasto, para ser bebida como vinho de Borgonha, e fazendo perfeitamente as vezes deste.

Destes vinhos podemos asseverar que o publico inglez nada sabia até hoje. Segundo o nosso parecer formam elles a parte mais interessante da exposição vinicula portugueza, occupando logar proeminente os vinhos do Algarve e Alemtejo.

Os vinhos da Estremadura tambem são dignos, por mais de uma razão, que d'elles se falle: os mais distinctos não custam, no logar da producção, mais de 6 shillings por gallão; e os que gozam de menos reputação não é difficil compral-os por 2 shillings ou dezoito pences.

Todos estes vinhos podem dar entrada no mercado de Londres em quartolas de 6 gallões, ou ainda de menor capacidade; e tambem engarrafado em caixas de duas duzias, embarcadas em Lisboa.

Indubitavelmente um commercio de vinho, de caracter completamente novo, tendo o Tejo por ponto de embarque, está prestes a desafiar a iniciativa do nosso corpo commercial.

Em vinhos brancos seccos não ha de certo nesta exposição, especialidades que possam competir com o afamado Madeira. Têem estes a vantagem de ser expostos e commentados pelo commendador Sampaio, mostrando a pureza d'aquella especialidade em vinhos de varias zonas da sua producção, desde os 6 mezes até os 40 annos de edade. Para os estomagos doentes, o que melhor poderiamos recommendar seria o *sercial* do sr. Sampaio, superior a quantos remedios e meios therapeuticos se poderia recorrer.

No entanto em uma vasta extensão do territorio portuguez, em Torres Vedras e em muitos outros pontos, existe uma surprehendedora variedade de vinhos brancos, alguns d'elles seccos, mas pela maior parte licorosos, aromaticos e de um perfume natural, que se nos afiguram ser a perfeição dos vinhos proprios para senhoras e para lunch, sem por isso deixarem de merecer uma certa preferencia da parte do bom bebedor.

Todos elles possuem um «cachet» de phantasia.

O preço destes ultimos vinhos é de 5 a 6 pence o galão, com direitos pagos, ou 9 shillings por duzia de garrafas, um pouco menos de shilling por garrafa, pagas todas as despezas.

Se se der a devida consideração á vinosidade, pureza, genuinidade e encanto, que estes vinhos possuem, é forçoso confessar que jámais se offereceu ao publico inglez cousa alguma, no genero vinho, que se assimilhasse com taes productos.

Posto que uma grande parte destes vinhos

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXX

D. CARLOS

CXXX

Os artigos do convenio propostos por Espartero no seu officio a Maroto, eram os seguintes:

1.º Serão reconhecidos os empregos dos generaes, chefes e officiaes das forças que v. ex.ª commanda, com tanto que deponham as armas os batalhões, esquadrões e outras forças que formam as divisões mencionadas por v. ex.ª no seu citado officio, a menos que todas ou parte dellas prefiram continuar a guerra até á completa pacificação, defendendo a constituição de 1837, o throno de Isabel II, e a regencia de sua augusta mãe.

2.º Por-se-hão á minha disposição os parques de artilheria, maestranças, depositos de armas, de vestuarios e de viveres, que estejam debaixo da dominação e arbitrio de v. ex.ª.

3.º Recordarei com efficacia ao meu governo o cumprimento da sua offerta de comprometter-se formalmente a propor ás côrtes a concessão, ou modificação dos foros de Biscaia e de Guipuscoa, por ser a força destas duas provincias que só parece estar disposta a entrar neste convenio.»

Levaram esta resposta á meia noute os brigadeiros Linage e Zabala. Maroto só recebeu a este ultimo, e no entanto ficou o primeiro fallando com outros chefes, congratulando-se com a proximidade da paz. Não a via assim Maroto, que manifestou serem de todo o ponto inadmissiveis as bases do convenio que lhe apresentavam; porem não participavam desta opinião os demais, e conversando com os chefes liberaes, se entregaram todos a uma grande espansão, deixando-se levar desses nobres sentimentos, que inspirava em todo o coração generoso a terminação da guerra.

No meio daquella alegria, todos quizeram ir com Zabala e Linage a Oñate, como a uma romaria, e todos foram dando contentamento a Zabala, que queria actos publicos desta natureza, porque compromettiam aos carlistas.

Ao ficar só Maroto, apenas podia dar conta a si mesmo do que se estava passando. Muitas vezes pensou no suicidio. E na verdade era triste e critica a sua posição. Não podia fazer a guerra, e se via impellido a uma paz, cujos termos recusava; parecia no mesmo tempo heroe e traidor. Não tinha já outro remedio naquella impotencia de acção a que se via reduzido, que entregar-se nos braços da Providencia, ou antes nos de La Torre, a quem verdadeiramente se deve o convenio.

Este general e Urbiztondo, Iturbe, Toledo, Linares e o auditor Lafuente, trasladaram-se ao campo liberal, onde foram recebidos com grande alegria, e almoçaram no alojamento de Espartero, acompanhados de Rivero, Tena, Ponte, Cortinez, Zabala e Linage; e durante o almoço foi a verdadeira conferencia sobre as bases do convenio, advogando uns pelas viuvas, outros pelas classes passivas, etc.

Principiaram-se a escrever as bases, expondo os carlistas que o primeiro artigo devia ser o reconhecimento de todos os empregos, graus, condecorações e mais graças concedidas por D. Carlos. Linage pretendeu modifical-o, comprehendendo só aos que tivessem obtido despachos de D. Carlos; porem oppozeram-se aquelles, expondo que, assim como o general em chefe do exercito da rainha tinha faculdade para conceder graus sobre o campo da batalha, e entravam no goso delles, assim tambem o general em chefe de D. Carlos tinha eguaes faculdades. Insistiu Linage na necessidade da sua proposta para evitar abusos; e não cedendo os carlistas, se negaram a convir.

Rivero, que julgava que a terminação da guerra era uma grande necessidade, para a qual se tinham de fazer os maiores sacrificios compativeis com a honra, propoz um meio termo, dizendo que se lhe deixassem redigir o artigo, o faria com satisfação de todos, e assim foi; e não se apresentando grandes difficuldades nos demais, se concluiu o convenio, que assignou Espartero, o entregou a Urbiztondo, e este a La Torre, para que o entregasse a Maroto.

Assim terminou o famoso convenio, que se ajustou em Oñate, sem se consignar nelle o local e a data, e se chama de Vergara, porque nesta villa se ratificou no dia 31 de Agosto de 1839, e alli se reuniram as forças convencionadas.

Em o numero seguinte o reproduziremos, com as assignaturas dos que o subscreveram; devendo desde já notar um facto pouco sabido, que é a falta no convenio da assignatura de Maroto, o qual não o quiz subscrever, pois que ainda que se apresentou, foi porque já não podia ficar no campo carlista, e para se acolher ao pavilhão inglez, o que Espartero impediu, como veremos.

Impotente ao mesmo tempo Maroto para se oppor áquella transacção, exigiu o consentimento por escripto da acta de todos os chefes de corpos, e se lhes levou de sua ordem para que a firmassem, como o fizeram, não só pelo desejo de uma paz que viam honrosa e digna, senão porque lho mandava o seu chefe.

Antes de deixar Oñate os chefes carlistas, viram desfilar a magnifica divisão liberal da guarda, que commandava Rivero, os batalhões de Luchana e alguns outros, ficando aquelles assombrados do magnifico estado em que se achavam.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

estejam pela sua graduação alcoolica, sujeitos aos maiores direitos da escala alcoolica, nem com todos isso acontece. Parece que 17° de alcool absoluto são indispensaveis à sua conservação: pela nossa parte, nós preferimos os vinhos de uma graduação superior á graduação fatal dos 26° de Sicks. Apesar do tudo quanto se tem dito contra a alcoolisação dos vinhos, estes são em geral tanto melhores, quando pela sua força têem de se sujeitar ao excesso dos 150 por 0|0 de direitos.

Debaixo de qualquer ponto que pretendamos encarar este assumpto, é innegavel que Portugal occupa o logar mais distincto, ou pelo menos a posição mais conspicua de todos os paizes productores de vinho; o seu commercio externo desenvolve-se por fórma extraordinaria; e neste momento parece ameaçar a propria França na especialidade que ella havia monopolisado, a dos vinhos baratos.

Concluiremos com uma ultima observação, notando a liberalidade com que é facultada a prova dos vinhos na secção portugueza. Não se regateiam alli despezas, com tanto que se consiga o intuito nacional. E' um privilegio que não está nos habitos communs; e é de esperar que o publico inglez não abuse delle.

Publicamos hoje a terceira e ultima carta do sr. D. José de Lacerda.

Sr. Redactor.

O objecto desta carta hade ser, como na minha anterior ficou advertido, examinar se os encarecimentos, com os quaes os devotos do sr. Renan são infatigaveis em exalçar-lhe o merito scientifico e litterario, tem na verdade fundamento bastante.

Vou entrar ja no assumpto.

Na carta, que dirigi ao exm.° vice-presidente da Academia, ficou expressada a minha opinião; mas talvez terei parecido a alguem conciso em demasia. Assim pois, sob differente fórma, serei agora mais explicito.

Dividirei a materia; porque, segundo Cicero, a divisão é a ordem, a ordem o caminho da razão, e a razão o meio de chegar á verdade.

Consideremos portanto Renan *homem de sciencia*, e Renan *homem de lettras*.

Como homem de sciencia o sr. Renan não tem merecido a ésmo, dos homens que sabem professal-a sincera e imparcialmente, os encomios, com os quaes uma certa escola, cujos intuitos, não sendo porventura difficeis de comprehender, comtudo não é o meu intento agora investigar, tem procurado engrandecel-o, a todo o custo, aos olhos d'aquelles, que facilmente juram nas palavras que lhes são impostas, ou porque não sabem, ou porque não podem, ou porque não querem dar-se ao trabalho de pensar, e menos ainda de reflectir. Os que não pertencem á parceria dos que nisto mandam ou são mandados, formam da sciencia do sr. Renan conceito assás diverso.

Pela minha parte resumirei a poucas, porque mais julgo-as desnecessarias, as razões, por que não posso acabar comigo conceder ao sr. Renan a distincção das honras, que por alguns seus panegyristas lhe são conferidas na qualidade de *homem de sciencia*.

Terei razão? Vejamos.

O sr. Renan creou para si uma arte especial de investigar a verdade, um *methodo scientifico* famoso, cujos *principios* ou *regras fundamentaes* elle observou com o amor de pae estremecido, e com o escrupulo que muito lhe convinha. São testimunhas auctorisadas do que digo, a «*Historia* (por completar) *das linguas semiticas*» a «*Liberdade de pensar*» as «*Origens Christãs*» a «*Vida de Jesus*» e «*Os Apostolos*», obra esta, que melhor póde inscrever-se «*Biographia critico-phantastica do Apostolo S. Paulo*», e varios artigos insertos na *Revue des deux mondes*.

Não fallo aqui do *Averroes* do sr. Renan, por não vir a ponto; pois que na verdade não é obra scientifica, nem litteraria. E' um livro *quasi* historico, e tambem, se quereis, *quasi* critico, que disseram *novo*, porque traja á moderna; mas cuja materia é *velha*, e bem posso dizer *velhissima*; é o *materialismo* e o *pantheismo*. Averroes commentando a seu sabor Aristoteles, enxertou na doutrina deste, para o revigorar, o antigo *arabismo*, nos fins do seculo XII; porem logo no seculo seguinte foram refutados cabalmente os seus erros, e convencidos de puros absurdos por Santo Thomaz d'Aquino, em varios dos seus *tratados*, e principalmente no *De intellectu et intelligentia*.

No seu *commentario*, lembra-se Averroes da sua profissão e dos seus estudos medicos, fazendo incursões nas provincias da jurisdicção da medicina do seu tempo; mas incursões tão rapidas, e de tão leve momento, que não pódem aspirar ás honras, que se devem sómente ás obras, cuja materia e fórma lhes faz certo esse direito. O sr. Renan reproduziu os erros de Averroes; e, como não é medico, achou-se e mostrou-se ainda menos auctorisado que Averroes, para invadir sem desdouro as regiões da sciencia correlativa.

Ora os principios (como atando o fio do meu discurso, eu tinha a dizer) prestabelecidos pelo sr. Renan, e por elle observados, dão-nos a medida segura da sua sciencia, e é por elles, devidamente avaliados, que sem hesitação a condemno, e de certo a condemnará todo o homem de juizo são, basta que meãmente instruido.

Eis ahi—importa notal-os bem—esses *principios*, ou *regras*, que foram colligidas com escrupulosa lealdade. O sr. Renan soube dar-lhes com arte applicação perseverante, porque presumia de haver por ellas seguro o pretendido resultado. Se por sorte não as achardes todas assim textualmente formuladas, comtudo lá está quasi sempre a sua propria lettra, e sempre o seu espirito, que se revela tanto a manifesto, que não ha com elle equivocar-se.

Ouvi:

=Ao critico é licito (segundo Renan) *conjecturar* e até mesmo *adivinhar*, quando o pede assim a difficuldade da interpretação, o preenchimento da phrase, e o relevo do colorido: com tanto que vá sempre ajustada a explanação com a ideia, que possa affirmar-se estar nella comprehendida.=

= E' permittido ao critico *metter luz nas sombras* dos textos a interpretar, para desvanecer duvidas, que se tornam tropeço á grande maioria dos leitores. *Convem ferir a imaginação* destes, captivando-lha, por meio da firmeza das soluções, a interpretação, que foi dada.=

=*A razão d'arte* deve preceder como *principal*, quando se disputa o que não está no abrigo de ser controvertido.=

=E' necessario ás vezes *acceitar por sem duvida*, o que não ignoramos *carecer de exactidão*. Neste caso a *razão* é a *necessidade*.=

=Podemos responder com um *talvez*, um *parece*, um *quem sabe*, um *é possivel*, ao que, com quanto para outros é de evidencia, a nós nos incommoda acceital-o como tal.=

=Não deve ter-se em conta nenhum raciocinio, *por mais obvio que pareça*, quando outro póde oppor-se-lhe, cujos elementos hajam de ser tomados do *conjuncto da sciencia*.=

=Quando se argumenta *por impossivel*, não deve acceitar-se discussão; porque não póde contradizer-se o que *se dá*, ou *suppõe* como *não-possivel*.=

=As palavras e os factos devem ser interpretados *de tal arte*, que sirvam de *prova* das *supposições*, que pareceu bem admittir ou *aventurar*.=

Ainda mais.

Em harmonia com a sua *razão d'arte*, e com a doutrina, que se deduz naturalmente deste seu maravilhoso *methodo scientifico*, o sr. Renan, com infatigavel estudo, cria a espaços palavras novas, inventa phrases, afformosea periodos, e põe a tormentos a lingua que nos falla, privando-a da perspicuidade, que de certo é uma das suas qualidades distinctivas, a fim de que, ficando em grande enleio, mas não desagradavelmente abalado o animo do leitor, possa o sr. Renan a si salvar-se no supposto acanhamento da intellectualidade, de quem o quiz estudar e não poude chegar a comprehendel-o.

Agora pergunto: qual é o texto ou phenomeno, seja a natureza que fôr, que, mediante o *methodo-Renan*, deixará de ter a significação, que mais approuver ao interprete ou explicador attribuir-lhe?

Alem disto o sr. Renan, em vez de caminhar do phenomeno, previamente averiguado nas condições obrigadas do seu existir ordinario e apparente, para chegar ao conhecimento da realidade dessa mesma existencia, isto é, em vez de caminhar da razão para a verdade, usa ir do desconhecido (a sua *supposição*) para o que pretende fazer-nos conhecer ou persuadir, não como é realmente, senão como apraz ao sr. Renan que nós o conheçamos. Não é nova comtudo a theoria adoptada pelo sr. Renan. Hegel teve a *gloria* de ser o seu inventor; e já o celebre racionalista Proudhon, com o vigor da logica, da qual por vezes sabe servir-se, a convenceu de *theoria vã, pueril*, e de todo o ponto *desarrasoada*.

E agora importa notar, o que deve ter-se muito em conta—; que, geralmente, a analyse do sr. Renan não tem por base, como devera ter, o minucioso exame e rigorosa apreciação dos elementos, que de modo essencial entram na composição quer do texto que interpreta, quer do phenomeno que investiga, para passar d'ahi ao das condições, das quaes um e outro dependem indispensavelmente; e, em seguida, ao da authenticidade da sua significação absoluta ou relativa, a fim de obter por meio desta legitima exegese o conhecimento exacto da verdade.

A base da analyse do sr. Renan é um juiso de puro acinte, ou meramente preconceituado, isto é, a prevenção caprichosa, conforme a qual não se dá ao texto ou facto, que se debate, a significação sua propria, mas sim, e talvez de modo exclusivo, a que contradiz a affirmação ou negação, a qual pretende que seja havida por verdade o mesmo interprete ou investigador.

Em fim o sr. Renan, com um desassombro admiravel, *suppõe a questão* a cada instante, e com quanto varie artisticamente as formas, comtudo os olhos de quem sabe ver lá vão descobrindo, debaixo dos variegados trajos com os quaes se lembra de o disfarçar, o valente Achilles, de cuja companhia e guarda parece que não pode prescindir, senão por mui breves momentos. Assim que, para o sr. Renan, não raro é *evidente* a *impossibilidade* do que não pode ajustar-se com o seu intento, e não pode negar; e armado dessa impossibilidade, a qual todavia fica por demonstrar, recusa o debate e exame, cujos resultados infalliveis haviam de ser a solemne manifestação de que muito a custo a sua affirmada *evidencia* poderia chegar a ser *probabilidade*, nem poderia julgar-se *duvida* fundada a sua supposta *impossibilidade*. A logica do sr. Renan, salvas poucas e curtas intermittencias, adoece da debilidade mais singular.

É este o proceder scientifico do sr. Renan, como fazem fé as suas já citadas obras, nas quaes facilmente poderá o leitor, preparado para examinal-as, verificar por si proprio. Agora repito a pergunta: Pode ser tido por *homem de sciencia* — o homem, que deste modo procede?—Pode alguma das suas obras ser tida por *obra scientifica?*—Tem respondido, como eu respondo, Não, um grande numero de juizes competentes; e não só dos que professam o symbolo catholico, ou alguma das varias confissões christãs, senão tambem dos que, debaixo da consideração religiosa, não podem ser suspeitos ao sr. Renan. Insisto nesta observação, já feita noutra carta, porque sei que pesa no animo d'alguns.

E' tambem por este motivo que tenho citado somente os nomes de escriptores, qualificados de pensadores livres e independentes, podendo aliás citar não menos escriptores de mais vasto e profundo saber, catholicos e christãos. Pelo demais confesso que de ordinario vale mais comigo uma razão, por mim achada *boa*, do que vale a auctoridade de quem quer que seja.

Conhecemos o sr. Renan como *homem de sciencia*: consideremol-o agora como *homem de lettras*.

Como homem de lettras o sr. Renan, que possue vasta erudição classica e livre, e que se mostra sobremodo habil em usar dos meios, que pode prestar, a quem sabe dominal-a com estudo e arte, a lingua, na qual escreveram Massillon, Voltaire, Bossuet e Fenelon, poderia ter direito a rendida homenagem, se não contrapesasse taes dotes, sem duvida avantajados, a falta que se revela a cada passo, de precavida e natural intenção logica, nunca supprida com assomos de dialectica presumpçosa, que, pretendendo ferir e prostrar o adversario com quem lucta, se descobre a descuido, e, sem o querer, deixa tocar-se das armas, que, parecendo resistir-lhe apenas de principio, logo com vantagem o repellem, e a final o levam de vencida.

Conhece porventura o sr. Renan este seu senão, grave, e verdadeiramente insupprivel, como, na ordem commum das coisas, póde mais do que a vontade a natureza, já que lhe não é dado obter delle exempção, procura attenuar-lhe as consequencias inevitaveis, ataviando-se das galas que lhe consente sem difficuldade o seu não acanhado ingenho, fazendo uso dos arrebiques attractivos, que a sua imaginação potente sabe concertar, e dispor com curioso capricho.

Entretanto se póde ser coberta, e algum tanto dissimulada, não pode invalidar-se comtudo a eiva, e é por isso que nos deparam as obras do sr. Renan, escriptas com trabalho que mal se occulta, aprimorados trechos, que todavia são flores sem fructo, ou, na phrase escripturistica, nuvens formosas, mas baldas de bemfazejo orvalho.

E' egualmente por esta razão, que não vae espaço largo a si conforme, sereno, aberto e sem revez, o estylo do sr. Renan. Eleva-se na phantasia, porém a realidade opprime-o; mostra-se constrangido, e quasi que violentado; e como o não o sustenta a perseverança da intenção logica, desiquilibra-se, desiguala-se, tropeça e cae. Fallo do estylo ordinariamente empregado pelo sr. Renan, porque do seu estylo, usado na qualidade de critico professo, não pode deixar de dizer-se que poucas, rarissimas vezes, satisfaz ás condições exegeticas: falta-lhe a clareza indispensavel, por carecer de precisão e propriedade.

Paro aqui: o meu fim está preenchido; e nem mais voltarei ao assumpto, senão compellido por considerações, que mereçam por sorte haver-se em maior conta.

Sou, sr. redactor, com muito agradecimento de v., etc.

Lisboa, ás Monicas, 18 de Julho de 1874.

D. José de Lacerda.

NOTICIARIO

Ponte do Mondego.—Chegou já á estação desta cidade o ferro para a ponte do Mondego. Está-se procedendo a sua conducção para o caes.

Esta remessa chega para quatro vãos e meio da ponte.

Consta-nos que se acha já carregado, e em via de transporte o resto do ferro.

O trabalho da collocação na ponte, foi pelo sr. director das obras publicas dado de empreitada.

Banco Commercial de Coimbra.—Apezar de grandes contrariedades que tem tido a vencer, vae funccionar este banco, que de muita vantagem póde ser a Coimbra e a toda a provincia da Beira.

Em o numero passado publicamos, e hoje repetimos o annuncio, convidando os accionistas a entrarem com a 2.ª prestação das acções.

Audiencias geraes. — No dia 25 foi julgado Joaquim Antonio, vulgo o Cançado, accusado por crime de ferimentos. Foi condemnado a dois annos de prisão.

Exames.—Começaram hontem os exames no Lyceu desta cidade.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Emilia das Neves de Oliveira, filha de Jacintho de Oliveira e de Maria Antonia das Neves, natural de Coimbra, de 62 annos, fallecida no dia 18 de Julho.

Luiza Theresa, filha de José Monteiro Castro e de Maria Rita de Jesus, natural de Coimbra, de 61 annos, fallecida no dia 23.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:369.

Doença—O nosso antigo e particular amigo, o sr. padre Joaquim Lopes Coelho de Abreu, digno prior de Barcouço, tem estado muito doente.

O sr. Coelho de Abreu, é cordealmente estimado pelos seus freguezes, a quem tem servido como um verdadeiro pae, nos muitos annos que os tem pastoreado.

Muito folgaremos poder annunciar o breve restabelecimento do nosso estimavel amigo.

Fundos portuguezes. — Os fundos portuguezes baixaram em Londres para

46 1/4. Esta baixa foi motivada pela noticia que deu ha dias um jornal de Lisboa, de que tinham partido tropas portuguezas para Hespanha.

Já foram para Londres os desmentidos a esta falsa noticia, e por isso é de crer que os nossos fundos tornem a subir.

Ainda a imprensa portugueza durante o seculo XVI.—As observações que fizemos ha dias a esta publicação do sr. Tito de Noronha, foram, como então dissemos, depois de uma rapida leitura.

Faremos hoje mais um reparo.

Na enumeração que o sr. Tito de Noronha faz dos altos dignitarios da egreja, que no seculo XVI mandaram imprimir obras neste reino, diz o seguinte:

«D. Jorge d'Almeida, bispo de Coimbra, *e depois arcebispo de Lisboa*.»

Enganou-se n'isto o sr. Tito de Noronha, porque D. Jorge de Almeida, bispo de Coimbra, é individuo muito differente de D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa.

O bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida, regeu este bispado no longo periodo de 62 annos, de 1481 a 1543. Falleceu em 23 de Julho deste ultimo anno, na edade de 85 annos, e jaz sepultado na capella de S. Pedro da sé velha de Coimbra.

Este bispo fez muitas obras na sé desta cidade, sendo das mais notaveis a obra de talha da capella mór, as duas portas lateraes, e a pia baptismal, que hoje se acha na sé nova.

O outro D. Jorge de Almeida, foi reitor da Universidade, desde 26 de Janeiro de 1560 até 21 de Julho de 1563.

Exerceu depois o cargo de arcebispo de Lisboa, desde 1570 até 1585, fallecendo no dia 20 de Março deste anno, e jaz sepultado na sé de Lisboa.

Além de arcebispo, foi capellão mór, inquisidor geral, conselheiro de estado, commendatario d'Alcobaça, e um dos tres governadores do reino nomeados pelo cardeal rei D. Henrique.

Vê-se, portanto, que o D. Jorge de Almeida, bispo de Coimbra, é muito distincto do D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa; e não o mesmo, como por equivoco diz o sr. Tito de Noronha.

Caminhos de ferro. — Nos Estados Unidos da America os comboios expressos têem uma velocidade de 80 a 100 kilometros por hora. Na Inglaterra e França regula por 70 a 86, e na Allemanha, de 58 a 70. A velocidade ordinaria é no primeiro paiz de 40 kilometros, e nos outros de 36.

Costumes na Russia.—O pão de centeio é o alimento usual do povo russo. Tres libras deste pão, uma onça de sal e uma garrafa de cerveja, são sufficientes para alimentar o homem nos mais rudes trabalhos e o soldado nas marchas mais penosas. Tambem é muito usado pela população rural o caldo de couves temperado com toucinho, ou com azeite nos dias de jejum.

A egreja grega estabelece quatro quaresmas no anno, prohibindo rigorosamente o uso da carne, ovos, leite e manteiga. A primeira quaresma na Russia é antes da Paschoa, e a primeira semana é destinada ás festas e prazeres. Corresponde ao nosso carnaval. A segunda quaresma dura desde o Espirito Santo até ao dia de S. Pedro. A terceira da Virgem Santa dura de 1 a 15 de Agosto. A quarta de S. Filippe dura desde 15 de Novembro a 26 de Dezembro. As quartas e sextas feiras de todas as semanas são dias de jejum. Não ha por tanto menos de 200 dias de abstinencia por anno na Russia.

Os cavallos.—Fizeram-se em França experiencias curiosas, para verificar quanto póde resistir a vida dos cavallos com a falta de viveres. O resultado destes trabalhos dirigidos por homens competentes foi o seguinte:

Um cavallo póde viver 25 dias alimentando-se apenas com agua. Resiste 17 dias á mais rigorosa abstinencia. Vive apenas 5 dias, dando-lhe alimentos solidos, e privando-o de beber agua. Resulta destes factos quanto é indispensavel a agua no regimen alimentar dos cavallos. Depois de 3 dias de absoluta privação deste liquido, um cavallo chega a beber 50 kilogrammas de agua em 3 minutos. Fizeram-se tambem outras experiencias, que demonstram, que o exercicio e o trabalho logo depois da comida facilitam muito a digestão.

Metaes preciosos. — A producção de ouro e prata nas minas da Europa está calculada em 125 milhões de francos annuaes. A America produz mais de 800 milhões. A Asia 135. A Africa não tem minas de prata, mas abunda muito em ouro, e a exploração dos seus jazigos auriferos promette grandes riquezas. A Australia não é rica em prata, mas as suas minas de ouro produzem maior quantidade que todas as outras partes do mundo.

A Imprensa nos Estados-Unidos.—Em 1704 publicou-se o primeiro jornal na America do Norte, e o segundo em 1720. Em 1775, epocha em que principiou a revolução da independencia, já se contavam 35. Em 1810 publicavam-se 359. Em 1828, 852. Em 1840, 1:631. Em 1850, 2:526, e hoje mais de 4:000.

Emigração.—E' realmente espantosa a corrente da emigração, que todos os annos se dirige da Europa para o Novo Mundo. Todas as nações contribuem mais ou menos para este grande facto social; mas são especialmente a Grã-Bretanha e Allemanha os paizes que dão maior contingente.

Durante o periodo de 10 annos, desde 1850 a 1860, emigraram do primeiro paiz 2.750:000 pessoas! E do segundo, perto de 1.200:000! Em alguns annos a emigração ingleza anda por 200:000, e a allemã por 100:000!

Gaz em Londres. — A quantidade de gaz empregado na illuminação de Londres está calculado em 225:000:000 de metros cubicos annuaes. Que quantidade enorme de carvão de pedra se consome só para alimentar esta industria!

Metralhadora—Realisou-se effectivamente hoje, depois das 2 horas da tarde, diz o correspondente em Lisboa do *Commercio do Porto*, a exposição e experiencia de tiro a curta distancia da metralhadora de Gatling, de que tenho fallado.

Achavam-se na praça de armas os srs. major Freire, capitão Castello Branco e muitos outros officiaes de artilheria, o sr. Pinha, official da armada e commandante da eschola de tiro, estabelecida na fragata D. Fernando, os srs. Mello e Faro, Abecassis, Farington e alguns jornalistas.

Todos examinaram com a maior attenção a terrivel machina de guerra e presenciaram maravilhados a summa rapidez do tiro, até agora desconhecida.

A metralhadora de Gatling é inteiramente differente da que foi apresentada na exposição de Paris, de 1867, e da qual se occupou o sr. Mello e Faro, no interessante opusculo que publicou sobre a defeza do paiz, escripto em que revelou superiores conhecimentos acerca de armas de guerra e tatica militar, que se não podiam esperar de quem é completamente estranho ao exercito.

Agora compõe-se de 10 canos de aço, como já tive occasião de dizer, parallelos, ligados á culatra pela parte posterior, e entre si por um annel de metal amarello, talvez bronze, que as segura a pequena distancia da boca.

O obturador, a corrediça de munições, que funcciona verticalmente entre a recamara e a culatra, levando de cada vez 40 cargas; o percutor dos cartuchos, o modo porque se faz a extracção dos cartuchos vazios e que tornam a carregar até 50 vezes, segundo affiança o fabricante o sr. Farrington; a fabricação dos cartuchos, que não apresentam nenhum vestigio de soldadura ou ligação, e que o fabricante diz serem produzidos por um methodo de puncção do seu privilegio e invenção, e que requer um metal de extrema compacidade, todas estas disposições que são da maior importancia nas armas de fogo de precisão e grande alcance, tudo é novo, não tendo nada de commum, nem parecido sequer com os systemas conhecidos na variadissima collecção de armas portateis, que são mais vulgares no mundo militar e scientifico das diversas nações.

Na experiencia do tiro, cerca de 20 metros de distancia, só para apreciar a rapidez das descargas, a metralhadora despejou pelos 10 canos os 40 tiros que estavam na corrediça em 3 segundos, contados cuidadosamente pelos circumstantes de relogio na mão!

O acabamento de todas as peças, a facilidade de as desarmar e substituir mesmo em campanha, e a circumstancia muito attendivel de se poder separar o canhão propriamente dito da viatura, e fazer transportar tudo por dous a quatro homens para pontos de difficil accesso, onde se possa causar maior ruina, com menos risco ao inimigo, são vantagens muito apreciaveis.

A metralhadora vae para as Vendas Novas, a fim de ser experimentada no polygono alli estabelecido, para bem se conhecer o seu valor e efficacia. A metralhadora será examinada por uma commissão, mas o governo praticaria um acto que de certo todos approvariam, se mandasse dar passe no caminho de ferro do sul (que é o do Estado) a todos os officiaes de artilheria que alli quizessem ir e ser-lhes permittido fazer qualquer observação, que lhes sugerisse a sua pratica e experiencia.

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Temos jornaes de Madrid que alcançam a 25.

Não têem importancia as noticias da guerra que nos dá a *Gazeta*.

Encontra-se porem a seguinte que nos respeita:

«Galliza.— O capitão general do districto participa que em Castro Laboreiro (Portugal), se organisou *publicamente* uma guerrilha carlista, penetrando depois na provincia de Orense.»

Não duvidamos de que se organisasse a guerrilha; negamos porem que isso se fizesse de forma que as nossas auctoridades o soubessem, porque não o consentiriam.

Dizia-se, não se sabia porem com que fundamento que o general Zabala regressava a Madrid.

Sairam para o estrangeiro Figueras, Pi y Margall e Salmeron, ex-presidente do poder executivo.

Havia dias que *El Popular* annunciara que iam ser desterrados tres ex-presidentes do conselho de ministros, que tinham figurado em epochas proximas.

E o *Imparcial* pergunta se terá alguma analogia este prenuncio com aquelle facto.

A *Epocha* porem explica a saida para o estrangeiro d'aquelles senhores pela seguinte forma:

Desgostosos pelas ideas expostas pelo sr. Castellar no discurso que pronunciou em Granada, apesar do cuidado com que evitou a questão do federalismo, tractaram de redigir um manifesto; não acharam porem quem o quizesse assignar, pelo acharem incolor, uns; e outros, demasiadamente significativo.

Maltratados assim pelos seus amigos, decidiram sair para França.

Effectivamente o partido republicano vae-se acercando do sr. Castellar e os republicanos historicos declararam que seguiriam sem hesitar a sua politica.

Os jornaes continuam a occupar-se, protestando energicamente, da protecção que dizem dispensar o governo francez aos carlistas.

Mas a França, segundo as ultimas correspondencias recebidas pela *Epoca*, propõe-se a satisfazer ás reclamações da Hespanha e um dos primeiros actos do novo ministro do interior foi resolver a demissão do prefeito dos Baixos-Pyreneus. Tambem a captura do navio francez *Marie*, carregado de armas compradas em Genova por Elio, e que navegava nas aguas de Marrocos, para onde o capitão dizia serem destinadas as armas, attesta a boa fé da França.

Londres, 24 de Julho á tarde—A *Pall Mall Gazette*, fallando da execução de Schmidt, diz que não julga improvavel a intervenção allemã na guerra civil hespanhola.

Lord Derby respondendo a Russell, diz que a Hespanha não dirigiu nenhuma queixa á Inglaterra sobre o apoio dado pela França aos carlistas. Crê que houve troca de correspondencia a este respeito entre a Hespanha e a França. Accrescenta que tem poucas informações officiaes sobre a questão; não ha a menor duvida de que as armas e o material de guerra dos carlistas passaram pelas fronteiras francezas, mas não sabe se foi isso devido a connivencia das auctoridades ou a difficuldades de guardar os Pyreneus.

Se fosse verdade que os officiaes carlistas refugiados em França tornaram a passar as fronteiras para recomeçarem a guerra, isso constituiria uma violação do direito das gentes: mas é uma questão de que o parlamento inglez não póde tomar conhecimento sem receber informações positivas e mesmo sem uma queixa da Hespanha. Espera que a Hespanha representará ainda um papel importante na historia, e crê que o reconhecimento do governo hespanhol deve ser obra collectiva das grandes potencias.

Madrid 25, ás 3 h. e 40 m. da m.— A *Gazeta* diz que na Catalunha foram batidas as facções sobre Mont-Blanc que tentaram atacar. Avisada a columna de Ceuta, alcançaram as facções, fazendo-lhes 8 mortos e 2 prisioneiros, resgatando do poder delles o municipio de Pia. Foram repellidos de Ruidomes os carlistas. Da Galliza participam as auctoridades que foi organisada uma partida carlista em Castro Laboreiro (Portugal), e entrou por Orense em Hespanha. Vem tambem publicado o decreto approvando as novas pautas dos direitos consulares.

Madrid 25, ás 12 h. e 14 m. da t.—Apresentaram-se bastantes carlistas em Villa Real e Almazora, dirigindo-se para o canal, cortaram as unicas aguas potaveis de Castellon avançando alguns até á estação do caminho de ferro a 300 metros de distancia das muralhas.

As baterias fizeram 5 mortos e 13 feridos, dispersando-os até Borical e Bonicasim.

Detiveram o correio, queimando a carruagem, e levaram 4 passageiros, a correspondencia e os cavallos. A partida Faez destruiu a correspondencia official, acompanhando as carruagens desde Componianes até Bordengo, fazendo grandes estragos na linha telegraphica. Repartiu algum tabaco pelas povoações do transito, tomado em dois carros de que se tinham apoderado.

Madrid, 26, á noite.—Asseguram ser possivel que o governo contrate 150 mil espingardas para a milicia nacional.

Castellar adiou a sua viagem á Suissa.

Varios generaes que tem conferenciado com o ministro da guerra, consideram impossivel melhorar a disciplina do exercito do norte.

Madrid 27 de manhã.— A «Gazeta» diz que o general Molto começou em Cuenca o inquerito ordenado pelo governo, sobre os acontecimentos que alli se deram.

Affirma-se que Serrano presidirá na quarta feira ao conselho de ministros.

O «Imparcial» diz que o banco de Hespanha pagará aos credores do thesouro, tomando garantias.

ANNUNCIOS

VENDA DE QUINTA
NA
FIGUEIRA DA FOZ

1 NO DIA 2 do proximo mez de Agosto, irá á praça particular, para se arrematar, convindo o lanço, a quinta das Lamas, que foi de Joaquim José Gonçalves Morim, situada á entrada da villa da Figueira da Foz. Poderá arrematar-se em globo ou em duas partes, dividindo-se pela valla que tem ao centro. Com a quinta ou com a parte do sul (dividindo-se) entrará tambem em arrematação uma sorte que comprehende tres vigesimas partes da quinta da Varzea, proximo á mesma villa.

A arrematação far-se-ha dentro da casa da mesma quinta, ás 10 horas da manhã do dia acima indicado; antes deste dia acceitar-se-ha qualquer proposta, em carta fechada, com relação á quinta toda, ou parte, as quaes propostas serão dirigidas a Francisco Maria Martins, rua do Visconde da Luz, n.° 97 a 99, Coimbra.

2 ATÉ AO DIA 8 de Agosto proximo hãode vender-se particularmente, se o preço convier, juntas ou em separado, as propriedades seguintes:

Uns prazos no campo da Requeixada, proximo da estação do caminho de ferro de Coimbra, arrendados por 96$000 rs.

Uma quinta defronte da egreja de S. Martinho do Bispo, arrendada, afora a matta, por 90$000 rs.

Dous cerrados juntos á mesma, arrendados por 13$000 rs.

Uma propriedade de casas no mesmo logar, arrendadas por 4$000 rs.

Um foro proximo de 4$300 rs.

Uns foros em Almalaguez 23$000 rs.

Quem pretender compral-as póde dirigir-se pessoalmente ou por carta, a José Antonio da Costa Braga Junior, na Praça do Commercio, que está legalmente auctorisado por seu dono para realisar estes contractos.

Para esclarecimentos:

Joaquim da Fonseca Carramanho, das Casas Novas, proximo da Bemcanta, arrendatario dos prazos.

Joaquim Vieira, arrendatario da quinta.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

Sociedade anonyma

Responsabilidade limitada

3 SÃO CONVIDADOS os srs. accionistas deste Banco a entrarem com a 2.ª prestação de 5 %, ou 2$500 rs. por acção, na conformidade do artigo 10 dos Estatutos, desde o dia 26 do corrente até 4 de Agosto proximo, das 9 horas da manhã até ás 3 da tarde; em COIMBRA, em casa dos srs. commendador Manoel dos Santos Junior, e José Barbosa Lima; no PORTO, em casa do agente o sr. commendador José Julio da Costa; em LISBOA, em casa dos agentes os srs. Correa & C.ª, na rua dos Fanqueiros, n.º 105; e em BRAGA, em casa dos agentes os srs. Jeronymo Pereira Pinheiro e Filhos, campo de D. Luiz I.

Os gerentes,

Manoel dos Santos Junior

José Barbosa Lima

J. Melchiades Ferreira Santos.

VENDA

4 JOAQUIM ANTONIO TEIXEIRA BARBOSA vende differentes moradas de casas em Coimbra, sendo a da Calçada, que foi de Trony, a da rua dos Gatos, que foi de seu sogro, a da rua do Ivo, que foi de Nazareth, e as tres na Couraça dos Apostolos, junto ao Collegio Novo.

Tambem vende todas as suas propriedades em Miranda do Corvo, que foram do Dr. Joaquim Xavier Pereira, e outras que posteriormente tem comprado. Quem pretender pode dirigir-se a seu dono, que actualmente esta na sua casa de Verride.

VENDEM-SE

5 AS CASAS e barracão, sitas no terreiro da Erva, com os n.os 17 a 29. Recebem-se propostas em carta fechada dirigidas a J. Nazareth, pharmacia Castro, Sophia. Pagam-se dois foros, um de 180 rs. e outro de 440 e dois capões.

6 NO DIA 18 do proximo mez de Agosto, pelas 9 horas da manhã, ás portas do tribunal, no extincto edificio de Santa Cruz, e perante o exm.º sr. juiz de direito desta comarca, se hãode vender em hasta publica os bens penhorados a José Joaquim Camello e sua mulher Marianna Simões, do logar de Cadaval, concelho de Condeixa; por execução que lhes move o Dr. Antonio Egypcio Quaresma Lopes de Vasconcellos, escrivão Costa.

7 NO DIA 2 de Agosto proximo, ás 11 horas da manhã, na sacristia da egreja de Santa Cruz, a junta da mesma parochia dá d'arrematação diversas obras de pedreiro, carpinteiro e pintura, conforme os apontamentos que estarão presentes no acto da praça, e desde já o estão na loja do thesoureiro da parochia, José Luiz Fernandes, em Samsão, hoje praça 8 de Maio, onde podem ser examinados.

Deposito de Machinas de Singer para uso de familias e industriaes.

34—Rua do Visconde da Luz—36

COIMBRA

8 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA contractou com o representante da Companhia Fabril de Singer, de Londres, estabelecer nesta cidade um deposito das magnificas machinas de costura para familia, alfaiate e corrieiro, ás quaes se fazem preços eguaes aos de Lisboa, da unica casa succursal em Portugal.

Tambem ha excellentes linhas de linho, algodão, retroz, troçaes, agulhas, molas, ferro, tudo pertencente ás machinas.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

9 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fora 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

Substitutos a militar

10 EM LISBOA, no escriptorio da rua das Portas de Santo Antão, 15, 2.º ha homens promptos a substituir.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA

12 DOMINGO, 2 de Agosto, pelas 9 horas da manhã, hade ter logar a reunião da assemblea geral, para votar o parecer da commissão fiscal sobre as contas da gerencia da direcção no semestre findo em 30 de Junho ultimo. Coimbra, 28 de Julho de 1874.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Aos banhistas das Caldas da Rainha

João Antonio d'Oliveira (vulgo o João Rei) & M. J. de Brito.

13 ANNUNCIAM que, para commodidade do publico, resolveram estabelecer uma carreira diaria de diligencia, a começar do dia 15 de Julho corrente em diante, de Leiria até ás Caldas da Rainha, de commum accordo com Antonio João Pereira, d'aquella villa, que fará a carreira por sua conta d'alli até Alcobaça.

Esta carreira ficará sendo considerada como continuação das já estabelecidas entre Leiria e Pombal, e Leiria e Chão de Maçãs.

A partida de Pombal será logo em seguida á chegada do comboio ascendente, devendo estar em Leiria ás 6 horas da tarde.—Para Alcobaça partirá a diligencia ás 7 horas da manhã, logo que chegue a carroagem do correio de Chão de Maçãs, devendo estar em Alcobaça e Caldas da Rainha ás horas marcadas para o serviço do correio;—e assim egualmente das Caldas da Rainha para Leiria, donde partirá a diligencia para Pombal ás 8 1/2 horas da manhã, e para Chão de Maçãs ás 6 1/2 da tarde.

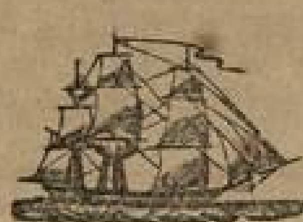
PREÇOS

De Pombal a Leiria— dentro 800 rs.—a Alcobaça 1$800— ás Caldas da Rainha 2$800.—Fóra 600, 1$400, e 2$200 rs.

De Leiria a Chão de Maçãs— 1$000 rs. dentro, e 800 rs. fóra.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para **Santos:**

Barca—CLAUDINA—em 11 de Agosto.

Para o **Maranhão:**

Barca—SAUDADE—em 12 de Agosto.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

EMPREZA PROGRESSO MARITIMO DO PORTO

PAQUETES  PORTUGUEZES

Para o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, com escala por Lisboa e S. Thiago de Cabo Verde.

Sahirá no dia 30 de Julho o vapor JULIO DINIZ, commandante J. J. Rodrigues Contente.

Recebe carga para o Rio de Janeiro até o dia 27, e para a Bahia e Pernambuco no dia 28.

Para carga e passageiros, tracta-se no escriptorio da gerencia, rua dos Inglezes n.º 42

Para mais esclarecimentos podem os srs. passageiros dirigir-se em Coimbra, á rua do Visconde da Luz, n.º 82 a 86.

LIVROS PORTUGUEZES

Originaes e traducções

15 C. CASTELLO BRANCO. Vinte horas de liteira..........500

—Os brilhantes do brasileiro..........500

—As virtudes antigas ou a freira que fazia chagas e o frade que fazia reis..........500

D. J. G. de Magalhães. Suspiros poeticos e saudades..........800

Escrich (D. E. Peres). A mulher adultera. Romance. 4 volumes..........2$000

José Gomes Monteiro. Os criticos do Fausto do sr. visconde de Castilho..........400

Michelet. O padre, a mulher e a familia..........500

Pinheiro Chagas. A Judia. Drama original em 5 actos..........360

Rebello da Silva. A mocidade de D. João V. 3 volumes..........1$500

Saintine (X. B.) Picciola. Romance. 600

Thomaz Ribeiro. A Indiana. Entre-acto em verso..........300

Teixeira de Vasconcellos. Comedias. O dente da baroneza—A botina verde—A liberdade eleitoral..........600

Livraria Academica

183—Rua da Calçada—185

Venda de propriedades

16 VENDEM-SE duas moradas de casas, se o preço convier, pertencentes aos filhos do fallecido Antonio Justino da Costa; umas sitas na rua do Borralho, n.os 5 e 7, e outras no becco dos Militares, n.os 3 e 5. Recebe lanços até ao fim do corrente mez de Julho, Pantaleão Augusto da Costa, na rua da Calçada, n.º 209.

VICTORINO HENRIQUES LEBRE

17 PARTICIPA aos seus freguezes e amigos, que se acha novamente estabelecido na rua da Calçada, n.os 157-159, proximo á livraria do sr. Cabral, com deposito de vinhos do Porto, mercearia e tabacos.

Tem á venda os seguintes vinhos: — duque, particular, superior, lagrima, moscatel, bastardo, malvazia, e branco velho, n.os 3, 2, 1, os quaes vende por preços muito limitados, afiançando as boas qualidades.

Encarrega-se de qualquer encommenda do Porto com pequena commissão.

Vende tambem boa cerveja ingleza e da Baviera, conservas, genebra, tintas para escrever, chá de 1$000, 1$200, 1$400, e 1$600, correspondente a 459 grammas, tudo já approvado por pessoas experientes. Stearina a 140 réis o pacote, e sabonetes finos.

Espera que todos o coadjuvem com suas compras e encommendas.

Attenção

18 VENDE-SE uma morada de casas proximo ao Collegio Novo. Consta de loja e dois andares com 12 casas. Para informações podem dirigir-se a Abilio Maria Ladeiro, rua da Calçada, 81.

Attenção

19 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender pode dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

NUMERO 2819 — SABBADO 1 DE AGOSTO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A capital commemorou, com verdadeiro enthusiasmo, no dia 24 do mez findo, os factos da nossa historia politica, que nos asseguram as liberdades patrias.

Lisboa, como havia já feito a cidade de Coimbra no dia 8 de Maio, e a do Porto no dia 8 de Julho, deu um testemunho eloquentissimo da sua adhesão ás ideias liberaes, á constituição politica do estado, e ao mesmo tempo uma prova de sympathia e respeito pelo monarcha, que em nome dos principios liberaes, preside aos destinos desta nação.

Singulares demonstrações são estas, em que a grande maioria do povo portuguez, reunido em um só grupo, e em nome de uma ideia generosa, de um pensamento sublime, sem recordar odios, nem paixões, nem vinganças, se acerca do seu rei, e com elle se identifica, para festejar, na mais santa confraternidade, os factos gloriosos, que annunciaram um grande triumpho, que é o symbolo augusto da paz e do progresso.

Estes factos, em que tem tomado parte as tres principaes cidades deste paiz, vieram fortalecer as ideias liberaes entre este povo fidelissimo, e firmar as crenças tradiccionaes pela monarchia liberal, que neste paiz, assim como em muitos outros, está dando as mais solidas garantias de paz e de prosperidade, unico bem, a que os povos podem aspirar, porque delle dimanam todos os progressos sociaes.

Festejam-se aqui as liberdades amplas e rasgadas, de que gozamos ha 40 annos, em quanto que outras nações poderosas, que se dizem mais adeantadas e mais desenvolvidas, ainda as não poderam conquistar, á custa de sangue e de enormes sacrificios.

Portugal chegou á epocha, verdadeiramente feliz, em que se não justificam as revoluções.

Com estas demonstrações de regosijo, firma o grande partido do progresso e da ordem, as suas crenças e as suas aspirações, contra os inimigos da liberdade e da monarchia.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PREMIOS

Faculdade de Medicina

1.º ANNO

Premios por ordem da matricula

Luiz Augusto Teixeira Lobato, filho de Luiz Baptista Pinto Lobato, de Villa Real.

Antonio José Gonçalo Guimarães, filho de Gonçalo José de Lagos, de Tavira, districto de Faro.

Accessit por ordem da matricula

Joaquim Augusto de Sousa Refoios, filho de pae incognito, de Miranda do Corvo, districto de Coimbra.

Joaquim de Mariz Junior, filho de Joaquim de Mariz, natural de Coimbra.

Distinctos

Antonio Gonçalves d'Almeida Brandão, filho de José Gonçalves da Cunha Mendes, de Almassa, districto de Vizeu.

João Rodrigues Donato, filho de Manoel Rodrigues Tocha, de Coimbra.

Julio Augusto d'Oliveira Baptista, filho de Luciano Maria Pereira Baptista, de Ançã, districto de Coimbra.

José d'Azevedo Castello Branco, filho de Francisco José d'Azevedo, de Villa Real.

2.º ANNO

1.º *Premio.*—Nuno Silvestre Teixeira, filho de Feliciano João Teixeira, da ilha da Madeira.

2.º *Premio.*—Antonio de Jesus Lopes, filho de Manoel de Jesus Lopes, de Coimbra.

Accessit.— João Felicio Nunes Paes Coelho do Amaral, filho de José Felicio da Costa Nunes de Figueiredo, de Cannas de Senhorim, districto de Vizeu.

Distinctos

Luiz Augusto Lopes da Costa, filho de Francisco Lopes da Costa, de Moimenta da Serra, districto da Guarda.

Maximino José de Mattos Carvalho, filho de José Manoel de Carvalho, de Tourigo, districto de Vizeu.

3.º ANNO

1.º *Accessit*— José Antonio de Sousa Nazareth, filho de Pedro José Pereira de Sousa, de Coimbra.

2.º *Accessit*— Joaquim José Malheiro da Silva, filho de Paulo Antonio Malheiro, natural de Braga.

Distincto

Ayres d'Ornellas Cysneiros de Brito, filho de Mendo d'Ornellas Cysneiros, de Lisboa.

4.º ANNO

1.º *Partido*—Antonio Maria de Senna, filho de Antonio Maria de Senna, de Cea, districto da Guarda.

Partidos sem distincção

Augusto Antonio da Rocha, filho de Mathias Rocha, de Coimbra.

Vicente Urbino de Freitas, filho de João Antonio de Freitas Junior, do Porto.

Fernando Mattoso dos Santos, filho d'Antonio Maria Rodrigues dos Santos, de Campo Maior, districto de Portalegre.

Premio—Daniel Ferreira de Mattos Junior, filho de Joaquim Ferreira de Mattos, de Poiares, districto de Coimbra.

1.º *Accessit*— Francisco Joaquim Teixeira de Queiroz, filho de José Maria Teixeira de Queiroz, de Arcos de Val de Vez, districto de Vianna do Castello.

2.º *Accessit*—Luiz Ferreira de Figueiredo, filho de José Ferreira de Figueiredo, de Vizeu.

Distinctos

Joaquim Antonio da Silva Sereno, filho de José Antonio da Silva, de Sangalhos, districto d'Aveiro.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXI

D. CARLOS

CXXXI

O famoso convenio, geralmente conhecido por convenio de Vergara, é o seguinte:

«Artigo 1.º O capitão general D. Baldomero Espartero, recommendará com interesse ao governo o cumprimento da sua offerta de se comprometter formalmente a propor ás côrtes a concessão, ou modificação dos foros.

Artigo 2.º Serão reconhecidos os empregos, graus e condecorações dos generaes, chefes, officiaes e demais individuos dependentes do exercito do tenente general D. Rafael Maroto, o qual apresentará as relações com declaração das armas a que pertencem, ficando em liberdade de continuar servindo, defendendo a constituição de 1837, o throno de Isabel II, e a regencia de sua augusta mãe, ou de se retirarem a suas casas os que não quizerem continuar com as armas na mão.

Artigo 3.º Os que adoptarem o primeiro caso de continuar servindo, terão collocação nos corpos do exercito, já de effectivos, já de supranumerarios, segundo a ordem que occupam na escala das inspecções, a cuja arma correspondam.

Artigo 4.º Os que preferirem retirar-se a suas casas, sendo generaes ou brigadeiros, obterão o seu quartel para onde o peçam, com o soldo que pelo regulamento lhes corresponda; os chefes e officiaes obterão licença illimitada, ou o seu retiro segundo o seu regulamento. Se alguem desta classe quizer licença temporaria, a solicitará pelo intermedio do inspector da sua respectiva arma, e lhe será concedida, sem exceptuar a licença para o estrangeiro; e neste caso, feita a solicitação por intermedio do capitão general D. Baldomero Espartero, este lhes dará o passaporte correspondente, ao mesmo tempo que dará seguimento ás solicitações, recommendando a approvação de sua magestade.

Artigo 5.º Os que pedirem licença temporaria para o estrangeiro, como não podem receber os seus soldos até ao regresso, segundo as reaes ordens, o capitão general D. Baldomero Espartero lhes facilitará as quatro pagas em conformidade das faculdades que lhe estão conferidas, incluindo-se neste artigo todas as classes desde general até alferes inclusivè.

Artigo 6.º Os artigos precedentes comprehendem a todos os empregados do exercito; fazendo-se extensivo aos empregados civis que se apresentarem, nos doze dias depois de ratificado este convenio.

Artigo 7.º Se as divisões navarra e alaveza se prestarem da mesma forma que as divisões castelhana, biscainha e guipuscoana, gosarão as concessões que se declaram nos artigos antecedentes.

Artigo 8.º Por-se-hão á disposição do capitão general D. Baldomero Espartero, os parques de artilheria, maestranças, depositos de armas, de vestuarios e de viveres, que estejam debaixo da dominação e arbitrio do tenente general D. Rafael Maroto.

Artigo 9.º Os prisioneiros pertencentes aos corpos das provincias de Biscaia e Guipuscoa, e os dos corpos da divisão castelhana, que se conformarem em tudo com os artigos do presente convenio, ficarão em liberdade, desfructando as vantagens que no mesmo se declaram para os demais. Os que não convierem, soffrerarão a sorte de prisioneiros.

Artigo 10.º O capitão general D. Baldomero Espartero fará presente ao governo, para que este o faça ás côrtes, a consideração que lhe merecem as viuvas e orfãos dos que tem morrido na presente guerra, correspondentes aos côrpos a quem comprehende este convenio.

Baldomero Espartero.

Convenho em nome da minha brigada—*José Ignacio de Iturbe.*

Convenho em nome da primeira brigada castelhana do meu commando—*Hilario Alonso Cuevillas.*

Convenho em nome da segunda brigada do meu commando—*Francisco Fulgosio.*

Convenho em nome do batalhão do meu commando, 4.º de Castella—*João Carañero.*

Convenho em nome do terceiro batalhão de Castella—*Antonio Diez Mogrovejo.*

Convenho em nome do segundo batalhão de Castella—*José Fulgosio.*

Convenho em nome das companhias de cadetes e sargentos: o coronel primeiro chefe—*Leandro de Eguia.*

Convenho em nome da força de engenheiros, que se acham presentes—*Com uma rubrica.*

Convenho em nome da força de artilheria—*Francisco Paula Selgas.*

Convenho em nome do esquadrão de meu cargo, Guipuscoa—*Manoel de Sagasta.*

Convenho em nome do primeiro esquadrão de lanceiros de Castella—*Wenceslau Lopes Ayllon.*

Convenho pela brigada que antecede—O brigadeiro—*Fernando Cabañas.*»

Vê-se, portanto, que este celebre convenio não foi assignado por Maroto, como geralmente se suppõe. Por parte do exercito liberal só foi assignado por Espartero; os mais eram chefes do exercito carlista.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Antonio Ferreira Cardoso d'Oliveira, filho de Miguel Rodrigues d'Oliveira, de Boialvo, districto d'Aveiro.

5.º ANNO

Premio—João Augusto Teixeira, filho de Feliciano João Teixeira, da ilha da Madeira.

1.º *Accessit*—Mauricio Augusto de Sequeira, filho de João Francisco de Sequeira, da ilha da Madeira.

2.º *Accessit*—Augusto José da Silva, filho de Antonio José da Silva, de Anciães, districto de Leiria.

Distincto—Abilio d'Almeida Simões da Costa, filho de José Baeta, das Moradias, districto de Coimbra.

INFORMAÇÕES

Bachareis formados

João Augusto Teixeira—MB. 18.

Augusto José da Silva—B. 15.

Abilio d'Almeida Simões da Costa—B. 15.

Luiz Maria da Silva, filho de Bonifacio Antonio da Silva, de Elvas—B. 15.

Mauricio Augusto de Sequeira—B. 15.

José dos Reis Pessoa, filho de outro, da Povoa da Lomba, districto de Coimbra—B. 14.

Joaquim do Nascimento Trindade, filho de Ignacio José da Trindade, de Tavira, districto de Faro—B. 14.

Antonio Dias do Amaral Pyrrait, filho de José Dias do Amaral, da Guarda—B. 14.

Manoel Maria das Neves Velloso, filho de Antonio Joaquim das Neves, d'Ançã, districto de Coimbra—B. 14

Augusto Lopes da Costa Rego, filho de Francisco Lopes do Rego, de Chão de Couce, districto de Leiria—B. 13.

NOTICIARIO

A abertura dos tumulos dos nossos primeiros reis.—Em o n.º 2814 do *Conimbricense* notamos o lapso do sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, dizendo no *Commercio do Porto*, que el rei D. Sebastião mandara proceder na egreja de Santa Cruz de Coimbra á abertura dos tumulos reaes, para ver os cadaveres do fundador da monarchia e de seu filho el-rei D. Sancho I; facto que se tinha praticado com toda solemnidade na presença de todas as auctoridades civis e ecclesiasticas, e de que se lavrára o competente auto.

Agora, o mesmo distincto escriptor, e um dos nossos mais auctorisados investigadores, veiu dizer no *Commercio do Porto*, de 29 de Julho ultimo, o seguinte:

«Tractando em um dos nossos ultimos folhetins da espada de el-rei D. Affonso Henriques, que se guarda actualmente no museu da Academia das Bellas Artes do Porto, denominado «Atheneu Portuguez», dissemos de passagem que el-rei D. Sebastião, na visita que fez ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, no anno de 1570, mandára abrir os tumulos dos nossos dous primeiros reis. El-rei D. Sebastião não mandou abrir os tumulos. Contentou-se de ver e admirar os dous sumptuosos mausoleus, e de lançar agua benta sobre as effigies dos finados soberanos. Tudo o mais que escrevemos relativamente á espada de D. Affonso Henriques, que era o assumpto principal, passou-se do modo que o referimos.

Foi um lapso de memoria, devido á pressa com que escrevemos aquelle folhetim, o que nos fez pôr no mosteiro de Santa Cruz o acto que se passára no mosteiro de Alcobaça. Neste é que el-rei D. Sebastião mandára abrir os tumulos de D. Affonso II e de D. Affonso III, quando alli foi em 1569. E no anno seguinte praticou o mesmo acto no convento da Batalha com o caixão de el-rei D. João II, de que já demos noticia.

Costumamos, e temos obrigação de ler, depois de impresso, tudo quanto escrevemos, com o fim de corrigirmos algum erro nosso ou da imprensa, quando este não seja d'aquelles que o leitor facilmente corrige. Porém, infelizmente, por andarmos em uma digressão fóra de Lisboa, ao tempo em que se publicou o mencionado folhetim, deixamos de o examinar, depois de impresso, e assim passaria o erro sem correcção, se não fôra a muito benevola advertencia do illustrado redactor do *Conimbricense*, em o n.º 2814, de 14 do corrente mez, deste, a todos os respeitos, interessante jornal. Sendo mau errar, mas muito peior deixar correr o erro sem que a emenda o siga de perto, cumpre-nos reiterar neste logar os agradecimentos, que logo enviamos directamente ao distincto archeologo, que nos deu aviso e offereceu ensejo para esta necessaria rectificação.»

A imprensa periodica em Coimbra.—Publicou-se ha tempo em Lisboa, mas só agora nos chegou á mão, um extenso mappa, contendo a *Statistique de la presse periodique portugaise—1641 á 1872—par H. de Carvalho Prostes.*

Seria um trabalho muito importante, se estivesse exacto; mas a julgar por Coimbra, sentimos ter de dizer, que esta deploravelmente errado.

O sr. Prostes, de 1800 em deante, divide o seu mappa em epochas regulares de 5 em 5 annos.

De 1806 a 1810 diz que houve em Coimbra um jornal; e caso notavel, é este o unico quinquenio em que acerta; porque effectivamente de 12 de Julho de 1808 a 29 de Dezembro de 1809, houve nesta cidade a *Minerva Lusitana*. Todos os mais quinquenios, sem excepção, estão errados!

De 1811 a 1815 não menciona nenhum jornal em Coimbra, quando houve pela segunda vez a *Minerva Lusitana*, de 15 de Maio de 1811 a 6 de Julho do mesmo anno.

De 1816 a 1820, não dá nenhum jornal; havendo 2 no anno de 1820.

De 1821 a 1825 indica 7; sendo aliás 11.

De 1826 a 1830 diz que se publicaram 2; quando foram 3.

De 1831 a 1835 menciona 2; sendo 3.

De 1836 a 1840 apenas menciona 4; quando foram nada menos de 9.

De 1841 a 1845 diz que se publicaram 6; publicando-se aliás 9.

De 1846 a 1850, menciona 5; quando foram 6.

De 1851 a 1855, diz que foram publicados 7; sendo 11.

De 1856 a 1860, faz menção de 15; quando foram 20.

De 1861 a 1865, diz que se publicaram 10; sendo 13

De 1866 a 1870, menciona 19, quando foram 25.

De 1871 a 1872 diz que se publicaram 5; quando foram 6.

Estatisticas assim feitas, para nada mais prestam do que para fazer cair em erro o investigador, que nellas incautamente se fiar.

Queixas.—O commercio de Coimbra está soffrendo os maiores vexames.

As encommendas vindas de Lisboa, em regra só chegam a esta cidade, depois de uma demora de 7, 8 e 9 dias!

Isto é uma burla feita ao publico.

Como sabem os administradores do caminho de ferro, que o commercio não póde hoje facilmente usar de outro meio de transporte, importa-lhes pouco ou nada, que essas demoras injustificaveis causem graves prejuizos.

O governo tem a mais rigorosa obrigação de fazer com que a companhia do caminho de ferro cumpra os seus deveres.

Pois extinguiu-se o monopolio do tabaco, por ser um estado no estado, que assoberbava todas as situações politicas; e hade agora consentir-se que a companhia do caminho de ferro venha valer-se da sua posição, zombando impunemente das numerosissimas queixas que todos os dias se levantam contra taes abusos?!

E' uma vergonha, mas não póde deixar de se dizer, que o caminho de ferro está peor do que os antigos almocreves!

Outr'ora tinham aqui os negociantes as suas encommendas, 4 ou 5 dias depois de sairem de Lisboa; e hoje, pela via chamada por irrisão, *accelerada*, a demora é do dobro do tempo!

Se nos paizes estrangeiros, onde o serviço do caminho de ferro é uma cousa seria, se soubesse destes factos, não seriam por certo acreditados!

E comtudo são uma triste realidade!

Repetimos: olhe o governo para este estado de cousas, para lançar de si a gravissima responsabilidade que lhe está cabendo por o não fazer cessar.

O commercio paga pontualmente os tributos e satisfaz o preço dos transportes, e por isso tem direito a não ser burlado.

Já basta de escandalo!

Plantações—No anno economico de 1873 a 1874 plantaram-se nos viveiros das matas do Choupal e de Valle de Canas, a cargo da direcção das obras do Mondego, 22:243 pés de differentes especies de arvores, sendo 7:391 no primeiro local, e 14:852 no segundo.

Festividade—Estiveram muito concorridas as festas de Sant'Anna na villa da Mealhada. Duraram tres dias, e alem dos fogos de artificio, illuminações, musicas, arraial, houve duas corridas de touros. Concorreu muita gente de Coimbra na tarde de domingo.

Campos do Mondego—É magnifico o aspecto das searas junto a Coimbra e nos campos do Mondego. A producção do feijão e da batata tambem é abundante.

Inquisição—Brevemente vão desapparecer os ultimos vestigios do edificio em que funccionava o terrivel tribunal de Coimbra. Andam obras na parte que ainda restava, convertendo-a em celleiros e casas de habitação. Ainda bem, que vae acabar o aspecto lugubre e pavoroso daquellas paredes denegridas, testemunhas impassiveis de soffrimentos inauditos e de torturas horrorosas.

Progresso na Beira—A' medida, que os melhoramentos da viação publica vão penetrando nesta bella e extensa provincia, vão-se animando de modo muito sensivel os principaes ramos de riqueza publica. A agricultura, a industria e o commercio vão progredindo todos os dias nas duas Beiras. As estações do caminho de ferro de Coimbra e da Mealhada recebem constantemente os valiosos productos desta região central do paiz, donde seguem o seu destino para os mercados nacionaes e estrangeiros.

Estamos convencidos, que as duas Beiras hão de tornar-se em um futuro proximo a parte mais rica de Portugal. O caminho de ferro completará a obra já iniciada desta transformação economica e social, e será a grande arteria, que dará vida e movimento a esta importante parte do corpo da nação.

Bussaco—O acreditado photographo Rochini, estabelecido em Lisboa, foi ao Bussaco tirar vistas photographicas das principaes bellezas campestres da matta e seus arredores. Deve ser uma collecção curiosa e interessante.

Força militar—Não podemos deixar de consignar merecidos louvores aos destacamentos de caçadores 6 e cavallaria 8, actualmente de guarnição em Coimbra. A sua boa disciplina e regular procedimento honram muito esta parte do exercito.

Quinta da Portella—Está cada vez mais formosa esta vivenda campestre. O sr. D. Luiz de Carvalho com sua familia reside actualmente nesta sua propriedade, onde todos os annos realisa novos melhoramentos.

Audiencias geraes.—No dia 28 foi julgado José Pedro, accusado por crime de furto. Condemnado a 5 mezes de prisão.

No dia 29 foi julgado Adelino Fernandes Camello, accusado por crime de furto. Condemnado em 8 mezes de prisão.

Exames—Tendo terminado a *prova escripta*, começaram hoje no lyceu desta cidade os exames da *prova oral* de Mathematica, na mesa em que são examinadores os srs. Dr. Souto Rodrigues, Francisco Costa Pessoa, e João Baptista Santos.

Nomeação.—Confirma-se a noticia de ter sido nomeado o sr. arcebispo de Goa, D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, para coadjuctor e futuro successor do sr. arcebispo de Braga; assim como a do sr. Dr. Ornellas, bispo do Funchal, para a sé de Goa.

Caminho de ferro americano—Foi approvado pela junta consultiva de obras publicas, o pedido feito pela companhia exploradora das minas do cabo Mondego, para estabelecer um caminho de ferro americano, do sitio das minas á Figueira.

Historia dos estabelecimentos scientificos de Portugal—Desta obra importantissima do sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, da qual estão já publicados tres volumes, vae brevemente apparecer o volume IV.

E' caso para felicitarmos os que amam a historia e litteratura portugueza.

Recrutamento do exercito.—Dos 10:000 recrutas, que tem de dar os differentes districtos do continente do reino e ilhas adjacentes, feita a deducção do contingente maritimo, pertencem ao districto de Coimbra, 675 recrutas.

Permutação.—Aos presbyteros Francisco Homem da Nave Valente, parocho collado na egreja de S. Pedro de Espinho, do bispado de Coimbra, e João Francisco Pires, parocho collado na egreja de S. Martinho de Pombal, da mesma diocese, foi concedida a regia permissão para poderem entre si permutar os seus beneficios.

Sem effeito.—Foi declarado sem effeito, a requerimento do agraciado, o decreto de 19 de Março ultimo, pelo qual o presbytero Joaquim Gonçalves da Costa, fôra apresentado na egreja parochial de S. Miguel de Liceia, bispado de Coimbra.

Egualmente foi declarado sem effeito o decreto de 25 de Abril de 1872, pelo qual o presbytero Joaquim Maria Correa, fôra apresentado na egreja parochial de Santa Luzia de Paranhos, da mesma diocese.

Apresentações.—O presbytero Manoel Maria Soares, foi apresentado na egreja parochial de Nossa Senhora do O de Reveles, no concelho de Monte Mór o Velho, bispado de Coimbra.

O presbytero Antonio Mendes de Abreu, foi apresentado na egreja parochial de S. Thiago a par de Cea, no concelho de Cea, da mesma diocese.

O presbytero Augusto da Costa, parocho collado na egreja de S. Matheus do Botão, do bispado de Coimbra, foi apresentado na egreja parochial de S. João Baptista do Seixo de Gatões, no concelho de Monte Mór o Velho, da mesma diocese.

O presbytero Abilio Maria de Brito Amado, foi apresentado na egreja parochial de Nossa Senhora da Purificação de Podentes, no concelho de Penella, do mesmo bispado.

O presbytero Joaquim Maria Correia, foi apresentado, precedendo concurso documental, na egreja parochial de S. João Baptista da Cioga do Campo, do concelho e bispado de Coimbra.

O presbytero José Joaquim de Oliveira e Brito, foi apresentado, precedendo concurso documental, na egreja parochial de Nossa Senhora da Conceição da Porcariça, no concelho de Cantanhede, do mesmo bispado.

Novas publicações.—Temos nestes ultimos dias sido obsequiados com as seguintes publicações, penhorando-nos muito com isso os seus auctores, ou editores:

Regulamento para a instrucção do tiro, traduzido do inglez e apropriado ao exercito de Portugal e das provincias ultramarinas, por J. A. Bentes, antigo director da escola de tiro em Tancos, cavalleiro das ordens de Christo, e da Torre e Espada do valor, lealdade e merito—Lisboa: typographia Sousa & Filho, rua do Norte, 145—1874.

Luciano Cordeiro—Estros e palcos—Lisboa: livraria Pacheco & Carmo, 136, rua do Ouro, 138—1874.

Flores romanticas — D. Enrique Perez Escrich—Casamentos do diabo, versão de Alfredo de Mello, illustrações de Raphael Bordallo Pinheiro—Volume III—Lisboa: livraria editora de Mattos Moreira & C.ª — praça de D. Pedro, 68—1874.

Horas romanticas —Tarrago e Mateos— Ciumes de uma rainha, traducção de A. M. da Cunha e Sá—Volume IV — Lisboa: typographia Portugueza, rua da Paz, aos Poyaes de S. Bento, 7—1874.

Horas romanticas— Da parte da rainha, romance historico do seculo XIV, por A. M. da Cunha e Sá; brinde offerecido pela empreza das Horas romanticas, aos seus correspondentes e assignantes e a todas as pessoas que têem contribuido para a prosperidade desta empreza. — Lisboa, rua dos Calafates, 102—1874.

Bibliotheca dos dois mundos — O rei do mundo, por Emilio Souvestre, traduzido por F. Ferreira da Silva Vieira — Volume I — Lisboa: escriptorio da empreza, rua do Carvalho, 13—1874.

Defeza feita perante o conselho de guerra da 1.ª divisão militar, na causa em que era accusado João José de Oliveira Queiroz, tenente coronel commandante da primeira expedição á Zambezia, pelo sr. coronel João Pinto Carneiro—Lisboa; typographia do *Paiz*, 1874.

Album de caricaturas, por Bordallo Pinheiro—N.º 6 — Phrases e annexins da lingua portugueza: — Em casa de Gonçalo governa mais a gallinha de que o gallo—Fazer das tripas coração.

O annel—O uso do annel é conhecido desde a mais remota antiguidade, como symbolo authentico dos actos e formalidades mais solemnes da vida. Os sellos gravavam-se ordinariamente sobre os anneis, e Diodoro affirma, que se cortavam as mãos a quem falsificava o sinete dos principes. Pharaó, confiando a José uma auctoridade absoluta sobre o Egypto, deu-lhe o annel que era o sello real, como signal e insignia d'essa soberania suprema.

Os gregos e romanos tambem usavam este objecto de ornato. Pela morte de alguma pessoa notavel, como succedeu com a de Alexandre, o annel era dadiva que pertencia ao successor ou herdeiro. A principio este enfeite adornava o quarto dedo da mão esquerda; e esta moda por tal forma e tão rapidamente se propagou, que chegaram a usar-se anneis em todos os dedos das mãos e até dos pés.

Servia tambem este objecto de ornato para distinguir as condições sociaes. Os escravos usavam annel de ferro; o povo annel de bronze ou prata, e o annel de ouro só era concedido aos embaixadores, senadores e homens notaveis. Os primitivos habitantes da Escossia e da Inglaterra, os antigos gaulezes e francos tambem usavam este enfeite, e em muitos tumulos antigos se tem encontrado anneis de ouro adornados com varias inscripções.

O emprego desta prenda como symbolo da fidelidade conjugal teve a sua origem entre os hebreus, pratica tambem seguida pelos gregos e romanos, que a legaram aos christãos. Foi bem escolhido o annel para emblema do matrimonio, porque a forma circular representa o amor conjugal. O primitivo annel nupcial era de ferro magnetico, para significar, que da mesma forma que o iman attrae o ferro, o esposo deve attrair a consorte, roubando-a aos braços dos paes e da familia. A imaginação poetica dos antigos até suppunha, que foi escolhido o dedo annullar para trazer este emblema de fidelidade, porque delle partia uma linha mysteriosa, que communicava directamente com o coração.

Alguns anneis antigos que serviam tambem de sellos, tinham formas variadas e com diversas allegorias, representadas por figuras symbolicas. Um dos typos mais notaveis foi por muito tempo conservado em Roma, e depositado pelo imperador Augusto como joia preciosa no templo da Concordia. Este annel tinha a forma de uma lyra, adornada com a figura de tres abelhas e a cabeça de um boi. A lyra é o emblema da poesia, as abelhas o symbolo do trabalho, e o boi o cunho caracteristico da riqueza.

A historia do annel nem sempre representa este adorno como uma joia innocente. No seculo XVII, na Italia, houve muitos casos de envenenamento produzidos pelo *annel de morte*. Este instrumento terrivel tinha ordinariamente duas garras de leão fabricadas com o mais fino aço, communicando com um pequeno reservatorio interno, que continha o veneno subtil e mortifero. Nos bailes, nos theatros, e nos logares de maior concorrencia, o malvado que queria vingar-se de algum inimigo, apertava-lhe a mão, de modo que a ferisse levemente. Por este meio o veneno era inoculado no sangue e a morte infallivel.

O celebre Condorcet, secretario da Academia das Sciencias de Paris, perseguido e encarcerado pela revolução franceza, suicidou-se na masmorra para evitar a ignominia da guilhotina. O meio de que se serviu foi um annel de construcção italiana, que trazia no dedo, e que continha um veneno violento preparado por Cabanis. Arago affirma, que Napoleão I possuia tambem um *annel de morte*, com o qual pretendeu envenenar-se em Fontainebleau.

Consumo do papel—O papel empregado annualmente nos Estados Unidos representa uma somma egual ao que se consome na Inglaterra e França. Em 1854 já a producção nacional valia 350 milhões de libras, ou 25 milhões de dollars. Em 1860 só nos Estados do centro e do oeste, o valor do papel da impressão não era inferior a 40 milhões de dollars.

Fundos portuguezes.—Como era de esperar, tornaram os nossos fundos a subir na praça de Londres. Estão a 47 1/8.

Fallecimento.—Falleceu no Porto o distincto poeta Guilherme Braga.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 31—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 580=Dito mourisco 560=Milho branco 330=Dito amarello 320=Feijão vermelho 440=Dito branco 400=Dito rajado 320=Dito frade 300=Cevada 260=Favas 340=Tremoços 260=Batatas 200=Vinho 700=Azeite 1$350.

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 28, á tarde.—Começaram as operações preliminares para o sorteio dos 125:000 homens, ultimamente exigidos pelo decreto de 19 do corrente. Calcula-se que o estado cobrará uns 200 milhões de remissões, e que entrarão na fileira 75:000 recrutas. A isempção de serviço facultada aos recenseados que são casados, não aproveitará aos que tenham deixado de cumprir a clausula do matrimonio civil embora o sejam canonicamente. Sobem a cerca de 2:000 as reclamações que por este motivo foram dirigidas ao governo.

Diz-se que o ministro da justiça oppõe-se á effectividade da medida supramencionada, que foi adoptada pela deputação provincial de Madrid. Se prevalecesse no conselho esta opinião, o paiz receberia este facto muito desfavoravelmente, e é de suppor que varios deputados provinciaes se demittissem.

As tropas liberaes tiveram uma victoria em Olot, que não pôde ser communicada pelo telegrapho, em presença da prohibição do governo. Nos circulos mais auctorisados é censurado vivamente o governo pela arbitrariedade das medidas que tem tomado, chegando a dizer-se que tem ido até onde nenhum governo até hoje tinha chegado, suspeitando-se que será insustentavel a situação.

Madrid ás 11 h. e 10 m.—Decreto determinando que os possuidores de letras *pagarés* do thesouro, garantidos com titulos de 3 0|0, deverão centralisal-os no banco de Hespanha conciliando a propria segurança e interesses do erario. Os possuidores de letras *pagarés* garantidas com bons e bilhetes do thesouro obterão a segurança de lhes serem reentregues os seus creditos ao vencimento, segundo os accordos que tomaram com o thesouro.

Berlim 30.—A «Correspondencia provincial» regista a satisfação geral causada pela noticia de que a esquadra da estação da ilha de Wight irá cruzar nas aguas de Hespanha. Espera que em virtude das diligencias do governo allemão a situação da Hespanha hade melhorar. Diz que serão rigorosamente vigiados os actos que possam favorecer o bandoleirismo carlista, e accrescenta que os subditos allemães não ficarão desprotegidos.

A «Gazeta da Allemanha do Norte» confirma que a esquadra partirá no começo de Agosto para ir cruzar nas aguas de Hespanha.

Madrid 29 de manhã.—Foram mortos na provincia das Asturias o cabecilha Faez e outros carlistas, depois de duas horas de combate. Publica tambem o decreto de liberdade de ensino. O governo só determinará o programma dos estudos e dos exames publicos. Os conselhos geraes poderão crear todas as escolas profissionaes e faculdades que quizerem.

Madrid, 30 á noite.—Referem varios jornaes que um bando carlista deteve na Navarra um rico banqueiro de Madrid, que ia caminho de França; foi obrigado a assignar uma lettra de quantia avultada para recobrar a liberdade.

Do inquerito militar a que se procedeu em Cuenca, resultam provas dos horrores praticados pelos carlistas sobre as victimas no dia seguinte á lucta, mesmo sobre os enfermos que estavam de cama. Serrano voltará amanhã para a Granja. Vega Inclan e Gomez Pulido conferenciaram hoje com o ministro da guerra.

Serrano Acebron, foi nomeado segundo cabo de Castilla a Velha; Fernando Molina da Extremadura; e Betegon, para o exercito do centro, com o mesmo cargo que exercia no norte. A thesouraria satisfez as urgencias da guerra com cinco milhões, dos quaes foram enviados dois para o norte. Lopez Pinto foi despachado para servir ás ordens do general em chefe do exercito do centro. Caballero de Rodas continua melhorando. Soria Santa Cruz visitou Serrano.

Madrid 29, á tarde—Cada dia se vae pronunciando mais a crise. Os boatos multiplicam-se e o ministerio homogeneo parece não prometter longa vida. A adhesão dos radicaes á politica de Castellar, á excepção de um pequeno grupo á frente do qual se encontra Martos, dá as maiores probabilidades de que será aquelle tribuno quem ha de succeder no poder ao actual ministerio.

A *Gazeta* dá conta da chegada do general Lopez Pinto, com os prisioneiros resgatados de Cuenca, a Zaragoza. De Galliza, o capitão general participou varios recontros com as facções, sendo mortos em uma refrega em Monte Feriolo os cabecilhas Valerio e Jairapeiro. Na provincia de Lugo foi batida a facção Vasques, e em Grova tomaram-se alguns prisioneiros á guerrilha de Arma.

ANNUNCIOS

EDITAL

O Dr. Luiz da Costa e Almeida, lente cathedratico da Faculdade de Mathematica e provedor da Santa Casa da Misericordia desta cidade.

Faço saber, que, tendo sido annullada, por accordão do conselho de districto de 25 deste mez, a eleição da Mesa que teve logar nos dias 2 e 3 do corrente, foram designados os dias 2 e 3 do proximo mez d'Agosto, para nelles se proceder a nova eleição, a qual será em tudo regulada pelas disposições respectivas do compromisso e regulamento desta Santa Casa.

Sala das sessões da Mesa, em 31 de Julho de 1874.

Luiz da Costa e Almeida.

Attenção

2 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

VENDA

3 JOAQUIM ANTONIO TEIXEIRA BARBOSA vende differentes moradas de casas em Coimbra, sendo a da Calçada, que foi de Trony, a da rua dos Gatos, que foi de seu sogro, a da rua do Ivo, que foi de Nazareth, e as tres na Couraça dos Apostolos, junto ao Collegio Novo.

Tambem vende todas as suas propriedades em Miranda do Corvo, que foram do Dr. Joaquim Xavier Pereira, e outras que posteriormente tem comprado. Quem pretender pode dirigir-se a seu dono, que actualmente está na sua casa de Verride.

COIMBRA

LEILÃO DE MOVEIS NA QUINTA DOS LOIOS AO CIDRAL

4 NO DOMINGO, 16 de Agosto, ás 9 horas da manhã, perante o exm.º juiz de direito desta comarca de Coimbra, na quinta denominada dos Loios ao Cidral, hãode vender-se em hasta publica todos os moveis que compõem a herança deixada ao asylo de infancia desvalida, asylo de mendicidade e hospital da Ordem Terceira, por seu bemfeitor o sr. conselheiro José Maria de Abreu; e em

MONTE MÓR O VELHO

No dia 23 do mesmo mez de Agosto, ás 9 horas da manhã, no tribunal de justiça da comarca de Monte Mór o Velho, se hãode vender em hasta publica todos os bens immobiliarios, que compõe a herança daquelle bemfeitor, situados no campo de Monte Mór, Carapinheira, Tentugal e Formozelha; e ainda mais em

COIMBRA

No dia 25 do mesmo mez d'Agosto, ás 9 horas da manhã, no tribunal judicial em Santa Cruz, se hãode arrematar todos os bens immobiliarios pertencentes á mesma herança, situados nesta comarca de Coimbra, comprehendendo a Quinta dos Loyos e Quinta Nova, formando um só predio— Quinta do Cidral, e diversas casas, pinhaes e olivaes, casas aos arcos de S. Bento, e duas moradas de casas na Couraça de Lisboa, aos Militares.

Do processo em Coimbra é escrivão Almeida, officio de Servulo. Em Monte Mór é escrivão Carvalho.

Attenção

5 VENDE-SE uma morada de casas proximo ao Collegio Novo. Consta de loja e dois andares com 12 casas. Para informações podem dirigir-se a Abilio Maria Ladeiro, rua da Calçada, 81.

AGENCIA DO BANCO DO DOURO

COIMBRA

Largo das Olarias, n.º 11

6 NESTA AGENCIA sacam-se letras de cambio sobre diversas praças.

Descontam-se letras de cambio e da terra.

Fazem-se emprestimos:

Sobre penhores d'ouro ou prata, titulos de divida publica, acções de Bancos e Companhias que mereçam credito, e até as entradas realisadas;

Sobre hypotheca de propriedades rusticas e urbanas, com amortisação ou sem ella;

Sobre generos e mercadorias, que passem para poder d'agencia do Banco, effectiva ou symbolicamente;

Sobre colheitas garantidas com fiadores;

Ás camaras municipaes e ás juntas geraes;

Em conta corrente com garantia d'hypotheca, ou de penhor d'ouro, prata, titulos de divida publica e acções de Bancos e Companhias, que mereçam credito e até ás entradas realisadas.

Em todas as operações juro modico e as condições as mais favoraveis.

Coimbra, 30 de Julho de 1874.

Os agentes, *Gavicho & C.ª*

Banco Commercial de Coimbra

7 A GERENCIA desta Banco annuncia aos srs. accionistas e ao publico, que a abertura deste estabelecimento terá logar na segunda feira proxima, 3 de Agosto, ás 9 horas da manhã, continuando o expediente nos dias seguintes, desde a mesma hora até depois das 3 da tarde, á excepção dos dias santificados.

Os gerentes,
Manoel dos Santos Junior
José Barbosa Lima
J. Melchiades Ferreira Santos.

Aos banhistas das Caldas da Rainha

João Antonio d'Oliveira (vulgo o João Rei) & M. J. de Brito.

8 ANNUNCIAM que, para commodidade do publico, resolveram estabelecer uma carreira diaria de diligencia, a começar do dia 15 de Julho corrente em diante, de Leiria até ás Caldas da Rainha, de commum accordo com Antonio João Pereira, d'aquella villa, que fará a carreira por sua conta d'alli até Alcobaça.

Esta carreira ficará sendo considerada como continuação das já estabelecidas entre Leiria e Pombal, e Leiria e Chão de Maçãs.

A partida de Pombal sera logo em seguida á chegada do comboio ascendente, devendo estar em Leiria ás 6 horas da tarde.— Para Alcobaça partirá a diligencia ás 7 horas da manhã, logo que chegue a carroagem do correio de Chão de Maçãs, devendo estar em Alcobaça e Caldas da Rainha ás horas marcadas para o serviço do correio;—e assim egualmente das Caldas da Rainha para Leiria, donde partirá a diligencia para Pombal ás 8 1/2 horas da manhã, e para Chão de Maçãs ás 6 1/2 da tarde.

PREÇOS

De Pombal a Leiria— dentro 800 rs.—a Alcobaça 1$800— ás Caldas da Rainha 2$800.—Fóra 600, 1$400, e 2$200 rs.

De Leiria a Chão de Maçãs— 1$000 rs. dentro, e 800 rs. fóra.

CONCURSO

9 A CAMARA MUNICIPAL do concelho da Guarda, faz publico, que se acha a concurso, por espaço de 30 dias a contar desta data, o partido de Medicina, com residencia na capital do concelho, ordenado annual de 300$000 rs. e pulso sujeito á tabella camararia.

Os pretendentes deverão apresentar dentro do dito prazo seus requerimentos, instruidos com carta de formatura pela Universidade de Coimbra, e quaesquer documentos que julgarem conveniente.

Guarda, 24 de Julho de 1874.

O presidente,
Visconde de S. Pedro do Sul.

VENDA DE QUINTA

10 POR MOTIVOS IMPREVISTOS, fica adiada a arrematação da quinta das Lamas, que foi de Joaquim José Gonçalves Morim, situada á entrada da villa da Figueira da Foz, para o dia 9 do corrente Agosto, e segundo domingo deste mez.

FIGUEIRA DA FOZ

GRANDE DEPOSITO

DE

Pozolana, ou cimento hydraulico de 1.ª qualidade. Vende-se por preços resumidos.

AGOAS & F.os

VICTORINO HENRIQUES LEBRE

12 PARTICIPA aos seus freguezes e amigos, que se acha novamente estabelecido na rua da Calçada, n.os 157-159, proximo á livraria do sr. Cabral, com deposito de vinhos do Porto, mercearia e tabacos.

Tem á venda os seguintes vinhos: — duque, particular, superior, lagrima, moscatel, bastardo, malvazia, e branco velho, n.os 3, 2, 1, os quaes vende por preços muito limitados, afiançando as boas qualidades.

Encarrega-se de qualquer encommenda do Porto com pequena commissão.

Vende tambem boa cerveja ingleza e da Baviera, conservas, genebra, tintas para escrever, chá de 1$000, 1$200, 1$400, e 1$600, correspondente a 459 grammas, tudo já approvado por pessoas experientes. Stearina a 140 reis o pacote, e sabonetes finos.

Espera que todos o coadjuvem com suas compras e encommendas.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

Sociedade anonyma

Responsabilidade limitada

13 SÃO CONVIDADOS os srs. accionistas deste Banco a entrarem com a 2.ª prestação de 5 %, ou 2$500 rs. por acção, na conformidade do artigo 10 dos Estatutos, desde o dia 26 do corrente até 4 de Agosto proximo, das 9 horas da manhã até ás 3 da tarde; em COIMBRA, em casa dos srs. commendador Manoel dos Santos Junior, e José Barbosa Lima; no PORTO, em casa do agente o sr. commendador José Julio da Costa; em LISBOA, em casa dos agentes os srs. Correa & C.ª, na rua dos Fanqueiros, n.º 105; e em BRAGA, em casa dos agentes os srs. Jeronymo Pereira Pinheiro e Filhos, campo de D. Luiz I.

Os gerentes,
Manoel dos Santos Junior
José Barbosa Lima
J. Melchiades Ferreira Santos.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

14 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

Substitutos a militar

15 EM LISBOA, no escriptorio da rua das Portas de Santo Antão, 15, 2.º há homens promptos a substituir.

---

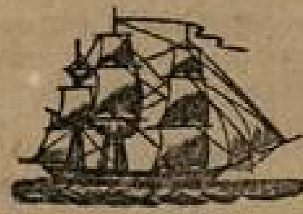
16 COMPRAM-SE algumas acções da *Companhia Edificadora Figueirense.* Quem quizer contractar pode dirigir-se á redacção da *Correspondencia de Coimbra* —largo de Santa Justa.

---

17 NO DIA 25 do presente mez de Agosto, pelas 9 horas da manhã, ás portas do tribunal desta cidade, perante o exm.º sr. Dr. juiz de direito desta comarca, se hãode vender em hasta publica os bens penhorados a Francisco Florido da Cunha Toscano, residente em Faro, por execução que lhe move Manoel Duarte Ariosa, desta cidade, pelo cartorio do Escrivão Almeida.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para **Santos:**
Barca—CLAUDINA—em 11 de Agosto.

Paro o **Rio de Janeiro:**
Barca—VICTORIA— em 20 de Agosto.

Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE—em 12 de Agosto.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Deposito de Machinas de Singer para uso de familias e industriaes.

34—Rua do Visconde da Luz—36

COIMBRA

19 JOSE' TEIXEIRA DA CUNHA contractou com o representante da Companhia Fabril de Singer, de Londres, estabelecer nesta cidade um deposito das magnificas machinas de costura para familia, alfaiate e corrieiro, ás quaes se fazem preços eguaes aos de Lisboa, da unica casa succursal em Portugal.

Tambem ha excellentes linhas de linho, algodão, retroz, troçaes, agulhas, molas, ferro, tudo pertencente ás machinas.

VENDEM-SE

20 AS CASAS e barracão, sitas no terreiro da Erva, com os n.os 17 a 29. Recebem-se propostas em carta fechada dirigidas a J. Nazareth, pharmacia Castro, Sophia. Pagam-se dois foros, um de 180 rs. e outro de 440 e dois capões.

---

21 **SAUDE A TODOS** restituida sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Saude*,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Qualquer doente acha por meio da deliciosa *Revalesciére*, saude, energia, appetite, boa digestão e bom somno. Cura as indigestões (despepsia) gastrica, gastralgias, flegmas, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, dos doutores Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Adra, provincia de Almeria, (Hespanha), 10 de Outubro de 1867.

Meus senhores: — Tenho a satisfação em fazer-lhes sciente, que minha filha com o uso desta deliciosa farinha, chamada **Revalescière chocolatada,** curou radicalmente de uma erupção cutanea, que lhe impedia dormir por causa da comichão insupportavel que padecia.— De v. s.ª attento venerador, PERRIN DE LA HITTOLES, ao *Visconsulado de França.*

Cura 78:421. (Herpes).—Valença 14 de Setembro de 1873.

Uma minha amiga que padecia havia muitos annos de Herpes, foi curada completamente com a *Revalesciére.*—J. BATELORI, fabrica de massa, Praça de S. Catharina, 9.

Cura 56:936. Barr (Baixo Rheno) 4 de Junho de 1862.

Senhor:—A *Revalesciére* tem feito na minha pessoa uma mudança maravilhosa, tendo readquirido não sómente as minhas forças, mas tambem parecendo-me que estou completamente remoçado; tornou-me o appetite, que desde muito tempo tinha perdido, e a oppressão e o peso que padecia haviam já 40 annos, já não me atormentam.

DAVID RUFF, proprietario.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalesciére* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalesciére chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 reis cada chavena.

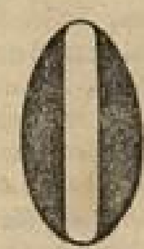
Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rabir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeia, pharm, Casa-Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rabia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2821 | SABBADO 8 DE AGOSTO DE 1874 | ANNO XXVII



O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A politica do governo continua a merecer a confiança dos povos, embora a opposição insista em desacreditar uma situação, á qual o paiz deve relevantes serviços.

Ao resultado extremamente favoravel da ultima eleição geral, acresce nova victoria, alcançada pelos candidatos governamentaes, nos circulos da Terceira, Graciosa e Fayal, e nos dois do continente do reino, onde a eleição havia sido empatada.

Esta circumstancia, que não póde passar desapercebida, é mais uma prova evidente das sympathias que o governo merece aos povos, pelos valiosos serviços que tem prestado á nação, preparando-lhe este estado prospero, que todos ambicionavam, e que sómente ao actual governo foi dado conseguir, sem praticar violencias, nem onerar o paiz com pesados tributos.

No meio das convulsões politicas nos povos europeus, é verdadeiramente apreciavel esta paz octaviana, que o governo tem sabido manter, pela energia e prudencia das suas medidas; e este estado, a par das medidas que tem adoptado no regimen de administração publica, produziu o resultado mais salutar e feliz a que podiamos aspirar.

Gozamos de uma liberdade ampla, em todas as manifestações individuaes e sociaes, como não tem nenhuma outra nação mais poderosa.

O nosso credito foi restabelecido, e o nosso estado financeiro foi completamente melhorado. E como consequencia necessaria, renasceu a prosperidade geral do paiz, pelo commercio, e pela industria.

Evidentes são estes effeitos, e quando a logica dos factos os attesta, não ha eloquencia que os destrua.

A opposição aggride o gabinete unicamente para satisfazer as suas ambições pessoaes e mesquinhas; mas o paiz, que não tem outro interesse na politica, alem do que lhe provem de uma administração regular e honesta, applaude o governo, e manifesta por todos os modos ao seu alcance, o desejo de auxiliar a politica, debaixo de cujas bandeiras se tem operado tão notavel mudança nos mais caros interesses da vida social.

Ha muitos annos, que governo algum deste paiz, teve apoio mais geral e sincero. A prova cabal deste facto incontestavel está na ultima eleição dos representantes da nação.

Esta manifestação da vontade popular, expressa no acto mais solemne da vida politica dos cidadãos, exercido liberrimamente, é tão imponente e significativo, que não póde deixar de produzir os seus salutares effeitos no regimen da administração publica.

E' indispensavel que a politica dos partidos se resigne com a vontade do paiz, legal e claramente manifestada, e que o governo pela sua permanencia no poder, continue a dar aos povos garantias de futura prosperidade.

A Inglaterra, uma das nações mais felizes da Europa, cujo regimen politico e administrativo póde servir de modelo a todas, reconheceu que a permanencia dos governos nos conselhos da coróa, é uma condição indispensavel á prosperidade publica. Reconheçamos tambem este principio, que a experiencia assim o está demonstrando.

DESPEDIDA

Devendo ausentar-me de Coimbra, mal convalescido ainda do incommodo, que tenho soffrido, não posso despedir-me pessoalmente como desejava, dos meus amigos e collegas, que tanto me penhoraram e distinguiram com as suas delicadas visitas, e repetidas attenções.

Tambem me confesso publicamente muito penhorado com a prova de confiança, que novamente mereci aos srs. eleitores do circulo de Coimbra, elegendo-me seu representante em côrtes. Sei avaliar os deveres que contrahi; só receio com grande sentimento, que as minhas forças não correspondam aos meus desejos e ás justas aspirações dos srs. eleitores deste circulo.

A todos protesto a minha gratidão e muito reconhecimento.

Coimbra, 7 de Agosto de 1874.

Joaquim Gonçalves Mamede.

NOTICIARIO

A Trombeta Final.—O dia 25 de Abril de 1828 foi o destinado para nas principaes terras do reino se praticar o attentado de acclamar a D. Miguel, rei absoluto; mesmo antes de serem convocados os chamados tres estados do reino.

Aquelle dia era o do anniversario da imperatriz-rainha, D. Carlota Joaquina; e por isso, aproveitaram-se os miguelistas d'essa circumstancia, para, a par dos festejos do costume, acrescentarem as manifestações que já estavam planisadas a favor do absolutismo.

Tivemos já occasião de narrar o que aconteceu em Coimbra no mencionado dia, e principalmente na sé cathedral desta cidade, aonde pregaram os bem conhecidos D. Francisco do Coração de Maria Santissima, e Fr. Fortunato de S. Boaventura.

Ainda que a palavra de ordem tinha sido remettida para os differentes pontos do paiz, a comedia não foi uniforme.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXIII

D. CARLOS

CXXXIII

O convenio de Vergara era o epitaphio da causa carlista, e como uma voz que sae do tumulo, publicou D. Carlos no dia 31 de Agosto de 1839 um boletim, no qual de real ordem dizia D. Paulino Ramirez de la Piscina, como encarregado da secretaria de estado e do despacho da graça e justiça, aos povos de Navarra e provincias Vascongadas:

«Vede já consummado a mais infame traição e o traidor annunciar-vol-a com descaro na proclamação que para vosso conhecimento abaixo se imprime. Ao ouro estrangeiro e ao preço vil da conservação de alguns graus, haveis sido vendidos, e comvosco foram vendidos o vosso Deus, o vosso rei, o vosso paiz, e os vossos foros.

«Cala o traidor as condições da infame venda, que elle chama convenio de paz; porem sabei que não são outros do que aquelles que estipulara em Vergara com Espartero, em a noute de 28 a 29 deste mez, e são as seguintes:

«1.º Conservação de graus e empregos militares e civis, continuando no serviço os officiaes que quizerem, e dando-se aos outros licença illimitada; e aos que prefiram passar ao estrangeiro, quatro pagamentos adiantados:

«2.º Que os voluntarios deponham as armas em uma comida que se dará aos dois exercitos, e que desde logo se entreguem ao inimigo todos os effeitos de guerra e boca.

«3.º Que os prisioneiros sigam a sorte dos corpos a que pertencem.

«Em quanto aos foros d'estas provincias, Espartero declarou abertamente que nem o seu governo, nem elle, podem conserval-os; e a sua unica concessão neste ponto se reduz a prometter que influiria com as côrtes para sua conservação. Tendes jamais ouvido uma semelhante perfidia?

«Povos *vasco-navarros* e voluntarios, escolhei entre o vosso rei, ou o traidor, que tão vilmente corresponde á confiança que nelle tendes depositado, entre o vosso dever e a vossa deshonra, e em fim, entre o governo sabio e justo de vossos paes, ou o immoral, ou desordenado da constituição de Madrid.

«A vossa decisão, a lealdade inata entre vós e a vossa constancia, não deixam duvidar da vossa escolha; e podeis estar seguros, seguindo ao vosso rei, que sua magestade não vos abandonará em vossos perigos e fadigas até obter uma paz verdadeira e proporcionada aos sacrificios que tendes feito por espaço de seis annos.»

Insere em seguida a proclamação de Maroto, a que já nos referimos, e acrescenta:

«Em vista da conducta indigna de D. Rafael Maroto, S. M. se ha servido declaral-o traidor com sujeição a todas as penas que as leis impõem no delicto de traição, pondo-o fora da lei.»

Guibelalde em Andoain, aonde se transladou D. Carlos desde Tolosa, publicou tambem no mesmo dia uma proclamação para alentar o enthusiasmo dos restos do exercito guipuzcoano carlista, que se haviam reunido com os seus companheiros.

Grandes esforços se faziam para sublevar contra os convencionados as tropas que havia neste ponto; porem foram estereis. D. Carlos não tinha mais auxiliares, que na Navarra: e em verdade que não podia assegurar que contava com todos, quando assassinavam a Moreno, um de seus mais fieis servidores, o constante inimigo de Maroto, o que não podia transigir jamais com os liberaes, porque não esqueceriam estes as victimas, cujo nome eternisa o elegante monumento funebre que existe em Malaga.

Moreno quiz pôr cobro ao desenfreio do 11.º de Navarra, e ao achar-se em Vera, recebeu uma descarga que o feriu; porem desejando os amotinados acabar com elle, o rodearam e o coseram a baionetadas, em presença de sua desgraçada familia. Com outros chefes quizeram fazer o mesmo; pozeram alguns de oratorio, e o mesmo D. Carlos não quiz encontrar-se com aquelles insurreccionados.

Para terminar completamente a guerra nas provincias Vascongadas, faltava a apresentação dos alavezes e navarros; e não a esperando o duque da Victoria, deixou a Vergara a 7 de Setembro e marchou a Tolosa em perseguição de D. Carlos, que vacilante e sem socego se retirou para Elizondo no Baztan.

Mandou chamar a Elio; parece que então se comprometteu este general a não entrar no convenio; avistou-se tambem com D. José Antonio Goñi para que fosse a Lecumberri, e julgando que o chamava Elio para tratar acerca do convenio, saiu de Estella e no caminho recebeu uma carta em que lhe dizia um amigo, que tinha entendido o chamavam para o fuzilar, já que o não podiam fazer com Maroto, que não tinha mais culpa que Goñi nos fuzilamentos de Estella, acrescentava a carta.

(Concluir-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Em Setubal, por exemplo, houve naquelle dia, o que não se viu em outra parte, um acontecimento *prodigioso*. Foi nada menos de escurecer o sol, e apparecer no ar um meteoro, vendo-se no meio d'elle *uma corôa imperial suspensa por dois anjos!*

E não se póde duvidar deste prodigio, porque o viu todo o povo, e até algumas communidades!

Temos presente a *Trombeta Final*, periodico ultra miguelista, que em 1828 se publicava em Lisboa, o qual em o n.º 63 do dia 30 de Abril refere este *successo*.

Quem em vista d'elle, ainda se não convencera, que D. Miguel foi mandado pelo ceu para governar os portuguezes?

Ahi vae sem mais commentarios, porque se não precisa:

UM PRODIGIO

Não deve demorar-se um momento a nossa *Trombeta* em cantar em tom sonoro, e mimoso, o acontecimento nada menos raro, e admiravel que prodigioso, que succedeu em Setubal no dia sexta feira 25 de Abril, FELIZ DIA do Natalicio de Sua Magestade Imperial e Real, a RAYNHA Nossa Senhora, e não menos venturoso pelo admiravel successo que teve logar nesta Capital, correndo de todas as partes o Povo á frente do Senado da Camara, Acclamando expontaneamente, e de muito sua livre vontade ao Senhor D. Miguel Rey absoluto de Portugal e Algarves.

Neste mesmo DIA se achava em Setubal (segundo dizem) pelas duas horas da tarde junto o Povo, e a Camara para lavrarem voluntariamente o Auto de Acclamação do Mesmo Augusto Senhor, e é neste momento (segundo nos avisam n'uma correspondencia) *que o Sol se escureceu*, e então fazendo-se reparo nesta especie de eclypse, se divisou no ar uma especie de meteoro, e no meio d'elle se viu **uma Corôa Imperial, suspensa por dois Anjos.**

Este facto, dizem-nos que fôra testemunhado por todo o Povo, e que algumas Communidades viram este mesmo Prodigio, e todos nos asseveram fôra real, e verdadeiro: e ainda dizem mais, que estando alli alguns Genios de conhecida impiedade, não duvidaram de reconhecer este Prodigio, chegando ao ponto de se prostrarem por terra, e exclamarem=Misericordia=ao Senhor DEUS dos Imperios.

E que dirão agora esses Genios malvados, que tão audaciosamente intentaram roubar ao Senhor D. MIGUEL o Direito que de Justiça tem á Corôa desta Monarchia? Que prazer nos não resta deste acontecimento, lembrando-nos que já em um N.º da nossa *Trombeta* declaramos, que este Reyno fôra creado por DEUS, e que por Elle mesmo lhe fôra dado o primeiro Rey, que foi o Senhor D. Affonso Henriques, e essa Mão Poderosa, que no Campo de Ourique fez acclamar aquelle Monarcha, dando-Lhe por timbre das Armas Lusitanas as Chagas de J. C. Nosso Redemptor, é a mesma que agora fez Acclamar em Lisboa, e por todo o Reyno ao Senhor D. MIGUEL, enviando-Lhe do Ceu a Imperial Corôa que deve cingir.

«Malvados! Mordei-vos de raiva, em quanto nós adoramos a Mão Poderosa de um DEUS «Bemfazejo, que nos ampára»

Fr. Fortunato de S. Boaventura.—Damos hoje publicidade a duas notaveis cartas do celebre Fr. Fortunato de S. Boaventura, escriptas por elle em Roma, a primeira no dia 12 e a segunda no dia 18 de Setembro de 1837, e contendo instrucções para os agentes de D. Miguel em Portugal.

As reflexões que suscitam essas cartas são tão obvias, que todos os leitores estão habilitados a fazel-as.

Eis ahi esses preciosos documentos:

Exm.º sr. Depois que S. Magestade leu as cartas de v. ex.ª, dignou-se vir a esta cidade, não lhe obstando os estragos da colera, que tal é o empenho que elle toma por tudo quanto seja para vantagem e proveito dos seus fieis vassallos. De ordem pois do mesmo augusto senhor confirmarei o que já disse na minha antecedente, juntando agora: 1.º—que o co-operador que se mandou ao valente *Remechido* foi muito da sua real approvação, visto conhecel-o, e estimal-o pela firmeza de caracter e lealdade a toda a prova; 2.º—que os sujeitos apontados na de v. ex.ª como directores do movimento projectado nas provincias da Beira e Minho, devem ser animados com a esperança do real favor, que v. ex.ª lhes poderá assegurar com toda a certeza, e que nenhum dos mui arriscados, porem importantissimos serviços que actualmente fazem, e para o diante fizerem deixará de ter a devida recompensa; 3.º—*que na presente collisão de partidos, convem que o nosso esteja de observação, e imite até certo ponto, o que em termos diplomaticos se chama, neutralidade armada; que se mette pelos olhos* **que quanto mais se enfraquecerem mutuamente, tanto mais aproveitará a boa causa;** *que se algum dos partidos se inclinar a fazer as pazes comnosco, a fim de se tornar mais forte, ahi é que será necessario ter multissima discrição, comtanto que se tome como principio fixo, que nunca se acceitem propostas de carteiros de 1826, e que a acceitarem-se algumas,* **por certo que seriam mais a proposito as dos republicanos,** *aos quaes até se poderá assegurar o perdão, caso o cheguem a merecer por serviços distinctos.*

Aqui tem v. ex.ª o que S. Magestade vocalmente me disse para o transmittir logo a v. ex.ª, que estando bem ao alcance dos successos, e aproveitando habilmente qualquer imprevista circumstancia que elles inopinadamente possam trazer, fará tudo que á vista dos pontos indicados lhe parecer mais conducente para o grande e desejado fim da nossa completa restauração.

Esquecia-me dizer a v. ex.ª, que S. Magestade por decreto de 11 do corrente foi servido crear cavalleiro da ordem militar da Torre e Espada ao alferes de *Baião*, cujo nome por inteiro v. ex.ª se dignará communicar-me.

Deus guarde a v. ex.ª por muitos annos. Paço em Roma aos 12 de Setembro de 1837. —Ill.mo e exm.º sr. Henrique de Sousa Mafra—*Fr. Fortunato, arcebispo d'Evora.*

Ill.mo sr. J. P. B.—Não podendo transmittir-lhe hoje as reaes ordens, quero todavia dizer-lhe alguma cousa para seu socego e direcção.

Toca a S. Magestade approvar ou condemnar o seu plano de cruzadas, porem digo-lhe, que sendo elle mui louvavel, mui christão, e muito para desejar nas presentes circumstancias da Europa, é todavia inexequivel a muitos respeitos. Não ha cruzadas sem uma bulla pontificia, que chame ás armas os principes christãos; e como esperal-a hoje? Appello para o bom juizo de v. s.ª, que achará bastante força no que deixo ponderado; o que todavia não obsta a que el-rei prescindindo de palavra, abrace e approve a cousa, que é o ponto essencial, a que S. Magestade já em 1830 propendia, como desde então inferi de uma pratica de S. Magestade sobre a extincta ordem de *S. Miguel da Ala.*

Fique socegado relativamente ao secretario da junta, que se fará tudo quanto seja possivel e decoroso para o contentar. Eu nunca soube delle outra cousa mais, e que era muito, e vinha a ser a sua fidelidade a toda a prova; mas faltando-me o conhecimento de qual era a sua profissão, e quaes os seus estudos; esperou v. s.ª de mim que eu o propozesse por ministro de estado?

Conhece v. s.ª que para certos empregos não basta o ser fiel, e que se exige alguma cousa mais, e para tirar da propria pessoa de v. s.ª um argumento desta verdade, nem a v. s.ª bastam a lealdade, os talentos e mais partes que em v. s.ª concorrem: pois d'ahi mesmo, e das provincias tem escripto mais de uma vez pessoas mui realistas, que v. s.ª não tem a graduação necessaria para inspirar confiança aos portuguezes, e que não duvidando dos seus bons sentimentos, duvidam que tenha aquelle grau de preponderancia que em tantos se requer...

Não sirva isto para o desgostar; mas sirva para sua regra; e como já tem visto o que são os homens faceis em prometter, e ainda mais faceis em não cumprir o que prometteram, daqui verá que o conselho de temporisar dado em Fevereiro por Sua Magestade, era tão judicioso como util a v. s.ª e ás mais pessoas que tão digna e zelosamente o servem: pois de que servirá um grito que apenas se levanta, seja immediatamente suffocado?

Se o temporisar foi conveniente naquelles dias, muito mais o é hoje... **Deixem vir ás mãos esses partidos;** *e tenham a paciencia de esperar o resultado, e o tertius gaudet, porque antes disso, quem sabe se o odio inveterado aos miguelistas, e a necessidade de mutua defeza os obrigaria a unirem-se todos e a voltarem as armas contra nós?*

Deus guarde a v. s.ª Roma aos 18 de Setembro de 1837.—*F. Fortunato, arcebispo d'Evora.*

Publicação litteraria—Acabamos de receber um exemplar do romance ultimamente publicado pelo sr. Bernardino Pinheiro, *Amores d'um visionario.*

Agradecemos com muito reconhecimento a sua offerta, e daremos conta especial d'esta obra logo que a lermos com a attenção que pede a reputação litteraria do auctor, que é bem conhecido pelas suas anteriores publicações, *Arzilla* e *Sombras e Luz.*

Alem disso o sr. Bernardino Pinheiro é nosso patricio, e nesta cidade tem muitos e dedicados amigos, alguns dos quaes nos consta que escreverão sobre o seu ultimo livro com a critica judiciosa e proficiencia litteraria que caracterisam outras producções suas.

A imprensa jornalistica já começou a expor o seu parecer sobre este romance, e lhe tem sido muito favoravel. Primeiro o *Instituto* d'esta cidade publicou dois dos seus capitulos ainda ineditos, acompanhados de algumas reflexões, e depois temos lido apreciações excellentes dos nossos collegas, *Jornal do Commercio, Democracia, Diario Popular* e outros. O artigo do *Diario Popular* é firmado pelo sr. E. A. Vidal, pessoa muito competente na critica litteraria.

Noutro logar vae o annuncio da obra, que se vende na Livraria Central do sr. José Diogo Pires á Sé Velha.

Curso de contabilidade commercial—O sr. Rodrigo Affonso Pequito, muito intelligente professor do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, vae publicar um *Curso de contabilidade commercial*, obra já approvada pelo conselho escolar do mesmo Instituto.

Muito bom serviço vae o sr. Pequito prestar á classe commercial com a sua publicação; pois que a competencia do distincto professor nesta especialidade, nos dá seguras garantias de que sairá um trabalho perfeito.

A parte I d'este *Curso*—CALCULO E CONTRATOS COMMERCIAES—constará de *Noções geraes* no 1.º capitulo, e *Calculo commercial*, no 2.º. Toda a materia tratada neste ultimo capitulo se é acompanhada de muitos problemas, uns resolvidos, outros simplesmente indicados, a fim de darem a um *Curso* desta natureza a feição pratica que lhe é indispensavel. No 3.º capitulo tratar-se-ha dos *Contratos commerciaes.*

A parte II—ESCRIPTURAÇÃO COMMERCIAL—dividir-se-ha nos seguintes capitulos—4.º *Noções geraes e technologia*—5.º *Systemas de escripturação*—6.º *Livros de escripturação*—7.º *Contas*—8.º *Inventarios e balanços*—9.º *Estorno ou correcção de erros*—10.º *Contas correntes com juros*—11.º *Correspondencia commercial.* A este capitulo se seguem os modelos dos livros de uma casa de commercio, escripturados pelo systema das partidas dobradas; e onde se acharão especificadas todas as contas, bem como a correcção de erros, o balancete, as contas correntes com juros, o inventario e balanço geral—12.º *Diario-Rasão*—13.º *Contabilidade das casas bancarias e dos armadores*—14.º *Contabilidade das sociedades anonymas.*

A parte III—CONTABILIDADE INDUSTRIAL E AGRICOLA—dividir-se-ha nos capitulos—15 *Contabilidade industrial ou da industria manufactora*—16.º *Contabilidade agricola.*

Este *Curso* formará um volume de mais de 400 paginas em 4.º, e já principiou a sua impressão.

O preço será de 1$500 rs.; e para as pessoas que desde já assignarem, 1$000 rs., pagos no acto da entrega do volume.

As assignaturas fazem-se em Lisboa na livraria dos srs. Pacheco & Carmo, rua do Ouro, 136 a 138.

A importancia desta obra manifesta-se por si mesmo, e tudo faz crer que terá uma prompta extracção.

Horas romanticas—Esta acreditada empreza publicou ultimamente o segundo volume das *Viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos, por Julio Verne*—*A' roda da lua*, continuação da *Terra á lua*. O traductor é o sr. Henrique de Macedo, lente de mathematica na escola polytechnica e astronomo no observatorio da marinha.

Foi premiada esta publicação pela academia das sciencias de França, e em Portugal vae tendo o merecido acolhimento.

A empreza das *Horas romanticas* não se tem poupado a sacrificios para que a edição d'esta obra saia nitida.

O primeiro volume é illustrado com 43 gravuras, e o 2.º com 44.

Está no prelo o 3.º volume—*A volta do mundo em oitenta dias.*

Agradecemos á empreza os volumes com que nos tem obsequiado.

Artes e lettras—Este magnifico jornal, continua sempre primoroso, tanto nas gravuras, como nos artigos.

O n.º 2 do 3.º volume que acabamos de receber, traz as seguintes excellentes gravuras—*Maria Stuart recebendo a sentença de morte*—*A carta*—*A primeira walsa*—*As mascaras*—*Caliz de S. Giraldo*—*Cofre de marfim de S. Giraldo*—*Baculo de Santo Ovidio*—*Caliz de prata dourada de D. Diogo de Sousa*—*Lettras illustradas e cul-de-lampes.*

O redactor deste jornal o sr. Rangel de Lima e os editores os srs. Rolland & Semiond, são dignos da estima publica por terem levado por deante, apesar de todas as difficuldades, uma empreza, que faria sossobrar animos menos corajosos. As *Artes e lettras* merecem a protecção de todas as pessoas illustradas.

Se este jornal cessasse a sua publicação, tarde viria a Portugal outro que o substituisse.

Festividade.—A'manhã hade haver a costumada festividade a Nossa Senhora da Boa Morte, na sé cathedral desta cidade. São oradores, de manhã o sr. bacharel Manoel Ignacio da Silveira Borges; e de tarde o reverendo sr. vigario de Sauzellas.

A procissão percorrerá as ruas do costume.

Queixas—Pedem-nos para lembrar á policia municipal o estado asqueroso em que se acha a rua Direita, principalmente no boqueirão, donde se exhala um cheiro insupportavel.

Tambem se nos queixam pela falta de fiscalisação que ha nos carros e cavalgaduras, que naquella rua param com frequencia, tendo varias pessoas que passam nessa occasião, corrido risco de vida.

Prior de Pereira.—Na segunda feira proxima, 10 do corrente, faz 80 annos o nosso bom e antigo amigo, o reverendo sr. José Lourenço Tavares da Paixão e Sousa, prior e arcipreste da villa de Pereira.

Felicitamos por isso cordealmente este digno e illustrado ecclesiastico, que conta tantos amigos, quantas são as pessoas que tem tido occasião de conhecer as suas excellentes qualidades.

Ministro do reino.—Em consequencia de ter ido para as aguas de Vidago o sr. Rodrigues Sampaio, ficou interinamente com a pasta do ministerio do reino, o sr. Fontes Pereira de Mello.

Nomeação.—O sr. Abraham Cohen foi nomeado para a inspecção da 2.ª secção do caminho de ferro, com residencia em Coimbra.

Outra.—O sr. José Alexandrino Beja da Silva, foi promovido por tres annos na cadeira de ensino primario de Tentugal.

Congresso.—O sr. João Carlos de Brito Capello, director das observações nautico-meteorologicas do observatorio do Infante D. Luiz, foi nomeado para representar Portugal no congresso de meteorologia nautica, que se deve reunir brevemente em Londres.

Chuvas extraordinarias.—Os livros de Physica e de Meteorologia citam factos curiosos observados em differentes epochas, de chuvas de fogo, de sangue, de enxofre, de sapos, de palha, de areia, etc.

As primeiras são devidas a aerolithes, que fazem explosão antes de chegar á superficie da terra, dispersando pela atmosphera particulas inflammadas, simulando verdadeira chuva de fogo. As segundas são attribuidas por

uns auctores a um liquido vermelho segregado abundantemente por certos insectos, no momento em que saem do estado de chrysalidas, e por outros escriptores a plantas parasitas, que os ventos transportam com abundancia. A neve vermelha colhida nos Alpes e nas regiões polares, foi analysada por De-Candolle, que reconheceu a existencia de vegetaes da familia das Algas, que imprimiam á neve a côr vermelha.

As chuvas de enxofre são produzidas por uma substancia amarella e pulverulenta, devida ao pollen de certas arvores, especialmente as coniferas, que é levada pelos ventos a grandes distancias.

As chuvas de sapos e peixes foram por muito tempo consideradas como fabulosas. Factos positivos porem, tiram todas as duvidas a este respeito, verificadas as diversas epochas na Inglaterra, França, Italia, America, etc. Explica-se este phenomeno extraordinario pela influencia das trombas, meteoros electricos, que arrastam com a agua da superficie dos mares, dos rios, dos lagos e dos pantanos, os animaes que ficam ao alcance da sua força de sucção, e que depois vão cair a grandes distancias debaixo da forma de chuva.

As chuvas de palha, de areia, de sementes e de fructos, explicam-se tambem por meio das trombas. Os seguintes factos esclarecem perfeitamente a theoria. A 8 de Julho de 1833 formou-se uma tromba do mar perto de Napoles, junto ao littoral. Muitos objectos pesados foram arrastados pela columna de agua, na sua passagem pela terra, inclusivè dois açafates com laranjas. Pouco tempo depois, uma senhora que estava em um terrasso viu cair perto de si uma chuva de laranjas. Manduit, observou a 13 de Setembro de 1835 no paiz de Caux uma tromba, que seccou rapidamente um pantano, arrastando todos os peixes e outros animaes que ahi viviam. Estes factos vem referidos por Daguin no seu excellente Tratado de Physica.

Planta curiosa.—Cresce abundantemente na America do sul um arbusto notavel, que serve para combater o somno e a fome. Chama-se *Coca erythroxilon.* Os indios e os operarios têem desde antigos tempos o habito de mascar as folhas desta planta, misturadas com cinzas do outros vegetaes e com uma pequena porção de cal, e por este meio resistem de um modo incrivel, e sem perigo ao somno e á fome.

O naturalista Tschudi, nas suas viagens, empregou um indio em trabalhos d'excavações durante cinco dias e cinco noites, sem interrupção, e apenas com duas horas de somno em cada noite. O mesmo indio fez a pé uma viagem de 75 kilometros em dois dias, sem tomar alimento algum, alem das folhas de *Coca* que mascava frequentemente. Outro indio fez a viagem de Paz a Tocua, 400 kilometros em quatro dias, descansou 24 horas, e voltou em cinco dias, transpondo duas vezes uma montanha de 13 mil pés de altura. Em toda esta viagem extraordinaria, apenas se alimentou com folhas de *Coca* e algum milho assado. Affirma-se ainda, que o exercito hespanhol em 1817, em uma crise alimenticia produzida pela falta de viveres, conservou pelo mesmo meio a sua energia e valor. Os mineiros conservam tambem a sua força e saude até mesmo no meio de emanações deleterias, empregando o mesmo systema, e os arrieiros sustentam da mesma forma as forças dos animaes em longas viagens.

Relampagos—É frequente observar nas noites do estio relampagos brilhantes sem ouvir trovoada. Da-se a este meteoro o nome de relampagos de calor, e explica-se a sua formação pelo seguinte modo.

O phenomeno luminoso depende da luz que acompanha as descargas electricas em nuvens muito distantes e situadas abaixo do horisonte em que existe o observador. Estes clarões luminosos são reflectidos pelas nuvens e pelas camadas aereas, pela mesma forma que succede com o crepusculo. Por meio dos telegraphos electricos tem-se verificado a uma distancia de 250 milhas, que a apparição destes relampagos coincide com a explosão de grandes descargas electricas.

Entre os selvagens—O doutor allemão Scherzer, nas suas viagens ás ilhas do oceano Pacifico encontrou um medico escossez, o doutor Cook, estabelecido em uma destas ilhas ha 25 annos, muito considerado e respeitado pelos selvagens. A cabana que servia de habitação a este philosopho, era dividida em tres partes, servindo uma d'ellas de verdadeiro despensatorio pharmaceutico, contendo vidros com remedios e instrumentos cirurgicos. O medico escossez, esquecido do mundo e das sociedades civilisadas, vivia tranquillo e com saude, e prestava com o maior desinteresse e abnegação os serviços da sua profissão aos habitantes da ilha. O seu fato era de panno grosseiro, e sobre a fronte impassivel usava um amplo chapeu de palha.

Descoberta notavel—Uma engenhosa applicação da electricidade é aconselhada para extrair do corpo humano os metaes venenosos. O paciente é collocado em uma banheira de zinco, cheia de agua acidulada, ficando só com a cabeça de fóra do banho. A banheira é isolada por *guttapercha*, e o paciente está sentado em um banco da mesma substancia, e sem contacto com as paredes da banheira. Este apparelho assim disposto funciona com uma bateria electrica, em que o polo negativo é constituido pelas paredes de zinco, e o positivo por um fio metallico que communica com a mão do paciente. Tem-se conseguido por este tratamento electrico extrair grandes doses de mercurio do corpo humano, que vae depositar-se sobre as paredes da banheira de zinco.

Audiencias geraes—No dia 5 do corrente foi julgado nesta comarca, José Alexandre, accusado do crime de furto. Absolvido.

Hontem foi julgado Antonio Vieira, accusado do crime de roubo. Condemnado em 15 annos de degredo para a Africa.

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 4, de manhã.—Assegura-se que os ministros mais influentes do gabinete são contrarios á convocação das côrtes antes dos carlistas serem batidos. Uma dama da aristocracia de Madrid partidaria do carlismo, indo para França por Navarra, foi insultada pelos carlistas e a vida de seu marido correu risco. Zavalla sabendo que Espartero que se achava na sua propriedade de Chumbera proximo a Logroño, corria risco de ser atacado pelos carlistas, enviou-lhe uma escolta de cavallaria que chegou a tempo de o proteger e bateu os carlistas, os quaes parecem decididos a apoderar-se do duque da Victoria.

Madrid, 4, á tarde.—Os emigrados cantonaes publicaram em Argel um protesto accusando Contreras e Carcelos dos roubos e dos furtos commettidos durante a insurreição de Cartagena. O ministro da guerra indeferiu o requerimento de varios degredados que queriam entrar ao serviço das armas. Teruel está sendo fortificada para impedir qualquer ataque.

Madrid, 4.—Os carlistas fuzilaram em Olot um medico juntamente com os prisioneiros. Os jornaes queixam-se de que o *maire* de Béhovie, aldeia franceza dos Pyreneus, consinta que os carlistas andem alli armados gritando: Viva Carlos VII e abaixo a republica.

Madrid, 5, á tarde.—Não é verdade que D. Affonso entrasse em Guadalajara. As noticias publicadas pelos carlistas no *Correio de Bayonna* são falsas. Parece que o governo entrou em negociações com o Banco de Hespanha para obter o adiantamento d'uma somma importante que entrará nos cofres do thesouro para ser paga pelas remissões do serviço militar. Descobriram-se bilhetes falsos do banco de França; crê-se que tambem os ha do banco de Hespanha.

Fizeram-se varias prisões. Canovas del Castillo chegou a Paris. A'manhã reune-se a junta inspectora das operações do thesouro. Os facciosos intentaram dirigir-se novamente para Teruel.

Um magestral de Victoria foi fusilado pelos carlistas de Vengara. Assegura-se que a França nomeará brevemente um embaixador para Madrid. Castellar sahiu de Marselha para a Suissa.

A «Gazeta» diz que os carlistas tiveram 24 mortos, 18 prisioneiros em Marza (Tarragona). O general Merelo reuniu-se á brigada Cirlot em Olot havendo os carlistas retirado.

Segundo o «Imparcial» o general Serrano, que chegou esta manhã, presidirá esta noute a conselho de ministros.

O «Diario» de S. Sebastião diz que os carlistas fizeram passear por Tolosa montadas em burros tres mulheres parentes de liberaes, nuas, cobertas de mel e de pennas. A populaça queria correl-as á cacetada e fusilal-as.

Madrid, 5 á noute.—D. João, pae de D. Carlos passou livremente no dia 28 de Julho a fronteira hespanhola. Os jornaes de Madrid continuam a queixar-se de que apesar das promessas da França, as auctoridades da fronteira toleram os manejos carlistas. Columnas de tropas marcham para evitar que D. Affonso ataque Teruel.

Diz a *Epocha* que o governo francez tem tomado medidas em conformidade com os desejos manifestados pelas grandes potencias principalmente pela Allemanha, mas que o governo desta potencia, em justa deferencia para com a França, nega como o fez d'outras vezes, a existencia de communicação alguma. Acrescenta a *Epocha* que assim se conseguem os resultados sem se perder o decoro. O conselho de ministros occupou-se principalmente do carlismo. Os radicaes insistem em que no conselho se tratou tambem hoje da questão de reunião de côrtes. O ministro do fomento apresentou importantes projectos de reforma da instrucção publica. Estão no oratorio os condemnados de Almaden. A'manhã de madrugada serão executados.

Madrid 6, á tarde—O conselho de hontem á noute discutiu largamente ácerca da guerra, da distribuição do armamento á reserva extraordinaria, e da attitude das potencias estrangeiras a respeito da Hespanha.

A *Gazeta* publica a circular de Ulloa aos representantes da Hespanha no estrangeiro, sobre o caracter de ferocidade dado á guerra por aquelles que, affirmando defender a religião christã, incendeiam, saqueiam e assassinam. Lembra os horrores de Cuenca, o fusilamento dos prisioneiros em Olot, e a prisão de mulheres, creanças e velhos nas provincias Vascongadas para os fuzilarem se os republicanos atacassem os carlistas.

Traz tambem decretos dissolvendo a junta encarregada da venda dos bens nacionaes e instituindo juntas provinciaes de instrucção publica.

Dizem varios jornaes que Zavala desmente que Espartero corresse perigo de ser atacado pelos carlistas. Serrano voltou para a Granja. Os carlistas atiraram alguns tiros de espingarda sobre o comboio do correio de Alicante, ferindo gravemente o machinista.

A *Politica* assevera que as potencias estrangeiras farão declarações favoraveis a Serrano, mas adiarão o reconhecimento de Hespanha.

Madrid, 6, ás 10 horas e 10 minutos da manhã.—Ante-hontem o commandante militar das provincias Vascongadas surprehendeu a povoação de Cobetos, que tomou e onde se entrincheirou. Este ponto é a chave da parte central da Ria e projecta-se a construcção alli de um forte.

Na Catalunha o cabecilha Guin com 600 homens apresentou-se ante-hontem a um quarto de hora de Borjas, cujo commandante militar, deixando cobertos os pontos principaes da povoação, sahiu com 100 homens em busca da facção. Naquella noite foi atacada a villa por tres pontos, sendo em todos elles rechassados.

De Burgos sabe-se que a secção de voluntarios de Miranda destacados em Vados que vigiava contra 300 carlistas que do lado opposto do Ebro construiam trincheiras. Os facciosos tiveram 4 mortos.

Madrid, 6, á 1 hora e 59 min. da tarde. —Depois da 1 hora reuniu hontem o conselho de ministros que terminou perto das 6. A *Iberia* diz não se ter dito palavra sobre eleições, mas dedica um pequeno artigo ao assumpto. Zavalla telegraphou desmentindo ter corrido perigo o duque de Victoria.

Madrid 7, á 1 h. e 25 m. da t.—Diz a *Gazeta* das Vascongadas, que os carlistas se apoderaram por surpreza de La Guardia, no dia 5, refugiando-se os voluntarios e 46 soldados da guarnição no castello.

De Logroño saíram hontem tropas para recuperar a praça, mas encontraram toda a guarnição livre, por haver capitulado no castello.

Não entrando no proposito do general em chefe estabelecer sitio a La Guardia, regressou com as tropas a Logroño, dispondo a formação d'um summario para averiguar os motivos da rendição. No Aragão a brigada Yriarte, depois de 10 horas de marcha entrou em Teruel, que segunda vez se defendia com denodo.

Tomadas estas disposições, fugiram os carlistas em direcção de Corbalau. Deixaram tres carros com mil rações de pão e egual numero de vinho e cevada. Outra columna marcha sob a facção por differente caminho.

Segundo as participações recebidas até hoje, tem-se verificado o sorteio com ordem nas provincias, exceptuando em Granada, onde numerosos grupos atacaram as casas consistoriaes.

Os revoltosos foram repellidos, tendo ficado tres paisanos mortos, um municipal ferido, e preso o instigador que procurou incendiar o palacio da municipalidade.

ANNUNCIOS

1 HA POUCO MENOS de 20 dias, que se acha em Botão um homem, que diz ter 29 annos de edade, por nome Angelo dos Santos Affonso Parameos—e ser natural de Vinhaes; e diz mais ser presbytero e pertencer a uma familia illustre. Consta que elle padecera uma alienação mental, e que sendo mal tractado por seus irmãos, fugira, e não quer voltar para a companhia d'elles. Encontrou em Botão uma familia caridosa, que o tem estimado como se fosse um seu familiar; é familia de baixa esfera, mas quem possue sentimentos tão humanitarios é nobre quanto pode ser.

Diogo José dos Santos.

CONCURSO

2 A CAMARA MUNICIPAL do concelho da Guarda, faz publico, que se acha a concurso, por espaço de 30 dias a contar desta data, o partido de Medicina, com residencia na capital do concelho, ordenado annual de 300$000 rs. e pulso sujeito á tabella camararia.

Os pretendentes deverão apresentar dentro do dito prazo seus requerimentos, instruidos com carta de formatura pela Universidade de Coimbra, e quaesquer documentos que julgarem conveniente.

Guarda, 24 de Julho de 1874.

O presidente,

Visconde de S. Pedro do Sul.

3 NO DIA 25 do corrente mez de Agosto, ás 9 horas da manhã, nesta cidade de Coimbra, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, se hão de vender e arrematar os bens penhorados e avaliados na execução hypothecaria que João Marques d'Almeida Araujo Pinto, desta cidade, move a José Maria d'Albuquerque da Cunha Themudo, residente nesta cidade, cujos bens são situados nos limites da ex-villa de Pinheiro d'Azere, pelo cartorio do escrivão Servulo Maria de Carvalho.

4 NO MESMO DIA 25 de Agosto, por 9 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça desta cidade, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, hade ser vendida e arrematada a quem mais der, uma propriedade no sitio dos Morouços, ultimamente separada para pagamento de credores, no inventario por morte de Gaudencio Marques d'Oliveira, morador que foi no logar de S. Facundo, pelo cartorio do escrivão Servulo Maria de Carvalho.

5 ARRENDA-SE do proximo dia de todos os Santos, por diante, por um ou mais annos, a insua que foi dos Bentos, junto ao logar de Cerieiro; e que se compõe de terra de semeadura, arvores de fructo e parreiras, com celleiros, tanque e agua de nora, casas para criados, palheiro, eira, etc.

Quem a pretender pode desde já fallar com o proprietario da mesma, Francisco de Sousa Araujo, rua do Visconde da Luz, n.º 102, que indicará as condições.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

Sociedade anonyma
Responsabilidade limitada

6 FAZ DESCONTOS de letras de cambio e da terra, titulos de estado e commerciaes;

Recebe dinheiros em deposito, a prazo fixo ou á ordem, abonando juros;

Empresta sobre penhores de ouro, prata e pedras preciosas, titulos de divida publica com juro, sobre generos e mercadorias, sobre predios, sobre mobilias que fiquem em poder de seu dono, sobre fazendas de estabelecimentos commerciaes, ou sobre materiaes de fabricas e agricolas;

Faz transferencias de fundos para as terras onde tenha agencias;

Abre contas correntes sobre deposito de letras, inscripções, acções de Bancos ou de Companhias, ou valores que inspirem confiança, e sejam de facil realisação;

Guarda em cofre a titulo de deposito, não sómente joias e metaes preciosos, como tambem titulos e outros valores, cobrando seus juros e dividendos, mediante uma modica commissão, podendo taes valores servirem de caução aos saques que o possuidor esteja auctorisado a fazer sobre o Banco;

E entra em todas as demais operações consignadas nos seus estatutos, e dos quaes poderão tomar conhecimento os interessados.

---

7 O BACHARELANDO em medicina Francisco Martins Ramos, lecciona em Introducção, a quem tiver de fazer exame em Outubro.—Becco das Flores—40.

ATTENÇÃO

8 NO DIA 15 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no largo do Castello, n.º 28 a 32, vão á praça, para serem adjudicadas a quem maior lanço offerecer, as casas da rua do Borralho e becco dos Militares, pertencentes aos filhos do fallecido Antonio Justino.

DOCTOR IN ABSENTIA

9 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

---

10 NO ARMAZEM DE VINHOS de Domingos Antonio de Freitas, ás Ameias, vende-se vinho branco e tinto, a 25 e 30 rs. o quartilho, e o almude a 1$100 e 1$380 rs.

Tambem tem vinho dos melhores sitios do Alemtejo, proprio para mesa, a 40 rs. o quartilho; bem como vinagre e aguardente por preços commodos.

---

11 NO DIA 23 do corrente vender-se-hão em praça particular, convindo o preço, nesta cidade de Coimbra, e casa do sr. Ricardo Antunes de Macedo, na praça 8 de Maio, 5 geiras e meia de terra, aproximadamente, no campo de Bolão, no melhor sitio, e que traz de renda Manoel Carvalho Novo, da Sinceira, por nove moios de milho. O mesmo sr. Macedo está auctorisado para a venda, e póde dar os esclarecimentos precisos. Não tem foros, nem onus algum, como se mostrará.

Bernardino Pinheiro

12 AMORES D'UM VISIONARIO, romance historico do XVI seculo. Dois volumes em 8.º de 270 paginas cada um.—Preço 1$000 rs.

Vende-se em Coimbra na loja do sr. José Diogo Pires, á Sé Velha, e nas principaes livrarias. Para as provincias envia-se, franco de porte, a quem remetter a importancia ao auctor, rua Nova do Almada, n.º 95—2.º andar.

COIMBRA

LEILÃO DE MOVEIS NA QUINTA DOS LOIOS AO CIDRAL

13 NO DOMINGO, 16 de Agosto, ás 9 horas da manhã, perante o exm.º juiz de direito desta comarca de Coimbra, na quinta denominada dos Loios ao Cidral, hãode vender-se em hasta publica todos os moveis que compõem a herança deixada ao asylo de infancia desvalida, asylo de mendicidade, e hospital da Ordem Terceira, por seu bemfeitor o sr. conselheiro José Maria de Abreu; e em

MONTE MÓR O VELHO

No dia 23 do mesmo mez de Agosto, ás 9 horas da manhã, no tribunal de justiça da comarca de Monte Mór o Velho, se hãode vender em hasta publica todos os bens immobiliarios, que compõe a herança daquelle bemfeitor, situados no campo de Monte Mór, Carapinheira, Tentugal e Formozelha; e ainda mais em

COIMBRA

No dia 25 do mesmo mez d'Agosto, ás 9 horas da manhã, no tribunal judicial em Santa Cruz, se hãode arrematar todos os bens immobiliarios pertencentes á mesma herança, situados nesta comarca de Coimbra, comprehendendo a Quinta dos Loyos e Quinta Nova, formando um só predio—Quinta do Cidral, e diversas casas, pinhaes e olivaes, casas aos arcos de S. Bento, e duas moradas de casas na Couraça de Lisboa, aos Militares.

Do processo em Coimbra é escrivão Almeida, officio de Servulo. Em Monte Mór é escrivão Carvalho.

EDITAL

0 A CAMARA MUNICIPAL desta cidade faz publico, que a feira de S. Bartholomeu terá logar este anno no local do Caes Novo, devendo começar no dia 20 e findar no dia 31 do corrente mez, sendo prohibido, com a pena do edital de 19 de Agosto de 1854, abrir venda antes ou depois do prazo marcado.

Que, na conformidade da postura publicada em 6 de Agosto de 1858, é prohibido aos feirantes de fóra da cidade vender em armazens ou casas particulares, sendo apenas permittido o fazel-o em barraca no local da feira; o mesmo tem applicação aos commerciantes da cidade, que não poderão vender fóra das suas lojas, não sendo em barraca no local designado para a feira, sob pena uns e outros do pagamento de 4$800 rs. por cada um dia de infracção.

Os que pretenderem ter logar nesta feira, deverão fazer as competentes requisições até ao dia 16 do corrente.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 1 de Agosto de 1874.

O Vice-presidente,
José Maria Pereira Coutinho.

EDITAL

O Dr. Anthero d'Aguiar Frasão Soares, presidente da Camara Municipal do concelho de Soure

FAço saber, que tendo de proceder-se neste concelho no decurso do corrente anno economico, a differentes obras municipaes auctorisadas no respectivo orçamento, avulta entre as mesmas, a do acabamento da torre do relogio desta villa, a qual se hade pôr a lanços, em hasta publica, no dia 16 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, para ser adjudicada a quem por menos a fizer, debaixo do desenho e condições, que no acto da arrematação se acharão patentes na secretaria da camara.

Na mesma occasião, se arrematarão, a quem por menos as fizer, as seguintes alfaias e ferramentas:

Cestos para carreto d'entulhos	40
Carros de mão para o mesmo fim	30
Maços para bater calçada	24
Picaretas	30
Pás de ferro	30
Saxões	20
E marretas	12

As pessoas a quem convier lançar nestas obras, poderão comparecer nos paços do concelho desta villa, no dia e hora indicada.

Para conhecimento de todos, se manda pela imprensa, publicar o presente edital, e afixar identicos nos logares do costume, tanto neste concelho, como nos visinhos.

Soure 7 de Agosto de 1874.

O presidente da camara,
Anthero de Aguiar Frasão Soares.

COMMISSÃO DE EXAMES FINAES

2.ª Circumscripção

O Dr. Luiz Albano d'Andrade Moraes e Almeida, presidente da commissão de exames finaes, na 2.ª circumscripção, etc.

FAÇO saber que:

1.º A mesa, que tem presidido aos exames finaes de portuguez e latim no lyceu de Aveiro, vai começar o mesmo serviço em Leiria, no dia 8 do corrente: e terminados ahi os exames, seguirá no dia 12 para Castello Branco.

2.º A mesa de historia, philosophia e francez, terminados os exames em Aveiro, no dia 12, irá dar-lhes começo em Leiria no dia 14; e marchará a 18 para Castello Branco.

3.º A segunda mesa de mathematica e desenho, actualmente em Coimbra, irá no dia 22 do corrente começar os exames em Aveiro, d'onde sahirá para Leiria sómente no fim do mez.

4.º A segunda mesa de introducção vae já marchar para Aveiro, onde começarão os exames no dia 10. A 14 sahirá para Castello Branco, onde presidirá tambem aos exames de mathematica e desenho. E depois do dia 24 sahirá para Leiria.

5.º A mesa de portuguez e latim na 2.ª secção, sahirá no dia 13 do corrente de Vizeu para a Guarda; onde começarão os exames a 17. E no dia 25, ou 26 sahirá para Lamego.

6.º A mesa de francez, que tem estado em Vizeu, irá no dia 9 para Lamego, onde começarão os exames a 11; e só marchará para a Guarda depois do dia 16.

7.º A mesa mixta de mathematica, introducção e desenho, terminará os exames destas disciplinas em Vizeu no dia 13 ou 14 do corrente. Em seguida irá para Lamego presidir aos mesmos exames: e só depois do dia 25 irá para a Guarda.

8.º A mesa de philosophia irá para Lamego dar começo aos exames no dia 11: e só para o dia 16 sahirá para a Guarda.

9.º E finalmente a mesa de historia vai começar os exames em Vizeu no dia 10; e só para 20 sahirá para Lamego ou Guarda.

O que se faz publico para conhecimento dos interessados: podendo ainda a conveniencia do serviço dar logar a algumas alterações, que serão convenientemente annunciadas nos lyceus respectivos.

Coimbra, 7 de Agosto de 1874.

O presidente da commissão,
Dr. Luiz Albano.

Commissão d'exames finaes na 2.ª Circumscripção

No dia 27 de Julho começaram os exames nos Lyceus de Coimbra, Aveiro e Vizeu; e breve vão começar tambem nos de Leiria, Castello Branco, Lamego a Guarda.

As mesas ficaram definitivamente constituidas pela forma seguinte:

Primeira secção

Portuguez—Dr. D. Victorino da Conceição, Antonio José da Silva e Manoel Cesar de Seabra—Fixa em Coimbra.

Latim—Dr. José Joaquim Fernande Vaz, Dr. Manoel de Jesus Lino e Gaspar Alves da Frias—Fixa em Coimbra.

Portuguez e Latim—Dr. Manoel Maria da Silva Ramos, Manoel Emygdio Dantas, e Manoel Simões Dias Cardoso—Movel para Aveiro, Leiria e Castello Branco.

Francez e Inglez—Dr. Antonio José da França Bettencourt, Dr. Francisco Antonio Diniz e Augusto Epifanio da Silva Dias—Fixa em Coimbra.

Mathematica 1.ª—Dr. Luiz da Costa e Almeida, Henrique de Macedo Pereira Coutinho e Dr. José Joaquim Manso Preto—Fixa em Coimbra.

Mathematica 2.ª—Dr. João José d'Antas Souto Rodrigues, Licenciado Francisco da Costa Pessoa e João Baptista Augusto dos Santos—Movel para Coimbra, Aveiro e Leiria.

Introducção 1.ª—Dr. Albino Augusto Giraldes, Dr. Fernando Augusto d'Andrade Pimentel e Mello e Dr. Augusto Filippe Simões—Fixa em Coimbra.

Introducção, Mathematica e Desenho—Dr. Jacintho Antonio de Sousa, Dr. Julio Augusto Henriques e Dr. Raymundo da Silva Motta—Movel para Coimbra, Aveiro, Leiria e Castello Branco.

Desenho—Francisco José do Nascimento, com um presidente e vogal de Mathematica—Coimbra e Aveiro.

Historia—Dr. Francisco dos Santos Donato, Dr. Avelino Cesar Calisto e Manoel Joaquim Teixeira—Fixa em Coimbra.

Philosophia—Dr. Manoel d'Oliveira Chaves, Clemente Pereira de Carvalho e João Antonio Peres Villar—Fixa em Coimbra.

Historia, Philosophia e Francez—Dr. Bernardo d'Albuquerque Amaral, Dr. João Antonio de Sousa Doria e Francisco Maria da Veiga—Movel para Aveiro, Leria e Castello Branco.

Segunda secção

Portuguez e Latim—Dr. Bernardo Augusto Madureira, José Joaquim Tourães e Victorino da Silva Araujo—Movel para Vizeu, Lamego e Guarda.

Francez—Francisco José d'Almeida Castanho, Antonio Faustino de Mattos e Antonio José Rodrigues—Idem.

Mathematica, Introducção e Desenho—Dr. Antonio dos Santos Viegas, Firmino Augusto de Magalhães, Augusto Fuschini e Luiz Augusto Pereira Bastos—Idem.

Philosophia—Dr. José Braz de Mendonça Furtado, bacharel José Joaquim Borges d'Andrade Ennes e Alfredo Teixeira Pinto Leão—Idem.

Historia—Dr. João de Pina Madeira Abranches, bacharel Adolpho Ernesto Motta e bacharel Augusto Cesar de Sá—Idem.

Inglez—Dr. Antonio dos Santos Viegas, com dois dos vogaes de francez—Vizeu.

Coimbra, 7 d'Agosto de 1874.

Dr. Luiz Albano.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

17 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 103; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 32, loja do sr. José da Silva Fonseca.

NUMERO 2822 — TERÇA FEIRA 11 DE AGOSTO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar,
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Não ha assumpto politico de interesse, que mencionar nesta secção. Os jornaes opposicionistas continuam nas suas apaixonadas apreciações dos actos do governo; não obstante o paiz manifesta cada vez mais francamente a sua adhesão á actual situação politica, porque ella nos está dando todas as garantias de ordem e prosperidade.

Este expediente das folhas adversarias á situação, é o symptoma mais evidente de que o governo merece a confiança dos povos, e os negocios politicos do estado vão melhorando consideravelmente.

A opposição despreza o espirito publico, para só attender ao seu interesse deshonesto, como fazem todos os ambiciosos e especuladores.

Desfiguram os factos, inventam escandalos e propalam corrupções, para verem se ainda conseguem illudir os incautos; e com as suas discussões dissonantes e desbragadas, occultar ou desfigurar a verdade dos acontecimentos.

Quando as facções politicas descem a tal estado de degradação moral, tem abdicado a sua dignidade, proclamado a sua impotencia, e gravado o seu epitaphio.

Os homens que assim procedem não tem o sentimento nobre do patriotismo.

A linguagem insolente, que o jornalismo da opposição emprega ahi diariamente, revela os seus maus instinctos, o despeito e a ambição que lhe atrophia o espirito e a carencia de razões, serias e graves, para aggredir o governo.

Este systema, sobre ser degradante, é inteiramente improficuo, e revela o mau instincto dos homens, que dirigem a politica da opposição.

Afastam-se cada vez mais do poder, os que julgam conquistal-o por méio do descredito dos seus adversarios, da intriga, da perfidia e da deshonra.

A mentira não conseguirá nunca supplantar a verdade, demonstrada pelos factos, e reconhecida pela consciencia publica.

A' sua opposição violenta e acintosa, é indispensavel oppor a presistencia do governo, quando elle tem, como o actual, a consciencia dos seus actos; e quando a grande maioria do paiz se pronuncia em favor da sua administração, por certo a mais proveitosa que temos tido desde 1856.

> A campa com o seu singelo epitaphio, com a sua cruz no topo e com as florinhas em volta, é a saudade que nos acalenta, é a resignação que nos consola, é o aroma divino que nos eleva a Deus!
>
> (PAULO DE BARROS — *Cemiterios e insineração dos cadaveres.*)

Está satisfeita a divida de gratidão á memoria do prestante cidadão e convicto liberal, o sr. Manoel José Teixeira Guimarães.

Ainda bem que em uma epocha em que tanto predomina o egoismo; em que o interesse parece ser a unica mola que dirige as acções humanas; em que com frequencia se vota ao esquecimento os serviços dos mais distinctos cidadãos; e finalmente, em que muitos dos proprios beneficiados, se não prestam a levantar sequer uma cruz sobre as cinzas dos seus bemfeitores; deve-se registar com louvor o acto que se terminou no domingo ultimo, com a trasladação dos restos mortaes do nosso amigo o sr. Manoel José Teixeira Guimarães, do jazigo em que se achavam desde Abril de 1869, para o modesto mausoleu mandado erigir por alguns de seus amigos.

Com effeito, no cemiterio da Conchada se lêem em um obelisco, as seguintes palavras:

A' MEMORIA
DO BENEMERITO CIDADÃO
MANOEL JOSÉ TEIXEIRA GUIMARÃES
ELEVARAM
ESTE SINGELO MONUMENTO
OS SEUS AMIGOS.
ANNO DE 1869.

A' trasladação assistiram alguns voluntarios da Rainha e outras pessoas, que assim quizeram prestar a ultima homenagem ao cidadão liberal e patriotico.

A missa foi celebrada pelo muito digno capellão do cemiterio o sr. conego Manoel Marques Pereira Ribeiro.

Tambem a philarmonica *Boa-União* foi tomar parte neste acto funebre, mostrando assim que se não tem esquecido do seu antigo amigo e protector. Muito folgamos de aqui consignar este brioso procedimento da philarmonica, que o nosso amigo o sr. José Joaquim da Silva, tão magistralmente dirige. Mostraram assim os membros desta sociedade, que ainda não estão eivados do veneno da ingratidão. Honra lhes seja.

O nosso prezado amigo, o sr. commendador Olympio, sempre prompto para commemorar as virtudes dos cidadãos benemeritos, levantou a sua voz á borda do tumulo; e na presença das cinzas do sr. Teixeira Guimarães, teceu em breves palavras o elogio do nosso saudoso amigo, fazendo derramar lagrimas aos circumstantes.

Leu tambem por essa occasião uma sentida poesia, feita pelo sobrinho do finado o sr. Placido.

Dos serviços relevantes prestados pelo sr. Manoel José Teixeira Guimarães não fallaremos hoje, para não repetir o que largamente dissemos em o n.º 2:265 deste jornal, de 10 de Abril de 1869.

Só escrevemos estas palavras para que se fique sabendo, que ainda houve quem se não esquecesse de um cidadão, a quem a causa da liberdade e a cidade de Coimbra muito devem.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial de Vianna em 31 de Julho de 1874

Activo

Caixa	125:621$963
Acções	5:185$000
Lettras em carteira	588:257$053
Contas correntes com garantia	390:390$784
Emprestimo sobre penhores	207:928$000
Papeis de credito	204:418$230
Devedores no paiz	369:464$373
Ditos no estrangeiro	134:447$687
Ditos nas ilhas	32:326$767
Cartas de credito	9:702$500
Despezas d'installação, moveis e utensilios	5:322$656
	2 073:265$015

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXIV

D. CARLOS

CXXXIV

(CONCLUSÃO)

José Antonio Goñi voltou a traz, como já dissemos, e baixou a Cirauqui; reuniu os chefes e officiaes do batalhão que alli havia; offereceram estes seguir a sua sorte, e no dia 15 passou a Estella e acantonou a infanteria e cavallaria em Villatuerta, Abarzuza, Muru, Eraul, Chabari e Luquin; convocou no dia 17 em Abarzuza aos chefes de ambas as armas para tratar sobre o convenio; trasladaram-se a Estella e reunidos em casa do governador Ortigosa, convieram receber o duque de Victoria com acclamações; porem não era unanime este desejo na cidade, que se viu em poucas horas na maior consternação, ouvindo-se os gritos de morram os generaes, morram os chefes, cujas vozes e cuja insurreição se propagou nos povos onde estava acantonada a tropa.

Em tão criticas circumstancias mandou Goñi officiar ao chefe da columna que se achava em Larraga, para que immediatamente subisse com as forças do seu commando a tomar posse de Estella.

A divisão de Castañeda, que havia subido no dia 17 ás Amezcuas, atravessando a serra de Andia e descendo pelos portos de Zudaise e Baquedano, em cujos povos pernoutou sem encontrar um carlista no seu movimento, pois as poucas forças que existiam na Navarra se achavam dispersas na sua maior parte, foi recebida pelos povos com alegria e sem abandonar os habitantes as suas casas, porque não temiam os estragos de que antes haviam sido victimas e porque a todos lisonjeava a paz.

Não querendo Castañeda dever o exito de suas operações ás armas, convidou a D. Francisco Ortigosa a que adherisse ao convenio, o qual lhe respondeu de Estella, no dia seguinte, 18, que, bem quizera dar uma resposta terminante ao officio em que lhe remettia um exemplar do convenio, e desfructar da doce paz que preconisava e que realmente todos desejavam; porem que se elle podia dispor da sua sorte e interesses, não podia fazel-o da de seus representados, pois o assumpto comprehendia a divisão daquelle reino, aos seus povos e particulares, tendo todos egual interesse; que para decidir de materia de tanta gravidade, era seu dever consultar com o general da primeira divisão de operações, que se achava fora da praça com a deputação do reino e com os chefes dos corpos; que se compromettia á reunião de todas estas auctoridades e a communicar-lhes o resultado da discussão.

No entanto que se passavam carlistas aos liberaes, voltou Castañeda no dia 18 a Boranda, e na manhã do dia 19 entrou na cidade a columna que commandava D. Remigio la Vega. Renderam-se os fortes interiores e exteriores; chegou pela tarde o general Ribero com a sua divisão da guarda real e se rendeu tambem a guarnição dos fortes de Mongardin, S. Gregorio e a Poblacion, e feita pelos commandantes carlistas a devida entrega aos liberaes, regressaram a Estella com as tropas, onde entregaram no dia 29 as armas. Não esteve tão obediente a cavallaria, ainda que pela maior parte se entregaram.

Ao ver a D. Carlos vaguear pela Navarra, e encaminhar-se para o Baztan, comprehendeu Espartero que não tinha o seu contrario mais recurso que sucumbir, ou refugiar-se em França. Poz-se em communicação com o conde de Arispe e com o representante hespanhol em Paris, o marquez de Miraflores, solicitando as providencias e cooperações convenientes, que consolidassem a paz; e por uma brilhante combinação e divisão de todas as suas tropas, impediu que podessem correr ao Aragão os carlistas, e os acossou de tal maneira, que os expulsou do solo hespanhol, pisando-o pela ultima vez D. Carlos no dia 14 de Setembro pela parte de Urdax, onde esteve exposto a cair em mãos de seu inimigo, e onde foram batidos os seus ultimos batalhões.

Grande mortandade teriam soffrido, se Espartero, vendo-os correr e precipitar-se para ganhar a ponte do Bidasoa, estorvando uns aos outros a passagem, que faziam assim mais difficil, não houvera mandado deter o fogo que os dizimava, compadecido d'aquelles infelizes que só pensavam em salvar-se. Tão magnifica generosidade assombrou aos francezes que a

Passivo	
Capital	600:000$000
Depositantes	248:351$558
Obrigações	781:759$506
Lettras a pagar	111:942$161
Credores no paiz	239:958$369
Ditos no estrangeiro	70:996$928
Dividendos	3:056$000
Fundo de reserva	3:000$000
Ganhos e perdas	14:200$293
	2.073:265$015

Banco Commercial de Vianna, em Vianna do Castello, 7 d'Agosto de 1874.

Pelo Banco Commercial de Vianna

Os directores.

José Alves de Sousa Ferreira.
José Antonio Loureiro.

NOTICIARIO

A Dynastia e a Revolução de Setembro, e o Tira Teimas.—Uma das mais notaveis audiencias que tem havido em Coimbra, foi a de 29 de Abril de 1840.

Decidia-se em jury de pronuncia, se deviam ou não ser julgados os individuos, responsaveis pela publicação do famoso livro—*A Dynastia e a Revolução de Setembro, ou nova exposição da questão portugueza da successão*—impresso na imprensa de Trovão & C.ª, no referido anno; e pelo n.º 3 do *Tira Teimas*, jornal setembrista, que na mesma epocha sahia á luz em Coimbra.

Da *Dynastia e a Revolução de Setembro*, era especialmente querellada a doutrina, contida nas paginas 11, 106, 110, 119, 160, e 179, nota I.

Tratava ahi de demonstrar o seu auctor:

1.º Que D. Pedro tinha assumido illegalmente e contra a propria Carta que havia outorgado, a regencia do reino:

2.º Que D. Maria da Gloria não tinha por herança direito ao throno portuguez; porem que esse direito o havia adquirido pelo facto da revolução popular de 9 de Setembro de 1836.—Dizia-se a este respeito no livro a *Dynastia*:—«Eis a soberana acclamada em 9 «de Setembro; eis os direitos de D. Maria, «começando nesta justa acclamação; é uma «princeza da familia reinante do Brazil, elei«ta para o novo throno portuguez, pelo voto «soberano, independente e livre da nação, «mediando a acceitação reciproca da consti«tuição de 1822. Eis o pacto solemne da na«ção com a rainha; foi a mencionada consti«tuição, para ser modificada em côrtes cons«tituintes, as quaes assim o fizeram em 1838, «dando a constituição deste anno, jurada da «rainha e da nação. A segurança do throno de «D. Maria II prende-se á constituição de 38; «todos seus direitos partem da acclamação de «9 de Setembro, e 5 de Novembro.»

3.º Que o então ministro da fazenda Florido, era um pessimo administrador da fazenda publica.—Terminava a *Dynastia* dizendo nessa parte:—«N'uma palavra, caiu o dinhei«ro do estado, na mão de um homem fallido; «e a um homem de quem todos fogem de ter «contractos, de quem uma só pessoa não fia «um vintem, entregou-se o thesouro do paiz! «Está definido o actual governo de Portugal.»

4.º Que D. Pedro durante a emigração liberal tentara reassumir para si o throno portuguez, em prejuizo de sua filha, em quem o havia abdicado.

O artigo querellado do n.º 3 do *Tira-Teimas*, era em polemica com o *Cometa*, jornal do partido cartista, que tambem se publicava em Coimbra em 1840. Faziam-se nesse artigo do *Tira Teimas* ataques violentissimos ás administrações cartistas, especialmente contra o antigo ministro da fazenda Silva Carvalho. Começava o artigo com as palavras:—*O mundo é um theatro de continuas revoluções*—e terminava dizendo:—*Sumi-vos! escrevinhadores do Cometa! Manquejastes de todo!*

A audiencia foi no collegio Novo, onde actualmente se acha a Santa Casa da Misericordia.

Juiz foi o sr. Antonio Gaspar Tavares de Carvalho, e delegado era o sr. José Freire de Serpa Pimentel, depois visconde de Gouvea.

Advogado dos reus era o sr. Alberto Carlos Cerqueira de Faria, redactor que tinha sido do *Piloto*, outro jornal setembrista de Coimbra, de que se publicara a segunda serie, desde 15 de Março a 26 de Abril de 1840.

Os jurados eram 24, e por maioria não admittiram a pronuncia dos reus.

Desses 24 jurados ainda existem 7. São os srs. conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, Dr. Diogo Pereira Forjaz de Sampaio (que então era licenciado em Direito), Dr. Bernardo de Serpa Pimentel (tambem nessa occasião licenciado em Direito), Dr. Abilio Affonso da Silva Monteiro, Francisco Antonio de Miranda, Francisco de Sousa Araujo e Antonio Maria de Mello Gouvea.

Egualmente ainda é vivo o advogado o sr. Alberto Carlos; mas falleceram o juiz o sr. Tavares de Carvalho, e o delegado o sr. Serpa Pimentel.

A Verdade em Triumpho.—No anno de 1823 publicou-se em Coimbra um jornal, com o titulo de—*A Verdade em Triumpho*—de que era redactor o bacharel brasileiro, Manoel José Cardoso Junior, e de que só temos visto tres numeros, sendo o primeiro do dia 7 de Maio, o segundo do dia 14 e o terceiro e ultimo do dia 21 do mesmo mez.

Em o n.º 2 da *Verdade em Triumpho*, publicado em 14 de Maio de 1823 lê-se o seguinte:

«Sr. Redactor.—Na noite de 12 para 13 do corrente, uma sucia de 10 ou 11 estudantes, das 9 para 10 horas, se apresentaram na rua Direita desta cidade, conduzidos por Bacho e Cupido; e não querendo que existisse mais fogo do que aquelle de que se achavam incendiados, lançaram por terra a pontapés um fogareiro cheio de brazas, que *Raymundo Vendeiro* tinha accendido á sua porta, a cujo estrepito acudiu um cão ladrando, e o dono da casa apanhando o seu fogareiro: eis senão quando se preparam os nossos heroes, desembainham espadas, engatilham clavinas, bacamartes, pistolas, e começam ás cutiladas pela taverna dentro, e aos tiros ás janellas das casas, fazendo um tal motim, que encheu de susto os moradores da rua.

«Daqui passaram a outras ruas, fazendo os mesmos estrepitos, até que sendo atacados na Praça por uma patrulha de milicianos da cidade, junta á qual andavam o escrivão das armas do civel *Pimentel*, e o meirinho do crime *Biogo*; tiveram de ficar presos 3, com 2 pistolas e um bacamarte, e o resto se evadiram por differentes ruas em precipitada fuga, lançando fóra as armas, que depois se encontraram.

«Veja, sr. redactor, como os cidadãos pacificos podem viver nesta cidade, aonde innumeraveis mancebos, sem educação, sem mentor, e sem superior que os puna, andam impunemente de noite e de dia perturbando o socego publico. Oxalá que as auctoridades constituidas desenvolvam todo o seu zelo e energia, para se evitarem para o futuro similhantes desordens e attentados! Oxalá que os academicos, concebendo de si mais alta ideia, sejam daqui avante os primeiros em dar exemplo de pacificação e bons costumes!—Assim o deseja um—*Cidadão pacifico.*»

«Faremos logo que tenhamos logar sobre esta carta algumas reflexões; comtudo não podemos deixar desde já de exclamarmos como amicissimos do socego publico—Academicos o ponto está posto: cumpre que estudemos o atrazado; a noite é pela sua frescura mais propria para isto: nossas casas devem ser o santuario das letras, e só nellas trabalhando, segundo o preceito de Horacio, de dia e noite, poderemos para o futuro conseguirmos o sermos aquillo, que longe dos nossos ambicionamos, e procurar devemos. Academicos, a paz e a tranquillidade por honra nossa, e nada mais exijo de vós. Para sermos felizes estudar de dia e noite.

«*Nocturna versate manu, versate diurna.*»

Renhida peleja eleitoral entre frades.—Diz D. Nicolau de Santa Maria, na sua *Chronica da ordem dos conegos regrantes do patriarcha S. Agostinho*, que se contava de um dos Santos Padres do Ermo, que, vendo estar o demonio em figura humana muito descançado, com uma mão sobre a outra, lhe perguntara a causa daquella postura; e elle lhe respondera: *Eu sou o espirito tentador dos religiosos, e descanço agora em quanto é tempo de eleições, que são para elles as maiores tentações.*

Vamos hoje dar conta de uma eleição entre frades, tão disputada, que effectivamente parece ter ahi andado o tal *espirito tentador dos religiosos.*

Possuimos um livro manuscripto e inedito, com o titulo de—*Catalogo dos Reytores deste collegio dos Conegos Seculares da Congregação de S. João Evangelista desta cidade de Coimbra; feito sendo Reytor o muito reverendo padre mestre Dr. Manoel de Santo Eusebio Salgado—anno de 1768.—Ordenado e escripto pelo muito reverendo padre Joaquim de Sant'Anna, Conego da mesma Congregação, assistente e morador no convento de S. João Evangelista de Xabregas da cidade de Lisboa.*

O auctor deste *Catalogo* tratou, por espirito de classe, de encobrir quanto poude as graves desordens que houvera na sua ordem; porem ainda diz o sufficiente para se avaliar que tal foi a pendencia eleitoral.

Lê-se no referido *Catalogo* manuscripto:

«Em 24 de Maio de 1621 se celebrou capitulo em S. João de Xabregas, e foi eleito reitor deste collegio o padre mestre Gaspar dos Anjos. Nasceu em Lisboa, e foi filho legitimo do Dr. Sebastião Antunes Soto Maior, e de D. Maria de Mariz, e diz o livro dos obitos do Porto: que era homem fidalgo. Entrou na congregação em 21 de Junho de 1602.

O padre mestre Jorge de S. Paulo diz que era formado e bacharel na sagrada theo-

logia; porem não declara se o foi antes, ou depois de já estar na congregação.

O certo é que pelo seu merecimento lhe deram patente de mestre, e o fizeram lente daquella sagrada faculdade, que ensinou alguns annos neste collegio, e dos primeiros que nelle presidiram conclusões publicas, e impressas.

Depois foi eleito reitor deste mesmo collegio no anno de 1621, e por uma substatoria, que houve no capitulo (do qual não sei a causa) continuou até Novembro de 1629.

Em 1631 o fizeram vigario reitor de Villar, por fallecimento do reitor actual da dita casa, e nella governou dois annos. No fim delles successivamente foi elevado ao generalato no anno de 1633, dignidade que gozou um triennio. No capitulo de 1639 saiu eleito reitor da casa de Santo Eloy de Lisboa, a qual regeu outro triennio, e concluindo-se este, succedeu o que vou a escrever.

O padre mestre João da Resurreição, que principiou a ser geral no anno de 1639, se achava preso pelas alterações do reino, depois da acclamação, pela infidelidade do marquez de Villa Real, e dos mais socios. Chegado o anno de 1642, em que se havia de celebrar capitulo geral, como não havia cabeça, ou prelado maior, se dividiram os animos, e uma parte dos nossos conegos procedeu a capitulo na casa de Santo Eloy de Lisboa, e elegeram em geral ao padre mestre Gaspar dos Anjos, de quem vou tratando neste titulo, e que acabava de reitor da dita casa, e fizeram os reitores que lhes pareceram.

A outra parte, congregada em S. João de Xabregas, acclamaram por prelado ao mesmo geral João da Resurreição, que estava preso, e para as casas nomearam os reitores da sua devoção. Conforme a pluralidade de votos de cada um dos partidos, que havia nas casas, assim se aceitaram nellas os prelados locaes.

Dividida nesta forma a congregação, se seguiram *grandes litigios, dissenções e absurdos, que não refiro por modestia*; nem se podem já saber, porque alguns documentos e relações destes excessos e disturbios, se queimaram em Santo Eloy de Lisboa no primeiro de Novembro de 1755, e os originaes *ja se tinham queimado por determinação do capitulo de* 1650, quando se reduziu a congregação á tranquillidade.

Só ha um papel em Villar de Frades, que eu tambem vi e li, o qual dá alguma noticia dos *insolentes factos*, que succederam, *por causa da grande ambição que reinava naquelle tempo*, **e é indisivel o que resultou desta nunca vista discordia.**

Agora basta que se saiba (para servir de exemplo e de emenda para o futuro) que litigando-se em Roma sobre a validade destes capitulos, o procurador de uma das parcialidades apresentou um memorial *tão injurioso contra os conegos do partido adverso*, que lido na presença dos juizes da causa, exclamou o cardeal Chiesi, dizendo:—*Extinguatur, extinguatur; ad quid enim prodest talis congregatio in ecclesia Dei!*

Porem valeu muito á congregação o cardeal João Baptisto Paloto, como refere o reverendissimo chronista, a folhas 331, ainda que não relata as palavras, que acima escrevo, as quaes traz o padre mestre Jorge de S. Paulo, no seu epitome, tratando deste caso.

No tempo que isto succedia em Roma (no que se gastaram alguns 7 annos com excessivas despezas da congregação) o vice colleitor, que então havia em Portugal, se declarou a favor da parte dos que celebraram o capitulo em S. João de Xabregas, *e procedeu contra os prelados, que foram eleitos pela outra parte*, e estando alguns de posse das reitorias, *foram tirados*, e o geral, que elegeu a parte dos conegos, que celebrou capitulo em Santo Eloy de Lisboa, que era o padre mestre Gaspar dos Anjos, de que vou tratando, **foi preso no carcere do convento de Jesus da dita cidade.**

Por este tempo *tinha saido livre da prisão o padre mestre João da Resurreição*, que era o geral que havia de acabar em 1642, e que fôra eleito pelo partido, que fez capitulo em Xabregas; e como o colleitor o favorecia, *foi reduzindo todos os prelados á sua obediencia*; e tirando alguns reitores, que estavam governando pelo partido adverso, poz outros da sua facção, *executando-se juntamente diversos castigos, com muito rigor.*

Havendo ainda estes *disturbios*, *e livre do carcere o padre mestre Gaspar dos Anjos*, o tornaram a eleger geral em 1648, e o foi sómente dois annos, e acabando em 1650, neste foi eleito segunda vez reitor da casa de Santo Eloy de Lisboa, que governou outros tres annos. Depois foi presidente de um capitulo, e ultimamente terceira vez o elegerem geral no triennio, que principiou em 1662.»

Festividade.—No domingo houve na Sé Cathedral a festa de Nossa Senhora da Boa Morte. Os oradores foram aquelles que já annunciamos em o numero passado.

O magnifico mausoleu da Senhora, estava muito bem ornado, e attrahia a attenção de todas as pessoas que entrava na egreja.

A procissão da tarde ia mais concorrida de irmãos das differentes irmandades do que é costume.

Destacamento.—Chegou hontem a esta cidade um destacamento de infanteria 10, para render o que aqui se achava de caçadores 6.

Têem razão.—Queixam-se alguns moradores da rua dos Coutinhos, que, não obstante ter a camara municipal despendido uma importante somma na canalisação daquella rua, que era uma das mais immundas de Coimbra, e das de maior transito,—continua quasi no antigo estado, correndo, como d'antes, dous regos de immundicie nos seus lados; o que é sobremodo condemnavel, e exige que por parte da camara se faça effectiva a responsabilidade de quem contraria os seus louvaveis intuitos.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterrou-se o seguinte cadaver:

Recemnascido, filho de Antonio Candido Lago e D. Etelvina Julia Cavalleiro Lago, natural de Coimbra, de 18 dias, fallecido no dia 1 de Agosto.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5584.

Novas publicações—Recebemos hoje, e muito agradecemos as seguintes publicações:

Elogio historico do sr. Henrique José de Sousa Telles, escripto por seu filho João José de Sousa Telles, e por elle lido na sessão solemne anniversaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana em 24 de Julho de 1870—Lisboa: imprensa Nacional, 1871.

A demora que houve na publicação deste opusculo, foi por só agora se concluir a gravura do retrato.

Esboço geologico. Mares, sua divisão, influencia dos mares na economia da natureza, sondagens, etc. Por Julio Pereira de Carvalho e Costa, estudante do 4.º anno juridico e do Curso Administrativo da Universidade de Coimbra.—Porto: imprensa Litterario-Commercial, 1874.

Esta publicação foi pelo seu auctor offerecida ao sr. visconde de Monte-São, lente de prima, decano e director da Faculdade de Philosophia.

Cerveja.—O nosso amigo o sr. Manoel da Silva Gonzaga annuncia hoje neste jornal, a venda na sua loja na rua da Sophia, de boa cerveja ingleza.

Novo theatro na Figueira.—Communicam-nos o seguinte:

Figueira 10 de Agosto.—Abriu-se, antehontem, ao publico o novo theatro *Principe D. Carlos*. Foi uma noite de prazer para todos aquelles que vêem nesta empreza uma grande utilidade para esta villa, e porventura um incentivo para outros melhoramentos. A's 9 e meia horas da noite, pouco mais ou menos, executou a orchestra o hymno do Theatro, composto pelo regente o sr. Ernesto Benedicto; em seguida o sr. dr. José d'Ornellas recitou no proscenio uma linda poesia, que foi muito applaudida; depois seguiu-se o drama patriotico, em 4 actos—*Oppressão e liberdade*—que foi desempenhado por curiosos, desta villa, e muito regularmente, recebendo todos geraes applausos, especialmente os srs. Benedicto, Moreira e André, e sr.ª Victoria.

Foi recitada, depois do 1.º acto do drama pela sr.ª Balthar, uma elegante poesia do estudioso mancebo o sr. Acacio Antunes, o qual foi chamado ao proscenio e muito applaudido.

O distincto actor Taborda, que generosamente veiu assistir á inauguração do theatro, foi enthusiasticamente recebido com applausos na scena comica—*O Tio Matheus*: foi pena que este eximio actor, tão querido do nosso publico, só desempenhasse uma scena comica, porque todos desejavam ver algumas outras menos conhecidas aqui.

Os dignos directores do theatro srs. José Augusto Fera, Bernardo A. Lopes e Caetano Pestana, foram chamados ao palco e recebidos com uma estrondosa salva de palmas, demonstração esta de gratidão e estima para com estes cavalheiros, pelos incansaveis esforços que têem feito para levar ao cabo tão util melhoramento, e, pena foi que não estivesse presente nesta occasião, o sr. José Pinto Vianna, porque foi este cavalheiro o motor do theatro, e quem primeiro prestou grandes serviços, e, por certo, o publico se levantaria unanime para prestar egual demonstração a tão prestante cavalheiro.

O sr. Dr. Nunes, director da orchestra, foi incansavel na sua organisação; o publico chamou-o ao palco, assim como ao sr. Ernesto Benedicto, regente, e applaudi-os; outro tanto fez ao scenographo Barros. Em suma, foi uma noite de grande enthusiasmo; a casa estava repleta.

O edificio, tanto no exterior, como no interior está lindissimo; o scenario foi pintado por artistas muito habeis. As grades dos camarotes produzem optimo effeito, e foram feitas pelo habil serralheiro José Cardoso Motta, desta villa.

Hontem repetiu-se o mesmo espectaculo; a concorrencia e applausos foram como na primeira noute, extraordinarios.

A.

Festividade—Communicam-nos o seguinte:

«Fez-se no dia 2 do corrente a festa a Santo Antonio, na capella do logar da Portella do Mondego, com todo o explendor e grandeza, havendo missa cantada e sermão, acompanhada pela musica da philarmonica *Boa-União*.

Esta philarmonica, não só bem desempenhou muito boas musicas no acto religioso, mas tambem no arraial na vespera do dia da festa, em que houve fogo preso, e illuminação na frontaria da capella, e no mirante do exm.º sr. D. Luiz de Carvalho. Todo o mirante estava guarnecido de balões venezianos, que faziam uma bella vista, achando-se tambem illuminado o arraial, e largo da dita capella, e o atrio revestido de murta e buxo e matisado de flores.

Houve varias danças campestres, não só na vespera, mas tambem no dia da festa á noute.

Os char-à-bancs conduziram de Coimbra muito povo, que na tarde e noute muito se divertiu.

Mas como não havia de ser esta festa brilhante, sendo feita a expensas dos exm.ºs srs. D. Francisco de Carvalho, D. Salvador Manoel de Vilhena, e Guilherme Monteiro d'Albergaria, que todos se achavam na quinta da Portella do exm.º sr. D. Luiz de Carvalho? Este cavalheiro tambem concorreu devotamente para o explendor da festa, durante a qual se lançaram oito balões, que subiram a grande altura.

E o que mais é digno de elogio, é o acto de caridade praticada por esta exm.ª familia, vestindo todas as creancinhas pobres d'aquelle logar, e algumas do Arieiro, occupando-se as senhoras todas daquella casa com suas criadas no trabalho dos fatos, o que foi uma esmola de muita acceitação, praticada com verdadeira piedade, graças aos sentimentos religiosos, de que é dotada esta exm.ª familia.

* * *

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 7, á tarde.—A *Epoca*, vendo que a Inglaterra manda suspender a partida da esquadra para o Mediterraneo, e attendendo á linguagem mais moderada dos jornaes allemães, crê afastado todo o perigo de complicações, porque a França fechará as suas fronteiras e recusará soccorros aos carlistas.

Madrid, 8, pela manhã.—Muitos jornaes referem, reservadamente, o boato de que a Prussia informou os seus agentes no estrangeiro de que julga chegado o momento de reconhecer o governo de Serrano.

A *Gazeta* publica um relatorio com pormenores da defeza de Teruel. 13:000 carlistas, sob o commando de Lizarraga e de D. Affonso combateram com ardor durante 15 horas 1:300 homens que a defendiam. Quando Lizarraga intimou a rendição, a cidade inteira respondeu que nunca, mais depressa morrer. O governo felicitou os defensores.

Londres, 7 de Agosto, á tarde.—No discurso de encerramento do parlamento, a rainha disse que empregara toda a sua influencia para conservar as relações amigaveis entre as nações, mantendo as obrigações contrahidas pelos tratados para consolidar a paz. Reserva-se a plena liberdade de acceitar ou rejeitar as recommendações da conferencia de Bruxellas; deplora as desordens da Hespanha, mas ainda que deseja vivamente o restabelecimento da paz e da ordem naquelle paiz, julga que o melhor meio de conseguir esse resultado será a abstenção completa de intervenção nos negocios interiores d'esse estado independente.

Paris 7, ás 5 horas e 20 minutos da manhã—A circular do ministro dos negocios estrangeiros de Hespanha, produziu um optimo effeito nas regiões governamentaes, o que vae apressar o reconhecimento do governo de Madrid. Na fronteira effectuaram-se novas apprehensões de armas destinadas aos carlistas. Para cobrir o *deficit* do orçamento, o ministro da fazenda empregará os fundos emprestados pelo banco de França. E' de presumir que a receita dos impostos será superior ás previsões financeiras.

Madrid 8, ás 11 horas e 50 minutos da manhã—Despachos de Teruel dizem que as fracções de Lizarraga e de D. Affonso, em força de uns 12:500 homens se reuniram na noute de 2 em Sarrion, povoação immediata d'aquella cidade.

Os milicianos acudiram presurosos aos pontos de combate. Ao anoutecer de 3 intentaram os carlistas uma surpreza, mas foram repellidos até ao arrabalde, aonde arrazaram as casas e abriram brechas aproveitando a escuridão, continuando um fogo bem nutrido até ás 5 da tarde.

Desde as duas horas da manhã tinham occupado elles o arrabalde com uma peça de artilheria, as serras de Santa Barbara com duas peças e o cemiterio com outra.

Concentrando o fogo das baterias da praça contra o arrabalde, debaixo da protecção d'um fogo de fusilaria, fez-se-lhe, em meia hora apagar os fogos quasi completamente. Içaram então bandeiras, apresentando com um parlamentario um officio assignado por Lizarraga pedindo a entrega da praça.

As auctoridades responderam que se defenderiam, gritando o povo que preferia antes morrer do que render-se. Tomadas as precauções repartiram-se algumas balas sob e os pontos illuminados, tirando a vantagem da escuridão ao inimigo que intentou novo ataque ao amanhecer, sendo obrigado a retirar em direcção de Corbaran até valle de Coire.

As perdas dos liberaes consistiram em 4 mortos e 15 feridos, e suppõe-se que o inimigo teve numero de baixas. Os milicianos, a guarda civil e o batalhão da reserva rivalisaram em coragem e valentia.

ANNUNCIOS

1 NO ARMAZEM DE VINHOS de Domingos Antonio de Freitas, ás Ameias, vende-se vinho branco e tinto, a 25 e 30 rs. o quartilho, e o almude a 1$100 e 1$380 rs.

Tambem tem vinho dos melhores sitios do Alemtejo, proprio para mesa, a 40 rs. o quartilho; bem como vinagre e aguardente por preços commodos.

Attenção

2 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

---

presencearam, e o seu general, indo depois saudar a Espartero, não poude deixar de perguntar-lhe porque havia mandado parar o fogo no momento mais critico; e lhe respondeu o duque:

—São hespanhoes: fogem, e quiz antes fazer-lhes ponte de prata, do que matar alguns centos delles.

O general francez contemplava absorto o hespanhol, e nos elogios que lhe dirigiu, mostrava o respeito que lhe infundia; augmentando quando ao revistar as tropas liberaes, soube o que haviam andado. Parecia-lhe um sonho ver aquelles soldados curtidos pela intemperie, com um aspecto tão marcial, que teriam invejado os veteranos mais aguerridos de Napoleão.

As armas e cavallos dos carlistas foram entregues a Espartero, a seu pedido.

Uns 8:000 homens foram por differentes pontos comer o pão da emigração, bem amargo para elles; pois quasi todos iam pobres.

No dia 25 de Setembro reinava a paz mais completa em todas as provincias Vascongadas e em a Navarra; e nesse dia capitulou o tão forte como elegante castello de Guevara, com 11 peças, que dispararam em 18 dias de sitio, 712 tiros. Acharam-se neste castello, alem daquellas peças, um parque abundante e viveres para alimentar mais de tres mezes a sua guarnição. O castello foi completa e miseravelmente destruido e hoje apenas se vêem alli algumas ruinas.

Tal foi em sua essencia o convenio chamado de Vergara, e taes as suas consequencias immediatas.

Maroto marchou em breve para Bilbau, donde deu conta em um manifesto do acto celebrado, recebido em toda a Hespanha com delirante jubilo, porque ao ver cerradas as portas do templo de Jano, se percebiam já os alvores de um venturoso porvir. Ao mesmo tempo, e como se estivesse pesaroso do que havia feito, solicitou do governo francez passaporte para se trasladar a Bordeus, e o presidente do conselho de ministros se apressou a conceder-lho. Tambem pediu o seu quartel para a ilha de Cuba.

Espartero podia estar satisfeito da sua grande obra; e se houvera sido capaz de desvanecer-se, teria até enlouquecido, porque desde a rainha governadora e o ministerio, em termos desusados por enthusiastas e lisonjeiros, até a camara municipal da mais humilde aldeia; todos os corpos do exercito e da milicia, todas as corporações ainda ecclesiasticas, todos os personagens, enviaram sentidas e calorosas felicitações, prodigando os mais honrosos epithetos ao pacificador de Hespanha. Todos se honravam em o felicitar e aquelle que o não fazia por escripto, o fazia de coração.

E tudo marecia Espartero. O convenio era o resultado da sua destreza e do seu valor, o timbre da sua gloria. O grandioso daquelle pacto está em ser firmado no coração do paiz carlista; se tivesse sido nas margens do Ebro, seria só uma defecção de Maroto. Porem alli representava primeiro o triumpho, e depois a paz forçosa.

Glorias desta natureza não podem os povos jámais esquecer, a não renunciar á sua propria gloria; e as nações tem o dever de estimular o heroismo premiando-o, exaltar a virtude, amando a quem a pratica. Felizes os povos que tem heroes vivos que personificam as suas glorias!

Achava-se D. Carlos em França, e julgava um sonho quanto acabava de succeder-lhe. Não era estranho; porem devia culpar-se a si mesmo. Narrados ficam os factos, que são o mais eloquente testemunho, e para elles appellamos.

Quão poucos promovedores de guerras civis se tem encontrado em tão vantajosa e prospera situação! Senhor de uma grande parte da Hespanha; franca o resto a suas funestas, por mal guiadas, correrias; occupando magnificas posições militares; organisando com paizanos enthusiastas, exercitos disciplinados, aguerridos e valentes; contando quasi tantos heroes como soldados; tendo em seu apoio grandes massas de povo e muitos partidarios no clero, e ostentando uma bandeira que tinha em seu favor para alguns o respeito e a tradicção, para outros o direito, para não poucos a dignidade, e para muitos o affecto á pessoa; parece incrivel que o edificio levantado com taes elementos se derrubasse aos 6 annos. Nem faltaram heroes, nem victorias, nem escassearam sacrificios, nem deixou de derramar-se abundante sangue. Que outra causa podemos achar da sua ruina, que a inaptidão do chefe?

Vamos terminar. Temos sido longos; mas ainda assim, uma das maiores difficuldades com que lutámos foi resumir factos tão numerosos e tão extraordinarios.

A guerra civil ainda depois do convenio de Vergara durou perto de um anno. Comtudo, a bravura com que Cabrera defendeu Morella e outras praças de guerra, não fez senão prolongar por mais alguns mezes a contenda.

A guerra actual terá egual fim á dos 7 annos—1833 a 1840?

Para nós é de fé, que D. Carlos não triumpha. Não o poude conseguir o avô delle, apesar de chegar a dispor de exercitos aguerridos, e commandados por generaes como Zumalacarregui, Villareal, Cabrera e outros de egual merecimento.

A causa da liberdade tem tão solidos fundamentos, que nem os gravissimos erros politicos dos republicanos hespanhoes (que é o maior auxilio que tem tido os carlistas), podem fazer com que D. Carlos se assente no throno de Hespanha.

A monarchia absoluta é impossivel na peninsula; e ainda mesmo concedendo que momentaneamente triumphasse, seria para dar uma queda mais estrondosa.

A liberdade moderada é a unica situação politica que pode ser estavel nos dois paizes. O tempo mostrará se nos enganamos.

FIM

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A QUEM CONVIER

3 A COMMISSÃO encarregada de levar o cirio da Senhora da Nazareth, participa por este meio, que não impede nenhum devoto que queira acompanhal-o no dia da sua festividade, com tanto que se sujeitem ás prescripções que a mesma commissão estabeleceu para si. Os devotos a quem convier, queiram dar o seu nome ao sr. Francisco Ferreira Rocha, rua da Sophia, n.º 90, até ao dia 14 do corrente ao meio dia.

Um dos membros da commissão,

Bernardo Coelho.

ATTENÇÃO

4 NO DIA 15 do corrento, pelas 10 horas da manhã, no largo do Castello, n.º 28 a 32, vão á praça, para serem adjudicadas a quem maior lanço offerecer, as casas da rua do Borralho e becco dos Militares, pertencentes aos filhos do fallecido Antonio Justino.

5 VENDE-SE uma terra no campo de Ceira. Trata-se na botica da rua de Quebra Costas.

6 O BACHARELANDO em medicina Francisco Martins Ramos, lecciona em Introducção, a quem tiver de fazer exame em Outubro.—Becco das Flores—40.

COIMBRA

LEILÃO DE MOVEIS NA QUINTA DOS LOIOS AO CIDRAL

7 NO DOMINGO, 16 de Agosto, ás 9 horas da manhã, perante o exm.º juiz de direito desta comarca de Coimbra, na quinta denominada dos Loios ao Cidral, hãode vender-se em hasta publica todos os moveis que compõem a herança deixada ao asylo de infancia desvalida, asylo de mendicidade e hospital da Ordem Terceira, por seu bemfeitor o sr. conselheiro José Maria de Abreu; e em

MONTE MÓR O VELHO

No dia 23 do mesmo mez de Agosto, ás 9 horas da manhã, no tribunal de justiça da comarca de Monte Mór o Velho, se hãode vender em hasta publica todos os bens immobiliarios, que compõe a herança daquelle bemfeitor, situados no campo de Monte Mór, Carapinheira, Tentugal e Formozelha; e ainda mais em

COIMBRA

No dia 25 do mesmo mez d'Agosto, ás 9 horas da manhã, no tribunal judicial em Santa Cruz, se hãode arrematar todos os bens immobiliarios pertencentes á mesma herança, situados nesta comarca de Coimbra, comprehendendo a Quinta dos Loyos e Quinta Nova, formando um só predio—Quinta do Cidral, e diversas casas, pinhaes e olivaes, casas aos arcos de S. Bento, e duas moradas de casas na Couraça de Lisboa, aos Militares.

Do processo em Coimbra é escrivão Almeida, officio de Servulo. Em Monte Mór é escrivão Carvalho.

COLLEGIO ACADEMICO

Rua dos Coutinhos, 22

8 CONTINUAM ABERTAS as aulas de Historia, Logica, Mathematicas, Introducção e Francez, para os exames da futura epocha em Outubro. As das restantes disciplinas abrem-se, havendo conveniente numero.

O director,

Antonio Zeferino Candido.

9 J. A. SOUSA REFOIOS, bacharel em Philosophia, e estudante do 2.º anno de Medicina, lecciona Introducção aos alumnos que desejarem fazer exame em Outubro.

Rua da Trindade, n.º 38.

FIGUEIRA DA FOZ

GRANDE DEPOSITO

DE

Pozolana, ou cimento hydraulico de 1.ª qualidade. Vende-se por preços resumidos.

AGOAS & F.ºˢ

AGRADECIMENTO

11 JOSE' TEIXEIRA GUIMARÃES, vem por este meio agradecer a todas as pessoas, que se dignaram assistir ao acto funebre da trasladação dos restos mortaes de seu chorado tio, o sr. Manoel José Teixeira Guimarães, para o seu novo jazigo no cemiterio da Conchada.

Em particular agradece á briosa philarmonica *Boa União*, que da melhor vontade se prestou a ir alli tocar.

A todos se confessa summamente reconhecido.

CHOUPOS

12 QUEM QUIZER comprar 10, dirija-se á rua da Sophia, n.º 35.

Livros velhos e usados

13 COMPRAM-SE na rua da Calçada, n.º 189.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Barca=VICTORIA= em 20 de Agosto.

Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE=em 12 de Agosto.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

15 NO DIA 25 do corrente mez de Agosto, por nove horas da manhã, ás portas do tribunal de justiça no edificio de Santa Cruz, e perante o exm.º dr. juiz de direito desta comarca se ha de arrematar de renda, a quem mais der, da quantia de 100$000 rs., por um ou mais annos, a quinta denominada da Pedrancha, sita no limite de Alcarraques, pertencente á menor D. Maria Clotilde, filha do fallecido Dr. Antonio da Cunha Pereira Bandeira de Neiva, a requerimento de seu tutor o exm.º conde das Canas, cujas condições serão presentes no acto da praça e desde já no cartorio do escrivão interino—Costa.

EDITAL

A junta dos repartidores da contribuição industrial e do lançamento da decima de juros do concelho de Coimbra, no corrente anno civil de 1874.

16 Fazem publico que, na repartição de fazenda deste concelho, hãode estar patentes, a contar do dia 10 do corrente, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, a matriz da contribuição industrial, por espaço de 10 dias, e o lançamento da decima de juros pelo de quinze dias, a fim de poderem ser examinados pelos contribuintes, que tem direito a reclamar, em quanto a *contribuição industrial:*

1.º Sobre erro na designação das pessoas e moradas, ou do emprego, profissão, industria, arte ou officio;

2.º sobre injusta designação da classe;

3.º sobre indevida inclusão ou exclusão de pessoas; e

4.º sobre inexactidão na designação do facto ou factos sobre que tenha de recair a contribuição.

As reclamações contra o *lançamento da decima de juros*, podem ter por objecto:

1.º erro de calculo na fixação da decima de juros, comprehendendo os addicionaes; e

2.º qualquer erro na transcripção das pessoas e moradas e dos capitaes em divida dos livros dos manifestos para o respectivo lançamento.

Outrosim, se faz publico, que nesta data são enviadas aos regedores as *notas* creadas pelo artigo 72.º do regulamento de 28 de Agosto de 1872, de quem os contribuintes as poderão solicitar, para saberem os *factos collectaveis* por que se acham inscriptos na matriz industrial, o prazo em que poderão entregar ao presidente da junta dos repartidores, na administração deste concelho, ou ao regedor de parochia na sua freguezia, as reclamações,—os dias em que estas hão de ser resolvidas pela junta respectiva, bem como o prazo em que podem interpôr recurso da sua decisão para o conselho de districto.

As reclamações e recursos devem ser individuaes, escriptos em papel sellado, com a taxa de 60 reis por cada meia folha, e com a mesma taxa serão sellados todos os documentos com que forem instruidos.

E para constar se passou o presente, que com outros de egual theor, será afixado nos logares mais publicos e do costume neste concelho, e um dos exemplares enviado aos reverendos parochos deste concelho a fim de ser lido á missa conventual.

Repartição de fazenda do concelho de Coimbra, 7 de Agosto de 1874.

O presidente da junta
dos repartidores,

Manoel Maria da Cunha.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

17 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

Cerveja Ingleza branca e preta de Bass & F.ºˢ

18 ESTABELECIMENTO de Manoel da Silva Gonzaga.

53—Sophia—57, casa d'azulejo.

DOCTOR IN ABSENTIA

19 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

Queijo Gruyere e Flamengo

20 CHEGOU ao estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga.

53—Sophia—57, casa d'azulejo.

Agradecimento

21 ANTONIO DA CRUZ PESSOA, Capitolina Livia da Maia Pessoa, e sua filha Virginia Livia da Maia Pessoa, profundamente reconhecidos para com todas as pessoas da sua amizade; vem por este meio agradecer de lhe irem suavisar a sua dôr, e ás que acompanharam os restos mortaes de seu filho e irmão, Eduardo da Maia Pessoa, á sua ultima morada; e pedem desculpa de alguma falta que houvesse, e a todos protestam eterna gratidão.

Bernardino Pinheiro

22 AMORES D'UM VISIONARIO, romance historico do XVI seculo. Dois volumes em 8.º de 270 paginas cada um—Preço 1$000 rs.

Vende-se em Coimbra na loja do sr. José Diego Pires, á Sé Velha, e nas principaes livrarias. Para as provincias envia-se, franco de porte, a quem remetter a importancia ao auctor, rua Nova do Almada, n.º 95—2.º andar.

AOS BANHISTAS DA PRAIA DA NAZARETH

João Antonio d'Oliveira

vulgo João Rey & Manuel José de Brito

23 FAZEM publico, que mais uma vantagem e commodidade vão offerecer aos frequentadores da praia da Nazareth, no tempo de banhos, e é o poderem ser conduzidos em carruagem até á mesma praia, por modicos preços.

Do 1.º de Setembro em diante chegarão até á praia da Nazareth as carreiras de diligencias que se acham estabelecidas por conta dos annunciantes, de Chão de Maçãs e Pombal para Alcobaça.

Os preços nas carreiras actuaes continuam a ser os mesmos já annunciados. A nova tabella para os banhistas é a seguinte:

De Chão de Maçãs e Pombal á praia da Nazareth, ida e volta, cada pessoa, 3$000 rs. dentro e 2$600 fóra; ida sómente ou volta, cada pessoa 2$200 rs. dentro e 1$800 rs. fóra.

A chegada da diligencia á praia é ás 5 ½ horas da tarde; saida da mesma ás 6 horas da manhã. Tambem se alugam carros especiaes, por preços rasoaveis, para qualquer ponto e para a mesma praia.

E' permittido a cada passageiro levar 15 kilos de bagagem e pelo excesso na rasão de 20 rs. por kilo.

NUMERO 2820 — TERÇA FEIRA 4 DE AGOSTO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O sr. Ferreira Lapa, um dos nossos mais distinctos agronomos, na sua ultima e excellente revista agricola, publicada no *Commercio do Porto*, depois de exaltar as qualidades dos vinhos portuguezes, e de fazer ver o credito merecido, que elles tem obtido na exposição de Londres, apresenta, e justifica uma ideia, que de certo não deixará de ser aproveitada pelo governo e pelos agricultores e negociantes deste paiz.

Refere-se o illustre agronomo á conveniencia de aproveitar este favoravel ensejo, que foi, como muito bem diz o sr. Ferreira Lapa, um verdadeiro *triumpho*, que na capital do mundo commercial alcançaram os nossos vinhos, por iniciativa e providencia do governo portuguez.

Demonstra o sr. Lapa, a conveniencia de estabelecer no mercado de Londres, um bazar de vinhos portuguezes, que seja o centro para provas e para encommendas, o qual deverá estar em relação com os negociantes e agentes commerciaes deste genero em Inglaterra; fornecendo amostras por preços diminutos, todos os esclarecimentos, e todas as facilidades de transacções, e remessas de vinhos. E para mais promptamento se pode realisar este commercio com Portugal, deverá o centro estar em relação com os negociantes e productores de vinhos deste paiz.

Para dar execução ao seu patriotico pensamento, lembra o esclarecido professor, a conveniencia de se organisar uma companhia commercial de vinhos, que trate deste objecto, com o fim não só de divulgar, facilitar e promover a exportação de nossos vinhos de pasto; mas ainda de emprehender mais largas operações, quer seja em corretagem, quer em remessas por conta da empreza, podendo por esta forma estabelecer-se um vasto trafico de vinhos, para o mercado de Inglaterra, e para o de outros pontos.

Esta é a ideia do habil professor, cujas vantagens não podem ser contestadas.

Se de uma vez nos resolvermos a pensar seriamente no futuro deste paiz, e na riqueza que temos ainda a explorar neste ramo de industria agricola, que por vergonha nossa tem sido completamente descurado; a ideia do sr. Ferreira Lapa não póde deixar de ser adoptada e seguida sem hesitação.

E' de todo o ponto favoravel a occasião para tal emprehendimento.

Os vinhos portuguezes têem obtido na exposição de Londres o mais favoravel acolhimento, por todas as pessoas entendidas neste ramo de commercio. Tem sido tal o credito e a reputação que no *Albert-Hall* adquiriram os nossos vinhos, que, como por differentes vezes já mencionamos, uma grande parte da imprensa britannica, nos tem dirigido os mais rasgados elogios.

Portugal é o paiz, que mais e melhores variedades póde offerecer aos consumidores deste genero. Nação alguma rivalisa com os nossos productos vinicolas; mas é sabido que alguns paizes tem feito e hãode continuar a fazer-nos toda a guerra, debaixo do ponto de vista de inculcar os seus vinhos; circumstancia, contra a qual nos devemos prevenir antecipadamente, para não termos de perder o que lucramos com a actual exposição.

Hoje, que os nossos vinhos grangearam uma reputação honrosissima no primeiro mercado da Europa, seria um erro indesculpavel, deixar de empregar todos os esforços para tirar as vantagens a que temos incontestavel direito.

O alvitre do sr. Lapa deve realisar este intento. Ou seja por iniciativa puramente particular; ou com auxilio dos poderes publicos, é indispensavel tratar desde já deste objecto.

A alguns espiritos patrioticos, ao governo e ao seu provado desejo de ser util ao paiz, cujos interesses tem evidentemente promovido, devemos o feliz resultado da exposição vinicola.

Completem os iniciadores de tão proveitosa ideia, o pensamento que agora expõe um dos homens mais competentes no assumpto que tratamos; e com isso prestarão a Portugal um relevante serviço.

COMMUNICADO

Penella

Sr. redactor.—E' uma verdade que ninguem pode contestar, que quando se tracta da divisão do territorio, tanto judicial como administrativamente, deve ter-se em vista a commodidade dos povos, a fim de obterem prompta reparação do damno, facilitando-lhes os meios da justiça, que a todos compete quando, aggredidos ou turbados e esbulhados do que é seu, procuram o soccorro da lei, que na egualdade de circumstancias deve ser applicada sem distincção de pessoa alguma. Pinta-se a justiça vendada, e ninguem se atreveu até agora dizer em publico, era para obrar ás cegas, ou despoticamente; mas é a genuina intelligencia deste symbolo, para que preste o seu a quem toca, sem contemplação ou conhecimento dos interessados. Estabelecido este solido principio, devemos pôr de parte conveniencias particulares, que quasi sempre têem um fim politico e inteiramente opposto ao bem dos povos.

Se os homens medissem pelo proprio o vigor das paixões alheias, e reconhecessem em todos o mesmo direito para o seu preenchimento, esta reflexão da razão faria moderar todas em todos, e que se auxiliassem para trazer só a effeito o conveniente e util ao commum; resultariam deste ajuntamento da razão á justiça gozos mais doces e interessantes a universalidade: mas as pretensões que temos, e as recriminações que fazemos aos outros, frequentemente se convertem em propria censura. Nestas circumstancias é de absoluta necessidade adoptar cada um de per si o meio mais prompto e proficuo para supplantar a ambição, e concorrer para a exacta observancia da lei, deixando livremente funccionar a auctoridade publica, a qual tem deveres restrictos e inteiramente alheios ás pretensões mesquinhas e particulares.

No estado actual das cousas, por toda a parte por onde vamos, surgem continuos e repetidos clamores dos povos, pedindo cada um para si as conveniencias que bem lhes parece, julgando-se todos com incontestavel direito para exigirem em suas localidades a creação de concelhos e comarcas. Tal proce-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXII

D. CARLOS

CXXXII

Por uma relação escripta por La Torre, consta que concorreram ao convenio este general, D. Antonio Urbiztondo, o brigadeiro D. Antonio de Iturbe, D. Manoel de Toledo, D. Roque Linares e os commissionados de Biscaia e Guipuscoa.

Determinou-se o seguinte dia para a apresentação dos batalhões em Vergara, a cuja frente todos suppunham que iria o general em chefe; porém este saiu de madrugada com o seu auditor, ajudantes e escolta para a villa. Tambem o acompanhou La Torre, que assim o desejou.

Puig-Samper recebeu-os em Vergara; chegou dentro em pouco o duque da Victoria, e acolheu favoravelmente a Maroto e aos seus companheiros; sem que estas carinhosas demonstrações tirassem ao chefe carlista, da tristeza e abatimento de que estava possuido. Ainda alli, apezar de ver-se impellido, se julgava só, por não acudirem as forças que desejavam a paz; e aturdido sem duvida, se dirigiu ao coronel inglez Wylde e lhe disse:—«pelo que possa acontecer me acolho ao pavilhão inglez.»

Sente então Espartero ferida a sua altivez hespanhola, e com dignidade lhe diz, que não tem que acolher-se a nenhum pavilhão estrangeiro, e que se se via abandonado pelos que estavam compromettidos, nesse caso partiriam um pedaço de pão em quanto elle Espartero o tivesse.

La Torre dizia no entanto a Zabala, que Maroto estava transtornado. Pelo menos parecia-o. Deu seguranças ao duque de que não faltaria a sua divisão biscainha, e que tambem se apresentariam as forças de Urbiztondo e Iturbe, ainda que era já tarde e nenhumas forças appareciam, nem ainda o aviso de haver chegado a Anzuola os batalhões castelhanos e guipuscoanos, com outro de artilheria, que devia incorporar-se-lhes. Espartero encarregou então a Tena que tomasse algumas medidas de precaução.

Não eram infundados os temores de Maroto; tinha suspeitas, ainda que não conhecia o officio que Iturbe, o primeiro que assignara o convenio, escrevera a Zaratiegui; e em breve se recebeu uma parte de Urbiztondo, manifestando a repugnancia das tropas em ir a Vergara, e que retrocediam, apesar do que faria os maiores esforços para o impedir. Então escreveu Maroto aos chefes de confiança, que empregassem toda a sua influencia para os fazer concorrer a Vergara, e enviou ao seu secretario Martinez, que trabalhou com actividade.

La Torre, pela sua parte, commissionou ao seu ajudante D. João de Elorriaga, para ir a Elgoibar, a fim de prevenir aos chefes, de que naquella noute, ou muito de madrugada, se apresentaria com o convenio, tal qual se havia formado, para se pôr á frente da divisão e cumpril-o, encarregando-lhe ao mesmo tempo a maior vigilancia, para que o que não pertencesse ao batalhão, ou ao estado maior do general podesse entrar no povo.

Maroto não queria se separasse do seu lado La Torre, e achando-o este, triste e abatido, tratou de o animar, offereceu-se-lhe para tudo e lhe prometteu que com os biscainhos arrastaria aos outros em um caso dado.

Grandes esforços tiveram que fazer Urbiztondo e D. José Martinez para convencer aos castelhanos, e impedir que se afastassem de Vergara, como principiaram a fazel-o; e depois de ter Martinez meio arrebentado o seu cavallo, escreveu a Urbiztondo daquella villa no dia 31, á uma e meia da noute, que Maroto queria que voltasse pessoalmente a dizer a Iturbe, que prevenisse aos seus batalhões de que, em vez de pensar em desarmal-os, no dia seguinte de revistados por Espartero, marchariam a incorporar-se á sua divisão em Andoain; que não tivessem nenhum cuidado; que em breve pararia Maroto aonde estavam, e que o fizesse assim entender a Iturbe.

Por fim conseguiram fazer frente aquelle conflicto, e Urbiztondo foi o primeiro que apresentou a sua divisão em Vergara, apezar de que Iturbe ainda o estimulava a retroceder e desconfiar de Maroto. D. José Fulgosio, Lassala e Cuevillas trabalharam com decisão e venceram não poucos riscos.

Quando se apresentaram estas forças socegou alguma cousa Maroto. Recebeu-as E--

dimento é desculpavel, mas sobre tudo isto appareça o brilho da razão que conduz o individuo ao que é justo, e colloca a auctoridade dentro da orbita de seus deveres.

Pomos de parte a politica, e como juizes rectos executamos a lei na sua integra. Eis aqui pois o que mais convem aos homens no estado social, e o verdadeiro caminho que devemos trilhar.

São de tanto peso as manifestações populares, que os encarregados do regimen dos povos procuram assiduamente conciliar os animos, e quando se tracta de qualquer medida, e sempre de leveza e acarreta graves consequencias, não só aos mesmos povos, mas tambem aos executores da lei. A experiencia o tem mostrado.

No governo actual não deve acontecer assim, porque somos livres, e temos uma constituição que garante os nossos direitos. Se os individuos pensassem como deviam, e afastados da parcialidade dessem um voto consciencioso, estou certo que os governos teriam sua existencia mais prolongada, e no curso da sua vida politica prestariam ao paiz os serviços proprios e adequados á alta missão que exercem. Tal é a importante tarefa que o governo na epocha presente vai emprehender, e diz respeito á creação de 30 comarcas.

Estou altamente convencido que o nobre ministro da justiça hade immortalisar-se com aquelle importante trabalho, pois s. ex.ª, alem do seu muito saber, é dotado dos melhores sentimentos, e na sua vida publica tem dado provas incontestaveis do quanto vela pelo bem estar dos povos, procurando a commodidade d'estes, e afastando de si qualquer pressão menos airosa, é que podesse desvial-o do cumprimento de seus deveres.

Convictos d'estas razões, por isso nos deliberámos a escrever para este jornal alguns artigos ácerca da creação de uma comarca na villa de Penella. Não tivemos por fim illudir a auctoridade, como com menos verdade se disse em uma correspondencia inserida neste jornal em o n.º 2808. Os fundamentos por nós apresentados em favor de Penella procedem, e são tão verdadeiros que escusado era mencional-os, pois não só as competentes auctoridades, mas até o nobre e distincto ministro das justiças, bem certos estão da veracidade de nossas razões, pelo facto de ser visivel e patente a todos a posição topographica da villa de Penella, e a distancia que esta localidade fica da Louzã—Figueiró dos Vinhos—Thomar—Pombal—Soure, e Coimbra.

Já disse numa correspondencia—que a villa de Penella tinha dentro em si duas freguezias, contando ambas mais de mil fogos.

As povoações de que se compõem as ditas freguezias distam das sédes das comarcas limitrophes mais de 30 kilometros, e por tanto era um gravame não só para os povos das ditas freguezias, mas tambem para os povos de todo o concelho serem annexados a outro concelho, porque estamos a grande distancia das comarcas que devem subsistir.

Coimbra é uma povoação nobre e importante, aonde se devem crear duas varas pela grande affluencia de negocios forenses, e para a prompta administração da justiça, o que bem comporta o numero de fogos de que se compõe a mesma cidade, acrescendo as freguezias do julgado de Condeixa, que se lhe devem annexar, e outras para o lado do norte.

A villa de Soure augmenta em sua comarca, annexando-se-lhe parte das freguezias do dito julgado de Condeixa. A villa de Pombal tambem augmenta em sua comarca com a extincção do julgado de Ancião; sendo uma impossibilidade crear uma comarca nesta villa por estar muito proxima a Pombal, não tendo para este lado povoação alguma, e tão sómente a serra denominada a *Sicó*—que lhe fica de permeio.

A villa de Figueiró dos Vinhos em sua comarca, não soffre com a creação da comarca de Penella, porque hade ser compensada com algumas freguezias do julgado do Pedrogão. A comarca da villa da Louzã augmenta com a extincção do julgado de Miranda do Corvo, que lhe deve ser annexado, passando tão sómente para Penella a freguezia de Lamas.

Respeitamos as conveniencias de todos, mas esta contemplação de interesses e individual cessa desde o momento que a utilidade publica assim o reclama.

Nós não procuramos a belleza das povoações para arrogarem a si a importancia de comarcas; devemos unica e exclusivamente procurar o local que mais se facilite á commodidade dos povos, e lhes torne accessivel a prompta administração da justiça.

Senhor ministro da justiça, v. ex.ª tem o conhecimento proprio do districto de Coimbra; alem disso a lei que offereceu ao paiz é de alta conveniencia publica, e os povos só na sua execução podem dizer a bem della, e por isso v. ex.ª como mui digno executor da mesma lei, dará logar a que os mesmos povos lhe prestem o respeito e homenagem que se deve ter ao superior que com acerto os dirige e administra.

Os habitantes da villa de Penella têem toda a confiança em v. ex.ª, e a não ser assim, e pela incontestavel justiça que lhes assiste, desistiriam da sua justa pertensão, a cujo deferimento v. ex.ª não sabe faltar.

Terminamos esta correspondencia, alias fastidiosa, pedindo desculpa do nosso sentir que não agradará a todos; todavia procuramos patentear a verdade, e sermos rectos em nossas asserções. A verdade offusca a mentira, e aquella brilha em todo o horisonte, a travez das muitas difficuldades que quasi sempre se lhe apresentam.

* * *

---

partero com todo o seu estado maior, e uma multidão de curiosos que acudiram a presenciar a importante e grandiosa scena da reconciliação dos que pouco tempo antes combatiam de morte, dos que em seis annos de constante luta haviam acreditado o seu heroismo.

Formaram os carlistas castelhanos entre duas divisões liberaes, e arengando-lhes o duque de Victoria, lhes deu a escolher entre permanecer ao serviço da rainha, ou voltar a suas casas; e todos preferiram, com repetidos vivas, o primeiro partido. Não podia ser mais sincera a sua reconciliação; e na mesma tarde marcharam aos pontos designados, acompanhados por uma brigada liberal.

Houve tambem necessidade de conduzir aos biscainhos, que continuavam em Elgoibar, para onde marchou La Torre. Leu-lhes o convenio; acceitaram-no todos, menos D. João Pavia, que por ser parente do ministro Montenegro, não julgou digno do seu cavalheirismo o acceital-o. Deixou-o marchar, dando-lhe a mão, e formada a tropa, e disposta a pôr-se em caminho, o commandante de terceiro batalhão, que era um ecclesiastico—Ibarzabal—gritou traição, e indo La Torre a castigal-o, fugiu. Emprehenderam a marcha, e chegando perto de Piasencia, procurou Iturriza fazer retroceder algumas forças; porem fugiu ao apresentar-se La Torre, e continuaram logo a marcha sem novidade, entrando em Vergara, onde estavam os castelhanos.

Arengou Espartero aos biscainhos, como o havia feito aos castelhanos; ensarilharam as armas, e se misturaram todos alegres.

Faltava a divisão guipuscoana, que era a que mais difficuldades apresentava, e as havia tambem por parte de S. Sebastião com os chefes dos corpos que cobriam a linha de Andoain; e particularmente com o commandante geral Iturriaga. Muito contribuiu, porem, o coronel Fernandes para a apresentação dos guipuscoanos, contrariando as disposições daquelle commandante geral.

D. Rafael Maroto publicou no seu quartel general de Villareal de Zumarraga a seguinte proclamação:

«Voluntarios e povos vascongados:—Ninguem mais enthusiasta que eu para sustentar os direitos ao throno das Hespanhas a favor do senhor D. Carlos Maria Isidro de Bourbon quando me declarei; porem ninguem mais convencido pela experiencia de multidão de acontecimentos, de que jámais elle poderia fazer a felicidade da minha patria, unico estimulo para o meu coração: por tanto, unido ao sentimento dos chefes militares de Biscaya, Guipuzcoa, castelhanos, e alguns outros, transigi a fim de conciliar os extremos de uma guerra assoladora, e alcançar a paz tão desejada por todos, segundo publica, e reservadamente se me tem feito conhecer. A falta de recursos para sustentar a guerra, depois de tantos annos, e a demonstração publica de aversão á marcha dos ministerios, me tem compromettido ao ultimo passo. Manifestei a el-rei meus pensamentos e proposições com a franqueza que me caracterisa, e quando devia esperar um acolhimento digno de um principe, desde logo se mostrou a resolução de sacrificar-me. Em tão critica posição meu espirito cobrou novo alento, e os trabalhos para conseguir o termo de nossas desgraças se multiplicaram. Por ultimo concordei com o general Espartero, auctorisado em devida forma por todos os chefes referidos, que nestas provincias se conclua a guerra para sempre; e que todos nos consideremos reciprocamente como irmãos e hespanhoes; e se as forças das demais provincias quizerem seguir nosso exemplo, evitando a ruina de seus paes, irmãos e parentes, serão considerados e admittidos; porem para isso cumpre que desde logo se manifestem, abandonando os que lhe aconselharem a continuação da guerra, que nem convem nem pode sustentar-se.

Os homens nem são de bronze, nem como os camaleões para que possam subsistir do ar: A miseria toca o seu extremo em todo o exercito, ha tantos mezes sem soccorros: os chefes e officiaes tratados peor que os soldados, pois a estes se lhes dá o seu vestuario; mas áquelle tão sómente uma mesquinha ração, vendo-os por conseguinte marchar descalços, sem camisa, e soffrendo todas as privações e penalidades de uma guerra tão penosa. Se alguns fundos tem entrado remettidos de paizes estrangeiros, vós os haveis visto dissipar entre os que os recebiam e administravam: O paiz está acabrunhado pelos excessivos gravames, e ninguem tem com que attender ás suas necessidades: o militar, que antes contava com o auxilio de sua casa, sente no dia seguinte as angustias de seus paes, que choram a generosidade de um pronunciamento, que só lhes promette desolação e morte.

Provincianos: seja eterna em nossos corações a sensação de paz e união entre os hespanhoes, e desterremos para sempre os resentimentos pessoaes: isto vos aconselha o vosso companheiro e general. Quartel general de Villareal de Zumarraga, 30 de Agosto de 1839, —*Rafael Maroto*.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

O falsario D. Nicolau de Santa Maria.—Tivemos já occasião de dizer, que é mister ler com prevenção as chronicas das ordens religiosas, porque em geral os seus auctores, o que principalmente tinham em vista, era exaltar as corporações a que pertenciam, fazendo crer que os frades eram todos uns santos e o conjunto das maiores virtudes.

Não se póde, nem deve negar, que nas ordens religiosas havia muitos frades de exemplar comportamento e que se applicavam com todo o disvelo a adquirir conhecimentos e a communicar ao publico o resultado dos seus estudos; mas tambem é manifesto, que grande numero tomavam como simples modo de vida o pertencerem ás corporações religiosas, e desses, não poucos, envergonhavam por actos reprehensiveis a sua classe.

Vê-se, portanto, que as ordens religiosas, assim como todas as medalhas, tinham duas faces. Os chronistas, porem, occupavam-se só de uma dellas, a lisonjeira; e occultavam cuidadosamente a outra, a desagradavel. E não se limitavam unicamente a não tratar desta ultima; faziam mais, falsificavam os documentos e deturpavam os factos, para fazer desapparecer das paginas da historia as manchas, que deshonravam as suas corporações, ou pelo menos, uma parte dos individuos dellas.

E podiam fazer tudo isso impunemente, porque como no governo absoluto não havia liberdade de imprensa, e os censores eram em regra os proprios frades, não consentiriam que algum critico consciencioso viesse tirar a mascara aos deturpadores da historia. E' verdade, que algumas polemicas appareceram entre os chronistas; mas em geral eram mais sobre questões de preeminencia de uma ordem religiosa sobre outra, do que com o fim de que a verdade apparecesse em toda a sua luz, e se fizesse a justiça a quem a merecia.

Já o sabio João Pedro Ribeiro disse nas suas *Observações historicas e criticas*, impressas em 1798:

«O espirito de partido tem feito abraçar geralmente nas chronicas das religiões, pelos seus auctores, quanto podia dar honra e gloria ás mesmas corporações: ainda nos que obraram de boa fé, se reconhece os erros, a que os arrastou a cada passo o mesmo espirito de partido.»

D. Nicolau de Santa Maria, auctor da *Chronica da ordem dos conegos regrantes do patriarcha S. Agostinho*, impressa em Lisboa no anno de 1668, é, sem duvida, um dos mais notaveis dos mencionados falsarios.

Um dos maiores vexames para a ordem dos conegos regrantes, foi não só a reforma que D. João III lhes mandou fazer; mas sobretudo, o incumbir elle essa reformação a um religioso de ordem differente, Fr. Braz de Barros, que pertencia á ordem de S. Jeronymo. D. Nicolau de Santa Maria não pode disfarçar na sua chronica o despeito por essa resolução de D. João III.

Passa, por isso, o chronista, o mais ligeiramente que pode, sobre os actos desta reforma, e serve-se das tintas mais suaves que poude achar para tornar menos repugnante este acontecimento para a sua ordem.

Quando em 1834 se extinguiram as ordens religiosas, desappareceu do convento de Santa Cruz, desta cidade, um valiosissimo livro, no qual estavam todas as cartas originaes de D. João III para Fr. Braz de Barros, por occasião da reforma que lhe havia incumbido. Nellas se via largamente descripto o que não convinha a D. Nicolau de Santa Maria manifestar na sua chronica.

Esta collecção de cartas, que era uma verdadeira preciosidade, não se sabe actualmente onde existe. Esteve por muito tempo na mão de um particular desta cidade; e depois da sua morte, sendo cuidadosamente procurada na sua livraria, não foi possivel achal-a.

Felizmente houve um amador, que tirou em tempo uma copia fiel das mais interessantes destas cartas, e fez um sufficiente resumo de todas as outras; de modo que por esse meio ainda hoje se póde fazer a verdadeira critica daquella reforma da ordem dos conegos regrantes.

O já indicado João Pedro Ribeiro, nas suas *Observações historicas e criticas*, accusando, com razão, de falsario a D. Nicolau de Santa Maria, menciona a existencia no convento da Serra do Porto, de umas memorias manuscriptas, feitas pelo activo investigador e antiquario, o conego regrante D. Bernardo da Encarnação, natural de Aveiro, professo em Santa Cruz de Coimbra em 1739, e fallecido na edade de 72 annos, em 28 de Janeiro de 1781.

Essas interessantes memorias, acham-se hoje na mão de um curioso desta cidade, e ahi se podem ver muitos documentos, copiados dos proprios originaes que existiam no referido convento da Serra, por D. Bernardo da Encarnação; e quando se comparam taes documentos, com os que publicou D. Nicolau de Santa Maria na sua chronica, é que bem se pode avaliar até que ponto chegou o desassombro com que elle praticou taes falsidades!

Por exemplo, publicou D. Nicolau de Santa Maria, a paginas 578 da segunda parte da sua chronica, uma carta do bispo do Porto, D. Fr. Balthazar Limpo, de 17 de Junho de 1539, concedendo a ermida de S. Nicolau, proxima do Porto, ao convento da Serra. Quem a confrontar com a verdadeira, hade pasmar da impudencia do chronista dos conegos regrantes! Inverte, supprime, acrescenta; em fim transforma completamente o documento, para os fins que pretende! Não seria facil acreditl-o, se se não visse.

Diz Fr. Balthazar Limpo, na sua carta, que *Fr. Braz de Barros, governador do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*, lhe mandara pedir a ermida; mas como D. Nicolau de Santa Maria tratava, quanto podia, de occultar os actos do reformador, altera o documento, e diz na sua chronica, como póde examinar toda a pessoa que a ler:— Fazemos saber a quantos esta nossa carta virem, que o *Prior do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*, &.

Acrescenta D. Fr. Balthazar Limpo na sua carta, que o dito Fr. Braz de Barros lhe — «enviou dizer, que por o sitio da ermida de S. Nicolao, *que está no logar da Meijoeira, junto da cidade do Porto, que é de nossa apresentação e collação*, ser muito necessario para ficar dentro no circuito do mosteiro novo do Salvador da Ordem de S. Agostinho dos Conegos Regrantes, que ora el-rei nosso senhor manda fazer no dito logar, nos pedia que houvessemos por bem e dessemos para isso nosso consentimento, &»—porem D. Nicolau de Santa Maria, a quem não convinha confessar os direitos de apresentação e collação do bispo do Porto; e pelo contrario utilisava em fingir que na referida ermida já tinha havido em tempo um mosteiro de conegas da sua ordem; falsifica desaforadamente o documento, supprimindo parte delle e acrescentando o que lá não está, e diz na sua chronica:—«enviou dizer, que pello sitio da Ermida de São Nicolao *das Donas (que antigamente foi Mosteiro de Conegas de sua Ordem)* lhe ser muito necessario, &.»

Na mesma carta punha D. Balthazar Limpo muitas clausulas e restricções a doação que fazia da ermida de S. Nicolau aos conegos regrantes, com a pena, no caso contrario, de ficar nulla essa doação. Pois no documento publicado na chronica, não só supprimiu D. Nicolau de Santa Maria quasi todas essas restricções; mas acrescentou regalias e direitos, que não foram concedidos por D. Fr. Balthazar Limpo na sua carta de doação!

Ora fiem-se em chronicas de frades!

Banco Commercial de Coimbra—Teve hontem logar a definitiva installação deste Banco em a casa da rua do Visconde da Luz. Compareceram todos os corpos a quem compete a administração do Banco—mesa da assembleia geral, conselho fiscal, e gerencia. Presidiu o sr. D. Luiz de Lorena, que felicitou Coimbra e os instituidores do Banco, fazendo votos por que um concurso de vontades eleve o Banco á altura que exige a importancia da localidade em que foi instituido.

O sr. Olympio, vice-presidente da assembleia geral, tambem felicitou os installadores do Banco, os quaes vencendo todas as difficuldades inherentes a commettimentos taes, vêem hoje realisados os seus intuitos, e Coimbra dotada com um estabelecimento de credito, de que lhe devem provir os mais importantes resultados, e ao districto, á provincia, e ao paiz. Que pedia a gerencia que fosse a mais assidua e cautellosa possivel; porque, se lhe provinha muita gloria do que estava feito, corria-lhe muita responsabilidade se o Banco e a sua administração deixassem de corresponder á expectativa publica, o que não era de esperar.

Fallou tambem o sr. Rodrigues de Sousa, secretario da assemblea geral, e o sr. Melchiades, membro da gerencia, manifestando os seus bons desejos e os de todos os membros da gerencia.

Rubricaram-se varios livros, e assignaram-se os devidos termos.

Consta-nos que o Banco tem affectas importantes propostas de transacções, alem de outras já realisadas.

Mesa da Misericordia—Tendo sido annullada a eleição da mesa da Misericordia, procedeu-se no domingo e hontem á nova eleição. Depois do sr. Dr. Lourenço de Almeida e Azevedo ter, por motivos de melindre pessoal e de occasião, recusado a eleição de provedor, ficou a mesa assim composta:

Provedor—Dr. Francisco dos Santos Donato.

Escrivão—Dr. Raymundo da Silva Motta.

Deputados—Antonio Rodrigues Pinto—Francisco Antunes de Carvalho e Silva—José Antonio da Costa Braga Junior—Domingos Antonio de Freitas—José Pereira Junior—Antonio dos Santos Ferreira—José Julio Cesar—José Francisco de Oliveira Reis—Miguel Dias Barata—Emygdio Ferraz de Carvalho—Antonio Gomes Severo.

Trasladação.—No proximo domingo 9 do corrente, pelas 7 horas da manhã, effectuar-se-ha no cemiterio da Conchada a trasladação dos restos mortaes do grande cidadão liberal, o sr. Manoel José Teixeira Guimarães, para o jazigo, que alguns amigos dedicados lhe mandaram erigir.

Seu sobrinho e nosso amigo o sr. José Teixeira Guimarães, pede-nos para convidarmos os seus e os amigos do finado, a concorrerem a este acto, que é um tributo de saudade pago á memoria de tão prestante cidadão.

E' de esperar que os voluntarios da Rainha, seus camaradas, vão assistir a este solemne acto.

Audiencias geraes.—No dia 1 do corrente foi julgado Francisco Carvalho da Silva, accusado por crime de furto. Absolvido.

No mesmo dia foi julgado Antonio José de Aguiar, accusado do crime de furto. Absolvido.

Arithmetica.—Acaba de sair do prelo a segunda edição da arithmetica elementar, dada á luz pelo sr. bacharel Joaquim Pessoa da Fonseca, professor em Cantanhede. E' ella já bem conhecida pela maior parte dos professores deste districto. Aos que ainda a não adoptaram recommendamol-a, porque é clara, methodica e economica. Vende-se nas lojas dos srs. Orcel, Mesquita e Severo, livreiros nesta cidade, por 120 reis.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Eduardo da Maia Pessoa, filho de Antonio da Cruz Pessoa e de Capitolina Lilla Pessoa, natural de Coimbra, de 21 annos, fallecido no dia 25 de Julho.

Manoel da Cruz, filho de Bernardo da Cruz e de Caetana Maria, natural de Coimbra, de 95 annos, fallecido no dia 28.

Laura, filha de Manoel Filippe e de Maria Candida, natural de Coimbra, de 3 mezes, fallecida no dia 28.

Manoel Rodrigues, natural da Relva Velha, freguezia da Bemfeita, de 40 annos, fallecido no dia 29.

Joaquina Emilia, natural de Penacova, de 46 annos, fallecida no dia 31.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:580.

Concursos.—Foi mandado abrir concurso por provas publicas, perante o respectivo prelado diocesano, para o provimento da egreja parochial de Santa Luzia de Pinhanços, do concelho de Cea, bispado de Coimbra.

Está aberto concurso por provas publicas, perante o exm.º bispo de Coimbra, pelo prazo de 30 dias, a contar de 27 de Julho, para o provimento das egrejas parochiaes de S. Pedro de Farinha Podre, do concelho de Penacova, e S. Miguel de Passos, do concelho de Gouvea.

Minas portuguezas.—Em 1867 já se contavam perto de 300 minas em Portugal, empregando-se nellas mais de 5:000 pessoas. Os principaes jazigos explorados são os minerios de cobre, chumbo, estanho, antimonio, manganez, ferro, anthracite e lignites. Os marmores, granitos, argilas, ardosias, e outras pedras de construcção, tambem abundam muito no nosso paiz. A collecção de productos mineralogicos portuguezes, que figurou na exposição de Londres em 1862 e na de Paris em 1867, foi muito apreciada e revelou grandes riquezas do nosso solo.

O ambar.—Plinio já fallava desta curiosa substancia, e pretendia explicar a sua origem. Muitas hypotheses extravagantes se tem proposto para explicar a formação do ambar. Suppunham uns auctores, que este producto deriva de um succo vegetal modificado e consolidado pelos acidos mineraes. Pretenderam outros, que é uma modificação do mel depositado pelas abelhas sobre as arvores. Outros consideram o ambar como uma concreção de particulas oleosas contidas no estomago da baleia. Outra opinião attribue a sua origem a uma mixtura de cera e mel alterada pela agua do mar. Ha tambem quem o repute o excremento de certas aves. As theorias mais modernas consideram o ambar como um betume de certas rochas submarinas, ou como uma resina destillada pela seiva de certas arvores.

O que parece mais plausivel, é conceder a esta substancia uma origem analoga á da naphta, do petroleo, dos betumes e resinas fosseis, e combustiveis mineraes. Os processos e materiaes empregados no fabrico do ambar artificial confirmam esta opinião; porque se consegue imitar perfeitamente o ambar natural, pela distillação e ebullição do pez vegetal e terebenthina. A maior parte dos artefactos são fabricados com ambar falso.

São bem conhecidas as propriedades electricas e cheiro aromatico deste producto natural. A palavra electricidade deriva do termo grego *electron*, com que era conhecido na Grecia o ambar. Em Roma era esta substancia um objecto de luxo verdadeiramente precioso, e nos tempos modernos emprega-se no fabrico de milhares de artefactos muito usados pelas classes ricas. Tem-se encontrado no Baltico fragmentos de ambar de grande volume. Os exemplares mais curiosos são os seguintes:

No gabinete real da Prussia ha uma lente de ambar com um pé de diametro. Esta lente funcciona como um espelho ardente. Em Florença ha uma columna de ambar com dez pés de altura. Em um palacio imperial de S. Petersburgo ha uma sala adornada com laminas desta substancia de sete e oito pollegadas de comprimento.

E' frequente encontrar exemplares de ambar contendo no seu interior perfeitamente conservados alguns insectos. Patrin affirma, que viu em 1777 em uma collecção academica um rosario curioso, encerrando cada conta um insecto. Devia ser uma interessante collecção entomologica.

Além do emprego nas artes, o ambar tambem é usado na medicina. A sua combustão serve em muitos paizes para purificar o ar. Estas fumigações são muito usadas na Polonia para destruir miasmas deleterios. Entra esta substancia tambem em alguns preparados medicinaes, que se applicam contra o rheumatismo, paralysias e outras molestias.

Pedras preciosas.—Na antiguidade as pedras preciosas alem do seu valor artistico, eram tambem muito apreciadas por certas virtudes medicinaes. A pharmacia e medicina empiricas empregavam muitas dellas como remedios secretos.

O diamante era considerado como antidoto contra os venenos, e tambem dotado da virtude de curar certas doenças mentaes. Uma pedra brilhante arabe, conhecida por Plinio com o nome de *aspilate*, era efficaz no curativo dos alienados. A amethysta era util preservativo da embriaguez. A *lapis hoematites* curava as hemorrogias. A *lapis judaicus*, pequena pedra da fórma de uma azeitona, muito abundante na Judea, pulverisada em um almofariz, e tomada internamente, curava a terrivel molestia dos calculos vesicaes.

As pedras preciosas eram tambem muito apreciadas pelos alchimistas, como agentes da transformação dos metaes. Uma especie de argila schistosa, negra, abundante em ferro sulfurado, conhecida dos antigos com o nome de *ampelite*, era empregada para destruir os insectos devastadores da vinha.

A respeito da esmeralda é muito curioso o que os antigos pensavam das virtudes medicinaes desta pedra preciosa. Quem a trazia pendente ao pescoço vivia mais tempo, e não era sujeito a terrores panicos. Posta em contacto com a perna d'uma parturiente, facilitava o trabalho do parto. Uma das suas mais preciosas propriedades era conservar a castidade e denunciar o adulterio. Dava eloquencia a quem a usava, preservava de mordeduras venenosas, etc.

Templos chinezes.—Contam-se na China 1:500 templos consagrados a Confucio. Calcula-se, que nos sacrificios celebrados nestes templos na primavera e outono, são immolados 27:000 porcos, 2:800 carneiros, e 27:000 coelhos.

Creanças myopes.—Um sabio allemão examinou 10:000 creanças que frequentam as escolas primarias e encontrou 1:730 myopes, attribuindo este defeito da visão não só á má impressão dos livros classicos, mas ao costume de aproximar muito dos olhos os livros e estampas.

Maravilhas da industria.—Calcula-se em mais de 100 milhões de kilometros a extensão de fios produzidos diariamente nas fabricas de Inglaterra. Por este simples facto se pode avaliar a importancia da industria da tecelagem nos tempos modernos.

Costumes da China.—A virgindade e viuvez são honradas na China com arcos de triumpho. Se uma donzella não quer casar-se, e prefere ser a companheira e consolação de seus velhos paes; se uma viuva se nega a contrahir segundas nupcias, são celebradas estas virtudes com grande solemnidade, e depois da morte das heroinas levantam-se-lhes monumentos commemorativos. Para este fim abrem-se subscripções publicas, para que concorrem voluntariamente todas as classes sociaes. Estes monumentos são adornados com esculpturas representando flores, aves e animaes fabulosos. No frontespicio grava-se uma inscripção commemorativa, acompanhada de uma concisa descripção das virtudes da heroina. Nas estradas publicas e em muitas cidades são frequentes estes arcos de triumpho.

Boa nova.—Por communicação telegraphica vinda de Londres, diz o *Jornal do Commercio* de Lisboa, consta que na sexta feira, 31 de Julho ultimo, teve logar um lauto jantar, presidido pelo general Scott, destinado expressamente á prova dos vinhos da exposição portugueza.

Diz tambem o telegramma, que no dito jantar ficaram combinadas certas bases, para a fundação de uma companhia cooperativa ingleza, destinada ao commercio de vinhos de pasto portuguezes, que tamanho agrado têem encontrado no publico inglez.

Vão pois já apparecendo os primeiros fructos da semente lançada em boa terra.

A intervenção em Hespanha—Lê-se no *Diario Popular* o seguinte:

«A proposito dos boatos de intervenção moral em Hespanha, que circulam com tanta instancia, principalmente depois que a Allemanhã resolveu enviar alguns navios da sua esquadra para as aguas hespanholas, e que lord Derby pronunciou na camara dos lords de Inglaterra palavras eminentemente sympathicas a respeito da nação visinha, escreve a *Epocha* de Madrid:

«Os nossos correspondentes no estrangeiro dão-nos noticia, debaixo de certa reserva, de intelligencias que ha, é fóra de duvida, entre algumas potencias, e que produzirão resultado em futuro não remoto. Quem tomou a iniciativa? Não sabemos. E' possivel que Portugal indicasse os perigos que para elle pode apresentar uma guerra como a de Hespanha, e que isto á parte as sympathias que tem o nosso desventurado paiz, influisse no procedimento de Inglaterra. Tambem parece fóra de duvida o facto da Allemanha ter communicado o seu parecer sobre este assumpto aos gabinetes de Londres, Vienna, Roma e S. Petersburgo. Todas as difficuldades provem da respectiva attitude da França e da Prussia, e do difficil que é chegar a um resultado pratico, sem menoscabo da independencia de Hespanha.

«A ideia que vae ganhando terreno é que a Austria, que não pode ter intuito nenhum de engrandecimento em Hespanha, nem ser suspeita aos grandes interesses sociaes e politicos do nosso paiz, em consequencia da sua constituição monarchica, religiosa e liberal, tomasse a iniciativa de um congresso europeu que se reuniria depois do de Bruxellas, e no qual se trataria da questão de Hespanha.

«O primeiro acto desta reunião seria obter um armisticio e determinar as condições, e consultar com exito e garantias de verdade a vontade dos hespanhoes; e se a Europa visse que ella, ao inverso das suas esperanças, não era acatada pelos partidos em armas, as potencias dispostas a garantir as condições da paz e a existencia de um governo digno, imporiam o que fosse a expressão da vontade da grande maioria da nação.

«Portugal devolver-nos-hia o grande serviço que a Hespanha, com o concurso de Inglaterra, lhe prestou em 1847, e as esquadras europeas juntariam a sua acção á do exercito hespanhol.»

Pela parte que nos toca, protestaremos sempre contra a ideia de envolver Portugal em questões internacionaes, e muito mais n'uma intervenção no paiz visinho. A intervenção, a effectuar-se, devia ser em França primeiramente, para obrigar o governo daquella nação a cumprir os deveres que os tratados impõem aos neutros. Além d'isto, a intervenção sonhada pela *Epoca* teria principalmente por fim restaurar o throno em proveito do candidato da folha affonsina. E com effeito esta a unica solução, que não seria acatada pelos «partidos em armas» e que seria preciso impôr á força. A *Epoca*, a despeito do tacto e prudencia com que é redigida, descobre o seu jogo ás vezes.

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 1 á tarde. — Sabe-se por noticias posteriores que Rotortillo, o banqueiro de Madrid, refens dos carlistas, deu pelo seu resgate 45:000 duros. Cartas recebidas do theatro da guerra em Catalunha, confirmam os fuzilamentos dos prisioneiros republicanos pelos carlistas. Os prisioneiros estiveram fechados n'uma egreja com tres padres.

Um official que censurou a conducta de um dos padres, foi ferido por este com uma bayonetada. Pouco depois 280 prisioneiros dos quaes 83 carabineiros e 12 officiaes foram fuzilados. O governador prohibiu a publicação desta noticia para não excitar os animos.

Castellar embarcou em Alicante para Marselha; assegura-se que Cabrera, tendo sido convidado recentemente para visitar D. Carlos, respondeu que cessava todas as relações com elle.

A *Gazeta* publica instrucções, dizendo que no dia 31 de Julho começa o prazo para serem apresentados os bilhetes e letras do thesouro para obter a garantia do banco de Hespanha.

Madrid 1 á tarde — O governo chama ao serviço todos os officiaes validos para a reserva extraordinaria.

Madrid, 1, á noite. — As auctoridades de Ciudad Real enviaram perante o tribunal de Carolina onze individuos, accusados de haverem sequestrado o subdito inglez Haselden em Linares. A *Epoca* publica uma carta auctorisada de Cabrera, declarando que não saira do seu retiro.

Barcelona, 1. — Merelo e Cangas sairam de Geronna a soccorrer em Olot a columna de Cirlot, a qual já repellira dois ataques.

Audiencias geraes. — Hoje foram nesta cidade julgados os seguintes reus:

Antonio Cortez, accusado por crime de furto. Condemnado em 5 annos de degredo para Africa.

Joaquim da Rita, accusado pelo crime de attentado ao pudor. Absolvido.

ANNUNCIOS

CHOUPOS

1 QUEM QUIZER comprar 10, dirija-se á rua da Sophia, n.º 35.

CONCURSO

2 A CAMARA MUNICIPAL do concelho da Guarda, faz publico, que se acha a concurso, por espaço de 30 dias a contar desta data, o partido de Medicina, com residencia na capital do concelho, ordenado annual de 300$000 rs. e pulso sujeito á tabella camararia.

Os pretendentes deverão apresentar dentro do dito prazo seus requerimentos, instruidos com carta de formatura pela Universidade de Coimbra, e quaesquer documentos que julgarem conveniente.

Guarda, 24 de Julho de 1874.

O presidente,

Visconde de S. Pedro do Sul.

MARÇANO

3 PRECISA-SE um com pratica de tabacos. Nesta redacção se diz.

Attenção

4 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Motta, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

5 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

AGENCIA DO BANCO DO DOURO

COIMBRA

Largo das Olarias, n.º 11

6 NESTA AGENCIA sacam-se letras de cambio sobre diversas praças.

Descontam-se letras de cambio e da terra.

Fazem-se emprestimos:

Sobre penhores d'ouro ou prata, titulos de divida publica, acções de Bancos e Companhias que mereçam credito, e até ás entradas realisadas;

Sobre hypotheca de propriedades rusticas e urbanas, com amortisação ou sem ella;

Sobre generos e mercadorias, que passem para poder d'agencia do Banco, effectiva ou symbolicamente;

Sobre colheitas garantidas com fiadores;

Ás camaras municipaes e ás juntas geraes;

Em conta corrente com garantia d'hypotheca, ou de penhor d'ouro, prata, titulos de divida publica e acções de Bancos e Companhias, que mereçam credito e até ás entradas realisadas.

Em todas as operações juro modico e as condições as mais favoraveis.

Coimbra, 30 de Julho de 1874.

Os agentes, *Gavicho & C.ª*

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para **Santos:**
Barca—CLAUDINA—em 11 de Agosto.

Paro o **Rio de Janeiro:**
Barca—VICTORIA— em 20 de Agosto.

Para o **Maranhão:**
Barca—SAUDADE—em 12 de Agosto.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

8 LUIZ MENDES MARGARIDO, da Torre de Valle de Todos, concelho de Ancião, empreiteiro que foi das madeiras de carvalho, da ponte de Coimbra, faz publico, que tem para vender madeiras de carvalho, de differentes tamanhos, as quaes se promptifica a apresentar no bairro de Santa Clara desta cidade. Quem as pretender póde procurar o annunciante na estrada nova de Santa Clara, em casa de José Maria Fernandes.

Deposito de Machinas de Singer para uso de familias e industriaes.

34—Rua do Visconde da Luz—36

COIMBRA

9 JOSE' TEIXEIRA DA CUNHA contractou com o representante da Companhia Fabril de Singer, de Londres, estabelecer nesta cidade um deposito das magnificas machinas de costura para familia, alfaiate e corrieiro, ás quaes se fazem preços eguaes aos de Lisboa, da unica casa succursal em Portugal.

Tambem ha excellentes linhas de linho, algodão, retroz, troçaes, agulhas, molas, ferro, tudo pertencente ás machinas.

Aos banhistas das Caldas da Rainha

João Antonio d'Oliveira (vulgo o João Rei) & M. J. de Brito.

10 ANNUNCIAM que, para commodidade do publico, resolveram estabelecer uma carreira diaria de diligencia, a começar do dia 15 de Julho corrente em diante, de Leiria até ás Caldas da Rainha, de commum accordo com Antonio João Pereira, d'aquella villa, que fará a carreira por sua conta d'alli até Alcobaça.

Esta carreira ficará sendo considerada como continuação das já estabelecidas entre Leiria e Pombal, e Leiria e Chão de Maçãs.

A partida de Pombal será logo em seguida á chegada do comboio ascendente, devendo estar em Leiria ás 6 horas da tarde.— Para Alcobaça partirá a diligencia ás 7 horas da manhã, logo que chegue a carruagem do correio de Chão de Maçãs, devendo estar em Alcobaça e Caldas da Rainha ás horas marcadas para o serviço do correio;—e assim egualmente das Caldas da Rainha para Leiria, donde partirá a diligencia para Pombal ás 8 1/2 horas da manhã, e para Chão de Maçãs ás 6 1/2 da tarde.

PREÇOS

De Pombal a Leiria— dentro 800 rs.—a Alcobaça 1$800.—ás Caldas da Rainha 2$800.—Fóra 600, 1$400, e 2$200 rs

De Leiria a Chão de Maçãs— 1$000 rs. dentro, e 800 rs. fóra.

FIGUEIRA DA FOZ

GRANDE DEPOSITO

DE

Pozolana, ou cimento hydraulico de 1.ª qualidade. Vende-se por preços resumidos.

AGOAS & F.os

Substitutos a militar

12 EM LISBOA, no escriptorio da rua das Portas de Santo Antão, 15, 2.º ha homens promptos a substituir.

VENDA DE QUINTA

13 POR MOTIVOS IMPREVISTOS, fica adiada a arrematação da quinta das Lamas, que foi de Joaquim José Gonçalves Morim, situada á entrada da villa da Figueira da Foz, para o dia 9 do corrente Agosto, e segundo domingo deste mez.

14 **SAUDE A TODOS** sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de *Saude*,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Toda a molestia acaba com o uso da deliciosa *Revalesciére* du Barry, que torna a dar a saude, a energia, a boa digestão e o somno. Cura as indigestões (despepsia) gastrica, gastralgias, flegmas, arrotos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, dos doutores Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalesciére* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalesciére chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16. **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto.L. Maia, pharm. —COIMBRA, V.Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A.J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeia, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2823 · SEXTA FEIRA 14 DE AGOSTO DE 1874 · ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$72[illegible]
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O sr. ministro da guerra tem-se vivamente interessado pela reforma das nossas cousas militares. Antes de s. ex.ª tomar conta desta pasta, pagava a nação uma somma enorme, sem que apezar disso tivessemos exercito.

O armamento era o usado antes das modernas transformações por que tem passado a arte da guerra. E ainda que Portugal não tem pretensões a ser um paiz militar; tambem é verdade que quem se não faz respeitar, não é respeitado.

A Dinamarca foi vencida pela Austria e Prussia combinadas; mas o heroismo com que os bravos dinamarquezes defenderam o seu territorio, fez com que toda a Europa os admirasse e tivesse no mais subido apresso. Bem pequeno é o reino de Portugal, e não obstou isso a que nos primeiros annos deste seculo se collocasse dignamente a par do exercito inglez, que veiu em nosso auxilio.

Podiamos, por tanto, ver indifferentes a perfeição a que todas as nações tem levado o seu armamento? Não, de certo, a não querermos ser tidos em nenhuma conta perante os outros povos.

E' certo que essas reformas custam muito dinheiro; porem as nações têem obrigações a que não podem, nem devem faltar.

Na parada que houve em Lisboa no dia 24 de Julho ultimo, foi motivo de geraes louvores, o estado brilhante em que se apresentaram os differentes corpos militares; causando particular admiração a perfeição do material da artilheria.

O sr. ministro da guerra não cessa de empregar todos os esforços para ampliar estes melhoramentos. Vão entrar em exercicio alguns corpos; e consta que o illustre ministro mandara comprar em Inglaterra mais 20:000 armas e 2:000 espadas para armamento da infanteria e cavallaria; assim como 30 peças para o regimento de artilheria 4, a cuja organisação se vae proceder. Egualmente expediu o sr. Fontes Pereira de Mello uma portaria, mandando activar o recrutamento.

A attenção que em Portugal se vae prestando a este serviço publico, não passa desapercebida em outras nações. O primoroso relatorio que o sr. ministro da guerra apresentou ás côrtes, na sessão deste anno, foi ultimamente publicado pelo jornal do exercito belga.

E se a parte material tem merecido estes cuidados ao sr. Fontes Pereira de Mello; sem duvida não será por s. ex.ª descurada a disciplina militar. Nesse ramo ainda ha muito que fazer. Exercito sem disciplina, perde necessariamente a principal parte da sua força.

Bem sabemos que não é facil resolver o problema da disciplina militar. Uma escola exige os castigos mais rigorosos, incluindo a chibata e a pena de morte; e outra nada mais quer do que penas disciplinares.

Confiamos que o sr. ministro da guerra saberá decidir este grave ponto, de forma que se mantenha com firmeza a disciplina, usando-se da severidade que fôr absolutamente indispensavel, mas sem passar dos limites que pede a actual civilisação.

NOTICIARIO

Academia Real das Sciencias de Lisboa.—Foi esta Academia fundada por aviso de 24 de Dezembro de 1779.

Presidentes (antes da ultima reforma).

O duque de Lafões, D. João de Bragança, seu fundador.
O infante de Hespanha, D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança.
O infante D. Miguel, continuando na presidencia depois de acclamado rei.
O principe D. Augusto, primeiro marido da rainha.
D. Fernando II, segundo marido da rainha.

Vice-presidentes

O marquez de Borba, governador do reino.
Francisco Manoel Trigoso de Aragão Morato.
D. Francisco de S. Luiz, patriarcha de Lisboa.
O duque de Palmella, D. Pedro de Sousa Holstein.

Secretarios

O conde de Barbacena, Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendoça. (Foi o primeiro secretario da Academia, e o primeiro bacharel formado em Philosophia depois da reforma da Universidade de Coimbra.)
O abbade José Correa da Serra. (Erradamente é apontado por alguns escriptores como o primeiro secretario.)
O barão da Villa da Praia, Francisco de Burja Garção Stokler.
José Bonifacio de Andrada e Silva.
Sebastião Francisco de Mendo Trigoso Homem de Magalhães.
José Maria Dantas Pereira e Andrade.
Joaquim José da Costa de Macedo (Foi o primeiro secretario perpetuo, desde 1834, pelos estatutos approvados por decreto de 15 de Outubro deste mesmo anno.)

Vice-secretarios

O abbade José Correa da Serra.
O barão de Villa da Praia.
Antonio Caetano do Amaral.
Joaquim Pedro Fragoso da Motta de Sequeira.
Francisco Manoel Trigoso de Aragão Morato.
Sebastião Francisco Mendo Trigoso Homem de Magalhães.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXV

Um outeiro na sala dos capellos da Universidade em Novembro de 1820

A revolução liberal, iniciada na heroica cidade do Porto no dia 24 de Agosto de 1820, e secundada em Lisboa no dia 15 de Setembro, esteve em grande risco de abortar, com os acontecimentos nesta ultima cidade, desde o dia 11 a 17 de Novembro.

Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, vice-presidente da junta provisional, e Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, ambos os quaes tinham tomado parte na revolução liberal do Porto, preparavam-se em Lisboa para retrogradar nas suas ideias e procedimento, como vieram posteriormente a levar a effeito, pois que no governo de D. Miguel foram dois dos seus mais dedicados partidarios, o primeiro com o titulo de visconde de Canellas, e o segundo com o de visconde do Peso da Regoa.

Como, porém, não era facil logo em 1820 manifestar ideias absolutistas, procederam como se fossem liberaes exaltados, esperando assim conseguir melhor o que pretendiam; e para isso illudiram a boa fé de muitos militares, que entraram nas suas tramas, ignorando o verdadeiro fim dellas.

No referido dia 11 de Novembro de 1820, houve na capital uma demonstração da força armada, promovida pelos clubs militares, onde fermentavam as mais exaggeradas ideias politicas, com o fim de fazer proclamar a constituição de Hespanha, de se proceder ás eleições de deputados na conformidade della, e de serem nomeados mais quatro membros para fazerem parte da junta provisional do governo do reino, alem de outras providencias de menor alcance.

Todas estas mudanças foram adoptadas por um conselho militar, que se reuniu no palacio da Inquisição; sendo apoiadas pela guarnição de Lisboa, a qual occupara a praça do Rocio, e o terreiro do Paço, e tomara as embocaduras das ruas, com artilheria, carregada de metralha.

Fr. Francisco de S. Luiz, que era membro da junta provisional do governo, recusou-se a continuar, depois deste acto violento, no seu cargo; e na sessão do dia 13 deu a sua demissão, conjuntamente com Hermano José Braamcamp do Sobral, Manuel Fernandes Thomaz, e José Joaquim de Moura.

Passada a primeira impressão de temor que causou no publico a manifestação militar, que desde logo merecera geral reprovação, augmentada depois pela saida da regencia de quatro dos seus mais respeitados membros, tomou o povo da capital no dia 17 de Novembro a resolução de pôr termo a este estado violento, e de fazer repor as cousas na situação legal em que se achavam antes da conspiração militar do dia 11.

Em nome da opinião publica se pediu, que os membros da junta provisional que tinham dado a sua demissão depois dos acontecimentos do dia 11, voltassem novamente ao exercicio das suas funcções.

A officialidade superior e os commandantes dos corpos, reunidos em conselho no paço das Necessidades, annuiram a esta demonstração popular, em que tomaram parte os cidadãos mais auctorisados de todas as classes da sociedade; e Fr. Francisco de S. Luiz, com os seus tres collegas, foram levados em triumpho ao palacio do governo, e ahi novamente installados nas suas funcções, no meio das maiores demonstrações de geral applauso.

Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, vice-presidente da junta provisional, e um dos que mais concorrera com o general Gaspar Teixeira, para o movimento militar do dia 11, teve de dar a sua demissão, e em seguida foi mandado recolher á sua quinta de Canellas; e Gaspar Teixeira, que no dia 11 assumira o commando em chefe do exercito, foi exonerado desse cargo.

Fr. Francisco de S. Luiz, depois de reintegrado com os seus collegas no governo, escreveu no dia 24 de Novembro, a respeito desses acontecimentos, uma carta a um seu particular amigo de Coimbra. Temos presente essa carta original, que possuimos, com muitas outras do mesmo S. Luiz.

E' a seguinte:

«Illm.º sr.—Meu prezadissimo amigo e sr. do coração. Ser-me-ia impossivel, ainda que muito quizesse, exprimir a v. s.ª a sensibilidade e reconhecimento com que eu e os meus collegas temos recebido as noticias de Coimbra. Hoje mesmo tive o gosto de communical-as ao governo, que muito applaudiu o bom espirito da Universidade, e a influencia que ella produzirá no resto do reino. As circumstancias em que estivemos no dia 11 foram verdadeiramente criticas. Uma palavra imprudente poria tudo em fogo. Felizmente esse dia infausto ainda teve um bom effeito, o de se conhecer a cabala, e de preparar alguns meios de reprimil-a. Entretanto eu passei os dias do *interregno* em perfeito socego em quanto ao meu pessoal. Não sei se é insensibilidade, se demasiada confiança no meu coração: o que sei é que, se não me parecesse a patria ameaçada, e a causa perdida, nada pessoal me daria demasiado cuidado. Dentro de mim tinha a minha apologia, e a origem da minha paz.

O povo de Lisboa portou-se da maneira mais exemplar e quasi incrivel. Soffreu em morno silencio o dia 11,—promoveu vivamente e com a mais extraordinaria energia o dia 17, sem desordem e sem motim, e entrou perfeitamente no espirito do trama.—O auctor do *Astro*, que tanto, e tão denodadamente se declarou pela causa da innocencia, teve muitos presentes de valor, anonymos. Foi uma cousa bem espantosa o que se fez nesses dias, e o modo como se fez. O dia 17 foi para nós um verdadeiro triumpho. Permitta o céu que a causa publica prospere, e não haja mais dias tão desgraçados para ella!

O conde da Lapa, Manoel d'Almeida e Vasconcellos.
Francisco de Mello Franco, medico.
O marquez de Paranagua, Francisco Vilella Barbosa.
Rodrigo Ferreira da Costa.
Manoel José Maria da Costa e Sá.
Francisco Elias Rodrigues da Silveira, barão da Silveira, medico.

Boa nova.—Acha-se impresso o terceiro volume da *Historia da guerra civil de Portugal*, que se refere á *segunda epocha* da *Guerra peninsular*, escripto pelo sr. conselheiro Simão José da Luz Soriano.

Occorre um obstaculo unico para a sua publicação immediata: a falta do mappa topographico da batalha do Bussaco, o qual ainda em 25 do mez de Julho proximo passado se achava na mão do gravador lithographo.

Espera, porem, o sr. conselheiro Simão José da Luz, que, por todo o corrente mez de Agosto, se removerá este obstaculo.

Trabalha já este diligentissimo escriptor no manuscripto do quarto e ultimo tomo da 2.ª epocha, em que dividiu a sua *Historia da guerra civil em Portugal*.

Fazemos os mais sinceros votos, para que chegue a levar ao cabo esta importante obra.

D. Francisco de S. Luiz.—Com verdadeiro alvoroço recebemos hoje o 3.º volume das—*Obras completas do cardeal Saraiva (D. Francisco de S. Luiz), patriarcha de Lisboa, precedidas de uma introducção pelo marquez de Rezende, publicadas por Antonio Correa Caldeira.*—Lisboa, imprensa Nacional—1874.

O sr. conselheiro Caldeira, nosso prezado amigo, tem mostrado, de uma maneira evidente, a elevada conta em que tem a memoria do illustre sabio portuguez, e seu respeitavel tio, o sr. D. Francisco de S. Luiz. Não se tem poupado a fadigas e diligencias para dar á luz uma collecção completa das obras do distincto escriptor; cumprindo assim o dever de bom sobrinho, de esclarecido homem de letras e de prestante cidadão.

Oxalá que o sr. conselheiro Correa Caldeira não desanime na empreza começada.

Não foi estreia.—O nosso collega do *Campeão das Provincias* diz no seu ultimo numero o seguinte:

«*Estreia digna.*—O nosso muito prezado amigo e patricio, o sr. Julio Pereira de Carvalho e Costa acaba de *estrear-se* com uma publicação, que revela estudo e engenho, talento e applicação.

«E' um *Esboço geologico*, sobre marés, sua divisão, influencia dos mares na economia da natureza, sondagens etc.—trabalho apreciavel, que honra o seu auctor e que é revelação de muito merecimento.

«O sr. Julio Pereira offereceu o seu trabalho ao sr. visconde de Monte-São, a quem primeiro ouvira proveitosa lição sobre mineralogia e geologia.

«Damos ao nosso amigo os parabens pelo seu *debute*, que está em tudo a par do seu nome e da capacidade que todos lhe reconhecem.»

Enganou-se o collega. Não foi esta a primeira publicação do estudioso academico, seu patricio; pois que já em 1871 tinha feito outra publicação—e o que é mais para notar—impressa na propria typographia do *Campeão das Provincias* em Aveiro!

Essa publicação foi a seguinte:

O principio do direito. Breve resposta ao folheto—O conteudo e o criterio do direito—por Julio Pereira de Carvalho e Costa.—Aveiro: typ. Aveirense—Vera Cruz—1871.

Era em resposta á seguinte publicação:

O conteudo e o criterio do direito. Exposição e analyse do Neminem Laede e da mutualidade de serviços e sua harmonia, por José Frederico Laranjo, estudante do 1.º anno Juridico.—Coimbra: imprensa Litteraria—1871.

Caminho de ferro americano—Na quarta feira fez-se a experiencia com uma carruagem no caminho de ferro americano desta cidade.

Espera-se que brevemente comece o movimento de passageiros nesta linha.

Audiencias geraes.—No dia 8 foram julgadas Helena Maria da Conceição, e Maria do Carmo, a Hespanhola, accusadas por crime de abandono. Absolvidas.

No dia 12 foram julgadas:

Maria Senhorinha, e Joaquina Victoria, accusadas por crime de abandono. Foi condemnada a primeira em 30 dias de prisão, e a segunda em 20 dias.

Anna Custodia, a Falladeira, accusada tambem por crime de abandono. Condemnada em 30 dias de prisão.

Acabaram neste dia as audiencias geraes do presente quartel.

Partida.—O nosso amigo o sr. Cassiano Pereira Pinto Neves, tendo concluido os seus estudos na Universidade, regressou a Lamego, sua patria. O sr. Cassiano foi aqui sempre muito estimado pelas suas excellentes qualidades.

Concurso—Está a concurso perante o exm.º prelado desta diocese, pelo espaço de 30 dias, a contar de 6 do corrente, o provimento da egreja parochial de Santa Luzia de Pinhanços, do concelho de Ceia.

Educação popular.—A empreza da Bibliotheca Universal, de que são proprietarios os srs. Lucas & Filho, acabam de publicar o n.º 7 dos seus pequenos, mas instructivos tratados de *Educação popular*. Este numero é ácerca da *Guerra do Paraguay*.

Desta interessante publicação é director litterario o sr. Pinheiro Chagas.

Estão no prelo o n.º 8—*Aljubarrota*; e o n.º 9—*Historia do corpo humano*.

Agradecemos á acreditada empreza o exemplar que teve a bondade de nos remetter.

Bibliotheca da Actualidade.—O nosso illustrado collega do Porto, a *Actualidade*, tem cumprido pontualmente o que prometteu. Além dos 5 volumes já publicados das obras completas de Camões, publicou agora o primeiro volume do romance—*Ginx's Baby, o engeitado. Seu nascimento e mais desastres. Traduzido do inglez por J. D. Ramalho Ortigão.*

Logo que termine este romance tenciona a *Actualidade* concluir as obras de Camões, de que ainda faltam tres volumes.

Agradecemos ao collega os volumes que nos tem enviado.

Novo theatro da Figueira.—Ainda acerca da abertura do theatro na Figueira recebemos hoje uma carta.

Em razão, porem, de nos anteciparmos um dia na publicação do jornal, por causa de ser ámanhã dia santo, não podemos inserir hoje a referida correspondencia. Irá em o numero seguinte.

Recrutamento—Em portaria do ministerio do reino de 10 do corrente, se mandaram fazer pelos governadores civis, as mais instantes recommendações aos administradores do concelho, a fim de que estes magistrados empreguem a mais incessante diligencia em preencherem os contingentes dos recrutas em divida, no corrente anno, e que, assim como o seu zelo e bom serviço serão promptamente recompensados e tomados em consideração para o seu adiantamento nas carreiras a que se destinem, tambem a sua negligencia e mau serviço serão severamente estranhados e punidos segundo a gravidade das faltas.

Condemnação—Em Lisboa foi condemnado em 3 mezes de prisão correccional, sellos e custas, o pharmaceutico José Joaquim Rey, accusado de contrafazer a marca da fabrica das pilulas de Dehaut.

Incendio—Em Braga houve um grande incendio na casa de um esteireiro na rua do Souto. O predio ardeu quasi todo, communicando-se tambem o incendio á casa immediata, pertencente ao negociante de pannos, Bento Gonçalves dos Santos, que soffreu alguns prejuizos.

Morreu queimada a criada de uma senhora que habitava o segundo andar do predio incendiado. A dona da casa foi salva por meio de uma escada de mão.

Garibaldi—Consta por noticias de Roma, que Garibaldi está gravemente doente.

Marechal Bazaine—Evadiu-se o marechal Bazaine da sua prisão na ilha de Santa Margarida. Consta que chegara a Leorne na Italia. Foi preso o coronel Villete, por suspeito de ter favorecido esta evasão.

Reconhecimento—Consta que a Allemanha, França e Inglaterra reconheceram o governo de Hespanha.

Carreira para as ilhas—Conforme diz o correspondente do *Commercio do Porto*, consta que brevemente se realisará um importantissimo melhoramento em beneficio das nossas ilhas, estabelecendo-se carreiras regulares entre ellas e o continente.

Segundo o contracto que se diz será por estes dias assignado, a empreza Lusitana obriga-se a estabelecer a carreira mensal de um vapor, que sahindo de Lisboa tocará em todas as ilhas do archipelago açoriano, a saber: Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, S. Jorge, Pico, Fayal e Flores.

Outro vapor todos os mezes irá á Madeira no dia 20, e estando de volta no dia 27, sahirá no dia 1 para S. Miguel, Terceira e Fayal.

Assim, estas tres ilhas terão communicações entre si e com Lisboa duas vezes por mez e as outras uma.

A Madeira fica tambem em communicação directa com o continente duas vezes por mez, sendo uma por meio do vapor da Empreza Lusitana e outra pelo vapor da Africa.

E para applaudir o bom serviço que o sr. ministro da marinha vae prestar ao archipelago açoriano, contemplando com os beneficios das communicações rapidas algumas ilhas inteiramente segregadas do continente e até de outras ilhas do mesmo archipelago.

Estabelecidas estas carreiras e fundado em S. Miguel o banco, o archipelago dos Açores revelará em pouco tempo a riqueza do seu solo e o genio activo dos seus naturaes. A agricultura e o commercio hão de ter rapidamente um notavel desenvolvimento.

Festividade e primeira communhão de meninos em Pombeiro.—Communicam-nos de Arganil o seguinte:

Não tenho expressões com que agradecer aos meus amigos da Universidade, a todo o corpo academico, e a Coimbra, o modo com que se houveram. Os meus collegas sentem o mesmo. Aceite v. s.ª ao menos esta confissão da nossa impossibilidade e dos nossos desejos. Aceite-a em especial do Fernandes, e recommende-nos ambos a ss. ex.ªs com muita gratidão. Quem me dera lá! V. s.ª pasmaria quando eu lhe contasse tudo, e os accidentes a que estivemos expostos; mas nem tudo se póde escrever. Adeus até outra, que hoje tenho muito que escrever, e falta o tempo—De v. s.ª fiel am.º o mais obrigado—*S. L.*—Lisboa, 24 de Novembro de 1820.»

A crise em que estivera em Lisboa o systema liberal, desde o dia 11 a 17 de Novembro, havia causado em Coimbra a mais viva anciedade; porque todos receavam que se perdesse pela intriga o fructo de tantos trabalhos.

Logo, porem, que se recebeu a fausta noticia do desenlace da questão do dia 17, manifestou-se um vivo contentamento em todos os liberaes de Coimbra, e com especialidade na mocidade academia.

Como demonstração de regosijo, deliberou a academia fazer nos dias 21 e 22 de Novembro, na sala dos capellos da Universidade, um sarau poetico, a que se chamava *outeiro*.

Ahi foram recitadas poesias pelos distinctos poetas, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, e Fernando José Lopes de Andrade, ambos estudantes do 5.º anno de Leis; padre Emygdio da Costa, do 5.º anno de Canones; Antonio Feliciano de Castilho, Augusto Frederico de Castilho, e Pedro Joaquim de Menezes, todos tres do 4.º anno de Canones; José Frederico Pereira Marrecos, do 2.º anno Juridico; José Maria Grande, do 3.º anno Medico; e José Maria de Andrade, do 2.º anno Medico. Suppomos que de todos estes academicos, que recitaram as mencionadas poesias ha 54 annos, já hoje não é vivo senão o nosso estimavel amigo o sr. Antonio Feliciano de Castilho, visconde de Castilho.

Sentimos não ter espaço para aqui publicar todas essas poesias; mas ainda assim vamos publicar algumas, que de certo serão apreciadas pelos nossos leitores.

A primeira foi recitada pelo insigne poeta Garrett, quando acabava de soffrer uma grave doença.

Para se entender uma apostrophe violenta que elle fez, quando se dirigia para o retrato de D. João VI, que estava na sala dos capellos, precisamos de explicar o motivo della.

O vice-reitor da Universidade, Dr. José Pedro da Costa Ribeiro Teixeira, fez insinuar a Garrett e aos mais poetas, quanto seria conveniente que elles nas suas poesias introduzissem elogios a D. João VI.—Garrett, indignado com semelhante interferencia e especie de censura previa do vice-reitor neste acto, fez-lhe pagar caro a sua ousadia. Advertiremos mais, que o Dr. José Pedro da Costa Ribeiro Teixeira era absolutista, e por tanto mais um motivo da indisposição de Garrett e dos outros academicos contra elle.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

AO CORPO ACADEMICO

Neste limpo terreno
Virá sentar seu throno
A san philosophia mal aceita;
E leis mais brandas regerão o mundo,
Quando hómens mais humanos,
C'o raio da verdade a luz espalhem.

FILINTO ELYSIO. Ode á Liberdade.

Ergo tardia voz, mas ergo-a livre,
Ante vós, ante os ceus, ante o universo,
Se os ceus, se o mundo minha voz ouvirem.

Inda a braços co'a esqualida doença,
Mal posso o brado alçar debil, e frouxo,
Subir aos cumes de estremada gloria,
Heroes cantar, que a impulsos formidaveis
De pujante valor, de ardido esforço,
Ao chão baquearam barbaros colossos
Do despotismo atroz, da tyrannia,
Que a mascara perversa enganadora
Da hypocrisia vil do fanatismo,
Com destra mão impavidos rasgaram.
Tão nobres feitos, tão sublime arrojo
Assaz dos vates resoou na lyra;
De sobejo entre vós, cisnes do Pindo,
Com louro eterno no porvir c'roaram;
Nos peitos vossos de sobejo, ha muito
Em caracteres se gravou de fogo.

Não posso tanto, não me atrevo, ó socios;
Mas tenho um coração, que é Lusitano;
Mas tenho um coração, que é livre, e é d'homem.
Livres, como elle, minha voz, meu brado
O que a alma sente vos espalhe n'alma,
E o grito da razão troveje ao mundo.
Livres!...Ah! livre um Portuguez foi sempre.
Sim: que essa infame sordida caterva,
Esse rebanho vil de vis escravos,
Que ao sceptro da ignorancia incensam corvos,

Esses...esses...ó Lusa academia,
Do nome Portuguez vergonha, opprobrio,
Portuguezes não são, jámais o foram.
Esses perfidos monstros, que enfatuados
Das sociaes distincções usurpam gloria,
Julgam virtude o merito da sorte,
Do feudalismo atroz crueis sectarios,
Aristócratas barbaros, insanos,
Que em si pretendem concentrar direitos,
Que ao povo inteiro, que á nação pertencem,
Reus do crime maior, que a terra ha visto,
Reus do crime maior, que o ceu punira,
Reus do crime maior, que urdiu o inferno;
Estes, Lusos serão, ou serão homens?
E o nome Portuguez, o nome augusto,
Ante quem se prostrou de rojo o mundo,
O nome Portuguez cabe em taes monstros?
Cabe nos monstros, que affumando ao throno
O torpe incenso de venal lisonja,
Abjectos, vis, aduladores, perfidos,
Olhos no int'resse, ao paternal sob'rano
Lhe impedem ver as publicas desgraças,
Gemer nos males de seu povo afflicto?

Oh rei! oh pae! oh suspirado! oh caro!
Ah! rompe d'uma vez da intriga as malhas;
Denso negrume, que te offusca o sceptro;
C'o sceptro punidor dissipa, e vinga.

«Sr. Redactor.—Arganil, 6 de Agosto de 1874.—Foi no dia 19 de Julho proximo passado, que na villa e freguezia de Pombeiro teve logar a pomposa festividade em louvor do Anjo Custodio do Reino, recebendo solemnemente a primeira communhão 82 meninos, trajando de branco as meninas.

Pouco antes das 10 horas da manhã, occupado já o vasto templo por um numeroso concurso de fieis, entraram os meninos na egreja, sendo acompanhados desde a capella de Santo Antonio pelo digno prior da freguezia, o sr. Manoel da Costa de Vasconcellos e Cunha, irmandades, e philarmonica Constancia desta villa de Arganil.

Encaminhados os meninos á espaçosa capella mór, e prostrados de joelhos, dirigiram suas preces ao ceu, entoando com as suas vozes angelicas, por tres vezes, a Ave Maria em louvor da Virgem. Em seguida a este acto o reverendo celebrante, que foi o sr. José Rodrigues Duarte, coadjutor da dita freguezia, acompanhado dos diaconos, os srs. José Carvalho da Costa, vigario do Sarzedo, e José da Costa Jorge, fez a aspersão, na fórma do ritual; e subindo o reverendo prior ao presbyterio, endereçou aos meninos uma breve allocução, convidando-os a renovarem as promessas do baptismo, a cujas perguntas respondiam em côro com a sinceridade propria de corações innocentes.

Conduzidos á porta da egreja fez-lhes o reverendo sr. prior uma cathequese, explicando com a maior clareza as santas ceremonias do baptismo, e dando alguns passos para o interior da egreja fizeram os meninos a sua solemne profissão de fé. Um anjo ministrando ao digno prior a chave do baptisterio, se franquearam as portas do tanque regenerador aquelles innocentes corações, e levantada a cupula da sagrada piscina, continuaram os meninos a ouvir respeitosamente a auctorisada voz do seu pastor, que lhes fez vêr o effeito do baptismo, e a graça que receberam, quando as santas aguas banharam seus delicados corpos nos primeiros dias de sua vida.

Tomaram os meninos assento na bancada, que lhes estava destinada, e feita a exposição do Santissimo Sacramento, principiou a missa a musica vocal e instrumental.

Ao evangelho subiu ao pulpito o sr. prior, que, depois de tratar do assumpto da festividade do Anjo Custodio do Reino, exhortou novamente os meninos, fazendo-lhes ver a excellencia do banquete espiritual, que lhes estava preparado. Sustentavam a toalha, offereciam o lavatorio, e aspergiam flores sobre os meninos, que eram acompanhados por dois anjos, as principaes damas daquella freguezia.

Foi tão apparatoso e tocante todo o acto da communhão dos meninos, que a maior parte dos fieis, que se achavam alli naquelle vasto templo, derramou muitas lagrimas de alegria. Foram tambem abrilhantar a festa alguns cavalheiros daquella freguezia, que ha pouco haviam chegado do Brasil, e dois irmãos do digno prior, abastados lavradores da freguezia d'Alvares, um dos quaes empunhava a umbella.

Seguiu-se a procissão, que percorreu as ruas da antiga villa de Pombeiro, indo na frente os meninos, e detraz do pallio a philarmonica Constancia desta villa d'Arganil.

Terminada a festa religiosa pelas duas horas da tarde, seguiu-se ainda um festejo externo, que bastante agradou aos meninos. A' sombra das oliveiras do passal estava preparada uma mesa, aonde o bondoso prior offereceu um jantar aos seus 82 hospedesinhos.

Durante o jantar, que foi servido pelo sr. prior, e pelas primeiras damas da freguezia, tocou a philarmonica peças escolhidas do seu reportorio, assistindo muito povo.

Damos agora os parabens aos srs. prior, Antonio Duarte Lopes Lobo, e a todos os mais, que concorreram para o brilhantismo desta festividade.

* * *

Noticias estrangeiras—Lê-se no *Jornal da Noite*:

Paris 6—A prorogação da assemblea contribue muito para que sejam tratadas mais desassombradamente as graves questões que estavam pendentes, e faziam temer conflicto europeu.

As difficuldades creadas ao governo francez pela cegueira e intolerancia da extrema direita da assemblea eram trez: questão hespanhola, questão italiana e questão allemã.

Com relação á questão allemã é completamente exacto, apesar do desmentido dos periodicos officiaes, que o embaixador da Allemanha em Paris, preveniu o duque de Decazes, ministro dos negocios estrangeiros, que «o governo allemão seria forçado a adoptar medidas aconselhadas pelas circumstancias, se o governo francez não cuidasse de impedir os carlistas de se aproveitarem da fronteira dos Pyreneus.»

Esta nota, que era quasi um *ultimatum*, e que podia produzir gravissimas consequencias, não as produzira, graças ao duque de Decazes. O ministro francez apressou-se em responder ao representante da Allemanha, que o governo francez deligenciara sempre manter-se dentro dos limites da mais estricta neutralidade, e que, de harmonia com estas disposições, enviara aos perfeitos dos departamentos da fronteira novas instrucções. Acompanhava esta nota um quadro das forças militares que iam ser mandadas para a fronteira.

O ministro dos negocios estrangeiros está elaborando um relatorio, para enviar ao encarregado dos negocios de França em Madrid, e que deverá ser por elle transmittido ao governo hespanhol. Indicar-se-hão n'esse relatorio todas as apprehensões de armas e munições de guerra realisadas na fronteira, como prova de que o governo francez não póde ser accusado de favorecer os carlistas.

Todas as difficuldades que embaraçavam o governo nesta questão, provinham principalmente da extrema direita; mas a demissão do perfeito legitimista dos departamentos dos Pyreneus orientaes, evidentemente sympathico á causa carlista, fará com que cessem immediatamente as intrigas que se tem tramado em Paris e nas cidades da fronteira. Até agora o governo, por muito que julgasse necessaria a destituição de mr. de Nadaillac, receiava leval-a a effeito, em vista da attitude tomada pela extrema direita.

A prorogação da assembleia tira o receio ao governo de ser interpellado, e é de crer que o decreto appareça mui breve no jornal official.

A demissão do perfeito dos Pyreneus orientaes, provocou em conselho de ministros gravissima discussão. O ministro de instrucção publica, o guarda-sellos, e o ministro da marinha, almirante Boustaignac, declararam-se contra a proposta, e protestaram que sairiam do ministerio se o perfeito realista fosse demittido. Só depois de tomarem conhecimento das notas communicadas ao ministro dos negocios estrangeiros, e ouvirem este ministro declarar que não acceitava a responsabilidade de um conflicto europeu, e que sairia do ministerio se o perfeito Nadaillac não fosse destituido, e que os tres ministros concordaram na destituição deste funccionário.

E' pois certissimo que o decreto será breve publicado, e que a sua execução será o signal para a inutilisação de todas as agencias carlistas da fronteira.

A questão italiana, graças tambem á habilidade do duque de Decazes, está regulada. Foi censurada a pastoral do arcebispo de Paris, em que se fazia propaganda contra os italianos, accusando-os pela occupação de Roma.

Perante o desgosto geral que reinava na Italia, e «principalmente em presença da attitude do governo italiano» o duque de Decazes não duvidou decidir os seus collegas a concordarem em que fosse publicamente censurado o arcebispo.

Mais ainda; o duque de Decazes assegurou o Cavalleiro Nigra, ministro d'Italia em França, que o *Orenoque* deixaria d'estar fundeado em *Civitta-Vecchia*, á disposição do papa, porque receberia ordem immediata para abandonar aquelle porto.

O que o ministro dos negocios estrangeiros podia ter acrescentado, era—que o governo só esperava o interregno parlamentar para afastar o *Orenoque* das aguas de *Civitta-Vecchia*, por temer que esta resolução motivasse da parte da extrema direita alguma intempestiva interpellação.

Em poucos dias estaremos em plena lucta eleitoral, por caducarem os poderes de uma parte dos membros das assembleas parlamentares. A lei de 1 de Março determina que estas assembleas sejam renovadas de tres em tres mezes. As eleições geraes terão logar a 4 de Outubro.

A lucta promette ser viva. Preparam-se para ella monarchicos, bonapartistas e republicanos.

Vão formar-se *comités* em todos os departamentos, que serão presididos pelos deputados.

O governo não recebeu ainda communicação official acerca do resultado da eleição a que se procedeu na Martinica, para a nomeação de um deputado á assemblea nacional: mas eu sei de boa fonte, que foi eleito por grande maioria o candidato republicano.

Não creio que succeda o mesmo no departamento dos Calvados onde a eleição deve verificar-se no domingo. E' provavel que triumphe alli o candidato bonapartista.

Os bonapartistas affirmavam ainda hontem á assemblea que se se procedesse agora ás eleições geraes, podiam contar com a victoria em mais de 150 collegios eleitoraes. Ha exaggeração na affirmativa; mas é provavel que nas proximas eleições os bonapartistas obtenham perto de cem deputados.

ANNUNCIOS

POSSIDONIO DA SILVA

1 TEM A SUA OFFICINA de esculptura em marmore de todas as qualidades, nacionaes e estrangeiros, onde se estão fazendo esculpturas, ornamentos, e monumentos de linda architectura, no Caes Novo, n.º 27 a 30, com deposito de marmores no armazem á Sota.

JOÃO!...Quanto este nome é caro aos Lusos!
JOÃO...Deslembra alguem tão sacro nome?
E cumpre á prepotencia a nós lembral-o!
E cumpre ao orgulho suscital-o aos peitos!
A nós, a Portuguezes, quaes nós somos,
A filhos de Minerva!...A offensa é crua,
Barbara a affronta, perfido o conselho,
Indigna...Ah! perdoemos, socios caros;
Generoso perdão se outorgue á infamia:
Das dadivas do ceu disponham Lusos.

Oh flor da patria! oh mimo de seus filhos!
Oh Lusitana, illustre juventude!
Jugo de ferro, que pesava outr'ora
Sobre nossas cabeças, já desfeito
A pedaços cahiu; e a mão soberba,
Que os insoffridos labios nos tapava,
Ao golpe audaz jazeu da liberdade.
Annos de escravidão vingue um só dia;
Seculos ganhem fugitivas horas:
Em livres brados á virtude, á gloria
O frouxo peito aos cidadãos movamos.

Póde, mais do que a espada, a voz, e a penna;
E, se a espada cumprir, cinja-se a espada:
E veja o mundo com terror, e espanto
Em cada filho de Minerva um Marte.
Tremam, caiam preversos aristócratas.
Sejamos sempre heroes, e sempre livres;
Sejamos, como sempre, Portuguezes;
Vivamos livres, ou morramos homens.

João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett.

A' LIBERDADE

Quo nihil majus, meliusve terris
Fata donavere, bonique divi
HORAT.

Que sinto, justos ceus! Que doce enlevo!
Oh cara mãe dos Lusos! patria, oh patria,
Que portentoso feito ao mundo ostentas!
Em teu regaço scintillando estalla
Da augusta Liberdade a sacra flamma,
Que em cinzas torna o fementido monstro
Do louco despotismo, em raiva ardendo.

Já somos livres!...ultrajados fóros,
A' força de soffrer, a patria vinga;
Já conhece (ditou-lho atroz desgraça!)
Que existem ferros, porque somos fracos,
Que d'um acceno seu baquea em terra
Da tyrannia o sceptro pavoroso.

Sinto meu coração d'horror cortado
Ao ver dos Lusos desastrosos fados:
A' sombra do pesado, ferreo jugo
Crescia humilde a abjecta dependencia.
Incultos valles, definhada a industria,
O cidadão sem jus, e sem ventura,
De crueis tribunaes fugindo a esmo;
Eis o da patria nossa triste quadro!

E podia SEPULVEDA magnanimo,
Podia o Washington Luso, o grão CABREIRA,
Trahindo o seu dever, razão, virtude,
De Hyrcanos tigres em sedentas garras
Deixar a patria sua, a amada Lysia?

Nunca, ah! nunca tão baixos sentimentos
De taes heroes no peito borbulharam.
Dos seus Lusões em puro amor desfeitos,
Prostram aos pés sonhadas vans chymeras,
Quebram da fatua prepotencia os braços,
Que o despotismo outr'ora sustentavam,
E com a Liberdade a patria douram.

Denso negrume, que o futuro assombra,
Afugentado pelos raios do estro,
Expõe á vista do porvir destinos
Já diviso, oh prazer, oh maravilha!
Que orgão da patria, nacional congresso
Da regia auctoridade o peso assume.

Eis sabia industria de suor banhada,
Que o fanatismo espanca, o ocio rude,
E a provida abundancia ao peito nutre;
Thesouros derramando alteia a fronte
Ceres, da agricultura mãe fecunda,
E o commercio d'entorno gyra impavido.

Os effluvios da augusta Liberdade,
Que o fogo da razão destilla, apura,
Em Lusos peitos nobres sentimentos
Com magico poder infundem, sparsem.
Qual nos cargos, que o rei, que a patria incumbe
Aos Pitts, e Argueles torna invejas;
Qual nas fadigas de Mavorte horrendo,
Co'a forte dextra a lança sopesando,
D'immortal louro enrama a altiva fronte;
Qual de Buffon, Couvier, Newton, ou Dayve
A fama perennal, que estruge o mundo,
Mergulha ovante no sombrio Lethes.

Tanta ventura, Elysa, ó patria minha,
Com rosto alegre, te surri, te accena!
A quem não prazem perennaes diluvios
De immensos bens, que os Lusos afortunam?

Aristócrata vil, que audaz incensas
Do perfido egoismo as tetras aras,
Medita, e julga; qual mais proveitoso,
Se quebrar os grilhões á patria tua,
Ou sedento verdugo, filho ingrato
Cravar no peito seu buido ferro.

Padre *Emygdio da Costa.*

MOTE

Ah! não tem par a Lusitana gloria.

Affonso, ó grande Affonso, ó rei famoso,
Pae, fundador, heroe da monarchia,
Tu, cuja lança a morte precedia,
Cujo sceptro na paz era piedoso,

Surge, surge, phantasma luminoso,
Do mudo horror da região sombria:
Vê teus filhos, conhece-os neste dia;
E nume volta ao perennal repouso.

Entre os espectros dos heroes do mundo
Vai contar as acções, que á Lusa historia
Vão grangear respeito o mais profundo.

D'um despotismo tal colher victoria!...
Trocar horrores em prazer jucundo!...
Ah! não tem par a Lusitana gloria.

Antonio Feliciano de Castilho.

2 LUIZ MENDES MARGARIDO, da Torre do Valle de Todos, concelho de Ancião, empreiteiro das madeiras de carvalho da ponte de Coimbra, promptifica-se a fornecer toda a quantidade que se quizer da mesma madeira, para fexaes, caixaes, barrotes e ripas, tudo dos differentes comprimentos. Os preços serão muito commodos. Póde ser procurado na estrada nova de Santa Clara, desta cidade, em casa de José Maria Fernandes, n.º 5.

3 NO ARMAZEM DE VINHOS de Domingos Antonio de Freitas, ás Ameias, vende-se vinho branco e tinto, a 25 e 30 rs. o quartilho, e o almude a 1$100 e 1$380 rs.

Tambem tem vinho dos melhores sitios do Alemtejo, proprio para mesa, a 40 rs. o quartilho; bem como vinagre e aguardente por preços commodos.

VINHO SUPERIOR

4 ACHA-SE para vender 12 pipas de excellente qualidade na Vacariça em casa do Pedreiro.

FIGUEIRA DA FOZ

GRANDE DEPOSITO

DE

Pozolana, ou cimento hydraulico de 1.ª qualidade. Vende-se por preços resumidos.

AGOAS & F.os

Attenção

6 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

AOS BANHISTAS DA PRAIA DA NAZARETH

João Antonio d'Oliveira

vulgo João Rey & Manuel José de Brito

7 FAZEM publico, que mais uma vantagem e commodidade vão offerecer aos frequentadores da praia da Nazareth, no tempo de banhos, e é o poderem ser conduzidos em carruagem até á mesma praia, por modicos preços.

Do 1.º de Setembro em diante chegarão até á praia da Nazareth as carreiras de diligencias que se acham estabelecidas por conta dos annunciantes, de Chão de Maçãs e Pombal para Alcobaça.

Os preços nas carreiras actuaes continuam a ser os mesmos já annunciados. A nova tabella para os banhistas é a seguinte:

De Chão de Maçãs e Pombal á praia da Nazareth, ida e volta, cada pessoa, 3$000 rs. dentro e 2$600 fóra; ida sómente ou volta, cada pessoa 2$200 rs. dentro e 1$800 rs. fóra.

A chegada da diligencia á praia é ás 5 1/2 horas da tarde; saida da mesma ás 6 horas da manhã. Tambem se alugam carros especiaes, por preços rasoaveis, para qualquer ponto e para a mesma praia.

E' permittido a cada passageiro levar 15 kilos de bagagem e pelo excesso na rasão de 20 rs. por kilo.

LIVROS Á VENDA NA LOJA DE SEVERO & IRMÃO

8 CASTILHO. O Misanthropo, comedia em 5 actos—400 rs.

C. de Lacerda. Homens e feras, drama original em 3 actos e um prologo—400 rs.

Bentes. Regulamento para a instrucção do tiro—360 rs.

Hygiene da alma, segunda edição—400.

Arithmetica, por *J. P. F.*, professor em Cantanhede, segunda edição—120 rs.

Scenas de Lisboa, segunda parte—500 rs.

Cardoso. Breve estudo sobre as instituições sociaes, politicas, philosophicas e religiosas da India aryana—400 rs.

DOCTOR IN ABSENTIA

9 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

10 NO DIA 30 do corrente mez de Agosto, por 9 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça em Santa Cruz, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, se ha de vender e arrematar uma morada de casas situadas na rua das Cozinhas, desta cidade, pertencente á herança de José Ribeiro Machado Guimarães, mandadas vender para pagamento d'um legado, a quem mais dê sobre o valor de 600$000 rs. E' escrivão Almeida, officio de Servulo.

11 J. A. SOUSA REFOIOS, bacharel em Philosophia, e estudante do 2.º anno de Medicina, lecciona Introducção aos alumnos que desejarem fazer exame em Outubro.

Rua da Trindade, n.º 38.

12 NO DIA 25 do corrente mez de Agosto, por 9 horas, á porta do tribunal de justiça em Santa Cruz, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, ha de ser vendido e arrematado a quem mais dê, uma morada de casas de dois andares e lójas, situada na rua dos Anjos, e tem os n.os 5, 7 e 9, penhorada a D. Ignacia Roberta de Figueiredo, na execução que lhe move Francisco Pedro da Silva, negociante, ambos d'esta cidade. E' escrivão Almeida, officio de Servulo.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

13 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

14 JOSÉ JOAQUIM DE PAULA, com fabrica de papel continuo em Serpins, comarca da Louzã, pede aos seus amigos e freguezes, que suspendam os seus pedidos de papel pardo ou embrulho, por quanto, o não póde actualmente fazer por causa do estio; mas confiado nos seus amigos espera munir-se de uma machina de vapor para suprir uma tão grande falta annual, tempo em que fará muito mais papel, e de melhores qualidades.

Serpins, 11 de Agosto de 1874.

FIGUEIRA DA FOZ

Largo do Carvão, n.º 2

DENTISTA

15 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 10 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

Sociedade anonyma

Responsabilidade limitada

16 FAZ DESCONTOS de letras de cambio e da terra, titulos de estado e commerciaes;

Recebe dinheiros em deposito, a prazo fixo ou á ordem, abonando juros;

Empresta sobre penhores de ouro, prata e pedras preciosas, titulos de divida publica com juro, sobre generos e mercadorias, sobre predios, sobre mobilias que fiquem em poder de seu dono, sobre fazendas de estabelecimentos commerciaes, ou sobre materiaes de fabricas e agricolas;

Faz transferencias de fundos para as terras onde tenha agencias;

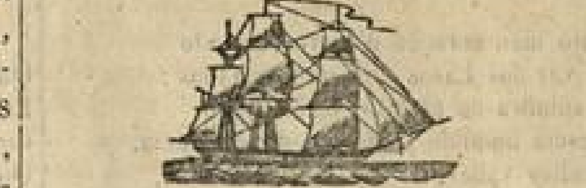
Abre contas correntes sobre deposito de letras, inscripções, acções de Bancos ou de Companhias, ou valores que inspirem confiança, e sejam de facil realisação;

Guarda em cofre a titulo de deposito, não sómente joias e metaes preciosos, como tambem titulos e outros valores, cobrando seus juros e dividendos, mediante uma modica commissão, podendo taes valores servirem de caução aos saques que o possuidor esteja auctorisado a fazer sobre o Banco;

E entra em todas as demais operações consignadas nos seus estatutos, e dos quaes poderão tomar conhecimento os interessados.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Paro o **Rio de Janeiro:**

Barca=VICTORIA= em 20 de Agosto.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Grande deposito de machinas de costura do auctor Singer

34, Rua do Visconde da Luz, 36

COIMBRA

18 AO ESTABELECIMNTO de José Texeira da Cunha chegou novo sortido de machinas para senhora, alfaiate, correiro e sapateiro: todas estas machinas cosem em fazendas finas ou grossas. Dão mil pontos por minuto e do tamanho que se queira. O ponto é entrelaçado no meio, e por isso mais seguro do que cosido á mão. Preços eguaes aos de Lisboa da unica casa sucursal.

Tambem ha troçaes, retroz, linhas brancas e de côr, agulhas, etc.

CHOUPOS

19 QUEM QUIZER comprar 10, dirija-se á rua da Sophia, n.º 35.

Livros velhos e usados

20 COMPRAM-SE na rua da Calçada, n.º 189.

21 ARRENDA-SE do proximo dia de Todos os Santos, por diante, por um ou mais annos, a insua que foi dos Bentos, junto ao logar do Cerieiro; e que se compõe de terra de semeadura, arvores de fructo e parreiras, com celleiros, tanque e agua de nora, casas para criados, palheiro, eira, etc.

Quem a pretender póde desde já fallar com o proprietario da mesma, Francisco de Sousa Araujo, rua do Visconde da Luz, n.º 102, que indicará as condições.

22 NO DIA 23 do corrente, vender-se-hão em praça particular, convindo o preço, nesta cidade de Coimbra, e casa do sr. Ricardo Antunes de Macedo, na praça 8 de Maio, 5 geiras e meia de terra, aproximadamente, no campo de Bolão, no melhor sitio, e que traz de renda Manoel Carvalho Novo, da Sinceira, por nove moios de milho. O mesmo sr. Macedo está auctorisado para a venda, e póde dar os esclarecimentos precisos. Não tem foros, nem onus algum, como se mostrará.

23 O BACHARELANDO em medicina Francisco Martins Ramos, lecciona em Introducção, a quem tiver de fazer exame em Outubro.—Becco das Flores—40.

Bibliotheca Contemporanea

O CONDE-DUQUE DE OLIVARES

Memorias do tempo de Filippe IV

24 ESTÁ DISTRIBUIDA a 7.ª caderneta d'este notavel romance, um dos mais curiosos e de certo dos mais bem urdidos do grande romancista Fernandes y Gonzalez. A edição portugueza é ornada de estampas, desenhos originaes de Manoel de Macedo, gravadas em madeira por Alberto e Severini, e impressas por Lallemant. E' nitida e barata (10 reis por folha).

Assigna-se na rua Formosa, 17—Lisboa e nas principaes livrarias do paiz.

E' correspondente em Coimbra o sr. Manoel de Paula e Silva—Imprensa Litteraria.

25 VENDE-SE uma terra no campo de Ceira. Trata-se na botica da rua de Quebra Costas.

Cerveja Ingleza branca e preta de Bass & F.os

26 ESTABELECIMENTO de Manoel da Silva Gonzaga.

53—Sophia—57, casa d'azulejo.

NUMERO 2824 — TERÇA FEIRA 18 DE AGOSTO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL.—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Está officialmente confirmada uma noticia muito agradavel para este paiz, e que ha dias demos aos nossos leitores com extrema concisão, por isso que careciamos de mais circumstanciados promenores, e dados mais positivos, com que podessemos abonar toda a sua veracidade.

Trata-se effectivamente de organisar em Londres, uma sociedade cooperativa, com o fim de promover a importação para os mercados de Inglaterra, dos vinhos portuguezes de pasto, que alli tem obtido os mais altos elogios, e de os vulgarisar por forma a tornal-os conhecidos e apreciados de todo o commercio britannico.

No museu de *South-Kensington*, diz o *Jornal do Commercio*, realisou-se um banquete, promovido pelo geral Scott, e presidido pelo director do mesmo museu, Sir Madeod of Madeod, em honra dos vinhos portuguezes, no qual tomaram parte differentes notabilidades, e entre estas o sr. Carter, redactor scientifico do *Times*, que depois de exaltar as qualidades dos nossos vinhos, exhibidos no *Albert-Hall*, annunciou achar-se já constituida a referida sociedade.

A este notavel banquete, assistiram alem dos cavalheiros mencionados, muitos medicos e chimicos de grande nomeada, capitalistas, o commissario regio de Portugal, e muitas outras pessoas de respeitabilidade.

Este felicissimo resultado, que Portugal obteve na exposição de Londes, é devido exclusivamente á iniciativa, e á excellente direcção que o nosso governo, coadjuvado pelos zelosos empregados do ministerio das obras publicas, deu a esta tentativa, a qual desde logo antevimos de auspiciosas consequencias para a industria vinicula do paiz.

Este notavel exito que obtiveram os nossos productos em Londres, é agora de tanto regosijo para nós, quanto é tristemente certo, o abandono e até o descredito a que tinham chegado os nossos vinhos naquelle mercado.

Não podia esta nação, immediatamente interessada na empreza organisada em Londres, ser indifferente ao brioso procedimento dos seus iniciadores.

O jornal a que acima nos referimos; diz que esta ideia despertou o mais vivo interesse entre os nossos compatriotas, para auxiliarem a empreza de Londres, e que até já estão dados os primeiros passos para reunir alguns cavalheiros respeitaveis, com o fim de promover em todo o paiz adhesões ao honroso incitamento, que da capital da Inglaterra nos é feito.

Torna-se, portanto, indispensavel, em credito deste paiz, pelo interesse da agricultura, e do commercio nacional, que os homens dedicados ao progresso da patria, e que desejam preparar um futuro mais auspicioso para a agricultura portugueza, não hesitem em auxiliar os cavalheiros, que tão bisarramente tomaram sobre si este emprehendimento.

O governo portuguez a quem devemos toda esta actividade promettedora, fez expedir uma circular aos governadores civis de todos os districtos do reino, á qual vamos transcrever, e que de certo merecerá toda a attenção dos magistrados a quem é dirigida, e dos commerciantes e agricultores, que immediatamente lucram com o bom resultado desta companhia.

Tem o governo feito tudo quanto está ao seu alcance neste momentoso assumpto; é indispensavel agora, que os homens dotados de patriotismo, e que podem dispor de meios pecuniarios, façam o que lhes cumpre, naquillo em que o governo não póde ter ingerencia.

Eis a circular a que nos nos referimos.

Illm.º e exm.º sr.— De ordem de s. ex.ª o ministro envio a v. ex.ª uma folha do *Jornal do Commercio*, a fim de que tomando v. ex.ª conhecimento do contheudo do primeiro artigo da referida folha, se digne proceder na conformidade das seguintes considerações:

Bem inteirado está v. ex.ª da parte que o governo a si tomou na exposição internacional de vinhos, em Londres.

Foi até v. ex.ª e os administradores do concelho seus subordinados, que efficazmente auxiliarem a inciativa deste ministerio.

Conseguiu-se sem duvida representar por meio de amostras n'aquella exposição as numerosas variedades dos nossos vinhos communs.

O fim a que estes esforços do governo tendiam, se não está inteiramente realisado, é porque isto depende de muitas e variadas circumstancias que só do tempo se podem esperar.

Todavia, os ultimos resultados da exposição são tão significativos e tão propicios aos vinhos portuguezes, que podem alimentar as mais legitimas esperanças ácerca dos seus futuros destinos.

Mas peço a v. ex.ª que pondere bem que, apesar deste grato aspecto das cousas, a situação do governo é um pouco difficil. Ate certo ponto póde elle actuar dentro da esphera das suas attribuições, substituindo pela sua, a iniciativa dos particulares, como fez na obtenção das amostras e na collocação dellas na exposição de Londres; porém, interferir directamente na disposição da vontade e dos capitaes dos particulares, isso não; porque repugna com a indole das nossas instituições e offende a doutrina das sciencias economicas.

Por outro lado, em um paiz pouco disposto a progredir no melhoramento das condições da sua riqueza agricola, se o governo cruzar os braços, ninguem se move, e todos se contentam com a sua modesta sorte.

O commissario regio na exposição deu conta ao governo da formação de uma sociedade cooperativa, composta de pessoas de Lon-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXVI

O MARQUEZ DE POMBAL E OS JESUITAS

Publicamos hoje dois documentos, notaveis a muitos respeitos. O primeiro é um officio do vice rei do Brasil, marquez de Lavradio, datado de 28 de Janeiro de 1773; e o segundo é uma pastoral, com a mesma data, do bispo do Rio de Janeiro, D. Fr. Antonio do Desterro.

Temos todo o fundamento para dizer, que estes memoraveis documentos são agora pela primeira vez impressos.

Naquella epocha não havia imprensa no Brasil. E' verdade que em 1747 tinha havido uma imprensa no Rio de Janeiro, fundada por Antonio Isidoro da Fonseca, e que fora tolerada pelo governador Gomes Freire de Andrade, mais tarde elevado á cathegoria de vice rei, e agraciado com o titulo de conde de Bobadella; mas a indole suspeitosa da côrte de Portugal, não permittiu que a imprensa continuasse no Brasil. Esta civilisadora instituição só alli se estabeleceu definitivamente no anno de 1808, depois de para lá ter ido o principe regente.

E como curiosidade diremos, que uma das muito poucas publicações feitas na referida imprensa de Antonio Isidoro da Fonseca, em 1747, diz exactamente respeito ao mesmo bispo do Rio de Janeiro, que em 28 de Janeiro de 1773, fez a celebre pastoral, que hoje inserimos no *Conimbricense*.

O referido impresso é o seguinte:— «*Relação da entrada que fez o Exm.º R.mo Sr. D. Frei Antonio do Desterro Malheiro, bispo do Rio de Janeiro, em o 1.º dia do anno de 1747, havendo sido seis annos Bispo do Reino de Angola, donde por nomeação de S. Magestade e Bulla do Pontifice foi promovido para esta Diocese. Composta pelo Dr. Luiz Antonio Rozado da Cunha, Juiz de Fóra, e Provedor dos defunctos e auzentes, capellas e residuos do Rio de Janeiro.*»—Rio de Janeiro, na segunda officina de Antonio Isidoro da Fonseca—Anno de 1747—Com licença do senhor Bispo.»=E' em 4.º de 20 paginas.

O officio que hoje publicamos, faz-nos reflectir quanto são varias as opiniões humanas. O seu auctor, o vice rei do Brasil, marquez de Lavradio, avaliava os jesuitas de uma modo diametralmente opposto ao seu neto, o actual sr. marquez de Lavradio.

Segundo o parecer daquelle vice rei, a companhia de Jesus tinha sempre sido uma sociedade *abominavel*, *infecta*, e composta de *monstros*; chegando a ser *summamente criminosa a mais pequena benevolencia*, que se podesse ter com gentes que houvessem pertencido, por qualquer modo, a essa sociedade!

Pelo contrario o seu neto, o sr. marquez de Lavradio, tem sempre reconhecido que os jesuitas foram uma corporação respeitavel e illustrada, a quem a egreja catholica e a instrucção publica muito devem.

Qualquer pessoa que não tiver mais elementos para julgar os jesuitas, do que pareceres tão oppostos, como os dos dois marquezes de Lavradio, avô e neto, que juizo hade formar desta sociedade, vendo-a ao mesmo tempo tão vituperada e tão elogiada?

Temos lido numerosas publicações, tanto antigas como modernas, portuguezas e estrangeiras, a favor e contra os jesuitas; e o que sempre vimos é que em geral a companhia de Jesus tem sido avaliada, tanto pelos amigos, como pelos inimigos, com a maior paixão—uns exaggerando-lhe o merecimento e os serviços, e os outros calumniando-a por todos os modos imaginaveis.

A escola do marquez de Pombal, do vice rei do Brasil, marquez de Lavradio, de José Basilio da Gama, dos bispos subservientes ao celebre ministro, de José de Seabra da Silva (ou antes o proprio marquez de Pombal, que é segundo a boa critica, o verdadeiro auctor da *Deducção chronologica*), e de outros muitos, de egual pensar; accusa os jesuitas de regicidas, de aspirarem á monarchia universal, de professarem e sustentarem uma moral relaxada, e por systema fomentarem a ignorancia entre o povo.

Ao inverso, a escola do padre Balthazar Telles, na *Chronica da companhia de Jesus*; do padre Antonio Franco, na *Imagem da virtude*; do actual sr. marquez de Lavradio, nas suas differentes publicações; de Fr. Fortunato de S. Boaventura, no *Defensor dos jesuitas*, e na *Contra-Mina*; de José Agostinho de Macedo (mas entenda-se que é o Macedo de 1830, na sua publicação os *Jesuitas*; pois que o Macedo de 1810, nos *Sebastianistas*, havia defendido doutrina inteiramente opposta); dos auctores da *Resposta apologetica ao poema intitulado o Uraguay*, impressa em 1786 em Lugano; e do auctor das *Letres Juives*, edições de Lausana e Genebra em 1738; tem sustentado que a egreja e o estado receberam os mais assignalados serviços da companhia de Jesus, e que é falso tudo quanto contra ella se tem dito.

Ora a verdade não póde estar ao mesmo tempo nestes extremos. E não será mais provavel achar-se no meio termo?

eres muito respeitaveis por diversos titulos. Os fundadores da sociedade pediram, com instancia, ao nosso commissario, que obtivesse em Portugal adhesões á ideia d'aquella instituição, cujas bases sociaes ainda se ignoram. Sabe-se apenas que a sociedade tem por fim o consumo de vinhos portuguezes.

Em presença de tudo o que vai exposto ficará v. ex.ª inteirado de que, comquanto reconheça o governo as altas vantagens de estreitar por todos os modos as relações dos nossos productores de vinhos com os consumidores britannicos, não póde nem deve usar de outros meios que não sejam os indirectos, para conseguir o que, pela maior parte depende da iniciativa particular.

Já v. ex.ª poderá informar-se dos motivos que tem o governo de se utilisar de um jornal particular a fim de dar publicidade ás noticias tão agradaveis, que nos transmitte o nosso commissario regio, indicando tambem, por voz particular o caminho que os productores devem seguir, se não para tomarem parte na sociedade, cuja organisação ainda desconhece, pelo menos para testemunharem a sua boa vontade, e se mostrarem firmemente decididos a coadjuvarem os nobres desejos dos cavalheiros britannicos, que tanto nos honram e favorecem com as distincções, que fazem dos nossos vinhos.

Deseja, portanto, s. ex.ª o ministro, que v. ex.ª bem compenetrado do pensamento do governo, promova por todos os modos que julgar mais convenientes, todas as manifestações dos nossos productores, tendentes a demonstrarem que tomam vivo interesse no assumpto de que se tracta.

Preparados assim os animos, talvez em reuniões publicas; mais tarde, depois de bem definido a ideia da sociedade creada em Londres, se poderá tomar uma resolução digna do nome portuguez, e muito favoravel á viticultura do paiz.

S. ex.ª o ministro confia no esclarecido zelo de v. ex.ª Deus guarde, etc.

Esta circular é assignada pelo director geral do commercio e agricultura, o sr. conselheiro Rodrigo de Moraes Soares.

COMMUNICADO

FIGUEIRA DA FOZ

Inauguração do theatro Principe D. Carlos

Mais uma vez tivemos n'esta villa uma noite de completo regosijo, com a inauguração do novo theatro—*Principe D. Carlos.*

A' digna direcção cabe os mais merecidos louvores, pelo bem que tem desempenhado os deveres a seu cargo, não poupando esforços para apresentar nesta villa um theatro, talvez o primeiro da provincia. E afastando de mim todo o amor á minha terra natal, direi que este edificio, tanto exterior, como interiormente, nada deixa a desejar a todos que o contemplam e admiram.

Saudo pois tão dignos cavalheiros, que fazem parte da direcção, e que lutando com algumas difficuldades, apresentaram um ornamento de que esta villa tanto carecia, e de que é merecedora.

Na noite do dia 8 do corrente, subiu á scena naquelle theatro o drama patriotico em 2 actos e 3 quadros — *Oppressão e liberdade* —do sr. Eduardo Coelho, sendo mais que regular o seu desempenho em todos os papeis, dando mostras da grande pratica e vocação pela arte, que a maioria dos individuos, que tomavam parte no desempenho do drama, revelaram mais uma vez naquella noite tão lembrada.

Houve bastantes applausos e verdadeiro enthusiasmo em todos os cavalheiros e damas que ornavam a plateia e camarotes, vendo-se nestes, até familias da nossa capital e da cidade de Vizeu, além de muitos cavalheiros das circumvisinhanças desta villa, que se achavam na plateia.

O nosso amigo o sr. Dr. Ornellas, recitou antes do drama uma poesia, feita pelo mesmo sr., e dedicada ao theatro, a qual muito agradou; e nem outra cousa haveria a esperar, porquanto s. s.ª, além do seu elevado talento, teve horas felizes quando lançou mão da penna para escrever aquella sua producção — que tão inspirada lhe foi!...

Tivemos egualmente no intervallo do 1.º para o 2.º acto uma outra poesia, dedicada ao mesmo theatro, e feita pelo nosso patricio o sr. Acacio Antunes Braz: este joven maravilhou-nos com esta mimosa producção, que na verdade n'ella revela o merecimento, tendencia e elevado talento do joven poeta, que eu com a sinceridade que me caracterisa, felicito.

Mais uma vez tivemos occasião de admirar a nossa patricia D. Maria da Guia Balthar e Oliveira, digna esposa do sr. Francisco Maria d'Oliveira, a qual nos surprehendeu quando a vimos pisar o espaçoso palco, com aquella graça, elegancia e naturalidade de que é dotada; recitando com todo o mimo e arte, a poesia do sr. Acacio Antunes, de que acima fallei.

A esta dama, respeitosamente envio as minhas sinceras felicitações, pelo bem que comprehendeu e desempenhou tão difficil poesia.

Emfim, foi aquelle enthusiastico espectaculo fechado com uma scena comica — *O tio Matheus*—pelo distincto actor o sr. Francisco A. da Silva Taborda, que a convite da digna direcção do theatro, nos veiu honrar com a sua sempre bem recebida presença, abrilhantando com ella esta festa que a todos deixou saudades.

Não deixarei esquecer os dignos presidente e regente da orchestra, que tanto têem trabalhado para o engrandecimento daquella sociedade, e que graças aos seus aproveitaveis esforços, a mesma se apresentou tocando algumas peças de musica que nos surprehendeu; sendo aquelles dois cavalheiros chamados e victoriados com bastantes palmas.

Concluirei esta minha já extensa correspondencia, saudando egualmente o digno presidente da sociedade philarmonica Figueirense, que a despezas suas, e com todo o sigillo, apresentou na madrugada do dia 8 do corrente (em que teve logar a inauguração do theatro) a mesma sociedade tocando a alvorada, junto daquelle edificio, seguindo depois para a porta de cada um dos directores do mesmo theatro

A' noite e no salão de entrada d'aquelle magestoso edificio, para onde a mesma sociedade tinha apenas sido convidada pela direcção, desempenhou alli algumas peças de musica do seu reportorio, rompendo pelo hymno do augusto pae do principe D. Carlos, cujo nome foi de bom grado concedido pelo nosso monarcha, a este edificio figueirense.

Saudo, pois todos os figueirenses meus patricios, e que conservem sempre em si, os bons desejos de engrandecer e elevar a terra que os viu nascer.

A v. sr. redactor, pela publicação desta minha extensa correspondencia, summamente grato lhe ficará quem é.

De v. mt.º att.º e vr.º

A. M.

NOTICIARIO

Romarias—Nos arrabaldes de Coimbra, em quasi todos os templos das diversas localidades se festeja o seu orago, ou se pretexta motivo para uma festividade; e nestas demonstrações religiosas tem distincto logar a freguezia de S. Martinho do Bispo, onde no domingo proximo se festejou com toda a pompa o Santissimo Sacramento, tendo na vespera havido arraial em que foi queimado um fogo de artificio, deitando-se os indispensaveis balões, e tocando a philarmonica de Taveiro.

A solemnidade correu decorosamente. A missa foi cantada pelo reverendo parocho da freguezia o sr. Diomsio Garcia Ribeiro; foi orador o reverendo padre Neves, que, ostentou o seu talento e sustentou o seu credito de distincto orador sagrado. A musica instrumental era regida pelo sr. Silva, digno mestre da philarmonica *Boa-Unido*, da qual era composta a orchestra; e a mesma philarmonica acompanhou a procissão, uma das melhores que temos visto, abrilhantando-a 150 anjos, muitos dos quaes vestidos com o melhor gosto e riqueza.

Numeroso concurso de povo, entre o qual avultava a muita gente que foi de Coimbra.

Mais uma vez nos admiramos de que numa das mais populosas freguezias do bispado, a onde residem tantas familias da maior importancia social, não haja uma confraria que tenha a seu cargo as cousas do culto, e alliasse a isto uma instituição de beneficencia de soccorro mutuo. Ella virá...

—No sabbado foi conduzida desta cidade a bandeira de Nossa Senhora para a Nazareth da Ribeira. Saiu da egreja do Carmo, e para ella voltou.

Grande numero de familias passaram a tarde no areal do rio, em alegres folguedos, até a vinda da bandeira.

Pedido.—Chamamos a attenção da camara municipal desta cidade para o estado em que se acha a rua das Figueirinhas.

Em consequencia da canalisação que alli se anda a fazer, cessou a illuminação na rua; de modo que de noute torna-se o transito perigosissimo.

Se a camara não mandar immediatamente collocar naquella rua algumas luzes, a petroleo, ou azeite, asseguramos-lhe que haverá muitas desgraças a lamentar.

Em a noute passada, se não fosse a caridade de alguns habitantes da rua, aluminando ás numerosas pessoas que passavam, teria havido muitos desastres.

Confiamos plenamente que a camara attenderá de prompto ao que lhe pedimos, porque de certo não quererá pezar com a grave responsabilidade do que occorrer.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

João, filho de Manoel Antonio Fernandes e de Maria do Carmo, natural de Coimbra, de 19 mezes, fallecido no dia 8 de Agosto.

Carlos José Fernandes, filho de Manoel Fernandes Reis e de Maria José Gomes, natural de Coimbra, de 3 mezes, fallecido no dia 8.

Bernardo da Silva, filho de Dionisio da Silva e de Maria de Jesus, natural de Coimbra, de 68 annos, fallecido no dia 9.

Maria Emilia, filha de Manoel Maria e de Maria Emilia, natural de Coimbra, de 8 mezes e 12 dias, fallecida no dia 12.

Recemnascido, filho de José Rodrigues e de Emilia da Conceição, natural de Coimbra, de 10 dias, fallecido no dia 11.

Que o marquez de Pombal, e a sua escola, levantaram numerosas calumnias contra os jesuitas, isso é um facto, que ninguem com verdade póde negar. Para o attestarem ahi estão a *Deducção chronologica e analytica* — o *Compendio historico da Universidade de Coimbra*— a *Relação abreviada da republica dos jesuitas*—o *Retrato dos jesuitas feito ao natural*— o poema o *Uruguay*— e um sem numero de outras publicações, em que a par de asserções verdadeiras, se vêem outras muitas manifestamente calumniosas, ou pelo menos calculadamente exaggeradas.

Do mesmo modo, porem, é inegavel, que os jesuitas tinham, pelas suas vastas ramificações em quasi todo o mundo, tomado um tal ascendente e preponderancia, que para assim dizer formavam um estado no estado e assombravam os governos; e foi isso que levou o marquez de Pombal, e outras nações a exemplo seu, a extinguir esta poderosa sociedade.

Agora em quanto aos meios de que se serviu o marquez de Pombal para extinguir os jesuitas, foram elles sempre justos? Com a imparcialidade de que nos prezamos, diremos que não.

Conhece-se, todavia, facilmente o motivo desse procedimento do marquez de Pombal. Os jesuitas tinham-se tornado tão poderosos, que só uma vontade energica como a do celebre ministro, podia levar a effeito a sua extincção. E é por isso que elle exaggerou as accusações contra elles, e foi violentissimo na perseguição que lhes dirigiu.

Factos que agora nos custam a comprehender, podem achar explicação pela epocha em que foram praticados.

Resta-nos fallar da pastoral do bispo do Rio de Janeiro, D. Fr. Antonio do Desterro, a qual egualmente vamos hoje publicar.

A respeito dessa só diremos, que um bispo que tivesse dignidade, quebraria de preferencia o baculo, a subscrever um tal documento em que se humilha e degrada a si proprio.

O officio do vice rei do Brasil, marquez de Lavradio, é, como já dissemos, de 28 de Janeiro de 1773; e a pastoral do bispo do Rio de Janeiro, é exactamente do mesmo dia. Tire quem quizer as illações que se deduzem deste facto.

Não seria temeridade suppor, que a minuta da pastoral fôra ministrada pelo marquez de Lavradio; quando mesmo não tivesse sido enviada de Lisboa, pelo proprio marquez de Pombal.

Joaquim Martins de Carvalho.

Revm.º sr.—Constando-me que nessa provincia se tem consentido que o padre Fr. Antonio da Conceição Lopes, e o padre Fr. Antonio da Annunciação houvessem de exercitar, um o ministerio de confessor e outro o de examinador synodal, tendo os ditos padres sido daquelles que por algum tempo tinham entrado na abominavel sociedade denominada de Jesus; e não podendo o sobredito consentimento ser julgado como innocente, assim pelo provincial que neste ultimo biennio tem governado essa provincia, como pelo guardião actual da mesma casa, em que um reside, e em cujo districto tem o outro confessado, por se achar tão sabia e louvavelmente determinado por uma pastoral do provincial antecedente, o padre mestre Fr. José dos Anjos, a fim de que em tempo algum se podessem dar interpretações ás santas, justas e sabias leis d'el-rei meu senhor, promulgadas á respeito d'aquella abominavel sociedade, determinando o provincial que nenhum dos padres que tivessem em algum tempo pertencido áquella sociedade, sempre abominavel, podessem exercitar mais os ministerios de confessores, mestres e pregadores, o que tão louvavel, e religiosamente se executou em o tempo do seu governo, não sendo a dita pastoral ignorada pelo provincial actual, Fr. Ignacio de Santa Rita Quintanilhas, e pelo guardião do convento desta cidade, Fr. Manoel do Loreto Freitas; fazendo-se summamente reprehensivel, que depois de haver naquella provincia uma ordem tão conforme á razão, e tão propria do respeito com que devemos sempre olhar para as sagradas leis do nosso augustissimo soberano, tivesse o dito provincial em uma materia tão importante, permittido se relaxasse e não tivesse a devida observancia o que por aquelle louvavel prelado tinha sido determinado, sem haverem esperado resolução d'el-rei meu senhor áquelle respeito, que é só quem podia declarar a sua real intenção; não devendo desculpar o dito prelado actual o terem os ditos Fr. Antonio da Conceição Lopes, e Fr. Antonio d'Annunciação, sido aquelles que tinham sido expulsos daquella infecta corporação, *vinte e tantos annos antes da sua extincção*, não só porque devia suppor que depois de terem entrado uma vez em um corpo tão cheio de corrupção, elles poderiam tambem ter ficado contaminados com aquelle mesmo veneno; mas depois de um dos prelados maiores daquella provincia ter feito uma prohibição geral a todos aquelles individuos, elle não devia ter liberdade para nem o mais levemente a alterar, e sendo summamente criminosa, ainda a mais pequena benevolencia que se possa ter com gentes que pertenceram por qualquer modo aquella sociedade, que só nos deve lembrar para nos fazer horror os abominaveis monstros que ella tem produzido:

Suppostas todas estas justissimas razões, vou a dizer a v. rvm.ª que chamando a capitulo a sua communidade, e diante della lendo esta carta, mandará exterminados para os conventos mais remotos da sua provincia; assim os sobreditos dois prelados, provincial actual, e o guardião da casa, como os dois padres

Maria Isabel, filha de José da Silva Rocha, natural de Coimbra, de 83 annos, fallecida no dia 13.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:596.

Laranja.— Dos pomares deste concelho, tem já sido comprada muita laranja da futura colheita, para ir para a Inglaterra.

Reconhecimento.— Portugal e a Italia tambem já reconheceram o governo hespanhol.

Festividade. — No domingo, 23 do corrente, haverá a festa do Senhor Jesus do Arnado. De manhã ha missa cantada; e de tarde *Te-Deum* e sermão, e em seguida a arrematação de bolos, tocando a philarmonica *Boa-Unido*.

Na vespera haverá illuminação, fogo e musica.

O mudo com falla.—Entre os numerosissimos jornaes que se tem publicado em Portugal, ha alguns com titulos muito exquisitos.

Nos differentes especimens que possuimos, temos um com o seguinte nome — *O mudo com falla, ou hum portuguez verdadeiro, e sincero.*

O primeiro numero foi publicado em Lisboa no dia 22 de Dezembro de 1820.

O Campeão Lisbonense. — Em o dia 29 de Julho de 1822 publicou-se o n.º 85 do *Campeão Lisbonense*, jornal que se não deve confundir com outro da mesma epocha, com o titulo de *Campeão portuguez em Lisboa.*

Nesse numero publicou a redacção um aviso, que por curioso para aqui transcrevemos.

AVISO

Adverte-se a Manoel Lourenço de Freitas, administrador das cartas no correio geral, que haja de abster-se quando apartar as cartas dos illustres deputados de côrtes, de lhes addicionar nomes injuriosos e vis; e se continuar com o mesmo ridiculo comprimento, então será forçoso que hajamos de publicar a sua enormissima corcunda, para então o governo mandar para o seu logar, um outro que não tenha similhantes atrevimentos.

NB. Fique certo nisto; e egualmente que estamos de sentinella a respeito desta repartição.

Noticias da Figueira. — Communicam-nos o seguinte:

Figueira 17 de Agosto.—Lemos no *Tribuno Popular* uma correspondencia, desta villa, sobre a recita d'inauguração do novo theatro *Principe D. Carlos*; contem ella algumas inexactidões, de pouca importancia, que nos abstemos de enumerar.

Nos dias 15 e 16 do corrente deu a companhia dramatica hespanhola as primeiras recitas d'assignatura, no theatro *Principe D. Carlos*. Os artistas agradaram muito e foram repetidas vezes chamados ao palco, especialmente no bailado, que foi bem executado. A concorrencia foi regular.

Espera-se aqui pela companhia dramatica, que está actualmente no theatro da *Trindade* do Porto: vem dar algumas recitas no nosso formoso theatro, com os melhores dramas do seu repertorio, e trará comsigo o festejado actor, nosso patricio, o sr. Antonio Dias. Talvez venha por essa occasião, tambem, o inimitavel Taborda, e então teremos noites de enthusiasmo.

Está muita gente a banhos nesta praia, e todos os dias chegam trens com familias; grande numero de casas arrendadas, e os hoteis contam já muitos hospedes.

Ha nesta villa hoteis muito regulares e onde se tracta muito bem as pessoas que para elles vão; porém, é digno de especial menção o hotel Figueirense, na Praça Nova, que é representado actualmente pelo sr. Ignacio da Paixão Motta, dono do extincto hotel Vieira. A muitas pessoas que tem frequentado este hotel temos ouvido repetidos elogios, não só pela extrema delicadeza e cortezia com que são tratados os hospedes, mas tambem pelo aceio e limpeza que alli se encontra: o cozinheiro é excellente; e o bem conhecido Joaquim Serra; a mesa abundantissima e o preço assás rasoavel; a casa e o local não podem ser melhores.

Parece que vae abrir-se o grande hotel Foz do Mondego.

A.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 16 de Agosto de 1874.

Ha bastante tempo que não lhe escrevo d'aqui para o seu jornal. Outros afazeres me tem absorvido o tempo, e não tem sido sem pezar que tenho guardado silencio. Não lance o meu amigo á má parte estas intermittencias, que unicamente tem motivo de ser na razão acima apontada.

Pelos jornaes d'aqui ha de ter visto o que a respeito de politica ha. O governo continua na sua estrada recta de melhoramentos e de boa administração. Os ministros gerem a contento da publica opinião as suas respectivas pastas. Uma vez por outra, lá apparece a esganiçada e rachitica opposição, blasfemando em tom de *fa*, esforçando-se por mostrar ao paiz o que elle não vê, e encubrindo-lhe o que elle palpa e observa diariamente. E' de um ridiculo atroz, ou de uma innocencia mais... atroz ainda.

Tem appellado para todos os meios. Na urna, o unico meio legal que lhe restava, foi derrotada. E o governo impavido e sereno, consentindo que todos exercessem o seu direito livre e desassombradamente. Podia darlhe testemunho do que avanço, porque vi na freguezia de Santa Isabel, onde eu era chamado a votar, muitos empregados votarem na lista da opposição. E chamam a isto pressão do governo! Deixemos isto que vem já tarde, e permitta-me que lhe falle de outros assumptos.

—Não é verdade que o sr. ministro da guerra tencione organisar o regimento de artilheria 4. Esta organisação depende de auctorisação das cortes, e s. ex.ª reserva-se até lá. Como o meu amigo muito bem diz no *Conimbricense* recebido hoje, o respectivo ministro tem dedicado todas as suas attenções ao exercito. E como muito bem dizia outro dia o *Jornal da Noite*, é preciso que o sr. ministro não attenda unicamente á organisação do exercito, mas sim tambem á sua disciplina. Tem-se dado factos de revoltante indisciplina, que é preciso acabar de uma vez para sempre. O exercito é um elemento da ordem, e no seu seio deve reinar a disciplina mais austera, que nada tem de commum com as outras classes da sociedade. Se advogamos as excepções, queremol-as no exercito. E' preciso que o soldado seja morigerado, obediente, e disciplinado. Para se conseguir este fim, quando elle saia da ordem, e não respeite o seu superior, administre-se o castigo condigno, que não é o de prisão perpetua, nem tão pouco o de degredo. Um exercito sem disciplina, é uma calamidade; e a anarchia em permanente acção; é o sobresalto continuo de um paiz. Se é forçoso restabelecer as varadas, restabeleçam-se; mas restabeleça-se tambem a disciplina e o bom porte que deve haver no exercito.

—O *Diario Illustrado* de hoje dirige-se aos democratas balofos que exultam com a subida dos fundos hespanhoes! Sabemos todos quem elles são. Batem as palmas de contentamento porque os fundos em Hespanha subiram um oitavo, e lastimam-se e antolham a ruina da patria, quando os nossos fundos estão cotados a 47! Que patriotismo, ou que coherencia é esta?

—Temos hoje nos Olivaes a costumada festa annual ao S. Sebastião. Costuma concorrer grande numero de pessoas, porque a companhia do caminho de ferro do norte põe á disposição dos habitantes de Lisboa comboios reduzidos.

—Não ha mais cousa alguma de importante que lhe mencione. Acabo esta porque umas fortes dores rheumaticas, que me tem retido ha 15 dias em casa, me impedem de continuar. Foi uma boa occasião para avaliar a dedicação, maneiras delicadas e pericia do sr. Guerreiro, um dos medicos que pertence á associação de soccorros mutuos o *Pelicano*, a que lhe dá honra.

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

ANNUNCIOS

1 ARRENDA-SE do proximo dia de Todos os Santos, por diante, por um ou mais annos, a insua que foi dos Bentos, junto ao logar do Cerieiro; e que se compõe de terra de semeadura, arvores de fructo e parreiras, com celleiros, tanque e agua de nora, casas para criados, palheiro, eira, etc.

Quem a pretender póde desde já fallar com o proprietario da mesma, Francisco de Sousa Araujo, rua do Visconde da Luz, n.º 102, que indicará as condições.

Fr. Antonio da Conceição Lopes, e Fr. Antonio d'Annunciação, que exercitaram os ministerios que não deviam, os quaes ficarão nos sobreditos conventos que v. revm.ª lhes determinar á ordem d'el-rei meu senhor, até o mesmo senhor, a quem dou conta, determinar a este respeito o mais que for servido.

Os sobreditos padres sahirão para os seus destinos, *o mais tardar, 24 horas depois de lida esta carta.* Devo advertir a v. revm.ª, que nenhum deve ficar em convento que fique em porto de mar, e que se devem conservar dentro dos conventos a que forem destinados, ficando os prelados dos sobreditos conventos obrigados a darem conta dos ditos padres a todo o tempo que de ordem d'el-rei meu senhor se procurarem por elles.

Deus guarde a v. revm.ª Rio de Janeiro a 28 de Janeiro de 1773.—*Marquez de Lavradio.*

—

D. Fr. Antonio do Desterro, por mercê de Deus e da santa sé apostolica, bispo do Rio de Janeiro e do conselho de sua magestade, etc. etc.

Sendo tantas, e tão manifestas as provas que temos dado ao publico de que o principal movel de nossas acções, na ordem civil e politica, e o amor com que respeitamos e obedecemos á sagrada pessoa de sua magestade fidelissima, nosso amabilissimo monarcha, nos parecia que podiamos esperar do mesmo publico o inteiro conceito de que não devemos ceder preferencia a outro qualquer dos seus fieis vassallos, na fidelidade e obediencia com que executamos as suas reaes leis e decretos, e muito principalmente aquellas que nos foram incumbidas a respeito da sociedade denominada de Jesus, em cuja execução até agora temos mostrado constante o nosso zelo, e fidelidade.

Nós somos ainda aquelle mesmo que na justissima proscripção desta sociedade, com que o nosso clementissimo monarcha castigou o sacrilego e barbaro attentado de conspirarem contra a sua preciosissima vida, executamos as suas reaes ordens com tanto zelo e fidelidade, que merecemos a incomparavel honra de approvar o mesmo senhor todo o nosso procedimento, enchendo-nos com isso de tanta satisfação, que se por impossivel podesse ser maior o nosso mesmo zelo e fidelidade, teria este um augmento excessivo.

Nós fomos ainda aquelle mesmo, que antes de termos noticia da real lei de sua magestade de 28 de Agosto de 1767, pela qual com nova proscripção privou aos individuos egressos da sobredita sociedade do estimavel beneficio de seus vassallos, e de outros muitos que com este se lhes seguiam, em castigo da ingratissima rebellião com que em factos notorios e repetidos mostraram que era delles inseparavel o espirito da sua obstinação e o da adhesão a sua perniciosa cabeça, haviamos procurado pela nossa parte, pela pastoral de 18 de Outubro de 1766, premunir aos nossos amados filhos com saudaveis avisos, para que se não contaminassem com doutrinas erroneas e perniciosas, na communicação espiritual de semelhantes individuos, privando-os para esse effeito do exercicio de confessar e pregar, e até dos proprios beneficios, em que por ordem e nomeação de sua magestade se achavam collados.

Essas publicas demonstrações e outras mais, que por particulares não referimos, não poderam comtudo formar para sempre o bem fundado edificio da nossa constante fidelidade. De presente o vemos abalado por duas licenças de confessar e pregar, *inadvertidamente por nós concedidas* a dois individuos, que naquella sociedade *foram noviços*, e hoje se acham religiosos professos nos dos patriarchas S. Bento e S. Francisco desta cidade, as quaes serão motivo para nos julgarem parcial da mesma sociedade, e contaminado do seu abominavel espirito.

Ingenuamente confessamos que semelhante conceito enche a nossa alma de horror e confusão, e o nosso coração da mais inconsolavel dor, e no fundo delle detestamos e abominamos tão horrivel parcialidade e espirito, como totalmente alheio do verdadeiro conceito que temos formado de uma sociedade tão perniciosa ao bem publico, á paz e socego dos reinos, e á mesma religião, e tão prepotente, e animosa com audacia maudita, abusando ingratissimamente dos inumeraveis beneficios que tinha recebido de sua magestade e dos seus regios predecessores, até se atrever ao horroroso attentado de conspirar contra a sagrada pessoa e vida do seu e nosso clementissimo monarcha.

Cresce, porem, ainda mais a nossa penetrante dor e sentimento na consideração de que sendo este conceito totalmente destructivo da nossa constante fidelidade, é tambem capaz de produzir no povo innocente aquelle escandalo que costuma causar perniciosas fraquezas e exemplos; e porque somos obrigados a obviar aos nossos subditos toda e qualquer occasião que possa acontecer de mau exemplo: admoestamos, e fazemos certo a todos os nossos amados filhos, que o nosso coração está puro, e totalmente livre de tão abominavel parcialidade e espirito jesuitico, e que as casualidades daquellas duas licenças acima referidas *foram abortos da inadvertencia, e falta de devida reflexão*, e de nenhuma forma defeito daquella fidelidade com que veneramos, respeitamos e obedecemos ao nosso amabilissimo soberano, *e que de novo detestamos, abominamos e aborrecemos no mais intimo do nosso coração a esta perniciosa sociedade e a todos os seus individuos, como membros de um corpo infecto, que tantos monstros tem gerado nas suas entranhas, com irreparavel damno dos reinos, das republicas, e até da mesma religião.*

Este sim seja o exemplo que aos nossos amados filhos aconselhamos. Para este os convidamos, e incitamos e admoestamos, porque só sendo nós, como devemos, vassallos fieis, e obedientes ao nosso rei e senhor, conciliaremos o seu amor, em que consiste toda a nossa temporal felicidade, e satisfaremos com aquellas obrigações devidas á nossa religião, e tão recommendadas por Jesus Christo no seu sacrosanto Evangelho.

E porque de uma vez se dissipem de todo as sombras que causaram *aquelles nossos inadvertidos factos*, pelo presente annullamos, cassamos, e revogamos todas e quaesquer licenças de confessar e pregar, ou outros quaesquer ministerios, que por qualquer pretexto tivermos a todos, e cada um dos individuos egressos ou expulsos da companhia chamada de Jesus, ou tiverem em qualquer tempo vestido a sua roupeta; o que mandamos se observe não só com as preteritas licenças, mas tambem com outras quaesquer que para o futuro appareçam por nós concedidas, reputando-se por nullas, e falsas; porque não é da nossa intenção conceder estas, e semelhantes jurisdicções, e faculdades a taes sujeitos e individuos, indignissimos de todo o favor e auxilio.

E para que a todos conste, mandamos a todos, e a cada um dos parochos do nosso bispado, publiquem este nosso edital na estação da missa conventual, e depois de publicado será fixado em logar publico, e registado nos livros da parochia, havendo-o sido primeiro nos da nossa camara ecclesiastica.

Dado nesta cidade do Rio de Janeiro, sob nosso signal e sello aos 28 de Janeiro de 1773. E eu o padre Bernardo José Duarte Ferreira, escrivão da camara ecclesiastica o sobrescrevi—*Bispo.*

Registada a folhas 192 do livro 2.º das ordens de s. ex.ª revm.ª, para o bom regimen do bispado. Rio 28 de Janeiro de 1773 —*Ferreira.*

2 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade se faz publico, que nos dizs 23, 24 e 25 do corrente, pelas 10 horas da manhã, e na rouparia dos mesmos hospitaes, se compram pannos de linho, e se recebem amostras para a compra de pannos d'algodão. Hospitaes da Universidade em 18 d'Agosto de 1874.

O administrador,
Costa Simões.

Attenção

3 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandaugo.

4 QUEM QUIZER comprar um olival no sitio de Valle de Pastores, e outro no Valle Escuro; e uma propriedade de vinha, arvores de fructo e oliveiras, em Coselhas; póde fallar com Antonio Maria Luças, na rua das Padeiras, n.° 34 a 36, que está auctorisado para vender como herdeiro. A propriedade em Coselhas e olival de Pastores, é foreiro ao Seminario Episcopal de Coimbra, em seis alqueires de azeite ás safras, e cinco capões annuaes. Quem quizer comprar póde comparecer no dia 30 de Agosto, pelas 10 horas da manhã, em sua casa, aonde faz praça particular, e vende se o preço lhe convier.

FIGUEIRA DA FOZ

GRANDE DEPOSITO

DE

Pozolana, ou cimento hydraulico de 1.ª qualidade. Vende-se por preços resumidos.

AGOAS & F.os

LOUZÃ

6 NO DIA 23 do corrente, por 11 horas da manhã, se hade arrematar a quem mais der, na sala do tribunal judicial da comarca da Louzã, um faqueiro de prata, novo, moderno e completo, com sua competente caixa de mogno, cujo faqueiro foi avaliado em 151$500 rs. e vae á praça no valor de 125$000 rs.

O escrivão de direito,
João Camillo Rodrigues Fernandes.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

7 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.° 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.° 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

8 ACHA-SE aberto concurso por espaço de 30 dias, a contar da data do presente annuncio, para o provimento d'um logar de zelador municipal, com o vencimento de 240 rs. diarios e metade das multas por transgressão de regulamentos municipaes.

Os pretendentes ao referido logar deverão entregar os seus requerimentos nesta secretaria durante aquelle prazo, instruidos com os seguintes documentos:

Certidão de terem entre 21 e 35 annos de edade;

Certidão que prove terem satisfeito as prescripções do art.° 54 da lei de 27 de Julho de 1855;

Attestado de bom comportamento moral, civil e religioso.

Os concorrentes deverão saber ler, escrever e contar, e serão inspeccionados para se conhecer do seu estado de saude e robustez.

Em egualdade de circumstancias serão preferidos os que tiverem sido militares e apresentarem baixa limpa.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal 17 de d'Agosto de 1874.

O escrivão da Camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

DOCTOR IN ABSENTIA

9 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias; membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

ESTOFADOR

10 ACABA DE CHEGAR a esta cidade, vindo de Lisboa, um estofador, que se promptifica a trabalhar na sua arte. Pode ser procurado na estalagem da Pegas, na travessa da rua Nova, proximo á Sophia.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

Sociedade anonyma
Responsabilidade limitada

11 FAZ DESCONTOS de letras de cambio e da terra, titulos de estado e commerciaes;

Recebe dinheiros em deposito, a prazo fixo ou á ordem, abonando juros;

Empresta sobre penhores de ouro, prata e pedras preciosas, titulos de divida publica com juro, sobre generos e mercadorias, sobre predios, sobre mobilias que fiquem em poder de seu dono, sobre fazendas de estabelecimentos commerciaes, ou sobre materiaes de fabricas e agricolas;

Faz transferencias de fundos para as terras onde tenha agencias;

Abre contas correntes sobre deposito de letras, inscripções, acções de Bancos ou de Companhias, ou valores que inspirem confiança, e sejam de facil realisação;

Guarda em cofre a titulo de deposito, não sómente joias e metaes preciosos, como tambem titulos e outros valores, cobrando seus juros e dividendos, mediante uma modica commissão, podendo taes valores servirem de caução aos saques que o possuidor esteja auctorisado a fazer sobre o Banco;

E entra em todas as demais operações consignadas nos seus estatutos, e dos quaes poderão tomar conhecimento os interessados.

12 BOA CERVEJA INGLEZA de **Bass C.° Pale-Ale**, na loja de Victorino Henriques Lebre. — Calçada n.° 157-159.

13 MACHINA SILENCIOSA. — Ensina-se a costurar a machina, e faz-se obra branca, preço commodo. — Calçada, n.° 70.

14 J. A. SOUSA REFOIOS, bacharel em Philosophia, e estudante do 2.° anno de Medicina, lecciona Introducção aos alumnos que desejarem fazer exame em Outubro.

Rua da Trindade, n.° 38.

PIANO

15 VENDE-SE ou aluga-se um em muito bom estado; Couraça de Lisboa, n.° 67, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Monte-Pio Conimbricense.

16 SÃO AVISADOS os socios a comparecerem no domingo 23 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na sala da Associação dos Artistas.

Ordem do dia

Leitura e discussão do parecer da commissão de contas.

O secretario,
Manoel Illydio dos Santos.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Paro o **Rio de Janeiro:**
Barca = VICTORIA = em 20 de Agosto.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.° 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

18 NO DIA 25 do corrente, 1.° anniversario do fallecimento do Dr. José dos Santos de Carvalho, que foi medico de Semide, pelas 7 horas do dia, na freguezia de Assafarge, havera uma missa rezada pelo eterno descanço da alma daquelle benemerito cidadão, e das de seus virtuosos paes — José Bernardo de Carvalho e D. Maria da Conceição Carvalho. — São convidados para assistir a este acto religioso todos os parentes e mais pessoas da amisade do finado, a fim de se prestar o ultimo tributo de respeito e consideração á sua memoria nunca esquecida de

A. J. Gonçalves.

ATTENÇÃO

19 A MODISTA DE LISBOA, moradora na rua das Covas, n.° 52, tendo de retirar-se no proximo Outubro, vende por todo o preço, lindos chapeus para senhoras e creanças, no requinte da moda, modelos recebidos directamente de Paris, em palha, velludos, e tulles. Vende egualmente botinhas, sombrinhas, espartilhos, cortes de vestidos; assim como uma linda mobilia de sala, e leitos de ferro, com ramos dourados.

20 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Barcouço, faz publico, que no dia 23 do corrente mez de Agosto, pelas 10 horas da manhã, no adro da egreja matriz da mesma freguezia, se ha de pôr em praça a obra do forro da egreja, e no local da obra estarão patentes as condições do ajuste, exigindo-se fiador idoneo.

Barcouço, 13 de Agosto de 1874.

O parocho encommendado,
Antonio Lopes Coelho d'Abreu.

CHOUPOS

21 QUEM QUIZER comprar 10, dirija-se á rua da Sophia, n.° 35.

Livros velhos e usados

22 COMPRAM-SE na rua da Calçada, n.° 189.

Grande deposito de machinas de costura do auctor Singer

34, Rua do Visconde da Luz, 36

COIMBRA

23 AO ESTABELECIMNTO de José Texeira da Cunha chegou novo sortido de machinas para senhora, alfaiate, correiro e sapateiro: todas estas machinas cosem em fazendas finas ou grossas. Dão mil pontos por minuto e do tamanho que se queira. O ponto e entrelaçado no meio, e por isso mais seguro do que cosido á mão. Preços eguaes aos de Lisboa da unica casa sucursal.

Tambem ha troçaes, retroz, linhas brancas e de côr, agulhas, etc.

EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO

Praça de S. Bartholomeu. 19 a 21.

24 ACABA de receber um sortido de machinas de coser, de differentes systemas, como abaixo se declara, as quaes vende por preços commodos em attenção á boa qualidade.

Wheeler & Wilson e Elias Howe Ir.

Machinas de mesa
Ditas de meio cofre
Ditas de meio movel
Ditas de manivela a dois pespontos
Ditas a ponto de cadeia.

A annunciante deixou de ter o deposito das machinas de Singer, preferindo as que agora vende.

FIGUEIRA DA FOZ

Largo do Carvão, n.° 2

DENTISTA

25 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 10 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

NUMERO 2825 — SABBADO 22 DE AGOSTO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios — Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Com muito regosijo temos hoje a registar mais um acto de verdadeiro interesse publico, prestado pelo actual gabinete.

De ha tempo que o governo pensa em estabelecer carreiras regulares, por meio de navegação a vapor, entre os Açores e Madeira, com o continente; e parece que em resultado de um accordo com a empreza Insulana, estão definitivamente assentes as bases do contracto, devendo sair um vapor de Lisboa, no dia 15 de cada mez, percorrendo todo o archipelago, e outro no dia 1.° para as ilhas de S. Miguel, Terceira e Fayal, e no dia 20 para a Madeira.

Vão, por isso, as nossas importantes ilhas, gozar de um meio de transporte, de ha muito reclamado pelo interesse das communicações; objecto da mais alta conveniencia para o progresso e desenvolvimento daquellas nossas ilhas, que são joias de muito valor para a corôa portugueza.

Tornam-se incalculaveis as vantagens da rapida e facil communicação entre aquellas nossas possessões e a metropole. Avaliam-nas, porem, aquelles povos, que agora hão de ver desenvolver as suas muito valiosas industrias, em proveito seu, do paiz e do commercio em geral.

Não ha objecto que mais directamente influa no desenvolvimento do progresso e da civilisação, do que o estabelecimento dos meios rapidos de transporte. Por elles estamos presenceando o notavel incremento que tem tido em Portugal todos os generos de industria, e todos os trabalhos, a que podem applicar-se as intelligencias esclarecidas.

E a iniciativa destes beneficios, deve-a inquestionavelmente o paiz ao governo regenerador, que pelo seu plano de administração, tem feito robustecer sensivelmente, ainda mesmo em uma epocha calamitosa, todas as forças vitaes, todas as actividades proveitosas, que cooperam nesta communidade de interesses sociaes.

Continua o gabinete com o seu trabalho de organisar e dispor os elementos de ordem e progresso.

Diz-se que as bases economicas, com que o ministerio pretende estabelecer as novas carreiras a vapor, são muito favoraveis ao thesouro.

Folgamos com esta noticia; e é de esperar que continue o governo a prestar por esta forma os seus serviços aos povos, que elles bemdirão os esforços dos que realisam o ideal dos seus verdadeiros interesses.

COMMUNICADOS

Meu caro redactor.

O dia 9 d'Agosto de 1874 ficar-me-ha para sempre gravado no coração.

As provas d'indelevel reconhecimento e saudosa lembrança, prestadas, naquelle dia, ás cinzas de meu chorado tio o sr. Manoel José Teixeira Guimarães, por alguns dos seus amigos, são para mim qual tropheu de gloria levantado no altar da patria.

A saudade é justo que se prantêie. O nome d'um homem respeitavel, pelas suas sãos virtudes, é bem que não desappareça ante o sopro do mais forte vendaval. Pagar, pois, um tributo merecido, não é somente um dever, — é uma virtude!

A memoria que a rainha do Mondego acaba d'erigir a um seu filho adoptivo, a um prestadio cidadão, a um defensor da patria, ao convicto liberal o sr. Teixeira Guimarães, é mais um florão que vae enlear-se nos muitos que tanto ennobreceu a sua mimosa fronte; e para os vindouros será o astro luminoso a indicar-lhes o verdadeiro caminho do desinteresse, da abnegação e do amor pela liberdade, que tão cara nos é. — Taes são os nobres exemplos legados pelo fallecido.

Penhorado, pois, por tantas finezas dispensadas pelo povo de Coimbra, ou antes por alguns dos amigos de meu saudoso tio, na occasião de serem transladados os seus ossos para o mausoleu que se dignaram levantar-lhe, seria um crime imperdoavel não testemunhar a esses a minha gratidão.

Não quero offender susceptibilidades; e por isso dirijo-me áquelles que mais cooperaram para a realisação d'uma obra, como aquella, tão significativa e de tão elevado merecimento. A esses, pois, o meu louvor, o meu eterno reconhecimento, e franco e illimitado o meu prestimo no desempenho das suas bondosas determinações.

A v., como digno redactor desse jornal, cordealmente agradeço o interesse que tomou para a conclusão d'uma obra tão devidamente iniciada.

Renovo os protestos da mais alta consideração e estima com que sou

De v. antigo amigo cr.° e obgd.°
Guimarães 16 d'Agosto de 1874.
Placido José Teixeira Guimarães.

Sr. redactor.

Em o numero 2824 do *Conimbricense*, de 18 do corrente, vem uma correspondencia desta villa, assignada com as iniciaes A. M., em que o correspondente se refere á minha pessoa como presidente da sociedade philarmonica Figueirense. Agradecendo as expressões da benevolencia com que o correspondente se dignou honrar-me, e que só posso attribuir á sua extremada delicadeza, cumpre-me fazer uma pequena rectificação a parte da correspondencia que se refere á sobredita sociedade, declarando: «que ella não foi a *despezas minhas*, tocar a alvorada, e á porta dos dignos mem-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXVII

A LANTERNA MAGICA

As satyras clandestinas, mais celebres, que tem havido em Coimbra, são o *Reino da Estupidez*, e a *Lanterna Magica*.

O *Reino da Estupidez* é um poema heroi-comico, em quatro cantos, que começou a apparecer nesta cidade em 1785. Ahi eram desabridamente satyrisados o reformador-reitor da Universidade, D. José Francisco de Mendonça, e muitos lentes de differentes faculdades.

Por muito tempo se ignorou quem fosse o verdadeiro auctor desta satyra. Foram innocentemente perseguidos por causa della os distinctos lentes da Universidade, Antonio Ribeiro dos Santos e Ricardo Raymundo Nogueira; e só decorridos bastantes annos é que se soube que o famoso poema tinha sido feito pelo estudante brasileiro Francisco de Mello Franco, coadjuvado pelo outro estudante tambem brasileiro, José Bonifacio de Andrada e Silva.

O *Reino da Estupidez* correu muitos annos em copias manuscriptas; até ser pela primeira vez impresso em Paris no anno de 1819.

A *Lanterna Magica* era uma especie de jornal, manuscripto, mas imitando a letra de imprensa, para se disfarçarem os auctores. Começou a apparecer em Fevereiro de 1818. Era em prosa e verso, e as vezes mudava de nome, pois que tambem appareceu com o titulo de *Trombeta*.

O reformador-reitor da Universidade D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, era ahi satyrisado sem piedade, não se poupando até a sua vida intima. Tambem eram maltratados o seu secretario, padre Antonio Barbosa de Almeida, a quem se tratavá pelo nome de *Morgado;* o vigario geral, Antonio Ignacio Coelho de Faria, ao qual se dava o nome de *Malagrida;* e outras pessoas das relações pessoaes do prelado.

Era em referencia a D. Francisco de Lemos e aos seus apaniguados, que na *Lanterna Magica* se lia a seguinte epigraphe — *Franciscus dormit, pueri ludunt.*

Como é facil de presumir, empregou D. Francisco de Lemos as maiores diligencias para saber quem eram os auctores destas terriveis satyras; e por fim foram pronunciados como auctores dellas os lentes de Medicina, Drs. José Feliciano de Castilho, Jeronymo Joaquim de Figueiredo e Angelo Ferreira Diniz. E egualmente ficaram pronunciados como tendo parte directa, ou indirecta nas publicações, o lente de Philosophia, Dr. Manoel José Barjona; seu filho Antonio Joaquim Barjona, Dr. em Medicina; o lente de Canones, Matheus de Sousa Coutinho; o lente de Leis, Luiz da Costa e Almeida; e o guarda do Museu, João dos Santos Correa.

O principal motivo de queixa que tinham os auctores da *Lanterna Magica* contra D. Francisco de Lemos, era por elle gastar uma grande parte dos rendimentos da Universidade, nas obras do Jardim Botanico, ao mesmo tempo que deixava cada vez mais em atrazo os ordenados dos lentes e empregados da Universidade.

Esse atrazo fazia-se sentir, com especialidade, no hospital. Por isso o director deste estabelecimento, o Dr. José Feliciano de Castilho, mandou collocar á porta delle uma caixa, com as palavras — *Esmola para o hospital.*

D. Francisco de Lemos tomou esse facto como insulto feito a elle; pelo que mandou logo arrancar a caixa pelo vice-conservador, e fez com isto carga ao Dr. Castilho, na devassa que se estava tirando.

Os inimigos de D. Francisco de Lemos não se limitavam a espalhar satyras; iam-nas ate afixar na propria porta do paço episcopal.

Aqui temos nós, e possuimos, um papel original, que em 1818 foi collado á porta da residencia de D. Francisco de Lemos. Ainda tem as obreias com que esteve seguro á porta. Diz o seguinte, em letra manuscripta disfarçada:

APOSTROPHE

Tu reges a escrava academia, com sceptro de ferro, ó bispo de Salé; e com baculo d'ouro, em lauta mesa, rodeado de lobos lisonjeiros, deixas morrer de fome o teu rebanho.

Apezar dos meios empregados por D. Francisco de Lemos, veiu elle a passar pelo desgosto de ver que a relação de Lisboa, pelo seu accordão de 21 de Julho de 1819 absolveu os accusados — «por não resultar nenhuma prova indiciaria, que possa convencer os reus das culpas.»

Em os n.os 2528 e 2529 do *Conimbricense*, de 17 e 21 de Outubro de 1871, ja demos larga noticia da celebre *Lanterna Magica*, e ahi publicamos o referido accordão da relação de Lisboa.

Agora, o nosso estimavel amigo, e distinctissimo bibliographo, o sr. Innocencio Francisco da Silva, teve a bondade de nos enviar a copia de um interessante documento de D. Francisco de Lemos, ácerca da *Lanterna Magica*, e que vem completar os esclarecimentos a respeito desta celebre satyra.

Alteramos a orthographia usada por D. Francisco de Lemos na sua exposição a D. João VI, por não ser necessario seguir a do original.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Meu prezado amigo e sr. Joaquim Martins de Carvalho — Lisboa, 15 de Agosto de 1874 — Quando ha annos se publicou no *Conimbricense* a historia documentada das questões suscitadas pela apparição dos papeis clandestinos contra o bispo reitor D. Francisco de Lemos, faltou, se bem me lembro, entre os documentos, um que me parece importante, e que é por assim dizer o epilogo do negocio. E' a conta dada pelo bispo á côrte do Rio de Janeiro, dando parte de todo o occorrido.

Tenho delle ha mais de quarenta annos uma copia, que reputo authentica e genuina, pela fonte donde veiu. Quiz então mandar-lha, porém o estado de confusão em que por esse

bros da direcção do theatro, mas sim por acto da sua livre vontade, bem como foi tocar no salão do theatro na noite da inauguração gratuitamente, por intender assim o devia fazer, supposto tivesse sido convidada para aquelle fim, e por paga pela digna direcção, da qual recebeu as mais delicadas attenções.

Pela inserção destas linhas no seu jornal, me confessarei de novo

De v. am.º mt.º obgd.º cr.º
Figueira 20 de Agosto de 1874.
João Maria de Salerno Jordão.

NOTICIARIO

Intimação moderna e facil.— A escacez d'agua, geralmente sentida, faz com que a maior parte dos habitantes desta cidade se suppram com a agua do rio; e como esta só vai limpa no centro da pequena corrente, succede que alguns criados e criadas a apanham de sobre a barca que dá passagem; no que não ha prejuizo para cousa alguma. Porem, um homem que alli está, e que dizem ser guarda, quando alguem alli enche, atira-lhe logo uma pedrada, para se não incommodar a fallar, ou a desviar-se do sitio em que permanece; e se a pedra não acerta, ou não é intendida a intuição com que foi expedida, o homem exaspera-se, passa a vias de facto; e na quinta feira á noite atirou com um homem ao rio! Não lhe correu perigo a vida; mas póde correr-lhe perigo a saude com um banho inesperado, tendo de vir para casa com o fato a escorrer; acrescendo que o individuo, com quem isto succedeu, é doente, e ha poucos dias veiu dos banhos da Felgueira.

O sr. director das obras publicas, funccionario distinctissimo, e cavalheiro de esmeradas qualidades, de certo não sabe destas violencias; e por isso d'aqui o prevenimos, esperando que interponha a sua auctoridade.

Ha tempos, um jornal de Lisboa, enumerou graciosamente os mandatarios, que prendiam em nome da lei e davam pancada em nome da auctoridade: eram immensos; cada dia se addicionará aquella lista, e no addicionamento deve figurar como uma especialidade o guarda....do areal, que, á falta de uma rocha Tarpea, despenha no Mondego os que se mostram menos respeitosos do seu poder.

Desgraça—Houve hontem um grande desastre na obra dos armazens, que anda a mandar fazer o sr. Antonio Rodrigues Pinto, proximo á ponte de Agua de Maias. Cairam tres pedreiros dos andaimes, ficando em muito mau estado. Dois foram conduzidos para o hospital, e o terceiro, que é o mestre da obra, foi para casa do sr. Rodrigues Pinto.

Feira de S. Bartholomeu. — Principiou já a feira de S. Bartholomeu. O numero das barracas é este anno muito grande. Veremos se o negocio corresponde á abundancia de mercadorias que estão expostas á venda.

Romaria—Tem sido extraordinaria a passagem de romeiros para o Senhor da Serra. Excedem muito aos dos annos anteriores.

Excentricidades — Meu caro, sr. Martins de Carvalho: o acolhimento que no seu jornal recebem todos os escriptos tendentes a promover o bom nome desta terra, incita-me a que lhe dirija estas linhas.

Com a reducção dos preços nos comboyos dos dias santificados, tem ultimamente vindo muita gente a Coimbra. Entre os visitantes estiveram no hotel do Mondego dois individuos, e que me consta serem collaboradores d'um almanak com o titulo de—Celebridades.

Para cumprirem a sua missão sairam do hotel; perguntaram o nome do largo em que o mesmo está situado, e responderam-lhe que era—das Ameias... Olharam em volta de todo elle, não viram vestigios alguns, que podessem dar aquella denominação ao largo, e seguiram pela rua das Solas... Nova admiração, risadas, e um dos collaboradores disse—que iam procurar o becco dos—Tacões, que não podia deixar de lhe estar contiguo: não o acharam, e proseguiram, atravessando a praça de S. Bartholomeu, sendo alli informados de que ha mezes deliberara a illustre vereação municipal mudar aquelle titulo para o de—Praça do Commercio.

Seguiram pela rua da—Calçada, denominação que lhes pareceu exotica, e que não deixaram de mencionar; vieram ao arco de Almedina, e pararam á entrada da rua das—Fangas, em que se não demoraram muito, porque é por alli um dos despejos da cidade; mas discutiram entre si por que seria assim denominada aquella rua: acercou-se delles uma mulher, que ouvira o dialogo, e esclareceu-os, dizendo em toda a convicção, que era a rua das—Frangas; assim illudidos, notaram pois na carteira que numa das ruas centraes de Coimbra faltava no seu letreiro um—R!

Subiram á Quebra-Costas; e depararam com a rua de Sub-ripas, ou Sob-ripas: nova hilaridade; mas não passou disto, porque não houve quem os esclarecesse, como na rua das Fangas. Pararam no largo da Sé Velha, admiraram a exterioridade do vetusto monumento, num estado que pouco honra Coimbra, e de que só fazem caso os estranhos; notaram os pardieiros que o defrontam, e seguiram para a rua das—Covas, titulo que logo os horrorisou, deixando de a percorrer, por julgarem que seriam muitos os precipicios que teriam a vencer.

Retrocederam, seguindo pela rua do Correio, e ficaram satisfeitos por lhes dizerem que a antiga denominação vae ser substituida pela de—*J. A. de Aguiar*. Desceram a—Couraça; vieram ao largo da—Portagem, attribuindo este titulo ás duas barracas dos vigias dos impostos...—Entraram na rua da—Rainha, declarando que davam por findo o seu trabalho, porque não havia mais a examinar, depois do pomposo titulo desta rua; e dirigiram-se para o hotel, sem mesmo lhes chamar a attenção o largo da—Sota, contiguo á rua da Rainha.

Se os homens se não satisfazem com as celebridades que viram, tinham ainda de ir tomar nota da rua de—Tinge-rodilhas, do—terreiro da Erva, da rua dos—Gatos, da rua das—Rans, etc. etc.

Apresso-me meu caro amigo, a dar-lhe esta noticia, para ver se pelo seu mui lido jornal se consegue que, antes de ser publicado o almanak alludido, a camara delibera que se mudem os nomes de todas aquellas ruas. Por exemplo—a rua das Solas, para—rua do Mondego, onde termina; a rua das Fangas, para—rua de *Fernandes Thomaz*, visto que corre parallela á que tem o nome d'outro distincto fautor da liberdade, honrando-se assim a memoria do que já não existe, e lisonjeando os que lhe herdaram o nome; a rua das Covas para—rua das Sés, visto que conduz a uma ou outra; a do Correio—rua da Misericordia, onde confina, etc. etc.

Em quanto ao largo da Portagem e rua da Calçada, reservo-me para indicar outros titulos, quando estiver para ser inaugurada a nova ponte sobre o Mondego.

O objecto destas linhas tem por epigraphe—excentricidades; os dois viajantes chamavam-lhe—curiosidades; os leitores tel-as-hão como—puerilidades. Sejam qualquer das cousas, ou sejam todas ao mesmo tempo, tem um fim, que não prejudicando pessoa alguma, pode trazer um pequeno melhoramento a cousas que hoje se consideram no Porto e noutras terras importantes.—*O.*

Estrategia ou tranquibernia eleitoral. — Nas eleições de deputados, que houve em Coimbra no anno de 1822, praticou-se um facto digno de registar-se. Foi narrado pelo sr. Alberto Carlos Cerqueira de Faria, na sessão da camara dos deputados de 4 de Janeiro de 1839.

«Tambem a este respeito tocarei um facto acontecido em Coimbra. Não é das ultimas eleições, porque d'essas de proposito não quero tratar; é das eleições de 1822, para se ver como se falsifica uma acta, por um só mesario, sem os outros o saberem.

«Foi um homem de representação que se gabou d'isto; e vem a ser, que tinha lavrado a acta de um circulo, em que um candidato tinha nada menos de 400, ou 600 votos: elle que os queria passar para outro, lançou mão de um estratagema. Depois da acta estar lavrada e assignada, entornou-lhe o tinteiro, e disse—Ai Jesus! Ora agora no fim do trabalho é que acontece isto! Agora não posso estar a fazer outra; fal-a-hei em casa.

«Os outros seus collegas, de muito boa fé, disseram-lhe—Pois leve-a para casa, copie-a, e depois mande-nol-a para assignarmos.

«Elle levou-a, com effeito, mudou o nome do candidato, e mandou-a depois a assignar pelos membros da mesa; e estes assignaram na melhor boa fé, e não descubriram tal falsidade!»

---

tempo se achava a enorme multidão de papeis e documentos adquiridos e agglomerados sem ordem de classificação, obstou-me a que encontrasse a dita copia. Deparou-se-me agora, e como estivesse junta com outras cousas diversas, fiz extrahil-a fielmente, com a propria orthographia. Ahi lha remetto para fazer della o uso que lhe parecer.

Brevemente espero mandar-lhe outras ninharias congeneres, e talvez dignas de publicação para aquelles, que, como o meu amigo, tomam algum interesse por estas velharias.

Sempre com affectuosa estima seu amigo e obrigadissimo criado—*Innocencio Francisco da Silva.*

Senhor—A multiplicação de libellos famosos e papeis incendiarios, que se espalharam nesta cidade desde os fins de Fevereiro do presente anno, atacando a minha pessoa e as de muitos empregados nas repartições da Universidade, com a maior ousadia e descaramento, chegando-se ao excesso de provocar expressamente e incitar sedições tumultuosas, perturbando o socego publico da mesma Universidade e da cidade, com o exemplo o mais pernicioso, á flor da mocidade da nação, deu motivo ás devassas judiciaes, n.º 1, n.º 2 e n.º 3, a que os respectivos magistrados procederam na conformidade das leis de vossa magestade.

O publico, a quem de ordinario nada se esconde, logo designou os auctores de tão infames, e revoltosos papeis. Era visto pelo seu conteudo, e constantes repetições, que isto não era obra de ligeira inconsideração, mas de perversidade systematica de alguns individuos, que queriam assim alienar os espiritos para os seus fins particulares. Não conseguiram porem, senão o odio, e o desprezo universal. A tranquillidade continuou, bem como o ensino publico na maior ordem, e a mocidade academica nunca se comportou com mais socego, e com melhores sentimentos.

As provas, que resultaram das mencionadas devassas confirmaram a da voz e fama publica e mostraram ser os principaes auctores dos referidos delictos, o Dr. José Feliciano de Castilho, 3.º lente da faculdade de Medicina, e os Drs. Jeronymo Joaquim de Figueiredo, e Angelo Ferreira Diniz, lentes substitutos da mesma faculdade, alem de alguns outros, que se acham complicados, e incluidos na pronuncia.

Elles mesmos se trahiram a si e se descobriram nas expressões que lhes escaparam, nos pensamentos que reproduziram, nas phrases, na orthographia, e na pontuação, que seguiram, sem differença das que usam, e que são particularmente proprias delles: a semilhança das letras nas que foram menos disfarçadas: o despotico, e injurioso facto que confessam da caixa de esmolas para o hospital, que arbitrariamente, e com a mais refinada malicia fizeram afixar á sua porta, n.º 4: o mesmo miseravel artificio de forjarem a segunda parte do papel, que intitularam—*Lanterna Magica*—para nella de proposito dizerem mal de si, a ver se com isso illudiam o publico, que ainda se confirmou mais no seu juizo: em fim estas e as mais provas que constam do summario n.º 5 e das mais que se fizeram, constituem reunidos uma certeza juridica, superior á que em delictos taes, por sua natureza clandestinos, pode haver, e costuma ter logar.

Sendo geral o escandalo que produziram aquelles infames escriptos, e a abominação, que o publico concebeu contra os seus auctores, o mesmo publico indignado passou a murmurar, e descobrir o que até então se encobria: entrou a murmurar e queixar-se das muitas irregularidades, erros e faltas que elles commettiam, tanto nas suas obrigações literarias, como no governo, e economia do dito hospital; sobre o que informando-me, me vi obrigado a usar da faculdade dos estatutos e a suspendel-os interinamente do exercicio das suas funcções academicas pela portaria n.º 6, mandando para maior solemnidade fazer, em forma, uma exacta indagação, e verificação dos factos de que eram arguidos, pelo segundo lente da mesma faculdade de Medicina, o Dr. Joaquim Navarro de Andrade, a quem commetti esta importante diligencia, como mais capaz de a desempenhar pelos seus notorios conhecimentos, integridade e desinteresse, nomeando-lhe para escrever os ditos das testemunhas o Dr. Francisco de Sousa Loureiro, 4.º lente da dita faculdade.

Logo que constou, que se entrava neste exame, e averiguação, começou tambem a tentar-se o suborno das testemunhas, que provavelmente seriam chamadas a depor por serem os que tinham mais conhecimento do negocio. Foi provado o suborno pelo summario n.º 7, e para que houvesse a liberdade legal, sem a qual não se pode chegar ao descubrimento da verdade, ordenei, que os sobreditos lentes se retirassem para distancia de quatro até seis leguas, nos sitios que escolheram, em quanto durasse aquella diligencia (que é a cautella e meio, que as leis de vossa magestade ministram em semilhantes conjuncturas), e tanto que se findou, os mandei desligar daquelle preceito.

Desempenhou com effeito o Dr. Joaquim Navarro de Andrade a sua commissão, e na conta que acompanha o processo de indagação n.º 8, faz ver com a maior evidencia os erros, e culpas dos sobredictos tres lentes, no literario e economico das suas funcções, e alli mesmo se mostra tambem terem sido elles os auctores dos sobreditos papeis, e libellos famosos.

O melindre e gravidade da materia não permitte, que estes processos se exponham mais á publicidade e estrepito judicial. Seria augmentar o mal em logar de o remediar. Por isso levo tudo á augusta presença de vossa magestade, para que dignando-se tomar em consideração a sua importancia, a estranheza de factos nunca vistos e praticados nesta Universidade, o pessimo exemplo que delles resulta, a destruição pela raiz da subordinação e respeito que são as bases em que se fundam e conservam todas as sociedades, possa com a sua alta sabedoria e profunda prudencia determinar o mais justo e conveniente a bem do seu real serviço, e da Universidade, que não poderá jámais ter socego, nem a faculdade florescer com semilhantes membros no seu corpo.

Entre tanto ficam suspensos todos os procedimentos contra os ditos reus; mas é de toda a necessidade, que continue interinamente a suspenção do exercicio das suas funcções; porque alem do escandalo e repugnancia de se admittirem a ellas uns homens culpados e incursos na indignação publica, seria a maior desordem dar-lhes occasião de satisfazer as suas paixões, e exercer a sua vingança com os discipulos, estudantes, e officiaes, que foram obrigados a jurar nas sobreditas diligencias; seria nenhum o fructo dos estudos, e da sciencia; ferveriam as intrigas, e as injustiças; e estes exemplos influindo nas outras faculdades, produziriam uma geral perturbação, o que tudo por todas as razões convem prevenir.

Parecendo pois indubitavel que o bem da Universidade, e da faculdade exige, que se separem para sempre d'ella os mencionados trez membros, reus de tantos delictos, e na supposição de vossa magestade assim o haver por bem, faça a proposta da mesma faculdade, com cujo provimento se purificará esta, dar-se-ha satisfação á justiça offendida, e um exemplo, que chamando a ordem, a manterá de futuro, evitará as funestas consequencias, que do contrario se devem recear, como fructo necessario da impunidade.

Vossa magestade resolverá o mais acertado, e melhor Coimbra, 13 de Julho de 1818 —*Bispo Conde, Reformador Reitor.*

Falsificações—Na Inglaterra falsificam-se de um modo escandaloso os principaes alimentos. E' um jornal francez que aponta as seguintes fraudes:

Adultera-se o pão com feculas de batatas, com gesso e alumen; os doces e bollos com substancias metallicas; o café com chicoria, favas e outras plantas; o cacau com fecula, chicoria e terras ferruginosas; a pimenta com pó de arroz e mostarda; a genebra com pimenta e acido sulfurico; a cerveja com melasso, sal, alumen e até com acido sulfurico; o rapé com cal, vidro moido, e saes metallicos; o tabaco de fumo com assucar, rhuibarbo e melasso; o vinagre com agua, e acido sulfurico; o opio com areia, serradura de madeira, e farinha; o leite com agua e farinha, etc. etc.

A venda de cigarros e charutos presta-se ás mais escandalosas falsificações. Nos portos de mar é frequente encontrar homens disfarçados em marinheiros a venderem cigarros e charutos de Havana. Analysado este genero tão astuciosamente inculcado, não se encontra uma só particula de tabaco; tudo é composto de palha, feno, cascas de batata, etc.

A' vista destes factos, não nos devemos admirar das immensas fraudes que tambem em Portugal se praticam na venda dos principaes generos de uso quotidiano.

População da China.—Resulta de documentos officiaes, que o numero de habitantes do celeste imperio excede actualmente 400 milhões. Em 1845 não passava ainda de 370 milhões. Algumas provincias são mais populosas que os principaes estados da Europa. Algumas cidades contam meio milhão de habitantes, e outras um milhão. Muitas villas têem uma população de 20 e 30 mil pessoas.

Attribue-se este phenomeno a diversas causas, sendo as principaes a extrema fecundidade das mulheres e a grande fertilidade da terra. Este excesso enorme de população dá origem a grande numero de vadios e desordeiros, que são o flagello das cidades e dos campos, principalmente junto do litoral. Pela mesma forma se explica a immensa emigração de chinezes para as colonias da America do Sul e outras regiões do globo.

Peixe curioso—Ha em Java um peixe verdadeiramente extraordinario, conhecido pelo nome de *jaculator*. Este peixe vive nos rios e lagos, e caça com extrema habilidade os insectos, de que é muito guloso. Sae da agua e procura na distancia de alguns metros o seu alimento predilecto. Apenas descobre algum insecto pousado nas plantas aquaticas, dardeja habilmente com a sua boca tubular uma gota d'agua, que vae lançar por terra a pequena victima, a qual é devorada immediatamente.

Estes peixes transportados para os tanques, não perdem os seus instinctos caçadores, e prestam-se a espectaculos curiosos. Colloca-se no centro do lago um mastro, elevando-se 60 centimetros acima da superficie da agua. Guarnece-se a extremidade do mastro com moscas e outros insectos convenientemente dispostos; e apenas o *jaculator* descobre a victima, dá saltos acima da agua, e dirige tão certeiros tiros, que os coleopteros caem no lago e são promptamente devorados.

Indisciplina.— Houve em Estremoz um acto de indisciplina, praticado por muitos soldados de lanceiros n.º 1. Procede-se a inquerito acerca deste acontecimento.

Quadros cambiantes.—Ha 6 annos foi publicado, com o titulo de *Quadros cambiantes*, um livro de mimosas poesias do estimado poeta, o sr. Candido de Figueiredo.

Este livro teve da imprensa periodica, e do publico em geral, o mais lisonjeiro acolhimento; e achava-se já ha muito esgotada a edição.

O sr. José Correia de Almeida Junior, livreiro nesta cidade, acaba de fazer segunda edição dos *Quadros cambiantes*. E' nitida a impressão, e vem ornada com o retrato do auctor.

No fim acrescentaram-se os artigos dos differentes jornaes, acerca da primeira edição dos *Quadros cambiantes*.

E' muito provavel que em breve se esgote a edição que acaba de sahir á luz. O preço é de 500 rs.

Noites de insomnia.—Recebemos e muito agradecemos, o n.º 8 das *Noites de insomnia*, publicação mensal do sr. Camillo Castello Branco, e editada pelo sr. Ernesto Chardron.

Contém os seguintes artigos:—Os salões, pelo exm.º sr. visconde de Ouguella—Subsidios para a historia da serenissima casa de Bragança—O paço real da Ribeira—As cruas entranhas de D. Maria I, a Piedosa—D. Maria Caraca Bonaparte—Lixo—Bibliographia—Pobreza academica—Sobre Anselmo—Ao publico.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 21—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 580—Dito mourisco 570—Milho branco 320—Dito amarello 310—Feijão vermelho 440—Dito branco 360—Dito rajado 320—Dito frade 320—Cevada 240—Favas 360—Tremoços 240—Batatas 180—Vinho 800—Azeite 1$320.

Banhos de Luso. — Communicam-nos o seguinte:

«Ha muitos annos, que não houve tão grande concorrencia aos banhos de Luso. Ou seja á hora dos banhos, ou á do passeio, vêem-se por toda a parte grupos de senhoras e cavalheiros, que fazem persuadir, que Luso não é simples aldeia. E assim como no Bussaco tem havido continuadas reuniões, a que tem concorrido algumas das familias de Luso, assim na sala dos banhos tem havido muitas reuniões, a que têem concorrido as familias do Bussaco; e, quer seja conversando, ou tocando e dançando, tudo respira satisfação e alegria.

Reuniões tem havido concorridissimas, especialmente a do dia 9, em que com poucas excepções se reuniram as familias do Bussaco, e dos dois Lusos: foi uma noite brilhante, em que se viam 44 senhoras, muitos cavalheiros, que á porfia rivalisavam em divertir-se, dançando até alta noite.

Semelhantes reuniões, tem surprehendido a todos, porque ha muitos annos, que a vida de Luso era uma triste monotonia, transformando-se actualmente em uma vida agradavel, e cheia de agitação, tudo devido especialmente ás tractaveis maneiras da exm.ª sr.ª D. Justina Cancella, da Anadia; da familia do exm.º Francisco Pinto Henriques, do Porto; e da familia do exm.º dr. José Luiz Ferreira Freire, de Cantanhede, que distinguindo todos pela sua esmerada educação, tem sabido grangear a amisade das restantes familias, que dotadas egualmente de fina educação e agradaveis modos, tem concorrido para abrilhantar a presente quadra dos banhos de Luso. E para nada faltar ha completa saude publica.»

Ainda os banhos de Luso. — Communicam-nos mais o seguinte:

«Tem continuado a affluencia dos banhistas ao Luso e Bussaco, e na sala dos banhos tem havido todas as noites reunião de familias de modo, que a serra do Bussaco e os pittorescos Lusos, se tem tornado aprazíveis, não só pelo bom tempo que alli se passa, mas tambem porque o ar, que se respira, e as aguas, que se bebem, e com que se banham, são elementos com que a natureza dotou aquellas localidades, tornando-as de uma hygiene purissima.

Os banhos tem rendido muito.»

Noticias estrangeiras.— As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 20—A linha de França está interrompida.

Nadaillac prohibiu o *Avenir* de Bayonna por fallar da tolerancia das auctoridades francezas com os carlistas.

Zabala continua em Miranda.

O bando de Sierra Morena desappareceu.

O brigadeiro Reina bateu um bando carlista, resgatando 60 recrutas e fazendo-lhe prisioneiros.

Fugiram para Portugal alguns carlistas de Ciudad Rodrigo.

Ha hoje conselho e promette ser importante. O governo activará a guerra. Tomou resoluções importantes sobre a politica nas Antilhas.

Londres 19—A China enviou ao Japão um *ultimatum*, pedindo a evacuação da ilha Formosa. Fazem-se grandes preparativos de guerra.

Madrid 20, de manhã—A *Gazeta* diz que os carlistas tomaram á traição Seo de Urgel; e publica um decreto de Camacho, auctorisando as municipalidades a lançar mais 8 % sobre as contribuições industrial e commercial.

Paris 19, ás 7 h. da tarde.— Resultado completo da eleição no Calvados: Leprevost Launay, bonapartista, 40:792 votos; Aubret, republicano, 26:272; Fontella, legitimista, 8:973.

Bazaine continua em Colonia. Mac-Mahon foi recebido com demonstrações de sympathia na sua viagem ao Oeste.

Pesth 17, ás 8 h. da manhã— Annuncia-se o reconhecimento pela Austria da republica hespanhola.

Madrid 20, ás 8 h. da noute.— O *Imparcial* manifesta surpreza pelos artigos de um jornal de Lisboa, desfavoraveis aos liberaes hespanhoes. Marcham tropas em soccorro de Seo de Urgel.

Paris 17 ás 5 h. 31 m. da tarde.—A circular da Allemanha relativa ao reconhecimento de Hespanha, diz que elle é reclamado pelo interesse da humanidade e que a guerra carlista póde provocar grandes conflictos, pois invocando o interesse monarchico os carlistas commettem em nome delle as maiores crueldades.

A Allemanha rejeita o principio da intervenção. Menciona o assassinato do capitão Schmidt. O reconhecimento é como o da França em 1871. Serrano é reconhecido, mas não se falla da extensão dos seus poderes.

Paris 18 ás 5 h. e 46 m. da tarde.—Affirma-se nos circulos legitimistas, onde se manifesta uma grande irritação por causa do reconhecimento de Hespanha, que os principaes chefes da direita fixarão ámanhã a linha de procedimento que hãode seguir nesta questão. Como os realistas estão em maioria na commissão permanente, é provavel a convocação immediata da assembleia.

ANNUNCIOS

EDITOS DE 30 DIAS

1 NO JUIZO DE DIREITO da comarca de Coimbra, e pelo cartorio do escrivão interino Manoel Ferreira d'Almeida, officio de Servulo, a requerimento do exm.º conde do Sabugal e de Obidos, D. Luiz d'Assis Mascarenhas, residente na cidade de Lisboa, correm editos de 30 dias, contados de 17 do corrente mez de Agosto, pelos quaes são citadas todas as pessoas incertas para no dito prazo deduzirem o direito que tiverem á justificação requerida pelo mesmo exm.º conde, para todos os effeitos legaes, e poder registrar nas respectivas conservatorias, a sua quinta de Arzilla, Paul da mesma, que em outro tempo se chamava Seixal e Juncal, bem como todas as suas pertenças, de que o annunciante sempre por si, seus procuradores e rendeiros, esteve de posse immemorial; com a pena de revelia.

FIGUEIRA DA FOZ

Largo do Carvão, n.º 2

DENTISTA

2 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 10 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

3 FERNANDO DE GAMBOA VASCONCELLOS AYLLA, arrenda a sua quinta de Santo Antonio dos Olivaes, com casa para caseiro, adega, cavalharices e mais commodos rusticos. Tambem arrendará a casa nobre, se a renda e condições lhe convierem. Quem a pretender póde dirigir-se em carta a seu dono para Taboa, ou fallar com Bernabé de Mattos, residente em Santo Antonio dos Olivaes, que a mostrará, e dirá a renda que se exige, e condições della; devendo principiar o arrendamento dia de S. Miguel.

Grande deposito de machinas de costura do auctor Singer

34, Rua do Visconde da Luz. 36

COIMBRA

4 AO ESTABELECIMNTO de José Texeira da Cunha chegou novo sortido de machinas para senhora, alfaiate, correiro e sapateiro: todas estas machinas cosem em fazendas finas ou grossas. Dão mil pontos por minuto e do tamanho que se queira. O ponto e entrelaçado no meio, é por isso mais seguro do que cosido á mão. Preços eguaes aos de Lisboa da unica casa sucursal.

Tambem ha troçaes, retroz, linhas brancas e de côr, agulhas, etc.

AGENCIA DO BANCO DO DOURO

COIMBRA

Largo das Olarias, n.º 11

5 NESTA AGENCIA sacam-se letras de cambio sobre diversas praças.

Descontam-se letras de cambio e da terra.

Fazem-se emprestimos:

sobre penhores d'ouro ou prata, titulos de divida publica, acções de Bancos e Companhias que mereçam credito, e até ás entradas realisadas;

sobre hypotheca de propriedades rusticas e urbanas, com amortisação ou sem ella;

sobre generos e mercadorias, que passem para poder d'agencia do Banco, effectiva ou symbolicamente;

sobre colheitas garantidas com fiadores;

ás camaras municipaes e ás juntas geraes;

em conta corrente com garantia de hypotheca, ou de penhor de ouro, prata, titulos de divida publica e acções de Bancos e Companhias, que mereçam credito e até ás entradas realisadas.

Em todas estas operações juro modico e as condições as mais favoraveis.

Recebe-se dinheiro em deposito, á ordem e a prazo, abonando-se aos depositantes juro rasoavel.

Coimbra 20 de Agosto de 1874.
Gavicho & C.ª

EM COIMBRA

6 PRETENDE-SE para negocio de quinquilherias um rapaz de 15 annos para cima, que saiba ler e escrever. Na rua do Visconde da Luz, n.º 38, se diz quem precisa.

Livros velhos e usados

7 COMPRAM-SE na rua da Calçada, n.º 189.

Muita attenção

8 A LUVEIRA, que ha cinco annos tem aberto barraca na feira de S. Bartholomeu, com grande sortimento de luvas, participa ás exm.as sr.as suas freguezas, que tambem lá está este anno, tendo a sua barraca junto ás de fazendas brancas de Guimarães.

Tem luvas para senhoras a 360 rs., e para homem a 440 rs.

9 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade se faz publico, que nos dias 23, 24 e 25 do corrente, pelas 10 horas da manhã, e na rouparia dos mesmos hospitaes, se compram pannos de linho, e se recebem amostras para a compra de pannos d'algodão. Hospitaes da Universidade em 18 d'Agosto de 1874.

O administrador,
Costa Simões.

Monte-Pio Conimbricense.

10 EM CONSEQUENCIA dos trabalhos da commissão, encarregada de rever as contas do semestre findo, e sobre ellas dar o seu parecer, não estarem ainda concluidos, não póde effectuar-se ámanhã a reunião da assemblea geral, como foi annunciada.

Coimbra, 22 de Agosto de 1874.
O secretario,
Manoel Illydio dos Santos.

11 PELA ADMINISTRAÇÃO do concelho de Coimbra, correm editos de 10 dias, a chamar todas as pessoas interessadas na expropriação para utilidade publica, de umas casas com seu quintal, sitas na rua Direita, freguezia de Santa Cruz, desta cidade, que foram residencia do parocho da mesma freguezia, e hoje pertencentes á junta de parochia de S João Baptista e Santa Justa de Santa Cruz, para que dentro dos mesmos dez dias compareçerem na secretaria da dita administração, para examinarem todos os documentos e plantas que dizem respeito ás casas e quintal a expropriar, e fazerem todas e quaesquer reclamações e observações que julgarem convenientes, com a pena de que não o fazendo, não poderão ser mais ouvidos sobre tal expropriação.

Coimbra 22 de Agosto de 1874.
O administrador do concelho,
Manoel Maria da Cunha.

CONTRA ANNUNCIO

12 A REQUERIMENTO dos asylos e hospital da Ordem Terceira, unicos interessados na herança de seu bemfeitor, o conselheiro Dr. José Maria d'Abreu, e por conveniencia dos mesmos asylos, estão suspensas as arrematações que estavam annunciadas para o dia 16, 23 e 25 do corrente, e novamente serão annunciadas, quando o julgarem conveniente.

13 QUEM QUIZER comprar um olival no sitio de Valle de Pastores, e outro no Valle Escuro; e uma propriedade de vinha, arvores de fructo e oliveiras, em Coselhas; póde fallar com Antonio Maria Lucas, na rua das Padeiras, n.º 34 a 36, que está auctorisado para vender como herdeiro. A propriedade em Coselhas e olival de Pastores, é foreiro ao Seminario Episcopal de Coimbra, em seis alqueires de azeite ás safras, e cinco capões annuaes. Quem quizer comprar póde comparecer no dia 30 de Agosto, pelas 10 horas da manhã, em sua casa, aonde faz praça particular, e vende se o preço lhe convier.

14 NO DIA 23 do corrente vender-se-hão em praça particular, convindo o preço, nesta cidade de Coimbra, e casa do sr. Ricardo Antunes de Macedo, na praça 8 de Maio, 5 geiras e meia de terra, aproximadamente, no campo de Bolão, no melhor sitio, e que traz de renda Manoel Carvalho Novo, da Sinceira, por nove moios de milho. O mesmo sr. Macedo está auctorisado para a venda, e póde dar os esclarecimentos precisos. Não tem foros, nem onus algum, como se mostrará.

Attenção

15 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

FIGUEIRA DA FOZ

GRANDE DEPOSITO

DE

Pozolana, ou cimento hydraulico de 1.ª qualidade. Vende-se por preços resumidos.

AGOAS & F.os

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

17 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

ATTENÇÃO

EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO

Praça de S. Bartholomeu, 19 a 21.

18 ACABA de receber um sortido de machinas de coser, de differentes systemas, como abaixo se declara, as quaes vende por preços commodos em attenção á boa qualidade.

Wheeler & Wilson e Elias Howe Ir.

Machinas de mesa
Ditas de meio cofre
Ditas de meio movel
Ditas de manivela a dois pespontos
Ditas a ponto de cadeia.

Alem das machinas tem oleos apropriados para ellas, assim como agulhas e linhas, que vende a retalho.

A annunciante deixou de ter o deposito das machinas de Singer, preferindo as que agora vende.

DOCTOR IN ABSENTIA

19 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 16, em Jersey (Inglaterra).

Ajudante de Pharmacia

20 PRECISA-SE de um que tenha pelo menos 4 annos de pratica. Adro de Cima, n.º 4 se diz.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

Sociedade anonyma
Responsabilidade limitada

21 FAZ DESCONTOS de letras de cambio e da terra, titulos de estado e commerciaes;

Recebe dinheiros em deposito, a prazo fixo ou á ordem, abonando juros;

Empresta sobre penhores de ouro, prata e pedras preciosas, titulos de divida publica com juro, sobre generos e mercadorias, sobre predios, sobre mobilias que fiquem em poder de seu dono, sobre fazendas de estabelecimentos commerciaes, ou sobre materiaes de fabricas e agricolas;

Faz transferencias de fundos para as terras onde tenha agencias;

Abre contas correntes sobre deposito de letras, inscripções, acções de Bancos ou de Companhias, ou valores que inspirem confiança, e sejam de facil realisação;

Guarda em cofre a titulo de deposito, não sómente joias e metaes preciosos, como tambem titulos e outros valores, cobrando seus juros e dividendos, mediante uma modica commissão, podendo taes valores servirem de caução aos saques que o possuidor esteja auctorisado a fazer sobre o Banco;

E entra em todas as demais operações consignadas nos seus estatutos, e dos quaes poderão tomar conhecimento os interessados.

22 BOA CERVEJA INGLEZA de **Bass C.º Pale-Ale**, na loja de Victorino Henriques Lebre. — Calçada n.º 157-159.

23 MACHINA SILENCIOSA. — Ensina-se a costurar a machina, e faz-se obra branca, preço commodo. — Calçada, n.º 70.

24 J. A. SOUSA REFOIOS, bacharel em Philosophia, e estudante do 2.º anno de Medicina, lecciona Introducção aos alumnos que desejarem fazer exame em Outubro.

Rua da Trindade, n.º 38.

25 **SAUDE A TODOS** sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Saude*,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Nenhuma enfermidade resiste á deliciosa *Revalescière*, que cura as indigestões (despepsias) gastrica, gastralgias, flegmas, arrotos, amargor na bocca, pituitas, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal nos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, dos doutores Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Mr. Livingstone, celebre explorador da Africa central, no seu relatorio que fez á Sociedade Real Geographica de Londres sobre a sua viagem diz:

«Os habitantes da provincia d'Angola parecem gozar uma grande felicidade, elles não precisam nem medicos, nem purgantes, o seu principal alimento sendo a *Revalescière* que Du Barry trouxe em Europa, vêem-se isentos das molestias, e a tysica pulmonar, escrophulas, empingens, cancer, febres, difficuldade de evacuar, diarrhea, etc., etc., são molestias completamente desconhecidas, como tambem desconhecem as bexigas, o sarampo, etc.»

Certificado do Dr. Manoel Saens de Tejada, doutor da faculdade Medica e Cirurgica, lente da Universidade livre de Cordova, medico em proprio e do caminho de ferro de Merida a Sevilha, etc.

Certifico que do uso da *Revalescière*, obtive na minha clinica varias curas em molestias gravissimas em alguns clientes residentes nesta cidade, lembrando-me o de D. Filippe Zappina, empregado publico, hoje administrador da alfandega de Manila, nas ilhas Filippinas, a de D. Amelia Gomes, casada com um chefe do exercito, a qual continua a melhorar com o seu uso; de D Ramon Alonzo, rapaz de vinte annos, que soffria havia alguns mezes de uma molestia de peito de muita gravidade. E para fazer constar em toda a parte, a assigno em Cordova em 13 de Outubro de 1873.

DR. MANOEL SAENS D ETEJADA.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$290 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada**; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª — Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. — BARCELLOS, Ramos, pharm. — BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. — COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro — FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm. — VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. — GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins pharm. — PENAFIEL, Miranda, pharm. — PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahis, rua de Cedofeita, 92. — PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm. — POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr. — VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2826 — TERÇA FEIRA 25 DE AGOSTO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios — Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Quando a paixão partidaria perturba os espiritos, a ponto de propalarem falsidades e deturparem os principios sacratissimos da justiça, da honra e da honestidade, para satisfazer mesquinhos interesses de corrilho; a politica que assim procede, perdeu todo o direito á consideração dos homens dedicados aos interesses nacionaes, e bem longe de salvaguardar o credito das instituições, é uma calamidade, que fomenta a desmoralisação, e provoca a indignação publica.

A opposição especula e intriga por todas as formas, e com os mais ridiculos pretextos, para ver se consegue desconceituar uma situação honesta, e que tem conseguido realisar os mais altos beneficios para este paiz.

Baldado intento! As injurias dirigidas ao governo, e em especial ao sr. ministro da guerra, a proposito da direcção que s. ex.ª tem dado aos negocios do seu ministerio, e ainda as accusações verdadeiramente infundadas, que o jornalismo da opposição lhe tem dirigido, a proposito de algumas faltas de disciplina, n'um ou n'outro ponto do reino, tem excitado a indignação geral; porque todas as pessoas de boa fé reconhecem as activas diligencias empregadas pelo illustre ministro para organisar convenientemente os serviços militares.

Os jornaes da opposição combatem a urgencia de elevar o exercito portuguez á altura a que as necessidades reclamam. Parecer-lhes-hia talvez mais conveniente para os seus fins, que não houvesse força publica.

A opposição como não póde chegar ao poder pelos meios legaes, deseja que não haja exercito, para obter pela surpreza, ou pela insubordinação, o que não póde alcançar pelos meios legitimos.

Quando ha poucos annos a opposição preparava por meio da insubordinação da força armada, a subida ás cadeiras ministeriaes, não se queixava da falta de disciplina, porque assim era util aos seus intuitos partidarios. Agora que vê a impossibilidade de por esta forma conseguir o que pretende, injuria e levanta calumnias contra o sr. ministro da guerra, porque elle respeitando a lei e as instituições, deseja preparar o nosso exercito para todas as eventualidades.

Se apparece um ou outro acto isolado de indisciplina, que é de todos os tempos e de todos os paizes, e mesmo sem a importancia que se lhe quer ligar; poderá ser por elle responsavel um ministro, que mais do que nenhum outro, tem contribuido, e com applauso geral, para a manutenção da ordem no exercito, e no paiz?

Pois tem direito a fallar nestes assumptos as opposições, que quando poder, nada fizeram em beneficio do exercito, antes pelo contrario trataram de o dissolver, á imitação do governo de Pi y Margall em Hespanha?

Felizmente o exercito e o paiz bem os conhecem. São, por isso, baldadas todas as suas intrigas.

O sr. ministro da guerra e todos os seus collegas no ministerio, continuarão desaffrontadamente na carreira encetada, sem que os estorvem as intrigas da opposição.

Mal iria a Portugal se as pretensões dos ambiciosos fossem attendidas nos conselhos da corôa.

COMMUNICADO

O relatorio da direcção da Companhia edificadora Figueirense.

— De quaes elementos se formou a verba de 1:178$400 rs. — em que importam as rendas dos edificios da companhia?».

Não o diz o relatorio; e todavia é manifesto que muito conviria dizel-o aos accionistas; que nem todos tem occasião e meio de se esclarecer pelos livros da companhia.

Alguns dos predios tem tido inquilinos ainda mesmo fóra dos mezes do maior concurso de banhistas; e o computo total d'essas rendas, de todo o tempo, devem não só representar o verdadeiro valor de cada um, mas servir de guia para quem queira comprar ou edificar.

— Porque motivo não licitou a direcção o forno da cal e terrenos adjacentes, deixando que a companhia das minas o adquirisse, a baixo preço, segundo se diz?

E todavia a direcção mostrava em 1873 manifesto, e muito bem entendido empenho de fazer esta acquisição! E razão tinha porque um qualquer outro comprador poderá querer dar a estes terrenos um destino prejudicial á belleza, commodidades, e até salubridade do novo bairro.

Assim já se diz — que a companhia *mineira* se lembra de estabelecer alli as cocheiras e *cavalharices* dos seus trens do caminho americano. Não commentamos. Queremos antes confiar-nos do bom gosto e delicadeza dos directores da companhia mineira; os quaes por certo não quererão levantar contra si os justos clamores das senhoras e cavalheiros que tanto se aprazem agora n'aquelles bellos sitios.

— Como quer a direcção que possam discutir-se e resolver-se na assembleia as propostas relativas ao futuro anno, se os accionistas não as lêem no relatorio?

Espera a direcção por que reunam os accionistas mais influentes para com elles as concertar, renunciando á iniciativa que naturalmente lhe cabe? E' claro que como já indicámos, a maioria dos accionistas não terão margem para as meditar; e como é necessario aproveitar a reunião, sempre difficil de constituir-se, votal-as-hão sobre a fé d'esses — mais influentes.

E não acreditamos que sejam ellas de pouca monta. Basta esta que não pode deixar de se apresentar, negativa ou affirmativamente, — a do dividendo aos accionistas.

O silencio da direcção a este respeito leva-nos a crer que opina, como até aqui, pela negativa; e como os accionistas já desembolçaram a totalidade do valor de suas acções — que tenham paciencia, e continuem a *esperar*.

Quem não vê que o caso é grave, mormente sendo já os proventos annualmente realisados d'alguma importancia? Folga o accionista que vem a banhos, em ver as lindezas do seu bairro. Contentar-se-ha talvez com isso, pois que nem ao menos pode esperar ser preferido nos arrendamentos. Mas o accionista que não vem a banhos, nem ás sessões da assembleia, a ouvir nesta os *porquês* do não pagamento, e que todavia sabe que as edificações progridem, e os rendimentos augmentam, — pasma e descrê, almejando para se desfazer a todo o custo d'uma papeleta sem valor.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXVIII

O REINO DA ESTUPIDEZ

Poema heroi-comico

CANTO IV

Apenas o Edital se põe na porta
Da grande sala, que p'ra os Actos serve,
Entre o corpo, que forma a Academia
Um novo reboliço, um alvoroço
Geralmente se move; não se fiam
Na fé dos que referem a noticia:
Desejam com seus olhos ver a nova,
Que tão doce alegria lhes motiva.
Deixam os Estudantes nos bilhares
A partida no meio; e perturbados,
Das capas lançam mão, como succede;
Mas o dono da casa, que o barato
Não dá por bem parado, clama, e grita:
«Parceirinhos, pagar; nada me importa
«Que venha a Estupidez, ou que não venha.»
Dão-lhe dois encontrões, por terra o lançam;
E, a qual primeiro, pelas ruas correm.
Outros no Sete-é-ponto extasiados,
No Wisth, no Marimba, e mais na Banca,
Os dados com as cartas deitam fóra:
Jamais os obrigou a tanto excesso
Nem do lugubre sino o toque infausto,
Que os chama ás Aulas, nem tão pouco a Ama
Com a nojenta vacca ao lume posta
Praguejando a tardança, e quem lha causa,
Nem ainda a venal, e immunda Moça,
Que fretada os espera a certas horas.
Tal a cega paixão, o vil apego,
Que estes miseros moços tem aos vicios!
Esta gente revolta, e malcreada,
Tão soberba, e ociosa, que entre tantos,
Apenas se acham quando muito doze,
Que o nome de Estudantes bem mereçam,
A ler o Edital chegam a montes;
E batendo nas palmas: «Bravo, bravo,
«Oh que ferias agora não teremos!
«Viva a Estupidez!» dizem saltando.
Nos Collegios, Conventos, e nas Casas
Os Doutores, os Frades, e Estudantes
Disputam sobre o caso; e mil castellos
A' cêrca do futuro levantando
Melhorar de fortuna todos cuidam,
Nestas gratas ideias se recreiam,
Até que o sino a grandes vozes brada,
Que venham todos, que é chegada a hora
Em que o novo Edital cumprir se deve.
Promptamente concorrem, e marchando
Ao rude som de ingratos instrumentos
Vão a Deusa esperar alem da Ponte.
Ainda bem ao Convento Franciscano
O Prestito não chega, eis de repente
Uma nuvem brilhante vem ao longe,
De luzentes estrellas esmaltada;
No meio um throno ricamente feito,
A molle Estupidez sentada nelle,
Entre tanto apparato lá disfarça
A sua horrenda, e natural figura;
E' tudo traça das astutas Furias.
Mansos ventos curvados encaminham
A magestosa pompa: em terra postos
Os soberbos joelhos com as palmas
Para o Ceu levantadas, se assombravam
De ver baixar com tanta magestade
A Deusa tutellar da sua Athenas.
Brandamente ondeando a nuvem pára
Aonde c'o Reitor os Lentes Chefes
Com o queixo cahido presenceiam
Tão grande maravilha nunca vista.
Tem de recato um sumptuoso Pallio,
Com que a Deusa recebem reverentes,
Cousa mais espantosa: de improviso
O caminho, que trouxe, a nuvem segue;
A frouxa Divindade por tres vezes
Com alegre semblante a todos lança
Uma benção papal, como a bons filhos.
Os donatos repicam á contenda,
As descaradas moças dos Conventos
E pelas Freguezias vis garotos;
Ninguem se entende com tamanha bulha.
A's janellas acode, acode ás ruas
De toda a qualidade immenso povo.
Entretanto com passo vagaroso
Duas compridas alas se encaminham
Ao antigo Mosteiro, que desfrutam
Os Reverendos Cruzios satisfeitos
De hospedar esta noute a Protectora
Da sua santa casa. A' portaria
Com alegres festins é recebida.
De noite em toda a parte as luminarias
Fazem emulação á luz do dia.
Em funcção de barriga, e de badalo
Fazem os Frades, consistir a Festa.

E' para nós fora de duvida que convem sacrificar a conveniencia de mais edificações, de conta propria, ao pagamento d'um dividendo:—augmentar a facilidade de pagar os edificios com o papel da companhia, admittindo ao menos um terço do valor, em vez d'um quinto, em acções: e accordar que o accionista terá preferencia a qualquer outro nos arrendamentos, tanto pelo tanto; e não se arrendando a estranho, sem que aquelle seja ouvido, tendo-se já apresentado como pretendente.

Se por ventura houver meios de edificar sem prejuizo d'um dividendo a fazer, quereriamos que não só se auctorisasse a direcção, mas se determinasse que em logar d'algumas casinhas para pequenas familias (de que ha tambem abundancia no bairro novo, e nas ruas proximas), edificasse algum melhor predio até dois contos, pouco mais ou menos, que podesse servir a familias maiores.

A falta desta ordem de casas é muito sensivel; e a exorbitancia das rendas offerece lucro manifesto a taes edificações. Nem a direcção tem razão para dizer que as —casinhas —se alugam e vendem melhor. Provam o contrario os arrendamentos das casas dos srs. Paulo e Rocha, Ruy, Raymundo e Almeida; e o desgosto de muitas familias numerosas que anhelam por casas no bairro novo e não as encontram.

Provam o contrario, em quanto á venda, as proprias vendas feitas aos srs. José Leite, e Dr. Raymundo, cujas casas não podem dizer-se pequenas; e melhor ainda aos srs Ferrões Barbas, porque as duas moradas juntas formam casa muito grande; e destas a *primeira vendida* era a maior e melhor construcção da companhia.

E' portanto evidente que as casas grandes e d'alto preço de renda, se arrendam no bairro novo, tão bem como as pequenas; e que se vendem melhor. E quanto mais se apurar a direcção na elegancia e bem acabado da obra (o que não importa mais despeza), tanto melhor obterá o resultado desejado; porque com razão se attende a isto, que captiva e attrae poderosamente os pretendentes. O que certamente nada captiva, antes afasta, serão as *portas ottomanas* em altura e *miniaturas* em largura; e as boas janellas nas trapeiras para as quaes é *mister pôr escadas*, como em algumas das edificações deste anno.

Em todas as cousas é indubitavel ser obra d'amigo fallar cortezmente a verdade, em vez de tecer elogios sem medida. Os reparos que fazemos, omittindo outros, procedem do desejo de que se melhore no futuro, não d'animo infesto a quem quer que seja.

Conviria talvez tambem, não accumular mais as construcções. Em toda a parte, e mormente nas praias, aprecia-se muito um horisonte livre, e sobretudo a vista do mar; o que é incompativel com a multiplicidade de ruas e vielas. Em seguida á casa do sr. Paes póde estender-se uma linha de casas admiravelmente situadas, cuja amplidão de vistas e proximidade do mar assegurará á companhia pretendentes para compra e arrendamento.

Não podendo por circumstancias ponderosas assistir ás sessões da proxima assembleia geral, rogamos a v. a fineza de lançar no seu acreditado jornal essas breves lembranças, de que alguem quiçá poderá, melhorando-as, querer aproveitar-se.

Um accionista

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 23 de Agosto 1874.

Estamos em calmaria politica, e assim iremos até á abertura do parlamento. Na imprensa a opposição continua dando provas da sua deslealdade, e se ellas fossem desconhecidas, bastaria a questão travada entre alguns jornaes com relação a alguns casos de indisciplina que se têem dado no exercito.

Aggride-se o sr. ministro da guerra, e quer-se tornar responsavel s. ex.ª pelos desaguisados que tem havido, como se estes casos de indisciplina se não tivessem dado até 1870. E esquecem 19 de Maio de 1870!

O *Jornal da Noite*, que tem entrado nesta questão com toda a lealdade de que é capaz, foi aggredido pelo *Paiz* com a maior má fé de que ha memoria. Um assumpto que nada tem de politico, foi arrastado para este campo, e verberam o ministro da guerra e o jornal, com uma deslealdade de que não ha exemplo nas paginas jornalistas. Isto denota a carencia de argumentos por parte da opposição, e, julgando que accusam os contrarios, não fazem mais do que lavrar o epitaphio dos seus chefes.

No que todos concordam—e isto sem fazer politica—é que se torna urgente restabelecer a disciplina no exercito. E' esta a primordial questão e o principal ponto de partida para discutir sobre tão importante assumpto. Casos de indisciplina tem-nos havido na gerencia de todos os ministros da guerra. Não é unicamente,—e os taes sabem-n o—sob a gerencia do sr. Fontes que se elles tem dado.

O *Jornal da Noite* responde com algumas ligeiras observações á *Democracia*, ou melhor ao sr. Latino Coelho, que tem tratado deste assumpto. N'um dos seus paragraphos, diz aquelle jornal:

«Da competencia da *Democracia* em assumptos militares tinhamos direito a esperar mais alguma cousa de que phrases bombasticas, e sobre tudo que não cahisse de um dia para o outro em tão lastimaveis contradições.»

Quer o meu amigo ver como a *Democracia* argumentava outro dia no assumpto sujeito? Ora veja:

«Terá o ministro da guerra a velleidade de querer apresentar-se como potencia militar no meio da Europa? Quererá estender as hostes portuguezas sobre a peninsula? Quererá passar de uma modesta defensiva para uma ostentosa offensiva? Obedecerá o ministro á vaidade, que se satisfaz com as peças de grande espectaculo?»

Isto não é serio, nem é argumento. Em todo o caso ficamos sabendo como um ministro de estado honorario aprecia e discute um assumpto, que lhe devia merecer toda a seriedade.

—Houve no anno economico findo 36 loterias, cujo saldo a favor da misericordia foi de 68:229$000 rs. Ha quem lastime ainda os poucos lucros da santa casa com este jogo, que tem levado muita gente á ruina e ao suicidio! Os premios distribuidos—note-se, durante um anno, e a uma população numerosa, como a de Lisboa—elevaram-se á cifra de 500:000$000 rs. Os premios distribuidos, em quanto a nós, não estão em proporção com os lucros da santa casa. E' um engodo este das loterias, que devia terminar. A santa casa e o thesouro, podem muito bem dispensar estes rendimentos, origem de muita desgraça. Crie-se uma fonte de receita que compense o desfalque que a santa casa sentiria com a abolição d'aquelle jogo, para que se não dê o caso de muitos e muitos infelizes deixarem de comprar um pão, afim de alimentarem aquelle vicio atroz.

—Trata-se de organisar aqui um novo *Banco popular*. Os seus fins são: reunir os pequenos capitaes mutuados com juro modico e proporcionar aos associados uma independencia relativa, assegurando-lhes a facilidade de terem dinheiro prompto para melhorarem as suas condições de trabalho e producção. As acções são de 10$000 rs., emittidas por series de 5 por cento mensaes ou semanaes. A existencia da sociedade é indeterminada.

As suas transacções são: descontar letras de pagamento, ou obrigações de divida com abonação idonea; emprestar aos accionistas que forem funccionarios publicos alem do capital até seis mezes dos seus vencimentos, e mais com um seguro de vida; adiantar até seis mezes ou um anno de rendimento livre de quaesquer bens de que sejam proprietarios, usufructuarios ou administradores, etc., etc. São innumeras as vantagens que este estabelecimento vae prestar ás classes menos favorecidas da sociedade. E' thesoureiro do novo banco o sr. Antonio de Padua Freire Fava, official pagador da secretaria das obras publicas.

Foram remettidas para essa cidade duas caixas, contendo 300$000 reis em moedas de 5 reis. A casa da moeda está procedendo á cunhagem de 6:000$000 reis em moedas de 5 reis, cunhando em seguida moedas de 50,100 e 200 reis, das quaes havia grande falta.

—Os marinheiros do navio francez *Espadon*, surto no Tejo, percorreram hontem á noite de faca em punho a calçada do marquez de Abrantes, accommettendo e insultando as pessoas que encontravam, chegando a ferir um individuo que foi conduzido ao hospital da Estrella. Por fim appareceu uma patrulha, e com o auxilio de alguns municipaes, foram capturados quatro dos desordeiros, evadindo-se os demais, que eram ao todo nove.

—Temos aqui experimentado um calor asphixiante. Apesar d'isso os bailes campestres continuam animados, e o povo diverte-se.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

A villa de Arganil.—Já de si importante, por ser a capital de um dos mais populosos concelhos deste districto, está-se a villa de Arganil tornando agora notavel pelas instituições humanitarias com que foi dotada por alguns cavalheiros distinctos, e que desta forma mais nobilitam seus nomes.

Está alli fundada a Sociedade Humanitaria Arganilense, e os seus estatutos já foram approvados por alvará do governo civil de Coimbra, de 10 de Junho ultimo; e tem por fim especial a creação e sustentação de um hospital, destinado ao curativo dos doentes pobres de todo o concelho de Arganil, a estes por caridade, aos socios pelo uso de um direito consignado nos estatutos para si ou para uma pessoa de sua familia supposto não pobre, pagando sómente a taxa que para taes casos fôr fixada no regulamento.

Os estatutos e respectivo regulamento interno já foram impressos; está tudo prompto para a abertura do hospital, visto que a parte regulamentar e o material tudo está completo; mas consta-nos que falta o essencial, o medico! Oxalá que o mais breve possivel se remova esta difficuldade, e que a villa de Arganil e seu concelho possa prestar tão grande conforto aos infelizes que alli tenham de abrigar-se.

Com muita satisfação transcrevemos aqui os nomes dos cavalheiros que subscreveram os estatutos, e são os srs.: Dr. Luiz Caetano Lobo, José da Costa Vasconcellos Delgado, Antonino Augusto Freire Ribeiro de Campos, José Augusto de Carvalho, José Lourenço Nogueira, Eugenio da Costa e Almeida, Herculano Pinto, Francisco Antonio Maria da Veiga, João Correia de Mendonça Taborda, padre Francisco Ribeiro Barata, Bernardo José Simões, Antonio José Simões, Adelino José Simões, João Travassos, Francisco Antonio da Costa e Brito, Joaquim Teixeira de Mesquita, Antonio Nunes de Carvalho, presbytero Antonio Joaquim de Paula, Francisco Garcia de Carvalho, Antonio Acacio Caldeira Pina, Joaquim de Figueiredo Perdigão.

Bazar.—No proximo mez de Setembro hade ter logar na Ereira, freguezia de Verride, um bazar de prendas, cujo resultado será exclusivamente destinado á construcção d'um cemiterio.

A conducção dos cadaveres d'alli para o cemiterio da respectiva freguezia, torna-se muitas vezes no inverno quasi impossivel, por ser necessario, quando os campos estão cobertos de agua, fazel-a em barcos, o que é bastante perigoso, e mesmo no verão ha necessidade de atravessar o rio de Soure, não havendo por isso o devido recato e decencia.

Nestas circumstancia, e accrescendo ainda que a distancia é de cerca de 3 kilometros, uma commissão de tres membros, de qual é presidente o nosso patricio o sr. padre José Manoel Pereira, resolveu empregar as possiveis diligencias para conseguir que na Ereira seja construido um cemitero, e tiveram a ideia de promover um bazar de prendas, cujo producto vá coadjuvar os seus desejos.

Para este fim dirigiram cartas a differentes pessoas desta cidade. E de suppor que os esforços da commissão sejam coroados do mais feliz resultado.

As prendas devem ser entregues até ao fim do presente mez de Agosto, ao sr. Augusto José Gonçalves Fino, largo das Tanoarias, n.º 2.

Caldas de Vizella—Desde o dia 13 que está a banhos em Vizella o nosso amigo o sr. Dr. Joaquim Gonçalves Mamede. Tem s. ex.ª encontrado naquellas aguas thermaes um grande allivio aos seus soffrimentos, e alli se demorará até ao fim do mez para alcançar o mais completo restabelecimento, que sinceramente lhe desejamos.

Peixe.—Nos ultimos dias tem havido nesta cidade uma grande abundancia de peixe, e por preços baratos.

Cemiterio da Conchada—Na semada finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Ignacio Pereira, filho de Helena de Jesus, de Tondella, fallecido no dia 17 de Agosto de 1874.

Theresa, filha de Antonio Marques e de Maria da Conceição, de S. Francisco da Ponte, de 5 annos, fallecida no dia 21.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5600.

Concurso.—Estão a concurso, pelo espaço de 20 dias, a contar de hoje, as cadeiras do sexo masculino, do Botão, concelho de Coimbra; de Buarcos, concelho da Figueira da Foz; e Colles, freguezia de Samuel, concelho de Soure. E do sexo feminino a cadeira de Miranda do Corvo.

Ephemerides.—O nosso illustrado collega de Braga, o *Brado Liberal*, tem regularmente publicado umas curiosas *ephemerides*, que suppomos serem devidas á penna de um escriptor muito auctorisado daquella cidade. Tomamos, porem, a liberdade, de fazer alguns reparos a parte do que diz no seu numero 12.

Com referencia nos acontecimentos do mez de Agosto, diz o *Brado Liberal* o seguinte:

«*Dia* 20—Acção de Vallongo a uns 12 kilometros do Porto em 1832 neste dia, triumphando então do exercito miguelista o exercito liberal.»

Equivocou-se o collega em relação tanto ao dia como ao mez deste acontecimento. Foi em 22 de Julho, e não em 20 de Agosto.

Alem disso o exercito liberal não obteve triumpho sobre o exercito miguelista, antes pelo contrario soffreu alli um revez.

As forças liberaes, commandadas pelo coronel de infanteria 18, Henrique da Silva da Fonseca, tiveram de retirar sobre Rio Tinto, soffrendo a perda de 20 mortos, 77 feridos, 54 prisioneiros, um obuz, com bastantes munições e algumas muares.

Uma das perdas mais sensiveis foi a morte do bravo tenente de caçadores 5, Narciso de Sá Nogueira, o primeiro official que falleceu depois do desembarque do exercito libertador.

Diz mais o nosso collega de *Brado Liberal*:

«*Dia* 23—Acção de Ponte Ferreira neste dia em 1832—a primeira que tivera logar entre os liberaes e os miguelistas, depois do desembarque arrojado das praias do Mindello em 8 de Julho anterior.»

Está exacto o dia, mas não o mez. Foi no dia 23 de Julho, e não em 23 de Agosto.

Tambem não foi a primeira, porem sim a segunda acção que teve logar entre os liberaes e os miguelistas. E até o collega no mesmo numero contradiz esta asserção, noticiando a acção de Vallongo, que foi anterior a esta de Ponte Ferreira.

—Os erros do *Brado Liberal*, em dar a acção de Vallongo em 20 de Agosto de 1832, e a de Ponte Ferreira em 23 do mesmo mez, não são novos. Na *Folhinha popular, curiosa e instructiva para* 1837, impressa em Coimbra no anno de 1836, na imprensa de Trovão & Companhia, vêem-se exactamente os mesmos erros, e com a indesculpavel circumstancia, de se ter já no antecedente mez de Julho, dado noticia das referidas acções, nos dias 22 e 23 desse mez! Por esta forma, segundo o auctor da *Folhinha*, vieram as acções de Vallongo e Ponte Ferreira a ter logar duas vezes!

E finalmente, assim como o *Brado Liberal*, tambem a mencionada *Folhinha* classifica erradamente de victoria a acção de Vallongo.

A Trombeta Lusitana e o absolutismo.—Em 1823 publicava-se em Lisboa um jornal com o titulo de *Trombeta Lusitana*. Quando no fim de Maio d'esse anno se acclamou o absolutismo em Villa Franca, publicou o referido jornal o seguinte, que é digno de ficar archivado:

«Nada, nada, agora repito eu o que dizia o doudo nessa furna de canalhas, que zurravam nas Necessidades—*Agora ou nós, ou elles*.

«Os processos estão feitos em bella letra redonda, **forcas a prumo, e pedreiros acima;** vamos a ver quem vence, se elles a conspirarem contra a throno e a religião, **se nos a enforcarmos n'elles ás duzias por dia.**

«Se não ha **carrascos** bastantes, **a artilheria não está encravada, é infileiral-os, e metralha nelles.**

«Se querem ver fazer isso **limpamente,** dê-se poder ao *Trombeteiro*, e verão como antes de um mez dormem todos os bons portuguezes muito descançadamente em suas casas, sem o menor receio de revoluções maçonicas.»

Monte-Pio Figueirense, e Associação Setubalense das classes laboriosas.—Recebemos e devidamente agradecemos as seguintes publicações:

Relatorio da direcção do Monte-Pio Figueirense. Anno de 1872 e 1873. Apresentado em assemblea geral de 8 de Julho de 1874—Typ. Figueirense, 1874.

Associação Setubalense das classes laboriosas. Relatorio e contas da gerencia de 1873.—Setubal, typographia Setubalense de J. A. Rocha, 1874.

—O *Monte Pio Figueirense* tinha no principio do anno de 1872, 161 socios ordinarios, e no fim de 1873 ficou com 192. Augmento nos dois annos 31. Tem mais 17 socios benelicentes, e 10 honorarios.

A receita no anno de 1872 foi de 582$795 rs., e a despeza de 406$646 rs. Saldo a favor 176$149 rs.

No anno de 1873 foi a receita 685$430 reis, e a despeza 487$015 rs. Saldo a favor 198$415 rs.

Estes saldos são, porem, pela maior parte devidos a beneficios e receitas eventuaes; e por isso a direcção diz com muito bom senso no seu relatorio, que é mister procurar augmentar a receita *certa* da sociedade, elevando as quotas semanaes; ou diminuir as suas despezas, reduzindo os subsidios pecuniarios.

Assim devem proceder os socios do *Monte-Pio Figueirense*, se não quizerem que lhes aconteça, o que succede á *Associação dos Artistas de Coimbra*, que por se fiar em receitas extraordinarias, que ultimamente se não tem realisado, está vendo sensivelmente diminuir o seu capital; e não sabemos até onde isto chegará, se lhe não derem remedio.

—A *Associação Setubalense das classes laboriosas* tinha no fim do anno de 1872, 691 socios participantes; e no fim de 1873, ficou com 640. Diminuição 51. Socios protectores havia 6, e ficaram 4. Diminuição 2.

A direcção explica no seu relatorio a causa desta diminuição do numero de socios. Procedeu do crescido numero de entradas que houve em 1872, e principalmente no fim desse anno. Sempre que ha uma admissão extraordinaria dá-se este facto.

A receita no anno de 1873 foi de 1:739$440 rs., e a despeza de 1:585$685 rs. Saldo a favor 153$755 rs.

Esta associação anda tão bem administrada, e os socios são tão pontuaes nos seus pagamentos, que no fim do anno de 1873, só havia 39$600 rs. de dividas actuaes.

Foram soccorridos no mencionado anno 285 socios.

Apezar de haver o saldo que acima indicámos, a direcção mostra-se receosa do futuro da sociedade; e por isso diz que—«é preciso que uma bem entendida reforma dos estatutos venha cortar-lhe o desenvolvimento; ou prestar-lhe mais valiosos auxilios pelo augmento de quotisação.»

E' conveniente explicar aqui o motivo destes receios da direcção.

Em 1872 houve de receita 1:579$790 rs., e em 1873 subiu a 1:739$440 rs.; mas deve notar-se, que sendo no primeiro anno a despeza 965$820 rs., no anno de 1873 elevou-se á avultada quantia de 1:585$685 rs. Por esta forma o saldo que em 1872 tinha sido de 613$970 rs., desceu no ultimo anno para 153$755 rs.

Eis ahi a rasão do prudente conselho dado pela direcção no seu relatorio.

A *Associação Setubalense das classes laboriosas* foi fundada no principio do 2.º semestre do anno de 1855. Temos em as nossas collecções os relatorios desta sociedade dos annos de 1869, 1870, 1871, 1872, e agora o de 1873 que acabamos de receber.

O *Monte-Pio Figueirense* começou com o nome de *Associação Artistica Figueirense*. Possuimos em as nossas collecções o relatorio dos 16 mezes, findos em 30 de Junho de 1870; o relatorio do 2.º semestre de 1870; o do anno de 1871; e o que agora recebemos, que abrange os dois annos de 1872 e 1873.

Muito folgamos que as duas associações de Setubal e da Figueira tenham a maior prosperidade.

Junta geral do districto de Faro—Fomos obsequiados com um exemplar da seguinte publicação:

Relatorio apresentado á Junta Geral do districto de Faro na sessão ordinaria de 1874, *pelo conselheiro governador civil, José de Beires, com documentos e mappas illustrativos. Resoluções e consultas da Junta Geral.*—Coimbra, imprensa Academica, 1874.»

Seriam poucos todos os elogios para um magistrado tão intelligente e tão exemplar no cumprimento das suas obrigações.

Os relatorios do sr. conselheiro José de Beires, ficarão no futuro servindo de norma aos differentes governadores civis do reino.

Já no anno passado nos obsequiou s. ex.ª com identico relatorio, impresso na typographia Litteraria desta cidade; e hoje vem s. ex.ª

Mas o pio Reitor, que obediente
Ao milagroso sonho ser deseja,
De novo ordena, que se aprompteem todos,
Que na manhã seguinte bem montados
Iriam conduzir á Academia
A Regia Estupidez sua senhora.
Assignala tambem os oradores
Que haviam celebrar tão grande feito.
O valido Mordomo, que algum dia
De moxilla exerceu o nobre emprego
Toma a seu cargo o aprestar as bestas.
Ainda descançava a roxa Aurora
Nos braços de Amphitrite, e os vis lacaios
As portas dos Doutores despedaçam
A fortes golpes de calhaus tremendos.
Abrem a seu pezar os frouxos olhos
Estas almas ditosas, engolfadas
Em mil suaves, e felices sonhos;
Mas não vendo luzir o Sol nas frestas
Querem o somno agasalhar de novo.
Debalde o querem, que os valentes moços
Cada vez as pancadas mais duplicam.
Tal ha, que a mil Diabos encommenda
Os lacaios e a quem lhos manda á porta,
Por ver o seu descanço interrompido,
O seu somno de doze boas horas.
Mas em fim, o motivo é forte, e justo,
E para apparecer a Divindade
E' preciso o cabello bem composto,
A batina escovada, a volta limpa;
Cousas, em que despendem longo tempo.
Cada qual assendo, o mais que pode,
Vae buscar o Reitor, e em companhia
De uma rica Berlinda a seis tirada
No pateo de Samsão se ajuntam todos.
Os soberbos Capellos alli tomam;
Brancos, Verdes, Vermelhos, Amarellos,
Azul ferrete, ou claro; o mesmo as borlas;
Por humildade os Frades só barrete.
Em duas grandes alas repartidos
Os barrigudos, e vermelhos Monges
Acompanham saudosos esta grata,
E delles sempre amada Padroeira.
Reverentes a mão todos lhe beijam;
E a todos vae lançando a santa benção.
Chega em fim ao Prior, elle prostrado,
«Oh Deusa (assim lhe diz) ampara, e zela
«A estes filhos, que te adoram tanto.
«Por ti d'este socego é que gozamos.
«Esta forte saude, esta alegria
«Desfrutamos por tua alta bondade.
«Seria para nós ditosa sorte,
«Se fizesses aqui tua morada;
«Mas já que somos nisso desgraçados,
«Benigno influxo sobre nós derrama,
«Que a nossa gratidão será constante.»
Abraça-o ternamente a Divindade;
Diz-lhe, que se console, que ella sempre
Nos seus olhos trazia a tão bons filhos.
A nobre comitiva dos Doutores
Entre os braços a toma, a qual primeiro,
E quasi ao colo na Berlinda a mette.
Logo montados pelas ruas tomam,
Que de mais Povo são sempre assistidas.
Uns de encarnado vão todos cobertos,
Altivos, soberbões comsigo assentam,
Que não ha no universo outras figuras
De mais contemplação, de mais respeito;
O vermelho durante, ás bestas serve
De compridas gualdrapas; outros picam
O fogoso cavallo, quando passam
Pela porta de tal, ou tal senhora.
De preto muitos vão; porem os Frades
Vestem ao mesmo tempo muitas côres,
Branco com preto, azul com encarnado.
Se tu, oh gran Fidalgo de la Mancha,
Famoso Dom Quichote, esta aventura
Nos teus andantes dias encontrasses,
A sem-par Dulcinéa, quantos d'estes
A render vassallagem mandarias!
Tu que não perdoaste aos pobres Padres
Conduzindo a cavallo, por ser longe,
Entre archotes, e vélas um defunto,
Que os fizeste voar de susto e medo
Pelos campos e montes, que farias
A esta encamisada de Doutores?
Por gente feiticeira, e endiabrada,
Por maus encantadores os terias:
Como taes o furor do Rossinante,
Do elmo de Mambrino as influencias,
E o pesado lanção exp'rimentaram.
Musa, renova no teu vate o fogo
Que já fizeste arder na sabia mente,
Não digo de Despréaux, daquelle activo,
E discreto Diniz na Hyssopaida;
Renova, em quanto acabo, que a perguiça
Da molle Estupidez já me accommette;
Já começo a sentir os seus effeitos.
Mas ah! que um estro de repente agita
A minha phantasia. Eu vejo, eu vejo,
Da nossa Academia ao grande pateo
Chegar contente a numerosa tropa;
Em triumpho é levada a Deusa Augusta,
A um soberbo, e magestoso throno:
Gemem debaixo delle aferrolhados
A Sciencia, a Razão, o Desabuso.
Põem-se em socego os assistentes todos,
Levanta-se o Bustoque, e de joelhos
A' Deusa pede uma comprida venia:
Em barbaro latim começa ufano
A tecer friamente um elogio
A' sua Protectora; e nelle mostra,
O quanto é indecente, que nas Aulas
Em Portuguez se falle, profanando
A sacra Theologia e as mais sciencias:
Que em forma syllogistica se devem
Os argumentos pôr: sem syllogismo,
Não sabe como possa haver verdade.
Nisto mais d'hora gasta, e em fim conclue
Animando a que sejam sempre firmes
Na fé, que devem a tão alta Deusa.
Levanta-se depois o gran Pedroso,
Que de Prima a Cadeira em Leis occupa.
Com a Béca estendida, a mão no peito
Prostra-se em terra, a sua venia pede
A' molle Estupidez, que muito folga
De ver um filho seu com tal presença,
Tão cheio de si mesmo, tão inchado.
Principia a fallar com voz de estalo;
Com a esquerda acciona, e co'a direita,
Que estende as mais das vezes sobre o peito.
Sáa em mostrar a van Genealogia
Da nobre Deusa, a quem louvar pretende.
A sua antiguidade patentea;
Faz depois elogios nunca ouvidos
Ao Direito Romano, e no remate
Concorda em tudo com o seu Collega.
Vem depois o Reitor, jura por todos
Submissa obediencia, e lealdade.
Da molle Estupidez põe na cabeça
Uma importante c'roa cravejada
De finissimas pedras do Oriente.
As mãos lhe beija logo reverente,
E manda a todos, que outro tanto façam.
Os oradores vem: offrece um d'elles
A discreta oração *de sapientia*,
Que foi causa de ser tão cedo Lente.
O outro o mesmo faz da sua Analyse
Do parto septimestre, cousa prima.
Um bando de rhetoricos rançosos
Depois acode; um delles assim falla
(Parece, que Bezerra se appellida):
«Soberana senhora, a vossas plantas
«Tendes rendida por vontade, e gosto,
«A porção principal do vosso Reino.
«As portas das sciencias nós guardamos:
«Porque sendo a palavra distinctivo
«Que dos Brutos separa a especie humana,
«Eu creio que só nellas deve o homem
«Da vida despender os curtos dias.
«A mocidade pois assim levamos
«Nesta bella sciencia industriada.
«Quando a mesma palavra se repete
«Ou duas, ou tres vezes, lhe ensinamos
«O nome, que isto tem: quantas apostrophes
«Pode o exordio levar, sem ser notado,
«Nestas cousas, e n'outras similhantes
«De sorte os engolfamos; que suppreso
«Fica o gosto, se o tem, ás vans sciencias,
«Que servem de cansar o esp'rito humano.»
—«Oh bom filho, insisti nesse systema,
«Que por ser verdadeiro mais me agrada.»
Abraçando-o lhe diz a Divindade.
Vem atraz um varão muito asseado,
Um livro traz na mão mui douradinho:
«Oh Deusa singular, a quem respeito,
«Esquecido da minha Fidalguia,
«Este Poema fiz, que Joanneida
«Por nome tem: humilde vol-o offreço,
«Dignae-vos aceitar a minha offerta.»
—«Oh meu Morgado, quanto sou contente
«Da tua offerta, vêl-o-has com o tempo;
«Aqui ao pé de mim quero te assentes,
«Para mostrar o quanto te venero.»
Assenta-o junto a si a Divindade.
Dos Estudantes vem a turba immensa;
Um lhe offerece uma flor, outro um bichinho,
Um ninho de pardal, um gafanhoto,
Da Historia Natural suados fructos.
Outro vem todo afflicto mil queixumes
Formando contra um tal, que lhe usurpara
A gloria de fazer já sete machinas,
Que subiram ao ar com bom successo.
«Filhos amados, lhes replica a Deusa,
«Esse vosso cuidado me consola;
«Esse desvelo de ajuntar cousinhas
«Tão lindas, tão bonitas, bem recrea
«Uma alma como a vossa tão sensivel.
«Prosegui nesse estudo, eu vos prometto
«A minha protecção em toda a vida.»
Ao queixoso assim diz: «Sinto deveras
«Que tenhas essa causa de tristeza;
«Mas olha um bom remedio: outras de novo
«Faze, que lá irei mesmo em pessoa
«Assistir a fazer justiça inteira.»
Os Doutores vem logo por seu turno
Vassallagem render, e vão passando.
A molle Estupidez brinca entretranto
Com os lindos anneis do bom Morgado,
Que afflicto não quizera ter tal honra,
Receando, que alli se descobrisse,
Que cabello não é, mas que lhe cobre
A luzidia calva, cabelleira:
Porque em menos não preza o ser bonito,
Do que Fidalgo ser, e ser Poeta.
Seguem-se finalmente os Lentes todos,
Que são alegremente recebidos.
Mas chegando o Trigoso, fica a Deusa
Assombrada de ver tal catadura.
Não menos carregada que a de um touro,
Que sopra, e para traz a terra lança,
Quando para investir se ensaia irado.
Com immensa alegria rematada
A geral confissão de vassallagem:
«Em paz gozae (a Deusa assim profere)
«Da minha protecção, do meu amparo.
«Eu gostosa vos lanço a minha benção;
«Continuae, como sois, a ser bons filhos,
«Que a mesma, que hoje sou, hei de ser sempre.»

FIM

continuar o seu favor, offerecendo-nos outro relatorio, resultado de um trabalho e um estudo não vulgares.

Ao mesmo tempo que agradecemos ao sr. conselheiro José de Beires o seu obsequio, não podemos deixar de mencionar a nitidez com que foi impresso o relatorio, que acaba de sair dos prelos da typographia Academica desta cidade.

Bispo de Macau. — Já vieram de Roma as bullas da confirmação do exm.º sr. bispo de Macau.

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes

Madrid, 22. — Os carlistas cortaram a linha ferrea entre Madrid e Valencia. Fizeram abalroar 2 comboios de mercadorias.

Berlim, 19.—A Austria e a Russia declararam que reconhecerão simultaneamente o governo hespanhol.

Madrid, 23.—Foram assignadas hontem as credenciaes dos representantes de Hespanha em Allemanha, Inglaterra, Italia, Austria, Portugal, Belgica e França. As auctoridades tomaram hoje precauções por causa do sorteio. Completa tranquillidade na Galliza. Foi dispersada a facção Mezgudiza. Ruiz Zorrilla viaja a Lisboa. A esposa de D. Carlos voltou para Pau. De Berlim e Vienna expediram-se hontem as credenciaes e os representantes em Madrid sairam de Paris.

Puigcerdá, 21.—Tri-tany intimou esta praça para que se renda. Estabeleceu baterias e o fogo começou esta manhã

Madrid, 23 — Os carlistas atacaram de novo Puigcerdá. Os habitantes e a guarnição estão antes dispostos a morrer que a render-se, apezar do bombardeio incessante. Os carlistas fuzilaram o commandante de Seo de Urgel, ao qual tiraram os 40 mil duros que lhe tinham pago pela sua traição.

COMMUNICADO

Sr. redactor.

Consta-nos que ha dias passára por esta cidade o exm.º sr. Dr. Francisco Wanzeller, em direcção a Goes, e como seja o tutor do menor Francisco, que foi herdeiro de seu tio Francisco Barreto, talvez que para alli caminhasse em virtude de informações que recebesse ácerca de um dos membros do conselho de familia.

Na realidade estas não podiam deixar de pezar sobre o recto espirito de s. ex.ª, porque o facto praticado pelo membro do conselho de familia, não é de pequeno valor, não só attendendo a que fôra desprezada a lei, mas tambem a que o menor tem soffrido em seus interesses. Foi arrendada ao dito membro do conselho de familia toda a casa do mesmo Barreto em Goes, e é certo que aquelle decotara um immenso olival do menor para plantar um outro em terreno seu.

Não nos admira tanto que o arrendatario fizesse o decote no olival, como o sr. curador consentir, que um arrendatario da casa do menor, que por este facto se lhe torna devedor de grande quantia e que tem tal procedimento, seja um dos membros que compõem o conselho de familia naquelle inventario.

S. s.ª naturalmente esqueceu-se do codigo civil, artigos 234, n.º 4.º,—1608, n.ºs 2.º e 5.º,—1627; e do codigo penal, art. 479, §§. in. e 1.º, e o que vem a ser a acção de interdicto *quod vi aut clam*. Correia Telles, §§., 211 a 213.

Esperamos da honradez e probidade do sr. curador, que tomará algumas providencias a este respeito em favor do menor.

Pela inserção destas linhas ficará summamente grato o que tem a honra de assignar-se.

De v. att.º vr.º e obgd.º

Coimbra 23 de Agosto de 1871.

* * *

ANNUNCIOS

1 **B**OA CERVEJA INGLEZA de **Bass C.ª Pale-Ale**, na loja de Victorino Henriques Lebre.—Calçada n.º 137-139.

EMPREZA PROGRESSO MARITIMO DO PORTO

PAQUETES  PORTUGUEZES

Para o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, com escala por Lisboa e S. Thiago de Cabo Verde.

Sahirá no dia 8 de Setembro o vapor ALMEIDA GARRETT, commandante J. J. Rodrigues Contente.

Recebe carga para o Rio de Janeiro até o dia 5, e para a Bahia e Pernambuco no dia 6.

Para carga e passageiros, tracta-se no escriptorio da gerencia, rua dos Inglezes n.º 42.

Para mais esclarecimentos podem os srs. passageiros dirigir-se em Coimbra, a rua do Visconde da Luz, n.º 82 a 86.

LOUÇA DA INDIA

3 **N**A LOJA do sr. Bernardo José da Silva Cardoso, negociante na Calçada, n.º 36 e 38, vende-se um meio serviço de louça da India, azul.

Ajudante de Pharmacia

4 **P**RECISA-SE de um que tenha pelo menos 4 annos de pratica. Adro de Cima, n.º 4 se diz.

ATTENÇÃO

EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO

Praça de S. Bartholomeu, 19 a 21.

5 **A**CABA de receber um sortido de machinas de coser, de differentes systemas, como abaixo se declara, as quaes vende por preços commodos em attenção á boa qualidade.

Wheeler & Wilson e Elias Howe Ir.

Machinas de mesa
Ditas de meio cofre
Ditas de meio movel
Ditas de manivela a dois pespontos
Ditas a ponto de cadeia.

Alem das machinas tem oleos apropriados para ellas, assim como agulhas e linhas, que vende a retalho.

A annunciante deixou de ter o deposito das machinas de Singer, preferindo as que agora vende.

6 **P**UBLICOU-SE o *Manual das familias, ou os primeiros rudimentos d'educação physica e Moral, por J. F. da Silva Castro, bacharel em Medicina pela Universidade de Coimbra.*

Vende-se em Agueda nas lojas do negociante o sr. Antonio Maria Candido, e remette-se franco pelo correio, a quem por cada exemplar enviar em estampilhas 320.

Grande deposito de machinas de costura do auctor Singer

34, Rua do Visconde da Luz, 36

COIMBRA

7 **A**O ESTABELECIMNTO de José Texeira da Cunha chegou novo sortido de machinas para senhora, alfaiate, corrieiro e sapateiro: todas estas machinas cosem em fazendas finas ou grossas. Dão mil pontos por minuto e do tamanho que se queira. O ponto e entrelaçado no meio, e por isso mais seguro do que cosido á mão. Preços eguaes aos de Lisboa da unica casa sucursal.

Tambem ha troçaes, retroz, linhas brancas e de côr, agulhas, etc.

8 **J**OSE' G. B. FERNANDES, bacharel em direito, e R. Nunes Leal, estudante do 3.º anno juridico, leccionam potuguez, latim, francez, inglez, rhetorica e historia. Travessa da Trindade, n.º 11.

9 **F**ERNANDO DE GAMBOA VASCONCELLOS AYLLA, arrenda a sua quinta de Santo Antonio dos Olivaes, com casa para caseiro, adega, cavalharices e mais commodos rusticos. Tambem arrendará a casa nobre, se a renda e condições lhe convierem. Quem a pretender póde dirigir-se em carta a seu dono para Taboa, ou fallar com Bernabé de Mattos, residente em Santo Antonio dos Olivaes, que a mostrará, e dirá a renda que se exige, e condições della; devendo principiar o arrendamento dia de S. Miguel.

Muita attenção

10 **A** LUVEIRA, que ha cinco annos tem aberto barraca na feira de S. Bartholomeu, com grande sortimento de luvas, participa ás exm.as sr.as suas freguezas, que tambem lá está este anno, tendo a sua barraca junto ás de fazendas brancas de Guimarães.

Tem luvas para senhoras a 360 rs., e para homem a 440 rs.

AGENCIA DO BANCO DO DOURO

COIMBRA

Largo das Olarias, n.º 11

11 **N**ESTA AGENCIA sacam-se letras de cambio sobre diversas praças.

Descontam-se letras de cambio e da terra.

Fazem-se emprestimos:

sobre penhores d'ouro ou prata, titulos de divida publica, acções de Bancos e Companhias que mereçam credito, e até ás entradas realisadas;

sobre hypotheca de propriedades rusticas e urbanas, com amortisação ou sem ella;

sobre generos e mercadorias, que passem para poder d'agencia do Banco, effectiva ou symbolicamente;

sobre colheitas garantidas com fiadores;

ás camaras municipaes e ás juntas geraes;

em conta corrente com garantia de hypotheca, ou de penhor de ouro, prata, titulos de divida publica e acções de Bancos e Companhias, que mereçam credito e até ás entradas realisadas.

Em todas estas operações juro modico e as condições as mais favoraveis.

Recebe-se dinheiro em deposito, á ordem e a prazo, abonando-se aos depositantes juro rasoavel.

Coimbra 20 de Agosto de 1874.

Gavicho & C.ª

Figueira da Foz

12 **A**LUGA-SE por anno um forno para padaria, com os competentes utensilios, proximo á praça do peixe. Para ajuste e condições tracta-se com Antonio Martins do Lino, rua da Oliveira, n.º 8.

13 **M**ACHINA SLENCIOSA. — Ensina-se a costurar á machina, e faz-se obra branca, preço commodo.—Calçada, n.º 70.

14 **J**. A. SOUSA REFOIOS, bacharel em Philosophia, e estudante do 2.º anno de Medicina, lecciona Introducção aos alumnos que desejarem fazer exame em Outubro.

Rua da Trindade, n.º 38.

Attenção

15 **J**OÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

16 **P**ARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

DOCTOR IN ABSENTIA

17 **O** PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

Livros velhos e usados

18 **C**OMPRAM-SE na rua da Calçada, n.º 189.

FIGUEIRA DA FOZ

Largo do Carvão, n.º 2

DENTISTA

19 **C**EREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 10 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto alivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

NUMERO 2827 — SABBADO 29 DE AGOSTO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O facto que agora está chamando a attenção da imprensa periodica, é a intimação feita a tres subditos hespanhoes, redactores do jornal a *Europa*, que ha pouco encetou a sua publicação em Lisboa.

Como era natural, varias tem sido as opiniões a este respeito; subordinadas á maior, ou menor confiança que o jornalismo tem no governo.

É, porem, indubitavel que o ministerio, attenta a seriedade dos seus actos, e a maneira como tem dirigido a politica na difficil conjunctura que atravessamos; não daria este passo, sem motivos muito justificados e ponderosos.

O estado de Hespanha é gravissimo, e a nossa posição obriga-nos a manter a mais estricta neutralidade, não permittindo que no territorio portuguez se venha fazer propaganda contra as instituições vigentes no paiz visinho; nem minar pela base a nossa forma de governo, á sombra da qual temos gozado uma paz, invejada por todas as nações da Europa.

A's opposições é facil criticar os actos do poder; mas é certo que os governos têem graves deveres a desempenhar, e que sobre elles pesa uma grande responsabilidade, se por falta de providencias, a nação se achar compromettida em questões internacionaes.

Na carencia de mais esclarecimento ácerca deste facto, e que talvez por em quanto não convirá manifestar, vamos transcrever o que ácerca deste assumpto dizem o correspondente do *Jornal da Manhã*, e o *Jornal de Commercio* de Lisboa.

—A'cerca da intimação feita a tres hespanhoes para sahirem de Portugal dentro de 8 dias, intimação applaudida por todos os liberaes, dizia hontem o *Jornal do Commercio* o que abaixo se vae lêr, e que é já a resposta a todas as exaggerações dos que fazem politica partidaria em cousas em que o dever os obrigaria a seguir caminho diverso.

«O sr. Eduardo Benot y Rodriguez chegou ha seis dias de Hespanha, onde já foi ministro das obras publicas. E' jornalista e director do jornal *A Europa*.

«O sr. Cumesindo de la Rosa é administrador do mesmo jornal, foi deputado constituinte e governador civil de Sevilha, d'onde fugiu quando alli estalou a revolução cantonal.

«O sr. Fernando Garrido é escriptor publico, muito conhecido pelas suas opiniões socialistas.

«O nosso informador chama-nos a attenção para este procedimento do governo, que julga illegal, violento e submisso á vontade do governo hespanhol, que exigiu do nosso a retirada deste reino dos tres referidos escriptores. Tambem nos diz que não sendo elles emigrados politicos, o governo não póde legalmente obrigal-os a sair d'esta capital, sem lhes provar que delicto commetteram.

«Não conhecemos as causas que levaram o governo a mandar sair do reino aquelles tres cavalheiros e no prazo tão curto que lhes marcou.

«Entretanto, como não podemos contestar-lhe o direito de manter as boas relações com o paiz visinho, conforme julgar mais conveniente a este respeito, não podemos tambem ver que sem causa muito justificada exigisse a immediata saida de Portugal dos tres subditos hespanhoes.

«A situação de um paiz, visinho de outro tão dilacerado pelos seus partidos politicos, impõe ao governo a necessidade de uma vigilancia e a de certas precauções especiaes, que uma nação mais afastada póde facilmente dispensar.

«E' conhecido ha muitos annos, porque são elles tantos quantos são aquelles em que na Hespanha havia a guerra civil, o legalissimo e generoso proceder de todos os nossos ministerios para com os cidadãos hespanhoes que as borrascas politicas têem obrigado a procurar asylo na nossa terra.

«Não podemos pois acreditar que sem motivos muito graves, sem conhecer as razões que o governo hespanhol teve para pedir o afastamento dos tres cavalheiros, os intimasse a deixarem este reino no prazo de oito dias.

«O argumento de não serem emigrados não colhe. E tanto como taes elles de certo já se consideram, que não reclamaram perante o representante da sua nação nesta capital, contra as violencias que suppõem lhes foi feita pelo nosso governo.»

O que cá estavam fazendo e os fins para que publicaram o periodico federal *Europa*, sabem-n'o elles melhor do que ninguem, e por isso se calaram ao mandado de despejo que lhes foi feito.

Para a propaganda que elles iniciaram e cujo club principal é em Madrid, virão depois outros; mas podem ter a certeza de que seguirão o mesmo caminho, em quanto houver como hoje um governo forte e energico.

A proposito: na cabeça do tal periodico a *Europa*, appareceu o nome do sr. Latino Coelho como redactor. Sei de boa fonte e digo-o porque prezo a verdade, que o sr. Latino não se compromettеu á collaboração no periodico, e que a inserção do seu nome no alto da folha tem todos os visos de abuso.

Não sei mesmo por que o sr. Latino Coelho não reclamou contra o facto, e não é louvavel a sua indolencia neste assumpto.

Quanto á intimação para a saida, fora ella motivada por um appello do representante de Hespanha em Lisboa ao sr. Corvo, mostrando-lhe documentos comprovativos de que aquelles tres cavalheiros conspiravam não só contra o governo da republica hespanhola, mas que iam mais longe.

O representante de Hespanha não pediu nada e menos exigiu: submetteu á consideração do governo estes factos, e o gabinete portuguez tomou a resolução que vimos.»

O mesmo correspondente acrescenta mais em outra carta o seguinte:

«Parece que os cantonaes hespanhoes que tinham vindo para Lisboa para incommodar e

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXIX

O HYSSOPE

Poema heroi-comico

POR ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

O deão da egreja de Elvas, José Carlos de Lara, depois de ter vindo offerecer o bento hyssope ao bispo D. Lourenço de Lencastre, á porta da casa do cabido, arrependeu-se, e esbulhou o prelado d'este feudo reverente, esfriando a amisade que os ligava.

D. Lourenço não supportou de bom grado a suspensão da honraria canonical, e tomando-a por affronta, machinou com alguns parciaes obrigar o Lara a continuar-lhe o obsequio, reputado já por elle como de posse episcopal.

Fulminou-se entre todos um accordão, e sob pena de pesada multa foi o deão compellido a obedecer ao orgulho do seu pastor; e debalde appellou da injusta decisão, porque não foi provido, e só nos dias de seu successor e sobrinho Ignacio Joaquim Alberto de Mattos é que o abuso teve termo.

Elpino aproveitou-se habilmente da tela, que se lhe offerecia; e o seu pincel, correndo por ella solto, deu a immortalidade do ridiculo, não só aos dois contendores, mas a diversas figuras secundarias, que de boamente a dispensariam.

E de suppor que o poeta recatasse a obra, e a escondesse dos olhos das victimas, que, assim retratadas do natural, não deviam perdoar a injuria; mas tambem não pode negar-se, que os versos foram lidos a alguns intimos, que as copias se divulgaram, e que o vaidoso prelado, e os zurzidos accessores penaram algumas horas pessimas, lendo ou ouvindo ler, os cantos daquelle fatal libello, ao qual o chiste, a invenção, e a belleza asseguravam longo e perpetuo applauso.

Imagine-se o effeito desta revelação com o caracter do bispo, vasio de ideas, abafado em gordura, e empavonado em fidalguias e vaidades pueris!

Algum bom anjo o salvou da apoplexia fulminante!

Irado e convulso jurou alli mesmo renovar contra o Diniz a perseguição, com que humilhara o Lara; mas desta vez a tarefa tornava-se mais ardua, porque os accordãos do cabido cahiriam aos pés do malicioso auditor, imbelles, quaes raios frios.

Para a vingança corresponder ao ultrage, o meio unico era accusar o magistrado perante a côrte, e punil-o com uma demissão repentina, que lhe cortasse a carreira por uma vez.

Não ha almas tão ferinas como as almas dos devotos: Boileau o disse, e a experiencia o confirma! Impando de odio, s. ex.ª ordenou que as anafadas mulas episcopaes fossem jungidas á carroagem de brazão, e com o maior segredo ácerca do objecto da jornada poz-se a caminho para Lisboa.

Teve o Diniz algum rebate da cilada, ou descuidado viu accumular a tormenta sem a perceber? Ignora-se.

O que e certo é que o bispo apenas chegou á capital, e beijou a mão a el-rei, procurou immediatamente o marquez de Pombal, e em uma audiencia secreta, que lhe requereu, expoz as razões da sua queixa, exaggerando a offensa, e regalando o delinquente com os epithetos de plebeu atrevido, de impio desaforado, e outros mil, que o odio e a sua curta capacidade lhe inspiravam.

Sebastião José de Carvalho, que vemos de longe atravez dos patibulos da praça de Belem, e dos rigores de um ministro inexoravel, na sua vida particular era homem de humano e aprazivel trato, amigo de se divertir sem desdouro do seu cargo, e pouco affecto a hypocritas e a fidalgos idiotas.

A presença baixa e redonda do bispo, as suas vozes atassalhadas pela obesidade e pela preguiça, e mais que tudo a qualidade do delicto, preveniram-o a favor do inculpado auditor.

A pintura tosca do poema, feita pelo prelado, e as notas, em que elle maldizia do sal picante do seu Aristarcho, fizeram desejar ao ministro a leitura da satyra; e acostumado a não se constranger, nem com os illustres e poderosos, traçou logo na idea uma scena, digna pela irrisão de emparelhar com o assumpto do *Hyssope*. «Pode v. ex.ª retirar-se tranquillo, disse elle ao gordo bispo, ainda assanhado nas côres da ira, e deitando-lhe a historica luneta. Sua magestade examinará o caso, e dará as providencias. Demore-se alguns dias na côrte, e assistirá ao desaggravo.»

Pronunciadas estas palavras, com toda a solemnidade, e despedido o bispo com summa cortezia, tratou Sebastião José de Carvalho de lhe proporcionar a reparação, ou antes a promettida lição.

Um aviso da secretaria de estado, com a clausula de urgentissimo, foi expedido a Antonio Diniz, mandando-o comparecer na côrte dentro de poucos dias, e prescrevendo-lhe que se acompanhasse de todas as suas obras metricas.

Só então suspeitou o poeta a causa da jornada do bispo, e principiou a recear, que o seu valimento com o marquez não fosse sufficiente para o eximir das consequencias desagradaveis de uma satyra cruel, indiscretamente propalada.

Entretanto, estava feito o mal; e não havia remedio senão obedecer.

Sahiu de Elvas, e sem demora apresentou-se em Lisboa, aonde pouco depois recebeu ordem para em certo dia, de manhã, estar em casa do ministro, não se esquecendo de levar

conspirar não só contra o governo de Madrid, mas até contra a ordem em Portugal, com o pretexto de que não são emigrados, pretendem recusar-se a sahir deste paiz no prazo de 8 dias, como lhe foi intimado.

O governo teve com elles a delicadeza de não os mandar encarcerar a bordo de nenhum navio, como tem acontecido a muitos carlistas tambem não emigrados; mas os cantonaes pagam esta delicadeza com queixumes por lhes não consentirem aqui a realisação de seus desejos.

E' provavel que d'aqui até ao finalisar do prazo, os homens reconsiderem, e que cumpram de bom grado a ordem que se lhes deu; mas se preferirem sahir por mal, hão de sahir, porque o governo não prolonga nem mais uma hora o prazo dado.

Responsavel pela ordem, o gabinete tem obrigação de empregar todos os meios legaes para a manter; e para estranhar, é, que haja periodicos portuguezes que façam politica partidaria e apaixonada deste assumpto.

Ha quem diga que Zorrilla tambem se apresenta em Lisboa com muitos politicos. Creio que perderá o seu tempo, e, que se sujeitará a ter a sorte dos seus confrades. Estamos muito proximos de Hespanha para permittir que aqui seja fóco de conspirações, mansas ou bravas, contra o governo do paiz vizinho — conspirações que aliás tambem nos prejudicam grandemente.

Menos conspirador era Victor Hugo e a Belgica não o consentiu em casa pela sua proximidade á França. E não me parece que os patriotas de boa fé achassem que o governo belga tinha andado com violencia ou depotismo na resolução que tomára.

Mas violenta ou não a ordem dada, como o socego publico está a cima de tudo, o governo tem obrigação de o manter, e toda a gente sensata o tem applaudido.»

NOTICIARIO

O Reino da Estupidez.— Em o n.º 2824 deste jornal, de 18 do corrente, referimo-nos ao poema heroi-comico, o *Reino da Estupidez*, feito pelo estudante brasileiro Francisco de Mello Franco, coadjuvado pelo outro estudante tambem brasileiro, José Bonifacio de Andrada e Silva.

Podemos hoje dar com mais precisão algumas datas que alli indicamos.

O poema começou effectivamente a apparecer no anno de 1785; mas tinha sido feito no mez de Dezembro de 1784. Tivemos occasião ha dias de ver duas copias do poema, do tempo em que elle ainda não corria senão manuscripto. No principio de uma dellas se declara, que fôra feito no mencionado mez e anno.

Dissemos que fôra pela primeira vez impresso em Paris em 1819. Vimos, porem, agora uma edição de Paris de 1818, impressa na typographia de A. Bobée.

O nosso estimavel amigo o sr. Innocencio Francisco da Silva, dá no seu valiosissimo *Diccionario Bibliographico*, a primeira edição do poema, o *Reino da Estupidez*, em 1819 em Paris, e a segunda tambem na mesma cidade em 1821.

Accrescentaremos, porem, que houve uma outra edição entre aquellas duas datas. Aqui temos uma edição do *Reino da Estupidez*, feita em Hamburgo em 1820.

Na *Chronica litteraria da Nova Academia Dramatica*, periodico publicado em Coimbra em 1840, fez um muito distincto escriptor, e que hoje occupa o primeiro logar em a nossa imprensa jornalistica, uma analyse erudita do *Reino da Estupidez*.

O referido escriptor accusa alli os auctores deste poema de *falsificarem caracteres como o do reitor, que então era o principal Castro.*

Não sabemos se a intenção delles era ou não *falsificar* o caracter do reitor; mas o que podemos affirmar, é que se não tratava, nem podia tratar do principal Castro.

O reitor reformador da Universidade, o principal José Francisco de Mendonça, foi exonerado deste cargo por carta regia de 2 de Dezembro de 1785; sendo nomeado para o substituir o principal D. Francisco Raphael de Castro. Ora o *Reino da Estupidez*, como acima se vê, tinha sido escripto em Dezembro de 1784; isto é, exactamente um anno antes logo a haver tenção de falsificar o caracter do reitor, era o do principal Mendonça, e não o do principal Castro.

E não se supponha que é indifferente o referir-se o *Reino da Estupidez* ao principal Mendonça, ou ao principal Castro. Se fosse contra este, é que seriam injustos os auctores do poema; mas sendo como provâmos, em relação ao principal Mendonça, as circumstancias são muito differentes.

Na *Memoria historica e commemorativa da Faculdade de Medicina*, feita pelo sr. Dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, que é um dos escriptores mais conscienciosos e competentes que hoje ha em Coimbra, lê-se a paginas 98 o seguinte:

«A manutenção da disciplina academica, e a exacta observancia dos Estatutos, demandava prelado *de maior energia*, do que era o principal Mendonça.

«Attendeu o governo á necessidade de *obstar ao desleixo* que a pouco e pouco se insinuava na Universidade. Com o intuito de fazer executar as leis, e de sustentar a dignidade do primeiro estabelecimento de instrucção publica do reino, acertou de nomear para reformador reitor em 3 de Dezembro de 1785 o principal D. Francisco Raphael de Castro. Apenas este prelado tomou conta do logar, *sentiu-se a influencia da sua actividade em todas as repartições do serviço universitario.*»

Eis ahi desculpado, senão mesmo justificado, o procedimento dos auctores do *Reino da Estupidez*. O principal Mendonça era um desleixado e um inepto; em quanto que o principal Castro era um homem energico, e que formava anthitese com o caracter do seu antecessor.

Se, pois, fosse contra o principal Castro, que se dirigissem os auctores do poema, como queria o distincto escriptor da *Chronica litteraria da Nova Academia Dramatica*, de certo este illustrado critico tinha razão de queixa; mas sendo, como foi, contra o principal Mendonça, caduca a sua observação.

E até parece que o governo, demittindo o principal Mendonça, pouco depois do apparecimento do *Reino da Estupidez*, quiz até certo ponto justificar as apreciações feitas pelos auctores do poema.

D. Francisco Raphael de Castro. — Era o principal Castro tão rigoroso observador do Estatuto da Universidade, que delle se conta a seguinte anedocta. Perguntando-lhe um dia o seu escudeiro, o que s. ex.ª queria para o jantar; respondeu immediatamente:—Não ha que perguntar, é o que manda o Estatuto.

Numismatica.— Na quarta feira esteve nesta cidade o sr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, professor da escola do exercito, e director do gabinete numismatico de sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I.

Tivemos occasião de saber que já vae muito adeantado o primeiro volume da obra monumental do sr. Aragão, contendo a minuciosa e documentada descripção historica das moedas mandadas cunhar pelos reis, regentes e governadores de Portugal, etc. Constará de tres grossos volumes.

Com esta obra magnifica, fructo de um aturado estudo e de perseverantes investigações de longos annos, honra-se não só a si mesmo o sr. Aragão, mas honra a nação portugueza de que é digno filho. E não fará só epocha em Portugal esta importantissima publicação; hade ser consultada por todos os amadores de numismatica dos reinos estrangeiros.

A edição é feita na imprensa Nacional, e pelas folhas que já vimos impressas, podemos dizer que aquelle estabelecimento se esmerou na sua impressão.

Todos os tres volumes hãode ser acompanhados por numerosas estampas, contendo os exemplares de todas as moedas de que se trata no texto.

O sr. Aragão já é muito conhecido por outras curiosas publicações. Aqui apontaremos as seguintes, que devemos á amisade deste distincto cavalheiro:

Exposition universelle de 1867 à Paris. Description des monnaies, medailles e autres objets d'art, concernant l'histoire portugaise du travail, par A. C. Teixeira de Aragão.— Paris, 1867.

Relatorio sobre o cemiterio romano descoberto proximo da cidade da Tavira em Maio de 1868, por Augusto Carlos Teixeira de Aragão.—Lisboa, 1868.

Descripção historica das medalhas romanas existentes no gabinete numismatico de sua magestade el-rei o senhor D. Luiz I, por A. C. Teixeira de Aragão.—Lisboa, 1870.

D. Vasco da Gama e a villa da Vidigueira, bosquejo historico, por A. C. Teixeira de Aragão.—Lisboa, 1871.

A historia do jornalismo portuguez. — Tambem esteve ha dias nesta cidade, vindo do Porto, o nosso amigo o sr. Antonio Martins Leorne.

Diligenceia o sr. Leorne ha muitos annos adquirir elementos para a historia do jornalismo em Portugal; e é já hoje incontestavelmente o primeiro investigador nesta especialidade entre nós.

Não possue o sr. Leorne menos de 1:000 especimens de jornaes portuguezes, publicados no continente, ilhas, possessões e em outros paizes.

Tem além d'isso perto de 300 especimens de jornaes brasileiros, isto é, publicados depois da independencia; pois que os publicados antes, são considerados como portuguezes.

E finalmente tem cerca de 3:000 especimens de jornaes hespanhoes, francezes, inglezes, italianos, allemães, russos, polacos, turcos, chinezes, japonezes, americanos inglezes, possessões americanas, inglezas, hespanholas e russas.

O sr. Leorne não se limita a uma magra estatistica numerica dos jornaes portuguezes. Tenciona dar o nome do jornal; a data do seu principio e do seu fim; a indole da publicação, mudanças por que passou, e nomes dos redactores; e tudo quanto possa alcançar, que esclareça e torne interessante esta publicação.

E' natural, attenta a alta difficuldade do assumpto, que nem com tão assiduas diligencias sáia uma obra sem erros; mas o que podemos assegurar, é que em Portugal ninguem a faria melhor.

Muito folgaremos que o sr. Leorne não desanime na sua empreza, porque fará com isso um importante serviço á historia patria.

Eduardo Coelho. —Na quinta feira esteve nesta cidade, e d'aqui se dirigiu n'uma excursão ao Bussaco, o nosso prezado amigo e patricio o sr. Eduardo Coelho, muito digno redactor do acreditado e popular *Diario de Noticias*.

O sr. Eduardo Coelho é sempre bem vindo á sua terra natal, onde todos o consideram e estimam.

A vantajosa posição que tem adquirido o nosso amigo, e tudo o que é, o deve exclusivamente ao seu trabalho preseverante e honesto.

Extremosissimo para com a sua familia, excellente cidadão, e bom amigo, reune o nosso patricio as qualidades que distinguem o perfeito homem de bem.

Consumo de laranjas. — A exportação de laranja da ilha de S. Miguel para Inglaterra regula todos os annos por 200:000 caixas, contendo um milheiro cada uma. Os inglezes surtem-se ainda das outras ilhas dos Açores, da Madeira, do continente de Portugal, de Malta e de Creta. Calcula-se a importação annual da Inglaterra em 300 milhões de laranjas, consumindo-se a terça parte em Londres, vendendo-se 25 milhões pelas ruas e theatros da capital, e 75 nas lojas. Os inglezes tambem consomem grande quantidade de limões. Só Londres importa annualmente mais de 20 milhões deste bello fructo. E' a Sicilia que satisfaz á maior parte deste consumo.

A França tambem importa todos os annos grande quantidade de laranja. O consumo annual de Paris é superior a 5 milhões, vendendo-se cada fructo por 15 *centimos* e mais. Os francezes surtem-se de Hespanha, Portugal e Italia, e principalmente de Valencia, Sevilha e Napoles. A laranja de Messina, de Palermo e de outros portos de Italia é quasi toda exportada para a Belgica.

O pinheiro.—Esta arvore é uma das mais preciosas da familia das coniferas. A sua plantação no litoral é a melhor defeza que se conhece contra o flagello assolador das dunas, constituindo uma verdadeira couraça vegetal contra o movimento das areias do mar. Tudo é util e prestadio desde a raiz até ás folhas nesta arvore preciosa; excellente madeira de construcção tanto para a architectura naval como civil, lenhas, ramadas e carvão para combustiveis, adubos para a terra, e numerosos e importantes productos resinosos para a marinha e industria.

O tracto industrial dos pinhaes é hoje uma grande riqueza para muitos paizes. O pinheiro, que ha 50 annos dava apenas 5 ou 6 productos, dá hoje pelos progressos da chimica mais de 20 substancias diversas, tendo todas valioso emprego nas artes fabris. Durante a sua vida secular, o pinheiro verte generosamente o seu sangue precioso para alimentar a industria da resinagem, e ao cabo de tão longa existencia e de tão grandes serviços prestados á civilisação, o seu corpo coberto de cicatrizes honrosas cahe por terra aos golpes do machado, não se desperdiçando uma unica fibra de seus robustos tecidos.

Um dos mais seguros patrimonios, que um pae póde legar a seus filhos é um bom pinhal, porque os productos desta cultura vão subindo de valor todos os dias, e constituem uma verdadeira riqueza agricola, industrial e commercial.

O consumo das madeiras nas construcções civis e navaes, nas obras publicas, e particularmente nos caminhos de ferro, vae tomando tal desenvolvimento, que o preço deste genero de primeira necessidade tem augmentado extraordinariamente. Um pinheiro custa hoje quatro e cinco vezes mais, que custava ha 30 annos.

Para se avaliar a pobreza de Portugal na producção das matas, basta dizer, que as matas administradas por conta do estado não têem mais de 20 mil hectares de extensão, e que importamos annualmente mais de 500 contos de reis em madeiras de construcção. Deve por tanto reputar-se pobrissimo o nosso paiz na cultura de florestas.

O coração e o pulso. — Resulta das observações do doutor Jones, que os peixes são os animaes que têem o coração mais pequeno relativamente ao volume do corpo, e as aves os que o têem maior. O numero de pulsações no espaço de um minuto regula por 20 a 24 nos peixes; por 69 a 70 nas rãas; por 100 a 200 nas aves, tendo as pombas e gallinhas 130 a 140 e as garças 200; nos mammiferos, o boi tem 38, o cavallo 56, o carneiro 75, o macaco 90, o cão 95, o gato 100 a 110, e a lebre 120. No homem a frequencia do pulso vae decrescendo com a edade. Nos primeiros annos contam-se mais de 100 pulsações, na adolescencia 70 a 75, e na velhice 50 a 65. Estes dados porém variam muito com o estado de saude ou da doença, com os temperamentos e outras circumstancias.

Uma heroina.—Depois da morte de el-rei D. Fernando, tentando o rei de Castella apossar-se de Portugal, e tendo já invadido o nosso territorio á frente de um poderoso exercito, alguns portuguezes, esquecidos da lealdade que deviam á sua patria, submetteram-se facilmente aos castelhanos, e entregaram-lhes algumas praças confiadas á sua guarda.

Estava a ponto de fazer o mesmo o alcaide mór de Trancoso, Gonçalo Vasques Coutinho, quando sua mãe D. Brites de Moura, mulher de grandes virtudes, de alto valor civico, e de coragem superior ao seu sexo, sendo informada do intuito do filho, foi procural-o, e fallou-lhe assim:—Vossos antepassados, meu filho, sempre se distinguiram na lealdade e fidelidade á patria; se intentaes manchar e deslustrar o nome que tendes, embebei-me primeiro um punhal no peito, porque não quero sobreviver á vossa infamia. Escolhei pois, ou a honra ou a minha morte. Servi a patria, combatei os inimigos, morrei digno de ser meu filho.—Gonçalo Vasques não poude resistir a tão energicas palavras de sua mãe, e persistiu na lealdade que devia á sua patria.

As mulheres portuguezas deram muitas vezes notaveis exemplos de coragem, valor e patriotismo.

Despacho. — O reverendo sr. Manuel Teixeira Bacellar foi apresentado na egreja parochial do Espirito Santo de Lamas de Miranda, concelho de Miranda do Corvo.

Roubo. — A policia descobriu em uma casa da rua do Paraiso, em Lisboa, os seguintes objectos roubados no arsenal do exercito:—257 cinturões, 33 redes, 34 bandoleiras de cavallaria, 15 correias de patrona, 38 cilhas mestras, 29 fivellas de bandoleiras de cavallaria e 17 fivellas de cinturões do antigo padrão.

—A'cerca de outro roubo no mesmo arsenal, diz o correspondente do *Jornal da Manhã* o seguinte:

«A' hora em que a policia descobria, que os operarios do arsenal do exercito eram mais ou menos cumplices, n'um roubo de correame, verificava a mesma policia, por indicação do sr. inspector do arsenal da marinha outro roubo de cobre, feito por uns 2 operarios que o iam vender a um latoeiro na rua Augusta.

Ha muito que o sr. conselheiro Neves tinha desconfianças do facto e suspeitava até dos guardas de policia do estabelecimento, a ponto de encarregar a policia civil da verificação do facto. Quasi tinha desanimado, quando hontem vendo-se que um operario saia mais gordo e mais pesado do que tinha entrado para o arsenal, foi seguido até uma taberna, onde a *gordura* passou para um pacote que d'ahi a pouco estava no latoeiro da rua Augusta. A policia acompanhou o meliante e apanhou-o em flagrante delicto. Confessou que tinha mais tres cumplices. O latoeiro declarou que, nos ultimos dias havia comprado perto de 80 kilogrammas de cobre.

O roubo estava organisado e os guardas eram evidentemente cumplices. De 19 que são, foram suspensos 9 e avisados para a procuradoria regia.

O sr. Neves já tinha acabado com uma matilha de *cães*, que ladravam quando algum official de marinha apparecia, para dar aviso aos operarios que estavam mandriando, que era necessario fingir que trabalhavam.

São provavelmente estes os oradores da *Internacional*, os incitadores das *grèves*, os que proclamam a guerra ao capital e que fallam no *suor* com que ganham o pão de cada dia.! São estes meliantes os que corrompem o empregado honrado e que o illudem.

E' preciso não ter com elles á mais pequena contemplação.»

Importante memoria—O correspondente do *Commercio do Porto* diz o seguinte:

«Como já tive occasião de dizer, tem sido muito elogiada a memoria escripta pelo sr. visconde de Paiva Manso em replica á memoria do governo inglez na questão da bahia de Lourenço Marques, da qual é arbitro o presidente da republica franceza.

A memoria é escripta em portuguez e em francez, acompanhada de grande numero de documentos e de quatro mappas, um moderno de Moçambique, com o traçado do caminho de ferro, em projecto, entre Lourenço Marques e a republica de Transvaal; outro reproduzindo o fac-simile da carta da bahia de Lourenço Marques por Konink, engenheiro hollandez, feito em 1726 e que existe nos archivos dos Paizes Baixos; um terceiro representando a cartographia critica da Africa em 1749 por Kiepert; e finalmente a carta da costa de Africa por M. de Mesquita Perestrello, 1575.

A memoria é dividida em 5 partes, contendo entre outras, as seguintes materias:—Illegitimidade da Inglaterra para contestar a Portugal a soberania do territorio do Maputo. Apreciação dos argumentos da memoria ingleza contra os diversos titulos produzidos pela nação portugueza. Argumentos contra o titulo do descobrimento, contra a occupação e posse, contra o reconhecimento dos regulos, contra o reconhecimento pelas nações da Europa, contra o reconhecimento do nosso direito pela Inglaterra.

Os titulos produzidos pela Inglaterra em seu favor, nada valem.

O plano da Inglaterra em se apoderar da bahia de Lourenço Marques é antigo; tem sido sempre repellido; e mais de uma vez se tem manifestado nos escriptos desse paiz com o intuito de prejudicar a França. A Inglaterra não póde allegar ignorancia, nem pretexto para desculpar o capitão Owen.

Seguem-se tres appendices e os documentos.

A linguagem da memoria é nobre e digna; sustenta o nosso direito com vigor e em alguns pontos até com certa vehemencia.

A questão juridica é tratada por um jurisconsulto eminente, que não desprezou um unico elemento dos que lhe foram fornecidos pelos archivos nacionaes e estrangeiros.

A julgar-se pela argumentação vigorosa e fundamentada da memoria devemos contar como certo, que o voto do arbitro será em nosso favor, como succedeu na questão da ilha de Bolama, da qual nos saímos victoriosos.

Já que não podemos conserval-os pela força bruta, sustentemos os nossos direitos pela força da verdade e da justiça.»

Noticias estrangeiras—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 25 de Agosto, á tarde—O *Diario Hespanhol* assegura que o tratado de que falla o *Daily News* entre a Hespanha e a Allemanha para uma alliança offensiva e defensiva é pura invenção. Acrescenta que a Hespanha não tem necessidade alguma de exercitos estrangeiros para vencer os carlistas.

Pariz, 25 de Agosto, á noite—Diz o *Evénement* que Armijo recebeu as credenciaes como representante de Hespanha junto do governo francez. Acrescenta que os representantes da Allemanha e da Austria partiram de Pariz para Madrid.

Londres, 25 de Agosto, á tarde—Mac-Mahon partiu para Vannes e chegou a Saint-Nazaire. Irá hoje para Nantes.

Roma 5—O governo de Berlim informou os seus representantes no estrangeiro de que observará a não intervenção dos negocios da Hespanha. As instrucções dadas a Hatzfeld não conteem nada que digam respeito á eventualidade da ingerencia d'um exercito nas luctas daquelle paiz.

Londres, 26 de Agosto, pela manhã—Bazaine irá residir na Haya. O *Nautilus* e o *Albatros* irão na proxima semana para Santona e Bilbau. Os commandantes têem ordem de intervir sómente se algum subdito allemão for maltractado.

Londres 20—Os boatos de demora no reconhecimento de Hespanha não tem fundamento. Os ministros hespanhoes em Londres e Pariz apresentaram sabbado as suas credenciaes. Ao encarregado de negocios de Inglaterra em Madrid já foram enviadas as credenciaes. O principe das Asturias assistiu a revista de tropas em Wolwich e visitou o arsenal.

Madrid 26—A *Gazeta* diz que os defensores de Puigcerdá continuam a resistir energicamente.

Madrid 25, ás 11 horas e 23 minutos da noite—Celebrou-se conselho de gabinete, que continua sem alteração.

Entraram em Calahorra 3:000 carlistas, que levaram 20:000 duros.

Alicante—Chegou a goleta *Rosa*, procedente de Venezuela, com um carregamento de cacau e algodão.

Bourg-Madame—As auctoridades francezas intimaram as facções para mudarem a collocação da artilheria assestada contra Puigcerdá, por chegarem os projectis á povoação franceza. A praça resiste ao vivissimo fogo de fuzilaria e artilheria, que recrudesceu hontem ao amanhecer.

Madrid, 26 de Agosto á tarde.

Os carlistas ameaçam fuzilar todos que viajarem pela provincia de Tarragona, e queimar as carruagens.

Assegura-se que as auctoridades francezas da fronteira tomam uma attitude energica contra os carlistas que estão sitiando Puigcerdá; o fogo das peças que d'alli sae causa prejuizos no territorio francez. O fogo dos sitiadores desmontou uma peça dos sitiados. Bilbau prepara festas para receber as canhoneiras allemãs.

Madrid, 27 de Agosto.

Não houve nada de notavel no conselho de ministros, sob a presidencia do Serrano.

O ministro da guerra Cotoner participou ao conselho que uma pequena divisão de cavallaria carlista passara o Ebro e entrara em Calahorra, d'onde levou dinheiro, tornando a passar o Ebro immediatamente por causa da aproximação das forças republicanas.

A «Correspondencia» refere promenores horriveis acerca de 83 guardas da alfandega, fuzilados por ordem de Savalls, dos quaes só um escapou ao morticinio.

A «Gaceta» confirma a entrada dos carlistas em Calahorra, as exacções que fizeram, e a sua fuga.

Puigcerdá repelliu dois assaltos simultaneos.

As mulheres acarretam terra para as fortificações, apezar do fogo do inimigo.

A artilheria republicana desmontou já cinco peças aos carlistas.

---

comsigo o poema, verdadeiro corpo de delicto da offensa.

Assim que entrou na sala, o Diniz sobresaltou-se. Diante delle, respirando rancor e ufania, achava-se a roliça pessoa de s. ex.ª, sentado ao lado do marquez! Sebastião José de Carvalho carregou o semblante, e meneou a luneta. O seu aspecto, composto para a ceremonia, parecia annunciar ao auctor do *Hyssope* uma d'aquellas correcções despoticas, tão usuaes no seu governo.

«Queira tomar uma cadeira, e ouvir, com o respeito devido, o que s. ex.ª tem a dizer!» observou o ministro, depois de curta pausa.

Voltando-se depois para o prelado, acrescentou: «Queira v. ex.ª fallar!»

Quem não cabia em si de jubilo era o bispo. Tomando a mão, castigou com os olhos, com as palavras, e com o gesto a ousadia do seu detractor, e só deu por findo o arrazoado inepto, quando a respiração se lhe cortou, e as bochechas abrazadas pareciam estalar. «Muito bem! acudiu o marquez. Agora, que já ouvi a v. ex.ª, pede a justiça, que passemos ao corpo de delicto; são as ordens de el-rei, meu amo e meu senhor. Aonde está o seu poema?»

«Senhor!...» murmurou o poeta encolhendo-se. «Tenha a bondade de ler!» continuou o ministro. «Diante de s. ex.ª!» balbuciou o Diniz cada vez mais assombrado.

«Leia!» repetiu Sebastião José de Carvalho com ar severo; s. ex.ª é um ministro de Deus, e deseja ter motivos para mostrar a sua caridade. Ouçamos esses atrevimentos, com que vocemecê, pelo que me consta, e o sr. bispo affirma, não receou offender a Deus...»

O Diniz era poeta, e era malicioso; viase em arriscado lance, e conheceu que não podia salvar-se senão fazendo rir o marquez.

Demais, os seus olhos, passando da physionomia colerica do bispo para a physionomia do ministro, tinham colhido alguma esperança. Portanto, resignou-se, tirou do bolso o caderno dos versos, saudou os dois illustres ouvintes, e em voz firme, carregando e alliviando as inflexões, segundo o sentido requeria, começou a leitura.

Sebastião José de Carvalho achava-se collocado de modo, que tinha o desgraçado bispo debaixo do fogo mortifero da sua luneta; era impossivel escapar-lhe a menor visagem, a mais leve mudança de côr das apimentadas e nedias faces de s. ex.ª.

Houve alguns instantes de calmaria. O poeta recitava a invocação; e o prelado, atado ao poste de martyrio, colligia as suas forças para figurar heroicamente, comprazendo-se no seu interior com o benigno pensamento, de que o castigo de tão desgrenhada satyra seria pelo menos um degredo para as Pedras Negras.

O marquez escutava, medindo ás vezes o perseguidor com a luneta em riste, e espreitando sempre a victima com disfarce por baixo das palpebras.

Mas o canto II ia acabando, e o III principiava.

Todas as furias do orgulho, da vaidade, e da desesperação, se desencadearam no peito de s. ex.ª. Parecia estar assentado sobre brazas, tantos eram os pulos, com que ia acompanhando cada verso, cada escarneo, cada ultrage.

O suor escorria-lhe em bagas da testa e das roscas das tres barbas; as mãos, á falta de emprego, convulsas arranhavam as roupas talares, ou arremettiam contra o solideu, innocente daquelle desacato metrico...

De espaço a espaço, quando a imagem era mais felina, ou a allusão mais cortante, uma especie de bramido rouco e surdo arquejava-lhe no peito, e vinha expirar nas dobras oleosas da bocca, ao passo, que levantando meio corpo, dava a entender, que a indignação o arrebatava, e que a deshonestidade d'aquellas mofas eram superiores á sua forçada longanimidade! «Veja v. ex.ª! Veja!» exclama com a voz estrangulada de raiva, e uma face livida, e a outra a arder, em quanto os olhos, como dois punhaes, queriam varar o coração do poeta.

Quando o accesso chegava a este auge, o ministro, frio e sereno sempre, acenava-lhe com a mão que se tranquillisasse, assentava-lhe a luneta mais de alto, e franzindo os labios nos cantos, reprimia a todo o custo o riso sotapado, prestes a estalar.

Durou esta incrivel comedia até ao VI canto. Ahi a paciencia do bispo, e a seriedade do marquez naufragaram ao mesmo tempo. Foi uma explosão!

A descripção dos agouros da sua sesta, e a pintura da insolente citação do bom Gonçalves, aleiadas pelo ridiculo de que as ungira o poeta, acabaram de transtornar a cabeça ao bispo, que se poz em pé repentinamente, como se occulta mola o fizesse saltar, estendendo o braço ameaçador, e rangendo os dentes.

O ministro abysmou a gravidade numa gargalhada immensa, capaz de enlouquecer a victima, se ella tivesse ainda siso que perder.

O poeta, que sem atinar porque, se levantara tambem, lia no meio das contorsões, e dos arrancos da ira episcopal estes versos maliciosos, que redobravam a hilaridade do marquez;

Finalmente, ao montar á carruagem,
Batendo um grão bisouro as negras azas
Com horrendo stridor lhe açouta as ventas;
E um pardal lhe estercou no tejadilho.

Não podia ir mais por diante a scena sem degenerar de todo em farça!

Sebastião José de Carvalho viu que era tempo de lhe pôr termo. Recobrando-se do accesso jovial, e firmando a luneta, voltou-se para o bispo, e com toda a solemnidade da sua magestosa presença, disse-lhe: «Tenho formado o meu conceito. Não tomarei mais tempo precioso a v. ex.ª.. Este poema... esta satyra... é na realidade notavel, e posso assegurar-lhe, que o seu auctor não torna a Elvas, nem ha de ficar no reino.»

O Diniz escutou a sentença sem temor, a ironia era transparente.

O prelado multiplicou as cortezias e as baixezas, porque imaginou que tinha comprado a ruina do seu detractor a preço de duas horas de supplicio.

Depois de o ver sair, o marquez de Pombal, levantando a viseira de subito, e com ar de riso virou-se para o auditor, que aguardava silencioso, e acrescentou: «Então que é isto sr. Diniz? Tomou odio á cidade de Elvas?... Pois bem, veremos se lhe acho algum logar mais alto para o mudar de ares... Não quero que s. ex.ª diga, que el-rei, meu senhor, desattende as mitras... Va para sua casa, e espere, que lá receberá as ordens de sua magestade.»

O Diniz, foi. Passados dias entregaram-lhe em mão propria o despacho de desembargador para a relação do Rio de Janeiro!

REBELLO DA SILVA.

ANNUNCIOS

1 J. A. SOUSA REFOIOS, bacharel em Philosophia, e estudante do 2.º anno de Medicina, lecciona Introducção aos alumnos que desejarem fazer exame em Outubro.

Rua da Trindade, n.º 38.

2 A CAMARA MUNICIPAL do concelho d'Arganil, faz publico, que se acham a concurso, pelo espaço de 30 dias, a contar da publicação deste no *Diario do Governo*, dois partidos medicos cirurgicos nas villas d'Arganil e Coja, aquelle com o ordenado de 400$000 rs. e este com o de 300$000 rs., com obrigação de curar os pobres do concelho, gratuitamente, e os outros pela tabella camararia, e mais condições patentes na secretaria da mesma camara; podendo concorrer a elles tanto os facultativos pela Universidade de Coimbra, como pelas escholas de Lisboa e Porto.

Arganil, secretaria da Camara, 23 d'Agosto de 1874.

O presidente,

Antonino Augusto Freire Ribeiro de Campos.

AGRADECIMENTO

3 EXTREMAMENTE reconhecido para com o exm.º sr. D. Manoel Correa de Bastos Pina, bispo conde da diocese de Coimbra, pelo excessivo cuidado e disvello dispensado por s. ex.ª a seu humilde servo, na occasião da perigosa doença que acabo de soffrer, e da qual me acho restabelecido, venho especialmente cumprir um dos mais sagrados deveres, dando a s. ex.ª um publico testimunho de quanto tenho em subido apreço tão valiosissima e immerecida protecção, pelo que confesso o meu eterno agradecimento.

Egualmente agradeço ao exm.º sr. Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, o muito zelo e bons serviços prestados por s. ex.ª durante esta infermidade. E em geral a todos os que se interessaram pelo meu restabelecimento.

Coimbra 29 de Agosto de 1874.

José Francisco Repolho.

NO MINHO

POR

D. Antonio da Costa

4 VENDE-SE por 600 rs. na loja de Manoel Augusto da Conceição Novaes. Praça Nova na villa da Figueira.

COMMENTARIO AO CODIGO CIVIL

POR

José Dias Ferreira

VOL. 4.º, ART. 1544 a 2166

5 A VENDA na livraria Central de José Diogo Pires. Remette-se pelo correio a quem enviar 2$100.

POSSIDONIO DA SILVA

6 TEM A SUA OFFICINA de esculptura em marmore de todas as qualidades, nacionaes e estrangeiros, onde se estão fazendo esculpturas, ornamentos, e monumentos de linda architectura, no Caes Novo, n.º 27 a 30, com deposito de marmores no armazem á Sota.

LOUÇA DA INDIA

7 NA LOJA do sr. Bernardo José da Silva, negociante na Calçada, n.º 36 e 38, vende-se um meio serviço de louça da India, azul.

Grande deposito de machinas de costura do auctor Singer

34, Rua do Visconde da Luz, 36

COIMBRA

8 AO ESTABELECIMENTO de José Teixeira da Cunha chegou novo sortido de machinas para senhora, alfaiate, correiro e sapateiro: todas estas machinas cosem em fazendas finas ou grossas. Dão mil pontos por minuto e do tamanho que se queira. O ponto e entrelaçado no meio, e por isso mais seguro do que cosido á mão. Preços eguaes aos de Lisboa da unica casa sucursal.

Tambem ha troçaes, retroz, linhas brancas e de côr, agulhas, etc.

ATTENÇÃO

EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO

Praça de S. Bartholomeu, 19 a 21.

9 ACABA de receber um sortido de machinas de coser, de differentes systemas, como abaixo se declara, as quaes vende por preços commodos em attenção á boa qualidade.

Wheeler & Wilson e Elias Howe Ir.

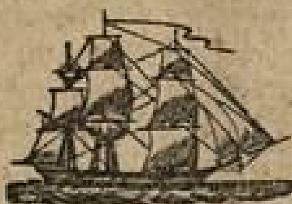
Machinas de mesa
Ditas de meio cofre
Ditas de meio movel
Ditas de manivela a dois pespontos
Ditas a ponto de cadeia.

Alem das machinas tem oleos appropriados para ellas, assim como agulhas e linhas, que vende a retalho.

A annunciante deixou de ter o deposito das machinas de Singer, preferindo as que agora vende.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Paro o **Rio de Janeiro:**

Barca—HUMILDADE—em 28 de Setembro.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Ajudante de Pharmacia

11 PRECISA-SE de um que tenha pelo menos 4 annos de pratica. Adro de Cima, n.º 4 se diz.

Figueira da Foz

13 ALUGA-SE por anno um forno para padaria, com os competentes utensilios, proximo á praça do peixe. Para ajuste e condições tracta-se com Antonio Martins do Lino, rua da Oliveira, n.º 8.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

14 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

Attenção

15 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

DOCTOR IN ABSENTIA

16 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

17 BOA CERVEJA INGLEZA de **Bass C.º Pale-Ale**, na loja de Victorino Henriques Lebre.—Calçada, n.º 157-159.

18 MACHINA SILENCIOSA. — Ensina-se a costurar á machina, e faz-se obra branca, preço commodo.—Calçada, n.º 70.

19 SAUDE A TODOS restabelecida sem medicina, purgas, nem despezas, pela deliciosa farinha de *Saude*.

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Saude a todos pela deliciosa *Revalescière*, Du Barry, que cura as indigestões (despepsias), gastricas, gastralgias, fleumas, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, de halito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do doutor Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Cura 72:448.—Cadix, 3 de Junho de 1868.

Não posso fazer menos de manifestar a vv. ss.as os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revalescière* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinas, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual o distingue o seu attento venerador — VICENTE MOYANO.

Cura 69:718.—Ticheville (Orne), 20 de Março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalescière*, tenho-a administrado a varias pessoas, ás quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo naquelles que padeciam de hydropesia. Tres d'estes curaram completamente.—A tosse produzida por uma constipação desappareceu instantaneamente e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina e das molestias de estomago, afastando de qualquer individuo a hypocondria.—PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rabir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, S. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rabia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—PÓVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

EMPREZA PROGRESSO MARITIMO DO PORTO

PAQUETES  PORTUGUEZES

Para o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, com escala por Lisboa e S. Thiago de Cabo Verde.

Sahirá no dia 8 de Setembro o vapor ALMEIDA GARRETT, commandante J. J. Rodrigues Contente.

Recebe carga para o Rio de Janeiro até o dia 5, e para a Bahia e Pernambuco no dia 6. Para carga e passageiros, tracta-se no escriptorio da gerencia, rua dos Inglezes n.º 42. Para mais esclarecimentos podem os srs. passageiros dirigir-se em Coimbra, á rua do Visconde da Luz, n.º 82 a 86.

NUMERO 2828 — TERÇA FEIRA 1 DE SETEMBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Em quanto a opposição põe a injuria no logar do argumento; em quanto ella procura desfigurar os factos que todos apalpam, pretendendo demonstrar com ferrenho pyrrhonismo que não é o que é; em quanto phantasia escandalos, conseguindo unicamente demonstrar a sua capacidade para elles; vamos nós placidamente registando o serviço que ao seu paiz está prestando o actual gabinete, que deixará apontada na historia nacional uma das epochas mais fecundas em melhoramentos nas diversas provincias da publica administração.

Sabem todos o estado anachronico em que se acha o serviço de administração da justiça nas suas relações immediatas com os povos.

Não só os processos são complicadissimos, morosos, e abertos por todos os lados á *chicana*, de que muita gente faz vida, mas ainda a tabella que marca as respectivas retribuições, é por tal modo confusa e em muitos casos vexatoria, que os aggravados querem antes, muitas vezes, prescindir dos seus direitos, do que entrar em demandas de que quasi sempre saem mal tratados ambos os contendores.

A urgencia de um codigo que regule os tramittes do processo judicial, é cousa reconhecida de todos, e o respectivo ministro tem feito adiantar sobre elle importantes trabalhos, que estão affectos a pessoas maiores de toda a competencia. E' porem difficil a sua laboração, trabalhosa, exigente de muita attenção a sua contextura, e não é por isso rasoavel que se exija de um dia para o outro, a menos que nos não contentemos com a substituição ou ampliação dos artigos do velho formulario, obra que nos deixaria em mais complicado labyrintho.

O illustrado ministro entendeu que era tempo de cuidar de outro ponto não menos instante, não menos serio para os interesses dos administrados, maiormente agora, que muitos julgados elevados a comarca vão dar mais prompto accesso á vara judicial e mais ampla garantia aos direitos de cada um.

Nomeou por isso uma commissão encarregada de rever a tabella dos salarios. E' da maior transcendencia este serviço; ninguem de boa fé sustentará que seja de pouca monta a sua elaboração, e não terão pouco que fazer, pouco que indagar e estudar, os que tem o espinhoso serviço a seu cargo, se quizerem dar ao paiz trabalho limpo sem ferir os justos interesses da classe judicial, mas livrando os povos de excessivas taxas, de indecorosas alcavalas, que a escuridade dos tramittes, e porventura a sua inutil complicação, ainda mais exaggeram no espirito de quem se vê obrigado a pagar a justiça que tem.

Os jornaes da opposição concordam na necessidade deste serviço. Deduz-se isso do modo por que um ou outro se referiu ao caso; infere-se do silencio dos outros, e emfim é corollario a tirar da illustração de todos, que nós, adversarios leaes, não deixamos de lhes reconhecer.

Ainda assim a bem entendida providencia do sr. Barjona não passou sem reparos.

Um d'elles é «que só no fim de quatro annos o sr. ministro tratasse desta reforma.» O outro é «que a não fizesse por seu proprio alvedrio.»

Entra um ministro no gabinete, topa com todos os serviços embrulhados por uma serie de administrações pouco cuidadosas, ou que não tiveram tempo para nada tentar, e pretende-se que de um jacto appareça tudo reformado!

O periodo de quatro annos seria realmente extenso para dar começo áquelle trabalho, se alli não houvera mil serviços a regular e a attender, derivados de dois ramos importantes, quaes são os negocios ecclesiasticos e os de justiça. Ha porem um complicadissimo expediente diario, de que não póde desprender-se a attenção do ministro; e alem desse outros assumptos que as circumstancias declaram mais urgentes, tratados uns e em elaboração outros, lhe levam o tempo que a opposição lança á conta de indolencia.

Se assim não pensassemos, perguntariamos aos que assim se queixam por que o não fizeram quando estiveram no poder? Sabemos porem que não tiveram tempo: o paiz não os deixou lá parar, e de certo não foi porque delles esperasse a salvação da patria.

Por pouco valioso que fosse o trabalho de que se trata, que o não é, muito bem andava o sr. ministro confiando-o a uma commissão de pessoas competentes. Do concurso de diversas opiniões resulta mais aperfeiçoamento nestes lavores: todos sabem que a luz do espirito, para ter intensidade, carece discussão.

Alem disso, o governo que põe nas mãos dos administrados a collaboração das leis que hãode regel-os, é um governo democratico, e digno do apoio dos homens livres.

O reparo a tal respeito é mal cabido, por tanto, e improprio dos que pertencem á escola liberal.

Em quanto assim proceder o gabinete portuguez, seja qual fôr o nome dos homens que o componham, o nosso apoio debil como é, estará sempre do seu lado, porque é nossa convicção que acompanhamos a vontade nacional e o bem da nossa patria.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR.

Lisboa, 30 de Agosto de 1874.

Choveu a noite passada. Esta noticia, no estado meteorologico da capital, equivale ao mesmo que algumas folhas republicanas (?) dizerem: «*os fundos hespanhoes subiram 1/8 por cento!*»

Temos hoje, pois, um dia fresquissimo, e a população de Lisboa,— abstrahindo da alta aristocracia, que povoa as praias de mais nomeada,—*enfardella* a mála, enverga o fato domingueiro, veste.... camisa lavada, e parte.... para Bellas, para Aldeia Gallega, a espairecer dos fadigosos trabalhos de uma semana,

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXX

IMPRESSÃO REGIA NO RIO DE JANEIRO

Eis aqui, na sua integra, o decreto que no anno de 1808 lançou os primeiros fundamentos da Impressão Regia no Rio de Janeiro:

«Tendo-me constado que os prelos que se acham nesta capital, eram os destinados para a secretaria d'estado dos negocios estrangeiros e da guerra: e attendendo á necessidade que ha da *officina de impressão* nestes meus estados; sou servido, que a casa, onde elles se estabeleceram, *sirva interinamente de impressão regia*, onde se imprimam exclusivamente toda a legislação, e papeis diplomaticos, que emanarem de qualquer repartição do meu real serviço; e se possam imprimir todas e quaesquer outras obras; ficando interinamente pertencendo o seu governo e administração á mesma secretaria. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, do meu conselho de estado, ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros e da guerra o tenha assim entendido, e procurará dar ao emprego da officina a maior extensão, e lhe dará todas as instrucções, e ordens necessarias, e participará a este respeito a todas as estações o que mais convier ao meu real serviço. Palacio do Rio de Janeiro, em trezo de Maio de 1808. Com a rubrica do P. R. N. S.»

Depois de registarmos este diploma, que os leitores não encontrariam em todas as collecções, devemos apontar algumas noticias, não officiaes.

Antonio de Araujo de Azevedo, que depois teve o titulo de conde da Barca, levou para o Rio de Janeiro, a bordo da nau *Medusa*, em 1808, uma typographia que mandara vir de Londres.

Mendo Trigoso, fallando d'esta typographia, diz: «.... e uma typographia que elle mandara vir de Londres, a que se pode dizer a primeira, ou pelo menos a unica que então appareceu no Rio de Janeiro.»

De passagem mencionarei que o mesmo Antonio de Araujo levou comsigo para o Rio de Janeiro uma bella collecção mineralogica, arranjada por Werner; e acrescenta Mendo Trigoso: *collecção indispensavel para o Brasil, onde o estudo da montanistica deve fazer a primeira base da instrucção publica.*

Voltando agora á typographia de Antonio de Araujo de Azevedo, direi que não foi ella a primeira que houve no Rio de Janeiro.

Já na primeira metade do seculo XVIII existia uma officina typographica, graças ao louvavel impulso que ás lettras deu no Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella.

Durante o seu governo surgiram duas academias particulares, uma denominada dos *Felizes*, e outra, que áquella succedeu, a dos *Selectos*. Embora seja somenos a importancia dessas associações litterarias, é certo, como diz um escriptor brasileiro, que o conde de Bobadella, fundador e protector das indicadas academias, *concorreu desse modo para o progresso e civilisação de uma cidade que vivia occulta sob o véo da ignorancia.*

Ainda mais digna de louvor é a decidida disposição que tinha o illustre governador para animar os moços de talento, e os amparar na difficil e custosa carreira dos estudos. Um precioso exemplo d'esta feliz disposição devo eu apontar, empregando as proprias palavras de um escriptor brasileiro: «Por sua protecção poude José Basilio da Gama entrar para o seminario de S. José, e foi o braço forte e imponente desse fidalgo que conduziu á Europa o poeta brasileiro, que lá foi tornar mais sonora e instructiva a sua lyra.»

Do impulso que o conde de Bobadella dera ás lettras partiu a ideia do estabelecimento de uma officina typographica. Antonio Isidoro da Fonseca estabeleceu essa officina, da qual é curioso saber-se quaes escriptos sairam impressos:

1.º *Relação da entrada que fez o exm.º e rev. sr. D. Frei Antonio do Desterro Malheiros, bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia do anno de 1747, havendo sido seis annos bispo de Angola, d'onde por nomeação de S. M. e bulla pontificia foi promovido para esta diocese,* composta pelo dr. Luiz Antonio Rousado da Cunha, juiz de fóra, etc. Anno de 1747.

2.º *Em applauso do exm.º e rev. sr. D. Frei Antonio do Desterro e Malheiros, dignissimo bispo d'esta cidade.* Romance heroico in folio.

3.º *Collecção de onze epigrammas e um soneto*, aquelles em latim, este em portuguez, sobre identico assumpto.

Estas composições, que em si não têem

gastando...os 200$000 rs. annuaes que percebe dos seus officios.

Isto é bonito.

Li hoje n'um jornal que ha operarios que percebem aquella quantia annual, entretanto que alguns amanuenses de secretaria vencem o mesmo, e tem por obrigação *andarem decentes!*

Pelo que se vê *andar decente*, na phrase do escriptor, é calçar luva, bota de polimento, envergar um fato todos os oito dias, fumar charuto de 100 reis, ser assignante do theatro lyrico, estanciar no Chiado, palestrar á noite no Suisso ou no Marrare...

O operario não tem por obrigação *andar decente*. O operario, qualquer que seja a sua cathegoria d'elle, nas diversas artes e officios, póde calçar tamancos, andar em mangas de camisa, carapuça na cabeça, e cigarro brejeiro na orelha! Não lhe é preciso distrahir o espirito, e por isso prescinde do theatro, das luvas, e até de fato, que lhe deve durar..... seis annos pelo menos!

Laboram em erro os homens que não conhecem de perto as classes operarias. Para qualquer dos membros desta grande familia, 300 reis diarios chegam. Para o funccionalismo, os devoradores das rendas do thesouro, que tem um futuro mais ou menos remoto, e que pouco fazem,—mas que sempre encarecem os seus serviços,—dê-se-lhes grandes ordenados, porque sem elles não podem...fazer figura! Diz-se que as necessidades da vida não estão em relação entre estas duas entidades—operario e empregado publico. Pois não ha estabelecimentos artisticos e industriaes, onde é preciso que este se apresente decentemente vestido? E a par desta decencia, não é preciso sustentar outras muitas necessidades? Poderiamos citar esses estabelecimentos, mas é superfluo, porque os escriptores que assim tão de perto, e com tanto conhecimento de causa, avaliam as classes proletarias, conhecem-nos em demasia.

Nem isto é para admirar, porque está escripto no *Diario das Côrtes, com conhecimento de causa*, tambem, que um typographo percebe mais avantajado ordenado do que um tenente do exercito! Disse-o em pleno parlamento um trumfo no partido reformista, do tempo em que o meu sympathico amigo, o sr. bispo de Vizeu geria os negocios publicos, a *contento dos seus meninos*.

Deixemos, porem, isto, e tratemos de cousas alegres. Vamos á gazetilha do *Diario Illustrado*. E' sempre *badinne* o encarregado desta secção. No escriptorio de um certo jornal tem feito derramar muitas lagrimas. Nas locaes de hoje, diz:

A folha que estende e encolhe
Dos annuncios á mercê,
Certos dias na semana
Palavras que mal se vê!
Mas os seus muitos leitores,
Lastimando que desande,
Tiram desforra aos domingos,
Que então é que é *vida e grande!*

Picára-se a folha a que allude a gazetilha da mosca da celebridade, e, empertigada se rotunda, pretende ser o *alter ego* do jornalismo...de dez reis! Não tem porem razão o *Diario* para lhe andar sempre no encalço, abocanhando-lhe ideias, que jámais seriam patenteadas, se aquella não levasse já na sua peregrinação... dez annos de existencia. Pois seremos tão miopes de entendimento, que não reconheçamos os serviços prestados... á instrucção publica, pela citada folha? Pois não sabemos nós todos que já um escriptor de nomeada, em conversa particular, disse que se poderia dar á luz annualmente um bello volume, com as phrases... do obseso jornal... ao domingo? E quem assim contribue para a instrucção popular, é digno de que seja atassalhado nas suas ideias, nas phrases que despede todos os dias aos quatro ventos, unicamente *movido pela maldita inveja?* E' uma sem-razão, e, mais do que isto, uma sem-ceremonia!

Abre hoje o theatro de D. Maria com o drama *Marquez de Villemer*, em que o actor Santos tem um papel importante. Deve ter concorrencia, porque o publico está sequioso por theatro, assim como tem sede... de agua!

A proposito de theatro, está em via de publicação, e continua com regular andamento, a entrega dos fasciculos da *Bibliotheca theatral*, de que são editores os srs. Aristides Abranches e Agostinho e Mello. São raras as publicações que cumprem com tanta exactidão os seus compromissos, como esta. E' por isso que o favor e as sympathias publicas a auxiliam, augmentando dia e dia a lista dos seus já numerosos subscriptores.

O *Diario Illustrado* dá hoje a biographia do celebre caudilho José Garibaldi. Nasceu o heroe em Nice a 4 de julho de 1807, contando por tanto 67 annos. As enfermidades tem-n'o retido na ilha de Caprera, onde vive unicamente com tres pessoas, Mr. Basco, um homem de 80 annos, e uma velha cozinheira.

A sua habitação é das mais modestas.

O logar principal da casa, habitado pelo illustre caudilho, contem um fogão de sala, um leito, algumas cadeiras, um *étagere*, e a um canto da casa uma rima de livros.

Ha alli um busto em gesso do coronel Nullo, morto na Polonia, e um grande retrato a oleo do general americano Flores.

Desta fórma é mobilado o aposento mais rico da propriedade.

Produz a ilha de Caprera abundancia de amendoas, figos, e uvas, mas possue poucas laranjeiras e cidrões, e estes mesmos fructos foram para alli transplantados por Garibaldi, que é o proprio que os cultiva.

Abunda a ilha em cabras e em veados selvagens. Encontra-se ainda um grande numero de gatos e grandes cabras pretas, que dão caça aos frangãos.—A' beira mar, n'um pequeno porto, ha duas barcas: uma pequena, que faz o trajecto entre Caprera e a Magdalena, e outra grande de cerca de 9 metros de comprimento, destinada ás viagens de longo curso. Esta é abrigada debaixo de um alpendre a que Garibaldi chama o seu arsenal. Talvez estas informações não desagradem aos leitores do *Conimbricense*.

Partiu ha dias para Espinho, formosissima praia de banhos não longe do Porto, o sr. Rodrigo de Sexas, alferes de infanteria 16. Vae convalescer de uma melindrosa doença de que ha pouco fôra accommettido. Desejo ao seu patricio o mais prompto restabelecimento.

Continua ainda em Cauterets o distincto jornalista o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Foi lido com interesse e avidez o folhetim de s. ex.ª inserto no *Jornal da Noite* com o titulo *Nos Altos Pyrineus*. Tem curiosos esclarecimentos ácerca d'aquella localidade, e está escripto n'aquella linguagem vernacula e corrente, que é só de s. ex.ª e que não se pode imitar.

Li ha dias uma noticia de que o sr. Garraio estava escrevendo um drama intitulado *Os Tripeiros*, extrahido do romance do mesmo titulo, do fallecido Coelho Lousada. Não sei como se possa escrever um drama de um romance que não está completo; o mallogrado mancebo não chegou a concluir o primeiro volume daquelle seu consciencioso trabalho, que deveria constar de dois volumes. Quando elle se dedicava a este trabalho, assaltou-o uma tysica na larynge, que o tombou no tumulo n'uma edade prematura. Será um *meio drama*, ou terá o sr. Garraio de completar o que falta, o que não lhe será difficil, attendendo aos muitos conhecimentos de s. ex.ª.

Não me despeço do meu amigo, porque fico em Lisboa. Esta dita está reservada para os empregados publicos, que precisam de augmento de ordenado para...se divertirem.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

José Silvestre Ribeiro.—Temos sobre a nossa mesa de trabalho o IV tomo da *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia*, pelo sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro. E' um grosso volume de 489 paginas em 8.º grande.

A' extrema delicadeza de nosso respeitavel amigo, devemos a offerta de tão precioso livro.

E chamamos-lhe intencionalmente *precioso*, porque nesta obra, que o sr. José Silvestre Ribeiro está publicando, se acha methodicamente resumido, e conscienciosamente avaliado, o que estava disperso por um numero immenso de livros, muitos já hoje bem raros, ou tinha permanecido inedito em documentos existentes, quer nas secretarias de estado, quer na mão de individuos curiosos.

Só uma preseverança a toda a prova, e um estudo de muitos annos, é que pode dar em resultado publicações de tão elevado merecimento como este.

O sr. José Silvestre Ribeiro dividiu este IV tomo em duas partes.

Na primeira continuou a mencionar os estabelecimentos ou institutos do periodo de 1792 a 1826, com referencia a Portugal. A segunda é consagrada ao trabalho relativo ao Brasil, assim intitulado—*Apontamentos sobre a residencia da côrte portugueza no Rio de Janeiro com referencia á instrucção publica.*

A'cerca dos *seminarios* tanto no continente de Portugal, como nas ilhas e possessões ultramarinas, dá o sr. José Silvestre Ribeiro noticias abundantissimas e do maior interesse. Bastaria só esta parte, para o IV tomo ser de muito valor. Trata mais de *sociedades* de differentes especies nos dominios da instrucção publica; publica um substancial resumo das providencias para promover o ensino e o progresso da *agricultura*; e termina com a noticia dos *trabalhos geodesicos*.

Na segunda parte dá noticia das *academias, archivos, aulas, bibliothecas, collegios, conferencias, cursos, ensinos, estudos, imprensa, instrucção publica, jardins botanicos, laboratorios, museus, musica, seminarios, sociedades*, e *theatros*, que no Brasil datam da epocha da residencia da côrte portugueza, ou que, sendo anteriores foram melhorados ou aperfeiçoados.

E para tornar mais completa esta parte, acrescentou o sr. José Silvestre Ribeiro uma resenha dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos do Brasil na actualidade, abrangendo nesse quadro as associações da mesma natureza.

Na absoluta impossibilidade de resumir neste jornal especies tão variadas, tomamos a liberdade de transcrever, como amostra, no folhetim de hoje, o capitulo —*Impressão Regia no Rio de Janeiro*— e em outro folhetim pu-

grande valor, são comtudo muito apreciadas no Brasil, e com razão, por serem o primeiro trabalho typographico feito no Rio de Janeiro, e monumentos da existencia da primeira officina typographica da mesma cidade, e por ventura de todo o imperio.

Um historiador do Brasil, o sr. Varnhagen, fallando da officina de Antonio Isidoro da Fonseca, diz: «E ha quem creia que desses typos saiu clandestinamente a impressão do livro chamado *Exame dos bombeiros*, do lente da eschola de artilheria, Alpoim. O *Exame de artilheiros* livro do mesmo auctor, e muito mais raro que o primeiro, havia já sido antes impresso, e até, pela carta regia de 15 de Julho da 1744 fora ordenado ao corregedor do bairro de Alfama que o fizesse recolher, tomando-se como pretexto o não se cumprir nelle a pragmatica ácerca de tratamentos.»

O dr. Moreira de Azevedo, em um trabalho historico a respeito da imprensa no Rio de Janeiro, fallou tambem da especialidade que ora nos occupa, e assim se exprime:

«Ha suspeitas que saiu dessa officina a impressão clandestina das obras: *Exame de artilheiros* e *Exames de bombeiros*, escriptas pelo tenente de mestre de campo general José Fernandes Pinto Alpoim, e dedicadas ao sargento-mór de batalha, o capitão general do Rio de Janeiro e Minas, Gomes Freire de Andrade.»

No *Exame de artilheiros* vem indicada a impressão em Lisboa na officina de José Antonio Plates em 1744. Teve esta obra todas as licenças do santo officio, do ordinario, e do paço; mas não obstante estas licenças foi mandada recolher pela já citada carta regia de 15 de Julho de 1744.

O *Exame de bombeiros* saiu como impresso em Madrid na officina de Martinezabad (Martinez Abad) em 1748. É de formato em 4.º com 444 paginas: tem 18 estampas e o retrato de Gomes Freire de Andrade, gravado por José Francisco Chaves.

Pelas razões que o dr. Moreira de Azevedo e o dr. conego Fernandes Pinheiro desenvolvem, é plausivel a opinião de que taes obras foram impressas na officina typographica de Antonio Isidoro da Fonseca.

Explica-se a simulação que houve nestas impressões, pelo facto de ter sido mal recebida pelo governo de Portugal a noticia do estabelecimento de uma typographia no Rio de Janeiro. Levou-se a mal na metropole a auctorisação que dera Gomes Freire de Andrade, para que o Rio de Janeiro fosse allumiado pela imprensa, e não tardou que da côrte de Lisboa partisse ordem para que se acabasse com a officina typographica de Antonio Isidoro da Fonseca.

Lamentemos que as ideias d'aquelle tempo movessem o governo a impedir o desenvolvimento da civilisação, prohibindo o emprego de um instrumento poderoso e abençoado, que a Providencia parece ter predestinado para diffundir a instrucção, e levar a luz a todas as intelligencias humanas.

Em todo o caso, não é justo que sejamos severos em demasia, referindo e julgando o que se fez ha mais de um seculo pelo que se pensa e faz em nossos dias.

Longos annos esteve o Brasil sem officina typographica, até que chegou o de 1808, em que se fundou o estabelecimento de que neste capitulo estamos tratando.

Com sentido enthusiasmo celebra o dr. Moreira de Azevedo este acontecimento, dizendo:

«Para consolidar o seu poder na America deu a casa de Bragança nova organisação á antiga colonia; crearam-se diversas instituições, tribunaes, estabelecimentos uteis, academias, magistraturas, exercito e marinha. Em 1808, no mesmo anno em que se franqueavam os portos do Brasil ao commercio das nações, em que se creava uma cadeira publica de sciencia economica no Rio de Janeiro, o conselho supremo militar, o archivo militar, a mesa do desembargo do paço e da consciencia e ordens, a real academia de guardas marinhas, a fabrica da polvora, o erario regio, o conselho da fazenda, a real junta do commercio, o banco do Brasil e a escola anatomica, cirurgica e medica, *se estabeleceu a imprensa regia por decreto de 13 de Maio.*»

Ao reparar que este decreto era referendado por D. Rodrigo de Sousa Coutinho (depois conde de Linhares), tece o dr. Moreira de Azevedo um magnifico elogio a este grande ministro: «Foi o conde de Linhares o unico homem da côrte de D. João VI que comprehendeu as necessidades do Brasil. Vencendo as ideas mesquinhas de outros fidalgos, foi elle quem iniciou as medidas mais convenientes, quem inspirou as melhores providencias decretadas pelo principe regente. Mas pouco viveu no Brasil o habil estadista; falleceu em 26 de Janeiro de 1812.»

Para administrar a officina typographica, foi creada uma junta, composta de homens notaveis: o desembargador José Bernardes de Castro, José da Silva Lisboa (depois barão de Cayrú), Mariano José Pereira da Fonseca (depois marquez de Maricá), *Silvestre Pinheiro Ferreira*, Manoel Ferreira de Araújo Guimarães, e o rev. conego Francisco Vieira Goulart.

A respeito das caixas de imprensa do Rio de Janeiro no periodo de que tratamos, parece-me que á curiosidade dos leitores não desagradará saber o que dizia o *Correio Braziliense* no seu numero 5, com uma certa causticidade!

«...Saiba pois o mundo, e a posteridade, que no anno de 1808, da era christã, mandou o governo portuguez, no Brasil, buscar a Inglaterra uma Impressão com os seus appendices necessarios; e a remessa que daqui se lhe fez importou em cem libras esterlinas! Comtudo, diz-se que se augmentará este estabelecimento, tanto mais necessario, quando o governo até nem pode imprimir as suas ordens para lhe dar sufficiciente publicidade.»

José Silvestre Ribeiro.

blicaremos o capitulo—*Periodicos e diversos escriptos publicados no Rio de Janeiro durante a residencia da côrte portugueza.*

No V tomo, que já está preparado para entrar no prelo, tenciona o sr. José Silvestre Ribeiro expôr, em ordem chronologica, as noticias relativas á Universidade de Coimbra, no periodo de 1792 a 1826.

Depois proseguirá com as noticias relativas ao reinado da sr.ª D. Maria II, provavel termo do seu laboriosissimo trabalho.

Remateremos esta breve noticia, declarando que muito folgamos com a exactidão e consciencia com que é feita esta publicação pelo sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro. E' já tão frequente o ver apreciações e factos errados, ou sem a necessaria critica, que muito é para registar o apparecimento de uma obra como esta do sr. José Silvestre Ribeiro, para a qual o seu illustre auctor foi colher provas e os documentos nas melhores origens.

E' possivel que em obra tão vasta haja um, ou outro lapso; o que não admiraria, attenta a difficuldade da empreza e a fragilidade humana. O que, porém, se vê claramente, é que o illustradissimo escriptor empregou todos os meios ao seu alcance para que o seu trabalho seja consultado com proveito e segurança pelos leitores. Não é essa a menor utilidade desta obra.

Concluimos agradecendo ao nosso bom amigo o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro o seu valioso brinde, que por todos os motivos temos na mais subida conta; a que se junta a attenção que lhe merecemos, de ser a primeira, ou pelo menos uma das primeiras pessoas a quem se dignou enviar o seu livro.

José Agostinho de Macedo.—Ninguem nega a intelligencia do padre José Agostinho de Macedo; mas a moralidade é que ha todo o direito para se negar.

Versatil em doutrinas, deshonesto em linguagem, sanguinario em politica, é em tudo um caracter repugnante.

Possuimos um manuscripto *original* deste bom padre, revoltante pelo dezaforo da phrase. Começa:

Vejo a carta, Gastão, que não se explica.

O nosso amigo o sr. Innocencio Francisco da Silva, informa-nos que estes versos foram escriptos por Macedo em 1805. Formam uma especie de *parodia* ou resposta dada em nome do marquez de Alegrete a uma epistola laudatoria que lhe dirigira D. Gastão Fausto da Camara Coutinho, a qual se imprimira em Lisboa naquelle anno, e que é folheto hoje bastante raro.

Temos tambem uma copia manuscripta de uma violentissima satyra, dirigida por José Agostinho de Macedo contra os seus inimigos Pato Moniz, Couto, João Bernardo da Rocha, e outros. Principia assim:

PELO EXECUTOR D'ALTA JUSTIÇA

Assim o querem, assim o tenham.

Em torpe conselho, do Pindo as cigarras
Se uniram n'um molho na loja das parras,
Brejeira quadrilha, congresso maroto,
De quem divindades são ponche e xaroto;
A flux assentaram, sem pejo e sem medo
Roer nas obrinhas do triste Macedo;
Porem não podendo com fortes razões
A vida lhe atacam com falsos baldões.

E termina a extensa satyra pelos seguintes versos:

E todos mui surdos á voz da razão,
Quaes sempre tem sido, sandeus ainda são.
Mas eu sempre assento, que a descompostura
É só de taes asnos, marotos a cura:
Com baldas serão zurzidos por mim,
Se assim o quizeram, o tenham assim.

Se a decencia não obstasse á publicação desta satyra, ver-se-hia qual era a linguagem usada pelo celebre defensor da causa do absolutismo!

Sentença da relação do Porto por crime de injuria, em 1664.—«Accordão em relação, &. Vistos os autos, que a requerimento do denunciante, o doutor Francisco Moreira de Freitas, se processaram contra o reu Manoel da Costa Marques, sendo para isso citado na forma da lei:

«Mostra-se que sendo o auctor um desembargador de tão honrado procedimento e notoria limpeza, como se ha mostrado nos muitos logares, que ha occupado no serviço do dito senhor, o reu sem o respeito, ou a veneração que se lhe devia, publicamente em varias partes, e ainda nas casas da relação, com animo de injuriar ao denunciante, dissera que em uma causa, em que tencionou a favor de Manoel Ferreira Marques, que a dita parte lhe dera grande quantidade de dinheiro, e chamando ao denunciante nomes muito affrontosos, com grande desprezo de sua pessoa, e em grande dolo e malicia, só a fim de o affrontar; o que visto, e o mais que dos autos consta, e havendo respeito á qualidade do caso e estado do denunciante, e á grave offensa que este lhe fez, o condemnam a que com pregão em audiencia vá degredado por tempo de dez annos para Africa, e duzentos mil reis para o auctor, de emenda e satisfação, e vinte para as despezas; para o que tudo será preso, e paga a condemnação e custas, e feita no reu a execução do pregão, seja levado a cumprir seu degredo na forma ordenada.

«Porto 19 de Agosto de 1664.—Azevedo—Faria—Ribeiro—Costa—Mousinho—Magalhães.»

Exame e distribuição de premios na escola d'Atadoa—No dia 27 de Agosto findo, na casa da escola d'Atadoa, freguezia de Condeixa a Velha, concelho de Condeixa, estando reunidos os membros da commissão promotora da instrucção popular, o reverendo prior Antonio Nunes da Costa, presidente; Antonio Fernandes Thomaz, Manoel Simões Alegre e Wenceslau Martins de Carvalho, secretario; achando-se alli tambem o professor da escola, Caetano da Paz Brandão, e o professor de Condeixa Antonio Rocha da Fonseca, que previamente haviam sido convidados para o fim de se proceder aos exames dos alumnos; encontraram matriculados 73; não tendo frequentado a escola, depois da matricula, 14; achando-se presentes 52 meninos; e sendo o termo medio da frequencia 42,58.

E procedendo-se aos exames, interrogando-se os meninos que o professor julgava mais habilitados para serem examinados sobre as materias que fazem objecto do ensino, avaliando o seu merecimento relativo, e tendo em attenção as informações do professor, a respeito do seu comportamento moral, applicação, e assiduidade na frequencia, resultou de tudo serem julgados dignos de premio, 4 alumnos da terceira classe, 5 da segunda e 5 da primeira.

Na terceira classe foram julgados dignos de premio pela ordem do seu merito em escripta, os alumnos seguintes:

João, filho de Francisco Henriques Janeiro—Manoel, filho de José dos Santos Neto—Luiz, filho de Bento Rodrigues—e Antonio, filho de Manoel Rodrigues.

Na segunda classe:

Cesar, filho de Antonio Marques Caldeira—Francisco, filho de Manoel Martins—Joaquim, filho de Manoel Rodrigues da Santa Junior—Manoel, filho de Bernardino Duarte—e Antonio, filho de Antonio Paulo de Oliveira.

E na primeira classe:

Antonio, filho de Maria Felicia, viuva—Antonio, filho de Manoel Martins—José, filho de Joaquim dos Santos—José, filho de Bento Rodrigues—e Antonio, filho de José Antunes.

Tambem foram julgados dignos de premio—Joaquim, filho de Joaquim Alves—e Manoel, filho de José Joaquim, porque quando foram este anno matriculados com outros, estavam completamente analphabetos, e de entre elles, estes apresentaram muito aproveitamento.

Foi tambem premiado, José, filho de Joaquim Fonseca, por ser o alumno que tinha frequentado a aula com mais assiduidade, pois que não teve falta alguma.

Concluidos os exames se procedeu á distribuição dos 17 premios, que constavam dos seguintes livros—Leituras populares, instructivas e moraes, de Brito Aranha—Cathecismo de doutrina christã—e Arithmetica, que tinham sido offerecidos pelo reverendo prior o sr. Antonio Nunes da Costa e pelo sr. Wenceslau Martins de Carvalho, sendo entregues os livros aos alumnos pelo presidente da commissão promotora da instrucção popular.

A commissão reconheceu muito aproveitamento nos alumnos, e dirigiu por isso um voto de louvor ao professor pelo zelo e assiduidade com que se tem desempenhado dos deveres do seu cargo.

Tambem a commissão louvou os alumnos e animou-os a proseguir no exacto cumprimento dos seus deveres, exhortando os premiados para que continuassem pelo estudo e bom comportamento a tornar-se dignos de outras recompensas; e aos que o não foram, para que forcejassem por merecer para o fim do seguinte anno lectivo, a honra que hoje cabia aos seus condiscipulos.

E depois de agradecer ao digno professor de Condeixa, o sr. Antonio Rocha da Fonseca a boa vontade com que coadjuvou a commissão neste trabalho dos exames, lavrou de tudo uma acta, que por todos foi assignada, depois de lhes ser lida, para della se tirar uma copia que seria enviada ao dignissimo commissario dos estudos.

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maria da Conceição, filha de José Ribeiro Paulo e de Benedicta Emilia, de Coimbra, de 24 annos, fallecida no dia 22 d'Agosto.

João Benedicto, filho de Francisco Benedicto e de Lucinda Coutinho, de Coimbra, de 5 annos, fallecido no dia 23.

Roberto, filho de Bernardo Alves Affonso e de Maria das Dores, de Coimbra, de 45 dias, fallecido no dia 24.

Serafim dos Santos Cordeiro, filho de João Cordeiro e de Theresa Maria, de Farinha Podre, de 49 annos, fallecido no dia 26.

Alvaro da Silva Teixeira, filho de Bento Antonio Teixeira e de Rita Maria da Silva, de Coimbra, de 13 annos, fallecido no dia 26.

Dorothea de Jesus, natural de Coimbra, de 40 annos, fallecida no dia 27.

D. Libania Ferreira da Cunha Serrão, filha de João Gaspar d'Oliveira e de D. Rachel Leopoldina Cunha Serrão, da Figueira da Foz, de 42 annos, fallecida no dia 28.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5610.

Apresentação.—O reverendo sr. Manoel Cardoso de Figueiredo Nogueira, bacharel formado em Theologia, e parocho collado na egreja de S. João de Santa Cruz, da cidade de Coimbra, foi apresentado, precedendo concurso documental, na egreja parochial de Santa Maria Magdalena da cidade de Lisboa.

Roseira notavel.—No jardim da formosa e poetica quinta das Lagrimas existe uma corpulenta roseira, que attrae a curiosidade de todos os visitantes, porque tendo só um pé de grande grossura, forma uma abobada de verdura que abriga uma área de mais de 100 metros quadrados.

Pescarias.—Na Povoa de Varzim empregam-se na industria da pesca 415 barcos. Das suas praias saem annualmente mais de 120 mil canastras de peixe, que abastecem as provincias do norte. O valor desta pescaria é calculado em 270 contos de reis annuaes.

Saes do mar.—Calcula-se a quantidade de sal commum contida em todos os mares; em perto de 6 milhões de kilometros cubicos, isto é 5 vezes mais que a massa dos Alpes e um terço menos que a massa do Himalaya. O sulfato de soda equivale a mais de um milhão de kilometros cubicos, o que corresponde pouco mais ou menos á grandeza dos Alpes. O chlorureto de magnesia e saes de cal são em muito menos quantidade.

Mortalidade.—Pelas curiosas e interessantes observações do dr. Boudin parece averiguado, que em França o frio exerce mais funesta influencia que o calor na vida do homem, porque os mezes de mais obitos são os de Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março. Convem, porem, advertir, que as doenças proprias da estação calmosa não são menos perigosas, especialmente no tempo das epidemias.

Rendimento do correio—Diz o *Diario de Noticias* que o correio de Portugal rendeu no ultimo anno economico 495:732$ reis. A verba mais importante foi a dos portes para o Brasil, que subiu a 90:867$080 reis. Ora, sendo a despeza de 342:639$995 reis que o estado faz com o serviço postal, segundo o ultimo orçamento, houve pois um saldo, a favor do thesouro, superior a 150:000$000 reis.

Bulla da cruzada—O governo já approvou a proposta da junta geral da bulla da santa cruzada, auctorisando a distribuição da quantia de 34:932$000 reis, destinada a occorrer ao *deficit* accusado nos orçamentos de alguns seminarios diocesanos. A receita da bulla no anno de 1872-1873 subiu á quantia de 71:016$635 reis. Durante o anno consumiram-se 1.336:797 bullas, e frequentaram as aulas dos diversos cursos ecclesiasticos 1.820 alumnos, dos quaes 817 eram internos.

Officiaes carlistas—Chegaram a Lisboa, escoltados por uma força militar, os quatro officiaes carlistas que foram presos nos Arcos. Chamam-se: D. Vicente Cruzes y Gonzales, que se diz chefe de estado-maior do capitão general da Galliza; D. Francisco de Vera y Prado, tenente de cavallaria; D. Cesario Sabino y Fernandez, tenente de infanteria, e Louis Messey, tenente de cavallaria. O primeiro é já idoso e os restantes de pouco mais de vinte e cinco annos.

Novas publicações.—Recebemos hoje, e cumpre-nos agradecer as seguintes publicações:

La rebellion carlista, la religion católica, y la republica federal en España. Por Fernando Garrido.—Lisboa, livraria Internacional, 1874.

Associação typographica Lisbonense e artes correlativas—1873—*Relatorio da commissão administrativa—Relatorio da commissão de melhoramentos—Parecer da commissão de exame de contas—Relatorio da mesa.*

Declaração—Satisfazendo á pergunta que nos é feita no communicado que abaixo inserimos, cumpre-nos declarar que o nosso amigo o sr. Figueiredo e Veiga não é o auctor da publicação a que se refere.

«Espero dever-lhe a fineza de declarar num dos proximos numeros do *Conimbricense*, se eu sou ou não o auctor de um communicado, que v. publicou no numero 2826 do seu interessante jornal, no qual se fazem algumas accusações a um membro do conselho de familia do menor o exm.º Francisco Barreto, de Goes, bem como ao digno curador geral dos orphãos neste julgado. Agradecendo desde já o favor que peço, continuo a assignar-me.

Goes 29 de Agosto de 1874—De v. am.º etc.—*Francisco Augusto de Napoles Figueiredo e Veiga.*»

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 29, á noite—As canhoneiras allemãs estão ainda em Santander, apparelhando para Bilbau. O sub-secretario do ministerio de estado e o ministro da guerra deram a demissão. O general Gandara substituira este ultimo.

Madrid, 30 de manhã.—O «Imparcial» publica uma carta de Cabrera datada de 23 de Agosto e dirigida a seu cunhado Polo, na qual declara que continua a ser carlista. A «Iberia» assegura que Montenegro será nomeado sub-secretario dos negocios da guerra.

Paris, 29 á tarde—Foi marcado o dia 4 de Outubro para as eleições complementares de sete departamentos. Mac-Mahon declarou novamente em Saint-Nazaire a intenção que tem de sustentar o septenado. Bourgoing será provavelmente nomeado embaixador em Madrid. Armijo apresentara as suas credenciaes na segunda feira. Diz o «Moniteur» que as auctoridades francezas desarmaram um batalhão carlista de Puigcerdá por violação de territorio. Depois disso os carlistas tem-se mostrado mais cautelosos.

Bourg-Madame, 31.—O commandante da divisão de Perpinhão é esperado aqui para tomar medidas contra a violação de territorio. As canhoneiras «Nautilus» e «Albatros» partiram para Bilbau. Preparam-se alli festejos publicos para as receber.

Madrid 31 de manhã.—Annuncia a «Gazeta» que os defensores de Puigcerdá repelliram hontem dois assaltos. Os carlistas retiraram deixando armas e munições de guerra. Montenegro substitue Reyna no ministerio da guerra.

Madrid 29, á 1 h. e 15 m. da tarde.—Toda a imprensa está de accordo em que a Tertulia se declara republicana sem qualificação alguma, unindo-se ao partido de Castellar. O consul allemão em Bayona remetteu ao seu governo informações, provando a protecção que as auctoridades francezas prestam aos carlis-

tas na fronteira. Hontem as tropas republicanas fizeram alguns movimentos sobre pontos contiguos ao rio Zadorra no norte, desalojando os carlistas das suas posições, e abastecendo um destacamento. O jornal a «Iberia» assegura que a Russia reconheceu o governo de Serrano. Continua a resistencia de Puigcerdá. Alguns chefes carlistas tiveram conferencias em Hendaya, mas sem resultado.

Missa. — Na quinta feira pelas 8 horas da manhã, celebra-se uma missa na Sé Cathedral, por alma de Alvaro da Silva Teixeira. São convidados por este meio todos os amigos do finado que a ella queiram assistir.

Festividade. — No domingo, 6 do corrente, ha de ter logar a festa de Nossa Senhora da Piedade, em Cellas. De manhã havera missa cantada e sermão; de tarde *Te-Deum* e sermão, e em seguida sahirá a procissão costumada.

Na vespera haverá fogo preso, e tocará a philarmonica *Boa-União*.

COMMUNICADO

Sr. redactor do *Conimbricense*.

Em o n.º 2826 do seu acreditado jornal, apparece um communicado, em que se me imputam abusos commettidos, na qualidade de arrendatario dos bens que o menor Francisco Barreto Chichorro possue neste concelho, como herdeiro de seu tio do mesmo nome.

Convido o *zeloso* auctor desse communicado a declarar o seu nome, satisfeito o que, não tardarei em responder cabalmente ao que n'elle se contem, com referencia á minha humilde pessoa.

Pela publicação destas linhas se confessará muito agradecido quem, com todo o respeito, se assigna

De v. att.º vr.º e mt.º obgd.º

Goes, 30 de Agosto de 1874.

Manoel Nogueira Ramos.

ANNUNCIOS

1 QUEM QUIZER comprar um apparelho completo de photographia quarto, dirija-se á hospedaria do sr. João d'Aveiro. Quem vende ensina a photographia, querendo.

2 J. A. SOUSA REFOIOS, bacharel em Philosophia, e estudante do 2.º anno de Mecicina, lecciona Introdução aos alumnos que desejarem fazer exame em Outubro.

Rua da Trindade, n.º 38.

3 NÃO TENDO sido arrematada em tempo a conducção ao cemiterio dos finados nos hospitaes e indigentes desta cidade, vae á praça no dia de quinta feira proxima, 3 de Setembro, pelas 11 horas da manhã.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 31 de Agosto de 1874.

Pelo escrivão da Camara,

Adelino Augusto Vieira.

Attenção

4 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender pode dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

DOCTOR IN ABSENTIA

5 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

EMPREZA PROGRESSO MARITIMO DO PORTO

PAQUETES  PORTUGUEZES

Para o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, com escala por Lisboa e S. Thiago de Cabo Verde.

Sahirá no dia 8 de Setembro o vapor ALMEIDA GARRETT, commandante J. J. Rodrigues Contente.

Recebe carga para o Rio de Janeiro até o dia 5, e para a Bahia e Pernambuco no dia 6.

Para carga e passageiros, tracta-se no escriptorio da gerencia, rua dos Inglezes n.º 42.

Para mais esclarecimentos podem os srs. passageiros dirigir-se em Coimbra, á rua do Visconde da Luz, n.º 82 a 86.

7 TENDO A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA de mandar proceder á renovação dos covatos, no primeiro taboleiro da direita da entrada do cemiterio da Conchada, na forma das disposições do respectivos regulamento (art. 16), são por este meio avisados todos os que quizerem remover para sepultura propria os restos mortaes alli depositados ha mais de cinco annos, a fim de apresentarem nesta secretaria seus requerimentos dentro de 15 dias, contados da presente data. Findo este prazo não será admittida reclamação alguma, e terá inteiro cumprimento o disposto no art. 17, do citado regulamento.

E para constar se passou o presente. Coimbra, secretaria da municipalidade, 31 de Agosto de 1874.

Pelo escrivão da camara

Adelino Augusto Vieira.

8 FERNANDO DE GAMBOA VASCONCELLOS AYLLA, arrenda a sua quinta de Santo Antonio dos Olivaes, com casa para caseiro, adega, cavalharices e mais commodos rusticos. Tambem arrendará a casa nobre, se a renda e condições lhe convierem. Quem a pretender póde dirigir-se em carta a seu dono para Taboa, ou fallar com Bernabé de Mattos, residente em Santo Antonio dos Olivaes, que a mostrará, e dirá a renda que se exige, e condições della; devendo principiar o arrendamento dia de S. Miguel.

AGENCIA DO BANCO DO DOURO

COIMBRA

Largo das Olarias, n.º 11

9 NESTA AGENCIA sacam-se letras de cambio sobre diversas praças.

Descontam-se letras de cambio e da terra.

Fazem-se emprestimos:

sobre penhores d'ouro ou prata, titulos de divida publica, acções de Bancos e Companhias que mereçam credito, e até ás entradas realisadas;

sobre hypotheca de propriedades rusticas e urbanas, com amortisação ou sem ella;

sobre generos e mercadorias, que passem para poder d'agencia do Banco, effectiva ou symbolicamente;

sobre colheitas garantidas com fiadores;

as camaras municipaes e ás juntas geraes;

em conta corrente com garantia de hypotheca, ou de penhor de ouro, prata, titulos de divida publica e acções de Bancos e Companhias, que mereçam credito e até as entradas realisadas.

Em todas estas operações juro modico e as condições as mais favoraveis.

Recebe-se dinheiro em deposito, á ordem e a prazo, abonando-se aos depositantes juro rasoavel.

Coimbra 20 de Agosto de 1874.

Gavicho & C.ª

POSSIDONIO DA SILVA

10 TEM A SUA OFFICINA de esculptura em marmore de todas as qualidades, nacionaes e estrangeiros, onde se estão fazendo esculpturas, ornamentos, e monumentos de linda architectura, no Caes Novo, n.º 27 a 30, com deposito de marmores no armazem á Sota.

LOUÇA DA INDIA

11 NA LOJA do sr. Bernardo José da Silva, negociante na Calçada, n.º 36 e 38, vende-se um meio serviço de louça da India, azul.

FIGUEIRA DA FOZ

Largo do Carvão, n.º 2

DENTISTA

12 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 10 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com ellas; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

Ajudante de Pharmacia

13 PRECISA-SE de um que tenha pelo menos 4 annos de pratica. Adro de Cima, n.º 4 se diz.

Grande deposito de machinas de costura do auctor Singer

34, Rua do Visconde da Luz, 36

COIMBRA

14 AO ESTABELECIMNTO de José Texeira da Cunha chegou novo sortido de machinas para senhora, alfaiate, correiro e sapateiro: todas estas machinas cosem em fazendas finas ou grossas. Dão mil pontos por minuto e do tamanho que se queira. O ponto e entrelaçado no meio, e por isso mais seguro do que cosido á mão. Preços eguaes aos de Lisboa da unica casa sucursal.

Tambem ha troçaes, retroz, linhas brancas e de côr, agulhas, etc.

EDITOS DE 30 DIAS

15 PELO JUIZO DE DIREITO desta comarca de Coimbra, e cartorio de escrivão Adelino, abaixo assignado, correm editos de 30 dias, a contar do dia de hoje, chamando os herdeiros, os credores, e os legatarios desconhecidos, ou domiciliados fora da comarca, da fallecida Anna Catharina, casada, que era com Joaquim de Jesus, e moradora que foi no logar de S. Fructuoso, freguezia de Ceira, para assistirem, querendo, a todos os termos do processo do inventario da mesma, em conformidade do artigo 2048 do Codigo Civil.

Coimbra 31 de Agosto de 1874.

O escrivão,

Adelino Augusto Pereira de Carvalho

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

16 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fora 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Paro o **Rio de Janeiro:**

Barca=HUMILDADE=em 28 de Setembro.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

ATTENÇÃO

EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO

Praça de S. Bartholomeu, 19 a 21.

18 ACABA de receber um sortido de machinas de coser, de differentes systemas, como abaixo se declara, as quaes vende por preços commodos em attenção á boa qualidade.

Wheeler & Wilson e Elias Howe Ir.

Machinas de mesa
Ditas de meio cofre
Ditas de meio movel
Ditas de manivela a dois pespontos
Ditas a ponto de cadeia.

Alem das machinas tem oleos apropriados para ellas, assim como agulhas e linhas, que vende a retalho.

A annunciante deixou de ter o deposito das machinas de Singer, preferindo as que agora vende.

COMMENTARIO AO CODIGO CIVIL

POR

José Dias Ferreira

VOL. 4.º, ART. 1544 a 2166

19 Á VENDA na livraria Central de José Diogo Pires. Remette-se pelo correio a quem enviar 2$100.

NUMERO 2829 — SABBADO 5 DE SETEMBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Sairam com effeito de Portugal, obrigados por uma ordem do governo, os tres cavalheiros hespanhoes, que em Lisboa publicavam a folha socialista denominada a *Europa*.

O nosso jornalismo tem-se alargado em reflexões sobre o caso, que não é novo, e que encerra uma das mais duras medidas a que se vê obrigado um governo, que tem o encargo de manter illesa a autonomia do seu paiz, e de sustentar ao mesmo tempo a maxima neutralidade, quando se trata de negocios puramente particulares das outras nações.

As folhas apaixonadas da opposição, derrancando os factos, e inventando origens a seu talante, acharam aqui motivo para largas diatribes contra o reconhecido espirito liberal dos ministros, contra a tolerancia que desde ha muito preside á nossa governação, sem se lembrarem que nesse calumniar, em vão, póde muito bem ir compromettimento para o socego do paiz, no qual nos devemos empenhar.

Pela nossa parte já aqui demos conhecimento do facto ao leitores, e julgamos ser um bom serviço não aventar opinião sobre elle, em quanto não houver verdadeiro conhecimento das causas que o produziram.

Pode suppor-se que o governo mandasse sair aquelles estrangeiros sem motivo algum? Não. Isso seria absurdo, e nem vale a pena discutir semelhante hypothese.

Houve com certeza alguma causa que obrigou semelhante procedimento. Qual foi ella?

Eis aqui o que não sabemos, eis o que não sabe a opposição, eis o que o governo não póde nem deve explicar na folha official.

Todos sabem que em negocios internacionaes muitas vezes os proprios representantes da nação recebem informações em sessão secreta.

Não estará este nesse caso, mas é certo que o governo deve reservar-se até á abertura do parlamento, ao qual dará sem duvida conhecimento das razões que justifiquem o seu procedimento.

Não seremos nós quem o absolva se o acto se não justificar, ou por qualquer modo se poder taxar de tyrannico e subserviente ao estrangeiro.

Mas em quanto isso se não reconhece, apraz-nos antes suppor, (e cremos que não vamos fóra do melhor caminho) que o governo portuguez guardou inteira a dignidade nacional, e obrou em virtude de factos que reconheceu perigosos á boa harmonia, que, sem quebra de altivez, devem existir de nação para nação.

Publicamos em seguida a resposta ao communicado, que ha dias inserimos neste jornal, ácerca do relatorio da *Companhia Edificadora Figueirense*, e das suas contas, fechadas em 30 de Junho de 1874.

Sr. Redactor.

Forçados pelo auctor do communicado publicado no *Conimbricense* de 25 do mez findo a responder ás injurias que elle houve por bem dirigir-nos, pedimos a v. para esse fim um logar no seu interessante jornal, visto ter elle sido o escolhido para o ataque.

Começa o communicado pela seguinte pergunta:

«De quaes elementos se formou a verba de 1:178$400 rs., *em que importam as rendas dos edificios da Companhia?*»

A mesma pergunta encerra a resposta. Os elementos que formaram aquella verba foram as rendas dos edificios da Companhia durante o anno economico findo.

Mas o incognito accionista queria que, a direcção fizesse transcrever dos seus livros para o relatorio o rendimento, durante aquelle anno, de cada um dos ditos edificios, e isto, diz elle, para que se possa saber *o seu verdadeiro valor, e para que aquelle rendimento possa servir de guia a quem queira comprar ou edificar*.

Então o *verdadeiro* valor de uma casa conhece-se pelo seu rendimento? Porque uma casa se arrendou por pouco, ou porque não poude achar arrendatario, é licito concluir que ella vale pouco, ou mesmo nada?

E o individuo que quizer comprar ou edificar fará grande sacrificio em consultar por si, ou por outrem, os livros da Companhia?

Parece-nos pois que a omissão notada não é de grande monta.

No entretanto não temos duvida em satisfazer a curiosidade do accionista publicando a seguinte nota extrahida fielmente dos livros da Companhia.

Edificio n.º 1	rendeu	89$000
n.º 2	»	120$000
n.º 3	»	103$500
n.º 4	»	120$000
n.º 5	»	45$000
n.º 6	»	90$000
n.º 7	»	76$500
n.º 8	»	90$000
n.º 9	»	40$500
n.º 10	»	67$500
n.º 11	»	54$000
n.º 12	»	49$500
n.º 13	»	40$500
n.º 14	»	45$750
n.º 15	»	47$250
O barracão		68$000
O armazem de madeira		4$000
Casas junto ao escriptorio		6$000
Escriptorio		14$400
Quintaes		7$000
Total		1:178$400

E já que nos demos ao trabalho desta transcripção, permitta-nos o sr. accionista que lhe

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXI

Periodicos e diversos escriptos publicados no Rio de Janeiro durante a residencia da corte portugueza.

O decreto de 13 de Maio de 1808 mandou como já vimos, que se estabelecesse uma impressão regia na capital do estado do Brasil.

Debaixo do ponto de vista politico fóra impossivel que o estabelecimento typographico produzisse grandes resultados, attenta a circumstancia de ser então absoluto o systema de governação, e de não haver liberdade de imprensa que aos escriptores permittisse a expressão do pensamento com a devida publicidade.

Sómente podia imprimir-se, o que o governo consentisse ou ordenasse, e por consequencia não podia deixar de ser apoucada em seus resultados, no sentido politico, a indicada providencia typographica.

Foi fructo do referido decretamento, no campo jornalistico politico, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, impressa por ordem e sob a direcção e inspecção do governo; saindo a lume o seu primeiro numero em 10 de Setembro de 1808.

Esta *Gazeta*, o primeiro periodico politico publicado no Rio de Janeiro, era modelada pelo theor de sua irmã primogenita, a magrissima e rachitica *Gazeta de Lisboa*; contendo os actos, decisões e ordens do governo, a commemoração dos anniversarios natalicios da familia real e a das festas na côrte, odes e panegyricos ás pessoas reaes, e por descargo de consciencia dos redactores a noticia dos principaes acontecimentos da guerra peninsular, que lá iam resoar aos ouvidos da côrte, longe dos perigos e das calamidades de Portugal.

Felizmente saía de Inglaterra, paiz classico da liberdade, a luz que o governo do Rio de Janeiro tinha por conveniente esconder. Começou primeiramente a imprimir-se o *Correio Brasiliense, Armazem Litterario* (1808), e depois (1811) o *Investigador Portuguez em Inglaterra, Jornal litterario, politico*, etc., os quaes eram admittidos no Brasil, e até, segundo se disse, lidos pelo soberano.

Relativamente ao *Correio Brasiliense* diz um escriptor brasileiro: «...occupava-se seriamente com os negocios de Portugal e Brasil, prestando d'esta arte relevantissimos serviços. Redigia-o um distincto compatriota nosso (Hypolito José da Costa Pereira), e intitulava-se o *Correio Brasiliense, Armazem Litterario*. Começou a sair a lume em Junho de 1808 e continuou com a maior regularidade ate 1822, franqueando suas columnas as opiniões as mais adiantadas em politica e religião, o que valeu-lhe a defeza, imposta pela regencia de Lisboa, de penetrar em Portugal.»

Devo notar que o dr. Moreira de Azevedo dá ao redactor do *Correio Brasiliense* o nome de Hypolito José Soares da Costa, quando aliás o seu verdadeiro nome era o de Hypolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. No demais, elogia-o tambem grandemente, dizendo que Hypolito manifestara com a publicação d'aquella revista mensal o seu elevado talento e variada instrucção, e advogara todas as ideas que lhe pareciam uteis para o Brasil, concorrendo assim para o engrandecimento da sua patria.

Mencionamos o *Investigador Portuguez em Inglaterra*, e a respeito delle diremos que appareceu em Londres no mez de Junho de 1811 e findou em Fevereiro de 1819. Foi fundado pelo dr. Bernardo José de Abrantes e Castro, tendo por collaboradores o dr. Vicente Pedro Nolasco, e o dr. Castro, brasileiro, que se formara na Universidade de Edimburgo. A publicação era feita sob os auspicios do conde do Funchal, embaixador portuguez na côrte de Londres, e tinha por objecto combater as doutrinas do *Correio Brasiliense*. Em 1814 passou a redacção para José Liberato Freire de Carvalho, o qual pouco e pouco se foi desprendendo da influencia do conde do Funchal; mas assim mesmo o *Investigador* foi vivendo até ao anno de 1819.

O dr. Moreira de Azevedo diz que, depois que foi supprimida a publicação do *Investigador* em 1819, receberam os doutores Castro e Nolasco 400$000 reis cada um do governo do Rio de Janeiro.

Com razão diz a final, que se tornou notavel aquelle periodico, não só pelos artigos politicos, senão tambem pelo quadro synoptico que apresentava, em cada anno, da situação dos diversos paizes da Europa.

Não deve ficar no esquecimento, que em Janeiro de 1811 concedeu o conde dos Arcos ao arcebispo da Bahia a faculdade de escolher censores entre as pessoas illustradas, começando desde logo a publicação de uma gazeta, intitulada *A idade de ouro*. Assim o leio no *Resumo da Historia Litteraria* do dr. Fernandes Pinheiro, que se auctorisa com as *Memorias Historicas e politicas das provincias da Bahia*, pelo coronel Accioli.

Só depois da memoravel revolução de 24 de Agosto de 1820 (em Portugal) surgiram no Brasil os periodicos politicos, sendo que no anno de 1821 ascendiam já a grande numero, como logo veremos.

No que respeita a periodicos scientificos e litterarios, e a outros escriptos desta natureza, cumpre dizer que o estabelecimento typographico de 1808 produziu logo e successivamente foi produzindo bastantes fructos.

O *Patriota, jornal litterario, politico e mercantil*, foi impresso na officina da impressão regia desde o principio do anno de 1813 até ao fim de 1814.

Esta revista litteraria era dirigida pelo mathematico Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, natural da Bahia, lente da Academia

façamos notar a grande desproporção entre o rendimento das casas grandes, e a das pequenas, a que elle chama *casitas*, comparado com o seu respectivo custo; e que lhe perguntemos quaes d'ellas dão mais interesse a Companhia, ficando assim respondido o reparo que faz por ter a direcção construido as taes *casitas*.

As casas pequenas dão, e hão de sempre dar maior rendimento e hão de alugar-se mais facilmente; porque o numero dos ricos é, infelizmente, muito menor do que o das pessoas pouco abastadas.

Grande e muito boa é a casa do sr. conselheiro Forjaz; e no entretanto não nos consta que a tenha ainda alugada para Outubro e Novembro, apesar de annunciada para arrendar-se nestes mezes, desde o principio da epocha dos banhos. Se fosse mais pequena estaria já tomada para todos os mezes em que não quizesse habital-a o seu proprietario.

Em quanto ás edificações deste anno, notou o sr. accionista nellas *portas ottomanas, na altura, e miniaturas em largura*.

Sobre este inconveniente, se o é, falla a direcção no relatorio, e ainda assim, se ha alguma censura a fazer, é á assemblea geral, que determinou que se construissem casas economicas, e que tivessem o primeiro pavimento elevado, *pelo menos*, um metro acima das ruas; e não a nós, que apenas cumprimos as suas resoluções.

O segredo de fazer casas *elegantes e bem acabadas* pelo preço que custam as economicas, não o possuimos nós; pertence exclusivamente ao auctor do communicado.

Somos accusados de não licitarmos o forno da cal ultimamente comprado pela *Companhia Mineira e Industrial do Cabo Mondego*; e lança-se-nos em rosto o estarmos por esse motivo em contradicção com os desejos, que na assemblea geral de 1873 manifestámos em relação áquella acquisição.

O sr. accionista, que assistiu á dita assembleia géral, como mostra, deve saber que a razão porque a direcção pediu e conseguiu auctorisação para comprar o forno da cal, não foi para adquirir mais terrenos para edificação, porque desses tinha a Companhia, e tem ainda hoje, abundancia: mas para evitar que o terreno do forno fosse comprado por alguem que alli fizesse construcções, que podessem tirar vistas ás casas da *bairro novo*.

E não póde ignorar tão pouco, que ficou assentado que, no caso de poder a direcção adquirir o forno por preço rasoavel, o terreno que elle occupa, poderia ser aproveitado para construcção de cocheiras e cavalharices.

Pelo que respeita á primeira parte, vamos tranquillisar o sr. accionista, mostrando-lhe que a direcção conseguiu o desejado fim sem ter despendido um real.

Leia sr. accionista o seguinte officio:

«Companhia Mineira e Industrial do Cabo Mondego—Lisboa. — Lisboa 15 de Julho de 1874.—Srs. directores da Companhia Edificadora Figueirense—Figueira da Foz.—Tendo o delegado do conselho d'administração desta Companhia, combinado com essa direcção o não altear o muro fronteiro as casas d'essa Companhia, no terreno que esta Companhia comprou á fazenda nacional, por forma que tire a vista que actualmente tem aquellas casas, julgamos do nosso dever assim o deixarmos estipulado para futura garantia dessa Companhia. —Somos com particular estima e consideração de v. etc.—Pelo conselho d'administração (assignados) João Arthur Pereira Caldas, André Mendes Ferreira.»

Juigamos bastante este documento para socegar o sr. accionista, e a qualquer outra pessoa que receasse ver affrontadas as casas do *novo bairro* por edificações, que houvessem de levantar-se nos terrenos do forno da cal.

Agora, se lá se construissem cocheiras ou cavalharices, que reparo póde o sr. accionista fazer a isso, se tinha com o seu voto auctorisado a direcção a fazer eguaes construcções, no caso que adquirisse o mesmo terreno?

E fez bem o sr. accionista em votar por aquelle modo. Pois não se toleram identicas construcções nas mais populosas cidades, sem que d'ahi resulte prejuizo á saude publica? Não ha meios de evitar este mal?

E se as direcções passadas se não tivessem lembrado de aproveitar o barracão do *bairro novo* para cocheiras e cavalharices, onde haviam de metter os seus coches e trens as pessoas nobres, que o sr. accionista parece de preferencia desejar que sejam os habitantes do *bairro novo*?

Somos tambem accusados de não termos mencionado no relatorio as propostas que tencionamos apresentar na proxima sessão da assemblea geral.

E' esta, com effeito, a unica accusação fundada, que nos faz o sr. accionista. Reconhecemol-a, e della pedimos desculpa no proprio relatorio. O desejo de conferenciarmos antes de mencional-as, com os accionistas mais importantes e mais interessados na Companhia, deu logar áquella omissão, que não é sem precedente, como muito bem sabe o nosso accusador.

Podemos, porem, assegurar-lhe que alem das propostas, que se referem ao alargamento d'alguma rua, e os preços dos terrenos, os quaes foram, ainda assim, indicados no relatorio, apenas se apresentará a que se refere ao emprego do capital disponivel até ao fim do corrente anno economico; e se lembrar mais alguma, não será por certo de tamanha importancia, que careça de longa meditação.

Em quanto á proposta para distribuição de dividendo, a que allude o sr. accionista, por certo que não apparecerá ella ainda este anno; pelo menos por iniciativa da direcção. E quer o sr. accionista saber a razão? E' porque a Companhia, não obstante o augmento dos seus rendimentos, e o maior numero dos seus edificios, não tem ainda lucros que valham a pena dividir.

Se o accionista viu a conta de *ganhos e perdas*, deve ter notado que os lucros liquidos foram apenas de 207$315 rs.; ora esses lucros, descontando o que se deve retirar para fundo de reserva, não dariam para um dividendo de 400 rs. por acção. E não seria ridiculo tal dividendo?

O sr. accionista sabe que o dividendo não é nenhuma coisa mais do que rateio de interesses entre os associados. Não póde pois fazer-se dividendo do capital destinado para as edificações.

Quando os lucros se elevarem como é de esperar, á sommas mais importantes, então se farão dividendos que hão de satisfazer aos accionistas.

Insiste ainda a direcção, contra a opinião do sr. accionista, em que é conveniente não edificar a Companhia de conta propria em terrenos, que pela sua posição offereçam mais prompta renda, fazendo tão somente as suas construcções nos terrenos menos procurados, para as avizinhar, e dar-lhes valor que agora não tem.

Acham-se no primeiro caso os terrenos que ficam em seguida á casa do sr. Dr. Paes, e todos os d'aquelle quarteirão: não devem por isso ser applicados para edificios da Companhia.

Os maiores interesses d'ella, estão sendo, e hãode ser sempre provenientes da venda dos seus terrenos. Por tanto aproveitar para edificações os terrenos inferiores, dando-lhes assim maior valor, e os vizinhos, será sempre uma medida de boa administração.

Acha o sr. accionista inconveniente a aglomeração de casas no novo bairro por tirarem as vistas do mar umas ás outras.

Esse inconveniente é inevitavel, logo que continuem a povoar-se os seus terrenos.

Para que elle se não desse, seria preciso alterar completamente a planta do bairro, que tem a approvação do sr. accionista na assembleia geral respectiva, ou pelo menos, contra a qual nunca protestou.

E quando se podesse fazer hoje essa alteração, o que é impraticavel, ainda assim não ficariam todas as casas com vistas para o mar.

Veja o que tiveram de fazer os srs. Ferrões para conservar algumas, estando ainda sujeitos a perdel-as, se no terreno do sr. conselheiro Silva, ou no outro para alem da *Rua da Alegria*, vier a fazer-se alguma edificação.

Parece-nos que temos respondido aos principaes reparos do communicado.

E agora, seja-nos permittido perguntar ao publico imparcial, se será generoso que o incognito accionista tenha vindo com esses reparos para as columnas de um jornal, e isto a titulo de amizade, quando podia fazel-os por si ou por seu procurador, na já tão proxima sessão da assembleia geral?

Perguntaremos se haverá conveniencia em desgostar com esse procedimento a homens que acceitaram com repugnancia, e só por não poderem resistir ás instancias de amigos, o cargo de directores; e homens occupadissimos, e que, para tratar dos interesses da Companhia, tem muitas vezes de abandonar os seus proprios; e que nunca perceberam pelo seu trabalho remuneração de especie alguma?

Esta direcção tem gerido os negocios da Companhia, como lh'o tem permittido as suas limitadas forças. Não aspira a elogios. Mas entende que tem direito a ser tratada com mais indulgencia.

Pedimos, por ultimo, ao zeloso accionista o favor de deixar o incognito, revelando-nos o seu nome; e póde contar com o nosso voto, para o cargo de director, nas eleições da proxima assembleia geral. Sahindo eleito terá occasião de pôr em pratica as doutrinas que apresenta, das quaes a Companhia tirará excellentes resultados.

Pela inserção desta correspondencia ficarão summamente obrigados a v. os

De v. mt.ᵒ att.ᵒˢ e v.ʳᵉˢ

Figueira da Foz, 1 de Setembro de 1874.

Os directores da Companhia Edificadora Figueirense,

Bernardo Augusto Lopes
Manuel Augusto Lopes
Manuel da Costa e Silva.

Militar do Rio de Janeiro; e tinha por collaboradores Silvestre Pinheiro Ferreira, Domingos Borges de Barros (depois visconde da Pedra Branca), José Saturnino da Costa Pereira, José Bonifacio de Andrada e Silva, Marianno José Pereira da Fonseca (depois marquez de Maricá), e outros homens de lettras.

Com taes collaboradores não admira que o *Patriota* mereça ao dr. Fernandes Pinheiro a seguinte apreciação: «Contem documentos (ineditos) de grande importancia e relativos á historia politica, litteraria, ecclesiastica, etc., do Brasil e de Portugal; bellissimas poesias, succulentos artigos, concernentes á industria, sciencias e artes, e de varios outros assumptos apreciaveis e difficillimos alguns de encontrar. Ouvem-se alli os primeiros vagidos da critica, e o verbo balbuciante das discussões scientifico-litterarias.»

. . . .

Vimos tambem um artigo offerecido ao Instituto Historico do Rio de Janeiro pelo seu socio correspondente, o sr. Francisco de Sousa Martins, intitulado: *Progresso do Jornalismo no Brasil.*

Desejando aproveitar todos os esclarecimentos e confirmar ou completar, quanto caiba no possivel, o que escrevemos, damo-nos por obrigado a extrair desse artigo as noticias que nos ministra até ao anno de 1821, omittindo as demais por serem posteriores á residencia da côrte no Rio de Janeiro.

Diz o articulista, que no fim do anno de 1808 principiou a publicar-se naquella cidade a *Gazeta do Rio de Janeiro*, redigida pelos officiaes da secretaria dos negocios estrangeiros, aos quaes pertencia de propriedade. Era pequenino o formato, de quarto de folha de papel almasso.

Occupava-se quasi exclusivamente com as noticias da guerra que então ardia na Europa contra o poder de Napoleão Bonaparte; com a publicação de alguns poucos actos officiaes, principalmente despachos de empregados publicos; e de raro em raro com alguns annuncios das composições litterarias que saíam á luz.

Na mesma epocha principiou a escrever-se na Bahia outro periodico, no mesmo formato, com o titulo de *Idade de Ouro do Brasil*; e apparecia duas vezes por semana, como a *Gazeta do Rio de Janeiro.*

Desde o anno de 1808 a 1820 teve a imprensa periodica do Brasil apenas dois apoucados orgãos, que alias difficilmente poderiam sustentar-se sem os favores do governo; *tão escasso era nessa epocha*, diz o articulista, *o gosto da leitura jornalistica, que actualmente constitue um goso essencial á grande parte da nossa população!*

Depois da memoravel revolução de 1820 em Portugal surgiram no Brasil as publicações periodicas, communicando-se aos brasileiros o enthusiasmo dos portuguezes pela liberdade.

O articulista, invocando o testemunho de Balbi (*Essai Statistique du royaume de Portugal*), diz que existiam no Brasil, no anno de 1821, os seguintes periodicos:

Em Pernambuco: *Aurora Pernambucana; O Segarrega.*

Na Bahia: *Idade de Ouro; Semanario Civico; Diario Constitucional.*

No Rio de Janeiro: *Gazeta do Rio de Janeiro; Amigo do Rei e da Nação; O Conciliador.*

Pondera o articulista, que estes oito periodicos, e os que depois se seguiram, quasi exclusivamente se occupavam com politica de dia, com censuras aos empregados publicos, ou correspondencias virulentas, e com planos mais ou menos phantasticos de reformas! descurando alias os interesses moraes e materiaes dos povos. A imprensa periodica estava na sua infancia, e por isso não admira que não se conformasse mais com a sua missão civilisadora. Oxalá que hoje mesmo essa imprensa merecesse em toda a parte as benções, o respeito, a gratidão dos povos!

Sobre a influencia da revolução de 24 de Agosto de 1820, no que toca á imprensa periodica no Brasil, tambem o dr. Moreira de Azevedo dá noticias que devemos registar.

Repercutiu no Brasil, diz elle, o movimento constitucional que appareceu em 1820 em Portugal; produziu agitação no espirito publico, despertando o povo do estado de apathia e lethargo em que vivia submergido. Saudou elle com enthusiasmo as ideias novas de constituição e liberdade que partiam do outro lado do Atlantico. Novos orgãos se fizeram ouvir na imprensa, havendo em 1821 os seguintes periodicos:—*Amigo do rei e da nação;—Sabbatina familiar;—Patriota;—Conciliador do reino unido;—Constitucional;—Reverbero;—Malagueta.*

No anno de 1821 nasceu o *Diario do Rio de Janeiro*. Foi ao principio impresso na typographia regia, em papel almasso, e formato de 4.º—Zeferino Victor de Meirelles, que estabelecera o *Diario*, publicou-o depois em imprensa de sua propriedade, e adoptou o bem entendido estilo de inserir annuncios e noticias locaes. O povo, em allusão ao preço de cada numero, deu ao periodico o titulo de *Diario de vintem*; assim como o titulo de *Diario da manteiga*, por ter sido o primeiro que publicou o preço dos generos e outras noticias economicas, commerciaes, etc.

Estas particularidades não são indifferentes; mostram o que são as coisas nos seus principios, e a estranheza que fazem certos estylos e praticas nos primeiros tempos, quando alias mais tarde se tornam regulares, normaes, e como um habito racional pela continuação do uso.

Desgraçadamente o fundador do *Diario do Rio de Janeiro* foi victima de uma prepotencia atroz, como refere o dr. Moreira de Azevedo nos seguintes termos:

«Victor de Meirelles, que creara no paiz um jornal diario e util ao commercio e á economia domestica, soffreu grave perigo por causa de um annuncio que appareceu na sua folha. Conservando um individuo de familia importante a sua filha em carcere privado, veiu no *Diario* um annuncio denunciando esse crime: no dia seguinte, ao abrir a porta da officina, recebeu Meirelles um tiro na face, que o deixou ferido; porem restabeleceu-se, vindo a fallecer algum tempo depois.»

É lastima que não se declare o nome do brutal aggressor que aspirava a ser assassino effectivo; assim seria votado á execração da posteridade, do mesmo modo por que ha de sempre causar horror o crime, o duplo crime do fidalgo ou poderoso enfatuado.

José Silvestre Ribeiro.

COMMUNICADO

Sr. redactor—Em resposta, na parte que me diz respeito, ao communicado inserto no *Conimbricense* n.º 2826, de 25 de Agosto do corrente anno, com relação ao menor, sobrinho e herdeiro de Francisco Barreto, tenho a dizer, que se o curador tem consentido que o arrendatario da casa de Goes pertencente ao mesmo menor, tenha sido um dos membros do conselho de familia, é porque esse sujeito foi indicado ao juiz do inventario para vogal do conselho pelo proprio pae do menor, em tempo que já era arrendatario da mesma casa.

E como do inventario não consta que o arrendatario deva quantia alguma ao menor, parece-me que por esse simples facto de ser arrendatario ou rendeiro da casa se não pode para o presente caso applicar o disposto no n.º 4 do artigo 234 do codigo civil, invocado pelo auctor do communicado.

Em quanto ao procedimento do mencionado membro do conselho de familia com relação ao decote de um immenso olival, como se diz no communicado, e do qual só tive noticia pelo mesmo, espero pela discussão entre o arrendatario e o auctor do anonymo, para depois fazer um juizo mais seguro da questão e promover o que convier aos interesses do menor, protestando desde já não voltar mais á imprensa por tal motivo.

Pela inserção destas linhas lhe ficará muito obrigado o de v. cr.ª mt.º venerador.

Goes 2 de Setembro de 1874.

A. Cunha e Frias.

Os abaixo assignados, compenetrados do mais intimo pezar pela sentida morte da exm.ª sr.ª D. Anna Carolina de Azevedo Carvalho, esposa do exm.º sr. Dr. José Ildefonso Pereira de Carvalho, dignissimo juiz de direito desta comarca de Soure, vem por este meio, prestando a devida homenagem ás eximias virtudes, que ornavam a illustre finada, dar um publico testemunho da sua profunda magua por tão infausto acontecimento, que cobriu de luto uma das auctoridades mais respeitaveis e distinctas, que tem vindo a esta comarca, onde s. ex.ª é geralmente estimado pelas nobilissimas qualidades que o distinguem, como homem, e pela imparcialidade, rectidão e intelligencia com que administra a justiça.

Soure 3 de Setembro de 1874.

Antonio Maria da Cunha e Silva
José Francisco Rodrigues
Leonel Ferreira da Portella
Antonio Augusto da Fonseca Neves
João Maria de Moura Mattoso
José Antonio Moreira Junior.

NOTICIARIO

Miguel Eduardo Lobo de Bulhões.—Acabamos de ser obsequiados com um exemplar da seguinte publicação:

Paris na America, traduzido do francez, por M. E. Lobo de Bulhões—Lisboa: editores Rolland & Semiond, rua Nova dos Martyres, 3—1874.

Com quanto ainda não tivessemos tempo de ler esta traducção do livro de Mr. Eduardo Laboulaye, podemos dizer sem hesitar, que é uma das melhores publicações que se tem feito nestes ultimos annos.

Possuimos uma traducção hespanhola, edição de Madrid, por onde podêmos já ha muito avaliar este bello livro. O amigo que nol-o offereceu tinha a sua doutrina em tanto apreço, que lhe escreveu no principio estas palavras—*Versatae diurnae, versatae nocturne.—Lede-o, dia e noute.*

As repetidas edições em francez, e as traducções em quasi todas as linguas, são a confirmação mais cabal do seu merecimento.

Em quanto ao valor da traducção que agora sahe á luz, bastará dizer que é feita pelo sr. Bulhões.

Este illustrado escriptor é chefe da repartição de contabilidade do ministerio da marinha, e tem grangeado justo credito pelas suas publicações, que todas tem o cunho da utilidade pratica, e são filhas de um severo e consciencioso estudo.

Principiou a ser vantajosamente conhecido em 1867, com a publicação do seu interessante opusculo—*La dette portugaise*, o qual se esgotou promptamente.

Animou-se, por isso, a publicar em portuguez, no mesmo anno, o seu outro opusculo—*A divida portugueza*; a que depois se seguiu mais outro com o titulo—*La réforme de l'administration civile.*

Além disso, o sr. Bulhões, publicou em 1863 na *Gazeta de Portugal*, e modernamente tem publicado na *Correspondencia de Portugal* differentes artigos, da mais elevada importancia. Ainda ha pouco tempo sahiu á luz neste ultimo periodico, um artigo acerca do *Papel moeda*, que ha de ser sempre proveitosamente consultado por quem quizer estudar este assumpto.

Tambem se póde ver na *Revista de Portugal e Brasil*, do mez de Abril do corrente anno, um artigo muito valioso do sr. Bulhões, a respeito dos *Dizimos.*

E' o sr. Bulhões o auctor das curiosas *ephemerides*, que diariamente se estão publicando no *Paiz*, jornal de Lisboa. Tornam-se essas *ephemerides* muito apreciaveis, não só pela variedade das noticias, como pela exactidão dos factos e das datas. São rarissimos os lapsos que alli temos notado.

E finalmente, a academia de jurisprudencia de Madrid honrou o sr. Bulhões com o diploma de seu socio, o que é uma prova do excellente conceito em que tem este nosso distincto escriptor.

Por tudo isto se vê a razão que temos para esperar que seja perfeita a traducção do livro—*Paris na America.*

Resta-nos agradecer o exemplar que recebemos.

Asylos da infancia.—Uma das melhores instituições, que depois da restauração do systema liberal, se crearam em Portugal, é sem duvida a das casas de asylo da infancia desvalida. Não só na capital, mas em Coimbra e outras terras do reino se abriram estas casas beneficas, onde a infancia tem achado abrigo, subsistencia e instrucção.

Do asylo de Coimbra temos fallado por muitas vezes. Hoje diremos algumas palavras acerca dos asylos da capital, pois que se nos offerece ensejo para isso, no *Relatorio e contas das casas de asylo da infancia desvalida de Lisboa*, relativo ao anno de 1873, e que hontem recebemos.

São 8 os asylos na capital. Existiam no dia 1 de Janeiro de 1873, entre rapazes e meninas, 839 alumnos; entraram durante o anno 289; saíram em egual periodo, 268; ficaram existindo em 31 de Dezembro, 860.

A despeza total foi de 17:008$429 reis. Excluindo a quantia de 5:923$316, applicada para despezas extraordinarias, reconhece-se que o custo da alimentação e educação de cada alumno foi de 15$933 rs.

Os asylos da infancia de Lisboa tem já dado educação a 8:031 creanças. Por isso se vê quantos louvores merecem as zelosas direcções destas casas de caridade, e todos os bemfeitores que para ellas tem concorrido.

Associação dos Artistas de Coimbra—E' grave a situação da *Associação dos Artistas de Coimbra*. Por muitas vezes temos neste jornal instado para que a sociedade tome as providencias indispensaveis, que assegurem a sua existencia. E não é só de hoje este nosso pensar; data já de ha annos.

No artigo que publicamos em o n.º 2298 do *Conimbricense*, de 3 de Agosto de 1869, com o titulo—*Associações de soccorros mutuos de Coimbra*—ahi diziamos:

«Parecem-nos demasiadas as garantias que se concedem á *Associação dos Artistas*. É negocio em que se deve pensar maduramente. Ou diminuição de garantias, ou augmento de quota semanal: algum destes expedientes se deve tomar.»

O tempo veiu infelizmente confirmar as nossas profecias. A receita extraordinaria tem diminuido; e entregue a associação aos seus proprios recursos, todos os mezes se vê augmentar o alcance.

É por isso que o conselho da *Associação dos Artistas*, na sua sessão de quinta feira, resolveu, sob proposta do digno presidente o sr. Olympio, que logo no principio de Outubro proximo, se convoque a assembleia geral, para resolver o que lhe parecer, a fim de atalhar ás difficuldades com que está lutando esta sociedade.

Rodrigo da Costa.—Falleceu hontem em avançada edade o sr. Rodrigo da Costa, impressor da imprensa da Universidade. Suppomos com bom fundamento, que era o impressor mais antigo, que havia em todo o reino, pois que já trabalhava naquelle estabelecimento quando o exercito de Massena entrou em Coimbra em 1810.

Ainda que nestes ultimos annos já não trabalhava como impressor, não deixava por isso de comparecer todos os dias na imprensa, a fim de prestar os serviços que a sua edade lhe permittia.

Era dotado de excellentes qualidades, e todos os operarios e empregados da imprensa da Universidade tinham para com elle as deferencias devidas á sua edade, e antiguidade na casa.

Asylo de mendicidade.—Estão actualmente neste estabelecimento de caridade 50 asylados, incluindo homens e mulheres. No verão é absolutamente impossivel admittir mais, attenta a pequenez da casa. No inverno passado estiveram 57.

E' na verdade para lamentar que havendo meios para admittir muito maior numero, o não possa fazer a zelosa direcção, por não ter casa com a capacidade necessaria.

O tratamento dos asylados é muito bom, e em geral todos alli estão satisfeitos.

Casa de retenção.—São geraes as queixas por causa da pessima casa que ha na cadeia de Santa Cruz, applicada para a retenção temporaria dos presos, e a que se dá o nome de *casa de retenção*.

Aquillo não é habitação de homens, é jaula de feras.

Muitas vezes temos pedido providencias a este respeito, e hoje as repetimos.

—Já depois de escripta e até estar composta esta noticia, recebemos d'um nosso amigo a seguinte communicação acerca do mesmo assumpto.

«Em nome da civilisação, em pró da humanidade, e pelo respeito á lei, peço ás auctoridades superiores ou subalternas, administrativas ou judiciaes, que, se para isso tiverem animo, inspeccionem a chamada — *casa de detenção* — na cadeia de Santa Cruz, em Coimbra, para se sobr'estar no deshumano systema de mandar um individuo qualquer para uma casa indecente, indecorosa, mephytica, pavorosa, insalubre, immunda, asquerosa, doentia, repugnante, affrontosa, hedionda, aviltante, ignobil, pestilenta, horrivel; emfim, uma jaula, em que não poderiam persistir feras, e onde arbitrariamente se conservam homens, durante muitos dias, sem que haja quem olhe por isto.

«Faço este pedido; e como cidadão protesto contra o abusivo, despotico, e torpe systema de mandar um individuo qualquer para uma casa em taes condições; o que se não acreditaria que succedesse na mais reles das aldeias, e se pratica nesta cidade.—*O.*»

Policia municipal.—Um nosso amigo nos pede que chamemos a attenção dos empregados da policia municipal, para muitos factos irregulares, que se praticam na cidade, em transgressão do respectivo regimento. Para exemplo indica-nos os seguintes:

«Caminhava eu pelo passeio proximo á livraria do sr. Melchiades, e em direcção opposta vinham quasi a par tres criadas de servir com cantaros cheios d'agua á cabeça (o que está em opposição ao regimento de policia, artigo 16, n.º 3); tive de descer do passeio para me não sujeitar a levar um banho geral, pouco agradavel, por ser forçado.

«Na mesma rua, dous dias depois, vinha eu passando proximo a uma padaria, se pé da rua dos Gatos, quando uma criada chega á porta com um alguidar d'agua, ao que me pareceu não muito limpa, e, sem a menor precaução, despeja-a mesmo sobre o passeio (contra o regimento de policia, artigo 15, n.º 5, e ainda artigo 16, n.º 1) que ficou em lastimoso estado, tendo eu de descer para me livrar do risco de dar uma queda fatal, pois accresce a circumstancia de ser naquelle local o passeio algum tanto inclinado para o leito da rua.

«Eis o que se passa nas ruas mais publicas e principaes de Coimbra!»

Aljubarrota.—A empreza da *Bibliotheca Universal*, publicou o n.º 8 da sua *Educação popular*. Tem por titulo—*Aljubarrota.*

Este nome é tão sympathico aos portuguezes, que escusado será o recommendar a leitura de um livro que trata de um dos mais heroicos feitos desta nação. Acresce o ser tão interessante historia escripta pela habil penna do sr. Pinheiro Chagas.

A empreza da *Bibliotheca Universal* tem sido muito feliz na escolha dos assumptos para a sua *Educação popular*.

O numero 9, que já está no prelo, é a *Historia do corpo humano.*

Cada volume custa por assignatura a modica quantia de 160 rs., e avulso 200 rs.

Bibliotheca Rosa Illustrada—Os srs. Lallemant Frères, que já mimosearam o publico com os seus interessantissimos romances—*Que amor de creança*, pela condessa de Segur; e *A casa do saltimbanco*, por madame de Stoltz; vão agora publicar outro romance do mais alto merecimento—*Infancias celebres*, por madame Luiza Colet, traduzido pelo sr. Pinheiro Chagas.

Na impossibilidade de transcrever todo o prospecto desta interessante publicação, limitar-nos-hemos aos seguintes periodos.

«O livro, admiravel dadiva para creanças, que têem nelle por assim dizer a sua historia especial, e que nelle encontram, a par das formosas gravuras, a interessante narrativa, não é só para ser lido por ellas; nelle encontrarão os adultos leitura que os captiva e instrue.

A auctora faz-nos conhecer interessantes episodios da infancia de PICO DE MIRANDOLA, o sabio universal, de BERTRAND DU GUESCLIN, o cavalleiro heroico, de FILIPPO LIPPI, o celebre e distincto pintor, de AMYOT, o admiravel traductor de Plutarcho, de AGRIPPA D'AUBIGNÉ, o austero protestante, o companheiro de Henrique IV, o poeta ardente dos Tragicos, o historiador e o satyrico, de GASSENDI, o grande astronomo, de TURENNE, o general eminente, de JOÃO BART, o audacioso marinheiro, de RAMEAU e de MOZART, os celebres maestros, de POPE, o correctissimo poeta, e de FRANKLIN, o homem da sciencia e da liberdade, que roubou o raio ao ceu e o sceptro aos tyrannos, e finalmente de LINNEU, o grande naturalista.

Portugal, como quasi sempre, era esquecido neste livro estrangeiro, e não encontrou logar na historia, escripta por madame Luiza Colet. Entenderam os editores que deviam supprir esta lacuna, e incumbiram o erudito traductor de accrescentar ao livro tres episodios portuguezes. Procurou elle approximar-se, tanto quanto lhe foi possivel, da maneira da auctora; narrou tambem factos historicos da vida de D. NUNO ALVARES PEREIRA, o grande condestavel, de BOCAGE, o inspiradissimo poeta, finalmente o caso celebre dos FILHOS DE PHILIPPA DE VILHENA, eterna gloria da adolescencia portugueza.

Parece-nos este livro um dos mais interessantes da BIBLIOTHECA ROSA ILLUSTRADA, e suppomos que encontrará um merecido successo.»

Ministro do reino.—O sr. Antonio Rodrigues Sampaio, que tinha ido passar algum tempo nas aguas de Vidago, já regressou a Lisboa.

Noticias de Angola.—Por noticias de Angola consta que os chefes das divisões de Ambaca, Hari e Peri se sublevaram, ameaçando atacar o concelho. Marcharam 200 homens da primeira linha e 600 da segunda, commandados pelo major Beltrão. Em Loanda appareceram proclamações em favor da independencia.

Ministerio hespanhol.—Deu a sua demissão o ministerio hespanhol e foi formado outro pela seguinte forma: — Presidencia reino, Sagasta; estrangeiros, Ulloa; justiça, Alonso Colmenares; guerra, Serrano Bedoya; fazenda, Camacho; obras publicas, Navarro Rodrigo; ultramar, Romero Ortiz; marinha, Rodriguez Arias.

ANNUNCIOS

PEDIDO

1 ROGA-SE ao sr. *José Ferreira Secco de Figueiredo e Queiroz*, de Ferreira de Poiares; e ao sr. *Bernardo José Simões*, de Arganil, o favor de responderem ás repetidas e attenciosas cartas, que lhes tem sido dirigidas por parte da administração do jornal o *Conimbricense*.

Agradecimento

2 ANTONIO IGNACIO RODRIGUES ARREGAÇA, summamente penhorado para com todas as pessoas que se dignaram obsequial-o no funeral do seu sempre chorado amigo Alvaro da Silva Teixeira, vem por este meio, visto ser-lhe impossivel fazel-o pessoalmente, agradecer do intimo do coração, e protestar o seu eterno reconhecimento.

AGRADECIMENTO

3 A VIUVA, FILHOS E IRMÃOS de Alvaro da Silva Teixeira, agradecem, com a maior emoção, as provas de affecto, que receberam por occasião do infausto successo que a todos enlutou; e são gratos ás demonstrações de apreço, dadas á memoria do finado por occasião do seu funeral. E em especial agradecem aos srs. Adelino Augusto da Silva, Antonio Ignacio Rodrigues Arregaça, e José Maria Ervideira.

ATTENÇÃO

EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO

Praça de S. Bartholomeu, 19 a 21.

4 ACABA de receber um sortido de machinas de coser, de differentes systemas, como abaixo se declara, as quaes vende por preços commodos em attenção á boa qualidade.

Wheeler & Wilson e Elias Howe Ir.

Machinas de mesa
Ditas de meio cofre
Ditas de meio movel
Ditas de manivela a dois pespontos
Ditas a ponto de cadeia.

Alem das machinas tem oleos apropriados para ellas, assim como agulhas e linhas, que vende a retalho.

A annunciante deixou de ter o deposito das machinas de Singer, preferindo as que agora vende.

Grande deposito de machinas de costura do auctor Singer

34, Rua do Visconde da Luz, 36

COIMBRA

5 AO ESTABELECIMNTO de José Texeira da Cunha chegou novo sortido de machinas para senhora, alfaiate, correeiro e sapateiro: todas estas machinas cosem em fazendas finas ou grossas. Dão mil pontos por minuto e do tamanho que se queira. O ponto e entrelaçado no meio, e por isso mais seguro do que cosido á mão. Preços eguaes aos de Lisboa da unica casa sucursal.

Tambem ha troçaes, retroz, linhas brancas e de côr, agulhas, etc.

Agua Mineral amarga de Friedrichshall

6 ESTA AGUA contem os chloridos de soda, magnesia e bromide de magnesia. Não é só boa para regular as funcções dos orgãos digestivos, como tambem para a circulação do sangue; promove a renovação do tecido organico, mitiga e cura muitas doenças. E' particularmente recommendada como remedio efficaz em doenças acompanhadas de inactividade no canal intestinal, de que resulta habitualmente constipação no ventre.

Unico deposito em Coimbra, na pharmacia Salema, rua da Calçada.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

7 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

8 NO DIA 10 do corrente, pelas 12 horas do dia, na casa da camara, será dada de arrematação, se o preço convier, a conclusão do muro de revestimento do torreão do extincto convento da Estrella, segundo as condições presentes no acto da praça.

Coimbra, Secretaria da Camara, 5 de Setembro de 1874.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

Attenção

9 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

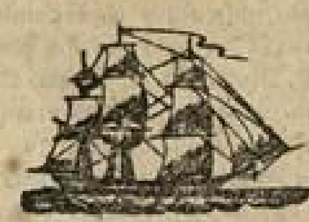
VINHOS DA BAIRRADA

10 NOS ARMAZENS de Albano Coutinho, junto da estação de Mogofores, ha um grande deposito de vinhos, desde generosos de 1860, 61, e 62, até aos novos da colheita de 1873, e, destes, uns promptos para embarque e outros para ramo. Tambem ha vinagres para mesa, cozinha e botica, sem composição chimica.

Tracta-se da compra no mesmo estabelecimento.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Barca=HUMILDADE=em 28 de Setembro.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

12 NA PROXIMA quarta feira, 9 do corrente mez, pelo meio dia, na casa das obras da Universidade, hade ser arrematada uma obra de carpinteiro e de pedreiro, que deve ser feita no edificio do Laboratorio Chimico.

As condições e apontamentos podem desde já ser examinados pelos interessados, no local onde deve ser feita a arrematação.

DOCTOR IN ABSENTIA

13 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

14 QUEM QUIZER arrendar dois celleiros para milho, e um armazem para azeite, póde dirigir-se a Francisco da Silva e Oliveira, na rua da Sophia, collegio de S. Bernardo.

15 OFFERECE-SE um ajudante de pharmacia, com 6 annos de pratica. Nesta redacção se diz quem é.

16 QUEM PRETENDER comprar um contrabaixo em bom uso, dirija-se a esta redacção, onde se dirá quem o vende.

Attenção

17 NA RUA DAS COVAS, n.º 52, vende-se alem de outros muitos objectos já mencionados, uma linda mobilia de sala, grande espelho e tremó.

FIGUEIRA DA FOZ

Largo do Carvão, n.º 2

DENTISTA

18 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 10 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

19 **SAUDE A TODOS** sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de *Saude*,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Depois das adhesões de muitos medicos e de varios hospitaes, ninguem poderá duvidar da efficacia desta deliciosa farinha de saude que cura as indigestões (despepsias), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, de halito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do doutor Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Cura 72:448. — Cadix, 3 de Junho de 1868.

Não posso fazer menos de manifestar a vv. ss.as os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revalescière* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinas, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual o distingue o seu attento venerador — VICENTE MOYANO.

Cura 69:718. — Ticheville (Orne), 20 de Março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalescière*, tenho-a administrado a varias pessoas, ás quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo naquelles que padeciam de hydropesia. Tres d'estes curaram completamente. — A tosse produzida por uma constipação desappareceu instantaneamente e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina e das molestias de estomago, afastando de qualquer individuo a hypocondria. — PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 2$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª — Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rabir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. — BARCELLOS, Ramos, pharm. — BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. — COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, S. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro — FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm. — VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. — GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. — PENAFIEL, Miranda, pharm. — PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rabia, rua de Cedofeita, 94. — PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm. — POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr. — VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2830 — TERÇA FEIRA 8 DE SETEMBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios — Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Quem haja percorrido esse tracto de territorio portuguez que, situado nas proximidades de Coimbra, se conhece pelo nome de Bairrada, terá admirado a riqueza viticula que ahi se ostenta, e que póde dizer-se um dos primeiros mananciaes da riqueza nacional.

Os sarmentos contam-se por milhares, enfileirados em compridos renques, que na estação presente offerecem á vista um immenso lençol de verdura, em terreno gradualmente accidentado, e sempre uberrimo, sempre grato aos cuidados, de que tambem é muito exigente.

E' aqui inquestionavelmente a segunda região vinicula do continente, se attendermos á sua producção relativa, e sobre tudo á sua excellente qualidade.

O governo, comprehendendo a sua importante missão administrativa, tem-se esforçado quanto possivel por fazer conhecidos os nossos vinhos no estrangeiro, incitando os lavradores a mandarem alli as suas amostras, e os consumidores a examinal-os.

E com effeito muito se tem conseguido. Não ha erro em affirmar que uma nova epocha appareceu para a principal industria desta terra, um tanto decahida pela sordida especulação, que não duvidou sacrificar em proveito proprio os interesses e a dignidade do paiz em geral.

Cumpre porem, resguardar a nova situação que alcançámos nos mercados extrangeiros, evitando que novos ataques de ambição inconveniente a damnifiquem.

Para conseguir esse resguardo é indispensavel proteger a fadigosa agricultura das vinhas, e isso hade conseguir-se introduzindo-lhe os aperfeiçoamentos que a sciencia indica, levando á pratica os methodos reconhecidos como mais proveitosos, operando por assim dizer uma revolução, pacifica tanto nas diversas operações da vinicultura, como nos complicados processos da vinificação.

Sobretudo é indispensavel o concurso facil de capitaes baratos, e depois a prompta extracção do producto, sem que o lavrador se veja obrigado a vender por 10 o que podia e devia vender por 15.

Isto não é tarefa da auctoridade. Pertence á iniciativa particular. Ao governo fica ainda o cuidado de lhe facilitar, tanto quanto cabe na sua esphera administrativa, os meios de rapido transporte, por modo que a falta de viação não continue a ser um estorvo á permutação.

A outra parte, não menos importante; o auxilio dos capitaes, o aperfeiçoamento do trabalho, e a conservação inalteravel do producto, cremos que vae tental-a a companhia que acaba de formar-se, e que, bem vinda seja, se leva em vista conservar a genuidade dos vinhos da Bairrada, a sua boa apresentação nos mercados extrangeiros, e o melhoramento das condições difficeis em que se vê a lavoura em geral, mas principalmente o pequeno lavrador.

A *companhia dos vinhos da Bairrada*, sob o ponto de vista que deixamos expendido, temol-a por uma das melhores e mais acceitaveis instituições, e prevemos que d'ella hão de vir notaveis melhoramentos á cultura e aos cultores.

Bem vinda seja pois, e louvores merecem os que iniciaram tão importante melhoramento. O nosso apoio, que pelo menos representa a nossa melhor vontade, não faltará nunca a commettimentos destes, que representam a emancipação do agricultor, o melhoramento da agricultura, e sobretudo a consolidação dos nossos creditos como paiz vinicula, que nenhum outro poderá combater, quando mantidos na sua verdadeira altura.

Publicámos hoje a nota do movimento litterario no ultimo anno lectivo, do Collegio Academico, de que é director o nosso prezado amigo o sr. Antonio Zeferino Candido.

A simples inspecção do resultado dos exames, mostra quanto o sr. Zeferino se tem esmerado no aproveitamento dos alumnos entregues aos seus cuidados.

Tenciona o nosso illustrado amigo dar maior desenvolvimento ao seu Collegio, augmentando o pessoal e as casas.

Os alumnos do Collegio Academico comprehendem quatro classes. A' 1.ª pertencem os que frequentam aulas de instrucção superior. A' 2.ª os alumnos de instrucção secundaria de edade superior a 18 annos. A' 3.ª os alumnos de instrucção secundaria de edade superior a 14 annos, e inferior a 18. A' 4.ª os alumnos de edade inferior a 14 annos.

Cada classe tem um perfeito, que é responsavel para com o director pelo cumprimento de regulamento do Collegio, na parte que compete á mesma classe.

Sem hesitar dizemos aos paes de familia que precisam de mandar educar os seus filhos em Coimbra, que podem confial-os á esclarecida direcção do sr. Antonio Zeferino Candido, porque no seu Collegio acharão o tratamento, educação e ensino, que mais possam desejar.

Movimento litterario do Collegio Academico no anno lectivo findo de 1873 a 1874.

Alumnos internos	30
Ditos externos	132
Total	162

Dos alumnos internos fizeram exames e foram approvados os seguintes:

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Augusto Joviano Candido da Piedade
Joaquim da Cunha Pignately

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXXII

OS ESTUDANTES DE COIMBRA EM 1820

Meu prezado amigo e sr. Joaquim Martins de Carvalho. — Lisboa, 2 de Setembro de 1874. — A leitura das curiosas noticias dadas por v. no folhetim do seu n.º 2823 de 14 d'Agosto, acerca dos acontecimentos (até certo ponto mysteriosos, e para mim ainda não bem deslindados) do dia 11 de Novembro de 1820 em Lisboa, e do effeito que elles e suas consequencias produziram em Coimbra, suscitou-me a idea de dar tambem no *Conimbricense* publicidade a um documento, que para esse fim lhe remetto.

E copia textual e fidelissima, até em pontos e virgulas, extraida do autographo que possuo, e que como tantos outros, por effeito de eventualidades e acasos não previstos me tem vindo ás mãos, salvos não poucas vezes do miseravel destino de servirem para embrulhos nas tendas e confeitarias!

É o autographo em quatro folhas de papel chamado de Hollanda, e de maior formato, escripto de propria lettra de João Baptista d'Almeida Garrett, por elle evidentemente redigido, e contendo as assignaturas tambem autographas, de mais 473 academicos, que por aquelle tempo cursavam a Universidade, dos quaes ao presente existirão apenas dez ou vinte, talvez!...

Do contexto (que v. melhor elucidará, com as observações dictadas pela critica e sagacidade que o distinguem) deprehende-se, quanto eu posso julgar, que logo apoz as festas ahi celebradas em Novembro, grassaram em Lisboa boatos, ou houve denuncia formal de que na Universidade se tramava, não sei em que sentido, contra a ordem de cousas então existente. D'ahi esta especie de representação ou protesto, dirigido ao governo, mas que este, apesar do desejo e pedido dos signatarios, não me consta mandasse publicar, quer na *Gazeta* official, quer nos periodicos do tempo.

É para notar que entre a data dos festejos (21 de Novembro) e a deste protesto (4 de Dezembro) mediaram apenas treze dias!

Sou como sempre de v. am.º e servo obg.mo

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

Ill.mos e Ex.mos Senhores.

O Corpo Academico animado do patriotismo, que o distinguiu sempre, amigo sempre da paz, da ordem, e da verdadeira, e legitima liberdade, prompto sempre a dar por ella até á ultima gota de sangue, o Corpo Academico, que tam alta, e decididamente tem manifestado estas idéas, principalmente depois do feliz successo do dia dezesette de Novembro não poude ver sem magoa, não poude ouvir sem resentimento, encarar sem odio, e execração o boato universal, e (ao que todos cremos) verdadeiro, de que ao Supremo Governo fosse denunciada, como fautora, e propagadora de idéas anti-politicas, como revolucionaria, e anti-patriotica, a escolha da mocidade Portugueza, aquella parte da Nação, que mais livre, e honradamente pensou sempre, mesmo no tempo, e debaixo do jugo do despotismo; que na recuperação da liberdade menos licenciosa, menos exaltada em systemas politicos se tem mostrado, que mais altamente clamou contra a illegitimidade do dia onze, e que mais publico regosijo patenteou no venturoso resultado do dia dezesette.

Esta denuncia (não duvidamos asseveral-o) não sahiu da nossa classe; almas preversas, hypocritas, envenenadas de maldade, azedas de odio, corruptas de peçonha, aborrecedoras da luz, inimigas declaradas da razão, e da verdade, quaes estas são; não; decerto não as ha entre nós: e, se as ha, se um tal monstro vive entre nós, se algum barbaro sectario do feudalismo........ nós repetimos, com os nossos companheiros do Porto: «Esse não é Academico; nós o expulsamos do nosso gremio; «nós lhe negamos o doce, e sancto nome do «irmão; nós amaldiçoamos até a hora, em «que se alistou sob os estandartes de Minerva.»

Esta queixa, que levamos á presença de VV. Ex.as, esta protestação, que fazemos da nossa fidellidade a VV. Ex.as e a toda a Nação, nós a fazemos com toda a sollemnidade; e com toda a instancia pedimos a VV. Ex.as e requeremos por todas as leis da justiça, e da razão, queirão declarar a falsidade de nossos acusadores, e a pureza das nossas intenções; egualmente rogamos a VV. Ex.as queirão fazer publica esta nossa protestação por via dos periodicos.

Tremão, tremão esses malvados, e vis delatores, esses preversos calumniadores; a installação das Côrtes está já bem proxima, e as Universidades de Hespanha nos apontão o exemplo.

Sirvão-se pois VV. Ex.as attender aos nossos rogos, ouvir nossos clamores: uma corporação inteira clama justiça, pede satisfação da mais atroz injuria, que se pode fazer a um Portuguez; VV. Ex.as lha devem outorgar, e VV. Ex.as o hão de fazer, porque não negão, porque não negarão ouvidos á razão, e á justiça. Contem VV. Ex.as, conte a Nação toda com os corações, com as vozes, com as pen-

FRANCEZ

Alvaro do Amaral Cabral Saraiva
Alexandre Benedicto dos Anjos Salgado
Augusto Joviano Candido da Piedade

CURSO COMPLETO DE PORTUGUEZ

Alexandre Benedicto dos Anjos Salgado
Augusto Joviano Candido da Piedade
João Maria Amado de Mello Ramalho
Jorge Guedes Gavicho.

CURSO COMPLETO DE DESENHO

João Maria Amado de Mello Ramalho
José Thimoteo da Silva Bastos.

LATIM 1.ª PARTE

Cesar do Amaral Cabral Saraiva

LATIM—CURSO COMPLETO

Alexandre Benedicto dos Anjos Salgado
Augusto Joviano Candido da Piedade

MATHEMATICA

João Maria Amado de Mello Ramalho
D. João Zeferino do Carmo Noronha
José Thimoteo da Silva Bastos

INSTRUCÇÃO SUPERIOR

DIREITO

1.º anno

Affonso Bandeira Monteiro
Antonio Augusto de Sá Varella

2.º anno

Constantino Ferreira d'Almeida
José Julio da Silva Ramos

3.º anno

Candido Augusto d'Araujo e Sá

MATHEMATICA

1.º anno

Jorge Arthur da Silva Mendes Sobral

PHILOSOPHIA

Chimica inorganica

Augusto Antonio de Macedo Pinto

Chimica organica

Victorino Antonio Ferraz Fortes

PHYSICA

1.ª parte

Victorino Antonio Ferraz Fortes

DESENHO

Curso philosophico—1.º anno

Augusto Antonio de Macedo Pinto
Victorino Antonio Ferraz Fortes

2.º anno

Jorge Arthur da Silva Mendes Sobral
Victorino Antonio Ferraz Fortes

PREMIOS E DISTINCÇÕES

1.º ANNO DE DIREITO

Accessit—sem distincção

Affonso Bandeira Monteiro

2.º ANNO

Distincto

Constantino Ferreira d'Almeida

PREMIOS CONFERIDOS PELO COLLEGIO

1.º premio

Jorge Guedes Gavicho

2.º dito

Augusto Joviano Candido da Piedade

3.º dito

Alexandre Benedicto dos Anjos Salgado.

N. B.—Houve cinco reprovações, sendo: tres em Mathematica, uma em Portuguez e outra em Francez.

Collegio Academico, 1 de Setembro de 1874.

O Director,
Antonio Zeferino Candido

NOTICIARIO

O movimento revolucionario de 11 de Novembro de 1820. — O sr. Innocencio Francisco da Silva, na carta que publicamos no folhetim de hoje, diz, que os acontecimentos do dia 11 de Novembro de 1820 na capital, são até certo ponto mysteriosos, e que ainda para s. ex.ª não estão bem deslindados.

Com effeito é este um dos successos da primeira epocha da nossa vida constitucional, que até agora não foi elucidado com a devida clareza.

A historia intima do partido liberal, desde a revolução de 24 de Agosto de 1820, até á queda da constituição no fim de Maio de 1823, ainda em muitos pontos é obscura.

Estava, é verdade, a nação dividida nos dois partidos, liberal e absolutista; mas, porventura, o partido liberal era todo homogeneo em doutrinas e em acção; ou achava-se dividido em fracções, mais, ou menos exaltadas e preponderantes?

E nesta ultima hypothese, em que divergiam essas parcialidades e quem eram os seus chefes?

E o que se não vê claramente.

Da epocha de 1826 em deante, é mais facil de delimitar as raias dos partidos, e de explicar as suas tendencias. Bastaria os nomes por que tem sido conhecidos, para encaminhar o indagador neste labyrinto.

Desde o anno em que foi outorgada a Carta Constitucional tem havido em Portugal—*Constitucionaes — Liberaes — Miguelistas — Absolutistas—Corcundas—Silveiristas—Emigrados – Malhados—Palmellistas—Carvalhistas—Saldanhistas — Caipiras — Cacarras — Convencionados — Legitimistas — Cartistas — Moderados — Conservadores — Chamorros—Devoristas—Progressistas— Setembristas—Mijados — Arsenalistas — Ordeiros — Inglezados—Colligados—Cabralistas—Patuleias—Junteiros — Regeneradores— Ibericos —Historicos — Fusionistas — Janeiristas — Avilistas—Penicheiros— Reformistas— Constituintes—Republicanos—Internacionalistas.*

E se nem todas essas designações explicam promptamente o que significava e o que queria cada um dos partidos; na maior parte dos casos são sufficientes para se saber a sua origem e fins.

A difficuldade de se explicar satisfatoriamente o movimento de 11 de Novembro de 1820 em Lisboa, provém de se terem envolvido nelle elementos inteiramente oppostos.

Por exemplo, viam-se de um lado Antonio da Silveira Pinto da Fonseca e Gaspar Teixeira, que depois foram dois dos mais dedicados partidarios de D. Miguel; e do outro, e em accordo com elles, o capitão de cavallaria, Bernardo de Sá Nogueira, que é hoje o sr. marquez de Sá da Bandeira; e outros muitos militares de sentimentos decididamente liberaes.

Como se explica esta camaradagem de elementos tão divergentes? Como é que concorrem todos para um acto, que poz em risco, e esteve a ponto de annullar os effeitos da revolução liberal de 24 de Agosto?

A' falta de outros dados, não achamos outra explicação senão na regra bem sabida de que os extremos se tocam.

Sá da Bandeira, e outros seus amigos liberaes, desgostosos das ideias moderadas da maior parte dos membros do governo supremo do reino, queriam impellil-os em uma carreira mais rapida; e para isso exigiam que a constituição que as côrtes houvessem de fazer, fosse tanto, ou ainda mais liberal do que a constituição de 1812 de Cadix.

Pelo contrario, Antonio da Silveira, Gaspar Teixeira, e outros seus parciaes, que haviam annuido á revolução de 24 de Agosto, mas que se limitavam a desejar que fossem expulsos do exercito os officiaes inglezes e que se convocassem os antigos tres estados do reino; vendo que em Leiria, na marcha do exercito sobre Lisboa, não tinham podido levar por deante o seu projecto de reacção; queriam agora, em 11 de Novembro de 1820, ligar-se aos mais exaltados liberaes, como elemento de desordem, d'onde podia resultar a preponderancia que pretendiam nos destinos da nação.

Se não é esta a verdadeira explicação dos acontecimentos, declaramos que a não podemos dar melhor.

Na sessão das côrtes de 8 de Março de 1821, discutiu-se largamente o procedimento do sr. Bernardo de Sá Nogueira.

Tratava-se da discussão de uma proposta de amnistia para differentes crimes. A commissão, porém, excluia da amnistia este distincto official.

O deputado Barreto Feio fallou energicamente contra esta parte do parecer da commissão.

«Senhores (dizia Barreto Feio) o capitão Bernardo de Sá Nogueira é um dos cidadãos mais benemeritos da patria: elle serviu na guerra com um valor egualado por poucos, e excedido por nenhum, unindo a esta qualidade de militar um excessivo amor da patria, e um admiravel comportamento civil, merecendo por isso em todo o tempo a geral estima dos seus companheiros de armas, e de seus concidadãos.

«Terminada a guerra, desejando habilitar-se para maiores serviços, passou a seguir os estudos mathematicos na Universidade de Coimbra: se ahi se conduziu bem ou mal, alguns dos respeitaveis membros deste congresso foram seus lentes: elles o poderão dizer.

«Elle foi um dos benemeritos da patria, que no dia 15 de Setembro fizeram mais serviços; elle fez decidir o seu regimento pela causa da nação, e estando já prompto a marchar, soube que o seu coronel estava em casa de D. Miguel Pereira Forjaz, e teve a generosidade de ir pessoalmente convidal-o, e ceder-lhe a gloria de uma acção, que elle, se fosse mais ambicioso, podia fazer sua.»

Continuou Barreto Feio a enumerar os serviços do sr. Bernardo de Sá Nogueira; e se queixou de que o governo o tivesse mandado preso para a cadeia do Castello, e d'alli para Almeida, onde estava desterrado, por ter dirigido ao mesmo governo uma carta, em que expunha circumstanciadamente as causas que haviam dado logar aos successos do dia 11 de Novembro de 1820, a fim de justificar a sua conducta, e ao mesmo tempo a do exercito.

O presidente das côrtes respondeu ao deputado Barreto Feio, que o governo havia procedido com a necessaria informação, pois que o capitão Bernardo de Sá lhe escrevera uma carta, inteiramente destructiva de toda a ordem social; e não sómente nesta carta avançava opiniões taes como a de residir a soberania na força militar, mas até elle mesmo por toda a parte divulgava essas opiniões, elle mesmo lera a sua carta a muitas pessoas da capital, e elle mesmo se dizia auctor dos acontecimentos do dia 11 de Novembro. Ora (continuava dizendo o presidente) um homem que pratica todas estas acções, parece que póde dizer-se que tem culpa formada, e que em consequencia o governo não obrou sem informação, nem deveria deixar de fazer sahir de Lisboa um homem, que se preparava para outro dia 11. Terminou, por isso, o presidente, dizendo, que lhe parecia justo, e que approvava o parecer da commissão.

Tornou-se a discussão muito acalorada. Tomaram parte n'ella os deputados Moura, Margiochi, Guerreiro, Xavier Monteiro, Borges Carneiro, Soares Franco, Castello Branco, Braamcamp, e Baeta.

Por fim decidiu a camara, que se concedesse geral amnistia e liberdade a todas aquellas pessoas que antes da installação das côrtes estavam presas, ou adstrictas a viver em sitio determinado: não se entendendo, porém, que por isso tivessem direito a ser reintegrados nos logares que occupavam antes do facto que motivara a sua prisão.

Agricultura em Portugal—O sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, no IV tomo da sua *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal*, recentemente publicado, reune em um capitulo, com o titulo de *Substancial resumo de providencias para promover o ensino e progresso da agricultura*, numerosos subsidios para a historia deste ramo tão importante da subsistencia dos povos.

Depois de dar uma minuciosa e interessante noticia dessas providencias e alvitres, segue de paginas 194 até 212, com a indicação de alguns escriptos sobre a agricultura portugueza e seu ensino, publicados desde 1792 até 1826.

Nas muitas publicações ahi indicadas, não vemos mencionada uma, que nos parece digna de não ficar esquecida, e até como elemento para a historia do nosso jornalismo.

Aqui temos presentes, 23 numeros do — *Semanario Nacional de agricultura, economia rural, artes e politica, dedicado ás camaras destes reinos, reverendos parochos, benemeritos magistrados, illustres capitães mores, e illustrados proprietarios.* Nenhum dos numeros tem data; mas vê-se pelas noticias politicas, que vem juntas com os artigos agricolas, que se publicou no primeiro semestre de 1821, e em parte do segundo semestre do mesmo anno.

Contem este periodico muitos artigos sobre agricultura e economia rural; e até vem acompanhado com algumas gravuras.

E para que se veja como muitas pessoas são injustas, aproveitaremos a occasião para apresentar a prova disso.

O individuo (que não sabemos quem seja) a quem em tempo pertenceu esta collecção do *Semanario Nacional de agricultura*, escreveu á margem do n.º 8 a seguinte nota—*Este papelão gramou-me 26 tostões, afora os portes. Cuidei que tratasse de agricultura, e nec verbum!*

Esta censura é injustissima, porque o periodico abunda em artigos e noticias uteis aos agricultores. Vamos, porem, indicar qual o motivo do azedume do critico assignante.

Os redactores do *Semanario*, alem dos artigos de agricultura, para irem com o gosto da epocha, publicavam tambem um resumido extracto das sessões das côrtes, principalmente do que dizia respeito a assumptos agricolas, e inseriam tambem umas pequenas noticias do movimento politico, nacional e estrangeiro.

Acontecia, porem, que a doutrina politica do periodico não agradava ao tal individuo, dono do exemplar que aqui temos, e por isso escreveu á margem do n.º 7 o seguinte:—*Este patife é corcunda e escreve para os corcosados. Prometteu uma cousa, e vae fazendo outra!*

Eis ahi o motivo da queixa. Se os redactores tivessem politica differente da que mostravam, já o *Semanario Nacional* era muito bom periodico de agricultura; mas assim, não prestava para nada!

Monte-Pio da Imprensa da Universidade—Publicou-se o *Relatorio e contas do Monte-Pio da imprensa da Universidade, relativo ao anno de* 1873 *a* 1874.

É este Monte-Pio a sociedade de soccorros mais antiga que ha em Coimbra. Foi fundado no dia 8 de Setembro de 1849. Dos 14 socios que o instituiram ha 25 annos, ainda existem no gremio da sociedade 7, um dos quaes esta impossibilitado por molestia incuravel, ausentaram-se 3, e falleceram 4.

Ainda no cofre do Monte-Pio existem para memoria, embrulhados em um papel, os 5 reis que produziu de juro a quantia de 40 rs., primeiro dinheiro emprestado a um dos socios!

Falleceram no ultimo anno dois socios, ambos impressores, os srs. Alvaro da Silva Teixeira e Rodrigo da Costa.

Foram soccorridos 17 socios nas suas doenças, e receberam subsidio tres socios invalidos.

A direcção finda compunha-se dos srs. José Pereira Junior, presidente; Affonso de Bastos, secretario; Joaquim Pedro Baptista, thesoureiro; Adriano Augusto Pereira e Irio Simões de Carvalho, visitadores.

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Abilio Alves Romão, filho de Romão Alves Brandão e de Jacintha Rosa, de Coimbra, de 44 annos, fallecido no dia 31 de Agosto.

Maria, filha de João Antonio Pereira e de D. Carolina Emilia d'Almeida, de Coimbra, de 23 annos, fallecida no dia 3 de Setembro.

Maria Augusta, filha de Manoel Ferreira Carneiro e de Maria da Purificação Ferreira, de Coimbra, de 14 mezes, fallecida no dia 3.

Rodrigo da Costa, filho de Manoel da Costa Soares e de Luiza da Costa, das Vendas de Ceira, de 77 annos, fallecido no dia 4.

Augusto Gaspar, filho de Francisco Gaspar, de Coimbra, de 13 mezes e 6 dias, fallecido no dia 5.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5623.

Mercês.—O sr. bacharel Bento José Pinto da Motta foi agraciado com a commenda de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e o sr. Joaquim José Raymundo Castello Branco foi tambem agraciado com o habito de Christo.

Direito administrativo portuguez—Publicou-se a 2.ª edição, correcta e augmentada, do—*Direito administrativo portuguez. Commentario do titulo II, capitulo I, secção VII, do Codigo administrativo, ou guia das camaras municipaes na organisação dos seus orçamentos, por Joaquim d'Almeida da Cunha, bacharel formado em Direito.*—Coimbra—editor José Correa de Almeida Junior—1874.

A prompta extracção que teve a primeira edição deste livro, mostra bem o seu merecimento, e a maneira como foi apreciado pelas camaras municipaes.

O Brado Liberal.— O nosso prezado collega de Braga, o *Brado Liberal*, diz no seu ultimo numero o seguinte:

EPHEMERIDES

Com este titulo insere a nosso respeito o *Conimbricense*, jornal estimado de Coimbra, um artigo assim exordiado no seu n.º 2826:

«O nosso illustrado collega de Braga, o *Brado Liberal*, tem regularmente publicado umas curiosas ephemerides, que suppomos serem devidas á penna d'um escriptor muito auctorisado d'aquella cidade.—Tomamos porem a liberdade de fazer alguns reparos a parte do que diz no seu n.º 12.»

Versam estes reparos judiciosos ácerca de dois factos historicos dos dias 20 e 23:— o do dia 20 relativo á acção de Vallongo: e o do dia 23, relativo á acção de Ponte Ferreira, ambos attinentes ao mez d'Agosto findo.

Não tiveram logar estes dois factos no mez d'Agosto, como nota o illustrado collega de Coimbra, mas effectivamente no mez anterior de Julho: e neste mesmo mez, nos dias proprios 22 e 23, os consignámos nós em o nosso n.º 7, como é facil de verificar no artigo respectivo.—Alli narramos estes factos com a sua justa aquilatação.

Na coordenação e revisão dos *Fastos Historicos Modernos* do n.º 12, andou mão extranha estudiosa, mas pouco vista ainda em tarefas desta ordem pela sua tenra edade; e sem olhar para as *ephemerides* anteriores, guiou-se confiada de mais pela *Folhinha Popular para o Anno Bissexto de* 1836, impressa em Coimbra na imprensa de Trovão e Companhia, como a citada pelo illustre collega para o *Anno Commum* de 1837.

Agradecemos ao judicioso collega a attenção que lhes mereceram as nossas *ephemerides*, e as expressões de deferencia que se dignára consagrar-nos.»

Associação dos Artistas de Coimbra.— Abaixo publicamos uma carta que nos dirigiu um nosso amigo e assignante. Estimamos que o que temos escripto á cerca do estado precario da *Associação dos Artistas*, vá chamando para este assumpto a attenção dos socios.

Sr. Redactor.— Em o n.º 2829 do jornal que v. tão dignamente redige, li eu a noticia sobre a grave situação da Associação dos Artistas, dizendo-se nella que a receita extraordinaria diminuia, e que a associação se acha entregue aos seus proprios recursos, vendo augmentar o alcance todos os mezes. Reproduz v. o que já disse em outra occasião, de serem demasiadas as garantias que se concedem aos associados, no que eu me conformo em parte.

Já n'um relatorio apresentado pela direcção dessa epocha ao conselho de que eu então fazia parte, relatorio que foi posto de lado, e o qual, se ainda existe, deve estar carregado de pó e carcomido de traça, se expunha concisamente as origens do mal, fazendo-se notar que mais tarde ou mais cedo viria a succeder aquillo que hoje experimenta a associação, isto é, ter de viver dos seus proprios recursos, porque aquelles extraordinarios que procurava alcançar, ou que eram inteiramente eventuaes, lhe haviam de escacear, sendo menos digno della esmolar esses recursos, visto a associação ser de soccorros mutuos e não uma associação de beneficencia. No mesmo relatorio indicavam-se factos de todos os dias, occorridos não só anteriormente, como na epocha em que elle se apresentou, como ainda depois e hoje. Estes factos são abonar-se adiantadamente aos socios, por um pequeno incommodo, que não os priva de trabalhar, e muitas vezes por doenças simuladas, o subsidio dos tres primeiros dias, de maneira que se no segundo dia apparecia o socio a passear, como tem succedido frequentes vezes, ou ficava lezado o cofre da associação, ou tinha de descer-se a exigir-se do socio o subsidio de um ou de dois dias, dando isto logar a dissabores; mas o que todavia não teve logar nunca.

Propunha-se, pois, no citado relatorio, que o subsidio só se abonasse adiantadamente nas doenças de gravidade, afim de facilitar ao socio os meios de comprar gallinhas, etc., ou de ministrar-lhe auxilio para alimento da familia. Citava-se até que muitos socios para não trabalharem durante uma parte da semana, ou para fazerem face ao salario que deixavam de perceber em certos dias, taes como o de quinta feira maior e sexta feira santa, davam parte de doente na quarta de trevas, e mesmo no domingo de ramos! Indicava-se por fim a convocação da assembléa geral para se lhe propor com urgencia a reforma dos estatutos, tomando-se desde logo nota de que seria conveniente apontar á commissão encarregada de reformal-os, que determinasse nelles subsidios diversos para as doenças qualificadas de simples, graves e agudas, e que os facultativos assumissem a responsabilidade de suas declarações nas respectivas papeletas, porque do desleixo dos medicos provinham muitas vezes os frequentes abusos dos socios, que só faziam parte da associação com a mira de a desfructarem.

Ao que fica dito e que então se expoz no citado relatorio, ratificarei que o vicio está na propria lei, e que da reforma dos estatutos é que depende a vida da associação.

Uma associação composta de mais de 600 ou 700 socios, dos quaes uma grande parte desfructa a outra a seu bel prazer, não póde subsistir por largo tempo e por mais de uma razão que a todos será obvio. A tão grande abuso é que convem dar remedio prompto, cortando o mal pela raiz.

O augmento da quota não traria vantagens e antes crearia embaraços no viver da associação, porque uma grande parte dos socios recusaria formalmente fazer esse sacrificio, conhecendo de ante-mão, que a lei dando margem a abusos, se conservava de pé favorecendo os parasitas.

A pensão ás viuvas dos socios, com tres annos de effectividade, é um outro mal que tem minado, e que continuará a minar a associação, dizimando-lhe os fundos. E' pouco e muito pouco o que se abona á viuva do socio; e isso mesmo lhe é abonado em quanto não passe a segundas nupcias, ou emquanto *tenha bom comportamento*, dizem os estatutos, sendo notavel esta ultima parte, porque vejo a impossibilidade de fiscalisar o comportamento de uma mulher no interior da sua casa, se ella não der maior escandalo, e ainda mais impossibilidade de encontrar denunciante, perante a associação, quando não seja por malquerença, que intente esbulhar a viuva dos pobres 800 reis mensaes com que a subsidiam. Melhor seria que a viuva do socio, com a effectividade de 10 annos, fosse a que tivesse direito ao subsidio, ainda que maior, ou que só podessem recebel-o aquelles dos socios que houvessem contribuido durante certo numero de annos, com uma quota addicional para um cofre reservado a taes subsidios. E se o socio fallecesse antes de completo aquelle prazo, a viuva só teria direito a receber tão sómente metade da quantia com que elle houvesse entrado, recolhendo-se neste cofre toda a receita eventual.

Tambem parece que ao socio que durante certo numero de annos, não houvesse reclamado subsidio algum da associação, se lhe deveria garantir a vantagem de maior subsidio ou de ficar isempto por certo tempo do pagamento da quota, ou finalmente que fosse considerado honorario, e com isto se crearia um estimulo.

Do relatorio do anno proximo passado, se vê no quadro nosographico, que o numero de doentes por padecimentos leves e de pouca importancia ou de simples consulta foi de 161; não é conhecido porem, quanto despenderam á associação em subsidios e em receituario, mas deve suppor-se que a verba não havia de ser pequena.

No mesmo quadro figuram outras doenças a que pelos estatutos se deveriam negar subsidios, o que a moralidade exigia, e para este ponto chamamos a attenção dos reformadores ou daquelles que tiverem de elaborar a nova lei.

Lembrarei mais que o numero de socios honorarios sendo avultado, a estes se soccorresse a associação na presente conjunctura, e opinaria que de futuro os diplomas a taes socios se passassem no sentido de deixar á generosidade daquelles que o recebessem o contribuir para o cofre das viuvas com um donativo pecuniario indeterminado, ficando exceptuados disto os que tivessem de ser nomeados por serviços prestados á associação.

Mais me alongaria se não temesse occupar demasiado espaço, e ainda assim, não sei, sr. redactor, se v. se dignará dar cabimento nas columnas do seu jornal a todo este aranzel, mas o amor pela associação, que eu entendo ser um dos elementos que os homens podem ter á sua disposição para augmentar a sua força, o seu poder, e para desenvolverem a sua producção, porque a associação fecunda o trabalho pelo capital e reciprocamente, é o que me força a emittir a minha humilde opinião sobre os vicios da organisação daquella de que se trata, e sobre os meios que me parecem mais adequados para os extirpar.

Sou com toda a consideração

De v. mt.º att.º vr.º e criado

Coimbra 6 de Setembro de 1874.

Um operario que nunca deu parte de doente.

A egreja de Eiras—O reverendo sr. Antonio Soares Correia nos escreve de S. Facundo, pedindo-nos a publicação da seguinte noticia, muito honrosa para o reverendo parocho de Eiras, Adriano Correa Pessoa, e para os seus parochianos:

«Não ha cousa que mais enthusiasme a creatura racional, do que o asseio e apparato com que as cousas se fazem.

---

nas, com os braços, e até com as vidas de todos os Academicos.

Coimbra, em 4 de Dezembro de 1820—João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett—Joaquim Larcher—José Maria Grande—Francisco Gomes Brandão Montezuma—Manoel Bernardo da Cunha Couto e Mello—Balthasar Jacinto Cabral—Joaquim Pompilio da Motta Azevedo—Manoel Maria Coutinho d'Albergaria Freire, etc. etc.—Seguem-se a estes mais 466 assignaturas, que se não transcrevem para poupar espaço.

——

Depois de termos publicado a carta que nos dirigiu o sr. Innocencio Francisco da Silva, e egualmente a representação dos estudantes da Universidade; resta-nos satisfazer ao desejo do nosso illustrado amigo, explicando o motivo desta representação.

As eleições para deputados haviam-se de fazer no dia 16 de Dezembro de 1820, e os estudantes da Universidade, não só os domiciliados em Coimbra, mas todos os mais aqui temporariamente residentes, pretendiam votar nas eleições. Como achavam resistencia a esta sua pretensão, andavam agitados, e é sem duvida este estado da academia, que foi denunciado ao governo supremo do reino. Pelo que se vê, é para desmentir essa denuncia, que os 474 estudantes fizeram a representação que nos enviou o sr. Innocencio, e que acima fica transcripta.

A representação foi feita no dia 4 de Dezembro. Pois saiba-se, que os estudantes, incumbindo-se de se desmentirem a si mesmo, e dando razão a quem os havia denunciado ao governo, foram apenas passados 2 dias depois da representação—no dia 6 de Dezembro—em tumulto á camara, e ahi coagiram uma parte dos membros do senado a fazer o triste papel, que se pode ver da memoravel acta, que em seguida publicamos.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Aos 6 dias do mez de Dezembro de 1820, nesta cidade de Coimbra, e em casa da camara da mesma, presidindo o Dr Bernardo de Serpa, juiz do crime, servindo do civel; vereadores e procurador da cidade, ouvindo partes, despachando requerimentos, tudo tendente ao bem publico, estando tambem presentes os misteres; e neste acto foi proposto pelo presidente que havendo nesta cidade muitos estudantes nella residentes, mas não nella domiciliados, se devia decidir, se os mesmos deviam, ou não, ser vogaes nas eleições parochiaes; *unanimemente foi decidido que não*, fundados na Ordenação, livro, 2.º, titulo 56; acrescendo mesmo, *que nem este objecto podia vir em duvida.*

E neste acto appareceram alguns estudantes da Universidade, os quaes representaram, que elles queriam saber, se podiam, ou não votar; e sendo-lhes apresentada pelo presidente do senado, as razões por que os membros do mesmo tinham decidido, *que não podiam ser admittidos a votar*, convencidos dellas se retiraram.

Passados poucos momentos vieram outros, em maior numero, *e ameaçaram com palavras imperativas, que elles haviam de votar, ainda mesmo á custa da perda de todos os nossos interesses e da propriedade*; só tres é que assim fallaram, apresentando-se como deputados do corpo academico. Porem neste mesmo acto alguns pareciam querer moderar a demasiada vivacidade dos que fallavam.

Este acto poz em *alguma tribulação* os membros da camara desta cidade; e entre elles, sendo alguns firmes no que tinham decidido, *outros balbuciaram*; e neste acto lembrou que um dos estudantes tinha dito, que, *se elles não votassem, ninguem votaria*. Em consequencia desta narrativa, *alguns balbuciaram*; e o vereador mais velho disse, que o seu voto era que *por evitar tumultos*, deviam ser todos admittidos, *reformando assim o voto que primeiro antes tinha dado.*

E depois seguindo-se o vereador da Universidade, que para elle não era duvida; porem que quando naquelle acto da eleição se suscitasse duvida, a junta parochial a decidiria; e depois se seguiu o vereador, o Dr. Francisco Manoel de Faria Vieira, e o vereador o Dr. José Filippe Dias Vieira, e o Dr. Francisco Antonio Ribeiro de Paiva; *os quaes todos se uniformaram*, que na conformidade do artigo 30 das instrucções para as eleições dos deputados de côrtes, *reformavam o seu voto*, com a clausula de que vindo em duvida se algum individuo residente na freguezia, devia, ou não votar, a junta parochial o decidisse.

E depois se seguiu o Dr. Francisco de Sousa Loureiro, vereador antecedente, e votou que como presidente das eleições parochiaes, se cingiria perfeitamente á letra das instrucções para as eleições dos deputados das côrtes, por ser clara a letra das mesmas, combinada com as Ordenações do reino; e com este voto se conformou o vereador antecedente o Dr. Francisco Antonio Negrão, e o Dr. procurador geral disse que o seu voto era que os presidentes se deviam conformar com as instrucções, por serem emanadas do supremo governo do reino, a quem se prestou o juramento; e ultimamente foi dito pelo presidente, que elle por ter já dado o seu voto, nada tinha que reformar, nem acrescentar.

E continuando sobre objectos identicos, foi apresentado pelo presidente um officio, vindo do Dr. juiz de fóra, servindo de corregedor, no qual rogava que cada um dos presidentes fizesse avisar competentemente os eleitores das freguezias, por elles presididos, para que no dia 16 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, se achassem nas casas da camara desta cidade; e deram a vereação por finda, que assignaram comigo escrivão da camara, que a escrevi.—Serpa, presidente—Mello—Faria—Dias Vieira—Paiva—Coelho—Dr Loureiro—Negrão—Francisco Alves de Carvalho, mister—Manoel Soares Tiban—Antonio Joaquim de Macedo.

E se isto acontece em qualquer casa particular; o que será nos templos do Deus vivo, quando se acham no maior asseio e pompa! Oh! quanto não arrebatarão o pensamento do homem ao Creador do universo! E se assim é, em toda a occasião em que se entre nelles; o que acontecerá em um dia de festa!

Então, para qualquer parte que voltemos a vista, tudo nos inspira alegria, e causa um abalo extraordinario na alma: a limpeza geral do templo, as flores e as luzes que compõem e ornam os altares, os ministros do Crucificado com as ricas vestes sacerdotaes, as melodiosas vozes da philarmonica, e finalmente o fumo do incenso, elevando-se até ás nuvens, indicando-nos para onde devemos dirigir os nossos pensamentos, e mostrando a quem são prestados estes cultos.

Tudo, pois, está fallando ao ente animado:—Lembra-te do teu Creador—Ama-o de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento, e ao proximo como a ti mesmo—Não deixes a Deus pelos bens caducos do valle de lagrimas.

Se a maior parte dos homens abraçassem estas maximas, não aberrariam tanto dos seus deveres; antes pelo contrario fariam o mesmo que os parochianos de Eiras, deste concelho de Coimbra, que todos da melhor vontade contribuiram, tanto quanto cabia nas suas forças, para os reparos e asseio da sua egreja, cujo tecto estava ha muito ameaçando ruina.

O muito reverendo parocho, Adriano Correia Pessoa, é quem levou os seus freguezes a despenderem de suas economias para aquellas obras, que tem durado quasi dois annos.

E quantos trabalhos e incommodos não supportou o exemplar levita do Senhor!

Quem muito o coadjuvou nestes trabalhos, foi o seu digno parochiano o illm.º sr. José Pena Pacheco, de Villarinho, o qual não obstante ser empregado publico, ia nas horas vagas em auxilio do seu pastor.

Quanto, porém, não deve ser para estes hoje o contentamento, por verem coroados os seus trabalhos; assim como todos aquelles parochianos!

E tão satisfeitos se acham, que não obstante terem dado tanto para a referida obra, ainda hoje, 2 do corrente, vem com seus donativos solemnisar a abertura da egreja e trasladação do Santissimo da egreja do Espirito Santo, para aquella, e com uma festa tão explendida, como alli não ha lembrança.

Tudo, pois, mostra neste povo, que ainda não bebeu do charco immundo, onde os inimigos do Filho de Deus, feito Homem, despejam sua baba asquerosa.

E como não ha de este povo assim portar-se, se os principaes cavalheiros da freguezia são os primeiros a subsidiarem a sua egreja com muitas cousas, e em todos os actos religiosos a apresentarem-se, primeiro que todos, com a gravidade e decencia propria de taes actos!

Espero, sr. redactor, dever-lhe o favor de transcrever estas linhas no seu jornal.—S. Fagundo, 2 de Agosto de 1874—*A. S. Correa.*»

Noticias de Hespanha—A noticia mais importante de Hespanha, é que os carlistas se viram obrigados a levantar o cerco da praça de Puigcerdá. Calculam-se em mais de 700 baixas as perdas dos carlistas.

O governo hespanhol concederá o titulo de sempre invicta a Puigcerdá e creará uma medalha dedicada á commemoração da defeza da praça.

Corria o boato de que Saballs fora morto pelos seus; e fallava-se em que o marechal Serrano iria tomar parte na campanha.

ANNUNCIOS

COLLEGIO ACADEMICO

1 ABREM-SE as aulas para o proximo futuro anno no dia 5 de Outubro.

Admittem-se alumnos internos, semi-internos e externos.

Dão-se programmas e regulamentos a quem os desejar.

O director,
Antonio Zeferino Candido.

PEDIDO

2 ROGA-SE ao sr. *Bernardo José Simões*, de Arganil, o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas, que lhe tem sido dirigidas por parte da administração do jornal o *Conimbricense*.

—Como desejamos fazer justiça a todos, cumpre-nos declarar, que o sr. José Ferreira Secco de Figueiredo e Queiroz, de Ferreira de Poiares, se houve cavalheiramente com a administração deste jornal.

DOCTOR IN ABSENTIA

3 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

ATTENÇÃO

EMILIA FERREIRA DE SOUSA PORTO

Praça de S. Bartholomeu, 19 a 21.

4 ACABA de receber um sortido de machinas de coser, de differentes systemas, como abaixo se declara, as quaes vende por preços commodos em attenção á boa qualidade.

Wheeler & Wilson e Elias Howe Ir.

Machinas de mesa
Ditas de meio cofre
Ditas de meio movel
Ditas de manivela a dois pespontos
Ditas a ponto de cadeia.

Alem das machinas tem oleos apropriados para ellas, assim como agulhas e linhas, que vende a retalho.

A annunciante deixou de ter o deposito das machinas de Singer, preferindo as que agora vende.

5 NO DIA 20 do corrente mez de Setembro, pelas 10 horas da manhã, á porta da egreja parochial de Lavarrabos, perante a junta de parochia, hade dar-se de empreitada o concerto da egreja da Cioga, que consta de serviço de pedreiro e carpinteiro. As condições do contrato estarão presentes no acto da arrematação.

O presidente da junta,
Abilio Maria de Brito Amado.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

6 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

Attenção

7 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

8 DEVENDO findar no dia 15 do corrente, o prazo marcado pelo annuncio do ministerio da fazenda, inserto no *Diario do Governo* de 15 de Julho ultimo, n.º 154, para a troca de estampilhas por papel sellado, ou letras de valor equivalente: faço publico, que até ao indicado dia 15 do corrente, se receberão por troca as referidas estampilhas nas diversas recebedorias da comarca deste districto e suas delegações, devendo os interessados no acto da troca, entregar a differença a mais, correspondente ao preço do dito papel e lettras.

Repartição de Fazenda do districto de Coimbra, 5 de Setembro de 1874.

O delegado do thesouro,
Antonio Joaquim de Vasconcellos.

FIGUEIRA DA FOZ

Largo do Carvão, n.º 2

DENTISTA

9 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae a Figueira da Foz estar 10 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

Grande deposito de machinas de costura do auctor Singer
34, Rua do Visconde da Luz, 36

COIMBRA

10 AO ESTABELECIMNTO de José Texeira da Cunha chegou novo sortido de machinas para senhora, alfaiate, correiro e sapateiro: todas estas machinas cosem em fazendas finas ou grossas. Dão mil pontos por minuto e do tamanho que se queira. O ponto e entrelaçado no meio, e por isso mais seguro do que cosido á mão. Preços eguaes aos de Lisboa da unica casa sucursal.

Tambem ha troçaes, retroz, linhas brancas e de côr, agulhas, etc.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Barca=HUMILDADE=em 28 de Setembro.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

LOUÇA DA INDIA

12 NA LOJA do sr. Bernardo José da Silva, negociante na Calçada, n.º 36 e 38, vende-se um meio serviço de louça da India, azul.

13 O ESCRIVÃO DE FAZENDA do concelho de Coimbra, convida por este meio os individuos que exercem as industrias, profissões, artes ou officios, abaixo mencionados, para reunirem nos dias e horas indicadas nos paços da camara municipal deste concelho, a fim de se constituirem em gremios para procederem á repartição das taxas da contribuição industrial e respectivo sello pelos industriaes constantes das listas que nessa occasião serão presentes:

Na quinta feira 10 de Setembro de 1874
Ás 10 horas da manhã

Açougues de gado grosso e meudo (emprezarios de) e agentes de bancos e agentes commerciaes, e quinquilheiros.

Ás 11 horas da manhã

Alfaiates de medida, officiaes de alfaiate e barbeiros.

Ás 12 horas da manhã

Bilhares, botequins e boticarios.

Á 1 hora da tarde

Caixeiros de balcão e capellistas.

Ás 2 horas da tarde

Carniceiros ou cortadores, carpinteiros (officiaes de) e mercadores por meudo de carvão.

Ás 3 horas da tarde

Cereaes (mercadores por meudo de), confeiteiros ou conserveiros e fanqueiros.

Na sexta feira, 11 de Setembro, ás 10 horas da manhã

Ferradores com estabelecimento, mercadores de ferragens novas e fogueteiros.

Ás 11 horas da manhã

Latoeiros, mercadores de livros scientificos ou litterarios, e marceneiros (mestres e officiaes).

Ás 12 horas da manhã

Medicos e cirurgiões, mercieiros e padeiros.

Á 1 hora da tarde

Pedreiros, mercadores de peixe e pintores (officiaes de)

Ás 2 horas da tarde

Professores d'instrucção secundaria, e sapateiros (mestres e officiaes).

Serralheiros e ferreiros, e vendedores de tabaco, por grosso e meudo.

Ás 3 horas da tarde

Taberneiros, tendeiros, typographias, typographos e vendedores ambulantes sem cavalgadura.

Coimbra, 7 de Setembro de 1874.

José Augusto Pereira Gonçalves.

AGENCIA DO BANCO DO DOURO

COIMBRA

Largo das Olarias, n.º 11

14 NESTA AGENCIA sacam-se letras de cambio sobre diversas praças.

Descontam-se letras de cambio e da terra.

Fazem-se emprestimos:

sobre penhores d'ouro ou prata, titulos de divida publica, acções de Bancos e Companhias que mereçam credito, e ate ás entradas realisadas;

sobre hypotheca de propriedades rusticas e urbanas, com amortisação ou sem ella;

sobre generos e mercadorias, que passem para poder d'agencia do Banco, effectiva ou symbolicamente;

sobre colheitas garantidas com fiadores;

ás camaras municipaes e ás juntas geraes;

em conta corrente com garantia de hypotheca, ou de penhor de ouro, prata, titulos de divida publica e acções de Bancos e Companhias, que mereçam credito e até ás entradas realisadas.

Em todas estas operações juro modico e as condições as mais favoraveis.

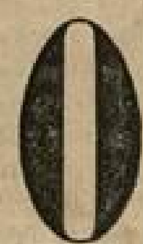
Recebe-se dinheiro em deposito, á ordem e a prazo, abonando-se aos depositantes juro rasoavel.

Coimbra 20 de Agosto de 1874.

Gavicho & C.ª

NUMERO 2831 — SABBADO 12 DE SETEMBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE



RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Vamos dar uma agradavel noticia aos nossos concidadãos.

A reconstrucção da ponte de Coimbra trouxe comsigo a necessidade de desenvolver e elevar o largo da Portagem. Essas obras, porem, são importantes, e superiores ás forças do municipio de Coimbra.

Já a camara do biennio passado havia effectuado a expropriação de algumas casas; mas a actual, presidida pelo sr. Dr. Fernando de Mello, resolveu parar com as expropriações até obter os meios indispensaveis.

Para isso dirigiu a camara uma representação ao governo, mostrando-lhe a importancia da obra projectada, a que a elevação da ponte vinha forçar o municipio, e pedindo-lhe, como de justiça e equidade, um auxilio para a concluir.

O sr. ministro das obras publicas acaba de attender favoravelmente a pretensão da camara, vindo em auxilio della com a quantia de 11:000$000 rs.

Em consequencia disso resolveu a camara municipal contrair desde já pela sua parte um emprestimo de 10 contos de reis, hypothecando o rendimento do azeite e do petroleo.

O conselho municipal approvou na quinta feira este emprestimo, e de certo o mesmo acontecerá no conselho de districto.

As obras estão orçadas em 26:000$ reis. Faltam ainda 5:000$000 rs., que se hão de obter por um posterior emprestimo. Serão demolidas as casas da Calçada, até ás do sr. padre Mendonça, inclusivè.

O sr. ministro das obras publicas procedeu briosamente nesta pretensão da camara de Coimbra; e seriamos injustos, se não mencionassemos com o devido louvor o nosso patricio o sr. conselheiro Barjona de Freitas, que efficazmente se interessou pelo seu bom resultado.

A cidade de Coimbra, e em geral esta provincia tem ultimamente merecido a particular attenção do actual governo.

Depois da factura da ponte da Portella, obra gigantesca e de incalculavel vantagem para a provincia da Beira; mandou reconstruir a ponte de Coimbra, melhoramento que debalde ha longos annos era reclamado a todos os governos.

Em seguida ordenou a continuação do caes da cidade, na direcção do porto da Pedra, o que é um beneficio importantissimo para Coimbra; ficando apenas a cargo da camara municipal uma parte da despeza.

A estrada do Padrão á ponte da Cidreira, e o concerto desta extensa ponte, era da maior urgencia. A demora em se levar a effeito estava causando graves incommodos aos povos.

Mandou, por isso, o governo fazer essa obra, dando pelo cofre do estado a quantia de 5:801$245 rs.; e com egual quantia fornecida pela camara municipal, se prefaz a verba de 11:602$490 em que está orçada.

Acham-se feitas as expropriações e já começaram alli os trabalhos.

A simples exposição destes factos, e outros que poderiamos ennumerar, basta para se ver a boa vontade com que o governo se tem prestado a auxiliar e beneficiar esta cidade e toda a provincia.

O sr. ministro da guerra praticou ultimamente um acto de louvavel energia. O nobre ministro está resolvido a manter a todo o custo a disciplina do exercito.

Havia-se insubordinado uma parte do regimento de lanceiros n.º 1 em Extremoz. Depois de concluida a syndicancia a que se procedeu, mandou o sr. Fontes Pereira de Mello prender os culpados, e tomou outras providencias que julgou indispensaveis.

Em seguida transcrevemos o que a esse respeito diz o correspondente do *Commercio do Porto*:

«Confirmo o que tenho dito em telegrammas com respeito ás providencias adoptadas pelo governo para a conducção para a torre de S. Julião, das praças do regimento de cavallaria n.º 1, lanceiros de Victor Manoel, que o conselho de investigação considerou compromettidas nos actos de insubordinação que se deram no mesmo regimento.

Como é sabido, o sr. ministro da guerra ordenou uma syndicancia, recommendando ao commandante d'aquelle corpo, que logo que o inquerito estivesse concluido o informasse sem perda de tempo e com toda a reserva.

Assim se fez. Chegou hontem de tarde a noticia e logo foi determinado ao sr. director geral dos telegraphos que declarasse ao publico que a linha de Extremoz estava interrompida.

Em seguida o sr. ministro da guerra mandou chamar o sr. commandante da divisão e disse-lhe que indicasse o corpo que devia ir a Extremoz para acompanhar 143 praças de cavallaria 1 até á torre de S. Julião. O corpo indicado foi o regimento de infanteria 7, mas como elle não estivesse completo reuniram-se-lhe 200 praças de infanteria 2.

Tudo se fez com a maior presteza, de modo que ás 10 horas da noute largára o ultimo vapor para o Barreiro, dos cinco vapores que conduziam a tropa.

Estava já prevenido o commandante de cavallaria 1 para ter o regimento na parada ás 6 horas da manhã, por isso que se calculava que a essa hora devia chegar a força de Lisboa; mas como a tropa ia no caminho de ferro do sul e sueste, em vez de chegar a força ás 6 horas, chegou ás 9, demorando-se muito tempo nas estações por falta de agua!

Segundo os telegrammas que o governo recebeu, quando chegaram infanteria 7 e as

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXXIII

RODRIGO PINTO PISARRO

I

As polemicas mais notaveis que houve durante a emigração liberal, foram a do conde de Saldanha com a junta do Porto; e a do coronel do estado maior, Rodrigo Pinto Pisarro, depois mais conhecido pelo titulo de barão de Ribeira de Sabrosa, por causa da regencia de D. Pedro. Esta ultima, principalmente, produziu um grande escandalo, devido á falta de prudencia de muitos individuos com quem se aconselhava o duque de Bragança.

Pinto Pisarro desembarcou na praia de Matosinhos, no dia 26 de Junho de 1828, tendo vindo de Plymouth a bordo do vapor *Belfast*, em companhia do marquez de Palmella, condes de Villa Flor, de Sampaio, da Taipa e do Calhariz, tenente general Stubbs, marechaes de campo, Saldanha e Azeredo, secretario de estado honorario Candido José Xavier, barão de Rendufe, D. Filippe de Sousa Holstein, D. Alexandre de Sousa, major Manoel José Mendes, capitães Manoel Joaquim Berredo Praça e João da Costa Xavier, tenentes D. Manoel da Camara e Thomaz Pinto Saavedra, José Victorino Barreto Feio e Francisco Zacharias Ferreira de Araujo.

Passados poucos dias, como a revolução liberal, que vinham auxiliar, estava proxima do seu termo; em parte pela má direcção da junta do Porto, e em outra por circumstancias imprevistas; resolveram os individuos que tinham vindo de Inglaterra, regressar ao mesmo paiz no vapor que os trouxera, e com elles a junta do Porto e mais alguns militares e paisanos; o que effectuaram no dia 3 de Julho.

Chegados a Inglaterra, aconteceu o que é costume em todas as causas infelizes. Cada um tratou de desviar de si a responsabilidade do mallogro da revolução.

Essas desintelligencias iam-se no principio limitando a desabafos particulares; até que um acto menos bem pensado trouxe para o publico, o que conviria se não soubesse.

A junta do Porto resolveu dirigir a D. Pedro, ainda então imperador do Brasil, uma exposição do seu procedimento, tratando de justificar os seus actos. Essa exposição era datada de Londres, no dia 5 de Agosto de 1828. Se ella ficasse em segredo, passaria sem reparo; porem não aconteceu assim. O *Paquete de Portugal*, jornal impresso em Londres, protegido pelo marquez de Palmella e seus amigos, e redigido pelo padre Marcos Pinto Soares Vaz Preto e Rodrigo da Fonseca Magalhães; publica em o n.º 8 de 13 de Outubro do anno de 1829 a referida exposição.

Nella se lia o seguinte paragrapho, e respectiva portaria, origem da famosa contenda:

«Debaixo deste principio, se julgou de absoluta necessidade de abandonar a cidade do Porto, retirando-se o exercito do sul junto com as poucas forças ao norte do Porto, e que existiam sobre Vallongo, para a provincia do Minho; e como este plano devesse trazer comsigo a necessidade de muitos e diversos movimentos, que a junta composta de um grande numero de membros não podia seguir com a rapidez necessaria, e antes a poderia entorpecer, assentou-se que fosse simplificada ao numero de tres membros, que foram o marechal de campo João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, o coronel Francisco da Gama Lobo Botelho, e o Dr. Joaquim Antonio de Magalhães, dos quaes o primeiro seria o presidente, e ao mesmo tempo teria o commando em chefe do exercito, o que tudo consta da portaria, na copia, que respeitosamente se ajunta; e depois de lhes haver transmittido por este acto legal a legitima auctoridade, que devia continuar a ser exercitada em nome de vossa magestade, se dissolveu a mesma junta.»

PORTARIA

«A junta provisoria encarregada de manter a legitima auctoridade d'el-rei o senhor D. Pedro IV, attendendo ás imperiosas circumstancias que podem obrigar o exercito fiel e defensor dos direitos do mesmo augusto senhor, a retirar-se da cidade do Porto e fazer marchas successivas e rapidas por diversas partes, segundo as mesmas circumstancias o exigem; e não sendo possivel que a junta composta dos mesmos membros, possa acompanhar o exercito em taes vicissitudes; nem convindo ao bem de tão sagrada causa que uma auctoridade legal deixe de representar á pessoa d'el-rei o senhor D. Pedro IV e possa a todo o momento dar as providencias, que possam ser precisas: Ha por bem depositar toda a plena auctoridade, que até agora tem exercitado, nas mãos de uma commissão permanente, composta de um presidente, o general João Carlos de Saldanha de Oliveira Daun, que ficará commandando o exercito, e dois membros, Francisco da Gama Lobo Botelho, e Joaquim Antonio de Magalhães, os quaes usarão dos mesmos poderes, ficando a junta dissolvida. As auctoridades todas o tenham assim entendido para se executar convenientemente.—Porto 2 de Julho, 1828.

«P. Antonio Hypolito da Costa—V. P. Duarte Guilherme Ferreri—D. Philipe de Sousa Holstein—C. de Sampaio—Candido José Xavier—Francisco da Gama Lobo Botelho—Alexandre Thomaz de Moraes Sarmento.»

A junta pretendia lançar sobre o general Saldanha a responsabilidade do triste desfecho da revolução.

200 praças de infanteria 2 a Extremoz, o regimento de cavallaria 1 ainda estava formado. A força de Lisboa formou em quadrado, e foram então lidos os seguintes documentos:

Portaria censurando acremente os soldados que faltaram ás leis da disciplina.

Portaria ordenando a prisão das praças compromettidas na insubordinação, durante um mez, na fortaleza de S. Julião da Barra.

Portaria elogiando as praças que obedeceram aos seus superiores e que mantiveram a disciplina.

Decreto agraciando com o habito da Torre e Espada o capitão Brederode por ser a sua companhia a unica do regimento, que pelos seus esforços e dedicação se manteve toda, sem excepção de um soldado, na ordem.

Feito isto deu-se voz aos soldados reputados criminosos para sahirem da fórma,e guardados pelas 200 praças de infanteria 2, seguiram para a estação do caminho de ferro, d'onde ás 2 horas da tarde, partiram para Lisboa.

O desembarque deve verificar-se em Paço de Arcos, indo os presos para S. Julião, que fica proximo.

Diz-se que o casco do regimento de cavalleria 1 vai para Elvas hoje, vindo para Villa Viçosa cavallaria 3, que está em Elvas.

Tambem se diz, que o quartel general que está em Extremoz voltará para Evora, onde por vezes tem estado.

Findo o mez de prisão os soldados serão distribuidos pelos outros corpos do exercito e só voltarão a cavallaria 1 aquellas praças que pelo seu anterior comportamento e pelo modo por que se portarem durante a prisão se tornarem dignos dessa concessão.

Receiou-se que o povo de Extremoz fizesse causa commum com os soldados presos e que houvesse algum disturbio, porem não succedeu assim, felizmente,correndo tudo na melhor ordem.

Alem destas noticias correm boatos de dissolução do regimento, de demissão do general commandante da divisão e de procedimento rigoroso com os officiaes que não poderam manter a disciplina. Foram alguns officiaes de cavallaria para substituir os officiaes de cavallaria 1,que não inspiram inteira confiança ao commante do corpo.»

NOTICIARIO

Cemiterio.—Vamos lembrar á camara municipal a necessidade de mandar plantar dentro do cemiterio o maior numero de arvores que for possivel,escolhendo-se as mais apropriadas para este logar de tristeza e melancholia. Não são só os mausoleus que devem abrigar as cinzas dos finados. A humilde sepultura do pobre merece ao menos a sombra amiga de uma arvore, junto da qual vão derramar lagrimas de saudade a viuvez e orphandade inconsolaveis. Os ricos mandam construir monumentos funebres e gravar epitaphios grandiosos, para commemorar a perda dos seus parentes; mas os pobres nem a singella campa mortuaria pódem erigir. Plantem-se ao menos arvores á borda das ruas e á volta das sepulturas, para que á sua sombra vão os infelizes desherdados da fortuna chorar os entes que perderam.

Fazem-se tantas obras, para recrear os olhos e augmentar as commodidades dos habitantes; adornam-se praças; plantam-se jardins; alargam-se e canalisam-se ruas; abrem-se estradas, e construem-se caes, e o recinto de um cemiterio ha de ficar entregue a uma nudez, que contrista o coração e prejudica a saude! Não é só a moral e a religião que recommendam a conveniente arborisação do cemiterio; é tambem a hygiene publica.

Confiamos na solicitude da camara municipal por esta obra de verdadeira utilidade publica, e esperamos que na epocha conveniente mande proceder aos respectivos trabalhos.

Doença.—Acha-se gravemente enfermo o nosso amigo e patricio o sr. Francisco Lopes Lima de Macedo, distincto professor de musica, no lyceu desta cidade.

Fazemos votos pelo prompto restabelecimento do nosso amigo.

Despacho.—A sr.ª Dulia Olympia foi provida vitaliciamente na escola de meninas da freguezia de S. Martinho do Bispo, concelho de Coimbra.

Memorias de Aveiro.—O sr. Marques Gomes vae fazer uma interessante publicação, com o titulo de *Memorias de Aveiro*.

Temos presente o prospecto, e por elle vemos que esta publicação ha de ser muito curiosa.

Do seu auctor podemos dizer, que temos lido artigos seus no *Districto de Aveiro*, de muito merecimento, e que nos mostram que é competente para a publicação que vae effectuar.

As *Memorias de Aveiro* constarão de tres partes, além da introducção; e serão 72 os objectos de que ahi tratará o seu auctor.

Esta obra em que se mostrará largamente o que é Aveiro e o que tem sido desde a mais remota antiguidade até hoje, será publicada logo que haja um numero sufficiente de assignaturas que cubra a despeza da impressão. Preço, franco de porte, 500 rs.

Bernardo de Sá Nogueira.—Em o numero passado publicamos um extracto do discurso do deputado Barreto Feio, pronunciado na sessão das côrtes de 8 de Março de 1821, em que dizia que o sr. Bernardo de Sá Nogueira, viera depois da guerra peninsular frequentar os estudos em Coimbra.

Com effeito, o actual sr. marquez de Sá da Bandeira veiu em 1818 matricular-se no primeiro anno de Mathematica e primeiro de Philosophia. No anno de 1819 matriculou-se no segundo anno de ambas as Faculdades. Em 1820, porém, em razão dos acontecimentos politicos desse anno, não voltou á Universidade.

Em ambos os annos habitava o sr. Bernardo de Sá Nogueira, na rua de S. Jeronymo, desta cidade.

A tulipa.—Esta formosa planta só foi conhecida na Europa em 1560,vindo para Lisboa o primeiro exemplar enviado pelo vice-rei das Indias, Lopo de Sampaio, que remetteu as cebollas da tulipa de Ceylão, como uma das mais bellas conquistas da India. Esta planta foi a flor predilecta do cardeal de Richelieu, que deu nomes a muitas das suas variedades, cultivando-as com grande esmero.

Foi no meado do seculo 17.º, que a Hollanda começou a cultivar as tulipas como ramo de industria. Chegou a tal excesso este commercio, que nas bolsas de Harlem, Leyde, e Amsterdam eram cotadas as listas das cebollas de tulipas, como são hoje os fundos publicos e acções de bancos e companhias. Para se ver o preço louco a que chegou esta flor, basta referir, que uma cebolla de tulipa foi vendida em Harlem em 1715 por 1:500 florins, e por outro exemplar foram dadas em troca 12 geiras de terra.

Consumo dos phosphoros.—Calcula um jornal francez, que em França cada individuo consome por dia 6 palitos phosphoricos, na Inglaterra 8, e na Belgica 9. Na Allemanha ainda o consumo deve ser maior.

Tomando por base o calculo relativo á França, póde avaliar-se, que a Europa consome diariamente mais de 300:000 kilogrammas de madeira, ou mais de 400:000 metros cubicos por anno. A esta producção deve acrescentar-se o fabrico dos phosphoros de cera, que tem progredido muito nestes ultimos tempos. Na Austria ha uma fabrica, que occupa mais de 5:000 operarios. Na França a fabrica mais importante não conta mais de 600 operarios.

Esta industria chimica dá trabalho actualmente na Europa a mais de 50:000 pessoas, e o valor dos productos fabricados não é inferior a 250 milhões de francos annuaes.

Bebidas espirituosas.—Affirma um escriptor, que Londres consome mais de 80 milhões de litros de vinho e aguardente, e calcula que esta quantidade de liquido podia formar um rio de 3 metros de profundidade, 40 de largura, e 9 kilometros de comprimento.

Enxofre.—Existem na Sicilia mais de 600 minas de enxofre. Empregam-se na sua exploração mais de 22:000 pessoas, e o valor annual deste producto sobe a mais de 17 milhões de francos.

California.—Para se avaliar a riqueza do terrenos da California, basta referir, que no espaço de 4 mezes se criam batatas neste paiz, com [illegible], pesando cada tuberculo 3 e 4 libras.

Influencia das florestas.—O clima do alto Egypto era antigamente tão secco, que apenas havia 4 ou 5 dias de chuva em cada anno. Mehemet-Ali mandou arborisar o paiz, plantando-se mais de 20 milhões de arvores. Logo que esta vegetação adquiriu certo desenvolvimento, as chuvas foram augmentando, e a aridez do clima diminuiu consideravelmente.

Sanguesugas.—O emprego medicinal destes animaes, para promover evacuações sanguineas, constitue um ramo de commercio importante. Paris e Londres são os principaes depositos da Europa. Trieste exporta annualmente mais de 3 milhões. Da Australia vem todos os annos grande quantidade para os mercados europeus. O vice-rei do Egypto concedeu a um especulador o privilegio de colher todos os annos 3 milhões de sanguesugas nas aguas estagnadas que ficam nas margens do Nilo depois das inundações periodicas deste famoso rio.

Fabrico do pão.—Demonstra a chimica, que o alcool é um dos productos da fermentação panar, juntamente com o acido carbonico. Está calculado por experiencias rigorosas, que a quantidade de alcool que se perde na preparação do pão, regula por 1 litro em 100 kilogrammas de [illegible]cia, o que representa só para a Grã-Bretanha uma perda total de 22.717:000 litros no consumo annual do pão.

Cerejeira notavel.—Existe em Windsor uma cerejeira, que foi enxertada por Jorge I em 1725. Este monarcha era tão guloso por fructas, que morreu victima de uma indigestão produzida por melões. As cerejas desta arvore historica e privilegiada só são consumidas á mesa da familia real; e só por excepção e fineza muito especial, a rainha Victoria tem feito alguns presentes. Lord Palmestron foi um dos ministros mais contemplados com as bellas cerejas de Windsor.

Louvores—Por portaria do ministerio do reino foi mandado louvar o sr. conselheiro Bernardino Antonio Gomes, pelo distincto serviço que prestou á escola Medico-Cirurgica de Lisboa com o donativo do herbario que foi do Dr. Valorado; de sete cartas do proprio punho do Dr. Brotero e de varias collecções de plantas, ordenadas pelo Dr. Welwitsch, pelo offerente e por seu filho Bernardino Barros Gomes.

Por outra portaria foi mandado significar ao vice-inspector da Academia de Bellas Artes de Lisboa a satisfação que causou a sua magestade a noticia do bom comportamento e notavel aproveitamento com que concluiram os seus trabalhos do ultimo anno escolar na escola de Bellas-Artes de Paris, os pensionistas José Luiz Monteiro e Antonio José Nunes Junior.

Disposições militares.—Na ultima ordem do exercito lê-se o seguinte:

Secretaria d'estado dos negocios da guerra

Direcção geral

«Tendo chegado ao conhecimento de S. M. el-rei a noticia do condemnavel facto de insubordinação, occorrido na villa de Extremoz e praticado por consideravel numero de praças do regimento n.º 1, lanceiros de Victor Manoel, durante a tarde do dia 18 de Agosto proximo findo, em sensivel prejuizo dos bons creditos, que desde a sua ultima reorganisação ha sempre recommendado aquelle regimento, e em affronta aos brios e á disciplina do exercito; reconhecendo o mesmo augusto senhor a necessidade imprescriptivel de reprimir actos de tão lamentavel natureza e de evitar que, por qualquer pretexto e em qualquer grau, se repitam; em vista de quanto se deduz do conselho de investigação sobre o facto instaurado na mesma villa de Extremoz e concluido no dia 3 do corrente, que hoje subiu á sua real presença: ha por bem determinar, pela secretaria de estado dos negocios da guerra:

1.º Que todas as praças do supra indicado regimento, que na tarde do referido dia 18 faltaram á formatura, que para o corpo estava ordenada, depois de presas por trinta dias n'uma praça de guerra, em harmonia com as disposições contidas no regulamento disciplinar de 30 de Setembro de 1856, sejam disseminadas pelos differentes corpos de cavallaria do exercito; onde, continuando o serviço, terão ensejo de, melhorado o seu procedimento, fazer esquecer a falta em que infelizmente hão incorrido.

2.º Que o regimento de cavallaria n.º 1, lanceiros de Victor Manoel, seja mudado de quartel, permanecendo no posto que lhe for designado até ulterior resolução.

Paço, em 7 de Setembro de 1874—Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

S. M. el-rei,tendo em consideração o comportamento com que os soldados e mais praças da 3.ª companhia do regimento de cavallaria n.º 1, lanceiros de Victor Manoel, foram exemplo de subordinação e disciplina, permanecendo em respeito e sujeitos ás determinações superiores, na tarde do dia 18 de Agosto ultimo, em quanto varias praças do mesmo regimento, em condemnavel esquecimento dos seus primeiros deveres, com escandalo dos brios e bons creditos do corpo a que pertencem, se mancharam pela desobediencia: manda, pela secretaria d'estado dos negocios da guerra,que em seu real nome se elogie o procedimento dos soldados e mais praças da referida 3.ª companhia, procedimento que, comquanto regular, é, todavia, pelas circumstancias em que briosamente foi manifestado, digno de apreço e de louvor.

Paço, em 7 de Setembro de 1874.—Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

Por decreto de 7 do corrente mez:

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 1, LANCEIROS DE VICTOR MANOEL

Cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito, o capitão, Antonio Xavier de Mello Lacerda de Brederode, em attenção aos seus dotes militares e á maneira distincta pela qual manteve em respeitosa obediencia a 3.ª companhia do seu commando, durante a tarde do dia 18 de Agosto ultimo, no quartel de Extremoz, sem que nem um só dos soldados da mesma companhia tomasse parte na manifestação de desobediencia, com que na referida tarde mancharam os brios militares, varias praças do corpo a que dignamente pertence.

Declara-se, para conhecimento do exercito, que S. M. el-rei houve por bem determinar o seguinte:

1.º A transferencia do quartel general da 4.ª divisão militar, da villa de Extremoz para a cidade de Evora, como é prescripto no decreto com força de lei de 13 de Dezembro de 1869.

2.º A transferencia do quartel do regimento de infanteria n.º 1, lanceiros de Victor Manoel, da villa de Extremoz para a praça de Elvas.

3.º A transferencia do quartel do regimento de cavallaria n.º 3, da praça de Elvas para Villa Viçosa.

4.º A apresentação no quartel general da 1.ª divisão militar, para terem ulterior destino, dos officiaes do regimento de cavallaria n.º 1, lanceiros de Victor Manoel: capitães, Pedro de Oliveira, José de Aguiar, Fernando de Seixas Brito Bettencourt e Frederico Augusto de Almeida Pinheiro; tenentes, João José de Almeida e José Antonio Madeira; e do cirurgião mór, Joaquim Augusto da Silva.

5.º A leitura das portarias nesta ordem comprehendidas e a de um officio, datado de 8 do corrente, dirigido ao general commandante da 4.ª divisão militar, dando conhecimento do decreto nesta ordem indicado, pelo qual S. M. el-rei houve por bem agraciar o capitão do regimento de cavallaria n.º 1, lanceiros de Victor Manoel, Antonio Xavier de Mello Lacerda de Brederode, pelos motivos na supradita indicação expressos; leitura realisada em acto de parada geral na presença das forças reunidas dos regimentos de cavallaria n.º 1 e infanteria n.º 7, de um contingente do regimento de infanteria n.º 2, e do destacamento do batalhão de caçadores n.º 8, estacionado na villa de Extremoz.»

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 9 (á noute)—Setenta mil homens da reserva entraram nas fileiras e dez mil remiram-se á dinheiro.

O ministro da guerra trata de recrutar 12:000 homens para enviar a Cuba.

Serrano foi esta tarde á Granja e voltará breve. Pavia está em Alcaniz.

Os carlistas estão desalentados pela derrota que soffreram nos arredores de Puigcerdá.

O governo allemão approvou o procedimento do commandante da «Albatros».

É inexacto que Moriones desse a demissão.

Na provincia de Mancha não ha nenhum carlista armado, depois da morte de dois chefes.

A «Politica» periodico ministerial, confirma a noticia de que o governo allemão approvou o procedimento do commandante da «Albatros», repellindo as aggressões dos carlistas de Guetaria.

O «Imparcial» diz que os deveres de neutralidade obrigavam a não intervir, mas ha que reconhecer o legitimo direito de defeza, auctorisando o commandante da «Albatros», a fazer tiros de artilheria contra os carlistas.

Resumo do activo e passivo do banco commercial de Vianna 31 d'Agosto de 1874

ACTIVO

Caixa	101:546$660
Acções	5:185$000
Letras em carteira	587:446$931
Contas correntes com garantia	413:543$921
Emprestimos sobre penhores	234:673$600
Papeis de credito	208:293$735
Devedores no paiz	450:604$083
Ditos no estrangeiro	147:070$503
Ditos nas ilhas	34:462$756
Cartas de credito	11:692$500
Despezas da installação, moveis e utensilios	5:329$501
	2.199:848$190

PASSIVO

Capital	600:000$000
Depositantes	260:506$797
Obrigações	783:190$303
Letras a pagar	129:008$242
Credores no paiz	256:799$444
Ditos no estrangeiro	148:288$752
Ditos nas ilhas	314$791
Dividendos	1:289$000
Fundo de reserva	3:000$000
Ganhos e perdas	17:450$861
	2.199:848$190

Banco commercial de Vianna do Castello, 7 de Setembro de 1874.

Pelo banco commercial de Vianna,

Os directores,

José Antonio Loureiro.

José Alves de Sousa Ferreira.

Saldanha, chamado assim á auctoria, publicou logo em Paris, no dia 13 de Novembro de 1829, as—*Observações do conde de Saldanha, sobre a carta que os membros da junta do Porto dirigiram a S. M. o imperador do Brasil em 3 de Agosto de 1828, e mandaram publicar no Paquete de Portugal em Outubro de* 1829.

A impressão destas *Observações* foi feita na imprensa de J. Tastu em Paris; e no anno immediato de 1830,foram reimpressas no Rio de Janeiro, na typographia de R. Ogier, sendo o editor o bacharel Antonio Gomes das Neves e Mello, que tinha sido juiz de fóra de Setubal, e era irmão do Dr. em Medicina, Jeronymo José de Mello. Alem disso foram traduzidas em inglez, sendo citadas pelo *Morning Post* e outros jornaes.

Ainda no mesmo anno de 1830 tornaram a ser outra vez impressas em Paris, porem mais augmentadas, com o titulo de—*A perfidia desmascarada, ou carta da junta do Porto a sua magestade o imperador do Brasil, e observações á mesma carta pelo conde de Saldanha, e por outro emigrado. Com notas do editor*. Não tem o nome do impressor.

Depois da carta da junta do Porto, e carta em resposta do conde de Saldanha, com os documentos respectivos, seguem-se neste opusculo as *Observações sobre alguns paragraphos da mesma carta da junta, por* * * *. E para que se veja que tal era o azedume desta polemica, vamos transcrever alguns paragraphos das referidas *Observações*, que, apesar de serem anonymas, com todo o fundamento suppomos serem de Rodrigo Pinto Pisarro. Devemos advertir que as palavras *gryphadas* estão no proprio impresso.

«Nos dias 26, 27, e 28 de Junho pozeram o conde de Saldanha na penosa necessidade de estar no Porto a esperar que se comprassem *penachos, selins e até uma espada para o secretario militar do marquez de Palmella*; nos dias 29 e 30, e no primeiro de Julho a mesma indifferença; o conde de Saldanha foi obrigado a pedir licença para fazer um reconhecimento, etc. etc., no dia 2 de Julho á tarde; só porque o conde de Saldanha se embaraçou, vacillou, ou duvidou da sua influencia sobre os corpos, já ninguem viu salvação, senão na pessoa delle!

«A commissão compunha-se de tres membros, faltou um; porque não conservaram os outros dois a sua auctoridade, e o seu logar? Que ordens deu, aonde procurou os generaes Saraiva,e Pisarro,immediatos ao conde de Saldanha? Que officiaes consultou, que fez antes de *fugir* para os brigues, para que nós possamos concluir do que fez em Coimbra, no Vouga, e em Oliveira d'Azemeis, e no Porto, o que seria capaz de fazer no Minho?

«Quantos generaes estavam no barco de vapor, cavallo de madeira, que entrou no Douro para incendiar o Porto, quantos eram? Seis: o generalissimo, *feitura da junta*, marquez de Palmella, os tenentes generaes conde de Sampaio Manoel, Hypolito da Costa, e Stubbs, e os marechaes de campo conde de Villa Flor, e Azeredo; porque não foi um destes generaes occupar o posto que o conde de Saldanha declarava não poder exercitar?

«Que dialogo houve nas escadas da camara do barco de vapor entre o marquez de Palmella, e o conde de Villa Flor, quando se recebeu uma carta, que só no mar se soube ter sido escripta por Bernardo de Sá, pedindo que fosse um dos generaes para terra? Porque não reassumiu a junta as suas funcções, e o commandante em chefe o seu commando: ainda era tempo; com a mesma *ligeireza, e auctoridade* com que a junta *se despia* da investidura do governo,que tão solemnemente tinha recebido, e exercitado, com essa mesma *ligeireza* podia ter reassumido as suas funcções; porque o não fez, diga, falle?

«Não foi a bordo do vapor o general Saraiva, o coronel Torres, os majores Xavier, e Sá Camello, declarando, que as tropas estavam promptas a obedecer ao marquez de Palmella, ao conde de Villa Flor, e ao de Saldanha? Que resposta lhes deu o *marquez de Palmella*; que resposta lhes deu o *conde de Villa Flor*, que resposta lhes deram *os outros generaes*; que resposta lhes deram os *sete, ou oito* membros da junta, que alli estavam reunidos?

«A verdade é, que ninguem se atreveu a occupar o logar que o conde de Saldanha abandonava, e ninguem duvidou então *de que os corpos se deviam retirar immediatamente para Galliza*. Se assim não fosse, como era possivel que naquella noute deixasse de declarar-se o projecto d'occupar o Minho, quando os chefes dos corpos se recusavam retirar-se para Hespanha!

. . . .

«Que uma grande parte da fidalguia portugueza calumnie o conde de Saldanha, porque *desertou* das suas fileiras, sempre *engordadas* nas *marmitas* do thesouro publico, isso entendemos nós: a *maior parte* da fidalguia portugueza olha o conde de Saldanha com o mesmo resentimento, que a *velha* fidalguia franceza olha o general Lafayete. *São injustos taes fidalgos; mas são coherentes. Toda a mancha, toda a inconsequencia, toda a corrupção cabe aos deputados sem caracter*, que devendo ter outros interesses, que tendo sustentado outros principios, *se prostituem á cabala, á politica, e ás paixões que out'rora vituperaram!* E contra quem se *alistam*? Contra um dos *poucos* homens, que mais tem pugnado com *nobre independencia* por um governo representativo em sua infeliz patria!

«Que lição dolorosa não offerece á contemplação dos subditos da senhora D. Maria II esta conspiração *de tantas grimpas, de tantos cata-ventos* contra um homem de bem; contra um official, que o exercito preza; contra um general que *prestou o mais forte apoio para o juramento, sustentação, e defensa dos direitos da* rainha de Portugal; *contra o unico ministro que manteve, e fez manter a Carta Constitucional*; que por ella se sacrificou a si, e seus amigos! Se o conde de Saldanha recebe tal galardão, que podem esperar aquelles, cujos serviços nunca poderam ser, nem tão grandes, nem tão brilhantes!

«A junta do Porto pode *estrebuchar, prostituir-se mais, ou menos*; mas a *tinta da ignominia* já marcou seu nome nas paginas vingadoras da historia de Portugal. *A dissolução do governo do Porto é lembrança dos seus membros*; o tempo, o modo da *dissolução, e fuga, é parto monstruoso da sabedoria, do patriotismo, e do valor da junta*; todas as calamidades nacionaes da noute fatal do dia 2 de Julho de 1828, *foram consequencia certa da desorganisação do governo*. Ninguem pode ver solidez n'um edificio, cuja base se aluira. O governo era, *e nem podia deixar de ser*, o centro daquella esfera, que perdeu, *e nem podia deixar de perder* o *equilibrio*, quando o centro se precipitou. *É portanto a junta a primeira causa, a origem primordial da catastrophe do Porto, e o M. de Palmella a segunda.*»

Em auxilio do conde de Saldanha veiu tambem um official seu amigo.

Datado de Hédé, em 6 de Dezembro de 1829, imprimiu-se em Paris, na typographia de J. Tastu, um opusculo, com o titulo de—*Lembrança para a historia da junta do Porto, pelo capitão do regimento de cavallaria n.º 12, Albino Pimenta de Aguiar.*

Ahi se accusa largamente a junta do Porto de ser causa, pela sua inaptidão, da perda da revolução liberal.—Pimenta de Aguiar começa com esta firmeza a sua exposição:

«A perfidia com que a junta do Porto argue o conde de Saldanha, procurando desta *vil maneira* desviar de cima da sua cabeça a responsabilidade, que lhe cabe *inteira* e *cabal*, pelo infeliz exito da revolução do Porto, impõe-me a obrigação de romper o meu silencio para que os emigrados vejam,e *até para que o imperador do Brasil saiba*, o credito que póde merecer uma junta cujos membros se conduziram pelo modo que vou a dizer.

«Não foi o general Saldanha quem perdeu a causa do Porto;foi o governo alli installado, e com particularidade alguns de seus membros; de cuja conducta vou fallar com aquelle conhecimento, que póde ter um official, *que viu e observou muito de perto todas as suas acções*.

«A minha exposição é fundada em verdade e franqueza; *e eu me comprometto a sustental-a*, de qualquer maneira,*sempre que haja alguem que duvide da sua veracidade.*»

Ás respostas do conde de Saldanha e dos seus amigos, não quiz ficar silenciosa a junta do Porto. Por isso no anno de 1830, foi impresso em Londres, por R. Greenlaw, a—*Analyse ás Observações do general Saldanha, publicadas em Paris, com a data de 13 de Novembro de* 1829. Esta *Analyse* era assignada pelos dois membros da junta do Porto,com quem mais directamente era a polemica, Joaquim Antonio de Magalhães e Francisco da Gama Lobo Botelho.

No mesmo anno de 1830 foi reimpressa esta *Analyse* no Rio de Janeiro, na typographia de Gueffier e C., na rua da Quitanda, n.º 79.

Em ambas as edições vem no fim, como prova documental,uma carta *lithographada* em *fac-simile*, escripta pelo general Saldanha, no quartel general de Santo Ovidio o Novo, no dia 2 de Julho de 1828, e dirigida áquelles dois membros da junta do Porto.

Na sua *Analyse* diziam Magalhães e Gama Lobo:

«Duas são as proposições essenciaes que o general Saldanha estabelece nas suas *Observações*.

«1.ª Que elle não tivera em Portugal conhecimento da portaria, pela qual fôra nomeado general em chefe do exercito, e presidente de uma commissão permanente do governo em nome de el-rei D. Pedro, por occasião da dissolução da junta do Porto; dando como razão disso que essa portaria só lhe fôra entregue em Londres.

«2.ª Que a junta do Porto,dissolvendo-se, o encarregára sómente de conduzir o exercito em retirada para Galliza, ao que os officiaes generaes e commandantes dos corpos não quizeram annuir.

«Que o general Saldanha não recebeu em Portugal a referida portaria,somos nós os primeiros que o asseveramos; mas asseveramos e provaremos:

1.º Que o general teve todo o conhecimento do conteudo na dita portaria,em tempo conveniente,e que principiou a dirigir-se em consequencia delle.

«2.º Que a commissão dada ao general, não fôra principalmente a immediata retirada do exercito fiel para a Galliza: esta retirada seria o ultimo recurso de que se devia lançar mão.»

Como estes dois membros da junta do Porto envolviam na sua *Analyse* accusações contra Rodrigo Pinto Pisarro,intimo amigo do general Saldanha, saiu tambem Pisarro em sua propria defeza e na do seu amigo,publicando em Paris, em data de 20 de Maio de 1830, o *Commentario do coronel Pisarro á Analyse feita pelo Dr. Joaquim Antonio de Magalhães, e pelo coronel Francisco da Gama Lobo Botelho, ás Observações do conde de Saldanha, sobre a portaria posthuma da junta do Porto.*

Pinto Pisarro, terminava o seu *Commentario* com os seguintes periodos:

«Creio ter explicado as imputações gratuitas dos AA. da *Analyse*, que levados de um motivo, talvez especial, mostraram, n'aggressão que me fizeram, *muito má vontade, sim*, porem muito pouco engenho.

«*Todo o mundo entende* que o motivo que me recommenda á benevolencia dos AA. da *Analyse* não é o meu procedimento no Porto; *mas sim* a minha *enunciada*, ainda que humilde opinião sobre a junta, e a minha *costumada* lealdade a um homem, que a perfida ambição d'uns, dispondo da sordida corrupção de outros,forceja por deprimir; não por o motivo ostensivo, mas por antipathias antigas e modernas, e anti-liberaes combinações. Paris, 20 de Maio de 1830.—*Rodrigo Pinto Pisarro.*»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Á ULTIMA HORA

Com a mais profunda dôr temos de dar a noticia de que falleceu hoje, pela uma hora da madrugada, na villa da Figueira, o nosso respeitavel e intimo amigo, o sr. conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Nesta occasião em que o nosso jornal vae entrar no prelo, não nos é possivel dizer já hoje o que sentimos das virtudes, illustração, merecimentos, e serviços do illustre fallecido.

Cumpriremos esse dever em o numero seguinte.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

ANNUNCIOS

1 ANNUNCIA-SE que no dia 22 do corrente, pelas 10 horas da manhã, e perante o conselho eventual do destacamento de infanteria 10, se hade abrir praça para o fornecimento de pão e forragens para a força estacionada ou que vier estacionar nesta cidade, ou por ella transitar. As condições estão patentes na secretaria do mesmo destacamento, das 10 ás 3 da tarde. Quartel de Coimbra, 7 de Setembro de 1874.

Joaquim Maria d'Almeida, alferes do n.º 10.

COLLEGIO ACADEMICO

2 ABREM-SE as aulas para o proximo futuro anno no dia 5 de Outubro.

Admittem-se alumnos internos, semi-internos e externos.

Dão-se programmas e regulamentos a quem os desejar.

O director,
Antonio Zeferino Candido.

Venda de 1000 pinheiros, na Divisão Florestal do Norte

3 NO DIA 15 do corrente, do meio dia ás 2 horas da tarde, terá logar, na administração do concelho de Coimbra, a venda em praça de 1:000 pinheiros do pinhal nacional de Vil de Mattos; e bem assim a de todos os paus e varolas de madeira e lenha, prejudicados por um incendio.

Pinhal de Foja, 10 de Setembro de 1874.—O mestre da divisão, F. Leal d'Almeida.

4 NO DIA 17 do corrente, pelas 12 horas da manhã, nos paços deste concelho, será dada de arrematação, se o preço convier, a conclusão do muro de revestimento do torreão do extincto convento da Estrella, segundo as condições presentes no acto da praça.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 11 de Setembro de 1874.

O escrivão da Camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

PEDIDO

5 ROGA-SE ao sr. *Bernardo José Simões,—recebedor da comarca de Arganil*—o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas, que lhe tem sido dirigidas por parte da administração do jornal *o Conimbricense*.

Leccionista de pharmacia

6 JOAQUIM ANTONIO J. PEREIRA, pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade, lecciona aspirantes de pharmacia. Travessa da rua dos Militares, n.º 26.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

7 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

8 ANTONIO JACOB JUNIOR, com padaria ao Arco d'Almedina em Coimbra, avisa ao publico, que tem egual estabelecimento na Figueira da Foz, rua da Cadeia, n.º 1.

FIGUEIRA DA FOZ

Ao fundo da rua do Paço, n.º 3

DENTISTA

9 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 10 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

Attenção

10 NA RUA DAS COVAS, n.º 52, vende-se alem de outros muitos objectos já mencionados, uma linda mobilia de sala, grande espelho e tremó.

Attenção

11 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

12 QUEM QUIZER arrendar dois celleiros para milho, e um armazem para azeite, póde dirigir-se a Francisco da Silva e Oliveira, na rua da Sophia, collegio de S. Bernardo.

OS FAMINTOS

13 POESIA dedicada ao Proletariado Portuguez, por A. H. Sotto Maior Judice. A' venda em Lisboa na Minerva, Rua do Ouro, 276 e 278; nas livrarias do costume e nos kiosques do Rocio, e Ribeira Nova. Preço 40 rs.

ESTALAGEM NA MEALHADA

14 FRANCISCO CANAS, faz publico, que abre novamente a sua estalagem, desde o dia 15 do corrente em deante. O annunciante tambem tem carroagens para alugar para qualquer parte, excepto Vizeu e Mangualde.

Mealhada 11 de Setembro de 1874.

Grande deposito de machinas de costura do auctor Singer
34, Rua do Visconde da Luz, 36

COIMBRA

15 AO ESTABELECIMENTO de José Texeira da Cunha chegou novo sortido de machinas para senhora, alfaiate, correiro e sapateiro: todas estas machinas cosem em fazendas finas ou grossas. Dão mil pontos por minuto e do tamanho que se queira. O ponto e entrelaçado no meio, e por isso mais seguro do que cosido á mão. Preços eguaes aos de Lisboa da unica casa sucursal.

Tambem ha troçaes, retroz, linhas brancas e de côr, agulhas, etc.

ATTENÇÃO

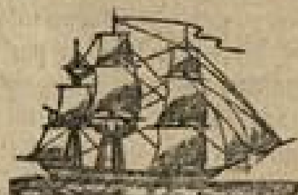
16 BOLSSON & POMBAR, oculistas, estabelecidos nesta cidade, na rua da Calçada, n.º 86 a 90, participam aos seus amigos e freguezes, que desde o dia 9 até ao fim do corrente, tem o seu estabelecimento d'oculista na Figueira da Foz, na rua das Flores, n.º 2.

Coimbra 8 de Setembro de 1874.

Bolsson & Pombar.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Barca=HUMILDADE=em 28 de Setembro.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

18 DESDE o principio d'Outubro em diante, na rua da Alegria, n.º 63, ensinam-se meninas a coser, bordar, tocar piano, etc; e tambem se recebem de cama e mesa.

Fazem-se tambem quaesquer obras brancas ou de côr, sendo estas ultimas pertencentes a senhoras.

Tudo por preços muito reduzidos.

19 **SAUDE A TODOS** restituida sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de *Saude*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Qualquer doente acha por meio da deliciosa *Revalesciére*, saude, energia, appetite, boa digestão e bom somno. Cura as indigestões (despepsias), gastrica, gastralgia, fleuma, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Adra, provincia de Almeria (Hespanha), 10 Outubro de 1867.

Meus senhores: — Tenho a satisfação em fazer-lhes sciente que minha filha com o uso desta deliciosa farinha chamada **Revalesciére chocolatada**, curou radicalmente de uma erupção cutanea, que lhe impedia dormir por causa da comixão insupportavel que padecia.—De V. S.ªs attento venerador, PRERIN DE LA HITTOLES, ao *Visconsulado de França*.

Cura 78:421. (Herpes).—Valença, 14 de Setembro de 1873.

Uma minha amiga que padecia havia muitos annos de Herpes, foi curada completamente com a *Revalesciére*. — J. BATLLORI, fabrica de massa, Praça de S. Catharina, 9.

Cura 56:936. Barr (Baixo Rheno) 4 de Junho de 1862.

Senhor:—A *Revalesciére* tem feito na minha pessoa uma mudança maravilhosa, tendo readquirido não sómente as minhas forças, mas tambem parecendo-me que estou completamente remoçado, tornou-me o appetite, que desde muito tempo tinha perdido, e a oppressão e o peso que padecia haviam já 40 annos, já não me atormentam.—DAVID RUFF, proprietario.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalesciére* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalesciére chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa,** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto, L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2832 — TERÇA FEIRA 15 DE SETEMBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Está o governo empenhado n'uma das mais importantes tarefas da administração do estado.

Trata-se da reorganiseção do exercito, e todos sabem qual é o alcance desta instituição, sejam quaes forem as circumstancias do paiz a que pertença.

Não tenhamos a louca pretensão de paiz guerreiro. Para longe de nós as tendencias á conquista, direito que a moderna civilisação baniu do codigo internacional. Mas sejamos prevenidos e cautellosos, preparando a força publica para a eventualidade que póde obrigar-nos a defender a conservação do no nosso territorio; e porventura da nossa autonomia.

Para nós esta questão acha-se posta nos seguintes termos:

Se o exercito está prompto a satisfazer plenamente o fim da sua creação—é uma instituição util e benemerita, na qual vemos o fiador dos nossos fóros de nação, a garantia da nossa independencia.

Se pelo contrario é uma corporação apenas de apparato— é uma inutilidade ridicula, que deve desapparecer.

Mas uma nação não póde deixar de ter defeza. No dia em que mandasse recolher aos depositos da inactividade os seus armamentos, no dia em que mandasse os braços desarmados aos lavores da agricultura e da industria, teria perdido a sua qualidade de povo independente, e em breve o seu nome seria riscado do catalogo das nações.

Pelo que nos diz respeito, ahi está a historia para attestar quantas vezes nos tem sido preciso recorrer á força armada para defender a herança gloriosa de nossos maiores, e tambem ella pode ensinar quantos dissabores e complicações nos tem acarretado a desorganisação em que quasi sempre a temos encontrado. E do modo porque as cousas vão correndo na Europa, poderemos nós inferir que a nossa autonomia não será violada? Não poderão mal entendidas ambições, paixões ruins e desmesuradas, que tanto podem ser sopradas de fóra, como fermentadas cá dentro, impellir-nos ao campo da batalha e ás ameias do baluarte?

Não aventamos conflictos. Não somos terroristas, e até queremos suppor que a melhor rasão aconselhará a respeitar um paiz, que se mostra na frente da civilisação, dando provas em cada dia de boa morigeração e tino governativo.

Todavia, quem reflectir bem no estado politico da Europa, e sobretudo na feição extrema a que parece tender a peninsula, acabará por convencer-se de que sem perda de tempo cumpre ao governo de Portugal cuidar da defeza nacional, reorganisando o exercito, sem deixar de attender a uma só das especialidades que formam o seu complexo.

O sr. ministro da guerra comprehendeu devidamente esta urgencia, e applica-lhe a actividade e tino que todos lhe reconhecemos no assumpto.

Attende-se pois o armamento das differentes especies, já em parte substituido; cuida-se de melhorar a legislação militar, tanto na parte organica e administrativa, como na disciplinar; e activa-se o serviço do recrutamento, para o qual não deixarão de apparecer tambem novos regulamentos, que ponham por uma vez a distribuição deste tributo nos termos de tocar a todos com justiça e equidade.

Ultimamente expediu-se aos governadores civis uma circular, fazendo-lhes sentir a necessidade de tomar todo o cuidado pelo cumprimento do que se acha disposto a esse respeito.

E' indispensavel preencher o contingente que toca a cada districto, o que facilmente se consegue, pondo de parte o favoritismo e as considerações que começam nas regedorias, e vão terminar nas juntas de revisão:—ás vezes não param ahi; vão até ao conselho de estado.

O governo é digno de louvor quando n'aquella circular se mostra disposto a contrariar os abusos que a tal respeito se tem desde ha muito commettido, e as duas portarias que vieram ha pouco na folha official, nas quaes se censuram duas auctoridades districtaes pela pouca attenção prestada ao referido serviço, confirmam o seu proposito de levar por diante a execução da lei respectiva.

E' com effeito um tributo pesado este que a patria nos exige; mas é nobre o pagal-o. Dois motivos para que ninguem se recuse: primeiro a justiça, depois a nobreza.

Ser soldado é o melhor titulo de recommendação para um bom filho da patria.

Depois não ha motivo para o horror

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXIV

RODRIGO PINTO PISARRO

II

Com a vinda em 1831 de D. Pedro para a Europa, suscitou-se uma grande polemica, por causa delle querer assumir a regencia de Portugal, durante a menoridade de sua filha D Maria II, e isto em opposição com o disposto no artigo 92 da propria Carta Constitucional, que elle em 29 de Abril de 1826 havia outorgado.

Os celebres jurisconsultos Filippe Ferreira de Araujo e Castro e Silvestre Pinheiro Ferreira eram, pela sua parte, favoraveis á pretensão de D. Pedro.

Foram ambos convidados, e assistiram em Paris, no dia 8 de Setembro de 1831, a uma conferencia particular, presidida pelo duque de Bragança, e em que tambem tomaram parte o marquez de Lavradio, pae; o conde de Villa Real, Agostinho José Freire, D. Francisco d'Almeida, marquez de Rezende e Candido José Xavier.

Para facilitar a marcha politica de D. Pedro, publicaram os mencionados Filippe Ferreira e Silvestre Pinheiro, em data de 15 de Novembro immediato, o—*Parecer sobre os meios de se restaurar o governo representativo em Portugal, por dois conselheiros da corôa constitucional*. Foi impresso em Paris, no mesmo anno de 1831, na officina typographica de Casimir.

Este *Parecer* agradou ao duque de Bragança, pois que o seu secretario particular, Candido José Xavier, dirigiu aos auctores delle a seguinte carta:

«Illm.ºs e exm.ºs srs.—Sua magestade imperial o sr. duque de Bragança, tendo recebido o exemplar da conta que VV. Ex.ªs entenderam dever dar aos seus concidadãos do *Parecer*, que conceberam, sobre os meios de se restaurar o governo legitimo de Portugal, acompanhado da carta, com que fizeram subir aquelle exemplar á sua real presença: quer que eu participe a VV. Ex.ªs, que sua magestade imperial leu o dito *Parecer* com a attenção devida á importancia da materia, e ao reconhecido merecimento dos seus auctores; e manda louvar a VV. Ex.ªs pelo interesse que tomaram em expor a sua opinião sobre os principios da maior transcendencia para a futura administração em Portugal, e pelo zelo com que os desenvolveram.

«Deus guarde a VV. Ex.ªs—Paris, em 15 de Janeiro de 1832 —*Candido José Xavier*— Illm.ºs e exm.ºs srs. Filippe Ferreira de Araujo e Castro, Silvestre Pinheiro Ferreira.»

Se, porém, este *Parecer* era do agrado de D. Pedro, não acontecia o mesmo com muitos membros distinctos do partido liberal.

Por isso no anno de 1832 sairam a luz em Londres, impressas na typographia de Bingham, as—*Observações sobre um opusculo intitulado: «Parecer de dois conselheiros da corôa constitucional, sobre os meios de restaurar o governo representativo em Portugal»* —*por José Ferreira Borges*.

Nestas *Observações* combatia José Ferreira Borges os differentes alvitres do *Parecer*, tanto em relação á regencia de D. Pedro, como á posterior administração do reino, e á *amplissima* amnistia proposta nelle, amnistia, segundo Ferreira Borges, affrontosissima, pois que era applicada aos proprios liberaes, desde a revolução de 24 de Agosto de 1820.

Com relação a este ultimo ponto dizia José Ferreira Borges:

«A amnistia é uma lei, porque é um mandado obrigatorio dos subditos d'uma nação: mas ella não terá o caracter de lei se não for justa. O rei pode amnistiar os crimes politicos; isto é, pode ter mão na espada da lei ao dar o golpe sobre o criminoso que attentou contra a ordem do estado: mas a lei não pode, nem pode ninguem dispor dos direitos adquiridos por terceiro, sem offender a propriedade d'esse terceiro.

«Todos esses homens, que perjuraram, todos esses, *chefes e motores primeiros* das desgraças padecidas, devem compor as ruinas, que causaram. Cada portuguez, que perdeu tem direito á indemnisação pelos bens do causador do damno. Esta obrigação do offensor é inamnistiavel. A offensa publica pode ser esquecida, mas o damno particular e individual não pode deixar de ser resarcido. Não ha poder algum que tenha auctoridade d'embargal-o: não ha auctoridade legitima, que possa empecel-o.

«E como seria possivel ver de novo legislador, impune e honrado mesmo, o malfeitor, o perjuro, o assassino das publicas liberdades? Uma amnistia *galardoadora* e um absurdo inaudito nos annaes dos desvarios humanos.

«Entendamo-nos: não peço a morte de ninguem: só reconheço esta pena, porque a lei me obriga a reconhecel-a: mas peço que sejam tirados do seio da sociedade portugueza aquelles, cuja existencia seria um opprobrio continuo, um insulto perpetuo da probidade, da honra e da virtude portugueza: e peço que seus bens e os bens de todos os culpados resarçam os que por sua causa soffreram, e vejam bem todos os que me lerem se ha bens, que satisfaçam a dor e a perda das viuvas, dos filhos, dos parentes, e dos amigos de muitos virtuosos que expiraram por fieis, por patriotas, por verdadeiros portuguezes; que ensanguentaram com honra e virtude esses madeiros, que a lei mandou somente alevantar á ignominia, ao crime.

«Este sentimento de indignação provocada é exacerbado ainda pela proposição estabelecida no artigo 7 da minuta d'amnistia, onde os auctores do *Parecer* estabelecem —que «ninguem será admittido a requerer alguma remuneração pecuniaria ou *honorifica, ainda mesmo sob pretexto de serviços feitos á causa da liberdade por mais relevantes que elles possam figurar-se.*»

«Que terrivel jurisprudencia é a jurisprudencia da impunidade, se tal nome se pode dar a tanto desacerto!!»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

que se tem ao serviço das armas. Em tempo de paz a vida militar é menos dura que a vida rustica dos campos e mesmo que o lidar insano das officinas. Em tempo de guerra, que Deus afaste de nós, todos somos soldados, todos nos expomos aos perigos, e, honra ao povo portuguez, ninguem se recusa á morte, se é preciso defender a patria.

Convençam-se pois de que é errado o susto que se tem ao quartel; cumpra cada um o seu dever, que não é tão penoso como suppõe, e as auctoridades sejam solicitas na execução da lei, segundo o exemplo que o governo tão louvavelmente lhes está dando.

ADRIÃO PEREIRA FORJAZ DE SAMPAIO

Sepulcro! Quem tão leviano e inconsiderado ha ahi por esse mundo, que não trema topando com a tumba dos finados? Quem ha ahi tão impio e tão corrupto, que não estremeça, resoando a seus ouvidos — morte — sepultura — eternidade? — Sepulcro, que voz aterradora!

(ADRIÃO FORJAZ — *Memorias do Bussaco*.)

Religião, primeira origem da civilisação dos povos, pregoeira d'outra vida, aonde os premios serão tanto maiores, quanto mais duros os trabalhos d'este mundo; culto catholico tão nobre, e tão grave, e tão solemne, só tu podes aplanar para o misero serrano as asperesas d'estas serras; suave jugo de suas paixões, és tambem doce conforto, és auxiliadora do pobre, do afflicto, daquelle, que o mundo desdenha, e menospreza!

(ADRIÃO FORJAZ — *Uma viagem a serra da Louzã em Julho de* 1838.)

A' defensão tanto da religião do estado e da boa moral, luz e fundamento da sciencia, como da Egreja, mestra da verdade, o *Instituto* prestará de bom grado suas columnas.

(ADRIÃO FORJAZ — Introducção ao n.º 1 do *Instituto* de 1 de Abril de 1852.)

Assim como não ha quadro sem sombras, é impossivel gozar na vida prazeres sem magoas.

(ADRIÃO FORJAZ — Ultimo relatorio do *Asylo da Infancia* de 10 de Fevereiro de 1874.)

Vaidade das cousas humanas! Quem diria, ha apenas quinze dias, na sua ultima reunião, que o exemplar cavalheiro, estaria hoje riscado, para sempre, do numero dos viventes?....

(ADRIÃO FORJAZ — Necrologio do sr. Diogo Barata.)

I

E quem nos diria tambem, ha apenas quinze dias, ao receber a ultima carta deste exemplar cavalheiro e nosso bom amigo, que elle estaria hoje riscado, para sempre, do numero dos viventes?...... E comtudo é uma triste realidade!

Terminou a sua peregrinação neste mundo o sr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, Lente de Prima jubilado da Faculdade de Direito, do Conselho de Sua Magestade, Fidalgo da sua Real Casa, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Commendador da Ordem de S. Thiago, do merito scientifico, litterario e artistico, Vogal do extincto Conselho Superior de Instrucção publica, e antigo Presidente do Instituto de Coimbra e do Asylo da infancia desvalida.

Depois de 64 annos de uma vida exemplarissima, passou a gozar, segundo piamente cremos, a bemaventurança eterna, premio das suas virtudes.

Nasceu o sr. Adrião Forjaz nesta cidade, no dia 10 de Fevereiro de 1810, sendo seu pae o distincto magistrado o sr. José Maria Pereira Forjaz de Sampaio.

Em 1823 entrou para a Universidade, matriculando-se no primeiro anno de Mathematica e de Philosophia. No anno immediato de 1824 passou a frequentar o primeiro anno de Leis, formando-se nessa faculdade em 1830. Fez o seu acto de repetição a 16 de Junho de 1831; e decorridos annos, fez o seu exame de licenciado em 19 de Fevereiro de 1835, doutorando-se em 14 de Junho desse mesmo anno.

Em Outubro seguinte foi encarregado interinamente de reger a cadeira de historia da jurisprudencia romana e portugueza; e alli principiou o sr. Adrião Forjaz a sentir praticamente a verdade da sua sentença, que como epigraphe publicamos no principio desta singela commemoração. *Assim como não ha quadros sem sombras, é impossivel gozar na vida prazeres sem magoas.*

Se a maioria dos 22 estudantes, que frequentavam a sua aula, era de mancebos cordatos; outros havia que, ainda no verdor dos annos, se deixavam seduzir por apparencias e dominar por uma cega intolerancia.

O sr. Adrião Forjaz tinha sido sempre de ideias politicas moderadas; e isso não podia agradar a genios exaltados pelo fogo das paixões partidarias.

Durante a epocha do governo de D. Miguel, o sr. Adrião Forjaz não tomou a mais leve parte nas perseguições e excessos que então se praticaram. Não denunciou, não perseguiu, não foi juiz, nem testemunha, nem serviu algum emprego publico; e pelo contrario na sua casa foram acolhidos e soccorridos alguns infelizes, entre estes a mulher e filhos de Antonio José Barroso, official que havia sido ajudante das milicias da Louzã, e que naquelle tempo defendia a causa da liberdade na cidade do Porto. O sr. Adrião Forjaz e seu honrado pae não se acobardavam em tempo de um fanatismo politico o mais exaltado, de visitar os seus amigos na cadeia — exemplo que poucos seguiam; e de sua casa frequentou o filho de um respeitavel perseguido as aulas do Seminario.

De nada, porém, serviu tudo isto perante os seus detractores. O sr. Adrião Forjaz havia commettido um crime irremissivel, adoptando nas suas theses a seguinte, de direito publico — *Imperium Monarchico-haereditarium praestantissimum.*

E porque não havia de ser o sr. Adrião Forjaz, amigo do systema monarchico hereditario? Era essa opinião, por ventura, incompativel com o systema liberal?

Pois d'isso se lhe fez um crime; e na sessão da camara dos deputados de 27 de Janeiro de 1836, apresentou o sr. deputado Julio Gomes da Silva Sanches uma representação de alguns academicos, queixando-se de terem por seu lente o sr. Forjaz. Esta intriga, porém, não teve consequencias. Pelo contrario continuou o illustre professor a reger interinamente a sua cadeira, até ser despachado em 22 de Setembro de 1838.

E' certo que o sr. Adrião Forjaz era partidario da monarchia hereditaria, e disso muito se honrava. Na *Oração pela fausta exaltação de el-rei fidelissimo, o sr. D. Luiz I, ao throno de Portugal, recitada na sala grande dos actos da Universidade, no dia 22 de Dezembro de* 1861, dizia o nosso saudoso amigo:

«A monarchia hereditaria, cortando a occasião de ousadas presumpções, e insoffridas ambições, produz estabilidade, segurança e ordem na cidade; e não deixando que o rei pereça, embora os principes soffram a lei commum da natureza, succedendo-se no throno, isenta a nação das perigosas incertezas dos interregnos e das eleições, mil vezes disputadas com as armas, e firmadas com o exterminio dos vencidos.»

Não queria, porém, o sr. Adrião Forjaz a monarchia absoluta. Desejava e defendia a monarchia liberal moderada. Dizia s. ex.ª:

«Nem imagine alguem que o rei, nesta forma temperada de monarchia, por isso que não póde mais que bemfazer, e verdadeiramente não governe, mas só *reine*, de tal sorte fica reduzido e cerceado em suas attribuições, que mais póde comparar-se a idolo vão, do que a primeiro magistrado, e verdadeiro chefe da nação.

«Aqui, senhores, de novo me acode ao pensamento, e me salteia o coração, imagem e memoria saudosissima! Quem o ignora? Que voz, fallada, ou escripta, nacional, ou estrangeira, que o não dissesse com maximos louvores?

«Nesta forma de governo, o rei sabio, ainda que tão sómente reine, e não impere, por si só absolutamente, póde todavia, como o grande principe, a quem chorâmos, com exemplos das mais excellentes virtudes domesticas, de optimo filho, irmão, esposo, e amigo, alliuiar o seu povo; póde combater d'est'arte, felicissimamente, a irreligião, e o desregramento dos costumes.

«Póde animar tambem as sciencias e as artes, ora cortando por seus commodos e prazeres para fundar escolas, dotar estabelecimentos, e premiar o merito; ora, e sempre, honrando as academias, os cultores das letras, e os industriaes com regias visitas, e benevolas palavras; as quaes, descendo de tão alto, suavisam, por natural e irresistivel influencia, os mais asperos trabalhos, e animam a intental-os, proseguil-os, e terminal-os.

«Póde descer dos cubiçosos paços dourados aos hospitaes dos enfermos, aos hospicios dos invalidos, aos asylos dos desvalidos, aos sotãos da miseria, a pessoalmente inquirir das necessidades, inspeccionar os soccorros, e distribuil-os, elle proprio (o que mais val), com mão generosa!

«E nas duras e terriveis calamidades, com que Deus experimenta algumas vezes a constancia e a fidelidade d'um povo; quando o terror, assás fundado, de tristissima morte, instante e ingloria, afasta os felizes do mundo, e os desgraçados correm o risco de pleno desamparo; póde mais, o rei optimo com a voz e com o exemplo (ó christã caridade, e a todo o elogio superior magnanimidade!) sustar o passo a uns, e arriscar pelos outros viçosa mocidade, e vida preciosissima!»

O sr. Adrião Forjaz foi sempre dado ao estudo tanto das sciencias, como da litteratura. Não se conformava o seu genio em levar uma vida occiosa, ou limitar-se ao exercicio do magisterio.

Uma das suas primeiras publicações foi o livro — *Pensamentos, memorias e sentimentos, fructo de minhas leituras; e Roma e seus arrabaldes, do visconde de Chateaubriand, colligidas e traduzidas por Adrião Pereira Forjaz.*

A impressão foi feita em Paris, no anno de 1838, na officina typographica de Casimir, sendo editor J. P. Aillaud.

A' primeira parte deste livro — *Pensamentos, memorias e sentimentos* — poz o sr. Adrião Forjaz a seguinte dedicatoria — *A meu pae, a cujos exemplos e educação devo o gosto de ler, primeira origem deste livro. Respeitoso tributo da mais viva gratidão.*

A segunda parte — *Roma e seus arrabaldes, carta de Mr. de Chateaubriand a Mr. de Fontanes* — teve a seguinte dedicatoria do sr. Forjaz — *Ao amigo verdadeiro, sabio, prudente, optimo, por cujo conselho dei começo á primeira parte deste livro, e cujos singulares talentos e solidas virtudes invejo e admiro. Penhor singelo da estima, que lhe consagro por sympathia e gratidão.*

Na introducção, explicava o sr. Forjaz o motivo da publicação deste livro:

«Encaminhado desde o berço para as letras pelo disvelo d'um pae o mais extremoso, adquiri habito de ler; e recebendo d'um optimo amigo o conselho de escrever os pensamentos, que fosse encontrando nas minhas leituras, comecei uma collecção, hoje volumosa.

«Entre mil sentenças, que a inexperiencia da edade, e o fogo das paixões me fizeram amontoar, pareceu-me haver algumas de merecimento, que afiança não o meu juizo, mas o nome de quem primeiro as meditou e transmittiu á posteridade; e deslumbrado talvez pelo apreço que merecem ao mundo litterario collecções analogas a esta, lembrei-me offerecer-lhe mais uma da minha escolha. Vaidades de gente moça!»

O sr. Adrião Forjaz deu em todo o tempo, sem excepção nenhuma, ás suas numerosas publicações, o cunho do sentimento religioso, incitando os leitores ao cumprimento de todos os deveres sociaes. Os seus livros e os seus artigos foram sempre o retrato da sua alma.

No mesmo anno de 1838 publicou o sr. Adrião Forjaz o seu livro — *Uma viagem á serra da Louzã no mez de Julho de* 1838.

O motivo desta publicação explicava-a assim o sr. Adrião Forjaz:

«O commum dos portuguezes é tão apaixonado pelas cousas estranhas, e tão pouco pelas suas; tão activo em inquerir as bondades e formosuras dos outros paizes, e tão indolente em ver e examinar o que tem ao pé da porta, que é bem raro entre nós não se experimentar grande estranheza ao ver alguns dos muitos e preciosos monumentos da fecundidade da natureza, ou do artificio do homem, em que abunda Portugal, como se fôram plantas exoticas, d'outras regiões, em cujo seio se crê só existir tudo, quanto ha formoso e proveitoso. É profunda a raiz do mal. Occupados na leitura dos livros estrangeiros, desprezamos quasi inteiramente a dos nossos escriptores, que muitas vezes descrevem logares e successos, como se foram não só historiadores, mas pintores. Accresce a ruindade das estradas sobre falta de segurança, e de commodas pousadas. Nem temos, nem vemos o antigo; e como que tapamos os olhos, e desviamos o passeio para não observar o que é nosso.

«Pelo que nos respeita pessoalmente, cuidamos com desvelo em arrancar de nós este cancro nacional. Cruzar o terreno em todas as direcções; largar as estradas reaes, e trepar pelo carreiro ingreme e tortuoso do pastor; subir dos valles aos cumes mais erguidos das montanhas; examinar, e estudar os monumentos, que topamos; embriagar a nossa alma com todas as delicias, que o aspecto da natureza liberalisa neste paiz abençoado, eis o nosso maior prazer. Voltamos com mais ideas no espirito, e ardor no coração.»

Com justiça foi muito apreciado este livro. Aqui temos nós uma carta *original*, e até hoje *inedita*, do sabio D. Fr. Francisco de S. Luiz, escripta em 9 de Fevereiro de 1839 a um seu amigo de Coimbra, em que o distinctissimo escriptor e ornamento das letras patrias, dizia o seguinte a proposito do livro do sr. Forjaz:

«Já recebi o....... que v. s.ª me mandou, e que de todo o coração lhe agradeço, e com o apreciavel mimo dos dois folhetinhos do sr. Forjaz, e da *Viagem á Louzã*, de que elle mesmo me quiz fazer offerta. A *Viagem* logo a li toda na mesma noite, em que a recebi; e tendo já informações muito vantajosas deste estimavel moço, e dos seus estudos, fiquei fazendo muito maior conceito delle, e delles, e consolando-me com a esperança de que a nossa boa litteratura não será de todo sepultada no abysmo que ás vezes me parece ameaçal-a.

«Farei aqui a v. s.ª uma confidencia. Tenho observado que esta cousa chamada *estilo romantico*, de que ainda não tenho achado definição, vae invadindo a nossa litteratura, como tem invadido, e (no meu conceito) corrompido a de França. Receava eu que o Forjaz estivesse tocado desta doença litteraria. Mas a *Viagem á Louzã*, e o que já tenho lido dos outros folhetinhos, me desenganou, e me consolou.

«Achei a nossa bella linguagem *clara*, expressiva, elevada quando é necessario, fluida, e sempre decorosa; e achei lindas descripções, animadas ás vezes do pensamento religioso, e deliciosamente melancolico, que convem, e até se faz necessario excitar nos espiritos, *sobejamente* inclinados, entre nós, ao desprezo de tudo o que é moral, e espiritual. Em fim gostei muito de tudo, e assim lho digo na inclusa, que v. s.ª terá a bondade de lhe mandar entregar.»

Que poderia mais desejar o sr. Forjaz, depois de um semelhante parecer, dado por um sabio, a todos os respeitos tão competente, como era D. Fr. Francisco de S. Luiz?

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Sr. Joaquim Martins de Carvalho — Coimbra. — O meu velho amigo João de Lemos, acaba de me honrar, escrevendo-me uma carta em que se digna pedir-me, que mande eu publicar n'um jornal de Coimbra essas linhas escriptas, como elle diz ao correr da penna, em testemunho de que nunca se esquece de Coimbra, nem dos seus homens illustres.

Peço ao decano dos jornalistas de Coimbra, que no proximo numero do *Conimbricense* publique a nobre expansão da nobilissima alma do meu João de Lemos.

Beijar-lhe-hei as mão e continuarei a ser muito

De v. am.º vr.º cr.º obgd.mo

Figueira da Foz, 12 de Setembro de 1874

Francisco Gavicho.

Sr. Redactor. — Como filho da Universidade, e achando-me casualmente junto ás margens do Mondego, não posso ficar mudo na occasião em que a mesma Universidade acaba de ser ferida pela mão da morte em um dos seus mais distinctos ornamentos.

Refiro-me ao fallecimento do illm.º e exm.º sr. Dr. *Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.*

No meu tempo de estudante, nunca tive a honra de ser seu discipulo, mas tive a fortuna tanto nas aulas como fóra dellas, de admirar com respeito a elevação do seu talento, a eloquencia da sua palavra, a variedade do seu saber, e, como esmalte de tudo isto, a gravidade do seu caracter.

Permitta, pois, v., que eu prefira o seu jornal, como folha de Coimbra, para nelle dar publico testemunho do meu sentimento, enviando sinceros pezames á sua familia, á Universidade, e a essa cidade toda, pela grande perda com que Deus os quiz affligir.

Pela fineza da publicação destas breves linhas muito reconhecido lhe ficará

Buarcos, 12 de Setembro de 1874.

J. de Lemos.

NOTICIARIO

Caminho de ferro americano. — Está em fim entregue ao uso do publico o caminho de ferro americano, entre esta cidade e a estação do caminho.

Possue, pois, Coimbra mais este melhoramento, que se vem juntar a tantos outros que ultimamente se tem alcançado.

A empreza tem tido a vencer numerosas difficuldades para levar a effeito esta obra importante. Felizmente não desanimou, e é de esperar que obtenha a justa recompensa dos seus preseverantes esforços.

Ao mesmo tempo que damos sinceros parabens á empreza do caminho de ferro americano, agradecemos-lhe a deferencia que comnosco teve em nos enviar um bilhete para o acto solemne da inauguração.

Suffragios — Hontem celebrou-se missa na capella do edificio do Asylo de infancia desvalida, suffragando a alma do sr. conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio. Houve hoje egual suffragio, e continuará na sexta feira.

A primeira missa foi mandada dizer pela direcção do Asylo; a segunda pela exm.ª sr.ª D. Maria Hypolita de Sousa Horta, e a terceira será pela sr.ª regente do mesmo Asylo.

Incendio. — Pela meia noute passada appareceu incendiado o andar superior das casas no largo da Sota, pertencentes á sr.ª Theresa de Jesus Correa, irmã do armador o sr. Antonio Fernandes Correa.

A dona da casa, com parte da familia, tinha hontem ido para a Figueira.

Acudiram as bombas dos incendios; mas não se poude evitar que se queimasse a maior parte das casas. Conseguiram, porem, que se não communicasse o incendio ás casas immediatas.

Compareceram os vereadores os srs. Cesar dos Santos, Basilio e Nazareth; o sr. administrador do concelho e seu escrivão; e um destacamento de infanteria 10, com o seu commandante o sr. capitão Machado.

O serviço das bombas está, na verdade, muito melhorado; e vê-se que tem merecido a especial attenção da camara.

As casas queimadas achavam-se seguras na companhia Fidelidade.

Inspecção. — Hontem, na inspecção desta cidade, foram approvados 39 recrutas. A inspecção continua hoje.

Este serviço é feito agora com muito rigor, porque o sr. ministro da guerra tem tomado activas providencias para que as inspecções sejam uma cousa seria.

O sr. Fontes alterou o systema seguido na inspecção dos recrutas, determinando que fossem mudados os cirurgiões de uns para outros districtos.

Para Coimbra veiu o sr. Marcelino Peres, de infanteria 15, e Lino Teixeira Pinto, de infanteria 13.

Exames em Outubro — Serão admittidos a exame nos lyceus de Lisboa, Porto e Coimbra, desde o dia 2 até ao dia 10 de Outubro, os alumnos, aos quaes, alem do desenho, faltar somente um exame final para completarem os preparatorios exigidos para a matricula nos differentes estabelecimentos de instrucção superior, dependentes do ministerio do reino.

Companhia Edificadora Figueirense — No logar competente publicamos um aviso da vice-presidencia da assembleia geral d'esta Companhia, dirigido aos accionistas da mesma Companhia, a fim de que se reunam no dia 27 do corrente mez no salão da *Assemblea Recreativa do bairro novo*, para nesse dia, pelas 11 horas da manhã, se celebrar a sessão da assembléa geral, que, por falta de numero legal, não poude constituir-se no segundo domingo d'este mez, dia para aquelle fim indicado nos respectivos estatutos.

Alem deste aviso, sabemos que a vice-presidencia dirigiu uma circular a cada um dos accionistas, cuja actual residencia era conhecida, convidando-os para a alludida sessão, e indicando-lhes que nella hão de discutir-se, alem dos objectos ordinarios, as seguintes propostas da direcção.

1.ª — Que sejam avaliados por peritos as seis casas construidas este anno pela Companhia, como o foram as construidas nos annos anteriores; a fim de ter a direcção base para a venda d'ellas.

2.ª — Que os terrenos do *bairro novo* continuem a estar divididos em 4 classes; e que os seus preços não sejam nunca inferiores a 600, por metro quadrado, nos de 1.ª classe; a 500, nos de 2.ª; a 400, nos de 3.ª, e a 300, nos de 4.ª; ficando todavia a direcção auctorisada a eleval-os, se as circumstancias assim o aconselharem.

3.ª — Que não havendo encommendas de casas, empregue a direcção em edificações de conta propria os fundos disponiveis até Junho futuro, que importam em 3:380$000 rs.

4.ª — Que seja nomeada uma commissão para escolher o local onde devem fazer-se essas edificações, e para estudar os alçados e plantas para ellas.

5.ª — Que seja alargada a area destinada para a *rua da Inauguração*, não ficando a sua largura inferior a 12 metros; e que se eleve o preço dos terrenos da mesma rua, por forma, que fique compensado o valor do espaço que a Companhia perde com o proposto alargamento.

6.ª — Que seja a direcção auctorisada a arrendar a casa da *Assemblea Recreativa*, para o fim de nella terem logar as costumadas reuniões de familias, no caso de lhe convir administral-a directamente.

7.ª — Que seja a direcção auctorisada para entender-se com a camara municipal da Figueira, a fim de adquirir-se o terreno necessario para o prolongamento da *rua da Inauguração* até desembocar na *rua dos Banhos.*

Muito convirá que na sessão annunciada compareça grande numero de accionistas.

Cemiterio da Conchada — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Manoel Joaquim, filho de Joaquim José e de Maria Theresa, de Meruje, freguezia de Oliveira do Hospital, de 31 annos, fallecido no dia 7 de Setembro.

Matilde, filha de Joaquim José Duarte e de Albina Ferreira Duarte, de Coimbra, de 17 mezes, fallecida no dia 9.

Maria da Conceição Paixão, filha de Christiano Simões e de Maria Rosa Prata, do Espinhal, de 22 annos, fallecida no dia 10.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada — 5632.

Feira nova. — Na séde da freguezia d'Alfarellos do concelho de Soure, inaugurou-se no dia 12 do corrente mez, a primeira feira mensal de gado bovino, cavallar, asinino e suino; e bem assim de cereaes. Concorreram á dita feira os melhores gados do campo de Coimbra, sobresahindo na especie bovina e suino os da propria sede da freguezia. Foram para cima de 200 juntas de bois e 50 de bezerros que formaram a feira, effectuando-se muitas transacções em gados de toda a especie, e em cereaes.

Esta nova feira, pela excellente posição em que se acha collocada, pelos gados que tem, de magnificas qualidades, e por se achar proxima da estação de Formozelha, deve vir a ser uma das melhores feiras de gados do concelho de Soure.

Pedido. — Alguns dos nossos collegas da imprensa periodica transcrevem as nossas noticias, sem dizerem donde são. Já em tempo nos queixamos deste procedimento; e hoje repetimos o pedido para que se indique a proveniencia.

Invenção portugueza — Consta de uma noticia publicada pela *Gazeta de Lisboa*, em Janeiro de 1795, que um engenheiro hydraulico desceu ao fundo do mar, defronte do terreiro do Paço, dentro de um sino mergulhador, na presença da familia real, de varios ministros extrangeiros, de muitos fidalgos, e de immensa multidão de povo, fazendo varios exercicios no fundo da agua, e até cantando, e respondendo ás perguntas que lhe dirigiram os espectadores.

Está tambem averiguado, que muito antes dos celebres Montgolfiers em França fazerem as primeiras experiencias dos balões aerostaticos, já um portuguez, o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão tinha realisado os primeiros ensaios de navegação aerostatica.

Livros na edade media — Na primeira metade do seculo XV, eram ainda tão raros os livros, então todos manuscriptos, que fazendo um padre presente de um breviario a uma egreja de Paris, mandou-o segurar com uma cadeia chumbada á parede, para não poderem d'alli tirar as pessoas que quizessem ler ou resar por elle.

O Dr. Diogo Affonso, legou no seu testamento todos os bens que possuia para se estabelecer um collegio em Lisboa, e entre outras disposições ordenou, que todos os seus livros se guardassem nas casas do collegio, *por cadeias*, isto é, preso cada um delles a uma corrente, para d'alli não serem levados facilmente. Este testamento é do anno de 1448.

Nova publicação — Recebemos e muito agradecemos um exemplar dos *Elementos de desenho geometrico, elaborados conforme o programma official para os candidatos ao magisterio primario e para servirem nas escolas d'instrucção primaria, por J. G. Moreira.* — Porto — Livraria Universal de Magalhães & Moniz, editores — largo dos Loyos, 14 — 1874.

Os editores publicam á frente dos *Elementos de desenho* a seguinte *advertencia*:

«Havia muito que os candidatos ao magisterio primario sentiam a falta de um compendio de desenho linear, ordenado segundo o respectivo programma official, e que alguns srs. professores instavam pela publicação de uma obra neste genero, que viesse prestar auxilio a seus discipulos, ajudando-os a habilitarem-se para o exame de admissão nos lyceus; quando, levados pelo desejo de sermos uteis tanto a uns como a outros, encarregamos o sr. J. G. Moreira da confecção de um compendio em perfeita conformidade com o mencionado programma.

Pouco depois esse senhor depunha em nossas mãos o manuscripto dos *Elementos de desenho geometrico* que vêem agora a luz da publicidade. A elle somos nós devedores da brevidade com que planeou e escreveu o presente opusculo, expondo a doutrina nelle contida com a clareza e concisão bastantes para que a intelligencia menos desenvolvida facilmente a comprehenda e a memoria menos exercitada a retenha sem difficuldade.

Oxalá, pois, esta publicação encontre no publico o acolhimento que é de esperar, e que, vendo-a aproveitada a um tempo por aquelles que se propõem ás cadeiras d'instrucção primaria e pela mocidade estudiosa, possamos haver como realisado o nosso intento.»

Bibliotheca Universal — Recebemos — *O conde de S. Luiz*, romance original, por D. Thomaz de Mello.

É o n.º 12 da collecção de interessantes romances, publicados por esta acreditada empreza, que muito se tem esmerado em que os romances de que é editora sejam do agrado do publico.

Tem publicado — *Os guerrilheiros da morte*, 1 volume, de que ha já 4.ª edição — *A vingança do sargento*, 3 grossos volumes — *A mascara vermelha*, 1 volume, 2.ª edição — *O juramento da duqueza*, 1 volume, 2.ª edição — *O annel mysterioso*, 1 volume — *A porta do paraiso*, 1 volume — *Mathilde*, 1 volume — *Os fidalgos do coração de ouro*, 2 volumes — e agora — *O conde de S. Luiz*, 1 volume.

Acha-se no prelo — *A familia Albergaria*, por D. Guiomar Torresão.

Agradecemos á briosa empresa o exemplar que nos enviou.

Almanach. — Recebemos hoje o *Almanach de caricaturas para* 1875, pelo sr. Raphael Bordallo Pinheiro. Vem muito chistoso, como tudo que é desenhado pelo habil caricaturista.

Agouramos-lhe uma prompta extracção do seu *Almanach*; e agradecemos o exemplar que nos enviou.

Retirada. — Sahiu doente desta cidade, e regressou a Lisboa o sr. Eduardo Pedreira, guarda livros do Banco Commercial de Coimbra. Pouco depois da sua chegada foi accomettido de intermittentes, tendo sido substituido durante oito dias por um dos gerentes do mesmo Banco. Parece porem agora que a sua enfermidade é complicada e mais grave do que ao principio se julgava, e por isso o sr. Pedreira achou conveniente ir tratar-se no seio da sua familia. Durante a sua ausencia um dos gerentes do Banco continuará a substituil-o.

Visita e partida. — Communicam-nos o seguinte:

«No dia 14 do corrente, partiram para a sua casa na cidade de Guimarães, os exm.os srs. visconde de Santa Luzia, viscondessa, duas filhas, e um filho, tendo estado desde o dia 2 de visita em casa do exm.º sr. Dr. Francisco Henriques de Sousa Secco, em Antozede, deixando muitas saudades a toda a familia do sr. Secco.

Tambem acompanharam em todo este tempo aquelle cavalheiro os illm.os srs. Fr. Ignacio, e José Joaquim d'Oliveira, da mesma cidade, amigos extremosos do sr. Secco e familia.

Desejamos, a todos, feliz regresso ás suas habitações.»

Açores e Madeira. — Lê-se na *Correspondencia de Portugal* o seguinte:

«Foi hontem ultimado e assignado o novo contracto entre o governo e a empreza insulana de navegação a vapor, estabelecendo duas carreiras mensaes regulares para os Açores, e uma para a Madeira. A segunda carreira mensal para esta ultima ilha, é feita pela empreza que tem contractada a carreira de Africa.

O contracto foi assignado pelo respeitavel negociante da ilha de S. Miguel, o sr. Abrahão Bensaude, como socio e representante da empreza contractadora.

Fica assim estabelecido e em excellentes condições, um serviço quinzenal com o archipelago dos Açores e a ilha da Madeira.

No contracto, visto que não houve quem se apresentasse nos concursos abertos para aquellas carreiras, o governo tomou a si a responsabilidade de augmentar os subsidios com a somma de 4:500$000 rs., mas preferiu esta responsabilidade a ver parar o serviço,

e por tanto as communicações regulares com os Açores,cujo contracto acabaria no fim deste mez.A interrupção das communicações com um archipelago tão importante como é o dos Açores, e que conta entre as suas praças a de S. Miguel, considerada a terceira de Portugal pelo incessante movimento e grande valor do seu commercio e navegação, importaria incontestavelmente tanto para os interesses publicos como para os particulares, prejuisos de valor muito superior áquelle augmento de subsidio. O governo procedeu pois de modo que ninguem deixará de louvar.»

A ilha de S. Miguel.— E' curioso o que se lê na *Gazeta das Alfandegas*, sobre o que foi e o que é a ilha de S. Miguel.

A sua alfandega rendia em 1773, 2:137$278 reis. Em 1873-1874, cem annos depois, rendeu 194:568$123 reis. O primeiro exportador de laranja para Inglaterra foi João de Simas Camello, em 1751, exportando tres caixas no valor de 3$000 reis. A exportação em 1873 ascendeu já a 220:602 caixas no valor de 456:727$000 reis.

O primeiro ananaz de S. Miguel mandado para Londres, deu duas libras ao seu exportador, o sr. Abrahão Bensaude.No anno findo a exportação de ananazes chegou já a 6:429! E' tão lucrativo este negocio, que vae formar-se na ilha de S. Miguel uma companhia para fazer estufas, afim de dar maior desenvolvimento a este commercio.

Fallecimentos.—Falleceu em França o famoso estadista e escriptor, Mr. Guizot.

Tambem em Berlim falleceu o conde Athanazio de Raczynski, que em tempo foi ministro da Prussia em Portugal, e escreveu as suas celebres obras—*Les arts en Portugal*, e *Diccionnaire historico-artistique du Portugal*.

Raczynski fez uma viagem artistica neste reino, sendo a cidade de Coimbra uma das terras que elle visitou.

Festividade. — Communicam-nos o seguinte:

«Teve logar no dia 6 do corrente mez a festa de Nossa Senhora das Dores, na Carapinheira. Apesar de ser uma aldeia, a festa foi muito bonita.

Assisti á festa de manhã e de tarde. Tanto o sermão da manhã, pregado pelo sr. padre Julio, como o da tarde pelo sr. Pedroso, agradaram muito. Todo o auditorio os escutou attentamente.

A egreja estava bem decorada, mas nada alli realça pelo acanhamento da capella mór. A imagem da Virgem é veneranda; o andor estava muito bem ornado, sobresaindo quatro grandes ramos, todos brancos.

Entre muitas prendas offerecidas á Virgem, a mais brilhante, foi uma linda fita branca bordada a ouro. Esta offerta foi dada pela exm.ª sr.ª D. Maria José Brandão, esposa do exm.º sr. Dr. Abilio Mendes Pinheiro, que hoje está em Lisboa. Disseram-me que esta senhora é filha da Carapinheira, mas habita em Monte Mór o Velho; tem na sua terra muitas sympathias, porque apesar de sua posição, nunca desprezou os seus patricios os mais humildes.

Notei que uma terra tão populosa, não tivesse um cemiterio. Espera-se para o anno uma boa funcção, e estando a estrada de Cantanhede acabada, devem alli concorrer muitas familias.»

ANNUNCIOS

Instrucção primaria e secundaria

1 JOSÉ MARIA DA SILVA TORRES, e o bacharel Agostinho Rodrigues d'Andrade, continuam a leccionar Instrucção Primaria, Francez, Portuguez e Latim (cursos completos) no edificio da Estação Telegraphica, residencia do primeiro annunciante.

2 QUEM QUIZER arrendar dois celleiros para milho, e um armazem para azeite, póde dirigir-se a Francisco da Silva e Oliveira,na rua da Sophia, collegio de S. Bernardo.

GRANDE HOTEL FOZ MONDEGO

Este hotel completamente reformado, reabre-se no dia 16 do corrente O seu actual proprietario, alheio ás passadas administrações, esmera-se no tratamento dos seus hospedes.

Mesa redonda ás 3 horas. Preço 500 rs.

Correspondencia a *Agostinho Gil*.

Collegio de Nossa Senhora da Conceição, de Coimbra.

4 NO PRIMEIRO do proximo Outubro, abrem-se as aulas deste collegio. De 20 a 30 do corrente Setembro,podem procurar no mesmo collegio o director para serem admittidos

Não se admittem alumnos que tenham mais de 16 annos de edade.

Responsabilisa-se por sua educação moral, civil, religiosa e literaria, o director

Francisco Mendes Pinheiro.

COLLEGIO ACADEMICO

5 ABREM-SE as aulas para o proximo futuro anno no dia 5 de Outubro.

Admittem-se alumnos internos, semi-internos e externos.

Dão-se programmas e regulamentos a quem os desejar.

O director,
Antonio Zeferino Candido.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

6 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr.José da Silva Fonseca.

Attenção

7 NOVA HOSPEDARIA particular na rua das Fangas (Correio Velho).

Encarrega-se de dar cama e mesa,por dia, ou mensalmente. Preços commodos.

Tem commodos sufficientes para os srs. academicos, de quem espera coadjuvação.

Tambem tem cavalhariça para qualquer passageiro que traga cavalgadura.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Barca=HUMILDADE=em 28 de Setembro.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

9 DESDE o principio d'Outubro em diante, na rua da Alegria, n.º 83, ensinam-se meninas a coser, bordar, tocar piano, etc.; e tambem se recebem de cama e mesa.

Fazem-se tambem quaesquer obras brancas ou de côr, sendo estas ultimas pertencentes a senhoras.

Tudo por preços muito reduzidos.

A QUEM CONVIER

10 VENDE-SE uma machina silenciosa, mesa redonda, formato lindissimo, quasi sem uso, por sua dona estar prohibida de coser com ella. Custou 70$000 rs., e dá-se por 40$000 rs.

O encarregado da venda, Victorino H. Lebre.—Calçada, n.º 157.

COIMBRA

FIGUEIRA DA FOZ

Ao fundo da rua do Paço, n.º 2

DENTISTA

11 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 10 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

Attenção

12 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; em Coimbra a Luiz Pereira da Mota, no hotel Central da Sophia; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

AGENCIA DO BANCO DO DOURO

COIMBRA

Largo das Olarias, n.º 11

13 NESTA AGENCIA sacam-se letras de cambio sobre diversas praças.

Descontam-se letras de cambio e da terra.

Fazem-se emprestimos:

sobre penhores d'ouro ou prata, titulos de divida publica, acções de Bancos e Companhias que mereçam credito, e até ás entradas realisadas;

sobre hypotheca de propriedades rusticas e urbanas, com amortisação ou sem ella;

sobre generos e mercadorias, que passem para poder d'agencia do Banco, effectiva ou symbolicamente;

sobre colheitas garantidas com fiadores;

ás camaras municipaes e ás juntas geraes;

em conta corrente com garantia de hypotheca, ou de penhor de ouro, prata, titulos de divida publica e acções de Bancos e Companhias, que mereçam credito e até ás entradas realisadas.

Em todas estas operações juro modico e as condições as mais favoraveis.

Recebe-se dinheiro em deposito, á ordem e a prazo, abonando-se aos depositantes juro rasoavel.

Coimbra 20 de Agosto de 1874.

Gavicho & C.ª

Companhia Edificadora Figueirense

14 NÃO SE TENDO reunido numero legal de accionistas, para se constituir a sessão da assemblea geral d'esta Companhia, que, na forma dos Estatutos, e para os fins nelles indicados, devia ter logar no dia de hoje, são convidados os mesmos accionistas para comparecerem no salão da *Assemblea Recreativa* no *bairro novo* no dia 27 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, afim de celebrar-se aquella sessão; ficando todos na intelligencia de que nella se tomarão todas e quaesquer resoluções, seja qual fôr o numero de accionistas que se apresente, como determinam os citados Estatutos.

Figueira da Foz 13 de Setembro de 1874.

O vice presidente da assemblea geral,
Lucas Fernandes das Neves.

DOCTOR IN ABSENTIA

15 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

PEDIDO

16 ROGA-SE ao sr. *Bernardo José Simões,—recebedor da comarca de Arganil*—o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas,que lhe tem sido dirigidas por parte da administração do jornal o *Conimbricense*.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

17 PELA ADMINISTRAÇÃO destes hospitaes se annuncia, que no dia 20 do corrente, pelas 10 horas da manhã, se hade arrematar o fornecimento dos apparelhos de ferro para a ventilação obliqua de 20 janellas,conforme os modelos que se acham funccionando, e mais 40 reguladores dos mesmos apparelhos, e outros 40 apparelhos para os postigos mais altos, segundo novos modelos.

Administração dos hospitaes da Universidade de Coimbra, 15 de Setembro de 1874.

O administrador,
Costa Simões.

Grande deposito de machinas de costura do auctor Singer

34,Rua do Visconde da Luz,36

COIMBRA

18 AO ESTABELECIMNTO de José Texeira da Cunha chegou novo sortido de machinas para senhora, alfaiate, correeiro e sapateiro: todas estas machinas cosem em fazendas finas ou grossas.Dão mil pontos por minuto e do tamanho que se queira.O ponto e entrelaçado no meio, e por isso mais seguro do que cosido á mão. Preços eguaes aos de Lisboa da unica casa sucursal.

Tambem ha troçaes,retroz,linhas brancas e de côr, agulhas, etc.

NUMERO 2833 — SABBADO 19 DE SETEMBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$728
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O nosso esclarecido collega do Porto, a *Actualidade*, publicou em o seu numero de quinta feira um artigo, que se presta ás mais graves reflexões.

A proposito de publicar a vergonhosa estatistica dos exames no lyceu do Porto, faz muitas considerações, que semelhante acontecimento está naturalmente pedindo.

E o que é muito para lamentar, é que desgraçadamente o que se dá com o lyceu do Porto, acontece com outros do reino.

Que o ensino da mocidade está sendo deploravel entre nós, é facto que se manifesta por si mesmo. Donde, porem, dimana a culpa?

Diga-se a verdade: para esse malestar concorrem todos. A primeira e principal responsabilidade cabe á maior parte dos paes de familias, para quem é indifferente a educação de seus filhos.O que pretendem é ver-se livres delles o mais breve possivel; e para isso os entregam a qualquer collegio, sem a devida escolha e cautella; mandam-nos depois para a Universidade,sem mais quererem saber qual é o seu comportamento; fingindo desconhecer, que em regra os mancebos, mesmo os bem educados, vem aqui, com as más companhias, perverter-se e perder as doutrinas salutares que lhes ensinaram suas mães.

Em geral, nem se ensina, nem se aprende.

Os mancebos só querem divertir-se, e que divertimentos! Muitos professores só tratam de politica, e entregam-se a outras occupações alheias, e até oppostas ao cumprimento dos seus deveres. Não ha disciplina, nem respeito mutuo entre chefes e subordinados. Em fim a relaxação é completa e absoluta.

A tudo isso acrescem os desgraçados regulamentos e methodos de ensino, que parece só terem sido feitos para que se fechem as aulas dos lyceus.

A causa principal, porem, da falta de estudo em Coimbra, é o degradante e prejudicialissimo vicio do jogo,que hoje, mais do que nunca, domina e corróe todas as classes da sociedade. As noutes passam-se, sem excepção, nas casas do jogo; e ahi se perde o dinheiro, a saude e o tempo, que devia ser applicado ao estudo. Mas não são só os estudantes que jogam: esse vicio invade todas as camadas sociaes, debaixo para cima, e de cima para baixo. Este cancro social hade continuar, porque se lhe não quer dar remedio. E em logar de ser cohibido, tudo se dispõe para que o proximo anno lectivo seja um dos mais fecundos nos seus tristes resultados!

A *Actualidade* faz muitas reflexões á estatistica do lyceu do Porto,com parte das quaes concordamos. Algumas,porem, salva a deferencia que temos com o nosso illustrado collega, não podemos aceital-as.

O mal na educação e no ensino está exactamente no ponto opposto indicado pelo collega. O que nos falta é o sentimento e a influencia religiosa; mas entenda-se bem, religião como deve ser, e não o fanatismo, que em logar de beneficiar, prejudica.

Não ha duvida que o nosso progresso material é extraordinario; mas tambem não é menos certo, que o senso moral, abaixa de uma maneira assustadora.Isto é duro de dizer, mas não haviamos de ser nós que faltariamos á nossa missão, negando uma verdade,que todas as pessoas que prezam o justo e o honesto reconhecem.

Vamos transcrever uma pequena parte do artigo do nosso esclarecido collega, pois que o não podemos copiar todo pela sua extensão.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXV

RODRIGO PINTO PISARRO

III

Não se contentou José Ferreira Borges com a publicação das suas *Observações*; publicou mais em Londres, com a data de 11 de Fevereiro de 1832, a—*Opinião juridica sobre a questão: Quem deve ser o regente de Portugal, destruida a usurpação do infante D. Miguel?*

A estas publicações responderam Filippe Ferreira de Araujo e Castro e Silvestre Pinheiro Ferreira, fazendo em Paris *segunda edição*, do seu *Parecer*, no referido anno de 1832; á qual juntaram a *Analyse* ás ditas *Observações* de Ferreira Borges, e notas á sua *Opinião juridica*.

Á replica de Filippe Ferreira e Silvestre Pinheiro, não ficou silencioso José Ferreira Borges, pois que publicou em Londres com a data de 5 de Junho de 1832, na imprensa de R. Greenlaw, a—*Revista critica da segunda edição do opusculo: «Parecer de dois conselheiros da corôa constitucional sobre os meios de se restaurar o governo representativo em Portugal»—por José Ferreira Borges.*

Nessa *Revista critica* tratou Ferreira Borges de mostrar, que o mencionado *Parecer* era um tecido: —1.º de *asserções falsas*—2.º de *erros juridicos*—3.º de *sophismas*—4.º de *absurdos*.

Alem destes opusculos de José Ferreira Borges, houve outro anonymo, que tambem lhe tem sido attribuido. Esta famosa publicação era datada de Plymouth em 5 de Abril de 1832, e sem designação de typographia, (ainda que o typo nos parece francez e não inglez) com o titulo de—*Gerente e não regente, ou veto á doutrina anti-constitucional do paragrapho 14 do Manifesto do senhor D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brasil, publicado em dois de Fevereiro de* 1832.

Nesta violentissima publicação se dizia, por exemplo:

«Todo o projecto da usurpação está embrulhado nestas poucas palavras. O plano não tem mesmo muita novidade: é a mascara do duque de Cadaval com franjas novas postas na cara de Candido José Dias da Silva! E vem a ser o violar a Carta em nome da Carta, nas suas partes mais essenciaes, para despojar a nação dos seus direitos, como tentou fazel-o Carlos X, e os seus Candidos e Polignacs.

«O senhor D. Pedro não tem caracter nenhum para convocar as côrtes portuguezas; e ninguem, segundo a Carta, lhe pode conferir, por mais desejavel que pareça esse arbitrio. Côrtes convocadas por elle são, *ipso facto*, ainda mais nullas do que aquellas que D. Miguel convocou: e ainda quando o regente legitimo e legal (a infanta D. Isabel Maria, ou uma de suas duas irmãs) as tiver convocado, em caso nenhum poderão ter o direito de conferir ao senhor D. Pedro a regencia de Portugal.

«Tudo que se fizesse neste sentido seria illegal, contrario á Carta, inteiramente nullo. O deputado *subornado*, que fizesse tal proposta, devia ser accusado de alta traição, assim que acabasse de fallar. E se a camara fosse tão cobarde e servil *deante de D. Pedro*, como foi o rebanho de carneiros da camara de 1827 *deante de D. Miguel*, a nação, mais escarmentada hoje, defenderá seus direitos».

«Os francezes expulsaram os Polignacs, porque tentaram abusar do art. 14 da Carta; os portuguezes tomarão medidas contra os perjuros que tentarem pôr em execução o paragrapho 14 do Manifesto.

«Os emigrados confiaram tacitamente ao sr. D. Pedro, pae e tutor da rainha, e a quem por estes dois motivos deviam julgar lealmente interessado por ella, o commando do exercito destinado a combater o tyranno; mas derribado elle, acaba a gerencia do sr. D. Pedro. Os emigrados não tinham poder para convencionar mais cousa alguma; a dictadura acaba, cessa o poder extraordinario, e nasce, levanta-se logo, *por si mesmo*, o governo da lei, a regencia da Carta; isto é: a infanta D. Isabel Maria começa logo a governar; retoma o poder que a Carta lhe confere, com a mesma simplicidade com que os governadores do reino entraram no exercicio das suas funcções, assim que o usurpador Junot foi expulso, e assim que os inglezes entraram em Lisboa.

«O exemplo é terminante. Então sim, compete á regencia do reino de direito convocar as côrtes, procedendo-se logo ás eleições pelas instrucções de 1826. Aos eleitores cumpre eleger uma camara independente e nacional: para esse fim não devem dar seus votos, senão a proprietarios de principios e caracter firme; magistrados d'illibada fama na administração da justiça, e dos dinheiros publicos (o *desembargador que vende a justiça, o juiz de fora que rouba os cofres publicos*, que independencia pode ter?) Devem escolher publicistas, sempre patriotas, e sempre incorruptiveis, etc. Os eleitores não devem dar seu voto ás cegas, como em Portugal se tem visto, mas exigir uma profissão publica de principios do candidato á deputação, como aqui, e em França, se pratica com grandissima utilidade.

«Se a infanta D. Isabel Maria estiver ausente, ou impossibilitada, ou se for intimada pelos conspiradores, que lhe hão de comprar os criados para atemorisal-a, ou tornal-a receiosa do partido nacional, pertence a regencia á infanta D. Maria da Assumpção; e na falta d'esta, lá está em Paris a infanta D. Anna, que não perdeu seus direitos, como em Londres pretendia *invejosamente* o marquez velho de Lavradio.

«Se o egoismo, ou o terror dos conspiradores, fizer que nenhuma destas princezas queira prestar o auxilio do seu nome á legitima causa da sua perseguida sobrinha, ainda restam muitos modos de instituir logo um governo provisional.

«Pode a camara dos pares convocar as côrtes, que elegerão a regencia de tres membros, na forma do artigo 93 da Carta, sem que por modo algum aquella regencia possa recair no sr. D. Pedro, que a lei exclue daquelle importante cargo. Se fosse possivel existir uma camara de deputados tão corrupta, que vendesse a regencia, *e com ella o reino*, a liberdade, e a honra nacional, aos favoritos do sr. D. Pedro, adquiria a nação o direito de dar-lhe o mesmo nome e o mesmo castigo que ás côrtes de D. Miguel, onde José Acursio José Telles, e o marquez novo do Lavradio, fizeram rei a D. Miguel, que até da regencia estava excluido; porque a havia, sem contradicção alguma, na pessoa da infanta D. Isabel Maria, regente permanente, e constitucional.

«O senhor D. Pedro perdeu o direito a succeder na corôa de Portugal a sua filha a senhora D. Maria II, e como só na ordem da successão é que a Carta nomea regente *nato*, é evidentissimo, que, em caso nenhum, pode, quem está excluido da successão, por seus proprios actos, abdicações, e opções d'outras corôas, ser regente interino, ou permanente de Portugal. É por tanto anti-constitucional, criminosa, e usurpadora, a doutrina do paragrapho 14 do Manifesto do senhor D. Pedro, *e desde ja* deve considerar-se como perjuro á rainha, e á Carta, e inimigo das liberdades publicas, o favorito, o conselheiro, o secretario que concorrer para lhe dar execução.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

O fiasco do Lyceu

Publicamos hoje o quadro do movimento dos exames no *Lyceu nacional* do Porto; o leitor ficará perplexo de espanto, diante d'esse documento publico, vergonhoso, que nos deixa humilhados e indignados na presença de uma miseria intellectual, que significa o maximo insulto e o desmentido mais formal, mais energico, ao titulo que nos atrevemos a usurpar, de nação civilisada.

Apontamos para a Hespanha, e para a sua banca-rota pecuniaria, e não se repara que estamos em banca-rota intellectual declarada, fallidos intellectualmente, miseraveis, n'uma pobreza de ideias, que é a pobreza das forças mais uteis e mais valiosas da nação.

E' vergonhoso, repetimol-o!

Dá-se este espectaculo na segunda cidade do reino!

Entram no Lyceu a exame 912 alumnos; ficam approvados 406, *reprovados* 328 e faltam á chamada, no momento do exame, 138! De sorte que temos 328 reprovados effectivamente, e 138 que o seriam sem duvida tambem—ao todo: 466 REPROVADOS, mais de 51 por cento!

Sommando o numero de internos do Lyceu (matriculados) achamos 122, dizemos: CENTO E VINTE E DOIS, que appareceram nos exames!

Pois é crivel que só se matriculassem 122, no começo do anno lectivo de 1873-1874? Quantas centenas de discipulos, que se haviam matriculado, não faltariam, para que o *Lyceu* apparecesse somente com o numero exiguo de 122 discipulos?

Parece isto uma comedia, uma mystificação, propriamente indecente!

E' este o saldo do nosso *ensino official* n'uma cidade de mais de 100:000 habitantes?

Isto é improprio até de uma aldeia; o logarejo mais humilde da Suissa, ou da Allemanha teria o direito de nos passar o attestado de analphabetos, de parasitas, e de vadios.

O caso aggrava-se, se examinarmos o resultado dos exames, *segundo as disciplinas*. O Lyceu figura com UM approvado em *Mathematica* (2.° anno), com SETE em *Geographia* (sendo 12 os reprovados), com 19 approvados e 28 REPROVADOS em *Physica e Chimica!* com 2 REPROVADOS em *Philosophia* (segundo anno); nesta disciplina *nem um só* approvado!

PERGUNTAMOS: O QUE SE FAZ NO NOSSO LYCEU? Em *Francez* achamos 3 approvados e 3 reprovados; em *Inglez* nem um discipulo; em *Latim* (2.° anno) *um* discipulo; em *Desenho* (1.° anno) nem um; em *Mathematica* (1.° anno) nem um!!!!—nos exames, bem entendido!

PERGUNTAMOS NOVAMENTE, O QUE SE FAZ NO NOSSO LYCEU?

Vive-se, ou dorme-se n'aquella casa? Estuda-se, ou vadia-se?

O *Lyceu* teve em summa 8 discipulos distinctos, 48 approvados e 47 *reprovados*; o resto (8) faltou aos exames.

E' um titulo dignissimo, não ha duvida!

Eis o espectaculo indecoroso, com relação aos *internos*. Vejamos os *externos*.

Entraram em exame 777; ficaram approvados 358 e reprovados 281; faltaram á chamada 130, o que dá um resultado negativo de 411 sobre 358!

Temos pois um resultado mais vergonhoso ainda. Em *Geographia* e *Historia* houve 28 approvados sobre 36 reprovados; em *Physica* e *Chimica* 18 approvados e 18 reprovados; em *Mathematica* (1.° anno) 25 approvados e 44 reprovados; no 2.° anno *idem* 17 approvados e 20 reprovados, etc.

Convém sondar a chaga. Depois da eloquencia, propriamente brutal, d'estas cifras, pergunta-se: a quem cabe a culpa d'este *fiasco* inaudito?

Só póde haver dois culpados: o mestre que *não sabe*, ou o discipulo que *não quer saber* o que lhe ensinam; ou mestre e discipulos egualmente analphabetos.

No ensino ha attender a dois elementos, o ensino official e o particular.

Sabemos muito bem até onde, e até que ponto *grassa* entre a nossa mocidade a epidemia da preguiça.

A nossa mocidade gasta, em geral, as horas no café, no bilhar, etc., na leitura de assumptos mais ou menos futeis, mais ou menos obscenos; ainda não ha muito que na *Bibliotheca* desta cidade se viam as mesas guarnecidas de estudantes, folheando romances e outras banalidades, que a *Bibliotheca* offerece aos estudiosos... Consultem-se as papeletas das obras pedidas, e ellas fallarão eloquentemente.

Em Lisboa foi necessario que o sr. Silva Tullio (sub-bibliothecario) *prohibisse expressamente* a leitura de romances, nas salas da *Bibliotheca nacional*; soubemos isto ha mezes, no proprio estabelecimento.

Além d'isso tivemos o cuidado de consultar alguns dos professores, que figuraram nos exames; foram todos *unanimes* em classificar a ignorancia dos nossos mancebos como: *inconcebivel, incrivel* (sic).

Entretanto, se a ignorancia é geral poder-se-ha concluir, sem receio de errar, que 328 reprovações positivas e 138 negativas (discipulos, que *fugiram*, é este o termo) sejam só filhas de preguiça, e não tambem resultado de um methodo deficiente de ensino?

Vem a proposito dizer, que desde que se decretaram no Lyceu os *exames mensaes* não entram no *exame final*, senão os discipulos, que o respectivo professor julga aptos para o exame.

Os 122 *discipulos* internos do Lyceu deviam pois ter passado *todos*, visto que estavam habilitados; comtudo mais de metade ficou no campo, emquanto os mestres soltavam o: *sauve qui peut!*

Voltemos porém á questão, de que nos desviamos. Será o *fiasco* resultado, só da preguiça dos discipulos; está o methodo do ensino ao abrigo da censura e da critica?»

ADRIÃO PEREIRA FORJAZ DE SAMPAIO

II

Ainda no mesmo anno de 1838 publicou o sr. Adrião Forjaz a primeira parte das suas *Memorias do Bussaco*, e a segunda parte no anno immediato de 1839.

Quem ha ahi que não conheça este mimoso livro? Quem é que o não tem lido, quer no remanso do gabinete, quer nas cumiadas da serra, outr'ora habitação silenciosa dos religiosos carmelitanos?

E' necessario ser destituido de todo o sentimento, para se não commover com a leitura de trexos como este:

«Junto destas ameias, para qualquer dos lados que a vista se estenda, que rico painel de magestade e formosura! Sobre nossas cabeças o ceu sereno e puro, o ar leve e fresco da montanha, o rochedo a nossos pés cortado a prumo e tão dependurado, que mal póde olhar-se para baixo, sem que tremam os joelhos e a vista se perturbe, e a cuja raiz apenas correspondem as cimas da floresta; ao nascente as cumiadas da Estrella, ao norte os pinaculos do Caramulo e as serras que se estendem parallelas para o Douro, ao poente o Atlantico: e dentro destes limites um vasto territorio semeado de mil diversas povoações, collinas e arneiros fertilissimos; e aqui mesmo pegado com o rochedo, extenso lago d'empoladas ondas de verdura, que se movem de continuo, figurando o oceano em dia de porcella, e levando até ao retiro do calvario o surdo burburinho de suas vagas longinquas! O viajante que no labyrintho da matta ainda ha pouco pasmava da enorme elevação dos cedros e carvalhos, attonito de ver sumirem-se entre as nuvens do ceu as suas cristas magestosas, agora sobranceiro a todas ellas, apenas divisa, lá em baixo, a consideravel distancia do calvario, os cedros colossaes, os carvalhos e pinheiros seculares, que seus ramos superiores entrelaçam e apertam.

«Aqui no silencio da solidão sagrada, estendendo a vista pelo bosque, pelas serras, pelos valles, abrangendo em um momento terra, mar e ceu, quão diversos e encontrados pensamentos não se elevam do espirito dos visitadores do calvario! Os paes, a patria, as ligações dos primeiros annos, a religião, a politica, os costumes tem tanta influencia sobre nosso coração, que tentar tamanho dédalo de affectos e sentimentos seria não pequeno erro e presumpção.

«Quem haverá que discorrendo n'este doce remanso da existencia sobre o seu passado e o seu porvir, possa traçar um quadro sempre egual de paixões e d'opiniões? Rapida se esvae a primavera dos annos, e com ella os encantos imaginarios do futuro; ambições e cuidados lhe succedem. N'aquella doce quadra da vida, o bosque, as montanhas, as campinas, o oceano, tudo vive, tudo para nós tem alma, que o fogo, que nos consome o coração, lhe communica. E por ventura d'estes dias tão risonhos o estio da vida recolhe sasonados fructos? os sonhos da mocidade vê-os elle muitas vezes realisados?

«Corramos o veu sobre a sorte dos homens; escusemos de rasgar feridas insanaveis, respondendo. Só tu, ó religião, cujos pensamentos celestes deste mundo falso e grosseiro se elevam á mansão do Creador, aonde o verdadeiro amor, a paz e a ventura sempiterna o justo galardoam; só tu, moderadora do fogo das paixões, conselheira fiel nas crises da vida, podes inspirar no calvario do Bussaco sentimentos condignos de filhos d'Aquelle, que sobre o temeroso Golgotha em sacrificio expiatorio pelos homens se offereceu; cuja vida, humilde e retirada em seu começo, e no cabo toda entregue a doutrinar e a bemfazer, a padecer e a soffrer, é a lição mais expressiva para a vaidade e corrupção dos mesmos homens.»

O sr. Adrião Forjaz entremeava as suas lucubrações litterarias, com as scientificas.

No anno de 1839 publicou os seus *Elementos de economia politica*; a que se seguiram em 1841 os *Primeiros elementos da sciencia d'estadistica*.

Em 1845 reuniu o sr. Adrião Forjaz os dois livros em um só, com o titulo de *Elementos de economia politica e estadistica*, que tem tido varias edições.

Já no corrente anno, havendo-se esgotado a ultima edição deste valiosissimo livro, fructo de longos estudos de seu illustrado auctor, foi necessario fazer outra. O sr. Forjaz trazia o triste presentimento do seu proximo fim, e por isso queria que se pozesse no frontespicio do livro—*Ultima edição*. E assim se veria neste livro, que ainda não saiu á luz, e vae ser estudado pelos alumnos da respectiva aula de Direito no proximo Outubro, se o digno administrador da imprensa da Universidade, não dissuadisse delicadamente o sr. Forjaz do seu proposito. O livro saírá, portanto, com a designação de—*Nova edição*.

Ainda assim, na introducção do primeiro volume, se lê o seguinte bem significativo periodo:

«Oxalá este *derradeiro* trabalho do primeiro professor de economia politica e estadistica da Universidade, primeiro no tempo e ultimo no merito, hoje que, jubilado, pode ser considerado como *litterariamente morto*, preste ainda alguma utilidade aos alumnos de tão formosas sciencias!»

E já que fallamos nesta ultima edição dos *Elementos de economia e estadistica*, entendemos não dever deixar passar o ensejo de para aqui transcrever algumas palavras, que o sr. Adrião Forjaz escreveu a paginas 338, do primeiro volume, em elogio de um nosso commum amigo. Tratando das sociedades de soccorros mutuos dizia s. ex.ª:

«Poderá haver rasão plausivel para excluir as mulheres? Não se nos antolha o menor pretexto. Mixtas, ou distinctas pelos seus sexos, as sociedades de soccorros mutuos são para todos. Resta proporcionar os regulamentos ás differentes circumstancias dos associados, homens ou mulheres.

«Folgamos muito de consignar neste logar o mais bem merecido louvor ao dignissimo commendador, o exm.º sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, fundador e organisador não só da Associação dos Artistas de Coimbra, o que já foi muito, mas tambem de outra egual para o sexo feminino, que funcciona e progride desde 1867, o que é realmente muitissimo. E se estes generosos e grandiosos commettimentos houverem causado a s. ex.ª alguns dissabores, que sempre acompanham e perseguem os bemfeitores da humanidade, da parte da ignorancia e ingratidão, acredite que o futuro lhe fará plenissima justiça.»

Ao sr. Adrião Forjaz se deve em especial a organisação da actual sociedade do Instituto de Coimbra, depois da sua separação da Academia Dramatica; e foi elle o seu primeiro presidente.

Egualmente foi o sr. Adrião Forjaz o principal fundador do *Instituto*, acreditado periodico litterario e scientifico, que havendo começado no dia 1 de Abril de 1852, ainda hoje existe.

Ao abrir das aulas em Outubro desse mesmo anno, dava o sr. Forjaz no *Instituto*, proveitosos conselhos, tanto aos mestres, como aos discipulos. A cordura dos seus pareceres se revelava pelo seguinte modo:

«A rigorosa moralidade, a gravidade e exacção dos professores em suas espinhosas funcções; viver aqui uma vigorosa vida litteraria, não vegetar sómente; obedecer na carreira das lettras ás imperiosas necessidades de um constante e rasoavel progresso, esforçar por merecer a mais plena confiança dos paes que lhes confiam não só a instrucção, mas boa parte de educação dos filhos; bem merecer emfim da religião e da patria,—eis, em nosso humilde entender, as mais fortes de todas as armas que nos podem segurar o triumpho nesta porfiada contenda.»

Ainda mesmo quando o sr. Adrião Forjaz não era já redactor effectivo do *Instituto*, não deixava, sempre que se lhe offerecia occasião, de pugnar pelo bom nome dos ornamentos do pulpito, da Universidade, e em geral de Coimbra. Por exemplo, do celebre orador dominicano, Dr. Fr. Antonio José da Rocha, dizia o sr. Adrião Forjaz no *Instituto* de Junho de 1861:

«A quem ouviu muitas vezes ao grande orador sagrado pronunciar, com lingua de prata, as mais eloquentes palavras; a quem lhe foi testimunha da admiravel alliança, com que, no pulpito, os pensamentos, os sons da voz, e os modos expressivos, delicados, apropriados e cortezãos, tudo nelle se casava na mais natural, e arrebatadora harmonia; aquelle nome recorda lembranças as mais gratas!

«Era, em seu tempo, o—*Rochinha*—a flor dos oradores de Coimbra, não na austeridade da missão, mas nas graças e adornos do panegyrico; corria a ouvil-o para toda a parte a mocidade academica, sempre enthusiasta do bello, e apreciadora do bom; e os velhos, lembrados dos grandes oradores benedictinos, que, no primeiro quartel do seculo, haviam abrilhantado a cadeira da verdade, reconheciam de bom grado, no sobre todos agradavel dominico, um gosto especial, uma eloquencia toda sua, captivadora dos corações.

«Mas não era só no pulpito, e na cadeira magistral, que o—*Rochinha*—se distinguia pela excellencia de seus dotes singulares; não o era menos na intimidade da convivencia. Quem hoje atravessar a rua de Santa Sophia, observará, do lado do rio, junto aos casarões, que foram collegio de Santo Thomaz, um pouco d'arvoredo, e mostras de terreno ajardinado. Ahi, repartindo com as flores o culto que votára ás lettras, reunia frequentemente o amavel dominico seus muitos amigos; os quaes gosavam, por elle e com elle, a frescura do sitio, e mais que tudo a doce suavidade da conversação do philosopho.

«Poucas vezes, e em edade muito moça, entramos, em companhia de superiores, naquelle recinto consagrado á amisade. Assistimos porem, muitas mais, aos sermões do orador predilectissimo da juventude, de que faziamos parte. Grande numero dos mais proximos a elle, que melhor podiam testimunhar a verdade de nossos assertos, já desceram á sepultura; restam porém ainda alguns; e pelo menos as impressões dos que, naquelle tempo, eram, como nós, dos mais novos, cremos que são conformes com as nossas a seu respeito.

«O fecundo orador, o professor eximio, o homem bom, o philosopho christão, era apodado, pelos intolerantes, de seguidor d'ideas novas. Vieram os tempos calamitosos, foi victima delles. A rede expurgatoria arrastou o orador e professor insigne. Morreu na desgraça, esquecido não, mas retirado, e talvez pobre. Sua escolhida bibliotheca, em harmonia com as suas ideias, e até com a sua eloquencia, vimol-a nós, em o naufragio das outras dos conventos, seguir a mesma sorte. Ignoramos onde pára; talvez jazendo no pó do inqualificavel deposito geral, pasto dos vermes!

«Devia de possuir manuscriptos proprios, pelo menos os originaes de seus sermões, a mór parte ineditos; aonde existem.....?»

Seria quasi impossivel indicar os numerosos artigos, todos substanciaes, graves e instructivos, publicados pelo sr. Adrião Forjaz tanto no *Instituto*, como em outros jornaes. O *Conimbricense* não é aquelle que menos mereceu a honra dos escriptos do illustre professor.

(Concluir-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Meu Joaquim Martins de Carvalho.

Li no seu interessante jornal a triste noticia da morte de meu amigo, o conselheiro Dr. Adrião Pereira Forjaz, e na verdade fiquei muito compungido, porque perdi o protector, e perderam tambem as letras patrias e a nossa Universidade, aquella Lusa Athenas, da qual me honro de ser filho.

Será eterna a lembrança d'aquelle illustre professor, que sempre me auxiliou durante o meu tempo de estudante, e a cuja memoria devo mil favores.

Já o nosso João de Lemos não esqueceu o respeitavel lente, que com a sua sonora e auctorisada voz, bella dicção e apurada intelligencia dirigia os alumnos. E mais ainda o poderei exaltar porque o ouvi quando cathedratico d'economia politica, admirando sempre tanto estudo, tão variados conhecimentos, tanta eloquencia. E emfim regosijo-me ao menos porque fica immortal a memoria deste grande homem, que faz honra á nossa Universidade e ao paiz.

A' sua inconsolavel familia, especialmente aos seus dois filhos, meus particulares amigos, dou os sentidos pezames.

Oxalá que, no futuro, a nossa Universidade possa orgulhar-se com outro talento tão brilhante.

Espero que publicará esta carta no proximo numero do seu jornal.

Alcobaça, aos 17 de Setembro de 1874.

Dr. *L. de Macedo.*

NOTICIARIO

Grande hotel Foz do Mondego, na Figueira da Foz—Abriu-se com effeito no dia 16 do corrente mez, como fora annunciado, este vasto e magnifico estabelecimento; e no proprio dia da sua abertura foram tomados muitos dos seus quartos, continuando os restantes a ser procurados nos dias posteriores.

Apesar de estar adeantada a estação dos banhos, estamos ainda assim persuadidos de que os arrendatarios do *Grande hotel* cubrirão já este anno as suas despezas, devendo depois nos dois futuros annos do contractado arrendamento colher avultados lucros.

São os arrendatarios do *Grande hotel*, de que é proprietario o sr. Augusto Luiz Cesar dos Santos, os srs. Thomaz Elias dos Santos e Agostinho Gil, emprezarios do Hotel do Lazareto, de Lisboa, e d'outro em Queluz.

Mas o *Grande hotel* é administrado pelo sr. Agostinho Gil, que com a sua esposa nelle residem actualmente.

Quem viu a simplicidade, ou mais ainda do que simplicidade, com que as administrações anteriores montaram este estabelecimento, ficará sem duvida agradavelmente surprehendido, vendo o luxo com que acabam de montal-o os actuaes administradores.

Nada alli falta, com effeito, para o conforto, commodidades e recreio dos banhistas que o occupam.

O local do *Grande hotel* é o melhor do *bairro novo de Santa Catharina*. Das suas janellas, e principalmente do grande terraço que o corôa, domina-se completamente a praia dos banhos, que lhe fica apenas a distancia de alguns metros; disfructa-se todo o movimento da barra; goza-se a vista aprasivel e variada da foz do rio Mondego e a perspectiva da linda e elegante villa da Figueira e dos seus pittorescos arredores.

Os quartos d'aquelle estabelecimento são espaçosos, podendo cada um d'elles receber dois leitos e a respectiva mobilia.

São excellentes as casas de mesa e vastas as despensas e cozinhas.

Fica paredes meias com a *Assembleia Recreativa*, onde diariamente se reunem as familias a banhos na Figueira para gozarem os prazeres da musica, dansa, leitura e jogos da boa sociedade.

O srs. Santos e Gil esmeraram-se no bom arranjo dos quartos, alguns dos quaes estão alcatifados, e todos mui confortavelmente mobilados; põem as suas mesas com luxo; toalhas, guardanapos, loiças, crystaes, talheres, tudo é de primeira qualidade; e nem sequer lhes esquecem as flores que tanto realçam o effeito dos ornatos de uma mesa. Os criados vestem com decencia e servem com a maior promptidão e regularidade.

O jantar do dia 16 foi abundante e delicado. Todos os hospedes da casa, e outros de fóra que n'elle foram tomar parte, confessaram que se julgaram por um momento transportados a uma das melhores hospedarias de Lisboa.

Acha-se pois satisfeita a maior necessidade de que se sentia na praia da Figueira, e que d'ella afastava tantas familias nacionaes e estrangeiras; e nós muito com isso nos regosijamos.

O *Grande hotel* tem commodos para 120 hospedes. No dia 18 já lá estavam, segundo nos informam, 50.

Ordens—O exm.º sr. bispo conde conferiu hoje ordens na egreja de S. João de Almedina desta cidade.

Ponte do Mondego—Já chegou a esta cidade o ultimo ferro para a ponte do Mondego. As obras desta ponte proseguem com toda a actividade.

Junta geral.—Foi auctorisada a reunião da junta geral de Coimbra no dia 19 de Outubro proximo, para rever o actual orçamento ordinario do districto.

Concurso.—Foi mandado abrir novo concurso por provas publicas, perante o prelado diocesano, para o provimento da egreja parochial de Santa Christina de Condeixa a Nova.

Fallecimento.—Falleceu o sr. marquez de Lavradio, cavalheiro notavel do partido legitimista. Apezar de termos militado em campos differentes, não duvidamos confessar que era um caracter respeitavel.

Pedido.—Continuam alguns dos nossos collegas a insistir em transcrever as nossas noticias, sem indicarem a sua proveniencia. Novamente lhes pedimos que declarem claramente donde são.

Lacticinios.—As vaccas leiteiras constituem uma grande riqueza agricola da Inglaterra. Uma boa vacca das melhores raças produz termo medio 3:000 litros de leite por anno, e a producção annual deste precioso alimento nas ilhas britannicas está calculada em 3 mil milhões de litros.

O consumo dos laticinios tem adquirido grande desenvolvimento na Inglaterra. Datam de remotos tempos os habitos dos inglezes neste ponto, e já d'elles dizia Cesar—*lacte et carne vivunt*—. Os inglezes não costumam como os francezes preparar os alimentos com gorduras e azeite; servem-se de preferencia da manteiga para temperar as iguarias, e o queijo entra sempre nas suas principaes refeições. Para se avaliar a riqueza da industria dos lacticinios n'este paiz, basta dizer, que só o condado de Chester produz 25 milhões de queijos por anno no valor de 1 milhão de libras sterlinas.

Em todos os paizes a arte de produzir e de utilisar o leite constitue uma industria fecunda, e são sempre ricas e felizes as regiões onde domina este ramo de producção agricola. O queijo proporciona ao povo um alimento sadio, agradavel, nutriente, de facil transporte e conservação, divisivel até ao infinito segundo as necessidades, e sem exigencias de previas preparações. Em todos os povos em que melhoram as condições das classes operarias, o queijo acompanha sempre o pão no regimen alimentar. A Hollanda e Suissa fundaram primitivamente a sua gloriosa independencia na industria dos lacticinios. A França tambem fabrica excellentes queijos, e tem alguns typos especiaes fabricados com leite de ovelha, que concorrem vantajosamente nos mercados com os melhores estrangeiros. Os mais estimados queijos de Portugal tambem são produzidos com leite de ovelha.

Os albuns.—Os antigos já usavam o seu *album amicorum*, livro em que se registravam os nomes e pensamentos das pessoas de mais intimas relações e amisade. Daniel de Behr já possuia em 1586 um album, em que escreveram sabios e artistas notaveis e até principes illustres. Madame Desloyes tambem tinha um album, onde entre grande variedade de trechos em seu louvor, se liam versos escriptos por Malherbe.

O album porém mais original e volumoso de todos era o do barão de Burkana, celebre personagem educado na côrte do imperador da Allemanha, e que depois de ter viajado por toda a Europa, morreu em Vienna no anno de 1776. Continha este album 3:532 trechos de amisade e estima, tanto em prosa como em verso, comprimentos, louvores, maximas, epigrammas, gracejos, anedoctas, etc. As suas paginas eram adornadas com os nomes dos homens mais celebres, e o seu titulo em latim e francez era o seguinte:—*Templo da piedade, da virtude, da honra, da amisade, e da fé, consagrado á lembrança duradoura e eterna. Vós pois todos os que sois piedosos como Eneas, fortes como Hercules, amigos como Pylades, fieis como Achates, entrae dentro, honrae-o com a vossa presença; sois convidados pelo barão de Burkana.*

Este livro curioso veiu ultimamente a pertencer a Goethe.

Provisão contra um almotacé de Coimbra.—D. Pedro, pela graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, daquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guiné, &. Faço saber a vós juiz de fóra da cidade de Coimbra, que se viu a vossa carta em que dizeis que mandando notificar a Thomaz de Sequeira Castello Branco, que acabou de servir de vereador nessa cidade o anno passado, para servir este presente de almotacé, fôra á camara, e dissera estava prompto para servir e tomar a vara, porem o não havia de fazer sem seu companheiro, que era Bernardo Correa de Lacerda, ser tambem obrigado; e dizendo-lhe vós que constava estar ausente da terra e comarca, e que não era razão efficaz para elle deixar de satisfazer ao que em mandava, não quiz obedecer, e por esse respeito o prendestes em sua casa como homenagem.

E visto o mais que dizeis, hei por bem e vos mando, mudeis da homenagem ao dito Thomaz de Sequeira Castello Branco para a cadeia publica, debaixo de chave, aonde estará até tomar a vara de almotacé; e em quanto durar a ausencia de Bernardo Correa, obrigareis ao outro vereador que se segue tome a vara, e vindo Bernardo Correa pegará então nella.

El-rei nosso senhor o mandou pelos doutores João de Azevedo e Braz Ribeiro da Fonseca, ambos do seu conselho e seus desembargadores do paço. Thomaz da Silva o fez em Lisboa aos 10 de Abril de 1693. Francisco Pereira Castello Branco o fez escrever—*João de Azevedo—Braz Ribeiro da Fonseca.*

Grande melhoramento—O correspondente do *Commercio do Porto* diz o seguinte:

«Foi hoje assignado o contracto provisorio para o prolongamento do Aterro da Boa Vista até Belem.

Figuram de um lado o governo e do outro os srs. Maia Cardoso, Mozer, o principe Adão Wisziniw-ki, e o conde de Lucotte por si e como representante do engenheiro civil Blondot.

A empreza obriga-se a prolongar o Aterro desde o arsenal de marinha até Belem, estabelecendo um caminho de ferro de duas vias entre estes dois pontos extremos; a fazer uma grande docka (provavelmente em Belem) e pequenas dockas de abrigo para os botes; a ceder ao estado a quinta parte de todos os terrenos que conquistar ao Tejo; e a fazer uma muralha de caes em toda a extensão citada.

O governo concedeu a exploração á empreza por 99 annos da docka e do caminho de ferro, passando tudo para o estado no fim desse prazo; e a posse prepetua de terrenos conquistados.

Concede mais: isenção de direitos para o material necessario para a construcção e exploração, durante o tempo da construcção e um anno depois: e isenção de impostos geraes por 6 annos.

A emissão dos *warrants* (que são os conhecimentos das mercadorias existentes nas dockas) não terão privilegio exclusivo. A empreza fará um deposito de 18 contos de reis até á abertura do parlamento; quando este approve o contracto provisorio, o deposito será de 45 contos de reis. Na falta de qualquer destas duas condições se considerará rescindido o contracto.

Todas as obras estarão concluidas no prazo de 60 mezes, e no caso que isso não succeda, a empreza pagará 7:200$000 reis de multa por cada mez que exceder a este prazo.

Quando não estejam no ministerio das obras publicas os projectos das obras 6 mezes depois da publicação do contracto definitivo, o contracto será rescindido.

Ha prazos especiaes para a conclusão de cada uma das obras, aterro, dockas e caminho de ferro, e multas correspondentes no caso d'ellas não estarem concluidas nos prazos estabelecidos.

A empreza é obrigada a fazer o aterro de modo que a muralha tenha dois metros de profundidade na baixa mar de aguas vivas, o que está calculado dará uma largura ao terreno não inferior á que hoje tem.

Como fica dito, o contracto provisorio, que hoje foi assignado, depende ainda da approvação das duas camaras. O melhoramento que ha de resultar para a cidade desta obra é innegavelmente importante, não só pelo lado da conveniencia para o porto de Lisboa como pela questão da salubridade publica.»

Ambulancias militares—O mesma correspondente diz o seguinte:

«A'manhã, ás 4 horas da tarde, deve verificar-se em campo de Ourique uma revista aos carros e mais apetrechos das ambulancias do exercito, assistindo á revista el-rei D. Luiz, o sr. ministro da guerra e o estado maior do quadro de saude.

O serviço das macas e da policia é feito por 200 soldados de infanteria 16, devendo tambem comparecer todas as praças disponiveis da 1.ª companhia de administração militar.

Este serviço das ambulancias no nosso exercito esteve em tal estado, que era como se não existisse, e o que ha presentemente, deve-se sem duvida ao actual ministro da guerra.

Na officina de carroagens do sr. Navarro fizeram-se os carros, segundo os melhores modelos, e creio que estão promptas para entrar em serviço 8, havendo ainda algumas em fabrico.

De todas as despezas feitas ultimamente no ministerio da guerra, a que mais impressão tem causado é a relativa ás ambulancias. Não se comprehende exercito sem ellas; mas não obstante, o empenho do sr. Fontes e a actividade que tem recommendado neste serviço especial, dá força ás apprehensões de que s. ex.ª não está prestando tanta attenção ás cousas militares só e unicamente por dever de melhorar as condições da nossa força de terra, mas porque a deseja preparar para quaesquer eventualidades.»

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Bilbau, 15.—Chegaram as canhoneiras allemãs.

Madrid, 15, á noute.—Teve uma pomposa recepção o ministro da Belgica: Disse que fazia votos por que as boas relações sejam duradouras. Serrano respondeu que tem satisfação em renovar as relações entre as nações ligadas pelos mesmos interesses.

Os carlistas fizeram fogo sobre o comboio de mercadorias na linha de Santander. A escolta respondeu.

D. Affonso com 1:500 homens passou o Ebro, indo para a Catalunha.

Os carlistas continuam a fuzilar os liberaes catalães.

Dorregaray foi demittido por exigencias dos clericaes intransigentes.

Paris 15, á tarde.—Senard, ministro da França, em Florença em 1870, publicou uma carta, desmentindo que propozesse á Italia a retrocessão de Nice, e referindo a leal attitude do rei da Italia para com a França a respeito de Nice.

Grasse, 15, á tarde.— Continuou hoje o interrogatorio dos reus sobre a evasão de Bazaine. Marchi, director da prisão, disse que tomára as providencias necessarias para guardar o preso. Affirmou que o coronel Villette se compromettera a não tomar parte nenhuma na tentativa de evasão. O capitão Doineau negou que tivesse conhecimento dos despachos de Villete a Bazaine. Ignora o modo porque se effectuou a evasão, e sustenta que não a auxiliou. Houve murmurios no auditorio quando Villette fallou nos sentimentos religiosos de Bazaine. O juiz mandou evacuar a sala. O julgamento acabará provavelmente ámanhã.

Madrid, 16. —A *Gazeta* affirma que os carlistas deixaram 200 feridos, fugindo para as montanhas Cabrillas.

Onze carlistas foram mortos nas proximidades do caminho de ferro de Alar a Santander.

Amiens, 16—Acolhimento sympathico. Vivas a Mac-Mahon e a republica.

Os oradores pediram a assembleia que organisasse os poderes do presidente para poder trabalhar na regeneração e prosperidade da França.

Bayonna, 16.—São esperadas aqui as canhoneiras allemãs, depois que saiam de Bilbau.

ANNUNCIOS

1 PARA CONHECIMENTO do publico, e especialmente do conselho fiscal, installadores e accionistas do Banco Commercial de Coimbra; declaro que desde o 1.º do corrente mez de Setembro deixei de exercer as funcções de thesoureiro do referido Banco, e que em data de 11, fiz constar á gerencia, officialmente, a minha resolução, a fim de que tomasse as necessarias providencias. Declaro mais que exerci as funcções de thesoureiro, desde o dia 3 de Agosto, em que se abriu o Banco, até o dia 1.º de Setembro corrente, em que saldadas e conferidas as contas, como consta da escripturação da guarda livros, e da minha particular, entreguei o saldo ao gerente, o exm.º sr. Barbosa Lima, de que se lavrou o respectivo auto.

Coimbra 18 de Setembro de 1874.

Francisco de Sousa Araujo.

PEDIDO

2 ROGA-SE ao sr. *Bernardo José Simões,—recebedor da comarca de Arganil,*—o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas, que lhe tem sido dirigidas por parte da administração do jornal o *Conimbricense*.

BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

3 JOSÉ JOÃO FERNANDES PARENTE compra acções deste banco, com premio de 12$500 rs. cada uma.

Attenção

4 NOVA HOSPEDARIA particular na rua das Fangas (Correio Velho).

Encarrega-se de dar cama e mesa, por dia, ou mensalmente. Preços commodos.

Tem commodos sufficientes para os srs. academicos, de quem espera coadjuvação.

Tambem tem cavalhariça para qualquer passageiro que traga cavalgadura.

DESPEDIDA

5 MANOEL FRANCISCO DE MEDEIROS BOTELHO, estando a retirar-se para Lisboa, e não encontrando nesta epocha em Coimbra uma grande parte dos seus amigos, despede-se por este modo, e offerece a todos o seu fraco prestimo naquella capital.

A QUEM CONVIER

6 VENDE-SE uma machina silenciosa, mesa redonda, formato lindissimo, quasi sem uso, por seus donos estar prohibida de coser com ella. Custou 70$000 rs., e dá-se por 40$000 rs.

O encarregado da venda, Victorino H. Lebre.—Calçada, n.º 157.

COIMBRA

7 A JUNTA DE PAROCHIA desta villa de Monte Mór o Velho, faz publico, que devidamente auctorisada, vende em praça publica a quem mais der, no dia 27 do corrente, ás 10 horas da manhã, no adro da egreja de S. Martinho, os predios seguintes, que possue no campo da Borralha:

3 aguilhadas de terra no sitio dos Cardaes, avaliadas em 53$100 rs.;

6 ditas no sitio da Saveira, ou Vage de D. Branca, avaliadas em 106$200 rs.

5 ditas no mesmo sitio, avaliadas em 84$960 rs.;

5 ditas no sitio das Pintadas, avaliadas em 84$960 rs.;

7 ditas no sitio de Alverca, avaliadas em 111$500 rs.;

2 ditas no sitio do Trevo, avaliadas em 42$480 rs.

Monte Mór o Velho, 16 de Setembro de 1874.

O presidente,

Augusto Pereira Cardote.

AGRADECIMENTO

8 JOÃO PEDRO e sua mulher Bernarda Sant'Anna, agradecem a todas as pessoas que se interessaram por sua querida filha, Maria da Conceição, durante sua penosa doença, e bem assim ás que tiveram a bondade de a acompanhar á sua ultima morada, por cujos obsequios se confessam eternamente agradecidos.

Attenção

9 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

10 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:— dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

EDITAL

A Camara Municipal do concelho da Louzã

Faz publico, que no dia 11 do proximo mez de Outubro, pelas 10 horas da manhã, nos paços deste concelho, terá logar a venda em praça publica, de arrematação, de 2:000 pinheiros, á escolha em desbaste, nas mattas do Furcado e Alveite, da freguezia de Serpins; da alimpa dos pinheiros, que della carecerem, nas mesmas mattas; e de differentes pequenas porções de pinheiros em varios pontos dos baldios deste concelho. As condições para esta arrematação acham-se patentes na secretaria desta camara, onde podem ser examinadas pelas pessoas a quem interessar.

Louzã, Secretaria da Camara Municipal, 15 de Setembro de 1874.

O escrivão,

Adelino Correia da Costa.

Instrucção primaria e secundaria

12 JOSÉ MARIA DA SILVA TORRES, e o bacharel Agostinho Rodrigues d'Andrade, continuam a leccionar Instrucção Primaria, Francez, Portuguez e Latim (cursos completos) no edificio da Estação Telegraphica, residencia do primeiro annunciante.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Barca=HUMILDADE=em 28 de Setembro.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

AVISO

14 ALBERTO GOMES TINOCO, na rua de Quebra Costas, faz publico, que tem para alugar alguns pianos dos melhores auctores, assim como se promptifica a fazer qualquer concerto nos mesmos, encarregando-se da sua afinação por preços commodos.

COLLEGIO ACADEMICO

15 ABREM-SE as aulas para o proximo futuro anno no dia 5 de Outubro.

Admittem-se alumnos internos, semi-internos e externos.

Dão-se programmas e regulamentos a quem os desejar.

O director,

Antonio Zeferino Candido.

A Administração geral das Mattas

16 FAZ PUBLICO, que no dia 22 do corrente, pela 1 hora da tarde, terá logar na administração do concelho de Coimbra, a venda dos paus queimados no pinhal de Vil de Mattos, com as condições que desde já estão patentes na mesma administração.

F. L. d'Almeida.

17 PREVINE-SE a quem tem nisso interesse, que não contracte com Miguel de Barros Contreras, ácerca da venda de umas propriedades que pertenceram ao fallecido Dr. João Baptista de Barros Vasco, sitas na freguezia de Sernache dos Alhos: não só porque a procuração que o mesmo Contreras possuia, foi cassada por sua constituinte, sua mãe, D. Theresa do Carmo, herdeira do dito Dr. João Baptista, a qual constituiu novo procurador a seu filho José Pedro de Barros, da freguezia e julgado de Loulé; mas tambem porque as ditas propriedades estão já vendidas na maior parte, tendo o actual e unico legitimo procurador recebido dinheiro á conta da mesma venda, do que existem documentos.

DOCTOR IN ABSENTIA

18 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

19 PRECISA-SE para fóra de Coimbra, de uma criada capaz para uma casa de familia, que saiba bem cozinhar: prefere-se sabendo gommar. A quem convier dirija-se á praça de S. Bartholomeu, n.º 77-78.

20 QUEM QUIZER arrendar dois celleiros para milho, e um armazem para azeite, póde dirigir-se a Francisco da Silva e Oliveira, na rua da Sophia, collegio de S. Bernardo.

Collegio de Nossa Senhora da Conceição, de Coimbra.

21 NO PRIMEIRO do proximo Outubro, abrem-se as aulas deste collegio. De 20 a 30 do corrente Setembro, podem procurar no mesmo collegio o director para serem admittidos.

Não se admittem alumnos que tenham mais de 16 annos de edade.

Responsabilisa-se por sua educação moral, civil, religiosa e literaria, o director

Francisco Mendes Pinheiro.

ESTALAGEM NA MEALHADA

22 FRANCISCO CANAS, faz publico, que abre novamente a sua estalagem, desde o dia 15 do corrente em deante. O annunciante tambem tem carroagens para alugar para qualquer parte, excepto Vizeu e Mangualde.

Mealhada 11 de Setembro de 1874.

Grande deposito de machinas de costura do auctor Singer

34, Rua do Visconde da Luz, 36

COIMBRA

23 AO ESTABELECIMNTO de José Texeira da Cunha chegou novo sortido de machinas para senhora, alfaiate, correiro e sapateiro: todas estas machinas cosem em fazendas finas ou grossas. Dão mil pontos por minuto e do tamanho que se queira. O ponto e entrelaçado no meio, e por isso mais seguro do que cosido á mão. Preços eguaes aos de Lisboa da unica casa sucursal.

Tambem ha trocaes, retroz, linhas brancas e de côr, agulhas, etc.

NUMERO 2834 — TERÇA FEIRA 22 DE SETEMBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Continua o flagello da emigração para o Brasil, mas agora não só de um modo prejudicial para este reino, mas deshonroso para os emigrantes.

O sr. Fernando Castiço acaba de dirigir ao *Jornal do Commercio* de Lisboa a seguinte carta:

«Sr. redactor.—Desembarquei ha poucas horas do vapor «Liguria» da companhia do Pacifico, vindo de Bordeus, e apresso-me a communicar a V. um facto que me encheu de indignação, e que não deve ficar ignorado do governo portuguez. Affiançaram-me a bordo, que elle se tem repetido muitas vezes. Não o creio por honra nossa.

Hontem chegamos a Carril, e 3 horas depois fundeavamos em Vigo. N'um e n'outro porto embarcaram emigrantes para o Brasil. Mas a maior parte desses pobres confiantes são portuguezes; rapazolas de 16 e 17 annos, e homens de 30 a 40. Vão todos com passaportes gallegos! A'manhã, no Brasil, nem a auctoridade portugueza os poderá proteger, porque os não conhece, nem as nossas instituições humanitarias os poderão soccorrer lá, porque não são seus patricios. As dolorosas decepções que os espera, mais tarde se verificarão.

Mas......de que serve a lei nesta terra? Quem é o responsavel desta vergonha? Como se toleram taes abusos, sr. redactor?

"Deixo á sisuda critica de v. as considerações com que poderia alargar esta carta, e infelizmente verdadeira noticia— *Fernando Castiço.*»

Esta carta, como era natural, fez muita sensação no publico. São concidadãos nossos, que se desnaturalisam do honroso titulo de portuguezes, só para se ausentarem da patria!

Este facto é grave, e merece toda a attenção dos poderes publicos.

Não ha duvida que se póde emigrar para os paizes estrangeiros, mas é mister primeiro que tudo satisfazer ao disposto nas leis do reino.

A emigração por *contrabando* pelos portos da Galliza, e com o passaporte de *gallego*, é para se evadirem os mancebos ao serviço militar, a que todos os cidadãos portuguezes estão sujeitos.

Esse acto illicito, póde e deve ser impedido pelo governo. Já que compatriotas nossos tem em tão pouca conta a sua patria, que não duvidam renegal-a; cumpre ás auctoridades fazer-lhes impor as penas da lei, para que saibam que não ha ninguem que seja superior a ella.

ADRIÃO PEREIRA FORJAZ DE SAMPAIO

III

Deixámos para o fim o fallar do *Asylo da infancia desvalida.*

Forjaz!—Asylo da infancia! Que nomes tão intimamente ligados!

No dia 9 de Julho de 1835 foi creado em Coimbra, á imitação de Lisboa, o *Asylo* para a infancia desvalida. Muitos cidadãos se interessaram vivamente por esta utilissima e caridosa instituição; porem a falta de meios tornou muito difficil em alguns annos a sustentação do Asylo.

Com differentes alternativas foi correndo a administração deste instituto, até que pelo fallecimento no dia 18 de Julho de 1848 do antigo presidente do Asylo, o sr. conselheiro Agostinho José Pinto de Almeida; teve de tomar a presidencia o vice presidente o sr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Desde então, até á eleição neste anno da direcção actual, esteve o sr. Adrião Forjaz na presidencia do Asylo, o longo periodo de quasi **26** annos!

E que serviços, que fadigas, que cuidados teve o illustre fallecido a bem das creanças do Asylo, no decurso de tantos annos?

Faltam-nos as palavras para o descrevermos. Felizmente ahi está toda a cidade para testemunhar quão benemerito da humanidade foi o sr. Adrião Forjaz na presidencia do *Asylo da infancia desvalida de Coimbra.*

Não podemos, porem, deixar de especialisar um relevantissimo serviço prestado pelo sr. Adrião Forjaz ao Asylo. Levado pelo extremo amor que tinha pela instrucção do povo, e em especial dos seus queridos asylados, escreveu muitos livros populares de ensino, sendo o seu producto applicado para o Asylo da infancia.

Esses livros foram:

Geographia da infancia para uso das escolas—1850.

Arithmetica da infancia para uso das escolas—1850.

Geographia da infancia para uso das escolas—1850.

Grammatica da infancia—1851.

Abcedarios novos para uso do Asylo da infancia de Coimbra—1851.

Brevissimo resumo da historia sagrada—1853.

Introducção ao Amigo dos meninos—1854.

O Amigo dos meninos—parte segunda—ou Manual de principios elementarissimos de geographia geral, chorographia e historia de Portugal, grammatica, arithmetica, doutrina christã, historia sagrada, e moral pratica e religiosa—1854.

Cathecismo da doutrina Christã, adoptado nas dioceses de Coimbra, Vizeu, Bragança, Lamego e Beja—1854.

Pequeno cathecismo (resumo do antecedente)—1854.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXVI

RODRIGO PINTO PISARRO

IV

Em 16 de Maio de 1832 veiu João Bernardo da Rocha em auxilio de José Ferreira Borges, fazendo imprimir em Londres, na officina de R. Greenlaw, o *Appendix á Opinião juridica do senhor doutor José Ferreira Borges, por João Bernardo da Rocha, advogado da casa da supplicação e chronista do reino.*

Mostrava-se João Bernardo da Rocha violentissimo contra D. Pedro, por ter assumido a regencia, que elle classificava de usurpação. Transcreveremos alguns paragraphos do seu opusculo para amostra.

«Já não podemos disfarçar; é necessario denunciar essa machina infernal, que ameaça fazer pedaços o throno da senhora D. Maria II, e com elle fazer saltar aos ares nossos fóros, franquezas e liberdades.

«Aqui, aqui em Londres existe um club conspirador, que trabalha incessante por conseguir o que não poude acabar o marquez de Pombal—introduzir a lei Salica em Portugal. Aqui tem assento esse club; mas os ramaes alcançam até á França, aos Açores, e a Portugal, aonde chegam os impressos clandestinos e incendiarios de outra officina da *rua Formosa*, assim como as instancias e tratos occultos de antigas amisades e conhecimentos. Para os gastos dessa traição, que são muitos, apparece todo o dinheiro necessario, em quanto, ha dois annos, estão os emigrados leaes sem nenhuns soccorros publicos, e os que não tem de seu, que são os mais, podem dizer com o nosso Castro: «não temos seis vintens para nos tratar, em nossas enfermidades, e comprar uma gallinha.»

«Auctoridades renegadas dão toda a ajuda e favor a essa empreza de infamia: entram nella de alma e coração muitos homens principaes, á quem encheram com largas promessas o vazio de seus desejos: está já d'aqui repartido, como em cedulas de Philippe II, quanto ha de pingue em Portugal, e até o que não é de humor, chorume e substancia, como são commendas honorarias, habitos e fóros de fidalgo: qual está para par do reino com doze mil cruzados de renda: qual para ministro, chanceller, ou inteadente de policia: uns são designados para deputados da companhia do Porto, ou agentes d'ella em Londres; outros para administradores d'alfandegas e correios, para consulados e officios de secretarias; em fim, não ha por ahi Sancho que não espere sair governador de uma ilha; tudo está dado e repartido com a largueza e discrição do marquez de Chaves, e todos os agraciados, como os seus fieis transmontanos d'elle, estão com os olhos dependurados das melhores postas; e já na feira da ladra de Portugal não ha farrapo que não esteja repartido!

....

«Eis aqui o systema e projecto em que tem assentado essa gente ruim: querem que o senhor D. Pedro tome conta do governo, como regente, ainda que a regencia, como temos provado, nem a elle lhe cabe, nem a delle a nós nos convem! e depois disso, o regente, feitos indevidamente novos pares de geito, convoca logo as côrtes, sem dar tempo a que acudam a ter a devida influição nas eleições, os refugiados cá por fóra: e tambem fazem tenção de conservar nas terras os juizes e magistrados de Miguel, que são os homens capazes de mandar deputados de feição, como os que serviram nos ultimos tres braços em Lisboa; e a essa ajuda acrescentarão a de despachar seus agentes e negociadores para todas as terras, com que possam alcançar deputados seus. Estes, segundo a carta convocatoria do governo, trarão logo poderes especiaes para revogar a constituição no titulo da regencia, e assim dar cor e justificação á usurpação do senhor D. Pedro, que assim ficara logo regente da Carta; e não serão passados seis mezes, será rei a pedido de todas as camaras das terras, como o foi seu irmão Miguel. Estes são os venenos que nos prepara a traição; preparemos-lhe nós a triaga.

«Todo o nosso remedio está posto na boa gente da expedição, e no são juizo e excellente opinião da gente de Lisboa; se isso não nos valer logo ao principio, estamos perdidos para muito tempo, e tem Portugal, o pobre Portugal, que tão espedaçado se vê, de passar por ondas de novas revoluções. Portanto, o remedio está em que a expedição, como salte em Lisboa, e desappareça a tyrannia de Miguel, retire logo os poderes e procuração que tinha dado ao senhor D. Pedro; e dê logo posse da regencia a quem a regencia cabe por a Carta.

«Não ha mais necessidade desse principe, que indo desfazer a usurpação, não deve continual-a em si; estão cheios os fins do mandato; está acabada sua procuração. Se não acode por isso essa boa gente, ainda desta vez não ficaremos salvos: desenganem-se que o principe restaurador, ainda que contra sua vontade seja, ha de ser arrastado da camarilha, tornar as cousas ao estado antigo, e causar-nos muitos trabalhos e dissabores; pois ainda que seus conselheiros sejam sempre ruins, e por elles e por si venha sempre esse principe a se deitar a perder, tem elle um nome que nos é perigoso, e nós já não temos paciencia para mais perigos e trabalhos.»

Tambem José da Silva Passos e Manoel da Silva Passos vieram entrar na questão da regencia, fazendo imprimir em Paris, na imprensa de Auguste Mie, e datado em Eaubonne em 2 de Julho de 1832, o—*Exame de algumas opiniões e doutrinas, que os senhores Filippe Ferreira de Araujo e Castro e Silvestre Pinheiro Ferreira expenderam em seu Parecer, Notas e Analyse das Observações e Opinião juridica do senhor José Ferreira Borges.*

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Grammatica franceza da infancia—1856.
Cathecismo da historia sagrada—1857.

Estes livros tem tido successivas edições. Por exemplo, o *Cathecismo da doutrina christã*, de que em 1872 se fez a *sexta edição*, acaba agora de ser novamente impresso na imprensa da Universidade, em numero de 3:000 exemplares.

Alem destes livros, cedeu mais o sr. Adrião Forjaz o producto das sua *Memorias do Bussaco* para o Asylo da infancia.

Publicou tambem o sr. Forjaz, em 1857, o livro das *Irmãs da charidade;* e egualmente traduziu e publicou o estimado livro—*Introducção á vida devota, de S. Francisco de Salles*—já hoje rarissimo.

Em 10 de Fevereiro do corrente anno publicava o sr. Forjaz o seu ultimo relatorio do Asylo da infancia, e ahi instava para ser substituido.

Reunida a assemblea geral em 2 de Junho, era profundo em todos o pezar, por verem que ia perder o Asylo o seu antigo e benemerito presidente.

O sr. Olympio, tornando-se interprete de todos, propoz, e foi promptamente approvado, que se lançasse na acta um voto de reconhecimento pelos relevantissimos serviços prestados ao mesmo Asylo pelo seu desvelado protector o sr. Adrião Forjaz; e ainda por sua proposta lhe foi conferido o titulo de *presidente honorario do Asylo da infancia desvalida de Coimbra*, para que o respeitavel nome do seu antigo presidente e protector, fosse como incentivo e exemplo a honrosos imitadores.

Quando em 1859 foi transferido o conselho superior de instrucção publica, de Coimbra para Lisboa, recebeu o sr. Forjaz a nomeação para membro do novo conselho na capital. S. ex.ª não aceitou este cargo, porque não queria afastar-se da sua familia e da sua casa.

Os numerosos escriptos do sr. Adrião Forjaz, e o seu merito litterario e scientifico, deram-lhe incontestavel direito a ser, como foi, nomeado socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa; e agraciado com a commenda da ordem de S. Thiago.

Era o sr. Adrião Forjaz affavel para com todos; e as reuniões que em differentes epochas do anno dava em sua casa, hão de ficar muito tempo lembradas, pela maneira delicada com que recebia e tratava os seus amigos e convidados.

Cheio de virtudes, e havendo prestado á sociedade serviços distinctissimos, terminou os seus dias, deixando de si honradissima memoria.

E nós, que devemos sempre ao sr. Adrião Forjaz provas da maior estima e amizade, vimos hoje cumprir o nosso dever, dizendo estas singelas palavras em seu merecido louvor.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

O MARQUEZ DE LOULÉ

E' geralmente sabido que o marquez de Loulé, D. Agostinho Domingos José de Mendonça, pae do actual sr. duque de Loulé, fôra condemnado á morte por sentença de 21 de Novembro de 1811, pelo crime de traidor á patria, vindo no exercito de Massena, quando este invadiu o reino em 1810.

E' egualmente sabido, que o mesmo marquez obtivera em 1818 no Rio de Janeiro o perdão de D. João VI, e que vindo com este monarcha para Portugal em 1821, havendo adquirido a sua intima amisade, fôra, talvez por isso mesmo, assassinado no palacio de Salvaterra, em a noute de 28 para 29 de Fevereiro de 1824.

O que, porém, o publico completamente desconhece, são as circumstancias que se deram no Rio de Janeiro para elle obter o seu perdão.

Vamos, por isso, publicar hoje a curiosissima narração d'esses acontecimentos, feita pelo proprio marquez de Loulé, o que a torna duplicadamente interessante.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

«Cheguei a esta côrte do Rio de Janeiro em 27 de Julho de 1817. Desembarquei debaixo do caracter de official francez, e no mesmo dia entreguei na residencia da delegação franceza todos os meus papeis, que me haviam sido precisos até aquelle momento para chegar aos meus fins, sem obstaculos consideraveis.

Fui occupar uma hospedaria na rua de Santo Antonio, e no dia 29 procurei o ministro de estado, a quem disse estas poucas palavras:

—Rogo a V. Ex.ª queira ter a bondade de pôr na presença de sua magestade, que se acha nesta côrte, Agostinho Domingos José de Mendonça, acompanhado tão sómente de seus crimes e da firme e invariavel resolução de morrer aos pés do seu rei.

Assegurou-me o ministro, que partia no mesmo momento a dar a parte a el-rei; e eu retirei-me á minha residencia.

No dia 30, ás 10 horas da manhã, o ministro da policia me intimou, que el-rei determinava que eu fosse recluso na fortaleza de Santa Cruz. Parti immediatamente, acompanhado do dito ministro, e cheguei a este logar ás tres horas da manhã do dia 31.

Pedi ao ministro, quizesse dizer a quem competisse, que as minhas circumstancias eram taes, que precisava ao menos entrar em o numero dos presos a quem a humanidade costuma soccorrer.

Retirou-se o ministro, tendo a generosidade de deixar ficar em cima da minha pequena mala a sua propria bolça.

Fiquei entregue a um ministro polido e cheio de humanidade, que por muitas vezes adoçou o martyrio das minhas considerações, fazendo-me acreditar o exito mais favoravel da incerteza da minha sorte.

Tanta impressão fizeram as minhas circumstancias no real animo de el-rei, que determinou soccorrer-me, para o que se deram ordens as mais positivas; e desde o dia 3 de Agosto principiei a ser assistido com toda a qualidade de auxilios, prestados da sua real casa.

No dia 11 fui inquirido pela primeira vez, e bem longe de pretender defender-me, ou mostrar alguns desejos de justificar-me, confessei os meus crimes, com aquellas circumstancias que os acompanhavam, o que deu motivo a simplificar as perguntas seguintes em numero e mesmo em materia.

No espaço de 15 dias tudo a este respeito estava concluido, e soube então que el-rei havia confirmado novamente a sentença dada em Lisboa contra mim. Não duvidei mais da minha sorte; porém tambem não me arrependi de ter dado os passos que tenho referido.

Os grandes do reino, meus amigos e meus parentes, e até mesmo inimigos, correram aos pés do monarcha, a supplicar-lhe, que ao menos me perdoasse a pena ultima. Alguns houve tão generosos, que pretenderam captivar seus relevantes serviços feitos ao estado, tão sómente por tal objecto.

A firmeza do monarcha mostrou a todos que a minha sorte era decidida; conseguintemente fiquei abandonado ao meu destino e todos perderam a esperança da minha salvação, e muito mais quando viram passar o dia da acclamação, e que el-rei nem em mim fallou.

Dois dias depois da acclamação do monarcha, alguns grandes do reino, em occasião opportuna, entregaram um memorial ao soberano, e este o guardou, dando a conhecer a todos, que sua magestade não consentia que pessoa alguma fallasse em mim; conseguintemente esperava a todas as horas e instantes o meu supplicio.

A 20 de Março de 1818, entrou na minha prisão Fr. Custodio, e cheio da maior alegria me disse:

—Entrando hontem á noute no quarto de el-rei o achei muito alegre e me disse:

—«Sabes, Fr. Custodio, que tenho determinado perdoar ao marquez de Loulé?»

—Beijei a mão a sua magestade, e lhe pedi licença de ser eu o portador de tão gostosa noticia. El-rei deu a conhecer, que muito estimava a resolução, e accrescentou:

—«Vae, sim; diz ao marquez, que no dia «do hoje e de ámanhã, recorda a egreja as «grandes finezas que Jesus Christo praticou «com os homens, e que eu o devo imitar; e «portanto o marquez está perdoado da pena «ultima.»

Poucas horas depois chegou um correio com a ordem da minha soltura e licença de recolher-me á côrte, tendo-me concedido homenagem em toda a cidade.

Fui occupar a hospedaria que antes tinha occupado, na qual fui comprimentado por toda a côrte, e outras muitas pessoas distinctas.

Tres dias depois da minha residencia na hospedaria, entrou um homem no meu quarto, e entregou-me um saco de damasco com dinheiro, e um bilhete fechado; e assim que peguei do bilhete retirou-se o portador, e dizia o bilhete—*Quatro contos de reis para o marquez de Loulé diminuir o numero de seus males*. Conheci a letra, e a respeito mais do que o proprio soccorro, que uma alma verdadeiramente grande me liberalisava.

No espaço de cinco semanas tive algumas occasiões de ver a el-rei, e a sua augusta familia; e sua magestade me viu algumas vezes, deixando-me sempre a feliz suspeita de que me não olhava com indignação e desprezo.

Encontrei uma tarde a augusta princeza real, que voltava do seu passeio ordinario. Sua alteza teve a bondade de parar e dizer-me:

—Vós é que sois o marquez de Loulé?

Respondi:

—Desfructei algum tempo essa grandeza; hoje, real senhora, sou um desgraçado.

—Marquez, não convenho, me disse a princeza. Meu pae, rei dos reinos unidos, não é inimigo de pessoa alguma; porém tambem acredito que não possa ter inimigo verdadeiro.

Sua alteza para me tirar do enleio em que me via, chegou-se mais a mim, e me fez a honra de dar-me a sua mão a beijar.

Continuou a marcha, e eu fiquei lutando com as minhas considerações.

Quatro dias estive no meu quarto, sem sair fóra, porque todo o tempo me parecia pouco para considerar na minha situação. Mil conjecturas fazia, outros tantos partidos queria tomar; porém tudo ficava destruido pela cruel consideração de quem tinha sido, quem era, e a quem tinha offendido.

A's 11 horas da noute do quinto dia, entrou o meu amigo marquez de Bellas no meu quarto, com as lagrimas nos olhos, e me disse:

—A princeza real, visitando esta tarde a el-rei, ella fez recair a conversação no encontro que teve com v. A princeza teve a delicadeza de dizer a el-rei:

—«Não quero offender o coração de meu «pae em pedir-lhe favores, pois não quero «que ninguem presuma que a uma princeza «se deva a conclusão de uma obra tão gene«rosamente principiada por um rei.»

—Aproveitei a occasião, e disse:—Eu teria já acabado esta questão, se eu fosse Agostinho de Mendonça.

—«Como?» me disse el-rei.

—Lançando-me aos pés de vossa magestade, aonde teria achado o meio do meu descanço.

—«E porque não tem o marquez de Lou«lé dado esse passo? Espera que eu o pro«cure?»

—Beijei a mão a sua magestade, e «ahi immediatamente a declarar-vos que el-rei vem depois de amanhã a esta côrte, e fazei por vos fazerdes encontradiço com elle. Adeus.

Saiu o marquez de Bellas, e eu fiquei quasi como louco, parecendo-me que existia em um mundo diverso.

Dois dias depois, e duas leguas distantes da côrte, esperei o meu rei, e na distancia que me pareceu conveniente, ajoelhei no meio da estrada.

Chegou sua magestade, fez parar o seu palanquim, e me disse brandamente:

—«Que queres, marquez?»

—Lembrar a vossa magestade, que a minha desolada familia não tem parte nos meus crimes, e depois morrer aos pés do meu augusto soberano

—«O marquez expoz-se a muito, vir a «esta côrte sem alguns auxilios.»

—As virtudes de vossa magestade animaram-me a dar um passo tão arriscado.

—«Dizei, marquez, estaes convencido que «devo perdoar-vos?»

—Não, senhor; os meus crimes impedem essa ventura.

El-rei volta-se para a sua equipagem, e lhe diz:

—«E' o primeiro que fiando-se no meu «coração, veiu entregar-se nas minhas mãos.»

Voltou-se para mim:

—«Vossos crimes ficam aqui sepultados; «nunca mais me lembrarei delles. Tudo vos «dou, até a minha amisade, para vos confir«mar que não vos enganastes com o coração «do vosso rei. Vinde para a côrte, que ja não «ha logar algum vedado ao marquez de Lou«lé.»

DECRETO

«Tendo em consideração a devoção, e respeito que é devido ao dia de hoje, em que celebra a santa egreja os martyrios da paixão e morte de Jesus Christo Nosso Senhor e Redemptor, e observar o antigo costume dos reis meus predecessores de perdoar neste dia, no qual tambem concorre um forte motivo para que eu haja de imital-os: Hei por bem perdoar a *Agostinho Domingos José de Mendonça* a pena ultima em que foi condemnado pela sentença dada em Lisboa a 21 de Novembro de 1811. E como foi na mesma sentença declarado banido, lhe hei por bem outrosim por levantada esta pronuncia, ordenando que possa sair da prisão em que está, e andar livremente pelo reino, e defendo as justiças de appellidarem contra elle, e a qualquer offendel-o; sob pena de incorrerem nos castigos estabelecidos pelas leis. Os governadores do reino o tenham assim entendido, e o façam constar onde convier e necessario fôr, para que assim se fique observando, e se façam os precisos e necessarios assentos para este effeito.»

«Palacio da real fazenda de Santa Cruz, em 20 de Março de 1818.—Com a rubrica de sua magestade.»

DECRETO

«Tendo-se apresentado perante mim *Agostinho Domingos José de Mendonça*, usando do indulto que por meu real decreto de 20 de Março do corrente anno lhe concedi de estar no reino, pedindo e resignando-se a tudo que fosse de minha real vontade e supremo poder, e considerando que por elle se entregar á minha justiça de um modo que não póde servir de exemplo em semelhantes casos, eu tenho justo motivo para só me lembrar a seu respeito da minha real grandeza: Hei por bem de meu motu proprio, e poder real, rehabilital-o, e conceder-lhe as honras, mercês, e bens de que gozava em quanto estava no meu real serviço; ficando em esquecimento o facto, e sem effeito a sentença contra elle proferida em 21 de Novembro de 1811, salvas porém as alhenações que tiver havido neste meio tempo, e aquillo em que houver prejuizo de terceiro. E revogo para este effeito sómente quaesquer leis, ou disposições em contrario. Os governadores do reino de Portugal, a mesa do desembargo do paço de Lisboa, e do Rio de Janeiro, o tenham assim entendido e façam executar, participando-o aonde convier.

«Palacio de Boa-Vista, 29 de Agosto de 1818.—Com a rubrica de sua magestade.»

A egreja de Santa Justa—Não foi só a cidade de Lisboa que soffreu os effeitos do grande terremoto de 1 de Novembro de 1755. Em outras terras do reino, ainda que em ponto muito menor, se sentiu o abalo de terra. A cidade de Coimbra foi uma dellas.

Na egreja do convento de S. Domingos, na rua da Sophia, desabou parte da abobada.

No collegio Novo caiu uma bola de pedra, que estava n'uma das pyramides do frontespicio.

A torre da Universidade abalou, chegando-se a sentir os sinos tocar.

No adro da egreja de Santa Cruz caiu uma pedra do cimo da frontaria, e apesar de ser no dia de Todos os Santos, á hora da missa, em que muita gente entrava e saia da egreja, ninguem foi ferido: apenas ficaram rasgados os vestidos a uma mulher. Na mesma egreja caiu ao chão a corôa, que a imagem de Nossa Senhora da Conceição tinha na cabeça.

A nova egreja de Santa Justa, ao principio da cidade, na rua da Sophia, a qual já

havia concluido no anno de 1724, teve o remate superior do frontespicio fortemente abalado, sendo deslocada a cantaria.

A collegiada da egreja, para evitar algum desastre, mandou apear a grande cruz e os mais ornatos até ás janellas. Toda essa cantaria tem estado depositada por cima das abobadas da egreja, e dentro das duas torres lateraes.

A actual junta de parochia de Santa Cruz, resolveu restabelecer a frontaria da egreja de Santa Justa, como estava antes do terremoto; e com effeito, começando essa obra no meado de Agosto ultimo, terminou no dia 15 do corrente.

Desta forma acabou a desagradavel apparencia, que tinha a egreja de Santa Justa, e se vê agora em toda a sua elegancia primitiva.

Merece muitos louvores a junta de parochia pela diligencia que empregou para se levar a effeito esta reforma, assim como as mais pessoas, que por ella se interessaram.

Esculptura.— Tivemos ultimamente occasião de ver a nova fabrica de esculptura em marmore do sr. Possidonio da Silva Alves Brandão.

Este distincto artista tem dado um grande desenvolvimento aos seus trabalhos; e tudo promette que chegue a um grau muito elevado esta industria em Coimbra.

Entre muitas outras obras alli vimos o principio de um mausoleu mandado fazer pelo sr. Dr. Nuno José da Cruz, para o cemiterio de Santo Antonio dos Olivaes; e outro mausoleu encommendado pelo sr. José Agostinho Ribeiro Guimarães, para o cemiterio da Conchada.

Ao sr. Possidonio se deve a creação desta industria em Coimbra; e por isso já aqui se póde obter o que era necessario mandar vir com grande despeza de Lisboa.

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maria da Conceição, filha de João Pedro e de Bernardo de Sant'Anna, de Coimbra, de 18 annos, fallecida no dia 12 de Setembro.

Manoel Ignacio da Conceição, filho de Manoel Ignacio Alves e de Joanna da Rainha Santa, de Coimbra, de 72 annos, fallecido no dia 13.

Francisco Correia, filho de Francisco Anselmo e de Maria Joaquina, do concelho de Lamego, de 48 annos, fallecido no dia 14.

Antonio, filho de José Antunes Meco e de Maria Paixão, de Coimbra, de 3 annos e meio, fallecido no dia 15.

José, filho de Adriano Gomes Tinoco e de Maria da Conceição, de Coimbra, de 1 mez, fallecido no dia 18.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5640.

Arrematação. — No dia 2 de Novembro hão de arrematar-se no ministerio da fazenda—a casa chamada da Feitoria, sita no rocio de Santa Clara, avaliada em 3:200$000 reis; e as carreiras da Zouparria, no campo de S. Silvestre, avaliadas em 800$000 reis, pertencentes á camara municipal de Coimbra: —e egualmente se hão de arrematar uma casa que n'outro tempo serviu de collegio dos orphãos, sita na rua dos Coutinhos, com os n.os 26, 28 e 32, avaliada em 4:000$000 reis; e a quinta do Loreto, avaliada em reis 8:833$600, pertencentes á Misericordia desta cidade.

Ereira—No proximo domingo, 27 do corrente, será dia de festa para a povoação da Ereira, freguezia de Verride, concelho de Monte Mor o Velho. Alem da apparatosa solemnidade religiosa que se projecta, ha de tambem ter logar um esplendido basar de prendas, cujo producto, como já annunciámos, é exclusivamente destinado á construcção d'um cemiterio.

A respectiva commissão não se tem poupado a trabalhos e despezas para conseguir o melhor resultado, e por isso é de esperar que a concorrencia seja numerosa, e satisfeitos por consequencia os desejos dos cavalheiros que tomaram sobre seus hombros tão espinhosa tarefa.

Sabemos que ha abundantes prendas, e muitas d'ellas de subido apreço.

A empresa das Horas Romanticas—Recebemos o terceiro volume das *Viagens maravilhosas* por Julio Verne, editadas pela acreditada empreza das *Horas Romanticas*. Este volume tem o titulo de—*A volta do mundo em oitenta dias*, e é illustrado com 54 gravuras.

Já temos por varias vezes fallado com o merecido louvor desta primorosa edição, e por isso só diremos que este volume continua tão interessante como os anteriores.

Acha-se já no prelo a continuação desta obra, com o titulo de—*Aventuras do capitão Hatteras*—1.ª parte: *Os inglezes no Polo Norte*, e a 2.ª: *O deserto do gelo*.

Muito agradecemos á empresa a remessa do exemplar que recebemos.

Producção de vinho na Bairrada—São muitos agradaveis as noticias da colheita de vinho da Bairrada. O sr. Albano Coutinho, escrevendo de Mogofores para o *Commercio do Porto*, diz o seguinte:

«Direi sobre a quantidade, que desde já se póde affiançar, no todo, alem de um terço a mais, do que a do anno passado. Eu, que o anno passado fiquei em quantidade pessimamente, conto este anno ter 150 a mais; isto é, 250 p. c. Conto que a qualidade, se fizer differença, será ainda para melhor, apesar de haver sido excellente a do anno passado.»

Noticias de Espinho.— O nosso bom amigo o sr. Seabra de Albuquerque nos escreve de Espinho o seguinte:

«Meu amigo e sr. Joaquim Martins de Carvalho—Escrevo-lhe de Espinho, desta boa terra, que ha pouco mais de 6 annos tanto se tem engrandecido e prosperado, onde tudo é bom, ar, agua e mar.

Todos os melhoramentos desta terra partem da iniciativa particular: a municipalidade da Feira e o governo, nada tem feito em seu beneficio.

Estação telegraphica, é uma das primeiras necessidades nesta terra, onde estão hoje juntas tantas familias nacionaes e estrangeiras. Pequeno é Luso, e lá fui encontrar uma estação telegraphica; pois Espinho, hoje pelo seu grande movimento, não é menos merecedor de a ter.

Fui hontem á assembleia, encontrei para cima de 170 senhoras, e numerosissimos cavalheiros, quasi todos entretidos em animadoras danças.

Talvez o meu amigo quizesse que eu imitasse todos os escriptores das praias, que em suas numerosas correspondencias tratam de classificar as damas entre bonitas e feias, bem ou mal vestidas; porem seguirei o contrario de todos esses escriptores:—achei-as todas bonitas e amaveis, elegantemente vestidas, com muita modestia e sem luxo, que é o que mais se deseja nas praias.

Aqui o barão, visconde, conde, marquez ou duque, deixou os titulos e pergaminhos fóra da porta, para tomar um titulo mais modesto, o de *banhista*, e com este, gosa de todos os divertimentos que lhe proporciona esta casa, em boa paz e amisade.

A velha, mas *respeitosa*, a nova, mas *orgulhosa* aristocracia, nobre ou plebeu, misturam-se dentro desta sala, e obedecem cegamente á vontade de um só homem. Nesta noute competiu esta honra ao meu antigo amigo o sr. visconde de Foz d'Arouce, que com summa delicadeza e muita mestria dirigiu os trabalhos da sala.

Isto póde bem chamar-se sem receio de errar uma pequena republica, em que toma muita parte o *elemento iberico*. Este santuario da *vida alegre e folgasã* tem as suas portas abertas todo o dia. O banhista que em sua casa passa uma monotona vida, vem para aqui, toca, canta ou conversa. Agora mesmo acabo de assistir a um concerto em que brilhantemente tomaram parte os meus amigos os srs. barão de S. João d'Areias, Drs. Ignacio e Alves de Sousa.

Que saudades, meu amigo, me fez tudo isto! Veiu-me á memoria o passado em que alegremente, e deste modo, parte das noutes se me tornavam tão curtas!

Sou apologista do Espinho, e só o não será quem a esta terra não vier. Deixe meu amigo, por um pouco, as *velharias* que tanto o fatigam e cançam, e venha ver a verdade do que hei dito. Leva d'aqui mais vigor e força para tirar o pó a velhos manuscriptos, e continuar na sua laboriosa tarefa de incançavel jornalista.

Agora mesmo chega a esta sua casa, penhorando-me muito com a sua visita, o nosso patricio e bom amigo o sr. Dr. Teixeira e as suas interessantes filhinhas. Deixou a politica em Lisboa, vindo a estas praias adquirir novas forças para a sua lide parlamentar no futuro Janeiro. Elle e eu saudosas lembranças lhe enviamos.

Espinho 20 de Setembro de 1874.—*A. M. Seabra d'Albuquerque.*»

Noticias de Lisboa—Em data de 19 do corrente communicam de Lisboa o seguinte ao nosso collega, o *Jornal da Manhã*:

«O sr. Serpa partiu hoje para Espinho.

Não consta officialmente que os officiaes prussianos estudem as nossas costas como asseverou o *Journal Loiret*.

Corre o boato da aposentação do sr. Eduardo Lessa.

Foram mandados vir dos navios que estão em construcção em Inglaterra os dos seguintes nomes: transporte Africa, canhoneira Rio Lima, Rio Tamega, Rio Sado.

Chegou o vapor India, a malla partiu hoje no Antas para Madrid.

É falsa a noticia da conclave dos padres de Barcellos.

Foi substituido por cem praças de infanteria 1 e 2, egual numero de sapadores que estavam na serra de Monsão.

Corre que está mallogrado o contracto feito por Moodie d'um caminho de ferro em Lourenço Marques. Parece que os inglezes suspeitando que esta resolução arbitraria seja favoravel para Portugal, tractam de construir outro caminho de ferro desde Porto Natal até Booers.

São esperadas dentro de pouco tempo 48 peças de montanha Krupp.

Já chegaram algumas medalhas da exposição de Vienna d'Austria.

Foi enviado para essa cidade (Porto) um rapaz brasileiro que sua mãe raptara.

Foram condecorados com a medalha de prata de bons serviços o 1.º sargento e o furriel de cavallaria 1, por terem impedido a insubordinação da 3.ª companhia.»

ANNUNCIOS

DILIGENCIA

1 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS, fazem publico, que no dia 1 d'Outubro, inclusivè, vão mudar para trabalhar de dia, a sua diligencia, que têem entre Coimbra e Nespreira, sahindo de Coimbra ás 5 horas da manhã, e da Nespreira ás 3 horas da manhã; podendo vir os passageiros encontrar ainda o comboio para o norte e sul.

Os mesmos annunciantes têem uma diligencia para a Louzã, que sae tres vezes por semana.

Tambem têem trens d'aluguer, sendo char-à-bancs e caleches, na rua da Sophia, n.º 39 e 41, onde se acham á venda os bilhetes para todas as diligencias.

Coimbra, 21 de Setembro de 1874.

Viuva Natividade & Filhos.

DILIGENCIA

2 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS, de Coimbra, e Albano Custodio, da Figueira, fazem publico, que diariamente têem duas diligencias a sair de Coimbra, e duas da Figueira; sahindo uma de Coimbra ás 5 horas da manhã, e da Figueira ás 2 e meia horas da tarde, que conduz as malas do correio; e outra que sae da Figueira ás 5 e meia horas da manhã, e de Coimbra ás 2 horas da tarde, gastando ambas 5 horas de viagem.

De Coimbra á Figueira ou vice-versa, sendo dentro, custa cada logar 800 rs., e sendo fóra 600 rs.

Os bilhetes em Coimbra vendem-se em casa dos primeiros annunciantes, rua da Sophia, 39 e 41; na Figueira em casa do sr. Carlos da Costa Guia, na Praça Nova.

Tambem têem trens d'aluguer.

Coimbra 21 de Setembro de 1874.

Viuva Natividade & Filhos e Albano Custodio

3 PREVINE-SE a quem tem nisso interesse, que não contracte com Miguel de Barros Contreras, ácerca da venda de umas propriedades que pertenceram ao fallecido Dr. João Baptista de Barros Vasco, sitas na freguezia de Sernache dos Alhos: não só porque a procuração que o mesmo Contreras possuia, foi cassada por sua constituinte, sua mãe, D. Theresa do Carmo, herdeira do dito Dr. João Baptista, a qual constituiu novo procurador a seu filho José Pedro de Barros, da freguezia e julgado de Loulé; mas tambem porque as ditas propriedades estão já vendidas na maior parte, tendo o actual e unico legitimo procurador recebido dinheiro á conta da mesma venda, do que existem documentos.

PREVENÇÃO

4 D. THERESA DO CARMO CONTRERAS, viuva de José Pedro de Barros, da villa de Loulé, vende todos os fóros e predios em Coimbra, Sernache, e concelho de Condeixa, que herdou de seu filho o Dr. João Baptista de Barros Vasco.

Quem pretender comprar póde contractar com o filho da annunciante, Miguel de Barros Contreras, na sua casa da Barroca de Sernache, que se acha auctorisado por procuração geral e com plena administração passada na villa de Loulé, em 11 de Setembro corrente, pela qual revogou uma outra, que anteriormente havia feito a outro seu filho, por nome José Pedro de Barros, que maliciosamente quiz illudir os pretendentes á compra dos ditos predios. Fica por isso nullo qualquer contracto feito com o dito José Pedro de Barros, e com a pena, quando façam o contrario, de pagarem segunda vez ao novo procurador da mesma annunciante.

EDITAL

A Camara Municipal do concelho da Louzã

Faz publico, que no dia 11 do proximo mez de Outubro, pelas 10 horas da manhã, nos paços deste concelho, terá logar a venda em praça publica, de arrematação, de 2:000 pinheiros, á escolha em desbaste, nas mattas do Furcado e Alveite, da freguezia de Serpins; da alimpa dos pinheiros, que della carecerem, nas mesmas mattas; e de differentes pequenas porções de pinheiros em varios pontos dos baldios deste concelho. As condições para esta arrematação acham-se patentes na secretaria desta camara, onde podem ser examinadas pelas pessoas a quem interessar.

Louzã, Secretaria da Camara Municipal, 15 de Setembro de 1874.

O escrivão,

Adelino Correia da Costa.

PIANO

6 VENDE-SE por preço muito diminuto, um bom piano de 6 oitavas e meia, de boas vozes e em perfeito estado. Egualmente vende-se um cravo proprio para principiante, na Couraça de Lisboa, n.º 67.

7 QUEM PRECISAR de uma ama para crear meninos, póde procurar na Carapinheira do Campo, concelho de Monte Mor o Velho, em casa da sr.ª Luiza de Coimbra, moradora ao Cimo da Egreja. Tem bom leite, e é muito limpa de toda qualquer molestia.

Carapinheira, 4 de Setembro de 1874.

AVISO

8 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Figueiró dos Vinhos, faz saber, que no dia 18 do proximo mez d'Outubro, pelas 10 horas da manhã, nos paços deste concelho, se ha de arrematar a quem por menos o fizer, o 3.º lanço da estrada municipal de 2.ª classe de Figueiró dos Vinhos á Barca das Bairradas, comprehendido entre a capella das Almas e a capella de Santo Antonio, na extensão de 1545m12, o qual será arrematado em cinco empreitadas e com as condições que serão presentes no acto da praça.

Figueiró dos Vinhos, 17 de Setembro de 1874.

O Vice presidente da camara,
Joaquim Fernandes Lopes.

---

9 A JUNTA DE PAROCHIA desta villa de Monte Mór o Velho, faz publico, que devidamente auctorisada, vende em praça publica a quem mais der, no dia 27 do corrente, ás 10 horas da manhã, no adro da egreja de S. Martinho, os predios seguintes, que possue no campo da Borralha:

3 aguilhadas de terra no sitio dos Cardaes, avaliadas em 53$100 rs.;

6 ditas no sitio da Saveira, ou Vage de D. Branca, avaliadas em 106$200 rs.

5 ditas no mesmo sitio, avaliadas em 84$960 rs.;

5 ditas no sitio das Pintadas, avaliadas em 84$960 rs.;

7 ditas no sitio de Alverca, avaliadas em 111$500 rs.;

2 ditas no sitio do Trevo, avaliadas em 42$480 rs.

Monte Mór o Velho, 16 de Setembro de 1874.

O presidente,
Augusto Pereira Cardote.

---

10 O BARÃO E BARONEZA DE MATHOSINHOS, não lhes sendo possivel por falta de tempo ir pessoalmente agradecer a todas as pessoas que se dignaram visital-os, fazem-no por este meio, do que pedem desculpa, e offerecem a sua casa em Lisboa, rua do Thesouro Velho, n.º 7.

---

11 O BARÃO E BARONEZA DE TROVISQUEIRA, muito gratos aos obsequios que receberam das pessoas que durante a sua estada nesta cidade os honraram com a sua visita; e não podendo por falta de tempo despedir-se pessoalmente, o fazem por este meio, pedindo desculpa, e offerecendo a sua casa em Villa Nova de Famalicão.

FIGUEIRA DA FOZ

Ao fundo da rua do Paço, n.º 2

DENTISTA

12 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 10 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

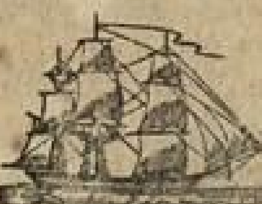
MISSA

13 PELAS 5 horas da manhã do dia 11 do corrente, celebrou o sr. padre Joaquim Maria Correa, na capella de Nossa Senhora da Encarnação, de Buarcos, uma missa por alma da exm.ª sr.ª D. Anna Carolina d'Azevedo Carvalho, esposa do exm.º sr. José Ildefonso Pereira de Carvalho, dignissimo juiz de direito da comarca de Soure.

A. M. C.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Barca=HUMILDADE=em 28 de Setembro.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

15 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fora 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

A QUEM CONVIER

16 VENDE-SE uma machina silenciosa, mesa redonda, formato lindissimo, quasi sem uso, por sua dona estar prohibida de coser com ella. Custou 70$000 rs., e dá-se por 40$000 rs.

O encarregado da venda, Victorino H. Lebre. — Calçada, n.º 137.

COIMBRA

Attenção

17 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

---

18 PRECISA-SE para fóra de Coimbra, de uma criada capaz para uma casa de familia, que saiba bem cozinhar; prefere-se sabendo gommar. A quem convier dirija-se á praça de S. Bartholomeu, n. 77-78.

PEDIDO

19 ROGA-SE ao sr. *Bernardo José Simões, — recebedor da comarca de Arganil* — o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas, que lhe tem sido dirigidas por parte da administração do jornal o *Conimbricense*.

CASAS

20 HA DUAS que se arrendam para familias, ao pé de Santo Antoninho, (na ladeira). Tracta-se no mesmo local, com o proprietario José Matheus.

---

21 PRECISA-SE de um rapaz com alguma pratica de mercearia, quasi a ganhar ordenado. Rua dos Sapateiros, 12 a 14.

---

22 JOÃO MARQUES D'ALMEIDA ARAUJO PINTO, arrenda dos Santos em diante, a quinta da Calçada, proxima a Santo Antonio dos Olivaes, pertencente ao exm.º sr. Dr. Joaquim José da Motta.

---

23 NUNO CAETANO DE MATTOS FERRÃO vende a prazo, ou dinheiro de contado, os bens que possue nos limites de Monte Mór, Formozelha e Carapinheira. Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante até 15 de Outubro proximo, o qual nos dias 15 e 17 se achará em Monte Mór, para vender definitivamente. Louzã 21 de Setembro de 1874.

DOCTOR IN ABSENTIA

24 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

Collegio de Nossa Senhora da Conceição, de Coimbra.

25 NO PRIMEIRO do proximo Outubro, abrem-se as aulas deste collegio. De 20 a 30 do corrente Setembro podem procurar no mesmo collegio o director para serem admittidos.

Não se admittem alumnos que tenham mais de 16 annos de edade.

Responsabilisa-se por sua educação moral, civil, religiosa e literaria, o director

Francisco Mendes Pinheiro.

BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

26 JOSE' JOÃO FERNANDES PARENTE compra acções deste banco, com premio de 12$500 rs. cada uma.

Instrucção primaria e secundaria

27 JOSÉ MARIA DA SILVA TORRES, e o bacharel Agostinho Rodrigues d'Andrade, continuam a leccionar Instrucção Primaria, Francez, Portuguez e Latim (cursos completos) no edificio da Estação Telegraphica, residencia do primeiro annunciante.

---

28 QUEM QUIZER arrendar dois celleiros para milho, e um armazem para azeite, póde dirigir-se a Francisco da Silva e Oliveira, na rua da Sophia, collegio de S. Bernardo.

---

29 SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de *Saude*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Toda a molestia acaba com o uso da deliciosa *Revalescière* du Barry, que torna a dar a saude, a energia, a boa digestão e o somno. Cura as indigestões (despepsias), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Cura 72:448. Cadiz 3 de Junho de 1868.

Não posso fazer menos de manifestar a vv. s.as os resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revalescière* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinaes, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico, ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual se distingue o seu attento venerador — VICENTE MOYANO.

Cura 69:718. Ticheville (Orne) 20 de Março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalescière*, tenho-a administrado a varias pessoas, as quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo n'aquelles que padeciam de hydropesia. Tres destes curaram completamente. — A tosse produzida por uma constipação desappareceu instantaneamente, e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina e das molestias de estomago, affastando de qualquer individuo a hypocondria. PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$260 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª — Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 15, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rabir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. — BARCELLOS, Ramos, pharm. — BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. — COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro — FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm. — VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. — GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. — PENAFIEL, Miranda, pharm. — PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desire Rabia, rua de Cedofeita, 92. — PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm. — POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr. — VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2835 — SABBADO 26 DE SETEMBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios — Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O nosso illustrado collega da *Actualidade*, veiu outra vez á imprensa para fazer alguns reparos ao que ha dias dissemos, por occasião de transcrever uma parte do seu artigo ácerca dos exames no lyceu do Porto.

Como já expozemos, estamos de accordo com o collega em muitos pontos das suas reflexões; com outros, porem, não acontece o mesmo.

Que a educação e ensino vão maus entre nós, é um facto evidente. O que resta saber é qual o melhor remedio a adoptar.

A *Actualidade* oppõe-se fortemente a toda a ingerencia dos padres no ensino; em quanto que para nós o principal é que o ensino seja bom, venha elle donde vier.

E' certo, infelizmente, que muitos ecclesiasticos faltam á sua missão sagrada, e tem um comportamento irregularissimo; porem, em primeiro logar, o numero desses maus padres não é tão extenso como parece ao collega; e em segundo, não são elles os unicos culpados.

Investigue-se e veja-se, diz o collega, *se por 10 padres, não ha 8, que escarnecem, n'um capitulo, do decoro e da vergonha.*

Estas exaggerações concorrem para fazer afastar do estado ecclesiastico muitos mancebos, que podiam ser dignos membros da egreja. Fogem de ir pertencer a uma classe, que está sendo muito maltratada, e que hoje bem poucas vantagens offerece.

E se desgraçadamente ha parochos de reprehensivel procedimento, a maior culpa, diga-se aqui bem alto, é dos governos, que em geral só procuram para as egrejas quem tenha mais influencia eleitoral, e não quem possua mais moralidade e instrucção; o que é uma perfeita e escandalosa simonia.

Seja a escolha bem feita, que o numero dos maus padres diminuirá progressivamente.

O collega trata de mostrar, que os paizes em que não impera o catholicismo, é onde ha mais progresso e mais vitalidade. E depois de indicar alguns factos prosegue dizendo:

«Como explicam os partidarios da civilisação catholica estas derrotas, que não têem fim? Se a vitalidade da civilisação está no principio catholico, e *unica e exclusivamente* (segundo a egreja infallivel) n'elle, como é que se explica a contradicção? Uma vitalidade que produz a ruina! Haverá o principio perdido a sua virtude; foi falseado, e por quem?

«Pelo *padre;* voltamos ao caso, apoz a digressão; se a egreja se faz solidaria d'elle, então *tant pis* para ella. Então é o principio tão indigno como o instrumento.

«Recuámos tres seculos, para muito longe; ao leitor poderá parecer que era ociosa a digressão, mas será porque desconhece a origem do mal, a natureza da doença que é secular, que é historica!»

Isto diz o collega. Porem como explicará o assombroso desenvolvimento, que está tendo o catholicismo na Inglaterra, no proprio centro do protestantismo? Pois o catholicismo é tão delecterio, e os protestantes vão procurar com avidez o gremio da egreja catholica?

Ainda ha poucos dias causou grande sensação o abraçar o catholicismo o marquez de Ripon, grão mestre da maçonaria ingleza; sendo necessario substituil-o nesse alto cargo, pelo principe de Galles.

Na Inglaterra e na Escossia, havia em 1765, apenas 60:000 catholicos. No anno de 1821 já se contavam 500:000; em 1842 eram 2.500:000; e em 1845, 3.380:300.

Existem presentemente na Inglaterra 20 dioceses, 1:893 padres, 1:453 egrejas, 86 mosteiros de homens, 268 de mulheres, e 1:260 escolas catholicas.

E isto no paiz, onde desde Henrique VIII e a rainha Isabel, era um dos maiores crimes o ser catholico!

A camara dos lords já tem 33 membros pertencentes á egreja catholica, a camara dos communs 37, e o conselho privado da rainha 6. E finalmente, em o numero dos baronets ha nada menos de 77 catholicos.

Parece-nos que se não póde dar mais cabal resposta á accusação de falta de vitalidade no catholicismo.

Amanhã, 27 de Setembro, commemora a nação portugueza, um dos seus mais gloriosos feitos. Nesse dia, em 1810, conheceu Massena, o *anjo da victoria*, que tinha a lutar com soldados que lhe não cediam em bravura.

Honra aos valentes do Bussaco!

Dissemos ha dias que o vicio do jogo era uma das causas principaes do pouco, ou nenhum estudo em Coimbra; pois que ahi se perdia a saude, o tempo e o dinheiro.

Acrescentaremos tambem, que a sociedade Philantropico-Academica, fundada em 23 de Dezembro de 1849, e que tantos beneficios tem feito; se acha agora quasi sem meios nenhuns de soccorrer os academicos necessitados; em razão de terem diminuido consideravelmente as subscripções costumadas.

O jogo leva tudo o que podia ser destinado á sustentação de tão benemerito instituto!

Ainda em o numero passado nos queixámos da emigração clandestina para o Brasil, e já hoje temos de dar uma triste noticia.

O nosso collega de Lisboa, o *Brasil*, recebeu o seguinte telegramma:

«Pará 19 de Setembro ás 9 horas e 10 «minutos da manhã.

«Na noite de 6 de Setembro assassinaram «em sua casa, traiçoeira e barbaramente, dois «portuguezes no Jarupary, saqueando-os. A «auctoridade local só a 12 tomou conhecimen-«to.

«Consta que havia combinação para a ma-«tança geral dos portuguezes.»

Não precisamos de juntar reflexões a esta noticia. Os factos fallam por si.

NOTICIARIO

Roubo. — Em a noute passada foram arrombadas quatro capellas do cemiterio da Conchada, donde roubaram as alampadas ali existentes. Uma dellas tinha custado 80$000.

Doença. — Acha-se gravemente doente o sr. Dr. Francisco Fernandes Costa, lente de prima jubilado da Faculdade de Medicina.

Um veterano do Bussaco. — Ainda vive em Lagares, concelho de Oliveira do Hospital, na edade de 80 annos, o porta bandeira do regimento 8, o sr. João da Costa Pinto de Miranda.

Lord Wellington, officiando de Coimbra

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXVII

RODRIGO PINTO PISARRO

V

A publicação, porem, ácerca da regencia de D. Pedro, que mais brado deu, especialmente pelas desagradaveis consequencias que teve, foi sem duvida a de Rodrigo Pinto Pisarro.

Com a data de 25 de Dezembro de 1831 fez elle imprimir na imprensa de M. Henri Dupuy, em Paris, a — *Norma das Regencias de Portugal, applicada á minoridade de S. M. a Rainha D. Maria II.*

Nessa publicação sustentava Pinto Pisarro, que D. Pedro podia ser *tutor* de sua filha; mas que segundo a Carta não podia ser *regente*.

E seja dito em abono de Pinto Pisarro, que esta publicação foi uma das mais moderadas que ácerca deste assumpto appareceram na emigração; e por isso houve grande injustiça e imprudencia na perseguição que D. Pedro lhe fez.

Publicada a *Norma das Regencias* dirigiu o secretario particular de D. Pedro, Candido José Xavier, o seguinte officio a Rodrigo Pinto Pisarro:

«Levei á presença de sua magestade imperial o senhor duque de Bragança em seu devido tempo, a carta que v. s.ª me escreveu em data de 26 de Dezembro proximo passado, e bem assim a outra que de v. s.ª recebi em data do 1.º do corrente; em resposta a ambas ellas sua magestade imperial me ordena que eu communique a v. s.ª, que o mesmo augusto senhor não tem ordens algumas que lhe dar; por quanto não só tem resolvido não empregar a v. s.ª na expedição que se prepara; mas na data deste mandou remetter á regencia um exemplar do escripto que v. s.ª acaba de publicar, com o titulo de — *Norma das Regencias de Portugal* — a fim de que no caso de que v. s.ª se apresente em qualquer parte do territorio em que se ache estabelecida a auctoridade de sua magestade fidelissima a senhora D. Maria II, seja preso, processado e julgado; servindo de corpo de delicto o mencionado escripto, não porque trata de opiniões politicas, cuja discussão deve ser a cada um inteiramente livre; mas porque provoca a rebellião as tropas leaes da mesma augusta senhora. O que por ordem expressa de sua magestade imperial participo a v. s.ª para sua intelligencia.

«Deus guarde a v. s.ª Paris em 6 de Janeiro de 1832 — *Candido José Xavier* — Sr. Rodrigo Pinto Pisarro.»

Assim, em logar de se discutir a questão, praticava D. Pedro um acto arbitrario para com Pinto Pisarro, que em a *Norma das Regencias* usava desta moderada linguagem:

«Ninguem tributa mais respeito do que eu ao muito excellente pae, e tutor da minha soberana; a sua heroica resolução de combater em pessoa para arrancar das mãos do usurpador o sceptro da senhora D. Maria II, sua dilecta filha, é um feito digno de immortal louvor, um arrojo do amor paternal, que deve penhorar o coração de todo o subdito fiel da rainha de Portugal; mas afoutamente o digo, á vista da Carta, e dos arestos que nos deixou aquella portugueza representação nacional, que em cinco seculos elegeu tres reis, semelhante combinação não póde ter logar, sem expor a causa da senhora D. Maria II aos maiores inconvenientes, e as instituições do senhor D. Pedro, puras e leaes como são, a differentes interpretações.

«O senhor D. Pedro é muito generoso; tem desprezado corôas com mui nobre independencia, para levar a mal, para ver com sobrecenho, que um subdito leal de Maria II, e zeloso partidario da Carta outorgada por Pedro IV, sujeite a uma discussão publica este artigo importante de doutrina constitucional.

no dia 30 de Setembro de 1810 a Lord Liverpool, dizia:

«Permitta V. S.ª que lhe assegure, *que nunca testemunhei mais galhardo ataque do que o que fizeram os regimentos 38, 45,* **e 8.º portuguez** *sobre a divisão do inimigo, que alcançou a cordilheira da serra.*»

O marechal Beresford, em officio dirigido ao ministro da guerra, dizia:

«A unica differença que houve em a conducta de todas estas tropas, consistiu nas occasiões, que se offereceram a cada corpo de se darem a conhecer, *podendo este ser chamado um dia glorioso para o nome portuguez, havendo as suas tropas adquirido pela sua conducta tanto a admiração, como a plena confiança do exercito inglez.*

«A conducta do **regimento 8,** debaixo das ordens do tenente coronel Douglas, e onde o major Birmingham se distinguiu muito, *lhe adquiriu a gloria com dois regimentos inglezes, de desalojarem o inimigo com a bayoneta das alturas, que elle havia ganhado, e lhe fizeram pagar caro a sua vantagem momentanea.*»

Devemos accrescentar ao que diz a marechal Beresford, que o regimento 8 era todo composto de recrutas, e muitos ainda com o trage de paisano.

A batalha do Bussaco foi o ponto de partida para os numerosissimos e brilhantes feitos, que cobriram de gloria o exercito portuguez durante a guerra peninsular.

Depois de uma luta prolongada, foi o exercito francez completamente derrotado na batalha de Victoria em 21 de Junho de 1813.

Para recompensar os actos da mais assignalada bravura, praticados nesta batalha, determinou o principe regente, pelo seu decreto de 13 de Novembro de 1813, que os regimentos de infanteria 9 e 21, pertencentes á brigada, commandada pelo brigadeiro Manley Power; e os regimentos 11 e 23, da brigada do coronel Guilherme Stubbs, trouxessem nas suas bandeiras a seguinte inscripção em letras de ouro—*Julgareis qual é mais excellente—se ser do mundo rei, ou de tal gente.*

E como os batalhões de caçadores 7 e 11, pertencentes ás mesmas brigadas, ainda não tinham bandeiras, foi-lhes permittido usarem dellas nas paradas, tendo a seguinte inscripção—*Distinctos vós sereis na Lusa historia—com os louros que colhestes na victoria.*

Suffragios.—No dia 24 do corrente, por ser o anniversario da infausta morte da S. M. I. o sr. D. Pedro, duque de Bragança, foi celebrada, por sua alma uma missa na Sé Cathedral desta cidade. Fez a guarda de honra a força do destacamento estacionado nesta cidade, e tocou a philarmonica *Boa-União.*

Malvadez. — Tem-se repetido o facto de alguns rapazes pôrem pedras nos carris do caminho de ferro americano, a fim de fazerem saltar fóra os carros. E' de esperar que as auctoridades providenceiem para que sejam castigados os auctores do delicto.

Ernesto Chardron.—Acabamos de receber as primeiras cadernetas de duas primorosas publicações, de que é editor o sr. Chardron.

A primeira é o *Tratado completo de Arithmetica pura e applicada ao commercio, aos bancos, ás finanças, e á industria, por José Nicolau Raposo Botelho e Antonio da Silva Dias.*

E a segunda é o *Methodo facil de escripturar os livros por partidas simples e dobradas, comprehendendo a maneira de fazer escripturação por meio de um só registro, por M. Edmond Degrange; e traduzido em portuguez por Manoel Joaquim da Silva Porto.*

A simples leitura dos titulos está indicando a alta importancia destas publicações.

Muito agradecemos ao sr. Chardron o obsequio da remessa dellas.

Lisboa na rua. — A empreza das *Horas Romanticas* não cessa nas suas interessantes publicações. Agora acaba de editar o mimoso livro do sr. Julio Cesar Machado—*Lisboa na rua*, illustrado pelo sr. Manoel de Macedo, sendo as gravuras dos srs. Pedroso e Severini.

Esta publicação do sr. Cesar Machado ha de necessariamente ter o melhor acolhimento.

Consta o livro—*Lisboa na rua*—de 222 paginas em papel de luxo e impressão esmerada, ornadas de 23 primorosas gravuras intercaladas no texto, abertas pelos mencionados gravadores.

A impressão das gravuras foi feita na acreditada casa de Lallemant frères.

Os assumptos de algumas das illustrações são—Provincianos em Lisboa—Noites do passeio publico—Aventureiras da rua—Scenas do Café Central—Uma familia extensa em passo curto—Scenas de S. Pedro d'Alcantara—As ovarinas—O aba direita—A burricada—A mulher do realejo—O policia civil—As pretas—Os trapeiros—Os musicos ambulantes, etc., etc.

O preço do volume brochado, 600 reis—encadernado em percalina e dourado, 900 rs. As pessoas das provincias, podem enviar a importancia do livro em estampilhas ou vales do correio, ou requisital-o por intermedio dos correspondentes da empreza nas localidades onde os houver.

Agradeçemos á empreza das *Horas Romanticas* o exemplar com que nos brindou.

Associação Conimbricense do sexo feminino.—A receita e despeza desta associação no mez de Agosto foi a seguinte:

Saldo do mez anterior.........	5:689$890
Receita......................	77$880
	5:767$770
Despeza.....................	42$350
Saldo que passa ao mez seguinte.	5:725$420

Festa do Senhor da Paciencia em Maiorca. — Communicam-nos o seguinte:

«E' esta a festa predilecta dos habitantes não só desta terra, mas de toda a freguezia.

Faz-se ella por meio de esmolas, solicitadas por mordomos encarregados da direcção da mesma, cujo explendor depende, por consequencia, da somma obtida dos parochianos, que, por ser a festa da sua predilecção, não deixam, segundo as forças de cada um, de contribuir com a sua esmola, não com vangloria ou vaidade, mas com a maior devoção, assim como concorrem com a mesma a todos os seguintes actos de que ella se compõe—Trasladação no sabbado á noite da imagem, que representa o *Ecce Homo*, da sua capella para a egreja matriz—Missa solemne e sermão no domingo de manhã—*Te-Deum* e leilão de fogaças de tarde—procissão e sermão á noite.

Foi porém este sermão pregado pelo padre coadjutor da mesma freguezia, o reverendo sr. José Fernandes, que sendo ainda novel neste mister, satisfez plenamente a todo o auditorio, apresentando uma doutrina, que, além de ser sublime em alguns trechos, foi intelligivel para todo elle, procurando assim accommodal-a a todas as capacidades.

Nesta oração de missão, receando não poder cumprir pela circumstancia de não ser apropriada ao seu caracter e á sua pouca edade, como elle confessou, mostrou pela primeira vez, onde já por muitas vezes a palavra eloquente de escolhidos oradores se tem feito ouvir, o seu talento e aptidão, bem como a sua competencia com estes, que tanto se fazem caros e rogados.

Soube perfeitamente desenvolver o thema do seu discurso—O desprezo dos homens para com Deus.

Não obstante os seus poucos annos de edade e de serviço, é o sr. padre José Fernandes um homem intelligente, que reune em si, além desta qualidade, as de caritativo e modesto, que o tornam, por consequencia, estimado e apreciavel.

Honra a sua classe e distingue-se.

Sirvam-lhe de louvor, não estas palavras, por que nada tem de merito e valor, mas os elogios, que hoje lhe estão dispensando, sem favor, os ouvintes do seu sermão ao Senhor da Paciencia em 20 do corrente.

Parabens ao novo orador.»

Festa de Santa Eufemia na Povoa de Midões.— Communicam-nos o seguinte:

«No dia 16 do corrente mez fez-se com muita pompa e solemnidade a festa de Santa Eufemia na Povoa de Midões, concelho de Taboa.

A's 10 horas e meia da manhã, foi a santa conduzida em um andor magnifico para a egreja desta freguezia, que estava ricamente decorada, sendo a imagem acompanhada pela irmandade das Almas, alguns padres, philarmonica Midonense e um concurso extraordinario de povo. Seguiu-se a missa que foi celebrada pelo digno parocho o sr. padre José da Cunha Gouveia; serviu de diacono o sr. abbade de Parada, José Borges Antunes de Mattos, e de subdiacono o sr. padre Antonio Ricardo da Costa Veiga.

Ao evangelho subiu ao pulpito o sr. padre Francisco Carlos de Parada, parocho em Pinheiro d'Azere, que mais uma vez mostrou o seu talento e dotes oratorios, que possue, fazendo um brilhante e primoroso discurso que muito agradou ao auditorio, que o escutava com religiosa attenção.

Acabada a missa, que foi acompanhada a musica vocal e instrumental, sahiu a procissão que percorreu as principaes ruas desta grande povoação, as quaes estavam lindamente enfeitadas com arcos de buxo e murta, d'onde pendiam festões de flores, produzindo uma vista muito agradavel.

A procissão foi sempre na melhor ordem e muito bem dirigida; o que mais realçava eram dois lindos andores onde iam S. Sebastião e Santa Eufemia, que foram ornados pelas exm.as sr.as D. Maria da Gloria da Cunha Gouveia e D. Maria dos Prazeres da Cunha Gouveia. A's varas do pallio pegavam os srs. Manoel da Cunha Costa Veiga, José Augusto Madeira d'Andrade, José Ferrão Paes, José Ricardo da Costa Veiga, Bruno Mendes de Figueiredo e Silva e Luciano Borges Coelho de Figueiredo.

Durante a procissão as ruas estavam apinhadas de povo que muito difficultava o transito; todavia não foi perturbada a ordem publica.

De tarde houve arraial, onde a philarmonica Midonense tocou varias peças do seu repertorio. Esta philarmonica, que ainda não conta um anno de existencia, tem tido grande incremento, devido ao seu digno e intelligente mestre o sr. Manoel Pereira Coelho, que não se poupa a esforços e sacrificios para que a philarmonica de Midões se torne digna da estima e sympathia publica. O sr. Pereira Coelho, ás excellentes qualidades que possue, reune muita affabilidade e maneiras delicadas, grangeando assim a amisade e sympathia d'estes povos.

Neste mesmo dia houve uma brilhante soirée, offerecida pelo digno vigario ás pessoas de suas relações e amisade. Concorreu a sociedade mais escolhida desta terra e muitas senhoras de fóra. Entre as damas as que mais se distinguiram foram as exm.as sr.as D. M. J. da S. V. e D. M. R. Dançou-se com grande enthusiasmo, e a soirée correu animada até ás duas horas da manhã, em que os convivas se retiraram muito satisfeitos e penhorados pelas maneiras agradaveis e lhaneza com que a todos s. s.ª tratou.

Cabem muitos louvores ao sr. vigario, pela decencia, boa ordem e explendor, com que se fez esta festividade; confessamos que se não fosse s. s.ª, de certo que a Povoa de Midões nunca teria uma festa tão solemne como a que acaba de fazer-se.»

Emprazamento.—Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Sr. redactor do *Conimbricense.* — Rogo-lhe o obsequio de fazer inserir no seu jornal as seguintes linhas:

«Sr. redactor.—Vi na *Nação*, n.º 8:848, um communicado, assignado pelo reverendo padre Francisco Henriques Antunes, desta villa, no qual dizia que algumas das testemunhas que foram jurar na syndicancia a que procedeu o reverendo arcipreste na sachristia da egreja matriz desta villa, tinham jurado por um prato de lentilhas; e como eu fui uma das tes-

«Tutor e regente são duas cousas distinctas; a qualidade do primeiro não envolve as attribuições do segundo, e nunca se lhe deu tal amplidão em paiz algum constitucional.»

Tinha Rodrigo Pinto Pisarro o presentimento de que com elle se havia de praticar algum acto arbitrario, pois que terminava a sua *Norma das Regencias* com os seguintes paragraphos:

«Como entre nós ha o costume infeliz, apezar do que estamos vendo praticar aqui, e na Grã Bretanha, de tachar de ousado e revoltoso todo o homem que se consagra ao penoso ministerio d'examinar, com respeito sim, mas conscienciosamente, os direitos, actos, ou prerogativas das personagens que exercem, ou podem vir a exercer, a suprema auctoridade, peço desde já respeitosamente licença aos amigos, ou adversarios da minha polemica, para observar, que Mr. de Cormenin, um dos mais eruditos e patrioticos deputados da camara actual de França, sustenta em seus escriptos, onde brilha uma logica irresistivel, que a camara de que elle faz parte, *é illegal, obra sem mandato, e deve ser dissolvida;* e ninguem por esta doutrina atrevida lhe chama, nem inimigo do throno, que elle deseja consolidar, nem mau cidadão, nem mau deputado. E' esta tolerancia que eu invôco, porque em meu conceito, é um dos primeiros penhores da liberdade constitucional.

«Em summa, temos rei, a senhora D. Maria II; temos lei fundamental, clara e expressa. Qual é pois o nosso dever? Como leaes portuguezes, defender a primeira, e executar a segunda. Neste duplicado empenho, cabe ao senhor D. Pedro a gloria de ser o protector de sua augusta filha, e o chefe e libertador dos leaes subditos della.»

Seja como fôr, entendeu D. Pedro que devia proceder com todo o rigor contra Pinto Pisarro. Este fez logo *segunda edição* da *Norma das Regencias de Portugal*, a que acrescentou um *additamento*, contendo o officio de Candido José Xavier.

Esse officio era assim commentado por Pinto Pisarro:

«O amor da minha patria, e o respeito que tributo, por educação, e principios, ao real tutor, e pae da senhora D. Maria II, minha unica soberana, não permittem que eu analyse já, e pulverise, como podia, a curiosa peça que deixo transcripta. Reservo minha justificação, não disse bem, reservo minha accusação, para quando houver um governo, que obedecendo ao *firman* do exm.º sr. Candido José Xavier, secretario particular do principe D. Pedro de Alcantara, tenha assaz d'abnegação da sua propria dignidade, para mandar *prender, processar, e julgar*, um portuguez, subdito leal da senhora D. Maria II, por ordem do secretario do senhor D. Pedro d'Alcantara, ex-imperador do Brasil!...

«Pois já a regencia da Terceira, tão illimitada, tão soberana em suas attribuições, está reduzida á baixa condição de receber ordens tão imperativas de quem não tem caracter algum politico, reconhecido ou proclamado entre portuguezes?

«Contra quem chama eu as tropas á rebellião? Contra a rainha, parece-me que não. Contra a regencia, não vejo aonde. Contra o tutor, e pae da senhora D. Maria II, a ultima linha do meu pobre escripto desmente tal asserção. Então contra quem? Contra os Gracchos corrompidos, que andam por ahi incensando toda a divindade que o sacerdocio lhes offerece?

«Saibam esses Mirabeaus degenerados, que, quando eu entender dever pedir ao ceu que lhes falte, e á terra que os não sustente, não heide usar de metaphoras; não heide comparal-os aos *sauveurs du lendemain*, que os francezes stigmatisam; o modello delles hei de achal-o em nossa patria, nos falsos tres estados de 11 de Julho de 1828, e nos tres traidores que foram a Ayamonte vender o reino de Portugal ao rei d'Hespanha!

«Paris, 8 de Janeiro 1832.— *Rodrigo Pinto Pisarro*, coronel do exercito da rainha de Portugal.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

temunhas, emprazo o reverendo Francisco Henriques Antunes, para que declare pela imprensa se eu fui das testemunhas que jurei por um prato de lentilhas. Não admira que haja seculares que tirem a honra e credito a quem o tem, mas um padre...!!!...

As testemunhas que alli foram depôr são incapazes de faltarem á verdade, e por isso fica emprazado para no prazo de 15 dias, responder á calumnia feita a algumas das testemunhas, sob pena de ser chamado aos tribunaes.

Pela inserção destas linhas lhe ficará muito agradecido o de v. s.ª, etc.—Louriçal, 22 de Setembro de 1874—*João da Silva.*»

Noticias de Lisboa. — O correspondente de Lisboa do *Jornal da Manhã*, diz em data de 23 do corrente o seguinte:

«Na folha official de hontem publicava-se um officio do governador geral de Angola confirmando as noticias que eu lhe dei sobre a pouca importancia da insurreição.

Finou-se hontem a sr.ª viscondessa de Trancoso, que ha muito tempo estava enferma.

No dia 11 do proximo mez de Outubro ha novamente corrida de cavallos no hypodromo de Pedrouços. Deus queira que a diversão seja um pouco melhor do que a passada.

Parece que o sr. coronel do estado maior Macedo pede a sua reforma.

No domingo pelas 4 horas da tarde encalhou com agua aberta, na ilha do Barreta, proximo a Faro, o brigue-barca norueguez «Venus» procedente de Torre-Viega com destino a Dramnon, carregado de sal; e ás 7 horas naufragou um brigue francez, do qual se ignora o registo. Do primeiro salvou-se a tripulação, e do segundo ainda não ha promenores.

Assegurava-se hontem que não tinha fundamento a noticia vinda de Macau sobre o fallecimento do sr. Francisco da Silva Magalhães, jornalista perseguido pelo sr. visconde de S. Januario.

Consta que vae ser nomeado governador do districto de Damão o capitão de cavallaria o sr. D. Jorge Augusto de Mello. Este official tem conhecimentos especiaes da India portugueza e já governou os districtos de Damão e Diu.

Na primeira reunião do congresso postal internacional, reunido em Berna, foi nomeada uma commissão consultiva composta dos delegados da Allemanha, Austria, Belgica, Egypto, Italia, Portugal, Russia, Suecia e Suissa. Estavam presentes, á primeira sessão todos os delegados, menos o dos Estados-Unidos. Presidia o sr. Borel, chefe da repartição dos correios da Suissa e conselheiro federal.

Estão empatadas as obras dos paços do concelho, em Lisboa, porque os architectos não se entendem sobre o remate do frontão do edificio.

O ministro dos Estados-Unidos ia na sexta feira sendo victima da explosão d'uma pedreira, no caminho de Cintra para Mafra.

Nada soffreu excepto o susto.

O sr. Serpa Pimentel já hontem esteve na sua secretaria.

Para explorar uma valente mina de carvão na raia hespanhola, organisa-se em Lisboa uma companhia.

Partem em missão de estudos praticos, que findará em meiado de Outubro, os alumnos da escóla do exercito: Luiz Feliciano Marrecas Ferreira, para Braga; João José Pereira Dias, para Aveiro; Fernando Pereira Mousinho de Albuquerque, para a barra da Figueira; e Polycarpo José da Costa Lima, para a fiscalisação das linhas ferreas do norte e leste.

Continua a ser espantosa a emigração dos Açores para o Brasil. O vapor brasileiro que largou d'aquelle archipelago no começo deste mez levou d'alli 626 emigrantes.

Como se hade atalhar este mal, tanto maior que os emigrantes vão ser victimas da miseria?

A camara municipal pediu auctorisação para contrahir um emprestimo de 460 contos.

Está quasi concluido um accordo entre Portugal e Hespanha para evitar a emigração clandestina de ambos os paizes. Qualquer delles só dará passaporte aos mancebos legalmente isentos do serviço militar.

Amanhã lhe assignatura real.»

Naufragio.— Lê-se no *Primeiro de Janeiro* o seguinte:

«Hontem pelas 2 horas da tarde, na occasião em que entrava a nossa barra o vapor inglez *Camilla*, de que é capitão o Wilkinson, foi o barco impellido por uma volta de mar que o fez bater na pedra denominada «Ponte do dente» ficando atravessado na barra com a popa mettida no fundo.

O vapor vinha de Londres com carregamento de arroz e fazendas, trazendo tambem 10 mil libras para a caixa Filial do Banco de Portugal.

Tanto o carregamento como o casco estavam seguros em diversas companhias inglezas.

Toda a tripulação se salvou, á excepção do fogueiro que não apparece.

O vapor vinha consignado aos srs. Alexandre Miller & C.ª

Pelas 8 horas, quando a maré vasava, foram 3 barcos a bordo com o fim de salvarem o que podessem, assim como as caixas com as 10 mil libras que vinham para a caixa Filial do Banco de Portugal.

Todos os esforços foram baldados; porque da carga nada se salvou, e a unica coisa que conseguiram foi trazer para terra alguns objectos pertencentes ao vapor.

As dez mil libras vinham no fundo da camara do capitão, e foi por isso impossivel tiral-as de lá; pois que o vapor mudou de posição, tendo a prôa debaixo de agua, e achando-se por consequencia quasi submergido.

Pelas 10 horas da noite o vapor estava quasi coberto d'agua e tombado, o que obrigou a gente que tinha ido a bordo com o intuito de salvar a carga, a abandonar o seu projecto, retirando-se para terra com o pouco que tinha colhido.

A's 8 1/2 horas da noite já de bordo sahiam alguns volumes que eram arremessados para dentro da barra, suppondo-se pela velocidade com que boiavam á tona de agua que eram barris com petroleo ou outro qualquer liquido.

A concorrencia de gente que alli appareceu a ver aquelle doloroso espectaculo, era enorme.»

Noticias estrangeiras.— As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 23, de manhã—E' no proximo sabbado a recepção official do embaixador portuguez. Os carlistas foram batidos em Jativa. Serão brevemente armados 50 mil dos novos soldados.

Vienna, 21—A attitude das folhas semiofficiaes com referencia á carta do Czar a D. Carlos, testemunha que a Austria não seguirá mais incondicionalmente a Prussia na questão hespanhola. Os jornaes são unanimes em declararem que a carta do Czar produziu desagradavel impressão na Austria, e dão grande importancia ao facto do embaixador hespanhol ter sido recebido sem ceremonial.

Madrid, 23, ás 12 h. e 20 m. da manhã—O imposto sobre o pão estabelecido na provincia de Toledo, originou um levantamento nos jornaleiros, havendo a lamentar algumas desgraças. Em Morella apresentaram-se antes de hontem quinze carlistas armados pedindo indulto. Cucala saqueou varias casas em Jativa. O batalhão carlista dissolveu-se pedindo paz.

Madrid, 24 ás 2 h. e 40 m. da tarde—Diz a *Iberia* que os constitucionaes acceitarão no poder a republica como um facto fatal e necessario, que não podem modificar, reservando para as constituintes este direito.

Não estando derrogada a constituição de 1869, póde acceitar-se outro regimen, se assim o decidir a vontade nacional. Hoje ha recepção solemne ao ministro de Portugal.

Parece que sahiu para Cuba e Porto Rico uma commissão carlista com amplos poderes.

Em Valencia hontem e ante-hontem houve acção vantajosa do exercito contra Cucala. Em Tariega, provincia de Lerida, cresceu o rio submergindo 200 casas, arrastando duas pontes e muitos moinhos.

Ignora-se o numero das victimas.

Em Bruxellas ha difficuldades na constituição do ministerio. Jacobs irá para a fazenda, se Malon acceitar a presidencia.

Paris, 22 ás 5 h. e 15 m. da tarde—Muitos jornaes de Paris transcrevem os artigos dos jornaes portuguezes da opposição relativamente a suppostas ameaças da Allemanha contra a liberdade e independencia de Portugal. Foram acolhidos com frieza, por julgarem quasi todos que são destituidos de fundamento.

Paris, 21 ás 6 h. da tarde—Os relatorios do consul allemão em Bayona, confirmam as providencias tomadas pelas auctoridades francezas para impedir o abastecimento de viveres aos carlistas.

Berlin, 15 de Setembro—A embaixada da Russia desmente a declaração publicada pelos jornaes bonapartistas, de que o imperador da Russia tenha convidado o principe Napoleão para assistir ás manobras do outono que vão ter logar.

Berlin, 22—O bispo Emefaud foi condemnado a 200 thalers de multa. E' esta a quarta multa que lhe é imposta por desobediencia ás leis modernas.

Treidelhel, vice presidente da camara dos deputados, foi nomeado por decreto do dia 26 para a pasta da agricultura.

Madrid, 24 de madrugada—300 guardas da alfandega fizeram fugir por Javita 2:000 carlistas que estavam ás ordens de Cucala, e que occupavam por Albaida o caminho de ferro de Valencia.

Os carlistas na Biscaya foram derrotados e muitos pedem amnistia. Assegura-se que os carlistas recrutam á força todos os homens de 16 a 40 annos para defenderem os arredores de Estella, onde temem ser derrotados.

Paris 22 á tarde—Thiers partiu para Italia. Roudrowski antigo ministro da Russia em Hespanha irá para Madrid no começo de Novembro para representar officiosamente a Russia.

Paris 23 de Setembro.—Morreu o illustre geologo Elie de Beaumont.

Roma 23—O rei irá proximamente a Milão onde receberá o ministro hespanhol.

ANNUNCIOS

DESPEDIDA

1 FRANCISCO RODRIGUES DOS SANTOS NAZARETH, tendo que retirar-se para a egreja parochial de Nossa Senhora das Febres, e não podendo despedir-se pessoalmente de todos os seus amigos, o faz por este meio, offerecendo alli o seu limitadissimo prestimo.

PRIMEIRO DE OUTUBRO

2 ATE' ESSE DIA estão á venda na rua das Covas, n.º 52, duas lindas mesas de sala, cadeiras e canapé, leito de ferro, com ramos dourados, e alguns outros objectos.

ATTENÇÃO

3 PRETENDE-SE para uma botica, um praticante de pharmacia, de tres a quatro annos de pratica. A quem convier dirija-se ao fundo da rua do Corpo de Deus, n.º 5—2.º andar.

4 PRECISA-SE de um rapaz com alguma pratica de mercearia, quasi a ganhar ordenado. Rua dos Sapateiros, 12 a 14.

LECCIONAÇÃO

5 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar, na rua da Trindade, n.º 17, instrucção primaria, francez, e desenhos; assim como habilita para o magisterio de instrucção primaria.

6 NUNO CAETANO DE MATTOS FERRÃO vende a prazo, ou dinheiro de contado, os bens que possue nos limites de Monte Mór, Formozelha e Carapinheira. Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante até 15 de Outubro proximo, o qual nos dias 16 e 17 se achará em Monte Mór, para vender definitivamente. Louzã 21 de Setembro de 1874.

EDITAL

7 A CAMARA MUNICIPAL deste concelho de Coimbra, faz saber, que, em conformidade do art.º 168 do Regulamento da contribuição industrial de 28 d'agosto de 1872, poderão ser examinadas na sua secretaria, por espaço de 5 dias, que terminam no dia 30 do corrente, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, as collectas que foram repartidas pela mésma camara, pelos individuos que compõem os seguintes gremios:

Mercadores de livros—pintores (officiaes de)—marceneiros (officiaes de)—ferradores com estabelecimento—estalagem para animaes—directores e thesoureiros de Banco—costureiras—cortadores no açougue—capellistas—vendedores de carvão—mercadores d'azeite—agencia indeterminada—professores de instrucção secundaria—tintureiros—typographos—escreventes de cartorio—estalajadeiros—hospedarias—mercadores de linho (por miudo)—fogueteiros (officiaes de)—alfaiates de medida com estabelecimento—chapelleiros—cirurgiões e medicos—boticarios—especuladores—pedreiros—oleiros (officiaes de)—tanoeiros.

Os collectados que se julgarem aggravados deverão reclamar perante a mésma camara dentro de tres dias depois d'aquelle prazo.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 24 de Setembro de 1874.

O presidente,
Fernando de Mello.

AVISO

8 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Figueiró dos Vinhos, faz saber, que no dia 18 do proximo mez d'Outubro, pelas 10 horas da manhã, nos paços deste concelho, se ha de arrematar a quem por menos o fizer, o 3.º lanço da estrada municipal de 2.ª classe de Figueiró dos Vinhos á Barca das Bairradas, comprehendido entre a capella das Almas e a capella de Santo Antonio, na extensão de 1545m12, o qual será arrematado em cinco empreitadas e com as condições que serão presentes no acto da praça.

Figueiró dos Vinhs, 17 de Setembro de 1874.

O Vice presidente da camara,
Joaquim Fernandes Lopes.

Contra-annuncio

9 TENDO APPARECIDO um annuncio no periodico o *Conimbricense*, n.º 2834, em nome de Theresa do Carmo Contreras, viuva de José Pedro de Barros, declara-se, que tal annuncio é supposto de falsidade, por não ter sido auctorisado pela dita D. Theresa, segundo consta; e outrosim que seu filho Miguel de Barros Contreras, não tem procuração com poderes para vender bens de raiz.

10 PADRE JOÃO DO AMARAL LEITÃO, abre as suas aulas de Francez e Latim a 12 de Outubro, na rua dos Grillos, n.º 20.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

11 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

PUBLICAÇÕES

FEITAS PELA

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

Ernesto Chardron

DESDE JANEIRO DE 1874

Conclusão das duas importantes obras

Diccionario universal de educação e ensino —traduzido e ampliado por Camillo Castello Branco, 2 grossos vol., cada um de 800 paginas a duas columnas, 6$000 rs.

(Restam poucos exemplares dos 3:000 que se tiraram.)

As grandes invenções antigas e modernas —nas sciencias, industria e artes, por Luiz Figuier. Obra ornada com 238 gravuras magnificas, traduzida da 5.ª edição franceza, 1 vol. de 500 paginas, edição de luxo em broxura, 3$000 rs.

Com uma bonita cartonagem, vindo de Paris, 3$600 rs.

(Continuar-se-ha.)

DILIGENCIA

13 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS, fazem publico, que no dia 1 d'Outubro, inclusivè, vão mudar para trabalhar de dia, a sua diligencia, que têem entre Coimbra e Nespreira, sahindo de Coimbra ás 5 horas da manhã, e da Nespreira ás 3 horas da manhã; podendo vir os passageiros encontrar ainda o comboio para o norte e sul.

Os mesmos annunciantes têem uma diligencia para a Louzã, que sae tres vezes por semana.

Tambem têem trens d'aluguer, sendo char-à-bancs e caleches, na rua da Sophia, n.º 39 e 41, onde se acham á venda os bilhetes para todas as diligencias.

Coimbra, 21 de Setembro de 1874.

Viuva Natividade & Filhos.

DILIGENCIA

14 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS, de Coimbra, e Albano Custodio, da Figueira, fazem publico, que diariamente têem duas diligencias a sair de Coimbra, e duas da Figueira; sahindo uma de Coimbra ás 5 horas da manhã, e da Figueira ás 2 e meia horas da tarde, que conduz as malas do correio; e outra que sae da Figueira ás 5 e meia horas da manhã, e de Coimbra ás 2 horas da tarde, gastando ambas 5 horas de viagem.

De Coimbra á Figueira ou vice-versa, sendo dentro, custa cada logar 800 rs., e sendo fóra 600 rs.

Os bilhetes em Coimbra vendem-se em casa dos primeiros annunciantes, rua da Sophia, 39 e 41; na Figueira em casa do sr. Carlos da Costa Guia, na Praça Nova.

Tambem têem trens d'aluguer.

Coimbra 21 de Setembro de 1874.

Viuva Natividade & Filhos e Albano Custodio.

SEMINARIO EPISCOPAL DE COIMBRA

15 ABRE-SE no dia 1.º d'Outubro para admissão d'alumnos internos, e matriculas de externos. Os que pretenderem ser admittidos gratuitamente, sendo desta diocese, e destinando-se á vida ecclesiastica, devem entregar na secretaria do Seminario os seus requerimentos com os documentos do estylo, até ao dia 15 do referido mez, em que termina o prazo do concurso que se abre para esta admissão.

As aulas d'ensino primario e secundario, principiam no dia 5, e as d'ensino superior no dia 16.

Seminario de Coimbra, 20 de Setembro de 1874.

O vice-reitor,
Antonio José da Silva.

RAIL ROAD CONIMBRICENSE

Serviço provisorio

16 A EMPREZA previne o publico de que desde o dia 17 inclusivè em deante, estabeleceu as corridas de seus trens desde a rua da Calçada (em frente do Arco d'Almedina) á estação do caminho de ferro, segundo o horario abaixo designado:

Para o comboyo correio ascendente

Partida dos carros ás 3 horas e 30 m. da manhã.

Para o comboyo mixto descendente

Partida dos carros ás 10 h. e 30 m. da manhã.

Para o comboyo mixto ascendente

Partida dos carros ás 3 h. e 40 m. da tarde.

Para o camboyo correio descendente

Partida dos carros ás 8 h. e 40 m. da tarde.

Em todos os pontos do trajecto páram os carros para tomar e largar passageiros.

Preço dos passageiros:—De dia 50 reis, de noite 80 reis.

As creanças que possam ir ao collo, têem passagem gratuita.

E' gratuito o transporte de bagagens até 30 kilogrammas, e aquellas que o passageiro possa levar em mão ou debaixo do banco do carro.

Além deste peso, cada volume regular de bagagem pagará 20 reis de excesso.

O engenheiro encarregado
da exploração,
Camillo Mangeon.

FIGUEIRA DA FOZ

Ao fundo da rua do Paço, n.º 2

DENTISTA

17 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 10 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os ésmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

EDITAL

A Camara Municipal do concelho da Louzã

Faz publico, que no dia 11 do proximo mez de Outubro, pelas 10 horas da manhã, nos paços deste concelho, terá logar a venda em praça publica, de arrematação, de 2:000 pinheiros, á escolha em desbaste, nas mattas do Furcado e Alveite, da freguezia de Serpins; da alimpa dos pinheiros, que della carecerem, nas mesmas mattas; e de differentes pequenas porções de pinheiros em varios pontos dos baldios deste concelho. As condições para esta arrematação acham-se patentes na secretaria desta camara, onde podem ser examinadas pelas pessoas a quem interessar.

Louzã, Secretaria da Camara Municipal, 15 de Setembro de 1874.

O escrivão,
Adelino Correia da Costa.

19 ARRENDA-SE do proximo Natal por diante, na rua do Visconde da Luz, e por baixo do Banco Commercial de Coimbra, uma grande loja com tres portas de frente, n.º 104, 106 e 108; tem duas janellas rasgadas para a frente opposta; com a obrigação de se lhe annexar, do proximo S. João por diante, o primeiro andar, que comprehende seis casas, e com serventia ou escada particular da loja para o referido primeiro andar. Tracta-se com o proprietario Francisco de Sousa Araujo.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Paro o **Rio de Janeiro:**
Barca=HUMILDADE=em 28 de Setembro.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

21 NA RUA DOS LOIOS, n.º 2, se vendem batinas novas, por preços commodos.

CASAS

22 HA DUAS que se arrendam para familias, ao pé de Santo Antoninho, (na ladeira). Tracta-se no mesmo local, com o proprietario José Matheus.

23 JOÃO MARQUES D'ALMEIDA ARAUJO PINTO, arrenda dos Santos em diante, a quinta da Calçada, proxima a Santo Antonio dos Olivaes, pertencente ao exm.º sr. Dr. Joaquim José da Motta.

DOCTOR IN ABSENTIA

24 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

Collegio de Nossa Senhora da Conceição, de Coimbra.

25 NO PRIMEIRO do proximo Outubro, abrem-se as aulas deste collegio. De 20 a 30 do corrente Setembro, podem procurar no mesmo collegio o director para serem admittidos.

Não se admittem alumnos que tenham mais de 16 annos de edade.

Responsabilisa-se por sua educação moral, civil, religiosa e literaria, o director

Francisco Mendes Pinheiro.

BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

26 JOSE' JOÃO FERNANDES PARENTE compra acções deste banco, com premio de 12$500 rs. cada uma.

Attenção

27 NOVA HOSPEDARIA particular na rua das Fangas (Correio Velho).

Encarrega-se de dar cama e mesa, por dia, ou mensalmente. Preços commodos.

Tem commodos sufficientes para os srs. academicos, de quem espera coadjuvação.

Tambem tem cavalhariça para qualquer passageiro que traga cavalgadura.

PIANO

28 VENDE-SE por preço muito diminuto, um bom piano de 6 oitavas e meia, de boas vozes e em perfeito estado. Egualmente vende-se um cravo proprio para principiante, na Couraça de Lisboa, n.º 67.

AVISO

29 ALBERTO GOMES TINOCO, na rua de Quebra Costas, faz publico, que tem para alugar alguns pianos dos melhores auctores, assim como se promptifica a fazer qualquer concerto nos mesmos, encarregando-se da sua afinação por preços commodos.

Attenção

30 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

31 PRECISA-SE para fóra de Coimbra, de uma criada capaz para uma casa de familia, que saiba bem cozinhar: prefere-se sabendo gommar. A quem convier dirija-se á praça de S. Bartholomeu, n.º 77-78.

COLLEGIO ACADEMICO

32 ABREM-SE as aulas para o proximo futuro anno no dia 5 de Outubro.

Admittem-se alumnos internos, semi-internos e externos.

Dão-se programmas e regulamentos a quem os desejar.

O director,
Antonio Zeferino Candido.

Instrucção primaria e secundaria

33 JOSÉ MARIA DA SILVA TORRES, e o bacharel Agostinho Rodrigues d'Andrade, continuam a leccionar Instrucção Primaria, Francez, Portuguez e Latim (cursos completos) no edificio da Estação Telegraphica, residencia do primeiro annunciante.

34 QUEM QUIZER arrendar dois celleiros para milho, e um armazem para azeite, póde dirigir-se a Francisco da Silva e Oliveira, na rua da Sophia, collegio de S. Bernardo.

35 QUEM PRECISAR de uma ama para crear meninos, póde procurar na Carapinheira do Campo, concelho de Monte Mór o Velho, em casa da sr.ª Luiza de Coimbra, moradora ao Cimo da Egreja. Tem bom leite, e é muito limpa de toda qualquer molestia.

Carapinheira, 4 de Setembro de 1874.

Lecionista de Pharmacia

36 A. C. CRUZ=Rua do Infante D. Augusto, n.º 7.

PEDIDO

37 ROGA-SE ao sr. *Bernardo José Simões,—recebedor da comarca de Arganil*—o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas, que lhe tem sido dirigidas por parte da administração do jornal o *Conimbricense*.

NUMERO 2836 — TERÇA FEIRA 29 DE SETEMBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

São evidentes os grandes melhoramentos que tem obtido esta cidade desde 1834. Alargamento de ruas, aperfeiçoamento de calçadas, canalisação, illuminação a azeite e depois a gaz, caes na margem do Mondego, mercado, casa de escola, material de incendios, e outras reformas, ahi estão bem patentes para demonstrar o progresso que tem havido em muitas cousas do municipio. Uma das obras mais grandiosas e em que se acha vivamente empenhada a actual camara, vae ser effectuada, com o alargamento da entrada da cidade, pelo lado da Portagem, o que fará com que cesse o repugnante espectaculo que se presenceava até agora naquelle local.

Se, porem, tudo isto é manifesto; não o é menos que em geral essas transformações da cidade tem feito diminuir o numero das habitações, sem que se trate de as fazer substituir por outras equivalentes.

A população de Coimbra, tanto a permanente, como a que temporariamente aqui vem residir, tem augmentado todos os annos; ao mesmo tempo que em logar de se edificarem novas casas, só se cuida em demolir as existentes.

Ha na Figueira uma companhia edificadora; ha outra em Villa do Conde; e consta-nos que se trata de crear outra no Espinho. Em Coimbra, porem, ninguem se lembra de organisar uma semelhante companhia, nem as camaras municipaes promovem pelos meios directos, ou indirectos de que podem dispor, que se construam novas habitações.

Um dos principaes defeitos das nossas administrações municipaes, é a falta de methodo, de nexo e de uniformidade nas reformas a effectuar. Em regra as novas camaras não concluem as obras traçadas, ou principiadas pelas anteriores; e dessa desharmonia tem provindo avultados prejuizos ao municipio.

Entre muitos exemplos que poderiamos apresentar, bastará o que tem succedido com a cerca de Thomar.

Pela carta de lei de 15 de Setembro de 1841 foi concedida á camara municipal desta cidade uma parte daquella cerca, afim de nesse local se estabelecer o cemiterio. Como, porem, os peritos declarassem em vistoria effectuada no dia 30 de Setembro de 1843, que essa porção de terreno não era sufficiente, a camara conseguiu que pela portaria do ministerio do reino de 15 de Abril de 1848, lhe fosse concedido o resto.

Depois de obtida a cerca de Thomar é que começaram a apparecer duvidas a respeito da collocação do cemiterio nesse sitio. Depois de muitas discussões, resolveu o governador civil, o sr. João Maria de Abreu Castello Branco, hoje conde de Fornos, desistir da cerca de Thomar, nomeando por alvará de 12 de Agosto de 1851, uma numerosa commissão de lentes de Medicina, Philosophia e Mathematica, delegado de saude e alguns proprietarios, para escolherem a localidade que mais adequada lhes parecesse para o intento; e essa commissão preferiu para a construcção do cemiterio a extremidade oeste da quinta da Conchada.

Nestas circumstancias decidiu a camara municipal vender a cerca de Thomar, applicando o seu producto á factura do novo cemiterio; e posta com effeito a cerca em praça, foi arrematada pela quantia de 2:500$000 rs.

Decorreram depois disso mais de 20 annos, até que a ultima camara, presidida pelo sr. Dr. Lourenço, deliberou contrair um emprestimo de 40:000$000 rs. para as estradas ruraes; sendo entre ellas incluida uma estrada, a começar nesta cidade, pela cerca de Thomar, até ao Dianteiro. Ahi appareceu, por tanto, a necessidade de adquirir para o municipio a mesma cerca, que tinha sido vendida; notando-se, porem, que para a obter novamente, foi necessario dar a camara ao herdeiro do comprador, 6:000$000 rs., por aquillo mesmo de que o municipio havia recebido apenas 2:500$000 rs.!

Ainda assim nada pareceria caro, se se levasse a effeito a construcção da estrada pela cerca de Thomar, pois que vendidos os terrenos lateraes se podiam alli edificar numerosos predios. E não são o que dizemos meras supposições, pois que apenas constou que a camara comprara a cerca, muitos proprietarios manifestaram o intento que tinham de alli construir predios, para nelles irem habitar.

Grande numero de familias de differentes pontos do reino pretendem com frequencia vir residir em Coimbra na companhia dos seus filhos, para os vigiarem durante os estudos; mas não podem realisar esse desejo, por não acharem predios com as convenientes accommodações. E por isso é facil de ver, que não faltariam proprietarios que com-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXVIII

RODRIGO PINTO PISARRO

VI

Estava por esta forma lançada a luva, e por isso muitos emigrados liberaes trataram logo de a levantar.

O primeiro que abriu o campo foi Leonel Tavares Cabral, publicando um opusculo em duas partes, com os titulos—*Sobre uma carta do sr. C. J. Xavier ao sr coronel R. P. Pisarro, em data de 6 de Janeiro de 1832 —Additamento á Norma das Regencias de Portugal, do mesmo sr. coronel R. P. Pisarro*. A primeira parte tem a data de Paris, a 8 de Janeiro de 1832, e a segunda é de 9 do mesmo mez. A impressão foi feita em Paris, na typographia de Auguste Mie.

Leonel Tavares Cabral, depois de transcrever a carta de Candido José Xavier, analysa-a severamente. Por exemplo ahi diz elle:

«Este documento, tão atroz como absurdo, tira todas as duvidas acerca das intenções de nossos pretendidos libertadores. Mas lembrem-se os portuguezes, que em Roma livre era criminoso de lesa magestade o que attentava contra a liberdade individual de um cidadão; que as leis punem os crimes pelo mal que fazem, tanto á sociedade em geral, como a cada um de seus membros em particular; que os homens só são fortes, quando se defendem uns aos outros. Se nós queremos liberdade, se d'ella somos dignos, se não tem razão aquelles que, julgando-nos um rancho vil de estupidos imbecis, esperam facilmente agrilhoar-nos, devemos todos julgar feitas a cada um de nos em particular, e á nação em geral, as ameaças que na carta já transcripta ousa dirigir ao sr. coronel Pisarro um publico inimigo, condemnado em Portugal, e na fórma das leis de todos os povos, por fazer parte do exercito que em 1810 e 1811 nos queimou duas provincias.

«Quizeram metter medo ao sr. Pisarro, para que elle não torne a punir pelos direitos do seu paiz e da sua rainha; quizeram dar-nos a todos um exemplo que nos arrepie as carnes, para que nos calêmos, e caiâmos na quietação do estupór; e assim os que querem fazer-nos escravos, esperam ficar de braços inteiramente desatados na execução de seus planos. Cada emigrado seguirá nesta crise o caminho que sua honra, sua coragem e seu patriotismo lhe indicarem.»

Na segunda parte do seu opusculo, em que Leonel Tavares seguia a opinião de Pinto Pisarro acerca da regencia de D. Pedro, dizia elle:

«Por direito commum, todo o portuguez que se naturalisasse em outro paiz, ficaria sendo para nós um estrangeiro.

«Mas aquelle que, tendo direito de succeder na monarchia portugueza, subisse ao throno d'outra nação e nella deste modo se naturalisasse, não perderia por isso o fôro de portuguez, em quanto durasse o direito á dita successão, ou em quanto o principe exercesse as funcções por ella devolvidas. Os exemplos de el-rei D. Manoel e do principe D. Miguel da Paz, seu filho, aos quaes os miguelistas nunca responderam, são bastantes para mostrar que o direito á nossa corôa dispensa uma regra geral dos estrangeiros. Não é preciso lembrar agora como esta dispensa não alcança as princezas que recebem marido d'outro paiz.

«Logo, porem, que o principe, monarcha d'outra nação, e ahi naturalisado, mas successor á corôa portugueza, ou já investido nesta successão, renunciasse a ella, ou abdicasse a corôa, então, visto cortar-se o unico laço que ligava este principe aos portuguezes, e dispensava no direito commum, o mesmo principe perderia todas as qualidades de portuguez, e se converteria para nós em simples e mero estrangeiro. Ainda que o principe viesse depois a abdicar a outra corôa nem por isso voltaria a ser habil para de novo subir ao nosso throno, porque, uma vez entrado na regra geral dos estrangeiros, não se vê na nossa legislação, nem na nossa historia motivo algum que em seu favor produzisse nova excepção.

«E' portanto claro que o sr. D. Pedro de Alcantara, filho primogenito do sr. D. João VI, não perdeu o direito á successão da corôa portugueza, por ser monarcha d'outra nação, e nella naturalisado. Mas logo que o dito sr. D. Pedro de Alcantara abdicou a nossa corôa, e fez renuncia completa, não só tacita, mas expressa (*vide* o segundo decreto de abdicação) de todas as suas relações com o nosso paiz, ficou sendo inteiramente extranho á nação portugueza, nem conservou qualidade alguma de membro della. Se depois abdicou tambem a corôa brasileira, não voltou por isso a ser nosso concidadão, porque o laço que comnosco o ligava, estava já inteiramente roto, nem póde tornar a atar-se. S. M. assim o tem reconhecido, declarando-se brasileiro em todos os actos que tem praticado depois da sua chegada á Europa, e particularmente por occasião do nascimento da princeza sua filha, que viu a luz em Paris.

«Em consequencia fica provado que é impossivel verificar-se alguma hypothese, na qual o sr. D. Pedro de Alcantara, hoje absolutamente estrangeiro aos portuguezes, venha a ter direito de ser outra vez seu rei.

«Mas a Carta Constitucional da monarchia diz, no artigo 92, que, na menoridade do rei, o reino será governado pelo parente mais chegado *na ordem da successão*. Por isso, e como a successão, segundo fica mostrado, jámais póde devolver-se ao sr. D. Pedro de Alcantara, não póde este ser regente do reino, não obstante o seu grau de parentesco com a nossa rainha.

«Alem disto, já em outros paizes tinha havido a previdencia de separar absolutamente a tutela pessoal do rei menor, e a administração do reino durante a menoridade. A Carta Constitucional, no artigo 100, sabiamente introduziu no nosso direito publico esta importante disposição. O sr. D. Pedro de Alcantara não ignorava um dos artigos da lei que redigira; quando elle pois se declarou tutor de sua

prassem os terrenos da cerca de Thomar, para nelles construirem casas apropriadas ás suas necessidades.

Parece, não obstante, que este projecto de estrada está presentemente posto de parte, se não abandonado de todo; e ahi continuará outra vez com a sua malfadada sorte a cerca de Thomar.

Seja como fôr, a mira que temos em vista é chamar a attenção; tanto da camara municipal, como dos proprietarios do concelho, e ainda de fóra delle, para um objecto tão ponderoso, a fim de que se diligenceie, ou por meio da formação de uma companhia, ou pela iniciativa isolada dos cidadãos, que se realisem novas edificações, umas baratas para familias pobres, e outras amplas para familias abastadas.

Consentirá a cidade de Coimbra, que terras de menos importancia, lhe vão tomando a dianteira na estrada do progresso?

GOES 26 DE SETEMBRO DE 1874.

Acaba de ter logar em Pombeiro, do concelho de Arganil, naturalidade do ex.^mo conselheiro José Dias Ferreira, um dos talentos mais explendidos e brilhantes, que as modernas gerações hão produzido, o solemnissimo acto da transladação dos restos mortaes da extremosa mãe do nosso amigo a ex.^ma sr.^a D. Bernarda Pereira de Vasconcellos, e de sua interessante irmã a ex.^ma sr.^a D. Aurea de Vasconcellos, a primeira fallecida em 1866 na edade de 51 annos, e a segunda em 1857 na esperançosa edade de 18 annos, para um elegante mausoleu mandado erigir a expensas de seu filho e irmão, que assim quiz vir patentear ainda hoje a saudade, que lhe resta d'aquellas, a quem elle queria e estimava tanto, como filho o mais exemplar e obediente, e o irmão mais terno e carinhoso.

Nunca, sr. redactor, vimos, nem esperamos ver por estes sitios, uma tão extraordinaria concurrencia, como a que teve logar em Pombeiro no dia 23 do corrente. Foi admiravel e superior a toda a expectativa o grande numero de clerigos, que alli vimos, bem como immensa a quantidade de gente, que alli se reuniu, entre a qual se encontravam uma grande parte dos cavalheiros, e pessoas mais respeitaveis dos concelhos visinhos, que, supposto não houvessem sido convidados, quizeram mais esta vez patentear ao ex.^mo conselheiro Dias Ferreira o alto apreço em que têem as suas distinctas qualidades, e a gratidão que lhe devem.

Ao acto da transladação precedeu um officio solemne, e uma missa de *requiem*, mandada celebrar pelo sr. Dias Ferreira, correndo tudo com a maior regularidade e perfeição, devida em parte ao dignissimo prior d'aquella freguezia o reverendissimo Manoel da Costa Vasconcellos e Cunha, que, com o maior acerto e distincção, exerceu alli o logar de mestre de ceremonias, no que s. s.^a é inexcedivel.

Em todo este respeitoso acto notamos que a egreja matriz d'aquella importante freguezia, a qual se achava magestosamente adornada, elevando-se no seu centro uma tão soberba como bem trabalhada eça, esteve sempre completamente apinhada de gente.

Celebrou a missa o reverendissimo sr. Antonio Dias Ferreira, dignissimo prior em Alvaiasere, filho e irmão das finadas, o qual se achava visivelmente consternado: serviram de diacono e subdiacono os reverendissimos srs. José Maria Dias Ferreira, e Antonio Dias Ferreira, ambos tambem parentes das ex.^mas finadas, o primeiro prior de Santo André de Poiares, e o segundo de Santa Engracia de Lisboa.

Ao lavatorio pegaram no jarro e toalha os ex.^mos srs. Dr. José Maria Figueiredo e Veiga, e Antonio Maria Barata Lopes de Carvalho, do concelho de Goes.

A chave do caixão foi entregue ao ex.^mo sr. commendador Dr. Francisco Antonio da Veiga, de Goes, um dos mais antigos, e mais dedicados amigos do ex.^mo sr. Dias Ferreira.

Ao caixão pegaram os ex.^mos srs. dr. Augusto Cesar Cortez, da Varzea de Goes, Antonio Franco Dias Correia, de S. Martinho da Cortiça, e José Maria Henriques e José Ferreira de Figueiredo Queiroz, de Poiares.

A todo este solemnissimo acto assistiu a philarmonica de Goes, uma das melhores, que ha por estes sitios, a qual continuou a merecer o bom conceito em que é tida.

Esquecia-nos ter mencionado já o nome do nosso prezado amigo e respeitavel parocho da Varzea de Goes, tio do ex.^mo sr. Dias Ferreira, o qual se achava profundamente consternado, e a quem sem duvida pertenceu uma parte importantissima na boa direcção, que houve em toda esta solemnidade.

Seria injustiça não mencionar tambem aqui o nome do exemplar parocho de Pombeiro, reverendissimo sr. Manoel da Costa Vasconcellos e Cunha, o qual não se poupou a nada, para que tudo corresse na melhor ordem e acerto, sendo inexcedivel em attenções para com todos os cavalheiros, que se achavam alli naquelle dia, já na egreja, já na casa de sua residencia.

Apresentamos a lista das pessoas, que nos recorda ter visto naquelle solemne e respeitoso acto; ao favor d'um amigo devemos a indicação dos nomes dos srs. clerigos; em quanto aos outros cavalheiros, que assistiram, innumeraremos aquelles, cujos nomes nos lembram, pedindo desculpa de qualquer omissão, que por ventura possa haver, sempre desculpavel em occasiões d'estas.

Poderiamos, como as nossas forças nol-o permittissem, descrever mais minuciosamente tudo o que observamos em Pombeiro no dia 23 do corrente; mas tudo quanto fizessemos e dissessemos, não daria uma ideia tão segura da magestade e imponencia d'aquelle acto, como a immensa lista de clerigos e mais cavalheiros, que abaixo transcrevemos.

Assistiram ao officio e mais solemnidades os srs.:

Manoel da Costa de Vasconcellos e Cunha, prior de Pombeiro.

Venancio Gomes da Silva, vigario da Varzea.

Francisco da Silva Carvalho, vigario de Goes.

Antonio Dias Ferreira de Vasconcellos, prior de Alvaiasere.

José Maria Dias Ferreira, prior de Santo André de Poiares.

Antonio Dias Ferreira, prior de Santa Engracia de Lisboa.

João Gonçalves de Lemos, da Louzã.

José Correia da Costa, idem.

José Augusto Cabral, idem.

Manoel Lopes Coelho, de Villarinho.

Manoel Simões, idem.

José Augusto Candido da Piedade, da Louzã.

Manoel dos Santos de Carvalho, de Serpins.

Antonio Dias Henriques, de Sacões.

Antonio Garcia dos Santos, reitor da Sé de Coimbra.

Bernardo Simões Lima, de Poiares.

Casemiro Antonio Pessoa, de Penacova.

João Simões Mathias, de Poiares.

Bernardo Simões Lucas, idem.

Antonio Bernardo da Fonseca, parocho de S. José.

Antonio Maria de Mello e Napoles, vigario de Cadafaz.

José Maria Henriques, coadjutor d'Alvares.

Joaquim José da Veiga, parocho do Colmeal.

Manoel Duarte dos Santos, vigario de Celavisa.

José da Costa Jorge, de Rochel.

João da Costa Jorge, idem.

Antonio Joaquim de Paula, parocho das Seccarias.

José Antonio de Paiva, de Folques.

José Martins, do Rego Travesso.

José da Fonseca Lemos Sousa, de S. Paio.

Antonio Lopes de Jesus, parocho da Carapinha.

José de Sousa e Cunha, parocho de Farinha Podre.

José Coimbra e Lemos, parocho de Paradella.

Antonio Correia dos Santos, prior de S. Martinho.

José Nunes Correia, de S. Martinho.

José Rodrigues Duarte, coadjutor de Pombeiro.

Ainda mais nos recorda que assistiram entre outros, os seguintes cavalheiros:

Do concelho de Goes os ex.^mos srs. commendador dr. Francisco Antonio da Veiga, dr. José Maria Veiga, Antonio Alberto Carneiro, Augusto Cortez, Francisco de Napoles Veiga, Antonio Maria Barata Lopes, José Fernandes Junior, José dos Santos, Cunha e Frias, Simões de Lima, Luiz Francisco Alves, Antonio de Sousa Gomes, Joaquim Lopes, Fernando Duarte, Antonio Simões Lopes.

Do concelho de Arganil os ex.^mos srs. drs. José da Costa, Antonino de Campos, Luiz José Dias, Antonio Dias, Franco Correia, Antonio José Simões, Francisco Freire Campos, Luciano da Cunha e Silva, Antonio Ferreira Dias, Antonio Dias Ferreira, José Dias Ferreira, Antonio Duarte Lobo, Antonio Correia de Frias.

Do concelho de Poiares, José Maria Henriques, Antonio Henriques, José Ferreira Secco de Figueiredo e Luiz José Dias Ferreira.

De v. etc.

*****

---

augusta filha, proclamou mui definitivamente a incompatibilidade que em si proprio reconhecia para ser por qualquer titulo o regente da nação portugueza.

«Só ambiciosos é que podem desconhecer a exactidão destes raciocinios. Infelizes! Depois de terem já feito tanto mal ao nosso paiz, querem acabar de assassinal-o em sacrificio a suas funestas ambições; querem *provocar* uma serie indeterminada de reacções; querem soltar os diques a novas torrentes, para devastarem o que no triste e malfadado Portugal tem escapado á actual inundação!!!

«Não reduzam a uma comedia ridicula a invocação da soberania nacional; calculem as consequencias que póde e infallivelmente deve ter a desastrosa representação desse drama hypocrita; tremam dellas; temam ao menos por si, se não tremem pelo paiz em que nasceram. O edificio que assim fundassem, teria por alicerces um volcão, prompto sempre a rebentar.

«E serão tão maus, que se não poderem lançar-nos segundos ferros, queiram deixar a rainha, os emigrados, e Portugal inteiro na actual miseria, depois de terem empolgado os nomes, as pessoas e os recursos todos?

«Paris, 9 de Janeiro de 1832 — *Leonel Tavares Cabral*.»

Rodrigo Pinto Pisarro, depois do procedimento havido para com elle por D. Pedro, dirigiu a esse respeito a seguinte carta aos irmãos Passos:

«Srs. *José da Silva Passos*, e *Manoel da Silva Passos*, advogados numerarios da côrte e casa do *Porto*.

«Uma medida, *sem precedente*, adoptada contra minha pessoa e direitos por S. M. o sr. D. Pedro d'Alcantara, ex-imperador do *Brasil*, na sua capacidade *(creio eu)* de tutor da sr.^a D. *Maria II*, minha soberana, de cuja medida me foi dado conhecimento por um officio de Candido José Xavier, secretario particular, *(e mais nada)* daquelle principe, em data de 6 de Janeiro deste anno, do qual lhes envio aqui junta uma copia, obriga-me a recorrer a vv. mc.^s não só por a generosa doutrina que expenderam no seu memorial de 13 de Março proximo passado, *mas na sua capacidade especial de advogados*, para lhes pedir a sua opinião legal e consciencioza sobre os factos e doutrina expendida naquelle extraordinario officio. Bem persuadido de que presando-se vv. mc.^s do honroso titulo de defensores dos cidadãos, não duvidarão expender largamente tudo quanto fôr a bem da minha justiça; auctorisando-me a dar tudo ao prelo, se minha defeza ou desaggravo de meu credito o reclamarem. Tenho a honra de ser de vv. mc.^s Paris, 10 de Janeiro de 1832. — Venerador e criado obrigado — *Rodrigo Pinto Pisarro*, coronel do exercito da rainha de *Portugal*.»

Para satisfazerem a este pedido publicaram os irmãos Passos, o — *Parecer de dous advogados da Casa do Porto: 1.º sobre a carta particular que o senhor Candido José Xavier, secretario camarario de S. M. o ex-imperador do Brasil, em data de 6 de Janeiro de 1832, dirigiu ao senhor Rodrigo Pinto Pisarro, coronel do exercito da senhora D. Maria II, rainha constitucional dos portuguezes; 2.º sobre a communicação, que S. M. I. o senhor D. Pedro de Bragança fez ao general conde de Saldanha na audiencia de 13 do corrente.*

Esta publicação dos irmãos Passos era datada de Eaubonne em 15 de Janeiro de 1832, e foi impressa em Paris na imprensa de Auguste Mie.

Ahi diziam os seus auctores:

«1.º O senhor D. *Pedro* d'Alcantara *já não é rei de Portugal;* nem é regente; e por consequencia não póde mandar nem dar *ordens aos portuguezes*. Não é rei: 1.º porque abdicou, e sua abdicação já foi cumprida, publicada, *aceitada* e jurada: 2.º porque a Carta é indestructivel, e por os artigos 5 e 86, a senhora D. *Maria II* é a unica rainha constitucional dos *portuguezes:* 3.º e finalmente porque segundo nosso direito publico antigo, a rainha, (independente da abdicação) tem á corôa portugueza melhores direitos do que seu augusto pae; ao menos esta *parece* ser a opinião do sr. *J. F. Borges*, advogado da casa da supplicação, no seu caderno intitulado — *Duas palavras sobre o chamado assento dos tres Estados;* — o melhor papel que n'essa questão se escreveu. *Não é regente;* porque até o seu secretario particular, na carta de 6 de Janeiro, reconhece a auctoridade da regencia provisoria, estabelecida na *Terceira;* nem o titulo de regente se sabe que a S. M. I. tenha sido conferido, antes pelo contrario consta-nos que S. M. I. diz com a lealdade propria de um principe cavalheiro — *Que elle nunca aceitará o cargo de regente senão da mão das côrtes, e que d'outro modo virá para França viver como particular.* — Recresce que S. M. I. como pae, exerce o cargo de *tutor*, e este não é compativel com o de regente, segundo os artigos 92 e 100 da Carta.

«2.º S. M. I. é *tutor* da rainha e general de seus exercitos. Nossas leis antigas fazem differença entre *tutella* e *regencia;* aquella cifra-se na creação e amparo do rei menor, e esta no regimento e administração da republica. Por onde se vê que a *tutella* é um cargo publico, mas puramente *civil;* como até o reconheceram os dous *conselheiros da corôa constitucional no seu parecer*. Portanto nesta qualidade é absurdo dizer que o imperador do Brasil nos podia mandar, e maior absurdo seria se o fizesse na sua qualidade de *general*, mórmente em França e em pontos de liberdade de imprensa. Assim temos provado que a religião do principe de Bragança foi enganada; que abusaram de seu nome augusto; e que taes *ordens* não é tenção de S. M. I., nem é sua honra que se cumpram, antes terá por bom serviço a desobediencia e resistencia legal.

«3.º *C. J. Xavier* não é ministro e secretario de estado da regencia *provisional*, que esses são o general *Pisarro*, e o major *Serra;* e por conseguinte tem o sr. *Xavier* tanto direito de mandar o coronel Pisarro, como este tem de o mandar a elle. *Dar ordens* a uma regencia *portugueza* (boa ou má) é *loucura* ou *desaforo*. Ordenar-lhe *que prenda*, é fazer descer a regencia *mandada* á condição de *alcaide menor* ou *quadrilheiro;* e sobre isso usurpar as attribuições que só ao poder *judiciario* cabem, segundo a Carta artigo 145. § 3.

«Nós não sabemos, como foi redigido o papel enviado á da *Terceira* para prender *(sem culpa formada!)* processar, julgar (e porque não enforcar?) o coronel *R. P. Pisarro*. — Mas de duas uma — ou o sr. C. J. Xavier o escreveu como *imperante* ou como *supplicante*. No primeiro caso, é o sr. *Xavier* traidor e reu de lesa magestade, por ter usurpado a auctoridade constitucional da rainha; no segundo, o seu papel não póde na *censura de direito* ser considerado senão como uma *denuncia* dada por o dito conselheiro, em nome e por consequencia como *procurador* do senhor D. Pedro d'Alcantara.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A'MEMORIA

do filhinho do

Sr. Joaquim Ignacio da Silva

.... partiste
Desta mansão passageira!
Bem depressa da carreira
Tocaste a méta fatal.
Soares de Passos.

Foi curta a tua vida, treze mezes apenas! Mas longo foi o teu penar! Soffreste sempre, e teus paes não menos soffreram! Era tempo de findarem as dores, para receberes a palma que Deus aos martyres costuma dar: mas tu Antoninho não precisavas de soffrer tanto para recebel-a: a palma pertence aos anjos, e tu o eras!

Estás no ceu, pede a Deus por teus paes, que inconsolaveis ficaram na terra.

J. G.

NOTICIARIO

O roubo no cemiterio. — O roubo das alampadas de prata, a que nos referimos em o numero passado, foi nas capellas do cemiterio da Conchada, pertencentes aos srs. Adelino Simões de Carvalho, Antonio Rodrigues Lucas, Guilhermina Lucas, e José Antonio da Costa Braga Junior.

Os ladrões, ou ladrão, entraram por um tapume que ha junto á egreja do cemiterio.

Na capella pertencente ao sr. Simões de Carvalho, quebraram a fechadura, que era muito fraca, e entraram dentro, roubando a alampada de prata, e dois castiçaes, que suppozeram ser tambem de prata.

Nas capellas dos srs. Antonio Rodrigues Lucas e Braga Junior quebraram nas portas de ferro as peças que julgaram necessarias para por ellas tirarem as alampadas, sem entrarem nas capellas; e na da sr.^a Guilhermina Lucas limitaram-se a alargar duas verguinhas de ferro, ficando assim espaço sufficiente para consummarem o roubo.

Haviam levado comsigo uma vara delgada de faia, tendo junto á ponta uma haste natural, em forma de gancho. Com esse instrumento pucharam para as portas as alampadas, e as tiraram pelas grades.

O valor dos objectos roubados, alem do estrago nas capellas, é de 180$000 rs.

Se as auctoridades cumprirem com o seu dever, é muito provavel que se descubram os auctores d'este grande attentado, a fim de receberem o castigo que merecem.

Desgraça. — No sabbado á noite, aconteceu um grave desastre ao sr. Antonio Gomes Tinoco, fiscal dos policias municipaes.

Tendo sido encarregado pela camara de acompanhar os carros do caminho de ferro americano, e vindo no estribo d'um d'elles, ao sair da estação, soffreu um choque, que o arremeçou fóra do carro. Na queda quebrou a clavicula esquerda, e feriu-se gravemente na cabeça.

Foi d'alli conduzido para a cidade, onde se acha em tratamento.

Sentimos esta infelicidade do zeloso empregado da policia municipal.

Chegada. — Chegaram hontem a esta cidade, vindos da sua digressão á provincia do Minho, os nossos estimaveis amigos os srs. Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho e Augusto Mendes Simões de Castro. Bem vindos sejam os nossos bons patricios.

Outra. — O sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, que tinha ido passar algum tempo no estrangeiro, regressou a Lisboa. Damos as boas vindas ao nosso illustrado collega e amigo.

Mercado de Coimbra no dia 28. — Regularam os generos pelos seguintes preços: Trigo tremez 600 — Dito branco 560 — Dito Celorico meudo 640 — Dito graudo 550 — Milho branco 370 — Dito amarello 365 — Feijão vermelho 580 — Dito branco da marinha 520 — Dito da terra 460 — Dito rajado 400 — Dito frade 380 — Centeio 500 — Cevada 280 — Favas 400 — Grão de bico 600 — Tremoços 280 — Chicharos 300 — Azeite 1$320 — Vinho da Beira 800 — Dito da Bairrada 960 — Aguardente de 18 graus 1$300.

Vindimas. — N'este concelho de Coimbra estão quasi concluidas as vindimas. A producção foi irregular. Uns proprietarios tiveram mais do que o anno passado, outros o mesmo, e outros menos.

Azeite. — N'este districto é insignificante a amostra do azeite. Em compensação ha boa amostra no Alemtejo, e excellente nos concelhos ao sul do Tejo.

Feijão. — Do campo de Coimbra, Mira, e do districto de Aveiro, estão saindo porções extraordinarias de feijão, tanto para Lisboa, como para o Porto, a fim de embarcar para differentes partes, e em especial para o Brazil. D'ahi procede o preço elevado em que está este genero.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

José Rodrigues de Carvalho, filho de Luiz Rodrigues de Carvalho e de Maria da Encarnação, natural da Figueira da Foz, de 50 annos, fallecido no dia 19 de Setembro.

Maria, filha de Luiz Francisco da Silva e de Elvira Magdalena, natural de Coimbra, de 1 anno, fallecida no dia 19.

Maria da Conceição Rodrigues, natural de Coimbra, de 80 annos, fallecida no dia 20.

Antonio, filho de Antonio da Cruz e de Anna Margarida, natural de Coimbra, de 21 mez, fallecido no dia 22.

Amelia Judith Espingarda, filha de Adriano da Silva Espingarda e de Anna de Jesus Espingarda, natural de Coimbra, de 9 mezes, fallecida no dia 24.

Anna de Jesus Correia, filha de Joaquim Correia e de Maria Bastos Correia, natural da freguezia de Carvalhal Redondo, de 40 annos, fallecida no dia 25.

José da Rocha, filho de José da Rocha Moita e de Maria da Conceição de Jesus, natural de Coimbra, de 18 mezes, fallecido no dia 25.

Antonio Francisco Rodrigues, filho de Severino Rodrigues e de Maria da Conceição, natural de Coimbra, de 20 mezes, fallecido no dia 25.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada — 5:657.

Nova publicação. — Recebemos a seguinte publicação:

Cunha Vianna — Relampagos — Com um prologo por João Penha — Porto, typographia Internacional de Bartholomeu H. de Moraes — 1874.

Agradecemos o exemplar que obsequiosamente nos foi enviado.

Continuam os assassinatos de portuguezes no Brasil. — Recebeu-se em Lisboa a seguinte parte telegraphica:

«Rio de Janeiro, 26. — Em Macapá, na provincia do Pará, foram assassinados na noite de 13 do corrente 4 negociantes portuguezes, ficando além d'isso 2 feridos. Vão partir forças para aquella localidade. A imprensa paraense, exceptuando apenas a *Tribuna*, pede energicas providencias para reprimir tão lastimaveis successos. E' geral o panico nos portuguezes residentes n'aquella provincia. Chegou aqui o vapor *Orenoque*, vindo da Europa.»

— Em quanto os portuguezes vão tendo esta sorte no Brasil, continuam os nossos compatriotas a emigrar para aquelle imperio, e pelo modo escandaloso que se verá da seguinte correspondencia, dirigida de Braga ao nosso collega do *Commercio do Porto:*

«Braga, 26 de Setembro. — (Do nosso correspondente). — Vae-se rasgando o veu do mysterio da emigração. Agora que o governador civil do districto instou fortemente com os administradores do concelho para estes satisfazerem a divida dos respectivos contingentes, descobre-se o facto da emigração clandestina em tão elevada escala que é para causar espanto.

Affiança-me pessoa que julgo auctorisada, estar provado á evidencia que aquellas auctoridades não pódem ainda que queiram, e por mais zelosos que sejam os seus esforços, satisfazer a divida do recrutamento, e isto porque os mancebos a quem a sorte foi buscar para pagarem o tributo de sangue, desappareceram na sua maxima parte, talvez para nunca mais voltarem ao lar domestico! Para onde foram?

Os paes, os parentes, os visinhos, todos são concordes em testemunhar que seguiram para o Brasil, a terra de encantos, o paraiso terreal que promette áquelles desgraçados, por bocca dos especuladores de carne humana, a riqueza com pouco trabalho, a libertação dos trabalhos militares dentro dos muros da patria e mil felicidades, emfim, a que a rusticidade de uns e o horror de outros ás armas, não póde resistir por muito tempo.

Os diversos administradores deste districto, em resposta ás ordens terminantes do seu chefe, responderam com notas authenticas, das quaes consta que quasi todos os sorteados estão ausentes na America! Conferidas estas notas com o registo dos passaportes no governo civil, tirou-se por consequencia, segundo me informam, que aquelles mancebos embarcaram sobrepticiamente sem os documentos exigidos por lei! Como, pois, poderam ausentar-se e quem os protegeu nesta empreza?

A delação feita pelo sr. Castiço da inaudita vergonha que presenciou em Vigo e Carril, póde levar a um caminho que vá ter á caverna onde se operam os *milagres*, que, a julgar pelas asserções de alguns, custa cada um *duas libras... Por Dios, lo hacen!*

E' pois necessario que o governo lance as mais activas pesquizas para que a verdade appareça e a justiça triumphe.»

Ainda o vapor Camilla. — O nosso collega do Porto a *Palavra*, diz o seguinte:

«A'cerca do naufragio do vapor inglez *Camilla* temos a accrescentar os seguintes promenores:

Na baixa-mar da manhã d'ante-hontem foram a bordo os mergulhadores e conseguiram salvar os dois caixões em que vinham as 10 mil libras para a caixa filial do banco de Portugal, os quaes deram entrada na alfandega e d'alli foram para a thesouraria do banco a que se destinavam.

Este importante serviço foi confiado á companhia Salvadora, mediante 10 por cento *ad valorem*, e os mergulhadores, alem do seu ordenado, tiveram 100 libras de gratificação, pela pericia com que executaram este trabalho.

Os unicos artigos salvados alem dos aprestes do vapor são: 6 caixas, 2 encapados, 2 barris, 1 cesto, uma lata e 1 peça de lona.

Na maré da manhã de ante-hontem foram tiradas mais tres barcadas de diversas fazendas, e prosegue-se com affan no salvamento de mais algumas.

O navio conserva-se no mesmo estado, impossibilitando a entrada ou saida a navios de maior lotação, em vista do que o governo ordenou ao sr. intendente da marinha para que o casco seja desfeito por meio da dynamite.»

Noticias estrangeiras. — As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 25 — A propaganda anti-prussiana feita pelo «Cuartel Real», orgão do partido de D. Carlos, tem-lhe grangeado grande numero de assignaturas nos departamentos limitrophes de Hespanha.

Segundo informa a «Politica» alguns influentes politicos tratam de constituir uma situação forte para vencer o carlismo.

A sessão da Tertulia radical, terminou dando vivas á republica.

Paris 25 — A «Gazeta da Allemanha do Norte», nega que a Prussia pense na annexação da Dinamarca.

Paris 25 — A Turquia vae enviar a fragata «Umetevendginar», de 50 canhões, para as aguas de Hespanha, com o fim de proteger os seus subditos.

Mac-Mahon presidiu ao conselho de hoje e voltará esta tarde para o Loiret, onde vae caçar.

Roma 25 — O rei assignou hontem em Turim o decreto da dissolução da camara, o qual só será publicado no regresso do Manghetti.

Kiel 25 — Fez hontem a experiencia de um novo steamar com um salão destinado a neutralisar completamente os balanços do mar. O resultado foi excellente.

Paris 25 — Mr. Thiers tem sido recebido com as mais enthusiasticas demonstrações de sympathia. Perto de Grenoble um maire depois de lhe dirigir os primeiros cumprimentos, chamou-lhe «Homem illustre, que mesmo ao tratar da libertação do territorio empregou todos os esforços para instituir a republica em França.»

Cessou completamente nos circulos bonapartistas o boato ácerca da ida de Bazaine para Madrid.

S. Petersburgo 23 — A rebellião em Kho-Kan é sustentada pelos Kirgis, povos montanhezes do norte.

A situação do Kan considerava-se desesperada. A Persia comprou á Prussia 6:000 espingardas Chassepot, as quaes seguiram o seu destino, atravessando a Russia.

Madrid, 26 — Os dois chefes carlistas Cucala, pae e filho, acossados pelas tropas liberaes, penetraram na provincia de Alicante. Os bandos commandados por Luzano, fugindo da provincia de Murcia, entraram na de Jaen, perseguidos muito de perto. Caiu prisioneiro o chefe carlista Berga; os 1:400 homens do seu commando fogem dispersos. Os carlistas queimaram mais duas estações do caminho de ferro de Murcia. A *Epoca* crê que Chandordy, ministro de França junto do governo hespanhol, achará em Madrid sympathia como os outros embaixadores.

ANNUNCIOS

1 A. R. ANDRADE abre a sua aula de latim e portuguez (cursos completos) a 19 de Outubro, podendo as matriculas começar no 1.º do mez. Continuará leccionando as mesmas disciplinas em casas particulares. Não se responsabilisa por discipulos, cuja frequencia não fôr assidua. Travessa de S. Christovão, n.º 10.

2 JOSE' EDUARDO FERREIRA DE CARVALHO continua a habilitar alumnos para os exames de instrucção primaria, portuguez e francez, tanto em sua casa, travessa da rua do Norte, n.º 18, como em casas particulares.

Egualmente recebe estudantes dando comida e casa por preços commodos.

PIANO

3 VENDE-SE por preço muito diminuto, um bom piano de 6 oitavas e meia, de boas vozes e em perfeito estado. Egualmente vende-se um cravo proprio para principiante, na Couraça de Lisboa, n.º 67.

Curso de latim (1.ª e 2.ª parte) e de francez

4 O PRESBYTERO José Maria Cardoso de Figueiredo, abre no dia 12 de Outubro as suas aulas de latim e de francez.

Couraça dos Apostolos, 49.

COMPANHIA LISBONENSE DE TABACOS

Fabrica de Tabacos em Santa Apolonia

LISBOA

5 ATTENDENDO ás repetidas imitações que differentes fabricas de tabacos de Lisboa e Porto têem feito dos nossos rotulos e emparelos, especialmente no rapé e folha picada, rogamos por isso a todos os nossos consumidores que hajam sempre de examinar escrupulosamente os rotulos dos tabacos que adquirirem, a fim de não serem illudidos, e poderem sempre apreciar a boa qualidade dos seus generos.

Cães damnados

6 NO DIA 27 do corrente mez damnaram-se em Eiras dois cães, que morderam muitos, e alguns porcos. Um dos cães foi morto á Ponte do Pão, e o outro em Eiras. As pessoas sensatas mandaram matar os que lhes pertenciam, que se achavam mordidos. Toda a povoação está em grande perigo, se as auctoridades a quem compete não derem as providencias que a boa razão aconselha em taes crises.

Os habitantes de Coimbra previnam-se, porque só aqui em Eiras ha mais de 100 cães. E' tal a mania, que muitos pobres que não tem o pão quotidiano, tem o seu cão para sustentar á custa da caridade publica!!!

Eiras 29 de Setembro de 1874.

EDITAL

A Camara Municipal do concelho da Louzã

Faz publico, que no dia 11 do proximo mez de Outubro, pelas 10 horas da manhã, nos paços deste concelho, terá logar a venda em praça publica, de arrematação, de 2:000 pinheiros, á escolha em desbaste, nas mattas do Furcado e Alveite, da freguezia de Serpins; da alimpa dos pinheiros, que della carecerem, nas mesmas mattas; e de differentes pequenas porções de pinheiros em varios pontos dos Baldios deste concelho. As condições para esta arrematação acham-se patentes na secretaria desta camara, onde podem ser examinadas pelas pessoas a quem interessar.

Louzã, Secretaria da Camara Municipal, 15 de Setembro de 1874.

O escrivão,
Adelino Correia da Costa.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

7 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

Leccionista de Pharmacia

8 A. C. CRUZ—Rua do Infante D. Augusto, n.º 7.

9 NUNO CAETANO DE MATTOS FERRÃO vende a prazo, ou dinheiro de contado, os bens que possue nos limites de Monte Mór, Formozelha e Carapinheira. Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante até 15 de Outubro proximo, o qual nos dias 16 e 17 se achará em Monte Mór, para vender definitivamente. Louzã 21 de Setembro de 1874.

10 PADRE JOÃO DO AMARAL LEITÃO, abre as suas aulas de Francez e Latim a 12 de Outubro, na rua dos Grillos, n.º 20.

LECCIONAÇÃO

11 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar, na rua da Trindade, n.º 17, instrucção primaria, francez, e desenhos; assim como habilita para o magisterio de instrucção primaria.

12 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Coimbra, manda annunciar que está aberto concurso por espaço de 15 dias, a contar da data deste annuncio, para os concorrentes, que pretenderem contractar com a mesma camara um emprestimo de 10:000$000 rs., destinado ao alteamento e alargamento do largo da Portagem, apresentarem nesta secretaria propostas em carta fechada.

Os juros deste emprestimo não serão excedentes a 7 por cento, e a amortisação será de 5 por cento ao anno, a cujo pagamento é hypothecado o imposto de 15 rs. em cada litro de petroleo, e de 5 rs. em cada litro de azeite d'oliveira.

No primeiro dia em que a camara se reunir em vereação ordinaria, depois d'aquelle em que findar o concurso, abrir-se-hão todas as propostas, e depois de lidas publicamente, a camara resolverá qual merece preferencia.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 29 de Setembro de 1874.

O escrivão da Camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.



ESTABELECIMENTO DE ALFAIATE

Rua do Infante D. Augusto, n.º 8 e 10

13 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO, premiado na exposição de Vienna d'Austria e na districtal de Coimbra, com a medalha de prata, participa aos seus freguezes e amigos, que alem do bom e variado sortimento de fazendas que costuma ter, acaba de receber grande sortimento de fazendas proprias para inverno; assim como pannos nacionaes e estrangeiros, para casacos e batinas, sendo os seus preços os mais diminutos possivel, como costuma.



14 ARRENDA-SE do proximo Natal por diante, na rua do Visconde da Luz, e por baixo do Banco Commercial de Coimbra, uma grande loja com tres portas de frente, n.º 96, 98 e 100; tem duas janellas rasgadas para a frente opposta; com a obrigação de se lhe annexar, do proximo S. João por diante, o primeiro andar, que comprehende seis casas, e com serventia ou escada particular da loja para o referido primeiro andar. Tracta-se com o proprietario Francisco de Sousa Araujo.

Collegio de Nossa Senhora da Conceição, de Coimbra.

15 NO PRIMEIRO do proximo Outubro, abrem-se as aulas deste collegio. De 20 a 30 do corrente Setembro, podem procurar no mesmo collegio o director para serem admittidos.

Não se admittem alumnos que tenham mais de 16 annos de edade.

Responsabilisa-se por sua educação moral, civil, religiosa e literaria, o director
Francisco Mendes Pinheiro.

ATTENÇÃO

16 PRETENDE-SE para uma botica, um praticante de pharmacia, de tres a quatro annos de pratica. A quem convier dirija-se ao fundo da rua do Corpo de Deus, n.º 5—2.º andar.

AO PUBLICO

17 MIGUEL DE BARROS CONTERAS, suspendeu em Coimbra a venda dos bens de sua mãe, D. Theresa do Carmo Contreras, da villa de Loulé, por lhe constar o fallecimento da dita sua mãe, e por cujo motivo se ausentou para Loulé em 26 de Setembro corrente.

18 PRECISA-SE de um rapaz com alguma pratica de mercearia, quasi a ganha ordenado. Rua dos Sapateiros, 12 a 14.

19 NA RUA DOS LOIOS, n.º 2, se vendem batinas novas, por preços commodos.

20 VENDE-SE vinho velho da melhor qualidade, por grosso e ao meudo, no armazem do Manhola, no largo do Mendonça. Quem o quizer vá ou mande para ver se é verdade. Os preços por almude, branco, quasi como o do Porto, 1$800, meio 900 e quartão 450, e tinto da mesma qualidade, o mesmo preço; de Ançã o mais superior e muito fino 1$360, meio 680 e quartão 340; e mais baixo 1$200, meio 600 e quartão 300, e ao quartilho a 40, 30 e 25.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Barca=ADMIRAVEL=em 24 de Outubro.

Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**
Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Attenção

22 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

CASAS

23 HA DUAS que se arrendam para familias, ao pé de Santo Antoninho, (na ladeira). Tracta-se no mesmo local, com o proprietario José Matheus.

24 SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de *Saude*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Nenhuma enfermidade resiste á deliciosa *Revalescière* que cura as indigestões (despepsias), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a de S.S. o Papa, do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Mr. Livingstone, celebre explorador da Africa central, no seu relatorio que fez á Sociedade Real Geographica de Londres sobre a sua viagem diz:

«Os habitantes da provincia d'Angola parecem gozar uma grande felicidade, elles não precisam nem medicos nem purgantes, o seu principal alimento sendo a *Revalescière* que Du Barry trouxe em Europa, vêem-se isentos das molestias, e a phtysica pulmonar, escrophulas, empingens, cancer, febres, difficuldade de evacuar, diarrhea, etc., etc., são molestias completamente desconhecidas, como tambem desconhecem as bexigas, e sarampo, etc.»

Certificado do Dr. Manoel Saens de Tejada, doutor da faculdade Medica e Cirurgica, lente da universidade livre de Cordova, medico em proprio e do caminho de ferro de Merida a Sevilha, etc.

Certifico: que com o uso da *Revalescière*, obtive na minha clinica varias curas em molestias gravissimas em alguns clientes residentes nesta cidade, lembrando-me o de D. Filippe Zappina empregado publico, hoje administrador da alfandega de Manila nas ilhas Filippinas, a de D. Amelia Gomes, casada com um chefe do exercito, a qual continua a melhorar com o seu uso; de D. Ramon Alonzo, rapaz de vinte annos que soffria havia alguns mezes de uma molestia de peito de muita gravidade. E para fazer constar em toda a parte, a assigno em Cordova em 13 de Outubro de 1874.

DOUTOR MANOEL SAENS DE TEJADA.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada:** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto, L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A.J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm. Casa Vermelha, A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2837 — SABBADO 3 DE OUTUBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

SANTA CRUZ DE COIMBRA

Os monumentos tão altamente veneraveis e patrioticos não podem reputar-se estereis para as nações que os possuem. Não são um pregão vanglorioso de memorias passadas, são um excitante moral de virtudes civicas e amor da patria. Assim considerados são elles dignos da mais seria attenção dos legisladores e dos governos: em todos os tempos se esmeravam os povos os mais illustrados em mantel-os e conserval-os, até que enfraquecidos seus brios e relaxados os vinculos moraes da sociedade, esses monumentos deixaram de merecer o seu culto e cairam em ruina, quando cairam tambem em ruina os povos cujas glorias attestavam.

(MOUSINHO DE ALBUQUERQUE)

A extincção das ordens religiosas fez dar diversos destinos aos edificios por ellas occupados. Alguns tem sido conservados pelas corporações a quem foram entregues, ou individuos particulares a quem foram vendidos. Outros, porem, tem sido vergonhosamente destruidos, ou se acham em deploravel estado.

Entre esses edificios ha alguns que devem, por todos os titulos, ser considerados como monumentos nacionaes; e por isso pertence ao estado cuidar dos seus reparos, afim de que se conservem essas recordações do nosso passado glorioso.

Uma nação que desprezasse e abandonasse á sua sorte esses edificios celebres, tanto pela sua belleza artistica, como pelos factos que commemoram, chamaria sobre si o desprezo de todos os povos cultos.

O templo magestoso de Santa Cruz desta cidade, é um daquelles que tem direito a toda a protecção dos governos portuguezes. O estarem nelle depositados os restos mortaes do fundador da monarchia e de seu filho D. Sancho I; e a elegancia da sua construcção, devida ao monarcha venturoso, chamam necessariamente para este templo, a attenção de todos os amigos das nossas recordações historicas.

A rica ordem dos conegos regrantes tinha a seu cuidado este magnifico edificio; porem depois de 1834 soffreu por muito tempo a egreja de Santa Cruz, e o resto do convento, as deploraveis consequencias da incuria da administração publica, e até o repugnante vandalismo de individuos, indignos de viverem em um paiz civilisado.

Já não fallamos no furto de muitos e preciosos livros da rica bibliotheca do convento; da destruição ou desapparecimento de muitos objectos de grande valor artistico, ou intrinseco, existentes, quer no santuario, quer em muitas capellas e outras partes do edificio; referimo-nos mais especialmente á damnificação da egreja, tanto externa, como internamente.

Este estado deploravel, e o clamor dos habitantes de Coimbra, a quem doia ver tão cruel abandono, levaram o sr. deputado José de Moraes Pinto de Almeida a apresentar na sessão de 24 de Janeiro de 1861 um projecto de lei, para que todos os annos fosse destinada a quantia de 1:500$000 rs. á conservação e reparos desta egreja monumental.

Logo que em Coimbra constou a apresentação do projecto, dirigiu a junta de parochia de Santa Cruz uma representação á camara dos deputados, pedindo com instancia que elle fosse approvado.

Foi o projecto remettido ás duas commissões de obras publicas e de fazenda, e ambas foram de unanime parecer na sua approvação; limitando, porem, a verba annual a 600$000 rs., attento o estado da fazenda publica.

Na sessão de 15 de Março seguinte foram apresentados na camara os pareceres das duas commissões. A de obras publicas exprimia-se assim:

«A egreja de Santa Cruz de Coimbra é um dos mais bellos monumentos historicos e architectonicos de Portugal. E' dever das novas gerações conservar convenientemente as recordações gloriosas de seus maiores, perpetuadas em monumentos tão apreciaveis como este, cuja restauração e conservação fazem objecto da proposta que submettestes ao nosso exame. As ideias moraes de patriotismo, avivado pela recordação de glorias herdadas e do amor da arte nacional, consignada nos monumentos architectonicos, não são menos fecundas para conservar o amor da independencia das nações, do que os melhoramentos que têem por fim os commodos materiaes da sociedade.»

O projecto foi posto á discussão; e tão manifesta era a justiça delle, que nem um só deputado pediu a palavra contra, sendo immediata e unanimemente approvado.

Passou em seguida para a camara dos pares, e ahi na sessão de 20 de Março, foi apresentado o parecer da respectiva commissão, a qual dizia em abono do projecto:

«A commissão, reconhecendo quanto são insufficientes os meios destinados para a conservação dos monumentos historicos, e acatando as gloriosas recordações a que está ligado aquelle templo, é de parecer que o referido projecto seja approvado para subir á sancção real.»

Sendo posto á discussão o projecto, foi logo approvado por unanimidade; e como consequencia publicou-se a seguinte carta de lei:

Dom Pedro, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º—E' o governo auctorisado a despender annualmente na restauração e conservação do monumento nacional da egreja de Santa Cruz de Coimbra a quantia de 600$000 reis.

§ 1.º—As obras começarão pela frontaria do edificio da egreja.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCXXXXIX

RODRIGO PINTO PISARRO

VII

Vendo-se Pinto Pisarro ameaçado por D. Pedro de ser preso e processado por haver publicado a *Norma das Regencias*; deixou de ter deferencia alguma, e proseguiu nas suas publicações, cada vez com mais energia.

Na data de 6 de Maio de 1832, fez imprimir em Paris, na imprensa de Henri Dupuy, a *Comparação do paragrapho 14 do Manifesto de 2 de Fevereiro com o decreto de tres de Março de 1832*.

N'essa publicação dá Pinto Pisarro umas vezes ao decreto a data de 3 de Março, e outras de 13. A verdadeira data é, porém, de 3.

Eis ahi o que diz Pinto Pisarro:

A censura, quando recáe sobre actos publicos, é menos prejudicial aos governos, que a lisonjeira approvação do cortesão sem discernimento.

Na situação especial em que me collocou o *anathema* lançado contra mim no dia 6 de Janeiro proximo passado, tudo quanto eu disser, ou escrever, em desharmonia com os actos publicos, ou factos praticados pelos secretarios de S. M. I., o pae, e tutor da senhora D. Maria II, ha de ser interpretado por um enxame de parasitos (a), que, não tendo principios seus, vivem sempre de opiniões, e pão alheio, como effeito d'um resentimento particular; como azedume d'um coração ferido. Enganam-se. Em politica, como em amor, automatos servis, como elles, não têem alma capaz de avaliar, nem o fanatismo das opiniões, nem os delirios do coração.

E' crença, e nenhum outro sentimento, na theoria dos governos representativos; é fanatismo por essa Carta Constitucional, cuja confissão me custou já, em minha patria, tudo; e no desterro, perseguição mesquinha, e despeitosa de myrmidões *sem patria, e sem fé politica*, quem me impelle ainda hoje a ponderar as expressões do decreto de 13 de Março, que dissolve o *panthéon* da junta consultiva do extincto governo da Terceira.

Entre os termos, e alcance deste decreto (b), e as palavras, *muito ardilosas já*, do manifesto de 2 de Fevereiro, ha, no meu conceito, differença notavel; ha progresso no atropellamento da Carta Constitucional.

Os termos d'aquelle paragrapho, analysados já pelo sr. J. L. F. de Carvalho, e pelos redactores do *Portuguez Constitucional* em Londres, não attribuem ao senhor D. Pedro d'Alcantara um direito absoluto á regencia de Portugal: bem pelo contrario; este principe reconhecendo a sua incapacidade politica para aquelle eminente encargo, *appella para a deliberação das côrtes*, etc. O decreto mira mais alto: transforma em direito positivo, e absoluto, o que era no manifesto incerto e duvidoso; e invoca o artigo 92 da Carta para sancionar a infracção mais palpitante do mesmo artigo, e da mesma Carta!

No manifesto disse o augusto pae, e tutor da senhora D. Maria II: — «Depois de agradecer nas ilhas dos Açores aos individuos que compozeram a regencia (que nomeei por estar ausente) o patriotismo com que desempenharam em circumstancias tão difficultosas o seu encargo, *reassumirei* (pelos motivos que ficam ponderados) a auctoridade, *que na mesma regencia se achava depositada*, a qual conservarei, até que estabelecido em Portugal o governo legitimo de minha augusta filha, deliberem as côrtes geraes da nação portugueza (a cuja convocação immediatamente mandarei proceder) se convém, que eu continue no exercicio dos direitos, que se acham designados no artigo 92 da Carta Constitucional; e resolvida que seja esta questão *affirmativamente*, prestarei o juramento exigido pela mesma Carta para o exercicio da regencia permanente.»—Deste *reassumir* resulta, e é claro, que S. M. I. não *reassumiu*, senão a *protutoria* que no governo da Terceira se achava depositada. Mas essa *protutoria* fluctuante e dis-

(a) Quando lord Byron chamou aos portuguezes «Homens os mais servis de entre os servis» já tinha diante dos olhos, algumas scenas de baixeza que enferretam a emigração...

(b) Este *senatus-consulto* é referendado pelo marquez de Palmella, como era de esperar do seu experimentado affecto ao governo representativo, e da sua inexgotavel condescendencia....

§ 2.º—Concluida a restauração do monumento, o governo despenderá annualmente a parte da quantia acima mencionada que fôr necessario para a sua conservação.

Art. 2.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da presente lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço das Necessidades, aos 30 de Março de 1861.—EL-REI, com rubrica e guarda.—*Thiago Augusto Velloso de Horta.*»

Tem desde então decorrido mais de 13 annos, durante os quaes, segundo esta lei, se deviam ter applicado na conservação e restauração da egreja de Santa Cruz, pelo menos 7:800$000 rs.; mas como quasi sempre entre nós as leis costumam ser letra morta, apenas se tem nesses 13 annos concertado o orgão e os telhados da egreja, com o que se tem empregado pouco mais da quarta parte daquella quantia.

Em 3 de Novembro de 1871, a junta de parochia da freguezia, dirigiu ao governo uma representação, na qual expunha, que o tempo que nada respeita, e egualmente a falta de previdente zelo, tinham feito que os retabulos, ornatos e dourados internos do soberbo templo de Santa Cruz, estivessem em circumstancias de causar vergonha a todos, e de ameaçar ruina immediata, se mão protectora não viesse em breve amparal-os na sua queda; acrescendo que o muito que depois seria necessario despender para o seu restabelecimento, difficultaria, se não obstaria, á sua reforma; e assim iria desapparecendo um monumento ao qual estão ligadas tão gloriosas tradicções. E finalmente concluia a junta dizendo, que não seria demasiadamente grande a despeza a fazer com estes reparos indispensaveis.

Saiba-se, porem, que tão justa representação, a qual de mais a mais não era senão o pedido da execução da carta de lei de 30 de Março de 1861, ficou sem nenhum seguimento nas secretarias de estado.

Decorreu mais de um anno, sem resultado nenhum, até que o zeloso prior da freguezia o sr. Figueiredo Nogueira, conseguiu em Dezembro de 1872, que o digno deputado por este circulo, o sr. conselheiro Joaquim Gonçalves Mamede, se interessasse por este objecto; e com effeito á sua solicitude se deve o vir em Janeiro de 1873 um officio do ministerio das obras publicas á respectiva repartição desta cidade, a fim de se proceder ao orçamento dos melhoramentos e reformas que se pediam para o interior da egreja de Santa Cruz.

Consta-nos, que effectivamente se fizera o referido orçamento; mas novamente lá foi tudo ficar sepultado e esquecido ha mais de anno e meio em Lisboa.

Expomos singelamente estes factos, esperando que o sr. ministro das obras publicas, conhecedor, como de certo é, do elevado merecimento artistico e historico da egreja de Santa Cruz de Coimbra, faça tudo o que poder em seu beneficio.

Se as tendencias do seculo actual levam os governos e os povos de preferencia para desenvolver os melhoramentos materiaes; se já hoje não temos um D. João I para elevar esse maravilhoso monumento de Santa Maria da Victoria da Batalha; se não existe um D. Manoel para fazer construir uma egreja dos Jeronymos de Belem e um templo de Santa Cruz de Coimbra; ao menos tratemos cuidadosamente de conservar o que ainda nos resta das nossas glorias passadas.

Procedamos de maneira, que os viajantes estrangeiros que com frequencia vem a Coimbra, e visitam desde logo o templo de Santa Cruz, não possam dizer indignados, ao ver as ruinas vergonhosas da frontaria daquelle bello edificio, e o estado deploravel em que se acha o seu interior, que no seculo XIX encontraram na Europa um paiz de barbaros!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Falleceu hoje nesta cidade o sr. Dr. Francisco Fernandes Costa, distincto lente de prima jubilado da Faculdade de Medicina.

Tinha 72 annos de edade, pois havia nascido em Guimarães no dia 6 de Junho de 1802, sendo seu pae o sr. José Fernandes de Oliveira.

Veiu para Coimbra ser educado em casa de seu tio o sr. Manoel Fernandes Costa, negociante de pannos ao fundo da rua do Coruche.

Seguindo os estudos da Universidade na faculdade de Medicina, doutorou-se no dia 31 de Julho de 1835, e foi despachado substituto da mesma faculdade no dia 4 de Maio de 1838.

Pertencia ao partido progressista, e nessa qualidade obteve a maioria de votos para eleitor de provincia, pelas freguezias de S. João de Santa Cruz, S. Thiago, S. Christovão, e Santa Justa, desta cidade, em opposição ao partido cartista, na eleição que teve logar no dia 17 de Julho de 1836.

Foi eleito deputado em 1838, e novamente foi eleito em 1861.

Em 19 de Fevereiro de 1847 foi preso nesta cidade, e remettido para a Figueira e Buarcos, e depois a bordo do vapor *Terceira* para Lisboa. Dos muitos membros do partido progressista, que nesse dia sairam presos desta cidade, já hoje não ficam existindo em Coimbra senão os srs. Dr. Raymundo Venancio Rodrigues e João Ignacio de Sousa, e o auctor desta ligeira commemoração, Joaquim Martins de Carvalho.

Foi por varias vezes eleito vereador da camara municipal desta cidade; sendo em Agosto de 1862, nomeado presidente da commissão municipal, creada em resultado da dissolução da camara.

O sr. Fernandes Costa era muito entendido e apaixonado pela agricultura; fez parte da sociedade agricola deste districto, mandada crear pelo decreto de 16 de Dezembro de 1852; e serviu em muitas commissões de interesse publico, organisadas nesta cidade. Foi o principal redactor em 1851 dos estatutos do Monte Pio Conimbricense, assim como em 1854 do regimento da mesma sociedade. Egualmente foi um dos membros da junta administrativa das obras do Mondego.

Incumbiu-se o sr. Dr. Fernandes Costa de compôr uma nova pharmacopeia, o que lhe valeu merecidos louvores do governo; e no principio do anno lectivo de 1867 a 1868 apresentou este illustrado professor á Faculdade de Medicina o volumoso manuscripto, contendo a pharmacopeia, ou codigo pharmaceutico.

A brevidade com que temos de escrever estas linhas, e a absoluta falta de espaço, impede-nos de ser mais extenso.

Terminamos dando os sentimentos á sua familia pela perda que acaba de soffrer.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Joaquim Antonio de Aguiar.—Recebemos hontem de Madrid o *Imparcial* de 23 de Setembro ultimo, onde vem publicada uma interessante biographia do sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar, com a assignatura *Viriato*, pseudonymo do nosso estimavel amigo o sr. D. Benigno Joaquim Martinez.

Termina o sr. D. Benigno as suas noticias biographicas pelo seguinte modo:

«Temos dilatado alguns dias a publicação destas noticias, aguardando que se imprimisse a biographia, que parece tenciona dar á luz o sr. João Carlos de Almeida Carvalho. Não havendo, porem, chegado ainda ás nossas mãos o dito trabalho, terminamos este, suspendido sem mais fim que o de dar a conhecer em Hespanha, com mais esclarecimentos, o chorado estadista lusitano, prestando merecida homenagem de admiração e de respeito aos importantes serviços de um bom liberal, tão entendido, como benemerito.

«Lisonjear a vaidade dos vivos e dos compatriotas é trivial; porem honrar a memoria dos mortos e dos extranhos, fazendo publicar suas qualidades eminentes e seu caracter honesto, é um dever sagrado que cumpre com orgulho e em justo apreço das virtudes de Joaquim Antonio de Aguiar, deste patriarcha da liberdade e honra da peninsula iberica, seu constante admirador—*Viriato.*»

Diz o sr. D. Benigno, que o sr. Joaquim Antonio de Aguiar foi *deputado ás côrtes desde 1820 em quasi todas as legislaturas, até que foi nomeado par do reino.*

Nisto ha equivoco, porque o sr. Aguiar não foi eleito deputado nem nas côrtes extraordinarias de 1820, nem nas ordinarias de 1822. A primeira vez que saiu eleito foi em 1826 pela provincia da Beira.

E' verdade que o sr. Aguiar se propoz a deputado nas eleições de 1822; mas não venceu a eleição. A sua candidatura parece não ter sido do agrado do governo; e até deu logar á notavel portaria e protesto contra ella, que em seguida publicamos:

«Manda el-rei pela secretaria de estado dos negocios da justiça, que o juiz de fóra da cidade de Coimbra informe logo sobre o facto escandaloso attribuido a Joaquim Antonio de Aguiar, oppositor em Leis, e Antonio Joaquim Barjona, oppositor em Medicina, accusados de andarem pedindo votos, praticando subornos, e violentando com fantasticas promessas a liberdade dos povos no exercicio do seu direito de votação: e espera sua magestade que o referido magistrado empregue todos os meios para bem verificar a verdade ou falsidade de uma accusação de similhante natureza.— Palacio de Queluz, em 7 de Setembro de 1822. —*José da Silva Carvalho.*»

PROTESTO

«Liberaes por convicção, e pelo mais decidido amor do bem da patria, nós patenteámos sempre um verdadeiro espirito de independencia, que muito nos fez soffrer no tempo do extincto governo: espirito, que geralmente agrada e é reputado como um dos primeiros dotes de um povo, que deseja ser livre. Não admira por tanto que nas presentes eleições tivessemos grande numero de votos no districto da nossa naturalidade, onde somos conhecidos.

Seja-nos permittido fallar com tanta ingenuidade, quando tratamos da nossa defeza, obrigados a combater procedimentos, que nos ultrajam. Mas este mesmo caracter não póde por modo algum satisfazer aos que são movidos por facções, nem ainda áquelles, que mais zelosos de seus interesses particulares, que animados de um patriotismo bem entendido, só querem ver-se deputados a si proprios, ou a seus patronos e amigos. Eis a origem da intriga, que sendo ordinaria em taes occasiões, se ateou vivamente contra nós; eis a origem sem duvida da calumniosa accusação, que se nos preparou, e em que se funda a portaria inserta no n.º 212 do *Diario do Governo*.

Não sendo para estranhar tão cavilosa manifestação, é comtudo digno de grande reparo o procedimento do ministro da justiça, tal qual se patenteia pela mencionada portaria.

Como se combina com os verdadeiros principios constitucionaes, que juràmos, uma informação occulta, sem audiencia dos calumniados, sem declaração circumstanciada da accusação e nome do accusador? Seria por ventura anonyma a falsa imputação, a que se mostra dar tamanha importancia? Reputaria acaso o ministro desnecessaria a nossa audiencia, por considerar a informação só como base de procedimentos ulteriores? Mas neste caso a quem deixará de espantar o excessivo zelo em fazer publica uma portaria sobre factos tão melindrosos, aos quaes por isso cumpria não dar publicidade sem a devida averiguação? Quem ignora a força de semelhantes armas, manejadas por pessoas inimigas? Quem nos é responsavel pela quebra da nossa reputação no conceito dos que nos não conhecem? Que fructo pretenderia colher-se de tão prematura publicação?

Não é difficil atinar. Porem conheça o publico, para com o qual nos responsabilisaram, a tranquillidade da nossa consciencia, e faça á vista do exposto, e do que póde deduzir, o juizo que entender, em quanto não é possivel levar a ultima evidencia a trama que nos urdiram; o que protestamos fazer se el-rei deferir o requerimento, que lhe dirigimos, apenas nos constou a referida portaria. E para melhor desempenho do nosso protesto convidamos o accusador, e a mão occulta, de que é instrumento, a manifestar-se com a franqueza, com que promettemos convencel-o.

Fallamos á sombra de uma constituição, que protege os nossos direitos, com aquella liberdade, com que fallariamos em um governo menos livre; porque nunca em nós prevaleceram o medo e as contemplações ao amor do nosso bom nome e da verdade.

Coimbra 13 de Setembro de 1822.

Joaquim Antonio d'Aguiar
Antonio Joaquim Barjona.

Claustro.—Depois de celebrada a missa solemne do Espirito Santo na real capella da Universidade, e de satisfeito o juramento do corpo docente na forma dos Estatutos, reuniu-se em claustro pleno a corporação dos professores para ouvir uma participação, convidando a Universidade de Coimbra para assistir ás festas da inauguração de uma nova universidade, que vai abrir-se na Croacia, imperio de Austria, no dia 19 do corrente.

Foi recebido com viva satisfação tão honroso convite, e suscitou-se alguma discussão sobre o modo de responder a este acto de cortezia academica. Ponderadas as difficuldades de enviar uma deputação, que representasse dignamente a Universidade de Coimbra naquella festa litteraria da Austria, resolveu-se que o reitor e conselho de decanos respondessem em termos convenientes, em nome da corporação universitaria, ao attencioso convite dos seus collegas austriacos.

Parece-nos acertada esta resolução, porque a estreiteza do tempo e as difficuldades e incertezas de viagem nos caminhos de ferro hespanhoes, não permittiam a prompta e segura expedição dos representantes da Universidade de Coimbra. Accresce a isto a falta que os professores escolhidos para essa commissão fariam ao ensino, a concessão da licença do governo, e as despezas onerosas que tal viagem necessariamente deviam exigir.

Em todo o caso consignamos com verdadeiro jubilo este acontecimento, que é altamente honroso para a nossa Universidade, e que attesta a consideração e estima, que merece nos paizes estrangeiros e nos mais cultos e civilisados o primeiro estabelecimento litterario de Portugal.

Festividade. — A'manhã, domingo, por ser dia de S. Francisco d'Assis, haverá pelas 9 horas missa cantada na egreja do Carmo, pertencente á Veneravel Ordem Terceira da Penitencia; pregando o sr. secretario do exm.º arcebispo de Goa.

Lausperenne—Fica transferido para o domingo, 11 do corrente, o *Lausperenne* na egreja de S. João d'Almedina.

Melões de Coimbra.—No mercado e pelas ruas do Porto vendem-se com grande credito os melões de Coimbra. São pequenos, comparados com os que se produzem no Minho e margens do Douro, mas são geralmente mais saborosos e odoriferos. Os lavradores dos campos do Mondego devem esmerar-se em apurar as variedades deste bello fructo, porque têem venda certa e lucrativa na segunda cidade do reino.

A laranja.—Parece averiguado, que a primeira laranjeira que se plantou em Portugal, foi trazida da China por D. Francisco Mascarenhas, em 1635, que a cultivou com todo o cuidado no seu jardim de Xabregas. Foi esta preciosa planta a origem de uma grande riqueza agricola de Portugal. Ainda hoje pelas ruas de Lisboa se apregoa á venda a laranja da China.

Novas publicações.— Temos nestes ultimos dias sido obsequiados com as seguintes publicações:

Padre Augusto Antonio Teixeira — Oração funebre proferida na egreja de S. Nicolau de Lisboa, nas solemnes exequias do eminente estadista Joaquim Antonio de Aguiar. Mandada imprimir pela commissão que as promoveu. — Lisboa, typographia Universal, 1874.

Romances Nacionaes — O terremoto de Lisboa, romance historico por M. Pinheiro Chagas — Lisboa, livraria editora de Mattos Moreira & C.ª — praça de D. Pedro, 68 — 1874.

Flores romanticas — D. Enrique Perez Escrich — As obras de Misericordia, versão de J. B. Mattos Moreira, illustrações de Raphael Bordalo Pinheiro—Volume I—Lisboa, livraria editora de Mattos Moreira & C.ª— praça de D. Pedro, 68—1874.

Bibliotheca Contemporanea—Fernandez y Gonzalez — O conde-duque de Olivares (memorias do tempo de Filippe IV) traducção de Candido de Magalhães, illustrado por Manoel de Macedo—II — Lisboa, officina typographica de J. A. de Mattos, rua Nova do Almada, 36—1874.

Castilho — Theatro de Shakespeare — 1.ª Tentativa—Sonho de uma noite de S. João—Drama em 5 actos e em verso — 1.ª caderneta— Porto, livraria internacional de Ernesto Chardron, e typographia Internacional de Bartholomeu Henrique de Moraes—1874.

Versos de Francisco Gomes de Amorim, socio da Academia Real das Sciencias—Contos matutinos—Terceira edição — 1.ª caderneta—Porto, livraria Internacional de Ernesto Chardron, e typographia da livraria Internacional de Bartholomeu Henrique de Moraes—1874.

Agradecemos penhorados os exemplares que nos foram remettidos.

O exercicio de divisão.—Lê-se no *Jornal do Commercio* de Lisboa, do dia 1 do corrente o seguinte:

«Despertou geral interesse o exercicio de divisão que se realisou hoje nos suburbios do Lumiar.

Uma grande parte da população da capital, considerando de festa o dia, desamparou completamente os seus negocios para assistir ás evoluções militares que se desenvolveram desde a Costa da Luz até ao sitio chamado da Povoa.

Na supposição, segundo parece, da capital estar prevenida e guarnecida contra um exercito que marcha sobre ella, e ainda tambem na supposição de poder destacar das linhas uma divisão para reconhecer e atacar as tropas inimigas que marcham sobre a cidade, pelo valle de Bemfica, é que nos parece ter sido feito o plano das operações que observámos.

A primeira brigada composta pelo batalhão de caçadores n.º 2, regimentos de infanteria n.ºs 5 e 16, duas baterias de artilheria Krupp e o regimento de cavallaria n.º 4, occupou a Costa da Luz.

A segunda brigada formada pelo batalhão de caçadores n.º 5, regimentos de infanteria n.ºs 1, 2 e 7, outras duas baterias de artilheria Krupp e o regimento de lanceiros n.º 2, tomou posição ás diversas alturas da Ameixoeira, destacando logo duas peças de artilheria e tres companhias de caçadores para os moinhos de Odivellas.

Em quanto se tomavam estas disposições, algumas companhias de infanteria n.º 2, commandadas pelo major e apoiadas por meia bateria de artilheria, foram occupar o alto do *Chapelleiro*, e na baixa, a maior parte do batalhão de caçadores n.º 5 e todo o regimento de infanteria n.º 7 com duas peças, tomaram posições no casal do *Senhor Roubado*. Um pouco á rectaguarda desta força, estabeleceram-se as ambulancias de saude.

Supponde que é pelo desfiladeiro do Lumiar que o inimigo intenta dirigir-se principalmente sobre as linhas de Lisboa, todo o regimento de infanteria n.º 1, o de lanceiros n.º 2 e uma bateria de artilheria de montanha foram guarnecer a ribeira de Friellas.

A chegada de el-rei o sr. D. Luiz ao alto de Alcoutins, o mais superior de todos, serviu como de signal para principiar a lucta. Começou a troar a artilheria nas alturas, e a primeira brigada dispoz-se a atacar os moinhos das Carreiras, na supposição de já alli ter chegado o inimigo. Durou por bastante tempo o fogo da artilheria collocada nos altos do Chapelleiro, de Garrapalini e da Costa da Luz, e viu-se depois retirar para a ponte a força que defendia o moinho de Odivellas.

Quasi ao mesmo tempo, a primeira brigada marchou a occupar o alto das Pelles e rompeu o fogo, que foi executado por descargas geraes dos corpos, por pelotões e por filas. Este, especialmente, nos pareceu perfeitamente sustentado em todas as occasiões em que foi empregado.

Não é nossa intenção descrever aqui cada uma das evoluções que se effectuaram, nem do alto das Pelles onde assistimos ás principaes manobras da segunda brigada, podiamos observar bem as que foram executadas pela primeira. Em geral, as operações pareceram-nos bem dirigidas e regularmente executadas, e para um primeiro exercicio de semelhante ordem até excellentes.

Affigurou-se-nos singular, comtudo, que quando o batalhão de caçadores n.º 5 metteu em linha no sitio do *Senhor Roubado* para repellir, pelas suas descargas geraes e fogos por filas, o supposto ataque por aquelle lado, se conservasse o regimento de infanteria n.º 7, tão proximo d'aquelle batalhão, absolutamente inactivo, e formado em columna cerrada, que fôra a primeira ordem da sua formatura.

Se o combate fosse a valer, parece-nos que aquelle regimento, assim formado e tão proximo dos caçadores em linha, estaria exposto, sem necessidade, ao fogo do inimigo.

Toda a gente applaudiu a rapidez com que a artilheria foi occupando de altura em altura todas as posições favoraveis para apoiar os movimentos da infanteria.

Produziu egualmente bom effeito a celeridade com que esta trepava e descia pelo accidentado terreno onde trabalhou. Para soldados, tão pouco habituados a estas fadigas, tornou-se digno de geral louvor o modo por que se houveram em todas as evoluções que executaram.

Não vimos as cargas de cavallaria que formaram a ultima parte do exercicio. Vimos os lanceiros e os caçadores a cavallo afastarem-se muito da posição que escolhemos, seguindo sempre os movimentos da infanteria em excellente ordem, e desapparecerem no horisonte. De certo que alguma ondulação do terreno nos escondeu a principal evolução d'aquella arma.

As bandas regimentaes, tocando alegremente ás onze horas, annunciaram a conclusão do exercicio. As tropas foram reunir-se na Costa da Luz, onde descançaram e comeram o rancho.

Durante este descanço, el-rei o sr. D. Luiz offereceu um *lunch* a todos os officiaes generaes que o acompanharam, e aquelles que commandaram as tropas.

Sua magestade a rainha e os srs. infantes, assistiram tambem a todas as evoluções no alto de Alcoutins, e quando o *lunch* terminou, foi a pé com el-rei percorrer todo o campo onde as tropas se achavam. Estas entraram logo na sua devida ordem de formatura, e depois das pessoas reaes se retirarem, eram duas horas e meia da tarde, principiaram a desfilar a quarteis.

A concorrencia de populares foi extraordinaria. O alto de Alcoutins, especialmente, cheio de milhares de espectadores, produzia excellente effeito. Em todas as outras alturas, nas estradas, e por toda a parte, era tambem consideravel a multidão dos habitantes da capital e dos suburbios do Lumiar.

Não obstante a confusão por alguns momentos inevitavel na estrada quando as tropas se dirigiram ás suas posições, em consequencia do movimento dos trens, a policia foi bem feita, houve a maxima prudencia para com o povo, e por isso toda a gente se retirou satisfeitissima de uma festa que é ao mesmo tempo a satisfação de uma necessidade da defeza nacional.»

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Francfort 29—Tomam-se precauções rela-

---

soluvel, não era certamente a regencia do artigo 92; nem em quanto á origem, nem em quanto á fórma, nem em quanto á pessoa (c). Apesar d'isto, e sem transicção alguma, a promettida consultação do manifesto apparece transformada no decreto em *direitos inauferiveis !!!*

Eis aqui os termos do decreto:—«Achando-me eu revestido da regencia que de direito me compete pelo artigo 92 da Carta Constitucional, etc., etc.»—Ora, se a regencia pertence de direito ao senhor D. Pedro d'Alcantara, como nos revela o marquez de Palmella, o § 14 do manifesto foi uma decepção! E se a doutrina do manifesto é genuina, a do decreto é uma contradicção! Porque, se o gabinete do senhor D. Pedro póde dizer ao sol que pare, ou á linha de successão dos art. 5 e 92 da Carta, que adopte, e perfilhe aquelle principe, escusado, irrisorio é convocar as côrtes para reduzil-as á humilhação de deliberar sobre materia decidida, e adoptada já (d)! E' muito mais decoroso, e menos provocante, não fallar mais em Carta que violal-a continuamente. Semelhante convocação, *se houvesse eleitor que obedecesse, ou deputado que obtemperasse*, seria uma irrisão; seria cuspir sobre a Carta depois de esfarrapada! Tal não era porém a intenção do senhor D. Pedro d'Alcantara, quando publicou o seu manifesto; porque S. M. I. declarou n'elle não poder exercer a regencia permanente sem previa declaração das côrtes; deferindo, e abstendo-se de prestar juramento, por isso mesmo que S. M. entendia que a Carta não exigia esta solemnidade, senão para o exercicio daquella regencia. Ora, se as côrtes não modificaram a Carta; *se uma lei não rehabilitou o senhor D. Pedro;* se este principe não prestou juramento, etc., é evidente que S. M. não presumia *revestir-se* da regencia permanente; e é evidentissimo que, entre o manifesto, e o decreto, ha differença, e contradicção flagrante (e)

Nem a honestidade publica, nem o decóro, nem a gloria de S. M. I. se compadece com outra interpretação do manifesto; porque a delicadeza não permitte, nem mesmo no processo mais insignificante, que auctoridade alguma presuma influir na consciencia dos jurados. E que liberdade ficaria aos deputados; que valor teria o seu *verdict*, se podesse attribuir-se ao terror, ou á seducção! Aqui têem *uma* esphera branca, senhores deputados (f) da nação portugueza, diria o secretario dos negocios do reino ás côrtes por elle *preparadas*, deliberem, e votem *com toda a liberdade*.... mas observem, que S. M. I. já *se revestiu* nas ilhas da regencia permanente; o seu direito não admitte contradicção, *como eu decretei;* o governo é d'elle, e

La raison du plus fort est toujours la meilleure.

Termos guardados, e mudados os tempos, e os logares, o decreto de 13 de Março significa isto!

Eu não desejo fazer comparações historicas, nem recordar como os reis de França fizeram por muito tempo registar seus editos; nem como *varios principes*, senhores do poder, têem algumas vezes comprimido a voz, e a consciencia dos corpos deliberativos; porque não é ao tutor, e pae da senhora D. Maria II, deslumbrado, illudido, enganado, e trahido, por confidentes calumniadores e conselheiros menos verdadeiros, que eu attribuo esta resolução *illegal* e *desastrosa :* é o seu gabinete, publico, e reconhecido hoje *(de clandestino que era)* quem fica responsavel por o decreto de 13 de Março, destructivo de todos os principios consagrados na Carta Constitucional!

Querendo sómente fazer resaltar a contradicção existente entre o manifesto e o decreto, terminarei declarando, que em quanto subdito da senhora D. Maria II, e na presença da Carta, não entendo que o augusto pae, e tutor da rainha de Portugal possa exercer em nome della a regencia permanente, nem convocar as côrtes geraes. Esta convocação, esta regencia, cabe de direito a S. A. S. a senhora infanta D. Isabel Maria; *ou não ha Carta Constitucional*, e a rainha está desthronada! Meus principios são conformes, nestes dous pontos, á doutrina expendida pelos srs. Ferreiras Borges e José Liberato, sobre esta questão importantissima.

Todo o emigrado veria com prazer, e lisonjeira esperança, que o senhor D. Pedro se declarasse protector generoso de sua augusta filha, e restaurador do governo legitimo, e constitucional em Portugal; mas nenhum emigrado poderia conferir-lhe a regencia do reino, sem trahir seus juramentos, e violar a lei fundamental da monarchia da senhora D. Maria II.

O poder confiado ao senhor D. Pedro de Alcantara pelos portuguezes leaes á legitima soberana, é um poder de circumstancias; o seu objecto, a desthronação do usurpador; e a sua duração, a luta do direito, e a rebellião. O mando militar, a auctoridade civil, que S. M. I. exerce, *é uma dictadura de circumstancias;* e termina com as circumstancias que a crearam, ou degenera em tyrannia, e usurpação.

Paris, 6 de Maio de 1832.—*Rodrigo Pinto Pisarro.*

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

(c) Aquelle mesmo *bando de damninhos*, cujo modelo só se encontra na côrte do rei leão (vid. *Animali parlanti*), que em 1829, não podia tolerar, que eu tocasse na arca santa da regencia, em quanto ao modo da sua instituição, etc., adquiriu polmoeira a declamar contra ella, em 1831, logo que a distribuição dos fundos publicos passou para outras mãos, e que o gabinete do senhor D. Pedro se instituiu em Paris...! *Auri sacra fames.*

(d) Se o senhor D. Pedro deriva o seu direito do artigo 92 verifica-se n'elle um portentoso milagre: porquanto, a senhora D. Maria II vem a ser *pae*, e o senhor D. Pedro *filho !*

(e) Seja qual fôr a cathegoria em que devam ser collocados os secretarios do senhor D. Pedro, é visivel, que, mesmo violando a Carta, invocam a Carta: reconhecem portanto a responsabilidade que incorrem; e que *tarde ou cedo*, pódem ser chamados a responder por seus actos, na fórma especial do artigo 103 da Carta Constitucional.

(f) A posição dos dignos pares seria mais delicada ainda: dependentes da corôa, como ousariam combater o mandato do imperante? Mas admittindo que todos aquelles que tão briosa, e lealmente recalcitraram a D. Miguel, recalcitrassem tambem agora, ainda resta ao gabinete Palmella o recurso das *fornadas.* Tanto mais, que sendo este gabinete o *soberano* fundador da regencia de que o senhor D. Pedro se reveste, ninguem lhe limita a auctoridade...! De sorte que, invocando a lei, e insultando a liberdade, o gabinete da Terceira, e o de Constantinopla são irmãos! Lembre-se porém o gabinete de 3 de Março que o parlamento inglez recusou ao principe de Galles, quando regente, o direito de crear pares...

tivamente aos 40 principaes membros da União dos trabalhadores. Foram apprehendidos papeis importantes.

Copenhague 29.—Prepara-se um grande *meeting* em Frederickstadt para protestar contra as repetidas expulsões de dinamarquezes de Schleswig.

Berlim 29.—Prepara-se a formação de um novo exercito de reserva no qual serão incluidos os individuos não comprehendidos no exercito activo.

Paris 28.—O republicano Maillé, foi eleito deputado pelo Maine e Loire, obtendo 4000 votos de maioria, sobre o septenalista Bruas.

Tetuan ministro hespanhol em Bruxellas, é esperado amanhã em Paris. Vem combinar com Armijo diversas questões.

O principe das Asturias voltará a Londres no dia 5 de Outubro, para concluir os estudos militares.

O cambio sobre Londres está a 25,14|12.

Madrid 30.—Legard deve chegar amanhã a Madrid. Cumprimentou telegraphicamente Serrano, de Santander. Apparecem symptomas de dissenção entre os carlistas do norte. Alguns chefes reconheceram as auctoridades liberaes. Outros foram fuzilados por ordem de D. Carlos por terem pedido paz.

Rio de Janeiro 1.—A revolução argentina augmenta. Em todas as provincias de Buenos Ayres, ha conflictos entre o povo e a tropa.

O general Mitre fugiu para tomar o commando dos revoltosos que marcham sobre a capital.

A esquadra está sublevada.

ANNUNCIOS

1 O PROFESSOR A. J. Gonçalves da Cunha mudou a sua aula de instrucção primaria, calligraphia e escripturação commercial, da rua das Fangas para a rua do Correio, n.º 108.

ESCOLA POPULAR

2 NO DIA 5 de Outubro principiam as aulas de instrucção primaria, calligraphia e escripturação commercial na rua do Correio, n.º 108.

O professor,
A. J. Gonçalves da Cunha.

Escola popular

3 O PROFESSOR A. J. G. da Cunha, continua a leccionar os individuos que se propõe ao magisterio primario. Rua do Correio, n.º 108.—Coimbra.

PIANO

4 VENDE-SE por preço muito diminuto, um bom piano de 6 oitavas e meia, de boas vozes e em perfeito estado. Egualmente vende-se um cravo proprio para principiante, na rua da Alegria, n.º 45.

Curso de latim (1.ª e 2.ª parte) e de francez

5 O PRESBYTERO José Maria Cardoso de Figueiredo, abre no dia 12 de Outubro as suas aulas de latim e de francez.

Couraça dos Apostolos, 49.

Attenção

6 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

DESPEDIDA

7 O DR. LUIZ ALBANO, obrigado a recolher a Coimbra com toda a sua familia, deixando precipitadamente a quinta da Guarita, onde encontrou tamanho allivio a seus padecimentos; teve de sahir, com grande magua sua, antes que o tempo lhe permittisse despedir-se pessoalmente de seus amigos, que tanto alli o obsequiaram.

A todos pede desculpa desta grande falta, que involuntariamente commetteu; e protesta sanal-a na primeira occasião opportuna que se lhe depare.

A todos envia por este meio saudosos comprimentos; e a manifestação sincera da sua gratidão, que será eterna: e a todos offerece aqui, ou onde quer que se encontre, o seu limitado prestimo.

Coimbra, 2 de Outubro de 1874.

L. Albano.





ESTABELECIMENTO DE ALFAIATE

Rua do Infante D. Augusto, n.º 8 e 10

8 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO, premiado na exposição de Vienna d'Austria e na districtal de Coimbra, com a medalha de prata, participa aos seus freguezes e amigos, que alem do bom e variado sortimento de fazendas que costuma ter, acaba de receber grande sortimento de fazendas proprias para inverno; assim como pannos nacionaes e estrangeiros, para casacos e batinas, sendo os seus preços os mais diminutos possivel, como costuma.




9 ABRE-SE o curso de inglez, francez, geographia e historia, desde o dia 5 do corrente na rua do Correio, n.º 122.

J. F. Gonçalves Cardoso

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

10 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

LECCIONAÇÃO

11 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar, na rua da Trindade, n.º 17, instrucção primaria, francez, e desenhos; assim como habilita para o magisterio de instrucção primaria.

Leccionista de Pharmacia

12 A. C. CRUZ—Rua do Infante D. Augusto, n.º 7.

13 NÃO ESTANDO nas condições exigidas no annuncio de 17 de Agosto ultimo os individuos que requereram ser providos no logar de zelador municipal, de novo se acha aberto concurso por espaço de 20 dias, a contar desta data, para o provimento deste logar, com o vencimento de 240 reis diarios e metade das multas por transgressão de posturas.

Os pretendentes ao referido logar deverão entregar os seus requerimentos nesta secretaria durante aquelle prazo, instruidos com os seguintes documentos:

Certidão de terem entre 21 e 35 annos de edade;

Certidão que prove terem satisfeito as prescripções do art. 54, da lei de 27 de Julho de 1855;

Attestado de bom comportamento moral, civil e religioso.

Os concorrentes deverão saber ler, escrever e contar, e serão inspeccionados para se conhecer do seu estado de saude e robustez.

Em egualdade de circumstancias serão preferidos os que tiverem sido militares e apresentarem baixa limpa.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 2 de Outubro de 1874.

O escrivão da Camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Barca=ADMIRAVEL=em 24 de Outubro.

Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**
Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

CELLEIRO

15 ARRENDA-SE um bom celleiro no pateo da Inquisição. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio d'Almeida e Silva, rua da Sophia, n.º 65.

LISBOA NA RUA

POR

Julio Cesar Machado

16 Á VENDA na loja de Severo e Irmão.

17 PADRE JOÃO DO AMARAL LEITÃO, abre as suas aulas de Francez e Latim a 12 de Outubro, na rua dos Grillos, n.º 20.

18 NA RUA DE SUB RIPAS e nas casas a que corresponde o numero 35, se lecciona instrucção primaria para a admissão ao lyceu, portuguez (curso completo), e latim (1.ª parte).

Leccionista de Historia, Portuguez (curso completo), e Francez.

RUA DO CORREIO, N.º 102

19 O BACHAREL JOAQUIM D'ALMEIDA DA CUNHA, além da sua aula de *Portuguez* (curso completo), abre uma aula de *Historia* e outra de *Francez*, sendo o ensino dirigido do modo mais proprio para satisfazer ás condições do programma dos lyceus.

Matricula—todos os dias das 8 ás 10 horas da manhã, e das 3 ás 5 da tarde.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

20 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu—**633:462 machinas**—(mais de meio milhão!)

O Dr. Luiz Albano d'Andrade Moraes e Almeida, presidente da commissão d'exames finaes d'instrucção secundaria em Coimbra, etc.

Faço saber, que em virtude da resolução tomada hoje pela commissão d'exames finaes, convocada na conformidade do art.º 69, do Decreto regulamentar de 31 de Março de 1873; e Decreto de 24 de Setembro ultimo, se resolveu o seguinte:

1.º—Que os exames de mathematica e introducção á historia natural, comecem ámanhã 3 do corrente, pelas 9 horas da manhã, no edificio do lyceu;

2.º—Que os de latim comecem no dia 5; e em seguida os de portuguez, historia e philosophia.

3.º—Que os de desenho e inglez tenham logar depois dos de mathematica, no dia, que será convenientemente annunciado

Coimbra 2 d'Outubro de 1874.

O presidente da commissão d'exames finaes em Coimbra,
Dr. *Luiz Albano.*

ATTENÇÃO

22 PRETENDE-SE para uma botica, um praticante de pharmacia, de tres a quatro annos de pratica. A quem convier, dirija-se ao fundo da rua do Corpo de Deus, n.º 5—2.º andar.

23 NA RUA DOS LOIOS, n.º 2, se vendem batinas novas, por preços commodos.

QUEIJO FLAMENGO

24 CHEGOU ao estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga—53 Sophia 57.—Casa de azulejo.

DOCTOR IN ABSENTIA

25 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

26 JOÃO MARQUES D'ALMEIDA ARAUJO PINTO, arrenda dos Santos em diante, a quinta da Calçada, proxima a Santo Antonio dos Olivaes, pertencente ao exm.º sr. Dr. Joaquim José da Motta.

NUMERO 2838 — TERÇA FEIRA 6 DE OUTUBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3[illegible]26
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A utilidade das associações está sobejamente demonstrada. Em Portugal tomaram ellas um augmento extraordinario, depois que em 1851 se iniciou entre nós uma epocha de paz e tranquillidade, dando logar a que os governos e as differentes classes da sociedade promovessem com enthusiasmo a instrucção e os melhoramentos publicos, de que nos haviam afastado por muitos annos as lutas intestinas.

Por toda a parte se fundaram associações de soccorros mutuos, e se estabeleceram sociedades para promover o ensino entre o povo. Foi uma quadra brilhante aquella, e que ainda hoje causa saudade áquelles que se interessaram vivamente na creação de tão uteis institutos.

A cidade de Coimbra foi uma daquellas em que as associações mais floresceram. Bastará para a confirmação disso o lembrar o Monte Pio da imprensa da Universidade, Assemblea Recreativa Conimbricense do theatro da Sé Velha, Sociedade Philantropico-Academica, Sociedade Philantropica Conimbricense, Monte Pio Conimbricense, Sociedade da instrucção dos operarios, Sociedade Agricola do districto, Asylo de Mendicidade, hospital da Ordem Terceira, Associação dos Artistas de Coimbra, Associação Conimbricense do sexo feminino, Sociedade Consoladora dos Afflictos, Associação Commercial, Instituto de Coimbra, Sociedade philarmonica *Boa União*, Monte Pio da philarmonica *Boa União*, Sociedade philarmonica *Conimbricense*, Sociedade do theatro *Boa União*, Associação Recreativa Commercial, Sociedade *Terpsichore Conimbricense*, Assemblea Recreativa Conimbricense do theatro de D. Luiz, Sociedade do theatro *União de Artistas*, Sociedade Serões Dramaticos, Sociedade Dramatica Conimbricense, Club Conimbricense, Club Academico, Associação promotora da instrucção popular, e outras differentes instituições de beneficencia, de auxilio aos socios, de ensino, ou de simples recreio.

Quasi todas estas sociedades foram fundadas depois de 1851; e as poucas que existiam tomaram então mais desenvolvimento.

Com o decurso do tempo, algumas dessas associações, quer por desleixo na sua gerencia, quer pelo natural cansaço, e o que é mais para lamentar, por intrigas entre os socios, começaram a decair; e hoje já não estão no auge de prosperidade de ha annos.

Não terá, porem, remedio esse malestar das sociedades de Coimbra? Entendemos que o tem, e muito facil. Bastará que os associados se dispam de certos preconceitos que por ahi temos visto, e tratem de applicar a necessaria reforma aos seus estatutos, fazendo com que se equilibre a receita com a despeza, interessando-se todos pela conservação e progresso da corporação ou sociedade a que pertencem.

Uma das associações mais benemeritas desta cidade, é sem duvida a Associação dos Artistas. Não se limitando ao auxilio e soccorro aos socios nas suas doenças, tem promovido a instrucção pelos seus associados e pelos desvalidos da fortuna; effectuou já uma surprehendente exposição districtal; fundou uma bibliotheca popular; e muito mais podia fazer se houvesse resolução efficaz entre os socios.

Nota-se actualmente um certo esmorecimento na associação, não ha duvida. Mas hão de os fundadores da sociedade; hão de tantos artistas que a ella pertencem, consentir que decline uma associação que tanto os tem ennobrecido? Pois não se hão de prestar de bom grado a pôr de parte qualquer pequena rivalidade, ou esquecer algum desgosto que tenha havido, em beneficio commum?

Confiamos que sim, e que em breve tornaremos a ver a Associação dos Artistas no estado florescente e brilhante em que já esteve, tornando-se, incontestavelmente, uma das mais notaveis sociedades de todo o reino.

Temos ahi visto, e com repugnancia o dizemos, advogar a necessidade de acabar com as aulas da associação, como um dos remedios para fazer equilibrar a receita com a despeza! Isto, alem de absurdo, seria um crime de lesa civilisação.

Em primeiro logar a despeza que com as aulas faz a sociedade é insignificante; pois que a maior parte sae da verba que a camara municipal vota todos os annos no seu orçamento para esta justissima applicação; e em segundo, quando mesmo fosse necessario fazer algum sacrificio, haveria ahi algum artista tão falto de brio, e tão destituido do amor da instrucção publica, que se recusasse a contribuir com uma pequena verba para a illustração das classes pobres, a quem falta o indispensavel ensino? E não são, porventura, as aulas o principal motivo do credito que tem obtido a Associação dos Artistas?

Donde provem, principalmente, a visita que tem feito á grande casa da associação, numerosas pessoas de elevada ca-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCL

RODRIGO PINTO PISARRO

VIII

Cada vez se aggravava mais o conflicto entre D. Pedro e seus ministros com Rodrigo Pinto Pisarro.

Tinha vindo a expedição liberal para o Porto, e ahi estava lutando com grandes difficuldades a causa da rainha e da Carta; pelo que o ministro da guerra, Agostinho José Freire, expediu em 3 de Novembro de 1832, em nome de D. Pedro, uma portaria mandando regressar a Portugal todos os militares, que ainda se achavam nos paizes estrangeiros. Nessa mesma data, porém, foi pelo referido ministro em outra partaria de novo expressamente prohibida a vinda a Pinto Pisarro.

Achando-se assim outra vez affrontado, fez imprimir Pinto Pisarro em Londres, na typographia de R. Greenlaw, o *Despotismo constitucional, ou programma do governo liberal dos ministros e conselheiros de S. M. I. o generalissimo das tropas da senhora D. Maria II em Portugal.*

Ahi dizia Pinto Pisarro:

«Não ha maior infortunio para o homem sem pretensões, que o ver-se na precisão de ser o arauto da sua propria fama; e esta posição, é tanto mais penosa, quanto, por motivos faceis de apreciar, respeitos, a que faltam aquelles que acinte me provocam, me impõem uma reserva á qual, mais por minha patria, que por mim, não quero ainda faltar. Entretanto o silencio absoluto é impossivel, e portuguezes ha, os *sabedores, e corajosos campeões da liberdade constitucional*, homens de principios fixos, a quem não deslumbra, nem o *ouropel, nem o sarau da côrte*, que ouvirão com espanto, e lerão com interesse, o documento singular a que vou dar publicidade.

A portaria do sr. Agostinho José Freire, ministro da guerra de S. M. o ex-imperador do Brasil, principe que representa temporariamente no Porto o governo constitucional da senhora D. Maria II, é um diploma cujo modelo difficilmente póde encontrar-se nos annaes mais torpes das mais escandalosas perseguições ministeriaes! *Sem accusação, sem processo, sem juizes, sem sentença*, o sr. Agostinho José Freire, e o sr. marquez de Palmella, deram as mãos, *atravessado ajoujo, ganharam a corôa civica*, não por salvar a vida a um cidadão, mas por havel-o expatriado! (a)

A injuria não é feita a mim, quando uma cabilda de *libertos, e centuriões*, de Narcisos, e Vatinios, (b) cobertos com a purpura de Cesar, tremem á voz de um só homem isolado, e tão humilde que nem *grutesca* excellencia tem, o idolo tem os pés de barro; a camarilha dos Pallas, e Sejanos, que enganou o principe, trahiu, comprometteu por sua *ignorancia, avareza, ambição, calumnias, e mentiras*, uma campanha que podia ser brilhante; e que tomou para ella taes medidas, que o sangue mais generoso dos mais nobres defensores da senhora D. Maria II, corre traz de um espaldão, ou na gola de um reducto, em quanto a *sua reserva se recruta, a peso de ouro*, nas espeluncas de St. Giles, está por terra! Tudo lhes esqueceu menos as pastas! E depois de um anno de mentirosos preparativos; de tantos milhões consumidos, e de cinco mezes de prodigios da parte da guarnição, temos um palmo de terra, (Nota I) cinco ministros de estado, e um duque! Peor! só o *Pax Vobis*, ou o conde de Povolide....!

A injuria não é feita a mim, torno a repetir, porque a injuria consiste no crime, e não na perseguição; a baba da camarilha não me enxovalha mais, que o patibulo que me destinou o infante D. Miguel: a injuria é feita *a esse povo destemido, e patriota* (não fallo do exercito para o não chamar á revolta, como diria o sr. Candido José Xavier) que morre denodadamente nas trincheiras para defender a Carta Constitucional, em quanto no gabinete se enthronisa o despotismo dos Polignacs, e a tyrannia dos Calomardes....

Emfim eu quiz servir minha patria, e quiz acompanhar a expedição como soldado; a cabala mais nojenta privou-me d'essa honra. No dia 15 deste mez li no campo a portaria de 3 de Março, ampla, clara, e sem excepções; corri a Londres, pedi passaporte no dia 17, e na vespera de embarcar, alcançou-me o ostracismo.....! O officio do ministro em Londres, que transcrevo, fez-me conhecer que o senhor D. Pedro tinha ministros capazes de aconselhar-lhe, que prestasse seu nome a uma portaria fallaz e mentirosa, e que fosse incerta na gazeta do governo.... *Huccine rerum venimus!* (c) Não podendo fallar como desejo, e meu desaggravo reclamava, aqui terminarei, perguntando por fim — qual é o meu

(a) Que inveja deve ter-lhe o conde de Bastos! O Belford não o faria melhor...! Este e outros actos, fazem um grande serviço á rainha e á expedição....

(b) Esse Vatinio, favorito de Nero, era filho de um ferreiro, diz Tacito, porém, tão *chalaça*, e tão *grutesco*, que entrou na côrte por *bobo*, e subiu depois a tanto valimento, como espião e delator de todo o homem nobre e independente, que chegou a exceder em preversidade, acrescenta ainda o historiador, os *preversos* mais eminentes.

(c) Os termos deste diploma fazem uma injuria cruel aos abandonados officiaes que estão por esses depositos; porque ordenando-se imperiosamente que recolham, deve entender-se, que, por madraços, estão ausentes, quando é certo que elles não têem cessado de pedir que os mandem para o Porto.

thegoria? De que procede a boa vontade com que o publico tem acudido aos bazares da Associação dos Artistas, os importantes donativos que tem tido, a facilidade nos beneficios dos theatros, e toda a protecção que tem havido da parte dos governos, das auctoridades, juntas geraes, camaras municipaes e outras corporações, assim como de grande numero de cidadãos de todas as classes, senão motivada pelo beneficio prestado pela associação á instrucção popular?

Extinctas que fossem as suas aulas, ficava a Associação dos Artistas reduzida a uma sociedade de soccorros mutuos; e desde então não era indispensavel a sua existencia; antes pelo contrario tudo indicava a vantagem de se fundir com o Monte Pio Conimbricense, pois que neste caso diminuiriam proporcionalmente certas despezas, que hoje se tornam maiores, porque são duas as sociedades.

Está chegada a occasião em que é indispensavel que a Associação dos Artistas cuide seriamente no seu futuro. Não vemos motivo sério para desanimar, logo que os socios tractem das reformas indispensaveis nos estatutos; cooperando todos em louvavel harmonia para esse fim.

Hoje publicamos o annuncio para a matricula das aulas da Associação dos Artistas. Ahi está franca a casa da sociedade, não só para os socios e seus filhos e familiares, mas para todos os individuos que por qualquer circumstancia não possam frequentar as aulas diurnas nas escolas da cidade. Quem se não aproveitará de tão boa occasião, para aprender a ler, e adquirir a mais instrucção que naquellas aulas tão francamente se offerece a quem della precisa?

Que desculpa dará quem não souber pelo menos, os primeiros rudimentos do ensino, achando-o tão facil e a uma hora tão commoda?

Estão patentes as aulas da Associação dos Artistas. Tanto a utilidade propria, como o dever de cidadãos, convidam a entrar naquella casa para aprender.

Entrem, pois, alli os filhos do povo!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Associação dos Artistas de Coimbra

Por ordem do exm.º sr. vice-presidente do conselho escholar, annuncia-se, que as matriculas dos alumnos das aulas nocturnas, principiarão no dia 1.º de Outubro, pelas 6 horas da tarde, e terminarão impreterivelmente no dia 15 do mesmo mez.

Os individuos que quizerem cursar algumas das aulas da Associação dos Artistas, apresentarão os seus requerimentos ao exm.º sr. presidente do conselho escholar, assignados pelo requerente, quando este, bem ou mal, souber escrever, e por um socio que se responsabilise pelo comportamento do requerente, sendo deferidos só os requerimentos com a certidão d'approvação na cadeira, ou cadeiras de que dependa aquella em que o requerente deseja matricular-se. Assim:

I. Os requerimentos para a matricula de portuguez, desenho, (1.ª parte), musica e francez, serão instruidos com a certidão de instrucção primaria.

II Para arithmetica e geometria plana, com certidão de francez e portuguez.

III Para inglez com as certidões de francez e portuguez.

IV Os de desenho (2.ª parte), com a certidão de 1.ª parte.

V Os de historia, geographia, e chronologia, com as certidões de portuguez, francez, arithmetica e geometria plana.

Os individuos que, sem terem frequentado as aulas da associação, pretendam matricular-se em algumas das de cathegoria superior, poderão unicamente ser admittidos a fazer extemporaneamente os exames preparatorios da cadeira que desejarem cursar; podendo, porem, estes exames ser feitos só dentro do prazo concedido para as matriculas.

Serão admittidos ás aulas os socios, seus filhos e familiares, e bem assim os individuos que, por qualquer circumstancia, não possam frequentar as aulas diurnas nas escholas de Coimbra.

Coimbra 30 de Setembro de 1874.

O secretario do conselho escholar,

Luiz Adelino Lopes da Cruz.

NOTICIARIO

O Noticiador Conciso, e a acclamação do absolutismo. — Em 1823 publicava-se em Coimbra, e imprimia-se na imprensa que então havia na rua dos Coutinhos, um jornal com o titulo de *Noticiador Conciso*, o qual manifestou um grande enthusiasmo, quando no fim de Maio e principio de Junho, foi abolida a constituição em Villa Franca e se acclamou o absolutismo.

Do seu numero 17 de 14 de Junho de 1823 transcrevemos o seguinte:

«Demos em o nosso numero 2.º a noticia do sacrilego attentado com que os *pedreiros livres*, esses credilicadores do templo de Salomão, (quando os christãos nos preparavamos para celebrar a exaltação da Cruz), elles derrubaram e despedaçaram em migalhas todas as cruzes de pedra dos suburbios da cidade, sem escapar uma que havia no logar dos Fornos na estrada do Porto, distante uma legua de Coimbra.—Está visto que nesta sacrilega empreza entravam muitos e todos armados de ferramentas pesadas e fortes. E houve um portuguez que tomou nome pagão (*Publicola* n.º 2.º), para dizer que tal desacato era obra dos portuguezes honrados, que elle por zombaria appellida os Concunhas! E' até onde pode chegar a malicia dos constitucionaes defuntos!

Em o nosso n.º 12, demos noticia dos primeiros triumphos da Cruz; hoje temos o gosto de continuar este assumpto de tanta consolação.

Em a noite do dia 7 do corrente Junho, fazendo os mesarios da irmandade do Sacramento da freguezia de S. Bartholomeu, desta cidade, a illuminação do estylo, na vespera da sua festividade, collocaram na frontaria da egreja, entre grupos de luminarias, uma Cruz formada de luzes, que brilhava como se estivera toda recamada de fulgurantes estrellas.

Todo o povo applaudia a piedade que assim desaggrava a honra do estandarte da nossa redempção.

Em o dia 15 (a) do mesmo mez os dois negociantes *João Fernandes e José Justiniano dos Santos Nazareth*, fazendo por sua particular devoção na egreja de *S. Thiago* uma pomposa e solemnissima festividade em honra de *Nossa Senhora da Conceição* (de que a impiedade mofára nos longos seculos de terror que decorreram desde 1820), e em acção de graças ao altissimo que nos restituira o nosso adorado rei, não esqueceu dar um novo triumpho á sagrada Cruz!

De manhã o eloquente e exemplar orador o padre mestre Dr. Fr. *José da Sacra Familia*, com a decencia devida ao logar santo, rasgou o veu da impia seita que tão aleivosamente cavava a nossa ruina, e fez que todo o auditorio visse o horrendo mappa dos males que nos aguardavam.

De tarde o padre mestre *Arouca* deu o ultimo colorido ao medonho quadro. A musica foi executada com a maior perfeição: todo o templo estava ornado com riqueza e variedade de damascos, veludos e sedas de matiz o mais delicado, e como nunca se tinha visto nesta cidade. As flores eram tantas por todas as simalhas, frisos, e columnas, que pelo suavissimo cheiro que derramavam e pela amenidade da vista arrebatavam as potencias d'alma e o christão devoto imaginava as festas e jardins do ceu.

Na procissão que sahiu pelas principaes ruas do bairro baixo, estando todas as janellas ornadas de tapeçarias, deram os piedosos e honrados festeiros, terceiro triumpho á santa Cruz. Logo após o pendão da irmandade, caminhava vestido de anjo um menino com uma cruz coberta de lindissimas rosas, levantada no alto, e junto a elle um côro de meninos tambem vestidos de anjos, os quaes todos enlevavam os olhos pela riqueza das joias recamadas, e engraçado matiz das preciosas telas e sedas.

Seguiam-se duas alas de irmãos do Santissimo, em tão grande numero, que lembrava que Coimbra não tem mais cidadãos. Depois continuavam duas alas de todos os religiosos dos differentes collegios e conventos da cidade; logo todos os seminaristas de sobrepeliz, mais de 80 clerigos paramentados apoz o andor da Senhora da Conceição, conduzido por presbyteros com capas magnas, junto ao qual iam meninos vestidos de anjos, lançando flores para a Senhora passar. A sagrada imagem avivava aos olhos da fé lembranças da gloria da Senhora no ceu. Tanta era a riqueza e formosura dos ornatos e flores! Junto á Senhora ia uma banda de musica cantando ao som de harmoniosos instrumentos de vento, uma letra que enchia as corações de ternura e devoção.

No fim da procissão ia o Santissimo debaixo de um rico pallio, em cujas varas pegavam os collegiaes de S. Pedro e S. Paulo, e adeante do Senhor iam clerigos paramentados de dalmaticas meneando turibulos accesos

Depois da procissão seguia-se o leal regimento das milicias de Coimbra. As ruas ficavam cubertas de flores, que á competencia estavam como chovendo das janellas sobre a sagrada Cruz, o andor da Santa Virgem, e o pallio; e até sobre os briosos milicianos em testemunho de gratidão por haverem acclamado a nossa religião e o nosso bom rei.

Aonde ó impios achaes jubilo tão puro, tão voluntario, e tão digno do homem! Aqui tendes como os christãos na mesquinhez da natureza humana celebram os triumphos da religião: aqui tendes a prova evidente do quanto prezamos a sagrado religião de que nos quereis privar! As nossas solemnidades respiram a magestade do ceu, que as vê e que as approva, edificam os povos, influem nos bons costumes, confirmam as bases da prosperidade publica. E as vossas?!... deleniadas nas trevas do inferno, feitas nas covas do crime, respirando destruição e morte, desatam os laços da moral, corrompem os povos, e cavam a ruina social. Cegos, desenganai-vos que os portuguezes queremos ser christãos!»

(a) Não se entende bem isto, porque o jornal é de 14 de Junho, e dá noticia desta festa do dia 15. Em alguma das datas ha engano.

---

crime? Ninguem ousa declaral-o. Então posso dizer como um romano distincto. *Vejo, padres conscriptos, que se accusam as minhas palavras, prova evidente de que as minhas acções são* innocentes.

Londres 25 de Novembro de 1832.—*Rodrigo Pinto Pisarro.*»

«Illm.º sr.— Depois que v. s.ª me fez a honra de passar por esta casa, recebi os despachos do governo, em um dos quaes, datado de 6 do corrente, me é communicada uma portaria que a v. s.ª dirige o ministro da guerra, datada de 3 do mesmo mez, que inhibe a v. s.ª de voltar a Portugal em quanto em todo o reino se não achar restabelecida a auctoridade legitima de S. M. F. a senhora D. Maria II; ordenando-se-me ao mesmo tempo de negar a v. s.ª passaporte para aquelle reino.

Com muito sentimento faço a v. s.ª esta communicação, pela qual v. s.ª verá que me não é licito cumprir o que hoje lhe havia promettido, antes da recepção dos mencionados despachos.

Deus guarde a v. s.ª. Londres 23 de Novembro de 1832. — Illm.º sr. Rodrigo Pinto Pisarro—*Luiz Antonio de Abreu e Lima.*»

«Illm.º e exm.º sr.—Exigindo o meu credito que eu mande imprimir já o officio que v. ex.ª me fez a honra de dirigir esta manhã, communicando-me haver recebido uma portaria, a mim dirigida, por Agostinho José Freire, ministro da guerra de S. M. I. o commandante das forças da rainha de Portugal no Porto, portaria datada a 3 do corrente, para o fim de inhibir-me de voltar a Portugal, em quanto em todo o reino (*Tantae molis erat..*) se não achar restabelecida a auctoridade legitima de S. M. F. a senhora D. Maria II, ficando desta sorte inutilisado (com grande magoa minha) o passaporte que eu pedi a v. ex.ª para o Porto, apenas li nos jornaes a portaria (falsa, e mentirosa, em quanto a mim) de 3 do corrente, e que v. ex.ª, praticando todas as delicadezas, mandou dar-me sem demora; rogo a v. ex.ª que se fôr compativel com o seu dever, como eu penso deve ser, queira fazer-me a honra de mandar dar-me uma copia daquella portaria, pois é sobre aquelle ministro, e o dos negocios estrangeiros, auctores desta medida, que tarde, ou cedo, eu hei de fazer pesar toda a responsabilidade de uma violencia, que lesa, e crava tão profundamente a reputação de S. M. I.; que atropella, e subverte todos os direitos do homem, e todas as leis sociaes, as da decencia mesmo (pois é com a penna do escriptor, e não com o *cacete* de D. Miguel, que a *Norma das Regencias* devia ser combatida) e que dando garrote, *a la Turque*, aos privilegios do cidadão, do militar, e do subdito sempre zeloso do serviço, e leal aos direitos de uma soberana constitucional, insulta ao mesmo tempo a opinião dos homens independentes, e escarnece do conceito de milhares de portuguezes, que, se não têem mentido a Deus, ás suas proprias consciencias, e ao mundo inteiro, desde 24 de Agosto de 1820 até hoje, devem estremecer ou envergonhar-se, de vêr que, depois do despedaçamento da monarchia, do incendio, e ruina de nossa infeliz patria, da proscripção, e supplicio de tanto homem immolado á regeneração das instituições do seu paiz, estamos chegados, em nome da Carta Constitucional, *ás fogueiras do Campo de Santa Anna!!!*

Peço respeitosamente a v. ex.ª queira fazer-me a honra de acreditar, que assas versado em correspondencias officiaes, sei distinguir os deveres do homem publico dos sentimentos do homem particular, e que, seja qual fôr o clamor que (contra a minha vontade) querem forçar-me a levantar neste momento de uma injustiça tão atroz, e de uma vingança tão baixa, e tão ignobil, contra mim a sangue frio praticada, a pessoa de v. ex.ª não entra por coisa alguma em minhas reflexões. —Deus guarde a v. ex.ª — Londres 24 de Novembro de 1832.—Illm.º e exm.º sr. Luiz Antonio de Abreu e Lima — *Rodrigo Pinto Pisarro.*»

«Ministerio da guerra—2.ª repartição—Manda o duque de Bragança, regente em nome da rainha, declarar ao coronel de cavallaria Rodrigo Pinto Pisarro, que não obstante por portaria desta data terem sido mandados regressar a Portugal todos os militares portuguezes, existentes em paizes estrangeiros, fica elle inhibido de voltar a este reino, em quanto em todo elle se não achar restabelecida a auctoridade legitima de Sua Magestade Fidelissima a senhora D. Maria II. — Paço no Porto 3 de Novembro de 1832 — *Agostinho José Freire.*

Está conforme—*Marçal José Ribeiro.*»

NOTA I.

«Os cabos de guerra da camarilha não tiveram ainda a coragem, que sobeja nas tropas de todas as denominações, e nunca faltou no imperador, de n'uma noute, passar o Douro, romper o inimigo, que é muito inferior ás nossas forças em Villa Nova; cortar a ponte do Vouga, a de Coimbra, etc., ganhar assim quatro marchas, e entrar em Lisboa, defendida por um Alvares Pereira, porém que nunca vestiu couraça. Não tem cavallaria? Pois só agora lhes lembra, cigarras enfatuadas, que passaram cinco mezes a cantar na Terceira, desfructando o ganhado pelo major Quintino, pelo general Cabreira, pelo major Menezes, e seus voluntarios; que perderam precioso tempo a bordar fardas, a legislar para a lua, e a distribuir excellencias com uma avidez commum á maioridade dos Cincinatos que têem invadido o ministerio desde o dia 24 de Agosto?!

Mas que é essa cavallaria portugueza? Uma cavallaria ligeira, e sempre mal armada; e por consequencia incapaz de encetar nossas columnas, ou penetrar nossos quadrados (não affianço os quadradinhos de 200 homens do sr. Mousinho d'Albuquerque, ainda que figuram uma vez nas estampas de *Scharnhorst*), ou de confundir nossa infanteria, se lhe não for apresentada, como em Souto Redondo, parte desunida, parte em ordem extensa, e toda surpreza! Ahi estão esses officiaes de voluntarios R. d'El-Rei, que viram como eu, que essa atrevida cavallaria do Rio da Prata nunca chegou ás nossas bayonetas, senão duas vezes que os piquetes se deixaram surprehender. Foi a impericia de Souto Redondo quem augmentou a importancia da cavallaria inimiga.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Cemiterio da Conchada.— Na semana linda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Antonio Ignacio da Silva, filho de Joaquim Ignacio da Silva e Anna Candida de Jesus, natural de Coimbra, de 13 mezes, fallecido no dia 27 de Setembro.

Maria da Gloria, filha de Manoel Palla e Anna Maria, natural de Cellas, de 42 annos, fallecida no dia 30.

Guilhermina de Jesus Moura, filha de Francisco Antonio e Bernarda Emilia, natural de Coimbra, de 28 annos, fallecida no dia 30.

Maria da Boa Morte, filha de José Cadete e Maria da Conceição, natural de Coimbra, de 75 annos, fallecida no dia 1 de Outubro.

Dr. Francisco Fernandes da Costa, filho de José Fernandes d'Oliveira e D. Anna Luiza, natural de Guimarães, de 72 annos, fallecido no dia 2.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5664.

A entrada do exercito francez em Coimbra.—O nosso estimavel collega de Braga, o *Brado Liberal*, diz nas *ephemerides* do seu ultimo numero, que os francezes entraram em Coimbra no dia 30 de Setembro de 1810.

Tomamos a liberdade de dizer, que os francezes entraram em Coimbra, não nesse dia, mas sim no immediato, 1 de Outubro.

Additamento. — Um nosso amigo nos diz de Pombeiro o seguinte:

«No communicado que de Goes, dirigiram a v., sobre as exequias solemnes e trasladação dos restos mortaes de D. Bernarda Pereira de Vasconcellos, e de sua filha D. Aurea de Vasconcellos, para o jazigo de familia construido no cemiterio publico de Pombeiro, faltou, de certo por esquecimento involuntario, mencionar os nomes de dois clerigos assistentes a todo o acto religioso—que foram os reverendos Antonio Simões de Carvalho, coadjutor em Serpins, e Joaquim Ferreira da Silva, professor em S. Miguel de Poiares, vindo assim a constar de 38 clerigos a lista inserta no n.º 2836 do seu bom *Conimbricense*. Pombeiro, 3 de Outubro de 1874.—* * *.»

Declaração.—A pedido publicamos o seguinte:

»Sr. Redactor.—Tendo lido no seu acreditado jornal um emprazamento dirigido á minha pessoa, pelo sr. João da Silva, desta villa, relativo a uma correspondencia minha, inscripta na *Nação*, n.º 8846, declaro que na dita correspondencia, não me refiro ao dito sr., e mesmo a palavra que podia ferir alguma das testemunhas na celebre sindicancia, não foi transcripta, tal qual eu a escrevi: o que só posso attribuir ao veu da imprensa.

Sou com toda a estima de v. cr.º e vr.º— Louriçal, 3 de Outubro de 1874.—Padre *Francisco Henriques Antunes.*»

Reino animal.—A geographia zoologica é uma sciencia que progride incessantemente, e os seus principaes factos estão ainda sujeitos a variadas e incertas apreciações. Suppõe-se porem, com bons fundamentos, que a população animal actualmente distribuida á superficie da terra, se pode calcular nos seguintes termos:

Mammiferos 1:500 especies. Aves 8:000. Reptis 1:000. Peixes 12:000. Total dos animaes vertebrados 22:500 especies. Articulados 200:000, comprehendendo os insectos, annélides, crustaceos, arachnides, e myriapodes. Moluscos 22:000. O ultimo sub-reino, os radiarios compõe-se de immenso numero de especies. Só os polypos e os infusorios animam por sua extrema multiplicidade toda a natureza. O microscopio descobre todos os dias novos typos destes animaes inferiores, e os naturalistas já não duvidam admittir só na classe dos infusorios mais de 250:000 especies.

Sommando pois todas as especies dos 4 sub-reinos, vertebrados, articulados, molluscos e zoophitos, temos um resultado final de meio milhão de especies animaes.

Reino vegetal.—Não se póde determinar com exactidão mathematica o numero de especies de plantas actualmente distribuidas á superficie do globo, porque as explorações botanicas e geographicas da parte solida e liquida do planeta que habitamos, todos os dias realisam novas descobertas.

Os botanicos antigos, como Theophrasto e Plinio não conheciam mais de 500 especies de vegetaes. A descoberta da America augmentou extraordinariamente o dominio da flora. As ultimas edições das obras immortaes de Linneu, no principio do seculo actual já mencionam 20:000 especies. Alexandre Humboldt estudou 44:000, entre phanerogamicas e cryptogamicas, e Decandolle 56:000. Em 1835 já se contavam nos herbarios e jardins botanicos 86:000.

Actualmente, os calculos mais aproximados da verdade admittem a existencia de 210 mil especies de plantas phanerogamicas. As cryptogamicas, como os fetos, algas, musgos, etc., são muito mais numerosas, porque são plantas cellulares, muitas dellas microscopicas, que se multiplicam rapidamente sobre rochedos estereis, e nas profundidades das aguas. Não ha pois exaggeração, affirmando que todas as especies vegetaes, phanerogamicas e cryptogamicas, que actualmente habitam o nosso planeta, não são inferiores a meio milhão. E note-se, que este numero representa uma pequena parte da flora actual; se attendermos, a que uma grande parte do globo terrestre está ainda por explorar. Os botanicos não conhecem ainda a 5.ª parte das especies de plantas que povoam a terra, porque sabe-se muito pouco de extensas regiões da America, uma grande parte do interior do continente africano é ainda desconhecido botanicamente, e o mesmo succede a respeito das floras da Asia central, do sul e sudeste da Arabia, e de grande parte da Australia.

Noticias de Angola.—O *Diario de Noticias* publica o seguinte:

«Parecem apresentar caracter mais favoravel as coisas de Angola. Prosegue a insurreição nos concelhos sublevados, mas se devemos crer as informações, que aliás temos por verdadeiras, da interessante e sensata correspondencia que em seguida publicamos, não estará longe o seu termo:

«Loanda, 31 de Agosto de 1874.— Aproveito a partida para ahi da corveta *Sagres* para lhe dar algumas noticias desta provincia, que adiantem ás que foram pelo paquete *D. Pedro*.

As cousas do interior vão apresentando melhor aspecto, e parece caminharem para uma solução proxima; toda de paz e ordem.

Em Ambaca, segundo as noticias recebidas com data de 23, não tinha havido novidade. Esperava-se que a força em operações, depois de pacificar o concelho do duque de Bragança, fosse ao concelho de Ambaca para fazer entrar na obediencia as divisões de Piri e Hari, as quaes ainda estão em hostilidade para com o governo.

Do Duque de Bragança receberam-se noticias com data de 4 do corrente mez. Diz o chefe que ainda continuavam revoltadas algumas divisões do concelho, mas que o não aggrediam. Differentes sobas, e entre elles o rei de Ginga, tinham offerecido auxilio ao chefe, que só tencionava aproveital-os depois d'alli chegar a força de operações, a qual já ia em marcha para alli.

O commandante da columna de operações officiou em 13, estando já acampado em territorio do concelho do Duque de Bragança e limite do concelho de Malange. Diz que vae proseguir na sua marcha para a sêde do concelho e que até áquella data nenhuma occorrencia notavel se dera.

Chegaram a esta cidade cartas de Malange escriptas em 19 do presente mez. Havia alli socego e as forças que se haviam rebellado tinham entrado no ordem. Serviu-lhes de lição a sova dada pela columna de operações.

Constava em Malange que esta columna havia chegado á sede do concelho do Duque; tendo apenas tido algum tiroteio em que levou de vencida os insurgentes. De Ambaca confirmam esta noticia; todavia carece de affirmativa official para se lhe dar inteiro credito.

Em todos os mais concelhos ha tranquillidade, e no Golungo-alto continuam a apresentar-se os sobas que andavam separados de nós desde a questão dos Dembos.

Com a saida da corveta *Sagres* fica muito reduzida a estação naval, pois a não ser a corveta *Duque da Terceira*, os mais navios só estão no caso de jazer nas lamas! Fazem aqui uma triste figura e representam um desperdicio sem a menor utilidade. Custear o armamento de taes *ratoeiras* parece-nos desacerto administrativo. A questão não é do numero mas da qualidade; antes poucos e bons, do que muitos e maus.

O abastecimento d'agua para esta cidade, trazendo-a do Bengo, é d'aquelles melhoramentos em que toda a demora se torna prejudicial; pois, interessa a toda a população que a está obtendo com difficuldade e por elevado preço. Venha a este respeito uma decisão prompta; que já não é sem tempo.

A commissão encarregada do regulamento do trabalho tem tudo quasi prompto. Vae agora mandar imprimir o projecto, a fim de o remetter a diversos individuos, que convem ouvir em assumptos de tanta importancia.»

Ha porém, quem não veja as coisas por lado tão lisonjeiro e affirme que a insurreição se prolonga sem que nada hajam podido contra ella os esforços do governador e os meios que tem empregado para a debellar, que por alguns correspondentes menos affectos ao governador são julgados insufficientes. Do numero dos que assim pensam é o correspondente que nos escreve as seguintes linhas:

«Angola, 31 de Agosto. — Esta vae pela corveta *Sagres*, que segue d'aqui para a metropole. As guerras continuam da mesma maneira, sem alteração, e estamos em risco de perder os concelhos de Malange, Duque de Bragança e Ambaca; o governador tem feito tudo ao seu alcance; oxalá que o governo mande forças para pôr cobro a todas estas guerras.—Os bichos dos pés, *chica*, continuam fazendo bastantes victimas.— O professor da escola principal, sr. Salles Ferreira, vae brevemente visitar as escolas do interior e de varios concelhos.—Espera-se aqui o vapor no dia 5 de Setembro, o mais tardar.— O tempo tem ido soffrivel; para o mez que vem começa o calor!

No dia 31 de Outubro ha de haver no palacio do governador um baile para festejar o anniversario natalicio de el-rei D. Luiz.—Nos mais concelhos reina o maior socego possivel.»

Este crê até perdido para a corôa o dominio das regiões que a insurreição domina. Não nos associamos a esta maneira de vêr. De certo o governo de sua magestade não descurará assumpto de tanta gravidade e attenderá aos justos clamores do commercio angolense, que pede a todo o transe providencias que ponham termo ás causas, já mais ou menos estudadas, e de certo removiveis, destas repetidas sublevações.»

Noticias de Lisboa. — O correspondente em Lisboa do *Jornal da Manhã* communica-lhe o seguinte:

«Recebeu-se hoje um telegramma official de Macau, de 25 de Setembro, em que se relatam os grandes estragos causados pelo tufão, a que se seguiu um violento incendio no vapor *Principe D. Carlos*, que se afundou.

O navio de guerra *Camões* recebeu tambem grossas avarias.

Ambas as tripulações foram salvas.

O governo mandou logo applicar os fundos necessarios para a reparação dos estragos.

A canhoneira *Tejo* tambem soffreu avarias.

Terça feira vae á assignatura o contracto de navegação do Algarve.

Na segunda feira haverá o juramento dos arbitros na questão da Companhia das Aguas.

Houve hontem no Tejo a bordo do vapor hespanhol *Manoel Peres* uma explosão na machina, morrendo o engenheiro, e ficando mal feridos tres marinheiros.

O vapor fundeou outra vez.

O *Diario* publica um decreto demittindo o amanuense Alfredo Subtil, por faltas no ministerio da fazenda, bem como tambem publica os despachos já conhecidos.

A divida fluctuante em 30 de Setembro ficou em 2461 contos.»

Noticias estrangeiras.— As ultimas noticias são as seguintes:

Versailles, 1. — Foi dirigida ao governo pela commissão permanente uma interpellação ácerca dos boatos que circularam com relação ao movimento separatista em Nice. O ministro declarou que eram infundados taes boatos. Os realistas censuraram fortemente que fosse chamado o «Orenoque».

Turim, 30.— Thiers foi recebido pelo rei em audiencia, que se demorou muito tempo.

Paris, 2.—Correm boatos de que a Russia e Inglaterra pensam em terminar a questão da Dinamarca fazendo restituir o Sleswig. Allude-se novamente ás intenções da Russia com respeito ao reconhecimento de Hespanha.

ANNUNCIOS

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

1 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 réis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, pode insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu—**633:492 machinas**—(mais de meio milhão!)

COMPANHIA LISBONENSE DE TABACOS

Fabrica de Tabacos em Santa Apolonia

LISBOA

2 ATTENDENDO ás repetidas imitações que differentes fabricas de tabacos de Lisboa e Porto têem feito dos nossos rotulos e empapelos, especialmente no rapé e folha picada, rogamos por isso a todos os nossos consumidores que hajam sempre de examinar escrupulosamente os rotulos dos tabacos que adquirirem, a fim de não serem illudidos, e poderem sempre apreciar a boa qualidade dos seus generos.

Associação dos Artistas de Coimbra

Balancete em 31 de Agosto de 1874

Saldo do mez anterior.........	4:513$696
Recebido neste mez, proveniente de juros, multas, quotas semanaes e prestações de joias....	132$080
	4:645$776
Despendido com diversas despezas como consta das ordens..	139$640
Saldo que passa para Setembro.	4:506$136

Balancete em 30 de Setembro de 1874

Saldo do mez anterior.........	4:506$136
Recebido neste mez, proveniente de juros, multas, quotas semanaes, e prestações de joias.	110$060
	4:616$196
Despendido nas diversas addições de despeza, como consta das respectivas ordens.........	160$475
Saldo que passa para Outubro..	4:455$721

Coimbra 30 de Setembro de 1874.
O secretario da direcção,
José Maria Duarte.

PRAÇA DE S. BARTHOLOMEU

N.° 12 e 13

4 JOSE' MARIA FERREIRA DA ROCHA, participa a todos os seus amigos e freguezes, que lhe chegou do Porto um grande sortimento da *nova fabrica de tabacos Lusitania*, que tem provado bem; e alem desta tambem tem grande sortimento de outras fabricas do Porto e Lisboa, assim como rapé das melhores qualidades.

5 O PROFESSOR A. J. Gonçalves da Cunha mudou a sua aula de instrucção primaria, calligraphia e escripturação commercial, da rua das Fangas para a rua do Correio, n.° 108.

ESCOLA POPULAR

6 NO DIA 5 de Outubro principiaram as aulas de instrucção primaria, calligraphia e escripturação commercial na rua de Correio, n.° 108.

O professor,
A. J. Gonçalves da Cunha.

Escola popular

7 O PROFESSOR A.J. G.da Cunha, continua a leccionar os individuos que se propõe ao magisterio primario. Rua do Correio, n.° 108.—Coimbra.

NOVA PADARIA

14, S. Bartholomeu, Adro de baixo, 16

8 NESTA PADARIA vende-se pão quente, de primeira qualidade e diversos feitios, pela manhã, e á noite até ás nove horas.

Attenção

9 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

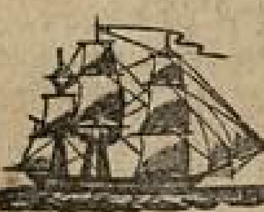
BOM CHÁ E QUEIJO FLAMENGO NOVO

10 VENDE-SE na loja de Victorino Henriques Lebre, rua da Calçada, n.os 157-159, proximo á livraria do sr.Cabral. Tambem tem variado sortimento de vinhos do Porto, finos e de mesa, licôres finos, genebra hollandeza e faquim. Vende por preços commodos.

11 PRECISA-SE de um homem que queira ir servir por uma praça da reserva, a quem faltam 9 mezes de serviço. Dão-se 50$000 reis. A quem convier póde entender-se com o sr. Antonio Fernandes da Piedade, em Coimbra, Praça 8 de Maio.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Barca=ADMIRAVEL=em 24 de Outubro.
Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**
Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.° 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

13 SUPERIOR **Queijo flamengo de casca vermelha,** na mercearia de José Tavares da Costa—225, rua da Calçada, 231—proximo á Portagem.

Licores hollandez e francez, de todas as formulas do **Pere Kerman**;—genebra hollandeza, 1.ª e 2.ª qualidade;—cognac fino;—vinhos legitimos do Douro, da Madeira, de Xerez, de Champagne, e de Bordeaux.

Vende-se por preços rasoaveis, com a garantia das boas qualidades, na mercearia de **José Tavares da Costa** — 225, rua da Calçada, 231—proximo á Portagem.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

14 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços:—dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.° 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.° 52, loja do sr.José da Silva Fonseca.

LECCIONISTA

15 JOSE' DIOGO ARROYO lecciona introducção em sua casa, Couraça de Lisboa, 17.

LECCIONAÇÃO

16 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar, na rua da Trindade, n.° 17, instrucção primaria, francez, e desenhos; assim como habilita para o magisterio de instrucção primaria.

17 NA RUA DE SUB-RIPAS e nas casas a que corresponde o numero 35, se lecciona instrucção primaria para a admissão ao lyceu, portuguez (curso completo), e latim (1.ª parte)

Leccionista de Pharmacia

18 JOAQUIM ANTONIO J. PEREIRA, pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade, lecciona aspirantes de pharmacia. Travessa da rua dos Militares, n.° 26.

19 JOSE' AUGUSTO TUDELLA DE MACEDO, faz publico, que não paga qualquer divida, tanto em lojas, como dinheiro emprestado, que façam seus criados ou filhos; isto tanto em Coimbra como fóra, desta data em diante. E para que não alleguem ignorancia, vai por este meio prevenir o publico.

20 ANTONIO RODRIGUES DE OLIVEIRA, do logar de Gavinhos, freguezia de Figueira de Lorvão, arrenda uma morada de casas novas, com quintal pegado, proximo á Cruz de Cellas, suburbios desta cidade.

Quem pretender póde procurar por estes 8 dias, seu dono, que reside na dita casa em Cellas, e que veiu de proposito para arrendar a propriedade.

21 OS HERDEIROS DO INIMIGO DO MONOPOLIO, continuam a vender em Coimbra, petroleo de superior qualidade, por atacado, pelo preço de Lisboa: dá-se prazo e responde-se pelo peso liquido de cada barril.

O encarregado da venda—**José Tavares da Costa**—Rua da Calçada, n.° 225 a 231, proximo á Portagem.

Attenção

22 VENDE-SE vinho velho da melhor qualidade, por grosso e ao meudo, no armazem do Manhola, no largo do Mendonça. Quem o quizer vá ou mande para ver se é verdade. Os preços por almude, branco, quasi como o do Porto, 1$800, meio 900 e quartão 450, e tinto da mesma qualidade, o mesmo preço; de Ançã o mais superior e muito fino 1$360, meio 680 e quartão 340; e mais baixo 1$200, meio 600 e quartão 300, e ao quartilho a 40, 30 e 25.

23 PADRE JOÃO DO AMARAL LEITÃO, abre as suas aulas de Francez e Latim a 12 de Outubro, na rua dos Grillos, n.° 20.

24 NA RUA DOS LOIOS, n.° 2, se vendem batinas novas, por preços commodos.

QUEIJO FLAMENGO

25 CHEGOU ao estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga—53 Sophia 57.— Casa de azulejo.

Curso de latim (1.ª e 2.ª parte) e de francez

26 O PRESBYTERO José Maria Cardoso de Figueiredo, abre no dia 12 de Outubro as suas aulas de latim e de francez.

Couraça dos Apostolos, 49.

CELLEIRO

27 ARRENDA-SE um bom celleiro no pateo da Inquisição. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio d'Almeida e Silva, rua da Sophia, n.° 65.

28 **SAUDE A TODOS** restabelecida sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Saude*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Saude a todos pela deliciosa *Revalescière* Du Barry, que cura as indigestões (dyspepsias), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a de S.S.o Papa, ao duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Cura 72:448. Cadiz 3 de Junho de 1868.

Não posso fazer menos de manifestar a v.s.as os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revaléscière* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinaes, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico, ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual o distingue o seu attento venerador— VICENTE MOYANO.

Cura 69:718. Ticheville (Orne) 20 de Março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalescière*, tenho-a administrado a varias pessoas, ás quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo n'aquelles que padeciam de hydropesia. Tres destes curaram completamente.—A tosse produzida por uma constipação, desappareceu instantaneamente, e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina e das molestias de estomago, affastando de qualquer individuo a hypocondria. PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rabir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm.—BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto.L. Maia, pharm.—COIMBRA, V.Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro—FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas.—GUIMARÃES, A.J. Pereira Martins, pharm.—PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rabia, rua de Cedofeita, 92.—PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2839 — SABBADO 10 DE OUTUBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$800
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Portugal é uma nação essencialmente agricola. Podem, e de certo tem progredido muito outros ramos de industria; mas a agricultura, hade sempre formar a base principal da existencia deste paiz: e entre as variadissimas culturas do nosso uberrimo torrão, é sem duvida a mais geral e valiosa, a das vinhas.

O marquez de Pombal, dirigindo-se pelos principios da escola exclusivista e dominadora de Colbert, que substituia a iniciativa individual pela acção unica do governo, fez com que se instituisse na cidade do Porto, no dia 31 de Agosto de 1756, e fosse confirmada por alvará regio, datado de Belem em 10 de Setembro immediato, a famosa companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro, dotando-a com privilegios exorbitantes e odiosos. Assim, para beneficiar uma região vinicola, destruiu e aniquilou quasi todas as dos outros pontos do reino.

A Bairrada foi uma das localidades que mais soffreu com esse exclusivismo. Ultimamente, porem, a extincção do monopolio da celebre companhia, e o melhoramento que tem tido a agricultura neste paiz, fizeram reviver com toda a sua força e vigor as vinhas na Bairrada; e hoje os productos desta região são os segundos de Portugal, e ás vezes chegam a egualar aos primeiros.

Carecem, porem, os lavradores de capitaes, para desenvolver o cultivo das vinhas, e facilitar a boa venda dos seus productos. Ha muito se pensa em organisar na Bairrada uma companhia com este fim; mas só agora se trata efficazmente de realisar tão utilissima empreza!

No dia 10 de Setembro ultimo foram terminados e approvados os estatutos da *Companhia geral da agricultura das vinhas e do commercio dos vinhos da Bairrada*. E não podemos deixar de notar a feliz e auspiciosa coincidencia, de terem sido assignados os estatutos desta companhia, exactamente no mesmo dia 10 de Setembro, em que 118 annos antes foi confirmada a instituição da companhia das vinhas do Alto Douro, origem da decadencia da região vinicola da Bairrada, a qual de certo muito vae prosperar com o auxilio da companhia agora creada.

Esta sociedade anonyma é de responsabilidade limitada, e tem a sua séde e domicilio legal na villa da Mealhada.

Os fins principaes da companhia são commerciar em vinhos de producção do paiz vinicola da Bairrada, e da Beira superior, mantendo a sua pureza e credito, e auxiliar os productores destes vinhos por meio de operações de credito predial e agricola; alem de outras operações designadas nos estatutos.

A companhia promoverá o aperfeiçoamento do fabrico dos vinhos, publicando instrucções para esclarecer os processos que devem empregar-se, conforme o gosto dos mercados onde a companhia costumar ou intentar levar o seu genero.

Terá a companhia succursaes em Lisboa, Porto e Rio da Janeiro, caixas filiaes, delegações, agentes ou correspondentes onde lhe convier, quer no reino, quer fóra delle.

A companhia terá um fundo de reis 5.000:000$000, dividido em cem mil acções de 50$000 rs. cada uma, podendo ainda elevar o seu capital, se a assemblea geral assim o deliberar.

Os proprietarios da Bairrada que quizerem entrar com seus vinhos nos fundos da companhia, esta os receberá por seu ajuste e accordo com a direcção, que pagará o seu importe com seus titulos e acções.

A companhia fará as suas operações livres, segundo os seus estatutos, regulamentos e leis vigentes; e consistirão:

1.° Em comprar vinhos, aguardentes, vinagres, e preparal-os para consumo do paiz e exportação para os mercados estrangeiros; e bem assim fará operações de commercio em qualquer dos objectos que são inherentes ao commercio dos vinhos, e agricultura das vinhas.

2.° Em fazer adeantamentos aos lavradores, por meio de contas correntes, letras, assignados, ou escripturas com hypotheca de rendimento e propriedade de suas vinhas, garantidas ainda pelos rendimentos de suas outras propriedades, ou quaesquer valores, toda a vez que o contracto predial não exceda a dez annos; havendo tambem uma secção de seguros.

3.° Em fazer tambem emprestimos ou adeantamentos ao estado, aos districtos e ás camaras municipaes, sejam para melhoramentos geraes e especialmente de estradas do districto, ou na circumscripção vinicola.

4.° Quando a companhia, por subsequentes conveniencias, tenha, por ventura, de abranger em suas operações o commercio dos vinhos estranhos á região bairradense, taes como os da Beira superior; serão esses vinhos vendidos sob a denominação genuina da sua procedencia.

5.° Todas as operações singulares com individuos, companhias, corporações, ou com o governo, comprehendidas até á importancia de 50:000$000 reis, serão simplesmente resolvidas pela direcção: de 50:000$ rs. até 100:000$ rs.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLI

RODRIGO PINTO PISARRO

IX

Continuava Pinto Pisarro a residir em Londres, expressamente prohibido por D. Pedro e seus ministros, de vir a Portugal ajudar a causa da rainha e da Carta.

A essa exautoração acrescia o não receber subsidio para o seu sustento. Por isso escreveu em 29 de Novembro de 1832 ao encarregado de negocios de D. Pedro, Luiz Antonio de Abreu e Lima (ultimamente conde da Carreira) uma carta a esse respeito.

A resposta dubia que elle lhe deu, provocou da parte de Pinto Pisarro a publicação feita na typographia de R. Greenlaw, intitulada—*Philantropia constitucional dos ministros constitucionaes do governo do Porto.*

E' a seguinte:

«Prender um cidadão, póde ser necessario; entregal-o aos tribunaes, indispensavel; tirar lhe a vida *á voz dos juizes*, justo; mas lançal-o ás féras, por passa tempo; abandonal-o em praias ermas, por distracção; vendel-o aos egypcios, *por ciumes*; deportal-o para longes terras e deixal-o ahi lutar com a fome para lhe ouvir de longe os arrancos da morte, é copiar de Roma as paginas mais atrozes, imitar Domicio Nero; *é privar d'agua, e de fogo*, copiar Tiberio; e ainda mais, porque no tempo d'este *só se castigavam as acções, e o fallar era livre!*

Se alguns ministros sem respeito ás leis, nem ao decóro, pódem entregar-se a taes abominações *contra aquelles que os não incensam;* se alguns ministros pódem atirar com a Carta em pedaços á face daquelles que a tomaram por symbolo em seu culto monarchico-constitucional; se um ministerio, que deriva todo o seu poder do respeito que os portuguezes tributam ao principe que combate briosamente á frente delles, adopta já as maximas mais corruptas dos ministerios mais gangrenados... começo a tremer, que, se algum ministro ordenar um assassinato, ou seja de Sulla, ou seja de Plauto, *o senado não vote graças aos deuses.....*

A resposta do sr. Abreu e Lima á carta que lhe escrevi, documentos que transcrevo, mostram com a luz da evidencia a todo o liberal por principios *e não por especulação*, que os ministros de S. M. I. prezam tanto a reputação do principe que *os emprega, e honra*, como a vida dos seus concidadãos! Poderá alguem acreditar que o senhor D. Pedro d'Alcantara, que expõe tão nobremente a vida para reconquistar o throno constitucional de sua augusta filha, queira dar armas aos inimigos de uma tão gloriosa empreza? Póde elle querer que seus ministros perpetrem atrocidades eguaes áquellas perpetradas pelas alçadas, e ministros do infante D. Miguel? Não, certamente; esta obra de iniquidade é toda dos seus *indignos* ministros, é uma perfidia mais daquelles mesmos *grutescos*, que o illudiram *tão completamente* sobre a influencia d'elles em Portugal. Desmascarar taes homens é servir lealmente S. M. I., sua augusta filha e a causa constitucional.—*Rodrigo Pinto Pisarro.*»

«Illm.° e exm.° sr.—Quando qualquer governo expatria *camarariamente*, isto é, *absoluta, despotica, e tyrannicamente* qualquer dos seus *servos ou vassallos*, tem sempre a equidade, no meio da turcomana prepotencia, de mandar alimentar a victima dos seus ciumes, e tyrannia.—V. ex.ª não ignora quanto é feio, e lastimoso, nas estampas do Dante o quadro de Ugolino morrendo de fome!

Quando o conde de Subserra, um d'esses traidores afortunados que se offereceram a Napoleão para conduzir aguias francezas á preza de Lisboa; degradou Silvestre Pinheiro (o primeiro homem, que eu saiba, até aquelle tempo, que tivesse a diguidade de sacrificar ó *pomo* de uma pasta aos seus principios, e, por humilde paridade em quanto a mim, victima tambem de uma opinião politica) mandou dar-lhe uma pensão em França. Quando S. M. o imperador do Brasil mandou sahir do imperio alguns dos seus subditos (a) arbitrou-lhes pensões na Europa. Quando a regencia *constitucional* da Terceira, *que em dois annos só fez duas setembrisadas*, deportou o major Quintino, não lhe esqueceu pelo menos, de prometter-lhe alimentos.

Eu, graças ao governo soberanamente constitucional do Porto, estou camarariamente deportado; se não por ordem do senhor D. Pedro, *porque todas as cartas do Porto attribuem estas maravilhas á sordida vingança de dois ministros que o deslumbram*, ao menos em nome d'elle, e não devo acreditar que tão augusto principe queira ser menos benevolo em nome da soberana sua filha, que quando cingia a corôa imperial; levando o seu real antôjo contra mim, *reu de uma brochura concebida em respeito, e escripta com delicadeza, a pró dos direitos da minha propria sobera-*

(a) Um dos quaes é hoje ministro do seu augusto filho em Paris; e José Bonifacio, *tão perseguido, tão calumniado*, foi o unico homem em quem o senhor D. Pedro achou lealdade bastante para lhe entregar, no momento do infortunio, a infancia de Pedro segundo. *Discete justitiam moniti.....*

precisa ser ouvido o conselho fiscal, e d'ahi para cima a assemblea geral.

6.º Poderá receber depositos em dinheiro metallico á ordem e a prazo, comtanto que tenha sempre em caixa a terça parte do que tiver por depositos á ordem.

7.º Poderá receber fazendas de consignação em expedição e recepção, comprar vinhos por conta d'outros, e satisfazer a quaesquer outros artigos de commissão.

8.º Poderá egualmente abrir conta e commercio de cambio nas praças nacionaes ou estrangeiras, que convier aos seus interesses e commercio.

Bastará esta simples indicação para se ver a vastidão das operações que póde fazer a *Companhia geral da agricultura das vinhas e do commercio dos vinhos da Bairrada*, e a grande utilidade que da sua creação provirá aos lavradores daquella região vinicola.

E' certo que ainda em Portugal nos não podêmos desprender da acção dos governos para a gerencia dos negocios locaes, e para o fomento dos interesses dos differentes ramos da actividade individual. A tendencia regulamentadora do marquez de Pombal ainda em parte subsiste entre nós. Comtudo não deve isso obstar a que todos os cidadãos vão progressivamente cuidando por si mesmo dos seus proprios interesses.

Se os nossos habitos e educação nos afastam da amplissima liberdade de acção dos cidadãos dos Estados Unidos; bom é que tratemos de reformar, quanto possivel, essa tendencia rotineira, aproximando-nos da marcha civilisadora dos povos mais cultos.

Muito folgaremos com a prosperidade da *Companhia geral da agricultura das vinhas e do commercio dos vinhos da Bairrada*. Os seus installadores bem merecem da patria.

Consta-nos que vae ser aberta subscripção publica para esta companhia, nos dias 22, 23 e 24 do corrente. Em Coimbra a subscripção será no banco *Commercial*, e nas agencias dos bancos *Portuguez* e do *Douro*.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Amigo, sr. Martins de Carvalho.

Como deve suppôr, não deixo de lêr um unico numero do *Conimbricense*, e por isso dei todo o apreço aos seus artigos contidos nos numeros 2836 e 2837, ultimamente publicados.

Quando se fez a inauguração do caminho de ferro americano coube-me o encargo (por honrosa incumbencia dos illustres emprezarios, meus respeitaveis amigos) de dizer algumas palavras ácerca dos melhoramentos já effectuados em Coimbra, e do muito, muitissimo, que ha a fazer para que esta terra não venha a perder a classificação de terceira cidade do reino; e por essa occasião avancei que, se lhe pertencia o terceiro logar, em relação á extensão da sua área, riqueza, e população, não seria arrojo que em muitas cousas estivesse Coimbra a par das duas primeiras cidades, pelas suas circumstancias especiaes.

Nos ultimos annos têm sido importantissimos os melhoramentos materiaes effectuados em todo o paiz sob o influxo do poder central. Terá a sciencia sido contrariada em seus preceitos descentralisadores; mas, por minha parte, bemdigo o governo, que assim applica os dinheiros publicos; sendo para desejar que a distribuição de tão grandes beneficios seja feita no interesse geral, e que chegue em breve ao que hoje é sertão, para que, n'um futuro proximo, tambem possa ser jardim.....

Está de certo contrariada a theoria da sciencia, mas a pratica apresenta os seus beneficos resultados. Descentralise-se exaggeradamente a administração publica, e diga-se á camara municipal de Coimbra: —que construa uma ponte como a da Portella, e quatro kilometros mais abaixo a de Coimbra; que revista a margem direita do Mondego para preservar das cheias a cidade; que reconstrua a ponte da Cilreira, etc.; —diga-se á camara da Figueira que tome a seu cargo as dispendiosissimas obras do melhoramento d'aquelle porto e barra; e ver-se-ia que tudo ficava por fazer, porque difficilmente observâmos que por conta d'alguns municipios se edifique uma casa para eschola ou se construa uma estrada municipal...

Como disse, ha muitissimo a fazer em Coimbra; mas não é esta terra para grandes commettimentos,—sendo até para notar que muitas pessoas de certa importancia d'esta cidade se interessam mais por outras terras do que por esta.— Alguem, mal intencionado, diria que era porque nessa outra terra, talvez mais pequena, faz melhor figura um nome, sendo que alli uma casa qualquer, ainda que de mediocre construcção, dá mais na vista, toma as proporções de solar, e até a denominam pelo appellido de seu proprietario...

Em quanto lá por fóra se edifica por conta de particulares ou de companhias edificadoras, aqui só assistimos a demolições; e o peor é que, se assim se continúa, terão de emigrar muitos habitantes, especialmente os que pertencem á classe operaria, visto que algumas das casas demolidas eram occupadas por individuos d'aquella classe.

Coimbra precisa ampliar a sua área, que não póde continuar circumscripta aos muros da cidade; e um dos sitios para isso mais adequados é a parte que fica ao norte, para o lado do jardim. A illustrada vereação municipal, que serviu no biennio findo, assim o entendeu, realisando a compra da cerca de Thomar, que em 1841 fôra concedida á camara de então, e que a vendera, por entender que se não prestava ao fim para que foi pedida.

Nenhum local se prestava tanto á edificação de um bairro, não só pela sua proximidade da Universidade, como pela sua excellente exposição, por ter tão proximo um chafariz, e porque passando por alli o aqueducto que conduz a agua para a cidade, poderia abastecel-o. Aquelle bairro poderia dizer-se Coimbra a todos os respeitos, e em pouco tempo ligaria a cidade com os pittorescos logares de Cellas e Santo Antonio dos Olivaes. E tão auspiciosamente foi recebida a noticia da acquisição da cerca de Thomar para o municipio, que nos consta de muitas pessoas, que logo se deliberaram a mandar alli edificar, esperando só que se fizesse a venda dos terrenos e a demarcação da estrada de Cellas e das ruas contiguas. Ficava deste modo satisfeita uma das mais instantes necessidades de Coimbra: proporcionar-se-ia commoda habitação ás familias que desejam vir estabelecer aqui a sua residencia durante o tempo que seus filhos cursam a Universidade, e que não podem fazel-o, porque muitas das casas do bairro alto, alem de caras, são como armarios, em cujas pratelleiras se alojam os estudantes; e as que têm melhores condições só se obtem por um preço tão elevado, que as torna inaccessiveis ás bolsas de arrendatarios que não sejam abastados.

Diz-se agora que se pozeram de parte todas as considerações de interesse para Coimbra, e que, em logar do novo bairro, se vai alli fundar a penitenciaria, ou inquisição moderna, onde os maus se regeneram no completo e perpetuo isolamento, sequestrados da sociedade, sepultados n'um carcere, onde não vêem ninguem, e onde, segundo me dizem, nas de mais perfeita construcção, o condemnado ouve missa ou vê o sacerdote por um buraco! Até agora espargia-se a vista por um alegre panorama quando se descia do alto do Castello: logo que alli estiver a prisão, em logar de suaves emoções só teremos que nos lembrar dos infelizes que alli jazerem encarcerados. Em Lisboa, que tem dentro de seus muros tantos terrenos dados á agricultura, e onde ainda ha muitas searas, não se escolheu qualquer dos vastos campos que ha na cidade para se estabelecer a prisão penitenciaria, alguns dos quaes pertencem ao estado, e foi-se expropriar o terreno necessario nas terras denominadas do Seabra, extra-muros da cidade: em Coimbra, onde não ha espaço para edificações, vai tolher-se o incentivo áquelles a quem se lhes deparava para isso o mais adequado dos sitios! Cousas d'esta terra...

Abandone-se, pois, um aceitavel projecto; obste-se ao engrandecimento material de Coimbra; mas registre-se aqui um testemunho de agradecimento á illustrada vereação municipal de 1872-1873, que iniciou a ideia da fundação do novo bairro;— projecto que de certo teria realisado, se porventura tivesse sido reeleita, ou se o periodo da gerencia municipal não fosse tão curto, que metade d'elle passam os vereadores como satisfazendo a um aprendizado.

Termino o que tenho a dizer ácerca do frustrado plano do novo bairro na cerca de Thomar, porque não desejo tornar mais extensa esta carta, em que não poderia egualar a doutrina do seu conceituoso artigo ácerca de melhoramentos em Coimbra. Não me dispenso porem de o incommodar ainda sobre este assumpto, que se me affigura muito importante.

Tambem para outra occasião reservo algumas considerações ácerca de alguns monumentos de Coimbra, tão apreciados pelos visitantes, e tão desprezados pelos habitantes. E a respeito do mosteiro de Santa Cruz não deixe o meu amigo de instar por que se cumpra uma lei do paiz, que dotou aquelle monumento com uma verba, que, bem applicada, serviria senão para a sua reconstrucção, ao menos para evitar a sua completa destruição, conquanto pareça que são já ruinas o que alli vemos, a julgar pela fileira de assadeiras de castanhas, que, a contento de todas as policias, lhe conspurcam as entradas, incorrendo-se em severas censuras dos que não estiverem no facto de muitas indecencias, que sem ceremonia se praticam nos logares mais publicos d'uma terra, que aliás deve dar exemplo de civilisação.

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

---

na, ao ponto de consentir que eu me finhe de mingua neste clima hypocondriaco — *you take my life, when you take the means whereby I live.*—Pois é certo que desejando apresentar-me no Porto prompto a servir, ou como official, ou como soldado, esgotei n'esses *mal-logrados* preparativos os recursos que possuia. Recursos limitados sem duvida, porque, menos feliz que os ministros que me accusaram e julgaram, *eu nunca fui arbitro, nem das prestações do Brazil, nem de tres emprestimos successivos...*

E' natural que o sr. Agostinho José Freire, e o sr. marquez de Palmella, *fautores, e instrumentos delicados* do meu degredo, não tenham olvidado o meu sustento; mesmo para ornato da oração d'elles. *Todo o senhor mantem o seu captivo*, e eu não devo esperar duro tratamento *dos senhores* que me couberam em sorte pelo fallecimento da Carta Constitucional, piedosamente amortalhada na mão de um dos deputados patriotas *a moeda de ouro*, e de um digno par do reino. (Nota I.)

Rogo portanto com muito respeito a v. ex.ª, queira ter a condescendencia, e fazer-me a honra de dizer-me, se está auctorisado a prover mensalmente ao meu sustento. — Deus guarde a v. ex.ª — Londres 29 de Novembro de 1832 — Illm.º exm.º sr. Luiz Antonio de Abreu e Lima — *Rodrigo Pinto Pizarro.*»

«Em resposta á carta de v. s.ª datada de 29 do passado, e que hontem á noute me veiu á mão, tenho a honra de assegurar a v. s.ª que não recebi do nosso governo ordem alguma, que exceptue a v. s.ª das disposições geraes existentes relativamente aos emigrados portuguezes, que continuam a residir em paizes estrangeiros. (b)

Deus guarde a v. s.ª. Londres em 1 de Dezembro de 1832.—*Luiz Antonio de Abreu e Lima.*—Illm.º sr. *Rodrigo Pinto Pizarro.*»

NOTA I.

«A conducta deste nobre marquez para comigo tem sido uma perfidia continuada.— No Porto, para me impedir, como impediu, de servir outro general, convidou-me para o seu estado maior, e faltou-me no mesmo dia a tudo quanto me offerecera! Por fim, juntou todos os parentes e adherentes para fugir com a junta, e a mim, me desamparou [illegible] resolução!

Quando voltavamos no Belfast disse eu, que apenas desembarcasse partia para o Rio, onde tinha alguns recursos; animou-me o illustre marquez a esta viagem, incumbindo-me até da redacção de uma carta para S. M. I. que devia ser assignada por elle, e pelos generaes de Villa Flor, e Saldanha. Chega a Londres; e vendo que a distribuição dos subsidios dava logar a certa *federação atroz*, combinou-se com o visconde Itabayana, e este diplomata *(a quem o seu governo tratou já como elle merecia)* negou-me passaporte para o Brazil! Temeram ambos certamente que eu podesse desmascaral-os diante do imperador.

Mezes depois uma ordem solemne do general commandante do deposito de Plymouth convidou os officiaes, em nome da rainha, a embarcar para o Rio, ou para a Terceira: deixei Paris immediatamente, demorei-me em Londres um dia para offerecer meus respeitos ao embaixador da minha soberana; recebeu-me elle com aquella cortezania que o enfeita; despediu-me, conduziu-me a escada, e foi para o seu gabinete escrever ao commandante do deposito para que impedisse o meu embarque... O general tinha outra lealdade, rejeitou o cargo odioso; mas nem por isso a doblez do marquez é menos *vil, menos abjecta!*

Desta perfidia impropria do cavalheiro, e indigna do homem publico, não tive eu noticia senão em Brest; e então, querendo forçar um inimigo solapado a tomar o vulto do adversario publico, arquei com elle *á luz do dia*; deitei-lhe uma luva, escrevi-lhe uma carta denunciando seus erros grosseiros, seus projectos egoistas; mas o diplomata famoso *(nos jornaes que paga)* fugiu da discussão que me devia levar longe, [illegible] *cuja partilha aceita*, seja o mundo; pagão, ou judeu, o companheiro, mandou contra mim o *Padre Amaro!* Não tardou muito que o *Paquete* da embaixada não fosse o seu segundo na lida que excitou a um militar distincto. N'um paiz onde *os direitos e os perigos* são eguaes, um *gentleman* recorre a outras armas.

Ultimamente essa portaria traidora, que assalta minha reputação *á sombra do general em chefe*, [illegible] é obra d'elle *e de um miseravel*, tão *falso em politica, como em amisade*, que invejando a gloria que o sr. C. J. X. ganhou em 6 de Janeiro, veiu tambem, como a rã de Tiberio, [illegible] Lafontaine, provocar, não o leão, mas um *homem morto*.....

Se fosse possivel acreditar, como não é, que S. M. approvára uma medida que assalta, á *falsa fé*, não só minha pessoa, porém minha reputação, estavam justificados os brasileiros.... Um governo póde ser justo punindo, mas calumniando é *infame*. Eu não ignoro que este attentado foi combinado por *essas fezes da aristocracia*, e *borras da democracia, a quem fataes validos* entregaram S. M.—E quem são elles? Um tropel de malandrinos, [illegible] marquez, uma guerrilha de [illegible], e gandaieiros, enrodilhados n'uma serapilheira de *excellencias de arribação*, fisgadas nas enxurradas!!!

(b) Quer dizer, para os inscriptos nessas disposições, 32 mezes de atrazamento, etc., etc.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Os salões.—O nosso antigo e prezado amigo o sr. visconde de Ouguella, acaba de nos obsequiar com um exemplar da sua recente publicação:

Os salões, affirmações democraticas, pelo visconde de Ouguella—Primeira serie— Lisboa, Lallemant frères, typ.—1874.

Lemos desde logo, sem interrupção, o livro do nosso amigo, e podemos dizer com verdade, que ha muito não vimos linguagem mais brilhante e explendida, enthusiasmo maior pelas ideias e principios liberaes.

Ao prazer de tão agradavel leitura, acresce para nós um motivo particular e especialissimo, por vermos que o nosso amigo conserva em toda a sua firmeza as crenças de antigos tempos.

No principio de Outubro de 1851, fez agora 23 annos, procurou-nos em a nossa residencia da antiga rua do Coruche, um academico, que havia chegado de Lisboa.

Vinha commissionado pelo *Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas* de diligenciar em Coimbra a publicação de um jornal para os operarios, e a creação de uma sociedade, ou delegação daquelle centro, que tivesse por fim a instrucção das classes populares; e pedia-nos para que nos associassemos a fim de se levar a effeito tão civilisadora incumbencia.

Era para ver o enthusiasmo e as vivas crenças do academico, no bom resultado da sua missão. Nenhuma difficuldade o embaraçava, nada o fazia esmorecer.

Annuimos da melhor vontade ao seu pedido; e logo no dia 4 de Outubro se convocou a primeira reunião, e se deu principio á *Sociedade de instrucção dos operarios*, que tantos beneficios prestou nesta cidade.

O academico a que nos temos referido, era o sr. Carlos Ramiro Coutinho, hoje visconde de Ouguella.

Foi nomeada uma commissão para elaborar as bases do ensino popular, e encarregou-se de as redigir o sr. Ramiro Coutinho.

Aqui temos neste momento sobre a nossa mesa de trabalho, o proprio parecer original do sr. Ramiro Coutinho; e confrontando as ideias ahi manifestadas, com as dos *Salões*, que tambem aqui temos á vista, notamos com satisfação, que no fim de 23 annos, tem o sr. Ramiro Coutinho as mesmas crenças nos direitos do povo, e o mesmo vivo desejo pelo seu bem estar. E' isto sobremodo honroso para o nosso amigo.

D'esse parecer transcrevemos os seguintes periodos:

«O povo está cançado de lutas estereis, e de eloquentes banalidades; o povo, como o israelita nos desertos da Asia, já duvida de encontrar a terra da promissão. O sopro do scepticismo veiu bafejar-lhe as faces; convém que os homens que hoje lhe fallam, lhe apontem de bem perto os resultados praticos da sua missão. Quer ouvir palavras como aquellas ao paralytico—*Tolle et ambula;* quer ver ainda que seja apenas o alvorecer d'esse dia de civilisação e de fraternidade, que os precursores da victoria da democracia, têem annunciado.

«A emancipação de todos os povos não vem longe; a emancipação de todas as classes presentimol-a já. E' preciso, pois, que appareçamos todos, sem que nenhum se julgue mais pequeno por lhe terem faltado com a instrucção necessaria. Convém de mais que todos possam soletrar as palavras—liberdade—egualdade—e fraternidade—e conhecer o numero de direitos e deveres, que prende a cada um destes dogmas grandiosos.

«Os membros da commissão, encarregada de promover a instrucção gratuita, pesaram todas estas considerações, pesaram todos os resultados que podiam vir a alcançar, como é dado a homens poder avaliar o futuro. Os membros da commissão, se lhes fallece o engenho e a instrucção, sobra-lhes a fé — e a fé é uma poderosa alavanca, quando uma associação a dirige e emprega.

«Os membros desta associação são todos democratas. Operarios e academicos, temos a mesma bandeira politica, religiosa e social. Os membros da associação operaria de Coimbra, não são exclusivistas, não pódem servir o obscurantismo, não querem, nem devem fazer distincções, quando se trata de promover a instrucção e derramar o maior numero possivel dos conhecimentos humanos.

«A instrucção é dada por todos, e para todos.»

Quem agora ler o bello livro do sr. visconde de Ouguella, os *Salões*, dirá se sim, ou não a sua doutrina se acha perfeitamente de accordo com a destes paragraphos escriptos ha 23 annos.

Estamos bem certos de que o livro do distincto escriptor ha de receber do publico o acolhimento de que por todos os titulos é digno.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Abuso de confiança.— Ha dias o recebedor do concelho de Goes entregou 6 libras ao conductor das malas entre a Louzã e Arganil, para as dar em Arganil ao recebedor da comarca.

O conductor, não só as não entregou, mas desappareceu, deixando de continuar na carreira.

Constando ao recebedor de Goes, que o conductor se havia dirigido para Coimbra, veiu aqui na quarta feira de tarde. O roubador, já tinha partido para Lisboa no comboio das 11 horas da manhã.

É de esperar que a policia de Lisboa alli o capture.

Mercado de Coimbra no dia 9—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 600—Dito branco 560—Dito Celorico meudo 620—Dito graudo 540—Milho branco 360—Dito amarello 360—Feijão vermelho 560—Dito branco da marinha 540—Dito da terra 480—Dito rajado 340—Dito frade 360—Centeio 450—Cevada 300 Favas 400—Tremoços 280—Grão de bico 600—Chicharos 280—Batatas 220—Azeite 1$300—Vinho da Beira 800—Dito da Bairrada 960—Aguardente de 18 graus 1$200—Dita de 19 graus 1$300—Dita de 20 graus 1$400.

Chegada. — Chegou a Lisboa o novo nuncio apostolico, monsenhor Domingos Sanguigni, arcebispo de Tarso, *in partibus*.

Primeira communhão dos meninos no Cadafaz.— Do concelho de Goes nos communicam o seguinte:

«No dia 20 do mez passado, teve logar na egreja de Nossa Senhora das Neves do Cadafaz, concelho de Goes, a festa de SS., que o digno parocho desta freguezia aproveitara para a primeira communhão dos meninos, a fim de que esta se tornasse mais solemne e brilhante.

Trinta e tantas creanças d'ambos os sexos comeram do sagrado pão eucharistico.

Vestidas consoante suas condições, com as cabeças ornadas de corôas, ainda que algumas d'ellas de gosto exquisito, todos se conduziam com a maxima gravidade e acato, mostrando-se compenetradas não só do respeito devido ao logar, como tambem da magestade e grandeza do acto que pela primeira vez iam exercer.

E para que dignamente o fizessem, seu bom pastor as preparara e instruira convenientemente nos principios da nossa religião, chamando a quem, a expensas suas, efficazmente o coadjuvasse, para que, não obstante a rudeza de muitos, e a quasi absoluta ignorancia de todos, habilitasse no curto lapso de tempo de que poude dispôr, o maximo numero que lhe foi possivel.

Postados ordenadamente e em logar separado, dois anjos conduziam separadamente cada um dos novos convivas á sagrada mesa, onde duas respeitaveis senhoras, servindo de madrinhas, para as meninas, e dois cavalheiros, servindo de padrinhos, para os meninos, pegavam na toalha, em quanto outros dois ministravam o lavatorio. Um anjo collocava sobre a cabeça de cada um, ao commungar, uma linda grinalda, em quanto outro espargia flores depois, em signal de galardão pela graça que vinham de receber.

Pregou o digno arcipreste d'Arganil, que n'um breve e singello, mas claro e substancioso discurso, cuidadosamente accommodado ás condições do auditorio, mostrou a grandeza e sublimidade do Sacramento da Eucharistia, terminando por uma agradavel allocução aos meninos, exhortando-os á pratica da virtude e principalmente ao desempenho dos deveres inherentes ás suas condições, de edade e de subalternos.

A' missa e na procissão tocou a philarmonica de Goes, cuja conservação e progressos importam justos encomios ao meu bom vigario e amigo o reverendo Francisco da Silva Carvalho, que nem sacrificios, nem trabalho, nem mesmo frequentes dissabores, tem feito desistir do primitivo e louvavel intento da conservação de tão util e agradavel sociedade.

Por vulgar que pareça tudo o que vimos de relatar, para quem ignora a importancia e recursos da terra onde teve logar, não póde deixar de considerar-se verdadeiramente extraordinario para quem, como nós, conhecer a pobreza, pequenez e condições topographicas d'ella.

Só a coragem, actividade e zelo do dignissimo parocho daquella freguezia, o reverendo Antonio Maria de Mello e Napoles, podiam levar a effeito o que outro qualquer jamais chegaria sequer a planear.

Attesta-o sobejamente a admiração e contentamento que transluzia no rosto com que vimos que os povos daquella localidade presenceavam tão edificante ceremonia.

Bem haja s. s.ª, que por tal forma mostra comprehender que a missão do sacerdote, quando dignamente desempenhada, e ainda a despeito do desprestigio em que a *moderna civilisação* debalde tenta lançal-o, não é menos, se não ainda mais nobre e sublime, que os feitos heroicos d'aquelles cujo sangue ainda lhe gira nas veias.

Goes, 6 d'Outubro 1874.»

Queixa.— O nosso amigo o sr. João Ferreira de Carvalho nos diz da Vendinha de Poiares o seguinte:

«Sr. Redactor.—Tendo eu na qualidade de recebedor da comarca da Louzã, para tractar de serviços respeitantes ao meu emprego, que ir a Penella, no dia 2 do corrente metti-me em Poiares na diligencia da sr.ª viuva Natividade & F.ºs, na qual segui até essa cidade, passando depois para outra de um tal sr. Angelo, que d'ahi para o Espinhal faz carreira.

Em Condeixa, feita a mudança de gado, entrei com mais 6 companheiros de viagem no carro, que até alli me tinha feito predizer sinistro; e entregues então a um filho do tal sr. Angelo (rapaz bastante imprudente), seguimos alguns poucos metros de viagem com os cavallos corridos á custa de repetidos golpes de açoute, até que, quando largavamos a estrada de Lisboa e entravamos na de Penella, se desmanchou a roda direita do jogo trazeiro, o carro tombou e nós com elle. Felizmente não houve mais a lamentar do que o susto e fortes contusões.

Averiguado o caso, duas foram as causas: já dos raios da roda só tres deixavam de estar inteiramente partidos: o cocheiro não teve prudencia, para, passando a valleta de vagar, esperar a pancada, poupando-nos o desgosto de nos deitarmos em tão dura cama.

O meu vaticinio forçoso foi realisar-se, pois mesmo sem a imprudencia do rapaz, o carro, no miseravel estado em que se achava, não poderia resistir ao peso de sete passageiros, de dois empregados da *diligencia* e da bagagem de cinco pessoas que vinham de banhos; não obstante as não interrompidas supplicas e rezas de duas boas velhinhas, que invocavam todos os santos de suas devoções, para que chegassemos ao termo da viagem sem dar *baque*.

Ha muitos sinistros inevitaveis; mas os desta ordem não se dariam, se, pelas respectivas auctoridades, o sr. Angelo tivesse sido prohibido de fazer serviço com tal carro, e o filho castigado pelas suas imprudencias; pois, segundo me informaram em Penella, são frequentes as vezes que tomba o carro, por a nenhuma cautella.

V., zeloso como se tem mostrado pelo bem da humanidade, se lhe parecer conveniente, extractificar desta narração, para pedir providencias a prevenir successos analogos, incluindo-o no noticiario do prestadio jornal de v., ajuntará aos muitos e importantes serviços que tem prestado ao publico, mais um, que sendo tomado na consideração que deve ser pelas auctoridades, póde dar em resultado poupar algumas victimas.

Rogo-lhe a bondade de desculpar o importunal-o, e crer-me

De v. am.º att.º vr.º e cr.º obgrm.º

Vendinha de Poiares, 6 de Outubro de 1874.—*João Ferreira de Carvalho.*»

Outra.—Pedem-nos a publicação do seguinte:

«*Regedor typo.*—Em Maiorca, uma das freguezias da comarca da Figueira da Foz, ha actualmente um regedor, que, em vez de empregar os meios para que não haja desordens, procura-as, mettendo-se nellas, e das quaes sae sempre humilhado.

Em um domingo de Outubro de 1873, achando-se elle e mais alguns individuos na taberna de José Carolino, bebendo e discutindo, levaram, oppressos já de uma certa influencia, a commum discussão a um ponto tal, que se tornou uma completa desordem, sendo o proprio regedor, sem respeito algum, baralhado por um delles para o meio da rua, onde ficou perfeitamente estendido. E em 13 de Setembro passado, tambem provocou uma outra desordem com um rapaz militar, que se achava de licença, na taberna de Albino de Abreu, logar que constantemente frequenta.

Não comprehende a posição: se a comprehendesse, não daria occasião a que, em tal logar, um soldado, apesar de ter sido injustamente aggredido, lhe lançasse as mãos ao pescoço e o afogasse, impellindo-o para entre as pipas, em que ficou entalado.

Desta forma seria respeitado, e não teria commettido o excesso de rasgar a farda do pobre soldado, que, na qualidade de regedor ainda mais deveria saber respeitar.

O pobre soldado, que ancioso anhelava o dia da partida para ver os seus e a sua patria, d'onde ha muito tempo estava ausente, julgou talvez, ter de todos os seus patricios um bom acolhimento, e passar com elles satisfeito esses momentos, que lhe foram concedidos com difficuldade! Illudiu-se; porque recebeu uma affronta de um homem, que devia ser o primeiro a ter para com elle uma tal ou qual deferencia.

Desculpem o regedor, porque é completamente destituido de conhecimentos. Lamentem apenas a terra, por ter como regedor um homem incompetentissimo.»

Pedido. — Pedem-nos a publicação do seguinte:

Calembourg enygmatico — Por que motivo se conserva ha tanto tempo a rua da *Calçada descalçada?...*

Noticias estrangeiras.— As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 9, á 1 h e 20 m. da tarde.—Dizem de Logroño que foram batidas pela artilheria as trincheiras do caminho da Guardia, abandonando os carlistas esta praça de que se apossaram as forças do general em chefe, seguindo os carlistas para Peñacerrada. Dizem de Lerida que morreu o brigadeiro de cavallaria Pozas.

Hoje é o banquete dado em honra do representante de França e na segunda feira ao embaixador de Inglaterra.

O irmão do pretendente acha-se em Cantavieja.

Dorregaray e 12 officiaes entraram hontem em França, sendo immediatamente internados.

Em Berlin foi approvado o projecto do conselho federal, facultando ao imperador o chamamento geral ás armas.

Continua o sequestro dos bens do ex-rei do Hannover.

ANNUNCIOS

Leccionista de Historia, Portuguez (curso completo), e Francez.

RUA DO CORREIO, N.º 102

1 O BACHAREL JOAQUIM D'ALMEIDA DA CUNHA, além da sua aula de *Portuguez* (curso completo), abre uma aula de *Historia* e outra de *Francez*, sendo o ensino dirigido do modo mais proprio para satisfazer ás condições do programma dos lyceus.

Matricula—todos os dias das 8 ás 10 horas da manhã, e das 3 ás 5 da tarde.

Associação dos Artistas de Coimbra

2 QUINTA FEIRA, 15 do corrente, pelas sete horas prefixas da tarde, terá logar a reunião extraordinaria da assembleia geral para se tractar d'um assumpto importantissimo e de interesse vital para a mesma associação.

Coimbra, 10 de Outubro de 1874.

O presidente,
Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

3 UM ARTISTA ESTRANGEIRO, que se demora pouco tempo nesta cidade, tira retratos a oleo, com perfeição, e por um preço commodo. Offerece o seu prestimo no hotel Central.

MUITA ATTENÇÃO

Nova diligencia entre Coimbra e a Figueira

De João Adelino Sousa

4 PARTE DE COIMBRA ás 6 horas da manhã; sahida da Figueira ás 3 horas da tarde. Preços: — dentro 750; fóra 600 rs.

Venda dos bilhetes em Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105; na Figueira, Praça do Commercio, n.º 52, loja do sr. José da Silva Fonseca.

Arrendamento de Quinta

5 NO DIA 18 do corrente, ao meio dia, na rua da Sophia n.º 35, hade arrendar-se a quinta do Almegue, pertencente aos herdeiros de D. Maria Miquelina Roxanes.

6 O PROFESSOR A. J. Gonçalves da Cunha mudou a sua aula de instrucção primaria, calligraphia e escripturação commercial, da rua das Fangas para a rua do Correio, n.º 108.

ESCOLA POPULAR

7 NO DIA 5 de Outubro principiaram as aulas de instrucção primaria, calligraphia e escripturação commercial na rua de Correio, n.º 108.

O professor,
A. J. Gonçalves da Cunha.

Escola popular

8 O PROFESSOR A. J. G. da Cunha, continua a leccionar os individuos que se propõe ao magisterio primario. Rua do Correio, n.º 108. — Coimbra.

9 QUEM QUIZER comprar algum vinho velho muito bom, nesta redacção se dirá quem o tem.

NOVA PADARIA

14, S. Bartholomeu, Adro de baixo, 16

10 NESTA PADARIA vende-se pão quente, de primeira qualidade e diversos feitios, pela manhã, e á noite até ás nove horas.

ALVIÇARAS

11 QUEM ACHASSE uma junta de bois no campo de Coimbra, com a marca de seu dono, e a queira restituir, receberá boas alviçaras. O dono é Francisco Marques, residente em S. Martinho do Bispo, a quem se deve entregar.

VENDA DE CASAS

12 NO PROXIMO DOMINGO, 18 do corrente, voltam novamente á praça, por desaccordo entre os herdeiros, as casas pertencentes aos filhos do fallecido Antonio Justino, situadas umas no becco dos Militares, n.º 3-5, e outras no Marco da Feira, n.º 32-38. A praça será feita nas lojas do mesmo predio, no Marco da Feira.

Leccionista de Pharmacia

13 JOAQUIM ANTONIO J. PEREIRA, pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade, lecciona aspirantes de pharmacia. Travessa da rua dos Militares, n.º 26.

14 A MESA da Santa Casa da Misericordia desta cidade, manda annunciar, que se acha aberto concurso por 15 dias, para o provimento de um logar de capellão.

Os concorrentes a este logar deverão apresentar seus requerimentos, acompanhados de cartas de preshytero, e confessor approvado neste bispado, dentro do referido prazo, na secretaria da mesma Santa Casa, onde lhes serão presentes as obrigações inherentes áquelle cargo.

Secretaria da Misericordia de Coimbra, 10 de Outubro de 1874.

Pelo escrivão,
José Francisco de Oliveira Reis.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 36

COIMBRA

15 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu — **633:462 machinas** — (mais de meio milhão!)

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

16 FRANCISCO MARQUES PERDIGÃO mudou a sua residencia para a rua do Cotovello, n.º 24, aonde estabeleceu a sua aula de habilitação para o exame d'instrucção primaria.

LECCIONISTA

17 JOSÉ DIOGO ARROYO lecciona introducção em sua casa, Couraça de Lisboa, 17.

LECCIONAÇÃO

18 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar, na rua da Trindade, n.º 17, instrucção primaria, francez, e desenhos; assim como habilita para o magisterio de instrucção primaria.

EDITAL

Dr. Fernando Augusto d'Andrade Pimentel de Mello, lente cathedratico da Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra, presidente da Camara Municipal da dita cidade.

FAÇO saber que na casa da camara se acham patentes por espaço de 10 dias, a contar da data do presente edital, as contas da receita e despeza deste municipio, relativas ao anno economico de 1873—1874; pelo que convido todos os cidadãos interessados a virem alli ver e examinar as ditas contas, e apresentarem-me dentro do referido prazo quaesquer reclamações que julgarem conveniente fazer, a fim de terem o destino competente.

E para constar se passou o presente e outros d'egual theor.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 9 de Outubro de 1874.

Fernando Augusto d'Andrade Pimentel de Mello.



ESTABELECIMENTO DE ALFAIATE

Rua do Infante D. Augusto, N.os 8 e 10

20 ANTONIO UGUSTO DA PAIXÃO, premiado na exposição de Vienna d'Austria e na districtal de Coimbra, com a medalha de prata, participa aos seus freguezes e amigos, que alem do bom e variado sortimento de fazendas que costuma ter, acaba de receber grande sortimento de fazendas proprias para inverno; assim como pannos nacionaes e estrangeiros, para casacos e batinas, sendo os seus preços os mais diminutos possivel, como costuma.



21 ANTONIO GOMES, alfaiate, na rua do Borralho, n.º 35 e 37, participa aos seus freguezes e amigos, que tem á venda capas e batinas novas de bom panno, por 13$500, assim como casemira preta encorpada, para calças, que as dá promptas por 4$500 rs.

PIAS PARA AZEITE

22 ARRENDA-SE um armazem na imprensa da Universidade.

Attenção

23 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

24 NA RUA DOS LOIOS, n.º 2, se vendem batinas novas, por preços commodos.

Leccionista de Desenho

25 A. A. GONÇALVES, rua do Correio, n.º 77.

LECCIONISTA

26 A. CANDIDO LAGO, bacharel formado em Direito, abrirá no dia 16 do corrente o seu curso de portuguez, latim, latinidade e francez, ensinando não só a leitura e traducção desta ultima lingua, mas tambem a fallar e escrever conforme o desejo dos interessados.

Os pretendentes poderão deixar os seus nomes na Livraria Academica, Calçada, 183, e 185.

27 NA RUA DE SUB-RIPAS e nas casas a que corresponde o numero 35, se lecciona instrucção primaria para a admissão ao lyceu, portuguez (curso completo), e latim (1.ª parte).

28 NO DIA 18 do corrente mez de Outubro, ao meio dia, arrendam-se, perante a mesa da Santa Casa da Misericordia desta cidade, as seguintes propriedades: — Umas casas na Ribeira de Coselhas, onde se acha uma fabrica de sabão; a azeitona na quinta do Pio; uma insua chamada da Leirancha, no campo de Lavarrabos; 8 aguilhadas de terra no campo do Ameal; umas terras na Tasneira; um casal ao Almegue; e uma loja ao Arco de Almedina.

Secretaria da Misericordia de Coimbra, 9 de Outubro de 1874.

Pelo escrivão,
José Francisco de Oliveira Reis.

CELLEIRO

29 ARRENDA-SE um bom celleiro no pateo da Inquisição. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio d'Almeida e Silva, rua da Sophia, n.º 65.

Para conhecimento do publico

30 POR DESPACHO de 3 do corrente mez, s. ex.ª o sr. ministro da fazenda, em conformidade de resposta fiscal, declarou não serem isentos do imposto do real d'agua quaesquer generos, sujeitos a elle, que, a titulo de presentes, derem entrada para consumo nos differentes concelhos, quer tenham ou não barreiras.

Coimbra 10 de Outubro de 1874.

O escrivão de fazenda,
José A. P. Gonçalves

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Barca = ADMIRAVEL = em 24 de Outubro.
Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**
Patacho = VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

DOCTOR IN ABSENTIA

32 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

Curso de latim (1.ª e 2.ª parte) e de francez

33 O PRESBYTERO José Maria Cardoso de Figueiredo, abre no dia 12 de Outubro as suas aulas de latim e de francez.

Couraça dos Apostolos, 49.

NUMERO 2840 — TERÇA FEIRA 13 DE OUTUBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios — Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Continua a ser uma verdadeira calamidade neste reino a extraordinaria emigração para o Brasil. A agricultura é quem mais soffre com a falta de braços; e geralmente em todas as occupações se nota a carencia de operarios.

Dá que pensar o ver a indifferença com que se abandona o solo natal. Nem o amor da mãe, da esposa, ou dos filhos; nem os attractivos dos logares em que se passou a infancia; nem a belleza excepcional deste territorio — nada embaraça aquelles que se resolveram a embarcar para o Brasil.

E o que é mais — sair de um paiz saudavel, para ir viver n'outro, ordinariamente invadido pela febre amarella, ou pelo menos prejudicialissimo a todos aquelles que foram creados em um clima benefico como o de Portugal; — sair de um paiz onde se é estimado, para ir residir n'outro, onde se é olhado com aversão, a ponto de estar exposto, como por exemplo no Pará, ao punhal e ao trabuco do assassino!

Deixa-se a agradavel sensação que causa o toque do sino da egreja onde se foi baptisado; a convivencia amoravel dos amigos, e tudo quanto póde encher de encantos a vida; para ir habitar em uma nação, onde os portuguezes são tratados com os mais affrontosos epithetos, e onde necessariamente tudo hade fazer lembrar com amarga saudade a terra da patria!

Que motivo, porem, actuará tão fortemente, para que se abandone, patria, familia, amigos, tudo, para ir viver em um paiz, á 2:000 leguas de distancia? E' unicamente a ambição de enriquecer em pouco tempo!

Algumas moedas que do Brasil são mandadas á mãe, ou esposa por um emigrado, são um sufficiente incentivo para se despovoar a aldeia da sua naturalidade.

Não se diz, que, com aquelle foram para o Brasil dezenas e centenares de outros, os quaes lá morreram, ou estão arruinados de saude, ou vivem atribulados, por lhes ter sido a sorte adversa. O que se vê, o que attrahe, é o dinheiro que um delles mandou. Depois d'isso já não ha difficuldades, nem motivos que impessam novas emigrações.

Acontece nisto, como em todos os jogos. Depois de uma noute passada nessas casas creadas para ruina da sociedade, conta-se e espalha-se a noticia de que um dos jogadores ganhara uma quantia importante, o que chama outros jogadores no dia seguinte. Não se menciona, antes cuidadosamente se occulta, qual o numero de desgraçados que alli foram largar o que tinham destinado para o sustento da sua familia, e para pagamento das dividas aos seus credores.

Com o prejudicialissimo jogo da loteria acontece outro tanto. Sae um premio a qualquer jogador; apregoa-se logo pelas cem bocas da fama o nome do feliz e a quantia que lhe caiu em sorte; entretanto que se fica completamente ignorando as milhares de pessoas que perderam verbas importantes nesse jogo; os numerosos filhos de familia que gastaram nesse vicio o que pertence a seus paes; os criados e caixeiros que defraudaram o que é de seus amos e patrões, na falsa esperança de enriquecerem em um momento!

E' esse o mesmo quadro da emigração para o Brasil.

Choram os paes, lamentam-se profundamente as mães quando vêem sair de sua casa o filho para ir cumprir a lei que o chama ao serviço do exercito. Parece que houve morte na habitação daquella familia, taes e tão altos são os clamores que alli se ouvem. E comtudo o filho não vae viver em paiz inhospito; o clima é com pequena differença o mesmo da sua terra natal; o alimento é em regra melhor do que até alli tinha; o tratamento dos superiores é sem dureza, principalmente depois dos ultimos regulamentos do exercito; o tempo de serviço é muito limitado, podendo logo depois de tres annos voltar á casa paterna, quando não queira continuar naquelle mister. Pois a nada disso se attende, porque o filho não póde enriquecer-se dentro em pouco, nem mandar á familia algumas moedas.

Com a emigração para o Brasil já não acontece o mesmo, porque d'ahi espera-se fortuna; embora se corra o risco de uma morte immediata, ou pelo menos da ruina da saude, e dos maus tratamentos em um paiz que vê com a maior repugnancia os extranhos que para alli vão residir, por lhes attribuirem o proposito de irem agenciar capitaes para com elles voltarem para Portugal.

E' na verdade para lamentar semelhante quadro, e que a nação esteja soffrendo as suas tristes consequencias!

E como se não fosse bastante a natural tendencia do espirito humano, ainda acresce o incitamento dos numerosos agentes de companhias organisadas para promover a emigração, promettendo a todos uma grande fortuna e as maiores prosperidades. O fim destas sereias é attrahir emigrantes para o Brasil, pouco lhes importando fazer com isso numerosas victimas, e causar prejuizos incalculaveis á nossa agricultura e aos outros ramos de industria.

Bem sabemos que não ha meios directos para evitar a emigração. Em todo o caso muito se póde fazer para ir diminuindo esse mal.

Em quanto áquelles que fraudolentamente embarcam para se eximirem ao serviço militar, póde e deve o governo empregar todos os meios para cohibir esse abuso, obrigando as auctoridades respectivas a cumprirem com as suas obrigações.

Os reverendos parochos, com a aucto-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLII

RODRIGO PINTO PISARRO

X

O mau tratamento que recebia Pinto Pisarro, chegava até serem completamente desprezadas por D. Pedro as suas queixas, e os seus requerimentos para ser julgado.

O brigadeiro ajudante general, José Lucio Travassos Valdez (depois conde de Bomfim) nem lhe accusou a recepção de um officio, e o mesmo fez o major general Solignac. E finalmente conseguindo que o marquez de Loulé entregasse uma carta a D. Pedro, este nenhum caso fez d'ella.

Indignado Pinto Pisarro com este procedimento, imprimiu a — *Appellação do coronel Rodrigo Pinto Pisarro para o tribunal dos seus concidadãos.* Esta publicação não tem designação de terra, nem de typographia; mas evidentemente foi impressa em Londres, na typographia de R. Greenlaw.

Pinto Pisarro, á proporção que mais o desprezavam e vilipendiavam, tambem mais se irritava e azedava na linguagem. Da responsabilidade ministerial ia passando para as accusações directas a D. Pedro.

Eis a *Appellação:*

«Ainda que eu soubesse por experiencia, e por a historia do imperio do Brasil, que as palavras *Carta, Direitos,* e *Justiça,* eram nomes vãos na presença augusta de S. M. o senhor D. Pedro d'Alcantara, ex-imperador do Brasil, (a) e uma falsidade estudada, uma mentira canora, na bocca dos *Santillanas* do seu gabinete e privança, respeitei, em quanto foi possivel respeitar, a ficção constitucional, que torna os agentes do governo responsaveis pelas prepotencias que em nome d'elle se commettem. (Nota I.)

Calumniado, perseguido, e desterrado por um modo despotico, brutal, e cobardemente vingativo, *pedi juizes; pedi um tribunal; castigo legal, ou reparação e justiça.* E qual foi o resultado das minhas petições, da minha supplica legal e regular? O desprezo mais offensivo; o silencio mais provocador: *nenhuma resposta, decisão nenhuma!!* (b)

Repulsado assim nas repartições competentes, nenhum outro recurso me restava que o commandante em chefe do exercito: recorri a elle; e usando da faculdade que a lei me concedia, escrevi a S. M. I., por via da secretaria dos negocios estrangeiros, a carta que vae transcripta no fim d'esta introducção.

O exm.º marquez de Loulé, não só mais exacto em seus deveres, *porém mais polido, e delicado,* que o ajudante general, participou-me, 24 horas depois do recebimento da minha carta, que ella fôra entregue a S. M. Imperial.

Leu portanto S. M. I. a minha reclamação; ouviu as minhas queixas; conheceu o tratamento indigno e brutal, que os Falstaffs e Panurgos do seu gabinete me têem infligido, invocando o nome, e enrolados no manto d'elle; e, negando-me, não só audiencia, e justiça, mas até aquella urbanidade que enfeita, e realça um nascimento elevado (c); *sanccionou* com o seu silencio todas as maldades contra mim praticadas por uma cabala de *delatores, defraudadores de cofres publicos, perjuros, e traidores, que o rodeiam e dominam.* Nesta situação, um só tribunal me resta, *o de meus concidadãos:* para elle appello com soberba, e confiança. Gracchus appello para o povo, e se o povo beijar seus

(a) O sr. dr. J. B. da Rocha já fez ver, *nemine contradicente,* que S. M. I. não tinha direito algum ao ducado de Bragança; e aquelles que esse titulo lhe conferiram, *na prepostera legislação do Porto,* deviam saber, que quando James II abdicara a corôa de Inglaterra, ficára entendido, como eu leio em Blackstone, abdicara tambem o ducado de Lencaster. A usurpação deste titulo foi um ensaio para mais alto canto......; porém como a *bota* se rompeu; como os tres regimentos que um façanhoso impostôr tinha na algibeira, *com marmitas,* e *barracas,* se não mostraram ao desenrolar o labaro imperial; *e mais que tudo,* como as tropas escreveram com a espada da lealdade no centro das bandeiras — Maria II, Carta, e Regencia Portugueza — então uma duzia de perjuros poderam *cevar se* na fazenda publica; mas não poderam desthronar a rainha de Portugal.

(b) A indecisão de petições é, na opinião de Bentham, *injustiça aggravada* — e na opinião de outros, immoralidade diante de Deus; tyrannia, e despejo, diante dos homens.

(c) O coronel Hodges tambem nota, na sua Narrativa da Expedição, esta inurbanidade de S. M. I., e caracterisa sufficientemente o exm.º C. J. X., e o seu Scapin, Agostinho José Freire.

dade paternal que exercem nos povos, tambem podem influir com os seus conselhos para dissuadir os emigrantes; e finalmente da parte dos proprietarios, agricultores e donos de fabricas egualmente está o concorrer para diminuir a emigração, melhorando quanto lhes for possivel a sorte dos operarios e trabalhadores que occupam no seu serviço.

Este objecto é muito complexo, e precisa que tanto o governo como os cidadãos se combinem para limitar a emigração para o Brasil, já que infelizmente não póde ser evitada completamente.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

A nostalgia.—Esta molestia, bem caracterisada pelos seus symptomas, é produzida pelas saudades da patria. O doente vai caindo em profundo abatimento e tristeza, perdendo o appetite, até chegar a um completo estado anemico, que produz a morte. A victima conhece perfeitamente o seu estado, e no meio da sua profunda melancholia perde a esperança de tornar a ver a sua querida patria, e em pleno uso da sua intelligencia exhala o ultimo suspiro, bradando pela familia e pelo paiz natal.

E' principalmente na classe militar, que se observa esta terrivel enfermidade. Nas guerras de Napoleão já se observaram os seus effeitos mortiferos. Depois da capitulação de Baylen, os soldados francezes que foram recolhidos nas prisões de Cadix e de Plymouth soffreram tanto da nostalgia como da febre amarella. Na Polonia e Russia, as epidemias que dizimam os exercitos, são sempre aggravadas com esta molestia. Na ultima guerra franco-prussiana, foram numerosas as victimas tanto entre os prisioneiros, como nos cercos de Paris e de outras cidades. Os paizes mais sujeitos á nostalgia são a França, Suissa e Italia. A Inglaterra e Allemanha são mais poupadas.

Esta molestia é hoje reputada como uma nevralgia dos orgãos da imaginação e da memoria. Alguns medicos pretendem consideral-a como um caso de alienação mental, mas sem rasão; porque o doente não tem ideias insensatas e extravagantes como os dementes e não experimenta terrores imaginarios. Alem disto, os alienados, conservam em geral no meio da desordem de suas ideias as suas forças nutritivas. A demencia é hereditaria, e a nostalgia não. O unico meio de curar esta enfermidade, quando ainda não tem compromettido a saude, nem alterado profundamente o organismo, é restituir o doente aos ares patrios e aos carinhos da familia. Ao alienado não succede o mesmo; embora se lhe satisfaçam todos os desejos e caprichos inspirados pela sua intelligencia enferma e desordenada, a loucura não diminue, e até as mais das vezes se exacerba.

Os doentes de nostalgia recuperam muitas vezes as forças e a saude só com a esperança de tornar a ver a patria e a familia. Durante o cerco de Mayença, os medicos annunciaram aos soldados dizimados pelos typhos e nostalgia, que o general em chefe tinha conseguido dos inimigos o livre transito dos convalescentes para o seu paiz natal. Este estratagema reanimou e conservou a vida a muitos infelizes. Um frade empregado em um hospital militar foi salvo, ao ouvir ler uma carta apochrypha do seu superior, auctorisando-o a regressar ao seu convento. No cerco de Paris, os casos de nostalgia eram frequentes nos hospitaes e ambulancias, principalmente entre os soldados da Bretanha; e os desgraçados melhoravam sempre, que se lhes fallava no seu dialecto natal, e se lhes dava esperanças de regressarem breve á patria e ao seio da familia.

Companhia dos vinhos da Bairrada.—Em conformidade do artigo que publicamos em o numero passado deste jornal, vae hoje inserido no logar competente o annuncio para a subscripção da *Companhia geral da agricultura das vinhas e commercio dos vinhos da Bairrada.*

As acções desta companhia poderão ser divididas em titulos de 10$000 reis, ou cinco titulos formarão uma acção da companhia no valor de 50$000 reis.

Para commodidade dos possuidores, tambem se poderão passar titulos de dez ou vinte acções, isto é de 500$000 reis., ou de reis 1:000$000.

A companhia realisará na venda das suas acções o capital para se constituir. As emissões serão de vinte mil acções, ou 1.000:000$ reis de capital; todavia, a companhia se constituirá desde logo com o capital subscripto, continuando depois na venda das acções, até á conclusão da primeira emissão

Logo que esteja realisado o deposito de 5 por 100 do fundo subscripto no reino, a companhia julga-se constituida, e dará começo aos seus trabalhos e operações. As outras emissões terão logar, segundo a lei, como e quando a assembleia geral o resolver, sob proposta da direcção.

As entradas nunca serão maiores de 10 por 100, e com intervallos, pelo menos de tres mezes.

Como já dissemos, os proprietarios da Bairrada que quizerem entrar com seus vinhos nos fundos da companhia, esta os receberá por seu ajuste e accordo com a direcção, que pagará o seu importe com seus titulos ou acções

A companhia creará um fundo de reserva proveniente de seus lucros annuaes, que será de 10 por 100 sobre o total dos lucros auferidos, sendo os 90 por 100 destinados ao dividendo dos accionistas e gratificação á direcção.

A companhia poderá emittir lettras á ordem ou notas pagaveis ao portador, uma vez que tenha sempre em caixa em dinheiro metalico a terça parte do valor que elles representam (C. L. de 13 de Julho de 1863).

Os bilhetes emittidos segundo esse artigo, terão o valor de 5$000 e 10$000 rs. para a moeda de cobre ou bronze, de 10$000, 20$000, 50$000 e 100$000 para a moeda de prata ou oiro.

Dado o caso de auctorisação para esta emissão, a companhia publicará mensalmente no diario official os balancetes, contendo o resumo do seu activo e passivo, ou cumprirá com aquillo que a lei determina.

A companhia poderá egualmente emittir lettras e promissorias para as suas operações commerciaes, e titulos fiduciarios amortisaveis aos semestres, por meio de sorteio para operações de credito predial e agricola, representando este sempre valores effectivos hypothecados a companhia.

Os titulos fiduciarios, obrigações ao comprador amortisaveis por sorteio, unicamente podem ser emittidos:

1.º Representando a emissão uma somma nominal, que nunca exceda o capital social effectivamente pago.

2.º Que todos os titulos sejam do mesmo typo, e não se poderá conceder a nenhum vantagens especiaes.

3.º Fixando-se para amortisação e juros do capital assim mutuado, uma somma annual certa e constante por todo o tempo da duração do emprestimo.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Annibal Abilio Cesar Calisto, filho de João Maria Baptista Calisto, natural de Coimbra, de 20 annos, fallecido no dia 4 de Outubro.

Antonio, filho de Antonio Marques e Raquel da Conceição, natural de Coimbra, de 2 annos, fallecido no dia 5.

Antonio Martins, filho de José Martins Moreira e Maria da Conceição, natural de Coimbra, de 42 dias, fallecido no dia 5.

João Henriques de Moraes Callado, filho de Lourenço Moraes Callado e D. Joaquina Fortunata Fernandes, natural de Condeixa, de 68 annos, fallecido no dia 5.

Ludovina da Conceição, filha de Sebastião dos Santos e Maria da Conceição, natural de Coimbra, de 16 annos, fallecida no dia 9.

Maria do Bom Successo da Fonseca, filha de Francisco da Fonseca e Margarida da Fonseca, natural de Pereira, de 80 annos, fallecida no dia 9

Joaquina da Conceição, filha de João Ferreira e Maria Josepha, natural do logar do Boi, bispado de Vizeu, de 60 annos, fallecida no dia 9.

Rita da Conceição, filha de Euzebio Gomes da Fonseca e Joanna Maria, natural de Coimbra, de 50 annos, fallecida no dia 9.

Fr. João Antonio de Jesus Pereira, filho de Manoel de Jesus Pereira e Anna Joaquina, natural de Oliveirinha, de 74 annos, fallecido no dia 9.

Tatal dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5678.

A restauração de Coimbra do poder dos francezes.—O nosso esclarecido collega de Braga, o *Brado Liberal*, diz nas *ephemerides* do seu ultimo numero o seguinte:

« *Dia* 5—Restauração de Coimbra do poder dos francezes em 1810 neste dia.»

Nisto ha engano. Coimbra não foi restaurada do poder dos francezes no dia 5 de Outubro; mas sim no dia 7.

O coronel Nicolau Trant, em officio dirigido desta cidade ao marechal Beresford, lhe dizia o seguinte:

«*Coimbra 7 de Outubro de* 1810.— Senhor: Tenho o maior prazer de informar a v. ex.ª, que *hoje* felizmente entrei em Coimbra, tendo sómente soffrido a perda de muito poucos homens, entre mortos e feridos.»

Esta é, portanto, a verdadeira data da libertação de Coimbra do poder dos francezes.

Inscripção curiosa.—Na povoação das Taipas, provincia do Minho, ha uma fonte, em que se vê gravada a seguinte inscripção, que pelo seu estylo é de um gosto originalissimo.

João, primeiro rei do reino unido,
Para que a morte mais tropheus não conte,
De inexhaurivel, salutar bebida,
Esta levanta milagrosa fonte.

Eras vindoiras, desejaes os nomes
Dos varões claros desta obra auctores...
Sousa procurador, juiz Estevão,
Couto, Pinto, Atayde, senadores.

---

ferros, eu quero antes morrer proscripto, que viver escravo. — *Rodrigo Pinto Pisarro*. — Londres 20 de Julho de 1833.»

Ministerio dos negocios estrangeiros.

«Illm.º sr. — Cumpre-me assegurar a v. s.ª, que entreguei nas augustas mãos de Sua Magestade Imperial o duque de Bragança, regente em nome da rainha, a carta que v. s.ª me remetteu em 5 do corrente, para ter aquelle alto destino.

Deus guarde a v. s.ª. Secretaria de estado dos negocios estrangeiros, em 15 de Junho de 1833.—*Marquez de Loulé*.—Sr. *Rodrigo Pinto Pisarro*.»

«Senhor.—Quando V. I. M. tomou o commando do exercito da rainha, minha soberana, auctorisou-me a dirigir-me directamente a V. M., em circumstancias dadas: usando pois desta faculdade venho á presença de V. M. para queixar-me mui respeitosamente do brigadeiro ajudante general, José Lucio Valdez, e do marechal major general Solignac; porque um e outro, me constituiram na imperiosa necessidade de aggravar d'elles.

Em 12 de Dezembro de 1832 dirigi ao ajudante general uma petição endereçada a V. M., na alta qualidade de commandante em chefe do exercito, e o ajudante general, faltando ao seu dever, e a si, como chefe de uma repartição de que depende a disciplina do exercito, e a mim, como official, qualidade que lhe cumpria respeitar, nunca me respondeu. Esta falta calculada, esta parcialidade reflectida, esta descontemplação impropria, á qual o profundo respeito com que fallo a V. M. me não permitte dar o nome que lhe cabe, é tanto mais estranhavel naquelle official, quanto elle teve tempo de aprender melhor doutrina, e viu praticar outras lições, no quartel general de lord Beresford, modelo de pontual regularidade em correspondencia official. (d)

Em 15 de Fevereiro de 1833, appellando, na ordem gerarchica do estado maior, do ajudante general, escrevi, por via da legação portugueza em Londres, ao marechal major general, queixando-me da omissão do ajudante general; porém o major general, por motivos que não posso ainda apreciar, não accusou tambem o recebimento da minha reclamação official (e). E' neste caso que as ordens geraes do exercito me permittem o escrever directamente a V. M., faculdade de que uso, pedindo a V. M que, por principios de justiça, haja por bem mandar estranhar o procedimento daquelles officiaes, que descuidando assim os seus deveres, perdem todo o direito á subordinação do exercito; rogando egualmente a V. M queira haver por bem mandar-me communicar qual fosse o despacho da minha petição.

Senhor, por esta occasião, permitta V. M. que eu tome a liberdade de observar, que se V. M. julgar proprio e justo mandar esconder minhas culpas, e negar-me o tribunal, o processo, e os juizes, que reclamo, *ha seis mezes*, uma tal denegação absolve-me aos olhos de todo o homem não vendido, ou premiado já pela cabala dos secretarios meus detractores: se V. M. assim me absolve, a carta de prego de Agostinho José Freire, que me prendeu em Londres, é uma iniquidade; e se esta prisão, aonde o gabinete, imitando os tempos ditosos de alguns heroes de Suetonio, *me nega alimentos* (f) é uma iniquidade, castigar no Porto como delinquente, preterir-me n'uma promoção de escala, n'uma promoção de favor, é um atropellamento, que me prejudica menos do que desdoura o gabinete que o ordena.

O gabinete *constitucional*, os secretarios de V. M. têem-me habituado de tal forma ás doçuras dos governos *asiaticos*, que eu não espero, nem quero d'elles reparação alguma; porém 21 annos de sacrificios, minha antiguidade, e a pureza do meu serviço, impõem-me a obrigação de protestar na presença do commandante em chefe do exercito contra a promoção, *por escala*, de Candido José Xavier, e de D. Thomaz de Mascarenhas: na esperança de fazer valer meus direitos, quando o Ceu dér á minha patria, *o que o gabinete de V. M. lhe roubou*, (Nota II) um governo que escute a razão, que respeite a lei, e administre justiça (Nota III).

Deus guarde a Vossa Imperial Magestade muitos annos. Senhor, de Vossa Magestade muito obediente, e respeitoso servidor — *Rodrigo Pinto Pisarro*, coronel proscripto sem culpa, sem processo, e sem sentença, pelo gabinete *constitucional* de V. M. — Londres, 5 de Junho de 1833.»

(d) Tenho ouvido que o ajudante general quizera antes faltar a si, e faltar-me a mim, que responder a um officio, em que eu lhe dava o tratamento de senhoria, e não o de excellencia. *Se assim foi*, não me arrependo; porque não conheço lei alguma, por a qual os brigadeiros possam pretender essa excellencia *grutesca e banal* de Portugal.

(e) O general Solignac fez-me saber ultimamente, que a minha representação official nunca chegára á sua mão. Esta representação foi entregue em Londres a Marçal José Ribeiro, amanuense da legação portugueza; é por tanto, por ora, M. J. Ribeiro o empregado, a quem eu tenho direito de imputar o *extravio* desta correspondencia.

(f) Eu não recebo auxilio da *sociedade* administrativa, desde Março de 1829: quando me desterraram, quando me fecharam no rosto as portas da minha patria, e me impozeram a obrigação de residir em paizes estrangeiros, *pedi alimentos*, e a quadrilha que extravia, absorve, e devora, por mil modos, a fazenda publica, respondeu —*morra de fome.* —Se o governo que auctorisa infamias taes não é egual ao de Tiberio, Caligula, Claudio, Nero, Domiciano, Commodo, Heliogabalo, e Caracala, não ha verdade sobre a terra.

Poesia. — Publicamos em seguida uma humoristica poesia, feita pela exm.ª sr.ª D. Maria Rita Chiape Cadet, e que circulou em copias manuscriptas pelos banhistas de Espinho.

UM PASSEIO A ESPINHO

Deixei a Granja dos Ayres,
Montado em pardo burrinho,
E fui á praia d'Espinho
Em busca de distracção;
Cheguei já quasi á noitinha,
Sigo o rumo p'ra Assembeia,
Que já tinha maré cheia
No vastissimo salão.

Maré cheia? Na verdade,
Uma rede parecia,
Onde resaltando eu via
Peixe de toda a feição.
Havia raias, fanecas,
Safios, solhos, linguados,
Caranguejos misturados,
Peixe-porco, e camarão.

Vi valsar um redovalho
Nos braços de uma sereia,
Vis à vis uma lampreia
Namorando um bacalhau;
Em quanto em roda da sala,
Mirando muito pasmadas,
Phocas e ostras assentadas
Se viam a conversar.

Chernes, lullas, e lagostas,
Salmões, polvos e douradas,
Curvinas, gallos, pescadas,
Cavallas e mexilhões,
Trutas, carapaus, estrellas,
Tubarões, bogas eu via,
Saltando ao som da harmonia,
Como da vaga aos baldões.

Tão perto das salsas ondas,
C'o cheiro da maresia,
De salgada poesia
Na mente effluvios senti;
De fina escama de prata
Vi, tambem, gentil tainha
Dando o braço a uma sardinha,
Apparecendo aqui e alli.

E como todo o poeta,
Onde quer que o fado o leve,
Dá sempre um momento breve
A' séria meditação,
Conclui comigo mesmo,
Que o vasto salão d'Espinho,
Com todo aquelle peixinho,
Fazia um bom empadão.

Granja, 17 de Setembro de 1874.

Naufragios.—Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

«Continuam os naufragios na barra do Porto, cujo estado peiorou muito desde que nella se perdeu o vapor *Camilla*. A galera *Joven Thomaz*, que vinha a entrar no sabbado, pegou em secco na restinga do cabedello, proximo do naufragado vapor *Camilla*. O rebocador *Veloz* foi auxiliar a galera, mas nada poude conseguir em consequencia de se ter arrebentado a marreta e de se achar pela prôa o brigue *Norknos*, que tambem pegou em secco vindo a entrar.

A *Joven Thomaz* abriu logo agua, conservando até á noite a bordo as tripulações dos dois barcos.

Tratou-se immediatamente de tirar alguma carga para alliviar os navios, a fim de ver se podiam safar na maré da noite. Pela 1 hora a maré poude trazer para dentro as duas embarcações, ficando a galera defronte da Cantareira, quasi sem esperanças de ser salva, por ter batido em uma pedra chamada João Boi; ficou com a prôa virada para o sul, e tombada para o lado do nascente: o brigue seguiu até ao sitio denominado Sampaio, onde ficou em secco.

Procedeu-se á descarga de um e outro.

A tripulação do brigue conservou-se a bordo.

A galera vinha de New-York, com 25 dias de viagem, e o seu carregamento constava de trigo, aduella e petroleo, destinado ao sr. Andresen, proprietario do navio.

O brigue vinha de Quebec com 36 dias de viagem. A carga consistia em aduella e outras mercadorias, consignadas aos srs. Shore & C.ª

A esta noticia que extraimos do *Commercio do Porto* accrescentamos o que diz o *Jornal do Porto* chegado hoje:

O brigue safou-se com a maré e com uma espia para o lado do norte o brigue *Norknos*, e foi fundear em frente de Massarellos.

Tem quebrada a borda do barlavento pelo lado da pôpa.

A galera ficou no sitio onde estava, faz muita agua, e pedaços da quilha já têem vindo acima, e estão no posto fiscal da Cantareira.

Do carregamento foram hontem para a alfandega 7 barcas, sendo 2 com petroleo e 2 com aduella, massame, velame, etc.

Do brigue foram tambem descarregadas 5 barcas com aduella.

O casco da galera está perdido, e agora continua-se a salvar a carga, velame, vergas e massame.

A's nove da noite foi abandonado o navio pela tripulação, o que deu logar, segundo se diz, a que quando a maré o trouxe para baixo, batesse na pedra do *João Boi*, por não ter quem o governasse.

Hontem, na maré das duas horas da tarde, virou de bordo, de per si, e ficou com a prôa voltada para oeste.

Depois das seis horas da tarde começou novamente a descarga.

Os trabalhos têem corrido com regularidade e tudo se salva, repetimos, excepto o casco.

Os salvados tem sido todos recolhidos na alfandega.

O encarregado da fiscalisação d'elles no posto fiscal da Cantareira é o sr. Lino Augusto de Sousa Veras.

A's nove horas da noute atracaram a bordo quatro barcas, para salvamento da carga, e retiraram á meia noute, trazendo duas petroleo, e duas aduella.

A tripulação, no enchente da maré, não poude trabalhar por causa do navio metter muita agua.

Do apparelho tiraram-se duas vergas

ANNUNCIOS

COMPANHIA GERAL

DA AGRICULTURA DAS VINHAS E DO COMMERCIO DOS VINHOS DA BAIRRADA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital social 5.000:000$000 reis, ou cem mil acções de 50$000 reis. Emissões em cinco series de vinte mil acções.

1.ª SERIE DE 1.000:000$000 rs.

1 A COMMISSÃO INSTALLADORA desta companhia abre subscripção publica para a 1.ª serie de vinte mil acções, representando o capital de 1.000:000$000 reis, debaixo das condições dos respectivos Estatutos, os quaes se distribuem nos logares onde se recebe a subscripção.

Os subscriptores deverão depositar no acto da sua subscripção, 5 por 100 do capital com que subscreverem, ou 2$500 reis por acção.

Os que já fizeram a subscripção particularmente, deverão rectifical-a pela mesma forma. A importancia que depositarem ser-lhes-ha encontrada no pagamento de 1.ª prestação. No caso de haver sorteio se restituirá a parte do deposito correspondente ao excedente das subscripções.

A subscripção é nos dias 22, 23 e 24 do corrente, desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde e recebe-se:

Na Mealhada, em casa do Dr. Adriano Baptista Ferreira.

Em Aveiro, em casa do sr. José Simões de Paiva.

No Porto, nos Bancos Alliança, União, Caixa filial do Banco Commercial de Vianna, e casa commercial e bancaria dos srs. Fortunato Chamiço, Filho & Silva.

Em Vianna, nos Bancos Commercial de Vianna, e no Agricola e Industrial Viannense.

Em Braga nos Bancos Commercial de Braga, e no do Minho.

Em Guimarães, no Banco de Guimarães.

Em Villa Real, no Banco Industrial e Commercial de Villa Real.

Em Lamego, no Banco do Douro.

Em Vizeu, no Banco Agricola e Industrial Viziense.

Em Coimbra, no Banco Commercial de Coimbra e na Agencia dos Bancos Portuguez e no do Douro.

Em Lisboa na casa filial do Banco União, e nas casas bancarias dos srs. Taveira Facco & C.ª, na rua dos Retrozeiros, 45, 1.º, e Moura Borges & C.ª, na rua dos Capellistas, 41.

A commissão installadora:

Adriano Baptista Ferreira
Agostinho Francisco Velho
Antonio de Noronha Castello Branco e Avilez
Delfim José Monteiro Guimarães
Francisco Lopes Gavicho Tavares de Carvalho
João Baptista Ferreira
João Francisco da Silva
João Luiz d'Almeida
Joaquim Lopes Carreira de Mello
José Joaquim d'Oliveira e Silva
Manoel Correia de Mello
Paulo de Moraes
Placido Irmãos
Taveira Facco & C.ª.
Thomaz Quintino Antunes.

Arrendamento de Quinta

5 NO DIA 18 do corrente, ao meio dia, na rua da Sophia n.º 35, hade arrendar-se a quinta do Almegue, pertencente aos herdeiros de D. Maria Miquelina Roxanes.

NOTA I.

«Se eu respeitei a ficção constitucional; se eu respeitei os *firmans* expedidos contra mim por Candido José Xavier, e por Agostinho José Freire, em nome de S. M. I., não foi certamente porque eu ignorasse, que os direitos que S. M. podia pretender exercer sobre mim, e as minhas obrigações para com elle, eram da natureza daquelles, a que os publicistas chamam imperfeitos: direitos e deveres que eu podia recusar sem crime aos olhos do meu paiz, e da minha soberana. Se eu não perguntei pois ao senhor D. Pedro de Alcantara, quando me fez a distincção *(singular no mundo)* de me mandar prender em Paris, *quem o tinha instituido juiz em Israel*, foi por tres motivos. 1.º Meu profundo respeito para com um principe, que foi meu rei, *respeito que os seus rigores não têem enfraquecido*. 2.º A situação delicada em que meus amigos, e concidadãos estavam collocados. 3.º Porque não quiz expôr-me a que o gabinete imperial mandasse espalhar pelo barão de Renduffe, e quejandos, que eu fugia da prisão que Candido José Xavier *aconselhou*, e *pediu*, ou do desterro que Agostinho José Freire *propoz*, e *reclamou*.

Se não fosse aquella delicadeza, e o desejo de conservar o direito de accusar os meus accusadores, quando o governo legal se levantar sobre o despotismo, e a usurpação do senhor D. Pedro, eu não teria deixado de dizer a S. M. I. *na linguagem mais acatada que o respeito podesse inspirar-me*:— «Que S. M. tinha, em Paris, tanto direito para me mandar prender a mim, como eu a elle».

E qual era o meu crime? O ter dito a um pae, que sua augusta filha era minha soberana. Foi por este mesmo crime que D. Miguel me condemnou á morte! Eu desejo ardentemente poupar a sensibilidade d'um principe, a quem servi com zelo, e lealdade, que é pae da minha soberana, e além d'isto, infeliz, desthronado, e sem futuro sobre a terra na flor da vida, quando não, faria rebentar daquella coincidencia linguas de fogo, que devorassem para sempre a sua reputação politica.

Quantos males causam sordidos validos, e perfidos conselheiros, quando se apossam do coração de um principe real, *nobre, generoso, e cavalheiro;* e agora? um joguete infeliz das paixões mesquinhas de *Apostatas, Arrenegados*, etc.

Subdito da rainha, partidario da Carta Constitucional, minha conducta é pura; e se os meus concidadãos alterarem este pacto, e preferirem o governo despotico *de um principe estrangeiro* ao governo liberal, e nacional de Maria II, não me pódem negar o direito de retirar-me com a minha propriedade d'essa nova sociedade, de que eu não quero fazer parte, e de recusar um pacto que eu não admitti, nem jurei.

A auctoridade do senhor D. Pedro d'Alcantara não tem outro fundamento que uma convenção tacita, nunca definida, nunca sanccionada, entre elle, e uma fracção dos subditos constitucionaes da rainha de Portugal; mas esta mesma convenção tinha por base a Carta, e a protecção que ella offerece; e logo que S. M. atropellasse a Carta, e me negasse a protecção que me devia, a minha obediencia era bem recusada — *No protection, no allegiance.*

E que protecção me deu S. M.? Transvestiu, deu as côres do crime á cobarde delação que os seus conselheiros lhe deram contra mim; suppoz o crime antes do processo e da convicção; e pondo de parte, como D. Miguel, formulas, e provas, arbitrou-me, *n'um momento de liberalismo turco*, um desterro illimitado!!! Castigo terrivel por sua duração, na opinião de Beccaria; o mais prejudicial, na de Bentham, e o mais affligidor, na de B. Constant.»

NOTA II.

«*Sem duvida nenhuma*, um grande numero de homens que pelejam nas fileiras do usurpador teria abraçado a causa da rainha, se S. M. I. se não tivesse mostrado cercado dos homens mais corruptos, banaes, e infieis, que achou na emigração. «Quem póde fiar-se daquelles, *escrevia a Luiz XVIII o immortal Carnot*, que foram populares, robesperrianos, directorises, consulares, e imperialistas, e estão ainda promptos para incensar novos idolos, e para moer novas côres?» Luiz XVIII *tambem* desterrou Carnot, porém seis mezes depois estava em Gand, e Carlos X está em Praga...»

NOTA III.

«Este governo está marcado na Carta Constitucional, art. *noventa e dois*. No mesmo dia, na mesma hora, no mesmo instante, em que a senhora infanta D. Isabel Maria quebrar as cadeias com que o usurpador a arrasta de villa em villa, *é regente de direito*. Assim o manda a lei, pede a razão, a justiça, o decoro, e o interesse publico. Se esta princeza for *intimidada*, como em Paris se annunciou, cabem os mesmos direitos á senhora infanta D. Maria d'Assumpção. Todo o governo *bastardo* que pretender introduzir-se entre o despotismo de D. Miguel, e o governo marcado por a lei, jurado, e reconhecido pela nação, *é uma usurpação*, tão violenta, e mais escandalosa, que a do infante D. Miguel.

Esta linguagem póde, contra o meu desejo, e apesar da profunda veneração que tributo a S. M. I. parecer-lhe descomedida; porém S. M. que approva e consente que o seu gabinete me injurie á face do meu paiz; S. M. que me abandona no equuleo do desterro, a mim partidario zeloso, e subdito fiel de sua augusta filha, S. M. deve tolerar os gestos e os gritos que a tortura me arrancar. E eu seria mais vil ainda, que o gabinete *luso-gallo-brasileiro*, se fallasse outra linguagem n'um paiz, aonde se levantou uma estatua a um *Lord Mayor*, por ter respondido com altiveza, e liberdade a Jorge III.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

AGRADECIMENTO

3 FRANCISCO EDMUNDO FERNANDES DE MEIRA e seus irmãos, não podendo como deviam e desejavam, agradecer pessoalmente as muitas provas d'amizade e consideração, recebidas durante a doença, e pelo fallecimento de seu sempre chorado pae, fazem-no por esta fórma, do que pedem desculpa.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

4 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu—**633:462 machinas**—(mais de meio milhão!)

BOM CHÁ E QUEIJO FLAMENGO NOVO

5 VENDE-SE na loja de Victorino Henriques Lebre, na rua da Calçada, n.os 157-159, proximo á livraria do sr. Cabral. Tambem tem variado sortimento de vinhos do Porto, finos e de mesa, licôres finos, genebra hollandeza e faquim. Vende por preços commodos.

VENDA DE CASAS

6 NO PROXIMO DOMINGO, 18 do corrente, voltam novamente á praça, por desaccordo entre os herdeiros, as casas pertencentes aos filhos do fallecido Antonio Justino, situadas umas no becco dos Militares, n.º 3-5, e outras no Marco da Feira, n.º 32-38. A praça será feita nas lojas do mesmo predio, no Marco da Feira, pelas 10 horas da manhã.

COMPANHIA LISBONENSE DE TABACOS

Fabrica de Tabacos em Santa Apolonia

LISBOA

7 ATTENDENDO ás repetidas imitações que differentes fabricas de tabacos de Lisboa e Porto têem feito dos nossos rotulos e empapelos, especialmente no rapé e folha picada, rogamos por isso a todos os nossos consumidores que hajam sempre de examinar escrupulosamente os rotulos dos tabacos que adquirirem, a fim de não serem illudidos, e poderem sempre apreciar a boa qualidade dos seus generos.

8 RECEBEM-SE alguns discipulos internos, dá-se excellente tratamento e leccionista para qualquer disciplina.

Para mais informações dirigir-se á rua da Boa Vista, n.º 8, antigo becco das Bruxas.

9 RAUL MESNIER DE PONSARD lecciona, a partir do dia 15 do corrente, em sua casa no becco das Bruxas, n.º 8, as seguintes disciplinas;— Francez, curso completo e conversação. Mathematica elementar, curso completo (1.ª e 2.ª parte).

Para qualquer outra disciplina, proporciona professores competentemente habilitados.

10 QUEM QUIZER comprar algum vinho velho muito bom, nesta redacção se dirá quem o tem.

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial de Vianna, em 30 de setembro de 1874

ACTIVO

Caixa	156:277$670
Acções	5:185$000
Letras em carteira	593:967$551
Contas correntes com garantia	331:253$274
Emprestimos sobre penhores	229:462$200
Papeis de credito	211:933$570
Devedores no paiz	377:875$254
Ditos no estrangeiro	172:603$462
Ditos nas ilhas	39:294$212
Cartas de credito	8:634$500
Despezas de installação, moveis e utensilios	5:336$986
	2.131:823$679

PASSIVO

Capital	600:000$000
Depositantes	246:975$403
Obrigações	752:096$759
Letras a pagar	92:808$704
Credores no paiz	267:049$294
Ditos no estrangeiro	145:533$038
Ditos nas ilhas	806$683
Dividendos	818$000
Fundo de reserva	3:000$000
Ganhos e perdas	22:735$798
	2.131:823$679

Banco Commercial de Vianna, em Vianna do Castello, 9 de Outubro de 1874.

Pelo Banco Commercial de Vianna

Os directores:

J. Alves de Sousa Ferreira

José Antonio Loureiro.

CELLEIRO

12 ARRENDA-SE um bom celleiro no pateo da Inquisição. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio d'Almeida e Silva, rua da Sophia, n.º 65.

LECCIONISTA

13 JOSE' DIOGO ARROYO lecciona introducção em sua casa, Couraça de Lisboa, 17.

LECCIONAÇÃO

14 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar, na rua da Trindade, n.º 17, instrucção primaria, francez, e desenhos; assim como habilita para o magisterio de instrucção primaria.

15 ANTONIO GOMES, alfaiate, na rua do Borralho, n.º 35 e 37, participa aos seus freguezes e amigos, que tem á venda capas e batinas novas de bom panno, por 13$500, assim como casemira preta encorpada, para calças, que as dá promptas por 4$500 rs.

16 ANTONIO D'ALMEIDA E SILVA vende dez acções do Banco Commercial de Coimbra.

77 ABRIU-SE o curso de inglez, francez, geographia e historia, desde o dia 5 do corrente na rua do Correio, n.º 122.

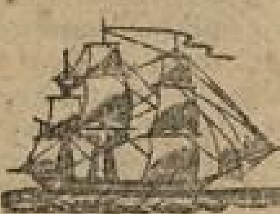
J. F. Gonçalves Cardoso.

Attenção

18 NA TYPOGRAPHIA de Manoel Caetano da Silva, praça de S. Bartholomeu, n.º 11, vende-se, brochada e muito em conta, uma collecção de *Diarios do Governo*, e das *Côrtes*, relativos aos annos de 1870, 1871, 1872 e 1873.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Barca=ADMIRAVEL=em 24 de Outubro.

Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**
Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

20 NA RUA DE SUB-RIPAS e nas casas a que corresponde o numero 33, se lecciona instrucção primaria para a admissão ao lyceu, portuguez (curso completo), e latim (1.ª parte).

Attenção

21 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

22 NA RUA DOS LOIOS, n.º 2, se vendem batinas novas, por preços commodos.

Leccionista de Desenho

23 A A. GONÇALVES, rua do Correio, n.º 77.

DOCTOR IN ABSENTIA

24 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

25 SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de *Saude*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Depois das adhesões de muitos medicos e de varios hospitaes, ninguem poderá duvidar da efficacia desta deliciosa farinha de saude, que cura as indigestões (dyspepsias), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, ao duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Brêhan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Cura 72:448. Cadiz 3 de Junho de 1868. Não posso fazer menos de manifestar a v. s.as os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revalescière* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinaes, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico, ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual a distingue o seu attento venerador— VICENTE MOYANO.

Cura 69:718. Ticheville (Orne) 20 de Março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalescière*, tenho-a administrado a varias pessoas, ás quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo n'aquelles que padeciam de hydropesia. Tres destes curaram completamente.—A tosse produzida por uma constipação, desappareceu instantaneamente, e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina e das molestias de estomago, affastando de qualquer individuo a hypocondria. PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada:** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2841 — SABBADO 17 DE OUTUBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Continua a matança dos portuguezes no Pará. E' este o acolhimento que recebem os nossos compatriotas naquella provincia do Brasil, para onde foram, confiados no direito das gentes, e no que tinham a esperar de uma nação civilisada e que teve comnosco a mesma origem!

Consta que o governo vae mandar para aquellas paragens a corveta *Sagres*, a fim de garantir quanto possivel a vida dos nossos concidadãos. Este vaso é de pequeno lote, e pouco proprio para tão grave incumbencia; mas em fim é aquelle de que neste momento se poude dispor.

Portugal tem ido progressivamente declinando na sua marinha. Pois não devia assim acontecer, porque somos um paiz maritimo, que ainda tem vastas possessões, com as quaes precisamos e devemos manter relações frequentes.

Neste ramo é tristissima a confrontação do que fomos com o que somos agora.

Quando em 1716 o pontifice Clemente XI precisou urgentemente do auxilio das nações christãs, para se defender da formidavel aggressão dos turcos, os quaes ameaçavam invadir não só a republica de Veneza, mas os proprios estados pontificios, achou em Portugal o prompto soccorro de uma poderosa esquadra, a qual, commandada pelo conde do Rio Grande, foi ao Mediterraneo sustentar a antiga fama das nossas armadas; havendo-se com tal galhardia, que o pontifice dirigiu a el-rei D. João V um honrosissimo breve de agradecimento em 17 de Junho de 1717, e outro ao proprio conde do Rio Grande em 16 de Setembro immediato.

Ainda em Novembro de 1807, apezar da nossa marinha já estar bastante enfraquecida, se achou para transportar para o Brasil a familia real, e alguns milhares de portuguezes, que emigravam, uma esquadra, composta das naus Principe Real, Rainha de Portugal, Conde D. Henrique, Meduza, Affonso de Albuquerque, D. João de Castro, Principe do Brasil e Martim de Freitas;— fragatas Minerva, Golfinho, Urania, e ainda uma outra de que não sabemos o nome;— brigues Voador, Vingança e Lebre;— e escuna Curiosa. Havendo alem destas, outras embarcações, que ficaram no Tejo, por carecerem de concerto, como foram as naus S. Sebastião, D. Maria I; Princeza da Beira e Vasco da Gama;—e fragatas Fenix, Amazona, Perola, Tritão e Venus.

Por ultimo, quando em 11 de Julho de 1831 o vice almirante francez, barão Roussin, invadiu á força o Tejo, ainda ahi achou fundeadas a nau D. João VI;—as fragatas Perola, Diana e Amazona;—as corvetas Lealdade e D. João I; —a escuna Memoria;—e os brigues Infante D. Sebastião e D. Pedro. Existindo mais, como em abandono, uma nau, duas fragatas, e outros navios de menor força, que depois foram reparados. E não fallando na marinha do governo liberal da ilha Terceira, de que faziam parte a fragata Rainha de Portugal; os brigues Liberal e Conde de Villa Flor, e outras embarcações.

Todo este grande poder maritimo de antigos tempos está reduzido quasi á ultima expressão; de forma que nos faltam os vasos de guerra e de transporte, necessarios para manter os nossos foros de paiz livre, e proteger os nossos concidadãos, que residem tanto nas differentes possessões portuguezas, como no Brasil.

Nenhuma nação deixa hoje de desenvolver a sua marinha, porque todas entendem que assim lhes é indispensavel para firmar a sua independencia, e se fazerem respeitar dos outros povos. A mesma Prussia, com quanto pouco mais possua do que o porto de Kiel sobre o Baltico, não se tem poupado a sacrificios para organisar a sua esquadra.

Bem sabemos que para ir rehabilitando o nosso poder maritimo, precisamos de fazer grandes sacrificios; porem ou nos havemos de sujeitar a elles, ou teremos de perder os direitos de nação, que é digna da sua autonomia.

São onus que tem de soffrer todos os paizes que se prezam, e que não querem ver ludibriada a sua bandeira. Portugal deve sustentar firme a nobreza das suas Quinas. Recebemos essa missão dos nossos antepassados, e temos rigorosa obrigação de briosamente a cumprir.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Occupámo-nos ha dias em um artigo deste jornal, do estado precario em que se achava a associação dos artistas de Coimbra, e da urgencia que ha de adoptar os alvitres indispensaveis, que façam pôr em equilibrio a receita com a despeza da sociedade.

Felizmente a generalidade dos socios tem-se compenetrado da necessidade destas providencias; e por isso na sessão da assemblea geral que houve na quinta feira ultima, correu a discussão com a maior placidez, e do melhor accordo foram approvados os membros que hãode fazer parte da commissão para a reforma dos estatutos.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLIII

RODRIGO PINTO PISARRO

XI

O conflicto entre D. Pedro e Pinto Pisarro ia cada vez tomando maiores proporções, chegando o duque de Bragança a demittil-o por decreto de 4 de Novembro de 1833, do posto de coronel e do serviço de sua filha D. Maria II.

Em consequencia desse acto arbitrario e impolitico, dirigiu Rodrigo Pinto Pisarro uma carta ao jornal o *Globe*, carta que depois imprimiu em separado, juntando-lhe varias reflexões e notas, com o titulo de — *Copia e traducção d'uma carta, dirigida pelo coronel Rodrigo Pinto Pisarro ao editor do Globe, em 21 de Novembro de 1833.*

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o quasi prophetico periodo das reflexões de Pinto Pisarro, em que elle diz:

«Eu hei de ser reintegrado, se me convier servir, por a rainha de Portugal; e os meus detractores hão de ser expulsos do palacio, e do poder, carregados da execração publica, e marcados talvez no rosto com duas letras emblematicas.»

Rodrigo Pinto Pisarro não foi só reintegrado no seu posto de coronel pela rainha. Foi elevado a brigadeiro; eleito deputado em 1834; agraciado com o titulo de barão da Ribeira de Sabrosa em 22 de Setembro de 1835; eleito outra vez deputado em 1837 e senador em 1838; nomeado presidente de conselho, ministro da guerra, e interino da marinha e estrangeiros em 18 de Abril de 1838; e novamente eleito senador em 1840. E o que é mais honroso, sahiu do ministerio em 26 de Novembro de 1839 com uma popularidade tal, como não alcançou outro ministro desde 1834 até hoje!

Ao mesmo tempo os seus inimigos foram não só demittidos do poder, em resultado da revolução de 9 de Setembro de 1836; mas *expulsos do palacio*, pela coacção physica e moral das forças populares, na reacção de Belem; sendo até assassinado no dia 4 de Novembro por aquellas forças o ex-ministro da guerra Agostinho José Freire, o mesmo que referendara o violento decreto de demissão de Pinto Pisarro.

Com effeito, é admiravel o exacto e ainda mais amplo cumprimento das affirmativas feitas em Londres por Pinto Pisarro, muito tempo antes de haver terminado a guerra civil!

Eis ahi agora a publicação a que nos temos referido:

Quos Deus vult perdere prius dementat.

«Sr. Editor.—Ha de fazer logo um anno, que v. me fez a honra de admittir uma carta minha no seu recommendavel jornal; carta em que eu expunha, que o ex-imperador do Brasil, D. Pedro de Alcantara, na sua usurpada capacidade de regente de Portugal, tinha sido servido degredar-me, sem accusação, nem processo, para impedir que eu me reunisse ao exercito constitucional no Porto. O meu crime, aos olhos d'aquelle *constitucional* principe, era o ter escripto em Paris, no mez de Janeiro de 1832, um folheto muito humilde, delicado e respeitoso, para mostrar que, segundo as leis do meu paiz, D. Pedro não tinha direito algum á regencia de Portugal.

Eu queixei-me daquelle abuso de um poder temporario; porem as minhas petições nunca foram deferidas; e por um decreto de 4 do corrente foi S. M. servido demittir-me do serviço da rainha de Portugal, minha soberana. Eu não me considero, sr. Editor, menos honrado com esta demissão (sem exemplo no exercito de Portugal) do que com a sentença, uma sentença *ao menos*, que me condemnou á morte em nome de D. Miguel, por defender os direitos da mesma soberana, que defendo agora. D. Pedro, e D. Miguel, ambos tem razão; porque eu hei-de defender com todo o cabedal de minhas forças os direitos da rainha de Portugal contra a ambição de seu pae, da mesma fórma que os defendi contra a usurpação de seu thio. Tenho a honra de ser, sr. Editor, etc., etc. — *Rodrigo Pinto Pisarro.*»

Qui frappe sans jugement assassine.— B. Const.

«Esta demissão, que eu tenho por mui honrosa, e um testemunho irrefragavel da pureza da minha conducta e da inculpabilidade das minhas acções no serviço da minha patria, e da minha soberana. Preso em Paris, e deportado arbitrariamente em Londres, cancei-me a pedir um tribunal, e a reclamar juizes: o julgamento dos meus pares, e as leis do meu paiz eram a unica mercê que eu reclamava do governo imperial. O ministro da guerra ousou, sim, empanar meu nome, escondendo-se, como um salteador, nas trevas do gabinete; mas faltou-lhe a coragem, fementido accusador, para manter diante de mim essa accusação, para entregar-me ao tribunal dos meus pares e ás leis do meu paiz.

Neste embaraço, e porque um governo fraco e mau, nunca se emenda, recorreu ao expediente mais odioso dos ministros mais infames, á arbitrariedade, e ao despotismo. Na impossibilidade de julgar-me, desterrou-me, demittiu-me, assassinou-me. *Assim mesmo* fazia Sejano, valido de Tiberio: quando queria perder, ou roubar um cidadão romano, se não podia arguil-o no senado e condemnal-o, mandava-o *matar á fome*, ou assassinar. Estou portanto demittido sem motivo, porém justifi-

E' de esperar que esta commissão dê conta dos seus trabalhos com a possivel brevidade, porque quanto mais se demorar o remedio, mais se aggravarão as más circumstancias da associação dos artistas.

Havendo boa vontade é facil fazer voltar a sociedade ao grau de prosperidade em que já esteve.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

COMMUNICADO

Sr. Redactor.

Já por vezes me tem franqueado as columnas do seu jornal; consinta que de novo as occupe, no meu justo desaggravo.

Acaba de ser publicado, pela imprensa da Universidade (!) um notavel pamphleto, meu aggressivo, com o titulo por elle proprio desmentido—*A verdade esclarecida*, ou *a verdadeira luz sobre os factos*—sob o nome e assignatura do procurador judicial, Abel da Silva Linhaça.

Como logo conhecem todos os que o lerem, e d'elle já tinham antecipada noticia, tende elle, com maldosos intuitos, não só rebaixar a dignidade do meu caracter, promovendo-me no publico a maior exhautoração como homem, mas egualmente minar nos tribunaes injustas preoccupações e a sua indisposição contra mim; e a continuar-me, para estes fins, a medonha *propaganda* no caminho d'uma injusta, ignobil e crua perseguição, a que estou sacrificado innocente, pelos immerecidos odios, profundos e inextinguiveis, de meu irmão, o sr. Dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, conselheiro honorario, e lente de direito na Universidade; e tudo, á custa d'uma infidelissima exposição de factos, como respeitantes ás lamentaveis dissenções entre nós; mediante a audaciosa desfiguração d'uns desses factos, falsificação e cavilosa invenção d'outros; e mediante tambem o apontoado de famosas e pungentes diffamações e injurias, que alli me são dirigidas e á minha esposa, que nem essa poude ser poupada!!!

Não me abaixo a responder a um mercenario. Heide responder-lhe sim, mas levando-o aos tribunaes, onde hade achar em resposta, a merecida correcção. E mesmo, resposta, seria procurar o inimigo na sombra, quando todos sabem que o unico e verdadeiro auctor do pamphleto, é o meu referido irmão.

Hão de ajudar-me nesta verdade aquelles tantos, a quem ávidamente e sem reserva, deu conhecimento de havel-o começado, e do progressivo andamento que lhe ia dando.

Não se intenda que me eximo: heide desmentir o pamphleto d'uma maneira victoriosa, e em homenagem á verdade e ao publico; se bem que o melhor e mais peremptorio desmentido, está nelle proprio; está no facto de extranhavel deslealdade, e insidioso, com que o seu legitimo auctor, meu dito irmão, se esconde detraz do *procurador judicial Linhaça*, para não carregar e ter responsabilidade que lhe cabe, pelo asserto de tantas falsidades; fugindo ao dever nobre e cavalheiroso, que lhe cumpria de não ter firmado com a sua assignatura em *publico* e *raso*, a obra do seu proprio punho; recheada de documentos arranjados adrede, e que ainda terão que dar para sentir áquelles que tiveram facilidade de passal-os.

Concluirei por agora, appellando para o justo juizo do publico, que me não hade julgar sem primeiro me ouvir; e para a justiça dos homens desapaixonados, independentes e illustrados; e tenho de todos a esperar, que em vez de perseguido que realmente sou, não me taxarão de perseguidor de meu irmão, como elle tanto se esforça de fazer convencer por tantas formas, e agora por esta nova publicação.

Todos já são sabedores, e tanto basta para não me julgarem o perseguidor de meu irmão, que nem o sou, nem o posso ter sido, tendo accedido da melhor vontade a uma composição por vezes tentada pela iniciativa de respeitaveis cavalheiros e dedicados amigos communs nossos; aos quaes sempre tenho conferido os poderes mais amplos e illimitados, em differença do mesmo meu irmão, que outro tanto não tem feito; tendo sido sempre inuteis e baldados todos os seus esforços, por culpa unicamente d'elle, que vê na composição sobre todas as nossas questões, acabados os pretextos, e cortados os passos da sua sempre protestada perseguição.

Haja vista, entre outros, ao numero 2775 deste mesmo jornal—*Conimbricense*, onde a verdade destes factos, e asserto, é corroborada por documentos d'incontestavel auctoridade, firmados pelo punho dos respeitaveis cavalheiros a que alludo, e nelles figuram.

Ha mais ainda: nesse mesmo numero, e já em anteriores, propuz uma arbitragem (para a qual tambem appellaram estes nobres cavalheiros, debalde sempre), escolhidos os juizes para ella, por qualquer dos presidentes dos tribunaes superiores do paiz, e á sorte dentre os juizes de 1.ª e 2.ª instancia. Não acceitou meu irmão, nem agora que renovo a proposta a acceita, porque só quer perseguição, que me jurou.

Não é a culpa delle só: tem-na certas auctoridades, suas dependentes, que o fortalecem.

Terei occasião de melhor esclarecer este ponto, de maneira que satisfaça. Mas como toquei nelle, e no pamphleto vem a ameaça de, com a intervenção da auctoridade, se tentar um novo ataque *d'expoliação* violenta á minha propriedade (repetição do que teve logar no fim do mez passado) encapotado dolosamente em *desforço*, sem outros fins do que levantar repetidos escandalos do desagrado publico, e do malefico intento de se me provocar assim um excesso que degenere em crime, que dê motivo á perseguição criminal pelos tribunaes (mas debalde como até hoje, porque estou prevenido do plano tenebroso); tenho eu a esperar da sizudeza e boa discrição (de que já deu provas a auctoridade administrativa do concelho, já bem sabedora pela experiencia deste mesmo plano, e manejos miseraveis da parte d'um irmão contra outro irmão), que não auctorisará com a sua presença, uma segunda vez agora, um feito, que não póde deixar de degenerar em acto criminoso, como *usurpação de cousa immovel*, punido pelo art. 445 do Cod. Pen.

A lei, no art. 486 do Cod. Civ., auctorisa o *desforço* do justo possuidor; por *sua propria força e auctoridade*, com tanto que o faça *em acto consecutivo*; mas não pela *força* de auctoridade publica, e fóra do *acto consecutivo*; porque então, o acto por illegitimo, degenera no crime; e tanto mais sendo praticado, como o proprio lugar denuncia, pelo expoliador violento.

Fico por aqui agora, affirmando em meu desaggravo diante dos homens justos, que possam lêr as torpezas que se me assacam, e dellas já tem perfeito conhecimento; que nunca fugi, nem fugirei á justiça pelos meios legaes: evito a injusta perseguição em nome della, pelos meios tumultuarios e illegaes, de que se lança mão.

Thomar, 13 de Outubro de 1874.

Francisco Henriques de Sousa Secco, juiz de direito na comarca de Thomar.

NOTICIARIO

Universidade. — Hontem, segundo as praxes academicas, foi o dia destinado para a oração de *Sapientia*. Coube por turno ao sr. Dr. D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello.

Houve em seguida a distribuição dos premios, precedida de um discurso do sr. reitor da Universidade.

Emprestimo. — A unica proposta apresentada para o emprestimo de 10:000$ reis, que pretende contrahir a camara municipal desta cidade, para as obras do largo da Portagem, foi a da agencia do Banco de Vianna. A camara approvou esta proposta, que era de 6 $^{3}/_{4}$ por cento.

Melhoras. — O nosso respeitavel amigo o sr. Dr. Francisco da Fonseca Corrêa Torres, digno thesoureiro mór da sé desta cidade, depois de passar alguns dias bastante incommodado de saude, tem ultimamente obtido consideraveis melhoras.

Muito folgamos com o breve e completo restabelecimento do nosso bom amigo.

Exames. — O jury que na segunda epocha do actual anno, hade assistir aos exames das cadeiras do magisterio primario neste districto de Coimbra, é assim composto:

Presidente—Dr. Francisco Antonio Diniz, commissario dos estudos.
Vice-presidente—Joaquim Alves de Sousa, professor no lyceu.
Dr. Francisco Adolfo Manso Preto.
Padre José Adelino Sarrasqueiro.
Bacharel Manoel Cesar de Seabra.
Francisco Maria Mendes Pinheiro.
Bento José de Oliveira.
Perpetua Felicidade Candida Serra, professora de ensino primario em Coimbra.
Marianna Augusta Martins.
Maria Altina.

Chegada. — Já regressou a esta cidade o muito digno juiz de direito o sr. João Telles Trigueiros, que saira a gozar da licença que lhe foi concedida.

S. ex.ª é bem recebido por todos aquelles que sabem avaliar as excellentes qualidades de que é dotado, e em especial pelos numerosos amigos, que tem sabido adquirir pela amabilidade e delicadeza com que trata a todos.

Felicitamos a s. ex.ª pela sua feliz chegada.

Valioso presente. — O sr. Olympio recebeu para a bibliotheca da Associação dos Artistas tres preciosos livros, sendo os tomos 1.º, 2.º, e 3.º da *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia*, offerecidos por seu illustre auctor o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro.

Todos os membros da Associação dos Artistas, que saibam avaliar a importancia desta publicação, devem lisonjear-se que o seu generoso e respeitavel auctor contemplasse a Associação, presenteando-a com tão apreciaveis livros, que enriquecem qualquer bibliotheca, por melhor provida que esteja.

Fraternidade maçonica. — Informam-nos, que tendo constado ao Gr.·. Or.·. Lusitano, por informação da L.·. *Federação*, que um dos obreiros desta L.·. não podia matricular-se na Universidade por falta de meios, mandou immediatamente abonar-lhe a importancia da matricula.

A este mesmo obreiro já no anno lectivo passado tinha abonado para matriculas e outras despezas, varias quantias, na importancia total de 16 moedas.

E pois que nos referimos á L.·. *Federação*, diremos, segundo tambem nos informam, que esta Loja, seguindo diverso caminho das que a precederam em Coimbra, tem fugido ás questões politicas, fazendo consistir seus principaes trabalhos em procurar boas relações, pelo que se acha hoje em correspondencia com as principaes Lojas de Portugal, Hespanha e Brasil, com a Gr.·. Loja de Vienna d'Austria e com os GG.·. OOr.·. de Hungria e Italia.

Os seus obreiros são honorarios das LL.·. *Alliança* de Lisboa e *Regeneração* de Torres Novas e *vice versa*; o seu Ven.·. é membro honorario do Gr.·. Or.·. do Brasil, e obreiro correspondente da Gr.·. L.·. de Vienna, unico que esta Gr.·. L.·. tem em Portugal.

Expropriação. — Foi declarada de utilidade publica a expropriação de umas casas e quintal situadas na rua Direita desta cidade, e pertencentes á junta parochial de S. João Baptista de Santa Justa de Santa Cruz, para o fim de se continuar a obra do alteamento da cidade baixa, sujeita a inundações do Mondego.

Licença e approvação. — Ao sr. João Herculano Sarmento, escrivão e tabellião da comarca de Coimbra, foi concedida licença para ser substituido por um ajudante nas respectivas funcções do seu officio.

E o sr. José Lourenço da Costa foi approvado para ajudante do sobredito escrivão e tabellião.

Noites de insomnia. — Publicou-se o n.º 9 das *Noites de insomnia*, redigidas pelo sr. Camillo Castello Branco.

Contem:—Os salões, prefacio, pelo exm.º sr. visconde de Ouguella — Condemnação de corpo e alma—O doutor Botija—O palco portuguez em 1815—Bibliographia (Senna Freitas, Cunha Vianna, Monsenhor Joaquim Pinto de Campos)—Que segredos são estes?

Crimes na Carapinheira. — Communicam-nos da Carapinheira, concelho de Monte Mór o Velho, o seguinte:

«Sr. Redactor.— Em tempos que não vão muito longe, foi a Carapinheira uma terra de má fama; porem, mais tarde, graças á Divina Providencia, tornou-se uma terra de habitantes pacificos e bemfazejos, porque conheceram que o trabalho é a primeira virtude a ennobrecer o homem.

A Carapinheira é uma terra de trabalho como não é facil de encontrar, e os grandes proprietarios de Coimbra e os de muitas outras partes o podem comprovar.

Sinto pois, que a terra que tanto tem prosperado, esteja prestes a cair no abatimento. O crime torna de novo a apparecer; o criminoso acha quem o proteja; e a sociedade vai de novo ser victima.

Justiça, pois, para os criminosos, é o que reclamam aquelles que prezam o bem estar dos povos em geral.

Não fallo sem motivo, pois que no curto espaço de 30 dias, se commetteram-se na Carapinheira tres crimes e qualquer delles de circumstancia. Um d'elle foi um rapaz abrir a cabeça a outro com uma enchada; o segundo foi um atropellamento n'uma pobre mulher, do que resultou ficar bastante magoada, e sem alguns dentes; e o terceiro foi um tiro dado n'uma pobre infeliz, estando em sua casa ás 8 horas da noite, ferindo-a n'uma, das pernas. Crime como este ultimo não merece a compaixão de ninguem.»

Assalto ao caminho de ferro. — Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Partiu de Lisboa no domingo á noite pelo caminho de ferro de Hespanha o sr. conde de Brandebourg, ministro de Allemanha nesta côrte. Na terça feira á uma hora da noite, no sitio de Cañada, a pequena distancia de Ciudad Real, foi o comboio atacado por uns dez homens mascarados, que roubaram aos viajantes quanto levavam em si. Ao sr. conde de Brandebourg tomaram oitenta libras e o seu relogio.

Havia um francez que lhes entregou um *Bank-Post Bill* de duzentas libras, mas os ladrões não o quizeram. Pediram aos passageiros as chaves das bagagens, mas quando estavam remexendo nas malas e saccos, deu-lhes o medo, e abalaram. Os mascarados tinham entrado na estação antes da chegada do comboio, e prendido os empregados, de modo que os viajantes foram recebidos pelos proprios salteadores.

Concluido o roubo, o comboio seguiu para Madrid.

ANNUNCIOS

Arrendamento de Quinta

1 NO DIA 18 do corrente, ao meio dia, na rua da Sophia n.º 35, hade arrendar-se a quinta do Almegue, pertencente aos herdeiros de D. Maria Miquelina Roxanes.

2 PELO JUIZO de direito da cidade de Coimbra e cartorio do escrivão Adelino, correm editos de trinta dias, que foram assignados na audiencia de 15 do corrente mez de Outubro, a requerimento de D. Hortencia Elvira Barata de Tovar, secular no convento de Santa Anna, aros desta cidade, pelos quaes aquella chama todas as pessoas que tiverem que oppor á habilitação que intenta pelo mesmo juizo, como herdeira de sua irmã D. Rufina Candida Barata de Tovar, secular que foi do mesmo convento, para o fim de lhe serem averbadas as inscripções da Junta do Credito Publico, n.ºs 48148 até 48152 inclusivè, e 75244, 75262 e 75263 cada uma do valor de cem mil reis, e n.º 24015 de quinhentos mil reis, tudo valor nominal, com a pena de lançamento e revelia.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

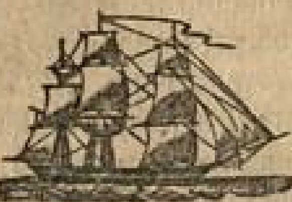
3 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta forma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu—**633:162 machinas**—(mais de meio milhão!)

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**
Barca=ADMIRAVEL=em 24 de Outubro.
Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**
Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

COMPANHIA LISBONENSE DE TABACOS

Fabrica de Tabacos em Santa Apolonia

LISBOA

5 ATTENDENDO ás repetidas imitações que differentes fabricas de tabacos de Lisboa e Porto têem feito dos nossos rotulos e empapelos, especialmente no rapé e folha picada, rogamos por isso a todos os nossos consumidores que hajam sempre de examinar escrupulosamente os rotulos dos tabacos que adquirirem, a fim de não serem illudidos, e poderem sempre apreciar a boa qualidade dos seus generos.

6 QUEM QUIZER comprar algum vinho velho muito bom, nesta redacção se dirá quem o tem.

Leccionista de Historia, Portuguez (curso completo), e Francez.

RUA DO CORREIO, N.º 102

7 O BACHAREL JOAQUIM D'ALMEIDA DA CUNHA, além da sua aula de *Portuguez* (curso completo), abre uma aula de *Historia* e outra de *Francez*, sendo o ensino dirigido do modo mais proprio para satisfazer ás condições do programma dos lyceus.

Matricula—todos os dias das 8 ás 10 horas da manhã, e das 3 ás 5 da tarde.

cado. E os meus accusadores? No pelourinho da infamia, com a marca dos falsarios na fronte deshonrada (Nota I).

«*Tyranno, a mim que mal me faz a morte?*» disse o corajoso, e malfadado Ractliff, nas escadas de um patibulo não merecido: a mim tambem que mal me faz uma demissão *par coup d'état?* Se a lealdade do povo, que acclamou João I, e João IV, assentar Maria II no throno de Portugal; se a Carta, unica lei que eu reconheço no meu paiz, triumphar da conjuração desnatural, cujo veu eu levantei, preparado desde então, para combater com as feras como S. Paulo, ou com os deuses como Diomedes, a rainha, e a minha patria me farão justiça.

Se a traição porém triumphar da lealdade e o crime da innocencia; se uma rainha joven, sensivel, generosa, for desthronada á vista do seu povo, e no palacio mesmo de seus avós; se no fim de tantas enxovias; de tantos degredos; tantos cadafalsos; tantas lágrimas; e tanto sangue vertido pela liberdade, o Ceu tem decretado que a vontade absoluta de um despota *feroz* seja a lei do meu paiz, não é preciso prender-me loucamente, desterrar-me barbaro, ou demittir-me vingativo; o meu partido está tomado: homem livre por principios, e independente por habito, não hei-de tornar a pisar terra, aonde seja lei suprema o capricho de um ministro, ou a vingança de um monarcha.

Mas não pensem esses ministros insensatos, que uma demissão á turca é uma sentença de exterminação. O coronel Lilburn foi um dos primeiros que pegaram na penna contra as violencias de Carlos I: este principe, a quem seus validos immolaram, demittiu, e encarcerou o coronel: mas pouco tempo depois, o coronel estava reintegrado por um acto do parlamento, e Carlos I no cadafalso.

A linha dos Bourbons, a cujo enterro S. M. o sr. D. Pedro assistiu na praça da Bastilha, esses Capêtos incorrigiveis, e obstinados, «*que não aprenderam, nem esqueceram nada no desterro*», demittiram, e atropellaram o coronel Lorier: mas este official teve a constancia de fazer ouvir na camara dos deputados petições de uma força..... que eu não sei imitar. O ministerio cedeu: mas já era tarde: o exercito estava abalado: a hora soou.... Lorier commanda em França, e Carlos X vive esquecido no fundo da Allemanha n'um castello emprestado.

E se não é crime illustrar meu quadro com o nome *illibado* dos patriotas conspicuos, legisladores consequentes, *populares* incorruptiveis, *homens de 20 em fim*, os super-excellentissimos ministros da guerra, e da marinha, elles mesmos foram já demittidos duas vezes, e reintegrados; e agora, só porque abjuraram os principios que tinham *fingido* no congresso, transformando-se em apostolos, e instrumentos de um governo despotico, brilham como estrellas radiantes nos braços do *Cruzeiro do Sul*.

Ainda mais, quem são esses sycophantas do Brasil, que calumniam no palacio todo o homem que recusa comer com elles na cevadeira do peculato? Os mesmos chatins, os mesmos intrigantes, a quem os patriotas brasileiros fincaram um pé nas costas, e arrojaram do cimo do Corcovado para áquem do Equador! (Nota II.) E quem são esses ministros transfugas, e apostatas dos principios que os tiraram das posilgas obscuras em que tinham vegetado? Os mesmos Sardanapalos corrompidos, que embriagados na orgia do poder e da *moeda*, protestavam no dia 25 de Maio de 1823, que a patria estava salva; e dois dias depois, Portugal estava trahido; a causa da patria sacrificada; e elles fugitivos! A' vista destes, e outros mil exemplos, que por delicadeza calo, tenho fé na logica, e tenho fé nas cifras; n'um, e n'outro caso, os mesmos elementos hão de produzir os mesmos resultados; os mesmos homens, e com os mesmos vicios, hão de ter o mesmo fim.

Eu hei de ser reintegrado, se me convier servir, por a rainha de Portugal, e os meus detractores hão de ser expulsos do palacio, e do poder, carregados da execração publica, e marcados talvez no rosto com duas letras emblematicas.

Deixarei eu de pugnar por os direitos da rainha, e por a Carta estrangulada em nome da Carta mesmo, porque Agostinho José Freire, meu *leal* amigo, foi servido disparar contra mim uma das frechas do seu carcaz? *Certamente não.* Arrisco a vida neste empenho? Não importa. «Se um homem morre, os principios ficam.» Porque

«Even in this low world of care,
Freedom ne'er shall want an heir.»

Além d'isto a camarilha deve saber, que, no seculo XIX, os meios violentos não prolongam os reinados. — O infante D. Miguel perdeu a corôa em 30 de Abril......

Aproveitarei esta opportunidade para dar largas a uma impressão que mil vezes me tem chocado. Os regeneradores, a quem a historia, provavelmente, ha de designar por outro nome, levaram a nação a pós de si, contente e agradecida, em nome da egualdade de direitos, da reforma das justiças, da modificação da nobreza, extirpação do cumulo, em summa, em nome da liberdade politica e individual.

O grito de guerra foi por toda a parte — Não mais setembrisadas. — Esta foi a doutrina; mas qual tem sido a pratica d'esses homens de 20, e seus imitadores? Apenas a hypocrisia d'elles, ou a credulidade dos outros, lhes tem deixado empolgar o poder, o seu primeiro pensamento é quebrar as imprensas; suspender o exercicio de todos os direitos politicos; atropellar todos os direitos individuaes; multiplicar os abusos a *favor d'elles*; prender seus adversarios e setembrisal-os!!! (Nota III.)

Walpole tinha certamente em vista alguns impostores portuguezes, quando escrevia «que os palacianos eram baixos, e servis, porém os *Whigs* mais corruptos, e inconsequentes.» E com effeito, os homens do senhor D. Pedro tem commettido mais baixezas; consagrado mais abusos; e auctorisado maiores escandalos, depredações e vinganças, do que todos os gabinetes prostituidos, e camarilhas indecentes, que tinham enxovalhado Portugal!

E' por isso que os povos não tem fé nos principios apregoados por *apostatas* e *arrenegados*; é por isto que os povos se escandalisam de um governo, que proclama liberdade, gotejando despotismo e tyrannia! Não ha triumphos, em taes mãos, que possam consolidar a causa da rainha, porque o ministerio tolhe no gabinete todo o fruto das victorias.

Mudar o governo, e já, é a primeira necessidade dos subditos leaes da rainha de Portugal, e a primeira medida de salvação geral.—*Rodrigo Pinto Pisarro.*»

NOTA I

«Eu não quero tratar agora a questão de direito, discussão do que o governo estremeceu, e por isso me tratou com brutal arbitrariedade; quero sómente despertar ideias, que por falta de imprensa, falta vergonhosa, podem estar adormecidas em Portugal.

Qual foi o delicto que impelliu o coração liberal e generoso de S. M. I. a mandar-me prender em Paris, no dia 6 de Janeiro de 1832? Isto é, quando S. M. I., proscripto em Paris, como eu, não tinha ainda, por sua propria doutrina, nem sombra de auctoridade sobre mim; pois é bem sabido, que o manifesto pelo qual S. M. assumiu o governo, e tomou caracter publico entre portuguezes, foi publicado em Belle-Isle nos principios de Fevereiro.

O meu crime, a minha usurpação, disse S. M. I., aconselhado por a cabala dos brasileiros, conloiada com Agostinho José Freire e Candido José Xavier, o meu crime era a *Norma das Regencias*. E este crime qual era? Sem duvida nenhuma, na accepção mais rigorosa, um delicto politico; a expressão d'um pensamento, uma discussão puramente especulativa, como diria Lord Erskine na defeza de T. Penn, sobre a applicação das leis do meu paiz.

Afastando os argumentos do logar e da materia, quem caracterisou a minha culpa, quem me sentenciou, quem me impoz a pena? O sr. D. Pedro de Alcantara, em França meu egual, e no meu paiz, meu inferior, porque eu era portuguez e elle brasileiro.

Apezar disto, foi tão grande a *magnanimidade imperial*, tão ardente o amor dos principios constitucionaes, tão sincera a veneração da justiça, tão grande o respeito e tanta a tolerancia para com as opiniões dos homens, que eu fui preso em Paris, deportado no Porto, privado de alimentos em Londres, e demittido em Lisboa, por haver asseverado o que ninguem ousa negar; dado á luz o que nenhum *escriba* do governo ousou ainda refutar, e proclamado aquillo mesmo que S. M. foi obrigado a reconhecer no seu manifesto, e a repetir no ultimo decreto para a convocação das côrtes!!! A saber, que S. M. o ex-imperador do Brasil, póde tomar em Portugal os titulos que poder imaginar, desde duque de Bragança até *gestor*, menos regente segundo a Carta Constitucional.»

NOTA II

«Como é bonito, como é decente e consolador, o ver um enxame de brasileiros, enxotados do imperio como zangãos do estado e do palacio, expulsar de Portugal os subditos de Maria II! São os barbaros de Theodorico expulsando os cidadãos romanos!»

NOTA III

«Perdoe-se-me, seja-me permittido, como objecto de curiosidade e por modo nenhum de criminação, o fazer resaltar esta coincidencia. Foi sem duvida nenhuma a senhora infanta regente quem mandou, como era justo, reintegrar em seus postos os srs. Margiochi, e Freire, em Outubro e Dezembro de 1826; porem todas as diligencias que apressaram aquelle acto de justiça, foram actos de espontaneidade minha, por condescendencia dos tres ministros successivos.

Em quanto ao sr. Margiochi lavrei com a minha mão um decreto, concebido em termos taes, que o conde de Villa Real tirou d'ahi motivo, para me arguir de partidario dos principios de 1820, etc. Em quanto ao sr. Freire, depois de reintegrado, foi acto puramente meu, por favor do exm.º marquez de Valença, o empregal-o como chefe de estado maior do marquez de Angeja. Senão que o diga o tenente coronel C. José Peixoto, que se queixou amargamente nesse tempo ao exm.º ministro da guerra dessa minha parcialidade.

Aquelles senhores, a quem o infortunio devia ter inspirado maior respeito por as leis, quando não fosse pelos homens, apenas cada um delles deu entrada no ministerio, fulminou logo contra mim um raio do seu poder!

Dirá o sr. Margiochi, de cuja probidade eu era o maior admirador—«que a minha demissão não é obra delle.» Assim o creio eu; mas tambem tenho como certo que não ha mulher alguma, que entre n'um lupanar, senão para vender os seus encantos. O sr. Margiochi não allegará por certo a verdura dos seus annos para desculpar a seducção.

Eu fui deportado como coronel, fui demittido, fui castigado já por tres vezes por a mesma culpa; fico ainda degredado, senhor ministro da guerra? A vingança de v. ex.ª é como o fogo do inferno, não acaba nunca? Ainda o ministerio, depois dos milhões que tem consumido, e dos homens que tem peitado e corrompido, tem medo de um só homem? Se assim é, o idolo tem pés de barro... D'um momento para o outro a rainha quebra as cadeas, escolhe um ministerio, convoca as camaras, e os perjuros são chamados á barra.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

8 **PELA REPARTIÇÃO** de Fazenda do districto de Coimbra, se annuncia aos possuidores de titulos de divida fundada com assentamento na Junta do Credito Publico, que pretendam receber os juros do 2.° semestre de 1874, no cofre central deste districto, que devem apresentar na mesma Repartição até ao dia 6 do proximo mez de Novembro, as competentes relações organisadas pela ordem numerica, visto que só deste modo podem ser admittidas á conferencia.

Coimbra 14 d'Outubro de 1874.

Pelo Delegado do Thesouro,
Nicolau Antonio da Cruz.

Leccionista de Desenho

9 **A**. A. GONÇALVES, rua do Correio, n.° 77.

DOCTOR IN ABSENTIA

10 **O PROFESSOR** em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

11 **ANTONIO DA ROCHA DANTAS** lecciona Historia e Geographia em sua casa, rua do Loureiro, n.° 31.

Attenção

12 **JOÃO DO CONEGO**, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender pode dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

13 **NA RUA DOS LOIOS**, n.° 2, se vendem batinas novas, por preços commodos.

14 **AYRES AUGUSTO QUARESMA DE ALMEIDA**, do Espinhal, e Francisco Pereira Serrano, de Coimbra, vão estabelecer uma diligencia diaria entre aquellas duas povoações, sendo a primeira carreira no 1.° de Novembro proximo futuro.

Os preços e horas são as mesmas do costume, affiançando-se ao publico que o serviço será muito regular.

Os bilhetes vendem-se no Espinhal e Coimbra em casa dos annunciantes; e em Penella em casa do sr. Abilio.

Attenção

15 **NA TYPOGRAPHIA** de Manoel Caetano da Silva, praça de S. Bartholomeu, n.° 11, vende-se, brochada e muito em conta, uma collecção de *Diarios do Governo*, e das *Côrtes*, relativos aos annos de 1870, 1871, 1872 e 1873.

16 **NA RUA DE SUB-RIPAS** e nas casas a que corresponde o numero 35, se lecciona instrucção primaria para a admissão ao lyceu, portuguez (curso completo), e latim (1.ª parte).

17 **JOSÉ EDUARDO FERREIRA DE CARVALHO** continua a habilitar alumnos para os exames de instrucção primaria, portuguez e francez, tanto em sua casa, travessa da rua do Norte, n.° 18, como em casas particulares.

Egualmente recebe estudantes dando comida e casa por preços commodos.

18 **FRANCISCO PEDRO DA SILVA**, negociante, desta cidade, declara que tendo difficuldade em conservar em seu poder o prelo em que se imprimia na Estrella o antigo jornal a *Liberdade*, e que lhe foi entregue em 1868, para evitar a sua ruina, o venderá em praça particular, se dentro de 10 dias depois da publicação deste, não apparecer quem com direito reclame em contrario. Feita a venda prestará contas. Coimbra 17 de Outubro de 1874.

19 **ANTONIO GOMES**, alfaiate, na rua do Borralho, n.° 35 e 37, participa aos seus freguezes e amigos, que tem á venda capas e batinas novas de bom panno, por 13$500, assim como casemira preta encorpada, para calças, que as dá promptas por 4$500 rs.

20 **ABRIU-SE** o curso de inglez, francez, geographia e historia, desde o dia 5 do corrente na rua do Correio, n.° 122.

J. F. Gonçalves Cardoso.

21 **A**. R. ANDRADE abre a sua aula de latim e portuguez (cursos completos) a 19 de Outubro, podendo as matriculas começar no 1.° do mez. Continuará leccionando as mesmas disciplinas em casas particulares. Não se responsabilisa por discipulos, cuja frequencia não fôr assidua. Travessa de S. Christovão, n.° 10.

22 **RECEBEM-SE** alguns discipulos internos, da-se excellente tratamento e leccionista para qualquer disciplina.

Para mais informações dirigir-se á rua da Boa Vista, n.° 8, antigo becco das Bruxas.

23 **RAUL MESNIER DE PONSARD** lecciona, a partir do dia 15 do corrente, em sua casa no becco das Bruxas, n.° 8, as seguintes disciplinas;— Francez, curso completo e conversação. Mathematica elementar, curso completo (1.ª e 2.ª parte).

Para qualquer outra disciplina, proporciona professores competentemente habilitados.

FIGUEIRA DA FOZ

Ao fundo da rua do Paço, n.° 2

DENTISTA

24 **CEREGHETTI DOMINIQUE**, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 10 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

VENDA DE CASAS

25 **NO PROXIMO DOMINGO**, 18 do corrente, voltam novamente á praça, por desaccordo entre os herdeiros, as casas pertencentes aos filhos do fallecido Antonio Justino, situadas umas no becco dos Militares, n.° 3-5, e outras no Marco da Feira, n.° 32-38. A praça será feita nas lojas do mesmo predio, no Marco da Feira, pelas 10 horas da manhã.

QUEIJO FLAMENGO

26 **CHEGOU** ao estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga—53 Sophia 57.— Casa de azulejo.

ARMAZEM DE VINHOS

DE

Domingos Antonio de Freitas

Largo das Ameias, em frente do Hotel Mondego

27 **ESTA CASA** continua a fornecer aos seus freguezes de vinhos velhos, de boas e differentes qualidades, bem como aguas ardentes e vinagres, tudo por preços muito commodos.

Vinho do Alemtejo branco e tinto a 2$000 reis o almude, 1$000 rs. o meio almude, 500 o quartão, e 50 rs. o quartilho.

Vinho da Bairrada, branco e tinto a 1$600 reis o almude, 800 rs. o meio almude, 400 reis o quartão e 35 o quartilho.

Vinho do mesmo sitio a 1$400 rs. o almude, 700 rs. o meio almude, 350 rs. o quartão e 30 rs o quartilho.

Vinho d'Ança a 1$150 rs. o almude, 575 reis o meio almude, e 25 rs. o quartilho.

LECCIONISTA

28 **JOSE' DIOGO ARROYO** lecciona introducção em sua casa, Couraça de Lisboa, 17.

LECCIONAÇÃO

29 **ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO** continua a leccionar, na rua da Trindade, n.° 17, instrucção primaria, francez, e desenhos; assim como habilita para o magisterio de instrucção primaria.

30 **ALMANACH DA BIBLIOTHECA REPUBLICANA DEMOCRATICA** — para 1875, 1.° anno. Contém differentes tabellas, um kalendario historico, revolucionario e scientifico, uma carta de Victor Hugo, ao editor, *A Federação* de Ramon de Gala, *As creações da França republicana* por Michelet, *O soldado e a guerra* por F. Piat; differentes artigos de propaganda democratica, primorosamente escriptos.

Vende-se na livraria Internacional, de Lisboa, e custa apenas 120 reis.

CELLEIRO

31 **ARRENDA-SE** um bom celleiro no pateo da Inquisição. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio d'Almeida e Silva, rua da Sophia, n.° 65.

BOM CHÁ E QUEIJO FLAMENGO NOVO

32 **VENDE-SE** na loja de Victorino Henriques Lebre, na rua da Calçada, n.os 157-159, proximo á livraria do sr. Cabral. Tambem tem variado sortimento de vinhos do Porto, finos e de mesa, licôres finos, genebra hollandeza e faquim. Vende por preços commodos.

Francez (curso completo) e Mathematica (1.ª parte)

33 **J**. M. FRAGOSO lecciona estas disciplinas na *Eschola Popular*, rua do Correio, n.° 108.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

34 **FRANCISCO MARQUES PERDIGÃO** mudou a sua residencia para a rua do Cotovello, n.° 24, aonde estabeleceu a sua aula de habilitação para o exame d'instrucção primaria.

PIAS PARA AZEITE

35 **ARRENDA-SE** um armazem na imprensa da Universidade.

36 **NO DIA 22** do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, nos paços deste concelho, hão-da arrendar-se pelo tempo d'um anno, a começar no dia 1.° do proximo mez de Novembro, e a findar em 30 d'Outubro de 1875, as barcas de passagem dos portos de S. Martinho do Bispo, Montesão, Pé de Cão, Casaes e Ribeira de Frades.

As condições serão presentes no acto da praça.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 15 d'Outubro de 1874.

O escrivão da Camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

COMPANHIA GERAL
DA AGRICULTURA DAS VINHAS E DO COMMERCIO DOS VINHOS DA BAIRRADA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital social 5.000:000$000 reis, ou cem mil acções de 50$000 reis. Emissões em cinco series de vinte mil acções.

1.ª SERIE DE 1.000:000$000 rs.

37 **A COMMISSÃO INSTALLADORA** desta companhia abre subscripção publica para a 1.ª serie de vinte mil acções, representando o capital de 1.000:000$000 reis, debaixo das condições dos respectivos Estatutos, os quaes se distribuem nos logares onde se recebe a subscripção.

Os subscriptores deverão depositar no acto da sua subscripção, 5 por 100 do capital com que subscreverem, ou 2$500 reis por acção.

Os que já fizeram a subscripção particularmente, deverão rectifical-a pela mesma forma. A importancia que depositarem ser-lhes-ha encontrada no pagamento de 1.ª prestação. No caso de haver sorteio se restituirá a parte do deposito correspondente ao excedente das subscripções.

A subscripção é nos dias 22, 23 e 24 do corrente, desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde e recebe-se:

Na Mealhada, em casa do Dr. Adriano Baptista Ferreira.

Em Aveiro, em casa do sr. José Simões de Paiva.

No Porto, nos Bancos Alliança, União, Caixa filial do Banco Commercial de Vianna, e casa commercial e bancaria dos srs. Fortunato Chamiço, Filho & Silva.

Em Vianna, nos Bancos Commercial de Vianna, e no Agricola e Industrial Viannense.

Em Braga nos Bancos Commercial de Braga, e no do Minho.

Em Guimarães, no Banco de Guimarães.

Em Villa Real, no Banco Industrial e Commercial de Villa Real.

Em Lamego, no Banco do Douro.

Em Vizeu, no Banco Agricola e Industrial Viziense.

Em Coimbra, no Banco Commercial de Coimbra e na Agencia dos Bancos Portuguez e no do Douro.

Em Lisboa na casa filial do Banco União, e nas casas bancarias dos srs. Taveira Facco & C.ª, na rua dos Retrozeiros, 45, 1.°, e Moura Borges & C.ª, na rua dos Capellistas, 41.

A commissão installadora:

Adriano Baptista Ferreira
Agostinho Francisco Velho
Antonio de Noronha Castello Branco e Aviles
Delfim José Monteiro Guimarães
Francisco Lopes Gavicho Tavares de Carvalho
João Baptista Ferreira
João Francisco da Silva
João Luiz d'Almeida
Joaquim Lopes Carreira de Mello
José Joaquim d'Oliveira e Silva
Manoel Correia de Mello
Paulo de Moraes
Placido Irmãos
Taveira Facco & C.ª
Thomaz Quintino Antunes.

NUMERO 2842 — TERÇA FEIRA 20 DE OUTUBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Impressa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O ensino primario official está em Coimbra nas mais deploraveis condições. Esta cidade que, com toda a justiça, é classificada no seu todo a terceira do reino; em quanto á educação da infancia acha-se inferior a qualquer cidade de quarta ordem!

O bairro baixo de Coimbra, a parte mais populosa da cidade, não tem uma unica escola do sexo masculino paga pelo estado.

A Carta Constitucional, no § 30 do artigo 145, garante a instrucção primaria gratuita a todos os cidadãos; porem tendo sido extincta a escola de ensino mutuo que aqui funccionava, e havendo-se jubilado o professor da mesma cadeira, deixou de haver essa, ou outra aula equivalente; e por esta forma as familias pobres, se quizerem os seus filhos ensinados, tem de pagar aos professores particulares, ou esperar para a noute, a fim delles irem á associação dos artistas. Assim vem a Carta a ser para esta localidade lettra morta, pois que o estado por si nada faz em beneficio do publico!

No bairro alto construiu-se ha tempo uma casa para as escolas do sexo masculino e feminino n'aquella parte da cidade, gastando ahi a camara municipal uma avultada quantia, alem de 2:000$ reis com que subscreveu o sr. barão de Louredo. Por fim, depois de tantos trabalhos e despezas, reconheceu-se na casa, alem d'outros graves defeitos, que não tinha a capacidade necessaria para nella se reunirem as numerosas creanças de ambos os sexos, que naquelle bairro vão habitualmente á escola!

Ha mais de um anno acha-se a casa fechada, continuando a escola primaria na indecente espelunca da rua do infante D. Augusto!

O ensino superior e secundario nesta cidade, tem desde longa data, e com raros intervallos, absorvido a exclusiva attenção dos poderes publicos. Pois o que se precisa, primeiro que tudo, é facilitar e diffundir a instrucção pelo povo. O contrario disso será querer edificar uma casa sobre areia movediça.

A instrucção popular merece em todos os paizes os maiores cuidados aos governos e aos cidadãos; e para esse fim não se poupam meios, nem esforços alguns.

Em Portugal tem sido nestes ultimos annos creadas muitas cadeiras; mas a pouco mais do que isto se estende a acção dos governos. Se não fosse o benemerito conde de Ferreira, que deixou no seu testamento uma verba importantissima para a construcção de casas de escola, ainda em todo o reino não haveria edificios alguns, proporcionados e accommodados a este mister.

Criam-se cadeiras, é certo; mas aos professores negam-se os meios de indispensavel subsistencia.

Para se avaliar a triste e precaria posição dos nossos professores de instrucção primaria, são dignos de mencionar-se os seguintes factos.

Os Estados Unidos gastam annualmente com este ramo do serviço publico a somma de 80:000 contos. A Prussia 6:000. A Inglaterra 16:000. A França 14:000. A Hollanda 2:000. A Austria 5:000. A Italia 4:000. A Suissa 1:000. A Hespanha perto de 4:000. E Portugal gasta apenas com as escolas primarias 350 contos de reis!

Nos Estados Unidos o professor primario recebe 600$000 rs. nas cidades e 400$000 rs. no campo. Na Prussia, perto de 300$000 rs. Na França perto de 200$000 rs. E na Suissa 380$000 rs. Em Portugal, a nobre e santa missão do mestre escola, é apenas recompensada com o magrissimo ordenado de 90 a 110 mil reis annuaes!

Isto não é serio! Quem entende que os professores podem subsistir com tão miseravel quantia, não quer que haja instrucção primaria. Esta verba já era mesquinha no tempo do marquez de Pombal, em que os objectos de primeira necessidade estavam por uma terça parte do seu actual valor. E pretender-se que chegue agora para a alimentação, vestuario, e mais despezas indispensaveis a um professor, quando tudo está por um preço elevadissimo, é uma cruel irrisão!

Paguem bem aos professores, e depois exijam delles as devidas habilitações e bom serviço. O contrario disto é uma flagrante injustiça.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Em o n.° 2834 deste jornal, de 22 de Setembro ultimo, publicámos a copia de uma narração, attribuida ao marquez de Loulé, pae do actual sr. duque de Loulé, ácerca da sua ida ao Rio de Janeiro, por causa da sentença de 21 de Novembro de 1811, que o condemnara á morte por *traidor á patria*.

Alguns dos nossos collegas da imprensa periodica transcreveram essa narração; mas ultimamente o nosso estimavel collega do *Paiz* veiu declarar, que a referida narração era apocripha, e que nella estavam os factos alterados. E em o seu numero de domingo, 18 do corrente, começou a publicar uma serie de folhetins, contando os successos por modo differente, baseando-se em documentos que possue o sr. duque de Loulé.

Depois desta exposição, cumpre-nos pela nossa parte declarar o seguinte:

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLIV

RODRIGO PINTO PISARRO

XII

Publicou tambem Rodrigo Pinto Pisarro em Londres uma analyse dos artigos da Carta Constitucional, transgredidos por D. Pedro. Deu-lhe o titulo de—*A Carta estrangulada*—e dividiu-a em duas partes.

A primeira era fingidamente datada do Porto, e com a data de 26 de Setembro de 1833. Não tinha designada a terra da impressão, nem o nome do impressor.

Eis ahi a primeira parte:

Aliquando nobis gladius ad occidendum hominem ab ipsis porrigitur legibus.

(Cic. pro Milone.)

On a posé tous les principes pour nier ensuite toutes les conséquences.

(Cormenin.)

Não é facil encontrar nos fastos das nações antigas, ou das nações modernas, um governo, cujos actos estejam em contradicção mais flagrante e absurda com a lei que dolorosamente invoca, que o governo do senhor D. Pedro d'Alcantara em Portugal. *(a)* Para sustentar esta asserção, copiaremos alguns artigos da cuspida, rasgada, e atropellada Carta Constitucional, para edificação dos portuguezes.

Artigo 8.° *Perde os direitos de cidadão portuguez: 1.° O que se naturalisar em paiz estrangeiro.*—Ora o senhor D. Pedro disse *«Eu de Portugal nada quero.»* Aceitou a corôa do Brasil, e abdicou vinte vezes a de Portugal: Logo o senhor D. Pedro não é cidadão portuguez, não pode ser em Portugal, nem eleitor (Art. 64), nem deputado (Art. 68), nem conselheiro de estado (Art. 108), nem ministro d'estado (Art. 106), e não podendo exercer nenhuma destas funcções, com mais forte razão não pode ser regente. (Nota I)

Artigo 13. *O poder legislativo compete ás côrtes com a sancção do rei.*—Ora o senhor D. Pedro (por grande ventura nossa) *(b)* não é rei de Portugal; nem constitue, nesse governo provisorio que lhe deixamos assumir, o parlamento portuguez: logo quem lhe deu auctoridade para, com mão sacrilega, lançar na mesma fogueira a Carta Constitucional com as antigas leis da monarchia? Qual é a pena que a lei impõe ao portuguez que recusar as leis do senhor D. Pedro?

Um tribunal d'eunuchos; uma legião de caceteiros; algum sicario vendido aos ministros, pode assassinal-o, mas não applicar-lhe legislação portugueza. Respeitar, por ora, a capacidade politica do senhor D. Pedro é um acto de vontade, e de conveniencia politica talvez, nos subditos constitucionaes da senhora D. Maria II; porem não uma obrigação rigorosa. As suas leis incongruas, indigestas, e mais que tudo, intempestivas, são todas nullas; porque a Carta diz no paragrapho 6.° do artigo 15: «Que ás côrtes compete *fazer as leis, interpretal-as, suspendel-as, e revogal-as.* (c)

Artigo 15. *É d'attribuição das côrtes.......* § 2.° *Eleger o regente, ou regencia e marcar os limites da sua auctoridade.* (Nota II). É evidente pois que este paragrapho quer que em Portugal, como tem sido em outros paizes, a auctoridade do regente seja limitada, e qualificada por a lei. Não o entendeu assim o senhor D. Pedro; e apenas revestido d'uma auctoridade sem figura, nem sancção, deitou por terra todo o edificio da nossa legislação.

Nós não choramos, certamente, pelos dizimos, ou conventos, mas nem aquelle era o modo, nem o tempo; nem o senhor D. Pedro auctoridade competente. *(d)* Esta hydrophobia

(a) Nós pensamos não haver hoje portuguez algum, exceptuando os flexiveis conselheiros, fidalgos *novos*, e commendadores das enxurradas portuenses, que acredite, ou finja acreditar, que João da Rocha Pinto, Francisco Gomes da Silva, e o marquez de Resende, brasileiros *expulsos* do Rio de Janeiro (menos o marquez de Resende) por intrigantes, e conspiradores contra a Carta do Brasil, podessem dar ao senhor D. Pedro o ducado de Bragança. Estes Satrapas do *mato* não conheciam certamente as leis de 27 de Outubro de 1615, e 9 de Janeiro de 1817.

(b) Gran sorte! che si tanto ei fa privato...
(*Animali parlanti*, canto 2.° st. 47.

(c) And it cannot (the law) be altered, amended, dispensed with or repealed, but in the same forms, and by the same authority of parliament. For it is a maxim in law that, it requires the same strength to dissolve, as to create an obligation.—(*Blackstone*).

The crown cannot begin of itself any alterations in the present established law, since the law must perpetually stand, as it now does, unless all the powers agree to alter it, —Idem.

(d) O caviloso governo constitucional do senhor D. Pedro começou por degredar-nos, e reduzir-nos á condição vergonhosa, a que os corrompidos romanos estavam reduzidos, no tempo dos imperadores, (Nome funesto á liberdade em ambos os mundos) de quem diz Ortolan «L'empereur est tout. Pouvoir legislatif, pouvoir judiciaire, et pouvoir exécutif: tout est dans ses mains.» (*Du Droit Politique, et Constitutionnel*).

1.º Que do dito documento começaram a apparecer copias em Lisboa, nos fins de 1818, ou principios de 1819, havendo ainda alli curioso que possue uma dellas.

2.º Que ha, ou havia outro exemplar na *Collecção chronologica de subsidios para a historia politica e administrativa de Portugal*, a qual constava de muitos volumes, colligidos pelo sr. Gabriel Francisco Ribeiro, que foi escrivão da mesa grande da alfandega do Porto—collecção que depois passou para o poder do sr. Manoel Antonio Figueira, da mesma cidade.

3.º Que até alli se diz especificadamente, que fôra escripta essa *relação* pelo proprio marquez de Loulé, *no dia 28 de Agosto de 1818*.

4.º Que verificámos, que esta mesma *relação*, foi já publicada—na sua integra—em o n.º 2121 do *Jornal do Commercio* de Lisboa, de 27 de Outubro de 1860; pelo que se vê, que quando este jornal agora transcreveu do *Conimbricense* esse documento, se haviam esquecido os seus redactores, de que já o tinham inserido nas columnas do seu proprio jornal.

5.º Que apezar de ser esse documento publicado em 1860 por um periodico tão lido e auctorisado como é o *Jornal do Commercio* de Lisboa, o sr. duque de Loulé não tratou então de desmentir o que ahi se narrava, dando assim logar a que se cresse de veridico o documento; vindo só agora desmentil-o, passados 14 annos, quando o *Conimbricense* o publicou.

6.º Que egualmente verificámos, que se serviu do mesmo documento o distincto escriptor o sr. José de Torres, em o n.º 32 do *Archivo Pittoresco* de 1860, em um artigo com o titulo—*Caracter de D. João VI*. E ahi apresenta este illustre escriptor o documento como do *proprio marquez perdoado*, fazendo varias considerações nesse sentido;—e ninguem accusará tão insigne investigador de deixar de saber—*que a critica é sempre conveniente*—como a respeito da nossa publicação tem dito um illustrado collega desta cidade.

7.º Que da mesma forma o sr. duque de Loulé deixou passar sem rectificação alguma esta nova publicação do documento, feita no popularissimo jornal illustrado o *Archivo Pittoresco*—documento attribuido alli da maneira a mais positiva a seu pae.

8.º E finalmente, que sem querermos entrar na apreciação da justiça ou injustiça da sentença que condemnou á morte o marquez de Loulé—como em as nossas investigações só temos em vista a verdade, e não *fins politicos*, como deu a entender ha dias um nosso esclarecido collega de Aveiro, expontaneamente declaramos, que o marquez de Loulé, quando veiu do Brasil para Portugal, não se quiz aproveitar do *perdão*, nem da *amnistia* concedida pelas côrtes em 9 de Fevereiro de 1821, e tratou de se justificar, embargando em juizo a sentença condemnatoria que o julgara «traidor á patria». Foram-lhe recebidos os embargos, e obteve sentença de absolvição pela Casa da Supplicação de Lisboa, datada de 4 de Maio de 1822, a qual deu por illibado o seu comportamento— sentença que o mesmo marquez fez imprimir.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Está em toda a sua actividade o jogo do monte nesta cidade; e começam a fazer-se sentir as tristes consequencias deste vicio deploravel.

As auctoridades costumam allegar que lhes é quasi impossivel pôr termo ao jogo, pelas prevenções que tomam os donos das casas em que elle se dá. Não ha duvida que é difficil extinguir de todo o jogo; mas querendo as auctoridades proceder de accordo, muito se póde conseguir.

Em 1857 estava esta cidade flagellada com o jogo que havia em muitas casas, tanto no bairro baixo, como no bairro alto. Pedimos repetidas vezes neste jornal energicas providencias contra este perniciosissimo abuso, que era a ruina de muitos mancebos e de muitas familias; e conseguimos que as auctoridades se deliberassem a proceder com firmeza neste importante objecto.

O governador civil, que então era o sr. Jeronymo da Silva Maldonado d'Eça, e o vice reitor, o sr. conselheiro José Ernesto de Carvalho e Rego, accordaram nas providencias a tomar, e publicaram cada um o seu edital, datados do mesmo dia, 11 de Dezembro de 1857, pondo em vigor disposições terminantes contra os donos das casas de jogo.

O administrador do concelho, o sr. bacharel Bento José Pinto da Motta, que hoje é juiz de direito de Mirandella, conhecendo a resolução em que estavam as auctoridades superiores, de pôr termo aos escandalos que se presenceavam na cidade; deliberou-se a proceder pela sua parte com toda a actividade; fez rigorosas e repetidas buscas nas casas de jogo; e houve-se com tal independencia e energia em todos os seus actos, que as casas de jogo tiveram de se fechar, e viu-se esta cidade livre de uma semelhante praga.

Queira pois a imprensa periodica; queiram *todas* as auctoridades cumprir com os seus deveres, que o jogo, se não acabar completamente, hade diminuir; evitando-se quanto possivel as lamentaveis occorrencias que por ahi se estão dando.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

COMMUNICADO

Illm.º e exm.º sr. Dr. Francisco Henriques de Sousa Secco, juiz de direito da comarca de Thomar.

Aprouve a v. ex.ª, ha mezes, dar á luz a sua *Luz*, e nem um exemplar sómente se dignou offertar-me! publiquei eu ha dias um pobre escripto, remetti-lhe logo d'elle um exemplar, e v. ex.ª paga-me, ameaçando-me com o *mocho* da audiencia! Que desgraça!!! O que será de mim!!!

Tão repetidas desattenções não me demoveram todavia de prestar a sua missiva, estampada em o numero anterior deste jornal, aquella consideração, de que ella se torna credora, pela *moderação da phrase* e *verdade dos conceitos*.

Começa v. ex.ª a sua mesma missiva, por dar conhecimento aos leitores da publicação do meu referido escripto, impresso na imprensa da Universidade, (*com o seu ponto de admiração!*), para depois o attribuir ao sr. seu mano, meu constituinte e amigo, com os intuitos que imagina e declara, e o cobrir por essa occasião de adjectivos nada *fraternos*, sempre impressionado pela *medonha propaganda*, que se lhe não póde varrer da imaginação, e que, se existe, sómente v. ex.ª a faz contra si mesmo.

V. ex.ª tem já repellido com desdem os saudaveis conselhos que n'outras occasiões tenho tomado a liberdade de dar-lhe; não será isto porém impedimento para que agora lhe peça que se digne mostrar as suas lucubrações a algum amigo que lhe não falle á paixão; de certo elle lhe diria que o publico não póde sympathisar com a *vivacidade* de estylo que v. ex.ª emprega para com o homem, que a cada linha chama irmão seu, e do qual, *sei*, nunca recebeu o minimo aggravo!

Sem pretensões a servir-lhe de modelo, parece-me que acabo de dar-lhe o exemplo de bom humor, na paraphrase, com que tomei a liberdade de illustrar o texto das suas *substanciosas reflexões juridicas, escriptas pelo proprio punho de v. ex.ª*.

Quanto aos presuppostos intuitos que *delicadamente* chama *pamphleto meu aggressivo* (sic), v. ex.ª está um pouco illudido; o intuito é um só: *é esclarecer a verdade*, com as *provas* á vista, todas authenticas; e se mais algum intuito tivera, em o numero delles não podia entrar o de *minar nos tribunaes injustas preoccupações e a sua indisposição* (sic!) contra v. ex.ª; porque fiando dos mesmos tribunaes o que v. ex.ª parece que não fia d'elles, sei que n'elles sómente se administra a justiça pelos factos e direito constantes do *ventre dos autos*, e não por nenhuns pamphletos, ainda mesmo que fossem da penna auctorisada de v. ex.ª.

De certo que, quando v. ex.ª assevera que o meu constituinte o persegue por todos os modos imaginaveis, não tem em vista illudir e desvairar a opinião publica.

Mas para que nem o pareça, nem o consiga, será bom que eu aqui consigne que o meu amigo só tem *uma unica pretensão* a fazer valer com respeito a v. ex.ª, e é ella que v. ex.ª CONSINTA MARCOS entre a sua propriedade e a d'elle, pretensão que v. ex.ª *sensatamente* alcunha de perseguidora, ao passo que o legislador vê n'ella um dos meios mais efficazes da ordem entre os cidadãos.

E se não é como digo, convido-o a declarar quaes as outras perseguições de que é victima?

Chama v. ex.ª ao meu escripto—*apontoado de famosas e pungentes diffamações e injurias*—contra a sua respeitavel pessoa e de sua exm.ª esposa, que lhe approuve nomear aqui.

Escuso dizer que v. ex.ª não é capaz de dar a razão do dito; e por motivo obvio. No escripto nem ha injurias, nem diffamações, como effectivamente as ha na sua *delicada* missiva, onde o prurido de me offender foi até ao excesso de chamar-me *mercenario*, cuidando existir injuria n'um facto que é egualmente commum a v. ex.ª porque ganha a vida como eu pela sua profissão, e não consta que v. ex.ª ceda a beneficio do thesouro, ou reparta pelos pobres da freguezia o ordenado que recebe, e os emolumentos que as partes lhe entregam.

Mencionam-se, é verdade, no meu escripto certas pessoas que têem tomado parte *activa* nos desforços; mas é este um dever imposto pela fidelidade da narração; e se a v. ex.ª convem que n'ella não entrem quaesquer pessoas da sua familia, conseguirá facilmente o seu fim, convertendo em logar de detenção a *sala de costura*, como já converteu a cozinha, fechou n'ella á chave os pedreiros e mais serviçaes que andavam na construcção dos muros já embargados, para obstar a que fossem citados pelo sr. escrivão Nobre, quando lá foi para este effeito em Janeiro de 1873. O mau é a gente fazel-as; depois divulgam-nas, rindo-se a bom rir, os proprios comparças destas edificantes comedias!

Admiro a coragem com que v. ex.ª ainda vem fallar nas tentativas de composição, tendo todavia a cautella de occultar as terminantes respostas dadas neste mesmo jornal a tudo quanto disse e *produziu*, sobre aquellas que lhe faziam conta, pois das restantes, que são a maioria, tem guardado a mesma *reserva* com a constancia, com que hoje *conserva* o chapeu na cabeça ao passar pelos amigos que lhe fallaram pela voz da razão.

Não obstante, exm.º sr.! qual é o ponto difficil que deva sêr objecto de composição, quando sómente se trata de pôr MARCOS por titulos communs e como até está ordenado já por sentença passada em julgado, obtida depois de quatro annos completos de luta com a sua chicana? V. ex.ª o dirá, que eu cada vez o comprehendo menos.

V. ex.ª é sempre tão louvavelmente diffuso nas suas apreciaveis correspondencias, que torna difficil a qualquer folego vivo o seguil-o; e por isso sobre o ultimo assumpto da sua carta limito-me a pedir-lhe, quanto ao artigo 445.º do codigo penal, que se não dilate em fazer d'elle o uso conveniente, e quanto ao artigo 486.º do codigo civil (como lhe apraz pôr em jogo todos os codigos!), que tenha a bondade de esclarecer-me sobre o modo da sua applicação, dado o caso de força feita a deshoras da noite, ou quando um *pacifico freguez* pela *força* quer *impedir* o justo desforço do visinho.

Fico aguardando a resposta *victoriosa* que v. ex.ª promette ao publico; onde não poder alcançar por outro modo a victoria, empenhe a sua *palavra de honra*, cujo valor é assaz conhecido.

Vou concluir, e quer v. ex.ª saber como? Manifestando-lhe a curiosidade de conhecer as auctoridades dependentes do sr. seu mano que o *fortalecem*.

V. ex.ª lança ao papel tudo quanto lhe vem á lembrança apaixonada, e depois... depois fica sem poder dar conta de si.

Finalmente quer viver em paz com seu irmão? METTA MARCOS, METTA MARCOS E METTA MARCOS!

Coimbra, 20 de Outubro de 1874.

Abel da Silva Linhaça.

P. S. Communico a v. ex.ª para os effeitos convenientes, que os srs. escrivães e officiaes de diligencias d'esta comarca, tomando a serio a sua ameaça que terão de soffrer pelos documentos fornecidos, andam amedrontadissimos!

Tenha dó delles coitadinhos por quem é, enviando-lhes d'ahi algumas palavrinhas de conforto; se bem que completamente as não merecem pelas *risadinhas amarellentas*, com que receberam a *sincera* declaração de v. ex.ª—de que não fugia á justiça.

NOTICIARIO

O Cedro Vermelho—Temos em cima da nossa banca de trabalho um exemplar d'este drama do sr. Francisco Gomes de Amorim, offerecido pelo seu auctor. Agradecemos com vivo reconhecimento tão valioso presente. O nome do sr. Gomes de Amorim sobresae na nossa litteratura como um dos primeiros; e este drama eleva-o na litteratura brasileira a um logar que os proprios brasileiros a custo poderão alcançar.

Dizemos isto pelo que podémos rastreiar nesta obra com a rapida leitura de uma parte della, pois a escacez do tempo nos não permittiu ainda mais desafogado estudo.

São dois magnificos tomos, nitidamente impressos na imprensa Nacional de Lisboa. O primeiro contem o drama; o segundo preciosas e riquissimas explanações para intelligencia do primeiro.

O primeiro é um drama que se pode dizer um poema. O protogonista é um heroe completo, não pautado por artes aristotelicas antigas, ou pelos dubios esplendores da civilisação moderna, mas filho condigno da magestosa natureza virgem da America.

O segundo tomo, cheio de notas e esclarecimentos, é um thesouro de erudição; explica e desenvolve o Brasil na sua fauna, na sua flora, na sua zoologia, costumes, tradicções, topographia, etc. Para uma leitura conveniente da obra convém por ventura começar pelo segundo para depois se entender melhor o primeiro nos costumes e termos brasilicos, que são geralmente desconhecidos.

Podemos affirmar afoutamente que ha muito tempo se não honra o theatro portuguez com drama tão perfeito e interessante.

O sr. Amorim passou os melhores annos da sua vida no Brasil e na provincia do Pará, que é a scena do *Cedro Vermelho*. E é o Pará que hoje está attrahindo vivas attenções de todo o Portugal. Quando parte da imprensa daquella região converte na *Tribuna* a penna em punhal, e os assassinos banham os punhaes no generoso sangue portuguez, é justo que um nosso compatriota pague a violação da hospitalidade enriquecendo a litteratura do Brasil com tão explendidos primores.

Vende-se o *Cedro Vermelho* nas principaes livrarias desta cidade, e o seu preço é de 1$200 reis.

Universidade—Matricularam-se no 1.º anno de Theologia 16 estudantes, no de Direito 108, no de Medicina 19, no de Mathematica 73, e no de Philosophia 50.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadeveres:

Luiz Ignacio Pinto, filho de Custodio Rodrigo e Caetana Pinto, natural de Coimbra, de 84 annos, fallecido no dia 9 de Outubro.

Antonio Gonçalves Pereira, filho de José Gonçalves Pereira e Maria Pereira, natural de Oliveira de Frades, bispado de Vizeu, de 63 annos, fallecido no dia 10.

Maria da Conceição, filha de Joaquim Maria Martins, natural de Coimbra, de 2 annos e meio, fallecida no dia 14.

Luiz Albano da Rocha Freitas, filho de Luiz da Rocha de Carvalho e D. Maria Candida da Rocha Freitas, natural de Coimbra, de 28 annos, fallecido no dia 16.

Joaquim de Oliveira, filho de Francisco de Oliveira e Joaquina dos Santos, natural da Pedrulha, de 75 annos, fallecido no dia 16.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5588.

Exames.— Pela direcção geral de instrucção publica se annunciou concurso de trinta dias, a contar do dia 20 do corrente, para admissão aos exames de candidatos ao magisterio primario de ambos os sexos, conforme o disposto no decreto de 30 de Outubro de 1869.

Confidencias.—Acabamos de receber as—*Confidencias, romance original, por Antonio Florencio Ferreira*—Lisboa, imprensa de J. G. de Sousa Neves, rua da Atalaya, 63 a 67—1874.

Ainda não tivemos tempo para ler este romance; mas são-nos segura garantia do seu interesse, a maneira lisonjeira como o publico tem acolhido as differentes publicações do nosso amigo e patricio o sr. Florencio Ferreira, principalmente os dois volumes dos *Arpejos d'Alma* e *Idealismo e Sentimentos*.

No logar competente vae o annuncio das *Confidencias*.

O sr. Florencio Ferreira tem mais em via de publicação— *Coisas deste mundo*, comedia drama em 4 actos—*Sonhos e Flores*, poesias—e *As tres Estatuas*, romance original.

Resta-nos agradecer ao nosso amigo o exemplar das *Confidencias* com que nos obsequiou.

Assassinato de um alferes por um soldado.—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Mais um acto supremo de indiciplina e malvadez, foi hontem praticado n'um dos corpos do exercito, roubando a vida a um joven e honrado official, e entregando ao rigor das leis militares e á execração do exercito um soldado portuguez, indigno de tal nome e da farda que vestia e que deshonrou com o seu proceder assassino e infame. Vamos referir o acontecimento pelas informações que podemos obter.

Estava formado o regimento de infanteria n.º 2 para ir á missa das 9 horas a Santos o Velho. O soldado Antonio Coelho, n.º 63 da 1.ª companhia, começou a rir na forma. O alferes, o sr. José Augusto da Palma e Brito, reprehendeu-o. O soldado, sem fazer caso da voz do seu superior, continuou no abuso. Então o sr. Brito disse ao sargento que tomasse nota do soldado. Parece que este observára a alguns camaradas que, se o alferes desse parte delle, haveria grande novidade no quartel.

Quando o regimento voltou da missa, o alferes entrou no quarto do furriel para fazer a parte contra o soldado. Então o malvado foi perguntar-lhe se era verdade que ia fazer queixa delle; o alferes mandou-o sair porque não tinha satisfações a dar-lhe, como superior que era.

Antonio Coelho então pegou em uma espingarda, que naturalmente tinha carregada de antemão, e disparou sobre o infeliz alferes, que, articulando umas palavras afflictivas, caiu por terra ensanguentado. A bala atravessara-lhe o peito de lado a lado, não chegando a sair por se achatar contra a mesa onde o desventurado estava a escrever.

O assassino encaminhou-se para o lado do calabouço, onde immediatamente foi preso, sendo, depois de interrogado, conduzido por uma escolta de quatro soldados e um cabo para o castello de S. Jorge. O infeliz alferes foi logo conduzido em maca para o hospital da Estrella, fallecendo alli pouco depois de o deitarem na cama, chegando ainda a pedir os Sacramentos, mas só poude receber o da Uncção. A bala foi-lhe extrahida com uma tenta. Estava chata.

O triste moço sentára praça em 12 de Julho de 1866, tendo então 17 annos de edade, e fôra promovido a alferes em Janeiro de 1871. Era filho do sr. major de caçadores n.º 2, Nogueira de Brito, que fôra capitão da 6.ª companhia de infanteria municipal. Era dotado de excellentes qualidades, que o tornavam estimado, e tinha muitas amisades e relações. O desventurado estava para casar. Os precedentes do soldado não eram bons.

O acontecimento, do qual o regedor da freguezia tomou conta, causou a mais viva sensação tanto no quartel como em muitos pontos da cidade, aonde a triste noticia circulou immediatamente.

Ha uma coincidencia notavel neste triste acontecimento, que parece marcar o destino do desventurado moço. O sr. alferes Brito não lhe pertencia ir á missa, indo por troca, e o mesmo caso se dava com o assassino, que, por

---

legislativa, é o maior alliado que D. Miguel tem tido, depois de Candido José Xavier, e do seu introductor, João da Rocha Pinto.

§ 3.º *Crear, ou supprimir empregos publicos.*— Quem auctorisou portanto o senhor D. Pedro a enxertar na administração portugueza as prefeituras francezas, esse instrumento de despotismo, organisado por Bonaparte (Imperador quasi tão liberal como o senhor D. Pedro) (e) a que os francezes receiam todas as legislaturas na ancia d'aniquilal-o?

Os nossos macacos legisladores só sabem importar dos paizes estrangeiros aquillo que é mau. O sr. Mousinho soube traduzir o systema de prefeituras, as proscripções de Modena, fez deitar o elogio....., mas não soube traduzir a lei sobre a liberdade d'imprensa. Singular fatalidade!

Todas as *excellencias* que nasceram no esterco da constituição são hoje inimigas das liberdades publicas! Attentem nisto os eleitores; porque se mandarem ás côrtes estes *excellentissimos* camaleões, que se engordam no ministerio, como porcos no montado, hão de pagar tributos sobre tributos, para satisfazer numerosas, e tão exclusivamente applicadas para ministros, favoritos, diplomatas, agentes, e espiões da camarilha imperial.

Artigo 74. *O rei exerce o poder moderador*—§ 1.º *Nomeando os pares sem numero fixo.*—Ora o senhor D. Pedro é, sim, o tyranno dos liberaes independentes, mas não é rei de Portugal. Logo o senhor D. Pedro não póde nomear pares. Nem os pares legitimos, que recusaram o visconde de Rio Secco, poderiam aceitar sem deshonra, e crime, os Chamorros, e Iscariotes, que S. M. elevasse ao pariato.

Como póde o senhor D. Pedro pretender o direito d'escolher os juizes, por quem, com a logica do general Gordilho...., quer mandar julgar o feito das suas pretenções ambiciosas? (f) Quem assim pretende violar a lei, a moral, e o decoro, é inimigo de Portugal!!!

Artigo 132. *A administração das provincias ficará existindo do mesmo modo que actualmente se acha, em quanto por lei não for alterada.*—Na presença deste artigo nomeou S. M. o senhor D. Pedro, um prefeito, um *Junot*, para cada uma das provincias de Portugal!!!

Ainda o senhor D. Pedro ousará dizer, diante d'homens brancos, que é um principe constitucional? Talvez; porque o senhor D. Pedro entende a Carta, como Tiberio entendia a republica, e o senhor D. Miguel a liberdade. Devem os povos, devem as camaras, e governanças, admittir assim aquella auctoridade peregrina? *Não, mil vezes não.*

Em quanto os portuguezes não souberem resistir, *com a Carta na mão*, a toda a infracção da lei, poderão passar, como um rebanho, de Miguel para Pedro, ou de Pedro para Miguel, porém sempre escravos, sempre negros.

«Per servir sempre, o vincitrice, o vinta.

Reflitam os portuguezes, em quanto é tempo, no futuro que lhes prepara um bando de vampiros, e harpias, uma cabilda *d'apostatas* portuguezes, e *d'arrenegados* do Brazil, ciganos famintos, e insaciaveis, que estão já partilhando o reino entre si, como fosse propriedade delles!

Certamente, Portugal é a terra classica dos ministerios despoticos, e ignorantes; porém o ministerio actual, o ministerio de Candido José Xavier, de José da Silva Carvalho, e d'Agostinho José Freire, é o primeiro ministerio systematicamente sem vergonha que Portugal tem tido desde 1821. Entrou com elles a prostituição politica, pegou-se a algumas regenerações, aclimou-se, contaminou a maioria dos homens publicos, e deixou-se ser deshonra, pois de então, variar tres vezes cada dia; servir todos os senhores; pôr a consciencia em almoeda; e vendel-a a quem mais dá.

E os homens deste cunho, reflitam os eleitores de parochia no acto de eleger os eleitores de provincia, que o senhor D. Pedro é reconhecido para seus favoritos a entregar os destinos de Portugal (g).

Se esta cabilda triumphar, (Nota III) se a Carta for estrangulada; se umas côrtes d'homens comballidos, e desembargadores balofos e servis, lhe venderem com a regencia o repouso, e a liberdade de Portugal, como é provavel, *porque á peita, a um emprego, a um ordenado, ninguem resiste em Portugal*, ainda as fogueiras do Campo de Sant'Anna se hão de renovar para queimar as carnes d'algum portuguez independente, d'algum patriota generoso, que ousar, não levantar a voz (Portugal emmudeceu) mas chorar sobre a patria atraiçoada. (Nota IV) esperanças de liberdade mal logradas.

Smile they at this idle threat?
Crimson tears will follow yet.

Byron.

Porto—16 de Setembro de 1833.

(e) Vide B. de Constant, De l'Esprit de conquête, et de l'usurpation.

(f) O parlamento inglez recusou ao principe de Galles, depois Jorge IV, o direito de nomear pares, quando regente, por molestia de seu pae.

(g) Estes conluios principiaram a calumniar os portuguezes, assim que o senhor D. Pedro desembarcou em Cherbourg. Que tratamento recebeu alli o general Saldanha?

NOTA I

Em 1823, para que o Protheo J. da S. Carvalho continuasse no ministerio, e Agostinho José Freire no club, que nos entregou, já então, a D. Miguel, sustentou-se nas côrtes extraordinarias, contra a vontade de todos os patriotas de Lisboa, que o ministerio não podia ser alli accusado, pois as côrtes deviam preferir a legalidade á utilidade de salvar a patria, e occupar-se somente d'aquillo para que foram chamadas, etc. etc. Agora—

«Influem sobre nós outras camenas.»

E para que os mesmos saltimbancos continuem no ministerio (vendendo tudo, e por todo o dinheiro) quer-se que as côrtes se prostituam e sacrifiquem a Carta á utilidade dos ministros....! Se a nação portugueza se deixa assim ludibriar.....

NOTA II

Esta eleição refere-se ás circumstancias indicadas no artigo 93, e não tem agora applicação alguma; porque as senhoras infantas D. Isabel Maria, e Maria d'Assumpção estão vivas, habilitadas, têem direito incontestavel, e são expressamente chamadas á regencia pelo artigo 92.

Qual é o subdito da rainha de Portugal que desobedeceu já o poder temporario, de que o senhor D. Pedro se revestiu? Nem um só. Aquelles mesmos, a quem S. M. I. provocou, e offendeu profundamente, respeitam os seus ukases.

Então para que é, que fim tem um chamamento de côrtes, em quanto os rebeldes trilham a maior parte do paiz; em quanto as senhoras infantas estão prisioneiras, em quanto uma administração sem pejo tira para si, e para as suas creaturas, os ordenados, e auxilios que deseja, abandonando ao mesmo tempo em paizes estrangeiros todo o emigrado que não é Chamorro; em quanto, em fim, está suspensa a liberdade da imprensa, e em vigor as medidas excepcionaes do paragrapho 34 do artigo 145? Para que é, repetimos, este precipitado chamamento de côrtes á miguelina?

Para juntar n'um conciliabulo todos os Iscariotes, e Chamorros comprados d'antemão, que, dispostos a rasgar a Carta, e a vender a causa da liberdade, sanccionem, sem discussão, todos os absurdos; atropellem todas as leis; e absolvam todos os crimes.

Se os eleitores quizerem fazer o seu dever; salvar a patria, e a liberdade, salvando-se a si mesmos, a *Chronica do Porto* deve servir-lhes de farol. Todo o homem, não combatente, que alli figura nas listas dos foros, das commendas, cartas de conselho, etc. ganhadas em Londres, e Paris, deve ser excluido da urna eleitoral. A mercê, que recebeu, é o ferro com que o ministerio marcou o gado do seu curral. Mas em nossa opinião o chamamento das côrtes nesta situação, e para decidirem uma questão, que não existe, é uma cilada, é um laço, que os eleitores e a nação deviam evitar...

NOTA III

Os inglezes dizem, que Mr. Pitt arruinára gratis a Gran-Bretanha. Outro tanto não dirá Portugal dos *delicados* ministros de S. M. I., vendo a soffreguidão *canina*, a voracidade *suina* com que repartem entre si os despojos do estado: compare-se este roubo d'empregos, e dignidades, para os ministros, seus servenles, e adibes, com a nobre inteireza, e independencia, dos ministros que mereceram a confiança da senhora infanta regente no anno de 1826.

Fouché, republicano furioso, convencional, e regicida, foi depois o primeiro que propoz a Buonaparte, que atraiçoasse a França, e se declarasse imperador—Accusado por esta apostasia, respondeu «*Elle é o unico homem capaz de me manter nos empregos, e riquezas que adquiri na revolução*. Assim ha de argumentar J. da S. Carvalho, o Dr. Magalhães, Manoel Gonçalvez Martins de Miranda, etc. etc. Os juizes de fora no tribunal supremo de justiça estão no melhor dos mundos possiveis. Mandem-nos ás côrtes, e verão como elles sabem defender os seus ordenados, e estrangular a Carta, para conservarem no poder quem os poz ao cachaço de todos os seus collegas, no serviço da rainha. Doze conselheiros d'estado..! é para aconselhar a Europa inteira. Os eleitores o pagarão, se mandarem ás côrtes um tropel de mendigos, desembargadores, e outros empregados publicos, que passem a vida, requerendo nas secretarias d'estado, como acontecia em 1827. Por isso tudo se perdeu. —Peçam os eleitores declarações vocaes aos candidatos presentes.

NOTA IV

Ha menos jornaes, menos liberdade d'imprensa na immortal Lisboa, sob o governo constitucional do senhor D. Pedro, que na capital do Haiti, terra de pretos!!!

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

troca da parada da guarda, fóra áquella formatura.

Depois do assassinato do alferes Chrysostomo, de infanteria 4, é este o terceiro assassinato praticado por soldados em pessoas de seus superiores, sendo as victimas um sargento de cavallaria 8, um cabo de infanteria 17, e agora o sr. alferes Brito!

A briosa officialidade do regimento de infanteria n.º 2, convidou hontem a officialidade de todos os corpos da guarnição para acompanharem o seu infeliz camarada á sepultura. O corpo é levado á mão, e deve sair do hospital da Estrella ás 4 horas da tarde.

Demonstração funebre.—Lê-se no *Primeiro de Janeiro* o seguinte:

«Esteve imponente a ceremonia do enterro do infeliz official assassinado. O prestito começava pela charanga de lanceiros, contingentes de todos os corpos, da armada e do collegio militar, que acompanhavam o carro mortuario, sendo o caixão levado por officiaes; depois seguia o ministerio, os generaes e officiaes de todas as armas, as musicas de todos os corpos e inumeros paisanos. O sr. almirante Sergio, representava S. M. el-rei, o sr. Victor Moreira, o infante D. Augusto, e o sr. D. Luiz de Mascarenhas, el-rei D. Fernando. Ia grande numero de praças das companhias de reformados e era profunda a commoção.»

Erratas.—Na correspondencia publicada no ultimo numero, na pagina 2.ª, columna 1.ª, linha 34, onde se lê=a um mercenario=deve lêr-se=ao mercenario.

Na columna 2.ª, linha 56, onde se lê=e a sorte=deve lêr-se=ou á sorte.

Noticias estrangeiras—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 18—As facções de Cucala, D. Affonso e D. Branca, acham-se nos povos de S. Mateo e circumvisinhos com o projecto de passarem o Ebro. O immediato da facção Lozano e mais dois individuos apresentaram-se a indulto.

Madrid 18—Os jornaes ministeriaes e o *Imparcial* refutam as suspeitas propaladas pela imprensa franceza de que houve intelligencia com a Allemanha para a apresentação da nota de Vega Armijo, embaixador hespanhol, ao governo francez.

Estão temporariamente suspensos os comboios correios de Barcelona, Valencia e Cartagena a Madrid. Corre que D. Affonso foi exonerado do commando das facções do centro pelo pretendente.

Madrid 18—Viva discussão na imprensa por causa d'um telegramma, que a *Iberia* diz ser falso, e no qual Pio IX abençoaria a Universidade carlista em Oñate.

Rio de Janeiro 18—O vapor *Moreno* perdeu-se proximo da ilha Marica (?). A tripulação salvou-se. O casco considera-se perdido; ha esperanças de se poder salvar alguma carga.

Paris, 17.—Teve logar um duelo na fronteira da Belgica entre Perrin deputado republicano com um jornalista monarchico.

Madrid, 18.—Dorregaray está em Saint-Jean, pequena povoação nas faldas dos Pyrineos. Dizem alguns jornaes que tem sido visitado por pessoas de importancia.

O Czar enviou a Thiers o grande cordão da aguia branca.

Cartas de Logroño dão Espartero melhor.

Desgraça.— Hoje na fabrica de louça do sr. Joaquim Alfredo Pessoa, desta cidade, um aprendiz de pedreiro, do logar do Chão do Bispo, caiu no barreiro da fabrica, e tão desastradamente, que morreu afogado.

ANNUNCIOS

CONFIDENCIAS

Romance original

Por Antonio Florencio Ferreira

1 Este livro do auctor dos *Arpejos d'Alma* e *Idealismo e Sentimentos* vende-se nas principaes livrarias de Lisboa, e envia-se para a provincia a quem dirigir o seu importe em estampilhas, 300 reis, á rua de Pedro Dias, 31, 1.º, Lisboa, em carta subscriptada a C. M. F.

ANNUNCIO DE LIVRO UTIL

2 Está publicada a 2.ª edição correcta dos Elementos de Pharmacia, theorica e pratica, por C. J. Xavier Cordeiro. Um volume em 8.º francez, grande, de 569 paginas, typo miudo, corpo 9, pelo preço de 1$600 rs. Esta obra, cuja utilidade é já conhecida, tanto para os alumnos de pharmacia, e de medicina, como para os que já exercem os differentes ramos da arte de curar, está á venda na loja de livros da imprensa da Universidade.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

3 José Teixeira da Cunha annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta forma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra forma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu—**633:462 machinas**—(mais de meio milhão!)

ARMAZEM DE VINHOS

DE

Domingos Antonio de Freitas

Largo das Ameias, em frente do Hotel Mondego

4 Esta casa continua a fornecer aos seus freguezes de vinhos velhos, de boas e differentes qualidades, bem como aguas ardentes e vinagres, tudo por preços muito commodos.

Vinho do Alemtejo branco e tinto a 2$000 reis o almude, 1$000 rs. o meio almude, 500 o quartão, e 30 rs. o quartilho.

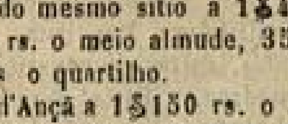
Vinho da Bairrada, branco e tinto a 1$600 reis o almude, 800 rs. o meio almude, 400 reis o quartão e 35 o quartilho.

Vinho do mesmo sitio a 1$400 rs. o almude, 700 rs. o meio almude, 350 rs. o quartão e 30 rs. o quartilho.

Vinho d'Ança a 1$150 rs. o almude, 575 reis o meio almude, e 25 rs. o quartilho.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio de Janeiro:**

Barca=ADMIRAVEL=em 24 de Outubro.

Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**

Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

Substitutos a militar

6 Ha em Lisboa. Rua de Santo Antão, 15—2.º—Escriptorio.

7 Ayres Augusto Quaresma de Almeida, do Espinhal, e Francisco Pereira Serrano, de Coimbra, vão estabelecer uma diligencia diaria entre aquellas duas povoações, sendo a primeira carreira no 1.º de Novembro proximo futuro.

Os preços e horas são as mesmas do costume, affiançando-se ao publico que o serviço será muito regular.

Os bilhetes vendem-se no Espinhal e Coimbra em casa dos annunciantes; e em Penella em casa do sr. Abilio.

8 Uma pessoa muito necessitada perdeu no domingo, 18 do corrente, 30$00 reis que trazia embrulhados n'um papel para o bairro baixo. Roga-se á pessoa que os achasse queira restituil-os, e dirigir-se a esta redacção, que alem das alviçaras que recebe, é uma esmola que faz.

9 Antonio da Rocha Dantas lecciona Historia e Geographia em sua casa, rua do Loureiro, n.º 31.

Francez (curso completo) e Mathematica (1.ª parte)

10 J. M. Fragoso lecciona estas disciplinas na *Eschola Popular*, rua do Correio, n.º 108.

11 Na rua de Sub-Ripas e nas casas a que corresponde o numero 35, se lecciona instrucção primaria para a admissão no lyceu, portuguez (curso completo), e latim (1.ª parte)

LECCIONAÇÃO

12 Antonio Bello da Silva Brazão continua a leccionar, na rua da Trindade, n.º 17, instrucção primaria, francez, e desenhos; assim como habilita para o magisterio de instrucção primaria.

DOCTOR IN ABSENTIA

13 O professor em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

Attenção

14 João do Conego, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

15 **SAUDE A TODOS** restituida sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Saude*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Qualquer doente acha por meio da deliciosa *Revalescière* saude, energia, appetite, boa digestão e bom somno. Cura as indigestões (despepsias), gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Adra, provincia de Almeria, (Hespanha), 10 de Outubro de 1867.

Meus senhores: — Tenho a satisfação em fazer-lhes sciente que minha filha com o uso desta deliciosa farinha chamada **Revalescière chocolatada,** curou radicalmente de uma erupção cutanea, que lhe impedia dormir por causa da comichão insupportavel que padecia. — De v. s.ª attento venerador, Perrin de la Hittoles, ao *Visconsulado de França.*

Cura 78:421. (Herpes). — Valença 14 de Setembro de 1873.

Uma minha amiga que padecia havia muitos annos de herpes, foi curada completamente com a *Revalescière.*—J Batllori, fabrica de massa, praça de Santa Catharina, 9.

Cura 56:936. Barr (Baixo Rheno) 4 de Junho de 1862.

Senhor:—A *Revalescière* tem feito na minha pessoa uma mudança maravilhosa, tendo readquirido não sómente as minhas forças, mas tambem parecendo-me que estou completamente remoçado, tornou-me o appetite, que desde muito tempo tinha perdido, e a oppressão e o peso que padecia haviam já 40 annos, já não me atormentam.

David Ruff, proprietario.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa,** (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, S. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm, Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rahia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM. P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2843 — SABBADO 24 DE OUTUBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**.
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Publicamos hoje n'outra secção deste jornal, a relação dos alumnos gratuitos, quasi gratuitos e beneficiados, que em resultado de concurso foram admittidos no corrente anno lectivo de 1874 a 1875, no seminario episcopal de Coimbra.

São em numero de 50, e importa o beneficio que recebem, na quantia mensal de 300$000 rs.

E não é só a este auxilio que se limita o seminario; pois que estão sendo pelo mesmo estabelecimento beneficiados bastantes alumnos externos com jantar gratuito, em todos os dias, e muitos outros com matriculas egualmente gratuitas.

Tanto mais se exalta o merecimento destes actos, quanto são praticados sem auxilio nenhum da bulla da cruzada, nem do governo; mas devido tudo á mais severa economia e exemplar gerencia, que o illustre prelado da diocese estabeleceu em todos os ramos da administração desta casa.

Ao mesmo tempo que o sr. bispo conde da melhor vontade protege grande numero de alumnos pobres, que se destinam ao estado ecclesiastico; com muita razão lhes impõe para a conservação desses beneficios, a rigorosa obrigação de continuarem sempre a revelar vocação para aquelle estado; a praticarem respeitosamente os actos religiosos; a mostrarem decencia e compostura nas maneiras, no trajo, nas acções e palavras, tanto dentro, como fóra do seminario; e a manifestarem aproveitamento nos seus estudos, com a approvação nos exames finaes.

E com effeito, o seminario só deve servir para quem fôr exemplar no seu procedimento, indicando por todos os seus actos que tem vocação para a vida sacerdotal.

Da instituição desta casa póde provir a maior utilidade a todas as classes da sociedade em geral, e em especial á ecclesiastica.

Assim o entendeu o concilio de Trento, o qual observando— «como a edade da adolescencia, não sendo bem educada, seja propensa a seguir os appetites do mundo; e não sendo desde os tenros annos encaminhada á piedade e religião, antes que os habitos dos vicios se apoderem inteiramente do homem, nunca preservera perfeitamente, nem sem grandissimo e especial auxilio de Deus Omnipotente, na disciplina ecclesiastica» —estabeleceu— «que todas as egrejas cathedraes, metropolitanas, e outras superiores a estas, segundo as suas rendas, e extensão de territorio, sejam obrigadas a sustentar e educar virtuosamente, e instruir na disciplina ecclesiastica, a certo numero de meninos da mesma cidade e diocese, ou daquella provincia, se no bispado os não houver; em um collegio contiguo ás mesmas egrejas, ou em outro logar conveniente, que o mesmo bispo elegerá.»

E com quanto fossem evidentemente uteis e proveitosas estas providencias do concilio de Trento, confirmadas e mandadas observar pelo pontifice Pio IV em 1564; a diocese de Coimbra esteve quasi dois seculos sem nella se estabelecer o collegio, ou seminario, mandado crear pelo concilio.

Só ao benemerito bispo D. Miguel da Annunciação é que estava reservada a gloria de lançar os fundamentos, e levar quasi á sua conclusão o magnifico edificio do seminario episcopal de Coimbra; tomando a primeira deliberação para esta obra no dia 23 de Maio de 1741.

E não se contentou o zeloso prelado só com levar a effeito a parte material do edificio, mas fez os necessarios regulamentos para a educação e ensino da mocidade, que alli havia de ser preparada para a carreira ecclesiastica.

Nas *Constituições do Seminario de Jesus, Maria, José*, approvadas pelo pontifice Benedicto XIV, nas lettras apostolicas de 18 de Dezembro de 1748, dizia D. Miguel da Annunciação:

«Todos aquelles que forem eleitos para seminaristas, ponderem seriamente no seu interior, que a egreja os educa e sustenta com as suas rendas, para que elles dêem ao povo exemplo e doutrina, e ella tenha ministros e doutores, que zelem a salvação das suas almas: por isso, como o apostolo advertiu a Timotheo, ponham toda a diligencia em que seja tal o seu aproveitamento, que a todos se faça manifesto: attendam pelo seu proprio bem espiritual, e pela doutrina com que hão de instruir os proximos; e preseverem nestes empregos, porque deste modo se salvarão a si mesmos, e a todos os mais, que no tempo futuro hãode ser seus ouvintes. Peçam isto mesmo a Deus com frequentes rogativas, para que o mesmo Senhor, que nelles principiou a boa obra, se digne dar-lhe a ultima perfeição.»

Muitos desvelos mereceu o seminario episcopal a D. Miguel da Annunciação, e ainda ao seu successor D. Francisco de Lemos. Este ultimo prelado, com as grandes rendas da mitra, mandou applicar pela sua pastoral de 27 de Outubro de 1788, a avultada quantia de 2:400$ reis para sustento e soccorro dos ordinandos pobres, que frequentassem as aulas do seminario. Passados annos, porem, foi reduzida esta consignação a 1:200$ reis, e por fim quando em 16 de Abril de 1822 falleceu este illustre prelado, essa verba estava já limitada a 800$000 reis.

Seguiram-se as differentes vicissitudes da politica; veiu a guerra civil, e como consequencia della, depois de 1834, ficou o seminario de Coimbra apenas com um insignificante rendimento; a disciplina relaxou-se, e estava quasi de todo annullado o seminario, quando o sr. D. Manoel Bento Rodrigues foi transferido de arcebispo de Mytilene e vigario geral do patriarchado, para bispo de Coimbra, por nomeação de 27 de Outubro de 1851, e confirmação de 15 de Março de 1852.

Este prelado veiu tomar conta do seu bispado em bem difficeis circumstancias. A diocese de Coimbra sentia as consequencias naturaes da longa ausencia de um pastor; e o seminario achava-se em quasi completo abandono. Nada

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLV

RODRIGO PINTO PISARRO

XIII

A parte segunda da *Carta estrangulada* é a seguinte:

Quod principi placuit legis hebet vigorem.—*Senhor manda, preto obedece.*

Eis aqui o direito publico, o codigo dos codigos, a que a nação portugueza está reduzida no fim de 13 annos de revoluções, e calamidades! Eis aqui a regeneração e os regeneradores, reconcentrando n'uma só maxima todas as maximas de confiscação, bel praser, proscripção e tyrannia, dispersas até agora nos rescriptos de Domiciano, nos capitulos do Corão e da Bulla d'Ouro; nos decretos de Fernando VII e de D. Miguel! Eis aqui finalmente o fructo derrancado d'essa arvore da liberdade, plantada com tanto jubilo, e regada, ha tantos annos, com as lagrimas, e com o sangue de tantas familias, e de tantos cidadãos, que se immolaram generosos, nos altares da patria!

A Carta, quem pode invocal-a com segurança? Quem pode dizer sem perigo, meu Deus, e meu direito? Que liberdade goza o Porto, depois de tão heroicos sacrificios? Os barbaros respeitaram as municipalidades romanas; o senhor D. Pedro foi menos generoso: nem sequer uma camara electiva se concedeu ao Porto, como lembrança e penhor do artigo 134 da Carta Constitucional!

O Porto, o heroico Porto, aos olhos do senhor D. Pedro, é uma cidade suspeita; não tem patriotismo, nem capacidade para escolher seus magistrados! Vae por isso um corregedor mór (para perpetuar a feliz epoca da invasão Junot) reger, e leccionar os refractarios portuenses. (Nota I).

Reconquistou seus direitos, reconquistou a Carta, o corajoso povo de Lisboa no dia 23 de Julho? Certamente..... Um ministerio cobarde, mas raivoso, não se atreve com o conde da Taipa, que lhe gravou na cara o L do Caes do Tojo, mas vae como um *jackall*, desenterrar o prelo, quebrar as formas, morder os typos, e estrangular o impressor!!! Tal é a liberdade d'imprensa, *symbolo de todas as liberdades*, que o governo outorgou aos lisboetas!!!

Do sangue de Hampden, e de Russell nasceu florescente a liberdade ingleza; foram menos felizes os martyres da Praça Nova, e as victimas do Caes do Sodré. Cahiu, sim, a tyrannia de D. Miguel, mas não se levantou a liberdade. Á vontade absoluta do usurpador succedeu a vontade absoluta do pretendente; e aos Sejanos d'aquelle principe os Sejanos deste. Quaes são peiores? Em these aquelles; mas proporção guardada, e attendendo ao tempo, aos principios, ás promessas, e aos deveres, estes; porque a peor de todas as tyrannias é aquella que se exerce em nome da liberdade.

Qual é o artigo da Carta que o governo tem respeitado? *Nem um só*, menos o artigo 91; porque todos os tutores são uniformes no desejo de prolongar a minoridade dos seus pupillos.

Analysemos o artigo 130: «*Na capital do Reino.. haverá um supremo tribunal de justiça, composto de juizes letrados tirados das relações por suas antiguidades, etc.*—De que relação foram tirados José da Silva Carvalho, e o Dr. Joaquim Antonio de Magalhães, para os bancos, e, mais escandalo-o ainda, para a presidencia d'aquelle tribunal? O primeiro do logar de juiz dos orphãos do Porto, o segundo de juiz de fóra de Tarouca!

Quando se viu em Portugal atropellar assim uma classe inteira? Quando se viu abuso, patronato, escandalo similhante? S. M. I. não quiz provavelmente privar aquelle tribunal, nem das letras d'um, nem da integridade do outro... Em quanto S. M. poder assim pagar não lhe hão de faltar nem thuribulos, nem arautos, pois que já Paulo Sarpi disse «*Que se a peste podesse dar pensões, não lhe haviam de faltar partidarios.*» Este nepotismo tem só um inconveniente—*C'est trop bon pour durer*...

Art. 7.º § 4.º... *uma lei determinará as qualidades precisas para se obter carta de naturalisação.*—Qual foi portanto a lei que naturalisou uma enxurrada de brasileiros, conferindo-lhes ao mesmo tempo cargos civis e diplomaticos da maior distincção? Perdia-se a patria, certamente, se Francisco Gomes da Silva não empalmasse o secretariato da casa

disso, porem, fez sossobrar o sr. D. Manoel Bento Rodrigues.

Emprehendeu desde logo o illustre prelado a obra colossal da reorganisação deste estabelecimento. E para esse fim não se poupou a trabalhos, nem sacrificios, chamando para elle respeitaveis ecclesiasticos, que com suas instrucções e exemplos lançassem no coração dos jovens alumnos as sementes preciosas de todas as virtudes,—e convidando os mais habeis e acreditados professores para alli ensinarem as humanidades e todos os ramos da sciencia theologica, que constituem o curso completo desta faculdade.

Estava, porem, destinada ao actual sr. bispo conde, o exm.º sr. D. Manoel Correa de Bastos Pina, a grandiosa empreza de elevar o seminario de Coimbra ao grau de explendor em que todos o vêem. O digno prelado tem-se entregado á reforma e engrandecimento desta casa de educação com um desvelo e com tão assiduos cuidados, que não ha palavras sufficientes para o encarecer.

O illustre prelado conimbricense comprehendeu sempre a importantissima missão do sacerdocio, e o quanto se carece de que o clero seja instruido e morigerado.

Na sua primorosa pastoral de 19 de Maio de 1872 dizia o exm.º sr. D. Manoel Correa de Bastos Pina, as seguintes palavras, que nunca serão demais repetidas:

«Sal da terra para preservar da corrupção e do mal, luz do mundo para esclarecer os caminhos da verdade e do bem, os ministros de Jesus Christo devem resplandecer com suas boas obras no candelabro da egreja, por modo tal que obriguem os homens a dar honra e gloria a Deus pelo que virem n'elles praticar; e imitadores de Jesus Christo, Principe e Exemplar de todos os pastores, e que antepunha a pratica das boas obras ao ensino d'ellas», devem conformar-se sempre com este modelo perfeitissimo de santidade, paciencia, zelo e mansidão; porque, se os fieis virem no seu pastor um varão talhado pelo espirito de Jesus, puro, simples, humilde, benigno, prudente, caritativo, ouvirão com docilidade a sua voz, abraçarão com gosto a sua doutrina, e seguirão com alvoroço o seu exemplo; e aquelles mesmos que, infelizmente, se transviarem pelos caminhos do erro e da desordem, terão sempre nelle um monitor tacito, e jámais ousarão desconhecer ou desacatar a sua gravidade e a sua virtude.

«Muitos de vós assim o tendes observado e conhecido por experiencia propria; porque as intrigas, dissensões, desordens e escandalos, que algumas vezes se levantaram em certas freguezias, e que o genio irascivel, velleidoso ou vingativo do seu pastor não podéra remediar, desappareceram de prompto, apenas lhe succedeu outro com as qualidades contrarias, de mansidão, prudencia e caridade, e que se guiava em tudo não pela satisfação de seus caprichos e vaidades, mas pelo sincero amor do bem da religião e da salvação das almas.

«Nem póde deixar de ser assim, veneraveis irmãos: pois, se os fieis virem o seu pastor cuidando mais dos negocios da terra do que das cousas do ceu, se o virem dominado pelas paixões pessoaes e interesses mundanos, não descobrindo em seu procedimento nada que lhes sustente a fé, anime a esperança, e afervore a caridade; se não divisarem n'elle pureza de costumes, gravidade de caracter, compostura de trajo e maneiras; nenhum fructo poderão tirar da conversação e ensino d'elle. Semelhantes pastores, longe de edificarem, antes servirão de escandalo; longe de incitarem á virtude, antes auctorisarão o vicio. Então será força que o justo afrouxe na piedade, o libertino se fortifique na devassidão, e o impio escarneça e insulte as cousas santas: então cresce a zizania, arraiga-se o joio, propaga-se o erro, multiplicam-se os escandalos; e tantas almas remidas com o sangue precioso de Nosso Senhor Jesus Christo são, por causa do mau pastor, condemnadas ás penas eternas!

«Felizmente o diuturno conhecimento que temos de vós, veneraveis irmãos, e a confiança que depositamos nos mancebos que em o nosso Seminario se tem preparado e continuam preparando para o ministerio sacerdotal, e que tem sido sempre, e serão cada vez mais o objecto de nossos cuidados e desvelos; fazem-nos conceber a grata esperança de que, durante o nosso episcopado, não haverá nesta diocese semelhantes pastores, que seriam uma vergonha e uma calamidade para ella, um opprobrio e ludibrio para a religião, e para nós causa da mais pungente dor e amargura.»

Dizia o sr. bispo conde nesta sua pastoral, que os mancebos que se preparavam no seminario para o ministerio do sacerdocio, tinham sido sempre, e seriam cada vez mais o objecto dos seus cuidados e desvelos.

Essas palavras não foram ditas só para satisfazer á occasião. O dignissimo prelado cumpriu até hoje religiosamente a sua promessa. O seminario tem constantemente merecido todos os seus desvelos e cuidados; faltando até o sr. bispo conde ao seu natural e indispensavel descanço para reformar e dirigir aquella magnifica casa de educação.

Tudo quanto fôr conducente a estreitar os laços da familia, os quaes desgraçadamente tanto se tem afrouxado; tudo quanto fôr educar os aspirantes á vida ecclesiastica nos principios da verdadeira religião, a fim de que, quando um dia sejam entregues os fieis á sua direcção esclarecida, os encaminhem com o bom exemplo e com a salutar doutrina ao cumprimento dos seus deveres;— é um serviço dos mais relevantes, que se póde prestar a sociedade.

Aos pastores parochiaes está incumbida uma grande e nobre missão. Para que a possam desempenhar com proveito, é mister que tenham tido uma educação illustrada e virtuosa; pois é uma verdade incontestavel, que se a arvore fôr boa, os fructos que ella produzir hão de necessariamente ser saborosos e de benção.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Companhia Edificadora Figueirense.—Teve logar no ultimo domingo do mez passado a reunião da assemblea geral desta companhia, debaixo da presidencia do sr. vice-presidente, Lucas Fernandes das Neves.

Foram nella approvados o relatorio e contas da direcção relativas ao anno findo: e, por proposta do sr. Dr. Diniz, foi unanimemente dado um voto de louvor aos srs. directores pelo zelo e dedicação com que administraram os negocios da companhia.

Foram em seguida postas em discussão, e unanimemente approvadas, as propostas da direcção, que já publicamos neste jornal.

Foi nomeada a commissão, que a direcção pedia n'uma dessas propostas, para o fim de coadjuval-a na escolha do local, onde deverão fazer-se as edificações do anno futuro, e na das plantas e alçados para as mesmas edificações.

Ficou ella composta dos tres srs. directores, e dos srs. Lucas Fernandes das Neves, Bernardino Teixeira de Araujo da Silva Ferraz e José Augusto dos Santos Fera.

Passou-se á eleição para os cargos da companhia, a qual deu em resultado ficarem reconduzidos todos os membros da direcção, do conselho fiscal e da mesa da assemblea geral, com excepção do presidente e vice-presidente da mesma assemblea, em que houve alteração em consequencia do fallecimento do sr. conselheiro Forjaz; sendo eleito presidente o sr. Lucas Fernandes das Neves, e vice-presidente o sr. Manoel Joaquim Macedo Souto Maior.

Terminadas as eleições, propoz o sr. Dr. Diniz que se lançasse na acta um voto de sentimento pela infausta morte do sr. conselheiro Forjaz, que tantos e tão bons serviços prestou a companhia no cargo de presidente da assemblea geral, que por annos exerceu.

Esta proposta foi vivamente apoiada, e unanimemente approvada.

O sr. José Luiz Ferreira Freire, propoz um voto de louvor á mesa da assemblea geral, pela regularidade com que dirigiu os trabalhos desta sessão. Foi unanimemente approvado.

Por esta occasião diremos que, em cumprimento do que se resolveu na sessão de que fallamos, em harmonia com uma das propostas da direcção, se procedeu já a avaliação por peritos dos predios construidos pela companhia no ultimo anno economico, a fim de ter a direcção base para a venda dos mesmos predios.

Essa avaliação deu o seguinte resultado:

Grupo de 3 casas em frente do salão da Assemblea Recreativa:

Casa n.º 16	—Ao poente........	1:000$000
» n.º 17	—Centro............	950$000
» n.º 18	—Ao nascente......	1:100$000

Grupo de 3 casas em seguida ao mesmo salão para o lado do nascente:

Casa n.º 19	—Ao poente........	925$000
» n.º 20	—A do centro......	950$000
» n.º 21	—Ao nascente.....	975$000
	Total rs........	5:900$000

Estas avaliações foram feitas em 2 d'Outubro de 1874, pelos seguintes peritos: Joaquim Mendes da Costa e Antonio Fernandes Mesquita, mestres de carpinteiros, Ricardo Soares Coronel e Antonio Junho Netto, mestres de pedreiros.

Mercado de Coimbra no dia 23.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 380 — Dito branco 540 — Dito Calorico meudo 620 — Dito graudo 530 —Milho branco 380 — Dito amarello 400 — Feijão vermelho 550 — Dito branco da marinha 480 — Dito da terra 420 — Dito rajado 340—Dito frade 380—Centeio 400—Cevada 300—Favas 400—Tremoços 270—Chicharos 260—Grão de bico 580—Batatas 180—Azeite 1$300 — Vinho da Beira 800—Dito da Bairrada 900—Aguardente de 18 graus 1$300 —Dita de 19 graus 1$400 — Dita de 20 graus 1$500.

Contra o antigo costume, está actualmente mais caro o milho amarello do que o branco; devido á procura para o sul do reino, onde preferem o milho amarello.

Bibliotheca theatral. — Fomos obsequiados com dois exemplares do primeiro volume da *Bibliotheca theatral*, editada pela empreza dos srs. Carvalho & C.ª, na rua da Rosa, n.º 33, em Lisboa.

A impressão é muito nitida, e feita na imprensa Nacional.

Contém este primeiro volume:

Os sabichões, comedia em tres actos, original do sr. Ernesto Biester.

Ao calçar das luvas, comedia em um acto, original do sr. Rangel de Lima.

O afilhado de Pompignac, comedia-drama em tres actos, traducção de L. C. M.

Um homem politico, comedia em tres actos, imitação do sr. Aristides Abranches.

Acha-se no prelo o segundo volume desta interessante collecção. Sendo por assignatura custa cada volume a 500 reis, e avulso a 600 reis.

Agradecemos penhorados os exemplares com que nos brindou a empreza.

Letras sem sello—Diz o *Diario de Noticias* que em diversos estabelecimentos e casas bancarias têem sido pagas ou negociadas algumas letras sem estarem devidamente selladas, e no intuito de reprimir este abuso que, alem de offensivo da lei, prejudica a fazenda, foram expedidas com urgencia terminantes ordens aos delegados do thesouro nos districtos do continente e ilhas para que, no exercicio da attribuição que lhes é conferida no artigo 89.º § 2.º do regulamento de 18 de Setembro de 1873, de velar pessoalmente ou por via dos seus subordinados pela execução das leis e regulamentos em todos os casos em que seja devido o imposto do sello, procedam ás averiguações e diligencias necessarias para a imposição das multas legaes, pelo abuso de que se trata.

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Completa carencia de noticias officiaes da guerra. Não se annuncia nenhum movimento importante.

Falla-se de um novo desembarque d'armas para os carlistas, realisado em Astaola, cerca de Fuenterrabia. Diz-se que consistiu em 6 canhões Krupp e 2:000 espingardas e munições.

Noticias de origem carlista annunciam a entrada em Hespanha dos condes de Bari e de Bardi, irmãos de D. Margarida, com o fim de militarem nas fileiras do pretendente.

Diz o *Imparcial* que o general Moriones se occupa activamente em Tafalla da reorganisação dos seus batalhões com o novo recrutamento da reserva.

As facções de D. Affonso encontram-se no Alto Maestrazgo, diz a *Epoca*. A elle se reunirá dentro em pouco o bispo de Urgel, que segundo parece só áquelle principe reconhece por chefe.

Está causando sensação o apparecimento do folheto attribuido ao general Letona, e que tem por titulo:— *A guerra e a constituição, por um general conservador.*

Faz um juizo militar das operações no norte, e advoga a necessidade de uma bandeira conhecida para combater com exito o carlismo.

Não ha outras novidades. Os jornaes são de 21.

Dos jornaes francezes traduzimos a carta de D. Carlos a Dorregaray, consentindo em que elle vá tratar da sua saude, entregando o commando desde logo. Diz assim:

«Meu caro Dorregaray.

«Por muitas vezes me fallaste do mau estado da tua saude; porem, hontem insististe com vigor nesse ponto, mostraste-me o teu braço enfermo, e fizeste-me reconhecer que é forçoso teres longo descanso.

«Seria egoista, se exigisse de ti novos sacrificios. Já fizeste bastante, e por isso te dou licença para te entregares exclusivamente aos cuidados de que a tua saude precisa. Quero que hoje mesmo comeces a gosar da licença, e confio os archivos do estado maior ao general Mendiri, que te substituirá no posto que tu desempenhaste de modo tão satisfactorio.

«Deus te guarde, e te conceda a cura completa que te deseja o teu affeiçoado

Carlos.

Estella 8 de Outubro de 1874.

Noticias estrangeiras.— As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 22.— Corre que se recebeu um telegramma noticiando a prisão de Losano.

Diz-se que se vae proceder contra o auctor do folheto que recentemente foi publicado sobre a guerra e constituição do paiz. Tractou-se esta questão em conselho de ministros, e decidiu-se que seria recolhido. Parecem desmentir-se os boatos que correm que o folheto fôra escripto pelo general Letona, que apresentou a demissão do seu cargo de capitão general de Aragão. O governador militar de Madrid foi visitar o general Letona.

O bispo de Urgel chegou ao quartel general de Affonso. Zorrila apresentou a sua demissão de conselheiro de agricultura. Diz-se que dois parentes do capitão Smith, que foi fuzilado pelos carlistas, esperam por Dorregaray na fronteira.

Madrid, 21— O bando carlista de Losano foi dissolvido. Jovellar, chefe do exercito do centro, partiu de Valencia para dirigir as operações. Os *comités* carlistas do estrangeiro escreveram a D. Carlos, reprovando o caracter de vandalismo que tem a guerra, e ameaçando retirar o seu apoio se assim continuar.

Madrid, 21—A *Gazeta* publica um decreto concedendo o prazo de um mez aos bancos das provincias para fazerem fusão.

Nova York, 20—A Hespanha pagou á Inglaterra a indemnisação do *Virginius*. As reclamações americanas serão provavelmente submettidas á arbitragem. Foi assignado o tratado de commercio e extradicção entre a Hespanha e S. Domingos. Concha mandou fuzilar os revoltosos aprisionados em campanha.

Madrid, 22—Os carabineiros capturaram os cabecilhas Losano e Fruster na estação de Linares no caminho de ferro de Andaluzia.

Cordova, 22—Foram aprisionados tres officiaes pertencentes a uma facção carlista que se dissolveu.

Madrid, 22. — Corre o boato que se está tratando de enviar para Cuba em defeza da ilha os prisioneiros carlistas, assim como aquelles que estão em poder do exercito do pretendente. A columna Lasso aprisionou o comboio de viveres que de Villalain era enviado para Cheloa. O jornal *Iberia* affirma que a união iberica se realisará sem ferir as justas susceptibilidades dos portuguezes.

Calcutta, 21. — Acaba de ser preso em Gwalior, fortaleza do Hindostão, que dista de Agra 80 milhas, o celebre Nana-Sahib, auctor do morticinio de 450 pessoas em 27 de Junho de 1857 por occasião da grande revolução da India. Esta captura causou geral sensação, por terem sido infructiferos até hoje todos os esforços que se fizeram para prender este homem, que foi um dos mais crueis e terriveis chefes daquella revolução.

ANNUNCIOS

1 QUEM PERDESSE um chapeu de seda, em uma loja em Samsão, (praça 8 de Maio), dando os signaes certos, nesta redacção se diz quem o tem, havendo sómente a pagar as despezas de annuncios.

2 ANTONIO IGNACIO TORREIRA, da Porcariça, tem 500 amoreiras da melhor qualidade e corpulentas, que vende juntas ou separadas, por preço commodo.

3 NA RUA DE SUB-RIPAS e nas casas a que corresponde o numero 35, se lecciona instrucção primaria para a admissão ao lyceu, portuguez (curso completo), e latim (1.ª parte)

ANNUNCIO DE LIVRO UTIL

4 ESTA' PUBLICADA a 2.ª edição correcta dos Elementos de Pharmacia, theorica e pratica, por C. J. Xavier Cordeiro. Um volume em 8.º francez, grande, de 569 paginas, typo miudo, corpo 9, pelo preço de 1$600 rs. Esta obra, cuja utilidade é já conhecida, tanto para os alumnos de pharmacia, e de medicina, como para os que já exercem os differentes ramos da arte de curar, está á venda na loja ed livros da imprensa da Universidade.

DENTISTA

CEREGHETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista suisso

5 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, pôr dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados; com pasta não conhecida até hoje, e tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca tivera tido callos.

Praça 8 de Maio, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

ARMAZEM DE VINHOS

DE

DOMINGOS ANTONIO DE FREITAS

Largo das Ameias, em frente do Hotel Mondego

6 ESTA CASA continua a fornecer aos seus freguezes de vinhos velhos, de boas e differentes qualidades, bem como aguas ardentes e vinagres, tudo por preços muito commodos.

Vinho do Alemtejo branco e tinto a 2$000 reis o almude, 1$000 rs. o meio almude, 500 o quartão, e 50 rs. o quartilho.

Vinho da Bairrada, branco e tinto a 1$600 reis o almude, 800 rs. o meio almude, 400 reis o quartão e 35 o quartilho.

Vinho do mesmo sitio a 1$400 rs. o almude, 700 rs. o meio almude, 350 rs. o quartão e 30 rs o quartilho.

Vinho d'Ançã a 1$150 rs. o almude, 575 reis o meio almude, e 25 rs. o quartilho.

AVISO

7 O PRAZO para o pagamento das contribuições directas do corrente anno principia no dia 2 de Novembro e acaba no dia 1.º de Dezembro proximo. Os contribuintes que não pagarem no referido prazo pagam mais 3 % até ao fim de Dezembro, e depois mais 6 %; tudo para a fazenda publica.

Coimbra 21 de Outubro de 1874.

O recebedor,
Jardim.

---

do Bragança! Que bella acquisição! E ainda Portugal não sabe, que dois ou tres desses brasileiros, depois d'enrodilharem o Brasil, vieram ser a primeira origem da perseguição, que seu deslumbrado amo tem auctorisado contra alguns subditos da rainha de Portugal.

Artigo 103. *Os ministros d'estado serão responsaveis—§ 4.º... Pela falta d'observancia da lei.*—Qual é a lei que regula a marcha dos ministros? Qual é a lei, velha ou nova, por elles não violada? A Carta foi estrangulada e com ella aquelles, que tiveram a simplicidade d'acreditar que um principe, que perdera um throno por odio á do Brasil, havia respeitar a de Portugal. Se a Carta morreu assim, as antigas instituições não tiveram melhor sorte: então qual é o regimen, qual é a lei dos subditos da rainha de Portugal? A violenta estupidez de José da Silva Carvalho, e a vontade imperial! *Quod principi placuit legis habet vigorem.*

Artigo 107. *Haverá um conselho de estado composto de conselheiros vitalicios, nomeados pelo rei.*—Ora o senhor D. Pedro não é rei de Portugal, nem mesmo é regente legal, não só porque a Carta o exclue da maneira mais peremptoria, e positiva; mas porque S. M. mesmo foi obrigado a reconhecel-o assim, convocando as côrtes para decidirem a *importante* questão da regencia.

A auctoridade que S. M. assumiu é tão exotica, e fugitiva, que S. M. nunca prestou juramento, nem as potencias estrangeiras o tem querido reconhecer noutra capacidade, que a d'um governo *extra legal*. Sendo assim, nenhum portuguez, desinteressado na questão, poderá crer jámais que S. M. podesse nomear um conselho d'estado vitalicio.

Doze conselheiros!!! Supponhamos que a rainha não confiava nos conselheiros que seu pae lhe nomeara, era mister nomear outros 12, e toda a fazenda publica era pouca para sustentar o conselho d'estado! O bem publico não é o alvo d'esta, e d'outras espantosas prodigalidades.

Fazer creaturas, e comprometter dois ou tres homens, em quem o partido legal e independente tinha alguma confiança, foi o unico fim destes despachos intempestivos, excessivos, e desnecessarios. Cumpre aos povos o decidir, se querem cavar de dia, e morrer de fome de noute, para manter em santa ociosidade um milhão *d'Archi-chancelleres, Archi-thesoureiros, Gran-cordons*, etc., etc. a quem o governo tem a generosidade de ceder um bocado do pomo para devorar o resto á sua vontade.

Se a primeira camara de deputados não for composta d'homens assaz independentes do governo, para ousarem chamar a juizo os contratos de Londres, as convenções de Paris, a lista das pensões, e dos ordenados, etc., etc. como se fez em França, e está fazendo em Inglaterra, é impossivel que Portugal possa fazer face ás suas despezas, e aos seus emprestimos.

Fie-se o povo em si; trate o seu negocio nas eleições; e antes de votar, observe o que eram; o que são; á custa de quem; e os variados papeis que tem representado a maior parte dos seus primeiros candidatos. D'um lado verá regeneradores transformados em Bastos, e Fouchés; e do outro muitos Lycurgos, e Solons de 20, e 26, metamorphoseados em Walpoles, Polignacs, Barbacenas, e Calomardes.

Imite Portugal o povo inglez; mande ás côrtes os seus proprios candidatos, e não faça caso das insinuações do governo, qualquer que elle fôr, nem dos delegados delle, e muito menos ainda, das recommendações da imprensa ministerial, que, por infamia, e traição do gabinete, é a unica que existe em Portugal! *(a)*

O povo de Londres mandou tres vezes successivas ao parlamento Mr. Wilks, redactor d'um jornal, contra a vontade expressa do rei, e contra todos os esforços dos ministros. A França, em 1830, reelegeu todos os 221 deputados, que tinham censurado o ministerio do principe de Polignac. Este atrevido imbecil appellou para as *ordenances*, o povo appellou para as armas, e todos sabem o resultado.

Agora mesmo o povo do Wurtemberg reelegeu todos os deputados, que o rei despodira com desagrado, e os deputados, dignos do povo, tornaram a votar contra a censura, e recusaram o dinheiro para o ordenado dos censores. Esta coragem só a podem ter homens independentes do governo; homens a quem não deslumbre um sorriso no palacio; uma fita para encobrir farrapos, ou a *regateira* excellencia de Portugal, que apesar d'andar, desde certo tempo, a baraço, e pregão, é ainda o tropeço aonde vão esbarrar-se os fatuos comediantes, os farcistas constitucionaes, que, por principio de reforma, e para alliviar as alcavalas, que pesam sobre o povo, que os tirou das aguas furtadas, herdam, merecem, e adquirem todas as fidalguias da terra, no primeiro dia que empolgam o poder!

(a) O ministerio tem rasão, porque o sacrificio insensato, a isolação anti-militar dos voluntarios de Lisboa em Val dos Reis, e na Barroca d'Alva, havia custar-lhe caro, se fosse possivel analysar em Lisboa, como é licito em toda a parte, estas desconcertadas operações militares. Foi a strategia do Caes da Piedade, s. A. J. Freire?

Ah! Se o delicado Garção, ou o jovial Tolentino fossem vivos..... já estes grous da fabula figuravam todos nas comedias do primeiro, ou nas quintilhas do segundo.

Não haverá nunca em Portugal um M. de Selgues, umas *Cartas Normandas*, uma *Nemésis*, que stygmatisem estes Falperras, estes morgados de Santa Catherina, de que o ministerio tem alagado Portugal?

O bem publico, no gabinete, é uma abstracção, a independencia um prejuizo; ministros, deputados, altas dignidades, etc. etc. não cuidam senão em engrandecer-se, ou á custa do thesouro, ou das alfaias da corôa; e por isso a causa da patria se perde neste abysmo d'egoismo, fatuidade, e avareza.

Se o ministerio é prodigo, em quanto tem que dar, ninguem lhe chama prevaricador. Os principios só lembram quando acaba a esperança.

O mais prodigo, insensato, despotico, destruidor e vil ministerio, que tem havido em Portugal, é o do senhor D. Pedro; a prodigalidade serve-lhe de razão, de patriotismo, de justiça, e de lei, e por isso todos os paroleiros estão calados nos altos cargos, e nas altas dignidades, em que foram collocados.

Se alguem perguntar pela Carta, por a rainha, ou por a patria ás creaturas do senhor D. Pedro, é provavel que respondam todas com os versos, que Berenger poz na boca dos mercenarios deputados de M. de Vilelle:

J'ai bien soigné mes affaires,
Je suis procureur du roi.
J'ai placé trois de mes fréres,
Mes deux fils ont des emplois. (Nota II)

Porto—Dezembro de 1833.

NOTA I

Não nos admira a flexibilidade do sr. Miranda, *homem de ganhar*; mas quizeramos ouvir do sr. Bento Pereira do Carmo, homem de letras, e d'outra pôlpa, como entende o artigo 132 da Carta Constitucional. Parece que toda a gente do congresso tomou a peito desmentir a opinião que della se formara.

Todo o governo que lhes dá um emprego é legitimo; todo o ministro que os chama, um patriota; toda a ordem, que lhes abona um ordenado, uma lei sagrada! Se o ex-Dei de Argel mostrar ao longe um balde de fitas, um barril de patacas, e uma pipa de *excellencias*, rouba-nos a maior parte dos nossos Confucios de 1820, e 26. Verdadeiros *Polyglotas* em politica fallam as linguas de todos os principes e thesouros, que recorrem ao *patriotismo*, e á *independencia delles!*

Espedaçou-se a monarchia, assolou-se o paiz, aniquilou-se a fortuna publica e particular, na esperança de reconquistar os foros do homem, a liberdade politica, civil, e religiosa: tudo isto se perdeu, mas fica-nos como monumento d'uma grande devastação, o juiz dos orphãos do Porto em cima do primeiro tribunal de justiça! Para este, e 20 mais, consummou-se a regeneração, e a regeneração significava isto. *O hominis impudentiam!*

NOTA II

O nepotismo, e a desverganha do ministerio é tal, que até um tal Felgueiras, que foi da junta miguelista de Vianna, é procurador da corôa! Um Antonio Joaquim de Carvalho, só porque é primo do benemerito João da Rocha Pinto, é fidalgo, commendador, e administrador da alfandega do Porto, sendo negociante ao mesmo tempo...! Até o irmão do barão de Renduffe fisgou já uma recebedoria geral!! Estes Renduffes tem muito grito para cofres.

Quando o senhor D. Pedro intentou restabelecer o poder absoluto no imperio do Brasil *(diz o deputado historiador desses acontecimentos, que pozeram S. M. I. na imperiosa necessidade d'abdicar)* a prostituição dos empregos, das decorações, etc. etc. foi uma das armas que o ministerio empregou com maior despejo, antes da famosa proclamação d'*Ouro Preto*. Assim tem feito José da Silva Carvalho.

E nas finanças? Portugal hade estremecer quando for chamado a pagar os extravios de Londres.—Ha um barco de vapor fretado ha muito, a 40 libras por dia, esperando por 100 homens, que hão de vir da Belgica, não se sabe quando.....! Nós estimamos muito que S. M. I. conserve, contra a opinião de todo o homem patriota, este ministerio de Mains, e Paranagoás, porque é o modo mais seguro de chegar mais breve a um 7 d'Abril. Nem é possivel já salvar Portugal sem isso.—A rainha tem 15 annos; é tempo d'acabar com a peste das regencias, ou o ministerio sacrifica a patria a sua ambição, egoismo, e demencia.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

8 **A** ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade de Coimbra, faz publico, que no dia 29 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na secretaria deste hospital, se dará de arrematação, pelo tempo de um anno, a contar de 1 de Novembro até 31 de Outubro de 1875, as terras que este hospital tem no campo d'Ourique, Ancos e Borralha.

Secretaria da administração dos hospitaes da Universidade, em 22 de Outubro de 1874.

O administrador,
Costa Simões.

Substitutos a militar

9 **H**A em Lisboa. Rua de Santo Antão 15—2.°—Escriptorio.

HISTORIA

10 **J**OSÉ MARIA PEREIRA DE LIMA abriu o seu curso no dia 20 de Outubro, ao fundo da rua do Norte.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

11 **J**OSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu—**633:462 machinas**—(mais de meio milhão!)

Substituições na vida militar

12 **J**OÃO DE PINHO, de Coimbra, promptifica-se a apresentar substitutos a quem os pretender, com todos os documentos precisos. Tracta-se com antecipação na rua da Calçada, n.° 211, porque tem de os pedir para Vizeu a um amigo.

13 **A**YRES AUGUSTO QUARESMA DE ALMEIDA, do Espinhal, e Francisco Pereira Serrano, de Coimbra, vão estabelecer uma diligencia diaria entre aquellas duas povoações, sendo a primeira carreira no 1.° de Novembro proximo futuro.

Os preços e horas são as mesmas do costume, affiançando-se ao publico que o serviço será muito regular.

Os bilhetes vendem-se no Espinhal e Coimbra em casa dos annunciantes; e em Penella em casa do sr. Abilio.

Attenção

14 **J**OÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

EDITOS DE 30 DIAS

15 **P**ELO JUIZO DE DIREITO desta comarca de Coimbra, e cartorio do escrivão Adelino, abaixo assignado, correm editos de 30 dias, a contar do dia de hoje, chamando os herdeiros, os credores, e os legatarios desconhecidos, ou domiciliados fóra da comarca, da fallecida Maria da Conceição Ribeiro, casada que era com José Alves Moreira, e moradora que foi na freguezia de S. Bartholomeu, desta cidade, para assistirem, querendo, a todos os termos do processo do inventario da mesma, em conformidade do artigo 2048 do codigo civil.

Coimbra 22 de Outubro de 1874.

O escrivão,
Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

DOCTOR IN ABSENTIA

16 **O** PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

17 **C**ONFERENCIAS RELIGIOSAS, recitadas pelo Dr. Motta Veiga, lente cathedratico da Faculdade de Theologia, na Sé Cathedral de Coimbra. Estão á venda nas principaes livrarias de Coimbra, em casa de Augusto Adelino Ferraz, rua de S. João, e na casa do auctor, Couraça de Lisboa, 53.—**Preço 800 reis.**

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**
Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.° 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

19 **D**. ANNA AUGUSTA CORTE REAL CALLADO, profundamente reconhecida ás innumeras provas de consideração e sympathia, tributadas á memoria de seu muito prezado e sempre chorado esposo, o bacharel João Henriques de Moraes Callado, major reformado do exercito, agradece por este meio, emquanto não o póde fazer pessoalmente, a todas as pessoas que procuraram saber noticias do enfermo durante a doença de que falleceu, e aos collegas que o visitaram e trataram n'esse doloroso periodo.

Francez (curso completo) e Mathematica (1.ª parte)

20 **J**. M. FRAGOSO lecciona estas disciplinas na *Eschola Popular*, rua do Correio, n.° 108.

CONFIDENCIAS

Romance original

Por Antonio Florencio Ferreira

21 **E**STE LIVRO do auctor dos *Arpejos d'Alma* e *Idealismo e Sentimentos* vende-se nas principaes livrarias de Lisboa, e envia-se para a provincia a quem dirigir o seu importe em estampilhas, 300 reis, a rua de Pedro Dias, 31, 1.°, Lisboa, em carta subscriptada a C.M.F.

SEMINARIO EPISCOPAL DE COIMBRA

Alumnos gratuitos, quasi gratuitos, e beneficiados, que em resultado de concurso foram admittidos no corrente anno lectivo de 1874 a 1875

NOMES	Naturalidades	Quanto pagam por mez	Beneficio mensal de cada alumno
Abilio Adolpho Guerra Osorio	Coimbra	$	8$500
Abilio Antonio de Castro	Semide	$	8$500
Abilio Antonio da Fonseca	Vinhó	$	8$500
Adriano dos Santos Pinto	Coimbra	$	8$500
Adrião da Silva Bandeira	»	$	8$500
Alberto Ferreira Paulo da Silva	Poiares	$	8$500
Alfredo Moreira da Camara	Coimbra	$	8$500
Antonio Rodrigues Maneira	Anciães	$	8$500
Antonio Simões de Faria	Avellar	$	8$500
Augusto Freire de Carvalho Macedo	Coimbra	$	8$500
Augusto Rodrigues Candosa	Coja	$	8$500
Domingos Lopes d'Abrantes	Pinhanços	$	8$500
Francisco Antonio Diniz da Gama	Lagares	$	8$500
Ildefonso Marques Mano	Eiras	$	8$500
João Laceiras de Deus	Oliveira do Hospital	$	8$500
Joaquim Mendes de Figueiredo	Cantanhede	$	8$500
Joaquim dos Santos Gonçalves	Coimbra	$	8$500
José Joaquim Jorge Marçal	Seixo de Gatões	$	8$500
José Maria de Carvalho	Tamengos	$	8$500
José Mendes Carreira	Penella	$	8$500
Luiz José Maria d'Almeida	Coimbra	$	8$500
Manoel Antonio Ramalho	Villa-Secca	$	8$500
Joaquim Mendes da Fonseca	Porcariça	$	8$500
Antonio Ribeiro S. Miguel	Quiaios	2$000	6$500
Joaquim Maria Mendes Larangeiro	Means	2$000	6$500
Adelino Gomes Arnaut	Penella	3$000	5$500
Cesar Correa da Costa	Ferreira de Poiares	3$000	5$500
Henrique David das Neves	Pedrogão	3$000	5$500
José Joaquim dos Santos	Alvôco da Serra	3$000	5$500
Henrique Carlos Fragoso	Porcariça	3$000	5$500
Christiano Marques da Costa Abreu	Alvôco da Varzea	4$000	4$500
João Antonio Correa Matheus	Zambujal	4$000	4$500
João Lopes Teixeira	Pena de S. Simão	4$000	4$500
Manoel Marques Coelho	Bobadella	4$000	4$500
João Mendes da Silva	Anciães	5$000	3$500
Manoel Maria de Sousa	Espinhó	5$000	3$500
Francisco Pereira Pinto	Rego Travesso	5$000	3$500
José Francisco Mendes Henriques	Ariques	5$000	3$500
Francisco Antonio Diniz Marques	Espariz	5$000	3$500
Constantino Alves	Casal Comba	5$000	3$500
Joaquim Ferreira Flores	S. Martinho do Bispo	5$000	3$500
Paschoal José de Mello	Vinhó	5$000	3$500
Adriano dos Santos Mello	Serpins	6$000	2$500
Antonio Godinho dos Reis	Anciães	6$000	2$500
Antonio José Marques	S. Joanninho	6$000	2$500
Antonio Nogueira Saraiva	Santa Marinha	6$000	2$500
Joaquim Antonio dos Santos	Vide	6$000	2$500
João dos Reis Pessoa	Cantanhede	6$000	2$500
Joaquim Fernandes Falcão	Podentes	6$000	2$500
José Cerveira Botelho	Vacariça	6$000	2$500

Importancia do beneficio concedido por mez a alumnos internos.......reis 300$000

Alem dos alumnos internos estão já sendo beneficiados pelo Seminario alguns externos, e não poucos, com jantar gratuito todos os dias, e muitos outros com matriculas, tambem gratuitas, montando já a 140$000 reis a importancia destas, quantia que subirá mais do dobro por estarem as matriculas por ora muito em principio.

Não recebendo este Seminario, já ha mais de quatro annos, subsidio algum, nem do cofre da Bulla da Santa Cruzada, nem do governo de Sua Magestade; e sendo por consequencia o beneficio, que, não obstante isto, agora se faz todos os annos aos ordenandos do bispado de Coimbra em tão larga escala, devido unicamente ao improbo trabalho, incessante cuidado e rigorosa economia que ha na administração deste estabelecimento, é de necessidade que os alumnos beneficiados correspondam, com o seu aproveitamento moral e litterario, aos sacrificios que se fazem por causa delles, no intuito de bem servir nesta Diocese a Religião, a Egreja e o Estado; e por isso ordena-me Sua Ex.ª R.ma o sr. Bispo Conde, que eu declare a todos, para seu governo, que serão privados do beneficio concedido:

1.° Os que por qualquer modo e em qualquer tempo revelarem falta de vocação para o estado ecclesiastico:

2.° Os que na Egreja e nos actos religiosos da communidade estiverem com menos respeito e devoção:

3.° Os que forem menos compostos e decentes nas maneiras, no trajo, nas acções e palavras, tanto dentro, como fóra do Seminario:

4.° Aquelles a quem os seus professores, nas informações dos dois primeiros trimestres, pozerem a nota de—*mal* ou *menos que sufficiente*—ou de quem, em qualquer tempo, houver más informações em procedimento e applicação:

E 5.° Aquelles que não se habilitarem para os exames finaes, ou que nelles forem adiados, tendo ido ao exame sem auctorisação da casa, ou do respectivo professor.

Seminario de Coimbra, 17 de Outubro de 1874.

O vice-reitor, *Antonio José da Silva.*

NUMERO 2844 — TERÇA FEIRA 27 DE OUTUBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno.................... 3$200
Por semestre................ 1$600
Por trimestre............... 800
Correspondencia por linha... 30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno.................... 3$726
Por semestre................ 1$860
Por trimestre............... 930
Avulso...................... 40

COIMBRA

VERDADES DURAS, MAS VERDADES

I

Nestes ultimos dias tem sido o assumpto quasi exclusivo de todas as conversações e dos commentarios de toda a imprensa periodica, a cobarde morte praticada no alferes de infanteria 2, o sr. Palma e Brito, por um soldado do mesmo corpo.

Causou geral indignação a noticia de um acto de aggressão tão brutal, o qual seria já grave praticado de um para outro qualquer cidadão; mas que se torna gravissimo de um inferior para o seu superior.

Não querendo, nem devendo atenuar o horror de um tal attentado; seja-nos comtudo permittido manifestar a extranheza que nos tem causado uma linguagem violentissima, que temos visto empregar, e que parece ser dirigida exclusivamente pela mais exaltada paixão. Exige-se o immediato fuzilamento do criminoso soldado, parecendo até que se intima o poder moderador para não usar dos direitos que lhe concede a Carta Constitucional na commutação das penas.

Chega-se quasi a lamentar, que haja formulas de processo, que demorem por um instante sequer a execução da pena de morte!

Parece-nos que em um assumpto de tal magnitude, nada se perderia com mais algum sangue frio.

Ha annos foi moda o advogar a abolição da pena de morte. Hoje, porem, é outra a moda. Agora já se não falla senão em fuzilamentos e forcas; e se as cousas assim continuassem, não extranhariamos que se viesse a vulgarisar entre nós o costume adoptado em Paris, durante o terror da primeira republica, usando-se nos coletes, em logar de botões, umas pequenas *guilhotinas!*

Ninguem de certo nos taxará de suspeitos em relação aos criminosos. Ahi estão as paginas deste jornal, durante os 27 annos da sua existencia, para attestarem sem replica, que não ha, nem nunca houve outro jornal portuguez, que mais energica lucta tenha sustentado contra os assassinos e criminosos de todos os generos, especialmente os desta provincia.

Bastantes vezes nos achámos quasi só nesse combate sem treguas; muitas vezes tivemos a vida em perigo imminente, pelas emboscadas dos assassinos; e nada nos fez recuar em a nossa empreza. Tivemos por fim a satisfação de ver, que depois de tantos annos dos mais preseverantes esforços, se conseguiu o restabelecimento da tranquillidade e da segurança para os nossos concidadãos.

Nunca, porem, pedimos, e esperamos em Deus que nunca pediremos, a applicação da pena de morte a ninguem.

II

Como resultado natural das nossas discordias civis, relaxaram-se depois de 1834 os vinculos sociaes; fraqueou o poder da auctoridade; e praticaram-se por todo o reino numerosissimos crimes de todo o genero.

Em 1839 parecia ter-se exacerbado o mal, sendo então mais frequentes os attentados; pelo que o ministerio, presidido pelo barão da Ribeira de Sabrosa, reunido em conselho, deliberou, para aterrar os criminosos, mandar proceder a algumas execuções.

O Porto foi a primeira cidade onde se executou um condemnado á morte, e seguiu-se logo outra execução nesta cidade de Coimbra.

No *Diario do Governo* de 25 de Julho de 1839 foi publicado por ordem do ministerio um pequeno artigo, explicando as razões por que se havia tomado deliberação tão rigorosa. Esse artigo era o seguinte:

«A cidade do Porto acaba de ser testemunha da punição de um grande criminoso. A salutar severidade da justiça desaggravou a sociedade offendida, e deu um terrivel exemplo, que deve servir de escarmento aos malvados. O rigor do castigo é uma garantia salutar da segurança.

«Foi no dia 19 do corrente que teve logar alli a execução de um scelerado assassino; e outro, que egualmente foi condemnado, em breve expiará seus crimes, tambem no affrontoso supplicio da forca, na cidade de Coimbra, onde talvez já deverá achar-se acompanhado do executor.

«Tem-se dado assás á clemencia, era necessario satisfazer á justiça, e que a brandura, ou a impunidade deixassem de ser uma provocação indirecta ao delicto.

«Reconhecendo que o seu primeiro dever é fazer respeitar as leis, e dar protecção a todos os membros da sociedade, o governo está na firme resolução de empregar todos os meios para prevenir, ou castigar inexoravelmente quaesquer attentados, que a perturbem, ou ameacem; e esta resolução é um dos mais eminentes serviços que elle póde prestar ao paiz, que pede ordem e segurança, e que só poderá obtel-a, quando ao crime se seguir indefectivel a pena.»

Com effeito havia chegado a Coimbra o condemnado, José da Costa Casemiro, de 27 annos de edade, acompanhado do algoz; e a mesa da Misericordia, interprete do geral sentimento dos habitantes de Coimbra, dirigiu pelo telegrapho á rainha a seguinte supplica:

«Senhora.—A Misericordia de Coimbra, prostrada humildemente, implora a V. M. se digne commutar ao reu José da Costa Casemiro, em degredo perpetuo, a pena ultima que tem de padecer no dia 29 do corrente; escutando V. M. sua real clemencia, e attendendo ás amarguras da morte, que o miseravel em tão longo transito ha esgotado......

«Clemencia, senhora... Misericordia......
E R. Mercê.

«Coimbra e na Santa Casa da Misericordia, em mesa de 26 de Julho de 1839.—Dr. *Sebastião de Almeida e Silva.*»

No dia 27 foi expedida esta supplica pelo telegrapho, então situado em

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLVI

RODRIGO PINTO PISARRO

XIV

A indisposição contra o ministerio e os amigos que cercavam a D. Pedro ia-se desenvolvendo cada vez mais. Não era só Pinto Pisarro, que de Londres fulminava a marcha da administração. Em Lisboa, apesar de não haver liberdade de imprensa, e só se publicar a *Chronica Constitucional*, que era o jornal official do governo, atreveu-se o conde da Taipa a fazer imprimir avulso uma carta, dirigida a D. Pedro, e datada de 25 de Outubro de 1833.

Ahi stygmatisava severamente o conde da Taipa, o governo, por haver camarariamente dado o contrato de tabaco a um individuo (o conde de Farrobo) por 1:200 contos de reis annuaes, havendo em Lisboa quem desse 1:400 contos.

Queixava-se egualmente da injustiça de se mandar fazer sequestro nos bens dos antigos contratadores, por não haverem pago pontualmente as suas mesadas, quando todos sabiam que elles não tinham podido effectuar esses pagamentos, por força maior, em razão da guerra civil.

Terminava o conde da Taipa a sua carta da seguinte forma:

«Por tanto, senhor, pelo amor da minha patria; pela gloria de vossa magestade; pelo triumpho da justiça; e sobretudo para que não vá ao mundo, que o governo de vossa magestade pouco differe do governo, typo da infamia—o do senhor infante D. Miguel—eu peço a vossa magestade, que convocando o seu conselho de estado, e informando-se melhor, obre com a justiça, que está no seu coração.»

O governo mandou reproduzir esta carta do conde da Taipa na *Chronica Constitucional* do dia 29 de Outubro, tratando em artigo da redacção de se defender das accusações que lhe eram feitas.

O conde da Taipa fez logo imprimir outra carta, muito mais energica do que a primeira, contra o governo. Desta vez, porem, não estiveram os ministros para mais discussão, e mandaram prender o conde da Taipa, apesar da sua immunidade de par do reino. A prisão não se poude effectuar, porque elle se evadiu.

Logo que constou este facto, dirigiram a D. Pedro uma representação, ou protesto todos os pares do reino que se achavam em Lisboa. E o que se torna digno de reparo é serem alguns dos signatarios amigos particulares de D. Pedro, e por isso não serem suspeitos de opposição ao governo.

Essa representação foi a seguinte:

«Senhor—Os abaixo assignados tem a honra de representar a vossa magestade imperial e real, que esta manhã foi intimada ao conde da Taipa, par do reino, uma ordem de prisão, assignada por um dos ministros criminaes desta cidade, a qual se intentou levar a effeito; e como neste facto lhes pareça involver-se manifesta infracção do artigo 26 da Carta Constitucional, visto não se apresentar caso de flagrante delicto de pena capital, unico caso exceptuado no sobredito artigo, que se expressa desta maneira—«Artigo 26. Nenhum par, ou deputado, durante a sua deputação, póde ser preso por auctoridade alguma, salvo por ordem da sua respectiva camara, menos em flagrante delicto de pena capital.»—Julgam-se os abaixo assignados na necessidade de rogar a vossa magestade imperial e real, a fim de manter a immunidade da camara dos pares, que se digne mandar-lhes declarar se os artigos da Carta Constitucional, que garantem a inviolabilidade dos pares, se acham suspensos pelo decreto de 10 de Julho de 1832, para que a mesma declaração lhes possa servir de regra.

«Deus guarde a vossa magestade imperial e real. Lisboa 7 de Dezembro de 1833.—Duque da Terceira, par do reino—Duque de Palmella, par do reino—Marquez de Fronteira, par do reino—Marquez de Ponte de Lima, par do reino—Marquez de Loulé, par do reino—Marquez de Santa Iria, par do reino—Conde de Lumiares, par do reino—Conde de Ficalho, par do reino—Conde de Paraty, par do reino.»

O governo fez publicar esta representação na *Chronica Constitucional*. Respondeu-lhe o ministro José da Silva Carvalho, com um despacho indeciso, e adiando a resolução para a deliberação das côrtes.

Ao mesmo tempo se publicavam em Londres, com intervallos, tres cartas, accusando-se nellas violentamente o governo de Lisboa.

Em o numero seguinte publicaremos a primeira dessas cartas.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Santo Antonio dos Olivaes; e no dia 28, ás 7 horas e 30 minutos da manhã, recebia a mesa da Misericordia uma parte do ministro do reino, Julio Gomes da Silva Sanches, em que lhe dizia, que tarde havia ido o peditorio, e que muito grande era a necessidade do exemplo; porem que o ministerio ia receber as ordens de sua magestade.

No mesmo dia 28 chegou ao administrador geral de Coimbra, Antonio de Gamboa e Liz, o seguinte telegramma:

«Do ministerio—Ao administrador geral— A supplica da Misericordia não póde ser attendida; o que v. s.ª communicará á mesa da Santa Casa.»

Era por tanto forçoso executar-se a pena ultima, o que se realisou no dia 29 no areal do rio Mondego, perante um concurso numerosissimo de povo que alli foi ver tão lugubre espectaculo.

A sentença que condemnara á morte o reu José da Costa Casemiro, e que fôra dada em audiencia geral de Coimbra no dia 4 de Janeiro de 1837, concluia determinando— que a pena fosse executada fóra desta cidade, mas proximo a ella, no sitio mais publico, *para exemplo e escarmento dos mais*. E da mesma forma o governo no artigo por sua ordem mandado publicar no *Diario do Governo* de 25 de Julho de 1839, e que acima se vê, declarava que as execuções a que se estava procedendo, era para *servirem de escarmento aos malvados*.

A justiça dos homens estava, portanto, satisfeita. Restava agora ver os effeitos da execução de tão terrivel pena.

Querem os nossos leitores saber que terror *salutar* produziu a pena de morte infligida ao reu José da Costa Casemiro? Foi ser assassinado poucos dias depois, Manoel da Cunha, aos Arcos de S. Bento, desta cidade; ser assassinado no sitio do Padrão o quinteiro da viscondessa da Bahia; e em Villarinho de Eiras um genro matar seu sogro!!!

Querem mais saber o que aconteceu nos annos posteriores áquelle em que se fez em Coimbra esta execução capital? Foi o serem perpetrados, só nesta provincia da Beira, perto de 300 assassinatos!!!

E se houver quem duvide do que dizemos, comprommettemo-nos desde já a apresentar aqui a extensa lista desses homicidios.

Nestes crimes, incluiam-se muitos com circumstancias aggravantissimas; como por exemplo os assassinatos do celebre *Caca* e seus 7 companheiros, queimados vivos em um lagar; o do juiz de direito de Midões, Nicolau Baptista de Figueiredo Telles; do vigario do Ervedal, Antonio Francisco de Gouvea, uma sobrinha e uma criada do mesmo; de Estanislau Xavier de Pina, da Varzea de Meruge; de Francisco da Silva Motta, de Aldeia das Dez; da familia do major Christiano Augusto da Fonseca, do Ervedal; e posteriormente deste mesmo Christiano, pela escolta que o procurava prender, depois d'elle se ter evadido do Castello de S. Jorge, por alta protecção militar; de José Antonio da Silva Rocha, o *Campeão*, e dos estudantes José Carlos Lobo e Lazaro Affonso e Cunha, todos tres em Coimbra; de João Nunes Ferreiro, de Varzea de Candosa; de Silvestre Sopas, presidente da camara; de Manoel de Almeida Ramalho e Fonseca, escrivão de fazenda; de Joaquim da Marinha, proprietario; de Francisco de Almeida Ramalho, tambem proprietario, todos estes quatro de Lavos; do vigario de Paranhos Luiz Pereira Ferrão de Loureiro; de Manoel Antonio Marçal, na comarca de Taboa; do padre José da Annunciação Portugal, de Varzea de Candosa; e de outros sem numero, que encheram de espanto toda esta provincia!

Na verdade, mostravam bem os assassinos que estavam *escarmentados* com a pena de morte!

III

Isto na provincia da Beira. Em Lisboa produzia essa pena os mesmos effeitos negativos.

Como já se viu, foi no mez de Julho de 1839 que tiveram logar as execuções mandadas fazer pelo governo. Em quanto ás consequencias *salutares* do ultimo supplicio, essas mostraram-se dentro em pouco.

Apenas decorridos dois mezes, na manhã de 27 de Setembro immediato, ao acordarem os habitantes de Lisboa, souberam que nessa noute se havia praticado dentro da sua cidade, um dos mais horrorosos crimes, que alli se tinham presenceado.

O famoso assassino Diogo Alves, e seus companheiros, haviam morto na rua das Flores a familia do medico Pedro de Andrade, composta da viuva Maria da Conceição Correa Mourão, e seus filhos José Elias Correa Mourão, Emilia Correa Mourão, e Vicencia Correa Mourão; completando esse crime com o roubo de cinco contos de reis pertencentes ao medico Andrade.

Debaixo da impressão de tão espantoso crime, logo no dia 30 do mesmo mez de Setembro se escreve um artigo por ordem do ministerio, e se publica no *Diario do Governo* do dia 1 de Outubro, em que se dizia o seguinte:

«Não ha muito tempo que sua magestade a rainha, aconselhada pelos seus ministros, fez a maior violencia ao seu magnanimo coração, deixando de usar de uma das suas prerogativas em beneficio de dois desgraçados, que foram suppliciados, um no Porto, e outro em Coimbra.

«O governo suppoz que estes dous exemplos bastariam para refrear os malfeitores, e para lhes fazer ver que era errada a ideia em que muitos viviam de que estava abolida a pena de morte; mas os recentes assassinios o têem convencido de que são indispensaveis novos exemplos para satisfazer a justiça, e para assegurar a vida e a propriedade dos cidadãos pelo rigor do castigo; e por isso já em data de 7 e 27 do corrente se pediram pelo ministerio da justiça relações de todos os presos condemnados a pena ultima, a fim de empregar-se a respeito delles a saudavel severidade das leis.»

Entrou, portanto, outra vez a funccionar por todo o reino o sinistro instrumento da força, para novamente serem *escarmentados os assassinos*.

O primeiro reu a quem coube a sorte de ser enforcado *para exemplo*, foi Antonio Bento, que soffreu a pena ultima na capital, no dia 25 de Outubro de 1839, por haver assassinado 5 annos antes, em 1834, um barbeiro junto ao convento das Albertas, ás Janellas Verdes em Lisboa.

Funccionou em seguida a força em Braga e Vianna, e continuou a trabalhar em Lisboa.

A par, porem, das execuções, augmentavam cada vez mais os crimes! Grande decepção na verdade, para aquelles que esperavam que com a applicação da pena de morte cessariam, ou pelo menos diminuiriam os assassinatos!

No anno seguinte aconteceu no Porto um facto digno de se registar.

Na madrugada de 25 de Junho de 1840, descia as escadas da cadeia da relação, o reu Manoel Joaquim Lopes Queijo, da freguezia de Villa Cova, julgado de Felgueiras. Havia de ir ser enforcado á freguezia de Freixieiro de Basto; para o que já se achavam no Porto os dois algozes, Simões e Ramos, que tinham ido de Lisboa, a bordo do vapor *Vezuvio*. Egualmente para esse effeito tinha saido de Guimarães para o logar da execução o regimento de infanteria 18 e de Braga 105 homens do regimento 15; e á porta da cadeia estava para acompanhar o reu uma força de 60 praças, commandada por um capitão.

Desceu o reu a escada da cadeia, no meio de uma escolta, sem ser algemado; e chegando ao pateo, em quanto lhe preparavam a cavalgadura, vendo que se achava a porta aberta, se evadiu por entre a parede e os soldados; o que poude effectuar, por ainda estar escuro.

Apezar de todas as diligencias dos soldados, que se dirigiram logo por differentes ruas em procura do reu, este escondeu-se; mas caindo na imprudencia de se dirigir para a provincia do Minho, foi preso por uns cabos de policia em Gandarella no dia 2 de Julho. Na madrugada do dia immediato deu entrada na cadeia da villa de Basto; e no dia 11 do mesmo mez foi finalmente enforcado em Freixieiro de Basto, na presença de mais de 3:000 pessoas do julgado, e dos visinhos, que alli foram ver esta triste scena.

IV

No dia 19 de Fevereiro de 1841 foi finalmente enforcado em Lisboa, Diogo Alves, e um dos seus cumplices, Antonio Martins Celleiro. Deveria ser este um novo *escarmento para os assassinos*; porem os factos vieram mais outra vez zombar de quem suppunha que com a pena de morte se podia evitar a repetição dos assassinatos.

Como dissemos, Diogo Alves e um dos seus cumplices, foram executados em 19 de Fevereiro de 1841. Decorrem apenas 5 mezes, e em a noute de 25 para 26 de Julho do mesmo anno, se pratica um novo e horrorosissimo crime em Lisboa.

Nessa noute, Francisco de Mattos Lobo, assassina infamemente na casa da rua de S. Paulo, n.º 5, a sua tia D. Adelaide Filippe da Costa, seus primos Emygdio Pereira da Costa e D. Julia Pereira da Costa, e a sua criada Narcisa de Jesus!

Nova decepção por que passam aquelles que acreditavam ver cohibir os criminosos com o exemplo das execuções da pena de morte! Quanto mais funccionava o algoz, maior era o numero dos homicidios!

V

Na provincia da Beira continuavam sempre os bandidos nos seus maleficios. Mas segundo os factos que se davam, não podia acontecer o contrario.

Em quanto uns ministros da corôa mandavam applicar a pena ultima a alguns desvalidos criminosos; outros ministros, ou talvez os mesmos, protegiam escandalosamente os differentes chefes dos assassinos, correspondendo-se com elles, dando-lhes toda a força que elles desejavam, e admittindo-os até á sua intimidade!

E nisto eram conformes os ministros dos diversos partidos.

Por exemplo, aqui na Beira dividiram-se os criminosos em duas parcialidades, uma pertencente ao partido progressista, ou setembrista; e outra ao cartista, ou cabralista. Assim, se estavam no poder os setembristas, impunha a lei á provincia um dos bandos de assassinos; e se caia esta parcialidade e subia a contraria, passava a governar com o bacamarte o outro bando de malvados!

E não se limitavam alguns ministros e auctoridades superiores a tolerar esse predominio dos assassinos; houve até actos officiaes torpissimos, tendentes a animar os criminosos e a encobrir os seus attentados. Se fôr preciso não teremos nenhuma duvida de aqui publicar tão degradantes documentos!

E era por tal forma, que se pretendia fazer *escarmentar os assassinos*!

Em opposição declarada a todas essas infamias; adversarios irreconciliaveis de todos os sicarios, combatemol-os sempre sem treguas neste jornal, quaesquer que fossem as suas procedencias politicas, se é que taes perversos podem ser considerados como fazendo parte de algum partido.

Por muitos annos sustentámos a lucta, soffrendo as maiores decepções; até que chegou finalmente um dia em que um honradissimo ministro, o sr. Martens Ferrão, se deliberou a fazer cessar essa escandalosa protecção aos grandes assassinos. E foi sufficiente isso, para que uns aterrados se annullassem, outros fugissem, e o principal chefe fosse preso, sentenceado e degredado para Africa; terminando por esta forma a serie de crimes horriveis, que por longo tempo encheram de pavor todos os cidadãos honestos e pacificos da provincia.

As numerosas execuções de pena ultima, em 1839 e annos seguintes, deram em resultado a repetição constante dos assassinatos mais atrozes. Ao mesmo tempo que bastou ultimamente um acto de moralidade, para estarmos gosando uma paz Octaviana, sem ter sido necessario elevar-se entre nós o lugubre instrumento da forca, esse grande escandalo do seculo XIX!

O remedio está em parte muito diversa d'aquella em que por ahi o vemos andar procurando.

Se querem que o povo e o exercito se moralisem, principiem por se moralisar os differentes governos e todos os altos funccionarios.

Que pena foi applicada aos soldados que cobardemente assassinaram no Porto, em Abril de 1851, o coronel Joaquim de Sousa Pinto Cardoso? Que castigo tiveram os soldados que mataram e feriram os seus camaradas, junto ao palacio da Ajuda, no dia 19 de Maio de 1870? Que responsabilidade tem tido até hoje os ministros, que nos ultimos 40 annos tem protegido das cadeiras do poder aos maiores bandidos e traficantes do reino, comtanto que lhes possam dar força nas eleições?

Ora pois, tenham a coragem de pôr o dedo na chaga, e não se tornem só exigentes para com os pequenos, embora criminosos.

Podiamos, se quizessemos, armando ao effeito, subir hoje a esta tribuna da imprensa, e apontando para o cadaver do infeliz alferes assassinado, como Marco Antonio para a tunica ensanguentada de Cesar, pedir o immediato fuzilamento de seu cobarde assassino.

Não o faremos, porque nos não deixamos dominar pelas paixões. Para nós a razão e a reflexão está acima de tudo.

Ahi se acham os tribunaes, que de certo saberão cumprir os seus deveres, applicando a lei. Ahi está o poder moderador, que independente por posição, decidirá na sua alta sabedoria, se deve, ou não commutar a pena ao criminoso; sem que nos seja permittido coagil-o no exercicio das suas elevadas e augustas funcções.

VI

Quando principiamos a escrever estas palavras, bem sabiamos que teriamos de dizer *verdades duras*, que não agradariam a todos: isso, porém, não nos embaraçou, porque apesar de *duras*, são *verdades*.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

BIBLIOGRAPHIA

Acaba de sahir dos prelos da imprensa Nacional o tomo terceiro da *Historia da Guerra da Peninsula*, publicado pelo sr. conselheiro Simão José da Luz Soriano.

Damos com ineffavel prazer esta fausta noticia a todos os amigos das boas lettras portuguezas e amantes das glorias patrias, ennobrecidas e honradas nesta importante obra.

Sabem todos os leitores dos escriptos do sr. Simão José da Luz, que são principalmente caracterisados por summa perspicuidade e judiciosa critica, dictada pelo mais profundo amor da verdade e sentimento de justiça.

Resplandecem estes dotes, de um modo especial, no tomo da *Historia*, cuja publicação annunciamos. Aqui são julgados com toda a imparcialidade os feitos dos personagens principaes desta memoravel época.

Cremos, que poderia haver escolhido com mais propriedade, que outros historiadores para epigraphe da sua obra, o conhecido verso de Virgilio:

Tros Tyriusque mihi nullo discrimine agetur.

Comprehende o tomo terceiro todos os successos, que respeitam á invasão de Portugal pelo marechal Massena em 1810, e á sua retirada em 1811, e outros occorridos então na peninsula.

E' illustrado com os seguintes mappas:

Mappa da batalha do Bussaco. Posição geral dos exercitos francez e luso-britannico no dia 26 de Setembro de 1810, e movimento do exercito francez no dia 28 em direcção a Mortagua, Boialvo, etc.

Mappa das linhas de Torres Vedras e sua ligação com Lisboa nos annos de 1810 e 1811.

Mappa do itinerario que trouxe o marechal Massena, quando invadiu Portugal em 1810, e do que seguiu, quando em Março do anno seguinte d'elle se retirou perseguido pelo exercito luso-britannico.

Mappa do terreno que no anno de 1810 se destinou á defeza de Portugal, comprehendendo as provincias da Estremadura, Beira Alta e Beira Baixa.

Planta demonstrativa da batalha da Barrosa em 5 de Março de 1811.

Planta do terreno além do Coa.

Mappa do combate do Sabugal na retirada de Massena em 3 de Abril de 1811.

Planta da batalha de Fuentes de Oñoro ganha em 5 de Maio de 1811.

Planta da batalha de Albuera em 16 de Maio de 1811.

Planta demonstrativa das operações e combate de El Bordon.

Planta do terreno das operações do general Hill no anno de 1811.

Invasão dos francezes na Andaluzia.

Termina com o tomo quarto a *Historia da Guerra da Peninsula*, e está, felizmente, quasi concluido, para entrar no prelo, o manuscripto respectivo.

O sr. Simão José da Luz toma singularmente a peito levar ao cabo esta empreza com a brevidade possivel.

Fazemos os mais sinceros votos, não só para que logre seu patriotico empenho, conservando-lhe Deus firme saude, mas para que lhe conceda, tambem, os necessarios annos de vida, a fim de pôr o remate á *Historia da Guerra Civil*, que deve seguir-se á da *Guerra da Peninsula*.

Portalegre 24 de Outubro de 1834.

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

NOTICIARIO

As bandeiras portugueza e hespanhola. — Recebemos de Madrid a seguinte publicação:

España y Portugal y sus banderas, por Frutos Martinez y Lumbreras, socio honorario de la Associação dos Artistas de Coimbra.

E' o sr. Frutos filho do nosso estimavel amigo o sr. D. Benigno Joaquim Martinez; e dâmos ao joven escriptor sinceros parabens pela sua interessante publicação, em que revela muita applicação ao estudo.

O sr. Frutos offerece o seu trabalho historico á imprensa portugueza. Trata em seguida da *origem das bandeiras*— da *bandeira hespanhola*—da *bandeira portugueza*— e das *batalhas em que ondearam juntos os pavilhões hespanhoes e portuguezes*.

Lemos com a merecida attenção todo o opusculo do sr. Frutos, o qual muito apreciamos. Em tanto facto, e em tão numerosas datas alli citadas, apenas notamos tres pequenos lapsos; o que em geral não se vê nos escriptores estrangeiros, para quem a historia portugueza é quasi desconhecida.

Muito agradecemos o exemplar com que nos obsequiou o joven escriptor.

Noites de vigilia. — O nosso collega do *Jornal da Tarde*, o sr. Silva Pinto, teve a bondade de nos offerecer o n.º 1 das suas *Noites de vigilia — revista de factos contemporaneos*.

Contém: —Restabelecimento dos factos— A devassidão lusitana—Confrontações: o povo de Deus; o povo Egypcio, os Assyrios, os Persas, os Medas, a velha Grecia, Roma, a Idade media, civilisações modernas, os indigenas do occidente — Politica portugueza — Imprensa portugueza—Os partidos—Arte portugueza, «A morte de D. João»—A critica— Typos nacionaes: o marialva—FERNANDO GARRIDO (aos ministros de pacotilha)—Analyse da crença christã—O anonymo, producção symbolica— Um voto de Benjamin Constant (aos compadres)—Theatro portuguez: «Victimas e algozes».

Cumpre-nos agradecer ao sr. Silva Pinto o exemplar com que nos brindou.

Panorama Photographico de Portugal —Recebemos o n.º 6 do volume quarto desta interessante publicação que vê a luz nesta cidade. A photographia deste numero, feita por um *cliché* do sr. Carlos Relvas, representa as formosas arcarias do claustro de Belem. O respectivo artigo é escripto pelo sr. Dr. A. Filippe Simões.

Alem deste, traz os seguintes artigos:

Lamartine, traducção pela sr.ª D. Engracia Correia Teixeira.

Zoologia Popular, as Aves, pelo sr. Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho.

Bibliographia.

Continua dirigindo esta publicação o nosso amigo o sr. A. M. Simões de Castro.

Apprehensão. — No sabbado os empregados do tabaco apprehenderam no concelho de Condeixa, dois costaes de pannos hespanhoes e outros objectos de contrabando.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

D. Rosa Angelica Ferreira, filha de Joaquim Ferreira e de D. Maria de Nazareth Ferreira, natural de Coimbra, de 91 annos, fallecida no dia 20 de Outubro.

Maria da Purificação Ferreira Marques, filha de José Maria Ferreira Marques e de Mequelina de Jesus Marques, natural de Coimbra, de 20 annos, fallecida no dia 22.

Adelino, filho de José Maria da Fonseca e de Maria da Conceição Ervideira, natural de Coimbra, de 16 mezes, fallecido no dia 22.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:696.

Graça regia. —Por decreto de 22 do corrente foi concedido ao sr. Dr. Miguel Leite Ferreira Leão, lente cathedratico da Faculdade de Philosophia, o titulo do conselho de sua magestade.

Damos ao nosso antigo amigo o sr. Dr. Leão os parabens pela mercê com que foi agraciado.

Provimentos temporarios. — Foram providos por tres annos:

O sr. Antonio Gonçalves Curado, na cadeira de instrucção primaria, freguezia de Samuel, concelho de Soure.

O sr. Jeronymo Augusto Pereira, na de Buarcos, concelho da Figueira da Foz.

E o sr. Leonardo Correia Pessoa, na de Botão, concelho de Coimbra.

Egreja parochial de Sernache —Communicam-nos de Sernache o seguinte:

«Está designado o dia 1.º de Novembro futuro para a inauguração da reedificada egreja de Nossa Senhora da Assumpção de Sernache, deste concelho de Coimbra, obra que hoje se torna recommendavel pela sua boa construcção, e melhor asseio, segundo as regras da arte. Nella resplandece não só o espirito da religião que falla ao coração do homem, mas tambem o enthusiasmo com que a junta de parochia da mesma freguezia, e mais vogaes da commissão de soccorros se esmeraram pela nova construcção de uma casa onde elles, e seus vindouros tem de dedicar ao Deus vivo as horas do seu retiro, e recolhimento; o que bem nos leva a acreditar que o sentimento religioso, e puramente christão, ainda pullula no coração do povo portuguez, que sempre marchou na vanguarda da civilisação e da melhor moral.

Esta obra é o testemunho mais vivo do interesse, que os habitantes da freguezia, e os cavalheiros que a representam tomaram pelo seu bom acabamento, para o qual todos concorreram generosamente, e de boa vontade com o seu obolo, conforme suas posses, não se poupando a trabalho, nem a sacrificios pecuniarios, conformando-se com os bons desejos das pessoas influentes, e do seu parocho, que tão sabiamente penhorou suas attenções.

As auctoridades civis e ecclesiasticas, e mesmo o governo de sua magestade não foram mesquinhos em facilitar os meios de a levar a effeito, obstando a todas as duvidas, e embaraços que podiam oppor-se á sua conclusão; dando assim um cabal desmentido ao asqueroso espirito da epocha por que vamos passando. Factos desta ordem só se registam, e não carecem da nossa voz, nem tão pouco da imprensa periodica para seu completo elogio.

Nesta gloria partilham alguns filhos desta terra, que vivendo já ha annos fora della, honra lhe seja feita, ainda não perderam o affecto que uma vez lhe consagraram, por quanto sendo convidados pelos influentes da dita obra, deram as mais inequivocas provas de adhesão e estima, subscrevendo com suas generosas esmolas para a boa conservação da magestosa egreja, que os viu nascer e lhes prestou os primeiros favores da religião; que os constituiu, filhos da cruz, e da Virgem dos Milagres; que ainda hoje lá ao longe do berço natalicio, os vigia e fortalece com sua desvelada protecção, dando-lhes fortuna, saude e probidade.

Entre estes tem o primeiro grau de honra, e merecido louvor o exm.º sr. Diogo de Lemos, residente na ilha da Madeira; o exm.º sr. Manoel Matheus, residente em Lisboa, e o exm.º sr. João Gonçalves de Lemos, residente na Louzã; os quaes não só foram promptos em subscrever, mas até a ser os primeiros a entrar com o seu obolo na mão de Manoel Roxo Novo, thesoureiro da parochia. Outros cavalheiros ha cujos nomes ficam escriptos no livro dos bemfeitores, para a todo o tempo documentarem sua honradez, e philantropia patriotica.

Não é menos para louvar o empenho que o empreiteiro tomou na boa direcção da obra, escolhendo bons materiaes, e artistas que pelo seu engenho desempenharam com dignidade o seu dever, e nada resta a desejar na construcção e solidez da obra que vae offerecer ao exame, e approvação publica.

O bom aproveitamento, e sincera administração nas offertas dos bemfeitores neste ramo de serviço não podem deixar de despertar o bom senso de outros cavalheiros, que nascidos nesta terra, ainda não denegriram a esperança de sua coadjuvação a satisfazer á ultima prestação ao empreiteiro, visto que a cifra de um conto e sete centos mil reis, que nella se gastaram, reclama o cumprimento de seus altos desejos de harmonia com as suas palavras e bons sentimentos, e é este o unico lenitivo dos influentes, que ainda se acham a braços com algumas difficuldades pecuniarias...

Será pois no dia acima declarado, pelas 10 horas da manhã, a benção solemne da egreja com missa e mais cerimonias do estylo, e pelas 3 horas da tarde trasladação do Santissimo Sacramento, da capella onde se acha para a egreja, com procissão solemne, e no fim um *Te-Deum* em acção de graças, com sermão, o que se faz publico, para os devidos effeitos.»

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

«Os jornaes de Madrid alcançam a 24.

Nesta cidade corriam boatos de crise ministerial, dizendo-se que seriam substituidos os srs. Camacho, ministro da fazenda; e Serrano Bedoya, da guerra.

O *Diario Español*, referindo-se a generaes que serviram ás ordens do marquez del Duero, qualifica de inexacta e temeraria a opinião do auctor do folheto *A guerra e a constituição do paiz* sobre as operações daquelle general na sua ultima campanha.

Do Norte não ha noticias de que estejam para recomeçar as operações.

Mas segundo cartas de Estella, publicadas por um jornal de Bayona, os carlistas temiam ver-se atacados por tres pontos simultaneamente, nas alturas de Allo, pelo lado de Puente-la-Reina e no Carrascal, considerando os ultimos movimentos do general Laserna como o preludio de uma grande batalha que se esperava fosse muito renhida.

Uma outra folha de Bayona chama a attenção para o grande numero de allemães que têem atravessado a fronteira de França com direcção a Hespanha, percorrendo alguns d'elles as visinhanças da fronteira tomando notas topographicas.

As facções mandadas por D. Affonso não se atrevem, diz a *Epoca*, a atravessar o Ebro.

Todas as outras novidades que encontramos não offerecem interesse.

Noticias telegraphicas. — Lê-se no mesmo jornal o seguinte:

Madrid 24 — A columna Verite atacou um grupo de paisanos, fazendo 3 mortos e 31 prisioneiros.

Madrid 24. — A *Gazeta* publicou um decreto dando uma amnistia geral para todos os delictos eleitoraes, e que é precedido por uma notavel exposição, dizendo que a guerra é origem do silencio da tribuna, e das severas medidas tomadas para com a imprensa, de suspensão de algumas garantias.

A pesar da constituição de 1869 determinar a necessidade do poder executivo estar auctorisado por lei, tem havido occasiões em que por necessidade se tem visto compellido a exercer attribuições legislativas.

Madrid 24 — Na segunda feira haverá jantar, em honra dos ministros do Brasil e Paizes Baixos.

Diz-se que Losano será julgado por delictos communs.

A *Iberia* relativamente aos preparativos militares em algumas nações, diz que se a França tentasse uma reparação da sua ultima derrota, expor-se-hia a um completo destroço, e se por acaso vencesse, estaria impossibilitado de sustentar uma politica de transicção, e que a Allemanha não podendo conceder-lhe a sua antiga primazia, a França manter-se-hia porventura um instante, mas brevemente cairia para nunca mais se levantar.

Alicante, 23. — Foram aprisionados 12 facciosos que pertenciam á partida Losano.

Cadiz, 23. — A'manhã embarcam 1:000 homens para Cuba.

Havana, 23. — Concha vae activar as operações contra os insurgentes.

Paris, 24. — O conselho acha-se reunido sob a presidencia do marechal Mac-Mahon.

Diz-se que os legitimistas decidiram emprehender uma nova campanha monarchista.

Paris, 24. — A composição definitiva das assembleas departamentaes é como segue: 36 presidentes monarchicos, 35 republicanos e 15 bonapartistas. Falla-se de modificações ministeriaes a favor do centro esquerdo, que alliando-se ao governo lhe daria uma grande maioria.

A reserva maritima de 1847 foi chamada ao serviço activo.

Nice, 24. — Houve uma grande e solemne manifestação contra os separatistas.

Londres, 24. — O navio *Independencia* que foi construido para o governo brasileiro e que soffreu grandes avarias ao cahir ao mar, entrará brevemente na doca do almirantado. Calculám-se seis mezes necessarios para o reparar.

Dundee, 24. — O navio inglez *Magic* perdeu-se com 24 pessoas.

Madrid 25 — Corre que a Inglaterra e os Estados Unidos telegrapharam aos seus representantes em Hespanha dando instrucções relativamente ao fuzilamento do correspondente de New-York Times, que era subdito inglez, pelos carlistas. Os ministros reuniram-se em conselho extraordinario.

Diz-se em circulos auctorisados que ha a intenção de convocar côrtes.

D. Affonso passou o Ebro com algumas forças.

O *Diario Español* affirma que se a Hespanha resolvesse o seu problema politico elevando D. Affonso ao throno, terminaria a guerra, que muitos chefes mantêem em consequencia de serem inimigos dos revolucionarios intransigentes.

Madrid 25 — Topete foi atacado de uma congestão cerebral. O seu estado inspira muitos receios. Foi visitado pelo duque da Torre.

Madrid 25 — Parece ganhar terreno a idea da convocação das côrtes. Hontem á noite partiu o embaixador d'Austria. A *Iberia* diz que n'um porto francez um navio que se tinha tornado suspeito afijou armas.

Madrid, 26. — O marechal Serrano foi hontem visitado pelo representante de França.

A *Gazeta* publica um decreto jubilando e nomeando dois ministros do tribunal de contas, e nomeando tambem um secretario.

Valencia, 26—Têem-se apresentado muitos carlistas a indulto.

Madrid, 26.—O marechal Serrano foi hoje visitado pelo representante de Inglaterra.

Foi recebido o depoimento do ex-presidente Figueras no processo relativo ás cartas referidas pela *Egualdad*.

O estado de Topete continua inspirando cuidados.

Diz o *Diario Español* que o alcaide de Irun começou o processo de investigação relativamente á detenção feita pelas auctoridades aduaneiras francezas, nas munições enviadas ás aguas de Bidassoa durante o attaque de Behovia. O resultado d'essa investigação será enviado ao embaixador hespanhol em Pariz.

Rasgo de philantropia.— Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«O governador geral de Cabo Verde louvou em portaria de 17 de Setembro o proprietario do concelho de Santa Catharina, sr. Miguel Delgado Freire, pelo rasgo de generosidade que praticou dando plena liberdade a todos os seus libertos, e declarou que ia recommendar ao governo de sua magestade tão nobre procedimento.

Foram tambem louvados pelo mesmo governador geral, em portaria de 18, os membros da commissão municipal da villa da Ribeira Grande, presidida pelo sr. dr. Francisco Frederico Hoppfer, pelos notaveis melhoramentos que realisou no municipio por 30 dias entregue á sua administração e gerencia.»

ANNUNCIOS

1 NO DIA 1.º do proximo mez de Novembro, pelas 10 horas da manhã, ás portas do tribunal de justiça, perante o exm.º Dr. juiz de direito desta comarca, se hade proceder á venda, em leilão, do espolio dos moveis encontrados, por fallecimento de D Maria José Santos Algarim, hespanhola, moradora que foi na rua de S Christovão. E' escrivão Costa.

2 ANTONIO IGNACIO TORREIRA, da Porcariça, tem 500 amoreiras da melhor qualidade e corpulentas, que vende juntas ou separadas, por preço commodo.

HISTORIA

3 JOSÉ MARIA PEREIRA DE LIMA abriu o seu curso no dia 20 de Outubro, ao fundo da rua do Norte.

Substitutos a militar

4 HA em Lisboa. Rua de Santo Antão 15—2.º—Escriptorio.

DENTISTA

CEREGHETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista suisso

5 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, pôr dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados; com pasta não conhecida até hoje, e tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca tivera tido callos.

Praça 8 de Maio, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

BENS DE RAIZ

6 OS IRMÃOS DO FALLECIDO João Cardoso Guimarães, vendem todos os bens de raiz que herdaram d'este, e que são sitos nas freguezias de Antanhol, Assafarge e Sernache, compondo-se de vinhas, e pinhaes, comprehendendo-se tambem duas quintas á Cruz de Morouços, freguezia de S. Francisco, que confinam com a estrada real.

O sr. Jeronymo Joaquim dos Santos, na rua da Calçada, está encarregado de prestar as informações que forem precisas.

AVISO

7 O PRAZO para o pagamento das contribuições directas do corrente anno principia no dia 2 de Novembro e acaba no dia 1.º de Dezembro proximo. Os contribuintes que não pagarem no referido prazo pagam mais 3 % até ao fim de Dezembro, e depois mais 6 %; tudo para a fazenda publica.

Coimbra 21 de Outubro de 1874.

O recebedor,
Jardim.

ALMANACH DOS COMPADRES

8 ESTA' A' venda nos logares do costume este interessante almanach para 1875. Remette-se franco de porte a quem enviar a sua importancia a Ferreira Martins, na typographia do jornal *O Paiz*, largo do Carmo, n.º 15, 2.º andar.—Lisboa.

Preço 60 reis

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**

Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

10 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu — **633:462 machinas** —(mais de meio milhão!)

THEATRO DE D. LUIZ

Companhia Dramatica Hespanhola

Quarta feira, 28 de Outubro

Ordem do espectaculo

O excellente melodrama em 3 actos, em prosa=*A Orphã de Bruxellas, ou o assassino Warter.*

Um novo, escolhido e excellente BAILE.

A graciosa e divertida comedia, nova, em um acto=*Uma boda improvisada.*

Principia ás 8 horas e meia.

Attenção

12 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

DOCTOR IN ABSENTIA

13 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Médicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

Francez (curso completo) e Mathematica (1.ª parte)

14 J. M. FRAGOSO lecciona estas disciplinas na *Eschola Popular*, rua do Correio, n.º 108.

15 ANTONIO DA ROCHA DANTAS lecciona Historia e Geographia em sua casa, rua do Loureiro, n.º 31.

BOM CHÁ E QUEIJO FLAMENGO NOVO

16 VENDE-SE na loja de Victorino Henriques Lebre, na rua da Calçada, n.os 157-159, proximo á livraria do sr. Cabral. Tambem tem variado sortimento de vinhos do Porto, finos e de mesa, licôres finos, genebra hollandeza e faquim. Vende por preços commodos.

Leccionista de Desenho

17 A A. GONÇALVES, rua do Correio, n.º 77.

18 JOSÉ EDUARDO FERREIRA DE CARVALHO continua a habilitar alumnos para os exames de instrucção primaria, portuguez e francez, tanto em sua casa, travessa da rua do Norte, n.º 18, como em casas particulares.

Egualmente recebe estudantes dando comida e casa por preços commodos.

19 SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Saude*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Toda a molestia acaba com o uso da deliciosa *Revalescière* du Barry que torna a dar a saude, a energia, a boa digestão e somno. Cura as indigestões (despepsias), gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do dr. Manoel Sacus de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Cura 72:448. Cadix, 3 de Junho de 1868.

Não posso fazer menos de manifestar a vv. s.as os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revalescière* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinaes, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual o distingue o seu attento venerador — VICENTE MOTANO.

Cura 69:718. Ticheville (Orne) 20 de Março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalescière*, tenho-a administrado a varias pessoas, as quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo naquelles que padeciam de hydropesia. Tres d'estes curaram completamente. A tosse produzida por uma constipação desappareceu instantaneamente e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de ourina e das molestias de estomago, affastando de qualquer individuo a hypocondria. PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil., 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se pódem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª— Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto,** J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir. **Coimbra,** V. Botelho de Vasconcellos.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm.— BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. — COIMBRA, V. Botelho de Vasconcellos, pharm. Pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm. Carvalho e Castro— FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm.—VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. — GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm.—PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Banharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm. Carta Vermelha. A. J. Pinto, pharm, largo dos Loyos 36. Viuva Desiré Rahir, rua de Cedofeita, 82. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, phamr.—VILLA DO CONDE, A. L. Maia Torres, pharm.

NUMERO 2845 — SABBADO 31 DE OUTUBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Falla-se constantemente na absoluta necessidade de disciplinar o exercito; e apontam-se como prova manifesta da relaxação militar varios factos criminosos, alguns delles com circumstancias da maior gravidade, praticados neste anno.

Não repetiremos aqui as razões largamente allegadas nesse sentido, porque se tornaram quasi logares communs, sendo de todos sabidas.

O actual sr. ministro da guerra tem pela sua parte empregado todos os meios ao seu alcance para reorganisar o exercito, e manter nelle a disciplina. Bastantes provas tem dado desse seu desvelo pela classe militar.

Ainda ultimamente nomeou s. ex.ª uma commissão, encarregada de rever e modificar, como entender conveniente e em harmonia com as disposições da carta de lei de 10 de Abril, o projecto de um novo regulamento disciplinar que lhe será apresentado, e que tem por fim substituir o que foi decretado em 30 de Setembro de 1856: e bem assim de organisar tribunaes de honra para o julgamento dos officiaes por transgressões e faltas de que possa resultar comprometimento do brio e decoro militar, ou da dignidade da profissão das armas.

A disciplina dos exercitos é um objecto muito difficil, não dizemos já de levar ao estado de perfeição; porem apenas simplesmente satisfatorio. Na classe militar lida-se com elementos heterogeneos, e indoles muito diversas; e por isso é mister um estudo profundo, e uma grande pratica para se obter uma reforma e uma disciplina ao menos toleravel.

Todos fallam em disciplina; mas nem todos a observam. E comtudo os deveres a satisfazer são tanto para os soldados, como para os officiaes, para os generaes, como para o governo. Cada um, na parte que lhe compete, é obrigado a conter-se dentro da esfera das suas attribuições; e aos superiores incumbe especialmente dar, por um procedimento irreprehensivel, o exemplo aos seus subordinados.

Ainda ha poucos dias nós vimos o escripto de um distincto official, de certo feito nas melhores intenções, mas que poderia ter uma interpretação diversa.

Não deixará de produzir extranheza, ver alli classificar de criminosa a indulgencia com os reus militares, e fallar em quebrar as espadas a este proposito.

Segundo o § 7 do artigo 74 da Carta Constitucional, o rei exerce o poder moderador—perdoando e moderando as penas impostas aos reus condemnados por sentença. E no artigo 72 se declara que a pessoa do rei é inviolavel e sagrada, e que elle não está sujeito a responsabilidade alguma. Ora parece-nos que não é demasiado disciplinador o facto de classificar como crime, o exercicio liberrimo que o monarcha faz de um direito consignado na lei fundamental do estado.

Se se admitte aos officiaes virem á imprensa censurar os actos dos tribunaes e do poder moderador, hade necessariamente conceder-se o mesmo direito aos soldados; e eis aqui quebrada a disciplina, que tanto se advoga e tão indispensavel se torna.

Costuma-se allegar com o exemplo da disciplina imposta pelo marechal Beresford ao exercito portuguez. Na verdade, este marechal veiu encontrar o nosso exercito desmantelado, e sem instrucção nenhuma; tendo de lutar nesse estado com os primeiros exercitos do mundo, que então eram os francezes.

Entendeu ser necessario reformar tudo, e firmar a disciplina com o maior rigor. Mandava o marechal Beresford, sem hesitação, applicar a pena ultima aos soldados que transgrediam os regulamentos militares na parte em que elles impunham essa pena; porem ao mesmo tempo não deixava de censurar nas suas celebres ordens do dia os officiaes que praticavam actos dignos deste castigo. E' assim que elle fazia com que todos, sem differença de cathegoria, cumprissem os seus deveres.

Daremos um exemplo, de entre immensos que poderiamos apresentar.

O tenente general Antonio José de Miranda Henriques escreveu ao marechal Beresford uma carta, datada de Thomar, a qual appareceu publicada nos jornaes. Apezar da elevada cathegoria do tenente general Miranda, não duvidou o marechal Beresford publicar a seu respeito a seguinte ordem do dia:

«Foi com a maior surpreza, que o marechal commandante em chefe soube quando voltou do *norte* para *Lisboa*, que tinha apparecido nos papeis publicos desta cidade uma carta, que lhe tinha sido dirigida pelo tenente general *Miranda Henriques* na noite da vespera da sua partida de *Thomar*.

Não foi menor a pena, do que a admiração, que causou ao marechal, quando o soube, por lhe ser impossivel o deixal-o passar em silencio, (como tinha deixado a mesma carta), pois que sendo publicada daquelle modo, se passasse sem ser censurada, daria occasião a toda a sorte de absoluta, e de insubordinação; e porque longe de ser desculpavel, pelo grande emprego da pessoa que a escreveu, antes se faz mais necessario o notal-a, para atalhar de uma vez um procedimento, que se fosse adoptado transtornaria, ou diminuiria a auctoridade regular, a etiqueta, e as regulações militares; e encaminharia a um grande prejuizo do serviço de S.A.R.

Parece tambem mais necessario o exigir as rasões que teve o tenente general para um procedimento tão opposto ás leis militares; porque tendo sido a carta entregue ao marechal muito tarde, na noite antecedente á sua partida, e sendo impossivel que o tenente general *Miranda*, como official, suppozesse que se poderia annuir então á sua supplica, tendo deixado para a ultima hora o que elle podia ter solicitado anteriormente, se o tivesse realmente desejado, pois via o marechal todos os dias; tinha este imaginado, que a carta fôra escripta com o unico fim de a dar ao publico.

Na verdade, considerando todas as circumstancias, e o estylo da carta do tenente general, não podia tirar outra conclusão. Comtudo, o tenente general *Miranda*, tendo formal, e positivamente negado o ter dado ordem, ou haver tido o intento de publicar a dita carta, parece que esta foi dirigida por algum amigo seu, mais desejoso, do que prudente, nos meios de augmentar a fama, e a reputação do tenente general.

O marechal, ainda que em consequencia desta affirmação do tenente general, desistiu de qualquer outra censura, ou procedimento contra elle, não póde deixar de mostrar ao exercito, que desapprova altamente a publicação de cartas semelhantes, pois que official nenhum tem o direito de publicar cousa alguma, que lhe escreva o marechal, ou que elles lhe escrevam, sem serem auctorisados por elle, ou por alguma ordem, ou insinuação de S.A.R.

O marechal não o julga necessario; pois que não vê o bem que resulte, de que o commandante em chefe do exercito de S.A.R. esteja á disposição de cada individuo, para ser o meio, pelo qual a opinião, que cada official tem de si mesmo, se mostre ao publico.

O marechal toma esta occasião de lembrar ao exercito, que qualquer que seja o desejo dos officiaes, a sua obrigação é servir nos postos, em que estão collocados. É impossivel o empregal-os todos no mesmo serviço; e S. A. R. dignou-se o deixar á discrição do commandante em chefe a escolha dos officiaes pa-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLVII

RODRIGO PINTO PISARRO

XV

Publicâmes hoje a primeira das tres cartas de Lisboa, impressas em Londres, e a que nos referimos em o numero passado.

A maneira violentissima como ahi eram tratados os ministros de D. Pedro, e as crueis injurias que se lhes dirigiam, manifesta que tal era o azedume da opposição. Vimo-nos até forçados a supprimir alguns epithetos ahi empregados contra aquelles ministros.

Lisboa, 24 de Setembro de 1833.

Meu bom amigo.—Esta malfada terra perdeu em cinco annos de feroz despotismo grande parte da educação liberal que adquirira desde 1820 até 1828.—Homens, e não poucos, que outrora mostraram ideas elevadas, e nobreza de principios, levam hoje o pendão do servilismo! Obedecem como negros, perderam toda a sensibilidade moral, e um governo desfaçado e corruptor acha nelles os instrumentos mais azados para seus fins liberticidas.

Fallar livre, citar a Carta, é um delicto enorme; mas recordar que a liberdade d'imprensa é o primeiro attributo d'um governo constitucional, é maior crime que ser espião dos miguelistas.—Já circulam as listas dos desejados deputados ministeriaes.—Os Magalhães, LL. ambos, são recommendados com toda a recua dos Iscariotes á benevolencia das provincias... Deus se lembre de Portugal.

Na parte militar nada ha a desejar: as linhas são fortissimas, e quando os Migueis tivessem quatro vezes mais tropa do que a que tem, e tropa menos descorçoada, nem por isso penetravam; porque as linhas são defendidas por doze mil homens cheios de enthusiasmo, e a cidade tem mais oito mil que se batem e não dão o pescoço ao Miguel.

Bourmont e os officiaes francezes retiram-se, segundo hontem disse um coronel francez, que veiu do campo inimigo, com licença de D. Pedro para ir curar-se em Inglaterra de feridas graves recebidas na acção do dia 5. O sentir dos carlistas francezes é, que vieram tarde em demasia, e que a causa não vinga por ora, pelo que convem a D. Miguel adoptar o principio do consul romano, *qui cunctando restituit rem*.

Do exercito miguelistas toma o commando o official inglez, que d'ahi veiu, e assumiu o nome de Mac-Donnell: creio ser da familia dos Graham, que estiveram na peninsula, mas não posso por ora assseveral-o com certeza.

Sobre Elvas e Abrantes faz-se deposito de cereaes, roubados aos infelizes lavradores, e creio que o exercito miguelista depois de tentar algum ataque se retirará sobre aquelles pontos para alli esperar o desfecho dos negocios de Hespanha, e aproveitar então o capitulo das circumstancias.

O Saldanha continua como começou;—honrado, independente e firme em seus principios: todas as artes de seducção se tem empregado para o levar ao ministerio, e com elle partilhar a tremenda responsabilidade, que pesa sobre os Carvalhos, Magalhães, e mais quadrilha; porem o conde, com o seu bom senso, tem evitado e evitará o escolho, deixando continuar este pobre governo a encher a medida das suas iniquidades. Que indigna, faminta, e concussionaria saiu quasi toda a plebeia aristocracia de 1820!

Da parte militar, que apenas esbocei, passarei á parte administrativa, que está ainda natas! Governa Lisboa a tripeça Carvalho —

ra cada serviço em particular; e ainda que elle estará sempre prompto a receber, e attender, quanto as circumstancias o admittirem, aos requerimentos de todos os officiaes, para servirem activamente no campo contra o inimigo, quando elles evidentemente os fizerem com aquelle fim: nem quer memoriaes com grandes preambulos de desejos ardentes de servirem o seu principe, e a sua patria activamente, e em geral; mas que acabam com razões para requererem o que é só para a sua conveniencia e vantagem pessoal; nem admitte representações de official algum, por não ser empregado em algum serviço particular.

Todo o official, que desejar ser empregado, determina o marechal, que lhe faça saber os seus objectos com franqueza, e em geral; porque o marechal julgará quando poderá ser mais util ao serviço de S.A.R.— *Assignado pelo sr. marechal.*»

E' por esta forma que procedia o marechal Beresford; e é assim, cumprindo os seus deveres, e limitando-se cada uma das classes militares a exercer as funcções que lhe competem, que póde haver verdadeira disciplina.

Se querem inaugurado o systema de rigor como o do marechal Beresford, então devem aceital-o com todas as suas consequencias.

Pretender severidade extrema para os inferiores, e garantias lattitudinarias para os superiores, é uma desegualdade que se não compadece com a justiça.

Unidos e accordes todos para o fim salutar de manter a disciplina, muito se pode conseguir; porem logo que haja quem se julgue com direito a invadir as attribuições que lhe não competem—em logar de se obter o fim que se pretende, tudo se desorganisará, e a disciplina será substituida pela relaxação.

Tambem temos ultimamente visto umas manifestações collectivas de militares, começando pelos commandantes dos corpos e acabando no official menos graduado, em que se fazem os mais ardentes votos para que seja applicada a pena ultima a um criminoso. Salva a consideração que nos merecem os alludidos officiaes, não duvidamos dizer, que nos parece não haver um grande exemplo de disciplina nestes documentos.

As manifestações collectivas contrariam as regras militares. E dessa opinião é um dos nossos mais illustrados generaes, o actual sr. marquez de Sá da Bandeira.

Com a data de 18 de Julho de 1845 publicou o então sr. visconde de Sá da Bandeira um escripto, intitulado— *Reflexões sobre a pratica do direito eleitoral, dirigidas a s. ex.ª o marechal, ministro da guerra, e aos srs. generaes e officiaes do exercito.*

Em 30 do mesmo mez publicou o *Diario do Governo* um papel datado de 27, assignado pelo commandante da primeira divisão militar, o conde de Santa Maria, e outros muitos officiaes, protestando contra a doutrina do sr. visconde de Sá da Bandeira. Subsequentemente appareceram no *Diario* identicas declarações, assignadas pelos outros commandantes das divisões militares, e por grande numero de officiaes seus subordinados; e finalmente depois foi publicada no *Diario* uma analyse, que havia promettido o conde de Santa Maria a esse respeito.

O sr. visconde de Sá da Bandeira publicou em seguida duas cartas em resposta aos protestos e á analyse; e ahi dizia este illustre general o seguinte:

«Cada um dos signatarios da declaração poderia escrever para combater a minha doutrina; mas fazer um *abaixo assignado*, com designação de postos e dos corpos em que serviam, não só é contra o espirito da legislação militar, mas é um exemplo terrivel dado por v. ex.ª, susceptivel de produzir gravissimos males.»

Eis ahi a auctorisada opinião do sr. Sá da Bandeira ácerca de um acto identico áquelle que ultimamente se tem praticado.

E' por isso que dizemos, que todos pedem a disciplina, mas nem todos que fazem esse pedido a cumprem.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

ONDE E DE QUEM NASCEU LUIZ DE CAMÕES?

I

Indagar a naturalidade e a ascendencia de Luiz de Camões é o estudo menos importante e proveitoso de quantos possam emprehender-se com relação ao auctor dos Lusiadas. Como disse o sr. Oliveira Martins no seu excellente livro ácerca do poema, a biographia do artista está sempre nas suas obras. Nem Camões se engrandece por descender de avoengos illustres, nem Lisboa, Coimbra, Santarem ou outra cidade se tornarão melhores por se demonstrar que dentro em seus muros veiu á luz do dia o grande poeta.

Entretanto, como alguns escriptores se têem modernamente empenhado em resolver o problema, pareceu-me que não seriam de todo destituidas de interesse algumas observações que me suscitou o exame dos documentos respectivos ao assumpto, e que darão novo e mais solido fundamento a uma das opiniões até hoje seguidas por aquelles que o têem tractado.

II

Manoel Correia, contemporaneo e amigo de Luiz de Camões, escreveu no principio dos seus commentarios dos Lusiadas o seguinte: «O auctor deste livro é Luiz de Camões, portuguez de nação, nascido e creado na cidade de Lisboa de paes nobres e conhecidos.» Além das mencionadas qualidades do commentador que abonam a competencia do seu testemunho, ha a circumstancia ponderosa de não ser contestado pelo editor dos commentarios, Pedro de Mariz, tambem contemporaneo do poeta, natural de Coimbra e apologista desta cidade.

Ainda assim, nem a todos pareceu impossivel ter-se enganado Manoel Correia, como em verdade se enganou referindo ao anno de 1517 o nascimento de Luiz de Camões. Manoel de Faria e Sousa provou o erro daquella data com o registo das pessoas que passaram á India no anno de 1550, documento que examinou em o cartorio da Casa da India. N'elle se lêem estas palavras: «Luiz de Camões filho de Simão Vaz e Anna de Sá, moradores em Lisboa á Mouraria, escudeiro de 25 annos, barbiruivo, trouxe por fiador a seu pae. Vae na nau dos Burgalezes.» Por onde se prova ter nascido o poeta em 1524 ou 1525, de Simão Vaz e Anna de Sá, que residiam em Lisboa.

III

O chantre da sé de Evora, Manoel Severim de Faria, que dizem aparentado com Luiz de Camões, por descender de D. Constança Pires de Camões, irmã do bisavô do poeta, seguiu, quanto ao logar e anno do nascimento, a opinião de Manoel Correia. Relativamente á genealogia deu especificada noticia até hoje seguida geralmente por verdadeira (1).

Vasco Pires de Camões, fidalgo da Galliza, veiu em tempo de el-rei D. Fernando para Portugal, onde casou com uma filha de Gonçalo Tenreiro, da qual houve tres filhos: Gonçalo Vaz de Camões, João Vaz de Camões e D. Constança Pires de Camões.

Do segundo filho, João Vaz de Camões, deu Severim de Faria a seguinte noticia que transcrevemos na integra, por interessar a Coimbra, e por ter sido um dos fundamentos com que suppozeram alguns ter nascido o poeta nesta cidade:

«Foi vassallo de el-rei D. Affonso V (titulo muito principal naquelle tempo) e serviu no mesmo rei nas guerras de Africa e Castella. Viveu na cidade de Coimbra, da qual foi benemerito cidadão, indo por seu procurador ás côrtes daquelles trabalhosos tempos da creação de el-rei D. Affonso. Teve o cargo de corregedor daquella comarca; officio então de grande jurisdicção; porque não havia mais de seis no reino, e ordinariamente eram fidalgos muito honrados, e não professavam letras; como ainda agora se usa em algumas partes de Hespanha.

«Tudo isto consta do epitaphio da sua sepultura que está em uma capella da crasta da sé de Coimbra, que o mesmo João Vaz de Camões mandou fazer; onde á parte do Evangelho se vê um tumulo levantado de marmore, todo lavrado de figuras de meio relevo, e nos cantos duas maiores com escudos das suas armas nas mãos, e em cima do tumulo está a figura do mesmo João Vaz armado ao modo antigo com uma espada na mão, e aos pés um rafeiro deitado. Esta capella tem agora o arco quasi tapado de uma parede de tijolo, porque como faltaram os descendentes do instituidor, ficou devoluta, e sem haver quem a ornasse, e tivesse cuidado d'ella.»

João Vaz de Camões gerou Antão Vaz de Camões, pae de Simão Vaz de Camões, o qual foi casado com Anna de Sá de Macedo, de quem teve a Luiz de Camões.

IV

Domingos Fernandes na dedicatoria das rimas á Universidade de Coimbra deu esta cidade por patria ao poeta. Outros seguiram depois a mesma opinião e ainda ha poucos annos o fallecido conego Miguel Ribeiro de Vasconcellos, que julgou ver em seus documentos do archivo capitular da sé de Coimbra provas conformes aos seus desejos (2).

Dois factos servem de fundamento áquelle que suppõem natural de Coimbra a Luiz de Camões. O primeiro é ter vivido nesta cidade João Vaz de Camões, a quem se refere a citada noticia de Severim de Faria. O segundo consiste em ter vivido no seculo XVI tambem nesta cidade um individuo com o nome de Simão Vaz de Camões. O sr. visconde de Juromenha, suppondo ter nascido Luiz de Camões em Lisboa, julgou-o porém filho do Simão Vaz de Camões conimbricense.

V.

Consta por documentos authenticos existentes no archivo nacional de Lisboa e no da camara de Coimbra, que o dito Simão Vaz de Camões estivera preso no anno de 1553 por ter entrado no convento das religiosas de Sant'Anna de Coimbra; que fôra por isso condemnado a degredo perpetuo para o Brazil e pregão com caleado no pé, e mais com o baraço para a abbadessa do mosteiro; que no anno de 1558 obtivera um alvará de perdão, pagando el-rei do seu bolsinho os mil cruzados á abbadessa; que o mesmo Simão Vaz tinha casado em 1562, e finalmente que no anno de 1576 espancara com os seus creados o almotacé João Ayres no exercicio das suas funcções (3).

Se o turbulento Simão Vaz fosse o pae de Luiz de Camões, seguir-se-hia necessariamente deste facto a illegitimidade do poeta. Porquanto, vivendo Anna de Sá em 1573, como se prova pelo alvará em que lhe foi concedida a mercê de seis mil reis annuaes, parte da tença que Luiz de Camões recebia em vida, (4) é claro que não podia ter sido casada com o Simão Vaz conimbricense, cujo matrimonio em 1562 a vereação de Coimbra attestara.

Por outra parte, havendo nascido Luiz de Camões em 1524, que edade não deveria ter seu pae se fosse vivo em 1562 para contrahir o matrimonio, e em 1576 para espancar o almotacé de Coimbra?

Por si sós bastariam já estas considerações para mostrar a impossivel combinação de tantos factos contradictorios. Com rasão o advertiu o sr. Ayres de Campos e posteriormente o sr. Camillo Castello Branco. Outra prova adduziu este distincto escriptor e foi uma genealogia de Jorge de Cabedo, fallecido em 1602 ou 1604, e por tanto contemporaneo do poeta. Estão concordes Cabedo e Severim de Faria; adverte porem o primeiro, depois de citar os nomes de João Vaz de Camões, Antão Vaz de Camões e Simão Vaz de Camões, bisavô, avô e pae de Luiz de Camões, existir em Coimbra um seu parente proximo com o mesmo nome do pae (5).

VI

No anno de 1854 o fallecido conego Miguel Ribeiro de Vasconcellos escreveu no *Instituto* de Coimbra uns artigos com o fim de provar que Luiz de Camões tinha nascido nesta cidade. Descobrindo no archivo capitular alguns documentos que provam ter residido com seu pae e outros parentes em Coimbra no seculo XVI um Simão Vaz de Camões, fidalgo da casa real, sem se lembrar de que poderia haver outros do mesmo nome, concluiu não ser Lisboa, mas Coimbra a patria do auctor dos Lusiadas.

Declaram porém estes mesmos documentos os nomes do pae e de um tio paterno de Simão Vaz de Camões. Chamava-se o primeiro João Vaz de Villa Franca, e o segundo Pero Vaz de Coimbra. O auctor dos artigos tomou estes appellidos como alcunhas e, sem estar auctorisado para tanto, substituiu-os pelo appellido de Camões, e propoz uma reforma da genealogia do poeta, supprimindo a entidade do avô, Antão Vaz de Camões, e considerando Gonçalo Vaz de Camões, o primogenito de Vasco Pires de Camões, como o tronco donde procederiam João Vaz e Pero Vaz, pae e tio de Simão Vaz de Camões. (6)

Todo este arranjo é pueril, mas os documentos que o motivaram tem grande importancia por mostrarem não estar na linha recta ascendente de Luiz de Camões o Simão Vaz de Camões conimbricense.

Segundo a nota de Jorge de Cabedo, o parentesco seria em linha collateral, o que até certo ponto os documentos do cabido confirmam, declarando o nome da mãe de Simão Vaz, a qual se chamava Catharina Pires. Ora este appellido poderia ser herdado de Vasco Pires de Camões, terceiro avô de Luiz de Camões, e de sua filha Constança Pires de Camões, irmã de João Vaz de Camões, bisavô do poeta. Isto posto, as tres linhas de geração seriam pela forma seguinte:

Vasco Pires de Camões

Gonçalo Vaz	João Vaz de Camões	Constança Pires de Camões
Antonio Vaz de Camões	Antão Vaz de Camões	....
Lopo Vaz de Camões	Simão Vaz de Camões	Catharina Pires ?
Antonio Vaz de Camões	Luiz de Camões	Simão Vaz de Camões ?
Lopo Vaz de Camões		
Antonio Vaz de Camões		
Lopo Vaz de Camões, que vivia no primeiro quartel do seculo XVII.		

A terceira linha é hypothetica e fundada somente na similhança dos appellidos. As duas primeiras declaram a successão dos primogenitos conforme a genealogia do chantre da sé de Evora.

A. FILIPPE SIMÕES.

(1) *Discursos varios politicos* por Manoel Severim de Faria—Evora 1624—Fol. 90 a 93.

(2) *Instituto—Jornal scientifico e litterario*—tom. 3.° Coimbra 1854.

(3) Estes documentos publicou-os o sr. visconde de Juromenha nos tom 1.° e 5.° das obras de Luiz de Camões, excepto os que se referem ao casamento de Simão Vaz de Camões em 1562 e aos maus tractos que dera ao almotacé de Coimbra em 1576. Tanto os publicados como os ineditos vêem posteriormente referidos pelo sr. Ayres de Campos nos *Indices e summarios dos livros e documentos mais antigos e importantes do archivo da camara municipal de Coimbra*. Fasciculo 1.° pag. 5 nota 2.ª.

(4) Obras de Luiz de Camões, tom. 1.° pag. 171.

(5) Diccionario universal de educação e ensino—vol. 1.° art. *Camões* pag. 160.

(6) *Instituto*, tom. cit.

NOTICIARIO

A morte apparente—A historia das inhumações prematuras e precipitadas é uma das mais lugubres que offerecem os annaes da medicina. Distinguir a morte real da apparente é um problema difficil, que em todos os tempos tem merecido a mais seria attenção dos sabios. Citemos alguns factos dos mais dramaticos e horriveis.

Um guarda rural, sem familia, adoece gravemente em uma aldeia de França, e é dado por morto. Uma mulher velha é encarregada de velar junto do cadaver alumiado pelo clarão de uma tocha mortuaria. A mulher não poude resistir ao somno, e adormeceu profundamente. Duas horas depois acordou sobresaltada, envolvida pelas chammas de um incendio, e gritou por soccorro. Acodem os visinhos, e encontram um espectro nu fugindo espavorido do meio das labaredas e com as pernas queimadas. O desgraçado soccorrido a tempo recuperou a saude. Uma faisca que saltou da tocha, em quanto a velha dormia, produziu o incendio do leito mortuario, e o fogo acordou o doente do lethargo em que jazia, evitando que algumas horas depois fosse enterrado vivo.

Em 1842, um lavrador dos suburbios de Neufchatel foi deitar-se em um palheiro. No dia seguinte a mulher foi procural-o e encontrou-o morto. 24 horas depois era conduzido na tumba para o cemiterio, e ao descer a escada, quebram-se alguns degraus, e o cadaver e homens que o conduziam tudo cae até á porta da rua. Este accidente, que podia ser fatal a um vivo, salvou o supposto morto, acordando-o do profundo lethargo em que jazia. Algumas horas depois, o homem queixando-se apenas de dores de cabeça, reconheceu a sua familia e amigos, e no dia seguinte entregou-se novamente aos seus trabalhos habituaes do campo.

Na mesma epocha um habitante de Nantes, depois de longa e perigosa doença foi dado como morto. Os herdeiros prepararam-lhe pomposo funeral, e durante os officios funebres, estremeceu o caixão depositado na eça mortuaria, e a victima da morte apparente acorda horrorisado. Transportado immediatamente para casa, e convenientemente soccorrido, recuperou em pouco tempo a saude. Passados alguns dias, o cura que não queria prescindir dos seus honorarios, apresentou o respectivo rol ao resuscitado, que não quiz pagar, enviando o interessado para os herdeiros, que tinham feito a encommenda da cerimonia funebre. Os jornaes francezes divertiram muito os seus leitores com este facto e com o processo judicial, que correu nos tribunaes.

Uma mulher nos ultimos tempos da gravidez teve um accidente grave; e foi considerada morta. Chamado um celebre cirurgião parteiro, Philippe Peu, viu-se obrigado a praticar a operação cesariana, para salvar o feto. Aos primeiros golpes do operador, a mulher disperta do profundo lethargo que a tinha accommettido.

Um doente soffria insomnias rebeldes, que não lhe permittiam descanço algum. Consulta um medico, que lhe receitou opio com as convenientes recommendações. O doente julgou, que melhorava mais depressa, tomando por uma só vez toda a doze do narcotico. O resultado foi um somno lethargico, que durou mais de 30 horas, e um estado simulando perfeitamente a morte. Chamado o facultativo, abre-lhe as veias de ambos os braços, e apenas saem algumas gotas de sangue coagulado. No dia seguinte foi o infeliz sepultado. Passado algum tempo descobre-se o erro que o doente havia commettido na applicação do opio, e procede-se á exhumação no cemiterio. Foi horrivel o espectaculo que se encontrou. O homem, depois de enterrado, acordou do somno lethargico, o sangue correu abundantemente das sangrias, ensopando a mortalha e o caixão, e tudo revelava nas feições do rosto e na posição do corpo a mais horrorosa agonia.

Podiamos citar outros factos. A historia da catalepsia abunda em tristissimos episodios, e a epocha das grandes epidemias da mesma forma. Em Portugal, muitas vezes os jornaes tem noticiado casos de pessoas enterradas vivas. Em Coimbra muita gente affirma, que nas epidemias da cholera em 1833 e 1856 algumas victimas foram sepultadas vivas.

Deve haver todo o rigor na fiscalisação dos obitos, e não se permittir a inhumação, senão depois de manifestada a putrefacção cadaverica. Na Allemanha e em outros paizes, os cadaveres são conservados por muito tempo dentro do domicilio ou nas casas mortuarias.

Bebidas alcoolicas—O abuso das bebidas alcoolicas vae crescendo de um modo assustador em França. A estatistica demonstra, que a criminalidade, a indigencia, muitas molestias e a mania do suicidio augmentam na razão crescente do alcoolismo.

De 1850 a 1870 o numero medio de mortes accidentaes attribuidas á embriaguez subiu de 331 a 587, e o numero de suicidios ascendeu de 240 a 064. A alienação mental produzida pelo abuso das bebidas alcoolicas tambem tem augmentado consideravelmente. Medicos distinctos estudando este flagello nos hospitaes de França, e especialmente em Bicetre, verificaram, que em 1850 o numero de casos subiu a 12 por 100, e em 1870 a 29 por 100.

É preciso organisar uma verdadeira cruzada contra esta causa de terrivel ruina e degeneração social, porque a destruição não se limita á geração actual, mas propaga-se pela lei de transmissão hereditaria ás gerações futuras.

Anniversario—Faz hoje annos o sr. José Ribeiro da Cunha. Este distincto cavalheiro, dotado das mais nobres qualidades, é estimado cordealmente por todas as pessoas que o conhecem.

Damos a s. ex.ª os mais sinceros parabens neste dia do seu anniversario.

Chegada. — O sr. bispo de Vizeu e outros cavalheiros da particular amisade do sr. José Ribeiro da Cunha, vieram a esta cidade acompanhar s. ex.ª na occasião dos seus annos.

Rectificação—O reverendo parocho de Eiras pede-nos para declarar que não tem fundamento a noticia que se espalhou de haver a molestia das bexigas em Eiras.

Deve ser restabelecida a pena de morte?—Com este titulo recebemos hoje de Lisboa um opusculo, devido á penna do illustrado escriptor o sr. Antonio Ennes.

Ahi declara o seu auctor, que—«este opusculo não tem outro fim, que não seja de mostrar ao publico a gravidade da questão suscitada pelo assassinato do alferes Brito, convidando-o a reflectir sobre ella e a não se deixar arrastar pela paixão do momento. Não pretende ser obra de sciencia, nem lavor litterario, e foi escripto, ao correr da penna, para o povo e não para os sabios e jurisconsultos.»

Agradecemos ao sr. Ennes o exemplar com que nos brindou.

No logar competente vae o respectivo annuncio.

Publicação—O nosso amigo o sr. Dr. Damasio Jacintho Fragoso obsequiou-nos com um exemplar do interessante opusculo, que ha tempo publicou. Consta dos seguintes assumptos:

Sermão nas solemnes exequias do senhor D. João III.

Carta pastoral ao clero e fieis do bispado de Aveiro.

A unidade da fé deduzida da harmonia dos symbolos.

O sr. Dr. Damasio manifesta mais uma vez os seus vastos conhecimentos nesta sua publicação, que se torna muito apreciavel.

Damos ao nosso amigo os agradecimentos pela sua offerta.

Horas romanticas—A acreditada empresa das *Horas romanticas* começou a publicar um romance do maior interesse. É a —*Princeza dos Ursinos, mysterios e intrigas da côrte de Filippe V, por Fernandez y Gonzalez, traducção de A. M. da Cunha e Sá.*

Este romance é baseado em factos historicos, e diz respeito a uma mulher que se tornou muito celebre pelas suas aventuras.

O primeiro volume que recebemos, e que agradecemos á briosa empreza, vem ornado de varias gravuras.

Noticias do Pará—Continuam no Pará as aggressões contra os portuguezes.

O jornal a *Tribuna* publicou um violento artigo contra el-rei o sr. D. Luiz I, o que obrigou a reclamar o nosso consul, sendo o jornal processado.

O *Correio da Bahia* publicou o seguinte telegramma:

Pará 5—Houve em Vizeu provocações contra os portuguezes na noite de 6 de Setembro, havendo grupos e columnas de povo impedindo o procedimento das auctoridades. Houve espancamentos. Requisição de forças para a colonia militar Gurupy. O presidente da provincia chegou hoje. O chefe de policia prendeu em Macapá seis assassinos, entre elles o inspector de quarteirão Severo Antonio Farias, que confessou o crime; os presos acham-se recolhidos na cadeia da capital. Houve roubo que foi apprehendido e entregue ao juiz municipal. O publico acha-se aterrado.

Noticias de Hespanha.— As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 29, ás 12 h. e 6 m.—Topete continua experimentando melhoras.

Ante-hontem o brigadeiro Araes tomou Vistabella, fugindo os empregados na facção.

O brigadeiro Guardia occupou villa Hermosa, sustentando uma hora de fogo.

As povoações do Maeztrasgo reanimam-se em Castellon.

Foram surprehendidas duas companhias carlistas em Arenoso, com perda de nove mortos e vinte e cinco prisioneiros.

Parece que Marco Bello se torna a encarregar do commando dos carlistas do Aragão.

Annuncia-se que foram enviados doze canhões ao exercito do centro.

O *Imparcial* diz que as forças que acompanham D. Affonso, empregaram quatro horas em pleno dia a passar o Ebro.

Depois de refutar o *Jornal dos Debates*, ajunta que a Hespanha não explora o desfallecimento da França, nem escudada com o broquel prussiano insulta ao vencido, e que não cederá nunca por franqueza de animo ao poderoso. A Hespanha quer que a França seja irmã, e não madrasta, e a Prussia amiga.

A sessão do magistrado de Valencia annullou um veredictum absolutorio sobre morte, por erro grave. Um novo jury viu a causa, tendo aquelles magistrados de pronunciar a absolvição annullada.

De Valencia saiu a corveta de guerra ingleza Research.

ANNUNCIOS

SEMINARIO EPISCOPAL

1 SENDO NECESSARIO que os alumnos internos do Seminario possam empregar em seus estudos, por modo conveniente, parte dos dias feriados; e tendo mostrado a experiencia, que a permissão de visitas, a qualquer hora desses dias, dá occasião a muitas e repetidas interrupções; e visto tambem que as tardes dos mesmos dias são destinadas ao passeio: leva-se ao conhecimento das pessoas desta cidade, que os dictos alumnos, d'aqui em deante, só podem receber visitas em dias feriados, desde o meio dia até ás duas horas da tarde.

Seminario de Coimbra, 28 de Outubro de 1874.

Antonio José da Silva, vice-reitor.

Substitutos a militar

2 HA em Lisboa. Rua de Santo Antão, 15—2.°—Escriptorio.

HISTORIA

3 JOSÉ MARIA PEREIRA DE LIMA abriu o seu curso no dia 20 de Outubro, ás ... da rua do Norte.

Freire—e Candido! e governa esta infeliz capital em nome de D. Maria, *com actos e formalidades de D. Miguel!!* O absolutismo do conde de Bastos, a desvergonha do Santarem—a perfidia do Belfort—o peculato do Renduffe—a infamia do Pamplona, estão a *perder de vista* do que tem feito Silva Carvalho, e seu fiel Achates o R. da Fonseca!!

O ......, Freire e o ...... Candido, inda de vez em quando se lembram que vestiram casaca, mas o ...... Carvalho trata sómente de *quem lhe ha de pagar*, e tem manifestado *tão calosa indifferença* no exercicio da patria, que mostra de que massa é feita a alma negra deste ......, o mais damninho de quantos desertaram das fileiras liberaes!

Nesta semana Carvalho despachou-se a si proprio presidente do supremo tribunal de justiça—Candido, secretario da casa de Bragança,—e Freire, presidente do conselho militar (porem não publicou o decreto, na esperança de poder crear logar mais pingue!)

Parece que esta canalha trata *de se ménager une retraite déshonrable*, e como ella tem o instincto dos ratos, talvez daqui se possa inferir, que o pardieiro está prestes a desabar. Mas desabe elle, ou não desabe, nem por isso se remedeia em meio seculo os males que fizeram!!!

Tudo está cheio da mais ruim gente, e os miguelistas os mais furibundos são conservados nos logares, uma vez que tenham dinheiro—saia—ou interesse na côrte! A accumulação de empregos nas mãos do Magalhães, Barbosa e que taes, é assombrosa. O primeiro é actualmente conselheiro; official maior das *injustiças*; director da imprensa; director do collegio dos Nobres; thesoureiro da bulla; e correio mór de Braga: Barbosa tem quatro: Aufdinier tres; Marcos tres; e os Iscariotas todos, a tres e quatro!! Em fim, nunca se viu impudencia similhante.

O desembarque da rainha foi festejado com um enthusiasmo alem de quanto se possa dizer. *Carta e rainha* eram os brados universaes; e em verdade se o bom espirito desta gente tivesse tido direcção, muito se haveria feito: porém illudidos por *Auroras* e *Paquetes*, unicos papeis que aqui entravam, (graças ao Abreu Lima e Marçal José Ribeiro) nada sabem do que se tem passado: hoje começa esta gente a abrir os olhos, mas quem lhos abre é a emigração, unica que ousa alevantar brado, e inda assim os escravos de Miguel e os suppostos liberaes estremecem ao ouvir cousa d'encontro ao *sic volo*, e voltam costas não poucas vezes.

Os correspondentes do *Times*, e do *Herald* estão debaixo da influencia do ministro Silva Carvalho, toda a gente aqui o sabe.

O Mollelos, e Gaspar Teixeira quizeram transigir, mas de nenhum modo com o governo de D. Pedro.—Este principe tem perdido muito na opinião publica, e não ha meio nenhum de o esclarecer, porque só escuta os ignorantes brasileiros que o cercam, e capricha em não ler, nem um só papel, nem uma só carta, nem um só impresso, nem um só jornal. Seria o primaz dos Turcos, se tivesse nascido em Constantinopla.

Não me escreva mais pelo correio, porque a sua carta do primeiro de Agosto tinha signaes visiveis de ter sido aberta; o mesmo acontece na secretaria do Candido (trabalha nisso um Aufdinier) a quantas chegam pela embaixada.

Diz o Candido e o Carvalho que tem assim na reserva muitos corpos de delicto. Eis aqui no que se cuida estando ainda os miguelistas acampados á roda de Lisboa.

Diz o seu amigo—que nunca houve em Lisboa, nem tanto servilismo, nem tanto peculato, como na côrte de S. M. I. Os brasileiros vendem tudo.

Amigo, e constante.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

BAZAR

3 NO SERÃO de 14 de Novembro proximo, e no dia 15 immediato, das 11 horas da manhã até á noute, haverá bazar no salão do theatro Academico, em beneficio dos pobres por quem a direcção da sociedade Consoladora dos Afflictos reparte as esmolas que lhe são confiadas.

4 CHEGOU novo sortimento de coleirinhos e punhos,— modelos os mais modernos, para homem.

BOLÇAS DE REDE para dinheiro, e caixas para tabaco; perfeita imitação de prata.

OBJECTOS para flores, desenho, escriptorio, e bordar.

GUARDA CHUVAS para homem e senhora;—bengallas, e passadores para mantas.

PERFUMARIAS, e sabonetes de alcatrão.

BRINQUEDOS para creanças.
A' venda na loja

FONSECA

72—Rua da Calçada—76.

6 ANTONIO IGNACIO TORREIRA, da Porcariça, tem 500 amoreiras da melhor qualidade e corpulentas, que vende juntas ou separadas, por preço commodo.

QUEM PRETENDER arrendar toda a azeitona dos olivaes de Botão e suas annexas, pertencente ao morgado de Vianna, póde comparecer em Coimbra, na rua da Calçada, n.os 50 a 52, no domingo, 8 de Novembro, das 11 horas da manhã ate á uma hora da tarde, que se arrendará a quem mais der, convindo o lanço.

DENTISTA

CEREGHETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista suisso

7 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, pôr dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados; com pasta não conhecida até hoje, e tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca tivera tido callos.

Praça 8 de Maio, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.° 52.

Successo immenso

TINTEIROS MAGICOS
INEXGOTAVEIS

8 CADA UM destes tinteiros tem um preparado chimico, que introduzindo-lhe agua pura, se transforma rapidamente em tinta administrativa, a melhor até hoje conhecida, e que dá para consumo diario durante o espaço de cem annos.

A escolher—tinta preta, vermelha e azul.
Vende-se na loja

FONSECA

72—Rua da Calçada—76

Substitutos a militares

9 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.° 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

LECCIONAÇÃO

10 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar, na rua da Trindade, n.° 17, instrucção primaria, francez, e desenho; assim como habilita para o magisterio de instrucção primaria.

BENS DE RAIZ

11 OS IRMÃOS DO FALLECIDO João Cardoso Guimarães, vendem todos os bens de raiz que herdaram d'este, e que são sitos nas freguezias de Antanhol, Assafarge e Sernache, compondo-se de vinhas, e pinhaes, comprehendendo-se tambem duas quintas á Cruz de Morouços, freguezia de S. Francisco, que confinam com a estrada real.

O sr. Jeronymo Joaquim dos Santos, na rua da Calçada, está encarregado de prestar as informações que forem precisas.

DANTAS GUIMARÃES

24 R. do Visconde da Luz 30

12 ACABA de receber este estabelecimento um variado sortido de lãs para vestido, de 180 reis o metro para cima;— lindas precaes e chitas, ultimo gosto;—bons merinos e alpacas pretas de 300 reis o metro para cima;—bonitas capas para senhora. Effectuou nova compra de pannos, esguião e familia, para 90, 100 e 120;— veludos pretos largos para casaco de senhora, excellente qualidade, de rs. 1$200 a 1$400 o metro;— camiselas de algodão para homem a 300 e 360 rs.;— meias para senhora a 100 reis!

ALMANACH DOS COMPADRES

13 ESTA' A' venda nos logares do costume este interessante almanach para 1875. Remette-se franco de porte a quem enviar a sua importancia a Ferreira Martins, na typographia do jornal *O Paiz*, largo do Carmo, n.° 15, 2.° andar.—Lisboa.

Preço 60 reis

14 NA RUA DE SUB-RIPAS e nas casas a que corresponde o numero 35, se lecciona instrucção primaria para a admissão ao lyceu, portuguez (curso completo), e latim (1.ª parte).

15 JOSÉ EDUARDO FERREIRA DE CARVALHO continua a habilitar alumnos para os exames de instrucção primaria, portuguez e francez, tanto em sua casa, travessa da rua do Norte, n.° 18, como em casas particulares.

Egualmente recebe estudantes dando comida e casa por preços commodos.

DOCTOR IN ABSENTIA

16 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

Francez (curso completo) e Mathematica (1.ª parte)

17 J. M. FRAGOSO lecciona estas disciplinas na *Eschola Popular*, rua do Correio, n.° 108.

ERNESTO CHARDRON, EDITOR—PORTO

Acaba de sahir á luz

BETTENCOURT

Elementos de desenho linear para servirem de guia aos candidatos do magisterio primario, segundo o programma official e para habilitação dos alumnos de instrucção primaria ao exame de admissão nos lyceus nacionaes, *seguidos de um mappa de Portugal*. Segunda edição emendada e augmentada:—preço 300 reis—pelo correio 320.

HARTT MILNER

Resumo da grammatica franceza destinado ao curso preparatorio dos exames no lyceu. 1 volume 300 reis— pelo correio 320.

ALFAIATES

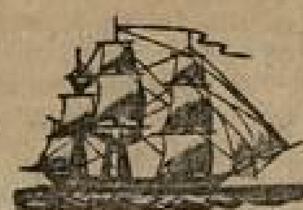
Para o Rio de Janeiro

19 CONTRACTAM-SE officiaes e uma boa tesoura para uma das melhores casas, com bons interesses.

Trata-se até segunda feira proxima na Couraça dos Apostolos, n.° 96.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**
Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.° 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

OURIVESARIA EM COIMBRA

Francisco Maria dos Santos

87—Rua do Visconde da Luz—89

21 VENDE, compra e troca ouro e prata, recebendo-se os objectos em bom estado, logo que tenha a marca do Porto, e pelo preço que se vende a 1$800 rs., garantindo-se ao ouro e prata o mesmo preço por que vende.

Attenção

22 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

Leccionista de Desenho

23 A A. GONÇALVES, rua do Correio, n.° 77.

A 100 REIS!!

Caixas de metal para tabaco.

FONSECA

72—Rua da Calçada—76.

ANTONIO ENNES

Deve restabelecer-se a pena de morte?

25 VENDE-SE em todas as livrarias e lojas do costume. Toda a correspondencia dirigida a E. Sarmento, largo do Carmo, 15, 2.°—Lisboa.

Deposito na livraria de Pacheco & Carmo, rua do Ouro, 136 e 138.—Preço 100 rs.

AONDE HA MAIS BARATO?



Lunetas, oculos, binoculos, etc.

FONSECA

72—Rua da Calçada—76

26 ACABA de fazer uma GRANDE reducção em preços nestes artigos, e por certo em nenhuma outra casa se vendem por eguaes.

Para o publico conhecer a verdade deste annuncio, convida os srs. consumidores a proverem-se do seu estabelecimento.

Acerta vidros nas lunetas, e colloca molas nas ditas.

Edital

José Maria Pereira Coutinho, bacharel formado em Medicina pela Universidade de Coimbra, vice presidente da Camara Municipal da mesma cidade.

Faço saber, que na casa da camara se acha patente por espaço de 10 dias, a contar da data do presente edital, o orçamento supplementar ao geral da receita e despeza deste concelho, para o anno economico de 1874—1875; pelo que convido todos os cidadãos interessados a virem alli ver e examinar o mesmo orçamento, e a apresentarem-me dentro do referido prazo quaesquer reclamações que julgarem conveniente fazer, a fim de terem o destino competente.

E para constar se passou este e outros de egual theor.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 30 d'Outubro de 1874.

José Maria Pereira Coutinho.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

28 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu—**633:462 machinas**—(mais de meio milhão!)

PRAÇA DE TOUROS EM COIMBRA

29 AMANHÃ, domingo, haverá uma brilhante corrida de touros.

NUMERO 2846 — TERÇA FEIRA 3 DE NOVEMBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A GUERRA PENINSULAR

> A primeira das virtudes sociaes, e a base solida sobre que descança o edificio de todas as outras, é incontestavelmente o amor da independencia nacional. Sem esta grande virtude muitos povos, que depois foram nações famosas, ficariam para sempre sepultados no silencio do esquecimento; e com ella animados, muitos outros sacudiram o jugo da escravidão e reconquistaram a liberdade, que já outr'ora sua fôra, e que só o direito do mais forte por algum tempo lhes usurpara.
>
> (MONARCHIA LUSITANA—*Parte IV*)

I.

Se o amor nacional tem sido a causa de numerosissimas victimas, em razão das discordias entre os differentes povos; é tambem certo que a elle se deve a origem das maiores dedicações e dos feitas do mais acrisolado patriotismo.

Debalde tem fantasiado os utopistas uma republica universal. No coração de todos os homens está profundamente gravada a affeição ao paiz natal, de preferencia a outro qualquer povo. Será um preconceito na opinião de uns, ou uma virtude na de outros; mas o que é inegavel é que esse sentimento tem sido vivissimo em todas as nações, desde a mais remota antiguidade até hoje.

A essa dedicação se deve em Portugal, neste pequeno reino do ultimo occidente, o vencimento da gloriosa batalha de Aljubarrota; a descoberta pelos nossos audazes navegantes da passagem para a India pelo cabo da Boa Esperança; a acquisição de possessões vastissimas; o vencimento na luta prolongada com o paiz visinho depois da restauração de 1640; e finalmente essas famosas e nunca assás celebradas campanhas da guerra peninsular nos primeiros annos deste seculo.

E' ao amor nacional que se deve o alcançar este paiz a gloria incontestavel de ser, conjuntamente com a Hespanha, um dos principaes instrumentos da queda de Napoleão Bonaparte, desse guerreiro sem egual, que excedeu aos proprios Alexandre e Cesar, os mais famosos conquistadores dos antigos tempos.

Havia Napoleão vencido a Prussia em Jena; e a Russia em Friedland, de que resultara a paz de Tilsitt; tinha, em fim, subjugado quasi todas as nações da Europa continental; mas faltava-lhe Portugal e Hespanha para completar o seu systema de bloqueio contra a Inglaterra, por elle decretado em Berlim.

Dirige, por isso, contra as duas nações peninsulares os seus numerosos exercitos, costumados a sairem victoriosos de todas as campanhas; porem quando menos o esperava, soffre o desaire de ver que em 1808 o general Dupont tem de depor vergonhosamente as armas em Baylen, e Junot de assignar a convenção de Cintra, posteriormente aos combates da Roliça e Vimeiro.

Resolve-se em seguida a vir pessoalmente o grande capitão do seculo para vencer os valentes hespanhoes; e com effeito, depois do combate de Somo-Sierra entra triumphante em Madrid e domina a maior parte da Hespanha. O marechal Soult dirige-se logo á Galliza, e expulsa pela Corunha o exercito auxiliar inglez: segue depois para Portugal por Traz-os-Montes; mas tem de fazer alto no Porto, vendo-se passado mez e meio obrigado a fugir precipitadamente deste reino, graças á bravura do exercito anglo-luso.

Vae o mesmo Soult cercar Cadix; porem ahi vê tambem inutilisados todos os seus esforços para se apoderar deste baluarte da independencia hespanhola.

Prepara-se em seguida nova e mais formidavel invasão contra Portugal. Avança em 1810 o marechal Massena contra este paiz com um exercito formidavel; vindo conhecer praticamente no Bussaco qual é a tempera dos animos portuguezes. Tem de parar deante das fortissimas linhas de Torres Vedras; e por fim passados 5 mezes de inacção, retira-se de Portugal; indo o exercito anglo-luso em seguimento dos francezes, desses chamados heroes de cem batalhas, conseguindo, depois de pelejas sem numero, fazel-os internar em França.

II

Estas façanhas parecem já hoje quasi legendarias; e por isso praticam um grande acto de patriotismo, tanto os governos, como os individuos em particular, que concorrem para perpetuar a sua memoria, não só como acto de justiça a quem ellas foram devidas, como para incitamento aos vindouros, a fim de que saibam quanto tem custado a manter a independencia nacional, e o que devem praticar em egualdade de circumstancias.

Por ordem do sr. marquez de Sá da Bandeira, e diligencias do sr. major de artilheria, Joaquim da Costa Cascaes, já se acha levantado no Bussaco um padrão que atteste permanentemente o brilhantissimo feito de armas, que os exercitos portuguez e inglez alli praticaram em

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLVIII

RODRIGO PINTO PISARRO

XVI

Publicamos hoje a segunda carta de Lisboa, impressa em Londres.

Vejam os nossos leitores que tal é a linguagem desta carta, a qual não é nenhuma temeridade attribuir ao proprio Rodrigo Pinto Pisarro, apesar da sua fingida procedencia.

—

Lisboa, 19 de Outubro de 1833.

Meu bom amigo—Os empresarios, a quem o ex-imperador arrendou a exploração das minas de Portugal, estão cada vez mais descarados, concussionarios, e despoticos. Para elles não ha lei, nem justiça, nem decoro. Installou-se o governo de D. Miguel em nome de D. Maria: é a mesma peça com decorações differentes. Alem, José Antonio d'Oliveira Leite, e aqui José da Silva Carvalho; ambos inimigos da verdadeira liberdade, porem o derradeiro é mais vil; porque ajudou a espedaçar a monarchia, embuçado noutros principios.

Profetico foi M. F. Thomaz, com quem morreu a revolução de 24 d'Agosto, quando disse *«Este hade ser o Judas da regeneração.»* Irresponsaveis, senhores do thesouro, consequencia infallivel do poder absurdo e monstruoso, que o ex-imperador usurpou, e applica aos seus interesses, os ministros compraram tudo, e tudo se lhes vendeu! Tudo mendiga os cargos que o patronato, ou o peculato pode conferir; tudo se curva diante delles.

Alguns patriotas generosos, alguns mancebos eruditos, versados na strategia das facções, protestaram no Porto contra o primeiro *ducado*, contra a primeira parea de *cem contos de reis:* seus concidadãos foram mais credulos; ahi tem agora o resultado; *uma prostituição universal*.

Tudo está em leilão: abbadias, bispados, logares de magistratura, commendas, foros, as prefeituras, e recebedorias *bonapartinas*, toda a fraudulagem, finalmente, que pode vender-se, tem preços certos. Mostra-se a tabella nas secretarias, aonde Rodrigo da Fonseca, e José Balbino resuscitaram Gaspar Feliciano. Por casa do Aufdinier vae-se direito a José da Silva, e por João da Rocha Pinto ao imperador. Se os negociantes de Londres não querem passar pela vergonha de ficarem menos *fidalgos* e menos *decorados*, que lord Manteiga, lord Passas, e lord Bacalhau, que se appressem; isto são vendas d'occasião, é preciso aproveital-as.

O Ferreira Duarte só fez um brinde de seiscentas moedas ao Dr. C.; mas já está no emprego que cubiçava. Se a sociedade exploradora fosse menos numerosa, e não repartisse com os brasileiros que a protegem no palacio, já cada um dos socios teria apurado tanto em Lisboa, como Francisco Gomes no Rio de Janeiro. Este foi expulso pelos brasileiros: os portuguezes são mais tolerantes....................

O Mendizabal conseguiu do *fidalgo commendador Castro* (José da Silva não sabe sommar) a confirmação do mais oneroso, e extravagante emprestimo que o genio do *agio* podia cogitar. É para isto que se faz guerra á tribuna, e á liberdade d'imprensa; é para isto que todo o negocio de fazenda publica se trata ás escondidas; as compras, e vendas se fazem sem concorrencia, e sempre com os mesmos agentes.

E quem fiscalisa todas estas transacções? O Mendizabal, socio do Carbonel, e agente do contratador Ricardo!!! Oh! se houver um só deputado que resista ao suborno, ou ao medo de ser septembrisado, quantas traficancias se hão de patentear no contrato dos emprestimos, e na contabilidade das commissões em Londres!

Pobres proprietarios de Portugal, se estas contas não forem publicamente examinadas. O governo hade tirar-lhes até a camisa do corpo para consolidar os lucros dos ministros, dos favoritos, e do banqueiro imperial.

A politica do ex-imperador, dos seus ministros, e da colonia dos brasileiros, está hoje desmascarada. Elles não querem uma restauração do governo da rainha, e da Carta Constitucional; precisam d'uma revolução, em nome d'uma auctoridade que não existe, e d'uma lei que não se observa. Esta revolução informe; esta confusão de principios; esta contradicção constante entre os actos, e as palavras: este *cahos* de leis; esta mistura dos caracteres os mais oppostos; esta prostituição de graças, e d'empregos, tende tudo ao mesmo fim, e esse fim é este. Arrancar da corôa o ducado de Bragança no meio do espanto, da desordem, da confusão das leis, das paixões, etc. etc, e dos bens nacionaes e confiscados um estabelecimento para os favoritos do Brasil, e para os favoritos de Portugal.

Fallarei agora d'algumas medidas do governo. A venda immediata dos bens confiscados aos rebeldes parece monstruosa, e vae d'encontro á Carta Constitucional. Puna-se o traidor, mas lançar de repente na miseria as familias, filhos, e netos, *sabe a D. Miguel.*

Nas sociedades modernas os principios são tudo; a facção que os atropella morre com o mesmo ferro. O ex-imperador do Brasil, á frente das baionetas, expulsou do salão das côrtes os representantes da nação; poucos annos depois as mesmas baionetas expulsaram S. M. I. do seu palacio da Boa Vista.

Em quanto ás decantadas reformas, aqui tem uma amostra—Aboliu-se a junta do commercio, que, pelo menos, era composta de negociantes, e creou-se um tribunal de commercio, composto de bachareis em leis—*Forte melhoramento!* O presidente tinha culpas no cartorio, porem mostrou a nota .. e fez com

27 de Setembro de 1810; e outro padrão terá de ser elevado perto da villa da Alhandra, ála direita das famosas linhas de Torres Vedras, para commemorar a todas as gerações, que foi alli que terminou a marcha do exercito francez, commandado por Massena; seguindo-se depois essa serie quasi ininterrompida de victorias, que humilharam as aguias da França e fizeram depor do throno o grande Napoleão.

Depois destes monumentos mudos e silenciosos, era mister a historia circumstanciada de tão grandiosos feitos. Muito se tem escripto ácerca da guerra peninsular; grande numero de escriptores, nacionaes e estrangeiros se tem occupado deste vasto assumpto; mas faltava em Portugal uma obra methodica onde se historiassem desenvolvidamente todas as phases da campanha, desde a origem della até á sua conclusão em França.

Dessa vasta e laboriosa tarefa se incumbiu, por contracto com o governo portuguez, o sr. conselheiro Simão José da Luz Soriano; e da sua obra monumental acaba s. ex.ª de publicar ha dias o volume III da segunda epocha da *guerra peninsular*, com o titulo de *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal, comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica deste reino desde* 1777 *até* 1834. E' um grosso volume de 757 paginas, acompanhado de 12 primorosos mappas e plantas.

Occupa-se o sr. Simão José da Luz Soriano com especialidade neste volume, da invasão do exercito de Massena em Portugal, sua subsequente expulsão do reino, e continuação da guerra em Hespanha.

Serão poucos todos os elogios que se possam fazer ao illustrado escriptor por esta obra importantissima. A abundancia extraordinaria dos esclarecimentos obtidos nas mais acreditadas fontes, e a judiciosa critica dos factos, tornam este trabalho do sr. Simão José da Luz Soriano de um merecimento incalculavel, e fazem-no digno dos mais altos louvores.

Parece incrivel como um só escriptor pode dar conta de uma obra tão colossal! Só quem, como o sr. Simão José da Luz Soriano, é cuidadosa e infatigavelmente applicado ao trabalho, e alem disso preza acima de tudo a sua dignidade, esmerando-se em cumprir escrupulosamente os seus contractos; é que podia realisar uma historia tão completa, em que fica registado tudo quanto fez a nação portugueza para sustentar a sua independencia.

III

Não se póde ler sem indignação sempre crescente, a narração que faz o distincto escriptor das atrocidades praticadas pelo exercito de Massena na sua invasão em Portugal. No futuro hade duvidar-se, que os soldados de uma nação, que se quer ter na conta de uma das mais civilisadas da Europa, taes horrores praticassem no seculo XIX.

As devastações, os incendios, os assassinatos sem numero, e com circumstancias as mais revoltantes, praticados pelos francezes em Portugal, só podem achar comparação com a invasão dos barbaros do norte no imperio romano, ou com a dos sarracenos em Hespanha.

Queixavam-se altamente os francezes e os seus apaixonados, durante a ultima guerra da França com a Prussia, dos actos de barbaridade, praticados pelos prussianos. Sem querermos por forma nenhuma defender essas violencias, só diremos que bem o podem tomar os francezes á conta de castigo da Providencia.

Que fizeram elles á Prussia, quando a invadiram em 1806? Que fizeram á Austria, á Hollanda, á Italia, á Hespanha, a Portugal e a todos os mais paizes onde entraram esses novos vandalos?

E' por isso que muito estimamos de ver que o sr. Simão José da Luz Soriano tem a esse respeito eguaes opiniões ás nossas.

Diz s. ex.ª a paginas 201 do volume ultimamente publicado:

«Não nos parece pois que os francezes tenham muita razão de se queixarem de alguns excessos que porventura os exercitos prussianos praticassem no seu paiz, durante a cruel guerra que com elles tiveram em 1870 e 1871, pois por muito barbaros que fossem, não o foram tanto que perpetrassem actos de natureza egual aos dos mesmos francezes em Hespanha e Portugal; e se os perpetraram, nada mais fizeram do que applicar-lhes com toda a justiça a pena de Talião.»

Não acrescentaremos mais nada em relação á obra do sr. Simão José da Luz Soriano. Publicações semelhantes tem em si o seu merecido elogio.

Só nos resta fazer os mais sinceros votos para que este esclarecido e infatigavel escriptor possa levar á sua conclusão um trabalho tão valioso, para honra sua e da nação portugueza.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

No logar competente deste jornal vae publicado o aviso para a abertura das aulas da associação dos artistas, a qual se ha de effectuar hoje.

Ainda depois continuará a matricula; pelo que não devem demorar-se a concorrer ás aulas todas as pessoas que carecem de ensino primario.

Já que infelizmente a cidade de Coimbra está passando pela vergonha de não ter uma unica aula de instrucção primaria official no bairro baixo; ao menos utilise-se o publico das aulas nocturnas da associação dos artistas.

Haverá alli separação do ensino, para creanças e adultos; e por isso não devem os artistas, criados de servir, e em geral todas as classes destituidas de fortuna, deixar de concorrer a estas aulas, que se patenteam francas a todos os filhos do povo.

Lembrem-se que só pela instrucção é que hão de adquirir a verdadeira dignidade de homens. E quem se recusará a alcançar os indispensaveis conhecimentos por um meio tão facil?

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

O nosso collega do *Jornal de Coimbra* queixa-se da continuação do jogo prohibido nesta cidade; e diz que ultimamente os jogadores têem mudado do local para assim tentarem illudir a vigilancia do jornalismo.

Associamo-nos ao collega nas suas reclamações contra o jogo, que tanto prejuizo causa nesta cidade. Se em toda a parte o jogo deve ser prohibido, em Coimbra é mister que a auctoridade redobre de vigilancia, para evitar a ruina de muitos filhos familias que para aqui vem estudar.

Diz-se que ha dias em uma casa de jogo do bairro alto fôra perdida por certo individuo uma somma muito importante. Factos destes estão-se ahi repetindo todos os dias.

A auctoridade que contribuir para extinguir, ou pelo menos diminuir quanto possivel o jogo nesta cidade, prestará um relevante serviço, digno dos publicos louvores.

O *Jornal de Coimbra* achar-nos-ha sempre a seu lado nesta cruzada de moralidade.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Noticia o nosso collega da *Correspondencia de Coimbra* o abandono de tres creanças nesta cidade, no dia 26 de Outubro; e stygmatisa com toda a razão este crime.

Realmente só uma mãe desnaturada é que abandona seu filho. E' isto peor do que os animaes irracionaes, que não são tão extremosos pelos filhos, mas até se sacrificam para lhes conservar a existencia.

Ainda assim é certo que os infanticidios são já hoje rarissimos; e os abandonos são muito menos do que se suppunha geralmente quando se extinguiu a roda desta cidade e estabeleceu o hospicio.

Ha males sociaes que é muito difficil fazer cessar completamente, e este é um d'elles. Em todo o caso cumprindo as differentes auctoridades locaes, como devem, as suas obrigações, pode-se diminuir cada vez mais o numero dos filhos abandonados.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Temos hoje a registar mais uma publicação ácerca da pena de morte. O nosso estimavel amigo, e muito esclarecido collega o sr. Emygdio Navarro, brindou-nos com um exemplar do seu opusculo — *Os fuzilamentos— O direito—A politica—A ordem social.*

O nosso amigo dedica esta publicação a seu filho Armando Navarro, como lição de dever.

Não podendo, como desejavamos, dar larga noticia deste interessante opusculo, não podemos resistir a transcrever d'elle este bello periodo:

«Os defensores de medidas sanguinarias dão a patria em perigo. A sociedade desmorona-se; o crime multiplica-se, e cresce em audacia; o sentimento da obediencia amortece-se; despedaçam-se os laços da disciplina em todas as classes e hyerarchias. Não sabemos se têem razão. Talvez. Mas a pena de morte nunca foi redempção de nenhum povo. Desalentados, corruptos, enfraquecidos, quebrados de força e de energia, se appellassemos para os fusilamentos cómo remedio a tantas enfermidades, seriamos como os velhos vampiros das lendas, que mergulhavam os beiços nas feridas das suas victimas para sugarem um sangue, em que soppunham encontrar de novo a juventude. Iniquidade improlicua, desvairada, absurda. Monstruosidade enorme.»

A publicação do sr. Navarro ha de sem duvida ter um excellente acolhimento.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

---

ella perdoar o texto—Sempre é bom ter duas consciencias.

Em quanto a economia, eis aqui o exemplo O brasileiro Costa carecia d'um emprego; creou-se o logar de commissario geral da marinha, e deu-se-lhe—Outro brasileiro, o Loureiro, tinha perdido o seu emprego no Brazil, deu-se-lhe a missão da Suecia em nome de Maria II! E a Carta que exclue os estrangeiros dos cargos publicos? A Carta é um conto para vmcê. (*perdão*) para v. ex.ª se divertir. (*Nós cá em Portugal já temos todos excellencia*) E para que veja como o governo trata a Carta, lea o *Diario dos Pobres*, onde S. M. I. mandou estampar —«*Que apezar do artigo 90 do tal papel, elle podia casar sua filha, nossa rainha, com quem muito bem quizesse.*» Ainda houve um portuguez que desejou replicar, mas não achou impressor. *Ora viva a Carta.* Faz nojo ver os magistrados. Nem um só ousou ainda defender a lei; parece que se regalam, vendo triumphar o principio *Imperator solus est conditor et interpres legis extimatur.*

Agora pouba os oculos, abra bem essa boca, e fique aparvalhado. Conselho d'Estado... *Ninguem recusou!* E' por tanto esta lista o panorama mais perfeito da desmoralisação politica dos portuguezes de todos os partidos; de todas as côres; e todos os matizes. Que pode sair d'elementos, que, pelo menos, parecem tão oppostos? Concorrer com os ministros, no systema actual, seria um acto monstruoso em mais d'um conselheiro. E um voto contra elles, nas circumstancias presentes, involve uma demissão. Porque; o homem de brio, que desapprova o systema d'um ministro, não recebe ordenados da mão delle, podendo-os recusar com honra.

A formação do ministerio por morte de Candido José Xavier envolve uma reputação, um nome... que eu ainda não posso acreditar; uma transição deshonrosa, apezar das apparencias. Candido José Xavier, traidor a João VI, desleal a Pedro IV, e a Maria II, morreu ministro do filho do 1.º e do pae da 2.ª; e o major Quintino, a quem D. Maria deve a corôa, e os emigrados asylo, e patria, foi sacrificado á emulação da regencia da Terceira, e para não morrer de mingua, pede esmola nas ruas de Paris!

Ignora isto S. M. I? *Não.* Ignora isto o exercito libertador? *Não.* Ignora isto a maioria dos emigrados? *Não.* Infernal egoismo, desdouro de Portugal!

No meio desta corrupção universal o marquez de Loulé, recusou servir a pasta dos negocios estrangeiros com os ministros actuaes, e D. Francisco d'Almeida rejeitou com indignação briosa a prostituida tita, a chapa, *a divisa taverual* d'uma gran-cruz de Portugal.

Para lhe provar pela decima vez, que o governo de D. Pedro é ainda mais desfaçado e mais immoral, que o de D. Miguel, bastará dizer-lhe, que Paulo Midosi e Luiz Midosi, só porque defenderam os direitos da rainha, e da Carta, quando José da Silva andava aliciando gente contra uma e outra, não foram admittidos ao exercicio dos seus empregos, negando-lhes ordenados, e emolumentos! Porque não escreveram a *Aurora*? A mesma sorte espera o Leitão Garrett; porque Rodrigo da Fonseca, que é a 5.ª potencia no governo, lhe imputa a *famosa* carta de *Mucio Scevola*.

Depois que chegou a colonia dos brasileiros, tem-se deliberado muitas vezes sobre o destino que deve dar-se ao Rodrigo Pinto. Que não aceite serviço fora de Portugal; pois que a sede de vingança, ou a fome de governar pode muito em almas santas... Agostinho José Freire disse: «A *Norma das Regencias* destruiu os nossos planos... A honra de S. M. reclama que o seu auctor não volte a Portugal.» Não seria melhor que aquelle espião de L. B. pozesse o Rodrigo Pinto em conselho de guerra, como elle tem pedido?

Tudo confirma que o exercito de D Miguel teria debandado, se o clero, e a nobreza não tirassem partido dos continuos desatinos, e maldades deste governo, para excitar os povos, e conter os soldados. Se a rainha (que parece outra depois que se viu no meio dos portuguezes) tomasse o governo, ou s'instituisse outra regencia, acabava, em 30 dias, o partido de D. Miguel. A presença de D. Pedro espanta tudo. Mas este ambicioso, avarento e vingativo principe tem interesse em prolongar a guerra. Rejeita soldados em Lisboa, e manda recrutar a Bruxellas!

Finalmente, em Portugal não ha homens politicos, nem caudilhos que professem principios solidos, exceptuando alguns rapazes que a leitura nutre; a emigração esclareceu; e o contagio da côrte não alcançou ainda. Ha sim muitos descontentes, e pretendentes aos cargos, e ao thesouro, que encobrem o seu resentimento e ambição com a capa dos principios; mas, apenas o governo lhes atira com um bocado, o latido cessa, o cão adormece; adeus principios, tudo fica ministerial.

E por isso que o partido popular se não consolida: é um degrau, do qual quasi todos os velhacos se servem, desde 1820, para sair d'obscuridade, entrar no gabinete, e zombar depois dos credulos patriotas, cujos esforços, cujas vozes, alli os collocaram. Nenhum dos *caracteres do dia* pode evitar a applicação deste raciocinio.

O povo, por outro lado, tambem não mostra vigor algum na defeza dos principios. Quem diria que os briosos habitantes de Lisboa se haviam deixar roubar toda a liberdade d'imprensa, depois do dia 23 de Julho de 1833! O governo, que faz leis *por vapor*, não soube fazer umas instrucções que regulassem a liberdade de imprimir!!! E o povo não estranhou isto.

O ministerio divinisa o peculado, atropella as leis, insulta a opinião publica, e calca aos pés a justiça. E qual é o meio de esclarecer o chefe do governo? Apesar disto chamam-lhe os rapazes —*O restaurador das nossas liberdades!* Estes vivas da policia fazem recordar o soneto, e as luminarias do coronel Sá—*Illumine-se outra vez a Gran Lisboa*.

Adeus.

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Collegio de Nossa Senhora da Conceição, de Coimbra, 31 de Outubro de 1874.

O director,
Francisco Mendes Pinheiro.

NOTICIARIO

Lausperenne. — No domingo houve o costumado *Lausperenne* na egreja de S. João de Almedina.

De tarde pregou perante um grande concurso de fieis o sr. bispo eleito do Algarve.

Asylo de Mendicidade—Na sexta feira, ás 10 horas, mandará o Asylo de mendicidade celebrar missa na egreja do Carmo, para suffragar a alma dos asylados fallecidos e de todos os bemfeitores deste estabelecimento de pobres.

A direcção depois deste acto religioso fará admissão de doze pobres dos mais necessitados (6 homens e 6 mulheres).

Suffragios. — No dia 27 do mez ultimo, por ser o 4.º anniversario do fallecimento do sr. Dr. Francisco de Arantes, celebrou o sr. vigario da Assafarge, missa na sé velha desta cidade.

No dia immediato, por ser o anniversario em que o sr. Dr. Arantes foi dado á terra no cemiterio de Santo Antonio dos Olivaes, celebrou-se uma missa na egreja de Santo Antonio, pelo reverendo parocho da freguezia.

A ambas as missas assistiu o nosso amigo o sr. Francisco Pedro da Silva, testamenteiro do fallecido.

Concurso.—Principiaram hoje as provas para o concurso a duas cadeiras vagas na Faculdade de Direito.

São concorrentes os srs. Drs. Avelino Augusto Cesar Maria Calisto, José Pereira de Paiva Pitta, Eduardo Dally Alves de Sá, e Julio Marques de Vilhena.

Dissertação de concurso. — O nosso estimavel amigo o sr. Dr. Avelino Augusto Cesar Maria Calisto offereceu-nos um exemplar da sua dissertação de concurso—*Socialismo contemporaneo julgado pela sciencia.*

Agradecemos devidamente esta offerta.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Candida Ludovina, filha de Francisco Dias Pereira e de Joaquina Rita, natural de Coimbra, de 40 annos, fallecida no dia 24 de Outubro.

Maria José Augusta Pereira, filha de Marcelino José Fenno e de Maria da Conceição Augusta Gama, natural de Coimbra, de 47 annos, fallecida no dia 26.

Virginia do Carmo Lopes da Cruz, filha de José Lopes da Cruz e de Joanna Rosa Lopes, natural de Coimbra, de 35 annos, fallecida no dia 26.

Maria Angelica, filha de Joaquim Maria Martins e de D. Jacintha Angelica de Oliveira Martins, natural de Lisboa, de 5 annos, fallecida na dia 26.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—3:703.

Consumo de enxofre.—E' geralmente sabido o enorme consumo desta substancia. A Sicilia é o paiz que produz mais enxofre. Os principaes depositos são as emanações volcanicas, *solfataras*, e os jazigos profundos em que se encontra associado a rochas sedimentares. Mais de 250 destes ultimos depositos estão hoje em exploração, produzindo annualmente 1:800:000 quintaes de enxofre. A exportação foi em 1871 de 1:725:000 quintaes. Só a Inglaterra e França consomem dois terços do enxofre que a Sicilia produz.

Para o fabrico do acido sulfurico empregam-se tambem as pyrites, compostas de ferro e enxofre. Hoje na Europa consomem-se annualmente 800:000 tonnelladas de pyrites, que representam 250:000 tonnelladas d'enxofre puro, tanto como produzem as minas da Sicilia.

Dissolução —Tem havido graves desintelligencias entre os membros da camara Municipal de Lisboa. Diz-se que por isso está o governo resolvido a dissolver a referida camara.

Decisão.— Espera-se que o presidente da republica franceza dê no proximo mez de Dezembro a sua decisão arbitral ácerca do nosso direito á posse da bahia de Lourenço Marques, na costa oriental de Africa, que nos é contestada pela Inglaterra.

Desastre.— A um soldado de artilheria da torre de S. Julião, teve de lhe serem amputados ambos os braços, em resultado de um desastre que soffreu, por occasião das salvas do dia 29 de Outubro.

Noites de insomnia.— Fomos obsequiados com o n.º 10 das *Noites de insomnia*, pelo sr. Camillo Castello Branco.

Contém:—Beatriz de Vilalva—Se o poeta Bernardim Ribeiro foi commendador—Resposta de José Anastacio — Prefacio ao sonho do arcebispo—O ultimo carrasco — Curiosidades artisticas—Cantada e carpida— Bibliographia.

Noticias estrangeiras.— As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 30—Os bandos unidos de Cucala, Corredor e Polo, atacaram Villafranca del Cid, mas foram repellidos depois de tres horas de combate e perseguidos pela guarnição. Topete entrou em convalescença.

Confirma-se a noticia de terem entrado em França D. Affonso e D. Branca. Diz-se que conferenciaram com D. Margarida, para que interceda com D. Carlos a ver se acaba a desharmonia entre os dois irmãos. Suicidou-se hoje em Madrid um brigadeiro de artilheria. Serrano partiu para a Granja.

D. Carlos é esperado em Tolosa. Diz-se que morreu o cura Prades. O general Jovellar vae percorrendo o Maestrazgo. A guarnição de Bilbau derrotou os carlistas.

Madrid, 31.—Diz-se que chegou Castellar, chamado urgentemente pelos seus amigos, que esperam brevemente graves acontecimentos. A imprensa affonsina queixa-se da linguagem de alguns jornaes ministeriaes relativamente á França, respondendo ao «Jornal dos Debates». Lazerna partiu para o norte. Topete está hoje livre de perigo. As facções Cucala, Corredor e Polo atacaram Villafranca. Foram repellidos depois de tres horas de fogo sustentado. A «Correspondencia» diz que Dorregaray não penetrou em França receiando que o internassem.

Paris, 30.—Morreu o general Laplace, filho do celebre astronomo d'aquelle nome; contava 83 annos. O projecto de lei relativo ao exercito activo, propõe 156 regimentos de infanteria, 80 de cavallaria, 36 de artilheria, 20 batalhões de engenheria e 2 regimentos de sapadores O «Jornal Official» começa a publicar o projecto de Bruxellas. Partiu para Londres o duque de Parma, tendo tido antes frequentes entrevistas com diversas notabilidades legitimistas. Na terça feira haverá grande jantar official no Elyseu, assistindo o embaixador de Hespanha.—Fundos francezes 5 0|0 99,85, 3 0|0 62,07; hespanhoes 18 1|2.

Paris, 30.—Os jornaes bonapartistas entram em viva discussão relativamente ao procedimento do principe Napoleão. A familia imperial reclama deste 41 milhões recebidos por elle durante o reinado de Napoleão III.

New-York, 30 —Dizem noticias de Havana que Concha anda percorrendo Cuba. Assegura-se que o seu fim é visitar Calixto Garcia em Manzanillo, e relativamente á submissão dos insurgentes saber quaes são os sentimentos a respeito a amnistia.

Madrid 1—A «Gaceta» publicou um decreto ordenando a applicação do imposto de guerra.

Celebrou-se *Te-Deum* na capella do palacio, afim de livrar a Hespanha de cataclysmos identicos ao terremoto que destruiu Lisboa em egual dia em 1755.

Foram supprimidas as alfandegas de Gudillero nas Asturias, Calpe e Alicante.

A estação de Aymonte começará brevemente o serviço do cabo do Tejo.

Dizem alguns jornaes que D. Affonso e D. Branca receberam ordem de se internarem, dispondo-se ir a Vienna para contractar um emprestimo.

Madrid 2—O duque da Torre chegou e conferenciou com o presidente do conselho.

Houve reunião hontem á noite em casa do ministro dos negocios estrangeiros, assistindo varios representantes estrangeiros.

Topete ja se levanta.

Noticias de origem carlista dizem que a divisão Alavesa tomou posições a duas leguas de Estella.

Madrid 2—Lazerna regressou do norte.

Goraram as negociações para o pretendente deixar ir os prisioneiros para Cuba.

Noticias officiaes dão Velasco e Lizarraga destituidos dos seus commandos das facções do Maestrazgo.

Alguns jornaes dizem que no conselho de quarta feira se tratará da convocação de côrtes.

O governo francez enviou agentes a S. João da Luz e Hendaya para se inteirarem da exactidão das reclamações de Hespanha.

Diversos jornaes dizem que se está formando uma lista das pessoas que auxiliam a insurreição carlista da fronteira.

Estatistica dos alumnos do collegio de Nossa Senhora da Conceição de Coimbra, approvados no exames do anno lectivo de 1874.

Annibal Rebello da Costa Cabral, dos Casaes de S. João da Fresta, de 9 annos de edade, approvado em instrucção primaria.

José Maria Dias, de Coimbra, de 9 annos de edade, approvado em instrucção primaria.

Seraphim Gomes de Araujo, de Coimbra, de 9 annos de edade, approvado em instrucção primaria.

Augusto Carlos Nazareth Barbosa, de Coimbra, de 11 annos de edade, approvado em instrucção primaria.

Flaviano Augusto Martins, de Coimbra, de 12 annos de edade, approvado em instrucção primaria.

Miguel Barreto Chichorro, de Goes, de 10 annos de edade, approvado em instrucção primaria.

André Barreto Chichorro, de Goes, de 13 annos de edade, approvado em instrucção primaria.

João Ferreira da Cruz, de Vagos, de 12 annos de edade, approvado em instrucção primaria.

Augusto Nunes da Silva Matta, de Carpinteiro, de 15 annos de edade, approvado em instrucção primaria.

Antonio da Silva Vieira, de Algoz, de 12 annos de edade, approvado em instrucção primaria.

Francisco José Gomes Valente, do Porto, de 10 annos de edade, approvado em instrucção primaria e francez.

Frederico Nogueira de Carvalho, de Quiaios, de 13 annos de edade, approvado em instrucção primaria e francez.

Jeronymo Telles Trigueiros e Mello, da Certã, de 12 annos de edade, approvado em francez.

José Lopes Vieira, da Abbadia, de 11 annos de edade, approvado em francez.

Matheus Augusto das Dores, de Ajustrel, de 11 annos de edade, approvado em francez.

José Marques da Silva Loureiro, de Mangualde, de 14 annos de edade, approvado em desenho e curso completo de portuguez.

Fernando Vilhena d'Almeida Maia, de Aveiro, de 15 annos de edade, approvado em desenho e latinidade.

João Cardoso Valente, do Porto, de 16 annos de edade, approvado em geographia, chronologia e historia.

Ignacio Augusto Ferreira de Carvalho, de Vizeu, de 21 annos de edade, approvado em desenho.

José Xavier Ferreira de Sampaio, de Amarante, de 17 annos de edade, approvado em desenho.

—

Antonio Augusto Betto Machado, do Vinhó, de 17 annos de edade, approvado no 1.º anno juridico.

—

A admissão dos alumnos para este collegio é de 6 a 16 annos de edade; e conduzindo-se bem, observando sempre os preceitos do collegio em seu comportamento moral, civil, religioso e litterario, podem estar até á conclusão de sua carreira litteraria.

Neste collegio ensinam-se todos os preparatorios que os alumnos precisarem para o curso completo dos Lyceus.

Alem disto tem mestres de musica de canto, pianno e orgão, cujos instrumentos são do director, e os alumnos não pagam aluguer.

SAUDE A TODOS sem medicina purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Saude*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Nenhuma enfermidade resiste á deliciosa *Revalescière* que cura as as indigestões (despepsias), gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Brehan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Mr. Livingstone, celebre explorador da Africa central, no seu relatorio que fez á Sociedade Real Geographica de Londres sobre a sua viagem diz:

«Os habitantes da provincia d'Angola parecem gosar uma grande felicidade, elles não precisam nem medicos nem purgantes, o seu principal alimento sendo a *Revalescière* que Du Barry trouxe em Europa, vêem-se isentos das molestias, e a tisyca pulmonar, escrophulas, empingens, cancer, febres, difficuldade de evacuar, diarrhea, etc., etc., são molestias completamente desconhecidas, como tambem desconhecem as bexigas, o sarampo, etc.»

Certificado do Dr. Manoel Saens de Tejada, doutor da faculdade Medica e Cirurgica, lente da Universidade livre de Cordova, medico em proprio e do caminho de ferro de Merida e Sevilha, etc.

Certifico: Que com o uso da *Revalescière*, obtive na minha clinica varias curas em molestias gravissimas em alguns clientes residentes nesta cidade, lembrando-me o de D. Filippe Zappina empregado publico, hoje administrador da alfandega de Manilla nas ilhas Filippinas, a de D. Amelia Gomes, casada com um chefe do exercito, a qual continua a melhorar com o seu uso: de D. Ramon Alonzo, rapaz de vinte annos que soffria havia alguns mezes de uma molestia de peito de muita gravidade. E para fazer constar em toda a parte, a assigno em Cordova em 13 de Outubro de 1873.

DR. MANOEL SAENS DE TEJADA.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda por meudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 reis; de 1/2 kil. 800 reis; de 1 kil. 1$400 reis; de 2 1/2 kil. 3$200 reis; de 6 kil. 6$400 reis, e de 12 kil. 12$000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1$400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière chocolatada;** ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes

duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pau e em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis cada chavena.

Barry du Barry & C.ª — Place Vendome 26, Paris; 77 Regent-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, **Lisboa**, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12. **Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rabir. **Coimbra**, V. Botelho de Vasconcellos, pharm.; pharmacia da rua do Visconde da Luz, 5. Magalhães Ferraz, pharm., Carvalho e Castro, pharm., José Duarte, mercearia, praça de S. Bartholomeu, e José Monteiro Cortez da Gama, Rua do Visconde da Luz, 31.

ENTRE DOURO E MINHO

AVEIRO, F. E. da Luz e Costa, pharm. —BARCELLOS, Ramos, pharm. —BRAGA, Pipa & Irmão, rua do Souto. L. Maia, pharm. —FIGUEIRA, Antonio Vieira, pharm. —VIANNA DO CASTELLO, Affonso e Barros, droguistas. —GUIMARÃES, A. J. Pereira Martins, pharm. —PENAFIEL, Miranda, pharm. —PORTO, M. J. de Sousa Ferreira & Irmãos, rua da Bainharia, 77. J. R. de Sequeira, pharm. Casa Vermelha. A. J. Pinto, pharm., largo dos Loyos, 36. Viuva Desiré Rabia, rua de Cedofeita, 92. —PONTE DO LIMA, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm. —POVOA DE VARZIM, P. Machado de Oliveira, pharm. —VILLA DO CONDE, A. L. Maia Terres, pharm.

Declaração. — Por absoluta falta de espaço não podemos hoje publicar o balancete do Banco Commercial de Coimbra. Irá em o numero seguinte.

ANNUNCIOS

Sociedade anonyma—responsabilidade limitada

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

1 OS SRS. ACCIONISTAS deste Banco são convidados a entrar com a 3.ª prestação, que será de 5$000 reis por acção, desde os dias 2 a 10 do corrente, das 11 horas ás 3 da tarde, em **Coimbra** na séde do Banco; e em casa dos agentes do mesmo Banco, no **Porto** na do sr. José Julio da Costa, em **Braga** na dos srs. Jeronymo José Pereira Pinheiro & Filhos, e em **Lisboa** na dos srs. Correia & C.ª, 105, rua dos Fanqueiros. Em cumprimento do que dispõe os estatutos, as acções serão entregues nas mesmas casas em troca dos titulos provisorios.

Coimbra 1 de Novembro de 1874.

Os gerentes,
Manoel dos Santos Junior
José Barbosa Lima
J. Melchiades Ferreira Santos.

EMYGDIO NAVARRO

2 OS FUSILAMENTOS—O direito—A politica—A ordem social.

Preço 200 reis.

Remette-se franco de porte a quem enviar a importancia em estampilhas ao auctor. Lisboa, rua de S. Julião, 110, 2.º

VENDA DE CASAS

3 NO DOMINGO, 8 do corrente, vender-se-ha em praça, na rua da Calçada, n.º 16, ás 10 horas da manhã, se o preço convier, uma morada de casas, fazendo esquina para as ruas do Corvo e Sapateiros, a qual pertenceu á fallecida D. Maria Perpetua da Luz Nazareth.

ALUGA-SE

4 NA COURAÇA DE LISBOA, n.º 33, casa para 2 ou 3 estudantes.

Muita attenção

5 NA RUA DA ESPERANÇA, n.º 31, ha uma senhora que recebe estudantes, dando-lhes bom tratamento e as melhores commodidades de casa, por preços muito commodos.

DANTAS GUIMARÃES

24 R. do Visconde da Luz 30

6 ACABA de receber este estabelecimento um variado sortido de lãs para vestido, de 180 reis o metro para cima; — lindas precaes e chitas, ultimo gosto; — bons merinos e alpacas pretas de 300 reis o metro para cima; — bonitas capas para senhora. Effectuou nova compra de pannos, esguião e familia, para 90, 100 e 120; — veludos pretos largos para casaco de senhora, excellente qualidade, de rs. 1$200 a 1$400 o metro; — camisolas de algodão para homem a 300 e 360 rs.; — meias para senhora a 100 reis!

ANTONIO MARIA CARDOSO

CALÇADA—COIMBRA

7 ACABA de receber um lindo e variado sortimento de lãs, para vestidos, capas para senhoras, chales e outras fazendas. Tem pannos abretanhados, com grandes abatimentos, principiando de 90, 100, 110, 120 rs. o metro; chitas largas de 140,150, 180 rs. o metro; meias de algodão, finas a 100 e 110 rs., e outras fazendas proprias para a estação.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

8 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que sob a convidativa de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu— **633:462 machinas**—(mais de meio milhão!)

9 NA RUA DE SUB-RIPAS e nas casas a que corresponde o numero 35, se lecciona instrucção primaria para a admissão ao lyceu, portuguez (curso completo), e latim (1.ª parte).

DOCTOR IN ABSENTIA

10 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

4$500 RS. O CENTO

Eucalyptos em vasos

11 RAIZES de rainunculos, tulipas, jacinthos, anemonas, gladioles.— Araucarias, acacias, e muitas outras arvores d'ornamento e florestaes.—Sementes d'hortalices.

Estabelecimento horticula de A. M S. Castro, rua do V. da Luz, 10. Rua da Sophia 167 =Deposito.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o Rio de Janeiro
Barca=JOSEPHINA em 12 de Novembro.

Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**
Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

13 LUIZ PEREIRA DA MOTTA, penhorado para com todas as pessoas que o visitaram por occasião do fallecimento de sua prezada esposa, Maria José Augusta Pereira, e tomaram parte na sua dor; vem cordealmente agradecer-lhes por este meio, em quanto o não faz pessoalmente.

Attenção

14 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

Leccionista de Desenho

15 A A. GONÇALVES, rua do Correio, n.º 77.

Associação dos Artistas de Coimbra

16 TERÇA FEIRA, 3 do corrente, pelas 6 horas da tarde, terá logar a abertura das aulas da Associação.

Continuam as matriculas de creanças e de adultos, havendo para estes aulas especiaes de instrucção primaria e de caligraphia.

Coimbra, 1 de Novembro de 1874.

O presidente, *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

CHEGARAM

As excellentes passas de Malaga.
Ditas de Torres Novas.
Os superiores figos do Algarve em caixas de differentes tamanhos.
Os superiores queijos flamengos, casca encarnada.
Dito Gruyère.
Dito Niza.
Stearina de 4, 5 e 6 velas em pacote, a 140 rs.

Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga—153—Sophia—157. Casa de azulejo.

Francez (curso completo) e Mathematica (1.ª parte)

18 J. M. FRAGOSO lecciona estas disciplinas na *Eschola Popular*, rua do Correio, n.º 108.

RAIL ROAD CONIMBRICENSE

Serviço provisorio

19 ANNUNCIA-SE que desde hoje se venderão bilhetes de ida e volta a preços reduzidos nos trens da empreza para todas as corridas.

Preço dos bilhetes de ida e volta:
De dia.................80 rs.
De noite..............120 rs.

Estes bilhetes são validos só nos dias em que se vendem.

Coimbra, 27 de Outubro de 1874.

20 A COMPANHIA GERAL de credito predial portuguez convida os possuidores de obrigações prediaes, e de obrigações ao portador, que quizerem receber os juros em Coimbra, a irem a casa do sr. Antonio José Alves Borges, na rua do Visconde da Luz, entregar as suas relações e coupons, no principio do proximo mez de Dezembro, para os effeitos convenientes.

21 A COMMISSÃO edificadora da nova egreja desta villa da Louzã, carecendo de pessoa habilitada para dirigir e vigiar as obras da mesma egreja, convida aos que se julgarem nestas circumstancias a dirigirem-se a esta commissão, pessoalmente ou por escripto, dentro do prazo de 30 dias, a contar da data do presente annuncio.

Louzã 1 de Novembro de 1874.

O presidente da commissão,
José Francisco Pinto.

Substitutos a militares

22 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 211 em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem nos governos civis, ou nos corpos onde tiverem já praça assente.

LECCIONAÇÃO

23 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar, na rua da Trindade, n.º 17, instrucção primaria, francez, e desenho; assim como habilita para o magisterio de instrucção primaria.

BENS DE RAIZ

24 OS IRMÃOS DO FALLECIDO João Cardoso Guimarães, vendem todos os bens de raiz que herdaram d'este, e que são sitos nas freguezias de Antanhol, Assafargo e Sernache, compondo-se de vinhas, e pinhaes, comprehendendo-se tambem duas quintas á Cruz de Morouços, freguezia de S. Francisco, que confinam com a estrada real.

O sr. Jeronymo Joaquim dos Santos, na rua da Calçada, está encarregado de prestar as informações que forem precisas.

A 100 REIS!!

Caixas de metal para tabaco.

FONSECA

72—Rua da Calçada—76

THEATRO DE D. LUIZ

Companhia Dramatica Hespanhola

Sabbado 7 de Novembro

Drama em 3 actos intitulado—**Rainha de Inglaterra, ou os filhos do rei Eduardo.**

Os bailados—**A linda gallega, e a Saragossana.**

A assignatura para camarotes acha-se desde já aberta na Livraria Popular, na rua do Visconde da Luz, e na Calçada, n.º 35 e 37, com abatimento de 10 % por 6 recitas, não sendo obrigados os accionistas a ir a recitas repetidas.

NUMERO 2847 — SABBADO 7 DE NOVEMBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A EXTINCÇÃO DOS LIBERTOS

I.

Com verdadeira satisfação temos a dar hoje a noticia de que sua magestade el-rei assignou no dia do seu anniversario natalicio, 31 de Outubro ultimo, um decreto declarando livres desde já todos os libertos que existem no archipelago de Cabo Verde, o que só devia effectuar-se em 29 de Abril de 1878.

A causa da escravidão ha muito está julgada perante todos os amigos da humanidade; e á civilisação sempre progressiva se deve o não haver já escravos em toda a monarchia portugueza, comquanto ainda tenhamos a envergonhar-nos da existencia de libertos nas nossas possessões ultramarinas.

A escravidão foi abolida por uma serie de leis e actos do poder executivo, a principiar pelo decreto de 10 de Dezembro de 1836, até ao decreto ditactorial de 25 de Fevereiro de 1869. Este ultimo revogou o de 29 de Abril de 1858, que deixava os pretos escravos, e como taes garantidos aos senhores até 29 de Abril de 1878; e alem disso declarou estes escravos tão sómente sujeitos ao trabalho livre de serventes.

Vê-se, pois, que a providencia que agora se antecipou para o archipelago de Cabo Verde, tem de realisar-se em todas as outras colonias em 1878.

A extincção dos libertos, como já o fora a dos escravos, é muito grave para o futuro das possessões portuguezas, e tem merecido a attenção de todos os que se occupam seriamente dos interesses daquellas partes tão importantes da monarchia.

Um illustrado ministro do ultramar, já hoje fallecido, dizia a este respeito, em um documento official de 1870, que a raça negra, por todas as razões, é a mais apta para a lavoura das terras africanas, e pelo seu atrazo e sabidas tendencias carece de ser tutelada para colher maduros os fructos da liberdade.

Acrescentava, que entregal-a inteiramente aos proprios instinctos, equivale a sacrificar sem proveito nenhum para ella a sorte da agricultura e a prosperidade das provincias. Os pretos, dizia ainda, carecem da aprendizagem do trabalho para saberem ser livres. Todos os factos o demonstram. Cumpre respeitar-lhes escrupulosamente os direitos e os foros de homens; é um dever de honra e civilisação—mas importa não confundir os estimulos directos á ociosidade, á indolencia, ao vicio, e á ignorancia, com a condemnação de tudo que possa recordar a escravidão, qualquer que seja o sophisma, ou disfarce com que se encubra, ou com que se queira dissimular.

E' pois claro que aquillo de que se trata, e em que se deve pensar maduramente, é nos meios mais proficuos de levar a effeito esta medida altamente civilisadora, com o menor abalo possivel para o commercio e agricultura das localidades onde existem libertos.

II

As ilhas de S. Thomé e Principe é onde mais se tem receado dos resultados que podem provir da decretada extincção dos libertos para 1878. O seu clima é absolutamente incompativel com o trabalho de operarios que não forem africanos; — e completamente livres que sejam os que alli existem, teme-se que cesse a cultura do café, principal fonte da sua riqueza, por se entregarem desde logo os negros, segundo a sua natural tendencia, á vadiagem.

Estas ilhas tem nos ultimos annos prosperado notavelmente, graças ao desenvolvimento prodigioso que alli tem tido o trabalho agricola.

O café começou a ser cultivado nas ilhas de S. Thomé e Principe nos primeiros annos deste seculo. Em 1832 foi a exportação deste producto de 97:000 kilogrammas; e em 1842 já subiu a 176:000. E tão extraordinariamente cresceu a cultura do café, que só no anno de 1869 foram despachados para consumo 1.079:627 kilogrammas, e exportados para paizes extrangeiros 510:886, ou um total de 1.590:513 kilogrammas; isto é, em 37 annos subiu a exportação deste artigo a mais de 1:500 por 0|0!

E muito maior seria a producção, se a grande falta de braços não fizesse com que se conservem incultos a maior parte dos terrenos das duas ilhas.

São incalculaveis as vantagens que podiam provir a Portugal das suas colonias, se a administração dellas tivesse sido bem dirigida. Desgraçadamente as providencias quasi sempre contradictorias umas com as outras, e a infelicidade na escolha de muitos dos governado-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLIX

RODRIGO PINTO PISARRO

XVII

Publicamos hoje a terceira e ultima das cartas a que nos temos referido.

Lisboa, 25 d'Outubro de 1833.

Meu bom amigo.—Este ministerio argelino, cujo fito é o roubo; e armas, o despotismo e a corrupção, continua ainda a flagelar-nos, e a empanar nosso nome á face da Europa inteira. Devia cair com o traidor, que o organisou, se o Margiochi, para salval-o, não sacrificasse no fim da vida á fome d'uma pasta, uma reputação sem mancha, em todas as vicissitudes d'uma carreira dilatada.

Esta transigencia cortou o coração dos verdadeiros patriotas, que ainda choram por um homem, em quem presumiam mais constancia, e de quem esperavam melhor exemplo. E na verdade, quando alguns caracteres, a quem a experiencia e a adversidade deviam ter fortificado, não sabem, ou não querem resistir á primeira parea, á primeira negaça, ao primeiro convite d'um poder corruptor, e corrompido, quem pode estranhar aberrações em homens de menor monta, a quem falta a opinião, um nome, que os sustente, e um chefe que lhes sirva de modelo, e de bandeira?

Não é a nossa patria a patria de Catões: nem os ha no campo, nem os ha na côrte; e se aqui nasceu alguem com alma romana, fez-lhe a natureza um presente funesto, errando o tempo, e desconhecendo os homens, e o logar.

Fujamos deste assumpto melancolico, e aqui vão os actos mais impudentes deste governo desearado. Morreu o Candido; e quem nomearia S. M. I. para o logar de secretario da casa de Bragança, que elle tinha empalmado? Algum militar estropiado no serviço da rainha? Algum homem benemerito no serviço da patria? Não senhor: mas sim um dos seus Pires, e Grijalbas, o *favorito Chalaça!!!*

O seu senhor pae, a quem o senhor seu filho escrevia em Julho de 1827: «*Ahi vae o senhor infante, lá se avenham com elle; porque meu amo não quer saber mais nada de Portugal*» é o thesoureiro da casa imperial, e da real, e tem na pasta o despacho de feitor da mesa grande d'alfandega! Não ha melhor recommendação para o governo que o ser miguelista!

As familias dos *Naires plebeus*, a quem S. M. I hypotheeou a monarchia, empolgam tudo! O *excellente* Miranda fisgou a casa da India.—Estes conhecem melhor os andares, que os lorpas do marquez de Chaves, quando andavam perguntando pelas ruas de Lisboa, *haverá por aqui algum officiosinho vago?* Bem hajam elles; já que esta cidade *se restaurou a si*, e se entregou outra vez á discrição.

Pois olhe, Miguel de Vasconcellos, que os briosos antepassados do povo de Lisboa arrojaram por as janellas do palacio do Terreiro do Paço, era um modelo de virtudes comparado com José da Silva Carvalho, e com Agostinho José Freire: Este, *para comprás, e vendas*, herdou os freguezes, e corretores de C. J. Xavier.

José Balbino juntou mais a cinco empregos, *que já tinha*, o de procurador da companhia dos vinhos. Isto é que é saber: em quanto emigrado, casa de contrabandos em Londres, Paris e Terceira á sombra do governo, e agora, uma mina nas secretarias de estado.

O Aguiar (que homem!) é um boneco nas mãos do Carvalho; não sahiu ainda delle na administração nem acto de justiça, nem de bom senso; demittiu porem o Andrade do collegio dos Nobres, que o Candido poupava, por ter sido seu collega, quando, ajoujados com Manoel Antonio de Carvalho, aplanavam o caminho para a usurpação.

Os trezentos *soldados*, que o Miranda mandou agora, nunca tinham visto uma espingarda; é uma relé ainda peor do que o batalhão do Ferreira Borges! No dia que desembarcaram foi uma montaria para os tirar das tavernas: para ahi volta a maior parte, tendo custado cada um delles mais de 16 *libras!!!* Por menos de metade organisam-se aqui seis mil voluntarios. Mas então ficava o Miranda, e o Mendizabal sem commissões.... e isto não convem á causa (delles!). E soffre-se esta pilhagem, ha mais d'um anno! Porque? *Porque o governo leva parte em todos estes roubos.*

Os liberaes incorruptiveis, e subditos leaes da rainha promovem, com louvavel zelo, uma representação ao *Gran-Senhor*, pedindo immediatas providencias que facilitem a liberdade d'imprimir: pois não ha cousa mais escandalosa, que arrogar-se o governo o direito exclusivo de vomitar no *Diario dos Pobres* e na *Chronica* todas as baforadas de traição e delirio, que podem convir a seus planos liberticidas, sem que seja possivel replicar-lhe e confundil-o.

Os fidalgos são os primeiros a concorrer nesta medida de vital importancia, porque o governo, imitando em tudo o visconde de Santarem, quer suffocar toda a discussão sobre o conluio aladroado dos contratos, e dos emprestimos; sobre a regencia, e sobre um casamento, reprovado por toda a *Europa, e por a nação inteira.*

É preciso confessal-o, neste diluvio d'apostasias, de corrupção e baixezas, a que se tem prestado todos aquelles que hoje formam a cadeia, e o partido d'administração, os fidalgos, com bem poucas excepções, são aquelles que tem mostrado ainda algum vislumbre de brio, e alguma independencia. Loulé atirou com a pasta dos N. E. aos pés do Gran-Senhor; D. Francisco d'Almeida *cuspiu n'uma gran-cruz*: D. Leonor da Camara engeitou, *com despreso*, uma pensão d'um conto de reis; o marquez de Valença recusou toda a concorrencia debaixo do dominio de C. J. X.; o conde de Villa Real soube resentir um despreso; o conde do Sabugal soube responder a uma impertinencia... e nunca se dirigiu em França ao palacio imperial; e até o conde de Villa Flor não quiz ser laranja, e recusou, quando os ministros, depois de lhe extrairem o succo, o quizeram aposentar no Porto.

Em fim, estava reservado para José da

res e empregados subalternos, tem impedido que se colham d'alli os resultados que havia a esperar.

Já a associação commercial de Lisboa, na sua representação de 20 de Maio de 1872, chamou a attenção do governo para a situação em que virão a ficar as importantes ilhas de S. Thomé e Principe, com a extincção dos libertos em 1878, se antes desse prazo se não fizerem e publicarem os regulamentos indispensaveis para acudir aos inconvenientes que se esperam na vida colonial.

A mesma associação commercial lembrava varios alvitres, que julgava da maior urgencia para obviar aos inconvenientes que se receiam.

Ainda assim nem todos os individuos que tem estudado as necessidades das nossas possessões, tem as mesmas desagradaveis apprehensões ácerca do seu futuro. Um delles é o sr. marquez de Sá da Bandeira, que em uma sua memoria publicada em 1873, tratou de advogar a prompta extincção dos libertos, desfazendo as duvidas que a esse respeito se podiam apresentar.

Este esclarecido escriptor mostrou que os libertos não tem nenhuma protecção nas ilhas de S. Thomé e Principe; que as auctoridades publicas, a quem as leis incumbiram a sua protecção e defeza, não tem cumprido com os seus deveres; e que uma parte consideravel, pelo menos, dos proprietarios, têem tratado os libertos de uma maneira tal, que, em presença das leis, elles, desde muito tempo, deveriam ter sido privados dos seus serviços.

Entende s. ex.ª que o meio unico de fazer cessar tão deploravel estado de cousas é simples; e consiste em acabar com a classe dos libertos, tornando livres todos os que existem. Então os proprietarios ruraes, no seu mesmo interesse, tratarão bem os trabalhadores, pois que se fizerem o contrario não encontrarão quem os queira servir.

Para facilitar a transicção do estado de libertos para completamente livres, entende o sr. marquez de Sá, que o trabalho destes operarios não soffreria interrupção, se fosse determinado que todos os individuos da extincta classe, contratassem os seus serviços por um, ou dois annos, com os seus antigos patrões, ou com outras pessoas que elles preferissem, devendo ser reguladas pela auctoridade publica as condições dos contractos.

Os proprietarios de S. Thomé e Principe não podem deixar de se convenser que o serviço forçado hade acabar em Abril de 1878, ou talvez antes, como agora aconteceu com o archipelago de Cabo Verde; e carecem, por isso, de se preparar de antemão, para que lhes não faltem, para o futuro, trabalhadores assalariados.

O mesmo illustrado escriptor ainda propõe para isso outro alvitre, o qual consiste em os referidos proprietarios contratarem desde já alguns Crumanos para as suas roças, dando a liberdade ao mesmo tempo a outros tantos dos melhores libertos, com a condição de continuarem no serviço, por jornal, dos seus actuaes patrões, durante um, dois, ou tres annos; o que poderiam ajustar por contrato legal.

Por este systema, a passagem do trabalho forçado para o trabalho livre, se faria gradualmente, evitando-se a precipitação, que é onde está o perigo.

III

Seja como fôr, o que se não póde negar é que o decreto de 31 de Outubro ultimo, que extingue desde já os libertos no archipelago de Cabo Verde, é da maior importancia, e que póde indirectamente concorrer para se antecipar egualmente nas outras possessões a epocha da terminação do estado de liberto.

Não é um acto só da iniciativa do governo, sujeito por isso a ser tido na conta de precipitado. Foi a junta protectora dos libertos da provincia de Cabo Verde, que pediu, fosse desde já decretada a completa emancipação dos libertos que existem naquella provincia.

E ainda ha um facto de maior alcance. Uma commissão que o governador geral do Cabo Verde encarregara de formular o projecto de regulamento a que deveriam ficar sujeitos os libertos, declarou unanimemente, que esse trabalho era desnecessario.

Vê-se, portanto, que no archipelago de Cabo Verde não só não receiam as consequencias da extincção da classe dos libertos; mas que pedem essa extincção para já, em logar de ser para 29 de Abril de 1878, como está decretado; e prescindem até de regulamento para os libertos, sem duvida por confiarem que elles não fugirão ao trabalho.

Bem sabemos, que se deve attender á differença de condições que exista entre o archipelago de Cabo Verde e as ilhas de S. Thomé e Principe; mas em todo o caso parece-nos que este exemplo influirá poderosamente para facilitar, e talvez mesmo antecipar naquellas ilhas a execução de uma medida tão civilisadora.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

Resumo do activo e passivo em 31 de Agosto de 1874

ACTIVO

Acções para emittir	1.700:000$000
Accionistas	270:972$000
Devedores e credores geraes	3:260$318
Transferencias	5:337$620
Emprestimos a diversos	3:981$700
Despezas de instalação	601$929
Caixa	13:418$096
Letras a receber	15:788$565
Contas interinas	154$887
Operações de cambio	446$511
Despezas de escriptorio	279$998
Reis	2.014:241$824

PASSIVO

Capital	2.000:000$000
Ganhos e perdas	392$982
Depositos á ordem	5:104$000
Letras a pagar	8:744$862
Reis	2.014:241$824

Resumo do activo e passivo em 30 de Setembro de 1874

ACTIVO

Acções para emittir	1.700:000$000
Accionistas	270:747$000
Emprestimos a diversos	8:957$700
Despezas de instalação	1:906$194
Caixa	15:603$050
Letras a receber	30:628$133
Contas interinas	350$035
Operações de cambio	446$311
Despezas de escriptorio	434$996
Reis	2.029:078$639

PASSIVO

Capital	2.000:900$000
Devedores e credores geraes	313$301
Transferencias	437$075
Ganhos e perdas	993$560
Depositos á ordem	13:662$598
Letras a pagar	13:667$106
Reis	2.029:073$639

Coimbra, 2 de Novembro de 1874.

Os gerentes,
Manoel dos Santos Junior,
José Barbosa Lima,
J. Melchiades Ferreira Santos.

NOTICIARIO

Policia academica. — O sr. reitor da Universidade mandou hontem recolher á cadeia academica os estudantes do 2.º anno de Direito, Theodosio Coutinho de Lencastre, Manoel Augusto Cesar Raposo, Antonio José Gomes Lima, Joaquim Hilario Pereira Alves, e Antonio Emilio de Almeida Azevedo; por maltratarem a porta ferrea da Universidade os estudantes do 1.º anno.

Fallecimento—Falleceu hontem nesta cidade, depois d'uma prolongada doença, o antigo e honrado negociante o sr. Francisco José Lucas.

Acompanhamos a seu irmão e nosso respeitavel amigo, o sr. Antonio Rodrigues Lucas, e toda a mais familia, na profunda dor que estão sentindo.

Suffragios.—Na segunda feira, 9 do corrente, ha de celebrar-se na egreja da Sé Velha uma missa por alma do sr. Dr. Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos; na terça feira, 10, outra por alma do sr. Joaquim Wladislau Bruno; e na quarta feira, 11, outra por alma da sr.ª Mauricia de Almeida.

Serão todas ás 8 horas da manhã; e o celebrante será o reverendo prior da freguezia, o sr. padre Manoel da Cruz Pereira Coutinho.

Todas as tres missas são mandadas dizer por um amigo dos fallecidos.

Graça regia. — O nosso particular amigo o revdm.º sr. José Daniel de Carvalho Montenegro, da Louzã, acaba de ser agraciado por sua magestade com as honras de capellão fidalgo da casa real.

O sr. Montenegro é por todos os titulos dignissimo da graça que lhe foi conferida. Incançavel em tudo o que for em beneficio da sua terra natal, tem sempre coadjuvado efficazmente a seu irmão e nosso bom amigo o sr. commendador Monte-Negro, o qual poderá ser egualado mas não excedido no amor ao seu paiz.

Quando as honras recaem como esta em um cavalheiro tão estimavel, todos as applaudem por serem dadas a quem as merece.

Felicitamos cordealmente o nosso amigo.

Concurso.— Está a concurso por espaço de 30 dias, a contar de 29 de Outubro, o provimento da egreja parochial de Santa Christina de Condeixa a Nova, do concelho de Condeixa.

Matrizes.—Por decreto de 30 de Outubro se mandou proceder immediatamente no continente do reino á formação de matrizes prediaes.

Codigo de concursos.— Foi ultimamente impresso na typographia do sr. José Correia de Almeida Junior, nesta cidade, o *Codigo de concursos dos delegados do procurador regio, curadores geraes dos orphãos, conservadores, officiaes de justiça, e substituição destes*, pelo sr. Joaquim Augusto da Silva Carvalho.

Com esta publicação fez o seu auctor um bom serviço ás numerosas pessoas que precisam de a consultar.

Agradecemos os exemplares com que fomos obsequiados, e no logar competente vae o respectivo annuncio.

Bibliotheca da Actualidade. —Os nossos esclarecidos collegas da *Actualidade* obsequiaram-nos com o volume 6.º das *Obras completas de Camões*, contendo os *Autos e Cartas.*

São já 10 os volumes distribuidos, ou em via de distribuição, como brinde aos assignantes da *Actualidade.*

Agradecemos ao collega o exemplar que nos foi offerecido.

Novas publicações — Recebemos hoje pelo correio as seguintes publicações com que fomos obsequiados:

Esboço de philosophia analytica, por J. L. Hartt Milner, professor de linguas e litteratura no collegio de Nossa Senhora da Conceição—Lisboa: livraria editora de Mattos Moreira & C.ª, praça de D. Pedro, 68—1874.

Ainda não tivemos tempo de ler este importante livro, mas temos a segurança do seu alto merecimento em uma carta que o precede, de um cavalheiro tão competente como é o sr. Antonio José Viale.

D. Henrique Perez Escrich—O cura de aldeia, traducção de Antonio Basilio Antunes—Volume I—Porto—Editores, J. A. Leitão & Mathias, rua de Almada, n.º 271, 1.º andar—1874.

São as primeiras 64 paginas de um romance, que vem precedido dos melhores creditos.

Bibliotheca dos livros uteis—Os tribunaes secretos, obra historica, por Paulo Feval, traducção de Manoel Pinheiro Chagas.—Volume I—Escriptorio da empreza, rua do Carvalho 13—Lisboa.

São 80 paginas do 1.º volume desta obra, summamente instructiva e curiosa.

Agradecemos a todas as briosas emprezas, os exemplares com que nos brindaram.

Condemnação—No mez de Janeiro deste anno demos a noticia de haver sido capturado pelo sr. Joaquim José Raymundo Castello Branco, intelligente e activo escrivão do juiz ordinario de Oliveira do Hospital, José da Cunha, das Seixas, que estava pronunciado pelo crime de homicidio frustrado na pessoa de um seu thio.

Temos hoje a acrescentar que o mesmo reu foi julgado na comarca de Taboa no dia 4 do corrente, sendo condemnado em 10 annos de degredo para Africa.

O luxo.—Bradam os philosophos e moralistas contra os excessos do luxo na epocha actual, e não se lembram do fausto e ostentação que caracterisava a vida domestica de muitos povos antigos. Os mais opiparos banquetes dos tempos modernos, não podem comparar-se com os sumptuosos festins dos romanos. Uu só peixe valia muitas vezes tanto como o sustento de cem familias. Um só artefacto custava ás vezes tanto como uma preciosa collecção artistica na epocha actual. Muitos tecidos de purpura valiam milhões. O que são os palacios, parques e jardins modernos, comparados com as melhores construcções deste genero no tempo de Roma? O numero dos criados e a libré dos lacaios não soffrem parallelo com os immensos cortejos d'escravos que serviam os romanos poderosos e ricos.

Antigamente até se condemnavam como objectos de luxo o tabaco e aguardente, e fulminava-se o consumo deste genero com penas severas e atrozes. Um sultão promulgou em 1610 uma lei, que obrigava os fumistas a ser expostos ao escarneo publico nas ruas com cachimbo pendente do nariz. Este rigor turco foi excedido pelas leis russas. Romanof condemnou o vicio de fumar com a pena de morte. Mais tarde a pena ultima foi substituida pela mutilação do nariz. Em 1624 Urbano 8.º formulou a pena d'excommunhão contra todos os que tomassem tabaco nas egrejas, e em 1690 Innocencio XII renovou o anathema terrivel.

O uso do café foi prohibido na Inglaterra, na Allemanha, na Suissa e na Turquia. O sultão Mourad IV, até proscreveu com pena de morte o uso desta bebida. Os metaes preciosos e as sedas foram considerados immoraes por alguns povos antigos, e até Eduardo III de Inglaterra chegou a prohibir o uso destes objectos antes da edade de cem annos, o que equivalia a uma proscripção absoluta!

A' vista destes e muitos outros exemplos, não devemos admirar-nos dos prejuisos economicos e verdadeiramente absurdos, que ainda hoje influem no animo de muita gente.

Sardinha na praia da Nazareth.—Da praia da Nazareth nos communicam em data de 2 do corrente o seguinte:

«Os dias 31 de Outubro e 1.º de Novembro, foram de grande alegria nesta praia da Nazareth.

No dia 31 á tarde, acudiu muita gente ao sitio da Senhora, e, de cima dos penedos faziam signaes de que havia sardinha no mar.

Houve então grande faina na praia; os homens a correr com os barcos para o mar, as mulheres a gritar, e as creanças a dar graças a Deus, que tinha vindo do ceu o seu *pão por Deus*. A primeira rede que sahiu rendeu para mais de 300$000 reis.

No dia 1 ás duas horas da tarde, havendo mais de 30 barcos no mar, sahiu uma rede com 300 milheiros de sardinha, outra com 400, e toda a tarde sahiu sardinha.

A's 9 horas da noite ainda havia o mesmo movimento. De cima dos penedos do sitio estavam homens com archotes accesos fazendo signaes para o mar; as redes a sahir, os barcos ainda no mar e as mulheres guardando a sardinha na praia.

Quando aos pobres pescadores se apresentam dias assim é incomparavel a sua satisfação.»

Boato.—Diz o *Jornal da Noite* do correio de hoje, que corria em Lisboa o boato de se haver suicidado no calabouço, degolando-se, o soldado de infanteria 2, Antonio Coelho, preso pelo assassinato do alferes do mesmo corpo.

Assumptos do dia.—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Realisou-se hontem o segundo exercicio das tropas da guarnição da capital, sob o commando do sr. general Caula. Esta operação foi o resultado de estudos especiaes do illustre general d'ella encarregado, e é a primeira de um grupo de tres que o sr. Caula tinha imaginado, ao pensar na necessidade de industriar os officiaes do nosso exercito no conhecimento pratico das cousas da guerra e na adaptação das differentes armas aos terrenos em que ellas poderiam ter necessidade de manobrar.

Na primeira d'essas operações que era a de hontem, devia predominar e ter o principal papel a arma de artilheria; na segunda, a de infanteria; na terceira, a de cavallaria. Habilitar a artilheria a vencer todas as difficuldades da tracção, para poder prestar os grandes serviços que a tactica moderna d'ella reclama, e n'um paiz tão accidentado como o nosso, e onde as condições orographicas do solo têem sido sempre o escolho maior dos exercitos, pareceu ao general que era uma necessidade impreterivel do aperfeiçoamento do nosso exercito; e especialmente a esse fim era destinado o exercicio de que damos imperfeita, e, inevitavelmente, deficiente noticia.

—Diz-se que vae sair para o Pará a *Bartholomeu Dias*. Vae reforçar a estação naval naquelle porto.

—A questão municipal ainda não está resolvida, e novos incidentes a vêem complicar. Annuncia-se agora para domingo um novo *meeting*, que se diz deverá realisar-se no salão da Trindade, com o fim de representar ao governo pedindo a dissolução da camara. Era ao que se vê, a idea do *meeting* que devia effectuar-se no domingo anterior, e do qual se havia desistido.

—Consta que já estão assentes as quilhas das duas corvetas, para a marinha portugueza, nos estaleiros dos srs. Green, em Londres. O governo, no dia 3 deste mez, devia ter mandado pagar áquelles constructores a importancia da primeira prestação, segundo o contrato, ou 31:250 libras esterlinas.»

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 4 ás 3 h. e 25 m. da m.—Falla-se em que o irmão do pretendente regressou novamente a Hespanha.

As facções tornaram a penetrar nas Asturias de passagem por Castella.

Tem circulado a noticia da sublevação da guarnição carlista em Estella em consequencia da falta de gratificações, e de terem sido fuzilados 4 officiaes e 18 soldados.

Esperam-se noticias importantes das operações do norte.

O jornal *El Pueblo* considera a circular aos governadores como o unico recurso que o governo tem para se defender dos ataques de conciliação.

Paris, 3.—O *Jornal Official* publica um decreto nomeando o general Pelissier por 3 annos membro do conselho do almirantado.

Diz-se que no conselho de amanhã serão tomadas decisões ácerca das eleições municipaes.

O duque de Broglie protesta em uma carta politica, que nunca o conde Arnim fez relatorio algum ácerca da politica interior da França.

A desunião entre os republicanos moderados e radicaes nas eleições do Oise foram apasiguadas por intermedio de Grevi e Gambetta, cedendo Julio Simon radical em favor do candidato moderado.

Falla-se já de interpellações que serão dirigidas ao governo na proxima sessão da assemblea nacional ácerca da politica interior.

O general Cissey acha-se de novo á testa do ministerio da guerra.

Madrid, 4, ás 12 h. e 12 m da m.—Nas provincias Vascongadas teve um pequeno encontro a columna Erles com o cabecilha Andosilla, e dispersou-lhe as forças. No Aragão apresentou-se hontem uma partida na povoação de Terrer; foi derrotada pelos habitantes.

Na Castella Velha a facção entrou na provincia de Oviedo sustentando um ligeiro tiroteio com as columnas, apresentando-se onze carlistas a indulto.

Foi habilitada a alfandega de Almunecar, em Granada, para a importação de madeiras estrangeiras para a fabricação de caixas de passas.

A *Iberia* começou a publicar a defeza official de Camacho, ministro da fazenda.

Ante-hontem chegaram a La Seo de Urgel treze mulas, e duas peças de artilheria vindas do Maestrago, pertencentes ás columnas derrotadas em Solevidas. Reinava desalento.

Esperavam pelos zuavos.

New-York, 4.—Rebentaram no sul graves conflictos. Grande numero de pretos mortos e feridos.

Sanghai, 4.— Os jornaes aqui dizem que as relações entre a China e o Japão estão muito longe de serem tão boas como os governos daquelles paizes querem apresentar, e são de parecer que ha toda a probabilidade da guerra rebentar em pouco tempo.

Madrid, 5.—A viuva do general Pierrad foi assassinada em sua casa pela porteira do predio e pela criada, que se serviram de uma navalha. Jovellar derrotou os carlistas de Albocacer, fazendo-lhes consideravel numero de mortos e feridos.

Apresentaram-se ao indulto no norte 150 carlistas. Augmenta o desanimo nas fileiras carlistas.

Noticia a «Correspondencia de Hespanha» que uma carta de pessoa fidedigna diz que as dissidencias entre D. Carlos e D. Affonso tem origem nas provadas ambições deste, cuja mulher anima o marido a rebellar-se contra D. Carlos por julgar-lhe a verdadeira espada do absolutismo, aspirando como filha de D. Miguel de Bragança, a obter o apoio dos absolutistas portuguezes, para alcançar a corôa iberica, fazendo D. Affonso monarcha de Hespanha e Portugal. Parece que existem dados que comprovam estas aspirações, e não será difficil que o documento que foi surprehendido veja a luz publica no estrangeiro.

Bayonna, 4.— Os carlistas começaram a bombardear Irun. Mil republicanos desembarcaram em Fuenterrabia.

Madrid, 6 á 1 h. e 55 m. da m.—Sagasta ficou hoje de cama, sendo visitado pelos ministros e pelo presidente do poder executivo.

O jornal a *Politica* trata da conveniencia da partida de Serrano a fim de se pôr á frente do exercito. Foram nomeados mais governadores. O representante do Mexico depois de obsequiar com um banquete, o ministro de Hespanha, parte para o seu paiz.

Lêse na *Correspondencia*: Hoje continuou menos intenso o fogo em Irun. Durou toda a noite, reparando-se alguns estragos nos fortes. Os carlistas lançaram hontem 1500 projectis, occasionando seis mortos e 10 feridos; tomaram-se 10 casas e queimaram-se seis. A povoação está disposta a resistir até receber reforços pois devem ter chegado 2 batalhões desembarcados em Fuenterrabia.

Telegrammas de Irun dizem que foram disparadas bombas incendiarias, temendo-se que continuem os incendios. Não occorreram desgraças pessoaes.

A guarnição está animada do melhor espirito. Chegaram a S. Sebastião forças de auxilio e marcham outras.

Na Catalunha a columna Navarro atacou Mondesbergo, derrotando a facção e fazendo 63 mortos, 106 feridos e 36 prisioneiros. No centro, a brigada Guardia, em Villa Hermosa, inutilisou o armamento, apoderando-se do material e destruiu as fortificações. Em Cantavieja, o brigadeiro Araoz tambem apprehendeu 21:000 cartuchos Remington. Em Almanza foram aprisionados o cabecilha Maño, 16 individuos e 9 cavalgaduras.

Londres, 6, ás 12 h. e 25 min. da tarde. —Segundo um telegramma da Hendaya os carlistas continuam a atacar Irun com bombas de petroleo. Ha bastantes casas incendiadas e as fortificações estão muito destruidas.

ANNUNCIOS

1 NA RUA DE SUB-RIPAS e nas casas que corresponde o numero 35, se lecciona instrucção primaria para a admissão ao lyceu, portuguez (curso completo), e latim (1.ª parte

---

Silva Carvalhe, para Agostinho José Freire, e outros *falsos* populares, o demonstrar, que todas essas *excellencias bastardas e mascavadas*; que se geraram, como plantas parasitas na arvore formosa da liberdade, não tinham, nem mais caracter, nem mais principios, *tendo menos independencia*, que uma classe, cuja influencia exclusiva, cujo augmento, cujos abusos, e privilegios a revolução tinha promettido, e devia modificar. *(a)*

Neste governo turco-constitucional do ex-imperador do Brasil, os miguelistas decididos são mais felizes, e agasalhados, que os liberaes que recusam curvar a cabeça, ou vender-se ao governo mais vil, e sordidamente vingativo, que Portugal tem contado e soffrido.

Os Midosis, José Liberato, e Garrett, etc. estão ainda fóra dos seus empregos (José Balbino, e Rodrigo de Magalhães, nem querem testemunhas do seu negocio. . nem partilhar emolumentos), mas o conde de Porto Santo é presidente do senado, e Rodrigo de Magalhães, que serviu D. Miguel, assim como Marçal José Ribeiro, e outros, em quanto D. Miguel os quiz, são os favoritos do governo!!!

O Rodrigo faz hoje, por a porta dianteira, onze mil cruzados d'ordenados! Todo o crime é remissivel aos olhos do governo, menos defender a Carta, e a rainha, e negar a regencia *(faute de mieux ...)* ao senhor D. Pedro. O mesmo João Felgueiras, *da junta miguelista de Vianna*, é procurador da corôa, conselheiro, e *fidalgo novo!!!*

D. Leonor da Camara, dama, a Brusco açafata, o o Parreiras, mestre da rainha, foram todos excluidos do quarto, e serviço della; porque recusaram entrar n'uma intriga de casamento... E quem pensa que o imperador chamaria para servir a rainha dos portuguezes? D. Helena de Lima; D. Maria d'Almeida, ou outra alguma dama de modestia reconhecida, e persuasões liberaes? Não senhor; a rainha de Portugal, no centro da sua capital, no meio dos seus subditos, na presença do seu exercito, no seu palacio, e no seu quarto, foi outra vez entregue a mãos estrangeiras, inimigas do seu throno, e da sua vida!!! E não ha em Lisboa um capitão generoso, um juiz do povo, um chanceller que acuda ao *mestre*, que o matam no seu palacio? Ó tempos de D. João I!

Oh! Se houvesse aqui um patriota corajoso, que insinuasse á infeliz rainha encarcerada no templo... a conducta de Luiz XIII! Se a rainha ousasse, como deve (se quer salvar-se a si, e salvar seus subditos) dizer a seu pae, como Luiz XIII disse a sua mãe: «*Sou rainha, e começo hoje a governar.*» Quem ha aqui que ousasse, ou *podesse*, desobedecer-lhe?

Pois se um estrangeiro sem poder legal, sem auctoridade approvada *(o consentimento, filho de circumstancias imperiosas, não é approvação)* pode violar todas as instituições, atropellar todas as leis, e borrar todos os artigos da Carta, sem respeito nem ás vidas, nem ás opiniões, nem á propriedade, qual é o portuguez que se atreveria a negar á sua soberana o direito *temporario* de suspender *(neste momento sacramental)* o artigo 91 da Carta, começando a governar desde já? Não é ella *maior*, segundo a Carta de lei, passada pelas côrtes de Lisboa, em 1674?

Pois o senhor D. Pedro, cidadão do Brasil, pode convocar as côrtes para decidirem a importante questão da regencia, e a rainha de Portugal, contando 15 *annos* de edade, não hade ter a mesma auctoridade? O governo; as altas dignidades; todos quantos levam parte no extravio, e na concussão, venda, prostituição, e aceitação das graças, podem dizer que não; mas o interesse publico, a logica, e a razão dizem que sim. E se a experiencia provar, que a rainha é inexperiente, cabe ás côrtes dar-lhe um esposo digno della, ou um conselho de regencia.

Tudo isto é nacional, tudo isto tem raizes na lei, e nos costumes; pelo contrario; tudo quanto inventa e faz o senhor D. Pedro é obra d'uma facção, que tudo tem em vista, menos a causa da patria, e da liberdade.

O conde da Taipa, levado d'um nobre arrojo, acaba de levantar o veo ao maior acto de depredação da fazenda publica, que jámais se praticou em Portugal. O credito d'uma augusta personagem.. correrá por todos os poros, se a materia não for já publicamente investigada. Em todo o caso, lembrem-se os eleitores e deputados, que o suborno, e a concussão são crimes d'alta traição.

A proposito d'eleições.—O governo só exige agora dos dois milhões esterlinos que contratou fraudolosamente com Ricardo, e Ardouin, *via Mendizabal ..!* uma quarta parte do seu valor (contratando pelo todo, privando assim o thesouro da vantagem, que devia, e hade resultar, do melhoramento de circumstancias...) o resto hade reclamar-se no momento das eleições... Se forem deputados os camaleões de 20, a 26, não é preciso tanto. E quem hade pagar todas estas galanterias? os eleitores, se não votarem precavidos. (Nota I).

O doutor Lopes Rocha convenceu, n'um requerimento muy bem feito, o corregedor do Rocio, José Bernardo da Silva Cabral, favorito de José da Silva, de ter roubado o conego Oliveira, pretextando que o conego era miguelista.

Meu amigo, o ministerio não exige da gente que emprega senão um juramento, isto é, odio á Carta, e concorrencia com elle nas eleições —Avalie pois que ministros, abbades, curas, etc estão destinados para as provincias...

Assim mesmo, a facção ainda treme, e intenta chamar as côrtes *negligentes, ignorantes e servis* de 1826, se for derrotada nas eleições.—Gela-se o coração descrevendo tanto atrevimento, e corrupção d'um lado, e do outro tanta paciencia, e vacilação.

Adeus.

NOTA I

Portugal é bolo franco d'estrangeiros; o Mendizabal foi o plenipotenciario incumbido de negociar o ultimo emprestimo com os mesmos homens de quem é socio, e agente! Por isso carregou dois e meio de commissão, estando o mercado aberto; e abandonou ao Ricardo 50,000 libras, interesse de 500,000 libras, que teve em deposito desde 1831!!! Se o governo não lucrasse nisto, *individualmente*, não o auctorisava.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

(a) Os famintos camaleões de 1820 revoltaram toda a alta nobreza contra si, vociferando constantemente contra ella; e hoje, senhores absolutos do poder, ajuntam á nobreza titular, hereditaria, e historica, outra nobreza tirada, por dinheiro, das tendas, açougues, e tavernas!!! Grande reforma, sem duvida!

2 VENDE-SE uma propriedade sita em Vil de Mattos, que antigamente foi vinha, e que póde produzir 30 ou 40 pipas de vinho. A venda será feita no dia 29 de Novembro ao meio dia, em praça particular, na rua do Corpo de Deus, 7, em casa do sr. Amadeu Fructuoso da Silva Rocha.

O predio será vendido junto ou separado em 4 partes, em que se acha naturalmente dividido, e o comprador ficará, querendo, com o preço da compra em seu poder, pagando juro de 5 0/0 ao anno.

O sr. Joaquim Pedro Martins, regedor em Vil de Mattos, está encarregado de mostrar a propriedade.

LECCIONAÇÃO

3 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar, na rua da Trindade, n.º 17, instrucção primaria, francez, e desenho; assim como habilita para o magisterio de instrucção primaria.

4 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa d'um official de barbeiro.

Substitutos a militares

5 JOÃO DE PINHO, na rua da Calçada, n.º 21, em Coimbra, d'accordo com um seu amigo, tem substitutos para darem aos governos civis, ou aos corpos onde tiverem já praça assente.

6 PRECISA-SE de um praticante de pharmacia, examinado, ou com annos de pratica, para uma terra proxima da Figueira. Nesta redacção se diz com quem se deve fallar.

Vende-se a dinheiro ou a prestações mensaes de 2$000 rs., as machinas para coser a dois pespontos da companhia SINGER.

32—RUA DO VISCONDE DA LUZ—36

COIMBRA

7 JOSÉ TEIXEIRA DA CUNHA annuncia que desejando a companhia de **Singer** pôr as suas acreditadas machinas ao alcance de todas as classes da sociedade, adoptou o systema de venda a prestações de 2$000 reis mensaes! Desta fórma qualquer pessoa que desejar comprar uma das melhores machinas que se conhece, póde insensivelmente fazel-o sem o menor sacrificio, mediante uma insignificante prestação.

A mais vantajosa condição e segura garantia offerecida ao publico, é o extenso prazo de vinte mezes, que se permitte ao comprador para pagar e para experimentar minuciosamente a sua machina. Por este systema tem a companhia de **Singer** fornecido mais de 200:000 pessoas com as suas acreditadas machinas, a maior parte das quaes não poderiam por outra fórma adquirir machinas tão superiores, e teriam que lançar mão d'essas que só convidativas de baratas se tornam caras.

A companhia **Singer** durante os ultimos tres annos vendeu—**633:462 machinas**—(mais de meio milhão!)

8 CODIGO DE CONCURSOS dos delegados do procurador regio, curadores geraes dos orphãos, conservadores, officiaes de justiça, e substituições destes, por Joaquim Augusto da Silva Carvalho.

E' um livro que contem as providencias governativas mais importantes sobre communicações de despachos, juramentos, posse, encarte, direitos de mercê e sellos a pagar, licenças e outras disposições com algumas notas illustrativas.

Vende-se por 300 reis em brochura, na loja do editor, J. C. d'Almeida Junior, rua do Visconde da Luz, 104 a 106, em Coimbra.

EMYGDIO NAVARRO

9 OS FUSILAMENTOS—O direito—A politica—A ordem social.

Preço 200 reis.

Livraria Academica—183, rua da Calçada.

Muita attenção

10 NA RUA DA ESPERANÇA, n.º 31, ha uma senhora que recebe estudantes, dando-lhes bom tratamento e as melhores commodidades de casa, por preços muito commodos.

11 VENDE-SE vinho de mesa na rua das Solas, n.º 26, na tinturaria Portuense. Preço o almude 2$000, e por quartão 500 rs. E' optimo, da colheita de 1872.

ALUGA-SE

12 NA COURAÇA DE LISBOA, n.º 33, casa para 2 ou 3 estudantes.

CONVITE

13 ANNIBAL AUGUSTO PEREIRA e seu irmão Adriano Augusto Pereira, rogam ás pessoas de sua amisade, o obsequio de assistirem a uma missa de *requiem*, que na egreja da Sé Velha deve ser dita no dia 9 do corrente, pelas 7 horas e meia da manhã, anniversario do fallecimento de sua prezada mãe Maria da Luz Pereira.

Não fazem convites especiaes, e por isso desde já tributam o seu reconhecimento e gratidão a todas as pessoas que comparecerem a este acto funebre.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navio a sahir



Para o Rio de Janeiro

Barca=JOSEPHINA em 12 de Novembro.

Para o **Rio Grande do Sul com escala por Santos**

Patacho=VIRGINIA.

Recebem passageiros e carga. Tracta-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça do S. Bartholomeu.

DENTISTA

CEREGHETTI DOMINIQUE

Cirurgião dentista suisso

15 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, pôr dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados; com pasta não conhecida até hoje, e tira callos sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca tivera tido callos.

Praça 8 de Maio, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

OURIVESARIA EM COIMBRA

Francisco Maria dos Santos

87—Rua do Visconde da Luz—89

16 VENDE, compra e troca ouro e prata, recebendo-se os objectos pelo peso, estando em bom estado, logo que tenha a marca do Porto.

BENS DE RAIZ

17 OS IRMÃOS DO FALLECIDO João Cardoso Guimarães, vendem todos os bens de raiz que herdaram d'este, e que são sitos nas freguezias de Antanhol, Assafarge e Sernache, compondo-se de vinhas, e pinhaes, comprehendendo-se tambem duas quintas á Cruz de Morouços, freguezia de S. Francisco, que confinam com a estrada real.

O sr. Jeronymo Joaquim dos Santos, na rua da Calçada, está encarregado de prestar as informações que forem precisas.

REPETIÇÃO DE PEDIDO

18 ALGUNS dos moradores da rua dos Sapateiros, chamam de novo a attenção da illustre camara municipal, para a infracção em que dia e noite está incorrendo, o sr. Francisco Antonio Fernandes, mestre sapateiro, morador n'essa rua, n.os 16 e 18.

Este individuo, esquecido da consideração reciproca que sempre deve existir entre cidadãos bem morigerados, e muito principalmente com visinhos; desconhece todos estes preceitos de cortezia, e consente que seus familiares, vão fazer o despejo das aguas do uso domestico, em os rálos publicos. Mas o que é mais singular, é que essas aguas levam de envolta immundicie de toda a qualidade, o que sem duvida é contrario ao n.º 1 do art. 16 do regimento de policia municipal.

Residindo n'essa mesma casa ha dois annos, outro cidadão, algumas queixas se fizeram á camara transacta, de transgressões identicas, as quaes redundaram em que ella obrigou a locadôra d'esse predio, a encanar as aguas do uso domestico para o cano geral da rua, em conformidade com o n.º 4 do art. 15.º do citado regimento de policia. Ora, se aquelle cidadão tem esta commodidade dentro de casa, não lhe dirá a consciencia, que, com seu insoffrido procedimento, offende o publico, e sobre tudo seus visinhos?

D'aqui pedimos á illustre vereação attenda a estes queixumes, visto que o referido cidadão não tem o bom senso de prohibir em sua casa, se esteja de continuo *mimoseando* os cidadãos com cheiretes asquerosos e de todo o ponto repugnantes.

AONDE HA MAIS BARATO?

Lunetas, oculos, binoculos, etc.

FONSECA

72—Rua da Calçada—76

19 ACABA de fazer uma GRANDE reducção em preços nestes artigos, e por certo em nenhuma outra casa se vendem por eguaes.

Para o publico conhecer a verdade deste annuncio, convida os srs. consumidores a proverem-se do seu estabelecimento.

Acerta vidros nas lunetas, e colloca molas nas ditas.

4$500 RS. O CENTO

Encalyptos em vasos

20 RAIZES de rainunculos, tulipas, jacinthos, anemonas, gladioles.—Araucarias, acacias, e muitas outras arvores d'ornamento e florestaes.—Sementes d'hortaliçes.

Estabelecimento horticula de A. M. S. Castro, rua do V. da Luz, 10 Rua da Sophia 167 =Deposito.

PARA 1875

21 ALMANACH DOS COMPADRES. Preço 60 reis.

A' venda nas livrarias Mesquita, rua das Covas, e livraria Academica, rua da Calçada.

DOCTOR IN ABSENTIA

22 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo medico, cirurgião, dentista e artista que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

23 A COMMISSÃO edificadora da nova egreja desta villa da Louzã, carecendo de pessoa habilitada para dirigir e vigiar as obras da mesma egreja, convida aos que se julgarem nestas circumstancias a dirigirem-se a esta commissão, pessoalmente ou por escripto, dentro do prazo de 30 dias, a contar da data do presente annuncio.

Louzã 1 de Novembro de 1874.

O presidente da commissão,
José Francisco Pinto.

24 MIGUEL DE BARROS CONTRERAS, da comarca de Loulé, faz publico, que revogou a procuração que fez a José Pedro de Barros e Manoel Ignacio Sequeira, da mesma comarca, para a venda do resto dos bens da herança de sua mãe D. Theresa do Carmo Contreras, e que esta tinha havido por herança de seu filho o Dr. João Baptista de Barros Vasco, da dita comarca; e para que ninguem contrate com aquelle, sob pena de nullidade, se faz este annuncio.

Attenção

25 JOÃO DO CONEGO, da cidade de Vizeu, tem rapazes para substituição na vida militar, para toda e qualquer parte do reino, por preços commodos.

Quem pretender póde dirigir-se ao annunciante para Vizeu; e em Aveiro a José Ferreira Fandango.

26 VENDE-SE a quinta no sitio do Rego de Bemfins, suburbios desta cidade, com casa de habitação, adega, casa para criado, nora com seu engenho de ferro, agua de nascentes, um grande tanque para deposito, terra baixa e alta, com oliveiras, parreiras, vinha, laranjeiras, e muitas arvores de fructo.

Quem a pretender póde dirigir-se a Manoel de Jesus Cardoso, morador em Fora de Portas, que está encarregado de fazer esta venda.

CHEGARAM

As excellentes passas de Malaga.
Ditas de Torres Novas.
Os superiores figos do Algarve em caixas de differentes tamanhos.
Os superiores queijos flamengos, casca encarnada.
Dito Gruyère.
Dito Niza.
Stearina de 4, 5 e 6 velas em pacote, a 140 rs.
Estabelecimento de Manoel da Silva Gonzaga—153—Sophia—157. Casa de azulejo.

Successo immenso

TINTEIROS MAGICOS INEXGOTAVEIS

28 CADA UM destes tinteiros tem um preparado chimico, que introduzindo-lhe agua pura, se transforma rapidamente em tinta administrativa, a melhor até hoje conhecida, e que dá para consumo diario durante o espaço de cem annos.

A escolher—tinta preta, vermelha e azul. Vende-se na loja

FONSECA

72—Rua da Calçada—76

NUMERO 2848 — TERÇA FEIRA 10 DE NOVEMBRO DE 1874 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A RELIGIÃO NAS COLONIAS PORTUGUEZAS

Tratámos em o numero passado da parte agricola e economica das nossas possessões. Hoje diremos alguma cousa ácerca da parte religiosa, que não é menos, senão mais importante.

O estado religioso das nossas colonias é verdadeiramente deploravel. A grande maioria dos habitantes de quasi todas ellas é extranha totalmente ao culto catholico. Pois desenganem-se todos os governos, e os homens politicos, que sem a propagação e exercicio da doutrina evangelica, nada de verdadeiramente util se poderá obter daquelles povos.

A' proporção que os nossos antepassados iam descobrindo as terras da Africa, da India e do Brasil, achavam ao seu lado para os coadjuvar efficazmente, os missionarios, que affrontando todos os perigos, e levados só pelo amor da propagação da fé, atravessavam vastos e inhospitos paizes, e sujeitavam-se aos maiores perigos, para ensinar a doutrina catholica aos gentios, e lançar nelles as sementes da civilisação.

Ao seu zelo evangelico se deve a fundação de muitas egrejas e escolas, e o ensino da doutrina a povos numerosissimos. Foram elles que tornaram conhecidas na Africa as plantas e arvores uteis da Europa, Asia e America, tratando de as fazer alli reproduzir; foram ainda os missionarios, segundo um acreditado escriptor contemporaneo, que dando aos indigenas indispensaveis noções da nossa agricultura, das nossas artes fabris, e da nossa industria, diligenciaram ao mesmo tempo obter, e delles obtiveram, com proveito mutuo, averiguado conhecimento dos seus varios usos, praticas e costumes, das virtudes das plantas, e das qualidades do solo e prestimo das terras; e trocando informações, multiplicando as dependencias, e facilitando o tracto, lhes proporcionavam os meios de melhor satisfazer as antigas necessidades, e de acudir ás que provinham, como consequencia inevitavel, da sua situação recente.

Desta sorte, acrescenta ainda o mesmo illustrado escriptor, os missionarios, aproximavam os indigenas entre si e dos portuguezes, com os quaes não raro vieram a ser familia commum; abriram estrada certa e plana á influencia dominadora do sceptro portuguez, ás emprezas commerciaes do mundo inteiro, e, em uma palavra, ao progressivo caminhar do aperfeiçoamento social.

Infelizmente, com o decurso do tempo este fervor religioso foi diminuindo, e graves abusos se introduziram em muitos dos missionarios. Devido á fragilidade humana, já nos seculos XVII e XVIII estava muito alterado nas nossas possessões o primitivo zelo pela propagação da fé catholica; e muitas egrejas tinham caido em ruina, ou se achavam deterioradas e incapazes de servirem ao culto divino.

Este estado lastimoso tem ido sempre em progressivo augmento; os costumes publicos tem-se corrompido cada vez mais; e em muitos pontos das nossas colonias apenas ha noticia da religião catholica por tradicção.

A par de alguns ecclesiasticos, incontestavelmente respeitaveis e illustrados; muitissimos outros, indignissimos, tem sido nomeados para as nossas colonias nos ultimos tempos. E se estes eram ignorantes, e de mau comportamento em quanto viviam no continente de Portugal, que terá acontecido depois de irem para paizes afastados, de difficil fiscalisação e inspecção da auctoridade central?

Muitos prelados, já por motivo justificado de doença, já por indesculpavel abuso, tem abandonado as suas sés no ultramar, deixando ao desamparo as ovelhas que haviam sido confiadas ao seu cuidado paternal. Os males gravissimos provenientes desta falta de permanencia dos prelados nos seus bispados, são tão obvios, que não carecem de demonstração. Quando começam a dar alguma regularidade aos negocios da sua diocese, e então que a egreja se vê sem pastor. Nesse interregno, a administração ecclesiastica fica entregue a auctoridades subalternas, sempre de menos prestigio e força para se fazerem obedecer; e como consequencia necessaria, segue-se a mais completa relaxação dos sacerdotes e portanto a falta quasi total de religião no povo.

Se decorridos annos é nomeado novo pastor para a mesma diocese, renovam-se com este eguaes factos; e assim se vae enfraquecendo cada vez mais o vinculo que ligava o director espiritual aos fieis da sua diocese.

E' verdade, que pela carta de lei de 12 de Agosto de 1856 foi creado o collegio das missões ultramarinas, para o qual se decretaram estatutos em 18 de Agosto de 1871; sendo incumbido este

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCCLX

RODRIGO PINTO PISARRO

XVIII

Estava finalmente chegado o acto de maior escandalo, nesta contenda entre D. Pedro e os seus ministros de um lado, e Rodrigo Pinto Pisarro do outro.

Como na portaria em que se havia prohibido a este coronel o vir para Portugal, se declarava que essa prohibição era até se achar estabelecido o governo da rainha em todo o reino; não duvidou o nosso ministro em Londres conceder em Junho de 1834 passaporte a Pinto Pisarro, visto ter terminado a guerra com a convenção de Evora Monte.

Chega effectivamente Pinto Pisarro a Lisboa no dia 22 do referido mez de Junho; e logo nesse dia expede o ministro do reino, Bento Pereira do Carmo, a seguinte portaria ao prefeito da provincia da Estremadura:

«*Confidencial.*—Constando a sua magestade imperial o DUQUE DE BRAGANÇA, regente em nome da RAINHA, que o ex-coronel Rodrigo Pinto Pisarro acaba de chegar a esta capital: é o mesmo augusto senhor servido ordenar que o prefeito da Estremadura o mande pôr immediatamente fóra do reino. Lisboa 22 de Junho de 1834.—*Bento Pereira do Carmo.*»

Por ordem do prefeito foi em seguida dirigida ao provedor do 2.º districto da capital o officio que abaixo publicamos, pelo qual se vê que elle se desviava das ordens do ministro do reino, o qual determinara que fosse expulso do reino Pinto Pisarro, e o prefeito o mandava prender.

«Sua ex.ª o sr. prefeito da Estremadura me encarrega de lhe dizer, que por ordens que tem superiores, deve ser preso o coronel Rodrigo Pinto Pisarro, e remettido em uma embarcação segura immediatamente á torre de S. Julião, acompanhado de uma escolta capaz de o conduzir são e salvo á dita torre. Para isto é necessario que v. s.ª mande fazer uma rigorosa busca a todas as hospedarias, e debaixo do pretexto de examinar se elles cumprem os seus deveres, conheça se lá existe o sobredito Rodrigo Pinto Pisarro, que chegou hontem pela barra. S. ex.ª lhe recommenda muito e muito esta diligencia, e todas as medidas, que forem adequadas para levar a effeito a ordem do governo. Deus guarde a v. s.ª muitos annos. Lisboa 23 de Junho de 1834. —Illm.º sr. provedor do 2.º districto.—*Francisco Luiz de Gouvea Pimenta*, secretario geral da prefeitura.»

Dirige-se com effeito o provedor do 2.º districto criminal á hospedaria em que se achava Pinto Pisarro, e alli se passa a notavel scena que se verá do seguinte documento.

Auto de diligencia e prisão

«Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1834, aos 23 dias do mez de Junho do dito anno, na rua do Prior, n.º 3, 1.º andar, na hospedaria de Maria Reeves, aonde eu escrivão vim em companhia do dr. provedor do 2.º districto Antonio Alexandrino de Moraes e Sousa, e do official das diligencias da prefeitura, para proceder á prisão e conducção do ex-coronel Rodrigo Pinto Pisarro á torre de S. Julião da Barra, ordenada pela portaria da prefeitura desta provincia, datada de hoje, em cumprimento de ordens superiores, e sendo presente o dito ex-coronel, o mesmo provedor lhe intimou a ordem da mesma portaria, ao que o mesmo respondeu, que não reconhecia auctoridade de quem ella dimanava, por não ser das constituidas segundo a Carta Constitucional, e que assim mesmo não reconhecia essa auctoridade superior que a transmittira á prefeitura, por isso que sua magestade imperial o DUQUE DE BRAGANÇA, regente em nome da RAINHA, era um principe brasileiro que se arrogara arbitrariamente a regencia destes reinos, e a quem elle nunca reconhecera nem prestara juramento.

Que elle se achava doente, e que só arrastado seria levado á prisão; que elle sabia positivamente que o queriam assassinar, e que disso tinha sido avisado em Londres, por cartas; que sua magestade imperial o DUQUE regente era muito capaz de o fazer, e executar o seu assassinio, porque já no Rio de Janeiro tinha mandado assassinar 14 individuos, sendo um delles o Malagueta, e que mesmo chegara ao excesso de levar por sua propria mão um copo de ponche envenenado á porta de um Fuão. E que estando parte desses assassinos hoje em Lisboa, algum estava de certo esperando-o por ordem do governo para commetter nelle um novo assassinato; porem que elle tinha duas pistolas carregadas, de que immediatamente lançou mão, para com ellas matar a quem tentasse tiral-o daquelle logar, donde só sahiria em pedaços.

Mais accrescentou a estas imprecações, que o governo era composto de ladrões, e que elle era perseguido por nunca ter comido, nem deixar comer: que 10 brasileiros governavam hoje Portugal, e que os empregados publicos estavam todos vendidos ao governo, e que aquelles que ainda não estavam, é porque lhes não tinham chegado ao preço.

Á vista do que o dito provedor o admoestou para que houvesse de se dar á prisão, e abster-se de taes improperios; ao que o mesmo não assentiu, continuando na sua resistencia, o que deu logar ao dito provedor dar parte á prefeitura do acima narrado; tendo-o preso, e com sentinellas até que se deliberasse se havia ou não empregar força a fim de ser levada a effeito a portaria retro-mencionada.

E de tudo referido mandou o dito provedor fazer este auto, de que do seu contheudo foram testemunhas José Antonio de Macedo, official de diligencias da prefeitura.—Manoel da Nazareth, soldado do regimento n.º 10, n.º 137—e João Antonio Rodrigues, soldado do mesmo regimento, n.º 51.—E eu Francisco de Salles Rodrigues Leiria fiz este auto, que com o dito provedor e testemunhas assignei. S

collegio da educação intellectual e moral, e ordenação dos mancebos que se queiram dedicar ao sacerdocio, para satisfazerem as necessidades religiosas do real padroado na Africa, Asia e Oceania; devendo egualmente ser o ponto central de todos os trabalhos religiosos em as nossas possessões.

Terá, porem, o referido collegio, estabelecido em Sernache do Bom Jardim, satisfeito aos fins a que foi destinado? Não o diremos nós: deixaremos fallar um illustre ministro de estado, o proprio que concorreu para a sua fundação, e por isso insuspeito.

Com elle, diz o sr. marquez de Sá da Bandeira em uma memoria publicada o anno passado, tem feito o estado grandes despezas. Mas até agora o proveito que se tem tirado desta instituição tem sido muito limitado. E' pois necessario que elle corresponda bem ao seu destino, devendo prestar-se especial attenção á escolha dos seus directores e mestres, e aos programmas do ensino, o qual deve ter por fim, não somente a propagação religiosa entre os indigenas, mas a sua civilisação, sendo guiados para esse fim pelos seus pastores ecclesiasticos, para o que estes devem aprender no collegio a lingua dos povos que hãode instruir, e bem assim os principios de agricultura, de medicina e de alguma arte util.

Entende o sr. marquez de Sá, que seria conveniente que o numero de egrejas parochiaes fosse augmentado no interior da provincia de Angola. A cada templo que se construisse deveria annexar-se uma escola primaria, e casas de residencia para o parocho e professor. Assim se creariam nucleos para novas povoações, e se promoveria simultaneamente a propagação da fé, e a civilisação dos indigenas; sendo justo que para estas obras concorresse com algum subsidio o cofre da bulla da cruzada, cuja instituição teve por fim a propagação da fé catholica.

E' esta a opinião do sr. marquez de Sá; mas ha outros escriptores que não acham remedio para este estado senão nas missões provenientes das ordens religiosas.

A extincção das ordens religiosas, e com ellas as de todas as missões, diz o sr. D. José de Lacerda em uma sua valiosissima publicação, foi perda irreparavel para as nossas possessões africanas, que tanto podiam e deviam ter com ellas aproveitado. As funestas consequencias estão-se experimentando, e desde logo tinham de prever-se: de certo, porque de todo o ponto é fora de duvida que, missões regularmente constituidas, e donde hajam a esperar-se effectivos e avantajados resultados, só por via das corporações religiosas, podem obter-se. O que neste intuito podem fazer as corporações religiosas, só ellas podem fazel-o, porque só ellas podem preparar, escolher, e ter á mão, mediante os votos monasticos, os obreiros mais completos: as condições tão especiaes, proporcionadas pelos votos, mormente pelo da obediencia, não ha nenhum outro modo de serem suppridas.

Nos seus *Ensaios* já dizia o sr. Lopes Lima em 1846, que das 33 egrejas parochiaes que no seculo XVII havia nos sertões de Angola e Benguella, só 4 estavam ultimamente providas de pastor; —9 achavam-se apenas em estado de servir com um pequeno concerto; —7 totalmente arruinadas, restando só vestigios do que foram; —e das restantes nem vestigios já existiam, tendo-se talvez de algumas dellas apagado a memoria, sobretudo no districto de Mansangano.

Para remediar tão grande abandono e orfandade, entendia este escriptor, que deviam ser chamados para começar a civilisar a Africa alguns filhos da Asia, educados em Goa, os quaes alli viviriam bem, contentando-se com pouco; havendo a circumstancia attendivel de saberem tratar com aquelles povos. De sacerdotes idos do continente do reino, pouco ou nada confiava o sr. Lopes Lima.

Vê-se, pois, que todos estão concordes na situação lamentavel a que chegaram as cousas religiosas nas nossas possessões; sendo a divergencia em qual o remedio a empregar.

Este assumpto é da mais elevada importancia, e merece bem que delle se occupem os governos e o discuta a imprensa periodica.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

No seu ultimo numero lamenta o nosso collega da *Correspondencia de Coimbra*, que nesta cidade se não tenham creado mais emprezas industriaes do que alli existem; e cita com o merecido louvor, e para incitamento, a fabrica de massas do sr. José Clemente Pinto; a de bolaxas do sr. José Francisco da Cruz; e a de sabão do sr. João Coelho da Silva Torres, todas as quaes tem prosperado.

Com effeito, estes exemplos, a que se póde juntar a importante fabrica de fundição a vapor do sr. Antonio José Alves Borges, deviam animar os industriaes a fundar aqui outros estabelecimentos; mas não sabemos que mau fado persegue Coimbra, pois que ainda ha tempo se tentou crear nesta cidade uma fabrica de louça aperfeiçoada e outra de lanificios; e surgiram logo taes contrariedades, que os emprezarios tiveram de desistir da sua tentativa.

Acostumaram-se em Coimbra quasi todas as classes a viver da Universidade, e entendem que de nada mais devem tratar. Pois valia mais que os desvalidos de fortuna obtivessem o seu sustento antes pela industria fabril, de que pelo caldo dos estudantes.

Publica o nosso collega do *Jornal de Coimbra*, no seu ultimo numero, um interessante artigo, sobre a *educação*, pelo sr. Pedro Tavares.

Exalta alli o illustrado escriptor a importantissima missão que tem a desempenhar a mãe na educação da familia; e termina o seu artigo com o seguinte periodo:

«Mãe, pae e mestre são tres columnas, sobre as quaes assenta toda a educação.»

Pedimos licença para dizer ao esclarecido escriptor, que falta aqui mais um elemento essencialissimo para a educação—é o *padre*—Mãe, pae e mestre são muito, muitissimo; mas só por si, não bastam.

Parece-nos que o sr. Pedro Tavares se deixou demasiado levar pelas doutrinas de Aimé Martin.

Salvo este reparo, diremos que temos em muita conta o artigo sobre a *educação* a que nos referimos.

O nosso collega do *Tribuno Popular* tem combatido com toda a energia e desassombro a pena de morte. Ainda no seu ultimo numero publicou um artigo em resposta a uma correspondencia da Louzã, em que se sustentavam ideias oppostas. Conclue esse artigo o nosso collega com o seguinte periodo:

«Portanto é indispensavel instruir moral e religiosamente o homem, estamos de accordo; evitar completamente os crimes é impossivel; mas será remedio contra a pratica dos delictos a pena de morte? Mostra a experiencia que não. E antes d'isto, terá a sociedade o direito de impôr a pena capital? Concorda o louzanense que não ha tal direito. Logo a applicação d'ella é um abuso contra o direito, o qual um povo civilisado, que présa mais que tudo a justiça, não deve consentir.»

A questão da pena de morte tem sido largamente debatida, e ainda o continuará a ser por muito tempo. Na verdade, o assumpto e um dos mais graves que pode vir á tela da discussão.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Por parte da *Associação Instrucção Popular de Lamego* recebemos as seguintes publicações:

Catalogo dos livros e outras publicações que se encontram no gabinete de leitura da Associação Instrucção Popular de Lamego, coordenado segundo o plano de A. Dantes, pelos socios C. P. P. Neves e R. C. Pinto—Porto, typographia do *Commercio do Porto*—1874.

Silvio Pelico — Dos deveres dos homens, —discurso dirigido a um joven. (Versão nova do italiano), por C. N.—Coimbra, imprensa da Universidade—1874.

—Francisco de Salles Rodrigues Leiria—José Antonio de Macedo—Manoel de Nazareth—Uma cruz de José Antonio Rodrigues.—Secretaria da prefeitura, 30 de Junho de 1834.»

Em vista da resistencia de Pinto Pisarro á prisão, foi empregada a força militar, a que elle teve de ceder, sendo levado para a torre de S. Julião.

Nessa torre esteve Pinto Pisarro, por ordem do governo, incommunicavel 49 dias; o que como liberal de que muito nos prezamos, não podemos deixar de aqui severamente stygmatisar.

No dia 27 de Junho, poucos dias depois de se achar preso Pinto Pisarro, dirigiu elle do segredo em que estava, ao governador da torre de S. Julião a seguinte memoravel carta, a qual temos todo o fundamento para dizer, que sae agora pela primeira vez a publico:

«Illm.º sr.—*Undique frustra*.—A necessidade de tomar posse da casa de meus paes, d'ultimar inventarios, e combinar meios e recursos para fazer frente ás despezas avultadas, a que me tem forçado, não só seis annos de emigração, e a sentença de morte proferida contra mim pelas justiças do governo que D. Miguel usurpou em Portugal; porem, e ainda mais, quasi tres annos de expatriação imposta pelo governo, que S. M. o ex-imperador do Brasil assumiu em França e nos Açores, e exerce ainda em Portugal, foram os unicos motivos que me induziram a visitar o meu paiz.

Tomei esta resolução:—1.º Porque *cives sum*—Maria II é a minha unica soberana, e a Carta Constitucional o meu unico codigo. Por estes principios, e nesta qualidade, tenho, e defendo direitos, que podem ser, como estão sendo atropellados em minha pessoa, porem nunca desconhecidos. 2.º Uma portaria do secretario da guerra de S. M. I. auctorisou-me explicita e claramente a recolher á minha patria, logo que o governo da rainha estivesse reconhecido em todo o reino de Portugal. E em terceiro logar o ministro do senhor D. Pedro, junto á côrte de Londres, entendeu esta portaria, como eu a entendi, e deu-me francamente passaporte para este reino. Doutra sorte, senhor governador—«*L'air de la servitude est trop pesant pour moi*»—para que eu aportasse a uma terra que parece destinada, como certos povos d'Homero, a devorar sempre todo o homem livre, que o fado ou a illusão arrojam em suas praias libertecidas.

Apesar de todos estes direitos, titulos e fianças, o governo constitucional de Portugal, 20 horas depois do meu desembarque, arrancou-me doente de uma hospedaria, e mandou-me entaipar (sem culpa, sem accusação, sem processo, e sem sentença) n'um tronco desta fortaleza, juntando a esta injustiça, o tormento de me deixar em rigorosa *incommunicabilidade!* (a) Medida de precaução tão suave que involve somente prisão isolada; privação de todas as commodidades e consolações da vida; privação de todo o auxilio, companhia, e conselho d'amigos e parentes; privação do ceu e da terra, morte civil, em fim. Pena esta, senhor governador, que apenas, e rarissimas vezes se applica nas prisões aonde ha leis, tribunaes, e justiça, aos facinorosos mais torpes, e desalmados, ou aos *secretarios d'estado* que violam as leis e atropeliam e assassinam seus concidadãos, como os ministros de Carlos X.

Nesta situação vejo-me obrigado a expor a v. s.ª que meu credito, interesses de terceiro, e meus, exigem que eu consulte um homem de lei, e dicte uma procuração a um tabellião; e na impossibilidade de os convidar a prestar-me este auxilio, creio dever pedir a v. s.ª queira fazer-me o obsequio de reclamar d'auctoridade que confiscou minha pessoa, e minha liberdade, a licença necessaria para que eu possa obter o conselho e serviço que preciso. Tenho obrigações contrahidas em Londres, que posso, devo, e quero religiosamente cumprir, nos termos, e prazos concertados entre mim, e aquelles que me abonaram franca, e generosamente na emigração e no desterro, a que me condemnaram successivamente D. Miguel, por eu defender os direitos do senhor D. Pedro IV, e este principe, por eu defender os direitos da senhora D. Maria II!

Pode v. s.ª, se mister for, declarar a quem dever, que eu não duvido receber o conselho legal que reclamo, no cahos da legislação actual, diante de testemunhas, e agentes do governo, se o governo receia que uma só palavra minha lance por terra, como o turbilhão do deserto, as palmeiras mais elevadas, pois eu não careço de conselheiro juridico para avaliar meus direitos politicos, nem quero fazer petições aonde leis não ha.

Rodrigo Pinto, senhor governador, (permitta-me v. s.ª que eu o diga, sem allusão a pessoa viva, e nunca, e muito menos a um official como v. s.ª), ou morra estrangulado, como Pichegru, neste, ou noutro tronco, ou junto áquella cruz, aonde cahiu Gomes Freire, ás mãos d'estrangeiros ambiciosos e vingativos, e de portuguezes venaes, cobardes e ferozes; Rodrigo Pinto, torno a dizer, não ha de falsificar nunca, nem o juramento que deu a Maria II, nem á Carta Constitucional. Rodrigo Pinto não hade nunca, para poupar a vida, ou *fazer fortuna*, desmentir a independencia dos seus principios e da sua conducta. Rodrigo Pinto em fim, costumado ao ar da liberdade, que só o povo inglez d'ambos os mundos sabe por ora apreciar, gosar e defender, ou ha de viver para assegurar em sua patria seus direitos constitucionaes, ou morrer como Dante, em nobre exilio:

«L'esilio che m'è dato onor mi tegno,
Cadere trà buoni è pur di lodi degno.»

Tal é, e tal será sempre a minha religião politica; ella me consola em ferros, que se deixam vincos, é no rosto embaciado do ministro (B. P. do C) que mos lançou; ella me recompensa, quando senhor de mim, e de minha liberdade:

«Yet well my toils shall breast repay,
Though fortune frown, or false friends betray.»

Terminarei este desafogo d'homem entaipado, agradecendo a v. s.ª todo o cuidado que toma para adoçar os rigores e flagellações que o governo constitucional de 1834, mandou sujeitar-me.—27 de Junho de 1834.—*Rodrigo Pinto Pisarro.*»

(*Continuar-se-ha*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

(a) Eu fui o primeiro official que D. Miguel mandou prender e deportar em 8 de Maio de 1828; porem no espaço de 48 horas que me deteve no castello de Lisboa, e a dez passos da minha casa, não me impoz restricção alguma.—Hoje estou entaipado.—Que progresso no caminho da liberdade!

Deste excellente livro mandou a referida Associação imprimir 4:200 exemplares, destinados em grande parte a serem distribuidos gratuitamente pelos alumnos pobres das escolas de instrucção primaria e aos presos das cadeias publicas — para o que o traduziu expressamente o socio e nosso bom amigo, o sr. Cassiano Pinto Pereira Neves.

Quando vemos tal vida e animação na *Associação Instrucção Popular de Lamego*, e a confrontamos com o que vae por Coimbra, não podemos deixar de nos encher da maior indignação.

Quem falla na cidade de Coimbra em ler? Os livros que nesta terra mais se manuseiam, e com uma assiduidade digna de melhor emprego, são os de 40 *folhas!*

Por exemplo, na bibliotheca da sociedade *Terpsichore Conimbricense*, fundada pelos mais preseverantes esforços; no decurso de cada mez rarissimo será o socio que pega em um livro! Se se receiasse que os livros communicassem a febre amarella, não se lhes teria mais horror!

Na bibliotheca da *Associação dos Artistas de Coimbra*, aberta no dia 8 de Maio do corrente anno, no meio de uma festa explendida, escusado é fallar. Tem decorrido desde a sua abertura nada menos de 6 mezes; e vejam os nossos leitores se advinham quantos socios se terão utilisado dos livros da bibliotheca? Damos-lhes um doce se acertarem.

Pois saibam, que até hoje, *nem um unico socio* abriu ao menos um dos numerosissimos livros que alli ha!!!

E acontece isto na chamada Lusa Athenas, na terra das lettras!

Que vergonha!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

COMMUNICADO

No *Jornal do Porto*, de 7 do corrente, lê-se o seguinte communicado, ao qual responde a direcção do Banco Commercial de Coimbra, com a declaração que se lhe segue.

Srs. redactores do *Jornal do Porto*.

Ao favor de um amigo devo a leitura do seu acreditado jornal, n.º 244 de 27 de Outubro proximo passado, no qual vem inserta uma correspondencia desta cidade, em que o meu humilde nome é citado. Talvez que mal informado, diz o illustrado correspondente, que eu como agente do Banco Commercial de Vianna, compro quantas acções me apparecem do Banco Commercial de Coimbra, e que sempre que posso as troco pelas do Banco do que sou agente.

Ora para que o publico não julgue que calando consinto, devo declarar que: Não sou agente do Banco Commercial da Vianna, mas sim um dos administradores da sua Caixa Filial nesta cidade; não compro acções do Banco Commercial de Coimbra, porque me não inspira confiança tal estabelecimento, e finalmente não troco as acções deste Banco pelas do de Vianna, porque estas estão com 155 reis de premio, em quanto aquellas têem 300 a 500 rs. de prejuizo.

A verdade é, que tendo alguns accionistas descrido do progresso do Banco Commercial de Coimbra, me pediram para eu lhes mandar vender no Porto as suas acções, o que fiz, sendo taes acções vendidas com 300, 400 e 500 rs. de prejuiso: d'entre os accionistas citarei tão sómente os nomes dos exm.os srs. Drs. Ruas, que era presidente do conselho fiscal, José Luiz Fernandes, que era substituto da direcção, Antonio Augusto da Silva Ferreira, José Luiz Ferreira Vieira, José Tavares da Costa e Manoel da Silva Gonzaga.

Tambem peço licença para dizer ao illustrado correspondente, que s. s.ª foi enganado dizendo que de Vianna foram pedidas 100 acções.

Effectivamente dizem-me alguns amigos que foram para Vianna 100 acções, mas collocadas em alguns amigos e parentes do agente a instancias deste, e tão satisfeitos estão com ellas, que alguns possuidores já as querem vender.

De v. s.ª etc.

Coimbra, 5 de Novembro de 1874.

João Matheus dos Santos.

(Segue-se o reconhecimento.)

DECLARAÇÃO

Os abaixo assignados, gerentes do Banco Commercial de Coimbra, declaram que lhes inspira inteira confiança, não sómente o Banco Commercial de Vianna, como as suas caixas filiaes do Porto e de Coimbra, estando promptos a descontar quesquer obrigações a pagar das mesmas casas, como o têem feito até hoje.

Coimbra, 9 de Novembro de 1874.

Pelo Banco Commercial de Coimbra,

Os gerentes,

Manoel dos Santos Junior.
José Barbosa Lima.
J. Melchiades Ferreira Santos.

NOTICIARIO

Conferencia—No sabbado, 7 do corrente, fez o distincto academico do quinto anno de Direito, o sr. José Frederico Laranjo, uma brilhante conferencia no salão do Instituto, em presença de um numeroso auditorio, composto na maior parte de professores da Universidade e estudantes.

O ponto sobre que o sr. Laranjo discursou por espaço d'uma hora foi:—*Origem do socialismo; influencia das machinas nas ideas e na razão de ser do socialismo.*

O sr. Laranjo tractou o assumpto com toda a proficiencia, conseguindo que a escolhida assemblea em cuja presença fallou, o escutasse sempre com o maior interesse, e sahisse com as melhores impressões.

Destacamento. — Sahe hoje desta cidade para o Porto o destacamento que aqui estava de infanteria 10.

Esta força teve um comportamento exemplarissimo, devido em grande parte aos seus dignos officiaes.

O sr. Luiz Maria Teixeira Machado, capitão do destacamento, e o alferes o sr. Joaquim Maria de Almeida, deixam em Coimbra tantos amigos, quantas as pessoas que com elles trataram.

Officiaes como estes honram o exercito portuguez.

Banco Commercial de Coimbra. — Publicamos em o numero passado os balancetes deste Banco, relativos aos mezes de Agosto e Setembro, e ver-se-ha hoje na quarta pagina deste jornal o balancete relativo ao mez de Outubro.

Por esta fórma responde a direcção do Banco Commercial de Coimbra aos receios que algumas pessoas tinham manifestado, de que taes balancetes se não publicassem.

Que este Banco, e as agencias de outros Bancos que ha em Coimbra tem prestado bons serviços, são os factos que o dizem.

Já nesta cidade se não houve fallar nos juros de 12 por cento, e ainda mais; pois que quem apresentar abonadores acreditados, obtem agora dinheiro a 7 e a 6 por cento.

Commemmoração—É amanhã dia de lucto nacional. É o anniversario do fallecimento do sempre chorado monarcha o senhor D. Pedro V., de grata memoria e eterna saudade. Na real capella da Universidade celebra-se missa de *requiem* por alma do joven e illustrado principe.

Asylo de Mendicidade—A direcção deste estabelecimento de caridade admittiu no dia 6 mais 12 asylados, 6 homens e 6 mulheres. Abençoada e santa instituição, que concede á velhice desamperada um asylo protector, que a salva da miseria e da fome. Mil louvores aos benemeritos directores.

Plantações—Principiaram já os trabalhos da plantação de arvoredos, tanto pela camara municipal, como pelos particulares. Sabemos de muitos proprietarios, que vão neste inverno plantar grande quantidade de bacellos, e de pomares, especialmente de laranjeiras.

Laranja—Entrou na barra da Figueira um vapor inglez, que vem carregar laranja dos pomares de Coimbra. A exportação deste fructo para Inglaterra dá grandes lucros aos lavradores, e vae augmentando todos os annos.

Melhoramento—A direcção das obras do Mondego, vae proceder á abertura do esteiro de Foja, desde as portas de Arruella até á ponte de Maiorca. O sr. José Ferreira Pinto Basto concorre para estas despezas com reis 2:500$000. E' uma obra de grande utilidade agricula e sanitaria.

Cemiterio—Tem sido muito visitado neste mez o cemiterio da Conchada. Todos concorrem á morada dos mortos, a derramar lagrimas de saudade sobre o tumulo de parentes e amigos. Este tributo de respeito á memoria dos finados honra muito a população de Coimbra, e revela bem o seu espirito religioso.

Largo da Portagem — Entre as obras projectadas para aformosear esta entrada da cidade, figura a construcção de um jardim, que deve produzir bellissimo effeito. Pedimos á camara municipal, que apresse quanto for possivel estas obras, que são de urgente utilidade. Este melhoramento deve coincidir com a inauguração da nova ponte; e será uma vergonha para este municipio, se assim não succeder.

Azeitona.— Já principiou a colheita deste fructo nos arredores de Coimbra. E' em geral escassa a producção, havendo porem alguns olivaes que promettem bom rendimento. Veremos que tal é a funda nos lagares.

Peixe.—Tem affluido muito peixe no mercado desta cidade. Esta abundancia é uma grande riqueza para as classes pobres, e para os infelizes pescadores, que tantos perigos affrontam na sua vida maritima.

Despacho.—Foi promovido a lente cathedratico da Faculdade de Theologia o sr. Dr. Antonio João de França Bettencourt, lente substituto mais antigo. Deu logar a esta promoção o despacho do sr. Dr. Manoel Bernardo de Sousa Ennes para bispo de Macau.

Jardim.—O largo da Universidade, que já está convenientemente arborisado, vai neste inverno ser convertido em formoso jardim. O deposito d'agua que ultimamente se construiu torna agora mais facil a cultura das flores naquelle local.

Chuvas.—Produziram magnifico effeito as ultimas chuvas. As hortas, os prados, e as cearas de inverno apresentam aspecto viçoso, o que torna os campos amenos e alegres nesta quadra do anno, em que as arvores perdem as suas galas de verdura.

Caes.— Está concluido o caes do Mondego até ao porto dos Lazaros. E' um dos mais formosos e poeticos passeios de Coimbra, e obra de grande utilidade para a defeza da cidade contra as inundações. E' pena, que não ficasse mais largo e espaçoso. No verão devem continuar as obras até ao porto da Pedra.

Caminho de ferro.—Por todo este mez deve ser apresentado ao governo o projecto do traçado do caminho de ferro da Beira, a partir de Coimbra, de cujo estudo foi encarregado o sr. engenheiro Boaventura José Vieira.

Bacellos.— O sr. Visconde da Esperança offereceu ao Jardim Botanico da Universidade, uma collecção das melhores variedades de videiras do Alemtejo. Estes bacellos vão cultivar-se na escola viticula da cerca de S. Bento, onde já existem muitos exemplares de videiras nacionaes e extrangeiras. O sr. visconde é bacharel formado na faculdade de Philosophia, e consagra muito amor á escola que o educou.

Fabrica de papel.— A fabrica de papel da Louzã do sr. João de Lemos emprega hoje termo medio 200 operarios de ambos os sexos. Em 1821 contava apenas 25, e em 1838 80. As qualidades de papel que principalmente se fabricam neste estabelecimento são o almasso branco e o papel sellado, que ambos tem grande consumo.

Vinhos.—No primeiro semestre de 1874 Lisboa exportou 21:615 pipas de vinho, e o Porto 30:000, total 51:615.

Em 1873 a exportação de todo o reino foi de 86:000 pipas. Se o 2.º semestre do corrente anno corresponder ao 1.º, é de presumir, que a saida deste genero seja superior a 100:000 pipas.

O valor do vinho exportado de Lisboa no 1.º semestre de 1874 foi de 1.215:925$000, e o do Porto anda por 3:000 contos de reis.

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Raul, filho de José Marques Manço e de Maria José de Miranda, de Coimbra, de 18 mezes de edade, fallecido no dia 31 de Outubro.

Guilhermina, filha de Francisco da Costa e de Constancia M. da Costa, de Coimbra, de 8 dias, fallecida no dia 2 de Novembro.

Manoel, filho de Elizeu Coelho e de Victoria de Jesus, da Volta das Calçadas, de 7 mezes, fallecido no 3.

Claudia Maria de Nazareth, filha de Manoel José dos Santos e de Rosaria Maria, de Coimbra, de 74 annos, fallecido no dia 4.

Olinda de Jesus, filha de Joaquim Marques Nunes e de Maria Augusta, de S. Martinho do Bispo, de 2 mezes e meio, fallecida no dia 5.

Manoel Antonio Marques, filho de Manoel Antonio Marques e de Joanna Maria, de Coimbra, de 63 annos, fallecido no dia 5.

Francisco José Lucas, filho de Antonio Lucas Cortez e de Anna Pedrosa, de Morcellão, concelho d'Arganil, de 79 annos, fallecido no dia 6.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5711.

Fallecimento. — Falleceu em Bragança o bispo daquella diocese, o sr. D. José Luiz Alves Feijó.

Dissertação de concurso—O nosso amigo o sr. Dr. José Pereira de Paiva Pitta, offereceu-nos a sua recente publicação—*A successão dos filhos illegitimos (Codigo Civil, artt. 1989 a 1992)—Dissertação de concurso a uma das substituições da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.*

Devidamente agradecemos ao sr. Dr. Pitta os exemplares da sua dissertação com que nos brindou.

Comedia.—Recebemos um exemplar do—*Peccado Venial, comedia em um acto em verso, por Albert Millaud, traducção de Silva Ramos.*—Coimbra, imprensa Commercial e Industrial—1874.

Muito agradecemos o exemplar com que fomos obsequiados.

SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de *Saude*

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Depois das adhesões de muitos medicos e de varios hospitaes, ninguem poderá duvidar da efficacia desta deliciosa farinha de saude, que cura as indigestões (despepsias), gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro, e do sangue: 75 mil curas entre as quaes contam-se a do SS.o Papa, do duque de Pluckow e da exm.ª sr.ª marqueza de Bréhan, do dr. Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc., etc.

Cura 72:448. Cadix, 3 de Junho de 1868.

Não posso fazer menos de manifestar a v. s.as os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revalescière* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinaes, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual o distingue o seu attento venerador— VICENTE MOYANO.

Cura 69:718. Ticheville (Orne) 20 de Março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalescière*, tenho-a administrado a varias pessoas, ás quaes produziu inestimaveis effeitos, e em particular modo n'aquelles que padeciam de